João
Guimarães
Rosa
FICÇÃO COMPLETA
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

FICÇÃO COMPLETA

[VOLUME 1]

SAGARANA

MANUELZÃO E MIGUILIM

NO URUBUQUAQUÁ, NO PINHÉM

NOITES DO SERTÃO

[VOLUME 2]

GRANDE SERTÃO: VEREDAS

PRIMEIRAS ESTÓRIAS

TUTAMEIA

ESTAS ESTÓRIAS

AVE, PALAVRA

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

João Guimarães Rosa

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagens de capa: Maureen Bisilliat / Acervo Instituto Moreira Salles. *Cavalos descansando*, série João Guimarães Rosa, c. 1966, Minas Gerais; *Boiada em Curvelo no início da viagem aos gerais*, c.1966, Curvelo — MG; *Retrato de Manuel Nardi, inspirador do conto* Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa*, c.1966, Andrequicé — MG.

Imagens de miolo: Acervo familiar e Fundo João Guimarães Rosa — Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros — USP

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J58
v. 1
João Guimarães Rosa: ficção completa, volume 1 / João Guimarães Rosa ; prefácio de Eduardo F. Coutinho . - 1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017. Volume 1: Sagarana, Manuelzão e Miguilim, No Urubuquaquá, no Pinhém, Noites do sertão
992 p.

ISBN 9788520932797
1. Ficção brasileira. I. Rosa, João Guimarães, 1908-1967.

17-44389
CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

SAGARANA

MANUELZÃO E MIGUILIM

NO URUBUQUAQUÁ, NO PINHÉM

NOITES DO SERTÃO

João Guimarães Rosa
FICÇÃO COMPLETA

VOLUME 1

Sagarana
Manuelzão e Miguilim (Corpo de baile)
No Urubuquaquá, no Pinhém (Corpo de baile)
Noites do sertão (Corpo de baile)

VOLUME 2

Grande Sertão: Veredas
Primeiras estórias
Tutameia (Terceiras estórias)
Estas estórias
Ave, palavra

Nota editorial

Editar Guimarães Rosa é com certeza uma honra e também um enorme desafio. A Editora Nova Fronteira, que publica o aclamado escritor desde 1984, traz agora a ficção completa do autor em dois volumes acomodados em um box de luxo. As capas, tanto deste volume quanto do box, foram desenvolvidas a partir de fotos de Maureen Bisilliat, que, na década de 1960, embrenhou-se pelo sertão mineiro, percorrendo as veredas trilhadas pelo autor, em busca de seus personagens e paisagens. A boiada nos campos de Curvelo e o registro de Manuel Nardi — vaqueiro que inspirou Rosa a criar o Manuelzão do seu *Corpo de baile* — são bons exemplos do resultado dessa imersão no universo guimarães-rosiano.

Como se vê, em todos os detalhes nosso objetivo foi trazer a público mais uma vez uma nova e bem-cuidada edição. Nesse sentido, procuramos estabelecer um diálogo com antigas edições da obra de Guimarães Rosa, cuja originalidade levou seus editores, algumas e já registradas vezes, a erros involuntários, sem que, infelizmente, possamos contar com a bem-humorada acolhida desses erros pelo próprio autor, como afirmam alguns de seus críticos e amigos, entre eles Paulo Rónai.

Assim, na presente edição foram feitas apenas — porque posteriores ao falecimento do escritor — as alterações de grafia decorrentes das reformas ortográficas de 1971 e 1990. Num primeiro momento, foram abolidos o trema nos hiatos átonos, o acento circunflexo diferencial nas letras *e* e *o* da sílaba tônica de palavras homógrafas e o acento grave com que se assinalava a sílaba subtônica em vocábulos derivados com os sufixos *–mente* e *–zinho*. Agora, a mudança foi um pouco maior: retiramos os tremas restantes, os acentos agudos dos ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras paroxítonas, o circunflexo dos encontros vocálicos *ee* e *oo*, além de alguns acentos diferenciais remanescentes, ressalvando-se certos neologismos criados pelo autor e as suas formas preferenciais, sobretudo no que se refere à acentuação. Em relação ao emprego dos hifens, optamos por não efetuar qualquer alteração para não correr o risco de interferir no uso tão peculiar que Guimarães Rosa fazia dessa marca gráfica. Ademais,

uma alteração como essa interferiria na prosa entrecortada e pedregosa do autor, construída exatamente a partir do uso dessa e de outras marcas, tais como o uso recorrente dos grupos consonantais e de apóstrofos.

Quanto a outras grafias em desacordo com as normas ortográficas vigentes, manteve-se a que o autor deixou registrada nas edições que usamos como base. Utilizamos ainda outras edições tanto para corrigir variações indevidas quanto para insistir em outras formas. A adoção dessas grafias pode parecer apenas uma questão de atualização ortográfica, mas, se essa atualização já era exigida pelo Formulário Ortográfico vigente quando da publicação dos livros e de suas várias edições durante a vida do autor, partimos do princípio de que elas são intencionais e devem, portanto, ser mantidas. Para justificar essa decisão, lembramos que as antigas edições da obra de Guimarães Rosa apresentavam uma nota alertando justamente para a grafia personalíssima do autor e que algumas histórias registram a sua decisão em acentuar determinadas palavras. Além disso, mais de uma vez em sua correspondência, ele observou que os detalhes aparentemente sem importância são fundamentais para o efeito que se quer obter das palavras.

Esses acentos e grafias "sem importância", em desacordo com a norma ortográfica vigente, compõem um léxico literário cuja variação fonética é tão rica e irregular quanto a da linguagem viva com que o homem se define diariamente. E ousamos ainda dizer que, ao lado das, pelo menos, 13 línguas que o autor conhecia e utilizava em seu processo de voltar à origem da língua, devemos colocar, em igualdade de recursos e contribuições poéticas, aquela em cujos "erros" vemos menos um desconhecimento e mais uma possibilidade de expressão.

Com esse critério, a certeza de que algumas dúvidas não puderam ser resolvidas e uma boa dose de bom senso, esperamos estar agora apresentando mais uma vez o resultado de um trabalho responsável e consistente, à altura do nome desse autor, por cuja presença em nossa Casa nos sentimos imensamente orgulhosos.

2017

Prefácio

Guimarães Rosa: um alquimista da palavra-[1]
Eduardo F. Coutinho

Um dos maiores ourives da palavra que a literatura brasileira jamais conheceu e ao mesmo tempo um dos mais perspicazes investigadores dos matizes da alma humana em seus rincões mais profundos, Guimarães Rosa é hoje, entre os escritores brasileiros do século XX, talvez o mais divulgado nos meios acadêmicos nacionais e estrangeiros e o detentor de uma fortuna crítica não só numericamente significativa, mas constituída pelo que de melhor se vem produzindo em termos de crítica no país. No entanto, apesar da complexidade de sua obra, resultante em grande parte da verdadeira revolução que empreendeu da linguagem ficcional, o sucesso de Guimarães Rosa não se restringe ao contexto intelectual. Prova-o bem a grande quantidade de edições que se sucedem de seus livros e o número expressivo de traduções que povoam cada vez mais o mercado internacional. Prova-o também a série de leituras que sua obra vem recebendo por parte do teatro (*Vau de Sarapalha*, por exemplo) e da mídia cinematográfica e televisiva (longa-metragens como *A hora e vez de Augusto Matraga*, *Sagarana*, *o Duelo*, *Noites do sertão*, *Cabaret mineiro, A terceira margem do rio*, *Mutum*, entre outros, e a série televisiva *Diadorim*).

Desde a publicação, em 1946, de seu primeiro livro, Guimarães Rosa se tornou alvo de interesse da crítica. Efetuando um verdadeiro corte no discurso tradicional da ficção brasileira, máxime no que concerne à linguagem e estrutura narrativa, *Sagarana* causou forte impacto no meio literário da época, dividindo os críticos em duas posições extremas: de um lado aqueles que se encantaram com as inovações presentes na obra e teceram-lhe comentários altamente estimulantes, e de outro os que, presos a uma visão de mundo mais ortodoxa e baseados no modelo ainda

dominante da narrativa dos anos de 1930 — o chamado “romance do engajamento social” —, acusaram o livro de “excessivo formalismo.” Estas posições da crítica, tanto a apologética quanto a restritiva, que apreenderam a obra através de uma perspectiva monocular, vão sofrer séria revisão mais tarde — principalmente após o surgimento de *Grande Sertão: Veredas* —, mas o registro de sua reação no momento da publicação de *Sagarana* indica o sentido de ruptura que caracteriza a obra com relação à tradição literária brasileira ainda dominante, apesar dos esforços da primeira geração modernista, e aponta o seu parentesco com outras obras também inovadoras que vinham surgindo ou já haviam surgido no seio de outras literaturas vinculadas à nossa, como a hispano-americana e a norte-americana, ou, de maneira mais ampla, no próprio *corpus* da literatura ocidental como um todo.

Deixando de lado o segundo aspecto por implicar um estudo comparativo mais amplo que transcenderia o objetivo deste ensaio, e concentrando-nos no primeiro, lembremo-nos de que, no quadro da literatura brasileira, a obra de Guimarães Rosa é geralmente situada dentro da terceira geração modernista, também designada “geração do instrumentalismo”, por caracterizar-se, entre outras coisas, por acentuada preocupação com a exploração das potencialidades do discurso, com o sentido “estético” do texto, e por expressar, na maioria dos casos, profunda consciência do caráter de ficcionalidade da obra, de sua própria literariedade. Tais elementos, presentes em quase todos os autores que a historiografia literária normalmente inclui nessa geração, são levados a um extremo na ficção rosiana, o que explica em parte a reação mencionada da crítica. Contudo, o que esta crítica não percebeu de imediato é que a ruptura introduzida por Guimarães Rosa, longe de constituir mera obsessão formal, uma espécie de capricho ou moda, acarretava ao contrário uma proposta estético-política de caráter mais amplo, somente evidenciável quando confrontada com a visão de mundo dominante no período imediatamente anterior — a da narrativa dos anos de 1930 — expressa em premissas, formuladas pelo próprio autor em entrevista a Günter Lorenz, como a de que “o escritor deve ser um alquimista” e de que “somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo.” [2]

À época em que Guimarães Rosa produziu suas primeiras narrativas — os contos enfeixados no volume *Sagarana* —, o tipo de ficção predominante no meio intelectual brasileiro era ainda o romance do

Nordeste, com seu veio épico acentuado e um tônus marcadamente de protesto, mas calcado em uma linguagem que, por se subordinar muitas vezes à função de denúncia, tornava-se amiúde descritivista, voltada para o aparente e convencional, não se diferençando muito, a despeito da maior ênfase sobre o coloquial, da utilizada em finais do século XIX pelos adeptos do Real-Naturalismo. Ciente do paradoxo em que havia incorrido a ficção anterior, que expressava ideias revolucionárias, mas através de um discurso automatizado, e baseado na convicção de que "o melhor dos conteúdos de nada vale se a língua não lhe faz justiça", Rosa define como uma de suas principais metas a tarefa de revitalizar a linguagem com o fim de fazê-la recobrar sua *poiesis* originária e atingir o leitor, induzindo-o à reflexão. Desse modo, mergulha de corpo e alma nos meandros da linguagem, violando constantemente a norma, e substituindo o lugar-comum pelo único, ou, melhor, abandonando as formas cristalizadas e dedicando-se à busca do inexplorado, do metal que, como ele próprio afirma, se esconde "sob montanhas de cinzas."

Os procedimentos empregados por Guimarães Rosa para revitalizar a linguagem narrativa são muitos e variados e se estendem desde o plano da língua *stricto sensu* ao do discurso narrativo. No primeiro caso, citem-se, a título de amostragem, a desautomatização de palavras que haviam perdido sua energia primitiva e adquirido sentidos fixos, associados a um contexto específico (por exemplo, palavras como "sertão" no romance regionalista); de expressões que se haviam tornado vagas e enfraquecidas, encobertas com significações que escondiam seu viço originário; e da sintaxe como um todo que havia abandonado suas múltiplas possibilidades e se limitara a clichês e estereótipos. E no segundo caso, mencionem-se, entre um vasto leque de recursos, a ruptura da linearidade tradicional e das relações de causa e efeito na narrativa, que cedem lugar à simultaneidade e à multiplicidade de planos espaciais; o emprego de técnicas híbridas, como o monólogo-diálogo, e a fusão dos gêneros tradicionais; e, finalmente, a coexistência, na grande maioria das narrativas, de uma linguagem-objeto e uma metalinguagem, que sinaliza a todo instante a consciência de ficcionalidade da obra. Contudo, a despeito das diferenças assinaladas, tais procedimentos têm uma base comum, constituída de dois estágios: a eliminação de toda conotação adquirida com o tempo e desgastada pelo uso, e a exploração das potencialidades da linguagem, da face oculta do signo, ou, para empregar as palavras do próprio Rosa, do

“ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado.”[3]

Esta infração à norma, efetuada por Guimarães Rosa ao largo de toda a sua obra, e o consequente esmerilhamento das potencialidades do sistema não só linguístico em seu sentido estrito como também do discurso narrativo, é talvez a maior expressão da postura comprometida do autor, que vê a participação do leitor como elemento indispensável em seu próprio processo criador. Para Guimarães Rosa, a linguagem é um poderoso instrumento de ação na medida em que, ao expressar ideias — “a língua serve para expressar ideias”, diz ele, em sua entrevista a Lorenz —, pode atuar sobre os indivíduos, levando-os à reflexão. Mas como este poder da linguagem se enfraquece sempre que suas formas se acham desgastadas e condicionadas a uma visão de mundo específica, é preciso renová-las constantemente, e o ato de renovação se reveste de um sentido ético que o próprio Rosa explicita ao referir-se, com bela imagem, ao “compromisso do coração” que, conforme acredita, todo escritor deve ter. A linguagem corrente está desgastada pelo uso e, por conseguinte, “expressa apenas clichês e não ideias”; assim, é missão do escritor explorar a originalidade da expressão linguística, de modo a que ela possa recuperar seu poder, tornando-se novamente apta a atuar sobre os indivíduos. É por esta razão que declara a Lorenz que a poesia “se origina da modificação de realidades linguísticas”, e em seguida conclui que todo verdadeiro escritor é também um revolucionário, porque, ao restaurar o poder de ação da linguagem, está ao mesmo tempo espalhando sementes de possíveis transformações.

Com a renovação do *dictum* poético, empreendida por Guimarães Rosa, o leitor é induzido a pensar, a refletir a todo instante, e se transforma de mero consumidor num participante ativo do processo criador. O autor está ciente do fato, como ele mesmo afirma através das palavras do narrador de *Grande Sertão: Veredas*, de que “toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo”;[4] assim, fornece ao leitor esta “palavra”, por meio das inovações que introduz, e, ao estimular sua reflexão e consequente participação na construção da própria obra, faz dele um grande questionador, um desbravador de caminhos. O leitor, para Guimarães Rosa, como aliás todo ser humano, é sempre um perseguidor, um indivíduo inteiramente construído sob o signo da busca, e é esta indagação que deve ser

constantemente estimulada pelo escritor. A Rosa não basta, por exemplo, tecer, como haviam feito autores da geração anterior, uma crítica, por mais veemente que seja, a determinada realidade, se esta crítica não se fizer acompanhar de uma reestruturação da linguagem sobre a qual se erige. A revolução na literatura deve partir de dentro, da própria forma literária, se se quer atingir o leitor de maneira mais plena, e é este o sentido último da revolução estética levada a cabo por Guimarães Rosa.

Exemplos de processos de revitalização da linguagem podem ser extraídos de cada linha das narrativas de Guimarães Rosa e já foram exaustivamente listados e examinados em estudos dedicados pela crítica sobretudo aos aspectos linguísticos e filológicos de sua obra. Entretanto, uma breve menção a alguns deles, como a afixação e a aglutinação, faz-se, a nosso ver, necessária, se não mais pela frequência com que aparecem. A primeira é o que ocorre, por exemplo, com a palavra "sozinhozinho", empregada no *Grande Sertão: Veredas*. A palavra "só", basicamente referencial em português, não contém em si mesma nenhuma conotação emocional. O poeta anônimo, ao sentir certa vez que o vocábulo era insuficiente para expressar sua solidão, decidiu, então, acrescentar-lhe um sufixo diminutivo *-inho*, *-zinho*, bastante usado na língua com o sentido de intensidade (cf. "cedinho", "devagarzinho"). E o resultado foi a palavra "sozinho", significando "muito só." Não obstante, com o desenvolvimento da língua, "sozinho" veio a perder seu significado poético e passou a ser usado como um simples sinônimo de "só." Guimarães Rosa, percebendo a inexpressividade do vocábulo, procurou reavivar seu significado originário, servindo-se do mesmo processo que acreditava tivesse sido utilizado um dia. Assim, repetiu o sufixo diminutivo no final e criou a forma "sozinhozinho."

O segundo procedimento mencionado, a aglutinação, consiste na combinação dos significantes de dois ou mais vocábulos, de tal modo que o neologismo criado contenha os significados de todos eles. Estes neologismos, chamados palavras *portmanteau*, são particularmente abundantes na obra rosiana e se prestam, melhor talvez do que qualquer outro aspecto de sua linguagem, para ilustrar o cunho das inovações estéticas introduzidas pelo autor. É o caso de palavras como *nenhão,* fusão do pronome indefinido "nenhum" e do advérbio de negação "não"; *fechabrir*, conciliação dos opostos "fechar" e "abrir"; *prostitutriz*, combinação dos sinônimos "prostituta" e "meretriz"; ou ainda as formas

sussurruído e *adormorrer*, usadas para sugerir respectivamente o cochicho de um grupo de pessoas num velório e a morte de um indivíduo como uma espécie de sono. Em todos estes casos, bem como nos de afixação, como o citado acima, observa-se a alteração ou criação de um novo significante, mas nunca a invenção de "significantes" inteiramente novos, dissociados das formas existentes no idioma. O escritor é um infrator da norma, do uso cristalizado da língua, e o que faz é explorar as possibilidades latentes dentro do sistema de sua língua, conferindo existência concreta a algo que existia até então em estado potencial.

Como os exemplos citados se restringem ambos ao nível vocabular, vale registrar também aqui o caso de sintagmas e às vezes sentenças inteiras tornados clichês, que são frequentemente alterados pelo autor com o objetivo de fazê-los recobrar sua expressividade originária. Assim, construções como "nu da cintura para cima" ou "não sabiam de coisíssima nenhuma" transformam-se em *Grande Sertão: Veredas* em "nu da cintura para os queixos" e "não sabiam de nada coisíssima." Quando um falante de português escuta a expressão "nu da cintura para cima" ou a sentença "não sabiam de coisíssima nenhuma" não pensa sobre as diversas nuances de significado que elas contêm. Na verdade, não chega nem a notar o uso peculiar do sufixo superlativo -*íssimo*, próprio de um adjetivo, aplicado ao substantivo "coisa." Estes sintagmas se acham tão bem integrados em sua língua, e foram de tal modo desgastados pelo uso, que não sugerem para ele nenhuma conotação especial. Todavia, quando escuta a expressão "nu da cintura para os queixos" ou a sentença "não sabiam de nada coisíssima", a estranheza das construções fere sua percepção e força-o a refletir sobre o significado delas. E, ao fazê-lo, ele é levado a enxergar além do puro aspecto denotativo da expressão.

Embora seja no campo da sintaxe, ao contrário do que se supõe normalmente, que residem as maiores inovações de Guimarães Rosa com relação à linguagem literária (trata-se de uma sintaxe com uma lógica bastante peculiar e marcada por uma estrutura compacta, telegráfica), a extensão e complexidade do tópico impede que nos detenhamos em uma exemplificação mais detalhada. Optamos, então, pela simples menção a alguns dos processos mais frequentes empregados neste setor: a enumeração de palavras pertencentes à mesma classe gramatical e ao mesmo campo semântico, que introduz uma ruptura na estrutura sintagmática dos discursos e contribui para uma espécie de neutralização

da oposição entre prosa e poesia; a inversão da ordem tradicional dos vocábulos e sintagmas na oração, que constitui talvez o traço mais erudito do estilo do autor e o responsável, em grande parte, pelo rótulo que diversos críticos quiseram emprestar-lhe de neobarroco; e o uso de orações justapostas e construções elípticas, típicas da linguagem oral, que revelam uma preferência acentuada pela coordenação sobre a subordinação e por um tipo de estilo fluido, linear e direto.

No plano *lato sensu* do discurso narrativo, foram incontáveis as inovações introduzidas por Guimarães Rosa em sua busca de uma nova expressão. E, em todos os casos, a atitude foi semelhante: a eliminação dos elementos gastos (excessos descritivos, abundância de pormenores irrelevantes, uso de recursos cristalizados) e a exploração das potencialidades do discurso. Aqui, porém, devido à amplitude e complexidade do assunto, que transcendem nosso objetivo, faremos apenas uma referência à metalinguagem, empregada abundantemente ao largo de toda a sua produção. Este recurso, que funciona como um sinalizador do caráter de ficcionalidade da obra, inscrevendo Guimarães Rosa na linhagem autoconsciente da ficção brasileira, tão bem representada, entre outros, por Machado de Assis, encontra expressões variadas nos textos rosianos, que se estendem desde a simples interrupção da narrativa para dar lugar a comentários sobre a própria técnica até a inserção de toda uma reflexão teórica sobre o processo de criação artística. Neste último caso, o corte efetuado na linearidade do discurso chega a atingir uma tal dimensão, que a reflexão introduzida adquire o sentido de verdadeira *ars poetica*, como nos episódios do desafio inserto, por um processo de *mise en abyme*, no conto “São Marcos” de *Sagarana*, nas estórias da Joana e do Grivo, nas novelas “Manuelzão” e “Cara-de-Bronze”, de *Corpo de baile*, e finalmente nos prefácios de *Tutameia*, que, embora dotados de certa independência, formam junto com os contos um todo coerente e harmônico.

Mas apesar do papel que a busca de uma nova expressão literária desempenha na obra de Guimarães Rosa e da importância de sua revolução da linguagem no panorama da literatura brasileira contemporânea, não é este o único aspecto de sua narrativa que domina o interesse dos críticos. Escritor regionalista no sentido de que utiliza como cenário de suas estórias o sertão dos Gerais, e como personagens os habitantes dessa região, o autor transcende os parâmetros do regionalismo tradicional ao

substituir a ênfase até então atribuída à paisagem pela importância dada ao homem — pivô de seu universo ficcional. Enquanto em uma narrativa regionalista tradicional, seja ela de tipo exótico ou de natureza crítica, a paisagem ocupa o centro da obra e o homem é relegado a plano secundário como mero representante da região em foco (ele é o gaúcho ou o sertanejo, por exemplo), na ficção rosiana ele constitui o eixo motriz e a paisagem é vista através dele. O homem não é mais retratado apenas em seus aspectos típicos ou específicos, mas antes apresentado como um ser múltiplo e contraditório e em tantas de suas facetas quanto possível. Do mesmo modo, o sertão, a paisagem que dá forma a suas narrativas, é não apenas a recriação literária de uma área geográfica específica, tanto em seus aspectos físicos quanto socioculturais, mas também, e principalmente, a representação de uma região humana, existencial, viva e presente na mente de seus personagens — uma região que só pode ser definida como uma espécie de microcosmo.

Os personagens que integram o universo ficcional de Guimarães Rosa, desde os contos de *Sagarana* até as narrativas densas e condensadas de *Tutameia*, são figuras extraídas do sertão mineiro, onde o autor nascera e se criara, e que constitui o cenário de suas estórias. Mas em momento algum eles se instituem como meros tipos representativos dessa região. As marcas regionais estão presentes em sua configuração e se refletem o tempo todo na maneira como se relacionam com o mundo, em seu próprio jeito de ser, mas nunca a ponto de determinar a dimensão de seu viver. A perspectiva determinista, responsável pelo cunho de unilateralidade com que se construíram protagonistas de romances naturalistas e que ainda encontrou terreno fértil em obras da geração de 1930, não tem mais lugar na narrativa rosiana. Aqui, homem e natureza, longe de constituírem duas entidades distintas, frequentemente postas em conflito, são antes os dois lados de um todo integral que se complementam um ao outro. Os heróis de Guimarães Rosa continuam a ser tipos no sentido de que expressam seu caráter coletivo — sua região ou sociedade e a função que desempenham neste contexto — em cada um de seus atos, mas eles transcendem sua tipicidade pela ampla dimensão humana de que são dotados.

O protagonista rosiano, que abarca ambas as condições de tipo e de indivíduo, e cuja tipicidade se revela através de sua própria individualização no universo rosiano, fica bastante evidente se contrastamos, por exemplo, o jagunço Riobaldo, do *Grande Sertão:*

Veredas, com o "tipo jagunço", tão comum na ficção regionalista brasileira de fases anteriores. Enquanto este último é um mero tipo perfeitamente definível por meio de uma série de rótulos e construído a partir de uma óptica maniqueísta, ora como herói, ora como vítima social, Riobaldo, além da encarnação de um tipo representativo de sua região, é um personagem múltiplo e complexo, que extrapola qualquer limitação. Os conflitos de Riobaldo no universo do romance sem dúvida refletem todos os problemas característicos do "tipo jagunço" presente na *intelligentsia* literária brasileira — o que se evidencia facilmente por intermédio de um paralelo entre ele e os demais jagunços da obra —; porém constituem, ao mesmo tempo, conflitos individuais, pertinentes, acima de tudo, à sua própria condição existencial. Assim, uma das maiores preocupações que afligem o protagonista ao largo de toda a narrativa é a questão do bem e do mal, que, embora bastante viva no mundo dos jagunços, é antes de mais nada uma preocupação humana, existencial. Além disso, apesar de jagunço, Riobaldo está sempre questionando a sua condição enquanto tal, e a condição mesma de se ser um jagunço (a própria ideia de jagunçagem), fato que, ao conferir distanciamento crítico entre ele como personagem e o tipo que encarna, reforça sua capacidade de transcender o modelo e assinala sua projeção em âmbito mais universal.

Do mesmo modo que o homem, também a paisagem que enforma o universo rosiano não é apenas a descrição acurada de uma realidade física — o sertão mineiro —, mas antes a recriação, o mais completa possível, de uma realidade sem fronteiras. Não há dúvida de que se trata de uma área específica do interior do Brasil, como se pode observar pela abundância de referências geográficas precisas que povoam toda a obra, mas sua dimensão não se restringe a este aspecto. Ela é também, ou até principalmente, o espaço existencial dos personagens, e a reconstituição, pela narração, de uma região humana e universal. Enquanto na ficção regionalista anterior a região era geralmente abordada por uma perspectiva unilateral, ora como refúgio pitoresco, ora como terra inóspita que traga e destrói o homem, e era sempre retratada por uma série de clichês, na narrativa rosiana ela se configura como realidade viva e dinâmica, profunda e contraditória, dada a conhecer ao leitor através da visão e experiência existencial de seus habitantes. Ela é, assim, além de uma região localizada geograficamente, um sertão-mundo e um sertão conscientemente construído na linguagem, ou seja, um universo que

ultrapassa a pura referencialidade e se institui como espaço eminente da criação.

Esta visão do sertão como uma região ambígua e multifacetada, que foge a qualquer delimitação rígida, fica bastante evidenciada, mais uma vez, no *Grande Sertão: Veredas* — esta espécie de síntese do cosmos rosiano — através da tentativa que o protagonista-narrador faz o tempo todo de definir o conceito e da sua incapacidade de chegar a uma formulação linguística satisfatória. Ao longo de todo o romance, há um sem-número de definições para o sertão, ou, melhor, de tentativas de definição, e nenhuma sequer se sustenta por si só. Ao contrário, elas se complementam, e até mesmo contradizem umas às outras, só fazendo sentido quando vistas por uma óptica global: "O sertão é e não é", afirma Riobaldo repetidas vezes no livro, "o sertão está em toda a parte." Nesta obra, o sertão, além de construído de maneira não maniqueísta, oscilando entre eixos semânticos distintos que o revelam ora como região inóspita ora quase como uma espécie de paraíso terrestre, como atestam os episódios das duas travessias do Liso do Sussuarão, ele se revela dentro de uma dinâmica tríplice: é o espaço geográfico onde se realiza a travessia de Riobaldo como jagunço, o espaço existencial onde se efetua sua busca do sentido da vida, e finalmente o espaço da construção linguística em que se verifica a demanda da expressão poética. Estes três aspectos se complementam no bojo do romance, fazendo do sertão de Rosa uma região total, no sentido como foram definidas as estepes de Tchekov, a Mancha de Cervantes ou ainda a Dublin de Joyce. E não é outro o sentido de afirmações como as seguintes, feitas constantemente pelo narrador: "O sertão é do tamanho do mundo", "Sertão: é dentro da gente", "O sertão é sem lugar", ou ainda do *leitmotiv* que perpassa todo o livro, expresso pelas construções paralelas: "Viver é muito perigoso" e "Contar é muito, muito dificultoso."

Esta perspectiva regionalista mais ampla, baseada no caráter não excludente de termos aparentemente opostos, não é, porém, um fenômeno isolado na obra rosiana. Ao contrário, faz parte de uma concepção geral da realidade como algo múltiplo e em constante transformação, que se deve representar na arte de maneira também fluida e globalizante, isto é, por meio de uma forma que procure apreendê-la em sua dinâmica e em tantas de suas facetas quanto possível. O universo ficcional rosiano não é jamais estático, nem nunca construído em um único nível. O mito e a fantasia, por

exemplo, o integram tanto quanto a lógica racionalista, e todos esses elementos são tratados em pé de igualdade pelo autor. Homem do sertão brasileiro, região marcada profundamente pelo mistério e o desconhecido, mas ao mesmo tempo dotado de enorme erudição, proveniente de sua formação e vivência no seio da tradição ocidental, Guimarães Rosa rompe com a hierarquia frequentemente estabelecida entre o *logos* e o *mythos*, e apresenta ambos os elementos, produtos que são do discurso, em constante tensão em suas narrativas.

O mito e a fantasia, bem como os demais níveis de realidade que transcendem a lógica racionalista, acham-se presentes na obra rosiana, dos relatos de *Sagarana* às estórias de *Tutameia*, de formas as mais variadas: superstições e premonições, crença em aparições, devoção a curandeiros e videntes, misticismo e temor religioso, como o temor ao diabo, e certa admiração pelo mistério e o desconhecido. Tais elementos constituem parte integrante do complexo mental do homem do sertão, e não podem, segundo o autor, estar ausentes de suas narrativas, pois, como ele próprio afirma em sua entrevista a Lorenz, "para entender a 'brasilidade' é importante antes de tudo aprender a reconhecer que a sabedoria é algo distinto da lógica." No entanto, em momento algum a perspectiva racionalista é abandonada. Guimarães Rosa está consciente de que o sertanejo é um ser dividido entre dois universos distintos, de ordem mítico-sacral e lógico-racional, e o que faz é pôr em xeque a tirania do racionalismo, condenar sua supremacia sobre os demais níveis de realidade. Rosa não rejeita o racionalismo como uma entre outras possibilidades de apreensão da realidade, mas procede a uma avaliação e relativização de sua autoridade, do cunho hegemônico e dogmático que este adquiriu na tradição ocidental. Neste sentido questiona a todo instante o realismo tradicional em suas obras e insinua frequentemente a viabilidade do mito, mas tampouco se encerra na perspectiva deste último. Ao contrário, todas as vezes que afirma algo passível de sugerir a adoção de uma visão quer mítica quer racionalista dos fatos, segue-se imediatamente uma contrapartida, e ambas as categorias se inserem no reino das possibilidades.

Embora a coexistência em tensão do *mythos* e do *logos* seja uma constante em toda a obra rosiana, não se pode deixar de mencionar neste sentido o *Grande Sertão: Veredas*, que se inicia com a pergunta levantada pelo protagonista-narrador sobre a existência do diabo e termina com

palavras que projetam personagem e leitor no mesmo território duvidoso. Neste romance, em que o protagonista chega a contrair um pacto com o diabo, em episódio antológico que remonta, de forma transculturadora, a toda uma tradição faustiana, a figura mítica não aparece como entidade concreta, mas sua presença é insinuada a cada instante, e a ambiguidade é a pedra de toque que norteia toda a obra. O pacto, nodal em termos da estrutura narrativa, é relatado por um lado através de uma óptica ingênua, que sugere a viabilidade do mito, mas, por outro, não contém qualquer dado que exclua a possibilidade de explicações racionalistas. E se é possível interpretá-lo do ponto de vista predominantemente psicológico como uma tomada de consciência do protagonista sobre o mal existente nele mesmo, não se pode abandonar tampouco a insinuação de uma interpretação mágica, confirmada pelo próprio receio que o atormentará pelo resto da vida e pela transformação que os demais personagens registram nele. No episódio do pacto, assim como em toda a narrativa, o narrador questiona o domínio do racionalismo, chamando atenção para o mito, mas, ao questionar também a existência deste, ele não abandona completamente a possibilidade de uma perspectiva racionalista, e revela uma visão de mundo que estabelece, em sua multiplicidade, um isomorfismo com o amálgama cultural caracterizador da realidade de onde provém.

O questionamento da lógica racionalista é sem dúvida um dos traços mais significativos da obra rosiana e se expressa, além dos aspectos citados, pela simpatia que o autor devota a todos aqueles seres que, não encarando a vida por uma óptica predominantemente racionalista, inscrevem-se como marginalizados na esfera do "senso comum." É o caso de loucos, cegos, doentes em geral, criminosos, feiticeiros, artistas populares, e sobretudo crianças e velhos, que, por não compartilharem a visão imediatista do adulto comum, impregnam a ficção do autor com a sua sensibilidade e percepção aguçadas. Esta galeria de personagens intuitivos, a que se acrescentam também outros dominados por estados de "desrazão" passageiros, como a embriaguez ou a paixão, figuram ora como secundários ora como protagonistas das estórias de Rosa, mas em ambos os casos são eles que conferem com frequência o tom de todo o texto. Não só o foco narrativo recai diversas vezes sobre eles, construindo-se o relato a partir de sua perspectiva, como é deles que emana a *poiesis* a iluminar as veredas narrativas. Lúcidos em sua loucura, ou sensatos em

sua aparente insensatez, os tipos marginalizados que povoam o sertão rosiano põem por terra as dicotomias do racionalismo, afirmando-se nas suas diferenças. E, ao erigir este universo, em que a fala dos desfavorecidos se faz também ouvir, Rosa efetua verdadeira desconstrução do discurso hegemônico da lógica ocidental, e se lança na busca de terceiras possibilidades, tão bem representadas pela imagem, síntese talvez de toda a sua obra, que dá título ao conto "A terceira margem do rio."

Neste conto em que um homem, "cumpridor, ordeiro, positivo",[5] e aparentemente bem integrado ao cotidiano de um pacato vilarejo do interior, abandona subitamente tudo e confina-se a uma canoa, passando a viver, para sempre, em movimento de ir e vir, no leito de um rio, a racionalidade cartesiana encontra talvez sua crítica mais contundente na narrativa rosiana. Aqui, as duas margens do rio, expressão do binômio racionalista calcado na lógica do "ou", cedem lugar a uma indagação, e as certezas ainda presentes na ficção brasileira anterior sucumbem à busca de novas possibilidades. A situação retratada no conto em questão é um golpe na racionalidade, que não consegue explicá-la, mas a infração cometida não extrapola as barreiras do cosmos: no texto, os elementos essenciais para a sobrevivência do indivíduo — alimentação e agasalho — lhe são supridos pelos familiares ao longo de toda a sua vida. À diferença do que ocorre no fantástico ou no realismo maravilhoso, categorias, aliás, pouco presentes na obra de Guimarães Rosa, fato que o distingue muitas vezes de outros grandes autores latino-americanos do mesmo período, sobretudo os de língua espanhola, o elemento de sobrenaturalidade não contém a dimensão de ruptura que se verifica naqueles casos. O sobrenatural em Rosa é tratado como parte do complexo mental do homem do sertão, do aspecto mítico-sacral de sua *Weltanschauung*, e, como tal, passível também de questionamento. O mito é, do mesmo modo que a lógica racionalista, uma entre outras possibilidades de apreensão do real, e o que o autor assinala a toda hora é o caráter não excludente dessas categorias.

A contestação da lógica dicotômica, alternativa, da tradição cartesiana, em favor da busca de uma pluralidade de caminhos, é uma das tônicas de toda a ficção rosiana, que se expressa, entre outras coisas, pelo *leitmotiv* "Tudo é e não é", repetido com frequência ao largo do *Grande Sertão: Veredas*. Este livro é um mosaico de indagações, resultantes da convivência em constante tensão de elementos contraditórios e

aparentemente incompatíveis. Em suas páginas, pares antagônicos como bem e mal, passado e presente, carne e espírito se tensionam e retensionam a cada instante, e chegam a encontrar expressão direta na figura de Diadorim, que encarna em sua androginia não só as faces lícita e ilícita do amor, como também todas as situações de indefinição com que o ser humano se defronta em sua travessia existencial. Diadorim é, na verdade, uma espécie de encarnação do princípio de contradição que rege o cosmos rosiano. Ela é a força motriz que induz o homem à ação e lhe revela a beleza presente nas coisas simples, mas ao mesmo tempo é o braço que o leva a perceber o mal e o projeta diante do abismo da própria existência. Diadorim forma, junto com Otacília e Nhorinhá, a tríade feminina do romance, mas além de instituir-se como uma síntese das duas outras, reúne em sua própria condição os princípios feminino e masculino da tradição literária. Ela é, como seu próprio nome sugere, Deus e diabo, luz e trevas, carne e espírito, dor e prazer, homem e mulher, e constitui pela sua contradição a imagem do questionamento presente em toda a obra rosiana.

Esta visão plural, híbrida, indagadora, que caracteriza o universo rosiano, acha-se presente em cada elemento das narrativas do autor, desde os personagens e o espaço até a linguagem utilizada, que pode ser vista, aliás, como bastante representativa de toda a sua obra. A linguagem de Guimarães Rosa é uma criação estética, consciente de sua condição de discurso, e composta da fusão de elementos oriundos da experiência e da observação com outros inteiramente inventados no momento mesmo da expressão. Ela tem um componente regionalista, próprio da área do sertão que forma o cenário de suas estórias, mas não constitui obviamente a reprodução fiel de nenhum dialeto específico falado no Brasil. Assim como seus personagens, que trazem a marca regional, mas a transcendem pela dimensão existencial de que são dotados, e o espaço ficcional, que ultrapassa as fronteiras do sertão geográfico, a dicção rosiana é antes o amálgama de vários dialetos existentes no país, a que se somam contribuições quer provenientes de línguas estrangeiras (inclusive o latim e o grego clássico), quer resultantes da própria capacidade do autor de inventar neologismos e construções totalmente novas. Seu léxico, por exemplo, para nos atermos a apenas um dos aspectos, é um compósito de termos oriundos de fontes não só as mais diversas, mas inclusive

contraditórias, como arcaísmos e neologismos, regionalismos e estrangeirismos, coloquialismos e eruditismos.

Todos esses elementos, juntos, formam este discurso rico, denso e complexo, que ocasionou, em primeira instância, tanta perplexidade na crítica e no leitor comum, mas que se revestiu, passado o espanto, de um fascínio irresistível, atraindo incontestavelmente tanto a uma quanto ao outro.

A obra de Guimarães Rosa é uma obra plural, marcada pela ambiguidade e pelo signo da busca, que se ergue como uma constelação de elementos muitas vezes opostos e contraditórios. Regional e universal, mimética e consciente de seu próprio caráter de ficcionalidade, "realista" e "antirrealista", ela é, por excelência, um produto do século XX, uma arte de tensões e relatividade, e ao mesmo tempo a perfeita expressão do contexto de que emerge, uma terra que só pode ser compreendida quando vista como um grande amálgama de culturas. Nessa espécie de "suma crítica" — crítica, como diria Carlos Fuentes, no sentido de "elaboração antidogmática de problemas humanos"[6] — não há valores absolutos ou afirmações categóricas, mas antes caminhos a serem trilhados, um amplo espectro de possibilidades, e é por esses rumos variados e sinuosos, de riqueza inesgotável, que se têm embrenhado críticos e leitores no Brasil e no exterior. A fortuna crítica de Guimarães Rosa cresce a todo momento, como aumenta e se diversifica seu público ledor, e cada travessia realizada pelas páginas de seus livros é, como afirmou o próprio autor a respeito do idioma, uma "porta para o infinito." É com isto em mente, e na certeza de estar contribuindo com dádiva inestimável a quem quer que atenda ao chamado, que convido o leitor à aventura, lembrando mais uma vez o nosso Rosa, que diz, com o encanto que lhe é peculiar: "As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras; para mim, são minha maior aventura."

Cronologia da vida e da obra

João Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, Minas Gerais. Filho de Maria Francisca Guimarães Rosa e Florduardo Pinto Rosa, juiz de Paz, vereador e comerciante na cidade.

Ainda menino foi morar com os avós em Belo Horizonte, para cursar o Colégio Arnaldo, estudando também vários idiomas estrangeiros. Graduou-se com brilhantismo na Faculdade de Medicina de Minas Gerais, tendo sido orador da turma. Paralelamente, estreou na literatura. Conquistou vários prêmios, concorrendo com diversos contos nos concursos promovidos pela revista *O Cruzeiro*. Foi o início de sua brilhante carreira na literatura. Revelou-se extraordinário contista, nos seus seis livros de contos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Primeiras estórias*, *Tutameia — Terceiras estórias*, *Estas estórias*, e *Ave, Palavra*. *Grande Sertão: Veredas* foi seu único romance. E *Magma*, seu único livro de poesias.

Em junho de 1930, casou-se com Lygia Cabral Penna, com quem teve duas filhas: Vilma e Agnes. Como médico, por idealismo, escolheu Itaguara, cidadezinha do interior mineiro, para clinicar. Durante a Revolução Constitucionalista atuou como médico voluntário e incorporou-se à Força Pública. Em Barbacena, ocupou o posto de oficial médico do 9º Batalhão de Infantaria. Atuou no Serviço de Proteção ao Índio.

No Rio de Janeiro, fez concurso para a carreira diplomática. Foi nomeado vice-cônsul do Brasil na cidade de Hamburgo, na Alemanha. Aracy Moebius de Carvalho foi sua segunda esposa. Serviu na embaixada do Brasil em Bogotá, Colômbia, e foi conselheiro na embaixada brasileira em Paris. No Ministério das Relações Exteriores, foi, por duas vezes, chefe de gabinete do ministro João Neves da Fontoura, integrando a delegação da Conferência da Paz em Paris. Promovido a embaixador, assumiu a chefia da Divisão Política e posteriormente o Departamento de Fronteiras.

João Guimarães Rosa conquistou inúmeros prêmios literários pela grandeza de sua obra, traduzida para vários idiomas — o livro *Sagarana* foi editado inclusive em braile —, que revolucionou a literatura brasileira e é famosa pela linguagem e os neologismos criados por ele.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras, tomou posse em 16 de novembro de 1967, na Cadeira nº 2, vindo a falecer três dias depois, no ápice de sua carreira literária.

Esta edição de luxo é uma homenagem da Editora Nova Fronteira a um dos mais prestigiados autores da literatura universal. Em 2018 serão celebrados os 110 anos de nascimento de João Guimarães Rosa, merecidamente eleito um dos dez maiores escritores do mundo.

Um chamado João

João era fabulista?
fabuloso?
fábula?
Sertão místico disparando
no exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha
a quinta face das coisas
inenarrável narrada?
Um estranho chamado João
para disfarçar, para farçar
o que não ousamos compreender?

Tinha pastos, buritis plantados
no apartamento?
no peito?
Vegetal êle era ou passarinho
sob a robusta ossatura com pinta
de boi risonho?

Era um teatro
e todos os artistas
no mesmo papel,
ciranda multivoca?

João era tudo?
tudo escondido, florindo
como flor é flor, mesmo não semeada?
Mapa com acidentes
deslizando para fora, falando?
Guardava rios no bôlso
cada qual em sua côr de água
sem misturar, sem conflitar?
E de cada gôta redigia
nome, curva, fim,
e no destinado geral.
seu fado era saber
para contar sem desnudar
o que não deve ser desnudado
e por isso se veste de véus novos?

Mágico sem apetrechos,
civilmente mágico, apelador
de precípites prodígios acudindo
a chamado geral?
Embaixador do reino
que há por trás dos reinos,
dos podêres, das
supostas fórmulas
do abracadabra, sésamo?
Reino cercado
não de muros, chaves, códigos,
mas o reino-reino?

Por que João sorria
se lhe perguntavam
que mistério é êsse?
E propondo desenhos figurava
menos a resposta que
outra questão ao perguntante?

Tinha parte com... (sei lá
o nome) ou êle mesmo era
a parte de gente
servindo de ponte
entre o sub e o sôbre
que se arcabuzeiam
de antes do princípio,
que se entrelaçam
para melhor guerra,
para maior festa?

Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
de se pegar.

21. XI. 1967

Carlos Drummond de Andrade

Fac-símile do poema de Carlos Drummond de Andrade que foi publicado no *Correio da Manhã* de 22 de novembro de 1967, três dias após a morte de João Guimarães Rosa.

Sagarana

“Lá em cima daquela serra,
passa boi, passa boiada,
passa gente ruim e boa,
passa a minha namorada.”

(Quadra de desafio.)

“For a walk and back again”, said
the fox. “Will you come with me?
I’ll take you on my back. For a
walk and back again.”

(Grey Fox, estória para meninos.)

"E, ao meu macho rosado,
carregado de algodão,
preguntei: p'ra donde ia?
P'ra rodar no mutirão."

(Velha cantiga, solene, da roça.)

O burrinho pedrês

Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, vindo de Passa-Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão. Chamava-se Sete-de-Ouros, e já fora tão bom, como outro não existiu e nem pode haver igual.

Agora, porém, estava idoso, muito idoso. Tanto, que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo à distância: no algodão bruto do pelo — sementinhas escuras em rama rala e encardida; nos olhos remelentos, cor de bismuto, com pálpebras rosadas, quase sempre oclusas, em constante semi-sono; e na linha, fatigada e respeitável — uma horizontal perfeita, do começo da testa à raiz da cauda em pêndulo amplo, para cá, para lá, tangendo as moscas.

Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido. Fora comprado, dado, trocado e revendido, vezes, por bons e maus preços. Em cima dele morrera um tropeiro do Indaiá, baleado pelas costas. Trouxera, um dia, do pasto — coisa muito rara para essa raça de cobras — uma jararacussú, pendurada do focinho, como linda tromba negra com diagonais amarelas, da qual não morreu porque a lua era boa e o benzedor acudiu pronto. Vinha-lhe de padrinho jogador de truque a última intitulação, de baralho, de manilha; mas, vida a fora, por anos e anos, outras tivera, sempre involuntariamente: *Brinquinho*, primeiro, ao ser brinquedo de meninos; *Rolete*, em seguida, pois fora gordo, na adolescência; mais tarde, *Chico-Chato*, porque o sétimo dono, que tinha essa alcunha, se esquecera, ao negociá-lo, de ensinar ao novo comprador o nome do animal, e, na região,

em tais casos, assim sucedia; e, ainda, *Capricho*, visto que o novo proprietário pensava que Chico-Chato não fosse apelido decente.

A marca-de-ferro — um coração no quarto esquerdo dianteiro — estava meio apagada: lembrança dos ciganos, que o tinham raptado e disfarçado, ovantes, para a primeira baldroca de estrada. Mas o roubo só rendera cadeia e pancadas aos pândegos dos ciganos, enquanto Sete-de-Ouros voltara para a Fazenda da Tampa, onde tudo era enorme e despropositado: três mil alqueires de terra, toda em pastos; e o dono, o Major Saulo, de botas e esporas, corpulento, quase um obeso, de olhos verdes, misterioso, que só com o olhar mandava um boi bravo se ir de castigo, e que ria, sempre ria — riso grosso, quando irado; riso fino, quando alegre; e riso mudo, de normal.

Mas nada disso vale fala, porque a estória de um burrinho, como a história de um homem grande, é bem dada no resumo de um só dia de sua vida. E a existência de Sete-de-Ouros cresceu toda em algumas horas — seis da manhã à meia-noite — nos meados do mês de janeiro de um ano de grandes chuvas, no vale do Rio das Velhas, no centro de Minas Gerais.

O burrinho permanecia na coberta, teso, sonolento e perpendicular ao cocho, apesar de estar o cocho de-todo vazio. Apenas, quando ele cabeceava, soprava no ar um resto de poeira de farelo. Então, dilatava ainda mais as crateras das ventas, e projetava o beiço de cima, como um focinho de anta, e depois o de baixo, muito flácido, com finas falripas, deixadas, na pele barbeada de fresco. E, como os dois cavos sobre as órbitas eram bem um par de óculos puxado para a testa, Sete-de-Ouros parecia ainda mais velho. Velho e sábio: não mostrava sequer sinais de bicheiras; que ele preferia evitar inúteis riscos e o dano de pastar na orilha dos capões, onde vegeta o cafezinho, com outras ervas venenosas, e onde fazem voo, zumbidoras e mui comadres, a mosca do berne, a lucília verde, a varejeira rajada, e mais aquela que usa barriga azul.

De que fosse bem tratado, discordar não havia, pois lhe faltavam carrapichos ou carrapatos, na crina — reta, curta e levantada, como uma escova de dentes. Agora, para sempre aposentado, sim, que ele não estava, não. Tanto, que uma trinca de pisaduras lhe enfeitava o lombo, e que João Manico teve ordem expressa de montá-lo, naquela manhã. Mas, disto último, o burrinho não recebera ainda aviso nenhum.

Para ser um dia de chuva, só faltava mesmo que caísse água. Manhã noiteira, sem sol, com uma umidade de melar por dentro as roupas da

gente. A serra neblinava, açucarada, e lá pelas cabeceiras o tempo ainda devia de estar pior.

Sete-de-Ouros, uma das patas meio flectida, riscava o chão com o rebordo do casco desferrado, que lhe rematava o pezinho de Borralheira. E abria os olhos, de vez em quando, para os currais, de todos os tamanhos, em frente ao casarão da fazenda. Dois ou três deles mexiam, de tanto boi.

Alta, sobre a cordilheira de cacundas sinuosas, oscilava a mastreação de chifres. E comprimiam-se os flancos dos mestiços de todas as meias-raças plebeias dos campos-gerais, do Urucúia, dos tombadores do rio Verde, das reservas baianas, das pradarias de Goiás, das estepes do Jequitinhonha, dos pastos soltos do sertão sem fim. Sós e seus de pelagem, com as cores mais achadas e impossíveis: pretos, fuscos, retintos, gateados, baios, vermelhos, rosilhos, barrosos, alaranjados; castanhos tirando a rubros, pitangas com longes pretos; betados, listados, versicolores; turinos, marchetados com polinésias bizarras; tartarugas variegados; araçás estranhos, com estrias concêntricas no pelame — curvas e zebruras pardo-sujas em fundo verdacento, como cortes de ágata acebolada, grandes nós de madeira lavrada, ou faces talhadas em granito impuro.

Como correntes de oceano, movem-se cordões constantes, rodando remoinhos: sempre um vai-vem, os focinhos babosos apontando, e as caudas, que não cessam de espanejar com as vassourinhas. Somam-se. Buscam-se. O crioulo barbeludo, anguloso, rumina, estático, sobre os maus aprumos, e gosta de espiar o céu, além, com os olhos de teor morno, salientes. O espúrio gyr balança a bossa, cresce a cabeçorra, vestindo os lados da cara com as orelhas, e berra rouco, chamando a vaca malabar, jogada para o outro extremo do cercado, ou o guzerate seu primo, que acode à mesma nostalgia hereditária de bois sagrados, trazidos dos pascigos hindus do Coromândel ou do Travancor. Mudo chamado leva o garrote moço a impelir toda uma fileira, até conseguir aproximar-se de outro, que ele antes nunca viu, mas junto do qual, e somente, poderá sentir-se bem. E quando o caracú-pelixado solta seus mugidos de nariz fechado, começando por um eme e prolongando-se em rangidos de porteira velha, respondem-lhe o lamento frouxo do pé-duro e o berro em buzina, bem sustido e claro, do curraleiro barbatão.

De vez em quando, rebenta um tumulto maior.

O pantaneiro mascarado, de embornal branco e quatrólhos, nasceu, há três anos, na campina sem cercas. Não tem marca de ferro, não perdeu a

virilidade, e faz menos de seis meses que enxergou gente pela primeira vez. Por isso, pensa que tem direito a mais espaço. Anda à roda e ataca, espetando o touro sertanejo, que encurva o arcabouço de bisonte, franjando um leque de dobras no cachaço, e resolve mudar de vizinhança. Devagar, teimoso, força o caminho, como sabem fazer boamente os bois: põe todo o peso do corpo na frente e nas pontas das hastes, e abre bem o compasso das patas dianteiras, enterradas até aos garrões no chão mole, sustentando a conquista de cada centímetro. O boieco china se espanta, e trepa na garupa do franqueiro, que foge, tentando mergulhar na massa. Um de cernelha corcovada, boi sanga sapiranga, se irrita com os grampos que lhe arpoam a barriga, e golpeia com a anca, aos recuões. A vaca bruxa contra-esbarra e passa avante o choque, calcando o focinho no toutiço do mocho. Empinam-se os cangotes, retesam-se os fios dos lombos em sela, espremem-se os quartos musculosos, mocotós derrapam na lama, dansam no ar os perigalhos, o barro espirra, engavetam-se os magotes, se escoram, escouceiam. Acolá, nas cercas, — dando de encontro às réguas de landi, às vigas de guarantã e aos esteios de aroeira — carnes quadradas estrondam. E pululam, entrechocados, emaranhados, os cornos — longos, curtos, rombos, achatados, pontudos como estiletes, arqueados, pendentes, pandos, com uma duas três curvaturas, formando ângulos de todos os graus com os eixos das frontes, mesmo retorcidos para trás que nem chavelhos, mesmo espetados para diante como presas de elefante, mas, no mais, erguidos: em meia-lua, em esgalhos de cacto, em barras de cruz, em braços de âncora, em crossas de candelabro, em forquilhas de pau morto, em puãs de caranguejo, em ornatos de satanás, em liras sem cordas — tudo estralejando que nem um fim de queimada, quando há moitas de taboca fina fazendo ilhas no capinzal.

Agora, se alertam, porque pressentem o corisco. Esperam que a trovoada bata pilão, na grota longe, e então se sobrechegam e se agitam, recomeçando os espiralados deslocamentos.

Enfarado de assistir a tais violências, Sete-de-Ouros fecha os olhos. Rosna engasgado. Entorna o frontispício. E, cabisbaixo, volta a cochilar. Todo calma, renúncia e força não usada. O hálito largo. As orelhas peludas, fendidas por diante, como duas mal enroladas folhas secas. A modorra, que o leva a reservatórios profundos. As castanhas incompletas das pernas. As imponentes ganachas. E o estreme alheamento de animal emancipado, de híbrido infecundo, sem sexo e sem amor.

Mas para ele não havia possível sossego. O cavalo preto de Benevides — soreiro fogoso, de pescoço recurvo em cauda de galo — desatou-se do moirão e vem desalojar o burrico da sua coxia. Está arreado; a jereba urucuiana, bicorcovada, fá-lo parecer uma sorte de camelo raso; os estribos de madeira batem-lhe os flancos; e arrasta entre as mãos a ponta do cabresto. Mas, ainda assim, não pode admitir, tão perto, a existência de um mísero mu. Então, sem ao menos verificar o que há, o matungo de Zé Grande espanca o tabique da coberta, o amarilho de Silvino saracoteia empinado, quase partindo o látego, e o poldro pampa, de finca-pé, relincha escandalosamente.

Mas Sete-de-Ouros detesta conflitos. Não espera que o garanhão murzelo volva a garupa para despejar-lhe duplo coice mergulhante, com vigorosa simetria. Que também, do outro lado, se assoma o poldro pampa, espalhando a crina e arreganhando os beiços, doido para morder. Sete-de-Ouros se faz pequeno. Escoa-se entre as duas feras. Desliza. E pega o passo pelo pátio, a meio trote e em linha reta, possivelmente pensando: — Quanto exagero que há!...

Passa rente aos bois-de-carro — pesados eunucos de argolas nos chifres, que remastigam, subalternos, como se cada um trouxesse ainda ao pescoço a canga, e que mesmo disjungidos se mantêm paralelos, dois a dois. Corta ao meio o grupo de vacas leiteiras, já ordenhadas, tranquilas, com as crias ao pé. E desvia-se apenas da Açucena. Mas, também, qualquer pessoa faria o mesmo, os vaqueiros fariam o mesmo, o Major Saulo faria o mesmo, pois a Açucena deu à luz, há dois dias, um bezerrinho muito galante, e é bem capaz de uma brutalidade sem aviso prévio e de cabeça torta, pegando com uma guampa entre as costelas e a outra por volta do umbigo, com o que, contado ainda o impacto da marrada, crível é que o homem mais virtuoso do mundo possa ser atirado a seis metros de distância, e a toda a velocidade, com alças de intestino penduradas e muito sangue de pulmão à vista.

E Sete-de-Ouros, que sabia do ponto onde se estar mais sem tumulto, veio encostar o corpo nos pilares da varanda. Deu de cabeça, para lamber, veloz, o peito, onde a cauda não alcançava. Depois, esticou o sobrebeiço em toco de tromba e trouxe-o ao rés da poeira, soprando o chão.

Mas tinha cometido um erro. O primeiro engano seu nesse dia. O equívoco que decide do destino e ajeita caminho à grandeza dos homens e dos burros. Porque: “quem é visto é lembrado”, e o Major Saulo estava ali:

— Ara, veja, louvado tu seja! Hô-hô... Meu compadre Sete-de-Ouros está velho... Mas ainda pode aguentar uma viagem, vez em quando... Arreia este burro também, Francolim!

— Sim, senhor, seu Major. Mas, o senhor está falando sério, ou é por brincar?

— Me disseram que isto é sério. Fecha a cara, Francolim!

Com a risada do Major, Sete-de-Ouros velou os olhos, desgostoso, mesmo sem saber que eram donas de duras as circunstâncias. Francolim viera contar que não havia montadas que chegassem: abrira-se um rombo na cerca do fundo do pasto-do-açude, por onde quase toda a cavalhada varara durante a noite; a esta hora, já teriam vadeado o córrego e descambado a serra, e andariam longe, certo no Brejal, lambendo a terra sempre úmida do barreiro, junto com os bichos do campo e com os bichos do mato.

O Major dera de taca no parapeito, muitas vezes, alumiando raiva nos olhos verdes e enchendo o barrigão de riso. Depois, voltou as costas ao camarada, e, fazendo festas à cachorrinha Sua-Cara, que pulara para cima do banco, começou a falar vagaroso e alto, mas sem destampatório, meio rindo e meio bravo, que era o pior:

— Tenho vaqueiros, que são bons violeiros... Tenho cavalos ladinos, para furarem tapumes. Hô-hô... Devagar eu uso, depressa eu pago... Todo-o-mundo aqui vale o feijão que come... Hô-hô... E hoje, com um tempo destes e a gente atrasada...

Afinal, mandou Sua-Cara descer do banco, e se desvirou, de repente, encarando Francolim:

— Quantos animais ficaram, mulato mestre meu secretário?

— Primeiro que todos, o cardão do senhor, seu Major. Silvino, Benevides e Leofredo, têm os cavalos lá deles... Zé Grande também, eu também... Tem o baio de seu Tonico... Tem o alazão... E o Rio-Grande. Eu até já estou achando que eles chegam, seu Major.

E Francolim baixava os olhos, sisudo, com muita disciplina de fisionomia.

— Francolim, você hoje está analfabeto. Pensa mais, Francolim!

— Tem também... Só se for o cavalo de silhão de sá dona Cota, mais o poldro pampa... É, mas esse não serve: o poldro já está com carretéis nas munhecas, mas ainda não acabou de ser bem repassado.

— O poldro vai, Francolim.

— Então, dão. Assim, estão todos.
— Conta nos dedos, Francolim. Têm de ir dez, fora nós dois.
— Falta um cavalo, seu Major!
— Francolim, você acertou depressa demais...
E o Major Saulo foi até à porta, para espiar o relógio da parede da sala. Maria Camélia chegou com a cafeteira e uma caneca. — “Quente mesmo? para velho?” — “De pelar, seu Major!” Sempre com a mão esquerda alisando a barriga, o Major Saulo chupava um gole, suspirava, ria e chuchurreava outro. E a preta e Francolim, certos, a um tempo, sorriam, riam e ficavam sérios outra vez. — “Dá o resto para o Francolim, mas sem soprar, Maria!” E o Major, já de cigarro na boca, se debruçava no parapeito, pensando alto:
— ...Boi para encher dois trens, e mais as vacas que vão ficar no arraial... Para a gente sair, ainda é cedo... Mas, melhor que chovesse agora, no modo de dar uma estiada com folga...
E nessa hora foi que Sete-de-Ouros se veio apropinquando, brando.
— Arreia este burro também, Francolim!
— Sim senhor, seu Major. Só que o burrinho está pisado, e quase que não enxerga mais...
— Que manuel-não-enxerga, Francolim! — e o Major Saulo parou, pensando, com um dedo, enérgico, rodante dentro do nariz; mas, sem mais, se iluminou: — São só quatro léguas: o João Manico, que é o mais *leviano*, pode ir nele. Há-há... Agora, Francolim, vá-s’embora, que eu já estou com muita preguiça de você.
Mas a preta Maria Camélia se foi, ligeira, levando o decreto do Major Saulo de novidade para a cozinha, onde arranchavam ou labutavam três meninas, quatro moças e duas velhas, afora gatos e cachorros que saíam e entravam; e logo se pôs aceso o mundo: — O João Manico vai tocar boiada no burrinho! Imagina só, meu-deus-do-céu, que graça!...
Porém, cá fora, a vaqueirama começava o corre-corre, pega-pega, arreia-arreia, aos gritos benditos de confusão. — “Vamos, gente, pessoal, quem vai na frente bebe a água limpa!” Voz pomposa, Raymundão, o branco de cabelo de negro: — “Sinoca, larga o que tem dono, que esse coxonilho é o meu!” Com Sinoca, das Taquaras, que já teve pai rico: — “Desinvoca, Leofredo, fasta o seu macho para lá!” Daí Leofredo, magrelo, de cara bexiguenta, que se prepara, cantando: — “Eu vou dar a despedida, como deu o bem-te-vi...” E Tote, homem sisudo, irmão de Silvino por

parte de mãe, puxando o alazão, que não é mau: — “Ara, só, Bastião, com esse arreio de caçambas é que eu não vou, tocando sino de igreja...” Já Silvino, cara má, cuspindo nas mãos para dar um nó no rabo do seu café-com-leite de crinas alvas, grande esparramador de lama. E mais Sebastião, o capataz, pulando em cima do Rio-Grande — cavalo de casa, com uma andadura macia de automóvel, tão ligeira que ultrapassa o *picado* dos outros animais e chega a ser quase um meio-galope. E o bom Zé Grande, mexendo com a boca sem falar, para acabar de enrolar o laço no arção deitado do bastos paulista, e coçando um afago na tábua-do-pescoço do compacto Cata-Brasa, cavalão herdado, bastardo, pesado de diante como um muar e de cabeça volumosa, mas doutor para conhecer no campo as negaças da rês brava e para se esbarrar para a derrubada, *de seda* ou *de vara*. E Benevides, já montado — no Cabiúna manteúdo, animal fino, de frente alçada e pescoço leve, que dispensa rabicho mas reclama o peitoral, e é um de estimação, nutrido a lavagens de cozinha e rapadura, o qual não para um instante a cabeça, porque é o mais bonito de todos, com direito de ser *serrador*, e está sôfrego por correr; — Benevides, baiano importante, que tem os dentes limados em ponta, e é o único a usar roupa de couro de três peças, além do chapelão, que todos têm. Mas Sinoca, novamente, se assentando meio de-banda, por deboche de si mesmo, em cima do Amor-Perfeito, palafrém tordilho de Dona Maricota, que estranha o serigote, de tanto afeito ao silhão: — “Cavalo manso de moça só se encosta em tamborete...” — “Ô, gente, ô gente!” — “Desassa a tua mandioca!” E Juca Bananeira, que dá uma palmada na anca do Belmonte — cavalo do menino da casa, desbocado, viciado e inventador de modas — e sobe, com excelência, perguntando:

— Eh, e o Badú? Qu’é do Badú?!...

— Francolim, Francolim! — chama o Major Saulo, caminhando sul-norte e norte-sul, na varanda, conversando com a cachorrinha.

— Não está aqui, não, seu Major... — anuncia de lá Benevides, que, com simples pressão de pernas nas abas da sela papuda, faz o corcel preto revirar nos cambitos; e logo ajuda a chamar:

— Ooó, Francolim!

As vacas fogem para os fundos do eirado, com os bezerrinhos aos pinotes. Caracoleiam os cavalos, com os cavaleiros, em giros de picadeiro. E Sua-Cara correu para latir, brava, no topo da escada.

— Badú, ó Badú!

— Já vem ele ali, Juca, foi se despedir da namorada...

Enfim surge Francolim, vindo da varanda do lado, mastigando qualquer coisa.

— Fui ver se tudo vai ficar em ordem, lá por dentro, seu Major.

— Olha para mim, Francolim: "joá com flor formosa não garante terra boa!"... Arrancha aqui, perto das minhas vistas.

E o Major Saulo aponta com a taca, na direção dos currais cheios:

— Boiada e tanto! Nem bem dois meses no meloso, vinte dias no jaraguá, e está aí esta primeira leva, berrando bomba de graúda. Nunca vi uma cabeceira-do-gado tão escolhida assim.

— Isto, seu Major. E só gordura honesta de bois. A gente aqui não faz roubo.

— E que é que eu tenho com os santos-óleos?

— Sim senhor, seu Major... Estou dizendo é que não é vantagem, no seu Ernesto, eles terem embarcado a cabeceira antes de nós, na outra semana, porque eu agora estou sabendo que eles lá são mestres de dar sal com enxofre ao gado, para engordar depressa, gordura de mentira, de inchação!

— Cala a boca, Francolim. Estão todos assanhados, não cabendo no curral...

Quatrocentas e muitas reses, lotação de dois trens-de-bois. Na véspera, o Major Saulo saíra pela invernada, com os campeiros, ele escolhendo, eles apartando. O peso era calculado a olho. O preço fora discutido e combinado, em telegramas. E já chegara o aviso do agente: os especiais estavam esperando, na estação do arraial.

— Vá lavar sua cara, Francolim.

— Lavar cachorro a esta hora, seu Major?

— Não. Lavar sua cara mesma, de você. Há-há... Tempo de trabalho entrou, Sebastião...

Sebastião subira a escada e se chegara. Com polainas amarelas e pés descalços. Concordou. Ia dizer qualquer coisa, mas fechou a boca a tempo, porque o Major Saulo continuava olhando para a aglomeração de bois.

Nos pastos de engorda, ainda havia milhares deles, e até junho duraria o êxodo dos rebanhos de corte. E, como acontecia o mesmo em todas as fazendas de ali próximo, e, com ligeiras variantes, nas muitas outras constelações de fazendas, escantilhadas em torno das estaçõezinhas daquele trecho, era a mobilização anual da fauna mugidora e guampuda, com trens e mais trens correndo, vagões repletos, atochados, consignados

a Sítio e Santa Cruz. Depois, nos meados da seca, os pastos se esvaziavam, e os boiadeiros tinham de espalhar-se em direção aos longínquos centros de cria, para comprar e arrebanhar gado magro. Pelas queimadas, já estariam de volta. Repouso. Primeiro sal. Primeiro pasto. Ração de sal todos os meses, na lua nova. E, pronto, recomeçar.

— Vai cair chuvinha fina, mas as enchentes ainda vão ser bravas. Este ano acaba em seis!... Pode ajuntar o povo, Sebastião. Chama Zé Grande. Mas, que é aquilo, Francolim?

Quando Badú chegou, com muito atraso, das montadas só restava o poldro pampa. Já arreado, livre das tamancas nos ramilhos, mantém-se quieto, a grosso ver, mas lançando de si estremeções e sobressaltos, como um grande corpo elétrico.

— Há-há...

— Silvino está com ódio do Badú...

E Badú está acabando de saber que tem de montar o poldro. Não reclama. Fica ressabiado, observando.

— ...por causa que Silvino também gosta da moça, mas a moça não gostou dele mais...

— Esquece os casos, Francolim!... Ver se o Badú entende de doma: lá vai montar...

Badú vem ao animal. Verifica se a cilha está bem apertada. Ajeita, por um são caminho de ideias, o seu próprio correão da cintura. Pula de-escancha no arreio, e o poldro — *hop'plá!* — esconde o rabo e funga e desanda, num estardalhaço de peixe fera pêgo no anzol. Se empinou, dá um de-ancas, se empina; saiu de lado, ajuntando as munhecas, sopra e bufa, se abre e fecha, bate crina, parece que vai disparar.

O Major Saulo assiste, impassível. Só no verde dos seus olhos é que pula o menino do riso. Mas Francolim não se contém:

— Silvino assoviou no ouvido do bicho... Eu reparei, seu Major! Se o senhor mandar, eu vou lá, pôr autoridade nessa gente...

— Caiu, que eu vi!

Era um super-salto magistral, com todas as patas no ar e a cabeça se encostando na cauda, por debaixo do resto. Mas Badú não caiu: perdendo os estribos, aperta os joelhos na cabeça da jereba, iça o poldro nas rédeas e acalcanha nele as rosetas, gritando: — Desce a serra, pedidor!

— Há-há... Grudou as pernas no santantônio, firme! Está aí, Francolim, você ainda acredita no que vê?

— Sim senhor, seu Major... Sou prevenido. Mas, tem outra coisa que eu careço de dar parte ao senhor... Faz um passo para lá, Zé Grande, que eu preciso de um particular urgente aqui com o patrão.

— Que é que é, Francolim Fonseca?

— Francolim Ferreira, seu Major... O que é, é que eu sei, no certo, mas mesmo no certo, que Silvino vai matar o Badú, hoje.

— Na minha Fazenda ninguém mata outro. Dá risada, Francolim!

— Sim senhor, mas o caso não é de brinquedo, seu Major... Silvino quer beber o sangue do Badú... Se o senhor fornece ordem, eu dou logo voz de prisão no Silvino, no arraial, depois do embarque...

— Escuta, Francolim: "não é nas pintas da vaca que se mede o leite e a espuma"!... Vamos embora, de uma vez.

E o Major Saulo desce a escada da varanda, com a corte de Francolim e Zé Grande, e vem devagar, a passos pesados, para o esteio das argolas.

— Puxa o cardão, Francolim. Ó João Manico, Manicão meu compadre, que é que você está esperando, para enjambrar essa outra azêmola! — e o Major sobe no cardão, que, mesmo tão grande, quase se abate e encosta a barriga no chão.

Já encabrestado, Sete-de-Ouros não está disposto a entregar-se: "*Vai, mas custa*"!, quando outros o irritam, é a divisa de um burricoque ancião. Com rapidez, suas orelhas passam à postura vertical, enquanto acompanha o homem, com um olho de esguelha, a fito de não errar o coice.

João Manico anda-lhe à roda, aos resmungos. Põe-lhe o baixeiro. Depois, pelo certo, antes de arrear, bate na cabeça do burrinho, como Deus manda. Sete-de-Ouros se esquiva à clássica: estira o queixo e se acaçapa, derreando o traseiro e fazendo o arreio cair no chão. Então o vaqueiro se convence de que precisa de mostrar melhores modos:

— Eh, burrinho, acerta comigo, meu negro.

Assim, Sete-de-Ouros concorda. João Manico passa-lhe a mão espalmada no pescoço, e ele gosta e recebe bem a manta de pita. Já não reage, conformado. Dá apenas o repuxão habitual da barriga, contraindo bruscamente a pele, do cilhadouro às ilhargas e das ilhargas ao cilhadouro. Encrespa e desencrespa também o couro do pescoço. E acelera as pancadas da cauda, no vai-e-vem bulhento de um espanador. Ao aceitar o freio, arreganha demais os beiços num tremendo sorriso de dentes amarelos. Mas logo regressa ao eterno cochilo, até que João Manico tenta montar.

— Ara viva! Está na hora, João Manico meu compadre. Você e o burrinho vão bem, porque são os dois mais velhos e mais valentes daqui... Convém mais você ir indo atrás, a-tôa. Deixa para ajudar na hora do embarque... E o Sete-de-Ouros é velho, mas é um burro bom, de gênio... Você não sabe que um burro vale mais do que um cavalo, Manico?...

— Compadre seô Major, para se viajar o dia inteiro, em marcha de estrada, estou mesmo com o senhor. Mas, para tocar boiada, eh, Deus me livre que eu quero um burrinho assim!...

— Mais coragem, Manico, sem gemer... "Suspiro de vaca não arranca estaca!"... Mas, que é que você está olhando tanto, Francolim?

É, acolá, no outro extremo do eirado, Juca Bananeira, que brinca de mexer tranças na crineira de Belmonte, e conversa com Badú. — "Você faz mal, de andar assim desarmado de arma! Silvino é onça-tigre. Todo-o-mundo sabe que ele está esperando hora..." Aí Badú, atravessando na frente do arreio a longa vara de ferrão, e mostrando o poldro, agora quietado, exausto de pular, só diz: — "Comigo não tem quem tem! Eu também, quando vejo aquele, fico logo amigo da minha faca. Mas Silvino é medroso, mole, está sempre em véspera de coisa nenhuma!" — "Aí fiando! Quem tem inimigo não dorme!..." E Juca Bananeira vai para a eloquência, porque confia tanto na moleza de Silvino quanto um tem-farinha-aí acredita na imobilidade de uma cobra-cipó, ou uma cobra-cipó crê na lonjura alta de uma acauã. Mas Badú guina o poldro, vindo cá para perto do canto onde João Manico conversa ainda com o Major.

Sete-de-Ouros espetou as orelhas para a frente. É calmo e comodista, mas de maneira alguma honesto. Quando João Manico monta, ele não pula, por preguiça. Mas tem o requinte de escoucear o estribo direito, primeiro com a pata de diante, depois com a de trás, cruzando fogos.

— Não falei, compadre seô Major?!... Bicho medonho! Burro não amansa nunca de-todo, só se acostuma!...

Mas o Major Saulo largava, sem responder, rindo já longe, rumo aos vaqueiros: lá junto à cerca, com os cavalos formados em fileira, como um esquadrão de lanceiros.

— "Olha só, vai trovejar..." E Leofredo mostrava o gado: todos inquietos, olhos ansiosos, orelhas erectas, batendo os parênteses das galhas altas. — "Não é trovoada não. São eles que estão adivinhando que a gente está na horinha de sair..." Mas, nem bem Sinoca terminava, e já, morro abaixo, chão a dentro, trambulhavam, emendados, três trons de trovões.

Aí, a multidão se revolveu, instantânea, e uma onda de corpos cresceu, pesada, quebrou-se num dos lados do curral e refluiu para a banda oposta. Em pânico, procuravam a saída.

— Vi-i! Vão dar o que fazer! Vigia ali: tem muito crioulo caraço, caçando gente para arremeter... Ei, Zé Grande?...

Zé Grande passa a correia do *berrante* a tiracolo, e continua calado, observando. Para a sabença do gado, ele é o melhor vaqueiro da Tampa, homem ledor de todos os sestros e nequícias do bicho boi. Só pelo assim do marruás bulir ou estacionar, mede ele o seu grau de má fúria, calcula a potência de arremesso, e adivinha para que lado será o mais dos ataques, e qual a pata de apoio, o giro dos grampos, e o tempo de volta para a segunda ofensiva.

— Ixe, ixe! Muito boi pesado. São os de Fortaleza. Só curraleiro alevantado, nação de boi arisco...

— Olha aquela aratanha araçá, que às há-de-as! Está empurrando os outros, para poder ficar no largo sozinha; não deixa nenhum se encostar. É para curro, vaca roda-saia...

— Parece com a que pegou você mais o Josias, Tote?

— Mas eu já disse... Já jurei que não foi culpa minha, e não foi mesmo. A vaca fumaça estava com a cria no meio do curral, fungando forte e investindo até no vento... Josias falou comigo: “Vamos dar uma topada, para ver se ela tem mesmo coragem conversada.” Eu disse: “Vamos, mas com sossego.” Só aí é que aconteceu que nós esquecemos de combinar, em antes, quem era que *esperava* e quem era que *tirava*... Ficamos: eu da banda de cá, ele ali. A’ pois, primeiro que a gente pulasse a cerca para dentro, já a diaba da vaquinha estava de lá, herege, tomando conta do que a gente queria querer fazer!...

— Não era hora de facilitar...

— Mas foi. Mal a gente tinha botado os pés no chão, e ela riscou de ar, sem negaça, frechada, desmanchando o poder da gente espiar... Nós todos dois entesamos de lado, para *tirar*, e ninguém não escorou. Foi a conta. Ela deu o *tapa*, não achou firmeza, e *remou* as varas para fora... Escolheu quem, e guampou o Josias na barriga... Mas virou logo para a minha banda, e veio me visitar, me catando com os chifres e me jogando baba na cara. Eu corri. Não tinha mesmo de correr?!...

— Com vara boa, de pau-d’arco, na mão de bom vaqueiro?

— Mas, minha vara, ela tinha mandado longe. Não falei?... Josias foi o mais desfeliz, porque foi jogado para tudo quanto era lado, com a monstra sapateando em cima dele e chifrando... Mas ela só não me pegou também, porque, com o fezuê, até o bezerrinho levou susto e atravessou na frente, entre nós dois, espinoteando, com a caudinha na cacunda. Quando eu ia pular a cerca, ela ainda me alcançou, na sola dum pé: juntou com a força do pulo que eu ia dando, e eu caí, por riba do monte de achas de aroeira que estava lá... Culpa eu tive?... Má-sorte do companheiro. Era o dia dele, o meu não era!...

— Ei, vamos mudar de contar coisas tristes, que seu Major não gosta...

Major Saulo cavalga para cá, acabando de fazer a volta completa dos currais, com Zé Grande e Sebastião dos lados, e Francolim.

— Agora, que é que há e que é que não há, Zé Grande?

— Eu acho que a boiada vai bem, seô Major. Não vão dar muito trabalho, porque estão bem gordos, e com preguiça de fazer desordem. Boi bravo, tem muitos, mas isso o senhor pode deixar por conta da gente... Pé-duro, tem poucos... Agora, eu acho que tem alguns que a gente devia de apartar. Olha, seô Major: aquele laranjo agarrotado está só procurando beira de cerca. E o marruaz crioulo, esse ali cor de canela, do pelo arrepiado, que assusta até com o batido de rabo dos outros... Pois eles dois hão de querer escapulir, e é um perigo os outros estourarem atrás. Aquele camurça, de focinho preto até por dentro das ventas, está cego de um olho...

— Estará mesmo?

— Agaranto. Olha agora: todos estão gostando de bater nele, da banda cega. Não chega no arraial sem estar muito machucado... E, se a gente descuidar, ele, atôinha, atôinha, pega a querer pinchar para fora da estrada, do lado do olho são... Aquela vaca moura, também... É maligna, está judiando com os outros, à traição. O resto está em ordem.

— Caso com tua fala, Zé Grande. Sinoca, mais Tote: vão separar aqueles quatro, e trazer outros, do curral pequeno, para repor no lugar. Mas, Virgem! Não viram aquela prenda? E ia como boi de corte? Vigia se é capão ou não...

E o Major Saulo indicava, mesmo na beira do estacado, um boi esguio, preto-azulado, azulego; não: azul asa-de-gralha, água longe, lagoa funda, céu destapado — uma tinta compacta, despejada do chanfro às sobre-

unhas e escorrendo, de volta, dos garrões ao topete — concolor, azulíssimo.

— É inteiro... Não, é roncolho. Mas bonito como um bicho de Deus!...

— É só de longe, seu Major. De perto, ele é de cor mais trivial...

— E que me importa? Não quero esse boi para ser Francolim, que não sai de perto de mim... Há-há... Aparta, já, também. E vamos, vamos com Deus, minha gente. Dá a saída, Bastião. Ver com isso, compadre Manico!

Pobre burrico Sete-de-Ouros, que não tem culpa de ser duro de boca, nem de ter o centro-de-gravidade avançado para o trem anterior do corpo...

— Toca, gente! Ligeiro! *Faz parede*!

Sebastião entrou no curral. Zé Grande, o *guieiro*, sopra no *berrante*. Os outros se põem em duas alas divergentes — *fazem paredes*, formando a *xiringa*. Sinoca escancara a porteira, que fica segurando. Leofredo, o *contador*, reclama:

— Apertem mais, p’ra o gado sair fino, gente! Ajusta, Juca, tu não sabe *fazer o gado*? Ei, um!...

É o primeiro jacto de uma represa. Saltou uma vaca china, estabanada, olhando para os lados ainda indecisa. — Dois! — Pula um pé-duro mofino, como veado perseguido. Passam todos. Três, quatro, cinco. Dez. Quinze. Vinte. Trinta.

— Hê boi! Hê boi! Hê boi-hê boi-hê boi!...

— Cinquenta! Sessenta!

— Rebate esse bicho bezerro. P’ra um lado! Não presta, não pesa nada.

— Oitenta! Cem!

— Cerca o mestiço da Uberaba. Topa, Tote!... Eh bicho bronco... Chifre torto, orelhudo, desinquieto e de tundá!... — exclamam os vaqueiros, aplaudindo um auroque de anatomia e macicez esplêndidas, que avançou querendo agredir.

— Estampa de boi brioso. Quando corre, bate caixa, quando anda, amassa o chão!

Agora é o jorro, unido, de bois enlameados, com as ancas emplastadas de sujeira verde, comprimidos, empinados, propelindo-se, levando-se de cambulhada, num atropelo estrugente. Os flanqueadores recuam, alargando o beco.

— Eh, boi!... Eh, boi!...

— Quatrocentos e cinquenta... e sessenta. Pronto, seu Major.

Corta de lado o Major Saulo, envolto na capa larga, comandando:

— Dianta, Leofredo! Da banda de lá, Badú!

Vão, à frente, Zé Grande, tocando o *berrante*, e Sebastião, que solta a toda a garganta o primeiro aboio, como um bárbaro refrão:

— Eêêê, bô-ôi!...

Escalonados, do flanco direito, Leofredo, Tote, Sinoca e Benevides. Da banda esquerda, Badú, Juca Bananeira, Silvino e Raymundão.

— Boiada boa!... — proclama o Major, zarpando.

— Burrico miserável!... — desabafa João Manico, cravando as esporas nos vazios de Sete-de-Ouros, que abana a cabeça, amolece as orelhas, e arranca, nada macio, no seu viageiro assendeirado, de ângulo escasso, pouca bulha e queda pronta.

Caniço de magro, com um boné de jóquei no crânio, lá vai Francolim, logo atrás do Major.

— Eh, boi!... Eh, boi...

E, ao trompear intercadente do berrante, já ecoam as canções:

“O Curvelo vale um conto,
Cordisburgo um conto e cem.
Mas as Lages não têm preço,
Porque lá mora o meu bem...”

Nenhum perigo, por ora, com os dois lados da estrada tapados pelas cercas. Mas o gado gordo, na marcha contraída, se desordena em turbulências. Ainda não abaixaram as cabeças, e o trote é duro, sob vez de aguilhoadas e gritos.

— Mais depressa, é para esmoer?! — ralha o Major. — Boiada boa!...

Galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os tocos da testa do mocho macheado, e as armas antigas do boi cornalão...

— P’ra trás, boi-vaca!

— Repele Juca... Viu a brabeza dos olhos? Vai com sangue no cangote...

— Só ruindade e mais ruindade, de em-desde o *redemunho* da testa até na volta da pá! Este eu não vou perder de olho, que ele é boi espirrador...

Apuram o passo, por entre campinas ricas, onde pastam ou ruminam outros mil e mais bois. Mas os vaqueiros não esmorecem nos eias e cantigas, porque a boiada ainda tem passagens inquietantes: alarga-se e

recomprime-se, sem motivo, e mesmo dentro da multidão movediça há giros estranhos, que não os deslocamentos normais do gado em marcha — quando sempre alguns disputam a colocação na vanguarda, outros procuram o centro, e muitos se deixam levar, empurrados, sobrenadando quase, com os mais fracos rolando para os lados e os mais pesados tardando para trás, no coice da procissão.

— Eh, boi lá!... Eh-ê-ê-eh, boi!... Tou! Tou! Tou...

As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...

“Um boi preto, um boi pintado,
cada um tem sua cor.
Cada coração um jeito
de mostrar o seu amor.”

Boi bem bravo, bate baixo,
bota baba, boi berrando...
Dansa doido, dá de duro,
dá de dentro, dá direito...
Vai, vem, volta, vem na vara,
vai não volta, vai varando...
“Todo passarinh’ do mato
tem seu pio diferente.
Cantiga de amor doído
não carece ter rompante...”

Pouco a pouco, porém, os rostos se desempanam e os homens tomam gesto de repouso nas selas, satisfeitos. Que de trinta, trezentos ou três mil, só está quase pronta a boiada quando as alimárias se aglutinam em bicho inteiro — centopeia —, mesmo prestes assim para surpresas más.

— Tchou!... Tchou!... Eh, booôi!...

E, agora, pronta de todo está ela ficando, cá que cada vaqueiro pega o balanço de busto, sem-querer e imitativo, e que os cavalos gingam bovinamente. Devagar, mal percebido, vão sugados todos pelo rebanho

trovejante — pata a pata, casco a casco, soca soca, fasta vento, rola e trota, cabisbaixos, mexe lama, pela estrada, chifres no ar...

A boiada vai, como um navio.

— Põe p'ra lá, marroeiro!

— Investiu?

— Quase...

— Coisa que ele é acabanado e de cupim, que nem zebú...

— Fosse meu, não ia para o corte. Bonito mesmo, desempenado. Até me lembro do Calundú...

— Qual esse, Raymundão?

— O Calundú? Pois era um zebú daquela idade. O maior que eu já vi.

— Guzerá?

— Ach'que.

— Baio, como o Paulatão?

— Cor de céu que vem chuva. Berrava rouco, de fazer respeito...

— Todo zebú se impõe.

— Aquele mais. Que marruaz!

— Por quê?

— Parecia manso e custava para se enchouriçar. Mas, um dia, brigou com o reprodutor dos Oliveiras, zebú também, dos pintados. Ferraram luta sem parar, por bem duas horas, e o Calundú derrubou o outro, quase morto, no desbarrancado.

— E para se lidar?

— Não era qualquer vaqueiro chegado de fora, não. Tinha mania: não batia em gente a-pé, mas gostava de correr atrás de cavaleiro. De longe, ele já sabia que vinha algum, porque encostava um ouvido no chão, para escutar. Olha, que vamos entrar no cerradão. Tento aí, p'ra eles não se espalharem para os lados!

— Abre a guia! Afrouxa o coice! — grita Juca Bananeira, transmitindo o comando de Sebastião.

Os costaneiros se afastam, e aboiam prolongado:

— E-ê-ê-ê-ê, boi...

Enquanto os da frente incitam o marche-marche dos quadrúpedes:

— Eh, boi-vaca! Tchou! Tchou! Tchou!... Ei! Ei!...

E o rebanho se estira e alonga, reduzindo as fileiras, como soldados a passarem, em movimento, de uma formação de grande fundo para coluna de pelotão.

— Mundo velho, ventania! — brada Juca Bananeira, sustando o cavalo para apreciar a desfilada dos bois taroleiros, correndo de aspas altas: o débito fluido das patas, o turbilhão de ângulos, o balouço dos perfis em quina, e o jogo veloz das omoplatas oblíquas.

— Arreda, bruto, mamolengo!

Um veio de lá, jogado de empuxe, e baqueou meio ajoelhado, justo-justo esbarrando no cavalo de Raymundão.

Tropeiam, agora, socornando e arfando, mas os alcantis encapelados, eriçados de pontas, guardam uma fidelidade de ritmos, escorrendo estrada avante. E o chapadão atroa, à percussão debulhada dos 1.840 cascos de unha dupla.

Sopra sempre o guia no seu corno, porém, e os outros insistem no canto arrastado, tão plangente, que os bois vão cadenciando por ele o tropel.

— A chuva está aí está caindo, Raymundão. Mas, vigia aquele garrotão preto, que vai ali, babando em cima da casa dos outros. O Calundú era importante assim?

— Vou contar. Espera, vamos fazer uma mamparra: vamos encostar os cavalos, e trancar o gado, para ele só dar trabalho da banda do povo de lá e a gente poder conversar com sossego... Assim. Oh, diabo, você é mestre, e eu querendo ensinar você a *fazer trecho*...

— Que história foi? O Calundú matou alguém?

— Depois. O que eu vou contar foi no Retiro... Eu tinha ido lá, buscar uma vaca fronteira, da filha de seu Major. A vaquinha tinha parido na beirada da lagoa, e jacaré comeu a cria. Por isso ela estava emperreada, tinha virado bicho-do-mato, correndo atrás de qualquer barulhinho, arremetendo atôa. Me deu tanto trabalho, que eu tive de dormir lá, no rancho de perto dos coqueiros... De noite, saiu uma lua rodoleira, que alumiava até passeio de pulga no chão. Minha cachorra paqueira, que não gostava de parar sem o que fazer, ficou vagabundeando por si, e pegou a acuar. Algum tatú rabo-mole, por aí... — eu pensei. Fui ver... Oi, segura, siô!

Um boizão fumaça bufou na orelha do poldro de Badú, que refugou — arranco para trás, para a esquerda e para baixo, entortando o pescoço, rapidíssimo. Badú balanceou, bateu mão na giba da jereba, e esteve pendente meio segundo, fazendo força para não ir sela abaixo, sob os cascos em disparada dos bois. Mas foi ao outro lado, em pulo seguro, e voltou ao assento, volteando com a ligeireza de um atamã do Ural.

— Foi nada. Conta a história, Raymundão.

— Pois então, quando fui espiar o que a minha cachorra Zeferina estava estranhando...

— Oh *guês*! Isso é nome de cachorro?

— Foi por vingança que eu pus, quando minha mulher Zeferina me largou... Mas, a' pois, não imagina o que eu vi! Dei mesmo numa baixada de pasto, e afundei quase no meio das vacas. Já disse que estava lindeza de claridade de noite... E de repente eu vi que o gado estava cheio de ideia, começando um manejo esquisito. Mandei a cachorrinha calar a boca, e então pude apreciar direito: as vacas, desinquietas, estavam se ajuntando, se amontoando num bolo, empurrando os bezerros para o meio, apertando, todas encalcando, de modo que aquilo tudo, espremido, parecia uma rodeira grande, rodando e ficando cada vez mais pequena, sem parar de rodar...

— E daí?

— Espera, olha a chuva descendo o morro. Eh, água do céu para cheirar gostoso, cheiro de novidade!... É da fina... Mas, então, o Calundú, que era o garrote delas, ainda parecia ser mais graúdo do que era mesmo, rodeando as vacas, meio dando as costas para a manada, assim de cabeça em pé! E aí eu ouvi um miado longe, e me alembrei daquela onça preta que estava salteando estrago no gado de seu Quilitano, nas Lages, e no Saco-da-Grota. Onção de todo o tamanho...

— Ei, gente, olha o pé-d'água!

Chegava a chuva, branquejante, farfalhando rumorosa, vinda de trás e não de cima, de carreira. Alcançou a boiada, enrolando-a toda em bruma e continuando corrida além. Os vultos dos bois pareciam crescer no nevoeiro, virando sombras esguias, de reptis desdebuxados, informes, com o esguicho das bátegas espirrando dos costados. O pisoteio teve um tom mole, de corrida no bagaço. E houve mugidos. Mas, roufenho, o berrante trombeteou de novo, mais forte, na frente.

— Canta, gente!

E, aí, soltaram a chuva de verdade: chuva pesada, despejada, um vasto vapor opaco. Era como se a gente passasse por debaixo de cachoeira. E desenxergaram-se, de todo, os bois. Mas os vaqueiros cantavam juntos:

"Chove, chuva, choverá,
Santa Clara a clarear

Santa Justa há-de justar
Santo Antônio manda o sol
P'ra enxugar o meu lençol..."

— Oh, diabo, custou que melhorou. A gente nem estava podendo tomar fôlego, embaixo desse dilúvio...

— Mas, e depois, a onça, Raymundão?

— A onça, o povo dizia que ela tinha vindo de longe. Onça-tigre macha, das do mato-grosso... Onça é bicho doido para caminhar, e que anda só de noite, campeando o que sangrar... Pois, naquela ocasião, eu estava crente que ela estava a muitas léguas de lá onde é que eu estava... Pensei que andasse pelo Maquiné...

— Mas, e o zebú?

— Bom, quando eu ouvi o miado, fui para perto de um angico novo, por causa que eu estava sem arma de fogo, e onça não trepa em pau fino — se diz — que ela não tem poder de abarcar com as munhecas... Aquilo, eu pedia a Deus para mandar ela não vir do meu lado... Fiquei alegre, quando escutei melhor o miado da bicha-fera, lá por trás do tabocal... E o Calundú cavacava o chão e bufava, com uma raiva tão medonha, que aí fiquei mais animado, por ele estar me protegendo, e até tive pena da pobre da oncinha!...

— E depois? A tigre chegou no marruaz?

— Perde essa moda. Zebú é zebú mesmo, e marruaz é garrote, dos outros... Mas, aí, eu vi a cangussú, vi o vulto dela, porque era lua cheia, noite clara, já falei.

— Urrando, assanhada, Raymundão? Eu já vi uma suçuarana rompente, uma vez...

— Não é capaz. Onde foi que já se viu onça tocaiar criação desse jeito? Aquilo ela vem é feito gato quando quer pegar passarinho: deitada, escorregando devagarinho, com a barriga no chão, numa maciota, só com o rabo bulindo... Os olhos é que alumiam verde, que nem vagalume bagudo...

— Mas, pulou no cangote do zebú?

— Que óte! Que ú!... Você acredita que ela não teve coragem?! Naquela hora, nem o capeta não era gente de chegar no guzerá velho-de-guerra. Nem toureiro afamado, nem vaqueiro bom, Mulatinho Campista, Viriato

mais Salathiel, coisa nenhuma... E, quem chegasse, era só mesmo por ter vontade de morrer suicidado sem querer...

— Ixe!

Mas o Calundú cada vez ia ficando mais enjerizado e mais maludo, ensaiando para ficar doido, chamando a onça para o largo e xingando todo nome feio que tem. Aquilo, eu fui bobeando de espiar tanto para ele, como que nunca eu não tinha visto o zebú tão grandalhão assim! A corcunda ia até lá embaixo, no lombo, e, na volta, passava do lugar seu dela e vinha pôr chapéu na testa do bichão. Cruz! E até a lua começou a alumiar o Calundú mais do que as outras coisas, por respeito...

— Eu estou quase não acreditando mais, Raymundão...

— Bom, pode ter sido também uma visão minha, não duvido nada... Mas, então foi que eu fiquei sabendo que tem também anjo-da-guarda de onça!... Você sabe que, quando a tigre arma o bote, é porque ela já olhou tudo o que tinha de olhar, e já pensou tudo o que tinha de pensar, e aí nunca que ela deixa de dar o pulo, não é? Pois, nesse dia, a cangussú de certo que imaginou mais um tiquinho, porque ela desmanchou o dela, andando de rastro para trás um pedaço bom. Depois, correu para longe, sem um miado, e foi-s'embora. Onça esperta!...

— Oi, que é?

— Estamos chegando no córrego. Vamos lá...

— Vigia só como a cheia está alta. A água quando dando na metade do ingazeiro!... Qu'é do barranco? Sumiu, está vendo?

— Virgem! E agaranto que em até de noite ainda sobe mais... A lua não é boa... Ano acabando em seis...

— A enchente está vindo de desde as cabeceiras: senão não descia tanta folha de burití...

— Pois diz-se que tem quatro dias que lá nas nascentes não para de chover.

Chega Francolim, de galope, com um recado do Major para Sebastião: — É para esperar um pouco, e não apertarem o gado na travessia...

— Está feio. Mas isto aqui não se compara com a passagem das boiadas no Jequitinhonha...

— Conheço. Atravessei aquele, com seiscentas cabeças de gado da Bahia... O mais difícil não é pela largura, mas porque é rio bravo, de correnteza... A gente tinha de tocar adiante um lote de bois mansos, mais acostumados, que não tivessem medo. Alguns até alugavam uns,

ensinados, de um sitiante da beira do rio... E a gente cruzava no batelão, vigiando a boiada nadar...

Chega o Major, chamando por Sebastião...

— Estou vendo que o vau agora está pior do que o resto. Melhor era destorcer mais para baixo, onde deve de estar dando mais pé...

— Pé já não dá mesmo, em lugar nenhum, seô Major. E está desbarrancado, lá na outra beirada, e não tem saidor... Melhor por aqui mesmo, patrão.

— Bem, mas vamos com paciência! Aqui já tem morrido muita gente...

Estacionados na rampa, esperavam que o gado tomasse coragem. A chuvinha agora era um chuvisco rarefeito; mas três regos de enxurrada desciam também, borbotando e roncando, com brutalidades fluviais. E a enchente crescia. O caudal, barrento, oscilava aos golpes, como uma coisa viva, parecendo às vezes que baixava, para subir mais. Um pau do mato — ramada, tronco e raízes — derivava tal e qual uma piroga embandeirada em amarelo; esbarrou na copa do tingui, que se submergia fixa e hemisférica; depois, virou de bordo, retomou rumo, e foi águas abaixo.

Tremendo, este córrego da Fome! Em tempo de paz, não passa de um chuí chocho — um fio. Mas, dezembro vindo, com o dar das longas chuvas, torna-se mais perigoso que um rio grande, que sempre guarda seus remansos, praias rasas e segmentos de retardada correnteza.

Entupindo o declive do morro, a boiada permanecia parada. Muitos mugiam.

— Cou! Cou! Tou! Tou!...

Os primeiros se chegam para a beirada. Zé Grande entra n’água, no Cata-Brasa, que pega a nadar. E, já no meio da torrente, o guieiro ainda se volta, tocando o *berrante*. Um junqueira longicórnio estica o pescoço fino, arrebita o focinho, e pula, de rabo desfraldado. Então, há que os cocorutos estremecem, para a frente e depois para trás. Despencou-se mais um cacho de reses. Chapinham com estrupido, os mocotós golpeando como puxavantes. Perderam pé: os corpos desaparecem, ficam de fora somente as beiçamas, as ventas polposas, palpando ar, e os pares de chifres, como tentáculos de caramujos aquáticos. E aí toda a manada se precipita, com muita pressa, transpondo a enchente brava do riacho da Fome.

O Major Saulo, que foi o derradeiro — depois de Sete-de-Ouros com João Manico, e mesmo atrás de Francolim —, logo os alcança, contudo, pouco para lá da passagem.

— Viva, meu povo, não se perdeu nenhum!... Francolim, vai dizer a Sebastião que toquem pelo caminho de baixo, no fim da vargem... E você, compadre Manico, que tal com o meu burrinho sem velhice? Escuta, Manico, nesse passo, nesta marcha, escrevo que ele aguenta viagem de mais de um dia.

— É mesmo, seô Major meu compadre. Esperto ele é, pois faz que aguenta, só para poder contrariar a gente.

E certo: Sete-de-Ouros dava para trás, incomovível, desaceitando argumentos e lambadas de piraí. Que, também, burro que se preza não corre desembestado, como um qualquer cavalo, a não ser na vez de justa pressa, a serviço do rei ou em caso de sete razões. E já bastante era a firmeza com que se escorava nas munhecas, sem bambeio nem falseio — ploque-plofe, desferrado —, ganhando sempre a melhor trilha.

— Mas, meu compadre, vocês vão indo tão bem, tão sem confusão...

— Sim senhor, seô Major. Eu sei que o senhor está se rindo é por saúde sua, não é por debochar de mim... Mas, assim, para não ajudar em nada desta vida, eu não carecia de ter vindo. Estou como ovo depois de dúzia... E o burrinho, também, se ele tivesse morrido transanteontem, não estava fazendo falta a ninguém!

Mudo e mouco vai Sete-de-Ouros, no seu passo curto de introvertido, pondo, com precisão milimétrica, no rasto das patas da frente as mimosas patas de trás.

— Escuta uma pergunta séria, meu compadre João Manico: você acha que burro é burro?

— Seô Major meu compadre, isso até é que eu não acho, não. Sei que eles são ladinos demais...

Bem que Sete-de-Ouros se inventa, sempre no seu. Não a praça larga do claro, nem o cavouco do sono: só um remanso, pouso de pausa, com as pestanas meando os olhos, o mundo de fora feito um sossego, coado na quase-sombra, e, de dentro, funda certeza viva, subida de raiz; com as orelhas — espelhos da alma — tremulando, tais ponteiros de quadrante, aos episódios para a estrada, pela ponte nebulosa por onde os burrinhos sabem ir, qual a qual, sem conversa, sem perguntas, cada um no seu lugar, devagar, por todos os séculos e seculórios, mansamente amém.

— Não podemos tocar tão ligeiro como a coragem, Manico, o burrinho não pode com isto.

O rebanho se espraiou, lento, na várzea sobreaguada, só uma ou outra rês correndo, por entre as moitas de sarãs, no galope bovino desconjuntado e ondulado, arrancando avante com as patas muito abertas, jogando os quartos para cima.

— Oô-ah!... Beleza de gado!... Quase...

— Formosura, seô Major!

— ...quase que cada com o cabelo fino e os meneios todos — cimeiros, alcatra coberta e cordão. Mas, desencosta essa tristeza, João Manico meu compadre, que eu acho que estou guardando, ao daqui a pouco, um espanto bom para você. Só que esse Francolim deu para ir e não voltar... Sei por quê, que senão nem tinha mandado aquele recado. Ele foi por uma banda e vai voltar pela outra, e vem me contar paçoca de novidades, tudo o que os vaqueiros estão conversando e fazendo, ou deixando de fazer.

— Olho e ouvido, andando por longe, é bom para dono e patrão...

— Mas nem sempre traz sossego, e muita vez é pior. Beleza nos bois ele não vê, mas já estou ouvindo o que o Francolim vem falar: que os meus homens estão mamparreando, indo de prosa... Há-há há... Sei disso, Manico, mas é coisa que mal não dá, porque, se eles têm seu divertimento, ficam mais marinheiros, na hora de fazer força... Mas o rapaz só serve para isso: para vigiar o pessoal. É gosto...

— Seu Francolim é de culatra, seô Major. Então, hoje, com aquele barrete doido na cabeça, feito fantasma...

— Há-há, Manico velho! Escuta: “para bezerro mal desmamado, cauda de vaca é maminha”... Esta vida é engraçada... Galinha, tem de muita cor, mas todo ovo é branco. Você sabe escrever e ler, meu compadre João Manico?

— Assim mais assim, com os erros todos e muita demora, até há uns dois anos atrás eu ainda era homem para pôr algum bilhete no papel...

— Pois eu não. Nunca estive em escola, sentado não aprendi nada desta vida. Você sabe que eu não sei. Mas, cada ano que passa, eu vou ganhando mais dinheiro, comprando mais terras, pondo mais bois nas invernadas. Não sei fazer conta de tabuada, tenho até enjoo disso... Nunca assentei o que eu ganho ou o que eu gasto. O dinheiro passa como água no córrego, mas deixa poços cheios, nas beiras. Gosto de caminhar no escuro, João Manico, meu irmão!

— Em Deus estando ajudando, é bom, meu compadre seô Major.

— Também não tomo a reza dos outros, não desfaço na valia deles...

— De nenhum jeito, e eu posso ir junto!... Todo o mundo, aqui, trabalha sem arrocho... Só no falar de obedecer é que todos têm medo do senhor...

— Capaz que seja, Manicão? Será?

— Isso. Uns acham que é porque o seô Major espera boi bravo, a-pé, sem ter vara, só de chicote na mão e soprando no focinho do que vem...

— Mas eu gosto dos bois, Manico, ponho amor neles...

— Á pois. Eu sei, de mim que será por causa de nunca se ter certeza do que é que o meu compadre está pensando ou vai falar, que sai sempre o diverso do que a gente esperou... Só vejo que esse povo vaqueiro todo tem mais medo de um pito do senhor do que da chifrada de um garrote, comparando sem quebrar seu respeito, meu compadre seô Major.

— Escuta, Manico: é bom a gente ver tudo de longe. Assim como aqui nós dois vamos indo... Pelo rastro, no chão, a gente sabe de muita coisa que com a boiada vai acontecendo. Você também é bom rastreador, eu sei. Olha, o que eu entendo das pessoas, foi com o traquejo dos bois que eu aprendi...

— Estou pensando, seô Major.

— Mas, nem sempre, Manico, não vá o meu compadre imaginar... Hôhô... Aqui, por falar na hora, chegou o prazo de se espiar, tirando a tampa da panela. Estamos mas estamos para sair da vargem, no dar entrada no caminho estreito, que foi onde a vaquinha apatacada no ano passado deu para ruim... Atrasou tudo, por bem meia hora, não deixando nenhum avançar e jogando três bois no barranco, chifrados à traição...

— Lugar zangado, esse um.

— Galopa comigo, Manico, vamos lá, que eu quero ver!... Mais ligeiro, compadre, mais no mais!... Promete uma coisa pra esse burrinho, p'ra ele correr!... Assim!...

— Afrouxou.

— Ara! ora, uê, que é aquilo? Vaqueiro a cavalo e correndo com medo de boi?!... Hó-hó... Anda, Manico... Espera. O resto da boiada vai em passo cheio... Ei, o Badú vai topar!

E — o que ia sendo e ia-se vendo — era que: quando Badú ouviu algazarra e voltou o rosto, foi para ver Silvino vir, galope afoito, e se desviar só a poucos passos, deixando-o com o boi, que vinha atrás. O poldro pampa se espavoriu para fora da cena. Badú apanhou a vara.

O touro estacou. Era zebuno e enorme. O vaqueiro, a pé, não lhe inspirava o menor respeito.

Cresceu, sacudindo cabeça, cocuruto e cachaço, como um sistema de torres superpostas. Encurtou-se, encolhendo os quartos dianteiros e inclinando a testa. E veio.

E nem tempo de mudar dois passos, obrigando-o a alterar, em pleno avanço, a mira do arremesso: Badú mal pôde quadrar-se, em guarda — a vara sustida como uma enxada, mão esquerda a dois palmos da aguilhada, a direita bem lá atrás.

— Põe p'ra lá, vaca velha!

Agora! O ferrão toca o chanfro e resvala para a bochecha. Por centímetros! Badú nega o corpo, descaindo de banda. Evita chifre e choque, mas mesmo o raspão já era um trompaço: mal-governou-se e quase cai, enquanto o touro afunda adiante, sopraz, num rufar de tambor.

— É hora!

E Badú faz vira-cara, que o touro voltava, crú, em ofensiva sagital.

Hora de não olhar o imenso vulto montanhoso, máquina de trem-de-ferro — terra tremendo e ar tremendo — para não ver a cabeça, vertiginosa, que aumenta de volume, com um esboço giratório e mil maldades na carranca. Olhar para a ponta da vara, apenas...

— Põe p'ra lá, marroeiro!

Preciso. O aguilhão feriu o focinho, a vara jogou como um braço de biela, e já Badú empurrou o perfil do boi, tirando o corpo para a esquerda, num pulo de pés juntos.

— Passa, corisco! Aratanha!

Passou, com ventania e estrondo.

— Topada certa! Boa vara e bom vaqueiro meu!...

Já o touro, tendo ido a poucos passos, mugiu curto e voltava, com sua fúria no mais, mais. Tomara a dor e entrava em Badú outra vez.

— Rú, boi! — quebrando o ímpeto da acometida, o ferro se espetou abaixo do entre-olhos, na rampa da cara. Arqueado, o marruá cresceu, subiu na vara, patas no ar, no raro e horrendo empinado vacum, rosnando e roncando. O pau vergou, elástico — um segundo — mas Badú recargou, teso, e foi e veio com a vara, em mão de vaqueiro com dez anos de lida nos currais do sertão.

— Assim, cabrito! Não é só com força, é com jeito, que a gente topa boi!

E o zebú-assú, leso o equilíbrio, trambolhou de todo, que nem mancornado, e desmoronou-se, com todas as suas cúpulas.

— Ei, rei! Vai-te ajuntar com os outros!

Some-se a boiada, ao longe.

O Major Saulo e João Manico acendem os cigarros, Sete-de-Ouros ainda arfa cansaço, mais vivo o bater cadenciado das ilhargas.

— Seu Major! Com o que eu vou lhe contar que se deu, o senhor vai precisar de tomar uma autoridade de providência, urgência... — clama, de chegada, Francolim, que ainda foi com o grupo de vaqueiros, meio caminho, e voltou.

— Toma fôlego, Francolim!

— Sério é, seu Major...

— Espera por mim, Francolim. Primeiro eu preciso de você, e desse cavalo seu. Apeia e troca de montada com o João Manico. Isso mesmo, assim. Bobagem, Manico, me agradece amanhã! Vai para lá, pela mão direita, e manda o Raymundão aqui... E você, Francolim, não é para ficar segurando o burrinho pela arreata, com pouco caso. É para montar e me acompanhar. E não espora o meu Sete-de-Ouros, que ele é animal de estimação!

— Só mesmo pelo respeito meu do senhor, seu Major.

— Você é meu camarada de confiança, Francolim. Tem mais responsabilidade de ajudar, também...

— Isto, sim, dou meu pescoço! Em serviço do senhor, carrego pedras, seu Major. Só peço é ordem para o João Manico me dar de novo meu cavalinho, na entrada do arraial, para não ficar feio eu, como ajudante do senhor, o povo me ver amontado neste burro esmoralizado... sem querer com isso ofender, por ser criação de que o senhor gosta...

— Garantido, Francolim. Mas, você perdeu a pressa de contar...

— Sem brincadeira, seu Major... O que houve, eu vi, tudo...

— Todo o mundo viu, Francolim.

— Vi desde o começo, seu Major: o Badú teve de apertar a cilha do animal... saiu para um lado, desapeiou, e estava dando as costas para a boiada...

— Ruim, Francolim. Vaqueiro de verdade não faz isso.

— Mas, primeiro, ele quis ficar de frente, só que o poldro é desinquieto e andou de roda...

— Está certo, Francolim. O poldro ainda não gosta de ver os bois, queria espiar para o lado do campo, achou melhor...

— Pois foi assim que o Badú aproveitou para ajustar a cilha, e estava só prestando atenção no jeito de se destorcer de algum coice... E então foi que o Silvino atiçou raiva no marruaz... Escolheu o mais graúdo de todos... Sacudiu lenço vermelho... Em tempo de deixar a boiada atrapalhar, que eu vi, só que o Raymundão tomou conta! E aí ele galopou p'r'avante no Badú, trazendo o marruaz bufando no rabo do cavalo, por querer alguém, seu Major... Foi de maldade, foi crime, pela metade ao menos, seu Major. De propósito... Pois Silvino, quando chegou no companheiro, esquinou o galope para uma banda, de repente, e deixou o marruaz investir...

— O resto eu vi, Francolim. Mas os dois não brigaram, e tudo acabou bem, como eu gosto que acabe.

— Desculpe, seu Major, mas ainda não acabou, não... Eu acho que ainda está até começando. O senhor não leve a mal eu dizer, mas a gente devia de determinar alguma energia nesses dois, porque, se não, o Silvino vai matar o Badú, hoje!

— E se o Badú matar Silvino, Francolim?

— Olha o Raymundão aqui... O senhor pergunte.

— Vai ficando aí por trás, devagar, que o burrico já penou muito e precisa de ir só a passo...

— Vamos aqui, Raymundão, emparelha o cavalo com o meu, para me fazer companhia um trecho... Que é que você achou das topadas do Badú?

— O companheiro esteve firme, seô Major.

— O marruaz é mau, aquele... Eu acho que ele é um da derradeira ponta de gado que veio do Pompéu. Boi bruto. Será que ele viu Silvino assoar nariz com lenço vermelho?

— Não é capaz, seô Major. Nenhum de nós não anda com pano dessa cor...

— Regra boa, Raymundão... Vermelho é cor de dor de cabeça... Vamos tocar mais ligeiro, quero ir vendo os bois... Mas o Silvino foi escaramuçado, a cavalo. Como foi?

— Não vi direito, seô Major. Só pude ver o Badú topando. Marruaz desse, que vem riscando o chão com a cara, eu gosto de topar no pescoço... Cada um tem uma maneira...

— E é mesmo. Você ainda se lembra da primeira topada sua, Raymundão?

— Ah, seô Major, foi um boi retaco, que caminhava na gente por gosto e investia de olho aberto e cabeça alteada, feito vaca... O senhor sabe, esse

é o pior que tem, para se escorar... Meu pai, que era vaqueiro mestre, achou que era o dia de experimentar minha força... Dei certo, na regra, graças a Deus...

— Você pensou alguma coisa na hora, Raymundão? Que foi que você sentiu?

— Só, na horinha em que o bicho partiu em mim, eu achei que ele era grande demais, e pensei que, de em-antes, eu nunca tinha visto um boi grande assim, no meio dos outros... Mas isso foi assim num átimo, porque depois as mãos e o corpo da gente mexem por si, e eu acho que até a vara se governa... Quando dei fé, a festa tinha acabado, e meu pai estava me dando um cigarro, que ele mesmo tinha enrolado para mim, o primeiro que eu pitei na vista dele... E foi falando: — "Meu filho, tu nasceu para vaqueiro, agora eu sei"...

— Velho inteiro! E a bambeza, depois?

— Não tive, seô Major. Só fome muita, isso sim. O pior foi que eu piscava, e afundei a cabeça n'água fria, mas sem valer, porque fiquei o dia com aquele boi dentro das minhas vistas, que nem um retrato, que doía até... Era um caraúno cara-larga, espácio, com sete anos de idade, com os cinco anéis no pé do chifre...

— Começo bom, Raymundão. Escuta: eu dou valor aos meu vaqueiros, e o que eles contam de si eu aprecio. Pessoal meu é gente escolhida...

— Bondade sua, seô Major.

— Converso na lei, Raymundão. Nunca me dão trabalho... Só de vez em quando é que um quer me saudar com a mão canhota... Agora, tem essa história de Silvino com o Badú... Você vê algum perigo dessa briga arruinar?

— Eu acho que não, seô Major. A raiva deles tinha de ter, mas tem também de se esfriar... O Badú veio para a Fazenda faz só dois meses, e tomou a namorada do Silvino... Silvino, em vez de fazer cara para o outro lado, e dar ao desprezo, começou a pirraçar... Eu cá não quero dar sentença, porque todos os dois têm razão e nenhum não tem, também.

— E a moça, é bonita?

— Serve. Só que é meio caolha, seô Major. Mas, agora por último, como o casamento já está marcado, o Badú só pensa nisso, e não quer saber de briga nenhuma.

— Mas, e Silvino?

— Também já sossegou, seô Major. A ver, porque ele contou que está pensando em voltar para o Curimataí, terra dele, e se casar também, com outra noiva que tem lá... Ainda ontem, ele vendeu as quatro vacas que tinha...

— Vendeu? Agora que sobrou campo do melhor, e que sei que uma estava para dar cria?

— Essa foi a quatrocentos... As outras, a trezentos e cinquenta e trezentos...

— Do de baixo! Por esse preço, a obrigação dele era de vender para mim, que dou pasto de graça, e só cobro à meia quando passam de 12 cabeças... Mesmo que ele levasse aquele gadinho para a terra dele, fazia outro negócio...

— Avoamento, seô Major, sem ser por mal. Ele tinha pressa, decerto, e se acanhou de falar com o senhor a respeito.

— Deve de ter sido isso, Raymundão. Mas, mal-feito é mal-feito!... E o que foi mais que ele disse?

— Só isso, que falou, seô Major. Mesmo ele hoje estava muito quieto, gostando de saber das coisas que eu estive contando ao Badú também...

— É bom a gente dar uma prosa pequena, enquanto se toca boiada. E o que foi que você esteve contando, Raymundão?

— Conversa boba, seô Major... Era a respeito do Calundú...

— Zebú terrível. Matou o filho do Borges.

— Foi, sim, seô Major. O pobre do seu Vadico... Menino bom, aquele!

— Você gostava dele, você trabalhou lá?

— Mas muito, seô Major... Coração de anjo... Gostava de todo o mundo... Não deixava ninguém judiar com criação nenhuma... Ele queria ser boiadeiro, queria, por toda-a-lei. Um dia, em que fizeram ele ficar aborrecido, veio logo me procurar: — “Não vou para o colégio! Antes aqui, Raymundão, nem que seja pisado pelas vacas, mas eu quero é ficar aqui com vocês todos!” — Ah, nunca imaginei que ainda ia ver o menino morrer daquele jeito...

— Foi no campo, não foi?

— Pois foi na Laje do Tabuleiro, onde tem os cochos... A gente dando sal com quina, por causa que, por perto, lá, estava começando a aparecer peste. O gado fêmea todo reunido: as novilhas solteiras, as vacas amojando, as outras com as crias taludas, ou bezerrada miúda, de dias só. Seu Neco Borges tinha vindo com a família, para apreciar. Seu Vadico

gostava demais do Calundú, e o zebú também gostava dele, deixava o menino coçar o pelo e bater palmada no focinho... Doideira, eu sempre achei. Zebú é bicho mau, que a gente nunca sabe o que é que eles vão cismar de fazer...

— É mau, por causa que eles são tristes... Repara, só, no berro que eles têm...

— Sim senhor, deve de ser, seô Major. O Calundú, não sei se o senhor sabe, não batia em gente a pé... Ao depois, ele estava no meio da vacaria mansa... Seu Vadico foi fazer festa nele, dando sal para ele lamber na mão. A gente estava ali, com as varas... O boi alisava o menino com o focinho, e até parecia gente, carinhoso... Quem é que havia de somar? O senhor sabe que boi não entra na gente assim atôa, sem avisar: mesmo quando eles já estão fazendo gatimanha, sapateando, abrindo terra e soprando em riba, a gente precisa é de não apartar os olhos dos olhos deles...

— Toda a vida. Na hora de um boi partir na gente, os olhos mudam de jeito e ficam maiores, parecendo que não vão caber mais nos buracos das vistas...

— Pois eu juro, seô Major, que aquilo foi de supetão... Eu vi o Calundú abaixar a cabeça... Parecia que ele ia querer mais sal... E, aí, de testada e de queixo, ele deu com o menino no chão, do jeito mesmo de que um cachorro derruba uma lata. Seu Vadico caiu debruço, com a cabecinha para dentro das patas do touro... E ele nem pôs o pé em cima: deu uma passada para trás, e foi uma chifrada só... Depois, o Calundú sungou a cabeça, e o sangue subiu atrás, num repuxo desta altura:...!...

— Muito triste, Raymundão.

— Nós corremos, todos, mas não foi preciso tirar o zebú, porque ele deu as costas, e foi andando para longe, vagaroso, que nem que não quisesse ver o crime que tinha feito... Aquilo era sangue por todo lado, e o pessoal gritando... Seu Neco Borges virou um demônio, puxou o revólver... Mas seu Vadico, antes de morrer, falou determinado, que nem pessoa grande: — “Não mata o Calundú, pai, pelo amor de Deus! Não quero que ninguém judie com o Calundú!”...

— Um-hum!

— Seu Borges mandou levar para o seu Lourenço, na Vista-Alegre, para ser vendido ou dado de graça... Aí eu disse que levava, porque só eu era quem sabia fazer a *simpatia* do cambará. O senhor conhece? Pois eu juntei o bicho com um terno de vacas mansas, montei no meu quartão castanho, e

joguei um raminho de cambará para trás: aquilo, o zebú me acompanhou, que nem um bezerrinho correndo para o úbere da mãe... Eu falava: — Vamos para adiante, assassino!... — Mas falava baixo, para ele não me entender... Não me deu trabalho nenhum. Agora, quando chegamos lá no Saco-do-Sobre, então foi que eu tive medo, porque a *simpatia* do cambará só serve para quando a gente está indo na estrada... Fui gritando: — Abram as porteiras dos dois lados, abrir logo!... — E emboquei e atravessei o curral, de galope, saindo da outra banda. Ele e as vacas entraram atrás, e os vaqueiros fecharam tudo. Mas, de noite... Eu pernoitei lá, e vi a coisa, seô Major. Ninguém não pôde pegar no sono, enquanto não clareou o dia. O Calundú, aquilo ele berrava um gemido rouco, de fazer piedade e assustar... Uivava até feito cachorro, ou não sei se eram os cachorros também uivando, por causa dele. Leofredo, que era de lá naquele tempo, disse: — "Ele está arrependido, por ter matado o menino"... — Mas o velho Valô Venâncio, vaqueiro cego que não trabalhava mais, explicou para a gente que era um espírito mau que tinha se entrado no corpo do boi... Parecia que ele queria mesmo era chamar alguma pessoa. Fomos lá todos juntos. Quando ele nos viu, parou de urrar e veio, manso, na beira da cerca... Eu vi o jeito de que ele queria contar alguma coisa, e eu rezava para ele não poder falar... De manhã cedo, no outro dia, ele estava murcho, morto, no meio do curral...

— Às vezes vêm coisas dessas, que a gente não sabe, Raymundão.

— Isso, agora, eu acredito, seô Major. Sei de um caso que se passou, há muitos anos, contado por meu pai, que quando moço foi campeiro de um tal Leôncio Madurêra, no sertão. Leôncio Madurêra era um homem herodes, que vendia o gado e depois mandava cercar os boiadeiros na estrada, para matar e tornar a tomar os bois. Pois meu pai contava que, quando ele morreu, e os parentes estavam fazendo quarto ao corpo, as vacas de leite começaram a berrar feio, de repente, no curral. Coisa que o garrote preto urrava:

— *Madurêra!... Madurêra!...*

E as vacas respondiam, caminhando:

— *Foi p'r'os infernos!... Foi p'r'os infernos!...*

...Tiveram de soltar tudo e de enxotar para o pasto, porque eles não queriam sair de de-perto da casa. E meu pai contou que, de longe, a gente ainda escutava a maldição deles, que subiam o caminho do morro, sem parar de berrar:

— *Madurêra!... Madurêra!...*

— *Foi p'r'os infernos!... Foi p'r'os infernos!...*

...Arrepia as costas, mesmo para se contar...

— Medonho, Raymundão.

— Medonho, seô Major.

— Olha, Raymundão, daqui a pouco estamos chegando!

Já se avista, lá muito em baixo, o arraial: a igrejinha, boneca e branca, no tope do outeiro; as casas, da Rua-de-Baixo e da Rua-de-Cima; e a estação, com os trens parados, no meio da fumaça das locomotivas.

— Pois é, Raymundão, eu acho que tudo vai mesmo bem. E a respeito do Badú com Silvino, eu estou com você, que essa rixa dá em nada. Depois da estrepolia com o zebú que o Badú topou, não ficou tudo em risadas?

— Sim senhor, seô Major. Levaram a coisa na brincadeira.

— Você acha que o Silvino respeita muito o Tote, irmão dele?

— Até ontem, eu sabia que sim, seô Major. Mas aí eles tiveram uma discussão, e estão sem falar um com outro.

— Você sabe por que, Raymundão?

— No certo não sei, seô Major, porque ninguém não escutou o que eles falaram. Mas eu acho que foi por Silvino ter cobrado um dinheiro que o Tote estava devendo a ele...

— Ho-hô-hô-hô!... Está direito, Raymundão, tudo em ordem. Você me deu boa prosa e companhia... Agora, você pode ir, e manda o meu compadre João Manico aqui, para desberganhar de montada com o Francolim... Com Deus, Raymundão!

A um aceno do Major, se apressa de lá Francolim, escanchado em cima de Sete-de-Ouros, que vinha, até então, desatual, na marchinha costumeira, sem demonstrar cansaço, sem veleidades de empacar.

— Às ordens, seu Major.

— Escuta, Francolim: agora eu quero ver se você sabe prestar bem atenção nas coisas, para receber categoria de sujeito meu de confiança! Você é capaz de me dizer o que é que o Silvino vai levando hoje, com ele, de bagagem e mat'otagem?

— Ah, eu também já reparei, seu Major! — que é mais do que nenhum outro: patrona cheia e meio-saco cheio, na garupa, afora outros trens, embrulhados no capote... Se o senhor quiser conhecer o que é que está dentro, é só eu ir lá perto dele, conversar, e daqui a pouco eu volto, eu conto...

— Precisa não, Francolim. Olha o João Manico chegando com o cavalo. Destroca. Tem paciência, compadre Manico, este burrinho é hoje só. Até já, compadre! Corre Francolim, deixa de ajustar esse gorro bobo, que você já está bonito de mais. Galopa comigo, que é para o povo do lugar ver que o meu secretário é você...

Passam a ponte do ribeirão. Agora, um subúrbio do arraial, com as cafuas mais pobres. Lavadeiras, espaventadas, de trouxas nas cabeças, como lava-pés agredidas em seu formigueiro, fugindo com as ninfas e ovos brancos.

— Francolim, escuta: eu tenho um mandado sério, para você cumprir, com toda a regra, porque sei que você é o meu homem para isso. Espera. Boca fechada e olho aberto, na volta, Francolim. Eu resolvi ficar hoje no arraial, com a família, e você vai vir com os vaqueiros, trazendo na algibeira autoridade minha. Olha lá, Francolim, como é que você arranja as coisas, sem ninguém desconfiar de nós...

— Nem que eu morra em nome da lei, na palavra do senhor, seu Major!

A boiada entra no beco — "Tchou! Tchou! Tchou!"... — "Contado, Leofredo?"... — "Falta nenhum!" — "Oi, gente, *corta aquele golpe*, Badú!"

— É para vigiar o Silvino, todo o tempo, que ele quer mesmo matar o Badú e tomar rumo. Agora, eu sei, tenho a certeza. Não perde os dois de olho, Francolim Ferreira!

Os cavaleiros se entremeiam na manada, falsando clivagens, fracionando o gado, para evitar embolamento. Num pataleio dianho, fazendo espirrar lama vermelha, metem-se pela rua principal. E quatro vaqueiros tocam adiante, dansando com os cavalos, trazendo-os nas esporas para ficarem firmes nos freios, e gritando com o povo, a impedir seja esmagada alguma pessoa ou criação.

Mulheres puxando meninos para dentro das casas. Portas batendo. Gente apinhada nas janelas. Cavalgaduras, amarradas em frente das vendas, empinando, quase rompendo os cabrestos. Galinhas, porcos e cabritos, afanados, se dispersando sem tardança. E os vaqueiros, garbosos, aprumados, aboiando com maior rompante.

Com um último trompejo do berrante, engarrafam no curral da estrada-de-ferro o rebanho, que rola para dentro e se espalha, como um balaio de laranjas despejado no chão. Mesmo com a meia-chuva, vinha o povo do lugar, em fé de festa, para gozar o espetáculo. E começou o embarque —

rico de sortes, peripécias e aplausos —, que durou mais de hora e meia, até a boiada inteira, lote a lote, desaparecer no bojo dos carros-jaulas dos dois trens especiais. E pois, logo depois, encharcados, enlameados, cansadíssimos e famintos, os vaqueiros saíram para comer, e beber, principalmente, porque força há na cachaça que custa dinheiro da gente. E, com isso, deixaram todos de caber no dia, que rodou e se foi, redondo e repleto, com a tarde a cair rente, uma tarde triste de tempo frio.

Enquanto isso tudo, na coberta do Reynéro, ali perto, afrouxadas as barrigueiras e tirados os freios, os cavalos descansavam. Longe dos outros, deixado num extremo, no canto mais escuro e esquerdo do telheiro, Sete-de-Ouros estava. Só e sério. Sem desperdício, sem desnorteio, cumpridor de obrigação, aproveitava para encher, mais um trecho, a infinda linguiça da vida.

De repente, na mata resseca do sonho, crepitou e chamejou o barulho: houve homens, indesejados, se mexendo, como bichos-de-queijo na boa espessura do silêncio. Eram os vaqueiros, voltando, em busca dos animais seus. Chegaram, montaram, saíram. Penúltimo, Silvino, pegando o amarilho crinudo; último, João Manico, pondo mão no poldro pampa; rindo e falando, muito, os dois. Com o que, no prazo de um bom coice, e a não ser pelo mulo mísero Sete-de-Ouros, ficou vazio o galpão. Era uma vez, era outra vez, no umbigo do mundo, um burrinho pedrês.

Mas, agora, maior, mais real, direto — no lugar amplo e sem outras formas —, um homem sozinho: bebedérrimo, Badú. Pressentindo a vida ruim de regresso, então Sete-de-Ouros abriu bem os olhos, e avançou os beiços num derradeiro molho de capim.

— Que é do meu poldro?! Ô-quê!? Só deixaram para mim este burro desgraçado?... Só porque eu fui comprar uma prenda para a minha morena...

Sete-de-Ouros mastigava, mais depressa. E pausa.

— Ei, que nós dois somos mesmo burros, hem, pandorgas?

E Badú caminhou e puxou o burrinho do cocho. Sete-de-Ouros se aviou. O capim que ficara a sair-lhe dos cantos da boca foi encurtando e sumiu, triturado docemente. Então ele dilatou as narinas. Trombejou o labro. E fez brusca eloquência de orelhas.

— Fecha essa queixada, cujo, que isto não é comida, não, é o freio! E não me morde. Assim!

Sete-de-Ouros tornou a girar as vastas conchas, em circundução. Bateu com a mão direita. E bufou, abanando a cabeça.

— Se tu me der um coice, eu te amostro! Escuta o Rio Preto, burro bobo:

“Rio Preto era um negro
que não tinha sujeição.
No gritar da liberdade
o negro deu para valentão...”

— Deixa de chamar mais chuva, vá-s’embora, Badú! — gritaram, lá de fora.

— Uai, ainda tem algum sobrando? Que é do meu poldro?

Sete-de-Ouros enrugou a pele das espáduas. Foi amolecendo as orelhas. E fechou os olhos. Nada tinha com brigas, ciúmes e amores, e não queria saber coisa a respeito de tamanhas complicações. Badú montou.

— Vamos, briguélo!

A desproporção era grande, quando saíram pela rua, o homem num ridículo de pernas, quase arrastando os pés no chão. Alguém vaiou:

— Uê, Badú, vai vender leite? Que é das latas?... Você está carregando o burrinho por de baixo?...

— Cambada!

Dansando estão, dansando vão, as casas todas, em procissão. Mas, aqui, no fim do lugar, quem é este vulto de cavaleiro parado, na boca do beco do Gentil da Ponte? Francolim.

— Estava esperando, seu Balduino, por lhe fazer companhia...

— É... Ficam por aí, desse jeito, que eu até já ia passando fogo, pensando que era sombração!...

— Mas o senhor não está desarmado? Como é que ia poder atirar, sem ter garrucha nem revólver?

— Que me importa?! É de sua conta?

— Não seja por mal, seu Balduino, mas beber assim demais é facilitar...

— Cataplasma! Para conversar comigo, como amigo, têm de me tratar por Badú. E essa graça de “senhor”, “senhor”, também não me serve! Não gosto dessa cerimônia...

— É o direito, homem. Eu hoje aqui não sou eu mesmo: estou representando Seu Major...

— Nos cornos! Estou cuspindo nessa bobagem! Não quero prosa com gente pirrônica... Vou com paz, mas vou ligeiro, sem conversa!

E com isso concordou Sete-de-Ouros, não por causa das rosetas das chilenas — maus tratos não lhe punham posse — mas por sentir, aberto adiante, o caminho de casa, enrolado e desenrolado, até à porteira do pasto: promessa de repouso e de solidão. Mais e mais, daí a pouco, quando escorregaram as rédeas, Badú pendeu para a frente, mãos perdidas, no cochilo da cachaça. Mas, mesmo assim, o passo do burro rendia pouco, só em sorna progressão.

— Homem ignorante... Malagradecido... — resmungou, para si, Francolim.

No covo da ipueira, o coaxar dos sapos avançava longe e voltava — *um... um... um...* — como se corressem escalas em enorme teclado fanho. E, sobressaindo, aqui e ali, parecendo provir de grande esforço, o berro solitário do sapo-bezerro, regrôsso.

Escurecia. Sem se deixar ver, pouco de a uns poucos metros, ou de detrás das moitas, alguém podia matar fácil, com um tiro ou dois. E Silvino? Francolim deu de ombros e picou o cavalo, ainda atirando a Badú um olhar de desprezo, ao passar por ele, no galope.

Mal adiante um quilômetro, alcançava os outros vaqueiros. Vinham em fila índia, sopesando as varas. Cada um trazia, na capanga, bem agargalada, uma garrafa suplementar. Cavalgada estúpida. Sem a boiada, seriam como almas sem corpo. Sem a bebida menos conseguiriam tocar.

— Para com essa cantiga, Leofredo!

— Uai, é o coco do Mestre Louco...

Estiara a chuva. Mas um vento fustigou os galhos da beira da estrada, derrubando chuvisco.

— Já estão longe, aqueles...

— A boiada era boa.

Entravam na passagem do desbarrancado. Ainda havia um lusco-fusco, na estrada; mas, passo ou olhada, logo em volta, dava no pretume, que ia engrossando, imenso. Sinoca falou, para todos:

— Tomara que se acabe o tempo dos embarques. O que eu não gosto, de trazer desse gado gordo, que vai para morrer... Quero mas é ir buscar boi magro, no sertão.

— Que nem que o Martinho, por roubar mulher dos outros, em garupa?

— Para isso — que é só eu ter minha vontade! Você não sara de implicar com a vida dos companheiros, Sebastião!

— Briga não, gente! Eu cá, por mim, gosto de ver é pessoa de opinião, como o João Manico, que não vai buscar boiada brava, nem ali perto no Pompéu...

— Ah, isso não é de pouca-vergonha nenhuma, e eu mesmo sei de mim. Não gosto, não vou mesmo!... A gente deve de ficar é na terra sua, por não precisar de ver muita coisa feia, que por este mundo tem...

— Essa cisma é só por causa de uma boiada, que estourou, é não, Manico?

— Vocês não estão cansados de saber?! Aí já contei, tanta vez...

— Eu não sei, juro. Quem falou isso comigo foi o Tote, mas não explicou nada como foi. Que é do Tote? Ó Tote!?...

— Não está aqui, não.

— Está indo lá adiante, com o irmão... Ó, Tote!?

— Eu aqui. O que é que estão querendo de mim? Já vou!

Mas, em vez de vir cá para o grupo, Tote continua falando com Silvino, a gingar, como um tamanduá de abraço armado, ao sabor dos arrancos do lobuno trotão:

— É a última vez que eu aconselho, mano, para não pensar nessa doideira que você quer fazer...

— Não adianta, meu irmão; é hoje! Sangro o homem. Juro em cruz!...

— Silvino, você vai se desgraçar...

— Já estou desgraçado, mano... Agora, só mordendo o duro dele... Deixa a gente passar o córrego e chegar na cava do matinho, no atalho... Faço o meu serviço, pego a estrada da Lagoa, e *calço de areia*... O sujeito vem no burrinho sem préstimo, e ele está tonto como negro em Folia-de-Reis... Cumpro, e caio no mundo. Você não precisa de dizer que sabia de nada... O crime é meu... Tenho sorte ruim!...

— Espera, mano... — sussurrou Tote, de repente. — Olha esse sujeitinho aí de especula...

— Será que ele ouviu?

— Não é capaz. Espera... Ei, Francolim, o que é que você vem fazer aqui, sorrateiro? Até parece, está querendo ouvir a conversa dos outros?

— Não me ofende, companheiro, que isso é coisa que eu não faço. Só estou é vendo que vocês dois já estão amigos outra vez...

— E é da sua conta, Francolim?!

Os três estacaram os cavalos.
— Tudo, hoje, é da minha conta, porque eu estou aqui é com autoridade, estou representante de seu Major!...
Os outros vinham chegando:
— Oh, Tote, garante uma palavra minha, aqui para o João Manico.
— Bem, pelo amor-de-deus vocês parem com isso, que eu não gosto de frojoca com o meu nome no meio! Eu conto. Conto, mas é a derradeira vez. Depois, não quero mais que ninguém venha falar nisso comigo!...
O grupo se uniu mais, todos querendo emparelhar com João Manico. Os cavalos se entrepisavam os cascos.
— E então, Manicão?
— Só conto porque é o meu compadre Sebastião quem está pedindo, mas não é para vocês fazerem teatrinho aqui, numa hora destas... E vão se desembolando para lá, que eu acabo tendo de sujar algum, na hora d'eu cuspir!
— Isso se deu há muito tempo, Manico?
— Se duvidar, para mais de vinte anos. Não tinha trem-de-ferro no arraial... Ainda nem tinha casa-de-fazenda na Tampa...
— Onde é que você campeava então?
— Para o meu compadre seô Major Saulo mesmo... Só que ele era moço e magro, nesse tempo, e a gente falava "seu Saulinho"... Ele já estava casado, casado de novo, e terras dele eram só as do Retiro, mais uns alqueires de pasto de brejo, no Pontilhão, que todo o mundo chamava só de Jatobá...
— Mas, como foi?
— Foi que a gente tinha ido por longe, muito longe mesmo, no fundo do sertão, lá para trás dos Goiás... Era porque por todo lugar tinha dado peste, e criação de chifre andava vasqueira, como nunca em antes. Pegamos uma boiada das carepas: só bicho mazelento e feioso: bom quase que nenhum, muito pouco marruaz taludo, tudo com focinho seco, gabarro, com carrapatos de todo tamanho, cheios de bernes e bicheiras, e com cada carne esponjosa de frieira entre as unhas, que era isto:...!...
— Paz para mim! Feito bois sem dono...
— ...Pois era uma gentinha magra mesmo héctica, tudo meio doente, que eram só se lambendo e caçando jeito de se coçar em cada pé de árvore que encontravam... Mas, para ser bravos, isso eles não estavam doentes, não, que eram só fazendo arrelia e tocaiando para querer matar gente!...

— Boi do mato, sem paciência...

— E ir buscar coisa ruim assim, tão longe!

— ...Pois foi... Eu cá, por mim, nem que não era capaz de desperdiçar dinheiro meu com aquele refugo de gado. Mas seu Saulinho — seô Major Saulo, pelo direito — sempre foi estúrdio, pensando tudo por regra sua, só dele... Olha, assim uma vez, que nós chegamos no sítio de um homem sem um braço, lá perto do Paracatú: no curral, tinha uma vaca mestiça, meio pintarroxa... Quando nós íamos chegando, ela berrou, um berro bonito de buzina, que era todo cantado e só no fim era que gemia... Seu Major Saulinho estava alegre... Foi perguntando ao dono, gritando, ainda em antes de desapear do cavalo: — "Quanto quer pela clarineta?"... — "É cem mil-réis!"... — "Pois chego mais dez, pelo berro!"...

— Assim é que eu gosto! Dá respeito...

— ...É... Mas pagou atôa, atôa, sem precisão. Naquele tempo, isso era bom dinheiro... Mas, como eu ia contando, a gente estava desgostosa com aquele restolho de boiada má sem qualidade... Mas, o pior, Deus que me livre dele, foi o menino... o pretinho...

— Que pretinho, Manico?

— Um negrinho, que tinha também. Assinzinho, regulando por uns sete anos, um toquinho de gente preta... O fazendeiro que vendeu o gado pediu a seu Saulinho para trazer, para entregar a um irmão, no Curvelo, e seu Saulinho prometeu... Á pois, o tal pretinho era magrelo, com uns olhos graúdos, com o branco feio de tão branco, que até mesmo, Deus que me perdoe, mas eu acho que alguns pretos têm o branco-dos-olhos assim só para modo de assombrar a gente!... E, aquilo, ele chorava, sem parar, e de um sentir que fazia pena... Não adiantava a gente querer engambelar nem entreter... Eu pelejei, pelejei, todo-o-mundo inventava coisa para poder agradar o desgraçadinho, mas nada d'ele parar de chorar...

— Que inferno!

— ...E o gado também vinha vindo trotando triste, não querendo vir. Nunca vi gado para ter querência daquele jeito... Cada um caminhava um trecho, virava para trás, e berrava comprido, de vez em quando... Era uma campanha! A qualquer horinha a gente estava vendo que a boiada ia dar a despedida e arribar. E era só seu Saulinho recomendando: — "Abre o olho, meu povo, que eles estão com vontade de voltar!"

— E o menino preto?

— ...O pretinho vinha comigo na garupa, dando soluços grandes, e molhando minhas costas de tanta lágrima... Então eu falei: — “Olha os bois também com saudade dos pastos lá da fazenda”... — Para que foi que eu fui dizer isso! Ele abriu ainda mais no bué, e começou a gemer: — “Ai, seu mocinho bom! Ai, seu mocinho bom! Me deixa eu ir-s’embora para trás! Me deixa eu ir-s’embora para trás!”...

...Bem que eu tinha pena, mas que é que eu podia fazer? Fiquei calado, e deixei o pobrezinho ir gemendo. Quando ele viu que não adiantava nada pedir, garrou só a exclamar: — “Ai, seu mocinho ruim! Ai, seu mocinho ruim!... Eu só queria poder sentar agora, um tiquinho, naquela canastra de couro, que tem lá no rancho de minha mãe... Queria só ver, de longe, a minha mãezinha, que deve de estar batendo feijão, lá no fundo do quintal!”... E ele se abraçou comigo, feito um doido, e eu nem podia deixar que ele visse minha cara, porque eu estava com os olhos cheios de outras lágrimas, também...

...Nós tocamos cinco dias, sem sossego, porque não havia remédio nenhum para o gado perder aquela tristeza. A gente via que via mesmo eles resolverem, de repente, e darem para trás, todos juntos... De noite, ninguém dormia direito: a gente tinha de acender muitas fogueiras no redor, e passear com tição de fogo na mão, que era só no que eles atendiam, e assim mesmo muita vez estavam não querendo obedecer!...

...Afinal, atravessamos um rio grande, e ficamos mais descansados, porque agora decerto que eles iam tomar consolo e dar uma folga...

— E o negrinho?

— ...O pretinho, a gente perdeu a paciência com ele, e o Zacarias, que era o capataz nosso, passou nele um aperto: — “Se você chorar mais, dianhinho, eu te corto a goela, e amarro teu defuntinho preto em riba daquele boi jaguanês!...” Então o desgraçadinho arregalou muito os olhos, parou no meio do choro, ficou quieto e não gemeu mais. Também, não quis comer nem nada, naquele dia, e não dava mais resposta, quando a gente queria puxar conversa...

...De tardinha, a gente pousou num campo formoso, com aguada, cheio de coqueiro burití. Mas não tinha manga, nem malhador, nem pasto nenhum fechado, e então tivemos de pôr o gado *no encosto*... Encantoamos a boiada numa bocaina, e acendemos o fogo. — “Vocês hoje podem dormir...”— disse seu Saulinho. — “Só o Aristides e o Binga chegam, para vigiar por volta da meia-noite”...

...Eu já vivia quase caindo, de tonto de sono; por isso gostei da ordem de seu Saulinho, por demais. Comi meu feijão e sentei na raiz dum pau-d'óleo, pitando e já meio cochilando... E foi aí, bem na hora em que o sol estava sumindo lá pelos campos e matos, que o pretinho começou a cantar...

...Ah, se vocês ouvissem! Que cantiga mais triste, e que voz mais triste de bonita!... Não sei de onde aquele menino foi tirar tanta tristeza, para repartir com a gente... Inda era pior do que o choro de em-antes...

...E, aquilo, logo que ele principiou na toada, eu vi que o gado ia ficando desinquieto, desistindo de querer pastar, todos se mexendo e fazendo redemoinho e berrando feio, quase que do jeito de que boi berra quando vê o sangue morto de outro boi...

...Mas, depois, pararam de berrar, eu acho que para não atrapalhar a cantoria do pretinho. E o pretinho cantava, quase chorando, soluçando mesmo... Era assim uma cantiga sorumbática, desfeliz que nem saudade em coração de gente ruim... Mas, linda, linda como uma alegria chorando, uma alegria judiada, que ficou triste de repente:

...“Ninguém de mim
ninguém de mim
tem compaixão...”

Aquilo saía gemido e tremido, e vinha bulir com o coração da gente, mas era forte demais. Octaviano pediu a seu Saulinho para mandar o pretinho calar a boca. Mas seu Saulinho tinha tirado da algibeira o retrato da patroa, e ficou espiando, mais as cartas... Porque seu Saulinho não sabia ler, mas gostava de receber cartas da mulher, e não deixava ninguém ler para ele: abria e ficava só olhando as letras, calado e alegre, um tempão... E ele disse:

— “Deixa o menino chorar suas mágoas, que o pobre está com a alminha dele entalada na garganta!”...

...Aí, então, eu comecei a me alembrar de uma porção de coisas, do lugar onde eu nasci, de tudo... José Gabriel ficou cantando baixinho, para ele mesmo só, e pelo que com os dedos, do jeito de que estivesse acompanhando o canto do negrinho, numa viola qualqual... Aristides bebeu sua cachaça, que não foi brinquedo, mas ninguém não falou, porque

o Aristides se estava com olho-de-choro... Até eu mesmo. Aquilo parecia: que a vaqueirada toda virando mulher...

...E o pretinho ia cantando, e, quando ele parava ponto para tomar fôlego, sempre alguma rês urrava ou gemia, parecendo que estavam procurando, todos de cabeça em pé... Então, o Binga me disse: — “Repara só, João Manico, como boi aquerenciado não se cansa de sofrer”... — Mas, aí a gente foi cabeceando, em madorna. Sei de mim que ainda vi uma estrelinha caindo, e pedi ao anjo uma graça, de voltar com saúde para a casa que já foi minha, lá nas baixadas bonitas do Rio Verde...

...Então, eu acho que cheguei a dormir, mas não sei... O canto do pretinho, isso havia!... E sonhei com uma trovoada medonha, e um gado feio correndo, desembolado, todo doido, e com um menino preto passar cantando, toda a vida, toda a vida, sentado em cima do cachaço de um marruaz nambijú!...

...Foi de verdade? Foi visão de sonho? Eu já estou velho, para querer saber. Muita gente acha que sim, mas só tem coragem de dizer que não! Sei lá... Mas — Virgem Santa Mãe de Deus! — acordei, de madrugada, foi com os gritos do patrão. Que é do gado?! Só o rastro da arrancada. Tinham arribado, de noite!... Mas, ainda foi mais triste: no lugar onde deviam de ter ficado Aristides mais Octaviano, nem cadáver!: os bois tinham passado por cima, e, eles, mais os arreios que estavam servindo de travesseiros para eles dormirem, estavam pisados, moídos, tinham virado bagaço vermelho...

— Já vi disso, Manico. É a mesma coisa que quando eles estouram na estrada... Um assusta, com qualquer bobagem atôa, e sai na carreira, e os outros todos desandam atrás desse, correndo por informação, sem nem saber direito do quê... Adianta querer cercar, quando eles desembestam?... Derrubam paredes de tijolo, vão se matando uns aos outros.

— É, mas a pior de todas é a arrancada do gado triste, querendo a querência... Boi apaixonado, que *desamana*, vira fera... Saudade em boi, eu acho que ainda dói mais do que na gente...

— Mas, conta o resto...

— O resto! O resto foi que nós levamos mais de uma semana para poder ajuntar as reses outra vez... Tinham espandongado por ali a fora, e a gente foi achar uns atolados no brejão, outros de pescoço quebrado, caídos no fundo das pirambeiras, e muitos perdidos no meio do mato, sem nem saber por onde dar volta para acharem o caminho de casa... Outros tinham rolado

rio abaixo, para piranha comer. E, os que a gente pôde arrebanhar de novo, deram, mal e mal, uma boiadinha chocha, assim de brinquedo, e numa petição-de-miséria, que a gente até tinha pena, e dava vontade de se botar a bênção neles e soltar todos no sem-dono! São, são, não tinha quase nenhum... Eram só bois náfegos, vacas descadeiradas, bezerros com torcedura de munheca ou canela partida, garrotes com quebra de palheta ou de anca, o diabo! E muitos desmochados ou de chifre escardado, descascado fundo, dando sangue no sabugo, de tanto bater testada em árvore... Por de longe que a gente olhasse, mesmo o que estava melhorzinho não passava sem ter muito esfolado e muita peladura no corpo... Um prejuizão!...

— E o pretinho, Manico?

— Ah, esse ninguém não viu, nem teve notícia dele mais!... Coisa. Deus que diga minha alma salva!... Por via dessa que houve, e de outras que podia haver, é que eu não gosto de ser andejo, e fico quieto no meu canto. Quem viaja por terras estranhas, vê o que quer e o que não quer!

— É isso mesmo...

— Bobagem! É andando que cachorro acha osso.

— Cachorro é quem quiser, mais a família! Não estou dando conselho...

— Não zanga atôa, Manico. Todo gosto é regra.

— Chega, gente. Ó Zé Grande, que é que você deixou cair?

— Risca um pau de fósforo...

— Nada não, gente... Estou estranhando o chão.

— O caminho está certo.

— Isto eu sei... Desencosta, Juca!

— É cisma. Vou beber outro gole, para ficar com mais caráter.

Os animais se atolavam no terreno empapado da várzea, que parecia um pantanal.

— Oi, dianho!

Foi de repente: o cavalo de Benevides, que guiava a fila, passarinhou. Os outros empacavam, torcendo os pescoços.

— O que é? Alguma coisa?

— É o desgramado desse bichinho espírito. Olha só como é que ele canta!

— *João, corta pau! João, corta pau!*

— Passa fogo, Bastião!

— Espera, gente. Não é de pássaro nenhum que os cavalos estão com medo. É a enchente!...
— Não pode. Será?!
— Mas, como é que a enchente está chegando até aqui?
— É ela mesmo! Olha como esfriou: isto é friagem de beira de rio.
— É mesmo, gente.
— *João, corta pau! João, corta pau!*
— Mas a Fome passa longe, quase a quarto de légua... Só se a baixada virou lagoa...
— É manha dos animais.
— É mesmo...
— Não é, não, Leofredo... Escuta!
— É manha, sim. Quem estiver atrás, vá relando o ferrão, e eu quero ver se cavalo anda ou fala por que é que não anda!
— Não faz isso, Juca, espera.
— *João, corta pau! João, corta pau!*
— Vamos deixar chegar o Badú, mais o burrinho caduco, que vêm vindo aí na rabeira, minha gente!
— Isso mesmo, Silvino. Vai ser engraçado...
— Engraçado?! É mas é muito engano. O burrinho é quem vai resolver: se ele entrar n'água, os cavalos acompanham, e nós podemos seguir sem susto. Burro não se mete em lugar de onde ele não sabe sair!
— É isso! O que o burrinho fizer a gente também faz.
— *João, corta pau! João, corta pau!*
— Dou meu voto. Dou meu voto, e estou falando pensado, em visto o dever da continência que eu hoje tenho!
— Tira tua colher do tacho, Francolim! Isto aqui não é hora para palhaçada!
— Respeita o nosso patrão, Sinoca, que seu Major me entregou a responsabilidade dele, para tomar conta e determinar, nos casos...
— Bestagem... O-ô, Badú! Anda, homem!...
— Olha ele chegando...
— *João, corta pau! João, corta pau!*
— Lá vou eu, meus parentes!... Lá vou eu, suas injúrias-peladas de vaqueiros sem boi nenhum!
E, falando, Badú se abraçou com o pescoço do burrinho, numa ternura súbita...

— Eh, meu velho, coitado, que trapalhada! Estou doente, dei na fraqueza, com este miolo meu zanzando, descolado da cabeça... Muito doente... Estou com medo de morrer hoje... Mas, se você fosse mais leve, compadre, eu era capaz de te carregar!...

— Veio com o corno cheio... está bêbado que nem gambá.

— Ei, Silvino, por que é que você está chegando para perto do Badú, aí no escuro, coisa que você não deve de fazer?! Não consinto, não está direito, por causa que vocês estão brigados, e ainda mais agora, que o outro está tão bêbado assim!

— Tu arrepende essa boca, Francolim! filho de outra... Desarreganha, sai por embaixo!... Eu vou aonde eu quero!...

— *João, corta pau! João, corta pau!*

— Não adianta bufar que nem tigre, Silvino, que eu estou falando de paz, só na lei, no nome de seu Major!

— Não é caso de briga, Silvino, porque alguma razão Francolim tem.

— Alguma, não! Razão inteira, porque estou representando seu Major, por ordem dele, e meu revólver pode parir cinco filhotes, para mamarem no couro de quem trucar de-falso!

— Deixa de valentia boba, Francolim!

— Juízo, gente! Olha o burro...

Sete-de-Ouros parara o chouto; e imediatamente tomou conhecimento da aragem, do bom e do mau: primeiro, orelhas firmes, para cima — perigo difuso, incerto; depois, as orelhas se mexiam, para os lados —, dificuldade já sabida, bem posta no seu lugar. E ficou. A treva era espessa, e um burro não é gato e nem cobra, para querer enxergar no escuro. Ele não espiava, não escutava. Esperava qualquer coisa.

E, quando essa chegou, Sete-de-Ouros avançou, resoluto. Chafurdou, espadanou água, e foi. Então, os cavalos também quiseram caminhar.

Mas, aí soou o pio, que vinha da moita em cada minuto, justo:

— *João, corta pau! João, corta pau!*

E João Manico conteve a cavalgadura, e disse:

— Eu não entro! A modo e coisa que esse passarinho ou veio ficar aqui para dar aviso para mim, que também sou João, ou então ele está mas é agourando... Para mim, de noite, tudo quanto há agoura!

— Perde o medo, Manico! Você não sabe que joão-corta-pau é o passarinho mais bonzinho e engraçadinho que tem, e que nunca ninguém não disse que ele agoura?! Isto, que não veio falar aviso, nenhuns-nada, ele

gosta é de se encolher dentro da moita, por causa do molhado, e é capaz que ele fique aí a noite toda, dando seus gritinhos de gaita... Vam'bora!

— Não... Não vou e não vou, de jeito nenhum! Para este poldro me tanger dentro d'água no meio do córrego?... O burrinho é beócio... E não vou mesmo! Não sei nadar...

— Pois, então, eu fico com você, Manico, para lhe fazer companhia...

— Eh, Juca! você não vem? Está com medo também?!

— Medo não, companheiro, dobra a língua! Estou meio ruim, resfriado, e não posso molhar mais o corpo!... Vamos voltar, Manico, para caçar um lugar alto, a donde a gente esperar que a sopa seque e que clareie o dia...

Manico tossiu e assentiu. Olhou. O último dos outros homens cavalgava para dentro da escuridão.

E era bem o regolfo da enchente, que tomava conta do plaino, até onde podia alcançar. Os cavalos pisavam, tacteantes. Pata e peito, passo e passo, contra maior altura davam, da correnteza, em que vogava um murmúrio. A inundação. Mil torneiras tinha a Fome, o riacho ralo de ontem, que da manhã à noite muita água ajuntara, subindo e se abrindo ao mais. Crescera, o dia inteiro, enquanto os vaqueiros passavam, levavam os bois, retornavam. E agora os homens e os cavalos nela entravam, outra vez, como cabeças se metendo, uma por uma, na volta de um laço. Eles estavam vindo. O rio ia.

De curto, Sete-de-Ouros perdeu o fundo e rompeu nado; mas já tivera tempo de escolher rumo e fazer parentesco com a torrente. De trás, veio o ruído de muitas patas, cortando água, e um chamado:

— Segura bem, Badú! Me espera!...

E a voz de Silvino:

— Arreda, Francolim! Deixa eu passar!

Mas um rebojo sinuoso separou-os todos. O córrego crispou uma sístole violenta. E ninguém pôde mais acertar caminho.

Se Badú estivesse um pouco menos bêbado, teria sido mais prudente: seu a seu, porém, sentindo o frio duro nas coxas, apenas se agarrou, com força, ao burrinho.

— Eh, aguão!...

Pendeu demais, seguras as mãos na crina. Cabeceou e molhou a cara. Cuspiu. Vai, vai, que o burrinho avançava.

— Te vi, meu velho! O mundo está se acabando em melado!... — e rogou uma praga imoral, porque os gorgolões lhe repassavam cócegas no

queixo, e tinha cãibras nas barrigas-das-pernas, tudo no desconforto de cruzar a cavalo um rio fundo, sem ter firmeza nenhuma, pois a água, por si sozinha, levanta o cavaleiro da sela, e o mesmo seria estar sentado numa plasta de angú mole.

— Ai, meu Deus, que nem beber não posso, que só disse copo e meio em antes, garrafa e meia ao depois!... Vam'embora, burro meu!

Contra o dito, sem porquê, bom e melhor que Badú estava como estava, que para córrego cheio mais vale homem muito ébrio, em cima de burro mui lúcido. Progrediam, varando os rolos d'água. — *Créu! Créu!...* — guinchou um bicho, nas vascas. — "Oi, até mutum-do-mato está vindo morrer aqui?! Não tem asa, bobo?!... Ou será que é algum sariguê, de grito fino que nem passarinh'?"... — O dilúvio não dava fim. Sete-de-Ouros metia o peito. De enxurro a jorro, o caudal mais raivava, subindo o sobre-rumor. O burrinho se encolheu, deu um bufo. Avançou mais. Pesado, espadanando, pulou um corpo, por perto. — "São Bento me valha, que aí vem jacarezão, caçando o que comer!" — O mundo trepidava. Pequenas ondas davam sacões, lambendo Badú. Escurão. O burro para. O mundo boia. Mas Sete-de-Ouros esperou foi para deixar passar, de ponta, um lenho longo, que vinha com o poder de uma testa de touro. Desceu, sumiu. Em cima, no céu, há um pretume sujo, que nem forro de cozinha. Noite ruim. Agora, atrás, passa um bolo de folhas e galhos, danisco, que ainda agarra Badú, com uma porção de braços, empurrando. Força de mão, para jogar para lá essa coisama! Paz, que já virou, graç'a Deus, também. — "Me molhou todo, rasgou minha roupa, diabo!... Goiabeira, pelo cheiro... Fosse um imbaré ou um pau de espinho, me matava!"... — *Lhó... lhó... lhó...* — vão, devagar, as braçadas de Sete-de-Ouros.

Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. *Chu-áa! Chu-áa...* — ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando

forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

E descia mais porcariada, mal visível, de ciscos e gravetos; desciam toros flutuantes, e corpos, mortos ou meio, de pelo, de escama e de pena, conviajando com a babugem e com os pedaços vegetais. Mas a enchente ainda despejava e engrossava, golfando com intermitências, se retorcendo em pororoca, querendo amassar cama certa para poder correr. Cada copa de árvore, emergente ou afundada, cada grota submersa ou elevação de terreno, tudo servia para mudar a toada das águas soltas. E, no bramido daquele mar, os muitos sons se dissociavam — grugulejos de remoinhos, sussurros de remansos, chupões de panelas, chapes de encontros de ondas, marulhar de raseiras, o tremendo assobio dos vórtices de caldeirões, circulares, e o choro apressado dos rabos-de-corredeira borborinhantes. Água que ia e vinha, estirando botes, latejando, com contra-correntes, balouço de vagas, estremeções e retrações. Mas, de repente, foi apenas uma pressão tesa e um grande escachoo. O frio aumentou. Estavam no leito primitivo e normal do córrego da Fome. Atravessavam a mãe-do-rio.

E ali era a barriga faminta da cobra, comedora de gente; ali onde findavam o fôlego e a força dos cavalos aflitos. Com um rabejo, a corrente entornou a si o pessoal vivo, enrolou-o em suas roscas, espalhou, afundou, afogou e levou. Ainda houve um tumulto de braços, avessos, homens e cavalgaduras se debatendo. Alguém gritou. Outros gritaram. Lá, acolá, devia haver terríveis cabeças humanas apontando da água, como repolhos de um canteiro, como moscas grudadas no papel-de-cola. A estibordo de Sete-de-Ouros, foi o berro convulso, aspirado, de uma pessoa repelida à tona, ainda pela primeira vez. Mas isso foi bem a uns dez metros, e cada qual cuidava de si.

Noite feia! Até hoje ainda é falada a grande enchente da Fome, com oito vaqueiros mortos, indo córrego abaixo, de costas — porque só as mulheres é que o rio costuma conduzir debruços... O cavalo preto de Benevides não desceu, porque ficou preso, com a cilha enganchada num ramo de pé-de-ingá. Mas o amarilho bragado de Silvino deve de ter dado três rodadas completas, antes de se soverter com o dono, ao jeito de um animal bom. Leofredo, não se achou. Raymundão, também não. Sinoca não pôde descalçar o pé do estribo, e ele e a montada apareceram, assim ligados os dois defuntos, inchados como balões. Zé Grande e Tote, abraçados, engalfinhados, sobraram num poço de vazante, com urubus em volta,

aguardando o que escapasse das bocas dos pacamãs. Mas o que navegou mais longe foi Sebastião, que aproou — barca vazia — e ancorou de cabeça, esticado e leve, os cabelos tremulando como fiapos aquáticos, no barro do vau da Silivéria Branca...

Alguém que ainda pelejava, já na penúltima ânsia e farto de beber água sem copo, pôde alcançar um objeto encordoado que se movia. E aquele um aconteceu ser Francolim Ferreira, e a coisa movente era o rabo do burrinho pedrês. E Sete-de-Ouros, sem susto a mais, sem hora marcada, soube que ali era o ponto de se entregar, confiado, ao querer da correnteza. Pouco fazia que esta o levasse de viagem, muito para baixo do lugar da travessia. Deixou-se, tomando tragos de ar. Não resistia. Badú resmungava más palavras, sem saber que Francolim se vinha aguentando atrás, firme na cauda do burro. Aí, nesse meio-tempo, três pernadas pachorrentas e um fio propício de corredeira levaram Sete-de-Ouros ao barranco de lá, agora reduzido a margem baixa, e ele tomou terra e foi trotando. Quando estacou, sim, que não havia um dedo de água debaixo dos seus cascos. E, ao fazer alto, despediu um mole meio-coice. Francolim — a pé, safo.

Badú agora dormia de verdade, sempre agarrado à crina. Mas Sete-de-Ouros não descansou. Retomou a estrada, e, já noite alta, quando chegaram à Fazenda, ele se encostou, bem na escada da varanda, esperando que o vaqueiro se resolvesse a descer. Ao fim de um tempo, o cavaleiro acordou. Bradou nomes feios, e começou a cantar um ferra-fogo — dansa velha, que os negros tinham de entoar em coro, fazendo de orquestra para o baile dos senhores, no tempo da escravidão. Aí, os camaradas que dormiam no paiol grande despertaram com a algazarra, vieram desmontá-lo, e carregaram com ele, para curtir a bebedeira num jirau. Depois, desarrearam o burrinho.

Folgado, Sete-de-Ouros endireitou para a coberta. Farejou o cocho. Achou milho. Comeu. Então, rebolcou-se, com as espojadelas obrigatórias, dansando de patas no ar e esfregando as costas no chão. Comeu mais. Depois procurou um lugar qualquer, e se acomodou para dormir, entre a vaca mocha e a vaca malhada, que ruminavam, quase sem bulha, na escuridão.

“Negra danada, siô, é Maria:
ela dá no coice, ela dá na guia,
lavando roupa na ventania.
Negro danado, siô, é Heitô:
de calça branca, de paletó,
foi no inferno, mas não entrou!”

(Cantiga de batuque, a
grande velocidade.)

“— Ó seu Bicho-Cabaça!? Viu uma
velhinha passar por aí?...
— Não vi velha, nem velhinha,
corre, corre, cabacinha...
Não vi velha nem velhinha!
Corre! corre! cabacinha...”

(De uma estória.)

Traços biográficos de Lalino Salãthiel ou A volta do marido pródigo

I

Nove horas e trinta. Um cincerro tilinta. É um burrinho, que vem sozinho, puxando o carroção. Patas em marcha matemática, andar consciencioso e macio, ele chega, de sobremão. Para, no lugar justo onde tem de parar, e fecha imediatamente os olhos. Só depois é que o menino, que estava esperando, de cócoras, grita: — “Íssia!...”— e pega-lhe na rédea e o faz volver esquerda, e recuar cinco passadas. Pronto. O preto desaferrolha o taipal da traseira, e a terra vai caindo para o barranco. Os outros ajudam, com as pás. Seis minutos: o burrinho abre os olhos. O preto torna a aprumar o tabuleiro no eixo, e ergue o tampo de trás. O menino torna a pegar na rédea: direita, volver! Agora nem é preciso comandar: — “Vamos!”... — porque o burrico já saiu no mesmo passo, em rumo reto; e as rodas cobrem sempre os mesmos sulcos no chão.

No meio do caminho, cruza-se com o burro pelo-de-rato, que vem com o outro carroção. É o décimo terceiro encontro, hoje, e como ainda irão passar um pelo outro, sem falta, umas três vezes esse tanto — do aterro ao corte, do corte ao aterro — não se cumprimentam.

No corte, a turma do *seu* Marra bate rijo, de picareta, atacando no paredão pedrento a brutalidade cinzenta do *gneiss*. Bom trecho, pois, remunerador. Acolá, a turma dos espanhóis cavouca terra mole, xisto talcoso e micaxisto; e o chefe Garcia está irritado, porque, por causa disso, vão receber menos, por metro quadrado e metro cúbico. Adiante, uns homens colocando os paus do mata-burro. Essa outra gente, à beira, nada tem conosco: serviço particular de *seu* Remígio, dono das terras, que achou e está explorando uma jazida de amianto. E, mais adiante, o pessoal do Ludugéro, acabando de armar as longarinas da ponte.

Dez horas da manhã. A temperatura do ar prolonga a do corpo. Só se sabe do vento no balanço dos ramos extremos do eucalipto. Só se sabe do sol nas arestas dos quartzos — cada ponta de cristal irradiando em agulheiro. Cantos de canarinhos e pintassilgos, invisíveis. E cheiro de mato moço. Tudo muito bom. E isto aqui é um quilômetro da estrada-de-rodagem Belorizonte-São Paulo, em ativos trabalhos de construção.

Seu Marra fiscaliza e feitora. De vez em quando, pega também no pesado. Mas não tira os olhos da estrada.

Bem, buzinou. É o caminhão da empresa. Vem de voada. Diminui a marcha... *Seu* Waldemar, o encarregado, na boleia, com o *chauffeur*... O caminhão verde não para... Mas, lá detrás, escorregando dos sacos e caixotes que vêm para o armazém, dependura o corpo para fora, oscila e pula, maneiro, Lalino Salãthiel.

Os trabalhadores cumprimentam *seu* Waldemar, *seu* Marra esboçou qualquer coisa assim como uma continência, *seu* Waldemar bateu mão e passou.

Agora *seu* Marra fecha a cara. Lalino Salãthiel vem bamboleando, sorridente. Blusa cáqui, com bolsinhos, lenço vermelho no pescoço, chapelão, polainas, e, no peito, um distintivo, não se sabe bem de quê. Tira o chapelão: cabelos pretíssimos, com as ondas refulgindo de brilhantina borora.

Os colegas põem muito escárnio nos sorrisos, mas Lalino dá o aspecto de quem estivesse recebendo uma ovação:

— Olá, Batista! Bastião, bom dia! Essa força como vai?...

— Boa tarde!

Lalino tem um soberbo aprumo para andar.

— Ei, Túlio, cada vez mais, hein?

— An-han...

Lalino nunca foi soldado, mas sabe unir forte os calcanhares, ao defrontar *seu* Marra. E assesta os olhinhos gateados nos olhos severos do chefe.

— Bom dia, seu Marrinha! Como passou de ontem?

— Bem. Já sabe, não é? Só ganha meio dia.

E *seu* Marra saca o lápis e a caderneta, molha a ponta do dedo na língua, molha a ponta do lápis também, e toma nota, com a seriedade de quem assinasse uma sentença.

(Lá além, Generoso cotuca Tercino:

— Mulatinho descarado! Vai em festa, dorme que-horas, e, quando chega, ainda é todo enfeitado e salamistrão!...)

— Que é que eu hei de fazer, seu Marrinha... Amanheci com uma nelvralgia... Fiquei com cisma de apanhar friagem...

— Hum...

— Mas o senhor vai ver como eu toco o meu serviço e ainda faço este povo trabalhar...

— Não se venha! Deixa os outros em paz...

(Tercino apoia o pé no ferro da picareta; o que é que diz:

— Trabalhar é que não trabalha. Se encosta p'ra cima, e fica contando história e cozinhando o galo...

— Também, no final, ganha feito todos, porque, os que são mão, dão trela!

E Pintão golpeia com o dorso da pá, sem dó nem piedade, fazendo-a rilhar nos torrões.)

Lalino passa a mão, ajeitando a pastinha, e puxa mais para fora o lencinho do bolso.

— Vou p'r'a luta, e tiro o atraso!... Mas, que dia, hein, seu Marra?!

— Tu está fagueiro... Dormiu mais do que o catre...

— Falar nisso, seu Marrinha, eu me alembrei hoje cedo de outro teatrinho, que a companhia levou, lá no Bagre: é o drama do "Visconde Sedutor"... Vou pensar melhor, depois lhe conto. Esse é que a gente podia representar...

(Pintão suou para desprender um pedrouço, e teve de pular para trás, para que a laje lhe não esmagasse um pé. Pragueja:

— Quem não tem brio engorda!

— É... Esse sujeito só é isso, e mais isso... — opina Sidú.

— Também, tudo p'ra ele sai bom, e no fim dá certo... — diz Correia, suspirando e retomando o enxadão. — "P'ra uns, as vacas morrem... p'ra outros até boi pega a parir...")

Seu Marra já concordou:

— Está bem, seu Laio, por hoje, como foi por doença, eu aponto o dia todo. Que é a última vez!... E agora, deixa de conversa fiada e vai pegando a ferramenta!

— Já, já, seu Marrinha. "Quem não trabuca, não manduca"!...

Seu Marra sente-se obrigado a dar as costas. Opor carranca não adianta. Lalino vai para o meio dos outros, assoviando. Leva minutos para arregaçar bem as mangas. E logo comenta, risonho e burlão:

— Xi, Corrêia!...

— Que é, comigo?

— P'ra que é que você põe tanto braço no braçal? Com menos força e mais de jeito, você faz o mesmo serviço, sem carecer de ficar suando, pé-de-couve no chuvisco!

— É... Mas, muito em-antes de muita gente nascer, eu...

— Você já penava que nem duas juntas de bois, p'ra puxar um feixinho de lenha, não é, *fumaça*?... Qual, eu estou é brincando... (Corrêia tinha feito uma cara ruim...) Lá até que é um arraial supimpa, com a igrejinha trepada, bem no monte do morro... E as terras então, hein, Corrêia?! P'ra cana, p'ra tudo! (Corrêia se praz)... Eu acho que nunca vi espigas de milho tão como as de lá...

— É. A terra é boa...

— Caprichada! E ainda estou por conhecer lugar melhor para se viver. Essa gente da Conquista é que diz que lá só tem fumaça de pretos... Mas isso é inveja, mas muita! (Lalino passou a declamar:) Qual!... Criação de cavalo, é no Passa-Tempo... Povo p'ra saber discurso, no Dom Silvério... E, festa de igreja, no Japão... Mas, terra boa, de verdade, e gente boa de coração, isso é só lá no Rio-do-Peixe!

— Serve... Serve, seu Laio...

— Ah, eu inda hei de poder arranjar dinheiro p'ra comprar uns dez alqueires ali por perto, só de mato-de-lei... Ui, que você é um mestre neste

serviço, que até dá gosto ver!... (Corrêia descuidou sua tarefa, e agora bate picareta para Lalino, que põe mão na cintura e não para de discorrer...) É isso! Mando levantar casa, com jardim em redor, mas só com flor do mato: parasitas, de todas... E uma cerquinha de bambu, com trepadeira p'ra alastrar e tapar, misturadas, de toda cor... Onde foi mesmo que eu vi, assim?... Bom, depois compro mais terra... Imagina só: quero um chiqueiro grande, bem fechado, e nele botar pacas... Vou criar! Aquilo é fácil... Ficam mansinhas e gordas, que nem porco... Levando lá no Belorizonte, faço freguesia... Um tanque grande... Criar capivaras também: o óleo, só, já dá um dinheirão!...

— Tu é besta, Corrêia! Cavacando, aí, p'ra outro... — zomba Generoso, que parou para enrolar um cigarro.

— Te sara de invejas, siô! Pode ver ninguém com amizade, que já começa intrigando?... Caroço!... Ah, há-te, espera: hoje eu tenho uma marca boa... — E Lalino estende o maço de cigarros. — Pode tirar mais. Vocês, eh, também?... (Generoso aceita, calada a boca, porque é sovino razoável e sabe ser grato, valendo a pena.) Estou contando aqui um arranjo... Vocês, eu aposto que nunca pensaram em ter um galinheiro enorme, cheio de jacus, de perdizes, de codornas... Mas hei de plantar também uma chácara, como ninguém não viu, com as qualidades de frutas... Até azeitona!

— Ara, azeitona de lata não pega! não dá!

— Ora se dá! Vocês ainda hão... Compro breve meus alqueirinhos, e há de ser no Brumadinho, beira da estrada-de-ferro...

— Oh, seu Laio!... Pois, no começo, não estava dizendo que era lá na minha terra, no Rio-do-Peixe?!...

— Sim, sim, é no Rio-do-Peixe mesmo, Corrêia! Falei variado, foi por esquecimentos... Mas, melhor é o ror de enxertos que vou inventar: laranja-de-abril em goiabeiras... Limão-doce no pé de pêssego... Vai ver, cada fruta, diferente de todas que há...

— Não pega!

— Pega! Deve de ser custoso, mas tem de se existir um jeito...

Mas Tercino, que é dono de um relógio quase do tamanho de um punho, olha as horas e olha depois o sol, para ter bem a certeza, e grita:

— Vamos boiar, gente... Está na hora do almoço!

A turma vem para as marmitas. Tercino acende um foguinho, para aquentar a sua. Lalino trouxe apenas um pão-com-linguiça.

— Isso de carregar comida cozinhada de madrugadinha, p’ra depois comer requentada, não é minha regra. Ó coisa, ô Sidú! Por que é que você está triste, homem?... Falar nisso, hoje de noite, se seu Marrinha arranjar o *merenguém*, eu meio que pago cerveja. Feito?... A gente podia chamar o Lourival, com a sanfona. Isto aqui está ficando choroso demais... Viva, Conrado! Tu veio espiar o que a gente está comendo? Foi a espanholada quem mandou você vir bater panela aqui?

Generoso e Corrêia se afastaram, catando gravetos. Generoso tem maus bofes:

— O que esse me arrelia, com o jeito de não se importar com nada! Só falando, e se rindo contando vantagens... Parece que vê passarinho verde toda-a-hora... Se reveste de bobo!

— É, mas, seja não: é só esperto, que nem mico-estrela...

E Corrêia se volta, para rever furtadamente o mulatinho, que lá gesticula, animado, no meio da roda.

— Prosa, só... Pirão d’água sem farinha!... Era melhor que ele olhasse p’r’a sua obrigação... Uns acham um assim sabido, que é muito ladino; mas, como é que não enxerga que o Ramiro espanhol anda rondando por perto da mulher dele?!

— Séria ela é, seu Generoso. Ela gosta dele, muito...

— É, mas, quem tem mulher bonita e nova, deve de trazer debaixo de olho... — E Generoso estalou um muxoxo: — Eu, tem hora que eu acho que ele é sem-brio, que não se importa... Mas agora eu vou falar com ele, vou chamar à ordem...

— Acho que o senhor devia de não mexer com essas coisas, de família-dos-outros, seu Generoso. Isso nunca que dá certo!

— Tem perigo não... Só dar as indiretas!

Lalino tinha-se sentado num toco, perto das soqueiras das bananeiras, e os outros rodeavam-no, todos de cócoras. Mas chega Generoso, com a língua mesmo querente:

— Então, seu Laio, esse negócio mesmo do espanhol...

— Ara, Generoso! Vem você com espanhol, espanhol!... Eu já estou farto dessa espanholaria toda... Inda se fosse alguma espanhola, isto sim!

— Mas, escuta aqui, seu Laio: o que eu estou falando é outra coisa...

— É nada. Mas, as espanholas!... Aposto que vocês nunca viram uma espanhola... Já?... Também, — Lalino ri com cartas — também aqui

ninguém não conhece o Rio de Janeiro, conhece?... Pois, se algum morrer sem conhecer, vê é o inferno!

— Ara, coisa!

— Tem lugar lá, que de dia e de noite está cheio de mulheres, só de mulheres bonitas!... Mas, bonitas de verdade, feito santa moça, feito retrato de folhinha... Tem de toda qualidade: francesa, alemanha, turca, italiana, gringa... É só a gente chegar e escolher... Elas ficam nas janelas e nas portas, vestindo de pijama... de menos ainda... Só vendo, seus mandioqueiros! Cambada de capiaus!...

Desta vez a turma está anzolada. Alargam as ventas, para se caber, rebebem as palavras. Lalino acertou. Faz um silêncio, para a estupefação. E principalmente para poder forjar novos aspectos, porque também ele, Eulálio de Souza Salãthiel, do Em-Pé-na-Lagoa, nunca passou além de Congonhas, na bitola larga, nem de Sabará, na bitolinha, e, portanto, jamais pôs os pés na grande capital. Mas o que não é barra que o detenha:

— Em nem sei como é que vocês ficam por aqui, trabalhando tanto, p'ra gastarem o dinheirinho suado, com essas negras, com essas roxas descalças... Me dá até vergonha, por vocês, de ver tanta falta de vontade de ter progresso! Caso que não podem fazer nem uma ideia... Cada lourinha, upa!... As francesas têm olho azul, usam perfume... E muitas são novas, parecendo até moça-de-família... Pintadas que nem as de circo-de-cavalinho... E tudo na seda, calçadas de chinelinhos de salto, vermelhos, verdes, azuis... E é só "querido" p'ra cá, "querido" p'ra lá... A gente fica até sem jeito...

— Ó seu Laio! Faz favor!

É *seu* Marrinha chamando. Lalino se levanta, soflagrado, e os ouvintes resmungam contra o chefe-da-turma, assim com caras.

— Acabou de almoçar, seu Laio?

— Estou acabando... Meu almoço é isto aqui...

E Lalino ferra os dentes no seu sanduíche, que, por falta de tempo, está ainda intacto.

Seu Marra tem noção de hierarquia e tacto suficiente. Começa:

— Olha, seu Laio, eu lhe chamei, para lhe aconselhar. A coisa assim não vai!... Seu serviço precisa de render...

— Pois, hoje, eu estou com uma coragem mesmo doida de trabalhar, seu Marrinha!...

— É bom... Carece de tomar jeito!... O senhor é um rapaz inteligente, de boa figura... Precisa de dar exemplo aos outros... Eu cá, palavra que até gosto de gente assim, que sabe conversar... que tem rompante... Até servia para fazer o papel do moço-que-acaba-casando, no teatro...

Seu Marra foi muito displicente no final. Deu a deixa, e agora olha para o matinho lá longe, esperando réplica.

Mas não pega. Não pega, porque, se bem que Lalino esteja cansado de saber o que é que o outro deseja, não o pode atender: do *Visconde Sedutor* mal conhece o título, ouvido em qualquer parte.

— Qual, isso é bondade sua, seu Marrinha... São seus olhos melhores...

— Não. Eu sou muito franco... Quando falo que é, é porque é mesmo... (Pausa)... Quem sabe, a gente podia representar esse drama, hem seu Laio?... Como é que chama mesmo?... "O Visconde Sedutor"... Foi o que você disse, não foi?

— Isso mesmo, seu Marrinha.

Definição, amável mas enérgica:

— Bem, seu Laio. Vamos sentar aqui nestas pedras e você vai me contar a peça.

Agora não tem outro jeito. Mas Lalino não se aperta: há atualmente nos seus miolos uma circunvoluçãozinha qualquer, com vapor solto e freios frouxos, e tanto melhor.

— O primeiro ato, é assim, seu Marrinha: quando levanta o pano, é uma casa de mulheres. O Visconde, mais os companheiros, estão bebendo junto com elas, apreciando música, dansando... Tem umas vinte, todas bonitas, umas vestidas de luxo, outras assim... sem roupa nenhuma quase...

— Tu está louco, seu Laio!?... Onde que já se viu esse despropósito?!... Até o povo jogava pedra e dava tiro em cima!... Nem o subdelegado não deixava a gente aparecer com isso em palco... E as famílias, homem? Eu quero é levar peça para famílias... Você não estará inventando? Onde foi que tu viu isso?

— Ora, seu Marrinha, pois onde é que havia de ser?!... No Rio de Janeiro! Na capital... Isso é teatro de gente escovada...

— Mas, você não disse, antes, que tinha sido companhia, lá no Bagre?

— Cabeça ruim minha. Depois me alembrei... No Bagre eu vi foi a "Vingança do Bastardo"... Sabe? Um rapaz rico que descobriu que a...

— Espera! Espera, homem... Vamos devagar com o terço. Primeiro o "Visconde Sedutor". Acaba de contar.

— Bem, as mulheres são francesas, espanholas, italianas, e tudo, falando estrangeirado, fumando cigarros...

— Mas, seu Laio! Onde é que a gente vai arranjar mulher aqui para representar isso?... De que jeito?!

— Ora, a gente manda vir umas raparigas daí de perto...

— Deus me livre!

— Ou então, seu Marra, os homens mesmo podem fantasiar de mulher... Fica até bom... No teatro que seu Vigário arranjou, quando levaram a...

— Aquilo nem foi teatro! Vida de santo, bobagem! Bem, conta, conta seu Laio... Depois a gente vai ver.

— Bom, tem uma francesa mais bonita de todas, lourinha, com olhos azulzinhos, com vestido aberto nas costas... muito pintada, linda mesmo... que senta no colo do Visconde e faz festa no queixo dele... depois abraça e beija...

— Espera um pouco, seu Laio...

É o caminhão da empresa, que vem de volta. Parou.

— Alguma coisa, seu Waldemar? — pergunta *seu* Marra.

— Nada, não. Quero só lembrar a esse seu Lalino, que ele não deixe de ir hoje. Está ensinando a patroa a tocar violão, mas já tem dias que ele não aparece lá em casa...

— Foi por doença, seu Waldemar... E, trasantontem, umas visitas, que me empalharam de ir...

— Bem, bem, mas seja, hoje não tem desculpa. E, olhe: um dia é um dia: pode chegar para jantar... No em-ponto!

Seu Marra se lembrou de qualquer assunto:

— Bem, seu Laio, o senhor agora pode ir. Eu tenho uma conversa particular, aqui com seu Waldemar.

— Pois não, seu Marrinha, depois o resto eu conto. Adeusinho, seu Waldemar, até mais logo!

Lalino se afasta com o andar pachola, esboçando uns meios passos de corta-jaca, e *seu* Waldemar o acompanha, com olhar complacente.

— Mulatinho levado! Entendo um assim, por ser divertido. E não é de adulador, mais sei que não é covarde. Agrada a gente, porque é alegre e quer ver todo-o-mundo alegre, perto de si. Isso, que remoça. Isso é reger o viver.

— É o que eu acho... Só o que tem, que, às vezes, os outros podem aprovar mal o exemplo...

— Concordo. Já pensei, também. Vou arranjar para ele um serviço à parte, no armazém ou no escritório... E é o que convém, logo: veja só...

Lalino, que empunha a picareta, comandando o retorno à lida, e tirando, para que os outros o acompanhem, desafinadíssimo, um coco:

"Eu vou ralando o coco,
ralando até aqui...
Eu vou ralando o coco,
morena,
o coco do ouricurí!..."

E, aí, com a partida de *seu* Waldemar, a cena se encerra completa, ao modo de um final de primeiro ato.

II

Nessa tarde, Lalino Salãthiel não pagou cerveja para os companheiros, nem foi jantar com *seu* Waldemar. Foi, sim, para casa, muito cedo, para a mulher, que recebeu, entre espantada e feliz, aquele saimento de carinhos e requintes. Porque ela o bem-queria muito. Tanto, que, quando ele adormeceu, com seu jeito de dormir profundo, parecendo muito um morto, Maria Rita ainda ficou longo tempo curvada sobre as formas tranquilas e o rosto de garoto cansado, envolvendo-o num olhar de restante ternura.

Na manhã depois, vendo que o marido não ia trabalhar, esperou ela o milagre de uma nova lua-de-mel. Enfeitou-se melhor, e, silenciosa, com quieta vigilância, desenrolava, dedo a dedo, palmo a palmo, o grande jogo, a teia sorrateira que às mulheres ninguém precisa de ensinar.

Mas, agora, Lalino andava pela casa e fumava, pensando, o que a alarmava, por inabitual. Depois ele remexeu no fundo da mala. No fundo da mala havia uns números velhos de almanaques e revistas.

E Lalino buscava as figuras e fotografias de mulheres. É, devia de ser assim... Feito esta. Janelas com venezianas... Ruas e mais ruas, com elas... Quem foi que falou em gringas, em polacas?... Sim, foi o Sizino Baiano, o marinheiro, com o peito e os braços cheios de tatuagens, que nem turco mascate-de-baú... Mas, os retratos, quem tinha era o Gestal guarda-freios: uma gorda... uma de pintinhas na cara... uma ainda quase menina... Chinelinhos de salto, verdes, azuis, vermelhos... Quem foi que falou isso? Ah, ninguém não disse, foi ele mesmo quem falou... E aquela gente da

turma, acreditando em tudo, e gostando! Mas, deve de ser assim. Igual ao na revista, claro...

Maria Rita, na cozinha, arruma as vasilhas na prateleira. Não sabe de nada, mas o arcanjo-da-guarda das mulheres está induzindo-a a dar a última investida, está mandando que ela cante, com tristeza na voz, o: "*Eu vim de longe, bem de longe, p'ra te ver...*"

...Bem boazinha que ela é... E bonita... (Agora, como quem se esconde em neutro espaço, Lalino demora os olhos nos quadros de guerras antigas, nessas figuras que parecem as da História Sagrada, no plano de um étero-avião transplanetário, numa paisagem africana, com um locomovente rinoceronte...) Mas, são muitas... Mais de cem?... Mil?!... E é só escolher: louras, de olhos verdes... É, Maria Rita gosta dele, mas... Gosta, como toda mulher gosta, aí está. Gostasse especial, mesmo, não chorava com saudades da mãe... Não ralhava zangada por conta d'ele se rapaziar com os companheiros, não achava ruim seu jeito de viver... Gostasse, brigavam?

E na revista de cinema havia uma deusa loira, com lindos pés desnudos, e uma outra, morena, com muita pose e roupa pouca; e Maria Rita perdeu.

...Bom, quem pensa, avéssa! Vamos tocar violão...

Depois do almoço, saiu. Andou, andou. E se resolveu.

Foi fácil. Tinha algum saldo, pouco. João Carmelo comprava o carroção e o burrinho. *Seu* Marra fez o que pôde para dissuadi-lo; depois, disse: — "Está direito. Você é mesmo maluco, mas mais o mundo não é exato. Se veja..." — O pagamento, porém, tinha de ser em apólices do Estado, ao menos metade. — Sim sim, está direito, seu Marrinha. Em ótimo! — Porque a ação tinha de ser depressinha, depressa, não de dúvidas... E Lalino dava passos aflitos e ajeitava o pescoço da camisa, sem sossego e sem assento.

Com *seu* Waldemar, foi mais árduo, ele ainda perguntou: — "Mas que é que já vai fazer, seu Lalino?... Quer a vagabundagem inteirada?" — Vou p'ra o Belorizonte... Arranjeizinho lá um lugar de guarda-civil... O senhor sabe: é bom ir ver. Mas um dia a gente volta! — "Mentira pura, a mim tu não engana... Mas deve de ir... Em qualquer parte que tu 'teja tu 'tá em casa... Podem te levar de-noite p'ra estranja ou p'ra China, e largar lá errado dormindo, que de-manhã já acorda engazopando os japonês!"...

— Adeus, seu Waldemar!

Mas, dez passos feitos, volta-se com uma micagem:

— Adeus, seu Waldemar!... "Fé em Deus, e... unha no povo!"...

Tinha oitocentos e cinquenta mil-réis. Mas, vendidas as apólices para o Viana, deram seiscentos. Bom, agora era o pior... E, até chegar perto de casa, escarafunchava na memória todos os pequenos defeitos da mulher...

Mas, quem é aquele? Ah, é o atrevido do espanhol, que está rabeando. Bem... Bem.

Seu Ramiro, quis, mas não pôde esquivar-se. Espigado e bigodudo, arranja um riso fora-de-horas, e faz, apressado, um rapapé:

— Como lhe vão as saúdes, senhor Eulálio? Estava cá aguardando a sua vinda, a perguntar-lhe se há que haver mesmo uma festinha hoje, donde os Moreiras... É dizer, a festa, sei que vai ser, mas queria saber... queria saber se o senhor também...

(Nada importa. Foi o diabo quem mandou o espanhol aqui... Ele tem muito dinheiro junto, é o que o povo diz.)

— Seu Ramiro, se chegue. Escuta: tenho um particular, muito importante, com o senhor...

— Mas, senhor Eulálio, eu lhe garanto... À ordem, senhor Eulálio... Que há? O senhor sabe, que, a mim, eu gosto de estimar e respeitar os meus amigos, e, grande principalmente, as suas famílias excelentíssimas...

(É preciso um sorriso, um só, senão o espanhol fica com medo. Mas, depois, fecha-se a cara, para a boa decência...)

— Eu sei, eu sei. Olhe aqui, seu Ramiro: eu quero é que o senhor me empreste um dinheiro. Uns dois contos de réis... Feito?

— Mas, senhor Eulálio... O senhor sabe... As posses não dão... As coisas...

— Olhe, seu Ramiro... a estória é séria... Eu vou-m'embora daqui. A mulher fica... Vou me separar... Ela não sabe de nada, porque eu vou assim meio assim, de fugido... O senhor me empresta o dinheiro, que é o que falta. Senão, eu não posso ir... É só emprestado. Daqui a uns seis meses, lhe pago. Mando. Tenho um emprego bom, arranjei — vou ser tocador de bonde, no Rio de Janeiro... Se não, eu não posso ir... (Agora é a hora de uma série de ares.) Sem dinheiro, não vou. Não vou ir... Como é que posso?!...

O espanhol está com os beiços trêmulos e alisa a dedos a aba do paletó.

— Com que... mas, o senhor está declarando, senhor Eulálio? Por se acaso, não vai se arrepender... Nunca mais voltará aqui, o afirma?

— De certo que não. Não seja! (Lalino tem outro acesso de precipitação:) Ixe, já viu sapo não querer a água?! Então, arranja o cobre,

não é? Mas tem que ser é p'r'agorinha...

— Mire: um conto eu posso... Fazendo um sacrificiozinho, caramba!

— Serve, serve. Mas é de indo já buscar, que o caminhão sai em pouco p'ra o Brumadinho... A já!

Agora, entra ou não entra em casa? Não tem que levar nada, senão a mulher desconfia... Mas entra: o coração está mandando que ele vá se despedir... E pega a brincar. Maria Rita está no diário, está normalmente. Brincando, brincando, Lalino lhe dá um abraço, apertado.

— Você é bobo... Laio... — ela diz, enjoosa.

Agora, disfarçando, ele põe uma nota de quinhentos em cima da mesa... Vamos! Senão a coragem se estraga.

— Você já vai sair outra vez?

— Vou ali, ver o-quê que o Tercino quer...

O Ramiro espanhol, soprando de cansado, já está lá debaixo do tamarindeiro. Trouxe, certo, um conto, em cédulas de cem.

— Tudo num santiamém, senhor Eulálio... Mire o que digo...

— Té quando Deus quiser! O dinheiro eu lhe mando, seu Ramiro.

Vai afadigado. Sobe para o lado do *chauffeur*.

— Não carece de buzinar, seu Miranda... Vamos ligeiro...

Brumadinho, enfim. Ainda não estão vendendo passagens. — Vem tomar uma cerveja, seu Miranda. Oi! Que é aquilo, meu-deus? Ah, é a ciganada que está indo embora. Pegaram um dinheirão, levando gente de automóvel p'r'a Santa Manoelina dos Coqueiros, que agora está no Dom Silvério. Olha: tem uma ciganinha bem bonita. Mas isto é povo muito sujo, seu Miranda. Não chegam aos pés das francesas... Seu Miranda, escuta: vou lhe pedir um favor.

— Que é, seu Laio?

— Olha, fala com a Ritinha que eu não volto mais, mesmo nunca. Vou sair por esse mundo, zanzando. Como eu não presto, ela não perde... Diz a ela que pode fazer o que entender... que eu não volto, nunca mais...

— Mas, seu Laio... Isso é uma ação de cachorro! Ela é sua mulher!...

— Olha, seu Miranda: eu, com o senhor, de qualquer jeito: à mão, a tiro, ou a pau, o senhor não pode comigo — isto é — não é?... Então, bem, eu sei que não é por mal, que o senhor está falando. E agora eu não quero me amofinar, não tenho tempo p'ra estragar a cabeça com raiva nenhuma, atôa-atôa. Sou boi bravo nem cachorro danado, p'ra me enraivar? Mas, é bom o senhor pensar um pouco, em antes de falar, hein?

— Bom, eu não tenho nada com coisas dos outros...
— E, é. Quiser dar o recado, dá. Não quiser, faz de conta.
Apitou. O trem.
— Adeus, seu Miranda!... Me desculpe as coisas pesadas que eu falei, que é porque eu estou meio nervoso...
— Inda está em tempo de ter juízo, seu Laio! O senhor pode merecer um castigo de Deus...
— Que nada, seu Miranda! Deus está certo comigo, e eu com ele. Isto agora é que é assunto meu particular... Alegrias, seu Miranda!
— Não vai, não, seu Laio! Pensa bem...
Nos pântanos da beira do Paraopeba, também os sapos diziam adeus. Ou talvez estivessem gritando, apenas: — *Não! Não! Não!... Bão! Bão! Bão!...* — em notável e aquática discordância.
E foi assim, por um dia haver discursado demais numa pausa de hora de almoço, que Eulálio de Souza Salãthiel veio a tomar uma vez o trem das oito e cinquenta e cinco, sem bênçãos e sem matalotagem, e com o bolso do dinheiro defendido por um alfinete-de-mola. Procurou assento, recostou-se, e fechou os olhos, saboreando a trepidação e sonhando — sonhos errados por excesso — com o determinado ponto, em cidade, onde odaliscas veteranas apregoavam aos transeuntes, com frineica desenvoltura, o amor: bom, barato e bonito, como o queriam os deuses.

III

Um mês depois, Maria Rita ainda vivia chorando, em casa.
Três meses passados, Maria Rita estava morando com o espanhol.
E todo-o-mundo dizia que ela tinha feito muito bem, e os que diferiam dessa opinião não eram indivíduos desinteressados. E diziam também que o marido era um canalha, que tinha vendido a mulher. E que o Ramiro espanhol era um homem de bem, porque estava protegendo a abandonada, evitando que ela caísse na má-vida.
Mas, no final dos comentários, infalível era a harmonia, em sensata convergência:
— Mulatinho indecente! Cachorro lambeu a vergonha da cara dele! Sujeito ordinário... Eu em algum dia me encontrar com ele, vou cuspindo na fuça!... Arre, nojo!... Tem cada um traste neste mundo!...
E assim se passou mais de meio ano. O trecho da rodovia ficou pronto. O pessoal de fora tomou rumo, com carroções e muares, famílias e

ferramentas, e bolsos cheios de apólices, procurando outras construções.

Mas os espanhóis ficaram. Compraram um sítio, de sociedade. E fizeram relações e se fizeram muito conceituados, porque, ali, ter um pedaço de terra era uma garantia e um título de naturalização.

IV

As aventuras de Lalino Salãthiel na capital do país foram bonitas, mas só podem ser pensadas e não contadas, porque no meio houve demasia de imoralidade. Todavia, convenientemente expurgadas, talvez mais tarde apareçam, juntamente com a história daquela rã catacega, que, trepando na laje e vendo o areal rebrilhante à soalheira, gritou — "Eh, aguão!..." — e pulou com gosto, e, queimando as patinhas, deu outro pulo depressa para trás.

Portanto: não, não fartava. As húris eram interesseiras, diversas em tudo, indiferentes, apressadas, um desastre; não prezavam discursos, não queriam saber de românticas histórias. A vida... Na Ritinha, nem não devia de pensar. Mas, aquelas mulheres, de gozo e bordel, as bonitas, as lindas, mesmo, mas que navegavam em desafino com a gente, assim em apartado, no real. Ah, era um outro sistema.

Aquilo cansava, os ares. Havia mal o sossego, demais. Ah, ali não valia a pena.

Ir-se embora? Não. O ruim era só no começo; por causa da inveja e das pragas dos outros, lá no arraial... Talvez, também, a Ritinha estivesse fazendo feitiços, para ele voltar... Nunca.

Caiu na estrepolia: que pândega! Antes magro e solto do que gordo e não... Que pândega!

Mas, um indivíduo, de bom valor e alguma ideia, leva no máximo um ano, para se convencer de que a aventura, sucessiva e dispersa, aturde e acende, sem bastar. E Lalino Salãthiel, dados os dados, precisava apenas de metade do tempo, para chegar ao dobro da conclusão.

O dinheiro se fora. Rareavam os biscates. Veio uma espécie de princípio de tristeza. E ele ficou entibiado e pegou a saudadear.

Foi quando estava jantando, no chinês:

— E se eu voltasse p'ra lá? É, volto! P'ra ver a cara que aquela gente vai fazer quando me ver...

Deu uma gargalhada de homem gordo, e, posto de lado o dinheiro para a passagem de segunda, organizou o programa de despedida: uma

semaninha inteira de esbórnia e fuzuê.

A semana deu os seus dias.

Quando entrou no carro, aconteceu que ele teve vontade de procurar um canto discreto, para chorar. Mas achou mais útil recordar, a meia-voz, todas as cantigas conhecidas. Um paraibano, que vinha também, gostou. Garraram a se ensinar, letras e tons, tudo ótimo.

E, tarde da madrugada, com o trem a rolar barulhento nas goelas da Mantiqueira, no meio do frio bonito, que mesmo no verão ali está sempre tinindo...:

— Quero só ver a cara daquela gente, quando eles me enxergarem!...

Riu, e aquele foi o seu último pensamento, antes de dormir. Desse jeito, não teve outro remédio senão despertar, no outro dia, pomposamente, terrivelmente feliz.

V

Quando Lalino Salãthiel, atravessado o arraial, chegou em casa do espanhol, já estava cansado de inventar espírito, pois só com boas respostas é que ia podendo enfrentar as interpelações e as chufas do pessoal.

— Eta, gente! Já estavam mesmo com saudade de mim...

Ramiro viu-o da janela, e sumiu-se lá dentro.

Foi amoitar a Ritinha e pegar arma de fogo... — Lalino pensou.

Já o outro assomava à porta, que, por sinal, fechou meticulosamente atrás de si. E caminhou para o meio da estrada, pálido, torcendo o bigode de pontas centrípetas.

— Com'passou, seu Ramiro? Bem?

— Bem, graças... O senhor a que vem?... Não disse que não voltava nunca mais?... Que pretende fazer aqui?

— Tive de vir, e aproveitei para lhe trazer o seu dinheiro, para lhe pagar...

(Ainda bem! — o espanhol respira. — Então, ele não veio para desnegociar.)

— Mas, não é nada... Não é necessário. Nada tem que me pagar... Em vista de certos acontecidos, como o senhor deve saber... eu... Bem, se veio só por isso, não me deve mais nada, caramba!

(Agora é Lalino — que não tem tostão no bolso — quem se soluciona:)

— Bem, se o senhor dá a conta por liquidada, eu lhe pego da palavra, porque “sal da seca é que engorda o gado!...” O dinheiro estava aqui na algibeira, mas, já que está tudo quites, acabou-se. Não sou homem soberbo!... Mas, olha aqui, espanhol: eu não tenho combinado nenhum com você, ouviu?! Tenho compromisso com ninguém!

— Mas, certo o senhor Eulálio não vai a quedar-se residindo aqui, não é verdade? Ao melhor, pelo visto, estou seguro de que o senhor se vai...

— Que nada, seu espanhol... Não tenho que dar satisfação a ninguém, tenho?... E agora, outra coisa: eu quero-porque-quero conversar com a Ritinha!

Lalino batera a mão no cinturão, na coronha do revólver, como por algum mal, e estava com os olhos nos do outro, fincados. Mas, para surpresa, o espanhol aquiesceu:

— Pois não, senhor Eulálio. Comigo perto, consinto... Mas não lhe aproveita, que ela não o quer ver nem em pinturas!

Lalino titubeia. Decerto, se o Ramiro está tão de acordo, é porque sabe que a Ritinha está impossível mesmo, em piores hojes.

— Qual, resolvi... Bobagem. Quero ver mais a minha mulher também não... O que eu preciso é do meu violão... Está aí, hem?

— Como queira, senhor Eulálio... Vou buscar o instrumento... Um momentito.

Lalino se põe de cócoras, de costas para a casa, para estar já debochando do espanhol, quando o cujo voltar.

— Aqui está, senhor Eulálio. Ninguém lhe buliu. Não se o tirou do encapado... Há mais umas roupas e algumas coisitas suas, de maneiras que... Onde as devo fazer entregar?...

— Depois mando buscar. Não carece de tomar trabalho. Bem, tenho mais nada que conversar. Espera, o senhor está tratando bem da Ritinha? Ahn, não é por nada não. Mas, se eu souber que ela está sendo judiada!... Bem. Até outro dia, espanhol.

— Passe bem, senhor Eulálio. Deus o leve...

Mas Lalino não sabe sumir-se sem executar o seu sestro, o volta-face gaiato:

— Ô espanhol! Quando tu vinha na minha porta, eu te mandava entrar p’ra tomar um café com quitanda, não era?

— Oh, senhor Eulálio! Me desculpe... mas...

— Você é tudo, bigodudo!... Não vê que eu estou é arrenegando?!

Sobre o que, Ramiro vê o outro se afastar, sem mais, no gingar, em arte de moleque capadócio.

E talvez Lalino fosse pensando: — Está aí um que está rezando p'ra eu levar sumiço... Eu quisesse, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo... E se... Ah, mas tem os outros espanhóis, também... Diabo! É, então vamos ver como é que a abóbora alastra... e deixa o tiziu mudar as penas, p'ra depois cantar...

Olhou se o pinho estava com todas as cordas.

— Vou visitar seu Marrinha...

No caminho, cruza com o Jijo, que torce a cara, respondendo mal ao cumprimento.

— Onde é que vai indo, seu Jijo?

— Vou no sítio. Estou trabalhando p'ra seu Ramiro mais seu Garcia.

— E p'ra seu Echeviro e seu Saturnino e seu Queiroga, e p'r'a espanholada toda, não é? Mas, então, seu Jijo, você não tem vergonha de trabalhar p'ra esses gringos, p'ra uns estranjas, gente essa, gente atôa?!

— Eu acho pouca-vergonha maior é...

— Olha, seu Jijo, pois enquanto você estiver ajustado com esse pessoal, nem me fale, hein?!... Nem quero que me dê bom-dia!... Olha: eu estou vindo da capital: lá, quem trabalha p'ra estrangeiro, principalmente p'ra espanhol, não vale mais nada, fica por aí mais desprezado do que criminoso... É isso mesmo. E nem espie p'ra mim, enquanto que estiver sendo escravo de galego azedo!

O Jijo quase corre. Se foi. Lalino, já que parou, contempla os territórios ao alcance do seu querer.

— Bom, pousei no bom: estou vendo que já tem melancias maduras... Roça do Silva da Ponte... Melancia não tem dono!... Depois eu vou no seu Marrinha.

Toma a trilha da beira do córrego. Mas, que lindeza que é isto aqui! Não é que eu não me lembrava mais deste lugar?!

Somente a raros espaços se distingue a frontaria vermelha do barranco. O mais é uma mistura de trepadeiras floridas: folhas largas, refilhos, sarmentos, gavinhas, e, em glorioso e confuso trançado, as taças amarelas da erva-cabrita, os fones róseos do carajuru, as campânulas brancas do cipó-de-batatas, a cuspideira com campainhas roxas de cinco badalos, e os funis azulados da flor-de-são-joão.

Lalino depõe o violão e vai apanhar uma melancia. Tira o paletó, lava o rosto. Come. Faz travesseiro com o paletó dobrado, e deita-se no capim, à sombra do ingàssú, namorando a ravina florejante. Corricaram, sob os mangues-brancos; voou uma ave; mas não era hora de canto de passarinhos. Foi Lalino quem cantou:

"Eu estou triste como sapo na lagoa..."

Não, a cantiga é outra, com toada rida:

"Eu estou triste, como o sapo na água suja..."

E, no entanto, assim como não se lembrava do lugar das trepadeiras, não está pensando no sapo. No sapo e no cágado da estória do sapo e do cágado, que se esconderam, juntos, dentro da viola do urubu, para poderem ir à festa no céu. A festa foi boa, mas, os dois não tendo tido tempo de entrar na viola, para o regresso, sobraram no céu e foram descobertos. E então São Pedro comunicou-lhes: "Vou varrer vocês dois lá para baixo." Jogou primeiro o cágado. E o concho cágado, descendo sem para-quedas e vendo que ia bater mesmo em cima de uma pedra, se guardou em si e gritou: "Arreda laje, que eu te parto!" Mas a pedra, que era posta e própria, não se arredou, e o cágado espatifou-se em muitos pedaços. Remendaram-no, com esmero, e daí é que ele hoje tem a carapaça toda soldada de placas. Mas, nessa folga, o sapo estava se rindo. E, quando São Pedro perguntou por que, respondeu: "Estou rindo, porque se o meu compadre cascudo soubesse voar, como eu sei, não estava passando por tanto aperto..." E então, mais zangado, São Pedro pensou um pouco, e disse:

— "É assim? Pois nós vamos juntos lá em-baixo, que eu quero pinchar você, ou na água ou no fogo!" E aí o sapo choramingou: "Na água não, Patrão, que eu me esqueci de aprender a nadar..." — "Pois então é para a água mesmo que você vai!..." — Mas, quando o sapo caiu no poço, esticou para os lados as quatro mãozinhas, deu uma cambalhota, foi ver se o poço tinha fundo, mandou muitas bolhas cá para cima, e, quando teve tempo, veio subindo de-fasto, se desvirou e apareceu, piscando olho, para gritar: "Isto mesmo é que sapo quer!..."

E essa é que era a variante verdadeira da estória, mas Lalino Salãthiel nem mesmo sabia que era da grei dos sapos, e já estava cochilando, também.

Daí a pouco, acordou, com um tropel: é o *seu* Oscar, que anda consertando tapumes e vem vindo na égua ruça.

— O-quê!? seu Laio!... Tu está de volta?!... Não é possível!

— “Terra com sede, criação com fome”, seu Oscar...

— E chegou hoje?

— Ainda estou cheirando a trem... Vim de primeira...

— Ô-ôme!

— Só o que não volta é dinheiro queimado, seu Oscar!

— E agora?

— Enquanto um está vivendo, tem o seu lugar.

— E a sua vida?

— Moída e cozida...

— Já se viu?! Então, agora, ainda vai atrapalhar mais as coisas? Decerto vai querer tornar a tomar a mulher que você vendeu, ahn? Não deve de fazer isso. Piorou!

— Que nada, seu Oscar. Eu estou querendo é sossego.

— A-hã?... Uê... Então... Mas, então, tu não vai cobrar teu direito do espanhol? Vai deixar a sà Ritinha com o Ramiro?... Malfeito! Isso é ter sangue de barata... Seja homem! Deixar assim os outros desonrando a gente?!...

— Ara, ara, seu Oscar! Uai! Pois o senhor não estava dizendo primeiro que era errata eu querer me intrometer com eles? Pois então?!

— Ora, seu Laio, não queira me fazer de bobo, hom’essa!... Bem que sabe o-quê que eu quero dizer... Eu mesmo gosto de gente aluada, quando são assim alegres e têm resposta p’ra tudo. Por isso é que estou dando conselho...

— Eu sei, seu Oscar... Lhe fico até agradecido... Mas, o senhor repare: se eu for agora lá, derrubo cinza no mingau! A Ritinha, uma hora destas, há-de estar me esconjurando, querendo me ver atrás de morro... E a espanholada, prevenida, deve de estar arreliada e armada, me esperando. Sou lá besta, p’ra pôr mão em lagarta-cabeluda?! Eu não, que não vou cutucar caixa de mangangaba...

— É, isso lá é mesmo. Mas, e ela?

— Vou chamar no pio.

— E o espanhol?

— Vai desencostar e cair.

— Mas, de que jeito, seu Laio?

— Sei não.
— E você fica aí, de papo p'ra riba?
— Esperando sem pensar em nada, p'ra ver se alguma ideia vem...
— Hum-hum!
— É o que é, seu Oscar. Viver de graça é mais barato... É o que dá mais...
— E os outros, seu Laio? A sociedade tem sua regra...
— Isso não é modinha que eu inventei.
— Tá varrido!
— Pode que seja, seu Oscar. Dou água aos outros, e peço água, quando estou com sede... Este mundo é que está mesmo tão errado, que nem paga a pena a gente querer concertar... Agora, fosse eu tivesse feito o mundo, por um exemplo, seu Oscar, ah! isso é que havia de ser rente!... Magina só: eu agora estava com vontade de cigarrar... Sem aluir daqui, sem nem abrir os olhos direito, eu esticava o braço, acendia o meu cigarrinho lá no sol... e depois ainda virava o sol de trás p'ra diante, p'ra fazer de-noite e a gente poder dormir... Só assim é que valia a pena!...
— Cruz-credo! seu Laio. Toma um cigarro, e está aqui o isqueiro... Pode fumar, sem imaginar tanta bobagem... Essa pensação besta é que bota qualquer um maluco, é que atrapalha a sua vida. Precisa de tomar juízo, fazer o que todo-o-mundo faz!... Olha: tu quer, mas quer mesmo, de verdade, acertar um propósito? Se emendar?
— Pois então, seu Oscar! Quero! Pois quero! Eu estou campeando é isso mesmo...
— Bom, prometer eu não prometo... Não posso. Mas vou falar com o velho. Vou ver se arranjo p'ra ele lhe dar um serviço.
— Lhe honro a letra, seu Oscar! Não desmereço...
— Eu acho de encomenda, p'ra um como você, tomar uma empreitada com essa política, que está brava...
— Isto! seu Oscar... O senhor já pode dizer ao velho que eu agaranto a parte minha! Ah, isto sim! Agora é que essa gente vai ver, seu Oscar... Vão ver que eleiçãozinha diferente que vai ter... Arranja mesmo, seu Oscar... Já estou aflito... Já estou vendo a gente ganhando no fim da mão!
— Não pega fogo, seu Laio. Vou indo...
— Seu Oscar...
— Que é mais?
— Como vai passando o seu Marrinha?

— Se mudou. Foi p'ra o Divinópolis...
— Ara! foi?
— Ganhou bom dinheiro... Disse que quer pôr um teatro lá...
— Me agrada! Ô homem inteligente!

VI

Além de chefe político do distrito, Major Anacleto era homem de princípios austeros, intolerante e difícil de se deixar engambelar. Foi categórico:

— Não me fale mais nisso, seu Oscar. Definitivamente! Aquilo é um grandissíssimo cachorro, desbriado, sem moral e sem temor de Deus... Vendeu a família, o desgraçado! Não quero saber de bisca dessa marca... E, depois, esses espanhóis são gente boa, já me compraram o carro grande, os bezerros... Não quero saber de embondo!

Seu Oscar falou manso:

— Está direito, pai... Não precisa de ralhar... Eu só pensei, porque o mulatinho é um corisco de esperto, inventador de tretas. Vai daí, imaginei que, p'ra poder com as senvergonheiras do Benigno com o pessoal dele, do pior... Mas, já que o senhor não quer, estou aqui estou o que não. Agora, mudando de conversa: topei com outro boi ervado, no pastinho do açude...

Esse "mudando de conversa", com o Major Anacleto, era tiro e queda: pingava um borrão de indecisão, e pronto. Mas seu Oscar, pouco hábil, vinha ultimamente abusando muito do ardil. Por isso o Major soube que o filho estava sabendo e esperando a reação. E ele nunca dava nem um dedo a torcer.

Mas, aí, Tio Laudônio — sensato e careca, e irmão do Major — viu que era a hora de emitir o seu palpite, quase sempre o derradeiro.

Porque, Tio Laudônio, quando rapazinho, esteve no seminário; depois, soltou vinte anos na vida boêmia; e, agora, que deu outra vez para sisudo, a síntese é qualquer coisa de terrível. Devoto por hábito e casto por preguiça, vive enfurnado, na beira do rio, pescando e jogando marimbo, quando encontra parceiros. Pouquíssimas vezes vem ao arraial, e sempre para fins bem explicados: no sábado-da-aleluia, para ajudar a queimar o judas; quando tem circo-de-cavalinhos, por causa da moça — nada de comprometedor, apenas gosta de ter o prazer de ir oferecer umas flores à moça, no meio do picadeiro, exigindo para isso grande encenação, com a charanga funcionando e todos os artistas formando roda; quando há

missões ou missa-cantada, mas só se por mais de um padre; ou, então, a chamado do Major, em quadra de política assanhada, porque adora trabalhar com a cabeça. Fala sussurrado e sorrindo, sem pressa, nunca repete e nem insiste, e isso não deixa de impressionar. Além do mais, e é o que tem importância, Tio Laudônio "chorou na barriga da mãe" e, como natural consequência, é compadre das coisas, enxerga no escuro, sabe de que lado vem a chuva, e escuta o capim crescer.

— Um mulato desses pode valer ouros... A gente esquenta a cabeça dele, depois solta em cima dos tais, e sopra... Não sei se é de Deus mesmo, mas uns assim têm qualquer um apadrinhamento... É uma raça de criaturas diferentes, que os outros não podem entender... Gente que pendura o chapéu em asa de corvo e guarda dinheiro em boca de jia... Ajusta o mulatinho, mano Cleto, que esse-um é o Saci.

O Major sabia render-se com dignidade:

— Bem, bem, já que todos estão pedindo, que seja! Mandem recado p'ra ele vir amanhã. Mas é por conta de vocês... E nada de se meter com os espanhóis! Isso eu não admito. Absolutamente!...

Deu passadas, para lá e para cá, e:

— Seu Oscar!?

— Nhôr, pai?

— E avisa a ele para não vir falar comigo! Explica o-quê que ele tem de fazer... Eu é que não abro boca minha para dar ordens a esse tralha, entendeu?!

— O senhor é quem manda, pai.

VII

Entretanto, Eulálio de Souza Salãthiel parecia ter pouca pressa de assumir as suas novas funções. Não veio no dia seguinte. E quando apareceu na fazenda, só quarta-feira de-tarde, foi na horinha mesmo em que o Major se referia à sua pessoa, caçoando do *seu* Oscar e de Tio Laudônio, dizendo que o protegido deles começava muito final, e outras coisas mais, conformemente.

E, quando o mulatinho subiu, lépido, a escadinha da varanda, Major Anacleto, esquecido da condição ditada em hora severa, dispensou o intermédio de *seu* Oscar, e chofrou o rapaz:

— Fora! Se não quer tomar vergonha e preceito, pode ir sumindo d'aqui! O senhor está principiando bem, hein?! Está pensando que é

senador ou bispo, para ter seu estado?

Mas teve de parar, porque Lalino, respeitosamente erecto, desfreou a catarata:

— Seu Major, faz favor me desculpe! Demorei a vir, mas foi por causa que não queria chegar aqui com as mãos somenos... Mas, agora, tenho muita coisa p'ra lhe avisar, que o senhor ainda não sabe... Olhe aqui: todo-o-mundo no Papagaio vai trair o senhor, no dia da eleição. Seu Benigno andou por lá embromando o povo, convidando o Ananias p'ra ser compadre dele, e o diabo!... Na Boa Vista, também, a coisa está ruim: quem manda mais lá é o Cesário, e ele está de palavras dadas com os "marimbondos". Lá na beira do Pará, seu Benigno está atiçando uma briga do seu Antenor com seu Martinho, por causa das divisas das fazendas... Todos dois, mesmo sendo primos do senhor, como são, o senhor vai deixar eu dizer que eles são uns safados, que estão virando casaca p'ra o lado de seu Benigno, porque ele é quem entende mais de demandas aqui, e promete ajudar a um, p'ra depois ir prometer a mesma coisa ao outro... Seu Benigno não tem sossegado! E é só espalhando por aí que seu Major já não é como de em-antes, que nem aguenta mais rédea a cavalo, que não pode com uma gata p'lo rabo... Que até o Governo tirou os soldados daqui, porque não quer saber mais da política do senhor, e que só vai mandar outro destacamento porque ele, seu Benigno, pediu, quando foi lá no Belorizonte... Seu Benigno faz isso tudo sorrateiro. E, olhe aqui, seu Major: ele não sai da casa do Vigário... Confessa e comunga todo dia, com a família toda... E anda falando também que o senhor tem pouca religião, que está virando maçom... Está aí, seu Major. Por deus-do-céu, como isto tudo que eu lhe contei é a verdade!...

— Espera, espera aí, seu Eulálio... Espere ordens!

E o Major, estarrecido com as novidades, e furioso, chamou Tio Laudônio ao quarto-da-sala, para uma conferência. Durou o prazo de se capar um gato. Quando voltaram, o Major ainda rosnava:

— E o Antenor! E o Martinho Boca-Mole!... E eu sem saber de coisa nenhuma!

— Não é nada, mano, isto é o começo da graça... Dá dinheiro ao mulatinho, que a corda nele eu dou... Cem mil-réis é muito, cinquenta é o que chega, p'ra principiar...

Mas, na hora de sair, Lalino fez um pedido: queria o Estêvam — o Estevão —, para servir-lhe de guarda. Podia alguém do Benigno querer

fazer-lhe uma traição... Depois, esse povo andava agora implicando com ele, por demais. Não queria provocar ninguém... Era só para se garantir, se fosse preciso.

O Major fechara a cara, mas, a um aparte cochichado de Tio Laudônio, acedeu:

— Pode levar o homem, mas olhe lá, hem! Não me cace briga com pessoa nenhuma, e nem passe por perto da casa dos espanhóis. Eles são meus amigos, está entendendo?!

E, como agora estivesse de humor melhor, o Major ainda fez graça:

— Vendeu a mulher, não foi?!... Nem que tivesse vendido ao demo a alma... É só não arranjar barulho, que eu não vou capear malfeito de ninguém.

— Isto mesmo, seu Major. Com paz é que se trabalha! Amanhã, vou dar um giro, de serviço... Louvado seja Nosso senhor Jesus Cristo, seu Major!

E, no outro dia, Lalino saiu com Estêvam — o Estevão —, um dos mais respeitáveis capangas do Major Anacleto, sujeito tão compenetrado dos seus encargos, que jamais ria.

E, quando alguém vinha querendo debicá-lo, Lalino ficava impassível. Mas, como bom guarda-costas, o Estevão se julgava ali na obrigação de escarrar para um lado, com ronco, e de demonstrar impaciência. E o outro tal se desculpava:

— Estava era brincando, seu Laio...

Porque, ainda mais, o Estevão era de Montes Claros, e, pois, atirador de lei, e estava sempre concentrado, estudando modos de aperfeiçoar um golpe seu: pontaria bem no centro da barriga, para acertar no umbigo, varar cinco vezes os intestinos, e seccionar a medula, lá atrás.

E Lalino fazia um gesto vago, e continuava com o ar de quem medita grandes coisas. E assim o povo do arraial ficou sabendo que ele era o cabo eleitoral de *seu* Major Anacleto, e que tinha de receber respeito.

E tudo o mais, com a graça de Deus, foi correndo bem.

VIII

Com o relatório de Lalino, o Major compreendeu que não podia ficar descansado. Tinha de virar andejo. Mandou selar a mula e bateu para a casa do Vigário. Mas, antes da sua pessoa, enviou uma leitoa. Confessou-se, deu dinheiro para os santos. O padre era amigo seu e do Governo, mas, com o raio do Benigno chaleirando e intrigando, a gente não podia ter

certeza. Felizmente, estava vago o lugar de inspetor escolar. Ofereceu-o ao Vigário.

— Mas, Major, não me fica bem, isso... Meu tempo está tomado, pelos deveres de pároco...

— É um favor aceitar, seu Vigário! Precisamos do senhor. Não é nada de política. É só pelo respeito, para ficar uma coisa mais séria. E é para a religião. Comigo é assim, seu Vigário: a religião na frente! Sem Deus, nada!...

O padre teve de aceitar leitoa, visita, dinheiro, confissão e cargo; e ainda falou:

— Sabe, Major? Quem esteve aqui ontem foi esse rapaz que agora está trabalhando para o senhor. Também se confessou e comungou, e ainda trocou duas velas para o altar de Nossa Senhora da Glória... E rezou um terço inteiro, ajoelhado aos pés da Santa. O caso dele, com a mulher mais o espanhol, é muito atrapalhado, e por ora não se pode fazer coisa alguma... Mas, havendo um jeito... Como bom católico, o senhor não ignora: a gente não deve poupar esforços visando à reconciliação de esposos. Aliás, só lhe falo nisso porque é do meu dever. O moço não me pediu nada, e isso prova que ele tem delicadeza de sentimentos. Depois, assim, com tanta devoção à Virgem Puríssima, ninguém pode ser pessoa de todo má...

— Com a Virgem me amparo, seu Vigário!

— Amém, seu Major!

E Major Anacleto tocou pelas fazendas, em glorioso périplo, com Tio Laudônio à direita, *seu* Oscar à esquerda, e um camarada atrás.

Passaram em frente da chácara dos espanhóis. *Seu* Ramiro baixou à estrada, convidando-os para uma chegada. Mas isso era contra os princípios do Major. Então, *seu* Ramiro, ali mesmo, fez suas queixas: que o senhor Eulálio, apadrinhado pelo Estevão, viera por lá, a cavalo, somente para o provocar... Não o saudara, a ele, Ramiro, e dera um “viva o Brasil!” mesmo diante da sua porta. E, como a Ritinha estivesse na beira do córrego, lavando roupa, o granuja, o sem-vergonha, tivera o atrevimento de jogar-lhe um beijo... Ele, mais os outros patrícios, podiam haver armado uma contenda, pois se achavam todos em casa, na hora. Mas, como o maldito perro agora estava trabalhando para o senhor Major, não quiseram pegá-lo com as cachiporras... Agora, todavia, tinha que pedir-lhe justiça, ao distinguido Senhor Major Dom Anacleto...

Nisso, o Major, vendo que Tio Laudônio fazia esforços para não rir, ficou sem saber que propósito tomar. Mas o espanhol continuou:

— E creia, senhor Major, não o quero molestar, porém o canalha não lhe merece tantas altas confianças... Saiba o senhor, convenientemente, que ele se há feito muito amigo do filho do senhor Benigno. Foram juntos à Boa Vista, todos acá o hão sabido... Com violões, e aguardente, e levando também o Estevão, que vive, carái! o creio, à custa do senhor Major...

Aí, foi o diabo. Major Anacleto ficou perú, de tanta raiva. Então, o Lalino, andando com o filho do adversário, e indo os dois para a Boa Vista, um dos focos da oposição? Bem feito, para a gente não ser idiota! E, pelo que disse e pelo que não disse, *seu* Oscar teve pena do seu protegido, seriamente.

E, uma semana depois, quando, encerrada a excursão eleitoral, regressaram à fazenda, a apóstrofe foi violentíssima. Lalino tinha chegado justamente na véspera, e estava contando potocas aos camaradas, na varanda, o que foi uma vantagem, porque o Major gritou com ele antes de ter de briquitar para tirar as botas, o que geralmente aumenta muito a ira de um cristão.

— Então, seu caradura, seu cachorro! O senhor anda agora de braço dado com o Nico do Benigno, de bem, para me trair, hein?!... Mal-agradecido, miserável!... Tu vendeu a mulher, é capaz de vender até hóstias de Deus, seu filho de uma!

— Seu Major, escuta, pelo valor do relatar! Eu juntei com o filho do seu Benigno foi só p'ra ficar sabendo de mais coisas. P'ra poder trabalhar melhor para o senhor... E mais p'ra uma costura que eu não posso lhe contar agora, por causa que ainda não tenho certeza se vai dar certo... Mas, seu Major, o senhor espere só mais uns dias, que, se a Virgem mais nos ajudar, o povo da Boa Vista todo, começando por seu Cesário, vai virar mãe-benta para votar em nós...

Aí, Tio Laudônio fez um sinal para o Major, que se acalmou, por metade. Afinal, o diabo do *seu* Eulálio podia estar com a razão. Mas o Major tinha outros motivos para querer desabafar:

— Eu não lhe disse que não fosse implicar com os espanhóis? Não falei?! Que tinha o senhor de passar por lá, insultando?

— Ô diabo! Não é que já foram inventar candonga?!... Não insultei ninguém, seu Major...

— Tu ainda nega, malcriado? O Ramiro me fez queixa...

— Seu Major, só se aqueles estrangeiros acham que a gente dar viva ao Brasil é mexer com eles. Mas eu nunca ouvi ninguém dizer isso... A gente na política tem de ser patriota, uai! O senhor também não é?!

— Deixe de querer se fazer! Mais respeito!... O senhor não pode negar que foi se engraçar com a dona Ritinha, que estava lá quieta na fonte, esfregando roupa...

— Ora, seu Major, o senhor não acha que a gente vendo a mulher que já foi da gente, assim sem se esperar, de repente, a gente até se esquece de que ela agora é de outro? Foi sem querer, seu Major. Agora, o senhor me deixa contar o que foi que eu fiz nestes dias...

— Pois conta. Por que é que ainda não contou?!

— Primeiro, fui no Papagaio, assustei lá uns e outros, dando notícia de que vem aí um tenente com dez praças... Só o senhor vendo, aquele povinho ficou zaranza! As mulheres chorando, rezando, o diabo!... Depois sosseguei todos, e eles prometeram ficar com o senhor, direitinho, p'ra votar e tudo!...

— Hum...

— Depois, fui dar uma chegada lá no Mucambo, e, com a ajuda de Deus, acabei com a questão que o seu Benigno tinha atiçado...

Tio Laudônio se adianta, roxo de curiosidade profissional:

— Como é que você fez, que é que disse?

— Ora, pois foi uma bobaginha, p'ra esparramar aquilo! Primeiro, fiz medo no seu Antenor, dizendo que seu Major era capaz de cortar a água... Pois a aguada da fazenda dele não vem do Retiro do irmão do seu Major?... Com seu Martinho, foi mais custoso. Mas inventei, por muito segredo, que o senhor dava razão a ele, mas que era melhor esperar até depois das eleições... Até, logo vi que o seu Benigno não tinha arranjado bem a mexida... A briga estava sendo por causa daqueles dois valos separando os pastos... O senhor sabe, não é? Tem o valo velho, já quase entupido de todo, e o novo. Levei seu Martinho lá, mais seu Antenor... Expliquei que, pela regra macha moderna do Foro, o valo velho não era valo e nem nada, que era grota de enxurrada... E que o valo novo é que era velho... E mais uma porção de conversa entendida... Falei que agora tinha uma nova lei, que, em caso de demandas dessas, tinha de vir um batalhão todo de gente do Governo, p'ra remedirem tudo... E o pagamento saía do bolso de quem perdesse... Quando falei nos impostos, então, Virgem! Só

vendo como eles ficaram com medo, seu Major! Então, resolveram partir a razão no meio. Ajudei os dois a fazerem as pazes...

— Valeu. O que você espalhou de boca, de boca o Benigno ajunta... Fazer política não é assim tão fácil... Mas, alguma coisa fica, no fundo do tacho...

— Pois, não foi, seu Laudônio? Faço o melhor que posso, não sou ingrato. Mas, como eu ia contando... Bem, como seu Martinho é homem enjerizado e pirrônico, eu, na volta, fui na cerca que separa a roça dele do pasto do pai do seu Benigno... Dei com pedras e cortei com facão, abri um rombo largo no arame... e toquei tudo o que era cavalo e vaca, p'ra dentro da roça. Ninguém não viu, e vai ser um pagode! Assim, não tem perigo: quem é pra ficar brigado agora é o seu Martinho com o pai do outro e, decerto, depois, com seu Benigno também...

— Não tenho tanta esperança... — opinou o Major, já conforme.

E Lalino concluiu, com voz neutra, angelical:

— Está vendo, seu Major, que eu andei muito ocupado com os negócios do senhor, e não ia lá ter tempo p'ra gastar com espanhol nenhum? Gente que p'ra mim até não tem valor, seu Major, pois eles nem não votam! Estrangeiros... Estrangeiro não tem direito de votar em eleição...

IX

Correram uns dias, muito calmos, reinando a paz na fazenda, porque o Major teve a sua enxaqueca, e depois o seu mal de próstata. Já sem dores, mas ainda meio perrengue, passava o tempo no côncavo generoso da cadeira-de-lona, com pouco gosto para expansões.

O comando político estava entregue agora quase completamente a Tio Laudônio, que transitava com pouco alarde e se deitava na cama quando queria pensar melhor. De vez em quando, apenas, vinha comentar qualquer coisa, fazendo o Major enrugar mais a testa e pronunciar um murmúrio de interjeições integérrimas. Mas isso poucas vezes acontecia, por último. Da curva da cadeira, ia o Major para em-frente da cômoda do quarto-de-dormir, e lá ficava, de-pé, armando paciências de baralho — conhecia muitas variedades mas só cultivava uma, prova de alta sabedoria, pois um divertimento desses deve ser mesmo clássico, o mais possível.

Enquanto isso, Lalino Salãthiel pererecava ali por perto, sempre no meio dos capangas, compondo cantigas e recebendo aplausos, porque,

como toda espécie de guerreiros, os homens do Major prezavam ter as façanhas rimadas e cantadas públicas.

E, vai então pois então, Lalino teve um momento de fraqueza, e pediu a *seu* Oscar que procurasse a Ritinha e falasse, e dissesse, mas não dissesse isso, e calasse aquilo, mas dando a entender que... mas sem deixar que ela pensasse que... e aquil'outro, e também etc., e pronto.

Na manhã seguinte, *seu* Oscar, prestativo e bom amigo, foi. Rabeou redor à casa do espanhol, e fez um acaso, atravessando na frente da mulher, quando ela saía para procurar ninhos de galinha-d'angola no bamburral.

Mas Maria Rita tinha olhos, pernas e cabelos tentadores, e *seu* Oscar se atarantou. E, se chegou a se perturbar, é claro que foi por ter tido inspiração nova, resolvendo, num átimo, alijar a causa do mulatinho e entrar em execução de própria e legítima ofensiva.

Em sã consciência, ninguém poderia condená-lo por isso, mas Maria Rita desconfiou do contrário — do que antes fora para ser, mas que tinha deixado agorinha mesmo de ser — e foi interpelando:

— Já sei! Foi aquele bandido do Laio, que mandou o senhor aqui para me falar; não foi, seu Oscar?

Seu Oscar era jogador de truque e sabia que "a primeira é a que vai à missa!" Assim, achou que estava na hora de não perder a vaza, e disse:

— Pois não foi não, sà Ritinha... Aquele seu marido é um ingrato! A senhora nem deve nem de pensar nele mais, porque ele não soube dar valor ao que tem... Não guardou estima à prenda de ouro dele! É um vagabundo, que vive fazendo serenata p'ra tudo quanto é groteira e capioa por aí...

Maria Rita perdeu o aprumo:

— Então, ele nem pensa mais em mim, não é?... Faz muito bem... Porque eu cá tenho sentimento! Nem vestido de santo, não quero ver!

— Está muito direito, sà dona Ritinha! Assim é que deve ser. Olha, a senhora merece coisa muito melhor do que ele... e do que esse espanhol também... Eu juro que nunca vi moça tão bonitonazinha como a senhora, nem com um jeito tão bom p'ra agradar à gente...

Maria Rita sorria, gostando.

— É assim mesmo, dona Ritinha... Esses olhos graúdos... Essa bocazinha sua... A gente até perde as ideias, dona Ritinha...

Chegou mais para perto.

— Não ri, não, dona Ritinha! Tem pena dos outros... Ah! Se eu pedisse um beijinho à senhora...

Mas Maria Rita pulou para trás, vermelha furiosa:

— O senhor é um cachorro como os outros todos, seu Oscar! Homem nenhum não presta!... Se o senhor não sumir daqui, ligeiro, eu chamo o Ramiro para lhe ensinar a respeitar mulher dos outros!

Seu Oscar, desorganizadíssimo, quis safar-se. Mas, aí, foi ela quem o reteve, meio brava meio triste, agora em lágrimas:

— E, olhe aqui: o senhor está enganado comigo, seu Oscar! O senhor não me conhece! Eu procedi mal, mas não foi minha culpa, sabe?! Eu gosto é mesmo do Laio, só dele! Não presta, eu sei, mas que é que eu hei de fazer?!... Pode ir contar a ele, aquele ingrato, que não se importa comigo... Fiquei com o espanhol, por um castigo, mas o Laio é que é meu marido, e eu hei de gostar dele, até na horinha d'eu morrer!

Seu Oscar se foi, quase correndo, porque não suportava aquele choro consentido e aqueles gritos de louca. E nem soube que, por artes das linhas travessas da boa escrita divina, se tinha saído às mil maravilhas da embaixada que Lalino Salãthiel lhe cometera.

Chegou em casa com uma raiva danada de Lalino, e, para se despicar, foi decepcionando a sôfrega expectativa do mulatinho:

— Pode tirar o cavalo da chuva, seu Laio! Ela gosta mesmo do espanhol, fiquei tendo a certeza... Vai caçando jeito de campear outra costela, que essa-uma você perdeu!

Lalino suspirou...:

— É, mulher é isso mesmo, seu Oscar... Também, gente que anda ocupada com política não tem nada que ficar perdendo tempo com dengos... Mas, muito obrigado, seu Oscar. O senhor tem sido meu pai nisso tudo. Quer escutar agora o hino que estou fazendo p'ra o senhor?

Mas *seu* Oscar não queria escutar coisa nenhuma. Deixou Lalino na varanda, e foi falar com o velho, aproveitando a oportunidade de Tio Laudônio no momento não estar lá.

Major Anacleto relia — pela vigésima terceira vez — um telegrama do Compadre Vieira, Prefeito do Município, com transcrições de um outro telegrama, do Secretário do Interior, por sua vez inspirado nas anotações que o Presidente do Estado fizera num anteprimeiro telegrama, de um Ministro conterrâneo. E a coisa viera vindo, do estilo dragocrático-mandológico-coactivo ao cabalístico-estatístico, daí para o messiânico-

palimpséstico-parafrástico, depois para o cozinhativo-compadresco-recordante, e assim, de caçarola a tigela, de funil a gargalo, o fino fluido inicial se fizera caldo gordo, mui substancial e eficaz; tudo isto entre parênteses, para mostrar uma das razões por que a política é ar fácil de se respirar — mas para os de casa, que os de fora nele abafam, e desistem. Major Anacleto tomava pó, cornicha em punho.

Seu Oscar foi de focinho:

— Agora é que estou vendo, meu pai, que o senhor é quem tinha razão. Soubesse...

— Pois não foi? Se o Compadre Vieira não abrir os olhos, com o pessoal das Sete-Serras, nós ficamos é no mato sem cachorro... Eu já disse! Bem que eu tinha falado com o Compadre, que isso de se querer fazer política por bons modos não vai!

— Isso mesmo, pai. O senhor sempre acerta. É como no caso do mulatinho, desse Lalino... Olha, eu já estou até arrependido de ter falado em trazer o...

— Seu Major! Seu Major! — (Lalino invadira a sala, empurrando para a frente um curiboca mazelento e empoeirado, novidadeiro-espião chegado da Boa Vista num galope de arrebentar cavalo).

— Que é? Que houve? Mataram mais algum, lá na Catraia?

E o Major se levantava, — tirando óculos e enfiando óculos, telegrama, cornicha e lenço, na algibeira, — aturdido com o alarido, se escapando da compostura.

— Não senhor, seu Major meu padrinho... Louvado seja Nosso senhor Jesus Cristo... — e o capiauzinho procurava a mão do Major, para o beijo de benção. — ...Foi na Boa Vista... Seu Cesário virou p'ra nós!

— Como foi isso, menino? Conta com ordem!

— O povo está todo agora do lado da gente... Não querem saber mais do seu Benigno... Tudo vota agora no senhor, seu Major meu padrinho!

— Eu já sabia... Mas conta logo como foi!

— Foi porque o filho do seu Benigno, o Nico... que desonrou, com perdão da palavra, seu Major meu padrinho... que desonrou a filha mais nova do seu Cesário... Os parentes estão todos reunidos, falando que tem de casar, senão vai ter morte... E matam mesmo, seu Major! Seu Cesário vai vir aqui, p'ra combinar paz com o senhor, seu Major meu padrinho...

Lalino, por detrás, fazia sinais ao Major, que mandasse o mensageiro se retirar.

— Está direito, Bingo. Vai agora lá na cozinha, p'ra ganhar algum de-comer. Depois, você volta p'ra lá, e fica calado, escutando tudo direito.

Mal o outro se sumira, e Lalino Salãthiel gesticulava e modulava:

— Eu não disse, seu Major?! Não falei? No pronto, agora, o senhor está vendo que deu certo... Pois foi p'ra isso que eu levei o Nico na Boa Vista, ensinando o rapaz a cantar serenata e botar flor, e ajeitando o namoro com a Gininha! Estive até em perigo de seu Benigno mandar darem um tiro em mim, porque ele não queria que o filho andasse em minha má companhia... Ah, com o amor ninguém pode!

— Pois o senhor fez muito mal. Pode dar e pode não dar certo... Se o rapaz casa com a moça, tudo ainda fica pior...

— Ele não casa, seu Major! Eu sabia que ele não casava, porque o seu Benigno quer mandar o filho p'ra o seminário... E eu aconselhei o Nico a quietar no mundo... Ele está revelio, seu Major, seu Oscar, está em uns ninhos!

— É... Eu não gosto das coisas tão atentadas... Não sei se isto é como Deus manda... A moça, coitadinha, vai sofrer?! Ninguém tem o direito de fazer isso...

— Há-de-o, que eu já deduzi também, seu Major, não arranjo meio sem mais a metade. Depois do que for, das eleições, a gente rege o rapaz, se faz o casório... Tem de casar, mas só certo... Eu sei onde é que o Nico está amoitado... Aí a raiva do seu Benigno vai ser cheia. E as festas!...

— Está direito, seu Eulálio. O senhor tem galardão.

— Só quero servir o senhor, seu Major! Com chefe bom, a gente chega longe!

— Bem, pode ir... E guarde segredo da trapalhada que o senhor aprontou, hem?!

E, ficando só com *seu* Oscar, Major Anacleto retomou a conversa, justo no ponto em que fora interrompida:

— Bem o senhor estava me dizendo, agorinha mesmo, que ele é levado de ladino! Foi um servição que o senhor me fez, trazendo esse diabo para mim. Gostei, seu Oscar. O senhor tem jeito para escolher camaradas, meu filho.

— Às vezes a gente acerta... Era isso mesmo que eu vinha lhe falar, meu pai...

— Está direito.... Agora o senhor vá no arraial, mandar um telegrama meu para o Compadre Prefeito. Um vê, não vê estes tantos constantes

trabalhos que a política dá... Passa no Paiva, e na farmácia...

Seu Oscar saiu e o Major se assoou, voltou para a cadeira-de-lona. Mas, daí a pouco, chegava Tio Laudônio, trazendo uma grande notícia: tinham recebido aviso, no arraial, de que nessa mesma tarde devia passar de automóvel, vindo de Oliveira, um chefe político, deputado da oposição. *Seu* Benigno tinha ido para a beira do rio, para vir junto. Não sabiam bem o nome.

— Se chegarem por aqui, nem água para beber eu não dou, está ouvindo? Inda estumo cachorro neles! — rugiu o Major.

— Qual, passam de largo... Que é que eles haviam de querer aqui?

— Pau neles, isto sim, que era bom! Por isto é que eu não gosto de estrada de automóvel! Serve só para pôr essa cambada trançando afoita por toda a parte... E o cachorro do Benigno vai ficar todo ancho. Decerto há-de fazer discurso, louvar as lérias... Olha, o Eulálio podia ir no arraial, hem? Para arranjar um jeito de atrapalhar, se tiver ajuntamento.

— Não vale a pena, mano Cleto.

— É, então pode deixar... A gente já está ganhando, longe! Ah, esse seu Eulálio fez um... Já sabe?... O Oscar contou?

Aí o Major se levantou e foi até à janela. E, quando ele ia assim à janela, não era sempre para espiar a paisagem. Agora, por exemplo, era para apurar alguma ideiazinha. Tio Laudônio sabia disso, e esperava que ele se voltasse com outra pergunta. E foi:

— Escuta aqui, mano Laudônio: é verdade que espanhol não vota?

— Não. Não podem. São estrangeiros... A coisa agora está muito séria.

— Ahn... Sim... Olha: manda levar mais madeira para o seu Vigário... Para as obras da capelinha do Rosário...

— Já mandei.

— Diabo! Vocês, também, não deixam nada para eu pensar!...

E foi para a espreguiçadeira, dormir.

Quando acordou, horas depois, foi a sustos com uma matinada montante: o mulherio no meio da casa; os capangas, lá fora, empunhando os cacetes, farejando barulho grosso; e muita gente rodeando uma rapariga bonita, em pranto, com grandes olhos pretos que pareciam os de uma veadinha acuada em campo aberto.

Com a presença enérgica do patriarca, amainou-se o rebuliço, e a moça veio cair-lhe aos pés, exclamando:

— Tem pena de mim, seu Coronel, seu Major!... Não deix'eles me levarem! Pelo amor de suas filhas, pelo amor de sua mulher dona Vitalina... Não me desampare, seu Major...

— Pois sim, moça... Mas, espera um pouco... Sossega. Daqui ninguém tira a senhora por mal, sem minha ordem... Conta primeiro o que é que houve... A senhora quem é?...

— Sou a mulher do Laio, seu Major... Me perdoe, seu Major... Eu sei que o senhor tem bom coração... Sou uma infeliz, seu Major... É o Ramiro, o espanhol, que me desgraçou... Desde que o Laio voltou, que ele anda com ciúme, só falando... Eu não gosto dele, seu Major, gosto é do Laio!... Bom ou ruim, não tem juízo nenhum, mas eu tenho amor a ele, seu Major... Agora o espanhol deu para judiar comigo, só por conta do ciúme... Viu o seu Oscar conversando comigo hoje, e disse que o seu Oscar estava era levando recado... Quis me bater, o cachorro! Disse que me mata, mata o Laio, e depois vai se suicidar, já que está mesmo treslouco... Então eu fugi, para vir pedir proteção ao senhor, seu Major. Pela Virgem Santíssima, não me largue na mão dele, seu Majorzinho nosso!

— Calma, criatura! — levanta, vai lavar esses olhos... Ó Vitalina, engambela ela, dá um chá à coitadinha... Afinal... afinal ela não tem culpa de nada... É uma história feia, mas... Nem o Eulálio não tem culpa também, não... Foi só falta de juízo dele, porque no fundo ele é bom... Mas, que diabo! O espanhol é boa pessoa... Arre! Só o mano Laudônio mesmo é quem pode me aconselhar... Bem, fala com as meninas para tomarem conta dela, para ver se ela fica mais consolada... E a senhora pode dormir hoje com descanso, moça, não lhe vai acontecer coisa nenhuma, ora! — Ó Estêvam! Qu'é-de seu Eulálio?

— Seu Laio saiu... Foi p'ra a beira do rio...

— Mande avisar a ele, já! Fala que a mulher dele está aqui...

— O Juca passou inda agorinha no caminhão, e disse que o seu Laio estava lá, numa cachaça airada, no botequim velho que foi da empresa, com outros companheiros, fazendo sinagoga. Diz que chegou um doutor no automóvel e parou para tomar água, mas ficaram conversando e ouvindo as parlas do seu Laio, achando muita graça, gostando muito...

— Ra-ch'ou-parta! diabo dos infernos! Maldito! Referido!

Em fel de fera, Major Anacleto sapateava e rilhava os dentes. Os homens silenciaram, na varanda, pensando que já vinha ordem para brigar. E as mulheres, arrastando Maria Rita, se sumiram no corredor. Só Tio

Laudônio, que entrava de caniço ao ombro, vindo do corguinho, foi quem continuou calmo, pois que coisa alguma poderia pô-lo de outro jeito.

O Major bramia:

— Cachorrão! Bandido!... Mas, tu não está entendendo, mano Laudônio?! É o diabo do homem, do tal, o deputado da oposição!... Parou... Decerto! Tinha de gostar... Pois encontra o mulatinho bêbedo, botando prosa, contando o caso da Boa Vista, e tudo... Nem quero fazer ideia de como é que vai ser isto por diante... Cachorro! Agora vai dar tudo com os burros n'água, só por causa daquele cafajeste! Mal-agradecido! E logo agora, que eu ia proteger o capeta, fazer as pazes dele com a mulher, mandar os espanhóis para longe... Mas, vai ver! Me paga! Leva uma sova de relho, não escapa!

— Calma, mano Anacleto... A gente não deve de esperdiçar choro em-antes de ver o defunto morrer...

— Qual! história... Vitalina! Ó Vitalina!... Não deixa as meninas ficarem mais junto com essa mulher! Não quero mau exemplo aqui dentro de casa!... Mulher de dois homens!... Imoralidade! Indecência!

A muito custo, Tio Laudônio conseguiu levar o Major para o quarto, e encomendou um chá de flor-de-laranjeira.

— Calma. Pode, no fim, não ser tão ruim assim.

E foi comer qualquer coisa, pois já estava com atraso.

Principiou a escurecer. A gente já ouvia os coaxos iniciais da saparia no brejo. E os bate-paus acenderam um foguinho no pátio e se dispuseram em roda. Tio Laudônio, já jantado, chamou o Major para a varanda.

— Lá vem um automóvel...

— São eles, Laudônio... Manda vigiarem e não olharem! Manda não se estar, fecharem as janelas e as portas! Ah, mulatinho — para cá, e arrastado com pancada grossa!...

— Espera... Olha, já parou, por si.

Lalino parou primeiro e ajudava os outros a descerem. Três doutores. Um gordo... um meio velho... um de óculos... Lalino guiava-os para a escada da varanda.

— Só eu indo ver quem é, mano Cleto.

— Mas, que é que essa gente vem fazer, aqui?... Eu quero saber de oposição nenhuma, mano Laudônio! Eu desfeiteio! Eu...

— Quieto, homem, areja! Vamos saber, só, primeiro. Se entrarem, é porque são de paz... Vem p'ra dentro. Eu vou ver.

Mas, daí a um mijo, Tio Laudônio gritava pelo Major:

— Depressa, mano, que não é oposição nenhuma, é do Governo! Depressa, homem, é Sua Excelência o Senhor Secretário do Interior, que está de passagem, de volta para o Belorizonte.

O Major correu, boca-aberta, borres, se aperfeiçoando, abotoando o paletó. Os viajantes já estavam na sala, com Lalino — pronto perto, justo à vontade e falante.

E nunca houve maior momento de hospitalidade numa fazenda. O Major se perfazia, enfim, quase sem poder bem respirar:

— Ah, que honra, mas que minha honra, senhor Doutor Secretário do Interior!... Entrar nesta cafua, que menos merece e mais recebe... Esteja à vontade! Se execute! Aqui o senhor é vós... Já jantaram? ô, diacho... Um instantinho, senhor Doutor, se abanquem... Aqui dentro, mando eu — com suas licenças —: mando o Governo se sentar... P'ra um repouso, o café, um licor... O mano Laudônio vai relatar! Ah, mas Suas Excelências fizeram boa viagem?...

Mas, não: Suas Excelências tinham pressa de prosseguir. O cafezinho, sim, aceitavam. Viagem magnífica, excursão proveitosa. Um prazer, estarem ali. E o titular sorria, sendo-se o amistoso de todos, apoiando a mão, familiar, no ombro do Major. Ah, e explicava: tinha recebido o convite, para passar pela fazenda, e não pudera recusar. O senhor Eulálio — e aqui o Doutor se entusiasmava — abordara o automóvel, na passagem do rio. O que fora muito gentil da parte do Major, haver mandado o seu emissário esperá-los tão adiante. E, falando nisso, que magnífico, o Senhor Eulálio! Divertira-os! O Major sabia escolher os seus homens... Sim, em tudo o Major estava de parabéns... E, quando fosse a Belorizonte, levasse o Eulálio, que deveria acabar de contar umas histórias, muito pândegas, da sua estada no Rio de Janeiro, e cantar uns lundús...

Tomado o café, alegria feita, cortesia floreada, política arrulhada, e o muito mais — o estilo, o sistema, — o tempo valera. Daí, se despediam: abraço cordial, abraço cordial...

E o Doutor Secretário abraçou também Lalino, que abria a portinhola do carro.

— Adeus, Senhor Eulálio. Continue sempre ao serviço do Senhor Major Anacleto, que é ótimo e digno chefe. E, quando ele vier à capital, já prometeu trazê-lo também...

Lalino pirueteava, com risco de cair, conforme dava todos os vivas.

O automóvel sumiu-se na noite.

E, no brejo, os sapos coaxavam agora uma estória complicadíssima, de um sapo velho, sapo-rei de todos os sapos, morrendo e propondo o testamento à saparia maluca, enquanto que, como todo sapo nobre, ficava assentado, montando guarda ao próprio ventre.

— "Quando eu morrer, quem é que fica com os meus filhos?"...

— *"Eu não... Eu não! Eu não!... Eu não!"...*

(Pausa, para o sapo velho soltar as últimas bolhas, na água de emulsão.)

— "Quando eu morrer, quem é que fica com a minha mulher?"

— *"É eu! É eu! É eu! É eu! É eu!"...*

Major Anacleto chama Lalino, e as mulheres trazem Maria Rita, para as pazes. O chefão agora é quem se ri, porque a mulherzinha chora de alegria e Lalino perdeu o jeito. Mas, alumiado por inspiração repentina, o Major vem para a varanda, convocando os bate-paus:

— Estêvam! Clodino! Zuza! Raymundo! Olhem: amanhã cedo vocês vão lá nos espanhóis, e mandem aqueles tomarem rumo! É para sumirem, já, daqui!... Pago a eles o valor do sítio. Mando levar o cobre. Mas é para irem p'ra longe!

E os bate-paus abandonam o foguinho do pátio, e, contentíssimos, porque de há muito tempo têm estado inativos, fazem coro:

"Pau! Pau! Pau!
Pau de jacarandá!...
Depois do cabra na unha,
quero ver quem vem tomar!..."

E os sapos agora se interpelam e se respondem, com alternâncias estranhas, mas em unanimidade atordoante:

— Chico? — Nhô!? — Você vai? — Vou!
— Chico? — Nhô! — Cê vai? — Vou!...

No alto, com broto de brilhos e asterismos tremidos, o jogo de destinos esteve completo. Então, o Major voltou a aparecer na varanda, seguro e satisfeito, como quem cresce e acontece, colaborando, sem o saber, com a direção-escondida-de-todas-as-coisas-que-devem-depressa-acontecer. E gritou:

— Olha, Estêvam: se a espanholada miar, mete a lenha!

— De miséria, seu Major!
— E, pronto: se algum quiser resistir, berrem fogo!
— Feito, seu Major!
E, no brejo — friíssimo e em festa — os sapos continuavam a exultar.

“Canta, canta, canarinho, ai, ai, ai...
Não cantes fora de hora, ai, ai, ai...
A barra do dia aí vem, ai, ai, ai...
Coitado de quem namora!...”

(O trecho mais alegre, da cantiga mais alegre, de um capiau beira-rio.)

Sarapalha

Tapera de arraial. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu.

Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar.

Ela veio de longe, do São Francisco. Um dia, tomou caminho, entrou na boca aberta do Pará, e pegou a subir. Cada ano avançava um punhado de léguas, mais perto, mais perto, pertinho, fazendo medo no povo, porque era sezão da brava — da “tremedeira que não desamontava” — matando muita gente.

— Talvez que até aqui ela não chegue... Deus há-de...

Mas chegou; nem dilatou para vir. E foi um ano de tristezas.

Em abril, quando passaram as chuvas, o rio — que não tem pressa e não tem margens, porque cresce num dia mas leva mais de mês para minguar — desengordou devagarinho, deixando poços redondos num brejo de ciscos: troncos, ramos, gravetos, coivara; cardumes de mandís apodrecendo; tabaranas vestidas de ouro, encalhadas, curimatãs pastando barro na invernada; jacarés, de mudança, apressados; canoinhas ao seco, no cerrado; e bois sarapintados, nadando como búfalos, comendo o mururê-de-flor-roxa flutuante, por entre as ilhas do melosal. Então, houve gente tremendo, com os primeiros acessos da sezão.

— Talvez que para o ano ela não volte, vá s’embora...

Ficou. Quem foi s’embora foram os moradores: os primeiros para o cemitério, os outros por aí a fora, por este mundo de Deus. As terras não valiam mais nada. Era pegar a trouxa e ir deixando, depressa, os ranchos, os sítios, as fazendas por fim. Quem quisesse, que tomasse conta.

Aí a beldroega, em carreirinha indiscreta — *ora-pro-nobis! ora-pro-nobis!* — apontou caules ruivos no baixo das cercas das hortas, e, talo a talo, avançou. Mas o cabeça-de-boi e o capim-mulambo, já donos da rua, tangeram-na de volta; e nem pôde recuar, a coitadinha rasteira, porque no quintal os joás estavam brigando com o espinho-agulha e com o gervão em flor. E, atrás da maria-preta e da vassourinha, vinham urgentes, do campo — *ôi-ái!* — o amor-de-negro, com os tridentes das folhas, e fileiras completas, colunas espertas, do rijo assa-peixe. Os passarinhos espalhavam sementes novas. A gameleira, fazedora de ruínas, brotou com o raizame nas paredes desbarrancadas. Morcegos das lapas se domesticaram na noite sem fim dos quartos, como artistas de trapézio, pendentes dos caibros. E aí, então, taperização consumada, quando o fedegoso em touças e a bucha em latadas puderam retomar seu velhíssimo colóquio, o povoado fechou-se em seus restos, que nem o coscorão cinzento de uma tribo de marimbondos estéreis.

Mas, é só andar três quilômetros para cima, brejo a-dentro, beira-rio, para se achar algum morador.

O mosquito fêmea não ferroa de-dia; está dormindo, com a tromba repleta de maldades; somente as larvas, à flor do charco, comem-se umas às outras, brincando com as dáfnias e com as baratas-d’água; as touceiras cheirosas do capim-gordura espantam para longe a urutu-coatiara; a jararaquinha-da-barriga-vermelha é mansa, não morde; e essas outras cobras claras, que passam de cabeça alçada, em nado de campeonato, agora, mesmo que queiram, não poderão morder. Mas é bom não pisar forte naquelas esponjas verdes, que costuma haver uma cisterna profunda, por baixo das folhas dos aguapés.

É aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrida e desmantelada; uma cerca de pedra-seca, do tempo de escravos; um rego murcho, um moinho parado; um cedro alto, na frente da casa; e, lá dentro, uma negra, já velha, que capina e cozinha o feijão. Tudo é mato, crescendo sem regra; mas, em volta da enorme morada, pés de milho levantam espigas, no chiqueiro, no curral e no eirado, como se a roça se tivesse encolhido, para ficar mais ao alcance da mão.

E tem também dois homens sentados, juntinhos, num casco de cocho emborcado, cabisbaixos, quentando-se ao sol.

O rio, lá adiante, vê-se agora a três dimensões; porque o rolo de névoa, alagartado, vai, volta a volta, pela várzea, como fumaça cansada que só quer descer e adormecer.

Primo Ribeiro dormiu mal e o outro não dorme quase nunca. Mas ambos escutaram o mosquito a noite inteira. E o anofelino é o passarinho que canta mais bonito, na terra bonita onde mora a maleita.

É de-tardinha, quando as mutucas convidam as muriçocas de volta para casa, e quando o carapanã rajado mais o mossorongo cinzento se recolhem, que ele aparece, o pernilongo pampa, de pés de prata e asas de xadrez. Entra pelas janelas, vindo dos cacos, das frinchas, das taiobeiras, das bananeiras, de todas as águas, de qualquer lugar.

— Olha o mosquito-borrachudo nos meus ouvidos, Primo!...

— É a zoeira do quinino... Você está tomando demais...

Vem soturno e sombrio. Enquanto as fêmeas sugam, todos os machos montam guarda, psalmodiando tremido, numa nota única, em tom de dó. E, uma a uma, aquelas já fartas de sangue abrem recitativo, esvoaçantes, uma oitava mais baixo, em meiga voz de descante, na orgia crepuscular.

Mas, se ele vem na hora do silêncio, quando o quinino zumbe na cabeça do febrento, é para consolar. Sopra, aqui e acolá, um gemido ondulado e sem pouso... Parece que se ausenta, mas está ali mesmo: a gente chega a sentir-lhe os feixes de coxas e pernas, em linhas quebradas, fazendo cócegas, longas, longas... Arrasta um fio, fino e longínquo, de gonzo, fanho e ferrenho, que vem do longe e vai dar no longe... Estica ainda mais o fiapo amarelo de surdina. Depois o enrola e desenrola, zonzo, ninando, ninando... E, quando a febre toma conta do corpo todo, ele parece, dentro da gente, uma música santa, de outro mundo.

Manhãzinha fria. Quando os dois velhos — que não são velhos — falam, sai-lhes da boca uma baforada branca, como se estivessem pitando. Mas eles ainda não tremem: frio mesmo frio vai ser d'aqui a pouco.

Há mais de duas horas que estão ali assentados, em silêncio, como sempre. Porque, faz muito tempo, entra ano e sai ano, é toda manhã assim. A preta vem com os gravetos e a lenha. Os dois se sentam no cocho, Primo Argemiro da banda do rio, Primo Ribeiro do lado do mato. A preta acende o foguinho. O cachorro corre, muitas vezes, até lá na tranqueira, depois se chega também cá para perto. A preta traz café e cachaça com limão. Primo

Argemiro sopra os tições e ajunta as brasas. E, um pouco antes ou um pouco depois do sol, que tem um jeito de aparecer sempre bonito e sempre diferente, Primo Ribeiro diz:

— Ei, Primo, aí vem ela...

— Danada!...

— Olh'ele aí... o friozinho nas costas...

E quando Primo Ribeiro bate com as mãos nos bolsos, é porque vai tomar uma pitada de pó. E quando Primo Argemiro estende a mão, é pedindo o cornimboque. E quando qualquer dos dois apoia a mão no cocho, é porque está sentindo falta-de-ar.

E a maleita é a "danada"; "coitadinho" é o perdigueiro; "eles", a gente do povoado, que não mais existe no povoado; e "os outros" são os raros viajantes que passam lá em-baixo, porque não quiseram ou não puderam dar volta para pegar a ponte nova, e atalham pelo vau.

Primo Argemiro olha o rio, vendo a cerração se desmanchar. Do colmado dos juncos, se estira o voo de uma garça, em direção à mata. Também, Primo Argemiro não pode olhar muito: ficam-lhe muitas garças pulando, diante dos olhos, que doem e choram, por si sós, longo tempo.

— Está custando, Primo Argemiro...

— É do remédio... Um dia ele ainda há-de dar conta da danada!...

O sol cresce, amadurece. Mas eles estão esperando é a febre, mais o tremor. Primo Ribeiro parece um defunto — sarro de amarelo na cara chupada, olhos sujos, desbrilhados, e as mãos pendulando, compondo o equilíbrio, sempre a escorar dos lados a bambeza do corpo. Mãos moles, sem firmeza, que deixam cair tudo quanto ele queira pegar. Baba, baba, cospe, cospe, vai fincando o queixo no peito; e trouxe cá para fora a caixinha de remédio, a cornicha de pó e mais o cobertor.

— O seu inchou mais, Primo Argemiro?

— Olha aqui como é que está... E o seu, Primo?

— Hoje está mais alto.

— Inda dói muito?

— Melhorou.

É da passarinha. No vão esquerdo, abaixo das costelas, os baços jamais cessam de aumentar. E todos os dias eles verificam qual foi o que passou à frente.

Um barulho. É o cachorro magro, que agita as orelhas dormindo, e dorme alertado, com o focinho cúbico encostado no chão.

Primo Argemiro espera um pouco. Aí, ele se espanta. De há muitos anos, dia trás dia, tem a hora do perdigueiro dormir ali perto, e a horinha do perdigueiro sacudir as orelhas, que é o momento de Primo Ribeiro dizer:

— Vida melhor do que a nossa...

Para Primo Argemiro, eternamente, responder:

— É sim...

E, agora, Primo Ribeiro não falou. Por quê? Ficou mudo, espiando as três galinhas, que ciscam e catam por ali. Por quê?... Está desfiando a beirada do cobertor, com muita nervosia de unhas. É preciso perguntar-lhe alguma coisa.

— Será que chove, Primo?

— Capaz.

— Ind'hoje? Será?

— 'Manhã.

— Chuva brava, de panca?

— Às vez...

— Da banda de riba?

— De trás.

O passopreto, chefe dos passopretos da margem esquerda, pincha num galho de cedro e convoca os outros passopretos, que fazem luto alegre no vassoural rasteiro e compõem um *kraal* nos ramos da capoeira-branca. Vão assaltar a rocinha; mas, antes, piam e contrapiam, ameaçando um hipotético semeador:

— *Finca, fin-ca, qu'eu 'ranco! qu'eu 'ranco!...*

Sobem, de escantilhão, para a copa da árvore, como um borrifo de tinteiro. Gritam, gritam. Daí, para os pés de milho, descaem aos flocos, que nem os torrões da última pazada de um foguista. Tão sabidos, que as grimpas de onde saíram balançam, mas não há a menor agitação nos sabres, nem nos colmos e nem nas espigas do milharal.

Podem zombar, podem chamar o resto dos melros, podem comer o milho todo e o arrozal já selvagem. Porque, mais da metade de uma hora é passada, e nada dos dois homens se mexerem de onde estão.

Mas Primo Ribeiro nunca teve esses olhos estúrdios e nem esse ar de fantasma. E Primo Argemiro tem de puxar qualquer conversa:

— Olha, Primo, se a gente um dia puder sarar, eu ainda hei de plantar uma roça, no lançante que trepa para o espigão. Deve de ser bom a gente

poder capinar lá em riba, de manhã cedinho... Tem uma noruega, lá atrás, cheia de samambaia e parasita roxa. Eu havia de fazer uma roça de três quartas, mas com uns cinco camaradas no eito, todo-o-mundo cantando e puxando o cacumbú!...

— P'ra quê, primo Argemiro?... A gente nem tem p'ra quem deixar...

Silêncio. Passopretos. Silêncio. Ciscado das galinhas. Passopretos. Silêncio. Primo Ribeiro:

— Primo Argemiro!

E, com imenso trabalho, ele gira no assento, conseguindo pôr-se de-banda, meio assim.

Primo Argemiro pode mais: transporta uma perna e se escancha no cocho.

— Que é, Primo Ribeiro?

— Lhe pedir uma coisa... Você faz?

— Vai dizendo, Primo.

— Pois então, olha: quando for a minha hora, você não deixe me levarem p'ra o arraial... Quero ir mas é p'ra o cemitério do povoado... Está desdeixado, mas ainda é chão de Deus... Você chama o padre, bem em-antes... E aquelas coisinhas que estão numa capanga bordada, enroladas em papel-de-venda e tudo passado com cadarço, no fundo da canastra... se rato não roeu... você enterra junto comigo... Agora eu não quero mexer lá... Depois tem tempo... Você promete?...

— Deus me livre e guarde, Primo Ribeiro... O senhor ainda vai durar mais do que eu.

— Eu só quero saber é se você promete...

— Pois então, se tiver de ser desse jeito de que Deus não há-de querer, eu prometo.

— Deus lhe ajude, Primo Argemiro.

E Primo Ribeiro desvira o corpo e curva ainda mais a cara.

Quem sabe se ele não vai morrer mesmo? Primo Argemiro tem medo do silêncio.

— Primo Ribeiro, o senhor gosta d'aqui?...

— Que pergunta? Tanto faz... É bom, p'ra se acabar mais ligeiro... O doutor deu prazo de um ano... Você lembra?

— Lembro! Doutor apessoado, engraçado... Vivia atrás dos mosquitos, conhecia as raças lá deles, de olhos fechados, só pela toada da cantiga... Disse que não era das frutas e nem da água... Que era o mosquito que

punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente... Ninguém não acreditou... Nem no arraial. Eu estive lá, com ele...

— Primo Argemiro, o que adianta...

— ...E então ele ficou bravo, pois não foi? Comeu goiaba, comeu melancia da beira do rio, bebeu água do Pará, e não teve nada...

— Primo Argemiro...

— ...Depois dormiu sem cortinado, com janela aberta... Apanhou a intermitente; mas o povo ficou acreditando...

— Escuta! Primo Argemiro... Você está falando de-carreira, só para não me deixar falar!

— Mas, então, não fala em morte, Primo Ribeiro!... Eu, por nada que não queria ver o senhor se ir primeiro do que eu...

— P'ra ver!... Esta carcaça bem que está aguentando... Mas, agora, já estou vendo o meu descanso, que está chega-não-chega, na horinha de chegar...

— Não fala isso, Primo!... Olha aqui: não foi pena ele ter ido s'embora? Eu tinha fé em que acabava com a doença...

— Melhor ter ido mesmo... Tudo tem de chegar e de ir s'embora outra vez... Agora é a minha cova que está me chamando... Aí é que eu quero ver! Nenhumas ruindades deste mundo não têm poder de segurar a gente p'ra sempre, Primo Argemiro...

— Escuta, Primo Ribeiro: se alembra de quando o doutor deu a despedida p'ra o povo do povoado? Foi de manhã cedo, assim como agora... O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo queixo. Ele ajuntou a gente... Estava muito triste... Falou: — "Não adianta tomar remédio, porque o mosquito torna a picar... Todos têm de se mudar daqui... Mas andem depressa, pelo amor de Deus!"... — Foi no tempo da eleição de seu Major Vilhena... Tiroteio com três mortes...

— Foi seis meses em-antes-de ela ir s'embora...

De branco a mais branco, olhando espantado para o outro, Primo Argemiro se perturbou. Agora está vermelho, muito.

Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido. E, agora...

— É isso, Primo Argemiro... Não adianta mais sojigar a ideia... Esta noite sonhei com ela, bonita como no dia do casamento... E, de madrugadinha, inda bem as garrixas ainda não tinham pegado a cochichar na beirada das telhas, tive notícia de que eu ia morrer... Agora mesmo,

’garrei a ’maginar: não é que a gente pelejou p’ra esquecer e não teve nenhum jeito?... Então resolvi achar melhor deixar a cabeça solta... E a cabeça solta pensa nela, Primo Argemiro...

— Tanto tempo, Primo Ribeiro!...

— Muito tempo...

— O senhor sofreu muito! E ainda a maldita da sezão...

— A maleita não é nada. Até ajudou a gente a não pensar...

Primo Argemiro cata pulgas invisíveis nas pernas das calças. Acerta a correia da cintura. Coça a roupa. Não quer olhar para o outro. Não pode. Afinal, por perguntar, pergunta:

— Por que é que foi, que só hoje é que o senhor sonhou com ela, Primo Ribeiro?

— Não sei, não... Só sei é que se ela, por um falar, desse de chegar aqui de repente, até a febre sumia...

— É... Se ela chegasse, até a febre sumia...

— Também, não sei: eu hoje cansei de sofrer calado... Vem um dia em que a gente fica frouxo e arreia... Também, eu só estou falando é com você, que é p’ra mim que nem um irmão. Se duvidar, nem um filho não era capaz de ser tão companheiro, tão meu amigo, nesses anos todos... E não quis me deixar sozinho, mesmo tendo, como tem, aquelas suas terras tão boas, lá no Rio do Peixe. Não precisava de ter ficado... O sofrimento era só meu.

— Eu também senti muito, Primo Ribeiro.

Primo Argemiro falou olhando para o coqueiro cintado, erguido lá adiante do cruzeiro, com as palmas recurvas remando o vento.

— Eu sei, Primo. Você tem bom coração...

O perdigueiro despertou e veio fazer festas, dando de rabo, esfregando-lhes nas pernas os calombos das costas, cheias de bernes, que ninguém tem ânimo para catar. Bate a língua, bate orelhas, e anda curta distância, moleando as patas, com donaire de dama.

— Eu acho até que é bom falar. Quem sabe... Assim, ao menos, não fica roendo, doendo dentro da gente...

— É mesmo. P’ra desacochar. Eu nem sei como o senhor não morreu, quando...

— Chorei no escondido. Agora não me importo de contar.

— Ela foi uma ingrata, não foi, Primo Ribeiro?... A gente toma amor até à criação, até aos cachorros. E ela...

— Só três anos de casados!... Lembra, Primo Argemiro?... Você veio morar comigo dois meses depois, p'ra plantar à meia o arroz... Eu não tenho raiva dela... Não tenho não. Ainda ficava mais triste, se soubesse que ela andava penando por aí à-toa. Agora, o tal, esse... Mesmo doente e assim acabado, eu ainda havia de...

— Sossega, Primo Ribeiro. Levanta os braços: o senhor está botando sangue pelo nariz...

— É de ficar com a cabeça abaixada. Já, já, passa.

— É não. É da doença...

— Já, já, passa.

— Ai, Primo Ribeiro, por que foi que o senhor não me deixou ir atrás deles, quando eles fugiram? Eu matava o homem e trazia minha prima de volta p'ra trás...

— P'ra quê, Primo Argemiro? Que é que adiantava?... Eu não podia ficar com ela mais... Na hora, quando a Maria Preta me deu o recado dela se despedindo, mandando dizer que ia acompanhar o outro porque gostava era dele e não gostava mais de mim, eu fiquei meio doido... Mas não quis ir atrás, não... Tive vergonha dos outros... Todo-o-mundo já sabia... E, ela, eu tinha obrigação de matar também, e sabia que a coragem p'ra isso havia de faltar... Também, nesse tempo, a gente já estava amaleitados, pois não estava?... Foi bom a sezão ter vindo, Primo Argemiro, p'ra isto aqui virar um ermo e a gente poder ficar mais sozinhos... Ai, Primo, mas eu não sei o que é que eu tenho hoje, que não acerto um jeito de poder tirar a ideia dela... Ô mundo!...

A sombra do cedro vem se encostar no cocho. Primo Ribeiro levantou os ombros; começa a tremer. Com muito atraso. Mas ele tem no baço duas colmeias de bichinhos maldosos, que não se misturam, soltando enxames no sangue em dias alternados. E assim nunca precisa de passar um dia sem tremer.

— Olha o frio aí, Primo Argemiro... Me ajuda...

Enrola-se mais no cobertor. Os dentes se golpeiam. Desencontrados, dansam-lhe todos os músculos do corpo.

— Quer o remédio, Primo?

— Não vou tomar mais... Não adianta. Está custando muito a chegar a morte... E eu quero é morrer.

— Isso até é ofender a Deus... Ceição! Ó Ceição!

A negra não escuta. Deve de estar lá na porta da cozinha, batendo roupa ou tirando decoada da barrela, para fazer sabão.

Primo Argemiro se agarrou com as mãos nos joelhos. Os maxilares estrondam; só param de bater quando ele faz vômitos. E está cor de cera-do-reino quando pega a derreter.

— Ai, Primo Argemiro, eu, numa hora dessas... só queria era me deitar em beira de um fogueirão!... Que frio... Que frio!... E o diabo do sol que não quenta coisa nenhuma...

O perdigueiro morrinhento pula em volta do cocho.

— Não deixa esse cachorro vir lamber minha cara, Primo... Vou me deitar aqui...

— Sai, Jiló!

Primo Ribeiro se deixa cair no lajedo, todo encolhido e sacudido de tremor. Primo Argemiro fica bem quieto. Não adianta fazer nada. E ele tem muita coisa sua para imaginar. Depressa, enquanto Primo Ribeiro entrega o corpo ao acesso e parece ter partido para muito longe d'ali, não podendo adivinhar o que a gente está pensando.

E Primo Argemiro sabe aproveitar, sabe correr ligeiro pelos bons caminhos da lembrança.

Como era mesmo que ela era?!... Morena, os olhos muito pretos... Tão bonita!... Os cabelos muito pretos... Mas não paga a pena querer pensar onde é que ela pode estar a uma hora destas... Quando fugiu, que baque! Que tristeza... Não esperava aquilo, não esperava... Parecia combinar bem com o marido... Primo Ribeiro naquele tempo era alegre... E ele sentira até ciúmes de Primo Ribeiro, ciúme bobo, porque Primo Ribeiro era quem tinha direito a ela e ao seu amor...

Esquisita, sim que ela era... De riso alegrinho mas de olhar duro... Que bonita!... O boiadeiro tinha ficado três dias na fazenda, com desculpa de esperar outra ponta de gado... Não era a primeira vez que ele se arranchava ali. Mas nunca ninguém tinha visto os dois conversando sozinhos... Ele, Primo Argemiro, não tinha feito nenhuma má-ideia...

— Sai, Jiló!... Bota abaixo, diabo!... Assim! Assim, cachorrinho bom...

Bem que havia de ser razoável ter podido ao menos dizer à prima que ela era o seu amor... Porque, assim, tinha fugido sem saber, sem desconfiar de nada... Mas ele nunca pensara em fazer um malfeito daqueles, ainda mais morando na casa do marido, que era seu parente... Isso não! Queria só viver perto dela... Poder vê-la a todo instante...

E Primo Ribeiro nunca tinha posto maldade... Também, que é que havia, para ele poder maldar?... Nada... Só, uma vez, debaixo das jaboticabeiras... Nesse dia, quase que perdera a força de ser correto. Viu-a de vestido azul-do-mar... os braços cor de jenipapo... As mãos deviam de ser macias... Mas Deus ajudou, tirando-lhe a coragem... Também, se tivesse faltado com o respeito à mulher do Primo Ribeiro, teria sumido no mundo, na mesma da hora, com remorso...

Aquilo tinha sido três meses antes de ela fugir. Mas, antes, bem em-antes disso, teve uma vez que ela desconfiou. Foi logo que ele chegara à fazenda, uns dias depois. Estava olhando, assim esquecido, para os olhos... olhos grandes escuros e meio de-quina, como os de uma suassuapara... para a boquinha vermelha, como flor de suinã...

— "Você parece que nunca viu a gente, Primo!... Você precisa mas é de campear noiva e caçar jeito de se casar..." — dissera ela, rindo.

Ele tinha ficado meio palerma, sem ter nada para responder... Teria ela adivinhado o seu querer-bem?... Não, falara aquilo por brincadeira, decerto. Mas, quem sabe... Mulher é mulher... E que bom que seria, se ela tivesse ficado sabendo! Ao menos, agora, de vez em quando se lembraria dele, dizendo: "Primo Argemiro também gostou de mim..."

As palmas do coqueiro estão agora paradas de todo. As galinhas foram pastar as folhas baixas do melão-de-são-caetano. Nem resto de brumas na baixada. O sol caminhou muito.

Primo Argemiro já se acostumou com o trincar de dentes e com os gemidos de Primo Ribeiro. Não pode dar-lhe ajuda nenhuma. O que pode é pensar. E pensa mais, quase cochilando, gemendo também, com as ferroadas no baço. Pensa à-toa, como os tico-ticos, que debicam na terra ciscada pelas galinhas, e dão carreirinhas tão engraçadas, que a gente nem sabe se eles estão cruzando aos pulinhos ou se é voo rasteiro só.

...Não adiantou ter sido tão direito... Se ele, Primo Argemiro, tivesse tido coragem... Se tivesse sido mais esperto... Talvez ela gostasse... Podia ter querido fugir com ele; o boiadeiro ainda não tinha aparecido... Agora, ela havia de se lembrar, achando que era um pamonha, um homem sem decisão... E, no entanto, viera para a fazenda só por causa dela... Primo Ribeiro não punha malícia em coisa nenhuma... Sim, os dois tinham sido bem tolos, só o homem de fora era quem sabia lidar com mulher!...

Não! Fez bem. Era a mesma coisa que crime!... Nem é bom pensar nisso... Amanhã ele vai ao capoeirão, tirar mel de irussú para o Primo

Ribeiro... Deus que livre a gente desses maus pensamentos!... Primo Ribeiro vai ficar satisfeito: ele gosta de mel do mato, com farinha... Primo Ribeiro vai ter sua alegriazinha... — P'ra que é que há-de haver mulher no mundo, meu Deus?!...

— Hein?!...

Primo Argemiro estremece. Tinha pensado alto. E agora Primo Ribeiro está espiando para ele, meio espantado, com o branco dos olhos riscadinho de vermelho, no lugar das manchas amarelas de sempre. Há muito que jogou para um lado o cobertor e voltou a sentar-se no cocho. Passado o frio, passada a tremura, vem a hora de Primo Ribeiro variar. Primo Argemiro não gosta. Não se habitua àquilo. Ele, nos seus acessos, não varia nunca: não tem licença: se delirar, pode revelar o seu segredo. Tem de ter tento na cabeça e de subjugar a doideira, e sofre o demônio, por via disso. Mas, mesmo assim, ainda é melhor do que ter de ouvir as coisas que Primo Ribeiro desanda a falar entre o tremor e o suor. Até a cara de Primo Ribeiro faz medo, de tão vermelha que está. Parece que ele engordou, de repente. Inchaço. E está pegando fogo...

— Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!

— É um instantinho e passa... É só ter paciência...

— É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p'r'os infernos!...

— Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...

— Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...

— O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...

— Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...

— O senhor já sabe as palavras todas de cabeça... "Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça p'ra ir se fugir com ele"...

— Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela...

Luísa...

— Prima Luísa...

— Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...

— Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!

— Não é mesmo não...

— Pois então?!

— Conta o resto da estória!...

— ...“Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio...”

— A moça que eu estou vendo agora é uma só, Primo... Olha!... É bonita, muito bonita. É a sezão. Mas não quero... Bem que o doutor, quando pegou a febre e estava variando, disse... você lembra?... disse que a maleita era uma mulher de muita lindeza, que morava de-noite nesses brejos, e na hora da gente tremer era quem vinha... e ninguém não via que era ela quem estava mesmo beijando a gente... Mas, acaba de contar a estória, Primo...

— É tão triste...

— Não faz mal, conta!

— ...“Então, quando os dois estavam fugindo na canoa, o moço-bonito, que era o capeta, pegou na viola, tirou uma toada, e começou a cantar:

— *“Eu vou rodando*
rio-abaixo, Sinhá...
Eu vou rodando
rio-abaixo, Sinhá...”

— E aí?...

— O senhor está cansado de saber... “Aí a canoinha sumiu na volta do rio... E ninguém não pôde saber p’ra onde foi que eles foram, nem se a moça, quando viu que o moço-bonito era o diabo, se ela pegou a chorar... ou se morreu de medo... ou fez o sinal-da-cruz... ou se abraçou com ele assim mesmo, porque já tinha criado amor... E, cá de riba, o povo escutou a voz dele, lá longe, muito lá longe...”

— Canta como foi, primo...

— É a mesma cantiga...

— Mas, canta!

“Eu vou rodando
rio-abaixo, Sinhá...
Eu vou rodando
rio-abaixo, Sinhá...”

— Ai, Primo Argemiro, está passando... Já estou meio melhor... Será que eu variei?... Falei muita bobagem?...

— Falou, não, Primo... D’aqui a pouco é a minha vez... Não dilata p’ra chegar...

Sim, d’aqui a pouco vai ser a sua hora. Aqui a febre serve de relógio. Ele já está ficando mais amolecido. Também deve ser de ter pensado muito. Antes o outro não tivesse querido falar em nome guardado... Foi dar outra força à saudade... E ele, que nem tem com quem desabafar, não tem a quem contar o seu sofrimento!... Lá, onde está o cruzeiro, morreu um trabalhador de roça, um velho. Foi de repente, do coração... Será que a gente ainda tem de viver muito?...

— Primo Argemiro!?...

— Que é, Primo Ribeiro?

— Estou com uma sede... Estou me queimando por dentro... Me faz a caridade de dar um eco na preta...

— A negra não escuta... Eu vou buscar a água, Primo Ribeiro.

— Deus lhe pague, Primo.

Primo Ribeiro respira a custo. Está remexendo com os dedos e falando sozinho outra vez.

Lá vem o outro com a caneca. Desce a escadinha, muito devagar. É magro, magríssimo. Chega trôpego, bambo meio curvante.

— Ai, Primo Argemiro, nem sei o que seria de mim, se não fosse o seu adjutório! Nem um irmão, nem um filho não podia ser tão bom... não podia ser tão caridoso p’ra mim!...

— Bobagem, Primo. Aproveita e toma o remédio também, tudo junto, de uma vez.

— Não quero, já falei! Quero mas é ajudar este corpo a se acabar...

... (—“Nem um irmão, nem um filho!”...) ele está mas é enganando o companheiro!... Há quantos anos que esconde aquilo... Não! É hoje!... Não está direito... Tem de confessar...

— Primo Ribeiro... eu nunca tive coragem p'ra lhe contar uma coisa... Vou lhe contar uma coisa... O senhor me perdoa?!...

— Chega aqui mais p'ra perto e fala mais alto, Primo, que essa zoeira nos ouvidos quase que não deixa a gente escutar...

— Não foi culpa minha... Foi um castigo de Deus, por causa de meus pecados... O senhor me perdoa, não perdoa?!...

— Que foi isso, Primo? Fala de uma vez!

— Eu... eu também gostei dela, Primo... Mas respeitei sempre... respeitei o senhor... sua casa... Nós somos parentes... Espera, Primo! Não foi minha culpa, foi má-sorte minha...

Primo Ribeiro arregalou os olhos. Calcou a mão na madeira do cocho. Faz força para se levantar.

— Não teve nada, Primo!... Juro!... Por esta luz!... Nem ela nunca ficou sabendo... Por alma de minha mãe!

As pernas de Primo Ribeiro se recusam a aguentar-lhe o corpo. Primo Argemiro se levantou também. Quer ajudar o outro a se suster.

— Me larga! Me larga e fala como homem!

— Já falei, Primo. Me perdoa...

— Você veio morar aqui com a gente, foi por causa dela, foi?...

— Foi, Primo. Mas nunca...

— E foi por isso que você não quis ir-s'embora... depois?... Esperando para ver se algum dia ela voltava, foi?!...

— Não, Primo... isso não!... Não foi nada por causa... Eu também sofri muito... Não queria mais nada no mundo... E foi por conta do senhor, também... Quando ela deixou de estar aqui, eu fiquei querendo um bem enorme ao senhor... a esta casa de fazenda... aos trens todos daqui... Até à maleita!...

— Fui picado de cobra... Fui picado de cobra... Ô mundo!

— Mas, sossega, Primo Ribeiro... Já lhe jurei que não faltei nunca ao respeito a ela... Nem eu não era capaz de cair num pecado desses...

— Fui picado de cobra...

— O senhor está variando... Escuta! Me escuta, pelo amor de Deus...

— Não estou variando, não, mas em-antes estivesse!... Some daqui, homem! Vai p'r'as suas terras... Vai p'ra bem longe de mim!... Mas vai logo de uma vez!

— Quero morrer nesta hora, se algum dia eu pensei em fazer a sua desonra, Primo!

— Anda, por caridade!... Vai embora!...
— Pensa até mais logo, Primo... Pensa até hoje de-tarde...
— Este caco de fazenda ainda bem que é meu... É meu!... Anda! Anda!... Não quero ver você mais...
— Me dá um prazo, Primo. Até o senhor melhorar...
— Vai!
— Estou pagando o que não fiz...
— Vai!
— O senhor ainda pode precisar de mim, Primo, que sou o único amigo que o senhor tem...
— Então, vai, Primo!... Você não tem pena de mim, que não tenho arma nenhuma aqui comigo, e, nem que tivesse, não rejo mais nem força p'ra lhe matar?!
E Primo Ribeiro, branco, encaveirado, soprando, e levantando o queixo a cada ofego, caiu sentado no casco de cocho outra vez.
— Pois então, adeus, Primo! Me perdoa e não guarda ódio de mim, que eu lhe quero muito bem...
— Ajunta suas coisas e vai...
— Não tenho nada... Não careço mais de nada... O que é meu vai aqui comigo... Adeus!
Primo Argemiro reúne suas forças. E anda. Transpõe o curral, por entre os pés de milho. Os passopretos, ao verem um espantalho caminhando, debandam, bulhentos. O perdigueiro de focinho grosso vem correndo também. Vem, mas diz que não vem: vira a cabeça, olha para Primo Ribeiro, que lá está sentado ainda, curvado para o chão. O cachorro está desatinado. Para. Vai, volta, olha, desolha... Não entende. Mas sabe que está acontecendo alguma coisa. Latindo, choramingando, chorando, quase uivando. Porque tem ordem de ser sempre fiel, e não sabe mais, não se recorda mais qual dos dois homens será o seu dono verdadeiro.
Quando o outro passou a tranqueira, Primo Ribeiro levantou a cabeça, e espiou. Sua, sua: assim corpo e roupa; e a testa que é só um escorrer. Fecha os olhos, parecendo que nem pode morrer direito.
Mas Primo Argemiro anda sem se voltar. Agora atravessa o matinho.
— I-v-v-v!... O primeiro calafrio... A maleita já chegou...
O cachorro ainda pulou-lhe adiante, ganindo, pedindo... Depois, parou. Não quer ir mais longe.
— Adeus, Jiló!...

Fica. Ninguém não mandou que ele fosse embora... Ele pode ficar...

Outro grande arrepio. Que frio!... E, no entanto, as árvores estão agora sem sombra, e o sol, se caísse, se espetaria no estipe verde do coqueiro.

A erva-mãe-boa derrama cachos floridos, no meio das folhas em corações. Muitas flores. Azuis... Foi num vestido azul que ele a viu pela segunda vez, no terço de São Sebastião... Tantos anos!... Quando a verá ainda?!... No Céu, talvez... Mas, mesmo no Céu, ela terá que gostar do boiadeiro da Iporanga. E ele, Argemiro, terá de respeitar Primo Ribeiro, que é o marido em nome de Deus...

...Mas, quando a viu, acompanhando o terço, já gostava dela, já lhe tinha amor... Desde de-manhã... na porta da casa, saindo para a missa, ela com a mãe e as irmãs... Já estava de casamento tratado com Primo Ribeiro... Talvez que ela não fosse a moça mais bonita do arraial... E não era mesmo. Mas o amor é assim...

Nunca mais? Nunca mais... Ai, meu Deus! por mim era muito melhor não ter céu nenhum...

...Por aquele tempo, Argemiro dos Anjos era um moço bem-aparecido, de figura, e com oitenta alqueires de terras de cultura, afora algum dinheiro de parte...

Ai! que o frio cai entre os ombros, e vai pelas costas, e escorre das costas para o corpo todo, como fios de água fina. Zoa nos ouvidos confuso sussurro, e para diante dos olhos vêm coisinhas, querendo dansar.

Ir, para onde?

...A primeira vez que Argemiro dos Anjos viu Luisinha, foi numa manhã de dia-de-festa-de-santo, quando o arraial se adornava com arcos de bambú e bandeirolas, e o povo se espalhava contente, calçado e no trinque, vestido cada um com a sua roupa melhor...

Ir para onde?... Não importa, para a frente é que a gente vai!... Mas, depois. Agora é sentar nas folhas secas, e aguentar. O começo do acesso é bom, é gostoso: é a única coisa boa que a vida ainda tem. Para, para tremer. E para pensar. Também.

Estremecem, amarelas, as flores da aroeira. Há um frêmito nos caules rosados da erva-de-sapo. A erva-de-anúm crispa as folhas, longas, como folhas de mangueira. Trepidam, sacudindo as suas estrelinhas alaranjadas, os ramos da vassourinha. Tirita a mamona, de folhas peludas, como o corselete de um cassununga, brilhando em verde-azul. A pitangueira se

abala, do jarrete à grimpa. E o açoita-cavalos derruba frutinhas fendilhadas, entrando em convulsões.

— Mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito p'r'a gente deitar no chão e se acabar!...

É o mato, todo enfeitado, tremendo também com a sezão.

E grita a piranha cor de palha,
irritadíssima:
— Tenho dentes de navalha, e
com um pulo de ida-e-volta
resolvo a questão!...
— Exagero... — diz a arraia —
eu durmo na areia,
de ferrão a prumo,
e sempre há um descuidoso
que vem se espetar.
— Pois, amigas, — murmura o gimnoto,
mole, carregando a bateria —
nem quero pensar no assunto:
se eu soltar três pensamentos
elétricos,
bate-poço, poço em volta,
até vocês duas
boiarão mortas...

(Conversa a dois metros de profundidade.)

Duelo

Turíbio Todo, nascido à beira do Borrachudo, era seleiro de profissão, tinha pelos compridos nas narinas, e chorava sem fazer caretas; palavra por palavra: papudo, vagabundo, vingativo e mau. Mas, no começo desta estória, ele estava com a razão.

Aliás, os capiaus afirmam isto assim peremptório, mas bem que no caso havia lugar para atenuantes. Impossível negar a existência do papo: mas papo pequeno, discreto, bilobado e pouco móvel — para cima, para baixo, para os lados — e não o escandaloso "papo de mola, quando anda pede esmola"... Além do mais, ninguém nasce papudo nem arranja papo por gosto: ele resulta das tentativas que o grande percevejo do mato faz para se tornar um animal doméstico nas cafuas de beira-rio, onde há, também cúmplices, camaradas do *barbeiro*, cinco espécies, mais ou menos, de tatús. E, tão modesto papúsculo, incapaz de tentar o bisturi de um

operador, não enfeava o seu proprietário: Turíbio Todo era até simpático: forçado a usar colarinho e gravata, às vezes parecia mesmo elegante.

Não tinha, porém, confiança nesses dotes, e daí ser bastante misântropo, e dali ter querido ser seleiro, para poder trabalhar em casa e ser menos visto. Ora, com a estrada-de-ferro, e, mais tarde, o advento das duas estradas de automóvel, rarearam as encomendas de arreios e cangalhas, e Turíbio Todo caiu por força na vadiação.

Agora, quanto às vibrissas e ao choro sem visagens, podia ser que indicassem gosto punitivo e maldade, mas com regra, o quanto necessário, não em excesso.

E, ainda assim, saibamos todos, os capiaus gostam muito de relações de efeito e causa, leviana e dogmaticamente inferidas: Manuel Timborna, por exemplo, há três ou quatro anos vive discutindo com um canoeiro do rio das Velhas, que afirma que o jacaré-do-papo-amarelo tem o pescoço cor de enxofre por ser mais bravo do que os jacarés outros, ao que contrapõe Timborna que ele só é mais feroz porque tem a base do queixo pintada de limão maduro e açafrão. E é até um trabalho enorme, para a gente sensata, poder dar razão aos dois, quando estão juntos.

Assim, pois: de qualquer maneira, nesta história, pelo menos no começo — e o começo é tudo — Turíbio Todo estava com a razão.

Tinha sido para ele um dia de nhaca: saíra cedo para pescar, e faltara-lhe à beira do córrego o fumo-de-rolo, tendo, em coice e queda, de sofrer com os mosquitos; dera uma topada num toco, danificando os artelhos do pé direito; perdera o anzol grande, engastalhado na coivara; e, voltando para casa, vinha desconsolado, trazendo apenas dois timburés no cambão. Claro que tudo isso, sobrevindo assim em série, estava a exigir desgraça maior, que não faltou.

Mas, por essa altura, Turíbio Todo teria direito de queixar-se tão-só da sua falta de saber-viver; porque avisara à mulher que não viria dormir em casa, tencionando chegar até ao pesqueiro das Quatorze-Cruzes e pernoitar em casa do primo Lucrécio, no Dêcámão. Mudara de ideia, sem contra-aviso à esposa; bem feito!: veio encontrá-la em pleno (com perdão da palavra, mas é verídica a narrativa) em pleno adultério, no mais doce, dado e descuidoso, dos idílios fraudulentos.

Felizmente que os culpados não o pressentiram. Turíbio Todo costumava chegar com um mínimo de turbulência; ouviu vozes e espiou por uma fisga da porta; a luz da lamparina, lá dentro, o ajudando, viu. Mas

não fez nada. E não fez, porque o outro era o Cassiano Gomes, ex-anspeçada do 1º pelotão da 2ª companhia do 5º Batalhão de Infantaria da Força Pública, onde as gentes aprendiam a manejar, por música, o ZB tchecoslovaco e até as metralhadoras pesadas Hotchkiss; e era, portanto, muito homem para lhe acertar um balaço na testa, mesmo estando assim em sumaríssima indumentária e fosse a distância para duzentos metros, com o alvo mal iluminado e em movimento.

Turíbio Todo não ignorava isso, nem que o Cassiano Gomes era inseparável da parabellum, nem que ele, Turíbio, estava, no momento, apenas com a honra ultrajada e uma faquinha de picar fumo e tirar bicho-de-pé.

Todavia, como o bom, o legítimo capiau, quanto maior é a raiva tanto melhor e com mais calma raciocina, Turíbio Todo dali se afastou mais macio ainda do que tinha chegado, e foi cozinhar o seu ódio branco em panela de água fria.

E fez bem, porque então lhe aconteceu o que em tais circunstâncias acontece às criaturas humanas, a 19º de latitude S. e a 44º de longitude O.: meia dúzia de passos e todo o mau humor se deitava num estado de alívio, mesmo de satisfação. Respirava fundo e sua cabeça trabalhava com gosto, compondo urdidos planos de vingança.

E pois, no outro dia, voltou para casa, foi gentilíssimo com a mulher, mandou pôr ferraduras novas no cavalo, limpou as armas, proveu de coisas a capanga, falou vagamente numa caçada de pacas, riu muito, se mexeu muito, e foi dormir bem mais cedo do que de costume. E isso foi na quarta-feira. Quinta-feira pela manhã...

...Altos são os montes da Transmantiqueira, belos os seus rios, calmos os seus vales; e boa é a sua gente... Mas, homens são os homens; e a paciência serve para vãos andares, em meados de maio ou no final de agosto. Garruchas há que sozinhas disparam. E é muito fácil arranjar-se uma cruz para as sepulturas de beira de estrada, porque a bananeira-do-campo tem os galhos horizontais, em ângulos retos com o tronco, simétricos, se continuando dos lados, e é só ir cortando, todos, com exclusão de dois. E... quê? O tatú-peba não desenterra os mortos? Claro que não. Quem esvazia as covas é o tatú-rabo-mole. O outro, para que iria ele precisar disso, se já vem do fundo do chão, em galerias sinuosas de bom subterrâneo? Come tudo lá mesmo, e vai arrastando ossadas para longe, enquanto prolonga seu caminho torto, de cuidoso sapador.

Bem, quinta-feira de-manhã, Turíbio Todo teve por terminados os preparativos, e foi tocaiar a casa de Cassiano Gomes. Viu-o à janela, dando as costas para a rua. Turíbio não era mau atirador; baleou o outro bem na nuca. E correu em casa, onde o cavalo o esperava na estaca, arreado, almoçado e descansadão.

Nem por sonhos pensou em exterminar a esposa (Dona Silivana tinha grandes olhos bonitos, de cabra tonta), porque era um cavalheiro, incapaz da covardia de maltratar uma senhora, e porque basta, de sobra, o sangue de uma criatura, para lavar, enxaguar e enxugar a honra mais exigente.

Agora tinha de cair no mundo e passar algum tempo longe, e tudo estaria muito bem, consequente e certo, limpamente realizado, igualzinho a outros casos locais.

Mas... Houve um pequeno engano, um contratempo de última hora, que veio pôr dois bons sujeitos, pacatíssimos e pacíficos, num jogo dos demônios, numa comprida complicação: Turíbio Todo, iludido por uma grande parecença e alvejando um adversário por detrás, eliminara não o Cassiano Gomes, mas sim o Levindo Gomes, irmão daquele, o qual não era metralhador, nem ex-militar e nem nada, e que, por sinal, detestava mexida com mulher dos outros. Turíbio Todo soube do erro, ao subir no estribo. — Ui!... Galope bravo, em vez de andadura!... — pensou. E enterrou as esporas e partiu, jogando o cascalho para os lados e desmanchando poeira no chão.

Cassiano Gomes acompanhou o corpo do irmão ao cemitério, derramou o primeiro punhado de terra, e recebeu, com muita compostura, entristecido e grato, as condolências competentes. Depois voltou em casa, fechou muito bem as janelas e portas — felizmente ele era solteiro — e saiu, com a capa verde reiúna, a winchester, a parabellum e outros petrechos, para procurar o Exaltino-de-trás-da-Igreja, que tinha animais de sela para vender.

Comprou a besta douradilha; mas, antes, examinou bem, nos dentes, a idade; deu um repasse, criticou o andar e pediu uma *diferença* no preço. Encerrado o negócio, com os arreios e tudo, Cassiano mandou que dessem milho e sal à mula; escovaram-na, lavaram-na e ferraram-na de novo.

Já ele pronto, quando estava amarrando a capa nas garupeiras, ainda ouviu o que o Exaltino-de-trás-da-Igreja falou, baixinho, para o Clodino Preto:

— Está morto. O Turíbio Todo está morto e enterrado!... Esta foi a última trapalhada que o papudo arranjou...

Cassiano pensou, fumou, imaginou, trotou, cismou, e, já a duas léguas do arraial, na grande estrada do norte, os seus cálculos acharam conclusão: Turíbio Todo tinha uns parentes na Piedade do Bagre, ou ali por menos longe... Para lá batera, direitinho, ainda assustado por conta do malfeito. Não podia ter tomado outro rumo, e, de seguro, dando o mais que pudesse, teria vindo a galope. Quando ele chegasse na Piedade — para diante não havia terras aonde um cristão pensasse ir, — descansado, junto de gente sua, tornaria a ter raiva e tratava de voltar nos passos.

E estava muito certo disso tudo:

— Ele vai como veado acochado, mas volta como cangussú... No meio do caminho a gente topa, e quem puder mais é que vai ter razão...

Não precisava, portanto, de pressa, e podia ir na marcha estradeira, sem estropiar a bestinha. E, nem que só para não deixar que se esgotassem as suas reservas de ódio, punha ele a ideia em assuntos amenos, e se relaxava para caçar o jaó nas capoeiras e, nos campos, a codorna e a pomba torcaz.

Contudo, sabendo que as notícias sempre chegam primeiro do que a gente de bem, achava razoável dar às coisas uma demão: era só cruzar com um trôço de tropeiros tangendo a burrada, ou alcançar um capinador que ia para a roça, de enxada no ombro, e Cassiano parava, procurando conversa e falando no inimigo com os piores insultos:

— Você conhece o Turíbio Todo, o seleiro, aquele meio papudo?... Pois é um... (Aqui, supostas condições de bastardia e desairosas referências à genitora.)

Mas, bico trancado, quanto aos planos: nada de ameaças, injúrias só.

E Cassiano Gomes tinha acertado, em parte. Turíbio Todo viera mesmo para Piedade do Bagre, justo como um catingueiro à frente do latido de dez trelas e mais a buzina do perreiro; e bastara-lhe um dia de repouso, para compreender que estava num fundo-de-saco, pois que aquele lugarejo era a boca do sertão.

Mas não voltou como onça na ânsia da morte: baldeou do matungo ajumentado e estrompado, para um ruço-picaço quatrolho e quatralvo, e fez que vinha e não veio, e fez como o raposão. Obliquou a rota para nor-nordeste, demandando as alturas do Morro do Guará ou do Morro da Garça, e aí houve que foi onde Cassiano tinha descalculado, mancando a traça e falseando a mão.

— Tem tempo... — disse. E continuou a batida, confiado tão só na inspiração do momento, porquanto o baralho fora rebaralhado e agora tinham ambos outros naipes a jogar.

Porém, posto que a situação se complicara, o essencial era zanzar na sombra, para apanhar o outro desprevenido, de surpresa; e, para isso, amoitar-se, pois: — Não vê! Quem fica no claro é enxergado mais primeiro, e leva o tiro que quem está no escuro é quem dá!...

Fugindo, Turíbio Todo levava aparente desvantagem. Mas Cassiano fiava muito pouco nessa correria, porque a qualquer momento a caça podia voltar-se, enraivada; e vem disso que às vezes dá lucro ser caça, e quem disser o contrário não está com a razão.

E assim, pensando dessa louvável maneira, ele passou a viajar de preferência à noite, cortando mato a dentro, evitando a estrada-mestra, fazendo grandes rodeios e dormindo de dia, em impossíveis lugares. Era a conta descuidar-se ou afoitar-se um tiquinho, deixar de esticar voltas e de pegar atalhos, dormir com os dois olhos fechados ou fazer muito anunciados itinerário e pessoa, para, de hora para outra — não há como um papudo para se sair bem de uma tocaia, todos dizem, — Cassiano Gomes ser acordado do sono por uma bala ou facada, e, isso mesmo, caso o outro houvesse por bem deixá-lo despertar.

Agora, quando encontrava qualquer mandioqueiro ou qualquer um andejo, tinha lérias e embustes para indagar, sem dar a saber quem era; sim, que passara o tempo de semear notícias, e era abrir os ouvidos e saber do papudo, que precisava de acuar para poder atirar.

E, desse jeito, visto que Turíbio Todo talvez fosse ainda mais ladino e arisco, durante dois meses as informações foram vasqueiras e vagas, e nunca se soube bem por onde então eles andaram ou por quais lugares foi que deixaram de andar.

Mas, nesse depois, deu que um dia Cassiano, surgindo nas Traíras, escutou conversa de que o outro estava na Vista Alegre, aonde viera ter, aquerenciado, com saudades da mulher. Cassiano Gomes tirou suas deduções e tocou riba-rio, sempre beirando o Guaicuí, que só vadeou no lugar bonito — com frangos-d'água chocando ovos no fundo dos quintais, com uma lagoa no centro do arraial — chamado Jequitibá; isso enquanto Turíbio Todo, um pouco além norte, fazia uma entrada triunfal em Santo Antônio da Canoa, onde ainda ousou assistir, muito ancho, às festas do Rosário, com teatrinho e leilão.

Dansando de raiva, Cassiano fez meia-volta e destorceu caminho, varejando cerradões, batendo trilhos de gado, abrindo o aramado das cercas dos pastos, para cair, sem aviso, no meio dos povoados tranquilos dos grotões. Mas eram péssimos os voluntários do serviço de informes, e, perto de Saco-dos-Cochos, eles cruzaram, passando a menos de quilômetro um do outro, armados em guerra e esganados por vingança.

E Cassiano Gomes, por ter apenas 28 anos e, pois, ser estrategista mais fino, vinha pula-pula, ora em recuos estúrdios, ora em bizarras demoras de espera, sempre bordando espirais em torno do eixo da estrada-mãe. Mas Turíbio Todo, sendo mais velho, tinha por força de ser melhor tático, e vinha vai-não-vai, em marcha quebrada, como um voo de borboleta, ou melhor de falena, porque ele também se fizera noctâmbulo; e levava além disso estupenda vantagem, traquejado no terreno, que lhe era palma das mãos.

E assim continuaram, traçando por todos os lados linhas apressadas, num raio de dez léguas, na mesopotâmia que vai do vale do Rio das Velhas — lento, vago, mudável, saudoso, sempre nascente, ora estreito, ora largo, de água vermelha, com bancos de areia, com ilhas frondosas de mato, rio quase humano, — até ao Paraopeba — amplo, harmônico, impassível, seivoso, sem barrancas, sem rebordos, com praias luminosas de malacacheta e águas profundas que nunca dão vau.

E nenhum deles era capaz de meter-se em passagens de cavas, nem de arranchar duas noites seguidas no mesmo pouso, nem de atravessar uma baixada aberta à vista dos morros; e, se parassem e pensassem no começo da história, talvez cada um desse muito do seu dinheiro, a fim de escapar dessa engronga, mas coisa isso que não era crível nem possível mais.

Quando Cassiano dobrava a serra Sela do Ginete, transmontando para o Cuba, se encontrou com um vira-mundo pedidor-de-esmola, com pernas enormes de elefantíase, carregando, por promessa, a pesada imagem, já inidentificável, de um santo; e o esdrúxulo estradeiro forneceu-lhe uma pista: o papudo também descambara, acompanhando o caminho do sol.

Foi atrás. Mas, chegando ao São Sebastião, chorou de ódio: topou com um ladrão de cavalos, que subia com a última tropilha, porque já tinha ganho muito dinheiro e voltava para sua terra para tornar a ser honesto, e que disse que Turíbio Todo andava longe, outra vez para lá do Rio das Velhas, no Marôsso ou no Baldim.

Então Cassiano trocou pela segunda vez de montada, comprando um alazão de crineira negrusca, porque estava pisado, em seis pontos do lombo, e com fortes assaduras nos sovacos, o cavalo baio-calçado que berganhara pela mula douradilha, a qual, por sua vez, havia aguado dos cascos dos pés e das mãos.

Também Turíbio Todo já usava a esse tempo a quarta ou quinta cavalgadura, e aí foi que ele teve a audácia de passar no arraial, porque estava com saudades da mulher, Dona Silivana — aquela mesma que tinha belos olhos grandes, de cabra tonta —, com quem ficou uma noite, e a quem, na hora da despedida, confiou, sob segredo, o seu estratagema último.

A mulher aconselhara:

— Por que é que você não vai para bem longe, esperar que a raiva do homem recolha?... (Dona Silivana tinha sábios desígnios na cabecinha...)

— Que-o-quê!... Você jura não contar p'ra ninguém uma coisa?...

— Por esta luz!... Pois será que você já não tem mais confiança nem em mim?!

— Pois, olha: eu, afora o papo, tenho muita saúde, graças a Deus... Mas, o tal... Correndo assim por essas brenhas, quero ver! Ele barganha de cavalo, troca, troca, que nem cigano, mas não pode bater baldroca com o coração, lá dele, que não regula direito! É só esperar um pouco e sacudir vermelho nas ventas do touro... Eh, boi bravo!... Estou sem cachorro, mas estou caçando de espera, e é espera p'ra galheiro!...

E, com essas, Dona Silivana começou a sentir-se mal, com um frio em si, por dentro, porque o Cassiano Gomes não dera baixa da Polícia à-toa, e sim excluído pela junta médica; e, apesar do seu garboso aspecto, não lhe prestava para muito o coração.

Turíbio Todo tirou as ferraduras da montaria, e comprou outras, que fez que pôs no cavalo, mas não pôs — toda essa manobra para que o outro, dando-se o caso, por mal informado, se desnorteasse de rastro —; montou e bateu para as Lages, onde um fazendeiro lhe exibiu, já nédio e refeito nas marchas forçadas, o baio-calçado, segundo animal usado por Cassiano. Aí, não resistiu: comprou, pagando sem hesitação preço e meio; e tocou para as Tabocas, ovante, se desmazelando de rir:

— Cavalinho bom, cavalinho de defunto... Estou recebendo é herança em adiantado, mas com o mais que será de bom!...

E, virando-se para trás, insultou a visão invisível do inimigo:

— “Pega à unha, joão-da-cunha!...”

Cassiano cedo conheceu a intenção do seleiro, que Dona Silivana lhe transmitiu, por quanta boca prestativa faz, na roça, as vezes das rádio-comunicações.

Numa várzea bonita, entre Maquiné e Riacho Fundo, ponto fora de rota de povinho a cavalo, um vaqueiro que campeava bois tresmalhados foi mesmo o primeiro que anunciou:

— ...e o Turíbio quer é que o senhor morra do coração, seu Cassiano. Não vale a pena dar esse gosto a ele, não!

Cassiano Gomes fez carranca, e pensou; mas respondeu:

— Mamparra! Se ele quisesse isso, não era bobo de sair contando... Ele está mas é com esperança que eu estaque, só por medo de doença...

E sorriu um sorriso sem graça, de ira congelada, descansando num dos estribos, corpo torto e rédea bamba, perquirindo a linha longe dos morros, a ver se ia chover.

Mas, como Turíbio Todo falara a verdade, para o outro pensar que fosse trapaça, assim se deu que Cassiano Gomes tinha errado, mais uma vez.

E continuou o longo duelo, e com isso já durava cinco ou cinco meses e meio a correria, monótona e sem desfecho.

Até que, pois, variaram de lance, partindo, com pouca distância — Turíbio Todo à frente —, outra vez do das Velhas, em direção ao oeste. E isso talvez sem razão nenhuma, ou porque o seleiro julgasse próprio irritar mais o outro, ou fosse porque aquele, que tinha deixado a cachaça a bem da ideia lúcida, voltara, por esse tempo, de novo a beber.

E quando Turíbio Todo riscou um arco, do Aruá ao Cedro, Cassiano Gomes vinha precisamente em reta acelerada, e tocou-lhe, amanhã e ontem, a trajetória, em tangente atrasada e em secante adiantada demais. Depois, viajaram quase de conserva, perfeitamente paralelos, e ambos sentindo que estava chegando a hora da missa-cantada, e o fim de tanta caceteação.

Até que, bruscamente, as duas paralelas convergiram, no porto da balsa, onde um barqueiro transportava animais e pessoas a quatrocentos réis por cabeça, e onde rolava, sujo e sem sombras, mugindo no descampado, o Paraopeba — o rio amarelo de água chata.

Cassiano, tendo colhido notícias bem pagas, e agora sabendo que vinha nos cascos de Turíbio, chegou de-tardinha à borda do rio.

— E se o cachorro do canalha tivesse atravessado?

Foi direito ao rancho, onde havia somente, encostados, abarracados em linha, duas dúzias de couros de boi. Pistola em punho, foi levantando um por um. De repente, voltou-se, violento, pronto para atirar.

Mas era só um menino magrelo, chupando um toro de cana comprido, como um bambu.

— Você viu passar por aqui um homem branco, assim meio papudo, num cavalo café-com-leite, preto das quatro mãos? Sabe se ele foi p'ra a outra banda do rio?

— Nhor não. Esse-um eu não vi não.

— Qu'é-de o barqueiro daqui, pois então?

— É meu pai, sim senhor... Foi buscar rapadura na Coanxa... Amanhã cedinho ele 'tá'qui 'tra vez...

— Pois vai-t'embora e fica espiando, de beirada... Mas não conta a ninguém que me viu, hein!?... Se o tal homem aparecer, você vem ligeiro me avisar, que eu te dou dinheiro, o que você quiser...

E Cassiano desarreou o alazão e foi deixá-lo, manietado com peia larga, atrás da capoeira de assa-peixe, onde havia grama da miúda e umas touceiras de capim-chatinho. Depois se escondeu debaixo de um dos couros, porque Turíbio Todo tinha que vir por ali, talvez para transpor o rio, e fora uma grande sorte ter chegado primeirão.

Quando escureceu de todo, ele saiu da toca, se esgueirando, de arma lesta. Havia toadas de grilos, houve risadas de corujas, e, dos fundos da noite, muito fresca, um cachorro latiu.

E Cassiano deu com os olhos numa fogueira, a menos de trezentos metros, a jusante. Deitou-se no chão, como nos tempos da vida de soldado — esperando que a silhueta do papudo se debuxasse à luz das chamas, para dar ao gatilho, então. Mas foi do outro lado, por detrás dele, que pipoquearam tiros, das moitas de taquari; e o cicio das balas renteou-lhe a cabeça.

— Olha a inácia! — ralhou de si Cassiano, apagando o cigarro, que o que dera alvo tinha sido a brasinha vermelha. Aí, porém, da banda da estrada, onde a copa do açoita-cavalos negrejava como uma anta encolhida, fizeram fogo também.

Ei, e Cassiano rastejou, recuando, e, dando três vezes o lanço, transpôs as abertas entre a Crissiúma e a guaxima, entre a guaxima e o rancho, e entre o rancho e o gordo coqueiro catolé. Acocorou-se, coberto pela palmeira, e espiou, buscando um sinal claro ou qualquer vulto movente.

Mas, que era aquilo, então? O atirador de rio-acima, dos taquaris, e o outro, o da estrada, do açoita-cavalos, trocavam agora disparos? Cada um, ali, estaria brigando, de uma vez, contra dois?!

De assim a pouco, entretanto, cessou a fuzilada.

Mas Cassiano não cochilou nem um momento, durante a noite. Mutuns cantaram, certos, às horas em que cantam os galos. No mais, distante, o mato dormia, num quiriri sem alarmas. O rio era um longo tom, lamentoso. Caía, das estrelas, um frio de se sentar em costas de homem. E crescia, com as horas, o cheiro das folhagens molhadas. Depois, com os passarinhos, chegou a madrugada. A barra do dia vinha quebrando. E um sujeito, alto e espadaúdo, apareceu, em pé, diante do bivaque. Vinha armado de foice, e roncou:

— Qu'é-de o seu companheiro, o do papo?

— Estou sozinho, como o senhor vê...

— Não vejo!

E o grandalhão se postara contra um dos moirões do rancho, prevenindo-se contra uma possível agressão pela retaguarda. Retraiu o braço com a foice, e insistiu:

— Quanto foi que o Elias Ruivo pagou a vocês dois, para vocês acabarem comigo? Hã?!

— Não encosta, amigo, que essa distância é boa!

Com os olhos nos olhos do homem, Cassiano foi encolhendo a barriga; e o corpo lhe oscilava um nadinha, levíssimo, como se estivesse suspenso de um fio, balançando à bafagem do vento. Então, lá de diante, pôde vir o barulhinho, o tênue e constante rangido dos couros de boi.

E os dois não se desfitavam, um e outro vigiando o relance do bote, para o selvagem corpo-a-corpo. Mas, pronto, Cassiano compreendeu o equívoco. E gritou:

— Deixa de conversa errada, homem! O senhor está sonhando? Não tenho parte nessa sua história, não conheço esse tal de Elias Ruivo, nem tenho nada com o senhor!... Eu ando mesmo é atrás daquele papudo, por via de um negócio nosso, e o senhor está empalhando...

O gigante, sem desmanchar a atitude de pré-assalto, trouxe uma sobrancelha para perto da outra, para pensar, e parou de brandir a foice.

— Não sei... Não sei... E se não for?...

Ao que Cassiano viu que tinha de convencê-lo depressa, ou senão seria o atracamento bestial, dando ensejo a Turíbio, que devia de estar rondando o

rancho, de chegar sem suor, como último convidado. Falou, pois, com assomo:

— Eu sou o militar Cassiano Gomes, da Vista Alegre, criatura!

— Hum-hum! Hã-hã!... — fez o homem, derreando a mandíbula e abalando a cabeça em sim que sim. E no seu entendimento tudo devia ter-se aclarado: ...ouvira notícia daquela briga, pois não... Até costumava perguntar sempre aos viajantes que vinham para o Oeste, se o "truco, fecha!" já tinha havido... Que burreza! tomara os dois por capangas do Elias Ruivo, do São Sebastião, inimigo seu... Mas eles tinham aparecido assim com tanta visagem, com tanto escondido... E o Elias Ruivo vivia prosando que ia benzer em sangue a água do rio...

E, no há-de que não há, se chegou para Cassiano, traindo nos olhos curiosidade, com sofreguidão. Era o passador da balsa. Acocorou-se-lhe diante, pachorro, depondo a foice e extraindo dos bolsos o tolete de fumo, os petrechos de pitar. E Cassiano teve de historiar tudo, desde o começo, enquanto o barqueiro aprovava com a cabeça e mais perguntava, baforando gloriosas fumaceiras.

Mas Cassiano tinha pressa de caçar o assassino, que não devia de estar longe. E o balseador, sabendo ter de guardar neutralidade, deixou-o rondar por ali, inutilmente, até à hora do almoço. Turíbio Todo não apareceu.

— Decerto ele teve medo, por conta dos tiros... Gastei muito do meu chumbo...

— É... Deste jeito eu não arranjo nada, e fico me acabando atôa... É melhor eu voltar p'ra casa e deixar passar uns tempos, até que ele sossegue e pegue a relaxar...

E Cassiano Gomes estava enganando a si próprio, pois na realidade se sentia de repente cansado, porque um homem é um homem e não é de ferro, e o seu vício cardíaco começara a dar sinal de si.

Chico Barqueiro o viu montar e alongar caminho, num chouto que o alazão batia com moleza, de quadrúpede estradeiro caído havia muito na desilusão.

E Chico Barqueiro não tinha dado opinião nenhuma, e foi pescar. Mas, mal acabara de poitar a canoa e jogava o anzol n'água, no meio do rio, quando, da margem, alguém gritou e gesticulou. Não havia dúvida — era o papudo chegando.

Chico Barqueiro colheu a linha, deu boas varejoadas, e proejou, vindo-vindo, para a beira de cá.

Turíbio Todo, meiamente ansioso, quis começar com explicações, sobre os tiros e tudo. Mas o Chico, olhando-o com mau modo, acenou-lhe que subisse para a balsa, e foi puxar cá para dentro o cavalo baio, que resistia de pés juntos, querendo empinar. Depois o balseiro desprendeu a corrente, deu um arranco de zinga, e a balsa — um ajoujo de quatro canoas de proas chanfradas, sobreassoalhado e guarnecido de um gradil sem cancela — balanceou e avançou.

Turíbio Todo se acomodara, e ficou vigiando o outro com o rabo-do-olho, bem desconfiadíssimo. E nenhum falou. Os feixes de água golpeavam o flanco da balsa, em jacto mole; a argola rangia, em cima, no arame; e a correnteza marulhava, a montante.

Os dois homens e o cavalo estiveram quietos. Mas, justo no meio do rio, o barqueiro, carrancudo, começou a encarar, a encarar. Turíbio, de de-lado, abaixava a vista. E então o outro não se pôde por mais tempo:

— O senhor é o sujeito meio ordinário, sem sustância, e sem caráter! Se fosse homem, voltava...

— Eu?... Sou de paz e sou pai-de-família, meu senhor!... O senhor está enganado...

— Eu sei... Vai fugindo, se escondendo... Fico até com nojo de ver tanta falta de pouca vergonha emporcalhando a minha balsa!

E cuspiu n’água, escarrando com estrondo.

Turíbio Todo se encrespou torto, uniu os dentes; e olhos que coriscou raiva. O barqueiro, porém, empunhava o varejão. Mesmo em terra, seria sem esmo ter de enfrentá-lo; mas, ali — e não sabendo bem nadar, — então, não, não, vezes nenhumas! Só protestou:

— Eu não ofendi o senhor, seu canoeiro! Cada um sabe de si!... Será que até o senhor agora está tomando lado contra mim?!

— Bom, ’tá bom... Ah, Deus que me livre. Se esteja... — Chico Barqueiro lento teve de responder.

E esticou para trás a cabeça, para coçar o gogó; ajeitou a gola da camisa; deu uma espiadela para o arame; empurrou com o pé um rolo de corda; e ficou depois soslaiando o outro, sem saber mais o que arrumar. Até que passou um pato-bravo, no voo viageiro: pescoço avançado, patas juntas, deitando-se ora numa asa ora na outra; desviou-se do rumo da balsa, com uma timonada da cauda, desceu mais, distanciou-se, tatalou três vezes e pousou nas tabuas da margem esquerda.

— Ôi'ai! Este veio de longe... Está de passagem. Os que vêm de perto, param quando chegam na deixa do rio. Mas, pato-do-mato que é de viagem, não para: atravessa por cima do rio todo, e só baixa e fecha na outra beirada... Engraçado! Assim, que fazem isso, ach'qu'é p'r'a-mor-de poder mais conhecer onde é que estão...

Sereno. Mas Turíbio Todo não lhe deu resposta. E o balseiro continuou:

— Sei o jeito deles. Conheço esse gadinho de asa! Eles vivem p'ra lá e p'ra cá, aciganados, nunca que param de mudar... Às vezes passam os bandos, arrumadinhos em quina, parece que p'ra o vento não poder esparramar... E arribam em tempos, a ver que está tudo de combinação...

Turíbio fingia não ver o sorriso de boa-vontade que o outro lhe oferecia. A correnteza crepitava, em tentativas de onda, batendo o madeirame. O rio aberto cheirava a chuva nova. E a balsa cheirava a breu e óleo bom.

— Tem os paturis... Tem os patos de cara vermelha... Tem o marreco de bico grande, e outro azulado, e um com enfeite de muitas cores... Tem o marrequinho rabudo, que assobia... Tem os irerês... tem as garças. Uma porção!... Mas não é toda raça de bicho de pena que voa por cima do rio, não senhor: gavião, passa dos grandes, dos de penacho, aguiados, sempre vindo do sertão... E nunca que voltam, parece que os outros matam esses, por aí... Eu cá nunca mato pássaro nenhum. O carapinhé costuma passar também, mas só quando vem voando atrás de passarinho pequeno, querendo pegar...

...Às vezes, dá dó, quando chegam, no tempo da seca, uns patinhos cansados, que devem de ter vindo de longe demais... Assim que eles, por erro, acham que isto aqui é o São Francisco, que tem lagoas nas beiras... Pensam p'ra pousar nas canas de taquariubá... Gente vê que eles estão não aguentando de ir, mas que não é capaz de terem sossego: ficam arando de asas, parece que tem alguém com ordem, chamando, chupando os pobres, de de longe, sem folgar... P'ra mim, muitos desses hão de ir caindo mortos, por aí... Não crê que tudo é o regrado esquisito, amigo?

— Acho sim.

O cavalo deu com a pata no gradil. Chico Barqueiro insistiu:

— Animal vistoso, o seu. É esquipador? Tem bom andar?

— É... Tem... — resmungou Turíbio.

E ficou ainda mais sisudo, braços cruzados, olhos quase fechados, gozando da superioridade tão facilmente tomada, tão absoluta e pomposa,

que ele só não levantava a cabeça porque papudo não gosta de fazer isso; mas se sentia com a consciência engordada, tranquila perfeitamente.

A terra veio avançando. Encostaram no abicadouro. Turíbio pagou.

— Vá com Deus!... — desejou-lhe ainda o balseador.

— Amém!... — respondeu Turíbio, já de costas, montando. E torou.

Com pouco, subia o caminho para a vista do tabuleiro abre-horizonte, onde corriam as seriemas, aos gritos e aos bandos de pernas compridas. Mas, daí por frente, Turíbio Todo começou a ver lugares que não conhecia. Campinas pardas, sem madeiras... Buriti-da-Estrada... Terra vermelha, “carne-de-vaca”... Pompéu... Indaiás nanicas, quase sem caules, abrindo as verdes palmas... Papagaio... E ele tocava de avança-peito, sempre no rumo e sul.

Então, nesses ares novos, coisas novas andaram-lhe pela cabeça, e veio-lhe também um grande desejo de repousar. Que bom, poder ficar livre de tantas canseiras... “Es-te-den-tro e este fora!”... Turíbio Todo tinha pulado fora da roda, e não mais brincou.

Veio subindo. Subiu até onde as cercas de arame farpado cediam lugar a tapumes de pau-a-pique — magras estacas negras fazendo-se umas às outras muitas mesuras. Subiu mais. Agora avistava muramentos de pedras pretas, trabalho dos negros cativos. As pequenas fazendas não tinham mais varandas, somente escadinhas de pedras, com lajes empilhadas formando o patamar. E o povo comia feijão preto, em vez de feijão mulatinho. E era gente boa, mas ainda mais desconfiada do que a sua. E, então, ele viu que tinha entornado outra cabaça de léguas, e que havia espichado mais mundo para trás.

De sorte que estava no começo da zona a que chamam de Oeste de Minas.

E deu com um rio, verde e guardado, um rio que a gente encontra sempre assim de repente, rio vivo, correndo por entre os matos, como um bicho.

— Que rio é este, tão bonito, moço?

— É o Pará... Pois então?!... Mas, vam’ passar p’ra o outro lado, que aqui tá braba a maleita!...

— Ah, isso não! Passar, não passo, que já atravessei dois e mais não quero, porque quem passa três rios grandes esquece o seu bem-querer... Mas, qual é o comércio mais forte daqui por perto?

— É Sant’Ana-do-São-João-Acima...

— Vou lá, p'ra ver se mando uma cartinha p'r'a mulher!

Depois, uma turma de sujeitos alegres o interpelou. Iam para o sul, para as lavouras de café. Baianos são-pauleiros. E um deles:

— Eh, mano veélho! Baâmo pro São Paulo, tchente!... Ganhá munto denheêro... Tchente! Lá tchove denhêro no tchão!...

Sentiu saudades da mulher. Mas, era só por uns tempos. Mandava buscá-la, depois. Foi também.

* * *

Cassiano Gomes, regressando ao arraial, proferiu:

— Negócio de vingança não paga a pena. Não quero saber mais! É melhor entregar p'ra Deus...

Mas, ao tempo em que ele falava, mansinho, sua mão, por descuido, atôinha, atôinha, alisava o cabo da lapiana, e por isso ninguém não acreditou.

E, enquanto pois, Cassiano continuava se encontrando com a mulher fatal da história, aquela mesma que tinha os olhos cada vez maiores, mais pretos e mais de cabra tonta. E Dona Silivana lhe mostrara a carta enviada de Sant'Ana-do-São-João-Acima, e, depois, uma outra, também em papel quadriculado, capeando uma folhinha de malva com o coração e a flecha desenhados, cheia de saudades e vinda do Guaxupé.

— Foi p'ra o São Paulo.

— Ah, foi... Bobagem! Não carecia de ter ido... Gastei minha raiva... Se ele voltasse, eu nem não fazia nada... Se você escrever a ele, pode botar...

Mas Dona Silivana, com um olhar muito lânguido, concluiu:

— Deix'ele p'ra lá... Assim não é melhor?...

Era, mesmo, e as mulheres têm sempre razão.

Não é atôa, porém, que um cavalheiro, excluído das armas por causa de más válvulas e maus orifícios cardíacos, se extenua em *raids* tão penosos, na trilha da guerra sem perdão. Cassiano sentiu que, agora, ao menor esforço, nele montava a canseira. E, do meio-dia para a tarde, não podia mais ficar calçado, porque os tornozelos começavam a inchar.

Foi ao boticário, e pediu franqueza.

— Franqueza mesmo, mesmo, seu Cassiano? O senhor... Bem, se isso incha de tarde e não incha nos olhos, mas só nas pernas, é mau sinal...

— P'ra morrer logo?

— Assim sem ser ligeiro... Lá p'ra o São-João do ano que vem... Mas, já indo empiorando um pouco, aí por volta do Natal...

— Bom, está direito. Saúde é de Deus, seu Raymundo...

— P'ra nós todos, seu Cassiano, se Deus quiser ajudar!...

E Cassiano Gomes pensou: vendo tudo o que tenho, apuro o dinheiro, vou no Paredão-do-Urucúia, dar a despedida p'ra a minha mãe... Depois, então, afundo por aí abaixo, e pego o Turíbio lá no São Paulo, ou onde for que ele estiver. E despediu-se de todo o mundo, sabendo que nunca mais iria voltar.

* * *

Mas, no caminho, foi piorando, e teve de fazer alto no Mosquito — povoado perdido num cafundó de entremorro, longe de toda a parte —, onde três dúzias de casebres enchiam a grota amável, que cheirava a grão-de-galo, murici e gabiroba, com vacas lambendo as paredes das casas, com casuarinas para fazerem música com o vento, e grandes jatobás diante das portas, dando sombra. Um lugar, em suma, onde a gente não tinha vontade de parar, só de medo de ter de ficar para sempre vivendo ali.

Pois foi lá que Cassiano Gomes teve o seu desarranjo, com a insuficiência mitral em franca descompensação. Desceram-no do cavalo e deram-lhe hospitalidade. E ele foi para um jirau, com a barriga de hidrópico e a respiração difícil de um cachorro veadeiro que volta da caça.

Melhorou. E rangia os dentes ao pensar em Turíbio Todo. Mas, graças a Deus, tinha dinheiro. Indagou se por ali não haveria um homem valente, capaz de encarregar-se de um caso assim, assim... Dava até um conto de réis...

Não havia. Cassiano escolhera mal o lugar onde se derrear: no Mosquito era tudo gente miúda, amarelenta ou amaleitada, esmolambada, escabreada, que não conhecia o trem-de-ferro, mui pacata e sem ação. Não se alembravam de crimes sangrentos, não tinham mortes nas costas: — O senhor desculpe, mas, não vê que aqui ninguém não quer se desgraçar...

— E não terá alguém para levar recado para vir cá algum valentão de aí por perto?...

— Aqui por estas bandas mais chegadas, também, desse jeito, p'ra esse serviço, não tem ninguém...

— Então eu vou-m'embora! Já e já!...

Mas não pôde dar mais de três passos: cambaleou e teve de sentar-se à porta da cafua; e foi ali sentado que passou a passar todo o tempo, dia pós dia, com o peito encostado nos joelhos e, por via dos hábitos, com a winchester transversalmente no colo e a parabellum ao alcance da mão.

A paisagem era triste, e as cigarras tristíssimas, à tarde. Passavam uns porcos com as cabeças metidas em forquilhas, para não poderem varejar as cercas das roças. Passavam galinhas, cloqueando, puxando ninhadas para debaixo do marmelinho. E almas-de-gato, voando para os ramos escarlates do mulungú.

E os groteiros também passavam — mulheres de saia arregaçada, de pote à cabeça, vindas da cacimba; meninos ventrudos, brincando de tanger pedradas nos bichos ou de comer terra; e capiaus, com a enxada ou com a foice, mas muito contentes de si e fagueiros, num passinho requebrado, arrastando alpercatas, ou gingando, faz que ajoelha mas não ajoelha, ou ainda na andadura anserina, — assim torto, pé-de-pato, tropeçante.

E passou um irmão do Timpim, dando pancada no Timpim. Dada a desproporção física, isso era uma grande covardia, e Cassiano chamou:

— Ô siô! Chega aqui!...

O irmão do Timpim veio chegando, pensando que era com ele, mas Cassiano o escaramuçou:

— Sai p’ra lá, diabo! Tu é valente demais. Tu é ferrabrás... Sai daqui, que o baralho ainda não bateu na tua porta... Quando eu fizer *culé-culé*, você pode acudir.

Então o Timpim pôde vir, muito ressabiado e bobó.

Cassiano perguntou:

— Cá mais p’ra perto, menino... Como é mesmo a sua graça?

— O senhor vai se rir de mim... Mas, se me chamar por meu nome direito, de Antônio, ninguém não fica sabendo quem é... Timpim é apelido que eu não gosto... Antes mesmo me chamando de Vinte-e-Um.

Cassiano começou a rir, mas teve de parar, porque tossiu e botou sangue.

— Vinte-e-Um! Que graça!... Mas, que é que é isso, de uma pessoa se chamar Vinte-e-Um?

— É outro apelido que eles me chamam. É p’r’a-mór-de que nem que a minha mãe teve vinte e um filhos, e eu fui o derradeiro... E por via disso eles botaram esse nome em mim.

— E quem é aquele manguarão? Aquele grandalhão que estava te dando arrancos?

— É meu irmão Izé, sim senhor.

— Por que é que ele estava te batendo?

— Por causa que ele queria tomar de mim estas mandioquinhas ensoadas... E eu não dou, porque estou levando p'ra minha mulher, que teve criança, ant'ontem, e não tem nada lá em casa p'ra ela comer!...

— Oh seu Vinte-e-Um! Pois então você é casado?... E é o primeiro filho?

— Nhor não, com esse é trêis... O primeiro morreu de ano, e o outro, que era mulher, nasceu morto de nascença.

— E por que é que você, que tem essa testa cabeluda de homem bravo, e essas sobrancelhas fechadas, juntando uma com a outra por cima do nariz, por que é que você ficou quieto e não bateu nele também?...

— Não vê que a minha mãe sempre falava p'ra eu não levantar a mão p'ra irmão meu mais velho... E, como eles todos são de mais idade, por isso todos gostam de dar em mim.

Cassiano inspecionava o matuto, olhando-o de alto para baixo e de baixo para o alto outra vez.

— Oh ferro!... E, me diz uma coisa: você é sempre assim durinho feito pedra? Nunca *murguêia* o corpo nem abaixa os ombros p'ra diante?

— Nhor não... Ach'que não... Sei não...

— Pois então, toma este dinheiro, p'ra comprar umas galinhas p'r'a sua patroa, e amanhã volta aqui...

Mas, no outro dia, o Timpim fez uma surpresa a Cassiano: trouxe o bebê, para "tomar benção", todo enrolado em excesso de baetas e com a boquinha entupida por uma *boneca* de pano molhada em mel de abelha, servindo de chupeta. O Timpim, muito ganjento, exibia o seu rebento, e, quando alguém lhe gabava tão formosa prole, ele pedia, ansioso, que acrescentassem: — Benza-o Deus! — para evitar quebranto.

E o menino, que era engraçadinho e esperto, abriu os olhos para Cassiano, que, ante tanta fragilidade, se enterneceu:

— Será que nem minha mãe eu não vejo, em-antes de eu morrer?!... — gaguejou, soluçando.

Pediu que o levassem para a cama; mas já era outro homem, porque chorar sério faz bem.

E, no jirau, meio sentado, meio deitado, recostando-se numa pilha — de molambos, travesseiros e até um selim velho — que mulheres caridosas lhe arranjavam, arfando com esforço e tomando posições para poder sorver algum ar, se esqueceu das armas de fogo e esperou a hora de morrer. A calma e a tristeza do povoado eram imutáveis, com cantigas de rolas fogo-apagou e de gaturamos, e os mugidos soturnos dos bois. E a placidez do ambiente lhe ia adoçando a alma, enquanto que a cara ficava cada vez mais inchada, em volta dos lábios laivos azulados, e a doença lhe esgarçava o coração.

Pegou a pedir às velhas que viessem rezar à beira da enxerga. Queria que os meninos, miúdos meninos, brincassem ali perto; e dava-lhes dinheiro. E ficava calado, recontando os caibros, negros de picumã, e espiando a mexida das aranhas, que jogavam fios-a-prumo para subir e descer. E, pela primeira vez nesses meses, se lembrou do irmão assassinado, realizando ser por causa da morte do mesmo que ele andara em busca de Turíbio Todo. E também pensou no Céu, coisa que nunca tivera tempo de fazer até então.

E, pois, foi, um dia, quando ele estava pior e tinha mandado abrir a janela para que entrasse um sol fiscal, muito ardente, entrou-lhe também pelo quarto, de olhos vermelhos e nariz a escorrer, choramingante, o Timpim.

— Que foi que houve, Vinte-e-Um?

Era o filho, o neném, que estava doente, muito mal, mesmo, e, por míngua de recursos, quase a morrer. E o Timpim abriu o bué; mas as lágrimas corriam e ele não amolgava o busto.

Cassiano perguntou:

— Me diz uma coisa, Vinte-e-Um: nas Abóboras tem doutor?

— Tem sim, mas em-antes não tivesse, meu Deus!... Como é que eu, que não sou dono de nada desta vida, hei de poder pagar seu doutor-médico a trinta mil-réis a légua, p’ra ele querer vir até cá?!... Já mandei buscar receita-de-informação, e, o resto do cobrinho que o senhor me deu, eu gastei tudo nas meizinhas de botica...

— Pois está aqui o dinheiro. Traz o doutor. Compra os remédios e tudo. Se precisar, ainda tem mais.

Timpim esbugalhava os olhos, achando difícil acreditar. De repente, chorou mais forte e se ajoelhou aos pés do benfeitor, querendo pegar-lhe

da mão para beijar e proferindo agradecimentos e bênção, por entre uma montoeira de soluços.

— Não é nada... Bobagem!... — se esquivou Cassiano. — Eu estou querendo o médico é p'ra ele poder me olhar também... E aproveita p'ra trazer o padre junto, que eu ainda quero me confessar...

Mas o Timpim teimava agora em beijar-lhe os pés, e, sempre se carpindo, exclamou:

— Deus há de lhe dar o pago, seu Cassiano Gomes! Eu sim que não posso, por causa que não tenho préstimo nenhum... O menino é porque foi batizado na horinha em que nasceu, senão o senhor tinha de ser o padrinho!... Mas, assim, mesmo, se o senhor deixar, eu fico sendo seu compadre e o senhor fica sendo o meu compadre mais-de-todos, que eu de tantas caridades nunca hei de me esquecer!...

Então, Cassiano, por sua vez muito bem comovido, porque é melhor a gente ser bondoso do que ser malvado, puxou-o para si, num abraço, dizendo:

— Maior paga do que essa não tem, meu compadre Vinte-e-Um...

E Cassiano Gomes não pôde esconder o consolo que isso tudo lhe trazia.

Veio o médico; veio o padre: Cassiano confessou-se, comungou, recebeu os santos-óleos, rezou, rezou.

Mandava o dinheiro para a mãe? Não. Mandou vir o Timpim, para nele rever a boa ação. Conversaram. Depois o moribundo disse:

— Esse dinheiro fica todo para você, meu compadre Vinte-e-Um...

Aí, tomou uma cara feliz, falou na mãe, apertou nos dedos a medalhinha de Nossa Senhora das Dores, morreu e foi para o Céu.

* * *

Turíbio Todo soube da boa notícia, por uma carta da mulher, que, agora carinhosa, o invocava para o lar. Ele tinha ganho já bons cobres, e a carta acabou de o convencer: comprou mala, comprou presentes, pôs um lenço verde no pescoço, para disfarçar o papo; calçou botas vermelhas, de lustre; e veio.

Saltou do trem também com uma piteira, um relógio de pulseira, boas roupas e uma nova concepção do universo. Mas tinha de fazer ainda um dia a cavalo e estava com pressa, porque Dona Silivana tinha os olhos bonitos, sempre grandes olhos, de cabra tonta. Por isso, ele nem teve

tempo de negociar um animal: arranjou um cavalo emprestado; almoçou sem fome, e deu à andadura.

Venceu a primeira légua. A alegria da liberdade larga nem o deixava sentir as bátegas que de vez em quando desciam, porque estava um dia incerto, de casamento de raposa ou de viúva, com uma chuvinha diáfana, oblíqua e apressada, correndo aqui e ali para disputar com o sol.

De repente, ouviu o tropel de um galope destemperado, que vinha atrás. Chegou o cavalo para a beira da estrada, parando à frente de uma sucupira, e espiou e esperou. Era um cavalinho ou égua, magro, pampa e apequirado, de tornozelos escandalosamente espessos e cabeludos, com um camarada meio-quilo de gente em cima.

O cavaleiro freou quase encostado em Turíbio, tal que, a um resfôlego da pileca, um floco de escuma branca voou-lhe no braço.

— Seu cavalo está com garrotilho, moço?

E Turíbio Todo apontou com o chicote as ventas do animal, que pulsavam, lambuzadas de uma clara de ovo batida.

— Nhor não... Folgou muito sem ser amontado... Por via disso é que está cansando atôa.

O capiau, com um sorrisinho cheio de cacos de dentes, ficou olhando para Turíbio, que também o examinava, com uma vontade doida de rir.

Porque o outro, à guisa de capote, trazia um saco de aniagem, cujas costuras laterais desfizera, enfiada a cabeça por um buraco no fundo; e a bizarra roupagem caía-lhe à frente e às costas, como a casula de um padre a dizer missa. Estava descalço, mas com enormes esporas nos calcanhares, e, para bater, trazia um galho de uvatinga na mão.

O cavalinho pampa — era mesmo um cavalo — com o rabo amarrado e a crina cortada rente, funga-funga, magrelo, se afinava pela mesma petição-de-miséria: o freio era de barbicacho; a sela um lombilho quase cangalha, faltando-lhe um estribo; e não tinha rabicho e nem peitoral.

O caguinxo tirou a faca e o fumo, o que, na convenção das estradas sertanejas, indica o desejo de puxar conversa. Mas Turíbio Todo levava urgência:

— Se vai por este lado, vamos...

— Nhor sim...

E emparelharam os animais.

O capiauzinho deixou a rédea cair para a tábua-do-pescoço do pampinha, que pelejava para acompanhar a andadura do outro cavalo; e foi

picando o fumo, minuciosamente, ajuntando-o na concha da mão.

Turíbio não lhe tirava os olhos de cima, achando-lhe uma graça imensa, na cara, no todo, na cavalgadura, na grenha piolhífera e no balandrau. Mas simpatizava com o tipo. E ofereceu-lhe o maço de cigarros.

O rapaz fez menção de pegar, mas encolheu a mão, brusco.

— Muito agradecido... Eu pito é destes nossos, dos de palha... A gente está acostumado com *grossaria* só...

Que impagável! — pensou Turíbio Todo.

O outro bateu a binga e tirou uma fumaça comprida, com o que pareceu criar coragem:

— Ainda que mal pergunte, o senhor será mesmo o seu Turíbio Todo, seleiro lá na Vista-Alegre, que está chegando das estranjas?...

— Sou, sim. Vim do São Paulo... Como é que você está sabendo? Cheguei hoje...

— Me contaram, lá no comércio...

Turíbio riu. Cada vez gostava mais do caipirinha.

— Por que é que uns como você não vão também trabalhar lá? Podiam ganhar dinheiro, aprender a viver. Isto, por aqui, não é vida, é uma miséria-magra de fazer dó!... Se você quiser ir, eu explico tudo direito, te ajudo com dinheiro, até.

— Qual!... A gente nasceu aqui, vai ficando por aqui mesmo...

E, atrapalhado, como quem quisesse mudar de assunto, o capiau mostrou:

— Vigia só!

Nos galhos mais altos do landi, um saguim, mal penteado e careteiro, fazia gatimanhas, chiando e dando pinotes. Os cavaleiros estacaram. Turíbio Todo tirou o revólver e apontou. Mas o macaquinho se escondia por detrás do pau, avançando, de vez em quando, só a carinha, para espiar. E Turíbio se enterneceu, e tornou a pôr a arma na cintura.

Enquanto isso, o mico espiralava tronco abaixo e pulava para o vinhático, e do vinhático, para o sete-casacas, e do sete-casacas para o jequitibá; desceu na corda quinada do cipó-cruz, subiu pelo rastilho de flores solares do unha-de-gato, galgou as alturas de um angelim; sumiu-se nas grimpas; e, dali, vaiou.

— Deixa o coitado! Para que judiar dessas criaçãozinhas do mato?... Eles também precisam de viver... Lá no São Paulo, um dia...

— O senhor, por quanto foi que comprou esse seu cavalo?

Turíbio Todo voltou-se, surpreendido, inquieto, porque o camarada, tão humilde e mofino, o interrompera pela segunda vez.

— É animal só emprestado... vamos para diante. Isto aqui é a Restinga?...

— Nhor não, é o Quilombo.

Aqui e ali, uma cafua de capim, à borda da estrada, no meio das bananeiras.

— Vamos mais depressa, moço, que eu estou aflito para chegar!...

Deram no vau de um córrego. Um velho, de saco nas costas, vinha de lá, passando a pinguela; quis cumprimentar e quase caiu, custando-lhe reajustar o equilíbrio. Na lama lisa da margem, borboletas amarelas pousavam, imóveis, como pétalas num chão de festa.

Os cavalos, metidos até meia canela na correnteza, dobravam o pescoço em ângulo obtuso, para beber. Cardumes de piabinhas, chofrando corridas ou oscilando no mesmo lugar com palpitações de aletas, rabeavam na transparência da água, que os animais sorviam num chorro copioso.

O ar era fresco. Do morro, vinha um cheiro bom de musgo, de barba-de-pau, de verdura velha. E a sela estava tão macia e tão embalador o marulho, que Turíbio estirou uma perna no estribo e ficou olhando, com afeto, para um cavalinho-de-judeu, que pairava faiscante e acabou pousando no látego do cabresto.

O caguinxo também ficara quieto, mesmando, vendo, a cada movimento dos cavalos, a lama subir na água e turvar-lhe a face. E foram os próprios animais que, matada a sede, retomaram a marcha.

— Eu estou bem alegre!... Vou ver minha mulher, que há muito tempo eu não vejo... Acho que amanhã de-tardinha eu estou chegando lá, no sítio da mãe dela. Se ela quiser ir comigo, nós voltamos para o São Paulo... Quero descansar um pouco e gozar a vida... — disse Turíbio Todo, com um suspiro de satisfação.

— Qual, seu Turíbio Todo... Com perdão da palavra, mas este mundo é um monte de estrume! Não vale a pena a gente ficar alegre... Não vale a pena, não.

— Ora, deixe de curtir mal sem paga... Que é isso!?...

— A gente vive sofrendo... Todo o mundo é só padecer... Não vale a pena!... E depois a gente tem de morrer mesmo um dia...

— Sabe? Você precisa é de tratar da saúde, para não ficar com essas ideias... — Turíbio aconselhou.

Calou-se o outro. Muito abatido, lúgubre, dava o ar de quem estivesse carregando o peso do mundo.

Subiram um morro, desceram o morro; e o caminho entrou num mato fechado, onde tudo era silêncio e sombra. Um dos cavalos bufou e mastigou os ferros do freio. Das ramadas, que açoitavam os rostos dos cavaleiros, caía chuva guardada. E, de repente, Turíbio Todo estremeceu, ao ouvir, firme e crescida, outra voz, que ainda não tinha escutado ao capiau:

— Seu Turíbio! Se apeie e reza, que agora eu vou lhe matar!

— Que é? Que é?... Tu está louco?!...

Mas o caguinxo estava sério e pálido, e sua mão direita segurava uma garrucha velha, de dois canos, paralelos, sinistros.

— Se apeie depressa, seu Turíbio!...

E o homenzinho dizia isso assim mole, mas sem deixar de estar terrivelmente atento.

Então Turíbio Todo, encarando-o, fez figura e fez voz.

— Deixa de unha, cachorro, que eu te retalho na taca!...

— Não grita, seu Turíbio, que não adianta... Peço perdão a Deus e ao senhor, mas não tem outro jeito, porque eu prometi ao meu compadre Cassiano, lá no Mosquito, na horinha mesma d'ele fechar os olhos...

Ao ouvir o nome do inimigo, Turíbio Todo teve um maior sobressalto. A mão da garrucha do capiauzinho tremia. Turíbio também pegou todo a tremer.

— Ah, quanto é que ele te pagou? Eu posso dar o dobro, te dou tudo o que eu tiver!...

— Não tem jeito, não tem jeito, seu Turíbio... Abaixo de Deus, foi ele quem salvou a vida do meu menino... E eu prometi, quando ele já estava de vela na mão... É uma tristeza! Mas jeito não tem... Tem remédio nenhum...

Atônito, Turíbio arregalava os olhos, e sentia o medonho que é a falta de tempo para a gente poder pensar.

— Escuta... Eu também tenho família... Tenho...

— Se apeie, seu Turíbio...

— Pelo amor da Virgem Santíssima! Pelo amor do teu filho! Não faz isso! Deus castiga!... Não me mata...

— Pois então reza, seu Turíbio, que eu não quero a sua perdição!

Aí Turíbio Todo teve um grande arranco de horror, e estendeu os braços.

— Espera! Espera! Não atira ainda não...

E levantou a mão à testa, se benzendo, com voz gritada, em que o choro já começava a tremer:

— Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, amém!... Padre nosso...

Mas, não! Assim como um carneiro, não! Curvou de banda e puxou o revólver, e foi um golpe de rédeas e outro de esporas, fazendo o cavalo se empinar.

Mas a garrucha não negou fogo. Turíbio Todo pendeu e se afundou da sela, com uma bala na cara esquerda e outra na testa. O cavalo correu; o pé do defunto se soltou do estribo. O corpo prancheou, pronou, e ficou estatelado.

Então, o caguinxo Timpim Vinte-e-Um fez também o em-nome-do-padre, e abriu os joelhos, esporeando. E o cavalinho pampa se meteu, de galope, por um trilho entre os itapicurús e os canudos-de-pito, fugindo do estradão.

“Tira a barca da barreira,
deixa Maria passar:
Maria é feiticeira,
ela passa sem molhar.”

(Cantiga de treinar papagaios.)

Minha gente

Quando vim, nessa viagem, ficar uns tempos na fazenda do meu tio Emílio, não era a primeira vez. Já sabia que das moitas de beira de estrada trafegam para a roupa da gente umas bolas de centenas de carrapatinhos, de dispersão rápida, picadas milmalditas e difícil catação; que a fruta mal madura da cagaiteira, comida com sol quente, tonteia como cachaça; que não valia a pena pedir e nem querer tomar beijos às primas; que uma cilha bem apertada poupa dissabor na caminhada; que parar à sombra da aroeirinha é ficar com o corpo empipocado de coceira vermelha; que, quando um cavalo começa a parecer mais comprido, é que o arreio está saindo para trás, com o respectivo cavaleiro; e, assim, longe outras coisas. Mas muitas mais outras eu ainda tinha que aprender.

Por aí, logo ao descer do trem, no arraial, vi que me esquecera de prever e incluir o encontro com Santana. E tinha a obrigação de haver previsto, já que Santana — que era também inspetor escolar, itinerante, com uma lista de dez ou doze municípios a percorrer — era o meu sempre-encontrável, o meu “até-as-pedras-se-encontram” — espécie esta de pessoa que todos em sua vida têm.

— Vai para a fazenda? Vou aos Tucanos. Vamos juntos, então.

Santana jamais se espanta. Dez anos de separação ter-lhe-iam parecido a mesma coisa que dez dias. Não tem grandes expansões nem abraços. Tem apenas duas bossas frontais poderosas, olhos bons, queixo forte, e riso bom em boca má. E, no mais, para ele a vida é viva, e com ele amasiada.

— Mas Santana, deixa ao menos ver se vejo algum camarada com a condução...

— Deve ser aquele... Vou arranjar cavalo para mim. Temos boas quatro horas de caminho comum... Um *match* em três partidas!

Com Santana, a gente tem sempre de reagir; contra a sua personalidade de alta voltagem e sua lacônica tirania. Já me preparo. Mas sei que, daqui a pouco, ele estará reaparecendo, cavalgando um equino ou um muar qualquer, arrebatado ao primeiro conhecido que encontrar. E sei também que, entrementes, terá mais funda a entrebossa: problema em três lances, em elaboração.

Porque o seu fraco, e também o seu forte, é o "nobre jogo" de xadrez. Em tal grau, que ele sempre traz consigo, na mala de viagem: um tabuleiro grande; uma coleção de peças grandes; outros trinta e dois trebelhos de menor formato; mais outro jogo, de reserva, dos de bordo, com os escaques perfurados para se atarraxarem os pinos das figuras; blocos-diagramas, para composição de problemas; números de "*L'Échiquier*" e de "*La Stratégie*"; recortes de jornais, com partidas dos grandes mestres; e alguma roupa, também.

Mas o camarada constituía mesmo a comissão de recebimento, e o cavalo — baio ruano calçado de preto — era o para mim.

— Padrim Emílio mandou dizer que ele vinha mas não veio, e que é p'ra o senhor ir...

Também já voltava Santana, montado num burro casmurro. E eu quis comandar, por minha vez:

— "Vamos! Partamos! Já Circe, a venerável, me advertiu!..."

Mas Santana, que é criatura do Caraça, retrucou:

— "Vinde, amigos, perguntai ao estrangeiro se sabe ou se aprendeu, algum dia, qualquer jogo..."

Esporeou o burro, e acrescentou:

— Você joga com as brancas. Toma...

E Santana estende-me a carteirinha, porque há também a carteirinha, o xadrezinho de bolso, que eu me esquecia de mencionar; tão permanente na algibeira do meu amigo como os óculos de um míope na cara de um míope. Apenas, muito menos necessária: quem quisesse, de maldade, escamoteá-la, logrado ficaria; porque Santana, em encontrando parceiro, joga à cega: tem ainda um tabuleiro e outras peças, na cabeça, talvez no recheio dos dois murundus da testa — duas testas paralelas, como a viseira de uma saúva.

A ladeira para a rua de Cima ainda é a mesma. O guia entra pelo beco do Saraiva.

Imbrico C3BR e passo a Santana a carteira. Santana faz P4D e devolve-me a carteira. Enfio um peão no escaninho 4BD e estendo a carteira. Recebo outra vez a carteira, com não me lembro mais que resposta. Movo P3CD e estico braço e carteira. Mais idas e vindas da dita. E, pronto. Acabaram-se os lances automáticos da abertura. Agora Santana tem que pensar antes de cada jogada, e eu gozo folga para apreciar a paisagem um pouco.

A casa do Juca Cintra ainda tem a mesma pintura, de barra azul. Estamos saindo da rua de Cima, por onde as vacas de seu Antonico Borges transitam. Lá vem o zebu, branco-e-cinza, de orelhas moles, tombadas, batendo a barbela pregueada e balançando a corcova a cada movimento. Possante, quase um elefante. No meu tempo de menino, já era assim: de noite, na rua muito escura, a gente queria evitar os cabritos, que dormiam à direita, e tropeçava à esquerda, numa vaca sonolenta. Uma vez, o zebu — deve ter sido o pai deste — deu uma carreira em dona Maria Alexandrina, que voltava da reza. Dona Maria Alexandrina caiu numa valeta, e... Santana entra em cena:

— Pronto. Você podia jogar mais depressa. A partida está desinteressante.

— Não acho.

— Era melhor continuarmos aquela “Ruy López” que não acabamos, da última vez...

Fico rindo. Não do poder que tem Santana de conservar as partidas de memória, nem da sua capacidade de ignorar os grandes escoamentos de tempo, com o que, algum dia, hei de vê-lo tirar do bolso a carteirinha, esta mesmíssima carteirinha, e propor-me a continuação daquela partida — subvariante K da variante belga do sistema Sossegovitch-Sapatogoroff do contra-ataque semi-frontal iugoslavo do peão do Bispo da Dama — interrompida, dez anos antes, precisamente no lance dezenove.

Não. Outro é o pai do meu riso: Santana, ledor de Homero e seguidor de Alhókhin, também, como um e outro, cochilou. Moveu uma jogada frouxa, e agora não tem o que escolher. Ou compromete a posição do seu rei, ou perde uma peça, porque um bispo e um cavalo poderão ser atacados, em forquilha, por um peão branco. Referve a confusão, nos paços de Ítaca.

Santana avermelhou-se todo; e então eu vejo que ele viu que eu tinha visto; e aí ele se zanga, por detrás das palavras:

— Não gosto de partidas fechadas. Avancei P4BR, para levar o jogo a situações violentas, com possibilidade de alguma combinação. Se tivesse...

— Não adianta falar, porque...

— ...se tivesse mantido o desenvolvimento posicional puro...

— ...porque, como diz o capiau conterrâneo, "a minha parte de histórico eu prefiro em dinheiro!"...

Santana jamais retrocede do que afirma: é "*pièce touchée, pièce jouée*". Para me obrigar a ouvir, atravessa o seu burrinho à frente do meu cavalo, barrando o T. Mas reajo:

— Olha que beleza, ali!

Na serra, verde-malaquita, arquipélagos de reses, muito alvas, pastando, entre outras ilhas, vermelhas, do capim barba-de-bode. E, nos pontos mais ínvios da encosta, tufos do catinga-de-bode florido, em largas manchas azuis.

Do lado esquerdo, não havia tapume: era mesmo o mato mau, reenchido e imprensado, numa escarpa de folhagens e troncos. À direita, porém, a cerca de arame, meio quilômetro de pasto plano, depois o morro. E, do alto do morro até à base do morro, e da base do morro até à beira da estrada, boi e mais boi. Até encostados na cerca, indiferentes à nossa presença, havia. Alguns, de pé, estavam virados para cá, ruminando. Nós passávamos bem por debaixo do bafo. E o espesso cheiro bovino, morno, o bom boium — leite-sombra-capim-couro — melhor que o aroma de selva da outra margem, era um amor.

Mas já Santana rearrumara as peças e sumia no bolso a carteirinha.

— Adiemos esta partida. Vamos conversar.

Concordei, a bem da harmonia contemplativa.

E Santana fala: partidas fechadas... xadrez e memória... psicologia infantil... cidade e roça... escola ativa... devoção e nutrição... a mentalidade do capiau... E quer dar xeque, sendo eu o rei:

— Veja este que vai aqui à nossa frente: é um camarada analfabeto, mas, no seu campo e para o seu gasto, pensa esperto. Experimente-o.

Gostei da ideia, e olhei ao redor, buscando um tema. Lá adiante, havia uma assembleia, caudejante e ruminativa, de bois e vacas. Sobre eles, com elegância decadente e complicada pintura de roupagens, passeavam os caracarás. Interpelei o guia:

— Chega aqui, José. Aqueles gaviões ali nos bois são caracarás, não são?

— São sim senhor, seu doutor.

— Uma beleza, você não acha? Que é que você acha de mais bonito neles?

José Malvino sorriu sem graça, pensando que eu estivesse querendo fazê-lo de bobo. Mas disse:

— Se o senhor doutor está achando alguma boniteza nesses pássaros, eu cá é que não vou dizer que eles são feios... Mas, p'ra mim, seu doutor não leve a mal, p'ra mim, coisa que não presta não pode ter nenhuma beleza...

— Então, José, você não admira coisa alguma neles? Nem as pernas calçudas? Nem o topete preto? Nem a nucazinha pedrês? Nem as penas do rabo, mal misturadas, claras e escuras, como o penacho de uma peteca?!... E eles não são úteis? Não servem para comer os carrapatos?

— É, p'ra isso lá ele presta, sim senhor... Mas o senhor não vê que ele bica também o umbigo de bezerro novo, e mata o coitadinho... Aqueles ali, sim, fazem a limpeza direito...

E José Malvino mostra os anus, transitantes, saltitantes, atarefados, pintando de preto os costados de outros bois.

Santana sorri. Vingo-me:

— José, você é um companheiro de primeira, porque não tem a mania de jogar xadrez...

— Bondade sua, seu doutor... Só que eu nem não sei que buzo é esse...

— Você não reparou naquele trem, naquela coisinha, que, na saída do arraial, eu bulia nela e passava para o senhor Santana?

— An-han!.... Reparei, sim senhor... Não era o livrinho vermelho, aquela cartilha de seu Santana ensinar seu doutor a aprender a ler?

Santana ri, e eu tenho que rir junto.

Mas, sem que eu o tivesse percebido, nós e a estrada já nos afastamos das pastagens. Agora é um caminho mais apertado, chão pedrento, talhando o cerradão. E a aragem traz o aroma evocativo do pau-santo, o cheiro açucarado das gabirobas, e o odor enjoativo dos muricis.

Santana se encaramujou: está ausente deste mundo, no departamento astral dos problemistas. E este deve ser um dos motivos da segurança com que ele enfrenta qualquer roda ou ambiente: haja algum senão, sejam os outros hostis ou estúpidos, ou estúpidos e hostis a um tempo, e Santana se

encosta em qualquer parte, poste ou árvore, e problemiza, problemiza sem parar.

Cavalgamos. Subimos. Subir mais. Agora, um lançante contínuo, serra avante em lombo longo, escalando o espigão. E, pronto, o mundo ficou ainda mais claro: a subida tinha terminado, e estávamos em notáveis altitudes.

Estalava em redor de nós uma brisa fria, sem direção e muito barulhenta, mas que era uma delícia deixar vir aos pulmões. E a vista se dilatara: léguas e léguas batidas, de todos os lados: colinas redondas, circinadas, contornadas por fitas de caminhos e serpentinas de trilhas de gado; convales tufados de mato musgoso; cotilédones de outeiros verde-crisoberilo; casas de arraiais, igrejinhas branquejando; desbarrancados vermelhos; restingas de córregos; píncaros azuis, marcando no horizonte uma rosa-dos-ventos; e mais pedreiras, tabuleiros, canhões, canhadas, tremembés e itambés, chãs e rechãs.

Ali, até uma criança, só de olhar ficava sabendo que a Terra é redonda. E eu, que gosto de entusiasmar-me, proclamei:

— Minas Gerais... Minas principia de dentro para fora e do céu para o chão...

Santana ouviu, e corrigiu:

— Por que você não diz: o Brasil?

E era mesmo. Concordei.

Em voo torto, abrindo sol e jogando sol para os lados, passou um gavião-pinhé. Em dois minutos, com poucos golpes de asas, sobrecruzou a crista da cordilheira, mudando de bacia: viera de rapinar no campo das águas que buscam o ocidente, e agora se afundava nas matas marginais dos arroios que rojam para leste. Estava tosando ar alto, mas nós olhávamos o voo como quem se inclina para espiar um peixe num aquário.

Depois, o urubu. Pairou, orbitando giros amplos. Muito tempo. Mesmo para os seus olhos de alcance, era difícil localizar o alimento. Fechou, pouco a pouco, os círculos. Descaiu, de repente, para um saco em meia-lua, entre duas vértebras da serra. Adernou. E soçobrou no socavão.

E muitos outros urubus, vindos de todas as direções, convergiam para aquele buraco. De vez em quando, alguma coisa devia ir mal, lá por baixo, porque eles subiam do cafundó, revoluteando, que nem, em tarde de queimada, restos de folhas num redemoinho de vento. Deslocavam-se, alternando de planos, avançando uns e crescendo, enquanto outros fugiam

fundo, em grãos minúsculos. Até que, de novo, desfaziam os pontos de dominó, e, a um tempo, se abatiam para o brechão.

— Carniça de algum bicho do mato... raposa... — comentou José Malvino.

Não gostei do prosaísmo. Dei rédea ao cavalo, e proferi:

— Melhor um pássaro voando do que dois na mão!... Eis a versão do provérbio, para uso dos fortes, dos capazes de ideal...

— É a versão dos otários, também.

Mas, aí, começávamos a descer. Mau caminho, gretado, a pedir cuidado. Fomos e falamos, sobre a paciência das montadas, muito tempo. Depois, rota plana, uma hora a fora. E grandes campos, monótonos, se ondulavam, sob o céu.

Topamos com um corguinho amável — um ribeiro filiforme, de corrida cantada, entre marulho e arrulho, e água muito branca. Vinha da sombra e atravessava a estrada. Sorria.

O camarada sustou o cavalo. Paramos.

— Se seu doutor mais seu Santana acharem que é a hora, a gente pode comer aqui mesmo, que é o lugar melhor...

José Malvino tinha trazido boa matalotagem. Santana se munira de pão e latas de sardinha. Apeamos, para ajantarar. O riacho cantou, cantou. Quando montamos de novo, entardecia. Apressamos a marcha.

De repente, o José Malvino, estacando o animal, curvou-se para examinar qualquer coisa no chão.

— Que é que você está olhando, José?

— É o rastro, seu doutor... Estou vendo o sinal de passagem de um boi arribado. A estrada-mestra corta aqui perto, aí mais adiante. Deve de ter passado uma boiada. O boi fujão espirrou, e os vaqueiros decerto não deram fé... Vigia: aqui ele entrou no cerrado... Veio de carreira... Olha só: ali ele trotou mais devagar...

— Mas, como é que você pode saber isso tudo, José? — indagou Santana, surpreso.

— Olha ali: o senhor não está vendo o lugarzinho da pata do bicho? Pois é rastro de boi de arribada. Falta a marca da ponta. Boi viajado gasta a quina do casco... Eles vêm de muito longe, vêm pisando pedra, pau, chão duro e tudo... Ficam com a frente da unha roída... É diferente do pisado das reses descansadas que tem por aqui...

Não consigo dissociar alguma coisa nas pegadas. E continuamos, seguindo o sol, quase em tramonto — um sol de recorte nítido, não ofuscante. Refrescou. E a estrada subia e descia, mas, como as descidas eram muito menores, nós subíamos sempre. A tarde tinha recuado. Um resto de cirros, no alto, em alvas trabéculas rarefeitas; um empilhado de faixas, tangerina e rosa, no poente; no mais, o céu era lisa campânula de blau.

De brusco, no tope do outeiro que íamos galgando, surgiu um cavaleiro, caído do sol. Ficou parado, um momento, sopesando a vara longa. E era bem um são Jorge, enrolado em claridade amarela e coroado de um resplendor carmesim.

Depois, frechou para nós. Trancou o trote, rente a José Malvino. O cavalo soprou, e aproveitou a pausa para arquejar. Era um baio de crina aparada, e o seu suor cheirava a brisa marinha. O cavaleiro sacudia os ombros, sem poder acabar de rir. Cumprimentou e indagou.

— Não viram um boi magro, passeando por aí?

José Malvino informou:

— O rastro dele está quentinho. Aí adiante, no lugar adonde o senhor ver, desta banda de cá, bem na beira da estrada, um angico solteiro, em antes de um pé de araticum emparelhado com dois barbatimãos abraçados, pois foi aí mesmo que ele embocou no mato... Mas, ainda que mal pergunte, de onde é que estão vindo com essa boiada, amigo?

— De um mês quase de viagem... Da nascença do Roncador...

O vaqueiro riu outra vez, olhando para trás, para o cimo da colina.

— Seu cavalinho, amigo, é assim meio sambanga, mas tem jeito de ser correto... Mas, como é que o senhor, que devia de estar enjerizado com esse serviço ruim de arribada, está assim tão safirento, rindo tanto sem a gente saber de quê?

— É por causa dos companheiros, que vêm aí atrás... Devem de estar danados, porque eu aticei marimbondo neles... Bem, vou indo. Deus lhe pague, amigo!

E afundou com o cavalo morro abaixo.

Então, José Malvino explicou:

— Brincadeira boba de vaqueiro. Eles vão indo direitinho, conversando... De longe, um enxerga uma casa de marimbondo, num galho... Se ele tiver cavalo bom, corredor, bate com a vara ou com o chicote na caixa de marimbondo, e esgalopeia: a marimbondada sai toda,

assanhada, desesperada de raiva, e ajunta nos outros, e nos cavalos, ferroando... Os cavalos pegam a pular, e o pessoal xinga nome feio... Às vezes até cai algum no chão... O melhor de todos é o marimbondo-enxú, que é uma vespa danada, que vem longe, voa até quase meia légua, escaramuçando povo... É um pagode!

Chegando ao alto do morrete, avistamos dois outros cavaleiros, que desciam a contra-encosta.

Cá embaixo, cruzamos. Estão furiosos; são campeiros do Saco-do-Sumidouro: não tinham nada com a boiada forasteira, nem conheciam o vaqueiro, que passara por eles e pedira adjutório para desentocar o boi arribado; mal haviam cavalgado juntos meio quarto de légua, e fora a peça dos marimbondos...

— Que vão fazer, agora? — perguntei, receoso de um conflito no meio do cerradão.

— Vamos ajudar o diabo do vaqueiro, uai!

— Mas vocês não estão com raiva dele?

— Que nada... À hora em que a gente puder, tira a forra! Quero ver se arrumo um jeito de tafulhar esta pedrinha pontuda por debaixo do suador da sela do desgramado... O cavalinho é niquento... Agaranto que o animal vai tacar um joão no chão!...

E galoparam.

Prosseguimos.

Mas, havia uma cruz, e José Malvino contou:

— Aqui foi que enterraram o bexiguento... Isto já faz muito, não é do meu tempo...

O varioloso tinha caído com febre, muito mal, quando passava por aqui. Ia para uma qualquer parte, vindo depressa para casa, de volta do sertão. Levaram-no para uma cafua, lá em baixo, num rabo-de-grota. Só uma mulher velha, que já tivera a doença e pois estava imunizada, era quem cuidava dele. E o homem sofria e delirava, e tinha medo, tinha horror de ficar sozinho. Pedia, chorando, que queria ver gente, outras pessoas, muita gente junta, ainda que fossem estranhos. E então, quando a febre amainou, na melhora pré-agônica, ele conheceu que ia morrer, e implorou que o enterrassem bem à beira da estrada, onde o povo passasse, onde houvesse sempre gente a passar...

— Lugar assombrado! — conclui José Malvino.

É a quarta ou quinta vez que ele indica lugares malassombrados. Já sei: todo pau-d'óleo; todas as cruzes; todos os pontos onde os levadores de defunto, por qualquer causa, fizeram estância, depondo o esquife no chão; todas as encruzilhadas — mas somente à meia-noite; todos os caminhos: na quaresma — com os lobisomens e as mulas-sem-cabeça, e o *cramondongue*, que é um carro-de-bois que roda à disparada, sem precisar de boi nenhum para puxar.

— Aqui, vamos descer, de uma vez. Estamos chegando, seu doutor.

Santana emerge dos seus cálculos:

— Bem, aqui nos separamos. Antes das dez, estou nos Tucanos...

— Loucura, viajar de noite, sozinho, por essas serras... Venha comigo. Você janta e dorme na fazenda, e...

— Não posso. Fica para outra vez. Sobrou um resto da matula... O burro é bom...

— Teimosia!

— Não posso, mesmo. Falta-me encontrar um meio de impedir o "furo" pelo xeque de cavalo, sem modificar a posição do rei branco... Há um peão mal colocado, e não quero aumentar o número de peças brancas... Isso tiraria toda a beleza do problema... Se...

— E quando você aparece? Por estes dias?

— Impossível. Tenho uma enfiada de escolas por visitar, e devo tomar o trem muito longe daqui. Até outra vez!...

E Santana toca, na mesma andadura, sem se voltar. Mas tornarei a vê-lo, sei. E é graças aos encontros inesperados dos velhos amigos que eu fico reconhecendo que o mundo é pequeno e, como sala-de-espera, ótimo, facílimo de se aturar...

Uma descida, íngreme e pedrosa. Funda. Mas, lá em cima, ainda está claro, porque lá em cima é o araxá.

Descemos ainda. Vadeamos um regato raso. De sombra em sombra, a estrada anoitece, entrando debaixo do mato, porque as árvores tecem teto. Os animais querem andar mais ligeiro. E é a derradeira descida, pois a casa da fazenda fica num umbigo de taça.

— Por que não fazem as casas em lugar alto, José Malvino?

— Sim senhor, seu doutor, bem bom que era. Mas dava um trabalhão p'ra se carrear água lá p'ra riba... Nesses altos, a gente pode campear, que aguada não se acha nenhuma, não senhor.

Uma porteira. Mais porteiras. Os currais. Vultos de vacas, debandando. A varanda grande. Luzes. Chegamos. Apear.

* * *

Já estou aqui há dois dias. Já revi tudo: pastos, algodão, pastos, milho, pastos, cana, pastos, pastos. E, dos chiqueiros às turbinas, do pomar ao engenho, tudo encontro transformado e melhorado. Mas o mais transformado e melhorado é mesmo o meu grande e bondoso tio Emílio do Nascimento, que assina "do Nascimento" porque nasceu em dia de Natal.

De seis anos atrás, lembrava-me do tio, e péssima figura fazia ele na minha recordação: mole para tudo, desajeitado, como um corujão caído de oco do pau em dia claro, ou um tatú-peba passeando em terreiro de cimento.

A venda do bezerro, por exemplo, transação árdua e langorosa, que eu tivera o infortúnio de testemunhar. Havia um novilho em ponto de ser amansado para carro, e meu tio Emílio, que queria vender o novilho, e ainda outro fazendeiro, tio de qualquer outra pessoa, que desejava e precisava de comprar o novilho duas vezes aludido. E, pois, a coisa começou de manhã. O tal outro fazendeiro amigo chegou e disse que "ia passando, de caminho para o arraial, e não quis deixar de fazer uma visitinha, para perguntar pela saúde de todos"... Sentaram-se os dois, no banco da varanda.

Tio Emílio sabia que o homem tinha vindo expresso para entabular negócio. E, como o novilho era mesmo bonito, ele saiu um pouco, "para encomendar um cafezinho lá dentro"... e ordenou que campeassem o boieco e o trouxessem, discretamente, junto com outros, para o curral. Em seguida, voltou a atender o "visitante". E, mui molemente, tal como sói fazer a natureza, levou o assunto para os touros, e dos touros para as vacas, e das vacas aos bezerros, e dos bezerros aos garraios. Aí, "por falar em novilhos", se lembrou de que estava com falta dos ditos: tinha alguns, mas precisava de reformar as juntas dos carros... E até sentia pena, porque os poucos que possuía eram muito bem enraçados, primeira cruza de zebu gyr, cada qual melhor para reprodutor... Mentira pura, porquanto ele tinha mas era um excesso de bezerros curraleiros, tão vagabundos quão abundantes.

Aí, o outro contramentiu, dizendo que, felizmente, na ocasião, não tinha falta de bezerros.

Eu saí, andei, virei, mexi, e, quando voltei, duas horas depois, as negociações estavam quase que no mesmo pé em que eu as deixara.

Depois do almoço, idem. Pouco antes do jantar, ainda. Iam e vinham, na conversa mole, com intervalos de silêncio tabaqueado e diversões estratégicas por temas mui outros. De vez em quando, Tio Emílio se lembrava de perguntar por mais um parente longínquo do seu amigo, e o seu amigo perguntava por um célebre cavalo de Tio Emílio, falecido fazia três anos. E ambos corriam do assunto e voltavam ao assunto, e era bem como na estória da onça e do veado, que, alternadamente e com muita confiança em Deus, construíram uma casa, ignorando-se mutuamente a colaboração.

E o homem foi embora. E meu tio visitou o homem, dali a dois dias. E o homem voltou à fazenda do meu tio. E, no fim do mês, o vitelo foi vendido e comprado, sendo que, por pouco mais, teria chegado a velho boi.

Mas, agora, há-de-o! Quem te viu e quem te vê... Agora Tio Emílio é outro: rejuvenescido, transfigurado, de andar e olhar bem postos e bem sustentados, se bem que sempre calmão, fechadão. Logo depois do primeiro abraço, fiquei sabendo porquê: Tio Emílio está, em cheio, de corpo, alma e o resto, embrenhado na política.

Política sutilíssima, pois ele faz oposição à presidência da Câmara no seu Município (nº 1), ao mesmo tempo que apoia, devotamente, o presidente do Estado. Além disso, está aliado ao presidente da Câmara do Município vizinho a leste (nº 2), cuja oposição trabalha coligada com a chefia oficial do município nº 1. Portanto, se é que bem o entendi, temos aqui duas enredadas correntes cívicas, que também disputam a amizade do situacionismo do grande município ao norte (nº 3). Dessa trapizonga, em estabilíssimo equilíbrio, resultarão vários deputados estaduais e outros federais, e, como as eleições estão próximas, tudo vai muito intenso e muito alegre, a maravilhas mil.

Agora, o que mais depressa aprendi foram os nomes dos diversos partidos. Aqui, temos: *João-de-Barro* — que faz a casa — e *Periquito* — que se apodera da casa, no caso em apreço o Governo municipal. No município nº 2, hostilizam-se: *Braúnas* — porque o respectivo chefe é um negociante de pele assaz pigmentada — e *Sucupiras* — por mera antinomia vegetal. Noutro lugar, zumbem: *Marimbondos* versus *Besouros*.

E, no município nº 3, há *Soca-Fogo*, *Treme-Terra* e *Rompe-Racha* — intitulações terroríferas, com que cada um pretende intimidar os dois outros.

Mas, aqui neste nosso feudo, grande é o prestígio do meu grande Tio Emílio. Seu agrupamento domina a zona das fazendas de gado, e manda na metade da vila. Só o arraial é que ainda está indeciso, porque obedece ao médico, um doutor moço e solteiro, pessoa portanto sem nenhuma urgência, que tarda a se definir.

Tio Emílio não cessa de receber gente. Expede portadores, e, até fora d'horas na noite, costumam chegar emissários. O número de camaradas e agregados aumentou: na fazenda, atualmente, não se recusa trabalho, nem dinheiro, nem nada, a ninguém.

Há conciliábulos, longas conversas com sujeitos da vila, passeando na varanda. E daí eu esperar notáveis coisas para o depois.

Santana costuma dizer: — Raspe-se um pouco qualquer mineiro: por baixo, encontrar-se-á o político...

Para mim, não é bem isso. Tanto mais que ninguém raspou Tio Emílio. Mas, acontece que ele sempre gostou de caçar e de pescar. E, de tanto ver a paca apontar da espumarada do poço, bigoduda e ensaboada como um chinês em cadeira de barbeiro... E de se emocionar com a ascensão esplêndida da perdiz, levantada pelo perdigueiro, indo ar acima, quase numa reta, estridulante e volumosa, para se encastelar... E de descair o anzol iscado, e ficar caladinho, esperando o arranco irado da traíra ou os puxões pesados do bagre... Bem, afinal, pode ser que seja Santana quem tenha razão.

Tio Emílio tem duas filhas. A mais velha, Helena, está casada e não mora aqui. A outra, Maria Irma, não deixa de ser bastante bonita. Em outros tempos, fomos namorados. Desta vez me recebeu com ar de desconfiança. Mas é alarmantemente simpática. Principalmente graciosa. A própria pessoa da graça. Graciosíssima. O perfil é assim meio romano: camafeu em cornalina... Depois, cintura fina, abrangível; corpo triangular de princesinha egípcia... Mas a sua maior beleza está nos olhos: olhos grandes, pretíssimos, de fenda ampla e um tanto oblíqua, electromagnéticos, rasgados quasemente até às têmporas, um infinitesimalzinho irregulares; lindos! Tão lindos, que só podem ser os tais olhos Ásia-na-América de uma pernambucana — pelo menos de uma filha de pernambucanos, quando nada de meia ascendência chegada do Recife...

Não entendi, e indaguei do Tio Emílio. Não, todos os avós de Maria Irma são rigorosos mineiros, de ontem e de anteontem, da Monarquia, das Sesmarias.

Por igual, não me explico o fato de a minha deliciosa priminha, sendo assim tão "tão", continuar solteira... Bem, preciso de levar em conta que ela passou alguns anos no internato, de onde veio há apenas ano e meio, quando a minha santa Tia Eulália teve chegado o seu dia de morrer. Mesmo assim, sou capaz de jurar que Maria Irma já recusou mais de um pretendente. E quase chego a sentir pena por esses entes infelizes.

* * *

Tio Emílio pediu-me que redigisse um telegrama ao Secretário do Interior, solicitando a substituição do comandante do destacamento policial da vila, que, por sinal, já foi cambiado duas vezes, nestes seis meses derradeiros. Porque, lá na Capital, sabem montar à cossaca, em dois ginetes, e as duas facções são atendidas rotativa e relativamente. Enquanto isso, o tempo passa, o pau vai e vem, e folgam os filhos da sabedoria. Mas, às vezes, meu tio bate com o rebenque na bota, e fala em "compressão e suborno"; depois, suspira e comenta a degenerescência dos usos e a sua necessária regeneração.

Mal meu tio saiu, e Maria Irma aparecia. Veio vindo, com o ondular de pombo e o deslizar de bailarina, porque o dorso alto dos seus pezinhos é uma das dez mil belezas de Maria Irma.

Tolamente, fui empunhando a conversa. E o pior foi que minha prima me deixou discorrer, muito tempo, e eu procurava abaixar o nível do discurso, porque punha pouco preço no poder da sua compreensão. No fim, mui maldosa, com duas ou três respostas, deixou-me atônito. Tive ímpetos de gritar: — Priminha, o falado até aqui não vale! Vamos riscar a conversa e principiar tudo de novo!...

Mas, parece que eu deixei transparecer entusiasmo excessivo, porque Maria Irma, prestigiando o encanto radioativo dos olhos, com uma inclinação lateral da cabecinha, alteou a voz, para dizer que está quase noiva.

— Está mesmo? É sim? De quem?

— Não. Não sei. E depois? — e Maria Irma riu, com rimas claras.

— É ou não é, Maria Irma? Não mude de assunto...

— E depois? E depois? E depois?...

Depois, parece que eu fiquei um pouco decepcionado, até à hora do jantar. E reparei que os olhos de Maria Irma são negros de verdade, tais, que, para demarcar-lhes a pupila da íris, só o deus dos muçulmanos, que vê uma formiga preta pernejar no mármore preto, ou o gavião indaié, que, ao lusco-fusco e em voo beira nuvens, localiza um anú pousado imóvel em chão de queimada.

Estará ela mesmo comprometida?

Ainda bem... Ainda bem. Não vim aqui para a roça para amar ninguém.

* * *

Minha prima costurava no seu quarto. Tio Emílio fora à vila. Eu não quis ir. Também, não temos cerimônias. Choveu, com sossego, molemente; mas, de tarde, deu uma estiada firme, de mostrar um mundo lindo. Bento Porfírio me convidou para pescar. Fui.

O córrego, saindo da ipueira, é um rego fino e reto, dilatado aqui e ali em poços escuros, quase redondos, com o mato clássico a orlar-lhe as margens: de cá de longe, do alto, do ponto onde cavamos chão procurando minhocas para isca, víamos as águas e as frondes, justinho como um ramal de grimpa de jaboticabeira, com frutas maduras enfiadas em série comprida.

Os poços grandes são apenas três: o de cima serve de piscina para os camaradas; no do meio, de água limosa, mora um jacaré ermitão, de vida profunda, que deve ser verde e talvez nem exista; o último, aonde vamos, é o poção.

Ali, há uma gameleira, digna de drúidas e bardos, e, na coisa água, passante, correm girinos, que comem larvas de mosquitos, piabas taludas, que devem comer os girinos, timburés ruivos, que comem muitas piabinhas, e traíras e dourados, que brigam para poder comer tudo quanto é filhote de timburé. Boa sombra e bom pesqueiro. Descemos para lá, colhendo goiabas bichadas, pisando o capim com cautela — para evitar o bote de algum “bicho mau sem pernas” — e erguendo as varas, com jeito, para livrar os anzóis da ramaria baixa.

Bento Porfírio é um pescador diferente: conversa o tempo todo, sem receio de assustar os peixes. Tagarela de caniço em punho, e talvez tenha para isso poderosas razões. E tem mesmo. Está amando. Uma paixão da

brava, isto é: da comum. Mas coisa muito séria, porque é uma mulher casada, e Bento Porfírio também é casado, com outra, já se vê.

A água vem ao poção por um túnel de verdura. Há um tronco velho, servindo de banco. Mas Bento Porfírio prefere sentar-se na raiz grossa da gameleira.

— Pode falar *nela*, Bento.

— P'ra que?... Essas artes a gente guarda... "Quem fala muito, dá bom-dia a cavalo"!...

Sabia: se o interpelo, susta logo as confidências. Mas, daí a minutos — mudei de assunto — ele vai falando, falando, sempre as mesmas coisas. E eu já estou cansado de saber que *ela* é boazinha, botininha, moreninha, engraçadinha, toda assim-assim, bisuim...

Bento Porfírio examina a chumbada, isca o anzolão de dourado, liberta a linha e dá de vara, açoitando a água com violência, "p'ra chamar a diabada desses peixes!"... Faço o mesmo, com o anzol pequeno, e Bento fica com um meio-riso, me espiando de esconso. Já sei: aqui eu não pesco é sobra nenhuma; as piabas não virão, porque, neste recôncavo escuro, sem correnteza, deve morar, numa loca, debaixo do tronco podre, uma traíra feroz. Como bom capiau, Bento Porfírio acha que ainda é cedo para me avisar. Guarda o pulo-de-gato. Mas não me importo. As linhas se estiram, levadas. Passam águas. Passa o tempo.

A história de Bento Porfírio é triste, e ele põe toda a culpa no "maldito vício" de pescar. No Pau Preto, nunca que acontece nada; mas, um dia, o Agripino, bom parente, convidou:

— Vamos ao arraial, para as missões, que é para você ficar conhecendo a minha filha, a de-Lourdes... Estou querendo ter vontade de arranjar o casamento de vocês dois...

E Bento Porfírio tratou que ia, mas roeu a corda, porque uma turma grande estava de saída para uma pescaria no Tou-no-Tombo, com mulher-da-vida, comeria, sanfona até. Companheirada certa. Não resistiu: se amadrinhou com eles, e ficaram uma semana por lá... O Agripino, rabicundo, foi sozinho para o arraial. Ô tristeza!

Oh, tristeza! Da gameleira ou do ingazeiro, desce um canto, de repente, triste, triste, que faz dó. É um sabiá. Tem quatro notas, sempre no mesmo, porque só ao fim da página é que ele dobra o pio. Quatro notas, em menor, a segunda e a última molhadas. Romântico.

Bento Porfírio se inquieta:

— Eu não gosto desse passarinho!... Não gosto de violão... De nada que põe saudades na gente.

Inútil nos defendermos, Bento! A tristeza já veio, já caiu aqui perto de nós. Eu estou pensando... Talvez, num lugar que não conheço, aonde nunca irei, more alguém que está à minha espera... E que jamais verei, jamais...

Bento ficou sério. Até mais simpático. E suspirou:

— Estou me alembrando da minha mãe... Morreu longe daqui. Ai, minha mãezinha, dando de comer às galinhas, na porta da cafua de beira da estrada, lá no Aporá!...

— E o resto da história, Bento?

— Pois o resto é que é o mais triste, o pior...

Quando Bento Porfírio veio a conhecer a prima de-Lourdes, ela já estava casada com o Alexandre. Foi só ver e ficar gostando. E ela também...

— Ai, que mundo triste é este, que a gente está mesmo nele só p'ra mor de errar!... E, quando a gente quer concertar, ainda erra mais... Maldito vício de gostar de pescaria!

O "concerto" do Bento foi casar, por sua vez, com a Bilica, só por pirraça e falta do que fazer. Mas a Bilica agora para nada conta. Tento admoestá-lo:

— Mas, você, casado como é, pai de família, não tem vergonha de andar com outra mulher?

— Uê! Pois então burro maniatado não pasta?!

* * *

Na hora do jantar, Maria Irma foi muito amável. Depois do doce — compota de mangabas de-vez, em verde calda crassa — fitou-me com um olhar novo, quase prometedor. Fiquei sério. Tomei meu café e vim fumar na varanda. Havia um recadeiro, de roupa amarela, com três cartas no bolso, disposto a esperar o regresso do meu tio. Puxei conversa. E falamos, — sobre porcos, e preços, e toucinhos, e formigas, formigueiros, formicidas, — até o escuro entrar e engrossar. Só então, fui dizer boa-noite a Maria Irma. Esquivo e seco. E, inesperadamente, ela me mirou, agora com um sorriso sério, dizendo:

— Você faz tudo como devia fazer... Só, às vezes, isso me dá raiva... Mas eu gosto que você seja mesmo assim...

Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misântropo. Debrucei-me. Noite sem lua, concha sem pérola. Só silhuetas de árvores. E um vagalume lanterneiro, que riscou um psiu de luz.

Por que será que Maria Irma mudou de maneira?... Não sei e nem quero saber. Uma mulher bonita, mesmo sendo prima, é uma ameaça. Tertuliano Tropeiro aconselha:

— Seu doutor, a gente não deve ficar adiante de boi, nem atrás de burro, nem perto de mulher! Nunca que dá certo...

Vou dormir.

Em noite de roça, tudo é canto e recanto. E há sempre um cachorro latindo longe, no fundo do mundo.

* * *

Horrível! Horrível o que hoje aconteceu. E quem convidou fui eu! Bento Porfírio bem que não queria ir. Eu era quem estava com saudade dos estranhos sussurros do poço.

Porque todos os córregos aqui são misteriosos — somem-se solo a dentro, de repente, em fendas de calcáreo, viajando, ora léguas, nos leitos subterrâneos, e apontando, muito adiante, num *arroto* ou numa cascata de *rasgão*. Mas o mais enigmático de todos é este ribeirão, que às vezes sobe de nível, sem chuvas, sem motivo anunciado, para minguar, de pronto, menos de uma hora depois. Há, contínuo, aqui ou acolá, um gluglú, um chupão líquido, água rolando n'água; lá embaixo, nas pedras, a corredeira se apressa ou amaina; mas o som nunca é o mesmo de dois instantes atrás.

Os mangues da outra margem jogam folhas vermelhas na corrente. Descem como canoinhas. Param um momento ali naquele remanso, perto das frutinhas pretas da tarumã. Olhos de Maria Irma... Bobagem, eu vou gostar mais de olhos castanhos, de olhos verdes... Suecas, húngaras, dinamarquesas... polonesas de olhos pardos...

O ribeirão mudou de tom. Você ouviu, Bento? Ronca. Está se enchendo outra vez, sem turvar a água... De repente, o sabiá! Veio molhar o pio no poço, que é um bom ressoador. E quer passar a sua tristeza para a gente.

Mas, agora, já sabemos nos defender. Podemos desmerecê-lo, quebrar-lhe a potência de acumulador de mágoas e espalhador de saudades. E, sem nenhuma combinação:

Eu disse:

— Gênero *turdus*... Um *flavipes* ou *rufiventris*...
E Bento berrou:
— Ô bicho enjoado! Vai chamar chuva noutra parte!... A modo e coisa que está botando ovo e veio comer minhoca de beira de córgo... Cruz!
E cantou, alto, para abafar os lamentos do outro:

“Ouvi um sabiá cantando
na beira do ribeirão...
Ô pássaro que canta triste!
Não me traz consolação...”

Então o sabiá calou o bico e foi-se embora, porque a cantiga do Bento ainda era mais melancolizante.
Agora é o córrego que parece triste. Trocou outra vez de toada... Deve ter uma lavadeira lavando roupa e chorando, lá longe, lá longe, lá para trás dos morros frios, onde há outras roças, outra gente, outro sabiá...
Afinal, quem é que é burro?! Que foi que nós viemos fazer aqui?... Os cigarros se acabaram. Vamos voltar para casa, Bento Porfírio?
— Já, já... É só o tempinho d’eu pegar aquele dourado dansante, que prancheou ali agorinha mesmo... Queixo esperto! Tabarão! Já comeu três iscas... Mas hoje é o dia dele! Cada qual tem o seu dia... E peixe é bicho besta, que morre pela boca...
Bento Porfírio volta a falar na amante: o marido, o Alexandre, não sabe que está sendo enganado... Mas aquilo não é pouca-vergonha, não: é amor sério... A de-Lourdes não tolera o marido, não dorme com ele, não beija, nem nada... Estão combinando fugir juntos... Braços morenos... (Maria Irma!)... lenço vermelho na cabeça... metade... agaranto... anto... ão... eu... é...
Não escuto mais. Estou namorando aquela praiazinha na sombra. Três palmos de areia molhada... Um mundo!... Que é aquilo? Uma concha de molusco. Uma valva lisa, quase vegetal. Carbonífero... Siluriano... Trilobitas... Poesia... Mas este é um bicho vivo, uma itã. No córrego tem muitos iguais...
Bento Porfírio suspira fundo. Continua falando alto:
— ...estava de branco... na vinda p’ra cá bateu a mão, saudando... O Alexandre é um bobo... ... a gente vai ser feliz... ...de-Lourdes... ...p’ra longe... ...nem não há...

Não há... Não há... Não ouço mais o Bento. Há qualquer coisa estranha aqui... Há mais alguém aqui! Alguém está escutando! Não tenho coragem para voltar o rosto.

Fui testemunha. Pode lá a gente ser mesmo testemunha? Não sei como foi: um grito de raiva, uma pancada, o *t'bum* n'água de uma queda pesada, como um pulo de anta.

Alexandre, o marido, de calças arregaçadas. Só as calças arregaçadas, os pés enormes, descalços na lama... Um ramo verde-maçã, a se agitar, em rendilha... Daí, a foice, na mão do Alexandre... O Alexandre, primeiro de cara fechada, depois com um ar de palerma... A foice, com sangue, ficou no chão. A água ensanguentada... O Alexandre vai indo embora. Já gastou a raiva. O morto não se vê. Está no fundo.

Agora me acalmo. Não me fizeram nada. Só estou é com a roupa molhada, do espirrão da água. Também, aqui não é de uso dar-se voz de prisão... E não posso pedir ao assassino que me ajude a tirar o Bento do poço. Corro para casa. No caminho, recupero parte da compostura.

Tio Emílio acabava de chegar da vila, e, sentado no banco do alpendre, labutava para descalçar as botas.

Fui falando, esbaforido, insofrido. Mas meu tio, cortando o jacto das minhas informações, disse:

— Espera um pouco.

Trabucou mais dois minutos. Afinal, conseguiu desfazer-se das botas e calçou os chinelos. Perguntou:

— Você tem certeza de que o Bento já está morto?

— Mortíssimo. Morreu em flagrante...

— Ah!...

E levantou-se calmamente, e calmamente pegou a andar na varanda, no vaivém de sempre, pensando, pensando. Nem me via. Sentei-me no banco, com raiva de tanta fleuma e querendo ver o que ele iria resolver. Por fim, parou e rosnou.

— Como é que o Xandrão Cabaça, tão sem ideia, foi descobrir a história lá deles? Boi sonso, marrada certa!

Chamou o Norberto, o capataz, e mandou que fosse ver o corpo. E que corresse alguém ao arraial, para chamar o subdelegado.

O capataz saiu, convocando os camaradas. Meu tio se chegou para o parapeito, e tirou o fumo mais o canivete.

Não me contive:

— Mas, Tio Emílio, o senhor que é tão justiceiro e correto, e que gostava tanto do Bento Porfírio, vai deixar isto assim? Não vai mandar, depressa, gente atrás do Alexandre, para ver se o prendem?

Tio Emílio, alisando a sua palha, e com o sorriso que um sábio teria para uma criança, olhou-me, e disse:

— Para os mortos... sepultura! Para os vivos... escapula!...

Humilhei meus pendões. Calei-me. Meu tio esfregava nas palmas das mãos o fumo picado. Enrolou o cigarro. De súbito, bateu na testa e pulou:

— Não é que eu não sei onde é que eu estava mesmo com a cabeça?! Ô Gervásio, corre aqui!... Já perdi um voto, e, se o desgraçado fugir para longe, são dois que eu perco...

Tirou dinheiro do bolso e entregou ao mulato.

— Ajunta, depressa, uns homens, para campearem o Cabaça. Espera aí... Ele para o lado da vila não ia, com medo dos soldados... Para o Marimbo, também não, pois é onde que moram todos os parentes dele, e ele sabe que a gente havia de querer ir procurar lá... O Calambau era o melhor lugar para um se esconder, mas o Xandrão Cabaça é burro, não acertava de ter pensado nisso, não. Para os lados do Piáu?... Não, acho que também não ia, porque no Piáu vive o irmão do Bento... Nem para as Porteirinhas... Nem para os Tucanos... Ele foi mas é para o Bagre, com tenção de, de lá, esquipar para o sertão! Vocês cacem de ir atrás dele, passando pelo atalho das Moreiras. É segurar e trazer. Mas voltem por dentro, pelo caminho do mato, que é para ninguém ver e nem ficar sabendo... Levem o Cabaça para a tapera do Retiro. Expliquem bem a ele, que ele vai ficar lá garantido, escondido das autoridades, até a gente arrumar as coisas, os jurados e tal... O Cabaça é muito jumento e ignorante, e é capaz de não querer acreditar; se fizer barulho, vocês sojiguem, nem que seja peado e no tronco...

E tio Emílio se sentou na cadeira-de-pano. Acendeu o cigarro. Tirou uma fumaça e espiou para ela. De repente, se mobilizou em pé, com grande susto para mim, e gritou pelo Gervásio, que já ia longe. Falou só:

— Vão no Calambau! Foi para lá que o Cabaça foi.

E sentou-se outra vez, ora descansado, murmurando:

— É isso... Capivara, a primeira vez que bate um trilho, passa com jeito. Depois, vai-se acostumando com o caminho, e pega a relaxar... Foi assim que o Bento morreu. Agora a gente tem é de ver os jurados, para o júri do leso do Xandrão Cabaça...

Saí para os fundos da casa. Maria Irma estava dando água às latas de plantas: jurujuba, dinheiro-em-penca e beicinho-de-sinhá. Narrei-lhe a tragédia. Minha prima levantou os supercílios, e seus olhos formosos se arredondaram, descobrindo o branco por cima da íris; e foi apenas com isso que revelou algum espanto.

— Coitadinha da Bilica... e da mulher do Alexandre... — disse. — Por causa da falta de vergonha de um, e da doideira do outro, quem vai sofrer agora são as duas pobrezinhas...

Pororoca! Será que ninguém aqui pensa como eu?!...

Quero ir dormir, sem jantar, sem conversa de sede e siso.

* * *

Voltou a chover. O dia inteiro. Caiu um raio, na porteira do curral grande. Rega miúda, aborrecida. Só às vezes, sem aviso, se despenca um maço d'água mal amarrada, ou zoa uma chuva rajada, flechando o chão em feixe diagonal. Depois, estia devagar: já se escutam as goteiras. Ao pé da minha janela, a enxurrada desce para o bueiro, numa efêmera cascata suja, com inconveniências de cochicho e bochecho. E, quase que o dia inteiro, um sapo, sentado no barro, se perguntava como foi feito o mundo.

Passei todo o tempo no quarto, lendo, pensando. Imaginei mesmo um romance, do qual Bento Porfírio, bem vivo, seria o herói.

Mas, agora, estou com remorso, porque não acompanhei o enterro; malícia dum momento, o Bento indo por essas estradas, estúpidas de lama. Chovia, na verdade, porém, a chuva não impediu Maria Irma de sair, para visitar e confortar a viúva e a outra. Meu tio também se mostrou assaz generoso para com as duas. Minha gente é boa.

Houve o arco-da-velha no céu, num abrir de sol, mostrando as cores, com um pilar no mato e o outro no monte.

Mas, cataplasma! Já começa a chover outra vez.

* * *

Chove. Chuva. Moles massas. Tudo macio e escorregoso. Com o que proferiu Gotama Buddha, o pastor dos insones, sob outras bananeiras e mangueiras outras, longínquas:

"Aprende do rolar dos rios,

dos regatos monteses, da queda das cascatas:
tagarelante, ondeia o seu caudal —
só o oceano é silêncio."

Mas, do mudo fundo, despontam formas, se alongam. Anfitrites dormidas, na concha da minha mão, e anadiômenas a florirem da espuma.

Eu tinha cochilado na rede, depois de um almoço gostoso e pesado, enquanto Tio Emílio, na espreguiçadeira, lia sua pilha de jornais de uma semana. A varanda era uma praia de ilha, ao mar da chuva. Meu espírito fumaceou, por ares de minha só posse — e fui, por inglas de Inglaterras, e marcas de Dinamarcas, e landas de Holanda e Irlanda. Subi à visão de deusas, lentas apsaras de sabor de pétalas, lindas todas: Dária, da Circássia; Ragna e Aase; e Gúdrun, a de olhos cor dos fiordes; e Vívian, violeta; e Érika, sílfide loira; e Varvára, a de belos feros olhos verdes; e a princesa Vladislava, císnea e junoniana; e a princesinha Berengária, que vinha, sutil, ao meu encontro, no alternar esvoaçante dos tornozelos preciosos...

Quem veio foi Maria Irma, num vestido azul-marinho, um tanto corada e risonha.

— Sonhei. Sonhei demais, prima... Que é do tio?

— Foi dormir na cama, que é lugar mais quente.

— E você?...

— Queria perguntar uma coisa...

— Pergunte, Maria Irma.

— Não. Não sou curiosa.

— Então, eu sei o que é...

— Então?

— É a respeito... Bem, é sobre... Você quer saber se eu deixei algum amor, a esperar por mim?

— Se deixou, ou não, não me interessa...

— Então, por que você quis perguntar, prima?

— E por que foi que você adivinhou a pergunta, primo?

* * *

Manhã maravilha. Muito cedo ainda, depois de gritos de galos e berros de bezerros, ouvi alguém cantar. Fui para a varanda, onde adensavam o ar

os perfumes mais próximos, de vegetais e couros vivos. Sob a roseira, de rosas carnudas e amarelas, encontrei Maria Irma. Perguntei se era ela a dona de tão lindo timbre. Respondeu-me:

— Que ideia! Se nem para falar direito eu não tenho voz...

— Diga, Maria Irma, você pensou em mim?

— Não tenho feito outra coisa.

— Então...

— Vamos tomar leite novo?

— Vamos!

....

— E agora?

— Vamos tomar café quente?

— Vamos e venhamos...

....

— Mas, Maria Irma...

— Vamos ver se a chuva estragou a horta?

Havia uma cachoeira no rego, com a bica de bambu para o tubo de borracha. Experimentei regar: uma delícia! Com um dedo, interceptava o jacto, esparzindo-o na trouxa verde meio aberta dos repolhos, nas flácidas couves oleosas, nos tufos arrepiados dos carurús, nos quebradiços tomateiros, nos cachos da couve-flor, granulosos, e nas folhas cloríneas, verde-aquarela, das alfaces, que davam um ruído gostoso de borrifo.

Maria Irma, ao meu lado, pôs-me a mão no braço. Do cabelo preto, ondulado, soltou-se uma madeixa, que lhe rolou para o rosto.

Eu apertava com força o tubo da mangueira, e o jorro, numa trajetória triunfal e libertada, ia golpear os recessos das plantinhas distantes. De repente, notei que estava com um pensamento mau: por que não namoraria a minha prima? Que adoráveis não seriam os seus beijos... E as mãos?!... Ter entre as minhas aquelas mãos morenas, um pouquinho longas, talvez em desacordo com a delicadeza do conjunto, mas que me atraíam perdidamente... Acariciar os seus braços bronzeados... Por que não?...

Súbito, notei que Maria Irma se ruborizava. E arrebatou-me a borracha, com rudeza quase:

— Não faz isso, que você está tirando a terra toda de redor dos pés de couve!

E, com um meio sorriso, querendo atenuar a repentina aspereza:

— Além disso, tem chovido, e ainda não é preciso regar a horta hoje...

E, afinal, com um sorriso todo:

— ...e, depois, faz mal molhar as plantas com sol quente. Vamos ver as galinhas?

— Pois vamos ver as galinhas, Maria Irma.

E acompanhei-a, namorando-lhe os tornozelos e o donairoso andar de digitígrado.

Pelo rego desciam bolas de lã sulfurina: eram os patinhos novos, que decerto tinham matado o tempo, dentro dos ovos, estudando a teoria da natação. E, no pátio, um turbilhão de asas e de bicos revoluteava e se embaralhava, rodeando a preta, que jogava os últimos punhados de milho, r-r-rolando e estalando com a língua:

— Prrr-tic-tic-tic!...

Um gordo galo pedrês, parecendo pintado de fresco com desenhos de labirinto de almanaque, sultaneava, dirigindo preferências a uma galinha ainda mais carijó e mais gorda, vestida de fichas de impressão digital. E veio de lá, ciumento e briguento, outro galo, esse branco, com chanfraduras e pontas na crista caída de lado. Barulho. E então a galinha choca, com cloqueios e passos graves, chamou os pintinhos para longe dali.

E havia suras, transilvânias, nanicas, topetudas, calçudas; e guinés convexas, aperuadas; e perúas acucadas; e um peru bronze-e-brasa, de brincos, carúnculas, boné e guardanapo, todo paramentado de framboesas; e patos, esparramados, marrecos mascotes e pombas de casa.

Mas, de supetão, uma espécie de frango esquisito, meio carijó, meio marrom, pulou no chão do terreiro e correu atrás da garnisé branquinha, que, espaventada, fugiu. O galo pedrês investiu, de porrete. Empavesado e batendo o monco, o peru grugulejou. A galinha choca saltou à frente das suas treze familiazinhas. E, aí, por causa do bico adunco, da extrema elegância e do exagero das garras, notei que o tal frango era mesmo um gavião. Não fugiu: deitou-se de costas, apoiado na cauda dobrada, e estendeu as patas, em guarda, grasnando ameaças com muitos erres. Para assustá-lo, o galo separou as penas do pescoço das do corpo, fazendo uma garbosa gola; avançou e saltou, como um combatente malaio, e lascou duas cacetadas, de sanco e esporão. Aí o gavião fez mais barulho, com o que o galo retrocedeu. E o gavião aproveitou a folga para voar para a cerca, enquanto o peru grugulejava outra vez, com vários engasgos.

— Nunca pensei que um gavião pudesse ser tão covarde e idiota... — eu disse.

Maria Irma riu.

— Mas este não é gavião do campo! É manso. É dos meninos do Norberto... Vem aqui no galinheiro, só porque gosta de confusão e algazarra. Nem come pinto, corre de qualquer galinha...

— Claro! Gavião civilizado...

— U'lalá... Perdeu duas penas...

O sorriso de Maria Irma era quase irônico. Não me zanguei, mas também não gostei.

* * *

Ontem, esteve aqui na fazenda um rapaz da vila. Bem vestido, simpático. Mas, logo que eu soube que ele viera quase somente para ver Maria Irma, tive-lhe ódio. E tive também o impulso de observar ao meu tio que os costumes da nossa terra estão progredindo demasiado depressa, e que quadravam melhor à casa as austeridades de antanho.

O rapaz trouxe livros para minha prima. Penso mesmo que ele os traz frequentemente, porque ouvi Maria Irma falar-lhe em restituir outros. Livros em francês... Nunca pensei que minha prima os lesse. Também, ela hoje está toda diferente, mais bonita; por ocasião da minha chegada não se enfeitou assim! Entre Maria Irma e esse moço há qualquer coisa. Exaspero-me. Detesto-os!

Ainda bem que um camarada veio dizer que estava passando, ao largo, uma grande boiada, vinda do poente. Pedi um cavalo e fui para a estrada, e mui me serviu galopar ao sol, metade do dia, porque coisa mais bonita do que uma boiada não existe, a não ser o pio do patativo-borrageiro, que é a tristeza punctiforme, ou a Lapa do Maquiné, onde a beleza reside.

Cheguei de volta em casa à noitinha. O outro, graças a Deus, já se fora. Maria Irma foi muito boazinha para mim. Incomodou-se por eu não querer jantar. Ofereceu-me compota de toranjas, e isso me pareceu peitamento. Com um esforço heroico, recusei: o doce tinha sido feito para o meu rival.

Maria Irma estranha os meus modos. Pergunta se estou doente. Então, bruscamente, a interpelo:

— Por que você nunca me disse que gostava de ler, Maria Irma?!

— Pois você nunca me perguntou...

— Esse rapaz é que é o seu noivo?
— Não, não é este... E, também, noiva eu não sou, você bem sabe!
— Não fique zangada comigo, prima...
— Não estou... Mas você não deve me olhar assim... Parece que quer me fotografar...
Recuo. O que eu queria era só apertá-la nos meus braços.
— Mas, quem é então aquele rapaz, Maria Irma?
— O Ramiro? É o noivo de Armanda, amiga minha...
— E quem é Armanda, Maria Irma? É bonita? Filha de fazendeiro? Mora aqui por perto?
— É muito bonita, foi educada com parentes no Rio, já esteve na Europa, é filha de fazendeira — porque o pai já morreu —, mora no Cedro... e você é que nem um padre, para especular!
— E que vem fazer aqui o noivo, se tem uma noiva assim?
— Vem visitar-nos, quando tem de passar por aqui... Há algum mal na nossa amizade?
— E a outra sabe? Consente?
— Ela quer o que quer, e tem confiança em Ramiro, e em mim, que sou sua amiga...
— Não sou bem dessa teoria... Quando é o casamento?
— Armanda ainda não quis marcar a data...
— Ela domina o teu amigo, pelo que vejo...
— Não diga isso, primo, é absurdo!
— Maria Irma, sabe de uma coisa? Você gosta do Ramiro e o Ramiro gosta é de você. Apenas...
— Há outra coisa também, que você não sabe...
— Que é, prima?
— É que você é um imbecil, primo!

* * *

Chegou hoje cedo a máquina-de-escrever, encomenda de Tio Emílio, que a desencaixotou, pressuroso, promovendo-nos a seus secretários — Maria Irma e eu. É verdade que, a mim, de começo, ele nada pediu. Creio até que haja sorrido com malícia, ao ver a boa-vontade com que me ofereci para ajudar.

Mas, assim, pude passar o dia inteiro ao lado da minha prima. E juntos confeccionamos quase duas dezenas de cartas, na grande maioria destinadas a insignes analfabetos.

No correr das horas, rascunhando "Prezado amigo e distinto correligionário" e "amo. obro. ato. ador.", bem que eu projetei mais de uma investida, mas a coragem me faltou. Maria Irma agora não me fixava: espiava só para baixo, para o outro lado ou para a frente, se bem que eu às vezes lhe surpreendesse ligeiros olhares de viés.

À tarde, por fim, pus-me em brios, e me declarei, com veemência e transtorno.

Maria Irma escutou-me, séria. A boquinha era quase linear; os olhos tinham fundo, fogo, luz e mistério; e tonteava-me ainda mais o negrume encapelado dos cabelos. Quando eu ia repetir o meu amor pela terceira vez, ela, com voz tênue como cascata de orvalho, de folha em flor e flor em folha, respondeu-me:

— Em todos os outros que me disseram isso, eu acreditei... Só em você é que eu não posso, não consigo acreditar...

Protestei, perdendo o resto do aprumo, com larga gesticulação e atropelo de argumentos. Maria Irma sorriu:

— Gosto de ouvir você assim... Fica perfeitamente infantil...

Eu fora às cordas. Mas ainda reagi:

— Quem sabe você me toma por um bicho-papão, Mariairmazinha?

E ela, empertigando a cabecinha, quase num desafio:

— Isso mesmo! Você disse bem.

Mas, nisso, o juiz entrou no *ring*, isto é, surgiu meu tio, entusiasmadíssimo:

— Vamos escrever à Don'Ana do Janjão, da Panela-Cheia! Carta grande, palavreado escolhido. E outra para o bobo do marido... Mas não bota nada de que ele é bobo, aí, não, hein!?...

— Carta simples, Tio Emílio? Só para cumprimentar?

— Não. É avisando que eu troquei duas imagens para a capelinha do Retiro. Santa Ana e São João... E, como foi em honra deles dois, que são meus amigos, faço questão de que eles sejam os padrinhos!... Põe, na carta, que eu considero muita honra. Vou fazer festa: música, missa cantada, o diabo!

Maria Irma, sem pestanejar, me explica: Don'Ana do Janjão e Janjão da Don'Ana são respectivamente esposo e esposa, e, pois, coproprietários da

fazenda da Panela-Cheia. Janjão da Don'Ana é um paspalhão, e não conta. Mas Don'Ana do Janjão é uma mulher-homem, que manda e desmanda, amansa cavalos, fuma cachimbo, anda armada de garrucha, e chefia eleitorado bem copioso, no município nº 3.

— Mas, meu tio, essa graciosa homenagem vai render-lhe pouco serviço... Os eleitores de Don'Ana do Janjão sendo de outro município...

— Ora, que ideia, meu sobrinho! Então você pensa que é só por interesse que a gente agrada as pessoas de quem a gente gosta?... E mesmo que fosse... Mesmo que fosse, tem muita gente, da banda de cá das divisas, que morre para obedecer à minha comadre Don'Ana...

— Comadre?

— Uê! Pois não vai ser?... Ela mais o marido, que é muito boa pessoa, não vão batizar as imagens que eu mandei vir para a capelinha? Pode escrever, pode pôr na carta: "Minha ilustríssima e prezada comadre..." e na outra: "querido e estimado compadre Coronel Janjão". Ele não é coronel nenhum, mas não faz mal... Muito distinta, a comadre Don'Ana... É capaz de querer fazer com a gente um trato por fora: ela manda o pessoal dela por aqui votar comigo, e eu faço o mesmo com o povinho que tenho por lá, no Piáu...

— Falo nisso, na carta, tio?

— Nada. Por enquanto, nada... Mas, capricha, mesmo... Pergunta como é que vai o Juquinha... Juquinha é o ai-jesus dela, é um menino que a minha comadre Don'Ana está criando.

* * *

Dormi mal, acordei de saudades, corri para junto de Maria Irma. Antes não o tivesse feito: quanto mais eu pelejava para assentar o idílio, mais minha prima se mostrava incomovível, impassível, sentimentalmente distante.

Não importa, no começo é assim mesmo — pensei. Devo mostrar-me caído, enamorado. Ceder terreno, para depois recuperá-lo. É boa tática... Um "gambito do peão da Dama", como Santana diria... Por onde andará Santana?

— Você não teve saudades de mim, Maria Irma?

— Que pergunta! Nós estamos na mesma casa, estivemos separados só nas horas de sono...

— Pois, para mim, já é demais, Maria Irma... Preciso da tua presença...
— Me diz outra coisa: você é ambicioso?
— Eu?
— Pois não é? Não é ambicioso?
— Não sei. Uma coisa, sim, eu ambiciono...
— Um automóvel?
— Maria Irma!
— Que cor de automóvel você prefere? Talvez o papai compre um...
Não ouvi o resto. Tudo saíu pior do que o pior que eu esperava! Maria Irma despreza a minha submissão. Tenho de jogar um "gambito do peão da Dama, recusado..."

* * *

No pastinho. Debaixo de um itapicuru, eu fumava, pensava, e apreciava a tropilha de cavalos, que retouçavam no gramado vasto. A cerca impedia que eles me vissem. E alguns estavam muito perto.
No meio da rasa relva verde-água, uma poldra: deitada sobre a sua sombra. Arranjou um jeito de ajuntar bem as patas, e os olhos e a cabeça são tristes e velhos, na elástica infantilidade do corpo. Mas, há uma longa sugestão de maciez, nos pelos felpos do pescoço.
O regato, acolá, azul claro, entre as margens de esmeralda, até parece abaulado. Para ele trota uma égua brilhantina — lisa e quente — que ao mover-se pega a desdobrar toalhas de carne, só músculos. Mas o poldrinho recém-nascido, ainda tão pernalta, vem pulando, atrás, aflito para mamar. Ao sumir o focinho sob o ventre e as coxas da mãe, todo o seu corpo é um alongar-se, de gula. A égua espera. Nunca ninguém soube dar com dignidade maior.
Aí, com o embornal e o cabresto, chegou o toquinho de gente preta de oito anos, que é o Moleque Nicanor.
— Que é que você veio fazer?
— Vim pegar o Vira-Saia, sim senhor, que patrão seu Emílio mandou...
— E você sabe?
— Pego, até sem precisar de milho nem cabresto! O senhor quer ver?
— Se fizer, ganha dois mil-réis.
Moleque Nicanor arregalou os olhos, e eu pensei que ia ouvir as pancadas do seu coração. Deixou comigo a capanga e o sedenho; foi acolá,

cortou um cipó, e ajuntou pedrinhas no chapéu de palha.

— É prata mesmo que o senhor falou, ou é duzentorréis?

— Prata. Olha aqui...

A cem metros de nós, os cavalos pastavam calmamente.

— Uh, Coringa! Ei! Ei!...

Fazendo declarações de amor, com vozinha blandiciosa, Moleque Nicanor vai andando devagarinho, em ziguezagues, não diretamente para os animais, mas para um ponto imaginário, vinte metros à esquerda do bando. Agora assovia e sacode o chapéu com as pedras. Coringa relincha. Vira-Saia levanta a cabeça. Moleque Nicanor para. Espera um pouco. Continua. Os cavalos se afastam, mais metros para oeste. Moleque Nicanor alcançou o ponto visado, mas a distância inicial de pouco diminuiu.

Moleque Nicanor recomeça a manobra. Aí, de repente, nitrindo, os animais desembestam a correr pela campina, de crinas abertas, em galope circular.

Moleque Nicanor não se precipita. Parece ter previsto este alarma. Deita-se no capim, e, bem no centro da circunferência, espera que os equinos se cansem e desistam de correr. Então, ele recomeça. Assoviando, andando, parando, falando, agitando as pedrinhas no chapéu. Ao fim de um quarto de hora, não sei bem o que ele fez, além de ter feito o pelo-sinal; mas a tropilha se fracionou. Os outros foram para longe, em dois grupos, para a borda da mata. Vira-Saia ficou sozinho.

O negrinho se endereça a ele, mas agora com requintes de suaviloquência. Já estão a menos de vinte passos um do outro. E decerto que Vira-Saia está pensando que as pedrinhas do chapéu são mesmo milho debulhado, porque ele não sabe se quer correr ou se prefere esperar.

— Eh, meu irmãozinho! Eta beleza de cavalinho, só p’ra moça bonita montar!... Híu! Híu!... Vem cá, meu irmãozinho, chega p’r’aqui... Híu! Híu!...

A voz do Moleque Nicanor é uma comprida carícia. As pedrinhas chocalham. O cipó está bem escondido, debaixo do braço. Parou.

— Meu irmãozinho cavalinho... Híu! Híu!... Irmãozinho... Híu!...

A distância agora é mínima. Vira-Saia avançou, um quase nada. Moleque Nicanor já estava imóvel. Vira-Saia vem mais para perto... Mais... Pronto! Com viva rapidez e simulada displicência, Moleque Nicanor jogou o cipó no pescoço do animal. Vira-Saia estremeceu, mas

queda quieto, porque pensa que já está mesmo prisioneiro. E, dócil, aceita que Moleque Nicanor lhe bata a mão num punhado de crina, e lhe passe o cipó na boca, abotoando-o em barbicacho e deitando uma volta furtada ao redor do focinho. Pula no lombo nú do cavalo, dando-lhe com os calcanhares nas costelas. E grita:

— Ei! Anda, égua magra! Piguancha!... Irmãozinho que nada! Já se viu cavalo nenhum ser irmão de gente?!...

Tenho de pagar os dois mil-réis. E mesmo mais outros dois, porque Moleque Nicanor arranjou a estória de um chicote que ele teria perdido no meio do capim, e de um dinheiro que prometeu às almas do Purgatório, a troco de que elas lhe ensinassem onde era que o chicote estava.

— E você é capaz de fazer isso com qualquer cavalo?

— Dos daqui, qualquer um, afora o Caraúna, por causa que ele é inteiro e vira fera, atôa, atôa: investe e amoita a gente a dente... Mas, se o senhor quiser mim dar outros dois mil-réis, eu vou ver se caço jeito de campear ele p'ra o senhor ver...

Recuso a proposta. E Moleque Nicanor, sempre montado em pelo, me toma a bênção e toca, a meio galope, sem nem ao menos fazer questão de substituir o cipó pelo cabresto.

E, nisto, fiquei sabendo, de repente, que tinha elaborado um plano. Tenho necessidade urgente de valorizar-me. Ah, Maria Irma!

Seo Juca Soares, da fazenda das Tranqueiras, a duas léguas daqui, sempre gostou de mim. "Periquito" fanático, portanto inimigo político de Tio Emílio. Mas tem a Alda, que está muito bonita, dizem, e que, em outros tempos, tal qual Maria Irma, foi minha namorada de brinquedo. Pois vou passear lá. Hoje mesmo. Vou passar o dia. Será que meu tio pode ficar zangado?

Nada, não se zangou; ao contrário:

— Eu acho até que não há mal nenhum em você ir... Vai, vai! Você vai já? Então, vamos juntos até no atalho da ponte, porque eu tenho de ir ver o Salvino, que vai ser do júri do Xandrão Cabaça...

Não esperava que fosse essa a reação do meu tio. Ficou quase entusiasmado com o meu projeto.

Simulando excesso de interesse pelo passeio, vim ver Maria Irma, que ficou imperturbável. Pergunto:

— É verdade que a Aldinha do Juca está uma moça encantadora?

— É. Está muito engraçadinha... Sempre foi...

Silêncio. Sorriso ingênuo de Maria Irma. Assoo o nariz.
— Então, para você, tanto faz que eu me interesse ou não por outra... Não é?
— Ninguém manda em coração...
— Me diz uma coisa, Maria Irma, você gosta um pouquinho de mim?
— Por que não? Gosto de todos os meus parentes... E você nunca me fez mal nenhum...
— Maria Irma!
— Olha, os cavalos já estão arreados... Lá vem papai. E você não deve se atrasar... Vai gostar da Alda... Só que você gostaria mais de Armanda...
— A noiva do teu Ramiro?
— Você é ridículo.
— Ele gosta de você. Você pensa que eu sou tolo?
— Eu, e só eu, sei quem gosta ou não de mim!
— Também pode ser que ele goste de vocês duas... Como é ela? É alta?
— Não. Da minha altura. Mais cheia de corpo... É bonita...
— Monta a cavalo?
— E guia automóvel, muito bem... É saída...
— Perdão, Maria Irma?
— É muito desembaraçada... Independente... Moderna...
— Deixemos esta conversa tola, Maria Irma...
— Deixemos. Até logo. Bom passeio!
Mordi os beiços e não gemi. Santana teria apenas classificado: partida empatada, por xeque perpétuo...
Vou passar o dia em casa do Juca Soares. E, conforme seja, amanhã lá volto, e mais todos os dias, e ainda mais dias, se preciso for! E onde é que anda esse Moleque Nicanor, mestre em tretas, para ganhar, atôa, atôa, mais dois mil-réis?!
Cavalgamos lado a lado, e Tio Emílio insiste no tema: que as coisas vão mal. Não tem confiança nos eleitores do São Tomé, nem nos do Marimbo... No Calambáu tudo ainda está pior... Mostra-se tão desfavorecido, que só falta garantir a derrota do seu partido “João-de-Barro”...
Diz isso e repete, cinco, seis vezes, enquanto eu vou remoendo comigo os meus insignes pesares de amor. Passada a ponte, separamo-nos.
Juca Soares recebeu-me muito bem. A Alda é bonita. Mas, tem olhos verdes... É clara demais, meio loura... Não se parece nada com Maria

Irma... Não é Maria Irma!

Juca Soares também só fala da política: que tudo está correndo muito bem para os “Periquitos”. A vitória é certa... O Governo dará apoio forte, vai mandar mais praças para o destacamento... E eu fico convencido da verdade de tudo isso.

Pouco demorei, conquanto muitos fossem os agrados. Em casa, Tio Emílio já me esperava, ansioso, via-se. Contei-lhe a conversa com o adversário. Pergunta:

— Que foi que você disse a ele?

— Não me lembro... Ah, sim: acho que disse que o senhor estava um pouco desanimado, que talvez aceitasse um acordo... Fiz mal?

Tio Emílio avança, de exultante:

— Fez muito bem, isto mesmo é que sapo queria! Eles agora vão pensar que é verdade, e vão amolecer um pouco... Estou desanimado, qual nada!... Mas você costurou certo. E agora é que tudo está mesmo bom, pois se o Juca Futrica contou prosa é porque as coisas para ele estão ruins... Você me rendeu um servição, meu sobrinho.

Oh, céus! Até a minha inocente ida ao Juca Soares foi explorada em favor das manobras políticas do meu tio... Corro por Maria Irma, que, frente ao espelho grande, acertava o comprimento de um vestido grená, estendendo-lhe as mangas em asas de ave e prendendo a gola com o mento. Sorriu, estendeu-me a mão, dobrou com cuidado o vestido.

— Que tal, a Aldinha? — perguntou.

— Que tal você e eu, Maria Irma?

— Um pouco tolos... Um pouco primos.

— Falo a sério, Maria Irma!

— Por que não avisou?

— Por favor, um armistício... Quero parlamentar...

— Guarda a bandeirinha branca. Vou servir café a você...

— Só depois.

— Então, senta e fuma...

— Escuta, Maria Irma: eu gosto de você... Eu te amo!

— Você pensa que gosta...

— Acredita que seja verdade. Por um momento, só...

— Fiz de conta. E depois?

— Então...

— Solta a minha mão!... Você já devia de me conhecer bem, para saber que eu não gosto disso.

— Uma palavra, apenas, Maria Irma... Posso esperar?

— Não.

— Diga, Maria Irma, por favor!

— Não.

— Pelo menos, fica sabendo que eu adoro você, que...

— Não sei...

— Então, devo ir-me embora?

— Sim... Vai...

— Vou, Maria Irma!

— Espera... Para onde você vai?

— Primeiro para as Três Barras, amanhã mesmo. De lá, à Vila, e às Tabocas, onde tomarei o trem...

— Espera... Não vá ainda... Fica mais uns dias...

— Por quê, Maria Irma? Para que?

— É que... É que eu convidei Armanda para vir passar uns dias aqui, depois da eleição...

— Você é má, Maria Irma.

— Não sou. Fica... Você vai gostar...

— Que astúcia você tem na cabecinha, prima?

— Bem, é melhor que você vá. Você era capaz de pensar que é por minha causa que eu estou pedindo...

— Adeus, Maria Irma... Irma Maria...

— Tenho um retrato de Armanda... Você quer ver?

— Mostra ao Ramiro!

— Teimoso!

— Adeus, Maria Irma!

— Adeus, trapalhão!

* * *

E agora? Agora, vou-me embora para as Três Barras, onde mora o meu tio Ludovico, que não tem filha bonita nenhuma e não cuida de política. Vou, amanhã mesmo!

* * *

A Tio Emílio, aí que as eleições estavam beirando por pouco, custou concordar com a minha partida; falou em ingratidão, e amuou. Maria Irma foi clássica: não disse pau e nem pedra. E eu, confesso, quase chorei, no caminho. Mas estava em cima de um burro pardo, e, desse modo, chorar seria falta de pudor.

Nas Três Barras, o mundo era outro: muitos vaqueiros cantores; muitas violas; muitos passeios; muito sofri por causa de Maria Irma...

Pensava: será que agora, com a minha ausência, Maria Irma não estaria começando a gostar de mim? E penava com isso, que o amor, ao contrário de acontecer como a água em dois vasos estanques, deva gangorrar como pesos em conchas de balança. E desesperava, ao sentir que eu acumulara comigo tanto amor que estava inútil, sem ter onde pousar.

Mais sofri, todavia, porque lua havia, uma lua onde cabiam todos os devaneios e em que podia beber qualquer imaginação. Da varanda, eu espiava um pedaço, dado ao luar, de ar claro; as árvores ficavam tão quietas, que aquele campo parecia correr, como um vau de riacho raso, de transparência movente. As vacas, àquela hora, mugiam imenso, apartadas dos bezerros. Os dias me cansavam muito, mas eu não conseguia dormir. Pelas frinchas da janela, entrava o mato em insônia, com vozes que eu não entendia. E, às vezes, tarde da noite, ouvia, do curral, bruscos estrépitos — bufos, pisoteios, e um trafegar a esmo — excursões do gado sonambúlico.

E eu pensava, sempre em Maria Irma.

Mas o único acontecimento mesmo acabrunhante foi produzido por um papagaio, geral e caduco, já revertido ao silêncio, que cochilava em seu poleiro, mas que, um dia, lembrando-se de outrora, entortou a cabeça, me olhou com um olho, e, esganiçado, cantou:

“Cadê Mariquinha?
Foi passiá...
Entrou no balão
virou fogo do á!...”

— Gagá idiota! Deixa de cantar bobagens!

— *Fogo... Fogo!... Prrrr... Fogo!... Fogo do á!...*

Mas, aí, a negrinha Carmelinda chegou e explicou:

— É por causa que essa-uma é a cantiga que a gente ensina p'ra todos os papagaios... E é a derradeira que eles esquecem, quando já estão velhinhos...

Ri e deixei o purrutaco dormir. Melhorei.

E aí foi que tive notícia de que as eleições tinham corrido, com estrondoso triunfo do partido "João-de-Barro". E assim chegou também o dia em que apareceu nas Três Barras um camarada do Tio Emílio, trazendo duas cartas para mim.

Abri o primeiro envelope, com excessiva pressa: continha um recado, à máquina, do meu tio, celebrando a vitória e insistindo para que eu voltasse. Aquela folha de papel tinha passado pelas mãos, pelos dedos morenos de Maria Irma!

Mas, havia também o outro envelope, e eu abri, com preguiça, o outro envelope. Céus! Santana, outra vez!... Somente isto:

"Caríssimo, — analisando a posição em que interrompemos aquela Zuckertort-Réti, na viagem a cavalo, verifiquei que o jogo não estava perdido para mim. Ao contrário!

Junto o diagrama, porque não confio muito na sua memória, desculpe. Mas, veja o avanço do cavalo preto a 5C, e, em seguida, B3D, e o outro bispo batendo a grande diagonal, e... veja, oh ajuizado moço Telêmaco, na quarta jogada, o tremendo ataque frontal dos peões negros, contra o roque branco. Indefendível! *Xeque-mate!*

Continuemos, por correspondência. Escreva para Pará-de-Minas.

Seu,

Santana."

Pulei do banco, e gritei de alegria. Os novilhos, que enchiam o curral esperando a marcação, pareceram-me um exército, aguardando ordens minhas para arremeterem em fileiras. O dia ficou, de repente, o mais bonito e bendito. Gritei mesmo:

— Saltem um cálice da branquinha potabilíssima de Januária que está com um naco de umburana macerando no fundo da garrafa!... E cavalo arreado, já, já, para eu voltar para o Saco-do-Sumidouro... Desistir, nem de ser idiota não convém! Viva Santana, com os seus peões! Viva o xeque-do-pastor! Viva qualquer coisa!... Volto! Vou lá.

E não adiantou a insistência do tio Ludovico:

— Amanhã cedo você vai... Espera ao menos a ferra dos garrotes, que é coisa bonita, de que você vai gostar...

E nem os sábios conselhos do Viriato, vaqueiro campeão da “derruba do boi pela seda” e mateiro meu confidente em assuntos de amor:

— O senhor não deve de ir, porque torna a ficar gostando... Isso de querer-bem da gente é que nem avenca-peluda, que murcha e, depois de tempo, tendo água outra vez, fica verde... E que nem galho grosso de timbaúba, que está seco, e, a gente fincando p’ra fazer cerca, brota logo e põe raiz!...

— Nada disso, Viriato! Eu tenho opinião. Não cedo!... Mas quero que ela saiba que eu não gosto dela mais... — expliquei, já afivelando as esporas.

E Viriato, curvando-se para me ajudar, abanou a cabeça e declamou:

— Flor de angico-verdadeiro, dura seis meses no pé...

* * *

Mas não era curta a viagem das Três Barras ao Saco-do-Sumidouro, tanto que houve tempo para pensar e sentir. Amplos campos navegantes; depois, o mato montano, onde pia o zabelê. Por aí, tive cansaço e vergonha de tudo o que antes eu dissera e fizera, e foram notáveis os meus pensamentos. O pio do zabelê é escandido e gemido. A estrada do amor, a gente já está mesmo nela, desde que não pergunte por direção nem destino. E a casa do amor — em cuja porta não se chama e não se espera — fica um pouco mais adiante.

— Éco! Éco! — gritavam os tucanos verdes.

— Óco! Óco! — ralhavam os tucano-açús.

* * *

Cheguei numa tarde assaz bonita e quente, porque era fim de janeiro com veranico.

Meu tio estava na varanda, deitado na rede, com um monte de cartas e telegramas ao alcance da mão. Achei-o um pouco abatido. Mais magro.

No alto da parede, os marimbondos tinham crescido novos cortiços oblongos. E as rosas amarelas floriam.

Tio Emílio me reteve abraçado, falando-me ao ouvido, com voz grossa e ronronante:

— Então, hein! Que arraso! Agora não há mais periquito para tomar casa que joão-de-barro fez!...

E, desprendendo-me, por fim:

— Olha o que o Presidente do Estado me mandou: que telegrama! Não pode haver mais periquito. É a-li! Tretou, relou, tijolo nas costas!...

Mas, justamente agora, que se afastara um pouco, era que Tio Emílio abaixava a voz:

— O pior foi que eu tive um prejuízo grande... Gastei para mais de uns oitenta contos... Um estrago!... Estou pensando em fazer um acordo na política, em desde que eu fique sendo o chefe...

E, numa onda brusca de carinho, Tio Emílio abraçou-me outra vez.

— Onde está Maria Irma? — perguntei.

Estava no jardim, e tinha mesmo de estar no jardim.

Mas não estava só.

Ruborizou-se. Ofegou. E apresentou-me à outra.

— Meu primo... Armanda...

Armanda tinha uma expressão severa, e foi muito inóspito o seu olhar. Quase uma zanga.

— Com cada um de vocês já falei muito do outro... — acrescentou Maria Irma.

Hesitei. Armanda recuara um passo, e fingiu olhar o jasmineiro. Murmurei:

— Então, Maria Irma, surpreendi você com a minha volta...

— Fico alegre...

— De verdade?

— Não começa outra vez. Você não compreende...

Alguém riu. Era Armanda, a de maravilhosa boca e olhos esplêndidos.

— Vou ver, papai chamou... Me esperem... — explicou Maria Irma, abrindo voo.

— Prefiro caminhar. Quer? — perguntou-me Armanda.

Quis. Andamos. Calados. Crescia em mim uma coisa definitiva, assim com a impressão de já conhecê-la, desde muito, muito tempo. Nossas mãos se encontraram, de repente, e eu senti que ela também estremeceu.

— Você está querendo tomar-me o pelo?!

— Que é isso, Armanda?

— Nada. Vamos!

Uma lavadeira cantava, lá na beira do rego:

“De madrugada,
quando a lua se escondia...
o sol raiava
na janela de Maria...”

Vinha um odor duro, das flores carminadas. Os aloendros, em fila, nos separavam do mundo. Pensamentos me agitavam. Queria...

— Você gosta de Maria Irma?

— Não...

— De quem?

— De você... Sempre gostei. Sempre! Antes de saber que você existia...

— É engraçado...

— É verdade.

— Não... Não é isso...

Armanda jogou fora o botão de bogari, e entrecruzou os dedos. E disse:

— É com você que eu vou casar.

— Comigo!?...

— Então, por que você não me beija? Porque aqui na roça não é uso?

* * *

E foi assim que fiquei noivo de Armanda, com quem me casei, no mês de maio, ainda antes do matrimônio da minha prima Maria Irma com o moço Ramiro Gouveia, dos Gouveias da fazenda da Brejaúba, no Todo-Fim-É-Bom.

"Eu vi um homem lá na grimpa do
[coqueiro, ai-ai,
não era homem, era um coco bem
[maduro, oi-oi.
Não era coco, era a creca de um
[macaco, ai-ai,
não era a creca, era o macaco todo
[inteiro, oi-oi."

(Cantiga de espantar males.)

São Marcos

Naquele tempo eu morava no Calango-Frito e não acreditava em feiticeiros.

E o contra-senso mais avultava, porque, já então — e excluída quanta coisa-e-sousa de nós todos lá, e outras cismas corriqueiras tais: sal derramado; padre viajando com a gente no trem; não falar em raio: quando muito, e se o tempo está bom, "faísca"; nem dizer lepra; só o "mal"; passo de entrada com o pé esquerdo; ave do pescoço pelado; risada renga de suindara; cachorro, bode e galo, pretos; e, no principal, mulher feiosa, encontro sobre todos fatídico; — porque, já então, como ia dizendo, eu poderia confessar, num recenseio aproximado: doze tabus de não-uso próprio; oito regrinhas ortodoxas preventivas; vinte péssimos presságios; dezesseis casos de batida obrigatória na madeira; dez outros exigindo a figa digital napolitana, mas da legítima, ocultando bem a cabeça do polegar; e cinco ou seis indicações de ritual mais complicado; total: setenta e dois — noves fora, nada.

Além do falado, trazia comigo uma fórmula gráfica: treze consoantes alternadas com treze pontos, traslado feito em meia-noite de sexta-feira da Paixão, que garantia invulnerabilidade a picadas de ofídios: mesmo de uma cascavel em jejum, pisada na ladeira da antecauda, ou de uma jararaca-papuda, a correr mato em caça urgente. Dou de sério que não mandara confeccionar com o papelucho o escapulário em baeta vermelha,

porque isso seria humilhante; usava-o dobrado, na carteira. Sem ele, porém, não me aventuraria jamais sob os cipós ou entre as moitas. E só hoje é que realizo que eu era assim o pior-de-todos, mesmo do que o Saturnino Pingapinga, capiau que — a história é antiga — errou de porta, dormiu com uma mulher que não era a sua, e se curou de um mal-de-engasgo, trazendo a receita médica no bolso, só porque não tinha dinheiro para a mandar aviar.

Mas, feiticeiros, não. E me ria dessa gente toda do mau milagre: de Nhá Tolentina, que estava ficando rica de vender no arraial pastéis de carne mexida com ossos de mão de anjinho; dos vinténs enterrados juntamente com mechas de cabelo, em frente das casas; do sapo com uma hóstia consagrada na boca, e a boca costurada para ele não cuspir fora a partícula, e depois batizado em pia de igreja, e, mais, polvilhado de terra de cemitério, e, ainda, pancada nele sapo até meio-morrer, para ser escondido finalmente no telhado de um sujeito; e do João Mangolô velho-de-guerra, voluntário do mato nos tempos do Paraguai, remanescente do "ano da fumaça", liturgista ilegal e orixá-pai de todos os metapsíquicos por-perto, da serra e da grota, e mestre em artes de despacho, atraso, telequinese, vidro moído, vuduísmo, amarramento e desamarração.

Bem... Bem que Sá Nhá Rita Preta cozinheira não cansava de me dizer:

— Se o senhor não aceita, é rei no seu; mas, abusar, não deve-de!

E eu abusava, todos os domingos, porque, para ir domingar no mato das Três Águas, o melhor atalho renteava o terreirinho de frente da cafua do Mangolô, de quem eu zombava já por prática. Com isso eu me crescia, mais mandando, e o preto até que se ria, acho que achando mesmo graça em mim.

Para escarmento, o melhor caso-exemplo de Sá Nhá Rita Preta minha criada era este: "...e a lavadeira então veio entrando, para ajuntar a roupa suja. De repente, deu um grito horrorendo e caiu sentada no chão, garrada com as duas mãos no pé (lá dela!)... A gente acudiu, mas não viu nada: não era topada, nem estrepe, nem sapecado de tatarana, nem ferroada de marimbondo, nem bicho-de-pé apostemado, nem mijacão, nem coisa de se ver... Não tinha cissura nenhuma, mas a mulher não parava de gritar, e... qu'é de remédio?! Nem angu quente, nem fomentação, nem bálsamo, nem emplastro de folha de fumo com azeite-doce, nem arnica, nem alcanfor!... Aí, ela se alembrou de desfeita que tinha feito para a Cesária velha, e mandou um portador às pressas, para pedir perdão. Pois foi o tempo do

embaixador chegar lá, para a dor sarar, assim de voo... Porque a Cesária tornou a tirar fora a agulha do pé do calunga de cera, que tinha feito, aos pouquinhos, em sete voltas de meia-noite: “Estou fazendo fulana!... Estou fazendo fulana!...”, e depois, com a agulha: “Estou espetando fulana!... Estou espetando fulana!”

Uma barbaridade! Até os meninos faziam feitiço, no Calango-Frito. O mestre dava muito coque, e batia de régua, também; Deolindinho, de dez anos, inventou a revolta — e ele era mesmo um gênio, porque o sistema foi original, peça por peça somente seu: “Cada um fecha os olhos e apanha uma folha no bamburral!” Pronto. “Agora, cada um verte água dentro da lata com as folhas!” Feito. “Agora, algum vai esconder a *coisa* debaixo da cama de Seu Professor!...”

E foi a lata ir para debaixo da cama, e o professor para cima da cama, e da lata, e das folhas, e do resto, muito doente. Quase morreu: só não o conseguiu porque, não tendo os garotos sabido escolher um veículo inodoro, o bizarro composto, ao fim de dia e meio, denunciou-se por si.

Bem, ainda na data do que vai vir, e já eu de chapéu posto, Sá Nhá Rita Preta minha cozinheira, enquanto me costurava um rasgado na manga do paletó (“Coso a roupa e não coso o corpo, coso um molambo que está roto...”), recomendou-me que não enjerizasse o Mangolô.

Bobagens! No céu e na terra a manhã era espaçosa: alto azul, gláceo, emborcado; só na barra sul do horizonte estacionavam cúmulos, esfiapando sorvete de coco; e a leste subia o sol, crescido, oferecido — um massa-mel amarelo, com favos brilhantes no meio a mexer.

E eu levava boa matalotagem, na capanga, e também o binóculo. Somente o trambolho da espingarda pesava e empalhava. Mas cumpria com a lista, porque eu não podia deixar o povo saber que eu entrava no mato, e lá passava o dia inteiro, só para ver uma mudinha de cambuí a medrar da terra de-dentro de um buraco no tronco de um camboatã; para assistir à carga frontal das formigas-cabaças contra a pelugem farpada e eletrificada de uma tatarana lança-chamas; para namorar o namoro dos guaxes, pousados nos ramos compridos da aroeira; para saber ao certo se o meu xará joão-de-barro fecharia mesmo a sua olaria, guardando o descanso domingueiro; para apostar sozinho, no concurso de salto-à-vara entre os gafanhotos verdes e os gafanhões cinzentos; para estudar o treino de concentração do jaburu acromegálico; e para rir-me, à glória das

aranhas-d'água, que vão corre-correndo, pernilongando sobre a casca de água do poço, pensando que aquilo é mesmo chão para se andar em cima.

Cachorro não é meu sócio. E nem! Com o programa, só iria servir para estorvar, puxando-me para o caminho de sua roça. Porque todos eles são mesmeiros despóticos: um cotó paqueiro pensa que no mundo só existem pacas, quando muito também tatus, cotias, capivaras, lontras; o veadeiro não sabe de coisa que não os esguios suassús das caatingas; e o perdigueiro desdenha o mundo implume, e mesmo tudo o que não for galináceo, fé do seu faro e gosto. Uma vez, no começo, trouxe comigo um desses ativistas orelhudos, de nariz destamanho. Não dei nem tiro, e ele estranhava, subindo para mim longos olhares de censura. Desprezou-me, sei; e eu me vexei e quase cedi. Nunca mais!

Mas, como eu contava ainda há pouco, eram sete horas, e eu ia indo pela estrada, com espingarda, matula, manhã bonita e tudo. Tão gostosos a claridade e o ar — morno cá fora, fresco nas narinas e feliz lá dentro — que eu ia do mais esquecido, tropica-e-cai levanta-e-sai, e levei um choque, quando gritaram, bem por detrasinho de mim:

— 'Guenta o relance, Izé!...

Estremeci e me voltei, porque, nesta estória, eu também me chamarei José. Mas não era comigo. Era com outro Zé, Zé-Prequeté, que, trinta metros adiante, se equilibrava em cima dos saltos arqueados de um pangaré neurastênico.

Justo no momento, o cavalicoque cobreou com o lombo, e, com um jeito de rins e depois um desjeito, deu com o meu homônimo no chão.

Mas isso não tinha maior importância, porque, mais poucos passos, e eu adotava um trilho afluente, muito batido e de chão limpo, mas estreito, porque vinha numerosa gente à consulta, mas sempre um só ou dois de cada vez. A casa do Mangolô ficava logo depois. Havia um relaxamento no aramado da cerca, bem ao lado da tranqueira de varas, porque o povo preferia se abaixar e passar entre os fios; e a tranqueira deixara de ter maior serventia, e os bons-dias trepavam-lhe os paus, neles se enroscando e deflagrando em campânulas variegadas, branco e púrpura.

A cafua — taipa e colmo, picumã e pau-a-pique — estava lá, bem na linha de queda da macaúba. Linha teórica, virtual, mas, um dia... Porque a sombra do coqueiro, mesmo sem ser na hora das sombras ficarem compridas, divide ao meio o sapé do teto; e a árvore cresce um metro por

ano; e os feiticeiros sempre acabam mal; e um dia o pau cai, que não sempre...

Hora de missa, não havia pessoa esperando audiência, e João Mangolô, que estava à porta, como de sempre sorriu para mim. Preto; pixaim alto, branco amarelado; banguela; horrendo.

— Ó Mangolô!

— Senh'us'Cristo, Sinhô!

— Pensei que você era uma cabiúna de queimada...

— Isso é graça de Sinhô...

— ...Com um balaio de rama de mocó, por cima!...

— Ixe!

— Você deve conhecer os mandamentos do negro... Não sabe? "Primeiro: todo negro é cachaceiro..."

— Ôi, ôi!...

— "Segundo: todo negro é vagabundo."

— Virgem!

— "Terceiro: todo negro é feiticeiro..."

Aí, espetado em sua dor-de-dentes, ele passou do riso bobo à carranca de ódio, resmungou, se encolheu para dentro, como um caramujo à cocleia, e ainda bateu com a porta.

— Ó Mangolô!: "Negro na festa, pau na testa!..."

E fui, passando perto do chiqueiro — mais uma manga, de tão vasto, com seis capadões super-acolchoados, cegos de gordura, espapaçados, grunhindo, comodistas e educados malissimamente. Comer, comer, comem de tudo: até cobra — pois nem presa de surucucu-tapete não é capaz de transfixar-lhes os toucinhos. Mas, à meia-noite, não convém a gente entrar aqui, porque todo porco nessa hora vira fera, e até fica querendo sair para estraçalhar o dono ou outro qualquer cidadão.

No final do feijoal, a variante se bifurca; tomo o carreador da direita. Dos dois lados, abrem-se os gravatás, como aranhas de espinhentas patorras; mas traçam arcos melodiosos e se enfeitam de flores céu-azul.

Escuto o bater de alpercatas. É o Aurísio Manquitola.

— Você vem vindo do Mangolô, hein Aurísio?

— Tesconjuro!... 'Tou vindo mas é da missa. Não gosto de urubu... Se gostasse, pegava de anzol, e andava com uma penca debaixo do sovaco!...

Aurísio é um mameluco brancarano, cambota, anoso, asmático como um fole velho, e com supersenso de cor e casta.

— Mas você tem medo dele...

— Há-de-o!... Agora, abusar e arrastar mala, não faço. Não faço, porque não paga a pena... De primeiro, quando eu era moço, isso sim!... Já fui gente!, gente. Para ganhar aposta, já fui, de noite, foras d'hora, em cemitério... Acontecer, nunca me aconteceu nada; mas essas coisas são assim para rapaz. Quando a gente é novo, gosta de fazer bonito, gosta de se comparecer. Hoje, não: estou percurando é sossego... O senhor é servido em comer uma laranja-da-china?

E Aurísio Manquitola, que está com a capanga cheia delas, tira uma, corta a tampa, passando a fruta no gume da foice, aplica uma pranchada no fundo da sobredita, "para amolecer e dar o caldo", e chupa, sem cascar.

— Boa coisa é uma foice, hein, Aurísio? Serve para tudo... Agora, para tirar bicho-de-pé, serve não. Ou será que serve?...

— Não caçoa! Boa mesmo!... Eu cá não largo a minha. Arma de fogo viaja a mão da gente longe, mas cada garrucha tem seu nome com sua moda... Faca já é mais melhor, porque toda faca se chama catarina. Mas, foice?!: é arma de sustância — só faz conta de somar! Para foice não tem nem reza, moço...

— Nem as "sete ave-marias retornadas"? Nem "São Marcos"?

E comecei a recitar a oração sesga, milagrosa e proibida: — "Em nome de São Marcos e de São Manços, e do Anjo-Mau, seu e meu companheiro..."

— Úi! — Aurísio Manquitola pulou para a beira da estrada, bem para longe de mim, se persignando, e gritou:

— Para, creio-em-deus-padre! Isso é reza brava, e o senhor não sabe com o que é que está bulindo!... É melhor esquecer *as palavras*... Não benze pólvora com tição de fogo! Não brinca de fazer cócega debaixo de saia de mulher séria!...

— Bem, Aurísio... Não sabia que era assim tão grave. Me ensinaram e eu guardei, porque achei engraçado...

— Engraçado?! É é um perigo!... Para fazer bom efeito, tem que ser rezada à meia-noite, com um prato-fundo cheio de cachaça e uma faca nova em folha, que a gente espeta em tábua de mesa...

— Na passagem em que se invoca o nome do caboclo Gonzazabim Índico?

— Não fala, seu moço!... Só por a gente saber de cor, ela já dá muita desordem. O senhor, que é homem *estinctado*, de alta categoria e alta fé,

não acredita em mão sem dedos, mas... Diz-se que um homem... Bom, o senhor conheceu o Gestal da Gaita, não conheceu? Figa faço que ele sabia a tal e rezava quando queria... Um dia, meu compadre Silivério, das Araras, teve de pernoitar com ele, no Viriato... Puseram os dois juntos, no quarto-da-sala... Compadre Silivério me contou: galo canta, passa hora, e nem que ele não podia segurar um sono mais explicado, por causa que o parceiro se mexia dormindo e falava enrolado, que meu compadre nem pela rama não entendeu coisa nenhuma.

— Eu sei, Aurísio:

"Da meia-noite p'r'o dia,
meu chapéu virou bacia..."

— O senhor vá escutando: o que houve foi que o meu compadre Silivério, que já estava meio arisco, dormindo com um olho só e outro não, viu o cabra vir para ele, de faca rompente, rosnando conversa em língua estranja... Foi o tempo de meu compadre Silivério destorcer da caxerenguengue e pular fora do jirau: ainda viu o outro subindo parede arriba, de pé em-pé! Aí, o homem acordou, quando bateu com a cabeça nos caibros, parece-que, e despencou de lá, estrondando... Fez um galo na creca, por prova, mas negou e negou que tinha subido em parede, perguntando ao meu compadre se ele não era que não sofria de pesadelo... Ara! ara! Para ver gente sonhar nesse esquerdo, ah eu fora de lá!...

— Medonho, Aurísio!

— Pois não foi?!... E o Tião Tranjão? Aquele meio leso, groteiro do Cala-a-Boca, que vem vender peixe-de-rio no arraial, em véspera de semana-santa... Está lembrado? Ele andou morando de-amigado com uma mulherzinha do Timbó, criatura feia e sem graça em si como nenhuma... Pois não é que achou gente ainda mais boba do que o Tião, para querer gostar dela na imoralidade?! O Cypriano, aquele carapina velho velhoso... Os dois começaram a desonrar o coió, e por amor de ficar sozinhos no bem-bom inventaram um embondo — eu acho que foram eles — que tinha sido o Tião quem tinha ofendido o Filipe Turco, que tinha levado umas porretadas no escuro sem saber da mão de quem... O pobre do Tião não sabia nem da falta de pouca-vergonha da mulher, nem de paulada em turco, nem de coisa nenhuma desta vida: só sabe até hoje é pescar, e nem isso ele não é capaz de fazer direito por si sozinho: é homem só de cercar

pari no trecho estreito do rio, armar jiqui na saída de poço, e soltar catueira de oito anzóis na lagoa, para biscate de pegar os peixes mais tolos de todos...

— Dou dado!

— É mesmo. E aí foi que o Gestal da Gaita, que é sem preceito e ferrabrás, mas tem bom coração, vendo que o coitado do Tião estava mesmo filho sem pai, ficou com dó e quis ensinar a reza, para ajuda de ele ter alguma valença nos apertos. Pois foi um custo. O Tião trocava as palavras, errava, atrapalhava a brasa; nome entrava por aqui e saía por aqui; tossia e não repetia.

...Então, primeiro, o Gestal da Gaita, que nesse dia estava de veneta de ter paciência, disse assim:

— "Já sei como é que a gente põe escola para papagaio velho: bebe este copo de cachaça, todo!... Pronto. Vamos de-banda..." — E foi cantando a lição a eito, começada do começo. Mas melhor não foi, com a burrice do Tião.

...Aí o Gestal da Gaita assoou o nariz e xingou a mãe de alguém: — "Pois então, eu, só por fazer uma caridade, estou pelejando para te escorar em cima dos dois pés, e tu ou tem cera nos ouvidos ou essa cabeça é de galinha?!... Ao desta viagem, ou tu guarda o milho no paiol ou eu te soletro uma coça mestra, com sola de anta; e aí tu aprende ou fala por que é que não aprende!"

...E foi mesmo: por fim o Gestal da Gaita deu ar ao chicote, com mão dona, e o pobre do Tião Tranjão corria no contrapasso, seguro pela fralda da camisa, gritando mesa com teresa e querendo até enfiar a cabeça em cano de calça dos passantes... E foi o que prestou para clarear a ideia lá dele, paz que ele aí decorou tudo, num átimo, tintim por tintim!...

...E deu na conta: na hora em que o soldado chegou, Tião Tranjão, que sempre tinha tido um medo magro dos praças, foi perguntando, de pé atrás e fazendo ventania com o porrete:

— "Com ordem de quem?!"...

— "Com ordem de autoridade de seu Sebastião do Adriano, subdelegado de polícia lá no arraial e aqui também!"

— "Já sei, já sei! Volta p'ra trás! Volta p'ra trás, que eu vou sozinho, e é amanhã que eu vou. Falando manso, eu entendo; mas, por mal, vocês não me levam, e com soldado apertado é que eu não ando mesmo não!..."

Coisa que ele tinha quebrado o chapéu-de-palha na testa, e cuspiu para uma banda, porque estava mesmo dando para maludo, com as farrombas todas, mascarado de valentão. Mas o soldado logo viu que o assunto melhor era encabrestar e puxar o bobo pela ponta da bobice mesma. E falou assim:

— "Seu Tião Tranjão, o senhor tem sua razão particular, toda, porque é homem de brio; mas eu também tenho a minha, porque estou cumprindo dever de lei. Mas, onde está o homem, não morre homem!... E gente valente como nós dois devemos de ser amigos!... O mais certo é a gente ir pedir opinião ao seu Antonino, que é seu patrão e seu padrinho, e o que ele aconselhar nós vamos fazer."

...Tião Tranjão ficou batendo com o pé na poeira, até que encheu e respondeu:

— "Pois se o senhor acha mesmo que eu sou par p'ra outro, vamos lá. O que Padrinho Antonino disser, 'ta dissido!"

...Aí seu Antonino falou na fé do falado, pelo direito, e mandou o Tião se entregar preso... — Aurísio interrompe a história, para colher e mastigar uma folha cheirã da erva-cidreira, que sobe em tufos na beira da estrada. (— Para desinfetar! — diz.) Depois continua:

— Diz-se que, lá na cadeia do arraial, os soldados fizeram graça... Diz-se quê, não! me arrependo: eles fazem mesmo, eu sei, porque também já estive lá, sem ter culpa de crime nenhum, bem entendido; e eles, na hora em que eu cheguei, foram me perguntando: — "Você matou? Ah, não matou não? Que pena!... Se tivesse matado, ia ficar morando aqui com a gente!..."

...Bom, eles trancaram o Tião. De certo que eles bateram também no Tião. Mas, e depois? seu moço?!...

...Ele deve de ter rezado a reza à meia-noite, da feição que o diabo pede, o senhor não acha? Pois, do contrário, me conte: quem foi que deu fuga ao preso, das grades, e carregou o cujo de volta para casa — quatro léguas —, que, de-madrugadinha, estava ele chegando lá, e depois na casa do outro, e entrando guerreiro e fazendo o pau desdar, na mulher, no carapina, nos trastes, nas panelas, em tudo quanto há...?! Entrou até embaixo de cama, para quebrar a vasilha!... E: olhe aqui: quando ele tinha chegado, caçou uma alavanca para abrir a porta, com cautela de economia, por não estragar... Pois, no fim da festa, acabou desmanchando a casa quase toda, no que era de recheio...

...Foi precisão de umas dez pessoas, para sujeitar o Tião, e se a gente não tonteasse o pobre... Bem, seu moço, se o senhor vai torar dessa banda de lá, nós temos de se desapartar, que o meu rumo é este aqui. Bom, até outro dia. Deus adiante, paz na guia!...

E o Aurísio Manquitola, se entranhando no mata-pasto e na maria-preta, some.

O meu caminho desce, contornando as moitas de assa-peixe e do unha-de-boi — esplêndido, com flores de imensas pétalas brancas, e folhas hirsutas, refulgindo. No chão, o joá-bravo defende, com excesso de espinhos, seus reles amarelos frutos. E, de vez em quando, há uma sumauveira na puberdade, arvoreta de esteio fino e cobertura convexa, pintalgada de flores rubras, como um para-sol de praia.

Entro na capoeira baixa... Saio do capoeirão alto. E acolá, em paliçadas compactas, formando arruamentos, arborescem os bambus.

Os bambus! Belos, como um mar suspenso, ondulado e parado. Lindos até nas folhas lanceoladas, nas espiguetas peludas, nas oblongas glumas... Muito poéticos e muito asiáticos, rumorejantes aos voos do vento.

Bem perto que está o bosquete, e eu me entorto de curiosidade; mas vai ser a última etapa: apenas na hora de ir-me embora é que passarei para ver os meus bambus. Meus? *Nossos*... Porque eles são a base de uma sub-estória, ainda incompleta.

Foi quase logo que eu cheguei no Calango-Frito, foi logo que eu me cheguei aos bambus. Os grandes colmos jaldes, envernizados, lisíssimos, pediam autógrafo; e alguém já gravara, a canivete ou ponta de faca, letras enormes, enchendo um entrenó:

"Teus olho tão singular
Dessas trançinhas tão preta
Qero morer eim teus braço
Ai fermosa marieta."

E eu, que vinha vivendo o visto mas vivando estrelas, e tinha um lápis na algibeira, escrevi também, logo abaixo:

Sargon
Assarhaddon
Assurbanipal

Teglattphalasar, Salmanassar
Nabonid, Nabopalassar, Nabucodonosor
Belsazar
Sanekherib.

E era para mim um poema esse rol de reis leoninos, agora despojados da vontade sanhuda e só representados na poesia. Não pelos cilindros de ouro e pedras, postos sobre as reais comas riçadas, nem pelas alargadas barbas, entremeadas de fios de ouro. Só, só por causa dos nomes.

Sim, que, à parte o sentido prisco, valia o ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado. Porque, diante de um gravatá, selva moldada em jarro jônico, dizer-se apenas *drimirim* ou *amormeuzinho* é justo; e, ao descobrir, no meio da mata, um angelim que atira para cima cinquenta metros de tronco e fronde, quem não terá ímpeto de criar um vocativo absurdo e bradá-lo — Ó colossalidade! — na direção da altura?

E não é sem assim que as palavras têm canto e plumagem. E que o capiauzinho analfabeto Matutino Solferino Roberto da Silva existe, e, quando chega na bitácula, impõe: — "Me dá dez'tões de biscoito de *talxóts*!" — porque deseja mercadoria fina e pensa que "caixote" pelo jeitão plebeu deve ser termo deturpado. E que a gíria pede sempre roupa nova e escova. E que o meu parceiro Josué Cornetas conseguiu ampliar um tanto os limites mentais de um sujeito só bi-dimensional, por meio de ensinar-lhes estes nomes: intimismo, paralaxe, palimpsesto, sinclinal, palingenesia, prosopopese, amnemosínia, subliminal. E que a população do Calango-Frito não se edifica com os sermões do novel pároco Padre Geraldo ("Ara, todo o mundo entende...") e clama saudades das lengas arengas do defunto Padre Jerônimo, "que tinham muito mais latim"... E que a frase "*Sub lege libertas!*", proferida em comício de cidade grande, pôde abafar um motim potente, iminente. E que o menino Francisquinho levou susto e chorou, um dia, com medo da toada "patranha" — que ele repetira, alto, quinze ou doze vezes, por brincadeira boba, e, pois, se desusara por esse uso e voltara a ser selvagem. E que o comando "Abre-te Sésamo etc." fazia com que se escancarasse a porta da gruta-cofre... E que, como ia contando, escrevi no bambu.

Até aí, tudo em paz. Deu de ser, porém, que, no domingo seguinte, quando retornei ao bambual, vi que o outro (Quem será? — pensei), vi que

o outro poeta antes de mim lá voltara. Cataplasma! E garatujara ele, sob o meu poema dos velhos reis de alabastro:

Língua de turco rabatacho dos infernos.

Mas também aceitara o floral desafio, já usando certeza e lápis, comigo igual, dessa feita:

Na viola do urubú
o sapo chegou no céu.
Quando pego na viola
o céu fica sendo meu.

O trovador se esmerara. Ou seria outro, um terceiro? Pouco vale: para mim, fica sendo um só: "Quem-será". E "Quem-Será" ficou sendo o meu melhor amigo, aqui no Calango-Frito. Mas, não tive dúvida; o mato era um menino dador de brinquedos; e fiz:

Tempo de festa no céu,
Deus pintou o surucuá:
com tinta azul e vermelha,
verde, cinzenta e lilá.
Porta de céu não se fecha:
surucuá fugiu pra cá.

E mais, por haver lugar:

Tem o teu e tem o meu
tem canhota e tem direita,
tem a terra e tem o céu —
escolha deve ser feita!

Eu mesmo não gostei. Mas a minha poesia viajara muito e agora estava bem depois do nascimento de Nosso senhor Jesus Cristo. Isso me perturbou; escrevi:

Ou a perfeição, ou a pândega!

E esperei. No domingo imediato, encontrei no bambu contíguo, que no primeiro não mais havia internódio útil, a matéria-prima destes versos:

Chegando na encruzilhada
eu tive de resolver:
para a esquerda fui, contigo.
Coração soube escolher!

O tema se esgotara, com derrota minha e o triunfo de "Quem-Será". Me vinguei, lapisando outra qualquer quadra, começo de outro assunto. E nesse caminho estamos.

Não mais avisto os bambus. Agora apanho outra vez a estrada-mestra, que, enquanto isto tudo, contornou o saco-de-serra, esbanjando chão numa volta quilometrosa, somente para aproveitar a ponte grande e para passar no pé da porta da casa da fazenda do Seu Coronel Modestino Siqueira. Aqui ela é largo e longo socalco, talhado em tabatinga. E, do lado da encosta e do lado do vale, temos a mata: marmelinho, canela, jacarandá, jequitibá-rosa; a barriguda, armada de espinhos, de copa redonda; a mamica-de-porca — também de coluna bojuda, com outros espinhos; o sangue-de-andrade, que é "pau *dereito*"; o esqueleto de um deixa-falar, sem uma folha, guardada apenas a grade resseca; e os *jacarés* novos, absurdos, de folhinhas finas, em espiguilha, que nem folhas de sensitiva, enquanto a casca se eriça em tarjas, cristas, listéis e caneluras, como a crusta do dorso de um caimão.

E, nas ramas, rindo, cheirosos epidendros, com longos labelos marchetados de cores, com pétalas desconformes, franzidas, todas inimigas, encrespadas, torturadas, que lembram bichos do mar róseo-maculados, e roxos, e ambarinos — ou máscaras careteantes, esticando línguas de ametista.

Mas, as imbaúbas! As queridas imbaúbas jovens, que são toda uma paisagem!... Depuradas, esguias, femininas, sempre suportando o cipó-braçadeira, que lhes galga o corpo com espirais constrictas. De perto, na tectura sóbria — só três ou quatro esgalhos — as folhas são estrelas verdes, mãos verdes espalmadas; mais longe, levantam-se das grotas, como chaminés alvacentas; longe-longe, porém, pelo morro, estão moças cor de madrugada, encantadas, presas, no labirinto do mato.

Pelas frinchas, entre festões e franças, descortino, lá em baixo, as águas das Três-Águas. Três? Muitas mais! A lagoa grande, oval, tira do seu polo rombo dois córregos, enquanto entremete o fino da cauda na floresta. Mas, ao redor, há o brejo, imensa esponja onde tudo se confunde: trabéculas de canais, pontilhado de poços, e uma finlândia de lagoazinhas sem tampa.

E as superfícies cintilam, com raros jogos de espelho, com raios de sol, espirrando asterismos. E, nas ilhas, penínsulas, istmos e cabos, multicrescem taboqueiras, tabúas, taquaris, taquaras, taquariúbas, taquaratingas e taquarassús. Outras imbaúbas, mui tupis. E o buritizal: renques, aleias, arruados de buritis, que avançam pelo atoleiro, frondosos, flexuosos, abanando flabelos, espontando espiques; de todas as alturas e de todas as idades, famílias inteiras, muito unidas: buritis velhuscos, de palmas contorcionadas, buritis-senhoras, e, tocando ventarolas, buritis-meninos.

Agora, outro trilho, e desço, pisando a humilde guaxima. Duas árvores adiantadas, sentinelas: um cangalheiro, de copa trapezoidal, retaca; e uma cajazeira que oscila os brônquios verdes no alto das forquilhas superpostas. Transponho um tracto de pântano. Conheço três sendas dedalinas, que atravessam o tremedal, ora em linguetas no chão mole, ora em largas praças aterradas. Escolhi a trilha B.

Porque não é a esmo que se vem fazer uma visita: aqui, onde cada lugar tem indicação e nome, conforme o tempo que faz e o estado de alma do crente.

Hoje, vamos, primeiro, às Rendas da Yara, para escutar de próximo os sete rumores do riacho, que desliza em ebulição. Perto, no fresco da relva, na sombra da selva, no úmido dos minadouros que cantam, dormem as avencas de folhagem minuciosa: a avenca-dourada, recurvando em torno ao espique as folhas-centopeias; e o avencão-peludo, que jamais se molha, mesmo sob os respingos. Muitos musgos cloríneos. A delicadeza das samambaias. E os velhos samambaiussús.

Aqui, convém: meditar sobre as belezas da castidade, reconhecer a precariedade dos gozos da matéria, e ler a história dos Cavaleiros da Mesa Redonda e da mágica espada Excalibur. Mas não posso demorar. A frialdade do recanto é de gripar um cristão facilmente, e também paira no ar finíssima poeira de lapidação de esmeraldas, que deve ser asmatizante.

Agora vamos retroceder, para as três clareiras, com suas respectivas árvores tutelares; porque, em cada aberta do mato, há uma dona destacada,

e creio mesmo que é por falta de sua licença que os outros paus ali não ousam medrar.

Primeiro, o “Venusberg” — onde impera a perpendicularidade excessiva de um jequitibá-vermelho, empenujado de liquens e roliço de fuste, que vai liso até vinte metros de altitude, para então reunir, em raqueta melhor que em guarda-chuva, os seus quadrangulares ramos. Tudo aqui manda pecar e peca — desde a cigana-do-mato e a mucuna, cipós libidinosos, de flores poliandras, até os cogumelos cinzentos, de aspirações mui terrenas, e a erótica catuaba, cujas folhas, por mais amarrotadas que sejam, sempre voltam, bruscas, a se retesar. Vou indo, vou indo, porque tenho pressa, mas ainda hei de mandar levantar aqui uma estatueta e um altar a Pan.

Um claro mais vasto, presidido pelo monumento perfumoso da colher-de-vaqueiro, faraônica, que mantém à distância cinco cambarás ruivos, magros escravos, obcônicos, e outro cambará, maior, que também vem afinando de cima para baixo. Puro Egito. Passo adiante.

Agora, sim! Chegamos ao sancto-dos-sanctos das Três-Águas. A suinã, grossa, com poucos espinhos, marca o meio da clareira. Muito mel, muita bojuí, jati, urussú, e toda raça de abelhas e vespas, esvoaçando; e formigas, muitas formigas marinhando tronco acima. A sombra é farta. E há os ramos, que trepam por outros ramos. E as flores rubras, em cachos extremos — vermelhíssimas, ofuscantes, queimando os olhos, escaldantes de vermelhas, cor de guelras de traíra, de sangue de ave, de boca e *bâton*.

Todos aqui são bons ou maus, mas tão estáveis e não-humanos, tão repousantes! Mesmo o cipó-quebrador, que aperta e faz estalarem os galhos de uma árvore anônima; mesmo o imbê-de-folha-rota, que vai pelas altas ramadas, rastilhando de copa em copa, por léguas, levando suas folhas perfuradas, picotadas, e sempre desprendendo raízes que irrompem de junto às folhas e descem como fios de aranha para segurar outros troncos ou afundar no chão. Mas a grande eritrina, além de bela, calma e não-humana, é boa, mui bondosa — com ninhos e cores, açúcares e flores, e cantos e amores — e é uma deusa, portanto.

— Uf! Aqui, posso descansar.

Tiro o paletó e me recosto na coraleira. Estou entre o começo do mato e um braço da lagoa, onde, além do retrato invertido de todas as plantas tomando um banho verde no fundo, já há muita movimentação. A face da lagoa em que bate o sol, toda esfarinhenta, com uma dansa de pétalas

d'água, vê-se que vem avançando para a outra, a da sombra. E a lagoa parece dobrada em duas, e o diedro é perfeito.

— *Chuá*...

É a amerissagem de um pato bravo, que deve ter vindo de longe: tatalou e caiu, com onda espirrada e fragor de entrudo. O marrequinho de gravata é muito mais gentil: coincha no alto, escolhe o ponto, e aquatiza meigamente. Agora singra, rápido, puxando um enfivelamento de círculos e um triângulo. Bordejando, desvia-se para não abalroar as cairinas pesadas, que vão ondulando, de peito, e fazendo chapeleta grossa e esteira de espuma, como a mareta de um peixe. O marrequinho pousa tão próprio, aninhado e rodado, que a lagoa é que parece uma palma de mão, lisa e maternal, a conduzi-lo. O rabo é leme ótimo: só com um jeito lateral, e o bichinho trunca a rota. Para. Balouça. Sacode a cabeça n'água. Espicha um pezinho, para alimpar o pescoço. E vai juntar-se aos outros marrecos, que chegaram primeiro e derivam à bolina, ao gosto do vaivém da água, redondos, tersos, com uma pata preta sob a asa e a cabeça aninhada nas plumas, bico para trás cada qual.

Já os irerês descem primeiro na margem, e ficam algum tempo no meio dos caniços. Devem ter ovos lá. Os do frango-d'água eu sei onde estão, muito bem ocultos entre as tabúas.

As narcejas, há tempo que vieram, e se foram. Os paturis ainda estão por chegar. Vou esperá-los. Também pode ser que apareça alguma garça ou um jaburú, cegonhão seu compadre, ou que volte a vir aquele pássaro verde-mar com pintas brancas, do qual ninguém sabe o nome por aqui.

Agora, outra desconhecida, verde-escura esta, parecendo uma grande andorinha. Vem sempre. Tem voo largo, mas é má nadadora. E incontentável: toma seu banho de lagoa, vai lá adiante no brejo, e ainda tenta ligeira imersão no riacho.

E aquele? Ah, é o joão-grande. Não o tinha visto. Tão quieto... Mas, de vezinha — *i-tchungs!* — tchungou uma piabinha. E daqui a pouco ele vai pegar a descer e a subir o bico, uma porção de vezes, veloz como a agulha de uma máquina de costura, liquidando o cardume inteiro de piabas.

Corre o tempo.

A lagoa está toda florida e nevada de penugens usadas que os patos põem fora. E lá está o joão-grande, contemplativo, ao modo em que eu aqui estou, sob a minha corticeira de flores de crista de galo e coral. Só

que eu acendo outro cigarro, por causa dos mil mosquitos, que são corja de demônios mirins.

Do mais do povinho miúdo, por enquanto, apenas o eterno cortejo das saúvas, que vão sob as folhas secas, levando bandeiras de pedacinhos de folhas verdes, e já resolveram todos os problemas do trânsito. Ligeira, escoteira, zanza também, de vez em quando, uma dessas formigas pretas caçadoras amarimbondadas, que dão ferroadas de doer três gritos. Mas aqui está outra, pior do que a preta corredora: esta formiga-onça rajada, que vem subindo pela minha polaina. Está com fome. Quer das provisões. Desço-a e ponho-lhe diante um grumo de geleia e alguns grãos de farinha. Não quis. Fugiu. Quem vai comer do meu farnel é todo o clã das quem-quem, esses trenzinhos serelepes, que têm ali perto a boca do seu formigueiro. Uma por uma, se atrevem; largam os glóbulos de terra, trocam sinais de antenas, circulam adoidadas e voltam para a cratera vermelha. Vou espalhar no chão mais comida, pois elas são sempre simpáticas: ora um menino que brinca, ora uma velhinha a rezar.

Como será o deus das formigas? Suponho-o terrível. Terrível como os que o louvam... E isto é também com o louva-a-deus, que, acolá, erecto, faz vergar a folha do junquilho. Ele está sempre rezando, rezando de mãos postas, com punhais cruzados. Mas, no domingo passado, este mesmo, ou um qualquer louva-a-deus outro, comeu o companheiro em oito minutos justos, medidos no relógio — deixou de lado apenas as rijas pernas-de-pau serrilhadas da vítima, e o seu respectivo colete... Foi-se.

E assim também o tempo foi indo — nada de novo no rabo da lagoa, e aqui em terra firme muito menos — e chegou um momento sonolento, em que me encostei para dormir.

Fiquei meio deitado, de lado. Passou ainda uma borboleta de páginas ilustradas, oscilando no voo puladinho e entrecortado das borboletas; mas se sumiu, logo, na orla das tarumãs prosternantes. Então, eu só podia ver o chão, os tufos de grama e o sem-sol dos galhos. Mas a brisa arageava, movendo mesmo aqui em baixo as carapinhas dos capins e as mãos de sombra. E o mulungu rei derribava flores suas na relva, como se atiram fichas ao feltro numa mesa de jogo.

Paz.

E, pois, foi aí que a coisa se deu, e foi de repente: como uma pancada preta, vertiginosa, mas batendo de grau em grau — um ponto, um grão, um besouro, um anú, um urubú, um golpe de noite... E escureceu tudo.

Nem houve a qualquer coisa que de regra se conserva sob as pálpebras, quando uma pessoa fecha os olhos: poento obumbramento róseo, de dia; tênue tecido alaranjado, passando em fundo preto, de noite, à luz. Mesmo no escuro de um foco que se apaga, remanescem seus vestígios, uma vaga via-láctea a escorrer; mas, no meu caso, nada havia. Era a treva, pesando e comprimindo, absoluta. Como se eu estivesse preso no compacto de uma montanha, ou se muralha de fuligem prolongasse o meu corpo. Pior do que uma câmara-escura. Ainda pior do que o último salão de uma gruta, com os archotes mortos.

Devo ter perdido mais de um minuto, estuporado. Soergui-me. Tonteei. Apalpei o chão. Passei os dedos pelos olhos; repuxei a pele — para cima, para baixo, nas comissuras — e nada! Então, pensei em um eclipse totalitário, em cataclismos, no fim do mundo.

Continuava, porém, a debulha de trilos dos pássaros: o patativo, cantando clássico na borda da mata; mais longe, as pombas cinzentas, guaiando soluços; e, aqui ao lado, um araçari, que não musica: ensaia e reensaia discursos irônicos, que vai taquigrafando com esmero, de ponta de bico na casca da árvore, o pica-pau-chanchã. E esse eu estava adivinhando: rubro-verde, vertical, topetudo, grimpando pelo tronco da imbaúba, escorando-se na ponta do rabo também. Taquigrafa, sim, mas, para tempo não perder, vai comendo outrossim as formiguinhas tarús, que saem dos entrenós da imbaúba, aturdidas pelo rataplã.

E, pois, se todos continuavam trabalhando, bichinho nenhum tivera o seu susto. Portanto... Estaria eu... Cego?!... Assim de súbito, sem dor, sem causa, sem prévios sinais?...

Bem, até há pouco, estava uma pedra solta ali. Tacteio. Ei-la. Bato com a mão, à procura do tronco da minha coraleira. Sim: a ponta da lagoa fica mesmo à minha frente.

Tangi a pedra, e logo senti que pusera no ato notável excesso de força muscular. O projétil bateu musical na água, e deve ter caído bem no meio da flotilha de marrecos, que grasnaram: — *Quaquaracuac!* O casal de patos nada disse, pois a voz das ipecas é só um sopro. Mas espadanaram, ruflaram e voaram embora.

Então, eu compreendi que a tragédia era negócio meu particular, e que, no meio de tantos olhos, só os meus tinham cegado; e, pois, só para mim as coisas estavam pretas. Horror!...

Não é sonho, não é; pesadelo não pode ser. Mas, quem diz que não seja coisa passageira, e que daqui a instante eu não irei tornar a enxergar? Louvado seja Deus, mais a minha boa Santa Luzia, que cuida dos olhos da gente!... "Santa Luzia passou por aqui, com o seu cavalinho comendo capim!..." Santa Luzia passou por... Não, não passa coisa nenhuma. Estou mesmo é envolvido e acuado pela má treva, por um escurão de transmundo, e sem atinar com o que fazer. Maldita hora! Mais momento, e vou chorar, me arrepelando, gritando e rolando no chão.

Mas, calma... calma... Um minuto só, por esforço. Esperar um pouco, sem nervoso, que para tudo há solução. E, com duas engatinhadas, busco maneira de encostar-me à árvore: cobrir bem a retaguarda, primeira coisa a organizar.

Tiro o relógio. Só o tique-taque, claro. Experimento um cigarro — não presta, não tem gosto, porque não posso ver a fumaça. Espera, há alguma coisa... Passos? Não. Vozes? Nem. Alguma coisa é; sinto. Mas, longe, longe... O coração está-me batendo forte. Chamado de ameaça, vaga na forma, mas séria: perigo premente. Capto-o. Sinto-o direto, pessoal. Vem do mato? Vem do sul. Todo o sul é o perigo. Abraço-me com a suinã. O coração ribomba. Quero correr.

Não adianta. Longe, no sul. Que será? "Quem será?"... É meu amigo, o poeta. Os bambus. Os reis, os velhos reis assírio-caldáicos, belos barbaças como reis de baralho, que gostavam de vazar os olhos de milhares de vencidos cativos? São meros mansos fantasmas, agora; são meus. Mas, então, qual será a realidade, perigosa, no sul? Não, não é perigosa. É amiga. Outro chamado. Uma ordem. Enérgica e aliada, profunda, aconselhando resistência:

— *'Guenta o relance, Izé!*

Respiro. Dilato-me. E grito:

— E aguento mesmo!...

Eco não houve, porque a minha clareira tem boa acústica. Mas o tom combativo da minha voz derramou em mim nova coragem. E, imediatamente, abri a tomar ar fundo, movendo as costelas todas, sem pedir licença a ninguém. Vamos ver!

Vamos ver o faz-não-faz. Estou aqui num lugar aonde ninguém mais costuma vir. Se tento regressar tacteando e tropeçando, posso cair fácil no brejo e atolar-me até dois ou cinco palmos para cima do couro-cabeludo; posso pisar perto de uma jararacussú matadora; posso entranhar-me

demais pelo esconso, e ficar perdido de todo. Onças de-verdade não há por aqui; mas um maracajá faminto, ou uma maracajá mãe, notando-me assim mal-seguro, não darão dois prazos para me extinguir. Mau! Só agora é que vejo o ruim de se estar no mato sem cachorro.

De bom aviso é puxar a espingarda mais para perto de mim. Bem. E se eu der uns tiros? Inútil. Quem ouvir pensará que estou atirando aos nhambús, claro. Pois não vim caçar?... Agora, se eu não voltar a casa à hora normal, haverá alarme, virá gente à minha procura, acabarão por encontrar-me. É isto. Devo esperar, quieto.

Tempo assim estive, que deve ter sido longo. Ouvindo. Passara toda a minha atenção para os ouvidos. E então descobri que me era possível distinguir o guincho do paturi do coincho do ariri, e até dissociar as corridas das preás dos pulos das cotias, todas brincando nas folhas secas.

Escuto, tão longe, tão bem, que consigo perceber o pio labial do joão-pinto — que se empoleira sempre na sucupira grande. Agora, uma galinhola cloqueou, mais perto de mim, como uma franga no primeiro choco. Deve ter assestado o róstro por entre os juncos. Mas o joão-pinto, no posto, continua a dar o seu assovio de açúcar.

Tão claro e inteiro me falava o mundo, que, por um momento, pensei em poder sair dali, orientando-me pela escuta. Mas, mal que não sendo fixos os passarinhos, como pontos-de-referência prestavam muito pouco. E, além disso, os sons aumentavam, multiplicavam-se, chegando a assustar. Jamais tivera eu notícia de tanto silvo e chilro, e o mato cochichava, cheio de palavras polacas e de mil bichinhos tocando viola no oco do pau.

E — nisso, nisso — mexeu-se, sem meu querer, algum rodel, algum botão em minha cabeça, e, voltei a apanhar a emissora da ameaça. Perigo! Grande perigo! Não devo, não posso ficar parado aqui. Tenho, já, já, de correr, de me atirar pelo mato, seja como for!

Vamos! E por que não? Eu conheço o meu mato, não conheço? Seus pontos, seus troncos, cantos e recantos, e suas benditas árvores todas — como as palmas das minhas mãos. A ele vim por querer, é certo, mas agora vou precisar dos meus direitos, para defender o barato, e posso falar fala cheia, fora de devaneios, evasões, lembranças. Mesmo sem os olhos. Vamos!

Ando. Ando. Será que andei? Uma cigarra sissibila, para dizer que estou cômico. Fez-me bem. Mas, onde estarei eu, aonde foi que vim parar? Pior,

pior. Perdi o amparo da grande suinã. Perdi os croticos das criações de pena da lagoa. E aqui? Este lugar é caminho de vento, e dos rumores que o vento traz: o sabrasil, à brisa, atrita as rendilhas das grimpas; as frondes do cangalheiro farfalham; as palmas da palmeira-leque aflam em papelada; e — *pá-pá-pá-pá* — o pau-bate-caixa, golpeado nas folhas elásticas, funciona eloquente.

Tomo nota: está soprando do sudoeste; mas, mal vale: daqui a um nadinha, mudará, sem explicar a razão.

E agora? Como chegar até à estrada? Quem sabe: se eu gritar, talvez alguém me escute, por milagre que seja. Grito. Grito. Grito. Nada. Que posso? Nada. E daí? Por mim mesmo, não sou homem para acertar com o rumo. Tomo fôlego. Rezo. Me enfezo. Lembro-me de "Quem-Será". E então?:

"para a esquerda fui, contigo.
Coração soube escolher."

Sim. Mas, e as aves, e os grilos? Os pombos de arribada, transpondo regiões estranhas, e os patos-do-mato, de lagoa em lagoa, e os machos e fêmeas de uma porção de amorosos, solitários bichinhos, todos se orientando tão bem, sem mapas, quando estão em seca e precisam de ir a meca?... O instinto. Posso experimentar. Posso. Vou experimentar. Ir. Sem tomar direção, sem saber do caminho. Pé por pé, pé por si. Deixarei que o caminho me escolha. Vamos!

Vamos. Os primeiros passos são os piores. Mãos esticadas para a frente, em escudo e reconhecimento. Não. Pé por pé, pé por si. Um cipó me dá no rosto, com mão de homem. Pulo para trás, pulso um murro no vácuo. Caio de nariz na serapilheira. Um trem qualquer tombou da capanga. O binóculo. Limpo-me das folhinhas secas. Para quê? Rio-me, de mim. Sigo. Pé por pé, pé por si. A folhagem vai-se espessando. Há, de repente, o gorjeio de um bicudo. Meus olhos o ouvem, também: cordel suspenso, em que se vão dando laços. Uma coisa me arranca, de puxão no ombro. Cipó-vem-cá, ou um tripa-de-porco. À estrada! Pé por pé, pé por si. Uma cigarra se esfrega e perfura. Cicia duas espirais doiradas. Ai! Uma testada em tronco. O choque foi rijo. Mas, a árvore? Casca enrugada, escamosa... Um pau-de-morcego? Um angico? Pé por pé... Vem alguém atrás de mim, outra pessoa chocalhando as folhas? Paro. Não é ninguém. Vamos. Outra

esbarradela, agora contra um tamboril, garanto. Cipós espinhentos, cipós cortinas, cipós cobras, cipós chicotes, cipós braços humanos, cipós serpentinas — uma cordoalha que não se acaba mais. Pé por p... Outra árvore que não me vê, ai! É a colher-de-vaqueiro: este aroma, estes ramos densos, esta casca enverrugada de resinas — sei, como se estivesse vendo vista a sua profusão de flores rosadas. Vamos. Cheiro de musgo. Cheiro de húmus. Cheiro de água podre. Um largo, sem obstáculos. Lama no chão. Pés no fofo. De novo, as árvores. O reco-reco de um roedor qualquer. Estou indo muito ligeiro. Um canto arapongado, desconhecido: cai de muito alto, pesado, a prumo. De metal. Canso-me. Vou. Pé por pé, pé por si... Pèporpè, pèporsí... Pepp or pepp, epp or see... Pêpe orpèpe, heppe Orcy...

Mas, estremeço, praguejo, me horrorizo. O alhúm! O odor maciço, doce-ardido, do pau-d'alho! Reconheço o tronco. Deve haver uma aroeira nova, aqui ao lado. Está. Acerto com as folhas: esmagadas nos dedos, cheiram a manga. É ela, a aroeira. Sei desta aberta fria: tem sido o ponto extremo das minhas tentativas de penetração; além daqui, nunca me aventurei, nos passeios de mato a dentro.

Então, e por caminhos tantas vezes trilhados, o instinto soube guiar-me apenas na direção pior — para os fundões da mata, cheia de paludes de águas tapadas e de alçapões do barro comedor de pesos?!...

Ferido, moído, contuso de pancadas e picado de espinhos, aqui estou, ainda mais longe do meu destino, mais desamparado que nunca. Angustio-me, e chego a pique de chorar alto. Deus de todos! Oh... Diabos e diabos... Oh...

Nisso, calei-me.

Mas, aí, outra vez, chegou a ordem, o brado companheiro:

— "Guenta o relance, Izé"...

E, justo, não sei por que artes e partes, Aurísio Manquitola, um longínquo Aurísio Manquitola, brandindo enorme foice, gritou também:

— "Tesconjuro! Tesconjuro!"...

Dá desordem... Dá desordem... E, pronto, sem pensar, entrei a bramir a reza-brava de São Marcos. Minha voz mudou de som, lembro-me, ao proferir as palavras, as blasfêmias, que eu sabia de cor. Subiu-me uma vontade louca de derrubar, de esmagar, destruir... E então foi só a doideira e a zoeira, unidas a um pavor crescente. Corri.

Às vezes, eu sabia que estava correndo. Às vezes, parava — e o meu ofego me parecia o arquejar de uma grande fera, que houvesse estacado ao lado de mim.

E horror estranho riçava-me pele e pelos. A ameaça, o perigo, eu os apalpava, quase. Havia olhos maus, me espiando. Árvores saindo de detrás de outras árvores e tomando-me a dianteira. E eu corria.

Mas, num momento, cessou o mato. Um cavaleiro galopou, acolá, e o tinir das ferraduras nas pedras foi um tom de alívio.

Grunhos de porcos. Os porcos do João Mangolô. João Mangolô!

— Apanha, diabo! — esmurrei o ar, com formidável intenção.

Porque a ameaça vinha da casa do Mangolô. Minha fúria me empurrava para a casa do Mangolô. Eu queria, precisava de exterminar o João Mangolô!...

Pulei, sem que tivesse necessidade de ver o caminho. Dei, esbarrei no portal. Entrei. Mulheres consulentes havia, e gritaram. E ouvi logo o feiticeiro, que gemeu, choramingando:

— Espera, pelo amor de Deus, Sinhô! Não me mata!

Fui em cima da voz. Ele correu. Rolamos juntos, para o fundo da choupana. Mas, quando eu já o ia esganando, clareou tudo, de chofre. Luz! Luz tão forte, que cabeceei, e afrouxei a pegada.

Precipitei-me, porém, para ver o que o negro queria esconder atrás do jirau: um boneco, bruxa de pano, espécie de ex-voto, grosseiro manipanço.

— Conte direito o que você fez, demônio! — gritei, aplicando-lhe um trompaço.

— Pelo amor de Deus, Sinhô... Foi brincadeira... Eu costurei o retrato, p'ra explicar ao sinhô...

— E que mais?! — outro safanão, e Mangolô foi à parede e voltou de viagem, com movimentos de rotação e translação ao redor do sol, do qual recebe luz e calor.

— Não quis matar, não quis ofender... Amarrei só esta tirinha de pano preto nas vistas do retrato, p'ra sinhô passar uns tempos sem poder enxergar... Olho que deve de ficar fechado, p'ra não precisar de ver negro feio...

Havia muita ruindade mansa no pajé espancado, e a minha raiva passara, quase por completo, tão glorioso eu estava. Assim, achei magnânimo entrar em acordo, e, com decência, estendi a bandeira branca: uma nota de dez mil-réis.

— Olha, Mangolô: você viu que não arranja nada contra mim, porque eu tenho anjo bom, santo bom e reza-brava... Em todo o caso, mais serve não termos briga... Guarda a pelega. Pronto!

Saí. As mulheres, que haviam debandado para longe, me espreitavam, espantadas, porque eu trazia a roupa em trapos, e sangue e esfoladuras em todos os possíveis pontos.

Mas recobrara a vista. E como era bom ver!

Na baixada, mato e campo eram concolores. No alto da colina, onde a luz andava à roda, debaixo do angelim verde, de vagens verdes, um boi branco, de cauda branca. E, ao longe, nas prateleiras dos morros cavalgavam-se três qualidades de azul.

“A barata diz que tem
sete saias de filó...
É mentira da barata:
ela tem é uma só.”

(Cantiga de roda.)

Corpo fechado

José Boi caiu de um barranco de vinte metros; ficou com a cabeleira enterrada no chão e quebrou o pescoço. Mas, meio minuto antes, estava completamente bêbado e também no apogeu da carreira: era o “espanta-praças”, porque tinha escaramuçado, uma vez, um cabo e dois soldados, que não puderam reagir, por serem apenas três. — Você o conheceu, Manuel Fulô?

— Mas muito!... Bom homem... Muito amigo meu. Só que ele andava sempre coçando a cabeça, e eu tenho um medo danado de piolho...

— Podia ser sinal de indecisão...

— Eu acompanhei até o enterro. Nunca vi defunto tão esticado de comprido... Caixão especial no tamanho: acho que levou mais de peça e meia de galão...

— E quem tomou o lugar dele?

— Lugar? O sujeito não tinha cobre nem p’ra um bom animal de sela... O que ganhava ia na pinga... Mão aberta...

— Mas, quem ficou sendo o valentão, depois que ele morreu?

— Ah, isso teve muitos: o Desidério...

— Cuéra?

— Cabaça... Só que era bruto como ele só, e os outros tinham medo dele. Cavalo coiceiro... Comigo nunca se engraçou!

— Como acabou?

— Acabou em casa de grades. Foi romper aleluia na cidade, e os soldados abotoaram o filho da mãe dele... Não voltou aqui, nunca mais...

— E o tal Dêjo?

— Esse foi depois... Antes teve o Miligido... E o nome daquele era Adejalma, nome bobo, que nem é de santo... Um peste. Muita prosa, muita farroma, mas eu virei o cujo do avesso! Me respeitou! Me respeitou, seu doutor!

— Briga, Manuel?

— Lhe conto, seu doutor. Foi na venda: eu estava comprando cadarço de roupa, coisa de paz... O homem já veio chegando enjoado, me olhando com cara de herege... Negaceou. Depois, virou p'ra o Pércio, que era caixeiro nesse tempo, e perguntou: "O senhor tem aí dessa raça de faca que entra na barriga e *murguêia*?" E olhou p'ra mim, outra vez, p'ra ver se eu estava com receio...

— E você, Manuel Fulô?

— Eu ia serrar de cima, mas nem não tive tempo, porque nessa horinha vinha entrando um tropeiro da Soledade, que era homem duro, e pensou que a ofensa era p'ra ele... E aquilo foi o tropeiro dando um murro no balcão, e tossindo, e perguntando também p'ra o Pércio: "Por falar nisso, o senhor não terá também dessa raça de bala que bate na testa e *chatêia*?!" Pois aí o Adejalma se riu de medo, e disse que estava era brincando...

— Mas, então, Manuel, como foi que você virou o Dêjo pelo avesso?

— Ara, ara, seu doutor! Se o tropeiro não tivesse entrado, eu fazia desordem, e fazia mesmo... Porque, depois, o cachorro do Adejalma ainda me perguntou, só por deboche, porque ele estava cansado de saber quem eu era: "Como é que você chama, rapaz?"...

— E você?

— Eu pus a mão na coronha da garrucha, e respondi: "Só eu perguntando p'r'a minha mãe"...

— E ele?

— Um desgraçado! Era só ele bulir, e eu mais o tropeiro mandávamos o corpo dele p'ra o quincumbim... Aquele sujo! Assassino! Tralha!

— Que raiva é essa, fora de hora, Manuel?

— Pois o senhor não imagina que, ao depois, o miserável desse Adejalma, só por medo da minha macheza, me convidou, mais o tropeiro, p'ra beber com ele e fazer companhia?... O tropeiro agradeceu e não aceitou, mas eu fui, porque não sou soberbo... Pois o senhor não acredita que o canalha foi encomendando despesas, e me elogiando e respeitando, até que eu fiquei assim meio escurecido, e aí ele foi-s'embora e me deixou sozinho p'ra eu ter de pagar tudo, por perto de uns quatro mil-réis?... É ou

não é p'ra uma pessoa correta ter raiva? É ou não é?!... Cachorro! Morreu de erisipela na cara...

— E o Miligido?

— Esse era bom... Homem justo. O que ele era era preto... Mais preto do que os outros pretos, engomado de preto... Eu acho que ele era preto até por dentro! Mas foi meu amigo. Valentão valente, mesmo. Um dia ele me deu uma escova de dente, quase nova... Eu acho que ele encontrou a tal nalgum lugar e não sabia que serventia aquilo tinha...

— Matou muita gente, o Miligido?

— Quase nenhum, que eu esteja lembrado... Também, todo o mundo tinha medo dele... Cada um dizia amém antes de ele rezar o fim da reza... Está vivo, mas não é valentão mais. Muito velho... Deve de andar beirando uns setenta... Agora...

— Agora, o valentão é o Targino...

— Nem fala, seu doutor. Esse é ruim mesmo inteirado... Não respeita nem a honra das famílias! É um flagelo...

— Mas não parece...

— O quê?! Aquilo é cobra que pisca olho... Quando ele embirra, briga até com quem não quer brigar com ele... Nenhum dos outros não fazia essa maldade... O senhor acha que isso é regra de ser valentão? Eu sei que, por causa de uns assim, até o Governo devia era de mandar um quartel de soldados p'ra aqui p'ra a Laginha...

— Você tem raiva desse, também, Manuel?

— Não é raiva, não seu doutor: é gastura... Esse-um é maligno e está até excomungado... Ele é de uma turma de gente sem-que-fazer, que comeram carne e beberam cachaça na frente da igreja, em sexta-feira da Paixão, só p'ra pirraçar o padre e experimentar a paciência de Deus... Eles todos já foram castigados: o Roque se afogou numa água rasinha de enxurrada... ele estava de chifre cheio... Gervásio sumiu no mundo, sem deixar rasto... Laurindo, a mulher mesma torou a cabeça dele com um machado, uma noite... foi em janeiro do ano passado... Camilo Matias acabou com mal-de-lázaro... Só quem está sobrando mesmo é o Targino. E o castigo demora, mas não falta...

— Mas, nesta sobrança, ele é quem vai castigando os outros, por conta própria, Manuel Fulô...

— Deixa ele, seu doutor... P'ra cavalo ruim, Deus bambeia a rédea... Um dia ele encontra outro mais grosso... Eu já estou vendo o diabo, com

defunto na cacunda!... Esse sujeitinho ainda vai ter de dansar de ceroula, seu doutor! Isto aqui é terra de gente brava...

— Verdade, Manuel?

— Pode aprovar, seu doutor. Até João Brandão, que foi patente no clavinote, deu volta, quando passou por aqui... Meu pai viu isso... João Brandão vinha vindo p'ra o norte, com os seus homens, diz-se que ia levando armas p'ra o povo de Antônio Conselheiro, mais de uns vinte burros, com as cangalhas encalcadas... Na passagem de onde hoje é a ponte da Quininha, tiveram um tiroteio com os soldados... Isto aqui é uma terra terrível, seu doutor... Eu mesmo... O senhor me vê mansinho deste jeito, mas eu fui batizado com água quente...

E assim falou Manuel Fulô.

José Boi, Desidério, Miligido, Dêjo... Só podia haver um valentão de cada vez. Mas o último, o Targino, tardava em ceder o lugar. O *challenger* não aparecia: rareavam os nascidos sob o signo de Marte, e Laginha estava, na ocasião, mal provida de bate-paus.

Havia, sim, os sub-valentões, sedentários de mão pronta e mau gênio, a quem, por garantia, todos gostavam de dar os filhos para batizar.

Os do-Quintiliano, por exemplo. Eram dois ou três irmãos, que mandavam na Vargem, espécie de arrabalde que prolongava o arraial para lá da linha férrea. Um dia, apareceu — papel pregado em árvore — um "pasquim", sátira anônima, desabafo de algum oprimido:

"A Sofia mais os filho é o lastro.
A Guilir é o trem.
João do Quintiliano prosa com o que não tem.
Cala a boca gente, que o Quintiliano envem!
Sebastiana mais a Lina passam bem.
Agora vira da outra banda.
Viva o povo da rua da Avenida,
Quem fez isto foi o Tonico da Rabada."

Antonico da Rabada protestou: por todos os santos e mais deus-do-céu, a luz que alumia, esta cruz, e a alma da sua mãe, que não tinha escrito nada. E se escondeu.

João do Quintiliano saiu furioso, recendendo a cachaça, brandindo as armas, gritando desaforos a esmo; esbarrou no moirão da portela, tinha a

cara encruada de dor-de-dente, deu tiros para cima, levava uma flor amarela no peito, e, junto com os parentes, conflagrou a Vargem. Muita porretada, algumas facadas, e foi um dia-de-domingo no meio da semana, porque ninguém trabalhou. Os do-Quintiliano andavam, casa por casa, procurando o editor responsável. Então, alguém pensou, naturalmente, no Manuel Baptista, o Aretino do arraial. Foram atrás dele, para a satisfação, e encontraram-no no paiol do João Italiano, dando escola para os meninos do negociante.

Mas Manuel Baptista ficou bravo: vissem lá se ele era homem para andar pregando em árvore bobagens sem assinatura! E com tantos erros! Ele entendia de gramática, e seus pasquins, muito bem caprichados, sempre numa meia folha de papel almaço, só eram lidos por pessoas capazes de apreciá-los, e, mesmo assim, tendo cada um de solicitar a sua vez, com muito empenho! E, como prova, exibiu e leu, muito digno e neurastênico, a sua última produção, que debochava de muitas atualidades, terminando, como sempre, com o seu nome, bem rimado, no verso final:

"Essa história de phonetica
eu nunca pude entendê!
É tão feio se assigná
Manuel Batista, sem P!..."

João do Quintiliano ouviu, respeitoso, humilhado pelo poder da arte e da ciência. Pediu desculpas e veio reproduzindo, em sentido contrário, a peregrinação suburbana, dando pancada em todo o pessoal com quem antipatizava. E só de tardinha, esfalfado, suado, foi que achou de bom aviso pôr uma pedra em cima da questão.

Pois foi nesse tempo calamitoso que eu vim para Laginha, de morada, e fui tomando de tudo a devida nota.

O arraial era o mais monótono possível. Logo na chegada, ansioso por conversas à beira do fogo, desafios com viola, batuques e cavalhadas, procurei, procurei, e quebrei a foice. As noites, principalmente, impressionavam. Casas no escuro, rua deserta. Raro, o pataleio de um cavalo no cascalho. O responso pluralíssimo dos sapos. Um só latido, mágico, feito por muitos cachorros remotos. Grilos finfininhos e bezerros fonfonando. E pronto.

— Mas, gente, que é que vocês fazem de-noite?

— De noite, a gente lava os pés, come leite e dorme.

Agora, aos domingos, só aos domingos, gente como enchente. Cavalos, burros e ainda outros cavalos, amarrados em frente às casas — e aí foi que fiquei conhecendo o préstimo daqueles postes de guarantã ou de aroeira, cheios de argolas e plantados por toda a parte. Vinha povo extraído e exumado de tudo quanto era grota e biboca, num raio de légua e meia. Tocava o sino, reinava o divino. E, depois da missa, derramava-se pelas duas ruas a balbúrdia sarapintada das comadres, com o cortejo dos homens: olhando muito para as pontas das botinas, assim joão-gouveia-sapato-sem-meia, ou de meias e chinelos — mas só os que estavam de purgante.

Fastio. Há, neste mundo, muito tamanho de papo: pequi, pera, laranja, coco da Bahia. Um boi que tenha um chifre mais baixo que o outro é *bisco*, e o de cabeça negra com uma pinta branca na testa é *silveiro*. E os pretos vendem a vida pela festa do Congado, que, por sinal, leva três dias, mas exige ensaios que devem durar o ano inteiro.

Então foi que me mostraram o valentão Targino. Era magro, feio, de cara esverdeada. Usava botinas e meias, e ligas que prendiam as meias por cima dos canos das calças. E não ria, nunca. Era uma pessoa excedente. Não me interessou.

Agora, o Manuel Fulô, este, sim! Um sujeito pingadinho, quase menino — "pepino que encorujou desde pequeno" — cara de bobo de fazenda, do segundo tipo —; porque toda fazenda tem o seu bobo, que é, ou um velhote baixote, de barba rara no queixo, ou um eterno rapazola, meio surdo, gago, glabro e alvar. Mas gostava de fechar a cara e roncar voz, todo enfarruscado, para mostrar brabeza, e só por descuido sorria, um sorriso manhoso de dono de hotel. E, em suas feições de caburé insalubre, amigavam-se as marcas do sangue aimoré e do gálico herdado: cabelo preto, corrido, que boi lambeu; dentes de fio em meia-lua; malares pontudos; lobo da orelha aderente; testa curta, fugidia; olhinhos de viés e nariz peba, mongol.

Era de uma apócrifa e abundante família Véiga, de uma veiguíssima veigaria molambo-mazelenta, tribo de trapeiros fracassados, que se mexiam daqui p'r'ali, se queixando da lida e da vida: — "*Um maltírio*"... —; uns homens que trotavam léguas a bordo de uma égua magra, empilhados — um na garupa, um na sela, mais um meninote no arção —

para virem vender no arraial um cacho de banana-ouro, meio saco de polvilho pubo, ou uma pele de raposão.

Mas, com o Manuel Véiga — vulgo Manuel Flor, melhormente Mané Fulô, às vezes Mané das Moças, ou ainda, quando xingado, Mané-minha-égua, — outros eram os acontecimentos e definitiva a ojeriza: não trabalhava mesmo, de jeito nenhum, e gostaria de saber quem foi que inventou o trabalho, para poder tirar vingança. Por isso, ou por qualquer outro motivo, acostumei-me a tratá-lo de Manuel Fulô, que não deixava de ser uma boa variante.

Começou por falar-me de um irmão seu, que tinha uma galinha-d'angola domesticada e ensinada, que dormia debaixo do jirau. Não acreditei. Mas pessoas respeitáveis afiançaram o fato, ajuntando que, além da cocar mansinha, o rapaz conservava um rato enjaulado, pretendendo obter que ele e um gato de rajas se fizessem amigos de infância. Tive de pedir desculpas ao Manuel. E, aí, ficamos ótimos amigos. Mais o admirei, contudo, ao saber que ele era o único no arraial a comer cogumelos, com carne, à moda de quiabos. Não um urupê qualquer do mato, nem esses fungos de formato obsceno, nem as orelhas-de-pau, nem os chapéus-de-sol-de-sapo, nem os micetos que crescem na espuma seca dos regos de enxurrada, não senhor! Só o tortulho amarelo do chão das queimadas, "*champignon*" gostoso, o simpático carapicum. Provei. Exultei. E a nossa amizade cresceu.

O meu amigo gostava de moças, de cachaça, e de conversar fiado. Mas tinha a Beija-Flor. Ah, essa era mesmo um motivo! Uma besta ruana, de cruz preta no dorso, lisa, vistosa e lustrosa, sábia e mansa — mas só para o dono. Tinha apenas um defeito: era nhata; e as maxilas erradas impediam-na de tosar os talos, já rentes à terra, da última relva da seca, e não deixavam que ela rasoirasse os brotos do primeiro capim das águas. Mas tinha custado mais de conto de réis, num tempo em que os animais não valiam quase nada, e era o orgulho do Manuel Fulô. Mais do que isso, era o seu complemento: juntos, centaurizavam gloriosamente.

Aos domingos, Manuel Fulô era infalível: — Vim p'r'a missa... — dizia. Mas chegava sempre atrasado, com o povo saindo da igreja; e então corria, um por um, todos os botequins e bitáculas, reclamador, difícil, mal-encarado, importante. Gostava, principal e fatalmente, de afirmar que era filho natural do Nhô Peixoto, o maior negociante do arraial; e isso, depois da posse da Beija-Flor, constituía a razão da sua importância.

De tardinha, na hora de pegar a estrada, tocavam, tardos: ele, tonto qual jamais outro, perdia logo a perpendicularidade, e se abraçava ao pescoço da mula, que se extremava em cuidados e atenções. Se a barrigueira estava frouxa e o arreio meio caindo, Beija-Flor estacava e ficava muito quieta. Sabia também abrir porteiras — e era por causa dessa e de mais outras habilidades que Manuel Fulô conseguia chegar em casa. "Nem minha mãe não cuidava melhor de mim, assim!"...

Mas, quando era para se mostrar no comércio, antes dos descalabros alcoólicos, o meu amigo caprichava em forçar a andadura da burra, fornecendo-lhe pouca rédea e fazendo-a pedalar, garbosa, crânio alto, bate crina, como um cavalo de esquadrão.

— Quando eu entro no arraial, amontado na minha mulinha formosa, que custou conto e trezentos na baixa, todos ficam gemendo de raiva de inveja, mas falam baixinho uns p'ra os outros: — "Lá vem Mané Fulô, na sua Beija-Fulô, aferrada dos quatro pés e das mãos também!"...

— E você, Manuel?

— Tenho pena deles...

— E as moças?

— Não falo nisso. Começa em olho e acaba em honra... E negócio de honra é na faca!...

Pois bem, Manuel Fulô dera para visitar-me, mais que diariamente. E, como a Beija-Fulô depressa aprendia as coisas, assustei-me bastante, numa tarde em que ela veio escoucear minha porta, com o seu proprietário escornado em cima do arreio, na mais concreta abstração. Beija-Fulô queria entrar, por força, talvez para despejar o Manuel em cima de algum catre. Então, eu esvaziei um jarro d'água na cabeça do cavaleiro, e depois perguntei aonde ele pretendia ir. Perene e solene, respondeu:

— Eu?!... Eu: Tões, Militões, Canindéis, Maquinéis!

Loucura, porque nem nunca que ele havia de poder chegar à fazenda do Tão, nem na do Militão, pior ainda no Canindé, nem nunca que nunca no Maquiné, principalmente com a Beija-Fulô assim disposta a arrombar portas e ir embocando no domicílio de gente importante.

Ora pois, um dia, um meio-dia de mormaço e modorra, gritaram "Ó de casa!" e eu gritei "Ó de fora!", e aí foi que a história começou. Bom, fui ver. Era uma rapariguinha risonha e redonda, peituda como uma perdiz. Bonita mesmo, e diversa, com sua pele muito clara e os olhos cor de

chuchú. Pasmou parada, e virou pitanga, pois não contava decerto encontrar gente de cidade e gravata. Animei-a:

— Hã?

Então ela me disse que ia casar, e que por isso estava percorrendo o arraial, pedindo "adjutório". Dei, com prazer, o "adjutório", mas perguntei quem era o noivo. Era o Manuel!

— Fulô?

— Sim, senhor...

E lá se foi embora a noivinha ditosa, mais a dona idosa que a acompanhava. A bem dizer, eram cor de abóbora-d'água os seus olhos. Tinha até um respingo de sardas, eu vi.

— Com que, hein, seu Manuel Fulô, Mané das Moças, que vai casar!

Manuel Fulô viera ver-me, nessa mesma tarde, chamando-me de flor dos doutores e pedindo para beber cerveja p'ra eu pagar.

— Caso mesmo. É este sangue de Peixoto! Não tem outro jeito...

— Que você casa, já sei, e bem que podia, antes, ter-me participado. E você não é Peixoto, é Véiga, dos Véigas do São Thomé...

— Vou lhe contar, seu doutor: sou filho natural de Nhô Peixoto! O senhor não reparou que eu não sou branquelo nem perrengue como esses Véigas?... Meu pai é meu pai por cortesia, e eu respeito... Mas sou mesmo é Peixoto. Raça de gente braba! Eu cá sou assim: estou quieto, não bulo com ninguém... Mas, não venham mexer comigo! porque desfeita eu não levo p'ra casa, e p'ra desaforo grosso a minha Beija-Fulô não dá condução...

— Bom, Manuel Fulô Peixoto, sua noiva é bonita...

— Não caçoa, seu doutor. Isto eu sei que ela não é, por causa que eu ainda não estou cego. Mas, sacudidona, boazinha e trabalhadeira, ela é... O senhor não acha?

— Acho. Bem, Manuel, vamos tomar cerveja, para festejar o noivado!

Preferi fôssemos para a venda, porque sabia que Manuel Fulô gostava de exibir a nossa amizade. E, mal nos sentamos nas cadeiras dobradiças, fui perguntando:

— Me conta, Manuel, você gosta mesmo dela?

— Amo! Isso, lá, amo mesmo, seu doutor...

— Faz bem, Manuel, faz bem...

Então nos desolhamos, e pegamos a pensar, cada um para o seu lado, até que Manuel suspirou e explicou:

— É o jeito. Eu só queria treis coisas só: ter uma sela mexicana, p'ra arrear a Beija-Fulô... E ser boticário ou chefe de trem-de-ferro, fardado de boné! Mas isso mesmo é que ainda é mais impossível... A pois, estando vendo que não arranjo nem trem-de-ferro, nem farmácia, nem a sela, me caso... Me caso! seu doutor...

E Manuel Fulô babou cerveja queixo abaixo, mas seus olhos ficaram sérios.

— Mas você não gosta da moça, Manuel Fulô?

— Gosto sim. Já estamos criando amor. Ela é boazinha... Pobre como eu... Mas eu queria uma sela mexicana, um arreio de gaúcho, graúdo, com bordados no couro dos estribos, com topete adiante e cabide de prego p'ra o laço, no santantônio... Aí é que era! Aí é que era, seu doutorzinho meu amigo!...

— Chega de beber, Manuel Fulô Peixoto meu amigo...

— Eu cá não estou bêb'do *nenhuns-nada*! Estou é com raiva. Sangue de Peixoto não é brinquedo, esquenta atôa, atôa... Estou com ódio não é por mim, é por causa da minha Beija-Fulô...

— Boa mula...

— Boa?! Uma santa de beleza de besta é que ela é!... Aquilo nem dorme... Nunca vi a Beija-Fulô deitada, por Deus do céu!... Montaria assim supimpa, assim desse jeito, nunca me disseram que houve... E olha que isso de animal é minha comida: entendo disso direito, sei puxar uma matéria!

— Claro que você sabe, Manuel Fulô...

— E sei mesmo! Então, p'ra que foi que eu havia de andar dois anos amadrinhado com os ciganos, acompanhando aquele povo p'ra baixo e p'ra riba? Então?!...

— Você viveu com os ciganos, Manuel Fulô? Me conta como foi que foi...

— Foi por causa que eu estava sem gosto p'ra caçar serviço bruto, naquele tempo... Garrei a maginar: o que eu nasci mesmo p'ra saber fazer é negócio de negociar com animal. Mas eu queria ser o melhor de todos... E quem é que é mestre nessa mexida? Não é cigano? Pois então eu quis viajar no meio da ciganada, por amor de aprender as mamparras lá deles. Me ajustei com um bando...

— Boa vida, Manuel?

— Assim-assim... Que me importa!? Eu só queria era estudar as tretas todas dos *calões*... Dormia em barraca, comia quase que só repolho com cebola e carne de cabrito cozida... E tomei assunto, ligeiro, de um ror de coisas na língua disgramada que eles falam... Mas olha aqui: sou besta?... Fazia mas era de conta que não entendia nada! Ficava marombando... P'ra negócio de consertar fundo de tacho e de gramar no cabo do martelo p'ra fazer caldeirão, não vê que eu dava confiança!... Mas, opa! Que beleza de gente p'ra ser esperta!...

— Roubavam muito cavalo, heim?

— Ah, isso era só ter jeito de roubar, que estava roubado mesmo! E, ao depois, trabalhavam com os animais, p'ra botar eles bonitos, que nem cavalgadura de lei... Até pintar, p'ra ficar de cor diferente, eles pintavam... Muita vez nem o dono não era capaz de arreconhecer o bicho!... Pegavam num pangaré pelado, mexiam com ele daqui p'r'ali, repassavam, acertavam no freio, e depois era só chegar p'ra o *ganjão* e passar a perna nele, na barganha... E volta boa, em dinheiro, porque cigano só faz baldroca recebendo volta... Senão, também, como é que eles haviam de poder viver? Como é?!...

...Eles gostavam muito de mim, porque pensavam que eu era bobo de deveras... Mesmo, por fim, por eu dar jeito assim de bobo, eles mandavam que eu fosse negociar os animais com os pessoais... E falavam comigo em antes: "Tu pode conversar o que quiser, mas não deixa eles te empulharem, e só aceita negócio a troco da besta preta do padeiro, com volta de cem, ou por aquele cavalo bragado da mulher do homem do beco, com volta de sessentão..."

...Ô beleza!... Eu saía com a cavalhada, e era que nem artista de circo-de-cavalinho! Primeiro, fazia bonito na rua, repassando... Aquilo, eu caprichava comigo: p'ra animal murzelo, eu punha roupa preta, p'ra malhado, paletó d'uma cor, calça doutra... E fazia um negocião, porque todo o mundo pensavam que estavam me cinzando...

— E você gostou de alguma ciganinha, Manuel?

— É baixo! Não vê! Negócio é só negócio. E eu estava ali era feito menino de escola, só p'ra mór de aprender. Quando vi que tinha sabido tudo, vim membora... Bem que eles pediram p'ra eu ficar. Mas eu lá precisava mais de ciganada velhaca?!... Uma osga! P'r'aqui mais p'r'aqui que eu fiquei!... (E Manuel Fulô toca os cotovelos.)

...Já entendia de tudo quanto era manha de lidar com cavalo. Batia a mão num bicho de anca chata, cesto-de-urso, cambeta, de galope desunido, rasga-tapete, baixo de quartela, transcurvo ou boletado... Revirava com ele, fazia ele comer bastante milho, dava sal com enxofre, dava arsênico, dava outras coisas, que depois se o senhor quiser aprender eu lhe conto... Ajeitava um freio de-propósito, com bridão ou bocal de ferro, sojigando ou afrouxando a barbela, aconforme os casos... Acostumava o bruto, e aquilo ele ficava prontinho uma montada luxenta, de ginete, manteúdo p'ra troca, de galope espertado, batido do lado esquerdo... Só vendo!

...P'ra conhecer, então, não tinha mais ninguém p'ra poder comigo: era só deixar eu empurrar a mão fechada no peito de um macho, p'ra eu ir gritando: — Passa p'ra cá, que este é dos meus!...

...Ou então, indas que ele fosse vistoso e sacudido, de estampa: — Arrenego, que não presta! Não presta nem p'ra puxar pedra, por causa que é aberto de frente!...

...Passava o dedo na boca aberta de outra azêmula, e já sabia: — Barra com calo... queixudo... Aparta esse p'ra lá, que nem de graça que ele não serve p'ra mim não!...

...Agora, canjica, niquento, debruçado ou ajoelhado, pesado de frente que nem jumento, isso então era coisa corriqueira: eu chamava nas truvancas, e, em menos de uma semana, punha o tal num preceito, que quando saía comigo p'r'a rua o diabo vinha rebolando, todo repinicado, pegando andorinha no ar!

...Quando eu larguei a ciganagem, vim p'r'aqui p'r'o arraial, negociar por minha conta. Aí foi que eu ganhei um dinheirão! Merenguém bonito...

— Lesando os outros, Manuel?

— Não vê! A modo e coisa que, p'ra se fazer tratantagem, só mesmo quando a gente é andejo, porque não para em lugar nenhum, e, quando o crente dá fé de que levou manta, a gente já está longe, e custa muito p'ra voltar. Aí, enquanto isso, é o tempinho certo do tal-um esfriar a raiva, mas ficar querendo cobrar o logro... E, quando a gente volta, o freguês quer porque quer fazer outra berganha, p'ra tirar a forra... E aí a gente torna a jogar cinza nos olhos dele outra vez...

...Mas, morando aqui de sempre, eu não podia fazer esperteza, tinha de negociar direito... Ah, mas, também, isso eu garanto: p'ra ser honesto e honrado feito eu naquele tempo, não teve outro! Não havia!...

— Mas, Manuel, por que foi então que você deixou esse ramo?

— Ah, pois aí é que está! Isso mesmo é que eu ia condizendo... Foi tudo por causa do raio de uma bestagem que eu fiz... Calcule o senhor que, de vez em quando, eu pegava a pensar e tinha uma raiva danada dos ciganos terem me abusado, achando que eu era coió... E eu nunca fiquei por baixo! Não deixo rasto mal firmado! Tou de calça até dormindo!

...Cada vez, cada mês, a minha raiva era mais muita, e então eu arresolvi amostrar p'ra eles o quê que é gente que tem sangue de Peixoto! Imaginei, imaginei, e daí cacei dois sujeitinhos ordinários de cavalos, que eram mesmo o restolho da porcaria maior de tudo quanto é cavalo ruim que não presta...

— Que dois eram esses, Manuel?

— Um se chamava Furta-Moça. Só mesmo por graça, que nem velha coroca ele não era gente p'ra furtar! Era um alazão sopa-de-leite, com uma perna torta de defeito de nascença... Gázeo, remelento, que nem negro-aço, que não podia abrir os olhos p'r'a banda do sol... Sem-andar, manco, tirador de cabresto... Tinha p'ra mais de uns vinte anos de idade... E *estirava*, quando a gente prendia o tal na estaca...

...O outro ainda era ainda mais pior, porque era doido, mesmo, doido feito gente doida! Estava com as canelas que eram isto, de sobrecanas... Se a gente punha o pobre num galope, era *só alcançando*, *arregaçando* ou *arrastando os pés*... No picado, *arpejava e acalentava*... Na andadura, era aquela feieza: *interrompia* o andar, com a gente escutando quatro batidas em vez de duas, em cada passada... Pois aquela sombração era um baio-lavado, chamado Ventarola... Cabeça chata... Até de travagem ele estava, e não podia mastigar!...

— Tanta coisa junta, Manuel?

— Verdade pura! Rico de rabo é que ele era, seu doutor!

— E, então...

— Então eu pus um perto do outro, e dei risada: pois há-de ser mesmo com estes mais mambembes que eu vou tochar uma certa naquela cambada!... Isso foi que eu falei sozinho, p'ra eu mesmo sozinho escutar e ficar ainda mais enjerizado com os ciganos. Porque, só de pensar em cigano, eu ficava tinindo de tiririca!...

...Foi uma campanha! Levei quase treis meses. Mas caprichei, porque eu estava todo determinado p'ra etcétera... E como eu sou mesmo opiniúdo, e quando entesto de fazer alguma coisa faço mesmo, nem comia nem dormia direito, só inventando outras papiatas p'ra compor com a minha

junta de mulas-sem-cabeças de tirar vingança de cigano... Passei banha de jiboia no aleijão da perna do Furta-Moça, trabalhei de dentista, p'r'amór de retocar os dentes dos dois... Pelejei, pelejei!... Pintando de preto, só um pouco, ao redor dos olhos, Furta-Moça aguentava o sol... E, p'ra andar, eu ensinei postiço, que nem com bicho de circo: eu estando perto, e sendo curtas distâncias, eles faziam força e caminhavam correto... Quando queriam voltar outra vez p'r'as suas desordens, eu assobiava, e tornavam a tomar jeito de gente, com medo de entrar no couro, que se não eu chegava mesmo o pau! E eles concordaram com a minha regra, e cruzaram trato comigo, de andar direito o principiado dos minutos, eu acho que por causa que eles tinham bom coração...

...Eu sabia que na Semana-Santa os tais tinham de vir no arraial. E vieram mesmo. Mas aí Ventarola e Furta-Moça já estavam no ponto. Limpei as orelhas, tosei direito, escovei, lavei, pus bom freio, fantasiei a visagem deles... Fiz tudo!...

...A derradeira coisa, que eu aprontei, foi fazer — Deus que me perdoe sendo maldade — foi fazer um machucado nos beiços do Ventarola, porque, quando eles vissem que o pobre não podia comer direito, pensavam que era por via daquilo, e não iam espiar o céu-da-boca, p'ra mór de descobrir a travagem, não... E, aí então, chegou o dia!

...Tinha muita gente no largo de em frente da igreja, quando eu vim com os animais, no sábado-de-aleluia, de manhã. Vim passando, amontado no Furta-Moça, com Ventarola adestro, e fiz de conta que não sabia de nada de cigano ali, e que nem não estava campeando negócio. Mas seu Pachencho, que tinha sido meu patrão cigano, foi me vendo e esgoelando:

— "Eh, ganjão! Esses *granéis* são seus? Quer bater uma baldroca?"...

— Deus me livre, chefe! — arrespondi. — Tenho medo de levar manta... P'ra eu ficar molhando minhas costas, é? Eu não... Eu é que sei do meu respeito!

...Mas, aí por aí, o Cuntrino, um outro disgramado de cigano sem-vergonha, já estava examinando o Ventarola, e gritando:

— "Deixa de doença, amigo! Você não é nenhum *ganjão*... Você é mas é patrício, *calão* como nós... Vamos barganhar esses *gráis*!"... — Gráis é cavalo...

— Eu sei. E depois?

— Depois, então, eu fui deixando... Eles estudaram tudo, olharam, cheiraram, cansaram de olhar, montaram, desamontaram, tornaram a

olhar, apalpando, passando a unha, abrindo a boca dos dois égua-velhas, puxando pelas cambas do freio, fazendo andarem de-fasto, tudo...

...Aí, tinha chegado também o Bertolameu, outro lá deles, que ficou espiando de longe, porque tem uns defeitos de cavalo que só mesmo de longe é que a gente pode ver... E aí foi que eu fiquei com uma despesa no estômago, porque eu estava cansado de saber que: um cigano sozinho, mesmo estando com os olhos fechados, já acerta com a metade dos defeitos de um animal; dois ciganos, juntos, são capazes de adivinhar o que é que o bicho comeu e está dentro da barriga dele; mas, treis ciganos, então, seu doutor, eles falam p'ra o senhor até qual é que foi o nome da égua mãe...

...E o Bertolameu juntou com seu Pachencho mais com o Cuntrino, e futricaram, um tempo todo, falando depressa na língua atrapalhada lá deles. Depois, vieram p'ra mim, e me ofereceram dois cavalinhos: um pica-pau assim héctico, tordilho, e um matungo ruço, passarinheiro e de duas crinas...

...Eu fui vendo logo que os animais deles não prestavam. O matungo, p'ra se deitar, ajoelhava que nem vaca, e a modo e coisa que era cego de um olho. Mas eu entendi que ele não era cego *nenhuns-nada*: era uma pelinha que tinha crescido tapando a vista — que, até, depois, seu Raymundo boticário tirou p'ra mim... O pica-pau parecia que não ia durar mais muito tempo vivo... Tinha sinal de duas sangraduras... Mau, mau! Mas depois eu farejei que o que ele precisava era só de descanso, porque os ciganos tinham viajado demais naqueles dois meses, e tinham vindo tocando muito ligeiro e maltratando a tropa deles, p'ra poderem chegar no arraial na Semana-Santa... Isso eu vi, porque as ferraduras dos cavalos estavam todas gastadas, e os cascos dos desferrados estavam desiguais de roídos, também...

...E tinham mais outros desmandos, mas eram muito mais p'ra o desconto do que os defeitos da parelha minha... Por isso eu fiz cara de quem não estava conhecendo as miserinhas dos deles... Ah, porque eu tinha de fazer de capim, p'ra comer o burro!... E até peguei a gabar: — Êta! Bonitinhos eles são... Mas, dinheiro p'ra volta é que eu não tenho, e até estou triste por não ter!...

...Aí, eles riram um p'ra o outro, e eu cá quieto, fazendo de conta que não estava vendo... Queriam-porque-queriam que eu chegasse vinte mil-réis. Mas eu sabia que cigano tem uma esganação medonha, mesmo que

doença, p’ra baldrocar cavalos, e fiz fincapé, suspirando, mentindo que nem um botão de calça eu não podia voltar. Ai, seu doutor meu amigo, a cacunda do bobo é o poleiro do esperto!... Eles tinham que dar o beiço e cair o cacho!... E eu fiquei mesmando...

...Por fim, quando eu relanceei que eles já estavam meio querendo me aceitar, entrei de zápede, espadilha e treis: — Bom, mas vocês têm de me voltar dez’tões de lambujem, que é p’ra uma cachacinha, porque o dinheiro aqui na minha terra anda vasqueiro...

...Mentira pura! Eu queria volta era só por a-mór de desonrar a raça toda de ciganos, p’ra uma vez!...

...Seu Pachencho fechou a cara, mas o tal Cuntrino veio comigo:

— “Dez’tões é nada... Eu dou...”

...Ai, meu pai! Não sei como é que eu não morri de alegria naquela hora!... Foi só a gente fechar o negócio, e eu peguei a dar viva, gritando que tinha embrulhado os ciganos, e chamando o povo p’ra escutar, e o povo querendo saber por quê, e eu mostrando os defeitos todos que eles não tinham sido gente p’ra descobrir! E até deitei no chão, com os pés p’ra cima, e gritei:

— *Rach’ ou parta ô melodência!*, que por mim o mundo agora já pode se acabar!...

— E os ciganos, Manuel?

— Ficaram danados, eles, e me rogaram muita praga, e até queriam desmanchar a troca. Mas aí eu me alembrei do sangue que tenho, e falei minhas ordens. Mostrei só o biquinho da garrucha e dei um eco neles: — *Ti-ó-frade, Tió-fro!...* Fiquem sabendo que eu sou filho natural de Nhô Peixoto, e, já, já, vocês têm que desaparecer esses cavalos daqui!...

...E eles não fizeram nada, e foram-s’embora, porque, em qualquer parte em que cigano briga, seja lá com quem for, o povo todo do lugar se ajunta e todo o mundo aproveita p’ra dar pancada neles... Até eu não acho que seja direito...

...Mas, ôi, diabo! Até hoje eu ainda gosto mais de me alembrar disso do que de comer doce!...

— Foi bonito, Manuel...

— Pois não foi? Eu acho que a gente deve de fazer umas coisas assim, p’ra se consolar, mais tarde, com qualquer tristeza que tiver...

— Mais cerveja, Manuel?

— Eu cá nunca enjeito, seu doutor. Mas, lhe conto: o ruim foi depois: ninguém não queria fazer mais negócio comigo... Perdi a freguesia... E, eles, era ingratidão, porque eu nunca tinha feito velhacaria nenhuma com pessoa nenhuma do arraial. Não carrego rabo de palha... Mas, que-o-quê! Eles diziam: — "Qual, com você, não. Nunca mais! Sai p'ra lá, você embroma até cigano"...

...De formas que foi só por via disso mesmo que eu não fiquei rico, e que agora estou me coçando com um dedo só. E isso de se querer fazer bonito, seu doutor, é a pior coisa que tem. Nunca que dá certo!... Basta só usar penacho uma vez, p'ra uma pessoa se emporcalhar toda ao despois. Um coice mal dado chega p'ra desmanchar a igrejinha da gente...

— Razão você tem, Manuel Fulô... Mas, vê se bebe mais devagar...

— Não estou bêb'do, nada. Estou é com raiva, já falei! Fico que não posso, de jeriza, quando magino que o Toniquinho das Pedras tem uma sela mexicana boa, encostada, porque ele não tem cavalo nenhum, nem besta!... Podia me vender aquela, barato, porque ele não precisa de arreio... Precisa algum? Só se for p'ra botar nas costas dele-lá-mesmo...! Mas não vende, nem por nada, e eu já peguei qual é a manha dele: é porque ele quer apanhar a minha Beija-Fulô! Desaforo!... Não pega a minha mulinha, nem a troco de uma mina de brilhante!... Nem se ela, Deus a livre guarde, morresse, o que não é bom falar, eu nem o couro não havia de vender p'r'aquele judeu!...

— Sossega, Manuel.

— Tenho ódio dele, tenho mesmo! É um sujeito sem préstimo, sem aquela-coisa na cara... É o pior pedreiro do arraial, não sabe nem plantar uma parede. Só sabe é fazer feitiço, vender garrafada de raiz do mato, e rezar reza brava. Tem partes com o porco-sujo... Não presta! Gente assim não devia de ter!...

— Mas tem muita, Manuelzinho Fulô.

— Não brinca, seu doutor! O senhor também devia mas é me ajudar a ter ódio do cachorro do Toniquinho das Águas... Ele vive desencaminhando o povo de ir se consultar com o senhor. Dizendo que o doutor-médico não cura nada, que ele sara os outros muito mais em-conta, baratinho... Ele quer plantar mato na sua roça e frigir ovo no seu fogão! O senhor não vê? Ele não faz receita no papel, só porque não conhece os símplices, e acho que não sabe escrever, e isso que nem o boticário não aviava nenhuns-nada... Mas benze, trata de tudo, e aconselha que a gente

não deve de tomar remédio de botica, que deve de tomar é só *cordial*... Qualquer dia ele arruma uma coisa-feita, p'ra modo de fazer o senhor ir-s'embora daqui...

— Feitiço em mim não pega, Manuel...

— É, mas o senhor devia era de fazer medo nele, falando em mandar vir um tenente com os soldados, se ele não parar com esses embondos de feitiço, e se não quiser vender a sela mexicana p'ra mim!... O senhor porque é bom demais, e não vê que ele está mas é roubando o de-comer de seus filhos...

— Mas eu não tenho filhos, Manuel!

— Ara, que ideia! Não tem, mas podia ter, e é a mesma coisa que ter!... Não tem mas vai ter!... E, olha aqui, seu doutor, falando sério, o senhor agora vai me responder uma pergunta: se uma pessoa tem uma sela guardada, sem serventia... E outra pessoa tem uma besta de-primeira, mas mesmo, de que não há outra igual, manteúda e talentosa, andadeira e esperta que nem gente... E se o que tem a sela quer comprar a mula, e o da mula quer comprar a sela, e ainda por riba falou primeiro no negócio... Quem é que o senhor acha que deve de ter direito? Não é o da besta, o da Beija-Fulô?!...

— Mas, Manuel...

— Pois 'tá'í!... Qualquer um vê logo que eu estou com o certo. Mas o tralha não tem crisma, só senta perto do cacifre... E eu até fico com medo, porque a sela, com tanto tempo que passa, pode querer se estragar. E já pensei também que ele, sabendo que gente dos Peixotos é gente mesmo opiniúda, e que eu não vendo — nã-o ven-do! —, que ele queira pôr algum quebranto na minha Beija-Fulozinha, benza-a Deus!

— Benza-a Deus, Manuel!

— É, mas se ele fizer algum caborje, morre no meu pinguelo! Seis tiros!...

— Chega de beber, Manuel Fulô. Você já está ficando vesgo.

— Bom, vamos mesmo parar, que a despesa já está alta, com tanta garrafa aberta... Só queria lhe explicar ainda, seu doutor, que, eu...

E Manuel Fulô desceu cachoeira, narrando alicantinas, praga e ponto e ponto e praga, até que... Até que assomou à porta da venda — feio como um defunto vivo, gasturento como faca em nervo, esfriante como um sapo — Sua Excelência o Valentão dos Valentões, Targino e Tal. E foi então que de fato a história começou.

O tigrão derreou o ombro esquerdo, limpou os pés, e riscou reto para nós, com o ar de um criado que vem entregar qualquer coisa.

Manuel Fulô se escorregara para a beira da cadeira, meio querendo se levantar, meio curvado em mesura, visivelmente desorganizado. E eu me imobilizei, bastante digno mas com um susto por dentro, porque o ricto do fulano era mau mesmo mau.

Manuel Fulô nem esperou que o outro chegasse perto; foi cantando:

— Boa noite, seu Targino, com'passou?

— ...noite!... noite, seu doutor...

E eu impei, com o tom respeitoso e com a completa tirada de chapéu. Mas o homem foi lacônico:

— Mané Fulô, tenho um particular, com licença de seu doutor...

Pura formalidade, a convocação: Targino falou alto, ali à porta da venda, a três passos da minha pessoa. Manuel Fulô tremia nas pernas, e eu ouvi tudo. Peremptório e horrível:

— Escuta, Mané Fulô: a coisa é que eu gostei da das Dor, e venho visitar sua noiva, amanhã... Já mandei recado, avisando a ela... É um dia só, depois vocês podem se casar... Se você ficar quieto, não te faço nada... Se não... — E Targino, com o indicador da mão direita, deu um tiro mímico no meu pobre amigo, rindo, rindo, com a gelidez de um carrasco mandchú. Então, sem mais cortesias, virou-se e foi-se.

Eu perdi o peso do corpo, e estava frio. Me mexia todo, sem querer. Manuel Fulô oscilou para o balcão, mas não pôde segurar o copo; passou a mão no suor da testa:

— Eu... eu... eu...

Aí eu vi que já se ajuntara gente, todos falando por metades só:

— Coitado do Mané... Coitadinha dessa moça... Coitado do Mané Fulô...

Peguei-lhe do braço. Arrastei-o.

A rua já estava escura, e tropeçávamos na buraqueira. Subiu do chão, solerte, uma cabrita alvacenta. E, se o Manuel quisesse falar, cortava a língua, porque os seus dentes se mastigavam sem pausa.

Pus o amigo para dentro da minha casa:

— Você dorme aqui, Manuel. Eu vou agir...

Mas o infeliz, desmesurando os olhos, e numa vozinha aflita, que vinha de lá de mais baixo do que a cachaça, do que o gálico, do que a taba — voz que vinha de tempo fundo — suplicou:

— Não faz nada não, seu doutor... Ele é o demônio... Não respeita nada e não tem medo de ninguém...
— Mas, Manuel! É até uma vergonha você dizer isso...
— Eu... Eu?
— Não fazer nada seria uma infâmia... Temos de defender a das Dor! Há momentos em que qualquer um é obrigado a ser herói...
— Uma osga!
— E o amor, Manuel? Ela é a tua noiva! Esta história...
— Que história, que mané-história! O senhor está é caçoando comigo...
— Não, porque...
— Porque-isquê!
— A minha...
— Que-inha?
— Cala a boca!
— Que-ôca?
— Manuel, se você não dominar um pouco essa bebedeira, eu jogo um josé na rua!... Ah, melhorou, não é? Precisamos de pensar... Por que você não vai pedir proteção ao Nhô Peixoto?
— Ele é pirrônico... Não amarro cavalo com ele...
— Bem, mas se o sangue de Peixoto é bom mesmo para ferver, você vai preparar as armas, para enfrentar o Targino amanhã, na hora da baderna, não vai?
— Pois será que nem o senhor não é mais meu amigo? Está querendo ver a minha morte? Qualquer um outro eu escorava mesmo, mas o senhor não sabe que esse Targino é o valentão?!...
— Bom, Manuel Fulô, não iremos pela força... Mas, você, que logrou até os ciganos, vai me ajudar agora a inventar um estratagema, um modo de fintarmos o Targino?
Manuel Fulô abriu um riso feio — avançando os dentes amarelos e grandes, como fieiras de grãos numa espiga de milho — tal e qual um cavalo; depois disse:
— Ah, não tem jeito... Não tem prazo, seu doutor! Assim, de hoje p'r'amanhã, não adianta... Mal-e-mal eu estou podendo pensar o trivial...
Face ao inajeitável, me alvitrei que o melhor seria reforçar a anestesia, dar-lhe mais bebida. E dei.
Bebeu, arrotou, e suplicou:
— O senhor não esquece de mandar cuidar da minha Beija-Fulô?

— Oh, Manuel! Você gosta mais é da das Dor ou da Beija-Fulô?

— Me desculpe, seu doutor, mas isto é pergunta que se faça? Gosto das duas por igual, mas primeiro da das Dor!...

E dormiu.

De manhã, acordei cedo. Manuel Fulô curtia o epílogo da cachaceira. Fui providenciar.

Quando ia saindo, encontrei o meu amigo Vicente Sorrente sapateiro, com olhos amplos, me avisando:

— Não faça isso, doutor. Mande o Manuel embora. O Targino pode pensar que o senhor esteja se metendo...

Até chegar à casa do Coronel Melguério, ouvi, mais ou menos, essas mesmas palavras, umas quinze vezes. Porque a rua estava cheia dos habitantes de Laginha, assanhados que nem correição de saca-saia em véspera de mau tempo. Havia meses que o Targino não cometia alguma barbaridade, e forte era a sensação.

— Hoje é dia... É hoje!

O Coronel era boa pessoa, só que o chamavam de berda-Merguério. Ouviu, deu de ombros, e indeferiu:

— Se o senhor quiser, pode arranjar quem pegue o Targino à unha, que a autoridade aprova. Agora, gente p'ra isso é que não há por aqui... Ninguém não tem sopro p'ra esse homem...

Então, fui ao Vigário. O reverendo olhou para cima, com um jeito de virgem nua rojada à arena, e prometeu rezar; o que não recusei, porque: dinheiro, carinho e reza, nunca se despreza.

E, aí, eu comecei a temer por minha pele própria, e voltei, frouxo, aflito por que passasse o dia, tudo acabasse, e a gente pudesse ver o resto como ia ser. Manuel Fulô não tivera coragem de pôr o pé fora da porta. E a Veigaria toda, que, não sei como, tivera ciência do *ultimatum* e acorrera, enchia a minha morada.

Uma mulher Véiga se ajoelhou, de mãos postas:

— Não deixa acontecer nada com o Manezinho, que ele gosta muito do senhor!...

E um Véiga barbaçudo, com um pouquinho mais de reserva, explicou:

— Nós viemos aconselhar o Mané, p'ra ele não fazer nenhuma doideira... O senhor não acha que ele deve de entregar p'ra Deus e ficar quieto? A moça gosta dele... A gente esquece o que se deu, e eles casam...

Faz de conta que foi coisa que nem doença... É que nem a gente se casar com mulher viúva...

E aqueles parentes não viam que o Manuel estava mesmo o mais Véiga de todos, pedindo a Deus que o pusesse entrevado num momento, ou que abrisse o chão, em grota fofa, para ele se enfiar e afundar.

Mas, com a barafunda, não se sabia o que fazer, e mais, ainda, com tanta gente curiosa, querendo consulta ou fazendo visita, em hora tão matinal. E, logo, de cochicho em cochicho, formou-se uma corrente informativa:... o subdelegado saíra do arraial, de madrugadinha, para assunto urgente de capturar, a duas léguas do comércio, um ladrão de cavalos... Maria das Dores, na cafua, adoecera de pavor, e estava sozinha com a mãe, chamando pelo noivo... Targino ainda não saíra de casa.

— Quem sabe se ele não esqueceu ou desistiu?

— Ara, ara! Que esperança!

E, a que horas a Bela seria procurada pela Fera, não se podia saber.

Mas, de fato, cartas dadas, a história começa mesmo é aqui. Porque: era uma vez um pedreiro Antonico das Pedras ou Antonico das Águas, que tinha alma de pajé; e tinha também uma sela mexicana, encostada por falta de animal, e cobiçava ainda a Beija-Fulô, a qual, mesmo sendo nhata, custara um conto e trezentos, na baixa, e era o grande amor do meu amigo Manuel Fulô. Pois o Antônio curandeiro-feiticeiro, apesar de meu concorrente, lá me entrou de repente em casa, exigindo o Manuel Fulô a um canto — para assunto secretíssimo.

Nem eu pude ouvir. Isto é, escutava pouca coisa: Manuel Fulô dizia que não, gaguejava e relutava. E o outro falava pompeado, com grã viveza de gestos e calor para convencer.

O tempo passava. O povaréu falava, todo a uma vez, depois silenciava. Pesava demais a espera; e já era insuportável a situação.

Aí, de chofre, se abriu a porta do quarto-da-sala, onde os dois davam suas vozes, e o Antonico das Pedras surgiu, muito cínico e sacerdotal, requisitando agulha-e-linha, um prato fundo, cachaça e uma lata com brasas. E Manuel Fulô reapareceu também, muito mais amarelo do que antes, dizendo ao povo Véiga, funebremente:

— Podem entregar a minha Beija-Fulô p'ra o seu Toniquinho das Águas, que ela agora é dele...

Então eu me sobressaltei, e umas mulheres choramingaram, porque o dito equivalia a um perfeito legado testamentário. Mas os dois donos da

Beija-Fulô tornaram a fechar-se no quarto, com o prato fundo, as brasas, a agulha-e-linha e a cachaça, e ainda outros aviamentos.

Houve um parado de próxima tempestade. Uma voz fina rezou o credo. Correram, na rua. E alguém, esbofado, entrou:

— Fechem as portas e as janelas, que seu Targino já vem vindo, e vai passar mesmo por aqui por frente da casa!...

O povo se mexeu, como água em assoalho.

— Entra p'ra dentro, Tibitíu! — gritou-se.

— Aí vem o homem!... — gritaram.

E, nisso, abriram outra vez a porta do quarto-da-sala, e Manuel Fulô saiu primeiro. Surgiu como uma surpresa, transmudado, teso, sonambúlico. Abrimos caminho, e ele passou, para a rua. Ia do jeito com que os carneiros investem para a ponta da faca do matador. Vi-lhe um brilho estricto, nos olhos. E só depois que ele saiu foi que a Véiga mãe de todos os Véigas se desapalermou e pôde gritar:

— Me valei-me agora, minha Nossa Senhora!

E vi também o Antonico das Pedras, lampeiro e fagueiro, perguntando pela Beija-Fulô. Mas ninguém lhe deu atenção. Só perguntaram:

— O-quê que o senhor foi fazer com o meu irmão, seu Toniquinho?

— Fechei o corpo dele. Não careçam de ter medo, que para arma de fogo eu garanto!...

— Jesus! Targino mata o Manezinho... Não levou nem garrucha nem nada, o pobre!

— Corre atrás dele, gente! Seu Toniquinho botou meu filho doido!

Mas ninguém transpôs a porta. O Targino já aparecera lá adiante. Vinha lento, mas com passadas largas. E de certo se admirou de ver Manuel Fulô caminhar. Naquela hora, a rua, ancha e comprida, só estava cabendo os dois. E eu pensei no trem-de-ferro colhendo e triturando um bezerro, na passagem de um corte.

Pronto! A dez metros do inimigo, Manuel Fulô parou, e rompeu numa voz, que de tão enérgica eu desconhecia, gritando uma inconveniência acerca da mãe do valentão.

Targino puxou o revólver. Eu me desdebrucei um pouco da janela. Cruzaram-se os insultos:

— Arreda daí, piolho! Sujeito idiota!...

— Atira, cachorro, carantonho! Filho sem pai! Cedo será, que eu estou rezado fechado, e a tua hora já chegou!...

E só aí foi que o Manuel mexeu na cintura. Tirou a faquinha, uma quicé quase canivete, e cresceu. Targino parara, desconhecendo o adversário. Hesitava? Hesitou.

Eu tirei a cara da janela, e só ouvi as balas, que assoviaram, cinco vezes, rua a fora, de enfiada, com o zunido de arames esticados que se soltam.

E, quando espiei outra vez, vi exato: Targino, fixo, como um manequim, e Manuel Fulô pulando nele e o esfaqueando, pela altura do peito — tudo com rara elegância e suma precisão. Targino girou na perna esquerda, ceifando o ar com a direita; capotou; e desviveu, num átimo. Seu rosto guardou um ar de temor salutar.

— Conheceu, diabo, o que é raça de Peixoto?!

E eis que isso foi ingratidão, em vista da lealdade dos Véigas, que agora enchiam o pedaço de rua. Pouco sério, também, foi ele ter dado mais uma porção de facadas no defunto, num assomo de raiva supérflua. E ainda cuspia e pontapeava, sujando-se todo de sangue. Mas grande era a sua desculpa, já que não é coisa vulgar a gente topar com um valentão na estrada da guerra, e extingui-lo a ferro frio.

Manuel Fulô fez festa um mês inteiro, e até adiou, por via disso, o casamento, porque o padre teimou que não matrimoniava gente bêbeda. Eu fui o padrinho.

E o melhor foi que meu afilhado conservou o título, porque, pouco depois, um destacamento policial veio para Laginha, e desapareceram os cabras possantes, com vocação para o disputar. Mas Manuel Fulô ficou sendo um valentão manso e decorativo, como mantença da tradição e para a glória do arraial. Só, de vez em longe, quando conseguia burlar a vigilância da esposa, ingeria um excesso de meia garrafa da branquinha, pedia a Beija-Fulô emprestada ao Antonico das Pedras-Águas, e dava trabalho ao povo, bloqueando a rua Direita, galopando e disparando, para cima, tiros de mentira ou de verdade, e gritando, até adormecer, abraçado à tábua-do-pescoço da mula:

— Conheceu, gente, o que é sangue de Peixoto?!...

“— Lá vai! Lá vai! Lá vai!...
— Queremos ver... Queremos ver...
— Lá vai o boi Cala-a-Boca
fazendo a terra tremer!...”

(Coro do boi-bumbá.)

Conversa de bois

Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas. Mas, hoje-em-dia, agora, agorinha mesmo, aqui, aí, ali, e em toda parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo o mundo, por qualquer um filho de Deus?!

— Falam, sim senhor, falam!... — afirma o Manuel Timborna, das Porteirinhas, — filho do Timborna velho, pegador de passarinhos, e pai dessa infinidade de Timborninhas barrigudos, que arrastam calças compridas e simulam todos o mesmo tamanho, a mesma idade e o mesmo bom-parecer; — Manuel Timborna, que, em vez de caçar serviço para fazer, vive falando invenções só lá dele mesmo, coisas que as outras pessoas não sabem e nem querem escutar.

— Pode que seja, Timborna. Isso não é de hoje: ... “*Visa sub obscurum noctis pecudesque locutae. Infandum!...*” Mas, e os bois? Os bois também?...

— Ora, ora!... Esses é que são os mais!... Boi fala o tempo todo. Eu até posso contar um caso acontecido que se deu.

— Só se eu tiver licença de recontar diferente, enfeitado e acrescentado ponto e pouco...

— Feito! Eu acho que assim até fica mais merecido, que não seja.

E começou o caso, na encruzilhada da Ibiúva, logo após a cava do Mata-Quatro, onde, com a palhada de milho e o algodoal de pompons frouxos, se truncam as derradeiras roças da Fazenda dos Caetanos e o mato de terra ruim começa dos dois lados; ali, uma irara rolava e rodopiava, acabando

de tomar banho de sol e poeira — o primeiro dos quatro ou cinco que ela saracoteia cada manhã.

Seriam bem dez horas, e, de repente, começou a chegar — *nhein... nheinhein... renheinhein...* — do caminho da esquerda, a cantiga de um carro-de-bois.

O cachorrinho-do-mato, que agora lambia, uma a uma, as patinhas, entreparou. Solevou o focinho bigodudo e comprido, com os caninos de cima desbordando, e, de beiços cerrados, roncou o seu crepitar constante, ralado contra o céu-da-boca.

Mas o outro som foi aumentando, e o carro já estava muito perto.

Com um rabeio final, o papa-mel empoou-se e espoou-se nas costas, e andou à roda, muito ligeiro, porque é bem assim que fazem as iraras, para aclarar as ideias, quando apressa tomar qualquer resolução. Girou, corrupiou, pensou, acabou de pensar, e aí correu para a margem direita, sempre arrastando no solo os quartos traseiros, que pesam demais. E, urge, urge, antes de pegar toca, parou, e trouxe até à nuca, bem atrás de uma orelha, uma das patas de trás, para se coçar.

O rechinar, arranhento e fanhoso, enchia agora a estrada, estridente.

O bichinho mediu, com viva olhada, um arco de círculo, escolhendo o melhor esconderijo: ao pé do pé de farinha-seca, num emaranhado de curuás, balieiras e sangues-de-cristo. Com dois saltos e meio, e mais meia-volta, aninhou o corpo cor de hulha, demasiado indiscreto para a paisagem. Deixava apontar a cabeça e o pescoço, meio ruivos, mas as flores do curuá, em hissopes alaranjados, estavam camaradissimamente murchas, as folhas baixas da balieira eram rubras, e o resto a poeira fazia bistre, ocre, havana, siena, sujo e sépia. Somente os olhos poderosos de um gavião-pombo poderiam localizar a irarinha, e, mesmo assim, caso o gavião tivesse mergulhado o voo, em trajetória rasante.

Sim e mais, mascarava-se o perfume, sobrado de forte e coisa nenhuma agradável, inseparável do cãozinho silvestre: porque as frutas da trepadeira cheiravam maduramente a maçãs.

Por aí se vê que a irara era genial, às vezes; mas, no fundo, não passava de uma mulherzinha teimosa, sempre a suplicar: — Me deixem espiar um pouquinho, que depois eu vou-me embora...

Mal se amoitara, porém, e via surgir, na curva de trás da restinga, o menino guia, o Tiãozinho — um pedaço de gente, com a comprida vara no ombro, com o chapéu de palha furado, as calças arregaçadas, e a camisa

grossa de riscado, aberta no peito e excedendo atrás em fraldas esvoaçantes.

Vinha triste, mas batia ligeiro as alpercatinhas, porque, a dois palmos da sua cabeça, avançavam os belfos babosos dos bois da guia — Buscapé, bi-amarelo, desdescendo entre mãos a grossa barbela plissada, e Namorado, caracú sapiranga, castanho vinagre tocado a vermelho — que, a cada momento, armavam modo de querer chifrar e pisar.

Segue-seguindo, a ativa junta do pé-da-guia: Capitão, salmilhado, mais em branco que em amarelo, dando a direita a Brabagato, mirim-malhado de branco e de preto: meio chitado, meio chumbado, assim cardim. Ambos maiores do que os da junta da guia.

Passo após, a junta, mestra, do pé-do-coice: Dansador, todo branco, zebuno cambraia, fazendo o cavalheiro; e, servindo-lhe de dama, Brilhante, de pelagem braúna, retinto, liso, concolor. Ainda maiores do que os seus dianteiros da contra-guia.

E, atrás — ladeando o cabeçalho — conformes, enormes, tão tamanhões o quanto bois podem ser, os sisudos sócios da junta do coice: Realejo, laranjo-botineiro, com polainas lã de brancas, e Canindé, bochechudo, de chifres semilunares, e, na cor, jaguanês.

Escangalhando o chão com as cintas ferradas das rodeiras, gemendo no eixo a sua cantilena, rolava, por último, a bárbara viatura, arrastada aos solavancos. E a irara virava a carinha para todas as bandas, tão séria e moça e graciosa, que se fosse mulher só se chamaria Risoleta.

Mas, aí, o carreiro, o Agenor Soronho, homenzão ruivo, de mãos sardentas, muito mal-encarado, passou rente ao papa-mel, que estremeceu, ao ver-se ao alcance do ferrão temperado da vara de carrear. Felizmente, o carro chiava e guinchava como nunca. Porque a cachorrinha-do-mato é sestrosa e não pode parar um instante de rosnear; e, além disso, estava como que hipnotizada, pela contemplação do bicho-homem e pelos estalidos chlape-chlape das alpercatas de couro cru.

Distanciava-se a complicada caravana. Então, a irara Risoleta fez o cálculo do tempo de que dispunha. Olhou para cima, espiou para o caminho da direita, a ver se também dali não surgia alguma coisa digna de observar-se, e, depois, numa coragem, correu empós a comitiva, vai que avançando espevitada, vem que desenxabida recuando, sumindo-se nas moitas, indo até lá adiante, namorar o guieiro, mas gostando maismente de se emparelhar com o churrião; não podia, nem jeito, admitir que os

grandes buracos das rodas fossem os *óculos* de tirar barro, de dar passagem à lama nos atoladiços: eram, isso sim, ótimas janelas, por onde uma irara espreitar.

Maneira seja, pôde instruir-se de tudo, bem e bem. E, tempo mais tarde, quando Manuel Timborna a apanhou, — Manuel Timborna dormia à sombra do jatobá, e o bichinho veio bisbilhotar, de demasiado perto, acerca do bentinho azul que ele usa no pescoço, — ela só pôde recobrar a liberdade a troco da minuciosa narração.

Como aquele trecho da estrada fosse largo e nivelado, todos iam descuidosos, em sóbria satisfação: Agenor Soronho chupando o cigarro de palha; o carro com petulância, arengando; a poeira dansando no ar, entre as patas dos bois, entre as rodas do carro e em volta da altura e da feiura do Soronho; e os oito bovinos, sempre abanando as caudas para espantar a mosquitada, cabeceantes, remoendo e tresmoendo o capim comido de-manhã.

Só Tiãozinho era quem ia triste. Puxando a vanguarda, fungando o fio duplo que lhe escorria das narinas, e dando a direção e tenteando os bois.

E, por tudo assim sem história, caminharam um quilômetro ou mais.

Começou, porém, a esquentar fora de conta. Nem uma nuvem no céu, para adoçar o sol, que era, com pouco maio, quase um sol de setembro em começo: despalpebrado, em relevo, vermelho e fumegante.

Então, Brilhante — junta do contra-coice, lado direito — coçou calor, e aí teve certeza da sua própria existência. Fez descer à pança a última bola de massa verde, sempre vezes repassada, ampliou as ventas, e tugiu:

“Boi... Boi... Boi...”

Mas os outros não respondem: continuam a vassourar com as caudas e a projetar de um para o outro lado as mandíbulas, rilhando molares em muito bons atritos.

Dando-se que Brilhante fala dormindo, repisonga e se repete, em sonho de boi infeliz. Assim por assim, o pelame preto compacto põe-no por baixas vantagens, qual e tal, em quente de verão, comborço que envergasse fraque, entre povos no linho e brim branco. Que por isso, ele querer toda vez, no pasto, a sombra das árvores, à borda da mata, zona perigosa, onde mil muruanhas — tavãs e tavoas — tão moscas, voejam, campeando o mole e quente em que desovar. Também que lá, medo ao veneno, a gente tem de pastar com completa cautela: Tubarão, irmão de Brilhante e seu antigo par de junta, morreu, faz mês e meio, ervado de timbó. Coisando

por tristes lembranças, decerto, bem faz que Brilhante já carregue luto de-sempre. Mas, perpetuamente às voltas com bernes, bichos, carrapichos, e morcegos, rodoleiros, bicheiras, só no avesso da vida, boas maneiras ele não pode ter.

Todavia, ninguém boi tem culpa de tanta má-sorte, e lá vai ele tirando, afrontado pela soalheira, com o frontispício abaixado, meio guilhotinado pela canga-de-cabeçada, gangorrando no cós da brocha de couro retorcido, que lhe corta em duas a barbela; pesando de-quina contra as mossas e os dentes dos canzís biselados; batendo os vazios; arfando ao ritmo do costelame, que se abre e fecha como um fole; e com o focinho, glabro, largo e engraxado, vazando baba e pingando gotas de suor. Rebufa e sopra:

"Nós somos bois... Bois-de-carro... Os outros, que vêm em manadas, para ficarem um tempo-das-águas pastando na invernada, sem trabalhar, só vivendo e pastando, e vão-se embora para deixar lugar aos novos que chegam magros, esses todos não são como nós..."

— Eles não sabem que são bois... — apoia enfim Brabagato, acenando a Capitão com um estição da orelha esquerda. — Há também o homem...

— É, tem também o *homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta...* — ajunta Dansador, que vem lerdo, mole-mole, negando o corpo. — O homem me chifrou agora mesmo com o pau...

— O homem é um bicho esmochado, que não devia haver. Nem convém espiar muito para o homem. É o único vulto que faz ficar zonzo, de se olhar muito. É comprido demais, para cima, e não cabe todo de uma vez, dentro dos olhos da gente.

— Mas eu já vi o *homem-do-pau-comprido* correr de uma vaca... De uma vaca. Eu vi.

— Quieto, Buscapé!... Sossega, meu boizinho bom... — clama o menino guia.

Não é atôa que Buscapé é um boi china, espantadiço e pois pernalongo, que avança distanciando muito as patas e costuma relar com os cascos brutos os calcanhares do guia. Mais ao jeito que ele é mogão e mal-armado, que, se tivesse bons estrepes, na parelha de testa um perigo seria.

Mas Agenor Soronho estranhou qualquer lance:

— Vigia aí, Tiãozinho! Vi um bicho raboso mexer no matinho... Alguma bisca de lobo, ou um jaguapé. Isso são criaturas p'ra vagarem de-noite, não sei o-quê que andam querendo a esta hora em beira de estrada, p'ra assustar os bois!

Brabagato curvou-se, chegando o focinho, com veneta de lamber o entre-chifres de Capitão:

— Um homem não é mais forte do que um boi... E nem todos os bois obedecem sempre ao homem...

— Eu já vi o *boi-grande* pegar um homem, uma vez... O homem tinha também um *pau-comprido*, e não correu... Mas ficou amassado no chão, todo chifrado e pisado... Eu vi!... Foi o *boi-grande-que-berra-feio-e-carrega-uma-cabaça-na-cacunda*...

— Ele é bonito, esse um... — profere Dansador, que por sinal dá retrato de zebuíno-nelorino: na cabeçorra quase de iaque — testa lomba, grãos de olhos, cara boba, mais focinho — e na meia giba da cruz; mas ajunta outro tanto de sangue sertanejo, e a mistura põe-lhe um pré-corpo entroncado, dilatado e corcovado, de bisão.

Acolá, longe adiante, onde as árvores dos dois lados se encontram e encartucham e o caminho se fecha aos olhos da gente, apontaram de repente uns cavaleiros. Vêm chegando. Para que eles possam passar, mesmo tendo de contornar o barranco, Tiãozinho detém os bois.

— Boas tarde, seu Agenor! Que é que vão carreando?

— Umas rapadurinhas pretas, mais um defunto... É o pai do meu guia, que morreu p'r'amanhecer hoje...

— Virgem Santa, seu Agenor! Imagina, só, que coisa triste... — Os homens se descobrem. — E de que foi mesmo que o pobre morreu, seu Agenor, ele que era tão amigo do senhor...?

— A gente não sabe... Da doença antiga lá dele... O coitado andava penando.

— Pobrezinho do menino!... — exclama a moça do silhão. E, a tais palavras, Tiãozinho, que já estava meio quase consolado, recebe inteira, de volta, sua grande tristeza outra vez.

Brabagato aproveitou a parada para se deitar. Desce o corpo, dobrando as quatro pernas, tudo muito complicado, e os joelhos como que se quebram completamente — parece que os garrões vão ao sovaco, cai a quartela na canela e bate o braço no boleto. Amontoa-se no fundo sulco da beira da estrada; e Capitão não reclama: sustenta a canga, inclinando o cogote, e descai as orelhas, enviesando olhos mornos. Mas Brabagato camba para o outro lado, depois de extrair a cauda, que, por afã e por engano, lhe ficara imprensada embaixo, e enxota as moscas passeantes pelo lombo e pelas ancas de montanha branca-e-preta.

Os cavaleiros se despedem. Mas, agora, a moça do silhão joga uma espiadela e murmura, enojada, qualquer coisa a respeito da falta de escrúpulos de se acondicionarem cadáveres em cima de rapaduras.

— Vamos'embora, vamos'embora...

— Vam', boi!...

Tiãozinho quase não tem fala, mas Soronho brande a vara e brada seu mau-humor. Brabagato se reajoelha e acaba de aprumar-se, em dois tempos e três ferroadas. Os outros rompem adiante, com pronta pressa. As tiradeiras se retesam, de argola a argola. E os bois todos batem cascos, acertando a normal locomoção.

— *Oung! Moung!* — bufa Canindé, monótono, arrepiando o fio branco do dorso, e repuxando, dos ilhais às primeiras costelas, a pelagem conjugada — de cada lado uma risca preta e uma risca vermelha, muito largas, salpicadas de branco, na descida do flanco e na corda do flanco, pois que é muito bonito um boi jaguanês. Bufa e fala, pé por pé para caminhar:

— Os bois soltos não pensam como o homem. Só nós, bois-de-carro, sabemos pensar como o homem!...

Mas Realejo, pendulando devagar fronte e chifres, entre os canzís de madeira esculpida, que lhe comprimem o pescoço como um colarinho duro, resmunga:

— Podemos pensar como o homem e como os bois. Mas é melhor não pensar como o homem...

— É porque temos de viver perto do homem, temos de trabalhar... Como os homens... Por que é que tivemos de aprender a pensar?...

— É engraçado: podemos espiar os homens, os bois outros...

— Pior, pior... Começamos a olhar o medo... o medo grande... e a pressa... O medo é uma pressa que vem de todos os lados, uma pressa sem caminho... É ruim ser boi-de-carro. É ruim viver perto dos homens... As coisas ruins são do homem: tristeza, fome, calor — tudo, pensado, é pior...

— Mas, pensar no capinzal, na água fresca, no sono à sombra, é bom... É melhor do que comer sem pensar. Quando voltarmos, de noite, no pasto, ainda haverá boas touceiras do roxo-miúdo, que não secaram... E mesmo o catingueiro-branco está com as moitas só comidas a meia altura... É bonito poder pensar, mas só nas coisas bonitas...

"É isso mesmo... Só o que é bonito... O que é manso e bonito... Eu até queria contar uma coisa... Sabia de uma coisa... Sabia, mas não sei mais"...

As orelhas de Brilhante murcharam, e a cabeça sobe e desce. "Não encontro mais aquilo que eu sabia... Coisa velha... Também, vem tanta coisa para a gente pensar!... Vêm, como os mosquitos maus, da beira do mato... Perto do homem, só tem confusão..."

— Boi ôa, boi!... Dianho!... — grita seu Soronho.

Mais não foi que Brabagato, o chamurro pintado, que de-manhã pastou algum talo de capim-roseta, e agora talvez esteja sentindo dor qualquer, no terceiro ou no quarto estômago seu, e quer ruminar de focinho alto; e acontecido que Capitão é um couro-grosso mal mestiçado de franqueiro, que anda pesa-pendendo e cheirando chão, foi quebrado de desjeito, quando o companheiro de trela sungou a cabeça de repente. — *Moung?!* — *Hmoung-hum!...* — E badala o cincerro, do pescoço, porque Capitão vem de guampa afoita, oblíquo, querendo mesmo ferir.

E então, calmo, rediz Dansador, voz tão rouca, de azebuado, com tristeza no tutano:

— Não podemos mais deixar de pensar como o homem... Estamos todos pensando como o homem pensa...

Péssima dupla, esta da contra-guia: Brabagato, mal-castrado, tem muito brio e é fogoso; e Capitão é um boi sonso, e pois mau como uma vaca na menopausa. Por isso, e porque um e outro têm chifres verdes — se a gente furar, para pôr as argolas, darão sangue — prende-lhes os cangotes a soga rija, em vez das chifradeiras dos outros cingéis. Divergem as cabeças, e a junta se bifurca, o quanto permite o ajoujo, que essa é a única maneira de se darem as costas. Logo Brabagato recua o corpo, trazendo a canga até à base das hastes. Mas o cornil resiste. E já o carreiro, que vinha quase que só *determinando* coice e contra-coice, chega de lá, balanceando a vara.

— Capitão!... Brabagato!... — O ferrão cata lombos, palhetas e espáduas, e os bois dois se aquietam, com os flancos em marmelada, a sangrar.

Mas o caminho vai. E alongam-se para diante, na paisagem luminosa, as sombras songas dos bois.

— Estamos todos pensando que nem o homem?... Você, *o-que-gosta-de-pastar-à-beira-da-cerca-do-pasto-das-vacas*?!...

— Sou o boi Brabagato.

— E *o-que-deita-para-se-esconder-no-meio-do-meloso-alto*?

— Sou o boi Namorado.

— E o *boi-da-noite-que-saiu-do-mato*? Boi Brilhante, boi Brilhante?!... Que foi que ele disse?...

"Estou caçando e não acho... Mas não vamos pensar como o homem... Esperem... Ainda não encontrei aquilo..."

— O-quê?...

"Só o que for manso e o que for bonito... Também, assim, não posso... Não sei o que é que o carro diz, gritando tanto... Só os cavalos é que podem entender o carro..."

O sol agora está dois degraus mais alto. A poeira deixou de ser vermelha: é parda, parecendo cinza fina. Estão num baixadão de campo, de semi-arbustos, flechinha e capim-lanceta, todo encalombado de surujes de cupins.

Vem a voz de outro carreiro, gritando. Fazem a volta, acolá, outras juntas: seis parelhas, puxando um carretão, que arrasta imenso toro acorrentado — um tronco de tamboril, tal de metros de diâmetro, lavrado no mato.

Tiãozinho sorri para o menino-guia. Soronho saúda os carreiros. E os bois de cá espiam os bois do carretão: com outros, mal conhecidos: Tinhorão, Marechal, Cantagalo e Murici. Também deitam olhares, mas vão afanados, que o peso é pesado: debruçando os perfis cuneiformes; colgados nas jugulares das brochas; bijungidos, dois a dois paralelos, — anca a anca, chifre a chifre, pá a pá.

Passam. Passaram. Sumiram. O carro aqui rechina mais forte, outra vez.

— Esperta, boi!...

Agora, o carreiro, sim, que é homem maligno. O dia, para ele, amanheceu feliz, muito feliz. Mas, mesmo assim por assim, só porque está suando, não deixa de implicar:

— Tu Tião, diabo! Tu apertou demais o cocão!... Não vê que a gente carreando defunto-morto, com essa cantoria, até Deus castiga, siô?!... Não vê que é teu pai, demoninho?!... Fasta! Fasta, Canindé!... Ôa!... Ô-ôa!... Anda, fica novo, bocó-sem-sorte, cara de pari sem peixe! Vai botar azeite no chumaço, que senão agorinha mesmo pega fogo no eixo, pega fogo em tudo, com o diabo p'r'ajudar!...

Tiãozinho veio no grito, mas se mexendo encolhido, com medo de que o homem desse nele com a vara-de-ferrão. Falta de justiça, ruindade só. Foi o carreiro mesmo quem apertou a chaveta da cantadeira, hoje cedo; e até

estava enjerizado, na hora, falando que Tiãozinho era um preguiçoso, que não prestava nem para ajeitar o carro nem para encangar os bois.

Clamando, xingando, Agenor Soronho vem para a traseira, onde está pendurado o chifre de unto. Estende-o ao menino, e dá uma espiada lá para dentro. Atrás, o carro estava sem tampo: só com uns sedenhos, esticados a diferentes alturas, entre os muitos fueiros, para impedir que, a cada tranco, a carga se fosse derramando.

Em cima das rapaduras, o defunto.

Com os balanços, ele havia rolado para fora do esquife, e estava espichado, horrendo. O lenço de amparar o queixo, atado no alto da cabeça, não tinha valido de nada: da boca, dessorava um mingau pardo, que ia babujando e empestando tudo. E um ror de moscas, encantadas com o carregamento duplamente precioso, tinham vindo também.

Soronho volve depressa a cara e vai encostar-se à cheda do lado direito, onde a esteira de caniço, alta, o isola do fúnebre viajante.

Mas, acolá, nos encangamentos, prorrompe novo reboliço.

— Olha esses bois, aí, diabo!... Capitão! Brabagato!...

Treta e teima. Alguma mutuca voandeja passou e pinicou a orelha de Brabagato, que estava de olhos fechados e atribuiu a ofensa a Capitão. Virou, raivado. Entestam. Reentestam. E estralam as chifrancas.

Soronho fincou a aguilhada, e Tiãozinho correu, atarantado, sem saber se oleava o cocão ou se acalmava os dois da guia, que, ouvindo bulha lá atrás, pensavam que havia ordem para caminhar.

— Ôa!... — Dá de-prancha, com a vara, nos topetes dos bois, que desviam para fora os nós dos joelhos, e travam pausa, imóveis perfeitamente. Então o candieiro volta para azeitar o eixo, depois de deixar a vara apoiada no peito da canga — obstáculo esse que Buscapé e Namorado resguardam com respeito.

Mas Agenor Soronho olhou para o sol, enrugando a cara. Pisca, pisca, e mais se enfeza.

— Que martírio!... De vez que não acaba mais com isso, ou tu pensa que os outros vão ficar no arraial com o cemitério aberto, esperando a gente?!...

— Já vou, seu Soronho... Já vai...

— É, nheinhein?!... Ai, que sina, esta minha, trabalhando em sol e chuva, e inda tendo de aguentar este mamão-macho sem preceito!... Tu fala macio, mas p'ra trabalhar comigo tu não presta... Mais em antes eu

queria um rapazinho carapuçudo e arapuado, que fosse malcriado mas com sustância que nem eu, p'ra trabucar... Que me importa, se a gente chega de noite no arraial?! O pai não é meu, não... O pai é seu mesmo... Só que tu não tem aquela-coisa na cara... Mas, agora, tu vai ver... Acabou-se a boa vida... Acabou-se o pagode!...

Chora-não-chora, Tiãozinho retoma seu posto. "O pai não é meu, não... O pai é seu mesmo..." Decerto. Ele bem que sabe, não precisa de dizer. É o seu pai quem está ali, morto, jogado para cima das rapaduras... Deixou de sofrer... Cego e entrevado, já de anos, no jirau... Tiãozinho nem se lembrava dele de outro jeito, nem enxergando nem andando... Às vezes ele chorava, de-noite, quando pensava que ninguém não estava escutando. Mas Tiãozinho, que dormia ali no chão, no mesmo cômodo da cafua, ouvia, e ficava querendo pegar no sono, depressa, para não escutar mais... Muitas vezes chegava a tapar os ouvidos, com as mãos. Malfeito! Devia de ter, nessas horas, puxado conversa com o pai, para consolar... Mas aquilo era penoso... Fazia medo, tristeza e vergonha, uma vergonha que ele não sabia bem por quê, mas que dava vontade na gente de querer pensar em outras coisas... E que impunha, até, ter raiva da mãe...

— Ôa!... Ôa, boi teimoso... Buscapé, demônio!

Ah, da mãe não gostava!... Era nova e bonita, mas antes não fosse... Mãe da gente devia de ser velha, rezando e sendo séria, de outro jeito... Que não tivesse mexida com outro homem nenhum... Como é que ele ia poder gostar direito da mãe?... Ela deixava até que o Agenor carreiro mandasse nele, xingasse, tomasse conta, batesse... Mandava que ele obedecesse ao Soronho, porque o homem era quem estava sustentando a família toda. Mas o carreiro não gostava de Tiãozinho... E era melhor, mesmo, porque ele também tinha ojeriza daquele capeta!... Ruço!... Entrão!... Malvado!... O demônio devia de ser assim, sem tirar e nem pôr... Vivia dentro da cafua... Só não embocava era no quartinho escuro, onde o pai ficava gemendo; mas não gemia enquanto o Soronho estava lá, sempre perto da mãe, cochichando os dois, fazendo dengos... Que ódio!...

O caminho, descurvo, vai liso para a frente. E, lá léguas, meão roxo, é o Morro Selado, onde mora um sujeito maluco, que tem ouro enterrado no chão.

Pobre do pai!... Tiãozinho tinha de levar a cuia com feijão, para comer junto com ele, porque nem que a mãe não tinha paciência de pôr comida na boca do paralítico... E ela, com seu Soronho, tinham, para comer, outras

coisas, melhores... Deviam de ter... Mas, com isso, Tiãozinho não se importava... O que doía era o choro engasgado do pai, que não falava quase nunca... Mas Deus havia de castigar aquilo tudo. Não estava direito, não estava não!

— *Cristo! Cris-pim-cris-pim-cris-pim-crispim!*

Um par de joãos-de-barro arruou no caminho, pouco que aos pés de Tiãozinho. Galinhando aos pulos, abrem bico e papo, num esganiço de alarido, mesmo de propósito, com rompante. Arrepicam e voam embora, soprando penas. Marido e mulher.

— Ôa, Namorado!... — E Tiãozinho faz meia-volta e dá uma corrida de-costas, pelejando para conter os da guia, golpeando-lhes as testorras e picando-os com o ferrão. Foi Namorado, o boi vermelhengo, que tomou um repente e chegou a catucar o candieiro, com uma cornada de-través. Mas, agora, está pondo olhos mansos, em fito desconsolado, enquanto Buscapé se socorna.

Boi urubu é boi Brilhante, que afunda cachaço e cara, angular, para o chão da frente. Preto e movente, assombra, que nem estranho enorme bicho d'água, com óleo e lustro no pelo, esgueirando-se a custo, quase rampante. E boi Brilhante pensa falado:

"Estou andando e procurando... As coisas pequenas vêm vindo, lá de trás, na cabeça minha, mas não encontro as coisas grandes, não topo com aquilo, não..."

Ora caminhando de frente, ora aos recuões, Tiãozinho tem de ficar espertado, porque os bois agora deram para se agitar. Se o guia pega a pensar demais, se descuidando, logo se alerta com o bafo quente nas orelhas e a baba lhe respingando na nuca.

— Ôa, Namorado!...

Também, quem tem a culpa d'eles ficarem assim desinquietos é o carreiro, que vem picando os bois, atôa, atôa, sem precisão. É mau mesmo. "Mas, agora, tu vai ver!... Acabou-se a boa vida... Acabou-se o pagode!"... P'ra que falar isso?!... Seu Soronho sempre não xingou, não bateu, de cabresto, de vara-de-marmelo, de pau?!... E sem ter caso para mão brava, nem hora disso, pelo que ele lidava direito, o dia inteiro, capinando, tirando leite, buscando os bois no pasto, guiando, tudo... Mas Tiãozinho espera... Há-de chegar o dia!... Quando crescer, quando ficar homem, vai ensinar ao seu Agenor Soronho... Ah, isso vai!... Há-de tirar desforra boa, que Deus é grande!...

Um mandiocal. O cafezal: de cimo a chão, moita e folha. As bananeiras.

"*Bhu! Muff*"... De repente, boi Brilhante projetou a cabeça, que sai do enquadramento — canga, canzís e brocha — como o pescoço de um jaboti que se desencaixa para beber chuva. E fanha, e funga:

"Achei a coisa, aquilo!... Foi o boi que pensava de homem, *o-que-come-de-olho-aberto*..."

— Era o boi Rodapião...

"Era o boi Rodapião. E foi. Chegou, um dia, não se sabe..."

— Veio de-manhã...

"Pequeno ele, pouco chifre, vermelho café de-vez... Era quase como nós, aquele boi Rodapião... Só que espiava p'ra tudo, tudo queria ver... E nunca parava quieto, andava p'ra lá e pr'a cá..."

— Eu também pastei junto, com esse boi Rodapião...

Estão passando agora em frente à Fazenda do seu Gervásio. Os cachorros vêm fazer algazarra cá em baixo na estrada, só para assustar os bois. Agenor Soronho manda no que é seu: — Canindé, Realejo!... Ôa, Brabagato! Ô'r'vai!... —; e grita mais pelo Diabo, que "diabo" é o seu refrão.

A casa está aberta, mas não se vê ninguém. Todos foram ao canavial, pois é o começo do tempo de corte, marcar a cana caiana que vão moer amanhã de-manhã.

— Vamos, Buscapé!... Va-amos!...

O casarão avarandado já ficou para trás, com a latomia dos cachorros e as frondes do laranjal. Tiãozinho começa a cansar. Que calor!... E a poeira seca a goela da gente. Estará sentindo dor-por-dentro no pescoço? São Brás! São Brás!... Não quer penar como o Didico da Extrema, que caiu morto, na frente de seus bois...

Tinha só dez anos o Didico, menor do que Tiãozinho. Mas trabalhava muito, também. Foi num dia assim quente, de tanta poeira assim... Ele teve de ir carrear sozinho, porque era o carro pequeno, só com duas juntas e carga pouca, de balaios de algodão. Na hora de sair, se queixou: — "Estou com uma coisa me sufocando... Não posso tomar fôlego direito, nem engolir... E tenho uma dor aqui..." (Lá nele, Didico)...

Ninguém se importou; falaram até de ser manha, porque o Didico era gordinho e corado, parecendo um anjo de estampa, de olhinhos gaiteiros e azuis.

Mas estava custando muito a voltar. Nunca mais aparecia com o carro. E foram encontrá-lo, lá longe, na covanca da Abóbora-d'Água, já frio. Os bois haviam parado, para não pisar em cima, e estavam muito quietos, pois às vezes eles gostam de ficar assim. Menos os da guia, que tinham mascado e comido quase toda a roupinha do pobre do Didico... — São Brás!...

Vão por um tracto de campo ondulado, com pastagem áspera de capim-guiné verde-azul. Só aqui ou ali uma árvore: ou pau-doce ou pau-terra ou pau-santo, quase sempre com um ninho de guaxe pendurado de um galho, como enorme coador de café.

E aí, que todos estugam as passadas, boi Brilhante desdorme, em velho vezo de conversação:

..."Comigo, na mesma canga, prenderam o boi Rodapião... Chegou e quis espiar tudo, farejar e conhecer... Era tão esperto e tão estúrdio, que ninguém não podia com ele... Acho que tinha vivido muito tempo perto dos homens, longe de nós, outros bois... E ele não era capaz de fechar os olhos p'ra caminhar... Olhava e olhava, sem sossego. Um dia só, e foi a conta de se ver que ninguém achava jeito nele. Só falava artes compridas, ideia de homem, coisas que boi nunca conversou. Disse, logo: — Vocês não sabem o que é importante... Se vocês puserem atenção no que eu faço e no que eu falo, vocês vão aprendendo o que é que é importante... — Mas, por essas palavras mesmas, nós já começamos a ver que ele tinha ficado quase como um homem, meio maluco, pois não..."

— Ôa!

Estacam todos, bois e carro, no meio do chapadão. Foi o guia Tiãozinho, que teve de parar para segurar as calças, que lhe tinham caído de repente até aos pés. Depôs a vara no chão, depressa, porque estava até vermelho, só em camisão e perninhas magrelas, que vergonha. E agora está-lhe custando para amarrar a tira de pano na cintura e ficar composto outra vez.

Com o céu todo, vista longe e ar claro — da estrada suspensa no planalto — grandes horas do dia e horizonte: campo e terras, várzea, vale, árvores, lajeados, verde e cores, rotas sinuosas e manchas extensas de mato — o sem-fim da paisagem dentro do globo de um olho gigante, azul-espreitante, que esmiúça: posto no dorso da mão da serrania, um brinquedo feito, pequeno, pequeno: engenhoca minúscula de carro, recortado; e um palito de vara segura no corpo de um boneco homem-polegar, em pé, soldado-de-chumbo com lança, plantado, de um lado; e os

boizinhos-de-carro de presépio, de caixa de festa. E o menino Tiãozinho, que cresce, na frente, por mágica. Pronto. As calças não vão cair mais!

Arre! que nunca foi tão penosa uma ida ao arraial. Também, com tudo tão triste, carreando o pai para a cova, coitado do pai... Mas, deve de ter subido para o Céu, direito, na mesma da hora... Na véspera de morrer, de-noite, ele ainda pedira para Tiãozinho tirar reza junto... E Tiãozinho puxara o terço, cochilando... Estava com muito sono, porque tinha ido, a pé, ao Marçal Velho, levar um recado... Depois da salve-rainha, o pai pôs nele a bênção, e ele deitou no enxergão, para dormir logo, esquentando os molambos... Também não adiantou nada estar dormindo no mesmo canto; só deu fé daquela tristeza toda foi quando viu a mãe, chorando, sacudindo-o para levantar. Aí, Tiãozinho tinha chorado também...

Mas, a mãe, por que é que ela havia de chorar?! por quê? Ela não gostava do pai... Tiãozinho pouco pudera ver, pelos buracos da parede de pau-a-pique, quando eles estavam lavando o corpo... A cafua se enchera, não cabendo, de gente... E seu Agenor Soronho estava muito galante com todos. Estava mesmo alegre, torcendo as pontas do bigode vermelho, mas fazendo de estar triste, às vezes, de repente... E até, quando Tiãozinho, zonzo de tanta confusão, se sentara na pedra que faz degrau na porta da cozinha, o carreiro tinha vindo consolar sua tristeza, dizendo que daí em diante ia tomar conta dele de verdade, ia ser que nem seu pai...

Os vizinhos bem que estavam às ordens, para carregar cristão defunto. Mas eram seis léguas apuradas, e, como seu Agenor estava mesmo para levar uma carga de rapadura do Major Fréxes, dispensou os préstimos para o cortejo, e atrelou quatro juntas, porque na volta ia trazer o carro cheio, com os rolos de arame farpado que estavam esperando por ele, na estação do arraial...

Não havia caixão: só o esquife tosco, entre padiola e escada, com as barras atadas com embira e cipó. Ajeitaram o morto em cima do ladrilhado das rapaduras. Tiãozinho, já pronto, esperava no seu lugar com muita pressa de sair, porque aquilo tudo estava sendo ruim demais... A mãe ficara na porta, chorando sempre, exclamando bobagens, escorada nas outras mulheres todas, que ajudavam a chorar... E o resto do povo tinham feito o pelo-sinal e virado as costas, porque faz mal a gente ficar espiando um enterro até ele se sumir.

O caminho-fundo corta uma floresta de terra boa, onde cansa à gente olhar para cima: árvores velhas, de todas as alturas — braçudas braúnas,

jequitibás esmoitados, a colher-de-vaqueiro em pirâmides verdes, o lanço gigante de um angico-verdadeiro, timbaúbas de copas noturnas, e o paredão dos açoita-cavalos, escuros. Cheiro bom de baunilha, sombra muito fresca, cantos de juritis, gorjear de bicudos, o trilo batido da pomba-mineira, e, mais longe, mais dentro, na casa do mato, o pio tristonho do nhambu-chororó.

Tiãozinho atrasa o passo, para aproveitar. Mas ainda está triste. Não quer pensar no pai *depois* — tem medo de pôr a ideia no corpo que vem em-riba da pilha das rapaduras. Só aguenta pensar nele de-em-antes, na cafua... Pega a imaginar outras coisas. *Fala* os bois, sem precisão: — Buscapé!... Brabagato!... — Depois, faz força para se lembrar dos nomes das vacas todas do seu Major Gervásio: Espadilha... Bolívia... Azeitona... Mexerica é a turina. Porcelana é a toda branca, desmochada. Guiamina é a preta, de cinturão branco no cilhador...

Mas, o chapéu na cabeça? Não pode... Tira o chapeuzinho de palha, que também não tapa o sol e nem nada. Vai levar na mão. Também... Não quer pensar mais no pai em-antes. Mas não tem ideia para poder deixar de pensar... O pai gemendo... Rezando com ele... E se rezasse também agora?... Devia...

E começa a rezar, meio alto, só como sabe, enquanto a estrada sai do mato para o calorão do cerrado, com enfezadas arvorezinhas: muricis de pernas tortas, manquebas; mangabeiras pedidoras-de-esmola; barbatimãos de casca rugosa e ramos de ferrugem; e, no raro, um araticum teimoso, que conseguiu enfolhar e engordar.

Da garupa de Brabagato a cauda cai como uma cobra grossa, oscilando, e o pincel zurze o ar, quase nos chifres de Brilhante, que fechou de todo os olhos e vergou o toutiço.

..."Cada dia o boi Rodapião falava uma coisa mais difícil p'ra nós bois. Deste jeito: — Todo boi é bicho. Nós todos somos bois. Então, nós todos somos bichos!... Estúrdio...

"Quando a gente não saía com o carro, e ficava o dia no pasto, ele falava mais em-mais. Uma vez, ele disse: — Nós temos de pastar o capim, e depois beber água... Invês de ficar pastando o capim num lugar só em volta, longe do córrego, p'ra depois ir beber e voltar, é melhor a gente começar de longe, e ir pastando e caminhando, devagar, sempre em frente... Quando a gente tiver sede, já chegou bem na beira d'água, no lugar de beber; e assim a gente não cansa e tem folga p'ra se poder comer

mais! — E ele foi logo fazendo assim, do jeito como tinha falado; mas nós nem podíamos pensar em fazer que nem ele. Porque a gente come o capim cada vez, onde o capinzal leva as patas e a boca da gente...

"Outra vez, boi Rodapião disse: — Quando o boi Carinhoso ficou parado, na beirada do valo do pasto, e não quis comer de jeito nenhum, o homem veio e levou o boi Carinhoso no curral, e pôs p'ra ele muito sal, no cocho... Se nós ficarmos também sem comer, todos, parados na beirada do valo, o homem nos dará milho e sal, no curral, no cocho grande... — E ele fez assim mesmo, e aquilo deu certo; e boi Rodapião comeu sal muito e ficou alegre. Nós, não."

O rangido do carro de novo se reforça. Brilhante dormiu. Veio um silêncio. E todos, de olhos quase fechados, ficam vivendo na cabeça coisas mais fundas que o pensamento e o sonho, e, assim, sem pressa, chegam ao vau do ribeirão.

Está um mormaço pesado, mas o ribeirão corre debaixo de árvores, no bem-bom. Tiãozinho entra, até os joelhos, na água, fria que faz cócegas. Molha os pulsos. O chapeuzinho furado é peneira para vazar. Então, ele abaixa as mãozinhas juntas, e bebe.

A junta da guia, com simetria perfeita, baixa os três arcos da canga, para trazer as belfas ao rés da correnteza; e, abrindo as fuças em conchas moles, os bois sorvem, demoradamente.

De eis, Buscapé, e depois Namorado, acabaram; sacodem o molhado das caras, lambem os beiços, devagar, e ficam espiando, à espera. Que santos de grandes, e cheirando forte a bondade, bois companheiros, que não fazem mal a ninguém; criação certa de Deus, olhando com os olhos quietos de pessoa amiga da gente!... E Tiãozinho corre os dedos pelo cenho de Buscapé, e passa também mão de mimo no pescoço de Namorado — imóveis, os dois.

Todos já beberam; mesmo Realejo não tem mais sede: mantém o focinho abaixado, só porque, no limo que se esfiapa das pedras do fundo, supõe talvez uma raça de capim de luxo, que deve de ser macio...

Aí é que Agenor Soronho está mesmo com o demo:

— Vam'bora, lerdeza! Tu é bobo e mole; tu é boi?!... Carece de ficar aí a vida inteira, feito estaca de dentro d'água, feito esteio de moinho?!... Vamos, Canindé!... Dansador! Vamos!...

Quando as rodas entram no córrego, Agenor Soronho não se molha, porque já está trepado, entre o pigarro e a chavelha, no cabeçalho, que

avança como um talhamar. E fez bem, porque, depois da passagem, por metros, há um alagadiço perene: um tremembé atapetado de alvas florinhas de bem-casados e de longos botões fusiformes de lírios.

— Entra p'ra o lado de lá, que aí está embrejado fundo... Mais, dianho!... Mas não precisa de correr, que não é sangria desatada... Tu não vai tirar o pai da forca, vai?... Teu pai já está morto, tu não pode pôr vida nele outra vez!... Deus que me perdoe de falar isso, pelo mal de meus pecados, mas também a gente cansa de ter paciência com um guia assim, que não aprende a trabalhar... Ôi, seu mocinho, tu agora mesmo cai de nariz na lama!... — E Soronho ri, com estrépito e satisfação.

Tiãozinho olhou, assim meio torto. "Teu pai já morreu, tu não pode pôr vida nele outra vez..." Por que é que não foi seu Agenor Carreiro quem a morte veio buscar?! Havia de ter sido tão bom!...

Os bois tafulham as munhecas, com cloques sonoros; quando desatolam, para outra passada, a água suja escorre, chorrilhando, para encher os moldes dos cascos, e, no mais mole, as bainhas — as fundas cisternas cavadas pelos mocotós.

Enlameado até à cintura, Tiãozinho cresce de ódio. Se pudesse matar o carreiro... Deixa eu crescer!... Deixa eu ficar grande!... Hei de dar conta deste danisco... Se uma cobra picasse seu Soronho... Tem tanta cascavel nos pastos... Tanta urutu, perto de casa... Se uma onça comesse o carreiro, de noite... Um onção grande, da pintada... Que raiva!...

Mas os bois estão caminhando diferente. Começaram a prestar atenção, escutando a conversa de boi Brilhante.

..."Então, boi Rodapião ainda ficou mais engraçado de-todo. Falava: — A gente deve de pensar tudo certo, antes de fazer qualquer coisa. É preciso andar e olhar, p'ra conhecer o pasto bem. Eu conheço todos os lugares, sei onde o capim é mais verde, onde os talos ficam quase o dia inteiro molhados de orvalho, p'r'a gente poder pastar mais tempo sem ter sede. Sei onde é que não dá tanto mosquito, onde que a sombra, e o limpo do chão; e, pelo jeito do homem, sei muitas vezes o que é que ele vai fazer... Olho p'ra tudo, e sei, toda hora, o que é melhor... Não tenho nunca dor-de-barriga, porque não pasto por engano capim navalha-de-mico, no meio do jaraguá... Vocês não fazem como eu, só porque são bois bobos, que vivem no escuro e nunca sabem por que é que estão fazendo coisa e coisa. Tantas vezes quantas são as nossas patas, mais nossos chifres todos juntos, mais

as orelhas nossas, e mais: é preciso pensar cada pedaço de cada coisa, antes de cada começo de cada dia...

"E nós não respondíamos nada, porque não sabemos falar desse jeito, e mesmo porque, cada horinha, as coisas pensam p'r'a gente...

"Mas boi Rodapião ia ficando sempre mais favorecido com suas artes; e era em longe o mais bonito e o mais gordo de nós todos. Até que chegou um dia..."

— Firme, Realejo!... Canindé, boi bom!...

Vão descer uma rampa de grande declive, e os bufalões destamanhos da junta do coice aguentam o peso do carro, *fazendo freio* e firmando no chão os cascos, fendidos como enormes grãos de café.

— Vamos!...

A traquitana continua a se afundar morro abaixo, agora uma ladeira mais calma, com as juntas da frente apressadas, as ferragens tinindo e toda a apeiragem fazendo balbúrdia, nas chapas e nos ganchos.

Mal o caminho se deita, Canindé solta uma interjeição bovina pouco amável: sim de orelhas, sopro frouxo e três oitavos de mugido; e Realejo faz qualquer monossílabo, com ironia também soprosa, de ventas dilatadas, contraídas as falsas-ventas. Mas, lá na guia, obliquando a carantonha, comenta Buscapé:

— As coisas corriam lisas, como um córrego... Passavam as touceiras do bengo, ligeiras... Passavam as moitas, subindo o morro... Corria o capim-angola, ainda em mais correnteza... Eu estou com fome. Não gosto de puxar o carro... Queria ficar pastando na malhada, sozinho... Sem os homens.

— Eu acho que nós, bois, — Dansador diz, com baba — assim como os cachorros, as pedras, as árvores, somos pessoas soltas, com beiradas, começo e fim. O homem, não: o homem pode se ajuntar com as coisas, se encostar nelas, crescer, mudar de forma e de jeito... O homem tem partes mágicas... São as mãos... Eu sei...

Mas já Brilhante endureceu as orelhas, soslaiando Dansador:

..."Chegou um dia, nós reparamos que já estava trecho demais sem chover. Tempo e tempo. Coisa como nunca em antes tinha sido. Quase que nem capim seco não tinha mais, e a gente comia gravetos, casca de árvores, e desenterrava raiz funda, p'ra pastar. Foi ruim...

"Então, os homens vieram, e chamaram todos os bois p'ra fora do pasto rapado, e foram levando a gente p'ra longe. Muitos dias, muito longe.

Depois, chegamos... E puseram os bois nós todos num pasto diferente, desigual de todos os pastos, e que era todo num morro frio, serra a-pique, sem capim conhecido de nenhum de nós... Aí a gente pegou a comer, quase sem levantar as cabeças... Mas, o boi Rodapião...”

Lés a lés, de mato para mato, cruzou uma borboleta grande, uma panã-panã de céu e brilho, que, a cada vez redonda de abrir asas, parecia tornar a se recortar e desdobrar de um papel azul.

...“— O bebedouro fica longe, — disse o boi Rodapião. — Cansa muito ir até lá, p’ra beber... Vou pensar um jeito qualquer, mais fácil... Pensando, eu acho...

“Aí, nós nem respondemos. Aquilo era mesmo do boi Rodapião. Porque eu não tinha precisado de pensar, p’ra achar onde era que estava o bebedouro, lá em baixo, mais longe.”

— Brilhante, vaca diabo!...

Lá vem seu Soronho, que nem um demônio, pernas e pernas, caminhando nas tiradeiras esticadas, pulando entremeio às juntas, e achando jeito para meter o aguilhão na cruz espessa de Realejo e na cernelha pontuda de Dansador.

Tiãozinho baixa a cabeça, e aperta a vara na mão, com mais força. Ó raio!... Bem que ele podia cair... Mas não cai. Agenor Soronho, na sua terra, é o melhor carreiro do mundo. Pisando nos paus e correntes, vai de cambão em cambão, como um imenso macaco; chega até cá na guia, para fazer colo, e então salta no chão, que nem um artista de circo-de-cavalinhos, mas zangando com Tiãozinho e caçoando dos bois.

— O que tu ’tá tretando aí, não me fala!...

Agora é preciso cuidado e lentidão de passo, pois a estrada tora entre despenhadeiro e barranco. — Ôa, boizinho, ôa! — avisou já Tiãozinho, olhando para cada um deles, assustado, quase que pedindo para passarem com modos, pelo-amor-de-deus: Buscapé, Namorado; Capitão, Brabagato. E Brilhante:

...“Mas boi Rodapião foi espiando tudo, sério, e falando: — Em todo lugar onde tem árvores juntas, mato comprido, tem água. Lá, lá em-riba, quase no topo do morro, estou vendo árvores, um comprido de mato. Naquele ponto tem água! — E ficou todo imponente, e falou grosso: — Vou pastar é lá, onde tem aguada perto do capim, na grota fresca!...

“Eu também olhei p’r’a ladeira, mas não precisei nem de pensar, p’ra saber que, dali de onde eu estava, tudo era lugar aonde boi não ir. Mas boi

Rodapião falou como o homem: — Eu já sei que posso ir por lá, sem medo nenhum: a terra desses barrancos é dura, porque em ladeira assim parede, no tempo das águas, correu muita enxurrada, que levou a terra mole toda... Não tem perigo, o caminho é feio, mas é firme. Lá vou...

"Eu não disse nada, porque o sol estava esquentando demais. E boi Rodapião foi trepando degrau no barranco: deu uma andada e ficou grande; caminhou mais, ficou maior. Depois, foi subindo, e começou a ficar pequeno, já indo por lá, bem longe de mim..."

— E daí? E foi?

"Escutei o barulho dele: boi Rodapião vinha lá de cima, rolando poeira feia e chão solto... Bateu aqui em baixo e berrou triste, porque não pôde se levantar mais do lugar das suas costas..."

— E foi?

"Ajudar eu não podia e nem ninguém... Chamei os outros, que não vinham e não estavam de se ver... Aí, olhei p'ra o céu, e enxerguei coisa voando... E então espiei p'ra baixo e vi que já tinham chegado e estavam chegando desses urubus, uns e muitos... E fui-m'embora, por não gostar de tantos bichos pretos, que ficaram rodeando aquele boi Rodapião."

— E nunca se soube se tinha água no alto do morro, então?

"Contei minha história, agora vou cochilar... Sei não."

Mas, agora, está ali defronte um carro quebrado, e as juntas de bois, folgando em ordem, mais no alto, na escarpa.

— Ôi Tiãozinho, vamos devagar e para aí mais adiante. É o carro da Estiva, com João Bala carreando... Eh, espandongado... Diabo! Despencou morro-abaixo, vamos ver só o que foi... A modo e coisa que... 'Ta'í! O que é que adianta esse gosto bobo de ter todos os bois laranjos, de uma cor só?... Ah, esta subidinha ladeira do Morro-do-Sabão não é brinquedo cujo p'ra qualquer um não!... Eu sempre falo: p'ra carrear fazendo zoeira, e dando ferroadas, e gritando, todo-o-mundo é fácil... Mas não tem muita gente capaz de saber *falar o gado* direito, nem *determinar* o coice na descida, nem *espertar* a guia e *zelar* a contra-guia na subida, nem fazer um *colo* bem feito, nem *repartir o movimento* com lição...

— Ôa, Dansador!... Ôa... Espera aí, Tiãozinho, que eu vou lá ver o Bala, que está com cara de cachorro que quebrou panela, todo amontado no sem-jeito...

Mal que prosa de carreiro é coisa de si por si engraçada, pois estão sempre arrumando a voz, por traquejo de fazer a fala, e só no sestro de

esticar olho para os dois lados da frente, que nem vigiando seus bois; mas, desta vez, Agenor Soronho está olhando mesmo de-propósito, todo de-luxo com os estragos do carro do outro:

— Oh, seu João Bala!... Que pouca sorte da nenhuma foi isso por aí com o senhor?...

— O que foi, foi o que o senhor está vendo, seu *Angenor*!...

— Chí-i... Partiu a cheda, o cabeçalho, no encontro... Ví-i!... O chazeiro do outro lado não teve nada, mas rachou o tabuleiro também... Vai ser um despesão, muito mais do que uns seissentos e cinquenta mil-réis ou o dobro, só p'ra poder mandar consertar uma má metade dos estragos... E tinha muita coisa dentro?

— Só tinha, graças-a-deus, aqueles dois pipotes de cachaça, porque eu ia era buscar a família do patrão no arraial...

— Vigia só como é que espatifou tudo! São coisas que acontecem com qualquer um de nós; nenhum carreiro mestre, com certeza de mão, não está livre disto... Inda tem cachaça ali um pouquinho, p'ra se aproveitar... Mas, como é que o desmando se deu, seu João Bala?

— Com'é? Ora, seu *Angenor*, como é que havia de poder ter sido?!... O senhor, carreiro velho, calejado, não está vendo a sola e a sovela? Não foi vergonha nenhuma p'ra mim. A gente aí vinha subindo o morro... Tudo ia indo direito. Eu estava dentro do carro, mesmando... Mas, de repente, quando eu vi, foi a coisada toda desandando morro abaixo: primeiro, foi um estralo... E eu vi que tinha rebentado o rabo da tiradeira do contra-coice...

— Ô diabo!

— Ficou feio, seu Soronho! Ficou feio. Deus e demo, que o carro descambava p'ra trás, feito doido, tinindo e arrastando a junta do coice, que foi a única que ficou presa, com os bois enforcados quase. Aquilo eles vinham que vinham mesmo, ajuntando o capim nos cascos e arrastando o capim p'ra trás!...

— Credo!

— Mas, aí, quando eu vi que estava ali estava morto sem santos-óleos, clamei o nome de Nossa Senhora, porque pular é que eu não podia pular mais... Então, me deu um repente, e eu fiquei brabo e gritei ordens: — Segura, Camurça! Segura, Melindre!... — Ai, meus boizinhos da minha junta do coice, boizinhos bons, de peso e sujeição!...

— Sei deles... Bois de lei...

— Ara, se ara!... Abaixo de Deus, eu tiro o chapéu p'ra eles dois, porque foram que me salvaram!... Só eu gritar, e eles estacando e estribando, e não arredaram mais. Foi mesmo no lugar da ladeira a pique, ali no meio do escorregador da descida... Sem *desageração*, mas era só o carro fazendo peso p'ra descer, e cortando, sem licença de aluir do lugar, porque Melindre mais Camurça sojigavam o chão com os cascos, mas não entregavam o corpo!... Eu mesmo nunca vi bois p'ra terem tanto poder desse jeito: aquilo eles garraram a sapatear, virando roda, e ficaram tremendo assim:...!...

— E pois?

— Aí eu aproveitei, e torei fora... Se tivesse demorado um tiquinho mais p'ra saltar, estava moído: porque foi só mais outro estralo, e partiram os tamoeiros e o resto, e os bois ficaram soltos, e até garraram a subir o morro todo, numa corrida como se tivessem ficado malucos só nessa hora, e então foi que o carro tiniu direito, saindo p'ra banda de fora da estrada e dando de-rabo por essas pirambeiras... Foi tudo num relance tão ligeiro, que só depois é que eu vi que tinha visto...

...Mas, bonito, foi! Foi bonito!... O diabo espatifou lá em baixo, e as pipas de cachaça ele tangeu p'ra longe. 'Magina, se não fossem os meus boizinhos abençoados!... Olha só como é que estão lá em-riba me esperando... Ei, Camurça mais Melindre, ensinadinhos, certos de fala, bons de ouvido... Em qualquer descida mais pior, era só eu mostrar a vara p'ra os dois, e eles, que são bois-mestres de coice, iam sentando, e a canga jogando a junta p'ra riba! Por mesmo que as outras relaxassem, estava tudo firme em casa...

...Agora, o material é que não prestou paga: nem um apeiro p'ra ter valia. Só essas tiradeiras de pau, sem um palmo de corrente p'ra reforçar... Tinha de dar no que deu! O que é que eu podia fazer, seu *Angenor*, de melhor?!

— Ah, pois, decerto, seu João Bala! Até, se alguém me perguntar, vou dizer isto mesmo, p'ra todo-o-mundo... Mas, por falar nisso, olhe aqui, que eu me vou indo, em-desde que não posso ajudar em nada, porque estou levando ali defunto-morto p'ra se enterrar no arraial...

— Virgem!... Quem é o tal, seu *Angenor*?... Ah, é o pobre do seu Jenuário?!... Pois vá com Deus, companheiro, que por ora eu não preciso mesmo de adjutório, porque mandei o meu guia ir buscar gente no Monjolo, que graça-a-deus não é longe... Até, enquanto isso, eu vou ficar

rezando um padre-nosso e umas três ave-marias, por alma do pobre do falecido... A gente deve de se consolar é com uns assim, no pior do que nós, o senhor não acha? Agora, vou ver algum resto daquela cachacinha, só p'ra não deixar desperdiçar. O senhor não quer? Bom, p'ra o fígado e p'ra estômago ruim, não é mesmo muito bom, não. Té outro dia, seu *Angenor*!...

Agenor Soronho volta para o seu carro, abanando o corpo de sorridente. Foi tapar a traseira.

— Bestagem!... Patranha de violeiro ruim, que põe a culpa na viola. Tião, esperta, que eu quero mostrar p'ra esse João Bala como é que a gente sobe o Morro-do-Sabão!... E vou em pé no cabeçalho, que é só p'ra ele ver como é que carreiro de verdade não conhece medo, não!... Vamos, Brabagato!... Namorado!... Realejo!... Vamos!...

Vai Tiãozinho, vão os bois, vai o carro, que empina para entrar na subida, rangendo a cantoria rezinguenta.

— Va-amos!... — As jugadas avançam, dansando as cangas nos cangotes, e Soronho grita e se mexe, curvando e levantando o busto, com os braços abertos e segurando com as duas mãos a vara, na horizontal: — Olha aí, Tiãozinho, tu que é também um guia brioso, conversa por mim com esses bois!... Vamos bonito, Dansador! Brabagato, boi meu!...

— Ôô-a!...

A subida brava acabou, com fadiga para todos e glória para Agenor Soronho.

— *Uf! Pfú...* — sopra Brilhante.

— *Muh! Muung!...* — tuge Brabagato.

— *Oon! Oung!...* — bufa Buscapé.

E desde que o carro acaba de virar para trás das rodas a dobra do espigão, até alcançar a chapada de terra vermelha, são trezentos e cinquenta metros de silêncio, antes de Dansador voltar a cara, espiando, e de Capitão perguntar:

— Que é que está fazendo o carro?

— O carro vem andando, sempre atrás de nós.

— Onde está o homem-do-pau-comprido?

— O homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta está trepado no chifre do carro...

— E o bezerro-de-homem-que-caminha-sempre-na-frente-dos-bois?

— O bezerro-de-homem-que-caminha-adiante vai caminhando devagar... Ele está babando água dos olhos...

Aqui, no tabuleiro, o caminho está ainda pior que ruim, com o *facão* alto e escorregoso, no meio, separando as regueiras feitas pelas enxurradas e pelas rodeiras de outros carros e carretões. Os bois avançam de sobremão. Calados. Só tilinta o cincerro, quando Brabagato cabeceia. Aí, de coice a guia, por via cruzada, vem outra informação:

— O homem está dormindo, assentado bem na ponta do carro... O pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta também está dormindo... Por isso é que ele parou de picar a gente.

Pela mesma rota — Namorado a Capitão, Brabagato a Dansador, Brilhante a Realejo — viaja a conversa dos bois dianteiros:

— O bezerro-de-homem está andando mais devagar ainda. Ele também está dormindo. Dorme caminhando, como nós sabemos fazer. Daqui a pouco ele vai deixar cair o seu pau-comprido, que nem um pedaço quebrado de canga... Já babou muita água dos olhos... Muita...

Os guardas do cabeçalho devolvem a fala:

— O homem está escorregando do chifre-do-carro!... Vai muito pouco de cada vez, mas nós temos a certeza: o homem está pendendo para fora do chifre-do-carro... Se ele cair, morre...

Outra vez, pelo itinerário alternado, de focinho a focinho, é transmitida a visão da guia:

— O bezerro-de-homem quase cai nos buracos... Ele está mesmo dormindo... Daqui a pouco, ele cai... Se ele cair, morre...

Mesmo meio no sono está Tiãozinho. Mais de meio: tão só uma pequena porção dele vigie, talvez. O resto flutua em lugares estranhos. Em outra parte... E a pequenina porção alerta em Tiãozinho está alegre, muito alegre e leve... Não sente mais raiva... O dia desesquentou, refrescou, mesmo.

— *Mmuh...* — Boi Canindé sacudiu o perigalho, e engrolou: — Que é o que está dizendo o boi Dansador?

— Que nós, os bois-de-carro, temos de obedecer ao homem, às vezes...

— O homem não sabe.

— O bezerro-de-homem não sabe... O nosso pensamento de bois é grande e quieto... Tem o céu e o canto do carro... O homem caminha por fora. No nosso mato-escuro não há dentro e nem fora...

— É como o dia e a noite... O dia é barulhento, apressado... A noite é enorme...

— O bezerro-de-homem sabe mais, às vezes... Ele vive muito perto de nós, e ainda é bezerro... Tem horas em que ele fica ainda mais perto de nós... Quando está meio dormindo, pensa quase como nós bois... Ele está lá adiante, e de repente vem até aqui... Se encosta em nós, no escuro... No mato-escuro-de-todos-os-bois...Tenho medo de que ele entenda a nossa conversa...

— É como o dia e a noite... A noite é enorme.

— Olha! Escuta!... Escuta, boi Brabagato; escuta, boi Dansador!

— Que foi? Que há, boi Buscapé?

— É o boi Capitão! É o boi Capitão! Que é que está dizendo o boi Capitão?!

— *Mhú! Hmoung!...* Boi... Bezerro-de-homem... Mas, eu sou o boi Capitão!... *Moung!...* Não há nenhum boi Capitão... Mas, todos os bois... Não há bezerro-de-homem!... Todos... Tudo... Tudo é enorme... Eu sou enorme!... Sou grande e forte... Mais do que seu Agenor Soronho!... Posso vingar meu pai... Meu pai era bom. Ele está morto dentro do carro... Seu Agenor Soronho é o diabo grande... Bate em todos os meninos do mundo... Mas eu sou enorme... *Hmou! Hung!...* Mas, não há Tiãozinho! Sou aquele-que-tem-um-anel-branco-ao-redor-das-ventas!... Não, não, sou o bezerro-de-homem!... Sou maior do que todos os bois e homens juntos.

— *Mû-ûh... Mû-ûh!...* Sim, sou forte... Somos fortes... Não há bois... Tudo... Todos... A noite é enorme... Não há bois-de-carro... Não há mais nenhum boi Namorado...

— Boi Brabagato, boi Brabagato!... Escuta o que os outros bois estão falando. Estão doidos?!...

— *Bhúh!...* Não me chamem, não sou mais... Não existe boi Brabagato!... Tudo é forte. Grande e forte... Escuro, enorme e brilhante... Escuro-brilhante... Posso mais do que seu Agenor Soronho!...

— Que estão falando, todos? Estão loucos?!... Eu sou o boi Dansador... Boi Dansador... Mas, não há nenhum boi Dansador!... Não há o-que-tem-cabeça-grande-e-murundú-nas-costas... Sou mais forte do que todos... Não há bois, não há homem... Somos fortes... Sou muito forte... Posso bater para todos os lados... Bato no seu Agenor Soronho!... Bato no seu Soronho, de cabresto, de vara de marmelo, de pau... Até tirar sangue... E ainda fico mais forte... Sou Tião... Tiãozinho!... Matei seu Agenor Soronho... Torno a

matar!... Está morto esse carreiro do diabo!... Morto matado... Picado... Não pode entrar mais na nossa cafua. Não deixo!... Sou Tiãozinho... Se ele quiser embocar, mato outra vez... Mil vezes!... Se a minha mãe quiser chorar por causa dele, eu também não deixo... Ralho com a minha mãe... Ela só pode chorar é pela morte do meu pai... Tem de cuspir no seu Soronho morto... Tem de ajoelhar e rezar o terço comigo, por alma do meu pai... Quem manda agora na nossa cafua sou eu... Eu, Tiãozinho!... Sou grande, sou dono de muitas terras, com muitos carros de bois, com muitas juntas... Ninguém pode mais nem falar no nome do seu Soronho... Não deixo!... Sou o mais forte de todos... Ninguém pode mandar em mim!... Tiãozão... Tiãozão!... *Oung... Hmong... Mûh!...*

Tranco... tranco... Bate o carro, em traquetreio e solavanco. Mas, no caminho escabroso, com brocotós e buracos por todos os lados, Tiãozinho não cai nem escorrega, porque não está de-todo adormecido nem de-todo vigilante. Dormir é com o *Seu* Soronho, escanchado beato, logo atrás do pigarro.

De lá do coice, voz nasal, cavernosa, rosna Realejo. E todos falam.

— Se o carro desse um abalo maior...

— Se nós todos corrêssemos, ao mesmo tempo...

— O homem-do-pau-comprido rolaria para o chão.

— Ele está na beirada...

— Está cai-não-cai, na beiradinha...

— Se o bezerro, lá na frente, de repente gritasse, nós teríamos de correr, sem pensar, de supetão...

— E o homem cairia...

— Daqui a pouco... Daqui a pouco...

— Cairia... Cairia...

— Agora! Agora!

— *Mûung! Mûng!*

— ...rolaria para o chão.

— Namorado, vamos!!!... — Tiãozinho deu um grito e um salto para o lado, e a vara assobiou no ar... E os oito bois das quatro juntas se jogaram para diante, de uma vez... E o carro pulou forte, e craquejou, estrambelhado, com um guincho do cocão.

— Virgem, minha Nossa Senhora!... Ôa, ôa, boi!... Ôa, meu Deus do céu!...

Agenor Soronho tinha o sono sereno, a roda esquerda lhe colhera mesmo o pescoço, e a algazarra não deixou que se ouvisse xingo ou praga — assim não se pôde saber ao certo se o carreiro despertou ou não, antes de desencarnar. Tanto mais que, do cabeçalho ao chão, a distância é pequena; e uma rodeira de carro, bem ferrada, chapeada nas bandejas e com o aro ondulado de gomos metálicos, pesa no mínimo setenta quilos, mormente se, para cantar direito, foi feita de madeira de jacaré ou de peroba-da-miúda, tirada no espigão...

— *Mô-oung!...* Que é que estão falando os bois de trás?

— Que tudo o que se ajunta espalha...

— Que tudo o que se ajunta espalha.

— *Mû-û?...* Que é que estão dizendo os bois da guia?

— Nenhum não sabe.

Arrepelando-se todo. Chorando. Como um doido. Tiãozinho. — "Meu Deus! Como é que foi isto?!... Minha Nossa Senhora!..." — Sentado na beira dum buraco. Com os pés dentro do buraco. — "Eu tive a culpa... Mas eu estava meio cochilando... Sonhei... Sonhei e gritei... Nem sei o que foi que me assustou..." — Com os bois olhando. Olhando e esperando. Calmos. Bons. Mansos. Bois de paz. E sem atinar com o que fazer. — "Minha Virgem Santíssima que me perdoe!... Meus boizinhos bonitos que me perdoem!... Coitado do seu Agenor! Quem sabe se ele ainda pode estar vivo?!..." — Fazer promessa. Todos os santos. Rezar depressa. E gente chegando. Os dois cavaleiros. — Sossega, meu filho! Nem um gole d'água, p'ra dar a este menino. Sem água para a goela seca. Ajuda aqui, Nhô Alcides! Goela seca. Tremor. Já é de-tardinha. Desentala o corpo!... Quase degolado, o pobre do carreiro. Não quero ver. Chorando outra vez. — "Coitado do seu Agenor!... Era brabo, mas não era mesmo mau-de-todo, não... Tinha coração bom... Mas, não foi por meu querer... Juro, meu Nosso Senhor!..." — Com jeito, seu Quirino! Credo, nhô Alcides, já tinha outro defunto aqui dentro!... Meu pai. Não tem culpa. Tristeza. Frio. O sol foi-s'embora. Mas é preciso ajudar. Estou bem, não tive nada. Negócio urgente de Nhô Alcides. Seu Quirino carreia. A cavalo mesmo. Os bois querem caminhar. — "Vamos, Buscapé! Namorado, va-âmos!..."

E logo agora, que a irara Risoleta se lembrou de que tem um sério encontro marcado, duas horas e duas léguas para trás, é que o caminho melhorou. Tiãozinho — nunca houve melhor menino candieiro — vai em corridinha, maneiro, porque os bois, com a fresca, aceleram. E talvez dois

defuntos deem mais para a viagem, pois até o carro está contente — *renhein... nhein...* — e abre a goela do chumaço, numa toada triunfal.

"Eu sou pobre, pobre, pobre,
vou-me embora, vou-me embora
....
Eu sou rica, rica, rica,
vou-me embora, daqui!..."

(Cantiga antiga.)

"Sapo não pula por boniteza,
mas porém por percisão."

(Provérbio capiau.)

A hora e vez de Augusto Matraga

Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonsão Estêves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto — o homem — nessa noitinha de novena, num leilão de atrás da igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Muricí.

Procissão entrou, reza acabou. E o leilão andou depressa e se extinguiu, sem graça, porque a gente direita foi saindo embora, quase toda de uma vez.

Mas o leiloeiro ficara na barraca, comendo amêndoas de cartucho e pigarreando de rouco, bloqueado por uma multidão encachaçada de fim de festa.

E, na primeira fila, apertadas contra o balcãozinho, bem iluminadas pelas candeias de meia-laranja, as duas mulheres-atôa estavam achando em tudo um espírito enorme, porque eram só duas e pois muito disputadas, todo-o-mundo com elas querendo ficar.

Beleza não tinham: Angélica era preta e mais ou menos capenga, e só a outra servia. Mas, perto, encostado nela outra, um capiau de cara romântica subia todo no sem-jeito; eles estavam se gostando, e, por isso,

aquele povo encapetado não tinha — pelo menos para o pobre namorado — nenhuma razão de existir. E a cada momento as coisas para ele pioravam, com o pessoal aos gritos:

— Quem vai arrematar a Sariema? Anda, Tião! Bota a Sariema no leilão!...

— Bota no leilão! Bota no leilão...

A das duas raparigas que era branca — e que tinha pescoço fino e pernas finas, e passou a chamar-se, imediatamente, Sariema — pareceu se assustar. O capiau apaixonado deixou fuchicar, de cansaço, o meio-riso que trazia pendurado. E o leiloeiro pedia que houvesse juízo; mas ninguém queria atender.

— Dou cinco mil-réis!...

— Sariema! Sariema!

E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro Tião:

— Cinquenta mil-réis!...

Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os aplausos.

— Nhô Augusto! Nhô Augusto!

E insistiu fala mais forte:

— Cinquenta mil-réis, já disse! Dou-lhe uma! dou-lhe duas! Dou-lhe duas — dou-lhe três!...

Mas, nisso, puxaram para trás a outra — a Angélica preta se rindo, senvergonha e dengosa — que se soverteu na montoeira, de braço em braço, de rolo em rolo, pegada, manuseada, beliscada e cacarejante:

— Virgem Maria Puríssima! Úi, pessoal!

E só então o Tião leiloeiro achou coragem para se impor:

— Respeito, gente, que o leilão é de santo!...

— Bau-bau!

— Me desprezo! Me desprezo desse herege!... Vão coçar suas costas em parede!... Coisa de igreja tem castigo, não é brinquedo... Deix'passar!... Dá enxame, gente! Dá enxame!...

Alguns quiseram continuar vaia, mas o próprio Nhô Augusto abafou a arrelia:

— Sino e santo não é pagode, povo! Vou no certo... Abre, abre, deixa o Tião passar!

Então, surpresos, deram caminho, e o capiau amoroso quis ir também:

— Vamos embora, Tomázia, aproveitando a confusão...

E sua voz baixava, humilde, porque para ele ela não era a Sariema. Pôs três dedos no seu braço, e bem que ela o quis acompanhar. Mas Nhô Augusto separou-os, com uma pranchada de mão:

— Não vai, não!

E, atrás, deram apoio os quatro guarda-costas:

— Tem areia! Tem areia! Não vai, não!

— É do Nhô Augusto... Nhô Augusto leva a rapariga! — gritava o povo, por ser barato. E uma voz bem entoada cantou de lá, por cantar:

Mariquinha é como a chuva:
boa é, p'ra quem quer bem!
Ela vem sempre de graça,
só não sei quando ela vem...

Aí o povaréu aclamou, com disciplina e cadência:

— Nhô Augusto leva a Sariema! Nhô Augusto leva a Sariema!

O capiauzinho ficou mais amarelo. A Sariema começou a querer chorar. Mas Nhô Augusto, rompente, alargou no tal três pescoções:

— Toma! Toma! E toma!... Está querendo?...

Ferveram faces.

— Que foi? Que foi?...

— Deix'eu ver!...

— Não me esbarra, filho-da-mãe!

E a agitação partiu povos, porque a maioria tinha perdido a cena, apreciando, como estavam, uma falta-de-lugar, que se dera entre um velho — "Cai n'água, barbado!" — e o sacristão, no quadrante noroeste da massa. E também no setor sul estalara, pouco antes, um mal-entendido, de um sujeito com a correia desafivelada — lept!... lept!... —, com um outro pedindo espaço, para poder fazer sarilho com o pau.

— Que foi, hein?... Que foi?

Foi o capiauzinho apanhando, estapeado pelos quatro cacundeiros de Nhô Augusto, e empurrado para o denso do povo, que também queria estapear.

— Viva Nhô Augusto!...

— Te apessoa para cá, do meu lado! — e Nhô Augusto deu o braço à rapariga, que parou de lacrimejar.

— Vamos andando.

Passaram entre alas e aclamações dos outros, que, aí, como não havia mais mulheres, nem brigas, pegaram a debandar ou a cantar:

"Ei, compadre, chegadinho, chegou...
Ei, compadre, chega mais um bocadinho!..."

Nhô Augusto apertava o braço da Sariema, como quem não tivesse tido prazo para utilizar no capiau todos os seus ímpetos:

— E é, hein?... A senhora dona queria ficar com aquele, hein?!

— Foi, mas agora eu gosto é de você... O outro eu mal-e-mal conheci...

Caminharam para casa. Mas para a casa do Beco do Sem-Ceroula, onde só há três prédios — cada um deles com gramofone tocando, de cornetão à janela — e onde gente séria entra mas não passa.

Nisso, porém, transpunham o adro, e Nhô Augusto parou, tirando o chapéu e fazendo o em-nome-do-padre, para saudar a porta da igreja. Mas o lugar estava bem alumiado, com lanterninhas e muita luz de azeite, pendentes dos arcos de bambu. E Nhô Augusto olhou a mulher.

— Que é?!... Você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca! E está que é só osso, peixe cozido sem tempero... Capim p'ra mim, com uma sombração dessas!... Vá-se embora, frango-d'água! Some daqui!

E, empurrando a rapariga, que abriu a chorar o choro mais sentido da sua vida, Nhô Augusto desceu a ladeira sozinho — uma ladeira que a gente tinha de descer quase correndo, porque era só cristal e pedra solta.

Lá em baixo, esbarrou com o camarada, que trazia recado de Dona Dionóra: que Nhô Augusto voltasse, ou ao menos desse um pulo até lá — à casa dele, de verdade, na Rua de Cima, — porque ainda havia muito arranjo a ultimar para a viagem, e ela — a mulher, a esposa — tinha uma ou duas coisas por perguntar...

Mas Nhô Augusto nem deixou o mensageiro acabar de acabar:

— Desvira, Quim, e dá o recado pelo avesso: eu lá não vou!... Você apronta os animais, para voltar amanhã com Siá Dionóra mais a menina, para o Morro Azul. Mas, em antes, você sobe por aqui, e vai avisar aos meus homens que eu hoje não preciso deles, não.

E o Quim Recadeiro correu, com o recado, enquanto Nhô Augusto ia indo em busca de qualquer luz em porta aberta, aonde houvesse assombros de homens, para entrar no meio ou desapartar.

Era fim de outubro, em ano resseco. Um cachorro soletrava, longe, um mesmo nome, sem sentido. E ia, no alto do mato, a lentidão da lua.

Dona Dionóra, que tinha belos cabelos e olhos sérios, escutou aquela resposta, e não deu ar de seus pensamentos ao pobre camarada Quim. Mas muitos que eles eram, a rodar por lados contrários e a atormentar-lhe a cabeça, e ela estava cansada, pelo que, dali a pouco, teve vontade de chorar. E até a Mimita, que tinha só dez anos e já estava na cama, sorriu para dizer:

— Eu gosto, minha mãe, de voltar para o Morro Azul...

E então Dona Dionóra enxugou os olhos e também sorriu, sem palavra para dizer. De voltar para o retiro, sem a companhia do marido, só tinha por que se alegrar. Sentia, pelo desdeixo. Mas até era bom sair do comércio, onde todo o mundo devia estar falando da desdita sua e do pouco-caso, que não merecia.

E ela conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda — no Saco-da-Embira, nas Pindaíbas, ou no retiro do Morro Azul — ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. E sem efeito eram sempre as orações e promessas, com que ela o pretendera trazer, pelo menos, até a meio caminho direito.

Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai pancrácio. E ela, Dionóra, tivera culpa, por haver contrariado e desafiado a família toda, para se casar.

Agora, com a morte do Coronel Afonsão, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto. E com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca.

Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara os demais. Agora, porém, tinha aparecido outro. Não, só de pôr aquilo na ideia, já sentia medo... Por si e pela filha... Um medo imenso.

Se fosse, se aceitasse de ir com o outro, Nhô Augusto era capaz de matá-la. Para isso, sim, ele prestava muito. Matava, mesmo, como dera conta do homem da foice, pago por vingança de algum ofendido. Mas, quem sabe se não era melhor se entregar à sina, com a proteção de Deus, se não fosse pecado... Fechar os olhos.

E o outro era diferente! Gostava dela, muito... Mais do que ele mesmo dizia, mais do que ele mesmo sabia, da maneira de que a gente deve gostar. E tinha uma força grande, de amor calado, e uma paciência quente, cantada, para chamar pelo seu nome: ...Dionóra... "Dionóra, vem comigo, vem comigo e traz a menina, que ninguém não toma vocês de mim!..." Bom... Como um sonho... Como um sono...

Dormiu.

E, assim, mal madrugadinha escassa, partiram as duas — Dona Dionóra, no cavalo de silhão, e a Mimita, mofina e franzina, carregada à frente da sela do camarada Quim.

Pernoitaram no Pau Alto, no sítio de um tio nervoso, que riscava a mesa com as unhas e não se cansava de resmungar:

— Fosse eu, fosse eu... Uma filha custa sangue, filha é o que tem de mais valia...

— Sorte minha, meu tio...

— Sorte nunca é de um só, é de dois, é de todos... Sorte nasce cada manhã, e já está velha ao meio-dia...

— Culpa eu tive, meu tio...

— Quem não tem, quem não teve? Culpa muita, minha filha... Mãe do Nhô Augusto morreu, com ele ainda pequeno... Teu sogro era um leso, não era p'ra chefe de família... Pai era como que Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira... Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p'ra padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha...

De manhã, com o sol nascendo, retomaram a andadura. E, quando o sol esteve mais dono de tudo, e a poeira era mais seca, Mimita começou a gemer, com uma dor de pontada, e pedia água. E, depois, com um sorriso tristinho, perguntava:

— Por que é que o pai não gosta de nós, mãe?

E o Quim Recadeiro ficava a bater a cabeça, vez e vez, com muita circunspecção tola, em universal assentimento.

Mas, na passagem do brechão do Bugre, lá estava seu Ovídio Moura, que tinha sabido, decerto, dessa viagem de regresso.

— Dionóra, você vem comigo... Ou eu saio sozinho por esse mundo, e nunca mais você há-de me ver!...

Mas Dona Dionóra foi tão pronta, que ele mesmo se espantou.

— Nhô Augusto é capaz de matar a gente, seu Ovídio... Mas eu vou com o senhor, e fico, enquanto Deus nos proteger...

Seu Ovídio pegou a menina do colo do Quim, que nada escutara ou entendera e passou a cavalgar bem atrás. E, quando chegaram no pilão-d'água do Mendonça, onde tem uma encruzilhada, e o camarada viu que os outros iam tomando o caminho da direita, estugou o cavalo e ainda gritou, para corrigir:

— Volta para trás, minha patroa, que o caminho por aí é outro!

Mas seu Ovídio se virou, positivo:

— Volta você, e fala com o seu patrão que Siá Dona Dionóra não quer viver mais com ele, e que ela de agora por diante vai viver comigo, com o querer dos meus parentes todos e com a bênção de Deus!

Quim Recadeiro, no primeiro passo, ainda levou a mão ao chapéu de palha, cumprimentando:

— Pois sim, seu Ovídio... Eu dou o recado...

Ficou parado, limpando suor dos cabelos, sem se resolver. Mas, fim no fim, num achamento, se retesou nos estribos, e gritou:

— Homem sujo!... Tomara que uma coruja ache graça na tua porta!...

Jogou fora, e cuspiu em cima. E tocou para trás, em galope doido, dando poeira ao vento. Ia dizer a Nhô Augusto que a casa estava caindo.

Quando chega o dia da casa cair — que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível, — o dono pode estar: de dentro, ou de fora. É melhor de fora. E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer. Mesmo estando de dentro, mais vale todo vestido e perto da porta da rua. Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama — o pior lugar que há para se receber uma surpresa má.

E o camarada Quim sabia disso, tanto que foi se encostando de medo que ele entrou. Tinha poeira até na boca. Tossiu.

— Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, p'ra lhe contar.

E tremeu mais, porque Nhô Augusto se erguia de um pulo e num átimo se vestia. Só depois de meter na cintura o revólver, foi que interpelou,

dente em dente:

— Fala tudo!

Quim Recadeiro gaguejou suas palavras poucas, e ainda pôde acrescentar:

— ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p'ra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...

— Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!

Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito: — Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... P'ra ele pagar o que está nos devendo... E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu Major disse que não quer.

— Cachorrada!... Só de pique... Onde é que eles estão?

— Indo de mudados, p'ra a chácara do Major...

— Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai!... Vou lá!

— Mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto, mas todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre, no já-já... E estão conversando, o Major mais outros grandes, querendo pegar o senhor à traição. Estão espalhando... — o senhor dê o perdão p'r'a minha boca que eu só falo o que é perciso — estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação... Estou lhe contando p'ra modo de o senhor não querer facilitar. Carece de achar outros companheiros bons, p'ra o senhor não ir sozinho... Eu, não, porque sou medroso. Eu cá pouco presto... Mas, se o senhor mandar, também vou junto.

Mas Nhô Augusto se mordia, já no meio da sua missa, vermelho e feroz. Montou e galopou, teso para trás, rei na sela, enquanto o Quim Recadeiro ia lá dentro, caçar um gole d'água para beber. Assim.

Assim, quase qualquer um capiau outro, sem ser Augusto Estêves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar, fazendo umas férias na vida: viagem,

mudança, ou qualquer coisa ensossa, para esperar o cumprimento do ditado: “Cada um tem seus seis meses...”

Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir, e para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro. Demais, quando um tem que pagar o gasto, desembesta até ao fim. E, desse jeito, achou que não era hora para ponderados pensamentos.

Nele, mal-e-mal, por debaixo da raiva, uma ideia resolveu por si: que antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas. Se não, se deixasse rasto por acertar, perdia a força. E foi.

Cresceu poeira, de peneira. A estrada ficou reta, cheia de gente com cautela. Chegou à chácara do Major.

Mas nem descavalgou, sem tempo. Do tope da escada, o dono da casa foi falando alto, risonho de ruim:

— Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Estêves!...

O cavalo de Nhô Augusto obedeceu para diante; as ferraduras tiniram e deram fogo no lajedo; e o cavaleiro, em pé nos estribos, trouxe a taca no ar, querendo a figura do velho. Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pulavam de cada beirada, e eram só pernas e braços.

— Frecha, povo! Desmancha!

Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinchãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, e, no meio deles, o capiauzinho mongo que amava a mulher-atôa Sariema.

E Nhô Augusto fechou os olhos, de gastura, porque ele sabia que capiau de testa peluda, com o cabelo quase nos olhos, é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco perto do pote, e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo para ajuntar à massa-mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança.

Mas, aí, pachorrenta e cuspida, ressoou a voz do Major:

— Arrastem p’ra longe, para fora das minhas terras... Marquem a ferro, depois matem.

Nhô Augusto se alteou e estendeu o braço direito, agarrando o ar com os cinco dedos:

— Cá p'ra perto, carrasco!... Só mesmo assim desse jeito, p'ra sojigar Nhô Augusto Estêves!...

E, seguro por mãos e pés, torcido aos pulsos dos capangas, urrava e berrava, e estrebuchava tanto, que a roupa se estraçalhava, e o corpo parecia querer partir-se em dois, pela metade da barriga. Desprendeu-se, por uma vez. Mas outros dos homens desceram os porretes. Nhô Augusto ficou estendido, de-bruços, com a cara encostada no chão.

— Traz água fria, companheiro!

O capiauzinho da testa peluda cantou, mal-entoado:

Sou como a ema,
Que tem penas e não voa...

Os outros começaram a ficar de cócoras.

Mas, quando Nhô Augusto estremeceu e tornou a solevar a cabeça, o Major, lá da varanda, apertando muito os olhos, para espiar, e se abanando com o chapéu, tirou ladainha:

— Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, minha gente?!...

E os cacundeiros, em coro:

— Não tem não! Tem mais não!...

Puxaram e arrastaram Nhô Augusto, pelo atalho do rancho do Barranco, que ficou sendo um caminho de pragas e judiação.

E, quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim de légua, o Nhô Augusto já vinha quase que só carregado, meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue. Empurraram-no para o chão, e ele nem se moveu.

— É aqui mesmo, companheiros. Depois, é só jogar lá para baixo, p'ra nem a alma se salvar...

Os jagunços veteranos da chácara do Major Consilva acenderam seus cigarros, com descanso, mal interessados na execução. Mas os quatro que tinham sido bate-paus de Nhô Augusto mostravam maior entusiasmo, enquanto o capiauzinho sem testa, diligente e contente, ia ajuntar lenha para fazer fogo.

E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major — que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência —, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea

direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e um salto, medonhos.

— Segura!

Mas já ele alcançara a borda do barranco, e pulara no espaço. Era uma altura. O corpo rolou, lá em baixo, nas moitas, se sumindo.

— Por onde é que a gente passa, p'ra poder ir ver se ele morreu?

Mas um dos capangas mais velhos disse melhor:

— Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés...

E deram as costas, regressando, sob um sol mais próximo e maior.

Mas o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para o casebre dos dois, que era um cofo de barro seco, sob um tufo de capim podre, mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões.

E o preto foi cortar padieiras e travessas, para um esquife, enquanto a preta procurava um coto de vela benta, para ser posta na mão do homem, na hora do "Diga Jesus comigo, irmão"...

Mas, nessa espera, por surpresa, deu-se que Nhô Augusto pôs sua pessoa nos olhos, e gemeu:

— Me matem de uma vez, por caridade, pelas chagas de Nosso Senhor...

Depois, falou coisas sem juízo, para gente ausente, pois estava lavorando de quente e tinha mesmo de delirar.

— Deus que me perdoe, — resmungou a preta, — mas este homem deve de ser ruim feito cascavel barreada em buraco, porque está variando que faz e acontece, e é só braveza de matar e sangrar... E ele chama por Deus, na hora da dor forte, e Deus não atende, nem para um fôlego, assim num desamparo como eu nunca vi!

Mas o negro só disse:

— Os outros não vão vir aqui, para campear defunto, porque a pirambeira não tem descida, só dando muita volta por longe. E, como tem um bezerro morto, na biboca, lá de cima vão pensar que os urubus vieram por causa do que eles estão pensando...

Deitado na esteira, no meio de molambos, no canto escuro da choça de chão de terra, Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas metidas em toscas talas de taboca e acomodadas em regos de telhas, porque a esquerda estava partida em dois lugares, e a direita num só, mas com ferida aberta. As moscas esvoaçavam e pousavam, e o corpo todo lhe doía, com costelas também partidas, e mais um braço, e um sofrimento de machucaduras e cortes, e a queimadura da marca de ferro, como se o seu pobre corpo tivesse ficado imenso.

Mesmo assim, com isso tudo, ele disse a si que era melhor viver. Bebeu mingau ralo de fubá, e a preta enrolou para ele um cigarro de palha. Em sua procura não aparecera ninguém. Podia sarar. Podia pensar.

Mas, de tardinha, chegou a hora da tristeza; com grunhidos de porcos, ouvidos através das fendas da parede, e os ruflos das galinhas, procurando poleiro nos galhos, e a negra, lá fora, lavando as panelas e a cantar:

As árvores do Mato Bento
deitam no chão p'ra dormir...

E havia também, quando a preta parava, as cantigas miúdas dos bichinhos mateiros e os sons dos primeiros sapos.

Esfriou o tempo, antes do anoitecer. As dores melhoraram. E, aí, Nhô Augusto se lembrou da mulher e da filha. Sem raiva, sem sofrimento, mesmo, só com uma falta de ar enorme, sufocando. Respirava aos arrancos, e teve até medo, porque não podia ter tento nessa desordem toda, e era como se o corpo não fosse mais seu. Até que pôde chorar, e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono. E, sem saber e sem poder, chamou alto soluçando:

— Mãe... Mãe...

O preto, que estava sentado, pondo chumbada no anzol, no pé da porta de casa, ouviu e ficou atrapalhado; chamou a preta, que veio ligeira e se enterneceu:

— Não faz assim, seu moço, não desespera. Reza, que Deus endireita tudo... P'ra tudo Deus dá o jeito!

E a preta acendeu a candeia, e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e o terço.

Agora, parado o pranto, a tristeza tomou conta de Nhô Augusto. Uma tristeza mansa, com muita saudade da mulher e da filha, e com um dó imenso de si mesmo. Tudo perdido! O resto, ainda podia... Mas, ter a sua família, direito, outra vez, nunca. Nem a filha... Para sempre... E era como se tivesse caído num fundo de abismo, em outro mundo distante.

E ele teve uma vontade virgem, uma precisão de contar a sua desgraça, de repassar as misérias da sua vida. Mas mordeu a fala e não desabafou. Também não rezou. Porém a luzinha da candeia era o pavio, a tremer, com brilhos bonitos no poço de azeite, contando histórias da infância de Nhô Augusto, histórias mal lembradas, mas todas de bom e bonito final. Fechou os olhos. Suas mãos, uma na outra, estavam frias. Deu-se ao cansaço. Dormiu.

E desse modo ele se doeu no enxergão, muitos meses, porque os ossos tomavam tempo para se ajuntar, e a fratura exposta criara bicheira. Mas os pretos cuidavam muito dele, não arrefecendo na dedicação.

— Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados!...

Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar.

— Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?!

— Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...

E por aí a fora foi, com um sermão comprido, que acabou depondo o doente num desvencido torpor.

— Eu acho boa essa ideia de se mudar para longe, meu filho. Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito!

— Fé eu tenho, fé eu peço, padre...

— Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta

jaculatória: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...”

E, páginas adiante, o padre se portou ainda mais excelentemente, porque era mesmo uma brava criatura. Tanto assim, que, na despedida, insistiu:

— Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.

E, lá fora, ainda achou de ensinar à preta um enxofre e tal para o gôgo dos frangos, e aconselhou o preto a pincelar água de cal no limoeiro, e a plantar tomateiros e pés de mamão.

Meses não são dias, e a vida era aquela, no chão da choupana. Nhô Augusto comia, fumava, pensava e dormia. E tinha pequenas esperanças: de amanhã em diante, o lado de cá vai doer menos, se Deus quiser... — E voltou a recordar todas as rezas aprendidas na meninice, com a avó. Todas e muitas mais, mesmo as mais bobas de tanta deformação e mistura: as que o preto engrolava, ao lavar-lhe com creolina a ferida da perna, e as que a preta murmurava, benzendo a cuia d’água, ao lhe dar de beber.

E somente essas coisas o ocupavam, porque para ele, féria feita, a vida já se acabara, e só esperava era a salvação da sua alma e a misericórdia de Deus Nosso Senhor. Nunca mais seria gente! O corpo estava estragado, por dentro, e mais ainda a ideia. E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando.

Espantava as ideias tristes, e, com o passar do tempo, tudo isso lhe foi dando uma espécie nova e mui serena de alegria. Esteve resignado, e fazia compridos progressos na senda da conversão.

Quando ficou bom para andar, escorando-se nas muletas que o preto fabricara, já tinha os seus planos, menos maus, cujo ponto de início consistia em ir para longe, para o sitiozinho perdido no sertão mais longínquo — uma data de dez alqueires, que ele não conhecia nem pensara jamais que teria de ver, mas que era agora a única coisa que possuía de seu. Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, muito edificante e vasta. E, junto com o casal de pretos samaritanos, que, ao hábito de se desvelarem, agora não o podiam deixar nem por nada, pegou chão, sem paixão.

Largaram à noite, porque o começo da viagem teria de ser uma verdadeira escapada. E, ao sair, Nhô Augusto se ajoelhou, no meio da estrada, abriu os braços em cruz, e jurou:

— Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!... E os negros aplaudiram, e a turminha pegou o passo, a caminho do sertão.

Foram norte a fora, na derrota dos criminosos fugidos, dormindo de dia e viajando de noite, como cativos amocambados, de quilombo a quilombo. Para além do Bacupari, do Boqueirão, da Broa, da Vaca e da Vacaria, do Peixe-Bravo, dos Tachos, do Tamanduá, da Serra-Fria, e de todos os muitos arraiais jazentes na reta das léguas, ao pé dos verdes morros e dos morros de cristais brilhantes, entre as varjarias e os cordões-de-mato. E deixavam de lado moendas e fazendas, e as estradas com cancelas, e roçarias e sítios de monjolos, e os currais do Fonseca, e a pedra quadrada dos irmãos Trancoso; e mesmo as grandes casas velhas, sem gente mais morando, vazias como os seus currais. E dormiam nas brenhas, ou sob as árvores de sombra das caatingas, ou em ranchos de que todos são donos, à beira das lagoas com patos e das lagoas cobertas de mato. Atravessaram o Rio das Rãs e o Rio do Sapo. E vieram, por picadas penhascosas e sendas de pedregulho, contra as serras azuis e as serras amarelas, sempre. Depois, por baixadas, com outeiros, terras mansas. E em paragens ripuárias, mas evitando a linha dos vaus, sob o voo das garças, — os caminhos por onde as boiadas vêm, beirando os rios.

E assim se deu que, lá no povoado do Tombador, — onde, às vezes, pouco às vezes e somente quando transviados da boa rota, passavam uns bruaqueiros tangendo tropa, ou uns baianos corajosos migrando rumo sul, — apareceu, um dia, um homem esquisito, que ninguém não podia entender.

Mas todos gostaram logo dele, porque era meio doido e meio santo; e compreender deixaram para depois.

Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa.

O casal de pretos, que moravam junto com ele, era quem mandava e desmandava na casa, não trabalhando um nada e vivendo no estadão. Mas,

ele, tinham-no visto mourejar até dentro da noite de Deus, quando havia luar claro.

Nos domingos, tinha o seu gosto de tomar descanso: batendo mato, o dia inteiro, sem sossego, sem espingarda nenhuma e nem nenhuma arma para caçar; e, de tardinha, fazendo parte com as velhas corocas que rezavam o terço ou os meses dos santos. Mas fugia às léguas de viola ou sanfona, ou de qualquer outra qualidade de música que escuma tristezas no coração.

Quase sempre estava conversando sozinho, e isso também era de maluco, diziam; porque eles ignoravam que o que fazia era apenas repetir, sempre que achava preciso, a fala final do padre: — "Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há-de ter a sua". — E era só.

E assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho deste jeito, sem tirar e nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não senhor.

Quem quisesse, porém, durante esse tempo, ter dó de Nhô Augusto, faria grossa bobagem, porquanto ele não tinha tentações, nada desejava, cansava o corpo no pesado e dava rezas para a sua alma, tudo isso sem esforço nenhum, como os cupins que levantam no pasto murundus vermelhos, ou como os tico-ticos, que penam sem cessar para levar comida ao filhote de pássaro-preto — bico aberto, no alto do mamoeiro, a pedir mais.

Esta última lembrança era do povo do Tombador, já que em toda a parte os outros implicam com os que deles se desinteressam, e que o pessoal nada sabia das alheias águas passadas, e nem que o negro e a negra eram agora pai e mãe de Nhô Augusto.

Também, não fumava mais, não bebia, não olhava para o bom-parecer das mulheres, não falava junto em discussão. Só o que ele não podia era se lembrar da sua vergonha; mas, ali, naquela biboca perdida, fim-de-mundo, cada dia que descia ajudava a esquecer.

Mas, como tudo é mesmo muito pequeno, e o sertão ainda é menor, houve que passou por lá um conhecido velho de Nhô Augusto — o Tião da Thereza — à procura de trezentas reses de uma boiada brava, que se desmanchara nos gerais do alto Urucúia, estourando pelos cem caminhos sem fim do chapadão.

Tião da Thereza ficou bobo de ver Nhô Augusto. E, como era casca-grossa, foi logo dando as notícias que ninguém não tinha pedido: a mulher, Dona Dionóra, continuava amigada com seu Ovídio, muito de-bem os

dois, com tenção até em casamento de igreja, por pensarem que ela estava desimpedida de marido; com a filha, sim, é que fora uma tristeza: crescera sã e se encorpara uma mocinha muito linda, mas tinha caído na vida, seduzida por um cometa, que a levara do arraial, para onde não se sabia... O Major Consilva prosseguia mandando no Muricí, e arrematara as duas fazendas de Nhô Augusto... Mas o mais mal-arrumado tinha sido com o Quim, seu antigo camarada, o pobre do Quim Recadeiro — "Se alembra?" — Pois o Quim tinha morrido de morte-matada, com mais de vinte balas no corpo, por causa dele, Nhô Augusto: quando soube que seu patrão tinha sido assassinado, de mando do Major, não tivera dúvida: ...jurou desforra, beijando a garrucha, e não esperou café coado! Foi cuspir no cangussú detrás da moita, e ficou morto, mas já dentro da sala-de-jantar do Major, e depois de matar dois capangas e ferir mais um...

— Para, chega, Tião!... Não quero saber de mais coisa nenhuma! Só te peço é para fazer de conta que não me viu, e não contar p'ra ninguém, pelo amor de Deus, por amor de sua mulher, de seus filhos e de tudo o que para você tem valor!... Não é mentira muita, porque é a mesma coisa em como se eu tivesse morrido mesmo... Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, Tião...

— Estou vendo, mesmo. Estou vendo...

E Tião da Thereza pôs, nos olhos, na voz e no meio-aberto da boca, tanto nojo e desprezo, que Nhô Augusto abaixou o queixo; e nem adiantou repetir para si mesmo a jaculatória do coração manso e humilde: teve foi de sair, para trás das bananeiras, onde se ajoelhou e rejurou: — P'ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...

E foi bom passo que nesse dia um homem chamado Romualdo, morador à beira da cava, precisou de ajuda para tirar uma égua do atoleiro, e Nhô Augusto teve trabalho até tarde da noite, com fogueira acesa e tocha na mão.

Mas, daí em seguida, ele não guardou mais poder para espantar a tristeza. E, com a tristeza, uma vontade doente de fazer coisas mal-feitas, uma vontade sem calor no corpo, só pensada: como que, se bebesse e cigarrasse, e ficasse sem trabalhar nem rezar, haveria de recuperar sua força de homem e seu acerto de outro tempo, junto com a pressa das coisas, como os outros sabiam viver.

Mas, a vergonheira atrasada? E o castigo? O padre bem que tinha falado:

— “Você, em toda sua vida, não tem feito senão pecados muito graves, e Deus mandou estes sofrimentos só para um pecador poder ter a ideia do que o fogo do inferno é!...”

Sim, era melhor rezar mais, trabalhar mais e escorar firme, para poder alcançar o reino-do-céu. Mas o mais terrível era que o desmazelo de alma em que se achava não lhe deixava esperança nenhuma do jeito de que o Céu podia ser.

— Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homência, será que eu posso mesmo entrar no céu?!...

— Não fala fácil, meu filho!... Dei’stá: debaixo do angu tem molho, e atrás de morro tem morro.

— Isso sim... Cada um tem a sua vez, e a minha hora há-de chegar!...

E, enquanto isso tudo, Nhô Augusto estava no escuro e sozinho, cercado de capiaus descalços, vestidos de riscado e seriguilha tinta, sem padre nenhum com quem falar. E essa era a consequência de um estouro de boiada na vastidão do planalto, por motivo de uma picada de vespa na orelha de um marruaz bravio, combinada com a existência, neste mundo, do Tião da Thereza. E tudo foi bem assim, porque tinha de ser, já que assim foi.

Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, longamente, humanamente, e foi essa a primeira vez. E, no fim, desabafou: que era demais o que estava purgando pelos seus pecados, e que Nosso Senhor se tinha esquecido dele! A mulher, feliz, morando com outro... A filha, tão nova, e já na mão de todos, rolando por este mundo, ao deus-dará... E o Quim, o Quim Recadeiro — um rapazinho miúdo, tão no desamparo — e morrendo como homem, por causa do patrão... um patrão de borra, que estava p’r’ali no escondido, encostado, que nem como se tivesse virado mulher!...

— O resto é peso p’ra dia, mãe Quitéria... Mas, como é? Como é que eu vou me encontrar com o Quim lá com Deus, com que cara?!... E eu já fui zápede, já pus fama em feira, mãe Quitéria! Na festa do Rosário, na Tapera... E um dia em que enfrentei uns dez, fazendo todo-o-mundo correr... Desarmei e dei pancada, no Sergipão Congo, mãe Quitéria, que era mão que desce, mesmo monstro matador!... E a briga, com a família inteira, pai, irmão, tio, da moça que eu tirei de casa, semana em antes de se casar?!...

— Vira o demônio de costas, meu filho... Faz o que o seu padre mandou!
— E é o diabo mesmo, mãe Quitéria... Eu sei... Ou então é castigo, porque eu vou me lembrar dessas coisas logo agora, que o meu corpo não está valendo, nem que eu queira, nem p'ra brigar com homem e nem p'ra gostar de mulher...
— Rezo o credo!
Mas Nhô Augusto, que estava de cócoras, sentou-se no chão e continuou:
— Tem horas em que fico pensando que, ao menos por honrar o Quim, que morreu por minha causa, eu tinha ordem de fazer alguma vantagem... Mas eu tenho medo... Já sei como é que o inferno é, mãe Quitéria... Podia ir procurar a coitadinha da minha filha, que talvez esteja sofrendo, precisando de mim... Mas eu sei que isso não é eito meu, não é não. Tenho é de ficar pagando minhas culpas, penando aqui mesmo, no sozinho. Já fiz penitência estes anos todos, e não posso ter prejuízo deles! Se eu quisesse esperdiçar essa penitência feita, ficava sem uma coisa e sem outra... Sou um desgraçado, mãe Quitéria, mas o meu dia há-de chegar!... A minha vez...
E assim nesse parado Nhô Augusto foi indo muito tempo, se acostumando com os novos sofrimentos, mais meses. Mas sempre saía para servir aos outros, quando precisavam, ajudava a carregar defuntos, visitava e assistia gente doente, e fazia tudo com uma tristeza bondosa, a mais não ser.
Até que, pouco a pouco, devagarinho, imperceptível, alguma cousa pegou a querer voltar para ele, a crescer-lhe do fundo para fora, sorrateira como a chegada do tempo das águas, que vinha vindo paralela: com o calor dos dias aumentando, e os dias cada vez maiores, e o joão-de-barro construindo casa nova, e as sementinhas, que hibernavam na poeira, esperando na poeira, em misteriosas incubações. Nhô Augusto agora tinha muita fome e muito sono. O trabalho entusiasmava e era leve. Não tinha precisão de enxotar as tristezas. Não pensava nada... E as mariposas e os cupins-de-asas vinham voar ao redor da lamparina... Círculo rodeando a lua cheia, sem se encostar... E começaram os cantos. Primeiro, os sapos: — "Sapo na seca coaxando, chuva beirando", mãe Quitéria!... — Apareceu uma jia na horta, e pererecas dentro de casa, pelas paredes... E os escorpiões e as minhocas pulavam no terreiro, perseguidos pela correição das lava-pés, em préstitos atarefados e compridos... No céu sul, houve

nuvens maiores, mais escuras. Aí, o peixe-frito pegou a cantar de noite. A casca de lua, de bico para baixo, "despejando"... Um vento frio, no fim do calor do dia... Na orilha do atoleiro, a saracura fêmea gritou, pedindo três potes, três potes, três potes para apanhar água... Choveu.

Então, tudo estava mesmo muito mudado, e Nhô Augusto, de repente, pensou com a ideia muito fácil, e o corpo muito bom. Quis se assustar, mas se riu:

— Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim...

— Louvor ao Divino, meu filho!

E, uma vez, manhã, Nhô Augusto acordou sem saber por que era que ele estava com muita vontade de ficar o dia inteiro deitado, e achando, ao mesmo tempo, muito bom se levantar. Então, depois do café, saiu para a horta cheirosa, cheia de passarinhos e de verdes, e fez uma descoberta: por que não pitava?!... Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar...

E isso foi pensado muito ligeiro, porque já ele enrolava a palha, com uma pressa medonha, como se não tivesse curtido tantos anos de abstenção. Tirou tragadas, soltou muitas fumaças, e sentiu o corpo se desmanchar, dando na fraqueza, mas com uma tremura gostosa, que vinha até ao mais dentro, parecendo que a gente ia virar uma chuvinha fina.

Não, não era pecado!... E agora rezava até muito melhor e podia esperar melhor, mais sem pressa, a hora da libertação.

E, pois, foi aí por aí, dias depois, que aconteceu uma coisa até então jamais vista, e té hoje mui lembrada pelo povinho do Tombador.

Vindos do norte, da fronteira velha-de-guerra, bem montados, bem enroupados, bem apessoados, chegaram uns oito homens, que de longe se via que eram valentões: primeiro surgiu um, dianteiro, escoteiro, que percorreu, de ponta a ponta, o povoado, pedindo água à porta de uma casa, pedindo pousada em outra, espiando muito para tudo e fazendo pergunta e pergunta; depois, então, apareceram os outros, equipados com um despropósito de armas — carabinas, novinhas quase; garruchas, de um e de dois canos; revólveres de boas marcas; facas, punhais, quicés de cabos esculpidos; porretes e facões, — e transportando um excesso de breves nos pescoços.

O bando desfilou em formação espaçada, o chefe no meio. E o chefe — o mais forte e o mais alto de todos, com um lenço azul enrolado no chapéu

de couro, com dentes brancos limados em acume, de olhar dominador e tosse rosnada, mas sorriso bonito e mansinho de moça — era o homem mais afamado dos dois sertões do rio: célebre do Jequitinhonha à Serra das Araras, da beira do Jequitaí à barra do Verde Grande, do Rio Gavião até nos Montes Claros, de Carinhanha até Paracatu; maior do que Antônio Dó ou Indalécio; o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: Seu Joãozinho Bem-Bem.

O povo não se mexia, apavorado, com medo de fechar as portas, com medo de ficar na rua, com medo de falar e de ficar calado, com medo de existir. Mas Nhô Augusto, que vinha de vir do mato, carregando um feixe de lenha para um homem chamado Tobias da Venda, quando soube do que havia, jogou a carga no chão e correu ao encontro dos recém-chegados.

Então o bandido Flosino Capeta, um sujeito cabeça-de-canoa, que nunca se apartava do chefe, caçoou:

— Que suplicante mais estúrdio será esse, que vem vindo ali, feito sombração?!

Mas seu Joãozinho Bem-Bem fez o cavalo avançar duas passadas, e disse:

— Não debocha, companheiro, que eu estou gostando do jeito deste homem caminhar!

E Flosino Capeta pasmou deveras, porque era a coisa mais custosa deste mundo seu Joãozinho Bem-Bem se agradar de alguém ao primeiro olhar.

Mas Nhô Augusto, parecendo não ver os demais, veio direito ao chefe, encarando-o firme e perguntando:

— O senhor, de sua graça, é que é mesmo o seu Joãozinho Bem-Bem, pois não é?

— P'ra lhe servir, meu senhor.

— A pois, se o senhor não se acanha de entrar em casa de pobre, eu lhe convido para passar mal e se arranchar comigo, enquanto for o tempo de querer ficar por aqui... E de armar sua rede debaixo do meu telhado, que vai me dar muita satisfação!

— Eu aceito sua bondade, mano velho. Agora, preciso é de ver quem é mais, desse povinho assustado, que quer agasalhar o resto da minha gente...

— Pois eu gostava era que viessem todos juntos para o meu rancho...

— Não será abuso, mano velho?

— É não... É de coração.
— Pois então, vamos, que Deus lhe pagará!
E seu Joãozinho Bem-Bem, que, com o rabo-do-olho, não deixava de vigiar tudo em volta, virou-se, rápido, para o Epifânio, que mexia com a winchester:
— Guarda a arma, companheiro, que eu já disse que não quero essa moda de brincar de dar tiro atôa, atôa, só por amor de espantar os moradores do lugar!... Vamos chegando! Guia a gente, mano velho.
E aí o casal de pretos, em grande susto, teve de se afanar, num corre-corre de depenar galinhas, matar leitoa, procurar ovos e fazer doces. E Nhô Augusto, depois de buscar ajuda para tratar dos cavalos, andou de casa em casa, arrecadando aluá, frutas, quitandas, fumo cheiroso, muita cachaça, e tudo o mais que de fino houvesse, para os convidados. E os seus convidados achavam imensa graça naquele homem, que se atarefava em servi-los, cheio de atenções, quase de carinhos, com cujo motivo eles não topavam atinar. Tinham armado as redes de fibra nas árvores do quintal, e repousavam, cada qual com o complicado arsenal bem ao alcance da mão. Então seu Joãozinho Bem-Bem contou a Nhô Augusto: estava de passagem, com uma pequena parte do seu bando, para o sul, para o arraial das Taquaras, na nascença do Mandurí, a chamado de seu amigo Nicolau Cardoso, atacado por um mandão fazendeiro, de injustiça. E Flosino Capeta acrescentou:
— Diz'que o tal tomou reforço, com três tropas de serranos, mas é só a gente chegar lá, para não se ver ninguém mais... Eles têm que "dar o beiço e cair o cacho", seu moço!... Mas a gente nem pode mais ter o gosto de brigar, porque o pessoal não aparece, no falar de entrar no meio do seu Joãozinho Bem-Bem...
Mas seu Joãozinho Bem-Bem interrompeu o outro:
— Prosa minha não carece de contar, companheiro, que todo o mundo já sabe.
Nhô Augusto passeava com os olhos, que nunca ninguém tinha visto tão grandes nem tão redondos, mostrando todo o branco ao redor. Seu Joãozinho Bem-Bem ria um riso descansado, e os outros riam também, circundando-o, obedientes.
— A gente não ia passar, porque eu nem sabia que aqui tinha este comercinho... Nosso caminho era outro. Mas de uma banda do rio tinha a maleita, e da outra está reinando bexiga da brava... E falaram também

numa soldadesca, que vem lá da Diamantina... Por isso a gente deu tanta volta.

Os pretos trouxeram a janta, para o meio do pátio. Era um banquete. E quando a turma se pôs em roda, para começar a comer, o anfitrião fez o sinal da cruz e rezou alto; e os outros o acompanharam, com o que Nhô Augusto deu mostras de exultar.

— O senhor, que é o dono da casa, venha comer aqui perto de mim, mano velho... — pediu seu Joãozinho Bem-Bem. — Mas, que é que o senhor está gostando tanto assim de apreciar? Ah, é o Tim?... Isso é morrinha de quartel... Ele é reiuno...

Nhô Augusto namorava o Tim Tatu-tá-te-vendo, desertor do Exército e de três milícias estaduais, e que, por isso mesmo e sem querer, caminhava marchando, e, para falar com alguém, se botava de sentido, em estricta posição.

— Esta guarda guerreira acompanha o senhor há muito tempo, seu Joãozinho Bem-Bem?

O chefe acertou a sujigola e tossiu, para responder:

— Alguns. É tudo gente limpa... Mocorongo eu não aceito comigo! Homem que atira de trás do toco não me serve... Gente minha só mata as mortes que eu mando, e morte que eu mando é só morte legal!

— Êpa, ferro!... — exclamou Nhô Augusto, balançando o corpo. Seu Joãozinho Bem-Bem continuou:

— Povo sarado e escovado... Mas eles todos me dão trabalho... Este aqui é baiano, fala mestre... Cabeça-chata é outro, porque eles avançam antes da hora... Não é gente fácil... Nem goiano, porque não é andejo... E nem mineiro, porque eles andam sempre com a raiva fora-de-hora, e não gostam de parar mais, quando começam a brigar... Mas, pessoal igual ao meu, não tem!

— E o senhor também não é mineiro, seu Joãozinho Bem-Bem?

— Isso sim, que sou... Sou da beira do rio... Sei lá de onde é que eu sou?!... Mas, por me lembrar, mano velho, não leve a mal o que eu vou lhe pedir: sua janta está de primeira, está boa até de regalo... mas eu ando muito escandecido e meu estômago não presta p'ra mais... Se for coisa de pouco incômodo, o que eu queria era que o senhor mandasse aprontar para mim uma jacuba quente, com a rapadura bem preta e a farinha bem fina, e com umas folhinhas de laranja-da-terra no meio... Será que pode?

— Já, já... Vou ver.

— Deus lhe ajude, mano velho.

Enquanto isso, os outros devoravam, com muita esganação e lambança. E, quando Nhô Augusto chegou com a jacuba, interpelou-o o Zeferino, que multiplicava as sílabas, com esforço, e, como tartamudo teimoso, jogava, a cada sílaba, a cabeça para trás:

— Pois eu... eu est-t-tou m'me-espan-t-tando é de uma c'coisa, meu senhor: é de, neste jantar, com t-t-tantas c'comerias finas, não haver d-d-duas delas, das mais principais!

— Que é que está fazendo falta, amigo?

— É o m'molho da sa-mam-baia e a so-p-p'pa da c'c'anjiquinha!

Nhô Augusto sorriu:

— Eu agaranto que, na hora da zoeira, tu no pinguelo não gagueja!

— Que nada! — apoiou seu Joãozinho Bem-Bem. — Isto é cabra macho e remacheado, que dá pulo em-cruz...

Já Nhô Augusto, incansável, sem querer esperdiçar detalhe, apalpava os braços do Epifânio, mulato enorme, de musculatura embatumada, de bicipitalidade maciça. E se voltava para o Juruminho, caboclo franzino, vivo no menor movimento, ágil até no manejo do garfo, que em sua mão ia e vinha como agulha de coser:

— Você, compadre, está-se vendo que deve de ser um corisco de chegador!...

E o Juruminho, gostando.

— Chego até em porco-espinho e em tatarana-rata, e em homem de vinte braços, com vinte foices para sarilhar!... Deito em ponta de chifre, durmo em ponta de faca, e amanheço em riba do meu colchão!... Está aí nosso chefe, que diga... E mais isto aqui...

E mostrou a palma da mão direita, lanhada de cicatrizes, de pegar punhais pelo pico, para desarmar gente em agressão.

Nhô Augusto se levantara, excitado:

— Opa! Ôi-ai!... A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinas... E você outro, aí, mais este compadre de cara séria, p'ra voltearem... E este companheirinho chegador, para chegar na frente, e não dizer até-logo!... E depois chover sem chuva, com o pau escrevendo e lendo, e arma-de-fogo debulhando, e homem mudo gritando, e os do-lado-de-lá correndo e pedindo perdão!...

Mas, aí, Nhô Augusto calou, com o peito cheio; tomou um ar de acanhamento; suspirou e perguntou:

— Mais galinha, um pedaço, amigo?
— 'Tou feito.
— E você, seu barra?
— Agradecido... 'Tou encalcado... 'Tou cheio até à tampa!
Enquanto isso, seu Joãozinho Bem-Bem, de cabeça entornada, não tirava os olhos de cima de Nhô Augusto. E Nhô Augusto, depois de servir a cachaça, bebeu também, dois goles, e pediu uma das *papo-amarelo*, para ver:
— Não faz conta de balas, amigo? Isto é arma que cursa longe...
— Pode gastar as óito. Experimenta naquele pássaro ali, na pitangueira...
— Deixa a criaçãozinha de Deus. Vou ver só se corto o galho... Se errar, vocês não reparem, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho...
Fez fogo.
— Mão mandona, mano velho. Errou o primeiro, mas acertou um em dois... Ferrugem em bom ferro!
Mas, nesse tento, Nhô Augusto tornou a fazer o pelo-sinal e entrou num desânimo, que o não largou mais. Continuou, porém, a cuidar bem dos seus hóspedes, e, como o pessoal se acomodara ali mesmo, nas redes, ao relento, com uma fogueira acesa no meio do terreiro, ele só foi dormir tarde da noite, quando não houve mais nem um para contar histórias de conflitos, assaltos e duelos de exterminação.
Cedinho na manhã seguinte, o grupo se despediu. Joãozinho Bem-Bem agradeceu muito o agasalho, e terminou:
— O senhor, mano velho, a modo e coisa que é assim meio diferente, mas eu estou lhe prestando atenção, este tempo todo, e agora eu acho, pesado e pago, que o senhor é mas é pessoa boa mesmo, por ser. Nossos anjos-da-guarda combinaram, e isso para mim é o sinal que serve. A pois, se precisar de alguma coisa, se tem um recado ruim para mandar para alguém... Tiver algum inimigo alegre, por aí, é só dizer o nome e onde mora. Tem não? Pois, 'tá bom. Deus lhe pague suas bondades.
— Vão com Deus! Até à volta, vocês todos. 'Té a volta, seu Joãozinho Bem-Bem!
Mas, depois de montado, o chefe ainda chamou Nhô Augusto, para dizer:
— Mano velho, o senhor gosta de brigar, e entende. Está-se vendo que não viveu sempre aqui nesta grota, capinando roça e cortando lenha... Não

quero especular coisa de sua vida p'ra trás, nem se está se escondendo de algum crime. Mas, comigo é que o senhor havia de dar sorte! Quer se amadrinhar com meu povo? Quer vir junto?

— Ah, não posso! Não me tenta, que eu não posso, seu Joãozinho Bem-Bem...

— Pois então, mano velho, paciência.

— Mas nunca que eu hei de me esquecer dessa sua bizarria, meu amigo, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem!

Aí, o Juruminho, que tinha ficado mais para trás, de propósito, se curvou para Nhô Augusto e pediu, num cochicho ligeiro, para que os outros não escutassem:

— Amigo, reza por uma irmãzinha que eu tenho, que sofre de doença com muitas dores e vive na cama entrevada, lá no arraial do Urubú...

E o bando entrou na estrada, com o Tim Tatu-tá-te-vendo puxando uma cantiga brava, de tempo de revolução:

"O terreiro lá de casa
não se varre com vassoura:
varre com ponta de sabre,
bala de metralhadora..."

Nhô Augusto não tirou os olhos, até que desaparecessem. E depois se esparramou em si, pensando forte. Aqueles, sim, que estavam no bom, porque não tinham de pensar em coisa nenhuma de salvação de alma, e podiam andar no mundo, de cabeça em-pé... Só ele, Nhô Augusto, era quem estava de todo desonrado, porque, mesmo lá, na sua terra, se alguém se lembrava ainda do seu nome, havia de ser para arrastá-lo pela rua-da-amargura...

O convite de seu Joãozinho Bem-Bem, isso, tinha de dizer, é que era cachaça em copo grande! Ah, que vontade de aceitar e ir também...

E o oferecimento? Era só falar! Era só bulir com a boca, que seu Joãozinho Bem-Bem, e o Tim, e o Juruminho, e o Epifânio — e todos — rebentavam com o Major Consilva, com o Ovídio, com a mulher, com todo-o-mundo que tivesse tido mão ou fala na sua desgarração. Eh, mundo velho de bambaruê e bambaruá!... Eh, ferragem!...

E Nhô Augusto cuspiu e riu, cerrando os dentes.

Mas, qual, aí era que se perdia, mesmo, que Deus o castigava com mão mais dura...

E só então foi que ele soube de que jeito estava pegado à sua penitência, e entendeu que essa história de se navegar com religião, e de querer tirar sua alma da boca do demônio, era a mesma coisa que entrar num brejão, que, para a frente, para trás e para os lados, é sempre dificultoso e atola sempre mais.

Recorreu ao rompante:

— Agora que eu principiei e já andei um caminho tão grande, ninguém não me faz virar e nem andar de-fasto!

E, à noite, tomou um trago sem ser por regra, o que foi bem bom, porque ele já viajou, do acordado para o sono, montado num sonho bonito, no qual havia um Deus valentão, o mais solerte de todos os valentões, assim parecido com seu Joãozinho Bem-Bem, e que o mandava ir brigar, só para lhe experimentar a força, pois que ficava lá em-cima, sem descuido, garantindo tudo.

E, assim, dormiram as coisas.

Deu uma invernada brava, mas para Nhô Augusto não foi nada: passava os dias debaixo da chuva, limpando o terreiro, sem precisão nenhuma. Depois, entestou de pôr abaixo o mato, que conduzia até à beira do córrego os angicos de casca encoscorada e os jacarandás anosos, da primeira geração. E era cada machadada bruta, com ele golpeando os troncos, e gritando. E os pretos, que se estavam dando muito bem com o sistema, traziam-lhe de vez em quando um golinho, para que ele não apanhasse resfriado; e, como para chegarem até lá também se molhavam, tomavam cuidado de se defender, igualmente, contra os seus resfriados possíveis.

E ainda outras coisas tinham acontecido, e a primeira delas era que, agora, Nhô Augusto sentia saudades de mulheres. E a força da vida nele latejava, em ondas largas, numa tensão confortante, que era um regresso e um ressurgimento. Assim, sim, que era bom fazer penitência, com a tentação estimulando, com o rasto no terreno conquistado, com o perigo e tudo. Nem pensou mais em morte, nem em ir para o céu; e mesmo a lembrança de sua desdita e reveses parou de atormentá-lo, como a fome depois de um almoço cheio. Bastava-lhe rezar e aguentar firme, com o diabo ali perto, subjugado e apanhando de rijo, que era um prazer. E somente por hábito, quase, era que ia repetindo:

— Cada um tem a sua hora, e há-de chegar a minha vez!

Tanto assim, que nem escolhia, para dizer isso, as horas certas, as três horas fortes do dia, em que os anjos escutam e dizem amém...

Mas, afinal, as chuvas cessaram, e deu uma manhã em que Nhô Augusto saiu para o terreiro e desconheceu o mundo: um sol, talqualzinho a bola de enxofre do fundo do pote, marinhava céu acima, num azul de água sem praias, com luz jogada de um para o outro lado, e um desperdício de verdes cá em baixo — a manhã mais bonita que ele já pudera ver.

Estava capinando, na beira do rego.

De repente, na altura, a manhã gargalhou: um bando de maitacas passava, tinindo guizos, partindo vidros, estralejando de rir. E outro. Mais outro. E ainda outro, mais baixo, com as maitacas verdinhas, grulhantes, gralhantes, incapazes de acertarem as vozes na disciplina de um coro.

Depois, um grupo verde-azulado, mais sóbrio de gritos e em fileiras mais juntas.

— Uai! Até as maracanãs!

E mais maitacas. E outra vez as maracanãs fanhosas. E não se acabavam mais. Quase sem folga: era uma revoada estrilando bem por cima da gente, e outra brotando ao norte, como pontozinho preto, e outra — grão de verdura — se sumindo no sul.

— Levou o diabo, que eu nunca pensei que tinha tantos!

E agora os periquitos, os periquitinhos de guinchos timpânicos, uma esquadrilha sobrevoando outra... E mesmo, de vez em quando, discutindo, brigando, um casal de papagaios ciumentos. Todos tinham muita pressa: os únicos que interromperam, por momentos, a viagem, foram os alegres tuins, os minúsculos tuins de cabecinhas amarelas, que não levam nada a sério, e que choveram nos pés de mamão e fizeram recreio, aos pares, sem sustar o alarido — *rrrl-rrril!rrrl-rrril!...*

Mas o que não se interrompia era o trânsito das gárrulas maitacas. Um bando grazinava alto, risonho, para o que ia na frente: — Me espera!... Me espera!... — E o grito tremia e ficava nos ares, para o outro escalão, que avançava lá atrás.

— Virgem! Estão todas assanhadas, pensando que já tem milho nas roças... Mas, também, como é que podia haver um de-manhã mesmo bonito, sem as maitacas?!...

O sol ia subindo, por cima do voo verde das aves itinerantes. Do outro lado da cerca, passou uma rapariga. Bonita! Todas as mulheres eram bonitas. Todo anjo do céu devia de ser mulher.

E Nhô Augusto pegou a cantar a cantiga, muito velha, do capiau exilado:

“Eu quero ver a moreninha tabaroa,
arregaçada, enchendo o pote na lagoa...”

Cantou, longo tempo. Até que todas as asas saíssem do céu.

— Não passam mais... Ô papagaiada vagabunda! Já devem de estar longe daqui...

Longe, onde?

“Como corisca, como ronca a trovoada,
no meu sertão, na minha terra abençoada...”

Longe, onde?

“Quero ir namorar com as pequenas,
com as morenas do Norte de Minas...”

Mas, ali mesmo, no sertão do Norte, Nhô Augusto estava. Longe onde, então?

Quando ele encostou a enxada e veio andando para a porta da cozinha, ainda não possuía ideia alguma do que ia fazer. Mas, dali a pouco, nada adiantavam, para retê-lo, os rogos reunidos de mãe preta Quitéria e de pai preto Serapião.

— Adeus, minha gente, que aqui é que mais não fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!

— Espera o fim das chuvas, meu filho! Espera a vazante...

— Não posso, mãe Quitéria. Quando coração está mandando, todo tempo é tempo!... E, se eu não voltar mais, tudo o que era de meu fica sendo para vocês.

Rodolpho Merêncio quis emprestar-lhe um jegue.

— Que nada! Lhe agradeço o bom desejo, mas não preciso de montada, porque eu vou é mesmo a pé...

Mas, depois, aceitou, porque mãe Quitéria lhe recordou ser o jumento um animalzinho assim meio sagrado, muito misturado às passagens da vida de Jesus.

E todos sentiram muito a sua partida. Mas ele estava madurinho de não ficar mais, e, quando chegou no sozinho, espiou só para a frente, e logo entoou uma das letras que ouvira aos guerreiros de seu Joãozinho Bem-Bem:

“A roupa lá de casa
não se lava com sabão:
lava com ponta de sabre
e com bala de canhão...”

Cantar, só, não fazia mal, não era pecado. As estradas cantavam. E ele achava muitas coisas bonitas, e tudo era mesmo bonito, como são todas as coisas, nos caminhos do sertão.

Parou, para espiar um buraco de tatu, escavado no barranco; para descascar um ananás selvagem, de ouro mouro, com cheiro de presépio; para tirar mel da caixa comprida da abelha borá; para rezar perto de um pau-d’arco florido e de um solene pau-d’óleo, que ambos conservavam, muito de-fresco, os sinais da mão de Deus. E, uma vez, teve de se escapar, depressa, para a meia-encosta, e ficou a contemplar, do alto, o caminho, belo como um rio, reboante ao tropel de uma boiada de duas mil cabeças, que rolava para o Itacambira, com a vaqueirama encourada — piquete de cinco na testa, em cada talão sete ou oito, e, atrás, todo um esquadrão de ulanos morenos, cantando cantigas do alto sertão.

E também fez, um dia, o jerico avançar atrás de um urubu reumático, que claudicava estrada a fora, um pedaço, antes de querer voar. E bebia, aparada nas mãos, a água das frias cascatas véus-de-noivas dos morros, que caem com tom de abundância e abandono. Pela primeira vez na sua vida, se extasiou com as pinturas do poente, com os três coqueiros subindo da linha da montanha para se recortarem num fundo alaranjado, onde, na descida do sol, muitas nuvens pegam fogo. E viu voar, do mulungu, vermelho, um tié-piranga, ainda mais vermelho — e o tié-piranga pousou num ramo do barbatimão sem flores, e Nhô Augusto sentiu que o barbatimão todo se alegrava, porque tinha agora um ramo que era de mulungu.

Viajou nas paragens dos mangabeiros, que lhe davam dormida nas malocas, de tecto e paredes de palmas de buriti. Retornou à beira do rio,

onde os barranqueiros lhe davam comida, de pirão com pimenta e peixe. Depois, seguiu.

Uma tarde, cruzou, em pleno chapadão, com um bode amarelo e preto, preso por uma corda e puxando, na ponta da corda, um cego, esguio e meio maluco. Parou, e o cego foi declamando lenta e mole melopeia:

"Eu já vi um gato ler
e um grilo sentar escola,
nas asas de uma ema
jogar-se o jogo da bola,
dar louvores ao macaco.
Só me falta ver agora
acender vela sem pavio,
correr p'ra cima a água do rio,
o sol a tremer com frio
e a lûa *tomar tabaco!..."*

— Eh, zoeira! 'Tou também!... — aplaudiu Nhô Augusto.

Já o cego estendia a mão, com a sacola:

— "Estou misturando aqui o dinheirinho de todos"...

Mas mudou de projeto, enquanto Nhô Augusto caçava qualquer cobre na algibeira:

— Tem algum de-comer, aí, irmão? Dinheiro quero menos, que por aqui por estes trechos a gente custa muito a encontrar qualquer povoado, e até as cafuas mesmo são vasqueiras...

E explicou: tinha um menino-guia, mas esse-um havia mais de um mês que escapulira; e teria roubado também o bode, se o bode não tivesse berrado e ele não investisse de porrete. Agora, era aquele bicho de duas cores quem escolhia o caminho... Sabia, sim, sabia tudo! Ótimo para guiar... Companheiro de lei, que nem gente, que nem pessoa de sua família...

Se despediu. Achava a vida muito boa, e ia para a Bahia, de volta para o Caitité, porque quando era menino tinha nascido lá.

— Pois eu estou indo para a banda de onde você veio... Em todo o caso, meu compadre cego por destino de Deus, em todo o caso, dá lembrança minha a todos do povo da sua terra, toda essa gente certa, que eu não tenho ocasião de conhecer!

E aí o jumento andou, e Nhô Augusto ainda deu um eco, para o cerrado ouvir:

— “Qualquer paixão me adiverte...” Oh coisa boa a gente andar solto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!...

E quando o jegue empacava — porque, como todo jumento, ele era terrível de queixo-duro, e tanto tinha de orelhas quanto de preconceitos, — Nhô Augusto ficava em cima, mui concorde, rezando o terço, até que o jerico se decidisse a caminhar outra vez. E também, nas encruzilhadas, deixava que o bendito asno escolhesse o caminho, bulindo com as conchas dos ouvidos e ornejando. E bastava batesse no campo o pio de uma perdiz magoada, ou viesse do mato a lália lamúria dos tucanos, para o jumento mudar de rota, pendendo à esquerda ou se empescoçando para a direita; e, por via de um gavião casaco-de-couro cruzar-lhe à frente, já ele estacava, em concentrado prazo de irresolução.

Mas, somadas as léguas e deduzidos os desvios, vinham eles sempre para o sul, na direção das maitacas viajoras. Agora, amiudava-se o aparecimento de pessoas — mais ranchos, mais casas, povoados, fazendas; depois, arraiais, brotando do chão. E então, de repente, estiveram a muito pouca distância do arraial do Muricí.

— Não me importo! Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!...

E assim entraram os dois no arraial do Rala-Coco, onde havia, no momento, uma agitação assustada no povo.

Mas, quando responderam a Nhô Augusto: “— É a jagunçada de seu Joãozinho Bem-Bem, que está descendo para a Bahia...” — ele, de alegre, não se pôde conter:

— Agora sim! Cantou p’ra mim, passarim!... Mas, onde é que eles estão?

Estavam aboletados, bem no centro do arraial, numa casa de fazendeiro, onde seu Joãozinho Bem-Bem recebeu Nhô Augusto, com muita satisfação.

Nhô Augusto caçoou:

— “Boi andando no pasto, p’ra lá e p’ra cá, capim que acabou ou está para acabar...”

— É isso, mano velho... Livrei meu compadre Nicolau Cardoso, bom homem... E agora vou ajuntar o resto do meu pessoal, porque tive recado de que a política se apostemou, do lado de lá das divisas, e estou indo de

rota batida para o Pilão Arcado, que o meu amigo Franquilim de Albuquerque é capaz de precisar de mim...

Fitava Nhô Augusto com olhos alegres, e tinha no rosto um ar paternal. Mas, na testa, havia o resto de uma ruga.

— Está vendo, mano velho? Quem é que não se encontra, neste mundo?... Fico prazido, por lhe ver. E agora o senhor é quem está em minha casa... Vai se arranchar comigo. Se abanque, mano velho, se abanque!... Arranja um café aqui p'ra o parente, Flosino!

— Não queria empalhar... O senhor está com pouco prazo...

— Que nada, mano velho! Nós estamos de saída, mas ainda falta ajustar um devido, para não se deixar rabo para trás... Depois lhe conto. O senhor mesmo vai ver, daqui a pouco... Come com gosto, mano velho.

Nhô Augusto mordia o pão de broa, e espiava, inocente, para ver se já vinha o café.

— Tem chá de congonha, requentado, mano velho...

— Aceito também, amigo. Estou com fome de tropeiro... Mas, qu'é de o Juruminho?

— Ah, o senhor guardou o nome, e, a pois, gostou dele, do menino... Pois foi logo com o pobre do Juruminho, que era um dos mais melhores que eu tinha...

— Não diga...

O rosto de seu Joãozinho Bem-Bem foi ficando sombrio.

— O matador — foi à traição, — caiu no mundo, campou no pé... Mas a família vai pagar tudo, direito!

Seu Joãozinho Bem-Bem, sentado em cima da beirada da mesa, brincava com os três bentinhos do pescoço, e batia, muito ligeiro, os calcanhares, um no outro. Nhô Augusto, parando de limpar os dentes com o dedo, lastimou:

— Coitado do Juruminho, tão destorcido e de tão bom parecer... Deixa eu rezar por alma dele...

Seu Joãozinho Bem-Bem desceu da mesa e caminhou pela sala, calado. Nhô Augusto, cabeça baixa, sempre sentado num selim velho, dava o ar de quem estivesse com a mente muito longe.

— Escuta, mano velho...

Seu Joãozinho Bem-Bem parou em frente de Nhô Augusto, e continuou:

— ...eu gostei da sua pessoa, em-desde a primeira hora, quando o senhor caminhou para mim, na rua daquele lugarejo... Já lhe disse, da outra vez,

na sua casa: o senhor não me contou coisa nenhuma de sua vida, mas eu sei que já deve de ter sido brigador de ofício. Olha: eu, até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana: juro como não há outro homem p'ra ser mais sem medo e disposto para tudo. É só o senhor mesmo querer...

— Sou um pobre pecador, seu Joãozinho Bem-Bem...

— Que-o-quê! Essa mania de rezar é que está lhe perdendo... O senhor não é padre nem frade, p'ra isso; é algum?... Cantoria de igreja, dando em cabeça fraca, desgoverna qualquer valente... Bobajada!...

— Bate na boca, seu Joãozinho Bem-Bem meu amigo, que Deus pode castigar!

— Não se ofenda, mano velho, deixe eu dizer: eu havia de gostar, se o senhor quisesse vir comigo, para o norte... Já lhe falei e torno a falar: é convite como nunca fiz a outro, e o senhor não vai se arrepender! Olha: as armas do Juruminho estão aí, querendo dono novo...

— Deixa eu ver...

Nhô Augusto bateu a mão na winchester, do jeito com que um gato poria a pata num passarinho. Alisou coronha e cano. E os seus dedos tremiam, porque essa estava sendo a maior das suas tentações.

Fazer parte do bando de seu Joãozinho Bem-Bem! Mas os lábios se moviam — talvez ele estivesse proferindo entre dentes o creio-em-deus-padre — e, por fim, negou com a cabeça, muitas vezes:

— Não posso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem!... Depois de tantos anos... Fico muito agradecido, mas não posso, não me fale nisso mais...

E ria para o chefe dos guerreiros, e também por dentro se ria, e era o riso do capiau ao passar a perna em alguém, no fazer qualquer negócio.

— Está direito, lhe obrigar não posso... Mas, pena é...

Nisso, fizeram um estardalhaço, à entrada.

— Quem é?

— É o tal velho caduco, chefe.

— Deixa ele entrar. Vem cá, velho.

O velhote chorava e tremia, e se desacertou, frente às pessoas. Afinal, conseguiu ajoelhar-se aos pés de seu Joãozinho Bem-Bem.

— Ai, meu senhor que manda em todos... Ai, seu Joãozinho Bem-Bem, tem pena!... Tem pena do meu povinho miúdo... Não corta o coração de um pobre pai...

— Levanta, velho...

— O senhor é poderoso, é dono do choro dos outros... Mas a Virgem Santíssima lhe dará o pago por não pisar em formiguinha do chão... Tem piedade de nós todos, seu Joãozinho Bem-Bem!...

— Levanta, velho! Quem é que teve piedade do Juruminho, baleado por detrás?

— Ai, seu Joãozinho Bem-Bem, então lhe peço, pelo amor da senhora sua mãe, que o teve e lhe deu de mamar, eu lhe peço que dê ordem de matarem só este velho, que não presta para mais nada... Mas que não mande judiar com os pobrezinhos dos meus filhos e minhas filhas, que estão lá em casa sofrendo, adoecendo de medo, e que não têm culpa nenhuma do que fez o irmão... Pelo sangue de Jesus Cristo e pelas lágrimas da Virgem Maria!...

E o velho tapou a cara com as mãos, sempre ajoelhado, curvado, soluçando e arquejando.

Seu Joãozinho Bem-Bem pigarreou, e falou:

— Lhe atender não posso, e com o senhor não quero nada, velho. É a regra... Senão, até quem é mais que havia de querer obedecer a um homem que não vinga gente sua, morta de traição?... É a regra. Posso até livrar de *sebaça*, às vezes, mas não posso perdoar isto não... Um dos dois rapazinhos seus filhos tem de morrer, de tiro ou à faca, e o senhor pode é escolher qual deles é que deve de pagar pelo crime do irmão. E as moças... Para mim não quero nenhuma, que mulher não me enfraquece: as mocinhas são para os meus homens...

— Perdão, para nós todos, seu Joãozinho Bem-Bem... Pelo corpo de Cristo na Sexta-feira da Paixão!

— Cala a boca, velho. Vamos logo cumprir a nossa obrigação...

Mas, aí, o velho, sem se levantar, inteiriçou-se, distendeu o busto para cima, como uma caninana enfuriada, e pareceu que ia chegar com a cara até em frente à de seu Joãozinho Bem-Bem. Hirto, cordoveias retesas, mastigando os dentes e cuspindo baba, urrou:

— Pois então, satanás, eu chamo a força de Deus p’ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua força maldita!...

Houve um silêncio. E, aí:

— Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, que o desgraçado do velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria! E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não faz!

Nhô Augusto tinha falado; e a sua mão esquerda acariciava a lâmina da lapiana, enquanto a direita pousava, despreocupada, no pescoço da carabina. Dera tom calmo às palavras, mas puxava forte respiração soprosa, que quase o levantava do selim e o punha no assento outra vez. Os olhos cresciam, todo ele crescia, como um touro que acha os vaqueiros excessivamente abundantes e cisma de ficar sozinho no meio do curral.

— Você está caçoando com a gente, mano velho?

— Estou não. Estou pedindo como amigo, mas a conversa é no sério, meu amigo, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem.

— Pois pedido nenhum desse atrevimento eu até hoje nunca que ouvi nem atendi!...

O velho engatinhou, ligeiro, para se encostar na parede. No calor da sala, uma mosca esvoaçou.

— Pois então... — e Nhô Augusto riu, como quem vai contar uma grande anedota — ...Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...

Joãozinho Bem-Bem se sentia preso a Nhô Augusto por uma simpatia poderosa, e ele nesse ponto era bem-assistido, sabendo prever a viragem dos climas e conhecendo por instinto as grandes coisas. Mas Teófilo Sussuarana era bronco excessivamente bronco, e caminhou para cima de Nhô Augusto. Na sua voz:

— Epa! Nomopadrofilhospritossantamêin! Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...

E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida à fumaça dos tiros, com os cabras saltando e miando de maracajás, e Nhô Augusto gritando qual um demônio preso e pulando como dez demônios soltos.

— Ô gostosura de fim-de-mundo!...

E garrou a gritar as palavras feias todas e os nomes imorais que aprendera em sua farta existência, e que havia muitos anos não proferia. E atroava, também, a voz de seu Joãozinho Bem-Bem:

— Sai, Cangussú! Foge, daí, Epifânio! Deixa nós dois brigar sozinhos!

A coronha do rifle, no pé-do-ouvido... Outro pulo... Outro tiro...

Três dos cabras correram, porque outros três estavam mortos, ou quase, ou fingindo.

E aí o povo encheu a rua, à distância, para ver. Porque não havia mais balas, e seu Joãozinho Bem-Bem mais o Homem do Jumento tinham

rodado cá para fora da casa, só em sangue e em molambos de roupas pendentes. E eles negaceavam e pulavam, numa dansa ligeira, de sorriso na boca e de faca na mão.

— Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar...

— Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem...

— Mano velho! Agora é que tu vai dizer: quantos palmos é que tem, do calcanhar ao cotovelo!...

— Se arrepende dos pecados, que senão vai sem contrição, e vai direitinho p'ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!...

— Úi, estou morto...

A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do-estômago, e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre, enquanto seu Joãozinho Bem-Bem caía ajoelhado, recolhendo os seus recheios nas mãos.

Aí, o povo quis amparar Nhô Augusto, que punha sangue por todas as partes, até do nariz e da boca, e que devia de estar pesando demais, de tanto chumbo e bala. Mas tinha fogo nos olhos de gato-do-mato, e o busto, especado, não vergava para o chão.

— Espera aí, minha gente, ajudem o meu parente ali, que vai morrer mais primeiro... Depois, então, eu posso me deitar.

— Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!... Eu sempre lhe disse quem era bom mesmo, mano velho... É só assim que gente como eu tem licença de morrer... Quero acabar sendo amigos...

— Feito, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem. Mas, agora, se arrepende dos pecados, e morre logo como um cristão, que é para a gente poder ir juntos...

Mas, seu Joãozinho Bem-Bem, quando respirava, as rodilhas dos intestinos subiam e desciam. Pegou a gemer. Estava no estorcer do fim. E, como teimava em conversar, apressou ainda mais a despedida. E foi mesmo.

Alguém gritou: — "Eh, seu Joãozinho Bem-Bem já bateu com o rabo na cerca! Não tem mais!"... — E então Nhô Augusto se bambeou nas pernas, e deixou que o carregassem.

— P'ra dentro de casa, não, minha gente. Quero me acabar no solto, olhando o céu, e no claro... Quero é que um de vocês chame um padre...

Pede para ele vir me abençoando pelo caminho, que senão é capaz de não me achar mais...

E riu.

E o povo, enquanto isso, dizia: — "Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mór de salvar as famílias da gente!..." E a turba começou a querer desfeitear o cadáver de seu Joãozinho Bem-Bem, todos cantando uma cantiga que qualquer-um estava inventando na horinha:

Não me mata, não me mata
seu Joãozinho Bem-Bem!
Você não presta mais pra nada,
seu Joãozinho Bem-Bem!...

Nhô Augusto falou, enérgico:

— Para com essa matinada, cambada de gente herege!... E depois enterrem bem direitinho o corpo, com muito respeito e em chão sagrado, que esse aí é o meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!

E o velho choroso exclamava:

— Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim... P'ra que foi que foram inventar arma de fogo, meu Deus?!

Mas Nhô Augusto tinha o rosto radiante, e falou:

— Perguntem quem é aí que algum dia já ouviu falar no nome de Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas!

— Virgem Santa! Eu logo vi que só podia ser você, meu primo Nhô Augusto...

Era o João Lomba, conhecido velho e meio parente. Nhô Augusto riu:

— E hein, hein João?!

— P'ra ver...

Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento.

Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrado, sumido:

— Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!

Depois, morreu.

Manuelzão e Miguilim

"Num círculo, o centro é naturalmente imóvel; mas, se a circunferência também o fosse, não seria ela senão um centro imenso."

Plotino

"Vede, eis a pedra brilhante dada ao contemplativo; ela traz um nome novo, que ninguém conhece, a não ser aquele que a recebe."

Ruysbroeck o Admirável

Campo Geral

Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutúm. No meio dos Campos Gerais, mas num covoão em trecho de matas, terra preta, pé de serra. Miguilim tinha oito anos. Quando completara sete, havia saído dali, pela primeira vez: o tio Terêz levou-o a cavalo, à frente da sela, para ser crismado no Sucurijú, por onde o bispo passava. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidas lembranças, embaraçadas em sua cabecinha. De uma, nunca pôde se esquecer: alguém, que já estivera no Mutúm, tinha dito: — "É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre..."

Mas sua mãe, que era linda e com cabelos pretos e compridos, se doía de tristeza de ter de viver ali. Queixava-se, principalmente nos demorados meses chuvosos, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro, o ar ali era mais escuro; ou, mesmo na estiagem, qualquer dia, de tardinha, na hora do sol entrar. — "*Oê, ah, o triste recanto...*" — ela exclamava. Mesmo assim, enquanto esteve fora, só com o tio Terêz, Miguilim padeceu tanta saudade, de todos e de tudo, que às vezes nem conseguia chorar, e ficava sufocado. E foi descobriu, por si, que, umedecendo as ventas com um tico de cuspe, aquela aflição um pouco aliviava. Daí, pedia ao tio Terêz que molhasse para ele o lenço; e tio Terêz, quando davam com um riacho, um minadouro ou um poço de grota, sem se apear do cavalo abaixava o copo de chifre, na ponta de uma correntinha, e subia um punhado d'água. Mas quase sempre eram secos os caminhos, nas chapadas, então tio Terêz tinha uma cabacinha que vinha cheia, essa dava para quatro sedes; uma cabacinha entrelaçada com cipós, que era tão formosa. — "É para beber, Miguilim..." — tio Terêz dizia, caçoando. Mas Miguilim ria também e preferia não beber a sua parte, deixava-a para empapar o lenço e refrescar o nariz, na hora do arrocho. Gostava do tio Terêz, irmão de seu pai.

Quando voltou para casa, seu maior pensamento era que tinha a boa notícia para dar à mãe: o que o homem tinha falado — *que o Mutúm era*

lugar bonito... A mãe, quando ouvisse essa certeza, havia de se alegrar, ficava consolada. Era um presente; e a ideia de poder trazê-lo desse jeito de cór, como uma salvação, deixava-o febril até nas pernas. Tão grave, grande, que nem o quis dizer à mãe na presença dos outros, mas insofria por ter de esperar; e, assim que pôde estar com ela só, abraçou-se a seu pescoço e contou-lhe, estremecido, aquela revelação. A mãe não lhe deu valor nenhum, mas mirou triste e apontou o morro; dizia: — "Estou sempre pensando que lá por detrás dele acontecem outras coisas, que o morro está tapando de mim, e que eu nunca hei de poder ver..." Era a primeira vez que a mãe falava com ele um assunto todo sério. No fundo de seu coração, ele não podia, porém, concordar, por mais que gostasse dela: e achava que o moço que tinha falado aquilo era que estava com a razão. Não porque ele mesmo Miguilim visse beleza no Mutúm — nem ele sabia distinguir o que era um lugar bonito e um lugar feio. Mas só pela maneira como o moço tinha falado: de longe, de leve, sem interesse nenhum; e pelo modo contrário de sua mãe — agravada de calundú e espalhando suspiros, lastimosa. No começo de tudo, tinha um erro — Miguilim conhecia, pouco entendendo. Entretanto, a mata, ali perto, quase preta, verde-escura, punha-lhe medo.

Com a aflição em que estivera, de poder depressa ficar só com a mãe, para lhe dar a notícia, Miguilim devia de ter procedido mal e desgostado o pai, coisa que não queria, de forma nenhuma, e que mesmo agora largava-o num atordoado arrependimento de perdão. De nada, que o pai se crescia, raivava: — "Este menino é um mal-agradecido. Passeou, passeou, todos os dias esteve fora de cá, foi no Sucurijú, e, quando retorna, parece que nem tem estima por mim, não quer saber da gente..." A mãe puniu por ele: — "Deixa de cisma, Béro. O menino está nervoso..." Mas o pai ainda ralhou mais, e, como no outro dia era de domingo, levou o bando dos irmãozinhos para pescaria no córrego; e Miguilim teve de ficar em casa, de castigo. Mas tio Terêz, de bom coração, ensinou-o a armar urupuca para pegar passarinhos. Pegavam muitos sanhaços, aqueles pássaros macios, azulados, que depois soltavam outra vez, porque sanhaço não é pássaro de gaiola. — "Que é que você está pensando, Miguilim?" — tio Terêz perguntava. — "Pensando em pai..." — respondeu. Tio Terêz não perguntou mais, e Miguilim se entristeceu, porque tinha mentido: ele não estava pensando em nada, estava pensando só no que deviam de sentir os sanhaços, quando viam que já estavam presos, separados dos

companheiros, tinha dó deles; e só no instante em que tio Terêz perguntou foi que aquela resposta lhe saiu da boca. Mas os sanhaços prosseguiam de cantar, voavam e pousavam no mamoeiro, sempre caíam presos na urupuca e tornavam a ser soltos, tudo continuava. Relembrável era o Bispo — rei para ser bom, tão rico nas cores daqueles trajes, até as meias dele eram vermelhas, com fivelas nos sapatos, e o anel, milagroso, que a gente não tinha tempo de ver, mas que de joelhos se beijava.

— Tio Terêz, o senhor acha que o Mutúm é lugar bonito ou feioso?

— Muito bonito, Miguilim; uai. Eu gosto de morar aqui...

Entretanto, Miguilim não era do Mutúm. Tinha nascido ainda mais longe, também em buraco de mato, lugar chamado Pau-Rôxo, na beira do Saririnhém. De lá, separadamente, se recordava de sumidas coisas, lembranças que ainda hoje o assustavam. Estava numa beira de cerca, dum quintal, de onde um menino-grande lhe fazia caretas. Naquele quintal estava um perú, que gruziava brabo e abria roda, se passeando, pufo-pufo — o perú era a coisa mais vistosa do mundo, importante de repente, como uma estória — e o meninão grande dizia: — "É meu!... E: — "É meu..." — Miguilim repetia, só para agradar ao menino-grande. E aí o Menino Grande levantava com as duas mãos uma pedra, fazia uma careta pior: — "Aãã!..." Depois, era só uma confusão, ele carregado, a mãe chorando: — "Acabaram com o meu filho!..." — e Miguilim não podia enxergar, uma coisa quente e peguenta escorria-lhe da testa, tapando-lhe os olhos. Mas a lembrança se misturava com outra, de uma vez em que ele estava nú, dentro da bacia, e seu pai, sua mãe, Vovó Izidra e Vó Benvinda em volta; o pai mandava: — "Traz o trém..." Traziam o tatú, que guinchava, e com a faca matavam o tatú, para o sangue escorrer por cima do corpo dele para dentro da bacia. — "Foi de verdade, Mamãe?" — ele indagara, muito tempo depois; e a mãe confirmava: dizia que ele tinha estado muito fraco, saído de doença, e que o banho no sangue vivo do tatú fora para ele poder vingar. Do Pau-Rôxo conservava outras recordações, tão fugidas, tão afastadas, que até formavam sonho. Umas moças, cheirosas, limpas, os claros risos bonitos, pegavam nele, o levavam para a beira duma mesa, ajudavam-no a provar, de uma xícara grande, goles de um de-beber quente, que cheirava à claridade. Depois, na alegria num jardim, deixavam-no engatinhar no chão, meio àquele fresco das folhas, ele apreciava o cheiro da terra, das folhas, mas o mais lindo era o das frutinhas vermelhas escondidas por entre as folhas — cheiro pingado, respingado, risonho,

cheiro de alegriazinha. As frutas que a gente comia. Mas a mãe explicava que aquilo não havia sido no Pau-Rôxo, e bem nas Pindaíbas-de-Baixo-e-de-Cima, a fazenda grande dos Barbóz, aonde tinham ido de passeio.

Da viagem, em que vieram para o Mutúm, muitos quadros cabiam certos na memória. A mãe, ele e os irmãozinhos, num carro-de-bois com toldo de couro e esteira de buriti, cheio de trouxas, sacos, tanta coisa — ali a gente brincava de esconder. Vez em quando, comiam, de sal, ou cocadas de buriti, dôce de leite, queijo descascado. Um dos irmãos, mal lembrava qual, tomava leite de cabra, por isso a cabrita branca vinha, caminhando, presa por um cambão à traseira do carro. Os cabritinhos viajavam dentro, junto com a gente, berravam pela mãe deles, toda a vida. A coitada da cabrita — então ela por fim não ficava cansada? — "A bem, está com os peitos cheios, de derramar..." — alguém falava. Mas, então, pobrezinhos de todos, queriam deixar o leite dela ir judiado derramando no caminho, nas pedras, nas poeiras? O pai estava a cavalo, ladeante. Tio Terêz devia de ter vindo também, mas disso Miguilim não se lembrava. Cruzaram com um rôr de bois, embrabecidos: a boiada! E passaram por muitos lugares.

— Que é que você trouxe para mim, do S'rucuiú? — a Chica perguntou.

— Trouxe este santinho...

Era uma figura de moça, recortada de um jornal.

— É bonito. Foi o Bispo que deu?

— Foi.

— E p'ra mim? E p'ra mim?! — reclamavam o Dito e Tomèzinho.

Mas Miguilim não tinha mais nada. Punha a mãozinha na algibeira: só encontrava um pedaço de barbante e as bolinhas de resina de almêcega, que unhara da casca da árvore, beira de um ribeirão.

— Estava tudo num embrulho, muitas coisas... Caíu dentro do corgo, a água afundou... Dentro do corgo tinha um jacaré, grande...

— Mentira. Você mente, você vai para o inferno! — dizia Drelina, a mais velha, que nada pedira e tinha ficado de parte.

— Não vou, eu já fui crismado. Vocês não estão crismados!

— Você foi crismado, então como é que você chama?

— Miguilim...

— Bôbo! Eu chamo Maria Andrelina Cessim Caz. Papai é Nhô Bernardo Caz! Maria Francisca Cessim Caz, Expedito José Cessim Caz, Tomé de Jesus Cessim Caz... Você é Miguilim Bôbo...

Mas Tomèzinho, que tinha só quatro anos, menino neno, pedia que ele contasse mais do jacaré grande de dentro do córrego. E o Dito cuspia para o lado de Drelina:

— Você é ruim, você está judiando com Miguilim!

A Chica, que correra para dentro de casa a mostrar o que tinha ganho, voltava agora, soluçada.

— Mamãe tomou meu santinho e rasgou... Disse que não era santo, só, que era pecado...

Drelina se empertigava para Miguilim:

— Não falei que você ia para o inferno?!

Drelina era bonita: tinha cabelos compridos, louros. O Dito e Tomèzinho eram ruivados. Só Miguilim e a Chica é que tinham cabelo preto, igual ao da mãe. O Dito se parecia muito com o pai, Miguilim era o retrato da mãe. Mas havia ainda um irmão, o mais velho de todos, Liovaldo, que não morava no Mutúm. Ninguém se lembrava mais de que ele fosse de que feições.

— "Mamãe está fazendo creme de buriti, a Rosa está limpando tripas de porco, pra se assar..." Tomèzinho, que tinha ido à cozinha espiar, agora vinha, olhos desconfiados, escondendo na mão alguma coisa. — "Que é isso que você furtou, Tomèzinho?!" Eram os restos do retalho de jornal. "— Tu joga fora! Não ouviu falar que é pecado?" "— E eu não vou ficar com ele... Vou guardar em algum lugar." Tomèzinho escondia tudo, fazia igual como os cachorros.

Tantos, os cachorros. Gigão — o maior, maior, todo preto: diziam o capaz que caçava até onça; gostava de brincar com os meninos, defendia-os de tudo. Os três veadeiros brancos: Seu-Nome, Zé-Rocha e Julinho-da-Túlia — José Rocha e Julinho da Túlia sendo nomes de pessôas, ainda do Pau-Rôxo, e de quem o pai de Miguilim tivera ódio; mas, com o tempo, o ódio se exalara, ninguém falava mais o antigo, os dois cachorros eram só Zerró e Julim. Os quatro paqueiros de trela, rajados com diferenças, três machos e uma fêmea, que nunca se separavam, pequenos e reboludos: Caráter, Catita, Soprado e Floresto. E o perdigueiro Rio-Belo, que tresdoidado tinha morrido, de comer algum bicho venenoso.

Mas, para o sentir de Miguilim, mais primeiro havia a Pingo-de-Ouro, uma cachorra bondosa e pertencida de ninguém, mas que gostava mais era dele mesmo. Quando ele se escondia no fundo da horta, para brincar sozinho, ela aparecia, sem atrapalhar, sem latir, ficava perto, parece que

compreendia. Estava toda sempre magra, doente da saúde, diziam que ia ficando cega. Mas teve cachorrinhos. Todos morreram, menos um, que era tão lindo. Brincava com a mãe, nunca se tinha visto a Pingo-de-Ouro tão alegre. O cachorrinho era com-cor com a Pingo: os dois em amarelo e nhalvo, chovidinhos. Ele se esticava, rapava, com as patinhas para diante, arrancando terra mole preta e jogando longe, para trás, no pé da roseira, que nem quisesse tirar de dentro do chão aquele cheiro bom de chuva, de fundo. Depois, virava cambalhotas, rolava de costas, sentava-se para se sacudir, seus dentinhos brilhavam para muitas distâncias. Mordia a cara da mãe, e Pingo-de-Ouro se empinava — o filho ficava pendurado no ar. Daí, corria, boquinha aberta, revinha, pulava na mãe, vinte vezes. Pingo-de-Ouro abocava um galho, ele corria, para tomar, latia bravinho, se ela o mordia forte. Alegrinho, e sem vexames, não tinha vergonha de nada, quase nunca fechava a boca, até ria. Logo então, passaram pelo Mutúm uns tropeiros, dias que demoraram, porque os burros quase todos deles estavam mancados. Quando tornaram a seguir, o pai de Miguilim deu para eles a cachorra, que puxaram amarrada numa corda, o cachorrinho foi choramingando dentro dum balaio. Iam para onde iam. Miguilim chorou de bruços, cumpriu tristeza, soluçou muitas vezes. Alguém disse que aconteciam casos, de cachorros dados, que levados para longes léguas, e que voltavam sempre em casa. Então ele tomou esperança: a Pingo-de-Ouro ia voltar. Esperou, esperou, sensato. Até de noite, pensava fosse ela, quando um cão repuxava latidos. Quem ia abrir a porta para ela entrar? Devia de estar cansada, com sede, com fome. — "Essa não sabe retornar, ela já estava quase cega..." Então, se ela já estava quase cega, por que o pai a tinha dado para estranhos? Não iam judiar da Pingo-de-Ouro? Miguilim era tão pequeno, com poucas semanas se consolava. Mas um dia contaram a ele a estória do Menino que achou no mato uma cuca, cuca cuja depois os outros tomaram dele e mataram. O Menino Triste cantava, chorando:

"Minha Cuca, cadê minha Cuca?
Minha Cuca, cadê minha Cuca?!
Ai, minha Cuca
que o mato me deu!..."

Ele nem sabia, ninguém sabia o que era uma cuca. Mas, então, foi que se lembrou mais de Pingo-de-Ouro: e chorou tanto, que de repente pôs na

Pingo-de-Ouro esse nome também, de Cuca. E desde então dela nunca mais se esqueceu.

— Pai está brigando com Mãe. Está xingando ofensa, muito, muito. Estou com medo, ele queria dar em Mamãe...

Era o Dito, tirando-o por um braço. O Dito era menor mas sabia o sério, pensava ligeiro as coisas, Deus tinha dado a ele todo juízo. E gostava, muito, de Miguilim. Quando foi a estória da Cuca, o Dito um dia perguntou: — "Quem sabe é pecado a gente ter saudade de cachorro?..." O Dito queria que ele não chorasse mais por Pingo-de-Ouro, porque sempre que ele chorava o Dito também pegava vontade de chorar junto.

— Eu acho, Pai não quer que Mãe converse mais nunca com o tio Terêz... Mãe está soluçando em pranto, demais da conta.

Miguilim entendeu tudo tão depressa, que custou para entender. Arregalava um sofrimento. O Dito se assustou: — "Vamos na beira do rego, ver os patinhos nadando..." — acrescentava. Queria arrastar Miguilim.

— Não, não... Não pode bater em Mamãe, não pode...

Miguilim brotou em chôros. Chorava alto. De repente, rompeu para a casa. Dito não o conseguia segurar.

Diante do pai, que se irava feito um fero, Miguilim não pôde falar nada, tremia e soluçava; e correu para a mãe, que estava ajoelhada encostada na mêsa, as mãos tapando o rosto. Com ela se abraçou. Mas dali já o arrancava o pai, batendo nele, bramando. Miguilim nem gritava, só procurava proteger a cara e as orêlhas; o pai tirara o cinto e com ele golpeava-lhe as pernas, que ardiam, doíam como queimaduras quantas, Miguilim sapateando. Quando pôde respirar, estava posto sentado no tamborete, de castigo. E tremia, inteirinho o corpo. O pai pegara o chapéu e saíra.

A mãe, no quarto, chorava mais forte, ela adoecia assim nessas ocasiões, pedia todo consolo. Ninguém tinha querido defender Miguilim. Nem Vovó Izidra. E tanto, até o pai parecia ter medo de Vovó Izidra. Ela era riscada magra, e seca, não parava nunca de zangar com todos, por conta de tudo. Com o calor que fizesse, não tirava o fichú preto. — "Em vez de bater, o que deviam era de olhar para a saúde deste menino! Ele está cada dia mais magrinho..." Sempre que batiam em algum, Vovó Izidra vinha ralhar em favor daquele. Vovó Izidra pegava a almofada, ia fazer crivo, rezava e resmungava, no quarto dela, que era o pior, sempre escuro,

lá tinha tanta coisa, que a gente não pensava; Vovó Izidra quase vez nenhuma abria a janela, ela enxergava no escuro.

Os irmãos já estavam acostumados com aquilo, nem esbarravam mais dos brinquedos para vir ver Miguilim sentado alto no tamborete, à paz. Só o Dito, de longe distante, pela porta, espiava leal. Mas o Dito não vinha, não queria que Miguilim penasse vergonha.

Aonde o pai teria ido? De ficar botado de castigo, Miguilim não se queixava. Deixavam-no, o ruim se acabara, as pernas iam terminando de doer, podia brincar de pensar, ali, no quieto, pegando nas verônicas que tinha passadas por um fio, no pescoço, e que de vez em quando devia de beijar, salgando a boca com o fim de suas lágrimas. O cachorro Gigão caminhava para a cozinha, devagaroso, cabeçudo, ele tinha sempre a cara fechada, era todo grosso. Ninguém não tocava o Gigão para fora de dentro de casa, porque o pai dizia: — "Ele salvou a vida de todos!" —; dormia no pé da porta do quarto, uma noite latiu acordando o mundo, uma cobra enorme tinha entrado, uma urutú, o pai matou. O dia estava bruto de quente, Miguilim com sede, mas não queria pedir água para beber. Sempre que a gente estava de castigo, e carecia de pedir qualquer coisa, mesmo água, os outros davam, mas, quem dava, ainda que fosse a mãe, achavam sempre de falar alguma palavra de ralho, que avexava a gente mais. Miguilim estava sujo de suor. Mais um pouco, reparou que na hora devia de ter começado a fazer pipi, na calça; mas agora nem estava com vontade forte de verter. A mãe suspirava soluçosa, era um chorinho sem verdade, aborrecido, se ele pudesse estava voltando para a horta, não ouvia aquilo sempre assim, via as formiguinhas entrando e saindo e trançando, os caramujinhos rodeando as folhas, no sol e na sombra, por onde rojavam sobrava aquele rastrío branco, que brilhava. Miguilim esfregava um pé no outro, estava comichando: outro bicho-de-pé; quando crescia e embugalhava, ficava olhoso, a mãe tirava, com alfinete. Vovó Izidra clamava: "— Já foram brincar perto do chiqueiro! Menino devia de andar de pé calçado..." Só tinha um par de sapatos, se crismara com ele; tinha também um par de alpercatinhas de couro-crú, o par de sapatos devia de ficar guardado. O Bispo era tão grande, nos rôxos, na hora de se beijar o anel dava um medo. Quem ficava mais vezes de castigo era ele, Miguilim; mas quem apanhava mais era a Chica. A Chica tinha malgênio — todos diziam. Ela aprontava birra, encapelava no chão, capeteava; mordia as pessoas, não tinha respeito nem do pai. Mas o pai não devia de dizer que

um dia punha ele Miguilim de castigo pior, amarrado em árvore, na beirada do mato. Fizessem isso, ele morria da estrangulação do medo? Do mato de cima do morro, vinha onça. Como o pai podia imaginar judiação, querer amarrar um menino no escuro do mato? Só o pai de Joãozinho mais Maria, na estória, o pai e a mãe levaram eles dois, para desnortear no meio da mata, em distantes, porque não tinham de comer para dar a eles. Miguilim sofria tanta pena, por Joãozinho mais Maria, que voltava a vontade de chorar.

O Dito vinha, desfazendo de conta. Quando um estava de castigo, os outros não podiam falar com esse. Mas o Dito dizia tudo baixinho, e virado para outro lado, se alguém visse não podiam exemplar por isso, conversando com Miguilim até que ele não estava.

— Vai chover. O vaqueiro Jé está dizendo que já vai dechover chuva brava, porque o tesoureiro, no curral, está dando cada avanço, em cima das mariposas!... O vaqueiro Jé veio buscar creolina, para sarar o bezerro da Adivinha. Disse que o pai subiu da banda da grota da Guapira, ou que deu volta para ir no Nhangã — que pai estava muito jerizado. Disse que é por conta do calorão que vai vir chuva, que todos estão com o corpo azangado, no pé de poeira...

Miguilim não respondia. De castigo, não tinha ordem de dar resposta, só aos mais velhos. Sim sorria para o Dito, quando ele olhava — só o rabo-do-olho. O tesoureiro era um pássaro imponente de bonito, pedrês cor-de-cinza, bem as duas penas compridas da cauda, pássaro com mais rompante do que os outros. Gostava de estar vendo aquilo no curral.

O Dito vigiava que não tinha ninguém por ali, tretava coragem de chegar pertim, o Dito era levado de esperto. Dizia, no ouvido dele:

— Miguilim, eu acho que a gente não deve de perguntar nada ao tio Terêz, nem contar a ele que Pai ralhou com Mamãe, ouviu? Mãitina disse que tudo que há que acontece é feitiço... Miguilim, eu vou perguntar a Vovó Izidra se você já pode sair. Você está aí muito tempo...

O Dito era a pessoa melhor. Só que não devia de conversar naquelas coisas com Mãitina. Mãitina tomava cachaça, quando podia, falava bobagens. Era tão velha, nem sabia que idade. Diziam que ela era negra fugida, debaixo de cativeiro, que acharam caída na enxurrada, num tempo em que Mamãe nem não era nascida. A Chica vinha passando, com a boneca — nem era boneca, era uma mandioquinha enrolada nos trapos, dizia que era filhinha dela, punha até nome, abraçava, beijava, dava de

mamar. A Chica, dessa vez, nem sei porque, não fez careta, até adivinhou que ele estivesse com sede — ele nem se lembrava mais que estava com sede — a Chica falava: — "Miguilim, você é meu irmão, você deve de estar com sede, eu vou buscar caneco d'água..." Um dia Pai tinha zangado com a Chica, puxou orêlha; depois Pai precisou de beber água, a Chica foi trazer. Ei que, no meio do corredor, a Chica de raiva cuspiu dentro, e mexeu com o dedinho, para Pai não saber que ela tinha cuspido. A Chica era tão engraçadinha, clara, mariolinha, muito menor do que Drelina, mas era a que sabia mais brinquedos, botava todos para rodar de roda, ela cantava tirando completas cantigas, dansava mocinha. O Dito não voltava.

Agora voltava, mas ouviam a voz do tio Terêz entrando, vorôço dos cachorros. Tio Terêz contava que tinham esbarrado o eito na roça, porque uma chuva toda vinha, ia ser temporal: — "Na araçariguama do mato de baixo, os tucanos estão reunidos lá, gritando conversado, cantoria de gente..." Tio Terêz trazia um coelho morto ensanguentado, de cabeça para baixo. A cachorrada pulava, embolatidos, tio Terêz bateu na boca do Caráter, que ganiu, saíam correndo embora aqueles todos quatro: Caráter, Catita, Soprado e Floresto. Seu-Nome ficava em pé quase, para lamber o sangue da cara do coelho. — "Ei, Miguilim, você hoje é que está alçado em assento, de pelourim?" — tio Terêz gracejava. Daí, para ver e mexer, iam com o coelho morto para a cozinha. Miguilim não queria. Também não aceitava a licença de sair, dada por tio Terêz; com vez disso pensava: será que, o tio Terêz, os outros ainda determinavam d'ele poder mandar palavra alguma em casa? Em desde que, então, a gente obedecer de largar o lugar de castigo não fosse pior.

Em todo dia, também, arrastavam os bichos matados, por caça. O coelhinho tinha toca na borda-da-mata, saía só no escurecer, queria comer, queria brincar, sessépe, serelé, coelhinho da silva, remexendo com a boquinha de muitos jeitos, esticava pinotes e sentava a bundinha no chão, cismado, as orêlhas dele estremeciam constantemente. Devia de ter o companheiro, marido ou mulher, ou irmão, que agora esperava lá na beira do mato, onde eles moravam, sòzim. "— Qu'é-de sua mãe, Miguilim?..." — tio Terêz querenciava. A mãe com certo estava fechada no quarto, estendida na cama, no escuro, como era, passado quando chorava. Mais que matavam eram os tatús, tanto tatú lá, por tudo. Tatú-de-morada era o que assistia num buraco exato, a gente podia abrir com ferramenta, então-se via: o caminho comprido debaixo do chão, todo formando voltas de

ziguezague. Aí tinha outros buracos, deixados, não eram mais moradia de tatú, ou eram só de acaso, ou prontos de lado, para eles temperarem de escapulir. Tão gordotes, tão espertos — e estavam assim só para morrer, o povo ia acabar com todos? O tatú correndo sopressado dos cachorros, fazia aquele barulhinho com o casculho dele, as chapas arrepiadas, pobrezinho — quase um assovio. *Ecô!* — os cachorros mascaravam de um demônio. Tatú corria com o rabozinho levantado — abre que abria, cavouca o buraco e empruma suas escamas de uma só vez, entrando lá, tão depressa, tão depressa — e Miguilim ansiava para ver quando o tatú conseguia fugir a salvo.

Mas Vovó Izidra vinha saindo de seu quarto escuro, carregava a almofada de crivo na mão, caçando tio Terêz. — "Menino, você ainda está aí?!" —; ela queria que Miguilim fosse para longe, não ouvir o que ela ia dizer a tio Terêz. Miguilim parava perto da porta, escutava. O que ela estava dizendo: estava mandando tio Terêz ir embora. Mais falava, com uma curta brabeza diferente, palavras raspadas. Forcejava que tio Terêz fosse embora, por nunca mais, na mesma da hora. Falava que por umas coisas assim é que há questão de brigas e mortes, desmanchando com as famílias. Tio Terêz nem não respondia nada. Como é que ela podia mandar tio Terêz embora, quando vinha aquela chuvada forte, a gente já pressentia até o derradeiro ameaço dela entrando no cheiro do ar?! Tio Terêz só perguntou: — "Posso nem dar adeus à Nhanina?..." Não, não podia, não. Vovó Izidra se endurecia de magreza, aquelas verrugas pretas na cara, com os compridos fios de pelo desenroscados, ela destoava na voz, no pescoço espichava parecendo uma porção de cordas, um pavor avermelhado. Miguilim mesmo começava medo, trás do que ouvia, que nem pragas. Ah, tio Terêz devia de ir embora, de ligeiro, ligeiro, se não o Pai já devia estar voltando por causa da chuva, podia sair homem morto daquela casa, Vovó Izidra xingava tio Terêz de "Caim" que matou Abel, Miguilim tremia receando os desatinos das pessôas grandes, tio Terêz podia correr, sair escondido, pela porta da cozinha... Que fosse como se já tivesse ido há muito tempo... Levava um punhado de comida, pegava a carossa de palha-de-buriti, para se agasalhar de tanta chuva, mas devia de ir, tudo era aquele perigo enorme...

— Sai daí, Miguilim! Quê que está atrás de porta, escutando conversa de 's mais velhos?!

Era Drelina, segurando-o estouvada, por detrás, à traição, mas podia mais; Miguilim tinha de ir com ela para a cozinha.

A Rosa e Maria Pretinha estavam acabando de fazer o jantar, a Rosa não gostava de menino na cozinha. Mas Tomèzinho estava dormindo, no monte de sabucos. Mesmo de propósito, que o gato tinha achado igual de dormir lá, quase encostado em Tomèzinho. — "Mamãe também vai jantar?..." — Miguilim perguntava à Rosa. — "E o Dito...?!" "— Menino, deixa de ser especúla. Tu que vai ver agorinha é o pé-d'água, por aí, que evém, vem..." Miguilim se sentava no pilão emborcado. Gostava de se deitar nos sabucos também, que nem Tomèzinho, mas aí era que a Rosa então mandava ele embora. Maria Pretinha picava couve na gamela. Tinha os dentes engraçados tão brancos, de repente eles ocupavam assim muito lugar, branqueza que se perpassava. O gato Qùóquo. Por conta que, Tomèzinho, quando era mais pequenino, a gente ensinava para ele falar: g'a-to — mas a linguinha dele só dava capaz era para aquilo mesmo: *qùó*! O gato somente vivia na cozinha, na ruma de sabucos ou no borralho, outra hora andava no quintal e na horta. Lá os cachorros deixavam. Mas quando ele queria sair para o pátio, na frente da casa, aí a cachorrama se ajuntava, o esperto do gato repulava em qualquer parte, subia escarreirado no esteio, mas braviado também, gadanhava se arredobrando e repufando, a raiva dele punha um atraso nos cachorros. Por que não botavam nele nome vero de gato nas estórias: Papa-Rato, Sigurim, Romão, Alecrim-Rosmanim ou Melhores-Agrados? Se chamasse *Rei-Belo*... Não podia? Também, por *Qùóquo*, mesmo, ninguém não chamava mais — gato não tinha nome, gato era o que quase ninguém prezava. Mas ele mesmo se dava respeito, com os olhos em cima do duro bigode, dono-senhor de si. Dormia o oco do tempo. Achava que o que vale vida é dormir adiante. Rei-Belo... Tomèzinho acordava chorando, tinha sonhado com o esquecido.

— Ei, ela! Corre, gente, pôr tudo p'ra dentro... Olh'as portas, as janelas...

Estavam acabando de jantar, e todos corriam para o quintal, apanhar um resto de roupa dependurada. Tinha dado o vento, caíam uns pingos grossos, chuva quente. Os cachorros latiam, com as pessôas. O vento zunia, queria carregar a gente. Miguilim ajudava a recolher a roupa — não podiam esquecer nenhuma peçazinha ali fora... — ele tinha pena daquelas roupinhas pobres, as calças do Dito, vestidinho de Drelina... — "P'ra dentro, menino! Vento te leva..." — "Vem ver lá na frente, feio que chega

vai derrubar o mato...” — era o Dito, chamando. Os coqueiros, para cima do curral, os coqueiros vergavam, se entortavam, as fieiras de coqueiros velhos, que dobravam. O vento vuvo: *viív... viív...* Assoviava nas folhas dos coqueiros. A Rosa passava, com um balde, que tinham deixado na beira do curral. Três homens no alpendre, enxadeiros, que tinham vindo receber alguma paga em toicinho, estavam querendo dizer que ia ser como nunca ninguém não tinha avistado; estavam sem saber como voltar para suas casinhas deles, dizendo como ia se passar tudo por lá; aqueles estavam meio-tristes, fingiam que estavam meio-alegres. De repente, deu estrondo. Que o vento quebrou galho do jenipapeiro do curral, e jogou perto de casa. Todo o mundo levou susto. Quando foi o trovão! Trovejou enorme, uma porção de vezes, a gente tapava os ouvidos, fechava os olhos. Aí o Dito se abraçou com Miguilim. O Dito não tremia, malmente estava mais sério. — “Por causa de Mamãe, Papai e tio Terêz, Papai-do-Céu está com raiva de nós de surpresa...” — ele foi falou.

— Miguilim, você tem medo de morrer?

— Demais... Dito, eu tenho um medo, mas só se fosse sozinho. Queria a gente todos morrêsse juntos...

— Eu tenho. Não queria ir para o Céu menino pequeno.

Faziam uma pausa, só do tamanho dum respirar.

— Dito, você combina comigo para o gato se chamar Reibél?

— Mas não pode. Nome dele é Sossonho.

— Também é. Uai... Quem é que falou?

— Acho que foi Mãitina, o vaqueiro Jé. Não me importo.

Daí deu trovão maior, que assustava. O trovão da Serra do Mutúm-Mutúm, o pior do mundo todo, — que fosse como podia estatelar os paus da casa.

Corda-de-vento entrava pelas gretas das janelas, empurrava água. Molhava o chão. Miguilim e Dito a curto tinham olho no teto, onde o barulho remoía. A casa era muito envelhecida, uma vêz o chuvão tinha desabado no meio do corredor, com um tapume do telhado. Trovoeira. Que os trovões a mau retumbavam. — “Tá nas tosses...” — um daqueles enxadeiros falou. Pobre dos passarinhos do campo, desassisados. O gaturamo, tão podido miúdo, azulzinho no sol, tirintintim, com brilhamentos, mel de melhor — maquinazinha de ser de bem-cantar... — “O gaturaminho das frutas, ele merece castigo, Dito?” “— Dito, que Pai

disse: o ano em que chove sucedido é ano formoso... —?” — “Mas não fala essas coisas, Miguilim, nestas horas.”

— “P’ra rezar, todos!” — Drelina chamava. Chica e Tomèzinho estavam escondidos, debaixo de cama. Agora não faltava nenhum, acerto de reunidos, de joelhos, diante do oratório. Até a mãe. Vovó Izidra acendia a vela benta, queimava ramos bentos, agora ali dentro era mais forte. Santa Bárbara e São Jerônimo salvavam de qualquer perigo de desordem, o *Magníficat* era que se rezava! Miguilim soprava um cisco da roupa de Rosa. Era carrapicho? Os vaqueiros, quando voltavam de vaquejar boiadas por ruins matos, rente que esses tinham espinhos e carrapichos até nos ombros do gibão. O Dito sabia ajoelhar melhor? De dentro, para enfeitar os santos do oratório, tinha um colarzinho de ovos de nhambú e pássaro-preto, enfiados com linha, era entremeado, doutro e dum — um de nhambú, um de pássaro-preto, depois outro de nhambú, outro de pássaro-preto...; o de pássaro-preto era azul-claro se descorando para verde, o de nhambú era uma cor-de-chocolate clareado... Se o povo todo se ajuntasse, rezando com essa força, desse medo, então a tempestade num átimo não esbarrava? Miguilim soprava seus dedos, doce estava, num azado de consolo, grande, grande.

Ele tinha fé. Ele mesmo sabia? Só que o movido do mais-e-mais desce tudo, e desluz e desdesenha, nas memórias; é feito lá em fundo de água dum pôço de cisterna. Uma vez ele tinha puxado o paletó de Deus.

Esse dia — foi em hora de almoço —: ele Miguilim ia morrer! — de repente estava engasgado com ôssinho de galinha na goela, foi tudo tão: *...malamém... morte...* — nem deu tempo para ideia nenhuma, era só um errado total, morrer e tudo, ai! —; e mais de repente ele já estava em pé em cima do banco, como se levantou, não pediu ajuda a Pai e Mãe, só num relance ainda tinha rodado o prato na mêsa — por *simpatia* em que alguma vez tinha ouvido falar — e, em pé, no banco, sem saber de seus olhos para ver — só o acima! — se benzia, bramado: — *Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo!...* — (ele mesmo estava escutando a voz, aquela voz — ele se despedindo de si — aquela voz, demais: todo choro na voz, a força; e uma coragem de fim, varando tudo, feito relâmpagos...) Des-de-repente — ele parecia que tinha alto voado, tinha voado por uma altura enorme? — era o pai batendo em suas costas, a mãe dando água para beber, e ele se abraçava com eles todos, chorando livre, do ôssinho na goela estava todo salvo. — “Que fé!” — Vovó Izidra colava nele o peixe

daqueles olhos bravos dela, que a gente não gostava de encarar — “Que fé, que este menino tem!...” — Vovó Izidra se ajoelhava. Depois desse dia, Miguilim não queria comer nunca mais asa de galinha, pedia que não facilitassem de nenhum dos irmãozinhos comer, não deixassem. Mas até o Dito comia, calado, escondido. Tomèzinho e Chica comiam de propósito, só para contestar Miguilim, pegavam os ôssinhos na mão, a ele mostravam: — “Miguilim bobo!... Miguilim dôido...” — debicavam.

Vovó Izidra quizilava com Mãitina:

— Traste de negra pagã, encostada na cozinha, mascando fumo e rogando para os demônios dela, africanos! Vem ajoelhar gente, Mãitina!

Mãitina não se importava, com nenhuns, vinha, ajoelhava igual aos outros, rezava. Não se entendia bem a reza que ela produzia, tudo resmungo; mesmo para falar, direito, direito não se compreendia. A Rosa dizendo que Mãitina rezava porqueado: *“Véva Maria zela de graça, pega ne Zesú põe no saco de mombassa...”* Mãitina era preta de um preto estúrdio, encalcado, trasmanchada de mais grosso preto, um preto de boi. Quando estava pinguda de muita cachaça, soflagrava umas palavras que a gente não tinha licença de ouvir, a Rosa dizia que eram nomes de menino não saber, coisas pra mais tarde. E daí Mãitina caía no chão, deixava a saia descomposta de qualquer jeito, as pernas pretas aparecendo. Ou à vez gritava: — *“Cena, Corinta!...”* — batendo palmas-de-mão. Isso a mãe explicava: uma vez, fazia muitos, muitos anos, noutro lugar onde moraram, ela tinha ido no teatro, no teatro tinha uma moça que aparecia por dansar, Mãitina na vida dela toda nunca tinha visto nada tão reluzente de bonito, como aquela moça dansando, que se chamava Corina, por isso aprovava como o povo no teatro, quando estava chumbada. — “Que é que é teatro, Mãe?” — Miguilim perguntara. — “Teatro é assim como no circo-de-cavalinhos, quase...” Mas Miguilim não sabia o que o circo era.

— Dito, você vai imaginar como é que é o circo?

— É uma moça galopando em pé em riba do cavalo, e homens revestidos, com farinha branca na cara... tio Terêz disse. É numa casa grande de pano.

— Dito, e Pai? E tio Terêz? Chuva está chovendo tanto...

— “Vigia esses meninos, cochichando, cruz!, aí em vez de rezar...” — Vovó Izidra ralhava. E reprovava Mãitina, discutindo que Mãitina estava grolando feias palavras despautadas, mandava Mãitina voltar para a cozinha, lugar de feiticeiro era debaixo dos olhos do fôgo, em remexendo

no borralho! Mãitina ia lá, para esperar de cócoras, tudo o que os outros mandavam ela obedecia, quando não estava com raiva. Se estivesse com raiva, ninguém não tinha coragem de mandar. Vovó Izidra tirava o terço, todos tinham de acompanhar. E ela ensinava alto que o demônio estava despassando nossa casa, rodeando, os homens já sabiam o sangue um do outro, a gente carecia de rezar sem esbarrar. Mãe ponteava, com muita cordura, que Vovó Izidra devia de não exaltar coisas assim, perto dos meninos. — "Os meninos necessitam de saber, valença de rezar junto. Inocência deles é que pode livrar a gente de brabos castigos, o pecado já firmou aqui no meio, braseado, você mesma é quem sabe, minha filha!..." Mãe abaixava a cabeça, ela era tão bonita, nada não respondia. Parecia que Vovó Izidra tinha ódio de Mãe? Vovó Izidra não era mãe dela, mas só irmã da mãe dela. Mãe de Mãe tinha sido Vó Benvinda. Vó Benvinda, antes de morrer, toda a vida ela rezava, dia e noite, caprichava muito com Deus, só queria era rezar e comer, e ralhava mole com os meninos. Um vaqueiro contou ao Dito, de segredo, Vó Benvinda quando moça tinha sido mulher-atôa. Mulher-atôa é que os homens vão em casa dela e ela quando morre vai para o inferno. O que Vovó Izidra estava falando — ... "Só pôr sua casa porta a fora"... — A nossa casa? E que o demônio diligenciava de entrar em mulher, virava cadela de satanaz... Vovó Izidra não tinha de gostar de Mãe? Então, por que era que judiava, judiava? Miguilim gostava pudesse abraçar e beijar a Mãezinha, muito, demais muito, aquela hora mesma. Ah, mas Vovó Izidra era velha, Mãe era moça, Vovó Izidra tinha de morrer mais primeiro. Ali no oratório, embrulhados e recosidos num saquinho de pano, eles guardavam os umbiguinhos secos de todos os meninos, os dos irmãozinhos, das irmãs, o de Miguilim também — rato nenhum não pudesse roer, caso roendo o menino então crescia para ser só ladrão. Agora, ele ia gostar sempre de Mãe, tenção de ser menino comportado, obediente, conforme o de Deus, essas orações todas. Bom era ser filho do Bispo, e o mundo solto para os passarinhos... Os joelhos de Miguilim descansavam e cansavam, doía era o corpo, um poucadinho só, quase não doía. Mas Tomèzinho brincava de estralar as juntas dos dedos; depois, de puxar o nariz para diante. A Chica rezava alto, era a voz mais bonita de todas. Drelina parecia uma santa. Todos diziam que ela parecia uma santa. E os cachorros lá fora, desertados com tanta chuva? De certo iam para a coberta do carro. — "Sem os cachorros, como é que a gente ia poder viver aqui?" — o pai sempre falava. Eles tomavam conta das criações. Se não,

vinham de noite as raposas, gambá, a irarinha muito raivosa, até onça de se tremer, até lobos, lobo guará dos Gerais, que vinham, de manhã deixavam fios de pelo e catinga deles que os cachorros reconheciam nos esteios da cerca, nas porteiras, uns deles até mijavam sangue. E o teiú, brabeado, espancando com o rabo — rabo como tesoura tonsando. Lobo uivava feio, mais horroroso mais triste do que cachorro. E jiboia! Jiboia vinha mesmo de dia, pegava galinha no galinheiro. Os cachorros tinham medo dela? Jiboia, cobra, mais medonha de se pensar, uma sojigou o cachorrinho Floresto, mordeu uma orêlha dele por se firmar, queria se enrolar nele todo, mor de sufocar sem partir os ossos, já tinha conseguido de se enlaçar duas dessas voltas; Pai acudiu, tiro não podia ter cautela de dar, lapeava só com o facão, disse que ela endurecia o corpo de propósito, para resistir no gume do facão, o facão bambeava. Contavam que no Terentém, em antigos anos, uma jiboia velha entrou numa casa, já estava engulindo por metade um meninozinho pequeno, na rede, no meio daquela baba...

Miguilim e Dito dormiam no mesmo catre, perto da caminha de Tomèzinho. Drelina e Chica dormiam no quarto de Pai e Mãe.

— "Dito, eu fiz promessa, para Pai e Tio Terêz voltarem quando passar a chuva, e não brigarem, nunca mais..." "— Pai volta. Tio Terêz volta não." "— Como é que você sabe, Dito?" "— Sei não. Eu sei. Miguilim, você gosta de tio Terêz, mas eu não gosto. É pecado?" "— É, mas eu não sei. Eu também não gosto de Vovó Izidra. Dela, faz tempo que eu não gosto. Você acha que a gente devia de fazer promessa aos santos, para ficar gostando dos parentes?" "— Quando a gente crescer, a gente gosta de todos." "— Mas, Dito, quando eu crescer, vai ter algum menino pequeno, assim como eu, que não vai gostar de mim, e eu não vou poder saber?" "— Eu gosto de Mãitina! Ela vai para o inferno?" "— Vai, Dito. Ela é feiticeira pagã... Dito, se de repente um dia todos ficassem com raiva de nós — Pai, Mãe, Vovó Izidra — eles podiam mandar a gente embora, no escuro, debaixo da chuva, a gente pequenos, sem saber onde ir?" "— Dorme, Miguilim. Se você ficar imaginando assim, você sonha de pesadêlo..." "— Dito, vamos ficar nós dois, sempre um junto com o outro, mesmo quando a gente crescer, toda a vida?" "— Pois vamos." "— Dito, amanhã eu te ensino a armar urupuca, eu já sei..."

Dito começava a dormir de repente, era a mesma coisa que Tomèzinho. Miguilim não gostava de pôr os olhos no escuro. Não queria deitar de

costas, porque vem uma mulher assombrada, senta na barriga da gente. Se os pés restassem para fora da coberta, vinha mão de alma, friosa, pegava o pé. O travesseirinho cheirava bom, cheio de macela-do-campo. Amanhã, ia aparar água de chuva, tinha outro gosto. Repartia com o Dito. O barulho da chuva agora era até bonito, livre do moame do vento. Tio Terêz não tinha se despedido dele. Onde estava agora o Tio Terêz? Um dia, tempos, Tio Terêz o levara à beira da mata, ia tirar taquaras. A gente fazia um feixe e carregava. "— Miguilim, este feixinho está muito pesado para você?" "— Tio Terêz, está não. Se a gente puder ir devagarinho como precisa, e ninguém não gritar com a gente para ir depressa demais, então eu acho que nunca que é pesado..." "— Miguilim, você é meu amigo." "— Amigo grande, feito gente grande, Tio Terêz?" "— É sim, Miguilim. Nós somos amigos. Você tem mais juízo do que eu..." Agora parecia que naquela ocasião era que o Tio Terêz estava se despedindo dele. Tio Terêz não parecia com Caim, jeito nenhum. Tio Terêz parecia com Abel... A chuva de certo vinha de toda parte, de em desde por lá, de todos os lugares que tinha. Os lugares eram o Pau-Rôxo, a fazenda grande dos Barboz, Paracatú, o lugar que não sabia para onde tinham levado a Cuca Pinguinho-de-Ouro, o Quartel-Geral-do-Abaeté, terra da mãe dele, o Buritis-do-Urucúia, terra do pai, e outros lugares mais que tinha: o Sucurijú, as fazendas e veredas por onde tinham passado... E aí Miguilim se encolhia, sufocado debaixo de seu coração; uma pessôa, uma alma, estava ali à beira da cama, sem mexer rumor, aparecida de repente, para ele se debruçava. Miguilim se estarrecia de olhos fechados, guardado de respirar, um tempo que nem não tinha fim. Era Vovó Izidra. Quando via que pensava que ele estava bem dormindo, ela beijava a testa dele, dizia bem baixinho: — "Meu filhinho, meu filho, Deus hoje te abençoou..."

Chovera pela noite a fora, o vento arrancou telhas da casa. Ainda chovia, nem se podia pôr para secar o colchão de Tomèzinho, que tinha urinado na cama. Na hora do angú dos cachorros, Pai tinha voltado. Ele almoçou com a gente, não estava zangado, não dizia. Só que, quando Pai, Mãe e Vovó Izidra estavam desaliviados assim como hoje, não conversavam assuntos de gente grande, uns com os outros, mas cada um por sua vez falava era com os meninos, alegando algum malfeito deles. Pai dizia que Miguilim já estava no ponto de aprender a ler, de ajudar em qualquer serviço fosse. Mas que ali no Mutúm não tinha quem ensinasse pautas, bôa sorte tinha competido era para o Liovaldo, se criando em casa

do tio Osmundo Cessim, um irmão de Mãe, na Vila-Risonha-de-São-Romão. Miguilim dobrecia, assumido com aquelas conversas, logo que podia ia se esconder na tulha, onde as goteiras sempre pingavam. Ao quando dava qualquer estiada, saía um solzinho arrependido, então vinham aparecendo abêlhas e marimbondos, de muitas qualidades e cores, pousavam quietinhos, chupando no caixão de açúcar, muito tempo, o açúcar melméla, pareciam que estavam morridos.

Dito não fazia companhia, falava que carecia de ir ouvir as conversas todas das pessôas grandes. Miguilim não tinha vontade de crescer, de ser pessôa grande, a conversa das pessôas grandes era sempre as mesmas coisas secas, com aquela necessidade de ser brutas, coisas assustadas. O gato Sossõe, certa hora, entrava. Ele vinha sutil para o paiol, para a tulha, censeando os ratos, entrava com o jeito de que já estivesse se despedindo, sem bulir com o ar. Mas, daí, rodeando como quem não quer, o gato Sossõe principiava a se esfregar em Miguilim, depois deitava perto, se prazia de ser, com aquela ronqueirinha que era a alegria dele, e olhava, olhava, engrossava o ronco, os olhos de um verde tão menos vazio — era uma luz dentro de outra, dentro doutra, dentro outra, até não ter fim.

A gente podia ficar tempo, era bom, junto com o gato Sossõe. Ele só fugiu quando escutou barulho de vir chegando na tulha aquele menino dentuço, o Majéla, filho de seo Deográcias, mas que todos chamavam de o Patorí.

Seo Deográcias falava tão engraçado: — “O senhor, seo Nhô Berno, podia ter a cortesia de me agenciar para mim um dinheirozinhozinhozinho, pouco, por ajuda?” “— Quem dera eu tanto tivesse como o senhor, seo Deográcias!” — o Pai respondia. “— Ara, qual, qual, seo Nhô Berno Cássio, eu estou pobre como aguinha em fundo de canôa... Achasse um empréstimo, comprava adquirido um bom cavalo de sela... Podia até vir mais amiúde, por uma prosa, servo do senhor, sem grave pecado de incomodar...” “— Pois, aqui, seo Deográcias, o senhor é sempre bem aparecido...”

Contavam que esse seo Deográcias estava excomungado, porque um dia ele tinha ficado agachado dentro de igreja. Mas seo Deográcias entendia de remédios, quando alguém estava doente ele vinha ver. Era viúvo. Morava dali a diversas léguas, na Vereda-do-Côcho. Agora tinha viajado de vir para pedir uma pouca de sal e de café, por emprestados, e um pedaço de carne-de-vento — quando matassem boi, lá, pagava de volta. O

Patorí, ele trouxe junto. "— Vem, Miguilim, ajudar a tacar pedra: os meninos acharam um sapo enorme!" — o Patorí gritando já vinha.

Miguilim não queria ir, não gostava de sapos. Não era como a Chica, que puxava a rã verde por uma perna, amarrava num fio de embira, prendia-a no pau da cerca. Por paz, não estava querendo também brincar junto com o Patorí, esse era um menino maldoso, diabrava. "— Ele tem olho ruim", — a Rosa dizia — "quando a gente está comendo, e ele espia, a gente pega dôr-de-cabeça..."

— "Então, vem cá, Miguilim. Olha aqui..." — o Patorí mostrava bala dôce, embrulhada em papelim, tirava da algibeira. Miguilim aceitava. Mas era uma pedra, de dentro do papel. O Patorí ria dele, da logradela: — "Enganei meu burrinho, com uma pedrinha de sal!..." Aqueles dentes dentuços! "— A bala eu chupei, estava azedinha gostosa..." — ainda dizia, depois, mais malino. "— Mas, agora, Miguilim, vou te ensinar uma coisa, você vai gostar. Sabe como é que menino nasce?" Miguilim avermelhava. Tinha nôjo daquelas conversas do Patorí, coisas porcas, desgovernadas. O Patorí escaramuçava o Dito e Tomèzinho: — "Foge daí! Não quero brincar com menino-pequeno!" — proseava. E tornava a falar. Inventava que ia casar com Drelina, quando crescesse, que com ela ia se deitar em cama. Ensinava que, em antes de se chupar a bala dôce, a gente devia de passar ela no tamborete onde moça bonita tivesse sentado, meio de arte. Contava como era feita a mãe de Miguilim, que tinha pernas formosas... "— Isso tu não fala, Patorí!" — Miguilim dava passo. "— A já! E eu brigo com menino menorzinho do que eu?! Tu bobêia?" O Patorí debochava. Saía para o pátio. Daí, quando Miguilim estava descuidado, o Patorí pegava um punhado de lama, jogava nele, sujando. Miguilim sabia que não adiantava acusar: — "Não foi por querer..." — o Patorí sempre explicava aos mais velhos — "Eu até gosto tanto de Miguilim..." Mas o Dito chegava, tendo visto, o Dito era muito esperto: — "Sabe, Patorí, o vaqueiro Salúz está caçando você, pra bater, disse que você furtou dele uma argola de laço!" Aí o Patorí pegava medo, corria para dentro de casa, não saía mais de perto do pai.

— Miguilim, você sabe o que o vaqueiro Salúz disse? Tio Terêz foi morar no Tabuleiro Branco. O vaqueiro Salúz vai levar lá o cavalo dele e o resto das coisas que ainda ficaram. Tio Terêz decerto que quer trabalhar p'r' a Sa Cefisa, no Tabuleiro Branco...

— Por que, Dito? P'ra sempre?

Acho que ele tomou medo de Pai, não quer ser mais parente de nossa casa. O Tabuleiro Branco é longe, mais de dez léguas daqui, p'r' a outra banda de lá. Vaqueiro Salúz disse que até assim é bom, tio Terêz acaba se casando com a Sa Cefisa, que ela é mulher enviuvada...

— Miguiliiim!... A Chica gritava dessa forma, feito ela fosse dona dele. — ... Miguilim, vem depressa, Mamãe, Papai tá te chamando! Seo Deográcias vai te olhar...

Seo Deográcias ria com os dentes desarranjados de fechados, parecia careta cã, e sujo amarelal brotava por toda a cara dele, um espim de uma barba. "— A-há, seu Miguilim, hum... Chega aqui." Tirava a camisinha. "— Ahã... Ahã... Está se vendo, o estado deste menino não é p'ra nada-não-senhor, a gente pode se guiar quantas costelinhas Deus deu a ele... Rumo que meu, eu digo: cautelas! Ignorância de curandeiro é que mata, seo Nhô Berno. Um que desvê, descuidou, há-de-o! — entrou nele a febre. E, é o que digo: p'ra passar a héctico é só facilitar de beirinha, o caso aí maleja... Muito menino se desacude é assim. Mas, tem susto não: com as ervas que sei, vai ser em pé um pau, garantia que dou, boto bom!..."

— "Meu filhinho, Miguilim..." — a mãe desnorteava, puxando-o para si. — "De remédio é que ele carece, momo não cura ninguém!" — o pai desdenhava grosso.

— "Isto mesmo, seo Nhô Berno, bem deduzido!" — seo Deográcias pronunciava. Bebia café. — "Remédio: e — o senhor agradeça, eu esteja vindo viver aqui nestas más brenhas, donde só se vê falta tudo, muita míngua, ninguém não olha p'ra este sertão dos pobres..."

Seo Deográcias ficava brabo: agora estava falando da falta de providências para se pegar criminosos tão brutos, feito esse Brasilino Boca-de-Bagre, que cercava as pessôas nas estradas, roubava de tudo, até tinha aparecido na Vereda do Terentém, fazedor de medo, deram em mão o que ele quis, conduziu a mulher do Zé Ijim, emprestada por três dias, devolveu só dali a quase mês! Seo Deográcias cuspia longe, em tris, asseava a boca com as costas da mão, e rexingava: "— Assim mais do que assim, as coisas não podem demasiar. Por causa de umas e dessas, eu vou no papel! — vou na tinta!" Dizia que estava escrevendo carta para o Presidente, já tinha escrito outra vez, por conta de tropeiros do Urucúia-a-fora não terem auxiliado de abrir a tutameia de um saquinho de sal, nem de vender para os dali, quando sal nenhum para se pôr em comida da gente

não se achava. Ao já estava com a carta quase pronta, só faltando era ter um positivo que a fosse levar na barra, na Vila Risonha.

— "Bem, eu agora vou-me-vou, estou de passar na cafúa do Frieza, pastos abaixo. Viajar é penoso! Olha, o corguinho já está alargado, com suas águas amarelas..." — Seo Deográcias só gostava de ir visitar os outros era no intervalinho de chuvas, aí ele sabia certo que achava todos em casas. Ele tinha também ofício de cobrar dinheiro, de uns para os outros. Levantou, foi na janela, espiar o céu do tempo. — "Eh, água vai tornar a revirar água? No melhor, estia: vigiem o olho-de-boi!" Todos discorriam para ir ver, até Vovó Izidra concordava de apreciar o olho-de-boi, que era só um reduzidinho retalho de arco-da-velha, leviano airoso. Miguilim, não, hoje não podia. Esperava abraçado no colo da mãe, enquanto que ela quisesse assim. "— Que é que você está soletrando, Miguilim?" Nada, não, estava falando nada. Estava rezando, endereçado baixinho, para Deus dificultar d'ele morrer.

Mas Pai tinha tirado por tino, conversava: — "Seo Deográcias, o senhor que sabe escola, podia querer ensinar o Miguilim e o Dito algum começo, assim vez por vez, domingo ou outro, para eles não seguirem atraso de ignorância?"

Mal de Miguilim, que de todo temor se ameaçava. O arújo daquilo. Então, o que seo Deográcias ensinasse — ele e o Dito iam crescer ficando parecidos com seo Deográcias?... Cruzou os olhos com o Dito. O Dito, que era o irmãozinho corajosozinho destemido, ele ia arrenegar? Daí, não, o Dito deixava, estava adiando de falar alto. Mas ele, Miguilim, ia mesmo morrer de uma doença, então ele agora não somava com ralho nenhum:

— Quero tudo não, meu Pai. Mãe sabe, ela me ensina...

Ah o pai não ralhava — ele tinha demudado, de repente, soável risonho; mesmo tudo ali no instante, às asas: o ar, essas pessôas, as coisas — leve, leve, tudo demudava simples, sem desordem: o pai gostava de mamãe. Com o ser, com os olhos como que ele olhava, tanto querendo-bem; e o pai estava remoçado. Mãe, tão bonita, só para se gostar dela, todo o mundo. Então Miguilim era Miguilim, acertava no sentir, e em redor amoleciam muitas alegrias. O pai gostava de mamãe, muito, demais. Até, para agradar mamãe, ele afagava de alisar o cabelo de Miguilim, em quando falava gracejado: — "A Nhanina sabe as letras, mas ela não tem nenhuma paciência... Eh, Nhanina não decora os números, de conta de se fazer..." Se seo Deográcias então queria ser mestre?

Mas seo Deográcias coçava a cara pela barba, ajuizava sério. "— Bom, seo Nhô Berno, o que o senhor está é adivinhando uma tenção que já está residida aqui nesta minha cabeça há muito, mas mesmo muito tempo... Mas o que não pode é ser assim de horas pra hora. Careço de mandar vir papéis, cartilha, régua, os aviamentos... Ter um lugarim, reunir certa quantidade de meninos de por aqui por em volta, tão precisados, assim é que vale. O bom real é o legal de todos... Por o benefício de muitos." Todo tão feio, seo Deográcias, aquele tempo se tinha medo ele envelhecesse em dôido.

E era bom quando seo Deográcias e o Patorí iam embora.

— "Mais antes um que mal procede, mas que ensina pelo direito a regra dos usos!" — Vovó Izidra dava valor a seo Deográcias. "— Seja bom-homem, só que truqueado com tantos remiolamentos..." — o pai inventava de dizer. Miguilim pensava que ele tinha vindo pedir esmola; mas o Dito sabia, de escutação: — "Ih, não, Miguilim. Mais veio buscar o dinheiro, para um homem da cidade. Mas Pai falou que ainda não estava em ponto de poder pagar..." Então o Dito estava mentindo! Mas Vovó Izidra tinha ojeriza de seo Aristeu, que morava na Veredinha do Tipã, ele também assisava de aconselhar remédios, e que para ver o Miguilim a mãe queria que chamassem. — "Aquele mal entende do que é, catrumano labutante como nós..." — dizia o pai. Dizia que seo Aristeu servia só para adjutorar, em idas de caçadas, ele dispunha notícia do regulamento dos bichos, por onde passavam acostumados — carreiro de anta, sumetume de paca, trauta de veado — marcava lugar para se pôr espera. Outras vezes também dava rumo aos vaqueiros do movimento do gado fugido, e condizia de benzer bicheira dos bois, recitava para sujeitar pestes. Seu Aristeu criava em roda de casa a abelha-do-reino e aquelas abelhinhas bravas do mato, ele era a única pessôa capaz dessa inteligência. — "Ele é um homem bonito e alto..." — dizia Mãe. — "Ele toca uma viola..." "— Mas do demo que a ele ensina, o curvo, de formar profecia das coisas..." — Vovó Izidra reprovava.

Mas então Miguilim estava mesmo de saúde muito mal, quem sabe ia morrer, com aquela tristeza tão pesada, depois da chuva as folhas de árvores desbaixavam pesadas. Ele nem queria comer, nem passear, queria abrir os olhos escondido. Que bom, para os outros — Tomèzinho, o Dito, a Chica, Drelina, Maria Pretinha — nenhum não estava doente. Só ele, Miguilim, só. Antes tinha ido com o Tio Terêz, de viagem grande,

crismado no Sucurijú, tanta coisa podendo ver, agora não sabia mais. Sempre cismava medo assim de adoecer, mesmo era verdade. Todo o mundo conhecia que ele estava muito doente, de certo conversavam. Tivesse outras qualidades de remédios — que fossem muito feios, amargosos, ruins, remédio que doêsse, a gente padecia no tomar! — então ele tomava, tantas vezes, não se importando, esperança que sarava. Ele mesmo queria melhor ir para a casa de seo Deográcias, daquele menino Majéla, tão arlequim, o Patorí — mas seo Deográcias tinha esses poderes, lá ele tomava remédio, toda hora, podiam judiar, não fazia mal que judiassem, cada dia ele melhorava mais um pouco, quando acabasse bom voltava para casa. Mas seo Deográcias tinha mandado só aqueles, que a gente não pressentia com respeito, que eram só jatobá e óleo de capivara. Assim mesmo, tomava, a certas. Só ele. Agora pensava uma raiva dos irmãos, dos parentes — não era raiva bem, era um desconhecer deles, um desgosto. Não calava raiva do Dito, nem do Tomèzinho, nem da Chica e de Drelina, quando vinham perto, quando estava vendo, estimava sempre uns e outros. Mas, quando ficava imaginando sozinho assim, aquele dissabor deles todos ele pensava. Ah, então, quem devia de adoecer, e morrer, em vez, por que é que não era, não ele, Miguilim, nem nenhum dos irmãozinhos, mas aquele mano Liovaldo, que estava distante dali, nem se sabia dele quase notícia, nem nele não se pensava?

Choveu muitos dias juntos. Chuva, chuvisco, faísca — *raio* não se podia falar, porque chamava para riba da gente a má coisa. Assim que trovoava mais cão, Miguilim já andava esperando para vir perto de Vovó Izidra: — "Vovó Izidra, agora a gente vai rezar, muito?" Ah, porque Vovó Izidra, que era dura e braba desconforme, então ela devia de ter competência enorme para o lucro de rezarem reunidos — para o favor dele, Miguilim, para o que ele carecia. Nem não estava com receio do trovão de chuva, a reza era só para ele conseguir de não morrer, e sarar. Mas fingia, por versúcia — não queria conversar a verdade com as pessôas. Falasse, os outros podiam responder que era mesmo; falasse, os outros então aí era que acreditavam a mortezinha dele certa, acostumada. — "Vovó Izidra, agora a gente vai rezar de oratório, de acender velas?!" — ele mais quase suplicava. — "Não, menino..." — que não, Vovó Izidra respondia — "Me deixe!" — respondia que aquela chuva não regulava de se acender vela, não estava em quantidades. Ser menino, a gente não valia para querer mandar coisa nenhuma. Mas, então, ele mesmo, Miguilim, era quem tinha de encalcar

de rezar, sozinho por si, sem os outros, sem demão de ajuda. Ele ia. Carecia. Suprido de sua fé — que se dizia —: para auxiliar Nosso Senhor a poder obrar milagre. Miguilim queria. Mas, como é que, se ele sendo assim pequeno, agora quem é que sabia se o baguinho-de-fé nele ainda era que estava, não gastada? Descorçoava. — “Vovó Izidra, a senhora falou aquilo, aquela vez: eu tenho muita fé em Deus?” “— Tu tem é severgonhice, falta de couro! Menino atentado!...”

A gente — essas tristezas. Mesmo, daí, Vovó Izidra ralhava, aconselhava para ele não ir caminhar molhando os pés no chão chovido. Que era que adiantava? Para um assim com má-sina — que é que adiantava? Entre chuva e outra, o arco-da-velha aparecia bonito, bebedor; quem atravessasse debaixo dele — fú! — menino virava menina, menina virava menino: será que depois desvirava? Estiadas, as aguinhas brincavam nas árvores e no chão, cada um de um jeito os passarinhos desciam para beber nos lagoeiros. O sanhaço, que oleava suas penas com o biquinho, antes de se debruçar. O sabiá-peito-vermelho, que pinoteava com tantos requebros, para trás e para a frente, ali ele mesmo não sabia o que temia. E o casal de tico-ticos, o viajadinho repulado que ele vai, nas léguas em três palmos de chão. E o gaturamo, que era de todos o mais menorzim, e que escolhia o espaço de água mais clara: a figurinha dele, reproduzida no argume, como que ele muito namorava. Tudo tão caprichado lindo! Ele Miguilim havia de achar um jeito de sarar com Deus. Perguntava a Mãitina, mesmo, como não devia, quem sabe?

Mãitina gostava dele, por certo, tinha gostado, muito, uma vez, fazia tempo, tempo. Miguilim agora tirava isso, da deslembra, como as memórias se desentendem. Ocasião, Mãitina sempre ficava cozinhando coisas, tantas horas, no tacho grande, aquele tacho preto, assentado na trempe de pedras soltas, lá no cômodo pegado com a casa, o puxado, onde que era a moradia dela — uma rebaixa, em que depois tinham levantado paredes: o *acrescente*, como se chamava. Lá era sem luz, mesmo de dia quase que só as labaredas mal alumiavam. Miguilim era mais pequeno, tinha medo de tudo, chegou lá sozinho para espiar, não tinha outra pessôa ninguém lá, só Mãitina mesmo, sentada no chão, todo o mundo dizia ela feiticeira, assim preta encoberta, como que deve de ser a Morte. Miguilim esbarrou, já estava com um começo de dúvida, daí viu, os olhos dele vendo: viu nada, só conheceu que o escuro estava sendo mais maldoso, em redor — e o treslinguar do fôgo — era uma mata-escura, mato em que o

verde vira preto, e o fôgo pelejava para não deixar aquilo tomar conta do mundo, estremeciam mole todos os sombreados. Ele se assustou forte, deu grito. E, se agarrando nas costas dela, se abraçou com Mãitina. Ah, se lembrava. Pois porque tudo tinha tornado a se desvirar do avesso, de repente, Mãitina estava pondo ele no colo, macio manso, e fazendo carinhos, falando carinhos, ele nem esperava por isso, isso nem antes nem depois nunca não tinha acontecido. O que Mãitina falava: era no atrapalho da linguagem dela, mas tudo de ninar, de querer-bem, Miguilim pegava um sussú de consolo, fechou os olhos para não facear com os dela, mas, quisesse, podia adormecer inteiro, não tinha mais medo nenhum, ela falava a zúo, a zumbo, a linguagem dela era até bonita, ele entendia que era só de algum amor. Tanto mesmo Mãitina tinha gostado dele, nesse dia, que, depois, ela segurou na mãozinha dele, e vieram, até na porta-da-cozinha, aí ela gritou, exclamando os da casa, e garrou a esbravecer, danisca, xingando todos, um cada um, e apontava para ele, Miguilim, dizendo que ele só é que era bonzinho, mas que todos, que ela mais xingava, todos não prestavam. Pensaram que ela tivesse doidado furiosa.

Mas, depois, aquilo tinha sido mesmo uma vez só, os outros dias que vinham eram no igual a todos, a gente de tudo não aguenta também de se lembrar, não consegue. Mãitina bebia cachaça, surtia todas as venetas, sumia o senso na velhice. A ver, os meninos todos queriam ir lá, no acrescente, Mãitina agachada, remexendo o tacho; num canto Mãitina dormia, ainda era mais trevoso. Com a colher-de-pau ela mexia a goiabada, horas completas, resmungava, o resmungo passava da linguagem de gente para aquela linguagem dela, que pouco fazia. A fumaça estipava nos olhos de Miguilim, ele tossia e apertava lágrimas de rir azedo. — "Fumaça pra lá, dinheiro p'ra cá..." — cada um dizia, quando o enfio da fumaça se espalhava. Só Drelina era quem queria gostar: —*"Fumaça percura é formosura..."* Vovó Izidra sobrevinha, à tanta, às roucas, esgraviava escramuçando as crianças embora, eta escrapeteava com a criançada toda do mundo! Vovó Izidra, mesmo no escuro assim, avançava nos guardados, nos esconsos, em buracos na taipa, achava aqueles toquinhos de pau que Mãitina tinha escascado com a faca, eram os calunguinhas, Vovó Izidra trouxava tudo no fogo, sem dó! —: eram santos-desgraçados, a gente nem não devia de consentir se Mãitina oferecesse aquilo para respeito de se beijar, bonecos do demo, cazumbos, a gente devia era de decuspir em riba. Mãitina depois tornava a compor

outros. Essas horas, a gente nunca sabia o que Mãitina fosse arrumar, tudo com ela dependia. Tinha vez, ria atôa, não fazia caso; mas, outras, ela gritava horroroso, enfrenesiava no meio do quintal, rogando pragas sentidas, tivesse lama deitava mesmo na lama, se esparramava.

E agorinha, agora, que ele carecia tanto de qualquer assinzinho de socôrro, algum aprumo de amparo, será que não podia pedir a ela? Miguilim pensava. Miguilim nem ria. O que ele ia vendo: que nem não adiantava. Ah, não adiantava não, de jeito nenhum — Mãitina estava na bebedeira. A mal, derradeiro deixavam ela tomasse como quisesse; porque estavam supeditando escondido na cachaça o pó de uma raiz, que era para ela enfarar de beber, então, sem saber, perdia o vício. Mas nem não valia. Podiam sobpôr aquilo, sustanciar em todas quantidades, a meizinha não executava. Judiação. Mãitina bebia e rebebia, queria mais, ela gastava a cachaça toda. Tudo, que todo o mundo fazia, era errado.

A Rosa. Miguilim pergunta à Rosa: — "Rosa, que coisa é a gente ficar héctico?" "— Menino, fala nisso não. Héctico é tísico, essas doenças, derrói no bofe, pessôa vai minguando magra, não esbarra de tossir, chega cospe sangue..." Miguilim desertêia para a tulha, atontava.

— "Agora você ensina armar urupuca..." — o Dito queria, quando desinvernou de repente, as maitacas já passavam, vozeando o trilique, antes era tão bonito. Para o Dito, não tinha coragem de negar. Mas a urupuca não definia certa, o Dito mesmo experimentou, espiava sério, só Tio Terêz era quem podia. Tio Terêz em tudo estava vivendo longe. Tio Terêz voltasse, Miguilim conversava. — "Sanhaço pia uma flauta... Parece toca aprendendo..." "— Que é que é flauta, Tio Terêz?" Flauta era assovio feito, de instrumento, a melhor remedava o pio assim do sanhaço grande, o ioioioim deles... Tio Terêz ia aprontar para ele uma, com taquara, com canudo de mamão? Mas, depois, de certo esqueceu, nunca que ninguém tinha tempo, quase que nenhum, de trabalhar era que todos careciam.

Tomèzinho e o Dito corriam, no pátio, cada um com uma vara de pau, eram cavalinhos que tinham até nomes dados. "— Brincar, Miguilim!" Brincar de pegador. Até a Chica e Drelina brincavam, os cachorros latiam diverso. O Gigão sabia quase brincar também. Miguilim corria, tinha uma dôr de um lado. Esbarrava, nem conseguia ânimo de tomar respiração. Não queria aluir do lugar — a dôr devia de ir embora. Assim instante assim, comecinho dela, ela estava só querendo vindo pousando — então num átimo não podia também desistir de nele pousar, e ir embora? Ia. Mas não

adiantava, ele sabia, deu descordo. Já estava héctico. Então, ia morrer, mesmo, o remédio de seo Deográcias não adiantava.

— Dito, hoje é que dia?

Então ia morrer; carecia de pensar feito já fosse pessôa grande? Suspendeu as mãozinhas, tapando os olhos. Em mal que, a gente carecia de querer pensar somente nas coisas que devia de fazer, mas o governo da cabeça era erroso — vinha era toda ideia ruim das coisas que estão por poder suceder! Antes as estórias. Do pai de seo Soande vivo, estória do homem boticário, Soande. Esse, deu um dia, se prezou que já estava justo completo, capaz para navegar logo pra o Céu, regalias altas; como que então ele dispôs de tudo que tinha, se despediu dos outros, e subiu numa árvore, de manhã cedo, exclamou: — “Belo, belo, que vou para o Céu!…” — e se soltou, por voar; descaíu foi lá de riba, no chão muito se machucou. — “Bem feito!” — Vovó Izidra relatava — “Quem pensa que vai para o Céu, vai mas é para o Céu-de-Laláu!...” Vovó Izidra todos vigiava.

O Dito tinha ido ver, perguntar. Daí, voltava: — “Hoje é onze, a Rosa espiou na folhinha. A Rosa disse essa folhinha que agora a gente tem não é bôa, folhinha-de-Mariana; que carece de arranjar folhinha de desfolhar — de tão bonitos quadros...” “— Eu vou ali, volto...” — Miguilim disse. Miguilim tinha pegado um pensamento, quase que com suas mãos.

“— Deix’ele ir, Dito. Ele vai amarrar-o-gato...” — ainda escutava dizer o vaqueiro Jé. Mentira. Tinha mentido, de propósito. Era o único jeito de sozinho poder ficar, depressa, precisava. Podiam rir, de que rissem ele não se importava. Mesmo agora ali estava ele ali, atrás das árvores, com as calças soltadas, acocorado, fingindo. Ah, mas livre de todos; e pensava, ah, pensava!

Repensava aquele pensamento, de muitas maneiras amarguras. Era um pensamento enorme, aí Miguilim tinha de rodear de todos os lados, em beira dele. E isso era, era! Ele tinha de morrer? Para pensar, se carecia de agarrar coragem — debaixo da exata ideia, coraçãozinho dele anoitecia. Tinha de morrer? Quem sabia, só? Então — ele rezava pedindo: combinava com Deus, um prazo que marcavam... Três dias. De dentro daqueles três dias, ele podia morrer, se fosse para ser, se Deus quisesse. Se não, passados os três dias, aí então ele não morria mais, nem ficava doente com perigo, mas sarava! Enfim que Miguilim respirava forte, no mil de um minuto, se coçando das ferroadas dos mosquitos, alegre quase. Mas,

nem nisso, mau! — maior susto o salteava: três dias era curto demais, doíam de assim tão perto, ele mesmo achava que não aguentava... Então, então, dez. Dez dias, bom, como valesse de ser, dava espaço de, amanhã, principiar uma novena. Dez dias. Ele queria, lealdoso. Deus aprovava.

Voltou para junto. Agora, ele se aliviava qualqual, feliz no acomodamento, espairecia. Era capaz de brincar com o Dito a vida inteira, o Ditinho era a melhor pessôa, de repente, sempre sem desassossego. O Dito como que ajudava. Ele Miguilim ainda carecia de sinalar os dias todos, para aquela espera, fazia a conta nos dedos. O Dito e o vaqueiro Jé não estavam entendendo nada, mas o vaqueiro Jé fez a conta, Miguilim e Dito não sabiam. — "Pra que é, Miguilim? Você fechou data para se casar?" — assim a poetagem do vaqueiro Jé, falanfão. Soubesse o que era, de verdade, assim se rindo assim ele falava? O vaqueiro Jé era uma pessôa esperdiçada. — "Ah, isto é" — ainda vinha dizendo mais — "é por via da vacama: o Miguilim vai reger o costeio..."

A tempo, com a chuva, os pastos bons, o pai tinha falado iam tornar a começar a tirar muito leite, fazer requeijão, queijo. As vacas estavam sobrechegando, com o touro. O touro era um zebú completo preto — Rio-Negro. A bezerrada se concluía num canto do curral, os rabinhos de todos pendurados, eles formavam roda fechada, com as cabeças todas juntas. O cachorro Gigão vigiava, sempre sério, sentado; ele desgostava do Rio-Negro. O Rio-Negro era ruim, batedor. Um dia ele tinha investido nos meninos. Quando que avançou, de supetão, todos gritaram, as pessôas grandes gritaram: os meninos estavam mortos! Mas mais se viu que o Gigão sobrestava, de um pulo só ele cercou, dando de encontro — tinha ferrado forte do Rio-Negro, abocando no focinho — não desmordeu, mesmo — deu com o pai-de-bezerro no chão. Três tombos, até o Rio-Negro rolar por debaixo do cocho que quase encostado na cerca. Todas as belezas daquele retumbo! Deu a derradeira queda aqui, já neste fundinho de terra. O Gigão gostava de mexida de gado, cachorro desse derruba qualquer boi. Tinha livrado os meninos da morte, todos faziam festas no Gigão, sempre que se matava galinha assavam o papo e as tripas para ele. Mas agora o Gigão parava ali, bebelambendo água na poça, e mesmo assim, com ele diante perto, Miguilim estava sentindo saudade dele. Então, era porque ia mesmo morrer? Já tinham quase passado dois dias, faltavam os outros para inteirar. E ele, por motivo nenhum, mas tinha

deixado de principiar a novena, e não sobrava mais tempo, não dava. Deus Jesus, como é que havia de ser?

Não ia fazer mais artes. Só tinha trepado na árvore-de-tentos, com o Dito, para apanhar as frutinhas de birosca. Tomèzinho não sabia subir, ficava fazendo birra em baixo, xingava nome feio. "— Não xinga, Tomèzinho, é Mãe que você está ofendendo!" Mas então precisavam de ensinar a ele outros nomes de xingar, senão o Tomèzinho não esbarrava. Às vezes a melhor hora para a gente era quando Tomèzinho estava dormindo de dia. No descer do tenteiro, Miguilim desescorregou, um galho partiu, ele bateu no chão, não machucou parte nenhuma, só que a calça rasgou, rasgão grande, mesmo. Tudo se dado felizmente. Mas o pai, quando ele chegou, gritou pito, era para costurarem a roupa. E ainda mandou que deixassem Miguilim nú, de propósito, sem calça nenhuma, até Mãe acabar de costurar. Só isso, se morria de vergonha. E, então, não tinham pena dele, Miguilim, achavam de exemplar por conta de tudo, mesmo num tempo como esse, que faltavam seis dias, do comum diferentes? Ah, não fosse pecado, e aí ele havia de ter uma raiva enorme, de Pai, deles todos, raiva mesmo de ódio, ele estava com razão. Pudesse, capaz de ter uma raiva assim até do Dito! Mas por que era que o Dito semelhava essa sensatez — ninguém não botava o Dito de castigo, o Dito fazia tudo sabido, e falava com as pessôas grandes sempre justo, com uma firmeza, o Dito em culpa aí mesmo era que ninguém não pegava.

Agora estavam reduzindo com os bezerros, para a ferra, na laçação. Miguilim também queria ir lá no curral, para poder ver — não ia, nú, nuélo, castigado. Escutava o barulho — como o bezerro laçado bufa e pula, tréta bravo. O vaqueiro Jé sabia jogar focinheira bem, com o laço: era custoso, mais custoso quando o bezerro estava com a cabeça abaixada. Laçavam pelo pescoço. Quando pegavam o pescoço e perna, duma vez, Pai zangava, estavam errando. Peavam o bezerro, na curva, com duas voltas de sedém e um nó-de-porco; encambixavam, com as duas mãos. Outro apertava a cabeça dele no chão. Outro ajudava. O bezerro punha a língua de fora. E os berros. Bêrrú-berro feio, como quando que gado toma uma esbarrada se estremece bruto, nervoso, derruba gente, agride, pula cerca. Doidavam desespero, davam testada. Até às vezes, no pular, algum rasgava a barriga nas pontas de aroeira, depois morriam. Como o pai ficava furioso: até quase chorava de raiva! Exclamava que ele era pobre, em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as

terras ali não eram dele, o trabalho era demais, e só tinha prejuízo sempre, acabava não podendo nem tirar para sustento de comida da família. Não tinha posse nem para retelhar a casa velha, estragada por mão desses todos ventos e chuvas, nem recurso para mandar fazer uma bôa cerca de réguas, era só cerca de achas e paus pontudos, perigosa para a criação. Que não podia arranjar um garrote com algum bom sangue casteado, era só contentar com o Rio-Negro, touro do demônio, sem raça nenhuma quase. Em tanto nem conseguia remediar com qualquer zebú ordinário, touro cancréje, que é gado bravo, miúdo ruim leiteiro, de chifres grandes, mas sempre é zebú mesmo, cor queimada, parecendo com o guzerate: — "Zebú que veio no meio dos outros, mas não teve aceitação..." — que era o que queria o vaqueiro Salúz. Dava vergonha no coração da gente, o que o pai assim falava. Que de pobres iam morrer de fome — não podia vender as filhas e os filhos... Pudesse, crescesse um poucado mais, ele Miguilim queria ajudar, trabalhar também. Mas, muito em antes queria trabalhar, mais do que todos, e não morrer, como quem sabe ia ser, e ninguém não sabia.

Mas por que não cortavam aquela árvore de pé-de-flôr, de detrás da casa, que seo Deográcias tinha falado? Se não cortassem, era tanto perigo, de agouro, ela crescia solerte, de repente uma noite despassava mais alta do que o telhado, então alguém da família tinha de morrer, então era que ele Miguilim morria. Pois ele não era o primeirozinho separado para ser, conforme Deus podia mandar, como a doença queria? Mas nem que o pai não queria saber de cortar, quizilou quando Mãe disse. — "Não corto, não deixo, não dou esse prazer a esse seo Deográcias! Nem ele não pense que tudo o que fala é minhas-ordens, que por destino de pobres ignorantes a gente é bobo também..." Não cortavam, e a arvorezinha pegava asas. Miguilim escogitava. "— Dito, alegria minha maior se alguém terminasse com a árvore-de-flôr, um vento forte derribasse..." O Dito não fosse tão ladino: quando ninguém não estava vendo ele chamou o vaqueiro Salúz, disse que para botar no chão, mandado do pai. Vaqueiro Salúz gostava de cortar, meteu o facão, a árvore era fina. Miguilim olhava de longe; de alegria, coração não descansava. Quando os outros viram, todos ficaram assustados, temor do pai, diziam o Dito ia apanhar de tirar sangue. O Dito, por uma aguinha branca como nem que ele não se importava. Saíu brincando com carrinho-de-boi, com os sabucos. Um sabuco rôxo era boi rôxo, outros o Dito pedia à Rosa para no fôgo tostar, viravam sendo

boizinhos amarelos, pretos, pintados de preto-e-branco. Era o brinquedo mais bonito de todos. Pai chegou, soube da árvore cortada, chamou o Dito: — "Menino, eu te amostro! Que foi que mentiu, que eu tinha mandado sentar facão na árvore-de-flôr?!" "— Ah, Pai, ressonhei que o que se disse, se a árvore danasse de crescer, mais o senhor é que é o dono da casa, agora o senhor pode bater em mim, mas eu por nada não queria que o senhor adoecesse, gosto do senhor, demais..." E o pai abraçou o Dito, dizia que ele era menino corajoso e com muito sentimento, nunca que mentia. Mesmo Miguilim não entendia o sopro daquilo; pois até ele, que sabia de tudo, dum jeito não estava acreditando mais no que fora: mas achando que o que o Dito falou com o pai era que era a primeira verdade.

Marôto que o Dito saía, por outros brinquedos, com simples de espiar o ninho de filhotes de bem-te-vi, não tinha medo que bem-te-vi pai e mãe bicavam, podiam furar os olhos da gente. Chamava Miguilim para ir junto. Miguilim não ia. O Dito não chamava mais. O Dito quase que não se importava mais com ele, o Dito não gostava mais dele. Cada dia todos deixavam de gostar dele um poucadinho, cismavam a sorte dele, parecia que todos já estavam pressentindo, e queriam desacostumar. Não faltavam só três dias? Mas agora ele imaginava outros pensamentos, só que eram desencontrados, tudo ainda custoso, dificultoso. Se escapasse, achava que ia ficar sabendo, de repente, as coisas de que precisava. Ah, não devia de ter decorado na cabeça a data desses dias! Sempre de manhã já acordava sopitado com aquela tristeza, quando os bem-te-vis e pass'os-pretos abriam pio, e Tomèzinho pulava da cama tão contente, batia asas com os braços e cocoricava, remedando o galo. De noite, Miguilim demorava um tempo distante, pensando na coruja, mãe de seus sabêres e poderes de agouro. — "É coruja, cruz?!" Não. O Dito escutava com seriedades. Só era só o grito do enorme sapo latidor.

De em dia, Miguilim mesmo tinha escasseado o gosto de se esconder, de se apartar às vezes da companhia dos outros, conforme tanto de-primeiro ele apreciava. Mas, agora, de repente achava que, se sozinho, então — por certo encoberto modo — aí era que ele era mais sabido de todos, mais enxergado e medido. Parava dentro de casa, na cozinha, perto de Mãe, perto das meninas. Queria que tudo fosse igual ao igual, sem esparrame nenhum, nunca, sem espanto novo de assunto, mas o pessoal da família cada um lidando em suas miúdas obrigações, no usozinho. Que — se ele mesmo desse de viver mais forte, então puxava perigo de

desmanchar o esquecimento de Deus, influía mais para a banda da doença. Que, se andasse, adoecia amadurecido, sentia uma dor na contraquilha, no fundo das tampas do peito, daí cuspia sangue — era o que a Rosa falava para sempre. De sestro, salivava, queria saber se já sobrava o gosto de sangue. — “Qu’ é qu’ isso, Miguilim!? Larga de mania feia!” — qualquer um repreendia. E ele abanava a cabeça que sim, sorria mansinho que pudesse, para ser bobinho. Porque a alma dele temia gritos. No sujo lamoso do chiqueiro, os porcos gritavam, por gordos demais. Todo grito, sobre ser, se estraçalhava, estragava, de dentro de algum macio miôlo — era a começação de desconhecidas tristezas. O quirquincho de um tatú caçado. O afurôo dos cachorros, estrepolindo com o tatú em buraco.

Ali mesmo, para cima do curral, vez pegaram um tatú-peba — como roncou! — o tatú-pevinha é que é o que ronca mais, quando os cachorros o encantôam. Os cachorros estreitam com ele, rodeavam — era tatúa-fêmea — ela encapota, fala choraminguda; peleja para furar buraco, os cachorros não deixam. Os cachorros viravam com ela no chão, ela tornava a se desvirar, ligeiro. A gente via que ela podia correr muito, se os cachorros deixassem. E tinha pelinhos brancos entremeados no casco, feito as pontas mais finas, mais últimas, de raizinhas. E levantava as mãozinhas, cruzadas, mostrava aqueles dedos de unhas, como ossinhos encardidos. Pedia pena... Depois, outra ocasião, não era peva, era um tatú-galinha, o que corre mais, corredor. Funga, quando cachorro pega. Pai tirava a faca, punha a faca nele, chuchava. Ele chiava: *Izúis, Izúis!...* Estava morrendo, ainda estava fazendo barulho de unhas no chão, como quando entram em buraco. — “Tem dó não, Miguilim, esses são danados para comer milho nas roças, derrubam pé-de-milho, roem a espiga, desenterram os bagos de milho semeados, só para comer...” — o vaqueiro Salúz dizia aquilo, por consolar, tantas maldades. — “O tatú come raízes...” Então, mas por que é que Pai e os outros se praziam tão risonhos, doidavam, tão animados alegres, na hora de caçar atôa, de matar o tatú e os outros bichinhos desvalidos? Assim, com o gole disso, com aquela alegria avermelhada, era que o demônio precisava de gostar de produzir os sofrimentos da gente, nos infernos? Mais nem queriam que ele Miguilim tivesse pena do tatú — pobrezinho de Deus sozinho em seu ofício, carecido de nenhuma amizade. Miguilim inventava outra espécie de nôjo das pessôas grandes. Crescesse que crescesse, nunca havia de poder estimar aqueles, nem ser sincero companheiro. Aí, ele grande, os outros podiam mudar, para ser bons —

mas, sempre, um dia eles tinham gostado de matar o tatú com judiação, e aprontado castigo, essas coisas todas, e mandado embora a Cuca Pingo-de-Ouro, para lugar onde ela não ia reconhecer ninguém e já estava quase ceguinha.

Mas, a mal, vinha vesprando a hora, o fim do prazo, Miguilim não achava pé em pensamento onde se firmar, os dias não cabiam dentro do tempo. Tudo era tarde! De siso, devia de rezar, urgente, montão de rezas. Não compunha. Pois então, no espandongado mesmo dessa pressa, era que a reza não dava vontade de se rezar, ele principiava e não conseguia, não aguentava, nervosia, toleimado se atolava todo. Se sentava na tulha, ainda uma vez, com coragem, só com o gato Sossõe. Ficava pensando. Se lembrando. O gato chegava por si, sobremacio, tripetrepe, naquela regra. Esse não se importava com nenhuma coisa; mais, era rateiro: em estado de dormindo, mesmo, ele com um cismado de orêlhas seguia longe o rumor de rato que ia se aparecer dum buraquinho. E Miguilim de repente viu que estava recordando aquelas conversas do Patorí, gostando delas, auxiliando mesmo de se lembrar. A coisa do boi se chamava verga. A do cavalo, chamava *província*, pendurada, enorme, semelhando um talo de cacho de bananeira, sem o mangará. Tinha até vontade que o Patorí voltasse, viesse, havia de conversar a bem com ele, perguntar mais desordens. O garrote tourava as vacas, depois nasciam os bezerrinhos. Patorí falava que podia ensinar muitas coisas, que homem fazia com mulher, de tão feio tudo era bonito. Só assim em se pensar, mesmo já esquentava, bom, descansava. Um porco magro, passante, demorou na porta da tulha, esmastigando, de amarelar, um bagaço de cana. Grunhava. Devia de ser bom, namoração. Ele Miguilim era quem ia se casar com Drelina — mas irmão não podia casar com irmã? Daí, não aguentava: tinha vergonha. — "Dito, vem cá, fala comigo uma pergunta minha..."

— "Quê que é, Miguilim? Você sabe Pai disse? Amanhã ele vai deixar a gente nós dois montar a cavalo, sozinhos, vamos ajudar a trazer os bezerros..." "— Dito, você já teve alguma vez vontade de conversar com o anjo-da-guarda?" "— Não pode, Miguilim. Se puder, vai p'ra o inferno..." "— Dito, eu às vezes tenho uma saudade de uma coisa que eu não sei o que é, nem de donde, me afrontando..." "— Deve de não, Miguilim, descarece. Fica todo olhando para a tristeza não, você parece Mãe." "— Dito, você ainda é companheiro meu? De primeiro você gostava de conversar comigo..." " — Que eu que eu gosto, Miguilim. Demais. Mas eu

quero não conversar essas conversas assim.” “— Você quer me ver eu crescer, Dito? Eu viver, toda a vida, ficar grande?” “— Demais. A gente brincar muito, tempos e tempos, de em diante crescer, trabalhar, todos, comprar uma fazenda muito grande, estivada de gados e cavalos, pra nós dois!” A alegria do Dito em outras ocasiões valia, valia, feito rebrilho de ouro.

Daí mas descambava, o dia abaixando a cabeça morre-não-morre o sol. O oôo das vacas: a vaca Belbutina, a vaca Trombeta, a vaca Brindada... O enfile delas todas, tantas vacas, vindo lentamente do pasto, sobre pé de pó. Atitava um assovio de perdiz, na borda-do-campo. Voando quem passava era a marreca-cabocla, um pica-pau pensoso, casais de araras. O gaviãozinho, o gavião-pardo do cerrado, o gaviãozinho-pintado. A gente sabia esses todos vivendo de ir s’embora, se despedidos. O pio das rolinhas mansas, no tarde-cai, o ar manchado de preto. Daí davam as cigarras, e outras. A rã rapa-cúia. O sorumbo dos sapos. Aquele lugar do Mutúm era triste, era feio. O morro, mato escuro, com todos os maus bichos esperando, para lá essas urubuguáias. A ver, e de repente, no céu, por cima dos matos, uma coisa preta desforme se estendendo, batia para ele os braços: ia ecar, para ele, Miguilim, algum recado desigual? “São os morcegos? Se fossem só os morcegos?!...” Depois, depois, tinha de entrar p’ra dentro, beber leite, ir para o quarto. Não dormia dado. Queria uma coragem de abrir a janela, espiar no mais alto, agarrado com os olhos, elas todas, as Sete-Estrelas. Queria não dormir, nunca. Queria abraçar o Ditinho, conversar, mas não tinha diligência, não tinha ânimo.

Agora era o dia derradeiro. Hoje, ele devia de morrer ou não morrer. Nem ia levantar da cama. De manhã, ele já chuviscara um chorozinho, o travesseiro estava molhado. Morria, ninguém não sentia que não tinha mais o Miguilim. Morria, como arteirice de menino mau? — “Dito, pergunta à Rosa se de noite um pássaro riu em cima do paiol, em cima da casa?” O dia era grande, será que ele ia aguentar de ficar o tempo todo deitado? — “Miguilim, Mãe está chamando todos! É p’ra catar piôlho...” Miguilim não ia, não queria se levantar da cama. “— Que é que está sentindo, Miguilim? Está doente, então tem de tomar purgante...” A mãe já estaria lá, passando o pente-fino na cabeça dos outros, botava óleo de babosa nos cabelos de Drelina e da Chica, suas duas muito irmãzinhas, delas gostava tanto. Tomèzinho chorava, ninguém não podia com Tomèzinho. — “Miguilim está mesmo doente? Que é agora que ele tem?”

Era Vovó Izidra, moendo pó em seu fornilho, que era o moinho-de-mão, de pedra-sabão, com o pião no meio, mexia com o moente, que era um pau cheiroso de sassafrás. Miguilim agora em tudo queria reparar demais, lembrado. Pó, tabaco-rapé, de fumo que ela torrava, depois moía assim, repisando — a gente gostava às vezes de auxiliar a moer — o pó ela guardava na cornicha, de ponta de chifre de boi, com uma tampinha segura com tirinha de couro, dentro dela botava também uma fava de cumarú, para dar cheiro... Vovó Izidra não era ruim, todos não eram ruins, faziam ele comer bastante, para fortalecer, para não emagrecer héctico, de manhãzinha prato fundo com mingau-de-fubá, dentro misturavam leite, pedacinhos de queijo, que derretiam, logo, despois comia gemada de ovo, enjoada, toda noite Vovó Izidra quentava para ele leite com açúcar, com umas folhinhas verdes de hortelã, era tão gostoso... A mãe vinha ver: — "Melhor se dar logo o sal-amargo a ele, senão o Bero vem, ele pensa que remédio para menino é doses, feito bruto p'ra cavalo..." Mas Miguilim estava chorando simples, não era medo de remédio, não era nada, era só a diferença toda das coisas da vida. Só Drelina só era quem adivinhava aquilo, vinha se sentar na beira da cama. — "Miguilinzinho, meu irmãozinho, fala comigo por que é que você está chorando, que é que você está sentindo dôr?" Drelina pegara uma das mãos dele, de junto carinhava Miguilim, na testa. Drelina era bonita de bondade. — "Sossega, Miguilim, você não está com febre não, cabeça não está quente..." "— Drelina, quando eu crescer você casa comigo?" "— Caso, Miguilim, demais." "— E a Chica casa com o Dito, pode?" "— Pode, decerto que pode." "— Mas eu vou morrer, Drelina. Vou morrer hoje daqui a pouco..." Quem sabe, quem sabe, melhor ficasse sozinho — sozinho longe deles parecia estar mais perto de todos de uma vez, pensando neles, no fim, se lembrando, de tudo, tinha tanta saudade de todos. Para um em grandes horas, todos: Mãe, o Dito, as Meninas, Tomèzinho, o Pai, Vovó Izidra, Tio Terêz, até os cachorros também, o gato Sossõe, Rosa, Mãitina, vaqueiro Salúz, o vaqueiro Jé, Maria Pretinha... Mas, no pingo da horinha de morrer, se abraçado com a mãe, muito, chamando pelo nome que era dela, tão bonito: — Nhanina...

— Mãe! Acode ligeiro, o Miguilim está dando excesso!...

E o Dito? Onde o Dito estava? Saíra correndo certo. Tinha avistado o seo Aristeu, que descia de volta do Nhangã, montado no seu cavalinho

sagaz, foi correu — chamar para vir ver Miguilim, pronto. Seo Aristeu chegou.

Seo Aristeu entrava, alto, alegre, alto, falando alto, era um homem grande, desusado de bonito, mesmo sendo roceiro assim; e dôido, mesmo. Se rindo com todos, fazendo engraçadas vênias de dansador.

— "Vamos ver o que é que o menino tem, vamos ver o que é que o menino tem?!... Ei e ei, Miguilim, você chora assim, assim — p'ra cá você ri, p'ra mim!..." Aquele homem parecia desinventado de uma estória. — "O menino tem nariz, tem boca, tem aqui, tem umbigo, tem umbigo só..." — "Ele sara, seo Aristeu?" "— ... Se não se tosar a crina do poldrinho novo, pescoço do poldrinho não engrossa. Se não cortar as presas do leitãozinho, leitãozinho não mama direito... Se não esconder bem pombinha do menino, pombinha vôa às aluadas... Miguilim — bom de tudo é que tu 'tá: levanta, ligeiro e são, Miguilim!..."

— Eu ainda pode ser que vou morrer, seo Aristeu...

— Se daqui a uns setenta anos! Sucede como eu, que também uma vez já morri: morri sim, mas acho que foi morte de ida-e-volta... Te segura e pula, Miguilim, levanta já!

Miguilim, dividido de tudo, se levantava mesmo, de repente são, não ia morrer mais, enquanto seo Aristeu não quisesse. Todo ria. Tremia de alegrias.

— "Não disse, não falei? Apruma mesmo durim, Miguilim, a dansa hoje é das valsas..." Todo o mundo: boca que ria mais ria. "— Ai, Miguilim, eu soubesse disto, tinha trazido minha companhia — que por nome tem até é Minréla-Mindóla, Menina Gordinha, com mil laços de fitas... — viola mestra de todo tocar!" "— Então, eu não estou héctico nem tísico não, seo Aristeu?" "— Bate na boca por bestagem tão grande que se disse, compadre meu Miguilim: nunca que eu ouvi outra maior. Tísica nem não dá, nestes Gerais, o ar aqui não consente! Vai o que você tem é saúde grande ainda mal empenada..."

Pai estava chegando, seo Aristeu para ele explicava: — "Amigo meu Miguilim de repente estranhou a melhor saúde que ele tem. Isso isso-mesmo: ajustar as perninhas primeiro nos compassos..." Estipulava: que ali no Gerais não dava tísica, não, mas mesmo tísica ele sarava, com agrião e caldo de bicho caramujo — era: pá!-bosta! — e todos milagres aquilo fazia... Miguilim carecia de remédio nenhum, estava limpo de tudo. Siso de que exercício era bom: podia ir até na caçada... Porque seo Aristeu

aparecia por ali era para prevenir os caçadores: uma anta enorme estava trançando, desdada, uma anta preta chapadense, seo Aristeu tinha batido atrás da treita do rastro, acertara com a picada mais principal, ela reviajava de chapada pra chapada, e em três veredas ela baixava: no Tipã, no Terentém e no Ranchório burrinhando, sozinha, a fêmea decerto tinha ficado perdida dela, ou alguém mais já tinha matado. Carecia de se emprazar a boa caçada... — "E as abelhas, como vão, seo Aristeu?" "— De mel e mel, bem e mal, Nhô Berno, mas sempre elas diligencêiam, me respeitam como rei delas, elas sabem que eu sou o Rei-Bemol... Inda ôntem, sei, sabem, um cortiço deu enxame, enxame enorme: um vê — rolando uma nuvem preta, o diabo devia de querer estar no meio, rosnando... Ei, Miguilim, isto é p'ra você, você carece de saber das coisas: primeiro, foi num mato, onde eu achei uns macacos dormindo, aí acordaram e conversaram comigo... Depois, se a gente vê um ruivo espirrar três vezes seguidas, e ele estando com facão, e pedir água de beber, mas primeiro lavar a boca e cuspir — então, desse, nada não se queira, não!" Seo Aristeu sossegava para almoçar. Supria de aceitar cachaça. Oh homem! Ele tinha um ramozinho de ai-de-mim de flôr espetado na copa do chapéu, as calças ele não arregaçava. Só dizia aquelas coisas dansadas no ar, a casa se espaceava muito mais, de alegrias, até Vovó Izidra tinha de se rir por ter boca. Miguilim desejava tudo de sair com ele passear — perto dele a gente sentia vontade de escutar as lindas estórias. Na hora de ir embora afinal, seo Aristeu abraçou Miguilim:

— "Escuta, meu Miguilim, você sarou foi assim, sabe:

...Eu vou e vou e vou e vou e volto!
Porque se eu for
Porque se eu for
Porque se eu for
hei de voltar...

E isto se canta bem ligeiro, em tirado de quadrilha."

Depois e tanto, abraçou o Dito; falou: — "Tratem com os açúcras este homenzinho nosso, foi ele quem veio e quis me chamar..."

A caçada, a batida da anta, para um domingo, Deus quisesse, ficou marcada.

Agora Miguilim tinha tanta fome, comeu demais, até deu na fraqueza: depois de comer, ficou frio suado. Mas estava alevantado nas bôas cores. O barro secou. Pai disse: — "Miguilim carece de render exercício labutando, amanhã ele leva almoço meu na rocinha." Miguilim gostou disso, por demais: Pai estava achando que ele tinha préstimo para ajudar, Pai tinha falado com ele sem ser ralhando. A alegria de Miguilim era a sús.

— Você me ensinazinho a dansar, Chica?

— Ensino, você não aprende.

— Aprendo sim, Chica...

— A Rosa quem disse: Dito aprende, Miguilim não aprende...

— Por que, Chica?

— Você nasceu em dia-de-sexta com os pés no sábado: quando está alegre por dentro é que está triste por fora… A Rosa é quem disse. Você tem pé de chacolateira...

No outro dia, dia-de-manhã bonito, o sol chamachando, estava dado lindo o grilgril das maitacas, no primeiro, segundo, terceiro passar delas, para os buritis das veredas. Por qualquer coisa, que não se sabe, as seriemas gritaram, morro abaixo, morro acima, quase bem uma hora inteira. Vaqueiro Salúz tirava leite, o Dito conseguia de ajudar. A bezerrinha da vaca *Piúna* era dele, bezerro da *Trombeta* era de Tomèzinho, o da *Nobreza* de Drelina, o da *Mascaranha* de Chica, dele Miguilim o da vaca *Sereia*. O Rio-Negro não saía de junto da *Gadiada*, que devia de estar em começo de calor. Touro em turvo, feio, a cara burra, tão de ruim. Vez em quando virava a cabeçona, por se lamber na charneira — estava cheio de bernes. — "Por causa que aqui é mato, pé-de-serra, aí no meio dos Gerais não dá..." — por ele punia o vaqueiro Salúz. O Dito perguntava continuação. O Dito de tudo queria aprender.

Mas depois Mãe e a Rosa arrumavam bem a comida, no tabuleirinho de pau com aqueles buracos diferentes — nem não se carecia de prato nenhum, nem travessa, nenhuma vasilha nenhuma —; ele Miguilim podia ir cauteloso, levar para o pai. Em mal que o Dito não acompanhava de vir junto, porque dois meninos nunca que dá certo, fazem arte. E o caminhozinho descia, beirava a grota. Põe os olhos pra diante, Miguilim! Em ia contente, levava um brio, levava destino, se ria do grosso grito dos papagaios voantes, nem esbarrou para merecer uma grande arara azul, pousada comendo grêlos de árvore, nem para ouvir mais o guaxe de rabo

amarelo, que cantava distinto, de vezinha não cantava, um estádio: só piava, pra chamar fêmea. De daí, Miguilim tinha de traspassar um pedaço de mato. Não curtia medo, se estava tão perto de casa. Assim o mês era só meios de novembro, mas por si pulavam caindo no chão as frutinhas da gameleira. O joá-bravo em rôxo florescia — seus lenços rôxos, fuxicados. E ali nem tinha tamanduá nenhum, tamanduá reside nas grotas, gostam de lugar onde tem taboca, tamanduá arranha muito a casca das árvores. A bem que estúrdio ele tamanduá é, tem um ronco que é um arquêjo, parece de porco barrão, um arquêjo soluçado. Miguilim não tinha medo, mas medo nenhum, nenhum, não devia de. Miguilim saía do mato, destemido. Adiante, uma maria-faceira em cima do voo assoviava — ia ver as águas das lagôas. O curiol ainda recantava, em mesmo, na primeirinha árvore perto do mato. Miguilim não virava a cara para espiar, faltava prazo. Os passarinhos são assim, de propósito: bonitos não sendo da gente. A pra não se ter medo de tudo, carecia de se ter uma obrigação. Aí ele andava mais ligeiro, instantinho só, chegava na rocinha.

O pai estava lá, capinando, um sol batia na enxada, relumiava. Pai estava suado, gostava de ver Miguilim chegando com a comida do almoço. Tudo estava direitim direito, Pai não ralhava. Se sentava no toco, para principiar a comer. Miguilim sentava perto, no capim. Gostava do Pai, gostava até pelo barulhinho d'ele comendo o de-comer. Pai comia e não conversava. Miguilim olhava. A roça era um lugarzinho descansado bonito, cercado com uma cerquinha de varas, mò de os bichos que estragam. Mas muitas borboletas voavam. Afincada na cerca tinha uma caveira inteira de boi, os chifres grandes, branquela, por toda bôa-sorte. E espetados em outros paus da cerca, tinha outros chifres de boi, desparelhados, soltos —: que ali ninguém não botava mau-olhado! As feições daquela caveira grande de boi eram muito sérias. Aí uma nhambuzinha ia saindo, por embora, acautelada com as perninhas no meio do meloso, passou por debaixo da tranqueira. A nhambuzinha ainda quis remirar para trás, sobressaía aqueles olhos da cor de ferrugem. Pai tinha plantado milho, feijão, batata-dôce, e tinha uns pés de pimenteira. Mas, em outros lugares, também, de certo ele plantava arrozal, algodão, um mandiocal grande que tinha. Miguilim tirava os carrapichos presos na roupa. As folhas de batata-dôce estavam picadas: era um besourinho amarelo que tudo furava. Pai tinha uma lata d'água, e uma cabaça com rolha de sabuco, mais tinha um coité, pra beber. Mesmo muitos mosquitos,

abêlhas e avêspas inçoavam sem assento, o barulhim deles zunia. Pai não falava.

— Pai, quando o senhor achar que eu posso, eu venho também, ajudar o senhor capinar roça...

Pai não respondia nada. Miguilim tinha medo ter falado bobagem faltando ao respeito.

— Estou comido, regalo do corpo e bondade de Deus. Agora volta p'ra casa, menino, caça jeito no caminho não fazer arte.

Miguilim pegava o tabuleirinho vazio, tomava a benção a Pai, vinha voltando. Chegasse em casa, uma estória ao Dito ele contava, mas estória toda nova, dele só, inventada de juízo: a nhá nhambuzinha, que tinha feito uma roça, despois vinha colher em sua roça, a Nhá Nhambuzinha, que era uma vez! Essas assim, uma estória — não podia? Podia, sim! — pensava em seo Aristeu... Sempre pensava em seo Aristeu — então vinha ideia de vontade de poder saber fazer uma estória, muitas, ele tinha! Nem não devia de ter medo de atravessar o mato outra vez, era só um matinho bobo, matinho pequeno trem-atôa. Mas ele estava nervoso, transparecia que tinha uma coisa, alguém, escondido por algum, mais esperando que ele passasse, uma pessôa? E era! Um vulto, um homem, saía de detrás do jacarandá-tã — sobrevinha para riba dele Miguilim — e era Tio Terêz!...

Miguilim não progredia de formar palavra, mas Tio Terêz o abraçava, decidido carinhoso. — "Tio Terêz, eu não vou morrer mais!" — Miguilim então também desexclamava, era que nem numa porção de anos ele não tivesse falado.

— "De certo que você não vai morrer, Miguilim, em de ouros! Te tive sempre meu amigo? Conta a notícia de todos de casa: a Mãe como é que vai passando?"

E Miguilim tudo falava, mas Tio Terêz estava de pressa muito apurado, vez em quando punha a cabeça para escutar. Miguilim sabia que Tio Terêz estava com medo de Pai. — "Escuta, Miguilim, você alembra um dia a gente jurou ser amigos, de lei, leal, amigos de verdade? Eu tenho uma confiança em você..." — e Tio Terêz pegou o queixo de Miguilim, endireitando a cara dele para se olharem. — "Você vai, Miguilim, você leva, entrega isto aqui à Mãe, bem escondido, você agarante?! Diz que ela pode dar a resposta a você, que mais amanhã estou aqui, te espero..." Miguilim nem paz, nem pôde, perguntou nada, nem teve tempo, Tio Terêz foi falando e exaparecendo nas árvores. Miguilim sumiu o bilhete na

algibeira, saiu quase corre-corre, o quanto podia, não queria afrouxar ideia naquilo, só chegar em casa, descansar, beber água, estar já faz-tempo longe dali, de lá do mato.

— Miguilim, menino, credo que sucedeu? Que que está com a cara em ar?

— Mesmo nada não, Mãe. Gostei de ir na roça, demais. Pai comeu a comida...

O bilhete estava dobrado, na algibeira. O coração de Miguilim solava que rebatia. De cada vez que ele pensava, recomeçava aquela dúvida na respiração, e era como estivesse sem tempo. — "Miguilim está escondendo alguma arte que fez!" "— Foi não, Vovó Izidra..." "— Dito, quê que foi que o Miguilim arrumou?!" "— Nada não, Vovó Izidra. Só que teve de passar em matos, ficou com medo do capêta..."

Pois agora iam ajudar Mãitina a arrancar inhame p'ra os porcos. Buscavam os inhames na horta, Mãitina cavacava com o enxadão, eram uns inhames enormes. Mãitina esbarrava, pegava própria terra do chão com os dedos do pé dela, falava coisas demais de sérias. Quase nada do que falava, com a boca e com as duas mãos pretas, a gente bem não aproveitava. Ela mascava fumo e enfiava também mecha de fumo no nariz, era vício. — "Dito, por que foi que você falou aquilo com Vovó Izidra?" "— Em tempo que não te auxiliei, Miguilim?" "— Mas por quê que você inventou no capêta, Dito? Por que?!" "— É porque do capêta todos respeitam, direito, até Vovó Izidra." O Dito suspendia um susto na gente — que sem ser, sem saber, ele atinava com tudo. Mas não podia contar nada a ninguém, nem ao Dito, para Tio Terêz tinha jurado. Nem ao Dito! Custava não ter o poder de dizer, chega desnorteava, até a cabeça da gente doía. Mas não podia entregar o bilhete à Mãe, nem passar palavra a ela, aquilo não podia, era pecado, era judiação com o Pai, nem não estava correto. Alguém podia matar alguém, sair briga medonha, Vovó Izidra tinha agourado aquelas coisas, ajoelhada diante do oratório — do demônio, de Caim e Abel, de sangue de homem derramado. Não falava. Rasgava o bilhete, jogava os pedacinhos dentro do rego, rasgava miúdo. E Tio Terêz? Ele tinha prometido ao Tio Terêz, então não podia rasgar. Podia estar escrito coisa importante exata, no bilhete, o bilhete não era dele. E Tio Terêz estava esperando lá, no outro dia, saindo de detrás das árvores. Tio Terêz tinha falado feito numa estória: — "... amigos de todo guerrear, Miguilim, e de não sujeitar as armas?!..." Então, então, não ia, no outro

dia, não ia levar a comida do Pai na roça, falava que estava doente, não ia...

Mesmamente que acabavam a arrancação de inhames, aí Mãitina chamava a gente, puxava, resumindo uma conversa ligeira, resmungada, aquela feia fala, eles dois tinham de ir com ela até na porta do acrescente. Quê que queria? Pois, vai, mexia em seus guardados, vinha com rodelão de cobre-de-quarenta na palma-da-mão, demostrava aquele dinheiro sujoso, falava, falava, de ventas abertas, toda aprumada em sobres. — “Que ela quer é cachaça! Que está dizendo dá o cobre, a gente furtar pra ela um gole, um copo, do restilo que Pai tem...” O Dito espertava Miguilim para correrem, os dois escapuliam, Mãitina parava de lá, zurêta, sapateava, até levantava de ofensa a saia, presentava o sesso, aquelas pernas pretas, pernas magras, magras. — “O que é que vocês estão fazendo com a negra?” — a Rosa gritava. — “Olha, ela arruma em vocês malefício de ato, põe o que põe!”A Rosa temia toda qualidade de praga e de feitiçaria.

No curral, o vaqueiro Jé já tinha reunido todos os burros e cavalos, que estava tratando, o cavalinho pampa semelhava doente, sangrado na cia e desistido de sacudir os cabos. — “Aprende, Dito: pisadura que custa mais para sarar, é a no rim e a na charneira...” Miguilim gostava de esperar perto do cocho, perto deles — os cavalos que sopram quente. Nos mais mansos, o vaqueiro Jé deixava a gente montar, em pelo, um em um. — “Vocês me honrem, ãã!? Não facilitem...” Desde, desde, se ia até lá adiante, a porto nos coqueiros, se voltava. Devoava uma alegria. Era a coisa melhor. O Dito montava no Papavento, que era baio-amarelo, cor de terra de ivitinga; Miguilim montava no Preto, que era preto mesmo, mas Mãe queria mudar o nome dele para Diamante. O vaqueiro Jé dava a cada um um ramo verde, para bater. Tomèzinho se escaldava, burrando birra, por não poder montar, ele só. Miguilim todo o tempo quase não pensava no bilhete, resolvia deixar para pensar no outro dia, manhã cêdo. Um que outro gavião, quando pousavam gritavam. Alto, os altos, uns urubús. — *“Vai fazer tua casa, arubú! Tempo de chuva envém, arubú!...”* Esses iam. “— Eta, apostar quem corre mais, Miguilim?” — “Não, Dito, vaqueiro Jé disse que a gente deve de não correr...” Despois das piteiras, com aquelas verdes pontas, aquelas flores amarelas, principiava o pasto, despois do jacarandá-violeta. Tinha aquelas árvores... De já, tinha um boi vermelho, boi laranjo, esbarrado debaixo do alto tamboril. Tantas cores! Atroado, grosso, o môo de algum outro boi. O Dito então aboiava. Miguilim queria

ver mais coisas, todas, que o olhar dele não dava. — "Pai é dono, Dito, de mandar nisso tudo, ah os gados... Mas Pai desanima de galopar nunca, não vem vaquejar boiadas..." "— Pai é dono nenhum, Miguilim: o gadame é dum homem, Sô Sintra, só que Pai trabalha ajustado em tomar conta, em parte com o vaqueiro Salúz." "— Sei e sei, Dito. Eu sabia... Mas então é ruim, é ruim..." "— Mais, mesmo, também, Pai não consegue de muito montar, ele não aguenta campeio. Pai padece de escandescência." — "Eu sabia, Dito. Só a mal eu esqueci..." O Dito aboiava de endiabrado certo, que nem fosse um homem, estremecido. "— Dito, mesmo você acha, eu sou bobo de verdade?" "— É não, Miguilim, de jeito nenhum. Isso mesmo que não é. Você tem juizo por outros lados..." Vinham voltando, cruzavam com o vaqueiro Jé, montado no cavalo Cidrão, carregando Tomèzinho adiante e com a Chica na garupa. A Chica punha os dedinhos na boca, os beijos ela jogava. — "Quem ensinou fazer isso, Chica?" "— Mãe mesma que ensinou, ah!" Amável que era tão engraçadinha, a Chica, todas as vezes, as feições de ser.

— "Dito, como é que a gente sabe certo como não deve de fazer alguma coisa, mesmo os outros não estando vendo?" "— A gente sabe, pronto." Zerró e Julim perseguiam atrás das galinhas-d'angola. Tomèzinho jogou uma pedra na perna do Floresto, que saíu, saindo, cainhando. Tomèzinho teve de ir ficar de castigo. No castigo, em tamborete, ele não chorava, daí deixava de pirraçar: mais de repente virava sisudo, casmurro — tão pequetitinho assim, e assombrava a gente com uma cara sensata de criminoso. — "Rosa, quando é que a gente sabe que uma coisa que vai não fazer é malfeito?" "— É quando o diabo está por perto. Quando o diabo está perto, a gente sente cheiro de outras flores..." A Rosa estava limpando açúcar, mexendo no tacho. Miguilim ganhava o ponto de puxa, numa cuia d'água; repartia com o Dito. "— Mãe, o que a gente faz, se é mal, se é bem, ver quando é que a gente sabe?" "— Ah, meu filhinho, tudo o que a gente acha muito bom mesmo fazer, se gosta demais, então já pode saber que é malfeito..." O vaqueiro Jé descascava um ananás branco, a eles dava pedaço. — "Vaqueiro Jé: malfeito como é, que a gente se sabe?" "— Menino não carece de saber, Miguilim. Menino, o todo quanto faz, tem de ser mesmo é malfeito..." O vaqueiro Salúz aparecia tangendo os bezerros, as vacas que berravam acompanhavam. Vaqueiro Salúz vinha cantando bonito, ele era valente geralista. A ele Miguilim perguntava. "— Sei se sei, Miguilim? Nisso nunca imaginei. Acho quandos os olhos da gente

estão querendo olhar para dentro só, quando a gente não tem dispôr para encarar os outros, quando se tem medo das sabedorias... Então, é mal feito.” Mas o Dito, de ouvir, ouvir, já se invocava. “— Escuta, Miguilim, esbarra de estar perguntando, vão pensar você furtou qualquer trem de Pai.” “— Bestagem. O cão que eu furtei algum!” “— Olha: pois agora que eu sei, Miguilim. Tudo quanto há, antes de se fazer, às vezes é malfeito; mas depois que está feito e a gente fez, aí tudo é bem-feito...” O Dito, porque não era com ele. Fosse com ele, desse jeito não caçoava.

Desde estavam brincando de jogar malha, no pátio, meio de tardinha. Era com dois tocos, botados em pé, cada um de cada lado. A gente tinha de derrubar, acertando com uma ferradura velha, de distância. Duma banda o Dito, mais vaqueiro Salúz, da outra Miguilim mais o vaqueiro Jé. Mas Miguilim não dava para jogar direito, nunca que acertava de derribar. — “Faz mal não, Miguilim, hoje é dia de são-gambá: é de branco perder e preto ganhar...” — o vaqueiro Jé consolava. Mas Miguilim não enxergava bem o toco, de certo porque estava com o bilhete no bolso, constante que em Tio Terêz não queria pensar. Essa hora, Pai tinha voltado da roça, estava lá dentro, cansado, deitado na rede macia de buriti, perto de Mãe, como cochilava. Miguilim forcejava, não queria, mas a ideia da gente não tinha fecho. Aquilo, aquilo. Pensamentos todos desciam por ali a baixo. Então, ele não queria, não ia pensar — mas então carecia de torar volta: prestar muita atenção só nas outras coisas todas acontecendo, no que mais fosse bonito, e tudo tinha de ser bonito, para ele não pensar — então as horas daquele dia ficavam sendo o dia mais comprido de todos... O Gigão folgazando com Tomèzinho, os dois rolavam no chão, em riba da palha. Aquele fiar fino dos sanhaços e sabiás entorpecia, gaturamo já tinha ido dormir, vez em quando só um bem-te-vi que era que ainda gritava. Zerró, Julim e Seu-Nome estavam deitados, o tempo todo — conforme podia ser notícia de chuva: se diz que, chuva vesprando, cachorro soneja muito. Mas Caráter, Catita, Leal e Floresto corriam espaço, até muito por longe, querendo pegar as bobagens do vento. Miguilim pensava a conversa do Dito. Quando o Dito falou, aquilo devagar ainda podia parecer justo, o Dito sabia tanta coisa tirada de ideia, Miguilim se espantava. Menos agora. Agora, ele escogitava, cismava que não era só assim, o do Dito, achava que era o contrário. A ver, com ele Miguilim, era o contrário. A coisa mais difícil que tinha era a gente poder saber fazer tudo certo, para os outros não ralharem, não quererem castigar. De primeiro, Miguilim

tinha medo dos bois, das vacas costeadas. Pai bramava, falava: — "Se um sendo medroso, por isso o gado te estranha, rês sabe quando um está com pavor, qualquer receiozinho, então capaz mesmo que até a mansa vira brava, com vontades de bater..." Pois isso, outra vez, Miguilim sabia que a gente não tivesse medo não tinha perigo, não se importou mais, andou logo por dentro da boiada, duma boiada chegada, poeira de boi. Daí, foi um susto, veio Pai, os vaqueiros vieram, com as varas, carregaram com ele Miguilim pra o alpendre, passavam muito ralho. — "Menino, diabo, demonim! Tu entra no meio desse gado bruto, que é outro, tudo brabeza dos Gerais?! Sei como não sentaram chifre, não te espisaram!..." De em diante, Miguilim tudo temeu de atravessar um pasto, a tiro de qualquer rês, podia ser brava podia ser mansa, essas coisas. Mas agora Miguilim queria merecer paz dos passados, se rir seco sem razão. Ele bebia um golinho de velhice.

— "Você hoje está honrador, Miguilim, assoprado solerte!" Vaqueiro Salúz era que estava para vadiar, desusado de vaqueiro. Miguilim não queria ficar sozinho de coisa nenhuma. Agora jogavam peteca, atôa. Vaqueiro Salúz fez uma peteca de palha-de-milho, espetou penas de galinhas. A Chica e Tomèzinho divertiam com os bezerros, Tomèzinho apartava um mais sereno, montava, de primeiro Miguilim também gostava daquilo. Os bezerros também brincavam uns com os outros, de dar pinotes, os coices, e marradas — zupa que estralavam, os garrotinhos se escornando, chifreando — conforme fazem esse sistema. Tinha uma bezerrinha, tão nascida pequena, a filha da Atucã, e era aspra, zangosa, feito uma vaquinha brava: investia de lá, vinha na Chica. — "Nem, nem, nem, Tucaninha? Me quer-bem de me matar?!" A Chica nunca aceitava medo de nada. O Dito botava um milho para os cavalos. Sobreescurecia. Devoavam em az os morcegos, que rodopêiam. O vaqueiro Jé acendia um foguinho de sabucos, quase encostado na casa, o fôgo drala bonito, todos catavam mais sabucos, catavam lenha para se queimar. Um cavalo vinha perto, o Dito passava mão na crina dele. A gente nem esperando, via vagalume principiando pisca. — "Teu lume, vagalume?" Eram tantos. Sucedeu um vulto: de ser a coruja-branca, asas tão moles, passou para perto do paiol, o voo dela não se ouvia. — "Ri aqui, Xandoca velha, que eu te sento bala!..." De trás de lá, no mato da grota, mãe-da-lua cantava: — "*Floriano, foi, foi, foi!...*" Miguilim seguia o existir do cavalo, um cavalo rangendo seu milho. Aquele cavalo arreganhava. O vaqueiro Salúz contava

duma caçada de veado, no Passo do Perau, em beiras. Estava na espera melhor, numa picada de samambaias, samambaia alta, onde algum roçado tinha tido. Veado claro do campo: um suassú-tinga, em éra. Vaqueiro Salúz produzia: — "O bicho abre — ele ganhou uma dianteira... Os cachorros maticavam, piando separados: — *Piu, piu... Uão, uão, uão...*" A cachorrada abre o eco, que ninguém tem mão... Veado foi acuado num capão-de-mato, não quis entrar no mato... Aí o veado tomou o chumbo, ajoelhou pulou de lado, por riba da samambaia... A gente abria o veado, esvaziava de tripas e miúdos, mò de ficar leve p'ra se carregar. Seo Aristeu estava lá, divertido. — "Você inda aprecêia de caçar, Miguilim. Quer vir junto?" Miguilim queria, não queria. — "Quem sabe um dia eu quero, Pai vai me levar..." O vaqueiro Jé, p'ra o pito, pegava um tição. Tomèzinho assanhava as sombras no nú da parede. A noite, de si, recebia mais, formava escurão feito. Daí, dos demais, deu tudo vagalume. — "Olha quanto mija-fôgo se desajuntando no ar, bruxolim deles parece festa!" Inçame. Miguilim se deslumbrava. — "Chica, vai chamar Mãe, ela ver quanta beleza..." Se trançavam, cada um como que se rachava, amadurecido quente, de olho de bago; e as linhas que riscavam, o comprido, naquele uauá verde, luzlino. Dito arranjava um vidro vazio, para guardar deles vivendo. Dito e Tomèzinho corriam no pátio, querendo pegar, chamavam: — "*Vagalume, lume, lume, seu pai, sua mãe, estão aqui!...*" Mãe minha Mãe. O vagalume. Mãe gostava, falava, afagando os cabelos de Miguilim: — "O lumêio deles é um acenado de amor..." Um cavalo se assustava, com medo que o vagalume pusesse fôgo na noite. Outro cavalo patalava, incomodado com seu corpo tão imóvel. Um vagalume se apaga, descendo ao fundo do mar. — "Mãe, que é que é o mar, Mãe?" Mar era longe, muito longe dali, espécie duma lagôa enorme, um mundo d'água sem fim, Mãe mesma nunca tinha avistado o mar, suspirava. — "Pois, Mãe, então mar é o que a gente tem saudade?" Miguilim parava. Drelina espiava em sonho, da janela. Maria Pretinha e a Rosa tinham vindo também.

Mas chegava a noite de dormir, Miguilim esperdiçava as coisas todas do dia. O Dito guardou debaixo da cama a garrafa cheia de vagalumes. — "Miguilim, você hoje não tirou calça." "— Amola não, Dito. Tou cansado." Mas antes tinha carecido de lavar os pés: quem vai se deitar em estado sujo, urubú vem leva. Também, tudo que se fazia transtornava preceito. Amanhã, Pai estava lá na roça... O Dito sabia não, deitado no

canto. Todos outros pensamentos, menos esse, o Dito pensava. Ele ainda estava deitado de costas, vez em quando fungava um assopro brando, já devia de ter rezado suas três ave-marias sem rumor. Agora, o que era que ele pensava? Essas horas, bem em beira do sono, o Dito, mesmo irmão, mesmo ali encostado, na cama, e ficava parecendo quase que outra pessôa, um estranho, dividido da gente. O Dito era espertadozinho, mas acomodado. Nunca que ele falava por mal. — "Dito?" "— O quê, Miguilim?" "— Nú só é que a gente não deve de dormir, anjo-da-guarda vai s'embora... Mas calça a gente pode não se tirar..." "Eu sei, Miguilim." O Dito resumia de nada. O Dito não brigava de verdade com ninguém, toda vez de brigar ele economizava. Miguilim sempre queria não brigar, mas brigava, derradeiramente, com todos. Tomara a gente ser, feito o Dito: capaz com todos horários das pessôas... — "Dito? Não tiro a calça hoje, pois porque foi uma promessa que eu fiz..." "— Uê, Miguilim..." Ele não acreditava? "— Miguilim? Foi pra as almas-do-purgatório que você fez?" O Dito se rebuçava. Miguilim também se rebuçava. O bilhete estava ali na algibeira, até medo de botar a mão, até não queria saber, amanhã cêdo ele via se estava. Rezava, rezava com força; pegava um tremor, até queria que brilhos doêssem, até queria que a cama pulasse. Conseguia era outro medo, diferente. O Dito já tinha adormecido. O que dormia primeiro, adormecia. O outro herdava os medos, e as coragens. Do mato do Mutúm. Mas não era toda vez: tinha dia de se ter medo, ocasião, assim como tinha dia de mão de tristeza, dia de sair tudo errado mesmo, — que esses e aqueles a gente tinha de atravessar, varar da outra banda. Cuidava de outros medos.

Das almas. Do lobishomem revirando a noite, correndo sete-portêlos, as sete-partidas. Do Lobo-Afonso, pior de tudo. Mal, um ente, Seo Dos-Matos Chimbamba, ele Miguilim algum dia tinha conhecido, desqual, relembrava metades dessa pessôa? Um homem grosso e baixo, debaixo de um feixe de capim seco, sapé? — homem de cara enorme demais, sem pescoço, rôxo escuro e os olhos-brancos... Pai soubesse que ele tinha conversado com Tio Terêz? Ai, mortes! —? Rezava. Do Pitôrro. Um tropeiro vinha viajado, sozinho, esbarrava no meio do campo, por pousar. Aí, ele enxergava, sentado no barranco, homenzinho velho, barbim em queixo, peludo, barrigudo, mais tinha um chapéu-de-couro grande na cabeça, homem esse assoviava. Parecia veredeiro em paz. Mas o Homem perguntava se o Tropeiro tinha fumo e palha; mas ele mesmo secundava da

algibeira um cachimbo que tinha, socava de fumo, acendia esquentado. Soltava fumaceira, de dentro indagava, com aquela voz que ia esticando, cada ponto mais perguntadeira, desonrosa: — “Seor conhece o Pitôrro?” Botava outras fumaças: — “Seor conhece o Pitôrro?!” E ia crescendo, de desde, transformava um monstro Homem, despropósito. — “Não conheço Pitôrro, nem mãe, nem pai de Pitôrro, nem diabo que os carregue em nome de Se’ J’us Cristo amém!...” — o Tropeiro exclamava, riscava no chão o signo-salomão, o Pitôrro com enxofres breus desrebentava: ele era o “Menino”, era o Pé-de-Pato. — “Com Deus me deito, com Deus me levanto!” — jaculava Miguilim; e não pegava de ver a ponta do sono em que se adormecia.

Tanto que amanheceu, e que as poucas horas se agravaram, pobres pezinhos de Miguilim, no outro dia, caminhando pronto e vagaroso, passeiro para o curto do mato, arregalado em sua aflição. Se abobava? Deu ar: que Pai hoje estava capinando noutra roça — ah, que era bom! Mas, não, que nem não era bom, não remediava. A outra roça era mais adiante, mas o caminho sendo o mesmo, Miguilim tinha por-toda-a-lei de atravessar o matinho, lá Tio Terêz estava em pé esperando. Consoante que se sobreformava um céu chuvo, dia feio, bronho. Miguilim carregava à cabeça o tabuleirinho. E não chorava. Que ninguém visse, ninguém podia ver: por fora ele não chorava. Tinha pensado tudo que podia dizer e não fazer? Não tinha. — “Tio Terêz, eu entreguei o bilhete a Mãe, mas Mãe duvidou de me dar a resposta...” Ah, de jeito nenhum, podia não, era levantar falso à Mãe, não podia. Mas então não achava escape, prosseguia sem auxílio de desculpa, remissão nenhuma por suprir. Sem tempo mais, sem o solto do tempo, e o tamanho de tantas coisas não cabia em cabeça da gente... Ah, meu-deus, mas, e fosse em estória, numa estória contada, estoriazinha assim ele inventando estivesse — um menino indo levando o tabuleirinho com o almoço — e então o que era que o Menino do Tabuleirinho decifrava de fazer? Que palavras certas de falar?! — “...Tio Terêz, Vovó Izidra vinha, raivava, eu rasguei o bilhete com medo d’ela tomar, rasguei miudinhos, tive de jogar os pedacinhos no rego, foi de manhãzinha cedo, a Rosa estava dando comida às galinhas...” — “Tio Terêz, a gente foi a cavalo, costear o gado nesses pastos, passarinhos do campo muito cantavam, o Dito aboiava feito vaqueiro grande de toda-a-idade, um boi rajado de pretos e verdes investiu para bater, de debaixo do jacarandá-violeta, ái, o bilhetezinho de se ter e não perder eu perdi...” Mas,

aí, Tio Terêz não era da estória, aí ele pega escrevia outro bilhete, dava a ele outra vez; tudo, pior de novo, recomeçava. — "Tio Terêz, eu principiei querer entregar a Mãe, não entreguei, inteirei coragem só por metade..." Ah, mas, se isso, Tio Terêz não desanimava de nada, recrescia naquela vontade estouvada de pessôa, agarrava no braço dele, falava, falava, falava, não desistia nenhum. Nenhum jeito! Agora Miguilim esbarrava, respirava mais um pouco, não queria chorar para não perder seu pensamento, sossegava os espantos do corpo. E não tinha outro caminho, para chegar lá na roça do Pai? Não tinha, não. Miguilim lá ia. Ia, não se importava. Tinha de ser lealdoso, obedecer com ele mesmo, obedecer com o almoço, ia andando. Que, se rezasse, sem esbarrar, o tempo todo, todo tempo, não ouvia nada do que Tio Terêz falasse, ia andando, rezava, escutava não, ia andando, ia andando... Entrava no mato. Era aquele um mato calado. Miguilim rezava, sem falar alto. Deus vigiava tudo, com traição maior, Deus vaquejava os pequenos e os grandes! E era na volta que o Tio Terêz ia aparecer? Mas não era.

Tio Terêz saía de suas árvores, ousoso macio como uma onça, vinha para cima de Miguilim. Miguilim agora rezava alto, que doideira era aquela? E nem não pôde mais, estremeceu num pranto. Sacudia o tabuleirinho na cabeça, as lágrimas esparramaram na cara, sufocavam o fôlego da boca, ele não encarava Tio Terêz e rezava. — "Mas, Miguilim, credo que isso, quieta!? Quê que você tem, que foi?!" "— Tio Terêz, eu não entreguei o bilhete, não falei nada com Mãe, não falei nada com ninguém!" "— Mas, por que, Miguilim? Você não tem confiança em mim?!" "— Não. Não. Não! O bilhete está aqui na algibeira de cá, o senhor pode tirar ele outra vez..." Tio Terêz duvidava um espaço, depois recolhia o bilhete do bolso de Miguilim, Miguilim sempre com os bracinhos levantados, segurando na cabeça o tabuleirinho com a comida, outra vez quase não soluçava. Tio Terêz espiava o bilhete, que relia, às tristes vezes, feito não fosse aquele que ele mesmo tinha fornecido. Daí olhou para Miguilim, de dado relance, tirou um lenço, limpou jeitoso as lágrimas de Miguilim. — "Miguilim, Miguilim, não chora, não te importa, você é um menino bom, menino direito, você é meu amigo!" Tio Terêz estava com a camisa de xadrezim, assim o tabuleiro na cabeça empatava de Tio Terêz poder dar abraço. — "Você é que está certo, Miguilim. Mais não queira mal ao seu Tio Terêz, nem fica pensando..." Tio Terêz falava tantas outras coisas; comida de Pai não estava por demais esfriando? Tio

Terêz dizia só tinha vindo por perto para dar adeus, pois que ia executar viagem, por muito distante. Tio Terêz beijava Miguilim, de despedida, daí sumia por entre o escuro das árvores, conforme que mesmo tinha vindo.

Miguilim chorava um resto e ria, seguindo seu caminhinho, saía do mato, despois noutro mato entrava, maior, a outra rocinha de Pai devia de se ser mais adiante por ali, ao por pouco. E Miguilim andava aligeirado, desesfogueado, não carecia mais de pensar! Só um caxinguelê ruivo se azougueou, de repentemente, sem a gente esperar, e já de ah subindo p'la árvore de jequitibá, de reta, só assim esquilando até em cima, corisco, com o rabãozinho bem esticado para trás, pra baixo, até mais comprido que o corpo — meio que era um peso, para o donozinho dele não subir mais depressa do que a árvore... Miguilim por um seu instante se alegrou em si, um passarinho cantasse, dlim e dlom.

Mas o mato mudava bruto, no esconso, mais mato se fechando. Miguilim andara demais longe, devia de ter depassado o ponto da roça nova. Esbarrou. Tinham mexido em galho — mas não era outro serelepe, não.

Susto que uns estavam conversando cochicho, depressa, fervido, davam bicotas. Vulto de vaqueiro encourado, acompanhado de outro, escorregou pelas folhagens, de sonsagato, querendo mais escondido. Desordem de ameaça, que disse-disse, era lá em cima: um frito de toicinho, muitos olhos estalavam, no mioloso. E destravavam das árvores, repulando, vindo nele? — *A cô!* — Miguilim tinha não aguentado mais, tiçou tabuleiro no chão, e abriu correndo de volta, aos gritos de quero mãe, quero pai, foi — como que nem sabia como que — mais corria.

De supetão, o Pai — aparecido — segurava-o por debaixo dos braços, Miguilim gritava e as perninhas ainda queriam sempre correr, o Pai ele não tinha reconhecido. Mas Pai carregava Miguilim suspendido alto, chegava com ele na cabeceira da roça, dava água na cabaça, pra beber. Miguilim bebia, chorava e cuspia. — "Que foi que foi, Miguilim? Qu'é de o almoço?" Junto com o Pai, estava o outro homem, sem barba nenhuma, que pegava na mão de Miguilim, e ria para ele, com os olhos alumiados. Quando Miguilim contou o caso do mato, Pai e o outro espiaram o ar, todos sérios, tornaram a olhar para Miguilim. Com Pai ali, Miguilim tinha medo não, isto é tinha e não tinha. — "A gente vamos lá!" — o Pai disse. Eles estavam com as armas. Miguilim vinha caminhando, meio atrás deles dois.

Mas, que mal iam chegando lá onde tinha sido aquele lugar, e Pai e o outro homem desbandeiravam de rir, se descadeiravam, tomavam bom espanto: bicho macaco se escapuliam de pra toda banda, só guinchos e discussão de assovio, cererê de mão em mão no chão, assunga rabo, rabo que até enroscavam para dependurar, quando empoleiravam, mais aqueles pulos maciinhos, de árvore em árvore — tudo mesmo assim ainda queriam ver, e pouco fugiam. Mas, no alto meio, agarrado com as mãos em dois galhos, senhor um mandava, que folhassem e azulassem mostrando as costas com toda urgência. Capela de macacos! Miguilim entendia, juntou as pernas e baixou a cara, Pai agora o ia matar, por ter perdido o caráter, botado fora o almoço. Mas Pai, se rindo com o outro homem, disse, sem soltura de palavras, sem zanga verdadeira nenhuma: — "Miguilim, você é minhas vergonhas! Mono macaco pôde mais do que você, eles tomaram a comida de suas mãos..." E não quiseram matar macacos nenhuns. Também, não fazia grande mal, ia começar a chover, careciam mesmo de voltar para casa. Miguilim pegou o tabuleirinho — os macacos tinham comido o de-comer todo.

Sofria precisão de conversar com o Dito, assim que o Pai terminasse de contar tantas vezes a estória dos macacos, todos riam muito, mas ele Miguilim não se importava, até era bom que rissem e falassem, sem ralhar. — "Miguilim? Se encontrou com padrinho Simão, correu ensebado, veadal... Chorou a água de uns três cocos..." — Pai caçoava. Quando Pai caçoava, então era porque Pai gostava dele.

Mas carecia de ficar sozinho com o Dito. Tinha aprendido o segredo de uma coisa, valor de ouro, que aumentava para sempre seu coração. — "Dito, você sabe que quando a gente reza, reza, reza, mesmo no fogo do medo, o medo vai s'embora, se a gente rezar sem esbarrar?!" O Dito olhava para ele, desconvindo, só que não tinha pressa de se rir: — "Mas você não correu dos macacos, Miguilim, o que Pai disse?" Agora via que nisso não tinha pensado: não podia contar ao Dito tudo a respeito do Tio Terêz, nem que ele Miguilim tinha sido capaz de não entregar o bilhete, e o que Tio Terêz tinha falado depois, de louvor a ele, tudo. Ah, aí Miguilim nunca pensou que ia penar tanto, por não dizer, cão de que tinha de ficar calado! O Dito escorria no nariz, com um defluxo, ele repensava, muito sério. Tirou um pedaço de rapadurinha preta do bolso, repartiu com Miguilim. Depois, falou: — "Mas eu sei, que é mesmo. Aquilo que você perguntou." "— Então, quando você está com medo, você também reza,

Dito?" "— Rezo baixo, e aperto a mão fechada, aperto o pé no chão, até doer..." "— Por que será, Dito?" "— Eu rezo assim. Eu acho que é por causa que Deus é corajoso."

O Dito, menor, muito mais menino, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. Ele, Miguilim, mesmo quando sabia, espiava na dúvida, achava que podia ser errado. Até as coisas que ele pensava, precisava de contar ao Dito, para o Dito reproduzir, com aquela força séria, confirmada, para então ele acreditar mesmo que era verdade. De donde o Dito tirava aquilo? Dava até raiva, aquele juízo sisudo, o poder do Dito, de saber e entender, sem as necessidades. Tinha repente de judiar com o Dito: — "Mas eles não deixam você levar comida em roça, acham você não é capaz..." O Dito não se importava. Comia o restante de rapadura, com tanto gosto, depois limpou a mão na roupa. — "Miguilim — ele disse — você lembra que seo Aristeu falou, os macacos conversaram? Eu acho que foi de verdade." Aí, começava a chover, chuva dura entortada, de chicote. Destampava que chovia, da banda de riba. O mato do morro do Mutúm em branco morava.

Pai ainda estava na sala, acabando almoço com o outro homem, o vaqueiro Salúz disse: topara com seo Deográcias. O Patorí, filho dele, tinha matado assassinado um rapaz, dez léguas de lá do Côcho, noutro lugar. Vaqueiro Salúz redondeava: — "Que faz dias, que foi..." Seo Deográcias estava revestido de preto, envelhecido com os cabelos duma hora para outra, percorrendo todas as veredas, e dando aviso às pessôas, dizendo que o Patorí não queria assassinar, só que estavam experimentando arma-de-fôgo, a garrucha disparou, o rapazinho morreu depressa demais. O Patorí esquipou no mundo, de si devia de estar vagando, campos. Seo Deográcias pedindo, a todos, para cercarem sem brutalidade. Seo Deográcias só perguntava, repetidas, se não achavam que o Patorí, sendo sem idade e sem culpa governada, não devia de escapar de cadeia, se não chegava ser mandado para a Marinha, em Pirapora, onde davam escola de dureza para meninos apoquentados.

O homem que tinha vindo junto, Pai dizia que ele era o Luisaltino. Conhecido bom amigo, deixado de trabalhar na Vereda do Quússo, meeiro, mas agora ia passar os tempos morando em casa, plantar roça com Pai. E era até bom, outro homem de respeito, mais garantido. Carecia de se pensar naqueles criminosos que andavam soltos no Gerais, feito, por um

exemplo, o Brasilino Boca-de-Bagre. Mãe, Vovó Izidra, todas acho que concordavam.

Esse Luisaltino aceitou água para beber; mas primeiro bochechou, com um gole, e botou fora. Será que tinha facão? Miguilim espiou aberto para o Dito: do fim da conversa de seo Aristeu se lembrava. Será que tinha espirrado, três vezes? Miguilim não reparara. Mas não podia que ser? Devia. Assunto de Miguilim, se assustando: se devia de dar aviso ao Dito, aviso a todos — para ninguém não comer coisas nenhumas, o que o Luisaltino oferecesse. E bom que o Luisaltino ainda não dormia lá, naquela noite, mais primeiro tinha de ir buscar a trouxa e os trens, numa casa, na beira do Ranchório. Só retardava de beber o café, e que a chuva melhorasse.

A Chica também estava esperando: tinha tirado amolecido mais um dentinho de diante, quando estiasse careciam de jogar o dente no telhado, para ela, dizendo: — "*Mourão, Mourão, toma este dente mau, me dá um dente são!...*" A Chica agora ria tão engraçado; então dizia que, fosse menino-homem, batia no Dito e em Miguilim. Drelina mandava que ela tivesse modo. Drelina ficava olhando muito para Luisaltino, disse depois que ele era um moço muito bonito apessoado. Tomèzinho estava no alpendre, conversando com um menino chamado o Grivo, que tinha entrado para se esconder da chuva. Esse menino o Grivo era pouquinho maior que Miguilim, e meio estranhado, porque era pobre, muito pobre, quase que nem não tinha roupa, de tão remendada que estava. Ele não tinha pai, morava sozinho com a mãe, lá muito para trás no Nhangã, no outro pé do morro, a única coisa que era deles, por empréstimo, era um coqueiro buriti e um olho-d'água. Diziam que eles pediam até esmola. Mas o Grivo nãoera pidão. Mãe dava a ele um pouco de comer, ele aceitava. Ia de passagem, carregando um saco com cascas de árvores, encomendadas para vender. — "Você não tem medo? O Patorí matou algum outro, anda solto dôido por aí..." — Miguilim perguntava. O Grivo contava uma história comprida, diferente de todas, a gente ficava logo gostando daquele menino das palavras sozinhas. E disse que queria ter um cachorro, cachorrinho pequeno que fosse, para companhia com ele, mas a mãe não deixava, porque não tinham de comer para dar. Mas eles tinham galinhas. — "Sem cachorro pra tomar conta, raposinha não pega?" — o Dito perguntava. — "De tardinha, a gente põe as galinhas para dentro de

casa...” “— Dentro de sua casa chove?” — perguntava Miguilim. “— Demais.” O Grivo tossia, muito. Será que ele não tinha medo de morrer?

Maria Pretinha trazia café para o vaqueiro Salúz. O que sobrava, o Grivo também bebia. Maria Pretinha sabia rir sem rumor nenhum, só aqueles dentes brancos se proseavam. Uma hora ela perguntou pelo vaqueiro Jé. — “Ei, campeando fundo nesse Gerais... Tem muito rancho por aí, pra ele de chuva se esconder!” Mas o vaqueiro Jé tinha levado capanga com paçoca, fome nenhuma não passava. Os cachorros gostavam do sistema do Grivo, vinham para perto, abanando rabo, as patas eles punham no joelho dele. Tomèzinho tinha furtado uma boneca da Chica, escondeu por debaixo duma cangalha. A Chica queria bater, Tomèzinho corria até lá na chuva. O Gigão corria junto, sabia conversar, com uns latidos mais fortes, de molhar o corpo ele mesmo não se importava. — “Dito, eu vou falar com Pai, pra não deixar esse moço morar aqui com a gente.” “— Fosse eu, não falava.” — “Pois por que, Dito? Você não tem medo de adivinhados?” “— Pai gosta que menino não fale nada desta vida!” Mas Miguilim mesmo não tinha certeza, cada hora tinha menos, cada hora menos. O Dito mais tinha falado: — “Luisaltino não é ruivo. Seo Aristeu não falou? Pai é que é ruivo...” E mesmo Miguilim achava que aquelas palavras de seo Aristeu também podiam ser só parte de uns versos muito antigos, que se cantavam. Agorinha, tinha vontade era de conversar muito com o Dito e o Grivo, juntos, a chuvinha ajudava a gente a conversar. O que ao Grivo ele estava dizendo: que a cachorrinha mais saudosa deste mundo, a Cuca Pingo-de-Ouro, era que o Grivo devia de ter conhecido.

Quando o Luisaltino veio de ficada, trouxe um papagaio manso, chamado Papaco-o-Paco, que sabia muitas coisas. Pai não gostava de papagaio; mas parece que desse um não se importou, era um papagaio que se respeitava. Penduraram a alcandora dele perto da cozinha, ele cantava: “*Olerê lerê lerá, morena dos olhos tristes, muda esse modo de olhar...*” Comia de tudo.

Miguilim agora ia todo dia levar comida na roça, para Pai e Luisaltino. Não pensava em Tio Terêz nem nos macacos; mas também ia com as algibeiras cheias de pedras. Luisaltino prometeu dar a ele uma faquinha. Luisaltino agradava muito a todos. Disse que o Papaco-o-Paco era da Chica, mas o Papaco-o-Paco não gostava constante da Chica, nem de pessôa nenhuma, nem dos meninos, nem do gato Sossõe, nem dos

cachorros, nem dos papagaios bravos, que sovoavam. Só gostava era da Rosa, estalava beijos para a Rosa, e a Rosa sabia falar bôazinha com ele: — “Meu Cravo, tu chocou no meio dos matos, quantos ovinhos tinha em teu ninho? Onça comeu tua mãe? Sucruiú comeu teu pai? Onde é que estão teus irmãozinhos?” E Papaco-o-Paco estalava beijos e recantava: “*Estou triste mas não choro. Morena dos olhos tristes, esta vida é caipora...*” Cantava, cantava, sofismado, não esbarrava. A Rosa disse que aquela cantiga se chamava “Mariazinha”.

Com taquara e cana-de-flecha, Luisaltino ensinou a fazer gaiolas. O Dito logo aprendeu, fazia muito bem feitinhas, ele tinha jeito nas mãos para aprender. As gaiolas estavam vazias, sanhaço e sabiá do peito vermelho não cantavam presos e o gaturaminho se prendesse morria: mas Luisaltino falou que com visgo e alçapão mais tarde iam pegar passarim de bom cantar: patativo, papa-capim, encontro. Luisaltino conversava sozinho com Mãe. O Dito escutou. — “Miguilim, Luisaltino está conversando com Mãe que ele conhece Tio Terêz...” Mas Miguilim desses assuntos desgostava. De certo que ele não achava defeito nenhum em Luisaltino.

Aqueles dias passaram muito bonitos, nem choveu: era só o sol, e o verde, veranico. Pai ficava todo tempo nas roças, trabalhava que nem um negro do cativeiro — era o que Mãe dizia. E era bom para a gente, quando Pai não estava em casa. A Rosa tinha deitado galinhas: a Pintinha-amarela-na-cabeça, com treze ovos, e a Pintadinha com onze — e três eram ovos de perdiz, silpingados de rôxo no branco; agora não ia ter perigo de melar e dar piôlho nelas, no choco. Também estava chegando ocasião de se fazer presépio, Vovó Izidra mandava vir musgo e barba-de-pau, até o Grivo ia trazer. Vaqueiro Salúz pegou um mico-estrela, se pôs p’ra morar numa cabacinha alevantada na parede, atrás da casa. A Chica brincou uma festa de batizar três bonecas de mentira, para Miguilim, o Dito e Tomèzinho serem os padrinhos. Depois, os vaqueiros estavam chegando de campear, relatavam: — “Os cachorros deram com um tatú-canastra, tão grande! O tatú-canastra joga pedra e terra, tanta, que ninguém chega atrás. Alguém subisse em riba dele, ele não esbarrava de cavacar...” — “Ô bicho que tem força!” — o vaqueiro Jé aprovava. Disse que alguns não comiam tatú-canastra, porque a carne dele tem gosto de flôr. — “Mas a carne dos outros tatús dá uma farofa bôa!” Miguilim então se ria, de tanta poetagem. O vaqueiro Jé, sem-sabido, perguntou: — “Ei, eu fizer a

farofa, Miguilim, tu come? Você tem pena do tatú mais não?" "— Pois tenho, demais! Só que agora eu não estava pensando..." Daí Miguilim ficou com um ódio, por aquilo terem perguntado. E o Dito, em encoberto, contou que o vaqueiro Jé tinha abraçado a Maria Pretinha. Doideiras.

A vaca Sinsã pariu um bezerrinho branco, e a Tapira e a Veluda pariram cada-uma uma bezerrinha, igualzinhas das cores delas duas. Siàrlinda, mulher do vaqueiro Salúz, veio, trouxe requeijão moreno e dôce-de-leite que ela fez. Siàrlinda contou estórias. Da Moça e da Bicha-Fera, do Papagaio Dourado que era um Príncipe, do Rei dos Peixes, da Gata Borralheira, do Rei do Mato. Contou estórias de sombração, que eram as melhores, para se estremecer. Miguilim de repente começou a contar estórias tiradas da cabeça dele mesmo: uma do Boi que queria ensinar um segredo ao Vaqueiro, outra do Cachorrinho que em casa nenhuma não deixavam que ele morasse, andava de vereda em vereda, pedindo perdão. Essas estórias pegavam. Mãe disse que Miguilim era muito ladino, despois disse que o Dito também era. Tomèzinho desesperou, porque Mãe tinha escapado de falar no nome dele; mas aí Mãe pegou Tomèzinho no colo, disse que ele era um fiozinho caído do cabelo de Deus. Miguilim, que bem ouviu, raciocinou apreciando aquilo, por demais. Uma hora ele falou com o Dito — que Mãe às vezes era a pessôa mais ladina de todas.

Tudo era bom, às tardes a gente a cavalo, buscando vacas. Dia-de-domingo, cedinho escuro, no morno das águas, Pai e Luisaltino iam lavar corpo no pôço das pedras, menino-homem podia ir junto, carregavam pedaço de sabão de fruta de tinguí, que Mãitina tinha cozinhado. Luisaltino cortava pau-de-pita: abraçado com o leve desse, e com as cabaças amarradas, não se afundava, todo o mundo suspendido n'água, se aprendendo a nadar. Naquele pôço, corguinho-veredinha, não dava peixe, só fingindo de fazer de conta era que se pescava. Mas Vovó Izidra teve de ir dormir na Vereda do Bugre, para servir de parteira; sem Vovó Izidra a casa ainda ficava mais alegrada. Aí a Rosa levou os meninos todos, variando, se pescou. Só só piabas, e um timburé, feio de formas, com raja, com aquela boquinha esquisita, e um bagre — mole, saposo, arroxeado, parecendo uma posta de carne doente. Mas se pescou; foi muito divertido, a gente brincava de rolar atôa no capim dos verdes. E vai, veio uma notícia meia triste: tinham achado o Patorí morto, parece que morreu mesmo de fome, tornadiço vagando por aquelas chapadas.

Pai largou de mão o serviço todo que tinha, montou a cavalo, então carecia de ir no Cocho, visitar seo Deográcias, visita de tristezas. Então, aquela noite, sem Pai nem Vovó Izidra, foi o dia mais bonito de todos. Tinha lua-cheia, e de noitinha Mãe disse que todos iam executar um passeio, até aonde se quisesse, se entendesse. Eta fomos, assim subindo, para lá dos coqueiros. Mãe ia na frente, conversando com Luisaltino. A gente vinha depois, com os cavalos-de-pau, a Chica trouxe uma boneca. A Rosa cantava silêncio de cantigas, Maria Pretinha conversava com o vaqueiro Jé. Até os cachorros vinham — tirante Seu-Nome, que esse Pai tinha conduzido com ele na viagem. Quando a lua subiu no morro, grandona, os cachorros latiam, latiam. Mãitina tinha ficado em casa, mas ganhou gole de cachaça. Vaqueiro Salúz também ganhou do restilo de Pai, mas veio mais a gente. Drelina disse para a lua: — *“Lua, luar! Lua, luar!”* Vaqueiro Salúz disse que era o demônio que tinha entrado no corpo do Patorí; aí o Dito perguntou se Deus também não entrava no corpo das pessôas; mas o vaqueiro Salúz não sabia. Contava só que todas patifarias de desde menino pequeno o Patorí aprontava: guardava bosta de galinha nas algibeiras dos outros, inventava lélis, lelê de candonga, semeava pó de joão-mole na gente, para fazer coçar. O Dito semelhava sério. — “Dito, você não gosta de se conversar do Patorí, que morreu?” O Dito respondeu: — “Estou vendo essa lua.” Assim era bom, o Dito também gostasse. — “Eu espio a lua, Dito, que fico querendo pensar muitas coisas de uma vez, as coisas todas...” “— É luão. E lá nela tem o cavaleiro esbarrado...” — o Dito assim examinava. Lua era o lugar mais distanciado que havia, claro impossível de tudo. Mãe, conversando só com Luisaltino, atenção naquilo ela nem não estava pondo. Uma hora, o que Luisaltino falou: que judiação do mal era por causa que os pais casavam as filhas muito meninas, nem deixavam que elas escolhessem noivo. Mas Miguilim queria que, a lua assim, Mãe conversasse com ele também, com o Dito, com Drelina, a Chica, Tomèzinho. A gente olhava Mãe, imaginava saudade. Miguilim não sabia muitas coisas. — “Mãe, a gente então nunca vai poder ver o mar, nunca?” Ela glosava que quem-sabe não, iam não, sempre, por pobreza de longe. — “A gente não vai, Miguilim” — o Dito afirmou: — “Acho que nunca! A gente é no sertão. Então por que é que você indaga?” “— Nada, não, Dito. Mas às vezes eu queria avistar o mar, só para não ter uma tristeza...” Essa resposta Mãe escutou, prezou; pegou na mão de Miguilim para perto dela. Quando chegaram nos coqueiros, Mãe falou que gostava

deles, porque não eram árvore dos Gerais: o primeiro dono que fez a casa tinha plantado aqueles, porque também dizia que queria ali outros coqueiros altos, mas que não fossem buritis. Mas o buriti era tão exato de bonito! A Rosa cantava a estória de um, às músicas, buriti desde que nasceu, de preso dentro da caixinha de um coco, até cair de velho, na água azulada de sua vereda dele. A Rosa dizia que podia ensinar a Papaco-o-Paco todo cantar que tencionasse. Quando a gente voltou, se tomou café, nem ninguém não precisou de fazer café forte demais e amargoso, só Pai e Vovó Izidra é que bebiam daquele café desgostável. No outro dia, foi uma alegria: a Rosa tinha ensinado Papaco-o-Paco a gritar, todas as vezes: — "*Miguilim, Miguilim, me dá um beijim!...*" Até Mãitina veio ver. Mãitina prezou muito o pássaro, deu a ele o nome de Quixume; ficou na frente dele, dizendo louvor, fazendo agachados e vênias, depois levantava a saia, punha até na cabeça. — "*Miguilim, Miguilim...*" Era uma lindeza.

Mas vem um tempo em que, de vez, vira a virar só tudo de ruim, a gente paga os prazos. Quem disse foi o vaqueiro Salúz, que não se esquecia da estória do Patorí, e também perdeu um pé de espora no campeio, e Siàrlinda achou um dinheiro que ele tinha escondido dela em buraco no alto da parede, e ele estava com dois dentes muito doendo sempre, disse que hemorroida era aquilo. Depois o Dito aprovou que o tempo-do-ruim era mesmo verdade, quando no dia-de-domingo tamanduá estraçalhou o cachorro Julim. Notícia tão triste, a gente não acreditava, mas Pai trouxe para se enterrar o Julim morto, dependurado no cavalo, ninguém que via não esbarrava de chorar. Foi na caçada de anta. Pai não querendo contar: o tamanduá-bandeira se abraçou com o Julim, primeiro estapeava com a mão na cara dele, como tamanduá dá sopapos como pessôa. Daí rolaram no chão, aquela unha enorme do tamanduá rasgou a barriga dele, o Julim abraçado sangrado, não desabotoou o abraço — abriu os peitos, ainda furou os olhos. Zerró não pôde ajudar, nem os outros. Pai matou o bandeira, mas teve de pedir a um companheiro caçador que acabasse de matar o Julim, mò de não sofrer. Nem não deviam de ter ido! Não eram cachorros para isso, anteiros eram os de seo Brízido Boi, que caçou também. E nem a anta não mataram: ela pegou o carreiro, furtou o caminho, desbestou zurêta chapada a fora, fez sertão, cachorro frouxou, com a anta, que frouxou também; mas não puderam matar. Aquele dia, Pai adoeceu de pena. Depois, Zerró e Seu-Nome percuravam, percuravam, os dois eram irmãos do Julim. Só o Gigão dormia grande, não fazia nada; e os

paqueiros juntos, que corriam por ali a quatro, feito meninos sem juízo: Caráter, Catita, Soprado e Floresto.

Marimbondo ferroou Tomèzinho, que danou chorou, Vovó Izidra levou Tomèzinho na horta, no lugar ofendido espremeu joão-leite, aquele leite azulado, que muito sarava. Mais isso não era coisa nova por si, sempre abelha ou avêspa ferroavam algum, e a lagarta tatarana cabeluda, que queima a gente, tatarana-rata, até em galhos de árvore, e toda-a-vida a gente caía, relava os joelhos, escalavrava, dava topada em pedra ou em toco. Pior foi que o Rio-Negro estava do outro lado da cerca, lambendo sal no cocho, e Miguilim quis passar mão, na testa dele, alisar, fazer festas. O touro tinha só todo desentendimento naquela cabeçona preta — deu uma levantada, espancando, Miguilim gritou de dôr, parecia que tinham quebrado os ossos da mão dele. Mãe trouxe a mula de cristal, branquinho, aplicou no lugar, aquela friura lisinha do cristal cercava a dôr para sarar, não deixava inchaço; mas Miguilim gemia e estava com raiva até dele mesmo. O Dito veio perto, falou que o touro era burro, Miguilim achava que tinha entendido que o Dito queria era mexer — minha-nossenhora! — nem sabia por que era que estava com raiva do Dito: pulou nele, cuspiu, bateu, o Dito bateu também, todo espantado, com raivas — “Cão!” “Cão!” — no chão que rolaram, quem viu primeiro pensava eles dois estivessem brincando.

Quando Miguilim de repente pensou, fechou os olhos: deixava o Dito dar, o Dito podia bater o tanto que quisesse, ele ficava quieto, não podia brigar com o Dito! Mas o Dito não batia. O Dito ia saindo embora, nem insultava, só fungava; decerto pensava que ele Miguilim estava ficando dôido. Quem sabe estava? Desabria de vergonha, até susto, medo. Carecia de não chorar, rezar a Deus o cr’em-deus-padre. Não achava coragem pronta para frentear o Dito, pedir perdão — podia que tão ligeiro o Dito não perdoasse. E então Miguilim foi andando — a mão que o Rio-Negro machucou nem não doía mais — e Miguilim veio se sentar no tamborete, que era o de menino de-castigo. A vergonha que sentia era assim como se ele tivesse sobrado de repente ruim leve demais, a modo que todo esvaziado, carecia de esperar muito tempo, quieto, muito sozinho, até o corpo, a cabeça se encher de peso firme outra vez; mais não podia. Aquele castigo dado-por-si decerto era a única coisa que valia.

Com algum tempo, mais não aguentava: ia porque ia, procurar o Dito! Mas o Dito já vinha vindo. — “Miguilim, a gente vai trepar no pé-de-

fruta...” O Dito nem queria falar na briga. Ele subia mais primeiro — o brinquedo ele tinha inventado. Antes de subir, botava a camisinha para dentro da calça, resumia o pelo-sinal, o Dito era um irmão tão bonzinho e sério, todas as coisas certas ele fazia. Lá em cima, bem em cima, cada um numa forquilha de galhos, estavam no meio das folhagens, um quase defronte do outro, só sozinhos. Estavam ali como escondidos, mas podiam ver o que em volta de casa se passava. O gato Sossõe que rastreava sorrateiro, capaz de caçar alguma lagartixa: com um zapetrape ele desquebrava a lagartixa, homem de fazer assim até com calango — o calango pequeno verde que é de toda parte, que entra em mato e vem em beira de morada, mas que vive o diário é no cerrado. Maria Pretinha lavando as vasilhas no rego, Papaco-o-Paco cochilando no poleiro, Mãitina batendo roupa na laje do lavadouro. — “Dito, você não guarda raiva de mim, que eu fiz?” “— Você fez sem por querer, só por causa da dôr que estava doendo...” O Dito fungava no nariz, ele estava sempre endefluxado. Falava: — “Mais, se você tornar a fazer, eu dou em você, de ponta-pé, eu jogo pedrada!...” Miguilim não queria dizer que agora estava pensando no Rio-Negro: que por que era que um bicho ou uma pessôa não pagavam sempre amor-com-amor, de amizade de outro? Ele tinha botado a mão no touro para agradar, e o touro tinha repontado com aquela brutalidade. — “Dito, a gente vai ser sempre amigos, os mais de todos, você quer?” “— Demais, Miguilim. Eu já falei.” Com um tempo, Miguilim tornava: — “Você acha que o Rio-Negro tem demônio dentro dele, feito o Patorí, se disse?” “— Acho não.” O que o Dito achava era custoso, ele mesmo não sabia bem. Miguilim perguntava demais da conta. Então o Dito disse que Pai ia mandar castrar o Rio-Negro de qualquer jeito, porque careciam de comprar outro garrote, ele não servia mais para a criação, capava e vendia para ser boi-de-lote, boi-boiadeiro, iam levar nas cidades e comer a carne do Rio-Negro. Vaqueiro Salúz falava que era bom: castravam no curral e lá mesmo faziam fogo, assavam os grãos dele, punham sal, os vaqueiros comiam, com farinha.

Mas, de noite, no canto da cama, o Dito formava a resposta: — “O ruim tem raiva do bom e do ruim. O bom tem pena do ruim e do bom... Assim está certo.” “— E os outros, Dito, a gente mesmo?” O Dito não sabia. — “Só se quem é bronco carece de ter raiva de quem não é bronco; eles acham que é moleza, não gostam... Eles têm medo que aquilo pégue e amoleça neles mesmos — com bondades...” “— E a gente, Dito? A

gente?" "— A gente cresce, uai. O mole judiado vai ficando forte, mas muito mais forte! Trastempo, o bruto vai ficando mole, mole..." Miguilim tinha trazido a mula de cristal, que acertava no machucado da mão, debaixo das cobertas. "— Dito, você gosta de Pai, de verdade?" "— Eu gosto de todos. Por isso é que eu quero não morrer e crescer, tomar conta do Mutúm, criar um gadão enorme."

De madrugada, todo o mundo acordou cedo demais, a Maria Pretinha tinha fugido. A Rosa relatava e xingava: — "Foi o vaqueiro Jé que seduziu, côrjo desgramado! Sempre eu disse que ela era do rabo quente... Levou a negrinha a cavalo, decerto devem de estar longe, ninguém não pega mais!" O cavalo do vaqueiro Jé se chamava Assombra-Vaca. O vaqueiro Jé era branco, sardal, branquelo. Como é que foi namorar completo com a Maria Pretinha? A Rosa também era branca, mas era gorda e meia-velha, não namorava com ninguém. Quando a Rosa brabeava, desse jeito assim, Papaco-o-Paco também desatinava. Aquilo ele gritava só numa fúria: — "*Eu não bebo mais cachaça, não gosto de promotor! Filho-da-mãe é você! É você, ouviu!? É você!...*"

O Dito não devia de ter ido de manhãzinha, no nascer do sol, espiar a coruja em casa dela, na subida para a Laje da Ventação. Miguilim não quis ir. Era uma coruja pequena, coruja-batuqueira, que não faz ninhos, botava os ovos num cupim velho, e gosta de ficar na porta — no buraco do cupim — quando a gente vinha ela dava um grito feio — um barulho de chiata: "*Cuíc-cc'-kikikik!...*" e entrava no buraco; por perto, só se viam as cascas dos besouros comidos, ossos de cobra, porcaria. E ninguém não gostava de passar ali, que é perigoso: por ter espinho de cobra, com os venenos.

O Dito contou que a coruja eram duas, que estavam carregando bosta de vaca para dentro do buraco, e que rodavam as cabeças p'ra espiar pra ele, diziam: "*Dito! Dito!*" Miguilim se assustava: — "Dito, você não devia de ter ido! Não vai mais lá não, Dito." Mas o Dito falou que não tinha ido para ver a coruja, mas porque sabia do lugar onde o vaqueiro Jé mais a Maria Pretinha sempre em escondido se encontravam. — "Que é que tinha lá, então, Dito?" — "Nada não. Só tinha a sombra da árvore grande e o capim do campo por debaixo."

Mas no meio do dia o mico-estrela fugiu, correu arrepulando pelas moitas de carqueja, trepou no cajueiro, pois antes de trepar ainda caçou maldade de correr atrás da perúa, queria puxar o rabo dela. Todo o mundo perseguiu ligeiro pra pegar, a cachorrada latindo, Vovó Izidra gritava que

os meninos estavam severgonhados, Mãe gritava que a gente esperasse, que a Rosa sozinha pegava, Drelina gritava que deixassem o bichinho sonhim ganhar a liberdade do mato que era dele, o Papaco-o-Paco gritava: "*Mãe, olha a Chica me beliscando! Ai, ai, ai, Pai, a Chica puxou meu cabelo!...*" — era copiadinho o choro de Tomèzinho. A gente tinha de fazer diligência, se não já estava em tempo d'os cachorros espatifarem o pobre do mico. Não se pegou: ele mesmo, sozinho por si, quis voltar para a cabacinha. Mas foi aí que o Dito pisou sem ver num caco de pote, cortou o pé: na cova-do-pé, um talho enorme, descia de um lado, cortava por baixo, subia da outra banda.

— "Meu-deus-do-céu, Dito!" Miguilim ficava tonto de ver tanto sangue. "— Chama Mãe! Chama Mãe!" — o Dito pedia. A Rosa carregou o Dito, lavaram o pé dele na bacia, a água ficava vermelha só sangue, Vovó Izidra espremia no corte talo de bálsamo da horta, depois puderam amarrar um pano em cima de outro, muitos panos, apertados; ainda a gente sossegou, todo o mundo bebeu um gole d'água, que a Rosa trouxe, beberam num copo. O Dito pediu para não ficar na cama, armaram a rede para ele no alpendre.

Miguilim queria ficar sempre perto, mas o Dito mandava ele fosse saber todas as coisas que estavam acontecendo. — "Vai ver como é que o mico está." O mico estava em pé na cabacinha, comendo arroz, que a Rosa dava. — "Quando o vaqueiro Salúz chegar, pergunta se é hoje que a vaca Bigorna vai dar cria." "— Miguilim, escuta o que Vovó Izidra conversar com a Rosa, do vaqueiro Jé mais a Maria Pretinha." O Dito gostava de ter notícia de todas as vacas, de todos os camaradas que estavam trabalhando nas outras roças, enxadeiros que meavam. Requeria se algum bicho tinha vindo estragar as plantações, de que altura era que o milho estava crescendo. — "Vovó Izidra, a senhora já vai fazer o presépio?" "— Daqui a três dias, Dito, eu começo." O Dito não podia caminhar, só podia pulando num pé só, mas doía, porque o corte tinha apostemado muito, criando matéria. Chamando, o Gigão vinha, vigiava a rede, olhava, olhava, sacudia as orelhas. — "Você está danado, Dito, por causa?" "— Estou não, seo Luisaltino, costumei muito com essas coisas..." "— Depressa que sare!" "— Uê, p'ra se sarar basta se estar doente."

Meu-deus-do-céu, e o Dito já estava mesmo quase bom, só que tornou outra vez a endefluxar, e de repente ele mais adoeceu muito, começou a chorar — estava sentindo dôr nas costas e dôr na cabeça tão forte, dizia

que estavam enfiando um ferro na cabecinha dele. Tanto gemia e exclamava, enchia a casa de sofrimento. Aí Luisaltino montou a cavalo, ia daí a mais de um dia de viagem, aonde tinha um fazendeiro que vendia, buscar remédio para tanta dôr. Vovó Izidra fez um pano molhado, com folhas-santas amassadas, amarrou na cabeça dele. — "Vamos rezar, vamos rezar!"— Vovó Izidra chamava, nunca ela tinha estado tão sem sossego assim. Decidiram dar ao Dito um gole d'água com cachaça. Mas ele tinha febre muito quente, vomitava tudo, nem sabia quando estava vomitando. Vovó Izidra veio dormir no quarto, levaram a caminha do Tomèzinho para o quarto de Luisaltino. Mas Miguilim pediu que queria ficar, puseram uma esteira no chão, para ele, porque o Dito tinha de caber sozinho no catre. O Dito gemia, e a gente ouvia o barulhinho de Vovó Izidra repassando as contas do terço.

No outro dia, o Dito estava melhorado. Só que tinha soluço, queria beber água-com-açúcar. Miguilim ficava sentado no chão, perto dele. Vovó Izidra tinha de principiar o presépio, o Dito não podia ver quando ela ia tirar os bichos do guardado na canastra — boi, leão, elefante, águia, urso, camelo, pavão — toda qualidade de bichos que nem tinha deles ali no Mutúm nem nos Gerais, e Nossa Senhora, São José, os Três Reis e os Pastores, os soldados, o trem-de-ferro, a Estrela, o Menino Jesus. Vovó Izidra vez em quando trazia uma coisa ou outra para mostrar ao Dito: os panos, que ela endurecia com grude — moía carvão e vidro, e malacacheta, polvilhava no grude. Mas Dito queria tanto poder ver quando ela estava armando o presépio, forrando os tocos e caixotes com aqueles panos — fazia as serras, formava a Gruta. Os panos pintados com anil e tinta amarela de pacarí, misturados davam um verde bonito, produzido manchado, como todos os matos no rebrôto. E tinha umas bolas grandes, brilhantes de muitas cores, e o arroz plantado numa lata e deixado nascer no escuro, para não ser verde e crescer todo amarelo descorado. Tinha a lagôa, de água num prato-fundo, com os patinhos e peixes, o urso-branco, uma rã de todo tamanho, o cágado, a foquinha bicuda. Quase a maior parte daquelas coisas Vovó Izidra possuía e carregava aonde ia, desde os tempos de sua mocidade. Depois de pronto, era só pôr o Menino Jesus na Lapinha, na manjedoura, com a mãe e o pai dele e o boizinho e o burro. E punha um abacaxi-maçã, que fazia o presépio todo cheirar bonito. Todos os anos, o presépio era a coisa mais enriquecida, vinha gente estranha dos Gerais, para ver, de muitos redores. Mas agora o Dito não podia ir ajudar a

arrumação, e então Miguilim gostava de não ir também, ficar sentado no chão, perto da cama, mesmo quando o Dito tinha sono, o Dito agora queria dormir quase todo o tempo.

A Chica e Tomèzinho podiam espiar armar o presépio o prazo que quisessem, mas eram tão bobinhos que pegavam inveja de Miguilim e o Dito não estarem vendo também. E então vinham, ficavam da porta do quarto, os dois mais o Bustica — aquele filho pequeno do vaqueiro Salúz. — "Vocês não podem ir ver presepe, vocês então vão para o inferno!" — isso a Chica tinha ensinado Tomèzinho a dizer. E tinha ensinado o Bustica a fazer caretas. O Dito não se importava, até achava engraçado. Mas então Miguilim fez de conta que estava contando ao Dito uma estória — do Leão, do Tatú e da Foca. Aí Tomèzinho, a Chica e aquele menino o Bustica também vinham escutar, se esqueciam do presépio. E o Dito mesmo gostava, pedia: — "Conta mais, conta mais..." Miguilim contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior. Se lembrava de seo Aristeu. Fazer estórias, tudo com um viver limpo, novo, de consolo. Mesmo ele sabia, sabia: Deus mesmo era quem estava mandando! — "Dito, um dia eu vou tirar a estória mais linda, mais minha de todas: que é a com a Cuca Pingo-de-Ouro!..." O Dito tinha alegrias nos olhos; depois, dormia, rindo simples, parecia que tinha de dormir a vida inteira.

A Pinta-Amarela tirou os pintinhos, todos vivos, e no meio as três perdizinhas. A Rosa trouxe as três, em cima de uma peneira, para o Dito conhecer. Mas o Dito mandava Miguilim ir espiar, no quintal, e depois dizer para ele como era que elas viviam de verdade. A dôr-de-cabeça do Dito tinha voltado forte, mas agora Luisaltino tinha trazido as pastilhazinhas, ele engulia, com gole d'água, melhorava. — "Dito, as três perdizinhas são diabinhas! A galinha pensa que elas são filhas dela, mas parece que elas sabem que não são. Todo o tempo se assanham de querer correr para o bamburral, fogem do meio dos pintinhos irmãos. Mas a galinha larga os pintos, sai atrás delas, chamando, chamando, cisca para elas comerem os bichinhos da terra..." A febre era mais muita, testa do Dito quente que pelava. — "Miguilim, vou falar uma coisa, para segredo. Nem p'ra mim você não torna a falar." O Dito sentava na cama, mas não podia ficar sentado com as pernas esticadas direito, as pernas só teimavam em ficar dobradas nos joelhos. Tudo endurecia, no corpo dele. —

“Miguilim, espera, eu estou com a nuca tesa, não tenho cabeça pra abaixar...” De estar pior, o Dito quase não se queixava.

— “Miguilim, Vovó Izidra toda hora está xingando Mãe, quando elas estão sem mais ninguém perto?” Miguilim não sabia, Miguilim quase nunca sabia as coisas das pessôas grandes. Mas o Dito, de repente, pegava a fazer caretas sem querer, parecia que ia dar ataque. Miguilim chamava Vovó Izidra. Não era nada. Era só a cara da doença na carinha dele.

Depois, a gente cavacava para tirar minhocas, dar para as perdizinhas. Mas o mico-estrela pegou as três, matou, foi uma pena, ele abriu as barriguinhas delas. Miguilim não contou ao Dito, por não entristecer. — “As perdizinhas estão assustadinhas, estão crescendo por demais... Amanhã é o dia de Natal, Dito!” “— Escuta, Miguilim, uma coisa você me perdôa? Eu tive inveja de você, porque o Papaco-o-Paco fala *Miguilim me dá um beijim...* e não aprendeu a falar meu nome...” O Dito estava com jeito: as pernas duras, dobradas nos joelhos, a cabeça dura na nuca, só para cima ele olhava. O pior era que o corte do pé ainda estava doente, mesmo pondo cataplasma doía muito demorado. Mas o papagaio tinha de aprender a falar o nome do Dito! — “Rosa, Rosa, você ensina Papaco-o-Paco a chamar alto o nome do Dito?” “— Eu já pelejei, Miguilim, porque o Dito mesmo me pediu. Mas ele não quer falar, não fala nenhum, tem certos nomes assim eles teimam de não entender...” O Dito gostava de comer pipocas. A Rosa estava assando pipoca: para elas estalarem bem graúdas, a Rosa batia na tampa da caçarola com uma colher de ferro e pedia a todos para gritarem bastante, e a Rosa mesma gritava os nomes de toda pessôa que fosse linguaruda: —“Pipoca, estrala na boca de Sià Tonha do Tião! Estrala na boca de dona Jinuana, da Rita Papuxa!...” Miguilim vinha trazer as pipocas, saltantes, contava o que a Rosa tinha gritado, prometia que Papaco-o-Paco já estava começando a soletrar o nome do Dito. O Dito gemia de mais dôr, com os olhos fechados. — “Espera um pouco, Miguilim, eu quero escutar o berro dessas vacas...” Que estava berrando era a vaca Acabrita. A vaca Dabradiça. A vaca Atucã. O berro comprido, de chamar o bezerro. — “Miguilim, eu sempre tinha vontade de ser um fazendeiro muito bom, fazenda grande, tudo roça, tudo pastos, cheios de gado...” — “Mas você vai ser, Dito! Vai ter tudo...” O Dito olhava triste, sem desprezo, do jeito que a gente olha triste num espêlho. — “Mas depois tudo quanto há cansa, no fim tudo cansa...” Miguilim discorreu que amanhã Vovó Izidra ia pôr o Menino Jesus na manjedoura. Depois, cada

dia ela punha os Três Reis mais adiantados um pouco, no caminho da Lapinha, todo dia eles estavam um tanto mais perto — um Rei Branco, outro Rei Branco, o Rei Preto — no dia de Reis eles todos três chegavam... "— Mas depois tudo cansa, Miguilim, tudo cansa..." E o Dito dormia sem adormecer, ficava dormindo mesmo gemendo.

Então, de repente, o Dito estava pior, foi aquela confusão de todos, quem não rezava chorava, todo mundo queria ajudar. Luisaltino tornou a selar cavalo, ia tocar de galope, para buscar seo Aristeu, seo Deográcias, trazer remédio de botica. Pai não ia trabalhar na roça, mais no meio dali resistia, com os olhos avermelhados. O Dito às vezes estava zarolho, sentido gritava alto com a dôr-de-cabeça, sempre explicavam que a febre dele era mais forte, depois ele falava coisas variando, vomitava, não podia padecer luz nenhuma, e ficava dormindo fundo, só no meio do dormir dava um grito repetido, feio, sem acordo de si. Miguilim desentendia de tudo, tonto, tonto. Ele chorou em todas partes da casa.

Veio seo Deográcias, avelhado e magro, dizia que o Patorí não era ruim assim como todos pensavam, dizia que Deus para punir o mundo estava querendo acabar com todos os meninos. Veio seo Aristeu, dessa vez não brincava nem ria, abraçou muito Miguilim e falou, apontando para o Dito: — "Eu acho que ele é melhor do que nós... Nem as abelhinhas hoje não espanam as asas, tarefazinha... Mas tristeza verdadeira, também nem não é prata, é ouro, Miguilim... Se se faz..." Veio seo Brízido Boi, que era padrinho do Tomèzinho: um homem enorme, com as botas sujas de barro seco, ele chorava junto, aos arrancos, dizia que não podia ver ninguém sofrer. Veio a mãe do Grivo, com o Grivo, ela era quase velhinha, beijou a mão do Dito. E de repente veio vaqueiro Jé, com a Maria Pretinha, os dois tão vergonhosos, só olhavam para o chão. Mas ninguém não ralhou, até Pai disse que pelo que tinha havido eles precisavam nenhum de ir s'embora, ficavam aqui mesmo em casa os dois trabalhando; e Vovó Izidra disse que, quando viesse padre por perto, pelo direito se casavam. O vaqueiro Jé concordou, pegou na mão da Maria Pretinha, para chegarem na beira da cama do Dito, ele cuidava muito da Maria Pretinha, com aqueles carinhos, senhoroso. E então o povo todo acompanhou Vovó Izidra em frente do oratório, todos ajoelharam e rezavam chorado, pedindo a Deus a saúde que era do Dito. Só Mãe ficou ajoelhada na beirada da cama, tomando conta do menino dela, dizia.

A reza não esbarrava. Uma hora o Dito chamou Miguilim, queria ficar com Miguilim sozinho. Quase que ele não podia mais falar. — "Miguilim, e você não contou a estória da Cuca Pingo-de-Ouro..." "— Mas eu não posso, Dito, mesmo não posso! Eu gosto demais dela, estes dias todos..." Como é que podia inventar a estória? Miguilim soluçava. — "Faz mal não, Miguilim, mesmo ceguinha mesmo, ela há de me reconhecer..." "— No Céu, Dito? No Céu?!" — e Miguilim desengolia da garganta um desespero. — "Chora não, Miguilim, de quem eu gosto mais, junto com Mãe, é de você..." E o Dito também não conseguia mais falar direito, os dentes dele teimavam em ficar encostados, a boca mal abria, mas mesmo assim ele forcejou e disse tudo: — "Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!..." E o Dito quis rir para Miguilim. Mas Miguilim chorava aos gritos, sufocava, os outros vieram, puxaram Miguilim de lá.

Miguilim doidava de não chorar mais e de correr por um socôrro. Correu para o oratório e teve medo dos que ainda estavam rezando. Correu para o pátio, chorando no meio dos cachorros. Mãitina caminhava ao redor da casa, resmungando coisas na linguagem, ela também sentia pelo estado do Dito. — "Ele vai morrer, Mãitina?!" Ela pegou na mão dele, levou Miguilim, ele mesmo queria andar mais depressa, entraram no acrescente, lá onde ela dormia estava escuro, mas nunca deixava de ter aquele foguinho de cinzas que ela assoprava. — "Faz um feitiço para ele não morrer, Mãitina! Faz todos os feitiços, depressa, que você sabe..." Mas aí, no voo do instante, ele sentiu uma coisinha caindo em seu coração, e adivinhou que era tarde, que nada mais adiantava. Escutou os que choravam e exclamavam, lá dentro de casa. Correu outra vez, nem soluçava mais, só sem querer dava aqueles suspiros fundos. Drelina, branca como pedra de sal, vinha saindo: — "Miguilim, o Ditinho morreu..."

Miguilim entrou, empurrando os outros: o que feito uma loucura ele naquele momento sentiu, parecia mais uma repentina esperança. O Dito, morto, era a mesma coisa que quando vivo, Miguilim pegou na mãozinha morta dele. Soluçava de engasgar, sentia as lágrimas quentes, maiores do que os olhos. Vovó Izidra o puxou, trouxe para fora do quarto. Miguilim sentou no chão, num canto, chorava, não queria esbarrar de chorar, nem

podia. — “Dito! Dito!...” Então se levantou, veio de lá, mordia a boca de não chorar, para os outros o deixarem ficar no quarto. Estavam lavando o corpo do Dito, na bacia grande. Mãe segurava com jeito o pezinho machucado doente, como caso pudesse doer ainda no Dito, se o pé batesse na beira da bacia. O carinho da mão de Mãe segurando aquele pezinho do Dito era a coisa mais forte neste mundo. — “Olha os cabelos bonitos dele, o narizinho...” — Mãe soluçava. — “Como o pobre do meu filhinho era bonito...” Miguilim não aguentava ficar ali; foi para o quarto de Luisaltino, deitou na cama, tapou os ouvidos com as mãos e apertou os olhos no travesseiro — precisava de chorar, toda-a-vida, para não ficar sozinho.

Quando entrou a noite, Miguilim sabia não dormir, passar as horas perto da mesa, onde o Dito era principezinho, calçado só com um pé de botina, coberto com lençol branco e flores, mas o mais sério de todos ali, entre aquelas velas acêsas que visitavam a casa. Mas chegou o tempo em que ele Miguilim cochilou muito, nem viu bem para onde o carregavam. Acordou na cama de Mãe e Pai. Com o escuro das estrelas nas veredas, a notícia tinha corrido. O Mutúm estava cheio de gente.

Além de seo Aristeu, seo Brízido Boi e seo Deográcias, estavam lá o Nhangã, seo Soande, o Frieza, um rapazinho Lugolino; o seo Braz do Bião, os filhos dele Câncio e Emerêncio, os vaqueiros do Bião: Tomás, Cavalcante e José Lúcio; dona Eugeniana, mulher de seo Braz do Bião. Os enxadeiros que à meia trabalhavam para Pai, e que também eram criaturas de Deus com seus nomes que tinham: um Cornélio, filho dele Acúrcio, Raymundo Bom, Nhô Canhoto, José de Sá. Depois chegava Sià Ía, a gôrda, dona do Atrás-do-Alto, meio gira, que ela mesma só falava que andava sumida: — “Tou p’los matos! Tou p’los matos...” E o Tiotônio Engole, papudo. O vaqueiro Riduardo, vaqueiro próprio, com os filhos: Riduardinho e Justo, vaqueiros também. O velho Rocha Surubim, a mulher dele dona Lelena, e os filhos casados, que eram três, dois deles tinham trazido as mulheres, da Vereda do Bugre. E ainda chegavam outros. Até dois homens sem conhecimento nenhum, homens de fora, que andavam comprando bezerros. Muitas mulheres, uma meninada. Desdormido, estonteado, desinteirado de si, no costume que começava a ter de ter, de sofrer, Miguilim sempre ficava em todo o caso triste-contente, de que tanta gente ali estivesse, todos por causa do Dito, para honrar o Dito, e os homens iam carregar o Dito, a pé, quase um dia inteiro de viagem — iam

“ganhar dia”, diziam — mò de enterrar no cemiteriozinho de pedras, para diante da vereda do Terentém.

— “E Tio Terêz?”— uma hora ele perguntou ao vaqueiro Jé, longe dos outros. Mas foi o vaqueiro Salúz quem mais tarde deu resposta: — “Tio Terêz não sabe, Miguilim: ele está longe, está levantando gado nos Gerais da Bahia...”

Tinham de sair cedo, por forma que precisavam de caminhar muito, e estavam comendo farofa de carne, com mandioca cozida, todos bebendo café e cachaça. Vaqueiro Salúz matou o porquinho melhor, porque a carne seca não chegava, e Mãitina, na cozinha, não esbarrava de bater paçoca no pilão — aquele surdo rumor. Careciam também de levar, para o caminho, um garrafão de cachaça. A Rosa ia catar flores, trazia, logo ia buscar mais, chorosa, achava que nunca que bastavam. Mãe chorava devagarinho, ajoelhada, mas o tempo passando; os bonitos cabelos tapavam a cara dela. E Vovó Izidra fungava, andando para baixo e para cima, com ela mesma era que ralhava.

Os enxadeiros tinham ido cortar varas do mato, uma vara grande de pindaíba, e Pai desenrolou a redezinha de buriti. Mas aí Mãe exclamou que não, que queria o filhinho dela no lençol de alvura. Então embrulharam o Dito na colcha de chita, enfeitaram com alecrins, e amarraram dependurado na vara comprida. Pai pegou numa ponta da vara, seo Braz do Bião segurou na outra, todos os homens foram saindo. Miguilim deu um grito, acordado demais. Vovó Izidra rezava alto, foi o derradeiro homem sair e ela fechou a porta. E sojigou Miguilim debaixo de sua tristeza.

Todos os dias que depois vieram, eram tempo de doer. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e estava no mesmo lugar. Quando chegava o poder de chorar, era até bom — enquanto estava chorando, parecia que a alma toda se sacudia, misturando ao vivo todas as lembranças, as mais novas e as muito antigas. Mas, no mais das horas, ele estava cansado. Cansado e como que assustado. Sufocado. Ele não era ele mesmo. Diante dele, as pessôas, as coisas, perdiam o peso de ser. Os lugares, o Mutúm — se esvaziavam, numa ligeireza, vagarosos. E Miguilim mesmo se achava diferente de todos. Ao vago, dava a mesma ideia de uma vez, em que, muito pequeno, tinha dormido de dia, fora de seu costume — quando acordou, sentiu o existir do mundo em hora estranha, e perguntou assustado: — “Uai, Mãe, hoje já é amanhã?!”

— “Isso nem é mais estima pelo irmão morto. Isso é nervosias...” — Vovó Izidra condenava. Miguilim ouvia e fazia com os ombros. Agora ele achava que Vovó Izidra gostava de ser idiota.

Ora vez, tinha raiva. Das pessoas, não. Nem de Deus; não. Mais não sabia, de quem ou de que. Tinha raiva. Não conseguia, nem mesmo queria, se recordar do Dito vivo, relembrar o tempo em que tinham vivido juntos, conversado e brincado. Queria, isso sim, se fosse um milagre possível, que o Dito voltasse, de repente, em carne e ôsso, que a morte dele não tivesse havido, tudo voltando como antes, para outras horas, novas, novas conversas e novos brinquedos, que não tinham podido acontecer — mas devia de ter para acontecer, hoje, depois, amanhã, sempre. — “Hoje, o que era que o Dito ia dizer, se não tivesse morrido? O quê?!...” Então, chorava mais.

Mas chorava com mais terrível sentimento era quando se lembrava daquelas palavras da Mãe, abraçada com o corpo do Dito, quando o estavam pondo dentro da bacia para lavar: — “*Olha o inflamado ainda no pezinho dele... Os cabelos bonitos... O na rizinho... Como era bonito o pobrezinho do meu filhinho...*” Essas exclamações não lhe saíam dos ouvidos, da cabeça, eram no meio de tudo o ponto mais fundo da dôr, ah, Mãe não devia de ter falado aquilo... Mas precisava de ouvir outra vez: — “Mãe, que foi que a senhora disse, dos cabelos, do nariz, do machucadinho no pé, quando eles estavam lavando o Ditinho?!” A mãe não se lembrava, não podia repetir as palavras certas, falara na ocasião qualquer coisa, mas, o que, já não sabia. Ele mesmo, Miguilim, nunca tinha reparado antes nos cabelos, no narizinho do Dito. Então, ia para o paiol, e chorava, chorava. Depois, repetia, alto, imitando a voz da mãe, aquelas frases. Era ele quem precisava de guardá-las, decoradas, ressofridas; se não, alguma coisa de muito grave e necessária para sempre se perdia. — “Mãe, o que foi que naquela hora a senhora sentiu? O que foi que a senhora sentiu?!...”

E precisava de perguntar a outras pessôas — o que pensavam do Dito, o que achavam dele, de tudo por junto; e de que coisas acontecidas se lembravam mais. Mas todos, de Tomèzinho e Chica a Luisaltino e Vovó Izidra, mesmo estando tristes, como estavam, só respondiam com lisice de assuntos, bobagens que o coração não consabe. Só a Rosa parecia capaz de compreender no meio do sentir, mas um sentimento sabido e um compreendido adivinhado. Porque o que Miguilim queria era assim como algum sinal do *Dito morto* ainda no *Dito vivo*, ou do *Dito vivo* mesmo no

Dito morto. Só a Rosa foi quem uma vez disse que o Dito era uma alminha que via o Céu por detrás do morro, e que por isso estava marcado para não ficar muito tempo mais aqui. E disse que o Dito falava com cada pessôa como se ela fosse uma, diferente; mas que gostava de todas, como se todas fossem iguais. E disse que o Dito nunca tinha mudado, enquanto em vida, e por isso, se a gente tivesse um retratinho dele, podia se ver como os traços do retrato agora mudavam. Mas ela já tinha perguntado, ninguém não tinha um retratinho do Dito. E disse que o Dito parecia uma pessôinha velha, muito velha em nova.

Miguilim se agarrou com a Rosa, em pranto de alívio; aquela era a primeira vez que ele abraçava a Rosa. Mas a galinha choca vinha passando, com seus pintinhos, a Rosa mostrou-a a Miguilim. — "Uai, é a Pintadinha, Rosa? A Pintadinha também já tirou os pintos?" "— Mas já faz tanto tempo, Miguilim. Foi naqueles dias..." "— Que jeito que eu não vi?!" "— Pois que você mesmo quis ver só foi a Pintinha-Amarela, Miguilim, por causa que ela tinha as três perdizinhas..."

Depois ele conversou com Mãitina. Mãitina era uma mulher muito imaginada, muito de constâncias. Ela prezava a bondade do Dito, ensinou que ele vinha em sonhos, acenava para a gente, aceitava louvor. Sempre que se precisava, Mãitina era pessôa para qualquer hora falar no Dito e por ele começar a chorar, junto com Miguilim. O que eles dois fizeram, foi ela quem primeiro pensou. Escondido, escolheram um recanto, debaixo do jenipapeiro, ali abriram um buraco, cova pequena. De em de, camisinha e calça do Dito furtaram, para enterrar, com brinquedos dele. Mas Mãitina foi remexer em seus guardados, trouxe uns trens: boneco de barro, boneco de pau, penas pretas e brancas, pedrinhas amarradas com embira fina; e tinha mais uma coisa. — "Que que é isso, Mãitina?" "— Tomé me deu. Tomé me deu..." Era a figura de jornal, que Miguilim do Sucurijú aportara, que Mãe tomou da Chica e rasgou, Mãitina salvara de colar com grude os rasgados, num caco de gamela. Miguilim tinha todas as lágrimas nos olhos. Tudo se enterrou, reunido com as coisinhas do Dito. Retaparam com a terra, depois foram buscar as pedrinhas lavadas do riacho, que cravaram no chão, apertadas, remarcando o lugar; ficou semelhando um ladrilhado redondo. Era mesma coisa se o Dito estivesse depositado ali, e não no cemiteriozinho longe, no Terentém. Só os dois conheciam o que era aquilo. Quando chovia, eles vinham olhar; se a chuva era triste, entristeciam. E Miguilim furtava cachaça para Mãitina.

E um dia, então, de repente, quando ninguém mais não mandava nem ensinava, o Papaco-o-Paco gritou: — "*Dito, Expedito! Dito, Expedito!*" Exaltado com essa satisfação: ele tinha levado tempo tão durado, sozinho em sua cabeça, para se acostumar de aprender a produzir aquilo. Miguilim não soube o rumo nenhum do que estava sentindo. Todos ralhavam com Papaco-o-Paco, para ele tornar a se esquecer depressa do que tanto estava gritando. E outras coisas desentendidas, que o Papaco-o-Paco sempre experimentava baixo para si, aquele grol, Miguilim agora às vezes duvidava que vontade fossem de um querer dizer. Aí, Miguilim quis ir até lá na subida para a Laje da Ventação, saber as corujas-batuqueiras; não tinha medo dos espinhos de cobra. Mas o entrar do cupim estava sem dono. — "Coruja se mudou: estão num buraco de tatú, naquela grota..." — o vaqueiro Salúz estava explicando, tinha achado, deviam de ser as mesmas. Mas lá na grota Miguilim não queria ir espiar. Nem queria ouvir os berros da vaca Acabrita e da vaca Dabradiça. Nem inventar mais estórias. Nem ver, quando ele retornou, o luar da lua-cheia.

— "Diacho, de menino, carece de trabalhar, fazer alguma coisa, é disso que carece!" — o Pai falava, que redobrava: xingando e nem olhando Miguilim. Mãe o defendia, vagarosa, dizia que ele tinha muito sentimento. — "Uma pôia!" — o Pai desabusava mais. — "O que ele quer é sempre ser mais do que nós, é um menino que despreza os outros e se dá muitos penachos. Mais bem que já tem prazo para ajudar em coisa que sirva, e calejar os dedos, endurecer casco na sola dos pés, engrossar esse corpo!" Devagarzinho assim, só suspiro, Mãe calava a boca. E Vovó Izidra secundava, porque achava que, ele Miguilim solto em si, ainda podia ficar prejudicado da mente do juízo.

Daí por diante, não deixavam o Miguilim parar quieto. Tinha de ir debulhar milho no paiol, capinar canteiro de horta, buscar cavalo no pasto, tirar cisco nas grades de madeira do rego. Mas Miguilim queria trabalhar, mesmo. O que ele tinha pensado, agora, era que devia copiar de ser igual como o Dito.

Mas não sabia imitar o Dito, não tinha poder. O que ele estava — todos diziam — era ficando sem-vergonha. Comia muito, se empanzinava, queria deitar no chão, depois do almoço. — "Levanta, Miguilim! Vai catar gravetos para a Rosa!" Lá ia Miguilim, retardoso; tinha medo de cobra. Medo de morrer, tinha; mesmo a vida sendo triste. Só que não recebia mais medo das pessôas. Tudo era bobagem, o que acontecia e o que não

acontecia, assim como o Dito tinha morrido, tudo de repente se acabava em nada. Remancheava. E ele mesmo achava que não gostava mais de ninguém, estirava uma raiva quieta de todos. Do Pai, principal. Mas não era o Pai quem mais primeiro tinha ódio dele Miguilim? Era só avistar Miguilim, e ele já bramava: — "Mão te tenha, cachorrinho! Enxerido... Carapuçudo..." Derradeiro, o Pai judiava mesmo com todo o mundo. Ralhava com Mãe, coisas de vexame: — "Nhanina quer é empobrecer ligeiro o final da gente: com tanto açúcar que gasta, só fazendo porcaria de dôces e comidas de luxo!" O dôce a Mãe fazia era porque os meninos e ele Miguilim gostavam. Então, mesmo, Vovó Izidra um dia tinha resmungado, Miguilim bem que ouviu: — "Esse Bero tem ôsso no coração..." Miguilim mal queria pensar. Não tinha certeza se estava tendo raiva do Pai para toda a vida.

Pai encabou uma enxada pequena. — "Amanhã, amanhã, este menino vai ajudar, na roça." Nem triste nem alegre, lá foi Miguilim, de manhã, junto com Pai e Luisaltino. — "Teu eito é aqui. Capina." Miguilim abaixava a cabeça e pelejava. Pai nunca falava com ele, e Miguilim preferia cumprir calado o desgosto, e aguentar o cansaço, mesmo quando não estava podendo. Sempre a gente podia, desde que não se queixasse. Pai conversava com Luisaltino, esbarravam para pitar, caçoavam. Luisaltino era bonzinho, tinha pena dele: — "Agora, Miguilim, desiste um pouco da tirana. Você está vermelho, camisinha está empapada..." Daí todos ficavam trabalhando com o corpo por metade nú, só de calças, as costas escorregavam de suor de sol, nos movimentos. Descalço, os pés de Miguilim sobravam cheios de espinhos. E com aquele calor a gente necessitava de beber água toda hora, a água da lata era quente, quente, não matava direito a sede. Sol a sol — de tardinha voltavam, o corpo de Miguilim doía, todo moído, torrado. Vinha com uma coisa fechada na mão. — "Que é isso, menino, que você está escondendo?" "— É a joaninha, Pai." "— Que joaninha?" Era o besourinho bonito, pingadinho de vermelho. "— Já se viu?! Tu há de ficar toda-a-vida bobo, ô panasco?!" — o Pai arreliou. E no mais ralhava sempre, porque Miguilim não enxergava onde pisasse, vivia escorregando e tropeçando, esbarrando, quase caindo nos buracos: — "Pitosga..."

Vez em quando, seo Deográcias aparecia lá na roça. Ficava de cócoras, queria conversar com o Pai, e dava pena, de tão destruído arruinado que estava. Só falava coisas tristes; Pai dizia depois a Luisaltino que ele

caceteava. — “Pois é, Miguilim, e você que perdeu quase de junto de uma vez os dois tão seus amigos: o Dito e o Patorí...” E fundo suspirava. — “Pois é, seo Nhô Berno, isto aqui vai acabar, vai acabar... Não tem recursos, não tem proteção do alto, é só trabalho e doenças, ruindades ignorâncias... De primeiro, eu mesmo pensei de poder ajudar a promover alguma melhora, mesmo pouca. Ah, pensei isso, mas foi nos ocos da cabeça! Agora... O que eu sei, o que há, é o mundo por se acabar...” Seo Deográcias se sentava no chão e cochilava. Depois dizia que o Patorí era um menino de bom coração, que levantava cedinho e para ele coava café, gostava de auxiliar em muita coisa... Seo Deográcias recochilava, tornava a acordar: — “Ah, seo Nhô Berno Caz, o que falta é o que sei, o que sei. É o dindinheiro... é o dindinheiro...”

Miguilim dormia no mesmo catre, sozinho. Mas uma noite o gato Sossõe apareceu, deitado no lugar que tinha sido do Dito, no canto, aqueles olhos verdes no escuro silenciando demais, ele tão bonito, tão quieto. Na outra noite ele não vinha, Miguilim mesmo o foi buscar, no borralho. Daí, o gato Sossõe já estava aprendendo a vir sempre, mas Tomèzinho acusou, e Pai jurou com raiva, não dava licença daquilo. Miguilim já estava acostumado a dormir sozinho sem ninguém, ocupava o catre inteiro, se alargava, podia abrir bem as pernas e os braços. Pensava. Ficava acordado muito tempo, escutava a tutuca dos jenipapos maduros caindo de supetão e se achatando, cheios, no chão da árvore. Se lembrava do Patorí. O que seo Deográcias tinha falado. Então, ele Miguilim era amigo do Patorí também, e nem não tinha sabido? Como podia ser? Procurava, procurava, nas distâncias, nos escuros da cabeça, ia se lembrando, ia achando. Se lembrava de umas vezes em que o Patorí não estava maldoso. O Patorí tocava berimbau, um berimbau de fibra de buriti, tocava com o dedo, era bonito, tristinho. Ou, então, outras ocasiões, o Patorí fazia de conta que era toda qualidade de bicho. — “Agora, o que é que você quer, Miguilim?” “— Cavalo!” “— Cavalo, cavalo, cavalo? É assim: *...Rinhinhim, rinhinhim, rinhinhim...*” E batia com o pé no chão, de patada, aquele pé comprido, branquelo, que os dedos podiam segurar lama no chão e jogar longe. — “E agora, Miguilim?” “— Agora é pato!” “— Pato branco, pato preto, pato marreco, pato choco? É assim: *...Quépo, quépo, quépo...*” “— Sariema! Agora é sariema!” “— Xô! Sariema no cerrado é assim: *...Káu! Káu! Káukáukáufkáuf...*” Miguilim ria de em barriga não caber, e o Patorí sério falava: — “Miguilim, Miguilim, a vida é assim...” Era divertido.

No Dito, pensava sempre. Mas, mesmo quando não estava pensando conseguido, dentro dele parava uma tristeza: tristeza calada, completa, comum das coisas quando as pessôas foram embora. — “Você está ficando homem, Miguilim...” — falava o vaqueiro Salúz. Vaqueiro Salúz tinha mandado comprar um chapéu-de-couro novo, formoso, e vendeu o velho para o vaqueiro Jé.

No dia em que o Luisaltino não foi trabalhar na roça — disse que estava perrengue — Pai teve uma hora em que quis conversar com Miguilim. Drelina, a Chica e Tomèzinho tinham trazido o almoço e voltaram para casa. Pai fez um cigarro, e falou do feijão-das-águas, e de quantos carros de milho que podia vender para seo Braz do Bião. Perguntou. Mas Miguilim não sabia responder, não achou jeito, cabeça dele não dava para esses assuntos. Pai fechou a cara. Depois Pai disse: — “Vigia, Miguilim: ali!” Miguilim olhou e não respondeu. Não estava vendo. Era uma plantação brotando da terra, lá adiante; mas direito ele não estava enxergando. Pai calou a boca, muitas vezes. Mas, de noite, em casa, mesmo na frente de Miguilim, Pai disse a Mãe que ele não prestava, que menino bom era o Dito, que Deus tinha levado para si, era muito melhor tivesse levado Miguilim em vez d’o Dito.

No seguinte, sem ninguém esperar, chegou o mano Liovaldo, com tio Osmundo Cessim, da Vila Risonha. Foi tanta alegria e surpresa, de Mãe, Pai, e de todos, que ninguém não ia trabalhar na roça. Eles vinham passar quinze dias, por visitar, pois tinham ficado sabendo da morte do Dito. Tio Osmundo Cessim trouxe um pano de roupa para Mãe, um facão novo para Pai, uma roupinha para cada um dos meninos. Trouxe pão, também, que dava para todos; e bacalhau; e um rosário de contas rôxas, para Vovó Izidra. Tio Osmundo tinha bons cavalos, alforges vistosos, e uma mala de carregar à frente da sela, o couro da mala cheirava muito gostoso. Ele era um homem apessoado, com barba e bigode. Perguntava de tudo. Sabia muitas coisas. Dizia que aquele lugar ali de primeiro se chamava era Urumutúm, depois mudou se chamando Mutúm, mais tarde ainda outros nomes diferentes podia ter. A gente avistava tio Osmundo, sentia espécie de esperança. Mas ele logo não gostou de Miguilim, não gostava, dizia só: — “Este um está antipático...” E mexia com os beiços, sacudia a cara, aquela cara azulosa, desprazida, que o diabo deu a ele.

Mano Liovaldo tinha uma gaitinha, que tocava na boca. Emprestou a gaitinha a Miguilim, mas um instante só, Miguilim tinha jeito nenhum

para aprender a tocar — ele disse. Daí quis ver todos os brinquedos, foi especular no fundo da horta. Buliu nos anzois, até nos de Pai. Disse que quando fosse embora ia levar o Papaco-o-Paco para ele. Depois sentou no cocho do curral e todo tempo tocava na gaitinha, queria todo-o-mundo em redor dele.

Nos outros dias, Miguilim não restou em folga de brincar com o Liovaldo, porque para a roça cedinho saía. O Liovaldo recebia cavalo selado e ia brincar de campear, com o vaqueiro Jé ou com o vaqueiro Salúz. Mesmo quando não tinha serviço de roça, Pai mandava Miguilim ir buscar lenha, com o rapazinho Acúrcio, filho dum enxadeiro, queria lenha muita, eles puxavam os dois burros velhos. Depois, como sobrava muito leite, Pai mandou que todo dia Miguilim fosse levar as latas cheias até no Bugre, onde na ocasião não estavam costeando. Mãe não queria, disse que Miguilim para ir assim solitário ainda era muito pequeno; mas Pai teimou, disse que outros, mais menores, viajavam até mais longe, experimentou se Miguilim não sabia ver quando a barrigueira do cavalo estava frouxa, e se não era capaz sozinho de a apertar.

Miguilim montava no cavalo, com cangalha, punha as pernas para a frente. Era duro, não tinha coxim nenhum — o mesmo que estivesse sentado num pedaço de pau. Mas o vaqueiro Jé ensinou a botar capim em riba da cangalha, e Luisaltino emprestou uma pele de ovelha para pôr em cima do capim, de triliz. Melhorava. Pai prendia uma lata de leite de cada lado, grande. Miguilim tomava a benção e saía. O leite ia batendo, chuá, chuá, chuá, aquele barulhinho. O cavalo não podia trotar, ia a passo. Se corresse, o leite espirrava fora. A viagem enfarava. Era légua e quarto, Miguilim tinha sono. Às vezes vinha dormindo em cima do cavalo. Por tudo, tinha perdido mesmo o gosto e o fácil poder de inventar estórias. Mas, meio acordado, meio dormindo, pensava no Dito, sim.

Agora o pior era quando já estava quase chegando, logo que passava a ponte do Bugre, tinha as casas de uns meninos malignos, à beira do cerrado — o pai de um deles mesmo não gostava do pai de Miguilim — esses já esperavam ele passar, para jogarem pedradas, jogavam pedras e insultavam. Miguilim nada podia fazer: só, na hora de ir chegando lá, ele armava um galopão, avivava o cavalo. As latas sacudiam, esperdiçavam leite, depois Pai sabia e ia castigar Miguilim.

Na volta, em hora que ele estava mais tristonho e infeliz, foi-se lembrando de uma daquelas coisas que às vezes o Dito falava: — “Os

outros têm uma espécie de cachorro farejador, dentro de cada um, eles mesmos não sabem. Isso feito um cachorro, que eles têm dentro deles, é que fareja, todo o tempo, se a gente por dentro da gente está mole, está sujo ou está ruim, ou errado... As pessôas, mesmas, não sabem. Mas, então, elas ficam assim com uma precisão de judiar com a gente...” “— Mas, então, Dito, a gente mesmo é que tem culpa de tudo, de tudo que padece?!” “— É.” O Dito falava, depois ele mesmo se esquecia do que tinha falado; ele era como as outras pessôas. Mas Miguilim nunca se esquecia. Ah, o Dito não devia de ter morrido!

De onde era que o Dito descobria a verdade dessas coisas? Ele estava quieto, pensando noutros assuntos de conversa, e de repente falava aquilo. — “De mesmo, de tudo, essa ideia consegue chegar em sua cabeça, Dito?” Ele respondia que não. Que ele já sabia, mas não sabia antes que sabia. Como a respeito de se fazer promessa. O Dito tinha falado que em vez d’a gente só fazer promessa aos santos quando se estava em algum aperto, para cumprir o pagamento dela depois que tivesse sido atendido, ele achava que a gente podia fazer promessa e cumprir, *antes*, e mesmo nem não precisava d’a gente saber para que ia servir o pagamento dessa promessa, que assim se estava fazendo... Mas a gente marcava e cumpria, e alguma coisa bôa acontecia, ou alguma coisa ruim que estava para vir não vinha! Aquilo que o Dito tinha falado era bom, era bonito. Só de se lembrar, Miguilim ia levantando a cabeça e respirando mais, já começava a ficar animoso. Um dia, quando estivesse disposto, ele ia experimentar, ia executar uma promessa assim, no escuro, nas claridades. Agora, por enquanto, não. Agora ele estava sempre cansado, nem rezava quase. Mas, a promessa, ainda fazia! Por conta dos meninos da ponte do Bugre, não, nem não era preciso. Não carecia. Para aqueles, um dia ele trazia a faquinha, que ia ganhar do Luisaltino, então apeava do cavalo, de faquinha na mão, crescia para os meninos, eles se espantavam e corriam! Mas fazia a promessa era por conta de Pai. Por conta de Pai não gostar dele, ter tanto ódio dele, aquilo que nem não estava certo.

Quando Miguilim chegava em casa, Drelina ou Mãe punham o prato de comida para ele, na mêsa, o feijão, arroz, couve, às vezes tinha torresmos, às vezes tinha carne-seca, tinha batata-dôce, mandioca, ele mexia o feijão misturando com farinha-de-milho, ia comendo, sentado no banco, queria parecer o homenzinho sério, por fatigado. O Liovaldo então vinha querer conversar.

O Liovaldo era malino. Vinha com aquelas mesmas conversas do Patorí, mas mesmo piores. — “Miguilim, você precisa de mostrar sua pombinha à Rosa, à Maria Pretinha, quando não tiver ninguém perto...” Miguilim não respondia. Então o Liovaldo dizia um feitiço que sabia, para fazer qualquer mulher ou menina consentir: que era só a gente apanhar um tiquinho de terra molhada com a urina dela, e prender numa cabacinha, junto com três formigas-cabeçudas. Miguilim se enraivecia, de nada não dizer. Mesmo o Liovaldo sendo maior do que ele, ele achava que o Liovaldo era abobado, demais. Perto do Liovaldo, Miguilim nem queria conversar com a Rosa, com o vaqueiro Salúz, com pessôa nenhuma, nem brincar com Tomèzinho e a Chica, porque o Liovaldo, só de estar em presença, parecia que estragava o costume da gente com as outras pessôas. Mas então o Liovaldo ainda ficava mais querendo a companhia dele.

E foi que uma vez ia passando o Grivo, carregando dois patos, peados com embira, disse que ia levando para vender no Tipã. O dia estava muito quente, os patos chiavam com sede, o Grivo esbarrou para escutar a gaitinha do Liovaldo — ele nunca tinha avistado aquilo — e aproveitou, punha os patos para beber água num pocinho sobrado da chuva. Aí o Liovaldo começou a debochar, daí cuspiu no Grivo, deu com o pé nos patos, e deu dois tapas no Grivo. O Grivo ficou com raiva, quis não deixar bater, mas o Liovaldo jogou o Grivo no chão, e ainda bateu mais. O Grivo então começou a chorar, dizendo que o Liovaldo estava judiando dele e da criação que ele ia levando para vender.

O ódio de Miguilim foi tanto, que ele mesmo não sabia o que era, quando pulou no Liovaldo. Mesmo menor, ele derrubou o Liovaldo, esfregou na terra, podia derrubar sessenta vezes! E esmurrou, esmurrou, batia no Liovaldo de todo jeito, dum tempo só até batia e mordia. Matava um cão?! O Liovaldo, quando pôde, chorava e gritava, disse depois que o Miguilim parecia o demo.

Era dia-de-domingo, Pai estava lá, veio correndo. Pegou o Miguilim, e o levou para casa, debaixo de pancadas. Levou para o alpendre. Bateu de mão, depois resolveu: tirou a roupa toda de Miguilim e começou a bater com a correia da cintura. Batia e xingava, mordia a ponta da língua, enrolada, se comprazia. Batia tanto, que Mãe, Drelina e a Chica, a Rosa, Tomèzinho, e até Vovó Izidra, choravam, pediam que não desse mais, que já chegava. Batia. Batia, mas Miguilim não chorava. Não chorava, porque estava com um pensamento: quando ele crescesse, matava Pai. Estava

pensando de que jeito era que ia matar Pai, e então começou até a rir. Aí, Pai esbarrou de bater, espantado: como tinha batido na cabeça também, pensou que Miguilim podia estar ficando dôido.

— "Raio de menino indicado, cachôrro ruim! Eu queria era poder um dia abençoar teus calcanhares e tua nuca!..." — ainda gritou. Soltou Miguilim, e Miguilim caíu no chão. Também não se importou, nem queria se levantar mais.

E Miguilim chorou foi lá dentro de casa, quando Mãe estava lavando com água-com-sal os lugares machucados em seu corpo. — "Mas, meu filhinho, Miguilim, você, por causa de um estranho, você agride um irmão seu, um parente?" "— Bato! Bato é no que é o pior, no maldoso!" Bufava. Agora ele sabia, de toda certeza: Pai tinha raiva com ele, mas Pai não prestava. A Mãe o olhava com aqueles tristes e bonitos olhos. Mas Miguilim também não gostava mais da Mãe. Mãe sofria junto com ele, mas era mole — não punia em defesa, não brigava até ao fim por conta dele, que era fraco e menino, Pai podia judiar quanto queria. Mãe gostava era do Luisaltino... Mas até parece que ela adivinhava o pensamento de Miguilim, tanto que falava: — "Perdôa o teu Pai, que ele trabalha demais, Miguilim, para a gente poder sair de debaixo da pobreza..." Mas Miguilim não queria chorar mais. Podiam matar, se quisessem, mas ele não queria ter mais medo de ninguém, de jeito nenhum. Demais! Assoou o nariz. — "Pai é homem jagunço de mau. Pai não presta." Foi o que ele disse, com todo desprezo.

No outro dia, Mãe mandou o vaqueiro Salúz levar Miguilim junto com ele, no campeio. Era para Miguilim ficar três dias morando em casa do vaqueiro Salúz, enquanto Pai estivesse raivável. Miguilim queria ir. Só pediu à Rosa que não se esquecesse de tratar bem dos passarinhos. Dúvida que tinha, e vergonha, era uma: depois de tendo visto o Pai o tratar desmerecido assim, judiando e esmoralizando, o vaqueiro Salúz não ia também mermar com ele toda estima de respeito, e lidar às grossas, desfeiteado, desdenhado?

Mas foi tudo bom. O vaqueiro Jé veio também, até certo ponto, depois se apartava da gente, dando adeus. Miguilim montava no Cidrão, vaqueiro Salúz montava no Papavento. Beiravam as veredas, verdinhas, o buritizal brilhante. Buritis tão altos. As araras comiam os cocos, elas diligenciavam. O vaqueiro Salúz cantava:

“*Meu cavalo tem topete,*
topete tem meu cavalo.
No ano da seca dura,
mandioca torce no ralo...”

Do brejo voavam os arirís, em bandos, gritavam: — *arirí*, *arirí!* Depois, começava o mato. — “E estes, Salúz?” “— Estes são os grilos que piam de dia.” Miguilim respirava forte. — “Ei, Miguilim, vai tornar a chover: o sabiazinho-pardo está cantando muito, invocando. Vigia ele ali!” “— Adonde? Não estou enxergando...” “— Mas, olha, ali mesmo! Mesmo mais menor do que um joão-de-barro. Ele é pássaro de beira de corgo...” E Vaqueiro Salúz também cantava:

“*Quem quiser saber meu nome*
carece perguntar não:
eu me chamo lenha seca,
carvão de barbatimão...”

Mas entravam a pasto a fora, podia se cantar não, não espantar o gado bravo. A gente tinha de não ser estouvado. Avançando devagarinho, macio, levando os cavalos de môita em môita, pisavam o fofo capim, gafanhotos pulavam. Carecia de se ir em rumo da casa do vento. — “Salúz, a gente não aboia? Você não toca o berrante?” “— Hoje não, Miguilim, senão eles pensam vão ganhar sal...” Passavam os periquitos, aquela gritaria, bando, bando. Vaqueiro Salúz tinha de ver se havia rêses doentes, machucadas, com bicheira. Boi morto, boca de cobra. Ervados. — “Estou visitando eles... Olha, Miguilim, bezerro da Brindada é danadinho, tudo quanto há ele come! Come cabresto, sedenho... Ele aprendeu a se encostar na cerca, de noite, mamava que mamava. De manhã, a Brindada tinha leite nenhum. A gente custou a descobrir essa manha...” Miguilim apeou para verter água, debaixo de um pau-terrinha. Gavião e urubú arrastavam sombras. Vez em quando a gente ouvia também um gró de papagaio. O cerrado estava cheio de pássaros. No alto da maria-pobre, um não cantava, outro no ramo passeava reto, em quanto cabia: era a alma-de-gato, que vive em visgo de verdes árvores. Salúz e Miguilim saíam num furado, já se escutava o a-surdo de boi. — “Miguilim, pois então aboia, vou mesmo fazer uma coisa só para você ver como é...” Aí, enquanto Miguilim

aboiava, o vaqueiro Salúz desdependurou o berrante de tiracol, e tocou. A de ver: — “Eh cô!...” “*Huuu... huuu...*” — e a boiada mexe nos capões de mato.

Rebentava aquele barulho vivo de rumor, um estremecimento rangia, zunindo — *brrrr*, *brrrr* — depois um chuá enorme, parecia golpes de bichos dentro d’água. O gado vinha, de perto e de longe, vinham todos os mansos, bois, vacas, garrotes, correndo, os bezerrinhos alegre espinoteando, saíam raspando môitas, quebrando galhos, vinham; e uns berravam. Bruto que os bravos fugiam, a essa hora, numas distâncias. Quantidade! Mas o vaqueiro Salúz ainda achava pouco: — “Um vê, Miguilim, é boiadão grande: o chão treme! Mas isto aqui é uma boiadinha alheia...” Perto deles, bezerrinho preto abria os beiços, quase ria — banguelo; esse levantava o rabinho e com ele, por cima, dava uma laçada. Mais perto, pertinho, um novilho branco comia as folhas do cabo-verde-do-campo — aquela môita enorme, coberta de flores amarelas. E o sol batia nas flores e no garrote, que estava outro amarelo de alumiado. — “Miguilim, isto é o Gerais! Não é bom?” “— Mas o mais bonito que tem mesmo no mundo é boi; é não, Salúz?” “— É sim, Miguilim.”

Que pena que tivessem de voltar, mas de uma banda do céu já tinha armação de chuva. Passarinho maria-branca piava: — *Birr! Birr!* O vaqueiro Salúz cortou um cacho de banana-caturra. A casa dele era pequena, toda de buriti. Vaqueiro Salúz, no entrar lá dentro, também era outro, mais dono, nos modos, na fala. Miguilim brincou com aquele menino Bustica, tão bobinho — ele fazia tudo que a gente mandava. Dormiu no mesmo jirau com aquele menino Bustica, o jirau não tinha roupa-de-cama: só pano de sacos, que Siàrlinda uns nos outros costurava; e fedia a mijo não, aquele menino Bustica nem não urinava na cama, só ameaçava. Siàrlinda era tão boa, ela cozinhou canjica com leite e queijo, para Miguilim. O vaqueiro Jé de tardinha passou por lá, comeu canjica também. O vaqueiro Jé disse para não deixarem os meninos sair de perto de casa, porque tinha aparecido uma onça muito grande nos matos do Mutúm, que era pintada, onça comedeira, que rondeava de noite por muitas veredas; e o rastro dela estava estando em toda a parte. Depois o vaqueiro Jé contou que daí a uns meses a Maria Pretinha ia ter menino. Vaqueiro Salúz riu e falou assim: — “A modo e coisa que eu cá sou rôxo, e a Siàrlinda é rôxa, Bustiquinha então deu o dado. Mas você, Jé, mais a

Maria Pretinha, eu acho que o bezerrim é capaz de ser baetão, mouro ou chumbado...” E todos riram tudo.

Naqueles três dias, Miguilim desprezou qualquer saudade. Ele não queria gostar mais de pessôa nenhuma de casa, afora Mãitina e a Rosa. Só podia apreciar os outros, os estranhos; dos parentes, precisava de ter um enfaro de todos, juntos, todos pertencidos. Mesmo de Tomèzinho; Tomèzinho era muito diferente do Dito. Também não estava desejando se lembrar daqueles assuntos, dos conselhos do Dito. Um dia ele ia crescer, então todos com ele haviam de comer ferro. E mesmo agora não ia ter medo, ah, isso! Mexessem, fosse quem fosse, e mandava todo-o-mundo àquela parte, cantava o nome-da-mãe; e pronto. Quando teve de voltar, vinha pensando assim.

Chegou, e não falou nada. Não tomou a benção. Pai estava lá. — “O que é que este menino xixilado está pensando? Tu toma a benção?!” Tomou a benção, baixinho, surdo. Ficava olhando para o chão. Pai já estava encostado nele, como um boi bravo. Miguilim desquis de estremecer, ficou em pau, como estava. Já tinha resolvido: Pai ia bater, ele aguentava, não chorava, Pai batia até matar. Mas, na hora de morrer, ele rogava praga sentida. Aí Pai ia ver o que acontecia. Todos se chegaram para perto, até o tio Osmundo Cessim, Miguilim esperava. Duro.

Mas Pai não bateu em Miguilim. O que ele fez foi sair, foi pegar as gaiolas, uma por uma, abrindo, soltando embora os passarinhos, os passarinhos de Miguilim, depois pisava nas gaiolas e espedaçava. Todo o mundo calado. Miguilim não arredou do lugar. Pai tinha soltado os passarinhos todos, até o casalzinho de tico-ticos-reis que Miguilim pegara sozinho, por ideia dele mesmo, com peneira, na porta-da-cozinha, uma vez. Miguilim ainda esperou para ver se Pai vinha contra ele recomeçado. Mas não veio. Então Miguilim saíu. Foi ao fundo da horta, onde tinha um brinquedo de rodinha-d’água — sentou o pé, rebentou. Foi no cajueiro, onde estavam pendurados os alçapões de pegar passarinhos, e quebrou com todos. Depois veio, ajuntou os brinquedos que tinha, todas as coisas guardadas — os tentos de olho-de-boi e maria-preta, a pedra de cristal preto, uma carretilha de cisterna, um besouro verde com chifres, outro grande, dourado, uma folha de mica tigrada, a garrafinha vazia, o couro de cobra-pinima, a caixinha de madeira de cedro, a tesourinha quebrada, os carretéis, a caixa de papelão, os barbantes, o pedaço de chumbo, e outras coisas, que nem quis espiar — e jogou tudo fora, no terreiro. E então foi

para o paiol. Queria ter mais raiva. Mas o que não lhe deixava a ideia era o casal de tico-ticos-reis, o macho tão altaneirozinho bonito — upupava aquele topete vermelho, todo, quando ia cantar. Miguilim tinha inventado de pôr a peneira meia em pé, encostada num toquinho de pau, amostrara arroz por debaixo, e pôde ficar de longe, segurando a pontinha de embira que estava lá amarrada no toquinho de pau, tico-tico-rei veio comer arroz, coração de Miguilim também, também, ele tinha puxado a embira... Agora, chorava.

O Liovaldo apareceu. Tinha mesmo de olhar assim, feito se ele Miguilim fosse algum bicho. — "Uê, hem, malcriado? Você queria poder com o Pai?!" Miguilim fechou os olhos. — "Olha aqui, só falta o tiquinho de barro urinado..." O Liovaldo estava com uma cabacinha, dentro dela já tinha botado as formigas-cabeçudas? Miguilim não tinha nada com aquilo, o Liovaldo podia obrar o que quisesse. O Liovaldo ria por metades, parecia o capêta. — "Se você for fazer isso com a Chica ou Drelina, eu conto Mãe!" — Miguilim miou. Tinha-se levantado. De repente ele agarrou a cabacinha da mão do Liovaldo, tacou longe, no chão, foi pisou em cima, espatifou. Miguilim tinha as tempestades. — "Não era pra Drelina e Chica, não, era para Maria Pretinha, burro!" E o Liovaldo defastou, não aguentava encarar Miguilim, cismado. — "Quero mexida com dôido não, você dá acesso..." Foi saindo. Em tudo ele mentia.

Depois do jantar, tio Osmundo Cessim tirou uma pratinha de dinheiro da algibeira e quis dar a Miguilim. Mas Miguilim sacudiu a cabeça, disse que não carecia. Jeito nenhum não aceitou. E aí o tio Osmundo Cessim falou meio-baixo para o Pai: — "Seo Bero, seu filho tem coisa de fôgo. Este um não vai envergonhar ninguém, não..." Mãe olhou Miguilim, prazida. Pai escutou, e o que disse não disse nada.

Felizmente, com pouco o Liovaldo tornava a ir embora, mais o tio Osmundo Cessim. Levaram no embornal duas galinhas fritadas com farofa; levaram quantidade de breu de borá, que o Grivo vendeu. O Liovaldo deu a gaitinha para Tomèzinho. Mas só não pôde levar o Papaco-o-Paco, porque tio Osmundo Cessim falou que aperreava a viagem. Desde muito tempo Miguilim não senhoreava alegria tão espaçosa. Mas não era por causa de ter ficado livre do irmão. Menos por isso, que pelo pensamento forte que formou: o de uma vez poder ir também embora de casa. Não sabia quando nem como. Mas a ideia o suspendia, como um trom de consolo.

De novo, na roça, enquanto capinava, sem pressa podia ir pensando. — "De que é que você está rindo, Miguilim?" — Luisaltino perguntou. — "Estou rindo é da minhoca branca, que as formigas pegaram..." O Pai sacudia a cabeça. Miguilim pensava. Primeiro precisava de se lembrar bem de todas as coisas que o Dito ensinara. Daquele jeito de que se podia fazer promessa. Dali a mais dias, havia de começar a cumprir em adiantado uma promessa, promessa sem assunto, conforme o Dito tinha adivinhado. Promessa de rezar três terços, todo dia. Mais pesada ainda: um mês inteiro não ia comer dôce nenhum, nem fruta, nem rapadura. Nem tomar café... Só de se resolver, Miguilim parava feliz. Estava com um pouquinho de dôr-de-cabeça, o corpo não sustentava bem; mas não fazia mal: era só do sol. Tinha de assoar o nariz. — "É sangue, Miguilim, que você está botando..." Luisaltino trazia água, levava Miguilim para a sombra, ajudava-o a levantar um braço. — "É melhor você esbarrar e voltar para casa." "— Não. Eu capino." Já não estava botando sangue mais. Em quando refrescava o dia, o ar dos matos se retrasava bom, trespassava. Algum passarinho cantando: apeou naquele galho. Como um ramo de folha menor se desenha para baixo. As borboletas. Mas se carecia era de dobrar o corpo, levar os braços, gastar mais força, só prestar cautela no serviço, se não a ferramenta resvalava, torava a plantação. O relar da folha da enxada, nas pedrinhas, aqueles bichos miúdos pulando do capim, a gente avançando sempre, os pés pisando no matinho cortado. Dava o cheiro gostoso, de terra sombreada. As moças de lindos risos, na fazenda grande dos Barboz, as folhagens no chão, as frutinhas vermelhas de cheiro respingado — aquilo! — ah, então nunca ia poder ter um lugar assim, permanecia só aquele fulgorzinho na memória, e a enxada capinando, se suava, e o Pai ali tomando conta? Nunca mais. O corpo pesava, a cabeça ardendo, Miguilim nem ia poder cumprir promessa, agora ele desanimava de tudo. Doía.

De repente, no outro dia, Miguilim estava capinando, só sentia aquele mal-estar, tonteou: veio um tremor forte de frio e ele começou a vomitar. Deitou-se ali mesmo, no chão, escondendo os olhos, como um bichinho doente. — "Que é isso, Miguilim? Afrouxou?" Doença. Era uma dôr muito brava, na nuca, também. Tremura de frio não esbarrava. Luisaltino levantou-o do chão e teve de o levar para casa carregado. — "Miguilim, Miguilim, só assim, que é?" — a mãe aflita indagava. Vovó Izidra olhava-o e ia derreter o purgante. — "Mãe, que é que fizeram com o resto da

roupinha do Dito?" — agora ele queria saber. — "Está guardada, Miguilim. Depois ela ainda vai servir para Tomèzinho." "— Mãe, e as alpercatinhas do Dito?" "— Também, Miguilim. Agora você descansa." Miguilim tinha mesmo que descansar, perdera a força de aluir com um dedo. Suava, suava. O latido dos cachorros no pátio vinha de muito longe, junto com a conversa da Rosa na cozinha, o cló das galinhas no quintal, a correria de Tomèzinho, a fala de Papaco-o-Paco, o rumorzinho das árvores. Tudo tão misturado e macio, não se sabia bem, parecia que o dia tinha outras claridades.

Depois, Miguilim nem ia conhecendo quando era dia e quando era noite. Transpirava e tremia invernos, emborcava-o aquela dôr cravável na nuca. Só prostrado. Viu grande a cara tristã de seo Deográcias. Engulia os remédios. Sofria um descochilado aborrecimento, quando o estavam pondo na bacia maior, para banho na água fria. — "A barriguinha dele está toda sarapintada de vermelhos..." — escutava Vovó Izidra dizendo. A Mãe chorava, espairecia uma brandura. Davam banho, depois o deitavam, rebuçavam bem. Todos vinham ver. Até Mãitina. Por estado de um momento, ele pensou que ia assim morrer; mas era só aquela palavra *morrer*, nem desenrolava medo, nem imaginava fim de tudo e escuro. Tanta era a bambeza. Toda hora limpavam-lhe a boca, com um paninho remolhado. A dôr na nuca mexia, se enraizando; parecia que a cabeça, a parte sã, tinha de aguentar, mas sempre rodeava aquela dôr, queria enrolar aquela dôr, feito uma água cerca um punhadão de brasas. Aguentar aquela dôr parecia um serviço. E então Miguilim viu Pai, e arregalou os olhos: não podia, jeito nenhum não podia mesmo ser. Mas era. Pai não ralhava, não estava agravado, não vinha descompor. Pai chorava, estramontado, demordia de morder os beiços. Miguilim sorriu. Pai chorou mais forte: — "Nem Deus não pode achar isto justo direito, de adoecer meus filhinhos todos um depois do outro, parece que é a gente só quem tem de purgar padecer!?" Pai gritava uma braveza toda, mas por amôr dele, Miguilim. Mãe segurou no braço de Pai e levou-o embora. Mas Miguilim não alcançava correr atrás de pensamento nenhum, não calcava explicação. Só transpirava e curtia frios; punha sangue pelo nariz; e a cabeça redoía. Do que tirou um instante contente foi da vinda do Grivo: o Grivo trouxe um canarinho-cabeça-de-fôgo dentro de uma gaiola pequena e mal feita, mas que era presente para ele Miguilim, presente de amizade.

— "Miguilim, seo Brízido Boi matou a onça pintada. Você vai ver o couro dela..." — o vaqueiro Jé contava. Ele sentia aquela preguiça de ter de entender. Mas devia de estar melhorado, a cara de todos era mais sensata. — "Miguilim, agora você vai se alegrar: seu pai ajustou o Grivo p'ra trabalhar com a gente, ele quer aprender ofício de vaqueiro..." — falou o vaqueiro Salúz. A alegria Miguilim adiava, agora não estava em meios. Sempre cansado, todo cansado, e a água quebrada da frieza não matava a sede. Tinha saudade do tempo-de-frio, quando a água é friinha, bôa. Tinha necessidade alguma laranja. — "Laranja... Laranja..." — gemia. O corpo inteiro doía sem pontas. O Pai exclamava que ele mesmo era quem ia buscar laranja para o Miguilim, aonde fosse que fosse, em qualquer parte que tivesse, até nos confins. Mandava arrear cavalo, assoviava chamando um cachorro, lá iam. Miguilim tornava a dormir. Tornavam a dar banho. Todos estavam chorosos outra vez. — "Mãe, fala no Ditinho..." Queria sonhar com o Dito, de frente, nunca tinha sonhado. Mas não conseguia.

O Pai trazia abacaxi, lima, limão-dôce: laranja não se achava mesmo em nenhuma parte no Gerais, assim tão diverso do tempo. Miguilim tinha os beiços em ferida. — "Mãe, os dias todos vão passando?" — "Vão, Miguilim, hoje é o seteno. Falta pouco para você sarar." — "Mãe, depois mesmo que eu sarar, vocês deixam eu ficar ainda muitos dias aqui deitado, descansando?" "— Pode, meu filhinho, você vai poder descansar todo o tempo que quiser..." Dormia longe.

"Mãe... Mãe! Mãe!..." Que matinada era aquela? Por que todos estavam assim gritando, chorando? "— Miguilim, Miguilim, meu Deus, tem pena de nós! Pai fugiu para o mato, Pai matou o Luisaltino!..."

— "Não me mata! Não me mata!" — implorava Miguilim, gritado, soluçado. Mas vinha Vovó Izidra, expulsava todos para fora do quarto. Vovó Izidra sentava na beira da cama, segurando a mão de Miguilim: — "Vamos rezar, Miguilim, deixa os outros, eles se arrumam; esquece de todos: você carece é de sarar! Eu rezo, você me acompanha de coração, enquanto que puder, depois dorme..." Vovó Izidra rezava sem esbarrar, as orações tão bonitas, todas que ela sabia, todos os santos do Céu eram falados. Quando Miguilim tornou a acordar, era de noite, a lamparina acendida, e Vovó Izidra estava sempre lá, no mesmo lugar, rezando. Ela dava água, dava caldo quente, dava remédio. Miguilim tinha de ter os olhos encostados nos dela. E de repente ela disse: — "Escuta, Miguilim,

sem assustar: seu Pai também está morto. Ele perdeu a cabeça depois do que fez, foi achado morto no meio do cerrado, se enforcou com um cipó, ficou pendurado numa môita grande de miroró... Mas Deus não morre, Miguilim, e Nosso Senhor Jesus Cristo também não morre mais, que está no Céu, assentado à mão direita!... Reza, Miguilim. Reza e dorme!"

Despertava exato, dava um recomeço de tudo.

De manhã, Mãe veio, se ajoelhou, chorava tapando a cara com as duas mãos: — "Miguilim, não foi culpa de ninguém, não foi culpa..." — todas as vezes ela repetia. — "Mãe, Pai já enterraram?" "— Já, meu filhinho. De lá mesmo foi levado para o Terentém..." "— E todos estão aí, Tomèzinho, Drelina, a Chica?" "— Estão, Miguilim, todos gostando de todos..." " — E eu posso ficar doente, quieto, ninguém bole?" As lágrimas da Mãe ele escutava. — "Mãe, a senhora vai rezar também para o Dito?" O Dito sabia. Se o Dito estivesse ainda em casa, quem sabe aquilo tudo não acontecia. Miguilim chorava devagar, com cautela para a cabecinha não doer; chorava pelo Pai, por todos juntos. Depois ficava num arretriste, aquela saudade sozinha.

Seo Aristeu, quando deu de vir, trazia um favo grande de mel de oropa, enrolado nas folhas verdes. — "Miguilim, você sara! Sara, que jão estão longe as chuvas janeiras e fevereiras... Miguilim, você carece de ficar alegre. Tristeza é agouría..."

— Foi o Dito quem ensinou isso ao senhor, seo Aristeu?

— Foi o sol, mais as abelhinhas, mais minha riqueza enorme que ainda não tenho, Miguilim. Escuta como você vai sarar sempre:

"*Amarro fitas no raio,*
formo as estrelas em par,
faço o inferno fechar porta,
dou cachaça ao sabiá,

boto gibão no tatú,
calço espora em marruá;
sojigo onça pelas tetas,
mò de os meninos mamar!"

Seo Aristeu fincava o dedo na testa, fazia vênia de rapapé no meio do quarto, trançava as pernas, ele era tão engraçado, tão comprido.

— Adeusinho de adeus, Miguilim. Quando você sarar mais, escuta, é assim:

Ô ninho de passarim,
ovinho de passarinhar:
se eu não gostar de mim,
quem é mais que vai gostar?

De rir, a gente podia toda a vida. Seo Aristeu sabia ser.

Aos dias, Miguilim melhorava. Sobressarado, já podia se levantar um pouquinho, sem escora. Mas cansava logo. De comer, só tasquinhava: comida nenhuma não tinha gosto, o café também não tinha. Tio Terêz apareceu, estava com um funo de luto no paletó, conversou muito com Miguilim. Vovó Izidra abençoou Miguilim, pôs mais duas medalhinhas no pescoço dele, trocou o fio do cordão, que estava muito velho, encardido e sujo de doença. Por fim ela beijou, abraçou Miguilim, se despedindo — ia embora, por nunca mais, ali não ficava. Tio Terêz é que ia voltar para morar com eles, trabalhando, sempre. Mas Miguilim não gostava mais de Tio Terêz, achava que era pecado gostar.

Por causa do restinho de doença, ele não devia de brincar com os irmãos, nem com o Grivo. Mas podia parar sentado, muito tempo, ouvindo o Papaco-o-Paco conversar, vendo Mãitina lavar roupa e a Chica pular corda. — "Entra pra dentro, Miguilim, está caindo sereno..." Entrava, deitava na rede, tinha tanta vontade de poder tirar estórias compridas, bonitas, de sua cabeça, outra vez. Não queria nada. — "Tempo bom é este, Miguilim: a gente planta couve e colhe repolho; então, come alface..." — seo Aristeu tinha falado. — "Mãe, seo Aristeu bebe?" "— E bebe não, Miguilim. Mas ele nasceu foi no meio-dia, em dia-de-domingo..." Tio Terêz agora estava trabalhando por demais, fez ajuste com mais um enxadeiro, e ia se agenciar de garroteiro, também. Ele tinha uma roupa inteira de couro, mais bonita do que a do vaqueiro Salúz; dava até inveja. — "Se daqui a uns meses sua mãe se casar com o Tio Terêz, Miguilim, isso é de teu gosto?" — Mãe indagava. Miguilim não se importava, aquilo tudo era bobagens. Todo mundo era meio um pouco bobo. Quando ele ficasse forte são de todo, ia ter de trabalhar com Tio Terêz na roça? Gostava mais de ofício de vaqueiro. Se o Dito em casa ainda estivesse, o que era que o Dito achava? O Dito dizia que o certo era a gente estar

sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre nas profundas. Podia? Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma.

Depois, de dia em dia, e Miguilim já conseguia de caminhar direito, sem acabar cansando. Já sentia o tempero bom da comida; a Rosa fazia para ele todos os dôces, de mamão, laranja-da-terra em calda de rapadura, geleia de mocotó. Miguilim, por si, passeava. Descia maneiro à estrada do Tipã, via o capim dar flôr. Um qualquer dia ia pedir para ir até na Vereda, visitar seo Aristeu. Zerró e Seu-Nome corriam adiante e voltavam, brincando de rastrear o incerto. Um gavião gritava empinho, perto.

De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro da roupa. Miguilim saudou, pedindo a benção. O homem trouxe o cavalo cá bem junto. Ele era de óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo.

— Deus te abençoe, pequeninho. Como é teu nome?

— Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

— E seu irmão Dito é o dono daqui?

— Não, meu senhor. O Ditinho está em glória.

O homem esbarrava o avanço do cavalo, que era zelado, manteúdo, formoso como nenhum outro. Redizia:

— Ah, não sabia, não. Deus o tenha em sua guarda... Mas, que é que há, Miguilim?

Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava.

— Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? Vamos até lá. Quem é que está em tua casa?

— É Mãe, e os meninos...

Estava Mãe, estava Tio Terêz, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou. O outro, que vinha com ele, era um camarada. O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim. Depois perguntava a ele mesmo: — “Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?”

Miguilim espremia os olhos. Drelina e a Chica riam. Tomèzinho tinha ido se esconder.

— Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim...

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

— Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessôas. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante. O senhor bebia café com eles. Era o doutor José Lourenço, do Curvêlo. Tudo podia. Coração de Miguilim batia descompasso, ele careceu de ir lá dentro, contar à Rosa, à Maria Pretinha, a Mãitina. A Chica veio correndo atrás, mexeu: — "Miguilim, você é piticégo..." E ele respondeu: — "Donazinha..."

Quando voltou, o doutor José Lourenço já tinha ido embora.

— "Você está triste, Miguilim?" — Mãe perguntou.

Miguilim não sabia. Todos eram maiores do que ele, as coisas reviravam sempre dum modo tão diferente, eram grandes demais.

— Pra onde ele foi?

— A foi p'ra a Vereda do Tipã, onde os caçadores estão. Mas amanhã ele volta, de manhã, antes de ir s'embora para a cidade. Disse que, você querendo, Miguilim, ele junto te leva... — O doutor era homem muito bom, levava o Miguilim, lá ele comprava uns óculos pequenos, entrava para a escola, depois aprendia ofício. — "Você mesmo quer ir?"

Miguilim não sabia. Fazia peso para não soluçar. Sua alma, até ao fundo, se esfriava. Mas Mãe disse:

— Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar. Vai. Fim do ano, a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram...

E Mãe foi arrumar a roupinha dele. A Rosa matava galinha, para pôr na capanga, com farofa. Miguilim ia no cavalo Diamante — depois era vendido lá na cidade, o dinheiro ficava para ele. — "Mãe, é o mar? Ou é para a banda do Pau-Rôxo, Mãe? É muito longe?" "— Mais longe é, meu filhinho. Mas é do lado do Pau-Rôxo não. É o contrário..." A Mãe suspirava suave.

— "Mãe, mas por que é, então, para que é, que acontece tudo?!"

"— Miguilim, me abraça, meu filhinho, que eu te tenho tanto amor..."

Os cachorros latiam lá fora; de cada um, o latido, a gente podia reconhecer. E o jeito, tão oferecido, tão animado, de que o Papaco-o-Paco dava o pé. Papaco-o-Paco sobrecantava: "*Mestre Domingos, que vem fazer aqui? Vim buscar meia-pataca, pra beber meu parati...*" Mãe ia lavar o corpo de Miguilim, bem ensaboar e esfregar as orêlhas, com bucha. — "Você pode levar também as alpecartinhas do Dito, elas servem para você..."

No outro dia os galos já cantavam tão cedinho, os passarinhos que cantavam, os bem-te-vis de lá, os passo-pretos: — *Que alegre é assim... alegre é assim...* Então. Todos estavam em casa. Para um em grandes horas, todos: Mãe, os meninos, Tio Terêz, o vaqueiro Salúz, o vaqueiro Jé, o Grivo, a mãe do Grivo, Siàrlinda e o Bustiquinho, os enxadeiros, outras pessôas. Miguilim calçou as botinas. Se despediu de todos uma primeira vez, principiando por Mãitina e Maria Pretinha. As vacas, presas no curral. O cavalo Diamante já estava arreado, com os estrivos em curto, o pelêgo melhor acorreado por cima da sela. Tio Terêz deu a Miguilim a cabacinha formosa, entrelaçada com cipós. Todos eram bons para ele, todos do Mutúm.

O doutor chegou. — "Miguilim, você está aprontado? Está animoso?" Miguilim abraçava todos, um por um, dizia adeus até aos cachorros, ao Papaco-o-Paco, ao gato Sossõe que lambia as mãozinhas se asseando. Beijou a mão da mãe do Grivo. — "Dá lembrança a seo Aristeu... Dá lembrança a seo Deográcias..." Estava abraçado com Mãe. Podiam sair.

Mas, então, de repente, Miguilim parou em frente do doutor. Todo tremia, quase sem coragem de dizer o que tinha vontade. Por fim, disse. Pediu. O doutor entendeu e achou graça. Tirou os óculos, pôs na cara de Miguilim.

E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saíu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutúm era bonito! Agora ele sabia. Olhou Mãitina, que gostava de o ver de óculos, batia palmas-de-mão e gritava: — *"Cena, Corinta!..."* Olhou o redondo de pedrinhas, debaixo do jenipapeiro.

Olhava mais era para Mãe. Drelina era bonita, a Chica, Tomèzinho. Sorriu para Tio Terêz: — "Tio Terêz, o senhor parece com Pai..." Todos

choravam. O doutor limpou a goela, disse: — “Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d’água...” Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-Ouro. E o Pai. *Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim...* Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe dôces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.

“O tear
o tear
o tear
o tear

quando pega a tecer
vai até ao amanhecer

quando pega
a tecer,
vai até ao
amanhecer...”

(Batuque dos Gerais.)

Uma estória de amor
(Festa de Manuelzão)

Ia haver a festa. Naquele lugar — nem fazenda, só um reposto, um currais-de-gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-dos-Gerais, onde o cheiro dos bois apenas começava a corrigir o ar áspero das ervas e árvores do campo-cerrado, e, nos matos, manhã e noite, os grandes macacos roncavam como engenho-de-pau moendo. Mas, para os poucos moradores, e assim para a gente de mais longe ao redor, vivente nas veredas e chapadas, seria bem uma festa. Na Samarra.

Benzia-se a capela — templozinho, nem mais que uma guarita, feita a dois quilômetros da Casa, no fim de uma altura esplã, de donde a vista se produzia. Uma ermida, com paredes de taipa-de-sebe, mas caiada e entelhada, barrada de vivo azul e tendo à testa a cruz. Nem um sino. A imagem no altar sorria sem tamanho e desjeitada, uma Nossa Senhora feia. Nossa Senhora do Perpétuo Socôrro. Mesmo Manuelzão achara de inscrever na parte de fora a invocação, em desastradas letras, que iam não cabendo na empena exígua. Dentro, dez pessôas talvez não pudessem estar, ainda apertadas. Mas, revezando-se, mexia-se por lá multidão de mulheres, que colocavam os adornos. Chifres de boi, dos bruxos, como vasos para flores; estampas; bandeirolas recortadas de leve papel; toalhas de crivo; colchas de bilro de Carinhanha, brancas como sal e açúcar.

Manuelzão, ali perante, vigiava. A cavalo, as mãos cruzadas na cabeça da sela, dedos abertos; só com o anular da esquerda prendia a rédea. Alto, no alto animal, ele sobrelevava a capelinha. Seu chapéu-de-couro, que era o mais vistoso, na redondeza, o mais vasto. Com tanto sol, e conservava vestido o estreito jaleco, cor de onça-parda. Se esquecia. “Manuel Jesus Rodrigues” — MANUELZÃO J. ROÍZ —: gostaria pudesse ter escrito também debaixo do título da Santa, naquelas bonitas letras azúis, com o resto da tinta que, não por pequeno preço, da Pirapora mandara vir. Queria uma festa forte, a primeira missa. Agora, por dizer, certo modo, aquele lugar da Samarra se fundava.

Mas Manuelzão menos entendia o mover-se das mulheres, surgidas quase de repente de toda parte, muitas ele nem conhecia. Mau o acordo

com que elas se juntavam, semelhavam batalhão de mutirão. À sonsa, queriam afastá-lo? Enquanto fora obra de roçar a marca, torar madeira e carrear o materiame, fincar os esteios, levantar os oitões, e terminar — ele mestreara. Mas entre homens, seus homens. Agora, as mulheres tomavam conta. E ele ia ter algum jeito? A que fugiam de o encarar, sonseavam. — "Falta uma pia de água benta..." — ele reparava, de supetão, na voz de comandar mil bois. E elas se arredando, sáias astúcias, que nem um excomungado ele fosse. Fechava então o silêncio, para ser como uma zanga. Depois, tomava cuidado de dirigir-se a Leonísia, ou a alguma das dos vaqueiros. Ainda essas, sem perder-lhe o respeito, em curto respondiam, meio sem paciência, pareciam só pertencentes ao bando de todas. Não, ninguém lhe faltaria com o respeito, ali na Samarra ele era o chefe. Só que não percebia os espíritos do mulherío reunido; e aquele arremate para a festa tinha de ser de muitas mãos. Assim como não achava senso nas prendas que o povo aportava, para oferecerem à sua Nossa-Senhora da capela. Eles eram espantantes.

Todos traziam, sorrateiros, o que devia ser de Deus. Ovos de gavião — cor em cor: agudos pingos e desenhos — esvaziados a furo de alfinete. Orquídeas molhadas ainda do mato, agarradas a seus braços de pau apodrecido. Balaios com musgos, que sumiam vago incenso no seco das madeixas verde-velho. Blocos de cristais de quartzo róseo ou aqualvo. Pedras não conhecidas, minerais guardados pelo colorido ou raro formato. Um boné de oficial, passado um lação de fita. Um patacão, pesada moeda de prata antiga. Uma grande concha, gemedora, tirada com as raízes, vinda parar ali, tão longe do mar como de uma saudade. E o couro, sem serventia e agourento, de um tamanduá inteiro preto, o único que desse pelo já se achara visto, e que fora matado no Dia-de-Reis. Apareceu mesmo um jarro de estanho, pichel secular, inexplicável; e houve quem ofertasse dois machados de gentio, lisas e agumiadas peças de sílex, semelhando peixes sem caudas, desenterrados do chão de um roçado montês, pelo capinador, que via-os o resfrio de raios caídos durante as tempestades do equinócio. Deixados para o leilão, prestavam, junto com um frango-d'água sonolento — que um menino capturara à borda do brejo e atara pelos tarsos com fibra de buriti — e uma cabaça com mel de abelha urussú, docemente ácido, extraído de colmeias subterrâneas. Assim a ideia da capela e da festa longo longe andava, de fé em fé, pelas corovocas da região. Manuelzão mesmo se admirava.

Que povo, o desse baixío, dum sertão, das brenhas! De onde tiravam as estúrdias alfaias, e que juízo formavam da festa que ia ser, da missa na Samarra, na capelinha feita? Esse cafarnaúm! As lascas de pedra-de-amolar, uma buzina amarela de caçador, um bacamarte boca-de-sino todo ferrugem, uma oitavada lanterninha, rosários de fava-vermelha, santa-rita e mariola; um *rabudo* — armadilha de ferro, de pegar tatú em entrada de buraco; punhados de penas de arara, um dente de gente com ponto de ouro, um frasco azulado, as velhas cartas dum baralho; e esteiras, cestos, sacolas, caixinhas, tapas — tudo que da folha do buriti se fabricava. E até um grosso livro de contas, todas as páginas preenchidas, a tinta descorável, e que de certo fora, em tempos, de algum grande fazendeiro lavrar em limpo seus negócios. E mais até uma mortalha de homem, de ganga roxa, que nunca servira, porque a tinham costurado com despropositada urgência, mas o corpo do defunto, afogado no rio, não se achara. Criancice duma bôa gente, que remexia em seus trastes, alguma coisa tinham de trazer, menos as mãos vazias. Será pensavam preciosos só para Nosso Senhor e a Virgem esses objetos fora de serventia trivial, mas com bizarria de luxo ou de memória? Talvez então eles também fossem espertos, ladinos demais, quando compareciam com aquela trenzada — por não ter saída em comércio, nem nenhum outro seguro custo? Manuelzão, em sutil, desconfiava deles.

Sobre que se sabia o mais forte, dava de ombros, entretanto, assoado. Sua animação o levava, crescente. Não que descuidasse, por uma hora sequer, o governo do mundo dali: determinar aos campeiros e agregados a fazeção de cada dia. Mas, desde uns dois meses, quando principiara, media rude impulso, o fervor que o influía era aquele. Primeiro, ter a capelinha pronta — uma ação durável, certa. Daí, gastando um prazerzinho, tomara fôlego. Mas não bastava. Carecia da sagração, a missa. A festa, uma festa! Por si, ele nunca dera uma festa. Talvez mesmo nunca tivesse apreciado uma festa completa. Manuelzão, em sua vida, nunca tinha parado, não tinha descansado os gênios, seguira um movimento só. Agora, ei, esperava alguma coisa.

Por tudo, mesmo sem precisão, ele não saía de cima do cavalo — estava com um machucão num pé — indo e vindo da capela, sol a sol vinte vezes, dez vezes, acompanhado sempre pelo rapazinho Promitivo. Não esbarrava. Não sabia de esforço por metade. Vai agorinha, um exemplo, deixava as mulheres na arrumação e tocava para a Casa, a ver a chegada de mais

povo. Ativo e quieto, Manuelzão ali à porta se entusiasmava, público como uma árvore, em sua definitiva ostentação.

Embora dois dias para a véspera ainda faltassem, as pessôas de fora já eram em número. Gente de surrão e bordão, figuras de romaria. Alguns, tão estranhos, que antes de apear do cavalo invocavam em alta voz o louvor a Cristo-Jesus e esperavam de olhos quase fechados o convite para entrar com toda paz e mão irmã na hospitalidade geral. Outros, contando alguém doente em sua comitiva, imploravam licença para armar as tipoias ou latadas lá mesmo, na rechã descampada e ventosa, não distante da capelinha. Outros tangiam adiante cabeças de gado, sobradas para vender, pois também uma boiada estava-se ajuntando, devendo sair logo depois dos dias santos, conforme o grande aviso que Manuelzão difundira. — "... *Siô, siô, mesmo aqui mesmo que a Simarra é?*" — sempre sabiam. Pobres lazarados queriam ajudar em algum serviço, por devoção e esperança de comida. Até aleijados, até vultos ciganos, más mulheres, lindas moças — do rumo do Chapadão tudo é possível. Havia quem precisasse da caridade de agulha e linha, para recoser suas roupas, urtigadas contra os espinheiros, no atravessarem trechos de caatinga. Um ou mais de um, três vezes armado no cinturão e com chapéu-de-couro claro quebrado adiante, não ditava de esconder sua má menção de brabo sertanejo, capaz de piorar assuntos; e Manuelzão, tanto quanto conseguia disfarçar um desgosto, acolhia-os proferindo que não era bem ele, mas sim a Nossa Senhora do Socôrro, quem os agasalhava, aos que vinham para a respeitar e venerar. Principalmente mulheres, de trouxa à cabeça e pondo para a frente seus meninos, desciam a encosta — uma extensa encosta aladeirada, rachada de grotas de chuva roer, e pela qual se espalhavam, em quantidade, galhos verdes cortados de árvores, dos que os carreiros nas descidas usam para acorrentar à traseira de seus carros-de-bois, à guisa de freios. Aquém, no terço baixo dessa aba, era a Casa.

Sua casa. Sempre pudesse ser. Mas lá, a Samarra, não era dele. Manuelzão trabalhava para Federico Freyre — administrador, quase sócio, meio capataz de vaqueiros, certo um empregado. Porém Federico Freyre nem bem uma vez por ano se lembrava de aparecer, e Manuelzão valia como único dono visível, ali o respeitavam. Às horas, quando na bôa mira dum sonho consentido, ele chegava mesmo a se sobre-ser, imaginando quase assim já fosse homem em poder e rico, com suas apanhadas posses. Um dia, havia-de. Sempre puxara por isso, a duras mãos e com tenção

teimosa, sem um esmorecimento, uma preguiça, só lutando. Ele nascera na mais miserável pobrezazinha, desde menino pelejara para dela sair, para pôr a cabeça fora d'água, fora dessa pobreza de doer. Agora, com perto de sessenta anos, alcançara aquele patamar meio confortado, espécie de começo de metade de terminar. Dali, ia mais em riba. Tinha certeza. E na Samarra todos enchiam a boca com seu nome: de Manuelzão. Sabiam dele. Sabiam da senhora sua Mãe, dona Quilina, falecida. Sua mãe, que, meses antes, velhinha, viera para aquele ermo, visitando-o. Pudera ir buscá-la, enfim, era a primeira ocasião em que se via sediado em algum lugar, fazendo de meio-dono. E ela pensara até que ele fosse dono todo. A mãe apreciara aquilo, o Baixío da Samarra, a Vereda da Samarra, o território. No tempo de adoecer, ela mencionara a mesa-de-campo como o ponto ideado para se erigir uma capelinha, a sobre. Ela estava a se pensar? Lá mesmo Manuelzão a enterrou, confechando quase à borda da chã um cemiteriozinho, razoável, cercado de aroeiras, moirões que podiam durar sem acaba, e coberto pelo capim duro do cerrado, no qual, no raiar das madrugadas, o orvalho é azul e mata a sede. Ao lado, ergueu a capelinha. Enquanto pôde uma folga, na lida. O principal da ideia da capelinha então tinha sido de sua mãe. Mas ele cumprira. E ele inventara a festa, depois.

Na Samarra, aliás, Manuelzão conduzira o início de tudo, havia quatro anos, desde quando Federico Freyre gostou do rincão e ali adquiriu seus mil e mil alqueires de terra asselvajada. — "Te entrego, Manuelzão, isto te deixo em mão, por desbravar!" E enviou o gado. Manuelzão: sua mão grande. Sua porfia. Pois ele sempre até ali usara um viver sem pique nem pouso — fazendo outros sertões, comboiando boiadas, produzindo retiros provisórios, onde por pouquinho prazo se demorava — sabendo as poeiras do mundo, como se navega. Mas, na Samarra, ia mas era firmar um estabelecimento maior. Sensato se alegrara. Mordeu no ser. Arreuniu homens e veio, conforme acostumado.

Aqui era umas araraquaras. A Terra do Boi Solto. Chegaram, em mês de maio, acharam, na barriga serrã, o sítio apropriado, e assentaram a sede. O que aquilo não lhes tirara, de coragens de suor! Os currais, primeiro; e a Casa. Ao passo que faziam, sempre cada um deles recordava o modo de feitio de alguma jeitosa fazenda, de sua terra ou de suas melhores estradas, e o queria remedar, com o pobre capricho que o trabalho muito duro dá desejo de se conceber; mas, quando tudo ficou pronto, não se parecia com nenhuma outra, nas feições, tanto as paragens do chão e o desuso do

espaço sozinho têm o seu ser e poder. Daí, esperaram as grossas chuvas. Era a Casa, grada, com muitos cômodos de chão batido e só um quarto de assoalho; em dado não passava, bem dizer, de uma casa-rancho, mas com teto complexo, de madeiras, por sobrecima as talas e palmas de buriti. A rebaixa — um alpendre cercado —; o rancho de carros-de-boi; outros ranchos; outras casinhas; outros rústicos pavilhões. Contiguavam-se os currais, ante esse conjunto, dele distanciados por um pátio e pelo eirado, largoso, limpo de vegetação, porque o gado nele malhava, seu pisoteio impedindo-a. Ali e no pátio, onde os homens e animais formavam convivência, algumas árvores mansas foram deixadas — gameleiras, tinguís com frutas pardas maiores que laranjas, e cagaiteiras, ora em flôr. Os longos cochos, nodosos, cavados em irregulares troncos, ficavam à sombra delas. Enquanto os bois comiam, as florinhas e as folhas verdes caíam no sal.

Mas desde o começo Manuelzão conheceu que, para fundar lugar, lhe faltava o necessário de alguma espécie. Sentiu-o, vagarosamente. Só, solteirão, que ele era. Antes, nunca tinha pensado nisso com motivos. Pensou. Seus homens, mais ou menos velhos conhecidos, com ele vindos do Maquiné, para apego de companhia não bastavam? Ele calculou que não. E resolveu um recurso. A mãe, idosa, e que nunca aceitara de sair do lugarejo do Mim, na Mata do Andrés, no Pium-í, no Alto Oeste, não era pessoa para vir aguentar as ruindades dum princípio tão sertanejo assim. Mas Manuelzão se lembrou de um filho, que também tinha.

Esse, filho natural, nascido de um curto acaso, no Porto Andorinhas, e ali deixado, Manuelzão não o vira, ao todo, mais de umas três vezes. E ele estava agora com perto de trinta anos, se chamava Adelço de Tal, e era um rapagão cabeludo, escurado, às vezes feio até, quando meio zarolho remirava; com Manuelzão nada se parecia. A mãe morrera pontual, Manuelzão não se lembrava do nome dela. Mas esse Adelço se casara, tinha sete meninos pequenos, a mais velha com sete anos, e trabalhava para toda lavoura e gado, numa fazenda pompeana, beiras do Córrego Boi Morto, depois noutra, entre o Córrego Queima-Fogo e o Córrego da Novilha Brava, depois noutra no Córrego Primavera ou dos Porcos, lugar chamado o Barra-à-Barra; depois noutra, final, no Buriti-do-Açude. Pois Manuelzão foi buscá-lo. E ele veio, com todos. Os tempos estavam ruins em toda a parte, e não era fácil alguém resistir a um convite assim de Manuelzão, tão forte a ação dele prometia à gente lucro de progresso, seu

ânimo arrastava empós seguintes e comparsas — era um condão, ele mesmo sabia disso.

Por que os trouxera? Talvez na ocasião tivesse imaginado que a Samarra ia ser seu esteio de pouso, termo de destino. E ele mesmo, nas entradas, se louvou de ter conseguido reunir para si aquela família de tardezinha. Estivesse, naquela hora, denunciando cabeceira de velhice? Não pensava. Nem agora chegava a mudar de parecer, do que tinha feito não se arrependia. Essas coisas ocorrem nuns escuros, é custoso de saber se a gente deve se aprovar ou confessar um arrependimento: nos caroços daquele angú, tudo tão misturado, o ruim e o bom. Mas ele não punha em pé o pesar. Estavam de bem, só que, em qualquer novidade, nesta vida, se carece de esperar o costume, para o homem e para o boi. Manuelzão era o das forças, não se queixava. Os meninos, bem-criadinhos, bonitos, uma cisma achar que dele não gostavam, pois que sempre estava no estatuto de ser o avô. A mal que não sabia os gestos, nem tinha habituação para a pequenez deles, o rebuliço; mas adiava vagos intentos: aqueles netinhos ainda iam crescer, dar-lhe distintas alegrias. Já o Adelço, esse, se encobria de não se conhecer sua propensão, criatura de guardadas palavras e olhares baixos. Mas não enganava a Manuelzão: era mesquinho e fornecido maldoso, um homem esperando para ser ruim. Só punha toda estima em sua mulher e nos filhinhos, das outras pessoas tinha uma raiva surdada. Sempre aquela miúda dureza, sem teta de piedade nenhuma. Por ora, obedecia a Manuelzão — de que outro jeito ia poder proceder? Mas obedecia soturno. Um dia ele chegasse a mandar, e ái do mundo. Tinha a maldade dum cão mau? Manuelzão se aborrecia, por fora do assunto. Não queria detestar o filho. Seria, porém, aquele, um saído de seu sangue? Se assustava quase, de ter gerado e estar apurando um sujeito assim, desamigo de todos. Sua culpa. Se então, mais valesse o rejeitar outra vez e enxotar para os passados — feito a gente está pescando e dá na peneira uma serepente: um cospe um nôjo e desiste logo aquilo no movimento das águas, ligeiro, no rio, de donde veio! A vida cobra tudo. Mas a mulher do Adelço, Leonísia, era bôa, uma sinhá de exata, só senhora. Aquela tinha sinal de um sabido anjo-da-guarda — pelo convívio que ela encorajava, gerência de companhia. Ela e seu irmão dela, de uns dezoito anos, vindo também, o Promitivo. Só que esse Promitivo era declarado em vagabundo. A ser, os desiguais: que o Adelço era mouro trabalhador, de aferro; era, isso. E, Leonísia, Manuelzão mesmo respeitava. Ela ficara sendo a dona-

da-casa. Da Casa — de verdade, que ali formava seu conchêgo firme sertanejo.

Todavia, num senão, o situado escolhido não dera ponto. Por tanto, podia merecer nome outro: o de “Seco Riacho”, que o velho Camilo falou. O velho Camilo tivesse ideia para esse falar, era duvidoso; e alguém acusara por ele. Mas Manuelzão sabia, o inventante tinha sido mesmo o Adelço, que censurava, que escarnecia. Por conta de um erro. E de quem tinha sido o erro? Mas que podia acontecer a qualquer um mestre de mais sertão, pessôa perita nas solidões e tudo.

Porque, dantes, se solambendo por uma grota, um riachinho descia também a encosta, um fluviol, cocegueando de pressas, para ir cair, bem em baixo, no Córrego das Pedras, que acabava no rio de-Janeiro, que mais adiante fazia barra no São Francisco. Dava alegria, a gente ver o regato botar espuma e oferecer suas claras friagens, e a gente pensar no que era o valor daquilo. Um riachinho xexe, puro, ensombrado, determinado no fino, com rogojêio e suazinha algazarra — ah, esse não se economizava: de primeira, a água, pra se beber. Então, deduziram de fazer a Casa ali, traçando de se ajustar com a beira dele, num encosto fácil, com piso de lajes, a porta-da-cozinha, a bom de tudo que se carecia. Porém, estrito ao cabo de um ano de lá se estar, e quando menos esperassem, o riachinho cessou.

Foi no meio duma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciozinho que ele fez, a pontuda falta da toada, do barulhinho. Acordaram, se falaram. Até as crianças. Até os cachorros latiram. Aí, todos se levantaram, caçaram o quintal, saíram com luz, para espiar o que não havia. Foram pela porta-da-cozinha. Manuelzão adiante, os cachorros sempre latindo. — “Ele perdeu o chio...” Triste duma certeza: cada vez mais fundo, mais longe nos silêncios, ele tinha ido s’embora, o riachinho de todos. Chegado na beirada, Manuelzão entrou, ainda molhou os pés, no fresco lameal. Manuelzão, segurando a tocha de cera de carnaúba, o peito batendo com um estranhado diferente, ele se debruçou e esclareceu. Ainda viu o derradeiro fiapo d’água escorrer, estilar, cair degrau de altura de palmo a derradeira gota, o bilbo. E o que a tocha na mão de Manuelzão mais alumiou: que todos tremiam mágoa nos olhos. Ainda esperaram ali, sem sensatez; por fim se avistou no céu a estrela-d’alva. O riacho soluço

se estancara, sem resto, e talvez para sempre. Secara-se a lagrimal, sua boquinha serrana. Era como se um menino sozinho tivesse morrido.

Dera de ser também nessa época que um argueiro, um broto de escrúpulos, se semeara no juízo de Manuelzão? Quem sabe não fosse. Se ele mesmo às vezes pensava de procurar assim, era mais pela precisão de achar um começo, de separar alguma data a montante no tempo. De todo não queria parar, não quereria suspeitar em sua natureza própria um anúncio de desando, o desmancho, no ferro do corpo. Resistiu. Temia tudo da morte. Pensou que estivesse com mau-olho. Pensou no riachinho secado: acontecimento assim tão costumeiro, nesses campos do mundo. Mas tudo vem de mais longe. E se lembrava. Um dia, em hora de não imaginar, falara à mãe: — “Aqui junto falta é uma igreja... Ao menos um cruzeiro alteado...” Dissera isso, mas tão sem rompante, tão de graça, que a mãe mais tarde nem recordou aquelas palavras, quando ela criou a ideia da capelinha na chã. Desse jeito, as coisas se emendavam. Depois, Manuelzão, quando era de estar esmorecido, planejava a capela, a missa; quando em outros melhores ânimos, projetava a festa. Muitos assuntos ele mesmo não sabia que neles não queria pensar. Mas aquela manância da grota, de ladeira abaixo suas águas, se acabara.

Secara, e, de agora, desde os três anos, toda manhã, cada por dia, o Chico Carreiro atrelava suas quatro juntas de bois, e desciam até às Pedras, o carro cheio de latas, para buscar a água do usável. Sempre as crianças o acompanhavam; e, às vezes, o velho Camilo.

Restavam as duas filas de pequenas árvores, se trançando por cima da deixa do riacho, formando escuro um tubo fundo, onde as porcas iam parir seus leitões e as guinés punham ovos. Não se podia derrubar aquela linha de mato, porque, um dia quem sabe, o riachinho podia voltar, sua vala ficava à espera, protegida. Mas, por ora, quem descia à noite, do espigão, do alto campo — quando sabiam que o vento não estava soprando no rumo de levar o cheiro deles ao faro dos cachorros — eram a raposinha rouca e algum ouriço predador; esses se encontravam, caminho em meio, com a miúda irara, zangada, e com o gambá-d’água, que subiam do valezinho florestal do Córrego das Pedras, por sede do sangue quente das criações do galinheiro. E, nas copas do arvoredo, as rolinhas fôgo-apagou pregueavam seus ninhos.

A rola fôgo-apagou cantava continuado, o dia, mesmo na calada do calor, quando dormiam os outros pássaros. Seu canto sabe sempre se fingir

de longe, e ela está perto. Só a ser que deseje domesticar-se, mas lhe faltando um pouquinho mais de valentia necessária, ou conhecendo que não a irão aceitar assim. A mãe de Manuelzão gostava delas, das fôgo-apagou. Gostava de todas as criaturas inofensivas e vulneráveis — os meninos, a rolinha pedrês, o velho Camilo.

Por mesmo, se soube que o velho Camilo, sem contar a ninguém, tinha ido rezar na sepultura dela, levar flores, o que no comum nem era muita regra se fazer — flores do campo, pencas douradas do pau-dôce, e a do pacarí, que é a mais linda que tanto espanta, ou uns simples ramos de assapeixe, que agora em maio era quadra de se abrirem, o rosado e o branco, por toda beira de estrada. Manuelzão isso escutou, e no íntimo se agradara. Mas não o deu a entender, não disse palavra. Sua laia de chefe não o consentia. Ele tinha de ser sério severo nos exemplos. O velho Camilo podia estar com aquelas ações só por caduquice; os outros, a boca-do-povo, podiam não achar decência naquilo, mexer maldade, falarío; alguém tinha sobra para dizer que o velho Camilo estivesse solando de adulação, cada um caça e coça. Também ficava injusto aceitar com reconhecimentos aquela lembrança, assim diante dos outros, que na labuta do diário se cansavam, sem tempo nenhum para miudezas, enquanto que o velho Camilo era apenas uma espécie doméstica de mendigo, recolhido, inválido, que ali viera ter e fora adotado por bem-fazer, surgido do mundo do Norte:

— Ele asséste mais é aqui. Às vezes descasca um milhozinho, busca um balde d'água. Mas tudo na vontade dele. Ninguém manda, não...

A Samarra ia virando uma fazenda, e toda fazenda abrigava um coitado desses, raramente mais de um. Porquanto eles entre si geravam ódio, atreitos à tonta ciumeira. Ali mesmo primeiro tinha vindo um mulato surdo-mudo, a quem não se sabia chamar de que nome — como se descobrir a graça de um surdo-mudo? Chamaram-no então de José de Deus. E esse um era irritadiço e mandrião, mesmo sendo como sendo moço de porte, com arcado para trabalhar; por isso todos aconselharam Manuelzão a que o acertasse na lida mandada, bem podia. Mas, quando assim a nora de Manuelzão lhe deu a entender, o surdo-mudo se enfureceu, e rompeu embora, para o outro lado do rio, e daí para o real longe, a ponto de dele nunca mais se saber. Fora-se gesticulando, aos gungos e guinchos, entendendo-se dissesse que, para trabalhar, então seria em lugar outro, onde não o tivessem desfeiteado.

Tão logo depois apareceu o velho Camilo. Tempo entrante, já rodara pelo arredor, asilando-se em ranchos ou cafúas mal abandonadas no campo sujo. Era digno e tímido. Olhava para as mãos dos outros, como quem espera comida ou pancada. Mas às vezes a gente fitava nele e tinha a vontade de tomar-lhe a benção. Quando viu que o surdo-mudo se fora, chegou-se. Vinha só para poder receber o que lhe dessem. Mas mandaram-lhe que viesse definido e ficasse.

Ao que ficou. Deu o nome, que experimentou escrever, mas não soube, não se alembrou mais, experimentou atôa, com a ponta de um tição preto numa régua do curral. Parou triste. Camilo José dos Santos... E informou idade de oitenta anos para fora: tinha uns oito ou dez, na Alforria do Cativeiro. Nascera no Riacho dos Machados e acabara de se criar em Coração de Jesus de Inconfidência. À vista, não se percebia fosse tão idoso. Desde os pés espalhados, ele vinha para cima retaco, baixote, poucos fios de barba no queixo, poucas carquilhas nos cantos do rosto clareado austero, fundos olhos azúis, calvície nenhuma, e regularmente grisalho o cabelo, tosado baixo. Seria talvez de todos os homens dali o mais branco, e o de mais apuradas feições, talvez mesmo mais que o Manuelzão. A vida não lhe desfizera um certo decoro antigo, um siso de respeito de sua figuração. Quem sabe, nos remotos, o povo dele não tinham sido homens de mandar em homens e de tomar à força coisas demais, para terem?

Para a festa, tinham-lhe feito uma roupa nova, de riscado escuroso, paletó, camisa e calça do mesmo pano áspero, muito durável. Ele nada pedira. Mas apreciara-a, que nem que um milagre o tivesse envolvido. Ficou com as mãos sobrando, mudou o modo de sua seriedade, se alisava. Não sabia como se permanecer. A nora de Manuelzão mandara costurar a roupa, e tudo correntio, sem menção, sem avisos, como fizera para o marido, o sôgro, os filhos, ninguém podia ficar sem terno novo para a festa, a caridade formava suas regras num estipêndio vezeiro.

Como podia, o velho Camilo ajudava. — “Minha gente, vães desapear, samo’ chegar!” — convocava Manuelzão, acolhendo os forasteiros. Sem um sorriso, sem se ressair, o velho Camilo oferecia auxílio, no desarrearem a montada. — “Será dúvida?” — requeria sempre. A mesma fórmula, usava-a, um tom, às horas de comer, quando, deixando-se por último, se dirigia afinal à porta-da-cozinha, para receber seu prato feito:

— “Será dúvida?” E os meninos não sabiam aperreá-lo, nem estimá-lo, nem o respeitar diretamente. Os vaqueiros também não. Riam sério dele.

Aos mais, pessôas chegavam, sendo a véspera. A casa e o pátio rebuliam de gente composta. Também, a cavalo, veio o padre, da Pirapora. O padre estrangeiro, frei Petroaldo, alimpado e louro, com polâinas e culotes debaixo do guarda-pó, com o cálice e os paramentos nos alforges. Homens seguiam-no, por muitos lugares, um afã em estradas, para demorar a virtude da séria presença, para ouvirem mais das primeiras-missas. O padre a pôr suas vestimentas direito, e os vaqueiros voltando do campeio, esses demitiam seus trabalhos, por dois dias. O eirado se acacheava de burros e cavalos. Num galho da gameleira, se balançava a raspadeira, pendurada para o pronto. — “Seo Camilo, o senhor dá conta de tirar aquele ferro ali, pra mim?” — “Com certeza.” No aparecer a cavalgata do padre, a mando de Manuelzão o Promitivo tinha soltado seguidos três foguetes. A voz do povo levantou um louvor, prazeroso. Via-se, quando se via, era mais gente, aquela chegança, que modo que sombras. Gente sem desordem, capazes de muito tempo calados, mesmo não tinham viso para as surpresas. Apartavam-se em grupos. Mas se reconheciam, se aceitando sem estranhice, feito diversos gados, quando encurralados de repente juntos. Todos queriam a festa. Manuelzão se esquecia do pé doente, desejava conversar os sublimes com o padre, que o padre fosse servido pelas mulheres, tomasse café, com muito conforto. Mas o padre não apresentava um encoberto de ser, nenhum ar de prestígios e penitências, que a gente estremecesse. Era um padre com sanguínea saúde, diabo de moço, muito prático em todos os atos, de certo já acostumado com essas andadas no sertão, e que tudo fazia como por firme ofício — somente indagava quantas crianças havia de ter ali, de bom batizar, quantos homens e mulheres morando em par, para irem logo no sacramento — e diligenciava de não perder tempo nenhum; o mais seria depois. Para ele o povo minúcio olhava; constantemente estavam se lembrando de Deus.

Mesmo tinha viajado de vir ali, estúrdio, um homem-bicho, para vislumbrar a festa! O João Urúgem, que nunca ninguém enxergava no normal, que não morava em vereda, nem no baixío, nem em chapada, mas vevia solitário, no pé-de-serra. Desde não se sabia mais, desde moço, quando o acusaram de um furto, que depois se veio a expor que ele não executara — tinha ido viver sozinho no pé-de-serra, onde o urubú faz casa nas grotas e as corujas escolhem sombra, onde há monte de mato, essas

pedras com limo muito molhado, fontes, minadouros de água que sobe da terra aos borbos, jorra tesa, com força, o inteiro ano. João Urúgem, que morava numa choupana em árvores e môitas, que os degraus de sete lajedos — cada laje mais larga e chata — separavam da beira da lagôa, onde o jacaré-de-cabeça-azulada põe o focinho fora d'água, quando o sol sai tarde, e espirra mau-agouro e olha mau-olhado. João Urúgem fedia a mijo de cavalo. Viera de lá, por conta da festa da capela — isso se entendia. Ele não sabia mais falar corretamente com os outros, parece que chorava pensando que estava se rindo. Pegara por lá essa doença de malcheirar, quem sabe também o que ele não comia? Já não devia de se lembrar mais da culpa do furto, se esquecera. Olhado do jacaré. Quem se aproximava para ver o toco da língua dele, jacaré, ele devorava a memória da cabeça da pessôa. João Urúgem sentava no chão, punha as palmas das mãos abertas encostadas em terra, que nem para se esquentar ou esfriar. Tinha os olhos cor de água, igual os dos grandes cachorros onceiros de um homem na Vereda do Liroliro. Diziam que ele não saía daquele lugar no pé-de-serra, porque lá tinha achado uma mina de ouro, não queria que ninguém tomasse. Daquelas brenhas sai é o gavião-pé-de-serra, que é o maior de todos, rôxo-escuro, peito branco, muito grande, unhas grandes, se diz que é a águia; esse gaviãozão, ele roda por Gerais, por Baixío, mas mora mesmo é no pé-de-serra, em paredões de montanha: de lá vem voando, o corpo todo cheio de ar. E pois, aquele João Urúgem, por um assombroso, conseguira ter informação da festa, e agora estava ali, na Samarra, se aposentando no matinho para lá dos currais. Mesmo assim, os cachorros estranhavam o indício dele, iam para lá, latir. João Urúgem tinha ajuntado perto de si um monte de pedras, jogava nos cachorros quando precisava.

Manuelzão instava o povo para rezarem o terço, a mando do padre. As mulheres começavam. As mulheres sempre iam se acrescentar todas de uma banda do pátio, se desmisturando dos homens. A reza era mais delas. Houve um declarado de respeito, os outros abrindo espaço para caminho, quando chegou o senhor do Vilamão, de barba andó, o cabelo total embranquecido, trajado de vestimenta que não se usava mais em parte nenhuma, o *cavour* — sobretudo preto, com sobre-capinha que batia no cotovelo. Manuelzão sabia quem era ele, homem de muitas posses, de longes distâncias dentro de suas terras. Manuelzão o veio receber, levar pra entrar. O senhor do Vilamão já estava quase cego, tão velhinho para

andar, parecia todo de vidro, pensava que os que falavam com ele estavam era pedindo esmola: respondia que Deus desse, que ele na hora não tinha. Manuelzão explicava que isso não era, convidava, pronunciava palavreado de mais escôlha, mais bem lembrado. Mas aquele se inteirara mesmo ancião, reperdido na palha de uma velhice. Assim mal enxergava as pessôas, só supunha. Mas representava os altos gestos, talento de sucintos, o estado-mór de fidalguia. Tão esvaziado de si, de ser homem, não tinha mais os temperos do corpo, o que ainda persistia nele era o molde do muito aprendido. E Manuelzão, que o acompanhara adentro da casa, alçantes estandartes, de repente sentia a dôr de uma ferroada no machucado do pé, esbarrava no instante, sem querer se abaixar nem soltar meio-gemido. Avistava o Adelço, perpassante no fundo do corredor — ah esse não dava préstimo de vir acomodar os hóspedes, nas coisas da festa nem ajudava em nada; por certo, o Adelço tinha sofismado sempre a ideia da festa, mesmo sem disso palavra dizer!

E chegava também o Lói, um Lói, que não era mais vaqueiro, da Vereda do Liroliro, uns tempos tinha vivido de caçar onças, tinha estado pago para matar onça até na beira do Rio Barra da Égua, Córrego Curral de Fôgo, que são do Paracatú; mas no atualmente ele negociava em mulas e burros. Esse Lói, vestido com a *baeta* — um capote feio de baeta, vermelho de dando chama, de espantar boi até. O Promitivo era que espiava para aquilo, com maior atenção de inveja, o Promitivo cada vez realçava mais sua exata vocação para vagaz, o vagável sem remédio; mas, pelo menos, ele era auxiliador nas pequenas coisas, gostava de ser agradável à gente, e demonstrava todo sentimento para o acontecer da festa, agora era o que se queria. E a gente ia rezar com o povo. Que rezavam a continuação do terço, cantado: as mulheres entoavam, os homens no cantarol baixinho, uns desferindo falsete, a vozeada junta semelhava linguagem de baiano, do Bom-Jesus. Esses que podiam, como o senhor do Vilamão, o Lói, é que tinha capotes, capas, agora que estava chegando o meio-do-ano, o vento mudando pra vir quase só dos nascentes, soão e suão, mais de cima ou mais de baixo — banda de Corinto, de Buenópolis ou de Montes-Claros — e forte com frieza, um vento que zune nos altos das chapadas do Gerais, e judia com a gente nas estradas, e corta: viajor, dá até vontade de chorar. Manuelzão mesmo pensava, carecia de se desfazer da dele, já velha, de baeta azul-clara, comprar uma capona gaúcha, honrosa. Mas — imaginava — aqueles já estavam chegados ali, não tinham precisão de ficar com os

balandraus nas costas. Não eram o padre. Até ofendia aos pobres, que nem não tinham direito com o que se cobrir, com bom pano. Bom, mas que não se usava mais, era o cavú, como o do senhor do Vilamão: jeitoso para se montar a cavalo, porque se abria bem; e tinha o mantelete por cima, a capeta de abrigo, que se enrolava nos braços. Desde menino, Manuelzão sempre curtira vontade de ter um cavú daqueles, mas que não era vestimenta para gente pobrezinha, nem o pai dele Manuelzão nunca tinha conseguido possuir um. Agora, que ele para isso conseguira dinheiro arranjável, não adiantava nada, porque o cavú não existia mais, de nenhum jeito, para se comprar, nem costureira não fazia, nem alfaiate em cidades. Só o senhor do Vilamão era quem ainda alcançava competência de usar um, seu dele, resguardado em tão rica velhice, o derradeiro *cavour* que nesse mundo sobrara. E Manuelzão se extremava, achava nobre gentileza em insistir com eles para se porem à vontade, tirarem os agasalhos, que lá dentro tinha guardado onde se dependurar sobretudos. Davam demais na vista.

Nem também não era hora de vaqueirama chegar cantando abôio, em véspera de festa não se trabalhava. Tinha dado ordens. Quem era, quem, gritando assim, de ecôa-cão? Boiada chegava? Não, boiada nenhuma, só o Simião Faço, mais seu irmão Jenuário, e outros, voltando daí de rumos, depois de semana. Vadiavam. Traziam gente de fora. — "Eh, Manuelzão, já fomos, já viemos..." Tinham conhecido, de companhia, um sitieiro abastado, chamado seo Vevelho, com seus filhos, tocadores de música. Esse homem arribava de longe, passou o rio, com sua comitiva, muito em cima, no Porto-do-Pontal-do-Abaeté. Viera, por precisar de festa. Traziam seus mantimentos, não incomodavam: — "Refiro, refiro..." "— Pois é só se chegar, patrício amigo, vosmecê com seus rapazes. Fico muito satisfeito... A festa é da Santa... Aqui tem bebidas dôces e bebidas bravas..." Ah, todo o mundo, no longe do redor, iam ficar sabendo quem era ele, Manuelzão, falariam depois com respeito. Daí por mais em diante, nas viagens, pra lá do mais pra lá, passaria numa fazenda, com seus homens, e era a fazenda de um tal, ou filho dum tal, na quebrada dum morro, e o dono saindo na boca da estrada, para convidar: — "Viva, entra, chega p'ra dentro, Manuelzão! Semos amigos velhos. Eu estive lá na sua Festa..." Dinheiro era para se gastar. Sua mãe, saudosa velhinha, a melhor das de lá no Céu, havia de estar gostando, de muito aprovar. Era a festa dela. Aquele dia, ela estava juntinha com Nossa Senhora. E esses dois,

Simião e Jenuário, por que tinham tido de demorar assim tanto, em animais bons, sãos de saúde, com paga na algibeira? — Manuelzão, a gente não puderam vir antes, este seo Vevelho dava testemunha: um boiadão que chegara e esbarrara, pra travessar o rio, três mil e seiscentas cabeças, boiadama dismensa, cortada em doze golpes, três mil e seiscentas rêses, pra jogar n'água, na barra do Abaeté. Então até pediram ajuda, pagaram bem. Gado do Urucúia e gado goiano, dois boiadões que se tinham ajuntado, amor de viajar juntas, lá por entre o Cotovelo e a Forquilha, pra cá de Fróis. Tinham pedido ajuda. Cinco donos compradores diferentes, esperavam, com seus automóveis, na barra do Abaeté. Depois de atravessar o rio, iam repartir o de cada um. Tinham pedido ajuda. Mas os vaqueiros deles tinham ido adiante, no Porto-Boi e no Porto-do-Cavalo, beira do Paracatú, encontrar com os outros, receberam o gado todo. Os vaqueiros do Goiás pegaram seu dinheiro ganho, fizeram os sinais-da-cruz e deram a despedida, botando os cavalos para trás, voltando pra suas longes terras. A moçama do Urucúia, também. Contaram que com esses estava o vaqueiro Uapa — o rei de todos, montado em seu mais bonito alazão. Tinha mais três outros cavalos, e todos obedeciam a ele, afalados, amadrinhados, sabiam o querer de seu assovio. Todos cavalinhos bons, filhos de cavalos e éguas de São Romão, cada qual mais faceiro, de crinas finas. Aquilo, ele tocava, montado num, ia cantando, a cara dele lumiava, o cavalo agradecendo; e os outros cavalos dele galopavam, vinham lá de trás, para em volta dele, num contentamento, pediam para dansar, até rinchavam! Boiada em que ele entrasse, não dava trabalho. Todo fazendeiro queria ter em sua fazenda ao menos um campeiro que já tivesse companheirado algum tempo com o Uapa. Mas, tinha coisas, lá de suas certas, que ele mesmo aos outros não podia ensinar. Os goianos falavam pouco, voltaram todos, da beirada do Paracatú; eles estavam com saudade das casas. Boiadão desconforme. Enchiam as várzeas, os bois todos andando, p'r'acolá, p'r'acolí, nunca se ouviu berraria tão bonita. Semelhava que iam comer para uma vez o capim dos pastos, rapar o verde dos campos. Estercavam o sertão todo. Na tombada de um morro, inda do lado de lá, mas depois de esbarrarem, a gente veio dar ajuda. E a apartação final. Diziam esse Uapa tivesse podido vir acompanhar, então nem se carecia de ajuda. Uma fartura duma beleza. Hora inteira, o gadame passando, não se acabava. E esse senhor fazendeiro, seo Vevelho, e os filhos, ficaram na beira da porteira, tocando

os instrumentos. Seo Vevelho tocando a sanfona. Boi berrava, não berrava, e passava, escutavam quietos, sem toda tristeza. Os filhos de seo Vevelho com o bandolim e a viola. Boiada e mais boiada e mais boiada — passava adiante. Ô mundo grande! *Minrréis, mirigôis!...* Até a gente...

Manuelzão, como os dois campeiros escutava, não conseguia ser mais forte do que aquelas novidades. — "Estória!" — ele disse, então. Pois, minhamente: o mundo era grande. Mas tudo ainda era muito maior quando a gente ouvia contada, a narração dos outros, de volta de viagens. Muito maior do que quando a gente mesmo viajava, serra-abaixo-serra-acima, quando a maior parte do que acontecia era cansativo e dos tristonhos, tudo trabalho empatoso, a gente era sofrendo e tendo de aturar, que nem um boi, daqueles tangidos no acerto escravo de todos, sem soberania de sossego. A vida não larga, mas a vida não farta. Só se feito o João Urúgem, revertido ao sempre, cabelama caindo pelos ombros, o nú, as unhas. Para esse o tempo podia passar, que não adiantava. Quieto num canto, virado bicho. Mas um existir assim os olhos dos outros não mediam. Ele, Manuel J. Roíz, vivera lidando com a continuação, desde o simples de menino. Varara nas águas. Boiadeiro em cima da sela, dando altas despedidas, sabendo saudade em beira de fôgo, frias noites, nos ranchos. Até para sofrer, a gente carece de quietação. Para sofrer com capricho, acondicionado, no campo de se rever. Viageiro vai adiando. Só o medo da miséria do uso — um medo constante, acordado e dormindo, anoitecendo, amanhecendo. Já o pai de Manuelzão tinha sido roceiro, pobrezinho, no Mim, na Mata. Todas terras tão diferentes, tão longe daqui, tão diferente tudo, muita qualidade dos bichos, os paus, os pássaros. Mas o pai de Manuelzão concordava de ser pobre, instruído nas resignações; ele trabalhava e se divertia olhando só para o chão, em noitinha sentava para fumar um cigarro, na porta da choupana, e cuspia muito. Tinha medo até do Céu. Morreu.

De desde menino, no buraco da miséria. Divisou a lida com gado, transitar as boiadas. Mas, agora, viera bem chegado, àquele aberto sertão, onde havia de se acrescentar, onde esquecia os passados. — "*Lá é Cristo, e cá é isto...*" Tinha a confiança de Federico Freyre, era expedito no leal. Tinha vindo em oco: — "E desci cá p'ra baixo, como se diz, como diz o negócio: *pedindo e roubando...*" Mas ali trabalhava, lei de seu bom sentir. E prosperava. — "Nós já espichemos por aí uns duzentos, trezentos rolos de arame..." Mais havia de redondear aquilo, fazenda grande confirmada.

Cerca de arame de três fios; e levavam gado. Com a banda bôa da sorte. Sorte: a Capelinha e esta Festa davam a melhor prova!

Sertão. O lugar era bonito. O céu subia mais ostentoso, mais avistado do que na Mata do Oeste, azuloso com uns azinhavres, ali o céu parecia mesmo o Céu, de Deus, dos Anjos. E o pasto reinava bom, sem carrapatos, sem moscas de berne, sem pragas. Ao bater daquela enorme luz, o ar um mar seco. Em setembro ou outubro, o gado aqui estava mais gordo do que no Maquiné; porque os fracos, mesmo, morriam logo. O frio se engrossava bom, fazia para a saúde. E a gente, bom povo. Não falavam mole, como os do Centro, nem assurdado remancheado feito os do Alto-Oeste, sua terra. Falavam limpo duro. Eram diversos. Povo alegre, ressecado. Manuelzão era que, no meio deles, às vezes se sentia mais capiau. E, no começo, ele mais sua meia-dúzia de pessoal trazido do Maquiné, quase que muita coisa não entendiam bem, quando aqueles dali falavam. Linguajar com muitas outras palavras: em vez de "segunda-feira", "terça-feira", era "*desamenhã é dia-de-terça, dia-de-quarta*"; em vez de "parar", só falavam "*esbarrar*" — parece que nem sabiam o que é que "parar" significava; em vez de dizerem "na frente, lá, ali adiante", era "*acolá*", e "*acolá-em-cima*", e "*p'r' acolá*", e *"acolí, p'r' acolí"* — quando era para trás, ou ali adiente de lado... Estimavam por demais o nhambú, pássaro que tratavam com todo carinho, que diziam assim: "*a nhambuzinha*"... Gente de boa razão, seja com o chapéu-de-couro seja com chapéu de seda de buriti — eles não se importavam muito com as maldades do tempo. Manuelzão nos usos deles já se ajeitava. Aquele poder de gente, por ali, chegando, para a festa, todos o olhavam com admiração e aspecto. Mundo grande! Mas, ainda muito maior, quando a gente podia estar em sua casa, e os outros vinham, empoeirados de sete maneiras, por estradas sertanias — e pediam um café, um gole d'água. Cada um tinha visto muita coisa, e só contava o que valesse. — "*Lá chove, e cá corre...*" A gente mesmo, na estrada, não acostuma com as coisas, não dá tempo. Para bem narrar uma viagem, quase que se tinha necessidade de inventar a devoção de uma mentira. E gabar mais os sofridos — que de si já eram tantos. — "*Eh, mundão! Quem me mata é Deus, quem me come é o chão!...*" — como no truque. Arre, o ruim, o duro da vida, é da gente. Não se destroca. Tudo tinha de ir junto. Como no canto do vaqueiro:

"— Eu mais o meu companheiro

vamos bem emparelhados:
eu me chamo Vira-Mundo,
e ele é Mundo-Virado...”

Que nem o velho Camilo, até vinha à ideia. Por que era que ele, Manuelzão, derradeiramente, reparava tanto no velho Camilo? Quem dirá, afora mesmo ele, somente o velho Camilo estaria advertindo em sua mãe, senhora, enterrada lá no alto, pegado à capelinha — mas a alma dela, seu entender de tudo, parava era no Céu. Embora, o sentimento por dentro, que Manuelzão pensava, era o de um sendo-sucedido estúrdio: que esse velho Camilo, no diário dos dias, ali na Samarra, se pertencia justo, criatura trivial; mas, agora, descabido no romper da festa, ele perdia o significado de ser — semelhava um errante, quase um morto. Porque, assim, clareada uma festa, o velho Camilo se demonstrava a pessôa separada no desconforme pior: botada sozinha no alto da velhice e da miséria.

Para lá, para a Capela, e parecia até que para o Céu, partia a procissão noturna, formada em frente da Casa, demoradamente, e subindo, ladeira arriba; concisos caminhavam. A lua minguava, mas todas as pessôas seguravam velas de sêbo. Uma das filhas de Leonísia e Adelço, a menina mais velha, vestidinha de branco, toda francesinha, se divulgava de mais longe, carregava a imagem da Santa. Ia perto do padre. Ninguém ainda não sabia se aquela imagem tinha destino de ser Santa milagrosa, nem se o lugar da capelinha dava para prestígios. Era o que o povo pedia. De lá da frente — já à distância de uma pedrada de Manuelzão — uns inventavam um canto, ensinado por Chico Bràabóz, o preto da rabeca. Chico Bràabóz, que tinha feições finas de mouro, nariz pontudo. Ele recendia a aguardentes, mas tinha muitas memórias: as músicas, as dansas, as cantigas. Os outros acompanhavam, sustendo, o coro estremecia aquela tristeza corajosa: — “*... À Senhóoora do Socôôo-rrù...*” —; o restante era um entoo sem conseguidas palavras. Até os cães vinham ladeando, disgramados, sarapulando, escrapulando, em confusão de correria. Passou-se resvés de um curral, donde se escutava o sopro surdo dos zebús, o bater de suas imensas cartilagens. Embolavam as cabeças, no escuro, num rude aconchêgo. Cheiravam a fazenda enriquecida. Gado apartado, à-mão, para se suprir na boiada somante. *...À Senhora do Socôrro...* Quando se interrompia o cantar, os cachorros zangados latiam. Daí, então, os grilos enchiam com seu grilíriu os espaços. Ladeira acima, no corpo da noite, a

dupla fila de gente, a voz deles, todos adorando o que não viam. Primeiro as mulheres, em seguida os homens, as chamazinhas tremeleiando, o cortejo ia aos altos, trançando as curvas. A poeira saía da escuridão, correndo uma neblina amarelada. Assim aquela procissão, ela marcava o princípio da festa? Mas Manuelzão, que tudo definira e determinara, não a tinha mandado ser, nem previra aquilo. Quem então imaginava o verdadeiro recheio das coisas, que impunham para se executar, no sobre o desenho da ordem? Não embargando que ele Manuelzão fosse acolá adiante, acelerado, nem se importava que o pé doêsse, mas devia de vigiar o seguimento de tudo. E agora tinham esbarrado, para o padre baixar comando. Uma mulher carregava no colo uma criancinha toda nua, só trespassada no peito uma fita azul — por devota promessa. No frio apertado da noite, a menininha esperneava, que nem sabia falar, choramingava. A momento, encostou a mãozinha no fôgo da vela que era da mãe, se queimou, rompendo um choro mau. O povo cantava, a mãe da meninazinha cantava. Rogavam para o rugoso Céu, com estrelas, mas cheio de sobrolhos, se serenando na estrada-de-santiago. Manuelzão se retardava para trás, deixava que seguissem sem ele. Retomava seu posto, na culatra — conforme cumpria nas boiadas — os costumes de responsabilidade. Pudesse, sem falta de respeito, e ele teria vindo a cavalo, para se saber, para sentir aquilo melhor. Arrastava um pouco a perna, arfava um pouco. Chegava-se à Capela. Sem ninguém mandar, só somente, cada um ia colocando sua vela acêsa no topo de cada mourão do cemitério. Tudo alumiava. Entoava-se o Bendito. Louvado Deus seja, que só tira de mim, só me dá o porfim. Manuelzão se apressava adiante, por ali, de estabana mas se precatando — o inflamado do pé doía um pouco, nele não esbarrassem —; carecia de estar perto do padre! O povo lhe dava caminho, à sua altura, à sua pessôa. O povo esperava, inteiravam a festa, a festa eram essas necessidades.

Mas, sob um súbito, Manuelzão não queria, não podia entrar no estreito da Capela: ele estava afrontado na boca dos peitos, aquelas ânsias. Arquejava, da subida? Tomou fôlego. Não, nada não de ser. As más ideias passavam. Só — quem sabe — não seria mesmo melhor ele renunciar de sair com aquela boiada grande, que iam pôr na estrada, logo uns três dias depois da festa — para a Santa-Lua. Aconselhável era deixar de lado a opinião de orgulho, e voltar atrás no arrazoado com o Adelço, mandar o Adelço ir em seu lugar. Enquanto isso, ele ficava ali em Casa, em certo

repouso, até a saúde de tudo se desameaçar. Podia? Ah, mas nisso, consigo mesmo não concordava. Saúde bôa, de sempre; só que, nos derradeiros dias, ele tinha dormido pouco, pensar em todas as minúcias da festa deixava a gente numa nervosia. Sabor disso, de rogar ajuda e voltar atrás num trato, ele ao Adelço não dava. Onde era que o Adelço se amoitava, naquela hora? Não devia de estar dentro da Capela, com o padre, o sacristão, Leonísia, o senhor do Vilamão, seo Vevelho e os filhos, as outras pessôas de primeira vantagem. O Adelço era o contrário da festa. Mas a festa se merecia. Por ora, hoje, ainda era a véspera. Mas, amanhã, com a missa, a festa em verdade começava. Para respirar mais a solto, e descansar o pé, Manuelzão se afastava um espaço do resto do povo. Enternecia um pouco, assistir às chamas saltantes, que aguentavam a aragem, nos paus da cerca do cemiteriozinho. Manuelzão não o procurara ver: mas, à luz, redondã, de uma daquelas velas, a cara do velho Camilo se descobria, dobrada sua palidez, diferido. Sem ser forte, mas com voz conhecível, ele também cantava.

Nem era de não se saber que ele podia cantar e competia, por si, os assuntos — que era só alguém pedir, e ele desplantava de recitar, em qualquer dia de serviço, ali no eirado, à beira de um cocho: — "*O bicho que tem no campo, o melhor é sariema: que parece com as meninas, roxeando as cor morena...*" Sempre não sorria, nunca, e mesmo rir não ria; teria constantemente receio de que o tomassem por menos. Repetia ligeiro as coisas demoradas: — "*Suspiro rompe parede, rompe peito acautelado; também rompe coração, trancado e acadeado...*" Um que ouvindo, glosava: — "Isso ele decifra de ideia..." Mas não tirava de ideia, não, não desinventava. Aprendera, em qualquer parte. Aqui e ali, pegara essas lérias, letras, alegres ou tristes, pelas voltas do mundo, essas guardara, mas como tolas notícias. — "*Aí vem um rapazinho, calça preta, remendada: é bestagem, rapazinho, que aqui não arranja nada!...*" Por umas e outras, em nenhuma não se sentia que elas assoprassem da lembrança cenas passadas, que fossem só dele, velho Camilo — que já tinha sido moço, em outras terras, no meio de tantas pessôas. — "*Minha cabeça tá doendo, meu corpo doença tem. Quem curar minha cabeça, cura meu corpo também...*" Aquilo era como se beber café frio, longe da chapa da fornalha. O velho Camilo instruía as letras, mas que não comportava por dentro, não construía a cara dos outros no espelho. Só se a gente guardasse de retentiva cada pé-de-verso, então mais tarde era que se

achava o querer solerte das palavras, vindo de longe, de dentro da gente mesmo. — "*O bicho que tem no mato, o melhor é pass'o-preto: todo vestido de luto, assim mesmo satisfeito*..." As quadras viviam em redor da gente, suas pessôas, sem se poder pegar, mas que nunca morriam, como as das estórias. Cada cantiga era uma estória.

Como as compridas estórias, de verdade, de reis donos de suas fazendas, grandes engenhos e mais muitos pastos, todo gado, e princesas apaixonadas, que o canto da mãe-da-lua numa vereda distante punha tristonhas, às vezes chorando, e os guerreiros trajados de cetim azul ou cor-de-rosa, que galopavam e rodopiavam em seus belos cavalos — as estórias contadas, na cozinha, antes de se ir dormir, por uma mulher. Essa, que morava desperdida, por aí, ora numa ora noutra chapada — o nome dela era a Joana Xaviel.

Ela recontava a estória de um Príncipe que tinha ido guerrear gente ruim, trêis longes da porta de sua casa, e fora ficando gostando de outro guerreiro, Dom Varão, que era uma moça vestida disfarçada de homem. Mas Dom Varão tinha olhos pretos, com pestanas muito completas, o coração do Príncipe não se errava, ele nem podia mais prestar atenção em outra nenhuma coisa. Vai daí, foi perguntar ao Pai e à Mãe dele, suplicar conselhos:

"Pai, ô minha Mãe, ô!
estou passado de amor...
Os olhos de Dom Varão
é de mulher, de homem não!"

A Rainha ensinava ao filho seguidos três estratagemas, astúcia por fazer Dom Varão esclarecer o sexo pertencido. Quando sucedia esse final, o Príncipe e a Moça se casavam, nessas glórias, tudo dava acerto.

Joana Xaviel fogueava um entusiasmo. Uma valia, que ninguém governava, tomava conta dela, às tantas. O rei velho rei segurava a barba, as mãos cheias de brilhantes em ouro de anéis; o príncipe amava a moça, recitava carinhos, bramava e suspirava; a rainha fiava na roca ou rezava o rosário; o trape-zape das espadas dos guerreiros se danava no ar, diante: a gente via o florear das quartadas, que tiniam, esfaiscavam; ouvia todos cantarem suas passagens, som de voz de um e um. Joana Xaviel virava outra. No clarão da lamparina, tinha hora em que ela estava vestida de

ricos trajes, a cara demudava, desatava os traços, antecipava as belezas, ficava semblante. Homem se distraía, airado, do abarcável do vulto — dela aquela: que era uma capiôa barranqueira, grossa rôxa, demão um ressalto de papo no pescoço, mulher praceada nos quarenta, às todas unhas, sem trato. Mas que ardia ardor, se fazia. Os olhos tiravam mais, sortiam sujos brilhos, enviavam.

Se somava que a Joana Xaviel tinha vindo para a festa. Sonsa entrava ali, no relento da cozinha, com Leonísia e umas das mulheres de vaqueiros, ensinando as estórias. Retornadas da procissão e da reza na Capela, essas não podiam ir dormir, aguardavam que o padre apagasse a luz do quarto-da-sala. De lá, depois do portal do corredor, o padre não alcançava escutar. Nem o senhor do Vilamão, noutro cômodo, com seus dois camaradas de fiança, que dele cuidavam. Nem seo Vevelho e os filhos, dormindo na sala. Ouvia-as Manuelzão, já deitado, aqui, atrás de parede, quase encostado na cozinha. Não conseguia pegar no sono.

Sus, sus, no vão entre duas estórias, Joana Xaviel se arapuava, questionando o caso dum veredeiro, que queria vergonha com ela e, escopado, sem os favôres — somenos segundo ela dizia — saíra por meia redondeza a difamá-la a mal. Morreu, sobre o depois, sua alma veio assombrar. Mesmo agora a ira de Joana Xaviel não se fingia. A mais, vibrava em seu falar, que se expedia num resoluto:

— "...Ele me fez muito falso. Morreu e veio me representar. Veio andando de quatros patas... Que todos me ôiçam! Que todos me ôiçam! P'r' amò-de perdão... Mediato, veio logo me ver. Por conta dele, eu tinha contravindo de sair de minha casa. Onça comeu porca, leitãozinho morreu de fome... Enquanto eu tiver raiva, eu não perdoo! Eu? Não perdoo. Por qual razão que eu destravei com ele. Aquele homem, quando vivo, sabia rezas pesadas. Três dias despois de morto apareceu. Era a alma dele. Eu não tive medo nenhum, tive foi mais raiva... A cachorrinha é que ficou uinvando. Ficou assombrada. A mesmo despois que a visonha daquilo tornou a se desaparecer, a cachorrinha não teve paz. Ela não podia olhar a luz da candeia, não queria de jeito nenhum virar a cara para a banda do fôgo na fornalha..."

Que quem foi que tossiu, lá fora da porta do terreiro? O velho Camilo. Leonísia perguntou por quê que ele não entrava: há de entrasse pra dentro, vir beber um coité de chá de cagaiteira, com as pessôas. Leonísia prestava gentil a caridade — mesmo com tantos cansaços do dia, ela por suas bôas

mãos tinha botado água na bacia, tratou do machucado no pé dele Manuelzão, sem o desdém. À mente, a mãe de Manuelzão reconhecia o tamanho da alma de toda pessôa, no disparo de um olhar. Sobre Leonísia, ela redisse: — "Esta procede produzido de si, certa no esquecível e no lembrável..." —; e não dosou o bem-querer, que era para uma neta, para uma filha. A ser — e o que era que ela estudou, do Adelço? Nada. Lei que não dava opinião, nunca, em assunto de homem. Às entre-vezes, semelhava ela tivesse pena do Adelço, quem sabe por ser trabalhador na tristeza. Todo modo, o Adelço condizia qualquer obrigação, na coragem acostumada. Mas ele obscurecia na gente toda novidade de animação, as influências, toda graça de entusiasmos. A mãe de Manuelzão, se viva, também havia de ter falado com o velho Camilo para entrar, vir ouvir cá dentro. A noite seroava fria, até fazia mal, na idade dele. Velho Camilo agradecia, estava a cômodo, sentado no toco, na boca da escuridão. Só um menos apartado, feito os pobres cães cachorros, que se deitam, satisfeitos, perto das pessôas. Não adiantava encalcar, com ele porfiar. Mesmo permanecia ali porque gostava de Joana Xaviel. Gostava, de amor? A Leonísia tinha falado bondosa, mas a sério, seu respeito. Devia de ser via disso que a Joana Xaviel não apôs palavra. Às artes, começava outra estória:

— "O seguinte é este..."Aí, uma vez, era um homem doado de rico, feliz de rico, mesmo, com extraordinárias fazendas-de-gado. Tinha um amigo, que era vaqueiro, muito pobre, pobre, pobre. A mulher do vaqueiro se chamava a Destemida...

Sensato normal não havia de ser — ponto que o sono regateava de não vir — que então ele Manuelzão imaginasse só na festa? Na ideia da festa ele não estava navegado, a tudo? Quieto, devia de aproveitar para repensar mais os arranjos, escogitando meios. Verdade, que bem não carecia — cada apreparo terminara disposto, cada providência em ordem. Antes ela mesmo mesma já tinha rompido em movimento, o rojão de suas partes se sucedendo: crente que a gente já estava no meio da festa festejada. Amanhã, raiava o diazinho, a festa recomeçava mais... Mas, então, o lucro seria de não esperdiçar a espertina destas pequenas horas, e deixar de ouvir aquelas estórias — o vago de palavras, o sabido de não existido, invenções. Tomar a ocasião para presumir os benefícios do serviço do campo, o negócio de sempre. A boiada que ia sair. À Santa-Lua. Não, não carecia. A gente não estava em folga de festa? Ness'horinha, não devia-de.

Desmerecia, até estragava o avêjo da festança, se ele pegasse a refletir na viagem da boiada, no procedimento do Adelço. Aborrecia. Deixava para depois, quando a festa estiasse. Aí, resolvia. Ah, não tinha preguiça de si — mas também não assumia receio de ninguém! Era homem de ponto. Só o trunfo de rebentar as durezas — não pedia retreta de vadiação. Agora mesmo, não era por querido querer que estava ali escutando as estórias. Mais essas vinham, por si, feito no avanço do chapadão o menor vento brisêia. A bem ele tinha decidido o cálculo de botar o pé jazendo na cama, ali, para ajudar que o machucado melhorasse. Se não, estaria em pé, sobre-rondando, vigiando o povo todo se acomodar. Só que o sono se arregaçava. Se furtivava o sono, e no lugar dele manavam as negaças de voz daquela mulher Joana Xaviel, o urdume das estórias. As estórias — tinham amarugem e docice. A gente escutava, se esquecia de coisas que não sabia.

— "O seguinte é este..." O homem rico prezava toda a confiança no vaqueiro, deu a ele a melhor maior fazenda, pra tomar conta. O vaqueiro podia comportar lá o que por si entendesse, mas tinha de zelar cuidados com a Cumbuquinha, uma vaca que o homem rico amava com muita consideração. Foi quanto foi para a Destemida exigir do marido, a sentido rogo: que queria comer carne da Cumbuquinha, que precisava, porque era um desejo e ela estava grávida de criança, mesmo precisava. Até os meninos choravam: "Nha mãe, não mata a Cumbuquinha..." Mas a Destemida tinha o relógio de não ter nenhuma piedade. Não atendia, por mais prazer. O vaqueiro pobre matou a Cumbuquinha...

Não, não foi o velho Camilo quem tossiu. Foi o papagaio, o cravo — o Cravo. Dormitando em sua placa, no umbral da porta, toscanejou de resmungar e cochichar as contracoisas. Aquela hora, podia-se pôr nele a mão, coçar-lhe o cocoruto, ele se alongava, sempre em surdina refalando. Bobeias e parlendas. Que o el-rei foi à caça, real, real, por Portugal, e os cães correndo o veado: "*Au, au, au: pé!... — Matou, compadre?*" O couro era dele, Cravo, para fazer carapuça p'ra o sandeu, e depois remedar o gruziado de um perú e o choro de meninos, e o ralho da Leonísia batendo nos meninos, e cantar o *Sererê-Sererá*, parlendas dele mesmo, outras canções:

"Menina, segura
seu papagaio!
Senão ele foge

me dá trabalho...”

Ele sabia sisudo até o imoral. Era um papagaio-verdadeiro dos Gerais, e macho: com muitos amarelos na cabeça.

Manuelzão não se ria, de espírito afastado. Mas carecia de se ajudar imaginando todos os outros rindo, rindo, com barulho. Se o velho Camilo não entrava para a cozinha, tivesse ou não vontade, decerto tinha, não entrava era porque falhava ao jeito, se vexava sendo de amor. Joana Xaviel sabia mil estórias. Seduzia — a mãe de Manuelzão achou que ela tivesse a boca abençoada. Mel, mas mel de marimbondo! Essa se fingia em todo passo, muito mentia, tramava, adulava. Nem era capaz de ter chegado simples para a festa, como os outros, mas postiços manifestava: — “Vim soprar arroz p’ra sa dona Leonísia...” Por que havia de ser que logo as pessôas tão cordatas, tão quietas, como a mãe de Manuelzão ou como o velho Camilo, é que davam de engraçar com gente solta assim, que nem Joana Xaviel?

— “...A Destemida era doida varrida...” Mas até os meninos, enquanto teve carne, muitos dias, pediam: — “Nha mãe, me dá um taquinho da Cumbuquinha, pra eu assar?” A senhora mãe do homem rico escutou essa conversa dessa, por uns acasos; o vaqueiro pobre tinha informado falso, o minto de que a Cumbuquinha rolara num barranco e se morrera, quebrados os quartos. Então a Destemida, mediante venenos, matou a mãe do homem rico, antes que ela fosse poder delatar ao filho os exatos. O Homem Rico chorou um pouco, sem sofismar, daí pois mandou se fazer o enterro mais bonito que se pudesse. — “... Quando acabaram de aprontar a defunta, ela ficou um preço enorme... Os apreparos dessa mulher...” Mas a Destemida ainda se encaprichou de conseguir roubar as todas alfaias, e tochou fôgo na casa onde se guardava o corpo da velha, pra o velório. A estória se acabava aí, de-repentemente, com o mal não tendo castigo, a Destemida graduada de rica, subida por si, na vantagem, às triunfâncias. Todos que ouviam, estranhavam muito: estória desigual das outras, danada de diversa. Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah, ela tinha de ter outra parte — faltava a segunda parte? A Joana Xaviel dizia que não, que assim era que sabia, não havia doutra maneira. Mentira dela? A ver que sabia o resto, mas se esquecendo, escondendo. Mas — uma segunda parte, o final — tinha de ter! Um dia, se apertasse com a Joana Xaviel, à brava, agatanhal, e ela teria que discorrer o faltante. Ou, então, se vero ela não soubesse,

competia se mandar enviados com paga, por aí fundo, todo longe, pelos ocos e veredas do mundo Gerais, caçando — para se indagar — cada uma das velhas pessôas que conservavam as estórias. Quem inventou o formado, quem por tão primeiro descobriu o vulto de ideia das estórias? Mas, ainda que nem não se achasse mais a outra parte, a gente podia, carecia de nela acreditar, mesmo assim sem ouvir, sem ver, sem saber. Só essa parte é que era importante.

Manuelzão aceitava de escutar as estórias, não desgostava. De certo que não vinha nunca para a cozinha, fazer roda com os outros; ele não gastava lazer com bobagens. Mas, se ouvindo assim, de graça, estimava. As estórias reluziam às vezes um simples bonito, principalmente as antigas, as já sabidas, das que a gente tem em saudades, até. A mãe de Manuelzão também apreciava. Só pelo desejo dela, foi que se deixou a Joana Xaviel vir, de tempos em tempos, contar. Joana Xaviel não era querida nas casas. Mesmo porque vivia de esmolas, deduziam dizer que era mexeriqueira, e que, o que podia, furtava.

Joana Xaviel demostrava uma dureza por dentro, uma inclinação brava. Quando garrava a falar as estórias, desde o alumêio da lamparina, a gente recebia um desavisado de ilusão, ela se remoçando beleza, aos repentes, um endemônio de jeito por formosura. Aquela mulher, mulher, morando de ninguém não querer, por essas chapadas, por aí, sem dono, em cafuas. Pegava a contar estórias — gerava tôrto encanto. A gente chega se arreitava, concebia calor de se ir com ela, de se abraçar. As coisas que um figura, por fastio, quando se está deitado em catre, e que, senão, no meio dos outros, em pé, sobejavam até vergonha! De dia, com sol, sem ela contando estória nenhuma, quem vê que alguém possuía perseveranças de olhar para a Joana Xaviel como mulher assaz? Todo o mundo dizendo: que Joana Xaviel causava ruindades. Se não produzia crime nenhum, era porque não tinha estado, nem macha força, e era pobre demais. Nem nunca fora casada mesmo com ninguém. Culpavam que matara o veredeiro, de longe, só por mão de praga de ódio, endereço de raiva sentida. Por isso que, antes, o veredeiro tinha ficado era com embirrância, com ciúme, levantou o falso... E o velho Camilo? Com margens de oitenta anos, podia ainda como homem? Mas, mesmo sem ser por resposta do corpo, sem os fogos, diversas pessôas procediam a inocência de gostar dela — a mãe, mesma, de Manuelzão, outros, até as crianças... Ensalmo nenhum; súo de malícia. Suas lábias... Mas — o que alguém ali tinha dado a entender: que

o Adelço, próprio, alguma vez usava o selvagem do corpo dela! — isso havia de poder ser? Manuelzão duvidava áspero daquilo, depois se compunha para o descrer. Não, o Adelço nem era competente para essa astúcia. Nem havia de ter coragem: e a Leonísia sendo tão bonita — mulher para conceder qualquer felicidade sincera.

— "...Diz que era um Rei, tinha uma filha por casar..." O senhor do Vilamão, miúdo mansinho de tão caduco, o pai dele tinha sido o maior de todos os fazendeiros, no rumo de Paracatú. Um faraó de homem, dono de quinhentos escravos, fazenda de toda gala. Ainda ele mesmo, o senhor do Vilamão, persistia rico no que herdou, também com fazendão, quantidade de vaqueiros, enxadeiros, malados e meeiros, e assistia numa casa enorme, com capela por dentro — mas espaçosa, possuindo nobre altar, com douração, com os ornatos todos — onde cabiam bancos de jacarandá, de recosto, e a gente admirava a cruz e os instrumentos do martírio, repintados, em amarelo e azul, no forro branco do teto. Lá, naquela fazenda Atrás-dos-Môrros, se servia vinho comercial, bebidas de sala; mesmo em dias sem festa se comiam eram iguarias. Só as riquezas que guardavam em arca de roupa! O senhor do Vilamão ainda vestia camisas de holanda, que prendia com botão de brilhante, e aplicava os punhos, duros de goma. E agora estava ali, hóspede dele, Manuelzão, tinha vindo para a festa! Depois que embora fosse, alguém perguntando, ele por caduquice podia desprezar no dizer: — "A Samarra? É uma capelinha branca, com tanta parede e janelas nenhumas, tão pequenina cruz, piando de pobre..." Mas tinha vindo. Estava sendo um convidado de festa do Manuelzão. O que mal dissesse, ninguém se importava. Ah, manhã cedo a missa ia se sobressair em azo de fama, com tanta gente no contemplar! Por onde estaria agora recolhida para dormir aquela gentaria, não se escutava maior rumor nenhum, era uma noite como as outras, perpassada. Só o grilolim dos bichinhos do campo, um cachorro vez latia. Todos deviam de estar querendo dormir com aferro, por um amanhecer mais frescos dispostos. E ele, Manuelzão, não pelejava no caminho de poder ficar rico, também, um dia? Deus emprestasse a ele de chegar aos cem anos, com resistida saúde, e ele completava comprando para si até a fazenda em pompa do senhor do Vilamão, que a todas desafiava. Para teimar e trabalhar, se crescia, numa coragem de morder os ferros. Ah, tanto dava barra no impossível. Supunha a morte? Carecia de um filho, prosseguinte. Um que levasse tudo levantado, sem deixar o mato rebrotar. Não o Adelço

— ele sabia que o Adelço não tinha esse valor. Doía, de se conhecer: que tinha um filho, e não tinha. Mas esse Adelço saíra triste ao avô, ao pai dele Manuelzão, que lavrava rude mas só de olhos no chão, debaixo do mando de outros, relambendo sempre seu pedacinho de pobreza, privo de réstia de ambição de vontade. Desgosto... Como ter um remédio que curasse um erro, mudasse a natureza das pessôas?

A estória da Carolina: — "*A preta chegou nos agrades da cadeia, e deu o recado: que ele pudesse ir, que a Princesa chamava. Quando voltou, arengou à Sinhá...*" Agora a gente ouvia a risada alegre do Promitivo, ele também na cozinha, escutando as estórias. Esse Promitivo se parecia demais com a Leonísia, um o retrato da outra. Só que ele era valdevinos, no tanto que ela era trabalhadeira. Aprontara tudo para a festa. Manuelzão tinha pensado que dar uma festa custasse mor trabalho. Não era. Cada um fazia, de lado seu. Até o Promitivo. Até o Adelço. Mas mais trabalho para Leonísia, e p'r' as outras que ajudavam, agora nem iam se deitar pra dormir. O padre ainda devia de estar com a luz acêsa no quarto, rezando sempre, podia chamar, carecer de alguma coisa? — "*Era uma mulher muito fazendeira... Deixou o filho se criar na lei da habituação...*" O rapaz foi trabalhar para o Presidente. Entrou em batalhão. Fez um grande malfeito, ele foi preso. Mandou atrás de sua mãe. Ela chegou, saudaram:

— *"Minha senhora dona,*
que milagre é um?
que milagre é um?
A senhora por aqui?"
....
— *"Me puseram preso no pelourim..."*

Leonísia era linda sempre, era a bondade formosa. O Adelço merecia uma mulher assim? Seu cismado, soturno caladão, ele encabruava por ela cobiças de exagero, um amúo de amor, a ela com todas as grandes mãos se agarrava. Nem a gente podia aquilo moderar, não se podia repreender, com censuras e indiretas; pois não era a mulher dele? Mas o Adelço só tinha prazer na mulher, afora o trabalho e os filhos só via no mundo a mulher; avêsgo, lambuzado. Não tinha afeição para mais ninguém. Por conta disso, para não se separar da Leonísia, o prazo de um mês, era que o Adelço remancheara, não declarara firme desejo de conduzir a boiada, não se

oferecera insistido para chefiar a comitiva da boiada — deixara que a ele mesmo, Manuelzão, competisse aquela ida. O Adelço tinha-se feito peso-mole de melhor não ir: pois queria era ficar, encostelado, aproveitando os gôstos de marido, o constante da mulher, o bebível, em casa com cama. Nada, não — dei'stá! — ele, homem, ia! Ele, Manuelzão. Quisesse, não ia, isto sim; não era ele sozinho quem mandava, amo, na Samarra, em tudo?! Era só querer, decidir, e falar determinado: — "Adelço, eu resolvi, eu fico. Há-de-o, arruma a trouxa, sela o cavalo, e vai!" Ah, e fosse, sem rosnar, de bôas-vontades. Não me vem com reflagidos! Dito que ele era quem mandava — por ser o pai, o dono, por ter as custas do dinheiro. Mesmo, por um capricho legal, não estava no poder de mandar aumentado? Assim: que, depois da boiada entregue, ainda o Adelço carecesse de ir mais para adiante, mais longe, mais tempo, — levar por exemplo um bilhete, em mão, na Sete-Lagôas, no Belorizonte, no lugarejo do Mim, na Uberaba! — então tinha de passar não era um mês, não, mas dois, três, seis meses, sei lá, longe da Leonísia. Pra ver o que é bom...

Não, esse perigo não tinha, não. Não tinha, porque ele Manuelzão era alto para sustentar toda ordem, toda decisão dada. Falou que ele mesmo ia, ia. Sorte do Adelço, escapado de lição, e que lucrava. Brios da vida: —*"Eh, Manuel J. Roíz não bambêia!..."* Havia de descorçoar? Só o não-sei-o-que que estava meio quase sentindo, que principiava a não-querer sentir, dessa viagem. Será que estava mesmo cansado nos internos, desnorteado com a festa? Porque, incertamente, dessa vez, ele dissaboria de ir, desgostava daquela boiada em jornadas, a ideia dela era pesada; e não aceitava um palpite ruim, o sussurro duns receios. Na saúde? As dormências, os arroxeados nos beiços, o retôrto da canseira — e também, a qualquer esforço, com mais demora, logo lhe subia uma supitação. Ah essa falta-de-ar, o menos apetite de comer; umas dôres... Suspeitava fosse via de morrer. A alma do corpo põe avisos. Desar disso — ei, então, gente, estavam achando que ele, Manuelzão, levava a breca, no bom repente ia bater com o rabo na cerca?! De primorosa! E, imagine só, logo agora, com tanto emprazo de serviço para empurrar, capela e festa feitas, e braças e braças de campo por se fechar, e os gados... Nem pensava. Primeiro, tinha querido mesmo ir, em vez do Adelço, para depois, no fim da boiada, pagar consulta com um médico, no Curvêlo. Agora não queria, não. Toleimada. Carecia de médico não, saúde é mesmo isso, que para lá e para cá varêia, no atual; ele estava substante de bom. Sim, se sabia bom, pau-e-pedra,

pronto para destaques. Só o que estava era assarapantado com essa festa. E o pé-me-dói, aquela maçada. Pudesse logo sarar do pé, isto sim. Amanhã é que ia ser mesmo a festa, a missa, o todo do povo, o dia inteiro. Dião de dia!

Ao depois, nos acabados, essa gentama se espalhava, indo-se embora. Uma festa é que devia de durar sempre sem-fim; mas o que há, de rente, de todo dia, é o trabalho. Trabalhar é se juntar com as coisas, se separar das pessôas. Ele Manuelzão nunca respirara de lado, nunca refugara de sua obrigação. Todo prazer era vergonhoso, na mocidade de seu tempo. Tempos duros, que o Adelço de certo não tinha conhecido. Agora, Leonísia era uma fonte-d'água de bonita, o Adelço não se desamarrava de perto dela. Casar, assim, era fácil! Ah, mas fosse querer saber dos passados. Antigamente era antigamente. Ali mesmo, na Samarra, estava um velho amigo companheiro, Acizilino, esse tinha exemplo para dar. A quando Acizilino se casou, ele e Manuelzão trabalhavam pra Nhô Acácio, nos Algodões. Acizilino, depois do casamento, podia ter tomado folga, de gala de repouso; se tanto, se duvidar, uns dias. Mas fez questão de sair com a gente, ele casou num sábado e se saíu na segunda, com o gado, esse trem, que se ia para o Capão das Almas, por fora de uns mais de quarenta e cinco dias, ida e volta só. Não queria que o patrão e os outros pensassem que ele estava gozando a vida. Tinha vergonha de saberem que estava lá, em sua casa, em lùademéis, casado por um divertimento. Tudo se castigava comedido assim — quem cantava não dansava. Coisa bôa, a gente come é em pé, às pressas, nos intervalos. Ah — *alegria do pobre é um dia só: uma libra de carne e um mocotó...* — como se diz! Por mesmos, ele Manuelzão não tinha se casado. Macaco não tem dois gôstos: assoviar e pular de galho... Pegara o agrado de mulheres acontecidas, para o consumo do corpo: esta-aqui, você-ali, maria-hoje-em-dia — eram gado sem marca, como as garirobas, sem dono, do cerrado. Nem não moravam dentro das terras de seu serviço. E ele nunca se descuidara de não gostar demais delas. Isto é, às vezes, tinha gostado. Tinha até chorado, lágrimas, dessas que violão toca. Mas a roda da vida empuxava. Carecia de estreitar os desejos, continuar seus caminhos. O destino calça esporas. Tantamente, agora, já estava melhorado de vida. Surgia com uns fiozinhos brancos se entremeando no baixo do cabelo, que muito aumentavam. Mas, ali na Samarra, ele feito se fazia. Separava suas cinquenta vacas, e uns oito entre burros e cavalos, só dele. De bom alarde. E cumpria bem tudo para servir

Federico Freyre, leal. Supria a Samarra: os campos vividos, berro de bom gado, o arame das cercas tomando conta do Baixio, e terrenos agrícolas, terras lavradas, o arrozal como flôr; o saco aberto, cheio de feijão. Diversidade grande de quando de primeiro se tinha vindo, se dormia ali, no arrancho, e os macacos manhaneiros gritando juntos matinavam, dependurados das árvores, quase que podendo bulir com as mãos nas cangalhas da gente! Sempre fora homem firme. E agora estava hospedando o padre. O senhor do Vilamão, seo Vevelho, pessôas de posse. Mais ainda havia de melhorar, e muito, tudo. Por ora não se podia uma laranjeira, nem bananeira, nenhum pé de fruta — formiga desmanchava; espera, que a gente ia acabar com as formigas que amolecem o chão, e com o macacume de mato-dentro. A ver, aquela boiada ia ir. Tudo em ordem. Trem bom, enchendo os pastos. Tinham de sair em sul, serra acima, avançando com cautela, tocado de um mês de viagem, por aí ããã, rêses mais de novecentas, até umas vacas com os bezerrinhos. E havia de se cumprir certo. Aquele Acizilino ia junto; e, engraçado de se pensar: ele Manuelzão nunca se casara, mas, agora, constituía de patrão. E o Acizilino, mesmo velho companheiro amigo, como sendo, para ele trabalhava de empregado. Boiada! Mas só para se raciocinar depois da festa. Agora, o que se estabelecia era a festa. Uma festa terrível. Até para fazer festa, a gente carece de estar acostumado.

Joana Xaviel não terminava nunca de acabar aquelas estórias? O padre não esbarrava de rezar no quarto, não se adormecia? Hora de Leonísia e as outras irem para a cama, tomarem algum repouso, na rompida do dia tudo tornava a começar, aquele movimento de povo, povo. Gente dormindo por aí, homens e mulheres. Até onde é que aquele pessoal todo ia, fazer suas necessidades, só se via gente abundando pra debaixo dos arvoredos, na grota que tinha sido do riachinho. Ali havia plantas que ainda guardavam viço muito verde, de por águas corridas naquele cavo chão. Joana Xaviel decerto ficava para pernoitar na cozinha. O velho Camilo morava num canto, no quarto dos arreios. Mas, por esta vez, tinha demais outras pessôas, também dormindo lá. Joana Xaviel, no dar da meia-noite, não se trasmarcava? Mas não seria verdade que o Adelço aos os olhos bodejasse, querendo com ela. O Adelço só tomava calor com Leonísia... Mas, ele, Manuelzão, que não possuía mulher formosa no canto da cama, então não estava livre para assim-e-assado, alguém poderia debicar e reprovar? Seguro que ela não passava de uma chapadeira percebida feiosa; mas isso

era negócio pessoal, desde que ele mesmo quisesse, para um variamento, ninguém não tinha que confrontar, por ele não pôr os pontos altos. E o velho Camilo? Triste de um, soez sujeitado, nesse sertão. Resumo que vivia, por esmola. E logo ali, nos desmandados lugares... Quase todo o mundo tinha medo do sertão; sem saberem nem o que o sertão é. Sertanejos sabidos sábios. Mas o povo dali era duro, por demais. Mais, então, as mulheres. A gente perguntava: — "Vocês não têm medo de onça?" Essas respondiam: — "A gente tem remorso delas não..." A que duas mulheres de campeiros estavam buscando lenha no cerrado, de tardinha, hora do escurecer, elas tinham levado os cachorros. Em certo repente, os cachorros delas deram de guerra, e a contravulto avançaram num outro cachorro, no semiscuro elas não podiam notar bem, só ouviram o refunfo, mas baixaram o porrête no outro cachorrão, o bicho era mais forte, os cachorrinhos de casa estavam perigando. Deram, de derrubar. Mataram. Daí, então, foram ver, era uma onça-vermelha: uma suassurana-do-lombo-preto, das que são grandes... O couro da sússua estava ali, desespichado. Joana Xaviel também era assim. Gente esperta, remacheada, sem trava no cabo da mão. Mas ele, Manuelzão, podia com eles.

Agora, tinham acabado de contar as estórias, ido se deitar, não sobrava mais conversa na cozinha. Leonísia já devia de estar em cama, junto com o Adelço, só ele tinha o direito de olhar a formosura alegre de Leonísia. Mesmo de pensar, mesmo de reparar no rosto, no descanso de Leonísia. Deus de lei. Maus pensamentos. A Leonísia devia de ter permanecido sempre exata donzela formosa, não se casado com ninguém. Ele queria pegar logo no sono, para poder levantar cedo, não estar o dia inteiro da festa desdormido, com vencimento de cochilar. Mas não estava vigorando adormecer. Havia de ser o nervoso da influência, tanta gente em vago, tanta coisa. Festa remexia. Essas graças: ele podia ter feito tudo ali, o que fez, que gastou os dentes da boca — trabalho retesado, semeando bem o dinheiro de Federico Freyre — e com aquilo não abria poder de chamar aquela arribação de gente, de uma vez, visitando. Agora, aprontou a capela, prometeu a festa, o povo vinha. Só a festa. Sua mãe, mesmo, não devia de ter imaginado assim, quando a ideia da capela ela disse forte. Semelhantemente, ele havia de mais progredir. Não estava com sonhice, não cuspia para cima, não despautava. Mas ele sabia os seus e vossos. Deus desse saúde! Assim ele ia investindo, a todo seu poder, nos antebraços do tempo. Trabucava. Se a rasgo não se lida, todo santo dia,

com vontade de abrir um adiante, então tudo desmerece, desanda, de pior, pior, pra trás, as coisas ganhas começam a escapulir, vão não estando nas mãos da gente. Trabalhar, até alcançar a firmeza de uns assim, de quem o nome vale. O senhor do Vilamão. Trisavô, tataravô dele, tinham desbrenhado os territórios, seus homens de arcabuz sustentando de guerrear o bugre, luta má, nas beiras de campo — frechechéu e tiroteio. Mas, esses, podiam simples cantar:

Montado no meu cavalo
eu abri este sertão...

Agora, o senhor do Vilamão, velhinho, quase cego, nem tinha filhos, nem tinha parentes, mas todo o mundo o prezava. Não tomavam dele o que era posse em seu nome, e que estava mais garantido do que a lei. Mas, o pequenino, o pobre, sofre, sofria sempre. O preto Zé Grosso, campeiro do Major Adagmo, do Atoleiro, costumava roubar alguma rês dos outros. Umas duas vezes, já consumira gado da Samarra, novilhos com o ferro dali. Se a gente reclamava, era questionado. Já tinha dito declaração: se o preto não tem responsabilidade de patrão, que honre para as regras, então era ladrão atôa, safado, podia se pegar e fazer corda de justiça. Ou era na boca do revólver: — "Eu mato, mesmo. Visto isso, ele sabe, não me dê prejuízo..." Tudo coisas. Tinham espancado um veredeiro meio bobo, pra cá do Nhão. Tomaram os trens dele. Era preciso a gente possuir base do seu, com volume. Ter dinheiro, muita terra e gado, e braços de homens pagos, e dar-se ao respeito, administrar política. Sempre esse susto de se vir a cair outra vez na pobreza. Era como ferrão de carreiro, espicando aguilhada nas moles costas.

Uns, pobres de ser, somenos como o velho Camilo, esses nem tinham poder de nada, solidão nenhuma. Viviam, porque o ar é de graça, pois. Velho Camilo tinha vindo p'r' acolí, nem se sabia de donde. Pegara a viver com a Joana Xaviel, na mesma cafúa. Como havia de ser a vida deles dois, lá, na casinha sem dono, na chapada? Como era que eles conversavam? Réles tinham nada de seus, nem trabalhavam. Um saía para uma banda, o outro por outra, pedindo coisas de comer pelo-amor-de-deus, tiquinho de mantimentos. Como é que duas criaturas assim se gostavam? Vê-se em mundo cada coisa!

Como o João Urúgem, caso assim até depunha, apoucava o espírito do arredor. O certo, de cristão, havia de ser terem ido pegar aquele, no cujo mato, no pé-de-serra, logo depois que se decidiu que ele mesmo de nada era que não tinha sido o furtador. Ir buscar o João Urúgem, dar banho nele, rapar os cabelos, cortar as unhas das mãos e dos pés, tratar direito, dar preceito... O lugar carecia de progressos. Os meninos do Adelço, os netinhos dele Manuelzão, iam crescer, criar ali. Mas, como filhos de fazendeiro, recolhendo as comodidades, tendo livro de estudo. Criaturas feito o João Urúgem, não podia mais haver, era até demoniamento. João Urúgem, no caminho do pé-de-serra — uma rua, uma grande estrada morta. Se as pessôas não fossem lá levar, vez, vez, alguma peça velha de roupa, o homem se prazia nú, na bronca. Manuelzão só tinha espiado aquilo numas duas chegadas, campeando gado fujão. Boi bravo ganhava para aquelas brenhas, amontavam, ficavam comendo de folha de árvore no excesso do mato, só para não se dar pra vaqueiro ver. Consoante que o zebú, esse sabia até se erguer em pé, a mor de colher folhagem alta. O lugar era da mãe do demo. Manuelzão tinha avistado um corujão lá — espedaçando uma cobra com as bicadas — era uma jararaca-verde, venenosa, não se esquecia. Mesmo por isso aprovava que o João Urúgem viesse. Pois às vezes imaginava se, com afinco, se não tinha algum jeito de se aproveitar no útil aquele ser: ensinando o Urúgem a zelar, que nem um meio-posteiro — para informar notícias e tanger de volta para a Samarra qualquer rês que arribasse no pé-de-serra? João Urúgem guardava raiva antiga de todo o povo dos lugares do Baixío, por conta do falso que contra ele tinham em outro tempo acusado; mas Manuelzão era de fora, estava fazendo fazenda, o Urúgem achava que ele ia mudar tudo por lá, e castigar os outros. Sandice. Quem castiga nem é Deus, é os avessos.

Velho Camilo se sabe tinha morado mais de uns seis meses, na cafúa, com a Joana Xaviel. De lá pegara a vir, dias em dias, à Samarra, pedir um feijãozinho, um sal. Daí muito se disse que aquilo não resultava bem, os dois, não dava. Somente se vê: eles necessitando da caridade, e vivendo assim num bem-estar? Nem não eram casados. Tinham de se apartar, para a decência. Mais o velho Camilo e a Joana afirmavam, que no entre-ser não tinham as malícias. Pois então, melhor, aí é que não precisavam de estanciar juntos. A gente ou é angú ou é farinha. Se apartaram. O velho Camilo veio para a Samarra, teve de vir: se deu ordem. Por maldade, não, picardia nenhuma, que ele Manuelzão não era carrancista. Mas, tinha lá

alguma graça aquela estória de amor nessas gramas ressequidas, de um velhão no burro baio com uma bruaca assunga-a-roupa? A de menos que ele, Manuelzão, como chefe, como dono, é que ia ter mãezice de tolerar os casos, coisa que a todos desapraz? Procedeu. Se penavam por conta disso, era a vida em seus restantes, não se carecia de ter escrúpulo — caducagem dum, vadiação de outra — nem de se conceder, a tal. Agora, quando aparecia, a Joana socorria sempre um ensêjo de conversar com o velho Camilo, quando ninguém estava por próximo, de notar; porque ela era levada. O velho Camilo, retreito, vergonhoso. Não facilitava de caçar a outra, de xodó, parava olhando, adiado, pateta, esquecido de si. Seja, às vezes, nhenhém salivava e engulia, repetido, com os fechados beiços; ria sem formato.

Sobreestava a festa. Tudo virava outro, com o mundo de povo de fora, principal. Há-de, quem devia de vir, para exaltar a longe os festejos, era esse Uapa, com seus cavalos companheiros, vaqueiro maior do Urucúia e de todas as partes. Manuelzão tinha vontade de confirmar. Contavam que ele regia o dôido correr da boiada mais aos azúis, igual só se estivesse brincando de prenda em salas. Vai ver, nem era. Não havia de ser mais atirado, no vaquejo, do que o Casimiro Boca-de-Fôgo, o Zazo Minas-Novense, o Higino, o Hilário do Riacho do Boi, João Xem, João Vaca, Terto Tertuliano, o José-José do Ipipe. E, afora o primeiro, já dado em alma, os outros todos estavam vivos ali, festantes. Mesmo ele mesmo, Manuelzão, ainda podia ensinar as várias aos mais moços: o tanto ser, os tamanhos de Minas Gerais! Seriam pra conhecer o que era um indivíduo boiadeiro-gadeiro, teso feito um jequitibá-legal. Por festa. Festa devia de ser assim: o risonho termo e começo de tudo, a gente desmanchando tudo, até o feito com seu suor do trabalho de sempre; e sem precisar, depois, de tornar a refazer. Que nem com as estórias contadas. Chegava na hora, a estória alumiava e se acabava. Saía por fim fundo, deixava um buraco. Ah, então, a estória ficava pronta, rastro como o de se ouvir uma missa cantada. Ou era: assim, às vezes, a gente acordava, no meio da noite, perdido o sono, parecia estar escutando outra vez o riachinho, cantar em grota abaixo, de checheio. Não era. Mas era mais do que quando a gente se alembrava da mãe; porque, para se lembrar do riachinho, não era preciso ocasião, nem motivos, nem conversa. E porque a gente não se esquecia — d'ele sendo como sempre. Na hora, era. Mesmo, essas estórias: briga e festa é por mor de se aceirar o avanço das tristezas. Ele, Manuelzão,

gostava das estórias, mas não naquela noite, não estavam no próprio de ser. Tempo de festa, era só para a festa, não p'ra o comum, cabeça da gente não dá pra tantas coisas. Não dava para o amor. Por certo ainda podia se casar, tinha forças e parecer para isso? Soubesse de achar uma moça da igualha de formosura, da simpatia de Leonísia, sim, casava. Mas — doideiras! — idades passadas, emperro, falta de costume — já estava desconsentido para casamento. E... *era uma vez uma vaca Vitória: caíu no buraco — e começa outra estória... e era uma vez uma vaca Tereza: saíu do buraco — e a estória era a mesma...* Um amor está no descampadal do ar, no itê das frutas, no duro do chão onde minha boiada pasta. O de-vir, que não se sabe. Queria saber de mim? Errou a vida? Ia seguir trabalho de ser, adiante viver para os netinhos, esses cresciam tendo mais, conhecendo. O meu, em meus melhores! Mesmo achava, devia gostar do Adelço; mas ainda não conseguia reunido, na prática. Tencionou; pelejava. O Adelço teria ódio a ele? Tudo se passava desgovernado, ficar rico era o que era o seguro. Rico, para não precisar de se ter medo de que todo o pouco que fosse da gente não estivesse sempre salteado — a casa, a mulher, a vaquinha de leite, as galinhas, a espingarda, o cavalo, o cachorro. Cada vez a gente tem mais medo. A coragem era só para se avançar mais longe, ir fundar lugar noutra parte. Só isso, ah, sempre. Tivesse de tornar a fazer a Samarra, não, ali o caminho se estreitava para ele. Mas, em outro lugar, desdemente. Soendo que, chegava uma hora, tudo se queria, mas quase tudo, por metades, da gente se afastava. Não é que até a festa? Ou ele tinha inventado a função dessa antes do tempo, demais? Havia de compor outras, maiores festas, ali na Samarra. Ou em lugares. Aumentação. Ir, por caminhos de caatinga e de Gerais, semideiros, cortar matos, queimar campos, levar gado de cristão, dizer seu nome. Pra que? Só estamos repisando o que foi do bugre. Quem picou as primeiras terras? Além, além, de aviso, sempre jogando de mão, mas sobrerrestado — senhor seu sem valadio... Um desânimo? Sério não sendo: mais só estados passageiros, dúvida de saúde. Pôr freio em si mesmo. Onde era que o riachinho estava, agora? A gente queria o ser do riachinho, para água, de verdade; e ele se fora. Desconfiava da morte. Mas ia sair com a boiada. A festa ia se acabar, ele ia ir com a boiada — sentia que para morrer, no caminho, no meio. Desmaginava.

Agora, não se podia nem dormir, o dia-de amanhã já estava querendo se trançar desde já, tomando conta de como havia de ser, na cabeça da gente. Onde estaria dormindo o João Urúgem? Esse não entrava debaixo de casas.

Assumia no pé-de-serra, surgia e vinha ver festa. O mundo achava natural o João Urúgem assim. Cada um podia viver como queria, fazer o que haja, com o tempo tudo era igual, todo o mundo se acostumava. Trabalhar ou não, a gente nasce para o que faz. Cada um é um. Tudo se podia. No pé-de-serra: que tinha enormes sapos quadrados, cheirando a enxofre forte — uns sapos que piam como pintos. A ver, o jacaré, jababão, sem sonos espichado na lagôa — lagôa tão terrível feito essas, de beira-rio, onde piranha morde até os pés dos marrecos, das aves. Mesmo os célebres que o João Urúgem aprendia a conhecer, dos matos, dos bichos, ele sabia era de um modo diferente do que as outras pessôas. Ele Manuelzão não pagava tempo para manifestar uma estoriada. João Urúgem conversava com os entes do mato do pé-de-serra — se dizia. Não possível. Esses, bichos e pássaros, do desmentido. Mas se sabe que cada pássaro fala, diz uma coisa, no canto que é seu, e ninguém não entende. Um passarinho, que há, de vereda, aquele que é pardo pedresado, e com umas pintas, e é do tamanho de uma juriti, mesmo um pouco menor, mas de bico comprido — por exemplo; fica em beira de pôço, beira de vereda, não canta de dia, nem de dia ninguém não vê: ele canta de boca-da-noite até à meia-noite, os veredeiros gostam dele lá, porque canta esprivitado: — *"Água só!... Água só!..."* Bonito ele não é. Mas, nas águas, quando está vesprando chuva, ele canta muito, e viaja pra fora, vem até no duro do Gerais, nas chapadas. E os geralistas não gostam, porque dizem que ele canta é: —*"Reza, povo! Reza povo!..."* E então, também tem vez, mas muito em raro, que esse pássaro dá de aparecer mesmo até cá no Baixío, e a gente ouve que ele não fala nada, de juízo, ou então perdeu o significado, o que ele diz é assim: — *"E tiririririri-chó-chó-chó, cháo-chó, cháo-chóo!..."* A ver: ô mundo, esta vida, quando descansa de ser ruim, é até engraçada. A festa? Sua era, dele, Manuelzão. Mas, de agora, por tudo, ele não queria mais mandar no governamento dela, sua razão. A lá era ele mordomo de festa?! Nenhum algum. Ora, mais, queria era apreciar aquilo, agora solto livre assim no meio, um, que nem não fosse o dono... O sono vinha dizendo. Uma ave-mariazinha por sua mãe, para a Santa do Socôrro. Galo que até aqui não cantou, não conte mais com meu ouvido. Ô vida, bem dormida... De vagar.

Acima, até ao de manhã; não, o de-madrugadinha, ou em antes. O povo, um povoão supra, enchia o pátio. Paravam em frente da Casa, calados, os vultos, retardando no dia clarear. Até os cachorros não latiam. Só era como se aquela multidão de gente já estivesse na porta de uma igreja.

Manuelzão acordara com a primeira grita do papagaio, que avocava as vacas: — *“Tou! tou! tou! tou!... Eh, boi!...”* — altíssimo, no diapasão dos vaqueiros — se alargando para conseguir mais forte, reteso, asas todabertas, no quase que quase. Por aí, cada aurora, ele bramava, depois descia de sua alcândora, pisava no chão, pegava a caminhar. A pressa dele, de andar o pátio, e parte do eirado, esguelhando uma reta — xingando os meninos, arrenegando para os cachorros, sem temer — umas sessenta braças, até ao curral coberto, onde se costeava. Papagaio de muitas energias. Grimpava para uma das travessas, se assumia lá em riba; o que ouvia, piscava. Todo momento da manhã, quando passavam os papagaios bravos, voando certo e poetando, o Cravo mirava, exclamava também, perguntas em respostas, mas não estudava vontade de se fugir na companhia. Nem não tivesse a asa aparada, queria não. Era manso, de salas. Manuelzão chupou os três goles dum café, principiou o pito, abençoou Leonísia e Adelço na cozinha, e saíu para o povo. O inchado do pé estava doendo melhor.

As barras do dia quebrando, em cima da Serra dos Gerais, o roxoal da sobrealva abrida, os passarinhos instruindo, vinha por tudo o bafo de um dia que ia ser bonito. Que-queriam os periquitos. As fôgo-apagou, se dizendo alto, e os pássaros-pretos, palhaços, na brincação. Bandos de juritis, tantas, tão junto de casa. Nem eram só juritis, eram pombas-verdadeiras. E cheirava a muito boi.

Vaqueiros tiravam um leite, de quinhoar com todos, as crianças, leite de graça. O sol na serra, a luz da manhã clareando por entre as pernas das pessôas, ao simples de contentes, no frio bom. Manuelzão se acontecia, repondo o posto, andava no meio, saudava, salvava, respondia, abraçava, dando muita conta de sua cortesia. A festa ia começar. O padre estrangeiro sabia se rir a siso, com mocidade, cavalo dele se chamava *Sansão*. Seo Vevelho já amanhecia de sanfona a tiracol. O mulherio rezava. — “P’ra mais para a frente as crianças fêmeas que estão de branco!” O senhor do Vilamão tremia as mãos farinhosamente, mas estipulava um rosário preto de bagos grandes. Até a sustância da Samarra cheirava bem de si, era um gosto aquele ar se exalar completo — terra pastada, estrume já calcado, desorvalho, os capins, frutos de flôr. Mulheres diziam quando tudo estava pronto. Toada de todos, rumo da capela, subindo a encosta; já havia gente adiante. De desanimar de contar, o mundo desses, caminhando. Suspendia

cós, aos peitos, essa fé de movimento, essa valentia de religião. Então, era a festa. O borborinho, povo, meu povo.

O pessoal para o morro, para a missa, ao fim de lá da rechã — alteada naquela belavista, redobrável, o belorizonte. Tantos sendo: os vaqueiros, as famílias; barranqueiros, vazanteiros, veredeiros, geralistas, chapadeiros, total das mulheres e crianças; moços e moças; ramo de gente da outra banda do Rio; catrumanos de longe. Os amigos dos vaqueiros, os parentes. Os do mundo. Iam como para uma tomação. Aonde a Capelinha, no lugar que a mãe soube que era próprio, mas que ele Manuelzão aperfeiçoara, roçando, construindo, pondo pronto, o chão lido de limpo.

A Capelinha estava só de Deus: fazendo parte da manhã, lambuzada de sol, contra o azul, mel em branca, parecia saída de um gear. Dentro, eram servidas de caber, de joelhos no batido, as pessôas primeiras — o padre, o sancristãozinho, Leonísia e o Adelço, o senhor do Vilamão e outros respeitáveis; e a menina mais velha de Leonísia e Adelço, que segurava na fita. Manuelzão no princípio aceitou a honra de entrar, à frente de todos, admirado por tantos olhos, pompa de ir direito ao altar, beijar a Santa, dito um padre-nosso. Mas daí tornava a sair, a capelinha era tão pequena, o aperto dava aflição, ele receava faltas-de-ar. O povoame enchia a chã, sem confusão nenhuma. Mesmo aqueles com os revólveres na cintura, armas, facas. Ao que Manuelzão, cá bem atrás, ficou, no côice. Gostava todos aprovassem essa sua simplicidade sem bazófia, e vissem que ele fiscalizava. Ajoelhou na hortelã-do-campo. Queria rezar. Mas o coração crescia. Perto, estava um gado, um touro e as vacas, que pastavam. O que era de Deus, não se enxotava, por ser. O sol esquentava, aos tantos; o touro, que coçava a testa e o pescoço num mourão do cemitério, ia-se afastando. Passavam os periquitos, o oscilo de gritos, emplanados. Joãozim o vendeiro, do porto do rio de-Janeiro, mandara armar o cômodo de uma latada, com prateleiras, vasilhas, bebidas, comidas, cigarros, frutas — de tudo ia vender, até espelhinhos, até vidros de cheiro. Trouxera um carro-de-bois cheio de coisas, em duas viagens. Num cercado, tinha as novilhas, as porcas, um bode e as cabras, para o leilão. Leilão abastado, sortido, com muitas prendas. Os preparos e dôces, garrafas de pimenta, enfeitadas com papel-de-seda, garrafas de conhaque e cachaça. Cada lance se prometia com instâncias, afrontando. O lucro havia de dar para se comprar um sino, sinozinho, para os ares. Muita gente, de ver, forte rezava. Quando era pelos grandes momentos, o menino do padre tangia a

campainha, três em três vezes, o povo batia nos peitos. Tudo igual em igreja mestra. Era um silêncio espalhável. A gente ouvia as sariemas, no espinhaço da serra, retinir seu canto emendado. Ouvia o barulho das vacas arrancando o capim e dando bufo curto. Saía da gente toda ali uma vontade de respeito, um suor de paz, de roupa nova e dia diferente, uma aragem de virtude. O povo — estavam como as árvores do cerrado, respingados de sol. Cada um longe de si. A porta da capelinha carecia de ser pintada de verde. No caso que a Santa do altar não demostrasse mercês para milagrosa — então, mais para diante, se podia trocar por outra, mais cara: mas que fosse das maiores, uma Santa com os cabelos pintados e os olhos azúis, e vestida, os trajes com beira de ouro, as joias de pulseira, colar, moçambiques e arrecadas. A gente punha os olhos para mais longe: a Vereda do Calabá — o buritizal provinha das neblinas do fundo, mas as pontas das palmeiras se amarelavam. Um cavalo solto dava um rincho comprido, da banda da Cambaúba. Até o João Urúgem estava ajoelhado, ou não se sabe se meio deitado, só que longe de todos. Assim era como nos Santos Evangelhos. Era um serenado sozinho, uma limpa de ideia, um conselho sem palavras que se recebia, tudo abençoava. Por em volta, de uma banda ou de outra, ainda se subia poeira de cavaleiro atrasado chegando. Inda tinha marchas de gente a pé, roceirama. Primeira missa ali; e este lugar da Samarra havia de crescer os cornos. Ah, feito o arraialzinho do Arzão, onde se possuía uma igreja de pedra.

Dando de repente, a missa já tinha se terminado, todos levantavam, nessa mistura, função do povo — era a festa. O padre tinha pronunciado o casamento de trêis casais, deu-se um afino nas violas. O leilão principiava. O leilão ia bem. Uma festa é para se gastar dinheiro, sem fazer conta. Os violeiros deusdavam. Seo Vevelho, mais os filhos. A sanfona. Chico Bràabóz, preto cores pretas, mas com feições. Ô homem da pólvora quente! Se chegava, animante, simples social, o mundo inteiro pregado na ponta de seu nariz. Até todo apelido ele aceitava: Chico dos Alvores, Chico da Sorte, Chico Seja, Chico Praz — e o que por aí se quisesse. Vinha vindo já todo inventado, saramicujo, fazendo muita serenância. As lábias lérias. Já estava meio chumbado, bebeu mais do que o copo manda. Chico Bràabóz tocava rabeca, sua rabeca sarafina escura, como de um preto zinco, de folhão: — “Isto é coisa de daí de riba...” Se divertiam às ásperas. Gente essa do sertão, como sabiam gastar dinheiro atôa, direito, dinheiro ganho duro, a poder de si, seus afôrros. Ninguém ali não amouxava.

Manuelzão também não era ridico. Tinha dado ordem de um almoço, despois, em quantidades. Somente galinha e carne, e arroz; outros manjares faltavam. Mas em enorme fartura. Hoje não era a festa — sinagoga de pagode, conforme o razoável? Carecia que todos festassem, com cantos e dansas, no geme ema, e comessem e bebessem, em seguir! Capaz que se riscar a viola a noite inteira. E agora o leilão lavorava. Arrematavam, escarapelados — sabendo ser festa. A leitôinha ruiva, pega de pendura pelas orêlhas, deu cento-e-cinquenta. A outrazinha, leitôa piáu, amarrada por um pé de trás, estava mordida dos cachorros. Peste! O caim dos cachorros, que se entremetem, sempre maltratados. E aí alguém tinha arrematado uma garrafa de moça-branca, para ele, Manuelzão. Tinha de recompensar. Fazer como vira uma vez o seo Sejasmim, do Andrequicé, homem soberano se servindo. E entrou no lanço. Outro, por graça, licitava: — "Mais quinhentos-réis, p'ra ser pra o Manuelzão!" — e estavam leiloando à hora era um frango-d'água... Leiloeiro era o Joãozim da Venda, segurava e mostrava ao povo o estafermo de bicho de asa — o frango-d'água azul e verde, bico de tantas cores, os pés enormes esparramados. Era até bonito. Mas ninguém não queria; fazer o que com aquilo? Só em louvor da Santa. — "Mais cinco, para ser pra o Nhão das Três-Veredas!..." — gritou, até viu que tinha gritado demais. Não queria — com força. E outra pessoa relicitava: — "Tanto, pra não ser!..." Sotaque das violas despercebia de se ouvir o mais, e muito era o povo aglomerado. Deu sobrelanço. Mas, enfim, já tinham judicado, no dou-lhe-três. Para outro. P'ra quem? Ah, pra o velho Camilo tendo de receber o frango-d'água, e existindo com o bicho carregando, por ali... Mas o velho Camilo recebia em mãos o pobre pássaro, sem se quebrar o respeito, com senso de um dever. Riam, sem poder com ele. — "Tu vai criar, Camilão? Faz uma canja..." "— Dá pra o Urúgem, que devora! Esse Urúgem comeu o cachorrinho de um vaqueiro... Pode ser até que come gente..." Velho Camilo pigarreava. — "Dou para a Santa. É dúvida?" — ele dizia, sobre rebaixado. Tinha seus ares. A gente se alembrando — o pau-d'alho: que em certas árvores dessas, na idade, a madeira de dentro toda desaparece, resta só a casca com os galhos e folhas, revestindo um oco, mas vivos verdes! Mas, por que era que a gente havia de tanto reparar, tanto notar, no velho Camilo?

— "Manuelzão, sua festa está supimpa! Está de encher os meios..."

— Qual, seo Filipinho D'Anta... Roscofe... Mas folgo que o senhor me declare...

Só de se ver, no realegre, o Pruxe, o maior violeiro, com seu sobrinho Maçarico, o maior dansador. Desabusavam. Um abriu:

"É deveras, companheiro,
vem cantar aqui mais eu!"

Todos, em grito, forçavam o cantador a mais:

"— Olerê, canta!..."

Diabo cantava:

"Sucedido o ano inteiro:
dinheiro não era meu..."

Os homens dansavam. O Pruxe formava o lundú, feita grande roda. O Maçarico, José de Cima, Zé Arioplêro, Xandrim, o Ciço, o Lói, sem a baeta vermelha, João Polvilho, o filho dele Aquiles, todos da outra beira do rio. O lundú era de lá. E outros, não conhecidos, que vinham chegando. Os tocadores tomavam grupo, perto. Seo Vevelho, seus filhos, uma porção de mais outros, o Caôlho da Vereda do Jém-Jão, o primo do Compadre Terto. As violas nos toques, retintavam. O Pruxe, instrumento no peito, relou o dedo, entrou de entoo numa arromba. Chico Bràabóz dansava e tocava a rabeca, e a todos falava. Mas estreito, por detrás, o Pruxe, era o mestre, regia:

"É deveras, minha gente,
quem souber pode dansar!
— Olerê, canta!
Ao meu Rio-de-São-Francisco,
capitão deste lugar!..."

O Maçarico era rapaz de uns quinze anos, mirrado, caxexo, magro, com cara de gafanhoto, a pele seca nos ossos, os olhos fundos. Ele era todo duro, de pau, mas sabia se espiritar no corpo como ninguém, no fêrvo da dansa. Se destravava do espaço do ar, até batia os queixos, fungava de

estúrdio gosto, nem via, nem falava. Esse nem fazia outra coisa. Só dansar. Não se ria, nenhuma beira, não barateava um passo. Parecia pago de ofício. Devia de doer. — *"Olerê, canta!"* Ele dansava as seriedades:

"Se mandar chorar eu canto,
se mandar cantar eu choro,
se mandar m'embora eu fico,
se mandar ficar vou-m'embora.

Se não mandar nada, eu esteja
no bojo desta viola!
Saio de fora pra dentro,
entro de dentro pra fora..."

Manuelzão não sabia, nunca em sua vida tinha dansado. Também, aquela era custosa, dansa de poucos. Um, de cada um, sua vez, pulava no meio da roda, e pega rapapeava, trançava as pernas, num desatino de contravoltas, recortando os lances. Cada qual diferente, cada um por seu modo, próprio desenho, seguindo a rapidez. Nem se sabe como podia. Em redor, os outros batiam palmas:

"Eu subi p'lo céu arriba
numa linha de pescar:
preguntar Nossa Senhora
se é pecado namorar!..."

— Olerê, canta!

"O Rio de São Francisco
faz questão de me matar:
pra cima corre ligeiro,
pra baixo bem devagar..."

— Olerê, canta!

Só eram as violas com o silassol, a sanfona fem-fem, os bandolins, a rabeca do Chico Bràabóz. A música não esbarrava de tocar de carreira, o do meio se escorria, maneiro de juntas, leviano, dansava de agachado, de

ajoelhado, de todo jeito, sempre mais. O Pruxe e o Chico Bràabóz governavam. No fim do seu, o dansador assinava o derradeiro passo e já tinha escolhido um dos da roda, pulava por esse, invocando, intimando-o a vir tomar seu lugar. Dava o sinal: *atirava*. Cada qual tinha seu sinal. O Maçarico atirava: se ajoelhava, de surpresa, repulava feito, sobre em seguida, batendo mão na côxa do outro. A música não relaxava na galopeira. O Ciço atirava invocando era com palmada em ombro. O Xandrim estalava os dedos. O Lói, fazia que ia riscar o chão com a mão. As violas fuzuavam. Esse Maçarico perturbava os olhos da gente, sério zurêta, pé de pé, estique se debulhava, leve, um pau-de-imbaré sangrado do leite. Dansava feito urubú-tinga, e como garrixa faz, dansava a dansa do rabo da onça. A rabeca do Chico ringia relinchos. A sanfona tomava conta. Os de fora da roda cantavam também. Historiavam:

"Travessei o São Francisco
numa canôa furada:
arriscando a minha vida,
sempre assim não vale nada..."
— Olerê, canta!

"Travessei o São Francisco
numa casca de cebôla:
arriscando a minha vida,
sendo assim, que coisa atôa!"

— Olerê, canta!

"Travessei o São Francisco
montado numa cabaça:
arriscando a minha vida
por um gole de cachaça..."

— Olerê, canta!

"Travessei o São Francisco
pés pra cima, mãos pra baixo..."
....

O pessoal da outra banda. Os moços vinham de lá, buscar serviço de ganho, nas terras deles era um atraso, feio vazio, a pobreza. Depois, pegavam a ter saudade. Mas vinham, atravessavam, quase todos. Da outra banda, desde a Pedra Lavrada, o Braço Grande, o Ribeirão do Gado, o Nazaré, o Extrema, o Boqueirão, o Água-Suja, os córregos todos.

“Eu nasci no Capim Branco,
na vertente do Formoso...”

No Formoso, entre o Chapadão-dos-Gerais e a Serra do Morro Vermelho. Os que ficavam eram os pais-de-família com suas famílias, e os velhos. Manuelzão conhecia aquilo. Consoante o remexer da vida, o caminho do mundo, sem igualação, sem sossego.

“Casar sério lá é triste,
namorar só é que é gostoso...”

Isso era isso. Tinha moças à vontade, para casamento e pra namoro. Aqui, nesta banda de Baixío, eram muitos a uma: — “As bonitas? O povo vive tudo às gatas, por elas, p’ra tomar...” Namoração. Mas, outros, com coragem, bobeavam e se casavam, desatravessavam então, toda a vida, indo por mais longe, duras distâncias, procurando terras bôas, matas para roçar e plantar, subiam até para trás do Urucúia exato.

“Cascavel tem me mordido,
mas a dentada não dói...”

— Olerê, canta!

A festa, no começo, cansava um pouco. Embaraçava. O povo trançando, feito gado em pastos novos. O padre, fazia tempo que tinha descido, para tomar café. O senhor do Vilamão, também, levaram, muito não aguentava. O senhor do Vilamão costumava guardar na algibeira certa quantidade de dôces ou quitandas, mesmo uma vasilha com torresmos na farinha um criado carregava, ao alcance da mão dele; qual estava revertido a roer sem esbarrar alguma coisazinha, lambareiro com o paladar aflito da velhice; mas, aquilo, podendo, ele disfarçava. Festa. Para se distrair assim, de verdade, só mesmo quem soubesse — um dansador, tocador, cantador —

competente. Até, lá dum lado, os vaqueiros quase todos também não atinavam justo. Ficavam se apartando, brincando de caçoar ou de pular uns por cima dos outros, espírito de meninos. Alegria, sim. Todos deviam de tomar divertimento. Os cachorros, instantaneamente, corriam para a alegria. O sol quente, a hora do almoço. O preceito dele, Manuelzão, era estar perto das personagens: homem fidalgueiro, consegue honras e dinheiro... O Nhão, Joaquim Leal, seo Filipinho d'Anta. Devia de voltar para casa, assistir o padre, ou permanecer com o povo, ali gerindo? Não sabendo, se chegou, com uns, para a barraquinha do Joãozim da Venda. Queria beber uma januária. O Joãozim ofereceu cerveja, era por sua honra. Tudo não estava animado? Um jubileu, um forte de feira! De tudo, sem maior pudor, cantavam:

"Minha mãe era a raposa,
meu pai o caxinguelê:
minha mãe morreu de fome,
meu pai de tanto comer..."

— Olerê, canta!

"Sipituba foi meu pai,
Solavanco meu avô:
eu sou eleitor de voto,
entendido de doutor!"

Olerê canta! A festa era o a-esmo, um acontecido de muitos, os espaços, uma coisa que não se podia pegar. Assim correndo bem. — "Seo Leovigildo, compadre Cupertino: estão gostando?" "— Demais." "— Vamos abeirar, beber qualquer braba?" "— Já se bebeu, Manuelzão, Deus lhe saiba..." Todo o mundo se associava ali, estavam gostando, pelo esperado. Mas, para Manuelzão, a festa como que se desmanchava desde as cabeceiras, alguma coisa, muito miúda, devia de estar faltando. — "Seo Manuelzão, quem hoje está no Céu eu sei quem é: senhora sua mãe, que haverá de estar contente..." "— Deus dá, Deus deu, amigo Osés..." Solta, a festa não era entendida dele Manuelzão, não correspondia às alças. Muito mais seria de Leonísia, das outras mulheres. Do padre? Seria de seo Vevelho, trazedor do saco de alegrias. Mesmo os dansadores de lundú eram os prestes, afalados naquilo desde meninos, de onde.

“Fui lá
no Indaiá,
pra comprar, ah,
roupa nova, suspensório, enxoval...

E vi moça
em janela
a chamar, ah:
— Ôi, vem cá, p’ra nós, já, se casar!

Tem gente
diferente
da gente,
ái,
tem gente, no Indaiá, tem gente...”

O Promitivo mirava, da dansa não arredava os olhos. Queria aprender? Ele, aprendia. Tinha os sinais, tinha a lã. Vadio. Mas não era de uma vadiice que apendoavam as simpatias? A ideia que veio: e se levasse, por companhia só, aquele Promitivo, com a boiada que ia ir? Alegre para alegrar, mesmo pouco ajudando. A boiada, que ia sair — daí a uns três dias. Danadas estradas. Somente por notar a pouca-vontade do Adelço, era que tinha decidido: — “Nada, não. Desta boiada eu cuido, eu mesmo!” Isto o ar de um dizer, estas coisas. Mas, o Adelço, fosse outro, não podia retemperar? Que ao menos encarecesse, com sinceras palavras: — “Meu pai, o senhor dá as ordens. Mas o meu gosto era eu passar esse boiadão — o senhor ficava em casa, por um merecido repouso...” Não. Água disso, que não foi. Será que a vida da gente assenta bem com festa? Aquele rapazinho o Maçarico cumpria um caráter no dansar, uma sina. O que cantassem, ele nos pés transformava:

“Se a baiana foi-s’ embora,
a baiana chorou choro!
A baiana chorou choro...
A baiana chorou choro.”

— Olerê, canta!

Devia de ter comprado mais umas dúzias de foguetes, bom-bardos. Os que dansavam, cantavam e tocavam instrumentos, levantavam no ar a animação. Sempre era preciso. Há-de a vós! Não vinha o velho Camilo, trazendo uma lata d'água, para as mulheres? Naquela branca roda, estava a Joana Xaviel. — "Qu'é do frango-d'água, seo Camilo?" "— O frango d'água? Senhor Manuelzão, o frango-d'água eu soltei para os matos, de volta. É dúvida?" Levara-o até à descida de uma grota, o pássaro não tinha podido correr, quando de repente solto. Meio voou, tornou a pousar, daí garrou voo novo, se escondeu em baixo de arvoredos, em caminho para fileira de buritizal.

O velho Camilo depunha a lata d'água e o caneco, para as mulheres. Para a Joana Xaviel — com olhas e queres. De avistar um noivo, de braço com sua noiva, nas alvuras — dos que tinham acabado de se casar — o Promitivo perguntava: — "Seo Camilo, o senhor também não se casa?" "— Já passei do rumo..."

Assim respondia. Ao que podia ter respondido tôrto, repontado. Não o fazia, nunca; falava amansando as palavras. Mas tinha o queixo longe do umbigo. Até onde um podia se lembrar, o velho Camilo parava não bem uma parecença, mas o avultado de maneira, que tirava com o de seu pai, dele Manuelzão, recordado de longo muito, porque era ainda menino quando aquele tinha morrido. Como era que tanta composição de respeito aguentava resistir em miséria tanta, num triste desvalido? De sombra, se vislumbrava que a Joana, sua parte, dele velho Camilo não fazia pouco-caso. Olhos que olhava, parecia que parecia. Às dãs! Remedavam namoro? Acontecia isso? Ah, mas desse jeito, assim, então até ele, Manuelzão. Ou se havia de ver: o senhor do Vilamão para si catasse, do meio daquelas mocinhas bonitinhas, ali, donzelas sensatas... Alguém imaginava? Impossíveis. Quem não tem dente, não toca berrante. Sucinto da vida dá o cumprimento, não dá largura. — "Dansar o lundú, Manuelzão?" — o Lói perguntava. — "Quem me diga! Mocidade de vosmecês. Pra aprender, já passei do rumo..." Sucediam outros capítulos:

"Sererê, sererê, sererá!
Te esconder e te encontrar...
Sererá, sererá, sererê!
Te encontrar sem te esconder..."

— *Olerê, canta!*

Aí a hora de se almoçar. A festa se movia por muitas partes, a todos obrigava. Assim era: as mulheres, os homens, essas rodas de conversa, as moças e os rapazes que punham olhares, os meninos que não brincavam, os pares de noivos que passeavam, encolhidos de gala, os dansarinos de lundú com a viola harpejada, o pessoal lambiscando e bebendo na latada do Joãozim, o sol do céu, a capelinha terminada, o Chico Bràabóz, rabequista, o Maçarico; e a Samarra — e ele, Manuelzão. A moinha de música bambêia qualquer coisa na gente, é um rompido sem razão, com o pouco em pouco. Mas apontavam dois cavaleiros, em feito galope, no desafasta. Tivessem novidade para expor.

— Com' passou, Manuelzão... A festa ainda peguemos!

Sendo que os dois eram Jão Orminiano e o Queixo-de-Boi, que aproavam, sobrechegados. Jão Orminiano e o Queixo-de-Boi, vaqueiros de Federico Freyre em sua Fazenda Santa-Lua, no Rio das Velhas, de donde. Traziam recados. O Queixo-de-Boi buliu na algibeira, tirou um envelope — carta de Federico Freyre, sobrescritada. Mas uma carta de setenta vezes se ler! Nessas mal traçadas linhas, Federico Freyre participava condições que não podia vir para a festa da missa; mas tudo com singulares, correto afeto, até desculpa ele pedia. Dava gosto. Uma carta missiva, para alto se soletrar, todos ouvissem — Leonísia, o Adelço, os vaqueiros, os convidados, os vizinhos de todas as veredas, o mundo. Agora e em já, ele endireitava para casa. — "Vai no meu matungo, Manuelzão. Me deixa me satisfazer um golinho desta sua festa..." — servia o Queixo-de-Boi. Manuelzão logo montava no formoso estreleiro cascalvo, bom de bralha, enquanto Jão Orminiano, que também queria ficar, menos sabia o que arrumar com o cavalo seu. — "Meu filho, acode aqui, adjutóra..." — Manuelzão chamava o Promitivo. O Promitivo subia no baio claro de Jão Orminiano. Procuraram nas esporas, assim emparelhados, no seguir. E — *retentém, tintim, retentém, tintim: retintim, tém-tém...* — até bôa distância, por seguindo Manuelzão, vinha o vibro das violas, era seo Vevelho se abrindo e fechando na sanfona de muitos baixos, o Chico Bràabóz como se faz: que raspa que o refe na rabeca. O Promitivo se virava na sela, para ainda espiar. — "Então, está apreciando que tais?" —"Ah, seo Manuelzão, eu acho que devia de ser é uma festa só, os dias todos..." Ladeira descida,

iam outras pessôas, para a Casa, procura de almoçar. Mais outras, que voltavam. Era esse recruzar de dia-de-festa, imponente era. — "Sei dizer, um para estar aqui era um, muito conhecido, por nome o Uapa, vaqueiro no Alto Sertão. Que se diz — vaqueiro fiel no real, que vive em mágica com os bois e seus mestres cavalos... Ah, esse Urucúia tem muito gado..." — Manuelzão ponderava. O Promitivo assentia; em tudo ele achava as nobrezas da vadiação. E, de repente, Manuelzão tranqueou o cavalo: — "Meu filho, você já é crismado?" — ele perguntou. — "Pois, seo Manuelzão, não é que eu mesmo nem não sei?"

Aqueles verdes galhos, que os carreiros dos carros-de-boi esparramavam na encosta, semelhavam coisa de floresta. E os meninos. Meio mundo dos meninos, no eirado, correndo por entre altas bostas de vacas, sabugos de milho e sujas palhas que o vento leva e traz. Os grandes cochos, entortados, ásperos, guardando as curvas dos troncos das árvores que foram. Ao enquanto, livres, os bois bovejam, os porcos crogem, sotretam os cavalos, as galinhas fuxicam, os cachorros redormem, e as dúzias de angolas se apavôinham selváticas, com seus catafractos. Os meninos dos vaqueiros, nos quais, por via do sol quente, as mães impunham os velhos chapéus-de-couro dos maridos, atados firme e estreito nos barboqueixos, do modo que não podiam ser tirados. Uns meninos pequenos, de dez anos para menos, e que, debaixo daqueles chapéus grandes demasiados, brincavam — passeavam um bobo baile de cogumelos. Eles pediam a benção. E Manuelzão abençoava, gostava de procurar que com eles estivesse algum de seus netinhos. Mas a distância do eirado e pátio era a que uma mosca verde-azul do sertão leva metade de um dia para pervoar, com seus pairados e estalos de vai-e-vem.

Desamontaram. Se surgia para a sala, sendo a hora. Se abancavam. Sumo sussurro, do padre, em oração, obsequiando a Deus a bondade de comer.

A fartura do almoço se movimentava — era para um contentamento demorado. O senhor do Vilamão, seus companheiros, o Padre, o menino do Padre que sacristava, o Nhão, Joaquim Leal, seo Filipinho d'Anta, o preto Nicanor dono de um grande retiro, os demais. Manuelzão acertava de falar a uns e outros, com competência de civilidades. A todos que entravam ou passavam, na barafunda, ele oferecia seu lugar, obrava com insistência. Não consentiam: ele, dono, convidador da festa, devia pessôa de se permanecer ali, na gerência. Deus abençoasse aquela mêsa de tábuas de

canela-póca e aquela bôa casa, onde nunca dessobrassem de faltar a caridade e os mantimentos. Para seo Vevelho mais os filhos, que repontavam com retardo, suados, vermelhos, sempre com seus instrumentos sobraçais, se achou assim mesmo jeito de caberem, os já sentados um pouco se apertando. A comida era sustimada, gostosa. Todos puxavam a eito, bem, com os apetites. Também se bebia. As cervejas — a outra e a preta — e o bom vinho de buriti, rososo, o qual feito em princípios de setembro, quando o coqueiro lateja mais encorpado de caldos e o fermento tange mor virtude. Mastigavam e tomavam, nas alegrias. Até o senhor do Vilamão, no comum calado, mas que sorria para a gente e respondia às perguntas, às vezes se desencontrando, mas quando não seja por um aceno de homem de manteúda criação, sem nenhum ar às altas aragens. Dava cômodo, supria regalos. E de lá, depois da boca do corredor, por cozinha e quintal, o vozío e rumor das mulheres se escutava, balançado.

Sobrevinha o seo Lindorífico, do Andrequicé, valioso fazendeiro, mas homem amigo, sensível no sentimental. Ele já tinha se almoçado repleto, agradecia, não se sentava. — "Não faz isso comigo, compadre Lindôr, isso vosmicê comigo não faz... Ainda que seja provar um bocado, tomar o gosto..." "— Eh, posso não posso, compadre Manuelzão. De comi, às fartas..." "— Mas não me faz isso, compadre Lindôr, pois espera... Isso só, espera..." "— Não posso..." "— Espera..." Tanto o outro se defendia, mas Manuelzão sabia ser homem de gestos. De estudo, era que se desempenhava: já tinha visto ação garbosa assim, feita pelo Major Mercês, cidadão que tinha bôas salas, o Major Mercês, da Fazenda do Enxú, em terras da Mata. E se levantava, social, com um bocado espetado no garfo, e se acercava do compadre Lindôr, punha-lhe o bocado na boca. O compadre ria e comia, aquele sinalzinho de resumo um não podia rejeitar. Todos aplaudiam, essa fineza, admiravam. Rompia nova satisfação. Mas já terminava a labuta do de sal, da primeira mêsa, os dôces vinham. Manuelzão espiou em redor, limpou a goela, ele tinha pensado aquele momento, decidido segurava um copo de cerveja. Mesmo, porém, tirou a carta de Federico Freyre da algibeira, que não seria conveniente fosse ele a pessôa a ler. Disse: — "Amigos, refiro uma mensagem, que hoje se recebeu, e que pela valia do enviador merece nesta hora bôa honra. E que, por glosar minha pequena pessôa, rogo seo Filipinho D'Anta para pronunciar..." Seo Filipinho D'Anta, no ouvir, suspendeu a cara,

desamontado. Se absolveu de não poder, sua vista não concedia. — “Não truxe os óculos, Manuelzão. Assim, não deletrêio...” — ele compunha; mais estava era com receio de ser analfabeto. Meante que o Nhão, no desassossego também, se apurou de definir: — “Eu cá leio escasso, minhas letras, Manuelzão, mas é só jornais e garrafais...” Então Joaquim Leal aceitou o papel em mão, e se levantou para ler, conforme devido.

Leu. Esse Joaquim Leal era um bom amigo, de pessôa. Leu correto, os pontos das palavras, mas menos leu: porque faltou dar na voz o rompante fraseado — o ser do sido, a fiúza de Federico Freyre, alta amizade, esclarecendo o acato a ele, Manuelzão, fazedor da Samarra, lugar de gado com todo funcionar, e que tudo se agradecia era a ele mesmo, só a ele, Manuelzão... — faltou o em-tom encarecido. Mas, mesmo assim, os outros entendiam e mais escutavam, aprovando com as cabeças. Até o senhor do Vilamão, no lustroso paletó preto de alpaca — o significado da carta devia de varar o sêbo de sua caduquice e ir remexer no centro de sua mocidade, já tão encoberta pelos tempos. Aquilo eram proezas para com respeito se dizer: o valer dele, Manuelzão; a Samarra, lugar de bases; Federico Freyre — o poder do dinheiro moderno! Todos, exaltados, falassem: — *Este é o Manuel Manuelzão J. Jesús Roíz Rodrigues!...* Mais falassem. Um pouco, esse respeito, se falou.

Mas o padre solicitava tomar seu café à pressa, precisava de ir-se embora — os cavalos já estavam selados? O padre tinha de sair, sem falta, para ir mais adiante, chegar ainda em outro lugar com a entreluz da tardinha. À saída do padre, todo o mundo no pátio, para darem a despedida e ajudar no que carecesse, era um rebuliço de abreviada tristeza. Era um bom pedaço da festa que se tirava, dessas coisas que não devem de ser. Mas, por isso mesmo por isso, consolava consoante saber que os outros ainda ficavam — o senhor do Vilamão, seo Vevelho, Joaquim Leal, quase todos. O que aquietava — alegrava como o preenchimento de uma regra justa, noção bem sucedida. Todos deviam de ficar, comer e beber, tocar instrumentos, cantar e dansar, todos no semblante de suas vontades. A festa seria só para acabar exata, na manhã seguinte. Agora, era se arrumar o quarto assoalhado, para o senhor do Vilamão, por direito de idade, tomar seu sestém de repouso. E correr pelo povo os garrafões da azulzinha beijadeira — negócio como se diz: esses palhaços no palhiço. Eta, festa! Como se queria uma alegria.

Esta festa, Jesus Cristo no alto louvado, não tinha produzido nenhuma discussão, nem um começo de briga, por deslei. O mundo de gente, pretejando, povoando, feito mutucas na chapada. Tanta criatura estranha, aqueles cabras valentões, cintura total de armas, e arremenos em paz, uns com os outros. Vinha a ser mesmo milagre. Avistado por sua mãe: que o lugar, na chã, podia se marcar e prezar — que era merecível. Nem não por falta do que se beber. Tinham sovertido, aos litros, a delas-frias, a-do-ó, e conhacada, espumaral de cervejas. Mesmo, no seguir, o esperdiçamento: tinham aberto garrafas, despejado um-conto-de-réis de cerveja, uns nos outros, a rapaziada quente, falavam que era preciso, para o regozijo da festa, esvaziavam por cima das pessôas, cervejama, molhavam as roupas, o Joãozim Vendeiro tudo animava, a ser.

No terreiro, os músicos paravam comendo. Todo o mundo comia, na porta da cozinha, no quintal, em toda a parte. Graças a Deus. Aquela quantidade de latas vazias, sempre guardadas — latas que tinham sido de marmelada, de goiabada, de tudo — prestavam agora sua serventia. Mas muitos, pobres, traziam pendurada na cintura sua cuia de receber. As grandes panelas de barro preto cozinhavam gordo, sem esbarrar. Pessôa, por mais desconhecida que fosse, não deixava de ganhar seus dois pedaços de galinha e um montezinho de arroz; a farinha estava pública. Toda água que o Chico Carreiro carreasse das Pedras, mais fria ou mais quente logo se bebia. Ah, estava fazendo mais sua ausência o sutil riachinho, que por um simples erro se tinha errado, e havia tanto tempo, ali à porta. Desconsolava. E o prêço daquela toda despesa, bebes e comes, não resultava apoucado. Dinheiro para isso botado de parte. Mas gastando em bom empenho pela Santa, pelo povo — para a festa. Sempre não devia de ser? Até pra um rapaz, que vindo com a mãe das beiras margens e grave da febre enfermara na véspera, no rancho do lado estava, não faltou o amor-de-deus de um bom caldo. A Samarra era a Samarra. Gente, pois, ainda havia de haver, continuada, lá na chã? Sim, ao certo, de repimpo, folgueando. Dando honras, derredor da latada do Joãozim. Mas a chave da Ca pelinha estava ali, já guardada, final, em sua algibeira. Manuelzão andava um giro, chegava até a um ponto da cama do riachinho seco. A parte sagrada da festa já tinha terminado.

Retornava os passos. De dedilho, ali no pátio, os homens dos instrumentos ensaiavam outra vez a chirimia. Todo um queria reluzir o seu, porfiavam as conversas da profissão, antes do recomeço, tasteavam.

— *“Eu não tenho assunto de tocar sem cantar…” “— Sola, aí. Sola, que eu acompanho... Mas, nessa afinação, eu não acompanho, não.” “— Se outro cantar, eu ajudo...” “— Abre a roda, pra ver sacudir!”* Manuelzão observava as máquinas daquela combinação, como conseguiam. Casa diversa, que queriam fazer, casa de ar? Ao não entender, assim o Aquíles entoando uma comprida cantiga, de mais de umas dez pegadas-de-viola, para relatar o rodopio de uma descrição sem resumo! Ou, então, outro, o trivial cantava, o que agora de repente a gente aí sentia mais, mas que era o mais verdadeiro, de sempre:

“Nem não sei o quê eu canto
no meio de tanta gente,
eu trouxe muita vergonha
minha cara é muito quente...

É deveras, companheiros,
sertanejo do sertão
eu vinha nessa boiada
não sabia da função...”

Manuelzão gabou: — “Bem trovado!” Pelo que era de sua obrigação. Indagou se todos tinham almoçado, se a gosto. Mais não quis saber. Antes estava por outros quilates, para outros rumos. Sobre a carta de Federico Freyre, que vinha ponderando. — “Eh, este Manuelzão é muito influente, ele gosta de dansa e festa...” — escutou um dizer. Resposta que quase deu: — “Há-de-o! Eu não sei festa, não. Eu sei é carecer de trabalhar...” Mas não disse. Pensava. O Maçarico, mesmo, causava uma trabalhação, do baticúm do lundú. A música, o inteirado da música, às vezes cativava: bonito como dinheiro... A música derretia o demorado das realidades. Mas dava receio. Assim a música amolecia a sustância de um homem para as lidas, dessorava o rijo de se sobresser. Talvez ela merecesse para se ouvir de noite, em cama deitado — quando as coisas da vida, um pouco da feiúra do corriqueiro, se descascavam, e o pensamento da gente tinha mais licença. Agora, agora, porém, a festa era bobagem: a festa era impossível... Agora, aquela confiança de Federico Freyre, pelo melhor, aumentava na gente o dever de dobrar os esforços, de puxar quatral. Soante que a

Samarra carecia de todo avanço, reproduzindo e rendendo, forte, até tomar conta da faixa do Baixío. Um era um homem para isso fazer! Duvidavam?

Nem não era ele só, mas uma quantidade dos outros, também, que mais queriam era tratar de seriedades, mesmo ali na festa. Agora, percebia. Como que de propósito, passeando no eirado, no pátio, ele vinha direito àquelas pessôas, por roda. Escutava, falava, reperguntava. Ouvido de boiadeiro, ouve o bufo e o berro inteiro. — *"...Distância de dois, três litros de planta... De resto, o São Francisco ainda pegou muita roça..."* As enchentes. Convinha se comprar arroz da banda de baixo, das Três Veredas. — *"...Aumentemos ainda a roça, de uns quinze litros. Fedia a largata... A largata da borboleta-rajada come, leva tudo a eito..."* Esse pessoal do Baixío labutava o que podiam. Dos duros. Mas sabiam ser daniscos de espertos. Tinha-se de estar sempre com um olho no prato, o outro no mato. — "Seo Purcino, está com muita farinha bôa?" "— Nenhuma, seo Manuelzão. Este ano nós vamos fazer é mais no fim da seca. A mandioca é pouca..." Terras bôas, do vargedo, as vazantes, de melhor não se querer. Mesmo que, por lá, por aí, ainda reinava dessa febre-de-maresia, adoecia muita gente.

— "Manuelzão, minha cana está frechando. Umas já têm pendão..."

— "Mas está tarde, uê, então!" Carecia de se deixar p'ra esperar um bocado mais, comprar a rapadura mais em conta. Carecia de se pôr tento em tudo, cada dia, para se poder comprar mais favorecido. O feijão e o milho pioravam. Principal era o boi, que vinha da outra banda:

— Seo Joaquim Polvilho, tem desse trem pra me vender, boiada do Morro Vermelho?

— Lá é uma larga grande. E a ajunta do gado lá é dura...

— Sendo "brabeza", não vale. O que eu posso pagar é menos. Mas a viúva do Antônio Mendes não tem boi?

— Não sei. O que eu divulgo lá é gado de criar.

— De verdade?

— Ponho a mão nos Santos Evangelhos.

— O costeio lá, então, é um costeio bom?

— É um costeio grande.

— Mas, pra aonde estão vendendo o creme?

Para o Jongõ deviam de estar vendendo o creme, que era mandado, pelo rio, até a Pirapora. Ele, Manuelzão, com algum jeito, podia combinar de pagar um prêço melhor — e ainda lucrava, revendendo para um Goldimão,

que vinha com o caminhão toda semana, de Corinto... Mas compadre Cupertino era um homem astuto, sabia se aproximar:

— Uai, uê, compadre Manuelzão, arrumando negócio no meio de sua festa?

— Compadre, veja. Mais antes trabalhar domingo do que furtar segunda-feira. Mesmo digo. Aqui a gente olha a garapa ainda na cana.

— A qual! Um é o mais solerte... Será, a sua boiada, há já pronta para sair?

— Com Deus, compadre. De hoje a uns três dias ela balancêia, nos rumos da Santa-Lua...

— É meio mil?

— Ara, mais.

— Boiadão, então?

— É quase mil.

— Deus que me valha!

Mas as violas repenicavam:

“O galo cantou na serra
da meia-noite p’r’ o dia.
O touro berrou na vargem
no meio da vacaria.
Coração se amanheceu
de saudade, que doía...”

O dia andava. Em tanto, rulavam as fôgo-apagou. O velho Camilo, entre a Casa e o quarto-dos-arreios, vinha com um caneco d’água. Veio amolar a faca numa pedra, para consertar sua alpercata. Se ocupava nisso com um suspender de tristeza, caçava de sair fora da festa? Sua roupa nova continuava. — “Nhor?” “— Termine de efetuar esse serviço, seo Camilo, e depois venha, me acompanhe. P’ra o que seja preciso...” Aí, sem se esperar, aparecia Leonísia, saindo do rancho coberto, ela carregava menino no colo, Manuelzão evitava de olhar-lhe o rosto, e de ver que o menino mamava. Leonísia avisava que o rapaz doente já estava melhorado, a febre mermara nos assaltos, a poder do suador. — “O rapaz?” — Manuelzão se recordou. Nesses dois dias ele quase não tinha tido coincidência de conversar com a Leonísia, nos estados daquele remoinho de gente.

Dentro, o doente sossegava, em sombra. Meio dormia, no jiráu, e uma galinha se conchegara ali no canto, pegada nele. A galinha se alertou e escapou-se pulando por cima da parede divisória, no rancho sem forro, e já do outro lado soltava seu cloclo de ovo posto. O doente despertava, saudava Manuelzão com o acanhamento de um sorriso: — "Deus lhe pague, seo Manuelzão, com Santa Ana na garupa. Suas bondades são grandes..." O rapaz tinha singelos francos olhos, a cara de ser uma bôa peça. — "Amém, moço. Deus é quem ajuda: que manda a doença antes da saúde..." Enfermidade dele era só a febre da beira-do-rio. Que fosse primeiro para o Corinto, por acabar de sarar, depois podia vir pra trabalho na Samarra, aqui valia mais, ficava forro daquelas mazelas.

Manuelzão saía de lá, queria estar mais simplificado. Mas, debaixo de tão curtas horas, e sentia que estava caído de alturas — das alturas da festa. Tudo era diferente do que devia de ser. Mesmo enquanto se festava, a gente carecia de sofrer também o ramêrro dos usos, o mau sempre da vida: uns adoeciam com moléstias, outros se entristeciam, alguém tinha de cuidar das necessidades de todos, rompe reinavam as maçadas, e a gente tinha de precatar os perigos do amanhã, que subia armado contra os fundamentos de hoje. Os outros aceitavam o misturado disso, entravam nús na festa, feito fossem meninos. Mas, ele, Manuelzão, não. Não conseguia. Para ele, o apreciável das coisas tinha de ser honesto limpo, estreito apartado: ou uma festa completa, só festa, todamente! — ou mas então a lida dura, esticada, sem distração, sem descuido nenhum, sem mixórdia! Mais uns enganos. Homem, não suspirava. Mesmo, competia de demonstrar cara satisfeita, não dessem de reparar e falar, desfazendo em sua bôa fama. Por pouco, quem sabe até iam dizer: — Festa de Manuelzão, todos divertem, ele não... Não queria.

Como vindo se apresentava o Chico Bràabóz, parece que adivinhava. Chico Bràabóz tudo falava abocabaque, em pé-de-verso: — "Meu repertóro, eu tenho ele no cocóro..." — e batia com a mão fechada na testa. — "Vai um tome-juízo, seu Chico?" "— Pois até não desaceito, Manuelzão. Quando bebo um gole, fico mais prazido..." Ele mesmo dizia que era reprechinho, sujeito meio acêso. Escorropichava, e ia rabecando e descantando:

"Quando eu era rapazinho
que via os outros casar,

ficava muito reprecho
só querendo experimentar...”

Chico Bràabóz era até trabalhador. Plantava seu prato de feijão. Mas, com a rabeca, ele puxava toda toada — a gente não se escorasse, ele mandava na gente — “Outro gole, seu Chico?” — “Escorre. O mundo acaba é pra quem morre!” Tomava. — “Pois a gente senta aqui. Um dia só, é a regra...” Tomava. Estavam na sala, de vez em quando povo passando, falando. — “E a vida, seu Chico?” “— É isto, que se sabe: é consolo, é desgosto, é desgosto, é consolo — é da casca, é do miôlo...” — “Mas, hoje, o consolo é maior?” “— É assim como o senhor está dizendo...” Aquela alegria era forte, mas falseava. Toda tirada expressamente, da patrícia da garrafa, que nem um remédio bravo. Mais do que isso o Chico ia poder ensinar? E, mesmo de propósito, o velho Camilo surgia aparecido. Ele vinha beber água, do pote. O pote ficava ali no canto, esquecido. Todos que tinham sede iam pedir água na porta-da-cozinha, água das porungas grandes de barro, toda hora renovada. Aquela do pote parecia até coisa abandonada, água antiga, só o seo Camilo estava vindo beber dela; tão natural de humilde, o velho Camilo era ali, entre todos, o que sembrava ter mais fineza e cortesia, de homem constituído, bem governado. Bebia com medida, jogava o resto fora. — “Sede, seo Camilo?” “— É por uns calôres, aqui no interior...” Tristeza dessa, do velho Camilo, cachaça qualquer não empapava? A Joana Xaviel devia de estar agora no meio dos cantadores, aceitando graças de homem, quem sabe. Ou, então, era só o penar de não residirem mais juntos, na cafúa da chapada. Velho assim não podia gostar de mulher? A decência da sociedade era não se deixasse, os dois sendo pobres miseráveis, ficarem inventando aquela vida. Regra às bostas. Mas, ele, Manuelzão, era que podia mãezar? Podia socorrer de sim um caso desses, tão diverso? Mais triste que triste, triste. Tinha lá culpa?! Todos não viviam falando contra, depondo que aquilo era uma estória feia, que apropriava escândalo? Mais quem repetia censura era o Adelço. Assanhavam, estumavam que ele, como chefe, désse cobro à menos-vergonha. Pois deu. Aí então? Não tinha culpa das responsabilidades. Mesmo Leonísia o aprovara. Mesmo sua mãe, tão de caridades, não achou o que falar, quando veio para a Samarra, os tempos, e do havido soube informação. Culpa, não tinha. Esta vida da gente, do mundo, era que não estava completada.

Chico Bràabóz, quando ia tomando, carecia de se apresentar, de ciente, em qualquer conversa. Especulava: — “Seo Camilo, escute, o Manuelzão aqui está indagando umas coisas, ele quer negociar com a vida. O senhor me responda, o senhor que já viveu o de outros e o seu: quais são as horas melhores?” Velho Camilo respondia, com seo sério, suas palavras de teor: — “De verdade. Horas melhores, quando acho o que comer, e o que vestir. Horas piores, quando acho alguma malquerença, que não posso atalhar...” Assim respondido. Achavam que ele era meio sandeu, e ele estava a limpo na sua tristeza. A gente perguntasse: — *E hoje o desgosto é maior?* — e vai ver ele dava: — *É assim como o senhor está dizendo...* Ele tinha seus olhos.

Tirando conversa quieta com o velho Camilo. O que é que não se faz, na grande desocupação assim, de dia de festa? — “Vamos consumir uma jenuária, seo Camilo?” “— Será dúvida? Já estou bebido, por sua bondade...” “— Pois mais, seo Camilo. Hoje é festa...” Tinha de tomar. Tomava. Assaz vagaroso, fechando meio os olhos. Seo Camilo — era o velho delicado.

Tempão, todo. Entardecia. Da Serra, sombras sendo jogadas, dos lugares mais em cima, conforme na encosta o chão de sol se reparte. No pátio, estavam se dansando, mazurca, dansa de par, os rapazes com as moças... *“Mazurca mais a polca fizeram combinação: mazurca deita na cama, a polca deita no chão...”* Mas a gente se afastava dali, os pastos mais de perto estavam cheios de rêses que iam formar a boiada, algum boi-touro rompia mugido. A fôgo-apagou mais chamava. O dia esfria. Triste é a cigarra cantando nas árvores baixas e nos arbustos.

Jantar, jantar se jantava. Manuelzão não tinha fome nenhuma. Tomou um gole de café, outro gole de aguardente; pitou um cigarro. A cozinha, confusa de mulheres. Parava ali, lerdeando, estadonho. Tempão, que estava. Atinando — queria ver Leonísia. Requeria alguma palavra de estima, de consolo? Que era que se envelhecia? Mas, quando Leonísia com ele defrontou, deu más surpresas, nos olhos que abriu, mesmo no dizendo, com aquela voz escolhida de gentil: — “Pai, o que o senhor está sentindo? A não está bem? Não estou gostando dessa sua cor, isto é cansaços da festa, tamanha lufa. O senhor preza um chá?” Não. Que estava subido de bem. Era o que ele garantia. Leonísia era de beira do Grotão do Abaeté, de que família que na roda do tempo havia podido ajuntar tantas canduras? Assim aprazível de coração, assisada uma filha. Ela, para o Adelço, era a

melhor companheira. Sina de mulher, sina de homem. — "E esse seu pé, Pai? Não terá agravado? O senhor querer um banho de ervas, que faz bem?" As parvoíces. Nem não estava mais lembrado daquela dúvida no pé, o dia inteiro não tinha esbarrado de andar, e agora ainda ambicionava de andar mais, nada não lastimava. Agradecia a Leonísia, e saindo tornava. Não era homem que tivesse o coco por fora da casca.

A mocidade dansava. Seo Vevelho não se abrandava no tocar, era a mazurca "A Caninha", ou "Cana Caiana". — "Seo Manuelzão, aqui se tem de serenar e valsar, até se produzir ao menos outros dez pares de noivos pra casamento!" Como se poder conversar com esse seo Vevelho? A sanfona sombraçava, as violas no redobre. Mais avante, também, Chico Bràabóz referia a rabeca, com seus outros. Os violeiros. Os do lundú, que sério se dansava. Dois chefes músicos não combinam. Ver era o Maçarico! Escrapeteava. Rompiam dansa-de-máscaras, o reprechume do Bastião, de Folia-de-Reis:

"Eu desci p'r'aqui abaixo
no meu
macho mar-
chador...
Vou-me embora,
ei!
ai!"

Sempre as violas sustentando. O Pruxe expedia, as velocidades. Maçarico sapateava:

"Eu dei um tapa na rédea:
foi a rôxa
que
mandou...
Vou-me embora,
ei!
ai!"

Manuelzão havia de andar. Vigiar o volume todo da festa, os contornos. Ia até lá na chã, acabar de visitar a mãe, aquele dia, no cemiteriozinho, só? Passava de hora, e era longe, e sobressaía tristeza. Mas atravessou um

curral, ia em direito. No nascente, se via o cerrado das Pedras, batido de sol: mas depressa vinha se estreitando a parte ensolada, amarela, bela. O céu era o igual. O fim do sol ainda dava nas paredes dos ranchos dos vaqueiros — nas beiradas delas estavam pendurados os sacos de sola — as "borrachas", os bogós. Nesses ôdres de couro, tinha-se de levar a água para a gente beber, na travessia dos grandes desertos de lugares, nem gota d'água, se viajavam dois, três dias, até desde Fortaleza e Salinas, e depois, sem encontrar. Sair com a comitiva, até o diabo sofrêsse. Sobre os nortes de Montes Claros, tudo rareava, nas securas desse vale do Verde-Grande, nunca nenhuma fumacinha em choupana de morador...

Dois vaqueiros proseavam, deviam de estar sentados atrás da cerca, nuns pontos mais escuros. Aqueles descansavam, um bocado, da festa? Senão que estavam jantando. Manuelzão entreouvia o que um deles falava, o outro dizia mal percebido. Ao que esse outro era o Acizilino.

— "É lá que ela estava, naquela serra, pra fora daquela serra, estava até com um boi do seo Sejasmim. É velhaca. A bezerra dela é que é desgraçada de brava.

— ... amojando?

— Não, amojando, não. Ela está apartada, com bezerro grande. Mas, amojando, não. Isso é contar miséria.

— ...

— Eu sabia que ela por lá, na beira das Pedras. Mas quando campeei lá, não achei. A que eu achei, eu peguei e truxe... O que eu não posso agora é campear ela... Porque temos de ir levar o gado. Temos de ajuntar, separar os machos, os do João Herculino. Não podemos campear ela, não..."

A tarde passava. Manuelzão escutava aquelas frases, a um modo esquipáticas, soavam como um relato de outros tempos. A feio o berro do gado é na estrada, em desde cedo, a gente molhado de orvalho, feito se estivesse debaixo de chuvas. O sol esquenta, a lazeira, o gado naquele rém-rém, vagaroso demais, sempre no muito de poeiras. Em horas de comer, a carne-seca mal limpada, com farinhas: os bichos dela saltavam... Tudo se sofria. Maus pastos de pernoite, o arrancho nos descampados, os frios no serros... Mas, sempre tudo não tinha sido assim, toda a vida? Nada nenhum. Por que era, então, que, desta vez, repelia de ir, o escuro do corpo negava suas vontades, e depois a alma se entristecia?

Sair, daqui a quatro dias. Da Samarra à Tralha, primeiro dia, subida da Serra, quatro léguas, mau cômodo, mau pouso. Segundo, da Tralha ao

Andrequicé, corda de morros, cômodo regular, três léguas e meia, bom pouso, pasto regular, desdemente. Do Andrequicé à Vereda-do-Enforcado, razoável. Fazenda São-Manuel, da viúva Pedro Donato. Riacho-do-Chumbo. Fazenda Jequitibazinho — esses paraísos de agradável. Ribeirão Branco. Lagôa do Caramujo. Riacho da Vaca Magra. O resto. Meio de dar volta, de longe do Curral-de-Pedras, faltava de todo a água, para a boiada beber, o vento perfazia muito, o frio muito. Trem de trem ruim, negócio de pegar a estrada, pajeando boi. Algum dia ele podia deixar esses excessos de lado, enriquecido. Ah, os netos haviam de não carecer do burro serviço! Varar os sem-fins de cerradão de árvores altas, o dia inteiro não se via o sol, não se via o céu direito, e era o perigo de os bois se espalharem aos lados, se perdendo no mato do mundo. Com os dias, sobrava uma saudade de mulher, das comodidades de casa, uma comidinha mais molhada, melhor. Vontade de se ter mulher no pé da mão, para esquecimentos. O corpo formoseava essas sedes. Cachorro que verte em qualquer pé-de-pau — os bons companheiros, vaqueiros, queriam pandegar. Bem divertidas horas, isso dizia. A gente saía, com pouco já se degozando o voltar, o dia da chegada de volta era o melhor. Antes, tinha sempre sido assim. Agora, não. Agora não se sentia o aviso do cheio, que devia de vir depois do vazio. A mais, ouvia a pergunta do outro vaqueiro; mas, da vez do instante, reconheceu também a resposta do Acizilino:

— "Oé, viu e não viu, causa do escuro?

— Não, não. A lua só estava meio embaçada. Eu é que não estou enxergando nada de noite... No o sol entrar, o dia escurecer, então, não vejo mas é nada. Nem não estou servindo mais p'ra trabalhar... Ao que veio o desânimo. A gente afrouxa..."

A ser, o que se dava. A gente afrouxa? Os desalentos, o amontoo. Acizilino — amigo, de sua mesma idade, velho companheiro. Assim mesmo, esse tinha se casado, ainda na mocidade, legal, agora estava no meio de sua família acostumada, somente que no peso da vida... Manuelzão retornava dali, no ante-pé, acautelando que aqueles dois não o pressentissem estado lá de escuta. Andou. Esbarrou. Quem barulhava era um macho de galinha-d'angola. Acolá, surpreendendo em sombra, o velho Camilo — feito um bugre, assim sutilmente. De espera, queria falar alguma coisa? — "A ver, o que é, seo Camilo?" Desejava dizer nada. Vinha, porquanto ele mesmo Manuelzão tinha dado ordem, que acompanhasse, pelo que fosse preciso. Dessa ordem, ele já se esquecera.

Mas, pois, viesse, viesse. O velho Camilo, soturno. Rabujava? Bebeu o fel-vinagre? Podia perguntar: — Seo Camilo, está mal com alguém? Sendo de soer: os agastamentos com a Joana Xaviel — uma estória de amor. A graça! Indagou:

— Seo Camilo, o senhor está gostando da festa?

O outro descobriu o ser de seu rosto, mesmo no meio-escuro. O que respondia:

— Eu não divêrto, não. Eu só intéiro e semêlho...

Isto disse, o demo de velho. Parecia repetido, um eco, quantas vezes. Um velho, que merecia estima. Ele, Manuelzão, não se dava a culpa do que o outro vinha suportando. À lei, não tinha procedido por embirra, por ruindade. Mas a gente quase somente faz o que a bobagem do mundo quer. Agora, o velho Camilo viesse, sempre junto, sem arredar de sua companhia. Chegavam na beira dum curral. Manuelzão, por um lazer, se amparou nas réguas da cerca.

— O senhor sentiu um ar, seo Manuelzão? O senhor está assim agoniado...

— Nada não. Canseira, que me deu... Soava forte, no viro do vento, o reprechume do Bastião:

"Companheiro, me ajude
a contar a minha vida...
Vou-me embora,
ei-ai!

Eu não tenho amor aqui,
minhas queixas são perdidas...
Vou-me embora,
ei-ai!"

A música repartia as tristezas por todos, cada um seu quinhão. Descansadamente, de um certo modo, a festa era coisa que molestava. Também, não se arma festa todo dia. Acabasse, a gente repousava, em dormir um dia cumprido. Daí, três, para se ajuntar e apartar o gado bravo. A duro, a boiada ia sair bem, subir a serra com gente de ajuda. Federico Freyre ficava correspondido. Ao menos, se servia; o que um faz, se faz. — "Vamos voltando, seo Camilo, para o meado da festa."

Dava aquela ideia — que o velho Camilo não carecesse de falar alguma coisa? O que pressentia. Assunto podendo ser nas máximas, importante real. Não falava, quem sabe coragem não tinha?

— Seo Camilo, o senhor estará por me dizer uma coisa?

— Particular nenhum, seo Manuelzão. É dúvida? Fio que não terei.

Assim o outro mesmo se admirava, sem maldar. Mas que, de todo, quisesse dizer uma coisa — no coração de Manuelzão, parecia. Então, por simples encobrir, perguntar:

— Seo Camilo, se sabe desse João Urúgem? Se disse passou o dia dormindo, debaixo do arvoredo?

— Seo Manuelzão, sei que ele noite-vaga. Diz-se que fede feito raiva de gambá. Doença de loucura.

No pátio, na festa, estavam essas alegrias. Todo o mundo espaçado. Tinham levantado as luzes que servissem — as lamparinas de folha. Acendiam o candeeiro, velas. O Adelço oferecia bebidas. O Adelço discorria, senhor; ah, no meio de outros, longe dele, Manuelzão, o Adelço não se vexava. Traziam tamboretes para as pessôas, uns caixotes. A rede armada, para o senhor do Vilamão, esse em tudo se aprovava. O senhor do Vilamão, composto no cavú, um chapéu na cabeça branca. No que tinham feito também umas fogueiras, temperando o fresco da noite. De um lado se dansava salão, do outro todo lundú lavrava. Mesmo Leonísia veio chamar o Adelço — porque o lampião novo não queria pegar — Manuelzão via os pés dela, aquele instante, na soleira. O velho Camilo tinha bebido mais? — “Bota abaixo!” —; ao cão. Velho Camilo estava ralhando enérgico com os cachorros, ou dando ordem. Velho Camilo indicara desgosto grande. Teimas que ele nunca falava, somenos, olhando turvo, nem se sabia que fosse capaz. Joana Xaviel devia de estar lá na cozinha, hoje não relatava estórias. Mas vinha para a frente de casa, para as dansas, o mulherio todo vinha. Amanhã, começavam a ir s’embora. — “Dona Leonísia, a gente tem de voltar p’ra casa, dar de comer às galinhas...” — falava cada uma. Até a Joana Xaviel, que nem devia de ter galinhas, para cuidar. Elas pegavam as trouxas, pegavam os meninos, encosta acima, se sumiam na virada, outras para o lado do das Pedras, todo o mundo ia-se embora. Pesar do velho Camilo seria esse. A legítimo, ia dar uma pena. Mesmo a música já alembrava que a festa havia de se acabar. O céu derramava de estrelas. Daí, o riso de todos: o papagaio aparecia, a pé — escutara muita gente falando, cantando, gostava da música — e se chegava no meio das pessôas,

xingava, queria ficar perto de violeiro; tinham de pendurar a placa dele na parede.

Manuelzão se sentara na roda dos hóspedes principais, o banquinho baixo encostado numa árvore, ele precisava, hoje não estava muito conseguido com o corpo. O Nhão, seo Filipinho, Joãozim da Venda do Porto, Compadre Lindorífico, Joaquim Leal, o Nicanor, falavam com louvores a respeito de Federico Freyre. Manuelzão preferia menos dizer. Ele sossegava por detrás do som das músicas. O senhor do Vilamão cochilava suposto. Os mais, vez um, vez outro, vinham, passavam, palavreavam. João Xem contava uma graça. Do lado dos sociais, estavam dansando a guaiana, de oito pessôas. O Lói era um, influente, de vermelho diabral, vestido com seu baetão. Mais antes tinham dansarado um gamba, o uso antigo, como valia. — "Manuelzão, ficamos, pra ajudar, na traga do gado..." — eram o Queixo-de-Boi e Jão Orminiano, satisfeitos. Mas, da banda dos do lundú, era sempre aquela alegria forte, cantando e dansando os assuntos de tristeza:

"Eu entrei na mata escura:
piado de um caburé.
Ele piava que redobrava:
quereré, quereré, quereré!

Eu entrei na mata escura,
piado de dois mutúns
— piava que soluçava:
tururúm, tururúm, tururúm...

Eu entrei na mata escura,
— Piado de dois quem-quem;
piava que saluçavam
— tererém, tenrerém, tererém...
Eu entrei na mata escura,
piado de um pavão:
piava que redobrava:
pararão, pãrarão, panrarão!..."

Chico Bràabóz e seus companheiros. As amarelas caraíbas iam dar flôr em junho, em novembro o roró de uma chuva, o canto do narcejão. O

curralejo. Um rio curto. No começo, na Samarra, os macacos — aquele grito de velho. O que semelha grandezas, é coisa. O engrandecer das sombras, na hora de manhã do sol saindo. A gente ia pelo ramal de uma serra — se pensava. O vento voaz, levando nuvens. Rôxo quando a ipecacuanha nos campos secos. A quando a lua cresce, quando míngua a lua. Ao de cada mão um morro, um mato. Uns feixes: as árvores, ao luar. Olhos profundos do mundo. A gente seguia, sempre, feito picapau andador. Tapejara.

Seo Camilo ali estava? Sensato, consabido, para essa espécie de cisma: de que tivesse um segredo, com guardar. — “Manuelzão, uma festa da extração desta sua, é que eu estou quase querendo gostar de dar, algum dia incerto, nas Três-Veredas...” — era o que dizia o Nhão, serioso. — “Manuelzão, ao que a Santa merece: mas bom dinheiro se gastou, hem não?” — estava o que dizia o Nicanor. Ali perto, sobre assim, outros davam pergunta e resposta: — *“Oi, Aquíles, cê rompe na roça?” “— Agora, não. Amanhã eu fico, vou ajudar o povo a tirar o gado...”* Joãozim da Venda era o que muito ria. Algum gabava o bem-feito de corpo de uma das moças que dansavam. A conversa apreciável do Joaquim Leal se passava baixinho, de um pra um, com medido sossego, ele noticiando o aumento de seus negócios. Amiúde visava de lá o senhor do Vilamão, transitório, corujante, os olhos meio mortais, o rosto roseando suave no desde-luz, celheado geoso. Outras horas. A daí, de repente, o Adelço chegando, em direito, por dizer: — “Nho pai...” O Adelço limpou a goela. Que? O Adelço tinha chegado fixe, saudador, como no cumprir duma lição...

— “Nho pai, o senhor não supre bem, do pé... Seja melhor eu ir, levar esse trem de boiada, nos conformes... O senhor toma um repouso...”

Disse. Não se acreditava.

Manuelzão pôs bem o peito, dos ombros, nas pressas de um sentir, como, de supetão, demais se felicitava. Um sentir de bom poder, um desagravado, o aluído de um peso — e ele se clareando do que aquilo fosse: glórias de estar tudo em sua mão, o resoluto; ufano de ser generoso e senhor; honras fortes de não quebrar a palavra. Aquele — um prazer — prazer antigo não havido: que estava dando um doado ao Adelço, um benefício. Dádiva que quanto mais certa e grande conseguisse, que se pudesse. Balançou a cabeça.

— Ah, não, meu filho. Decidi que vou. Careço mesmo de ir. Me serve...

Assim estava — árvore sobranceira ao caminho. O belo angico, que gasta armação para se enfolhar tão pouco. Cipó não trepa em pau morto! O angelim sobe, sobe, sobe, e se abre para o lado do céu; não é qualquer passarinho que irá ninhar lá. Um cerne. Na árvore, o cerne não vive: só aguenta. Manuelzão não podia prestar atenção exata na conversa do seo Filipinho. A vago, anuía com a cabeça. Tudo o que tinha a fazer — os apreparos para a viagem. Chegado na Santa-Lua, agradecia a carta a Federico Freyre. Encomendava o sino para a Capela? Ali estava com o dinheiro no bolso, resultado do leilão. Joãozim da Venda ainda faltava entrar com o óbulo estipendiado. A Capela principiava os progressos, na faixa do Baixío. Ele tinha respondido bem ao Adelço? Melhor devia de ter acrescentado: — "Você fica, aguenta o rojão aqui na Samarra, toma conta de meus netos, toma conta de Leonísia..." Ia levar o Promitivo. Ah, engraçado, pensar — boiada adiante, os companheiros aboiando ou cantando — e da banda de lá aquele Maçarico, da banda de cá esse Promitivo. Ia, queria ir, não tinha vontade de ir, nenhuma. Como se tocam, se cantam, se dansam essas músicas, como o Cravo parlotêia. Uns bailavam outra vez o gamba. Os do Chico Bràabóz e do Pruxe nesse coco-galopado:

"Lava a roupa na vereda
dependura pra secar:
um suspiro, um lenço branco,
um soluço, um avental.
Rala!
Eu vou no buritizal...

O buriti veio de cima,
ouricuri deu de baixo.
Rala!
Se encontraram nos umbigos...
Rala coco nesse tacho!"

Não tinha o ânimo de ir. Ansiado, aborrecido, malfirme naquela festa. Sensabor que tinha de sofrer, até às alvas da madrugada. Até ao sol. Que era que esse velho Camilo havia de pensar e dizer — ele, idoso a mais, homem de ruim cabeça, miserável de roupa — teria medo da morte?

Estória! Os olhos de Joana Xaviel vigiavam os da gente, lá do meio das mulheres. Assim olhavam, de um modo de gosto para a vida. Saúde de homem é que nem honra, vergonha. Mas o triste mais sucede, quando o tempo fecha a mão. Havia de ser abençoado a gente viver ainda muitos anos, residindo, um dia tornar a escutar, ladeira abaixo, o sissipe do riachinho. A Samarra. Aqui o gado aumentava. Mesmo mais do que a carne de sustento de se comer, e o de vendido de dinheiro, aquele trem, aqueles bois, formavam um consenso de respeito, uma fama. Triste que aquilo tudo não pertencesse — pois o dono por detrás era Federico Freyre. A ver, ele, Manuelzão, era somenos. Possuía umas dez-e-dez vacas, uns animais de montar, uns arreios. Possuía nada. Assentasse de sair dali, com o seu, e descia as serras da miséria. Quisesse guardar as rêses, em que pasto que pôr? E, quisesse adquirir, longe, um punhadinho de alqueires, então tinha de vender primeiro as vacas para o dinheiro de comprar. Possuía? Os cotovelos! Era mesmo quase igual com o velho Camilo... Agora, sobressentia aquelas angústias de ar, a sopitação, até uma dôr-de-cabeça; nas pernas, nos braços, uma dormência. A aflição dos pensamentos. Parece que eu vivo, vivo, e estou inocente. Faço e faço, mas não tem outro jeito: não vivo encalcado, parece que estou num erro... Ou que tudo que eu faço é copiado ou fingimento, eu tenho vergonha, depois... Ah, ele mais o velho Camilo — acamaradados! Será que o velho Camilo sabia outras coisas? O que mal pensava, mal sentia. Porém, porém, ia passando além. A festa não existia.

Ia, com a boiada, estava a ponto. Assim, sabendo os pressentimentos. Amargava, no acabado. O fel de defunto — se dizia. Vezes que sucede de um adormorrer na estrada, sem prazo para um valha-me. Tinha não, tinha medo? Essa era de primorosa! Perguntasse ao velho Camilo. Assim, todo vivido e desprovido de tudo, ele bem podia ter alguma coisa para ensinar... Mas o velho Camilo, o que soubesse, não sabia dizer, sabia dentro das ignorâncias. A ver, sabia era contar estórias — uma estória, do pato pelo pinto, me conte dez, me conte cinco. A gente olhava aquela lamparina se esprivitando no arder, no umbral da porta, e daqui a pouco, no empretecer das estrelas, era o fim da festa se executando. O Adelço ficava, na Samarra. Ao melhor modo, ao menos, ele Manuelzão, antes da boiada sair, havia de dar uma ordem: — “Mas não desrespeitem o velho Camilo!...” Adiantava? Assim o que a gente quer, e o querer não fica em pé, mas se desvém no ar. Que nem quando se adoece, o corpo não obedece mandado.

Que nem ele tomasse empenho, rogasse ao senhor do Vilamão: — "Meu senhor, eu careço desse seu cavú, o senhor me ceda, faça prêço!" E depois? Ia ter coragem cidadã de revestir o cavú, que não se usava mais, mas que tanto se usou, no tempo em que ele teve aquele desejo? Agora nem em ninguém podia pôr culpas, o Adelço tinha vindo, falado, em branco se desarreando das faltas — ele Manuelzão perdia os desafogos, e no meio de vazios restava, conseguido só de desfazer em si, acusado contra si mesmo. Os seus pontos mais altos. O que podia era perguntar ao velho Camilo algum renovame, algum pedido que ele tivesse de ter. Mas não avantajava. Velho Camilo não ia dar resposta. Um tinha que se resilir, sem querer nenhum. Aquele estado de noite de meio maio, agradável friazinha, e sufocava feito o ar antes de trovoadas, peso pondo. Ah, árvore sozinha, em morros, chama raios. Iam judiar mais com o velho Camilo? Tinham judiado? Daí, pois, perguntava. Perguntava? — "Seo Camilo..." Que era que ia indagar? Só se mandando. Mandava. — "Seo Camilo..."

— Seo Camilo, o senhor conte uma estória!

O que era para se dizer e não se crer. Pois, então, era? Assim de só ser, sem razão. Uma estória. Mais o velho Camilo entendeu, obedeceu. Alguns ainda riram dele.

— Caso eu tenho, por contar...

O velho Camilo estava em pé, no meio da roda. Ele tinha uma voz. Singular, que não se esperava, por isso muitos já acudiam, por ouvir. Contasse, na mesma da hora. Ele, assaz, se começou:

A estória do Velho Camilo:

— "Em era um homem fazendeiro, e muito bom vaqueiro. No centro deste sertão. Tinha um cavalo — só ele mesmo sabia amontar. O homem morreu. Seu filho, seu herdeiro primeiro, que ficou sendo de posse-dono da fazenda, não aguentava tomar conta do cavalo. Só o cavalo era bendito. Só esse cavalo do finado homem..."

De daí, ô gente, agora me venham, para perto, e queiram, todo o mundo a escutar. Ao velho Camilo de gandavo, mas saído em outro Velho Camilo, sobremente, com avoada cabeça, com senso forte. Venham, minha gente, e os outros, pessôas, meus bons vaqueiros de campo, hóspedes de minha seriedade.

— "Diz-que-direi sucedeu... Nas terras do homem real... Os que experimentavam poder amontar no cavalo, logo frouxavam ele pelos

campos. Eles não guentavam carreira dele... O cavalo ficou gordo. O cavalo do finado homem — que era encantado...”

— É o *Romanço do Boi Bonito!*

— É a *Décima do Boi e do Cavalo!...*

A vir, venham, gente e gente, para rodear, pra escutar. Aqui quem ainda estiver faltando: João Xem, Hilário, Recesvindo, Zazo, Zito, Duvirjo, Turtuliano, João Vaca, Gregório, Simião, José-José. Venham o seo Vevelho, os filhos. As moças. Deixar também esses meninos. Chico Bràabóz, com a rabeca preta. Povo, povo, trazer um assento de tamborete, para o velho Camilo se acomodar. Maranduba vai-se ouvir! Aí, toquem as violas sereno, de cinco e seis cordas dobradas, de mississol-remilá. O violão tem os mil dedos, fez-se o violão pra se gemer. Seo Velho Camilo em fim de festa, carece de recomeçar. Venham o Pruxe, o Maçarico, o Lói, Acizilino, o Queixo-de-Boi, Jão Orminiano, Jenuário. Com facho, tocha, rolo de cera acêso, e espertem essas fogueiras — seo Camilo é contador!

— “Quando tudo era falante... No centro deste sertão e de todos. Havia o homem — a corôa e o rei do reino — sobre grande e ilustre fazenda, senhor de cabedal e possanças, barba branca pra coçar. Largos campos, fim das terras, essas províncias de serra, pastagens de vacaria, o urro dos marruás. A Fazenda Lei do Mundo, no campo do Seu Pensar... Velho homem morreu, ficou o herdeiro filho...

...Nos pastos mais de longe da Fazenda, vevia um boi, que era o Boi Bonito, vaqueiro nenhum não aguentava trazer no curral...

O sinal desse boi era: branco leite, cor de flôr. Não tinha marca de ferro. Chifres de bom parecer. Nos verdes onde pastava, tantos pássaros a cantar.

Que todos me ôiçam, que todos me ôiçam: o seguinte é este. Grande tempo há já passado... O fazendeiro raivava. E depois se entristecia. Vaqueiro no campo, todo dia. Achavam maloca de gado, traziam. Trabalhavam o Boi, ele não vinha. Espaço de um ano, dois... Achavam em beira nos matos, malhando, rodeavam as rêses todas que havia. Trabalhavam o Boi — o Boi partiu no mundo...

O cavalo, cavalão, que engordava, só nos pastos, noite e dia. Desesperação do fazendeiro, filho do finado homem. Mais aquelas corridas vãs, a fama do Boi crescia. Sertão longe, se falava, nesse Boi, que se prazia.

Deu vez, veio um vaqueiro, de fora. Saíu na Fazenda. Pediu serviço.

— Beija mão, meu vaqueiro.

— Vosmecê é meu patrão. Vaqueirama existente veio ver:
— Deus vos salve, companheiros!
— Deus o salve, camarada!
O nome desse vaqueiro, ele mesmo não dizia: — O meu nome a ninguém conto, pois o tenho verdadeiro. Se o meu nome arreceberem, sina e respeito eu pêrdo. Me chamem de nada, até saberem: se sou tôlo, se sou ladino. Enquanto eu não tiver nome, me chamem só de Menino...
Sutilmente se passou: que escolheu um cavalo, que montou, veio vindo, palaciado. — "Montou? Esse montou? Mas é o assombrado, cavalo que não é possível!..." O Menino reconheceu: — "Relevem, que eu não sabia..." Sabendo agora já estava.
De jeito, que esse vaqueiro de fora montou no Cavalo em que ninguém não amontava. *Campeão*, cavalo de fábrica. Pegou numa vara de ferrão, muito bôa, que era do finado homem derribar. Andava só pelos campos, se calando com o Cavalo. Era aventurado nisso. Até se dizia que ele podia ser de seu tanto perturbado... Tempo cedo virá, que se saiba.
Vai, um dia, se disse ao Fazendeiro: mandasse arreunir vaqueirama, os mais de todas as partes, dando um bom prometimento, com recadistas e embaixada. No tempo do trovoar. Viessem os vaqueiros que quisessem — dar campo ao gado e correr o boi. Que sim — que o Fazendeiro disse: que essa usança era bôa e justa, em sua casa-da-fazenda alpendrada, com janelas avarandadas, com sua baixela de ouro e prata, com sua filha por casar.
Teve mundo, deu mundo. Mas então veio aquela vinda de gente, sem esbarrar, de toda banda, e só vaqueiros de fiança, com nomes de pronta fama, produzidos no campejo. Teve rebuliço de festa. Correu voz.
Ser esses. Foi mais de muito. Lá vem seo Pedro Calungo, montado em seu Papa-Léguas, zâino castanho cabos-negros, redondeiro e bebe-em-branco. Lá vem Quirino Quincota — sobre o amame aquartalado — guarda-pé de couro de onça, flôr de rosa no gibão. Lá vem Jerônimo São Juca, montado de marialva, em seu baio douradado, transtravado e rinchador. Lá vêm da Cava da Grota, em sete pretos melroados, todos sete encapotados, clinudos, ventrilavados, os sete irmãos Beladôr. Lá vem um vaqueiro magro, outro gordo, outro mais magro, outro de cabelo comprido, da Fazenda do Rebôo. No seu arlequim Merépa, lá vinha João Anacleto, com Pixo e Pingo Anacletos, dois filhos do sobredito, todos três do Siará, só. Merêncio, filho de Firmino, vem num ruão argel e lhalvo, cantado

noutras estórias, chamado Amigo-de-Deus. E os que não vi e não sei. Os cavalos dos vaqueiros...

Por mais de mil se ajuntaram, ali na baixa vertente, fervença de tanta gente: — "Rendam armas, companheiros! Vamos derribar esse Boi!"

Alvroçou, aquilo, aos altos. Se engrossou com mais milheiro, e dúzia e grosa e milhão. Mundo que gente pariu. Várias presenças e praças, sortida regra e nação. Os vindos por puxar gado. Todos queriam certar. Que queriam não sofrer. Cada vaqueiro de nome devia de se arreconhecer. O senhor gritava um nome; tinha! Tomaram o abecê desse alardo. Dou, por volta:

Antônios; Ascenço; Aroeira e Agarra-a-Tabica; Aziano, filho de Ázio; Arrudão; Alamiro Jó de Freitas. O Bó; Birinício; Bastião, do Brejo-Preto — montado num lionanco. Cérjo de Souza Vinagres. Duque; Dativo; Doêz; Domitilo Sem-Cabelo. Estanislau das Marias. Fagundes, velho serrano; Farroma e Ferreira Figo; franciscos — chicos chamados. Graciano Mão-Comprida. ("— É do Rio Pandeiros! Bebe água sem razão: é do Rio Pandeiros!"); um gustavo. Helias, pardavaz maludo, groteiro e filho de padre. Ilídio, Irino, Idalino; Inácio Vidú do Guedes. Jordão de Tal, sem costumes; mais de cinquenta josés! Caciquinho; Carapeba. Laerte, com altas botas: couro de sicurijú; Landolino; Laurentino; Luiz da Silva Safado. Miguéis, manuéis, Mandurino; Menelão e Milicão; Mendonço será que estava? Nolasco; Noêncio, grande aboieiro. Olavo; Ogão; Olereno; e Orozimbo, separado — por ser de marca maior. Protásio; pedros (quarenta-e-cinco); Ponciano. Quins; Quintino — homem agreste, bom vaqueiro de jornal; quarteado era o rucilho que João Quitério amontava. Os raimundos; Rodemiro; mais o Reinério, urucúio, e o Rogoso, urucuião. Sisnando Corre-nas-Lajes; Silurino; Sás — vaqueiro gorotubano, que se feito nas Jaíbas. Totó da Fazenda Arcanjos; Tio-Í — vaqueiro vaqueal. Ursulino mais Uzante — vermelha cinta de lã, uma cruz no arção dianteiro. Vaz; Vicente Galamarte. Xisto, velho topador. (Ypsilône — não tinha.) Zorô, Zé Sòzinho, Zusa. Til que dê para atilar: setenta joãos e joães!

E os que não vi e não sei.

O fazendeiro arrumou festa, tinham vindo violeiros, assavam carne de capados. Matou cento e dezoito bois, a cebôla se acabou, não havia sal que chegasse, mandaram providenciar. As negras no almofariz. Pediram

auxílio de alegria. Os mundos reverdecidos, desde as chuvas criadeiras. Hora chegava.

A pois.

Aí, todos naquela prepa, terminou-se o bota-sela. Cada um pegando o laço — de vinte e sete rodilhas. Cada um pegando a vara — como um soldado piqueiro. Os cavalos pateavam. Os berrantes já tocavam. Povo por aí aboiando. Mas coragem para ser usada — a lei na lua da sela. As varas, que davam sombras, florestal de tão enormes — de três metros a menor, a maior braças-e-meias! Os cavalos tinham caras. Cavalos abornalados, arreados e desarreados, desbenziam e se empinavam, dando chaças cracolavam, enfreavam, escarceavam — mal careciam de espora. Me ôiçam bem?

Dos pontos mais altos de sua Casa, o fazendeiro deu salva de ordem:

— Tento, tento, vaqueirama! Hoje é o dia desse Boi? O galardão que falei, é em honras e dinheiros. A quem der conta de derribar e passar por riba — me trouxer esse boi, no curral. E por casar tenho minha filha...

Os vaqueiros davam grita, vivas davam e já queriam. Fazendeiro prosseguiu:

— Tento. Esse boi que hei, é um Boi Bonito: muito branco é ele, fubá da alma do milho; do côrvo o mais diferente, o mais perto do polvilho. Dos chifres, ele é pinheiro, quase nada torquêsado. O berro é uma lindeza, o rasto bem encalcado. Nos verdes onde ele pasta, cantam muitos passarinhos. Das aguadas onde bebe, só se bebe com carinho. Muito bom vaqueiro é morto, por ter ele frenteado. Tantos que chegaram perto, tantos desaparecidos. Ele fica em pé e fala, melhor não se ter ouvido...

— Dubá, eh, duba! fazendeiro. Vamos sério esse boi!

— Eh, dunga!

— Esperem aí, meus vaqueiros, quando eu tenha terminado. Meu belo Boi não é reimão — é pasteiro no refrigério. Mas às vezes esse Boi some, sumindo por sol e lua. Às vezes esse Boi canta, cantado de sol e lua. Esse boi tem sis na baba, fecha os olhos de mentira. Ele ri com a boca esconsa e chora de um sõe risonho. Não chora. Vaqueiro que tem coragem, ele mata ou põe encantado. A vaqueiros bem-tementes, no carrascal tem deixado. O reservo onde ele sedêia é — do Campo do Amargoso, mais além, em terra sobêja, pastío: na Vargem da Água-Escondida... Me traz esse boi? É favor, é favor...

Como num corpo de igreja. Os vaqueiros, malsofridos:

— Vós mandando, fazendeiro. O Boi é meu — eh dunga!

— Deus vos salve, bons vaqueiros, porque tenho terminado.

Tomou a mão um do meio deles, para vênia de poucas palavras. Mancebo à-parte vivente, bem olhado, bem assente: nas estribeiras erguido. Ao parecer, muito moço. Valoroso. De bom talho. Assim, pois, ele era aquele: Vaqueiro-de-fora e Menino.

— Companheiros por inteiro! O cavalo branco que eu monto, não é meu nem me foi dado. Ele é urco, ufão, mas faceiro — alfaraz e voluntário. Soletra no fixe, constante, obedece por atalhos. A sobre de todo encanto, ele é primeiro encantado. Ele fala a lei do sempre, a quem está rei amontado. Meu escravo e o mestre meu — é. Mas quem souber amontar nele, melhor, eu cedo, por regra de lealdade...

— Não seja escrúpulo, companheiro, que eu já venho bem amontado...

— Isto é cavalo-de-fábrica?

— Estamos em bons estados...

— Eh, dubá, eh dunga!

Os vaqueiros tresvolteando, borneando suas varas.

— Eu vos falo, companheiros! — veio por diante o Menino. — Esse Boi já me sonhou, este Cavalo tudo sabe. Pra vida ou pra morte alegre eu vou, com tão lustrosa companhia de vós todos. Mas, vamos ter avença, vamos assentar: aqui, todo o mundo carece de ser valente! Pois só dá descanso de bem-morrer é no meio de valentia. Sus e guar, meus companheiros, vamos fazer ventanias!

— Chega de razão falada!

— Eh, dunga, eh dunga!

Até o fazendeiro montou, na sua besta de estima. Na bôa sela campeira, com toda niquelaria. Para assistir ao vaquêjo, desigual de maravilha. Sem perigos, ficando vendo, do alto de uma serrinha.

O restante desta estória é em moda redobrada. Com os sofrimentos e os anos, receio ter esquecido.

Quando os vaqueiros saíam, parecia pra uma guerra. Saíram com o sol saindo, no rastro da madrugada. Por longo o campo embebia as sôpas brancas do aruvalho. Saíam pelas cancelas, como abelhas de um alvado.

Antão esses se partiram, cantando à solfa o abôio, trastrás de outro se sorrabando, pelo caminho campo encordoados. A grita que eles faziam, por hora e meia se ouviu. Da fazenda, que se ouvia: o baco-baco da cavalhada. — "Ô, dos campos!" Abalou a passarada.

Sinhô Lú risca na espora, suas bôas nazarenas. Pixo e Pingo nas ferramentas. Quileu nas esporas-ferreiras. Joantão nos esporins. André nas chilenas de fora. Dico nas pequenas, norteiras. Tinha as de alpaca e metal, as de outras qualidades. Se eu fosse, passava os dias, recontando variedades.

Os vaqueiros, esses, não. De lança na mão, estribo no pé — ou as caçambas de madeira. Rodando as varas, então, puxavam um esgalopeado, com a boca bem aberta, pra remorar o aboiado. Para os pastos fazendo via. As estradas assembleias: uma fita de mil-cor, no transpassar avistada. Os pássaros se dando sertão, cuspe no céu desasados.

Alta manhã, altas alas. A costa arriba, nos lançantes, chegaram em tôpe de monte — campo de donde muito se via. Urubús assaz andavam, que faz tempos não comiam. Gaviões de unha de ferro, albuquerques papagaios. Estirão, que estanceavam. Um touro aberrou suas vacas, no amor da pastaria. Antão o vaqueiro Sinhô Lú, que era o mais avô de todos, mandou atenção de respeito:

— Estou vendo: no meio de vocês e de vós, uns com medo. Beiços brancos, ossos tremendo. É melhor voltarem daqui, à fraca — o Boi deve de estar venteando esse apego de receio, já estará sentindo gente de almas por baixo!

— Tenho medo mas é de não ser o primeiro a derribar — dou...

— Já nasci com o beiço branco, cedo eu fui desmamado.

— Só tenho medo no começo, porque não estou acostumado.

— Pai, medo tenho, mas não volto, que eu ficava desonrado!

— Não tenho coragem nem medo, tenho o Cavalo baseado... — disse o Vaqueiro-Menino.

Sinhô Lú viu que não adiantava, mas mesmo fez o que devia:

— Antão, aqui a gente se aparta. Você vai p'r'aqui, eu p'r'ali, outro p'r'ali, este p'r'acolá, outro p'r'acolí... Primeiro, puxamos esse gado, todo...

De falar não terminou, os outros já arrancavam. Mais disparavam: Eh dunga!... Se esparramaram em despenque, morro a fundo, por todo lado: *qualequal, qual e qual, qual-e-qual, qual-e-qual, qual-e-qual, qual, qual, qual, qual, qual, qual...* Sobaixo de tantas patas, a terra sotrateava. Toda a serra retumbada. Sempre os cavalos pé de pedra, as campinas reavoavam. Por espigões e baixadas. Até varas se quebravam. As faz galho, calháu

vôa, barulho de mato queimável. Como o gado se corria. Corria tudo porfia.

Gadaria. Uma quantia de bois, que mudavam de lugares. Se conhece o homem valente por economizar valentia: o ladino, se guardava; o tôlo se estrepolia. Vaquejava antes da hora. Assim mesmo se prazia. Festejada: muito mocotó passou, mais boi se botou no mato... Vai ver entupir no fundo — encambitavam, enrolavam. — “Caxango!” — o que esperdiçavam. Ães estralaçada e bufúrdio, a supra boiama se alçava. Só os poucos revoltavam. Se viu a vaca azulêga e a amarela manchada. A novilha coração e o garrote gademar. A chapadeira espanhola, mais o loango que barga. Sorubim de azul e rajas. Se viu o espácio lavrado. Sujo das folhas dos ramos, um touro preto gaiteava. Preto, mas da testa branca. Raspava o pé nos terrenos, os homens desafiava. Boi de éra, maioral! — formigão nos cornos sendo, mais podendo malignar-se. Por um laçaço que lhe deu, o João Gomes passou mal. Outras rêses perpassavam. — “Eu quero o boi rouxinol e esse fronteiro aspantado! Um eu vou topar na vara, o outro tarrafeado...” Mais se via era pai-joão e bassoura: — “Eh, boi no mato...” Vaquejavam.

Tontos eram. Mas, vem, vem, o fazendeiro: — “O que é um mal-usar! Pois pra isso marquei brinde?! Ou pra o Boi Bonito pegarem?...” E ele estava quiçá. Suas ordens não prezavam. Aí, disse o Dominguinho Vento: — “É deveras, povo meu. Estamos bem aprontados! Mais viram aquele, ali?” O vaqueiro do Cavalo: que, nas sombras de uma árvore, desapeado e recostado. — “Mandria! Menos-vergonha!” — esses outros invejavam. Vaqueiro Menino limpou os olhos, acordando, descansado: — “Não saí fora de jogo. Esperei só começarem...” Não houve contestação. Houve tererém-tem-tém, e houve que começaria.

— Antão vamos! — Erê, eh dunga!

Um pedação de sol, que foram. Pelas brechas e gurguéias. A na Campagem do Amargoso — onde não há casa nem têlhas. Muito andado. Só não desesperavam do Boi, pelo medo dele que muito já havia. E pelo que os pássaros diziam. Mas que ninguém não entendia. Muito andado. Malhar, pastar e beber — soante a vida de todo gado.

De repente exatamente, um bramou, na dianteira. Seo Ruduino Marçal, capataz desta ribeira — viu seis bois numa malhada: um maringá, um rajadão, um tocoió, um jejê, um corujo, um cirigado. Seis eles eram! Todos seis virando feras — flôr-do-gado. Menos o sete que faltava. Esses,

altos, dentro do ar — visão que andavam nas águas: a luz do sol, que enganava. Os cavalos dos vaqueiros fitaram o orelhame. Os vaqueiros se rezaram; vieram em cima! Mas falavam o outro boi, o boi-sete, que faltava. Assim mesmo em esmo vieram. Tencionaram nele.

Sentados nos serigotes, sentados em seus galopes. Ah, e aquele? Boi Bonito, bandoleiro. Ninguém viu — o senhor viu boi? Boi Bonito, que investia. A loriana, que deu neles, na hora da assoprada. Ar grosso. A espuma riosa, nos freios que se mascavam. Cercou-se esse Boi Bonito: era o sétimo faltado. Não fizessem!

— Apê! Erê! Eh, dunga!

Vaqueiros picam de esporas, largam rédeas, largam almas — vão com as varas abaixadas. Das ferraduras nas pedras, flores de um fôgo azulado. Mas ninguém aguentava o impeito — de um Boi que os sobressalteava! Os cavalos se estreitavam. O afêrvo. Rebentava esse estrupiz — sangue animal e de gente — no mundo correndo, irosos, cavalos com feias faces. Cavalo como que corre: que correndo, esgadanhado: pra os lados dá com a cabeça, no freio está maltratado. Galeavam. Gritos de arrepiar as carnes. Sem guisa, malsorteante, no barranco despenhado. Quem se fere, quem se foge. Este cai longe, mole, rodopêia, este grita, jogado em árvore, este o cavalo morre por cima dele, este sangra do gibão sete-rasgado. Tanto com o dôido tropêio, tomar vinga não podiam. A estrapada e remessão, num já, se retrocediam. Todos que viram, correram. A cada bufo do Boi, um fló de vento soprava. A cada vez de marrar, tempestades arrancava. Já mesmo muitos todos fugiam, com o grôsso da boiada. Caval correndo sem dom, e o dono desamontado. Teve mortos e enterrados. Tocha de lume nos olhos, o Boi Bonito crescia. Dos mil e tantos que vinham, quase todos machucados. Derrotaram esses mais de mil, somando avante pra trás. — "Por vaqueiros se conheçam!" Aquele Boi era touro. Esse boi, olhando os ares. Foi num verde caatingal.

Mas lá vai um vaqueiro seguindo, no manso de um esquipado. Atrás do Boi enganoso, esse o Vaqueiro Menino falado. Deu o adeus pra si mesmo, não deu de esporas no Cavalo. Sobe valo, desce morro, sobe morro, desce valo. Só ficava assunto esse Vaqueiro, por não perder o logrado. Pois era. O Boi sumiu, fez partida — do Vaqueiro se escapava. O que de muitos não temeu, de um, de um só se receava?

Desapareceu, apareceu. Corria mais do que o vento. O Vaqueiro partiu a ele: fechou as barrigas-das-pernas, contra a sela, contra as abas. Formaram

carreira. Corre de riba, corre de baixo, levando esse Boi de vista, se debruçou do Cavalo. E por terras tão compridas. Corre no duro, corre na lama, corre no limpo e no fechado. Assunga o casco do Boi, assenta o casco do Cavalo. Aí o raso do campo, aí o serro da serra: matagão — o Boi desentrou de rompe, de rempe veio o Cavalo. A uma profunda grota: o Boi resumiu e voou; o Cavalo juntou as quatro, voado; assim pularam o valo. Sempre iam em rumo direito, nunca se desatravessavam. O que, surdo, disse o Boi: — "Homem, longe de mim, homem!" — "Boi, que não!" — o Vaqueiro pensava. Traquejava, aperreava. Todo estava.

O Boi se em desapareceu. O Cavalo sabia. O Vaqueiro sabia. Rompeu pra lá. Rompeu, chegou lá. Onde o Boi de novo havia. Como de arranco corria, nessa carreira torcia.

Capão. Cerradão. Vai daqui, vai dali, vai daqui, vai dali, vai daqui, vai dali... Toda volta que o Boi dava, rés-vés o Cavalo também dava. Meio mais que o mocotó do Boi, o garrêto do Cavalo. Quando avistava com o Boi, o Vaqueiro suspirava. Daí em vante, que iam, para a Lagôa Abaixada.

Tudo que podia o Boi: *dêi, dêi, dêi, dêi, dêi, dêi, dêi, dêi...* Tanto o Cavaleiro atrás: *popóre, popóre, popóre...* O Boi procurou uma capoeira de espinho-de-agulha, que estava trançado. Tacou o chifre ali, rasgou: chega saíu cinza. O cavalo galopa e agalopa, que seguia, que varava. O Boi fronteou um tabocal fechado. Vedo tapume. Tacou o chifre ali, arrombou. Por aqui saiu, por ali entrou. O Cavalo atrás estava. Trasvessaram um capãoête. Subiram lá, num cerradão alto. Desde desceram. Aí, o Boi jogou outra vez. E o Vaqueiro jogou o Cavalão. Jogou, jogou.

Num campo de muitas águas. Os buritis faziam alteza, com suas vassouras de flores. Só um capim de vereda, que doidava de ser verde — verde, verde, verdeal. Sob oculto, nesses verdes, um riachinho se explicava: com a água ciririca — "Sou riacho que nunca seca..." — de verdade, não secava. Aquele riachinho residia tudo. Lugar aquele não tinha pedacinhos. A lá era a casa do Boi. O Boi, que vinha choutando. Antão o Boi esbarrou. Se virou. Raspou, raspou, raspou. O Boi se fazia, muitas vezes; mandava nos olhos da gente suas seguidas figuras. O Vaqueiro mandou o medo embora. Num à-direita se desapeou, e pulou pra o lado dele. Lhe furtou a volta. Pôs a vara-de-ferrão na forma, pra esperar ou pra derrubar. Mas o Boi deitou no chão — tinha deitado na cama. Sarajava. O campo resplandecia. Para melhor não se ter medo, só essas belezas a gente olhava. Não se ouvia o bem-te-vi: se via o que ele não via. Se escutava o

riachinho. Nem boi tem tanta lindeza, com cheiro de mulher solta, carneiro de lã branquinha. Mas o Boi se transformoseava: aos brancos de aço de lua. Foi nas fornalhas de um instante — o meio-tempo daquilo durado. O Vaqueiro falou o Boi.

"—

Levanta-te, Boi Bonito,
ô meu mano,
deste pasto acostumado!

—

Um vaqueiro como você,
ô meu mão,
no carrasco eu tenho deixado!"

O de ver que tinha o Boi: nem ferido no rabicho, nem pego na maçaroca, nem risco de aguilhada. O Vaqueiro mais citou. O Cavalo não falava.

"—

Levanta-te, Boi Bonito,
ô meu mano,
com os chifres que Deus te deu!
Algum dia você já viu,
ô meu mano,
um vaqueiro como eu?"

Dele ganhou uma resposta, com um termo sério e sentido:

—

Te esperei um tempo inteiro,
ô meu mão,
por guardado e destinado.
Os chifres que são os meus,
ô meu mão,
nunca foram batizados...
Digo adeus aos belos campos,
ô meu mão,
onde criei o meu passado?

Riachim, Buriti do Mel,
ô meu mão,
amor do pasto secado?...

Velho Camilo cantava o recitado do Vaqueiro Menino com o Boi Bonito. O vaqueiro, voz de ferro, peso de responsabilidade. O boi cantava claro e lindo, que, por voz nem alegre nem triste, mais podia ser de fada. No princípio do mundo, acendia um tempo em que o homem teve de brigar com todos os outros bichos, para merecer de receber, primeiro, o que era — o espírito primeiro. Cantiga que devia de ser simples, mas para os pássaros, as árvores, as terras, as águas. Se não fosse a vez do Velho Camilo, poucos podiam perceber o contado.

Até as mulheres choravam. Leonísia suavemente, Joana Xaviel suave. Joana Xaviel de certo chorava. Essa estória ela não sabia, e nunca tinha escutado. Essa estória ela não contava. O velho Camilo que amava. Estória!

Seo Vevelho foi por si mesmo buscar cachaça-queimada, pra trazer para o Velho Camilo. O senhor do Vilamão, tão branco, idosamente, batia palmas avivas, parecia debaixo de um luarado.

Manuelzão estendeu a mão. Para ninguém ele apontava. A boiada fosse sair — ele abraçava o Adelço e Leonísia.

Mas a estória se contava:

— "O Vaqueiro baixou o laço no Boi Bonito. Pôs surrupêia Passou no pau, amarrou. O Boi tinha de dormir ali amarrado. Mas, da água do riachinho, eles dois tinham juntos bebido. Por horas que anoitecia, o Vaqueiro desconhecia o caminho da Fazenda.

— Este Cavalo é conhecedor deste mundo todo. Eu afrouxo a rédea dele...

Amontou e afrouxou a rédea. O Cavalo virou e viajou. Viajou direitamente. Chegou lá, no estado da noite, vespra do galo cantar. O Vaqueiro gritou na cancela. Todos dormindo. O cachorro grande laborando todo. Os cachorros barrondando. Pessoal se levantou, com luzinhas de lanterna, ver o que estava se passando. O fazendeiro, de camisolão, queria saber o que foi:

— Ei, é? Que maçada...

— Eu. É dúvida?

— Que é que está fazendo? Você morreu não?

— Eu estava trabalhando o Boi...
— Ara, ara...
Os outros vaqueiros deram um teima com ele. Formaram uma questão ali, chegaram em termos de brigar. Antão o fazendeiro ficou brabo:
— Não, gente. ’Comóda! O homem falou que marrou, é porque marrou. Não tem melhores alvissas?
Foi ordem de se acender festa, com tocada de viola e dansa: *té, té, té, té, té, té, té, té* — até o dia clareou. Fizeram noite, dansando. As iaiás também. O quando o dia já estava pronto para amanhecer, céu já se desestrelando. No seguinte, na rompidinha do dia, a vaqueirama se formou. O Vaqueiro com o Fazendeiro — adepartes. Fazendeiro mais atrás, na sua besta queimada. O Vaqueiro vinha guiando. Jogou o Cavalão adiente, foi bater onde estava o Boi... O Cavalo governava.”
— Seo Camilo, a estória é bôa!
— Manuelzão, sua festa é bôa!
— Simião, me preza um laço dos seus, um laço bom, que careço, a quando a boiada for sair...
— Laço lação! Eu gosto de ver a argola estalar no pé-do-chifre e o trem pular pra riba!
— Aprecio, por demais, de ajudar numa saída de gado. Vadiar mais os companheiros...
— Ei, eh, epa! A isso, lá?
— O João Urúgem, vigia: que veio em ouvir, na beira da escuridão... Oi, o João Urúgem de quatro patas, de sombrio, com todas as mãos no chão...
— Tenção de caluda, companheiros, deixa a estória terminar.
— “... O Boi estava amarrado, chifres altos e orvalhados. Nos campos o sol brilhava. Nos brancos que o Boi vestia, linda mais luz se fazia. Boi Bonito desse um berro, não aguentavam a maravilha. E esses pássaros cantavam.
— Vosmecê, meu Fazendeiro, há-de me atender primeiro, dino. Meu nome hei: Seunavino... Não quero dote em dinheiro. Peço que o Boi seja soltado. E se me dê este Cavalo.
— Atendido, meu Vaqueiro, refiro nesta palavra. O Boi, que terá por seus os pastos do fazendado. Ao Cavalo, é já vosso. Beija a mão, meu Vaqueiro.
— Deus vos salve, Fazendeiro. Vaqueiros, meus companheiros. Violeiros... Fim final. Cantem este Boi e o Vaqueiro, com belo

palavreado...”

— Espera aí, seo Camilo...

— Manuelzão, que é que há?

— Está clareando agora, está resumindo...

— Uai, é dúvida?

— Nem não. Cantar e brincar, hoje é festa — dansação. Chega o dia declarar! A festa não é pra se consumir — mas para depois se lembrar... Com boiada jejuada, forte de hoje se contando três dias... A boiada vai sair. Somos que vamos.

— A boiada vai sair!

No Urubuquaquá, no Pinhém

"O melhor, sem dúvida, é escutar Platão: é preciso — diz ele — que haja no universo um sólido que seja resistente; é por isso que a terra está situada no centro, como uma ponte sobre o abismo; ela oferece um solo firme a quem sobre ela caminha, e os animais que estão em sua superfície dela tiram necessariamente uma solidez semelhante à sua."

PLOTINO

"A pedra preciosa de que falo é inteiramente redonda e igualmente plana em todas as suas partes."

RUYSBROECK o Admirável

O recado do morro

— Morro alto, morro grande,
me conta o teu padecer.
— Pra baixo de mim, não olho;
p'ra cima, não posso ver...

(Contracanção. *Peça pseudofolclórica.*)

Sem que bem se saiba, conseguiu-se rastrear pelo avesso um caso de vida e de morte, extraordinariamente comum, que se armou com o enxadeiro Pedro Orósio (também acudindo por Pedrão Chãbergo ou Pê-Boi, de alcunha), e teve aparente princípio e fim, num julho-agosto, nos fundos do município onde ele residia; em sua raia noroesteã, para dizer com rigor.

Desde ali, o ocre da estrada, como de costume, é um S, que começa grande frase. E iam, serra-acima, cinco homens, pelo espigão divisor. Dia a muito menos de meio, solene sol, as sombras deles davam para o lado esquerdo.

Debaixo de ordem. De guiador — a pé, descalço — Pedro Orósio: moço, a nuca bem feita, graúda membradura; e marcadamente erguido: nem lhe faltavam cinco centímetros para ter um talhe de gigante, capaz de cravar de engolpe em qualquer terreno uma acha de aroeira, de estalar a quatro em cruz os ossos da cabeça de um marruás, com um soco em sua cabeloura, e de levantar do chão um jumento arreado, carregando-o nos braços por meio quilômetro, esquivando-se de seus côices e mordidas, e sem nem por isso afrouxar do fôlego de ar que Deus empresta a todos.

Seguindo-o, a cavalo, três patrões, entrajados e de limpo aspecto, gente de pessôa. Um, de fora, a quem tratavam por seo Alquiste ou Olquiste — espigo, alemão-rana, com raro cabelim barba-de-milho e cara de barata descascada. O sol faiscava-lhe nos aros dos óculos, mas, tirados os óculos, de grossas lentes, seus olhos se amaciavam num aguado azul, inocente e terno, que até por si semblava rir, aos poucos se acostumando com a forte luz daqueles altos. Calçava botas cor de chocolate, de um novo feitío; por cima da roupa clara, vestia guarda-pó de linho, para verde; traspassava a

tiracol as correias da codaque e do binóculo; na cabeça um chapéu-de-palha de abas demais de largas, arranjado ali na roça. Enxacôco e desguisado nos usos, a tudo quanto enxergava dava um mesmo engraçado valor: fosse uma pedrinha, uma pedra, um cipó, uma terra de barranco, um passarinho atôa, uma môita de carrapicho, um ninhol de vêspos.

Segundo, um frade louro — frei Sinfrão — desses de sandália sem meia e túnica marrom, que têm casa de convento em Pirapora e Cordisburgo. Também trazia, sobre o hábito, um guarda-pó, creme; e punha chapéu branco, de pano mole. Relia o breviário, assim mesmo montado, e fumava charuto. Falava completo a língua da gente, porém sotaqueava.

Com eles, seo Jujuca do Açude, fazendeiro de gado, e filho de fazendeiro, de seu Juca Vieira, com apelido seu Juca do Açude, da Fazenda do Açude, para lá atrás do Saco do Sãjoão.

Derradeiro, outro camarada — a cavalo esse, e tangendo os burros cargueiros —: um Ivo, Ivo de Tal, Ivo da Tia Merência.

De seu, o guia Pedro Orósio preferisse mesmo viajar a pé, ou talvez, culpa de seu tamanho, nem acharia cavalgadura que lhe assentasse. Mas ele era um sete-pernas. Abrindo passo muito extenso e ligeiro, e, tão forçoso, de corpo nunca se cansava. Por mais, aqueles ali não estavam apurados, iam jornada vagarosa. O louraça, seo Alquiste, parecia querer remedir cada palmo de lugar, ver apalpado as grutas, os sumidouros, as plantas do caatingal e do mato. Por causa, esbarravam a toda hora, se apeavam, meio desertavam desbandando da estrada-mestra.

De feito, diversa é a região, com belezas, maravilhal. Terra longa e jugosa, de montes pós montes: morros e corovocas. Serras e serras, por prolongação. Sempre um apique bruto de pedreiras, enormes pedras violáceas, com matagal ou lavadas. Tudo calcáreo. E elas se roem, não raro, em formas — que nem pontes, torres, colunas, alpendres, chaminés, guaritas, grades, campanários, parados animais, destroços de estátuas ou vultos de criaturas. Por lá, qualquer voz volta em belo eco, e qualquer chuva suspende, no ar de cristal, todo tinto arco-íris, cor por cor, vivente longo ao solsim, feito um pavão. Umas redondas chuvas ácidas, de grande diâmetro, chuvas cavadoras, recalcantes, que caem fumegando com vapor e empurram enxurradas mão de rios, se engolfam descendo por funis de furnas, antros e grotas, com tardo gorgôlo musical. Nos rochedos, os bugres rabiscaram movidas figuras e letras, e sus se foram. Pelas abas das serras, quantidades de cavernas — do teto de umas poreja, solta do tempo,

a aguinha estilando salôbra, minando sem-fim num gotêjo, que vira pedra no ar, se endurece e dependura, por toda a vida, que nem renda de torrõezinhos de amêndoa ou fios de estadal, de cera-benta, cera santa, e grossas lágrimas de espermacete; enquanto do chão sobem outras, como crescidos dentes, como que aquelas sejam goelas da terra, com boca para morder. Criptas onde o ar tem corpo de idade e a água forma pele muito fria, e a escuridão se pega como uma coisa. Ou lapinhas cheias de morcêgos, que juntos chiam, guincham, porfiam. Largos ocos que servem de malhador ao gado, no refrio das noites, ou de abrigo durante as tempestades. Lapas, com salitrados desvãos, onde assiste, rodeada de silêncios e acendendo globos olhos no escuro, a coruja-branca-de-orêlhas, grande mocho, a estrige cor de pérolas — *strix perlata*. Cafurnas em que as andorinhas parte do ano habitam, fazendo ninho, pondo e tirando cria, depois se somem em bandos por este mundo, deixaram lá dentro só a ruiva molêja, às rumas, e sua ardida cheiração. Fim do campo, nas sarjetas entremontãs das bacias, um ribeirão de repente vem, desenrodilhado, ou o fiúme de um riachinho, e dá com o emparedamento, então cava um buraco e por ele se soverte, desaparecendo num emboque, que alguns ainda têm pelo nome gentio, de anhanhonhacanhuva. Vara, suterrão, travessando para o outro sopé do morro, ora adiante, onde rebrota desengulido, a água já filtrada, num bilo-bilo fácil, logo se alisando branca e em leves laivos se azulando, que qual pôlpa cortada de cajú. E mesmo córregos se afundam, no plão, sem razão, a não ser para poderem cruzar intactos por debaixo de rios, e remanam do túnel, ressurtindo, longe, e depressa se afastam, seguindo por terem escolhido de afluir a um rio outro. E lagôazinhas, em pontos elevados, são ao contrário de todas: se enchem na seca, e tempo-das-águas se esvaziam, delas mal se sabe. E nas grutas se achavam ossadas, passadas de velhice, de bichos sem estatura de regra, assombração deles — o megatério, o tigre-de-dente-de-sabre, a protopantera, a monstra hiena espélea, o páleo-cão, o lobo espéleo, o urso-das-cavernas —, e homenzarros, duns que não há mais. Era só cavacar o duro chão, de laje branca e terra vermelha e sal. Montes de ossos, de bichos que outros arrastavam para devorar ali, ou que massas d'água afogaram, quebrando-os contra as rochas, quando às manadas eles queriam fugir, se escondendo do Dilúvio. Agora, pelas penedias, escalam cardos, cactos, parasitas agarrantes, gravatás se abrindo de flores em azul-e-vermelho, azagaias de piteiras, o páu-d'óleo com raízes de escultura,

gameleiras manejando como alavancas suas sapopemas, rachando e estalando o que acham; a bromélia cabelos-do-rei, epífita; a chita — uma orquídea; e a catleia, sofredora, rosíssima e rôxa, que ali vive no rosto das pedras, perfurando-as. Papagaios rouco gritam: voam em amarelo, verdes. Vez em vez, se esparrama um grupo de anús, coracoides, que piam pingos choramingas. O caracará surge, pousando perto da gente, quando menos se espera — um gaviãoão vistoso, que gutura. Por resto, o mudo passar alto dos urubús, rodeando, recruzando —; pela guisa esses sabem o que-há-de-vir.

Ao dito, seu Olquiste estacava, sem jeito, a cavalo não se governava bem. Tomava nota, escrevia na caderneta; a caso, tirava retratos. A gameleira grande está estrangulando com as raízes a paineira pequena! — ele apreciava, à exclama. Colhia com duas mãos a ramagem de qualquer folhinha campã sem serventia para se guardar: de marroio, carqueja, sete-sangrias, amorzinho-seco, pé-de-perdiz, joão-da-costa, unha-de-vaca-rôxa, olhos-de-porco, copo-d'água, língua-de-tucano, língua-de-teiú. Uma hora, revirou a correr atrás, agachado, feito pegador de galinha, tropeçando no bamburral e espichando tombo, só por ter percebido de relance, inho e zinho, fugido no balango de entre as moitas, o orobó de um nhambú. Outramão, ele desenhava, desenhava: de tudo tirava traço e figura leal. Daquelas cumeeiras, a vista vai de bela a mais, dos lados, se alimpa, trêze, quinze, vinte, trinta léguas lonjura. — "Dá açôite de se ajoelhar e rezar..." — ele falou. Dava. E sorria de ver, singular, elas trepando pela reigada da vertente, as labaredas verdes dum canavial. Saudou, em beira de capão, um tamanduá longo, saído em seu giro incerto; se não o segurassem, ia lá, aceitava o abraço? Mas bastantemente assentava no caderno, à sua satisfação. Quando não provia melhor coisa, especulava perguntas; frei Sinfrão, que se entendia na linguagem dele, repetia:

— Quer saber donde você é, Pedrão. Se você nasceu aqui?

Não. Pê-Boi era de mais afastado, catrumano, nato num povoadim de vereda, no sertão dos campos-gerais. Homem de brejo de buritizal entre chapadas arenosas, terra de rei-trovão e gado bravo. E, mesmo agora, só se ajustara de vir com a comitiva era porque tencionavam chegar, mais norte, até ao começo de lá, e ele aproveitava, queria rever a vaqueirama irmã, os de chapéu-de-couro, tornar a escutar os sofrês cantando claro em bando nas palmas da palmeira; pelo menos pisar o chapadão chato, de vista descoberta, e cheirar outra vez o resseco ar forte daqueles campos, que a

alma da gente não esquece nunca direito e o coração de geralista está sempre pedindo baixinho. Porque Pedro Orósio não era serviçal de seu Juca do Açude — ele trabucava forro, plantando à meia sua rocinha, colhia até cana e algodão.

— Se você é solteiro ou casado, Pedro?

E frei Sinfrão mesmo sabia, já respondia, jocoso, linguajando. Que o Pedro era ainda teimoso solteiro, e o maior bandoleiro namorador: as moças todas mais gostavam dele do que de qualquer outro; por abuso disso, vivia tirando as namoradas, atravessava e tomava a que bem quisesse, só por divertimento de indecisão. Tal modo que muitos homens e rapazes lhe tinham ódio, queriam o fim dele, se não se atreviam a pegá-lo era por sensatez de medo, por ele ser turuna e primão em força, feito um touro ou uma montanha. Aquele mesmo Ivo, que evinha ali, e que de primeiro tão seu amigo fora, andava agora com ele estremecido, por conta de uma mocinha, Maria Melissa, do Cuba, da qual gostavam. E, a causa de outras, delas nem se lembrava, ali em Cordisburgo tinha o Dias Nemes, famanaz, virado contra ele no vil frio de uma inimizade, capaz de tudo. Com frequência, Pedro Orósio tirava do bolso um espelhinho redondo: se supria de se mirar, vaidoso da constância de seu rosto.

— E quando é que você toma juízo, Pedro, e se casa?

Todos riam. Até o Ivo, que ria fazia, destornado. Seu Alquiste quis bater uma fotografia de Pedro Orósio: recomendou que ele ficasse teso, descidos os braços. — "Grande... Muito grande..." — falou. — "Bom para soldado!" De por si sem acanhamento nenhum, antes saído, e mais ainda se espiritando com aquele regozijo geral, o Pedro prosapiou graça de responder, sem quebra de respeito — que perguntassem ao outro se na terra dele as moças eram bonitas, pois gostava era de se casar com uma assim: de cara rosada, cabelo amarelo e olho azul...

Seo Alquiste, quando o frade a entendeu para ele, apreciou muito a parlada, e mesmo disse um ditado, lá na língua: que um quer salada fina e outro quer batata com a casca... Porque ele, seo Olquiste, premiava para si, se pudesse, era casar com uma mulata daqui, uma dessas quase pretas de tão rôxas... E então o Ivo, lá de trás, encolhido na sela mas forcejando por espevitar bôa-cara, à refalsa, também disse: — "A bom, amigo Pedro, quem sabe ele havéra de querer te levar, por conhecer a cidade dele?"

E Pedro Orósio, subido em sua fiúza, dava resposta de claro rosto. Tinha medo de ninguém, assim descarecia de fígado ou peso de cabeça para

guardar rancor. Contentava-o ver o Ivo abrir paz; coisa que valia neste mundo era se apagarem as dúvidas e quizílias. Toda desavença desmanchava o agradável sossego simples das coisas, rendia até preguiça pensar em brigar. Nunca desgostara do Ivo, e, quando mesmo, ali era o Ivo o único de sua igualha, a próprio, e a gente sentia falta de algum companheiro, para se entreter presença de conversa; do contrário a viagem ficava aborrecida. Outros eram os outros, de bom trato que fossem: mas, pessôas instruídas, gente de mando. E um que vive de seu trabalho braçal não cabe todo avontade junto com esses, por eles pago.

De qualidade também que, os que sabem ler e escrever, a modo que mesmo o trivial da ideia deles deve de ser muito diferente. O seo Alquiste, por um exemplo, em festa de entusiasmo por tudo, que nem uma criança no brincar; mas que, sendo sua vez, atinava em pôr na gente um olhar ponteado, trespassante, semelhando de feiticeiro: que divulgava e discorria, até adivinhava sem ficar sabendo. Ou o frade frei Sinfrão, sempre rezando, em hora e folga, com o terço ou no missalzinho; mas rezava enormes quantidades, e assim atarefado e alegre, como se no lucrativo de um trabalho, produzindo, e não do jeito de que as pessôas comuns podem rezar: a curto e com distração, ou então no por-socôrro de uma tristeza ansiada, em momentos de aperto. Por isso tudo, aqueles a gente nem conseguia bem entender. Mesmo o seo Jujuca do Açude, rapaz moço e daqui, mas com seus estudos da lida certa de todo plantio de cultura, e das doenças e remédios para o gado, para os animais. Pois seo Jujuca trazia a espingarda, caçava e pescava; mas, no mais do tempo, a atenção dele estava no comparar as terras do arredor, lavoura e campos de pastagem, saber de tudo avaliado, por onde pagava a pena comprar, barganhar, arrendar — negociar alqueires e novilhos, madeiras e safras; seo Jujuca era um moço atilado e ambicioneiro.

Do que eles três falavam entre si, do muito que achavam, Pedro Orósio não acertava compreender, a respeito da beleza e da parecença dos territórios. Ele sabia — para isso qualquer um tinha alcance — que Cordisburgo era o lugar mais formoso, devido ao ar e ao céu, e pelo arranjo que Deus caprichara em seus morros e suas vargens; por isso mesmo, lá, de primeiro, se chamara Vista-Alegre. E, mais do que tudo, a Gruta do Maquiné — tão inesperada de grande, com seus sete salões encobertos, diversos, seus enfeites de tantas cores e tantos formatos de sonho, rebrilhando risos na luz — ali dentro a gente se esquecia numa

admiração esquisita, mais forte que o juízo de cada um, com mais glória resplandecente do que uma festa, do que uma igreja.

Não, bronco ele não era, como o Ivo, que nem tinha querido entrar, esperara cá fora: disse que já estava cansado de conhecer a Lapa. Mas, daquilo, daquela, ninguém não podia se cansar. Ah, e as estrelas de Cordisburgo, também — o seo Olquiste falou — eram as que brilhavam, talvez no mundo todo, com mais agarre de alegria.

Pedro Orósio achava do mesmo modo lindeza comum nos seus campos-gerais, por saudade de lá, onde tinha nascido e sido criado. Mas, outras coisas, que seo Alquiste e o frade, e seo Jujuca do Açude referiam, isso ficava por ele desentendido, fechado sem explicação nenhuma; assim, que tudo ali era uma Lundiana ou Lundlândia, desses nomes. De certo, segredos ganhavam, as pessoas estudadas; não eram para o uso de um lavrador como ele, só com sua saúde para trabalhar e suar, e a proteção de Deus em tudo. Um enxadeiro, sol a sol debruçado para a terra do chão, de orvalho a sereno, e puxando toda força de seu corpo, como é que há de saber pensar continuado? E, mesmo para entender ao vivo as coisas de perto, ele só tinha poder quando na mão da precisão, ou esquentado — por ódio ou por amor. Mais não conseguia.

Agora, o que o tirava, era o garantido de voltar por um pouco aos Gerais, até lá iam, para lá guiava. E chegariam aos Gerais quase sem necessidade de se apear das serras em seu avanço: uma emendada com outra, primeiro aquelas com pedreiras; depois as com cristais recortados; depois, os escalvados, de chão rosado e gretado, dos “alegres” e “campinas”; enfim, depois as serras areentas: e a gente dava com a primeira grande vereda — os buritis saudando, levantantes, sempre tinham estado lá, em sinal e céu, porque o buriti é mais vivente.

Entrementes, ia cantando. Gostava. Canta-cantando, surdino, para não incomodar os grandes nem os escandalizar com toadas assim: *“...Jararaca, cascavel, cainana... Cunhão de um gato, cunhão de um rato...”* — a qual cantarolava, parecia um sobredizer de maluco. Moda de copla ouvida do Laudelim, que era dono de tudo que não possuísse, até aproveitava a alegria dos outros — trovista, repentista, precisando de viver sempre em mandria e vadiice, mas mais gozando e sofrendo por seu violão; apelido dele era Pulgapé. Fazia tempo que Pedro Orósio não o via. Mas era, quem sabe, o único amigo seguro que lhe restasse, agora que

quase todos os companheiros estavam de volta com ele e lhe franziam cara, por meia-bobagem de ciúmes.

Ainda na véspera, na Fazenda do Saco-dos-Côchos, de seo Juca Saturnino, onde tinham falhado, aparecera o Maral, primo do Ivo, os dois resumiram muita conversa apartada. O Maral, outro que mal-escondia o ferrão. Sujeito feioso e lero, focinhudo como um coatí. Então era ele, Pedro, quem devia crime, por as moças não quererem saber de namoro com esse? Em todo o caso, melhor estava que o Ivo retornasse às bôas. A vida era curta para nela se trabalhar e divertir; para que tantas dificuldades?

Prazia caminhar, isto sim, e estava sendo bem gratificado. Cantava ou assoviava, e, pé-dobro, puxava estrada. Ajeitava a calça preta de zuarte, desbotada mas bem arregaçada, por não poir a barra da roupa; dobrava-a para dentro, para não ajuntar poeira. E, os pés de sola grossa, experimentava-os firme em qualquer chão.

O céu não tinha fim, e as serras se estiravam, sob o esbaldado azul e enormes nuvens oceanosas. Ora os cavaleiros passavam por um socalco, entre uma quadra de pedreira avançante, pedra peluda, e o despenhadeiro, uma frã altíssima. Eles seguiam Pedro Orósio; era vaqueão, nele se fiavam. Ia bem na dianteira. Aquele elevado moço, sem paletó, a camisa furada, um ombro saindo por um buraco; terminando, de velho, seu chapéu-de-palha: copa e círculo, com o rego côncavo; e à cintura a garrucha na capa, e um facão; ia, a longo. — “Sansão...” — disse seo Alquiste. Fazia agrado ver sua bôa coragem de pisar, seu decidido arranque.

E assim seguiam, de um ponto a um ponto, por brancas estradas calcáreas, como por uma linha vã, uma linha geodésica. Mais ou menos como a gente vive. Lugares. Ali, o caminho esfola em espiral uma laranja: ou é a trilha escalando contornadamente o morro, como um laço jogado em animal. Queriam subir, e ver. O mundo disforme, de posse das nuvens, seus grandes vazios. Mas, com brevidade, desciam outra vez. Saíram a onde a estrada é reta, bom estirão. Até que, a pouco trecho, enxergavam, adiante uma pessôa caminhando.

Um homenzinho terém-terém, ponderadinho no andar, todo arcáico.

— “É o Gorgulho...” — o Pê-Boi disse.

Quem? Um velhote grimo, esquisito, que morava sozinho dentro de uma lapa, entre barrancos e grotas — uma urubuquara — casa dos urubús, uns

lugares com pedreiras. O nome dele, de verdade, era Malaquias.

E ia o Gorgulho direito bem no meio da estrada, parecia um garatujo, um desses calungas pretos, ou carranquinha escoradora de veneziana. Tinha um surrão a tiracolo, e se arrimava em bordão ou manguara. Como quase todo velho, andava com maior afastamento dos pés; mas sobranceava comedimento e estúrdia dignidade.

Devia de ouvir pouco, pois a comitiva já quase o alcançara e ele ainda não dera por isso. Ora, pela calada do dia, ali é lugar de muito silêncio. Assim que, o Gorgulho calçava alpercatas, sua roupa era de sarja fusca, formato antigo — casacão comprido demais, com gualdrapas; uma borjaca que de certo tinha sido de dono outro — mas limpa, sem desalinho nenhum; via-se que ele fazia questão de estar composto, sem em ponto algum desleixar-se. E o que empunhava era uma bengala de alecrim, a madeira rôxo-escura, quase preta.

E, nisso, de arranco, ele esbarrou, se desbraçando em gestos e sestros, brandindo seu cacete. Fazia espantos. Falou, mesmo, voz irada, logo ecfônico:

— Eu?! Não! Não comigo! Nenhum filho de nenhum... Não tou somando!

Tomou fôlego, deu um passo. Sem sossegar:

— Não me venha com loxías! Conselho que não entendo, não me praz: é agouro!

E mais gritava, batendo com o alecrim no chão:

— Ôi, judengo! Tu, antão, vai p'r' as profundas!...

De tanta maneira, sincera era aquela fúria. Silenciou. E prestava atenção toda, de nariz alto, como se seu queixo fosse um aparêlho de escuta. Ao tempo, enconchara mão à orêlha esquerda.

Alguém também algo ouvira? Nada, não. Enquanto o Gorgulho estivera aos gritos, sim, que repercutiam, de tornavoz, nos contrafortes e paredões da montanha, perto, que para tanto são dos melhores aqueles lanços. Agora e antes, porém, tudo era quieto.

— "Que foi que foi, seu Malaquia?" — já ao lado dele Pedro Orósio indagava.

Apenas no instante o Gorgulho percebia-os. Voltou-se. Mas não respondeu. Empertigou-se, saudando circunspecto; tudo nele era formal. Até a barba branco-amarela, só na orla do rosto, chegando ao cabelo. Pedro Orósio teve de apresentá-lo, a cada um, e ele cumpria sério o

cumprimento, com vagar — a frei Sinfrão beijou a mão, mencionando Jesus Cristo. Se descobrira e segurava o chapéu, pigarreando e aprovando, com lentos anuídos, a boa presença daquelas pessôas. Mas a gente notava quanto esforço ele fazia para se conter, tanta perturbação ainda o agitava.

— “H’hum... Que é que o morro não tem preceito de estar gritando... Avisando de coisas...” — disse, por fim, se persignando e rebenzendo, e apontando com o dedo no rumo magnético de vinte e nove graus nordeste.

Lá — estava o Morro da Garça: solitário, escaleno e escuro, feito uma pirâmide. O Gorgulho mais olhava-o, de arrevirar bogalhos; parecia que aqueles olhos seus dele iam sair, se esticar para fora, com pedúnculos, como tentáculos.

— “Possível ter havido alguma coisa?” — frei Sinfrão perguntava. — “Essas serras gemem, roncam, às vezes, com retumbo de longe trovão, o chão treme, se sacode. Serão descarregamentos subterrâneos, o desabar profundo de camadas calcáreas, como nos terremotos de Bom-Sucesso... Dizem que isso acontece mais é por volta da lua-cheia...”

Mas, não, ali ilapso nenhum não ocorrera, os morros continuavam tranquilos, que é a maneira de como entre si eles conversam, se conversa alguma se transmitem. O Gorgulho padeceria de qualquer alucinação; ele que até era meio surdo. E Pedro Orósio, que semelhava ainda mais alteado, ao lado assim daquele criaturo ananho, mostrava grande vontade de rir. O Gorgulho ainda afirmava a vista, enquanto engulia em seco, seu gogó sobe-descia.

— “E que foi que o Morro disse, seu Malaquias, que mal pergunto?” — seo Jujuca quis saber.

— Pois, hum... Ao que foi que ele vos disse, meu senhor? Ossenhor vossemecê, com perdão, ossenhor não está escutando? Vigia ele-lá: a modo e coisa que tem paucta...

Muito mais longe, na direção, outras montanhas — sendo azul a Serra da Diamantina. Sobre essa, o estender-se de estratos. Depois, lã puxada por grandes mãos, sempre nuvens ursas giganteiam. E aqui perto, de repente, se traçou o rápido nhar de um gavião, passando destombado, seu sol nas asas chumbo: baixava para a bacia, para as restingas de mato.

— E-ê-ê-ê-ê-ê-eh, morro!... — bradou então Pê-Boi, por desfastio. Mas fazendo à moda certa de ecar do povo roceiro serrâino, por precisão de se chamarem pelo ermo de distâncias, monte a monte: alongando o *eh*, muito

agudo, a toda a garganta, e dando curto com o nome final, tal uma martelada, que quase não se ouve — só o seu dono entende.

Perspeito, em seu pousado, o da Garça não respondia, cocuruto. Nem ele, nem outro, aqui à esquerda, próximo, superno, morro em mama erguida e corcova de zebú.

Aí de, já se arapuava o Gorgulho, mestre na desconfiança. Com um modo próprio de querer rodar com o nariz e revolvendo as magras bochechas. Dele, ôi, ninguém zombava gracejo, que era homem se prezando, forte zangadiço. Piscava redobrado, e para a beira da estrada se ocupou, esperando que os outros passassem e se fossem — fazia por viajear fora de companhia.

— *O! Ack!* — glogueou seo Olquiste, igual um pato. Queria que o Gorgulho junto viesse. — *Troglodyt? Troglodyt?* — inquiria, e, abrindo grande a boca, rechupava um *ooh!*... Quase se despencando, desapeou. Frei Sinfrão e seo Jujuca desmontaram também.

O Gorgulho persistia calado, amarrada a cara. Gastara voz, saíra de si, agora estava aquietado, cansado quem-sabe. De tão alto em sua estima, e cerimonioso, ganhava meia parecença com algum bicho, que nunca demuda de suas praxes. Enquanto seo Alquiste se afadigava, como com certo susto de que o homenzinho fosse escapulir. E frei Sinfrão caçoava e se afligia, repartido no receio de que seo Olquiste se desgostasse, mas também de que pudesse obrar alguma maior inconveniência. E seo Jujuca se tolhia, no dever de que tudo se arranjasse a gosto de seus hóspedes. Seo Jujuca se aborrecia. Nunca de seguro imaginara que um divertido de gente como aquele Gorgulho — que nem casa tinha, vivia numa gruta, perto dos urubús, definito sozinho — que pudesse se encoscorar, assim, se dando tanto valor. E Pedro Orósio mais o Ivo tinham de tomar em si parte dessas tribulações, conforme aos empregados serve. Só mesmo o Gorgulho era ali quem resguardava sua inteireza.

Mas Pedro Orósio tocou ajuda: — "Ele gosta de mim" — disse. — "É meu amigo..." —; e, sem pau nem pedra, fez o velhouco vir à fala, repedindo, nome do frade, que ele quisesse de bem se chegar e emparelhar caminhada.

Pelo que, ele concordando, tiveram de ir dali por diante todos a pé e a contados passos, visto que o Gorgulho, a-prazer-de se empenhando, sempre não passava de um poupado andarilho. Nem nenhum deles ria, a que à menor menção de troça o Gorgulho subia no siso, homem de topete.

Dôido, seria? — “Não. Ele, no que é, é é pirrônico, dado a essas manias... Que parece foi querer morar independente em oco de pedreira, só p’ra ser orgulhoso, longe de todos. E não perdeu o bom-uso de qualquer sociedade...” Pedro Orósio podia explicar isso, baixinho, ao seo Jujuca, dês que o Gorgulho escutava reduzido. Mas ele respondia às perguntas, sempre depois de matutar seu pouco, retorcendo o nariz e bufando fraco. A fala dele era que não auxiliava o se entender — às vezes um engrol fanho, ou baixando em abafado nhenhenhém, mas com partes quase gritadas. Em cada momento, espiava, de revés, para o Morro da Garça, posto lá, a nordeste, testemunho. Belo como uma palavra. De uma feita, o Gorgulho levou os olhos a ele, abertamente, e outra vez se benzeu, tirado o chapéu; depois, expediu um esconjuro, com a mão canhota. Frei Sinfrão recomendava a seo Alquiste que agora deixasse de tomar notas na caderneta.

Passando-se assim estas coisas, discorriam de ficar sabendo, melhor, que o Gorgulho residia, havia mais de trinta anos, na dita furna, uma caverna a cismôrro, no ponto mais brenhoso e feio da serra grande. Lapinha antes anônima, ou “Lapa dos Urubús”, mas agora chamada a “Lapinha do Gorgulho”. Santo de sozinho de santo: nunca tivera vontade de se casar — “Ossenhor saiba: nem conjo, nem conja — méa razão será esta...” Mesmo o motivo dessa sua viagem era ir de visita ao seu irmão Zaquias, morador tão lontão, também numa gruta pequena, pegada com a Lapa do Breu, rumo a rumo com a Vaca-em-Pé. Porque tinha tido sabença de que o Zaquia andava imaginando se casar. E então ele achava obrigação de aviso de deixar seus trabalhos, por uns dias, e vir reconselhar o irmão, tivesse juizo, considerasse, as paciências, não estava mais em éra de pensar em mulher. E, desse modo, pondo em efeito.

Afora causa tão precipitada, só de longes mêses, não mais de uma vez na roda do ano, era que um deles resolvia, deixava sua gruta, e espichava estrada, por mor de vir ver o outro irmão lapuz. — “Mas, por que não moram juntos?” — “Ossenhor disse?...” — e o Gorgulho fitava o frade, espantado com o despropósito.

Porém seo Olquiste queria saber como era a gruta, por fora e por dentro? Seria bôa no tamanho, confortosa, com três cômodos, dois deles clareados, por altos suspiros, abertos no paredão. O salão derradeiro é que era sempre escuro, e tinha no meio do chão um buraco redondo, sem fundo de se escutar o fim duma pedra cair; mas lá a gente não precisava de entrar

— só um casal de suindaras certos tempos vinha, ninhavam, esse corujão faz barulho nenhum. Respeitava ao nascente. A boca da entrada era estreita, um atado de feixes de capim dava para se fechar, de noite, mode os bichos. E tinha até trastes: um banco, um toco de árvore, um caixote e uma barrica de bacalhau. E tinha pote d'água. Dormir, ele dormia numa esteira. Vivia no seu sossego.

E de que vivia? Plantava sua roça, colhia: — "A gente planta milho, arroz, feijão, bananeira, abobra, mandioca, mendobí, batata-dôce, melancia..." Roça em terra geradora, ali perto, sem possessão de ninguém, chão de cal, dava de tudo. Que ele tinha sido valeiro, de profissão, em outros tempos... — emendava baixinho Pedro Orósio. Abria valos divisórios. Trabalhava e era pago por *varas*: prêço por varas. Pago a pataca. Fechou estes lugares todos. — "Fechei!" — ele mesmo dizia. Contavam que ainda tinha guardado bom dinheiro, enterrado, por isso fora morar em gruta: tudo em meias-patacas e quarentas, moedões de cobre zinhavral. Com a mudança dos usos, agora se fazia era cerca-de-arame, ninguém queria valos mais; ele teve de mudar de rumo de vida. Cultivava seu de comer. E punha esparrelas para caça, sabia cavar fôjo grande; por redondo ali, dava muita paca: nem bem vê uma semana, tinha pegado em mundéu uma paca amarela, dona de gorda. Só pelo sal, e por se servir de mercê de alguma roupa ou chapéu velho, era que ele surgia, vez em raro, em fazenda ou povoado. Trazia frutas, também fazia os balaios, mestre no interteixo. Dizia: — "Também faço balaio... Ossenhor fica com o balaio... Também faço balaio... Também faço balaio..."

Mas, nesse entremeio, baixando o lançante, chegavam a um lugar sombroso, sob muralha, e passado ao fresco por um riachinho: eis, eis. Um regato fluifim, que as pedras olham. Mas que mais adiante levava muito sol. Do calcáreo corroído subia e se desentortava velha gameleira, imensa como um capão de mato. Espaçados, no chão, havia cardos, bromélias, urtigas. Do mundo da gameleira, vez que outra se ouvia um trinço de passarinho. Ali fizeram estação, para a hora de comer.

Dado um lombo aos cavalos, estes pegavam a pastar, nas bocâinas do barranco, um melôso ressalvado da seca e entrançado, cheirando bom, com seus óleos e seus pelos. Pedro Orósio ia ajuntar galhos de graveto, acolá, debaixo dos pés de itapicurú; acendia o foguinho, coava café. Dava prevenção: de repente, uma laje daquelas, da trempe, podia estalar, rachada se esquentando, com bruto rumor. Tinham queijo, biscoitos,

farinha, e carne de porco nevada na banha, numa lata. Todos se assentavam, mesmo no solo, ou em blocos e lascas de pedra, só o Gorgulho como que teimava em ficar de pé, firme em seu próprio todo respeito e escorado em seu alecrim. Rejeitou de tudo, com breves mesuras de cortesia: — “A Deus sejam dadas! E a melhor sustância para Vossências... Nós matulamos inda agorinha...” — falou. — “Estará ele jejuando sua soberba?” — seo Jujuca perguntou, baixo. Mas Pedro Orósio sussurrou esclarecimento, que alguns velhos diziam “nós” assim, que de certo era por eles mesmos e de cada um seu anjo-da-guarda, por mais de.

Por aí, caso e coisa, e já que ele morava dito numa urubuquara, queriam poder saber a respeito de companhia tal, dos urubús, qual era o regimento desses. — “Arre!” — que não era — ele renuía, vez vezes. Não em sua gruta de vivenda, onde assistia. Urubú nenhum lá não entrava, nenhonde. — “Mas, por perto?” — “Por perto, por perto...” Que é que ele podia fazer, por evitar? Urubú vinha lá, zuretas, se ajuntavam, chegavam por de longe, muitos todos, gostavam mesmos daquelas covocas. Que é que ele ia fazer? Ossenhor diga... Amém que, urubú, de seu de si, não arruma perjuízo p’ra ninguém, mais menos p’ra ele, que não tinha criação nenhuma, tinha só lavouras... E o Gorgulho calcava com a ponta da bengala em terra, e grave, de cabeça, afirmava, afirmava.

Todo mesmo, percebeu como reperguntavam, e botou silêncio, desengraçado com isso, não entendendo como pessôas de tão alta distinção pudessem perder seu interesse, em coisa. E só manso a manso foi que Pedro Orósio e frei Sinfrão conseguiram tirar dele notícia daqueles pássaros, o geral deles.

Assaz quase milhares. Que passam tempo em enormes voos por cima do mundo, como por cima de um deserto, porque só estão vendo o seu de-comer. Por isso, despois, precisam de um lugar sinaladamente, que pequeno seja. Para eles, ali era o mais retirado que tinham, fim-de-mundo, cafundó, ninguém vinha bulir em seus ovos. — “Arubú tirou herança de alegre-tristonho...” Tinha hora, subiam no ar, um chamava os outros, batiam asa, escureciam o recanto. Algum ficava quieto, descansando suas penas, o que costuravam em si, com agulha e linha preta, parecia. Careca — mesmo a cabeça e o pescoço são pardos. Mas, bem antes, todos estavam ali, de patuleia, ocasiões de acasalar. Os urubús, sem chapéu, e dansam seu baile. Quando é de namoro, um figurado de dansa, de pernas moles, despés, desesticados como de um chão queimante, num rebambejo

assoprado, de quem estaria por se afogar no meio do ar. Ou então, pousados, muito existentes, todos rodeados. Pretos, daquele preto de dar cinzas, um preto que se esburaca e que rouba alguma coisa de vida dos olhos da gente. A chibança, de quando vinham. Chegavam no sol-se-pôr. Vinham magros, vinham gordos... Botavam seus ovos, sem ninho nenhum, nos solapos, nas grotas, nas rachas altas dos barrancos, nos buracões, nas árvores do mato lajeiro. Cada precipício estava cheio de nichos, dentro eles chocavam, punham para fora as cabeças e os pescoços, pretos, de latão. Era até urgente, como espiavam pra um e pra outro lado. Daí, tiravam os filhotes. Então, fediam muito, os lugares. Cada par com seus dois filhos, danados de bonitinhos, primeiro eram plumosos, branquinhos de algodão, por logo iam ficando lilás. Quando viam a gente, gomitavam: — "Arubú pequeno rumita o tempo todo, toda a vida..." Também é dessa feição assim que pai e mãe botam comida no bico de cada um. Eh, arubuzinho pia como pinto novo: pintos pios...

Se não tinha medo de serem tantos, e ali encostados? Ah, não, eh, eles também têm até regra: uns castigam os outros. Dão pancada, dão um assôrto de guincho, de repreensão. Eh, é um reino deles. Tal que, ali no esconso, uns podiam se apartar para morrer, morriam moços, morriam velhos, doença mereciam? Uns escondiam os pés, claros, e abriam as asas, iam encostando as asas, no chão, tempo-de-chuva chovia em cima, urubú virava monturo, se acabava, quase... Mais morre, ou não morre? — "Eu nunca vi arubú morto... Eu nunca vi arubú morto..."

E se tinha, se era verdade, um urubú todinho branco, sempre escondido pelos outros, mas que produzia as ordens? Não, disso o Gorgulho nunca tinha vislumbrado. Pudesse em haver, só se sendo o capêta... Tesconjurava. E a fala deles, uns com os outros? Conversavam? O seu Malaquias entendia? O Gorgulho mais se endireitava, cismado; sua cara era tão suja, sarrosa. Que não nem que sim: nunca tinha vislumbrado. Mas falava. Pela feitura, talvez ele não pudesse ter toda a mão em seu dizer, porquanto tanto esforço punha em não bambear o corpo. Se esdruxulou:

— "Vão pelos mortos... Ofício deles. Vão pelos mortos... Daí em vante. Este morro é bom de vento... Eu sou velho daqui, bruaca velha daqui. A fui morar lá, mò de me governar sozinho. Tenho nada com arubú, não. Assituamento deles. Por este e este cotovelo! Vossemecê ossenhor sabe. Careço de ir dereitamente, levar conselho de corrigimento p'ra meu irmão Zaquia. Por conta de coisa que se diz, que ele quer se casar. Tira meu

assossego. Careço de desdizer que não case. Tá frouxo de juízo? Viagem desta muito me cansa, estou de grandes dias, fora de força, maltreito. Só por ele ser o meu irmão, mais novo. Arreside com ruins vizinhos perto, aprende o mal, ideias. Se casa, casa sem meu agrado: seu quis, seu seja... Vou indo de forasta, tendo minhas obrigações, e, daí, aquele Morro ainda vem gritar recado?! Quer falar, fala: não escuto. Tenho minhas amarguras...”

O Gorgulho, como arrastava as palavras, ao parecer ele se esquecia, num costume de quem morava sozinho e sozinho necessitasse de falar. E, nesse comenos, Pedro Orósio entrava repentino num imaginamento: uma vontade de, voltando em seus Gerais, pisado o de lá, ficar permanecente, para os anos dos dias. Arranjava uns alqueires de mato, roçava, plantava o bonito arroz, um feijãozinho. Se casava com uma moça boa, geralista pelo também, nunca mais vinha embora... Era uma vontade empurrada ligeiro, uma saudade a ser cumprida. Mas pouco durou seu dar de asas, porque a cabeça não sustentou demora, se distraíu, coração ficou batendo somente. Pequenino, um resto de tristeza se queixando por dentro, de transmúsica. Ali o riachinho, por pontas de pedras, parecia correr defugido, branquinho com uma porção de pés. Suaves águas. Da gameleira, o passarim, superlim. E, longe, piava outro passarinho — um sem nome que se saiba — o que canta a toda essa hora do dia, nas árvores do ribeirão: — *“Toma-a-benção-ao-seu-ti-í-o, João!...”*

Mas, enquanto isso, seo Alquiste punha uma atenção aguda, quase angustiada, nas palavras do Gorgulho — frei Sinfrão e seo Jujuca se admiravam: como tinha ele podido saber que agora justamente o Gorgulho estava recontando a doidice aquela, de ter escutado o Morro gritar? Pois falava:

— Que que disse? Del-rei, ô, demo! Má-hora, esse Morro, ásparo, só se é de satanaz, ho! Pois-olhe-que, vir gritar recado assim, que ninguém não pediu: é de tremer as peles... Por mim, não encomendei aviso, nem quero ser favoroso... Del-rei, del-rei, que eu cá é que não arrecebo dessas conversas, pelo similhante! Destino, quem marca é Deus, seus Apóstolos! E que toque de caixa? É festa? Só se for morte de alguém... Morte à traição, foi que ele Morro disse. Com a caveira, de noite, feito História Sagrada, del-rei, del-rei!...

— *“Vad? Fara? Fan?”* — e seo Alquiste se levantava. — “Hom’ êst’ diz xôiz’ imm’portant!” — ele falou, brumbrum. Só se pelo acalor de voz

do Gorgulho ele pressentia. E até se esqueceu, no afã, deu apressadas frases ao Gorgulho, naquela língua sem as possibilidades. O Gorgulho meio se arregalou, e defastou um passo. Mas se via que algum entendimento, como que de palpite, esteve correndo entre ele e o estranjo: porque ele ao de leve sorriu, e foi a única vez que mostrou um sorriso, naquele dia. Os dois se remiravam. Seo Olquiste reconheceu que não podia; e olhou para frei Sinfrão. — "Chôis' muit' imm'portant?" — indagou.

Não, não era nada importante, o frade explicou, o quanto pôde. No mais, que o Gorgulho disse, que foi breve, se repetia menos mesmo, continuativo, não havia por onde se acertar. — "É do airado..." — disse seo Jujuca. Nem eram coisas do mundo entendível. De certo o Gorgulho, por sua mania, estava transferindo as palavras. Mais achou, como de relance, que seo Alquiste era capaz de pegar o sentido escogitado; e então afiou boca. Mas, nesse afogo, falando muito depressa, embrulhava tudo, não vencia se desembargar. Só Pedro Orósio às vezes capiscava, e reproduzia para Frei Sinfrão, que repassava revestido p'ra seo Olquiste. E seo Jujuca também auxiliava de falar estrangeiro com frei Sinfrão — mas era vagaroso e noutra toada diferente de linguagem, isso se notava. Mas, depois, toda a resposta de seo Alquiste retornava, *via* o frade e Pê-Boi. Por tanto, todos então estavam nervosos, de tanta conconversa. E o Ivo, que no meio daquilo era o sem-préstimo, glosou qualquer tolice — nem era chacota —, e o Gorgulho expeliu nele um olhar de grandes raivas; e, daí, esbarrou: quis não falar mais nada não.

Ao fim de tanto transtorno, o rosto de seo Alquiste se ensombreceu, meio em decepção; e ele desistiu, foi se sentar outra vez no pedaço de pedra. Só se ouvia o resumo de uma mosca-verde, que passava; o terteré dos animais boqueando seu capim; e o avêxo em chupo do riachim, que estarão frigindo. Também o pássaro da copa da gameleira fufiou. E o outro, o passarinho anônimo, lá em baixo, no morro de árvores pretas do ribeirão: — *Toma-a-benção-ao-seu-ti-ío, Jo-ão!* O resto era o calado das pedras, das plantas bravas que crescem tão demorosas, e do céu e do chão, em seus lugares. O Gorgulho riscava o terreno com a bengala; pigarreou, e perguntou se seo Olquiste não seria algum bispo de outras comarcas, de longes usanças, vestido assim de cidadão?

Mas seo Alquiste pegava no lápis e na caderneta, para lançar os assuntos diversos. Do Gorgulho ninguém queria escarnir, mas todos estavam risãos,

porque ele tinha quebrado seu encanto, agora chega caceteava. Aí ele mesmo devia de ter sentido isso, ou notou que o tempo do sol ia avançando. Caso que tirou o chapéu e ofertou as despedidas: carecia de seguir, alcançar de noitinha no seu irmão Zaquias.

— "Ver o outro espelêu, em sua outra espelunca..." — o frade pronunciou. E o Gorgulho pensou que era algum abençoado, e fez o em-nome-do-padre. Seo Olquiste enfiou a mão no bolso, tirou a carteira de dinheiro. — "Olhe, que ele vai não aceitar, com má-criação!" — seo Jujuca observou. Mas, jeito nenhum: o Gorgulho bem recebeu a nota, não-sei-de-quantos mil-réis, bem a dobrou dobradinho, bem melhor guardou, no fundo da algibeira. — "Deus vos dê a bôa paga, por esta espórtula..." — disse mercê.

A termo que, depois de outra reverência, deles se quitou, subindo por um semideiro, caminhando sem se voltar, firme com o alecrim. À formiga, sumiu-se na ladeira, tapado por uma aresta de rocha e um gravatá — panóplia de muitas espadas presas pelos punhos. Ainda tornou a aparecer, um instante, escuro como um gregotim, que muito sol alumiava, no patamar da serra. E, de vez, se foi.

Trastanto, seo Olquiste se estendeu nos pelêgos, para sestear, segundo uso. O frade desembolsou o rosário, tecendo uma pouca de reza, ali na borda do riacho, cuja água, alegrinha em frio, não espera por ninguém. — "Você sabe o que o lugar aqui está aconselhando, ô Pedro?" — ele pôs. — "Pois para fazer arrependimento dos pecados, p'ra se confessar... Hem? Você está recordado do catecismo?..." Frei Sinfrão se fazia muito ao gracejar com a gente, dava gosto. Rezava como se estivesse debulhando milho em paiol, ou roçando mato. Aquele exemplo aumentava qualquer fé. O Ivo tinha botado as garrafas de cerveja debaixo da correnteza dágua, para refrescarem; entre uma oração e outra, frei Sinfrão bebia um copo cheio.

Mas, porque havia de ter ameaçado com aquilo, de contrição e confissão? Pê-Boi restava perturbado, seu pensamento desobedecia. Aquela hora, nem que quisesse, não podia dar balanço em pecados nenhuns. Frei Sinfrão podia ter começado pelo Ivo. O Ivo que não perdia vaza de adular: fora cortar capim para calçar por baixo dos pelêgos, sempre na esperança de que seo Alquiste ao fim o gratificasse com bom dinheiro. — "Você não quer confessar com o frei, por absolvição, hem

Ivo?” “— Ara, tou às ordens...” — o Ivo respondia. A bem dizer, ele não era má pessôa. Ia cuidar dos cavalos.

E Pedro Orósio não podia parar quieto. O estatuto de seu corpo requeria sempre movimentos: tinha de estar trabalhando, ou caminhando, ou caçando como se divertir. Seo Jujuca tinha pegado o binóculo do outro, e vinha até ao fim do lanço da escarpa — onde razoável tempo esteve apreciando: no covão, uma boiada branca espalhada no pasto. Por ali, a gente avistava mais trilhos-de-vaca do que vêiazinhas nas orêlhas de um coelho. No macio do céu, seria bom passar o dedo. — “Você entendeu alguma coisa da estória do Gorgulho, ei Pedro?” “— A pois, entendi não senhor, seo Jujuca. Maluqueiras...” Claro que era, poetagem. E seo Jujuca emprestava a Pedro Orósio o binóculo, para uma espiada. Ele havia a linha das serras desigualadas, a toda lonjura, as pontas dos morros pondo o céu ferido e baixo. Olhou, um tanto. Depois, esbarrado assim, sem que-fazer, sem ser para prosear ou dormir, desnorteava. Prazível era se estivesse com companheiros, jogar uma mão de truque. O riachinho, revirando, todo se cuspia. E foi contentamento para Pedro Orósio, quando se arrumaram para continuar de seguida.

E, indo eles pelo caminho, duradamente se avistava o Morro da Garça, sobressainte. O qual comentaram. Pedro Orósio bem sabia dele, de ouvir o que diziam os boiadeiros. Esses, que tocavam com boiadas do Sertão, vinham do rumo da Pirapora, contavam — que, por dias e dias, caceteava enxergar aquele Morro: que sempre dava ar de estar num mesmo lugar, sem se aluir, parecia que a viagem não progredia de render, a presença igual do Morro era o que mais cansava.

E voltou à mente o querer se deixar ficar lá, em seus Gerais, não havia de faltar onde plantar à meia, uma terreola; era um bom pressentimento. Mas logo a ideia raleou e se dispersou — ele não tinha passado por estreitez de dissabor ou sofrimento nenhum, capaz de impor saudades. Assim, era como se minguasse terra, para dar sustento àquela sementezinha.

Agora estavam torando para a fazenda do Jove, por pernoite. Depois, desde a manhã seguinte, sempre para o norte, lá onde agora se fechava um falso-horizonte de nuvens, a sobre. Caminhar era proveitoso. Aqui, cá atrás, os outros conversavam e riam — seo Alquiste e frei Sinfrão cantavam cantigas com rompante, na língua de outras terras, que não se entendia; seo Jujuca acompanhava-os. E ninguém se lembrou nem disse

mais do Gorgulho, nem da serra que ficou lá. Tardeava, quando chegaram no Jove, a casa de frente dada para uma lagôa. Marrecos voavam pretos para o céu vermelho: que vão se guardar junto com o sol.

Adiante, houve dias e dias, dado resumo.

A onde queriam chegar, até lá chegaram, a comitiva, em fins.

Mas, quando vinham vindo, terminando a torna-viagem, já o céu de todas as partes se enfumaçava cinzento, por conta das muitas queimadas que nas encostas lavravam. O sol à tarde era uma bola carmesim, em liso, não obumbrante. A barba do Ivo igualava, apontando cavanhaque em feio começo. E Pedro Orósio, espiando no espelhinho, se achava meio carecido de cortar o cabelo, que por sobre as orêlhas caracolava.

Variavam algum trajeto, a mór evitavam agora os espinhaços dos morros, por causa do frio do vento — castigo de ventanias que nessa curva do ano rodam da Serra Geral. Mas quase todas as mesmas, que na ida, eram as moradias que procuravam, para hospedagem de janta ou almoço, ou em que ficavam de aposento. As quais, sol a sol e val a val, mapeadas por modos e caminhos tortos, nas principais tinham sido, rol: a do *Jove*, entre o Ribeirão Maquiné e o Rio das Pedras — fazenda com espaço de casarão e sobrefartura; a *dona Vininha*, aprazível, ao pé da Serra do Boiadeiro — aí Pedro Orósio principiou namoro com uma rapariga de muito quilate, por seus escolhidos olhos e sua fina alvura; o Nhô Hermes, à beira do Córrego da Capivara — onde acharam notícias do mundo, por meio de jornais antigos e seo Jujuca fechou compra de cinquenta novilhos curraleiros; a *Nhá Selena*, na ponta da Serra de Santa Rita — onde teve uma festinha e frei Sinfrão disse duas missas, confessou mais de umas dúzias de pessôas; o *Marciano*, na fralda da Serra do Repartimento, seu contraforte de mais cabo, mediando da cabeceira do Córrego da Onça para a do Córrego do Medo — lá o Pedro quase teve de aceitar malajuizada briga com um campeiro morro-vermelhano; e, assaz, passado o São Francisco, o *Apolinário*, na vertente do Formoso — ali já eram os campos-gerais, dentro do sol.

Medido, Pedro Orósio guardara razão de orgulho, de ver o alto valor com que seo Alquiste contemplara o seu país natalício: o chapadão de chão vermelho, desregral, o frondoso cerrado escuro feito um mar de árvores, e os brilhos risonhos na grava da areia, o céu um sertão de tão diferente azul, que não se acreditava, o ar que suspendia toda claridade, e os brejos compridos desenrolados em dobras de terreno montanho —

veredas de atoleiro terrível, com de lado e lado o enfile dos buritis, que nem plantados drede por maior mão: por entre o voar de araras e papagaios, e no meio do gemer das rolas e do assovio limpo e carinhoso dos sofrês, cada palmeira semelhando um bem-querer, coroada verde que mais verde em todo o verde, abrindo as palmas numa ligeireza, como sóis verdes ou estrelas, de repente.

Ah, quem-sabe, trovejasse, se chovesse, como lembrando longes tempos Pê-Boi talvez tivesse repensado mesmo sua ideia de parar para sempre por lá, e ficava. Mas, ele assim, ali, a saudade não tinha presa, que ela é outro nome da água da distância — se voava embora que nem pássaro alvo acenando asas por cima de uma lagôa secável. E o que ele mais via era a pobreza de muitos, tanta míngua, tantos trabalhos e dificuldades. Até lhe deu certa vontade de não ver, de sair dali sem tardança.

Mesmo, senso reconhecia, no que estavam praticando os três donos viajantes. — "Eu estou em férias, descanso..." — frei Sinfrão explicava. E carregava pedras — confessando, doutrinando, pondo o povo para rezar conjunto, onde estivessem, todas as noites; e terminou uma novena no Marciano, e já na Nhá Selena começava outra. E seo Jujuca aprendia tudo de seu interesse — tirava conversa com os sitiantes e vaqueiros, já traçava projeto de arrendar por lá um quadradão de pastagens, que ali terra e bezerros formavam mais em conta. E o seu Olquiste estudava o que podia, escrevia a monte em seus muitos cadernos, num lugar recolheu a ossada inteira limpa de uma anta-sapateira, noutro ganhou uma pedra enfeitosa, em formato de fundido e cores de bronze, noutro comprou para si um couro de dez metros de sucuri macha. — "Cada um é dôido de sua banda!" — definia o Ivo, a respeito. E em combinavam no rir, Pedro Orósio e ele.

Porque, desde dias, estavam outra vez companheiros, a amizade concertara. Ao que o Ivo era um rapaz correto, obsequioso. — "Mal-entendido que se deu, só... Má estória, que um bom gole bebido junto desmancha..." Nisso que o Ivo pelos outros respondia também: o Jovelino, o Veneriano, o Martinho, o Hélio Dias Nemes, o João Lualino, o Zé Azougue — que, se ainda estavam arredados, ressabiando, no rumo não queriam outra coisa senão se reconciliar. Deixasse, que ele, Ivo, logo chegassem de volta no arraial, arreunia todos, festejavam as pazes. — "O Nemes também?!" — Pê-Boi perguntou, duvidoso, quase não crendo. — "Pois ele! Você vai ver. No sim por mim, velho!..." E esse Ivo era um sujeito de muita opinião, que teimava de cumprir tudo o que dava anúncio

de um dia fazer. Por isso, o apelido dele, que tinha, era: “Crônico” — (do qual não gostava). Agora, que vinham se aproximando de final, os agrados dele aumentavam. Adquiriu uma garrafa de cachaça, deviam de beber, os dois, dum copo só. E estendeu a mão, numa seriedade leal: — “Toques?!” “— Toques!” Dois amigos se entendiam.

Isso foi no Nhô Hermes. De lá até à dona Vininha, era um transvale com cerradão de altas árvores, o que enjoava. Mas, lisas, no meio daquilo, às vezes umas várzeas de brejo, verdoengas, feito recantos oásis. Touros mais suas vacas se viam, pastando num ponto ou noutro. A toda hora um gavião voante, sempre gaviões, sempre o brado: *pinh’ nhé!* E, como chegaram tarde-noite na dona Vininha, Pedro Orósio não pôde ver aquela moça de finos olhos.

Mas bem veio que, redespertos, ao outro dia, se achavam todos no alpendre da Fazenda, de lá estimavam o movimento da tiração de leite no curral, e mesmo o estilo do tempo, pois fazia uma viva manhã de amarelo em branco.

Ali era uma varanda abastante extensa. Seo Olquiste, frei Sinfrão e seo Jujuca formavam roda com a dona Vininha e seu Nhôto, marido dela. Por quanto, em outra ponta, Pedro Orósio, conversava com o menino Joãozezim — a meio de saber notícia daquela mocinha completa, cujo nome dela era Nhazita. Pedro Orósio podia notar — e até, sem nada dizer, nisso achava certa graça — que o Ivo se desgostava, sério, de que ele caprichasse tanto interesse nessas namorações. — “Descaminha filha-dos-outros não, meu amigo!” — o Ivo cochichava, pelo menino Joãozezim não ouvir. Ao que esse menino Joãozezim era um caxinguelê de ladino: piscava os olhinhos, arregalava os olhos, de bonitas crescidas pestanas, e divisava a gente de cima a fundo, nada não perdia. Pena era que a moça Nhazita, segundo se sabia agora, ali não estivesse mais. Tinha passado por lá, com o pai, só de vinda da casinha deles, no Morro da Cachaça, e indo para o lugar conominado Osório de Almeida, beira de estrada-de-ferro. E essa moça era nôiva — o nôivo estava por mais um ano no Curvêlo, purgando por crime, prisioneiro de prisão. Parece que se chamava José Antônio.

Desde isso, porém, veio chegando, saco bem mal-cheio às costas e roupinha brim amarelo de paletó e calça, um camarada muito comprido, magrelo, com cara de sandeu — custoso mesmo se acertar alguma ideia de donde, que calcanhar-do-judas, um sujeito sambanga assim pudesse ter

sido produzido. O paletó era tão grande que não se acabava, abotoados tantos botões, mas a calça chegava só, estreitinha, pela meia-canela. Os pés também marcavam por descomuns no comprimento, calçados com umas alpercatas floreadas, de sola do sertão. Ao que, com tudo isso, prasápio assim, mas ele era dos desses vaidosos. Caminhava com defeitos, e, das pernas ao pescoço, se alceava em três curvas, como devia de ser uma cobra em pé. Viu um banco vazio, e confiou o corpo às nadegas. Não cumprimentara ninguém. Mas todo se ria, fechava nunca a boca.

— É o Catraz! — o menino Joãozezim logo disse. — Apelido dele é Qualhacôco. Mas, fala não, que ele dá ódio... Ele cursa aqui. É bocó.

O Catraz tinha vindo berganhar milho por fubá, condizia o conteúdo do saco. Mas não mostrava nenhuma pressa. Ver tanta gente reunida, para ele mudava as felicidades. — "Ã-hã-hã... Pessôas de criação..." — ele disse, espiando os viajantes. — "Ô Catraz, conta alguma novidade! Você viu o arioplãe?" "— A pois, inda ontem, ele torou avoando p'ra a banda de baixo... Passarão de pescoço duro..." Mais o menino Joãozezim perguntava: — "E a moça da folhinha, Catraz? Você guardou?" —; qual era uma estampa de calendário de parede, a figura de uma moça civilizada, com um colar de sete voltas, o Catraz pelo retrato pegara paixão, e tanto pedira, tinham dado a ele. — "Há-de, há-de, que está lá. Fremosura!... Ah, só, a mò de coisa que ela é tabaquista, e ficou com aquela pintinha preta de rapé, na cara... Ainda, ainda, que eu conseguisse de casar com ela, ah, ah... Fiz promessa de não casar com mulher feiosa..." O Catraz suspirava com o saco. — "Mal que foram contar p'ra o meu irmão Malaquia que eu estava tratando casório... Meu irmão Malaquia entonces veio me ver, de passar pito. Ele é casmurro, é muito apichicado... Malaquia me apertou, ei, tive de dar juramento, de ao menos não me casar nesses prazos de dez anos. A escapula que tive. Me vali com águas mornas..."

— "Este Catraz tem um dinheirinho. Ele até engorda porco..." — alguém dizendo. Mas Pedro Orósio disfarçara e saíra a chamar seo Jujuca, o frade, seo Alquiste: estava ali o irmão do Gorgulho, e também grotesco. Aqueles acorreram. Explicado, seo Olquiste exclamouzão: — *Ypperst!* E o Catraz, falanfão, não se acanhava com as altas presenças, antes continuava a esparolar, se dando a todos os desfrutes.

— "Vamos ver esse milho, ó Catraz. Despeja o saco..." — disse seo Nhôto, pegando uma medida de cinco litros e erguendo a tampa da tulha de madeira, que era ali mesmo, de duas partes, uma com milho, a outra

repleta de fubá rosado. Entre tudo, atento à medição, o Catraz se lastimava: — "Aqui me valha, ossenhor seu Nhôto, ossenhor homem dinheiroso!" — suplicando que o fazendeiro encalcasse cada mancheia de fubá, a mais caber, e ao fim deixasse ainda alto o cogulo, sem o rasourar com a borda da mão. Pobre triste diabo risonho, desse Catraz. Mas seu Nhôto cedia em sobreencher a vasilha, para o alegrar. — "Ah, exatos! Ah, bem medido, mesmo..." — ele se balançava. Aí abria a boca do saco, recebendo seu fubá, e logo a amarrava bem, com três nós de embira.

A tão, ele respondia e proseava, lesto na loquela. Apenas, nada conseguia relatar da lapinha onde morava, agenciada no mineral branco, entre plantas escalantes, debaixo do mato das pedreiras. Visível mesmo se admirava de que especulassem de a saber, dessem importância ao que menos tinha. Por que vivia lá dentro? Ara, causa do Malaquia, que tudo aconselhava. E a lapa era de bom agasalho. Bichos? Ah, não. Só uns buracos, por onde entravam morcegos. E o cocurujão... — "É o mocho-das-grutas..." — frei Sinfrão esclarecia. E o Catraz o fitava, reverente, côrdo. — "Ah, lá eu tenho de tudo. Até banca de carapina..." Que era verdade — falou seu Nhôto. Esse Catraz — um sujeito que nunca viu bonde... — mas imaginava muitas invenções, e movia tábuas a serrote e martelo, para coisas de engenhosa fábrica. — "O automóvel, hem, Catraz?" "— Uxe, me falta é uma tinta, p'ra mor de pintar... Mais, por oras, ele só anda na descida, na subida e no plâino ainda não é capaz de se rodar..." "— E o carróço que avôa, *sê* Ziquia?" "— Vai ver, um dia, inda apronto..." Era para ele se sentar nesse, na boleia: carecia de pegar duas dúzias de urubús, prendia as juntas deles adiente; então, levantava um pedaço de carniça, na ponta duma vara desgraçada de comprida: os urubús voavam sempre atrás, em tal guisa, o trem subia viajando no ar...

— "E seu irmão Gorgulho, *sê* Ziquia? Quantos dias passou de hóspede lá em sua lapa?" "— Só uns três dias só. Transeúnte. Dixe que, eu casar, ele me amaldiçoa..." "— E o que mais, que ele dizia e fazia?" "— Dava todos os conselhos. Ficava os tempos sentado de cóc'ras, na beirada da grota. Gosta mais de sol do que jacaré... Mas é séria pessôa, meu irmão mais velho..." "— Jacaré, ô Catraz?" "— Eh, pois! O jacaré fica de lá na môita, com seu olhão dele? Tiro em cabeça de jacaré não adianta nada..."

Mas o Malaquia conversava com ele coisas de religião, também. Tinha falado num lugar, no lugar muito estranho — onde tem a tumba do Salomão: quase que ninguém não podia chegar até lá. Recanto limpo e

fundo, entre desbarrancados, tão sumido que parecia a gente estar vendo ali em sonho; e só com umas palmeiras e umas grandes pedras pretas; mas o melhor era que lá nem urubú não tinha licença de ir... — "A bom, agora é que eu estou alembrado, vou contar o que foi que meu irmão Malaquia dixe..."

Mas, por essa altura, só o menino Joãozezim, que se chegou mais para perto, era quem o ouvia. — "Dixe que ia andando por um caminho, rompendo por espinhaço dessas serras..." Porque seo Jujuca se entendia com seu Nhôto, assunto dumas vacas e novilhas — massa de negócio provável. Frei Sinfrão abrira o breviário e lia suas rezas. O Ivo fora até lá, no curral, sempre inquietamente. Dona Vininha entrava para a casa, decerto dar uma vista no apreparo do almoço. Seo Olquiste agora desenhava na caderneta as alpercatas do Catraz, era o que ele portava de mais imponente. E Pedro Orósio mesmo se esquecia, no meio-lembrar de uma coisa ou outra, fora do que o Catraz estivesse dizendo.

— "...E um morro, que tinha, gritou, entonces, com ele, agora não sabe se foi mesmo p'ra ele ouvir, se foi pra alguns dos outros. É que tinha uns seis ou sete homens, por tudo, caminhando mesmo juntos, por ali, naqueles altos... E o morro gritou foi que nem satanaz. Recado dele. Meu irmão Malaquia falou del-rei, de tremer peles, não querendo ser favoroso... Que sorte de destino quem marca é Deus, seus Apóstolos, a toque de caixa da morte, coisa de festa... Era a Morte. Com a caveira, de noite, feito História Sagrada... Morte à traição, pelo semelhante. Malaquia dixe. A Virgem! Que é que essa estória de recado pode ser?! Malaquia meu irmão se esconjurou, recado que ninguém se sabe se pediu..."

De repente, frei Sinfrão ergueu os olhos do breviário: — "Você como é que anda com Deus, meu filho?" — docemente perguntou — "Você sabe rezar?" "— Ah, isso, rezo. Rezo p'ra as almas, toda noite, e de menhã rezo p'ra mim... Pego com Deus. A gente semos as criaçãozinhas dele, que nem as galinhas e os porcos..."

E o Catraz botava o saco ao ombro, se dispunha a puxar embora, caminho de sua lapa, lapinha perto pegada com a Lapa do Breu, rumo a rumo com a Vaca-em-Pé, em partes terrentas de pedreiras e rocha nua, num ponto diante do qual outra serra vai íngreme, talhada como um queijo. Disseram-lhe que retardasse um pouco: aproveitasse café e almoço. E ele concordou, mas tinha apuro — desceu a escadinha da

varanda, e beirou a casa indo para a porta da cozinha. Falando, perguntando, o menino Joãozezim o acompanhou.

Assim. Tanto que almoçaram, sua vez os viajantes iam também partir. Nem viram mais o Catraz, nele nem pensavam. Até certa distância, até ao Pantâno, porém, em compensação, teriam outro companheiro, da mesma vaza.

Esse um — o Guégue — que outro nome não tinha; e nem precisava. O Guégue era o bobo da Fazenda. Retaco, grosso, mais para idoso, e papudo — um papo em três bolas meando emendas, um tanto de lado. Não tirava da cabeça um velho chapéu-de-couro de vaqueiro, preso por barboqueixo. Babava sempre um pouco, nos cantos da enorme boca com um ou dois tocos amarelos de dentes. Uma faquinha, ele não estando trabalhando, figurava com a dita na mão. E tinha intensas maneiras diversas de resmungar. Mas falava.

Ah, era um especialmente, o Guégue! — dona Vininha e seu Nhôto contavam, para se rir. Tratava dos porcos de ceva, levava a comida dos camaradas na roça, e cuidava a contento de todo serviço de terreiro, prestava muito zelo. Derradeiro, a Lirina, filha de dona Vininha e seu Nhôto, se casara, fora morar no Pantâno, dali a légua imperfeita. Quando se carecia, mandavam lá o Guégue — com recados, ou dôces, quitandas, objetos de empréstimo. Principalmente, era ele portador de bilhetes, da mãe ou da filha, rabiscados a lápis em quarto de folha de papel. Mais pois, ele apreciava tanto aquela viajinha, que, de algum tempo, os bilhetes depois de lidos tinham de ser destruídos logo; porque, se não lhe confiavam outros, o Guégue apanhava mesmo um daqueles, já bem velhos, e ia levando, o que produzia confusão. A outros lugares, o Guégue nem sempre sabia ir. Errava o caminho sem erro, e se desnorteava devagar. Levavam-no a qualquer parte, e recomendavam-lhe que marcasse atenção, então ele ia olhando os entressinados, forcejando por guardar de cór: onde tinha aquele burro pastando, mais adiante três montes de bosta de vaca, um anú-branco chorró-chorró-cantando no ramo de cambarba, uma galinha ciscando com sua roda de pintinhos. Mas, quando retornava, dias depois, se perdia, xingava a mãe de todo o mundo — porque não achava mais burrinho pastador, nem trampa, nem pássaro, nem galinha e pintos. O Guégue era um homem sério, racional.

Reconforme, viria junto o Guégue, pois passavam pelo Pantâno. Ele devia de trazer um boião com dôce de limão em calda, mais um bilhete

para a Nhá Lirina. E já estavam arreando os cavalos, quando o Guégue aparecia, rico de seus movimentos sem-centro, saindo dos fundos de uma grave manhã: tinha estado a amarrar, por *simpatia*, um barbante na cerca da horta, para o xuxú crescer depressa; ele estava sempre querendo fazer alguma coisa de utilidade. A mais, limpara, já pronta, uma saboneteira, feita da concha de um cágado. A bem dizer, seu trabalho nisso fora longo e simples: pegara o cágado na rede do rego, matara-o a pontadas de faca no entre-casco, depois o colocara por cima de um formigueiro — as formiguinhas, devorando, consumiram o glude, fabricaram a saboneteira, a qual ele presenteava ao menino Joãozezim. Era só lavar, no rego — o Guégue vivia à sua beira, o rego era o rio dele.

Por modo, quem ia pôr atenção no Guégue? Quem, no menino Joãozezim? Onde foi assim que este último achava de contar ao outro aquilo que ouvira e lhe soara tão importante por esquipático, e que ninguém mais aceitaria de comentar. Nenhum dos adultos. Também, por ardição que tivesse, o menino Joãozezim não conferira o assunto com aqueles — que, pelo siso, desgostariam de se esclarecer, consoante o silêncio que vem antes da pergunta: e que, calados, já estão não-respondendo.

— "...Um morro, que mandou recado! Ele disse, o Catraz, o Qualhacôco... Esse Catraz, Qualhacôco, que mora na lapinha, foi no Salomão, ele disse... E tinha sete homens lá, com o irmão dele, caminhando juntos, pelos altos... Você acredita?"

E o menino Joãozezim primeiro quis olhar de cima para baixo o Guégue; não podendo, por ser pequeno, então se acocorou, e ficou agachado assim, o pescoço esticado para o ar: parecia um pato branco. O Guégue ouvia. Só lhe faltava crescer as orêlhas e avançá-las, muito peludas. Babeava, mostrava os dois cacos de dentes. E se ria.

— O recado foi este, você escute certo: que era o rei... Você sabe o que é rei? O que tem espada na mão, um facão comprido e fino, chama espada. Repete. A bom... O rei tremia as peles, não queria ser favoroso... Disse que a sorte quem marca é Deus, seus apóstolos. E a Morte, tocando caixa, naquela festa. A Morte com a caveira, de noite, na festa. E matou à traição...

O menino Joãozezim falava desapoderado, como se tivesse aprendido só na memória o ao-comprido da conversa. E queria uma confirmação de resposta, saber do Guégue. Mas, enquanto a esperava, não podia deixar de

mexer os lábios, continuasse a reproduzir tudo para si, num sussurro sem som.

Mas o Guégue não sabia dar opinião, apenas repetia, alto, as palavras; e, no intervalo, imitava com o cochicho de beiços. Representando por gestos cada verdade que o menino dizia: sungava as mãos à altura de um homem, ao ouvir do rei; e apontava para o morro, e mostrava sete dedos pelos sete homens, e alongava o braço por diante, para ser a espada, e formava cruz com dois dedos e beijava-a, ao nome de Deus; e batia caixa com as mãos na barriga, e com uma careta e um esconjuro figurava a aparição da Morte. Tudo, por seus meios, ele recapitulava, e pontuava cada estância com um feio meio-guincho. Mas Pedro Orósio, que via e ouvia e não entendia, achava-lhe muita graça.

— Você tem medo não, Guégue? — o menino Joãozezim perguntava, ao cabo.

Então o Guégue foi apanhar no telheiro do engenho o seu bom cacete, um calaboca, que levava preso debaixo do braço, mesmo quando carregando o boião de dôce e tocando pela estrada, com a pequena caravana, a pé e às gingas, e resmungando o resmungo sibilado, para a par com Pedro Orósio, os dois à frente de todos.

— Mais um dia, mano Pedro, a gente está aqui está chegando... — o Ivo observara. — Você tem o que fazer, por este restinho de semana?

— Nenhum, não. O trivial, vou ver... Tá em prazos de se roçar e encoivarar, já principia o tempo d'a codorniz cantar, querendo chuva...

— Oras, deixa! A gente carece de arrumar um pagode, com os companheiros, carece de se gastar este dinheirinho tão ganho...

Seguiam por terras convalares, na bacia do Riacho Magro, sob o pálido céu de agosto, fumaças subindo para ele, de tantos pontos. Aí, quando chegavam no topo de alguma ladeira e espiavam para trás, lá viam o Morro da Garça — só — seu agudo vislumbre. Assim bordejavam alongados capões, e o mais era o campo estragado, revestido de placas de poeira. Vã, à distância, aquela sucessão de linhas, como o quadro se oferece e as serras se escrevem e em azul se resolvem. À direita, porém, mais próximas, as encostas das vertentes descobertas, a grossa corda de morros — sempre com as estradinhas, as trilhas escalavradas, os caponetes nas dobras, sempre o sempre. Mesmo seo Jujuca se queixava: — "Como é que um pode conhecer esses espigões? É tudo igual, é tudo igual... É o mesmo difícil que se campear em lugares de vargem..."

Frei Sinfrão rezava ou se queixava do máu cômodo na sela. Seo Olquiste quase não dava mais ar de influência: por falta de prática, já se via que ele estava cansado de viagem; e com soltura de disenteria, pelos bons de-comer nas fazendas. O jenipapeiro grande, na curva do Abelheiro, calvo de toda folha. Menos afastado, trafegou um carro-de-bois, cantando muito bonito, grosso — devia de estar com a roda bem apertada, e o eixo seria de madeira de itapicurú. Passou um casal de pica-paus, de pervôo, de belas cores. A gente agora ouvia o pipio seriado da codorna. Uma rês veio até cá — um boi pesado de ossos secos.

— Bom rapaz, esse Pedro... — dizia seo Jujuca.

— Por uns assim, costumo rezar mais... — frei Sinfrão respondeu.

Mas seo Olquiste agora só dava atenção a algum pássaro. O pitangui, escarlate, sangue-de-boi. Mesmo voava um urubú-caçador, de asas preto e prata. O mais eram joãos-de-barro. A viuvinha-do-brejo tentava cantar melhor: o macho se dirigindo à fêmea, no apelo de reunir. Depois, vendo o espiralar de gaviões, soltou o grito-pio de alarme.

E o Guégue a cacetadas matou uma cobra venenosa: — "Você foi vir, agora morre!" E se voltava para os outros: — "Eh, cobra anda em toda parte..."

— Olha o boião! Olha o boião, Guégue! — (ele depusera o boião no chão).

E Pedro Orósio se incomodou: tinham errado o caminho? Por certo, alguma errata dera, havia mais de hora-e-meia caminhando, por uma estrada de carros-de-bois e por fim de trilha em trilha, e não chegavam à fazendola do genro de dona Vininha. Perguntou ao Guégue, o Guégue demorou explicação. Que tinha favorecido essas voltas, de extravio, pelo agrado de se passear, em tão prezadas condições. O que fosse um ter confiança em mandadeiro idiota!

Onde vinham parar era no *raso* da Vargem-do-Morro, seu paredão, e o Sumidor do Sujo. Ali, reconhecia, aquele plâino pardo, poeirante, lugar de malhador de gado selvagem, um ermo sem vivalma, nem bananeiras, nem telhado de gente residindo perto. Pastos do Modestino. Só os grupos de grandes pedras, lajes amarelas, espalhadas. Um cocho velho, abandonado, à sombra de um pau-d'óleo. E, à sombra de uma faveira e de um jacarandá-cabiúna, a lagôinha de água salgada e turva. Motivo desse bebedouro, sempre rodeavam por lá numerosas manadas, e na casca das árvores havia riscas de afio das pontas dos touros. Mas, àquela hora, só se

enxergava uma vaca, angulosa, mal podendo com seus enormes chifres. Desde que cessou o pipar de dois gaviões que se libravam circunvoantes, no silêncio daquela solidão podia-se escutar o sol. Era uma planície morta, que ia vazia até longe, na barra escura do Capão-do-Gemido. Cá, no recôncavo da bocâina, a serra limitava um quadrante, o paredão arcado, uma ravina com sombrias bocas de grutas. Trepava-se caminho acima, contornado, de desvio, segurando no cipó-negro e no cipó-escada, aproveitando uma grota seca, muito funda e apertada, cheia de calhaus. Quiseram ir acolá, para ver, em certo terraplém, um salto-d'água, barbadinho, surtido da pedra fontã e logo desaparecido em ocos, gologolão. Mais um cruzeiro em que o raio desenhara a queimado umas figuras bem repartidas, sobreditas como milagrosas. Mas disseram a Pedro Orósio que os esperasse, ficando vigiando os animais, e o Guégue, por conta do boião de dôce.

Ficaram.

E então grande foi o susto dos dois, quando uma voz solene e cavernosa proclamou de lá, falafrio:

— Bendito! que evém em nome em d'homem...

Aí, viram. Quandão, donde viera a má voz, se soerguia do chão uma cabeçona de gente. Era um homem grenhudo, magro de morte, arregalado, seus olhos espiando em zanga, requeimava. Deitado debaixo duma paineira, espojado em cima do esterco velho vacum, ele estava proposto de nú — só tapado nas partes, com um pano de tanga. E assim tornou a arriar a cabeça e estirado de semelhante feição continuou, por não querer se levantar.

— Bendito, quem envém em nomindome!

E solevava numa mão uma comprida cruz, de varas amarradas a cipó — brandía-a, com autoridade. Era um dôido. O Guégue não lhe tirava de riba os olhos, satisfeito, uma coisa de tanto feitio ele jamais tinha avistado. Por fim, se voltou para Pedro Orósio, e perguntou:

— É logro?

Mas foi o próprio sujeito seminú do chão quem entrou com a resposta:

— É logro? É virtude? Em nome do Pai, do Filho, do Espírito-Santo — quem está vos perguntando sou eu, me declarem: vocês dois são criaturas, ou são figurados do Inimigo?! Então, me sigam no sinal sagrado! — e traçou em testa e boca e peito o da Cruz. Pedro Orósio e o Guégue o imitaram, com o que ele pareceu se abrandar. — Se vos sois anjos,

mandados pelo Divino, para refrigerar minha fé no duro da penitência, dizeis! vos rogo, porque, se fôrem, então me levanto do estrume dos grandes bichos do campo, limpo minha cara e meus cabelos, e vos recebo ajoelhado, lôas e salmos entoamos...

Aceitou o que o Pedro Orósio disse: que era apenas um sitiante comum, com sua lavourinha para trás da Serra do Cuba; e que ali o Guégue era acostado na dona Vininha, fazenda do Bõamor; e que vinham transeúntes, jornalados, serviço de comitiva.

— Faz mal não. Bendito o que vem in nômine Dômine!... Todo serviço pode ser de Deus, meus filhos. Se corrijam! Ainda não completei meus nove dias de jejum e reforço, que vim preencher aqui neste deserto, entre penhas e fragas brabas... Mas estou em acabamento — depois-d'amanhã tenho de tornar a sair pregando, pois o fim-do-mundo está apressado, não dou por mais três mêses, se tanto. A humanidade vê? Não vê! Não sabe. Cada um agarrado com seus muitos pecados... Mas hei de gritar fôgo e chorar sangue, até converter ao menos uma bôa parte! Vão rezando, vão rezando: vão se convertendo logo, por si, p'ra me poupar trabalho... Mas, olhem o Arcanjo! Silêncio, ajoelhem aí em ponto, rezem um rosário...

E depôs a cruz do lado do corpo, fechou os olhos, as mãos no peito, feito gente morta. A gente podia admirar e achar — que as delícias é que estavam com ele.

Em seguimento disso, porém, Pedro Orósio se afastou, caçando um lugar melhor, para se sentar. Por segurança, pegou o boião de dôce das mãos do Guégue. Mas o Guégue, se acocorando, não queria sair da beira do outro. Pedro Orósio, ali perto uns dez metros, de olho em ambos, para o caso de ter de moderar alguma malucagem, espantava os mosquitos, enquanto escutasse qualquer alta conversação.

Primeiro, o Guégue se permanecia, temperado, de certo repassava, descascava suas ideias, isso para ele sempre ainda mais difícil. Aquela vaca junqueira se deitou, para remoer seus dentes. A mais, uma pequena maloca de gado deu de aparecer — um tourão e umas novilhas, que de distância espiavam — queriam da água da lagôinha. Se feriu, das brenhas da encosta, um rente grito: um casal de maitacas saíu pelo ar. A gente olhava para o céu, e esses urubús. Vez em quando, batia o vento — girava a poeira brancada, feito moído de gesso ou mais cinzenta, dela se formam vultos de seres, que a pedra copia: o goro, o onho e o saponho, o ôsgo e o

pitôsgo, o nhã-ã, o zambezão, o quibungo-branco, o morcegaz, o regonguz, o sobre-lobo, o monstro homem.

O Guégue, por fim, perguntava:

— Ocê é da procissão? Vai dansar no Rosário? A nhum? Mundo vai se acabar? Ocê disse... Ocê sabe?

— Silêncio, mais silêncio! Me deixa, a hora é de Deus. Não embargando, você é um pobre filho dele, se vê que tem o espírito simplório... Quer ver o fim do mundo? Que vem vindo redondando aí, rodando feito pé-d'água, de temporal e raios: os querubins já estão com as brasas bentas, amontados em seus trapes cavalos! Tu, treme...

— Uê... Como é que ocê sabe? Ocê é padre algum?

— Enche tua boca de bosta, p'ra não carecer de blasfemar! Como que sei? Tu também vai saber, refiro que não seja tarde: assentado de dentro da panela de breu, tu então sabe... Arrepende, treme e reza, e te prostra, cara no chão, infiéis publicano! Olha a trombeta! De profundas, eu escuto: olha a morte, atenção!

— Uai, então é! É que nem o Menino...

— O menino? O menino? De uns assim foi dito, que entram no Reino-do-Céu dansadamente... Que menino?

— A bom, no Bõamor: foi que o Rei — isso do Menino — com espada na mão, tremia as peles, não queria ser favoroso. Chegou a Morte, com a caveira, de noite, falou assombrando. Falou foi o Catraz, Qualhacôco: o da Lapinha... Fez sino-saimão... Mas com sete homens, caminhando pelos altos, disse que a sorte quem marca é Deus, seus Doze Apóstolos, e a Morte batendo jongo de caixa, de noite, na festa, feito História Sagrada... Querendo matar à traição... Catraz, o irmão dum Malaquia... Ocê falou: a caveira possúi algum poder? É fim-do-mundo?

— É o começo dele, é o começo — alvorada de toda a Glória! Um arcanjo sabe o poder de palavras que acaba de sair de tua boca... Ajoelha, às graças, ajoelha, já!

O Guégue obedecia, se ajoelhava. Mas aquele estapafúrdio — o estúrdio homem, pronto nú e espichado no sempre do chão, lazarado por seu próprio querer, ali entre o verde e o preto do gado solteiro do Modestino — agora mandava que ele botasse fora o cacete. E o Guégue hesitava.

— Se é vossa vez, encosta aqui comigo, para um resto de jejum e remissão aspra: que de hoje a dia-e-meio podemos pegar este mundo pelas alças...

— Uê, eu não posso. Tenho de levar recado e boião de dôce, nha Dona Vininha mandou... Posso não.

— Não pode, pela salvação dessa humanidade sacana, em vésperas de inferno geral?! Que é de seu companheiro?

— Ã, ali, atrás do joão.

— Surso! Surge!

Mas o homem se solevava e virava, via o que via atrás da moita de mentrasto, e iracundo abominou: — "Caifaz! Isso é direito? É respeito?! Raça de víboras, cambada de pagãos, obrando! Te aparta, maldito! Raça de víboras!..."

Nenhuma cortesia ou desculpa para ele tinha valor: se levantou de todo, sacudiu aquele corpo mujo de magro e nuelo, segurou muito a cruz e foi desertando, audaz, se caminhando para longe — ainda prometia que ia para o beira-mato, prosseguir em seu forte dever de penitenciação. Ao que bramava e escarceava, sem olhar para trás. Com uma gaforina de cabelo assim, devia de ter até piôlho.

O Guégue queria ir tendo algum medo, acarinhava seu grande papo. Mas Pedro Orósio veio e lhe entregou de novo o boião de dôce, sem parlandas. Dava o vento, outra vez, suspendia mãos daquela esponjosa poiera, que tem gosto de água de pote e de comida cozinhada. Aquele lugar era muito feio.

— Uê, uai, eh... — o Guégue se manifestava. — ...Homem zuretado!... Será que o mundo acaba?

Que nada e não, assegurava Pedro Orósio. Acabava nunca. E aquele inesperado homem era leso do juízo, no que dizia não fazia razão. Cá, se tivesse o mundo de se acabar, outros, de mais poder e estudo, era que antes haviam de obter sua notícia. E bem veio que, por essa altura, justo o pessoal estavam retornando.

Dali saíram, rearrumando rumo, modo de conduzir o Guégue ao Pantâno, de nha Lirina e siô Duque, seu marido. Constando que era uma bonita fazenda branca, entre árvores; lá tomaram café com biscoitos, e lá deixaram o Guégue e o boião.

Daí, acima caminho, ainda Pedro Orósio se lembrou de dar parte ao frade do que no raso do Modestino se passara, e do extraordinário daquele homem por nú — o *Nomindome* — ameaçador de tantas prosopopeias. Embora, ficou calado. Expor tudo não era convinhável, ele não sabia fácil passar a ideia de como tinha sido, e eles podiam fazer maiores perguntas

— cansava sua cabeça distribuir a pessôas cidadãs um caso de tanto comprimento. Guardou consigo. Só, já quase chegavam no Jove, de tardinha, cruzou numa porteira com um velho, das Lajes, um Torontonho ou Torontõe, que vinha até no João Salitreiro, comprar fogos para as festas do Rosário. Tal velho conhecia o Nomindome: reportou que ele era dôido varrido, mas tinha passado bons anos no Seminário de Diamantina. Seu nome em Deus, ninguém não sabia, portanto. Só era conhecido por apelativo de *Jubileu*, ou *Santos-Óleos*.

— Faz tempo que esse Santos-Óleos, ou Jubileu, o que seja, que não aparece por arrabaldes. Ninguém sabe donde ele assiste, não tem pouso nenhum. Vara por este mundo todo: some daqui, vai se apresentar jajão em longes beiradas, diz-se que testemunha até nos Fêchos-do-Funil, numa tapera de capela, em Oéstes, mais lá de lá da capital do Estado... De uns dez anos que ele sobrevive às feitas carreiras, d'acolá p'r' além, enfiando por dia muitos lugares, e pronunciando brados do fim-do-mundo — estreito prazo de três mêses... Bom, desse jeito, assim, não é vantagem: algum dia ele acerta...

O velho Trontõio riu, de si, e se tocou avante, lambando no cavalo baio a tala do chicote. Ao que ele era tio-avô de uma mocinha, das lindas, chamada Quitéria, aí Ribeirão-da-Onça abaixo. Bom homem.

— "Será que foi, a respeito de quem era que você estava perguntando?" — o Ivo quis se informar, já no Jove, depois que tinham jantado e faziam redondo de conversas no pátio da frente, junto com algum pessoal de lá.

— "Falando do Rosário, da festa..." — Pê-Boi preferiu atalhar, por preguiças de depor a verdade, tão tola.

— Ah, pois isso. A festinha, vamos ter é no Azevre, domingo de noite, na certa. Sem falta, você vem... Alegria da palavra!

Nisso, outros vinham. Eram, ver e não ver, o João Lualino e o Veneriano — e não despraziam de se encontrar com ele, Pedro Orósio, por contrário riam amistosos, e se chegavam. — "Pois, ei, Crônico... Ei, Pê! Salve essa bizarria..." Saudavam com palmadas de abraço. E o Ivo tomava a gerência da conversa, avindador, queria que todos mais companheiros estivessem, fora de lembrança de qualquer injúria passada. — "A mais é a festa, hem, hem?" "— Tá inteira. Tá combinados..." — respondiam. O Veneriano era um preto jeitoso, impagável em toda festança, pelo que melhor dansava — nem se imagina: mesmo com aqueles pés de inhaúma, dedões abertos e enormes, e o calcanhar muito salientado, cabo de caçarola. O João

Lualino, pardaz, sempre muito luxo no vestir, botava até água-de-cheiro na cabeça; diziam que era sujeito muito mau, e sangrador, faquista. — “A ser, quand’ é que vocês ficam forros de pajear essa gente de ambulante?” — o João Lualino perguntou. Arre, era amanhã, estavam no arraial, de volta — o Ivo explicava. — “Eh, Crônh’co — falava o Veneriano —: Vocês foram arranjar um carcamano mais estranhável. Hum, que zanza por aí à garimpa, mó de atestar amostra de pedrinhas e folhas d’árvores... Que é que estará percurando, de verdade?” E o Lualino: — “Alto cidadão... Vai ver, é cristaleiro, mais safado que os outros... Botar preso em cadeia, mode se dizer de ser...” Por um meio-pensamento, Pedro Orósio se comparava: aqueles pareciam homens mais seguros de si, com muita capacidade. Estavam rindo, falando por brincadeira, mas mesmo assim a gente via que, eles, cada um queria ser sem chefe, sem obrigação de respeito, alforriados de qualquer regra. Talvez ele, Pê-Boi, dava apreço demais aos patrões, resguardando a ordem, lhe faltava calor no sangue, para debicar e dizer ditos maldosos. Outramente, admirava seu tanto a vivice do Lualino, mesmo do Ivo Crônico. Por mais que virasse e vivesse, ele ficava diferente daqueles: era sempre o homem dos campos-gerais, sério festivo para se decidir, querendo bem a tudo, vagaroso.

Agora, tinha estado lá, até nas veredas do Apolinário, onde papagaio bravo revoando passa, a qualquer parte do dia. Ao que fora, imaginando de ficar, e não tinha ficado. Mesmo no momento, se queria pôr a rumo o pensamento, de lembrança de lá, não conseguia, sem sensatez, sem paz. Faltava a saudade, de sopé. Toda aquela viajada, uma coisa logo depois de outra, entupia, entrincheirava; só no fim, quando se chega em casa, de volta, é que um pode livrar a ideia do emendado de passagens acontecidas.

Mais valia a boa amizade, companheiragem — o Ivo Crônico, o João Lualino, o Veneriano — e a festa, por ser, já que ocasião dela: nas cafúas, perto de estradas, em casas quase de cada negro se ensaiava, tocando caixas, com grande ribombo. Agrado de festar, isso sim, as mocinhas moças, tinha desejos de umas. Ao depois, carecia de retomar seu trabalho costumeiro, ir dando preparo para o plantio das roças, reconhecia falta dessa lida, mesmo que nem igual de dormir, tomar café, comer e beber. — “Ouve, Pedro: além do que foi ajustado, você acha que eles vão gratificar a gente com mais um pouco mais? Ah, o carcamão de certo dá. Ele é frouxo de munheca...” O Ivo, no falar, pegara mão no braço dele; o Ivo era amigo, supria confiança. Pedia para ver a arma: — “Ôi, Pê, essa sua garrucha é

mesmo bôa, mandadeira?” “— Regularzim. Tiver um dinheiro, compro outra. Revólver, feito esse seu...” “— Ara, nada, bozórje...” O Ivo fazia questão de encarar bem a gente, com uma firmeza de ser sincero, e falava falas de afeição. Único defeito dele era um cismo destruído no jeito de olhar e falar, parecendo coisa que estivesse reparando uma rês vistosa, um boi gordo. — “A bem, Pê, tu disse que estava pensando em querer voltar p’ra lá, pra os Gerais altos...” O Ivo, falante assim, a gente tinha um gostinho de rebater os conselhos dele: — “A já, Crônhco velho, aquilo era aragem de fantasia atôa, só. Eu fico, mas fico aqui mesmo...” A mais, outro gosto, de arreliar adiante o amigo, que estava sempre volteando e se queixando no mesmo assunto, de que ele Pedro devia de não querer namorar com as moças todas, mas escolher uma, ou as duas ou três, só, e deixar a cada um outro a de amor de cada um: — “Você sabe, Crônhco, o remelhor é ir namorando namoriscando, enquanto elas quiserem. Mocidades...” Então o Ivo arriava a crista, demudava de conversação. Ali no Jove tinha luz-elétrica, o povo escutava rádio, se ia dormir mais tardado. E se comia uma ceia bôa: de sopa-de-batatinha com bastante sal, com folha verde de cebola picada, e brôa de milho; depois, leite frio no prato fundo, com queijo em pedacinhos e farinha-de-munho. Cá fora, as estrelas belezavam, e a lua vinha subindo cedo, já bem: dali a uns três dias, era o dado da lua-cheia, conforme se sabe.

De vez, ora assim foi que, no outro dia, em vez de torarem para o arraial, ainda inventaram de enrolar caminho para as Traíras, por mostrar ao seu Alquiste o rio das Velhas — seus matos montoados, suas belas várzeas, seus pássaros vazanteiros. Um aborrecimento. Tino foi o do frade, que disse não podia vadiar mais, se separou e desviajou deles. Seo Jujuca determinou que, se o Ivo quisesse, podia ir também, acompanhar frei Sinfrão, agora o movimento era mais resumido, tão perto. O Ivo não quis — por esperança de maior dinheiro, sarnava de ficar até ao fim. Pedro Orósio mesmo, pelo sim pelo certo, tratava de zelar mais agradador e prestativo. Mas achava mais graça nenhuma, no seo Olquiste, sempre nas manias de remexer e ver, e perguntar, e tomar o mundo por desenho e escrito. O que, a partir dali, esclarecia aos tantos seu coração, era o palpite da festa. E foi o próprio Ivo que uma hora careceu de ter mão nele: — “Modera essa influência, Pê, que ainda não é hoje. Mas vai ser festa p’ra toda a vida...” E Pedro Orósio, pelo que tinha de esperar, repensava na Laura, filha do Timberto, do Saco-do-Mato; e na Teresinha e na Joana

Joaninha, do arraial; e em todas. A-prazer-de que não queria deixar de pensar também na Maria Melissa, do Cuba, por causa do Ivo ele sentia uma qualidade de remorso; descontente com isso, do Ivo mesmo era que então começava quase a ter raiva. Andava, andava. — “Mas você é geralista, Pê... Sua terra, lá, eu vi, é bem que é bôa...” “— Uma osga! Pois vai p’ra lá, você... Pra ver como é que o sertão é pai de bom...” “— A bem, falei por falar. Azanga comigo não, Pê...” Até escarmentava a paciência da gente, aquele lazer do Ivo. Ao que tinha interesse nenhum, de cabimento, aquela andação, para deletrear ao seo Alquiste os recantos do rio das Velhas. Poetagem. O trivial estava indo, sem pior; mas o que havia era que a vida toda se retardava.

Ao em seguimento disso, só na sexta-feira de tardinha foi que chegaram no arraial, terminada a viajação. Aquela hora mesma, Pedro Orósio e o Ivo tocaram suas pagas e agrados — o gratisdado, em bôas cédulas. “Gastar atôa, não gasto. É baixo! Nem entro em frojoca...” — Pedro se constou. — “Ainda, olha, amanhã de noite é a festa, oé? Melhor a gente ir junto, em az. Viro, venho te buscar...” — o Ivo dispôs. — “Uai, ara...” Aí, Pedro Orósio passou para a casa de seô Tolendal, que tinha venda. A ele satisfez o resto de umas dívidas, o restante lhe pediu que guardasse. Cobre seu, não-vê, era para bembaratar no justo e certo. E seô Tolendal — homem entendido em confiança e inteligência — mandou arrumar uma cama para o Pedro repousar aquela noite. Dormiu em bom colchão com lençol e colcha, em cima do balcão.

E faz e acontece que, sábado, de manhã, cedinho até demais, o povo todo morador naquela rua principal teve de se acordar debaixo duma continuação de gritos grados, que não achavam suspensão. Pedro Orósio se levantou, abriu em fresta a porta da venda. Que viu? Era o homem dôido — aquele Nominedômine! Em bem que ele agora estava vestido, de algum jeito. E tinha enrolado uma ruma de panos em cada pé, em guisa de servir de calçado: aquilo parecia o sujeito pisando poeira enfiado em dois travesseirões, frouxoso. Estafermo mesmo assim, arava o passo, pernas tantas, até cada fim da rua, e retornava, estroso, ardente, cachorro caçado, sete fôlegos. Abria o peito: — “...É a Voz e o Verbo... É a Voz e o Verbo... Arreúnam, todos, e me escutem, que o fim-do-mundo está pendurando! Siso, que minha prédica é curta, tenho que muito ir e converter...”

Da casa-de-venda do Flôr, do outro lado da esquina, um moço cometa se chegava à janela e perguntava: — “Você é Cristo, mesmo, ou é só João

Batista?...”

E o vira-mundo malucal, que já ia se afastado, se revirou, rente, por sobre o descompasso de suas altas pernas, que nem umas andas, e levantou os braços, bem escancarados — feito precisasse de escorar a queda do céu. E deu exclama:

— Bendito o que vem in nômine Dômine!...

Se via que ele estava no último ponto de escarnado, escaveirado, o sol queimara aquela cara, de descascar pele. Mas perdera a gaforina — devia de ter pedido a alguém para lhe rapar a cabeça. E os olhos frechavam, resumo de brasas. Dava pena. De seguro, teria terminado o traquejo de jejum e rezas no malhador de gado do raso do Modestim, e nem esperara por mais nada, para executar o danado avanço, de déu em déu, em nome de Deus. Só podia ser que tivesse navegado a madrugada inteira, para vir chegar agora a esta hora. Em algum sítio podia ser que tivessem dado a ele um café?

— ...Sua pergunta é do rogo da fé, e não da carne, não, moço. O senhor é homem gentil, tem galardão! Tem galardão... Mas eu sou o zerinho zero, malemal uma humilde criatura do Senhor: eu nem sou a Voz... Vinde, povo: senvergonhas, pecadores, homens e mulheres, todos. Todos eu amo, vim por vosso serviço, Deus enviou por mim, ele requer o vosso remimento. Dele tenho o praz-me. Olha o aviso: evém o fim do mundo, em fôgo, fôgo e fôgo! O mundo já começou a se acabar, e vós semprando na safadeza, na goiosa! Contraforma! Contraforma! Olha o enquanto-é-tempo... Vamos, vamos: p’r’ a igreja! Todos me acompanhem. Aqui-del-papa! Aqui-del-presidente!

Desabalou de vez, olho da rua a longe, quase correndo, feito pulando rego, tinha de alargar também as pernas — aqueles rôlos de pano nos pés dele foiçavam porção de poeira. Por um vago, a gente estremecia, salteado do aflêcho comandante daquela voz, que instava calafrios: quase que se ia acreditando. As mulheres se benziam. Aí já havia pessoas em praça — pois era véspera de festa, o arraial se apostava com limpezas e arcos embandeirinhados, estando cheio de forasteiros; por maior, pretos. Outros, que acordaram com a latomia do Nominedômine em seu ir e desvir, durado em mais de quarto-de-hora, já tinham vestido roupa, e saíam como público. Que era que deviam de fazer? Ir chamar os frades? O dôido, direto para a igreja do Rosário, era capaz de obrar muitos desatinos.

Devia-se de ir para lá. Pedro Orósio também já estava pronto, fora de portas. Aquele dia-de-sábado principiava bem.

E de repente o sino do Rosário se tangeu — col a col, cantarol. Ah, quem batia, sabia: tantoava em repique e repinico, muito claro no bimbalho. Mas, foi logo a forte, dez mãos pelo badalo, pegou a bedelengar a tôrto, dlá e dlém, parecia querer romper de vez a forma de seu carôço dele. Virgem! — o Nominedômine tinha alcançado de chegar à torre, a igreja estava entregue aos máscaras, carecia de o pessoal todo do arraial correr para lá. O homem dava rebate, rebimbo, dobra que redobrava, a tal. Depois, perdia qualquer estilo. Era só aquela fúria: dladlava, dlandoava, o sino também fervia do juízo! Ora, o sinão do Rosário é reinol, de boa marca, bem santificado: é sino de uma légua. A portanto, aquilo bronze zoava fora de rol, transtornava a gente. Agora, sim, o Nominedômine, Nomendome, Santos-Óleos ou Jubileu — ele cujo tinha encontrado seu poder de rachar os ouvidos do povo todo, em prol, com sua gritação do fim do mundo. Corriam para lá. Manejar errado com sino é negócio tenebroso. E Pedro Orósio corria mais na frente — ele era por longe o trucúlo de homem mais possante do lugar, capaz de capaz. Para agarrar, seguro, braços e pernas do desgraçado, e arretirá-lo do santo assoalho da igreja, e socar paz e sossego, a bem dos usos da razão. Todos iam ficando por detrás do Pedro. — "Dá nele, Pê! Senta a mão nesse desordeiro... Isso é puro herege!" — uns gritavam, já alegres, assanhados. E o sino feria, estalava facas no ar, feito raios. Mas no plém dele se sentia uma alegria maluca e santa, rompendo salvação, pelas altas glórias. A voz do Nominedômine, em seu despropósito de urgente felicidade. Aí, quando iam acabando de subir a ladeirinha, e chegando lá — ele parou. Esbarrou de tocar, de um pronto curto, no coração da gente, que se tonteou. Como quando uma cigarra graúda de dezembro está tinindo muito perto, e acaba.

Na igreja, lá estava ele, o Santos-Óleos, junto do altar-mor e virado para os fiéis — pois mesmo àquela hora já havia gente ajoelhada em posto — as velhas igrejeiras, umas velhas ou mesmo moças, cada qual com seu terço nos dedos, quase todas com mantos na cabeça, seus fichús.

E pois, ele pregava. Alargava braços altos, gloriava os olhos, santamente, para cima, cruzes que a mão sinalava no ar, administrava. Mas muito sacudia as pernas, ligeiroso, o pior era que a gente via aqueles travesseirões que ele calçava, parecia coisa que estava maldansando.

A igreja agora estava cheia, de mulheres e homens, que escutavam aquietados. E ninguém, nem Pedro Orósio, não tinha coragem de ir sojigar o homem dali, e o expulsar pra fora, só pelo tanto que ele invocava o nome da Virgem e de Deus, e porque tinham medo de produzir algum sacrilégio, no consagrado daquele recinto, estando o Senhor no Tabernáculo. Mas nada ou quase nada do que o Nominedômine dava de sermão, se aproveitava. Que o que ele dizia:

— Às almas, meus irmãos! O fim do mundo, mesmo, já começou, por longes terras. E vem vindo... Olha os prazos! Vamos rezar, vamos esquentar, vamos ser! Bons jejuns... Alerta — às almas!... Daqui vou, beijar o pé esquerdo e a mão direita de Santa Manoelina dos Coqueiros. A data exata do fim, Deus vai me dizer é lá na capelinha largada nos campos, nos Fêchos-do-Funil... Lá não me ouvem: terra de um maltrata seu mensageiro. Cambada! Quer sono, não tem sonho... *Orate fratres*... Vocês mesmo não notam: mas a alma de cada um já começou a ficar adormecida... Olha os prazos! Olhem para os bichos, por comparação...

Mas, nesse justo momento, vinham chegando os frades — frei Sinfrão e frei Florduardo — evinham enérgicos. O Nominedômine, de lá do altar, curvou mesura profunda, e garrou a acabar de sermoar, depressa ainda mais, sabendo que agora lhe sobrava pouquinho tempo. Refalava: — "...No ermo onde fortifiquei meus dias de jejum maior, num recampo de gados, veio um anjo mandado, um anjo papudo e idiota — mais do que assim eu não mereci... Ele mesmo me confirmou e me disse do aspecto do fim grave. Me escutem!"

E nisso Pedro Orósio, correndo pelo meio da igreja, a fito de ajudar a defender os frades, caso o Nominedômine reagisse contra eles, deu uma esbarrada no Coletor. O qual Coletor era outro que não regulava bem. Estava com sua pilha de papéis e jornais, e com as algibeiras cheias de tocos de lápis, com eles constantemente fazia contas de números nas beiradas brancas dos jornais. E o Coletor era um que gostava de frequentar sempre perto ou dentro de igreja, e se ajoelhara rente na primeira fileira, junto com as mulheres mais beatas, ao pé do gradil da banca de comunhão. E com o esbarrão do Pedro Orósio ele se despertou e alevantou a prumo a cabeça.

— ...Escutem minha voz, que é a do Anjo dito, o papudo: o que foi revelado. Foi o Rei, o Rei-Menino, com a espada na mão! Tremam, todos! Traço o sino de Salomão... Tremia as peles — este é o destino de todos: o

fim de morte vem à traição, em hora incerta, é de noite... Ninguém queira ser favoroso! Chegou a Morte — aconforme um que cá traz, um dessa banda do norte, eu ouvi — batendo tambor de guerra! Santo, santo, Deus dos Exércitos... A Morte: a caveira, de dia e de noite, festa na floresta, assombrando. A sorte do destino, Deus tinha marcado, ele com seus Dôze! E o Rei, com os sete homens-guerreiros da História Sagrada, pelos caminhos, pelos ermos, morro a fora... Todos tremeram em si, viam o poder da caveira: era o fim do mundo. Ninguém tem tempo de se salvar, de chegar até na Lapinha de Belém, pé da manjedoura... Aceitem meu conselho, venham em minha companhia... Deus baixou as ordens, temos só de obedecer. É o rico, é o pobre, o fidalgo, o vaqueiro e o soldado... Seja Caifaz, seja Malaquias! E o fim é à traição. Olhem os prazos!...

Mas, por aí, o frei Florduardo já se chegava, bastou só levantar a mão, para atenção: e o Nominedômine se ajoelhou de vez, aos pés dele, prostrou a cara. — "Pode ir, meu filho. Deus te abençôe..." — o frade falou. E o Nominedômine se levantou e foi puxando, vagaroso, pela beira da igreja, de olhos postos, rezando cantado em latim o Credo e o Padre-Nosso, com voz tão enfadonha. À porta, se voltou e declarou assim inesperado: — "Olha o responsório! Olha o falimento do fim, cambada!" Daí, se foi. Dava dó. Quem sabe ele não estava pressentindo um fiapo dos tempos? Pedro Orósio ainda veio cá fora, perseguí-lo com a vista. Embora, ô cujo para comer estrada: rumou, rumou, era aquela terrível velocidade, dum lado e doutro não queria saber de nada. Tirou dali, desceu, cortou a várzea, subiu como quem ia para a Lagôa, pelo Bento-Velho. Já estava alongado demais. Por fim, foi para o morro, adversamente, abriu um furozinho preto no horizonte, por ele se passou, e se sumiu do mundo.

Mais tinha esquentado aquele sábado. Frei Sinfrão já começara uma missa, sempre mais povo chegando, a reio. Também muitos já revestidos, para figurar na festança do dia-seguinte. Os dos ranchos: os moçambiqueiros, de penacho e com balainhos e guizos prendidos nas pernas; grupos congos em cetim branco, e faixa, só faltando os mais adornos; e a rapaziada nova, com uniforme da guarda-marinheira. Imponente foi quando comungaram o preto Zabelino, todo sério, e a preta Maria-da-Fé, com um grande ramo de flores nos braços, quens iam ser rei-congo e rainha-conga. Seo Alquiste estava presente, com seo Juca do Açude e seo Jujuca, e as senhoras da Fazenda, e acabada a missa seo Alquiste aproveitou para bater chapa de todos os fardados. Música ia tocar

era no outro dia, no outro dia era que era o registrado da festa. Uns gritavam desde agora seu grande contentamento: — "Viva a Senhora do Rosário! Viva a grande santa Santa Efigênia! Viva o nosso santo São Benedito!" Mesmo, em diversas casas, na Rua dos Pequís e Rua dos Pacas, se ajuntavam pessôas, e era aquele guararape brabo: rufando as caixas, baqueando na zabumba. Mor, lomba acima, indo para a Matriz do Sagrado Coração, uma turma se rodeara, à sombra de uma árvore grande, ali também ainda ensaiavam: era o pessoal do Mascamole — ele e o Tú, cunhado seu, vindos do Santomé. Muito reluziam. O povo vivava. E o Tú e o Mascamole, chefes, tribuzando no tambor: tarapatão, barabão, barabão!... Tudo era grande muito movimento.

Baixo um momento, Pedro Orósio esteve namorando, com uma moça ou outra, à incerta. Depois, assim sem prisão de regra, tencionava trançar pelo arraial, resvés, para valer o tempo. Só um tanto, por tudo, agora ele precisava de querer pensar em sua casinha, sua lavoura — na segunda-feira era que ia lá, por fim de ter andado fora pouco faltava para um mês. Tornar a entrar no diário do trabalho também era aceitável, mestreava o corpo, e punha calço na cabeça, pois mais a ideia da gente vinha sendo tão removida. E encontrava o Josué, quase seu vizinho. — "Tudo tá bem, tá lá, Zué?" "— Tá lá, tá." O Josué já tinha queimado campo, estava encoivarando para a roça. E o Alvinho Diogo já tinha seu serviço acabado de pronto: p'ra semear agora só esperava chuva. Prazia o Pê vir beber um gole? Se ia. — "Capaz que este ano chover cedo..." Tomara. Deus queira. E, apesar d'ele ser capiau, roceiro muito, as pessôas finas do arraial apreciavam o Pedro — principalmente por seu tamanho em desabuso, forçudo assim, dava gosto e respeito.

De contria, vinham o Ivo e o Martinho — mais esse! — queriam por toda a lei que o Pedro Orósio quisesse já de já se amadrinhar com eles. — "Não, por ora, amigos..." Pois enquanto, ele precisava de gerir seu dia sozinho. A bem não falar, alguma coisa naqueles ainda o punha a resguardar uma menos confiança. Muito leve. — "Mas, olha: de tardinha, depois do jantar, hem?" "— Mas a festa não é amanhã?" "— Virou pra hoje. Sabe não sabe? Você é um que vem?" "— Vou."

Por vez, não tivesse dado palavra. Quem diga fosse melhor nem não ir? Essa festa, meio longe, quando a ocasião maior estava sendo no arraial, aquilo mesmo desdizia, uma dúvida lhe soletrava assim. Repensou e não pensou.

— Ara veja, Pêboizão!...

Aí quem estava saudando era o Laudelim Pulgapé, bons olhos o conhecessem. Como sempre amigos, se encontravam. A — e bem — era ideia: o Laudelim podia vir junto, companhia confortada. — "Vamos batucar hoje, Pulgo velho, na beirada do Cuba, numa casa?" "— Vou não." O Laudelim marcara de ir tocar e cantar, para aquele homem estrangeiro, no hotel do Sinval. Depois, ele tinha de dormir para amanhã.

O Laudelim era alegre e avulso. Por perto da matriz, estavam num campo aberto. E ele olhou um cavalo que pastava, e se lembrou de seu violão. Com o Laudelim, se podia fácil conversar, ele entendia o mexe-mexe e o simples dos assuntos, sem precisão de um muito se explicar; e em tudo ele completava uma simpatia. O violão estava mesmo ali à mão, no botequim. Daí que o Laudelim também usava cisminha de tristeza, que era uma tristeza leviana, diversa das de todos, uma tristeza sem razão certa, que nem doença pegada ou chão para a sombra de sua alegria. Dava agora para querer passear vago, violão ao peito, votou que chegassem até no cemitério — carecia de visão assim, porque aquela noite tencionava cantar melhores. Pois caminharam. Mas, passando pelo oitão da Matriz, lá estava o Coletor, rabiscando suas contas.

Se disse que esse Coletor era gira. Bem dizer, nem nunca tinha sido coletor, nem aquele era nome válido. Transtornos e desordens da vida, a peso disso ensandecera. Agora, achacado e velho, inda bom que a doideira dele era uma só: imaginava de ser rico, milionário de riquíssimo, e o tempo todo passava revendo a contagem de suas posses. Escrevia em papel, riscava no chão, entalhava em casca de árvore, em qualquer parte. Mas onde tinha mais gosto de cifrar aquelas quantias era nas paredes, porque assim todo o mundo podia invejar a imensa fortuna. De qualidade que, por azo, preferia a Matriz, por ter as maiores paredes brancas no arraial. Ia alinhando números tão desacabados de compridos, que pessôa nenhuma não era capaz de tabuar: seus ouros, suas casas, suas terras, suas boiadas no invernar, sua cavalaria de ótimas eguadas, seus contos-de-réis em numerário, cada lançamento daqueles era feito uma correição de formiguinhas pretas enfileiradas. Aquele homem tinha uma felicidade enorme.

Quando o Laudelim e Pedro Orósio vinham transeúntes, caçaram jeito de desladear um pouco, porque tinha vez que o Coletor estava tão duro

entertido nas somas, que até gemia e coçava a cabeça, e dava pena na gente, pois aquilo semelhava um afadigo de tarefa de cativo.

Mas, por dessa, ele Coletor mesmo foi quem se virou e sorriu.

— "Ó, o senhor, ó o das botas! Faz favor..." — foi o que ele invocou. O que, por mais, também era absoluto absurdo, porquanto nem Pedro Orósio nem o Laudelim, perfeitamente, não tinham nem calçavam botas nos pés. Mas então o Coletor passou a mão aberta em frente de seus olhos, feito se retirasse daquele espaço a lubrina de alguma visão outra, pelo que ele mesmo via estar errado. E mostrou o encifrado novo algarismal, que se produzia por metros e metros na face do oitão, era aritmética toda muito bem feita, sem tremor de mão, os números altamente caprichados. E ele, orgulhoso, muito se considerava. Os dois concordaram com o acerto de tudo, deram louvor. — "Estou pôdre de rico, pôdre de rico..." — o Coletor falou. — "Tomara agora eu saber o menos de fazer, com tanto dinheiro..." E retornava a numerar, não podia esperdiçar tempo. — "O que eu preciso é dum bom guarda-livro, de confiança... Acho que, depois da coresma, vou chamar ajuda..." A não regular, nem mesmo ele sabia em que éra do ano se estava. Por ultimamente, o Laudelim notou, quase que ele só assentava números maiúsculos, por render mais: os noves, oitos ou setes. E, de costas mesmo, sempre registrando, ele ponderou em voz: — "Frioleiras!..." Ih, ah, que aqui ele estava ficando com raiva. — "Frioleiras, baboseira! Fim do mundo... Já se viu?!" Virou a cara — avermelhado, aperuado. — "Por que o senhor não pegou aquele, à força, não derrubou pla porta a fora, da igreja, zero, zezero!?" Ele suspendia as sobrancelhas. — "Aquele, sim, o Santos-Óleos — diz-se que é o vulgo dele. Pois o senhor não investiu? Até não me esbarrou, lá dentro, ao pé do Sacrário?..." Botou mais um palmo de numeração, ligeiro, ligeiro. — "Fim do mundo... Fim do mundo... O cão! Agora que eu estou tão rico... Pois ainda nem acabei de pôr em competente firma todas as riquezas minhas, de meu possuído, p'ra depois poder só descansar e gozar... E aquele vem prenunciar o fim do mundo! Uma tana!..." Agora, escrevia mais festinho, a gente tinha de vir andando, beirando a Matriz, para o seguir. E só lançava — dizia o Laudelim — era noves, noves, noves.

Acabou quebrando a ponta do lápis; enfiou aquele toco na algibeira, foi logo tirando outro, bom. — "Uma tana! Mistifo do homem... Por meu seguro... Onde é que já se viu?! O rei-menino... Bom, isso tem, na Festa: um rei menino, uma rainha menina, mais o Rei Congo e a Rainha Conga,

que são os de próprio valor... O rei-menino, com a espada na mão! E o cinco-salmão: ara, só se vê disso, hoje em dia, é na bandeira do Divino, bordado rebordado... Baboseira! Morrer à traição, hora incerta, de tremer as peles... Dôze é duzia — isso é modo de falar? O que vale a gente é as leis... Quero ver, meu ouro. Não sou o favoroso? Mais novecentos mil e novecentos e noventa-e-nove mil milhões de milhões... A Morte — esconjuro, credo, vote vai, cã! Carece de prender esse Santos-Óleos, mandar guardar em hospícios... Vê lá se a Morte vem vindo, daí da banda do Norte, feito coisa de Embaixador, no represento de festa de cavalhada? E caixa e tambor, quem estão batendo é essa gente do Sãtomé, à revelia... Cristãos sem o que fazer... Frioleiras... De que o Rei, pelos ermos, sete soldados, fidalgos e guerreiros da História Sagrada, e lapa de Belém, tudo por traição, dando conselho e companhia, ao pé da manjedoura, porque Deus baixou ordens... Novecentos milhões... Nove, seis e um — sete... Acabar? Posso dar meu juramento. Acaba nunca! Isso de mundo se acabar, de noite ou de dia, é invenção de gente pobre... Arrenego! Uma tana! Que seja p'ra o Capataz, e esta aqui p'ra o Malaquias!..."

Por assim, e quantos números compunha, o Coletor não esbarrava de resmonear o sermão do Nominedômine, sem-pés-nem-cabeça. Na pobre da ideia dele, ia levar tempo para se gastar aquilo. — "Vamos chegando, Pulgapé..." — chamou Pedro Orósio. Mas o Laudelim cismara tanto e tanto, enquanto estava ouvindo, seu rosto se ensombreceu, logo se alumiou ainda mais. Cá que não se esperava, ele propunha assim desses esquisitos. Ave, matutava. E mesmo, quando o Pedro Orósio o pegou pelo braço e ia levando, ele entreparou, asseteado, pé no ar. — "Isso é importante!" — disse. E pendurou cara, por escutar mais. — "...O extraordinário de importante... *Tremer as peles*... *Cristãos sem o que fazer*... *Quero ver meu ouro*... Um danado de extraordinário!..." O que? A tontaria do Coletor? Patarata! Mas, que é que se havia, se o Laudelim era mesmo assim — que dava de com os olhos não ver, ouvido não escutar, e se despreparava todo, nuvejava. Nunca se sabia de seus porfins. Ainda, ainda. E a-duro vinha vindo, mas quebrou para a banda da casa do Siô Tico, de donde se avistava todo o arraial, lá em baixo, e a várzea. — "Vou mais no cemitério não. Já achei..." Que era que podia ter achado? Se sentou debaixo do itapicurú, temperava o violão, apalpou as cordas. Com ele desse jeito, arredado crente, bôas horas de perdidas se podia ter. Melhor, mesmo melhor, era a gente ir aproveitar o oco do mundo noutra parte, conceder que ele ficasse

ficando. — “Vai embora inda não” — ele pediu. O violão toava bem afinado. E perguntou: — “Por que é que você não desdiz dessa festa? Vem junto, se cantar...” “— Ah, não. Mulheres quero.” O Laudelim mal ouvia. Relou as cordas, ponteando, silamissol cantava. Arrastou um rasgado. Pê-Boi se despediu. — “*O Rei menino*... Passagens fortes! *A toque de tambor*... Passagens fortes... Passagens fortes...” — o Laudelim deu resposta.

Aí, em tudo e por tudo de si satisfeito. Pedro Orósio passeou. Chefe que se chegou, aqui e ali, vendo bastante gente e com tantas pessôas proseando, ponto, falando e ouvindo disto e daquilo, duma coisa e outra; e mesmo, em sábado de festa, véspera do Rosário, o arraial não era tão pequeno assim.

Almoçou no Ji Antonho, na Rua-de-Cima, esse tinha duas carrocinhas e quatro burros, ultimamente andava tirando areia das beiras do da Onça e trazendo para revender — e era homem de caráter muito exato, contava estórias porcas, engraçadas, e tratava todos de “compadre”. Filhas moças do Ji Antonho eram duas: Nelzí e Nilzí. Para se comparecer razoavelzim em tão bom almoço, Pedro Orósio foi buscar três garrafas de cerveja, que ofertou, por mais que o Ji Antonho falasse que não fizesse, que não carecia de tomar incômodo. Nelzí era a mais bonita. Com elas, quer dizer, com todo o pessoal, inteirado por outros pais e mães, e outros rapazes e moças, se veio até à Rua-de-Baixo, à estação — ver passar o trem-expresso que segue para o Sertão. Um dia tivesse de casar, mas mais tarde, podia mesmo ser com a Nelzí que ele havia-de. E mocinhas de fora compareciam, de mãos dadas, umas até eram de Araçá ou das Lajes, ele bem certo não estava. Todas tão bem vestidas, todas elas de novo. Era sorte que ele estava assim calçado de botinas, apertavam um pouco os pés, não fazia mal. As botinas era que pareciam grandes demais, maiores que as de todo o mundo. E daí? O que valia era estar com sua vida em ordem, e no perfeito da saúde. Da estação, entenderam de ir de visitas. Muita gente queria visitar com altas honras a Maria-da-Fé e o preto Zabelino, que iam ser os reais.

Mas, por umas três vezes, Pedro Orósio se encontrou com o Ivo Crônico, que vagueava. Até, sem querer mau juízo, mas parecia que o Ivo tomava conta. Sujo desse ciúme, causa das moças, azangando. Ainda bem, que agora estavam reavindados, em alegres falas. Mesmo o Hélio Nemes, que tinha sido o mais picado de todos. O Nemes, dito um dunga, felão de

mau. Amém, medo, ah, isso, e de ninguém, ele Pê nunca sentira! Bastava se ver, pra saber. Receio de mazela, isto sim, de algum dia se enfermar de grave doença, não dar conta de cumprir seu trabalho para sustento, não ser mais querido das moças nem respeitado do povo. — "Oi, Pedro, como é que vai essa carcaça?" "— Banzando... E você, Jizé?" Zé Azougue era irmão do Martinho. Contavam que eles, com o pai, já falecido em Deus, uma vez tinham matado um homem, por conta de uma dívida atôa. E vinham passando uns vinte sujeitos, todos compostos nos trajes brancos e com os capacetes — era a Guarda Marinheira — amanhã haviam de dansar e cantar, rendendo todas as cortesias à Nossa Senhora dos Pretos. E a Nelzí se virava para ele e perguntava: — "Seu Pedro, o senhor não gosta de figurar?" "— Tenho graça nenhuma... Até iam se rir, por meu tamanhão..." — ele tinha respondido. A Nelzí era muito bôazinha. — "Pois eu gosto de pessôa alta. Acho que assenta bem, em homem..." Pê-Boi não se acanhava fácil: — "Muito agradecido, por suas bôas palavras..." Só não teve coragem foi de dizer "senhorita" — conforme pensou; era fino. A cabecinha da Nelzí não dava no ombro dele. A parte que ela falava: de sua vida em casa — gostava de fazer dôces, de cozinhar, os irmãos pequenos eram uns demoninhos de engraçados, o pai dizia que no carnaval que vem iam todos em cidade. Pedro Orósio podia ficar muitas horas perto dela, até se esquecia das outras demais.

A festa era de pretos e brancos, mas mais dos pretos: já naquele dia eles espiavam os brancos com sobrançaria de importância maior — pois eram os donos da Santa. Carecia de mandar fazer um terno de brim novo, tirar do dinheiro para comprar umas duas ou três camisas, melhor das que têm bolsinhos. Não imaginava como era que alguém podia querer ser trabalhador de trem-de-ferro: guarda-freio, foguista, maquinista. Dansador de fama — o Juminiano, agora alguns tinham escrúpulo com ele, porque o pai dele morrera com mal-de-lázaro. O pior, quando se está em roda de pessôas, conversando com moças, é quando dá vontade de verter água, carece de arranjar desculpa, para sair de perto, pior então é quando a gente volta. Criatura para conversar fiado nunca falta: como é que um podia afirmar, em mês de agosto, se as chuvas do ano vão vir mais cedo ou mais tarde? Mulher-da-vida, quando passa na rua, em dia de festa, adquire um ar de sobre-dona, desdenha do alto as senhoras e moças-de-família. Por agora, no arraial, dava de estarem levantando muitas casas novas; mas, quando aquele movimento esbarrasse, quem é que ia comprar areia do Ji

Antonho? E o que é que ele ia fazer das carrocinhas e dos burros? Ji Antonho dizia que era patrício, geralista também; aldemenos afirmava que era, dos Gerais de Andrequicé. Se os parentes dele, Pedro, no Veredão da Cúia, se eles ficassem sabendo que ele tinha ido até lá perto, nos Gerais, mas sem chegar nem aparecer, haviam de ficar pensando mal. Viajar era bom, mas por curto prazo de tempo. Se entre aquelas vaquinhas que pastavam ali no capim da Vargem, que alguma delas fosse brava, e quisesse bater, ele escorava a bicha, escornava e baqueava — salvava a vida daquelas moças todas, salvava mais era a Nelzí, e era uma imponência, todos tinham de ver, gabar e admirar. Para namoro, de noite é muito mais agradável do que de dia. Mais festivo, melhor de tudo, é em igreja — todos em seus lugares, o padre naquela solenidade de estado, o harmônio tocando, mulheres cantando; e a gente correndo com jeito o olho, era capaz de namorar com diversas, de uma vez. Quantos anos devia de ter a Nelzí? A Nelzí era a mais velha. Do Laudelim Pulgapé era que as famílias e as moças não queriam saber — diziam que era bandalho. Tocar bem um violão era a coisa que ele Pê mais invejava. Amanhã, devia de se apresentar para tomar a corôa, no giro de redor da igreja, agradecendo as bençãos? Não fosse o rebuliço bom do dia, e o batuque determinado para de noite, dava vontade era de sentar os pés por aí, ir até em casa, via como por lá estavam as coisas, de tardinha mesmo já estava de volta, bem era capaz. Dia de domingo, mesmo não estando quente, a gente sente mais calor: calor e poeira estão só combinados de amarrotar e sujar a roupa da gente, em tudo se precisa de pôr atenção. E, ei, que aquele ainda não era bem dia-de-domingo, era só sábado de véspera, mas domingo parecia — todo o mundo revestido e passeando...

E ele felizmente tinha o assunto da viagem feita, para conversar. De seo Jujuca, sempre negocioso. Do frei Sinfrão, como folgazão rezava. O seo Alquiste? Era doutor, era sim. E doutor dos bons, de mão cheia. Homem importantíssimo. Queria até levar ele Pedro para seu ajudante, a fim de conhecer a terra dele, tão estrangeira. Dizia que lá o Pê podia ser soldado... — “Fosse eu, ia...” — falava a Nelzí, se via que por momice, leve de despique. — “Ah, isso não! Absolutamente... Não quero ficar tão longe das pessoas de que eu gosto...” — ele aproveitava para referir, olhando bem para ela, se pondo e repondo nesse olhar. Eh, bem que ele podia passar mêses e anos assim pertinho. A Nelzí era a cabeceira entre todas, senhorinhazinha, rainha de solertes formosuras, aquela merecia amor.

Mas, por cabo do dia, não podia ficar mais tempo. Aquilo ainda não era noivado, como para embroma, dando na vista: o que não é casório é falatório! Disse adeus, com pena. — “Amanhã o senhor vem?” Ah, amanhã ele estava. Supridamente.

Jantou no Tolendal, não podia ser ingrato com os amigos bons protetores. E o Florião estava lá, se conversou. O Florião tinha chegado, com o caminhão dele, vindo para a festa. Falavam na confusão daquela manhã, na trompagem do Santos-Óleos. E o Florião, por volta de meio-dia, tinha avistado aquele, cruzmente, despassado pela estrada — pelo menos a umas quatro léguas dali. — “O tal parece ia tirar algum pai da forca... Gritou: *Viva Deus, é o fim do mundo!* — e ainda espripipipou mais, envoado...” O diôgo, um desse, o coitado! Mais para graça não eram os panões enrolados nos pés, já se viu alguma vez disso? Mas, não — o Florião informava — quando o caminhão se cruzou com ele, decerto já tinha desmanchado e largado aqueles aparêlhos — pois assim mesmo demente andava, andava, quase corria, estava descalço de todo, seco, sério, sorteado. Que lugares enguliam um homem assim?

Falar nisso, o sino repicou, era hora da reza, noveneira. Outra vez o povo para a igreja. Pê-Boi também. Para a andadura dele, aquelas ruas e a ladeira eram menores. — “Eh, Pedro! Desta vez, não te largo. Despois, daqui, a gente ruma...” Era o Ivo. Que seja, por certo, estavam compalavrados. Enfileirada no adro, a turma dos Moçambiqueiros, completa, à luz da tarde. Da outra banda, a Guarda Marinheira, dava prazer ver o estique deles, cada um de queixo alto — nenhum não se ria. E já vinham chegando os Congos, a toque de rufo, pessoal do Tú e do Mascamole adiante. Aqueles ranchos todos porfiavam. E passavam muitas senhoras, levando para dentro suas crianças em branco, preparadas de virgens e de anjos. Só mesmo na hora em que os coroinhas do padre tangeram sineta, foi que esbarrou, a um tempo, de cá e de lá, o tungo e o vungo das caixas de couro. Ah, uma festa, com suas saúdes, era boa estância, mesmo assim de véspera só.

— A paz, agora vamos...

— Pois vamos. Qu’ é de os outros?

— Estão esperando, no fim do bêco do Saturnino.

Ia porque ia, a bem dizer não tinha grandes vontades. Ao mesmo, enquanto durava a reza. Nelzí estava lá, na parte das mulheres, e ela olhava para ele, com sinceras doçuras. Aquela, só sim. A próprio, Pedro

por ela desdeixara de namorar as outras. Somente, por habituação, olhara uma vez para a Miinha, clara, que estava na escada do coro. Uma vez, ou umas duas. E outras tantas para uma mocinha do Araçá, de vestido vermelho — disseram que a graça dela era Cândida. — “Bom, tão querendo, vamos...” Não queria ser discordioso. Mas, por primeiro, segundo o Ivo, careciam já de beber um cauim qualquer. Ah, e o Pulgapé? — “Temos de passar mesmo por defronte do hotel do Sinval...” Na saída, em ouso saudou a Nelzí, com aceno de cabeça. O mês de agosto, ainda anoitece depressa; fuscava. — “Pode sossegar, Pê, que lá também vai ter moça, e muitas... É baile de bom batuque, samba sapateado!” “— Vamos inteirar de ver.” “— Mas, os princípios, a gente prova um acende-goela. Tu, bebe, bebe, Pedro: estou com uma garrafa aqui...”

O violão do Laudelim já desestremecia, ah, pinho assim na mão, prosa que é um reinado. E podiam entrar, também, caso quisessem. Queriam não, dali de fora mesmo, da janela, estavam em cômodo de escutar e ver, a demora deles era apoucada. — “Olha, a gente não deve de estabelecer, Pê. Por causa do bom caminhar que ainda falta...” — por baixo e por cima o Ivo de o puxar não esbarrava. Um raio de Ivo Cronhco, pago por molestar a perseverança da gente, poaia. Mas, dentro de sala, governava o Laudelim, Pulgapé bom amigo! — assentado importante entre as pessôas, impondo o aprumo de seu valor. Que é que ele cantava? Aí encerrava de dar o lundú da Gamela. Todos batiam palmas. Seo Alquiste lá tomava um copo grande de cerveja, limpava os cantos da boca com o guardanapo. Batia com as mãos, estrondoso. Punham cerveja para o Laudelim também. Ah, ele estava de grandarte! Agora, bom de já bebido, retomava o violão, desrasgava, trazia das cordas, principiava aquela trova tão formosa, canto retardado, que pespega só: *...Serra, serra — serrania...* — dizendo a refrém. Ave de aprazível, aquilo geava.

Mas, de lá, aquele seo Alquiste, que era homem terrível para tudo enxergar, tinha feito reparo neles dois — no Ivo e no Pedro, cá fora. E seo Alquiste se alegrou, saudou grosso alto, chamou que entrassem, era preciso de se servir uma cerveja para eles. Seo Jujuca vinha insistir. Bom homem notável, o seo Alquiste. Pouco era o que ele falava em vulgar, mas assim mesmo alguma coisa se colhia. E o Laudelim tanto ficava satisfeito, de ver seu amigo cumprindo de vir, para ajudar a apreciar.

Assim ele cantava agora o lundú da Laranjinha — a pedido do seu Juca do Açude. Acabou — palmas. Seo Alquiste esvaziava de contínuo sua

cerveja, e zas na caderneta, escrevendo, escrevendo. — *“Laudlim...* — dizia ele batidas vezes: — *Laud’lim... Lau’dlim... Laau-d’lim’m* — falava *Laudelim* assim, quiçá nos sentimentos dele fazia coisa que se estivesse tremeluzindo campainha. E mais escrevia. Tudo o que dos versos não era para ele poder entender, seo Jujuca transfalava todo o simples significado. A mor, quem ria, ria bem.

Aí, de arranco, deu seguida que o Laudelim mudou, cavalo de orgulhoso, estadeava. Afa, que o violão obedecia, repulando a teso, nas pontas de seus dedos, à virtude; com um instrumento fogoso tal, tal, em mesmo que ele podia tomar o espaço. Se via que vinha já o maior melhor, aos sons ele retombou a cabeça, carinhoso, seus olhos se fechavam.

— Que é que vem, Laudelim? — seu Juca do Açude indagou.

— Pobre coisinha minha, se licença me dão. Composição...

Todos acenaram que sim, com atenções, que esperavam. Pulgapé pronto. Após que pigarreou, dedeou de esbarrondo, e meteu começo, com rompante, descantou:

Quando o Rei era menino
já tinha espada na mão
e a bandeira do Divino
com o signo-de-salomão.
Mas Deus marcou seu destino:
de passar por traição.

Doze guerreiros somaram
pra servirem suas leis
— ganharam prendas de ouro
usaram nomes de reis.
Sete deles mais valiam:
dos doze eram um mais seis...

Mas, um dia, veio a Morte
vestida de Embaixador:
chegou da banda do norte
e com toque de tambor.
Disse ao Rei: — A tua sorte
pode mais que o teu valor?

— Essa caveira que eu vi
não possui nenhum poder!
— Grande Rei, nenhum de nós
escutou tambor bater...
Mas é só baixar as ordens
que havemos de obedecer.

— Meus soldados, minha gente,
esperem por mim aqui.
Vou à Lapa de Belém
pra saber que foi que ouvi.
E qual a sorte que é minha
desde a hora em que eu nasci...

— Não convém, oh Grande Rei,
juntar a noite com o dia...
— Não pedi vosso conselho,
peço a vossa companhia!
Meus sete bons cavaleiros
flôr da minha fidalguia...

Um falou pra os outros seis
e os sete com um pensamento:
— A sina do Rei é a morte,
temos de tomar assento...
Beijaram suas sete espadas,
produziram juramento.

A viagem foi de noite
por ser tempo de luar.
Os sete nada diziam
porque o Rei iam matar.
Mas o Rei estava alegre
e começou a cantar...

— Escuta, Rei favoroso,
nosso humilde parecer:

....”

Ainda mal que, por essa altura, Pedro Orósio tinha de sair lá fora, por força, já vinha não resistindo, se sentando no banco de meia-esguêlha; caçou formas de escapar sem percebido ser. Mas o Ivo segurou-o pelo paletó: que tal coisa não fizesse, que ficasse! Ah, não por isso, que até estava gostando apaixonado dessa cantiga, ela era de referver. Os belos entusiasmos! O que era, era que não conseguia, não aguentava mais. — “Diabo! Despois tu mija!...” — o Ivo cochichou ralhando. E o que era justo. Valia a pena, por tanta saboria de sonância, e o gloriado daquele descante, as grandes palavras. Valia mesmo, apertar as pernas uma na outra, e curtir a dura necessidade. O Ivo razão tinha.

Mesmo porque, por diante, o Laudelim percorria todo o viajar, com suas vicisses, e dava no vivo da estória cantada — com um sinalamento preto no céu, e a lua no redeado das árvores, e o rir do corujo vismáu, saído de sua gruta, que anunciavam a falsimônia. Triz e truz daí, era aquele desatamento, presto: o nefandório! Arre, al, que tudo fuzuava, no roldão de uma matança — quando os réus guerreiros investiam no Rei, de mão-comum, suas espadas. Nas champas delas o luar lampeava, contra todos os sete o Rei se defendendo, que esbravejava, acuado mas sem se entregar, ao longo choro do vento e na solidão dos campos — por força e armas!

Nos entres dos pés-de-verso, o Laudelim dava um acompanhamento dôce, de contraste, em diz pim-pim, feito os passarinhos madrugados. Aquela estória era terrível!

Mais. Cada que o Rei dava um urro, por ferido — era também um dos outros, que matado. Travante gritava que malditos fossem, por assim quererem apagar o rol de tantos benefícios dos palácios. Aí, então, eles careciam de ser bichos, de ódio. De vezvez defastavam e revinham, mais crús, sangue se via, de noite, o vermelho nas roupas semelhava preto. Uivavam. Desuso — que nem um estouro de boiada curraleira: tudo em estrondo e estraçalho. Mas a dôr no corpo do Rei ardia, por seus muitos bastantes talhos sofridos, de tanto sangue que perdia ia-se indo em cansaço, e do seu sangue mesmo precisava de aparar e rebeber, por não deixar o alento. Pedro Orósio já estava nas últimas. Mas aí o Rei matava o derradeiro sétimo, e próprio morria — na horinha de falecer via o escrito de sua velha sina, nos altos do céu...

Ainda bem que o Pedro ainda teve tempo de sair do salão, e chegar lá fora em prazo. Trasquanto os restantes batiam palmas, mais valentes do que das outras vezes: de entoar e acompanhar assim, o Laudelim merecia florão de cantador-mestre. Prazia.

Era o que pensava seo Jujuca, molhando cerveja na boca e atendendo às perguntas do senhor Alquist. Comovido, ele pressentia que estava assistindo ao nascimento de uma dessas cantigas migradoras, que pousam no coração do povo: que as violas semeiam e os cegos vendem pelas estradas. Até ao seu Juca, seu pai, ou mesmo a um sujeito rústico braçal, como aquele Ivo, ali defronte, se embaciavam os olhos, quase de cai lágrimas. — "Importante... Importante..." — afirmava o senhor Alquist, sisudo subitamente, desejando que lhe traduzissem o texto *digestim ac districtim*, para o anotar. Sem apreender embora o inteiro sentido, de fora aquele pudera perceber o profundo do bafo, da força melodiã e do sobressalto que o verso transmuz da pedra das palavras. E seo Jujuca pedia ao Laudelim que recantasse e acompanhasse em surdina, e ia explicando. Tarefa que se levava, pois o senhor Alquist queria comentar muito, em inglês ou francês, ou mesmo em seus cacos de português, quando não se ajudando com termos em grego ou latim. — "Digno! Digno! Como na saga de Hrolf filho de Helgi, Hrolf o Liberal: ainda era menino, quando Helgi morreu, e ele subiu ao trono da Dinamarca..." Referia: — "Ah, está em Saxo Grammaticus! Ou quando o outro, Hrolf Kraki, entrou na peleja: foi como um rio estúa no mar — ele simultâneo, a todo átimo pronto na espada, qual com os bífidos cascos o veado se atira... Está em Saxo Grammaticus..." E, nesse ardor, senhor Alquist limpava os óculos, e, tornando a entrar na sala o pobre do Pedrão Chãbergo, um capiau simplório, assim transvisto, sem outro destaque a não ser o da estatura — o senhor Alquist o admirava, dizia: *kalòs kàgathós*... O sertão tivesse mais uns assim.

E o Pedro vinha voltando, aliviado, caçava seu lugar em seu banco, dava com os olhos em seo Alquiste. Esse sorria, e para ele levantava o copo, à saúde, nas praxes. Dizia: — "Escola!..." E ele Pedro retribuía com o mesmo bom gesto, também já tornava a ter sede de cerveja, mais bebia. Nisso o Laudelim retomava a cantar a recém grande cantiga, para os frades ouvirem, pois frei Flôr e frei Sinfrão estavam chegando.

Num sempre se podia ficar escutando, sem fastio. Mas o tôo mesmo da trova se recebia na gente, teso em cheio, precisão de um se engrandecer,

por meio de qualquer movimento — espiritação de romper, andar, caminhar. — "Eh, bom, vamos, Cronhco?" O Pê-Boi próprio ora convidava, em doença de se ir. — "Quero com vontade de dansar um recortado..." E o Ivo também se aluía, quase entre a-gosto e contragosto, reproduzindo: — "Em boa razão. A pois, vamos." Mas o Ivo, em luzes assim, tinha que ficava com os olhos encarniçados, de cachorro que caçou onça. — "Tu bebe?" "— Se bebe!" Por bem, os dois saíam, sem menção de ninguém. Varavam pelas pessôas no sereno. — "Oi lá, Rijino..." "— Chama ninguém mais p'ra vir, não..." — baixo o Ivo recomendava. Laudelim descantava solene lá dentro, estribil, ele cantava continuado. A lua havia, grandada, clara. Eles passavam o comprido do bêco. Ainda vinha, a toada tarda. Passavam o bambuzal. "— Se bebe?" "— Bebe!" A cantiga adormeceu.

Aí eis que ali, no Juajém, na última casa sozinha, na saída para o Saco-dos-Côchos, estavam todos os companheiros, por cerimônia de recongraça. — "Ara viva, Pê-Boi! Pedrão Chãbergo, velho!" Aqueles eram o Jovelino, o Martinho, João Lualino, o Zé Azougue, o Veneriano, o Hélio Dias Nemes. Pois, iam. Casa de luzinha, no campo, estavam tocando? Estavam dansando o bendengo. Todos o rodeavam, à feição de agrados: — "Amigos, ôi Pê amigo!" Pedro Orósio queria andar a fôlego, singular, com muita perna e muito braço, sem cuidando; daquela estatura de passo, nenhum com ele podia se emparelhar. — "Que é isso, gente? Tão me levando de charola? Deixa de enrôlo..." Todos davam a ele a confirmação do riso. — "Vamos ir, vamos determinar..." — o Ivo Cronhco falava, o Ivo era o cabecilho. Carecia de ordem, porque tinham estado bebendo. O Martinho vinha com uma lata com comida de farofa, comia dela com uma colher. O João Lualino tocava um reco-reco. O Veneriano pegou de ir na frente. Iam índio-a-índio. Pedro Orósio regozijava de caminhar de noite, debaixo de lua.

Entremente, ia cantando. Mal e mal, tinha aprendido uns pés-de-verso, aquela cantiga do Rei não saía do raso de sua ideia. Canta que canta, até o Ivo também, de falsete. E o Veneriano, que tinha bom ouvido, acompanhava, segundando. Era bonito, era bom. Pulgapé devia de ter vindo. Ao que se podia arejar, cabeça e o corpo ganhando em levezas. Gostava daquela música. Gostava de viver.

Ao sim, tinha viajado, tinha ido até princípio de sua terra natural, ele Pedro Orósio, catrumano dos Gerais. Agora, vez, era que podia ter saudade

de lá, saudade firme. Do chapadão — de onde tudo se enxerga. Do chapadão, com desprumo de duras ladeiras repentinas, onde a areia se cimenta: a grava do areal rosado, fazendo pururuca debaixo dos cascos dos cavalos e da sola crúa das alpercatas. Ou aquela areia branca, por baixo da areia amarela, por baixo da areia rosa, por baixo da areia vermelha — sarapintada de areia verde: aquilo, sim, era ter saudade! O vivido velho dos vaqueiros, gritando galope, encourados rentes, aboiando. Os bois de todo berro, marruás com marcas de unha de onça. Chovia de escurecer, trovoava, trovoava, a escuridão lavrava em fogo. E na chapada a chuva sumia, bebida, como por encanto, não deitava um lenço de lama, não enxurrava meio rego. Depois, subia um branco poder de sol, e um vento enorme falava, respondiam todas as árvores do cerrado — a caraíba, o bate-caixa, a simaruba, o pau-santo, a bolsa-de-pastor. De lua a lua. Sempre corriam as emas, os veados, as antas. Sonsa, nadava a sucurijú. Tanto o gruxo de gaviões, que voavam altos, os papagaios e araras, e a maria-branca cantava meiguinha, todo aquele arvoredo ela conhecia, simples, saía pimpã do meio das folhas verdes com um fiinho de cabelo de boi no bico. Ar assim farto, céu azul assim, outro nenhum. Uma luz mãe, de milagre. E o coração e corôo de tudo, o real daquela terra, eram as veredas vivendo em verde com o muito espêlho de suas águas, para os passarinhos, mil — e o buritizal, realegre sempre em festa, o belo-belo dos buritis em tanto, a contra-sol.

Um homem chega à porta de sua casa, se rindo de si e escorrendo água, desvestia pesada a croça de fibra de palmeira bôa. E uma mulher moça, dentro de casa, se rindo para o homem, dando a ele chá de folha do campo e creme de cocos bravos. E um menino, se rindo para a mãe na alegria de tudo, como quando tudo era falante, no inteiro dos campos-gerais...

Ah, ele Pedro Orósio tinha ido lá, e lá devia de ter ficado, colhendo em sua roça num terreol — era o que de profundos dizia aquela cantiga memoriã: a cantiga do Rei e seus Guerreiros a continuar seus caminhos, encantada pelo Laudelim. — “Se bebe?” “— Toma mais não, Pê. A chega.” “— Arre!”

Em ver, que tinham medo dele. Ah, tinham! Aquele Ivo Crônhico, ranheta, coçador de costa de mão; aquele Jovelino — eh, bronho, — metade de si mesmo! Aquele Martinho... Companheiros para ele? De muxoxo... Cabeçudo como esse Crônhico: pior que se meter o freio na boca dum ruim burro. E o Veneriano pé prancho, e o focinho do Martinho,

e esse João Lualino assassinador de gente, todos eles. E o Nemes? Podia algum?! Súcia...

Deveras, tinham receio. Pois não era? Um exagero de homem-boi, um homão desses, tão alto que um morro, a sobre. Assim desmarcado, pescoço que não dobrava, braços de tamanduá, inchos de músculos, aquilo era de ferro — se ele estouvava, perigava qualquer sociedade, destruía as certezas. — “Escuta, gente. Escuta, Pê. Vamos determinar...” — falou o Ivo, quando pararam. — “O quê?!” “— Pedro Bergo, você tomou demais, você está esquentado. Então, melhor, reservar com a gente sua garrucha e faca, p’ra se guardar... Evita alguma distração que você tenha...” “— Ué, faz diferença?” “— Convinhável dar. O Ivo pode ter razão, Pê...” “— *Escola!...*” “— Escola o quê, Pê? Doideiras...” “— A que te... Tu sabe?!” “— Nome-da-mãe, não, gente! Paz...”

— “Pois canta!” — Pedro gritou, animante. — *“Escola!...”* Sobre sem sim, e andado, ele se sentia, estava grave. *Pê-Boi, Pê-Boi, Pê-Boi...* Caminhava. Cantava forte, do Rei, com a lua, pelas estradas, dos Guerreiros, das espadas, do violão do Laudelim. Bem, agora estava ali mesmo, indo para a festa, indo para sua casa, para lá do alto do Saco-do-Campo, outras encostas da vertente. Toda aquela serra subida, cheia de grutas e sumidouros — o dos Morcêgos, o da Lapinha do Geraldo, o do Brejinho, o funil da Pedra Bonita, o do Corgo do Cuba —, cheia de tratos onde ninguém pode pisar e o gavião-grande é dono. Conhecia ali, palmo e palmo, também era de muito terra dele, aqueles contornos. Toda parte, por lá, o corujão saía esvoaçado dum oco de lapa, pousava em ponta de pedra, dava gargalhadas — assim com luar a coruja branca depunha sombra. Quanta coisa que a gente não sabe nunca no escuro, sufocado: como o glude frio das minhocas da terra. Seo Alquiste soubesse? O frade sabia? Seo Jujuca? Ele Pedro Orósio tinha sua casinha — uma casinha pobre, com alpendre, entre umas palmeiras, terra bôa, de orecanga. Perto da Pedra do Boi, perto do recôncavo dos Monjolos, depois do Pasto dos Monjolos, depois do Capão do Pequí, rumo a rumo com o Limpa-Goela, onde tem o morrinho, um cruzeiro e um bananal, indo pelo espigão da Ponte-Seca... *Grande Rei, a tua sorte — pode mais que o teu valor?*

Pedro Orósio esbarrou. As botinas o maltratavam. Sentou no chão, se livrou. Deu ao Ivo as botinas, para levar. *Grande Rei, a tua sorte...* Daí, se remantelou em pé, calcou bem a terra, sapateou um tanto. *Grande Rei...* Tinha ido e tinha voltado, por aquelas todas fazendas — desde o

Apolinário: o Marciano, no caminho das boiadas do Norte; a Nha Selena, numa belavista, fim de serra; o Nhô Hermes, na Capivara; a dona Vininha, tinha aquela moça tão alva; o Jove, donde quebra para as boiadas que vêm do Urucúia e do Abaeté... Eh, Ivo Crônhico, carrega minhas botinas! Ele, Pê, era o Rei, dono dali, daquelas faixas de matas, verdes vertentes, grandes morros, grotas cavacadas e lapas com lagôinhas, poços d'água. *Mas é só baixar as ordens, que havemos de obedecer*... Aí entrar outra vez dentro da Gruta, a Lapa Nova do Maquiné — onde a pedra vem, incha, e rebrilha naquelas paredes de lençois molhados, dobrados, entre as rôxas sombras, escorrendo as lajes alvas, com grandes formas e bicos de pássaros que a pedra fez, pilhas de sacos de pedra, e o chão de cristal, semelha um rio de ondas que no endurecer esbarraram, e vindas de cima as pontas brancas, amarelas, branco-azuladas, de gelo azul, meio-transparentes, de todas as cores, rindo de luz e dansando, de vidro, de sal: e afundar naquele bafo sem tempo, sussurro sem som, onde a gente se lembra do que nunca soube, e acorda de novo num sonho, sem perigo sem mal; se sente.

Que desse as armas, por guardar, que era mais assisado — o Ivo fechou mão nisso. — "Uma osga!" Pê-Boi não queria saber de embusteria. — "Cuida das botinas, amigo, que eu quero é festa!" Queria cantar. *Vieram todos de parelha... O Rei... E em eles tremeram peles... A sina do Rei é avessa*... O Rei dava, que estrambelhava — à espada: dava de gume, cota e prancha... "Remeteram com a fortaleza..." Aí então os Sete matavam o Rei, à traição. Traição... Caifaz... Parecia coisa que tinha estado escutando aquilo a vida toda! Palpitava o errado. Traição? Ah, estava entendendo. Num pingo dum instante. Olhou aqueles, em redor. Sete? Pois não eram sete?! Estarreceu, no lugar. Soprou. — "Doidou, Pê? Que foi?" Traição, de morte, o dano dos cachorros! — "Pois toma, Crônhico!" — e puxou no Ivo um bofetão, com muito açôite. Estavam na ponte do Ribeirão da Onça. — "E que foi, gente? Que foi?" Ele cresceu.

Ouviu o que o Nemes e os outros gritavam:

— Pega, mata logo, gente, o bruto já desconfiou! Melhor matar logo...

— Aperra! Atira!

— Agarra!

— "Morrer à traição? Cornos!" Foi foi uma suscitada, o Pedro se estabanando. Espera! Zape, pegou o Ivo, deu com ele no chão, e já arrependia o Martinho no parapeito, o arcou, rachou-o. E vinha no Nemes,

de barba a barba com, e num desgarrão o Nemes era achatado. — “Toma, cão! Viva o Nomendomem!” Uns com os outros se embaraçando, travados, e Pê com medonhos gritos moronava por de entre eles, beligno — eh, Rei, duelador! — e mal o Lualino gambetava, quem levava o impeito era o Veneriano, despejado lá em baixo, nos poços, e a cabeça do Zé Azougue sucedia como um ovo debaixo dum martelo, e o Lualino fugia longe, numa raspada, o Jovelino caçava de se esconder, o Ivo gritava! E Pedro Orósio, num a-direita, pisava o Jovelino, metia o pé; o Ivo gemia, não aguentava o agarre. Os outros, não havia mais. Então Pê-Boi suspendeu o Ivo no ar, vencilhado, seguro pelo cós, e tirou da bainha a serenga, e refou nele uma sova, a pano de facão, por sobra de obra. Daí, trouxe a cara do Ivo a olho, esse tremia, fino, fino. E quase tornado a si de sua surreição, Pedro Orósio se recompunha, menos exato, perto de rir. Conforme ainda perguntou:

— Que foi, Crônhico?

— “Perdão... Perdão...” — o Ivo mal gemia, em desgovernos, e apertava fechados os olhos. Pê-Boi riu:

— Terei matado algum? — perguntou, balançando o Ivo mansamente. — Cachaças...

Mas o Ivo agora arregalava os olhos, e tanto tremia, mole e sujo, que nem uma coisa, bichinho, um papa-coco ou um mocó. Com asco, com pena, então o depositou, o depôs, menino, no centro do chão.

Daí, com medo de crime, esquipou, mesmo com a noite, abriu grandes pernas. Mediu o mundo. Por tantas serras, pulando de estrela em estrela, até aos seus Gerais.

“Cara-de-Bronze”

“— Boca-de-fôrno!?
“— Mestre Domingos,
que vem fazer aqui? (bis)
— Vim buscar meia-pataca
pra tomar meu parati...”

(Cantiga. Alvíssaras de alforria.*)*

Eu sou a noite p’ra a aurora,
pedra-de-ouro no caminho:
sei a beleza do sapo,
a regra do passarinho;
acho a sisudez da rosa,
o brinquedo dos espinhos.

(Das Cantigas de Serão de João Barandão.*)*

— Fôrno...
— O mestre mandar?!
— Faz!”
— E fizer?
— Todo!

“— Mestre Domingos,
que vem fazer aqui? (bis)
— Vim buscar meia-pataca
pra tomar meu parati...”

(Cantiga. Alvíssaras de alforria.*)*

(O jogo.)

Eu sou a noite p’ra a aurora,
pedra-de-ouro no caminho:
sei a beleza do sapo,
a regra do passarinho;
acho a sisudez da rosa,
o brinquedo dos espinhos.

(Das Cantigas de Serão de João Barandão.*)*

No Urubuquaquá. Os campos do Urubuquaquá — urucúias montes, fundões e brejos. No Urubuquaquá, fazenda-de-gado: a maior — no meio — um estado de terra. A que fora lugar, lugares, de mato-grosso, a mata escura, que é do valor do chão. Tal agora se fizera pastagens, a vacaria. O gadame. Este mundo, que desmede os recantos. Mar a redor, fim a fora, iam-se os Gerais, os Gerais do ô e do ão: mesas quebradas e mesas planas, das chapadas, onde há areia; para o verde sujo de más árvores, o grameal e o *agreste* — um capim rude, que boca de burro ou de boi não quer; e água e alegre relva arrozã, só nos transvales das *veredas*, cada qual, que refletem, orlantes, o cheiroso sassafrás, a buritirana espinhosa, e os buritis, os ramilhetes dos buritizais, os buritizais, os b u r i t i z a i s , os buritis bebentes. Pelo andado do Chapadão, em ver o viajante é um cavaleiro pequenininho, pequenino, curvado sempre sobre o arção e o curto da crina do cavalo — o cavalinho alazão, sem nome, só chamado Quebra-Coco. Cavaleiro vai, manuseando miséria, escondidos seus olhos do à-frente, que é só o mesmo duma distanciação — e o céu uma poeira azul e papagaios no voo. Os Gerais do trovão, os Gerais do vento.

No Urubuquaquá, não. Ali havia riqueza, dada e feita. A casa — avarandada, assobradada, clara de cal, com barras de madeira dura nos janelões — se marcava. Era seu assento num pendor de bacia. Tudo o que de lá se avistava, assim nos morros assim a vaz, seria gozo forte, o verdejante. Somente em longe ponto o crancavão dum barranco se rasgava, de rechã, vermelho de grês. Mas, por cima, azulal, ao norte, fechava o horizonte o albardão de uma serra. No Urubuquaquá. A Casa, batentes de pereiro e sucupira, portas de vinhático. O fazendeiro seu dono se chamava o “Cara-de-Bronze”.

Eram dias de dezembro, em meia-manhã, com chuva em nuvens, dependurada no ar para cair. O mõo de bois. Dos currais-de-ajunta — quadrângulos, quadrados, septos e cercas de baraúna — vários continham uma boiada, sobrecheios. A chusma de vaqueiros operava a apartação. Ainda outros, revezados, deandavam ou assistiam por ali, animados esturdiamente. Uns vestiam suas coroças ou palhoças — as capas rodadas, de palha de buriti, vindas até aos joelhos. E formavam grupos de conversa. Devagar, discutiam. Reinava lá o azonzo de alguma coisa, trem importante a suceder. Da varanda, alguém tocava alta viola. E cantava uma copla, quando, quando. Experimentava:

Buriti — minha palmeira?
Já chegou um viajor...
Não encontra o céu sereno...
Já chegou o viajor...

E achava o fácil:

Buriti, minha palmeira,
é de todo viajor...
Dono dela é o céu sereno,
dono de mim é o meu amor...

(— Eh, boi pra lá, eh boi pra cá!

O vaqueiro Cicica: Tais ouvindo, o que o homem está querendo relatar? Tão ouvindo?

O vaqueiro Adino: É do Grivo!

O vaqueiro Mainarte: Que será mais, que ele sabe?

— Eh, boi pra cá, eh boi pra lá!

— Eh, boi pra cá, eh boi pra lá!)

Trabalhar em três porteiras. Negavam gosto na lufa, os que apartavam. Um dia em feio assim, com carregume, malino o chuvisco, rabisco de raios; o gado era feroz. E tinham tento no que dentro da Casa estaria acontecendo. Eles, com ares de grandes novidades.

(— Cicica, você viu ele chegar? Era o Grivo?

— Ver, vi. Meio meio-de-longe, ele já estava quase entrado na porta. E o Grivo é; todo-o-mundo já sabe.)

— Hê, boi p'ra dentro!

— Hê, boi p'ra dentro!

Arre... Travavam-se no barro, de enlôo, calcurriando nas poças ou se desequilibrando no tauá de tijuco, que labêia e derreita feito ralo excremento de morcêgo em laje de lapa. Na coberta, ainda havia a poeira de estrume, vaporosa; mas aos tantos tudo dando em lama. E o gado queria mortes. Trusos, compassavam-se, correndo, cumprindo, trambecando, sob os golpes e gritos dos homens;[7] mas de vezvez destornavam-se, regiro-giro, se amontoando, resvalões, pinotes pesados, relando corpos e com chispas de chifres — ameaçavam esmagar. Embargavam-se, encontravam

uma barreira de aguilhadas. De tristes e astutos, viravam gente, cobrando de humano. — *“Desdói disso, juca!”* — xingava o vaqueiro Sãos. *“— Deserta de mim, diôgo!”* — o vaqueiro Tadeu vociferava. Tinha-se para um breve desespero, ante o aproximaço — que eram grandes testas e pontas de cornos, e um côice de vaca tunde como mãozada de pilão, e o menos que havia de pior era desgarrão ou esbarrôo.

Os vaqueiros desembainhavam de suas capas de couro os ferrões. — *É uma arma!...* Peneirava a bruega, finazinha. No descarte, no lanço do curral-de-aparta, os bois não entendiam que não devessem seguir juntos, prensavam-se avante — o retrupo, moçoçoca — ferindo-se no crú dos ferros, nas choupas das varas, ou enrolando-se num remoinho, metade em reviravinda, metade no mopoame da revolta. Praguêjos. Catatraz de porretada no encaixe do chifre, e chuçada de tope, arriba-à-barba. — *Que's fumega!...* Defecavam mole, na fúria; cada um, com o espancar-se de cauda, todo se breava. Jogavam trampa, lama, pedaços de baba. Sangue, que escorre até ao pé da rês — fio grosso e fios finos. Outros levantavam os queixos, já inflamados, largo inchaço, ou guardavam suas caras em véus de sangue, cortinas carnais, máscaras — coagulado ou a escorrer, sangue fresco e sangue seco — placas, que os cegavam. Encostavam-se as cabeças, se uniam mais, num amparo necessitado. Separar bois, se separa as ondas do mar.

(O Cantador na varanda:

Buriti dos Gerais verdes,
quem te viu quer te ver mais:
pondo o pé nas águas beiras
— buriti, desses Gerais...)

O vaqueiro Zazo (com duas varas-de-topar, cada de dois-metros-e-meio, certos, uma de ipê e a outra de acá, que ele chama de pêssego-do-mato): — *Ôi, jerico-jégue!* (Escolhendo a vara mais própria:) — Eh, tenho de teimar esse trem...

É preciso lidar com diligência, mesmo durante o toró da chuva: outra boiada está para vir entrar. No Urubuquaquá, nestes dias, não se pagodêia — o Cara-de-Bronze, lá de seu quarto de achacado, e que ninguém quase não vê, dá ordens.

Na coberta-dos-carros:

Iinhô Ti: Boa chuva, cospe, cá...

O vaqueiro Cicica: Isto, em alguma ocasião o senhor já viu? De se lidar com o gado debaixo de temporal?

Iinhô Ti: Em verdade.

O vaqueiro Cicica: O senhor sabendo: que quando se determinou esta ajunta, já estava no talvez de chover. Mas, agora, os senhores vieram. Então, era porque vinham vir...

Iinhô Ti: Também sou mandado, somos, companheiro. Patrão risca, a gente corta e cose.

O vaqueiro Cicica: A bem. E é deveras que as boiadas todas vão ter de ser despachadas no meio-das-águas, às pressas, boi em pé, que é porque de repente deu falta de carne nas cidades?

Seo Sintra (se aproximando): Isso exato não é, amigo. Seu fazendeiro quis vender, por isso meus chefes querem comprar. Tempo é tempo. Mas daqui é que saíu a mãe da urgência...

O vaqueiro Doím (ao vaqueiro Cicica): Pois então, é mesmo, que se disse: o Velho tencionando apurar tudo o que tem, no bom dinheiro...

O vaqueiro Adino: Somente seja! Ele é o dono.

O vaqueiro Mainarte: Tudo, então não. Os gados.

O vaqueiro Sacramento: É. Nessas suas terras, ele agarra...

O vaqueiro Doím: Vender, vendeu; sempre há-de ter fazenda aqui, carecendo de campeiros.

O parajá passou. Só chuvisca. O violeiro, da varanda:

Buriti, minha palmeira:
mamãe verde do sertão —
vou soltar meus tristes gados
nesta alegre pastação...

Moimeichêgo: Quem é esse, que canta? Ele é daqui? E não trabalha? É da família do dono?

O vaqueiro Cicica: Esse um? É cantador, somentes. Violeiro, que se chama João Fulano, conominado "Quantidades"... Veio daí de riba, por contrato.

Iinhô Ti: Contrato p'ra cantar? *O vaqueiro Doím:* Duvidar, ganha mais do que a gente. Essas coisas... *O vaqueiro Sacramento:* Derradeiros tempos, aqui sempre hospedaram uns assim, de músicos. *O vaqueiro Adino:* Tantos! Um morreu: o cego Pôncios... Deixou o instrumento: sanfona de quarenta-e-oito-baixos... O *vaqueiro Sacramento:* Este, o Mainarte e eu tivemos de ir buscar longe, na Branca-Laje. E, foi, ficou aqui. Faz tempo... *O vaqueiro Adino:* Que não dirá, quase um ano. Danado! Este canta o tempo todo...

O vaqueiro Cicica: A mariice de tarefas. *O vaqueiro Doím:* Ele não tem mereces. *O vaqueiro Cicica:* Não, isso, ter, tem. O homem é pago pra não conhecer sossego nenhum de ideia: pra estar sempre cantando modas novas, que carece de tirar de-juízo. É o que o Velho quer.

Moimeichêgo: O Velho?! Quem é o Velho?

O vaqueiro Cicica: (olhando para Moimeichêgo, e depois de pausa): O senhor é quem está dizendo que o nome não entende, pois não.

O vaqueiro Adino: Ih, exige que, como está sendo, nos prazos, o cantador tem de produzir alto assim uma trova. Lá do quarto, ele ouve, se praz.

Moimeichêgo: O "Velho"...?

O vaqueiro Cicica: Antão, pois — que-que falo: é ele. Sou cativo de ninguém, minha boca é forra, falo o que é: é o Cara-de-Bronze!

Iinhô Ti: Cara-de-Bronze. Isto são alcunhas...

O vaqueiro Cicica: "Velho" não é alcunhas, é nome-de-lei.

O vaqueiro Adino: Nome dele é Sigisbé. *O vaqueiro Mainarte*: Sejisbel Saturnim... *O vaqueiro Cicica*: Xezisbéo Saturnim, eu sei. Mas "Velho", também. "Velho" não é graça — é sobrenomes... *O vaqueiro Sacramento:* Homem, não sei. Em que sube, toda-a-vida, é Jizisbéu, só... *O vaqueiro Doím:* Zijisbéu Saturnim... *O vaqueiro Sacramento:* Jizisbéu Saturnim, digo.

O vaqueiro Cicica: Vocês... Ara, evém quem ensina. Aquele... (A Moimeichêgo:) O senhor não quer ouvir? O senhor pergunte a ele. *Moimeichêgo:* O alto, com a coroça? *O vaqueiro Cicica:* O com a caroça não, o em corpo. O Tadeu, ele é antigo, sempre viveu aqui. Ele sabe.

Entram os vaqueiros Tadeu e Sãos, seguidos dos vaqueiros Zazo, José Uéua, Raymundo Pio e Fidélis.

O vaqueiro Tadeu: Esbarremos. No chove, chove, tá impossível. Diacho, chuva dá é fome, de bem comer...

O vaqueiro Adino: Pai Tadeu, como é que cê confirma o nome do Velho, por inteiro, registral?

O vaqueiro Sãos: Sezisbério...

O vaqueiro Tadeu: Por que, uai, gente? O nome cujo, todo?

O vaqueiro Cicica: Como for, em um pedido meu, compadre Tadeu.

O vaqueiro Tadeu: Nome dele? A pois, que: Segisberto Saturnino Jéia Velho, Filho — conforme se assina em baixo de documentos. Dele sempre leram, assim, nos recibos...

O vaqueiro Fidélis: Também estou lembrado.

O vaqueiro Tadeu: Agora, o "Filho", ele mesmo põe e tira: por sua mão, depois risca... A modo que não quer, que desgosta...

O vaqueiro Sacramento: A ser, nessa idosa idade...

O vaqueiro Mainarte: Não quis filhos. Não quer pai.

O vaqueiro Cicica: Tão idosa idade assim não.

O vaqueiro Doím: Cara-de-Bronze, uê. Lá ele pode lá pode ter sido filho de alguém?

Moimeichêgo: Tem família nenhuma? Nem parentes? Vive sozinho?

O vaqueiro Tadeu: Sozinho? Até tudo.

O vaqueiro Mainarte: Sozim no nariz de todos, conversando com a gente...

O vaqueiro Tadeu: A verdade que diga, acho que ele é o homem mais sozinho neste mundo... É ele, e Deus —

O vaqueiro Doím: Axi! Deus? Sei é o Cara-de-Bronze ajuntando suas duras riquezas...

O vaqueiro Tadeu: Olhe, irmão: Deus é menino em mil sertões, e chove em todas as cabeceiras...

(Cantador:

Buriti olhou pra baixo
vendo a boiada passar:
passa o vaqueiro Zé Dias
— meu nome com o meu penar...)

(Leve pausa)

O vaqueiro José Uéua (voltando-se na direção da varanda): Manheceu, campos brancos!?

O vaqueiro Mainarte: Desfaz não 'Sé. Ele põe fé em vau em tristeza... Está cantando com seus pássaros...

O vaqueiro José Uéua: Tou esfazendo não, estou é louvando, uê. Mote bom. Apreciei, em tal. Bôas mágoas.

O vaqueiro Cicica: De acordo, que diverte. É bom, é. Mestre violeiro.

O vaqueiro Mainarte: Diverte com os sentimentos velhos, todos juntos. Vai rastreando...

Quase todos: — É bom. — É bonito. — Eu apreceio. — É de valer. É bom...

O vaqueiro Muçapira: É bom.

(Pausa.)

Entra o cozinheiro-de-boiada Massacongo.

O vaqueiro Cicica: Como é que vão as coisas dos outros, Rei-Congo?

O cozinheiro-de-boiada Massacongo (vindo direito ao vaqueiro Cicica, e a ele se dirigindo): Eis tão lá. O Grivo fala, fala, pelas campinas em flores... Acho que tão cedo ele não vai esbarrar de relatar...

O vaqueiro Cicica: Quê que contou? Diz donde veio, aonde é que foi?

O cozinheiro-de-boiada Massacongo: Se disse, disse. E eu sei? Afora eles dois, só quem entra lá dentro, lá, é o Peralta e o Nhácio, — nos instantes em que o Velho chama um. E a Soanhana, que tem de estar sempre levando café.

O vaqueiro Adino: E o Grivo?

O cozinheiro-de-boiada Massacongo: Vi. Ele foi amofim e voltou bizarro, com cores bôas...

Moimeichêgo: O Grivo? Quem é o Grivo?

O vaqueiro Cicica: Vaqueiro.

O vaqueiro Adino: Vaqueiro, como nós, que está chegando de estúrdias viagens. (Ao cozinheiro-de-boiada Massacongo:) Ara, Rei-Congo, é só issozinho que tu sabe?

O cozinheiro-de-boiada Massacongo: E eu... Eu sube... Ah, mas isso é assunto dos silêncios...

O vaqueiro Cicica: Ixe, Rei-Congo, bota os novos!

O vaqueiro Zèguilherme: Vamos ver esses alforjes...

O cozinheiro-de-boiada Massacongo: Diz-se que o Grivo aonde lá esteve até se casou... Que trouxe a mulherzinha dele até... Que deixou essa moça na Virada, em casa de Dona Zesuina...

O vaqueiro Raymundo Pio: Ôxe, é deveras!

O vaqueiro Sacramento: É lélis... Prega na parede!

O cozinheiro-de-boiada Massacongo: Eu sei, não vi: sei é ouvido contado...

O vaqueiro José Uéua: Lélis, que o Grivo veio foi amontado num jumento, e com um chapéu-de-palha todo enorme, de palha-de-capim...

O vaqueiro Sãos: E a mula, que está aí, uma mula queimada? Não veio não foi nela?

O cozinheiro-de-boiada Massacongo: Do justo o certo, do certo o crido, do crido o havido: que ele veio mas foi com tropa bôa, esquipada, de bestas e burros, e o jumento; ouvi. E assim que: o Peralta contou à Iàs-Flôres, Iàs-Flôres contou a Maria Fé, Maria Fé contou à Colomira, aí Colomira me disse. Daí é que sei...Vou indo!

(A chuva.)

Iô Jesuino Filósio: E ninguém sabe aonde esse Grivo foi? Não se tem ideia?

O vaqueiro Adino: É de ver... De certo, danado de longe.

O vaqueiro Tadeu: Nas Províncias...

O vaqueiro Cicica: Saíu daqui, escoteiro, faz dois anos. Em tempo-das-águas.

Moimeichêgo: Tão lonjão foi?

O vaqueiro Mainarte: Meava-se um janeiro... O Velho mandou. Chuvaral desdizia d’ele ir. Mas o Velho quem quis. Nem esperou izinvernar, té que os caminhos enxugassem.

O vaqueiro Adino: Cara-de-Bronze, uê. Foi os mil macacos!

O vaqueiro Sãos: De de mim, bobagens... Acho que foi só no Paracatú que ele foi... —

Cantando, o Cantador:

Buriti, minha palmeira,
toda água vai olhar.
Cruzo assim tantas veredas,

alegre de te encontrar...

O vaqueiro Sãos (a Moimeichêgo): O senhor já esteve no Paracatú?
O vaqueiro Tadeu: Paracatú — cidade dos refúgios...
O vaqueiro Cicica: Bestagens. Seguiu em cima com rumo para um dos nortes: que levou bogó de carregar água e trajava terno-todo de couro, modo de passar a caatinga alta...
O vaqueiro Fidélis: Se sabe, foi para o norte, dessa banda. Virou a serra...
O vaqueiro Tadeu: Vigia, que o Muçapira está querendo falar alguma coisa.
O vaqueiro Muçapira: Ele ia por desertas.
Iô Jesuino Filósio: Bom, para que cafungar por onde teria ido, faz dois anos, agora hoje que ele está aqui de volta?
O vaqueiro Cicica: Pois então o senhor mesmo me diga: o que foi que ele foi fazer? Que saíu daqui, em encoberto, na vagueação, por volver mêses, mas com ponto de destino e sem dizer palavra a ninguém... Que ia ter por fito?
O vaqueiro Tadeu: Essas plenipotências...
O vaqueiro Doím: Bôa mandatela! A gente aqui, no labóro, e ele passeando o mundo-será...
O vaqueiro Fidélis: Tem de ter o jús, não foi em mandriice. Por seguro que deve de ter ido buscar alguma coisa.
O vaqueiro Sãos: Trazer alguma coisa, para o Cara-de-Bonze.
O vaqueiro Mainarte: É. Eu sei que ele foi para buscar alguma coisa. Só não sei o que é.
Moimeichêgo: Ia campear mais solidão?
O vaqueiro Sacramento: Há de ser alguma coisa de que o Velho carecia, por demais, antes de morrer. Os dias dele estão no fim-e-fim...
Moimeichêgo: O Grivo então foi de romeiro?
O vaqueiro Adino: Tão enganados. O Velho é duro mirabolão, anos ainda pra viver ele tem aos dez e dez. Há-de escopar muita gente.
O vaqueiro Doím: Eh, ele já ficou peco...
O vaqueiro Sacramento: Já estou ouvindo o adeus dele...
O vaqueiro Cicica: Se sabe que mandou vir o pessoal para o testamento. Uma hora destas, o Nicodemos estará lá por isso, na Januária; se sabe.
O vaqueiro Sãos: Que vem, é juiz-de-paz?

O vaqueiro Tadeu: Será o escrivão, com as testemunhas.

O vaqueiro José Uéua: Para se morrer, todo ano é formoso...

O vaqueiro Doím: Por isso, que digo, ele vai vender o que tem, tudo.

O vaqueiro Fidélis: O Urubuquaquá? As terras?

O vaqueiro Sacramento: Pode, por ele não ser daqui. Não tem amor. Terras em mão dele são perdidas...

O vaqueiro Mainarte: Ele gosta do Sapal.

Moimeichêgo: Isso é algum lugar?

O vaqueiro Sãos: É a Vereda-do-Sapal, aqui mesmo. Um retirinho encostado.

O vaqueiro José Uéua: Vereda com bom brejo, com olhos-d'água. O coquinho do buriti de lá é mais avermelhado mais escuro, lustra mais na cor...

O vaqueiro Cicica: A veja o senhor: pois o Velho, de repentemente, mandou mudar o nome de lá. Que, em vez de Vereda-do-Sapal, ele quer é crismar assim: B u r i t i d e I n á c i a V a z ... Não dá de em de dôido?!

O vaqueiro Adino: O que Cicica está falando, é por causa que ninguém não sabe de nenhuma razão. Por aqui, e em perto e em longe, léguas que o senhor ande nos Gerais, ou esse rio Urucúia pra baixo ou pra riba, nunca ninguém ouviu a graça de alguma mulher com o nome... Não é mesmo, Pai Tadeu? Não é mesmo, Muçapira?

O vaqueiro Muçapira: Auá? O Velho?

Moimeichêgo: B u r i t i d e I n á c i a V a z ...

Iô Jesuino Filósio: É um nome que enche os tons.

O vaqueiro Mainarte: Lá tem passarinhos, que remexe os ares. Bando de sofrês faz nuvens...

Iô Jesuino Filósio: Será, não será o nome da mãe dele?

O vaqueiro Tadeu: Cara-de-Bronze nunca falou em mãe. Mas pode.

O vaqueiro Doím: O Sapal, lá é a beira do fim deste distritão de gados.

Moimeichêgo: E depois?

O vaqueiro Doím: Daí, depois, levanta outros Gerais. Sertãozão. A pior pobreza dos Gerais que tem.

O vaqueiro Mainarte: Mas é mundo, deveras. Nesta monarquia não tem tapume nem vedo...

O vaqueiro Cicica: Pois lá tem é urubús e estórias.

Iô Jesuino Filósio: De donde é que o Velho é? Donde veio?

O vaqueiro Cicica: Compadre Tadeu sabe.

O vaqueiro Tadeu: Sei que não sei, de nunca. O que ouvi foi do Sigulim, primo meu, e de outros, que viram os começos dele aqui. Que chegou — era um moço espigo, seriozado, macambuz. E danado de positivo! Foi na éra de oitenta-e-quatro...

O vaqueiro Sãos: Veio fugido de alguma parte.

O vaqueiro Tadeu: Parecia fugido de todas as partes. Homem moço, que o mundo produziu e botou aqui. Quando apareceu, morreu debaixo dele o cavalinho que tinha, em termo de duras viagens. E calçava umas dessas esporas do Norte: com rosetas muito pontiagudas, pequenas, roseta de poucas pontas, durinha, terrível para cotucar... Bem-vir, mal-vir, ele possuía uma rede — não era rede de tapuirana, nem rede de caroá, de baiano — mas uma rede grande, de algodão, de varandas, de punhos tecidos com muito cuidado. Vestia paletó de ganga azul e calça da cor das calças da gente. Mas já tinha também um pilhote de dinheiro — quinculinculim...

A cantiga do Cantador:

Buriti, minha palmeira,
nas estradas do Pompéu —
me contou o seu segredo:
quer o brejo e quer o céu...

O vaqueiro Tadeu: Ele era para espantos. Endividado de ambição, endoidecido de querer ir arriba. A gente pode colher mesmo antes de semear: ele queria sòpensar que tudo era dele... Não esbarrava de ansiado, mas, em qualquer lugar que estivesse, era como se tivesse medo de espiar pra trás. Arcou, respirou muito, mordeu no couro-crú, arrancou pedaços do chão com seus braços. Mas, primeiro, Deus deixou, e remarcou para ele toda sorte de ganho e acrescentes de dinheiro. Do jeito, não teve tarde em fazer cabeça e vir a estado. Tinha de ser dono. Vocês sabem, sabem, sabem: ele era assim.

O vaqueiro Doím: Cara-de-Bronze...

Iô Jesuino Filósio: Deve de ser tigrão de homem...?

O vaqueiro Adino: Sempre foi. Derradeiramente, qualquer-coisa que abrandou. Mas ainda dá para se temer...

O vaqueiro Cicica: Vaqueiro teme não. Só os outros.

O vaqueiro Adino: Temem os dele, os que rodeiam ele. Que são: o Nicodemos, o Nhácio, o Marechal e o Peralta.

O vaqueiro Sãos: Diz'que ele não fala nada, mas que bota cada um de sobremão, revigiando os outros. A modo que ele sempre sabe de tudo, assim mesmo sem sair do quarto...

O vaqueiro Doím: Quem estão cansados de conhecer o quarto dele é o Mainarte, José Uéua, Noró, Abel... e o Grivo.

O vaqueiro José Uéua: Pois então!

Moimeichêgo: E como é o jeito do quarto dele?

O vaqueiro Mainarte: Pois é escuro e muito espaço, lugaroso, com o catre, a rede, mochos pra se sentar, as arcas de couro, bruaca aberta, uma mesa com forro de couro; e uma imagem da Virgem na parede, e castiçal grande, com vela de carnaúba...

O vaqueiro Cicica: Desses couros todos, de onças. O quarto é forrado inteiro com couro de onça, no chão e nas paredes...

O vaqueiro Mainarte: Isso é falso. Couro de onça é noutro cômodo, quarto pequeno, perto. E diz-que esses couros é p'ra vender.

Moimeichêgo: E — o homem — como é que ele é, o Cara-de-Bronze?

O vaqueiro Adino: Ara, é um velho, baçoso escuro, com cara de bronze mesmo, uê!

Moimeichêgo: Você já viu bronze?

O vaqueiro Adino: Eu? Eu cá, não, nunca vi. Acho que nunca vi, não senhor. Mas, também, eu não fui que botei o apelido nele...

Moimeichêgo: Quem pôs? *(Silêncio de todos. Pausa.)*

Moimeichêgo: Como é o homem, então, em tudo por tudo? Vocês querem me dizer?

O vaqueiro Adino: Os traços das feições?

Moimeichêgo: Os traços das feições, os modos, os costumes, todo tintim.

O vaqueiro Cicica: Estúrdio assim de especular... Que mal pergunte: o senhor, por acaso está procurando por achar alguém, algum certo homem?

Moimeichêgo: Amigo, cada um está sempre procurando todas as pessôas deste mundo.

O vaqueiro Adino: É engraçado... O que o senhor está dizendo, é engraçado: até, se duvidar, parece no entom desses assuntos do Cara-de-Bronze fazendo encomenda deles aos rapazes, ao Grivo...

Moimeichêgo: Que assuntos são esses?

O vaqueiro Adino: É dilatado p'ra se relatar...

O vaqueiro Cicica: Mariposices... Assunto de remondiolas.

O vaqueiro José Uéua: Imaginamento. Toda qualidade de imaginamento, de alto a alto... Divertir na diferença similhante...

O vaqueiro Adino: Disla. Dislas disparates. Imaginamento em nulovejo. É vinte-réis de canela-em-pó...

O vaqueiro Mainarte: Não senhor. É imaginamentos de sentimento. O que o senhor vê assim: de mansa-mão. Toque de viola sem viola. Exemplo: um boi — o senhor não está enxergando o boi: escuta só o tanger do polaco dependurado no pescoço dele; — depois aquilo deu um silenciozim, dele, dele —: e o que é que o senhor vê? O que é que o senhor ouve? Dentro do coração do senhor tinha uma coisa lá dentro — dos enormes...

O vaqueiro José Uéua: No coração a gente tem é coisas igual ao que nem nunca em mão não se pode ter pertencente: as nuvens, as estrelas, as pessoas que já morreram, a beleza da cara das mulheres... A gente tem de ir é feito um burrinho que fareja as neblinas?

Moimeichêgo: Primeiro, vocês me contem a descrição do Cara-de-Bronze. Tal e tudo.

O vaqueiro Tadeu: (rindo) É deveras, minha gente... Só num mutirão, pra se deletrear. Eh, ele é grande, magro, magro, empalidecido...

O vaqueiro Adino: Muito morenão...

Moimeichêgo: Mas, é pálido, ou é moreno?

O vaqueiro Doím: Mão de inveja caiou a cara dele!

O vaqueiro Mainarte: Inveja? Só se for inveja mas do que ninguém não tem.

O vaqueiro Sãos: A bom: ele é escuro; mas já foi mais.

O vaqueiro Raymundo Pio: Amarelou no tempo, feito óleo de sassafrás...

Outro vaqueiro: Palidez morena...

Outro vaqueiro: Tem partes, e tem horas... O alto da cara com ossões ossos...

Outro: Ele todo é em ossamenta de zebú: a arcadura...

LADAINHA (Os vaqueiros, alternados):

— A ponto: ele é orelhudo, cabano, de orêlhas vistosas. Aquelas orêlhas...
— Testão. Cara quadrada... A testa é rugas só.
— Cabelo corrido, mas duro, meio falhado, enralado...
— Mas careca ele não é.
— Cabeçona comprida. O branco do olho amarelado.
— Os olhos são pretos. Dum preto murucêgo.
— Os olhos tristes... E os papos-dos-olhos...
— O nariz grandão, comprido demais, um nariz apuado, aquela ponta...
— As ventas pequenininhas. Quase não tem buracos de ventas...
— Ah, e os beiços muito finos. Ele não ri quase nunca... O queixo todo vem p'r' adiente... Gogó enorme... As bochêchas estão cavacadas de ocas.
— O queixo é que é desconforme de grande!
— Pescoço renervado, o cordame de vêias...
— Os olhos são danados!
— Um olhar de secar orvalhos.
— Amargo feito falta de açúcar!
— Ele é zambezonho.
— Ele não aquieta o espírito.
— Ele parece que está pensando e vivendo mais do que todos.
— Ele parece uma pessôa que já faleceu há que anos.
— Tem os ombros repuxados para cima, demais...
— É crocundado.
— Sempre andou com os joelhos dobrados, os olhos abaixados para o chão.
— Sempre coxeou...
— Ruimatismos.
— Desde faz tempo, as pernas foram ficando afracadas. Agora, final, morreram murchas de todo.
— Ficou leso tal, de paralítico.
— Só pode andar é na cadeira, carregado...
— Ah, mas nem não anda, nunca. Não sai do quarto. Faz muitos anos que ele não sai.
— A Iàs-Flôres disse que ele tem as pernas inteiras de veias rebentadas...
— Ruimatismos.

— As mãos dele, o senhor veja, veja. Os dedos-grandes das mãos, só o senhor vendo: que tamanhos...
— Os dedos todos. Eles são magros e compridões, cheios de nós de inchaço nas juntas...
— Num tempo, ele já teve barba. A barba escondedora: que ela vinha até nos retesos do pescoço...
— Não tem mais.
— Não tem mais!
— Ele só fala baixo. A voz tem uma seriedade tristonh'...
— Ele ouve pouco. Surdoso.
(Moimeichêgo: Mas não ouve os cantos e a viola?)
— É. Surdoso, não. Surdaz...
— Rebaixa as capelas dos olhos, a cabeça, o respirar dele vira um brundúsio de meio-gemido...
— Diz'que, às vezes, dá vágados...
— Sei que ele está sempre em atormentados.
— Quer saber o porquê de tudo nesta vida.
— Mas não é abelhudo.
— É teimoso.
— Teimosão calado.
— Ele pensa sem falar, dias muito inteiros.
— É um orgulho aos morros, que queima nos infernos!
— Gosta de retornar contra da verdade que a gente diz, sempre o contrário...
— Mas ele acredita em mentiras, mesmo sabendo que mentira é.
— Ele não gosta é de nada...
— Mas gosta de tudo.
— É um homem que só sabe mandar.
— Mas a gente não sabe quando foi que ele mandou...
— Não fala, mas dá de estender para o senhor os ossos daqueles braços...
— Quando olha e encara, é no firme, jogo-de-sis, com pito e zanga.
— É vagaroso...
— O que ele quer fazer, faz, nem que dure de esperar cem anos.
— Eh, ele espia o fumego do ar nos alentos do cavalo...
— Mas se diz que crê em visagens. Tem fé em abusões.
— Quase que só veste roupas pretas.

— Ele parece um padre.
— Pra ser de si, ele é um visconde...
— Antigamente, andava por aí, sozinhão sozinhando.
— Sempre em beiras d'água...
— Gosta de plantar árvores. Mandou fazer jardim de flôr.
— Traz tudo p'ra perto de si.
— Ôxe, é esquipático, no demais. A gente vê, vê, vê, e não divulga...
— A gente repara nele mais do que nos outros.
— É um homem desinteirado.
— Meio parecido com ele, mal conheci só um sujeito, quando eu era menino, no sertão do Rio Pardo...
— É um homem parecido com os outros, um homem descontente de triste.
— O que ele é, é isso: no mel-do-fel da tristeza preta...
Moimeichêgo: — Favas fora: ele é ruim?
Os vaqueiros:
— Homem, não sei.
— Achado que: ruim não é. Será?
— Que modo-que?
— Em verdade que diga...
— Ruim como um boi quieto, que ainda não deu pra se conhecer...
— Só se é uma ruindade diversa.
— É ruim, mas não faz ruindades.
— Dissesse que ruim é, levantava falso.
Moimeichêgo: — Então, ele é bom?
Os vaqueiros:
— Faço opinião que...
(Silêncio. Pausa. Em seguida, muitos falam a um tempo. Não se entendem.)
O vaqueiro Tadeu: Quem é que é bom? Quem é que é ruim?
O vaqueiro Mainarte: Pois ele é, é: bom no sol e ruim na lua... É o que eu acho...

CANTADOR:

Buriti — boiada verde,
por vereda, veredão —

vem o vento, diz: — Tu, fica!
— Sobe mais... — te diz o chão...

O vaqueiro Muçapira: — Estou escutando o caminhar de gados...

A chuva cessou quase, sobraçada. Ainda paira um borriço. As personagens se desencostam ou desacocoram-se, ganham a frente da coberta.

A outra boiada vem.
Sai-se de um vão, sopé de morros, se desenrola, a longo, se escôa, movendo escamas, ondulando de novo em voltas.
Seus vaqueiros ladeiam-na.
— *Hu-hu-huu...* — à testa, o guia recomeça a dar ao berrante.
Só os montes se algodoam, além, do ruço da chuva.
No curral, um touro urra — o urro de rival a faro, querendo amedrontar. Se escuta também uma tosse de vaca.
Demais do que tanto se sente quanto se adivinha: um zunzum sob o silêncio, de tantos bichos em próximo, um aperto, uma presença e peso. Dentre os rejeitados, há um bezerro que se coça com os dentes. Os outros apenas se lambem.
Molhou-se muito o dia.
Se aproxima já a boiada, reparte-se em golpes. Adianta-se o "Marechal", se destaca — seu chapelão, sua capa — em altura. O golpe primeiro que avança penetra no curral. O eslôxo das patas dos bois no barro. Os bois já vêm com manchas de um barro que lembra carne e sangue.
Chuvisca, com um rumorejo de fritura.
Sôam sempre os berrantes, seu *uuu* trestreme.

O vaqueiro Adino (apontando o "Marechal", que passou de largo e foi apear-se junto à varanda): Ele é o mandador-da-turma...
O vaqueiro Mainarte (recitando):

"Também viva o gavião,
capataz desta rebeira..."

O vaqueiro José Uéua (recitando): O homem chamou, o cachorro veio, o cavalo rinchou, a flôr brotou no esteio...

Chegam e desapeiam os outros Vaqueiros *(encharcados):*

João Jipijo — cafuzo;
Parão — homem grande, largos ombros;
José Proeza — com voz grossa;
Calixto — cearense;
Abel — vê-se que é um moço distraído;
Antônio Tôco;
Pedro Franciano;
Noró — que retira o laço da garupa e o desata, examinando se há algum tento remalhado ou roto. (É um laço de demais braças.)

Roteiro:

Interior — Na coberta — Alta manhã

Quadros de filmagem:
Quadros de montagem:
Metragem:
Minutagem:

1. G.P.G. Int. Coberta.

Entrada dos vaqueiros. Curto

prazo de saudações *ad libitum*,

os chegados despindo

suas croças — bem trançadas,

trespassadas adiante e
reforçadas

por um cabeção ou

“sobrepeliz” sobre os ombros,

também de palha de buriti.. *Som:* O violeiro estará tocando uma mazurca.

Iinhô Ti entra no plano, de costas

Som: O fim da mazurca.

Iinhô Ti saúda os vaqueiros recém-

vindos.................................... *Som:* Touros, de curral para curral, arruam o berro tossido, de *u-hu-hã*, de desafio. (O touro involuntário, que tem o movimento mau das tempestades.)

2. P.A. Int. Coberta.

O vaqueiro Mainarte guarda

na orêlha o cigarro apagado.

Aponta, na direção da varanda,

e faz menção de sair................. *O vaqueiro Mainarte:* Pedir a ele

pra cantar cantigas de olêolá,

uma cantiga de se fechar os

olhos...

Em P.E.M. da câmera, em lento

avanço, enquadram-se: os currais,

o terreiro, a Casa, a escada,

a varanda.

3. G.P.G. Int. Na coberta.

Moimeichêgo restitúi ao vaqueiro

Zazo seu chapéu-de-couro —

que o vaqueiro Zazo, de cócoras,

continúa a untar por fora com

sebo de boi, para o impermeabili

zar contra a chuva. Moimeichêgo

se levanta.................................. *Moimeichêgo:* Uma canção dada

às águas...

4. G.P.G. Na varanda.

O Cantador, empunhando a viola,

levanta-se, de sua rede de embi

ra de Carinhanha — desenhada

com surubins e outros peixes do

São Francisco, e caboclos-d'água, e

enfeitada absurdamente. Caminha

para o parapeito, espia, escuta....... *Som:* A pocema dos touros de

guerra.

O Cantador, de pé, tempera a vio

la e.. *O Cantador:* canta:

— Vaqueiro, não me pergunte
se é aqui que eu quero bem...
Minha mãe já me dizia:
quem ama destinos tem...
Boiada que veio de longe,
olerê-olerê, ô-le-rá...
Eê-ô-eh-ô-êêê... ê —
E-cou — ... — eê-uôôô...

A moça diz ao vaqueiro
pra recontar a boiada:
a moça disse ao vaqueiro
— Reconta bem os seus bois...
E-ô-eeêêê...

A moça viu o vaqueiro

deu adeus com a linda mão.
Alecrim da beira d'água
disse adeus com a linda mão...

A moça disse ao vaqueiro
— Boiada p'r' adonde vai?
Alecrim da beira d'água
são os pastos do meu pai...

O vaqueiro respondeu
pondo a mão no coração.
Alecrim dos altos campos
pôs a mão no coração...

O vaqueiro disse à moça:
— Vai ficando, eu vou seguindo.
Alecrim dos altos campos
no rumo do seu caminho...

Ôi...
no rumo do seu destino...
Ôi...
Boi berrando, o chão sumindo...
Oôôi...

Chega o *cozinheiro-de-boiada Massacongo*: — P'r' almoçar, gente. Começou-se!

Noutra coberta, na linha do oitão

direito da Casa. Os caldeirões

com a couve e torresmos, a
car

ne-seca, o angú que fumega e

o feijão que borbulha. Colo

mira e Iàs-Flôres trazem numa

gamela os pratos-fundos de

estanho. Massacongo carrega

o saco de farinha-de-mandio

ca. O vaqueiro Sãos pega um

punhado de farinha e come, de

arremesso.

O vaqueiro Zèguilherme (a Colo

mira)...................................... *O vaqueiro Zèguilherme:* Coló,

qu' é de o Grivo?

Colomira, um a um, vai enchendo

os pratos de feijão................... *Colomira:* O Grivo não sai de lá,

com o Patrão. Está comendo

de aposentos...

O vaqueiro Parão assedia Iàs-Flôres, que vem com a garrafa de pimenta. O vaqueiro Sãos, já servido, caça lugar para se agachar...

O vaqueiro Sãos (comendo, a boca cheia): Diz'que ele se casou-se?

Iàs-Flôres destapa a garrafa de pimenta. Sacode a cabeça, encarando os vaqueiros, decidida.................................

Iàs-Flôres: Bem feito! Casou, tem mulher, agora. Vocês viajem esse rio Urucúia, pra baixo, pra riba, e não é capaz de se encon

trar outra mulher tão bonita se

penteando...

O vaqueiro Pedro Franciano ergue

o garfo.................................... *O vaqueiro Pedro Franciano:* Ué,

então ele trouxe a Mãe-
d'Água?!...

Grande plano. Todos riem. Todos co-

mem...................................... *Som:* Música-de-fundo — viola.

F u s ã o .... L e n t a ....

. . .

Sobre o momento, concertara de estiar, se desabraçava a chuva: mesmo o sol se mostrava. Só que se ouvia ainda, em espaçoso, a ribombância de um trovão, derrubado nos restos de chuvosidade. O mais, um escoo geral, para o esvazio. Os verdes vindo à face da luz, na beirada de cada folha a queda de uma gota; e outras gotas rolando, descendo por toda frincha, para ir formar o filifo de últimas enxurradas e goteiras. Dentro de currais, metade dos vaqueiros lutam com o gado, apartando. Enquanto que, na

coberta, sua vez os outros esperam. Assim, o dia do Urubuquaquá se desce, no oblongo.

Não. Há aqui uma pausa. Eu sei que esta narração é muito, muito ruim para se contar e se ouvir, dificultosa; difícil: como burro no arenoso. Alguns dela vão não gostar, quereriam chegar depressa a um final. Mas — também a gente vive sempre somente é espreitando e querendo que chegue o termo da morte? Os que saem logo por um fim, nunca chegam no Riacho do Vento. Eles, não animo ninguém nesse engano; esses podem, e é melhor, dar volta para trás. Esta estória se segue é olhando mais longe. Mais longe do que o fim; mais perto. Quem já esteve um dia no Urubuquaquá? A Casa — (uma casa envelhece tão depressa) — que cheirava a escuro, num relento de recantos, de velhos couros. As grades ou paliçadas dos currais. Os arredores, chovidos. O tempo do mundo. Quem lá já esteve? Estória custosa, que não tem nome; dessarte, destarte. Será que nem o bicho larvim, que já está comendo da fruta, e perfura a fruta indo para seu centro. Mas, como na adivinha — só se pode entrar no mato é até ao meio dele. Assim, esta estória. Aquele era o dia de uma vida inteira.

Mas, ainda mesmo que tivessem estado lá; pois Moimeichêgo, Seo Sintra e iô Jesuino Filósio, e o Iinhô Ti, não estavam, e não fizeram sua refeição de almoço na sala-de-jantar, junto com o Marechal, com o Nhácio e o Peralta? Aquela casa era muito calada, muito grande. Um vaqueiro tinha chegado, de torna-viagem. De uma viagem quase uma expedição, sem prazos, não se precisava bem aonde, tão extenso é o Alto Sertão — os bois nesses vastos. Tudo comum e reles dito, entre garfada e garfada. O vaqueiro chamado Grivo. Agora, ele estava almoçando no quarto, com o Patrão, maneira de relatar seus acontecidos. Ao quarto ia e de lá vinha, seca e silenciosa, aquela mulher, Soanhana, de camararia. Soanhana, estreita calada. O fazendeiro patrão não saía do quarto, nem recebia os visitantes, porque tinha uma erupção, umas feridas feias brotadas no rosto. Seria lepra? Lepra, mal-de-lázaro, devia de ser, encontrar-se um rico fazendeiro nesse estado não era raridade. Lamentava-se, a doença. O ar ali, era triste, guardado pesado.

Lá fora, latiam cães imemoriais. Os cachorros cães, no terreirão do eirado.

E os bois, nos curralões, o gado preso: desencontrados, contrapassantes, unidos dorsos, o *seu, seu* de costas — parece que o vendaval dos Gerais foi

quem os quis alisar, afeiçoar-lhes as costas, carcaçosas; uns focinhos levantados, para o ar — livres, como se seus semelhantes os afogassem; olhos semeados, caras ocultas, meias-caras e sombras.

E os vaqueiros, na beira, uns empunhando suas varas, longas lanças, nelas se apoiando. Os vaqueiros, agachados e cobertos com suas trofas e croças, nas cabeças os chapéus redondos de couro — lembram bichos grossos, estúrdias aves, peludas, choupanas de palmeiral.

Para os vaqueiros, aquilo que estava-se passando, tão encobertamente, não era maior que um acontecimento, não preenchia-os? Mais do que a curiosidade, era o mesmo não-entender que os animava — como um boi bebendo muita água em achada vereda; como o gado se entontece na brotação dos pastos, na versão da lua; assim como a grande Casa estava repleta de sombrios.

— "Uma hora ele há-de acabar de terminar. Quando ele vier, conta tudo — a gente vai l'e tirar palavras..." — falavam, do Grivo.

Mas a estória não é a do Grivo, da viagem do Grivo, tremendamente longe, viagem tão tardada. Nem do que o Grivo viu, lá por lá.

Mas — é estória da moça que o Grivo foi buscar, a mando de Segisberto Jéia. *Sim a que se casou com o Grivo,* mas *que é também a outra, a* Muito Branca-de-todas-as-Cores, sua voz poucos puderam ouvir, a moça de olhos verdes com um verde de folha folhagem, da pindaíba nova, da que é lustrada.

Os vaqueiros ignoram. Ignora-o mesmo o Cantador, o violeiro João Fulano, com cara de larápio, com sua viola de tabebúia, sentado em sua rede, no varandão, vestido quase de andrajoso, mas com uma faixa de pano vermelho na cintura — feito cigano do Cincurá —? Pode ser que esconda um frasco, nas abas da rede, tome um gole, e é para si que toca um alegrável, falam que é bebedice de cancionista. — "Esta viola eu fiz, eu mesmo..." — diz. Também ele não sabe, só escuta, à vez, pancadas na parede; se não, assim não descantava. Ouçam como ele canta:

Dererê — enflora tanto,
limoeiro do sertão.
Duras janelas que fecho:
— Fundo! fundo! c o r a ç ã o ...

Quem conheceu de perto Segisberto Jéia? Quem sabe como ele empurrou, com costas-da-mão, as horas mais pesadas? Pardo palha-de-milho-em-pé, no derradeiro da secura... Sem a existência dele — *o Cara-de-Bronze* — teria sido possível algum dia a ida do Grivo, para buscar a Moça?

O Velho, com a cabeça encalombada de bossas — como se dela fossem brotar idades e montanhas. Ele fez o Urubuquaquá, amontoou riquezas. Mas, o que fazia, era para se esquecer, de si, por desimaginar. Por que os cabelos dele não embranqueceram? Rico e feito. Ferrara primazia, fama redonda. À mira, milmente, os gordos pastos, o vacum; fazenda de muita espécie. Dependurava na cabeceira de sua cama um berrante aparelhado, com bocal e correntinha de prata. E inda agora Seo Sintra e os outros estavam ali, pelo ajuste. E, em roda, dez léguas, aí — no Ôi-Mãe, na Barra-da-Vaca — comitivas de boiadeiros e vaqueiros-passadores, às dênias, às dúzias, esperavam, para tirar boi do Urubuquaquá, de lá para fora, comprar seu gado-em-pé. Mas era o Cara-de-Bronze — sozinho, dito zurêta, dito maldito de malacafa? Homem, morgado da morte, com culpas em aberto, em malavento malaventurado, podendo dar beija-mão a seus quarenta vaqueiros, mas escolhendo um só para o remitir. Isso, mais para diante se verá. São coisas que caíram. O homem envelhece é porque não aguenta viver, ainda não sabe, e tem medo da morte: então, vai envelhecendo. Enricou. Que é que adiantava? De agora, ele estava ali, olhando no espêlho da velhice — membeca ou querembáua, dava na mesma coisa. Não tinha elixir. No môrro dum calundú, espetavam sua cabeça com uma agulha comprida, roíam-no monstros ratos. Contra por contra, como se esses Gerais fossem mundo de gelos. Tudo um frio. Mas frio e molhado se cercam com pâina. Oé, o Cara-de-Bronze tinha uma gota-d’água dentro de seu coração. Achou o que tinha. Pensou. Quis. Mas isto são coisas deduzidas, ou adivinhadas, que ele não cedeu confidência a ninguém.

(O Cantador:

Buriti vendeu seus cocos,
tem família a sustentar:
ninho da arara vermelha,
dois ovinhos por chocar...)

— Isso é porque era signo de ser...

Cara-de-Bronze começou, mas vagaroso, feito cobra pega seu ser do sol. Assim foi-se notando. Como que, vez em quando, ele chamava os vaqueiros, um a um, jogava o sujeito em assunto, tirava palavra. De princípio, não se entendeu. Doidara? Eh, ele sempre tinha sido homem-senhor, indagador, que geria suas posses. Por perguntar noticiazinhas, perguntava, caprichava nisso. Só que, agora, estava mudado. Não requeria relatos da campeação, do revirado na lida: as querências das vacas parideiras, o crescer das roças, as profecias do tempo, as caças e a vinda das onças, e todos os semoventes, os gados e pastos. Nem não eram outras coisas proveitosas, como saber de estórias de dinheiro enterrado em alguma parte, ou conhecer a virtude medicinal de alguma erva, ou do lugar de vereda que dá o buriti mais vinhoso. Mudara. Agora ele indagava engraçadas bobeias, como estivesse caducável.

— À vez, ele mesmo parecia ter vergonha daquilo... Variava o meio da conversa...

— Que era que?

— Essas coisas... Quisquilha. Mamãezice... Atou e desatou... Aquilo não tinha rotinas...

Tudo.

O vaqueiro Calixto: Tudo galã-galante...

O vaqueiro Abel: Era um advôgo. O que não se vê de propósito e fica dos lados do rumo. Tudo o que acontece miudim, momenteiro. Ou o que vive por si, vai, estrada vaga...

O vaqueiro José Uéua: Assim: — mel se sente é na ponta da língua... O desafã. Por exemplos: — A rosação das roseiras. O ensol do sol nas pedras e folhas. O coqueiro coqueirando. As sombras do vermelho no branqueado do azul. A baba de boi da aranha. O que a gente havia de ver, se fosse galopando em garupa de ema. Luaral. As estrelas. Urubús e as nuvens em alto vento: quando eles remam em voo. O virar, vazio por si, dos lugares. A brotação das coisas. A narração de festa de rico e de horas pobrezinhas alegres em casa de gente pobre...

O vaqueiro Pedro Franciano: E adivinhar o que é o mar... Quem é que pode? Só o Calixto, aqui da gente, é quem já viu a pancada dele...

O vaqueiro Mainarte: Ele queria uma ideia como o vento. Por espanto, como o vento... Uma virtudinha espritada, que traspassa o pensamento da

gente — atravessa a ideia, como alma de assombração atravessa as paredes.

O vaqueiro Noró: Que relembra os formatos do orvalho... E bonitas desordens, que dão alegria sem razão e tristezas sem necessidade.

O vaqueiro Abel: Não-entender, não-entender, até se virar menino.

O vaqueiro José Uéua: Jogar nos ares um montão de palavras, moedal.

O vaqueiro Noró: Conversação nos escuros, se rodeando o que não se sabe.

O vaqueiro Mainarte: Era só uma claridade diversa diferente...

O vaqueiro Cicica: Dislas. E aquilo dava influição. Como que ele queria era botar a gente toda endoidecendo festinho...

O vaqueiro Parão: Tudo no quilombo do Faz-de-Conta...

O vaqueiro Pedro Franciano: Eu acho que ele queria era ficar sabendo o tudo e o miúdo.

O vaqueiro Tadeu: Não, gente, minha gente: que não era o-tudo-e-o-miúdo...

O vaqueiro Pedro Franciano: Pois então?

O vaqueiro Tadeu: ...Queria era que se achasse para ele o *quem* das coisas!

A VOZ DO VIOLEIRO:

Buriti, buritizeiro,
com palma de tanta mão:
uma moça do Remeiro
contratou meu coração...

Logo viram que não era mangação. Nem foi venêta. Não se brincava com o Cara-de-Bronze. Duro, duro. Ferro que queria aquilo — pondo em levinha balança, e querendo medir com regra de prata? Quem soubesse, que soubesse.

O vaqueiro Noró. — Ele versava aquilo em três ideias.

O vaqueiro Abel. — Conforme que mandava e encomendava.

> *Mujo e truz, no cáos do curral. Um boi apartado dos outros ameaça o mundo com sua tristeza.*

Moimeichêgo. — O Grivo deu para isso?

O vaqueiro Mainarte. — Deu. Qual que sabia, aprendeu.
Moimeichêgo. — O-quê que aprendeu?
O vaqueiro Mainarte. — A pois, conforme falando: — *Bonito é se ver o boi por detrás — o que que ele estará pensando? — quando os chifres são deslados e claros, e ele levantou a cabeça, as costas escorrem, o rabo vem...*
Moimeichêgo. — E dos pássaros?
O vaqueiro Calixto. — Essas coisas que o Grivo falou: — *Sabiá na muda: ele escurece o gorgeio... Bentevi gritou, papinho dele de alegria de amarelo tanto quase não rebentava... Pássaro do mato em toda a parte vôa tôrto — por causa de acostumado com as grades das árvores...*
O vaqueiro José Uéua. — Mas o mais que ele disse, que foi assim:

> — *Passarim, todo tempo, todo o tempo; se ri nas bochechas do vento; e minha alma está bem guardada; vento de todas as asas...*

O vaqueiro Mainarte. — Mais assim:

> — *Eu nasci longe daqui; que é que tem entre duas árvores? Num jacarandá dava o sol. Nossa Senhora dá Saudade...*

O vaqueiro Sãos. — É: *Nossa-Senhora-da-Saudade*... Devoção...
O vaqueiro Mainarte. — Pode ser. Não sei. O Grivo faz obra de atrôvo.
O vaqueiro Calixto. — Parecia, no falado. Como que ele fez:

> — *A Morte saíu dos brejos, me viu e me fêz sinal; tremiam verdes, como gente, as varas do pindaíbal...*

O vaqueiro Mainarte. — Assim. O Velho gostou do Grivo. Por uma destas, como uma vez, que eles conversaram:

"*Cara-de-Bronze* — A gente pode gostar de repente?
Grivo — Pode.
Cara-de-Bronze — Como-é-que? Como que pode?
Grivo — É no segundo dum minuto que a paineira-branca se enfolha..."

O vaqueiro José Uéua. — O Velho escolheu o Grivo.

O vaqueiro Sãos. — Só o senhor vendo: o Grivo — humildezinho de caminho, caxêxo... Feio feito peruzinho saído do ovo...

O vaqueiro Tadeu. — O Velho escolheu.

O vaqueiro Pedro Franciano. — O Grivo era de bôa inclinação, sem raposia nenhuma. Nunca foi embusteiro.

O vaqueiro Abel. — O que o Velho gostou dele, o que um dia ele suspirado falou, o Velho ouviu aquilo com todos os olhos:

— *...Minha mãe não teve uma maquinazinha bonita de costuras...*

O vaqueiro Mainarte. — Que não foi. O Velho apreciou o Grivo foi no ele dizer: — *"Sou triste, por ofício; alegre por meu prazer. De bem a melhor! De-bem-a-melhor!..."*

Iô Jesuino Filósio. — Faço por saber: como é que o pobre do Grivo deu para entender, para aprender essas coisas?

O vaqueiro Calixto. — Aprendeu porque já sabia em si, de certo. Amadureceu...

O vaqueiro Abel. — O Grivo, ele era rico de muitos sofrimentos sofridos passados, uai.

O vaqueiro José Uéua. — O Velho ensinou.

O vaqueiro Mainarte. — O que o Grivo forte dizia:

— *Dererê, serra minha!*

Moimeichêgo. — Só isso? Só?

O vaqueiro Mainarte. — Pois só. *Dererê, serra minha...*

O vaqueiro Tadeu. — A bem, ele agora voltou, ele está aí, de oxalá. A gente vai saber as coisas todas...

(Aumenta a monotonia da conversa, de vez em quando interrompida para o comentário de incidentes na apartação. [8] *)*

O Cantador:

Buriti me disse adeus,
conselhos não quis me dar:
— Vendi verdes por mais verdes,
aprendi de tanto amar.

Sestronho, sem pressa, o Cara-de-Bronze, se quis, fez. De mão, separou primeiro os primeiros, os quais foram: Mainarte, Noró, José Uéua, o Grivo, Abel, Fidélis e Sãos. — “O Adino bem que tencionou de ser, mas que para a toada do assunto nada não dava...” “— Não fraseou bem...” *O vaqueiro Adino*: — “Losna! Disso faço pouco... Apuro para ida em distantes jornadas por esse mundo...” “— Noró logo não serviu, porque vivia sem cabeça: já andava virado para amores, em namoração de noivado...” Sobresseguido, rejeitou Abel, Fidélis e Sãos. Só três ficaram. *O vaqueiro Sãos*: — Quem tem e retem, pode mal-usar...

Canto:

Buriti me deu conselho,
mas adeus não quis me dar:
amor viaja tão longe,
junta lugar com lugar.

Três, que eram. Mainarte, José Uéua e o Grivo. E o Cara-de-Bronze ouvia, pensava e olhava — com um olhar de olhos. Ele queria era um só.

— Aquilo não era fácil. O homem media nosso razoado...

— Carecia de se abrir a memória!

— E ver o que no comum não se vê: essas coisas de que ninguém não faz conta...

— O Velho mandava todos os três juntos, nos mesmos lugares. No voltar, cada um tinha de dar relato a ele, separado.

— Ensinava à gente: era a mesma coisa que desenvolver um cavalo.

Mandava-os por perto, a ver, ouvir e saber — e o que ainda é mais do que isso, ainda, ainda. Até o cheiro de plantas e terras se espiritava. *“Buriti está tocando...”* — era de tarde, na variação do vento. *“Os bois são mil cabritinhos?” “Flôr que murcha e viça, em quatro vezes de tempo...” “Tem buracos no amarel’...” “Estou que fiquei lá, respirando para as árvores...”* Isso é um ofício. Tem de falar e sentir, até amolecer as cascas da alma. *“...A umburana, rôxo lã...”* Daí em vante. *“— Nessas horas da roseira...”* Tirar a cabeça, nem que seja por uns momentos: tirar a cabeça, para fora do dôido rojão das coisas proveitosas. *“...O vento safirento se arregaçando dos altos...”* O Velho mandava. Tinham de ir, em redor, espiar a vista de de-cima do môrro e depois se afundar no sombrio

de todo vão de grota, o que tem em toda beira de vertente, e lá em alta campina, onde o sol estrala; e quando o vento roda a chuva, quando a chuva fecha o campo.

Tudo tinham de transformar, ter em outras retentivas.

Mas o Grivo dava sota e ás. O Velho escolheu o Grivo.

Cantador:

Nem adeus e nem conselho
buriti não quis me dar:
quando um amor vai morrendo,
tem outro amor por chegar...

Vai, um dia, o Grivo arrumou seus dobros, amarrou seus tentos. Selou cavalo.

— Subiu a cavalo. No cavalo melhor, do Cara-de-Bronze...

O Velho tinha mandado. Ia enviar por.

— Quando o Velho escolhe, é porque quer quem execute alguma coisa por ele. O Velho é quem faz os cálculos...

— Tinha dado de vir trovão antes das chuvas, raio incendiou o agreste das chapadas: *"É Deus acendendo fogueiras..."*

— Daí, aguão bruto: arrobas e arrobas de chuva. Sair em viagem, assim, dá medo...

— O Grivo não temeu. Se despediu alegre.

— Ele estava meio estrapassado.

Nenhum por nenhum, não sabiam aonde ele ia, ao que ia.

— O Grivo se calou, de doer a boca. Ele tinha apalavro.

— De sul a norte, bôa sorte!

— Chovia, nas serras...

— Da janela do quarto dele, o Velho acenou mão.

— Bateram o buzino dum berrante...

— Eh, e deu a despedida: foi-se embora o vaqueiro Grivo, amigo de nós todos...

— Mas foi para buscar alguma coisa. Que é, então, que ele foi trazer?

Canto:

Meu boi chitado cabano

casco duro dos Gerais,
vai caçar água tão longe
em verdes buritizais...

O vaqueiro João Jipijo: — Eh, o homem é parente meu, nessa solfa!

(Chega o Grivo! *Agitação, falação. Depois, uma profunda pausa.*)

A narração do Grivo:

— Na hora de Deus, amém!
Sobrevim.
Saí dezembro-janeiro-fevereiro, quando o coco do buriti madura em toda a parte. Assim em ínvios de inverno, os rios sobresseenchendo.
Na beira de um buriti — onde esbarrei — entristeci e quase esmoreci...

Canto:

Meu boizim pinheiro branco
pernas compridas demais:
de ir beber água tão longe,
nas veredas dos Gerais...

O cozinheiro-de-boiada Massacongo, vindo gritando: — Café, minha gente! Começou-se...
O cozinheiro-de-boiada Massacongo: ...Merenda, merenda. De café, com um pãozinho-de-mandioca... Hoje é mais trabalho, é festa...

Canto:

Meu boi baio-fumaceiro
que custou conto-de-réis
quer uma dona de mãos finas
cada dedo três anéis...

A narração do Grivo
(Continuação):

Maranduba.

Narrará o Grivo só por metades? Tem ele de pôr a juros o segredo dos lugares, de certas coisas? Guardar consigo o segredo seu; tem. Carece. E é difícil de se letrear um rastro tão longo. Para o descobrir, não haverá possíveis indicações? Haja, talvez. Alguma árvore. Seguindo-se a graça dessa árvore:

O Grivo: — ...Por aonde fui, o arrebenta-cavalos pegou a se chamar babá e bobó, despois teve o nome de joão-ti, foi o que teve... Toda árvore, toda planta,[9] demuda de nome quase que em cada palmo de légua, por aí...

Varou a Bahia, onde o chão clareia?

— Estive em paragens pardas...

Mas, e desde o começo?

— Eu vos conto, por miúdo. Desde daqui saí, do Urubuquaquá, conforme o comum — em direitura. Andei os dias naturais. Fui. Vim-me encostando para um chapadão feio enorme. Lá ninguém mora lá — só em beira de marimbú — só criminoso. Desertão, com uma lepra de relva. Dez dias, nos altos: lá não tem buriti... Água, nem para se lavar o corpo de um defunto...

— Chapadão de Antônio Pereira?

Virou dessas travessias.

— Sempre nos Gerais?

— Por sempre. O Gerais tem fim?

Ao que são campinas e chapadas e chapadões e areiões e lindas veredas e esses escuros brejos marimbús — o mato cerrado na beira deles.

— Subi serra, o sol por cima. Terras tristes, caminho mau...

Mas beirou a caatinga alta, caminhos de caatinga, semideiros. Sertão seco. No aperto da seca. Pedras e os bois que pastam na vala dos rios secos. Lagôas secas, como panos de presépio. Caatinga cheia de carrapatos. Lá é que mais esquenta. A caatinga da faveleira.

— Acompanhei um gado, de longe, para poder me achar...

Tornou esquerda, seus Gerais. Todo buriti é uma esperança. Achou os brejos, nos baixões. — Na chapada, as motucas não esbarravam de me ferroar: minha cara e minhas mãos empolaram inchadas, dum vermelho só...

— O senhor sobe. O senhor desce. Oé, muito azul para azular... Veredas, veredas. Aquilo branco, espalhado no verde nos capins: ossos de rêses, até ossos de gente... Até consola, quando se vê bosta seca de boi. Todo lugar

por onde a gente passa, já era como um lugar conhecido. A tardinha pulando num pé só, dando o redobro das sombras. O senhor se deita no meio da noite. Amanhece, o senhor ouvindo: elas e eles...

Quem canta como não os pássaros?

— As cigarras. Cigarra cabeçudinha, enormes olhos. A cigarra arací, de madruga-manhã. De tarde, o daridare das cigarras...

...Milhão de gado, num lameiro de sal...

A queimada dos campos, fogueiras se alastrando nos espigões. O sol escurecido. A cinza vindo pó e pó, nos ventos tardezinhos. Outro chapadão. Penar, penar, quando a areia se solta...

Sempre sozinho, vai o Grivo. O que ele quer é ir, chegar, ficar um tempo; e voltar. Enquanto o Velho senesce. O Velho espera. Ele ordenou ao Grivo, no ignoro. Nos outonos. Para chorar noites e beber auroras.

O Grivo alguma vez parou, duvidou. Que-maneira hesitou?

— Tenho costume de tristeza: tristeza azul tarde, água assim. Tenho um medo de estar sem companheiro nenhum; não tenho medo deste mundo sendo triste tão grande...

Estava só. E as árvores?

— As árvores são cabeças de vento...

Alguma saudade?

— A saudade é braço-e-mão do coração, e que, certas horas, quer segurar demais em alguma pessôa ou coisa. Mas, não se deve-de...

Ele era bobo?

— A vida é boba. Depois é ruim. Depois, cansa. Depois, se vadia. Depois a gente quer alguma coisa que viu. Tem medo. Tem raiva de outro. Depois cansa. Depois a vida não é de verdade... Sendo que é formosa!

Não podia desistir?

— Ah, que não podia voltar para trás, que não tem como. Por causa que quando o Velho manda, ordena. Por causa que o Velho começa sempre é fazendo com a gente sociedade...

Em parte, foi a pé?

— É baixo! Mal aguentava.

— Ele recuidou. Tem que pear o cavalo, de noite; se não, foge, escapole. Ruins pastos...

— Se anda, suas léguas, em louvor: com as alpercatas do meu santo São-José...

E o Anjo-da-Guarda?

— Esse, o anjo-da-guarda, viaja a pé, da banda-da-mão-direita.

— Quando não está parêlho, é porque demorou um bocado para trás. Anjo-da-guarda nunca se apura muito em ir...

E o luar?

— Luares... Viajando toda-a-lua. Enlagoado de luar: o senhor só tem saudade dele é mesmo com ele à mão, na abundância...

— Luz-me, lua! — benção...

— Torar adiante, em noite clara, afagueira mais a gente, nos calôres...

E deslúa?

— Por escuridão: no fêcho da nova, a gente pensa que já morreu.

E o sol?

— Suor, sim. Sufoca. O areal descoberto...

E a roupa do corpo?

— É.

— Esbagaça, axá! Em caatingal, esbagaça. O que não for de couro...

E a poeira?

— Tanta dá. Poeirões diversos...

E o sujo, a sujeira?

— É. A gente acostuma. Parece sujo, depois parece limpo, depois torna a parecer sujo. Aí, a gente se acostuma. Então, perde todas as vergonhas que teve...

— Uai, lava corpo em córrego. Quando tem. Córrego que teima em água...

(Tomando banho em pôço de ribeirão: as cismas vêm de rio-abaixo; a tristeza, de rio-acima.)

E os bichos, os bichinhos, os pássaros?[10]

— Tem, também...

E encontro com gente-ruim: ladrão jagunço, desordeiro, cangaceiro?

— Rezo a reza do Meu Rio-Jordão.

— O senhor tem de levantar o estilo: para coragens.

E o frio?

— É que padece mais a gente, demais. Na volta da madrugada, da terra e do céu.

E o vento? (O poder que ele lôa, a palavra que ele executa.)

— Dá danal, nesses Gerais. Versável... Aragem alta. Rajadas de ventanias.

(...Da vez, o vento esbarrou, virou as costas, bulia só com a cauda, no leve dum desbatido...)

E tudo, então?

— Eu estava cumprindo lei.

De ver, ouvir e sentir. E escolher. Seus olhos não se cansavam.

E, de escondido de dentro do mato, o Sacizinho o viu passar. O Saci se disse: — "*Li-u-li-u-lí!* Já também vou, faz tempos que careço duma viagem..." Os écos. Porque o Saci vê assim e imita a gente. Sacizinho veio acompanhando o Grivo, de distância de sete-sétimos de uma légua.

No oh-de-mais do Chapadão, onde a terra e o céu se circunferem.

O Grivo (continuativo): — O olho de cobra me vê...

Mas não se vê o Saci — suas estrepolias de menino.

O vaqueiro Mainarte: — Ele tem boldrié...

O vaqueiro Calixto: — Tem carapuça vermelha.

O vaqueiro Sãos: — Fuma cachimbo.

(Pausa.)

O Grivo (ajustando a calça à cintura): — ...Lugares. Vaqueiro vai debeber os bois, com águas emprestadas...

(Pausa.)

O vaqueiro Abel (respondendo ao vaqueiro Noró): — Canto de passarim? É quando ele tira para pensar alto...

O Cantador:

Meu boi cinzento-raposo
viajou no Chapadão:
berra as chuvas de dezembro,
entende meu coração.

O Grivo, se curvando para apanhar do chão um pedaço de sôga (no bolso de sua calça, toda a grande palha de uma espiga de milho): — ...Mas estive num povoal dos Prazêres... Em-de num lugar chamado Ouricurí, beira dum rio Formoso. Lá tem dez casas, e uma que caíu...

Pôs a vista em Rio Sassafrás? Bebeu água do Sapão? Vadeou o rio Manuel-Alves e o Manuel-Alvinho? Viu São Marcelo?

— Em rio de água preta, quem pega peixe ali é porque está salva a alma...

Do que ele não via, não se perdia; do que não se lembrava.

O Cantador:

Meu boi araçá-corujo
perdido no chapadão:
deu trovão, ele caminha
ouvindo seu coração.[11]

O Grivo: — Atravessei bôa sombra...

E as pessôas, as criaturas que ele viu, os filhos-de-Deus?

... — Mulher na roca e no tear, fiando e tecendo seu algodão, sentada em esteirinha de buriti. Moça com o camocim à cabeça, na rodilha. Mulher-velha, com um rosário no pescoço. Mulher velha cruzando bilros. Geralista caçador. Um que mangabêia. Veredeiro com chapéu-de-couro. Tão longe um, tão longe. Cafúa em toca, de buriti, com quintalim e cocorico de galo. Os meninozinhos vindo pelos caminhos perto, uns de bonita voz, pedindo à gente a benção. Cafúa: fumaça que de dia acena. E de noite às vezes têm uma vasqueira luzinha triste, de candeia. Velhos, cujos olhos não aprovam mais muito o viver, só no mexido da boca é que se espantam. Uns que vigiam seu chiqueirinho com um porco, de de dentro de sua casinha choupana, toda cheia com três dúzias de espigas de milho. Cada um conta acontecimentos e valentias de seu passado, acham que o recanto onde assistem é de todos o principal. O mundo ferve quieto. Papudos. De farrapos. Tudo vivente na remediação. O que, se eles têm, de comer, repartem: farinha, ovo duma galinha, abobrinha, bró de buriti, palmito de buriti, batata-dôce, suas ervas. O que eles têm para comer? Comem suas mãos, o que nelas estiver. Doendo em sua falta-de-saúde, povo na miséria nos buraquinhos. Vez a vez, passa uma tropa: tropas de burros com cargas de trens, vêm beirando pelas veredas mais moradas, estradas de viajantes. De repente — a Fazenda Capitão-Mór — de repente. No acabável; fazenda de casaria. Léguas, no sussequente. A gente sabe que esses silêncios estão cheios de mais outras músicas. A Fazenda do Pau-

Tôrto. A família leprosa, na cafúa seguinte. No sítio da Emendadeira, donde tinha uns santos em oratório — de longe vinha gente, para beijar, um vintém se pagava, por boca de pessôa:

Cantador:

Boiada que veio de cima
com poeiras e trovoadas:
tanto amor que nunca tive
aboiei nessas estradas...

...E vaqueiro destemêro: gados que depois voltavam-vinham da caatinga, no estarvo da seca — para o "refrigério". Aonde os altos brejos, aonde os buritis — renques — muito juntos se corôam. E uns meninos — a menina maior, com compridos louros cabelos — pesquitando de vara-e-anzol, por lá, por trás do sassafrazinho e das canabravas e juncos: que sendo verdes, assaz.

O Grivo (pedante): ...Mas o verde mais divertido é mesmo em terreiro de quintal: é o da acelga — verde-claro, lisa, lambidinha, altinha... E qualquer daquelas mulheres velhinhas que eu encontrava, fosse ruim, fosse bôa, espiava para mim com certo receio e me tratava por "Meu filho..." Mas também morei residido sozinho doente, num mandiocal largado sem propriedade...

O vaqueiro Parão: E mulher? Mulher mexível?

O vaqueiro Sãos: Então, por fim que finalmente: você casou ou não casou?!

O vaqueiro José Uéua: A gente! Tivesse casado, então, ia negar que se casou?!

O vaqueiro Tadeu: Ôxe, modera, povo meu, acomoda! Ele vai contando, com seu jús de devagar...

(*Pausa*. O Grivo estuda como narrar uma massa de lembranças.)

Mesmo no caminho, meando terras de bons matos, se encontrara com a moça Nhorinhá — ela com um chapéu de palha-de-buriti, maciamente, de três tamanhos, de largura na aba, e uma fita vermelha, com laço, rodeando a copa. De harmamaxa: ela vinha sentada, num carro-de-bois puxado por duas juntas, vinha para as festas, ia se putear, conforme profissão. A moça Nhorinhá era linda — feito nôiva núa, toda pratas-e-ouros — e para ele

sorriu, com os olhos da vida.[12] Mas ele espiava em redor, e não recebeu aviso das coisas — não teve os pontos do buzo, de perder ou ganhar.[13] Ele seguiu seu caminho avã, que era de roteiro; deixou para trás o que assim asinha podia bem-colher.[14] (— *Essa eu olhei com o meu sangue*...) Deixou, para depois formoso se arrepender.

Só estava seguindo, em serviço do Cara-de-Bronze? Estava bebendo sua viagem. Deixa os pássaros cantarem. No ir — seja até aonde se for — tem-se de voltar; mas, seja como for, que se esteja indo ou voltando, sempre já se está no lugar, no ponto final.

O Cantador:

Toquei sentido o berrante
quando vi o buriti...
E a boiada respondendo:
— Ai, não volto mais aqui...

Sossegante — os homens — que andavam endoidecidamente sérios, em seus trabalhos; e, como falavam desses trabalhos, descareciam de mostrar seu receio. E era, em toda a parte, sempre a mesma coisa, o que um-com-outro falavam.

Mas as velhas, descorçoadas em seu lazer, recebiam deste jeito o viajante: que dele tinham medo, tinham ódio, porque ele vinha, chegava e perturbava, porque vinha de longe, de donde não se sabia; e por certo xixilado, conhecia muitas coisas, que estonteiam; elas também conheciam muita coisa, mas coisas que podiam estar já desmerecidas no valor; e, então, deixavam de olhar para ele, abaixavam as caras, conversavam umas com as outras. E era, em toda a parte, sempre a mesma coisa, o que umas-com-as-outras conversavam.

O Grivo estava no meio de setenta velhas. E elas eram pequeninas, baixinhas, em volta dele, alto e fino como um coqueiro. Ele podia baixar as mãos, com os dedos catar piolhos nas cabeças das setenta. E cada piôlho que catava, o piolhim dizia de repente o segredo novo de alguma coisa, quando morria estralado. E o Grivo sorria e aprendia. Ele se balançou, como um coqueiro. Porque tinha o Saci encarapitado por sobre de sua cabeça — como se com as duas mãos e com o um pé se agarrando, e rabo

para o alto: o Sacizinho, como um macaquinho, como um gato. Ele se balançou, sete vezes.

Nessa ida, conforme contada. Atravessou aquelas cidades — no meio de matos, os paredões das pedreiras — pediam para ser os restantes de velhas cidades desmanchadas; como as cidades mais sem soberba de ser, já entulhadas de montes de terra e de matos. As vezes em que desapeou e deixou o cavalo amarrado num pé-de-pau — o cavalo rodeado de zumbidos — e repousou, ia adormecer com o espírito cheio, muitas pessôas de pesadêlos produzia. Aí, conheceu a tristeza de acordar, de quem dormiu solitário no alto do dia; mas logo ouviu, de si, que carecia de relembrar alegrias inventadas, e saber que um dia tudo vai tornar a ser simples — como pedras brancas que minam água. E sempre tinha alguém, homem ou mulher, pedindo notícia, de por acaso, de um filho que, fazia tempos, saíra por esse mundo; e ele mentia uma caridade gentil, dizendo que lá no Urucúia aquele-um certo e com bôa saúde estava. E teve uma vez em que ele pensou que, de doentemente, ia sem tardança morrer; e esperou a morte vindo vindo, mas sossegado sutil, como uma goteira pinga. E viu — conforme lhe mostraram em mão — o vero retrato de uma pessôa que nunca tinha existido, retrato de fotografia. E — no arraial do Aizê — o padre de lá enlouqueceu: que rasgava as folhas do breviário, quais dava de presente a uns e outros, depois que elas se acabaram ele escrevia praxes em folhas de papel e dava distribuído; e reunia o povo em igreja, para gritadas rezas, que às vezes íam pelo dia e pela noite inteira, ele gritava como se dentro da boca tivesse martelos; e todo o mundo cria e obedecia, por causa que as rezas e relíquias dele de repente estavam sendo milagrosas.

Por quanto tivesse de chegar, e dar conta do mandado do Velho Cara-de-Bronze, ele — o Grivo — receasse? Nada; no meio de estranhos, nada não receava. Os urubús foram sobre os montes. Ele virou o mundo da viagem.

Sobe a Vereda-do-Maracujá? Vara a Chapada? Desce na Vereda-dos-Olhos-d'Água? Cabeceira-de-vereda, cabeceira-de-brejo. Atravessa a Vereda-do-Angelim? — *Veredas em que dá jatobá, caraíbas altas, pé de louro, o imbaubal. Ah, o cajueiro...* Disse do cajueiro: que era uma flôr com cheiro em tempos de noivado... Daí, os brejos vão virando rios. Pegou a aba de um rio. Rio muito encravado. — *No almarjal, meu cavalo pastou o amã...* Pelo Canto-do-Buriti, não carecia de passar. — *Em lugares, muito vi os buritis morrendo: briga da caatinga com o Gerais... Buriti-bravo: é*

espinhoso... As aves: — *Garças são as mais que são as mesmas: garça quara madapolão...* Viu o gado folheiro, comendo árvores dos matos. Salvou com amigas palavras um outro vaqueiro — um vaqueiro em couros longos; e esse-um, que ia lidando, se despediu: — *Daí, já de longe, abriu num avançado de abôio, sem fim nenhum, em que entravam gemidos e rezações com exato de um bicho animal...*

— De em-de, o senhor então pega atravessa maiores lugares, cidades. Lá é país... As moças lá eram bonitas, demais...

...Até atravessar o espumoso de um grande rio. E pedi hospedagem numa fazenda — acho que se chamava dos Criulís — e lá mesmo me ensinaram: — "O lugar é aí, pertinho."

Naquele lugar, passou dez mêses.

(Confusão.[15] *Pausa.)*

O vaqueiro Cicica: Afe, que: por hoje, demos, se acabou o afêrvo. Qu'é-d' o Grivo?

O vaqueiro Abel: Chamaram. Voltou p'ra dentro.

O vaqueiro Adino: Parece que tem de rebater as estórias contadas. Parece que tem de jantar no quarto, com o Velho...

O vaqueiro Cicica: Nada.

O vaqueiro Sãos: Só o chapadão dessa conversa fastiada, que quem quisesse podia atalhar por fora, saltando, nem não carecia de ouvir...

O vaqueiro Cicica: Disse que casou?

O vaqueiro Noró: Nem disse nem não disse.

O vaqueiro Sãos: De cães para cachorros, diacho de tanto bobo segredo. Isso é que me invoca.

O vaqueiro Cicica: Que casou, ou não, isso logo se sabe. Mas, o que será, nessa viagem, à razão de feitiço, que ele foi buscar, para o Cara-de-Bronze?

O vaqueiro Doím: Sorte é a desse Grivo, que vai ganhar... No gratisdado... No bem me lambe...

O vaqueiro Sãos: E o Tomé Cássio, que é irmão-natural dele... Tomé Cássio, lá, quieto, tomando conta do Sapal...

O vaqueiro Cicica: Os homens do testamento estão por chegar. O Grivo melhorou de sombra.

O vaqueiro Sãos: Figuro o que. Heranças, no corpo de uma escritura.

O vaqueiro Cicica: Do que narra, do que não conta: que será que ele foi buscar?

(A tarde deu um passo. Hoje não se trabalha mais.)

O violeiro João Fulano, sobrenomeado Quantidades, emenda um canto de rompante, no alpendre:

Esse boi veio de longe, olerê, olerê!
Veio, veio, veio, veio.

— Esse boi lavrado
Sojiga na peia!
É um boi enfezado
Aguenta na peia!

Ele chifra de lado
Segura na peia!
Ele vira danado
Aguenta na peia!
Boi batedor...

(Poracê)
— Peço alvíss'as, paguei arra',
quero é ver o meu amor...
(Falado) — *Tomé, vem comer,*
deixa o boizim quieto!
Quero ter amor, amores
— boiadeiro-passador...

. . .

Anoiteceu completo. Noite maldada de preta.

Aqui, no Urubuquaquá — lugar onde houve matas muito virgens, muito velhas —, noite escura é sempre mais escura; mesmo porque, no comum, o céu é demaismente estrelado.

No terreirão, em roda de uma fogueira, que alumêia-os em vermelhos, os vaqueiros, uniformes:

o vaqueiro Cicica — meia jugular desatada solta, recaindo-lhe sobre um ombro;
o vaqueiro Mainarte — encostado no tronco da grande árvore, só se lhe vê o lado esquerdo do rosto;
o vaqueiro Doím — seu chapéu-de-couro tem rasgados, estraçalhos;
o vaqueiro Parão — com o gibão por cima dos ombros, sem enfiar as mangas;
o vaqueiro Adino — de sisgola entre a boca e a ponta do mento: feito dois queixos;
o vaqueiro Tadeu — meio inclim: seu chapéu é só uma lua-crescente;
o vaqueiro Fidélis — no escuro, seus dentes brilham muito brancos, mesmo quando não sorri;
o vaqueiro Muçapira — a sombra do chapéu dá-lhe até à metade do nariz, mascarando a faixa dos olhos como uma treva;
o vaqueiro Sacramento — afastado; só o ponto coruscante de seu cigarro acêso.
Moimeichêgo.
O Grivo — os braços cruzados no peito.

O Grivo *(findando um narrar)*: Quando que, aí, aqui cheguei, e vi; e encostei a porteira.
O vaqueiro Tadeu: A bem.
O Grivo *(descruzando os braços)*: Eu tinha voltado. *(Viração de voz)* O Urubuquaquá. Os companheiros. *(Se descobre, persigna-se)* Em nome de Deus, amém!
Todos: Amém!

Da varanda, o Cantador:

A vaquinha e seu bezerro
chegaram no meu curral
pedindo um feixe de amor
e uma pedrinha de sal...

O vaqueiro Tadeu repete o amém.
O vaqueiro Cicica: A bem, eh, Grivo, a bom. Mas, que mal se tenha de perguntar*:* e o que é mesmo que você foi fazer? Que-s-ordens?
O vaqueiro Doím: Isso. Que é que foi buscar?

O vaqueiro Adino: Que você terá trazido uma linda moça? Que se casou?

O Grivo: Eu?!

Moimeichêgo (festivo zombeteiro): De baile foi — debaile: nada conseguiu?

(*Pausa.* O Grivo recruzou os braços.)

O vaqueiro Cicica: Eh, então?

(Mais pausa, prolongada.)

O vaqueiro Fidélis: Homem, não sei, o Grivo voltou demudado.

O vaqueiro Parão: Aprendeu o sõe de segredo. Já sabe calar a boca...

O vaqueiro Sacramento: Aprendeu a fechar os olhos...

O vaqueiro Tadeu: Sabe não ter medo.

O vaqueiro Mainarte: Como pessôa que tivesse morrido de certo modo e tornado a viver...

O Grivo*:* Isso mesmo! Todo dia, toda manhãzinha, amigo.

(Risos.)

O vaqueiro Mainarte: Você foi, foi aonde até na terra dele, natal?

O Grivo: Fui e voltei. Alguma coisa mais eu disse?! Estou aqui. Como vocês estão. Como esse gado — botado preso aí dentro do curral — jejúa, jejúa. Retornei, no tempo que pude, no berro do boi. Não cumpri? Falei sozinho, com o Velho, com Segisberto. Palavras de voz. Palavras muito trazidas. De agora, tudo sossegou. Tudo estava em ordem...[16]

O vaqueiro Adino: Demais, então?

O vaqueiro Doím (irônico): Lua de méis...

O Grivo (calmo): Trouxe pessôa de mulher alguma?!

O vaqueiro Doím: Tomara eu ter...

O vaqueiro Adino: Ai, aí, tomara.

O Grivo: A sêbo! Vão sombrar-isidóro!

O vaqueiro Cicica: Ficou nôivo por lá, então?

O Grivo (sorrindo superior): Sempre-nôivo...

O vaqueiro Adino (declamando, como quem parodia): A gente beira este rio Urucúia, p'ra riba, p'ra baixo — e não se encontra uma moça tão formosa...

O Grivo: Vai amolar os porcos!

(O vaqueiro Muçapira deita mais lenha à fogueira, e assopra. As chamas. As caras dos vaqueiros: ceras vermelhas.)

Cicica: Favas fora, que foi que foi, então?

O Grivo: Ninguém não enxerga um palmo atrás de seu nariz...

Moimeichêgo (com riso): Isso! É preciso é *vir aquém*...

O Grivo (a Moimeichêgo): Eu disse ao Velho: *...A nôiva tem olhos gázeos*... Ele queria ouvir essas palavras.

Sacramento: Juízo?

Doím: Foi um teatral...

Tadeu: Amolar o boi, Doím. Não demasêia.

O Grivo*:* Siô, siô, bota abaixo!

Tadeu (ao Grivo)*:* Por lá, então, meu filho, tu teve antigas notícias dum senhor Jéia Velho?

O Grivo (caçando o fumo na algibeira, e tirando a faca): ...Jéia... (como se recordando) Jéia Gurguêia... Jéia Jerumenha...

Tadeu (severo): Isso pode cair de memória?!

Cicica: Hem, hem, Grivo? Com estes apertos...

(O vaqueiro Tadeu pigarrêia.)

Tadeu (compassado, solene): Eu, uma vez, sube dum moço que teve de fugir para muito distante de sua terra, por causa que tinha matado o pai... Pensava que tinha matado o pai: o pai deu um tiro nele — então, por se defender, ele também atirou... E viu o pai cair, com o tiro... Então, não esperou mais, fugiu, picou o burro...

Grivo: Pai Tadeu... Tomo a benção...

Tadeu (no mesmo tom): Só mais de uns quarenta anos mais tarde, foi que ele soube: que não tinha matado ninguém não...! O tiro não acertou! O pai dele tinha caído no chão, era porque estava só bêbado mesmo...

Grivo: Tomo a benção, Pai Tadeu!

Tadeu (prosseguindo): ...Com tantos anos assim passados, a moça que era namorada do rapaz já tinha casado com outro, tido filhos... Uma neta dessa moça, que se disse, era de toda e muita formosura...

Grivo: Pai Tadeu...

Tadeu: Deus te abençôe, meu filho.

Grivo: Pai Tadeu, absolvição não é o que se manda buscar — que também pode ser condena. O que se manda buscar é um raminho com orvalhos...

Tadeu: A vida é certa, no futuro e nos passados...

Mainarte: A vida?

Tadeu: Tudo contraverte...

Grivo (de repente começando a falar depressa, comovido): Ele, o Velho, me perguntou: — "Você viu e aprendeu como é tudo, por lá?" — perguntou, com muita cordura. Eu disse: — "Nhor vi." Aí, ele quis: — "Como é a rede de moça — que moça nôiva recebe, quando se casa?" E eu disse: — "É uma rede grande, branca, com varandas de labirinto..." *(Pausa.)*

José Proeza (surgindo do escuro): Ara, então! Buscar palavras-cantigas?

Adino: Aí, Zé, ôpa!

Grivo: Eu fui...

Mainarte: Jogou a rede que não tem fios.

Grivo: Não sei. Eu quero viagem dessa viagem...

Cicica: Dislas! Remondiolas...

Grivo: ...Ele, o Velho, disse, acendido: — "Eu queria alguém que me abençoasse..." — ele disse. Aí, meu coração tomou tamanho.

Tadeu: Então, que foi que ele fez, então?

Grivo: Chorou pranto.

Adino (com muxoxo): Vigia só... Por pranto de choro, então? Ganho recebido?

A voz do Cantador:

Perguntei: — Vaquinha branca,
teu nascido e teu sinal?
— Bezerrinho de três dias,
pasto do Buritizal...

Grivo: P'ra a alegria, amigos.

Tadeu: Aleluia de alegria. Ou, seja.

Doím: No esperto foi, do que te valeu, Grivo. Diz-se tu vai enricar, de repente, hem? Entrar em testamentos herdados...

Adino: Diz-se que vai ganhar, de beijo em mão, a Vereda do Sapal?

Cicica: Então, é verdade — que tudo, de agora, vai mudar? Sobrar alguma gratificação, p'r' a gente?

Doím: É baixo! Cara-de-Bronze...

Tadeu: Não desmerece adiante da hora, Doím. Alguma coisazinha, a gente também aproveita...

(Faz calor, perto dos restos da fogueira. A noite, pesada, também esquentou bastante. Os vaqueiros vão-se afastando.)

O vaqueiro Muçapira ainda restou; com o pé, joga terra, tapando o brasido.

Voz e riso de um (do escuro): ...de mim, eu é que sei...

Outro (gritando, acolá): Que foi, Cipas?

O vaqueiro Muçapira:

— Estou escutando a sede do gado.

A estória de Lélio e Lina

Na entrada-das-águas, tempo de afã em toda fazenda-de-gado nos Gerais, um vaqueiro de fora chegou à do Pinhém. Era de tarde, sob um rebuço de calor — o quente de chuva — quando as nuvens descem com peso e a camisa se cola em corpo de homem; dia de meio-céu. A pulso fora o esforço: de trezentas vacas parideiras, quantia delas aviavam parição, com a passagem da lua; e as boiadas bravas, trazidas de outros sertões, já ao primeiro trovão de outubro se lembravam de lá e queriam a arribada, se alçando dos enormes pastos sem cercas; carecia rebatê-las. De torna da lufa, a vaqueirama no pátio vinha de desarrear e amilhar: ainda ali os onze cavalos se ajuntavam, todos eles cabisbaixos. Da varanda, seo Senclér tirava conversa com o pessoal. E o vaqueiro foriço apareceu, montado num animal pampa; um cachorro seguia-o.

De pronto, relancearam o que nele havia a ver, a olho de vaqueiro: rapaz moço, bôa cara e comum jeito, sem semêlho de barba nenhum, ar de novidade; com sua roupinha bem tratada: só o chapéu-de-couro baixava muito, maior que a cabeça do dono. Alforjes cheios, saco de dobro na garupa, capa na capoteira; laço estaço — uma "corda" bem cuidada; hampa de vara-de-topar que provava prestança. O cavalo — recém-ferrado dos quatro, relimpo de liso — estadava vistoso: assim alto oito palmos da cernelha ao casco, com as largas malhas vermelhas desenhadas em fundo belo branco. Mal aí o cachorro, esse triste: um miunço, rareado amarelado, mestiço de veadeiro focinho fino preto, lombo indo se eriçando, a costela se mostrando um bocadinho, atrás o rabo revirado. Contra ele a cachorrada campeira arreliou, dente e dente, por rosnando, por latindo — aqueles cães troncudos, rajados ou amarelos, mais bem apessoados, e que os homens procuravam moderar. Mas o magro esbarrara, tão seguro de simples, se alegrando com a caudinha, que os outros esperaram, rodando num diminuindo, e um mesmo ou dois, com menos coragem, que ainda latiam, recuavam para se encostar na beirada da casa.

O vaqueiro chegado se desquadrou e esquinou na sela, como para um dormido em riba. Mas zás não armando corpo pulou no chão, macio em pé, sem traço. Tirou o chapéu e saudou. Riu de orêlha a orêlha.

Deixara de propósito cair o cabo do cabresto, e o cachorrinho se sentou, pata em cima, enquanto o cavalo parava quieto. — "Ôi guégue!" — seo Senclér falou. — "Meu não é, Patrão. Topei vagueando à avéssa no oco do cerradão, em distância de três dias..." "— E estudou isso?!" "— Nhor não. Quis porque quer: eh certo ele já sabia..." Aquilo não era fantasias de vaqueiro.

— "Gente, mas é o fraldo da nha dona Rosalina, o Formôs..." — falou um dos homens. — "Que tempo que sumiço que levou..." "— A coisa, que entendeu faro com qualquer jaguacininga, ou uma lobinha-do-campo..." "— Ou foi o Bereba quem furtou. O Bereba gosta de cachorro..." — outro disse. Por aí também os rafeiros já o toleravam, em torno, reconhecendo-o, apesar de sabe-se lá que cheiros hostís, de silvestre e agreste, em si ele não trazia. — "E a dona é daqui? O bichinho é de estima?" — o forasteiro perguntou. — "De aqui mesmo, umas braças. Lorindão leva, o Lorindão mora em banda..."

Mas, seo Senclér olhando, o rapaz sentiu que ele lhe indagava a graça. — "Eu sou o Lélio do Higino. Meu pai era o vaqueiro Higino de Sás, em Deus falecido." "— Está passando?" "— Nhor não. Estou alheio." "— E, assim escoteiro, vindo donde?" "— Da Tromba-d'Anta." "— A Serra?" "— Nhor sim senhor." "— Gado por lá?" "— Muito gado cabeludo, tudo pé-duro de terra-branca. Mas trabalhei p'ra um seo Dom Borel, senhor uruguái, que botou fazenda p'ra boiada de raça fina..." "— Pois aqui o gadame é burro-bruto, a vaqueirada é que é fina, nhe sabe? " "— Pois sei, sim. Glória daqui corre longe..."

Seo Senclér demorava. Gostava do em-ser do vaqueirinho, do rumo de suas respostas. Se já estava com bôa chusma de pessoal — aqueles ali e mais três no retiro do São-Bento — por-outra a fâina concedia de um campeiro a mais, agora o rodavêjo repleto, com cabeças de cria e meia-engorda, e ainda quantidade para recria, por chegar, boiadão levantado desse redor de gerais, onde a terra e o pasto pobrejam tanto, que o gado deixado lá às vezes nem cresce, fica de ossos moles, se entortando, no tempo-das-águas em muitos lugares tinham de descer com ele para as caatingas. Ah, dava pena ver, mundo a dentro, tanta vasta de sustento vazio, e o capim verde tão enganoso; as rêses roendo as caveiras de outras, muitas morrendo engasgadas; dando um leite magro, o queijo feito uma cortiça de rolha, sem favos amanteigados e gordos; bois ou vacas que destruíam uma parede caiada, com o rapar de língua no lamber

continuado; e que pelo resseco do salgado suor se acostumavam a mascar devagarinho o cabelo da cauda de burros e cavalos, até a arrancarem até ao toco. Mas ali, no Ribeirão do Pinhém, e no São-Bento, era a felicidade de terrão e relva, em ilha farta — capões de cultura alternando com pastagens de chão fosfado, calcáreo, salitrado — quase tão rica quanto as do Urubuquaquá e do Peixe-Manso. Tanto, que às vezes seo Senclér se reanimava, no entusiasmo de que dela pudesse tirar a salvação de seus negócios; mas que, outras horas, num arregalar de tristeza, pensava achando que talvez ele mesmo não soubesse aproveitar tudo aquilo, e tinha medo de ruína próxima.

Num contempo, continuava: — "Travessou o rio no Passo-do-Porco?" "— Nhor não: no Porto-do-Quim-Reimundo." "— Mas a Tromba-d'Anta é longe, e mais perto de cidades. Por que é que quis vir p'ra os Gerais, então? Por lá matou alguém de crime?..." "— Ah cruz-de-jesus, não. Quem havia de querer morrer de minha mão?..."

Mas o vaqueiro Aristó desejava falar no meio, e sob olhar seo Senclér o autorizava. — "Patrão, se sabe que o pai dele, Higino de Sás, assentou nome de vaqueiro-mestre, por todo esse risco de sertão do rio Urucúia..." — então o vaqueiro Aristó disse. — "Pois, veio por caçar no Chapadão o lume da fama do pai?" "— Também nhor não. Só saudade de destino." "— Você é solteiro, então?" "— Nhor, sim, solto, solto." "— Tem arma alguma?" "— Assim, se não é dúvida, um revolvrim meu, na patrona..." "— Disso, próprio, gosto: é arma resguardada. Mim por mim, sou não de cobrar garrucha de algum meu campeiro, por tomar conta. Não quero é desordem... Daí, olhe: será esse cavalinho é muito seu, e pode ser bom no atual; mas aqui o que não falta é remonta correta e cavalhada: três animais por cabeça de homem, mesmo quatro. E uma sela urucuiana, de vaquejar, mais em regra que essa jereba sua curvelana... O resto é com o Aristó, que é o capataz..."

E assim o vaqueiro Lélio do Higino estava entrado, na forma do uso, como solteiro com passadío e paga, e o mais em nome de Deus, amém. Mas já o jantar era aparecido, e foi mandado repartir gole de aguardente. Porque a chuva não vinha mas ainda podia vir — o curiango cantava, mais cedo e mais rouco, como na entrada-das-águas ele gosta de cantar: — *Amanhã eu vou... Amanhã eu vou...* E trovejava, repetido, no longe da Serra do Saldãe.

Aqui Lélio apanhou também seu prato de folha e o garfo; e, enquanto comendo, o primeiro rosto amigo que lhe sorriu foi o de um Delmiro, franco — rapaz mesmo de sua idade, que era retaco, de cabeça rapada. Delmiro ajudou-o no desselar o pampa, e guiou-o até ao quarto-dos-arreios.

Os outros estavam sendo mó de muitos, davam para se olhar a vulto, não para se ficar de uma vez conhecendo. Mas Lorindão tomara conta do cachorrinho Formôs; e esse Lorindão, branquelo baixote, meio para velho, com alguma barbicha de cavanhá, era um que parava em pé, as pernas tortas, muito abertas — não tirava as esporas: umas imensas nos calcanhares, de cachorro recurvo e roseta rosa-dos-ventos — e avisava, engraçado: — "Vai vigia sua pinga, que os outros bebem tudo embora... Aqui, a gente tem de estar com u'a mão no nariz e outra no lenço..." O alto, ruivado, era Lidebrando, que disse queria aproveitar réstia de luz, e entrou para a arrearia, onde foi fiar seda de vaca, no canzil, para fazer sedém. Soussouza era o que não esperava aqui nem ali, nervoso, pitando sempre, e que perguntava tudo em voz, pondo mão colhendo ao ouvido, por seu tanto de surdastro. E o Pernambo, trigueirão, escuro, de muito semblante, que quis saber se Lélio tinha relógio, e se tocava algum instrumento ou cantava. E mais Placidino, J'sé-Jórjo, Canuto, Tomé Cássio e Fradim — esse baixinho, desinquieto, saído, fazendo muita pergunta falando depressa, como querendo meter alguém em parapatas, e arrumando cara no contra-responder, de jeito de importância.

Também escurecia, de lusco-fusco. E Lélio subiu pelo terreiro, ao fim do pátio, onde passava o rego. Chegou, se abaixou, pegou nas mãos, lavou o rosto, bochechou, bebeu. A água dalí dava gosto, corria fria. De lá, ele avistava o volume dos vaqueiros, sempre à porta da Casa, que riam e conversavam, alguns jogavam malha. Lélio prazia em se lavar, se molhar demorado. Estava de alma esvaziada, forro de sombra arrastada atrás, nenhum peso de pena, nem preocupo, nem legítima saudade. Ia-se dar, no Pinhém. Mas tardara tempo demais, ali com os pés na grama e curvado para o estreito d'água: de repente, sentiu uma ferroada na barriga, outra na perna, e já outra no pescoço. Deu um pinote, e sapateou, se coçando. Pegou entre dois dedos uma coisica raivosa daquelas: — "Pa-pa-rá!..." — que em toda a parte era mesmo a mesma estória — eram as daniscas formigas-pretas de beira de rego, que sabem subir ligeiro às dúzias na gente.

Lélio sacudiu a água dos cabelos, e veio vindo, voltando. Mas, a meio, esbarrou. Surso, sobre ele um laço descia no ar, jogado com destreza de movimento curto e rápido, de quem está laçando rês pequena no fechado; mas que o colheu sem chicotear, num tirão manso, escorregando — o corpo do couro não se esticou. O laçador medira de atirar e bambear, devia de ser um sujeito de toda competência. Lélio livrara os braços, imediato, e ele mesmo segurou a argola, quando o trem ia cerrar-se, à altura da barriga. Abriu bem as pernas. No salteio, entendera: estava alvo de um brinquedo bruto, como nem imaginava que alguém procedesse, a não ser entre meninos e demos. E o que havia era não tropeçar, não se enroscar, não estouvar na corda: não se dar de mostrado, nem joãozinho nem caturro. Pôs mãos à cintura e esperou. Se o outro quisesse teimar, que começasse por derrubá-lo. Ainda escutou a voz do vaqueiro Aristó, que advertia: — "Canuto, faz não! Divertido de homem vai nos aços..."

Durou um momento. Duraram. Enfim, o Canuto gritou de lá: — "Paz p'ra isso, amigo! Brincadeira é por bem, p'ra um aperto de mão e um abraço..." — "Aã, estou aqui, patrício, nem por isso. Agora, traz a iapa, também..." — Lélio contestou. Mas o Canuto veio, sério sendo, ele mesmo retirou a laçada, em fato declarou: — "A gente se reconhece, sincero, que nós dois somos malungos: eu sou afilhado de padrinho Higino, de seu pai..." Podia ser mentira, podia ser verdade. Aquele — um bragado rapaz, alto, narigudo, corado, meio em desengonço, seu comprido pescoço e extraordinário gogó, os olhos arregaladões.

— "Cujo que faz assim de beócio, mas é escrivão, de mão cheia, resolve qualquer carta que se pede: capricha palavreados no papel, que dá um sentimento certo..." — o Pernambo explicou. — "Ao que é bobalhão e embusteiro..." — opunha o Delmiro, dali a pouco, enquanto alteava a candeia para Lélio, que remexia em seu dobro, dele retirando o de que precisava. Tinha trazido no meio das roupas uma rapadura de geleia-morena: — "P'ra quinhão, com todos..." — ofereceu, passando-a a Placidino, que se afoitara ao pé dali, de cócoras. — "De deveras, mano, que eu governo a custo e justo o reparto..." — um outro disse. Aí o baralho de cartas, sem uso quase. — "Tem os oitos e noves?" — perguntavam. A ver, o Canuto, já meio em nú, mas trançando por largo e cantos, desinquieto, como se com aquelas suas tantas pernas quisesse pular por cima das pessôas, aprovava: — "Eita!, que o do Pernambo já está engrossado de antigo, feito sanfona, a gente nem pode arte de arrumar um

bom maço, no truque...” “— Aruê, maço? Tem é gente que, p’ra bebida, cantiga e jogo, serve pouco... Só serve p’ra barrabás...” — discutiu o Pernambo, afundado em sua grande rede de algodão azulão, com bambolins e varandas, que rojavam. — “Tio Pernambo toca violas, alegra o estado de um com modinha descantada...” — o Delmiro atravessou. — “Modinha não é p’ra se alegrar, mas p’ra um se desentristecer realegrado, meu filho de outro...” — invocou ainda o Pernambo, de bambalão na rede, vez querendo por acompanhamento o ninar dos armadores, rangente.

O quarto-dos-vaqueiros, onde iam dormir, era um ranchão-barracão, desincumbido de tamanho, mesmo entulhado de sacos, latas de leite, pilhas de couro, caixas, cangalhas velhas e peças de carros-de-bois, espalhadas, como que um ali podia achar de tudo. O Placidino deitado noutra rede, de buriti essa, suave mas singela. O J’sé-Jórjo preferia o chão, sua enxerga sobre uma esteira de taquara. A mais dos de Delmiro e Canuto, havia, encostados nas paredes, os jiraus de ripas de buriti, e outros catres, de pau e de couro. Mesmo uma cama larga, alta, estruída, de madeira escura torneada, traste de ricos. — “Dono desta morreu ruim, faz mêses...” — observou o Placidino. — “Será que gosta é de-rede? Tem, também...” — o Delmiro falando. Lélio porém escolheu aquela cama de patrões, com um colchão de palha e uma manta, e alguma coisa que parecia um travesseiro. Mas o Pernambo praguejava contra as mariposinhas que buscavam o reflexo luminoso em sua cara chata; e o J’sé-Jórjo assoprou a candeia.

Lélio se estendeu, feliz de seu bom descanso. Já se abençoava de ter vindo para o Pinhém; principalmente, se conseguia solto, dono de si e sem estorvo. Era um novo estirão de sua vida, que principiava. Antes, nos outros lugares onde morara, tudo acontecia já emendado e envelhecido, igual se as coisas saíssem umas das outras por obrigação sorrateira — os parentes, os conhecidos, até os namoros, os divertimentos, as amizades, como se o atual nunca pudesse ter uma separação certa do já passado; e agora ele via que era dessa quebra que a gente precisava às vezes, feito um riachinho num ribeirão ou rio precisa de fazer barra. A tanto sentia falta de uma confusão grande, que ajudasse a um não carecer de curtir a confusão pequena das coisas de todo o dia da gente, derredor. E ter tempo para ir se lembrando devagarinho das melhores horas, consumindo. Avante e volta, gostava de galopar, no campo, o galope, o galope. Assim queria já ter vivido muito mais, senhor aproveitado de muitos rebatidos anos, para

poder ter maior assunto em que se reconhecer e entender. A um modo, quando descobria, de repente, alguma coisa nova importante, às vezes ele prezava, no fundo de sua ideia, que estava só se recordando daquilo, já sabido há muito, muito tempo sem lugar nem data, e mesmo mais completo do que agora estivesse aprendendo.

— "Vou rezar hoje em intenção de meu padrinho Higino, que Deus o cuide e trate..." — proferiu o Canuto, afrontando. — "Ah, está aí o que você, o novo, não viu nunca: vaqueiro rezador..." — o Pernambo glosou. Daí, o Canuto: — "Rezo, tio velho, rezo, em pé e deitado! Sei o reino-do-céu? Tombo um herege, e ainda posso rezar por o vosso avio uma ladainhazinha sem responso..." Os outros, no escuro, riam. Lélio sorriu também, mas porque surpreendia essa bravata do Canuto: se mostrando para que os outros o debicassem, e então poder se demostrar ainda mais forte, de toda zombaria despicando. Até o sussurro de sua rezação se retardava, que nem um cochicho de morcegos. — "Lhér, mulher..." — depois desabafou alto o Pernambo. Ainda quis acrescentar: — "Ai, qualquer uma, gente, agora me servia..." E era. Era em mulher que Lélio estava pensando.

Na Mocinha que tinha viajado para Paracatú. Ela era toda pequenina, brancaflôr, desajeitadinha, garbosinha, escorregosa de se ver. Quase parecia uma menina. Mas Lélio a escutara um dia responder: — "Olhem, que eu já tenho um quarto de século..." E se transformava, muito séria, de repente, o ar de zangada sem motivos, os olhos paravam duros, apagados, que perto os de uma cobra. Ela não baixava o queixo. Mas, depois, outras vezes, aqueles olhos relumeiavam de si, mudando, mudando, no possível dum brilho solto, que amadurecia, fazendo a gente imaginar em anjos e nas coisas que os anjos só é que estão vendo.

Os outros — o Assis Tropeiro, o Lino Goduino — nem a achavam tão bonita. — "Só espevitada e malcriadinha, gostando de se sobressair..." — tanto eles diziam. — "E é até que é uma cachucha nanica, sem o ceitil de graça..." — o arrieiro Euclides falou, pelo desdém das uvas, em tom de todo desprezo. Assaz que Lélio se regozijou de ouvir esse parecer, por mais muito. A beleza dela pudesse ficar para ele só, por nada e suspendida, que mesmo assim o vencia pelos olhos. Porque, desde o momento, nessas ocasiões, ele ouviu de si e se afirmou que, sobre bonita, por algum destino de encanto ela para ele havia de ser sempre linda no mundo, um confim, uma saudade sem razão.

Ah, nos dias, bem pouquinho dela pudera ter, ou não ter, pois era moça fina de luxo e rica, viajando com sua família cidadôa; gente tão acima de sua igualha. Ele a via, modo e quando. Sabia que ela não lhe dava atenção maior, nele nem reparava. Assim mesmo, por causa dela, e do instante de Deus, tinha aventurado o sertão dos Gerais, mais ou menos por causa dela terminava vindo esbarrar no Pinhém. Ela doía um pouco.

Os companheiros dormiam. Oco, tão entregue aos passos lembráveis, Lélio se desencontrara do primeiro sono. Estava na Tromba-d'Anta, e um dia não pudera continuar ali. Por conta também de uma mulher, Maria Felícia, dela viu que não estava gostando em ponto de uma decisão; e o marido, um boiadeiro quase ausente, acabara compondo desconfiança. O marido era homem legal de bondoso, não merecia mau revento, qualquer ofensa de desgosto. Lélio pedira dispensa do serviço ao capataz de seo Dom Borel. Mas então lhe deram de último ajudar a levar uma boiada a Pirapora, de donde não precisaria de retornar. Em cidade, o melhor era ir no cinema, tomar sorvete e variar de mulheres, na casa pública. Conheceu um setelagoano, rapaz prestadiço, chofer de caminhão, esse o aconselhou a deixar o campo e aprender aquele ofício, podiam ir juntos por aí acima, até ao Belorizonte. Experimentou com o caminhão: não tinha nenhum jeito. Nem queria. Achava que precisava mesmo da vida de vaqueiro, era o que sabia, o de que gostava. Mas aí, ficou conhecendo também um moço montesclarense, que era arrieiro de profissão, estava de saída, com uma pequena tropa de comitiva, roteiro do Paracatú. Perguntou se ele queria vir junto. O montesclarense se chamava Euclides, levou-o ao Assis Tropeiro, seu patrão. E então Lélio viu, na rua, o Assis Tropeiro conversando com o pai da Moça. E viu a Moça. Naquele momento, o que ele sentiu foi quase diferente de sua vida toda. A modo precisasse de repente de se ser no pino de bonito, de forçoso, de rico, grande demais em vantagens, mais do que um homem, da ponta do bico da bota até o tope do chapéu. Tinha vexame de tudo o que era e do que não era. Ave, na vivice do rosto daquela Mocinha, nos movimentos espertos de seu corpo, sucedia o resumo de uma lembrança sem paragens. Dava para em homem se estremecer mais uma ambição do que uma saudade. Ou, então, uma saudade gloriada, assim confusa. Se ela olhasse e mandasse, ele tinha asas, gostava de poder ir longe, até à distância do mundo, por ela estrepolir, fazer o que fosse, guerrear, não voltar — essas ilusões. Ela tinha os cabelos quase acobreados, cortados curto, os pezinhos um pouquinho grandes. E nem o

viu. A tropa saía na manhã seguinte, por Paredão, depois do Lajeado. Num pronto, Lélio disse ao Assis Tropeiro uma conversa de que podia ir junto, até à Novilha Brava, de onde se apartava e torava para o norte. Veio, mesmo.

A Moça, com o pai, o senhor Gabino, a mãe, dona Luiza, um irmão doutor e outros dois rapazes, que eram do Rio de Janeiro. Lélio estava ali para a ver, agarrar de ver, às penas que pudesse, sempre, sempre. Vê-la, e a ouvir, bastava. Primeiro dia, da ponta-de-trilhos vieram até ao Lajeado. — "Será que já é o sertão?" — ela queria saber. O Sertão, igual ao Gerais, dobra sempre mais para diante, territórios. — "Mas já é o Sertão, sim!" — ela queria e exclamava: — "Tanto sol, tanta luz! Este céu é o da Itália..." Ela montava vestida de homem, como um menino. Às vezes dizia engraçadas palavras, se divertia a rodo, com os rapazes. Segundo dia, o trecho era do Lajeado ao Capão-do-Barreiro, onde tem uma vereda grande, com o buritizal, com uma lagôa. Sendo o mês de setembro, o buriti floroso — os altos cachos amarelos de um ouro. — "O burití é a palmeira de Deus!" — ela disse, disse. Lélio se lembrava dos gestos de sua mãe, e, como esses vaqueiros do Alto Urucúia, relatava coisas ao cavalo. Mais se contentava, sem pensamento, perto de tudo. Ela estava com um plastro branco na ponta de um dedo, machucado em qualquer parte. Seu nome era que lindo por lindo, qual retinia. No que não havia risco de ninguém ver, pois já estavam de saída, ele o escreveu, porção de vezes, nas costas das folhas das piteiras. Mas ao cavalinho pampa os nomes que dela disse foram outros: Minha-Menina, a Mocinhazinha, Sinhá-Linda... E vinham na terceira etapa — do Capão-do-Barreiro ao Paredão — lá iam demorar o inteiro de um dia, por descanso e porque a Moça queria encontrar coisas de vista. Ela era elegante sem querer, parece que nem sabia que era. Perguntou a Lélio o nome de um passarinho: era uma maria-tola do cerrado, ele não considerou decente responder uma bobagem dessa, achou melhor dizer que não sabia. Por que não tinha sido um sabiá ou um sofrê; mesmo o quem-quem — que em toda baixada de campo limpo navega, aos pares, pulando atrás dos bois? Os olhos dela rebrilhavam, reproduzindo folha de faca nova. O olhar, o riso, semelhavam a itaberaba das encostas pontilhadas de malacacheta, ao comprido do sol. Como podia se guardar tanto poder numa criaturinha tão mindinha de corpo? Aí Lélio não queria alçar o galho, nem dar-se em espetáculo; mas carecia, necessitava de serví-la, de oferecer-lhe alguma coisa. Como viu que ela desejava sempre

provar das comidas e bebidas sertanejas — achara choco o chá de congonha, mas apreciara muito o de cagaiteira, que é dourado lindo e delicado e tem os suaves perfumes. No Porto-do-Cavalo, ele pensou o projeto, mal pôde dormir. Acordou antes do dia, montou e galopou meia-légua, até onde estavam dizendo que se conseguia achar um dôce de buriti, bom especial. Comprou, mesmo com a tigela grande — não queriam vender aquela tigela, bonita, pintada com avoêjos verdes e rôxas flores. Trouxe, deu a ela, receoso, labasco, sem nenhuma palavra podida. Ela riu, provou, e sacudiu a cabecinha: disse aos rapazes que era um dôce grosseiro, ruim. Nem olhara mais para Lélio. Mas ele ouviu, desriu em cara cuja, e coube em si pelo resto do dia. Porém, no seguinte, na Fazenda da Extrema, à tarde por um acaso ele pôde ver seus pezinhos, que ela lavava, à beira de água corrente. Demorou agudo os olhos, no susto de um roubado momento, e era como se os tivesse beijado: nunca antes soubera que pudesse haver uns pezinhos assim, bonitos alvos e rosados, aquela visão jamais esqueceria. Custou assentar cabeça. Modo outro não foram todos aqueles dias, que mudavam o estranho de sua vida, e eram dias desigualados, no riso rodante do mundo, da ponta das manhãs até ao subir extenso das noites, com o milmilhar de estrelas do sertão. E força foi que enfim ele apartasse e se despedisse, no partirem do pouso na Fazenda da Novilha Brava, depois do Ribeirão do Gado Bravo, que então ele devia beiradear, rumo das nascentes. Até que se alegrava, nem sabia exato por que, na hora de pedir adeus. Talvez pela importância de ter de ser então notado, de poder dirigir-se altamente a ela, ele risonho e perturbado, em seu cavalo de duas cores. Tanto ela sorriu, estendeu-lhe a mãozinha abreviadamente, nem macia, perguntando-lhe mesmo por que não persistia junto, até ao Paracatú. Ah, sentia, não podia... — ele produziu de responder. Nem tudo podia ser como nós queremos... Mas já ela se afastava, o amesquinhando, de certo, gracejava com um dos rapazes, por último que falou ainda se ouvia: — “...Mesmo porque, ora essa!...”

Um vivido. O resto era o que-há-de-vir. Lélio não se entristecia, sabia que nunca mais havia de encontrá-la, mas tudo de começo tinha sido mesmo sem nenhuma esperança pequena, ele não era louco, o fôgo é que corre com os pés para cima. Mas também não atinava com maneira de verdade para a esquecer, por mais difícil do que matar uma palmeira ouricurí — que até cortada e caída no chão reenraíza: guarda sua água no profundo. Pensar nela dava a sobre-coragem, um gole de poder de futuro.

Mesmo agora, descido no comum da vida, querendo outras mulheres, de carinhos fortes; mas, depois, um instante, primeiro de dormir, pensava nela, ao acautelado, ao leve. Pensava nela, assim só como se estivesse rezando.

E ele foi o que antes de todos se despertou — nas frinchas nem clareava — mas acordado de bom repouso, e presto para se afazer. Se estirou ainda um pedação de hora, temporejando. Ouvia os bezerros e esperava os pássaros, e que os companheiros também cobrassem de se mexer. Quando o Pernambo se espreguiçou chamando que se aprontassem, ainda era manhã morcêga. Não chovera. E na madrugada parda, com Delmiro, Placidino e Canuto, Lélio baixou ao orvalho do pasto pequeno, pelos cavalos — tarefa dos mais moços. A animalada era sã de mansa: compreendiam espertamente os grandes sons em *a*, e alguns já aplaudiam pés no chão, querendo vir ao curral. Montaram, em pelo, e tangeram os de que precisavam. Aconselhavam a Lélio os campeões que devia escolher para uso, e ele guardou por experimentar à clara entre um preto murzêlo melroado, um branco de pão puro, cambraia, um isabel, um castanho e um entremeado no pingo de pintas: cor-de-pedra e flôr-de-cardo, que o olhara com olhos bons. Mas naquele primeiro dia queria se suprir mesmo em seu pampa — o *Agrado* — sabido de sim na confiança. Quando chegaram, tocava a arrear; quase todos os casados já vinham aparecendo. Tomava-se café, e a cozinheira velha, Maria Nicodemas, repartia farofa de carne, que cada um levava na capanga. Subiram em sela. Aí qual e qual empunhando sua vara. O vaqueiro Aristó tirava-os a campo. O vaqueiro Aristó era um homem positivo: — "Com Deus, minha gente, que hoje é dia de muito apuro!" "— Se vai é no Saco-Dôce, por começar?" — o Fradim se metia com pergunta, na dianteira. — "Uê, é mexendo que um vai vendo..." — o Aristó não explicava. — "Mas o Lélio ainda não sabe o campeio daqui, sistema da gente..." — o Fradim mais falou. — "Vaqueiro, se vê quem é, é no meio do largo!" — Aristó encerrava. Ele tinha o sestro de bulir com o nariz e os beiços, falando, como um boi revolve as ventas ao pastar.

— "Não se tira leite?" — Lélio perguntou a Delmiro. — "Por enquanto, o costeio aqui mesmo é a pouco: só para o gasto de casa umas vinte vaquinhas pasteiras, o Ilídio Carreiro, o Zé-Amarel, e até com a ajuda mesma do patrão, logo dão conta... As novilhas que vão parindo ainda estão sendo levadas para o São-Bento..." O dia começava aos tantos, e os gaviãozinhos pulavam no capim, catando gafanhotos. Passarinhos em

desarripio cantavam nas môitas e árvores. Torta, ao norte, a Serra do Saldanh' se desvendava. Delmiro vinha noticiando.

Dizia do Pinhém. Dos apertos em que o seo Senclér ultimamente navegava, por via do desprêço em que estava caindo o gado puro zebú: no arranco da alta, ele tinha venturado de comprar touros e bezerras da Uberaba, por um custo fora de juízo. Toleima, baldear reprodutores de marca para ali, por aqueles pastos selvajados, sem fêchos quase, sem campo-feito. No durar da seca, o gado se espalhava, por demais, procurando procurando, e então muitos caíam de barranco alto, por quererem comer o capim das bordas. E bastava um bote escondido de cobra, ou uma folhagem de treme-treme pastada em encosto úmido de mato, e estava a rês morta, pêrda de mais de cem, duzentos contos-de-réis. Pior, mas, era agora: zebú assim, desvalendo, seo Senclér se arrancava pelo, fio a fio, vivia atrás de dáfida e demoratório — ajuda do Governo — e acompridava seu desânimo. Mesmo com isso, muita vez praceava alegre festoso, por ser um homem verdadeiramente, sertanejo de coração em cima. Terra do Pinhém, é que era um braço de mundo. Capim gotava leite e boi brotava do chão... Ali no Sertão dos Gerais nem dava bicheiras, nem bernes: o couro saía de primeira qualidade. A mulher de seo Senclér, dona Rute, era excelência de pessoa, sabia ter confiança em quem merecesse. Ela apreciava o valor dele, Delmiro, mandava que ele tomasse conta, se o seo Senclér andasse atrás de alguma outra saia... De certo que ele não ia delatar, por fazendo feio, nem que visse coisa, de jeito nenhum. Só que convinha agradar à boa dona Rute. Mas, olhe, isso era segredo, segredo de morte, Lélio não podia contar, mas p'ra ninguém... Lélio prometia, e perguntava se os patrões tinham filhos. — "Ah, aqui não tem sinhá-moça... Iaiá nenhuma, aqui não há, o que é o melhor!" Só dois filhos, meninos, que eles tinham, mas estavam em casa da avó, no Curvelo, botados no estudo.

Mostrava, por onde passavam, casas de vaqueiros. — "Ali, é o Lidebrando. Mulher dele, Benvinda, é filha de Aristó. Eles dois são gente de todo valor de respeito. O Aristó é que merece menos do que tem, mandão-chefe..." Outra, chaminezinha de fumaça acima: — "O Tomé. Ora vive com uma mulata escura, mas recortada fino de cara, e corpo bem feito, acinturado, que é uma beleza sensível, mesmo: é a Jiní, que se chama..." Tomé Cássio, tão moço, o mais mocinho de todos, quase um menino, mas também o mais sisudo e calado — era o melhor topador à vara, entre os vaqueiros dali. — "Ele não tem um tico de nervoso, não

pisca, não estremece, não enruga. Tem medo de nada! Boi bravo, com ele, é que acaba não se reconhecendo...” Assim, também, ainda que pandorgas, o Canuto seria o melhor laçador. Cavaleiro melhor, e peão amansador, era Lorindão. Primeiro benzedor, Soussouza: capaz de reformar doença até no rastro de uma rês. E quem entendia regra do gado, no geral, Lidebrando. Mas o que sabia o antigo certo, por riba de todos, por tudo, era mesmo o danado do Aristó. — “Daí, tem o que não é tolo, mas que quer muito ser o que não é, esse espoleta de Fradim...” E de si mesmo Delmiro declarado não falava; mas, conforme discorria dos outros, sentenciando, frisava um riso e um jeito de dizer, que armava ao gabo mais distinto e superior de sua pessôa.

O sol saía, redondo no chão serrano do fim de leste. Lélio nunca tinha visto tantos gaviões, dos grandes, que vinham no céu e gritavam. Os cavaleiros tomavam pela meia-encosta de um *resfriado*, e na vereda abaixo os buritis estalavam de verde novo, sob o agarrar de muitos pássaros, remexendo nas frondes, nos cachos de coquinhos mal nascidos, clamando fino e transvoando. Cada palmeira ficava de uma raça: quando era sofrê, amadurecia só de sofrê; quando maitaca, o verde até azulava; os papagaios sarapintavam amarelos pontos; mas as araras mandavam e ralhavam onde queriam, toda a parte.

— Rumo, hoje, é para os Olhos-d’Água. Bom pasto...

Sempre a par com Delmiro, Lélio notava o modo de Canuto — a cara avermelhada, em quadro na cisgola branca, de fino trançado, e enfeitada até com anéis — que de distância vigiava-os, como que sério de ciúme. O Pernambo entoara, pouco adiante, uma trova de três versos. Aquele *resfriado* rendia longe, seguindo os todos volteios da vereda. Mas, Delmiro, o que ele queria mesmo era falar de si, seus projetos, de sua raiva de não poder prosperar, de ter de remar como pobre vaqueiro. — “Sabe, meu pai foi boiadeiro de renome, e meu avô dono de fazenda, pompeano!” Ele, Delmiro, ainda havia de se fazer, lidava nesse caminho, não baixava o topete por nada nenhum, não se entregava! O que carecia era de um começo de cabedal, para mascatear, revender gados; amouxava, já tinha oito contos-de-réis, a juros, com seu primo Astórgio, em Arinos. E proteção de gente graúda, isto sim, é que era importante. Ainda esperava mais uns dois anos, e então ia para outro lugar — pra Mato-Grosso, ou, agora se dizia que o melhor era o Paraná, quem sabe... De nervoso, pegava a fumar, e cotucar dedo no nariz. A mote, perguntando a Lélio: que planos

que tinha? Lélio se atalhava, não estava com disposição para nisso pensar — a vida regulada no estreito o desconcertava, assustava. Por alguma coisa em Delmiro, a gente podia gostar dele; e já era seu amigo. Mas fazia mal aquela sua fúria de tenção, o companheiro recordava ideia de um chaleirão que fervesse, e a fervura fazendo pular a tampa; esse cobiçar, esse ronco interior, de gana encorrentada, chega cheirava a breu, secava os espíritos da gente, dava até sede.

— "E o J'sé-Jórjo?" — perguntou, por desconversa. — "Bugre, de diabo..." "— E o Placidino?" "— Ara, coitado. Idiota..." Delmiro respondia abrutado, como se estivesse dando soco no amigo. Agora, quando se esquentara naqueles pensamentos, parecia tomar raiva de todo o mundo. Mas falava assim sem principal, zangado no instante, por Lélio ter tapado seus assuntos. Tanto, que, voltando rastro, emendava: — "J'sé-Jórjo é companheiro correto, homem que já achou os desgostos da vida... Placidino também é bom rapaz, nunca fez mal a ninguém..." E logo tornava a falar no de antes. Que o perigo era a gente se embeiçar por uma mocinha sertaneja, surgir casamento, um se prendendo e inutilizando para todo o resto da vida. Casar, só com uma fazendeira viúva, uma viúva ainda bem conservada. Mesmo ali no Gerais a gente campeava algumas, que valer valiam. Aí era o que Lélio também devia de ter em cautela: namoro com moça pobre, filha de vaqueiro, era ameaça de aleijão... E ali tinha, por dizer? — Lélio perguntava. Ah, bonitas, em alguma condição, tinha só três: Mariinha e Biluca, filhas de Lorindão; e Manuela — irmã de Maria Júlia, mulher de Soussouza. Com essas, então, ele carecia de medir cuidado! Menos com a Biluca, já noiva do Marçal, filho do Aristó, e vaqueiro também, que agora estava no retiro do São-Bento, porque depois de casados eles dois queriam morar lá, e nas horas de folga ele mesmo ia levantando sua casinha. O Marçal era o melhor de todos, alegre e sincero, Lélio ia ver...

Lélio escutava, anuindo com a cabeça, se esforçando por guardar, desde logo, todos os nomes e parentescos. Delmiro continuava: — "No São-Bento estão mais dois companheiros, que você vai conhecer: o Ustavo, que vive com a Adélia Baiana, e o José Miguel, solteiro como nós, que alguns tratam de 'Mingôlo'..." Mas Lélio olhava os adiantes, e tinha alguma coisa no desejo. Perguntou, por fim: — "E mulher, mulher no simples, para a precisão da gente? Será que por aqui não tem?..." Delmiro riu, e fez um gesto de poder-deixar; disse: — "Tem as 'Tias'. Depois de depois-

d'amanhã é dia-de-domingo, a gente vai lá. Você está em estado de esperar?" Lélio enfifou. — "Perguntei só por perguntar..." — disse.

Pela mão esquerda, deixavam o *resfriado*, para um começo de pasto sujo. Aristó, esbarrado acolá, esperava que todos se rearreunissem, determinava o rodado do vaquejo. Era para se ajuntar de arrebanho tudo o que fosse possível, bater a gadaria para os currais. — "Pra o sal..." — arrazoou Delmiro. Com o sal, venciam seu sentimento. Se não, se iam: — "Chuva forte endoidece esse trem: faz boi achar saudade da querência. Foge. Corta uma reta..." Longe dali, que nem perguntando e pedindo, uma novilha corneteou. — "Tom em tristes..." — caçoava o Pernambo, atando as tiras de couro do jaleco. Aristó fechou a cara. Andaram. Vararam um cerradinho. Depois, era o retombar do campo, desconforme. Ali desembocaram, passo a dois, passo a três. Rêses se avistavam, que comiam. Mais remoto, um magote vasto. — "Ôi, os semoventes!" — Soussouza saudou. Aristó, adiante, tardou um momento, mão em pala. E mandou que se abrissem. — "Você fica perto de mim..." — disse a Lélio. Iam contra o vento. Era um espalhar-se dos vaqueiros, formando as grandes malhas de uma rede. Pronto, sabiam: sem um tranco, sem tinir freios, sem sacolejar caçambas, sem ranger selas; mesmo fazendo os cavalos escolher o chão a dedo curto. Ensinavam mansidão.

Além, nos extremos dum arco, só os chapéus de J'sé-Jórjo e Placidino apareciam, ondulando por sobre môitas e macegal. Com um gesto alto, Aristó enviava, seguidos, três comandos. Lélio guardou, de aprendido; que aqui tudo era outro uso. Dôcemente, desdemente, de lenta subida, começavam a aboiar.

O gado entendia, punha orêlhas para o abôio, olhavam, às vezes hesitavam. Uns furavam embora, às pragas. Ficavam para depois. Mas o grosso da parte restava, se englobavam em manada extensa, obedeciam de vir. Uns dois centos, sem menos, e Soussouza, Fradim, Placidino e J'sé-Jórjo, que se dividiam dos companheiros, bastavam para tomar conta deles, conduzí-los lá.

Os outros tornavam a cerrar-se, para as ordens de Aristó. Verificavam-se. Lélio acertou barrigueira e sobrecilha. — "Agora é que é com a Mãe de Deus; menino, tu vê..." — o Lorindão lhe falava. Aí era, à macha. Galopavam, atalhavam, perseguiam, cercavam. A Lélio pesava a estreita presença de Aristó, que o punha em prova. Dentro dum bando, só um touro expedia inquietação, o todo a grôsso. — "Caminha nele e aparta!" —

Aristó mandou. Lélio sopesou a vara e atirou o cavalo contra aquele, topou-o de ferrão no focinho; que ele furiou, depois fugiu. — "Vamos atacar de laço..." Entregavam as varas ao Pernambo, pegavam sendos laços, se botavam. De repente, enquanto corriam emparelhados, Aristó atirava o seu e logo abria para o lado, a voo, que quando. Mais um momento, e Lélio teria dado na corda esticada do laço, e caído "na ronda". — "Êp' ôp'!" — sem estacar se desviou por sua vez, banda oposta; e também atirou: o touro estava em dois laços! — "Tacou bom, mocinho! Duro..." — Lorindão louvou. Mas Lélio cobrou tempo para raiva. Aquilo do capataz tinha sido tramoia malina, fora de regra, estratagema de vaqueiros desavindos, só em porfia. Por causa disso, muita vez se traçavam rixas, no sangue, na faca. Reteve-se de piores palavras; o mais que resmungou: — "Diacho, aqui é no estatuto coiceiro..." E Aristó, encarando-o a sério: — "Dou garupa, mas não forro traseiro do cavalo..." Lélio ainda desabafava: — "Por via dessas..." Mas Aristó não saía do sossego: — "Pega com Deus, que tu pode..." Os outros se cosiam de rir. A Lélio o que o irritava mais era a laçada de Aristó ter provado melhor que a sua — apanhara os chifres sem enredar orêlha. E ele sabia que o capataz o estava puxando debaixo de vistorias. Que gente... E Canuto: laçar era aquele — fazia o que queria, o tudo, tudo. Canuto laçava até para trás, mal espiando por cima do ombro. Ou rezava o pelo-sinal, depois nem boleava, ou só riscava curto, e avisava: — "Um rodopio por riba da cabeça deste, e ele fecho estreito nos pés dos chifres, a argola vai estalar no esquerdo..." E era. — "Aprendeu com sucurí, ô?" Um estiro de relâmpago, e era. Ou aquela ida no ar, vagarosa de-propósito, sirripiando curvas lado e lado. E era! Laçava e fazia qualquer touro virar as patas para o ar. Canuto mesmo se festejava, pinoteando na sela, dando gritos de dôido. Parecia um boneco. Assoviava. Ô gente do Urucúia, ô gente!

— "Alevantou!" Um zebú ruim se revoltava. Se plantava num têrro mole de chão, em cima de formigueiro, querenciava, escarvava — ficava ali cavando-e-medindo, despachando baba por suas costas. Era a hora de Tomé Cássio. Ele desembainhava a ponteira do ferrão, ia apear para atacar, num resumo tranquilo, feito viesse apanhar alguma fruta em árvore. O zebú abria o furro daquele berro, fundo um arquêjo, a barriga toda encolhida — ele puxava todas as entranhas. Mesmo na claridade do dia, aquilo toava agouro feio de luto, o mundo ficava preto. Sem pensar, Lélio gritava que deixassem para ele, entestava. Indireto, pelo receio de

melindre do companheiro, mesmo assim Delmiro conversava um aviso: — "A carga dum boi erado desses é de assustar qualquer um, mesmo..." Lélio não queria ouvir. Já estava a pé, ferrão nú, vara em trato. Começava posição, afastava zangado o Pernambo e Delmiro, que queriam ajudar. O touro alteava cabeça, tomava ar, se inchava. Obrando e rabeando, sapateava num lugar só, e tremia-lhe a carne do pescoço. Lélio citava-o, obrigou-o. Ele vinha.

— "Topou, tu! Deu direito!..." — os companheiros conheciam. Mas, não, topar bem era o Tomé Cássio. Mesmo antes, a gente já via que o boi que avançava no Tomé era porque queria se machucar. Tomé aparava-o, sem dar de sentir o engolpe, castigava-o no ferrão; cedia, mas estava era deduzindo um galeio leviano do corpo, se torcendo de banda: empurrava com o bichão em terras! E Aristó mesmo não declarava valor certo no lance de Lélio, despicava num muxoxo: — "Por um bom pio, só, tié não vira sabiá..." Que coisa esse capataz Aristó queria então que ele comportasse?! Mordia um morder, retomava o laço. Boi zunia por ali, escouceando, o laço cascava: ô! — colhia a rês pelas duas patas de diante, num tirão lindo. Canuto mesmo mudava de cor, fingia não ter enxergado. Mas aquele em-ponto podia ter sido puro de sorte, Lélio pensava. Também, tivesse errado, que vergonha dele não exclamavam? E Aristó só o olhava de esquinta. Como sozinho, Aristó falava, devagar: — "Correr atrás de boi no cerrado é uma doideira... Mas tem cavalo — este Repuxo-o-Puxo meu — que faz... É bom-de-campo..." E corria. Lélio se jogava também, no seu Agrado, não ficava atrás. Sinuoseavam por entre paus, galhos se quebravam, não largavam do encalço dos bois. Saíam no limpo. — "Dar a cabeceira a uma rês, é que é danado..." Lá ia Lélio, galopava diabo, passava à frente do novilho bravo, repontava-o. — "Tirar gado bagual do capão não é fácil... Barbatão estranha..." Ia. Gosto de ver o fraquear, Lélio a ninguém não regalava. Já tinha conseguido muitos, engarupado, dado muçuca, ou derribado à vara, no homem-a-boi, sendo exato. E esse capataz velho tinha mais primeiro de se cansar! Um boi cerêjo berimbou seus chifres, surgindo de detrás do cravo-do-campo, fugiu nos vaqueiros, danou p'r' ali, varou por todos. — "Atravesso? A laço?" — Lélio perguntou. E não era que agora o Aristó achava de sua bôa-vontade desmerecer? — "Diabo, homem, você quer o tudo num dia só?..." — ele destravava. Bem feito, p'ra mim — Lélio pensou — por estar querendo me proceder; que é que eu tenho, se este ou os outros acham que eu sou ou não

sou um vaqueiro de primeiras qualidades? De agora por diante, bem que ele havia de se encolher, fazer só o mesquinho que mandassem, ganhar sua paga sem luxo de influência nem pressa de empenhoso.

Mas o Pernambo foi quem falou justo: — "Esse boiote é o boi do almoço; companheiro não está vendo?" Tinham fome. E o almoço foi lá perto, à beira dos olhos-d'água, que minavam em borbulho rompido muito alegre, do sopé de um morro amarelo, de terra de chapada, e baciavam em poços quase de azul e leite, onde os passarinhos bebiam e se banhavam. Cada um se servia de sua capanga, calado comia seus punhados de farofa de carne. Os cavalos ganhavam um lombo, desenfreados e desapertados, pastavam. Lélio se cansara, se sentia aperreado. De bom prôvo seria homem poder se estender mesmo ali no capim, barriga para cima, puxar para a cara a aba do chapéu, e se enviar um cochilo demorado. Por um momento, pensou na Mocinha, a Sinhá-Linda: gostaria que ela pudesse vê-lo topar um boi bravo na vara-de-ferrão, arriscando a vida com toda a coragem; chegava a imaginá-la, ali, molhando os pezinhos outra vez na água bonita do pôço, e falando e sorrindo, ou mesmo não sorrindo e calada. Ah, Paracatú era o lugar mais longe do mundo.

O Pernambo tinha uma esfoladura na mão, dando sangue, Lidebrando emprestava a ele um lenço, para amarrar no lugar. — "Um boi tarouco caíu na pirambeira, aí nessa cabeceira de vereda, e quebrou um quarto. Carece da gente ir lá na grota, acabar com ele, salvar o couro..." — Lidebrando relatava. Mas Aristó pensava, sério. — "Alguma dúvida, compadre?" — Lorindão indagava. — "Ah, um bom gole de café... A gente precisava era de trazer uma chaleirinha, e um coador..." — Aristó suspirava. E todos riam: "...se duvidar, faz uns dez anos que ele promete isso todo dia..." Lidebrando dava notícia também de uma novilha de meia-raça, achada morta envenenada com erva-de-folha-miúda, no danado de um recanto noruego, poucas braças adiante, seguindo o morro amarelo. No calado, todos olhavam para as beiradas do céu. — "Desde os três dias daquela chuvinha desrala, o inverno esbarrou de querer vir chegar..." — agora um falou. Outro dizia: — "O gado aqui ainda está muito desempastado. No Cascavel e no Palmital estão melhores..." No seu voo de ida e vinda, ondulado, um gavião estava a esculpir no ar o dorso de uma montanha de vidro. — *Pinhé... Pinhé...* — a fêmea chamava, alargando atôas asas e se mudando no galho de árvore, como se fosse um poleiro esquentado. — "Hoje, então, nem uma nuvem, nem um chururú de trovôo..." De ver, a

gaviã se aluía e feria o alto, direta para o outro, por se ajuntarem. Delmiro perdera sua faquinha em qualquer parte, pedia a de Lélio, para picar um pito. Tomé Cássio ia até ao seu cavalo, examinava, de certo pensava que tivesse alguma dúvida na pata de diante. — *"...No tempo em que eu era moço, a minha voz retremia..."* — tarolou o Pernambo. Lélio apalpou suas costas, por debaixo do gibão, uma coceira muito impossível, dolorida. *"...Eu cantava no Urucúia, no Rio Preto se ouvia..."* Aristó ia ao pôço, bochechar boca. — "Melhorou não, compadre?..." — Lorindão perguntava. Só agora Lélio via que Aristó estava com a cara inchada de dôr-de-dente, bem, de um lado. Mas Aristó não queria delatar de suas doenças. Levantou precisão de alguém ir tocar por uma vaca, a *Bambarra* — que destraviara no meio da seca, e fazia poucos dias um caçador tinha achado trampa dela e rastreado, no destombar da ladeira duma chã, dali a mais légua, pela beirada do cerrado, já entrando no caatingal. Quem podia?

Canuto logo falou: junto com o Lélio ele fosse, traziam bem. Aristó concordou. De assim, Delmiro alegava — que o Canuto não conhecia a *Bambarra*, para ir em súcia com o Lélio, novato. Firme no dito, Aristó achou que mesmo desse jeito estava regular. Deu os sinais: a *Bambarra* era graúda, amarela-mancha, almarada, pinheira, altipada, ancuda, com barbela azebúa e ameaço de cocurute... Estava amadrinhada com sua bezerra velha: uma novilha fígado, pernalã, pintada cinto, e com malha na testa, cunhando até por entre os olhos. E mais com um pinguelo: que zulêgo que raposo, de chifres agamelados. A vaca tinha marca de ferro. A novilha, não. O boieco, não: boi boiadeiro...

Lélio nem precisava de fechar os olhos e esforçar cabeça, para formar a figura daquelas rêses: no ouvir cada ponto, ia ajuntando, compondo cada uma, da cauda aos chifres, tinha o retrato terminado, a conforme carecia. Estando feitos de descansar e comer, Canuto e ele reamontavam, rumando para a chã do caatingal.

Canuto tinha pressa de dizer alguma coisa. Por duas vezes chegara a abrir a boca, num nervoso, logo arrependido. Da terceira — Lélio via que aquilo era desculpa de última hora — pediu que queria ver seu laço. — "De quinze braças?" — perguntou. "— Dezoito." E o Canuto repassava entre os dedos cada mínimo do laço, gabando que era bom, bem reforçado, bem trançado. Estava muito sério. De repente, disse: — "Você sabe, aqui tem mocinhas em bom ensêjo para se namorar..." Tomou uma folga. —

“Tem uma, a Manuela, cunhada do Soussouza... A Manuela está comprometida comigo...” Continuou falando do laço: — “Está bem cuidado, com nenhum tento esgarço, nenhuma fraqueza...” por fim entregou-o de novo a Lélio. — “E você? Tinha amor nenhum com nenhuma, donde você veio?” As palavras saíram primeiro que Lélio pensasse: — “Ah, também deixei namoro, mas com uma moça de cidade, tão bonita...” “— Ô gente, praz-me! E como é que foi?” E sem susto Lélio dizia: que ela era bonita e clara, de família importante, muito rica. Se chamava Sinhá Linda. Que gostava muito dele, ela mesma havia dado primeiro demonstração, ele no princípio nem acreditava... Mas a família não queria saber, os dois só podiam conversar escondido... O regime do mundo estava em contra. Por isso mesmo, Lélio tinha vindo para longe, buscar trabalho nos Gerais... E ainda bem que Canuto não ia adiante no perguntar, o jeito dele era mesmo o de achar que aquilo era mentiras. Por Lélio já se ferira, arrependido súbito, enfraquecido dentro de si por ter pregado aquela peta, como se babujasse o puro resguardo de um segredo, que era o seu tostãozinho de ouro. E sua vontade se retesava, num juro, juro, de nunca mais, a ninguém, falar naquilo.

Canuto, por um feliz, começava a conversar, destrembelhado, contando coisas de todos dali do Pinhém. Pelo jeito, ele achava que a um companheiro chegado de novo não havia maior mal em devassar a vida dos outros. Como se houvesse um prazo concedido para isso. Pedia que Lélio guardasse tudo consigo; e dizia boas passagens. Que no Pinhém, de sério, sério, dos homens, só o Aristó, Lidebrando, e o Fradim — mas esse porque Drelina, mulher dele, era uma beleza — até era loura, com olhos azulados. Pena ser tão soberba, de cara amarrada no atual. E apaixonada pelo Fradim, vivia admirando o marido, louvando-o, mesmo na vista de seja lá quem fosse. Drelina era irmã do Tomé Cássio, mas fervia de zangada com esse; o Tomé tratava com ela, mas à casa dela nem ia. Via da zanga, era a mulata com quem Tomé estava morando — a Jiní: uma das mais maravilhas... O Fradim, mesmo, era muito amigo do Tomé, não concordava com aquela birra da mulher; mas tinha muito medo de desgostar Drelina, por isso não dizia nada, ficava de fora. E a Drelina explicava para todo o mundo que não era por causa de ser amigação; tanto que Aparecida mais Aristó e Adélia Baiana mais o Ustavo também não eram casados em civil nem em igreja. Nem por seu irmão ser branco e a Jiní tão escura de pele. Mas porque a Jiní não dava certeza de ser honesta:

só estava vivendo com o Tomé de uns dois mêses para cá, antes tinha morado com o Tiotino, vaqueiro que não estava mais no Pinhém, fora s'embora de desgosto, por esses Gerais goianos. Mas, mais em antes, dono da Jiní tinha sido — imagine — o seo Senclér, que a comprara de um garroteiro corpulento, um barbado. Esse das barbas, amásio da Jiní, viajava com ela, demorava nos lugares, mandava que ela fosse com outros, para arrancar dinheiro, ele mesmo fingia não estar vendo sabendo. Seo Senclér aí propôs compra definitiva, fechou o negócio por bons contos-de-réis. Mandou até a Jiní em cidade, viagem tão longe, para tratar dos dentes. Por desculpa, quando ela voltou, a pôs morando de mentira com o Bereba, que é um pobre coitado fazedor de alpercatas, e deu ao Bereba uma casinha nova, com muita comodidade. Tolice ter feito tanta despesa, pois não dilatou para dona Rute ficar sabendo disso — por amor de Deus Lélio calasse a boca, mas diziam que era o Delmiro quem tinha levado a ela a candonga — e dona Rute armou briga feia com seo Senclér, ameaçou até de largar dele e ir-se embora... Agora, estava tudo em pazes. Mas era porque dona Rute não sabia do outro resto. Que seo Senclér andava se encontrando com a Adélia Baiana. Por isso, tinha botado o Ustavo para ir com a Adélia para o retiro do São-Bento, aonde ele seo Senclér sempre ia que podia, assim dava menos na vista. E o Ustavo? Uns achavam que ele sabia, mas sendo com o patrão não se importava. Outros diziam que ele não desconfiava de nada, o dia em que os olhos abrisse podia suceder alguma barbaridade... E a Adélia era uma mulherzinha e isso. Também, a segundos: que tem feitiço que mulher logradeira faz, por amor de o marido não saber — dava a ele sete cuspidinhas no café, dava chá de angelim-amargo...

— "E as moças por aqui?" — Lélio perguntava. Ah, mocinha prendada, e mesmo bonita, que o Lélio devia de namorar, era a Mariinha, filha do Lorindão. Uma princesa! A irmã dela, Biluca, estava de casamento tratado com o Marçal; filho do Aristó. Aristó e Aparecida viviam juntos havia tantos, tantos anos, mas não podiam se casar legalmente. Quando foi da bôda de Lidebrando com Benvinda, filhas deles, tinham querido regular tudo, antes. Mas ninguém sabia se o antigo marido de Aparecida estava vivo ou morto: derradeira notícia dele era remota — quando estava visto sendo jagunço de bando. Mas que, depois, findo esse, tinha desaparecido, por mais longe que a Bahia.

Mas Lélio devia de namorar Mariinha, Canuto insistia. No dia-de-domingo, podia conhecê-la. — "Domingo eu vou é ver as 'tias'..." — Lélio respondeu, rindo grosso. Canuto não discordou. Disse: — "Ah, pois também. Tempo tem, e tudo..." Lélio não sabia ainda quantas, nem bem quem, eram as "tias". Mas não quis passar por atormentado nem safirento; guardou seu calado. — "Não é por falar, eu até me dou com ele... Mas o Delmiro é muito ambicioneiro..." — Canuto pronunciava. Depois contou do Soussouza: sujeito bom, valente como ninguém. Gostava por demais de beber, mas Maria Júlia sua mulher o trazia estrito vigiado... Diziam até que Maria Júlia dava nele; mas isso era invencionice. Maria Júlia, senhora distinta, enérgica, de boa família, Maria Manuela, irmã dela, também tinha gênio meio forte. Mas ele Canuto gostava dela, estavam assim comprometidos... "— E o Placidino?" "— Bom rapaz. Você sabe, ele há uns três anos, faz, passou por uma desgraça: levou uma guampada de vaca, nas partes, teve um grão arrancado a chifre, Virgem! O bago pulou no ar, foi parar pendurado num ramo de árvore..." "— Coitado! E ele esfriou?" "— Bom, perjudicar de todo a homência dele, não teve esse perigo. Você vai ver como ele vive lá nas 'tias'. Mas, como todos sabem que ele é roncôlho, agora não tem coragem de namorar moça nenhuma mor de se casar..." "— E o Pernambo?" "— Companheirão. P'ra tarrafear boi não tem como ele. E é cantador. Eh, ele sabe tudo quanto é moda e cantiga, os estilos todos..." "— E o J'sé-Jórjo?" "— Ah, você sabe, ele já esteve em cadeia, cumprindo pena. Imagina que ele pegou a mulher, de noite, no bamburral, com outro homem; tocou fôgo nos dois, felizmente não matou nem feriu grave demais; mas, quando vai ver, o homem e a mulher eram outros... E o marido daquela ficou fera, bramou que ele não tinha nada com desonra alheia, em tanto..."

Quando, pelo avanço do sol, concordaram em que era preciso deixar para outro dia o campeio das três rêses amontadas, vieram voltando. Canuto conhecera mais que Lélio o pai desse, seu padrinho Higino de Sás, que vivera ali nos Gerais, sozinho, separado da mulher. — "Homem sucinto, meu padrinho! Botava pimenta na cachaça, mas bebia só um gole, em jejum, antes de sair para a campeação... De cara, você tem alguma parecença com ele..." Canuto dizia que, se não tivesse natureza de gostar tanto de mulher, queria era ser padre. Falava de milagres de Nossa Senhora, falava na Manuela, que tinha olhos grandes, pernas grossas, bem torneadas — com respeito; falava na comida da fazenda, que era bôa e

farta, Lélio ia ver. Mas, quando já estavam mais perto de casa, Canuto esbarrou: disse que naquele lugar ia-se apartar de Lélio — precisava de passar por casa do Lorindão, casa da Manuela mesma. O que queria pedir, mais uma vez, era que ele Lélio fosse leal no segredo, com ponto com todas as conversas. Não levar fama. Só contara as opiniões, por amizade, malungos eram. Se despediu e indo para outra banda.

Lélio veio tocando, deixando seu cansaço se desmanchar, escutando o piso do cavalo. Quando ouviu outro, e viu, era o Tomé Cássio, que dum trilho desembocava. Tinham que se emparceirar. Tomé Cássio trazia os couros de duas rêses, tirados no campo. Todo com aquele semblante demais circunspecto, ele desnorteava a gente, por espaço. Mas mesmo puxou conversa, perguntou o que Lélio estimava do Pinhém, se estava gostando começado. Tomé Cássio era grosso, de ursos ombros, era alourado, rijo claro. Vinham vindo, parelhos; calados, outra vez. Mas agora Lélio não se agoniava, surpreendia a simpatia daquele companheiro moço. E a distância era pouca, dali mesmo a Casa já se avistava, a varanda alta. Eles voltavam de um dia bem ganho.

— "A meio cansado?" — perguntou Tomé Cássio, quando Lélio menos esperava. — "Por mesmo. Uma sedezinha..." — respondeu. Quem parecia mais sentido era o Tomé, Lélio reparou como ele estava de olheiras; mas seus olhos manifestavam brilhos, com uma saúde de querer. — "Esbarrar aqui um instantim..." — disse. E era a casinha dele, aparecendo logo depois das bananeiras, Lélio não pôde rejeitar. A Jiní já estava na porta. A gente a ia vendo, e levava um choque. Era nova, muito firme, uma mulata cor de violeta. A boca vivia um riso mordido, aqueles dentes que de brancos aumentavam. Aí os olhos, enormes, verdes, verdes que manchavam a gente de verde, que pediam o orvalho. Lélio tirara o chapéu, e nada se disse a não ser o saudar de bôas-tardes. Nem o Tomé não desapeava; só encomendou a ela qualquer coisa, Lélio não teve assento de entender o que. Ela entrava para ir buscar: desavançou num movimento, parecia que ia dansar em roda-a-roda. No lugar durava ainda aquela visão: o desliz do corpo, os seios pontudos, a cinturinha entrada estreita, os proibidos — as pernas...

Voltou, com uma cuia de aluá, trouxe-a às mãos de Lélio, que depôs o chapéu no arção e se curvou da sela para receber, abaixando a vista, num perturbo; mas, por mais que os abaixasse, sempre restava alguma coisa dela em seus olhos. A barra do vestido branco, as pernas bem feitas, os pés

nas sandálias. O aluá espumava, dessoltando em chío e estalidos seu azedo bom. A Jiní tinha a pele tão enxuta, tão lisa, o narizinho fino como o de poucas moças brancas. Aqueles olhos, a gente guardava de cór. Trazia outra cuia, para o Tomé. Lélio desviava o olhar, espiava — não era palha de buriti, era sapé, o que cobria a casinha? E, mal acabavam de beber, olhava o Tomé, numa obrigação de dar-lhe a entender que ali estava somente por causa dele mesmo, a seu convite apenas. Aquela mulher, só a gente ficar a meia distância dela já era quase faltar-lhe ao respeito. Reandaram.

Dali até a Casa, um pulo, menos trocaram três ou quatro pés de conversa, sem perguntas, sem respostas, sobre o dia, o gado, o campo. Ao lado de Tomé Cássio, as coisas por perto tomavam peso de serem mais notadas, e a gente ia sentindo uma precisão de se ajuizar e medir, de pensar bem o avanço de cada palavra, antes de a pôr solta. Ele era seco e duro, mas no fundo — como uma pessôa regulada no meio de nem alegre nem triste, só cheia de destinos.

Todos já tinham retornado, menos o Canuto; e o Pernambo subira a escada da varanda, porque dona Rute ia curar-lhe o machucado da mão. Mas Lélio nem alcançava bem a ver dona Rute. Só a claridade de uma sombra. O Pernambo descia de volta, repetindo que homem não merece o que mulher no mundo vale. Lélio desarreava e escovava, cuidando do lombo do cavalo. Ah, mesmo seo Senclér só trabalhava e se esforçava porque tinha de zelar por sua mulherzinha, a fim de cujo carinho e bem-querer. E, quando Tomé Cássio machucava a mão, a Jiní tratava dele. O Fradim veio se chegando. — "Companheiro — ele disse — esse estilo de estribar curto não dá muito certo por aqui..." E o Fradim endurecia a cara, meio tombada de lado, ele todo quase esticado nas pontas dos pés, por parecer maior. A vontade que vinha em Lélio era de o lambar a cabresto, até o deixar achatadinho no chão. A tanto a gastura daquela raiva, que não soube responder. Mas o Fradim sacudia a cabeça, muito no poder de si, e tornava: — "E o loro do pé esquerdo está gastado num ponto, por rebentar. É bom você consertar isso..." Lélio não pôde deixar de reparar, e viu que era verdade. Sua ira de desgosto ainda era mais forte, mas agora mudada, num incerto, num meio modo de esperar. O Fradim mesmo vinha pegar nos arreios, apalpava o loro poído, dava outras opiniões, e conselhos, a gente tinha de ver que o jeito dele era prestativo, assim um desejo de ajudar. Se virava para Lélio, com cara alegre, punha-lhe a mão no braço:

— “Um dia destes, carece de você vir lá em casa, tomar um cafezinho bem coado!” O Fradim sabia falar depressa, falava certo e bonito, sabia muita coisa. Seria por isso que a mulher gostava tanto dele? Mas Soussouza passava para o rego, vinha resmungando sozinho, zangado com alguém, formava gestos. — “Ao então, menino? Hem, gostando do Gerais?...” — agora ria, para Lélio, um riso bondoso. Modo, logo continuava a caminhar, outra vez naquela zanga, dava dois ou três passos e esbarrava, para chupar forte no cigarro. O Fradim foi atrás dele, segurava-lhe o braço, não se podia ouvir o que falava. Lélio voltou para o grupo dos outros. Mas seo Senclér descera, por ouvir e saber do dia. E, mesmo com o Aristó falando baixo, Lélio conseguiu escutar que o capataz dava aprôvo dele ao Patrão, com agradecidas palavras: contava como foi que tinha topado sozinho aquele boi jipilado, e todo o reviro mais que acontecera; que Lélio era assaz vaqueiro feito, com muito merecer. E seo Senclér para ele endireitou, gostou de perguntar de onde ele era e nascera. — “Ondonde? Gouvêias...” — respondeu. — “Cobú?! Gouveiano? Intéira! Minha santa mãe era também de perto de lá... Mas todo gouveiano tem um paletó cor-de-abóbora — se diz-que — e é danado de econômico. Trouxe o paletó abóbora?” “— Nhor não. Nunca tive.” “— Então, você ainda é mais forrado de econômico?” “— Sou sim sou. Mas de economizar só se for miséria...” — teve a coragem de responder. Riram geral. Mesmo seo Senclér. Mas Lélio agora via que ele estava era triste, triste: — “Antes econômico, meu filho, que estragalbarda...” — ainda disse; e aquela tristeza nem parecia ser dele só, se estendia pela fazenda geral. Nem era tristeza bem, era um novo cansaço de todos.

Mesmo para o jantar, Canuto não tinha aparecido. Também, ninguém falava em sua falta. Só Delmiro, enquanto untava sêbo em seu laço, achou de apoquentar: — “Uai, com saudade do bom companheiro? A ver, que hoje prosearam o tanto, que nem deu para trazerem a Bambarra...” Lélio não concedeu importância. Delmiro, ou era rompente de bruto, ou agradado numa sinceridade de amigo, mas não conhecia por-metades. Também, agora a birra maior dele era com o Pernambo, por este estar recontando como dona Rute tinha sido bôa, tinha botado remédio nele, tinha conversado bonitas palavras. — “De em diante, um vai machucar mão todo dia, hem velho, mode ser prinspe?...” Mas o Pernambo era alto em si, não dava milho a pássaro-preto. Só meio-cantava: *“...Quem tiver cabeça-inchada, traz aqui, que eu vou curar; com leite de gameleira,*

resina de jatobá...” Todos tinham receio dessa capacidade do Pernambo, de debochar em verso, o que desse na vontade dele, botava pessôa em coisa e assunto. E Placidino, acocorado perto, tocava um berimbau, que tinha caprichoso fabricado. Desse Placidino, nem se precisava de ter pena: seu espírito curto desanimava qualquer tristeza. Estavam na arrearia. Sereno, calado, Lidebrando fiava cabelos de boi no canzil — rodando o cabo na mão, rodava ligeiro — não eram muitos para saber manejar o canzil assim, e para bem trançar um sedenho de quatro fios-grossos. Fiava, enrolava, tecia. Tinha um balaio, cheio dos pelos de rabo: ele esfiava a seda do boi, jogava ali, ficava um monte — o estrigado, dôce nas mãos da gente, como uma plumagem. O Lidebrando só conversava o que era mesmo preciso. Se não, respondia breve, mas de muito bom modo. Para aquele, tudo era sério e medido, sem descuido, sem pressa. Lélio gostaria de ser assim. Tudo em Lidebrando estava certo. Um homem desse feitio, podia viver em qualquer parte, tudo não variava. E a gente, aqui nesses Gerais, estava tão longe de tanta coisa!

Lélio não gostaria de voltar para a Tromba-d’Anta, as pessôas de lá, bôas ou ruins, faziam só uma lembrança simples, de mistura. Maria Felícia, tinha gostado dela, no começo, e nem agora ia ser ingrato de a renegar. Mas Maria Felícia era diferente, de muito, do que ele queria, junto com ela não havia de aguentar de viver o tempo inteiro. A mãe de Lélio se chamara neste mundo Maria Francisca, tinha sido bonita e bôa, sempre trabalhadeira, sempre séria; por que, então, o pai tinha precisado de largá-la, de se sumir de casa, para vir p’ra o Urucúia, pra morar com uma mulher acontecida, qualquer, achada de viagem, em beira de cerrado? Nhô Morgão, capataz de seo Dom Borel, costumava dizer: — “Ah, se o mundo um dia se acabar, fica tanta coisa por fazer...” E outras vezes: — “Viver é ver as bobagens que inté o dia de ontem a gente fez...” Nhô Morgão gastava tudo o que ganhava comprando em toicinho e rapadura e café, p’ra a gente pobre, e só gostava era de ouvir música de instrumento e de deitar na cama, sábado para domingo, com um litro de cachaça, bebia, bebia, a noite quase inteira. Em todo o resto da semana, gota de cachaça ele nem provava. Um dia, adoeceu forte, gravemente, tiveram de agir nele lavagem de clistér; e, enquanto punham a seringa, Nhô Morgão só abria os olhos para gritar risadas: — “Estou desonrado! Estou desonrado!...” Desse, era de quem Lélio talvez tivesse mais saudade. Nhô Morgão tinha conseguido amansar a vida.

Agora, vendo que os outros trabalhavam numa ou outra coisa, ele se levantava, ia aproveitar para consertar o loro de seu arreio. Delmiro emprestava fio e agulha, uma sovela. Pôs o pensamento na Mocinha de Paracatú, e viu que não queria. Tinha horas ele pegava a achar que não soubera se comportar, em toda a viagem, só se dera ao desfrute; e a Moça, durante todo o tempo, ou não sabia que ele era gente deste mundo, ou o debicava com os rapazes da cidade — ah, se lembrava bem — ela se ria dele. Era maldosa. E, um pensava a fito, beleza usual ela possuía? — "Uma bezerrinha dos Gerais desmamada antes do mês..." — o Lino Goduino dizia. Pois não era? E arrebitava um narizinho, às vezes amanhecia com sombras nas miúdas faces. Mas, então, como podia existir nela tão bem aquela artice maior, principal, estúrdia?! Então, era como se fossem duas, todas duas de verdade, as duas numa só, no mesmo do tempo. E aquela encantada astúcia mudável, que nem fazia conta dele, Lélio, e que maltratava e animava: como a gente vê ainda, um espaço de momento, um lugar lindo, quando o escuro da noite já o consumiu; ou quando já se pode reconhecer adivinhada a divisa da várzea, por varo, no ralo dum fim de chuva. E a lembrança dela queimava, às vezes, em alma, uma tatarana lagarteasse. O único jeito de tolerar a lembrança dela era esse: de a ficar adorando, de mais longe, como se fosse uma santa.

E a Jiní? Numa precisão, quase sem pensar, Lélio falou no nome de Tomé Cássio, por qualquer coisa. — "O Fradim contou que no começo do mês que vem ele vai dar uma viagem. Vai até no Mutúm, mato do Mutúm, distância de dez dias pra se ir e voltar. Vai p'ra trazer uma irmã dele, mocinha..." — disse o Pernambo. — "E a Jiní?" — perguntou Placidino, com redondos olhos. — "Tu é bobo? Há-de-o! Então a Drelina ia deixar o Tomé levar a Jiní, p'ra depois viajar com a irmãzinha deles? O Tomé vai sozinho..." — e o riso do Pernambo era de panturro. — "P'ra algum efeito, assim é bom — disse o Delmiro. — O Tomé vai descansar um pouco da mulatinha. Que é que ele está emagrecendo..." "A Jiní acaba com ele, como quase acabou com o Tiotino. E com o Patrão... Ôi-ôi: *Lá em cima daquela serra, tem um rastro de mulher; metade da serra eu subo: mais, meu Deus, não pode ser...*" "— Traz a viola, Pernambo." "— Está sem corda." "— Será que é bonita?" — perguntou o Placidino, depois de um tanto de tempo muito calado, boca aberta. — "Quem, rapaz? Você está assombrado?" "— A irmã do Tomé, que ele vai ir p'ra buscar..." "— Se puxou à irmã, está servida de todo lindôr, sim senhor: *Lá em cima daquela*

serra, tem uma moça por chegar: chega feito sol e estrelas, chuva no canavial..." "— Ô seu Pernambo, o-senhor me ensina a botija de alegria?" — Lélio perguntou, se ousando em tom de brincadeiras. — "Ara, meu filho, o seguinte é este: que eu nasci longe daqui, por aí andei e desandei, esclareci muita coisa... P'ra abastante, o que mais vi foi desgraça e ruindade. Por isso resolvi que o que quero é ficar quietinho neste cantão, onde o mundo é mais pequeno. Correndo campo e engarupando em boi, p'ra o meu pão-nosso. Tanto o que vem p'ra riba de mim, tudo eu logo despacho, em cantigas cantorias... Mas, daqui por diante vos peço, mecê me tratar por você, cerimônia nenhuma, velho para favor de fala eu não estou, nem." O Placidino se afastara lá fora, um momento, porque ouvira vozes. — "Olha esse — seguiu o Pernambo: — ...malcastrado, feioso, nunca nem teve mãe nem pai, e está aí também sempre alegrim. E olha que ele nem sabe cantar verso. Isso é que é lucro sem cabedal, é o que Deus dá quando menos dar não quer..." Mas quem vinha chegando era uma mulher, ainda bem moça, com um menino-pequeno no colo e dois caminhando, menino e menina. Saudou a todos, com uma voz de tanta simpatia, que a gente tinha de repente saudade de qualquer coisa. Era Benvinda, mulher de Lidebrando, que vinha buscar o marido. Lidebrando levantava os olhos do canzil, sorria para a mulher, um sorriso de querer-bem sossegado, e começava a guardar seus petrechos. — "Trovejou?" — ele deu de perguntar. — "Ué, está trovejando mesmo..." — e o Pernambo ria a gosto. — "Epa, Serra velha do Saldanh'!..."

Lidebrando ia embora, com a família, e Benvinda ainda falou, se despedindo: — "Nossa Senhora que fique com todos..." E ainda bem não tinham terminado de dizer amém, o J'sé-Jórjo chegava. — "Estive..." — disse. Mas disse como só para si mesmo, e num modo tão surdo, quase rompido de desafio e desabafo, que ninguém completou nada. E ele mesmo ficou calado. — "Virgem! Depois de um dia de tantos trabalhos..." — o Pernambo sussurrou. O J'sé-Jórjo era calado no atual, mas diverso do Tomé Cássio, que parecia com um luto branco por dentro, e do Lidebrando, que ao mor de sua natureza não carecer de fala; o J'sé-Jórjo, não, esse dava o ar de que não falava porque não podia, não sabia, como se tudo no interior dele fosse travado de gago. — "Ô que homem! — Delmiro disse, a um canto. — Esteve com a Lindelena..." "— Lindelena? Quem é que é?" — Lélio indagou. — "Pois Lindelena é a Tomázia... É uma das 'tias', você ainda não sabe? É a branca. A Conceição é que é a preta..."

Delmiro voltava àquele sestro de enfiar o dedo no nariz, caladão fechado. Assim atarracado, sisudo, repuxando as sobrancelhas, chega a cara dele escurecia. Não sabia por que, Lélio tirou uma ideia: que o Delmiro havia de gostar, se seo Senclér, por duvidar, um dia morresse, e então a dona Rute quisesse casar com ele... Mas, lá fora, meninos corriam e gritavam: — "Toloba! Toloba!..." Eram os filhos do Ilírio Carreiro. E a Toloba, que passava, empunhando um grande ramo de mato cheio de flôr, era uma cabocla esmolambada e suja, rindo e concordando, como se os meninos a louvassem. Papuda era, papo de corda, parecendo corda de mamão. O Pernambo explicava: essa criatura varava por ali, sem pouso certo, por tudo quanto era fazenda ou arruado de córrego, ou sítio de vereda, batia os Gerais por inteiro; dormia no campo, comia não se sabe o que, mas estava sempre assim gorda. — "E toloba ela mesmo é, tudo o que é dela acha exato que é uma perfeição, e está crente que os outros também acham... Até, quando quer ameaçar alguém, o que ela fala é isto: *Ói, que eu não deixo ancê tirar bicho no meu pé*..." E aí Lélio súbito pensou uma coisa, que assustava: que o princípio de toda pior bobagem é um se prezar demais o próprio de sua pessôa. — "Toloba! Toloba!..." — a meninada não dava folga. Mas, espiando para o Placidino, Lélio reparou que os olhos dele acompanhavam a Toloba com um abençoo de dó, de pena tão sincera, que a gente podia apalpar aquela brandura de bondade, do coração dele. — "O apelido deste Placidino é 'Gombê'..." — cochichou Delmiro, saindo de seu si-mesmo. E trovejava, de verdade, na Serra do Saldãe.

Chuviscava. O chá de folha de goiabeira, ou o leite com farinha, para os que quisessem, foi tomado em riba, na varanda. Delmiro chamou Lélio a espiar lá para dentro da Casa, a sala e o corredor comprido, aquilo tudo enorme. Mostrou o grande relógio de pé, de caixa. Maria Nicodemas gostara de Lélio, pôs em sua algibeira um torrão grande de açúcar. — "O melhor, que eu queria se por escolher, era a cadeira-de-balanço..." — deduziu o Pernambo. E estavam também o Ilírio Carreiro, que tinha barba de costeleta dos dois lados da cara, e que ficava um tanto retreito, arredio dos vaqueiros. E o Zé-Amarel, guia-de-carro, um meninote até bonito, se não fosse aquela cor cargosa, o amarelo laivado de madeira de peroba que tomou sol. Mas J'sé-Jórjo, mal bebido seu chá, desceu, como se o assoalho da varanda lhe queimasse os pés. Daí mais um pouco, igual os outros vieram.

Foram deitar mais cedo. Canuto não tinha ainda voltado, e Lélio, confusamente, gostava que nenhum dos outros comentasse sua ausência, a modo deixando dito que cada um ali era livre de suas ações. Tirou o torrão de açúcar do bolso, e viu que o maior prazer que podia era dá-lo ao Placidino, que nem entendia por que, e que primeiro o olhou muito desconfiado. O Pernambo recitou três versos da moda do Calunga na Capanga, e J'sé-Jórjo soprou logo a candêia. A cama estava provã de bôa, bôa a chuvinha lá fora, macio seu peso na trança de palmas de buriti do teto. A demoração, sozinho, cabeça atôa, antes de dormir, era o que de melhor, podia mais que a canseira. Lélio ganhava ponto de paz, só se admirava de que, com um dia passado no Pinhém, o sentir era o de que tivesse já vivido ali um tempo de anos, tanto tantas pessôas e coisas pequenas dansavam se tecendo na boca do vazio das horas grandes. E então viu que guardara, sorrateiro de si, um assunto, para uns pensamentos, para passear por ele agora: a Jiní. Ah, certo não era correto, não devia-de. A Jiní, seus olhos sumo verde-verde, que cresciam e tudo tapavam, como separados, maiores do que pessôa. Não devia. Mas podia menos pensar, um instantinho só, se concedia. Revia-a. O figuro da mulatinha cor de violeta mandava em todas as partes onde batia seu sangue, aumentava o volume de seu corpo. Chega. Esconjurou-a, brando, coçou um ouvido e a barriga; e devia de ter logo dormido.

Amanheceram rente, dia-de-sêxta, café e ao pasto. Não chovia, só o mato orvalhado de gotinhas sonoras. Canuto ali estava, com os companheiros, não dizia nada por mais, só redobrava no natural. Lélio selou, por experimentar, o cavalo cardão-pedrês de olhada amorosa, que se chamava Marampãe. Aristó acabara de inchar o rosto, e estava mansejão, nem vigiava ninguém, e animava o pessoal com seus ditados: — "Ruim, mesmo ruim, ruim — nunca vi nada..." — dizia, enquanto tocavam pelas lamas, mundo chovido. — "O diabo está só por debaixo..." — acrescentava. Foram ao pasto do Saco-Dôce, depois ao da Cascavél, onde o gado já ajuntado se esparramou de repente, gado de muita qualidade, nervoso ligeiro de um em um, numa desonda brava. O Marampãe era mesmo bom, cavalo corredor. Delmiro estava espinhado do demo, não esbarrava de ir em boi, a gente tinha de ver todas as vezes que ele era um mestre-vaqueiro. E o Canuto com aquela mania: avistava uma rês de pelame bom — de longe, ele já entendia — e pegava aquela, apalpava, beliscava, dizia: — "Eta, que o couro deste promete dar um laço fino e

forte...” O Fradim gostava de ficar perto do Aristó, cochichava conselho do que se devia fazer, e o Aristó cumpria, porque esse Fradim era um raio de sujeito senvergonho de talento. Aí, o Fradim por si queria era cochichar mais alto, para todos ouvirem, e todos torciam cara e arranjavam deboche. E o Aristó então não cumpria, às vezes, e ainda xingava: — “Seu, ô, siô! Acomoda! Desaparece de mim!...” O Fradim também ficava muito zangado, dizia que até por encargo de vaqueiro um precisa de ter cabeça e fazer o progresso. O Placidino não sobressaía vezeiro em forte nenhum, mas figurava seu tanto, correto, em tudo, e Aristó gostava dele, porque era o melhor para obedecer.

Num momento em que veio a estar junto de Tomé Cássio, Lélio se sujeitou num governo sem tino — o que lhe vinha era mistura de uma estima pelo outro, um curto de receio, e um bafo de vergonha de si mesmo. Num beira-d’água, encontraram uma vaca jovanês-castanha, deitada de adoecente. Delmiro tocou-a: ela andou um pedaço e tonteou e caíu. As mãos tinham amolecido, e ela parecia bêbada de cachaça. — “É erva!” — todos falaram. Ela ficou deitada, espichada, a barriga ia-se inchando. — “É erva-café. Olhem aqui.” E Lidebrando arrancava, a uns metros, a plantinha da folha verde-escura. J’sé-Jórjo mexia em seu chapéu um pouco de rapadura raspada, com terra de formigueiro e água, faziam a vaca engulir aquilo. Ali mesmo esbarravam para almoçar a paçoca das capangas. J’sé-Jórjo era um sansão no jeito de pegar boi à unha, e Delmiro dizia que ele sabia toda qualidade de mandraca. O Pernambo era que se queixava: não estava podendo fazer muito, ainda por conta da mão. Quando acabavam o almoço, a vaca ervada já estava bôa, em pé, queria até investir, de repente ficada braba. Debaixo de céu escuro, Aristó agora repartia o pessoal, por lados, por serviços.

Lélio ia com Lorindão e Soussouza, viraram para a banda de meio-sul-e-nascente, rumo do pasto do Palmital. Por um espírito, Lélio teve momento em que se riu, só em si; vendo que estava ali com os donos das moças bonitas do Pinhém — o pai de duas e o cunhado da outra; e ele ainda não conhecia nenhumas. No dobrarem um espigãozinho, de supetão vinha de lá, frenteante, o burú da chuva, riscando tudo de branquim. Deram um galope, doidado, e a chuva bateu. Lorindão cantou uma gargalhada, e que sabia de um ranchinho. Soussouza não escutou direito, gritava: — “Debaixo de árvore, não, árvore que chama faísca...” Mas a chuvaça tomava a gente de respirar, um bebia água, se assoava, se babava,

homem tinha o que aguentar, as roupas iam pesando endurecidas, pé de cavalo trampeava em barro, voz ouvida não cabia. No ranchinho, que Lorindão adivinhou e os cavalos no escuro branco acharam, todos podiam se esconder, malmal, vaqueiros e animais, que aquilo era uma coberta de palha de palmeira, em cima de quatro esteios. — "Chuva aqui é de ferro..." — falou Lélio. Lorindão sacudia as pernas, seus rosetões de esporas tiniam festa. Ria, ria. Lélio não conseguia mais encará-lo com inocência — pensava: um dia, quem sabe, este vai ser meu sôgro. Mas Soussouza espiava o arruinado do tempo, e se queixava, mas com estatutos em palavras, como se reclamasse o malfeito de uma pessôa. Lorindão disse: — "Homem bravo, este: quando encontra bom motivo, dobra no tamanho e racha coco no coqueiro... Na Extrema, com boiada, uma noite ele estava no quarto, com uma mulher, uma turma de vagabundos armava desordem no bêco. Soussouza, deu p'ra ele ter raiva, abriu a janela, gritou que esbarrassem. Não esbarraram, aí daí a pouco ele abriu a janela e pulou lá no meio, no escuro, deu pancada à péga, desarmou uma porção deles..." Mas Soussouza, nem podendo ouvir esse relato, estava com mais fúria era porque palha, fumo e petrechos estavam encharcados, ele não podia pitar.

Depois da chuva, voltavam, o dia dera o de seu. Caminho indo, Lélio se lembrou: — "O cachorrinho que veio comigo, aquele, ainda estará com o senhor?" — perguntou a Lorindão. — "Não, meu filho. À dona já entreguei, que por sinal mandou dizer agradecer, de todo muito coração... Mas em minha casa, casinha de pobre, você vai passar, é p'ra beber um gole e esquentar o corpo." Falou com um risinho meio sem jeito; que Lélio pensou: de pai com moça por casar. Um gavião grande assoviou e deu sombra. Gavião-de-penacho? — "De-penacho não: é um gavião-pardo, tamanhão. Ele pia igual ao outro..." "— Todo gavião graúdo dá sorte..." — gritou Soussouza, já se despedindo pra se apartar.

Para moradia de vaqueiro a de Lorindão era grande. Tinha uma rede e um banco comprido, na sala, e uma mesinha com toalha de renda, na mêsa um vaso de flôr. Lélio pendurara o chapéu num torno de madeira, no portal. Espiava as estampas de folhinhas nas paredes, enquanto escutava um sussurrado rebuliço, lá por dentro. Mesmo sem aquilo, mas: a gente percebia, por tudo, até pelo melhor resguardado do ar, que ali era uma casa com suas moças. Coração de um já batia aos tantos. Dorica, a mulher de Lorindão, era gorda, mas das zangadas, sobre o sisudo. Quase não proseou, e olhava a gente com desconfianças, essa capaz de implicar muito. Que as

moças não apareciam, porque não estavam arrumadas direito, moça é sempre vaidosa. — "Rapaz solteiro de visita em casa, é isto: dá transtorno..." — gracejou Lorindão. Dorica olhou para ele com raiva. Tinha licôr de buriti, e restilo com umburana. Lélio tomou um trago do restilo e ainda conversou um pouco, escolhendo suas melhores palavras, sabia que de lá de dentro elas estavam escutando. E, caminho a fora, quando se despediu, recordava ainda tudo o que tinha discorrido de falar, por fim de saber de seu acerto. Mas chegou à Casa com uma dôr-de-cabeça, e quis dormir cedo; teve até sujo de sonhos ruins, no meio da madrugada. De manhã, repensou — achou que Dorica mulher de Lorindão lhe tinha posto olhado.

Mas era sábado e sol, saíam alegre a campo, hoje seo Senclér vinha junto vaquejar. Lélio montou o preto *Pass'o-Preto*, seco estreito, comprido de braço e perna, sabendo boi e vento e com força de garra em chão para travar esbarro mesmo em surto de galope — cavalo de muita honra. Correram rumo no Capão-das-Éguas, cantavam véspera de dia-de-domingo; até o gado ia obedecia. Mas o Aristó mandou Lélio mais J'sé-Jórjo, re-de-vez pela *Bambarra* — agora aquelas três rêses com remorso de amadrinhadas tinham que vir. O caminho era demorado, e o J'sé-Jórjo não conversava exemplo. Aquele homem rastreava até sem querer, e estava dependurado dos olhos, feito gavião, feria longe. Fincava o olhar, e ele chega fungava: parecia que aquilo era uma dôr de doer. Com o cujo, com pouco, Lélio quando viu de si só rastreava também, estava tendo de cumprir sujeição ao uso do companheiro. Beiraram belas veredas, buritizais de se querer bem. E o sujo de campos já em pronto revêrde. Quando no insofrido de enfastiado, Lélio tomava então um gole da ideia de que amanhã ia conhecer as "tias". E a alegria de corpo solevava-o tanto, que logo carecia de calçar consciência com ruma de pensamentos sérios, tenção de homem-de-bem: fazer como o Delmiro, determinar o certo da vida. De segunda-feira em diante, cuidava daquilo, firme. Pôr dinheiro de parte, levantar suas paredes de paz, casinha de têlha e taipa; e se casava. Uma salinha, com banco e rede, e uma mesa atoalhada, no meio dela a jarra com flôr. Ainda não tinha visto Mariinha nem Manuela, mas sabia que com uma delas se casava; mais fácil melhor ser com a Mariinha, com esse nome fininho frio de bonito. Bom, ia ser; era. E, então, isso das "tias", amanhã, ficava permitido concertado, como coisa de intervalo, em sua hora e seu tempo, passagem de homem, mocidade. Mas, então, evém vinha

o sossalto daquela lembrança que ele queria e não queria: a Moça de Paracatú, a Sinhá-Linda. Vinha, e tudo o que outro desbotava em tristeza. Sem ser por ela, o que ele fizesse era caminhar para trás, para fora da casa do rei, para longe dele mesmo. Mas, então, ele era bobo? Pois aquela Mocinha tinha sido na vida dele que nem um beija-flôr que entra por uma janela e sai por outra, chicotinho verde e todas as cores no ar, que a gente bem nem viu. Mas então. Como se deixar de se lembrar dela é que fosse o pecado maior.

Quando o J'sé-Jórjo falava, quase que era que nem que só para si mesmo, e respeito de rastros. — "Eh, rês fugida faz rastro seguido — não é aquele rastro caracoleado, da rês em logradouro..." Desesticava em riba. — "Vaca. Gado solteiro. As unhas uma a outra traspassando..." Fungava. — "Dianho, agora é este capim-mimoso, que não guarda cama de pé nenhum... Como é que se pode?" Podia. Se apeava. Ia. Funga, tatú na faca! Reachava as patagadas — de três rêses sem-jeito, que tinham ematado fundo no caatingal. E agora? Não deviam ter trazido os cachorros? Mas J'sé-Jórjo rezava baixo. Rezas-pesadas, se via. O Credo, de trás para diante, valendo igual a *São-Marcos*. Ou o Credo rezado num revesso, misturado entremeado com a Salve-Rainha — reza ainda mais brava. Aquele homem dava receio. E a Bambarra mesma ajudava a se encontrar, recebia o laço sem arreviro nenhum de testa, se emprestava de ser amarrada em pau. J'sé-Jórjo tirou de debaixo da capa da sela uma máscara de fibra de burití, e com ela encaretou a vaca; tirou um polaco da capanga, prendeu num chifre dela. Soltou-a, e vieram. O gangolô latejava badalado. A novilha fígado e o boizinho azulêgo-raposo acompanhavam a Bambarra, parecia que entendiam o caminho justo. Bastava a gente vir sorrabando os três, pouco precisavam de pajeá-los. Era a reza-feia do J'sé-Jórjo.

Desvinham aquelas veredas, o quanto podiam torando reto, depassaram o cerrado do Quiriquirí, o pasto da Rocinha — onde os enxadeiros de seo Senclér ainda andavam ressemeando o milho. E quando o J'sé-Jórjo começou a querer conversar, Lélio quase concebeu um susto. Nem se sabia como, o homem estava era narrando o caso todo de sua vida, o triste fim dum só acontecido. Era uma contação custosa e puxada, indo adiante e retornando, de ora aos arrancos, de ora mastigando o gaguêjo, e umas esbarradas para pensar melhor, que punham a gente nervoso, e misturando nomes mesmo de pouco se compreender, e explicando passagens sem precisão, mas de que de certo ele J'sé-Jórjo gostava, com todo tintim.

Suava para falar, e fungava; mas contava aquilo com frieza de sangue e macias palavras, não dando tom de queixa nenhuma, como se tudo fosse passado com outras pessôas. Mesmo vez ria. Só pelo repetir no igual do jeito uma mesma coisa, a três e quatro, a gente acabava recebendo daquilo o queimo gelado de queixume. Mas a saudade, nele, prevalecia dos dissabôres. Contava como se tinha casado, gostado tanto da mulher, e como era a casa deles: o quarto, com a pirunga — a grande pirunga feita de adôbes, espécie de tulha paredada perto da cabeceira-de-cama do jiráu, e que guardava o arroz para os dois comerem o ano inteiro. O camocim com água pra se beber. Os nomes dos cachorros que tinham. A árvore em frente da porta, debaixo dela eles se sentavam de tarde. Falava como era o trabalho de campo por lá, falava nos bois; contava tudo. E a desgraça de ter atirado e ferido os dois, e nem era a mulher dele, por má sorte. De fim, quando voltara de estar preso, a mulher tinha fugido, com o senvergonho. — "Com o mesmo, o que levou o tiro?" — Lélio quis saber. J'sé-Jórjo esbarrou, ficou pensando um tempo, boca meio aberta. Depois olhou preto para Lélio, quase com ódio, feito achando que estava sendo caçoado. — "Perguntei por amizade..." — Lélio o sossegou. Não, não tinha sido com aquele-um. Foi com o outro, o dela, o dito... E J'sé-Jórjo tornava a recontar.

Já ao depois de tarde, de sonoite, davam de estar perto. Duro sábado, caminho longe. Agora, aquela luzinha ali, era a moradia do Tomé, da Jiní. Quem sabe ela escutava o gangolô da Bambarra, via gado tangido, vinha à porta espiar? A luzinha era triste. — "Rancho do Tomé..." — o J'sé-Jórjo falou. E era mesmo um rancho, tão pequenina. Até uma galinha dormia empoleirada em cima dela, no coberto de capim-fino.

Chegando à Casa no retraso da hora, cuidavam dos cavalos e vinham à porta-da-cozinha, pedir à Maria Nicodemas comida-de-sal. — "Como foi, que eu nem tive folga p'ra lavar corpo..." — Lélio alegou. — "Amanhã, cedo, com Deus, a gente vai..." — disse J'sé-Jórjo. E estava demudado o modo dele falar, até Lélio o estranhou. Aquele homem estava começando a ser seu amigo. Satisfeito, por si, pegou a querer ensinar a Lélio o sutil das marcas do rastrêio: — "...Se for de touro já feito, o rastro é maior. O touro tem os cascos bem redondos. Bem volteadas as pontas... O boi capado tem as pontas dos cascos mais finas, já forma as pontas bem compridas..." Assim ele melhor falava.

No quarto-dos-vaqueiros, só acharam Canuto. O Pernambo e Placidino estavam seroando nas "tias". Delmiro? Esse saíra por ali, com o Marçal, chegado do São-Bento. Mas, com o arrompo do cansaço, Lélio e J'sé-Jórjo queriam era dormir.

Até ao cocoriacô do galo, que cantava trepado num monte de lenha. E todos se levantavam, com nos rostos o mesmo tino de alegria. Domingo claro, em vago, dia de alto tempo. O Marçal também estava ali. Caminhou e veio, e disse, como um velho conhecido: — "Lélio do Higino, com' passou?" Ele era firme no que queria, e agradava no átimo, mesmo por esse dado de sempre citar o nome da gente. Mas bebeu o café e já ia se foi saindo: — "Tomar benção à Mãe... Ela deve de estar jeriza, por eu não ter ido dormir lá em casa..." Deu as costas, e o Pernambo se ria: — "Em qual! Este é de donza, donzela. Está aqui, foi noivar, de alvoradas..." O J'sé-Jórjo pegara dois pães de sabão-preto, enrolado em palha, e esperava Lélio, para o banho no ribeirão. Mas o Pernambo despendurava a viola, logo o Placidino o ladeava. — "Vocês já estão p'r' as raparigas?" — afôito Lélio perguntou. O Pernambo segurou-lhe o braço: — "Menino, não fala em raparigagem não, que com seu direito elas desse nome não gostam... E você mesmo depois vai? Bom, por antes, diz uma verdade, dá de juramento: você tem doença-de-rua nenhuma? Tiver, vai não, que com estas você mal resulta. E aqui nós também queremos a ordem de regra, pela saúde de todos... A primeiro, se tratar...!" O Pernambo espiou para dentro, e, de zomba, chamou Canuto por companhia. — "Uma tana!" — esse respondeu. — "Dia-de-domingo, sem missa, vou mas é rezar o meu terço..." E se ajoelhou, num baixeiro, fazendo o pelo-sinal. Entoou a rezar alto. — "Isso é p'ra as famílias e as moças ficarem sabendo, e acharem que ele é o prinspe de todos..." — o Pernambo debicou. Mas o Canuto só se virou um momento, cascou para o Pernambo o feio gesto, e tocou de seguida as suas altas ave-marias. Delmiro deu um muxoxo, e quis ir com Lélio e J'sé-Jórjo ao pôço do banho, no ribeirão.

Vindo os três de volta, depois, Canuto mais lá não estava. Lélio vestiu sua roupa dos domingos: calça clara, paletó muito azul, camisa limpa e sapato de cidade; só gravata é que não se usava. De pronto, porém, se via sem companheiro guiador na empreita, pois J'sé-Jórjo carecia de ir à casa de Lidebrando, que cortava o cabelo dele, e Delmiro tinha combinado com o Marçal de se encontrarem no Lorindão. Lélio, por um instante, se desajeitou, sem conselho, se apoquentava. Sempre quando queria forte

uma coisa, seu querer vinha grôsso, desnorteando-o sem proveito. Mas justo chegava um, o Mingôlo, José Miguel, que dizendo: — "Eu estou mesmo com os pés p'ra lá..." Também ia às "tias". — "Estou chegando do São-Bento... Hoje se tirou leite muito antes do sol ameaçar..." O Mingôlo tinha a cara quadrada longa, de cavalo, e marcada de bexiga, estalava dedo e os cachorros da fazenda pulavam por ele, em festas. Disse queria pedir ao Canuto ajuda de escrever uma carta para a nôiva, que morava no Andrade-do-Amparo, do outro lado da Serra do Saldanh', ainda do outro lado do Morro do João Matias. Carta que logo mandava, quando tivesse próprio portador. E o casamento havia de se abençoar entre o Natal e o São-José. Dona Rute já tinha se aceitado de ser a madrinha... E, para Lélio: — "Então, companheiro, a tudo vamos. Elas estão só esperando a gente..." "— Pois também vou com vocês..." — agora falava Delmiro, inesperado. "— Mas chego só até perto e volto; agora lá já tem gente demais..."

De caminho, Lélio perguntava, e ia sabendo, finalmente. As "tias", a Conceição e a Tomázia, se consentiam à farta, por prazer de artes. A Conceição era preta. — "Mas uma preta sacudidona e limpa, não tem um defeito num dente..." Moravam numa casinha bem estável, à beira do córrego, depois daquela capoeirinha, que se avistava. — "E o seo Senclér deixa? Dona Rute?!" "— Mas elas duas estão aqui na Casa, até quase no diário... Elas é que lavam a roupa toda da fazenda... Tem tempo que trabalham até no eito, ou então em fábrica-de-farinha." O Mingôlo caminhava num passo largo, ligeiro, e assoviava, no natural de um que estivesse vindo para lavar as mãos antes do almoço, ou só beber um caneco de leite ao pé da vaca. Lélio seguia-o, sério. Sempre que ia para uma novidade de mulher, ele esperava qualquer maravilha, de quase milagre; quando, na hora, ele escopava: tudo era tão muito menos do que um esquentara imaginado. E só depois, muito tempo, então no descôrpo da lembrança da gente era que aquele viço antigo das coisas tornava a lumiar, feito poeira levantada, que se traspassa enfiada de sol e vem repousando, não pousa. Delmiro parece que atrasava o passo, de propósito, e fazia um escárneo de um risinho, como para bobear dos outros dois.

— "Elas criam galinha, também. Engordam até um porquinho..." E plantavam sua mandioquinha, também, e, entre a casa e as touceiras de bananeiras, tinha uma horta, condizida com sua cerquinha de varas. O lugar era bonito. À frente, um terreirão meio redondo, o chão amarelo, muito batido, muito varrido, rodeado por mangueiras, onde debaixo delas

o Pernambo já se estava numa rede de tapuirana, de árvore a árvore. Havia também dois bancos, de talas de buriti. O Pernambo brincava na viola; acocorado perto dele, Placidino tocava seu berimbau. Peças de roupa secavam, numa corda, ou estendidas no capim. Acolá, no lime da porta, aparecia uma preta — retinta, de cara redonda e brilhante, com enormes brincos moçambiques nas orêlhas, ela era cheia de corpo, roliça em completos, com um vestido vistoso, de chita clara com vermelhos floreados; calçava chinelins e enrolara um lenço estampado na cabeça. Era a Conceição, conforme se queria.

— "Ô morena! — gritou o Mingôlo. — Morenando sempre mais?" "— Ora veja! — ela respondeu de lá. — Cê quer brancura, ou quer fartura?..." "— Oxente! Acho que vou querer é você, até sapo suspirar em córrego!" "— Pois vem." "— Me deixa tomar fôlego..." "— Não se toca boi à força, nem para o pasto melhor..." "— Tem dó de um. E qu'é da Tomázia?" "— Contente que está no quarto, com o Zé-Amarel." "— Beldroega!" "— O menino também carece de aprender, pois não carece?" Mas o Mingôlo dizia que ia ceder vez ao companheiro novato, por escala. E a Conceição encarava Lélio, abrindo aquele polvilho de riso, dando por olhos um convite de muita amabilidade. — "Hã, ele veio conhecer os préstimos de mulher?" — ela favoreceu. Lélio se virava para Delmiro, pensando que esse ia voltar passo; mas Delmiro disse só: — "Resolvi, fico te esperando." E se sentou no banco. — "Por ora nós dois já estamos servidos..." — o Pernambo falou, por si e por Placidino. Então Lélio caminhou, meio sorrindo também, para a preta, que pegou delicada na mão dele: — "Bom, que cê veio. A gente já estava esperando, poder avistar o novo, como é..." Entraram. O Pernambo cantava: *...Aruvalho também pesa: pesa na ponta da folha...*

Quando, passada uma meia-hora, Conceição o trouxe de volta ao terreiro, ela disse aos outros: — "Este um é um cacique!" Todos riram — o J'sé-Jórjo também ali estava, e o Zé-Amarel. Mas a brincadeira da Conceição não ofendia, antes mais agradava, porque a fala dela, clareando forte, era só um sincero de qualidade. Assim quando chamou, pensando que Lélio ia-s'embora: — "Ôi, tu tá sem tempo, ô coisa? Espera, p'ra conhecer a Tomázia..." Era melhor, mesmo, disse o Delmiro, agora sem pressa, dando-lhe um cigarro já feito. *...Meu sangue caíu de mim, cortado no coração...* — o Pernambo cantava. Com a Tomázia, agora era o

Mingôlo quem estava? E o Delmiro, um tanto vexado, se acorçoou e entrou com a Conceição.

Lélio se sentava, consertava seu ser. Bem que ao bem, se contentara, repago em tranquilidades. Acendeu o cigarro, pitava. Pensava na Conceição, muito agradecido. A preta ouro valia. No começo, o fora enrolando, tratando-o com um carinho escorrido e certo, com perleixos e teus-agrados, sem momice, carinho de mãe que achêga o filho, com perdão de comparar. Mas, direto depois, virava estonta, rolava, sacudindo seus meneios, fechava-o — como cavaleiro que não quer deixar o animal defastar —; e ela mesma sabia disso, que no aí, no pouco pudor, ditava: — "Aguenta, Bem, tem medo não: côice de égua não machuca cavalo..." Saúde, serenava. — "Agora, que você já está fronho aqui, não deixa de voltar, meu filho... O mais que você puder..." — ainda disse, depois, cá fora.

Como o Pernambo ouviu, e logo cantou: *...Te vejo só no domingo, padeço toda a semana: uma coisa é buriti, mas outra é buritirana...* Daí, Lélio no sensato, cismoso. *...Buritî, rei da vereda, de crescer envelheceu: quer seu chão nas altas nuvens, e a água azul que tem no céu...* — esvoava a cantiga do Pernambo. Que cantasse mais, pediam todos: tirasse o Testamento do Papagáio, o Abecê dos Bem Casados, a Bôda do Sabiá com a Beija-Flôr. Não. *...Buriti beirando a água, eu beirando o não sei quê: quando choro, lavo mágoa, canto é secando sofrer...* Mas o Pernambo queria era que começassem um truque, tirava da algibeira o baralho, mandava Placidino ir buscar uns sacos, para forrar o chão do terreiro. O que cantava, era de alto estado, como roubava de Deus: *...Buriti virou um homem, me pegou e me fez mal. Agora, casa comigo, Buriti, Buritizal!...*

Soltando o Mingôlo, solertes, a Tomázia saía e aparecia. Clara era, e mesmo não feia, nela nem se notava quase o pirotinho de papo no pescoço. Veio até cá, acender o cachimbo, e fazia os esforços, no caminhado empinava um apuro, para seu andar causar bonito. Tinha até pó-de-arroz e pintura de vermelhos, na boca, na cara. Em parte ela falava difícil, repicando o acerto de cada palavra, e em parte a gente via que estava imitando a Conceição. Saudou Lélio, senhora-dona, mas com fino de amizade, socialmente: — "Muito prazer em conhecer..." O Pernambo, por palhaço, pegou e beijou a barra da saia dela: — "Princesa-Rainha, que queixume é esse? Prostro em vosso real..." "— Faça-se ideia! — ela rebicou. — Você, íssia! Acabou de comer e já estais em jejuns?!" "—

Princí-Princesa, não engasga o pobre! Por falta de muito agrado, ói que eu me desvou daqui, não volto, viro donzeleiro...” “— A por! Cabaça! Se imagine... Pobre das mocinhas novilhas, a que tiver que se aguentar com um mutão desses... Tu é boi no umbigo! E tu tem xodó por mim, eu sei...” — ela ainda muxoxeou. Tirou uma cachimbada, e emprestou o cachimbo ao J’sé-Jórjo. O Placidino se esticou em pé, fazendo menção olhada de ir entrar junto com ela. Mas, com um não de dedo, ela mandou que ele esperasse vez. — “Paciência, meu filho. Agora ainda é outro...” E olhou para Lélio, com denguice, mas também com tanto damêjo de soberania, que parecia estar esperando de ser tirada para uma dansa em sala. E Lélio foi.

Variar era variar, e na Tomázia um tinha bem outra. De começo, mesmo no quarto, ela não perdia aquele vizaví melindroso de visagem, convidava para ele se sentar no tamborete, ia buscar uma xicrinha de café. — “Descansas repousado, Bem, p’ra te acostumar com o lugar. Boi sempre estranha bebedouro novo... Mas não olha p’ra cima, não repara, que tu só vê é capim e esses fios de picumã... Tudo no Gerais é bom, mas ainda tem muito atraso...” Depois, perguntava coisas da vida dele. Queria saber se ele achava que ela era bonita. Mas um brilho diverso lavorava naqueles olhos, e ela dizia o exato: — “Bem, vamos principiar, que tem os outros lá fora esperando...” E num zape ela mudava: só manejo de meiguices, ficava serviçal simples, mansa e em fome de avanço como uma cachorrinha, e cabeça cheia de invencionice. Tinha nôjo não, dizia que gostava era de ensinar coisas. Já tinha sido de zona, de bordel, na cidade — lá se chamava era *Lindelena*... — “E quem trouxe você p’ra cá?” — Lélio indagou. — “Quem? Adivinha, só. Não acerta? Pois foi o seo Senclér, mesmo, Bem. Ele já teve rabicho, por mim! Tenho muito lombo...” E agora, seu Senclér ainda se encontrava com ela? Ah, isso não, fazia muito tempo que não. Mas era por causa que a mulher dele tinha mandado cozinhar para ele bebida de amavías, modo d’ele desgostar de todas fora de sua casa... Lélio se espantava de escutar aquilo. Ainda mal pudera ver direito dona Rute, mas Delmiro, Pernambo, Canuto, todos com a admiração tinham referido como ela era: linda, macia, branca, do Céu, e uma delicada simpatia tanta — lá em cima, na Casa, dona Rute, flôr-d’altura, a que podia ser por esses grandes Gerais todos o rebrilho de uma joia... E ali aquela Tomázia, cachimbando! Até ele se desgostou, em si; de dado de uma raiva. Mas, por não cuspir nunca no prato em que se comeu, ele pegou e fez nela um

carinho. — "Agora, Bem, que a gente está assim em lua-de-méis, você pode vir aqui em dia-de-semana também, de tardinha, no escurecer. Tu vens?" — ela falou, pondo-o de molho no comprido daqueles seus olhos. — "Uai, e pode?" "— Não abusando, pode. Pois o Canuto só vem agora é assim, ainda trasanteôntem veio. Soussouza também, Lorindão também. E o J'sé-Jórjo, esse aparece aqui dia-de-domingo, mas para os ares e assuntos; p'ra o sério, com ele é só de noite, ele precisa de se esconder dos companheiros, esse precisa de ser escondido de todo o mundo..."

Lá fora, no terreiro, Lélio se sentou na rede, tinha de esperar que acabasse a mão de truque, que Delmiro estava jogando. Mingôlo entrara com a Conceição, e o Placidino com a Tomázia. Quem jogava com o Delmiro eram o Pernambo, Zé-Amarel, e o Ustavo. O Ustavo ficou conhecendo Lélio, e explicou: tinha vindo só para dar um recado ao Mingôlo, e o Pernambo pedira para ele auxiliar um instantinho na sota, só parceiro; mas dali a logo ia s'embora, era homem com responsabilidade, queria não saber de forjico, mulher dele o estava esperando, em casa de compadre Soussouza. — "A bem, seu Ustavo, e joga! Aí, vou com uma dessas meninas, já estou sentindo falta..." — o Pernambo ralhou. — "A com qual?" — perguntou o Zé-Amarel, que a momento olhava para a porta da casa, assim como boi sente o sal. — "Tanto faz como tanto fez, meu filho. Tu escolhe uma, deixa a outra p'ra mim..." O Pernambo fazia a vaza.

Um desgosto caíra no coração de Lélio, pequeno e dono em poder como uma sementinha. Não pelo em-ser daquelas duas mulheres. Somente saudáveis. Aquelas ancas não se poupavam. Só podia gostar delas. E ali mesmo ia ouvindo, dum e doutro, como elas eram irmãs de bondade, no diário, no atual, e tudo mereciam. Não recebiam dinheiro nenhum — só, lá de vez em quando, quem queria dar dava um presentinho — e estavam ali sempre às ordens. E ainda ajudavam mais: lavavam roupa, botavam remendo ou costuravam botão, faziam remédios p'ra quem precisasse: ainda hoje a Tomázia tinha pilado folhas novas de assa-peixe para pingar o caldo nos olhos do Placidino, que estavam com um começo de inflame. E, mesmo, o que seria de um pobre feioso e atoleimado assim, como o Placidino, sem afago nenhum, se não fossem elas? O que gostavam era de homens, e prezavam mais os vaqueiros. Quando, dali a pouco, a Conceição saía, soltando o Mingôlo, ia outro visitante chegar, e recebia-o em brados, alto falava: — "Já vem o Brêtas me cansar!..." O Brêtas era um sitiante pequeno, nas nascentes do Ribeirão, e tinha caminhado três léguas, desde a

madrugada, para vir ver as Tias. E ainda trazia um balaio com jaboticabas. — "Esse Brêtas tem pelos na orêlha! Bode, bode..." Mas a Conceição o abraçava e tratava-o bem. — "Será, que diferença é que vaqueiro tem dos outros? — Lélio glosava. — Vaqueiro ou lavrador, tudo é uma igualha..." "— Igualzinho igual, não é não. Eu é que sei... Vaqueiro é homem mais em pé, é homem circunspeito..." E a Conceição levava o Brêtas para dentro. O Ustavo já se fora, passando as cartas para o Mingôlo. A tristeza de Lélio aumentava. — "Tem pressa não — o Pernambo falava. — Almoço lá hoje é muito mais tarde. Nem daqui a umas duas horas." "— Mas eu ainda vou antes passar em casa de Lorindão" — falou Delmiro. Um menino apareceu, meninão de olhos arregalados, sem coragem de se chegar, ficou abraçado com uma mangueira. — "É o Silirino, filho de Ilírio Carreiro. Espera só, p'ra vocês verem uma coisa." E o Pernambo estava presumindo certo. A quando a Tomázia saíu do Placidino, e veio tirar uma cachimbada, deu com os olhos no Silirino, e cresceu nos cascos: — "Puxa daí, crila, te vai p'ra casa! Tu é anta ainda com riscas brancas, cheirando a cueiro..." O Silirino ainda queria abrir a boca, por dizer sua razão, mas a Tomázia mencionava o de pegar em vara de marmelo, e ele deu de pé, ao tanto corria longe, safado, desaparecia. — "Agora podemos ir" — dizia Delmiro, o jogo terminado. — "É cêdo, cêdo. Vocês não aceitam de chupar jaboticabas?" — e a Tomázia olhava os dois, com um olhar que era de amor por todos. — "...Mas vocês voltam, depois de almoço?!" — "Voltamos..." — "Voltamos..." — Lélio ainda prometia, enquanto o Pernambo passava braço na cintura de Tomázia, os dois entrando para a casa.

Lélio e Delmiro vieram um espaço calados, somente no caminhar devagar. O tempo firmara. O sol secava quase toda a lama. Secava dura, ali nos Gerais a lama logo se atijolava, mais que em qualquer outra parte. No arvoredo, verde novo e velho, que enfarava, só as borboletas estavam maduras. Um cachorro latia, com sotaque humano. Passarinho cantava, o canto de chama: no que diz, desdiz. O dia se alargava bom, nuvens só num ponto; o azul do céu insistia. As bananeiras rasgadas, dependuravam rôxos corações. Ao pé dum gravatá, de folhas com os espinhos pontudos cruzados em dois rumos, queria se esconder um caboré-do-campo, perdendo suas penas: o menor dar de vento as sacudia.

Delmiro esbarrou, coçava o nariz, limpou pigarro. Depois pôs os olhos para cima, e empinou os ombros. — "Diacho! — disse. — O que é, é: é o

regalo do corpo. Homem foi feito assim, barro de Adão não é pedra. Mas eu não estou inteiro nisso... Às vezes, depois, me dá um nôjo, outro. Principío uma vontade, um desespero de sair do mole do diário, arranjar meu jeito, mudar de vida. Aí, queria trabalhar, ou andar, num rompante, tirar em mim um esforço grande, mesmo como nunca eu fiz...” Lélio não respondia. Mas, por dentro dele lavorava que nem um susto, um arrocho maior. Tudo o que o Delmiro dera de falar, era, igual por igual, o que ele mesmo vinha em remorso pensando. Enquanto era ele sozinho sentindo, aquilo importava de menos, era como uma das muitas coisas desta vida, desencontradas, que, mesmo perturbando um momento, a gente podia ir deixando para mais tarde, mais tarde, p’ra repensar direito e se resolver. Mas, agorinha, quando um outro também sustentava assim, e falava, parecia então que o peso de pressa era maior, subia uma tristeza, um medo, um estava pisando borralho quente.

Quando Delmiro se apartou, indo para o Lorindão, Lélio ainda não quis voltar para a Casa. Dali era perto, e ele nem estava com fome. Foi andando a meio rumo, ao deusdar. Tomou por um trilho-de-vaca, que beirava o cerrado ralo. Um gavião gritava por outro, rodavam em alto voo, o tempo do dia se esquentava; sempre como sempre. A chã, por onde ia, descambava; ele pensou: “Daqui, vou dar numa vereda...”

Andou mais, embebendo tempo.

E, vai, a solto, sem espera, seu coração se resumiu: vestida de claro, ali perto, de costas para ele, uma moça se curvava, por pegar alguma coisa no chão. Uma mocinha. E ela também escutara seus passos, porque se reaprumou, a meio voltando a cara, com a mão concertava o pano verde na cabeça. E — só a voz — baixinho no natural, como se estivesse conversando sozinha, num simples de delicadeza: — *“...goiabeira, lenha bôa: queima mesmo verde, mal cortada da árvore...”* — mas voz diferente de mil, salteando com uma força de sossego. Era um estado — sem surpresa, sem repente — durou como um rio vai passando. A gente pode levar um bote de paz, transpassado de tranquilo por um firo de raio. Lélio não se sentia, achou que estava ouvindo ainda um segredo, parece que ela perguntava, naquele tom requieto, que lembrava um mimo, um nino, ou um muito antigo continuar, ou o a-pio de pomba-rola em beira de ninho pronto feito: — *“...Você é arte-mágico?...”* Viu riso, brilho, uns olhos — que, tivessem de chorar, de alegria só era que podiam... —; e mais ele mesmo nunca ia saber, nem recordar ao vivo exato aquele vazio de

momento. (Uma vez, na Tromba-d'Anta, se deu que ele estava montado numa mula empacadeira, quando de longe uma vaca avançou: e que vinha em fé furiada, no medonho com que vaca investe. Esporou, esporeou — é baixo, a besta não queria se mover do lugar. Então, ele fechara os olhos — para não ver doer. E sucedeu que a vaca desdeixava de vir mais, tinha travado esbarrada, em distância, desistindo. Estava salvo. Mas, para ele, aquele gotêjo de minuto em que esperou, esperdido, estarreado, foi como se tivesse subido dali, em neblinas, para lugar algum, fora de todo perigo, por sempre, e de toda marimba de guerra...) E era nela que seus olhos estavam.

Mas: era uma velhinha! Uma velha... Uma senhora. E agora também é que parecia que ela o tivesse visto, de verdade, pela primeira vez. Pois abaixava o rosto — de certo modo devia de estar envergonhada, se avermelhando; e, depois, muito branca. Assim o saudou. A voz: — "...'s-tarde..."

— "Deus em paz!" — ele mesmo disse. E precisou de fazer alguma coisa em positivo trivial — caminhou, ajuntou os gravetos catados: — "Dona, a senhora deixa, eu carrego, eu ajudo..."

No feito, se esquecia da suspensão em que estivera. Bobagem. E teve até maldade de querer rir, quando ela deu explicação: — "Eu estou é passeando. Mas Crispininha e a Góga não tomam trabalho de escolher, trazem para casa lenha de qualquer má qualidade... Por isso, não posso ver atôa um galho de pau-d'arco, ou de muricí ou tinguí..." Manso, o tom de voz demudava, tão ligeiro: — "Carregar peso leve é que cansa homem... Mas, faz mal não, você vem, que eu sirvo uma xicra de café..." Falava de velha para moço, quase brincalhã. Abria os braços, mas sem estouvamento nenhum. Era diversa de todas as outras pessôas.

Salvante que aquela firmeza em pisar e caminhar não dizia de mulher idosa. Nem os sapatos pretos, de sola baixa, nos pés miúdos, tudo tão sobressaído singelo. Se lembrou dos usos, então perguntou: — "Onde é que o senhor existe?" Perguntou em sério de cerimônia, mas sem perder a graça de doçura, nos olhos uma bondade — de certo resguardando dó por um pobre desconhecido, viajado por este mundo. Lélio já tinha levantado o manojo de gravetos, e demorou para responder que morava ali mesmo no Pinhém. Porque aquela voz acordava nele a ideia — próprio se ele fosse o rapazinho da estória: que encontrava uma velhinha na estrada, e ajudava-a

a pôr o atilho de lenha às costas, e nem sabia quem ela era, nem que tinha poderes...

Mas um cachorro latiu, e aos pulos veio. — "Tira lá, Formôs! Amigo..." O cachorro esbarrou, dando de cauda, mas queria lamber as mãos de Lélio. — "Não vê? Falo: *Amigo*, ele entende..." Tir-te e guar-te, porém, ela mesma atinava então que ele era o vaqueiro novo chegado, e a quem já esperava para conhecer, também por agradecer. Olhava: estava abençoando. E, quando chegaram, e que Lélio largou o feixe de gravetos, ela segurou um momento as duas mãos dele. No suave saudar, nunca pessôa nenhuma tinha feito assim; ou, de certo, tinham feito, quando ele era muito menino.

Dava gosto ver que a casa era de têlha e paredes caiadas por dentro e por fora, em regular estado, bem maior do que uma casa de vaqueiro. A meio-lançante de uma ladeira breve, conforme estava; no fundo de lá, quase no sopé, com o agraço de capim em volta, rebrilhava uma lagôa. — "Tem as outras, lagôinhas... Olha: ali mora um frango-d'água, junto dum pôço que é dele só..." — ela apontava. O lugar se chamava a Lagôa-de-Cima. — "São três alqueires, estes, fora da posse do Pinhém. O Alípio herdou, por cédula de testamento..." E mesmo tão perto. — "A casa de Lorindão é a dois passos. E a de Soussouza é bem aqui..." Na frente, três canteiros de jardinzinho, com roseira, malva, e onze-horas de mais de uma cor.

Velhinha, os cabelos alvos. Mas, mesmo reparando, era uma velhice contravinda em gentil e singular — com um calor de dentro, a voz que pegava, o acêso rideiro dos olhos, o apanho do corpo, a vontade medida de movimentos — que a gente a queria imaginar quando moça, seu vivido. Velhinha como-uma-flôr. O rastro de alguma beleza que ainda se podia vislumbrar. Como de entre as folhas de um livro-de-reza um amor-perfeito cai, e precisa de se pôr outra vez no mesmo lugar, sim sem perfume, sem veludo, desbotado, uma passa de flôr. Disse: — "Meu Mocinho..." Mas dizia depressa, branda e enérgica, que nem que "meu-mocinho" um nome fosse, e que ele mesmo fosse dela, por bem que tantos cuidados não o prendiam nem vexavam. Ela olhava reto. O que falava — a gente fazia. Mandava sem querer. Lélio se sentou no banquinho baixo. Ela disse que ele ia ficar para almoçar. E ali reinava um sossego.

Tão à vontade, Lélio achava estúrdio que o conhecimento dela tivesse sido só daquela mesma hora, parecia poder puxar lembrança comprida. Com uma delicadeza tão de natural, ela tirava os carrapichos presos na

roupa dele. — “Sabe o nome destes, meu Mocinho? É *amor-de-tropeiro*...” E ria. Um dia a moça Sinhá-Linda de Paracatú podia ter rido assim. De que coisa ele estava querendo se lembrar? De onde? Mas uma preguiça sobrechegava também, daquele bom se-estender de descanso, sem dúvida de remorso nenhuma, e deixava logo aquietada e sem pressa aquela vontade de saber muitas, tantas coisas. Por um falar, ele disse: — “A senhora é uma santa...”

— “Que remédio?...” — ela respondeu, com uma festa de riso. — “Meu Mocinho: nunca fui soberba... E acho que nem não fui tola. E se não ganhei fama de santa, também pior não tive, em derredor do meu nome... Até padre-monsenhor se hospedava em minha casa. Todos me declaravam respeito. Não fui maninha: tive um filho — o Alípio...” O Alípio estava bem de vida, acrescentando sempre. Era sitiante a dali cinco léguas, na Pedra-Rendada: lá tinha até terra-rôxa-misturada, que tudo produz. Ao dito, ele era já fazendeiro, de verdade, dono de seiscentos alqueires. Mandava de tudo para ela: arroz, feijão, milho, banda de capado, todos os mantimentos; mandava dinheiro. Mas pouco vinha ali, porque trabalhava o tempo todo, no desejo de mais se enriquecer. E ela não morava na Pedra-Rendada, porque a nora não queria, não gostava, as duas combinavam mal.

A quando escutaram relinchos, ela chegou à janela, espiando a animalada que retouçava na outra vertente, em pastêjo, os poldros de bela arqueadura. Ela disse: — “Eu gosto de ver os cavalos...” De aviso, em pé diante dele, ela mesma falava, passando as mãos no vestido: — “No velho, tudo — gestos e roupas — escorre para baixo...” Não era tom de queixa. Falava sobranceira simpática, rindo um pouco de si; e de si firme. Aquela mulher dava jeito de que nunca se queixasse; em sua brejeirice, não tirava da compostura. — “Um dia você ainda vai ver, meu Mocinho: coração não envelhece, só vai ficando estorvado... Como o ipê: volta a flor antes da folha...”

Era bom, ficar escutando o que ela falava, e que mudava sempre. Falava muito em Deus, mas como se Deus estivesse nem muito longe nem muito perto demais — que nem o seo Senclér, o filho Alípio, o Governo. Referiu o que era o Aristó: — “Buriti de homem. Pedra feita para mil anos, deixa cem anos chover...” E o Lidebrando: — “Deus deu a ele uma boa natureza. Tem desses, também: que só estão aqui para acertar, pôr calço e temperar...” Canuto e Delmiro — eram mesmo o contrário um do outro: — “Canuto quer, por si, em si, o que muitos velhos antes dele quiseram sem

muito proveito... Delmiro quer, agora mesmo, o que é só para os filhos e netos dele quererem...” E o J’sé-Jórjo? O que emprestavam a ele, dele não era; e o que era dele, dele tomavam... E o Pernambo? Esse gostaria de poder ser ruim, mas sem fazer ninguém sofrer; nem ele mesmo. E o Fradim? — “Esse, aprendeu com tanta fúria a fazer bom queijo, que agora vive com medo de teta de vaca mudar para dar garapa — e ele não saber fazer rapadura melhor do que os outros...” E o Soussouza? — “O mundo para ele é bom, porque continuou sendo variado de grande. O Soussouza permaneceu menino ajuizado...” E o Placidino? — “Ainda é de outra felicidade. Esse está ainda por debaixo da asa de Deus — a gente logo está vendo...”

— E... eu? — Lélio finalmente perguntou.

Ela esbarrou um tempo. Depois disse, com o mesmo meneio de voz: — “De você eu gosto demais, para saber, meu Mocinho. Você é o sol — mas só ao sol mesmo é que nuvem pode prejudicar...” E como Lélio achasse graça: — “Gostei, sim. Você é diferente. Tenho até pena de que essas moças te esperdicem...” Demorava. — “Você devia de ter me conhecido era há uns quarenta anos, dansar quadrilha comigo... Então, você havia de me chamar de *Zália*: como o Major João Pedro, o Doutor Guilhermes, o Nhô Eustáquio pai de seo Senclér, o André Faleiros pai de meu filho Alípio, o Anselmão, o João Toá, o Bóque... Rosalina. Você acha bonito, o nome? Já fui mesmo rosa. Não pude ser mais tempo. Ninguém pode... Estou na desflôr. Mas estas mãos já foram muito beijadas. De seda... Depois, fui vendo que o tempo mudava, não estive querendo ser como a coruja — de tardinha, não se vôa...”

Não continuou naquele desgabo. Mas segurou a mão de Lélio, e disse, curtamente, num modo tão verdadeiro, tão sério, que ele precisou de rir forte, de propósito: — “Agora é que você vem vindo, e eu já vou-m’bora. A gente contraverte. Direito e avesso... Ou fui eu que nasci de mais cedo, ou você nasceu tarde demais. Deus pune só por meio de pesadêlo. Quem sabe foi mesmo por um castigo?...”

O almoço era farto, se comia pai-com-filho: angú de fubá e papas de fubá com carne de ôsso guisada; e cansanção — aquela urtiga verde-pato, verde brilhante, que ardia e servia também para se esfregar em peito de galo-capão, para que por precisão de neles se coçar ele aprendesse a agasalhar e criar os pintos, chocados por galinha. Dona Rosalina era que lembrava aquilo, com tanta graça no falar, até a velha preta, a Góga, e

Crispininha, a meninota, tinham vindo para escutar. O cachorro Formôs, feliz de todos, aparava os ossos. E Dona Rosalina ria e dizia outras passagens divertidas, e mais perguntava a Lélio coisas a respeito dele mesmo, mas sempre só aquelas que ele tinha prazer em recordar e falar.

Pois mesmo, por melhor, o dia tinha refrescado, dando um vento vulgar, o vento que naquela hora do ano por ali vem tôrto, passando um pouco por Bahia. Lélio então estivesse vivendo aquilo de cór. A bem, achava, certo, que devia de estar ali comendo e conversando, naquela casa, e não em nenhum outro lugar. Com tanto senhorío de nobreza conservada, a velhinha por nunca se desabusava, e não esbarrava em ninguém o poder-de-si. Ela tinha vida ensinada. O que de repente dizia: — "Homem é criatura de diversos lados, desparêlha. Olha o Izaque: corajoso, corajoso, sempre de galope doidado no campo e topando boi bravo todo dia, no atual, sem pavor nenhum, sempre em perigo de beirinha... E pois, quando ficou sabendo que estava dando bexiga-preta na Vargem, ele pegou a trestremer, morto de medo da morte... O Izaque foi o primeiro marido que eu tive..." A cada qualquer coisa que ela notava e falava, a gente mesmo ia se dando mais valor. O sopito de sujeição do espírito — daquele instante em que primeiro se encontraram — disso Lélio nem fazia nenhuma ideia, mais, agora tudo repousado por natural, só o bafêjo prezável de paz: como em certas madrugadas, de janeiro quando não chove, em tudo ainda a mistura de claro e preto e mais azul, e ainda estrelinhas no céu, a gente na estrada, com os companheiros, nem era preciso conversar nem espiar uns para os outros.

Dona Rosalina tinha alguma parecença com a senhora estrangeira velha mãe do Inácio Pérpo, peão na Tromba-d'Anta. A voz lembrava a de uma senhora chamada dona Filhinha, que cantava na igreja, e tocava harmônio, na Itamarandiba. E no mais por este mundo sempre tem pessôas de muita bondade e simpatia. Depois do almoço, ela foi dizendo que Lélio devia de tirar o paletó e descansar à vontade a gosto, e armou a rede para ele na sala de fora. Sem riço de desprezo nenhum, só por caridade de servir, falava coisas a respeito da roupa dele, dava conselhos. — "Depois, vou arranjar pano bom, fazer umas camisas para você, meu Mocinho..." Ela entendia tudo, de roupa de homem.

Mesmo, ali tudo se passava diferente de em outras partes. Por um exemplo — quando Manuela apareceu, passeando com os meninos de Soussouza, Lélio não se inquietou, não desgovernou em seu estar. Manuela

era sacudida, imediata de bonita, clara, forte de corpo, com pernas de um bem feito que primeiro de tudo a gente reparava, ela mesma não escondia muito as pernas. Nhá e Nhô, os meninos de Soussouza, queriam ver o papagaio, que se chamava Bom-Pensamento. O papagaio saía de seu sono do meio-do-dia, e falava: — *"Rosalina, meu bem! Rosalina, meu bem! Eu te tenho muito amor!..."* A Manuela era moça despachada: quando ouvia isso, olhava para Lélio, bem de cara-a-cara, e depois perguntava à Dona Rosalina o que era o amor. — "O amor, minha filha, é como essa estória, que eles dizem: que pé de coité, nascendo em quintal de fazenda, dá má-sorte... Mas que não se pode cortar, mas também não se pode deixar — de qualquer jeito, que seja, fazenda que tem pé de coité dá atraso, os donos da casa sofrem..." A Manuela era tão sadia, que a gente achava que ela devia de ter um cheiro gostoso.

Daí depois, quando o Canuto chegava, ele mostrou certo espanto desagradado, por ver que Lélio estava ali. Mas disso não disse. Tomou a benção à Dona Rosalina, e ele e Manuela fingiram surpresa tão grande, que a gente logo via que tinham vindo de combinação. Lélio se retirou para um canto, dando a eles sua ausência. Mas via de lá como o Canuto também não tirava os cujos olhos das pernas de Manuela, as formosas pernas grossas, de moça que come muita abóbora. Para namorado, espiar assim, Lélio achava que era falsidade, as indecências. Aquele papagaio, Bom-Pensamento, é que era um de pouco falar.

Ao que passaram também, dali a pouco, passeando por frente da casa, Biluca e Mariinha, com Delmiro e Marçal, e Lorindão tomando conta. Mariinha era uma sim-senhorinha de bonita, mesmo linda, de certo estava de namoro com Delmiro. No que conversaram, ela se atalhava muito séria, diversa de Biluca, tão saída e prazenteira, em seus bons direitos de moça nôiva. E Lélio olhava Manuela e olhava Mariinha — com qualquer das duas ele tinha caso de felicidade, se em seguido de sina de se gostarem. E mais não pensava. Nem se importava de ver como na conversa Delmiro, dito tão seu amigo, agora caçava sempre o jeito de desfazer em tudo que ele Lélio falava. Nem criou inveja do ofício de Marçal e Biluca, que namoravam de amor o tempo todo.

Sendo que o pessoal se despediu e foram passeando mais adiante, Canuto e Manuela e os meninos de Soussouza foram junto. Dia de domingo era contente, no Pinhém. O que Lélio agora queria, devagarinho, era tornar a voltar nas Tias. Mas então Dona Rosalina falou assim: —

"Meu Mocinho, eu fiquei reparando a feição de você avistar estas moças, tão aprazíveis, e acho que você é capaz de já ter algum amor seu, bem no guardado; porque com nenhuma delas seu coração mesmo não se importou..."

Lélio ia dizer que não. Mas, sem opinião e sem razão, se lembrou da Sinhá-Linda, e se riu; e, como resposta, disse dela, com modos e olhos, maneira de demorar calado. Ao que vendo, Dona Rosalina mesma sorriu um sorriso esperto, disse baixinho: — "Boi com cincêrro no pescoço, é peta pelejar para se esconder, não é?"

Desde o que, Lélio começou a contar, e contou tudo relatado, daquilo que ele mesmo não sabia se era amor ou se era só bobagem. Dona Rosalina tinha estado no Paracatú, achava que conhecia aquele senhor Gabino. — "Mas, ele, se tem essa filha, só se ela for muito menina demais, muito nova para você, meu Mocinho..." — ela fazia as contas. — "...E mesmo pelas idades, você também caíu num desencontro... Ou me engano? A outra é outra..." Parou, muito séria. Por aquele sério, num momento Lélio dôidamente pensou no possível de qualquer coisa, como se de repente ela fosse capaz de trazer ali a Sinhá-Linda, gostando dele, estória de sonho. — "Mas você, meu filho, tem coração lavradio e pastoso..." — foi só o que ela por fim disse. E ele estava satisfeito. Meante quando se despediu, ela o beijou na testa.

Dali Lélio voltou direto à casa das Tias. Aquele seu bem-estar, de espírito e de corpo, ele precisava de gastar, modo urgente. À hora, lá estavam fazendo o sempre o Pernambo e Placidino, e o J'sé-Jórjo, o Zé-Amarel, o Mingôlo, o Brêtas, e mais: Juca Cinco-Chagas, o Bereba, um João Acabral, outro enxadeiro. Salvaram a chegada de Lélio, com uáis e gritos ditos, assoprando a alegria. Marcavam um movimento menor, do que de manhã, e todos, mesmo com as duas mulheres, proseavam ou jogavam no terreiro. Mesmo assim, de vice vez, um deles se dava por entendido com uma delas, gazeavam para dentro de casa; os outros não opunham dizer. E mesmo Lélio teve outra vontade do ensêjo corposo da Conceição e dos mimos senvergonhados da Tomázia. As duas ficavam ali, como de serviço tão sutil. O Pernambo descantava: *...Debaixo do buriti, vi teu rastro no lugar. Enterrei sete pedrinhas: você tem de lá voltar...*

Ao assente, Lélio criou razão de saber a respeito de Dona Rosalina. — "Ah, eu até, dia-de-domingo que vem, não deixo de ir passar lá, tomar benção a ela..." — pronunciou o Placidino. — "Ela tem uma glória...

Aquela, sim, é uma pessôa!" — o Pernambo falou. ...*Ponho flôr no teu sapato, dixe de ouro na tua mão; corôa nos teus cabelos, amor no meu coração*... Mas mais aí o Pernambo virava e achava que um dia podia se casar com as duas Tias, de uma vez, e ficar existindo de palácio, ali, de cada um que viesse com elas ele cobrava entrada. Todos riam, tal e tal. ...*Fui andando beira rio, saí na beira do mar; cheguei lá, tinha esquecido: o que que eu ia perguntar?*... — "Por aqui só tem estas duas 'tias', hem Pernambo?" "— Assim no a-mão, é só. Você acha pouco? A bom: facilitada, tem também a Caruncha, que mora do outro lado do Ribeirão. Até é bonita mais achável. Somenos meio estúrdia, quase nada não fala, isto é, é mesmo muda, e tem um menino de uns quatro anos, ninguém nem sabe quem é o pai. Essa acaba dando cisma..." ...*Eu não tenho pai nem mãe, nem parente nem irmão: sou filho de uma saudade, cruzada com uma paixão*... Pensamento de Lélio deu na Jiní. Deu de tristeza. Será que ela e o Tomé não íam em parte nenhuma, que os outros desprezavam aqueles dois? Mas o Pernambo explicou: que não, todos gostavam do Tomé e da Jiní, que íam quando queriam em todas as casas, só não íam na do Fradim e Drelina, por essas embirrâncias. Mas os dois, por seu mesmo gosto, era que passavam assim fechados o dia-de-domingo, si-sozinhos, sueto de lua-de-méis. ...*Encontrei meu boi barroso, triste a ponto de chorar: esqueceu tanto segredo — tem mais nada p'ra guardar*... O Pernambo nada ou pouco bebia. O Pernambo se desconversava.

Tardinha, escurecendo, Lélio veio de lá, com J'sé-Jórjo, que arrumara uma dôr no estômago, e o Mingôlo, que tinha de voltar para o São-Bento. E, no pátio da Casa, com o Mingôlo mais o Ustavo e a Adélia Baiana, já montados para sair, então enxergaram, longe, e às léguas, no céu da Serra do Rojo, o acêso de relâmpagos duma tempestade calada.

Chove raio. Dava medo. As asas de um fôgo feio, morte, a claridade triste, aqueles coriscões, feito morcêgos amarelos e vermelhos, os rasgões no preto, espadantes, um emendado com outros, não esbarravam.

O Ustavo falou:

— Temporal aqui nos Gerais é de ragagem... A lá em cima daquela serra, eles dizem que dá uma pedra-brava de ferro, que atrai mais. Gado bruxo, junqueira, ou mesmo qualquer rês comum de chifres grandes, não se deixa andar subindo por ali: morrem muito, faísca vem, estréla fios de fôgo pelas pontas — cai mais raio neles do que em pé de gibatão, alta árvore...

Vaqueiro já testemunhara, perto, perto, uma noite — sem chuva, sem vento, só o brasil dos coriscos — um boi se assar assim. Os chifres fulgurados, alumiados em enormes brasas vermelhas, por um segundo, o boi ainda em pé — um podia se estarrecer! — depois nem era um monte de cinzas. Cavalo do vaqueiro rodou roda, se dansava; e espirrou que nem uma velha pessôa: porque ali cheirou a um demo de enxofre e carne chamusca — e o ar grôsso. O vaqueiro desapeou e experimentou, com as palmas das mãos no chão: por volta de muitos metros, aquilo ainda queimava de quente.

Se despediram, os três. A Adélia Baiana, meio miúda, de corpo não era para se notar; mas, de cara, tinha uma esquisita formosura, um jeito engraçado, mexedor: os bons segredinhos, para homem, e as sempre-novidades, todas, ela devia de conhecer.

Aí Lélio ainda ficou um tempo, olhando. Por mais, esquecido, vendo como no Rojo lavravam aquelas frias labaredas, sem som, sem fim, parecia que íam pôr fôgo no mundo.

. . .

Na entrada-das-águas, subir de outubro, dado o revoo das tanajuras, trovejou forte campos-gerais a fora ao redor de tudo. Presos debaixo do céu, os homens e os bois sabiam sua distrição.

De tardinha, fim dum dia de duro trabalho, campeando, recampeando, foi que o vaqueiro Lélio do Higino saíu, sozinho, andando reto, só por querer não ter companhia. Carecia de pensar. Longe enorme, por cima da Serra do Rojo, estavam rompendo os seguintes relâmpagos, aquela chuva de raios, tochas de enterro. Um podia tremer de ver, achando que a serra e o mundo se queimavam. Lélio conhecia aquilo. Ah, o mundo não se acabava não; em horas, mesmo, pelo direito, parecia que o mundo nem estava ainda começado. De um modo, o que se acabava era o Pinhém, em quieta desordem e desacordo de coração. E tantas coisas tinham se passado, que deixavam na gente menos uma tristeza marcada, do que a ideia de uma confusão tristonha.

Não queria mais ver Mariinha, não podia se encontrar com ela. Então, por que demorar ali? Qualquer outro lugar servia. E, quando muitas pessôas estão vivendo reunidas, e umas e outras começam a ir-s'embora, convinha a gente não esperar com os últimos: porque era bem com esses

derradeiros que a má-sorte ia ficando. A Jiní, o Tomé, o J'sé-Jórjo, o Ustavo, Seo Senclér e Dona Rute, não estavam lá mais. Quando um boi matara o Ustavo, no confim do pasto do Palmital, o Aristó exclamou: — "No fim, a gente esbarra é em Deus!" E — mesmo de propósito? — olhara para ele Lélio, de esquinta: — "Não vá um esbarrar n'Ele, quando já não tiver mais nem chapéu para saudar..." Feliz de ser, era um assim como o Aristó, que não arredava os olhos nem arriava o pensamento de seu serviço, e resumia tudo com o grande nome de Nosso Senhor: — "Deixa o tatú roendo, Deus está só amadurecendo..." Aristó, capataz de seo Senclér, agora ficara sendo capataz de seo Amafra e do encarregado Dobrandino. Ou, outra felicidade, a do Soussouza: que tivera paraíso aberto, por via de, no casamento do Canuto, a Maria Júlia ter deixado ele beber, bebesse; e que, agora, para outra desculpa de mais tomar, inventava outra festa — no Natal, chamar as crianças pobrezinhas de por perto, dar um jantar, depois se falava, ensinando a elas conselhos de bem-viver e as virtudes. Ou o Pernambo, que passara a dormir em casa das Tias, e gostava de determinar o regulamento em que os outros podiam estar com a uma e com a outra, aquele movimento de fêmeas e machos debaixo de suas vistas era o que dava a ele o maior prazer. Ou o Placidino, que ajuntara o dinheiro, mandara vir uma gaita de boca e um par de altas botas; e agora estava aforrando mais, para comprar uma sanfona de muitos baixos, por aprender também a tocar. Ou, então, aqueles casadinhos, recéns, gastando amor novo, em dias-de-domingo passeavam, abraçados quase com suas mulheres, de certo já botavam projeto dos filhos que íam ter.

Lélio não se queixava. Nem tinha raiva mais de Mariinha. Em contrário, via que, por último, era a raiva mesma que o tinha feito gostar mais dela, tanto. Raiva de não poder sojigar uma cabecinha, o coração, fazer que ela correspondesse àquela paixão à rasga, mas que era só menos-sossego e os sofrimentos. Mariinha, tão franzina, tão nova, e parecia ser de pedra preta por dentro, parecia um páu de árvore. Derradeira vez que a vira, ela estava magra, seca, séria, e com um avermelhado de olhos chorosos, e um frio furioso no olhar, que nem se o pai e a mãe dela de uma vez tivessem morrido. Quem havia de dizer, de adivinhar que Mariinha, ali no Pinhém, fosse a pessôa de mais opinião e firmeza, sabendo de frente o que queria? Mesmo sendo o impossível. Sem nenhuma vergonha do que todo o mundo tinha de pensar e dizer. Reprovavam, aconselhavam, ameaçavam — e ela, calada, dura de si, deixava Dorica e Lorindão esperdiçarem seus ralhos.

Também, todos a respeitavam. Temiam. A ser, temiam o terrível de uma razão sozinha.

— "Dei'stà! Se você demorar, com paciência, ela vai se espalha em si, esquece essa doideira, acaba retribuindo tanto bem-querer..." — o Delmiro disse. Doideira, mesmo era o que era. Onde já se viu? Pois ficasse por aí, ficasse como quisesse. Ele Lélio não se rebaixava para esperar amores. O que o Delmiro falava nem era conselho de amigo. Pior do que isso, só o que a Conceição oferecera: de ir procurar uma mulher, dia abaixo de distância, no Ribeirão, essa mulher sabia fazer coisas, fatal, governava o amor no sentir de um qualquer. Diguice. Sempre estava certa, quem sabe, era a dona Rosalina, quando dizendo: — "Meu Mocinho, com a Manuela ou com a Chica, você podia ter sido feliz. Mas, com a Mariinha, não. Não dava certo. Porque, nas maiores artes, ela é muito parecida com você..."

Ia embora. Então, por que ainda não tinha ido? Por muito tempo, o motivo, não soubera se explicar. Mas, agora, sabia. Que ali tinha uma pessôa, que ele só a custo de desgosto podia largar, triste rumo de entrar pelo resto da vida. Assaz essa pessôa era dona Rosalina. Desde aquele ano todo, quase dia com dia, se acostumara a buscar da bondade dela, os cuidados e carinho, os conselhos em belas palavras que formavam o pensar por caminhos novos, e que voltavam à lembrança nas horas em que a gente precisava. Sua voz sabia esperanças e sossego. Às vezes, olhado por aqueles olhos, homem destremia da banzeira da vida, se livrava de qualquer arrocho e ria de si mesmo um pouco, respirando mais. Assim dona Rosalina tinha gostado dele, como mãe gosta de um filho: orvalho de resflôr, valia que não se mede nem se pede — se recebe.

Amizade que viera rompendo. De começo, os companheiros estranhavam. Maldavam: — "Será está vigiando a Crispininha crescer, mò de namoro? Ou a Góga mesma, cuja velhice?..." Outras vezes, achavam que ele estivesse agradando à velhinha, de manha, interesseiro, pelo testamental; mas que ela possuía o pouco, pouco, só tralha e trastes, e, assim mesmo, morresse, o filho era quem herdava. Lélio ria de todos. Ia dizer a eles o que era poder estar ali perto dela, entrar naquela casa? Chegava lá, e tinha coração. A ela, sem receio nenhum, contava tudo o que estava pensando, e era ela mesma quem lhe ensinava tudo o que ele estava sentindo. A velhinha sabia. A limpo em qualquer caso, da vida dela mesma, ou das dos outros, tirava um apropósito de lição. A mais, tirava, das coisas, do mato, da noite, do céu, um risco de conversa atôa — mas

para estremecer essa alegriazinha sem paga que escorre num tocado de viola ou numa volta de cantiga. — “Sobre por cima da lagôa, de tarde, estão jogando umas violetas...” — ela falava. — “Da lagôa sobe um pato: vôa, vôa...” E vinha, uma noite de luar, tinha aqueles ditados: — “Tem um anjo desterrado na lua... Do lado de lá da lua, há luz e festa...” Resumia, aquela môita de bambú, perto da casa, e que alongava o tom do vento. Ela falava: — “É bom, ficar junto de lá, para poder ouvir o bambual gemer.” O bambual se encantava, parecia alheio uma pessôa. Eram coisas salvadas, para cá, sem demora — as palavras. A uma água-escondida, fora de toda sanha braçal, um impossível. Isso aos outros Lélio não podia explicar, repetido longe dela aquele fraseado se esfriava do valor, era preciso escutar direto quando ela falasse, era preciso gostar da Velhinha. Dizia aquilo, o siso da gente achava que ela estivesse ensinando outro poder inteiro de se viver.

Agora mesmo, Lélio estava indo para lá. Carecia. Ia, pensando, e bem que não devia se esquecer do perigo ameaçado — de que aquele Alípio já tivesse mandado alguém para o agredir, para fazer mal a ele. O Alípio o desfeiteara, primeiro, depois passara aviso: que ia mandar um acostado, que desse nele umas porretadas. Tudo por não querer que ele fosse mais em casa de sua mãe, que tivesse a ela aquela amizade. Carecia mesmo de ser o filho quem viesse impor uma maldade dessas, que era uma ofensa! — “Direito ele não tem, de me proibir de te ver, meu Mocinho... Imagina só o que ele me disse: que já estão falando por aí que você de certo também é filho meu, filho-natural... E acha que isso faz ele passar vergonha...”

À fé, era um bruto, mesmo para quem tem calo de sertão era bruto, nem não se podia entender que fosse filho de uma senhora de tantas finezas e primôres. Agora, por último tempo, Lélio sabia, a fúria dele era maior. Que intimara a dona Rosalina a não deixar que Lélio passasse a soleira de sua porta, e nem ela nem Lélio tinham cumprido de obedecer. Aí, então, ele mesmo viera, andara por lá, em horas diversas, armado e com acompanhamento de um sujeito jagunço, com as caras de brabo dos côitos das Araras. Que Lélio se vigiasse muito cuidado, ficasse tenente — dona Rosalina mesma recomendava. Medo, ele não tinha. Debaixo de alheio, um homem não se rege. — “Este cavalo meu não esbarra para *ssíu-ssíu*...” — ele declarava. Por bem dizer, nem não acreditava completo que o Alípio viesse fazer coisa nenhuma — aquilo dava de ser tão dôido, tão estúrdio. Só, às vezes, pensava mesmo em se apartar, aos poucos, da dona Rosalina: porque pegava a sentir certo vexame, de que a questão com o outro fosse por conta de uma velhinha idosa. Fosse por gostar de uma moça, com amor de homem, então, ninguém o tirava. Mas, assim, por um escândalo qualquer que sucedesse, que era que os outros haviam de achar, de falar? — “Um vaqueiro Lélio, rapaz, que brigou de morte com um sitiante daqui de perto, por causa de uma que era a mãe de um e que podia ser a avó do outro...” Mais por mais, que um queira, não queira, a vida de verdade era sempre esquisita e fora de regra.

Mas, aí, pondo barra a todos os meio-propósitos, ele vinha, voltava à casa dela, conforme não podia deixar de vir. Carecia. Desde o princípio. Desde o primeiro dia de domingo em que lá fora, e no outro, seguinte, quando nem estava bem, sentia o estômago empachado, e um começo de dôr. — “É fígado, meu Mocinho. Vem...” Levara-o à horta, crescida e chovida, e ao quintal, onde tudo era aprazível: com a flôr-de-baile, que se abre de noite; a figueira, em bom lugar, que dava figos o ano todo; o vivo cheiro da pimentinha vermelha; os grandes mamoeiros e o pé de mamão-macho, encordoado, voaçado de abelhas; o urucúm, bichoso, azaranzado perto da cerca; os quiabeiros, a cidreira, os marmeleiros, a acelga verdinvêrde; as rosas solteironas, que se enferrujavam e mofavam na roseira; e o limoeiro — que, na norma dos limoeiros, na mesma ocasião se carregava de tudo, junto, tinha botões, florinhas, e os limões de todos os tamanhos, verdes, de-vez e maduros — limoeiro tão tratado e cuidado, e por tanto agradecido, que deu flôr antes do tempo. Ali, dona Rosalina ainda parecia mais fazeja e mais senhora, dona de ervas e flores, sabedora

do mundo seu. E ela apanhou um raminho ou dois, de funcho: mandou que ele mastigasse bem a folha e o talo também, perfumava a boca; e depois, por cima, deu a ele um gole de água morna para beber.

A dôr tinha passado. Aí, a Manuela chegou — estava mais bonita do que da primeira vez — e dona Rosalina disfarçou e deixou os dois conversando sozinhos lá na horta, só se ouvia o pio dos sabiás-do-peito-alaranjado, que catavam, e a fala do papagaio Bom-Pensamento, querendo que dona Rosalina quisesse amor.

A bem, hora depois, quando a Manuela não pôde ficar mais tempo e foi embora, Lélio teve um impensado de precisar de dizer: que estava ali, em tão boa pureza, feliz de paz, e se envergonhava de donde tinha vindo, ainda naquela manhã. Mas dona Rosalina já sabia. Falou: — "Das Tias? Ora, meu Mocinho, você é homem, carece. Elas são pessôas. Mas, deve de não ficar atormentando cabeça, depois, porque foi. Debaixo do mato, o rio perdeu seu barulho... E o ruim é bom, por se pensar no bom..." Depois, por mudar, perguntou, pediu que ele contasse bem tudo que se passara, do conhecimento dele com a moça Sinhá-Linda do Paracatú.

Ele contou. E ela tinha escutado com toda atenção. Depois disse: — "Modo outro, meu Mocinho, eu vejo que isso é um madrastio que você arranjou para si, nessa Mocinha de fantasma..." Lélio não respondeu. E ela foi dizendo: — "Do que estou sabendo, por trás de você, pode ser que essa moça nem seja bôa, nem saúde verdadeira de mulher ela não demonstra ter. Escuta: mulher que não é fêmea nos fogos do corpo, essa é que não floresce de alma nos olhos, e é seca no coração... Tira isso. Te esconde do à-vez da teteia coitadinha, que ela nunca vai saber o que a vida é. Pede a você mesmo para ir se esquecendo dela aos poucos, meu Mocinho..."

— "Vou gostar não, de mais ninguém..." — Lélio respondeu. E logo se envergonhou simples, pegou no ar que exclamara bobagem. Ainda quando a dona, como por só, sem direto, sem sorriso, disse, voz mais baixa, mais branda que a de uso: — "Manda o capim esbarrar de crescer..." Olharam-se muito. O que vinha, era numa calma de reza: — "Meu Mocinho, você podia se casar com a Manuela, e ter muitos filhos... O Canuto vive desnorteado, atormenta os outros, não sabe o que quer e não quer. E a Manuela está podendo começar a gostar de você..." Bom que era, bem — ele um momento pensou, acreditava. A mais, acreditava no que dona Rosalina sabia achar.

Mas, o que ele não contou, e não contava, era aonde ia, à dôida, o lance de seu desejo. O que estava se passando, no encoberto de todos. Desde que voltando, um dia, sozinho, do pasto dos Olhos-d'Água, ele se encontrara, de frente, com a Jiní, ela vinha da casa do Lidebrando. Deram os olhos nos olhos — e ele não podia ter engano: a Jiní olhou amor. E ele seguiu, se economizando, vagaroso no cavalo. Espiou para trás: ela também virara para espiar — olhos deles já tramavam. Ainda se voltou, duas vezes. Ela também. E ela bateu com a mão.

O viço de alegria que o aqueceu era um alvoroço, desde as pontas dos dedos seu corpo se remoçava, continuando o resto do mundo, pojado e senhor de si. Afora o retrato da Jiní, com aquela beleza solta, aquela pessôa forte, e tanta coisa que podia vir com ela, e que ele queria adivinhar — nenhum pensamento cabia em sua cabeça. Não precisava de marcar as divisas daquilo. Modo mesmo, fosse por esse poder de livrar a gente de pensar em outra qualquer coisa, que um acontecido assim avultava felicidade. A Jiní, tão desconhecida, inventada, estranha cor de violeta, os olhos aviando verdes, o corpo enxuto, o avanço dos seios, os finos tornozelos, as pernas de bom cavalo. E a lembrança dela se formava sempre mais variável, de cada vez que ele respirava largo.

Em hora nenhuma, por baixo daquela alegria de festa, deixou de ter conta no Tomé, de se dizer que, por coisa bêbada alguma deste mundo, não havia de desrespeitar o que era de outro, de um tão bom moço e companheiro. Mas, valendo por isso, maior ainda era seu prazer em ter certeza de que era gostado da Jiní, e de que ele mesmo sabia ser capaz de se vigiar, em freio e rédea, limpo de não consentir em qualquer traição. E, por isso, também não tinha receio de facilitar, e não se importava de querer a dali por diante voltar do campo sempre pelo caminho que passava pela porta da casa de Tomé e Jiní. Vinha, pensava: "Estou sem culpas. Até podia encontrar o Tomé, qualquer hora, eu nem precisava de temer nem de me avexar..." Essa ideia, de poder dar com o Tomé e não levar susto, por liso de consciência, era bôa, ajudava. Mas era a Jiní quem arranjava jeito de saber também quando era a vez d'ele passar: e olhava, sempre sorria, e acenava.

Ninguém não sabendo. E Delmiro aquela noite lhe disse: — "O Tomé vai viajar amanhã. Já está com os cavalos em par, e até pediu a seo Senclér um antecipo de dinheiro..." Por não se calar, Lélio discorreu que também tinha saudade outra vez de tropear um pouco por essas curtas distâncias.

— “Pois eu só fico aqui até o começo da seca. Já tenho minha tenção baseada...” — e Delmiro perguntou se ele não queria vir junto. Agora era tempo de se pôr coragem em fazer negócios, aproveitar o movimento da roda-do-mundo: hora em que uns estavam perdendo, outros ganhando. — “Você sabe, o seo Senclér está nas últimas. Aqui e aqui, e tem de entregar o Pinhém, por paga de dívidas...” Depois, Delmiro, com um afio severo, de reprovar, indagou se era verdade que ele estava gerando namoro com a Manuela. — “A que não, não!” — Lélio fechou, desgostoso. Dado que, de lado, o Canuto espiava para eles, total, que nem atinasse com o sistema daquela conversa. O Canuto andava querendo longe, Lélio bem que notava; meio a mais, passou por ele o movimento de ir até lá ao outro e expor que se livrasse de ares — os ciúmes; nanja não foi.

Ah, porque, partido daquele momento, só o que via era o Tomé se desaparecendo na estrada, em manhãzinha, e deixando a Jiní, por tantos quantos dias, sozinha ali no rancho, dona de si. Pensava, e queria sentir dó do Tomé, pelo que ele ia sofrer, de saudades da Jiní; queria obrigar seu coração a produzir pelo Tomé uma grande pena, de amizade. Pelo Tomé, padeceria, se algum daqueles outros fosse se aproveitar de sua ausência, para seduzir a Jiní, que era fruta de beira de estrada, pendurada em pontinha de galho.

Assim tinha passado, no seguir, o trabalho do dia, pensando nela, só. Antes da tardinha, vinha retornando, guenzo. Se dizia: “Por lá não encosto, não devo justo. Dou volta.” Mas, por que, então, tinha forçado, quase, a maneira de poder vir sozinho? Mesmo veio, passou, demoroso no cavalo, como por último fazia. Soubesse cantar, cantava. Que mas nem precisava. A Jiní estava lá, à espera; como não havia de estar? O vulto dela era leve no ar, podia voar feito um pássaro, desaparecer no vento. Lélio esbarrou. Por um momento, não fazia mal. Viu que daquela vez armara rumo para o cavalo atalhar ainda mais por perto, bem beirando a casa. Olhava em redor, receio de que alguém surgisse. E a Jiní veio, quase corria, já estava ao pé dele. Estendeu a mão; ele estremeceu, ela estremecia. Mal ouviu o que ela dizia, e tinha ouvido tudo o que ela tinha dito. Queria que ele viesse ali, à noitinha; falava. Ele não pôde deixar de negar: — “Mas, vir aqui, semelhado, em sua casa de vocês dois, isto eu não posso... Como é que posso?!” E ela, a fôlegos, disse então que ele meio viesse, ali perto, debaixo do angelim-rosa, onde tem a laje grande deitada, lá ninguém não ia; e ela carecia muito de pedir a opinião dele num assunto. Sim.

Atôa, enquanto desarreava o animal, e esperava o jantar, e jantava, e conversava com os outros, ele não podia segurar seu nervoso, dava que dava, ardia naquela ânsia d'a hora chegar. Ia — pensava: ia, mas para atender à Jiní; dizer os conselhos, como amigo, de mal e mão não ia haver nada, não. Foi. No lusco, a Jiní estava de branco, sentada na beira da laje; ficou em pé feito fogo. Nem ele pôde abrir nem ouvir palavra nenhuma, ela se abraçou, se agarrou com ele, era um corpo quente, cobrejante, e uma boca cheirosa, beiços que se mexiam mole molhados, que beijando. Ali mesmo, se conheceram em carne, souberam-se. E dali foram para a casa, apertados sempre, esbarrando a cada passo para o chupo de um beijo, e se pegando com as mãos, retremiam, respiravam com barulho, não conversavam.

Mal e nem conversavam, raras poucas vezes, as palavras curtas, na dura daqueles dias, quando cumpriam de se encontrar, dentro de casa, todas as noites sem uma só. Foram dias sem cabeça, Lélio se sendo em sonho no acordado, fevrém de febre. Enquanto rendia o serviço, dava ação de máquina e opondo olhos e ouvidos mortos aos companheiros, o vozeio deles. Que todos deviam de estar sabendo — ele ora imaginava. Mas imaginava, um frio lhe escorria, de calafro, e mais desimportava. — "Tem tatú no mandiocal..." — o Canuto dizia, roda duma tarde, eles estavam jantando; só podia ser uma indireta. Mas o Canuto o procurava amigo e risonho, agora alegrado, se via que em sua paz. — "E você, aí, *Gombê*? Me viu nunca não?!" — Lélio discutia, num maligno de arrompe, o jeito daquele assim o irritava. Mas o Placidino, que o estivera olhando, mais que nunca boquiaberto e sandeu, fugia de questão, e se virava para um lado, esfregando os pés um no outro, na ponta das pernas compridas. E Lélio acabava de jantar, fazia e desfazia por ali uns passos agitados. A tarde mudava. Olhava o céu, e seguia para lá, disfarçando rastro. "De qualquer jeito, meu trabalho eu dou correto..." — simesmava. Nem o Aristó nem seo Senclér podiam vir com ora-me-véns.

Apertava o andar, queria se esquecer do menos mais. Aí as horas se enrolavam. Os dois caíam um no outro, se reajuntavam com fome fúria, como um fim. Alumiava-os a candeia de mamona, que aumentava o tamanho do cômodo, dependurando sombras por entre avermelhados caminhos. E cada dia eles sabiam menos um do outro, só aquele gosto airado de seus suas peles e calôres, que se tiravam, e não cediam paz, mas apontavam com tantos rumos. A Jiní era trago desprendido de cálice ou

garrafa, uma tonteira de se beber. Não falavam, por assim. Ela não falava. Às vezes, de sofôgo, soltava por entre dentes: — “Faltam seis dias, para ele voltar...” E, de repente agoniada, por essa lei de prazo que os ameaçava, avançava nele. Às vezes Lélio tinha receio. Não via o mingo amor, não sentia que ele mesmo fosse para ela uma pessôa, mas só uma coisa apreciada no momento, um pé de pau de que ela carecesse. Parava nele uma vontade de esbarrar e conversar, perguntar pelo Tomé. Mas ele mesmo não queria. Nem podia ver os trens que fossem do Tomé — um velho chapéu, um paletó dependurado. Tomé era triste? — “Triste? Praga! Mas ele já é assim mesmo assim. Ah, ô homem sem sinal de sal! Pensa que ele é melhor que todos...” — cuspes que ela respondia. E a ideia daquela volta do outro, certa sem remédio, ao fim de dias tantos e poucos, também fazia nele crescer os desesperos de desejo, infernava a gana. Afa, que queria o fundo do amar da mulatinha. Apertava-a com uns braços. Mal o mal, o pensamento de que, com pouco, com a vinda do Tomé, tudo se acabava, furtava-lhe qualquer hesitação, abafava todo começo pequeno de remorso.

Assim mesmo, no domingo não deixou de passar em casa de dona Rosalina. Foi, e não sabia esconder que estava apressurado, escravo em si das horas, não se consentia inteiro de pouso. A velhinha estava fazendo dôce de mangabas: — “Você vai provar, depois. O dôce melhor que tem neste mundo...” As mangabas de-vez, muitas mãos, muitos dias, ferventadas, no tacho de cobre. Com espinhos de laranjeira e palitos de taquara, ela continuava a crivar, uma a uma, devagarinho, para as livrar do visgo borrachento. Lélio olhou, por um momento teve pena de si mesmo, não cabia naquele sossego. — “Meu Mocinho, o senhor está com olheiras e olhos vermelhos... Você está pouco dormido...” Para sair de seu embaraço, Lélio falou, achava lindo as mangabas, o verde cor. Mas aquela velha senhora sabia tudo, ou já tinha ouvido, ou adivinhava: — “Fala, meu Mocinho: verde como o que?...” — ela disse. Eram os grandes olhos da Jiní, ou um canavial na ladeira, tempo da seca, quando tudo está feio e pardo, só o verde fino lençol dele dá realce. Mas ela mesma continuava: — “Como ramo que tropeiro bota em cima de atoleiro, para indicar, aos que vêm, que o lugar ali afunda...” Mas a voz dela limpava todas as coisas de veneno, e era uma doçura no sempre de dizer, sem ralho nem queixa, se convertia quase numa cantiga: — “A água do rio vai no mar, vapora para as nuvens...” E para onde ia o ferver do mau-amor da gente? O cheiro que

foge dessas grandes flores vermelhas... Que chuva iria dar? — "Gostei de muitos homens... Nunca eu queria que nenhum deles sofresse... Ah, como eu sabia..." Por um curto, se pensava que ela ia entristecer. Mas, não. Dona Rosalina era mais forte do que a tristeza. De lance, o olhou — ria um pecado de riso quente no esmalte de seus velhos olhos de menina — como um lume d'água entre a folhagem, retombado e com reenvio de claridade. — "Mas eu nasci mesmo foi para gostar de você, meu Mocinho..." Brincava a sério. — "Você não tem visto Manuela?" — perguntou. Lélio disse que não, com um vago de sentimento. Mas ela o olhava de um jeito que fazia bem: como se tivesse orgulho dele, acreditasse em seu valor de pessôa. — "Tudo está certo, meu Mocinho. Tudo vale é no fim. Guarda tua coragem..." — foi o que disse. E Lélio beijou a velha mão enrugada, se despedindo.

Daí a dois dias, o Tomé ia chegar. Chegou, e noutra coisa não se falava a não ser na irmã que ele tinha trazido — a Chica — que era branca quase como leite, com os olhos azúis, uma beleza muito delicada. — "Por mim — dizia sobre inocência o Placidino — nunca vi resumo de lindeza assim. Com todo respeito, mas nem dona Rute não é tão capaz formosa..." Delmiro alegou que eles estavam demasiando aos tamanhos elogios; mas Canuto, de lado, puniu que Delmiro sofria mania de desmerecer qualquer perfeição; e ainda definiu: — "Quem desfaz, se apraz!" Se via que Canuto estava assoberbado. Vai, a vinda da Chica principiava mesmo a sofismar muitas cabeças. Que era bonita como nem poucas, era. Tanto muito mais simpática, não parecia irmã de Drelina. E mesmo os parentes tiravam vaidade d'ela ser assim. Andava com um grande chapéu de palha, de abas, um laço de fita passado na copa: porque Drelina não consentia que ela tomasse sol, para não amorenar a maciez daquela pele. E o Fradim saía com as duas, por passear, mas nem escondia de se fazer tão imponente, por ter uma mulher e uma cunhada assins. O Fradim pediu visita, e veio com as duas, apresentar a Chica a dona Rute e seo Senclér. Ele só fazia tudo com aquela importância de suas matérias, como tendo estado. E Drelina olhava alto como se ele fosse o rei, e nem tinha pêjo de louvar o marido na presença das outras pessôas.

Peso de dias tão compridos — dezembro foi, parou no meio. Lélio agora só via a Jiní a rara vez, e deslumbrados de longe. De antes, pensou que ia sofrer, que não tinha prática, com o arranco da separação. Mas, em lugar do sofrimento, veio um certo repouso, bom, parecia; talvez o sofrimento

ainda ia vir, depois. Às tardes, quando podia, a Jiní esperava ele passasse, batia mão. Os olhos verdes que estavam. Não foi que um dia ela quis esperá-lo no meio da estrada? Lélio, confuso consigo, com o cavalo, se balançou, fez sinal por um perigo. A que o Canuto vinha vindo, mais atrás. Canuto queria falar a respeito de uma festa.

Gostava dela, sim, sim, e marcava saudade daquelas noites, às dadas, que pagavam o penar. Socavava pensando, repassando a lembrança na ideia, que embebia, que se fervia. Mas, com o Tomé ali segurado, ao triste, tudo tinha de ser mesmo assim, um tanto de saudade, um ponto de remorso, meia vergonha, um susto ainda não de todo calmado, competido.

Nos primeiros dias, se encorajava em falso, sempre que via o Tomé, ou cada vez que esse vinha perto. Podia querer pedir satisfação, um nunca sabe, e Lélio já imaginava as respostas a dar, concebia se o outro vinha armado. Uma hora, estava tratando de um bezerro — que laçara e peara, e tinha misturado sal com cinza na cuia d'água para lhe despejar boca a baixo — quando o Tomé se chegou. Tem pensamentos que esvoaçam pela cabeça de um, tão ligeiro e tão sem calcar verdadeiramente, que parecem pensados por outra pessôa. Assim: "Se ele vier me matar, eu defendo, eu estou no meu direito..." E mais: que, se fosse o Tomé quem morresse, ele Lélio podia fugir com a Jiní... Mas, um desprezo de si, o nôjo de ter tido aquela ideia, sobreveio logo, e tão forte, que ele quis pensar o contrário: "Se ele vier, quiser me matar, eu cruzo os braços, deixo, porque ele está em seu duro direito..." E parou, não podendo considerar, tinha medo de que o propósito de se deixar punir e matar, assim, estivesse acima de suas forças.

Mas o Tomé vinha era por bem ajudar, bondoso e mesmo com uma mudança, muito mais de satisfeito, conversava. Por volta de tal tempo, se via que ele abria outra estima por Lélio, queria sua companhia. E Lélio retribuía, sincero, mesmo mais: sabia que ele mesmo era quem tinha começado a sentir primeiro aquela amizade. Modo possível, ser amigo do Tomé levava o coração da gente mais perto da Jiní, isso sim; isto não: que Lélio por aí não queria pensar. — "Lá, você teve alegria de ver a senhora sua mãe?" "— Ah, vi, sim. Tão bôa, tão envelhecida..." E Tomé desprendia a peia do bezerro. Lélio soltava a laçada. — "O Mutúm, será que fica para os lados do Paracatú?..." "— Ah, não. É daquela banda dali. Rumo-a-rumo com o Buriti-Alegre. Lugar, mais perto de lá, é a Barra-da-Vaca..." E Lélio achava: se, por maldade de intriga de alguém, ou de por qualquer má

maneira, Tomé viesse a descobrir o que tinha havido, pela pêrda da amizade mesma do Tomé era que ele havia de sofrer, com a quebra ou desavença. Do mais, se repousava, em sela. A Barra-da-Vaca — o velho porto, nesse velho rio Urucúia.

Voltava às Tias. Pois, de dois domingos faltoso, nem quis retardar mais, fez o jeito de passar por lá, a furto, mesmo de dia, em meio de semana. Elas estavam lavando roupa, nas lajes do córrego, clareando os lençois com bosta de boi e folhas de mamão. Receberam-no com por-vez de alegria e despeito. — "Quem está de amores novos... — recitou a Conceição — ...não pode comer verdura..." E a Tomázia, ajeitando-se os cabelos à pressa, reprovou, mas em tom que se reservava para um fim carinhoso muito: — "Meio modo que viuvou? Viúvo de marido-em-casa... Não fosse a gente aqui, oé, e um tinha era de se passar a mão limpa, ou beber chá de folha de camomila, que resfria homem..." E a Conceição interrompia de bater a roupa na pedra, para cuspir um pouco do caldo do fumo que mascava: — "...Ou caçar noivado com donzelas... A já viu a nova, que dizem que é a princesa real, a almofada de renda — essa branca de madapolão?..." Daí, tiravam por sorte qual das duas o distrairia primeiro. E o que aquelas duas davam era grosso e raso simples, como um mingau de fubá e leite, comido de manhã cedo. Talvez elas mesmas estivessem sentindo, a contra-siso, isso que agora ele achava: e queriam consolá-lo. Falavam na festa, que ia ter no Natal, dada por dona Rute e seo Senclér. Vinha um homem do Estrezado, tocador de sanfona, e um violeiro ou dois, do Desemboque e da Vereda-do-Anzol. E já faltavam poucos dias.

— "Festa, meu Mocinho, é o contrário de saudade..." — dona Rosalina falou. — "Para se aguentar a vida no atual, a gente carece das duas... Mas agora estamos precisando mesmo é de festa: que é um arremedo de antecipo..." E ela não temperava sua influência, refletindo que tudo ia ser raro de bom.

Foi um grande jantar, para todos e todos, servido no pátio, por causa que não choveu. Três mesas compridas, feitas com talas e folhagens de buriti, numa delas dona Rute e seo Senclér também se sentaram. Tarde-noite, havia tochas de cera branca e fogueiras acêsas, e candêias em cocos, quem providenciava era o Lidebrando. Os tocadores tocavam muito sérios, por encargo de sua arte. O Pernambo também. E todo o mundo estava lá: até a Conceição e a Tomázia, até a Caruncha mais o filho. Só o Tomé e a Jiní não estavam. — "Alguém ouviu falar que eles dois agora estão

desesperados para brigar, estão brigando um com o outro no diário...” — o Placidino contou. Mas ninguém aumentou nada, naquelas coisas não se conversava simples. Quando era o acabar de comer, o Canuto, avermelhado, pediu vênia de licença a dona Rute e seo Senclér, e aí subiu na varanda, de lá puxou atenção: por ser dia-santo de Natal, ia tirar dez ave-marias e um padre-nosso, para todos acompanharem. O Soussouza não escutou direito, tiveram de explicar a ele o que era; e então ele começou a bater palmas de mão, e a falar alto, se via que por demais ele estava bebido. O Canuto caprichou na reza, voz tremida, embelezada. Por fim, fez o oferecimento: para Deus e Nossa Senhora do Socôrro protegerem seo Senclér e dona Rute, e a família toda deles, livrando-os das horas dificultosas desses tempos que corriam... Mas, tapando a fala dele, seo Senclér se levantou, agradeceu com amém, bateu palmas e pegou a falar um resto, o Canuto não foi mais longe. — “Este fede, de embusteiro...” — o Delmiro jurgou, estava rugunzando. Mas o Fradim discutia, para os dele perto, achava que o Canuto não tinha sabido aproveitar para fazer um discurso como devia; fosse ele tinha falado isto, e mais isso mais aquilo, palavras certas apropriadas — o Fradim não esbarrava de recitar. E Drelina mulher dele, que não ria nunca, a meio se ria para todos em volta, altanada que nem vaca que deu bezerro, e chega fazia psiu, queria redondo para o Fradim gloriar. Mas algum exclamou alto, da outra ponta da mêsa: — *“Siriri, casca de ovo...”* Ninguém sabia o que era, mas todos riram forte, para se mudar de conversação.

As moças reinavam de si, tão bonitas arranjadinhas e combinadas — as iaiás: ficava trabalho dizer, de Mariinha, Chica e Manuela, qual das três a mais por flôr. Não se apartavam. E, mesmo, queriam falar, no ouvido umas com as outras, e a Manuela concertava o cabelo de Mariinha, ou a Mariinha ajeitava a blusa da Chica, e a Chica limpava com o lenço qualquer ponto no rosto de Manuela — parecia que as três tinham se aprontado juntas e careciam de, assim reunidas, parar mais fora de alcance. E estavam também com a Dlaljizinha, filha do enxadeiro Damastor, e que era mais pobrezinha e feiosa, essa muito se acanhava. E quando a Dlaljizinha se perturbava recuada para trás, sempre uma das outras segurava na mão dela e a trazia para perto; mas por esse cuidado mesmo se via que elas todas sabiam bem que na verdade a Dlaljizinha não podia fazer parte.

Todos do São-Bento, também. Marçal noivava com a Biluca; o Lorindão ria sempre e falava grosso, dando de não dar importância a nada: — “A vida é p’ra os moços... Mocidade não tem juizo...” Mas a Dorica fingia braveza de cuidados, recomendava que os noivos ficassem por ali permanecidos, que não andassem fugindo para longe deles. A Adélia Baiana semelhava um carneirinho, com laço de fita nos cabelos; ela sacudia o corpo, meio curvada no falar, e tinia um riso que cativava a atenção. O Ustavo dizia: — “Ah, meu tempo!” — e saía em giro, achando que tinha de ser mais alegre que nos outros dias, saudando todo o mundo. Mas o Mingôlo não desaparecia de perto da Adélia Baiana, só conversavam a respeito da noiva dele.

De vez pronta, o Pernambo porpassou as cordas, se debruçado na viola, tirou: *...“Senhora dona da festa, esta vai em seu louvor: na sola de seu sapato, corre água, nasce flôr...”* Honrava em hora dona Rute. Mas o Soussouza, o Marçal, seo Senclér mesmo, e outros, reclamaram alto: aquilo era pé-de-verso conhecido, carecia de dizer um novo, fresco, tirado de ideia. Que, se não, o Pernambo era assazmente preguiçoso comodista: vida-ganha, casa-quieta, papo-cheio! Então o Pernambo dedilhou um dlim, e fez, de juízo: *...Meu jardim é o coração, não preciso de ninguém: tiro verso e colho flôr, para a dona do Pinhém...* Com o que, conheceram. E Delmiro dizia, só para Lélio ouvir, que nos outros anos seo Senclér nunca tinha dado festa, e pois então agora dava era por ser certo que ia-s’embora, por isso não estava importando de se misturar com os pobres, só por despedida não tinha dúvida nenhuma. E o Pernambo punha um verso para cada pessôa, começando nas mocinhas. *...Vi dizer que neve é branca, sei que branco o açúcar é...* — isso era para a Chica. *...Deus fez dona Mariinha, levou tempo p’ra fazer...* Depois cantou que a Manuela, quando andava, etcétera que o chão, mesmo, pedia para ela forte pisar. Do que cantou para a Dlaljizinha, Lélio não escutou bem. Desde o mais, o Pernambo pôs o verso para dona Rosalina, que rezado: *...Vi o coração do campo, vi o rastro do luar; vejo dona Rosalina, mas nem posso comparar...* Dona Rosalina botara um vestido preto, lustroso, a gola escondia todo o pescoço, presa por debaixo do queixo, e os cabelos dela, tão arranjados, tão branquinhos, alumiavam. Ela parecia uma das pessôas mais influídas e alegradas: fazia rumor nenhum, mas como que animava o engenho da festa. E o filho dela, o Alípio, ali estava também, convidado, só que a mulher dele não tinha podido vir. Dona Rosalina chamou Lélio,

apresentou-o ao Alípio, com estima de elogios e palavras; e o Alípio prezou muito Lélio, com ele conversando suprido de amabilidade, agradecendo as muitas bondades que Lélio dedicava por sua velha mãe.

Mas o Canuto chamou Lélio de parte: queria falar assunto muito sério — avisar, muito às bôas, que ele tinha pensado e repensado bem, resolvido desistir de qualquer interesse com Manuela, botava pontos-finais naquele namoro danado de antigo. Lélio já sabia. O Canuto e o Delmiro, por derradeiro, ameaçavam altos de brigar, por conta da Chica; disso de Delmiro, Lélio se admirava. Ao que andou por ali, espiando exato. Num retirado, quase no escuro, viu o J'sé-Jórjo, o Ilírio Carreiro, e dois desses outros, não sabia os nomes; e, ali longe, o J'sé-Jórjo, em pé, conversava passagens velhas de sua valentia, exportava suas falas de valente, movia os braços — nunca ninguém tinha visto o J'sé-Jórjo conversante assim. Mas o Placidino, bem no meio da festa, agachado, não se arredava de perto dos músicos, como se quisesse ajudar esses a tocar. E também, beira a beira, a Conceição mais a Tomázia aproveitavam companhia de umas mulheres de trabalhadores, de lá elas reparavam nas roupas e nos modos de cada um. A Conceição e a Tomázia hoje estavam mais sérias e bem compostas que nenhuma, davam-se muito ao respeito. O Soussouza introduziu de dizer alguma brincadeira para uma delas, e ela respondeu, cara fechada e com um muxoxo: — "Engraçadinho! Não se enxerga?..." Elas, ares. A Caruncha ouvia bem, mas não falava, não conseguia, nem esboço de palavra. Ela não se envergonhava de vir perto das pessôas. Era uma mulher alta, clara, de olhos espertos e rosto comprido, um jeito de dureza. Só parecia ver a festa e o filho. Segurava a mãozinha dele, o menino achava tudo bonito, nunca tinha visto um festêjo, e sempre se virava para a mãe, e contava para ela tudo o que estava vendo, como se ela fosse cega, e não muda. E a Caruncha escutava com atenção o que ele contava, e sabia olhar com muito amor, sem precisar de se rir.

Daí, Lélio tomava coragem, bebia um gole de cachaça-queimada, e vinha para o florear das moças. Era o que elas queriam — os rapazes todos em volta — tanto que, primeiro, sonegavam, importantes, queriam parecer não querer. Ao de um momento, ele pensou qual delas podia merecer por mais bonita. A Chica. Mas, consoante sua beleza, acomodava um liso, um suave de inocências, e tanta pureza de primor, que era como se a ela ainda faltasse alguma coisa, algum sombreado, um questionamento, ou o firme risco de já sem espinhos. Mariinha era linda — cinturadinha, os pés

pequenos, diminuidinha de corpo: parecia leve só para os olhos da gente, mas que, se um fosse querer carregar, levantar do chão, que o seu peso seria enorme. Manuela, se via que ela podia transpirar, sacudir os braços roliços, dizer uma palavra de desabafo: por isso a gente adivinhava que ela era gostosa e cheirosa; Manuela estava sendo bonita como uma fruta. A Chica apertava muito os olhos, muito azúis, para enxergar melhor as pessôas, e sempre em si sorria. Mariinha mudava o ar do rosto, quando dava muxoxo ou olhava por cima do ombro: a gente tinha vontade de a pôr no colo. Manuela veio para Lélio, e conversou, gracejou com ele. As outras também entraram na conversa. Se via que Delmiro e Canuto, que enjoavam ali perto, daquilo menos gostaram. Mas, naquela hora, Lélio sentiu, em seu pressentimento, que, qualquer das três que ele escolhesse, com essa podia namorar leal, e mesmo para o finalmente de se casarem, quem sabe, pois seja.

O que Manuela dizia era sem enleios, e assuntos fora deles dois. Ao que ela, social, indicava — o realce e o parecer de uns e outros: de como o Aristó se prevalecia goro e serrazinado, sem jeito, não assentando com o sistema da festa; d'o Fradim e o Alípio não deslargarem de perto de seo Senclér, sensatos; do modo quieto e prestativo do Lidebrando, que ficava sempre junto de Benvinda, mas zelando pela arrumação das candêias e tochas, pronto para resolver todo arranjo que se carecesse. Falavam também de dona Rosalina, sempre por um só todo-louvor — e mesmo nisso era que eles conseguiam falar mais quentemente sinceros, meando de se agradarem, sobre certo, um ao outro. E aí se esparzia no povo um fafá de risadas, grupo de pessôas que vinham da porta-da-cozinha: contavam que estava lá a Toloba, ajudando a lavar os pratos. Ah, até a Toloba estava ali, aproveitando o ovante da festa — e Tomé e a Jiní não estavam! Lástimo pensando neles dois, Lélio recebia um sudarte de tristeza. E dona Rute sentada conjunta com Maria Aparecida, Dona Rosalina, Dorica e Maria Júlia. Dona Rute era decerto, a qual, a mulher de mais beleza que já tinha vindo aos Gerais. Tão rica, e fina, e bem vestida, tão acima de todos ali, afastada, que um homem não tinha remorso de desrespeito: de olhar para ela, pensando, em escondido, como seriam as partes dela, as côxas macias e brancas, os seios por debaixo da roupa, como seria ela na cama; e mesmo a ação desse pensamento virava uma devoção sutil em sonhos, pelo impossível. Manuela conversava muito hábil de amável, mas, encarar, não o encarava: se via que não era por

vergonhosa, mas porque queria dar ideia de estar muito desinteressada de si e convertida de se prezar só nos movimentos da festa. Tanto era uma moça saída, mas que se ressabiava a manso, que se guardava. Margem que, por essa altura, já Delmiro e Canuto conversavam com Chica e Mariinha, e cada um jogando remoques e indiretas, por se suplantarem, porfiando no agradar à Chica. Mariinha, tão sensível bonita, e nenhum dos moços tinha inclinação para gostar dela, parecia que eles dela provavam medo. Ao que, num momento repente, agora que o via conversando animado assim com Manuela, a Drelina veio de lá, direta, falou com ele também, muito agradável — ela nem era antipática, como de longe às vezes parecia. Perguntou se Lélio tinha estado no Curvelo, se conheceu um irmão dela, que se chamava Miguel Cessim Cássio, atendendo pelo apelativo de Miguilim, e que lá direitinho trabalhava e ia nos estudos. Lélio, em coração, sentia não conhecer esse irmão de Tomé e Drelina, para poder responder que sim, com afeto. E, quando Drelina se afastou, Manuela disse que ela era tão bôa, que não tinha trato com a Jiní mas sempre que tinha alguma coisa apreciada, fosse de comer ou de outras, às vezes mesmo peças de roupa ou enfeites, dava ao Tomé, sem nenhuma explicação, mas sabendo destinado que era para a Jiní mesma. E a Manuela era de verdade bonita, sadía, com rentes olhos de vaca, e que brilhavam.

De seguida, se dansou. Quem propôs mesmo foi a dona Rosalina: falou que, sem dansa, festa devia a festa. Formaram pares: Delmiro e Chica, — Canuto pegou a conversar com o Aristó, fingia, dava as costas, para não avistar aqueles dois; Lidebrando e Benvinda; Mingôlo e Adélia Baiana, — o Ustavo não dansava, ele mesmo mandou que os dois podiam e dansassem; Fradim e Drelina. E a Maria Júlia olhava de lá, vislumbrável, em ruins vermelhos, por conta de ver o Soussouza fazendo tolos forcêjos por tirar a Tomázia ou a Conceição. Mas Lélio nem teve tempo para escolher dama: dona Rosalina veio sorrindo, pegou no braço dele, que era o seu Mocinho — os dois formaram a mazurca dansando. À parte Lélio não se disse a desdém, de dansar com a velhinha antes sopresava-o o afago de todo carinho tanto respeito, uma ausência de si, feito fosse aquela dansa uma arte de religião, aprendida por sempre, fora do crédito vem-vai das coisas — mar o mar. No uso do momento, semelhante se esquecido, não temia nem queria nem consistia nada, mas lá. Al a Velhinha se asia tão delicada, senhora de serenim, em giro baile, leve espécie de criança, que sabia ser e sorrir e olhar, sem estorvo nenhum. — “Meu Mocinho... — ela

disse — ...antes eu não encontrei você, não podia, meu filho, porque a gente não estava pronta de preparada...” “— E eu, mãe?” — ele perguntou, sem primeiro se esclarecer. — “Uma estrelinha brilha, um átimo, na barra da madrugada, antes d’o sol sair...” — assim ela respondeu.

Mas, nisso, bateram palmas, num rebuliço alegrativo: seo Senclér tinha tirado a Mariinha para dansar. Todos os outros pares se saíram, o meio do terreiro ficou adro, o povo em volta, apreciavam. Ah, era luzido — dada praça à dansa — que nem um teatro! A Mariinha parava no ar, com um risco de movimentos muito certos, cabecinha altaneira, parecia que nem estava nada vendo, só dansava, dansava. E seo Senclér, garboso cavalheiro em sós, tomava conta dela com firmeza, cumpria a sério aquele proceder, o prazer de dansar com a Mariinha no rosto dele estava-se. Até os tocadores demoraram o retente da música, e tiravam o maior arrojo que podiam, da sanfona e das cordas. Por um fim, tiveram de esbarrar. E seo Senclér fez uma vênia muito aposta, para a Mariinha, pegou a mãozinha dela, e levou-a para seu lugar. Só então os outros pares repisaram.

Lélio ainda estava olhando o terminado, quando dona Rosalina se chegou, trazendo Manuela, para os dois dansarem. Lélio dansou com Manuela, e conversaram, conversa tola, mas com pontinhas de intenção, festa vai, festa vem, o resto do tempo. — “Aoé, e o Canuto?” — xixe ele perguntou, meio maldoso. — “Ah, p’ra ver: com o Canuto valsei, aquela outra dansa, e você nem ao menos reparou...” — ela disse, com muxoxo, meio maldosa. — “Ah, foi?...” — foi ele disse; disse meio irado — os usos ciúmes. O amor que amavam. Mas, houve uma hora em que ele não pôde deixar de falar naqueles dois que não tinham vindo, quem sabe não tinham sido convidados? — “Está sentindo pela Jiní?” — a Manuela perguntou com outra malícia brejeira. — “Estou sentindo pelo Tomé. Pelos dois...” — Lélio respondeu, com um sério tão sincero, que a Manuela o encarou, que nem se estivesse dando a ele seus belos olhos. E disse: — “Não. Só eles não vieram porque não quiseram, porque estão brigando de ódio de amor o tempo todo — é o que se diz. Mas bem que eles foram convidados. Hoje é Dia de Natal...” E mesmo, naquele momento, alguém estava lembrando que a festa não era própria para se dansar, mas para gloriar e contemplar a vinda do Menino Jesus, na gruta de Belém, na manjedoura, entre o Burrinho e o Boi, para a salvação de todos. A esmo, então, todos concordavam e ficavam sérios, olhavam para cima, para as estrelas, que extremavam. E os tocadores tocaram a chegada dos Reis Magos:

“A lapinha era pequena,
não cabiam todos três...
não cabiam todos três...
Cada um por sua vez,
adoraram todos Três...
Adoraram
todos
Três...”

Esse mesmo canto, de Folia, solene ciente, o Pernambo tocou, dia de Ano e dia de Reis, honrando o Menino Jesus ali, no meio dos campos-gerais. Foi então, e também depois, que Lélio em mais de uma ocasião procurou ver Manuela, e estiveram conversando em casa de dona Rosalina. Mas a Manuela se recatava, com amizade natural, e Lélio esbarrava num enlo: traçado tudo, achava que ela do Canuto ainda não afirmara esquecimento. Aí tinha pressa de ouvir que ela gostasse dele, dele!; mas ele mesmo não tinha certeza de lhe ter amor que désse para casar. Assim ao assim, dona Rosalina, que decifrava o diário, olhava-o muito, razoal se dissesse: — “Meu Mocinho, você está mais pensando em outra...” E estava. Da Jiní, tinha uma pena, muito sentida, quando ouvia contar o que em casa dela se passava, e quando via o Tomé, calado triste, lidando sempre por duro trabalhar. Mas pensava era na verdadeira outra: a Moça, linda, de Paracatú. Queria vir para Manuela, e a imagem de Sinhá-Linda neblinava.

Na minguante, fim de janeiro, saíram pelo gado fugido, numa batida que longe os levava. Se apartaram em dois bandos. Fradim, Tomé, Delmiro e Canuto, iam para o norte, até à Serra do Saldanh’. Mas Lélio, com Aristó, Pernambo, Placidino, J’sé-Jórjo e Soussouza, tinham de descambar para lá da Serra do Rojo, numa distância muito maior, pelo extenso do poente. A meio e mal, enquanto ainda estavam juntos, Canuto chamou Lélio à sopra, e avisou, muito afirmado: — “Malungo, você é como um irmão meu, pois, escuta: acabei todo estatuto de compromisso com a Manuela, por bem. Se você tem o interesse disso, você pode, pode ficar noivo!” E Lélio não respondera, que aquelas palavras não conseguiam resposta. Tinha ira daquela donância do Canuto: por ser astucioso assim, o que ele merecia eram umas boas bofetadas. Mas, chuva e sol, e gado bravo

desesparramado, tão ermo, tão em az, tão montante, não podendo ver Manuela nem se quisesse, ele foi aprendendo a pensar nela com os carinhos novos, e achava que, se tudo ia aos poucos ficando livre entre eles dois, então era porque aquele amor estava mesmo em seu destino se propondo. Temperava saudade. Tinha saudade também de dona Rosalina — que havia de ser a madrinha melhor. Mas seu corpo sofria falta forte da Jiní; e ele cria: ...Ah, pudesse estar ao menos uma vez com a Jiní, uma vez só, e eu quebrava este cativeiro, e dela pra sempre me esquecia... E quase não pensava na Sinhá-Linda.

Voltavam, com arribo de quase um mês: não havia mais pequís, nos cerrados, e os araticúns amadureciam. Tornavam com muito boi. Quando Lélio cantava, aboiando, Manuela era a moça das cantigas. — "Me caso, Pernambo?" "— Ôi, vôi! *...Eu moro naquele morro, na metade da subida. Você não gostar de mim: ai que vida aborrecida...*" O Pernambo retorquia tudo em versos, mas agora falava muito na Tomázia e na Conceição.

Das várzeas, na virada do Bom-Burití, avistavam uma corujeira, um arruado de casinhas leprando em ponta de serra. — "Apre, que deve de ser o triste, lá..." — o Placidino dizendo. — "Eh, só é triste pelas pessôas. Não tendo ninguém num lugar, não faz alegria nem tristeza..." — Aristó desfalou. Parece que naquela áspera burguéia nem não morava mais ninguém. O Placidino moeu espanto. O Placidino carecia sempre de estar perto das pessôas.

No derradeiro arrancho onde pernoitaram, o Pernambo teve uma dôr forte, nas tábuas do peito, com uma agonia suada, que dava medo. Como custou passar. Desde depois, entre asmas, o Pernambo referiu que sabia que ia morrer daquilo, qualquer bom dia, por isso não tinha ideal de se casar, e precisava de estar, toda hora, se esquecendo da tristeza. Em tanto que o Placidino cozinhou um chá, no meio da noite, para o Pernambo, um chá de pimenta-de-macaco, que foi a folha que se encontrou. De após, o Pernambo, baixinho, já alegrado, trauteou: *...Maria Branquinha, que paga feitiço, que assa chouriço, que pode com isso, que sabe o amor: me vale, me lava, me trata, me salva, me vela, me leva, com resplandôr...* Tioréga. — "Ao pior não é a dôr; é o arrocho..." — ele só disse também. E o Soussouza, que ainda se sustava com as lágrimas nos olhos, de ver o Pernambo sofrer, então começou a contar o caso de um chicote com cabo de metal, que um Luis Lemes tinha dele roubado; e destemperava, chamando esse Luis Lemes dos nomes de mais ofensa.

Mas na outra manhã tudo estiava bem, vinham vindo, o Soussouza na culatra benzia qualquer rês que remostrava doença, o gado certo caminhava. — “Me caso, Pernambo!” — Lélio decidiu. Já o Pernambo, bom, já cantava: *...Na igreja da minha terra, adonde fui batizado: cada moça que se casa, eu é que fico logrado*... Até o J’sé-Jórjo batia cabeça, aprovando. J’sé-Jórjo sempre queria estar perto de Lélio, proposto. Mas aí, entre a Vereda Azul e o pasto da Cascavel, de repente Lélio enxergou um pau-d’arco novinho novo, que crescia, linheiro, no meio do capim-bezerro. O qual se prometia: porque tinha a casca lisa e de cor igual, sem muxo de musgo pêgo, nem parasita nenhuma, e era mais grosso em baixo, vindo se afinando devagarmente aos poucos, e subia metro-e-meio de alto, sem esgalhos, só o tufe de folhinhas no fim em cima. — “Êta uma vara-de-topar! Isto que vai dar uma vara bôa, mesmo encomendada...” E Lélio se apeou do cavalo Serracém, isabel ligeiro, tirou a faca, e riscou no pau-d’arco, talhando o pique dele, para todos que passassem por ali logo vissem que a arvorezinha tinha dono, sinalada e reservada; era só esperar por volta de uns tempos, e vir ali, num mês sem érre, e torar o tronco, já fornido e bom longo, e encastoar o ferrão — uma vara estava feita fabricada.

Mas, mal chegava ao Pinhém, o Canuto pedia conversa. O Canuto tinha voltado havia mais de uma semana. Levou Lélio para uma esquina de curral. A gente via, ele estava tão furioso, que sacudia um ombro depois do outro, e avançava a cara, de jiboia — parecia um palhaço sem serviço — parecia que o nariz se encompridava. — “O Delmiro ficou noivo da Chica!” — ele disse. A xís, sururo se reteve, olhando parado, sério de cenho, como se tivesse contado uma das horrorosas coisas, malmedonho, e completasse que Lélio devia de dar algum grito de espanto. Como por fim, ele mesmo enguliu em goela, e abaixou os braços: — “...Seu amigo Delmiro... Vai ver, o falso, traiçoeiro, que sempre vivia dizendo: que não se casava com moça pobre, mocinha daqui! Só a fito de enganar... O cão os lázaros!...” — voz de quem ia chorar no pé do momento. Lélio não respondeu; mas pegava que, o pior de tudo ouvir, para ele ainda estava faltando. — “Cá, por mim, eu me importo?! Não sou pai ou mãe, não sou parente dela... Nique que namorei essa menina, um extrato, quando ela chegou, mas por um divertimento, mexida de novidade...” — o Canuto agora expelia, cortando ruindades com a fala. — “Nem eu quero nunca me casar, mulher nenhuma não presta! Olha...” Puxava nos braços de Lélio,

punha mão nele. — “...eu sou com você como um irmão...” Afe, que se desafrontou — disse tudo terrível. De Manuela.

Lélio tirou um passo atrás, repeliu as mãos do outro. Sacou a faca e percurou o fumo na algibeira, começou a picar um cigarro. Viu que os dedos constavam a tremer, e ele formou dentro de si uma força — por tudo neste mundo não queria que eles tremessem, o Canuto vendo. Mas então a tremura passava para seus beiços. A boca seca, seca, impante. Suspendeu os pesos de sua cabeça. O peito, parado, no interior, concebido que geasse num desarrasado.

O que o Canuto depunha: que já tinha estado com a Manuela, em corpos, já a conhecia como mulher... Motivo, primeiro, pensou que ela consistisse ainda virgem, no costumeiro; e ele mesmo adiantara aquilo com tenção honesta de, em posse, se casar. Mas, depois, Manuela, por sua crente vontade, sem ele perguntar nada, confessou que, antes dele, outro também a tinha deflorado. Um sujeito de cidade, um daqueles “Botinhas” — fiscal do Banco, se diz, que viera ao Pinhém para orçar os zebús. Ao que, esse, tinha prometido a ela feliz casamento, e sucede que não deu mais notícias. A Manuela era resto de dois... E era pelo descrédito disso que ele informava Lélio, mais que como amigo, como verdadeiro irmão!

Lélio acendia o cigarro, e não conseguia, não competia de se levantar da régua de tábua onde se acomodara; porque, só retente, se levantasse, não travava a mão de produzir o revólver e ensinar fôgo no Canuto. Oé, esse falava, aos ós-e-ás, em tanto explicava. Mas Lélio mal ouvia mais palavra, do que ele dissesse. “É honra de matar? É hora?” — se perguntava. Pelo poder, esperou, em jús, que o outro calasse, se cansasse. À mossa, más mercês, que berrou: — “Abasta!” — bruto. Nem vendo se Canuto se espantava. Surdo saíu, com andar de zonzo e cara tão sem sangue, que até o Delmiro perguntou se ele tinha algum aperto, se carecia de ajuda. Não, de ajuda de homem não carecia. Só o uso de não ficar ali; se dormisse no mesmo cômodo com o Canuto, aquela noite, não respondia de suas ações. Um melhor pensamento pediu a dona Rosalina. Caminhou para lá, quando já se anoitecia. O J’sé-Jórjo o acompanhou, até certa distância, amigo calado, se via que, sendo preciso, aquele estava ali, sem indagar nem saber, mas pronto para o sistema de garantir — o matando-ou-morrendo.

Do bambual, do jardinzinho, da porta, Lélio começava, a capital, um remanso. Acarinhou o cachorrinho Formôs, que era dele um pouco. Ao em que dona Rosalina o abraçou, com uma alegria tão estável, que ele soube

em si que ia receber consolo. Ela percebeu que o seu Mocinho tinha recolhido brasas. Olhou-o — e de seu olhar provava aquele estilo de paz, aquele ralear dos agravos. Adiado ela falou: — “A água, meu Mocinho, grita a qualquer pancada que lhe dão...” Assim aos círculos a existência das saudades obedecia naqueles olhos — ou luz, ou lágrimas. Agora sorria. Lélio sorriu também. — “A senhora assente d’eu passar a noite aqui, na rede de sua sala?” Por um momento, o que suscitava pior — a tristeza balançada na raiva — se pousava. Mas a raiva latejava forte, raiva do Canuto, capaz de amargos. A que um não quer — e, aí mesmo, assassina. Advertido que ela dona Rosalina devia de ver o que ele sogastava; pois disse: — “Fala: — *Macio feito pedra... Macio feito pedra...* — Quando a pedra amaciar, você então sabe o que macio é, meu Mocinho...” Vai, a voz dela, era bom, punha a gente pequenino. Lélio ainda se calava, mas porque queria que ela contasse, perguntasse, soubesse, tudo suprisse. De fim, pôde, desafogou num suspiro. E falou. Falou, o tempo que quis. Falava sua raiva, falava mordido. Falou sua tristeza.

Dona Rosalina o escutava sem sombra nem surpresa. Escutou, e disse: — “Mas, só porque o Canuto é um bobalhão, e a Manuela uma bôa moça, você não tem que ficar atalhado assim...” Lélio a olhou com sobrancelhas altas, não entendia. E ela explicou: — “A Manuela tem saúde e lealdade. Teve confiança num, depois teve no outro. Agora, olha: se o Canuto mesmo estava pensando que era o primeiro, ela precisava algum de contar a ele o que tinha tido com o outro, com o ‘Botinha’?...” Disse aquilo, e não disse mais. Saíu para dentro, arranjar alguma coisa para Lélio comer, e saíu simples cantando. Sozinho, Lélio se piscava os olhos. O que as palavras de dona Rosalina abriam era só uma claridade em seu espírito — uma claridade forte, mas no vazio: coisa nenhuma para se avistar. No dado do momento, ele se aliviara. Mas zonzava, entanto, desconhecendo se parte desse alívio não manava da voz, do justo olhar, do feitiço de pessôa de dona Rosalina — que ela semelhava pertencer a outra raça de gente, nela a praxe da poeira não pegava. E ele trascoava uma espécie de ira de si, de estar aceitando depressa demais aquele consolo. Se vexava. Será se era como se ele mesmo fosse tão frouxo, que devia de ter estado o tempo todo querendo umas palavras assim contritas, para desculpa de se amolecer sem opinião. Queria agora fechar os olhos, recompor o ódio do Canuto, desesperar a dar gritos brados, durindar na faca. Queria uma desordem. Se mexeu até pensando em se despedir, voltar para a Casa. —

“Meu Mocinho: fôgo come fôgo...” —; da Velhinha o dito. Aí ele já ia se desgostando, pensava que ela vinha soletrar a parte da paciência. Mas, não, dona Rosalina estava falando agora era do diz-aí de horror de amor, de Jiní e Tomé, como que se rasgavam. Assaz que, logo depois, ela mesma disse: — “Bem que esse Canuto enquadrava para uma bôa sova...” E Lélio aceitou de vir para a mêsa e quietar seu espírito.

Só pelas tantas da noite, vendo que ele não dormia, dona Rosalina apareceu e veio retomar a conversa. Mas não tocava nele Lélio, falava como se o caso de amor fosse só entre Manuela e Canuto, singular certo. Demonstrava como era que o Canuto não conseguia razão nenhuma. — “A única coisa que tem importância, é o sentimento fundo de cada um, meu Mocinho... Um homem deve saber principiar pela mulher que ele ama, sem o rascunho de aragens passadas. Um cavaleiro são suas pernas...” Mal e alto, que o Canuto tinha falado também que a Maria Júlia, irmã de Manuela, fora muito levada; que dois dos filhos, dela, de pais diversos, não eram de semente do Soussouza? Idiota, o Canuto. Idiota de pai e mãe, que ele era. Melhor mulher pois o Soussouza não podia ter achado, a de que ele precisava, a que lhe servia. — “A daí, e olha, meu Mocinho, eu tive duas irmãs: uma foi para o convento, na Piedade, viveu e morreu como santa; a outra moçou, dizem que não houve rapariga que fosse mais dos homens. Agora eu, que estou aqui, fiquei mais ou menos no meio... Assim que sempre tive alguma inveja de cada uma das duas... Elas eram lindas escolhidas.” Soando e sendo sutil o novo que ela falava, o simples e justo. — “Trovão com azul... O Canuto carregou o caso. Criatura humana é muito constante na tolice, tem a tolice na natureza, meu Mocinho. Custa muito para um poder solto de achar...” Assim dizendo, e sorrindo, a passo igual. — “Atrasmente, meu Mocinho: ao que Nosso Senhor, enquanto esteve cá em baixo, fez uma Santa. Vigia que essa não foi uma puras-vírgens, moça-de-família, nem uma marteira senhora-de-casa, farta-virtude. Ah, ai, aí não: a que soube se fazer, a que Ele reconheceu, foi uma que tinha sido dos bons gostos — Maria Madalena...” Agora, o pubo do Canuto, queria primazias! Somenos fosse homem, e não um prazível diabo, de luto antes da mortalha, então se casava com a Manuela, e não andava abusando segredos no juízo de terceiros. “Deixa estar, que eu sojigo o Canuto a casamento...” — Lélio pensou, gostosa raiva. — “O cão!” — que ele disse. Mas dona Rosalina, que rastreava a alma da gente com o quite do olhar, se sorriu, e mais falou: — “Eu sabia que você não

gostava total da Manuela, meu Mocinho. Por mais que eu quisesse o casamento de vocês dois. Às vezes, eu acho que você gosta é mesmo daquela moça de Paracatú, a filha de um senhor Gabino... Só porque ela está tão fora de alcances, tão impossível, que você tem licença de pensar nela sem a necessidade de pensar logo também no que você é e não é, no que você queria ser... De tão distante e apartada, ela pode ser bem enxergada, no fim de um enorme limpo campo...” E dona Rosalina pôs a mão na testa de Lélio, num carinho, leve, leve; ele já estava quase adormecido.

De manhã, Lélio não se importou de retrasar para o serviço. Precisava de ter uma conversa com Manuela, ao verde, aproveitar aquele bafo de coragem, um açoite de pegar o mundo e o concertar com suas mãos. Conversa curta — ele foi estouvado, quase rude, como perguntou: — “Você ainda gosta do Canuto? Responde o real...” Manuela não esperava por isso: não conseguiu muxoxo, nem dar risada, não conseguiu se zangar. — “Eu gosto de quem gosta de mim...” — ela disse, voz tremida. E já rompia em pranto, soluçava forte. Lélio nem se perturbou, era como se tivesse esperado aquilo. Esperou que ela esbarrasse de chorar. Mas a vista daquela moça tão sã, tão bonita, aquele corpo, aqueles seios, aqueles braços — e sofrendo em lágrimas, sem fingimento, sem resguardo de si — dava era vontade de ir logo buscar o Canuto, a poder de vara-de-ferrão, como um garrote baldoso, e obrigá-lo, mostrando-lhe a morte e a sorte, preciso fosse. Ele estava uma balança na fieira.

Os companheiros deviam de andar no Saco-Dôce, mas até à hora do almoço Lélio não os encontrara. Ou, talvez mesmo, sua ira fosse tanta, que ele preferia passar um tempo sozinho, procurava-os sem apreço de os encontrar. Desmontou, à beira de um pôço, comeu sua paçoca e seu pedaço de queijo. Quando tornou a montar, e rumou atalhando para o Cascavel, viu seo Senclér, que vinha em passo ligeiro, em seu cavalo bragadão. — “Está sozinho?” — ele perguntou. E disse, curto: — “Vem também. Um boi matou o pobre do Ustavo... O Marçal está dando aviso aos outros...” Lélio tirou o chapéu, fez o em-nome-do-padre. Seo Senclér olhava de frente para ele, e ele sentiu uma branda satisfação, por ver que seo Senclér estava verdadeiramente singular, pelo falecimento de um pobre vaqueiro. Fez menção de seguir atrás, mas seo Senclér mandou: — “Emparêlha comigo...” Quis pensar um pensamento próprio, para o Ustavo, e se lembrava era da Adélia Baiana, do Mingôlo, do Marçal, de todos. Mas,

aquilo, sim, era certo, o Ustavo merecia: que o Patrão também viesse, que ficasse triste. Quis dizer qualquer coisa, do Ustavo, achava que devia, por regra de pesar, por sincera estima. Só saiu: — “Amém...” Seo Senclér olhou-o, admirado. — “Você está rezando? Faz bem.” Iam. Desciam para atravessar a Vereda-Pequena, depois pegavam por outra chã de chapada. O céu estava limpo. Ganhavam o Alto do Quenta-Sol. — “O Ustavo era bem mais velho que a Adélia...” — seo Senclér disse. Seo Senclér gostava de conversar. — “Era um todo vaqueiro do Urucúia... Cumpridor de sua obrigação...” Ali no Alto do Quenta-Sol as seriemas e emas corriam, sem fazer barulho nenhum. Então Lélio contou também da doença do Pernambo. — “Coitado dele,” — seo Senclér falou. O Pernambo tinha matado um homem, na divisa goiana, fazia tempo. Matara em sua defesa, sem maldade nenhuma, mas mesmo assim vivia com remorso, parte da doença dele devia de vir dessa conta. — “Para salvar a vida de um vaqueiro meu, eu dava tudo o que tenho, sem precisar de pensar, e na mesma da hora!” — seo Senclér afirmou. E Lélio sumo se agradou, suspendendo o que o outro falara sincero. Agora apanhavam aquelas serras, vista bonita. — “Breve, breve, meu amigo, vocês vão ter outros patrões... A vida não perdôa descuido... E não há tristeza que me ajude...” Lélio não sabia dar nenhuma resposta. “Mas não adianta ele falar que dava tudo para salvar um de nós, porque esse caso assim nunca que acontece...” — ele pensava. E pensava que, um que sente tristeza, como pode ser patrão de outros? — “De todos, só o que me preocupa é o Tomé, ultimamente. Mocidade...” — dito de seo Senclér. Aquele homem era rico, até para montar em seu cavalo tinha um modo mais confortável, vestia bôas roupas, dava ordens; agora estava com aquela tristeza, feito um luxo. “Se eu tivesse uma mulher da beleza de dona Rute...” — a ideia veio. E, no giro do momento, Lélio principiou a ter pena e simpatia por seo Senclér. Mas o São-Bento estava acolá: a casa, na beira do córrego, e em volta os pastos de jaraguá, belos na força das águas, verde liso, verde forte, com muito gado deitado debaixo de árvores.

O Ustavo entre as velas, coberto com um lençol tão bem lavado, tão branco, que dividia a gente de pensar no sangue que ele tinha perdido, chifrado no peito e no estômago. O Mingôlo chorava, como se estivesse sentindo por um parente. Lélio se debruçou, viu, tornou a descer o lençol sobre o rosto de cera do outro. E aí estremeceu um susto, alguém lhe segurara o braço. — “Lhe alarmo?” Era a Adélia Baiana.

Ela se chegara de um modo tão macio, ninguém sabia caminhar macio feito aquela mulher. Devia de ter chorado muito, mas mesmo o inchado vermelho dos olhos não tirava dela aquele encanto esquisito, uma beleza diferente de todas. — "Mecê era amigo dele? Muito amigo dele? Gostava muito dele?"— perguntou, voz cantada mesmo baixinho. Chamava-o para um canto. E contou: ainda dois dias antes, o Ustavo tinha falado que "esse Lélio do Higino era moço escovado, o melhor de todos..." E que ia dar-lhe um aviso de cautela: com o Tomé. — "Por causa da Jiní, mecê sabe..." A Adélia choramingava sempre, mas esbarrava para olhar de um modo inesperado, quase como com interesse de namoro. — "Mas eu não tenho nada com a Jiní, eu juro..." — Lélio disse forte, trastravando cara. De longe o Mingôlo espiava-os, meio ansiado, seo Senclér saíra pelo ar lá de fora. Mas a Adélia Baiana dizia o que queria: — "Oxente! Mas então mecê deve de levantar antes do sol, três dias de seguida, ir colher um raminho, sempre da mesma árvore, na beirada do córrego, e quando voltar jogar o raminho pra trás, sem espiar, e falar: *Te esqueci em azul*... Falar três vezes..." — "Feitiço?!" — Lélio perguntou. — "Oxente, pois só de viver no meio dos outros, a gente, cada um está fazendo feitiço, toda hora... Só que não sabe..." E ela se alegrou um ponto, no meio das lágrimas. Depois, perguntou se Lélio acreditava que defunto que fica com os olhos abertos é porque vai vir buscar outro, dentro de breve? O Ustavo morrera de olhos abertos. A Adélia queria conversar mais. — "Agora, eu estou por aqui, sem homem, sozinha. Que é que vai ser de mim?" — ainda disse, suspirando. Sorria sofismado, como se quisesse que a gente a abraçasse e lhe desse um beijo.

Mas chegavam os outros, todos, e era o movimento para o enterro. E foi então que Delmiro, vexado muito e falando de arranco, explicou a Lélio que ia se casar com a Chica, porque tinha pensado — casamento é destino — e tinha resolvido. Os projetos, aqueles, de largar o vaquejo e ir negociar por uma conta, tinha de deixar, para outro tempo; esta vida era o que Deus quisesse, consoante. E esperava a opinião de Lélio. — "Você quis, e fez bem." — "Você acha? Mas acha?!" — "Acho." "— Eu sabia que você ia achar. Mais eu quero você seja o padrinho. A gente é que nem compadres..." Dito, daí Delmiro se afastava, ia ficar perto de seo Senclér. E Lélio, mesmo naquele momento, estava pensando no esquipático de certos sentidos: por que era que, de verdade sendo amigo seu, Delmiro

muitas vezes mostrava um duro desassossego, um difícil de parar em sua companhia?

Mor que viu Canuto, por fim. Todas as voltas daquele dia não tinham refecido seu afinco de encontrá-lo. Ao um travacontas. Viu-o e caminhou para ele — foi no cinco-seis-sete: — "Escuta: você é homem?!" —; quase gritou. Ia levantar a mão, o resto podia ser sangue vertido. Mas o jeito do Canuto, arregalado e tristonho, o demorou. — "Homem eu acho que sou. Fala." "— Então, vamos saber, então!" "— Amigo, eu não tenho medo..." "— Eu sei." "— É. Eu sei que você também não tem medo..." "— A babarára! Pois, então, vamos num canto do campestre, p'ra a gente se matar..." — Lélio declarou, com todos os dentes da frieza. Canuto fez uma surpresa maior: — "Malungo..." "— É peta! Você deixa de partes... Você resume... Você não me remexe..." "— Mas, me dá a razão. Eu sou afilhado de seu pai..." "— Minha raiva tem um pai só!" "— Ofendi você algum? Que ofendi, não sei, você explicando, você me desculpa..." Se em fato, ofensa não houvera. E Lélio se tolhia, tornado em si, um a-golpe de vergonha o avermelhou. Tardou um tento. Mas pensou em Manuela. — "Vem cá..." — chamando o Canuto para um mais afastado. — "Você ainda gosta de Manuela?" Um espaço de calma, depois do lance do começo, como que os aproximava, no cordial, abençoava o momento. — "Gostar, gosto. Para que negar?" — o Canuto respondeu, firme voz. Lélio limpou a garganta. — "Porque, se você não quiser casar com ela, definitivo, eu me caso!" — falou, a rijo conforme.

Muitas coisas ele estava esperando que o outro dissesse e respondesse; menos o verdadeiro que foi. O que então se passou: o Canuto chorava, queria abraçá-lo, queria contar trechos de sua vida. Dizia que nem sempre tinha bôa saúde dos nervos, que tinha medo de ficar dôido. Não sabia se resolver. Um momento, ele esbarrou, olhou bem para Lélio, com aquele jeito de jiboia reconhecendo o caminho, e indagou: — "Mas você casava? Você casa? Mesmo com o que eu contei a você?..." À franca paciência, Lélio repetia a ele o que dona Rosalina tinha manifestado. Dizia e dizia. Rájado de um querer, que se acorçoava. Canuto baixava a cabeça, e concordava, com os preceitos, feito uma máquina vagarosa. E, quando Lélio se interrompia, ele tornava a olhar, olhar de cachorro, constante pedindo que ele falasse mais. Lélio compôs o baque do fim: — "Você, Canuto, corre e resolve! O que você me contou, é segredos de morte — assunto que a gente, nós dois, já esquecemos... Agora — até um de nós se

casar com ela — eu tomei a Manuela na lei de ser a minha irmã. Você sabe...” “— Pois, você mesmo é que nem um meu irmão...” — o Canuto falou. E propôs que ia rezar uma novena, pedir conselho a Nossa Senhora. Ele era tão simples incerto, que por debaixo de seu desengonço de chorão devia de embrejar muita coragem; se não, um homem ali no sertão dos Gerais não podia ser assim, Lélio pensava. E também a segura dúvida deste pensamento: que, mais para diante, aquele Canuto nunca mais ia querer ser amigo seu.

Mas a alegria que tirara de sua decisão era diferente, renovava-o — noite fria, longe o dia; desmanchara em frente de si um monte de coisas confusas; poder perfeito. Tão de bom, de azo e estado, às vezes, à noite, queria a Jiní. Não podia. A lembrança do sofrimento do Tomé se estava. Assim não pensasse. E na Manuela, mais, podia livre pensar: o breve, o leve, lão, da amizade; só somente. Mas não a tornara a ver. Manuela nem estava vindo visitar dona Rosalina. A tanto, dona Rosalina não reformava o assunto. Dona Rosalina declarava estórias que eram tão verdadeiras que fugiam do retrato do viver comum: mas as criaturas todas deste mundo, com mais ou menos pressa, quisessem ou não quisessem, estavam todas encaminhadas para alguma outra parte. A vivo, ela só falava o que era preciso. Ou, então, o que era bonito e que para sempre valia, como o bom berro de um boi no sozinho do campo, ou o xilixe continuado do riacho na ponta branca das pedras.

Março a meio, chegaram dois sujeitos no Pinhém, para *fechar* os pastos. Aristó tinha encomendado vinda daqueles dois, que eram afamados benzedores: o Manuel Saído, do Jequetibá, e seu ajudante Jó Cõtõte. Não se precisava mais de gastar madeira nem arame — eles, com *simpatia*, fechavam qualquer extenso. Era só rodearem completo o pasto, caminhando por sua beirada, devagarinho, com uma vara-de-ferrão na mão, todos calados; o Manuel Saído e o João Cõtõte, genro dele, rezavam baixo suas rezas. Quando se retornava ao ponto de começo, emendando o redondo, o Manuel Saído fincava a vara no chão, e o bom serviço estava pronto — o gado ali dentro se resignava. Aristó primeiro perguntou quem queria ir levar os homens; Lélio, que quis, disse; daí, o J’sé-Jórjo, também, pediu para vir junto. E o trabalho demorou dias, a pé, pasto por pasto, e era muito fatigoso, porque não se podia conversar no intermediado. J’sé-Jórjo espiava sempre para o chão, como se estivesse rastreando sem necessidade nenhuma; e nunca se arredava de perto de Lélio. Mas Lélio via e pensava

muitas coisas. O que gostava era se dona Rosalina pudesse estar ali também: então ela percebia e entendia o acontecimento quieto de tudo, e depois olhava para ele — nem precisavam de conversar. Ela, que sabia ver outras coisas por mais que os buritis e os gaviões, e o caldo dos pastos, verdolengos, que eram o Pinhém.

Mas sentia também que recebia o forte de uma ajuda — o encoberto de uma ajuda, que ele não podia saber de que qualidade — só de estar ali perto o J'sé-Jórjo, que era bronco e de espinhôr, homem de maneiras grossas, simples seja desses fundões do Fetal e Riacho-Morto, depois-de-depois do Urucúia. Pelo calado em que tinham de estar, ele entendia aquilo, aquele apôio que o J'sé-Jórjo mesmo sem saber vinha a ele fornecendo, o J'sé-Jórjo que se chegava sempre, como com o farêjo de um cão, que lhe tinha amizade, aos pés da gente. Só a tristeza de J'sé-Jórjo, só a tristeza de cada um, era o que separava. Se todos fossem ficando tristes, mais tristes, todos se acabavam em ruindade — Lélio tirava por tino. Alegria tinha de ser chamada à força. Era preciso chamar a alegria, como se chama a chuva, na desgraça de uma seca demorada. — "Eu tenho nôjo da ruindade..." — ele tinha falado com dona Rosalina, uma vez. — "Ruindade é pressa, meu Mocinho. Pressa de qualquer coisa..." — ela respondeu. E dona Rosalina podia ter sempre razão, mas ela não tinha visto esse Jó Cõtõte. Jó Cõtõte não parecia ter pressa nenhuma, o que ele podia ter era uma tristeza ruim, aquele sujeito baixote, escurosamente, agre com os olhos miúdos e o cabelo arrepiado. E esse Cõtõte não tinha gostado de Lélio, sem meio motivo nenhum, desde o primeiro momento. Não dizia nada, mas a gente distinguia aquele malquerer, no silêncio, como se fosse uma catinga ruim. O Cõtõte tossia raiva de Lélio, cuspia, respirava, bocejava essa, uma raiva que quase Lélio podia pegar e apalpar. O Manuel Saído perfazia seu serviço de comum, estava ali uma pessoa lavada e transvista, fora de tudo o que mais acontecia. Mas o Cõtõte fedia, de dentro. Medo dele, Lélio não tinha, nem sinal; mas dava gastura saber que não havia razão nenhuma para aquela raiva de inimizade. Aquele homem era uma doençazinha no meio do mundo. E teve uma hora, quando conversavam, acabado de fechar o pasto dos Olhos-d'Água, que o Cõtõte não aguentou mais, provocou discussão. Mas o J'sé-Jórjo avançou para perto, num gozo regozijo, tirou pra fora da bainha só um ceitil da faca, que mostrou ao homem: — "Eh, eh... Em que lugar do corpo é que esta lhe dói menos, meu senhor?..." — ele, a sério, perguntou. O Cõtõte, no

inesperado, aproximou sua cara do chão, desconversou desculpa. Disse que era pai de quatro filhos pequenos. — “Sôpa de ôsso! — o J’sé-Jórjo ainda disse, estrito. — ... Eu queria matar não. Queria só castrar só, de um grão...” Agora, por uma causa: por que era que o J’sé-Jórjo criara por ele aquela amizade, e que o Cõtõte aquela malquerença? Soubesse. Aí, o J’sé-Jórjo também vivia, sem saber, caçando alguém para ter ódio. Mas, depois do que tinha procedido de fazer, Lélio estava pronto a brigar de final do lado dele, em qualquer ocasião que acasos. — *“Se o mundo um dia se acabar, ainda fica tanta coisa por se fazer...”* — Lélio se lembrava de Nhô Morgão. Quando voltaram em Casa, escutaram uma boa novidade: o Canuto e a Manuela já tinham ficado noivos com data. Por um tempo, para Lélio, o Pinhém entrava em sossego.

Mas por pouco.

Começou voz que o Tomé e a Jiní já estavam nas brigas perigosas. A que a qualquer hora se tinha medo de notícia definitiva dalguma doideira deles. “Se eles estivessem em mel em paz, eu não curtia remorso...” — Lélio pensou. E foi então que soube que estava sentindo remorso produzido. Era uma coisa muito singela. Um avesso da cabeça. Mas começou pensando aquilo primeiro pior foi uma tarde, quando estava no quarto-dos-arreios arranjando um látego, e, de repente, deu um grito: era o Lidebrando que vinha entrando, carregando um balde com os sedenhos lavados em sabão e água, por desensebar e quarar. Mas ele não sabia o que com aquele vulto tinha pensado, que tão grave se assustara. Ou sabia. Insensato, assanho que vira era sendo o Tomé entrando, em formato de pesadêlo! Então, ele soube que tinha um susto guardado dentro de si. Beirava desbarrancados: que bastava a maldade de alguém ir denunciar ao Tomé certos assuntos, ou bastava a própria Jiní, por despique de briga, repuxo de raivas, se blasonar — e era o meu-deus que era, horrorosamente. E a pena mesma que sentia do Tomé, era esquerda e vergonhosa. Bem, por si se dizia, sem esforço: “Tenho pena dele, pronto!” Ou: “A Jiní não merece o Tomé, só está prejudicando a ele, até é bom que eles dois se separem...” Podia contar a si mesmo muitas dessas coisas, a raso de sua tranquilidade. Mas embebia aquele susto por dentro. Tinha um pau pôdre caído, nas nascentes, um cavalo morto dentro do pôço, podia a água fugir para o longe que quisesse — corre, corre, riachinho... Não adiantava. Queria caminhar para o Tomé, cumprir destino, dizer a ele uma palavra de amizade; e não conseguia.

— "Na hora que Deus começa, dois vaqueiros moravam, cada um com sua mulher e seus filhos, em sendas casinhas muito perto uma da outra, numa baixada, na fazenda do Acroá-Mirim — do Urucúia em reta — vizinhando por Goiás..." Era dona Rosalina quem contava. — "...O fazendeiro dali andava muito esmorecido, porque adoecera em medo de morrer, e começava arrependimento de maldade de injustiças que tinha feito, com diversas pessôas, principalmente com os dois vaqueiros, com um e com o outro. Vai, então, numa noite, ele dôido-sonhou que aqueles dois vaqueiros tinham rodado em briga de morte, e um tinha pragavado feio o ferrão na barriga do outro, que mais que o outro ainda arranjou tempo também de encravar o ferrão de sua vara por debaixo do queixo do primeiro, e os dois estavam em sangues mortos, as duas mulheres chorando, e as crianças... O fazendeiro pulou se levantou, e a pé mesmo bateu para lá, correndo junto com a madrugada, somenho nas pressas, que ia — como lá o diz — com um calço de botina mas o outro de chinelo... E tinham medrado mesmo aquela briga, ou bem: o sonho era de verdade. A rixa principiada entre dois meninos, filhos de um e de outro, depois prosseguida pelas duas mulheres, por fim os pais homens. No exato em que o fazendeiro apareceu descendo a ladeira para a baixada, e divisou a briga, e gritou ordem de paz, os dois vaqueiros estavam quando que as feras, se investindo, cada um com sua vara na mão, os ferrões total destapados. Aí, eles se apartaram, a arqueio de autoridade, não houve mortes; com pouco até fizeram congraça no cordial. Apesar do que, nesse dia, assim em segredo, um perguntou ao outro o que tinha visto primeiro, quando seo Apaulino surgira aos gritos, na vertente. Cada um tinha avistado era sua figura de pessôa mesma, em cara e corpo, feito num espêlho! Assim, pensavam que tinham visto o diabo, assim tinham pensado... Mas, uns três dias depois, o fazendeiro seo Apaulino caíu numa pirambeira, de alturas enormes, foi achado lá em baixo expirado — no cair tinha rebentado uma árvore seca, uma ponta de galho o espichara pelo mole da barriga, outro furara no sobqueixo, surto..." Dona Rosalina rematava as experiências, a glosa: — "Sempre há remorso na gente, enquanto um vive. O remorso não se sabe, é escondido. Tudo é remorso." Mas arrependimento aguentado era coisa séria, e muito rara; tão difícil, que a gente sempre devia de ter inveja de um que se arrepende brabo, em cão e cunhão. — "Quando o calor do fôgo esquenta a chaleira, meu

Mocinho, tudo vai virando bolha...” Lélio queria ir procurar o Tomé, e não podia. Deixava para depois.

Mas tudo nesta vida ia indo e variava, de repente: eram as pessôas todas se desmisturando e misturando num balanço de vai-vem, no furta-passo de uma contradansa, vago a vago. Ou num desnorteio de gado. Delmiro agora dessoltava um travo de despeito — raivava manso por Lélio estar livre de sair negociando e ganhando o dinheiro, mesmo se casando com viúva rica, conforme quisesse. — “E eu fui que ensinei, não se esqueça...” — Delmiro dizia, danado em si por não poder ter tudo de uma vez. E o Canuto se escondia, evitava companhia, por certo se envergonhava, havia de gostar de ver Lélio indo para longe. Esses, meninos usos. E Lélio achava que seo Senclér, por sua tristeza no atual, perdera o direito de estar ali no Pinhém — tinha mesmo de ir-s’embora. Mesmo as cantigas do Pernambo quase perdiam o encanto, desde que ele sabia que o Pernambo era triste por dentro, aquela alegria era falsa, fugia da voz e dos versos. Só se o Pernambo gritasse, antes, para todos ouvirem: — “Matei! Matei um homem. Tenho uma doença me acabando... Mas eu quero minha alegria!...” Só então tudo clareava, a viola dele cantava a fabricação das verdades, a coragem do coração de todos. Mas, se fizesse, o mau remorso dos outros vinha contra ele, disso tinha medo, tinham.

— “Vamos rir da gente mesmo, antes dos outros, meu Mocinho. Gemer, gemer, o bambual mesmo geme...” — espécie das palavras de dona Rosalina. — “E vou lá. Vou, agora. Vou visitar o Tomé...” — Lélio se disse, pensando alto o seu querer. Ia: ia porque tinha medo de ir, ia porque tinha sua culpa e não queria ir, ia porque gostava do Tomé! E ia. Se levantou. Era domingo.

Mas, nesse momento, o Placidino chegando, se formava roda, todos falando e exclamando, o Aristó pedia calmança. — “Foi o Tomé que às matinas foi-s’embora, de mudado, de definitivo... Foi pra longe, fez viagem... Largou a Jiní...” — o Placidino relatava. Mas o Aristó sabia de tudo, o Tomé regulara com ele as providências, na véspera. — “P’ra onde foi?” — se sabia? A ser, tinha ido para o Urubuquaquá, no meio-do-meio dos Gerais, ao de buritamas a buritiquéras, muito longe dali, a maior fazenda-de-gado, a de um estúrdio fazendeiro conhecido por “Cara-de-Bronze”.

— “Lélio: ele disse um abraço pra você...” — o Aristó falou — sisudo, sério, verdadeiro. Lélio levantou e abaixou a cabeça. Enguliu. Formou o

sobrecenho, era capaz de agredir quem troçasse do Tomé ou viesse com meias-palavras. Daí, saíu. Ele estava pelejando por trás dos olhos — chorava contra suas lágrimas.

Sobre seguida, veio que a Jiní mandou um recado: Lélio ir vê-la. Tinham passado três dias, e o tempo estava feio — no Saldãe trovejava, aqui corria uma chuva tardonha. Lélio em silêncio se ensinava o voto de seu proceder: nem desejo, nem desprezo. “A Jiní não tem culpa da vida...” — a si mesmo ele repetia. “Agora ela não é mais do Tomé...” Ela notou o sentimento no rosto dele, e traçou uns modos muito singelos, sensatos, que se estivesse de luto. Lélio sentou no banco. Por um tempo, estavam calados, parecia que tinham de se respirar de um grande cansaço. Lá fora chovendo, e a casinha cheia do Tomé, demais, em tanto que ele ia viajando os Gerais adiante, embora, sempre mais longe. A em que rancho, em que pouso, pudesse dormir, ele ia fazer noite?

— “Ele não volta, nunca mais?” “— Volta não. Fosse, fosse, foi! Levou tudo que era dele.” “— E aquilo, ali?” — apontava o chapéu-de-couro, pendurado. — “Esse ele não gostava dele mais, não quis carregar...” — e a Jiní se levantou, para pegar o chapéu. — “Você quer ver se em você serve?” O que ele arrepiou, rugo, áspero até nos olhos; nisso ela pôs sentido. Deixou o chapéu onde é que estava, tornou a se sentar, humilde, quase não queria o ar. Se ela não tivesse falado aquilo, Lélio bem gostaria de levar o chapéu, como uma lembrança do Tomé. O que ele tinha vindo fazer ali — agora entendia claro — era visitar o Tomé, a visita que antes pensara poder. E a Jiní, diante dele, tão acomodada e quieta, semelhava mesmo sincera. Era a astúcia da beleza — a mulata cor de violeta, os seios não movidos, o abobável daqueles olhos verdes, as pernas que chamavam as mãos da gente. Ela se encolhia e não dizia nada; mas seguia Lélio com um olhar em olhar, como que pronta a acertar com o instante de dar o dar, a gente pensava numa desconhecença. Mas, mas para o fim, ela mesma achou que devia de falar, meneio sossegado e sem tom, avisou a novidade que Lélio não sabia: que o Mingôlo ia desmanchar o trato de casamento com a moça do Amparo, porque agora ia se casar com a Adélia Baiana... — “Ah, possível! E isso com certeza?” — perguntava Lélio, conturbado. Ao certo, sem escrúpulo! A mal a mal ela completava, em tanta doçura, que não igualava uma queixa: — “Eu, por mim, posso pensar em casamento com ninguém; quem é que eu sou...” Suspirado. — “... Mas eu também careço de viver... Careço de ter quem me proteja...” Avante

figurava uma menina ameigada e triste, entregue a essas ruindades do mundo. Lélio devia de ter mudado o tombo de seus olhos, porque ela se animou e sorriu, alisava nos beiços a ponta da língua. — "Tenho mesmo de ir embora..." — ele se levantou. Ela se levantou também, em um grande movimento sem peso. Assim estava encostada nele. O rumor do ar em respirar, o cheiro, os óleos olhos. — "Não!" — ele roncou — "Não..." e recuou passo. Num relance de si, já sabia que ia ficar, que estava agarrando a mão dela. — "*Porretada!* O que acho que não é correto, o que, vai, estamos fazendo", ele falando — e abraçou-a apertado, forte, tão forte que a sentia só como roupas; e aquela ânsia cortou-lhe o sopro. Ah! A casinha não tinha mais dono — ele agora não pagava côima.

Segundo que se viam, os outros dias foram grandes. Só uma sombra dava, suas vezes, passava. Uma dúvida de si, o desgosto de uma coisa que mesmo dentro dele era para tanto o enganar; porque achava: tinha ido lá formando ideia que era por causa do Tomé, e no entanto já era, nos fundos, só por conta da Jiní? Então, era uma miséria. Porque ele se consentia? Ah, mas por isso não: quis voltar, voltou. Mesmo dona Rosalina, quando se falou do Mingôlo com a Adélia Baiana, tinha tido esta palavra: — "Meu Mocinho, tira-se leite é onde há pasto... A bôa sacola, aumenta a esmola..." Aprendera a adivinhar, a torna e vem, o que dona Rosalina pensava, e assumia para si aquela resposta. A Jiní era a beleza e a frenesia.

Aí mesmo por pressentir as artes de astúcia da vida, os altos e baixos, sua coragem esforçou. Se aquietava. Ou fosse — no atual, a toda hora, sobre o passado a gente tinha poder. À barba, podia notar, os outros o invejassem. Mas não diziam ponto. Só soante um verso do Pernambo: *...A água do rio é outra, que passava e já passou... A vida da gente é a mesma: que doía e já voltou...* —; formais de agouro? No Tomé, próprio, não se falava. Assunto que o Placidino apareceu com um outro chapéu-de-couro. — "Meu, ganhei..." — ele três vezes disse, apurando um encoberto de importância. Lélio não olhou. O Placidino era um simples rapaz; por sua inocência, ele, quando sendo, servia para trazer os segredos e recados. Onde, então, o Delmiro também falou, no relembrar o ausente. — "Será se ele passou por Barra-da-Vaca? Sei que, na Barra-da-Vaca, podia ter levado um bilhete, para o meu primo Astórgio..." — assim especulava, esfregando o fura-bolo no polegar: saudade de dinheiros não ganhos. Não tinha resposta. E estava-se no fim-das-águas, na zina da trabalheira. Aos gados e bois, teteté, se saía mexer pelos campos.

Por mais, a Jiní não se entendia.

A ver que ela nunca era feliz nem magoada, para diante não pensava nem se consumia com o já vivido. Ela queria. De hora a hora, o sobregosto, ela era para ele que nem uma herança mal aprovada, que se tem o avivo de despender de uma vez, até não poupar um tostão. A vontade seca, sede de esfaqueado, o agúo de se ter aquela mulher até ao fim, o mais, até aos motivos daqueles verdes olhos. Adiado figurando uma baixada avante, que o cavaleiro começa a atravessar, e o vargedo vira longe, no horizonte, aonde o cansaço dá mais pressa e só a pressa é que descansa. A Jiní escondia em seu corpo, a vão, o estranho de alguma coisa sida da gente, acabada de roubar nos instantes, o encarnável de uma coisa que nela mesma a gente era escravo de ir tornar a buscar. “Um dia, não tem mais Jiní...” — um precisava de se redizer, para sossego. E, quando saía de lá, Lélio se socorria do abarco de correr para a Lagôa de Cima, à casa, sentar-se no banquinho baixo, perto de dona Rosalina, escutar o que ela achasse de significar. Ela vinha de longes festas. Dali mesmo a gente parecia ter se apartado fazia muito, muito tempo. A ela um podia perguntar o que quisesse: a voz da Velhinha nunca se espantava. E respondia: — “Ara, fala, meu Mocinho. Mas fala sem punir. O que existe na gente, existe nos outros...” A vida andava.

Assim veio. A volta de lua, uma noite, o J’sé-Jórjo deu em dôido. De armas, ele acordou depois de um grito, espumou conversa baralhada, demora só dizia palavras muito perdidas. Deus recolhera o juizo dele, no meio do sono. Dava pena. Teimava de pisar com força nos seus pés dele mesmo, gritava sempre desigual na voz, a respeito do que não se podia saber; e queria matar, por toda a lei. Teve de ser amarrado com cabrestos. Quatro dias passou assim, e quatro noites, e Lélio não arredou da beira. J’sé-Jórjo não conhecia mais ninguém. Pedia água, boquejando, afrontado, mostrando a língua; mas logo que enchia a boca experimentava cuspir tudo na cara dos prestantes. Era só um querer, sem entendimento, furioso. Para se ter saudade, do J’sé-Jórjo verdadeiro, ido embora por dentro de seu semelhar. Mas podia ser que ainda voltasse, nem que fosse aos momentos. Isso Lélio esperava. Mas, mesmo que a vida do J’sé-Jórjo, de em antes, apagasse as formas, despodida em desgraça, uma coisa valia, e tinha sido certo: que ele fora amigo de Lélio; e ninguém esteja louco quando tem amor ou amizade por outra pessôa.

Todos vieram ver, até dona Rosalina. Mas, benzido e rezado, não havia remédio. E forçoso foi que o levassem, para cidade, para onde tinha cadeia e tinha doutor. Os que com ele foram: Lidebrando, o Pernambo, Placidino, Zé-Amarel e o Ilírio Carreiro. Lélio quis ir também, mas não conseguiu; iam os que para si mesmo careciam de consultar, por alguma doença. Maltreito ele também estava, mas de se achar pequeno e pior que os outros, de se fazer perguntas sem arcável resposta, de precisar de viver sobre seguro na transformação do mundo. Aí então, separando uma parte do cobre de seu amouxo, pediu ao Pernambo que comprasse e trouxesse uns argolões de enfeite para lindos braços, um vidro de cheiro, e um corte de vestido de soprilho.

Mas, se por isso mesmo tinha passado aqueles dias sem ir ver a Jiní, dela o pior, que depois houve, não esperava, ah não podia presumir, e não merecia. Ou merecia, quem sabe. Toda surpresa não é pagamento pontual? Doeu, doía, isto sim. Tinha ido, chegou lá; agora não podia se recordar do que no caminho viera pensando. A porta estava fechada. Dando de leve, bateu. Ela não vinha abrir. Bateu forte. Voz não ouviu, nem suspeitou rumor. Mas, quando a Jiní apareceu, parava quase núa, e afogueada. Seus olhos escapavam da luz, não queria que ele acendesse o candeeiro, seus olhos fugindo, com as meninas agrandadas, maiores, no centro do verde. Só o abraçou. Sofria pressa de para ele passar o quente de seu corpo, a onda de estremecimentos de sua pele — de mulata cor de violeta. Se ria, sempre dizendo mais amor, até aos cotovelos o coração a espancava. Beijava-o, levava-o; e estava suja de outro homem... E estava!

Lélio recuou todo: se escureceu, de amolecer os dedos; largava-a. Puxou o revólver. Teve um nôjo, um oco na cabeça, e no corpo total um frio de perigo. Cansou de si. Outro homem!... Foi, foi, que ali não estava nenhum. Tinha fugido, de certo, de vez pronta. Mas que ela não dissesse o nome, não contasse quem fora, não falasse nada! — "Cã cachorra!" — foi o que ele pôde, sem corpo de voz, quase como debique. Ela apertou as mãos às fontes, como que não queria ouvir; mas não fechou os olhos, não chorava. Era preciso não olhar para aquele ente enxuto e ansiante, era preciso engulir em seco e para a língua não pedir água, para a beira da boca. Era preciso sair dali, de sem tempo. Dar as costas. Lá fora, luz de estrelas, era um alívio.

Mas à vã já a Jiní vinha atrás, atirada, quase de corrida; jogara uma roupa qualquer mal por cima de si; esbarrou, em tonta; os olhos calcavam.

— “Vem! Vem!” — tudo pedia, quase gritado. Se abraçou com as pernas dele. — “Vem... Você vem...” Levantou o rosto, os olhos primaram, e os dentes, ela se ria. Ria brava, com uma certeza, uma fé em que ele ia ficar; e mesmo ajoelhada, travada de retê-lo, ela se enroscava, coisa que coisa. Aos olhos, os olhos, que cravava mira, e à palpa, com o avento forte, de um bicho. Era preciso um enrijo de si, um alevanto, um se vencer, para não começar a achar que aquela mulher moça, como núa, a cintura adelga, que ela não passava de um animalzinho do campo, sem obrigação de dono, que um podia aceitar assim avulso, mal a vez — desmerecer de honra não havia. Suxa, sussurrava. Aí, arre, prostrada, de repente, variava, agarrou um punhado do chão, dando a ele: — “Péga terra, joga em mim!...” — foi o que ela disse. Então chorou choro; mais não podia.

“Podia ser minha irmã...” — ele surge pensou, perturbado por um dó que tomava conta dele, de estado, tão por calor, tão brandamente, vontade de que ela não chorasse aquelas lágrimas, nem ninguém chorasse, ela chorasse mais nunca. — “Você nem tem culpa, minha filha...” — ele falou. Com palavras moderadas; queria passar por suas palavras aquela pena sentida, o compadecimento, entregar a ela uma amizade e uma ajuda. Falou, foi dizendo, começo de conselhos, como estava em seu alcance, coração o estropiava. Mas, à má, de golpe, ela pulou em pé, ringiu rilho e estendeu braço, não o deixou continuar: — “Cão! Corno!” — contra ele gritou; e era uma voz que se rasgava. Lélio defastou um passo, não entendia. E ela piorava, insultava, gastava seus sopros; mas caçava as bramas mais ferinas de ofensa, e arrancava-as sem pressa, como se fosse clamar ali a vida inteira. Assim sendo.

Lélio respirou com ombros; veio vindo embora. Ainda ouvia tanta voz, podia ser a voz da mãe-da-pedra, que as outras pedras retiniam. E ele caminhou para a Lagôa de Cima, por que causa. Nome da noite, que da mente procurava negar aqueles remoinhamentos, que faziam imensidade. A hora era tarde, mas ele precisava de ver dona Rosalina. Teve de chamar, vezes, à porta; nunca fizera isso. Assueto, o cachorrinho Formôs, que pulou, afetuoso audaz, o rabo volúvel. Logo, mais lá, o papagaio Bom-Pensamento, que despertava, desdobrando a cabeça de sob as penas e asas de suas costas, e danado com tantas luzes: — *“Rosalina! Olha o amor... Olha o amor... Rosalina!...”* Mas a Velhinha tirava do fundo de seu sono um sorriso leal, e suas palavras respondiam antes de qualquer pergunta. Lélio, solto de pensar, outrossim semi-sorriu. E ela disse: — “Dia de maio

e água fria...” Lélio tomou um ar e um tom, sérios, que depois de falar ele mesmo achou que demasiava. — “Donde venho, vim!...” — ele disse. Não havia mais Jiní, ela compreendia. Mas, mesmo por alto, ele tinha de contar o que se passara, o fim: aquela crúa raiva da Jiní, fora de qualquer pressentimento razoável. Pela primeira, ela o reprovou, mas com ainda maior doçura: — “Pois, meu Mocinho, você espalha pétala de flôr de cova, em cima de criatura viva?!” Lélio hesitou. Por palavra, vida salva: — por ter se lembrado disso, ele se tirara de pôr mãos para alguma loucura; mas, se nele mesmo o engano era corpo, e repente do corpo, que dirá da Jiní; quem culpa tinha? Estava certo? Estava errado? — “Esteja sempre certo, meu Mocinho. E ninguém não sabe: talvez o céu não cai é só mesmo por causa do voo dos urubús...”

Foi um desespero não. Só maldormiu suas noites. Achável o acabado, a Jiní e ele desterrados um do outro, tempos de distância. Nem aguentava relembrar sabor — por crime da vergonha, porque reconhecia ter sido panças, amando e tendo em falso. Armava a esquecer, por entre margens, varando a surdo as horas de descaramento ou desânimo, tais ou quais teve. A esmo de um prazer, quando revocava essa Jiní, mulher bela. Apre, resistia, freio nos beiços. Então, ele requeria os costumes do existir miúdo, junto muito com os outros, sem inteiro, sem espaço. A tudo no comum trivial, de mistura. Tanto trabalhava. Os campos eram grandes. À tarde, as águas — ver o buriti, palma por palma. Adforma que se vivia.

Sobre aí, tornaram os levadores do doente, de alegria das cidades. Lélio revia. — “Ah, e o J’sé-Jórjo?” — pela pergunta. — “Pois, ficou lá...” — Lidebrando respondia, descambando um gesto. Assim esse gesto sem rumo nenhum, ao acaso atôa, não caçando de apontar para a banda certa de lá ondonde ele ficara — ao que queria dizer que o J’sé-Jórjo desenganava de recursos de cura e esperança, perdido por sempre, nos guardados de Deus, só a só. Mas, o mais, o Pernambo trouxera a encomenda dos presentes, conforme aqueles embrulhos, tão bem acondicionados. Lélio se sombreou, e os afastou com a mão, coagido de não ver. — “Sendo de mim, a sorte destes morreu... Sem repaga, agora dou tudo para você mesmo. Pernambo, pedindo que não enjeite...” — ele disse. À primeira, o Pernambo se formalizou, desmontado, pelos desusos. Daí, alisava com amigas mãos aquelas coisas — a gente via que ele gostasse: poder dar à Conceição e à Tomázia. Mas por fim sacudiu a cabeça: — “Não. Se sua bôa licença me declare, Companheiro, eu daqui vou e entrego à dona

Rosalina, com pedido — que reserve... Um dia, isto ainda pode ser para as mãos de uma prendada moça sua nôiva, de todo bom proceder...” E Lélio consentiu. Quanto mais que fingia semblante alegre; os outros o viam alegre; e de repente ele estava tornado em si, no em mesmo.

Ao que, vai dia, pediu uma cantiga ao Pernambo. Andando cantado: *...Lá em cima daquela serra, um coqueiro eu vou plantar; você desplanta o coqueiro, a serra tá no lugar...* Até os cavalos escutassem. A outra copla: *...Jacaré subiu a serra, quer sobrado pra morar; descambou pela vertente, a serra tá no lugar...* E outra inteirou, sextando: *...Este meu cavalo branco sobe serra pra pastar; este meu cavalo preto, pasta em qualquer lugar; lá em cima daquela serra tem coqueiro de palmar...* O Pernambo asmava. Estavam levando duzentas novilhas cobertas, para ao pé do Saldanh’, às mangas de criação. As cigarras friçoavam, vesprando seca. O que redoía era o gosto de beleza da Jiní, pimpã, ela rodava; e o morno moço do corpo: duras carnes que em tudo se encostavam. E porque ela era sempre de repente. Agora ficava um vazio, agora. — “Como é o Urubuquaquá, hem, Pernambo?” “— A lá é sertão muito bruto, em excelentes terras.” Dado bom em passo, aquele gado balançava igual, sabedor do caminho seu. — *Ha-êaê-heeê-ahá... êh... meu boi... vacas...* Na seguinte légua, era sobre-tarde, com muita quietação. — “Beber é convinhável, para se esquecer alguma pena que sobra, hem Pernambo?” “— Ah, qual. Alegria se guarda, tristeza não se guarda. Meante mesmo, melhor, é se gastar em pé. Sêbos...” Debaixo dos olhos da gente, o Pernambo se envelhecia. — “... Vaqueirada boa, é?” “— Aondonde?” “— No Urubuquaquá!” “— Nos usos. Cavaleirama...” Olhos verdes cor de calango. O chapéu, não fosse dado ao Placidino, teria ficado, pendurado no portal. E agora ele padecia pena herdada. O Pernambo diminuiu, e disse: — “Posso cantar mais não, agrava minha doença...” Estava sofrendo sofrimento que era de outro?

Maio, junho, vieram ao Pinhém os credores de seo Senclér. Seo Amafra, seo Sixto Correia, e outro. Três grandes boiadas se tiraram, entregues em parte de paga, levadas por vaqueiros deles. O frio entrou cêdo. O Marçal caíu com o cavalo, numa côrra de gado, veio doente do São-Bento. Dona Rosalina foi passar uma semana na Pedra Rendada, em casa de seu filho Alípio; um camarada, idoso, de lá a veio buscar, mas Lélio também a acompanhou, durante quarto-de-légua. Ela ia no seu cavalo de silhão, o Mariposo, capaz de todos os passos, e estava com um vestido verde-escuro, chapéu do mesmo pano veludo, com uma grande pena de pássaro

presa na fivela; empunhava um chicotinho de tala, de cabo gentil, e montava com segurança, muito animosa. Adeparte, uma hora, ela não ouvisse, aquele camarada falou: — “A caso, que lá dizem — senhora que, de moça, foi uma alazã de bonita... A que reinou nas belezas!” Sempre vistosa, somente se via, acavalgando adiante.

Os campos se queimavam de sol. Lélio ia visitar o Marçal, que mesmo doente na cama sabia a todos dizer uma boa palavra engraçada. Biluca estava sempre lá, às vezes Mariinha também. Roda de vozes, quando as moças solteiras não estavam perto, falavam da Jiní. Dos escândalos. Porque a casinha onde a Jiní morava era da Fazenda, e seo Senclér podia mandar que ela fosse embora, a qualquer hora. Devia de mandar — as mulheres diziam. Porque a Jiní agora estava recebendo homens, geral, e estava desencaminhando os casados. Aí Lélio ouvia, e não produzia.

A dó e asco. Tinha culpa? Lá não iria, de modo nenhum. Às horas, se perturbava. Gostaria de poder pensar: “ah, bom foi, agora com o resto não somo...” Quem ia lá? Soussouza, de certo, o Ilírio Carreiro; o Canuto, quem sabe. Porque Placidino e o Pernambo não se encorajavam de ir, esses dois tinham de honrar o exato pontual, com as Tias. — “E lá o sal se paga... — a Conceição disse. — A Mulatinha exige dinheiro valedío. Mas mesmo assim os homens estão lá, como periquitos na paineira!” Então, ela e a Tomázia, caprichavam em aumentar carinhos. Lélio aceitava o regalo; agora também ele ia muito mais às Tias.

E uma vez procurou a Caruncha, que morava quase dentro do mato, e não falava, nem por sinais, muda de nascença; mas que descarecia de falar. Ela olhava-o muito, com um prazido sincero no olhar, e punha o filho para ficar acomodado quieto dentro de casa; aí vinha para um claro entre as árvores, ajuntava capim em guisa de travesseiro, ia tirando a roupa, com muito cuidado, se deitava, humilde como a madeira de uma mêsa; tinha um corpo formoso. O filho da Caruncha se chamava Serafim, e nunca tinha podido escutar voz da mãe o chamando por seu nome. Como havia de ser o nome verdadeiro, da Caruncha? Quando um passarinho cantava, ela deitada no chão já estava olhando para ele, pousadinho em um galho, os olhos dela realumiavam. O menino brincava de empilhar pedrinhas. Alguma pessôa tinha ensinado a ele rezar jaculatória e fazer o pelo-sinal. Ele gostou de Lélio, abraçou-o. — “Você sabe contar história? Sabe a do Homem Encantado?” — ele perguntou, a voz clara, aquilo tudo novíssimo. Lélio nunca mais ia voltar ali.

Abre que, por esse tempo, na dura da seca, os vaqueiros procuravam empurrar o gado para o fundo dos pastos, e limpavam os bebedouros. Aos casais, também vinham voavam os quem-quéns, mudando de morada e baixada, sempre para catar no esterco do vacúm, nos malhadôres. A tanta lida, tudo, cada um a seus intentos. O Marçal já estava quase bom; quando podia, Lélio ia visitá-lo. Casamentos, dele com Biluca, de Delmiro com a Chica, de Canuto e Manuela, e do Mingôlo com a Adélia Baiana, estavam marcados para o começo do setembro, vinha o padre. Menos faltavam quase dois mêses. E aconteceu que, em casa de Aristó, Mariinha conversou com Lélio, muito tempo. — "Azoado, que acho que vamos ter mais um par..." — que o Marçal brincou. Ao que Mariinha e Lélio riram, não se importaram. Assim ela era — durinha e de rosto firme, quase sempre séria; pisava com força e punha chispa no olhar, se zangava mordendo com os certos dentes os lábios; por isso mesmo, quando sorria, sorria mais que as outras, bonitinhamente. E tinha um rosazim nas faces, de flôr de abril em beira de chapada, e estava gabando Lélio, por moço distinto e aposto, com o que veio que ele sorrateiramente muito se alegrou. Olhava Mariinha, e tinha mente de que se recordava; de quem? de que? Mas era uma menina, parecia, e o olhar de Lélio ficava sem continuação.

Um dia, foi, disseram: — "Sabe que a Jiní vai s'embora? Vai para se casar..." E ia. José Bento Ramos Juca, fazendeiro no Estrezado, homem de posses, se apaixonara. — "Só se casar, assente, se quiser, em escrivão e igreja..." — ela tinha respondido. Ái-me, cangueiro, aí ele quis. Veio buscá-la, com os papéis de banho já correndo, veio com cavalo com a sela poltrona, com arreiame niquelado, com camaradas de escolta e mucama de pajear, e três burros cargueiros, para a tralha que a Jiní tivesse e levasse. — "O fumo bom, por si se vende!" — ela blasonou, conforme se ouviu. Diziam que ela estava impossível, só ares de rainha real, e cuspiu no rumo da Casa do Pinhém: — "Oxente, meu boi desgostou deste capim... Vão ver como eu hei de saber ser senhora-dona, mãe-de-família! Cambada de galos capões!..." Bem foi, foi-se. Ao ponto, estavam acabando de ferrar novilhos, Lélio ainda subiu na cerca do curral: de lá, de arribapoeira, se avistava a comitiva partir. Ele desimaginava. Suspirou, não sabia por quê; foi lavar as mãos no rego. A Jiní esvaziava muito os ares. — "Aquela vaquinha do peito perdido!" — xingou a Conceição, no dia de seguinte, que era de domingo. Mas dona Rosalina, sempre adiante, a melhor bem disse: — "Cada um que se vai, foge com um pouco da gente, meu

Mocinho. Tudo é para depois... A vida tem de ser mesmo variável...” Sobrava, no tempo do tempo, o que se fazer — tanto boi se transpastava.

Não é que, nessas duas ou três tardes, Lélio tornou a conversar com Mariinha. — “Você não gosta de ninguém? Tem o coração forro?” — uma hora ela perguntou. E nem deixou que ele respondesse, foi dizendo: — “...Deve de ser bom a gente não gostar, ser dono de si... Pior de tudo é amor sem esperança...” Visto que estava com uma flor de cravo na mão, de repente deu a ele: — “Te dou, por querer. Você é meu amigo...” Ela Mariinha, seria uma moça esquisita, parecia ter vontade de revelar alguma coisa, a isso tirava. — “Careço de ter um amigo, homem. Em você eu acho rumo de confiança...” Lélio guardou a flôr, não queria que alguém visse. Sobrepensou: podia ser que Mariinha estivesse gostando dele mesmo, ao enfim; tomara fosse. Dali saíra feliz, um tanto vago. Ao depois, ia ter um outro dia forte em serviço. Dormiu com a flôr do lado do rosto, aspirável. Acordou, se revestiu, e tocou com os demais, para a tratação das vacas com crias, no fim do pasto dos Olhos-d’Água, nos refrigérios. Ia no cavalo Ziguezague, castanho amarelo arteiro. Sorria para tudo. E, quando voltaram a Casa, correu foi ver dona Rosalina. — “Eu gosto de Mariinha... — falou. — ...Ela amanheceu em mim...”

Disse, redisse, nem esperou como dona Rosalina responder. O amor era isso — lãodalalão — um sino e seu badaladal. Ele estava maior que todos. O dia fugia claro, a tarde passava; por pois, apressava ir ver Mariinha, antes que outra noite viesse, as noites maltratavam. Nem quis café; e tudo foi um: pensou nela, até às mãos, e tirou avante. Chegou, falou e regalopou, sem deixar a poeira pousar. — “Te amo por querer!...” — foi o que ele disse, sem tanto nem tento; precisava de ser assim. — “Mas, Lélio, você...” — ela contestando; sua surpresa cresceu diante dele.

A de daí, o começar de um tempo de padecer. Ao simples logo soube: ela não gostava dele, de modo nenhum, aquilo não podia. — “Bem que eu sinto, mesmo e muito, Lélio. Você desentendeu o de mim...” Tinha querido dele a amizade. Raios que por que, então, e que modas, essas? Para isso viera, ao terreiro dele de amor, conversando, sorrindo, dando aquela flor avisada?! Sofreava era a fúria, os ócios ódios. Oé, o ódio de não poder regrar aquele coração, a cabecinha alta, ela tão fina, tão menina, e sabendo tanto o que queria e o que não queria — talvez mesmo nem soubesse. Tolo, teve o momento em que Lélio quis sentir pena de si mesmo. Maior a raiva, dela mais gostava. Chegou a pensar em ir à Conceição, contar o crido, e

pedir que ela procurasse aquela mulher de Ribeirão abaixo, incumbir amavios e artes, para poder. Iria. Mas dona Rosalina vagarosamente vigiava-o, feito quem espera uma doença declinar; e governava mais que ele. — "Aos nuncas... — ela disse ao seu Mocinho. — Uma coisa é buriti, e outra é buritirana..." Olhava-o, meios olhos, paz e paz. Vai, dia, ela chamou a Mariinha, para que aqueles dois se sozinhos falassem, de entre o havido, por que coisa. Lélio, por mal que não quisesse, tremia de embevez — todo mudo amor e suspirâncias. E ela estava emagrecida pálida, vincada. Dele supria dó? Mas disse, declarou as todas palavras, para eles se cortarem de uma vez: — "Lélio, você não me deu tempo, eu não expliquei: eu gosto de outro... Não pergunte. Mas eu gosto, eu amo. Acho que vou em sorte a pior, por esse amor..." Olhou direito. Mariinha tinha mais sangue do que carne. Até o pezinho dela devia de ser quente de fôgo, nas mãos da gente. Aí se despediu, caminhou sem olhar nem uma ocasião para trás. Lélio não livrava a ideia. Ficou estacado. — "É do seo Senclér que ela gosta, meu Mocinho. Você não adivinhou?" — dona Rosalina disse, ao depois. E era possível?! — "Mas ela desguardou o juízo, essa menina?" "— Juízo e amor, juntos, não é coisa demais, meu Mocinho?" — Aquilo — o estarrecente! — "Bem viu, quem sabe? Você mesmo não entende que — amar por amar — talvez seja melhor amar mais alto?" Apalermado que estava Lélio, e tonto, feito raposa, quando para ela se põe melancia com cachaça. "Será praga da Jiní?" — simples pensou, com um bom vexame de não falar naquilo. Tudo que não se enxergava bem. Leis-do-mundo era o desencontro! Aquela Mariinha tinha a competência de se ser numa desordem dessas?! *Amar* — pronunciado tanto — parecia coisa muito diversa de *gostar*: parecia um terrível... Sarnas! Seja, esse seo Senclér não estava para uma punição pronta, de emenda, não merecia um homem armado diante dele? — "O seo Senclér nem sabe... Seo Senclér nem sabe que ela gosta dele..." — dona Rosalina mais disse. Sarnas! Mas, então, pois... Mas, então! — não era melhor, não havia um jeito, um possível, de se desmanchar o atual, e recomeçar, de outro princípio, a história das pessôas?!

Aos dias, adiante, aos poucos, Lélio se desatava. Saber que a Mariinha gostava de outro, era saber que ele Lélio andara em si errado, naquilo, contra o destino, e pela raiz tudo se desfazia. Ao menos, tudo se afastava, para vagas enormes distâncias, pois que um amor tem muitos modos de parecer que morreu.

Assim, um acontecer, ele estacionava no São-Bento, como por ali passou um homem, um tocador, que do Paracatú viajava, se chamava o João Cujo. Por um acaso ele conhecesse a Sinhá-Linda? Lélio perguntou. O tocador respondeu: que presumia; achava mesmo que ela tinha morrido, fazia pouco; era uma mocinha estranhosa — diziam que antes ela tinha estado melhorada de louca, não se sabia. Podia ser que o João Chopém, o arrieiro, ou algum outro dos tropeiros, soubessem informar exato a respeito dela; esses paravam a légua-e-meia dali, o Cujo devia de ir se ajuntar com eles no arrancho, onde iam fazer noite, rumo da Serra do Saldãe. — "Vou!" — Lélio disse. Testou um recado para o Aristó, e foi com o João Cujo.

Ao que o João Chopém sabia assaz: — "Não. Morreu não. Esteve dôida não. Mas foi-se embora..." A família toda, e o senhor Gabino, tinham ido s'embora, de mudados, ela também — para onde se ignorava. — "Ah, ela é uma ovelhinha de linda moça, isto sem dúvidas..." — falava João Chopém, que então a conhecia certo, então era ela mesma! Aí Lélio se acalmava, se desconhecia. Assim no flagrante mesmo do instante, ele não conseguia sobrepensar — faltava o esterco do real: ah, ele, com a Sinhá-Linda, possuía muito poucas marcas. Mas, depois, mais tarde, as verdades vinham retornar, o dele, somente soante.

Naquele momento, por precisão, começava qualquer amizade. João Chopém era de cabelos erguidos, as gêlhas e as rugas na testa, uns bons olhos alertas, e não cria em nenhuma ilusão. Tomaram um gole de restilo, e juntos fumaram, meio calados, espiando para a Serra, para seus primeiros degraus, recobertos de mato. Aquele lugar do pouso se chamava o Abatirá, noutros tempos os bugres de trunfa alta ali tinham uma grande choça, a casa para guardar seus negócios, as coisas de arte-feitiçaria. Os tropeiros já iam se deitando por dormir, em cima de couros de boi, perto das filas de cangalhas e bagagens atravessadas, dentro do rancho. Sentindo o cheiro dos animais que pastavam peados acolá, uns muitos morcêgos saíam em seu voo esquisito no ar azul. Lá, quando comitiva se arranchava, os morcêgos se alegravam demais. Na outra manhã, João Chopém devia de seguir, ao tilintar da madrinha, por entre o passo da tropa, destapando a barra do Urucúia, a banda de lá, até a Bahia, essas terras. A gente via — ele, vos entendendo, capaz de bondade; ele era uma pessôa. Arcava o abarco. Ah, mas já estava incapaz de dar conselhos, de tanto que aprendera a vida.

A após, vindo para ver dona Rosalina, Lélio novava em si, ganhava de seu coração. Pegava nada em suas mãos, mãos desesperadas. Mas o que assumia, toda-a-vida e de-repentemente, varava vau no desespero e ia se enxugar numa enorme serenidade. Tudo era ao contrário: agora, sim, sentia a Sinhá-Linda mais sua. Se ela se fora, por aí, por essas lonjuras do mundo, então estava tão perto dele, de um modo que não doía. Agora, que a perdera ganha. Agora, que não sabia nada. Se abraçou com dona Rosalina, e reschorou; talvez fosse de alegria. — "É nada?" — perguntou. — "É tudo..." — ela respondeu. A conforme foi dizendo: — "Você viu, meu Mocinho, da Mariinha você não gostava. Só que você achou nela alguma coisa que relembrava a Menina de Paracatú... O amor tentêia de vereda em vereda, de serra em serra... Sabe que: o amor, mesmo, é a espécie rara de se achar..."

E o caso foi que, enquanto ele com dona Rosalina estavam conversando, que chegou o filho dela, o Alípio, de má cara. Às ásperas que chegou, de sobrecenho e sem palavras, queria mesmo desfeitear. Nem o saudou, nem o olhou, foi impondo que queria tratar com a mãe. Lélio quis sair, para ir embora, mas dona Rosalina o impediu, com um gesto. Ela chamou o filho para dentro, para a sala-de-jantar. — *"...Axe! A entre os cornos do bode!..."* — Lélio o ouviu, que praguejava. Mas dona Rosalina o repreendia, ele rompeu e se foi tinindo seu peso, praças de ira, barbaz. Um se afligia, repentino, com o grave e não entendível dessas coisas.

— "Ele está jeriza..." — dona Rosalina disse, depois. Onde o Alípio queria, exigia que ela cortasse aquela amizade fora de normas, que o Lélio não viesse vir mais em casa dela. A bufos, mandava aquilo! — "Mas você vem, meu Mocinho. Não vamos somar com o que ele acha de imperiar... Ele, no que é, é regrista. E é um que só sabe de sua mesma pessôa..." Lélio não engarupava medo. Aquele homem ringia e ameaçava, daqui veio a enviar recado; para ele o mundo não era de todos.

Andando os dias, entanto, tomou-o a vontade de ir embora do Pinhém. Precisava de outra parte. — "De estada e morada, não adianta mudar..." — o Nhô Morgão dizia. — "Os palmos onde cabe a sombra da gente, a gente para todo lugar leva consigo..." E, escaramuçado, não ia; se não, tinha de carregar tal vergonha, por sempre. — "Ora veja que eu fosse rica..." — falava dona Rosalina. Alguma coisa ela devia de estar pensando. Aí, a bôa lembrança de Sinhá-Linda pertencia a ele, a todo momento, livre de todo ascoroso, tão linda e não era malaventurada, ela estava em toda a parte.

Agosto caminhava. Ainda estavam queimando os pastos, a fumaça no todo céu, e subindo e descendo serra a marola de labaredas; o gado emagrecendo de andar. A mesma coisa que engenhar tristezas. Às vezes ele gostaria de ter alguma certa notícia do Tomé, que se fora como quem abre uma porta e se some no adro da noite. Da Jiní sim, se ouvia: que agora era dona e mandona, no Estrezado, para favor dela tudo se completava. E, Mariinha, tão ao lado, ali, era como se de brinquedo tivesse morrido.

Seo Senclér ia-se embora, agora estava até o dia marcado. Foi depois dos casamentos. Seo Dobrandino já tinha vindo, com mais dois vaqueiros de sua fiança, ele ia ser o administrador de seo Amafra. E a festa dos casamentos correu como todas as festas — tudo parecia uma grande despedida. Por fim, em três dias, o pessoal se reuniu, todo o mundo, para dar adeus a seo Senclér e dona Rute, no terreiro, de manhã. E seo Senclér e dona Rute estavam até alegres — iam morar na cidade, e cuidar de outros bons negócios, com a ajuda dos parentes, foi o que se disse.

Todos estavam ali, em frente da Casa, homens e mulheres. Dona Rute mesma foi dando a mão, a um por um, e seo Senclér abraçava seus vaqueiros. Mas, então, a Mariinha quis ficar entre os derradeiros; e, na hora em que seo Senclér cumprimentou, ela gemeu, levantada sobre todas suas forças, aquele exclamar: — “Me leva! Me leva junto!...” Afe, que rompeu num pranto. Mas não abaixava a cabeça, ficava ali, inteirinha, enclavinhados os dedos, os outros nem queriam olhar para ela, fazia mal-estar. Seo Senclér mesmo se atrapalhou, logo foi adiante, não sabendo como responder àquilo. E dona Rute fez que não ouviu, somente descia mais um pouco os cantos de sua bonita boca, os lábios finos. Nem Lorindão e Dorica conseguiam arredar a filha dali, o embaraço que eles padeciam dava pena. Mas, de se ver um amor corajoso assim, e ouvindo os soluços bravos de Mariinha, depois o estado de silêncio, a gente até enxergava o seo Senclér de repente mais forte e mais alto, claro com uma espécie de singeleza, enquanto ele montava em seu cavalo e batia mão se despedindo, para principiar a viagem, a par com dona Rute, que era toda a alvura e formosura.

Então, depois que se sumiram, os outros puderam levar Mariinha. Agora, todos sabiam confortável daquilo, e falavam, mas falavam com o tom de respeito, com que se fala de alguém que morreu ou adormeceu de louco. Aquela não temera a fraga das pirambeiras, nem os pastos e frias

águas da mata-virgem. E Lélio, primeiro que qualquer outro, admirava que ela fosse capaz de ser assim, queria mesmo que Mariinha fosse assim, assim continuasse. Agora, em calado, ele podia dar a amizade que ela havia pedido.

Então ele ia; ia. Tinha vivido, extrato, no Pinhém — demais, em tempo tão curto. Ali não cabia. Aquele lugar o repartia em muitos, parava como uma encruzilhada. Ia. Então, por que ainda não tinha ido? Certo, teria de sentir falta das pessôas, de dona Rosalina, dos companheiros — do Placidino, em silêncios, de cócoras; de um verso triste virado alegre na viola do Pernambo — das Tias, da Caruncha puxando pela mão o Menino, saídos de verdes matos. Mesmo do Fradim, que sempre apressado, e que, contrário de tudo de se imaginar, fora o único a tomar fúria própria, por causa das ameaças do Alípio: que aquilo não se merecia, era um desaforo, e que ele Fradim estava ali, pronto, em qualquer momento, para punir por ele Lélio, e ajudar no enfrentar os acostados do sujeito. O Fradim ficava sendo amigo. A vida, a vontade da vida, era coisa que não se entendia. A mesma coisa que se querer entender a Toloba — quando ela passava, com ramos de árvores, feito procissão sozinha, e todos gritavam — ela boba e soberba. Seguia o seguinte uma asa de trova do Pernambo, que dando assim:

Quero poeira do Curvêlo
com lama de Pirapora...
Aqui é que mais não fico,
amanhã eu vou m'embora!

— "Vai, meu Mocinho. Chegou o de ir. Não por fuga, nem por canseira daqui, nem por medo. Mas, o que eu sei, e seu coração sabe, é que a razão da vida é grande demais, e algum outro lugar deve de estar esperando por você..." E dona Rosalina, que nunca mudava, tinha como que naqueles olhos, diversos de todos, um exato de coisas que ele precisaria de um existir sem fim para aprender, mas que cabiam também no momento de um só olhar de bem-querer.

Outubro acabava. Já chovera, pouco. Uma saudade recomeçada esbravejava bela nos berros dos bois, lembrados de seus sertões. Anoitecera — por cima de um duro dia de trabalho, campeando, recampeando. Noite, o azulável, na parte serena do céu. Mas, enorme

longe, o carvão preto, no canto da Serra do Rojo. Aonde chove raio, não descansa, o vermelho e amarelo, espirrados, ao que pula cada lagarta, sem som os coriscos corriam — ligeiro mais que a ilhapa de laço partido em arranco de um touro desgarrado, quando larga e chicoteia, fuzilaz, se sacudindo no ar.

. . .

Ver o fim da noite, volta das quatro — com as três estrelas maiores e mais brilhantes quase rumo a rumo na cumeeira do céu, e o Cruzeiro pendente na beira do sul, subindo uma braça, enquanto o sete-estrelo e as três-marias já desciam muito, descambando para o poente e pelo norte — e se madrugava, na Lagôa-de-Cima.

— "Tudo aprontei, Meu-Mocinho, de meus arrumes..." Dona Rosalina estava com o vestido verde-escuro, chapéu da mesma cor, com a grande pluma de pássaro; e o chicotinho de tala, de cabo de prata. Lélio com sua roupinha bem tratada; só o chapéu-de-couro baixava muito, maior que a cabeça do dono. Os animais esperavam arreados: o Maripôso, o Agrado, e dois burros cargueiros. Crispininha e a Goga enxugavam lágrimas, e sorriam, quando Dona Rosalina mandava meiga que não deviam de consentir tristeza. E ela mesma prometia: — "Depois eu mando buscar vocês..." Prendiam num engradadozinho de madeira o Bom-Pensamento, que se danava, xingava de amor. O Formôs também ia vir junto. — "Talvez chôva?" Ventava um tanto. Suspendia o cheiro constante dos Gerais, brando travante. O orvalho era escasso nas folhagens. Dona Rosalina e Lélio já tinham comido o quebra-tôrto, de café com farinha. Aí era a hora de saírem, de fugida, dizendo adeus ao Pinhém, sem dizer adeus a ninguém. Iam para o Peixe-Manso, um lugar forte, longe rota, muito além da Serra do Rojo, dias e dias.

O que era, o que vinha a ser essa decisão, assim achada, entre eles dois, o que tudo tinham conversado, nas vésperas:

— "...Se não fosse por ter de deixar a senhora, eu ia..." — o que Lélio falara.

— Mas eu também sinto, Meu-Mocinho... Pudesse eu ir junto... Para o Peixe-Manso, conheço o dono de lá, homem bom...

— E se a senhora vier?! Só que a viagem é dura, é ruim...

— Por isso, nem. Mas, Meu-Mocinho, uma velha não se carrega. Estou em fêcho de meus dias... Que é que você vai fazer com uma velhinha às costas?

— Mãe, vamos juntos. Se não, eu sei, eu tenho a sorte tristonha.

— Mas, você não se arrepende, não, Meu-Mocinho? Por se dar o caso de você querer casar com uma moça que não goste de mim...

— Mãe, vamos.

— "Pois vamos, Meu-Mocinho!" — ela disse, por fim, com seus olhos com a felicidade. — "Deixa dizerem. Ai, rir... Vão falar que você roubou uma Velhinha velha!..."

Agora, partiam.

Abraçavam Crispininha e a Goga. Dona Rosalina montou, firme no silhão, prendeu o chicotinho debaixo de um braço, acertou o chapéu mais uma vez. — "Até lá, até lá, minhas filhas!" — disse, com sua bela voz. No escuro, alegres, entravam em estrada. — "Parece até que ainda estou fugindo com namorado, Meu-Mocinho... A perseguir, pelo furto da moça, puxe-te o danado dôido tropel de cascos — lá evém o pai com os jagunços do pai..." — assim ela gracejava. Olharam para trás: a estrela-d'alva saíu do chão e brilhou, enorme. Olharam para trás: um começo de claridade ameaçava, no nascente; beira da lagôa, faltava nada para as saracuras cantarem. Olharam para trás: o sol surgia. Com pouco, atravessavam o pasto da Cascavel. Os passarinhos refinavam. Com esses mil gritos, as maitacas, as araras, os papagaios se cruzavam. Zulzul, o céu vivia, azo que pulsava. E, indo, pois, para a Vereda, lá estava o pau-d'arco crescido, varudo, entre o capim-bezerro e môitas de varvasco, com seu pique — e Lélio tinha pena de deixá-lo assim. — "Deixa. Todos respeitam, e a árvore cresce, marcada a sinal, é a sua árvore, que ficou, Meu-Mocinho..." A Vereda-Azul, a buritiquéra, enxameava de pássaros. Altos, altos, gaviões. O gado comia com orvalho.

— "Buriti e boi! Isto sempre vamos ter, no caminho, e lá, no Peixe-Manso, Meu-Mocinho..." Aumentava a manhã, e eles apressavam os animais. Ele a ela: — "É nada?" E ela a ele: — "É tudo. E vamos por aí, com chuva e sol, Meu-Mocinho, como se deve..." O Formôs corria adiante, latindo sua alegria. — "... Chapada e chapada, depois você ganha o chapadão, e vê largo..." Lélio governava os horizontes. — "...Mãe Lina..." "— Lina?!" — ela respondeu, toda ela sorria. Iam os Gerais — os campos altos. E se olharam, era como se estivessem se abraçando.

Noites do sertão

“Porque em todas as circunstâncias da vida real, não é a alma dentro de nós, mas sua sombra, o homem exterior, que geme, se lamenta e desempenha todos os papéis neste teatro de palcos múltiplos, que é a terra inteira.”

PLOTINO

“Seu ato é, pois, um ato de artista, comparável ao movimento do dansador; o dansador é a imagem desta vida, que procede com arte; a arte da dansa dirige seus movimentos; a vida age semelhantemente com o vivente.”

PLOTINO

“A pedrinha é designada pelo nome de *calculus*, por causa de sua pequenez, e porque se pode calcar aos pés sem disso sentir-se dor alguma. Ela é de um lustro brilhante, rubra como uma flama ardente, pequena e redonda, toda plana, e muito leve.”

RUYSBROECK o Admirável

Dão-Lalalão (O Devente)

"Da mandioca quero a massa e o beijú,
do mundéu quero a paca e o tatú;
da mulher quero o sapato, quero o pé!
— quero a paca, quero o tatú, quero o mundé...
Eu, do pai, quero a mãe, quero a filha:
também quero casar na família.
Quero o galo, quero a galinha do terreiro,
quero o menino da capanga do dinheiro.
Quero o boi, quero o chifre, quero o guampo
do cumbuco, do balaio, quero o tampo.
Quero a pimenta, quero o caldo, quero o molho
— eu do guampo quero o chifre, quero o boi
Qu'é dele, o dôido, qu'é dele, o maluco?
Eu quero o tampo do balaio, do cumbuco..."

(*Coco de festa*, do Chico Barbós', dito Chico Rabeca, dito Chico Precata, Chico do Norte, Chico Mouro, Chico Rita — na Sirga, Rancharia da Sirga, Vereda da Sirga, Baixío da Sirga, Sertão da Sirga.)

Soropita, a bem dizer, não esporeava o cavalo: tenteava-lhe leve e leve o fundo do flanco, sem premir a roseta, vezes mesmo só com a borda do pé e medindo mínimo achêgo, que o animal, ao parecer, sabia e estimava. Desde um dia, sua mulher notara isso, com o seu belo modo abaianado — o rir um pouco rouco, não forte mas abrindo franqueza quase de homem, se bem que sem perder o quente colorido, qual, que é do riso de mulher muito mulher: que não se separa de todo da pessôa, antes parece chamar tudo para dentro de si. Soropita tomara o reparo como um gabo; e se fazia feliz. Nem dado a sentir o frio do metal da espora, mas entendendo que o toque da bota do cavaleiro lhe segredasse um sussurro, o cavalo ampliava o passo, sem escorrinhar cócega, sem encolher músculo, ocupando a estrada com sua andadura bem balanceada, muito macia. Era pelo meio do dia. Saíam de Andrequicé.

Soropita ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa: num vão, num saco da Serra dos Gerais, sua vertente sossolã. Conhecia de cór o caminho, cada ponto e cada volta, e no comum não punha maior atenção

nas coisas de todo tempo: o campo, a concha do céu, o gado nos pastos — os canaviais, o milho maduro — o nhenhar alto de um gavião — os longos resmungos da jurití jururú — a mata preta de um capão velho — os papagaios que passam no mole e batido voo silencioso — um morro azul depois de morros verdes — o papelão pardo dos marimbondos pendurado dum galho, no cerrado — as borboletas que são indecisos pedacinhos brancos piscando-se — o roxoxol de poente ou oriente — o deslim de um riacho. Só cismoso, ia entrado em si, em meio-sonhada ruminação. Sem dela precisar de desentreter-se, amparava o cavalo com firmeza de rédea, nas descidas, governando-o nos trechos de fofo chão arenoso, e bambeando para ceder à vontade do animal, ladeira acima, ou nos embrejados e estivados, e naquelas passagens sobre clara pedra escorregosa, que as ferraduras gastam em mil anos. Sua alma, sua calma, Soropita fluía rígido num devaneio, uniforme.

Por contra, porém, quando picavam súbitos bruscos incidentes — o bugiar disso-disto de um saguí, um paspalhar de perdiz, o guincho subinte de um rato-do-mato, a corrida de uma preá arrepiando em linha reta o capim, o suasso de asas de um urubú peneirante ou o perpassar de sua larga sombra, o devoo de um galo-do-campo de árvore alta para árvore baixa, a machadada inicial de um picapau-carpinteiro, o esfuzio das grandes vespas vagantes, o estalado truz de um beija-flor em relampejo — e Soropita transmitia ao animal, pelo freio, um aviso nervoso, enquanto sua outra mão se acostumara a buscar a cintura, onde se acomodavam juntos a pistola automática de nove tiros e o revólver oxidado, cano curto, que não raro ele transferia para o bolso do paletó. No coldre, tinha ainda um niquelado, cano longo, com seis balas no tambor. Soropita confiava neles, mesmo não explicando a rapidez com que, em caso de ufa, sabiam disparar, simultâneas, essas armas, que ele jamais largava de si.

Vez a vez, esbarrava, e atentava para a farfa da folhagem, esperando, vigiador, até que se esclarecesse o rebulir com que a movera algum bicho. Seus olhos eram mais que bons. E melhor seu olfato: de meio quilômetro, vindo o vento, capturava o começo do florir do bate-caixa, em seu adêjo de perfume tranquilo, separando-o do da flor do pequí, que cheirava a um nôjo gordacento; e, mesmo com esta última ainda encaracolada em botão, Soropita o podia. Também poderia vendar-se e, à cega, acertar de dizer em que lugar se achava, até pelo rumor de pisadas do cavalo, pelo tinir, em que pedras, dos rompões das ferraduras. Nessas direções cruzava, habitual:

muita semana, vinha e ia até duas vezes. Durante a mocidade afeito a estar sempre viajando distâncias, com boiadas e tropas, agora que se fixara ali nos Gerais o espírito e o corpo agradeciam o bem daquelas pequenas chegadas a Andrequicé, para comprar, conversar e saber. Do povoado do Ão, ou dos sítios perto, alguém precisava urgente de querer vir — segunda, quarta e sexta — por escutar a novela do rádio. Ouvia, aprendia-a, guardava na ideia, e, retornado ao Ão, no dia seguinte, a repetia aos outros. Mais exato ainda era dizer a continuação ao Fraquilim Meimeio, contador, que floreava e encorpava os capítulos, quanto se quisesse: adiante quase cada pessôa saía recontando, a divulga daquelas estórias do rádio se espraiava, descia a outra aba da serra, ia à beira do rio, e, boca e boca, para o lado de lá do São Francisco se afundava, até em sertões.

Soropita pousava em Andrequicé na casa de Jõe Aguial, que se mudara para o Ão mas conservava aquela moradia ali, desocupada constantemente. Soropita lá deixava guardada sua rede. Sobre o seguro: casa antiga, mas de bôas portas, que se fechavam com tranca, tramela e chave. Tinha uns buracos, disfarçados — agulheiros, *torneiras* e portilhas — nos tremós e debaixo das janelas, por onde se pingar para fora o bico do revólver. Se, de noite, muitos a assaltassem, havia escape pelos quatro lados, a porta-da-cozinha dando para o bem sabido de um bamburral, que corria até à estrada. Tinha ganchos em todos os cômodos, num lugar diferente cada dia a rede podia se armar. Ainda que, por si, Soropita gostasse mais de dormir em jiráu ou catre. Mesmo com os sonhos: pois, em cama que a sua não fosse, costumeira, amiúde ele sonhava arrastado, quando não um pesadêlo de que pusera a própria cabeça escondida a um canto — depressa carecia de a procurar; e amanhecia de reverso, virado para os pés; de havia algum tempo, era assim.

Doralda, sua mulher, nunca pedira para vir junto. O mimo que alegava: — "Separaçãozinha breve, uma ou outra, meu Bem, é a regra de primor: tu cria saudade de mim, nunca tu desgosta..." Desconfiança dela, sem bases. Quisesse o acompanhar, ele fazia prazer. Todos no Andrequicé a obsequiavam, mostravam-lhe muito apreço, falavam antenome: "Dona Doralda". *Doralda* era formoso, bom apelativo. Uma criancice ela caprichar: — "Bem, por que tu não me trata igual minha mãe me chamava, de *Dola*?" Dizia tudo alegre — aquela voz livre, firme, clara, como por aí só as moças de Curvelo é que têm. O outro apelido — *Dadã* — ela nunca lembrava; e o nome que lhe davam também, quando ele a conheceu, de

Sucena, era poesias desmanchadas no passado, um passado que, se a gente auxiliar, até Deus mesmo esquece.

Soropita na baixada preferia esperdiçar tempo, tirando ancha volta em arco, para evitar o brejo de barro preto, de onde o ansiava o cheiro estragado de folhas se esfiapando, de água pôdre, choca, com bichos gosmentos, filhotes de sapos, frias coisas vivas mas sem sangue nenhum, agarradas umas nas outras, que deve de haver, nas locas, entre lama, por esconsos. A nessas viagens, no chapadão, ou quando os riachos cortam, muita vez se tinha de matar a sede com águas quase assim, deitadas em feio como um veneno — por não sermos senhores de nossas ações. Mal mas o pior, que podia ser, de fim de um, era se morrer atolado naquele ascoso.

Doralda dizia que não, não vinha ao Andrequicé: que aluir dali, do Ão, só para cidade grande, Pirapora, Belorizonte, Corinto, com cinema, bom comércio, o chechêgo do trem-de-ferro. O resto era roça. — “Mas aqui eu estou de minha, Bem, estou contente, tu é companhia...” Falava sincera, não formava dúvida. A gente podia fiar por isso, o rompante certo, o riso rente, o modo despachado. Doralda não tinha os manejos de acanhamento das mulheres de daqui, que toda hora estão ocultando a cara para um lado ou espiando no chão. Sertaneja do Norte, encarava as pessoas, falava rasgado, já tinindo de perto da Bahia; nunca dizia “não” com um muxoxo. Ralhava que ele tomasse muito cuidado consigo, pelos altos, pelos matos. — “Tomo não, Bem. Um dia sucuriú me come...” — ele caçoava em responder. Doralda então ficava brincando de olhar para ele sem piscar, jogando ao sério: os olhos marrons, molhavam lume os olhos. Nesses brejos maiores de vereda, e nos corguinhos e lagôas muito limpas, sucurí mora. Às vezes ela se embalança, amolecida, grossa, ao embate da água, feito escura linguiça presa pelas pontas, ou sobeja serena no chão do fundo, como uma sombra; tem quem escute, em certas épocas, o chamado dela — um zumbo cheio, um ronco de porco; mas se esconde é mais, sob as folhas largas, raro um pode ver quando ela sai do pôço, recolhendo sol, em tempo bom.

Nem tudo era perigo: fazia um barulhinho, o cavalo mesmo tirava de banda, entortado, as orêlhas em amurcho, encostadas no pescoço — conhecia seu cavaleiro. E não era azo de coisa. Só somente uma pêga, que veio dar na ramada, espreguiçava as asas, pousou no gonçalo-alves, encarquilhando a cauda. Custou a se dizer, e piou pouco. — “Quase

pássaro nenhum canta agora, na seca..." O cavalo era de fiança: um aviso bastava com ele antes se falar — e a gente podia desfechar tiro, a bala passando entre as orêlhas dele, que esperava, quieto, testalto, calmo, nem fitando. O braço de Soropita esbarrara num dos alforjes; estava bem abotoado, afivelado em seguro. Ali dentro, trazia para a mulher o presente que a ele mais prazia: um sabonete cheiroso, sabonete fino, cor-de-rosa.

Do cheiro, mesmo, de Doralda, ele gostava por demais, um cheiro que ao breve lembrava sassafrás, a rosa mogorim e palha de milho viçoso; e que se pegava, só assim, no lençol, no cabeção, no vestido, nos travesseiros. Seu pescoço cheirava a menino novo. Ela punha casca-bôa e manjericão-miúdo na roupa lavada, para exalar, e gastava vidro de perfume. Soropita achava que tanto perfume não devia de se pôr, desfazia o próprio daquela frescura. Mas ele gostava de se lembrar, devagarinho, que estava trazendo o sabonete. Doralda, ainda mal enxugada do banho, deitada no meio da cama. Tinha ouvido contar da casca da cabriúva: um almíscar tão forte, bebente, encantável, que os bichos, galheiro, porco-do-mato, onça, vinham todos se esfregar na árvore, no pé... Doralda nunca o contrariava, queria que ele gostasse mesmo de seu cheiro: — "Sou sua mulher, Bem, sua mulherzinha sozinha..." A cada palavra dela, seu coração se saía.

Ela tinha sempre um tento de estar perto, quando ele chegava de volta em casa. Não na porta-da-rua, nem em janela; mas também não se encafuava, na cozinha ou em quintal, nem se desmazelava, como outras, mesmo pouquinho tempo depois de casadas, costumavam ser. Que era dona-de-casa, quem referia era ele, que jurava. Comida gostosa, apimentada, temperos fortes. Para a saúde, vai ver não fosse bom, era reimoso; mas a mulher se ria, perto dela não se podia pensar em coisas mofinas. Achava fio de cabelo dela, não tinha repugnância, não se importava. — "Bem: eu cuspisse dentro da sopa, você tinha escrúpulo de tomar? Você gosta de mim de todo jeito?" Asco nenhum. O cuspe dela, no beijar, tinha pepêgo, regôsto bom, meio salobro, cheiro de focinho de bezerro, de horta, cheiro como cresce redonda a erva-cidreira. Antes nem depois, Soropita nunca tinha beijado em boca outra mulher nenhuma. Nem comer comida babujada. Voltar para casa, as horas correndo bem, era o melhor que havia.

Mas enjooso esse estirão de estradas de areia, espigão a fora, no cerrado: se sumiam os cascos, se enterrando, de eslôxo, com esforço o

cavalo puxava, acacundado. Pior, porém, se traz o frio, o vento frio até no umbigo, desenrolado de ruim, que não esbarrava de ventar — a ver as árvores ali tremem sempre. Podia fazer mal, moleza maldita era a dum defluxo, o bambo que depois a gente ficava. Soropita sofreou, mexia na capanga dos remédios, que tinha comprado vários: láudano, bálsamo de unguento, desinfetante lisol. Doralda não tomava remédio, tinha embirrância. Vez que outra, com jeito, Soropita dava assim por entender que convinha se usar depurativos; mas ela fincava que não — nunca tinha tido nenhuma doença, não carecia. Mal havia? Praxe ali era mesmo as pessôas sãs comerem carne de gambá, saudável para o sangue; outros se remedeiam com águas de ervas, caroba-do-campo, caroba-do-brejo. Doralda gostava de bebidas de regalo. Se dava por um cálice de vinho. Queria uma garrafa de genebra; no Andrequicé não se achava. Mas Soropita trazia umas três, de conhaque bôa marca, que encomendara. Só às menos das vezes Soropita bebia qualquer espírito; tirava um prazer muito grande daquilo, da bebida, não devia-de. Mas, cheiro de cachaça, de distância de uns cinco palmos já o ofendia. Se lembrava do velho. Ainda era mocinho, primeira ocasião em que estava provando aguardente: num pouso, de manhã, com muito frio, já tinha botado no copo, quando o velho escarrou, mesmo encostado nele — até sua mão ficou respingada — uma escréia feia — eh, arrepiava, se encolhia. Ou, então, quando molhado de chuva, engolir a cachaça tapando nariz, para não sorver o cheiro — modo do seo Vivim, um medidor-de-terras, que já estava branco visível e magro de esfarinhar a pele, e não comia mais, nem tinha fome, e bebia o tempo todo, mas apertando o nariz, por ele mesmo, se o cheiro sentisse, não romitar a cachaça. Conhaque, tomava três dedos, com gengibre e leite, mas como remédio, por atalhar resfriado. Cordas de vento. Desembrulhou o bastãozinho, foi passando a manteiga-de-cacau nos beiços. Esfregava devagarinho, comprazido. O vento diabrava. Aquele ar, os frios mordem, era uma miséria, vinha da Serra Geral, de além, os ares.

A palma-da-mão tocou na cicatriz do queixo; rápido, retirou-a. Detestava tatear aquilo, com seu desenho, a desforma: não podia acompanhar com os dedos o relevo duro, o encroo da pele, parecia parte de um bicho, se encoscorando, conha de olandim, corcha de árvore de mata. A bala o maltratara muito, rachara lasca do ôsso, Soropita esteve no hospital, em Januária. Até hoje o calo áspero doía, quando o tempo mudava. Repuxava. Mas doíam mais as da côxa: uma bala que passara por

entre a carne e o couro, a outra que varara, pela reigada. Quando um estreito frio, ou que ameaçava chuva, elas davam anúncio, uma dôr surda, mas bem penosa, e umas pontadas. As outras, mais idosas, não atormentavam — uma, de garrucha, na beirada da barriga e no quadril esquerdo; duas no braço: abaixo do ombro, e atravessada de quina, no meio. Soropita levava a mão, sem querer, à orêlha direita: tinha um buraco, na concha, bala a perfurara; ele deixava o cabelo crescer por cima, para a tapar dum jeito. Que não lhe perguntassem de onde e como tinha aquelas profundas marcas; era um martírio, o que as pessoas acham de especular. Não respondia. Só pensar no passado daquilo, já judiava. "Acho que eu sinto dôr mais do que os outros, mais fundo..." Aquela sensiência: quando teve de aguentar a operação no queixo, os curativos, cada vez a dôr era tanta, que ele já a sofria de véspera, como se já estivessem bulindo nele, o enfermeiro despegando as envoltas, o chumaço de algodão com iodofórmio. A ocasião, Soropita pensou que nem ia ter mais ânimo para continuar vivendo, tencionou de se dar um tiro na cabeça, terminar de uma vez, não ficar por aí, sujeito a tanto machucado ruim, tanto desastre possível, toda qualidade de dôr que se podia ter de vir a curtir, no coitado do corpo, na carne da gente. Vida era uma coisa desesperada.

Doralda era corajosa. Podia ver sangue, sem deperder as cores. Soropita não comia galinha, se visse matar. Carne de porco, comia; mas, se podendo, fechava os ouvidos, quando o porco gritava guinchante, estando sendo sangrado. E o sangue fedia, todo sangue, fedor triste. Cheiros bons eram o de limão, de café torrado, o de couro, o de cedro, boa madeira lavrada; angelim-umburana — que dá essência de óleo para os cabelos das mulheres claras. Por dizer que o cheiro do jatobá fedia seco, muitos companheiros homens dormindo juntos num rancho, em noite de meio calor. Mesmo a mulher não indagava donde ele arranjara aqueles sinais de arma alheia; ela adivinhava que ele não queria. Mas, quando estavam deitados em cama, Doralda repassava as mãos nas grossas costuras, numa por uma, ua mão fácil, surpresas de macia, passava a mão em todo o corpo, a gente se estremecia, de cócega não: de ser bom, de ânsia. Mel nas mãos, nem era possível se ter um mimo de dedos com tanto meigo. Toda mulher gosta de espremer espinhas e cravos, tomar sorrateira conta de corpo de homem, da cara do homem. Doralda o respeitava: — "Um dia eu deixar de gostar de você, Bem, tu me mata?" "— Não fala tontagem, coisas com ponta..." — ele quase zangava. — "Então, Bem, não truge cara

pra a tua mulherzinha, você é meu dono, macho... Eu precisar, tu pode dar em mim." Nisso não havia de pensar. Doralda parecia uma menina grande; menina ajuizada. Nunca estava amuada, nem triste. "Nunca um pensamento dela doeu em mim... Nunca me agrediu com um choro falso..." Uma mulher emburrada, que suspira, era coisa desgraçável: tinha visto, as de outros, quase todas; sina sem sorte, um se casar com mulher assim. Ela, Doralda, não: ela já vinha de olhos livres, coração contente. A hora que se sentia o coração dela bater até nas palmas de suas mãos, quando ele pegava, apertava, as mãos, por suave, finas, uma fazenda; e o pé encostava na perna dele, debaixo das cobertas: pé assim, liso, branquinho — quente ou frio — ela nunca tinha andado descalça. O que condenava, em gracejo, era ele não querer beber, vez em quando, nem um gole. — "É bom, Bem: faz um calor de se querer-bem mais vagaroso, mais encalcado..." Trejeitava. — "Tu põe a mão em mim, eu arrupêio toda. Eu viro água..." Ela queimava alecrim, caatiguá, cipó-de-sempre, no quarto, de noite, antes de irem se deitar. Quassava a chegadinha, para borrifar na roupa de cama, ou para fumigar. Outra ocasião, encomendava pitada de incenso ou resinas de breu-branco, que oficiava de arder em todos os cômodos: a levar do ar os quebrantos, qualquer pego de má-sorte; a casa almiscrava que nem igrejas, de remanente espairecendo santo assim, semana, pelos cantos. Um dia, falou no pozinho alvo que algumas pessoas na cidade chupavam pelo nariz, por prazeres.

— "Cocaína, meu Bem. Experimentei só uma vez, só umas duas vezinhas, na unha, açucaral, um tico. Tem gente que bota no cigarro. Boca fica um frio, céu-da-boca dormente, aquela cânfora boa. Dá vontades emendadas, não acaba..." Segredava a singeleza: — "...A gente provar, Bem, e eu te beijar tua língua, em estranho, feito um gelo..." Mas estava falando só por divertimento, de caçoada. Sabia que aquilo, ah, o vício, produzia mal, perigoso. No curto dum prazo, nem não valia mais para o realce do efeito, umas mulheres terminavam até loucas, de morrer. Era uma pena... — "Mas, diz que tem um cinema..." Soropita não a encarava. Aí foi ela mesma que logo explicou — que tinha conhecido a cocaína na terra dela, nas Sete-Serras, perto de Canabrava, mais adiante do Brejo-das-Almas. Ah, mas pouco possível, então, naquele lugarejo distrito, sem civilização dessas coisas... — e fugia de Soropita a coragem de perguntar quem a ela tinha ensinado. Subentendia, até a frouxo, num perturbo, torvado de que ela fosse falando à tonta, dizer uma gravidade pior. Mas

Doralda, que nunca tirava os olhos dele, acrescentou: que uma vizinha, senhora séria, dona viajosa, até casada... Mas Doralda não mentia, nunca houve, se algum fato ele perguntava. No que transformava a verdade de seus acontecidos, era para não ofender a ele, sabia como se ser.

— "Ainda é nada não, Caboclim. Vamos..." Jurití que passavoou, no arranco zumbido — sopro e silvo. Bando delas. Soropita aconselhava o cavalo. Roçagava-lhe o vazio com o ágil contacto furtado de roseta, Caboclim se estugava. Fim de pouco, findo o arenoso, desladeavam por um galho da estrada, caminho-de-tropeiro, mas que sentava bem, depois do cerradão de sucupiras. Caboclim timbrava na marcha viageira, subia suas patas. Num formo de mato como aquele, no estôrvo, sempre podia haver alguém emboscado, gente maligna, inveja do mundo é muita. Sujeitos que mamaram ruindade, escorpêiam, desgraçam — por via desses, viajar era sempre arriscado e enganoso. Uns que não acertavam com o mereço de acautelado viver, suas famílias, com seu trabalho. Doralda declarava que não tinha filho, por contrária natureza. Às vezes perguntava, com a atribulação: — "Mas tu queria? Tu quer que eu tenho?" Vigiava o fundo da resposta que ele ia responder. Aos nadas — que filho também, nenhum, não fazia sua falta. Doralda mesma enchia a casa de alegria sem atormentos, nem parecendo por empenho, só sua risada em tinte, seu empino bonito de caminhar, o envago redondado de seus braços. Não se denotava nunca afadigada de trabalho, jogava as roupas por aí, estava sempre fingindo um engraçado desprezo de todo confirmar de regra, como se não pudesse com moda nenhuma de sério certo. Mas, por ela, perto dela, tudo resultava num final de estar bem arrumado, a casa o simples, sem se carecer de tenção, sem encargo; mais não se precisava. Diversa de tantas mulheres, as outras viviam contando de doenças e remedando fastíos. Doralda tinha apetite contente em mêsa, com distintas maneiras. Soropita não aceitava carne assada malmal, fêbras vermelhas, sangue se vendo. Doralda guisava para ele tudo de que ele gostava, nunca se esquecia: — "Tu entende, Bem: comer é estado, daí vem uma alegria..." Mordia. Tinha aqueles dentes tão em ponta, todos brilhos, alimpados em leite — dentinhos de traíra rajadona.

Nem era interesseira, pedia nada. — "Não precisa, Bem, carece nenhum. Tua mulherzinha tem muita roupa. Carece de vestido não: eu me escondo em teus braços, ninguém não me vê, tu me tapa..." Ele ria, insistia. Doralda, aquela elegância de beleza: como a égua madrinha, total aos

guizos, à frente de todas — andar tão ensinado de bonito, faceiro, chega a mostrar os cascos... — “Então, Bem, se tu quer que quer, traz. Mas não traz dessas chitas ordinárias, que eles gostam de vender, não. Roupa p’ra capiôa, tua mulherzinha ficava feia, tu enjôa dela. Manda vir fazenda direita, seda rasa. Olh’, lança no papel, escreve; escuta...” Um dia Soropita levou ao Andrequicé um vestido dela, tirado do corpo, para servir de amostra. Dormiu abraçado com ele — o vestido durava o cheiro dela, nas partes, nas cavas das mangas — Soropita enrolara-o no rosto, queria consumir a ação daquele cheiro, até no fundo de si, com força, até o derradeiro grão de exalo. Custou pousar no sono, pelo que acima tressonhava.

Para ela trazia agora muitas coisas — se alegrando: o corte de molmol, os grampos, os ramos de pano para toalhas; uma miudeza ou outra, de casa. Mas os presentes, ah, por demais, eram de se ter o todo valor! Respirava. O aroma do capim apendoado penetrava no ar, vinha — nem se precisava de abrir os olhos, para saber das roxas extensões lindas na encosta — maduro o melosal. Chegar em casa, lavar o corpo, jantar. Da chegada, governando cada de-menor, ele ajuntava o reparo de tudo, quente na lembrança. O que ia tornar a ter. O advoo branco das pombas mansas. A paineira alta, os galhos só cor-de-rosa — parecia um buquê num vaso. O chiqueiro grande, a gente ouvindo o sogrunho dos porcos. O curralzinho dos bodes. Pequenino trecho de uma cerca-viva, sobre pedras, de flôr-de-seda e saborosa. E, quase de uma mesma cor, as romãzeiras e os mimos-de-vênus — tudo flores: se balançando nos ramos, se oferecendo, descerradas, sua pele interior, meia molhada, lisa e vermelha, a todos os passantes — por dentro da outra cerca, de pau-ferro.

Havia mais de três anos Soropita deixara a lida de boiadeiro; e se casara com Doralda — no religioso e no civil, tinha as alianças, as certidões. Se prezava de ser de família bôa, homem que herdou. Com regular dinheiro, junto com seus aforros: descarecia de saber mais de vida de viagens tangendo gado, capataz de comitiva. Adivinhara aquele lugar, ali, viera, comprara uma terra, uma fazenda em quase farto remedeio; dono de seus alqueires. E botara também uma vendinha resumida, no Ão — a única venda no arruado existente, com bebidas, mantimentos, trens grosseiros, coisas para o diário do pobre. Arranjara, com muita sorte, bons braços de eito, gente toda de se confiar. Todos o respeitavam, seu nome era uma garantia falável. E ainda havia de melhorar aquilo. — “Ninguém me tira

do meu caminho. No eu começando, eu quero ir até na orêlha...” — rompia dizer. A mulher ouvia e senserenava, entusiasmada, espirituada: — “Eu também, Bem...” — e se pegando com abraço, brincando de morder. Sabia sumir um, nisso. Em vez, o que assentava menos, era quando ela se esquecia assim em frente de outras pessôas, ele parava vexado, destorcia seu acanho variando uma conversa. Mas não descampeava, nem ficava aborrecido por pouco: um não desfaz no carinho de quem a gente gosta, só por causa que os estranhos estando vendo.

Mais acontecia ele figurar de cansado, deixar que airassem. Assim estavam jantando, vinham os do povoado, receber a nova parte da novela do rádio. Solertes, citavam como a estória podia progredir por diante, davam uma conversação geral. A o certo ponto, ele promovia um porfim: cochilando, bocejando, viajado da viagem — dizia e repetia. Ajudavam com o bôa-noite, iam s’embora sensatamente. Gente bôa, a do Ão, lugar de lugar. Senhor Zosímo, o fazendeiro goiano, desarmou desdém, reconhecendo que se podia gostar demais dali. Esse tinha feito a Soropita, a sério, uma proposta: berganhar aquilo por sua grande fazenda, dele, cinco tantos maior, em Goiás, fundo de rumo de Planaltina. Orelhadas, porteiras fechadas — e ainda voltava dinheiro, para as mudanças. Um homem que correto; e o Jõe ouvira de um dos camaradas dele que tudo era o exato dito — as aguadas, terras de cultura de especial qualidade, o gado ganhante, os pastos bons. Sempre que o ponto distava dó de longe, muito sertão, num ermo só perto do constante de Deus, isso sim. O Campo Frio, se chamava. Num tão apartado, menino-pequeno de vaqueiro, em antes de aprender a falar, aprendia a latir, com os cachorros. Restavam matas-virgens, por avar, e estradas no escuro, por mesmo dentro das matas, com sóbes e desces, e pedregulho, por onde quando no raro passava uma tropa, ou um cavaleiro sozinho, súbito depois os coatís surgiam do mato, por trás, para remexer no estrume quente dos cavalos. Onde até as jiboias que iam atravessando o caminho reluziam a modo mimosas, semelhando que podiam machucar no aspro aquele corpo delas, desenhado colorido. Aí, o tom das ferraduras abria de repente o canto de passarinhos desconhecidos, no sombrio. Ah, e lá, se estava morrendo no solto alguma rês ou um animal, urubú tinha de brigar, por inteiros dias, com o gavião-de-penacho e os lobos-do-campo.

Senhor Zosímo era homem positivo, tinha sido de tudo, até amansador de cavalos, peão. Agora ele passava de volta, dali a uns dias, de Corinto,

tinha pedido, recomendado muito que Soropita resolvesse no negócio; queria sair de lá, do Campo Frio, por conta dos filhos, do ensino desses, e porque lá não tinha parente nenhum, tinha parentes em Curvelo, Angueretá, Pirapama, era mineiro também, arranjara aquela fazenda em Goiás por simpleza do destino. Tão distante solidão, longe do trem-de-ferro, dos outros usos. Todos achavam não valia a pena. Soropita não queria saber — só perguntava conselhos a Jõe Aguial. Nisso não tinha vontade naquilo. Doralda havia de se entristecer só com a ideia; Doralda dizia que era bonito a gente ver passar o trem-de-ferro, ficar olhando. Dali do Ão, algum dia, só para cidade grande, em sonho que fosse.

Chegava a casa, abria a cancela, chegava à casa, desapeava do cavalo, chegava em casa. A felicidade é o cheio de um copo de se beber meio-por-meio; Doralda o esperava. Podia estar vestida de comum, ou como estivesse: era aquela onceira macieza nos movimentos, o rebrilho nos olhos acinte, o nariz que bulia — parecia que a roupa ia ficando de repente folgada, muito larga para ela, que ia sair de repente, risonha e escorregosa, nua, de de dentro daquela roupa. Estavam deitados; um cachorro latia em alguma parte; Soropita tinha suas armas, o revólver grande debaixo da cama, o oxidado, o "crioulo", ou a automática, debaixo do travesseiro. Se era nas águas, chuviscava lá fora, a gente seguia o merecido empapar da terra, o demolhar das grandes folhagens. Agora, era a seca, o friinho feliz, que enrugava tudo. Doralda lá, esperando querendo seu marido chegar, apear e entrar. Ao que era, um pássaro que ele tivesse, de voável desejo, sem estar engaiolado, pássaro de muitos brilhos, muitas cores, cantando alegre, estalado, de dobrar. Chegar de volta em casa era mais uma festa quieta, só para o compor da gente mesmo, seu sim, seu salvo. De tão esplêndido, tão sem comparação, perturbando tanto, que sombreava um medo de susto, o receio de devir alguma coisa má, desastre ou notícia, que, na última da hora, atravessasse entre a gente e a alegria, vindo do fundo do mundo contra as pessôas.

O sobressonhar de Soropita se apurava, pesponto, com o avanço sem um tropeço naquele espaço calmo de estrada, Caboclim esquipando, reconhecendo o retorno. Vinham através de um malhador de pasto, a poeira vaporosa do esterco bovino chamava do sangue de Soropita um latejo melhor, um tempero de aconchêgo. Com o calor que o coxim da sela lhe passava para o fundo-das-costas — um calor grosso, brando, derramável, que subia às virilhas e se espalhava e enrijava — o bem do

corpo tomava mais parte no pensado, o torneio das imagens se espessava. Também já trazia aquilo repetido na cabeça, o que mesmeava em todas as suas viagens.

O que era: um gozo de mente, sem fim separado do começo, aos goles bebido, matutado guardado, por si mesmo remancheado. Pelo assunto. Por quando, ao fim do prazo de trinta, quarenta dias, de viagem desgostosa, com as boiadas, cansativa, jejuado de mulher, chegava em cidade farta, e podia procurar o centro, o dôce da vida — aquelas casas. Os dias antes, do alto dos caminhos, e a gente só pensava naquilo, para outra coisa homem não tinha ideia. Montes Claros! Casas mesmo de luxo, já sabidas, os cabarés: um paraíso de Deus, o pasto e a aguada do boiadeiro — o arrieiro Jorge dizia. As moças bonitas, aquela roda de mulheres de toda parecença, de toda idade, meninas até de quatorze anos, se duvidar de menos. Meninas despachadas. — "Vai bebendo, eu pago..." Na Rua dos Patos, em Montes Claros. Todo o mundo se encontrava. Até boiadeiros ricos, homens de trato. Uma vez, estava lá o sr. Goberaldo, chefe político: — "Vim também, Soropita. Quando a gente está assim em estrada, todo santo é ora-pro-nóbis..." Tocavam música, se endançava. A prumo de chegado, e cumprido o trivial de obrigação, Soropita ardia de ir. Sabendo que podia passar muitos dias na cidade, primeiro molengava um engano de si mesmo: — "Tem tempo, amanhã vou; agora eu sesteio..." Não conseguia. Se abrasava. Mas gostava de ir sozinho, calado disfarçando, pela tarde. Prevenido. Ir de dia, que de noite convinha menos: muito povo vaporado, bêbados — vaqueiros, tropeiros, tangerinos, passadores-de-gado, rapaziada, vagabundos, gente da cidade; povos dos Estados todos. Armavam briga fácil, badernavam. Ao perigoso.

Mas um certo receio Soropita devia também às mulheres, um respeito esquisito, em lei de acanhamento. A lá vinha tanta gente bem arrumada, com todo luxo, bons trajes caros, sapato novo, gravata fantasia, coisas. Não queria que o achassem caipirado, jambrão. Aí então ele se produzia razão de desculpa: ia greste, não fazia a barba, não mudava roupa — preferia se mostrar assim, por seu querer, senhor de altos farrapos. "...P'ra ver se elas não me querem; é melhor, volto, fico sossegado... " — se dizia. Por em frente das primeiras casas, ia passando. Ah, elas chamavam. Ele queria ter o ar sério, a cara e jeito curto de um homem ocupado. — "Ô, entra, Bem. Chega aqui, me escolhe. Vem gozar a gente..." Ele se chegava, delongo, com rodeio, meio no modo de um boi arriboso. Era uma dúvida

pesada, uma vergonha o enrolando, quase triste, um emperro: aquelas mulheres regiam ali, no forte delas, sua segura querência, não tinham temor nenhum, legítimas num amontoo de poder, e ele se apequenava; mulheres sensatas, terríveis. Então, fazia um esforço seco, falava de arranco, se subia: — "Tenho tempo hoje não, moça. Não perca seus agrados..." "— Não perco, não, Bem. Vem ver o escondido. Exp'rimenta, que tu gosta: eu sou uma novilhinha mansa de curral. Não vou esperdiçar um homem como você..." Ele ainda se escorava, meio provocado, meio incerto: — "É deveras, menina! Você quer se encostar por riba de uma poeira destas?! Tou sujo, tou suado... Vim amontando burro..." Mas já a moça se agarrava, de abraço, ia-o puxando, para o quarto. O corpo dele todo se amornava grande, sabia só de seu sangue mesmo bater, nada ouvia, não via. Lá a dentro de portas, se empeava um pouco, cismado outra vez, precalço. Ainda bem que a mulher tinha muita prática, acendia cigarro, pedia licença para mandar trazer bebida, indagava se a boiada tinha vindo com transtorno ou com vantagem, encorajava-o com um engambelo mimoso, e de repente já estava solta, nuinha como uma criança, até queria ajudar a ele fazer o mesmo. De fim, ia ficando avontadinho, sem vexame nenhum de pressa, tomando tento miúdo em tudo, apreciando de olhos abertos o fino da vida, poupando o bom para durar bem, se consentia. Umas mulheres eram melhores, contentamento dobrado. Que encontrasse de todas a melhor, e tirava-a dali, se ela gostasse, levar, casar, mesmo isso, se para a poder guardar tanto preciso fosse — garupa e laço, certo a certo.

Um dia, sem saber os hajas, não pôde, não podia, afracara, se desmerecendo. Mulher perguntou se ele queria beber gol, se doente estava. Não que não. Faziam rumor, noutro quarto. Essa mulher tinha uma navalha. Soropita sem momento se escapava da cama, pressurado, foi-se vestindo. A mulher era até bonita, vistosa, se lembrava: um tim de ruiva, clara, com fino de sardas, salmilhada de sardas até no verde dos olhos, pingadinhos-de-mosquito de ferrugem, folha de jatobá. Revirou, ojerizada: — "Tu pode me desprezar? A grama que burro não comer, não presta mesmo p'ra gado nenhum. Mas tu acha que eu estou velha?! Muito engano: mulher só fica velha é da cintura para cima..." Som nem tom, ele meteu a mão na algibeira e pagou, mais do que o preço devido, ela não queria aceitar. Saíu desguardado, labasco, lá demorara menos que passarinho em árvore seca. A lanços, até hoje lhe fazia mal, o nome que aquela mulher disse, xingou aquilo como um rogo de praga. Na beira do

Espírito-Santo, não longe do Ão, vivia um pobre de um assim, o senhor Quincôrno — ainda no viço da idade, mas sorvada sua força de homem, privo do prazer da vida. A mulher desse vadiava com muitos, perdera o preceito: — “Respeitar? Ele não dá café nem dôce...” — era o que ela demostrava do marido. — “Debaixo de cangalha, não se põe baixeiro...” O triste seo Quincôrno não esbarrava de tomar meizinhas, na esperança. Não resignava. Tomava pó de bico de picapau torrado, na cachaça, chá de membro de coatí, ou infuso, chá de raiz de verga-tesa — coisas de um nunca precisar, deus-livre-guarde. Mal a mal, com Doralda, uma vez, também tinha acontecido — felizmente foi só algum descaído de saúde, passageiro —; e foi um trago de sofrimentos. Tinha não podido, não, leso, leso, e forcejava por mandar em si, um frio que o molhava, chorava quase, tascava os freios. Doralda, bôazinha, dizia que às vezes era mesmo assim, não tinha importância, que nenhum homem não estava livre de padecer um dissabor desse, momentão; passava as mãos nele, carinhosa, pegava nele, Soropita, como se brinca. Mas ele não aceitava de ficar ali, fechando os olhos, num aporreado inteiro, pavoroso fosse mandraca, podia durar sempre assim, mas então ele suicidava; e sobre surdo passava o pensamento daqueles homens, no Brejo-do-Amparo, aqueles valentões, e os outros — ele não queria o reino dos amargos, o passado nenhum, o erro de um erro de um erro. Não queria, porque suportava. Já de manhã, no seguinte, ocultando caçou jeito de aprender a respeito daquelas matérias que se tomavam: bico de picapau, verga de coatí, catuaba — tudo o que era duro, rijo, levantado e renitente, isso carregava virtude. Melhor de todas, a verga-tesa: aquela plantinha rasteira do cerrado, de folhas miudinhas, estreitinhas, verde-escuro quase pretas, mostrava de Deus sua boa validade — podia a gente querer dobrar, amassar, diminuir, como se fizesse, que ela repulava sempre e voltava a se ser, mandante. Não precisou. A já na outra noite, ele se prezava de tudo, são de aço, aquela felicidade. Só muitos meses, adiante, a quebra de moleza quis voltar, mas que não foi grave. Ao que ele teve, para se salvar, no instante, a ideia de invenção de imaginar e lembrar as coisas impossíveis, mundo delas; e Doralda, a língua, arrepios no pescoço dele, nas orêlhas, como ela sabia — muito ditosamente que tudo se passou. A partir dali, nunca teve mais nenhum rebate. Precisava de tomar cassinga não; homem era homem até por demais, o que a Deus agradecia. Se não, por que e para que vivia um? Tudo no diário disformava aborrecido e espalhado, sujo, triste, trabalhos e

cuidados, desgraceiras, e medo de tanta surpresa má, tudo virava um cansaço. Até que homem se recomeçava junto com mulher, força de fôgo tornando a reunir seus pedaços, o em-deus. Depois, se estava retranquilo, não carecia de pensar mais em demônios de caretas, nem no Carcará, não tinha culpa — na topada não se mira o brabo da rês, só se olha a ponta da vara. — “Mais ligeiro, Caboclim, vamos.”

De agora, feliz de anjos de ouro no casamento, com Doralda, por tudo e em tudo a melhor companheira, ele nem era capaz de querer precisar de voltar a uma casa de bordel, aquilo se passara num longelonge. Mas, o manso de desdobrar memória — o regozo de desfiar fino ao fim o que um tempo ele tinha tido — isso podia, em seu escondido cada um reina; prazer de sombra. Que fora bom, quem fora. — “Você vai, Soropita?” — “Vou, demais.” Soropita viajava como num dormido, a mão velha na rédea, mas que nem se fosse a mão de um outro. As laranjeiras-do-campo aviavam a choco seu odor magoado; depois as cagaiteiras — o cheiro assaz alegre, que se sentia mais na boca, no excelente; depois a flôr do meloso, animal e suave: e afa que esses perfumes sucessivos indicavam que tinham atravessado o cerradão, seguido de cerrado ralo e de uma pastagem; mas Soropita nem escutava a tino as pisadas de Caboclim, mãos no caminho —: agora o mundo de fora lhe vinha filtrado sorrateiro, furtivo, só em seus simples riscos de existível os ruídos e cheiros agrestes entravam para a alma de seu recordar.

Tinha havido, principal, uma rapariga bonita, clara, com os olhos que riam sozinhos — a boca não ria, uma boquinha grande, dadivada de vermelha — o afilado do nariz, um pingo de pontozinho preto por cima de um dos cantos da boca; essa se requebrava, talo de azedim, boneca de cinturinha; parecia que tinha derramado um vidro inteiro de perfume em si, encharcado no vestido, em seus cabelos: cabelo muito preto, muito liso — ela ficava ainda mais alva.

Cem e cento são as coisas que a gente tem de aprender, o que o mundo descobre e essas mulheres sabem; às vezes, de começo, perturbam, um homem simples se espantava. Aquela raparigunha bonita, tão nova assim, e nem se dava ao respeito, tinha nôjo de nada, vinha trançando cócegas, afogo de bezerro buscando mãe, sua boquinha vermelha, sua língua pontuda. Soropita se esquivava — teve até receio. — “Você é bobo, Bem?” — ela rira. Vem daí, um dia — Soropita pensava baixinho, seus ombros recuavam, a cova das costas estremecia —... Sua recordação eram águas

arrastadas. Com Doralda, uma noite, ele falou naquilo, na Rapariguinha bonita de pintinha preta por cima de canto da boca; nem sabia por que tinha falado, sem intenção razoável, mesmo sem querer falar, pois nunca ele conversava nos agravos de seus passados. Doralda escutou; de certo ela pensou que ele queria sem coragem de querer, e não respondeu com as palavras: gateava, sacudia os cabelos, sumiu o rosto, dito e feito a rapariguinha bonita; ele concordava corpo, se arrijava num suspenso, suas forças rebentavam. Tudo o que muda a vida vem quieto no escuro, sem preparos de avisar. Se deitavam na cama, luz apagou-se. Nesse tanto, não falavam. Doralda gostava dele, sincera. Todos no Ão, no Andrequicé, até na beira do Espírito-Santo, o respeitavam. — "Eles têm medo de você, Bem..." — Doralda afirmando. Mas Soropita sabia nisso só um carinho de o animar, quando ele mostrava qualquer insistido de incerteza.

Nem precisava de ter mais incerteza. Como que cerrando os olhos quase em camoeca, Soropita se entregava: repassava na cabeça, quadros morosos, o vivo que viera inventando e afeiçoando, aos poucos, naquelas viagens entre o Ão e o Andrequicé e o Ão, e que tomava, sobre vez, o confêcho, o enredo, o encerro, o encorpo, mais verdade que o de uma estória muito relida e decorada. Seu segredo. Nem Doralda nunca o saberia; mesmo quando ele invocava aqueles pensamentos perto. Dela, dele, da vida que separados tinham levado, nisso não tocavam, nem a solto fio — o sapo, na muda, come a pele velha. Era como se não houvesse havido um princípio, ou se em comum para sempre tivessem combinado de o esquecer. Também ele, por sim, não tinha apetites de voltar a ser boiadeiro andejo, nanja de retornar àquelas mulheres, à escortação naquelas casas, nas cidades, por esse bom Norte. Em sério, só sentia falta de Doralda, que o esperava, simples, muito sua, fora de toda desordem, repousada. Mas imaginar o que imaginava era um chupo forte, ardendo de então, como o que nunca se deve fazer. E em que só ele tinha poder: de sensim, se largava — um coleio de serras, verde sol azul, o longíssimo de outras paisagens, sombras de nuvens, frias águas. Mas uma representação certa, palpitando em todos seus gomos; e mais insinuante que um riacho de mata. A agulha fixa, se revolvendo em surdina nos sulcos. Soropita estava numa casa de mulheres.

Soropita estava no quarto, com uma mulher — rapariga de claridades, com lisos pretos cabelos, a pinta no rosto, olhos verdes ou marrons, e covinha no queixo e risada um pouco rouca — e que de verdade essa

rapariga nunca tinha havido, só ele é que a tinha inventado. Casa de luxo, sem perigo nenhum, um sossego que não se atravessava. A rapariga se sentava nos joelhos dele, com namorice, faceirice: bebia, fumava, ria, beijava. O quarto era de paredes fortes, tranca na porta, ele tinha a chave na algibeira. A rapariga, da primeira vez, pegava na mão dele, via a aliança, brincava de a rodar. Piscolha, perguntava: — "Bem, tu é sério casado? Com quem?..." Ele fazia com a cabeça que sim, vexado. Gostava de principiar estando assim, sem nem ânimo para alto responder, sem encarar a rapariga; desse modo ouvia melhor real sua voz, respirava o poder de perfume que ela usava. Mas a rapariga o apertava, queria porque queria: — "Qual é a graça dela, de tua mulher? Fala! Divulga p'ra mim quem ela é..." E ele ia respondendo, tinha de dar respostas; homem, aquela rapariga sabia pôr a dizer. De então, a safada surpresa, o que ela exclamava: — "*Sucena?* A *Sucena*? Mas, essa?! Ah, pois conheço, Bem. Conheço, inteira: é da gandaia! A pois, vou te contar..." Arre de bandalha, a depravada, essa rapariga. Tinha sonsonete, tinha zombeta, tinha mengo, tinha momo. Relatava da vida de Doralda, contava de Doralda, devagar, coisinhas coisas, orgias e proezas. Expunha, rindo ou em siso, tomando calor. Às vezes se fingia de vergonhosa, mas era para logo depois ter impulso para falar mais fundo, mais certo. Perguntava, perguntava, queria saber de tudo agora, formava comparação. Aquelas palavras, debochadas, aqueles nomes, com pico de queimo, de sacudir o corpo; ele tinha de apartar os olhos, num arrefrio.

Soropita pausava. Soerguia a fantasia vibrada, demorava-a próprio uma má-saudade, um resvício. Se estirando com a rapariga, abraçados, falavam em Doralda, ele revia Doralda, em intensos. Só por um momento, murchava-lhe o manter acesa a visão em carne, arriava-se na esfalfa, o prolongamento comprava esforço. Mas a rapariga descrevia o assunto daquelas Mulheres, o mundo de belas coisas que se passam num bordel, a nova vida delas — mulheres assim leves assim, dessoltas, sem agarro de família, sem mistura com as necessidades dos dias, sem os trabalhos nem dificuldades: eram que nem pássaros de variado canto e muitas cores, que a gente está sempre no poder de ir encontrando, sem mais, um depois do outro, nas altas árvores do mato, no perdido coração do mundo. Se a gente quisesse, podia pôr nomes distraídos, elas estavam na alegria, esperando: — E você? — Eu sou Naninda... — Eu? Marlice... Lulilú, Da-Piaba, Menina-de-Todos... Dianinha, Maria-Dengosa... *Sucena*...

Sua delícia. Soropita reinava no quarto, com a rapariga, mais-viviam, de si variavam. Soropita sabia não-ser: intimava o escabro de outras figuras, o desenho do entremeado se enriquecia de absurdas liberdades. E seu corpo respondia ao violento instigo, subia àquele espumar grosso de pensamentos. Agora, ali naquela casa de luxo, estava era com Doralda. Ela era dele, só dele. Levava o sabonete cheiroso na capanga. Era bom, gostar dela assim, com aquela velhice de alma, com o coração preguiçoso. O cavalo se apressava, se sentindo sem lombo, trotava um trabêjo incômodo. Soropita descochilava. Sim, sim, chocalhava o freio, em tilinto — a barbela com frouxura. Piavam uns anús-pretos. Repunha-se Caboclim submisso, na marcha estradeira. Passavam pela Tapera da Sinhana Roxa: nem era um retiro — só os restos de uma casa-grande, virando monte de capim, à sombra de gameleiras; e um ranchinho em mau estado, mais recuado. De adiante, vinha um tropel de barulho, o trupe de vários cavalos.

De a de-meio, Soropita tirou o cavalo, rèsvés, quase oculto com o arvoredo. Se outro trilho houvesse, ele atalhava, ver e não ser visto por aquela gente, nunca se sabe; mas não havia tempo, despontava na curva um cavaleiro, um vaqueiro: montava um cavalinho queimado, vaqueiro moço — não conhecia; e os outros, grupo de quatro, entre encourados e empanados; o de camisa amarela cáqui rompia em direto, mirando, parecia até um vulto conhecido: — “Que mal pergunto?”

Soropita recuara o cavalo. O outro sorria um riso. Abriu os braços.

— É deveras! Surupita!?

— É o Dalberto...

Dalberto se chegava, estendendo a mão; e Soropita a seu encontro avançava demais a mão, e apertava a do outro, distante de si, demorado. O Dalberto — sacudido, mais trigueiro. Arma grande, na cintura. Uma flôr cravina enfeitava a testeira de sua mula rata. O Dalberto era uma bôa recordação, de testemunhos, de grandes passagens; parecia que dele nunca tinha deixado de estar perto. Amigo é: poucos, e com fé e escôlha, um parente que se encontrava. Um bom amigo vale mais do que uma bôa carabina. Se aproximavam, num meio abraço, as mãos se palmeando as costas.

— Diacho, um! Com’ passou, Surupita... A gente vir se ver, trasmeio de tanto tempo, sem espera nenhuma, aqui neste acosto fora de todo rumo costumado...

O preto, com espingarda e capanga, remexia: tinha ali uma codorna, sapecada de pólvora, preta e sangrenta; Soropita desviou o olhar. Mas vigiava-os, de sosla: os em volta, mais afastados, fechando meia roda. O rapaz no cavalinho queimado, com chapéu-de-couro redondo, do feitio de Carinhanha. Um de roupa clara. Um de terno de couro, novo, dos comprados em Montes Claros. Gente de paz, em seu serviço, mas gente bem armada. Dalberto dava lugar para esses, na menção de apresentação: — "É o pessoal, parte dos companheiros: Rufino, o Iládio, Pe'-Pereira; José Mendes você deve de conhecer?" "— A meio, lembrado me parece..." (Aquele tinha sido puxador da madrinha e do cargueiro, na comitiva do Itelvim; homem dizedor, sujeito abelhudo.) "— Com' passou?" "— Com' passou?" "— Com' passou?" Espingarda de dois canos. O preto tinha espatifado a codorniz com chumbo grosso. Pe'-Pereira carregava um revólver enorme — um 44 comum, fora de uso, devia de ser, desses mais para dar tamanho, ainda que fosse porcaria... (O Robeval Gaúcho tinha um, mas tinha também o esmite, pequeno, que era o de potências: — "Siô, com este eu mato, siô! Com este daqui, eu enfio o subdelegado dentro dele...") Não descavalgavam. Catinga do preto, e da codorniz esrasgalhada, trescalavam, a léguas. Dalberto tirava cigarro da algibeira. — "Ah, você quase não fuma... Se alembra do Nhônho?..." (O Nhônho era o bom velhote do Serro, companheiro amigo deles, numas duas ou três boiadas. Enrolava cada cigarro despropositado de comprido e de grosso, só fumo goiano, muito bom de primeira, e palha especial. Soropita não obedecia ao vício, mas gostava de estar perto, sentir o azul das baforadas: — "A fumaça do pito do Nhônho adoça o ar p'r' a gente..." — observava.) O Dalberto remoçava tudo. Perguntava o que era o antigo e o novo. Achava Soropita repastado, garboso, moderno, sem segundas mudanças. — "Ontem eu fiquei sabendo que você está sediado aqui, Surupita só tem um, ora, ora. Me contaram que você tinha passado, que retornava hoje do Andrequicé. Vim p'r' a estrada..." Estavam, havia uma semana: "...arranchados no — como eles dizem — no Azêdo: um retirinho mesmo aqui..." "— Sei adonde: antes do arame fechar, o arame do Doutor Adelfonso, com o do Suardo... eles fazem um bêco..." "— Bom, você é morador... Estamos em comitiva curta, por conta de Seo Remígio Bianôr. A gente estamos no diário de uma folga besta, esperando as ordens. Quem manda e paga, é que guarda ou que estraga... P'ra ir receber um gado, por aí arriba. Seo Remígio Bianôr ainda está no Corinto, no Curvelo tem uma

exposição de animais. Só de amanhã a dois dias é que vai vir, de jipes ou no caminhão de creme.”

Dalberto depunha o mesmo de sempre, o brando aprazível na fala, esse modo sincero no olhar, nos olhos grandes; a gente ia sentindo dele um arêjo de bondade, um alastro de sossego. — “Ora, ora, Surupita, a gente vir se encontrar, fim de tantos anos, sem combino algum, até sem notícia... Você então está assistindo por aqui, neste começo de Gerais? Imagina...” “— No Ão...” “— Eu sei.” “— Pois então. Daqui lá, uma légua, p’ra dentro. Leguinha: é de cochicho...” “— A ver. Que não seja. Alegria minha é tanta, que o primeiro gosto era ir logo até lá, com você, agorinha...” “— A bom. Vamos.” “— Não é dúvida? Vou, demais. Você me dá janta, posso voltar por dentro da noite, a lua está saindo lá p’las dez. Não empalho?” Dalberto não perdera o modo de dar um tapa na rédea. A mula rata era bôa, movia com rabo forte, arrancava bem, punha passo com avanço. Aquele preto Iládio, com a espingarda, golias de bruto, dava um risadão, ficava para trás, em bando com os outros. Soropita se desgostava, não podia deixar’de, se eles todos também viessem. Dalberto parecia que adivinhava: — “Os companheiros vêm com a gente até no cruzar da carroçável... Voltam p’ra o Azedo...” Que se chegassem, viessem, tinha jantar para todos... — Soropita convidava, não podia desfazer de si. Agradeciam, Dalberto dizia que p’ra outro dia ficava. Soropita não tinha por que se reprovar: Dalberto, sim, de si era um companheiro seguro, nem mesmo só por ser seu amigo, sempre lembrado. Mas não podia ter satisfação em levar o resto do pessoal, até ao Ão, para dentro de sua casa. Aquele preto Iládio, o José Mendes... Todos vinham vindo cavalgando por depois, a regra de distância. Nem isso era sofrível; preferia que tocassem adiante. Em ver, deviam de estar agora reparando no volume de suas armas, falando dele. Soropita não podia ouvir. Mas já de começo relanceara entre eles o alvoroço, o mutemute de uma conversinha acautelada.

(—“*Pss!* Pereira...” “— ...com o beiço branco, Zé Mendes?” “— Espera, seô, espera, Iládio. Vocês sabem quem aquele é?: Surrupita!” “— Surrupita?! *Gimaría!* Sur-ru-pi-ta!...” “— Surrupita!” “— Surrupita?” “— Ele, o diabo dele, santo Deus: quem é que a gente vem topar aqui neste lugar.” “ — É o Surrupita, Rufino, o que matou Antônio Riachão e o Dendengo... O que matou João Carcará!” “— Ôx’, Virgem! Pisei chão quente...” “— É machacá...” “— Já ouvi falar. Ah, uíxe, esse não esperdiça

uma legítima-defesa!” “— O Pereira sabe...” “— Ara, se sei. Matou o Mamaluco, também. Respondeu júri no Rio Pardo...” “— Isso foi de outra, ferimentos leves...” “— E não foi pela morte do Mamaluco. O Mamaluco era cunhado do Dendengo, morreu com ele, junto, no fato... Mas Surrupita respondeu mais outros júris, em três comarcas. De quase todas as vezes, saíu absolvido...”)

O Dalberto de começo nem podia bem emparelhar com Soropita: a mula rata se espassava com ligeireza querida, vencendo o meio da estrada. A camisa fofa do rapaz se enfunava. A besta levantava bôas orêlhas, e seu esquipado era um *z'zzuum...* Caboclim, mesmo upa no afã do regresso, tinha de seguí-la. Dalberto se voltava, brincando mão nas franjas alaranjadas do pelego:

— Ah, hem, Surupita? Bom que isto é outra coisa, que aquela desgraça de passo em passo, a munha de se acompanhar boiada? Aquelas boiadas só de touros zebús, eles dormindo andando no vagaroso...

— É. A tourama se recebia em Pirapora... Vinham embarcados no trem-de-ferro.

— Uai, Surupita, isto aqui são campos bons...

Soropita volvia a cabeça, virava-se de transcosto, vigiando os quatro que vinham, agora mais atrasados. Sabia, sabia que estavam falando dele; sabia-o, como coisa de pega e pesa. E o firo daquilo o irritava.

(— “Surrupita, eta, ele empina! Quem vê e vê, assim não diz o relance desse homem.” “— Teve também um jagunço, que ele arrebentou com uma bala no meio dos dois olhos, na Extrema. Aí, Surrupita pegou condenação — ano e meio. Mas nem chegou a cumprir. Foi indultado.” “— Não, defesa apelou: saíu livre, no segundo. Falavam até que ele era mandado do Governo, p'ra acabar com os valentões daí do Norte. Que um sabe: por regra, Surrupita só liquidou cabras de fama, só faleceu valentões arrespeitados...” “— Também, qualquer um que matasse João Carcará e Antônio Riachão mais o Dendengo, tinha de sair livre, que estava matando em legítima defesa...” “— Foi não. Um chamado Enjo viu, p'la janela aberta, da banda de fora. Só que viu e se escapou no mundo, não gostava de servir de testemunha... Foi no Brejo-do-Amparo, adiante da Januária. Ninguém não conhecia esse Surrupita, chegado com tropa, estava sentado, num canto, comendo sua refeição. Diz que bem sossegado, devia de estar honesto com bôa fome. Na pensão, numa sala-de-jantar grande, dando p'r' a rua. Longe dele, noutra mêsa, Antônio Riachão estava com dois de seus

homens, almoçando. Gente bruta... De repente, veio o rebuliz: entrou o Dendengo, feito pé-de-vento, com acompanhamento do Mamaluco e mais uns três — vinham feios, p’ra intimar discussão com o Antônio Riachão, e matar com urgência. A revira ia ser de onças comedeiras. Mas nem não tiveram tempo: o Surrupita, de lá do canto recanto, sem dizer mãe ou pai, sem tosse nem nem negaça, deu relâmpago e falou fôgo. Foi no cano-curto. Berrou bala em todo o mundo — munição ele tinha! Caíu morto o Dendengo, o Antônio Riachão, o Mamaluco, um dos dois que estavam com Antônio Riachão, um outro dos companheiros do Dendengo. Inda houve feridos. Surrupita não erra tiro. Antônio Riachão se enrolo em debaixo de toalha, deu o couro às varas mordendo o pé da mesa. Cinco p’r’ o bom cemitério! Surrupita saíu também levado carregado, foi p’r’ a santa-casa, tiveram de fazer operação, tratar, antes que estivesse em estado de comparecer em tribunal...” “— Então, ele é pessoa que dá acesso?” “— É não. O que depois ele endeclarou, foi que aqueles todos eram homens terríveis, já estavam em mão de guerra lá dentro da sala, iam p’ra o afiafim de faca e tiroteio à tonta, e que ele, Surrupita, corria sérios perigos, ali encantoado: não teve tempo de espera, abriu caminho seguro, p’ra poder escapulir... Mas o povo da Januária e São Francisco, muitas pessoas, reuniram, achavam que ele tinha feito uma limpa boa, mesmo; pagaram advogado p’ra ele, até...” “— Às vez, quem sabe, ele é dôido-de-lua?” “— Diz que é frio, feito casca de abób’ra-d’água...” “— Dôido não é. E é até acomodado, correto. Tem malda, mas não é carranco. O que ele tem é que tem pressa demais — tem paciência nenhuma: não gosta de faca. Cheirou a briga possível, rompeu algum brabo com ar de fazer roda de perigo; e aquilo ele principêia logo, não retarda: dá nas armas. Pode até aturar dissabor, mas somente que seja de homem fraco ou desarmado. Agora: não entesta com ele, não facilita! Quem relar, encalcar, beliscou cauda de cobra...” “— E o João Carcará?” “— Diz que foi no Santo Hipólito, no ramal de Diamantina. Assim estavam numa roda, boiadeiros, vaqueiros, tais. João Carcará chegou, ele veio rosnado, leão-leão... João Carcará gostava de insultar, tinha a mania — chegou, xingou a mãe de um rapazinho, que estava. Parece que ele deu também alguma indireta, que podia servir de aplicar p’ra o Surrupita. E que mexeu na cintura, na garrucha — uns dizem que nem conseguiu tirar p’ra fora, ou mal chegou a tirar — só não sei. Surrupita foi na máuser: arrependeu ele logo daquilo! João Carcará, pelos tiros que levou, deve de ter morrido umas três vezes

emendadas... Surrupita estava branco feito raiva de sapo, foi afinando de ódio, e num sofôgo. Adeclarou depois que o João Carcará tinha abocado mais primeiro a garrucha nele. Abocou foi uma nenhuma! — se diz...” “— Ei! Ouvi vento de bala!...” “— Amigo do Dalberto... Se viu, se vê. Não sei como se pode ser amigo ou parceiro de sonso-tigre. Como meu pai me dizia, de uns, menos assim: — Meu filho, não deixa a sombra dele se encostar na tua!...”)

Soropita indicou a Dalberto que esperassem, e arredava o cavalo. Já não podia: enquanto aqueles viessem vindo depois deles, nem conseguia ter tento em conversa. Era como se o encostassem. Dalberto levantou mão, fez um sinal. Também, o galho para o Azêdo era ali adiante. Os outros entenderam, já vieram de corrimaça, passavam embolados, num meio-galope, que nem tropa de eguada. Ainda gritaram, se despedindo. Aquele negro Iládio se sacudindo as costas, preto enorme, brutão, espingarda transpassada. Com pouco, dentro da poeira, dobravam. Só se viam as cabeças, por cima da barra do cerrado fino. E sumiram. Naquele ponto, havia algum tempo, por uma estrada quase impossível, tinha chegado, enfeitado com ramagens de árvores e flores, o primeiro caminhão que foi até à beira do rio; mas, mesmo depois de muitas horas que ele tinha passado, os cachorros ignorantes vinham farejar demorado aquele rastro, que não entendiam existir, deixado pelas rodas; Soropita tinha visto, quando alguns uivavam.

Agora o Dalberto mesmo parecia mais presente, melhor em suas asas. Retinha perto de Soropita a mula rata, podiam ir a par. Qualquer modo, mais de cinco anos fazia, que não se encontravam. Se alembravam, tinham de saltar para trás tanto esse espaço, precisão de reconferir. Derradeiras vezes, vinham trazendo aquela zebuzama, só de touros do Triângulo — que iam sendo entregues devendidos, p’r’ aqui e p’r’ali, comercial. Junto com os zebús, traziam também burrada, burros de bôa cria, de Lagôa Dourada, Itabira de Mato Dentro; chegavam embarcados, em Cordisburgo... — “Foi em 32?”

— 32 e 33, 34, 35... Mesmo depois... Vai tempo. Adeus, zebuada!

— Eh, Surupita, touros uns trezentos... Bom era o gyr pintado, a melhor caixa de carne. O nelore de orêlha miúda era bravo, duro, com um ameaço de poder: não respeitava fecho... O guzerá era o maior, mais dono. Bravo, mesmo, não; mas estranhador, principal. Estranhador — é isso... Pirapora, Vargem da Palma, Jequitaí, Água Bôa...

— Espera: ...Pirapora — Buriti das Mulatas — Vargem da Palma — Lavadinho, fazenda — Fazenda do Cotovelo...

Para Soropita, tudo tinha de ser falado na forma, os pontos de trajeto faziam uma regra, decorada por uma vez. Não que gostasse, de-lembrança, daqueles lugares, simples etapas; mas era uma ordem de costume, evitava se estar tomando cabeça em escolher ou resolver o quê.

— ...Brejo das Almas — Dois Riachos — Barrocão — Fazenda da Piteira — Fazenda Jacaré...

— Onde se atravessa a Serra Mineira...

— ...Fazenda da Vacaria — Fruta de Leite...

— Um comercinho, no alto de uma serra!

— ...Salinas — Fazenda do Bananal — Cachoeira do Pajeú...

— Bom arraial, Surupita. Namorei, lá...

— ...Fortaleza — Estiva...

— Isso era uma fazenda.

— ...São Miguel de Jequitinhonha — Joaíma...

— Grande volta que se dava, ora, o diacho...

— ...Jacinto...

— Arraialzinho, comercinho!

— ...Salto Grande...

— Arraial. A pontezinha era a divisa com o Estado da Bahia...

Depois, já dentro da Bahia, esbarravam em Itabuna: — "Lugar feio, está sempre chuvoso, chuvoso no diário..." Vez ou vez, porém, chegavam até no Caetité: a fresca e temperada, no fim de um grotão formoso, o chão claro, a cidade melhor...

— Mas você, Dalberto, ainda vence nessa lida? É um traquejo!

— É. Mais uns tempos. Eu gosto e não gosto. Mas a gente diverte...

Um podia estimar o Dalberto, pois podia. Menos que fosse, por ser tão diferente dele, Soropita. Em tudo. Podiam chupar a mesma laranja, o gosto que cada um tirasse era diferente. Até as mulheres que escolhiam eram sempre diversas, cada um tinha sua preferência apartada. Dalberto podia ser um irmão seu, mais moço. Mesmo no ver o trivial da vida, eles descombinavam, amigos. Dalberto não tinha malícia, nem fome de tudo — de conhecer por dentro, — fome do miolo todo, do bagaço, da última gota de caldo.

— Desde estes dois anos, tenho pensado em guardar algum dinheiro... O diabo comigo é o jogo...

Dalberto falara com um riso apressante, sabia que o jogo Soropita reprovava, não gostava de malparar. E, de inesperado, deteve a mula. — "Vou dar p'ra você, ia me esquecendo. Você aprecêia uma boa arma..." Era um revólver 41, em capa. — "Ganhei, por nove partidas, de um gaúcho, da xarqueada do Lé. O nome aí, de *Quaraím*, é o de um lugar na terra dele — o revólver é reiuno, foi dos da Polícia de lá. Aqui esta caixa de balas; no mais, munição dessa não se encontra difícil, é igual..." Olhava para Soropita, querendo que ele com o oferecido se alegrasse. Soropita era o amigo que ele mais prezara: corajoso como um lufo de ventania, e calado, calado. Perto dele, sempre tinha o surdo palpite de que podia aprender alguma coisa.

E Soropita, a bem dizer, salvara a vida dele, na fúria daquela vaca achada, perto da Pedra Redonda, onde nasce o Rio Jequitinhonha. Quando ele Dalberto estava em perigo verdadeiro, Soropita pulou e se atravessou, sem vara em mão, foi até derrubado pela vaca. Felizmente não teve nada, só rasgou o paletó. Mas o resto do dia Soropita tinha passado de cama, tremia, tinha até febre.

Soropita sabia que todo revólver tem senha em sua história, marcado quase como pessôa. Só o Dalberto costumava inventar dessas lembranças de bom agrado. Dalberto, que agora o olhava com aqueles olhos muito abertos, o modo rompido e fingindo de aspro, de se vexar, aquela simpatia de cachorro. Mas que, quando lhe agradeceu, depressa desconversou:

— Ora, se diz, que: quem nasceu em debaixo do banco, nunca chega a se sentar. Mas agora eu melhorei — ah sou capataz de comitiva...

— Bom. Ainda vão vendendo zebú?

— Quase não. O bicho morreu de preço, os zês...

O Dalberto não abria estima por esses, não encostava o ouvido nos zebús, não entendia o encoberto deles. Soropita se esquecia no quieto movimento daquela malabarada pesada, quantidade de touros-das-índias, melhores no mais fácil de se conduzir do que uma boiada comum, porque pareciam uns meninos grandes, muito arrimados uns nos outros, reunidos tão em destino de mansos, vagarosos, num delongo, como nuvens — davam pena. Não se queixavam, não diziam diferenças, não vinham à beirada de si, nunca; aguentavam qualquer carecer. Semelho de que eles sabiam que, em algum tempo, tiveram de perder a herança de alguma coisa; mas podiam passar cobertos de flores. Em rota, sob sol, sede e caminhadas, muitas marchas, acompanhavam a gente, no mesmo moroso,

no mesmo consolo, o quente de seus corpos, o cheiro grosso, inteiro, maior que a inocência. Azulêgos, baios, cor-de-fumaça, chitas, prateados, os chifres pretos, os cascos pretos — balançando os cupins, as largas barbelas, os umbigos pendurados; abanando as enormes orêlhas sem cabimento, levantando sempre as cabeças alteadas, por poderem espiar a gente de frente só por cima dos focinhos pretos; olhando desse jeito com os olhos entortados, ora adormecidos, deixados no cochilo de um aceitamento, mas esses olhos com um luarzinho cravado, luz que vinha de um longe adonde ninguém podia voltar. No meio deles, no passo, às vezes a gente se perdia, cismava até um medo, um respeito de tudo imenso — o bafo curto, os fungamentos, o urro tossido, e raro o berro triste, que não é berro; o silêncio entre si, como se falavam: tão corpulentos, tão forçosos, podiam, se quisessem, derrubar tudo. E bastava o segredo de uma palavra, a mão da gente escorregava a bom na pele deles, podia-se puxar o couro, dobrado de mole, como farinhado de tal que um unto, e macio, macio, — gemiam para dentro, só o sussurro de uma abelheira muito longe; e obedeciam a mando de homem, parecia que Deus tinha dado a eles, para sempre, uma benção de mor juízo. A gente se despedia deles, quando, de tarde, o gado viajado ia pastar. Comiam pouco; pouco dormiam. E ainda no escuro, no descambar da noite, estavam lá deitados, calados juntos, todos espiando para um lado só, esperando o romper da aurora. Esperavam sem esperanças.

— Surupita, você logo não me reconheceu?

— Mais foi pela voz, que eu reconheci...

— É, a voz. Voz, é engraçado, a estória do cego... Te contei, do cego? Pois eu estava no Grão-Mogol, o cego passou, pedindo esmolas, ele recitava uns versos, desses que só os cegos é que sabem. Dinheiro trocado eu não tinha, nem mantimento. Tinha um par de botinas, peguei e dei. Não falei com ele nada, de palavras nem umas dez. Agora, escuta: tempo depois de mais de dois anos, e longe de lá, no Rio Manso, quase perto de Diamantina — estavam fazendo uma festa de rua — e eu vejo: quem vinha andando? O cego. Era o mesmo, vi logo, com o cachorro preto-e-branco, e a viola pequena, aquele cego dos pés compridos, de alpercatas, com uma calça preta estreita no baixo das pernas, apertada demais. Só que dessa vez ele tinha outro menino-guia. E o que ele fraseava era o seguinte:

“Com prendas e bem fazendas

e mil cruzados de rendas...”

— ...Então eu cheguei bem na beira dele, dei um dinheiro na salva, e saudei: — “Meu amigo cego, como vão as coisas?” — falei dito, ou no mesmo rumo, só; acho também que ri. E ele, sabe o que ele fez? Ora, até contente, deu um exclamo: — “O homem das botinas! O homem das botinas!...” Ouviu, Surupita? E não é para se dizer?!

— Em certo. Mas você não perguntou a ele?

— Ora, ora. As botinas, ele tinha vendido. E o resto do disparate das rendas de mil cruzados, ele mesmo não sabia. Me ensinou outro, mais faceiro:

“Vi três marrecas nadando
outras três fazendo renda;
também vi uma perúa
caixeirando numa venda...”

O que Dalberto devia de ter perguntado — como era possível o cego guardar, prender uma pessôa pela voz, em sua cegueira fechada? Aquela voz devia de ser mexer, lá dentro, em muitas trevas, como muitas cobras brilhantes. Se ele podia reconhecer todas, as pessôas que ia encontrando por este mundo? Assim um cego, que não via e tudo sabia, e podia chegar, de repente, apontar com o dedo e gritar: — “Você é Soropita!” Então, por que é que um ficava cego? Deus podia ter botado os cegos no mundo, para vigiarem os que enxergavam. Esses cegos, como os brabos arruaceiros: os valentões, que eram mandados permitido como castigo de todos, para destruir o sensível do bom sossego. Pensar nesses, era como um garfo ringindo no fundo de um prato, raspava os nervos, feito se um estivesse sendo esfolado, aos tantos. Só de se escutar a fala de um valentão, discutindo, desafiando, era vergonha que a gente tinha de guardar no resto da vida, repuxão de gastura.

O Dalberto também devia de estar se pensando. Caboclim e a mula rata se compassavam, lado um do outro, não se sabiam. Às vezes uma das selas rangia. A alegria era o melhor do Dalberto: ria a simples, sua simpatia; assoviava bonito — assovio de tropeiro. De viver, cantava:

“Adeus, cidade de Uberaba,
divisa de São Mateus!

Vender boi ficou pecado,
que será de mim, meu Deus?"

— Surupita, quanto tempo tu não vai no Montes Claros, nem passa?
— Tempo.
— Ah, isto, sim, Surupita: Montes Claros! As mulheres...
— "Pasto bom e mulher — e o mais, se tiver..."
— Ora, ora, a vida do pobre é: beber, briga e rapariga... A gente viaja padecendo, pois é, pois. Tiro o menos por você, Surupita: para você tudo não parecia tão diabo e tão bobo. P'ra você, passar fome e sede não é nada, você arreséste a tudo que quer. Mas você aprova comigo: só quando se está com mulher é que a gente sente mesmo que está lorde, com todos os perdões... Que é que se está vivendo, mesmo. Afora isso, tudo é poeira e palha, casca miúda. A gente vai indo, caçoando e questionando, agenciando, bazofiando, tendo medo, compra isto, vende aquilo... Como que na gente deram corda. Homem não se pertence. Mas, um chegou, viu mulher, acabou-se o pior. Começa tudo, se tem nova coragem... Léguas andadas, tem as cidades, a gente pousa perto... Mesmo por aí, Surupita, toda parte, lugar menor, a gente se arranja. Eu falo é de mulher provável, usável. Aqui no Norte, muita parda bonita: pedem só "uma nicla de serrinha" — prata e dez-tões, dois-milréis. Mas eu vi que é bom é aquele seu conselho que me deu: de quaresmar, até chegado no ponto de cidade grande. Que como você dizia: que nem cavalo ou burro em viagem, que não pode comer sal — enfraquece muito, dana numa bebeção d'água... Mas, Montes Claros! A já naquele tempo nosso, se alembra? Foi contado, Surupita: 1.600 mulheres na alegria... Se alembra do cabaré do Chico Peeiro? Uma cerveja custava a garrafa dois-milréis... Tantos cabarés, tantas casas: eta, escôlha. Cada um põe sua vela na arandela. Ô fim sem começo, toada boa! As baianinhas, hem? Cada baianinha — você se encostava nela, ela ficava mexendo toda, feito cobra na areia quente... Se lembra?
— Demais. Lugar de primazia...
— Derradeiramente agora, ainda está muito melhorado. Um progresso, como Deus ajuda. Surupita... E uma coisa, não lhe conto...
O Dalberto falava vizinhoso, sereno, não como quem conta desatinadas vantagens, mas como quem agasalha um esvoacim de saudade no covo da palma-da-mão. Vinha e veio, relatava: era a papafina de uma mulher, que

ele tinha conhecido. Diziam até ela era filha de uma família muito bôa, e que começou de bem-casada, com um doutor bacharel; e era demais linda, e toda nova, mas resolveu e fugiu, para a vida maior, por de homens muito gostar... Que todos a queriam constantemente, mas mais ela simpatizava era com ele, Dalberto. Tinha uns olhos de fino verde, folha de avenca-rainha, com pestana ramalhuda — bonitas, eram até pestanas de propósito postiças... De um luxo, se via lá, vestidos caros, sapatinhos — ela rebrilhava, desabusada, por cima de tudo, aquilo desprezava, aquilo ficava sendo dela... Bebia pouco. Fumava. Pensava: num instantim, dava cabo de meio maço de cigarros... Dizia: — "Tu beija?" Sabe o que? Os pezinhos dela, as unhas pintadas de vermelho...

Um podia aceitar o Dalberto, até pelo esse jeito trivial de defalar com um amigo o por-meio de suas coisas, expor o vivido escondido. Ele Soropita não fiava esse assolto de se descobrir com ninguém: — a bilha tem pescoço fino, em bilha não se enfia copo. Dalberto, devagarinho, falava. Acendia um cigarro, e falava. Se repetia. Soropita de repente se lembrando do que se contava do em tempos falecido Major Brão — um grande fazendeiro louro, ramo de estrangeiro, que fora dono de enormes. Despropósito de riquezas, terras, gado. Tão tudo de rico, que não carecia de se importar com o que dele falassem. Major Brão vivia adamásio com uma moça, muito branca, muito linda, muito dama, que não tinha vergonha nenhuma. Os dois não tinham. Pelo que saíam, sol da manhã, num cavalo só, assim o Major montado, vestido composto, mas a mulher toda nua, abraçada nele, na garupa. Nua dada, toda viva, formosamente: era para todos verem o que em senhora nunca se pode ver. Isso sobreproduzia, para ela e para ele, o prazer do prazer, as delícias. Até ela se apeava, andava para ser olhada mais nua, assim, em movimentos, passeando aquela alvura em cima da grama verde, na várzea. Ela ia tomar banho, na Lagôa da Laóla, perto de onde morava tanta gente. Se alguém, homem ou mulher, via os dois passando, virava a cara, com medo de Deus, se estremecia. Diz que a moça avistava uma novilha mais bonita, nos pastos, em distância, e desejava: — "Eu quero daquela..." E o Major Brão matava a tiro a novilha, retalhava posta de carne, ali mesmo assavam. Os dois. Ao fim de um tempo, veio castigo. Se diz, incerto, que o Major terminou envelhecendo sem si mesmo, pobre pedinte...

— "Não era, Surupita? Era ou não era?..." Mas — quando o Dalberto gravava assim, forte de si, encalorando, o que minava na gente era o

cismo, de supetão, de ser, vindo no real, tudo por contrário. De simples, todo o mundo farto sabia o que tinha também de nojento naquelas casas de bordel: brigas, corrumaça de doenças, ladroagem, falta de caráter. Alguém queria saber de sua mãe ali, sua filha, suas irmãs? Muitas mulheres falsas, mentirosas, em fome por dinheiro, ah vá. Aquelas, perdido seu respeito de nome e brio, de alforria, de pessôa: que nem se quisessem elas mesmas por si virar bichos, que qualquer um usava e enxotava — cadelas, vacas, eguada no calor... Mas, depois, afastado de lá, no claro do chamado do corpo, no quente-quente, por que é que a gente, daquilo tudo, só levantava na lembrança o que rebrilha de engraçado e fino bom, as migalhas que iam crescendo, crescendo, e tomavam conta? E ainda mais forte sutil do que o pedido do corpo, era aquela saudade sem peso, precisão de achar o poder de um direito bonito no avesso das coisas mais feias.

— "Não é não, Surupita?" Ah, não era o bom da vida? Aquela mulher, todos a tratavam de "Lila Ceroula-de-Homem", "A Mais-de-Todas"... — era como ela queria. Lila — o que dizia que se chamava. Mas a ele, Dalberto, ela contava, segredim de segredo, que o seu nome verdadeiro, com que tinha sido batizada, era o de Analma. De instruída, deixava-o até com vergonha — ser um pobre boiadeiro, dúvido de tão ignorante. Lia em livros. Sabia versos. Enquanto ele descansava, ela declarava um arreviro de coisas: — "Vem, Bem, deixa tua boca aqui no travesseiro... Me nana, me nina, me esconde, me cria... De homem e dôce bem feito, o quieto é que eu mais aproveito... Comigo é: pão-pão, beijo-beijo!..." Desenlouquecia.

Do relongo de reouvir e repensar, Soropita extravagava. Sim escorregava, somenos em si — voltava ao quarto com a rapariga inventada: as sobras de um sonho. Mais falavam em Doralda, se festejavam. A rapariguinha estava ali, em ponta de rua, felizinha de presa, queria mesmo ser quenga, andorinha revoando dentro de casa, tinha de receber todos os homens, ao que vinha, obrigada a frete, podia rejeitar nenhum... — "Até estou cansadinha, Bem..." E se despendurava de abraço, flauteira, rebeijando. Rapariga pertencida de todos... Ao ver, àquele negro Iládio, goruguto, medonho... Até o almíscar, ardido, desse, devia de estar revertendo por ali, não sendo o que aquela menina gastava em si um rio lindo de bom perfume... Ela tãozinha de bonita, simples delicada, branquinha uma princesa — e aceitando o preto Iládio, membrudo, franchão, possanço... Ah, esse cautério! — Soropita se confrangia.

— "Sabe, Surupita, eu tenho estima a ela. Não é que esteja caído de perdido..." Dalberto não gostava de paixa. Se divertia da silva, bandoleiro com muitas, comboiava aquele mulherío quase todo. Conhecia de sim a Liolina, a Mélia Cachucha, a Nhiinha, Maria-Mãe, a Estela, Dona Doní, a Prenda... A Analma mesma mandava ele saber as outras, poder ter vivido e comparar de todas ela era, mim assim, a mais, mulher do mundo...

...Soropita roubava a rapariguinha levantada da deslei daqueles homens — todos, lé e cré, que tinham vindo para gozar, fossar, babujar. Ela, morninha, o beijava na boca. Tinha de ter um nome: *Izilda*... — Izilda. Chamava-a, ela atendia. Mas era o ferroo de um pensamento, que gelava, que queimava, garroso como um carrapicho: o preto... Izilda entregue à natureza bronca desse negro! O negro não estava falando como gente, roncava e corria de mãos no chão, vindo do meio do mato, esfamiado, sujo de terra e de folhas... Tinha de a ela perguntar. Ela respondia: — "Bem, esse já me dormiu e me acordou... Foi ruim não. Tudo é água bebível..." —; e se ria, goiabadinha, nuela. Soropita a pegava, cheirava-a, fariscava seu pescoço, não queria encontrar morrinha do preto, o preto mutoniado, o tóro. Izilda ria mais, mostrava a ponta da língua, fazia uma caretinha, um quebro. E desaparecia. Aí, estava escuro. Soropita estava lá, involuntário. Assim, à porta de um quarto, cá da banda de fora. As coisas que ele escutava, que, dentro daquele quarto, por dentro trancado, aferrolhado, estavam se passando: chamego, um nhenhém dengoso, risadas; o barulho de dois se deitando, homem puxando a si a mulher, abraçados, o ruge-ruge do colchão de palha... Mas — não era Izilda, quem estava com o preto vespuço, com o Iládio... — a voz era outra: Doralda! Doralda, transtornados os olhos, arrepiada de prazeres... O preto se regalava, no forcejo daquele violo, Doralda mesma queria, até o preto mesmo se cansar, o preto não se cansava, era um bicho peludo, gorjala, do fundo do mato, dos caldeirões do inferno... Soropita atônito, num desacordo de suas almas, desbordado — e o que via: o desar, o esfrego, o fornízio, o gosmoso... Depois, era sempre ainda Doralda, na camisinha de cambraia, tão alva, estendida na cama larga, para se repousar; mas que olhava-o, sorrindo, satisfeita, num derretimento, no quebramento, nas harmonias! O preto, indecente, senhor de tudo, a babar-se fazendo xetas. Mas esse preto Iládio se previa p'ra bom fim um dia, em revólver; corjo de um assim, o sertão deixa muito viver não, o sertão não consente. P'ra não ser soez, ser bruge, não desrespeitar!... E o Dalberto, de contracurso o Dalberto

contando, contando... Como se vendo e sabendo o pão do pensamento dele Soropita, como se tudo neste mundo estivesse enraizado reunido, uma escuridão clara, o caber das pessôas.

— Surupita, um não imagina o virgem do reporto das coisas que ela praz em me dizer! Assim por diante: — "Agora, querido, tu precisa de ir embora, me deixa sozinha por duas, três horas — agora vem vir fulano boiadeiro, que paga por sua regalia completa, me desrespeita muito... Tem dó de tua noivinha, que vai passar por coisas tão feias... Você está sofrendo? Quero que um sofrer, que penes... Vai, está na hora do boiadeiro, pra ele tenho de ficar bonita... Depois tu vem; vem? Amoroso, carinhoso, beijar de me consolar..." Dizia aquilo demordida, branca de fôgo, Surupita, me apertava o braço, de doer. Mas, no enquanto, volteava a verdade num brinquedo, homem via que ela se alegrava acinte com o que falava, no fêmeo vivo daquele frenesim... Ressabiava. — "Mas, tem horas, que eu penso que quem-sabe é pelo quindim dessas meias-doidices, mesmo, Surupita, que ela não sai da cabeça minha, que é mais um sabor..."

Soropita perdia a deixa. Só num lance de arroubo, seu pescoço se esquentando, o nhém nos ouvidos: que se um mundo de pássaros cantantes revoassem em cores do buritizal, no verdim da vereda à mão direita, onde arrozava um capim de fim — ... Doralda, pensava nela através do assunto, numa baldança... — à mão esquerda um gravatá de flôr sangrenta, na grande mancha do campo limpo, cheirando a alfazema-brava e cidrilho; e o Dalberto que reperguntava: — "Que é o mel branco, damice de mulher, hem Surupita?..." De novo sonsa e solevada a mansidão das coisas, o farfalhar mudo das borboletas, um vago de perfume que não se acabava, aquela alegria vagarada, sem medo nenhum, ramo seco e flôr ficada, o tremor de um galho que passarinho deixa:

— Mas, Dalberto, por que é que você não se casa?

Simples que foi, numa volta de olhos. Mas Surupita não fazia de dizer por caçoadas; Surupita nunca não brincava. Será que vinha não prestando atenção ao conversado? Ou tinha falado com segundas vistas? O certo que era estúrdio.

— "Eu, casar? Você acha? Fusa e fubã, boi de sutrã... Macaco me ajude!" — o Dalberto gracejou.

O Dalberto olhava. Causa porque olhava. Dentro de si, Soropita vinha-se desdesenrolando, recolhendo, de detrás de môita para atrás de môita, se esfriava. Cacos e coisas que voltam dos ares. O morrão de uma vela se

acabando no escuro. Se mordia a língua. Assunto verdadeiro, cada um guarda para si consigo. Cada qual seu rumo. Atravessar aquilo, se embebendo de água sozinha. — "Casamento dá juízo..." — disse isso baixo e mau som. O Dalberto em branco ficava.

Demorou para tornar a falar, em desconversa. Sabia pensar, tomar conta de si. No contempo, sua cabeça mesma o tirava para outro lado, qualquer assunto; gostava de pôr os olhos no verde. E tocava-o, a surdo, uma sombra de desgosto, que nem meio aviso, má coisa por vir, sem dessa poder renovar memória, mas mal desesquecida. Respondia às perguntas de Dalberto:

— O rio? É nove léguas por lá, descambando a Serra. Mas, neste tempo de frio, nunca tem peixe...

Só o esperto de tristonha, sem vão de motivo, de má traça. Não ventava frio, a mor dava um tempo bom, agora perto do sol se pôr. Esquerdeavam. Com pouco iam chegar em casa. Vinham as pessôas para escutar a novela. Se jantava. Aprovava que Dalberto voltasse no tarde da noite. Um amigo nunca estorva, mas a gente estava desacostumado de intímo de hóspedes. Com as horas, se cansava... O que não podia era se lembrar daquele negro. Sabia, se havia: se désse de frente com o preto, e o preto escarrasse de cavalo, que um ódio vinha, enxofre azul — com tal fero, que, para gastar essa raiva, muito precisava. Pensou tão forte, que olhou depois o Dalberto, como se o Dalberto pudesse ter ouvido.

— Ali é tremedal, Surupita?

— Tremedal, a próprio, não. Mas, atolar, atola. Vigia aquela, quase marimbú. Veia de vereda engole...

Se apeava, para ir abrir o pegador — não deixando o Dalberto, que queria se adiantar: dizia que Surupita estava impedido por demais, com as sacolas e outras bagagens, repletas as bolsas da sela. Só entregava a rédea de Caboclim ao Dalberto, que passava, adestreando o cavalo. Encostava o pegador. Podia imaginar o que o Dalberto devia de estar pensando, Dalberto cuspia no copo: — "... Casar com meretriz? É virada! Nem puxado por sete juntas de bois... Sei que uns fazem; pior p'ra o caráter deles..." Reamontava. — "...É baixo. P'ra pandegar, isto! Só p'ra pagode redobrado, aindas que com bolsa aberta e bom coração..." Dalberto assoviava.

— Pois, mesmo ali, onde a estrada torce, já é terras da gente. Regularzinho...

Mas ele mesmo escapulia escote de toda recordação de desagrado. Vida de um é caminhar por fora, beira pasto, só no traço de obrigação. Com menos, se chegava. Doralda já devia de estar atentando nessa demora de hoje. Um cheiro de moitinha de-vez de mata-barata. Ali não dava, mata-barata, só nas campinas altas, nos "alegres". Ou grão-de-galo; mas não era tempo. Soropita com as costas da mão se asseava o rosto, a cicatriz do queixo o acabrunhava. Volta de viagem, a gente está sempre suoso, desconfortado... Doralda era um consolo. Uma água de serra — que brota, canta e cai partida: bela, bôa e oferecida. A gente podia se chegar ao barranco, encostar a boca no minadouro, no barro peguento, amarelo, que cheira a gosto de moringa nova, aquele borbotão d'água grogolejava fresca, nossa, engolida.

— Não. Bem poucas. Quase não se mata...

Era um rastro de cobra, seu regozinho contornado na poeira, no descer para a grota. Do capim, uma codorniz envoou. O melosal já se bem molhava, de sereno. A mula rata soprou e esperou. Periquitos passavam, das veredas, pretos contra o poente, o dia deles tinha terminado. Os buritizais longe escureciam. O Dalberto havia de estimar Doralda. Quem como era o Dalberto, peito de bom amigo, extenso de correto. Só não ia dar os presentes a Doralda com ele vendo. Não ia dar o sabonete... Dalberto podia ver que ele tinha casado tão bem. Se... Esbarrou.

Só o triz de um relance, se acendeu aquela ideia, de pancada, ele se debateu contra o pensamento, como boi em laço; como boi cai com tontura do cabelouro, porretado atrás do chifre. Senseou oco, o espírito coagulado, nem podia doer de pensar em nada, sabia que tinha o queixo trêmulo, podia ser que ia morrer, cair; não respirava. As pernas queriam retombar de lado, os pés se retinham nos estribos, como num obstáculo. Soropita estava ficando de pedra. Mas seu corpo dava um tremor, que veio até aos olhos. — "Uai, câimbra, Surupita?" — "Mas melhorou..." Era aquela tremura nervosa, boi sonsado pelo calor. Curvo na sela. O coração tão pesado, ele podia encostar a cara na crina do animal. O Dalberto não tinha culpa... Mas, por que tinha vindo, tinha aparecido ali, para o encontrar como amigo, para vir entrar em casa, tomar sombra? E já estavam quase à porta. Fosse o que fosse, nada mais remediava. Mesmo enquanto, não podia se entregar àquele falecimento de ânimo. Mas a ideia o sufocava: quem sabe o Dalberto conhecia Doralda, de Montes Claros, de qualquer tempo, sabia de onde ela tinha vindo, a vida que antes levara?

Quem sabe até já estava informado, tinha ouvido de alguém por ali o nome dela — como a mulher de Soropita — e se lembrara, talvez mesmo por isso agora queria vir, ver com os olhos, reconhecer... E então a maior parte da conversa dele, na estrada, só podia ter sido de propósito, por regalo de malícia, para tomar o ponto a ele Soropita, devia de ter sido uma traição! Talvez, até, os dois já haviam pandegado juntos, um conhecia o outro de bons lazeres... Sendo *Sucena*, Doralda espalhava fama, mulher muito procurada... O Dalberto, moço femeeiro... Ai, sofrer era isso, pelo mundo pagava! O que adiantava ele ter vindo para ali, quase escondido, fora de rotas, começando nova lei de vida? E a consideração que todos mostravam por ele, aquele regime de paz e sossego de bondade, tão garantido, e agora ia-se embora... O Dalberto, por sério que quisesse ser, mesmo assim falava. Os vaqueiros, o pessoal todo, sabiam logo, caía na boca do povo. Notícia, se a boa corre, a ruim avôa... De hora p'ra outra, estava ele ali entregue aos máscaras, quebrado de seu respeito, lambido dos cachorros, mais baixo do que soleira de espora. Podiam até perder toda cautela com ele, ninguém obedecer mais, ofenderem, insultarem... Então, só sendo homem, cumprindo: mas matava! Rompia tudo, destro e sestro, rebentava!

— É bonito, onde você mora, Surupita. Tanta flôr...

E vinha mesmo uma saudade de parados recantos, sozinho, à sombra de velho engenho, bondosos dias, as águas do bicame rolando no barulho puro delas, um jorro branco... Desespero: se esconder de si só mesmo... Salvo que o Dalberto era amigo, podia respeitar o passado de outro amigo. Podia conservar dever de segredo. Mas não era merecido, não era possível! Se, no avistar Doralda, o Dalberto e ela exclamassem saudação de surpresa, se dessem qualquerzinho sinal de já serem conhecidos, de Montes Claros, da casa da Clema?... Lacráu que pica; era uma ferida. O Dalberto — quem o conhecia melhor, seu amigo mais amigo, que sabia tudo dele, acompanhara as grandes passagens de sua vida, respeitava seu preceito... Não podia! O pior, que não podia — era que o Dalberto soubesse. Por ele mesmo, Dalberto, por causa mesmo dele. Não podia, assim num momento, desvirar tudo, desmanchar aquela admiração de estima do Dalberto — então tudo o que ele Soropita tinha feito e tinha sido não representava coisa nenhuma de nada, não tinha firmeza, de repente um podia perder o figurado de si, com o mesmo ligeiro com que se desencoura uma vaca

morta no chão de um pasto... Mas, então... Então matava. Tinha de matar o Dalberto. Matava, pois matava. Soropita bebeu um gole de tranquilidade.

Como se entrasse num mato de mata-virgem. O cheiro preto. A mata-virgem era uma noite, seu fresco. Cheiro verde e farfalhal, com cricrilos. Cheiro largo, gomoso, mole — liso, de jaboticaba molhada — ou de começo de espirro, vapor macio, fim de chuva, como o ralo desmaiado melodor de tachas, de longe, no frio da moagem, de por maio, por junho... Se via saindo daquela suspensão. Era um alívio estalado. Aceitava e estava tranquilo, que nem se tivesse, de saída para uma viagem, apalpado a algibeira e sentido o volume fiel do dinheiro, bastante para qualquer despesa. Como se põe um chinelo de borco, para um cão esbarrar de uivar. E nem precisava de pensar naquilo com fel frio. Guardava. Guardava como um gatilho armado, mola de cobra, tenção já vestida. O mundo reentrava em suas formas. Respirou bem. Se concertou na sela, pegou pouso. De aprumo. Caboclim soube de novo de sua mão a fora — beijou o freio e se embalançou mais, cavalo de rico dono. — E Soropita pigarreava e com entono prorrompia:

— Isto aqui, me atendem: sabem o certo! Todos me respeitam, fiando o fino, já aprenderam que eu não sou brinquedo. Sem-vergonhice, não tolero; não admito falatório — não estou para pândegas! Respeito honesto, comigo, minha casa, minhas coisas, tudo no direito...

— "Sabe, Surupita, você está me lembrando Seo Sulino Sidivó, no determinar o rejume da fazenda dele... Mas é o seguro!" — gracejava o Dalberto, não acostumado a ouvir assim o amigo enfunado em suas honras e autoridade.

Soropita não queria olhar para o Dalberto, imaginar seus olhos viventes, ver, num enquadrado, a arcadura larga de suas costas, confiadamente expostas sob o pando da camisa cáqui, que a brisa movia num agito como sacolêjo d'água, ondeada estremecendo.

Variavam pela mão esquerda, atalhando para não precisar de atravessar o arruado do Ão. O Dalberto não devia ter vindo. A vida era um cansaço. Mas já chegavam. Corriam os cachorros, se entremeando latindo. A casa, com as janelas abertas. A paineira era uma rosa enorme. O menino campeiro, que terminava de prender os bezerros, dizia de lá um louvo a Jesus Cristo. Soropita abria a cancela, esperou, retendo-a. Por um bento momento, se o Dalberto agora carecesse de ir embora, agorinha, sem delonga nenhuma, grande perdão, grande motivo, virava de rédea, na mula

rata se ia indo, a toda lonjura... Tudo ficava um desate de sonho ruim, se desfumaçando. Ah, não. Junto de casa é que se via que era bem de tardinha, o fecho do dia. Uma certa claridade ainda repassava o ar, mas pouco e pouco fugindo, retirada, quase estremecente. As rolinhas ainda arrulhavam? Uma vaca, estrafinada, berrava, de algum ponto. Os animais pisavam um fofêjo de bagaço de cana e palha de milho. O Erém, o Zuz, o Moura, Pedro Paulo, estavam lá, no baixo da entrada. Vinham para ouvir a novela.

— Vamos desapear...

Mas a casa, mesma, até parecia vazia. O rapazinho campeiro tomava conta da besta e do cavalo. E o Dalberto nem tinha perguntado nada; e ele Soropita, no caminho, nem disse que estava casado, não pronunciara... O cheiro bom de casa, um remanso retardado. Como as pessôas vivas de conhecidas — Zuz, o Moura, Pedro Paulo, o Erém — no momento dum rodar mais forte da vida da gente perdiam de repente quase toda importância, estavam ali como se fossem umas crianças pequenas; para que serviam? Soropita se sentia bambo até das pernas, vinha a passos contados. O rapazinho, era para levar as coisas para dentro — entregar tudo direto a Dona Doralda... Descalçavam as esporas. O Dalberto fazia perguntas, sobre o gado, as terras. A essas horas de passar, correr o tempo, depressa, de um ou outro jeito estar tudo acabado. Entravam. E Doralda, fora do comum, não aparecia. Ele devia ir ao encontro dela, falarem. Não conseguia. Um pejo, um moroso de deixar tudo por si ser. O Dalberto aceitava de se sentar na rede; para ele, tudo normava, se via que estava em paredes amigas.

Ali, pela porta do corredor, Doralda vinha, não vinha. Ele não queria que ela o notasse inquieto; não perguntasse. E ele tinha também de se sentar: ficando em pé, sentia o sem-jeito de não ir logo lá dentro, no natural que seria — já que não estando cansado, e assim tão de-casa nos modos... Sentava-se, mesmo antes d'o Moura e do Zuz tomarem lugar. Aqueles do Ão, sempre moles, todos num desvalor de si, de suas presenças. Gente sem esforço de tempo, nem de ambição forte nenhuma, gente como sem sangue, sem sustância. Tudo que acontecesse ou não acontecesse em roda, esses boiavam a fora uma distancinha e voltavam para se recolar, que nem ruma de cisco em cima d'água. E parecia que, se eles não fossem assim, como que chamando que tudo de ruim pudesse vir e pousar, se eles não espalhassem no ar aquela resignação de aceitar tudo,

aquela moleza sem nervo — que, então, no meio de pessôas duras e animosas, tudo andaria de outro modo, os possíveis corriam para entrar num molde limpo de vida certa!

E chegava também o Jõe Aguial, seu vezo de coçar a cabeça, ficava um tempo olhando a gente, olhando cada um de sua vez, e piscando, sem começar a falar. Tinha trazido a mulher, dizia, mas a mulher beirara por fora a casa, entrava pelos fundos. — "A Tiantônia veio ajudar..." Sabia que tinham hóspede. Como sabia? Teria visto o Dalberto chegando com ele — mas não podia ser companhia de estrada, só um passante? O Erém conversava de lado, com Pedro Paulo. E como se tivessem informação da comitiva do Dalberto, arranchados no Azêdo. De tudo aquela gente pegava notícia. E agora queriam ouvir a novela? — "Você é quem está dizendo, Surupita..." "— Ah, seo Surupita, não imagina..." Ouvir, já tinham ouvido — tudo, de uma vez, fugia da regra: falhara ali no Ão, na véspera, o caminhão de um comprador de galinhas e ovos, seo Abrãozinho Buristém, que carregava um rádio pequeno, de pilhas, armara um fio no arame da cerca... Mas queriam escutar outra vez, por confirmação. — "A estória é estável de boa, mal que acompridada: taca e não rende..." — explicava o Zuz ao Dalberto, com um sorriso, encaminhando conhecimento. Dalberto concordava, mesmo sem saber o assunto. Bom que, assim noitinha, não era preciso ir mostrar a ele um giro da fazenda, descarecia. Como se ocupar cabeça, duma vez, com tantas diversidades?

Soropita começou a recontar o capítulo da novela. Sem trabalho, se recordava das palavras, até com clareza — disso se admirava. Contava com prazer de demorar, encher a sala com o poder de outros altos personagens. Tomar a atenção de todos, pudesse contar aquilo noite adiante, sem Doralda nunca se mover de lá de dentro, onde estava protegida. Sua voz tremia um tanto. A novela: ...o pai não consentia no casamento, a moça e o moço padeciam... Todos os do Ão desaprovavam. O Erém tinha lágrimas nos olhos. E chegavam Pedro Caramujo e o Wilson, o que ajudava a tomar conta da vendinha. Rangia a rede, o Dalberto se balançava, devagar, mas fazia crer que estivesse acompanhando também a estória do rádio. A empregadinha vinha trazendo o café. — "Onde está Dona Doralda?" — o nome dela era mesmo para se dizer com força de direito, de orgulho. Seo Surupita, Dona Adoralda já vinha... Era preciso trazer luz, nem uns enxergavam mais os outros; quando alguém ria, ria de muito longe. O capítulo da novela estava terminado.

Soropita tomava seu café. Jõe Aguial cochichou: queria se apartar com ele — tinha um assunto. Mas Jõe Aguial podia esperar. Soropita estava temendo toda notícia, toda conversa. Trazia à memória a passagem — fazia tantos anos — na saída de Salinas, quando ele estava em beira de estrada, em cima de seu cavalo, e a boiada avançando, e da banda de lá chegava correndo de galope um vaqueiro, gritava uma coisa, que não se ouvia, mas devia de ser muito importante e urgente, e levantava a mão, mostrando um papel — podia ser telegrama ou carta — e a boiada cortando o caminho entre eles dois, no rodo da poeira, uma vertigem de boiada enorme, que escorrendo, os bois se estrepolindo, uns se encavalando nos outros, no sobrosso daquela aflição... O Dalberto agora respondia a perguntas do Moura, dava divulga do gado que iam tocar para seo Remígio Bianôr, declinava seus companheiros vaqueiros. Soropita precisava, de repente, de perguntar: — "E esse preto Iládio, muito vale?" "— Ah, esse é pai-d'égua, homem dobrudo, de qualquer lado ele remete..." Soropita dava para sua tristeza; mordeu um tijôlo. O lampeão belga clareava bem a sala. Mas que não deviam entrar em tanto maior conhecimento com o Dalberto, como se Dalberto fosse velho no Ão, morador do lugar. Aqueles todos vizinhos, era uma dificuldade maior que estivessem agora ali. Como se, sozinho com Doralda e Dalberto, tudo por si se resolvesse; quem sabe nada não havia? De certo, nada, com a ajuda de Deus. O Dalberto estava recostado na rede, rodeado, prazido. Do que, um tempo antes, tinha pensado decisão, Soropita destorcia ideia de reafirmar ou renegar, essas coisas se governam. A janta demorava. Doralda não aparecia. O Erém perguntou quem ia amanhã ao Andrequicé, ouvir o rádio — disse que Fraquilim Meimeio andava visitando alguém, no Espírito-Santo. O Zuz se chegou ao escuro da janela. Disse: — "Tem muitas estrelas..." O Dalberto se levantou. Espichou umas passadas, indo e voltando. O Moura gabou a qualidade daquelas botas, de novo uso. Os grilos deram um crescido em seu frenesi. Soropita também se levantava.

Doralda apareceu.

Doralda em chegar — dava boa-noite: as palavras claras, o que ela falava, e seu movimento — o rodavoo quieto de uma grande borboleta, o vestido verde desbotado, fino, quase sem cor — passando, e tudo acontecendo diferentemente, sem choque, sem alvoroço, Doralda mesma seduzia que espalhava uma aragem de paz educada e prazer resoluto — homem inteirava a certeza de que ela vinha com um sério de alegria que

era sua, dela só, que se demonstrava assim não era de coisa nenhuma por suceder nem já sucedida, nem por causa das pessôas que ali estavam — e um bem-estar que se sobejava para todos; Soropita, no momento, nem sabia por que, perdeu o tento de vigiar como eles dois se saudavam, se o Dalberto e ela trocavam com o olhar algum aceno ou acerto de se reconhecerem — conforme ele estava espreitando por reparar, e, agora, no átimo, como que se envergonhava altanto daquela má tenção, mais sentia era um certo orgulho de vaidade: aquilo nem parecia que se estava nos Gerais — Doralda vestida feito uma senhora de cidades, sem luxo mas com um gosto de simples, que mais agradava: aqueles do Ão a admiravam constantes — parecia que depois de olharem para Doralda logo olhavam para ele, Soropita, com um renovamento de respeito — homem que tinha tido sorte de tenência e capacidade para que Doralda gostasse dele e dele fosse, para sempre ficasse sendo, — e não tiravam os olhos dela: o jeito como andava, como se impossível e depressa tomasse conta de tudo, ligeiro e durável tudo nela, e um cheiro bom que não se sentia no olfato, mas no mexido mudo, de água, falsa arisca nos passos, seu andar um ousio de seguidos botes mesmo num só, fácil fresca corrente como um riacho, mas tão firmada, tão pessôa — e um sobressalto de tudo agradável, bom esperto e sem barulho — e falava com um e com outro, o riso meio rouco, meio debruçada, ia e vinha sem aluir o ar — dama da sala ... Mas — não semelhava uma mulher séria, honesta, tendo sido sempre honesta, pois, não achavam, todos? Não achavam?!

Como veio para ele, lhe pôs a mão no ombro, ele a meio a abraçou, com um sisudo carinho estabanado e não bem medido, ela sempre sorridente, nem de palavras: Soropita adivinhou no relumêio de seus olhos que ela já tinha desembrulhado os presentes, que assim agradecia. E toda nada disse — parecia um vexame, sem ser. Nem conversou com o Dalberto. Soropita só tinha definido: — “Este, aqui, é o Dalberto...” Não carecia de recomendar que era um amigo, um amigo velho, ali não se usava declarar essas condições; e o sorriso de Dalberto era um como se pudesse gabar: — “Tudo está bem em ordem, estimo tudo o que ao meu amigo Surupita pertencer...” O Dalberto também era um sujeito que sabia cumprimentar as senhoras. E Doralda antes disse uma brincadeira ao Erém e ao Zuz, por tolice desses, que ainda honrados se praziam, e riam; ria, ela, a risada lembrável e de arrojo, Doralda nunca tinha acanhamentos. E mandava que eles entrassem, assim ela se escapou pelo corredor, como se tivesse vindo

só para um esvoaçar por entre os homens, e logo desaparecer, tirando-os, chamando-os, para o interior da casa, para a sala de jantar.

Daí, enquanto jantavam — jantar havia para os que quisessem, mas todos cumpriram determino de respeito de ir s'embora, mesmo que aquela noite mostrassem um incerto de demorar poucado mais; e só permaneceu Jõe Aguial, por espera de outro café e depois levar Tiantônia, que não queria aparecer, teimava de ajuda na cozinha, — enquanto principiavam a jantar, tudo podia ser pelo melhor, Soropita tinha sede e tinha fome, também não via tanto para um se preocupar, o que viera vindo era numa agitação, só espécie de exagero, o Dalberto não apunha malícia vista nenhuma, nem manejo de fingimento, nem desjeito, e Doralda regrava a mêsa, com um préstimo muito próprio, seguro. Valia ver como ela era, como cuidava. Tinha uns brincos muito grandes nas orêlhas, as orêlhas descobertas, o cabelo preto e liso passando alto, por cima delas, prazer como eram rosadas. Pousava, no se sentar, a fofo, sem esparrame, e quando levantava, ia à cozinha, aquele requebro de quadril hoje parecia mais avivado, feito de propósito. O Dalberto a admirava. Agora, o Dalberto entendia por que ele, Soropita, tinha escolhido de se casar. Doralda sacudia a cabeça fingindo uma dúvida ou um sestro — tudo dava a entender, a gente via que ali havia mulher — parecia que estava fazendo cócegas no rosto da gente, com seu narizinho, mesmo seu rosto. O que ela falava:

— Pensei que tu hoje tinha me escopado, Bem: que nem vinha mais, tivesse fugido com alguma mocinha do Andrequicé...

E punha a cabeça meio para trás, os olhos quase fechados, um sorriso sem se abrir. O Dalberto, como se mandado por ela, olhava também para Soropita. Só o Jõe Aguial contestou:

— Não é capaz! Juro na vez dele... Eu pago pelo compadre...

— "Tivesse me achando velha..." — desafiava; quando sorria mais, mostrava só a fila dos dentes de cima, todos brancos que brilhavam.

— Eh, quem tem ouro não campêia tesouro... E comadre Adoralda nem daqui a vinte anos que nunca fica velha! Pode amadurecer um tanto, mas o que sempre se açucára...

Ela punha as mãos no peito, como se guardasse os seios do olhar de alguém, e sacudia a cabeça que não, se abalavam os brincos, o cabelo se despenteava um pouquinho, ela o ajeitava só com um outro jogar a cabeça,

e tinha um modo de a toda hora acertar com a mão o vestido, no ombro — a aliança era a joia mais preciosa, entre aqueles anéis todos. De rir:

— Homem é bicho comilão...

O Dalberto nem podia gracejar com os demais, estava com a boca cheia de quiabo com galinha, só arremedou gesto. — “Oi, que levou pimenta!...” — foi o que depois aguentou dizer, com lágrimas em muitos olhos. Soropita olhou-o, fraternal, serviu-lhe o copo d’água.

— “Você falha aqui hoje, volta amanhã cedinho...” — disse-lhe, como ordem de amigo hospedador.

— “A cama e o quarto já estão até aprontados...” — Doralda confirmava, cortando sua carne de porco com faca e garfo, num procedimento de gentileza, como devia de ser.

E Soropita se levantava para buscar cerveja, Jõe Aguial abria as garrafas; o Dalberto não rejeitava de ficar. — “Já mandei p’ra o pasto a mula rata... Como é o nome que ela atende?” — acrescentava Soropita — em sua súbita felicidade, fora de hábito enchia para si o copo, fazia questão de beber.

— Nome dela é Moça-Branca...

— “Descaro!” — Soropita ralhava, sem saber pegar bem o tom de gracejo. E o Dalberto batia com o queixo, confirmando, e se servia ele mesmo de angú, chegando o assento mais para perto da mêsa e afastando mais à vontade os braços, de si contente com o dito de revelação. Doralda virava o rosto, para rir, quem sabe se mesmo envergonhada.

O quanto via no Dalberto, Soropita certo se confirmava de que fosse um simples sossego sem ofensa, como melhor não podia ser. E se voltava para Doralda, crente de que só porque ela estava ali era que tudo tomava rumo acomodado e bom, tanta paz. Jõe Aguial começou a contar a história do noivado desmanchado e tornado a combinar, da filha dum sitiante do Os-Verdes; e conversa se teve que vem e vai, conversinha, falavam disto e daquilo, coisas de gente dali do Ão. O Dalberto ficava um tanto fora dela, mas de bom garfo se ajudava, e bom riso, não se dando de posto adeparte. Já ao fim, depois do dôce, Soropita se adiantou a levantar — precisava de prestar as palavras amáveis à Tiantônia, na cozinha; e daí Jõe Aguial queria lhe dizer o recado importante: saíram os dois para o quintal.

Festavam forte seu cicil os grilos do frio, e como a noite se alteava bonita, em grandes estrelas, a gente podia ceder atenção de simpatia até ao cantiquinho deles. O céu mesmo se mexia, o ar era bom de se respirar. O

jasmim-verde e o jasmim-azul obrigavam tudo com seu perfume — que dava para adoçar uma xícara de café. Aquele cheiro de jasmins, que esvoaça de nuvem solta, só perto do rosto, do nariz da gente, engrossando nata, e que não vai encostado até à fonte de donde brotou, como os outros cheiros fazem, mais parece degolado da flôr.

Mas Jõe Aguial passava era um recado, do senhor Zosímo, trazido por seo Abrãozinho Buristém: se ele Soropita já tinha resolvido o negócio, senhor Zosímo tocava ali de volta para Goiás já no sábado, gostava de poder ir ao menos com um apalavro qualquer... O Jõe não tinha querido dizer nada perto de Doralda, o assunto estava ainda um tanto guardado, não sabia como ela tomasse...

— “Me demoro, compadre Jõe. A bem, pra pensar, mas me demoro... Vamos voltar p’ra dentro, compadre Jõe... — puxava-o Soropita, afadigado subitamente, se tolhendo com um palpite, que era quase um mal-estar. — “Tão vez o Dalberto também careça de vir aqui fora, e esteja com acanho...” — se desculpou.

Tornava a entrar na sala. Em si, num estado de alma-e-corpo como quando o vento revira, Soropita se constou de que alguma coisa estava mudando. De pé — se sentar pertinho de outro homem ela não era capaz de fazer, esse sistema — mas Doralda tinha vindo para mais junto do Dalberto. Uma conversa nova servia aos dois, de repente assim, um trato quase como de parentes, animado e risoso. Doralda apoiada no respaldo de uma cadeira, se debruçando. De costas, nem viu a entrada de Soropita. O que eles estavam se dizendo:

— ...Montes Claros me deve paixão...

— Eu também...

Soropita não olhou ninguém, se sentou: deu, de doer, com o cotovelo na quina da mesa. Do que se desnorteava. Ah, mal saíra por um instante, e a conveniência se atrapalhava, logo que ele não estava ali, de vigia que nem boi-touro querenciado em chão mexido, garantindo, com sua vontade de dono. Sem-juízo de mulher — essas poeirazinhas no ar, ao quando brisbrisa! Doralda... Doralda oferecia mais café; ela não cria neste mundo, nos perigos? — “Arte, que me vou, em meus agoras, compadre, comadre...” — o Jõe Aguial pisando no tempo, s’embora, se despedindo de vez, de chapéu. Hora de outras coisas começarem, nada não se podia impedir. Doralda não tinha culpa...

Doralda tinha aceitado conversa com o Dalberto, a respeito de Montes Claros! Bem que ele Soropita se punia, de antes não ter dado a ela um aviso. Não falar em Montes Claros... Por tudo que fosse, não falar em Montes Claros. Nem Dalberto não carecia de saber donde ela era, não devia de. Mas Doralda discorria tão fiada, tão sem guarda de si:

— Sou de lá não, nasci nas Sete-Serras...

— Pois por esse seu lugar já passei, também.

— "Boiadeiro corre este mundo todo... Não é, Sorô, meu Bem?..." — agora ela falava com ele, sendo usual. Soropita se sentava num fôgo. Pudesse, pegava em Doralda, tirava dali, não acrescentar mais nenhumas palavras. Se o Dalberto estivesse caçando nela um rastro de antiga conhecença? Se aquele modo de estatuto, que ele afetava, não passasse de um próprio fingidiço? — "Bem, tu toma mais uma xicrinha?" Não. A custo, pôde Soropita: — "Falar nisso, Dalberto, na ida por esse gado do Seo Remígio Bianôr..." O gado de seo Remígio Bianôr dependia de diversas mamparreações, que o Dalberto explicava. Doralda ia à cozinha. Mesmo não sendo com desaforo, o Dalberto acompanhava com os olhos grandes os movimentos dela, aquele bonito meneio e tal. Olhara até ao fim, a ser que estava saboreando, sabendo quem ela tinha sido. O Dalberto, a rato, tomando calor, de certo, todo homem em horas fica atrevidado em seu seguro, podia furtar açucaragem. Sabia, por tanto, dúvida não tinha mais, o Dalberto tinha se relembrado: a *Dadã,* a *Sucena*, da Rua dos Patos! Pois certo, se lembrava. Tinha estado com ela, se via, pode que muitas vezes, p'ra isso são os amigos! Ele mesmo Soropita, não tinha conhecido primeiro a Doralda não foi assim? Chegou na casa da Clema, outras mulheres chamavam, outras passavam — e gostou dela, gostou só no primeiro ela haver, antes de a olhar. Mas, ainda antes, alguém já a tinha noticiado a ele, um vaqueiro companheiro, mangão, um que antevertera, nem sabia mais que nome aquele tinha: — "Soropita, achei uma mulher que é um durame de delícia. É uma cúia de água limpa..." Não estava nas listas, no destino? Gostara tanto, meu Deus! E então, para mais depressa ele se perder, ela não quis aceitar dinheiro em face, era a primeira vez que acontecia isso sucedido: — "Não me põe paga, de jeito nenhum, Bem. Você me despertou muito. Você é demais." Saíra desexato dali, nos densos de não pensar noutra coisa. De noite, não teve remédio, voltou, de arrancado. Mas foi o chofre: ela desaparecida, no quarto, ocupada, fechada com outro. As mulheres da Clema exageravam dele. — "Está?" "— Está

com o Sabarás...” Sabarás era pessôa de cor, não conhecia, disseram a ele, um boiadeiro negro. Na noite, adiou o de dormir, transpassava tantas ideias, uma noite pode ser mais durada sem espaços que a vida toda de um, diária. Cedo, no seguinte, foi lá. Esperou ela acordar, se levantar. As outras mulheres sorriam muito cientes, ele nem se importava. Ela apareceu, ele disse: — “Você quer vir viver só comigo?...” Doralda, a mulher mais singular. — “Pois quero. Vou demais” — ela respondeu num vivo de pronta, nem sabia se ele era bom ou ruim, remediado ou pobre, nem constava o nome dele. Na mesma da hora, saíu da Clema, embarcou para Corinto, para espera. Tudo muito escondido, não queria que aquele vaqueiro onze-onze desconfiasse. Apelido que esse vaqueiro dava a ela era de a *Garanhã* — qual que ele dizia — um cão! Demasia deles, soência de homem ignorante, qualquer moça pode passar por um papel desses, a vida sabe sinas. Outra não podia nascer de qualidade melhor, mais distinta e perfeita para se guardar respeito, do que Doralda. “Garanhã” são suas filhas, suas mães! — quem repetisse alguma vez conseguia dar a vida por terminada... Nem coberta de ouro e nas riquezas de todo maior conforto, até à velhice, quem sabe mesmo assim Doralda ainda não estava com prêmio de paga pelos sofrimentos e vergonheiras que tinha tido de passar, lá na Rua dos Patos, concedida ao cio dos sujeitos, até de uns como aquele Sabarás... E agora o Dalberto, refestelado, comido e bebido, e com cama aprontada, e senhor de pensar ofensas, de certo tirando coo de seu prazer maior... Malícias — que a mula dele se chamava Moça-Branca, não tinha o direito! Mau dever de um amigo é o sem pior, terrível como o vazio de uma arma de fôgo... O quê que faltava?! Em tanto, até, imaginasse que ele Soropita não conhecia nada do passado dela, mas que a tinha encontrado sobre honesta em alguma outra parte, e iludido se casara, como quem com cigano negocêia; e que ficava ali, sem ter informação, bobo de amor honroso. E que estava prezando o sobejo de muitos, aquela Doralda madama... Ah, não isso, não podia. Não podiam perder-lhe esse respeito, ele Soropita não reinava de consentido nenhum, não sendo o sr. Quincôrno! Mesmo o senhor Quincôrno: era ou não era — seu no seu? — se sofria ou merecia, ninguém tinha o caso com isso, nem quiçás. Só à bala! Mas, agora, em diante, esse seo Quincôrno ia ter alta proteção, e gatilhos. Pesassem e medissem, e voltassem — vamos embalar, vamos nas públicas: carabinas e cartucheiras! — ele era homem. Homem com mortes

afamadas! E tomassem tento, boiada estoura é perto do pouso... A farinha tem seu dia de feijão, fossem vendo!

— Você já estará com sono, Soropita? Como que vinha não passando bem...

Não, enganado não. Nem não queria prosápia, essas delicadezas de amigo, e nem Doralda tinha ordem de querer saber a respeito se ele vinha passando bem ou abalado, nem perguntar... Doralda era dele, porque ele podia e queria, a cães, tinha desejado. Idiota, não. Mas, então, que ficasse sabendo, o Dalberto. Ali, de praça, sabendo e aprendendo que o passado de um ou de uma não indenizava nada, que tudo só está por sempre valendo é no desfecho de um falar e gritar o que quer! Retumbo no resto, e racho o que racho, homem é quem manda! E macho homem é quem está por cima de qualquer vantagem!... Então?! A dado, só mesmo o que concertava tudo bem era uma escolhambação, as esbórnias!

— Doralda, Dalberto: agora estamos sozinhos, minha gente, vamos sem vexames de cerimônia... Hora de se festear! Dalberto, isto aqui, nós três, não tem os sérios e seriedades — hoje se aproveita... Doralda, este Dalberto é companheiro velho amigo, farreador e namorista, de toda a franqueza. Doralda, traz conhaque, aí as portas fecha bem. Não quero acanho. Ah, e junto bebo, vou vivente, dúzia de goles não é que me põe dandando de traspés! Vamos alegrar...

Doralda parecia se prazer, não fazia espantos, toda virada para o raro daquela hora. Aí ela trazia os copos. Soropita suava pelos lados do rosto, deu uns passos apreciáveis no largo da sala, foi espevitar a luz do lampeão. O Dalberto se deparava, basbaque, ao que aquilo estivesse sendo brincadeira de peça; e consumia um bom conhaque, bôa boca. Soropita mandava Doralda levantar a cara, bilando-lhe o dedo no queixo, denotava-a a Dalberto:

— Desde vê, Dal: não ela não é um suficiente de mulher, que bate as vazas? Não semelha a sota mais vistosa?

— Sou corriqueira, Bem... Porque tu gosta de mim, tu demasêia... — ela o moderava.

Que era que Doralda estava crendo? Serena se sentava, aquela era uma inocência. Ou a instante tornada a ser a fogosa biscaia da casa da Clema, pelas dôces desordens. Sorrindo, ali, entre eles dois, sua risada sincera meia rouca, sua carinha bonita de cachorro, ela toda apavã, olhando completo, com olhos novos, o beicinho de baixo demolhado, lambido a

pontinha de língua, e depois apertava os olhos, como se fosse por estar batendo um sol. Se sentava elegante, com precisão de atormentar os homens, sabia cruzar as pernas. O vestido era fino, era fofamente, a mão de um podia se escorregar por debaixo dele, num tacto que nunca se contentava.

— Os preços, dou é os preços, minha filha... Em o negócio melhor que eu já fiz! Repara, Dalberto. Esta, quem vê, já sabe o que mulher vale. Ao pois? Ah, fuma, fuma um pouco, minha nega, que é do encanto de se admirar...

O Dalberto estendia o maço de cigarro, oferecido; mas Soropita se atravessava:

— Você mesmo acende, para ela, Dalberto, pode acender...

— Será que ele sabe?... — Doralda brejeirava, e fazia com a cabeça que sim, divertida, como certa de que estavam brincando era de Soropita e ela botarem envergonhado o Dalberto, meninão às tontas.

O Dalberto se apurando em acender o cigarro, sem admiração, antes no vexame de quem pensasse que aquela era uma moda de cortesia de pessôas de sociedade, que ele não sabia e tinha estado em pique de desmerecer. Doralda recebia o cigarro acêso e punha-o, mesmo natural, pitava uma tragada. Olhava para Soropita, seu soslaio era dengoso. Nunca tirava os olhos de Soropita. Sorvia outro conhaque. O Dalberto em desaso, pensativo. Soropita por sua vez bebia um gole, e se entortava para trás, quase com uma risada. O que ele estava gostando de ver: como os outros não tinham coragem, para insensatez dividida.

Doralda encarava sem vergonha nenhuma o Dalberto, como era possível o Dalberto persistir embobado em si, assim? Ou só se pensava que ele Soropita estava envidando de falso? O modo de Doralda fumar era com sainete, ela se mostrava possível, como definia, como sorria. Mas que ela estava obedecendo a um antes-de-prazer forte, que se engrossava no ar, que trazia as pessôas mais para próximo uma das outras. Seguia os olhos de Dalberto e Soropita, sempre.

De repente, se levantou. Saíu para buscar alguma coisa. Soropita também se levantou, precisava dos movimentos, foi pegar um copo d'água. Abriu a janela, mal espiou as estrelas. Não queria olhar para Dalberto. Aí, enxotava umas terríveis fantasias sofridas em seu pensamento: o Dalberto era valente rapaz, corajoso, um gavião preso, sem licença de voo — servido em regalias de tudo — pitar, comer e beber, e ter

a mulher mais gostosa em seus braços, a que ele escolhesse, em sua ancha rede; mas, depois, quando se conseguia gordo e satisfeito, enfeitado de si, contando prosa com muita tracotância, a gente pegava o porrête mais grosso, a gente... Mas Soropita repelia os fins. Assaz estava meditando fácil, muito em luz, não podia nunca executar isso com o Dalberto, nem tinha os motivos da razão, estimava a muita amizade de um amigo amistoso. Nem ia provar mais gota do conhaque. Tomou outro gole d'água. O Dalberto fumava, calado, desenxabido. Soropita tornou a se sentar. Os dois quase não achavam palavra. Demoraram. Nem sabiam o que esperassem.

— Você gosta mais de mim assim, Bem?

Era Doralda voltando. Estava com outro vestido, chique, que era de cassa leve, e tinha passado pó-de-arroz, pintado festivo o rosto, a boca, de carmins. No pescoço, um colar de gargantilha; e um cinto preto, repartindo o vestido. E tinha calçado sapatos de salto alto — aqueles que ela só era quem usava, ali no Ão, no quarto, para ele venerar, quando ele queria e tinha precisão d'ela assim. Remexida de linda, representava mesmo uma rapariga, uma murixaba carecida de caçar homens, mais forte, muito, que os homens. O xixilo. Seu rosto estava sempre se surgindo do simples, seu descaro enérgico, uma movência, que arrepiava. A sus, ela toda durinha, em rijas pétalas, para depois se abrandar.

Soropita, podia se penetrar de ânsias, só de a olhar. Sobre de pé, no meio da sala, era uma visão: Doralda vestida de vermelho, em cima das Sete Serras, recoberta de muitas joias, que retiniam, muitas pérolas, ouro, copo na mão, copo de vinhos e ela como se esmiasse e latisse, anéis de ouro naquelas especiosas mãos, por tantos sugiladas tanto, Doralda vinha montada numa mula vermelha, se sentar nua na beira das águas da Lagoa da Laóla, ela estava bêbada; e em volta aqueles sujeitos valentões, todos mortos, ele Soropita aqueles corpos não queria ver...

— Gosto. Por demais.

Sério, nunca tivesse sido dum riso, como ele pegava-a pela cintura, puxou-a, ela era dele. — "Faz assim não, Bem... Eu não posso..." — assanho que ela bichanou em seu ouvido, colada. Daí, também sem se rir, se voltava para o Dalberto: — "Eu é que sou a moça branca dele..." Soropita em soberbas se alegrando: de ver a que ponto Doralda queria que o Dalberto notasse o quanto ela dele e ele dela se gostavam. E que no olhar do Dalberto luzia uma admiração, a meio inveja. E de repente tudo corria

o perigo forte de se desandar e misturar, feito num prestígio, não havia mais discórdia de ninguém, só o especial numa coisa nunca vista, a relha do arado saindo do rego, os bois brancos soltos na roça branca, no caso de um mingau latejante o mundo parava. E estavam eles três, ali vestidos, corretos, na sala, o lampeão trabalhando sua luz quente, eles três calados, espaço de um momento, eram como não eram, só o ar de cada um, e os olhos, os olhos como grandes pingos de chorume amarelo sobrenadando, sobressaindo, trementes como uma geleia, que espelhava a vinda da muda fala de fundas abelheiras de mil abelhinhas e milhões, lavourando, seus zunidos se respondendo, à beira de escuros poços, com reflexos de flores vermelhas se remexendo no sensivo de morna espuma gomosa de mel e sal, percorrida por frios peixes cegos, dôidos.

— Me deixa ir coar mais café, Bem...

Doralda saíu. Ela estava desinquieta? E nisso o Dalberto restava macambúzio tristonho. Soropita não entendia de si nem de ninguém, como o coração dele batia.

— Surupita, o que você falou... Hã, você acha que eu acertava em me casar com a Analma, o que você pensou, no caminho, que me disse?...

Dando o Dalberto como uma espécie de suspiro, e aquilo falado. Quando que quando, a mão de Soropita apalpara a coronha. O Dalberto nem notou. Ele tinha expressado sincero de si, de coração, e ansioso, feito se a resposta de Soropita virasse a derradeira decisão contra ou em seu favor. O Dalberto não tinha querido debicar. Se ele manifestava assim, tudo o que Soropita vinha pensando estava errado, tudo falso, chegavam os anjos com suas varinhas de ouro, o Dalberto dava até pena, em sua falta de malícias, sua inocência, suas qualidades para ser um bom amigo que nunca duvida, que nunca pensa que um amigo está procedendo mal. Tornas que tomavam conta de Soropita, que até sentiu uma ideiazinha repentina de zombice — pelo apaixono, que um não esperava: pois o Dalberto mesmo não via que aquela Analma tinha sido casada com um doutor, e fugida de sua casa confortável, por projeto de ser mulher-da-comédia, inclinação de ser pública em zonas, gozante, a Mais-de-Todas, e logo uma criatura levada como aquela, e agora ia, por amor a ele Dalberto, pobre rapaz, boiadeiro de profissão, ela ia querer se amigar, largar a vida vivida que lhe prazia? Era mas era muita criancice!

— Mas ela já não é casada, Dalberto? — Soropita se refez de responder.

O arrôxo do olhar de Dalberto falava de uma saudade vencendo sem medida. Disse:

— Bom, casar, mesmo, não refiro... Ao que podia: vir comigo, a gente morar juntos...

Aí riu e cantarolou, sendo que sendo o bom Dalberto satisfeito de sempre:

“Em três tábuas eu não piso,
cadas três mais arriscada:
burro troncho, boi caolho,
amor com mulher casada...”

— ...Mas, casada ela não é, Surupita. Divertiu do marido, faz tempo. Oé, ele até se mudou p’ra o Paraná, já deve de ter outra... Ah, Surupita, de confessar eu não purgo soberbas nem vexames: eu gosto dela, entendidamente. Azo que estou certo, coração me conta, que ela também em um amor gosta de mim... Você pontuando não acha, pelo dito que eu disse, pelo que já te contei? Olha, Surupita, ela até já fez menção de querer me emprestar dinheiro, se eu carecesse; por me ajudar. Diz que nem não concilia de gastar meia metade do dinheiro tanto que ganha... Deus me livrando disso, que eu preferia as mortes, a aceitar os usosfrutos dumas vergonhas... Mesmo fula fiquei, intimei que, por amor à mãe, desfizesse de vir me repetir aquilo... Mas eu gosto, Surupita. Ao que não posso viver sem ela — com outra não tolero casar! Tem muitas moças-famílias que me querem, até eu digo — ave! — e uma, bem bonitinha, na minha terra, se sabe que fez promessa a santo, p’ra me casar em vão. Sem-graças. Mas, Surupita, amor é coragens. E amor é sede depois de se ter bem bebido...

Soropita se sortia de um bom calor repentino no corpo, a animação, um espertamento de querer, seus olhos procuravam Doralda. Ao aprazível, subia como fôgo solto. Devagar dizendo: — “De certo que pode, Dalberto. O rio é rio na cabeceira... Você não é filho de duas madrastas!...”

Doralda voltava, com o café. “Se ninguém tinha fome de comer?” — “Está na hora é de cada um da gente ir se deitar, minha filha...” *“— Você então acha, Surupita? Pois eu já escrevi ontem umas palavras a ela, mandei carta...”* Doralda ouviu ou não ouviu, não entrava na conversa. Tornava a sair, dizia ir ver se tudo estava em ordem no quarto-da-sala, para o Dalberto. E como devia de ser aquela Analma, tão formosa como os

anjos no Céu, a lembrança dela guardando a mente do Dalberto pelo meio de suas boiadas, por longe, estrada dos Gerais? Como um Aderbal, no Gamelado, que era homem duro e ferrabrás, casado com uma mocinha bonita, dessas moreninhas-claras lisinhas, — esse reunia amigos para bebedeira, e depois, por farrío agradável, autorizava a mulher a se dar p'ra os amigos dele, um dia até o pai dela teve oitiva disso, e veio expresso, repreendeu o Aderbal, que aguentou calado, porque o sogro era homem rico, com moral na política. — *"Você acha que ela recebe? Botei no envelope p'ra a casa da Quelema..."* Ao enquanto o Dalberto dizia aquilo, lá na Rua dos Patos em Montes Claros, o que podia estar fazendo a Analma, com que homens —; nisso o Dalberto não pensava, não via; se visse, na ideia, havia de estar padecendo. Como se, agora por agora, Doralda não vinha, ele Soropita ia ver, ela estava no quarto do Dalberto, na cama, já toda sem roupa, estava de todo o ponto esperando, mengável, mas ao ver Soropita muito se espantava: "Aí eu pensei que era p'ra eu ficar, Bem... À vez tu não queria, p'ra obsequiar teu amigo? A pois, não era?..." —; e Soropita carregava-a até nos braços, para seu quarto, cruzavam no corredor com o Dalberto, que espantado, que não entendia; e as roupas, perfumosas — o vestido, o corpinho, a saia branca, as meias, as calcinhas com rendas, os sapatos dela — tinham ficado no quarto do Dalberto, e ele Soropita não alcançava coragem de ir, de voltar lá, para tudo buscar... — *"A possível d'ela aceitar o que eu escrevi, Surupita, já tenho meu pouso já resolvido: que vou tomar conta de uma fazenda de seo Remígio Bianôr, nas voltas do Abaeté, lá ninguém não conhece a gente, lá juntos vida nova a gente concerta..."* Soropita, senhoreante, chamava Doralda. Sem retardos ela vinha, suave airosa sobre singela, tinha estado arrumando lampeão no quarto do Dalberto. Soropita promovia que ela saudasse o amigo logo de bôa-noite, e que pudesse esperar por ele Soropita no quarto deles, de casados, que ele não dilatava. Aí Doralda cumpria o realce normal, nos prazêres de agradar a ele, se despedia... O que era o que não era? Ao então, um touro que está separando uma vaca no calor — simples se só desconfia de outro touro perto, parte de lá, urra, avançando para matar, com uma fúria definitiva do demônio... A próprio, competia? Tanto que o meu, o teu. Um cavalo bom eu empresto, mesmo de estimação? O figuro: súcia de todos, irmãos, repartindo tudo, homens e mulheres, em coragens em amores... Cujos à bala! — quem safado for... — *"Vida nova, Surupita, consoada..."* O Dalberto, desprevenido e correto, em fato daquela gente

sem escrúpulos e os compromissos de bordel... Um Julinho Lúcio ficara gostando de uma rapariga, em São-Francisco, e ela dele; tirou a rapariga da casa-de-mulheres, foram viver honesta vida juntos, numa casinha. E então veio Jonho, de apelido Mamatôco, que tinha sido constante freguês dela — chegou em hora em que o Julinho não estava, fez medo, gozou a rapariga quanto se quis; e quando chegou o Julinho, foi uma cena de discussão. O Jonho dizia que a rapariga era estadual. O Julinho gritou que ela era dele, que a fumaça ali corria por conta dele. E pôs o Jonho p'ra fora portas. O Jonho foi na faca, o Julinho teve de matar o Jonho... O Dalberto formava como desamparado, sujeito a essas ruindades e perigos. — *"Surupita, você não acha?..."* O que era então que o Dalberto cobiçava?

— Com ela viver vida regrada, a sossegada vidinha, pelo direito, esquecidos do passado todo... O bom, a gente ter filhos, uns três ou dois... Filho tapa os vícios...

— Aí... As belezas e luxo que ela exalta, agora, isso como é que você podia sustentar?

— Mas não quero! Nem ela não carece, nem ela mesma havia de querer. Que ideia essa, Surupita...

— Mas você não conheceu ela assim, não ambicionou assim? De que foi que você gostou nela, Dalberto?

— Um não gosta dos enfeites nem das roupas! Admiro de você me referir isso, Surupita...

— A bom, não firmei, não queria contrariar... Agora, por explicar o pouco melhor, relevando o que não for de minhas palavras... Por um exemplo, Dalberto, só estava achando, assim: você se amasêia com a Analma, vai com ela p'ra o fundão do Abaeté, bota ela no diário do trabalho, cuidando de casa, tendo filho, naquela dura lida do sempre... Mesmo por bem, não duvido, que ela queira, que ela apreceie isso... Aí, você não tem receios de que ela então fique sendo assim como uma outra pessôa boçal, se enfeiando até, na chãíce, com perdão pelo que digo, e você acaba desprazendo, se enjoando?...

— Por jurar, que eu nunca pensei nesta minha cabeça uma espiritação estrambótica assim, Surupita... Sei o que hei! Querer-bem não tem beiradas... Você está é medindo o que não é da gente...

E o Dalberto ria, soltado. Tão seguro só assim de si — isso era o que Soropita admirava. O Dalberto era capaz: pegar na Analma, de olhos fino verde, como avenca-rainha, e aquele brilho todo de fantasia em volta, que

tinha mais poder do que uma bebida brava, país de romance, e levar a Analma para a beira do mato — do jeito que se agarrasse um pássaro bonito, de lindo canto, e tirasse dele as belas penas e botasse dentro de um balaio... Que nem caçar um vagalume voando lanternim como a surpresa de Deus no absurdo da noite, e para guardar na algibeira, já besouro frio e apagado... E que tinha ele, Soropita, com essas contas, se não que somente devia era desejar ao Dalberto o desejo dele, e, em casos, funcionar em toda ajuda, o amigo carecendo?

— Ao que a justa razão, Dalberto. Mais eu não estava te experimentando, não. Respeito uns sentimentos, sem estorvo, e em dou meu acordo sem metades. Que se você, no por isso, precisar qualquer, é só falar a fala, ou mandar me chamar!

Soropita se levantou, alto, avante. Dalberto também. Aí era como se eles estivessem se abraçando, no despedir para uma bôa noite, os olhos e modos de Dalberto aquietados: Surupita auxiliando, regrava tudo garantido, aquele amigo ajuizado, em grande, com a coragem de tú-tigre e dedo pronto em dez gatilhos, ideias, a mais o governo de uma fama — que todo o mundo muito tremia só de meio nome dele escutarem! — *"Mano irmão..."* — só disse. Soropita levando-o até à porta do quarto-da-sala, pondo-lhe a mão no ombro, tornando a declarar: — "P'ra o certo e o duvidoso..." Soropita — o rei nas armas.

Soropita se inteirava, congraçado, retranquilo, Doralda era sua fome pedida, nem os salteios do dia, de fadiga, pareciam deixar rastro, a vida era um vibrar de coisa, uma capacidade. Por propósito, ele se poupava de qualquer demasia de pressa. Doralda permanecida no quarto, esperando. Ele ainda foi à sala de fora, foi vigiar se as portas e janelas estavam bem fechadas. Assoviava, em surdinas, cantarolou: *"...entre as coxas escondeu uma flôr de corticeira..."* Voltou; vendo-se sem tremor nas mãos: bebeu meio copo d'água. Doralda já estaria deitada, no canto da cama, querendo que ele viesse, entrasse. Abriu a porta, devagar, entrou.

Doralda aparecia ali, em pé, perto da porta, assaz toda vestida, com o colar, o cinto preto, os sapatos de alto salto. Assim ele quase por um choque: Doralda levava dedo à boca, recomendando manha de silêncio, e se resumia pra trás, um tanto; mas seja sorria, queria somente que ele apreciasse, como conforme estava disposta e galante, para ele, para o seu regalo. Soropita tramelou a porta. Preparou os olhos. Ele tinha os desejos

de falar as alegres artes sem o sentido de todos, sem constâncias. Aprovando com a cabeça. Sabia de seu peito respirar.

Doralda veio para ele, para uns beijos. No tacto da cintura dela, senseando, enquanto a abraçava — Soropita agora era quem punha dedo em boca, pedindo segredos, tão bem à sorrelfa, como cochichou: — "Será que ele desconfiou, a ver, de tu na Clema, o Dal?" —, e não sorriu, que dordoíam nele os prazêres finíssimos; trasteava quase vergonhoso. — "Notou nem não, Bem. Que ele que está longe de saber..." Com o renuído, ela mermava os olhos, tomava um arzinho, o descoco, aquele narizinho. À leal, num derretimento dum dengo, que Soropita conhecia, queria. Comum que a beijou. Assoprou então: — "Espera..."

Tirou o paletó, pendurou bem. Tirou o cinturão, pondo cuidado nas armas. Guardava o cano-curto debaixo do travesseiro. Tirou as botas, sem consentir de Doralda ajudar. Arrumou as botas, escrupuloso. Ah, ele mesmo sucedia conhecimento de ter de ser assim um homem sistemático. Mais que arrumou a til as botas, em parelha, esta encostada na outra. Aquelas botas estavam empoeiradas, ressujas da viagem; tivesse hora, tivesse um trapo, limpava. Doralda, quieta, em pé, acompanhava-lhe o bem-estar dos movimentos, com os olhares. Doralda, a mais bela — mimosa sem candura. Em cima da cômoda, o candeeiro repartia o espaço do quarto em bom claro e bôas sombras. Soropita se recostou, com um intrejeito de desabafo. — "Acende um cigarro pra mim..." — ele isso disse, adrede mole, melhormente.

Doralda primeiro riu — sua risada medida bonita, que aumentava, risada de mais viveza. Daí logo desconhecendo Soropita, nunca acontecia assim, ela atentava numa semelhança diferente; mas que não a desnorteava. A muito curiosa: que menos modos aqueles, que era que ele queria? Ela discernia essa feição em homens, o surdo duma agitação, que era rogo de paciências. Revendo sutil a espécie de tremor, que Soropita, forte, conseguia moderar. Com todo o súbito, que ele mandou:

— Doralda, agora tu tira a roupa...

Doralda caminhou para a cômoda: ia abreviar a luz do leocádio.

— Não, não. Eu quero até muito esclarecido. Tira tua roupa, certo. Nunca te vi nua total, de propósito.

— Pois, Bem, tiro.

O ar de Doralda tomou vaidades. Em suave no ligeiro dos dedos, se via sua satisfação. Saíu do vestido. Sempre mesmo de pé, se abaixou, tirou um

depois o outro sapatinho. As peças brancas. Aí nua estava. Deixara só o colar. Sorria sendo, no meio do quarto. Com as mãos, escorregou, se sentindo os seios, a dureza. E começou a se apalpar, aqui e ali: — "Estou muito gorda, ficando gorda por demais... Tu, assim mesmo, assim, Bem, tu me gosta?"

— Deixa. Vira para cá. Não, fica aí mesmo, onde você estava...

— De vez tu não me abraça e beija, Bem? Tu não quer?

— Depois. Te beijar às pressas, a já, aos tontos me tonteio. Você é o estado dum perfume. Respirar que forma uma alegria...

— Não, eu não, Bem. É o jasmins...

O cheiro da aglaia e da bela-emília passava pelas gretas da janela, parava devagaroso no quarto. Doralda já não estava rideira. Só a simples, com mão e mão, se tapava os seios, o sexo. Seus olhos desciam. Seu cabelo se despenteava.

— Até o nome de Doralda, parece que dá um prazo de perfume. *...Roda das flores — de flôr de toda cor...* — você podia cantar, você dansava, no meio das meninas... Eu puxava você, a pois, te trazia, a gente p'ra aqui, em camarinhas... Tu em tanto gosta de mim?

— Bem, tu não vê? Acho que gosto demais da conta... Só posso é gostar de você, nas miudezas de minha vida toda...

— Todo o mundo gostava de você... Tu é a bebida do vinho... Ah, então você gostou de mim por quê? Só se no estúrdio da primeira vez que me olhou?!

— Tanto fui te vendo, Bem, deduzi: este é o meu, que é, sem a gente se saber... Eu gostei na certeza. A pois, foi?

— Mas, depois, no estado daquele dia, tu teve os outros!

— Mas, Bem, aqueles logo vieram... Aí eu era muito freguesada, Bem, era uma das que eles apreciavam mais... Ah, uma pode errar de boiada, por ir-se atrás de boiadeiro...

— Por isso, que te chamavam de *Dadã* e de *Garanhã*?

— Era. Mas mais me chamavam de *Sucena*. Também, tu não havia de querer que tua mulherzinha fosse uma bisca desdeixada, sem valor nenhum...

— Nunca a gente tinha conversado o entendimento destas coisas. Hoje, sim. Tinha nunca mandado você estar desse jeito, p'ra a verdade do se saber... É jus?

— Bem, o que tu quer. Que vejo que tu não tem vergonha de mim... Com palavra não se despreza...

— A quanto quero, que não mando: agora, caminha, quero te ver mais, o que não canso — caminha, p'ra mim...

Daí Doralda, sem ao menos rir, andou pelo quarto. Desde ia e vinha, inteira, macia, sussa, pés de lã, seus pezinhos carnudos, claros que rosados. E ela — tantamente. Por querer, sem pejo, tomava um langue, ou aumentando o requebro, o chamativo de todos os jeitos — "Assenta, minha nega. Me responde." Nega, ela não ficara feia, por no muito amor desusar sua virtude. — "Simples que estou aqui, Bem, sempre..." — e Doralda se sentou no chão, perto da cama. Cruzara as pernas, brincava de curvar os dedos dos pés. Ela mesma olhou seu umbigo, e meneou o corpo, de divertimento. Ao fôgo dos olhos de Soropita, as pontas de seus seios oscilaram.

Soropita recostado, repousado, como num capim de campo. — *"Tu é bela!..."* O voo e o arrulho dos olhos. Os cabelos, cabriol. A como as boiadas fogem no chapadão, nas chapadas... A boca — traço que tem a cor como as flores. Os dentes, brancura dos carneirinhos. Donde a romã das faces. O pescoço, no colar, para se querer com sinos e altos, de se variar de ver. Os doces, da voz, quando ela falava, o cuspe. Doralda — deixava seu perfume se fazer. Aí, ele perguntou:

"— Tu conheceu os homens, mesmo muitos?" "— Aos muitos, Bem. Tu agora está com ciúme?" "— A ver, nunca tu esteve com o Dalberto?" "— Absoluto que não, Bem. Este nunca eu nem vi, lá, na casa da Quêlma..." "— Ah, mas você morou em outras casas?" "— Só estive três meses na Lena, e dois na Maria Canja, e depois nem bem um tempo na da Quêlma. Aí, você apareceu..." "— Quem é que ia lá?" "— Mas tantos, Bem. Como é que posso contar?..." "— Iam uns de quem tu gostava mais, conhecidos?" "— Amigada nunca estive, sempre não quis... Tu foi o primeiro homem que eu prezei de gostar com amor..." "— E os todos?" "— Tinha os certos, e os rareados, e os que vinham em avulso, e depois a gente nunca via mais. Mas uma coisa posso te dizer, Bem: quem ia comigo uma vez, sempre que podia sempre voltava... Nunca fizeram pouco em mim. Diziam que eu tinha condão..." "— Você esteve com um José Mendes?" "— Pelo nome, assim, não me alembro, Bem. Se visse outra vez, sabia... E tantos davam nome trocado, p'ra enganar. Como é que eu posso saber?" "— Esteve com seo Remígio Bianôr alguma vez?" "— Não,

com esse não.” “— Com quem você sabe o nome e sabe que esteve, de boiadeiros conhecidos?” “— Mas, Bem... Tantos...” “— Mas, fala!” “— Bom, tu conhece, por exemplo, o João Adimar?” “— Sei; esse?” “— Pois ele me vinha muito... Se apaixonou...” “— E o Boi-Boi, companheiro dele?” “— Demais.” “— E tu gostava de algum deles?” “— Bem, eu gostava por serem homens, só. Rabicho nunca tomei por nenhum...” “— E faziam com você o que queriam, tu deixava!” “— Era. Pois, eu ali, não era p’ra ser?... Tu está com ciúme em ódio?” “— Mas você, você gostava!” “— Gostava, uai. Não gostasse, não estava lá...” “— E hoje? Hem! E agora?!” “— Hoje em dia gosto é de você... Quero você, Bem, tu p’ra mim, a vida toda. Não posso que você um dia canse de mim!...” “— Mas você não sente falta daquela vida de dama?...” “— Nenhuma, Bem. Com você, não sinto perda de regozijos nenhuns... Conforme que sou. Mas tu sabe que eu sou tua mulher, direita, correta...” “— Com o preto Iládio, você esteve?” “— Iládio... Iládio... Nunca vi branco nem preto nenhum com esse nome...” “— Carece de lembrar não, não maltrata tua memória. Mas tu esteve com pretos? Teve essa coragem?” “— Mas, Bem, preto é gente como os outros, também não são filhos de Deus?...” “— Quem era aquele preto Sabarás?” “— Ah, esse um, teve. Vinha, às vezes...” “— Mas, tu é bôa, correta, Doralda... Como é possível? Como foi possível?!...” “— Não sou.” “— É! Tu é a melhor, a mais merecida de todas... Então, como foi possível?...” “— Gosto que tu ache isso de mim, Bem. Agora deixa eu te beijar, tu esbarra de falar tanta coisa...”

Doralda avançava, com gatice, deslizada, ele a olhava, cima a baixo. — “Tal, tira tua mão...” Ah, estudava contemplar — a vergonha dela, a cunha peluda preta do pente, todas as penugens no liso de seu corpo. Os seios mal se passavam no ar. O rosto em curto, em encanto, com realce de dureza de ossos. As ventas que mais se abriam, na arfagem. A boca, um alinhar de onde vincos, como ela compertava os beiços, guardando a gula. Os dentes mordedores. Toda ela em sobre-sim, molhando um chamamento. O envesgo dos olhos. Só sutil, ela pombeava. Soropita abraçou-a: era todo o supetão da morte, sem seus negrumes de incerteza. Soropita, um pensamento ainda por ele passou, uma visão: mais mesmo no profundo daqueles olhos, alguém ria dele.

Agora, depois, ele a tornava a abraçar. Era uma menina. Era dele, sua sombra dele mesmo, e que dele dependia. Molhada de suor. Punha um dedo na boca. Seu rosto guardava um ar, o mais feito infantil, como é raro

mesmo nas crianças. *“Tralalá... Menina bonita, não põe pé no chão, não casa comigo, não tem coração...”* Dola...

Doralda vestia a camisola. Seus olhos procuravam o desejo de Soropita. Adivinhava que ele queria dizer uma coisa.

— Escuta, Doralda, você era capaz de vir comigo para longe, para um lugar sem recurso nenhum, muito distante, feio, mato bruto? Você...

— P’ra o Campo Frio? Eu sei, Bem. Bobagem tu ter escondido de mim, Tiantônia em segredo me contou... Vou, demais. Em desde que seja com você, vou qualquer hora p’ra qualquer parte, e vou contente de verdade, sem sobrosso nenhum...

— Não sei se é. Só um princípio de pensamentos.

— Bem, meu Bem. Mas, amanhã cedo tu me explica direito o restante da novela do rádio?

Amanhã, contava. Mesmo porque seus olhos começavam um cansaço de recompensa, e era bom entrar em pequena paz para a pedreira da noite, podia deixar para diante uma porção de assuntos que precisava de arrumar na cabeça, pensar bem, resolver. Doralda se abraçava com ele, queria dormir aconchegada. Gostava que Doralda pudesse ficar dormindo, compridas horas, muito mais tempo que ele, dormindo e acautelada, ali no quarto, sem pensar nada que ele não soubesse, não fazer nada que ele antes não aprovasse; nada, porque tudo na vida era sem se saber e perigoso, como se pudessem vir pessoas, de repente, pessoas armadas, insultando, acusando de crimes, transtornando. Dormir, mesmo, era perigoso, um pôço — dentro dele um se sujeitava. Mas que Doralda não conversasse com ele, agora, que não conversasse normal, coisas de casa, dos outros, do diário, projetos de vida, o trabalho na fazenda, gente do Ão. Não falasse de tudo que fosse a vida fora deles dois no quarto, na cama. Se falasse, era como outra Doralda voltando, se demudando, Doralda que conversava com as pessôas, que as pessôas conheciam, que todos sabiam. E ele carecia de tempo, dormir, descansar, ficar forte, resolver tudo. Um dente lhe doía um pouco, uma parte da cara. A língua procurava experimentar outro dente: parecia meio solto. Arreliava, aperreava. Podia ficar dias se entristecendo com aquilo. Contasse a Doralda, já sabia: Doralda tinha um modo simples de achar que tudo se remediava sem amofinamento, sem motivo para um se aborrecer fora de conta: — “Você vai, amanhã, no Andrequicé, Bem, está lá aquele dentista José Leite, tratando, você mesmo não me disse?” E se estivesse com a boca cheirando mal? Bafejava. Não podia saber. Não

podia perguntar a Doralda, Doralda respondia que não estava. Por que, então, o corpo da gente não obedecia à vontade da cabeça, sempre e em tudo por tudo — como devia de ser: as partes, deviam de estar sempre sentindo e fazendo, com prazer de mocidade, o que a gente mesmo quer. Não ter dôr. E um devia de poder pensar somente naquilo que queria, que devia. Saudade de aqueles dias, havia tanto, tanto tempo, no São João da Vereda — saía, montava a cavalo, galopava, a largura da vida de um assentava por em volta, como um baixão de pé-de-verso. Jõe Aguial, Seo Zosímo, Campo Frio. Por Doralda, não, pois ela mesma estava em acordo que eles se mudassem para lá, para aquele mundo-longe do Goiás, nem ela perguntava bem por que razões principais ele preferia negociar aquela berganha de terras. — "Nunca vi o céu de lá, o chão de lá... Com você, Bem, eu quero ir, eu vou. Pois vamos..." Ela disse aquilo, tinha umas lágrimas nos olhos, mas eram de alegria, ele enxugara aquelas lágrimas. Doralda como se fosse uma noiva dele. Se ele pudesse ter, sempre, sempre, sem fim, sem nunca esbarrar, a sua força de homem, calor de pessôa bebida, com Doralda nos braços, então, era o único jeito de não precisar de reter má lembrança nenhuma, pensamento ruim; um alívio definitivo, como o do Vivim, medidor-de-terras, cachaça em mais cachaça, ele mesmo aos pouquinhos se acabando. Ou então, aquilo que Doralda tinha falado, mais de uma vez, muito falava: — "Bem, eu acho que só ficava sossegada de tu nunca me deixar, era se eu pudesse estar grudada em você, de carne, calor e sangue, costurados nós dois juntos..." Isso, ele gostava. Sem Doralda, nem podia imaginar — era como se ele estando sem seus olhos, se perdido cego neste mundo. Tudo devia de ser uma regra: levantar muito cedo, ainda com o escuro da noite, trabalhar o dia inteiro, no mais atarefado, cansar as forças; de noite, comia, iam dormir abraçados, sem antes fazer nada, como dois irmãos. Dizia: — "Vamos passar um mês inteiro, não abraçar nem beijar, não fazer nada, regrando a vida da gente em sério costume"; assim conforme se cumpre — firmeza de jagunço, ou promessa feita a santo. Então, se pudesse se privar assim, ficava forte, toda hora estava seguro de estar direito: só a boa disposição e coragem! Tinha vergonha de dizer aquilo a Doralda, propor, ela perdia o respeito a ele, achava que ele estava pegando mania. — "Mas, por que, Bem? Tu não gosta? Eu não gosto? Tu enjoou de mim?!..." Queria ser como o Dalberto, toda simplicidade. Analma — era como uma sua parenta, se casava com o Dalberto. Ele nunca deixava de gostar de

Doralda, nunca; mas, já tinha experimentado: se tirava de ideia aqueles pensamentos de estar com ela em cama, então, ficava, aos poucos, sendo como se ela estivesse muito longe, nem de carne e ôsso, só um costume, como porque era mulher dele; e aí ele começava a espiar para outras, com um desejozinho por esta ou por aquela, no Ão, no Andrequicé, pelas beiras de estrada, por quase todas que via, a vontade de conhecer como eram, dar um beijo, estar com cada uma daquelas só uma vez, uma vez pequena, mas a forte vontade. Doralda desconfiava? Ela adivinhava tudo. Mas nunca havia de dar desgosto nenhum a Doralda, morria por não dar. Aquelas figuras que vinham na ideia pulavam diante dos olhos dele: porrêtes, facas de ponta, tudo vinha para cima de Doralda, ele fazia força para não ver, desviava aquelas brutas armas... Então, ele podia ver alguém matar, ferir Doralda? Ele podia matar Doralda? Ele, nunca! Ele estava ali, deitado. Seco. Sujo. Sempre tudo parecia estar pobre, sujo, amarrotado. As roupas. Por bôas e novas que fossem, parecia que tinha de viver no meio de molambos. Aí, ele sabia que não prestava. Mas, cada vez que estava com Doralda, babujava Doralda, cada vez era como se aqueles outros homens, aqueles pretos, todos estivessem tornando a sujar Doralda. E era ele, que sujava Doralda com a sua semente, por aí ela nunca deixava de ser o que tinha sido... Era capaz de fazer isso com uma sua irmã? Era capaz de imaginar um parente dele, um amigo mais velho, mesmo o Jõe Aguial, fazendo aquilo com Doralda? Se Jõe Aguial tivesse estado com Doralda, mesmo muito antes, mesmo vinte anos que fosse, ele regrava o Jõe Aguial... Doralda, devia de ir com ela para o Campo Frio. Devia, não devia... Tempo tinha para pensar. Redormia.

Menos que a manhã não vinha longe, o fresquim frio, os galos pondo canto, o ar cheiroso dos Gerais se trazendo de todos os verdes, remolhada funda de orvalho a poeira das estradas, pesada como um reboco, e as vacas berrando, as cabras bezoando, no meio dos pios pássaros. Um frio sem umidade nenhuma, a gente aguentava sair sem roupa que fosse, para o livre, não tremia. Mal apontando o sol, já Doralda estava levantada, os pezinhos nús nas sandálias, os cabelos lavados, atado neles um lenço amarelo vivo. A amigas palavras e a risos, ela dava café a Soropita e Dalberto, que saíam pelos animais de sela, consoante conversavam. Dalberto não queria esperar o almoço, sua pressa vinha de um desejo, que só de entrevisto em seus olhos cada um respeitava. No se despedir, ainda pediu, à beira da cerca, duas flores, que uma pôs no peito e enfeitou com a

outra a testeira da mula rata. Montou e tocou, era um cavaleiro guapo, marchava.

Soropita não estava bem, o princípio daquele dia mareava-o mal num dramar. Os assuntos, tantos; e a ida do Dalberto era capaz de sempre ser um rumo de tristeza, de pressentimento; quem sabe era a derradeira vez que estava encontrando aquele bom amigo. Os passopretos que sarapiavam, rodeavam a casa com seus gritos, felizes fixos, só é que o negrume de asas, como esses roubam nas plantações. A fôgo-apagou retomando o constante chamado, ia falar assim o dia a dentro, toda cristã; e, mais perto, o cúo prolongado das pombas-de-casa, feito um agouro. Era hora de montar e sair, cuidando de tudo, passar na vendinha, vigiar depois os trabalhos, as obrigações, as vacas. O Ogênio e o rapazinho Bio tiravam leite. Que um esbarrasse, viesse arrear o cavalo branco, o Apouco. Ao melhor, podia ir ao cerrado, fazer exercício de atirar, de toda distância, nas frutas de lobeira, que se espatifavam a cada bala, nem uma ele não errava. Mas nem para isso resumia disposição. Não podia tomar a resolução do Campo Frio. Não tinha direito de fazer, era uma judiação com Doralda, que não merecia. Um homem não é um homem, se escapa de não pensar primeiro na mulher. Não tirava um ânimo para refletir em espécie nenhuma, logo naquele dia. Só a cabeça desertada, e a bambeza. A uma espécie de receio, encoberto, vago, não sabia de que — arregosto de amarugem. Bebia mais café. Se sentava na rede, se recostava. Era um martírio, um estar assim tão esmorecido. Doralda passava, sorria, dava de cantar. Doralda, de qualquer forma, gostava que ele parasse por ali perto. Por mesmo isso, que ela era tão bôa, tão de acordo, com tudo, por amor a ele. O Campo Frio... Ah, seu corpo mesmo se gasturava: os renovados trabalhos, um castigo bronco, a gente estranha, aquele fim-de-mundo, quase no demeado dos bugres, a ideia agora lhe parecia acima de seu compor. Então, ia para lá, escorraçado. Ia, por não prestar. Nem sabia, nem queria saber mais o motivo por quê. Mas, de que medonho jeito conseguir começar a vida lá? Mas, como ia ficar aqui, se sabia que não podia? Nada não adiantava. Somenos tivesse filhos, uma porção de meninos, brincando, reinando, filhos de Doralda com ele. Doralda, amiga de amor, não estranhava o dividido de trabalhos. Se ele adoecesse, um dia, Doralda continuava gostando dele? Doença grave, demorada, vinham as visitas, os remédios, muitos sofrimentos, Doralda continuava gostando, com o afeto? Mesmo uma doença nojenta, essas de mal-de-lázaro, tísica, ferida-brava?

Havia doentes de feder, um Pedro Matheus, sem nem um pedacinho de pele sã, todo ferida uma só, fôgo-selvagem, aquele-um era casado, a mulher tratava dele com branda misericórdia. Sobre se ele, Soropita, purgasse uma maldição dessas, Doralda ainda gostava dele? Podia? Por que gostava? Se então ela se lembrasse das horas de gozo dos dois juntos, não tinha asco? Ele, Soropita, transformava asco, se Doralda fosse que pegasse aquela doença? Não adiantava pôr na cabeça o faz-de-conta, sem paga nenhuma um se maltratava. Seo Zosímo, tão lá longe, tinha seus filhos, agora tramava de vir, mais para perto de civilização. Seo Zosímo era um definitivo homem. Só de se olhar para ele, um via que ele podia espiar em frente o resto, sem chaça, costeando a vida, firme em suas duas pernas. No Ão, no mundo, não havia sossego suficiente. Tanto que podia ser servido excelso, mas faltavam os prazos. O inferno era de repente. O medo surgindo de tudo. Oé, hem? Ah, e mas que saçanga, aquela, súcia de uns homens, o estrupício de cavalhada. Aí — quem eram?!

— Ô de casa!

Todos cavaleiros, chegando de galope, uma meia-dúzia. Que é que podia, que havia? Era a gente do Dalberto. José Mendes, os outros. O preto Iládio, logo ele. Perguntavam pelo Dalberto. Porque tinham vindo: porque o Dalberto ficara de sair do Ão, de volta, tarde-noite, e não chegara no Azêdo até de manhãzinha. Mas como podiam ter se desencontrado? Tinham vindo pelo galho do Tem-Brejo, daí descruzaram. Que enredo aquela gente estava pensando? Que ele, Soropita, tivesse consumido o Dalberto, desaparecido? À pôita! Mesmo assim, a gente carecia de oferecer café, convidar se queriam desapear e entrar. Não queriam, agradeciam. Já tinham quebrado o torto. E Doralda que aparecia na janela, ela não devia de se mostrar assim, fosse tudo pelo amor de Deus, não devia. Soropita se chegava a ela, ele mesmo tinha vexame do que estava fazendo: — "Entra p'ra dentro, meu Bem, é melhor..." E Doralda, que parecendo uma criança que não sabe o que é hora e o que é menos-hora, cochichava-lhe ao ouvido: — "Ah não fica atenazado, Bem, nenhum desses homens eu nunca que não vi... Nenhum deles me conhece..." Suspo, Soropita saía ao pátio. Rehavia de obsequiar os companheiros do Dalberto. Todos esses, malmente à espera, reparando em tudo, solertes rapazes. E o preto Iládio, o negralhaz, avultado, em cima de uma besta escura. Estava sem a espingarda — para que precisava de espingarda? Truxo o olhando de riba, com aquela bruta perfilância, que grolou: — "Eh, Surrupita!..." — e

de um lanço estendia a mão, ria uma risadona, por deboche, desmedia a envergadura dos braços. O olhar atrevidado. E falou uma coisa? — falou uma coisa — que não deu para se entender; e que seriam umas injúrias... O preto estava vendo que ele estava afracado, sem estância para repelir, o preto era um malvado. Soropita comeu o amargo de losna.

Nem podia responder ao com que eles se despediam, que saíam todos esgalopeando, Soropita entrava para sua casa. Andou na sala, deu duas idas. O negro Iládio o ofendera, apontara-o com o dedo, e ele não refilando... Se sentou na rede. Suava? Pagava por tudo. Vento mau o sacudia, jogava-o, de cá, de lá, em pontas de pedras, naquele trovoo de morte, gente com gritos de dôres, chorando e falando, muitos guinchos redobrados, no vento varredor? Doralda perguntava: — "Bem, tu não está bem?" — o que ele tinha? Empenhava uma força minguada, quase não queria dizer: — "Nada não, um mal-estar de raiva, um ranço de ojeriza..." Pediu um trisco de elixir-paregórico, como porque podia vir a doer-lhe uma cólica. — "Mas raiva por que, Bem?" Assentes os olhos de Doralda. Tomava o elixir, aquelas gotas n'água, o gosto até era bom, o cheiro, lembrava o pronto alívio de diversas dôres antigas. Mas, o sofrimento no espírito, descido um funil estava nas profundas do demo, o menos, o diabo rangendo dentes enrolava e repassava, duas voltas, o rabo na cintura? A essa escuridão: o sol calasse a boca... Levantou-se. — "O preto me ofendeu, esse preto me insultou!" Ah, com arrependimento — que não devia de ter fraquejado para essa queixa. Vigiava Doralda: ela devia de estar desprezando o marido, tão pixote, que era afrontado lá fora de portas, e dera ponto na boca, e ainda vinha pra dentro de casa, sem talento, se consolar com a mulher!... Chorar fosse? Mas nem nunca tinha chorado, não sabia chorar. Rebaixado, pelo negro, como a gente faz com casal de cachorros senvergonhas, no vício do calor... — "Mas, Bem, o preto não fez nada, não destratou, não disse nada: o preto só saudou..." O Bio, assustadiço, vinha anunciar o cavalo pronto, ainda contava o que algum outro disse — que os vaqueiros tinham feito demora ali no arruado, estavam bebendo. De certo, voltavam. O preto bebia, e voltava, vinha mais. Capaz de descompor. Ah, esse sabia de Doralda, arreito, conhecia: bem que viu, logo reconheceu! O preto Iládio, Dalberto falara: era trabuz, um fulano-de-tal de corajoso. Soante aquele sofrimento de que ninguém podia ter ideia, padecendo como longas horas, surdo no barulho por trevas da ventania, a gente se destornava, tresvoltava, só escutava o berro triste

dos zebús na muda do tempo, o tristepío de um passarinho depenado? Ah, não podia! Soropita, sem mesclar o rosto, entortava um olhar de olhos. Tinha suas armas, mas não voltavam a ele os rios da coragem. Só melhorou um espaço, revia as estrelas da claridade.

Hora era donde se sair sem estorvo? Os vinte-e-cinco! Só ele sofria, devagar, escondendo seu ser. Um fôgo, uma sede. E Doralda, contente pensando que tudo em paz, cantava outra vez. Os escárneos da sorte: e ele? — cantando entrar numas chamas dum fôgo?! Somando com as clemências de Deus. Só se chorasse e ia cantando, depois de loucuras? Medonho aquele preto — feito um pensamento mau. Mas Doralda estava ali, sustância formosa — a beleza que tem cheiro, suor e calor. Doralda cantava, fazia a alegria. O que ela, em instantes, falava: — *"Bem, eu estou adoecida de amor..."* — para abraçar, beijar e querer tudo. Doralda — um gozo. Estrondos, que voltava! — *"Veada... Vaquinha..."* — que ele exclamava, nesses carinhos da violência. Dele! Ela era dele... Constante o que tinha sempre falado: — *"Se tu me chamasse, Bem, eu era capaz de vir a pé, seguindo o rastro de teus bois..."* Homem ele era, tinha Doralda e os prazeres por defender, e seu brio mesmo, ia, ia em cima daquele negro, mesmo sabendo que podia ser p'ra morrer! Tinha suas armas. Nem que não tivesse. Ia no preto. — "Bronzes!" Teso, duro, se levantou, tirado a si vivamente. Aí ele era um homem meio alto, com as calças muito compridas, de largas bocas, o paletó muito comprido, abotoado, e o chapelão de aba toda em roda retombada, por sobre o soturno de seu rosto. Riscou um passo, semelhava principiar um dansar. — "Já vou, já volto..." "— Mas aonde, Bem, que tu vai?..." — "Bronzes!..."

Saía, cego, para dar esbarradas, rijo correndo, como um teiú espantado irado, abrindo todo caminho. Tremia nas cascas dos joelhos, mas escutava que tinha de ir, feito bramassem do escancarado do céu: a voz grande do mundo. De um pulo, estava em cima do cavalo alvo, éguo de um grande cavalo, para paz e guerra, o cavalo Apouco, que sacudia a cabeça, sabia do que vinha em riba dele, tinha confiança — e escarnia: cavalo capaz de morder caras... — "Bronzes! Com minha justiça, brigo, brigo..." Seus olhos viam fôgo de chama. E calcou mais na cabeça seu chapéu-de-couro, chapéu com nove letras — dezenove, nove — ta-patrava. O preto o matava, seu paletó ia estar molhado de sangues — que me importa! —: — "Honra é de Deus, não é de homem. De homem é a coragem!..." Meteu galope, porcos e galinhas se espaventaram. Um galopadão, como zoeira de

muitos. Olhou para trás: dos baixos do riacho do Ão, só uma neblina, pura de branca, limpas por cima as nuvens brancas, também uma cavalhada. Morria, que morria; mas matava. Se o preto bobeasse, matava! E dava um murro na polpa da coxa, coxa de cavaleiro dono de dono, seu senhor! Seus dentes estalavam, em ferro, podiam cortar como uma faca de dois lados, naquela cachaça, meter verga de ferro no negro. — “Me pagam! Apouco, isto... Me paga!...” Rei, rei, o galopeio do cavalo, seguro de mãos. No céu, o sol, dava contra ele — por cima do sol, podia ir sua sombra, dele, Soropita, de braços abertos e aprumo, e aos gritos: — “Ajunta, povo, venham ver carnes rasgadas!...” Carnes de um e de outro, o que Deus quisesse, ele ou o preto... Morrer era só uma vez.

Sobre então, chegava no arruado, em frente da venda: a animalada reunida, quadrilha de cavalos, os vaqueiros já montados, iam saindo, todos armados, o preto Iládio no meio deles. Ahá, uah, Soropita, ele te atira... Mas que me importa?! Freou. Riscou. Um azonzo — revólver na mão, revólver na mão. O preto Iládio, belzebú, seu enxofre, poderoso amontado na besta preta. Ah, negro, vai tapar os caldeirões do inferno! Tu, preto, atrás de pobre de mulher, cheiro de macaco...

— Apêia, negro, se tu não tem caráter! Eu te soflagro!...

Ele declarou. Mas o preto Iládio exclamava, enorme — um grito de perdão! — rolava de besta abaixo, se ajoelhava:

— Tou morto, tou morto, patrão Surrupita, mas peço não me mate, pelo ventre de Deus, anjo de Deus, não me mata... Não fiz nada! Não fiz nada!... Tomo benção... Tomo benção...

E os outros vaqueiros, esbarrando num arrepio só, gritavam calados. Eles viam Surrupita, viam a morte branca, seu parado de cair sobre eles; de muitos medos se gelavam.

Mas o preto Iládio deitado na poeira, açapado — cobra urutú desquebrada — tremia de mãos e pernas. — “Tu é besta, seô! Losna! Trepa em tua mula e desenvolve daqui...” — Soropita comandava aquele grande escravo aos pés de seu cavalo. Igual a um pensamento mau, o preto se sumia, por mil anos. Urubús do ar comiam a fama do preto. Os outros vaqueiros, sensatos, não diziam nada, iam tocando estrada a fora, encordoados. O pobre do bom Iládio bambo atrás de todos.

Os do Ão que estavam ali, homens e mulheres, viam e não entendiam. Soropita levou a mão à sela, com o dedo sinalou uma cruz na capelada. Daí, mirou a arma que ainda empunhava — aquele dado de presente pelo

Dalberto — o revólver que no fim não precisou de atirar. O cavalão branco se sacudia no freio, gentil, ainda querendo galopar. Soropita o afagou. Não esporeava, a bem dizer. Numa paz poderosa, vinha para casa, para Doralda. A presença de Doralda — como o cheiro do pau-de-breu, que chega do extenso do cerrado em fortes ondas, vogando de muito longe, perfumando os campos, com seu quente gosto de cravo. Tão bom, tudo, que a vida podia recomeçar, igualzinha, do princípio, e dali, quantas vezes quisesse. Radiava um azul. Soropita olhava a estrada-real. Virou a rédea. Falava àqueles do Ão:

— Amigo Leomiro, tem hoje quem vai no Andrequicé, ouvir o restante da novela do rádio?

— Tem não.

— Pois vou. Passo em casa, p’ra bem almoçar, e vou...

Buriti

Depois de saudades e tempo, Miguel voltava àquele lugar, à fazenda do Buriti Bom, alheia, longe. Dos de lá, desde ano, nunca tivera notícia; agora, entanto, desejava que de coração o acolhessem. Receava. Era um estranho; continuava um estranho, tornara a ser um estranho? Ao menos, pudessem recebê-lo com alegria maior que a surpresa. Mas, para ele, aproximar-se dali estava sendo talvez trocar o repensado contracurso de uma dúvida, pelo azado desatinozinho que o destino quer. Achava.

Viajara de *jeep*, em ermas etapas, e essa rapidez fora do comum dava para desentender-se um tanto o monótono redor, os conduzidos caminhos campeiros. Ia chegar à Casa, tardio mas enfim, noite sobre. Parara, para jantar, no mesmo ponto em que da primeira vez: perto duma funda grota — escondido muito lá em baixo um riachinho bichinho, bem um fiapo, só, só, que fugia no arrepiado susto de por algum boi de um gole ser todo bebido; um riinho, se recobrindo com miúdas folhagens, quase subterrâneas, sem cessar trementes e lambidas, plantinhas de floricas verdes, muito mais modestas que as violetas.

Sentados no barranco de beira da estrada, úmidos de sereno os capins, Miguel e o rapaz comeram seu farnel, já no sufusco e tempo fresco, já anoitecendo, enquanto ouviam o cucubo da coruja e o regougo da raposinha. Entrementes ocorria também o vozejo crocaz do socó: — *Cró, cró, cró...* — membranoso. Miguel acendeu cigarro; o rapaz mastigava uns restos. Não dilatava, bastando a gente guardar um pouco o silêncio, e o confuso de sons rodeava, tomava conta. Como a infância ou a velhice — tão pegadas a um país de medo. Miguel, sem o saber, sentia afastadas coisas, que se ocultavam de seu próprio pensamento. Levantou-se, caminhou uns passos, até ao *jeep*, apanhou a lanterna. Andou mais, na direção de onde tinham vindo. Como parou, dali o sipipilo do regato não se suspeitava. Só os grilos, por todo o campo, toda qualidade deles, sempre surgindo.

Tudo como da primeira vez, quando viera, a cavalo, por acaso em companhia de dois moços caçadores e, depois, de nhô Gualberto Gaspar, com quem quase mesmo no chegar tinham feito conhecimento. Da treva,

longe submúsica, um daqueles acreditava perceber também, por trás do geral dos grilos, os curiangos, os sapos, o último canto das saracuras e o belo pio do nhambú. Devia de ser. Em parte, o outro caçador confirmou. Miguel assestara o ouvido. Orgulhava-se de ainda entender o mundo de lá: o *quáah! quáah!*, como risada lonjã, tinha de ser de um socó, outrossim, que ia voar do posto. — "E é..." — nhô Gualberto Gaspar aprovou — "Aí, menos longe, tem uma lagôa." Um perguntara: — "Bom lugar, para se atirar em pato? Muito junco?" Mas, aquela hora, falava-se menos, em voz baixa, mesmo sem ser de propósito. Estavam fatigados. O certo, que todos ficavam escutando o corpo de noturno rumor, descobrindo os seres que o formam. Era uma necessidade. O sertão é de noite. Com pouco, estava-se num centro, no meio de um mar todo. — "A gente pode aprender sempre mais, por prática" — disse o primeiro caçador. Discorria da dificuldade em separarem-se sons, de seu amontoo contínuo. — "Só por precisão" — completou o segundo, o setelagoano. E mais disse: que dirá, então, os bichos, obrigados a constante defesa ou ataque? O lobo, o veado. O rato. O coelho, que, para melhor captar os anúncios de perigo, desenvolveu-se um pavilhão tão grande? Principal, na jungla, não é tanto a rapidez de movimentos, mas a paciência dormida e sagaz, a arma da imobilidade. À cabecinha de um coelho peludo, sentado à porta de sua lura, no fim da tarde, devem chegar mais envios sonoros que a uma central telefônica. — "Pois, p'ra isso, p'ra se conhecer o que está longe e perto..." — o setelagoano continuou. E, daí, silenciaram, depois falaram mais, desse e de outros assuntos. Falou-se no Chefe Zequiel.

Na última noite passada no Buriti Bom, Miguel tinha conversado a respeito de coisas assim. O que fora:

Na sala-de-jantar. A lamparina, no meio da mesa. Nos consolos, os grandes lampeões. O riso de Glória. Iô Liodoro jogava, com Dona Lalinha. Glória falava. Ele, Miguel, ouvia.

De repente, reconheceu, remoto, o barulhinho do monjolo. De par em par de minutos, o monjolo range. Gonzeia. Não se escuta sua pancada, que é fofa, no arroz. Ele estava batendo, todo o tempo; eu é que ainda não tinha podido notar. Dona Lalinha é uma linda mulher, tão moça, como é possível que o marido a tenha abandonado? Nela não se descobre tristeza, nem sombra de infelicidade. Parece uma noiva, à espera do noivo. Vê-se, é pessôa fina, criada e nascida em cidade maior, imagem de princesa. Cidade: é para se fazerem princesas. Sua feição — os sapatinhos, o

vestido, as mãos, as unhas esmaltadas de carmesim, o perfume, o penteado. Tudo inesperado, tão absurdo, a gente não crê estar enxergando isto, aqui nas brenhas, na boca dos Gerais. Esta fazenda do Buriti Bom tem um enfeite. Dona Lalinha não é de verdade. No primeiro dia, pensei que ela não tivesse o juizo normal, e por ser louca a deixavam assim. Será que os roceiros de perto não vão dando notícia de ali haver aquela diferente criatura, e o caso não corre distâncias, no sertão? Uns devem de vir, com desculpa qualquer, mas só para a ela assistir, no real, tomarem a certeza de que não é uma invenção formada. Não entendem. Se, em desprevenido, ela surgisse, a pé, numa volta de estrada ou à borda de um mato, os capiaus que a avistassem faziam enorme espanto, se ajoelhavam, sem voz, porque ao milagre não se grita, diante. Sobre o delicado, o vivo do rosto, tão claro, os lindos pés, a cintura que com as duas mãos se abarca, a boca marcada de vermelho forte. Comigo, ela quase não fala. Evita conversar, está certo, na situação dela. Tem de ser mais honesta do que todas. Todo o mundo tem de afirmar que ela é honesta, direita. Sempre uma mulher casada. Mulher de iô Irvino, cunhada de Glória, de Maria Behú. O ranger do monjolo é como o de uma rede. O rego está com pouca água, daí a lentidão com que ele vai socando. E o outro gemer? — "Esse outro, é de bicho do brejo..." — Glorinha disse. Decidida. Glorinha é loura — ou, ou, alourada. Mais bonita do que ela, dificilmente alguma outra poderá ser. *Bonita* não dizendo bem: ela é bela, formosa. Quanto tudo nela respira saúde. Natural, como Dona Lalinha. Mas, tão desiguais. Glória: o olhar dado brilhante, sempre o sem-disfarce do sorriso como se abre, as descidas do rosto se assinalando — uma onçazinha; assim tirando às feições do pai, acentuados aqueles sulcos que vêm do nariz para os cantos da boca. Dona Lalinha, os cabelos muito lisos, muito, muito pretos; e o rosto a maior alvura. Ela tem um modo precioso de segurar as cartas, de jogar, de fumar, de não sorrir nem rir; e as espessas pálpebras, baixadas, os lábios tão mimosamente densos: será capaz de preguiça e de calma. Como há de ser a outra, a mulher por causa de quem iô Irvino a deixou? Faz tanto tempo, isso, e iô Liodoro ainda teima em conservar a nora aqui, à espera de que um dia o filho volte? Será que iô Liodoro a retém prisioneira, à força? Glorinha disse que iô Irvino é o filho de que iô Liodoro mais gosta. Iô Liodoro se fecha, sobre sério, calado com tanto poder. Não se sabe o que ele entende. Todo modo de Glorinha, o que move e dá, é desembaraçado. Ninguém diria que ela é irmã de Maria Behú. Desditosa, magra, Maria Behú,

parecendo uma velha. Para ela, ter de viver com a cunhada e a irmã, na mesma casa, deve ser um martírio. Maria Behú reza, quase todo o tempo. Agora mesmo, de certo está rezando, recolhida no quarto. Bicho do brejo... — "Bicho do brejo? Não, dona Glória. Eu acho que é pássaro..." "— Deixa ele. Pássaro, guinchando? A esta hora..." "— E sei? Sapo?" "— O senhor está falando numa coisa, mas está com a ideia apartada..." "— Estou não. Meu jeito é mesmo assim." "— O senhor está querendo aprender o que é da cidade?" "— Nasci no mato, também. Sei a roça." "— Aonde? Aqui no sertão?" "— No meio dos Gerais, longe, longe. Transforma-se noutra tristeza, de tanto tempo. Mas de tudo me lembro bem." Glorinha está querendo me compreender, saber tudo de mim, mal atenta no que falo. Mas nem sabe que, só na feição do meu pensamento, eu a trato de "Glorinha". Até assenta melhor. Porque ela ainda oferece sua natureza, tem a fraqueza da força. É pura, corada, sacudida. Tão sem arrebiques nem convencimento, com faceirice de mulher, mas para agradar diretamente; outras vaidades não mostra. Perto dela, a gente vai sentindo a precisão de viver apenas o momento. Quase por acaso foi que descobri que ela esteve em colégio, isso nem menciona. — "Saí ao Papai..." — ela mesma diz. Ao contrário de Maria Behú — de perdida fisionomia. Maria Behú amarra esticados os cabelos, num coque, sem nenhuma graça, se desfaz. Iô Liodoro não dá aparência de mais de cinquenta anos. Ele joga a bisca, como se cuidasse negócios de gravidade. Só tem atenção para as cartas. Acho que ele mesmo não quer se fixar em outras coisas, nas pessôas. — "Ele gostou de você, mas demais!" — Glorinha disse. ("— ...Vou falar 'você'; não é melhor? O senhor é muito moço...") Deve ser, ele simpatizou comigo, quis que eu ficasse mais três dias, depois de vacinados os bezerros, visto o gado. E bem, se eu disser: — Iô Liodoro, quero casar com sua filha Maria da Glória? — que é que ele me responde? Fantasia. Iô Liodoro é um dos homens mais ricos deste sertão do rio Abaeté, dono de muito. Fantasia? Nem sei se gosto de Maria da Glória, se um encantamento assim, mesmo crescente, quer dizer amor. Sei que desejaria parar, demorado, perto dela. Da alegria. — "Conte alguma coisa, do que está sonhando, pensativo?" "— De minha terra?" "— Lá tinha pássaros cantando de noite?" "— Sério. O mutúm. De dia, ele fica atoleimado, escondido em oco de pau, é fácil de se pegar à mão. Mas, à noite, sai para caçar comida. Canta, antes da meia-noite e do romper da aurora. Chega dá as horas. É grande e formoso, como as penas dele brilham, feito um

pavão.” “— E como canta?” “— No meio do mato, de madrugada, ele geme: — *Hu-hum... Uhu-hum...* Não se parece com nenhum.” “— Aqui não tem.” “— É um pássaro tristonho...” “— Você teve namorada, lá, em sua terra?” Dona Lalinha deve de ter ouvido, olhou para cá, sorriu para Glorinha. O nome de Dona Lalinha é Leandra. — “Não tive. De lá saí muito menino...” — respondi. “— E que mais?” “— É um lugar que nem sei se ainda existe, lá. Minha gente se mudou...” “— Você é ingrato? Vai voltar aqui algum dia, para rever a gente?” “— Gostei muito daqui. De todos...” “— Você é noivo? Se casar, traz sua mulher, também...” “— Não sou, não. Tenho cara de noivo, assim?” “— Para mim, tem.” Glorinha é afirmativa. Mas uma moça, mesmo por assim ser, engana. Às vezes dizem coisas, por desempeno, desenleadas — querendo ver o embaraço do homem, só por experimentar. Não vou ser acanhado. — “Está certo. Se eu casar, venho...” Eu disse. Estou arrependido de dizer. O que estou pensando, tenho de calar. Eu teria receio de gostar de Glorinha. Ela é franca demais, vive demais, abertamente; é uma mulher que deve desnortear, porque ainda não tem segredos. E eu já gosto dela? Mas tenho de ir-me embora, amanhã. Ela pôs os olhos em mim, tão declarados, com um querer que me enfrenta. — “O senhor não gosta de ninguém?” Ela disse muito “o senhor”; e eu respondi: — “Não.” Com o que estou sendo covarde, porque logo ri — imediatamente, que ela não tome a sério a minha resposta. Glorinha amuou, um nada, mas em seguida se conteve, e sorriu, riu também, com exagero, para aceitar a ideia de gracejo meu e bravata. Segura. E aprecio seu manejo reto, teimoso. Não gostaria que isso me envaidecesse. — “Volto, sim. Hei-de voltar aqui.” “— É promessa?” Agora ela sorriu sem manobra, falou: — “Por que você não vem caçar? Sabe, eu não disse a verdade, de propósito: por aqui também tem mutúm. Mutúm no mato, ronca cismado, que até enjôa a gente... Se caça. A carne é muito gostosa... Você não gosta de caçada?” Fugi de responder. O que devia ter dito: que odeio, de ódio. Assoante, pobre do tatú, correndo da cachorrada. O tatú-peba gorduchote, anda depressa, vai e volta, dá seu rosno baixo, quer traçar no chão uma cruz. — “Você pensa muito, demais. Que é, então?” “— Se eu dissesse, você ia achar tolice. Podia parecer até ofensa...” “— Pois diz, para eu não achar que é, uai!” “— Uma cachorra. Uma cachorrinha. Ela dava saltos, dobrada, e rolava na folhagem das violetas, e latia e ria, com brancos dentes, para o cachorrinho seu filhote... Ela estava quase cega...” Glória sorri, um pouco descorçoada. Pudesse,

dizer a ela que penso com amor nas filas de maminhas de uma cachorra. Espera que, no fim, eu lhe explique alguma coisa. Agora, sei, estou-me defendendo dela, o que procuro nesta conversa é um campo branco, alguma surdina. Eu gosto de Glorinha. Seja, eu não quereria magoá-la. Glorinha, Glória, Maria da Glória. Mas ela é ainda sadia, simples, ainda nem pecou, não começou. Sempre se vê: se não, seus olhos trariam também alguma sombra, sua voz. Seu rosto guardaria uma expressão própria, remarcada. Seus gestos revelariam uma graça não gratuita, mas conseguida. Maria da Glória é inocente, de uma inocência forte, herdada, que a vida ainda irá desmanchar e depois refazer. A gente pode amar, de verdade, uma inocência? — "Sabe, você tem muito de parecido com o Irvino meu irmão, o modo..." Irvino, o que amou e depois abandonou Dona Lalinha... Eu podia gostar de Dona Lalinha? De Glorinha, eu sei. Imagino Glorinha casada comigo, no mesmo quarto, na mesma cama. Simples, como será, um corpo formoso. Dona Lalinha, não. Se Dona Lalinha se despisse, não sonho como seria. Um corpo diferente de todos, mais fino, mais alvo, cor-de-rosa uma beleza que não se sabe — como uma riqueza inesperada, roubada, como uma vertigem... Despir Dona Lalinha será sempre um pecado. Eu teria de ter vivido para a merecer — desde a hora do meu nascimento. — "Mas você deve de ter gostado de alguém. Você é bandoleiro?" Ao perguntar, ela terá pensado no irmão. Assim uma dúvida percorreu seu rosto, vibrou até nas asas do nariz. Glorinha é bela. Dona Lalinha é bonita. Mas as palavras não se movem tanto quanto as pessôas: um podia, não menos verdade, dizer — Dona Lalinha é bela, Glorinha é bonita... — "Dizem, de quem nasceu nos campos-gerais: que, ou é muito bandoleiro, ou em amor muito leal..." Não respondi. — "Você pensa demais." Por um instante, deixou de mirar-me. — "Você tem irmãos?" Sei, Glorinha pode já estar no meu destino. Que é que a gente sabe? — "Tive um irmão, mais moço do que eu, morreu ainda menino... Um irmãozinho" — eu digo. Eu queria levar Glorinha comigo, às maiores distâncias de minha vida. — "... Até hoje, não posso demorar o pensamento nele. Tenho medo de sofrer. Você acha que sou fraco?" — "Acho não. Por quê? Fraqueza não é ter sentimento." Eu queria que Glória me chamasse, me ensinasse lugares que fossem dela só — nós dois, sob sombra de uma antiga árvore, no centro de um bosque, rodeados de uma outra luz. — "E você, Glória? Você teve meninice?" "— Tive não. Pescaram um surubim, abriram, e me tiraram de dentro dele, já grande

assim, sabendo falar, dansar valsa... E ih? Valeu a pena?” A alegria dela se estende, linda. Tenho de ter mão em mim. — “Viver sempre vale a pena...” Respondi. Foi como uma desfeita, eu tudo tivesse repelido. Maria da Glória resumiu um estremecimento, recuou o busto, se desempinando. Não escondeu o desapontamento, quase um dissabor. E, em mim, isso recebo como um desânimo, um cansaço, a necessidade de desistir? Com a mãozinha, ela tapou um bocejo. Eu mesmo, entendo, quase com um susto. Não vai acontecer mais nada. Não vamos namorar, falar de amor. Escuto o monjolo, azenho, fácil, meus ouvidos já sabem, já chegam ao lugarzinho dele no espaço, sem procura. E é tarde, daqui a pouco mais nos vamos separar, todos a dormir. Como será o quarto de Dona Lalinha? Caçam. Dona Lalinha pode ser que aprecie a carne do mutúm, que é branca, mais gostosa que a de perú. — “Você estranhou, o que eu falei, por brincadeira? Do peixe surubim?” “— Não, Maria da Glória. Mas você devia de ter nascido era no cacho de flores do buriti mais altaneiro, trazida por uma garça-rosada...” “— É bobo!” Sorrimos um sorriso. Iô Liodoro disse baixo qualquer coisa. Vão talvez jogar a derradeira mão. Dona Lalinha não respondeu, só parece, sempre, uma grande boneca, a mais de valor que existe. Iô Liodoro dá cartas. Este homem tudo faz comedido tão forte, acho que ele mesmo receia os estouvamentos de que é capaz. Não olha para Dona Lalinha. Dona Lalinha, de se jurar, está aqui forçada, presa, nesta fazenda. Iô Liodoro sabe que Irvino não vai voltar nunca mais, mas ele guarda a nora em sujeição, para garantir, mesmo assim, a honra do filho? E Dona Lalinha não vai poder sair, jamais, até que envelheça, ou que o carcereiro um dia morra. Será que ela não tem pais, irmãos, parentes? Saísse daqui, voltasse para a cidade, logo atraía outros homens, com tanta beleza, quem por ela não se apaixonaria? Um namoro, um amante, e o filho de iô Liodoro, e iô Liodoro mesmo, estariam infamados. Ainda que iô Irvino tenha repudiado a mulher, e esteja a viver com outra, Dona Lalinha tem de conservar sua solidão, não pode receber o prazer de outro homem. São casos, no sertão, se ouvem contar. Maria da Glória não pensa nisso, ou sabe, e ainda assim é capaz de variar sua alegria? Mas Maria Behú reza, sente as crueldades da vida. E esse bicho-do-brejo, que dá o outro som, que ranhe? É o socó. — “Você reparou, Maria da Glória? Socó ou o socó-boi? Ele vigia é de noite, revôa para ir pegar piabas nas lagôas...” “— Mas, agora, foi o monjolo.” “— Não: agora. Ele canta longe. Estou reconhecendo...” O monjolo é humano, reproduz a vontade de quem

o fez e de quem o botou para trabalhar as arrobas de arroz. Maria da Glória ri. — "Que é que tem? Deixa esse..." Começou e conteve um espreguiçamento. Seus braços. Pudesse, amanhã, com ela sair a cavalo, ao Brejão, abraçá-la. Ao Buriti grande. Não escuto mais o "bicho-do-brejo", mas me lembro dele. — "É o socó. Voou para mais longe..." "— Sabe, você está aprendendo com o Chefe?" O Chefe Zequiel, ele pode dizer, sem errar, qual é qualquer ruido da noite, mesmo o mais tênue. — "É bem. Ele há-de estar ouvindo, está lá no moinho, deitado mas acordado, a noite inteira, coitado, sofre de um pavor, não tem repouso. Quem sabe, na cidade, algum doutor não achava um remédio para ele, um calmante?" Aziago, o Chefe Zequiel espera um inimigo, que desconhece, escuta até aos fundos da noite, escuta as minhocas dentro da terra. Assunta, o que tem de observar, para ele a noite é um estudo terrível. — "E faz tempo que ele tem essa mania?" "— Figuro que de muito. Mas só de uns dois anos é que veio em piorar..." O que o Chefe devassou, assim, encheria livros. Iô Liodoro e Dona Lalinha se levantaram. Maria da Glória se põe triste, dando bôa-noite? Toma a benção ao pai. Dona Lalinha caminha serenamente. — "Não vá sonhar com o socó, nem com o mutúm..." — baixinho Glorinha disse. Sim, não. Não sonhar com Dona Lalinha... Pudesse sonhar com Maria da Glória, sonsa, risonha, sob o Buriti grande, encostada no Buriti grande. O monjolo trabalha a noite inteira...

Assim o que fora. Aquele serão de despedida, no Buriti Bom.

Tinha vindo ali quase por acaso. E, chegando, primeiro o lugar se parecia com todos. Viera, com os caçadores, encontraram nhô Gualberto Gaspar. Pararam, perto da grota profunda, que avanhandava o regatozinho corrinhante. Anoitecia, em maio, depois de o poente se queimar. À noite, o mato propõe uma porção de silêncios; mas o campo responde e se povôa de sinais. Quando se vem vindo sertão a dentro, a gente pensa que não vai encontrar coisa nenhuma. Àquela hora, noitinha, pouco se falavam; por uma espécie de receio. Tendiam a estar imóveis. Mas o primeiro caçador, o mais velho, continuou a conversa sobre o que a noite traz. Contou de um vaqueiro do Rasgão, que dormia numa rebaixa perto do piquete das vacas, sabia a qualquer hora qual delas sacudira a orêlha e que bezerra se esfregava na cerca. Esse vaqueiro tramara consigo, de força da solidão, uma espécie de pequeno jogo: — se fulana vaca ou a bezerra sicrana fizessem tal ou tal coisa, qual e qual coisa, bôa ou má, a ele seguramente aconteceriam. — "A vida é morte ou dinheiro..." — o caçador disse. Então

o setelagoano disse também: já ouvira falar de um camarada, nas Pindas, que chegava a conhecer muitas vantagens, assim surpreendidas, e até relato sobre os peixes que divagam — tudo por padecer de má insônia. — "Ué, mas isso não é nas Pindas, nãossenhor! Será aqui perto, mesma fazenda do Burití Bom. É um Zequiel, Zequielzim — o *Chefe*..." — nhô Gualberto retificara. Sim, só. Muitas outras pessoas, em parecidas condições, não aprenderam a dentreouvir. Mas o bobo Chefe não dormia era azucrinado com a ideia presa de que um certo homem viria vir, para o assassinar. Sendo que esse homem não existia, nem tinha existido nunca; ou, se sim, se tratava do espírito de um já morto e enterrado havia muitos anos — e era esse ser o que o bobo temia. Mas, no real, ele confundia muito as causas, derradeiramente dava a entender que a ameaça era o duende de uma mulher, desconhecida, dela não sabia o nome, ou mesmo fosse uma mulher viva, que no varar da noite, chega vinha, rondava às vezes o moinho, onde ele pernoitava fechado. Doideira. Por conta, ele vivia o martírio. — "Aqui perto, essa fazenda?" — Miguel perguntara. — "Olh': é, e não é — quero dizer..." Gualberto Gaspar preparava as sábias lentidões. Apunha muita coisa, entre pergunta e resposta, parecia precisar de retardar as pessôas. — "Lá tem bôas caças?" — o setelagoano indagou. — "Não vê, não vê, o dono de lá nega a licença. Compadre meu, muito meu amigo. Mas é um homem em outrora, sofismado... Denega toda licença." Gualberto Gaspar de certo desejava que os caçadores se fossem, seus rumos; mas queria conservar consigo Miguel. Miguel trazia dois cargueiros, com remédios para os animais, para o gado, injeções. — "O senhor demore um dia, diazinhos, lá em casa", nhô Gualberto disse.

A fazenda de nhô Gualberto Gaspar era dali a légua, tomava-se pela esquerda. — "Sortimento de farmácias é provado? É seu do senhor, comercial, ou é do Governo?" Desentendia. — "Ah... A ver. Os tempos ásperos, para a criação, pra a lavoura..." Nhô Gualberto discutia mansinho, desprotegido, como se estivesse recebendo um consolo. — "...A paca mergulha, fica mais ou menos cinco minutos. Mas capivara chega a ficar uns dez..." — o setelagoano conferia com o outro, o primeiro caçador. O que sabiam: — "Paca, quando foge, vai a nado rio-acima, na lua-minguante; mas avança é rio-abaixo, na crescente..." Às artes. Um bicho é um bicho, e a lua é de todos. Ao miúdo, nhô Gualberto desescondia um modo sincero de desconfiar. Mas buscava entendimento com Miguel, à socapa dos caçadores, já prontos para mais viagem.

Tinham dormido na fazenda de Nhô Gualberto Gaspar — que era a Grumixã, dois-mil-e-meio alqueires. Dado o sol, ali se supria o cheiro de bons arvoredos, e do pastável. Ainda podiam leitear numerosamente em maio, tudo em ordem. A bem, que se fossem os dois caçadores, que se despediam, já montavam. Iam muito mais longe, passar o rio no porto da balsa. A terras de seo Cel Quitério, beiras do Jucurutú, que verte no do Sono. Lá, diziam ter cachorrões onceiros. Fossem. Ficasse ali, com ele Gualberto, aquele moço, tão calado pelo simpático, com este o anjo-da-guarda se entendia. Não por causa dos remédios, a vantagem. Mas o moço, mesmo de cidade e todo trajado, dava pé para uma confiança, compunha companhia. Os dois caçadores, esses eram para afastados. Bem fazia que tivessem demorado curto, bem melhor que não tivessem teimado em passar pelo Buriti Bom. "*... Tempo de frio, a capivara e a paca aguentam se viver prazo maior debaixo d'água...*" Dois sujeitos demais, homens de meio a esmo. Por corretos que valessem, sempre ameaçavam de pôr uma certa confusão, com a presença em pressas.

O Buriti Bom, por exemplo, era um lugar não semelhante e retirado de rota. Um ponto remansoso. Por tudo, lá nhô Gualberto dedicava seu respeito. Seu amigo era o dono, iô Liodoro — homem soberbo de ações, inteiro como um maior — nhô Gualberto tirava orgulho daquela amizade. Sendo de ser o quase único confinante que frequentava a fazenda, hospedado normal. O Buriti Bom formava uma feição de palácio. Mesmo, naquele casarão de substante limpeza e riqueza, o viver parava em modos tão certos, — a gente concernia a um estado pronto, durável. Faltava uma dona; porque iô Liodoro, conquanto rijo fogoso e em saúde como autoridade, descria de se casar segunda vez. Aí, havia as duas filhas moças, assim uma da outra diversas: como a noite e o sol, como o dia e a chuva. Nhô Gualberto Gaspar não gostava de Maria Behú.

Parecia nada irmã de Maria da Glória? Essa, iô Liodoro a levasse em cidade, se casava mais depressa do que viúva rica. Como que ela estava no ponto justo, escorrendo caldo, com todos os perfumes de mulher para ser noiva urgente. Destino desigual do de Maria Behú, essa nunca acharia quem a quisesse, nunca havia-de. Maria Behú, tisna, encorujada, com a feiíce de uma antiguidade. Às vezes, dava para se escogitar, esses encobertos da vida: seria que Maria Behú era triste e maligna por motivo de ser feia, e Maria da Glória ganhava essa alegria aprazível por causa de tanta beleza? Ou era o contrário, então: que uma tinha crescido com todos

os encantos, por já possuir a alma da alegria dentro de si; e a outra, guardando semente do triste e ruim, de em desde pequena, veio murchando e sendo por fora escura e seca, feito uma fruta ressolada? A essas coisas. Sorte. Quem souber o que é a sorte, sabe o que é Deus, sabe o que é tudo. Maria da Glória de certo em breve se casava, ia-se embora dali, do Buriti Bom, dava até pena a gente pensar nisso. Como que, ela se indo, rapava a felicidade geral do lugar, de sua redondeza. A se assim, então, ela mesma ia ser sempre feliz? Dúvido-duvidável. A vida remexe muito. A felicidade mesma está remudando de eito, e a gente não sabe, cuida que é infelicidade que chegou. Mas quase noção nenhuma não tem bôa explicação, quando se quer achar. Casos. Como o acontecido ali mesmo, o da nora de iô Liodoro. Dona Lalinha — a das mais mimosas prendas — conforme se diz: moça-da-corte, dama do reino, sinhá de todo luxo — e linda em dengos, que nem se inventada a todo instante diante dos olhos da gente. Mulher de iô Irvino, mas desdenhada. Um podia crer, um podia entender?

Tido quase ano que ela estava ali, no Buriti Bom. Iô Liodoro caçara a capital, tinha trazido Dona Lalinha. Comitiva enorme, com um despropósito de malas e canastras, até partes de mobília. Iô Irvino, esse a gente não via, fazia um tempo sem data. Eles, como se casaram na capital, por lá tinham morado. Daí, chegou, aos poucos, a notícia: o casal desmanchado. Iô Irvino fugido com outra. Isto era possível? Melhor então dizer: iô Irvino girara do juízo. Doideiras que dão; e, também, por este mundo, mesmo em cidade capital, tem muita coisa-feita. De iô Irvino não sabiam notícia. Mas iô Liodoro, por sempre como fora, não retombava. Assim perdeu o filho, mas viajou lá, agarrou a mulher do filho, buscou. Agora, no Buriti Bom, no assunto não se tratava, assente regrado em normas. Ao em volta de iô Liodoro, tudo não se concebia calado? Iô Liodoro regia sem se carecer; mas somente por ser duro em todo o alteado, um homem roliço — o cabeça. Seu conspeito era um acaso de firmeza mansa e onça, uma demasia sã em si, que minava da pessôa e marameava, revertendo na gente uma circunstância. — “Amigão, meu amigo... Abaixo de minha família e de Deus, ele é quem eu prezo. Por ele enfrento, se preciso hajar! Por ele morro...” — nhô Gualberto cobria a vontade de dizer, pois não dizia, por cumprir vergonha. Temiam iô Liodoro? Tem um não em todo sim, e as pessôas são muito variadas. Aí em algumas horas, temessem. Mas não precisavam de dar demonstração. Tinham respeito.

Iô Liodoro era homem punindo pelos bons costumes, com virtude estabelecida, mais forte que uma lei, na sisudez dos antigos. Somente que o amor dele pela família, pelos seus, era uma adoração, era vasteza. Via disso, de certo, não queria se casar outra vez, depois de tanto que enviuvara. E ele, por natureza, bem que carecia, mais que o comum dos outros, de reservar mulher. Mas prezava o inteiro estatuto de sua casa, como que não aceitando nem a ordem renovada, que para ele já podia parecer desordem. Motivo pelo qual a nora viera para o Buriti Bom, e ali permanecendo. Para iô Liodoro, Dona Lalinha tinha de continuar fazendo parte da família, perante Deus e perante todos. O que se estranhava, o que o povo às vezes dizia, em esconsos, aos cochichos, isso era invencionice de romance, a saber: que iô Irvino se escondia de algum delito que efetuara, e agora andava por ali, só que ninguém não via, estava em acôito, no interior mesmo da casa da fazenda... Se não — o que se dizia — como era que a mulher dele podia ficar lá, tão durado tempo, e sempre assim chique vestida, sempre numa alegriazinha, diversa do razoável do que devia de ser? Soada de bobeia. Cujice. Povo, quando fala, fantasêia.

Ao mais certo, nhô Gualberto tinha pensado vagarosamente nisso, era em outra razão. A que a Dona Lalinha, além de não esperar para qualquer hora a volta arrependida do marido, a bem que ela calculava os outros resultados: que eram, pelo seguro, não sair de lá, ir engambelando todos e se cravando de sempre fazer parte, isso com lindos olhos na herança — quando iô Liodoro testasse. Moça de cidade raciocina muito. Nhô Gualberto achava e não achava. Calado é melhor; e seja, as fazendas vizinhavam em método de bem-estar.

Assim, quase uma espécie como se ele fosse capaz de ir ao Buriti Bom na devoção com que se vai à igreja. Ali tudo confortava. A ver, tirante a malvolência de Maria Behú, a pobrezinha desgraçada, em birra com seu mesmo aspeto. Ao leve quisesse criticar, achava também que aquele luxo constante de Dona Lalinha chamava a atenção demais, não assentava bem com o sertão do lugar, com o moderamento regrado, simplicidade nos usos. Umas vezes, da porta, ele avistara dentro do quarto dela: com cadeirinhas diferentes, e os cortinados, fileira de vidros de cheiro na cômoda baixa, e no chão capachado até um tapete. Semelhava tivessem exportado para ali um aconchêgo de cidade. No que a cidade e o sertão não se dão entendimento: as regalias da vida, que as mesmas não são. Que aqui no sertão, um, ou uma, que muito goza, como que está fazendo traição aos

outros. Mas iô Liodoro permitia, e o que permitia queria, e o que queria mandava, silenciosão. O que ele segundas vezes dera a entender, atravessando em meias-palavras: que, uma criatura em todos os melindres crescida e acostumada, que certamente havia de definhar, caso não tivessem com ela a serviência desses tratos — conforme que planta de alegrete, quando se demuda, carece de vir com um grosso da terra própria nas raízes, como protestação. Não fosse isso. Nhô Gualberto julgava decifrar ao justo: o que iô Liodoro consecutia era uma coisa só — era rehaver o filho, iô Irvino. Iô Liodoro acreditava no tempo passado. Iô Irvino voltasse, era para encontrar Dona Lalinha, mas Dona Lalinha cuidada entre suas sedas e joias, de cidade, sem desmerecer. Iô Liodoro era o pai de todos.

Do Buriti Bom, que para ele era de tão forte lazer, nhô Gualberto Gaspar tinha um ciúme. Só de pensar, que aqueles dois caçadores pudessem ir pedir hospedagem lá, se irritava. Esses, que passavam por ali, na esparramada vadiação, sem apego nenhum ao lugar, sem certo significado. Mas, e o outro moço, não. Seo Miguel. Esse guardava um igualado jeito, se via que comportava uma afinação com a vida da roça, uma seriedade sem postiço. A ele um podia olhar de frente, começar a tomar estima.

Já aí Miguel cobrava também interesse por nhô Gaspar, nele encontrava a maneira módica do povo dos Gerais, de sua própria gente, sensível ao mudo compasso, ao nível de alma daquelas regiões de lugar e de viver. Contra o sertão, Miguel tinha sua pessôa, sua infância, que ele, de anos, pelejava por deslembrar, num esforço que era a mesma saudade, em sua forma mais eficaz. Mas o grande sertão dos Gerais povoava-o, nele estava, em seu amor, carnal marcado. Então, em fim de vencer e ganhar o passado no presente, o que ele se socorrera de aprender era a precisão de transformar o poder do sertão — em seu coração mesmo e entendimento. Assim na também existência real dele sertão, que obedece ao que se quer. — "Tomar para mim o que é meu..." Como o que seja, dia adiante, um rio, um mato? Mil, uma coisa, movida, diversa. Tanto se afastar: e mais ver os buritis no fundo do horizonte. O buriti? Um grande verde pássaro, fortes vezes. Os buritis estacados, mas onde os ventos se semeiam. Sendo, sim, que, mesmo ali, em volta, nos currais, esperavam as munjas vacas, que cediam o leite das tetas para o sustento de tantos e o rendimento de nhô Gualberto Gaspar. Mas — que eram as vacas — que lambuzavam com seus quentes focinhos o ar da manhã, nele se limpando, qual numa toalha

sem cor, sem risca, dobrável sem uma dobra. Como que os sofrimentos passam, mas a beleza cresce. Agora, Miguel podia sentir-se mais irmão de nhô Gualberto Gaspar — que se desajeitava, comum na roupa amarela encardida, nas botinonas, sacudindo a cabeça rapada, quase alvarmente, mirando-o, num desentendimento, no simplório receio de ser tomado como rico: — "Ah, essa vacada? Só parte delas, que é minhas. Restante é de iô Liodoro, para ele crio também, à terça..." Aí era um homem muito sério.

A se começar, então, nhô Gualberto convidava. Ali reunira a novilhama, quantidade de reses, para as vacinas. E tinha mole pressa. Nhô Gualberto Gaspar parecia ser um homem preguiçoso — e que por isso se assustava, quando se via sem fazer coisa nenhuma. A única maneira de cumprir o trabalho era tê-lo como coisa lerda e contínua, mansa, sem começo nem fim, as mãos sempre sujas da massa. Acolá, o zebú pintado bufou enquanto vinha caminhando, levantava o focinho e anchava repetido os peitos, fizesse um desafogo de cansaço. Nhô Gualberto também tirara de Deus o desejo de viver solto e admirar as outras coisas. Mas, curvado com a vida, desde cedo, a vida tinha de ser labuta. — "O fazendeiro vive e trabalha, e, quando morre, ainda deixa serviço por fazer!..." Alto se queixava, com orgulho, mas orgulho já cediço, safado no habitual. Sempre que o trabalho dele, sorna, rendia bem. Nhô Gualberto quase não despendia para seu prazer. Aforrava. Temia gastar; menos o próprio dinheiro, que a paz do tempo, o ramerro, os recantos do espírito. Não sabia sair daquilo, desperdiçar-se um pouco. Mas adiava. O céu é um adiamento? Nhô Gualberto não podia mais esbarrar para refletir, para tomar uma ideia da vida que levava. Andava para um diante. Assim fazendo assim, podia pegar momentos de descanso, que, por curtos e sem pico de gozo, praziam não dando remorsos. Aí, às vezes quando sobrevinha um parar na obrigação — por ver, quando chovesse forte e ele tivesse de se resguardar num rancho e esperar estiar — sacava fumo e faca, arrumava um cigarro, folgando mansinho e espiando o afirmar do tempo, numa doçura atôa; mas, entre isso, atentava, volta em quando, e se dizia, sem precisão nenhuma, algum projeto de serviço, ilo ou aquilo, a consciência se beneficiava. O outro zebú, o preto, descuidando suas vacas, se lambia e coçava na cerca as partes com bernes. — "Homem, gente, vergonha: carece de se laçar esse trem e tratar..." — nhô Gualberto proferia.

Miguel operava ativo, vacinando. Ele mesmo não deixava de ver a satisfação com que nhô Gualberto reparava nisso. Sempre, surdamente, Miguel guardava temor de estar ocioso e de errar. Um horror de que se errasse, de que ainda existisse o erro. A mais, como se, de repente, de alguém, de algum modo, na viração do dia, na fresca da tarde, estivesse para se atirar contra ele a violência de uma reprovação, de uma censura injusta. Trabalhava atento, com afinco. Somente assim podia enfeixar suas forças no movimento pequeno do mundo. Como se estivesse comprando, aos poucos, o direito a uma definitiva alegria, por vir, e que ele carecia de não saber qual iria ser. Aí bem que o sonho era a princípio um jardim de grandes árvores de bela vista, da banda do nascente, um lugar de agrado. Mas o sonho tinha de ser tomado apenas em goles curtos, entre hostilidades. O sol repassava, versado e de fôgo, sertanejo; não parecia estar-se em maio. Miguel sentia como se seus pensamentos sempre estivessem transparecendo, devassados por todos. — "Não vê, que: esses bezerros não dão para levar só metade duma?" — nhô Gualberto perguntava, segurando uma ampola, que remirava de contraluz. Nhô Gualberto tudo queria entender, no que fosse de prático. A bezerrada, muito costeada, mansa, mesmo assim refugia, com a hora de agitação, se reuniam num ângulo do curral, em cerrado grupo, as cabeças convergentes, formando uma rosácea. Os vaqueiros escolhiam, seu o seu, enrodilhavam os laços em pequenas voltas, boleavam, jogavam. O debater do bezerro já era um começo de submissão. O curral tinha dois esteios e ainda um pau, um jenipapeiro antigo, árvore que se guarda porque é sempre meio príncipe, de imponente. Nhô Gualberto corrigia alguma treta, ralhava brando, como se ralhar fosse também um ponto da tarefa comum. Andava ficando loquaz. — "Agora, o senhor cuida daquele. Ah, vendo? Bom boi! Todo boi que não tem o serrote no encavador, não presta... Eh, é regra aprendida dum Avelino, homem sabido... Não puxa, não faz força, serve nada pra o carro..." Lacem este... Agora o senhor vai neste... Nhô Gualberto chega pegara no braço de Miguel, que o desprendeu, rude. Assim refugam na estrada os cavalos jovens, quando no luscufo da tardinha uma casca de palha esvoaça diante. — "O senhor espere. E não converse, que estorva!" — Miguel repontou. Nhô Gualberto obedeceu, parecia nem ter notado essa mudança de modos. Nem Miguel fizera atenção ao outro boi indicado. — "Aquele bezerro baio, agora", ele ordenou. Os vaqueiros cumpriram, encambixaram. Mas o olhavam, um

tanto esturdiados, com essa curiosidade em que o campônio põe um pouco de desprezo, para não se debilitar com excesso de admiração.

Aqueles vaqueiros apreendiam com esquisita sutileza todo momento em que alguma coisa demudava — para então olharem assim. Antes, desconfiavam da aparelhagem, do mecanismo das vacinas, quase uma forma de pecado; queriam o que fosse uma benzedura, com virtude de raminho verde de planta e mágicas palavras no encoberto — queriam atalhos. Miguel sabia isso, sentia isso. O cheiro de curral, a poeira esverdeada do estrabo, eram os mesmos em qualquer fazenda, em toda a parte. Miguel dispunha dos campeiros: mandou que trouxessem agora o bezerro caruara — o pobre, que era triste de se ver. O pelo desse se arrepiava como em plastras, e ele nem sabia encolher-se, feioso, magro, tolhido pelo endurecimento das juntas. — "Croara..." — nhô Gualberto explicou. — "... Não veja que a doença dê em trem desta idade..." Nhô Gualberto desgostava de que no seu gado houvesse reses com defeitos. — "O que há aqui é berne, muito. Em pastos do meu alto-sertão, lá grassa quase imundície nenhuma..." — Miguel disse, malmente. Nhô Gualberto o espiara, admirado. — "O senhor é do sertão? Dadonde?" Parecia não crer. — "Do alto dos gerais. Dum mato, um sitiozinho da serra... Tenho o jeito não?" — Miguel se ria, com um desdém. Aquele bezerro caruara dava gastura, de se reparar, era um nôjo, um defeito no mundo. Como se um erro tivesse falseado seu ser, contra a forma que devia de ser o molde para ele, a ideia para um bezerro belo; não podido pois ser realizado. Mais valera não existisse, então, deviam tê-lo matado. Entretanto, Miguel, ao cuidá-lo, ia tendo maior paciência, quase com carinho; o bezerro palpitava, com seu calor infeliz, como criatura muito viva, sem embargo. A morte daquele bezerro seria uma coisa tristíssima.

— "O que é a instrução... — O que é a cidade-grande..." — nhô Gualberto se pasmava. Depois sacudia a cabeça. Estivesse reafirmando a impossibilidade de com ele ter acontecido uma coisa dessas, uma sorte tão civilizada. Ele nascera para roceiro, e sua vida já começava a ir do meio-dia para a tarde. Agora, nhô Gualberto, seus gestos se repetiam. A vida na roça, devagarinho uma guerra. Nhô Gualberto de repente falou, sua voz era amiga: — "Lá no Buriti Bom tem duas moças, quer dizer, tem uma moça, muito linda... Ela é estudada, também..." Disse, feito estivesse revelando um segredo. — "O senhor vai conhecer, ela é a filha do iô Liodoro..." Ou

fazendo afetuoso oferecimento: — “Essa, é que é moça para se casar com um doutor... Nome dela é Maria-da-Glória...”

Curvado, Miguel lavava as mãos, no rego do pátio. Os porcos andavam por lá e as galinhas, ciscando no esterco. De toda hora, era o arrulho da pomba-rola, a que se atoleimou de amor. Aquele chão, o campo, as estradas — tudo devia ser liso, ingastável, sem sujo, sem poeira, duro onde se pisasse, de um metal fosco e eterno, impossível de mudança ou corrupção. De vivo e renovável, só as águas, as relvas e as árvores, em recantos — curvos como ilhas — como canteiros aprazíveis. Portanto, havia uma mulher, no Buriti Bom, Maria da Glória. Como Miguel e nhô Gualberto Gaspar ficavam a ver, quando passava um picapau-da-cabeça-vermelha, em seu voo de arranco: que tatala, dando impulso ao corpo, com abas asas, ganha velocidade e altura, e plana, e perde-as, de novo, e se dá novo ímpeto, se recobra, bate e solta, bate e solta, parece uma diástole e uma sístole — um coração na mão —; já atravessou o mundo.

— “Vamos para o café, então...” — e nhô Gualberto tornava a fechar a porteira por onde dera saída ao gado. Como marca, a cada rês vacinada os campeiros tinham aparado a cauda. Indo-se, mugiam. — “Um daqueles moços caçadores, atino: deve de ser filho ou ao menos parente dum Seo Dos-Dez Bambães, comerciante. Costuma comprar as rapaduras e o açúcar todo que se apronta nestas beiras de rios...” Nhô Gualberto aceitava um cigarro, mas depunha-o arrumadamente na mesa, ao lado do prato de leite, e continuava a enrolar o seu, na mortalha de palha. — “Parece que o filho do Seo Bambães tem licença para ser vagabundo...” E prosseguia, dilatado, como se obrigado a preencher o silêncio produzido por Miguel. — “Eu não tenho filhos. Coisa que muito já me entristeceu. Digo mesmo ao senhor: não se ter filho, na roça, é um prejuízo. Agora, quase que já estou acostumado com essa falta. O motivo é meu mesmo, os médicos todos me explicam. Ah, tivesse, fazia todo sacrifício, botava para estudar, em colégio, para formaturas. Poder sair desta lida, de roça, que é excomungada de áspera, não tem solução nenhuma. Não tem progresso... O senhor vê — essa vacama, e, ainda bem a seca não firmou, e é uma miserinha de leite, mal dá para dar... Daqui a pouco, vou esbarrar de costear, já não estou fazendo mais creme. Ideia minha, não fosse a maleita, era de estabelecer um retiro na beirada do rio, onde tem pastos melhores, o senhor vai ver, ideia minha é mesmo medindo para o rumo do buritizal do Brejão, pertinho do buriti grande...

— "Ah, esse — senhor vai ver — se diz que é fenômeno. Antigo de velho, rijamente. Calculado em altura de setenta e tantos metros. Eu não acredito. Para o senhor conhecer como o chão ali é bom. O buriti grande está ainda da banda de cá, pertence em minhas terras. Mas muita gente aprecêia, costumam vir, fazem piquenique lá, ao pé, até as moças... Meu amigo iô Liodoro gosta dele demais, me fez dar palavra que não derrubo nem deixo nunca derribar, palmeirão descomunado. Ah, ele me disse, em sério gracejo: — "Compadre Gual... (é como ele me trata, amistoso; que em verdade compadre não somos, mas apelidando)... Compadre Gual, dele você me cede, me vende uma parte..." Iô Liodoro é uma firmeza. Eu respondi com bizarria: — "Pois compadre iô Liodoro, por isso não seja, que o buriti-grande lhe dou e ofereço, presenteio, caso sendo até escritura passo... E ele d'hoje-em-diante, fica seu, nominal!" Eu disse, gracejando também. Iô Liodoro é homem positivo, mas naquilo deve de ter tido alguma superstição. A terra, na baixada, lá, tem lugares que é extraordinária mesmo, se pode dizer. Da parte do Buriti Bom, então, é mais. Iô Liodoro planta grandes roças. Eu cá, da minha banda, pelejo um canavial. E os matos? O ruim é aquele Brejão. Não se pode aterrar, esgotar as águas, talar valas. Já mandei examinar. Disseram que nem por um dinheirão, que se pagasse, não valia a pena. O senhor também entende de agrimensor? Iô Liodoro conserva as matas-virgens, não consente em derrubar... Eu tivesse filhos, botava para estudos. Mas, botava todos. Iô Ísio, o outro filho de iô Liodoro, também não estudou. Foi o único, dos irmãos, que não quis. O senhor sabe? O mais velho, iô Irvino, se formou, está na capital, estava. Ganha e gasta muito dinheiro, se diz. A mulher dele, Dona Lalinha, faz meses que está aqui, na fazenda, no Buriti Bom. Se sabe que eles dois estão separados, aqui em reserva digo ao senhor, não convém se tocar nesses assuntos. Contam até que já houve um desquite. Creio não. A menos, mais dia, ele vem outra vez, eles voltam às bôas bodas, o senhor saberá. Dona Lalinha é linda caprichada. Não se toca nesses assuntos. Iô Liodoro é um homem pelo direito, modas antigas. O senhor sabe, o outro filho, iô Ísio, também dá a ele um meio desgosto. Iô Ísio toma conta da outra fazenda, a Lapa-Laje, que essa está já onde principiam os Gerais, para lá do rio. Depois da mata, no lugar onde o rio estreita, estão sempre amarradas nas sapopembas das gameleiras três bôas canôas, entre banda de lá e de cá, que é como se passa para ir visitar iô Ísio. Eh, ninguém, do Buriti Bom, não vai à Lapa-Laje, o senhor sabe?

Como o senhor acaba sabendo mesmo, melhor eu lhe contar. Iô Ísio vive amigado, com uma mulher que foi meretriz. Essa é bonita, e muito zeladora, afianço, bôa dona-de-casa, que ela é. Os dois vivem em anjos. O amor é que é o destino verdadeiro. Se chama ià-Dijina. Bôa, bondosa; o café coado por ela é, sem duvidar, o melhor que eu já bebi. Conto ao senhor. Também tenho minha canôa, que é grande, de vinhático, mas fica presa num varejão fincado, mais para cá, onde principia a mata. Com três remos, bem compridos. Minha é, para ir caçar os bois que caem no rio. Com o bom capim das beiras, o gado cai muito, e por preguiça não nadam, deixam a água ir levando, até pegarem pé, por aí abaixo, em alguma curva remansosa, nessas praias. Carece de se ir por lá, separar esses, dos dos outros, nas crôas e ilhas, e nos pastos beiradeiros. Vou eu, vai algum dos vaqueiros. Muita vez, na volta, esbarro na Lapa-Laje, faço visita. A Lapa-Laje é uma fazenda ruim, com muita grota e muita pedra. Mas é enorme, também. Entra por esses Gerais, fundo. Pessoal do Buriti Bom não comparece lá, mas iô Ísio todo dia-de-domingo vem no Buriti Bom, tomar a benção, pedir conselho. Iô Liodoro é pai amoroso, como não pareça. Ele e iô Ísio compram gado geralista, *brabeza*, de sociedade, têm trato firmado com quase todos os criadores desse sertão. Daí, provém muito do ganho que eles tiram. Se chama ià-Dijina. Convém o senhor saber, para nisso não falar. Muito distinta, mesmo. Foi mulher-dama em Montes-Claros, e no Curvelo. O senhor ver um homem em mando, vê iô Liodoro. Ele mesmo não põe mão em trabalho, de jeito nenhum, mas tudo rege, sisudo, com grandeza. Quase todo o povinho deste nosso derredor, figuro que trabalham para mim ou para ele. O que iô Liodoro é, é antigo. Lei dum dom, pelos costumes. E ele tem mesmo mais força no corpo, açoite de viver, muito mais do que o regular da gente. Não se vê ele estar cansado, presumo que nunca esteve doente. Aqui, confio ao senhor, por bem, com toda reserva: fraqueza dele é as mulheres... Conto assim, que, por não saber, o senhor não fique não sabendo. Dentro de casa, compadre iô Liodoro é aquela virtude circunspecta, não tolera relaxamento. Conversas leves. Mas, por em volta, sempre teve suas mulheres exatas. De tardinha, de noitinha, iô Liodoro tem cavalo arreado, sai, galopa, nada não diz. Tem vez, vem só de madruga. Esse homem é um poder, ele é de ferro! Dentro de casa, um justo, um profeta. Afianço. Família melhor não há, as filhas. Isto é, tem também a outra, a Maria Behú — essa é uma demitidazinha, por quem Deus não olhou; e agora ela tudo despreza. Mas, Maria da

Glória, o senhor sabe, pressentimento meu: ela há-de simpatizar com o senhor, de tudo me vem o palpite. O senhor é um bem-apessoado moço, solteiro, tristonho. Conforme se diz: a vida vai, mas vem vindo. Diz que, na cidade, o amor se chama *primavera*?"

— "Oé, vô', gente... Em cidade, sempre não ouvi dizer que o que tem é muita regateirice, falta-de-pudor? Digo sem ofensa..." — cruzou Dona-Dona, a mulher de nhô Gualberto Gaspar. Dando que falara aquilo em longo, com roceira doçura; mas começado de arranco, num modo destoante do seu, comum, que era assim um ar de arrependimento de viver.

Dona-Dona não aparecera, enquanto os dois caçadores tinham estado na Grumixã. Só se dera a ver na hora do almoço. Bem antes, porém, da cozinha e do terreiro, se ouvia sua voz, ralhando com os filhos da cozinheira. Eram voz e zanga que começavam com ímpeto maldoso, mas que terminavam quase suaves, numa prudência. A cozinheira preta tinha uma porção de filhos pequenos. Dona-Dona xingava sempre; porém, logo em seguir, se dirigia à própria cozinheira, em tom de gracejo, denunciando e explicando as artes dos meninos, como se os elogiasse. A voz da cozinheira não se ouvia.

Dona-Dona, quando aparecia, não escondia sua infelicidade. Ela mesma era roxa, escura, quase preta, dessa cor que semelha sujeira em pele. Com um desajeitado pano à cabeça, ocultava seus cabelos, o encarapinhar-se. Desparelhava de ser mulher de nhô Gualberto — parecia uma criada. Perto de pessôas de fora, teria ela raiva de nhô Gualberto? Então, quase nunca olhava para ele. Não se sentava, parava no meio da sala, extravagantemente desatenta, às vezes, mas sempre respondendo ou empatando a conversa, quando bem lhe avoava. Dona-Dona queria mostrar que não era uma criada. Nhô Gualberto, mais paciente, ora com um sorriso, não a contradizia. — "*Gulaberto* conta para o senhor. Ele sabe..." — ela retrucava, a perguntas sobre o pessoal do Buriti Bom. Não no "Gulaberto", mas no "ele sabe", soava mofa ou sarcasmo. Era custoso aceitar-se que Dona-Dona algum dia tivesse acordado o desejo ou o amor de nhô Gaspar, que os dois tivessem tido uma noite. Dona-Dona precisava da maior bondade do próximo, não era imaginável entre as belas grandes árvores, num jardim da banda do oriente, num lugar de agrado. Era preciso olhar e vê-la não assim, mas como devia ter sido, ou como num mais que futuro pudesse vir a ser. — "Comadre Maria Behú..." — ela dizia. Explicava: combinação delas. Tivesse tido um filho, Maria Behú seria a

madrinha. Falava quase com tristeza, mas uma tristeza despeitada, como se o maior mal de não ter filhos fosse a impossibilidade de escolher compadres e comadres, de verdade. E nhô Gualberto menos dizia. Mas Dona-Dona acrescentou: — “Gulaberto embirra com ela. Gulaberto tem enjoo das melhores pessôas...”

Dona-Dona recebia visitas, de mulheres de campeiros ou trabalhadores de enxada, ou de capiaus vizinhos mais longe. Outra se expandia, no meio delas, que todo respeito lhe davam. Dizia: — “Quando minhas comadres, filhas de compadre iô Liodoro, vierem me ver...” Depois, uma hora, quando uma daquelas mulheres, mais velha, já se despedira e ia já distante uns passos, Dona-Dona se debruçava à janela, e gritava: — “Sià Cota! Cê espera! Cê vai no *meeu* cavalo!...” Queria bramar avisando o mundo todo de que ela era senhora de posses, casada com um fazendeiro, e que tinha, dela, dela, só, um cavalo, ótimo de silhão, que ela era senhora de emprestar, a quem bem lhe tentasse. Miguel ouvia, tinha remorso de ter pena.

Apaziguava falar das coisas, e não das pessôas. Ou das pessôas voltadas para fora da roda, exemplo aquele Chefe Zequiel, homem que chamava os segredos todos da noite para dentro de seus ouvidos. Mas nhô Gualberto carecia de tudo reduzir a um consabido peguento e trivial, feito barro de pátio. Nhô Gualberto explicava.

— Um bobo, que deu em dôido, para divulgar os fantasmas... Ao acho, por mim, será doença. Mal o senhor sabe? Cada raça de bicho tem seu confim de ouvir, com isso já crescem acostumados. A gente, também. Cachorro, ouve demais. Por causa, eles dão notícia de muito espanto, que não se saiba. Eles uivam. Cachorro que às vezes dá de uivar, até secar a voz para sempre, vira fica mudo. O Chefe, por erro de ser, escuta o que para ouvido de gente não é, por via disso cresceu nele um estupor de medo, não dorme, fica o tempo aberto, às vãs... Daí deu em dizer que está sempre esperando...

— Oé, vô’: só se espera o demo, uai!

— A ver. O demo tem seu silêncio. O Chefe espera é nada. O pobre! Até é trabalhador, se bem, se bem. Derradeiramente, é que faz pouco, porque carece de recompor seu sono, de dia...

— Há-de que aprendeu com iô Liodoro, que também de dia com sol quente é que se-dorme...

— Desdiga, mulher. Compadre iô Liodoro não dorme — sestêia. Hora, meia-hora, ou o que nem a isso chega, duvidado... Menhã ou depois, o senhor verá ver, quando lá vamos...

Iriam dando volta, pelo Brejão, a Baixada: com o buritizal e o buriti-grande. — "Ave, essa é parece até uma palmeira do capêta..." — Dona-Dona tinha dito. De Dona Lalinha, ela não tinha querido pronunciar nem meia palavra, e poucas dissera a respeito de Maria da Glória. Agora, Dona-Dona não entendia dessem importância a um coqueiro só maior que os outros — por falta de um raio ainda não ter caído nele, ou de um bom machado, bem manejável. Assim um palmito gostoso, esse não daria; mas devia de dar fortes ripas e talas. Dona-Dona parecia ter um vexame de que Gulaberto pudesse dizer a Miguel coisas ridículas, nas conversas. Ela queria que Gulaberto também reprovasse essas pessôas que andavam por lá, em passeios de sem que fazer, e a palmeira admiravam, o *buriti grande*.

E o seu dono era Gualberto — José Gualberto Gaspar, senhor daquela esquina de terra. Por nem, que Gualberto em fala ou pensamento o contasse em apreço. O buriti grande era um coqueiro como os outros, os buritizeiros todos que orlavam o brejão, num arco de círculo.

Gulaberto saía de casa, cavalgava três léguas, vinha na direção do rio. O rio corre para o norte, Gualberto chegava à sua margem direita. Ali estava o brejão — o Brejão-do-Umbigo — vinte e tantos alqueires de terreno perdido. Entre o cerrado e o Brejão, era uma baixada, de capim-chato e bengo, bonita como uma paisagem. Capim viçoso, bom para o gado, Gualberto pusera lá seus bois para engordar. Toda a volta do Brejão, o côncavo de uma enseada, se assinalava, como um desenho, pela linha dos buritis. Pareciam ter sido semeados, um à mesma distância de outro, um entrespaço de seis ou dez metros. Subiam do limpo do capim, rasteira grama; ali, no liso, um cavalo, um boi, podiam morrer de dia. Mas o buriti-grande parava mais recuado, fora da fila, se desarruava. Um entendedor, olhando a terra, talvez definisse que, nos tempos, o brejo se havia retirado um tanto, para o lado do rio. O chão ali, no arável ou no fundo, farinhava ossos de peixes, cascos de cágados, conchas quebradas, guardava limo. Antes, em prazos idos, o buriti-grande se erguera bem na beira, de entrelanço com seus grandes irmãos, como agora os outros mais novos, com o pé quase na água — o que os buritis desejam sempre. Agora ele perdera o sentido de baliza, sobressaía isolado, em todos os modos. Apenas uma coluna. Ao alto que parecia cheio de segredos, silêncios;

acaso, entanto, uma borboletazinha flipasse recirculando em ziguezague, redor do tronco, e ele podia servir de eixo para seus arabescos incertos. A borboleta viria para o brejo, que era uma vegetação embebida calma, com lameal com lírios e rosas-d'água, adadas, e aqui ou mais um pôço, azuliço, entre os tacurús e maiores môitas, e o atoalhado de outros poços, encoscorados de verde osgo. O brejão era um oásis, impedida a entrada do homem, fazia vida. Não se enxergavam os jacarés, nem as grandes cobras, que se estranham. Mas as garças alvejavam. Surgia um mergulhão, dos tufos, riscava deitado o voo. Formas penudas e rosadas se desvendavam, dentre os caniços. Impossível drenar e secar aquela posse, não aproveitada. Serenavam-se os nelumbos, nenúfares, ninfeias e sagitárias. Do traço dos buritis, até ao rio, era o defendido domínio. Assim Miguel via aquilo.

José Gualberto montava a cavalo habitualmente às sete da manhã, à porta de casa, e, tem-tem que rumando para oeste e tocando a reto e certo, chegava entre dez e dez-e-meia à beira do rio.

Mas desse tempo tirava seu proveito. Primeiro, o solto de se ter sozinho, fora do doméstico e da pessôa da mulher, senhor de pensar em negócios. Basculando e tenteando com a mão e calcanhares o fio de entendimento com o animal, repetia cálculos, perto de demorados, em que entravam arrobas de boi, alqueires de pasto, prazos de engorda, e a substância final, o dinheiro. No atravessar o cerrado, pela mais sem festa das estradas, muito raro surgiam interrupções. Feito no terreno alto e tabulado, assim mesmo o caminho se carcomia entre barrancos, com falsas subidas e descidas, por via do estrago dos carros-de-bois. A sela rangia em insistência regular, de um lado, do outro lado, e as correntinhas do freio tilintavam, a cara do cavalo explicando o andar, de uma banda, da outra banda. Mês de chuvas emendadas, ainda em hora de sol o dia era fresco. Xerém, o cachorro pintado, acompanhava José Gualberto. Isto, se saiba, tinha sido tempos antes.

Depois, um encontro qualquer fornecia duas ou três respostas, que medidas daí, até ao bagaço, rendiam ideias e informações. Se o filho de um Inácio campeava, teriam adquirido boiada, na Sucupira, haviam de querer alugar pastagens dos limitantes. Manuel Pedro ia ao arraial, botar carta para o irmão, que estava para retornar da cidade, findado o serviço militar; Manuel Pedro podia encomendar ao rapaz que soubesse o preço de um revólver. O menino com as latas de leite, que passava sonolento, na égua, no serigote sem estribos, coçando a sola do pé na barriga da égua,

acordava um instante e saudava, daí ia, por uma vez, sacolejantes. Na descida para o corguinho, da outra viagem, ele nhô Gualberto tinha avistado uma mutamba, grossa e quase sem rugas, que oferecia casca para embira ótima, fácil como corda; valera a pena apear e entalhar meia-dúzia dessas.

Tomar conselho de umas coisas com compadre iô Liodoro. Dormia no Buriti Bom, essa noite. Correu do caminho uma novilha do João de Mel' — a marca JM ferrada na anca, em vez do legal — na perna, no rumo da virilha, para baixo, — João de Mel' por via daquilo devia de pagar multas. Também, fugindo do cachorro e do cavalo, um tatú perpassou, daí denunciou o buraco. Tatú certo residido. Folga não havia, para tempo com caçadas; mas podia descrever o ponto ao cristão mais de perto, que matava e obsequiava uma parte do tatú a ele. O capim chiava viçoso, bom pasto; em baixo de árvores. Merecia pôr o gado para usufruir aquele campo, era a hora, pois as lobeiras prosperavam as frutas amadurecendo, não havia delas duras mais, para engasgar as vacas, e, comidas agora, ajudavam o leite, matavam melhor a sede, evitar que andassem longe à busca de beber. E cada assunto tinha de ser meditado só, sua vez, enquanto o cavalo soprava e forçava o mastigo do bocal do freio, com um barulho de pedras n'água, e o mais o rumor dos cascos passos, no barro vermelhal ou no pedregulho.

Baixava o caminho, por um afundado atôa, nem mesmo grota, e, ali, penúltima da vez, Gualberto tinha encontrado o Chefe, que armava qualquer coisa, dizendo que era uma ponte. Bobices. — “Tu não foi dormir hoje teu de-dia, hem Chefe?” A responder, o Chefe Zequiel desempenara o corpo e retomara a bengalinha de sassafrás, que lhe dava uma espécie de velhice, não de importância. — “Aqui, para a moça-de-fora passar... A quando vier em passeio, ela usa, ela gosta...” O Chefe perdendo um seu dia, só por querer servir e agradar à moça, às tolas obras. A moça era a Dona Lalinha, o Chefe provava em fatos a sério sua devoção. Ah, também, qual o homem de juízo que, pudesse, havia de deixar de se ajoelhar diante de Dona Lalinha, só para beijar, breve, a rodapisa de seu vestido?

Nisso pensava Gualberto, na estrada arenosa agora, baixa, entre as folhagens fechadas do cerradão; e era uma estrada branca. Depois, findo dali, costear o Alto Grande, e chegar à várzea. Iô Liodoro não fazia mal em deixar assim, dentro de casa, a nora, com seus delúsios e atavios de

cidade? O exemplo dela não ia cassar a virtude das filhas, de Maria da Glória? Ninguém sabe em que roupas de rendas o diabinho-diabo se reza...

Maria da Glória era a bela, firme para governar um cavalo grande, montada à homem, com calças amarelas e botas, e a blusa rústica de pano pardo, ela ria claro e sacudia a cabeça, esparramando os cabelos, dados, em quantidade de sol. Galopava por toda a parte, parecendo um rapaz. Alegria, era a dela. — "Sou roceira, sou sertaneja!" — exclamava; tirava a forra de ter passado uns anos no colégio. Apontava para um barbatimão, e aí dizia: — "Apre, ele é rico: vigia — cada folhinha redondinha, como moedas de tostão..." Assim queria que a gente prezasse o pau-bate-caixa, porque tem as folhas verde-claro, o verde mais fino do cerrado, em árvores já crescidas. A Dona Lalinha, junto, num cavalo muito manso, ela em montaria de luxo, toda verde-escura, estimava aqueles risos e prazeres. A fruta da lobeira, Dona Lalinha disse: — "É uma greipe..." — Dona Lalinha é que era verdadeiramente de cidade. As flores da lobeira, roxas, com o centrozinho amarelo: — "Haviam de ficar bonitas, num vaso..." — aquilo parecia até imoral, imaginar aquelas flores, no quarto perfumoso de Dona Lalinha. A árvore capitão-do-campo, essa avampava em Maria da Glória o fôgo de entusiasmos: — "Oh, como ele cresce! Como se esgalha!" Mas, parecia que ela dissesse aquelas coisas somente por estar em companhia de Dona Lalinha, para agradar a Dona Lalinha; ela queria se mostrar mais inocente, mais menina. — "... Este aqui, secou, morreu... Mas, o outro, moço, com os grelos, como isso é peludo, que veludo lindo!" A alegria de Maria da Glória era risos de moça enflorescida, carecendo de amor.

Isso se passara em meados de dezembro, quando chovia um, dois dias, na semana, e, entre, estiava em dois, três. Conforme nhô Gualberto Gaspar a Miguel estava relatando.

— *...O marido, o Inspetor, estava ali, agachado, mesmo debaixo da palmeira, catando com os dedos no capim do chão... Depois, quando a mulher chegou, ela também se apeou do cavalo, ela estava muito contente, se ria muito, numa insensatez...*

Paravam diante do Brejão-do-Umbigo, do buritizal, na enorme baixada. Nhô Gualberto Gaspar indicava o lugar a Miguel, apontando para debaixo do buriti-grande. Os buritis, que às arras. Sendo estranhos, sendo iguais. Alguns, abriam queimaduras, ocos pretos na base dos troncos, carcomão, vestígios das queimadas. Mas o Buriti-Grande! Descomum. Desmesura.

Verdadeiro fosse? Ele tinha umidades. O líquen vem do chão, para o cimo da palmeira. A gente olhava, olhava.

— *Naquele tempo, tinha dos cocos espalhados no capim. A mulher primeiro pensou que o marido estava apanhando desses pinhõezinhos castanhos... Mas o Inspetor não se amolemou: desde respondeu que estava era caçando caramujo vivo, para ela, que tinha querido daqueles bichos... Aí, ela aprovou. Bateu palmas, agradeceu. Ela, acontece que tinha mesmo encomendado os caramujos, que a gente acha deles, demais, nas vargens veredantes. Por um divertimento? A crer. Se diz que caracol comido é remédio para tísico. Nôjo! O caracol gosmando... Diz-se também que ela é hética. Nome dela é dona Dioneia...*

O Brejão-do-Umbigo, defronte, desprazia nhô Gualberto, o invocava. — "Eu um dia eu ainda arraso esta porqueira de charcos! Eu como aquilo!" — ele pontuava. Aí nem era um pântano extenso comum, mas um conjunto de folhagens e águas, às vezes florestal, com touças bravas. De lá não cessava um ar agravado. O feio grito das garças, entre coaxo de rã e ladrido de cachorro. De dia, mesmo, os socós latissem. Aos poucos, descobriam-se as garças, aos pares, mundas muito brancas entre os capins e os juncos. — "No começo da vazante, tem mais. Porque dá peixes, por aí, com fartura..." Metidas n'água, no lamaçal. Outras voaram, para uma lagôa aberta, gapuiando seu simples sustento. Mas alvas, tão limpas. O ninhal, os grandes poleiros delas, estavam nas embaúbas secas.

— *...Iô Liodoro não se apeou. Eu também não. Acho que, de nós todos quatro, só eu, ali, graças a Deus, era quem estava com vergonha de tudo... Aquilo era um crime...*

Ala, os buritis, altas corbelhas. Aí os buritis iam em fila, coroados de embaralhados ângulos. A marcar o rumo de rota dos gaviões. E o Buriti-Grande. Teso, toroso. No seu liso, nem como os musgos tinham conseguido prender-se. Às vezes, do Brejão, roncava o socó-boi. Mas, sempremente, o gloterar das garças-brancas, a intervalos.

— *O senhor me entende? Não era uma má situação? Para mim, foi. Imaginando o senhor: eu vinha com o Inspetor, desprevenidos, conversando a respeito de uma coisa ou de outra, ele assaz esperançado... Aqui, bem neste lugar, ele desmontou, queria era procurar o capinzinho, que eu tinha ensinado a ele. Um capinzinho, de bom remédio, que eu mesmo nunca vi, mas me disseram, por aí, que há: e que dá debaixo dos buritis, nos brejos, nas veredas... O coitado do Inspetor. Quis, por*

empenho, que eu viesse junto. Por encontrar e colher, daquele capinzinho que tem, ele estava todo ansiado. O senhor sabe? Sabe para quê que é que servia aquele dito capim? Pois, para se fazer chá, e tomar, e recobrar a potência de homem, as forças machas desabrocháveis já perdidas... Isto, sim.

O senhor imagine, tempo de chuva, a grama da baixada ainda andava remolhada toda, em partes o pisar dos cavalos esguichava água. Eu não desamontei. Sem soberba, o digo. Assim mesmo assim o Inspetor desceu do animal, se curvou, chega se ajoelhou, nas umidades. E foi logo aqui, debaixo do buriti-grande, o maior de todos, que ele quis vir primeiro, para achar... Estava jazente aí, de mãos no chão, catando, o Inspetor anda sempre vestido de preto: figurava um besouro bosteiro... Era um dia somente chuvoso, já disse, fechado, quando tudo na friagem fica mais tristonho. Por aqui, chove de escurecer. E aquilo!

Em outros tempos, homem matava homem, por causa de mulher! Como os bichos fazem... Mas o mundo vai demudando. Raça da gente vai esfriando, tempo será se vai ficar todos frios, feito os peixes. Aquilo! O Inspetor ali debaixo do pé do buriti-grande, tão rebaixado, tão apeado... E, então, de repente, apareceram os outros dois. Que vinham a cavalo, emparelhados, de divertimentos, em passeios a esmo. Iô Liodoro e a dona Dioneia, mulher legal do Inspetor... Que todo o mundo saiba: que ela anda vadiando com o iô Liodoro...

Amargou em mim. E vinham, devagar, estavam vendo o Inspetor, mas parece que nem se importavam. O Inspetor, apalpando o chão com as mãos, caçando aquele capinzinho... Pois, escutando os cavalos, ou adivinhando que sobrevinham, assim no jeito em que estava, mesmo, se virou, para ver, sorriu para dona Dioneia, saudou iô Liodoro...

Mas, eu, que escuto razoável, e o vento dando, ainda restou para eu ouvir o que eles que eu ouvisse não pensavam. O dele, iô Liodoro, não. Mas o dela — mulher de fina voz, e que fala sempre muito alto:

— Você não sabe... Eu gosto de você...

....

— Dóro, vigia, o buriti grande...

....

— Em enorme! Parece que está maior... Eu havia de gostar de derribar...

Aquilo me deu gastura e pena? O Inspetor até hoje não achou aquele capinzim. Vontade minha era beber um bom gole de restilo, mexer os

braços em algum trabalho, para me esquentar... Quando os dois chegaram para junto de nós, tudo tão trivial, tão bem sucedido... Iô Liodoro não franze. Ele é um homem pelo correto. Ajuda muito ao Inspetor... A ver, esse buriti-grande? Eu acho que ele não cresce mais do que esse tanto. Olhe: desse, não; mas, de coqueiros outros, do campo: quanto mais velho, mais fino — o povo diz... Meu pai já me dizia. O senhor sabe, minha família é Lemos. Meu nome, todo, seria para ser Lemos: José Gualberto Gaspar de Lemos... Muito comprido.

Relembrando a último, Miguel voltou ao *jeep*.

O rapaz se aproximou também, cuidava que já iam sair. O rapaz era calado e exato, como quem tivesse suas saudades, seus negócios, arrumados para outra parte; nenhuma estória, ali, aderiria a ele; não pertencia àquelas horas. Se tinha trazido água? — Miguel perguntou. Ei, tinha. Pois, agora, já seria custoso descer alguém a pirambeira da grota, ir apanhar água no fio do riachinho, murmurim. Ele, isso, isso, se escutava de novo, no escuro. Ali um tiquinho tico de arroio — um esguicho ágil que se mijemijava. A noite encorpava. Fim de minguante, as estrelas de meio de maio impingando, com grã, com graça, como então elas são, no sertão. Maria da Glória dizia: "nossas estrelas daqui, nossas..." Em tudo o que dizia, decerto em tudo quanto pensava, ela era rica. De nascença recebera aquela alma, alegria e beleza: tudo dum todo só. Miguel gostava dela. Assim que o coração relembra forte uma pessôa, é mais difícil trazer sua imagem à memória dos olhos. Miguel deixava seu coração solto — e pensava em Maria da Glória: mas somente como um calor carinhoso. Daí, carecia de pensar o nome dela: Glória. Daí, tinha receio. Temesse? Maria da Glória ainda não aprendera a sabedoria de recear, ela precisava de viver teimosamente. Como o pai dela, iô Liodoro, era supremo e senhor, como o crescer das árvores. O Buriti-Grande: que poder de quieta máquina era esse, que mudo e alto maquineja? A pedra é roída, desgastada, depois refeita. O Dito, irmãozinho de Miguel, tão menino morto, entendia os cálculos da vida, sem precisar de procura. Por isso morrera? Viver tinha de ser um seguimento muito confuso. Quando Miguel temia, seu medo da vida era o medo de repetição. Agora, as estrelas procuravam seu ponto. Elas eram belas, sobre o sertão feio, tristonho. Quase davam rumor. O que era próximo e um, era a treva falando nos campos. Aquela hora, noutra margem da noite, o Chefe Zequiel se incumbia de escrutar, deitado numa esteira, no assoalho do moinho, como uma sentinela?

Como o Chefe ouvia, ouvia tudo, condenado. Quem o inimigo era? Quem vinha? A noite traspassa de longe, e se pertence mais com o chão que uma árvore, que uma barriga de cobra. Tem lugar onde é mais noite do que em outros. — *Ih!* Um inimigo vinha, tateando, tenteando. Custoso de se conhecer, no som em sons: *tu-tu... tut...* Na noite escutada. — *Diacho!* De desde que o sol se some, e os passarinhos do branco se arrumam em pios, despedidos, no cheio das árvores. Aí começa o groo só, do macuco, e incôam os sapos, voz afundada. Com as corujas, que surgem das grotas. O clique-clique de um ouriço, no pomar. O nhambú, seu borborinho. O ururar do urú, o parar do ar, um tossir de rês, um fanhol de porteira. A certo prazo, os sapos estão mais perto, em muito número; a tanto, se calam. O sacudir do gado. O mato abanado. — *Zequiel, você foi ouvir, agora teme!* Visonha vã, é quem vem, se acerca do moinho, para não existir. Tagoaíba. O mau espírito da parte de Deus, que vem contra. Tudo o Chefe não sabe, amarrado ao horror. A anta ri assoviando. Atrás, em cada canto do campo, tem uma cobra, espreitante. O vento muda: traz voz, marmúgem. Os arirís cantam, sibilam as sílabas; piam no voo; esses viajam, migram à noite. São praga dos arrozais. O latido de cães longínquos é um acêso — os nós, manchas de fôgo. Cachorro pegou o cheiro dum bicho, está acuando. Esse bicho de certo errou o rumo de manejo do vento. Agora, recomeçam os sapos: eles formam dois bandos. Lua defeita, o silêncio se afunda, afunda — o silêncio se mexe, se faz. O urutáu, que o canto dele encantado de gente, copiando: é um homem ou mulher, que estão sendo matados, queixas extremas. Depois, tanto silêncio no meio dos rumores, as coisas todas estão com medo. Então, o que vem, é uma cobra desconforme, cor de olhos. Calamidade de cobra. Um mau espírito, ainda sem nenhuma terra. Todos na casa-da-fazenda dormem, o povo, todo o mundo; o inimigo não é com eles. O Chefe, não; não se concede. Se descuidar, um segundo, um está ali, ao pé dele, dentro dele. Não se tem porta, para esse, para se fechar. Tramela nem cadeado! Esfria, afria, o que é da noite — toalhados de frio. O inimigo não vem. Só se um cachorro avisar, só se um cachorro uivar uivos. De baque, de altos silêncios, caíu, longe, uma folha de coqueiro, como elas se decepam. Se despenca das grimpas, dá no chão com murro e tosse. A *tão!* — *tssùuuu...* Os dois seguidos barulhos: o estampido, e depois o ramalhar varrente, chichiado. De tempos, sem razão, o coqueiro perde uma daquelas largas palmas, já amarelas no empenado da folha, mas o encape ainda todo verde-claro. Instante, latiram, daí. Um cachorro caça

juízo. E puxou um silêncio tão grande, tão fino em si, tão claro, que até se escuta curuca no rio. A ruguagem. — *“É peixe pedindo frio!”* Um sapo rampando. Outro barulhinho dourado. Cai fruta pôdre. Daí, depois muito silêncio, tem um pássaro, que acorda. Mutúm.

O mutúm se acusa. O mutúm, crasso. As pessôas mais velhas conversavam, do que havia entre o mato e o campo. — “Lobos?” “— Têm achado muita bosta deles. E ouvido urrarem, neste tempo de frio...” Os lobos gritam é daqui agora, no tempo-de-frio, à boca da noite, ou até às oito horas. Gritam, na cabeceira da vereda. Lobo dá um grito feio: — *Uôhh! Uôuhh!...* A fêmea grita responde: — *Uaáh! Uáh!...* Eles têm dôr-de-lua. Nessas horas, os lobos enlouqueceram. O mato do Mutúm é um enorme mundo preto, que nasce dos buracões e sobe a serra. O guará-lobo trota a vago no campo. As pessôas mais velhas são inimigas dos meninos. Soltam e estumam cachorros, para irem matar os bichinhos assustados — o tatú que se agarra no chão dando guinchos suplicantes, os macacos que fazem artes, o coelho que mesmo até quando dorme todo-tempo sonha que está sendo perseguido. O tatú levanta as mãozinhas cruzadas, ele não sabe — e os cachorros estão rasgando o sangue dele, e ele pega a sororocar. O tamanduá. Tamanduá passeia no cerrado, na beirada do capoeirão. Ele conhece as árvores, abraça as árvores. Nenhum nem pode rezar, triste é o gemido deles campeando socôrro. Todo choro suplicando por socôrro é feito para Nossa Senhora, como quem diz a salve-rainha. Tem uma Nossa Senhora velhinha. Os homens, pé-ante-pé, indo a peitavento, cercaram o casal de tamanduás, encantoados contra o barranco, o casal de tamanduás estavam dormindo. Os homens empurraram com a vara de ferrão, com pancada bruta, o tamanduá que se acordava. Deu som surdo, no corpo do bicho, quando bateram, o tamanduá caíu pra lá, como um colchão velho. Deixaram ele se reaprumasse, se virando para cá, parecia não estar entendendo que era a morte, se virou manso como um bicho de casa, ele percebia que só por essa banda de cá era que podia fugir. O outro também, a fêmea. No esgueirar as compridas cabeças, para escapar, eles semelhavam tontos, pedintes, sem mossa de malícia, como fossem receber alguma comida à mão. Era de pôr piedade. Os homens mataram, com foiçadas e tiros, raivavam. Os tamanduás se abraçavam, em sangues, para morrer — aquelas caudas ainda levantaram e bateram, espaço, feito palma seca de buriti, na poeira, chiou-chiaram, chocalhado, até um fim... Caminhando, no vau da noite, se chega até na beira do Inferno. As pessôas

grandes tinham de repente ódio umas das outras. Era preciso rezar o tempo todo, para que nada não sucedesse. A noite é triste. O joão-de-barro, qualquer novidade que ele vê ou escuta, deixa de dormir: ele bate as asinhas, dá um pio; só se o rumor insiste, é que ele solta no escuro seu canto comum. Ele não dorme em sua casinha, mas sim em poleiro em galhos. O silêncio entorna os barulhinhos todos num, que na gente amortece os ouvidos; e passa por cima, por cima engrossa um silêncio outro, que é a massa de uma coisa. Mas a mãe-da-lua, se vê mesmo uma estrela caindo com fôgo rastro, ela esgrita: ... *Foi, foi, foi, foi!...* De manhã cedo, canta é a saracura, nas veredas. A em varas, os porcos-do-mato vieram roer os coquinhos maduros debaixo dos buritis, as drupas do buriti-grande. Com as fuças se respingando no orvalho do capim, eles roncam, espirram, arrotam. — "Que é que tu ouviu, Chefe?" "— Desconjuro!" Esta madrugada, o vento mais deu foi da banda do rio. — "Sono de jacaré faz parte do chão..."

Daí, é dia. O sol sustenta um grande sossego. O buriti-grande, um pau-real, na campina, represando os azúis e verdes. A sofrear o cavalo, sob o buriti-grande, Maria da Glória adejando mão, em adeus, ela peã. Seus cabelos desmanchados, a blusa um palmo aberta mostrando um pouco de alvo colo. O riso na despedida. A não ser perto de Maria da Glória, não podia haver existência seguida, nem desejo de destino, nem a pequena tranquilidade. No Buriti Bom; ali as pessoas se guardavam. Na saudade, Glorinha estava sempre com os cabelos esvoaçantes; ou prometendo os belos braços, à luz dos lampeões e da lamparina, na sala-de-jantar.

Ao lado de Dona Lalinha. A qual existia lá num segredo, num reino. Assim alguém a amasse, ela saberia? A Dona Lalinha, todos serviam e admiravam.

— É uma dona bacharela de instruída! — disse nhô Gualberto Gaspar.

Com nhô Gualberto, Miguel saíra cedo, da Grumixã, curioso dessa ida. E era maio, amadurecidos os capins, agradáveis manhãs e tardes. Como agora acontecia. O caminho, pelo tabuleiro, o cerrado entrando na seca, já bem empoeirado. O campo rugoso, os cavalos a meia-marcha. Dum lado e doutro, os pés de assa-peixe, em rosa e em branco, em flores. Longe, nas dobras serranas, verdejavam os canaviais. — "Mas, o senhor vai ver. A gente está indo para a beira do rio..." Estavam indo para o Buriti Bom. Nem tanto falavam. Um fulano Catarino conduzia para as Quaresmas sete bezerros desmamados: a gente de lá andava começando recria, talvez

fossem subir o preço dos novilhos. Um algodoal sujo, os capulhos já brancos, mas ainda com o róseo das maçãs, ainda não abertos. — “Este ano as culturas estão atrasadas...” “— Provisório alto, o gado só come no duro da seca...” Cerrado ruim, completamente infértil. Ralos, a cagaiteira, pequizeiro, jatobá-do-campo, pau-terra, bate-caixa. — “O senhor vê o que isto é...” Naquele cupim tal ou tal, um desses dias estava aninhada uma cobra; um camarada devia de vir sem falta dar cabo dela, podia ser cascavel... José Gualberto, quando sozinho avançava por ali, tudo que não avistasse mais sua casa lá atrás, ele malmolente meditava. Tinha os ardores servidos regulares, nem fazia nenhuma questão de pensar nessas coisas, pelejava com tantos assuntos carecendo de arrumação. Mas a figura daquela mulher, dona Dioneia, perpassava-lhe na ideia, acudida sem precisão, e de uma vez. Um dia, e iô Liodoro desdeixasse aquela, ele nhô Gaspar havia de gostar de uma estória. Se recordava. A mulher era clara, tinha sardas, a boca muito grande, ela beijasse? — “Senhora casada...” — disse a Miguel. Contou. E a mulher, se era feia, se era bonita, sua imagem calcava na lembrança de nhô Gaspar. Sendo que sua voz era sem-graça e antipática, e ela falava, falava, mais do que nenhuma outra. E do que dizia não se aproveitava nada, era tal e qual um canto de ave do embrejado, um gazear de garça, isto sim, uma garça-branca, sem serventia certa. Era até uma falta de caridade, uma mulher assim, feita para debochar e gastar dinheiro, devia de ser duro de se cavar seu sustento, desarranjava a vida de um homem trabalhador. Uma garça, que ninguém mata nem come as garças, a carne delas tem gosto de peixe, dizem que algumas pessôas comem a carne de garça-morena. O *Inspetor*... Por que era que chamavam o homem de “Inspetor”? Gente de fora, gente empobrecida na cidade. O homem estava envelhecido, com uma cor ruim, parecia não ter ânimo para nada, pau comido de caruncho. Mulher assim, devasta qualquer um. Como haveria de ser a vida deles?

Nhô Gualberto, se montado adormecesse, o cavalo o carregava a mesmo, tão bem o caminho conhecido. Mas o animal o sabia acordado, e Gulaberto não dormia, era moço, na força real da idade, e com bom sangue, para em viagem não cochilar, seu corpo pedia muita comida, seus membros serviam para ação e esbravejo. Apenas, quase nada lhe faltava. Sua mulher, Dona-Dona, fora bonita, para o seu escasso gosto. Agora, estava em feiosa, sem os encantos do tempo. Anos antes, ela não deixava a Gulaberto nenhuma sensível tranquilidade. Ciúmes ele também curtira,

mesmo sem nenhuma razão, pois Dona-Dona era séria baseada; mas ele não podia constituir que outro homem observasse a mocidade dela, que só ao marido competia. A vai: era como se desplantassem do lugar uma cerca, para roubar parte de seus pastos, como se os ciganos montassem para longe em seu cavalo de sela, se um gambá sangrasse as galinhas de seu poleiro. Gulaberto a vigiava, escondia-a em casa, gostaria que ela amojasse, sensata, de muitos filhos, por se precaver. Agora, a bem, esta vida!

— "Aqui, é como lá, quase igual a natureza..." — dizia Miguel. — "Que pergunte: a lá, onde?" "—Nos Gerais." "— Mas o Gerais principia ali donde, logo despois do rio..." "— Começa, ou acaba?" "— O senhor caçôa? É ver o cerrado aqui, no tempo-das-águas..."

Sim, Miguel podia imaginar o trecho, como no tempo de dezembro fora, quando em grupo tinham vindo por ali as moças do Buriti Bom, conforme nhô Gaspar contava. Agora, maio, era mês do mais de florezinhas no chão, e nos arbustos. E o pau-dôce, que dá ouro, repintado. Mas tinham passado por lá, com as lobeiras se oferecendo rôxos. E a faveira cacheada festiva. E o pau-terra. — "Elas quiseram parada, um demorão..." Maria da Glória e Dona Lalinha. O pau-santo começado a florir: flores alvas, carnudas, cheirosas, mel-no-leite, com corôa amarela de estames. Mas, não cheirassem de perto, porque era um cheiro aborrecido, e mexente, que se dava daquelas cinco pétalas ajasminadas. Cheiro que põe vômitos em mulher grávida. — "Ei, mesmo assim gostaram..." Colhiam daquelas flores, as mal-abertas — que nem ovos cozidos, cortados pelo meio; as abertas todas: como ovo estrelado, clara e gema. — "Mulheres têm a ideia sem sossego..." Nhô Gualberto ria em cima de seu mole cigarro. Daí, era um sorriso, com senvergonhice e vergonha. Moderava um desdém, pelas mulheres, por seus dengos e atrevimentos de criaturinhas protegidas, em respeito mesmo de sua qualidade frágil. Assim, de mistura, uma admiração com gulodice, que ele não podia esconder. — "Mulher tira ideia é do corpo..."

Nhô Gualberto Gaspar contava: — "Vai, não aguentei, eu quis mostrar uma coisa, elas haviam de abrir boca! Estimo que nem a Maria da Glória, que é de casa, não conhecia..." Ele descera do cavalo, pegou o machete, caçou um pau-terra. Torou o pé. — "Torei!..." Mostrara que, naquela árvore viva, com copa folhada e porção de flores que eram estrelinhas amarelas alegres — que o tronco era oco, como uma flauta grossa, e todo

cheio de terra, uma coluna de terra, de chão, terra crúa, de verdade, subida em tanta altura. Essa terra seca, interna guardada, dentro mesmo do corpo todo da árvore verde. A bem que elas duas — Dona Lalinha e Maria da Glória — levaram um espanto, no aquilo avistar, como se fosse uma coisa imoral. — "A bem..." Nhô Gaspar ria, quase com maldade. Assim, parecia de repente muito mais velho, diferenciado. Contava o caso — era como se tivesse tirado com delicadeza alguma estúrdia vingança. Miguel atentou nele melhor — homem amigo. O nhô Gualberto Gaspar, a cara alarve, o chapelão de palha, os olhos astutos, os ombros caídos, os compridos braços, a mão na rédea, as muito compridas pernas nas calças de brim cáqui, abraçando o corpo do cavalo, os imensos pés nas botinas. Tudo nele parecia comprido e mole.

— "...Essa olha, tem um jeito sem pudor de encarar as pessoas..." Daí dito. Miguel nada perguntou. Sem motivo nenhum justo, e receava da resposta do outro. Que foi continuando, como se deletreasse um assunto muito de todos conhecido. — "Nova não é. Mas dá apetência de cobiça... A boca sempre molhada, vermelha... Ela era quem devia de pintar as unhas..." Quem? A Dona Lalinha, fosse? — "Eh não, uê. Mas essa dona Dioneia, a mulher do Inspetor. Isto é, nos papéis..." A mulher não era certa, tinha ideias vagáveis. Duas vezes, já, com ela se encontrara, sozinha, ela puxou conversa, sorridente, como se ele fosse conhecimento antigo, fosse amigo ou parente. Outra ocasião, perguntou a ele se ouvia, se sabia se o povo falava mal ou bem dela, se diziam que ela era esquisita? — "Áques! Assim mesmo. Falou. E, pois então?" Miguel mal ouvia. Mas nhô Gualberto chega puxou a rédea, estacou o cavalo. Seus olhos dansaram, como no cabecear de um boi ante cerca altã, que o aparta de pastagens. Apontou com o dedo, longe, aonde não se divisava nada. Ardia, via-se, por contar revelações. Por fim: — "Bem, digo ao senhor, em conveniente, pois acaba sabendo mesmo; mas, que de que fui eu que contei, o senhor, peço, que de tudo esqueça..." Na pausa que fez, cuspiu forte, para um lado. — "... Ela, essa, é fêmea de iô Liodoro..." Parou. Não viu em Miguel o assombro que esperara. E ele mesmo fez: — "Epa!" — circulou um olhar, que se alguma outra pessôa estivesse também ali, escutando. — "Epa, o homem é roge, é danado. O senhor sabe? Carece de mais lazer de catre do que um outro, muito mais. Sempre cria mulher, por aí perto. Agora, consta de duas. A uma é essa dona Dioneia, o Inspetor... O senhor sabe. Iô Liodoro é quem dá a eles o sustento, bota o Inspetor sempre de viagem,

por negócios e recados... A outra, é uma mulata sacudida, de muita rijeza. Chamada Alcina. Aí, basta a gente ver, para se conhecer como as duas são mulheres que têm fomes de homem. Iô Liodoro, por sangue e sustância, carece é dessas assim, conforme escolhe. Ah, essa Alcina, mandou vir. Os olhos, quando ela remira, dão para derreter de longe ceras de abelheira e resinas de árvore... Até no ela comer comida ou dôce, o senhor toma impressão que ela está fazendo coisas, o senhor saberá. Iô Liodoro, compadre meu, está certo, não divêrjo. Há-de, ele é viúvo são, sai aos repentes por aí, feito cavalo inteiro em cata de éguas, cobra por sua natureza. Garanhão ganhante... Dizem que isso desce de família, potência bem herdada. Reprovar, que não reprovo, mais longe de minha boca, que não diga. Mesmo, porque, em todo o restante, compadre iô Liodoro é um esteio, no legal: essa autoridade! Dentro das paredes de sua casa. Só que... Ípes!, não sou eu, é Dona-Dona minha mulher quem diz, o senhor forme de não repetir nada. Só que, o povo acha que ele não devia consentir em Maria da Glória com tanto arvoamento, gineteando sozinha pelos campos, e não se pejando de querer companhia de homem, para conversação... É pelos costumes." Como fosse. Nhô Gualberto queria glosa, precisava de que Miguel se dissesse. Esperou, bambo na sela, no sacolejo. Mas, daí, sem menos, viram: num galho de pau-terra, bem à beira do caminho, tinham dependurado uma galinha morta, presa a comprida embira de bananeira; era uma galinha preta, e a aragem não a sacudia. — "Simpatia..." Moradora de alguma cafúa tinha amarrado aquilo, assim, para o vento tanger a peste para outros lados, doença nas galinhas, que decerto por ali estava dando. Agora, carecia de se recomendar cautela, em casa, com as criações de pena.

Nhô Gualberto Gaspar não tinha mais de quarenta anos. Sem ser perguntado, comunicava isso, com redondo entono, ou por se dar de vivido aguerrido ou para depor que ainda muito antes da velhice estava. Mas, como em tudo e por tudo, ele de si mesmo se prazia, satisfeito santo. — "Nasci aqui, assisto aqui. Desde, desde. Consolo que tenho: é que, se a rico não vim, também mais pobre não sou, semelhante do que foi meu pai. Remediamos..." Raro nhô Gualberto tirava o chapéu, e mostrava então a cabeça toda raspada. Informava que isso de tosar-lhe o cabelo era tarefa de Dona-Dona. — "Entenda o senhor: iô Liodoro possúi um município de alqueires, terras válidas de primeira; mas o pai de iô Liodoro teve mais do que ele, e mais ainda teve o avô... Eu, cá, não deixo filhos. A Grumixã, por

morte minha, surge livre de partilhas...” De quando, deixando o cerrado, varavam o cerradão, numa funda estrada, afundável em areia bem clara, Miguel se recordava.

Mas, menos de na ida, do que na volta, quando seu pensamento já se importava de Maria da Glória. Ali, por entre folhagens, com casas de cupins nos galhos, as galerias dos cupins subindo pelos troncos das árvores, como tantos secos cordões de barro. A cambaúba, aquele bambuzinho abundante bonito, fino, se alçava e fechava, compondo arcos, de lado e do outro do caminho vinham, atingindo-se as pontas dos colmos. Aviara ninho numa maria-pobre, e ao pé dele se pousava, sempre direito, o passarinho azul que sozinhamente cantou. E era bom, em tanto ponto, e ainda contristado da despedida, era dável de se deslindar a lembrança de Maria da Glória, sua garridice, seu ar. — “O senhor sabe, com perdão, algumas anedotas dessas, de cidade?” — nhô Gaspar indagava. Miguel renuía, sem monossílabos. Nhô Gualberto Gaspar se consistia em engraçado capêta, ele carregava outros assuntos, jeitoso para se aventurar. — “Será, o senhor, por solteiro que seja, mesmo assim pode ser que não goste de cabaré? Uns aprecêiam... Sei, em cidade grande, lá a gente dispõe de moças lindas, corretas, a gente não crê, e elas estão para um qualquer que pague... De mim, mal o senhor não ache, sou homem de poucos pastos. Sou sério, sem licença. Nem sei o que, logo hoje, salaz dessas coisas me mexeu em ideia, em mente de me alterar...” Molestava, o exercício de nhô Gualberto Gaspar babujar o que não devesse, misturando o sórdido e o adorável. — “É uma moça de muita formosura, a filha de compadre iô Liodoro...” — ele exclamara.

Apenas, relembrando bem, isso tinha sido na ida. Subiam do cerradão. Instante, estavam no Alto Grande, onde esbarraram. A para o sul, se avistavam segmentos do rio — um grande S encolhido — trechos. Nhô Gualberto indicava: a Vargem Grande, a Praia Alegre, o Pacamão, a Lagôa do Pacamão, a Lagôa do Chiqueiro. — “Muito bom peixe, lá.” Aqueles lugares estavam iluminados. Como eram sob o sol, e embelezava-os a longe distância.

Súbito, porém, aqui, quase perto ao pé deles dois, um casal de caracarás se ousou — grandes — coloridos como surpresas. Já apareceram assim, a certos metros um do outro, deslizado um voo tão baixo, sem rumor, sem alarme nenhum, rasando o capim, curvando-se às vezes; e tudo fez um sonho. Um deles assentou numa suruje. Aí mesmo se entufou, com seus

ruivos, seus rôxos, e batia a brida e o rostro, alaranjados, desreceoso dos cavaleiros. Senhor daquela alta terra. — "A cão, gaviãozão!" — nhô Gualberto zombou, mas mesmo daqueles envaidecido. E de nhô Gualberto Gaspar, de seu apalermo, dessa hora, Miguel não se esquecia. Como proferiu, ao cabo de um tempo, o tom de presunçosa decisão, fosse o desejo de agradar a um amigo mais moço, presenteá-lo, e mal disfarçada a angustiazinha duma meia-inveja; e grave, com uma gravidade que lhe trazia, a ele mesmo, muita importância: — "O senhor vai ver, vai gostar da Maria da Glória. Eu sei..." Quase triste, com aquela sisudez, de profecia: — "E ela também vai gostar do senhor. Eu sei..." — reafirmou. Nem Miguel pôde contestar ou comentar, já nhô Gualberto sacudia muitas vezes a cabeça, não aceitando, também espalmava aquele gesto de afastar tudo e algo de diante de seu próprio rosto; e era como se dissesse, para uma eternidade: — *"Eu sei... Eu sei..."* Sovado um silêncio, Miguel falou, por desassunto: — "O senhor o que mais acha desse bobo, que lá não dorme de noite?" "— Que é que eu acho do Zequiel, o Chefe? Tolo na retoleima, inteiro. Exemplo ao senhor: quando tem missa ou reza em qualquer lugar, eh ele vai, e se consegue deparar com um papel escrito, ou livrinho de almanaque ou pedaço velho de jornal, ele leva, não sabe ler, mas ajoelha e fica o todo tempo sério, faz de estar lendo acompanhante, como fosse em livro de horas-de-rezar..." Afora a mania do inimigo por existir, o Chefe era cordo, regrado como poucas pessôas de bom juízo. — "Por nada que não trabalha em dias-de-domingo, ou dia-santo." Uê, uê. — "Senhor verá: ele descreve tudo o que diz que divulgou de noite — o senhor pedindo perguntando. Historêia muito. Eh, ele pinta o preto de branco..."

Daí, desciam, para um baixadão, — a Baixada. Os bois, pastando no meio do capim alto, mal se entreviam, como bichos grandes do jângal, como seres selvagens. A gente passando, eles avançavam, uns, para "reconhecer". A mais lá, o verde-claro da grama, delicada, como plantada, se estendendo até o Brejão, e ao rio e à mata. E os buritis — mar, mar. Todo um país de umidade, diverso, grato e enganoso, ali principiava. Dava-se do ar um visco, o asmo de uma moemoência, de tudo o que a mata e o brejão exalassem. *"Esta é a terra de iô Liodoro, de Maria da Glória, de Dona Lalinha..."* A um movimento de cavalo ou boi, revoavam da macega os passarinhos catadores de sementes, desfechavam-se para cima, como descarga de chumbo. A mata marginal se cerrava, uma enormidade,

negra de vírgem. Tinha-se de olhar em volta. Aquelas árvores de beira-de-rio, maculadas, barbudas de branco, manchosas, cascudas com rugas, eriços, placas e pálidas escamas se pintalgando — a carne-de-vaca, a marmelada-de-cachorro, o jequitibá, o landí, o ingá, a almesca, o gonçalo, o pau-pombo, a folha-miúda e o olandim-do-brejo pardão — tomavam tamanhos fora do preceito, bojavam diâmetros estrusos; à borda, as retas pindaíbas, os ramos horizontais e os troncos repartidos, desfiados brancos, riscavam no verde nervos e medulas. Lá dentro, se enrolava o corpo da noite mais defendida e espessa. O chão, de impossível andada, era manta profunda, serapilheira em estrago e empapo, se amassando numa lama vegetal. Dormia um bafio triste, um relento chuvoso, dali torpe se respirava. No denso, no escuro, cogumelos e larvas olhavam suas luzinhas mortiças. Lívidos entes se encostavam, sem caras. Miguel esperou. Devagar, recuava. Tragava o medo do mato.

À beira do brejo, havia um buriti caído, com a coma no barro. Uma garça pousara ali, no buriti jazente, morto com sua dureza. Tombado de raio. Ainda estava sapecado o capim, em volta; com o raio um incêndio se alastrara. Outros buritis, da fila, tinham o baixo-tronco carcomido, cavernas encarvoadas. Assaz enfeitava o chão, com tintas flores, era o alecrinzinho. O que nhô Gualberto dizia, comprazido e lento, deixava tempo a que o outro tudo visse e se pasmasse, era como se ele nhô Gualberto tivesse a guarda dos mistérios e das proezas. — “Há árvores que têm fêmea e macho...” A mulher, dona Dioneia, tinha apanhado do chão um coco, do pé do buriti-grande — dito que queria replantar, que aquilo era caroço. — “Eh, não. Semente que deve de estar morta. Não é a mesma coisa. Quer nascer, nasce onde é que quiser...” Fugiram galinholas. Sucedia-se, em regulado tempo, o gazinar das garças. Uma garça levantou e estendeu o voo frouxo, como um travesseiro branco prestes a se desmanchar. — “Olh’: às vezes, de lá, fede...” Do Brejão, miasmal, escorregoso, seu tijuco, seus lameiros, lagôas. Entre tudo, flores. A flôr sai mais colorida e em mimo, de entre escuros paus, lôbregos; lesmas passeiam na pétala da orquídea. Pia a galinhola gutural. Estala o vlim e crisso: entre a água e o sol, pairam as libélulas. E os caracóis encadeando espíntrias, junto de outras flores — nhô Gualberto Gaspar levaria um ramilhete daquelas, oferecer a Maria da Glória, para pôr num vaso. E o desenho limite desse meio torvo, eram os buritis, a ida deles, os buritis radiados, rematados como que por armações de arame, as frondes

arrepiadas, mas, sobressaindo delas, erecto, liso, o estipe — a desnudada ponta. Sobrelanço, ainda — um desmedimento — o buriti-grande.

— Maravilha: vilhamara! — "Qual o nome que podia, para ele? — Maria da Glória tinha perguntado. Me ajude a achar um que melhor assente..." Inútil. Seu nome, só assim mesmo poderia ser chamado: o Buriti-Grande. Palmeira de iô Liodoro e nhô Gualberto Gaspar. Dona Lalinha, Maria da Glória, quem sabe dona Dioneia, a mulata Alcina, ià-Dijina, sonhassem em torno dele uma ronda debailada, desejariam coroá-lo de flores. O rato, o preá podem correr na grama, em sua volta; mas a pura luz de maio fá-lo maior. Avulta, avulta, sobre o espaço do campo. Nas raízes, alguém trabalhando. O mais, imponência exibida, estrovenga, chavelhando nas grimpas. — *"Eh, bonito, bão... Assunga... Palmeira do Curupira..."* Tinha dito o Chefe Zequiel, bobo risonho. Como o Curupira, que brande a mêntula desconforme, submetendo as ardentes jovens, na cama das folhagens, debaixo do luar. O Chefe falava do buriti-grande, que se esse fosse antiquíssimo homem de botas, um velho, capataz de, de repente, dobrar as pernas — estirava os braços, se sentava, no meio da vargem. Morto, deitado, porém, cavavam-lhe no lenho um cocho, que ia dessorando até se encher de róseo sangue dôce, que em vinho se fazia; e a carne de seu miolo dava-se transformada no pão de uma grumosa farinha, em glóbulos remolhada. O Chefe se benzia, temia a noite chegando. — "Querem rumar o machado nele, dar derruba..." E quem? O que vinha: o bicho da noite, o inimigo. Como era o "inimigo", ô Chefe? — "Vai ver, é uma *coisa*, que não é coisa. Roda por aí tudo. Se a gente dormindo, ela tira as forças da gente... Vem, mata. É uma coisa muito ligeira esvoaçada, e que não fala, mas com voz de criatura..." Por que, o buriti-grande, o derribassem? Era o maior, perante tudo, um tanto fora da ordem da paisagem. Sua presença infundia na região uma sombra de soledade. Ia para o céu — até setenta ou mais metros, roliço, a prumo — inventando um abismo.

— Ele é que nem uma igreja... — Maria Behú disse.

Maria Behú — foi a primeira pessôa que Miguel conheceu, da família, na casa-de-fazenda do Buriti Bom. Assim sendo, que Maria da Glória e Dona Lalinha não estavam, tinham saído a passeio, e iô Liodoro andava aos pastos, onde se rodeava o gado, iam levantar boi. Nhô Gualberto deixou Miguel, foi ao encontro de seu compadre. Nhô Gualberto como que aborrecia e receava Maria Behú; ele denotava uma espécie astuta de

covardia. Mas Maria Behú acolheu Miguel com agradada maneira, ativamente melancólica. Ela se comportava, de começo, ao modo de alguém que suportasse recente luto, já no ponto, porém, de resignar-se — pronta a fazer confidências. Nem era tão híspida e desgraciosa, como se dizia. Do ouvido a nhô Gualberto Gaspar, Miguel esperara ver uma megera. Maria Behú murchara apenas antes de florir, não conseguira formar a beleza que lhe era destinada.

Mesmo sendo a primeira vez que se avistavam, não seria possível a Miguel deixar de perceber que ela estava simpatizando com ele, não-sei-porque tendo nele uma confiança que não fosse de seu costume em outros depositar. Foi falando, animada. Ele sabia ouvir. Sua voz não desagradava; e ela queria que essa voz se fizesse bonita, se esforçava por isso. Falou do lugar, do Buriti Bom, da região, do rio. Falava como se precisasse, urgente, de convencê-lo de coisas em que ele não via nenhuma importância; isto é, aos poucos, começava a querer ver. Por que, justamente a ele, recém-chegado e estranho, ela carecia de falar assim? Ela parecia uma prisioneira: que tivesse conseguido, do lado de fora, alguém que lhe desse uma atenção diferente e fosse levar bem longe um recado seu, precioso e absurdo. A maneira de olhar, vez a vez, vigiando se as outras já voltavam, media sua pressa de dizer. Não que mostrasse ânsia; nem no que confiava havia estranheza. Maria Behú era uma criatura singela. Apenas, urgia que Miguel pudesse ter vindo até ali só para ouví-la, e de lá, antes do regresso das outras, se fosse embora, conhecendo-a a ela somente. Falava. Dizia da roça, da vida no sertão, que seria pura, imaginada simples e ditada de Deus, contra a vida da cidade. Repetia. Talvez ela não acreditasse nisso — a gente pensava. Com um fervor, queria que tudo fosse assim. Ao mais, se fazia uma ênfase, uma voz, e o que dizia não era seu; parecia repetir pensamentos lidos. Pobremente, perseguia alguma poesia. “Lembra minha mãe...” — Miguel pensou. Aquilo soava em dôr de falso.

...Minha mãe muitas vezes tomava esse modo de falar. Quem sabe quisesse mais do que sentia e podia, fugia do que tinha de ser. A dela — a gente, sem querer, pensava — era bondade, perfeita, ou insistida fraqueza? Minha mãe era toda amor, mas ela recitava palavras ouvidas, precisava de imitar a outros, e quando praticava assim parecia estar traindo. Sua beleza, tanta, teria alguma semelhança com a de Dona Lalinha? Dona Lalinha também é frágil, e a fragilidade de propósito realçada. E, de repente, vi

Maria da Glória. Vi-a, a vulto, mas sentindo densamente sua presença, como um cão fareja. Logo não olhei; como não se olha o alagável do sol, digo, porque me travou um medo. O medo de não ser o momento certo para a encontrar. Maria da Glória era a mulher que menos me lembrava minha mãe. Ela não me lembrava pessôa alguma.

Resguardava meus olhos dessa moça, durante horas me adiei dela, as deusas ferem. Ali, no Buriti Bom, o capturável aspecto das criaturas também se defendia de mim, me escapava. Melhor, muito em minúcias, me recordo de tudo o mais, depois e antes, na Grumixã, por exemplo, ou na estrada, enquanto viajava com nhô Gualberto. Mas, no Buriti Bom, todos circulavam ou estavam justos, num proceder estabelecido, que esquivava a compreensão. De repente, me preocupei demais com minhas maneiras e palavras. Maria da Glória estava ali. Que sei de Maria da Glória? Todos estes meses, pensei nela. Sonho seu amavio, o contacto de seus braços, o riso dos risos, o valor dos olhos, e todos os movimentos que serão os dela, durante sua vida inteira. Tanto me acompanha. Seu corpo, que, quanto mais enérgico, prometia maior langor. Ela apareceu. Senti-a futura demasiadamente, já no primeiro encanto, no arroubo do primeiro medimento. Perdi-me no que falamos. Mas, brusca e sábia, ela encorajava minha timidez. Adivinhava-me. Daí, em tudo o que falei, de chofre, sem razão de assunto. Seguia meu olhar, para o verde de uma vereda, que marcava, à distância, a noroeste, o princípio dos altos campos. Disse:

— Vovó Maurícia é dos Gerais...

Ela falava de sua gente. O buritizal, acolá, impunha seu estado aquoso, os buritis eram demorados femininamente. A alegria de Maria da Glória me atraía e me assustava. E eu não pertencia ao Buriti Bom, ao ar próprio, ao espessor daquele estilo.

...Vi Maria Behú — ela me pareceu órfã, e pobre...

Tudo o que nhô Gualberto Gaspar dissera, se desmentia ante o real. Dava uma certa decepção. Onde esperara encontrar sombra de segredos, o oculto, o errado, Miguel só deparava com afirmação e clareza. Nhô Gualberto mesmo, agora se apartava, alardeante, confortado. Sempre olhava para Miguel, e, dirigindo o olhar, parecia mostrar-lhe a gente, a casa, o arredor, feito se dissesse: — “Vigie, veja como tudo aqui é espaçoso e orçável...” Nhô Gualberto seria um servo dali. Num tido momento, ele procurou falar a sós com Miguel, perguntou-lhe se acaso não trouxera pacote de bons cigarros: — “O senhor sabe — sussurrou — a

Dona Lalinha fuma, vez em quando, no quarto dela, recostada. Tivesse cigarro, podia oferecer...” Gabava-se de conhecedor da casa, de sobras da intimidade. O quarto de Dona Lalinha estava quase todo o tempo de porta fechada, mas ele já avistara seu interior, os trastes de luxo. — “Consaiba o senhor, então já imaginou os trabalhos e o custo, para se trazer essa mobília por aí a fora, primeiro de trem, mas depois em carro-de-bois?!” Agora, como que daquilo se orgulhava.

Orgulhava-se de tudo, e assim foi que chamou o Chefe, para mostrá-lo a Miguel. O Chefe saía de seu sono diurno. De dia, não ouvia aqueles selvagens rumores? Ah, não. — *Nhônão...* De dia, tudo no normal diversificava. De noite, sim: — *Nhossim, escutei o barulho sozinho dos parados...* O Chefe era baixote e risonho, quando respondia sabia fazer toda espécie de gestos. Risonho de sorriso, apesar de sua palidez. E ele muito se coçava. Prometia contar tudo, detalhado, do que ouvia e não ouvia, do buracão da noite. Mas carecia de trazerem soldados, acabar com os perigos d’acolá, guardar bem o moinho. E viesse um padre, rebenzer. Daí, saíu, voltou, vinha com umas espigas de milho, a palha delas; escolheu uma, melhor, ofereceu a Miguel. Deu a outra a nhô Gualberto, guardou uma para si, e olhava, esperando que alguma coisa acontecesse. — “Eh, uai: ele quer fumo, eh ele não tem fumo nenhum... — nhô Gualberto vozeirou — ... Ele deu palha, para pedir fumo...” O bobo mesmo assentiu. *Ele tem fé com muita astúcia...* — pensou Miguel, teve de pensar. E se surpreendeu, descobrindo: o que ele pensara nesse momento, do Chefe, melhor poderia aplicar a si mesmo.

E de novo viu Maria Behú. Maria Behú vinha vindo? Não. Maria Behú tornou a se afastar; seu rosto tomara uma expressão quase de ódio?... “Maria Behú teve só um dom: o poder de olhar as pessoas, amaldiçoando? A maldição é um apalpo muito sutil. Iô Liodoro terá culpa de tudo o que acontece ou não acontece no Buriti Bom?...” Nhô Gualberto confez um sorriso, destinado a iô Liodoro. E o Chefe — um momento antes, o Chefe se conturbara, desviando o rosto, e depois abaixando os olhos, balbuciava, um esconjuro ou uma reza. Mas, agora, ele se comprazia, ao ver iô Liodoro; e disse, a Miguel e nhô Gualberto Gaspar, indicando iô Liodoro: — “Duro, duro...” Fazia um gesto de sacudir mão, de sova bem dada, e ele mesmo dizia e se respondia: — *“Duro, duro? — Dém-dém!”* O que podia não ter significação. Mas o Chefe admirava iô Liodoro.

Iô Liodoro não olhava para suas botas, para suas roupas. Ele se sentava e tomava um modo de descanso tão sem relaxamento, e legítimo, que não se esperava em homenzão assim tendinoso e sanguíneo, graúdo de aspecto. No defrontá-lo, todos tinham de se compor com respeito. Mas era mudamente afável. Exercia uma hospitalidade calma, semi-sorria ao enrolar seu cigarro de palha. Cidadão que comesse com maior apetite e prazer que o comum das pessôas, mais vivesse vivejando. Sua grande mão surpreendia, no toque, por ceder apenas um contacto quente, polpudo quase macio; mas que denunciava espontânea contenção, pois, caso ele quisesse, aquilo poderia pronto transformar-se num férreo aperto. Iô Liodoro falava pouco, mas essa reserva não constrangia, porque ele era quieto e opaco; sentia-se que ele não guardava sem dizer alguma opinião para o momento. Os pensamentos que ele pensava e que ele vivia seriam bons e uns. Iô Liodoro não dava intimidade. Conservava uma delimitação, uma distância. Falava ou respondia; mas, entremeado, voltava-se tranquilo para uma banda, olhava uma outra pessôa, dava a terceira uma sílaba, ou brincava com um dos cães, observava os vaqueiros que se moviam no curral. Mas isso só afastava alguma coisa na gente: parte da gente. No mais, até aproximava, dava para se ter nele mais confiança. Como era aquele homem: que nunca haveria de recriminar ninguém inutilmente, nem diminuir as ações da vida com a vulgaridade dum gracejo, nem contribuir para que alguém de si mesmo se envergonhasse. Com simples palavras, ele poderia convidar para um crime — sem provocar susto ou cisma no cúmplice; ou para uma bôa-ação — sem que ridículo nisso entrepairasse. Tal iô Liodoro — iô Liodoro Maurício, sendo Maurícia sua mãe, que no meio dos Gerais residia. Assim explicou mais tarde nhô Gualberto. E tinha o queixo forte e todos os dentes, e muito brancos — não do branco do polvilho ao sol, que só em boca de moça às vezes se vê, mas o branco dos ovos de coruja, que é são como uma porcelana, e limpo calcareamente.

Dos Gerais, dos campos claros, vinham as boiadas e as lembranças. Maria da Glória se movia bela, tinha uma elasticidade de lutadora. Seu vestido era amarelo, de um amarelo solarmente manchante e empapado, oscilável, tão alegre em ondas, tão leve — como o dos panos que com tinta de pacarí se tingem. Maria da Glória ria sem motivo, mas o riso era sério, enérgico. Miguel sabia que podia gostar dela, que ia gostar; mas sofria por indecisão, por um adiamento. *Não há tempo, não há tempo, não há tempo...*

— ele se escutava. Querer-bem ao Buriti Bom, aceitar aquela paz espessa. A saudade se formando. Tempo do Buriti Bom se passava.

— *"Que os iguais!"* — costumava exclamar nhô Gualberto Gaspar, isso que não se sabia se era de espanto ou praga. Nhô Gualberto Gaspar se despedia devagar, carecia de regressar a casa, à Grumixã com suas labutas. Ele possuía no bolso um grande relógio, tirava-o, punha-o sobre os joelhos, para estudar as horas; parecia estar lendo um livro. Por seu gosto, estaria levando Miguel com ele de volta, não o deixaria ali sem sua vigiação; relutava em ir, ia incerto. E, enquanto girou por ali, ameaçando partida, tergiversava consigo, e para cada um tinha um ar e um modo. — "...Que estou meio esmorecido, perrengue, meu compadre..." Ou: — "Seo Miguel, a gente tem que pegar no eito, lida de lavoura nunca afrouxa..." Ou: — "Minhas senhoras moças, os arranjos não são poucos, para as colheitas, que se têm de determinar. Por mais que, no fim do mês, estou achando que tenho de ir dar um pulo até lá, na capital..." — e aqui, ante Dona Lalinha e Maria da Glória, ele se concertava, num aprumo, sua fala queria assumir um novo esboço de mocidade. E Dona Lalinha e Maria da Glória eram sinceras no agradá-lo; mas, principalmente Maria da Glória, tratavam-no com uma cordialidade concedida um tanto maldosamente, como se só a meio o levassem a sério. Essa maneira ensaiada de nhô Gualberto, que armava uma petulância, revestido dela fora que, no caminho da viagem, tinha referido passagens de aventuras suas, porque "sempre a gente tem mais fôgo do que juízo" e ele às vezes andava vadiando, na redondez: — "... Esperando sinal de lamparina, que podia ser até traição de tocaia... Tantas ocasiões em que um marido descobre..." O perigo: como andar em campo sujo, onde a cascavél a frio ressona... O bote pode vir a qualquer momento... E o Chefe Zequiel tanto se coçava — *Nhônão... Nhôssim...* — e de vê-lo nhô Gualberto se coçava também, a cara, as costas, a cabeça rapada. Montava a cavalo, para seguir, seu cavalo era pedrês roxonho, e ele manobrava-o a jeito — deixara o cavalo disposto paralelamente à frente da varanda, a fim de esporá-lo somente do lado de lá, para que ninguém visse: queria mentir, dando a entendimento que seu cavalo era árdego e querente, que não carecia de estímulo de esporas. E assim nhô Gualberto partira. Cheio de manejos, que todo o mundo percebia, que bastante em pulha o deixavam. Porém, a despeito de tudo, tinha-se de querer bem a nhô Gualberto Gaspar, perdoando-lhe. ..."Ele é como eu, como todos..." Assim, lutava todo o tempo por agarrar uma ideia

de si, do que ainda não podia ser, um frouxo desenho pelo qual aumentar-se. Nhô Gualberto Gaspar, naquela vida meã, se debatia de mansinho. O que ele não sabia não fosse uma ilusão — carecia de um pouco de romancice. Triste é a água e alegre é. Como o rio continúa. Mas o Buriti Bom era um belo pôço parado. Ali nada podia acontecer, a não ser a lenda.

Modo estranho, em iô Liodoro, grande, era que ele não mostrava de si senão a forma. Força cabida, como a de uma árvore, em ser e vivescer, ou como as que se esperdiçam no mundo. Aquele homem não era para sentir paixões, ceder-se. Nele escasseava, por certo, a impura substância, que arde porque necessita de gastar-se, e chameja arroxeada, na paixão — que é o mal, a loucura da terra. A terra do Buriti Bom tinha muita água. Iô Liodoro balançava a paciência pujante de um boi. Assim ele circunvagava o olhar. Também praticava, constante, um hábito ou preceito de moderar-se, no trato com as criaturas femininas, que eram sua família; delas, sem desapreço, nem desafeição, ele parecia contudo gravemente muito apartado. Capaz ele fosse maninho e seco de coração? Decidido que não era. Bastava vê-lo conversar com iô Ísio. Aí, austero que fosse, e por mais que o quisesse demonstrar, nem sempre conseguia.

Iô Ísio era um moço obediente e brando. Esperava, de pé e sem fingidas atitudes, sem rearrumar as calças nas botas ou bulir prolongadamente nos bolsos, fazendo que procurasse algum objeto e que mais se importava era consigo mesmo; esperava que iô Liodoro terminasse um começado silêncio e lhe dissesse, em palavras poucas, uma resposta ou uma opinião de certo conselho. Os dois manejavam pelas pontas uma distância. Mas, não ocultando miúda preocupação, iô Liodoro examinava, ora ou ora, o filho, e, por um reparo ou uma meia-pergunta, estava carecendo de se interessar pelo estado de sua saúde, por seu peso, suas roupas se bem cuidadas. Como se iô Liodoro, mais que tudo, desconfiasse daquela mulher, ià-Dijina, que, por artes de amor, de iô Ísio se apoderara, dela iô Liodoro não podia defender o filho. Ah, bem conhecia um espumoso reino de feitiço e fadas, do qual ele mesmo dependia.

As mulheres. Como delas Miguel mesmo reconhecia saber pouco. Maria da Glória e Dona Lalinha, sempre muito juntas, soantes seus risos e sussurros, num flôr a flôr. Era preciso um impulso de coragem, para Miguel levar os olhos a Maria da Glória, podia ser que ela descobrisse imediatamente tudo o que ele sentia, e dele zombasse, desamparando-o. Quando as mulheres assim se entendem, tão íntimas — se sabe — então

seu instinto se tece, estão se estabelecendo contra o homem. Mas Maria da Glória fitava-o, insistia a momentos, imperturbável, era um chamado. Miguel compreendeu e obedeceu; aproximou-se. Porém, suas primeiras palavras, teve de dirigí-las a Dona Lalinha, e aquela linda mulher por isso não esperara: seu rosto corou, com belas pétalas.

E o assunto que lhes trouxe, tão desacertado, ele se mordia de ter escolhido tocar naquilo. Na paisagem. No brejo, Brejão-do-Umbigo. — "O senhor conte alguma coisa da cidade..." — Maria da Glória pediu. Então, ele falou. As duas ouviam-no, influídas, numa normalidade que o desconcertava.

A elas, Maria Behú poderia odiá-las? Segundo nhô Gualberto Gaspar, Maria Behú devia de ter as tentações. Nhô Gualberto contando: sabia-se de alguma pessôa assim — que rezavam trestanto, no rebojo de suas rezas sofogavam de precisar de gritar por socôrro. Para recomeçar, Maria Behú devia de ter pressa de morrer? Para recomeçar, ela rezava. Sua falta de beleza apartava-a das pessôas; assim como a beleza a todo instante se refaz, dos olhos dos que a contemplam. Maria Behú agora não estava ali. Mas, só para nhô Gualberto Gaspar ela era má. Deus pusera a mão sobre seu coração, não no seu rosto. Nhô Gualberto Gaspar fugia de vê-la. Assim como o Chefe.

O Chefe Zequiel. Que voltando da roça, ele passava, no terreiro. Primeiro, todos dele riam. Depois, comentavam seus incompreensíveis padecimentos. Mas riam, também, do que ele contasse. Sempre.

O Chefe Zequiel:

— *"...Mesmo muito antes do primeiro galo em-cantar, que foi, um cão uivou no terreirinho do José Abel..."* O Chefe, ele escuta, de escarafuncho. Trás noite, trás noite, o mundo perdeu suas paredes. Fere um grilo, serrazim. Silêncio. E os insetos são milhões. O mato — vozinha mansa — aeiouava. Do outro mato, e dos buritis, os respondidos. Mais frio e cheio de calor, o Brejão bole. Um peixe espiririca. Um trapejo de remo. Um gemido de rã. O seriado *túi-túi* dos paturís e maçaricos, nos pirís do alagoado. Nunca há silêncio. As ramas do mato, um vento, galho grande rangente. As árvores querem repetir o que de dia disseram as pessôas. Frulho de pássaro arrevoando — decerto temeu ser atacado. — *Nhanão, iàssim... Quero ver as três corujas?!* Os sapos se interrompem de súbito: seu coro de cantos se despenhou numa cachoeira. No silêncio nunca há silêncio. Se assoviaram e insultaram os macacos, se abraçam com frio.

Tiniram dentes. Reto vôa o noitibó, e pousa. O urutáu-pequeno, olhos de enxofre. O chororocar dos macucos, nas noites môitas, os nhambús que balbuciam tremulante. Se a pausa é maior, as formigas picam folhas; e as formigas que moram em árvores. — *Ih!...* Os duendes são tantos, deles o Chefe não tem medo. Teme a inimiga — uma só. O toque de lata é de um boi ladrão, tangendo seu polaco. O vento muda é para se benzer em cruz. O rouquejo forte que os jacarés gostam de gritar, repetido. Esfriou mais, os jacarés para o meio do rio retombam, onde as águas rolam mornas. Maior é a mata, suas entranhas, onde os bichos têm seu caminho de ofício, caminhos que eles estudaram de tudo; o tênue assopro com que eles farejam. Uma coruja miou, gosmenta. A coruja quer colóquio. Sapos se jogam de sua velha pele. Esses são feiticeiros. *Sempre que há um desgosto muito fundo, há depois um grande perigo... Deu tumbo. Nos Gerais, o vento arranca as árvores agarradas pelos cabelos. O chão conserva meses o gurgo das trovoadas. As irmãzinhas estão dormindo. Se a onça urrar, no mato do Mutúm, todos da casa acordarão dando pranto, é preciso botar os cachorros para dentro, temperar comida para os caçadores... Um homem com a espingarda, homem de cara chata, dôido de ruivo, no meio da sala, contando casos de outras onças, que ele matou. Tinha as botas até quase no meio da coxa, e de entradas alargadas, botas de chocolateira. Ninguém, nessa madruga, não tinha medo desse homem...* Há um silêncio, mas que muitos roem, ele se desgasta pelas beiras, como laje de gelo. E dão um too: é a anta que espoca do lamaçal, como um porco de ceva. Se o senhor quiser ouvir só o vento, só o vento, ouve. Cada um escuta separado o que quer. A pessôa que vem vindo, não me dá pestanas. *As irmãzinhas estão dormindo...Vão matar o Quibungo... E tem uma cachorrinha, latindo, de lá do Céu...* Quem tapa a noite é a madrugada. Os macaquinhos gritam, gritam, não é bem de frio — dansam ao redor de um trem nú. Cobra grande comeu um deles. Sucurí chega vem dentro de roça. Um macaco pulava num pé só, sacudia no ar uma perna tesa dura de frio, entanguida, ele assim parecia até um senhor. Mas, muito antes da luz das barras, os passarinhos percebem o sol: pio, pingo, pilgo, silgo, pinta-alegrim... De manhã, mudam o coração da gente. O canta-galo. As vacas assim berram. Ao largo, os buritis retardam o vento. — *Iôssim, nhôssim...* — o Chefe tossia.

— “O senhor esteja e demore, como companhia que praz...” — tinha dito iô Liodoro. — “Pudesse, eu também ia ficando, tendo todos os agrados...” — disse nhô Gualberto Gaspar. E iô Liodoro mesmo deixava com bons olhos que Miguel saísse a passeio com as filhas e a nora, para iô Liodoro o zelo pelos costumes semblava se regrar por outras formas. Iô Liodoro acompanhara-os ao Brejão-do-Umbigo, à Baixada. — “Esta palmeira é minha e de nhô Gual, meu compadre...” — ele falou. O que iô Liodoro e nhô Gaspar tinham de comum era apenas um calado entendimento.

O Buriti-Grande — igual, sem rosto, podendo ser de pedra. Dominava o prado, o pasto, o Brejão, a mata negra à beira do rio, e sobrelevava, cerca, todo o buritizal. Cravara raízes num espaço mais rico do chão, ou acaso herdara de séculos um guardado fervor, algum erro de impulso; ou bem ele restasse, de outra raça, de uma outra geração de palmeiras derruída e desfeita no tempo. Plantava em poste o corpulento roliço, só se afinando, insensível, fim acima, onde alargava a rude arassóia, um leque de braços, com as folhas lançantes, nenhuma descaindo. Não podia o vento desgrenhar-lhe a fronde, com rumor de engenho, e mal se prendia em seus cabelos, feito uma grande abelha. Seria mais cinza ou verde menos velho, segundo dividisse o forte do sol ou lambessem-no as chuvas. E, em noite clara, era espectral — um só ôsso, um nervo, músculo. Às vezes, tapava a lua ou carregava-a à ilharga, enquanto em sua grimpa gotejava o bruxolim de estrelas. Sua beleza montava, magnificava. Marcava obstáculo: um tinha que parar ali, momentos que fosse, por império. E seguir um instante seu duro movimento coagulado, de que parecia pronta uma ameaça ou uma música. Diziam: o *Buriti-Grande*. Ele existia.

Só o soamento em falso, fantasia de tantas palavras, que neblina, que nem restos — e o buriti grande não era aquilo. Estava sendo ele mesmo, em-pé, um peso, um lugar preenchido, o formato. A gente queria e temia entendê-lo, e contra aquele ser apunha uma trincheira de imagens e lembranças. Maria Behú fora quem dissera, uma hora, com o modo soerguido e receoso de dizer: — “O senhor, sim, podia resumir, dar a descrição dele, com sentimento, com poesia certa...” E Miguel logo olhara o buriti-grande, com outros olhos. Agora, porém, gostaria de negar o recitado a Maria Behú, da sinceridade dessa afetação ficava um arrependimento. Todas as palavras envelheciam o buriti-grande, o recuavam; mas ele de novo estava ali, sempre sucedido, sempre em carne.

Como a mesma lembrança de Maria da Glória, todos estes meses, ausente daqui, e era sempre em Maria da Glória que eu pensava. Às vezes, Maria da Glória, era como uma felicidade já possuída. Maria da Glória atravessava a campina. Do Brejão-do-Umbigo, garças convoavam.

O Brejão engana com seu letargo. — *"Pantâno? Uai, lá cresce é o arroz-de-passarim..." Pantâno*. Dava cheiro. Dava febres. —"Diz que é no fim do calor. Diz-se que é no fim dos frios... Ninguém não dorme lá, nas beiradas. Uma vez, morreu um homem. Tem uns doentes... Esse homem morreu magro, conste que outro já tinha morrido antes, magro assim também, era o irmão dele. Mulher desse vomitava de todas as cores, cada hora duma cor..." Era um ar de dôce enjoo, um magoado, de desando, gás de vício, tudo gargalo. Flores que deixam o grude dum pó, como borboletas pegadas; cheiram a úmido de amor feito. Ninguém separa essas terras dessas águas. — "Estudaram que não paga a pena, o dinheirão, nem não é possível acabar com ele... Se não, eu mandava valar os regos, plantava eucaliptos em riba do barro..." — nhô Gualberto explicava. No fim da vazante, fedia como quem quer; mas, nas cheias, nas águas, ali era donde dava mais peixe, de diferentes qualidades. Tinha braços com as lagôas de beira do rio. — "Terras bôas, daqui, que nem que estrangeiras de bôas..." Faziam roças. Trabalhador de roça tinha de vir, de madrugadinha, caminhar uma légua, para o eito — porque lá mesmo, pelas febres, não se podia morar nem pernoitar. De tardinha, sol entrado, outra légua, de volta em pra suas casas. — "São os usos..." O mundo era duro. A hora de légua andada por esses trabalhadores, era era tirada do pouquinho tempo que eles tinham de liberdade, para descanso e sono, porque do tempo de trabalho do patrão não seriam descontáveis. — "São os usos, conformemente. De primeiro, ainda era mais penoso..." O brejo matava. — "Cereais..." — dizia nhô Gualberto Gaspar, repensante. O que se plantava melhor ali era o arroz, a montaval. E os canaviais, no chão amassado de preto. A vida avarava. De em de, quando é que um homem podia conseguir completo sossego? Doidal do brejo. — *"Uê? Coruja não tem papo!"* — o Chefe Zequiel pronunciava. Miguel não o entendia.

Pudesse, amar Maria da Glória, desatadamente, tão a bom esmo, dia vale dia. Amar, não pensando com palavras, livre de vagueação, sem tomar memória. Do modo com decerto iô Ísio daquela ià-Dijina gostava, ponto de não deixar mais ela tivesse um passado, subsob que nem semente afundava em chão de areias. Felizinhos deles: dois naquela casa da Lapa-

Laje, à entrada dos Gerais oesteantes. E mor e mor iô Liodoro, com as suas mulheres escolhidas, serralho só da noite — por junto, a dona Dioneia, que como para sarar de sua tísica carecia de saber as forças de um homem, e a mulata Alcina, fogosa em dendê e suor, como se tivesse no ser esse sol todo da Bahia, — tanto pouco. Mas, Maria da Glória, mas, aparecia, ela passava por ruas mandadas ladrilhar com pedrinhas de brilhante, Maria da Glória trazia muito lustro dado de Deus, e muita pessôa.

Na última noite passada no Buriti Bom — na sala, os grandes lampeões, a lamparina no meio da mêsa, — estavam ali, dentro de um silêncio frondoso, do qual Miguel já fazia parte.

Maria da Glória não disfarçava as mãos em trabalho nenhum, não seroava costurando ou rendando, nem cortava o fio de linha no sorriso de seus dentes, nem deixava o bordado e retomava. Suas mãos obedeciam. *Suas mãos movem meus olhos*... Ela era ela, outra vez, outra vez, como sendo estranho que o tempo passasse. Tudo que o silêncio fecha uma volta, pode mudar, de repente, a parte que se vê, das pessôas. Dona Lalinha jogava com iô Liodoro. Não falam: parece que o jogo é de propósito para um silêncio. Dona Lalinha sabe se recolher, torna tenuemente delicada a dimensão do corpo. Ela se defenderia? Mas Maria da Glória sorri e se ocupa, se satisfaz em suas formas. O que ela pensava — e seu busto, num arredondamento meigo, como o de um pombo. Assim, podia ter perto das mãos um copo de ouro. De átimo, veio o ruído do monjolo. Um rangido. — "É o *monjolo*..." — Maria da Glória foi quem explicou, desfazendo a minha atenção. Ele estava batendo, todo o tempo, eu é que não tinha ainda escutado. Chegou, por fim, como ao fim de uma viagenzinha de longe. Maria da Glória não quer que eu escute os rumores da noite. Quando olho Dona Lalinha, Maria da Glória finge não perceber, jamais segue meu olhar. Dona Lalinha, tem mulheres de lindeza assim, a gente sente a precisão de tomar um gole de bebida, antes de olhar outra vez. Iô Irvino se casou, depois precisou de a deixar, foi com outra. O barulhinho do monjolo cumpre um prazo regulado. Ele tem surdina e rotina. O Chefe Zequiel deve de estar escutando, há de tudo ouvir — o cochicho do cocho se enchendo d'água, e o intervalo, choòcheio. — "Agora?" "*— Não. Isso outro, é bicho do brejo*..." A estas horas, garça da noite, o socó pesca e caça. Ou um sapo? Todo dormia o campo. Com certeza, ajoelhada no meio do quarto, Maria Behú rezava. O terço serpenteava preto entre suas mãos, e, à sétima ave-maria de cada mistério, ela beijava o chão, por orgulho de

humildade. — “Ela quer emendar os outros, exemplar até os animais...” — nhô Gualberto falara. A bondade de Maria Behú era uma bondade desamparada. — “É muito terrível, quando alguém reza para a gente se converter de algum defeito. O senhor sabe que está sucedendo isso, porque, na ocasião, três noites seguidas, o senhor sonha com o Coração de Jesus. Mas, o senhor depassando, dão os pesadelos...” Iô Liodoro empunhava o jogo, sobranceiro, não vergava os ombros. Onde um homem, em limite em si; enquanto persistisse no posto, a honra e o destino dos filhos estavam resguardados. Dona Lalinha sorria para suas cartas; um sorriso só, que desse a uma pessôa, e os encantos eram mil, de uma mulher. Envelhecer devia de ser bom — a gente ganhando maior acordo consigo mesmo. Minha mãe dizia: — Todo amor... A meninice é uma quantidade de coisas, sempre se movendo; a velhice também, mas as coisas paradas, como em muros de pedra sossa. O *Mutúm*. Assim, entre a meninice e a velhice, tudo se distingue pouco, tudo perto demais. De preto, em alegria, no mato, o mutúm dansa de baile. Maria da Glória sabe que pode fiar de sua beleza. Ela tem meu olhar para os seus braços. — “O senhor está com a ideia muito longe...” De onde eu sou, ela é: descende dos Gerais, por varonia. Minha meninice é beleza e tristeza. — *“Dito, você é bonito!...”* — o papagaio Papaco-o-Paco conseguiu falar. Matavam o tatú, nas noites de belo luar. — “Hei de voltar aqui, sim, volto...” Esquivava o assunto terno. O ranjo do monjolo, é com uma velinha acesa no deito do vento que se compara. Maria da Glória, da alegria. Tudo ela destemesse. Amanhã, vou-me embora. Hei-de voltar, se não puder me esquecer de Maria da Glória. Como se eu mesmo me tivesse dito, adiantado: — Vou ter de viver longe, tristemente, desta moça tão diversa... Posso querer viver longe da alegria? Quando encontrei Maria da Glória, aqui, foi como se terminasse, de repente, uma grande saudade, que eu não sabia que sentia. Eu não disse: — No deserto de minha meninice, que era que eu sabia de você, Maria da Glória? — *“Dormir, com Deus...”* Maria da Glória sorria, se despedia com um sussurro de voz, sacudia a cabeça, assim ela tinha estado, radiante, a cavalo, diante do Buriti-Grande. Será que, amando, é que nos estamos movendo adiante, num mar? A casa-da-fazenda do Buriti Bom começava a dormir, de repente. O monjolo trabalha a noite inteira.

O Chefe Zequiel, por certo, ouvia toda agitação de insônia — *Ih, uê... Quando a coisa piora de vir, eu rezo!* — o Chefe se benzia. No chão e na

parede do moinho, ele riscou o signo-salomão. O Chefe Zequiel mede o curto do tempo pelo monjolo. Espera os galos. Do que ele sabe, conquisidor, teme o com o til do Cão, o anhanjo. Ele não tem silêncio. Desde de quando dão voado os morcegos-pequenos, que vêm morder a veia-do-pescoço dos cavalos e das mulas, soprando dôce, de asas, em quando no chupo, e aqueles animais amanhecem lambuzados de sangue. Os ratos espinhosos, que farejam com uma venta e depois com a outra, saem de seus buracos, no chão da mata. Um crocitar grosso: o jacú-assú. Depois, o gangolô de aviso, em pescoço de boi. Canta a rã, copos de olhos. O zuzo de asas, degringolando, dos morcegos, que de lugar em lugar sabem ir — somente pelos canais de escuridão. Só não se ouve é lontra nadar e mergulhar, e a coruja estender asas. Mas ela alimpa o bico. Dá estalos, rosnou, a coruja-branca, rouca raiva. Quando assim, é coruja doente, que as outras corujas estão matando. Quem perdeu uma moedinha de tostão, no campo, ela pega a tinir, sozinha. O senhor ouve o orvalho serenar. E umas plantas dão estalos. A coruja está sempre em contra-luz de qualquer lumiado em pratear de folhas. Ela baixa, num revence. O ratinho dá um tão diabo de grito, afiante, que ele a irrita. Seguiu-se uma sossegação, mas que enganosa: todos estão caminhando, num rumo só, os que têm sua vivenda no campo ou no mato. Eles vão a contra-vento. Todos são sorrateiros. Os da noite: como sabem ser sozinhos! Trotam ou pulam, ou se arrastam, esbarrando para pressentirem as cobras, enrodilhadas onde os trilhos se cruzam. Uns deixaram em buracos de oco de pau seus moles filhotes, num bolo, quentinhos e gorduchos, como meninozinhos, num roçar de pelugens, ainda têm os olhos fechados. Os olhos do gato-bravo brasêiam. O rio virou de lado de dormir, gole d’água, gole d’água. Coruja, no meio da noite, pega os passopretos, empoleirados nos bambús ou nas mangueiras fechadas. Pega. Os outros passopretos arrancam, dão alarme, gritam: — *Chico! Chico!...* Os bois dormem como grandes flores. Deitados nos malhadores, o cheiro deles é mais forte. Os cavalos comem no escuro. Crepita, o comer deles, tererê. E às vezes bolem com as éguas, vão longe com aqueles relinchos, sobem morro galopeando. Denegrim, manso e manso, a *coisa*. Doem as costas do Chefe, a partir dos ombros. De da testa, e em baixo no pescoço, esfriam dedadas de suor, que olêia. O pior, é que todo dia tem sua noite, todo dia. Evém, vem: é a coisa. A môrma. Mulher que pariu uma coruja. Cachorro desperta e renova latido de outro cachorro longe, eles levam notícia errada a uma distância enorme.

Homem quiser dormir, é como ter vertigem. Essa que revém, em volta, é a môrma. Sobe no vaporoso. — Desconjuro! Tem formas de barulhos que ninguém nunca ouviu, não se sabe relatar. O Chefe guarda todos eles na cabeça, conforme não quis. Não quis, até aos respingos do campo, até aos galos, no pintar da aurora. Então, o xororó pia subindo uma escadinha — quer sentir o seu do sol. Mas o que demora para vir, o que não vem, é mesmo esse fim da noite, a aurora rosiclara. Onde agora, é o miolo maior, trevas. Horas almas. A coruja, cuca. O silêncio se desespumava. A coruja conclúi. Meu corpo tremeu, mas só do tremer que ainda é das folhagens e águas. Para ouvir o do chão, a coruja entorta a cabeça, abaixando um ouvido despido. Ela ouve as direções. A jararaca-verde sobe em árvore. — *Ih*... O *úù*, o *ùú*, enchemenche, aventesmas... O vento úa, morrentemente, avuve, é uma oada — ele igreja as árvores. A noite é cheia de imundícies. A coruja desfecha olhos. Agadanha com possança. E õe e rõe, ucrú, de ío a úo, virge-minha, tiritim: eh, bicho não tem gibeira... Avougo. Ou oãoão, e psiuzinho. Assim: tisque, tisque... Ponta de luar, pecador. O urutáu, em veludo. *Í-éé... Í-ée... Ieu*... Treita do crespo de outro bicho, de unhar e roer, no escalavro. No tris-e-triz, a minguável... É uma pessôa aleijada, que estão fazendo. Dou medida de três tantos! Só o sururo... Chuagem, o crú, a renho... Forma bichos que não existem. De usos, — as criaturas estão fazendo corujas. Dessoro d’água, caras mortas. Querereu... Ompõe omponho... No que que é, bichos de todos malignos formatos. O uivo de lobo: mais triste, mais uivoso. Avoagem, só eu é que sei dos cupins roendo. Para outros, a noite é viajável. Que não tenho pai nem mãe, meus menos... É a môrma, mingau-de-coisa, com fôgo-frio de ideia. Dela, esta noite, ouvi só dois suspiros, o cuchusmo. Mortemente. Malmodo me quer, me vem, psipassa... Quer é terra de cemitério. Um som surdoso, Izicre, o iziquizinho, besouro que sobe do cano dum buraco. Divulgo de bichos que vão ferrar o dente no canavial. Uê, uai, a árvore sabe de cór suas folhas secas todas. O monjolo bate todos os pecados... — *Raspa, raspa, raspador*... Porco-do-mato, catete. Porco-do-mato morre de doença. Tamanduá também morre de doença. Lobo. Tem horas em que até o medo da gente por si cansa, cavável. Uixe, ixinxe, esses são os que estão aprendendo o correr d’água do rego. Ela não veio. Ela veio, escaravelhando. Ouvi, ouvi! Só o sururo... Quer vir com um frio que nem defunto aguenta... O senhor tema o dormir dos outros, que estão em aragem. O senhor tema. Unha de coruja pega bichinho, ratos, i-xim, que

nem anel num dedo. O senhor tema tudo. Ess' estão feito cachorros debaixo de toalha duma mesa. O senhor, quando não consinta! Não consinta de jeito nenhum de ninguém pisar nem cuspir em riba de seu cuspe, nem ficar sabendo onde... Ela vem, toda noite, eh, virada no vaporoso. Não sei quem é que ela está caçando. Eu sou tão pobre... *O tatú velho falou: — Gente, não vai ficar nem um tatú, no mundo?* Ódio de pessoa pode matar, devagaroso. O senhor não queira dormir com a língua fora da boca, gago-jago. Dia é dia, é quando galo canta último, os cachorros pegam pedindo angú, as galinhas rebaixam do poleiro. É um alívio, Deus dito. Afinal, pássaros com o canto, todos os barulhinhos da noite eles resumem no contrário, fazem alegria. Sabiá: papo com tantos forros de seda. Uai, para ele dar essa doçura de estilo, o pássaro carece de muitas energias. Uai, por isso, sistema que eles comem tanto. Rolou, rolou, pomba! Quem canta superfim é só passarinho sozinho...

Ao belo dia, à senha de sol, o Buriti-Grande rehá seu aspecto, a altura, o arreito, as palmas — e as bulidoras araras o encarapuçavam, enfeitavam-no de carmesim e amarelo e azul, passeadoras. Avança coragem. Iô Liodoro regressa a casa às vezes já no raiar das barras, esteve lavourando de amor a noite inteira. Iô Liodoro pastoreava suas mulheres com a severidade de quem conseguisse um dever. — "Ele machêia e gala, como se compraz — essas duas passam o dia repousando ou se adengando para esperar o afã dele..." — dizia nhô Gaspar, seu vassalo, donos demeando-meio do Buriti-Grande na Baixada, conforme mesmo fosse por papel passado, pertencentemente. Nhô Gaspar, com hajas e babos, se conformava na admiração do invejável, dele se podia rir, à sombra o pobre do compadre, de mão. — "O que é meu, eu cuido; o resto, não me convém..." Nhô Gualberto Gaspar se arregalava em falsos graves, arredondava o mundo num gesto, botava mais bois para pastação na Baixada. Sacava enorme lenço do bolso, se alimpava no rosto, sem necessidade, parecia que estava se pondo pó-de-arroz. — "O diabo é o brejo!" — se queixava. Leal falasse, sempre mais, do que Miguel desejava: de Maria da Glória. — "É moça de muita saúde e bôas prendas domésticas, preceito virtuoso..." — ele repetia. — "Deriva de raça muito cristã..." Nhô Gualberto Gaspar deixava o lenço aberto no arção do arreio, ele estava distraidamente se coçando nas partes em que não se fala, quase como que num insensível prazer; e rematou, de respeito: — "Aqui, todos. Dona Lalinha, essa distinção, muito senhora-dona..." Dona Lalinha parecia

recolher o sumo conforto, a existência da vida, sem exigência de ideia, fosse prisioneira que fosse. Flôr de jardim, flôr em vaso. Todos viviam de diária alegria posta, mansosamente, ali no Buriti Bom, no *Buriti-Grande*.

O *Buriti-Grande*. O que era — Miguel tivesse de o descrever agora — o que era: a palma-real, com uma simpleza de todo dia, imagem que se via, e que realegrava. O que ele assunga mais não é uma flor, é o palmito, coisa comestível. Para levar o prazer de o sentir ali, nem se carecia de o olhar demorado. A gente ia passando. Mas ele deixava, no corpo e no espírito, um rijo dôce-verde sombreável, que era o bater do coração, uma onda d'água, um vigor na relva. Aquele coqueiro crescido consolava mais do que as palavras procuradas num livro, do que um bom conselho de amigo. Assim em deixação, só ser — como um rio se viaja. Valesse ali. O Buriti-Grande era o buriti grande, e o buriti era o buriti — como iô Liodoro e nhô Gaspar falavam. Nem precisavam de dizer.

O amor não precisava de ser dito. Maria da Glória ela era cadeiruda e seiuda, com olhos brilhantes e pele bôa e pernas grossas — como as mulheres bonitas no sertão tinham de ser. Tão linda quanto Dona Lalinha. Abraçava-a. Cingia-a pela cintura, ela tinha um vestido amarelo, por cima das roupas brancas. Como um movido em mente, resenha do sofrido por tantas lembranças — que uma, sozinha, são. *Tudo o mais me cansa...* Maria da Glória tinha encorpo, tinha gosto, tinha cheiro. Maria da Glória tinha suor e cuspe, como a boca da gente se enche d'água e o corpo dele Miguel latejava; como as estrelas estando.

Sossumido, em surto em sua grota, o riachinho passava.

Miguel se sentou, empegou o volante; o rapaz se apressou em tomar lugar a seu lado. No *jeep*, com pouco chegariam lá, ainda encontravam o pessoal acordado. — "Hoje, falhamos na Grumixã, casa de meu amigo Gualberto Gaspar. Mas, amanhã cedo mesmo, a gente sai, para o Buriti Bom."

. . .

Na manhã em que Miguel partiu, Maria da Glória perguntara a Lalinha:

— Lála, ele gosta de mim? Você acha, você pensa?

Sim e sim — Lalinha respondeu. Quem num instante não se enamoraria de Glória? Um ar de amor, feito o justo e fácil, a rodeava.

— Mas, sério, pelo certo, Lála? Você acha?

— Você mesma não sentiu? Meu bem, ele está de joelhos; esse moço não te esquece...

E Lalinha, que estivera a sorrir sem separar os lábios, deu-lhe um sorriso refeito; ela formava covinhas no rosto, piscava levemente; e de uma alvura tinha a tez, que a mais funda respiração suas faces se coloriam. Com mimo respondera, o tom sincero. Maria da Glória pareceu crer; de viso, se acorçoou, seus olhos gorgeavam. — "Lala, quem dera eu fosse bonita como você: eu não havia de ter dúvida nenhuma..." Atirou-se a Lalinha, com seu jeito de abraçar — que avançava impensado e brusco, mas, no empolgar, se rendia, em maciez e delicadeza. Glória beijava com gula, beijara Lalinha no rosto; mas a outra olhava para sua ávida boca, como se esperasse tê-la remolhada de leite e recendendo a seio. — "Lala, Lala, eu gosto de você, demais..." Lalinha retribuía aquele afago, que, todo lhe sendo grato, despertava-lhe também um sentimento sério de si mesma. Avaliava-se mais velha, ajuizada. Nesses momentos era que podia deter uma noção hábil de sua experiência, ciência já atacada pela vida, pago um preço. Lalinha sempre se vigiava.

Mas Glória já se desprendia dela — todo o modo de quem, aquele mesmo entrado minuto, precisasse de se mirar num espelho. Lalinha riu. Tanto se afizera a aparentar assim, para não sombrear com a lembrança de seu próprio caso o ânimo da cunhada, que, agora, quando perto de Maria da Glória, sempre de fato se alegrava. Mas suave — não à maneira de escutar-se uma notícia festiva, que pelo sim invade e perturba; antes da feição com que, quando alguém se dispõe a cumprir algo adiado e penoso, fica sabendo que isso não é mais necessário. Como pela simples cessação da tristeza. "Mas eu não estou triste... É diferente..." — Lalinha se dizia. Ela era para se dizer coisas assim. "Talvez mesmo eu não seja capaz de ficar triste, de verdade..." Todavia estivesse triste, aquela hora. Mas, pensou, e, no primeiro momento, ia querendo se envergonhar da descoberta, como de uma falta. Porém, pronto a seguir, o que a tomava era uma satisfação — vagamente pressentindo que a vontade de não aceitar a tristeza mais fosse um bem valioso, e uma qualidade. "Minha sorte ainda não é má. Ainda não vivi..." — se afirmava. Já de sua afirmação tirava um fino orgulho. Comprazida também de se saber esquisita e tão de estranhos segredos, que ela mesma, de si, ia aos poucos descobrindo. O que, entretanto, ainda a fazia gostar mais de Maria da Glória, que era dada e toda clara, que radiava. E Glória seria apenas dois ou três anos mais moça.

Vinte e três... — “Vinte e quatro, meu bem, por pertinho. E vê, não fiz vinte e três, uns dias depois de você vir?”

Chegara em setembro. — “Chuva em setembro, é chuva cedo...” — referiam. Os caminhos estavam molhados. Tinham viajado, primeiro, no trem do sertão, até a uma estaçãozinha entre cedros e coqueiros. Depois, de alquitão, num caminhão quase novo, que era de um negociante e iô Liodoro obtivera para seu conforto — ela na boleia, aos solavancos que os homens se reprovavam com remorso, o banco forrado com um couro de onça cabeçuda, mosqueado terrivelmente, as pernas sumidas num cobertor grosso de diversas cores, de lã e esparto. Daí, de certo ponto, mudaram para um carro-de-bois, que os esperava no crepúsculo. E o Buriti Bom, com seu largo aconchêgo, seu cheiro de milho despalhado e panos de arcas, e do madeiramento de toda uma floresta, era o fim de um mau mundo, aliviava.

Iô Liodoro a trouxera; fora buscá-la.

Ela não cobrara tempo de relutar, tudo se passou em rápida necessidade. Mal mesmo hesitou. A ida para a fazenda, por uns meses, proposta por iô Liodoro, com poucas palavras aprontadas no meio de um sólido silêncio, logo lhe parecera, no nascer do momento, uma decisão possível. Os modos de iô Liodoro — que convenciam, fora de todo costumado. Uma presença com pessôa, feito uma surpresa, mas sem o gume de surpresa, firme para confiança, como o chão, como o ar. Perto dele, a gente podia fechar os olhos. A voz, e o que falou — como o fecho de alguma longa conversa, de uma discussão não havida: — “A senhora vem, todos estão lhe esperando. Há de ser sempre minha filha, minhas outras filhas suas irmãs... Lá é sua a nossa casa.” Falava baixo, sem a encarar, com um excessivo respeito. Aquele homem devia de alentar um neutro e operoso amor para com todos os seus parentes, mesmo para os que ele nem conhecia.

Chegada a esse ponto, Lalinha não se achava em precisão de amparar-se num sentimento assim, que ela mal compreendia e de que podia desconfiar. Tudo, entre ela e o marido, tinha dado por desfeito. Ao final, sobreviera-lhe um desafogo — livre do emaranhamento sutil do amor-próprio, que fatiga muito mais do que o sofrer por amor. “Concordei. Para nós mesmos, foi amigável a nossa separação...” Chocha uma história. O amor — ela se limpava de todas as ilusões — começara a não existir desde os dias da lua-de-mel? Ela e Irvino tão mal destinados, tão diferentes do

que haviam esperado um do outro, que depressa até conseguiram uma tênue amizade melancólica, feita de bôa-vontade e de dó de ambos os corpos e espíritos, que se descobriam enganados. O resto, fora o tempo, dois anos. A outra mulher, Lalinha tinha sabido — era uma morena mandadora, garantiam-lhe que nem bonita fosse: corpulenta, a voz de homem, estouvada, sem-modos. Tomara conta de Irvino, transformando-o, fizera-o deixar tudo, partirem para longe. Lalinha não poderia sentir-se humilhada. Seu casamento, sim, terminara. Às vezes, pensava, gostaria de que Irvino reaparecesse. Curiosidade, forte, de conversar com ele — pedir-lhe que contasse, com toda franqueza, como era, minuciosamente, aquela mulher, comparada com ela, e por que maneira ele soubera encontrá-la, e ser feliz. Mas, não que viesse já de novo sozinho, sofrendo, nem aborrecido, incerto também de sua vida. Ela tinha preguiça de precisar de perdoar, não saberia consolá-lo, teria pena dele. Nem era de Irvino a culpa. "Ele não era para mim, eu não era para ele..." Idiota, e cruel, era a gente, antes, não poder saber. Outras vezes, não pensava nada, e chorava, sem se queixar, sem raiva.

Mas, por tudo, pelo que a meio dizia e pelo que calava em seu proceder, iô Liodoro dava ideia de estar numa certeza: a de que Irvino iria voltar. Sisudo, centrando sobrecenho, ouviu que o desquite se ultimara, e foi a única ocasião em que pareceu recriminar: — "Mas, por que, minha filha?" Por quê?!, Mas, então, ele supunha que tudo dependesse dela, e estendia sobre o filho uma asa? Tingiu-a a revolta: — "Eu sou e sempre fui uma mulher honesta..." Travou-a porém o modo grave de iô Liodoro. Decerto a simples menção horrorizara-o, tanto a fidelidade de uma casada devesse pairar fora de contenda.

Com aquele homem, e mesmo que ambos o quisessem, nunca poderia entender-se. Também, para que? Qualquer espécie de relação entre eles devia cessar. Nem eram, bem dizer, amigos, mal se haviam avistado, enquanto realmente sogro e nora; não passavam de dois desconhecidos frente a frente. Detalhes não restavam, a regular ou conversar. A separação arrumara bem o fim — como um fecho de negócios... — restituíra-lhe o nome de solteira. Filhos, felizmente, não tinham. Ah, fosse por isso? Gostaria, quase chegou a dizer: — "Não tivemos, pronto! Mas não fui eu só, ele também não queria, não queria, não queria..." Conteve-se. Quite estava com todos eles, com aquela família roceira e longínqua.

Iô Liodoro, não obstante, parecia não tomar as coisas assim. Recebera uma carta do filho — que se despedia e pedia perdão — e quisera vir. Procurara-a, sentara-se diante dela, tácito, demorado, sem fazer perguntas mas esperando que ela tudo narrasse. Como se fosse um velho companheiro em visita de consolação.

Mas iô Liodoro consecutia em detença, sabia usar a calma, como é dessa gente do sertão. Queria levá-la. Se adivinhasse sua atual condição de alma, desprendida e rarefeita, para a convencer não se comportaria melhor. Demonstrava um afeto, vago e seguro a um tempo, de pai a filha. Lalinha não precisava dessa afeição. Não precisava, e, contudo, já a estava acolhendo, se deixava descuidar, animosamente, ouvia. — "Vamos para o Buriti Bom, menina..." E ela disse que sim. Nem conhecia o lugar, em todo o prazo de casada lá nunca tinham ido, Irvino detestava a roça, a fazenda. Ia! Como não tinha pensado antes numa coisa assim? Sair, afastar-se por alguns meses, mudar mais. Só um instante de titubeio, o relance de que estaria cedendo demasiado fácil ao querer de outrem, e a ideia de que aquilo podia passar por um despropósito. Olhou iô Liodoro, que lhe pareceu ainda mais plácido. Suspeitou se escondesse sob aquela consistente quietude uma vontade desmarcada, que não toleraria contradição. Por pouco estremeceu; pensou: estaria sendo medrosa? "Se eu disser terminantemente que não, que é que ele vai fazer?" Não disse. Tanto a ideia de ir já lhe sorria exata. E, mesmo, quando assentiu: — "Pois sim, vou..." — o final — "*...por algum tempo...*" — foi baixinho que o articulou, quase imperceptível. E iô Liodoro punha-lhe fortes olhos bons: mas ele não sorrira.

Sem embargo, no dia seguinte, quase viera a insurgir-se. Estava esperando iô Liodoro, e sua cunhada, pelo telefone, informou-a de novo passo dado por ele. Espantou-se. Como ela não tivesse mãe nem pai, ele procurara o irmão, a relatar-lhe sua consentida viagem, chegara a solicitar licença. Aquilo era ridículo. Com o irmão ela pouco se avistava, nunca simpatizara com a cunhada. E, agora, um impagável sujeito, um caipira, um desusado homem de outro tempo, andava pela cidade, falava em seu nome, procurava sem razão as pessôas, procedia a atos honestamente tolos. Tudo fosse por uma ironia! Mas, então, iô Liodoro reputava-a uma menor, teimava em tê-la por isso — uma mulher sob sujeição? Podia — não seria uma temeridade — acompanhá-lo, ir com ele? Tentou-a tudo desdizer.

Se não fossem uns minutos, passando, e a engraçada ideia, que a salteou. Riu, como o melhor. Recordava a figura do sogro testalhudo, compacto, dono de toda a paciência. Coraria de se mostrar mesquinha ou amuada, teria pena de causar-lhe um direto, definitivo desgosto. Mas — aquela ideia! O repique de uma pequenina maldade, um fremitozinho urgente. Já, já. Correu para o quarto, ria sozinha, incontidamente. Depressa, como num jogo febril, tirou o vestido, vestiu as calças escuras, tão justas, que lhe realçavam as formas. Não o *sweater* cinzento, mas uma blusa, a que mais se abrisse, mais mostrasse. Nem tomou fôlego. Calçava os sapatos de pelica vermelha, bem esses, que tinham salto altíssimo e deixavam à vista a ponta-do-pé, os dedos, as unhas coloridas de esmalte, como fruta ou flôr. Daí, à penteadeira, se exagerou. Mais — assim a boca mais larga, para escândalo! Com o ruge e o batom, e o rímel, o lápis — o risco que alongava os olhos — ah, no senhor sertão, sabiam que isso existisse? Sim, tinha de ser como numa mascarada. Ele ia ver. Gostaria de aparar-lhe o olhar atônito, seu pasmo de bárbaro. Ao mesmo tempo, provava-o. Se ainda a levava, se não a levava — ele escolhesse. Saudou o espelho. — "Sabia de uma assim, meu caro iô Liodoro?..." Apanhou a cigarreira, o isqueiro minúsculo, que era uma joia. Veio para a sala. Desse jeito o recebeu.

— "Pois não, como o senhor quer, então podemos viajar, dentro de uma semana..." — disse, sorrateira como só a fingida inocência o sabe ser. E esperou. Mas nada acontecia. Sentara-se diante dele, burlã, desenvolta, cruzara as pernas. Iô Liodoro não se assombrava, não vincara a testa, não arregalava os olhos. Tãopouco esquivava encará-la. Não. Continuava regrado e conciso, sem demonstrar perturbação nenhuma, nem parecia ter notado nela qualquer mudança. Sua proximidade infundia uma saúde respirada, isso ela já aprendera. E, ela, sim, um nada, mas começou a desmontar-se. Mais por necessitar, quase já esquecida do divertimento e ardil, foi que recorreu a um cigarro. Ainda timbrou porém em oferecer-lhe um, e sorrindo. Iô Liodoro recusou, mas sem segundos modos, disse que preferia dos seus. Acenderam, e fumavam. Tudo sem desafio, tudo como se de muito longe. Homem bizarro. Agora, falava nas compras que ainda teria de fazer — nas lembranças que precisava de levar para todos. — "... Maria Behú e Maria da Glória... Delas a senhora vai gostar, elas são bôas..." Ele falava, e o lugar, aquele Buriti Bom, na sua voz ainda parecia

mais isolado e remoto — uma grande casa, uma fortaleza, sumida no não-sei.

Um momento, ele olhou em torno, e disse: que, de qualquer jeito, convinha levar tudo o que dela fosse, para maior regalo, era melhor, trens e roupagens; o número de malas e caixas não fazia conta. Seu tom, seu gesto, nele denunciavam um uso profundo, uma crença: a de que cada um devesse estar sempre rodeado do que é seu — pessôas e coisas. Sopesava-as. Todos os do sertão seriam assim? E Lalinha se tomou de ligeira gratidão, pelo que ele cuidava do seu bem-estar. Mas, seguindo-lhe os olhos, deu com o grande retrato de Irvino, colocado na mesa. “Que farei com ele?” — ela pensou, era notável a rapidez com que pensava; e aquele era um pequeno problema: levasse-o, e aquilo podia dizer-se humilhante e ingênuo; não levasse, e já agora iô Liodoro haveria de reprovar essa omissão... Por quê? Por que se preocupar assim com o que iria achar iô Liodoro? Mais rápido ainda pensava. Súbito aí, quase com uma ponta de irritação, seu pensamento se concluíu: quem sabe, iô Liodoro tinha-lhe sugerido levar tudo, apenas com a ideia de que trouxesse também aquele retrato? Isso supôs, enervando-se. Seria despeito? Ainda havia pouco, regateava a espécie de amor que iô Liodoro lhe estendia, como devido a todos os que da família fizessem parte; e agora, insensivelmente, admitia-o, como a um quinhão de direito, e mais agora se agastava no íntimo, algo lesada se sentia, rebelava-se contra que aquele sentimento dele fosse tão igualado e geral, e não a preferisse, a ela — que no casal tinha sido a parte menosprezada e inocente. Estou sendo imbecil... Sou absurda... — achou, caindo em si. De leve, deu de ombros. Mas ia acender outro cigarro, e se deteve, amarfanhou-o no cinzeiro. O terceiro, que fumasse em tão curtos momentos, e não desejava que iô Liodoro tivesse dela uma má ideia, de não decente, de má esposa. Ensaiou um ar de trivialidade modesta. Tola, tola, sou... — achou graça: ela mesma se punira. Porque, o retrato de Irvino, só naquela manhã — nem sabia porque — era que o tinha retirado de um qualquer canto, e posto ali na mesinha, para que iô Liodoro, assim que viesse, o visse.

— “Perdi um marido... e ganhei um sogro...” — gracejou, no outro dia, com a irmã, mais velha; a irmã louvava-a por ter concordado em partir com iô Liodoro. Sentiu prazer em telefonar a amigas: — “Vou, com meu sogro, passar uns tempos na fazenda...” E, naqueles dias, moveu-se. Nem parecia a mulherzinha parada e indisposta, que se considerava. E não a

aborreceu, antes dava-lhe curioso contentamento, sair com iô Liodoro, guiando-o nas compras. Queria ser prestimosa e eficaz. Queria todas as qualidades. Com seu completo e pautado jeito, iô Liodoro espessava em volta dela um laço, um voto de consideração e cautela, que bem-faziam. De uma vez, soube: iam permanecer distanciados, toda a vida, na minúcia cordial não se entenderiam nunca; mas amigos, mudos amigos; já eram. Despreocupada embarcou, no trem-do-sertão. Recostou-se. Iô Liodoro, um extraordinário homem, que tinha vindo apenas para buscá-la; ela não compreendia bem por que; mas nada receava. Cerrara os olhos com prazer, gostaria de ter uma porção de pálpebras, que pudesse ir baixando, uma sobre outra, para mais vivamente se esconder. Assim a viagem a aturdia — consumava-se como um rapto.

Seguiu-se o aportar, no Buriti Bom, onde a receberam como a um ser precioso. Mas davam-lhe também um bem-querer sem retardos. Como pode acontecer assim? — cismou. Ah, porque têm pena de mim, viram que não sou perigosa... Entretanto, menos com palavras, Glória e Behú a todo tempo estavam a demonstrar-lhe: — Tudo aqui é seu, Lalinha, e nós te amamos... E mesmo a criadagem, as mulheres e meninas da cozinha, durante dias tomavam pretexto para vir à sua presença, miravam-na felizes, não se fartavam de achá-la tão exótica e bonita, murmuravam: — “Rosazinha...” ou então: — “Ela é reinola...” De um modo, de si mesma desconfiou: de que, com o tempo, se ali entre eles continuasse, fossem então gastando aquela ilusão, se enfastiavam de seus defeitos, uma harmonia tão real não era possível longamente persistir. Outras vezes, pensou: será tudo aqui sempre tão resolvido e amistoso assim, ou é pela novidade, e porque querem esconder de mim suas diferenças? Para saber, esperava. Depressa, devagar, se entregava, se confazia àquela nova vida. Ali, todos deviam de ter o mesmo anjo-da-guarda? Havia uma paz, que era a paz da Casa. Surgia-lhe que o casarão sempre contara com sua vinda, fizesse imenso tempo que a aguardava. Seu quarto, que era o melhor e o mais espaçoso, e que correspondia quase ao meio do corredor, respeitava ao nascente, dando as janelas sobre o úmido jardinzinho — menos um lugar onde se estar por prazer, que um horto em que cada dia se pudesse colher flores e folhagens; e, para além, escuro, o laranjal, que desconhecidos pássaros frequentavam.

Já tarde, os cabelos já soltos para ir dormir, ela cabendo meiga na camisola branca, Glorinha reprimia um suspiro e bocejo, e beijava Lalinha, que a animava: — "Vai, querida, não sonha com o teu moço Miguel..." "— Ah, Lala, não caçôa. O monjolo pincha, eu acordo e fico pensando nele..." "— E acredito, minha filha? Sei o que é o sono da mocidade..."

Lalinha falara como mais velha, como se se sentisse responsável pela outra, muito mais velha. "Ela precisa de mim..." — se disse. O amor, aquilo era o amor. Viera um moço, de novo se fora, e Maria da Glória se transformava. De rija e brincalhã, que antes, impetuosa, quase um rapaz, agora enlanguescia nostálgica, uma pomba, e o arrulho. Sobre campo de espelho: assim Lalinha recordava sua própria adolescência — que agora lhe parecia o inflar de um avesso, separada de tudo, desatadamente vivida, como se pertencesse a outra criatura. Lembrava-se: de quando se isolava, aflita sem razão, e temia de querer uma novidade de amor, espantosa salvação e espaço. De repente, de si, achara um vezo, muito oculto, o de abraçar-se ao que estivesse melhor ao seu alcance, uma porta, o travesseiro, um móvel, abraçava, e recitava frases de arroubo — as que lera ou ouvira, outras inventadas, adivinhadas: um seguimento de súplicas, ofertas, expansões — todas a história de um padecer por um Amado. Desenvolvera-a, em ardente representação, real como um pecado, alta como uma oração ou poesia; e pura. Mesmo quando descobriu que, para a verdade do amor, era necessária a carne: que sua carne doesse, leve, devagar, enquanto ela murmurava sua intransmissível paixão, e prometia e implorava. Aquela dôr, era extraída de tantos modos — unhando-se, magoando-se contra uma aresta, retendo-se no que podia. Suportava-a para um enlevo, castamente como nunca, livrada. A tanto, o agudo sentir fixava-a em si, ela se firmava num centro. Sonhasse — mas como se em luta por defender-se de outros sonhos. Nisso se refugiara, por um tempo, meses; se gradualmente, se de uma vez, nem sabia como se desabituara. Nunca julgara fosse culpável; nem lhe acudiria a ideia de submeter aquilo a julgamento, tanto lhe fora indispensável, tanto fatal. Mas, segredo que não confiaria a ninguém, a nenhuma amiga. Passara. Quando o primeiro namorado apareceu, o mais era já assunto remoto, sem lembrança. Daí, o amor dispunha-se de brinquedo, namorava exercendo um jogo expansivo, que esperavam dela, emancipador e predatório. Seus namorados, contava-os como companheiros amáveis ou adversários amistosos; não lhe

inspiravam devaneios nem desejo, e enjoava deles, se queriam romance. Até que conheceu Irvino. A Irvino, amou, ao menos pensou que amasse, pensou desordenada. Mas nele viu foi o homem, respirando e de carne-e-osso — seus olhos devassantes, seus largos ombros, a boca, que lhe pareceu a de um bicho, suas mãos. Teve logo a vontade de que ele a beijasse, muito; por amor ao amor, não lhe veio a ideia de penar por ele. Nem se diminuíra naquele ameigamento melancólico, e indefesa, como com Maria da Glória via acontecer. Como uma vítima... De vezinha, impacientava-se, pensando nisso. Então, o amor tinha de ser assim — uma carência, na pessôa, ansiando pelo que a completasse? Ela ama para ser mãe... É como se já fosse mãe, mesmo sem um filho... Mas, também outra espécie de amor devia poder um dia existir: o de criaturas conseguidas, realizadas. Para essas, então, o amor seria uma arte, uma bela-arte? Haveria outra região, de sonhos, mas diversa. Havia.

Mas Maria da Glória se entristecia em beleza, quebrantada. A tonta rola! Nem o moço forasteiro lhe dera motivos para que confiasse nele, por certo nem a merecia. Fora apenas um simpático intruso. Lalinha aquela noite não podia deixar de sacudir esse pensamento, com muitos vinagres. Chegava a detestar Maria da Glória. Como eu gosto desta menina! — se mordiscou, fechara os olhos. Mas sorriu. Toda aquela mudança de Glória — reconhecia — se fizera notada somente por ela. Tudo dissimulando aos olhos dos outros, só quando a sós com ela era que Maria da Glória deixava que seu amor por Miguel transparecesse; só nela tinha confiança, só perante ela se transformava. Soube-se mais sua irmã, precisava de ampará-la, de ser muito sua amiga. Glorinha. Ia protegê-la. De algum modo, a Lalinha parecia-lhe vinda a vez de cuidar de Glória, mandavam-na a tanto o afeto e um gosto de retribuição. Devia-o, a ela, e a todos dali, do Buriti Bom, que a abrigava.

Entendia-os, pensava. Mesmo, bem, a iô Liodoro, que, ainda quando mais presente, semelhava sempre estivesse légua a longe, mudo, apartado, no meio d'algum campo. E no entanto se sentia seu maço de coração, governando ouvinte os silêncios da casa. Era como se iô Liodoro de tudo desprendesse sua atenção, mas porque tudo supusesse constantemente andando pelo melhor. Ele, a qualquer hora assim: quieto de repente, diferente de todos mas sem mistério, mais que um dono e menos que um hóspede. Tinha-a ido buscar, e trouxera-a, com especioso afã, durante o

caminho todo, quase serviçal. Mas, bem chegados, e ele se desfizera dela, como se desabafado de uma incumbência. Entregara-a às filhas, sossegara-se a seu respeito. No mais, não seria outro, caso ela ali estivesse residindo havia anos, ou se tivesse de ficar lá para sempre. Lalinha, de começo, estranhou. Mas Maria da Glória tranquilizou-a: que não, que o pai toda a vida fora assim, retraído, retraidão, canhestro, e com o miúdo das coisas não se importando um avo. E, outro dia, Glória brincou e disse: — "Sabe, Lala? Papai gosta mais de você, porque você não deixou de usar a aliança..." Seria verdade.

Confundiu-se, de ouvir. A aliança! Tomavam-na a tento de um perseverar fiel, a despeito de tudo findo; e ela, a bem dizer, conservara-a apenas por petulância, e quase como um sinal de maior liberdade. Ou nem se detivera momento nenhum a resolver sobre aquele pequeno assunto. Deixara um anel no dedo, só. Mas o desagradável pejo crescia, porque — compreendeu — agora não ia mais ter a coragem de se desembaraçar daquilo. E, principalmente — de brusco, mais longe entendeu — porque todos ali queriam-na, mas nela vendo a mulher do filho e do irmão, nada mais, por isso a acarinhavam. Esperou um tempo, daí indagou: — "E Maria Behú? Por que ela gosta de mim?" "— Maria Behú? Por que ela gosta de você? Mas... Todo o mundo não fica gostando logo de você, Lala? Mas, também, a Behú ainda gosta mais, por causa do Irvino, porque, você, não tem jeito de você falar mal dele, nunca deu palavra de queixa em acusação..." Confirmava! *Para eles, eu sou apenas o que não sou mais: a mulher de um marido que não tenho*... Assim, e eram todos. A Tia Cló, espécie de mordoma ou caseira, parenta afastada, exata estreita como uma tábua de bater roupa e trabalhadeira geral, como ela sem mais ninguém; Tia Cló dera dito: — "...Tão de formosura, vigia só que iô Irvino andou escolhendo assaz..." E assim as criadas. Mesmo um idiota, que lá havia lá, o Chefe; e esse morava no moinho, contando-se que passava as noites a olhos, por mania-de-perseguição. Ou um fazendeiro vizinho, nhô Gualberto Gaspar, que no Buriti Bom pelo menos umas três vezes por mês aparecia, portando-se como se da família fizesse parte. E o iô Ísio, que era chegar à casa e as irmãs rodearem-no, com cochichos, querendo saber se ele recebera carta de Irvino; e, em meio ao conciliábulo, iô Ísio, que mal sabia disfarçar, levantava os olhos, procurando Lalinha que se achava a distância — ah, tudo corria bem, ele certificado da presença dela, como da de um refém de valor. Mas o nhô Gualberto Gaspar era o mais crasso —

ousara dizer-lhe: — "Arrufos... iô Irvino é bom rapaz, sei da natureza dele. Conheço seu marido, de em desde de meninozinho..."

Era o *Gual*, o "nhô Gual"; decerto por motejo assim o abreviavam, num cordial menosprezo. Maria da Glória denunciou: — "Oé? Behú tem birra dele, diz que não é de respeito: que gosta de olhar as minhas pernas..." Como Maria da Glória se ruborizava, era delicioso. — "Ele tem bom gosto..." — Lalinha respondeu, não sabendo que demonice a picava. Estavam elas duas a passeio, no plano da campina, aquele prado, com o avistar os buritis — tufando alto as palmas redondas. Ali, Maria da Glória encorajava Lalinha, que não temesse bois bravos, dos que pastavam acolá, em engorda no verde. Lalinha apreciara também a beleza do lugar, se mal que os mosquitos ferroavam muito, como espinhos no ar; era preciso pensar num óleo perfumado e dôce, que as recobrisse contra eles. — "Você me acha bonita, Lala? Sirvo?" Lalinha riu. — "Mil! meu bem..." Riram. — "Mas... como uma mocinha... ou como mulher?" "— Isto. Uma mulherzinha endiabrada..." Um pouquinho, Maria da Glória se ensimesmara. Sim, ela era bela. Mas Lalinha precisou então de ver-lhe mais as pernas, que o lorpa nhô Gual gostava de namorar à socapa. Sem meias, aquelas pernas eram firmes, retesavam-se a ora, retendo a dádiva de uma palpitação, e bem torneadas, a pele cor de sol. Esse um dos encantos de Glória — que, quando andando, ou mesmo parada, de pé, ela se impunha ao chão, libertada e enérgica, mais vivo seu corpo que o de outra qualquer pessôa, deslizável e incontido. Mas, que, repousando, sentada, ou recostada, como naquele momento, ela toda se abrandava, capaz de dengos, apta aos mais mornos aconchegos, aos mais submissos. — "Lala..." — daí logo ela disse — "Você acha que é certo uma moça solteira, como eu, pensar em... assim: gostar dessas coisas?" Lalinha não atinara imediatamente com uma resposta, e não queria, primeiro que tudo, deixar transluzir sua surpresa — como se, assim fizesse, fosse maltratar Maria da Glória. — "Porque, Lala, é... Sabe, eu sei que é pecado, eu sei. Mas você acha que é certo, de ser: que as outras moças são assim também? Todas, não; mas... muitas moças, das outras, como eu?" Lalinha tardou. O que sentia, era um susto; mas dôce susto, a despeito. Se pudesse, prolongava o arrepio daquela espera, queria tempo, para imaginar as revelações que Maria da Glória ia fazer-lhe. — "Mas, que coisas, Maria da Glória?..." — e para perguntar andara um esforço.

Mas, decepcionada ouviu — aquilo nada era — apenas uma espécie de travessura: — "Nada, não... Mas, sim, você sabe: eu muitas vezes, tem horas, fico achando que seria bom um homem de repente me abraçasse... Desde que Behú falou, eu penso: eu fazendo de conta que não noto, havia de gostar que um homem olhasse muito muito para minhas pernas..." "— Nhô Gual?" "— Ora, o Gual é um bobo..." *"...é um bobo, mas é um homem..."* — para Lalinha foi como se Maria da Glória tivesse dito. — "Lala, você acha que é assim mesmo? Que eu regulo bem?" — quase ansiosa ela insistia. Com ternura, Lalinha quis tranquilizá-la: — "Sim, meu bem. Você, uma moça, ensopadinha de saúde. Cada uma precisa de se sentir desejada..." Assim sorriu, sensata, vendo que Glorinha se desafogava. Glória era menina na boca, mas seus olhos amavam alguém. — "Você tem namorado, Glória?" "— Tenho não, nenhum. Nunca namorei." Soava sincero. Glória não sabia mentir. — "Muita vez, de noite, quando fico desinquieta, levanto, ajoelho na beira da cama e rezo..." Riu para continuação. — "Sabe?: eu rezo bastante, só não tanto como Behú... Esbarro de rezar, quando minha alegria volta. Eu gosto de rezar é para chamar a alegria..."

Elas, as duas irmãs, tão unidas, tão amigas, e, no entanto, ao mencionar a outra, Maria da Glória logo um átimo se ensombrava; tinha de ser assim. — "Você, meu bem, precisa de gostar de algum rapaz, precisa de casar..." Suspendeu — e soube porque: como podia aconselhar, ela que no casamento errara? Podia querer para a outra um igual destino? — "Casamento não é sorte? Não penso nisso, não. Não me importo de ficar para tia... Prefiro morar sempre aqui, com Papai e Behú, gosto do Buriti Bom..." — Glória respondera, simplesmente, decerto no momento esquecida da condição da cunhada. Lalinha mesma já seguia outros pensamentos. Admirava aquilo, o que havia pouco tinha dito Maria da Glória. Agora, sim, ela era quem se propunha: "Serei eu normal?" — e não podia pedir conselho à mais moça. Quando solteira, nunca sentira assim — o desejo difuso, sem endereço, que Glorinha lhe confessara. Com ela, o que a animara, de modo semelhante, sem alvo certo, fora uma extensão de amor, a ideia de um amor, audaz, insubordinável; o desejo, somente viera a atormentá-la mais tarde, detido na pessôa de Irvino — e que, entretanto, não era para Irvino... Admirava o de Maria da Glória, e aquilo dava-lhe um espanto. De repente, pensou compreender porque Glorinha gostava de se referir, entre risos, à cópula dos animais e aos órgãos de seus sexos. Ainda

na véspera, dissera, repetindo noção corrente entre os vaqueiros: — “O zebú é frio, preguiçoso. Touro curraleiro ou crioulo é que é macho de verdade: bravo, fogoso de calor. Um marruás curraleiro carece de muitas vacas, para ele não tem fêmeas que cheguem...” Falara assim, forte de inocência. Mas Maria Behú, se franzindo, brandamente censurara-a. “Ela disse isso, sem se lembrar do pai... E Maria Behú, teria pensado nele, quando ralhou?” — Lalinha não tinha podido deixar de cogitar.

Iô Liodoro — ela já sabia do motivo que o levava a sair a cavalo, à noitinha, para muitas vezes só regressar em horas da madrugada. Entendera logo a razão daquilo, desde já nos primeiros dias, e rira-se: “É o meu sogro fazendeiro, que vem voltando do amor...” — se dizia, quando, da cama, escutava o tropel nas lajes do pátio, ele chegando. “Meu sogro, virtuoso...” — constatar a divertia. Mas: “Malfeito, um pecado...” — refletira. Irritava-a, súbito, a ideia daquele desregrar, que clamasse na casa do Buriti Bom como um mau-exemplo, e então ali, com as filhas, com Maria da Glória! Não seria? Pois Maria da Glória mesmo, por todo ensejo, tinha prazer em dizer: — “Sou como Papai... Puxei ao Papai...” —; e falava de um ídolo. Sim, Maria da Glória precisava de um dedinho de amparo. Devia sair do Buriti Bom, ir para a cidade, devia de ter algum parente por lá; elas, Lalinha também, deviam abandonar aquela fazenda. Odiou iô Liodoro, sobre o instante, e, de repente, a seu sem-saber, disse: — “Por que teu irmão não gostava daqui?” Glória olhou-a, surpresa, respondeu: — “Quem?!” Voz quase de zangada. Ah, decerto estranhara ouvir aquele “teu irmão”, em vez de “meu marido” ou de “Irvino”. — “Tolice o que perguntei, meu bem, não repare... Eu estava pensando em outra coisa...” E levantou-se, estendendo a mão à outra, eram horas de tornar a casa. — “Muitos mosquitos, e formiga no capim, sempre um bichinho vem incomodar...” Mas com Maria da Glória não tinha sido nada, lépida e jovialmente erguida: servia para qualquer sonho. E disse: — “Eu também estava pensando numa outra coisa, que... Posso perguntar, não te aborreço?” — “E então, querida?” — “Pronto: é se, você me diz: vocês não quiseram ter filhos? Mas, não zanga comigo, d’eu te perguntar...” —“Claro que não, nem há motivo. E não é que não queríamos ter, só fomos deixando para mais tarde... Mas, você, Glória, deve casar, e ter pelo menos meia-dúzia, uma porção...”

Vinham caminhando, por um trilho-de-vaca, o dia não era forte, no esmorecer do sol. Já não comentavam o lugar, a ele acostumadas, mas

assistiam sempre ao voo das garças deixantes, por sobre o Brejão; e olhavam com amor o Buriti-Grande, a Mata, e o esmalte ou velho cobre que se vê no buritizal, vem nos buritis, somenos. — "Lembrei de Vovó Maurícia, você sabe? Ela é quem diz: — *A gente deve de ter muitos filhos, quantos vierem, e com amor de bem criar, desistidos cuidados de se ralar, sem sobrossos: que Deus é estável. Mas a gente se casa não é só para isso não — a gente se casa será é para lua-de-mel e luas-de-méis!...* Sabe, Lala, você havia de querer bem e mesmo que a Vovó Maurícia fosse sua avó: por gosto, pagava... Ou, então, a prima dela, menos velhinha e mais bonita ainda, tia-vó Rosalina, as duas tão amigas, foram casadas com dois irmãos... Agora, faz tempo, Vovó Maurícia está no Peixe-Manso, nos Gerais, em casa de meu tio Silvão, tia Beia. Nem sei quando iremos lá, ou quando ela vai vir, para se ver, querida bem. Cá em casa tem retrato dela, mas não acho parecido justo. Todo retrato enfeia..." Lalinha pensava: essa Vovó Maurícia, quando moça, teria sido parecida com Maria da Glória? Que continuava contando: — "...Viveram como Deus com os Anjos — ela e Vovô Faleiros, já falecido... Ela dizia: — *Seu Faleiros, o senhor sempre, olhe lá, me tenha muito amor...* Conforme os usos: mesmo Mamãe e Papai toda a vida se trataram por *a Senhora, o Senhor...* Vovó Maurícia gosta de vinho. Vovô Faleiros cheirava simonte... Ela conta coisas da mocidade, tão divertidas: reproduz em assovio as músicas das dansas antigas, com a mão no ar reparte o compasso. Dansava carola e varsoviana. Botava perfume nas pregas da saia. Vestia saia de balão, mas não gostava de pôr espartilho..."

Chegaram em casa à hora do jantar. O passeio fora bom, andar, assim a céu. Quinze dias fazia que Lalinha viera, e esse tempo se soltara, em nuvens e nadas, ela nem se detinha para saber se gostava dali. Cedera-se. Agora, descobrira que tinha poros que ela mesma ignorara. Sabia que gostava de Maria da Glória, muito. Quis dizer: — "Você é como o buriti..." — disse. Maria da Glória riu. Tantinho hesitou, como quem não atina com o dito nem com a resposta, e daí sorriu, elevando os ombros, como quem de repente descobrisse diversas boas respostas a um tempo, para dar. Nem deu. Entendera a outra, via vindo do afeto. E, Lalinha, o que devia ter falado, agora em mente achava; que era: — "Você é o Buriti Bom..."

Mas iô Ísio esperava, com eles para jantar. Ia jantar, mesmo demorar-se mais, os primeiros trechos da noite, só após iria se despedir, atravessaria o

rio a horas mortas, em sua canôa, de volta para a Lapa-Laje. Porque, via-se, aquela tarde traria alguma guardada novidade; se via, no modo meio estranho deles todos, assim alvissarados, entre si entendidos. Iô Ísio, mesmo, escondia o entusiasmado mistério de alguma coisa. Por mais que se fizessem em seda e veludos, olhavam-na — e Lalinha pressentiu: ... "É com migo...?" Como conversavam animadamente, numa harmonia ativa, como sorriam, mais da vez! Até Maria Behú, o quanto gracejava. E iô Liodoro, pouquinho mais convivente, descascado um quase, querendo-se amável. Iô Liodoro, aquele modo de responder curto, e em seguida sorrir para outra pessôa, que nada lhe tivesse perguntado. E, então, como se chegado o preciso instante, iô Ísio anunciou: — "Dô-Nhã está aí..." E todos pareciam saber disso, mil certo sabiam. Todos tinham uma coisa em mente. Dô-Nhã. A coisa era ela. A visível conspiração. Olhavam-na: Lalinha percebeu — saía-lhes às caras: queriam que ela quisesse saber, que perguntasse. — "Quem é Dô-Nhã?" — achou docemente prático satisfazê-los. E Maria da Glória, iô Ísio, e até Maria Behú, quase falaram a um tempo: — "Uma senhora, muito bôa, engraçada, você vai ver, ela vive da banda de lá do rio... *A Dô-Nhã? Ela tem poderes... Ei, desmancha coisa-feita, desata contratos*... Uma mulher, amiga nossa. Ela sabe manha e arte..." Devia crer? Mesmo iô Liodoro, solene modo, concordava, com a cabeça, diversas vezes. Lalinha entendeu.

Dô-Nhã não viera à sala, jantar à mesa, ainda não aparecera. Decerto esperava lá, na cozinha — aquele domínio enorme, com seu alto teto de treva, com montes de sabugos descendo de metade das paredes, e pilhas de lenha seca e lenha nova, onde ainda vinham restos de orquídeas e musgos, e astutos bichinhos terebrantes, que, em seus ocos, calavam-se. Os cachorros ressonavam pelos cantos, tanto havia escusos recantos, onde uma criança podia perder-se. Troncos inteiros ardiam, com estalos e nevoagem, na longura da fornalha, à beira da qual uma quantidade de mulheres de todas as idades operavam, trauteando cantigas inentendíveis, ou comentando casos e feéricas vidas de santos. Enquanto, no patamar, no borralho, um gordo gato, visargo, às vezes entreabria os verdes olhos adstringentes, para que neles bailassem os germes do fôgo. Ora ou ora, o gato ficava de pé e se aproximava de nada, mas as chamas se refletiam ao geral, seu rubro, e uma daquelas mulheres ralhava: — "Sape!" Outra ajudava a ralhar: — "Aíva!" E o gato se repunha, enrolado sobre as cinzas, no rabo da fornalha. E as mulheres falavam, e a cozinha emitia sempre seu

espesso cheiro — de fumado e resinas, de lavagens e farelo. Ali era uma clareira.

Lalinha leve e breve se desassossegou. Todos, unidos como de há muito, voltavam-se para ela, tencionavam submetê-la a um ritual de encantamento, a um manejo de forças estranhas. Para isso, tinham feito vir essa Dô-Nhã. Não os entendia mais, nem a Maria da Glória — e eles eram uma raça. Nem podiam merecer exprobração, e do ridículo salvava-os um compartido ar de inquietação, ansiosos: por causa dela, como se de seu assentimento muito dependesse. E olhavam na direção da cozinha. Dô-Nhã ia surgir. Tia Cló a trouxe.

Conforto que era para a gente dela se rir, aquela mulherota, de curta cara arredondante, com uma pinta de verruga pondo um buquê de pelos; os cabelos por cima numa bola se atufando; ela séria, séria demais, de propósito; e como fungava. Parou e salvou — "Em nome de Cristo Bom-Jesus a certa saúde de todos!" — e ficou de pé: queria-se respeitada e hirta, no meio da sala, o quanto possível. Desse digno só desmerecia nos olhares — furtando curiosidade e pressa — que soslaiava para a gente, aos pequenos jactos, cucava. Fazia-se de louca sobre louca?

Nisso, falou. Assim e Lalinha mal notara, e iô Liodoro e iô Ísio antes tinham saído da sala; nem os supunha para se escaparem de modo tão deslizado, tão discreto. Mas Dô-Nhã já estava falando, e era a ela, Lalinha, que se dirigia, despejada:

— "Ao que veja, minha filha, já sei, já sei os sabes: mandraca que uma outra avogou, para te separar vocês dois, no separável... Te avexa não, eu estou aqui, Nossa Senhora Branquinha e mais os Poderes hão de dar o jeito. Tem aslongas não... Se pode tomar essas esperanças? Certeza, minha filha! Não carece fica inchando a cabeça, eu agaranto. Desamarro, amarro. Ele vem voltar..." Suspirou para cima. Piscou, para arregalar os olhos. — "Vem vindo... Nem não é o primeiro! Faz pouco, inda eu rechamei o homem duma comadre minha, manso retornou. Se veio por querer, de bôa-vontade? Un-hum... Veio foi feito caracará na corda... Mas, você-a-senhora, minha filha, eu vejo que é formosura, é assim lindos-jasmins, então a ação retorce com melhores diferenças: não tem dó-lhe-dói, ele há de vir, feito beija-flôr à flôr de ingá, como vagem seca de tamboril viaja no vento... Me espera, só, se tu me vereis..." Pousou-se. Tanto rompante de fala esbofara-a, e agora atentava afável para Lalinha, que mal a enfrentava — débil riso só.

Tal, tudo se dava — uma papeata — e Maria da Glória talvez se receasse do mau efeito, ou se apiedou de Lalinha. — "Espera, isso é depois, Dô-Nhã. Senta aqui com a gente, conta as notícias do mato..." A mulher concordou. Num pronto, se desvestira do ar-em-ares. Jocosa, toda falava, refalava e perguntava, em mestra naturalidade — e assim era um denunciar-se de ter saído de uma comédia, era, pois. Maria da Glória e Maria Behú provocavam-na, e aplaudiam-na, sorridentemente. Via-se, criam nela, entretanto. Como era possível, deus-meu, acreditar-se em branca sombra duma sujeita de burlas dadas? Como?!

E todavia teve que — já no quarto — Lalinha se sentiu. Abrira a janela, daí precisou de apagar o lampeão, sob o ás-asas avançante das mariposas. O laranjal — um emuralho preto. Depois, a gente caminhava no céu. Calmo, como as estrelas meavam. A noite dava para muitas coisas. E ela perdeu o acompanhamento do tempo: — "Estou no sertão... No sertão, longe de tudo..." — se compadeceu. Notou, de repente: estava chorando. Surpreendeu-se, e esperou; como se quisesse saber quanto as lágrimas sozinhas por si duravam de cair, como se elas fossem explicar-lhe algum motivo. E já estava triste — era uma tristeza que fosse muito sua, residindo em seus pés, em suas costas, suas pernas. Não tinha um lenço ao alcance, e enxugar os olhos nas costas da mão deu-lhe um nervoso de poder se rir. Debruçou-se. Cerrou as pálpebras — a noite era uma água. De estar só, completamente, tirou uma esquisita segurança. Segurou-se ao instante. E foi como o abrir-se de outros olhos, agudo uma pontada. "*Eu* gosto dele porque ele me deixou... Não tenho brio..." Morder-se-ia. "Estou chorando é de raiva, é de ódio..." Que tinha vindo fazer ali, lugar de outros, tão trazida? Todos queriam que ela fosse uma coisa, insistentemente devolvida a quem a recusava? A noite do sertão, de si não era triste, mas oferecia em fuga de tudo uma pobreza, sem centro, uma ameaça inerme. Tudo ali podia repetir-se, mais ralo, mais lento, milhões de vezes, a gente sufocava por horizonte físico. Incessância dos grilos, que cantavam do alto — parece que ganharam os galhos das árvores. "Eu sou como uma menina de asilo..." — ela se espinhou. "Vou chorar, muito..." Se disse — e não veio o choro — o que a sustinha ali debruçada era uma apatia, um cansaço transtornado, surdo. Abaixo, quase de o poder tocar com os dedos, o pobre jardinzinho, atulhado, de suas flores dava o ar, das que para desabrochar escolhem o escuro. Tinha — lembrou-se — a tirolira amarela, migalha de seda, um retalhinho de flôr: essa obedecia de abrir-se

exata no entreminuto das quatro da madrugada. — “É um relógio...” — diziam. Sabiam coisas demais, do tempo, dos bichos, de feitiços, das pessôas, das plantas — assim era o sertão. Davam-lhe medo. Fechou a janela, mesmo no obstáculo do escuro caminhou, tacteou pela cama. Deitada, uma das mãos estava sobre um seio, sentia o liso de seu corpo como se apalpasse um valor. Sabia-se bela, desejável. “De que foi que eu gostei em Irvino, quando o conheci — quando quis casar — quando meu noivo?” Tudo lhe parecia não-acontecido ainda. Virou-se. Distendeu, instigou sua atenção: queria surpreender uma marca, um relevo, no monte das horas se escoando. Ouviu galos, continuavam os grilos. E assim o silêncio da casa do Buriti Bom — que era como levantada na folha de uma enorme água calma. Maria da Glória estaria dormindo? “Não quero pensar... Quero ficar bem quieta...” Assustava-a, qual se fosse uma velhice, a insônia — aquela extensão sem nenhum tecido. Estremecimento — de imaginar tivesse de ser como a Maria Behú: condenada a rezas, a rezas, a vida toda, e a boca estava cheia de terra seca, uma aspereza... Ou aquele bobo noites inteiras acordado no moinho, escutando sem fim — o Chefe... Não, precisava de ir-se embora dali, voltar para sua casa, para perto de suas amigas, na cidade... E ouvia. Ouviu. Era um rumor de cavaleiro chegando, estacara encostado aos pilares da varanda. Lidando com o animal. Desarreava. Tão tarde assim? Mas era iô Liodoro, retornando. Iria escutar-lhe os passos, quando viesse pelo corredor. Não ouviu, não ouvia. Iô Liodoro, infatigável no viver, voltando do amor de cada dia, como de um trabalho rude e bom. Ele. Não tinha conhecido ninguém que com ele se parecesse, homem assim não se podia conhecer. Tinha visto, ou pensado ver, algum ou outro que lhe lembrassem a vago o modo — mas sempre apenas algum estranho, qualquer transeúnte, na rua... “Como pode ser o pai de Irvino, como podem todos daqui querer tanto ao Irvino, dele sendo tão diferentes?” Alongou-se, seus pés um no outro descobriam uma suavidade sutilíssima, ah, gostaria de ser acariciada. Voltou-se para o canto, o rosto próximo da parede — a camada de ar ali como que se guardava mais fresca, e com um relento de limo, cheiro verde, quase musgoso, ora lembrava água em moringa nova. Respirava um barro. Sorveu aquilo, dava-se a um novo bem-estar. Pudesse, estaria deitada junto de Maria da Glória, queria que Maria da Glória, horas sem tempo, a abraçasse e beijasse, lhe desse todos os afagos, como se ela, Lalinha, Lala, fosse uma menina, um bichinho, diminuindo, cada vez mais diminuindo,

até meio menos não existir, e dormir — só um centro. Dividiu-se — e, mal manhã, as muitas vacas berravam.

No seguir-se, achou até divertida a Dô-Nhã; de um dia para o outro, as coisas são tão diferentes. A mulher falhara lá, meia semana, pífia e desfrutável, comia muito e alto apregoava seu cerimonial, a certas horas representado, com manipulações e urgidas rezas invocando a vinda de iô Irvino. Num intervalo, Maria da Glória revelara: — "A Dô-Nhã viveu vida estúrdia... Por muitos anos, nos Gerais, teve de ser mulher de quatro homens, todos de uma vez, e até com isso se deu bem..." Naquilo não acreditava: que a Dô-Nhã viesse de uma estória, ela, triste estafermo. Mas era. — "Ela foi bonitinha..." Terminados os trabalhos, e bem paga, então, para Maria da Glória e Lalinha, não teve dúvida em confirmar, mais uma vez, em todos os pontos, a narração de sua mocidade.

Era do Cacoal — um arraialzinho, perto do engasgo do rio. Mocinha nova, sem nem ter quinze anos, o pai e a mãe conversaram de repente que ela tinha de se casar. Casar com o marido, o Avelim dos Abreus, rapaz quieto. Mas desse ela não gostava, nem para um beijo no fim do rosto, quanto mais para de noite; se arrenegou — donzelinha como era, não podia ter juízo. Gostava de namorar era com outro, o Totonho, que vindo dos Nortes, não era dali. — "Sossega de mentira, meu benzinho, não é nada: eu te fujo, na hora, batemos para a Januária, casamenteirozinhos, é para toda felicidade..." — o Totonho disse. Ela esperou. O pai engordando porco, comprando gastos, a mãe obrigando-a a fazer enxoval. Enxoval de pobre é coisas atôas — o casamento já estava marcado com data. — "Na hora, tu deve de trazer tudo o que é seu..." — o Totonho mandava recado. A mãe e os irmãos pequenos vigiavam, Dô-Nhãninha nem tinha mais ocasião de cochichar com o Totonho. Assim mesmo, combinaram o dia. Mas não puderam fugir, a vigiação era forte, com os parentes todos. E, vai daí, vieram descoberto prender o Totonho — que era criminoso de morte — foi levado para Diamantina: cadeia e júri, de seis anos... — "É baixo, que eu ia deixar de gostar, eu tinha opinião de amor!" Mais que o Totonho conservava um amigo, no Cacoal — o qual era Damiãozinho — moço firme e decidido. E, mesmo em estando preso, achou jeito de enviar outros dois cabras de toda confiança: o Ijinaldo e Sossô... Todo o mundo gostava de Totonho... Pois era para me fugirem, fingindo que íamos para a Diamantina também, mas me levando era a salvo até a Januária, donde Totonho tinha um irmão, casado, jagunço de fazenda dum Coronel

Bibiano, da Fazenda Jacarés... Eu quis. Eu fiquei em muitas ânsias. Mas, não havia jeito, singular que desconfiavam, inferno que me foi. Só relaxaram olho foi de tardinha, no dia, por eu já estar casada com o Avelino... Mas fugi — em risos e rezas, e em prantos... Violas lá no quintal de casa, tocando minha festa, e nós galopando, toda estrada: que comigo, o Damiãozinho, Sossô, Ijinaldo, e mais um José Tôco, que serviu para ajudar. Esse José Tôco era de perto do Cacoal, mas não prestava — era desordeiro e muito ignorante. Conseguimos muitas léguas... Mas, no meio-tempo, adoeci, figurável da aflição e do susto recolhido. Doença minha retrasou a gente, três dias, numa casinha de sinceras pessôas bondosas, no Cerradão do Atrás. Isso emprestou tempo para o diabo — vieram nos cercar... meu tio Antoninão, com outros e armas. Frouxos! Tiroteio tido, morreram dois, deles, o resto caçou o cós do mundo. Ah, mas — agora a gente estava criminosos, não se podia seguir para rumo de povoal — entortamos para o ermo dos Gerais, por longe, por cima dessas chapadas... E só esbarramos numa vereda escondida, sem morador nenhum nem rastros, sempre achamos que ali era uma que se chamava Vereda do Pica-Pau. Lá decidimos de ter de ficar morando. Bom, depois? O que se passou que houve? Bem, as senhoras sabem, não é? A gente não se presume... Vender couro de bichos, plantar mandioca, pescar peixe — eu cozinhava... Eles queriam. Eu estava ali. Uma ocasião, se falou nisso, a gente não é de ferro; quanto mais, homens... Mas, foi muito resolutivo, muito pensado. Pelo direito. — “O Totonho virá mesmo, um dia?” — o Ijinaldo disse. Os outros todos duvidavam. — “Se não vier, ninguém não paga à gente os tempos passados, e o regalo que se perdeu...” Aí, eu peguei a chorar; e eles dizendo: — “Chora não, beleza, benzinho, que estamos vivendo para te querer-bem...” Depois eu ainda fui chorando, mas era meio de mentira, para eles me consolarem mais, assim. Eu era muito menina, não podia ter juízo... Por continuação, o Damiãozinho foi e disse: — “Se sendo a sorte nossa que botou a gente nestas condições, eu acho é o que acho, que ninguém não pode culpar que é traição a um amigo...” Todos concordaram. E, por fim, Sossô, que era o mais ladino deles todos, foi e disse: — “O Totonho está à revelia. E o certo é que, ela tendo se casado com o Avelim, nem religião nem lei não são capazes mais de dar regulamento nisso, em favor do Totonho. Assim como se casou, não podia acontecer de ter tido de dormir a primeira noite, ou outras, com o marido, antes de se conseguir a fuga? Então, tudo fica na mesma...” E perguntou para mim, se eu mesma

não achava. Eu, batendo com a cabeça, respondi que achava que sim. Eu estava com dó deles. Decidimos d'eles todos quatro ficarem comigo... Assim completo, durou dois anos...

Mas, ah, não, tudo por miúdo não relatava. Relembrar, agora, e com senhoras de tanto bem, até pertencia de ser pecado... Contar o roteirozinho daquilo, não cabia em sentido. Contava era como foi a continuação, pelo normal. Pois, naqueles dois anos e tanto, tudo corria ancho, dentro de ordem. Quando é caso bem determinado, não se briga. Nunca se brigou. — Mas, aconteceu, Sossô ouviu notícia de que, no Riacho Gato, estavam tirando ouro amarelo lavrável. Deu nele o fôgo da ambição, ninguém pôde ter mão nele. — "Vamos para lá, todos?" — ele bem que chamou a gente. Os outros não quiseram. Eu também não quis, não — em logradouro ou povoal eu havia de ter vergonha de ser mulher de quatros... Então, Sossô deu a despedida, nós todos ficamos tristes, embora ele se foi. Mas, daí depois, uns tempos, eu já não era boba, pensava nessas providências da vida, e resolvi mandar — pois todos me obedeciam e me agradavam. — "Temos de aproveitar a saúde, trabalhar rijo, para o futuro. Arranjar gado, fundar currais, isto aqui tem de virar uma fazendinha, fazenda..." — eu afirmei. E não dei mais descanso aos três. Ijinaldo e Damiãozinho bem que cumpriam. Mas o José Toco, por vagabundagem, para não molhar de suor o corpo, fugiu: se meteu para o mato, como um mau boi... Não voltou, mais nunca. Mas não fez falta, pois nós três, somentes, demos para progredir muito, em prazo de três anos já possuímos umas vacas, até queijo se fazia, até algodão se plantou... Uns dizem que, para enricar depressa, a gente roubou cavalos e bois, o que é mentira e falso, e mesmo aqueles gados e cavalos do Gerais eram sem donos. O que eu tinha de ter era energia à muita... Enfim, com aquele bom-viver, era muita bôa-sorte demais, de prosperar, e um dia então entristecemos: o Damiãozinho — que era o melhor de todos — Damiãozinho adoeceu para morrer, morreu de inflamações... Sobrou só o derradeiro, que foi o Ijinaldo. Até, nas horas do Damiãozinho agoniar, o Ijinaldo, na beira dele, chorava e exclamava: — "Não, Damiãozinho, não morre não! Não me deixa aqui sozinho..." E eu, que tomei aquilo por ofensa, tive de repreender: — "Então, tu até parece que tem medo de ter só a minha companhia?!" Mas ele estava pesaroso era pela amizade criada, e pensando e tal nos trabalhos na roça. Depois, enterramos Damiãozinho, caprichadamente, num cercado de pedras que a gente levantamos no começo da chapada — para tatú não vir. E a gente,

nós só dois, começamos outra vida nova. Onze anos pelejamos, sem esmorecer, por fim já se tinha casa bôa, vaqueiros e enxadeiros em serviço, aqueles pastos campos alqueirados, o lugar remediava. E dei nome prezável: ali ficou chamado sendo a Vereda do Pôço-Claro. E é, até hoje... Vendi, quando o Ijinaldo também faleceu — foi de cobra cascavél que picou, nas duas pernas, nas trevas — vendi, bem, para um Tiodimiro Cássio... Com o dinheiro, comprei o sítio da Suã, perto do Cacoal, p'r' adonde voltei. Meus parentes me respeitaram...

Não, nessa Dô-Nhã não se podiam depositar esperanças, para um contrafeitiço; com ela se precisava era de gostoso rir — e ela mesma agora ria, não se importava. Principalmente, do seguinte. De que, voltando, o marido legítimo ainda estava à sua fiel espera, o Avelim dos Abreus, homem requieto. Disse que sempre gostava dela, pediu amor, os dois se ajuntassem. Foi. Mas o Avelim pesteava de desanimado, mãmolente, mesmo preguiçoso, extraído de todo alento de perseverança em trabalho. E ela mesma já tinha se abrandado daquela dureza firme, tanto não valesse. Pensaram que eram ricos, não tiveram sorte, negociaram mal. Perderam o sítio da Suã, às quartas, vende aqui, entrega ali, gastaram tudo... Como fim, agora estavam por aí, beirando o mato, na missa da miséria — por pena, o iô Ísio colocara o Avelim como posteiro, nos altos confins da Lapa-Laje. — "Mas, para os Gerais, eu dou as costas..." Dô-Nhã não sabia se queixar da vida, maugrado de tudo. E, o homem amado — o Totonho — desse, nunca, nunca, tivera mais notícia. — "Este mundo é diabrável para consumir gente..." Assim a Dô-Nhã se despediu, se foi, cheia de presentes e agradecimentos, iô Ísio veio buscá-la para a transpor para lá do rio, e aonde os Gerais vão começando. — "Mexi, mexemos, a senhora vai ver: ele vem e vem..." — disse, de estado, de suas rezas esconsas. E a gente sorria.

Todavia, despeito disso, guardavam fé. No dê-por-onde-dér, todos ali queriam a mesma coisa. — "Lala, meu irmão vem, ele vem... O amor não morre!" — Glória suspirara no dizer. Entretanto, de outra vez, Glória se arrebatara: — "O que a gente devia de fazer, eu sei. Irvino não tem culpa... Papai devia de mandar alguém ir consumir essa mulher! Como é mesmo o nome dela?" Os belos grandes olhos tinham expendido acêso em acêso, como um estralo. Lalinha se surpreendeu; salteada: se era assim, podiam planejar crimes, praticá-los? — "Como é, Lala? Me conta o nome dela..." Lalinha hesitou — não fosse aquilo a sério. Nem se lembrava de algum dia

ter sabido o nome da outra, que estava com seu marido, e que era morena. Mas, ali no sertão, atribuíam valor aos nomes, o nome se repassava do espírito e do destino da pessôa, por meio do nome produziam sortilégios. Dar de que, arrufada, Glória reprovava-lhe o ignorar aquele; tomava seu não-saber por um descaso, como falta de interesse em Irvino? Pensou, com curto susto. Entanto Maria da Glória certo caía em si, se desdizia: — "Ah, não, Lala, Deus que me perdoe... Falei atôa, você não ache mal de mim..." — e sorria, seu ar brusco e inteligente, de menina forte. E, a dois passos delas, Maria Behú nada ouvira, Maria Behú ouvia de menos, era um tanto surdosa. Contudo, também Maria Behú de bôa mente aceitara os ofícios da Dô-Nhã, e esperava os resultados, igualmente cúmplice. Maria Behú gostava de blusas com bolsos, escondia as mãos nos bolsos, costumava ficar assim, muito imóvel, de pé.

— "Behú sabe que não é pecado de amavio o que se encomendou à Dô-Nhã, mas somente destruir o malefício que a outra fez, para pegar meu irmão... Ela até ajuda, com rezas maiores, com mortificações. E oração de Behú vale muito..." — Glória dizia. Aceitavam que Maria Behú por todos arcasse penitências. Parecia justo. Ela — a feia, sem nem um singelo atrativo — era a que se vestia sempre de escuro, e as golas tão altas, e contudo com rendinhas, que ao queixo lhe chegavam. Para proteger a santa-pureza; e de tudo aquilo, tiraria a Behú um lado de contentamento? O amor que mostrava por Maria da Glória era afinado em admiração e desejo de proteger. Sugeria um sentimento materno. Uma criatura desherdadinha tanto, de esperar-se não seria que ela invejasse a linda irmã, pelo menos no tentar contrariá-la pequenamente? Não, Behú nem censurava em Glória os vestidos bem abertos, as mangas encurtadas; isso nem parecia notar? Glória mesma explicava a Lalinha: — "Aqui, a gente tem liberdade de usar o que quiser, é como na cidade. Mas, para ir à Vila, é um horror: falam de tudo, tudo reparam..." Principiara essa conversa a Tia Cló, que não deszelava detalhe nenhum, e que enchia os olhos de esperança, apreciando o luxo de Lalinha. — "Como Deus é bom! Semelha mesmo um enxoval... Mas, minha filha: você não acha que não devia de usar essas tão finas peças, por agora, desgastando sem serventia; melhor não é guardar? Poupar, para quando ele vier vir..." Oh, sossegasse seu receio, a bôa Tia Cló, fossem esperar a vinda podia ser espera de uma vida inteira... E as roupas de mulher não serviam para sempre, tanto muda a moda... — Lalinha tinha de explicar, gentil. Mas Tia Cló dissuadia-se de

entender, amigamente renuía. Teimava em preservá-la assim enfeitada e bonita, para o regresso de iô Irvino. — "Não, minha filha: faz isso não, a senhora não. Vai estragar essas mimosas mãos, cansar atôa, você não tem costume..." Assim ela impedia que Lalinha ajudasse, no mínimo que fosse, quando, no pejo de estar sendo tão inútil, queria fazer como Behú e Glória, que às vezes davam demão nos trabalhos caseiros de engomar e passar roupa, ou de costura. E mesmo, de certo modo, estranhamente Maria Behú se obstinava em afastar desses serviços também Maria da Glória — e era como se a beleza devesse ser defendida para outros destinos, e as mulheres formosas da família pairassem muito acima de tudo o que recordava escravidão e escravos.

Maria Behú e Tia Cló se uniam, para aconselhar que Maria da Glória fizesse companhia a Lalinha, levando-a para passeios. Saíam, nos dias grandes, de veranico ou estiada. — "Você precisa de aprender a montar, Lala..." — Glorinha insistira. Acedeu. Um animal macio e obediente ajudava-a pouco a pouco a perder o medo, desde que seguissem a passo vagaroso — e Glória, generosamente, se proibia de galopar, conforme tanto gostava. Iam, quase sempre, à Baixada, onde o forte sol enxugara os verdes, a relva era um coxim. Apeavam, recostavam-se, olhavam de frente, retamente, o céu, o azul alto, falavam de tantas tolices. Estavam ao pé do Buriti-Grande, mais que homem, mudo tanto, e já, sobre ele, desde de manhã, mexiam-se as araras no fastígio. Casais de araras. Todos os buritis, parecendo plantados à risca, iam longe em aleia, a gente imaginava procissão de povo, a cavalo e a pé, seguindo aquele rumo, as pessôas pequeninas, incessantes. — "Meu bem, aqui é um encanto, menos os mosquitinhos..." "— Fuma, Lala, que é bom, para espantar estes. Me dá um cigarro, também?" "— Mas, você fuma, Glória, meu bem, você?" "— E sim, sabe? Às vezes. Você não pensava? Tem horas, vou contar a você: fico pensando que eu não presto — que o diabo me tenta... Porque acho que tudo o que tem, de melhor, é o que a gente não deve de fazer, o que é preciso se aproveitar escondido, bem escondido..." Riu. Seu rosto tomou cores. — "Você..." — "tolinha...", Lalinha ia dizer, e, apontando-lhe com o dedo, mimava repreensão. Mas Maria da Glória a interrompeu, sorridente desafiante: — "Não vai dizer mais que eu careço de casar!" Tolinha! — era o que era, o que Lalinha tinha pensado: que Maria da Glória, por traquinagem, fantasiava meios de se acreditar adulta mulher, muito existente, tirada como de romances lidos ou de fitas de cinema. Assim se

sorriram. Aí, perto delas, passou uma comprida sombra no chão, deslizada — era o gavião-azul indo seu caminho no ar, foiçasse-o. Ao redor, dava muito gavião, dos outros, gavião-ferrugem, que se chamavam no buritizal, quiritavam. Adiante, do brejo, as garças distinguiam voo.

O Brejão-do-Umbigo, o nome era quase brutal, esquisito, desde ali pouco já principiava, no chão — um chão ladrão de si mesmo — até lá, onde o rio perverte suas águas. O que se sabia, dele, era a jangla, e aqueles poços, com nata película, escamosa e opal, como se esparzidos de um talco. O brejo não tinha plantas com espinhos. Só largas folhas se empapando, combebendo, como trapos, e longos caules que se permutam flores para o amor. Aqueles ramos afundados se ungindo dum muco, para não se maltratarem quando o movimento da água uns contra os outros esfregava. Assim bem os peixes nadavam enluvados em goma, por entre moles, mádidas folhagens. E todos os bichos deixavam seus rastros bem inculcados na umidade da argila. Todo enleio, todo lodo, e lá, de tardinha, a febre corripe, e de noite se desdobra um frio maior, sobre as que se abrem torpes — bolhas do brejo e estrelas abaixadas. Aquilo amedrontava, dava nôjo.

Por que haviam construído a casa-da-fazenda naquele ponto de região, tão perto de horrores e matas? Diziam que o valor dali era a terra, e a abundância de águas. Tombava a chuva dos grandes meses do fim-do-ano, de cerra-céu, dava para esfriar e escurecer o tempo mesmo no meio do verão, a gente permanecia dias e dias encerrada. A própria casa calava de crispar-se e se corrugar debaixo dum vapor, ameaçado o mundo de se converter todo no encharcado de um Brejão, num manho-mar. "Vou me sufocar... Vou ficar medonhamente triste..." Não ficava. Às horas, se deixava numa indiferença de pedaço de coisa. A gorda comida roceira, os doces açucarados, e aquele contínuo lazer sem limite, assustavam-na — que assim ia engordar, desfigurar-se dadamente, como se se condenasse a um irreparável aleijão. Aludira a isso, e Tia Cló, depois de confabular com Glória e Behú, pudera entender. — "Ele, minha filha, gosta mais de você afinada?" — perguntou. E trazia a Lalinha chás amargosos, que tinham de ser bebidos muito quentes, cheiravam a maracujá e limoeiro, e, em vez de colher, mexiam-se com longos verdes espinhos.

Liam. Ali tudo o que era escrito se guardava indefinidamente, havia pilhas de revistas muito passadas, e romances, alguns do tempo em que Irvino e Ísio, e as irmãs, ainda eram adolescentes. Às vezes sentadas junto,

na grande rede, demoravam assim. Glória sabia extrair duma página de figurino o esperançado alvoroço de quem comprasse bilhete de loteria. Imaginava rumas de vestidos belos, e cores e festas, queria que o mundo todo se estendesse na antiguidade de uma alegria. Rude repentinamente, se erguia — uma rijeza estremecia-lhe instantânea das coxas aos tornozelos — e ia até ao extremo da varanda, querendo surpreender o âmago da chuva. Ou, então, antes de abraçar a outra, distendia-se num espreguiçamento de saúde — os claros braços revoltos rolantes, como o espiralar de perfumes, escorregava aquela visão, e, na boca, em vez de um bocejo, um sorriso. — "Lala, ah, Lala, você é minha amiga?!" Transmitia a segurança — um condão — de que exercer a amizade fosse possuir um triunfo. — "Lala, você sabe? No Colégio, as freiras não queriam que entre nós, internas, as amigas formassem pares constantes... No recreio, não deixavam que duas alunas conversassem sozinhas. A gente tinha de ser três, ou cinco, ou mais... Elas não queriam 'predileções'. Eu achava graça. Eu nunca tive 'predileta'..."

Suasiva simples; sua inocência raiava como uma debilidade presa dentro de uma força. Ela mesma, Maria da Glória, não teria noção do que suas frases encadeavam? Nem podia ser fingimento de candura. Lalinha se conteve, não quis buscar-lhe os olhos. Seguisse a falar: — "Nós, do sertão, gostávamos de andar juntas com as do Curvelo..." Sorriu de alto. — "As curvelanas, sabe, eram as mais unidas, e as mais bonitas — e as mais orgulhosas..." Agora, de pé, embalançava a rede, onde Lalinha se aconchegara. Estar por estar: Lalinha se cerrava, espessava os olhos; em volta, chumbo de tudo, o mundo se lavava, veloz, mas ali no senseio da rede era um ninho. E gostaria de ouvir Maria da Glória tagarelar, longamente. Com um sabor de malícia, às gotas se segredou: que Glória fosse além, dissesse coisas intranquilas, repelidas como um cuspe e mais disformes, assim impremeditadamente vindas à voz de uma meninona linda, aquela voz bem timbrada, rica de um calor forte de vovoengo — o que ela descuidosa dissesse se tornava implacavelmente dito: formava para sempre uma teoria terrível; aquilo dava um dôce arrepio, meava-lhe animador pelos ouvidos — coragem e apalpos gélidos de medo.

Queria quase nem queria, desse jeito, sem precisão, num desejo sutil e esgueirado, que era o fio de um tédio curioso, como quem não fita fim. "E a Dô-Nhã, hem, meu-bem? Você já imaginou?" — ciciava uma pergunta. E errara, errou a via. — "Dô-Nhã? Duvide não, Lala, ela entende, a gente

sabe de virtude no que ela faz e desfaz...” — Maria da Glória pronto a sério respondera; Lalinha odiou aquela mudança. E depressa tentou deter o encanto, que se dissipava: — “Não, meu-bem, eu estava pensando era em *outras coisas...* A Dô-Nhã, mocinha moça, morando de mulher com quatro homens...” Riu, um risozinho que quis torpe, bebeu-se, para colher o que Glória comentava. Havia que, de outra ocasião, perguntar tudo a ela, à Dô-Nhã, fazê-la contar... — “É mesmo, Lala. Ela é uma mulher levada...” Maria da Glória se entusiasmava, magana, dada num descontraste. Os risos de ambas se passavam estilhas de escândalo, uma cumplicidade oblíqua, que festejasse alegrias impossíveis. E, vez vezinha, deitavam olhos, vigiando alguém não viesse. Mas de repique, Lalinha sofreu o mal-estar de um remorso, o abrigo da bôa penumbra feita teimara em clarear-se. “É horrível! Sou um monstro, sou imunda...” O pensamento alheável chamara-a, abaixo fora, até onde, de repente, tudo balançara, jogando-a de novo em si — pavor e nôjo nú do quadro que inventara. “Não sou assim! Ela não é assim! Glorinha...” — se impôs; e crispou-se — seu espírito se inteiriçava, recuando da margem de fôgo, do estonteado. “Meu Deus, uma coisa dessas é impossível, que bom, não pode acontecer, nunca, nunca, graças a Deus!...” Não podia ter pensado aquilo, ninguém deveria poder jamais pensar aquilo — nem não sendo sua, a coisa daquele pensamento, matéria de nuvens — e ré se sentia, no íntimo, traidora de todos, ali, vilã vil na casa. Casa de iô Liodoro... Nele, em iô Liodoro, fincara a ideia, no agudo do alarme, como quem vai cair e, ainda que sem olhar, se firma e segura em alguém a seu lado, ou a uma árvore ou uma parede.

Nem se dava direito se a lembrança de iô Liodoro a socorrera do susto, ou se o provocara, a um claror de relâmpago, esbarrando-a.

Iô Liodoro chegasse agora, como vez de costume, surgido do campo onde reinavam remoinhos de bois e o vendaval das chuvas, e aos gritos os vaqueiros cavaleiros, vestidos de velho couro ou sob as capas rodadas de palha-de-buriti, iô Liodoro se apeava do cavalo, subia à varanda, suas altas botas enlameadas, seus largos ombros, o emembramento espaçoso, as roupas, o chapelão escurecido de molhado, e ele escondido dentro de si, retirado de seus olhos dele, vinha, a gente pensava sempre que ele viesse vir, em direitura; mas não, apenas à distância as cumprimentava, abençoava Maria da Glória, e entrava na Casa, iria pelo corredor, que em dias chuvoentos se alongava mais obscuro. Aquele homem assentava bem com as árvores robustas, com os esteiões da casa. Ele estreitava a

execução dos costumes, e não se baixava amesquim para o que de pequenino se desse. Outra hora, tomado seu café, reaparecia, ficava um tempo de pé, embrulhando o cigarro. Conversava, sim, saído de claros segredos, dizia coisas sem maior importância, e estudava-se em sua pessôa uma espécie de influição, que era de benevolência e gravidade. — "Papai não dá liberdade a ninguém, nem tira..." — Maria da Glória explicava. Lalinha tomava um prazer, de não precisar de se levantar, de já estar assim ali, e poder continuar encolhida na rede, na presença dele. Sentia-se delicada e fraca, e respeitada. Pedia para si pureza, os límpidos pensamentos. "No fundo, sou bôa..." Apartar-se de coisas ainda não separadas, e como frias doenças — a face de seu pensamento se fazia tênue, transparente, como se ela divisasse: malmoveu-se uma grande forma.

Iô Liodoro tinha uns poucos cabelos agrisalhando-se, lateralmente — o resto ainda parecia, estranhamente, mais jovem. E nos traços de seu rosto a gente podia discernir, ainda indiferenciados, os que foram repartidos entre Irvino, Ísio, Maria Behú e Maria da Glória? No monótono, nessas águas, a gente enclausurada em casa tinha tempo para muitas divagações. Quando, então, Glória se lembrava — sentia falta de canções e de música. Maria da Glória ia apanhar a vitrolinha, que era um aparelho portátil, de manivela. — "Você sabe, Lala? Toda vez que a gente quer alguma coisa, e não sabe o que, então é porque a gente está é com sede dum bom copo d'água, ou carecendo de ouvir música tocada..." Maria Behú, sempre cuidadosa, era quem guardava as agulhas e os discos. Sem deixar de lá o trabalho que estivesse fazendo, Maria Behú pedia, acanhada, que pusessem uma valsa sentimental. Dizia que se lembrava de Vovó Maurícia. — "Pior é não se saber quando ela vai vir, para ficar uns meses com a gente... Com o reumatismo que está padecendo, tão cedo ela não consegue viajar demorado..." Era a última notícia da avó, que uns vaqueiros tinham trazido. — "Quem vem dos Gerais, é alegria adiante, tristeza atrás..." Maria Behú estava citando um ditado de Vovó Maurícia, essa falava coisas inesquecíveis: — "O sol não é os raios dele — é o fôgo da bola. A gente é o coração caladinho..." Ou, então, a respeito das pequenas alegrias, de todo momento: — "A gente não presta atenção nisso, que é saudação-de-carta; mas, às vezes, depois, dói, dói molhado..." Maria Behú gostava de rezar e de ser triste. Mas Glória perguntava: — "Você deve de dansar bem, Lala. Você toca piano?" Glória dansava sozinha.

E num dia assim tinha aparecido o nhô Gualberto, assim como assim seu vezo: a modo de que viesse receber algo, buscar algo para os vazios de sua alma; dava recados longos de afeto e lembranças, de sua mulher, Dona-Dona, que não se via nunca e ele dizia estar sempre perrengue, experimentando os remédios. Nhô Gual a boa distância se postava, mas aos poucos delas vinha se aproximando, com seu ar de matuto em feira. Não, não se atrevia a dansar, quando Glória o convidava; ele se benzia de sorrir e agitar a cabeça, como se quisesse mostrar-se paternal, tolerante para o que considerava como folguedos em criancice. — “Ah, minhas filhas, quem dera... Já se foi, o meu tempo...” Lalinha achava graça naquele “minhas filhas”, que, por modo tão inofensivo, era um manejo para incorporá-la, também a ela, a uma espécie de intimidade. Mesmo se escusando e falando em tempos idos, nhô Gualberto Gaspar não escondia igual a esperança de ainda poder passar por festeiro lépido e garboso, modesteava de falso. Um cômico homem, bamboleão, molenga, envergonhado de sua própria pessôa e de seu desejo de ter uma porçãozinha maior das coisas da vida. Era de ver como a música vingava animá-lo, nos intervalos queria contar casos, às vezes a um rompante se arriscava, vaporoso de vaidades. Maria da Glória pusera-o a dar corda na vitrola, e um tanto confuso ele obedecia. E, sim, agora Lalinha podia comprovar como ele, às furtas, mas desenvolvidamente, não tirava os olhos das pernas, das formas convidativas de Maria da Glória. Ele mesmo saberia que o fizesse? Talvez não. E assim não seria ainda mais obsceno? Mais graves aqueles olhos, a ingênuo serviço de uma gana profunda, imperturbada, igual à fome com que as grandes cobras se desenrolam, como máquinas, como vísceras. O ar do quarto se amornava, de súbito, outros orbes nele oscilavam, subintes, como um começo de angústia. E viu: porque se atordoava — era porque Maria da Glória reparadamente se comprazia com a nojenta admiração, dava mostras de instigá-la; era, estava sendo impúdica. Se não, porque aquele capricho no mudar de posição, de reclinar-se, tão santinha quieta, tão calma, cruzando as pernas, suspendendo mais a barra do vestido? Oh, aquilo horrorizava, parecia uma profanação bestial, parecia um estupro. A sério, iria ter depois uma conversa com ela, com a amiga, com a cunhada, aconselhá-la a cuidado, a não se expor assim. E aquele tipo beócio, nhô Gual, nhô Gaspar, merecia que o expulsassem, de uma vez, a cães, a brados. Nunca mais voltasse. Ah,

faltava ali, no Buriti Bom, um resguardo, um pressentimento, uma adivinhação minuciosa de mãe, que olhasse por aquela menina.

E Lalinha, assustada com seu próprio último confranger-se, recusava-se a ver, não queria testemunhar — encolhia-se até de respirar, sentia que devia negar aquilo, com todas as suas forças, como se dela tudo proviesse, como se em sua consciência fora que a loucura dos outros tomasse alento e avultasse, dela mesmo dependendo que os absurdos criassem forma. Apegava-se a um consolo — talvez Maria da Glória estivesse alheia ao baboseio ignóbil; e em Maria da Glória ela preferia a insciência, a mesma que, da parte do homem, aumentava sua repugnância. Mas, não, não era. Porque, a certa altura, Maria da Glória pôde, com um gracejo de gestos, chamar-lhe a atenção para a atitude de nhô Gual. Então — respirou — Maria da Glória só por uma maliciosa brincadeira, leviana mas perdoável, era que fazia por estimular a procacidade do outro, intencional? Mas suspeitou de imediato: podia ser que Glória só lhe tivesse chamado agora a atenção, a fim de se isentar, desculpar-se, e por descobrir que ela estava tão agudamente atenta... Aquele homem soez, agora, de propósito dirigindo-se a ela, Lalinha, ele estava contando coisas idiotas, num vagar de voz: — "...Aí, por debaixo dos buritis, até apeamos... A dona queria que o marido arranjasse uns desses caramujos do seco, bicho danado de ascoso. Dizem que serve de remédio, para peito fraco... Mas a dona Dioneia até que está bem viçosa, risonha demais, estava com um vestido azulzinho e branco com floreados, quem eu achei meio mocho foi o marido dela, o Inspetor..."

Mas Maria da Glória se enrubesceu, sob pretexto parou de tocar, chamou Lalinha a seu quarto, pouco se deram do destino que nhô Gualberto Gaspar tomasse. Glória fremia de ira: — "Você viu, Lala, você ouviu? Essa mulher, dona Dioneia, é uma das... Fraquezas do Papai, você sabe, ele é homem... Antes a outra, que nunca vi, mas sei: que é uma mulata, mulher de desventuras... Mas, aquela, casada! Com o marido perto, sofrendo sabendo. Ela é uma cachorra, uma valda. Devia de haver quem desse nela uma tunda..." Não, era baldado tentar encaminhar a irritação de Glória para nhô Gual Gaspar, que se dera ao desplante de vir trazer o indecente assunto. Glória encorpara-se no ódio à mulher, e era apenas. Enfim, quando pôde sorrir, e de amplo se desanuviara, Lalinha falou-lhe, do lúbrico namoro de nhô Gaspar, censurando-a meigamente. Contudo, o que Lalinha não esperava, Maria da Glória a ouviu, sem

pestanejar, e mesmo concordava, olhando-a com muita infância. “Ela é mais forte do que eu...” — Lalinha achou, tranquilizada. “É inocente, tão inocente... Impura e culposa sou eu, nas minhas desconfianças...” Sentiu, sinuosamente, uma necessidade de rehaver-se em maior harmonia com ela, de aceitar suas opiniões; e, no que dizia e ouvia, já estava tão só querendo agradar-lhe. Glória podia falar da outra, dona Dioneia, e ela não se atrevia a opor-lhe que era injustiça atribuir àquela toda a culpa.

E, como seria, essa dona Dioneia? Já vira o marido, o Inspetor, que uma ou duas vezes viera à fazenda, falar com iô Liodoro, nunca passara da varanda; iô Liodoro tratava-o bem, tomava com ele um trago de restilo, conversavam algum tempo, o homem se ia. Ele era envelhecido, e piscava, piscava. Outra vez, na estiagem, de janeiro em meio, Lalinha e Glória, que estavam passeando no arredor, iriam encontrar-se com ele, andante depressa. Era um dia quente, mas o córrego estava assujado, não podiam tomar banho de pôço, Glória imaginou fossem ver as roças. O Inspetor, gracejando, quis mostrar-lhes o lugar em que estava agora o Chefe Zequiel, manejando solitário. A gente percebia, o Inspetor — que ele se sentisse na precisão de se mostrar alegre e despreocupado. E o que Lalinha admirou foi Maria da Glória ter-lhe perguntado atenciosa pela mulher, com muita naturalidade. — “Perguntei por ela, como pelo cão-de-beltrão...” — Glória iria depois explicar-lhe; por dó, dando ao homem uma ilusãozinha, ele se sentisse não marcado, não desprezado. — “Você, meu-bem, é um anjo...” O que pensou: “Maria da Glória perdoava tudo aos homens?” — mas admirava aquela bondade, tanto juízo. Porém, diante do Chefe, bastando não entender o sorrisão com que o bobo os recebia, o Inspetor se desculpara e partira — pesava à gente ver um homem assim chagado. — “Eh, esse deve de ser muito rico: senhor de cidade...” — o Chefe entanto dissera, ele acatava as pessôas pelos trajes.

E, ante Glória e Lalinha, o Chefe se desmanchava desdentado todo num riso, era igual lhe tivessem surgido de repente duas fadas. Principalmente pronto a um ajoelhar-se-de-adorar aos pés de Lalinha, ela mesma o percebera. — “Nhãssim, nhãssim...” — ele em afã redizia —; tudo o que ela quisesse ou sentisse ou pensasse devia de ser a própria razão. Mas, quando se afastavam, ele murmurava alguma coisa, que Glória dizia entender e seria: — “Nhãssim, madaminha linda...” Ali, no lugar, ele fizera um roçado, defendera-o com o tapume de varas. Amendoim — era o que aquele ano tinha plantado. O chão ali era bom, e a terra clara — ah,

como carecia de ser, ele em seu papagueio explicava. Porque o amendoim, quando produz, abaixa os ramos, para enterrar uma por uma as frutas, escondendo-as; e elas tomavam na casca a cor da terra. Mas, já tinha perdido a esperança de colher bem bastante. — "É porque estou caipora..." — dizia. Maria da Glória interpelara-o, sobre o que andava ouvindo, de transnoite, e o rosto dele, vinda dos olhos, deu sombra duma tristeza. Lalinha se estarrecia. Era aquilo possível, só de se pensar — que o pobre diabo havia anos pagava ao medo todas as horas de suas noites, tenso na vigília? E podia descrever, relatar imensa e pequenamente tudo o que vinha parar a seus ouvidos, como enteava. — Tudo — e era nada. — "Que é que adianta, escutar, nessas noites em que o que tem é só chuvarada de chuva?" — Maria da Glória brincava. Ah, nhãnão, sinhazinha: tem muitas toadas de chuvas diferentes, e tudo o mais, que espera, por detrás... Podia contar, de todo cricril; do macho e da fêmea quando as corujas currucam, dar aviso da coruja-grande, que pega pintos no quintal; ou para que lado se comboiavam, no clareio da manhã, as capelas de macacos. Ou quando ameaça de mudar o rodeio do vento. O gugugo da juriti, um alvoroço de ninhos atacados: guaxo guincha, guaxo vôa. O pica-pau medido, batendo pau, batendo tempo. Lontra bufando — uma espécie de miado — antes de mergulhar. O gongo dos sapos. O gougo do raposão. Ou ao luar uma bandeira de porcos-do-mato, no estraçalho. Essas vantagens Maria da Glória interpretava e esclarecia, ela apresentava o Chefe Zequiel como se ele fosse um talento da fazenda, com que o Buriti Bom pudesse contar — nos portais da noite, sentinela posta. Mas, não, Maria da Glória, por de demasiado perto o ter, mal o compreendesse, nem désse tino do constante agoniado padecer que o aprisionava. Bastava notar-se-lhe a descrença de olhos, o tom, o afadigado insistir com que ele, contando de tudo, como que procurava exprimir alguma outra coisa, muito acima de seu poder de discernir e abarcar. Como se ele tivesse descoberto alguma matéria enorme de conteúdo e significação, e que não coubesse toda em sua fraca cabeça, e todas as inteiras noites não lhe bastavam para perseguir o entendimento daquilo. Ah, e o fato de resignar-se, de não achar que os outros precisassem de compartilhar daquele medo tão grande. — "O Chefe todo-o-tempo tem dôr-de-cabeça. Não é, Chefe?" Tinha, sim, era verdade — ele sorria, grandes cantos da boca, seus olhos miravam miúdo. E tinha, entanto, a voz bôa e um jeito delicado, todo cumpridor de tudo, o respeito, seguindo sua vidazinha no bem-querer das obrigações. Trabalhava. Temia

a noite, pontualmente, o pingo do barulho menor. Por isso, ao entardecer, vinha à cozinha, deixavam-no entrar no corpo da casa. Exultava quando havia rezas conjuntas — era um meio de diminuir o espaço da noite, o sozinho. Ajoelhado, era o mais obediente ao rangido das orações, não cochilava. Tudo terminado, ele ainda relutava em ir-se; e indagava sempre: — "Tem as indulgências?" Parecia querer um recibo, um papel, ou pensava que as indulgências fossem uma cédula de dinheiro. Ou, então, vinha ouvir música, quando punham a vitrola. Ficava a distância. Repetia: — "Toca violins..." E Tia Cló, as criadas, o pessoal pequeno, todos o respeitavam, aceitadamente, ninguém zombava dele, deixavam-no ser a sério seu na tolice, se bem fosse um pobre-de-deus, vindo nem se sabia de onde, e ali acolhido por caridade.

Assim era aquela gente. O umbral do sertão, o Buriti Bom. Ali, quando alguém dizia: — Faz muitos anos... — parecia que o passado era verdadeiramente longe, como o céu ou uma montanha. Estúrdio seu estatuto, todos meninos de simples, no imudado de afetos e costumes. Aquelas mulheres da cozinha, para elas os écos do mundo chegavam de muito distante, refratados: e era um mundo de brinquedo e de veneração. Surpreendiam-se falando coisas de alegre espanto: — "Diz-se que na cidade vai ter guerra..." E cantavam lôas. — "Você sabe a História Sagrada?" Dividiam bichos e entes — os que eram de Deus e os que não eram. O bem-te-vi era pássaro do capêta. Discutiam, sofismavam, renhiam, como se entre o predomínio de Deus ou do demônio a decisão final tivesse de ser por eleição. Chovia tanto e tanto. Dias esses, tudo cheirava a vegetal e barro. Haviam-se os patos, quantidade deles, batendo muito, fortemente, as asas, zanzando no quintal e no pátio-de-trás. Nunca matavam desses patos para a cozinha; mas davam notícia de quando desaparecia um: que de certo descera o rego, denadando, se sumira no córrego, lá em baixo, raposão comeu, ou jacaré. Riso era nos dentes de uma preta: — "Quando dá arco-da-velha, é bom para apanhar pra beber águas de chuvas..." Esses trovões de muitas nuvens. O calor era grato, o fôgo em festa na fornalha enriquecia a tantos. Estiava. — "Os passarinhos todos estão chocando em ninho..." Iam encher o mundo de passarinhozinhos. Os pássaros cantavam vivalma. No espaço do pomar que era das mangueiras e mamoeiros, eles sobressistiam. E às vezes chegava um vaqueiro, vinha pedir café, aos fundos da casa, narrava: — "O Abaeté encheu demais, no Ingá-Branco rodou uma casinha águas-abaixo, com seis

pessôas... Afogou muito boi nos pastos...” “— O João Bento quer vender um coatí, que ele pegou. O João Bento é dôido...”

Em certos dias, surgia na varanda uma mansa gente — os pobres do mato. Eram umas velhas, tiritáveis, xales pretos tapando remendos e molambos, os rostos recruzando mil rugas; e as rugas eram fortes, assim fortes os olhos, os queixos — e quase todas eram de uma raça antiga, e claras: davam ideia de pertencer a uma nação estrangeira. Ou os velhos, de calças arregaçadas, as roupas pareciam muito chovidas e secadas no corpo, esses homens se concentravam, num alquebro, sempre humildes. Aquelas roupas, tinham sido fiadas e tecidas à mão, por suas mães ou mulheres, ou filhas. Eles deviam de ter passado por caminhos estranhos — carrapichos, pedaços de gravetos, folhas verdes, prendiam-se em seus paletós, seus chapéus. Como deviam de morar, em bordas de grotas, ou recantos abstrusos dos morros, em antros e choupanas tristonhas, onde os ventos zuniam e a chuva gotejava. Esses podiam testemunhar milagres. Não, o sertão dava medo — podia-se cair nele a dentro, como em vazios da miséria e do sofrimento. Talvez toda a quantia de bondade do mundo não bastasse, para abraçá-lo, e seria preciso se produzir mais bondade — como a de Maria Behú e Maria da Glória, que pareciam tanto estimar e proteger aquela pobre gente, as duas disso nem se dando mesmo conta. Era de ver o contentamento com que acolhiam seus afilhados, tão numerosos, uns meninos e meninas que sorriam deslumbradamente e nunca falavam, quase sempre tinham uma beleza amanhecida, os olhos verdes ou escuríssimos pedindo lhes mandassem querer tudo o que da vida se quer. Quem iria tirá-los de lá, amá-los muito, existir com eles? Lalinha ansiava ser bôa, ali, bôa de um modo que ela própria entendia acima de seu poder. Ah, sabia se entristecer mas não sabia ajudar, como Behú e Glória podiam. — “O que a gente deve de deixar para trás é a poeira e as tristezas...” — sempre diziam as duas irmãs, lembrando Vovó Maurícia. Admiravam-na de cór. E os pobres do mato não pediam esmolas: vinham receber presentes — de farinha, toucinho, rapadura, sal, café, um gole de cachaça. E traziam presentes — cestinhos de taquara, colheres-de-pau bem trabalhadas, flores, mel selvagem, bênçãos e orações. No mês do Natal, para o presepe, vinham com balaios de musgo, barbas-de-árvores, ananases, parasitas floridas, penas coloridas de pássaros, frutas de gravatá, cristais de belo bisel; e exultavam com o próximo nascimento de Jesus Nosso Senhor.

Na Véspera, todos apareciam. No Buriti Bom, Behú armava o grande presépio, no quarto-da-sala — todo aromas e brilhos, e cores amestradas, que ensinavam a beleza a confusos olhos. Semanas, tudo fora um movimento de reunir ovos e amassar quitandas, de fubá ou polvilho e trigo, inúmeras qualidades, que iam assar no enorme forno, lá fora numa coberta, aquecido a grandes brasas e varrido com vassourinhas de ramos verdes, que se torravam com perfume. Matavam boi, matavam porco. Era a festa. Ainda no dia, iô Ísio trazia o dôce-de-buriti, tão belo, tão asseado — aquele dôce granulado e oleoso, marrom claro, recendendo a tamarindo e manchando-se, no oscilar, como azeite-de-dendê: assim só as mulheres sertanejas acertavam de o preparar, com muito amor. Todos sabiam: a mulher — ià-Dijina — o fizera; mas iô Ísio não ousava mencionar-lhe o nome. E iô Ísio estava com seu terno mais novo, mas mesmo assim num lado do paletó tinha havido um rasgado, e fora cerzido, tão bem — somente dedos sábios pelo carinho o tentariam. Todos viam aquilo. Maria Behú, Maria da Glória, Tia Cló; sem duvidar, até iô Liodoro. Glória e Behú, ao abraçarem o irmão, Lalinha bem vira como uma e outra, num gesto quase igual, pousaram a mão naquela cicatriz, no costurado do paletó, como se estivessem transmitindo um agradecimento. Tudo e tanto, no nome de ià-Dijina não se tocava, ficavam em lugar dele uns espaços de silêncio — e era como se o dado rigor de uma lei todos seguissem. Às altas andas, da existência dela se negava, e de um modo tão exato, tão em tom, que com leveza angustiava, exigia revolta. Porque, Lalinha via-o, iô Ísio por vezes mostrava inquietar-se, estendia um esquecimento, punha olhos a distante — era véspera de Natal, as horas passavam, ele devia de querer estar ao lado da ià-Dijina, em sua casa deles dois, da outra banda, na Lapa-Laje. Não tinha coragem de dizer que já ia, e desprender-se, despedir-se? Experimentou, uma vez, no começo da tarde. Ninguém disse que não, ninguém estranhou com palavras, não o reprovaram. Mas um moer de silêncios juntos, uma pausa desenxavida e mal esperada, mediu o que queriam e o que ressentiam. Iô Ísio ficava. E Lalinha mesma, de repente, não pôde moderar-se de dar opinião: que, com o mau-tempo suspenso, talvez fosse mais prudente ele partir — não atravessaria à noite o rio cheio, perigoso... Concordaram, frouxamente, entristecidos. Apenas, iô Ísio olhara Lalinha, logo a seguir; no olhar ela julgou ver um doo agradecido. E entretanto só tempo depois ele deixou o Buriti Bom, chamando o gordo cachorro seu, o *Marujo*, que latia para o mundo do

campo, vezes, antes de sair porta a fora. E também a ele, ao *Marujo*, se faziam muitas festas. Era o resplendor do Nascimento, naquele dia até os bichos se saudavam. Meio de meia-noite, a gente silenciava para ver se ouviam vozes deles — dos bois e burros e galos — dando recados dos Anjos, que à terra não vinham mais. Uma vaca berrasse, no instante, e a fazenda estaria sendo abençoada. Pinto que se espicasse do ovo antes da madrugada iria dar em galo-músico, cantante duma futura alegria invisível. Depois da meia-noite, finda a abstinência, se bebia vinho, se consoava. Todos, os vaqueiros e os pobres do mato também, vinham à sala e à mesa, entendiam de bem comer e beber. Mas, entre os de casa, falou-se em iô Ísio — ele já estaria agora na Lapa-Laje — e decerto não haviam cessado de pensar nele, de algum modo, desde o próprio momento em que se fora.

"Ah, estão pensando em Irvino, e não falam o nome dele, por minha causa..." — Lalinha colheu um amargo. Talvez até sua presença, aquela noite, os desgostasse. Ela não era parente — o sangue, que deles, nela faltava. Como seria possível enanelar-se naquele círculo, forçar-se um lugar entre eles — uma família, um sêmen? Não, ela não era parente. Parenta era de ià-Dijina, a outra apartada; de uma dona Dioneia, talvez, que teria desesperança e sofrimentos. Assistia ao Natal. Tinham rezado, em coro, um mistério do terço, cantado, e agora Maria da Glória e Behú recordavam trechos das *Pastorinhas*. Iô Liodoro mesmo saía de seu sempre, realçado na satisfação com que escutava-as, ora aplaudindo com acenos de cabeça, ora se entremeando na representação, que vinha de sua mocidade, de sua infância. As pastorinhas, que aguardavam o excelso, tinham adormecido, um labrego roubara-lhes o surrãozinho e o farnel; chamavam o meirinho, para acudí-las, o meirinho prendia o ladrão, o ladrão protestava. No passo, falava então iô Liodoro, forteante, a grôsso: — *"...Por que prendes, meirinho? Não sejas tão confiado!...*" Ia longe a recitação, e a dele era uma cheia, atirada voz, não pelo que dissesse. Por que, então, ela atentava naquelas frases? Como se a advertência lhe revalesse: — "Lalinha, Leandra, não sejas tão confiada..." —; louca? Mas, porque estava ali, não viera de próprio modo: tinham-na ido buscar; ele mesmo, iô Liodoro. Sim, não sabiam que ela não amava Irvino, que desistira para sempre de sua presença, nele nem pensava quase nunca, de maneira nenhuma acreditava em seu regresso — por mais que tivessem feito vir a Dô-Nhã, encomendado a feitiçaria. Então, era por calar tudo

isso que ela se sentia falsa, culpada? Uma estranha. Ser uma estranha — isso era ser culpada. Mas outros, que não da família, ali não eram amoravelmente cabidos, no Buriti Bom?

Ainda havia pouco, iô Liodoro tinha dito, com contentamento: — "Amanhã, por seguro, compadre nhô Gual há-de vir, como todos os anos..." Nauseava-a o aviso, como o avistar um morcego, a menção que lhe trazia a imagem daquele nhô Gualberto Gaspar, sorno, sua cabeça rapada. Fitou Maria da Glória. Todos estavam ditosos, tão facilmente. Tia Cló — que se sentia feliz, só de ter podido um dia visitar o Santuário, em Curvêlo, e de ser uma bôa doceira. E o Chefe Zequiel — aquela era uma noite avançável, a chuva parava, e o céu — o Chefe Zequiel, ali, sem pasmo. — "Mesmo em Natal você tem medo, ó Chefe?" — Maria da Glória perguntara. Ele sorria e mastigava. — "Eh, tenho os cuidados... Tenho medo dos sonos..." Terminava a festa, despediam-se os de fora, o Chefe caminhava para o moinho. Noite amável. O lírio-azul de grandes flores desabrochava, em canteiro arenoso, chovido pingado, sob a janela. Lalinha queria adormecer com um sorriso. Em seu sapatinho, que outro presente a não ser um beijo de homem? E no sapatinho de Maria da Glória. Um sonho era o espírito, o desenho de uma coisa possível, querendo vir a ser verdade.

Em fevereiro, o tempo limpou. Havia lua-luar, que na varanda se esperava, todos acomodados num convívio, conversavam tanto. Até os cachorros se impunham severa alegria doidável, com seus ladrados louvantes, ao logo romper da lua. Lua bela, pelo Abaeté a fora. E Glória, Behú e Tia Cló às vezes cantavam, feitas ao remoto, saudades se entreabrindo: uma vadiação, e tudo o que o amor arranha. — "Estou ficando menina outra vez?" — Lalinha se perguntava. O luar se pegava à mão, calava os rumores campeiros. Dando-se àquele serão cismoso, de repente ela desconfiava, temia pudesse da cidade se esquecer, de sua vida de antes, de tudo o que pensava fosse seu. Alterava-a mais a mais a estranhez de versos fora do tempo — seu triste — porque a tristeza chega sempre estranha. Sua alma se movia para esquerdas alvas. O que as outras repetiam longamente: era uma cantiga que culpava, de nosso sofrer-de-amor, a doidice da pomba-rola e os espinhos da laranjeira velha. Seguido, o lamento da moça cuja mãe jazia na mesa da sala, amortalhada; e então Glória e Behú sabiam baixar um estilo de pranto, too que transcluía resignada angústia, e sem olhar uma para a outra, mas sim se sozinhas se

abraçando. “Eu também, igual a elas, não tenho mãe. Menos que Maria da Glória...” —; e Lalinha, segurando-se a qualquer assunto, se salvava do *demais*. Àquela hora, temia ser mais fraca do que o seu passado. Daí, porém, mal depois, era como se as companheiras, a turno, precisassem de outras regiões, e entoavam a brejeira dos Três-Tropeiros-sem-a-Tropa, ou o Rato, Rato, o Diolê-Diolá, ou coplas de Sinhã-a-Sertaneja, que sonhou com o Príncipe e por isso não aceitava noivo, até murchar idades, e aí, para não ficar *facão*, preferiu se casar mesmo de qualquer jeito com o feio vaqueiro Leobéu, de sertão-acima.

Tomar da lua tira o sono, e fundo cansa o abusar de nostalgias. Noites dessas, ao recolher-se, Lalinha se revolvia em si, se sentia inquietada e alheia, dava às vezes de se levantar da cama, reacender o lampeão, fumar. — “Clareado nos campos... O Chefe deve de estar se avisando do regemer do urutáu e do transitar dos lobos...” — Glória tinha por costume dizer, o engraçado em Glória era quando queria caçoar de alguém, então ela era só beicinhos, e o balançado de olhos; e quem-sabe, o Chefe não tinha razão: todos devessem parar, e fazer finca-pé no instante, no minuto. A qualquer hora, não se respirava a ânsia de que um desabar de mistérios podia de repente acontecer, e a gente despertar, no meio, terrível, de uma verdade? Estar ali no Buriti Bom, era tolice, tanta. — “Glória, meu-bem, vocês não sentem a vida envelhecer, se passar?” Não; ela, eles, não haviam ainda domesticado o tempo, repousavam na essência de seu sertão — que às vezes parecia ser uma amedrontadora ingenuidade. “Para que vim? Por que vim?!” Fazia meses, e, durante, poucas cartas havia escrito, e pouquíssimas recebido, da irmã, do irmão, de amigas. E agora, quase de súbito, aumentava-se a ausência deles, apresentavam-se demais em sua lembrança, que para a cidade redizia e pedia — onde tudo prometia-se com um agrado novo, um sabor: ainda as coisas banais dos dias, telefonar, ir ao cabeleireiro, ao cinema — bailando-lhe adiante, sobre a saudade, a saudade mais capciosa que existe, a saudade bocejada. Precisava de voltar. De ir embora. “Vou. Por que não, então? Ninguém me impede...” E se retinha, reexperimentando seu pensamento: que era que vinha sobpensando? Que alguém lhe impedisse a ida? Subiu ombros. Ia-se. Queria ir-se, no durado daqueles escuros dias marços, ela de alma idosa, como um objeto sob a chuva.

Rezava-se o terço e o *mês*, às noites, na sala-de-entrada, Maria Behú adquiria uma voz diretora, sempre ajoelhada. Lalinha se comprazia de

seguir os puros rumos comandados pelas orações, gostava de dizer-se que estava no Buriti Bom para uma ação de penitência; então gostava mais da casa à noite, os enormes escuros. Donde lhe vinha o apego àli? Até quando lá ficaria? No íntimo, precisou de fixar-se um prazo, uma data: "Daqui a um mês..." E bastou isso, essa decisão, para tranquilizar-se. Como se tratasse de assunto sem a menor importância, disse-o a Glória. Glória era linda. Iria sentir-lhe a falta; mas poderia convidá-la, a passar um tempo, meses, na cidade. — "Lala?! Você não está brincando, Lala? E agora... E tudo?!..." Glória dizia estremecente, amuava um biquinho de choro. "E tudo..." — "Você sabe, Lala: não é a Dô-Nhã sozinha, não. Tem um homem, dos Marmelos, também, está fazendo trabalhos-ajudados, é um Jão Diagão — um preto, africano de tão idoso: você vai ver, ninguém pode com ele..." De Glória, esperava-se pranto, e vinha era um riso, depois uma seriedade. O que mais a preocupava: — "Você já imaginou como o Papai há-de ficar tão pesaroso?..." Simil assim: porque iô Liodoro queria a vinda de Irvino, cegamente, então todos ali na casa ansiavam por isso. Parecia. Tudo por causa de iô Liodoro. Como o amavam. Desescondiam-se de-todo, em horas de revelar aquela afeição, sempre; como no dia do raio.

Fora num domingo, pela tarde. Uma tarde mãe-manhosa, mal um estio: só trovões longe, céu com pigarro. Em oeste, um adiado de chuvas. Desde o almoço, iô Liodoro tinha saído. E, daí, de repente, o Chefe Zequiel se alarmou, ele estava atônito: — "Ih, corisco bruto... Derrubou pau alto!" Que caíra para a banda do Brejão, dizia; teria sido o Buriti-Grande? A despeito do tempo, batidos por um pressentimento mau, desordenaram-se todos, expedindo vaqueiros e camaradas, em rumos diversos, por busca de iô Liodoro; mesmo Glória, incapaz de conter-se, de esperar parada a vinda de uma certeza, tal a Behú, que se fechara no quarto. E Lalinha mesma surpreendeu-se descendo de assumida angústia, quando súbito viu iô Liodoro chegar, só, que se desencontrara dos outros. Devia de ter empalidecido, assim quase correra, ao encontro dele — que com um ar tão calmo a acolheu, pusera-lhe mão no ombro: — "Que é, minha filha?" — enquanto Behú surgia, com sorrisos de desafogo e brandas palavras de censura, e Tia Cló exclamava, que aviso de Deus era: — "Porque, de hoje a semana é Ramos, daí a Páscoa, e estou vendo que não se vai à Vila, na desobriga de confessar..." E Maria da Glória e os vaqueiros com pouco retornavam da Baixada, explicavam: não no Buriti-Grande o raio fendera, mas num pé de paineira, árvore grada — a faísca cortara rente o tronco,

mas recravara-o no chão, a monte de metros, como um torto poste, destruído de todos seus galhos e ramos, modo por um esquisito desses, que vez e vez raio faz. E agora, ao pé do pote, Tia Cló servia água a todo o mundo, copo de mão em mão, com uma bênção, e entre bons risos bebiam, para dissipar o susto e o mau efeito. Visando a Lalinha, iô Liodoro tinha dito: — "Até receei, esta menina estando tão pálida..."

A ela perturbara o desusado afeto no tom, o sorriso sob olhar que envolve. Disse-o a Glória, mais tarde. — "Mas você não sabe, Lala, que o Pai gosta de você? Ele cuida..." Um remorso deu-se, ouvido isso. Que não mais amava Irvino, sabia; e que assim estava traindo a iô Liodoro, a Glória, a Behú, a todos dali, pois adversária deles — a custo de coração queria o contrário. Com certeza. Um dia, Glória chamou-a, em alvoroço: — "Lala, Lala! Um moço da cidade está aqui, veio te ver..." E ela se eriçou, dividida em muitas num só desgosto, como o gravatá reaguça as folhas. "É Irvino, é ele..." — supôs, sem prazer, sem paz. E tão em repulsa parara o rosto, lívida decerto, que Maria da Glória mesma calou seu festivo aspecto, acalmando-a: — "Não é não, bem. É primeiro-de-abril, só..." Tanto não amava Irvino? Todavia, não admitia seu regresso, e, escondidamente, às vezes esperava vê-lo voltar, crendo um pouco nos aparatos da Dô-Nhã e de quantos todos os feiticeiros dali de arredor, que assim para ela trabalhavam? Sim, queria-o, sim, mas que, um dia, muito anunciado, ele viesse, alegre — e mudado, ah, mudado, completamente. Subisse devagar a escada da varanda, pesado e intenso no pisar, beijasse-lhe a mão e olhasse-a longo tempo, respeitoso, meio distante, sem precisar de confirmar com palavras a promessa de amá-la, mas insaciada e necessariamente, do modo como amam os bichos coerentes, obtusos. E ela, permaneceria para sempre no Buriti Bom... E então temia que os recursos de Dô-Nhã não bastassem, sentia-se ainda uma vez vencida, exposta à vergonha. De repente, confiava — não poderiam sofrer tal derrota, todos ali, que soturno pacto unia-os. Mas confiava era no Buriti Bom, no poder da pessôa de iô Liodoro.

Sentia-se também de lá, fazendo parte, pertencente. E, agora, nem sabia bem como, desde o inesperado de um dia, jogava a bisca com o sogro. Tudo tão insinuadamente, e súbito, começou na tarde em que nhô Gual Gaspar, por motivo qualquer, teve que interromper o jogo, mal principiado. Ela se oferecera. Por quê? Dissessem-lhe, momentos antes, que ia fazer isso, e ela se espantaria, não se supunha com coragem. E,

entretanto, encontrava que, sutil, sem nada planejar, havia tomado tempo para isso se preparando, observando como jogavam e pedindo explicações a Maria da Glória. Por quê? Devagarinho, censurou-se: que tentava valer-se, ser agradável; e conseguia-o. — "Esta menina tem muito mais talento nas cartas do que o compadre Gual..." — iô Liodoro dissera. Ela baixara o rosto, não quis sorrir. Jogavam, quase todas as tardes. Dava-se o mesmo, que da primeira vez: iô Liodoro primeiro olhava-a nos olhos, mas um rápido olhar, assegurava-se de sua presença e existência. Daí, iam, qualquer simples palavra era rara entre eles, não citavam as cartadas. Também ela se entregava ao gosto do jogo, tomava-o como a uma robusta obrigação, um marco do tempo. Diante dela, aquele homem se continha em sua forma, num cerimonioso assento. Observava-o, a furto, e ele permanecia, tantos dias faz um mês, tantas horas faz um ano. A toda compleição, o nariz aquilino, o ruivo ar, o queixo grande. Perdia. Ganhava. Nunca desejara fazer pergunta a iô Liodoro. Mas, a ele, a gente tinha a vontade, sentia quase a necessidade de tentear-lhe o rosto, com as pontas dos dedos, para dele alguma coisa se conhecer — como os cegos fazem. Pai de seu marido, e, no entanto, tão diferente. Um ser tão diferente dela — no sangue, no corpo, na seiva — ele parecia mesmo pertencer ao silêncio de uma outra espécie. O filho de Vovó Maurícia e Seo Faleiros, o pai de Maria da Glória.

Ele jogava fortemente absorto. Perto, Glória e Behú não se escondiam de jubilantes, vendo como Lalinha conseguia reter por mais tempo o pai, talvez aos poucos ele fosse diminuindo aquelas saídas na noite, que avolumavam pecado. E Lalinha toda no íntimo regozijava-se, sabendo de ajudá-las, e queria e o queria. Entretanto, não sentia decepção, chegado o momento em que ele propunha cessarem e deixava as cartas, rebaralhando-as cuidadosamente antes, e dizia: — "Bôas foram..." — e sério se levantava, ia pegar o chapéu. Então, ele não precisava de alguma coisa mais viva, mais quente, e que estonteio lhe désse, além do inocente jogo de bisca? E ela chegava a enfadar-se contra as duas, aborrecia a desanimada reprovação no ar tristonho de Behú, e mesmo o petulante despeito de Glória. Deus dessas! — aquilo era a Família. A roda travada, um hábito viscoso: cada um precisava de conter os outros, para que não se fossem e vivessem. Um antigo amor, rasteiro.

Em certas noites, só, Lalinha retornava à tenção de partir, tomando-a um tédio de tudo ali, e daquela casa, que parecia impedir os movimentos

do futuro. Do Buriti Bom, que se ancorava, recusando-se ao que deve vir. Como a beleza podia ficar inútil? A beleza das mulheres — que é para criar gozos e imagens? Sua própria beleza. Ali, nada se realizava, e era como se não pudesse manar — as pessôas envelheceriam, malogradas, incompletas, como cravadas borboletas; todo desejo modorrava em semente, a gente se estragava, sem um principiar; num brejo. Não acontecia nada. Um dia, aconteceu. Chegara aquele moço, chamado Miguel, vindo da cidade. Veio, trazido por nhô Gualberto Gaspar.

— Glória, Glorinha: você se suspirou, de noite?

Glória queria, sim, falar de amor, precisava. Tomara de alma a presença daquele moço — contra ela sobrevinha assim como as chuvas da estação ou o florir de maio, milmente. Só pensava nele. Em momentos, se esperançava e reentristecia, alagava os olhos duma luz de beira de lágrimas, que não vinham. — “Lala, sou tola, tola?” “— Não, meu bem. Você está sendo você...” Como a desaconselhar, desiludí-la de instante, a gume? Dizer: — Não acredite nesse rapaz, Glorinha... — e depois não saberia como explicar-lhe. Vira-o chegar e estar, era simpático; mas logo o sentira recluído, enrolado em si, nos obscuros. “Um que pensa demais, e que às vezes se envergonha do amor...” O amor exigia mulheres e homens ávidos tãomente da essência do presente, donos de uma perfeição espessa, o espírito que compreendesse o corpo. Mas, poderia dizer isso a Glorinha — o que não passasse talvez de uma sua preferência? Podia dizer que se acautelasse contra o moço Miguel... porque esse lhe lembrava a feição de Irvino? Nunca, não. E mesmo necessário não fosse, pois Glorinha aos poucos recaía em si, polia o agudo daquela emoção, se desespinhava, dia e dia. Ria. — “E não é que parece uma doença?” Um chega, adoece o outro; isso é o namoro e o amor? Para que? — “Ele não vai me escrever cartas. Eu disse que não... Tontice minha: eu não podia ter falado que ele escrevesse sobrescritado para você?” Seu sorriso, sua fraqueza. — “Dele não fiquei sabendo nem o endereço. Ah, o Gual deve de ter...” Mas Lalinha súbito deteve-a, alarmada, asqueada: — “Não, isto não: não pergunte a ele, meu bem! Não lhe dê confiança de falar do que você sente...” E entanto, por esse tempo, Lalinha já tolerava a presença de nhô Gualberto Gaspar, mais de uma vez em companhia dele tinham feito passeios. — “Você acha? Falo não, Lala, nem um pouquinho...” Pausa. — “E à Behú, posso contar? E falo com o Ísio?” Caluda — era o melhor. A ninguém não

contasse. E ela, assim, sensíveis olhos: — “Bem, Lala, mas, você, então, vai ser sempre minha amiga, querida, gostar de mim, muito?” — redizia, rouca rola. Suave que sim, teria toda sua ternura. Sobre as semanas, porém, o dom daquilo de se esperançar e repenar e penar diminuía, em menos e menos. Glorinha se curava? Valesse-a o vão do tempo, a falta de degraus.

No São-João fizeram uma espampã fogueira.

Tão o tempo, no vagar, o Buriti Bom se tornava um repouso comum, feito pão e copo d’água. Aquele passar-se. Indolente, Lalinha se aquietava. Marcava: “Mais um, ou dois meses, e me vou...” Precisava; portanto, não tinha pressa. Via o mudar dos dias. Ora, quase findada a moagem da cana — quando iô Liodoro, de regresso de aonde ia, meio da noite, se emendava direto nos serviços, movidos muito antes de qualquer cisluz de madrugada, entre gelos de ar e com o momento justo de início obedecido do brilho menor de certas estrelas. Ora a sazão das expedidas boiadas, que por dias e noites enchiam os currais: tudo um impossível caber de reses de olor forte, maço, só um espesso de vida, comprimida, com calor e peso, de avos; mugiam; e, às vezes, crepitava-lhes por cima apenas aquele extenso corisco de chifres. Iô Liodoro, possante, comandava os vaqueiros. Na altura da poeira, se distinguia duro seu porte. Sua voz tomava o fanhoso quente, tom dos campeiros de Alto-Sertão. Os bois entendiam-no?

Ela assim sopensara, em vago. E, quando nada o esperava, ouviu ao lado seu o nhô Gual — aqueles dias vindo para adjutorar. — “Ei, compadre iô Liodoro torce e apaz. Artes de homem...” Dissera-o de sonsim, com intenção? Ela estremecera. Os olhos do nhô pondo-se num avanço, o sujeito impudente. E alongava da boca o vaporzinho do bafo: copiava-se um diabo. Ela se tirou de vê-lo; desprezava-o. Sim entanto, soube, sabia-se por ele toda olhada, solertemente — que aqueles peguentos olhos continuavam nela. E que com mole gula! Ela ia revoltar-se, afastar-se dali; e, apesar de tudo... Quis rir, de mordiscar o lábio. Que destornada ideia súbito lhe estava vindo, ou um aviso de sensação? Tinha graça. Justo por ser aquele homem — palerma, caricato de feio, gonçado, meio pernóstico. Um macho. E desejava-a. Ela voltou-se, e sorriu-lhe — a tentação fora mais forte do que qualquer juízo. Perfidamente, gostou de assistir ao grotesco contentamento dele, de ver como se distendia, avolumado, animal, se animava. Sim, não se enganara: nhô Gaspar era um ousado, seus

olhos se repastavam. E ela, por curto que quisesse censurar-se, se deleitava com a homenagem imunda. O cúpido olhar do homem queria atingir sua recôndita nudez, fazê-la frágil, babujá-la. Mas, amplamente no belo casaco marrom, de grandes bolsos onde ocultava as mãos, ela se sentia escudada, escondidazinha, fora do carnal alcance. A coragem que aquele casaco parecia dar-lhe! "Porco..." — pensou; ... "Sórdido, indecente..." —; mas não era uma sorvível delícia? "O verdadeiro amor é um calafrio doce, um susto sem perigos..." Durara só um instante. E — se disse — Glória? Não, não. Reprovava-se ter imaginado. Glorinha era lisa e jovem, uma sertaneja, nunca em sua vida haveria de experimentar o requinte de prazeres assim, com que ela, Lala, se mais-sentia. Glória se expandia, audaz, naquela quadra de ufa pastoril, se levantava cedo, montava, saía ao campo, à vaqueira, lado a lado com o pai. Voltava excitada e contente, remolhada de muitos orvalhos, e corada — uma maçã. Tentava à gente ir a ela, transsuada assim do alto sol e do exercício, e procurar com o rosto todas as partes de seu formoso corpo, respirá-lo. Tentava tomar-se um tanto de sua pureza, de sua esplêndida alegria. Como se refizera! Não se lembraria mais do moço Miguel? De por certo que sim — e *amava-o!* — dizia. Mas de outro, outros modos, via-se; ela tirava daquilo um tanger-se, um destravo.

Na noite da fogueira, por exemplo, vindos da Vila três moços, simpáticos dadamente, e ainda o Honório Lúcio, sobrinho de Tia Cló, e que era de anelados cabelos, ofertantes olhos, e mestre em jovialidade, tão bem dansava quanto cantava, levantando a novo enternecimento todas as canções. E Glorinha, que com todos eles brincava, efusiva, ela mesma mais de uma vez se envaidecera de vir ter com Lalinha, a um canto, segredar: — "Bobagem! Não namoro com ninguém, não posso... Meu coração não é meu..." Ou, suspirosa por querer: — "Ei, mas meu Miguel estivesse aqui, quem-m' dera..." Quem dera! Lalinha admirava-a a alto — radiante à flama vã da fogueira e dando com clara voz *viva-São-João*! — contra o rumorrumor e os estalos rubros, moça maga. — "Nem o Honorilúcio, meu bem? Dele não?" "— Juro, Lala. De nenhum! Norilúcio é parente meu, quase meu malungo, e ele é que é atencioso com todas. É só..." Linda, linda, a quem o Sertão a iria dar? Lalinha disse metade do que pensava, em tom de gracejo: — "Meu bem, mas você o que quer é poder estar orgulhosa, por ter um amor..." Glorinha não riu — deixou, de ombros. Lalinha queria-a por mais demorado momento assim pensativa,

menos segura de si — revolvida, semeável. “Por que gosto dela tanto, adoro sua alegria — mas ressinto que sua alegria às vezes a afasta de mim?” E aquele pequenininho pior desejo, de, leve, leve, dizer-lhe mais: — “Mas você não vê, meu bem, que está é namorando com todos? Que está sendo de todos, linda assim, sem ser, sem saber?...” e não disse: receou-se — seu malsão movimento, seu estorvo de inquietantes palavras. Calava-se, também, porque iô Ísio e nhô Gual traziam-lhe das mandiocas e batatas-dôces que se assavam no borralho. Diziam: quem as assava melhor era o Chefe Zequiel, feliz da grande festa que destruía a noite, e sempre trabalhador. — “Desandado é que ele está, o pobre, nos derradeiros tempos...” — iô Liodoro dava explicação. Que o Chefe plantava do que queria, o lucrozinho para si, e fechava sua roça no lugar que ele mesmo escolhesse. Mas transportava consigo, cada manhã, uns mantimentos, guardava latas e cabaças no ranchinho da roça, lá ele fazia questão de cozinhar seu almoço. Com isso, perdia tempo. E, de agora, por conta de abrir em claro as noites, de dia em vez de trabalhar ele vadiava, deitava para se dormir, bôas horas. O que entendia era do ofício dos barulheiros do campo, quando que querendo ver visagens... E iô Liodoro avocava volta de si seus hóspedes, os senhores, os rapazes — chamava a atenção para o esquipático do Chefe, seus sabidos, seus pasmos. Mandava o Chefe definir de ouvido o que no redor do mundo àquele momento vinha-se passando: de quantos desses socós vagavam pelo de-comer, em voos por cima do brejo; de donde grilava o grilo bem danadim, com mais ponta e forte brasinha de canto; da raposinha a todos visitadora, que dá três certos passos adiante, e, por respeito da vigiação alheia, arrepende um; do ratão-do-campo, gordo, que range dentes, e do rato-espim que demora horas para sair de sua casa, num quá de grota; do rio, que era um sapucaí de todo tom e som — com os pulos-fora das matrinchãs, pirassununga do peixe-preto e do mandí-roncador em frio; do alouco da suindara, quando pervôa com todo silêncio para ir agarrar, partir os ossos dos camundongos e passarinhos; da coruja olhuda e do bubulo do corujão-de-orêlhas.

Ele, iô Liodoro, falava, sua voz muito inteira, e aqueles assuntos, de criança, de meio brinquedo — tudo parecia estória-de-fadas. Tudo dado dos Gerais do sertão: como as cantigas e as músicas do vaqueiro-violeiro, sua viola veludeira, viola com o tinir de ferros. Sendo o sertão assim — que não se podia conhecer, ido e vindo enorme, sem começo, feito um soturno mar, mas que punha à praia o condão de inesperadas coisas,

conchinhas brancas de se pegarem à mão, e com um molhado de sal e sentimentos. De suas espumas Maria da Glória tinha vindo — sua carne, seus olhos de tanta luz, sua semente... E nunca iô Liodoro falara longo assim; ele, melhor no meio dos moços, subia a festa. Dissipavam-se os estiços fogos estribilhos, trazidos pelos rapazes: presas em troncos de árvores, giravam de bulha as faiscantes rodinhas-de-fôgo, serelepes iam os buscapés. E nhô Gualberto Gaspar, mesmo, aos pulos, aquelas pernas compridas — a gente tinha de imaginá-lo atolado numa lama qual, ele nela perdia as botinas... Nhô Gualberto Gaspar empunhava um pistolão de cores, chiochiante, e gritava: — "A pro ar! A pro ar!" — olhando sempre para o lado das moças, ele bobo queria ser admirado. — *"Calado é melhor, calado é melhor..."* — aturdido e em frênses o papagaio da casa exclamava, do alto de sua gaiola; ralhos desentendidos — ele queria salvar de um incêndio o mundo do pátio, vasto até ao quintal dos limoeiros. Tudo valia como uma feliz mentira, tudo divertia diverso. São-João, noite de nunca se ter sofrido — de antes e de antes. De um se tirava para um seu quinhão de meninice, que era o mesmo, de todos. O céu trazia estrelas e só a miga quarta-parte de uma lua. Perfrio, frio. Mas a lindeza do lugar dali, e seu quente, por aconchegável, era de ser apenas uma ilhazinha, alumiada vivo vermelha, tão pequeno redondo entre velhas trevas. Por ele, as pessoas passeavam. E, se avançavam mais, no brusco do escuro se sumiam, em baile, um instante, e em baile seus rostos, claros, retornavam. A cidade, agora, era uma noção muito distante; de repente, é esquisito como coisas morrem, de repente, na gente, e então a gente se lembra delas. Mas eram para se querer-bem, os que estavam ali, unidos pequenamente. O Inspetor, que sempre muito perto da fogueira abria as mãos e se aquecia, homem de muitas costas. Dona-Dona, a calada mulher de nhô Gual, mais calada de feia, via-se que moça fora mulata e agora envelhecia tendendo a ser preta, como uma ave. O Inspetor explicara — não tinha vindo a mulher, porque andava sem saúde; mas ninguém iria à maldade de desprezar dona Dioneia ausente. E iô Ísio? Doía-lhe tico ter sido capaz de deixar ià-Dijina no só, pela noite, na Lapa-Laje? Fora do diminuto adro de luz, todos se escapavam para um orbe mais denso, onde eram fêmeas e machos. Aqui, porém, num reino aceso, iô Liodoro, a garbo, a gosto, que seria de ser, de se dizer? Ah, um *varão*. E Glorinha — ridente, no seu vestido verde-azul, de cintura muito justa, na gola um largo laço creme de fita — damoazela, donzelinha: uma donzela. Por que pensar agora em

Irvino? E vinha-lhe: aquele moço Miguel, estivesse aqui, também não conseguiria dissimular de si uma inquietação de tristeza. "Eu mesma serei uma pessôa triste?" Talvez não fosse feita para o mero folguedo geral, para aquela alegriazinha tão simples assim, que aos demais contentava. Mesmo à Maria Behú, que ora sorria; aos olhos dela as bôas chamas quisessem o Céu. Maria Behú contava: sonhara com o Chefe, em opa azul, e sobrepeliz, servindo de coroinha ou sacristão, na matriz do Arraial... Chamava o Chefe, queria aconselhá-lo, que se pegasse com Deus, rezasse mais, melhor remédio para se aliviar daqueles pavores. O Chefe pregara na parede do moinho uma folhinha com estampa de santo — mas que isso não lhe bastava. E o Chefe esquivava o olhar, escutava-a submisso e muito inquieto. — "Ele respeita muito a Maria Behú..." — alguém dissera. Com efeito, era a Behú quem mais zelava por ele, dava-lhe severo e caridoso amparo. Comprava a fazenda, costurava-lhe as roupas; agora mesmo, para a festa, fizera-lhe um duque novo, de bom riscado. E o Chefe, tido tonto, se saía com tontices — perguntavam-lhe o que era a noite, e respondia: — "A noite é o que não coube no dia, até." Não se importava com risos. Tinha suas penas próprias. Rejubilava-o o de-comer. Quando vinha Tia Cló, com o bando de criadas e ajudadoras, serviam os pratos-fundos repletos da borbulhante canjica — de leite, coco, queijo, manteiga e amendoím, com páus de canela nadantes.

As mulheres-da-cozinha, que às mais tudo olhavam, a festa e a fogueira bendita, tudo prazia-as e tudo agradeciam, redondo meninamente. E entre si o que sussurro diziam, dessas coisas:

— Que Deus é bom, esconde do saber de São João o dia data do nascimento dele...

— Eh, mas quando São João souber, hem, ele acaba o mundo, a fôgo!...

— Tem a mesma conta certa de mocinhos e moças, para todos poderem se namorar?

— Não tiro minha sorte com a clara-d'ovo no copo d'água, não! Temo que dê de formar o feitio duma vela, que então é que eu vou morrer, no prazo de antes dum ano...

— Vigia só, o Chefe: ele bebe jeropigas...

E a festa passava. No morrer da fogueira, porém, Tia Cló trazia a iô Liodoro uma cúia cheia de aguardente viva, iô Liodoro se persignava e despejava de distância o conteúdo no braseiro: subia-se, a fão, um empeno altíssimo de labaredas, treslinguadas, meio segundo, dansantes.

Espelharam-se nos ramos das árvores cores e lisos de pedrarias, as joias. Todos vivavam o Santo. Mas esse rito final do fôgo sempre pertencia de direito à Vovó Maurícia — lembrava-o agora iô Liodoro, virado para a noite do poente, e com um sorriso de sua simpatia: — “Minha mãe — que Deus lhe ponha mais saúde — ...conforme que está lá, nos nossos Gerais...” Assim a festa findara.

E o mais — que foram esses dias curtos, que se seguiram; iam-se. Vazios de outras coisas, e com frios aumentados. Jogar a bisca com iô Liodoro, a mêsa se forrava com um grosso cobertor, os dedos palpando a lã do cobertor colhiam um suadir-se de leito bom e amplo sono, longo, longo. Sim, Lala, Leandra, suas mãos eram bonitas, moviam-se, volviam-se, alvamente empunhavam o feixe de cartas, os reis e condes e sotas, desdobrados em dois, intensas roupagens. Sempre as tratara cariciosa, suas mãos — (Guardava o fio de ouro da aliança. A cadeira em que se sentava era acostumadamente incômoda. Como estaria sua casa, fechada, na cidade? Alguém telefonaria ainda, a campainha havia de soar, prolongada, sem possibilidade de resposta?) — o escarlate esmalte das unhas — (Bela não a queriam, assim?) — tê-las tão cuidadas, ali no inútil do Buriti Bom, travava com um ressaibo quase de desafio... ("— Copas... Espadas...") ...Jogava, fazia a vaza, empilhava as cartas. Ganhava — sempre um minuto, outro, mais um minuto. Parecia-lhe ganhá-los; ao tempo: que parece só se ganha quando se está à espera sem saber do que. O jogo caminhava distâncias, engraçado como não havia necessidade de se conversar; nem de enxergar reparado iô Liodoro; ouros, trunfo, espadas; Glorinha... "Acho que estou condenada a vê-las demais (as mãos)..." — sorria pensava. Glorinha...

Glorinha gostava de uma maciez sutil dessas mãos de Lala, às vezes brincava de beijá-las, tão de leve. Ainda falava em Miguel, mas à vaga flôr, deslizantemente. — "Lala, você, casada e não-casada, assim, sente falta de homem? Me conta? É o mesmo que viuvar..." À pergunta brusca, Lalinha replicava com resposta que não era a sua, e só naquele instante sabendo-se insincera. — "Não *devo* sentir, meu bem. Você não acha que basta?" Ela mesma já esperara a incredulidade da outra, mas preferia que fosse brejeira. E os olhos de Glória se alongavam. — "Lala, me conta: há algum jeito de eu poder saber se... se casando com Miguel vai dar certo?" Podia hesitar para responder, mentir não podia. — "Certo, sobre cem, não tem, não, meu bem, infelizmente... Só *depois*, você compreende. Corpo com corpo..." — "É horrível, então! Mas, Lala, é horrível..." Tinha-se de rir, soara como um dito em véspera; e o riso lavava. Queria que Glorinha soubesse, que ela nunca sofresse, seus olhos, pelo menos seus olhos. Sentada ali à beira da cama, viera-lhe com aquelas perguntas — que não a perturbavam, gostaria apenas que entre elas duas parassem quantidades

mais largas de silêncio. E, agora, Glorinha pagava-se para outras perguntas, cuidando-a de repente com ativo carinho, achava-lhe frios os pés, ajeitava-lhe o cobertor: — "Até os pés você tem tão lindos, Lala..." Era bom, o bom calor das mãos moças palpando-lhe de leve o pé, sob o oculto das coberturas, ela se impediu de qualquer protesto, do menor estremecimento. — "Posso querer saber uma coisa, Lala? — (Glorinha subiu-se, ansiosa) — Posso uma coisinha, só? Se você, com Irvino, se foi por isso que não combinaram; foi?" Tinha de dizer. Com um cuidado coleante — pressentia que, à mínima palavra que pudesse culpar o irmão, Glorinha se magoaria, os olhos dariam de se escurecer, a despeito de si mesma ela se revoltando; sabia-o... — "Acho que porque eu é que sou má, meu bem... O defeito foi meu..." (Viu que tinha falado para parecer bôa, e não queria que Glorinha pensasse que ela armara a esse efeito; decerto exagerara.) — "...Não sei bem como explicar... O defeito foi nosso..."

Pediu que a outra lhe acendesse um cigarro, precisava de um gole de tempo, súbito precisava: o insóbrio prazer — as imagens que lhe tinham acudido, completas —; e em parte mentir-se, porque os desejos, que violentamente se atribuía como antigos, somente àquela hora pela primeira vez lhe enriqueciam a mente; que importava? Transportada, gozosa, ali no fofo agasalho da cama, achava-os, enfim, nítidos, conseguidos; pensava-os como se relembrasse. Disse: — "Deus me deu um mundo de amor, mas é diferente..."

— "Então, o que você queria, Lala, era o rei? Queria ser uma rainha?" — Glorinha debicara, meio hostil, mas principalmente por desmentir o torvo interesse crescendo-lhe nos olhos. Adivinhava-a?

— "O Rei, talvez, meu bem... Mas não para ser uma rainha..." *Rainha?* Como retrucar-lhe que queria talvez o contrário? O contrário de rainha? Às vezes, somente uma *coisinha desejada*... — o pensamento atravessou-a! Calava-se. Calava-se muito. "Uma coisinha-desejada..." De novo a lene molice, o invasor prazer. E entreaberta uma frincha, para estonteantes festas — seu espírito era seu império... Estava feliz. Ah, havia palavras ainda mais crassas, escabrosas, espúrias, mas que mesmo por tanto apelavam, inebriantes, como choques grossos de vida. E podia conservá-las, bem escondidas para seu só uso, o mais secreto dizer-se. Fumava. A presença de Glorinha fatigava-a, agora.

— "Amanhã, vamos de passeio, Lala? Tempo este, não tem mais mosquitos na Baixada do Brejão..." Se sim, valia rever a verde constância

dos buritis, em bombeio — o Buriti-Grande, que os raios perdoavam — o Brejão-do-Umbigo, que até à metade das manhãs sobrelagoava-se dum brumal brancoso, corrubiante, só mais tarde sob o grande sol indo largando a verem-se seus escurões de môitas, ao léu e lento desnovelo das neblinas. Depois, ela esteve doente. Dos dias de gripe, veio-lhe a desgostosa fraqueza, pausa em pausa, aquela mesma impotência dela exigindo maior decisão. Grata todavia a tanto trato de carinhos — de Glorinha, Maria Behú, Tia Cló, de todos — pensou sério em ir-se embora. Não, não ficaria mais tempo ali, não queria completar um ano. E ria-se: ficar, como uma vaca permanecente nas pastagens — entre um tempo-de-chuvas e outro tempo-de-chuvas — de verde a verde... Disse-o a Glorinha. Disse-o assim dito: — "Mas, tenho, mesmo, meu bem. Preciso de ir a um dentista, na cidade. Você vem, também..." "— Pois então, se é só, Lala, a gente pode ir à Vila; provisório, dentista tem lá, um..."

Foram à Vila. Levou-as iô Ísio, que para resolver lá tinha mesmo algum negócio. Mas não por uma estada de tanto prazo, de mais de semana. Por se afastar da Lapa-Laje, de sua ià-Dijina; ele estaria triste? Aos poucos, como quem domesticasse um assunto, tentou-o a falar de ià-Dijina — dela, deles dois, de sua casa. Quisesse, falasse. De oblíquo, medindo à justa cada avanço, envidava-o a isso, dava campo. E até Glorinha, outra uma outra agora fora do severo risco do lar, sorria-se de apoiá-la no bom engodo. Baldadas. Iô Ísio mesmo refugia, esquivava-se num chocho ar de desconcerto, ele não compreendia aquela ajuda. A uma tirada mais risonha de Glória — que em tudo punha um ímpeto — chega iô Ísio se fazia sério, quase formalizado. Ele mesmo se bania, por querer, servia primeiro à soturna lei dos antigos? A Vila era povoada de singela gente, quase todos longes parentes, gente bondosa. "Então, para ser bôa, preciso de ver mais o sofrimento, a infelicidade? Mas, se algum dia não houver mais infelizes — não poderá haver mais bondade? Então, o que é que se vê no Céu?..." A Vila, para Glorinha, era uma das janelinhas do mundo. — "Lala, daqui a gente pode mandar telegrama! Você não quer?" Seria que ela pensasse num telegrama a Irvino, ou acerca do destino de Irvino? Lalinha, curioso como ela ali perdia todo desejo da cidade, que se adiava de repente, quase desistida; tivesse de sentir saudades, antes havia de ser da fazenda, do Buriti Bom, como agora já estava mesmo sentindo.

Voltaram, para lá voltou, num dia de sol, num apaziguado alvoroço, como se reentrasse por fim em *sua* casa. Maria Behú, ao abraçá-la, deu fio

às lágrimas, comovida. Tia Cló, orgulhosa: — "A minha esperança não esmorece..." — e sacudia a cabeça; pensava nos ofícios da Dô-Nhã, pensava. E o Chefe, pobrezinho, perguntou: — "Não trouxe remédio meu pra mim?" — ele mesmo se sentia doente para cura. Ele mesmo se ralhava: — "Eu devia era de dormir, feito os outros... Com efeito!" De volta, ali, ao Buriti Bom! — a ausência não parecia um mais longo, um tempo? A primeira vez que tornou a jogar a bisca com iô Liodoro, ela mal sopitara a simples satisfação, era qual, era o sempre. Aquela noite, como no momento Glorinha se atarefara com mais de uma coisa, ela Lalinha pudera ajudar a servir a iô Liodoro seu prato de coalhada fresca, adoçado com o açúcar-preto, de tantos duros torrões — era a tranquilidade de um hábito ouvir o rilho dos torrõezinhos marrons, na colher, no prato.

Não, não se condescendia naquilo por querer agradá-lo, nem quando tinha ocasião de escovar-lhe o chapéu ou de apanhar dum banco sua capa e pendurá-la a justo num cabide; antes contentava-a sentir-se ganha, grata pela singular sensação que da presença dele recebia, de extrema segurança, ele um mistério amigo; e forte — só cerne.

Daí, os dias. Por via de nhô Gualberto Gaspar, a mãe de Norilúcio mandara-lhes para o jardim duas mudas de plantas: de uma flôr do sertão, espécie de cravina miúda, azulável-roxeável, por nomes só-de-mim ou carolininha-criz ou olhinhos, e uma camélia de brilho, lustro de verde por ser verde, das folhas mais enceradas. — "Pois de Lalinha é, para replantar... Mão linda, bôa mão..." — se entusiasmara Tia Cló. Queria que ela tivesse bôas-mãos, simpáticas de impor sorte, que as mudas pegassem. Nesse, ou no dia seguinte, iô Ísio tinha recebido carta. A Lalinha, pejou-lhe haver sentido e mostrado vivo interesse em saber o que Irvino contava naquelas linhas, e que nada era, apenas palavras de lembrança, para os seus de casa, e rasas frases. Rezou-se à Senhora do Rosário, uma novena. Depois, nem bem uma semana, iô Ísio viajara. Que ia ao Pompéu, ia até Curvelo, levava um gado. Algum tom deu-se em estranho, no motivo daquela viagem, não se podia dizer bem por que, mas tanto sussurraram. Logo em logo, avisaram-se as chuvas. Glorinha fez anos. Caíram as tanajuras. Deram fruta as jaboticabeiras. Com Tia Cló, ia-se ao cerrado, apanhar mangabas para dôce. O Inspetor almoçou uma vez no Buriti Bom, ele também ia partir, mas para o vago dos Gerais, para o sertão, e parecia contente, junto com iô Liodoro, os dois de pé, tomavam o cálice de restilo, enquanto esperando que Behú e Glorinha terminassem as cartas que eram

para Vovó Maurícia, no Peixe-Manso. Lalinha e Glorinha releram o *Inocência*, que ora achavam ruim, ora um bom romance. Uma madrugada, noite, o Chefe Zequiel veio estúrdio acordar a todos, muito assustando-os: que tinha dado um bicho na casa — e foi assim, era um gambá treteiro no desvão, e quebrou telhas, procurando alimento. E a flôr do sertão morreu, mas a camélia bem tinha crescido, vingã, dois palmos. Aí, iô Ísio voltou, trazendo alegres assuntos, encomendas, presentes. Mas trouxera também consigo aquela mulher, a absurda. Como, sem mais, se ia ver.

A mulher, ainda moça, com cara de assassina. Acocorara-se no chão, a um canto, desprezava o banco, seus pés as saias os encobriam. Iô Ísio a trouxera, ela esteve lá um dia e uma noite, nem mais; viera para *aquilo*. Iô Ísio quis dizer que não, que de propósito nenhum: que com ela se encontrara por acaso, na jardineira de Angueretá, e lhe dera condução, de ajuda. Mas nhô Gual, torto tonto, sempre disse: — "Já ouvi falar nela: é uma dos Tachos — por nome de alcunha Mariazé, Maria Dá-Quinal, como que Jimiana é que se chama... Ah, esta, é que nem que nos Palácios do Bispo: é voto em urna! Tem ciências finas..." O nome, dito por ela, era Maria só. A mulher com cara de assassina. Iô Ísio repetia: que se achara com ela, por um acaso de Deus, na jardineira de Angueretá, viajável; então, pensara nos casos, resolveu trazê-la. Mentia. Drede, aonde ele fora, para a desacoitar? Tinha a cara de assassina — todos sabiam, diziam — e por quê? Uns olhos, uns. Enrolava nos dedos as franjas do xale, e esperava mal agachada ali, naquele esguardo. Sabia-se que provinha de toicinho de cobra jararaca o brilho dos cabelos dela que rompiam de aparecer, de desembaixo do lenço grande preto. Tinha cara de assassina, porque deixava retombar em amargo os cantos da boca, e quase não tinha queixo, e a boca só balbuciava meia torta, e o nariz bulia, abria muito as ventas para respirar, e os olhos viam muito. Já estava certa do ao que vinha, e para Lalinha olhava. Vinha para uma coisa, a *coisa*. Como para uma operação. E soltou-se do silêncio. Aquela voz seca, torrada: — "Dona. Ninguém lhe tira seu amor. O que é seu, seu, ninguém lhe tira..." Os olhos dela rabiscavam. Queimava-se numa meia-febre. Como supor-se que da arte de uma criatura assim pudesse cumprir-se virtuoso efeito? Ah, ela ia agarrar a vontade de Irvino, buscá-lo, por desesperados meios? E, o que fez, foi à meia-noite. Pedira que servissem baixela e comida, dum modo que era o modo. A três. Só ela se sentou, não se compreendia, ela falava um rezado. Estendia os compridos braços, as mãos. As unhas. ... "—

Fulano-de-Tal...” Nem precisara de perguntar nome de pessôa! Em findando, a gente a entendia, ela proferia as palavras, em tom de amenta: — “Fulano-de-Tal! Fulano-de-Tal!... Três pratos boto nesta mêsa, três pratos boto na mesa, três pratos boto em mesa: o primeiro para mim, o segundo para você Fulano-de-Tal, o terceiro para a minha grande Santelena... Três coisas não te direi. Três pancadas te darei: a primeira na boca, a segunda na cintura, a terceira nos pés... Fulano-de-Tal: se estiver conversando, cala! Se estiver comendo, psra! Se estiver dormindo, acorda!... Levanta para caminhar, Fulano-de-Tal, é hora!...”

E aquela mulher foi bem paga. Logo queria ir-se. *Aquilo?* — “Ôxe, e a coisa não está feita? Ele já principiou a vinda...” Aquela estava sendo uma noite de quinta para sexta. — “Toda meia-noite de quinta a senhora esteja em pé, vestida e acordada...” E salvou, e foi-se. Era uma bruxa. — “Em adeus, donos e donas... Eu vou para os eixos do Norte...” Dela não se podia esquecer.

A passagem daquela mulher trouxe a curva de um rumo — as pessôas avançando? Somar-se. Mas nuvens que o monte de um vento suspende e faz, assim como todo avo de minuto é igualzinho ao de depois e ao de antes, e o tempo é um espelho mostrado a balançar. A mulher nem viera por sua própria conta, mas fora buscada. Ali, no Buriti Bom, ela assinalasse talvez apenas uma data.

Lalinha acreditara nela. Ao curso dos dias, acreditava. Irvino ia vir, a todo momento. Ele — e era um estranho. Um estranho triste, feito um boi que se escorraça até ao curral, seguido dos vaqueiros e seus cães. Aquilo que queria, de grande coração — e temia? Todos lhe repetiam que era preciso que ele voltasse, ela aceitava a razão. Mas, a despeito, desescondia de seu íntimo um titubeado remorso, mal margeada tristeza, era como se a alma recuasse. Irvino estaria ali, tão humilde e desfeito que lhe custaria reconhecê-lo, acusava-a de todo um futuro. Afundado encolhido, obediente às terríveis ordens da mulher de Angueretá, mal pareceria um homem, devia de ter perdido para sempre todo ímpeto de ser. Ah, ele pudesse vir, mas, por alguma indústria, olvidado também de todo o passado, sôfrego apenas de a levar, para longe, para uma diferente aventura.

Seu ânimo era a companhia de Glória que a serenava. Sentia-a simples como um sim, e dona de todas as miúdas riquezas da alegria. Mesmo por isso, não lhe fazia confidências, sabia calar-lhe seus escrúpulos e azares.

Era o fim do verão, malmal caindo alguma chuva insólita. Quando sobre os buritis erectos a chuva se dava, como uma boca. Quando, num dia mais demolhado e escurecido, Glória voltava de cavalgar, e contava como na curva da Baixada um gavião, pousado em buriti, gritava seu constante quirito de chamar o companheiro perdido, e aquele monótono apelo se repetia na grande umidade pungente, mesmo vindo longe a gente ainda o escutava.

Na cidade, devia de estar sendo o Carnaval. — “Lala, você gosta de entrudo?” — Glorinha perguntava, no modo de querer acentuar inocência, às vezes se mostrando mais roceira e sertaneja do que fosse. Lalinha esperara-a, sorriu-lhe. Glória cada dia se embelezava mais — nem diminuíam, antes acrescentavam-lhe encanto a encanto os olhos um tanto saltados, o pescoço um tantinho grosso, a séria incapacidade de se cansar.

— Lala, eu gostava de poder aparecer nua, nua, para que todo o mundo me espiasse... Mas ninguém pudesse ficar sabendo quem eu era... Eu punha máscara...

Lalinha sobressaltara-se, aquilo soara forte e crú, como um ato. O que, em outra ocasião, teria ouvido comprazida, àquela hora subitamente aturdia-a com um desgosto, uma crispada vergonha. Não assim, dito em tom comum, sem a preparação sutil em que os olhos iam-se velando de um luar de indeterminado desejo ou tomando pontudo brilho de mais-vida, e sábios silêncios distanciavam aos poucos a turbulência informe do quotidiano, e o pudor se desvestia, vago vagarinho, como o despetalar de longas rosas. Ela conhecia a nudez de Glória. Ela não queria pensar agora na nudez de Glorinha, tantas vezes entrevista, quando juntas se banhavam. Ela não podia responder. — “O Carnaval...” — respondeu, qualquer coisa. Levaria Glorinha pela mão, através de multidões. Disse qualquer coisa. Tãopouco Glorinha insistira. Seu pensamento tinha asas:

— “Lala, Irvino vai voltar!” — e sorria certo no alvo. Via-se, queria não esconder alguma coisa.

— Lala, Miguel também vai vir! Você vai ver...

Miguel? Sim, não bastava responder-lhe, suave concordando: — “Claro, meu bem, ele vem... Não pode ter esquecido você...” Não, Glorinha tomava um prazer em endireitar-se, jubilante comandava a vinda infalível de Miguel, enquanto revelava: — “Eu pedi àquela mulher que fizesse tudo para mim, também... Para nós... Você sabe: a reza, os três pratos na mesa, tudo...” De confiar aquilo, aligeirava-se, agora queria surpreender no rosto

de Lalinha a aprovação ou censura, o espanto. — “Miguel, Lala... Quem sabe, eles não vão vir até juntos?” De nada duvidava, esplêndida, sua segurança ficava em pé, ali, até estremecente altura.

Lalinha acendeu um cigarro. Agora, no instante, nela se desenrolava o apetite de entrecortados sussurros, o gozo daqueles proibidos pensamentos, que representavam num paraíso, restituídas à leveza, as pessôas; que inchavam a vida. Dizê-los. Quase se faziam concretos: e amava a mudada fisionomia de Glória, presa às suas palavras, via-a como se visse num espelho, o complacente rubor, ah como o sangue obedecia! — “Delícia, meu bem, o que você falou: poder ficar nua, com uma máscara posta...” Precisava de repetir, tardar, alterava a espessura do tempo. Ajuntou: — “Havia de ser lindo... Homens... Quem? Nhô Gualberto Gaspar... Miguel?...” “— Não! Não, Lala! Miguel não...” “— Miguel, não, bem. Mas... Norilúcio?” “— Norilúcio, também não...” “— Quem, então? Nhô Gualberto Gaspar?” “— É. O Gual. Homens... Homens estranhos. Da cidade...”

Sim, sim, nhô Gaspar, homens. Era preciso falar, imaginar mais coisas, para evitar que de repente pudesse atenuar-se em seu pensamento o colorido flúido, a substância de que aquele mundo se criava. Era preciso que Glorinha sequiosa ouvisse, e repetisse, e risse e ficasse de novo séria, e por sua vez falasse. Demoradamente. Deã, ela Lalinha proferia: — “Meu bem, não querer o prazer assim, é medo ou vaidade...” Calavam-se. O extraordinário jogo se dissipara. Agora, porém, recordando a pobre pessôa de nhô Gual, Lalinha já não o desprezava, por torpe ou grotesco, mas aos poucos reconhecia-o e estimava-o, como criatura irmã e humana, andando por ali, no seu cavalo cor de castanha, e saudando já de longe os outros, com sua voz comprida.

E os dias começaram a passar com outra pressa.

Assim, e de repente, não era ali o Buriti Bom, com as árvores em pé, o céu sertanejo, a Casa — inabarcável como um século —, o rio próximo, o movimento do gado, a gente, o Brejão-do-Umbigo e a Baixada do Buriti-Grande ao sul, e as matas de montanha pelo lado do norte?

Fazia tempo que cessara a cerração de águas. O tempo era claro, balançava-se o vir do frio. A camélia plantada por mão de Lalinha deu flôr. Honrou-se o aniversário de Behú, e o de iô Liodoro, festejaram-se tão simples como sempre, tomava-se vinho-do-porto e do de buriti, perfumoso

vinho óleo. As primeiras boiadas engordadas se enviaram. Mataram, rio adiante, duas onças-pretas. Passou-se a Semana-Santa.

E entanto Maria Behú adoecera, nas dôres de um reumatismo tão forte, mandaram buscar médico, todos se reuniam no quarto de Behú, tanto carinho lhe davam; e ainda agora ela mal se levantava da cama, dia de sol, amparada em alguém e segurando uma bengala alta. Maria Behú não tinha uma queixa. Ela queria sua saúde, devagar, e queria o bem de todos; a fim de animar e de um modo ajudar, pedia notícia de tudo na casa. Agradeceria a Deus os seus sofrimentos? Agradecia-lhe ter-lhe conservado o sono calmo. Contava os sonhos que colhia de um branco mar, eram sonhos tão belos — em seu espaço nada acontecia. Demais, o dado do tempo, ela se colocava avezinha, sob os santos, na branda penumbra do quarto, sabia-se dali sua pequena presença, que era um sorriso sem trago nem ressaibo, e o bisbis de rezas. Sua virtude não desalentava ninguém — compreendia-se que devesse mesmo rezar e isolar-se, como a tirolira desabrocha madrugã, tamanho de um bago de orvalho, como os anjos precisavam de trazer-lhe o remédio. Tinha-se de aceitar, sonso verdezinho capim, medrando grau em grão, um diferente amor por Maria Behú, uma precisão de demorar amiúde perto dela, que punha bom-olhado. O que nos olhos envelhece. Seu olhar envelhecia as coisas?

Também o Chefe Zequiel mais imordido se mostrava, agravava-se no pavor fantasmoso. Não era um estado de doença? Emagrecia diante da gente, entre um começo e um fim de conversa. Calava agora o que fino ouvia, não ouvia; sua, a que era uma luta, sob panos pretos. Que até suas costas se cansavam. Dava pena. Como se o poder da noite de propósito pesasse sobre aquele enjeito de criatura, que queria sair de seu errado desenho, chegar a gente, e o miolo da noite não consentia, para trás o empurrava. E ele piorara, quase de repente. Agora, se escondia. Ainda, um dia, tinha chegado cedo da roça, alegre, com sua enxada, seu boné na cabeça, a bengalinha de sassafrás, a capanga de coisas. Era um dia-santo de guarda, ele não sabia, se esquecera, tinha ido trabalhar mesmo assim, não era pecado? Diante da varanda, explicava às pessôas seu engano, não tinha culpa, e depunha a enxada, a bengalinha, alargando seus pés para poder gesticular — falava, ria, olhava para cima, tirando o boné, parecia crer que, oculto em algum lugar, Deus também o ouvisse e mangasse com ele, de lá do forro do céu, manso modo: — “Você pecou de bobo, Chefe! Foi trabalhar, de bobo, só...”

Todos gostavam do Chefe. E, agora, em piora, mudara: nem ia mais à roça, se esquivava das pessôas, quase não saía do moinho, mesmo de dia. Negava-se a relatar o descomposto das visões que seus ouvidos enxergavam. Se assustava de morrer? Tinha medo de estrangulação. O supro da inimiga, que morcegava mais perto, que havia. Que coisa? Falasse naquilo — o aoal abraçável, fossícias minhocas, a anta-céga. A vaca fora de todo dono, que tem os queixos de ouro e ferro e uns restos pretos de mortalha enrolados nos cornos dos chifres, mas que fica num alto de morro, de costas, mostrando suas partes, que cheiram a toda-flôr e donde crescem hastes de flores? A baba luã, cá tão em baixo tendo de se passear por cima de imundícies de esterco e de terra de cemitério? A não, ele tinha declarado confissão de dizer: que eram só no adejo umas mãos, que dava ideia — pensamento dumas roxas mãos, que por estrangulação rodeavam. O Chefe Zequiel mesmo não sabia. E as mulheres da cozinha, que eram moças e velhas, risadinhas tossicavam e conversavam irmãs as novidades repassadas, como os acontecimentos da vida chegavam a elas já feitos num livro de figuras, ali entre resinas e fumaças, as mulheres-da-cozinha leve se diziam:

— Ele devia de tomar chá de erva-do-diabo...

— Sei assim, de um parente meu que ensandeceu: quem fica pobrezinho de não dormir, acaba é com sofrer de amores...

— É?! Morde aqui... Prega na parede...

— Olhe: pior, para cristão, é quando a lua tira o juízo...

— Dentro da lua, diz-que moram umas coisas...

— Tem loucura de lua e loucura de sol, Virgem Maria...

— Parece que ele tem é nevralgias...

Elas torravam café, o ar ardia naquele cheiro entrante, crespo quente e alargado. Elas eram muitas, sempre juntas, falavam sempre juntas, as Mulheres da Cozinha.

Que diriam de iô Liodoro?

Pois iô Liodoro pisava numa inquietação, todos notavam. Sabiam da causa. Dona Dioneia e o Inspetor tinham-se ido dali, para a cidade. Não, nenhum conflito ou desavença, apenas se estragara a mal a saúde de dona Dioneia, o marido tivera de acompanhá-la. Ela se fora num carro-de-bois, forrado de colchões e recoberto de esteira, e junto uma rapariga do Caá-Ao, muito alta, muito magra, levando ervas de chás e feixe de ramos de se queimar para aliviar a respiração, e um balaio de laranjas dôces. O

Inspetor ladeava, montado na besta ruã, tentava esconder o rosto, os olhos vermelhos de choro, suplicava ao carreiro que tocasse revagar, sem solavancos, sem ofensa. Esse carreiro era chamado Filiano, o melhor da fazenda. Sabia-se mesmo que todas as despesas iam ser pagas por iô Liodoro. — "Homem de sentimento, o compadre meu..." — dizia nhô Gual; e não se entendia se ele dizia assim por simplicidade ou malícia. Maria da Glória não queria conversar naquilo. E nhô Gualberto Gaspar mais rodeava-a, ele mesmo não soubesse o que fazia. A gente tinha de ter pena de todo o mundo. De iô Ísio, acostumado à mansidão dos silêncios; ele não precisava de simpatia em voz de alguém, que caminhasse para o sincero de seu viver, lhe falasse da mulher sua bôa companheira, da Lapa-Laje? Lalinha pressentia-o. — "Ísio, como vai ià-Dijina?..." — ela se dava numa amizade. — "A Iadjina?!..." Invés, ele esbarrava, por mau espanto. Titubeava. Assim como o agredissem. Queria defender de todos o nome de ià-Dijina? Iô Ísio vigiava de distância o desgosto do pai, temesse a tristeza; tirava iô Liodoro para assunto de saída das boiadas, via-se como eles dois eram tão amigos. Todos sentiam, agora no Buriti Bom melancólico, todos tendo de silêncio. Só Maria Behú, a quem a doença dava meiga espécie de inocência, retirada, um dia disse: — "Pai, quando eu ficar bôa a gente há de ir nos Gerais, trazer Vovó Maurícia?" Era ao tempo em que os buritis regaçavam sob verdes palmas a velha barriga de cachos de cocos, tanta castanha, sobre sua trouxa gorda de palha-suja e uns rosários dependurados. — "A gente vai, minha filhinha, nós vamos..." — iô Liodoro tinha respondido. Quem roubara aquela menina de seu quinhão de saúde e beleza, e de pontudas dôres crivava-a, deixando-a para fora da roda da alegria? — Lalinha se perguntava. Uma antiga verdade tê-la-ia chamado, escolhida para os claros encantamentos do sofrer, ali naquele palácio de grande lugar, meio de grossas belezas, no quente da Casa, à luz, aonde, tempo de chuva, à noite, até libélulas entravam? E entretanto Maria Behú supria-se de um achado sorriso. Que era que ela via? Que espuminha de segredo? Iô Liodoro passeava se distanciando, voltava.

Iô Liodoro se sombreava de fadário. Um passageiro, fosse. Em homem retraído tão forte, todo torvo acento assim mais custava para notar-se; mas, uma vez reparado, era difícil a gente deixar de o acompanhar. Por mais, e sem explicação, ele quase de todo deixara de querer jogar à bisca, quase nem parava na grande sala-de-jantar, onde o relógio dava as horas. Invés, vivia tempo na varanda, espreitando o mundo da banda do rio, para

lá a Lapa-Laje, para lá mais os Gerais, de onde as boiadas magras vêm, as boiadas bravas. Ele estalava os dedos e queria se avisar, no céu, no poente de cor, da vinda do frio, os canaviais amadurecendo, sobrechegando a quadra da moagem. Não queria que observassem seu desgosto. — "Não é por causa daquela mulher" — Glorinha dizia — "mas porque de Irvino não se recebe nenhuma notícia..." Em fato, quase cada segundo dia iô Liodoro saía, galopava noturno, de certo ia ter com a outra, que sabia amores da Bahia e se chamava Alcina; isso porque ele mesmo não podia ter mão no duro referver de seu sangue. Mas trazia em si um pesar, à quieta, aumentava o peso de sua cabeça.

Lalinha pôde conversar com ele, uma noite.

Assim como as coisas do nada e nada se defurtam, para súbito acontecer, se saindo de muralhas de feltro; foi assim. Ela sentira sede — talvez nem fosse bem sede, como recordar-se? Ela saíra do quarto, segurava o pequeno lampeão, pouco maior que uma lamparina. Veio pelo corredor. Parara, já na sala-de-jantar. Pressentiu-o — olhou. Seus olhos para a porta. Soube-o, antes, sob o instante. A porta se abrir, de-bravo. Subitão, ele apareceu, saindo do quarto. O coração dela dera golpes. — "Bôa noite, minha filha!" — iô Liodoro disse. E tudo esteve tão natural e tranquilo, ela mesma não entendia mais seu tolo susto, e se admirava de tão rápido poder recobrar toda a calma. Ela estava de *peignoir* por sobre a fina camisola, calçava chinelinhos de salto. Lesta, sua mão endireitou o cabelo.

Iô Liodoro todo vestido, e de botas, decerto as preocupações nem o tinham deixado pensar em dormir — ou ia sair, tão tarde? Tão-pouco teria acabado de chegar. Ele empunhava o lampeão grande. Quereria alguma coisa. Seu dever de servir, Lalinha cumpria-o, de impulso: ofereceu-se para fazer café. Sentiu que devia mostrar-se desenvolta. Àquela hora, e teria mesmo a coragem de aventurar-se na imensa cozinha, abstrusa, ante a fornalha imensa. — "Não, minha filha. Vou tomar um restilo..." — ele respondeu manso, não quisesse acordar os demais da casa. Era curioso — Lalinha pensava — faz ano-e-meio que estou aqui, e nunca houve de me encontrar assim com iô Liodoro. Ele depusera o lampeão grande na mêsa, e ela o imitou, colocando bem perto o lampeãozinho. Desajeitava-se de como poder se portar. Não de menos ele apanhava no armário a garrafa e um cálice, se servia. Bebeu, de costas para ela, foi um ligeiro gole. "Estou a gosto..." — disse, voltando-se. Fitou-a. Imprevistamente, caminhou para

a cadeira-de-pano, sentou-se. — “Não tem sono, minha filha? Senta, um pouco...” — pediu. Obediente, sentada em frente dele, ela estava mais alta. Ele se recostara, distendera as pernas. Precisava do conforto de uma companhia, precisava dela, Lalinha. Pobre iô Liodoro! Tudo tão inesperado, e ela queria ajudá-lo, de algum modo, queria sentir-se válida. Seu espírito se dividia em punhados de minutos. Conversaram.

Se se podia dizer aquela fosse uma conversa — ele mal mencionava singelas coisas, nem perguntava; parecia precisar só de medir com uma palavra ou outra as porções de aliviado silêncio. E a satisfação que ela sentia: estava sendo prestimosa, acompanhava-o em sua insônia, e ele, via-o agora, era uma pessôa como as outras, sensível e carecido. Encaravam-se, sem cismas, era como se entre eles somente então estivesse nascendo uma amizade. Podia ser. Quanto tempo durou? Combatendo o silêncio, o monjolo, o monotóm do monjolo; e os galos cantaram. Só para contentar, a ele, ela tinha dito, simulando convicção: — “Irvino vai vir. Eu sei...” E ele respondera, amorável bondoso, como se quisesse tranquilizá-la: — “Ele vem, minha filha, não tenha dúvida...” Pausavam. Como se separaram, como se deram bôa-noite? Ela não atinaria dizer. Um deles se moveu na cadeira, o outro também, e estavam de pé, cada um receava estar já roubando do sono do outro. E Lalinha voltou para seu quarto, estava feliz, da felicidade mera e leve — a que não tem derredor nem colhe do futuro. Dormiu sendo bôa.

A siso todavia que, na seguinte manhã, e dias, o caso se derramara de significação — Lalinha assim a miúdo achava. Reteciam a vida no ramerro trivial a buliçosa ignorância das outras pessôas e o quotidiano das paredes do casarão, que negavam todo extraordinário. Mesmo, vez ou outra, quando ela quis acautelar o germe do encontro daquela noite, não conseguiu refazê-lo em alma. E tudo igual, no Buriti Bom, iô Liodoro como sempre distante, e era época de meximento com o gado, trabalhosas, pesosas boiadas prontas; nos currais se apartava.

Mas dias poucos, ligeiros. Sem contar que vieram os dois moços caçadores, se hospedaram de quarta a sexta, traziam frescos couros de onça e troféus outros, eram simpáticos. Um, o que se chamava nhô Gonçalo Bambães, pôs modos de namoro para Glorinha. — “Não posso, Lala” — depois ela disse — “só gosto de Miguel!” Tudo tão de recreio, a vitrolinha tocava muito tempo, até Maria Behú se distraíra, Tia Cló repetia que o Buriti Bom era o melhor lugar no mundo, mesmo o Chefe Zequiel

ainda se reanimava para vir ouvir. Os caçadores partiram, iô Ísio deu um pulo à Vila, buscar remédios, o frio forte que se ameaçara cedeu a um sol bom, os vaqueiros cantando se tangeram com seus bois, a fora. Aquele Gonçalo Bambães tinha dito ao companheiro, em tom nem muito alto nem muito baixo: que ali era a casa das Deusas... Entretanto, educado, de apraz presença, sua apostura com a de Glorinha bem assentava. Nhô Gual, em chegando, esforçara-se e conseguira logo levá-los, predizendo-lhes caça farta numa brenha ao de lá da Grumixã; despediram-se; e tinham sido um divertimento. — "Lala, você não acha que eu fiz bem, gostando só do Miguel?..." — Glorinha ainda perguntava. Parecia incerta, meio arrependida? Como ela queria ser sensata, não mudada. Era um amor de moça esbelta. — "Por virtude da reza-forte daquela mulher de Angueretá, ele vai vir, Lala..." Por que não?

Por que não tornaria a ver-se com iô Liodoro, sós a sós, em sobra de hora, na calma da noite, mais uma vez, como fora, assim se dera, por um sossego de amizade? A tanto que amava o Buriti Bom — Lalinha suave soube — a Casa, todos: Glória, seu olhar acariciante, laçante; Maria Behú que recolhia para suas rezas os pecados de todos; Tia Cló trazendo risonho relato das conversas das Mulheres-da-Cozinha:

— O gato, eh ele tem tanto de comer aqui, e vai caçar coisas — lagartixa, passarim, morcego...

— Ele traz, mas é para oferecer à gente, para barganhar por naco de bôa carne. Ladino!

— É porque a cara dele é do mato, os olhos. Com esses olhos que tem, gato não divulga o dia da noite...

— Diz-se que Nossa-Senhora trouxe ele do Egito...

— Quando a Virgem foi lá, com São José e o Menino. Porque iam fugir, gente ruim do rei queriam matar o Menino. Ah, não sei porque que a Virgem não ficou morando todo o tempo lá, no Egito. Então, o centurião não pegava Jesus, não crucificavam...

— O que um dia eu queria era aprender a rezar decorada inteira a Salve-Rainha...

— Agora, é a moagem, os homens rezam, antes de principiar a moer. Quem há-de levantar mais cedo, coar café para eles?

— Aquele friinho, frio... Quando a noite principiou, já está sendo aurora...

— Eh, dias da moagem já estão chegando...

A Casa — vagarosa, protegida assim, Deus entrava pelas frinchas. O que Lalinha sentia. Um propósito, queria altruir, valer-se. Às vezes pensara. À noite, tardava-lhe a barra do sono. Abria a porta, olhava. Adiante, no corredor, bruxeava a candeia na parede, sob a imagem de um santo. Aquela luzinha, frouxamente; mas a sala-de-jantar estava às escuras. Todos dormiam. Iô Liodoro não tinha saído? Voltaria? Duas noites, desse modo. Lá ao fim, na treva da sala-de-jantar, nada se lobrigava. O que ela sentia: podia contribuir, ser amiga, confortar iô Liodoro. Tudo simples, tão franco, sendo sereno.

E havia luz, na sala. Seria ele? Lalinha se ajeitou, resoluta. Pegara a lâmpada. Ia. Caminhou, queria ter o ar de que não ia com intenção; fazia mal? Nada tinha a esconder, não trazia malícias.

Ele estava lá, na cadeira-de-pano, como da outra vez. Saudou-a com uma expressão de exata insurpresa, que acolhia-a melhor que um sorriso. — "Sem sono, minha filha?" Tinha a garrafa e o cálice, ali perto, no chão. "Mais tarde, aconselharei a ele que não beba, pedirei..." — ela se prometeu, contente — sabia assim dum começo. Deixara o lampeãozinho na mesa, no mesmo lugar da outra noite, ao pé do lampeão grande. Sentara-se, naturalmente, diante de iô Liodoro, na mesma cadeira. E tudo realizara de vezinha, tenuemente — como se temesse destruir um bom encanto. O que se sentia fruir, a mais, era o quieto agrado com que aquela noite recomeçava no ponto certo a anterior, como os momentos da vida sabiam bem emendar-se. Tudo? Não, de repente havia uma diferença, uma mudança no silêncio, ela percebia.

Notou-o, correita, quis duvidar, duvidou — de modo nenhum deixaria que ele reparasse em seu agudo sobressalto. E era. Ela compreendeu. Um tanto, atordoou-se, o sangue alargava-lhe o rosto, mas inclinou a cabeça, disfarçando. Iô Liodoro saía de seu caráter? — ela pensava. Tinha sido depois de um tempo, quando inutilmente conversavam. Iô Liodoro. Tomou-a de vista — foi súbito. Seus olhos intensos pousavam nela. Ela não temeu; se admirava. Sentia-o: que nada havia a temer; e o quente de prazer que de seu corpo subiu provinha-lhe de saber-se em toda a segurança, bôa parte. Como se para a aquietar, ou para se dar melhor direito de poder olhá-la livremente, ele agora falava, falava de coisas sempre simples, de nada, falas vãmente honestas. Baldado. Não a enganaria, a ela. A voz dele mudara, sobre trim de titubeio, sob um esforço para não tiritar. Iô Liodoro, o peito extenso, os ombros, seu rosto,

avermelhado vinhal. “Ele me espia com cobiça...” Seus olhos inteiravam-na.

— Você tão delicadazinha, minha filha... Carece de tomar cautela com essa saúde...

Ele falou. E era um modo apenas de acariciá-la com as palavras. Ela sorriu, sorriuzinho. Estava com o *peignoir*, por cima da camisinha de rendas, vaporosa, de leite alva. Sabia-se bela. Gostaria de estar entre transparências de uma gaze. “Pobre iô Liodoro” pensou “ele precisa disso, de um pouco de beleza...” Sentia-se bôa e casta, dava-lhe alguma coisa, sem mal algum. O mais, o frêmito de escuso prazer, que ela já provava, era outro lado, seu, só seu, ele mesmo não saberia disso — e era como um mínimo prêmio, que ela se pagava. Sentia-se fitada, toda. Dar-se a uns esses olhos. E oscilou o corpo, brandamente. Quis sorrir, com ingênua benevolência. Ah, mas podia ver o ofego de suas narinas, a seriedade brutal como os lábios dele se agitavam. Gostaria de poder certificar-se de todos os efeitos que sua sensível beleza produzia no semblante, no corpo dele, o macho. Um macho, contido em seu ardor — era como se o visse por detrás de grades, ali sua virilidade podia inútil debater-se. Dele defendida ela se encontrava, como se ambos representassem apenas no plano esvaecente dum sonho. Assim, aquele momento, como tinha sido possível? Falavam. E ela admirava-o. Nunca imaginara o acontecimento daquilo, que se inventava de repente — iô Liodoro, ele, tão verdadeiro, e gratamente enleado no real. E ela. Suspirou, por querer. Admirava-o. Numa criatura humana, quase sempre há tão pouca *coisa*. Tanto se desperdiçam, incompletos, bulhentos, na vãidade de viver. E iô Liodoro, enfreado, insofrido, só o homem de denso volume, carne dura, taciturno e maciço, todo concupiscência nos olhos. Aquela gula — e o compressivo respeito que o prendia — eram-lhe um culto terrível. Sonhava-o? Despertaria? E, por um relance, imaginou: como prolongar aquela hora? E como, depois, desfazerem-se do voluptuoso enlevo? Falava mentirosamente. Os pobres assuntos garantiam a possibilidade do deleite, preservavam-no.

— “Pois... Assim tão linda, a gente mesmo acha, faz gosto...” — ele disse, não se acreditava que sua voz tanto pudesse se mitigar.

— “O senhor acha? De verdade?” — ela respondeu: se apressara em responder, dócil, queria que sua voz fosse uma continuação, mel se emendasse com a dele.

— “Linda!” — ele confirmou. E mudara o tom — oh, soube mudá-lo, hábil: dissera-o assim, como se fosse uma observação comum, sã e sem pique. Quem o inspirara? A fino, que desse modo o diálogo podia ser uma bôa eternidade. Não, ela não ia permitir que aquelas palavras fenecessem:

— “O senhor acha? — Gosta?” — sorriu queria ser flôr, toda coqueteria sinuasse em sua voz: — “De cara?... Ou de corpo?...” — completou; sorria meiga.

— “Tudo!...” E com a própria ênfase ele se dera coragem. Mas ela, sábia, alongava a meada:

— “A boca...?” — perguntou.

— A boca... Todos os dentes bons, tão brancos, tão brilhando...

Sua admiração se dizia como a de uma criança. Lalinha descerrara o sorriso, exibia aqueles dentes, a pontinha da língua.

Riram juntos. E ele mesmo acrescentou:

— Os olhos...

— “E o corpo, o senhor gosta? A cintura?” — ela requestou.

Sim, a cintura, o busto, os seios, as mãos, os pés... Devagar, a manso, falavam de tudo nela, os olhos e as palavras dele quentemente a percorriam. Parecia um brinquedo. Ah, sim — ela se dizia: — tinha de ser como num brinquedo para que pudessem, sem pejo, continuar naquilo. Como riam, e demonstravam um ao outro estar achando pura graça naquele jogo, prevenindo-se de que dele não haveria temer consequências. Como inteligentemente tinham-se compreendido, e encontrado a única solução, Lalinha lúcida se admirava. E era um escoar-se, macio, filtrado, se servia apenas a essência de um desejo. Continuavam. Toda minúcia. Dada a tudo, ela fez questão de repetirem, recomeçando — a boca, o colo, os pés, as pernas, a cintura... Assegurava-se assim de que o brinquedo não precisasse de se esgotar, não tivesse fim nem princípio. E guiou-o a mencionar também as peças de roupa: a camisolinha filil e nívea, o fino *peignoir* de um tecido amarelo manteiga, os chinelinhos de pelica. E seus cabelos, os ombros, os braços...

Demorou nisso. Era preciso que iô Liodoro se firmasse, se acostumasse, guardasse tudo bem real na consciência, não duvidasse de haver ousado e cometido. Ela — ah, como queria ser um objeto dável — todas suas atitudes eram ofertadas, ela era para os olhos dele. Depois, recostou-se, tranquila, num desarme. Cedeu-se. Apenas, com medidas palavras, animava-o a insistir no falar, — ele devia tomar a diligência da conversa.

Iam-se as horas, desvigiadas das pessôas. Por fim, porém, ela se impôs a interrupção, sentiu que dela devia partir, e em momento em que ele estivesse em estro levantado. Separaram-se, sem se darem as mãos, ela sorriu esquivosamente.

No leito, exultou. Borbulhavam-lhe afãs, matéria de pensamentos. Tudo excitava — inconcebível, arrebatador como se lido e escrito. Ela era bela, criava um poder de prazer; e nem havia mal, naquilo. Ela se disse: sua beleza se empregara, servira. Adormeceu assim. Muito.

E entanto cedo acordou, abriu a janela toda, o frio era bom, a madrugada mal raiava: sus roseozins de nuvens sufladas, de oriente, dedo a dedo, anjos, no desrol. Belo dia! Não obtinha dormir mais, não podia, tanto se governava lépida. Ouvia as vacas, grandes de leite, bondosas. Mugia-se. O mundo era um sacudido cheiro de bois, em que o canto dos pássaros se respingava. O touro, ora remugia o touro, e o jardinzinho estava ali, ao pé da janela, viçoso de verdes hastes. O dia custava a começar, a passar. Glória, Glorinha, saíra de um sono de beleza. — "Vamos montar, vamos passear, Glorinha, meu bem!" — e queria-o com ímpeto. Precisava de ser muitas, abrir largos abraços. Pudesse rever inteiro o Buriti Bom, terra tão terra. Ir até à Baixada, até ao instante de lá — o fim de brumas. Como os buritis nasciam vagarosos com seu verde da escuridão: o Buriti-Grande tinha ao pé um pano ainda caído de branca névoa, e como cintura, ao corpo, pelo terço, um móvel anel de neblina. Tudo era grande, e belo. Avançavam, de alto ar, as araras, suas cores, fortes vozes. Depois, sob o pleno sol, bom e belo o Brejão — suas grandes dadas flores: a olímpia, a dama-do-lago, a gogoia, o golfo-da-flôr-branca, a borboleta, a borboleta-amarela, as baronesas. O brejo alegrava, se doava, dôce como o ócio e o vício. Uma hora, Glorinha disse:

— "Você sabe, Lala, uma mocinha daí do Caá-Ao, uma que dizem que se chama Dondola a mãe dela?" "— Não sei. E sim, meu bem?" "— Apareceu grávida..."

A mocinha, desvirginada, deflorada. Lalinha rira, ria. Glória olhava-a, espantada. Mas não poderia dizer-lhe porque se ria, nunca. O que pensara. Glorinha seguia explicando. Que quem fizera-mal à mocinha supunha-se certo o João Rapaz, filho do vaqueiro Estaciano. — "O Rapaz se autorizou dela..." Abusara-a. Não, não — o que ela pensava: iô Liodoro, só ele, violando, por força e por dever, todas as mocinhas do arredor, iô Liodoro, fecundador majestoso. Assim devia ser. "Apareceu grávida..." Sim, o dia

tardava a passar. Ao almoço, ela gostou que iô Liodoro não estivesse presente, ele saíra por roça e pastos. O dia era uma dilação. O dia se acabou depressa. E chegou a hora do jantar. Iô Liodoro o de sempre, desassossego nenhum, nenhuma dúvida. E, depois, como não acontecia havia tanto tempo, convidou-a a jogar a bisca. Tudo igual, e calmo. Atentos só às cartas, jogavam. Enfim, ao se darem bôa-noite, ele a olhara, ah, com ansiosos olhos denunciados. Ela, como quem concede, então disse, baixinho: — "Até logo..." E foi para o quarto.

Ela se arranjou, demorara. Não, não queria pensar nada. Estava bela? Sua beleza não era uma devoção? Em tanto, esperou que a casa se aquietasse. Vestira outro *peignoir*, vinho-escuro. A camisola mais leve. As sandálias altas, que mostravam os pés, ah, tão pouco. Não estava bela? Veio.

Tudo escorria, sutil, escorregava. Ela mesma começou, nem falaram de outra coisa: — "E hoje? Me acha bonita?" Na mesa, o lampeãozinho junto do lampeão grande, as luzes agrandadas. Nem ouviam o bater do monjolo, isolados da noite, se ajudavam a armar um êxtase. As mãos... Os braços... Os tornozelos, tão finos... Tudo ela tinha lindo. Como iô Liodoro aprendia a repetir, como seus olhos de cada detalhe se ocupavam, com uma disciplinada avidez, num negócio. Podia oferecer-se mais: em palavras — as coxas, as ancas, o ventre esquivo. Tudo se permitia, dando o vagar, sob simples sorriso. Iô Liodoro, sem pejo, serviu-se do restilo, tomou um cálice. Então, ela pensou, ousou: mandou-o fosse a seu quarto, buscar-lhe os cigarros. Ele foi. Obedecia-lhe — aquele homem corpulento, poderoso, — e penetrava àquela hora, em seu quarto — quase uma profanação! Ah, nunca ele saberia, por Deus, o estremecimento de desgarrante delícia que lhe estava proporcionando. Recomeçaram. — "O senhor me acha bonita fumando?" Ele teria de dizer que sim, que achar bonito e bem tudo o que ela fizesse, tudo o que ela quisesse. Ele nunca diria não. — "Acho, Lala..." — ele respondeu. "Lala!?" — tinha dito? Assim, somente Glorinha a chamava; e ele ouvira, aprendera, não hesitava agora em usar. Lala! — "Os seios, tão produzidos, tão firmes..." — era como se a voz dele a pegasse, viesse-lhe ao corpo. Mas, não, não poderia nela tocar, disso não havia perigo. A curta distância — quase arfante — era adorável sentí-lo.

Foi ele quem primeiro se ergueu, dessa vez. Mas, só num meio gesto, soube dar a entender tão bem que não podia mais, que não se suportava de

exacerbado, que foi mais dôce do que se tivesse querido ficar mais tempo, que tivesse implorado a ela para ainda ficar.

E, sim, no quarto, já deitada, ela compreendeu. Ele saía, montava a cavalo, ia ver a mulher baiana. Ia sôfrego, supremo, e era a ela, só a ela, que aquele impetuoso desejo se devia. Ah, Lala, terrivelmente desejada. De si, vibrava. Ouvia-o galopar, ao longe? Ela podia amar-se, era bela, seus seios, o ardente corpo, suas lindas mãos de dedos longos. Sentia-se os lábios úmidos demasiado, molhados, como se tivesse beijado, como se tivesse sugado, e era uma seiva inconfessável. Depois, um deixo amargo, na boca. Assim adormecia.

Aqueles dias! Saberia dizer ao certo como a levaram? Eram só as noites. Ela voltava à sala, os dois voltavam. Quantas vezes? À mesma hora, tudo o mesmo igual. E no sabido repetir-se residia a real volúpia, na cumplicidade daquela cerimônia. Só que a cada noite Lala se vestia de outro modo, mudava até na pintura, mudava o penteado. Estava de pijama, no pijama verde, de pantalonas à odalisca, sob o casaquinho de grande gola. Iô Liodoro fazia menção de apanhar a garrafa de restilo, ela se apressava, ágil e perfeita, queria se fingir de escrava, de joelhos servia-o. Não perdia o rápido e receoso olhar, com que ele vigiava se Tia Cló ou Maria da Glória não iriam de súbito aparecer, se não teriam suspeitado de algo na paz da noite. E nunca falavam de outra coisa — que não da desejável formosura de Lala, de seus encantos. Fora que, a uma variante, a uma novidade achada, uniam-se num estalo de rir. Sua beleza era pasto. E o apetite dele, a reto, no nunca monótono, parecia mais grosso, sucoso, consistente. Lala se ensinava, no íntimo: que estava se prostituindo àqueles olhos; ora se orgulhava: e contudo ele a olhava como a uma divindade. Como tinham chegado àquilo, encontrado aquilo? Parecia um milagre.

Nesse tempo, a intervalos, temia principiassem uns momentos de remorso. “Mas, ele me obedece, hei de levá-lo apenas a atos bons, para a felicidade de todos...” — se persuadia. Havia de estender em benefícios sua influência. Ià-Dijina, a companheira de iô Ísio, ah, para com ela tudo teria de mudar: haviam de recebê-la na Casa, seria tratada como filha e irmã, havia-de. E mais, iô Liodoro teria de mandar embora a mulher baiana, chamada Alcina. Então, tudo se alimpava, numa paz, numa pureza. O Buriti Bom ficava sendo um paraíso.

E, para ela, passava-se o mais, ali, como se em distantes margens. De novo houve que Maria Behú piorara um pouco, falou-se em vir outra vez o médico. Não, Maria Behú não queria, modo nenhum. — "Pudesse" ela dizia "queria o padre." Para confessar-se, comungar. E Lala ia a todo momento ver Maria Behú, acarinhava-a, lia-lhe orações. Que havia de ficar bôa, depressa, sarar, fazer passeios! — "Você me sara, Lalinha... Você tem essas mãos. Você é linda como uma santa..." — Behú repetia. Seu sorriso, agora, parecia o de uma menina. Sarasse Maria Behú, tão querida, a felicidade de todos se completava. O médico devia vir!

Também para o Chefe Zequiel, mais coitado. O estado dele desanimava. Não saía do moinho, senão chamado instantemente, mal se alimentava. Maria Behú pediu para vê-lo, trouxeram-no até ao começo do corredor. Mas não quis, por lei nenhuma, aproximar-se do quarto. Gemia, se debatia, pegava a tremer. — "Deixa, não faz mal..." — Behú disse. O Chefe, na desrazão do espírito, onde colocava o centro de seu pavor? Contaram que ele estava passando pior, no moinho, que todo se lastimava. Lala foi até lá, com Tia Cló e Glorinha, viu-o deitado na esteira, profuso de horror, de suor. Ao avistá-la, então pareceu melhorar, tomou um alento, para ela sorriu. Dava pena, de certo não ia viver muito? Não, não podia ser, ele também carecia de se curar, de recobrar confiança, no Buriti Bom carecia de não haver doença, nenhuma desdita.

E as Mulheres-da-Cozinha bisbilhavam seus sentidos:

— O padre vier, quem é que comunga também? Ele traz tanta partícula?

— Recado para minha irmã Anja, na Lapa, vir, para rezar junto...

— Se o frio não consegurar, logo, é ruim: diz que já estão por aí muita febre...

— Às vez, tenho medo de castigo.

— Sinhana Cilurina falou, tudo está regrado na História Sagrada...

— Pobre do Chefe pegou mania de fastio. Devia de comer lombo de anta nova, mor de desencaiporar...

— É o frio que não aprova. Tudo está pronto para a moagem, e estão demorando de moer...

Não entristecessem o Buriti Bom, Lalinha consigo suplicava. Só Glorinha, sim, imudada, conciliava o dom dos dias em equilíbrio. Glorinha — tê-la-ia relegado um pouco, desde havia semana, dês que tão pequeno e secreto novo interesse de viver a ocupava? Não, disso não merecia acusar-se. Sempre juntas não estavam? Em que haviam alterado? Queria-a, como

queria, como antes; Glória tinha do sol, feita para ser amada. E, entretanto, diante dela, agora, de um modo se constrangia? Era como se, em frente da claridade de Glória, se envergonhasse. E soube que não acertava. Mas, não queria saber mais, precisava de uma penumbra, de desvãos. Glorinha, grande, bela, e filha de iô Liodoro — sua amiga, tão querida, e filha de iô Liodoro — o que agora acontecia Glorinha devia ignorar, sempre! Ah, ela nem pudesse, de longe, desconfiar. Desnorteava-se. O mundo era feito para outro viver, rugoso e ingrato, em vão se descobria um recanto de delícia, caminhozinho de todo agrado, suas fontes, suas frondes — e a vida, por própria inércia, impedia-o, ameaçava-o, tudo numa ordem diferente não podia reaver harmonia, congraçar-se. Então, ela preferia, por vezes, mesmo a companhia de Behú, no quarto, entre orações e santos, e paz, aquela virtude não a perturbava. Maria Behú, no centro de diversa região, também quieta, nunca poderia desconfiar de nada. E mais pensava: ainda que suspeitasse, mesmo que tudo um dia descobrisse, Maria Behú mais facilmente podia perdoar — em nome de Deus, que está mais adiante de tudo. A Maria Behú seria muito mais fácil pedir-se perdão: Maria Behú era uma *estranha*, sua doçura vinha de imensa distância. Maria Behú conheceria outros cansaços e consolos, e repouso, que a gente podia amenamente invejar, oh, às vezes.

Glória vivia demasiadamente.

Como falava. De repente, falara. Lala ouvia-lhe:

— ...O Gual é que não tem filhos, ele não pode ter...

Por que o dizia? Lala não prestara bem a atenção. Por causa da mocinha do Caá-Ao, que aparecera grávida?

— ...Com o Gual, não tem perigo...

— Que é que você está pensando, sonsinha, Glória?

— Eu? Oh, Lala...

Ela, doce, doce, se embaraçava.

— Sim, meu bem!?

Glória sungou os ombros. Sorriu se livrando. *Glória*: “Por quê?” Enrubesceu. *Lala*: “Sim. Que é?” *Glória*: “Oh, Lala, você... Está parecendo até exame, no Colégio...” Só agora Lala começava a conjecturar, a temer. *Lala*: “Que é que você está pensando de... a respeito do Gual, Glorinha?” *Glória*: “Tolice, Lala...” Subiu duas vezes os ombros. “O Gual, tão rejeitoso... Ele é mais feio do que o vaqueiro Leobéu...” Procurou Lala com um abraço; queria era ocultar o rosto?

Dissera, apenas. Valia atentar-lhe nas palavras? Chocarrice. Conversa que se dispersava. E Lala aguardava a noite, suas horas, sua noite; se via, assim, cada bater de seu sangue mais a acendia; tinha de ser, até ao fim; como a procura de um fim. A sorno modo, os assuntos outros ao lado se enevoavam; mesmo o que Glorinha agora lhe dissera.

Mas nhô Gualberto Gaspar tinha chegado, era como se Glorinha já o soubesse. Gual trazia para Maria Behú um unguento, de farmácia, um bálsamo. Ele ia falhar o dia lá, dormiria na Casa. Nhô Gual, ressaía dele um ar de todas as andanças. Um ar mentirosamente perplexo. Ele disso nem soubesse. Aquele homem não podia ser bom, ele ainda nem conhecia sua maldade. Comia com comportamento, não-de-menos a todo momento dizia alguma coisa por sua vantagem, e gabava iô Liodoro, seu compadre, sempre que caía a ponto. Por fortuna, Maria Behú pudera vir à mesa, e a Maria Behú ele respeitava, a simples presença dela diminuía nele o poder de falar prolongado. O jantar se passou assim. Tratavam do próximo início da moagem, e era um domingo. Falavam calma. Lala sabia que essa noite não poderia conversar a sós com iô Liodoro, a estada de nhô Gualberto Gaspar tolhia-os. Ela já se acostumara à ideia, nem se ressentia; e alegrava-a ver que Maria Behú de novo mostrara melhora, alegre beijou-a na testa, quando Behú já se retirava para o quarto. Aquela silenciosa concórdia. Maria Behú tinha uma recortada parecença com o pai: um e outra confiavam em todos à sua volta, não viam o mal, em redor, não o presumiam. “Sou má?” — Lalinha se perguntara.

Estava jogando. Iô Liodoro, diante dela, era um grande amigo estranho? Um peso, um respirar, uma forma. E, entanto, calado mesmo para si mesmo — como se ele não pensasse por separado os atos de seu próprio viver, mas apenas cumprisse uma muito antiga lição, uma inclinação herdada. Ele mesmo não se conhecia. Ela, Lala, podia conhecê-lo! Olhasse-o com amizade, e era como se o entendesse, por completo, de repente. E os olhos dele assentavam nela, os olhos se saíam daquela forma, daquele peso. Forças que se redobravam, ali dentro, sacantes. Fitava-o com amor: e era como se tirasse faíscas de uma enorme pedra. Não, não queria ser má. Ousou: — “Acha bonitos os meus seios, vestida assim?” — sussurrou. E queria que seu sussurro tivesse dito também: — “Não é por vaidade minha, não é por vaidade minha...” Não, queria apenas dar-se àqueles olhos: que eles revolvessem e desfrutassem seu corpo, suas finas feições, e que então o espírito dos olhos dele sem cessar fluísse,

circulasse, pairasse — sem cessar revelado, reavivado, transformado. Lala sorria.

E tudo o mais foi-se aliviando de importância: a conversa de Glorinha e nhô Gualberto Gaspar, ali perto, os risos de ambos, os modos. Tudo isso, que, ainda havia pouco, a perturbara — Lala chegara a temer. Glorinha, atirada, saída: — "Ô Zé Gaspar! ô zé-gaspar..." — burlona, como se dirigia ao homem; ela se delambia. E ele, nhô Gaspar, salaz, piscolho, homem que escancarava a boca e se coçava nas pernas. Parecia o impossível — um pecado. A ela, Lala, nem fazia falta os soslaiar, para ter a certeza: a leviandade dela, a senvergonhez dele. Como uma caricatura! "Será que penso, que sinto assim, por ser ação de outros? O pecado alheio, que vem sempre contra a ordem, como um perigo..." — ela ainda se interrogou. Assustavam-na. Devia advertir Glorinha com um olhar, censurá-la, detê-la? Tudo ali, a tão pequena distância, e ofendiam o Buriti Bom, ofendiam iô Liodoro. Devia separá-los. Enojava-a, aquilo, num súbito vexame. Mas não se movia. Segurava as cartas, jogava. Não havia mal — a presença de iô Liodoro protegia-os, a todos. Jogava. Queria rir-se da brincadeira de Glorinha, da tolice de nhô Gualberto Gaspar. E, de repente, murmurava: — "Assim, os seios, acha?..."

E vibrou, airosa, tanto ele imediatamente se entusiasmara, como seus olhos lhe agradeciam. Iô Liodoro pediu o restilo. Sorveram-no, ele e o compadre Gual, com palavras de gabo e estalos. Mas assim iô Liodoro, se alargando no contentamento, quis mais: fez o que nunca acontecia, no comum — mandou que Glorinha trouxesse também o vinho. O vinho-dôce, espesso, no cálice, o licor-de-buriti, que fala os segredos dos Gerais, a rolar altos ventos, secos ares, a vereda viva. Bebiam-no Lala e Glória. — "Virgem, que isto é forte, pelo muito unto — para se tomar, a gente carece de ter bom fígado..." – nhô Gual poetara, todos riram. Ria-se; e era bom. Bebia-o Lala, todos riam sua alegria, era a vida. Por causa dela, iô Liodoro mandara servir o vinho, era um preito. E o Gual, taimado, lambório, corçoou-se, os olhos dele baixavam em Glorinha, como para um esflôr. Suas mãos velhacas procuravam o contacto do corpo de Glória, os braços, quanto podia. Não era a vida? Sobre informes, cegas massas, uma película de beleza se realizara, e fremia por gozá-la a matéria ávida, a vida. Uma vontade de viver — nhô Gaspar. Pedia para viver, mais, que o deixassem. E Glória, dada. Era infame.

No quarto, depois. Podia dormir? Agitava-se, não media sua angústia. Como surpreender, adivinhar, por detrás do silêncio, cada grão de som? O Chefe, o Chefe alucinado, espavorido, de atalaia no moinho, o Chefe Zequiel, que os ruídos da noite dimidiava, poderia ele dissociar cada rumor, do que se passasse lá dentro da casa? O que acontecesse — nhô Gaspar, maldestro, indestro, de certo, ante o milagre de Glória; Glorinha, vencida, como uma gata esfregadeira; estalo e tinido de risos... Revoltava-se. E seu espírito, pendido escravo, castigava-se com o imaginar aquilo. Como se tudo decorresse dela, de sua abjecta visão, ah, não imaginar, não pensar — dormir... Queria o sono, como quisesse o esfriar de uma ferida. Dormiu? Sonhava? Sonhou? Que batiam, à janela, leves batidas. "Lala!? Lala..." — chamavam. Glória? Glorinha — teria vindo, aquela hora, saíra, na escuridão, dera volta pelo oitão da casa, entrara no jardim, procurava a janela, chamava, batia? Ah, não acordar, não atender, não pensar — então, se o conseguisse, tudo estaria em repouso, não haveria sucedido nada. Não ouvir. E — não era à janela, era à porta? "Lala! Lala!"? Não acontecer... E tinha de ouvir, tinha de acordar. Aguçou-se. — "Lala... Lala..." Tateando, pegando-lhe um braço, era ela, Glorinha estava ali, à beira de sua cama. — "Glória!"

Já a abraçava. Não soube como acendeu a luz. E as duas estavam de pé. Glorinha, o bater de seu coração, um rubor, ela transtornada. — "Entrei, Lala... Sua porta estava aberta..." Ofegava. Escondeu as mãos. — "...Você deixou a porta aberta..." Ia chorar? As pupilas aumentadas, os olhos, grandes, claros, árduos. Os cílios, em, em, se molhavam? — "É horrível, Lala... É horrível..." As mãos tremiam-lhe. Arrimou-se, num abraço, e não podia chorar, ou não queria. Sentou-se na cama. — "Lala... Meus cabelos estão pesando..." Tinha taramelado a porta. Súbito, riu, baixinho, defendia-se do ansioso olhar de Lala, que lhe apertava fortemente o braço, que se debruçava para seu rosto, como se quisesse descobrir não sei que vestígios, farejasse-a, inquirisse. Ia bater-lhe? E Lala, encarniçada, soprou, sibilou: — "Glória... Não minta! Você esteve no quarto de nhô Gaspar!?..." E Glória, se tapando com as mãos, abrira vasto os olhos: — "Não, Lala, não! Não fui, não estive... Juro! Juro!... Que ideia..." Sorriu tristinha, ainda aflita. Lala recuara um passo. — "Oh, Lala, seja boazinha para mim... Não estive no quarto... Foi no corredor..." E, rápido, como se precisasse de coragem para logo explicar-se: "...Ele me abraçou, estava me beijando... Mas, depois, me apertou, parecia dôido... Oh, Lala, não judia comigo...

Não aconteceu nada, juro, só ele me sujou... Só...” Lala recuara mais, mas se distendia — para vê-la melhor? — no semiescuro do quarto. Glória — o olhar quebrado, descalça, a camisolinha branca, o busto, os seios redondos, o homem bestial a subjugara... — “Diga, meu bem, Glorinha, diga: ele te sujou... Onde? Onde?!” “— Mas, Lala! Você está beijando... Você...” Oh, um riso, de ambas, e tontas se agarravam. — “Lala, imagine: ele estava de ceroulas...” ...Seus corpos, tão belas, e roçarem a borra de coisas, depois se estreitarem, trementes, uma na outra refugiadas... Mas — “Não!” — ela disse. Ouvira algum rumor? Não. O afago de um repente, que num frio tirito se dissipava. Sentiu seu coração, como se num galope se afastasse. Glorinha, nos seus braços, era uma menina, cheirava a menina. Suas meninas-dos-olhos, suas pálpebras, por metade. Meigamente, não sabia abraçá-la? E Glória agora se sacudia em soluços. Mas ela, Lala, não podia chorar. Descobria-se feliz, fortemente.

De manhã, as duas tinham medo.

Dia frio. Vindo pelo corredor, com o primeiro jarro de leite, Tia Cló cantarolava um mote; que, nascida em terra outra, em alto de morros, assim o fino da friagem alegrava-a. Vozes, fora, de fortes vaqueiros, soavam como uma garantia. Que temiam, Glória e Lala, que assim hesitavam? Consabiam-se, vigiavam-se, mal olhar a olhar, em curto enleio ansioso. Já avançava a manhã, as brumas desasadas. E o reviver de tudo, no Buriti Bom, que era o sólido diário, um estilo grôsso, rendia tranquilidade. Iô Liodoro saía, com seus campeiros a cavalo: soltava-se um gado. Maria Behú viera à varanda. Os aborrecidos pequeninos remorsos, o agudo que perturba, sumiam-se sob paina — como se eles mesmos, por si, cavassem e descessem. E todavia, à certa, elas, Lala e Glória, se sentiram desoprimidas, quando souberam que nhô Gualberto Gaspar partira ainda com o escuro, entre o amiudar dos galos e a barra do dia em vindo — como Tia Cló noticiava. O homem. Fora-se, meio fugido. Glorinha exultou. De repente, ela mesma cantava. — “Boi ladrão não amanhece em roça...” — rindo segredou. Mostrava a ponta da língua. Seu cinismo era um resto de inocência. Tinha-se de rir. E olhavam: arvoada poeira subia, aos dourados, aos vermelhos, pelo nascente — que era por onde aquele gado ia, que se soltava. Dia de sol.

Todos aqueles dias, de propósito, de belo inverno.

Como não fosse? Esperar. Lala se resumia. Todo um bem, um dôce escoamento de seu íntimo, e ela se renovava. Descobria tantas coisas.

Como se só agora estivesse chegando ao Buriti Bom; tão demorado tempo estivera vivendo ali, e não tinha sabido reparar na simples existência das pessôas. Aquele dia.

Iô Liodoro. Os cães vinham com agrado ao pé dele, erguiam o focinho e os olhos, repousavam cabeça entre suas pernas. Ele passeava pelo curral, no meio das vacas, os vaqueiros tirando leite; se destacava. Levava, à noite, um copo d'água para o quarto. Punha a grande capa fusco-cinzenta, alargava-se seu vulto, não receava montar e sair, nos dias de chuva. Escovava o cabelo, demorava-se ainda um pouco na varanda, o chapelão ainda derrubado às costas, sustido pela jugular. Chegava, depois, seu sorriso sempre era franco, voltasse ele encharcado a gotejar ou empoeirado todo, um sorriso de fortes brancos dentes, com aqueles dentes podia cortar um naco de carne-seca, de golpe. Tinha pelos ruivos nas costas da mão, à mesa comia ligeiro, mas tão discreto — mesmo essa pressa não se notava. Bebia o café muito quente, quase sem o adoçar, dava estalidos com a língua, sempre a bondade do café ele elogiava. Esfregava as mãos, chamava os enxadeiros e campeiros, um por um, para o pagamento, no quartinho-de-fora, o quarto-da-varanda; não vozeava nunca, não se ouvia que se zangasse. Sua mulher, mãe de Glória e Behú, de Ísio e Irvino, se chamara Iaiá Vininha, diziam que sempre a tratava bem, carinhoso, ela fora linda. Os vaqueiros respeitavam-no e obedeciam-lhe com prazer, tão hábil quanto eles ele laçava e campeava. No quarto-de-fora guardava seu selim pradense, e a sela maior, tauxiada, seus apeiros ornados de prata; lá tinha os livros de escrita, e a pilha de cadernetas, na escrivaninha. E iô Liodoro se alegrava com as canções das filhas; às vezes, com palavras poucas, aludia a algum fato de sua meninice. Ele era meio dos Gerais e dali — de seus matos, seus campos, feito uma árvore. Tudo geria, com um silencioso saber, como se de tudo despreocupado. O espaço da testa, os lábios carnudos, suas grandes sobrancelhas. Era espadaúdo e grande, e forte, não, não era corpulento. Não se sentava no banco para afivelar as esporas, calçava-as mesmo de pé, num fácil e ágil curvar-se. Apoiado ao peitoril da varanda, num cotovelo, levava a outra mão em pala, ou acenava com largueza aos homens, apontava. Recuava uma perna — suas botas pretas, sempre limpas, era Tia Cló quem delas cuidava. Tomava um cálice de restilo, secava os lábios, ia ficando mais corado. Todas as peças de sua roupa cheiravam bem, arrumadas nos gavetões da cômoda, com feixes de raízes-de-cheiro, Tia Cló zelava-as com apreço. Na gaveta

da mesa de seu quarto, guardava o relógio de ouro, um livro de orações que tinha sido de Iaiá Vininha, os óculos, dois ou três retratos amarelados, revólveres, uma faca com rica bainha e terçada de prata, um coto de estearina, um almanaque farmacêutico, e umas fichas coloridas, de jogo; guardava-as, àquelas fichas, não era como se conservasse um brinquedo, ele não parecia um menino grande? A cama, estreita, um travesseiro só, à cabeceira um tamborete, com o lampeão, a caixinha de fósforos. Apalpados, a cama, aquele travesseiro, o colchão, pareciam demasiadamente duros. Seria que ele ali dormisse bem, tivesse o conforto merecido? A janela dava sobre o poente, para o rumo dos Gerais, para as matas do rio. Iô Liodoro gostava de angú, de jiló com carne de porco, de palmito de buriti, de vinho-do-porto, de vinho-da-terra. E as mãos dele eram quentes. E qual seria, no mais, hora por hora, a vida dele? Quando no campo, quando percorrendo longemente os grandes pastos, as roças, perpassando pelo que possuía. A parte com aquelas mulheres — a dona Dioneia e a outra — como se queriam, o que conversavam, e o que ele encontrara nessas, por que as preferira: se incansável carinho, ou uma destreza de viciosas, uma experimentada ciência lasciva, ou por gostarem muito de homem. Aí como seriam, em todas as minúcias, as casas onde elas moravam, aonde ele ia, voraz, às noites, como a um assalto, contra que ninguém o pudesse conter. E por que precisava de uma Lala? Ah, ele a trouxera da cidade, fora buscá-la, tinha trazido, de trem, no caminhão forrado com couros de onças, no carro-de-bois, trouxe. Instara por que viesse, queria-a ali no Buriti Bom para sempre, retinha-a. Ela ali estava.

Todo o dia, não o viu.

Aquela noite não pôde vê-lo. Tantas vezes ela chegara à porta do quarto e espiara, a sala se marcava escura, lá ao fim, depois da luzinha mortiça no corredor. Sabia que não devia cismar, supor algum mau motivo para essa ausência. Tinha todo o tempo, no Buriti Bom pontual, e sua consciência concordava com uma pausa. O que esperava? Súbito, compreendeu que mesmo isso não queria imaginar; temia a própria lucidez. Mas — o que fosse um prosseguimento, frouxo, enrolante, tácito, levando-os — então tudo resultaria real, mais sem mancha que a inocência. Esperava. Também receou que Glorinha aparecesse em seu quarto, mas Glorinha não apareceu. A pausa; e o amanhã que se aproximava, vindo pelas costas de gente. Sabia-o.

Foi outro dia de aguarda calma. Iô Ísio chegara, imprevisto, na meia-tarde. Iô Ísio dormiu lá. À noite, demoradamente, a sala parava escura. Sobre insônia e sono, Lala se suspendia.

Novo dia. Tudo invariável. Todos tão em mesmo, até Maria da Glória; então não notavam o tempo? Sim — diziam: — "Depois-d'amanhã a moagem começa..." — Brincava o frio em roda, eram intensas as estrelas. Toda coisa pronta — os homens, o engenho, as tachas, os bois, os carros. Sairiam a cortar a cana madura nos canaviais, iô Ísio voltara para a Lapa-Laje. Mas Glorinha parecia esquecida do que se passara, de nhô Gaspar, das más horas, do arrependido espasmo em hediondos braços, do valor estremecente de sua nudez. E iô Liodoro assim como sempre soubera ser, cerrado na comum impenetrabilidade, entregue a providências e preparativos, num desempenho secreto. Ah, depressa eles se refugiavam no uso, ramerravam, a lidada miudez da vida retomava-lhes o ser! Dentro de cada um, sua pessôa mais sensível e palpante se cachava, se retraía, sempre sequestrada; era preciso espreitar, sob capa de raras instâncias, seu vir a vir, suas trêmulas escapadas, como se de entes da floresta, só entrevistos quando tocados por estranhas fomes, subitamente desencantados, à pressa se profanando. Glória, iô Liodoro, temiam que alguma coisa de beleza ali acontecesse, não queriam? E todavia estava para acontecer, disso aqueles dias falavam, o marejo dos silêncios, as quinas dos objetos, o denso alago de um aviso se pressentia. Ela queria. Não sofria de esperar mais. À noite, uma luzinha débil acesa, um recanto de calor diferente, um ponto. À noite, o Buriti Bom todo se balançasse, feito um malpreso barco, prestes a desamarrar-se, um fio o impedia. Ela ousava. Tarde, nessa noite, a luz se avistava outra vez na sala. Lala veio, feliz, pelo corredor. Ela se fizera linda, queria que sua roupa fossem véus devassáveis, se desvanecesse em espumas. Iô Liodoro lá estava, no lugar. Esperava-a.

No entanto, ela pressentiu — houve, havia, uma mudança! Captava-a, mal chegou, nem bem ainda se sentara. O outro silêncio que se estagnava ali tocou-lhe a boca, com o surdo súbito bater de um lufo d'água. Sentou-se, já estava entre os gelos do medo? Algo mudara, terrível, deabismadamente, sabia-o: como se o soubesse havia tempos, como se uma espécie esconsa de conhecimento nela se tivesse acumulado, para naquele instante deflagrar. E seus pensamentos subiram em incêndio. Ela estava avisada, se resilíu, lúcida, lúcida — seu sentir era uma lâmina

capaz de decepar no espaço uma melodia. E teve medo. Um medo pavor, como se seu ser de repente não tivesse paredes. Vigiou.

— Minha filha...

Não pela voz, mansa, medida. Não que ele franzisse o cenho, severo se formalizasse. Mas ela via. Aquele homem não era mais o mesmo. Agora, estavam perdidos um do outro, era apenas uma linha reta o que os ligava. "Que eu tenha coragem!" — ela se disse, de seus dentes. E sorriu simplesmente. Assim esperava.

— Minha filha...

Absurdo. Desde um tempo, ele não quisera mais chamar-lhe assim, evitara. "Minha filha..." O que ele dizia era nada, uma fala. Ah, tomava vagar para desferir a pancada, mastigava sua dilação morna, e com isso sua decisão de proferir por fim algo importante se confirmava: ele primeiro precisava de anular o hábito sensual, que em tantas noites se repassara entre eles. Conseguia-o, sim! Ah, ela avaliava bem aquilo — um generoso desdém. Sabia-se afastada, despossuída. Apertou os lábios. Daí, rápida, sorriu, formava sua firmeza. Acudiu-lhe uma ideia de ódio. Aquele homem? Não, não eram mais os outros olhos, olhos forçosos — que premiam, que roçagavam. O homem que, ainda da derradeira vez, estudava em seu corpo, adivinhado, as nascentes do amor — como Deus a fizera — a beleza, a coisa. Da última vez, a um momento, ele exclamara: — "Você é tão mimosa, tão levezinha, Lala. Você dormisse e eu num braço podia te carregar para seu quarto..." Dissera-o não risonho — e ela tinha ofegado, desejado temer que aquelas mãos iriam empolgá-la de repente, levando-a, quase numa vertigem... Mas, agora, assim de uma vez, por que? Por que?! Desastravam-se em sua cabeça todas as conjecturas. Por causa daquela noite — com Glorinha e Gual, ela e Glorinha? Como ele poderia ter sabido? De novo receou. Ela era uma pedrinha caindo, à imensa espera de um fundo. Mas iô Liodoro se retardava, de propósito? — "Que é que você acha da moagem, minha filha?" — ele perguntou. Ríspida, ela retrucou: — "Nada. Nada. Nada." Por que tanta hesitação? Seria ele também um covarde? Não via que todo assunto que ali não soasse de ódio ou amor, de voluptuosidade ou violência, cruelmente a ofendia? Um homem!

Ferisse-a, batesse-lhe, gritasse-lhe infames acusações — mas violador, macho, brutesco. Como poderia chamar-lhe? "Prostituta!"? E ela, desabrida — "Sim, sou uma, sim! Pois então?! Você me quer, me agarre, me use!..." — ela responderia, bradaria, de pé, vibradamente desvestida, e

bela... Um homem!... Sua saliva amargava. Ouvia o sangue golpear-lhe as fontes. Queria mostrar calma. Perdida, já perdida, podia ser corajosa. Ah, a maneira de ser calma era sorrir com desprezo. Olhá-lo, intencional. Provocava-o: nele enterrar os olhos, aquele desprezo, ia até à pedra porosa de seu esqueleto. Um homem! Ele desviava a mirada, fingia procurar no chão a garrafa de restilo — que ali não estava. Ela riu forte; riu serpentes.

Iô Liodoro volveu o rosto. Era outro. Ele escurecera? E disse. Baixo, brandamente, natural — querendo mostrar afeição? Disse:

— Leandra, minha filha... Minha filha, quem sabe você não está cansada daqui da roça, destes sertões? Não estará querendo voltar para o conforto da vida de cidade?

— "Cansada, não," — já ela emendava — "não é bem, pois gosto daqui, onde sou tão bem tratada... Mas preciso de rever os parentes, os amigos, olhar por minha casa, fazer roupas, tanta coisa... O tempo foi passando, adiei demais. Mas, agora, tenho mesmo de ir..."

Reagira, respondera lesta, ah, pudera! Respirou, uma onda de orgulho felizmente a levantava. "Que eu seja forte!" — ela mil-vezes instantes antes se reclamara, e agora tinha-o conseguido, tinha podido — tom a tom, aço em aço — contragolpear! Uma resposta trivial, serena, como se sobre assunto pronto, plano miúdo previsto. Seu íntimo em fina festa se felicitava. Forte, tinha sido. Bem poderia ter altercado: "Se vim, foi porque me pediram, me foram buscar..." ou "Só agora é que o senhor pensou nisso, no meu conforto?!..." Não. E — "Leandra" — ele dissera! Nunca ninguém jamais a chamara assim... Não. Uma lala, só... Sorria, sincera. Não, ele não haveria de saber o que ela sentia, o que ela pensava. Não havia de ver sangue às bordas da ferida!

E ele, ingenuamente, não a compreendia. Tinha o ar de entender falso. Tonto, tonto, tonto. Todo iô Liodoro.

Sim, ela se detinha. Podia se levantar, dar-lhe bôa-noite. Sabia de seus calcanhares; que seus joelhos estivessem firmes! Podia cuspir-lhe diante tudo o que fora uma amizade embebedada, um meigo vício. Mas, não. Queria ficar ali ainda algum tempo, despreocupada, falando de coisas sem importância, alacremente, de seus projetos na cidade, de tudo o que fosse alheio e fútil. — "Se possível, eu gostaria de viajar nestes três dias... Para menos trabalho, levo só duas valises. O resto, me mandam depois..." De novo se reprimia, se dosava — podia ter dito: ... "Num carro-de-bois, com o carreiro Filiano, nada mais, como a outra, saída daqui para morrer..."

Nunca! Podia surpreendê-lo agora com uma queixa, romper em pranto, perguntar: "Por que?!" —; e de tudo se proibia. Mas, que a simplória conversação continuasse, ainda por um tempo. Que ele visse e soubesse que ela era vã, e frívola e ventoinha, como as más mulheres, as que mais tentam. Falava. E ele contestava, compreensivo, mesmo com afeto, mesmo tristonho. Ela dava-se àquele disfarce. Agora, para fingir melhor, uma ou duas vezes indagara, rápida, como se apenas por exultar com a próxima partida e querendo acentuar fosse tudo por simples vaidade: — "O senhor me acha bonita assim? Gosta de meus braços?" — e não esperara resposta. E ele, sorrisse ou falasse amistoso, ela o sentia inabalável. Ali, retido. Mas, traíam-no os olhos: ele a desejava! Ela tinha a certeza. Mas, assim, pior — tudo era terrível, irremediável, o que ia separá-los? Oh, um invisível limite, o impossível: maldição imóvel, montanha. Ele obedecia àquilo, a uma sombra inexistente — mais forte que a verdade de seu corpo — e seriam precisos anos, séculos, para que aquilo se gastasse? Lala, Leandra, tremeu, supôs nova angústia subir-lhe à garganta, soube que ia não poder mais, que ia fraquejar, que chorava. Não! Não podia. Ele desejava-a, quem sabe não estava já andado a ponto de sucumbir, de cair de joelhos? Ela tinha de ser forte, tinha de ser bela, mais bela naquele momento — ah, perdesse aquele momento, e tudo estaria perdido para sempre, quem sabe. Tinha de ser bela, apenas. Sorrisse. Sorria, falava. Seu corpo se oferecia, desenhava-se mais capitoso a cada sutil movimento, a cada postura, dele voavam alegrias. No devoluto, no doível dos olhos dele, ela acompanhava os reflexos de seu desdobrar-se, dela, lala.

E então? Um homem. Pouquinho a pouco, aquele homem se torturava. Tremia, oh, sofria! Era a vitória dela. Preava-o, alterava-o, rodeava-o de outro ardente viver, queimava-o, crivava-o de lancinantes pontas, podia matá-lo. "Sou uma mulher-da-comédia, sim! E daí?!" Crispado, iô Liodoro, ansiosamente olhado, por detrás de fictos sorrisos. Aquele homem... Mas ele sofria, apenas. Ia chorar? Onde estava, então, o garanhão impetuoso, o deflorador e saciador, capaz de se apossar de qualquer desabusada mulher e dobrá-la a seu talante? Ah, não chorasse! — porque, então, seria outro. Para não desprezá-lo, ela não queria ver-lhe a mágoa, não queria ouvir pedidos de perdão, nem palavras sentimentais. Sabia: ele não ia ceder, nunca. Pois, bem, que não se lastimasse! Pelo menos, não fosse fraco. Não se despojasse, diante dela, da lendária compleição, da ardente dureza. Saberia ele, adivinhasse, que, se

diminuindo assim, defendia-se dela: destruía nela o exato desejo? Sim, ele não se movia, e era enérgico, e se ameaçavam lágrimas em seus olhos de homem. — "Bem, bôa noite!" — ela disse. — "O sono me chegou de repente." Levantou-se.

Foi, sem se voltar, sabia que seu andar era simples, sob o solto.

Seu quarto. E tombou no leito, convulsa.

O que chorara! Levantava os olhos. Como era tarde ali! — que tristeza... Teve medo de seus frascos de perfumes. Lhe um ardor nas fontes, doía a cabeça toda, queimava. E Lala pensou: "Cão!" Sabia-se num acme. Todo o ódio que podia experimentar. Aquele homem, na sala, agora estaria bebendo. Uma vida inteira, bebesse! Talvez somente o álcool o iria um dia abrandar, corroer-lhe a absurda austereza, trazê-lo a ponto humano. Chorou mais. Queria que o ser não a sufocasse. Não, o que agora perdia era nada, fora apenas o molde incerto de uma coisa que podia ter sido. A dor na testa. Ela estava sem sua alma. Nada. Remorso e menos. Em si, um vazio brusco, oprimente como ela se envergonhava: violara sua raia de segurança. Quis chorar mais. Prostrara-se. Era uma palidez, um rosto que jazesse. Sonhou, no último sono da noite, obscura borra de agonias.

Mil mãos a transformavam.

À hora mais cedo da manhã, Leandra se levantava. Cerrou os dentes. Longamente se lavou — seu rosto não devia reter vestígios de frenesias. Seus cabelos eram coisa que se atirava para trás, com curto gesto. Sentia um prazer em dar de ombros. Queria mover-se, incitar-se, entregar-se aos preparativos. Se pudesse, vestir-se-ia de homem. Respirar mais. Queria em si uma rudeza. Nada temia, nada pensava. Ganhara um perceber novo de si mesma, uma indiferença forte e sã? De repente, estava separando suas roupas, em ideia já viajava. Desinteressava-se, densa, de qualquer futuro. O Buriti Bom, para ela, tivera fim.

— Lala, Lala, você não vem tomar café? — era Glorinha, buscando-a.

Glória, a amizade daquela voz — e amava-a, sim: um subsentir, fugidio. Mover-se. Não parar para pensar. Queria que seus pés fossem maiores, pisassem mais tomadamente o chão, e que seu corpo se achasse em suor, em qualquer atividade. Não queria saber se existia. E Glorinha estava junto dela.

— Que é, Lala? Que é?

Surpreendendo-a no arranjo, Glorinha não escondia seu espanto.

— Vou-me embora, querida. Tenho de ir...

— Mas, assim de repente, Lala? Assim?!

Não respondeu. Não deixara de andar pelo quarto, pegando uma coisa ou outra, tudo podia ser-lhe uma defesa. Sabia que seu sorriso podia ser mau. Sabia da comoção da amiga, e que, ela mesma, à beira de um rio de carinho, tremia para enternecer-se. Não. Ir, dali, partir, enquanto o Buriti Bom repousado mandava-a embora, quando tudo se nega e morrem folhas, várias, um tom de outono. Como amava Glória! Partir, fortemente.

— E eu, Lala?!

Sentiu-a, súbita criança. Se um dia, se agora, tinham de sofrer. Sentia-a, próxima, oh, muito criança, seu ser — suspiro que se alongou. Por causa de Glorinha, e contra todos, assaltou-a, picaz, uma revolta; já exclamava:

— E...*eu*?!... E *eu*, Glória? —; disse, surdamente.

Ferira-a. Sentiu, fugaz como o frio. Mas assim não esperara uma resposta, sua agudez, a voz mudada, sardônica, ameaçante:

— Você queria ser minha madrasta?!...

Vivamente, voltou-se. Encarou-a. Apenas sorriu, ironia e dôr, meio-meio. Queria-a, assim, salva e transtornada, tirada de um fôgo. Apenas sorriu, apenas fitava-a. E — Glória — ainda havia desprezo nos lábios, mas, nos olhos, já e só amor.

— Lala, oh, Lala! Me perdoe...

Perdoar? Beijava-a. Glória disse pouco e muito num suspiro.

— Só por isso... Eu também estou muito triste, Lala, estou nervosa... Por causa de uma coisa... Todos estão transtornados... E ninguém disse a você, ninguém queria. A carta...

A carta? Havia uma carta? Tudo saía, de repente, de cavernas. Toda luz doía. Leandra segurava nas suas uma das mãos de Glorinha, ah, precisava.

— ...A carta, de Irvino. O Ísio recebeu, trouxe, mostrou a Papai... Oh, é horrível, Lala: a *mulher*, essa que virou a cabeça dele, teve um filho... Eles tiveram um filho! Eles agora têm um filho...

Aquilo. Lalinha ouviu, ouvia — uma porção de vezes — curva recuou, fugia de suas mesmas mãos; amparou-se a um móvel, perdera o poder de seu rosto, sentia-o alto demais, no meio de coisa nenhuma — “Oh, Lala, por que? Por que havia de acontecer isso?!” — escutava Glorinha, longa. A carta. Entendia, de uma vez. “...Ele vê Irvino em mim... Ele sabe que não sou mais de seu Filho...” As noites. A carta. Não sabia mais o que estava fazendo. Tinha apanhado um perfume, agora derramava-o, de repente, nas mãos, na roupa, e via, ela mesma, a insensatez desse ato, e

temia que seus desesperados dedos partissem aquele vidro, ensanguentando-se, se ferindo. "...Só me quer, só me aceita, através do Filho!..." Sentara-se na cama. E refletia, contudo, relampejavam-lhe diante rasgadas lembranças, as cenas, as horas — que cabiam no oco de um grito. Todo o Buriti Bom, imudado, maior que os anos; o Brejão, os buritizais, o vento com garras e águas. Iô Liodoro: os olhos, que tomavam um veludo... Iô Liodoro — um pescoço grosso, só se um touro; e aquela falta de vergonha, só se um cão... Então, odiava-o? Não, não podia. Nem a si mesma odiava mais, não se culpava, não se desprezara. Tudo serenara, serenava, súbito, com um sussurro íntimo, como gota e gole. Amava-os, a despeito mesmo deles, devagarinho, guardadamente, e para sempre, por longe deles que fosse. Glória, iô Liodoro, Behú. Amava-os. E entendia: um despertar — despertava? E a vida inteira parecia ser assim, apenas assim, não mais que assim: um seguido despertar, de concêntricos sonhos — de um sonho, de dentro de outro sonho, de dentro de outro sonho... Até a um fim? Sossegara-se. O calado sussurro. Como se se dissesse: "Meu dever é a alegria sem motivo... Meu dever é ser feliz..." Sorria. Mas, suas feições traíam-na tanto, que Glorinha assim estivesse a olhá-la, visando demais, adivinhã de susto e espanto?

— Lala, que é, Lala? Que é que você está sentindo? Responde!

Glória, a deusazinha louca, que soluçava e falava, e se agarrava a ela, mais dada e doendo que num abraço, e implorava: — "Lala, pelo amor-de-deus, me leva com você, então! Eu vou, para onde você for, fujo se for preciso, vou junto... Fica comigo, Lala, vou morar com você, toda a vida, nós duas... Eu gosto de você, mais do que de todos, trabalho para você, mas não te deixo, Lala, não me manda embora..." Sorria, de repente, no meio das lágrimas, se oferecia num meigo insinúo: "...Você pode fazer comigo o que quiser, Lala... Eu sou sua..." Sorria. — "Eu vou com você, Lala! Eu vou."

Tinha de aquietá-la, murmurando-lhe um só conselho repetido incessantes vezes, e os dons de segredo que só no beijo e no afago mão a mão se traspassam. Era uma menina, e a beleza. Não dissesse mais. Um moço, o amor, um príncipe, viria buscá-la, estava a caminho. — "Você acha, Lala, que Miguel ainda vai vir?" "— Vem, querida. Vem. Há pessoas que estão vindo muito demoradas..." Sorriam-se. E Glorinha, por fim, ela disse, ela mesma:

— Não deixa a Behú notar nada, não, ela está não passando bem. Behú quer fingir de forte, mas sofre falta-de-ar, um cansaço... Amanhã o médico vai vir...

Foram para perto de Behú, falavam de coisas buliçosas. Tia Cló batia ovos numa terrina. Cresciam as horas do dia, margens. Tudo tão fácil preparado: a partida ia ser daí a três dias, iô Ísio levava-a. Iô Liodoro, triste talvez, passando para o engenho. Lalinha falava, ria, prometia tontas vezes voltar ali, não se esquecer do Buriti Bom, escrever muitas cartas. Colhia-se no continuar dum impulso, deixava-se ir quase sem esforço. Voltava, sim. Nunca atravessara o rio, desconhecia o ar enxuto dos Gerais, não fora nunca à Lapa-Laje. Levaria no coração a paz resumida do Buriti Bom. E antes de partir ainda ia beber da primeira garapa da moagem, gélida no escuro aberto da madrugada. E era um dia, uma tarde. O que a todos entristecia era o que estava acontecendo com o Chefe Zequiel: que pegara uma piora — jazia no moinho, só nos olhos e nos ouvidos consumia conhecimento — diziam que dessa noite não passava. Amanhã, viria o médico. Tudo era amanhã, naquele dia. No quarto, à noite, Leandra pôs o rosto no travesseiro. Não sabia se ia chorar. Esperou. Não soube.

Cedo, na manhã, todos se uniram em exclamações e soluços.

Maria Behú estava morta.

Meu Deus, e aquilo se dera, atroz, tenramente, na noite, na calada. E era possível! Maria Behú, sem perfil, os olhos fechados, nos lábios nem sofrimento nem sorriso, e a morte a embelezara. Partira, na aurora. Tia Cló, tão cedo, encontrara-a assim, o terço de contas roxas na mão, assim ia ser enterrada. A dôr de todos se fazia branda, falava-se no Céu. “Que é que se vê no Céu?” Ah, não sair de perto dela, ficar ali, escutando o murchar das flores e o lancear das velas, e era como se falasse com Maria Behú — que certo gostaria de poder responder-lhe: — “Eu sei, Leandra, eu sei...” Sim, amava-os, a todos eles, a Glorinha, iô Liodoro, Maria Behú. Até a Vovó Maurícia, que somente pelo amor delas conhecera. Mas a Maria Behú compreendia, mais que a todos. Behú: “Ela também dia a dia se afastava para longe de vocês, para muito longe...” — poderia agora dizer-lhes. Poderia dizer a iô Liodoro. Como os buritis bulhavam com a brisa — baixinho, mil vezes. O buriti — o duro verde: uma forma. Mas Maria Behú entendia: — “O buriti relembra é o Céu...” Ela se fora antes. Todos, enquanto vivendo, estão se separando, para muitos diferentes lugares. Maria Behú, também princesa. Morrera sozinha de todos, ninguém

escutara nada no estado da noite. Nem o Chefe? Ah, o Chefe agora estava são, de repente, aparecera à porta da cozinha, com seu caneco para o café e o leite, e sorridente, explicava: — "Deus é bom! Dôres... Daí, sem saber, eu adormeci conseguido, não aconteceu nada... Acho até que estou sarado..." O Chefe ainda não soubera da morte de Maria Behú; quando disseram a ele, então foi depositar o caneco num degrau, e chorou muito.

E vinham, todasmente, as Mulheres-da-Cozinha, rezavam junto ao corpo, entre si falavam cochichado:

— Bem dizia sempre o Chefe: que risadas, que corujas...

— Coitadinha, a lindeza dela!

— É santa. Não se cose mortalha?

— Ela vai vestidinha com vestido.

— É preciso ir recolher tudo o que é da roupinha dela, que está quarando no quintal, na corda...

— Carece de não passar a ferro, e guardar, bem antes do enterro ter de sair...

— Uma morta santinha, assim, até me dá vaidades...

— Muitos morrem na lua-nova...

Lalinha se lembrava — uma ideia, que na ocasião não criara sentido. E, agora, era capaz de não chorar por Behú — tanto a amava, tanto a compreendia, de repente. E aquilo, sem razão nenhuma nem causa, sim: — Morrer talvez seja voltar para a poesia...

As Mulheres-da-Cozinha esbarraram de sussurrar. Agora choramingavam, pranteavam baixinho, quase uma oração.

Maria Behú se enterrou na Vila. Aquele dia inteiro, aos dobres, os sinos mais tristonhos. Os moradores, todos vinham visitar iô Liodoro e Glória, iô Ísio e Lalinha, na vassalagem do consolo — miúdo em prolongadas conversas — a fim de amansar a morte de Behú, segundo as regras antigas. Todos achavam Lalinha e Glória muito belas, assim de preto vestidas. E na Vila ficaram os sete-dias, até à missa. Ali o andar do tempo era diverso, feito de modéstia e de inquietos bocejos. Às vezes, parecia que a saudade mais oculta de Maria Behú estaria guardada, à espera deles, na Casa, no Buriti Bom. Voltaram. A moagem não esbarrara: desde distância, se escutava a cantiga dos carros que avançavam, cheios de cana; e no pátio, no engenho, nos currais, tudo era o bagaço claro se amontoando ou espalhando, e o áspero cheiro dôce, dôce. Tia Cló, à porta, alto chorou, quase num ritual; mas era também como se chorasse de uma alegria, de

rever outra vez reunidos ali os outros, os que a morte não levara. Lalinha procurou a expressão de iô Liodoro: ele piscava com ferocidade — refreado — em seus olhos sujos rios. Lalinha apreciou que aquela dôr de um modo mais largo não se movesse e que iô Liodoro saísse logo dali pelos trabalhos; parecia-lhe que assim ele estivesse sentindo mais por causa de Maria Behú — a que tão leve se fora, para um lugar que tinha de ser o amor-da-gente. O quarto de Behú foi trancado. E Glória, que ainda quis trazer para fechar lá dentro a vitrolinha e aquelas valsas sentimentais, soluçou abraçada a Lalinha: "Lala, eu não era que devia de ter morrido em vez dela? Behú vai fazer muito mais falta a Papai... E eu já tive tantas vantagens..." Glória achou que Lalinha estava muito pálida, sem pintura nenhuma. As duas se olharam no espelho, as lágrimas que choravam juntas faziam bem.

Aberto assim o tempo, que começos se formavam? Lalinha, de ter tudo pronto para a viagem, se apaziguara, indiferente. Sua partida apenas se adiara. Que ficasse ainda — Glorinha e Tia Cló pediram-lhe — só até à missa de mês, quando então todos tornariam à Vila, de lá iô Ísio a levava diretamente para a capital. "E Irvino, sabendo da morte da irmãzinha, não virá aqui?" — Lalinha pensava. Nem perguntou. Irvino viesse ou não, pouco mudava. Mas, por ora, iô Ísio se ausentara: tocava para o Peixe-Manso, aos Gerais, indo dar a notícia a Vovó Maurícia, e entregar-lhe o bonito crucifixo de Maria Behú, que tinha relíquias, de roxas florinhas secas da Terra-Santa. A tristeza por Maria Behú produzia espécie de liberdade. As pessôas estavam mais unidas, e contudo mais separadas. Glorinha se fazia selvagem: em galopar, passava bôa parte dos dias fora de casa; e iô Liodoro se sumia na lida. Se bem que ela, Lalinha, agora ali se sentisse adulada. Mesmo por iô Liodoro. "Ele está se livrando de mim, com essa cortesia me afasta... Quer que eu, mais e mais, deixe de ser parenta. Só uma estranha. No descostume, uma estranha..." Sorriu, disso. Preferia pensar em Maria Behú, no estilo de Deus, na porção de vida que a Behú em rezas lavava. "Deus nos dá pessôas e coisas, para aprendermos a alegria... Depois, retoma coisas e pessôas para ver se já somos capazes da alegria sozinha... Essa — a alegria que Ele quer..." — descobria, sonho salta sonho. A lembrança de Behú a fortificava.

Já por aí, marcava o tempo em seu simples passar. Adivinhava aonde, para ela e Glória; às vezes adivinhasse? Tudo tão claro. De repente, então, foi um dia. Todos os dias são de repente.

Elas conversavam, quando chegou Norilúcio, que tinha passado pela Grumixã e contou: — "Dois dias que a Dona-Dona adoeceu passando mal. É das ideias... Hoje, o nhô Gual não está aguentando, ele topou com o transtornável..." Glória mais ouviu; como se sobressaltou — Lalinha viu o susto cedilhar-lhe os olhos, o arco da boca. Glória parara de tagarelar; suspensa num receio?

Sozinhas, ia saber. Achado o peso de um segredo, Glorinha, ah, nem se esquivou, nem tentava. *Glória:* — "Oh, Lala, você sabe... *Lala:* — Eu, meu bem?! Saber o que, se você não me diz? *Glorinha:* — Lala, você sabe. Então, você não sabe? *Lala:* — Glória! *Glorinha:* — Pois, agora, você sabe: é que eu, o Gual... Escuta, Lala: o Gual se autorizou de mim. *Lalinha:* — Glória! Glória! Não é verdade! Deus do Céu!... *Glória:* ("Sua voz tão clara, essa pureza no rosto... Era impossível...") — Não fala alto, Lala... É verdade, juro. Ele conseguiu tudo comigo... Que é que você tem? Eu não estou sã, não estou viva?! Ah... Agora, meu bem, não sou virgem mais: sou mulher, como você. Sabe, depois que conseguimos, ele já esteve comigo mais três vezes...

Mesmo sorria, realizado um brio, bem que se notava. Estava mais bela, afirmada, esplêndida. Mas estonteava — aquilo era penível? — amedrontava tão de repente: o mistério de tudo de que Glorinha era capaz — o de que, daqui por diante, fosse capaz, o de que sempre tinha sido capaz, e a gente não sabia! Ofuscava, perdiam-se os pontos de apoio — era como se, por causa dela, o mundo tivesse de ser aprendido de novo, de momento para outro alargado na claridade de uma extensão, que alterava o passado. Fosse mentira, por tudo, por Deus, fosse uma mentira!... *Glória:* — "Mas é verdade, Lala. Verdade, muito. O Gual..." O irreparável! E aquele sujeito! Um alarve, um parvo... *Glória:* — "Por que, Lala? O Gual? Às vezes ele não é feio... Só é rústico..." Glória, tão linda, e aquele homem se atrevera... *Glorinha:* — "Não, Lala. Fui eu que mandei. Quase o obriguei a fazer tudo, a perder o respeito, que ele tinha demais..." Aqui? No Buriti Bom? Aqui!? *Glorinha:* — "Não, aqui não, Lala. Foi num lugar escondido, bonito, no Alto-Grande... Agora, não tem mais remédio. Sossega. Isso não é para acontecer com todas?..." *Lalinha:* — "Mas, por que, assim, Glorinha, meu bem, por quê?! Você, logo você..." *Glorinha:* — "Que me importa?! Eu não quero casar. Sei que Miguel não vai vir mais... Antes, então, o Gual, pronto à mão, e que é amigo nosso, quase pessôa de casa..." Mas Glorinha empalidecera sem afogo, sentou-se na cama.

Sob a voz da outra, ela se enfraquecia em sua segurança. Silenciava. Seu olhar se arrependia? Lala apanhou-lhe as mãos. Meigamente, disse: — "Mas, meu bem, tudo é perigoso, é absurdo... Você não sente? Você não vê? Temos de ir embora daqui, eu vou, procuro Miguel, eu sei que ele gostava de você, ele gosta de você... Ou você casa com Miguel, ou com outro, você é linda, é deliciosa... Tudo, menos o agora, aqui, oh assim... Mas Miguel virá, eu sei!" — "Ele? Mas você não vai contar, não vai dizer que eu gosto dele tanto... Você não vai implorar, Lala!..." — "Não vou, meu bem. Você pensa que sou tola?" "— Eu sei, me perdôa... Mas, e se ele, a uma hora destas, já está casado, ou noivo de outra, Lala?" — "Não pode estar, não pode. Eu vou, amanhã mesmo, Norilúcio pode me levar, não preciso de esperar que o Ísio volte. Mas, a partir de hoje, você me promete, você vai jurar que não..." "— Se é por causa de Miguel, eu prometo. Mas você está me dando esperança atôa..."

— "Miguel há de vir!" Ir buscar Miguel. Livrar Glorinha! Falar com iô Liodoro. Esperava por iô Liodoro. Glorinha, desaparecida de propósito, se refugiara lá para dentro, com seu pensamento novo. Lalinha sentia as horas estarem. Ia falar com iô Liodoro, apenas aquilo: — "Tenho de ir, amanhã mesmo, amanhã..." Ia dizer, com tanta indiferença, ia, assim como estava, sem pintura nenhuma, sem refazer o penteado, apenas pusera um pouco de pó-de-arroz. O mais, tudo tão banal, tão decorrido, idiota. Apenas importava a salvação de Glorinha. E iô Liodoro chegara. Ele estava ali, na outra ponta da varanda. Difícil pensar que aquele homem já a perturbara, que algum dia pudesse ter querido dele o óleo de um sorriso, um ressalto de luz. E ele, mesmo, era um obstáculo, o ar entre os dois. Ele, como o Buriti-Grande — perfeito feito. Só por um momento, seguiu, mais que pensou: que iô Liodoro, em relação a ela, estava intacto, não-vivido demais, prometido. E que ele, sem o saber, precisasse dela; que tudo poderia, deveria ter-se passado de outro modo; que sempre estaria faltando uma coisa entre ambos, uma *coisa* mutuamente... Mas, leve, caminhou para ele, sem desejo nenhum, nem plano, sem necessidade da pessôa dele.

— "O senhor sabe, por motivo sério eu tenho de ir-me embora, já. No mais tardar, depois-d'amanhã..." — disse, com o maior sangue-frio. Iô Liodoro não a fitou. Respondeu, não traíu surpresa em sua entonação: — "Se é assim, lhe levo..." "— Não é preciso. Acho que o Norilúcio pode me levar..." — ela ripostou; por um mínimo, se irritara. Agora, estava tranquila. Glorinha salva... Tudo encerrado. Os dois, aí um rente ao outro,

debruçados no parapeito da varanda, olhando os currais: além; tudo terminado. Um nada, um momento, uma paz. E — de repente, de repente, de repente — uma onda de viver, o viço reaberto de uma ideia. Lala sorriu, achou aquilo tão simples, tão belo... Seu corpo se enlanguesceu, respirou-se fundo, por ela. O mais, que importava? Sim, ou não, nada perdesse. Devagar, voltou o rosto. Ele estava de perfil. Ela falou, mole voz, com uma condescendência, falava-lhe a princípio quase ao ouvido. Daí, continuando, se retomou também de lado, de longo, não queria ler-lhe nas feições o estupor. O que disse: — "Você, escuta: sou livre, vou-me embora. Na cidade, vou ter homens, amantes... Você gosta de mim, me acha bonita, você me deseja muito, eu sei. Pois, se quiser, se vale a pena, estou aqui. Esta noite, deixo a porta do quarto aberta..." Disse. E saíu dalí. Sua alegria era pura, era enorme. Gostaria de dansar, de rir atôa.

Oh, na hora do jantar, e naquele serão, nem Glória a entendia. Tudo o que falava, leviana, prazerosa — tudo era para mostrar, a ele, que ela já era mesmo uma estranha, uma *mulher*, prestes a deixá-los, sem perigo de comprometê-los, de contagiar o Buriti Bom com seu ser. Nem o olhava. Sabia que o corpo de iô Liodoro estava vivo ali, ouvindo-a, vendo-a; isso bastava.

Ainda era maio. Estrelava. Ali, o jardim, de Deus, o laranjal, a noite azulante. Lala fechou a janela. Toda se preparara, de estudo. Agora se despia. Sim, ia esperá-lo desse jeito, sobre as roupas do leito, em carne. Sim, pouco somava com o friozinho, que a arrepiava um tanto. Seus seios. Mas, ele, se viesse, teria de achá-la assim, dizendo de vencido pudor, de desejo e libertação. Já era tarde. A porta encostada, o lampeão acêso com a chama baixa. Ele não viria? Viria? Ela estava com as mãos quentes. Esperava tranquilamente vê-lo, no quadro da porta, quando seus olhos se levantavam. Num silêncio que vibrava, estreito. Um tempo sobre parado. O que ela recordou, nessa hora:

— "Alecrinzinho, é. O amor gosta de amores..."

— "Pois, todo patrão, que conheci, sempre foi feito o boi-touro: quer novilhas brancas e malhadas..."

— "Homem, homem... Não sei! Basta um descuido..."

— "Ora, vida! São só umas alegriazinhas..."

— "Mocinha virgem, na noite do dia, só quando deita na cama é que perde o bobo medo..."

— "Macho fogoso e meloso acostuma mal a gente..."

— “Andreza, no jornal eles determinam é a História-Sagrada?”
— o que as Mulheres-da-Cozinha pronunciavam.

Aí, de repente, resvés a porta se abria. Era ele — o vulto, o rosto, o espesso — ocupava-a toda. Num aguço, grossamente — ele! Respirava, e vinha, para conhecê-la. De propósito, Lala riu e disse — o mais trivial, o mais sábia que pôde, o mais soezmente: — “Anda, você demorou... Temos de encher bem as horas...”

. . .

Tremia uma luz, na Grumixã. Miguel freou, para o rapaz abrir a última porteira. Não buzinou, quando esganiçaram os cães; e os faróis deram no curral, cheio de bezerros. Parou o *jeep* no lugar do eirado que lhe pareceu, debaixo do andrade deixado, coposo. Desembarcou, bateu as pernas. O rapaz, que desconhecia o arrumo dali, só teve que desceu e entreparou, em palpa. De razão, havia de haver um arejo de não-normal, a luz era de quarto, tresandava como que doença. E de lá de dentro veio um grito — de mulher, assombradamente, desses gritos que se ouvem só de noite e vão para alguma parte. Miguel se comediu, num átimo; apagara a lanterna, hesitou. Aquele gritado se dizia de loucura.

— “Nada não...” — tranquilizando o rapaz. Mas ainda esperou, com a pausa de quem molha as fontes e os pulsos, e deixa o corpo refrescar, antes de entrar num banho de pôço. Daí, devagar, foram chamar à porta. Quase no escuro, entretanto nhô Gualberto logo o reconheceu. Tirou lágrimas nos olhos ao abraçá-lo: — “Ah, em dissabor ou perigo, Deus envia um amigo... Aindas que no meio desta dansação difícil, como ver que meu coração me afirmava um consolo. Mas o senhor chegar assim, nesta tristeza, nesta desordem, e decerto tão cansado da viagem... Ah, jantaram? Um café se tem, instante, ou chá de goiabeira...” Miguel estava entendendo, com surdo susto, como é que as casas às vezes mudam mais depressa do que as pessôas. Dona-Dona? — “Ela é. Coitada. Esta desdita de acesso... Hora não dilata, vai ter um repouso. Tomou dormideira com raiz de alface, tomou cordão-de-frade; veio uma preta, rezou, repassou os raminhos verdes... Hoje, faz três dias. Está nisso, não retorna...” Contudo, tirante os destraços da fadiga, nhô Gualberto Gaspar semelhava mais desempenado, remoçado, quase em guapo.

A mulher punha um grito, ele se benzia discreto, alguma jaculatória bisbisava. Seu sentimento, dável de meio-remorso, era sincero. — "Há-de melhorar, mas Deus é grande. Teve isso doutra vez, faz muitos anos, só que não foi tão forte..." Como olhava, conquirindo cada ponto da roupa e das feições de Miguel, não seria apenas no modo do roceiro quando reencontra um conhecido, depois de ausência — qual boi que olfateia outro — por precisão de captar muito do que com o outro nesse tempo se passou. Nhô Gualberto recuava a cara, e piscava forte, com o rosto se desasia de assuntos que seriam para falar e contar. E era como se em receio de adivinhar também alguma surpresa, por Miguel acaso trazida. Nhô Gualberto ganhara uma astúcia. — "O que eu sinto é estar tudo deste jeito, para o senhor, casa triste, reboldosa..." "— Mas, não seja por mim, meu amigo..." — Miguel disse. — "Quero é ser útil, no que possa. Bem, minha ideia de vir, era de entrada-por-saída: tencionava amanhã seguir cedo para o Buriti-Bom..." "— A já?!" Nhô Gualberto retesara o recúo de passo, com que um simula estar recebendo ofensa amiga. Miguel se mordeu manso. Nem podia dar sua razão. A alegria da vinda, tinha de recolhê-la, como que mal fosse, mal soasse, fora de lugar e tempo. E censurou, em si, nhô Gualberto Gaspar, por tira-prazer; e censurou-se, sobreposto, de ser egoísta — vertiginosamente em seguida. Quis acender um cigarro e Dona-Dona rompeu num grito mais ameaçante. — "*Aiaia!*" Agora ela chamava pela mãe, havia já uma idade falecida. Entre os presentes, que no *jeep* estavam, Miguel tinha trazido para ela Dona-Dona uma garrafa-térmica ou um corte de vestido. — "A melhorar. Vou ver." Nhô Gualberto se levantava. — "Não levo o senhor, ela varêia mais, quando alguém de fora ela divulga..."

A casa da Grumixã datava de século. Agora ela consistia, mais ciente, mais, do que mesmo se houvesse grande luar e a gente visse e ouvisse uma coruja-grande ulúl, na estranha risadeira de pios, apousada sobre o meio de sua cumeeira. — "Cruz a gente sempre merece..." — nhô Gualberto proferia. No tom grave ele se alargava por consolo. — "Sei se melhora... Duas tias dela doidaram sem cura..." Estavam sentados, na sala de entrada, pitavam. — "Muito frio, por esses altos?" "— Fresquinho fresco. Viemos bem." Nhô Gualberto Gaspar pitava com amplas fumaças, e ainda tinha aquele capricho em escolher fumo do melhor, mais cheiroso. — "Primeira vez que alguém chega aqui de jípel, esses progressos..." Tirou uma pausa em três partes. Sestreava com uma mão na outra, moles dedos, moles

palmas. Dizível de nhô Gualberto: como se quisesse, drede, um pouco se envelhecer, por um tempo, contra aquelas agruras da vida. — "É, ah... O que dana as mulheres é o ciúme. Ciumeira..." Ele não trazia mais a cabeça rapada à máquina, deixara crescer pastinha de cabelo. Esquecera posto na orêlha o cigarro apagado, já ia enrolar outro. Aproveitava, para conversar, seus pensamentos mais frequentes de cada dia. — "A novilhada vai sã. Fabricação bôa, desse remédio..." Remédio? Ah, as vacinas, que tinham virtude. Miguel esperava. Mas seu próprio cansaço fez-lhe crer que nhô Gualberto fosse bocejar. — "E no Buriti Bom, como vão todos?" — por fim perguntou. Nhô Gualberto Gaspar tossiu, e com um gesto: ele pegaria um grande objeto, com as ambas mãos.

— "No Buriti Bom, como vão todos? Bem, bem. Consolados, como o possível. É que a Maria Behú morreu, lastimável isso, o senhor não soube?" "— Oh, Maria Behú?! Não sei, não diga..." "— Até pensei. Lastimável que se deu, foi quase de repente. Coração... Coração, com complicadas. Não tem um mês. Na Vila se enterrou... Lá estão todos de preto de luto..." Ia bater a binga. Completou: — "...Dona Lalinha, também..." Deixaram um silêncio que dava para uma ave-maria. Era como se a ideia da lembrança de Maria Behú estivesse sendo mandada embora. Os cigarros braseavam. — "E..." Miguel tenteava tom para o mais — "...tirante tal, no Buriti Bom não houve novidade?" Não houve? Não houve novidade? Nhô Gualberto levava horário despropositado, para daí responder. Acenou que não, com a mão e com a cabeça. Miguel arrumou um riso, que muito custava em sua ligeireza: — "A Maria da Glória ainda não arranjou noivado, sempre ainda está sem namoros?..." Guardou um momento o riso de fazer-pouco, mas sem graça; afinal fechou os lábios, e riu somente nas narinas, em assopro. Nhô Gualberto Gaspar sobrolhara? Certo se franziu, um tanto. Certo... O mole de seus olhos buliu de lado a lado, sem piscar, como os de uma má ave. Entre os dois homens o ar se turvou, aposmente, de baforadas de fumaça. Não! — "Não..." — nhô Gualberto tinha dito. Não, Maria da Glória não estava noiva nem namorada, de ninguém... — "Por oras, que não... Ao em menos que eu saiba..." — nhô Gualberto Gaspar repetiu. Tirou tudo nas palavras mais magras. Tudo que um homem cristão dissesse, num dia assim, com a mulher no arrepelo daquele estado, consumia seguro um arranco de esforço.

Miguel distendeu o corpo, se ajeitou melhor no assento, e esses ares eram bons, a gente, bôa a tosca terra do sertão mais oeste. Ele cruzou as pernas. Lá fora, maio, maio era um mês, os passarinhos de vizbico nos laranjais, no arrozinho dos capins maio maduros. — E foi e disse: — “Amanhã, vou, quero pedir a mão dela a iô Liodoro!” Desafogou em um suspiro. Malmal via: nhô Gualberto se assustou? Escuro. Nhô Gualberto se ensisara. Mexeu os joelhos, fez que ia falar, abriu a boca, fechou. Então? Nhô Gualberto forte falava: — “Casamento é destino!” De demora. Soprou. Disse. — “Ninguém pode saber certo se é faz ou não-faz...” E daí? — “Sei. Maria da Glória!...” Miguel se soerguera. Nhô Gualberto Gaspar chupava várias vezes no pito, que nem em travavalha. — “A bem...” disse. Ele estava em exatos. Miguel deixara de o olhar, media-o com os ouvidos. — “A bem...” As paredes da Grumixã continham velhices. No escuro do teto, além dos negros buracos no forro da esteira, deviam de se transalar morcegos. Aquela sala cabia umas quarenta pessôas com esporas. — “A bem...” Nhô Gualberto respirava seu ar. Ele tinha culpa de si mesmo. Miguel via sua cara se torcer. Dôr de homem. Era bom que agora Dona-Dona não bramia. Como se se torcesse uma alma comprida. Um caminho impedido — longe demais para a Grumixã; e nhô Gualberto Gaspar silenciara, dado de derrotado. Às vezes, um morre afundado, de vinda friez. Suspirar, mesmo, isso nem isso não podia. E engulia, dansadamente de gogó, se valia de sua saliva. Miguel demorou nele o olhar. Nhô Gualberto dava aspecto de quem temesse. Aquilo era aborrecido, e era para piedade.

Miguel receou lágrimas, queixas, que não vieram; então prezou a dureza do amigo, sozinho em si — e não devia ter mencionado com tanto rompante sua tenção de felicidade, quando a miséria da vida do outro tudo ensombrava, parecia a má sina a que se vê condenado um irmão. — “Nhô Gualberto, tudo é destino...” Nhô Gualberto levou a ele os olhos. — “É sim...” — disse. E tornou, teso: — “Mas, não arreio!” Sorrira quase maligno; quanto mais afilado, mais mau — de se dizer. Tardou outro momento. Mas, não, seu suspiro veio, os traços se alisaram, foi como um alívio lavando suas feições. Nhô Gualberto Gaspar então estendeu mão em apontando, foi e disse: — “O senhor vai, meu amigo. O senhor gosta dela, casa. Compadre iô Liodoro concede liberal, ele dá assentimento...” Sorria. — “O amor é que vale. Em tentos o senhor vê: essas coisas... Tem segunda batalha! Merece de gente aproveitar, o que vem e que se pode, o bom da

vida é só de chuvisco...” Seu cigarro ele saboreava, gemia um ahzinho. Recobrara o tenteio. Dona-Dona de comprido tempo não gritava mais, o sono com ela tinha podido. — “A gente chupa o que vem, venha na hora. É o que resolve... Às vezes dá em desengano, às vez dá em desordem... Acho, de mim: muito que provei, que para mim não era, gozei furtado, em adiantado. Por aí, pago! Ai-ai-ai, mas é o que tempera... A gente lucra logo. Viver é viajável...” Nhô Gualberto alargava o falar, agradado. Ressabia o gozo de dar conselhos. Mas, em certo momento, mudou de tom, tinha decerto pensado. — “Eh, aquele moço caçador — nhô Gonçalo Bambães — se alembra? Esse, pois, esteve de volta por aqui, pousou no Buriti Bom...” Se revestia daquele meio-ar de astúcia, atilado em fé fina. — “No Buriti Bom? Como assim? Vindo só? E caçou?” Mas nhô Gualberto Gaspar, presto atento, moderava o sobressalto de Miguel: — “Três dias esteve. Aqui não caçou, não. Que tinha matado onças e antas, nas matas do Jucurutú, do do-Sono... Impagem! Se alembra, ele proseava poéto: demedia o justo tempo que capivara espera debaixo d’água?!...” Sorria, solerte. Disse, por fim: — “O amor tira ninhada de seus ciúmes... Mocidades...” Daí, nhô Gualberto Gaspar falava, falava, descrição de tudo no Buriti Bom, parecia apreciar saudades. A noite ia esfriando, nas mãos de ninguém.

Assim tinha sido. — “... Lucra logo...” — nhô Gaspar redissera, ainda na seguinte manhã, levantado desde a aurora. — “O senhor vá, é sua hora, sua...” — nhô Gaspar o animava, no Miguel entrar no *jeep*. Dona-Dona tivera melhora. Despediram-se de nhô Gualberto, saíram. Os campos se empoeiravam. O rapaz punha nova atenção nas formas do cerrado alto, por ermo daqueles tabuleiros. Com o sol equilibrado, dia maior calmo, em que o céu ganha em grau. — “Sabe? O Chefe Zequiel civilizou: diz-se que, de uns quinze dias para cá, não envigia a noite mais, dorme seu bom frouxo. Acho, de umas pílulas, que para ele da Vila trouxeram, ocasião do enterro de Maria Behú: símplice de cânfora, que parece...” — nhô Gualberto tinha noticiado. Transatos, resenha do Chefe Zequiel, morador no moinho. Tudo o que ele sabia. — “Tomou sossego...” Para trás, a Grumixã virava longe. O cerradão, as beiras, com as cambaúbas retrocadas, a estrada fofa de areia, vagarável. Uma areia fina clara, onde passarinho pode banho de se afundar e espenejar: todo ele se dá cartas. Mas, a vasto, do que o Brejão dá e do que o rio mói, a gente já adivinhava uma frescura no ar, o sim, a água,

que é a paz dessas terras. E o Buriti Bom enviava uma saudade, desistia do mistério. O Buriti Bom era Maria da Glória, dona Lalinha.

Na última noite passada no Buriti Bom, na sala, os lampeões, a lamparina no meio da mesa, o que fora: Maria da Glória certamente o amava, aqueles belos braços, toda ela tão inesperada, haviam falado de menores assuntos, disto e daquilo, o monjolo socava arroz, com o rumorzinho galante, agora Maria da Glória não o poderia ter esquecido, e o amor era o milagre de uma coisa. Glória, Glorinha, podia dizer, pegar-lhe nas mãos, cheirar o cheiro de seus cabelos. A boca. Os olhos. A espera, lua luar de mim, o assopro — as narinas quentes que respiravam. Os seios. As águas. Abraçados, haviam de ouvir o arriar do monjolo, enchoo, noites demoradas. — “Você fala de coisas em que não está pensando...” “— Estou é pensando de outro modo em você, Maria da Glória...” As pessôas — baile de flores degoladas, que procuram suas hastes. Maria da Glória sorrira tão sua, sabia que ele a amava. Dona Lalinha e iô Liodoro jogavam cartas, estivessem jogando séria partida. O socó suscria queixa, vôa com sua fome por cima das lagôas. Os olhos de Maria da Glória tinham respondido que ela o esperaria, ele prometera voltar, seu olhar dissera a Glorinha que ele voltava. Ele falara do triste lindo lugar onde nascera, nos Gerais; e estava assegurando a ela que voltaria. Dito, o silêncio vem. Os braços de Maria da Glória eram claros, firmes não tirando do macio, e quentes, como todo o corpo dela, como os pezinhos, como a alma. O monjolo, a noite inteira, cumpria, confirmava.

O *jeep* rodava na Baixada. Os altos capins em flôr estendiam seu vinho, seu vogo. O gado pastando sob as árvores, se esfregando nelas. Pelos trilhos, iam em fila-índia, naturalmente. À vã, adiante, o extremo em ser do buritizal — os buritis iguais, esperantes, os braços fortes. O Buriti-Grande, a aragem regirando em seu cimo, um vento azucrim, que aqui repassava as relvas, como mão baixa. A mata. O Brejão — choco, má água em verdes, cusposo; mas belo. E o rio, relento. Mas: o Buriti-Grande — uma liberdade. Miguel desceu de pensamento. A vida não tem passado. Toda hora o barro se refaz. Deus ensina.

— Vigia: que palmeira de coragem! — ele apontou.

O rapaz espiava, queria mais olhos.

O *jeep* avançou, acamando a campina dos verdes, entre pássaros expedidos, airados. Para admirar ainda o Buriti-Grande, o rapaz se voltava,

fosse aprender a vida. Era uma curta andada — entre o Buriti-Grande e o Buriti Bom. Chegariam para o almoço. Diante do dia.

Iconografia

O autor, na sua juventude.

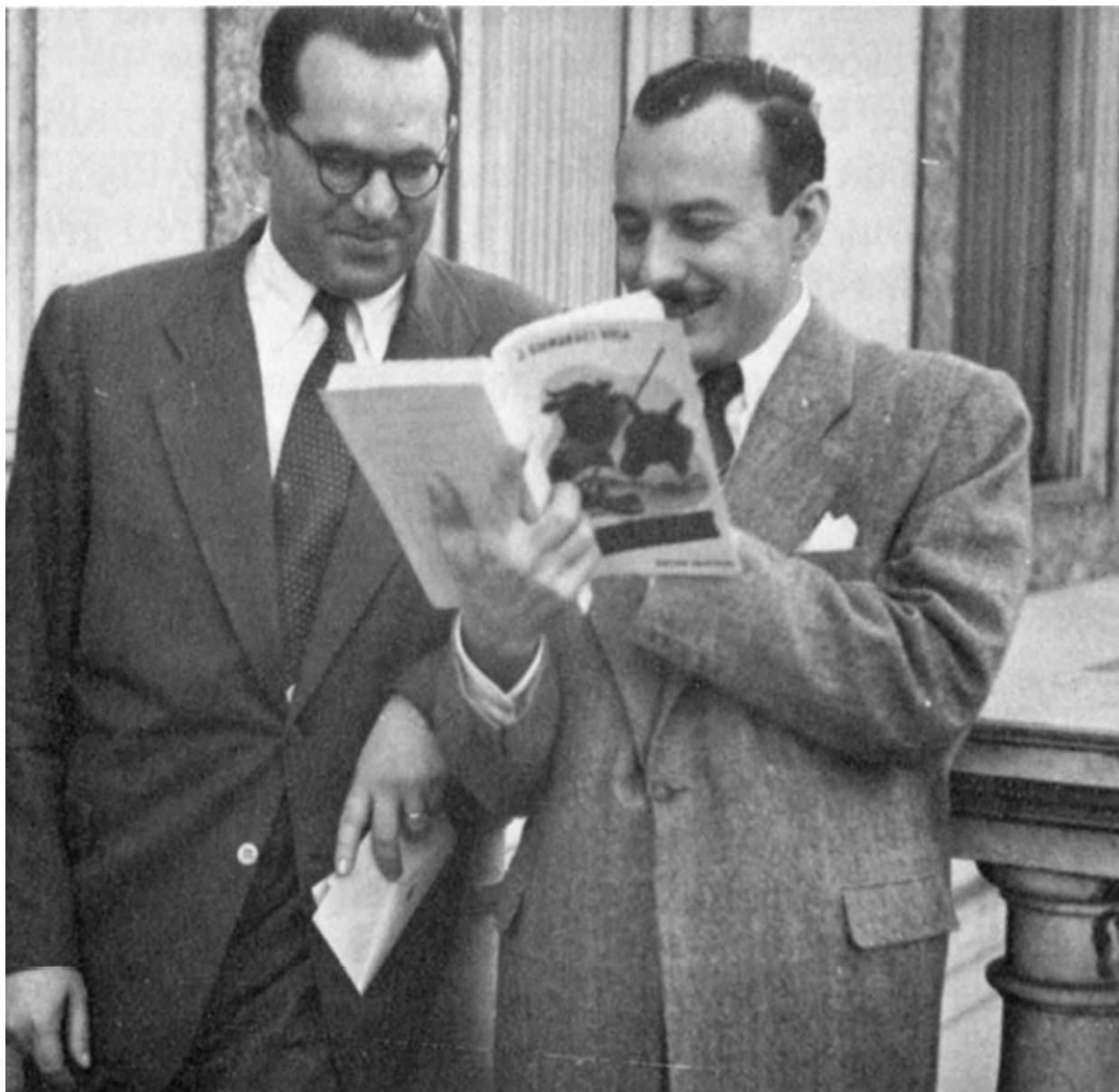
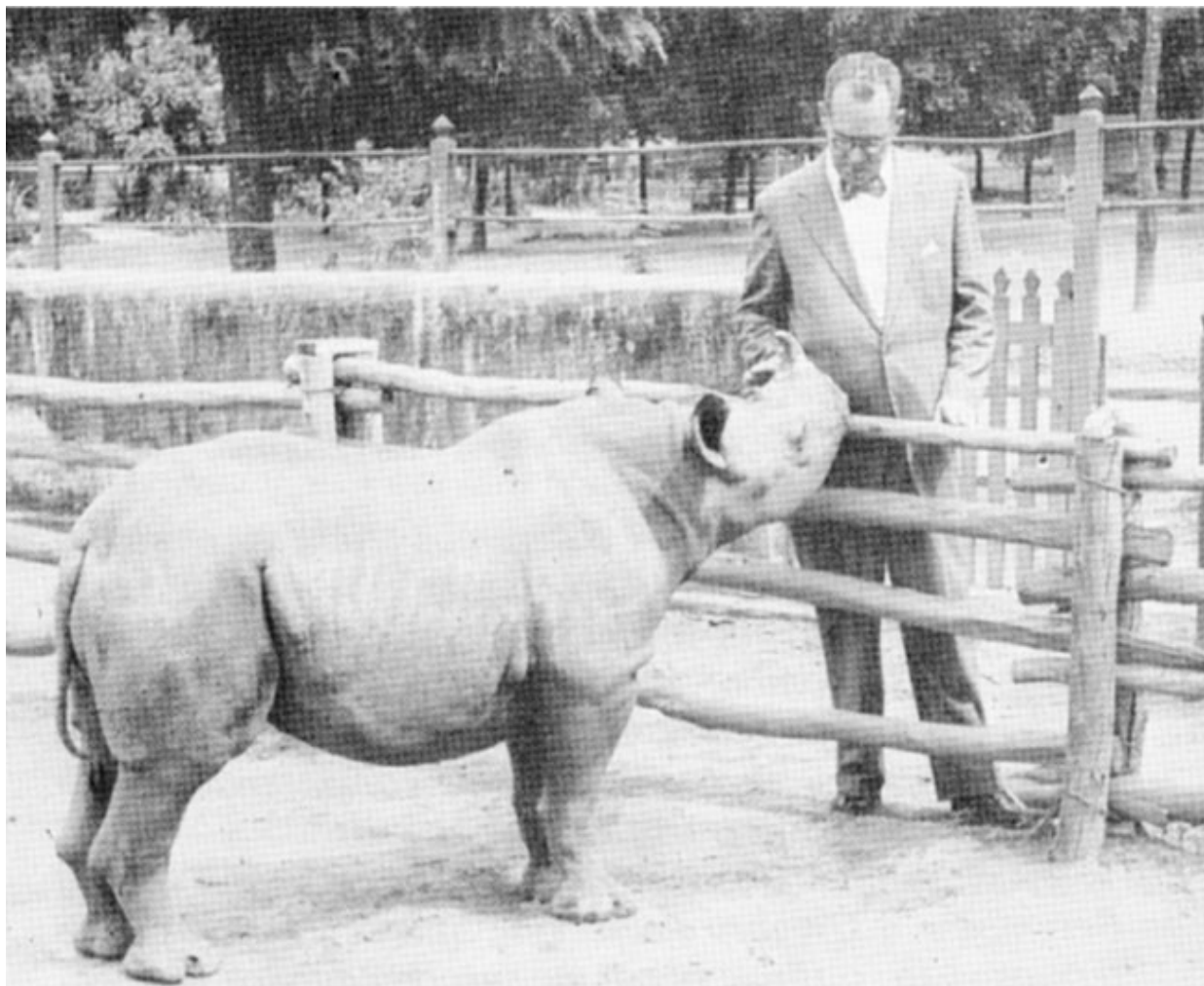
Com os pais, Francisca Lima Guimarães e Florduardo Pinto Rosa, ainda criança e em 1966.

Em sua infância, com a família.

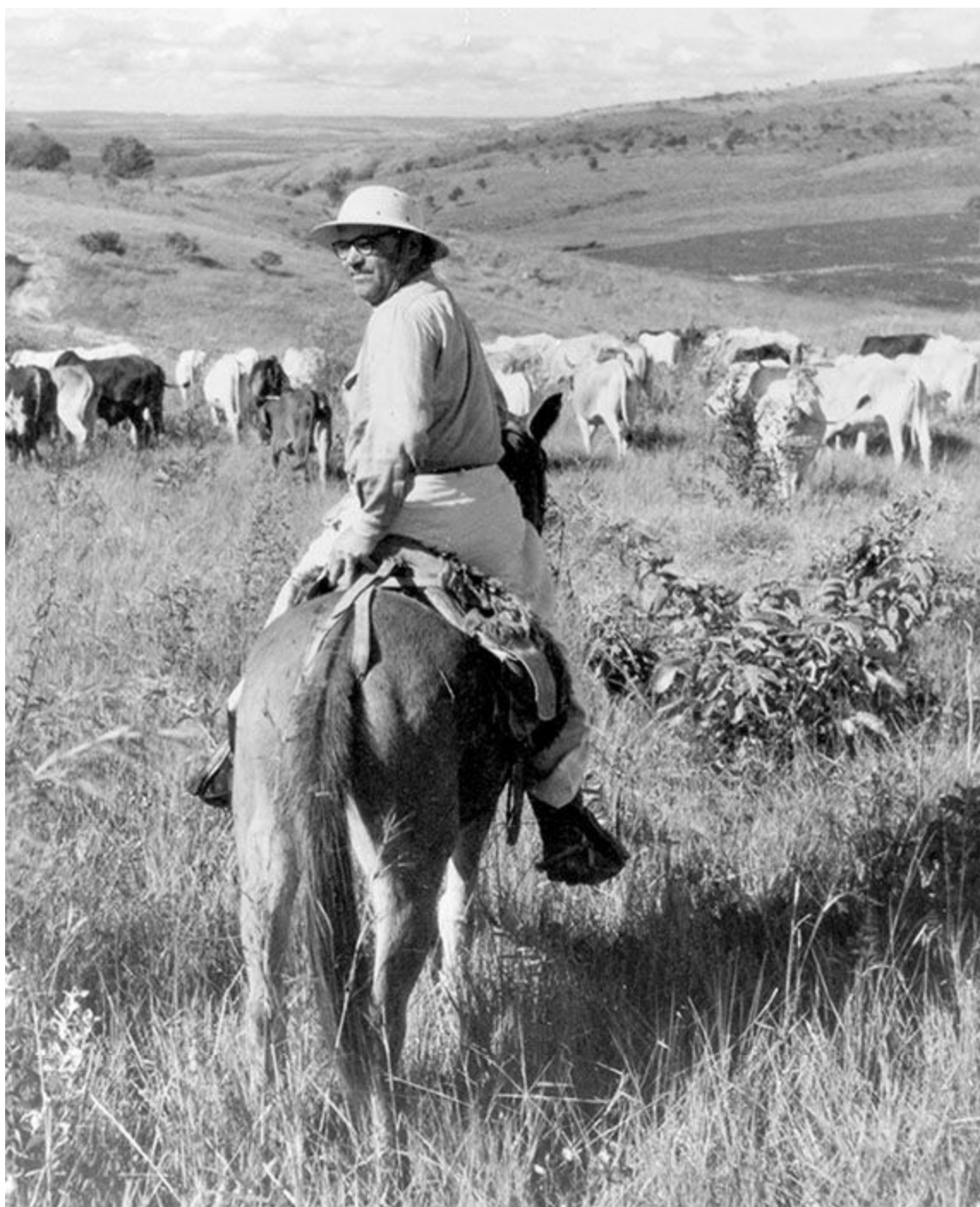
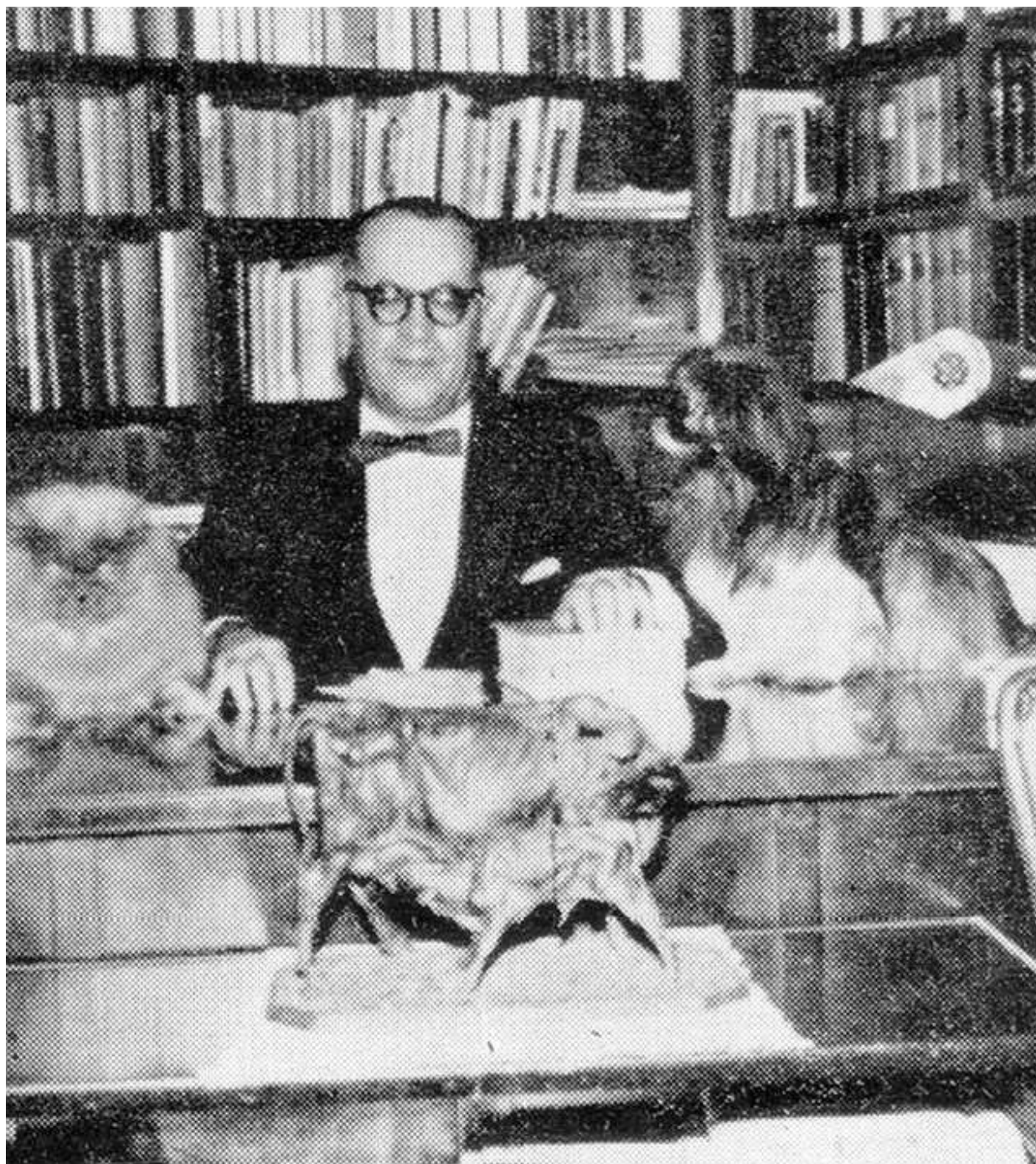
A casa em que o escritor nasceu e atual Museu Casa de Guimarães Rosa.

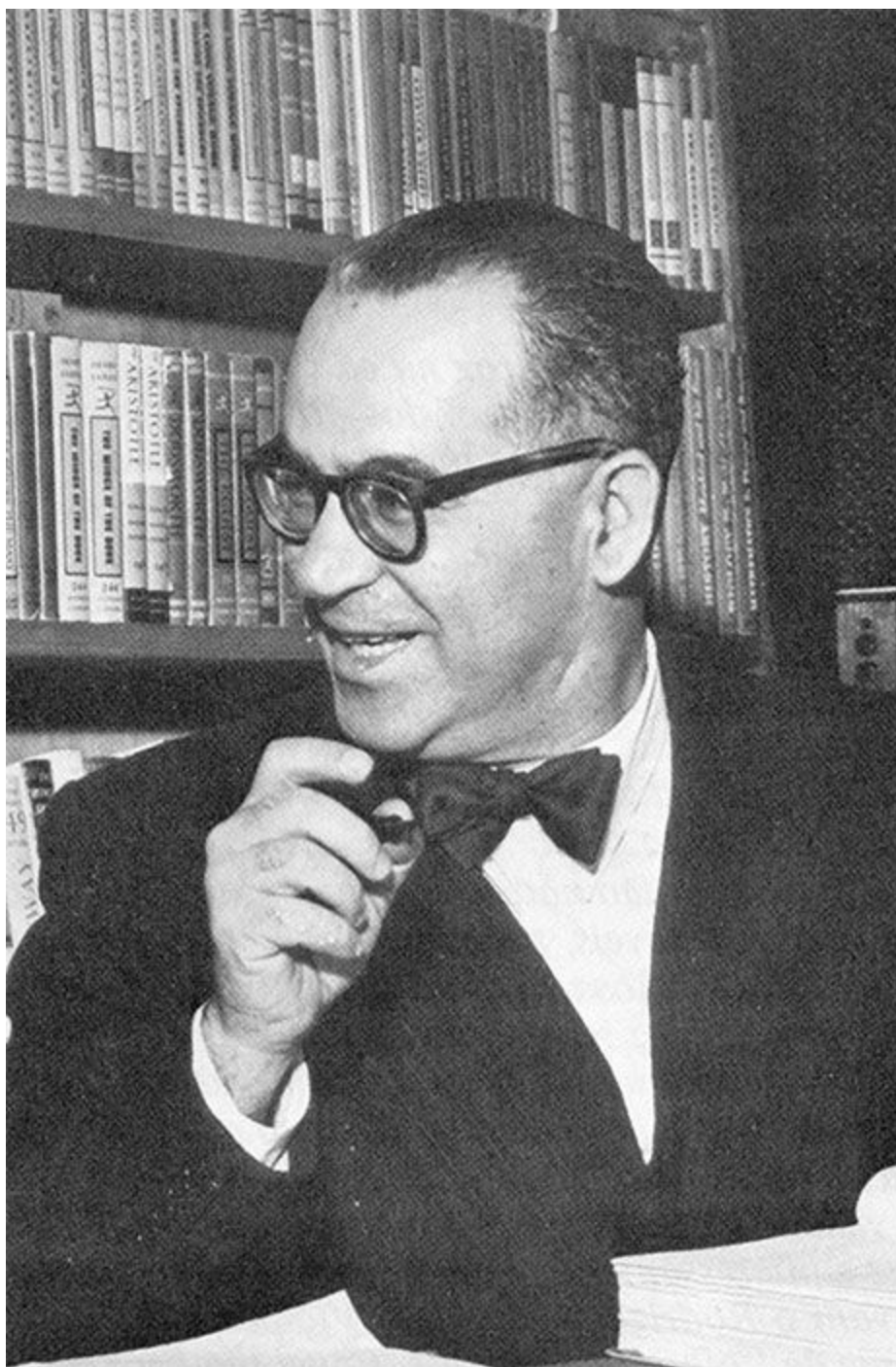
Igreja de Cordisburgo, cidade natal do escritor.

Gabinete de trabalho na casa do escritor.

Guimarães Rosa em Hamburgo, onde foi cônsul-adjunto do Brasil no período de 1938 a 1942.

Com João Condé, observando o primeiro exemplar de *Sagarana*, publicado pela editora Universal em abril de 1946.

O escritor no jardim zoológico do Rio de Janeiro, em 1957.

Em 1944, com seus gatos de estimação.

Em 1930, na formatura da Faculdade de Medicina de Minas Gerais.

Viagem pelo sertão mineiro com a comitiva de vaqueiros de Manuelzão, em 1952.

O autor no gabinete com seus animais de estimação.

Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 16 de novembro de 1967.

Guimarães Rosa autografando seus livros na editora José Olympio.

João Guimarães Rosa

FICÇÃO COMPLETA

VOLUME 2

GRANDE SERTÃO: VEREDAS

PRIMEIRAS ESTÓRIAS

TUTAMEIA (TERCEIRAS ESTÓRIAS)

ESTAS ESTÓRIAS

AVE, PALAVRA

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

João Guimarães Rosa
FICÇÃO COMPLETA

VOLUME 1

Sagarana
Manuelzão e Miguilim (Corpo de baile)
No Urubuquaquá, no Pinhém (Corpo de baile)
Noites do sertão (Corpo de baile)

VOLUME 2

Grande Sertão: Veredas
Primeiras estórias
Tutameia (Terceiras estórias)
Estas estórias
Ave, palavra

Nota editorial

Editar Guimarães Rosa é com certeza uma honra e também um enorme desafio. A Editora Nova Fronteira, que publica o aclamado escritor desde 1984, traz agora a ficção completa do autor em dois volumes acomodados em um box de luxo. As capas, tanto deste volume quanto do box, foram desenvolvidas a partir de fotos de Maureen Bisilliat, que, na década de 1960, embrenhou-se pelo sertão mineiro, percorrendo as veredas trilhadas pelo autor, em busca de seus personagens e paisagens. A boiada nos campos de Curvelo e o registro de Manuel Nardi — vaqueiro que inspirou Rosa a criar o Manuelzão do seu *Corpo de baile* — são bons exemplos do resultado dessa imersão no universo guimarães-rosiano.

Como se vê, em todos os detalhes nosso objetivo foi trazer a público mais uma vez uma nova e bem-cuidada edição. Nesse sentido, procuramos estabelecer um diálogo com antigas edições da obra de Guimarães Rosa, cuja originalidade levou seus editores, algumas e já registradas vezes, a erros involuntários, sem que, infelizmente, possamos contar com a bem-humorada acolhida desses erros pelo próprio autor, como afirmam alguns de seus críticos e amigos, entre eles Paulo Rónai.

Assim, na presente edição foram feitas apenas — porque posteriores ao falecimento do escritor — as alterações de grafia decorrentes das reformas ortográficas de 1971 e 1990. Num primeiro momento, foram abolidos o trema nos hiatos átonos, o acento circunflexo diferencial nas letras *e* e *o* da sílaba tônica de palavras homógrafas e o acento grave com que se assinalava a sílaba subtônica em vocábulos derivados com os sufixos *–mente* e *–zinho*. Agora, a mudança foi um pouco maior: retiramos os tremas restantes, os acentos agudos dos ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras paroxítonas, o circunflexo dos encontros vocálicos *ee* e *oo*, além de alguns acentos diferenciais remanescentes, ressalvando-se certos neologismos criados pelo autor e as suas formas preferenciais, sobretudo no que se refere à acentuação. Em relação ao emprego dos hifens, optamos por não efetuar qualquer alteração para não correr o risco de interferir no uso tão peculiar que Guimarães Rosa fazia dessa marca gráfica. Ademais,

uma alteração como essa interferiria na prosa entrecortada e pedregosa do autor, construída exatamente a partir do uso dessa e de outras marcas, tais como o uso recorrente dos grupos consonantais e de apóstrofos.

Quanto a outras grafias em desacordo com as normas ortográficas vigentes, manteve-se a que o autor deixou registrada nas edições que usamos como base. Utilizamos ainda outras edições tanto para corrigir variações indevidas quanto para insistir em outras formas. A adoção dessas grafias pode parecer apenas uma questão de atualização ortográfica, mas, se essa atualização já era exigida pelo Formulário Ortográfico vigente quando da publicação dos livros e de suas várias edições durante a vida do autor, partimos do princípio de que elas são intencionais e devem, portanto, ser mantidas. Para justificar essa decisão, lembramos que as antigas edições da obra de Guimarães Rosa apresentavam uma nota alertando justamente para a grafia personalíssima do autor e que algumas histórias registram a sua decisão em acentuar determinadas palavras. Além disso, mais de uma vez em sua correspondência, ele observou que os detalhes aparentemente sem importância são fundamentais para o efeito que se quer obter das palavras.

Esses acentos e grafias "sem importância", em desacordo com a norma ortográfica vigente, compõem um léxico literário cuja variação fonética é tão rica e irregular quanto a da linguagem viva com que o homem se define diariamente. E ousamos ainda dizer que, ao lado das, pelo menos, 13 línguas que o autor conhecia e utilizava em seu processo de voltar à origem da língua, devemos colocar, em igualdade de recursos e contribuições poéticas, aquela em cujos "erros" vemos menos um desconhecimento e mais uma possibilidade de expressão.

Com esse critério, a certeza de que algumas dúvidas não puderam ser resolvidas e uma boa dose de bom senso, esperamos estar agora apresentando mais uma vez o resultado de um trabalho responsável e consistente, à altura do nome desse autor, por cuja presença em nossa Casa nos sentimos imensamente orgulhosos.

2017

Um chamado João

João era fabulista?
fabuloso?
fábula?
Sertão místico disparando
no exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha
a quinta face das coisas
inenarrável narrada?
Um estranho chamado João

para disfarçar, para farçar
o que não ousamos compreender?

Tinha pastos, buritis plantados
no apartamento?
no peito?
Vegetal êle era ou passarinho
sob a robusta ossatura com pinta
de boi risonho?

Era um teatro
e todos os artistas
no mesmo papel,
ciranda multivoca?

João era tudo?
tudo escondido, florindo
como flor é flor, mesmo não semeada?
Mapa com acidentes
deslizando para fora, falando?
Guardava rios no bôlso
cada qual em sua côr de água
sem misturar, sem conflitar?
E de cada gôta redigia
nome, curva, fim,
e no destinado geral.
seu fado era saber
para contar sem desnudar
o que não deve ser desnudado
e por isso se veste de véus novos?

Mágico sem apetrechos,
civilmente mágico, apelador
de precípites prodígios acudindo
a chamado geral?
Embaixador do reino
que há por trás dos reinos,
dos podêres, das
supostas fórmulas
do abracadabra, sésamo?
Reino cercado
não de muros, chaves, códigos,
mas o reino-reino?

Por que João sorria
se lhe perguntavam
que mistério é êsse?
E propondo desenhos figurava
menos a resposta que
outra questão ao perguntante?

Tinha parte com... (sei lá
o nome) ou êle mesmo era
a parte de gente
servindo de ponte
entre o sub e o sôbre
que se arcabuzeiam
de antes do princípio,
que se entrelaçam
para melhor guerra,
para maior festa?

Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
de se pegar.

21. XI. 1967

Carlos Drummond de Andrade

Fac-símile do poema de Carlos Drummond de Andrade que foi publicado no *Correio da Manhã* de 22 de novembro de 1967, três dias após a morte de João Guimarães Rosa.

Grande Sertão: Veredas

“O diabo na rua, no meio do redemoinho...”

— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser — se viu —; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram — era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente — depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá — fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniães... O sertão está em toda a parte.

Do demo? Não gloso. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalam no nome dele — dizem só: o *Que-Diga*. Vote! não... Quem muito se evita, se convive. Sentença num Aristides — o que existe no buritizal primeiro desta minha mão direita, chamado a Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita — todo o mundo crê: ele não pode passar em três lugares, designados: porque então a gente escuta um chorinho, atrás, e uma vozinha que avisando: — "Eu já vou! Eu já vou!..." — que é o capiroto, o *que-diga*... E um Jisé Simpilício — quem qualquer daqui jura ele tem um

capeta em casa, miúdo satanazim, preso obrigado a ajudar em toda ganância que executa; razão que o Simpilício se empresa em vias de completar de rico. Apre, por isso dizem também que a besta pra ele rupêia, nega de banda, não deixando, quando ele quer amontar... Superstição. Jisé Simpilício e Aristides, mesmo estão se engordando, de assim não-ouvir ou ouvir. Ainda o senhor estude: agora mesmo, nestes dias de época, tem gente porfalando que o Diabo próprio parou, de passagem, no Andrequicé. Um Moço de fora, teria aparecido, e lá se louvou que, para aqui vir — normal, a cavalo, dum dia-e-meio — ele era capaz que só com uns vinte minutos bastava... porque costeava o Rio do Chico pelas cabeceiras! Ou, também, quem sabe — sem ofensas — não terá sido, por um exemplo, até mesmo o senhor quem se anunciou assim, quando passou por lá, por prazido divertimento engraçado? Há-de, não me dê crime, sei que não foi. E mal eu não quis. Só que uma pergunta, em hora, às vezes, clarêia razão de paz. Mas, o senhor entenda: o tal moço, se há, quis mangar. Pois, hem, que, despontar o Rio pelas nascentes, será a mesma coisa que um se redobrar nos internos deste nosso Estado nosso, custante viagem de uns três meses... Então? *Que-Diga?* Doideira. A fantasiação. E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças!

Não seja. Eu, pessoalmente, quase que já perdi nele a crença, mercês a Deus; é o que ao senhor lhe digo, à puridade. Sei que é bem estabelecido, que grassa nos Santos-Evangelhos. Em ocasião, conversei com um rapaz seminarista, muito condizente, conferindo no livro de rezas e revestido de paramenta, com uma vara de maria-preta na mão — proseou que ia adjutorar o padre, para extraírem o Cujo, do corpo vivo de uma velha, na Cachoeira-dos-Bois, ele ia com o vigário do Campo-Redondo... Me concebo. O senhor não é como eu? Não acreditei patavim. Compadre meu Quelemém descreve que o que revela efeito são os baixos espíritos descarnados, de terceira, fuzuando nas piores trevas e com ânsias de se travarem com os viventes — dão *encosto*. Compadre meu Quelemém é quem muito me consola — Quelemém de Góis. Mas ele tem de morar longe daqui, na Jijujã, Vereda do Burití Pardo... Arres, me deixe lá, que — em endemoninhamento ou com encosto — o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos, homens, mulheres. Pois não sim? Por mim, tantos vi, que aprendi. Rincha-Mãe, Sangue-d'Outro, o Muitos-Beiços, o Rasga-em-Baixo, Faca-Fria, o Fancho-Bode, um Treciziano, o Azinhavre... o

Hermógenes... Deles, punhadão. Se eu pudesse esquecer tantos nomes... Não sou amansador de cavalos! E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícel, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantasêia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular ideia. O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco — é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso — por estúrdio que me vejam — é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela — já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é ditado: "menino — trem do diabo"? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes. *... O diabo na rua, no meio do redemunho...*

Hem? Hem? Ah. Figuração minha, de pior pra trás, as certas lembranças. Mal haja-me! Sofro pena de contar não... Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca doce pode de repente virar azangada — motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas — vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se

comer sem nenhum mal. E que isso é? Eh, o senhor já viu, por ver, a feiura de ódio franzido, carantonho, nas faces duma cobra cascavel? Observou o porco gordo, cada dia mais feliz bruto, capaz de, pudesse, roncar e engulir por sua suja comodidade o mundo todo? E gavião, côrvo, alguns, as feições deles já representam a precisão de talhar para adiante, rasgar e estraçalhar a bico, parece uma quicé muito afiada por ruim desejo. Tudo. Tem até tortas raças de pedras, horrorosas, venenosas — que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço; o diabo dentro delas dorme: são o demo. Se sabe? E o demo — que é só assim o significado dum azougue maligno — tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear?! Arre, ele está misturado em tudo.

Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor — compadre meu Quelemém diz. Família. Deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses. Só que tem os depois — e Deus, junto. Vi muitas nuvens.

Mas, em verdade, filho, também, abranda. Olhe: um chamado Aleixo, residente a légua do Passo do Pubo, no da-Areia, era o homem de maiores ruindades calmas que já se viu. Me agradou que perto da casa dele tinha um açudinho, entre as palmeiras, com traíras, pra-almas de enormes, desenormes, ao real, que receberam fama; o Aleixo dava de comer a elas, em horas justas, elas se acostumaram a se assim das locas, para papar, semelhavam ser peixes ensinados. Um dia, só por graça rústica, ele matou um velhinho que por lá passou, desvalido rogando esmola. O senhor não duvide — tem gente, neste aborrecido mundo, que matam só para ver alguém fazer careta... Eh, pois, empós, o resto o senhor prove: vem o pão, vem a mão, vem o são, vem o cão. Esse Aleixo era homem afamilhado, tinha filhos pequenos; aqueles eram o amor dele, todo, despropósito. Dê bem, que não nem um ano estava passado, de se matar o velhinho pobre, e os meninos do Aleixo aí adoeceram. Andaço de sarampão, se disse, mas complicado; eles nunca saravam. Quando, então, sararam. Mas os olhos deles vermelhavam altos, numa inflama de sapiranga à rebelde; e susseguinte — o que não sei é se foram todos duma vez, ou um logo e logo outro e outro — eles restaram cegos. Cegos, sem remissão dum favinho de luz dessa nossa! O senhor imagine: uma escadinha — três meninos e uma menina — todos cegados. Sem remediável. O Aleixo não perdeu o juízo;

mas mudou: ah, demudou completo — agora vive da banda de Deus, suando para ser bom e caridoso em todas suas horas da noite e do dia. Parece até que ficou o feliz, que antes não era. Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque Deus quis ter pena dele, transformar para lá o rumo de sua alma. Isso eu ouvi, e me deu raiva. Razão das crianças. Se sendo castigo, que culpa das hajas do Aleixo aqueles meninozinhos tinham?!

Compadre meu Quelemém reprovou minhas incertezas. Que, por certo, noutra vida revirada, os meninos também tinham sido os mais malvados, da massa e peça do pai, demônios do mesmo caldeirão de lugar. Senhor o que acha? E o velhinho assassinado? — eu sei que o senhor vai discutir. Pois, também. Em ordem que ele tinha um pecado de crime, no corpo, por pagar. Se a gente — conforme compadre meu Quelemém é quem diz — se a gente torna a encarnar renovado, eu cismo até que inimigo de morte pode vir como filho do inimigo. Mire veja: se me digo, tem um sujeito Pedro Pindó, vizinho daqui mais seis léguas, homem de bem por tudo em tudo, ele e a mulher dele, sempre sidos bons, de bem. Eles têm um filho duns dez anos, chamado Valtêi — nome moderno, é o que o povo daqui agora aprecêia, o senhor sabe. Pois essezinho, essezim, desde que algum entendimento alumiou nele, feito mostrou o que é: pedido madrasto, azedo queimador, gostoso de ruim de dentro do fundo das espécies de sua natureza. Em qual que judia, ao devagar, de todo bicho ou criaçãozinha pequena que pega; uma vez, encontrou uma crioula benta-bêbada dormindo, arranjou um caco de garrafa, lanhou em três pontos a popa da perna dela. O que esse menino babeja vendo, é sangrarem galinha ou esfaquear porco. — “Eu gosto de matar...” — uma ocasião ele pequenino me disse. Abriu em mim um susto; porque: passarinho que se debruça — o voo já está pronto! Pois, o senhor vigie: o pai, Pedro Pindó, modo de corrigir isso, e a mãe, dão nele, de miséria e mastro — botam o menino sem comer, amarram em árvores no terreiro, ele nú nuelo, mesmo em junho frio, lavram o corpinho dele na peia e na taca, depois limpam a pele do sangue, com cuia de salmoura. A gente sabe, espia, fica gasturado. O menino já rebaixou de magreza, os olhos entrando, carinha de ossos, encaveirada, e entisicou, o tempo todo tosse, tossura da que puxa secos peitos. Arre, que agora, visível, o Pindó e a mulher se habituaram de nele bater, de pouquinho em pouquim foram criando nisso um prazer feio de diversão — como regulam as sovas em horas certas confortáveis, até

chamam gente para ver o exemplo bom. Acho que esse menino não dura, já está no blimbilim, não chega para a quaresma que vem... Uê-uê, então?! Não sendo como compadre meu Quelemém quer, que explicação é que o senhor dava? Aquele menino tinha sido homem. Devia, em balanço, terríveis perversidades. Alma dele estava no breu. Mostrava. E, agora, pagava. Ah, mas, acontece, quando está chorando e penando, ele sofre igual que se fosse um menino bonzinho... Ave, vi de tudo, neste mundo! Já vi até cavalo com soluço... — o que é a coisa mais custosa que há.

Bem, mas o senhor dirá, deve de: e no começo — para pecados e artes, as pessoas — como por que foi que tanto emendado se começou? Ei, ei, aí todos esbarram. Compadre meu Quelemém, também. Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Curralinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas. Ah, não é por falar: mas, desde do começo, me achavam sofismado de ladino. E que eu merecia de ir para cursar latim, em Aula Régia — que também diziam. Tempo saudoso! Inda hoje, apreceio um bom livro, despaçado. Na fazenda O Limãozinho, de um meu amigo Vito Soziano, se assina desse almanaque grosso, de logogrifos e charadas e outras divididas matérias, todo ano vem. Em tanto, ponho primazia é na leitura proveitosa, vida de santo, virtudes e exemplos — missionário esperto engambelando os índios, ou São Francisco de Assis, Santo Antônio, São Geraldo... Eu gosto muito de moral. Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar a justo. Minha mulher, que o senhor sabe, zela por mim: muito reza. Ela é uma abençoável. Compadre meu Quelemém sempre diz que eu posso aquietar meu temer de consciência, que sendo bem-assistido, terríveis bons-espíritos me protegem. Ipe! Com gosto... Como é de são efeito, ajudo com meu querer acreditar. Mas nem sempre posso. O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre — o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas,

fecharem o definitivo a noção — proclamar por uma vez, artes assembleias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! Só assim, davam tranquilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?!

Ah, eu sei que não é possível. Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente — dá susto se saber — e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons... De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece de viver no safado comum, ou cuida só de religião só. Eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços; para outras coisas não fui parido. Mas minha velhice já principiou, errei de toda conta. E o reumatismo... Lá como quem diz: nas escorvas. Ahã.

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar — o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável. E eu! Bofe! Detesto! O que sou? — o que faço, que quero, muito curial. E em cara de todos faço, executado. Eu? — não tresmalho!

Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês — encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale. Minha mulher não vê mal nisso. E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes meremerências, vou efetuar com ela trato igual. Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo!

Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar consertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. Montante, o mais supro, mais sério — foi Medeiro Vaz. Que um homem antigo... Seu Joãozinho Bem-Bem, o mais bravo de todos, ninguém nunca pôde decifrar como ele por dentro consistia. Joca Ramiro — grande homem príncipe! — era político. Zé-Bebelo quis ser político, mas teve e não teve sorte: raposa que demorou. Sô Candelário se endiabrou, por pensar que estava com doença má. Titão Passos era o pelo prêço de amigos: só por via deles, de suas mesmas amizades, foi que tão alto se ajagunçou. Antônio Dó — severo bandido. Mas por metade; grande maior metade que seja. Andalécio, no fundo, um bom homem-de-bem, estouvado raivoso em sua toda justiça. Ricardão, mesmo, queria era ser rico em paz: para isso guerreava. Só o Hermógenes foi que nasceu formado tigre, e assassim. E o "Urutú-Branco"? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi — que era um pobre menino do destino...

Tão bem, conforme. O senhor ouvia, eu lhe dizia: o ruim com o ruim, terminam por as espinheiras se quebrar — Deus espera essa gastança. Moço!: Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja. O senhor rela faca em faca — e afia — que se raspam. Até as pedras do fundo, uma dá na outra, vão-se arredondinhando lisas, que o riachinho rola. Por enquanto, que eu penso, tudo quanto há, neste mundo, é porque se merece e carece. Antesmente preciso. Deus não se comparece com refe, não arrocha o regulamento. Pra que? Deixa: bobo com bobo — um dia, algum estala e aprende: esperta. Só que, às vezes, por mais auxiliar, Deus espalha, no meio, um pingado de pimenta...

Haja? Pois, por um exemplo: faz tempo, fui, de trem, lá em Sete-Lagoas, para partes de consultar um médico, de nome me indicado. Fui vestido bem, e em carro de primeira, por via das dúvidas, não me sombrearem por jagunço antigo. Vai e acontece, que, perto mesmo de mim, defronte, tomou assento, voltando deste brabo Norte, um moço Jazevedão, delegado profissional. Vinha com um capanga dele, um secreta, e eu bem sabia os dois, de que tanto um era ruim, como o outro ruim era. A verdade que diga, primeiro tive o estrito de me desbancar para um longe dali, mudar de meu lugar. Juízo me disse, melhor ficasse. Pois, ficando, olhei. E — lhe falo: nunca vi cara de homem fornecida de bruteza e

maldade mais, do que nesse. Como que era urco, trouxo de atarracado, reluzia um crú nos olhos pequenos, e armava um queixo de pedra, sobrancelhonas; não demedia nem testa. Não ria, não se riu nem uma vez; mas, falando ou calado, a gente via sempre dele algum dente, presa pontuda de guará. Arre, e bufava, um poucadinho. Só rosneava curto, baixo, as meias-palavras encrespadas. Vinha reolhando, historiando a papelada — uma a uma as folhas com retratos e com os pretos dos dedos de jagunços, ladrões de cavalos e criminosos de morte. Aquela aplicação de trabalho, numa coisa dessas, gerava a ira na gente. O secreta, xereta, todo perto, sentado junto, atendendo, caprichando de ser cão. Me fez um receio, mas só no bobo do corpo, não no interno das coragens. Uma hora, uma daquelas laudas caiu — e eu me abaixei depressa, sei lá mesmo por quê, não quis, não pensei — até hoje crio vergonha disso — apanhei o papel do chão, e entreguei a ele. Daí, digo: eu tive mais raiva, porque fiz aquilo; mas aí já estava feito. O homem nem me olhou, nem disse nenhum agradecimento. Até as solas dos sapatos dele — só vendo — que solas duras grossas, dobradas de enormes, parecendo ferro bronze. Porque eu sabia: esse Jazevedão, quando prendia alguém, a primeira quieta coisa que procedia era que vinha entrando, sem ter que dizer, fingia umas pressas, e ia pisava em cima dos pés descalços dos coitados. E que nessas ocasiões dava gargalhadas, dava... Pois, osga! Entreguei a ele a folha de papel, e fui saindo de lá, por ter mão em mim de não destruir a tiros aquele sujeito. Carnes que muito pesavam... E ele umbigava um princípio de barriga barriguda, que me criou desejos... Com minha brandura, alegre que eu matava. Mas, as barbaridades que esse delegado fez e aconteceu, o senhor nem tem calo em coração para poder me escutar. Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue, por este simples universozinho nosso aqui. Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...

Tanto, digo: Jazevedão — um assim, devia de ter, precisava? Ah, precisa. Couro ruim é que chama ferrão de ponta. Haja que, depois — negócio particular dele — nesta vida ou na outra, cada Jazevedão, cumprido o que tinha, descamba em seu tempo de penar, também, até pagar o que deveu — compadre meu Quelemém está aí, para fiscalizar. O senhor sabe: o perigo que é viver... Mas só do modo, desses, por feio instrumento, foi que a jagunçada se findou. Senhor pensa que Antônio Dó

ou Olivino Oliviano iam ficar bonzinhos por pura soletração de si, ou por rogo dos infelizes, ou por sempre ouvir sermão de padre? Te acho! Nos visos...

De jagunço comportado ativo para se arrepender no meio de suas jagunçagens, só deponho de um: chamado Joé Cazuzo — foi em arraso de um tirotêi', p'ra cima do lugar Serra-Nova, distrito de Rio-Pardo, no ribeirão Traçadal. A gente fazia má minoria pequena, e fechavam para riba de nós o pessoal dum Coronel Adalvino, forte político, com muitos soldados fardados no meio centro, comando do Tenente Reis Leme, que depois ficou capitão. Aguentamos hora mais hora, e já dávamos quase de cercados. Aí, de bote, aquele Joé Cazuzo — homem muito valente — se ajoelhou giro no chão do cerrado, levantava os braços que nem esgalho de jatobá seco, e só gritava, urro claro e urro surdo: — "*Eu vi a Virgem Nossa, no resplandor do Céu, com seus filhos de Anjos!...*" Gritava não esbarrava. — "*Eu vi a Virgem!...*" Ele almou? Nós desigualamos. Trape por meu cavalo — que achei — pulei em mal assento, nem sei em que rompe-tempo desatei o cabresto, de amarrado em pé de pau. Voei, vindo. Bala vinha. O cerrado estrondava. No mato, o medo da gente se sai ao inteiro, um medo propositado. Eu podia escoicear, feito burro bruto, dá-que, dá-que. Umas duas ou três balas se cravaram na borraina da minha sela, perfuraram de arrancar quase muita a paina do encheio. Cavalo estremece em pró, em meio de galope, sei: pensa no dono. Eu não cabia de estar mais bem encolhido. Baleado veio também o surrão que eu tinha nas costas, com poucas minhas coisas. E outra, de fuzil, em ricochete decerto, esquentou minha côxa, sem me ferir, o senhor veja: bala faz o que quer — se enfiou imprensada, entre em mim e a aba da jereba! Tempos loucos... Burumbum!: o cavalo se ajoelhou em queda, morto quiçá, e eu já caindo para diante, abraçado em folhagens grossas, ramada e cipós, que me balançaram e espetavam, feito eu estava pendurado em teião de aranha... Aonde? Atravessei aquilo, vida toda... De medo em ânsia, rompi por rasgar com meu corpo aquele mato, fui, sei lá — e me despenquei mundo abaixo, rolava para o oco de um grotão fechado de môitas, sempre me agarrava — rolava mesmo assim: depois — depois, quando olhei minhas mãos, tudo nelas que não era tirado sangue, era um amasso verde, nos dedos, de folhas vivas que puxei e masgalhei... Pousei no capim do fundo — e um bicho escuro deu um repulão, com um espirro, também dôido de susto: que era um papa-mel, que eu vislumbrei; para fugir, esse está somente. Maior

sendo eu, me molhou meu cansaço; espichei tudo. E um pedacinho de pensamento: se aquele bicho irara tinha jazido lá, então ali não tinha cobra. Tomei o lugar dele. Existia cobra nenhuma. Eu podia me largar. Eu era só mole, moleza, mas que não amortecia os trancos, dentro, do coração. Arfei. Concebi que vinham, me matavam. Nem fazia mal, me importei não. Assim, uns momentos, ao menos eu guardava a licença de prazo para me descansar. Conforme pensei em Diadorim. Só pensava era nele. Um joão-congo cantou. Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim, mano-oh-mão, que estava na Serra do Pau-d'Arco, quase na divisa baiana, com nossa outra metade dos sô-candelários... Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia-voava reto para ele... Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas. No senhor me fio? Até-que, até-que. Diga o anjo-da-guarda... Mas, conforme eu vinha: depois se soube, que mesmo os soldados do Tenente e os cabras do Coronel Adalvino remitiram de respeitar o assopro daquele Joé Cazuzo. E que esse acabou sendo o homem mais pacificioso do mundo, fabricador de azeite e sacristão, no São Domingos Branco. Tempos!

Por tudo, réis-coado, fico pensando. Gosto. Melhor, para a ideia se bem abrir, é viajando em trem-de-ferro. Pudesse, vivia para cima e para baixo, dentro dele. Informação que pergunto: mesmo no Céu, fim de fim, como é que a alma vence se esquecer de tantos sofrimentos e maldades, no recebido e no dado? A como? O senhor sabe: há coisas de medonhas demais, tem. Dor do corpo e dor da ideia marcam forte, tão forte como o todo amor e raiva de ódio. Vai, mar... De sorte que, então, olhe: o Firmiano, por apelidado Piolho-de-Cobra, se lazarou com a perna desconforme engrossada, dessa doença que não se cura; e não enxergava quase mais, constante o branquiço nos olhos, das cataratas. De antes, anos, teve de se desarrear da jagunçagem. Pois, uma ocasião, algum esteve no rancho dele, no Alto Jequitaí, depois contou — que, vira tempo, vem assunto, ele dissesse: — "Me dá saudade é de pegar um soldado, e tal, pra uma boa esfola, com faca cega... Mas, primeiro, castrar..." O senhor concebe? Quem tem mais dose de demo em si é índio, qualquer raça de bugre. Gente vê nação desses, para lá fundo dos gerais de Goiás, adonde tem vagarosos grandes rios, de água sempre tão clara aprazível, correndo em deita de cristal roseado... Piolho-de-Cobra se dava de sangue de gentio. Senhor me dirá: mas que ele pronuncêia aquilo fora boca, maneira de

representar que ainda não estava velho decadente. Obra de opor, por medo de ser manso, e causa para se ver respeitado. Todos tretam por tal regra: proseiam de ruins, para mais se valerem, porque a gente ao redor é duro dura. O pior, mas, é que acabam, pelo mesmo vau, tendo de um dia executar o declarado, no real. Vi tanta cruez! Pena não paga contar; se vou, não esbarro. E me desgosta, três que me enjôa, isso tudo. Me apraz é que o pessoal, hoje em dia, é bom de coração. Isto é, bom no trivial. Malícias maluqueiras, e perversidades, sempre tem alguma, mas escasseadas. Geração minha, verdadeira, ainda não eram assim. Ah, vai vir um tempo, em que não se usa mais matar gente... Eu, já estou velho.

Bom, ia falando: questão, isso que me sovaca... Ah, formei aquela pergunta, para compadre meu Quelemém. Que me respondeu: que, por perto do Céu, a gente se alimpou tanto, que todos os feios passados se exalaram de não ser — feito sem-modez de tempo de criança, más-artes. Como a gente não carece de ter remorso do que divulgou no latejo de seus pesadelos de uma noite. Assim que: tosou-se, floreou-se! Ahã. Por isso dito, é que a ida para o Céu é demorada. Eu confiro com compadre meu Quelemém, o senhor sabe: razão da crença mesma que tem — que, por todo o mal, que se faz, um dia se repaga, o exato. Sujeito assim madruga três vezes, em antes de querer facilitar em qualquer minudência repreensível... Compadre meu Quelemém nunca fala vazio, não subtrata. Só que isto a ele não vou expor. A gente nunca deve de declarar que aceita inteiro o alheio — essa é que é a regra do rei!

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro — dá gosto! A força dele, quando quer — moço! — me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho — assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. — “Amanhã eu tiro...” — falei, comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, saiba: no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sido roído, quase por metade, por aquela aguinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma

da tarde, aí: da faquinha só se achava o cabo... O cabo — por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende...

Somenos, não ache que religião afraca. Senhor ache o contrário. Visível que, aqueles outros tempos, eu pintava — cré que o caroá levanta a flor. Eh, bom meu pasto... Mocidade. Mas mocidade é tarefa para mais tarde se desmentir. Também, eu desse de pensar em vago em tanto, perdia minha mão-de-homem para o manejo quente, no meio de todos. Mas, hoje, que raciocinei, e penso a eito, não nem por isso não dou por baixa minha competência, num fôgo-e-ferro. A ver. Chegassem viessem aqui com guerra em mim, com más partes, com outras leis, ou com sobejos olhares, e eu ainda sorteio de acender esta zona, ai, se, se! É na boca do trabuco: é no té-retê-retém... E sozinhozinho não estou, há-de-o. Pra não isso, hei coloquei redor meu minha gente. Olhe o senhor: aqui, pegado, vereda abaixo, o Paspe — meeiro meu — é meu. Mais légua, se tanto, tem o Acauã, e tem o Compadre Ciril, ele e três filhos, sei que servem. Banda desta mão, o Alaripe: soubesse o senhor o que é que se preza, em rifleio e à faca, um cearense feito esse! Depois mais: o João Nonato, o Quipes, o Pacamã-de-Presas. E o Fafafa — este deu lances altos, todo lado comigo, no combate velho do Tamanduá-tão: limpamos o vento de quem não tinha ordem de respirar, e antes esses desrodeamos... O Fafafa tem uma eguada. Ele cria cavalos bons. Até um pouco mais longe, no pé-de-serra, de bando meu foram o Sesfrêdo, Jesualdo, o Nelson e João Concliz. Uns outros. O Triol... E não vou valendo? Deixo terra com eles, deles o que é meu é, fechamos que nem irmãos. Para que eu quero ajuntar riqueza? Estão aí, de armas areiadas. Inimigo vier, a gente cruza chamado, ajuntamos: é hora dum bom tiroteiamento em paz, exp'rimentem ver. Digo isto ao senhor, de fidúcia. Também, não vá pensar em dobro. Queremos é trabalhar, propor sossego. De mim, pessoa, vivo para minha mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção. Bem-querer de minha mulher foi que me auxiliou, rezas dela, graças. Amor vem de amor. Digo. Em Diadorim, penso também — mas Diadorim é a minha neblina...

Agora, bem: não queria tocar nisso mais — de o Tinhoso; chega. Mas tem um porém: pergunto: o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma... Invencionice falsa! E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa

interna supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta! Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiado de momento, não tem a obediência legal. Posso vender essas boas terras, daí de entre as Veredas-Quatro — que são dum senhor Almirante, que reside na capital federal? Posso algum!? Então, se um menino menino é, e por isso não se autoriza de negociar... E a gente, isso sei, às vezes é só feito menino. Mal que em minha vida aprontei, foi numa certa meninice em sonhos — tudo corre e chega tão ligeiro —; será que se há lume de responsabilidades? Se sonha; já se fez... Dei rapadura ao jumento! Ahã. Pois. Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em ideia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, por tanto. Sua companhia me dá altos prazeres.

Em termos, gostava que morasse aqui, ou perto, era uma ajuda. Aqui não se tem convívio que instruir. Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...

Eh, que se vai? Jàjá? É que não. Hoje, não. Amanhã, não. Não consinto. O senhor me desculpe, mas em empenho de minha amizade aceite: o senhor fica. Depois, quinta de-manhã-cedo, o senhor querendo ir, então vai, mesmo me deixa sentindo sua falta. Mas, hoje ou amanhã, não. Visita, aqui em casa, comigo, é por três dias!

Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora — digo por mim — o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos bons de valentões repartiram seu fim; muito que foi jagunço, por aí pena, pede esmola. Mesmo que os vaqueiros duvidam de vir no comércio vestidos de roupa inteira de couro, acham que traje de gibão é feio e capiau. E até o gado no grameal vai minguando menos bravo, mais educado: casteado de zebú, desvém com o resto de curraleiro e de crioulo. Sempre, no gerais, é à pobreza, à tristeza. Uma tristeza que até alegra. Mas, então, para uma safra razoável de bizarrices, reconselho de o senhor entestar viagem mais dilatada. Não fosse meu despoder, por azías e reumatismo, aí eu ia. Eu guiava o senhor até tudo.

Lhe mostrar os altos claros das Almas: rio despenha de lá, num afã, espuma próspero, gruge; cada cachoeira, só tombos. O cio da tigre preta na Serra do Tatú — já ouviu o senhor gargaragem de onça? A garôa rebrilhante da dos-Confins, madrugada quando o céu embranquece — neblim que chamam de xererém. Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim... A da-Raizama, onde até os pássaros calculam o giro da lua — se diz — e cangussú monstra pisa em volta. Lua de com ela se cunhar dinheiro. Quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo. Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganinha, roxa, e a nhiíca e a escova, amarelinhas... Isto — no Saririnhém. Cigarras dão bando. Debaixo de um tamarindo sombroso... Eh, frio! Lá gêia até em costas de boi, até nos telhados das casas. Ou no Meãomeão — depois dali tem uma terra quase azul. Que não que o céu: esse é céu-azul vivoso, igual um ovo de macuco. Ventos de não deixar se formar orvalho... Um punhado quente de vento, passante entre duas palmas de palmeira... Lembro, deslembro. Ou — o senhor vai — no soposo: de chuva-chuva. Vê um córrego com má passagem, ou um rio em turvação. No Buriti-Mirim, Angical, Extrema-de-Santa-Maria... Senhor caça? Tem lá mais perdiz do que no Chapadão das Vertentes... Caçar anta no Cabeça-de-Negro ou no Buriti-Comprido — aquelas que comem um capim diferente e roem cascas de muitas outras árvores: a carne, de gostosa, diversêia. Por esses longes todos eu passei, com pessoa minha no meu lado, a gente se querendo bem. O senhor sabe? Já tenteou sofrido o ar que é saudade? Diz-se que tem saudade de ideia e saudade de coração... Ah. Diz-se que o Governo está mandando abrir boa estrada rodageira, de Pirapora a Paracatú, por aí...

Na Serra do Cafundó — ouvir trovão de lá, e retrovão, o senhor tapa os ouvidos, pode ser até que chore, de medo mau em ilusão, como quando foi menino. O senhor vê vaca parindo na tempestade... De em de, sempre, Urucúia acima, o Urucúia — tão a brabas vai... Tanta serra, esconde a lua. A serra ali corre torta. A serra faz ponta. Em um lugar, na encosta, brota do chão um vapor de enxofre, com estúrdio barulhão, o gado foge de lá, por pavor. Semelha com as serras do Estrondo e do Roncador — donde dão retumbos, vez em quando. Hem? O senhor? Olhe: o rio Carinhanha é preto, o Paracatú moreno; meu, em belo, é o Urucúia — paz das águas... É vida!... Passado o Porto das Onças, tem um fazendol. Ficamos lá umas semanas, se descansou. Carecia. Porque a gente vinha no caminhar a pé, para não acabar os cavalos, mazelados. Medeiro Vaz, em lugares assim,

fora de guerra, prazer dele era dormir com camisolão e barrete; antes de se deitar, ajoelhava e rezava o terço. Aqueles foram meus dias. Se caçava, cada um esquecia o que queria, de de-comer não faltava, pescar peixe nas veredas... O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar.

Muito deleitável. Claráguas, fontes, sombreado e sol. Fazenda Boi-Preto, dum Eleutério Lopes — mais antes do Campo-Azulado, rumo a rumo com o Queimadão. Aí foi em fevereiro ou janeiro, no tempo do pendão do milho. Trêsmente: que com o capitão-do-campo de prateadas pontas, viçoso no cerrado; o aniz enfeitando suas môitas; e com florzinhas as dejaniras. Aquele capim-marmelada é muito restível, redobra logo na brotação, tão verde-mar, filho do menor chuvisco. De qualquer pano de mato, de de-entre quase cada encostar de duas folhas, saíam em giro as todas as cores de borboletas. Como não se viu, aqui se vê. Porque, nos gerais, a mesma raça de borboletas, que em outras partes é trivial regular — cá cresce, vira muito maior, e com mais brilho, se sabe; acho que é do seco do ar, do limpo, desta luz enorme. Beiras nascentes do Urucúia, ali o poví canta altinho. E tinha o xenxém, que tintipiava de manhã no revorêdo, o sací-do-brejo, a doidinha, a gangorrinha, o tempo-quente, a rola-vaqueira... e o bem-te-vi que dizia, e araras enrouquecidas. Bom era ouvir o môm das vacas devendo seu leite. Mas, passarinho de bilo no desvéu da madrugada, para toda tristeza que o pensamento da gente quer, ele repergunta e finge resposta. Tal, de tarde, o bento-vieira tresvoava, em vai sobre vem sob, rebicando de voo todo bichinhozinho de finas asas; pássaro esperto. Ia dechover mais em mais. Tardinha que enche as árvores de cigarras — então, não chove. Assovios que fechavam o dia: o papa-banana, o azulêjo, a garricha-do-brejo, o suirirí, o sabiá-ponga, o grunhatá-do-coqueiro... Eu estava todo o tempo quase com Diadorim.

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros — porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo — podia morrer. Se acostumavam de ver a gente parmente. Que nem mais maldavam. E estávamos conversando, perto do rego — bicame de velha fazenda, onde o agrião dá flor. Desse lusfús, ia escurecendo. Diadorim acendeu um foguinho, eu fui buscar sabugos. Mariposas

passavam muitas, por entre as nossas caras, e besouros graúdos esbarravam. Puxava uma brisbrisa. O ianso do vento revinha com o cheiro de alguma chuva perto. E o chiim dos grilos ajuntava o campo, aos quadrados. Por mim, só, de tantas minúcias, não era o capaz de me alembrar, não sou de à parada pouca coisa; mas a saudade me alembra. Que se hoje fosse. Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei. Som como os sapos sorumbavam. Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas. Quase que a gente não abria boca; mas era um delém que me tirava para ele — o irremediável extenso da vida. Por mim, não sei que tontura de vexame, com ele calado eu a ele estava obedecendo quieto. Quase que sem menos era assim: a gente chegava num lugar, ele falava para eu sentar; eu sentava. Não gosto de ficar em pé. Então, depois, ele vinha sentava, sua vez. Sempre mediante mais longe. Eu não tinha coragem de mudar para mais perto. Só de mim era que Diadorim às vezes parecia ter um espevito de desconfiança; de mim, que era o amigo! Mas, essa ocasião, ele estava ali, mais vindo, a meia-mão de mim. E eu — mal de não me consentir em nenhum afirmar das docemente coisas que são feias — eu me esquecia de tudo, num espairecer de contentamento, deixava de pensar. Mas sucedia uma duvidação, ranço de desgosto: eu versava aquilo em redondos e quadrados. Só que coração meu podia mais. O corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende. Perto de muita água, tudo é feliz. Se escutou, banda do rio, uma lontra por outra: o issilvo de plim, chupante. — “Tá que, mas eu quero que esse dia chegue!” — Diadorim dizia. — “Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados...” E ele suspirava de ódio, como se fosse por amor; mas, no mais, não se alterava. De tão grande, o dele não podia mais ter aumento: parava sendo um ódio sossegado. Ódio com paciência; o senhor sabe?

E, aquilo forte que ele sentia, ia se pegando em mim — mas não como ódio, mais em mim virando tristeza. Enquanto os dois monstros vivessem, simples Diadorim tanto não vivia. Até que viesse a poder vingar o histórico de seu pai, ele tresvariava. Durante que estávamos assim fora de marcha em rota, tempo de descanso, em que eu mais amizade queria, Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue. Assim nós dois esperávamos ali, nas cabeceiras da noite, junto em junto. Calados. Me alembro, ah. Os sapos. Sapo tirava saco de sua voz,

vozes de osga, idosas. Eu olhava para a beira do rego. A ramagem toda do agrião — o senhor conhece — às horas dá de si uma luz, nessas escuridões: folha a folha, um fosforém — agrião acende de si, feito eletricidade. E eu tinha medo. Medo em alma.

Não respondi. Não adiantava. Diadorim queria o fim. Para isso a gente estava indo. Com o comando de Medeiro Vaz, dali depois daquele carecido repouso, a gente revirava caminho, ia em cima dos outros — deles! — procurando combate. Munição não faltava. Nós estávamos em sessenta homens — mas todos cabras dos melhores. Chefe nosso, Medeiro Vaz, nunca perdia guerreiro. Medeiro Vaz era homem sobre o sisudo, nos usos formado, não gastava as palavras. Nunca relatava antes o projeto que tivesse, que marchas se ia amanhecer para dar. Também, tudo nele decidia a confiança de obediência. Ossoso, com a nuca enorme, cabeçona meia baixa, ele era dono do dia e da noite — que quase não dormia mais: sempre se levantava no meio das estrelas, percorria o arredor, vagaroso, em passos, calçado com suas boas botas de caititú, tão antigas. Se ele em honrado juízo achasse que estava certo, Medeiro Vaz era solene de guardar o rosário na algibeira, se traçar o sinal-da-cruz e dar firme ordem para se matar uma a uma as mil pessoas. Desde o começo, eu apreciei aquela fortaleza de outro homem. O segredo dele era de pedra.

Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clarêia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa, ainda encontra. Vaqueiros? Ao antes — a um, ao Chapadão do Urucúia — aonde tanto boi berra... Ou o mais longe: vaqueiros do Brejo-Verde e do Córrego do Quebra-Quináus: cavalo deles conversa cochicho — que se diz — para dar sisado conselho ao cavaleiro, quando não tem mais ninguém perto, capaz de escutar. Creio e não creio. Tem coisa e cousa, e o ó da raposa... Dali para cá, o senhor vem, começos do Carinhanha e do Piratinga filho do Urucúia — que os dois, de dois, se dão as costas. Saem dos mesmos brejos — buritizais enormes. Por lá, sucurí geme. Cada surucuiú do grosso: vôa corpo no veado e se enrosca nele, abofa — trinta palmos! Tudo em volta, é um barro colador, que segura até casco de mula, arranca ferradura por ferradura. Com medo de mãe-cobra, se vê muito bicho retardar ponderado, paz de hora de poder água beber, esses escondidos atrás das touceiras de buritirana. Mas o sassafrás dá mato, guardando o pôço; o que cheira um bom perfume. Jacaré grita, uma, duas, as três vezes, rouco roncado. Jacaré

choca — olhalhão, crespido do lamal, feio mirando na gente. Eh, ele sabe se engordar. Nas lagoas aonde nem um de asas não pousa, por causa de fome de jacaré e da piranha serrafina. Ou outra — lagoa que nem não abre o olho, de tanto junco. Daí longe em longe, os brejos vão virando rios. Buritizal vem com eles, burití se segue, segue. Para trocar de bacia o senhor sobe, por ladeiras de beira-de-mesa, entra de bruto na chapada, chapadão que não se devolve mais. Água ali nenhuma não tem — só a que o senhor leva. Aquelas chapadas compridas, cheias de mutucas ferroando a gente. Mutucas! Dá o sol, de onda forte, dá que dá, a luz tanta machuca. Os cavalos suavam sal e espuma. Muita vez a gente cumpria por picadas no mato, caminho de anta — a ida da vinda... De noite, se é de ser, o céu embola um brilho. Cabeça da gente quase esbarra nelas. Bonito em muito comparecer, como o céu de estrelas, por meados de fevereiro! Mas, em deslúa, no escuro feito, é um escurão, que pêia e péga. É noite de muito volume. Treva toda do sertão, sempre me fez mal. Diadorim, não, ele não largava o fogo de gelo daquela ideia; e nunca se cismava. Mas eu queria que a madrugada viesse. Dia quente, noite fria. Arrancávamos canela-de-ema, para acender fogueira. Se a gente tinha o que comer e beber, eu dormia logo. Sonhava. Só sonho, mal ou bem, livrado. Eu tinha uma lua recolhida. Quando o dia quebrava as barras, eu escutava outros pássaros. Tirirí, graúna, a fariscadeira, juriti-do-peito-branco ou a pomba-vermelha-do-mato-virgem. Mas mais o bem-te-vi. Atrás e adiante de mim, por toda a parte, parecia que era um bem-te-vi só. — "Gente! Não se acha até que ele é sempre um, em mesmo?" — perguntei a Diadorim. Ele não aprovou, e estava incerto de feições. Quando meu amigo ficava assim, eu perdia meu bom sentir. E permaneci duvidando que seria — que era um bem-te-vi, exato, perseguindo minha vida em vez, me acusando de más-horas que eu ainda não tinha procedido. Até hoje é assim...

Dali vindo, visitar convém ao senhor o povoado dos pretos: esses bateavam em faisqueiras — no recesso brenho do Vargem-da-Cria — donde ouro já se tirou. Acho, de baixo quilate. Uns pretos que ainda sabem cantar gabos em sua língua da Costa. E em andemos: jagunço era que perpassava ligeiro; no chapadão, os legítimos coitados todos vivem é demais devagar, pasmacez. A tanta miséria. O chapadão, no pardo, é igual, igual — a muita gente ele entristece; mas eu já nasci gostando dele. As chuvas se temperaram...

Digo: outro mês, outro longe — na Aroeirinha fizemos paragem. Ao que, num portal, vi uma mulher moça, vestida de vermelho, se ria. — "Ô moço da barba feita..." — ela falou. Na frente da boca, ela quando ria tinha os todos dentes, mostrava em fio. Tão bonita, só. Eu apeei e amarrei o animal num pau da cerca. Pelo dentro, minhas pernas doíam, por tanto que desses três dias a gente se sustava de custoso varar: circunstância de trinta léguas. Diadorim não estava perto, para me reprovar. De repente, passaram, aos galopes e gritos, uns companheiros, que tocavam um boi preto que iam sangrar e carnear em beira d'água. Eu nem tinha começado a conversar com aquela moça, e a poeira forte que deu no ar ajuntou nós dois, num grosso rojo avermelhado. Então eu entrei, tomei um café coado por mão de mulher, tomei refresco, limonada de pera-do-campo. Se chamava Nhorinhá. Recebeu meu carinho no cetim do pelo — alegria que foi, feito casamento, esponsal. Ah, a mangaba boa só se colhe já caída no chão, de baixo... Nhorinhá. Depois ela me deu de presente uma presa de jacaré, para traspassar no chapéu, com talento contra mordida de cobra; e me mostrou para beijar uma estampa de santa, dita meia milagrosa. Muito foi.

Mãe dela chegou, uma velha arregalada, por nome de Ana Duzuza: falada de ser filha de ciganos, e dona adivinhadora da boa ou má sorte da gente; naquele sertão essa dispôs de muita virtude. Ela sabia que a filha era meretriz, e até — contanto que fosse para os homens de fora do lugarejo, jagunços ou tropeiros — não se importava, mesmo dava sua placença. Comemos farinha com rapadura. E a Ana Duzuza me disse, vendendo forte segredo, que Medeiro Vaz ia experimentar passar de banda a banda o *liso* do Sussuarão. Ela estava chegando do arranchado de Medeiro Vaz, que por ele mandada buscar, ele querendo suas profecias. Loucura duma? Para que? Eu nem não acreditei. Eu sabia que estávamos entortando era para a Serra das Araras — revinhar aquelas corujeiras nos bravios de ali além, aonde tudo quanto era bandido em folga se escondia — lá se podia azo de combinar mais outros variáveis companheiros. Depois, de arte: que o Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva, era o *raso* pior havente, era um escampo dos infernos. Se é, se? Ah, existe, meu! Eh... Que nem o Vão-do-Buraco? Ah, não, isto é coisa diversa — por diante da contravertência do Preto e do Pardo... Também onde se forma calor de morte — mas em outras condições... A gente ali rói rampa... Ah, o Tabuleiro? Senhor então conhece? Não, esse ocupa é desde

a Vereda-da-Vaca-Preta até o Córrego Catolé, cá em baixo, e de em desde a nascença do Peruassú até o rio Cochá, que tira da Várzea da Ema. Depois dos cerradões das mangabeiras...

Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Sussuarão, é o mais longe — pra lá, pra lá, nos êrmos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. Crer que quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo, só. Ver o luar alumiando, mãe, e escutar como quantos gritos o vento se sabe sozinho, na cama daqueles desertos. Não tem excrementos. Não tem pássaros.

Com isso, apertei aquela Ana Duzuza, e ela não aguentou a raiva em meus olhos. — "Seô Medeiro Vaz, pois foi ele mesmo próprio quem me contou..." — ela teve de falar. Soturnos. Não era possível!

Diadorim estava me esperando. Ele tinha lavado minha roupa: duas camisas e um paletó e uma calça, e outra camisa, nova, de bulgariana. Às vezes eu lavava a roupa, nossa; mas quase mais quem fazia isso era Diadorim. Porque eu achava tal serviço o pior de todos, e também Diadorim praticava com mais jeito, mão melhor. Ele não indagou donde eu tinha estado, e eu menti que só tinha entrado lá por causa da velha Ana Duzuza, a fim de requerer o significado do meu futuro. Diadorim também disso não disse; ele gostava de silêncios. Se ele estava com as mangas arregaçadas, eu olhava para os braços dele — tão bonitos braços alvos, em bem feitos, e a cara e as mãos avermelhadas e empoladas, de picadas das mutucas. No momento, foi que eu caí em mim, que podia ter perguntado à Ana Duzuza alguma passagem de minha sina por vir. Também uma coisa, de minha, fechada, eu devia de perguntar. Coisa que nem eu comigo não estudava, não tinha a coragem. E se a Duzuza adivinhasse mesmo, conhecesse por detrás o pano do destino? Não perguntei, não tinha perguntado. Quem sabe, podia ser, eu estava enfeitiçado? Me arrependi de não ter pedido o resumo à Ana Duzuza. Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! — só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?

Redisse a Diadorim o que eu tinha surripiado: que o projeto de Medeiro Vaz só era o de conduzir a gente para o Liso do Sussuarão — a dentro,

adiante, até ao fim. — "E certo é. É certo" — Diadorim respondeu, me afrontando com a surpresa de que ele já sabia daquilo e a mim não tinha antecipado nem miúda palavra. E veja: eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar; e, agora aquela hora, eu não apurava vergonha de se me entender um ciúme amargoso. Sendo sabendo que Medeiro Vaz depunha em Diadorim uma confiança muito maior do que em nós outros todos, de formas que com ele externava os assuntos. Essa diferença de regra agora me turvava? Mas Medeiro Vaz era homem de outras idades, andava por este mundo com mão leal, não variava nunca, não fraquejava. Eu sabia que ele, a bem dizer, só guardava memória de um amigo: Joca Ramiro. Joca Ramiro tinha sido a admiração grave da vida dele: Deus no Céu e Joca Ramiro na outra banda do Rio. Tudo o justo. Mas ciúme é mais custoso de se sopitar do que o amor. Coração da gente — o escuro, escuros.

Então, Diadorim o resto me descreveu. Pra por lá do Sussuarão, já em tantos terrenos da Bahia, um dos dois Judas possuía sua maior fazenda, com os muitos gados, lavouras, e lá morava sua família dele legítima de raça — mulher e filhos. A gente suprisse de varar o Liso em boas farsas, se chegava lá sem ser esperados, arrastava aquele pessoal por dura surpresa — acabou-se com aquilo! Mesmo quem havia de deduzir que o Liso do Sussuarão prestasse para nele caminho se impor? Ah, eles prosperavam em sua fazenda feito num quartel de bronze — com que por outros cantos não se podia remeter, pois de arredor decerto tinham vigias, reforço de munição e récua de camaradas, pelos pontos de passagem dificultosa, que eles governavam, em cada grota e cada ipueira. Truco que, de repente, do lado mais impossível, a gente fosse surgir de sobrevento, soflagrar aqueles desprevenidos... Eu escutei, e perfiz até um arrepio. Mas Diadorim, de vez mais sério, temperou: — "Essa velha Ana Duzuza é que inferna e não se serve... Das perguntas que Medeiro Vaz fez, ela tirou por tino a tenção dele, e não devia de ter falado as pausas... Essa carece de morrer, para não ser leleira..."

Ouvi mal ouvi. Me vim d'águas frias. Diadorim era assim: matar, se matava — era para ser um preparo. O judas algum? — na faca! Tinha de ser nosso costume. Eu não sabia? Não sou homem de meio-dia com orvalhos, não tenho a fraca natureza. Mas me venceu pena daquela Ana Duzuza, ela com os olhos para fora — a gente podia pegar nos dedos. Coisa que me contou tantas lorotas. Trem, caco de velha, boca que se

fechava aboborosa, de sem dentes. Raspava a rapadura com a quicé, ia ajuntando na palma da mão o farelo peguento preto; ou, se não, segurava o naco, rechupando, lambendo. A gente engrossava nôjo, salivava. Por que é, então, que ela merecia tanto dó? Eu não tive solércia de contradizer. As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim. A razão dele era do estilo acinte. Só previ medo foi de que ele falasse para eu mesmo ir voltar lá, por minhas próprias acabar a Ana Duzuza. Eu não sojigava tudo por sentir. Fazia tempo que eu não olhava Diadorim nos olhos.

Mas, de seguinte, eu pensei: se matarem a velha Duzuza, pelo resguardar o segredo, então é capaz que matem a filha também, Nhorinhá... então é assassinar! Ah, que se puxou de mim uma decisão, e eu abri sete janelas: — "Disso que você disse, desconvenho! Bulir com a vida dessa mulher, para a gente dá atraso..." — eu o quanto falei. Diadorim me adivinhava: — "Já sei que você esteve com a moça filha dela..." — ele respondeu, seco, quase num chio. Dente de cobra. Aí, entendi o que pra verdade: que Diadorim me queria tanto bem, que o ciúme dele por mim também se alteava. Depois dum rebate contente, se atrapalhou em mim aquela outra vergonha, um estúrdio asco.

E eu quase gritei: — "Aí é a intimação? Pois, fizerem, eu saio do meio de vós, pra todo o nunca. Mais tu há de não me ver!..." Diadorim pôs mão em meu braço. Do que me estremeci, de dentro, mas repeli esses alvoroços de doçura. Me deu a mão; e eu. Mas era como tivesse uma pedra pontuda entre as duas palmas. — "Você já paga tão escasso então por Joca Ramiro? Por conta duma bruxa feiticeira, e a má-vida da filha dela, aqui neste confim de gerais?!" — ele baixo exclamou. E tive ira. — "Dou!" — falei. Todo o mundo, então, todos, tinham de viver honrando a figura daquele, de Joca Ramiro, feito fosse Cristo Nosso Senhor, o exato?! E por aí eu já tinha pitado dois cigarros. Ser dono definito de mim, era o que eu queria, queria. Mas Diadorim sabia disso, parece que não deixava:

— "Riobaldo, escuta, pois então: Joca Ramiro era o meu pai..." — ele disse — não sei se estava pálido muito, e depois foi que se avermelhou. Devido o que, abaixou o rosto, para mais perto de mim.

Acalmou meu fôlego. Me cerrou aquela surpresa. Sentei em cima de nada. E eu cri tão certo, depressa, que foi como sempre eu tivesse sabido aquilo. Menos disse. Espiei Diadorim, a dura cabeça levantada, tão bonito tão sério. E corri lembrança em Joca Ramiro: porte luzido, passo ligeiro, as botas russianas, a risada, os bigodes, o olhar bom e mandante, a testa

muita, o topete de cabelos anelados, pretos, brilhando. Como que brilhava ele todo. Porque Joca Ramiro era mesmo assim sobre os homens, ele tinha uma luz, rei da natureza. Que Diadorim fosse o filho, agora de vez me alegrava, me assustava. Vontade minha foi declarar: — Redigo, Diadorim: estou com você, assente, em todo sistema, e com a memória de seu pai!... Mas foi o que eu não disse. Será por quê? Criatura gente é não e questão, corda de três tentos, três tranços. — "Pois, para mim, pra quem ouvir, no fato essa Ana Duzuza fica sendo minha mãe!" — foi o que eu disse. E, fechando, quase gritei: — "Por mim, pode cheirar que chegue o manacá: não vou! Reajo dessas barbaridades!..."

Tudo turbulindo. Esperei o que vinha dele. De um acêso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. E tinha nôjo maior daquela Ana Duzuza, que vinha talvez separar a amizade da gente. Em mesmo eu quase reconheci um surdo prestígio de, sendo preciso, ir lá, por mim, reduzir a velha — só não podia maltratar era Nhorinhá, que, ao tanto afeto, eu, eu bem-queria. Há-de que eu certo não regulasse, ôxe? Não sei, não sei. Não devia de estar relembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala?

E as ideias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Côxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... Pois, não existe! E, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele? E a ideia me retorna. Dum mau imaginado, o senhor me dê o lícito: que, ou então — será que pode também ser que tudo é mais passado revolvido remoto, no

profundo, mais crônico: que, quando um tem noção de resolver a vender a alma sua, que é porque ela já estava dada vendida, sem se saber; e a pessoa sujeita está só é certificando o regular dalgum velho trato — que já se vendeu aos poucos, faz tempo? Deus não queira; Deus que roda tudo! Diga o senhor, sobre mim diga. Até podendo ser, de alguém algum dia ouvir e entender assim: quem-sabe, a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do *diá?* Ou que Deus — quando o projeto que ele começa é para muito adiante, a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o aproximo de Deus é em figura do *Outro?* Que é que de verdade a gente pressente? Dúvido dez anos. Os pobres ventos no burro da noite. Deixa o mundo dar seus giros! Estou de costas guardadas, a poder de minhas rezas. Ahã. Deamar, deamo... Relembro Diadorim. Minha mulher que não me ouça. Moço: toda saudade é uma espécie de velhice.

Mas aí, eu estava contando — quando eu gritei aquele desafio raivoso, Diadorim respondeu o que eu não esperava: — "Tem discórdia não, Riobaldo amigo, se acalme. Não é preciso se haver cautela de morte com essa Ana Duzuza. Nem nós vamos com Medeiro Vaz para fazer barbaridade com a mulher e filhos pequenos daquele pior dos dois Judas, tão bem que mereciam, porque ele e os da laia dele têm costumes de proceder assim. Mas o que a gente quer é só pegar a família conosco prisioneira; então, ele vem, se vem! E vem obrigado pra combates... Mas, se você algum dia deixar de vir junto, como juro o seguinte: hei de ter a tristeza mortal..." Disse. Tinha tornado a pôr a mão na minha mão, no começo de falar, e que depois tirou; e se espaçou de mim. Mas nunca eu senti que ele estivesse melhor e perto, pelo quanto da voz, duma voz mesmo repassada. Coração — isto é, estes pormenores todos. Foi um esclaro. O amor, já de si, é algum arrependimento. Abracei Diadorim, como as asas de todos os pássaros. Pelo nome de seu pai, Joca Ramiro, eu agora matava e morria, se bem.

Mas Diadorim mais não supriu o que mais não explicava. E, quem sabe para deduzir da conversa, me perguntou: — "Riobaldo, se lembra certo da senhora sua mãe? Me conta o jeito de bondade que era a dela..."

Na ação de ouvir, digo ao senhor, tive um menos gosto, na ação da pergunta. Só faço, que refugo, sempre quando outro quer direto saber o que é próprio o meu no meu, ah. Mas desci disso, o minuto, vendo que só mesmo Diadorim era que podia acertar esse tento, em sua amizade

delicadeza. Ao que entendi. Assim devia de ser. Toda mãe vive de boa, mas cada uma cumpre sua paga prenda singular, que é a dela e dela, diversa bondade. E eu nunca tinha pensado nessa ordem. Para mim, minha mãe era a minha mãe, essas coisas. Agora, eu achava. A bondade especial de minha mãe tinha sido a de amor constando com a justiça, que eu menino precisava. E a de, mesmo no punir meus demaseios, querer-bem às minhas alegrias. A lembrança dela me fantasiou, fraseou — só face dum momento — feito grandeza cantável, feito entre madrugar e manhecer.

— "...Pois a minha eu não conheci..." — Diadorim prosseguiu no dizer. E disse com curteza simples, igual quisesse falar: *barra* — *beiras* — *cabeceiras*... Fosse cego, de nascença.

Por mim, o que pensei, foi: que eu não tive pai; quer dizer isso, pois nem eu nunca soube autorizado o nome dele. Não me envergonho, por ser de escuro nascimento. Órfão de conhecença e de papéis legais, é o que a gente vê mais, nestes sertões. Homem viaja, arrancha, passa: muda de lugar e de mulher, algum filho é o perdurado. Quem é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: — "Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d'angola, como todo o mundo faz?" "— Quero criar nada não..." — me deu resposta: — "Eu gosto muito de mudar..." Está aí, está com uma mocinha cabocla em casa, dois filhos dela já tem. Belo um dia, ele tora. É assim. Ninguém discrepa. Eu, tantas, mesmo digo. Eu dou proteção. Eu, isto é — Deus, por baixos permeios... Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era menino, no sertãozinho de minha terra — baixo da ponta da Serra das Maravilhas, no entre essa e a Serra dos Alegres, tapera dum sítio dito do Caramujo, atrás das fontes do Verde, o Verde, que verte no Paracatú. Perto de lá tem vila grande — que se chamou *Alegres* — o senhor vá ver. Hoje, mudou de nome, mudaram. Todos os nomes eles vão alterando. É em senhas. *São Romão* todo não se chamou de primeiro *Vila Risonha*? O *Cedro* e o *Bagre* não perderam o ser? O *Tabuleiro-Grande*? Como é que podem remover uns nomes assim? O senhor concorda? Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado. Lá como quem diz: então alguém havia de renegar o nome de *Belém* — de Nosso-Senhor-Jesus-Cristo no presépio, com Nossa Senhora e São José?! Precisava de se ter mais travação. Senhor sabe: Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele... Assim é que digo: eu, que o senhor já viu que tenho

retentiva que não falta, recordo tudo da minha meninice. Boa, foi. Me lembro dela com agrado; mas sem saudade. Porque logo sufusa uma aragem dos acasos. Para trás, não há paz. O senhor sabe: a coisa mais alonjada de minha primeira meninice, que eu acho na memória, foi o ódio, que eu tive de um homem chamado Gramacêdo... Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixío da Sirga, da outra banda, ali onde o de-Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe. Eu estava com uns treze ou quatorze anos...

De sorte que, do que eu estava contando, ao senhor, uma noite se passou, todo o mundo sonhado satisfeito. Declaro que era em abril, em entrar. Medeiro Vaz, para o que traçava, tinha querido se adiar das restadas chuvas de março — dia de São José e sua enchente temposa — para pegar céu perfeito, com os campos ainda subindo verdes, pois visto a gente ia baixar primeiro por campinas de brejais, e daí avançar aquilo que se disse, dêpo-depois. Porque era extraordinária verdade, logo conheci; não achei terrível. Tangemos, esbarrando dois dias no Vespê — lá se tinha boa cavalaria descansada, outros cavalos sob guarda dum sitiante amigo, Jõe Engrácio, por nome. Nos caminhos ainda se lambuzava muita lama de ôntem. — "Versar viagem a cavalo sem ter estradas — só dôido é quem faz isso, ou jagunz..." — aquele Jõe Engrácio falou, esse era homem sério trabalhador, mas demais de simplório; e, do que ele falava, ele mesmo logo se ria, fortemente. Mas erro era — porquanto Medeiro Vaz sempre soube rumo prático, pelo firme. Modo mesmo assim, ele Jõe Engrácio reparou na quantidade de comidas e mantimentos que a gente tinha reunido, em tantos burros cargueiros: e que era despropósito, por amor daquela fartura — as carnes e farinhas, e rapadura, nem faltava sal, nem café. De tudo. E ele, vendo o que via, perguntou aonde se ia, dando dizendo de querer ir junto. — "Bobou?" — foi só o que Medeiro Vaz indeferiu. — "Bobei, chefe. Perdão peço..." — Jõe Engrácio reverenciou.

Medeiro Vaz não era carrancista. Somente de mais sisudez, a praxe, homem baseado. Às vezes vinha falando surdo, de resmão. Com ele, ninguém vereava. De estado calado, ele sempre aceitava todo bom e justo conselho. Mas não louvava cantoria. Estavam falando todos juntos? Então Medeiro Vaz não estava lá. O que tinha sido antanha a história mesma dele, o senhor sabe? Quando moço, de antepassados de posses, ele recebera grande fazenda. Podia gerir e ficar estadonho. Mas vieram as

guerras e os desmandos de jagunços — tudo era morte e roubo, e desrespeito carnal das mulheres casadas e donzelas, foi impossível qualquer sossego, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e se espraiou nos gerais. Então Medeiro Vaz, ao fim de forte pensar, reconheceu o dever dele: largou tudo, se desfez do que abarcava, em terras e gados, se livrou leve como que quisesse voltar a seu só nascimento. Não tinha bocas de pessoa, não sustinha herdeiros forçados. No derradeiro, fez o fez — por suas mãos pôs fogo na distinta casa-de-fazenda, fazendão sido de pai, avô, bisavô — espiou até o voêjo das cinzas; lá hoje é arvoredos. Ao que, aí foi aonde a mãe estava enterrada — um cemiteriozinho em beira do cerrado — então desmanchou cerca, espalhou as pedras: pronto, de alívios agora se testava, ninguém podia descobrir, para remexer com desonra, o lugar onde se conseguiam os ossos dos parentes. Daí, relimpo de tudo, escorrido dono de si, ele montou em ginete, com cachos d'armas, reuniu chusma de gente corajada, rapaziagem dos campos, e saíu por esse rumo em roda, para impor a justiça. De anos, andava. Dizem que foi ficando cada vez mais esquisito. Quando conheceu Joca Ramiro, então achou outra esperança maior: para ele, Joca Ramiro era único homem, par-de-frança, capaz de tomar conta deste sertão nosso, mandando por lei, de sobregovêrno. Fato que Joca Ramiro também igualmente saía por justiça e alta política, mas só em favor de amigos perseguidos; e sempre conservava seus bons haveres. Mas Medeiro Vaz era duma raça de homem que o senhor mais não vê; eu ainda vi. Ele tinha conspeito tão forte, que perto dele até o doutor, o padre e o rico, se compunham. Podia abençoar ou amaldiçoar, e homem mais moço, por valente que fosse, de beijar a mão dele não se vexava. Por isso, nós todos obedecíamos. Cumpríamos choro e riso, doideira em juízo. Tenente nos gerais — ele era. A gente era os medeiro-vazes.

Razão dita, de boa-cara se aceitou, quando conforme Medeiro Vaz com as poucas palavras: que íamos cruzar o Liso do Sussuarão, e cutucar de guerrear nos fundões da Bahia! Até, o tanto, houve, prezando, um rebuliço de festejo. O que ninguém ainda não tinha feito, a gente se sentia no poder fazer. Como fomos: dali do Vespê, tocamos, descendo esbarrancados e escorregador. Depois subimos. A parte de mais árvores, dos cerrados, cresce no se caminhar para as cabeceiras. Boi *brabeza* pode surgir do caatingal, tresfuriado com o que de gente nunca soube — vem feio pior que onça. Se viam bandos tão compridos de araras, no ar, que pareciam um

pano azul ou vermelho, desenrolado, esfiapado nos lombos do vento quente. Daí, se desceu mais, e, de repente, chegamos numa baixada toda avistada, felizinha de aprazível, com uma lagoa muito correta, rodeada de buritizal dos mais altos: burití — verde que afina e esveste, belimbeleza. E tinha os restos de uma casa, que o tempo viera destruindo; e um bambual, por antigos plantado; e um ranchinho. Ali se chamava o Bambual do Boi. Lá a gente seria de pernoitar e arrumar os finais preparos.

Eu estava de sentinela, afastado um quarto-de-légua, num alto retuso. Dali eu via aquele movimento: os homens, enxergados tamanhinho de meninos, numa alegria, feito nuvem de abelhas em flôr de araçá, esse alvoroço, como tirando roupa e correndo para aproveitarem de se banhar no redondo azul da lagoa, de donde fugiam espantados todos os pássaros — as garças, os jaburús, os marrecos, e uns bandos de patos-pretos. Semelhava que por saberem que no outro dia principiava o peso da vida, os companheiros agora queriam só pular, rir e gozar seu exato. Mas uns dez tinham de sempre ficar formando prontidão, com seus rifles e granadeiras, que Medeiro Vaz assim mandava. E, de tardinha, quando voltou o vento, era um fino soprado seguido, nas palmas dos buritís, roladas uma por uma. E o bambual, quase igualmente. Som bom de chuvas. Então, Diadorim veio me fazer companhia. Eu estava meio dúbito. Talvez, quem tivesse mais receio daquilo que ia acontecer fosse eu mesmo. Confesso. Eu cá não madruguei em ser corajoso; isto é: coragem em mim era variável. Ah, naqueles tempos eu não sabia, hoje é que sei: que, para a gente se transformar em ruim ou em valentão, ah basta se olhar um minutinho no espelho — caprichando de fazer cara de valentia; ou cara de ruindade! Mas minha competência foi comprada a todos custos, caminhou com os pés da idade. E, digo ao senhor, aquilo mesmo que a gente receia de fazer quando Deus manda, depois quando o diabo pede se perfaz. O Danador! Mas Diadorim estava a suaves. — “Olha, Riobaldo” — me disse — “nossa destinação é de glória. Em hora de desânimo, você lembra de sua mãe; eu lembro de meu pai...” Não fale nesses, Diadorim... Ficar calado é que é falar nos mortos... Me faltou certeza para responder a ele o que eu estava achando. Que vontade era de pôr meus dedos, de leve, o leve, nos meigos olhos dele, ocultando, para não ter de tolerar de ver assim o chamado, até que ponto esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde, me adoecido, tão impossível.

Dormiu-se bem. De manhãzim — moal de aves e pássaros em revoo, e pios e cantos — a gente toda discorria, se esparramava, atarefados, ajudando para o derradeiro. Os bogós de couro foram enchidos nas nascentes da lagoa, e enqueridos nas costas dos burrinhos. Também tínhamos trazido jumentos, só modo para carregar. Os cavalos ainda pastavam um pouco, do capim-grama, que tapava os pés deles. Se dizia muita alegria. Cada um pegava também sua cabaça d'água, e na capanga o diário de se valer com o que comer — paçoca. Medeiro Vaz, depois de não dizer nada, deu ordem de seguida. Primeiro, para adiante, foi uma turma de cinco homens, a patrulhazinha. Constante que com a gente estavam três bons rastreadores — Suzarte, Joaquim Beijú e Tipote — esse Tipote sabia meios de descobrir cacimbas e grotas com o bebível, o Suzarte desempenhava um faro de cachorro-mestre, e Joaquim Beijú conhecia cada recanto dos gerais, de dia e de noite, referido deletreado, quisesse podia mapear planta. Saímos, semoventes. Seis novilhos gordos a gente repontava, serviam para se carnear em rota. De repente, com a gente se afastando, os pássaros todos voltavam do céu, que desciam para seus lugares, em ponto, nas frescas beiras da lagoa — ah, a papeagem no buritizal, que lequelequêia. A ver, e o sol, em pulo de avanço, longe na banda de trás, por cima de matos, rebentava, aquela grandidade. Dia desdobrado.

Em o que afundamos num cerrado de mangabal, indo sem volvência, até perto de hora do almoço. Mas o terreno aumentava de soltado. E as árvores iam se abaixando menorzinhas, arregaçavam saia no chão. De vir lá, só algum tatú, por mel e mangaba. Depois, se acabavam as mangabaranas e mangabeirinhas. Ali onde o campo larguêia. Os urubús em vasto espaceavam. Se acabou o capinzal de capim-redondo e paspalho, e paus espinhosos, que mesmo as môitas daquele de prateados feixes, capins assins. Acabava o grameal, naquelas paragens pardas. Aquilo, vindo aos poucos, dava um peso extrato, o mundo se envelhecendo, no descampante. Acabou o sapé brabo do chapadão. A gente olhava para trás. Daí, o sol não deixava olhar rumo nenhum. Vi a luz, castigo. Um gavião-andorim: foi o fim de pássaro que a gente divulgou. Achante, pois, se estava naquela coisa — taperão de tudo, fofo ocado, arrevesso. Era uma terra diferente, louca, e lagoa de areia. Onde é que seria o sobejo dela, confinante? O sol vertia no chão, com sal, esfaiscava. De longe vez, capins mortos; e uns tufos de seca planta — feito cabeleira sem cabeça. As-exalastrava a

distância, adiante, um amarelo vapor. E fogo começou a entrar, com o ar, nos pobres peitos da gente.

Exponho ao senhor que o sucedido sofrimento sobrefoi já inteirado no começo; daí só mais aumentava. E o que era para ser. O que é pra ser — são as palavras! Ah, porque. Por que? Juro que: pontual nos instantes de o raso se pisar, um sujeito dos companheiros, um João Bugre, me disse, ou disse a outro, do meu lado:

— "...O Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o Capiroto..."

Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz — o senhor sabe. Bobeia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo — e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo — a gente se retém — então dá um cheiro de breu queimado. E o dito — o Côxo — toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é a alma. Muito mais depois. O senhor vê, superstição parva? Estornadas!... "*O Hermógenes tem pautas...*" Provei. Introduzi. Com ele ninguém podia? O Hermógenes — demônio. Sim só isto. Era ele mesmo.

A gente viemos do inferno — nós todos — compadre meu Quelemém instrui. Duns lugares inferiores, tão monstro-medonhos, que Cristo mesmo lá só conseguiu aprofundar por um relance a graça de sua sustância alumiável, em as trevas de véspera para o Terceiro Dia. Senhor quer crer? Que lá o prazer trivial de cada um é judiar dos outros, bom atormentar; e o calor e o frio mais perseguem; e, para digerir o que se come, é preciso de esforçar no meio, com fortes dôres; e até respirar custa dôr; e nenhum sossego não se tem. Se creio? Acho proseável. Repenso no acampo da Macaúba da Jaíba, soante que mesmo vi e assaz me contaram; e outros — as ruindades de regra que executavam em tantos pobrezinhos arraiais: baleando, esfaqueando, estripando, furando os olhos, cortando línguas e orelhas, não economizando as crianças pequenas, atirando na inocência do gado, queimando pessoas ainda meio vivas, na beira de estrago de sangues... Esses não vieram do inferno? Saudações. Se vê que subiram de lá antes dos prazos, figuro que por empreitada de punir os outros, exemplação de nunca se esquecer do que está reinando por debaixo. Em

tanto, que muitos retombam para lá, constante que morrem... Viver é muito perigoso.

Mas mor o infernal a gente também media. Digo. A igual, igualmente. As chuvas já estavam esquecidas, e o miôlo mal do sertão residia ali, era um sol em vazios. A gente progredia dumas poucas braças, e calcava o reafundo do areião — areia que escapulia, sem firmeza, puxando os cascos dos cavalos para trás. Depois, se repraçava um entranço de vice-versa, com espinhos e restolho de graviá, de áspera raça, verde-preto cor de cobra. Caminho não se havendo. Daí, trasla um duro chão rosado ou cinzento, gretoso e escabro — no desentender aquilo os cavalos arupanavam. Diadorim — sempre em prumo a cabeça — o sorriso dele me dobrava o ansiar. Como que falasse: "Hê, valentes somos, corruscubas, sobre ninguém — que vamos padecer e morrer por aqui..." Os medeiro-vazes... Medeiro Vaz se estugasse adiante, junto com os que rastreavam? Será que de lá ainda se podia receder? De devagar, vi visagens. Os companheiros se prosseguindo, só prosseguindo, receei de ter um vágado — como tonteira de truaca. Havia eu de saber por que? Acho que provinha de excessos de ideia, pois caminhadas piores eu já tinha feito, a cavalo ou a pé, no tosta-sol. Medo, meu medo. Aguentei. Tanto tudo o que eu carregava comigo me pesava — eu ressentia as correias dos correames, os formatos. A com légua-e-meia de andada, bebi meu primeiro chupo d'água, da cabaça — eu tinha avarezas dela. Alguma justa noção não emendei, eu pensava desconjuntado. Até que esbarramos. Até que, no mesmo padrão de lugar, sem mudança nenhuma, nenhuma árvore nem barranco, nem nada, se viu o sol de um lado deslizar, e a noite armar do outro. Nem auxiliei a tomar conta dos bois, nem a destravar os burros de albarda. Onde era que os animais iam poder pastar? Noite redondeou, noite sem boca. Desarreei, peei o animal, caí e dormi. Mas, no extremo de adormecer, ainda intrují duas coisas, em cruz: que Medeiro Vaz estava insensato? — e que o Hermógenes era pactário! Tomo que essas traves fecharam meus olhos. De Diadorim, aí jaz que descansando do meu lado, assim ouvi: — "Pois dorme, Riobaldo, tudo há-de resultar bem..." Antes palavras que picaram em mim uma gastura cansada; mas a voz dele era o tanto-tanto para o embabo de meu corpo. Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele — os gostares...

Como vou achar ordem para dizer ao senhor a continuação do martírio, em desde que as barras quebraram, no seguinte, na brumalva daquele falecido amanhecer, sem esperança em uma, sem o simples de passarinhos faltantes? Fomos. Eu abaixava os olhos, para não reter os horizontes, que trancados não alteravam, circunstavam. Do sol e tudo, o senhor pode completar, imaginado; o que não pode, para o senhor, é ter sido, vivido. Só saiba: o Liso do Sussuarão concebia silêncio, e produzia uma maldade — feito pessoa! Não destruí aqueles pensamentos: ir, e ir, vir — e só; e que Medeiro Vaz estava demente, sempre existido doidante, só agora pior, se destapava — era o que eu tinha rompência de gritar. E os outros, companheiros, que é que os outros pensavam? Sei? De certo nadas e noves — iam como o costume — sertanejos tão sofridos. Jagunço é homem já meio desistido por si... A calamidade de quente! E o esbraseado, o estufo, a dôr do calor em todos os corpos que a gente tem. Os cavalos venteando — só se ouvia o resfol deles, cavalanços, e o trabalho custoso de suas passadas. Nem menos sinal de sombra. Água não havia. Capim não havia. A debeber os cavalos em cocho armado de couro, e dosar a meio, eles esticando os pescoços para pedir, eles olhavam como para seus cascos, mostrando tudo o que cangavam de esforço, e cada restar de bebida carecia de ser poupado. Se ia, o pesadêlo. Pesadêlo mesmo, de delírios. Os cavalos gemiam descrença. Já pouco forneciam. E nós estávamos perdidos. Nenhum pôço não se achava. Aquela gente toda sapirava de olhos vermelhos, arroxeavam as caras. A luz assassinava demais. E a gente dava voltas, os rastreadores farejando, procurando. Já tinha quem beijava os bentinhos, se rezava. De mim, entreguei alma no corpo, debruçado para a sela, numa quebreira. Até minhas testas formaram de chumbo. Valentia vale em todas horas? Repensei coisas de cabeça-branca. Ou eu variava? A saudade que me dependeu foi de Otacília. Moça que dava amor por mim, existia nas Serras dos Gerais — Buritis Altos, cabeceira de vereda — na Fazenda Santa Catarina. Me airei nela, como a diguice duma música, outra água eu provava. Otacília, ela queria viver ou morrer comigo — que a gente se casasse. Saudade se susteve curta. Desde uns versos:

Buriti, minha palmeira,
lá na vereda de lá:
casinha da banda esquerda,
olhos de onda do mar...

Mas os olhos verdes sendo os de Diadorim. Meu amor de prata e meu amor de ouro. De doer, minhas vistas bestavam, se embaçavam de renúvem, e não achei acabar para olhar para o céu. Tive pena do pescoço do meu cavalo — pedação, tábua suante, padecente. Voltar para trás, para as boas serras! Eu via, queria ver, antes de dar à casca, um pássaro voando sem movimento, o chão fresco remexido pela fossura duma anta, o cabecear das árvores, o riso do ar e o fogo feito duma arara. O senhor sabe o que é o frege dum vento, sem uma môita, um pé de parede pra ele se retrasar? Diadorim não se apartou do meu lado. Caso que arredondava a testa, pensando. Adivinhou que eu roçava longe dele em meus pensamentos. — "Riobaldo, não se matou a Ana Duzuza... Nada de reprovável não se fez..." — falou. E eu não respondendo. Agora, o que era que aquilo me importava — de malfeitos e castigos? Eu ambicionava o suíxo manso dum córrego nas lajes — o bom sumiço dum riacho mato a fundo. E adverti memória dos derradeiros pássaros do Bambual do Boi. Aqueles pássaros faziam arêjo. Gritavam contra a gente, cada um asia sua sombra num palmo vivo d'água. O melhor de tudo é a água. No escaldado... "Saio daqui com vida, deserteio de jaguncismo, vou e me caso com Otacília" — eu jurei, do propôsto de meus todos sofrimentos. Mas mesmo depois, naquela hora, eu não gostava mais de ninguém: só gostava de mim, de mim! Novo que eu estava no velho do inferno. Dia da gente desexistir é um certo decreto — por isso que ainda hoje o senhor aqui me vê. Ah, e os poços não se achavam... Alguém já tinha declarado de morto. O Miquím, um rapaz sério sincero, que muito valia em guerreio, esbarrou e se riu: — "Será que não é sorte?" Depois, se sofreu o grito de um, adiante: — "Estou cego!..." Mais aquele, o do pior — caíu total, virado tôrto; embaraçando os passos das montadas. De repente, um rosnou, reclamou baixo. Outro também. Os cavalos bobejavam. Vi uma roda de caras de homens. Suas as caras. Credo como algum — até as orêlhas dele estavam cinzentas. E outro: todo empretecido, e sangrava das capelas e papos-dos-olhos. Medeiro Vaz a nada não atendia? Ouvi minhas veias. Aí, a rumo, eu pude pegar a rédea do animal de Diadorim — aquelas peças doeram na minha mão — tive que fiquei um instante no inclinado. — "Daqui, deste mesmo de lugar, mais não vou! Só desarrastado vencido..." — mas falei. Diadorim pareceu em pedra, cão que olha. Contanto me mirou a firme, com aquela beleza que nada mudava. — "Pois vamos

retornar, Riobaldo... Que vejo que nada campou viável...” “Tal tempo!” — truquei, mais forte, rouco como um guariba. Foi aí que o cavalo de Diadorim afundou aberto, espalhado no chão, e se agoniou. Eu apeei do meu. Medeiro Vaz estava ali, num aspeito repartido. Pessoal companheiro, em redor, se engasgavam, pelo o resultado. — “Nós temos de voltar, chefe?” — Diadorim solicitou. Acabou de falar, e parou um gesto, para nós, a gente sofreasse. Tom bom; mas se via que Medeiro Vaz não podia outro querer, a não ser o que Diadorim perguntava. Medeiro Vaz, então — por primeira vez — abriu dos lados as mãos, de nada não poder fazer; e ele esteve de ombros rebaixados. Mais não vi, e entendi. Peguei minha cabaça, bebi gole, amargo de felém. Mas era mesmo o final de se voltar, Deus me disse. E — o senhor mais saiba — de supêto já eu estava remoçado, são, disposto! Todos influídos assim. Pra trás, sempre dá o prazer. Diadorim apalpou meu braço. Vi: os olhos dele marejados. Mor que depois eu soube — que, a ideia de se atravessar o Liso do Sussuarão, ele Diadorim era que a Medeiro Vaz tinha aconselhado.

Mas, para que contar ao senhor, no tinte, o mais que se mereceu? Basta o vulto ligeiro de tudo. Como Deus foi servido, de lá, do estralal do sol, pudemos sair, sem maiores estragos. Isto é, uns homens mortos, e mais muitos dos cavalos. Mesmo o mais grave sido que restamos sem os burros, fugidos por infelizes, e a carga quase toda, toda, com os mantimentos, a gente perdemos. Só não acabamos sumidos dextraviados, por meio do regular das estrelas. E foi. Saímos dali, num pintar de aurora. E em lugares deerrados. Mais não se podia. Céu alto e o adiado da lua. Com outros nossos padecimentos, os homens tramavam zuretados de fome — caça não achávamos — até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. Diadorim não chegou a provar. Por quanto — juro ao senhor — enquanto estavam ainda mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves! Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era criaturo de Deus, que nú por falta de roupa... Isto é, tanto não, pois ela mesma ainda estava vestida com uns trapos; mas o filho também escapulia assim pelos matos, por da cabeça prejudicado. Foi assombro. A mulher, fincada de joelhos, invocava. Algum disse: — “Agora, que está bem falecido, se come o que alma não é, modo de não morrermos todos...” Não se achou graça. Não, mais não comeram, não puderam. Para acompanhar, nem

farinha não tinham. E eu lancei. Outros também vomitavam. A mulher rogava. Medeiro Vaz se prostrou, com febre, diversos perrengavam. — "Aí, então, é a fome?" — uns xingavam. Mas outros conseguiram da mulher informação: que tinha, obra de quarto-de-légua de lá, um mandiocal sobrado. — "Arre que não!" — ouvi gritarem: que, de certo, por vingança, a mulher ensinasse aquilo, de ser mandioca-brava! Esses olhavam com terrível raiva. Nesse tempo, o Jacaré pegou de uma terra, qualidade que dizem que é de bom aproveitar, e gostosa. Me deu, comi, sem achar sabor, só o pepêgo esquisito, e enganava o estômago. Melhor engulir capins e folhas. Mas uns já enchiam até capanga, com torrão daquela terra. Diadorim comeu. A mulher também aceitou, a coitada. Depois Medeiro Vaz passou mal, outros tinham dôres, pensaram que carne de gente envenenava. Muitos estavam doentes, sangrando nas gengivas, e com manchas vermelhas no corpo, e danado doer nas pernas, inchadas. Eu cumpria uma disenteria, garrava a ter nôjo de mim no meio dos outros. Mas pudemos chegar até na beira do dos-Bois, e na Lagoa Sussuarana, ali se pescou. Nós trouxemos aquela mulher, o tempo todo, ela temia de que faltasse outro de-comer, e ela servisse. — "Quem quiser bulir com ela, que me venha!" — Diadorim garantiu. — "Que só venha!" — eu secundei, do lado dele. Matou-se capivara gorda, por fim. Dum geralista roto, ganhamos farinha-de-burití, sempre ajudava. E seguimos o corgo que tira da Lagoa Sussuarana, e que recebe o do Jenipapo e a Vereda-do-Vitorino, e que verte no Rio Pandeiros — esse tem cachoeiras que cantam, e é d'água tão tinto, que papagaio voa por cima e gritam, sem acordo: — *É verde! É azul! É verde! É verde!...* E longe pedra velha remelêja, vi. Santas águas, de vizinhas. E era bonito, no correr do baixo campo, as flores do capitão-da-sala — todas vermelhas e alaranjadas, rebrilhando estremecidas, de reflexo. — "É o cavalheiro-da-sala..." — Diadorim falou, entusiasmado. Mas o Alaripe, perto de nós, sacudiu a cabeça. — "Em minha terra, o nome dessa" — ele disse — "é dona-joana... Mas o leite dela é venenoso..."

Esbandalhados nós estávamos, escatimados naquela esfrega. Esmorecidos é que não. Nenhum se lastimava, filhos do dia, acho mesmo que ninguém se dizia de dar por assim. Jagunço é isso. Jagunço não se escabrêia com perda nem derrota — quase que tudo para ele é o igual. Nunca vi. Pra ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final. E todo o mundo não presume assim? Fazendeiro,

também? Querem é trovão em outubro e a tulha cheia de arroz. Tudo que eu mesmo, do que mal houve, me esquecia. Tornava a ter fé na clareza de Medeiro Vaz, não desfazia mais nele, digo. Confiança — o senhor sabe — não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa. E despaireci meu espírito de ir procurar Otacília, pedir em casamento, mandado de virtude. Fui fogo, depois de ser cinza. Ah, a algum, isto é que é, a gente tem de vassalar. Olhe: Deus come escondido, e o diabo sai por toda parte lambendo o prato... Mas eu gostava de Diadorim para poder saber que estes gerais são formosos.

Talmente, também, se carecia de tomar repouso e aguardo. Por meios e modos, sortimos arranjados animais de montada, arranchamos dias numa fazenda hospitaleira na Vereda do Alegre, e viemos vindo atravessando o Pardo e o Acarí, em toda a parte a gente era recebida a bem. Tardou foi para se ter sinal dos bandos dos Judas. Mas a vantagem nossa era que todos os moradores pertenciam do nosso lado. Medeiro Vaz não maltratava ninguém sem necessidade justa, não tomava nada à força, nem consentia em desatinos de seus homens. Esbarrávamos em lugar, as pessoas vinham, davam o que podiam, em comidas, outros presentes. Mas os hermógenes e os cardões roubavam, defloravam demais, determinavam sebaça em qualquer povoal atôa, renitiam feito peste. Na ocasião, o Hermógenes beirava a Bahia de lá, se soube, e eram um mundo enorme de má gente. E o Ricardão? Estivesse, esperasse. Dando meias andadas, nós chegamos num ponto-verdadeiro, num Burití-do-Zé. Dono de lá, Sebastião Vieira, tinha curral e casa. E guardava munição da gente: mais de dez mil tiros de bala.

Por que foi que não se fez combate, depois naqueles meses todos? A verdade digo ao senhor: os soldados do Governo perseguiam a gente. Major Oliveira, Tenente Ramiz e Capitão Melo Franco — esses não davam espaço. E Medeiro Vaz pensava era um pensamento: a gente mamparreasse de com eles não guerrear, não se esperdiçar — porque as nossas armas guardavam um destino só, de dever. Escapulíamos, esquipávamos. Vereda em vereda, como os buritís ensinam, a gente varava para após. Se passava o Piratinga, que é fundo, se passava: ou no Vau da Mata ou no Vau da Boiada; ou então, pegando mais por baixo, o São Domingos, no Vau do José Pedro. Se não, subíamos beira desse, até às nascentes, no São Dominguinhos. A ser o importante, que se tinha de estudar, era avançar depressa nas boas passagens nas divisas, quando militar vinha cismado

empurrando. É preciso de saber os trechos de se descer para Goiás: em debruçar para Goiás, o chapadão por lá vai terminando, despenha. Tem quebra-cangalhas e ladeiras terríveis vermelhas. Olhe: muito em além, vi lugares de terra queimada e chão que dá som — um estranho. Mundo esquisito! Brejo do Jatobazinho: de medo de nós, um homem se enforcou. Por aí, extremando, se chegava até no Jalapão — quem conhece aquilo? — tabuleiro chapadoso, proporema. Pois lá um geralista me pediu para ser padrinho de filho. O menino recebeu nome de Diadorim, também. Ah, quem oficiou foi o padre dos baianos, saiba o senhor: população de um arraial baiano, inteira, que marchava de mudada — homens, mulheres, as crias, os velhos, o padre com seus petrechos e cruz e a imagem da igreja — tendo até bandinha-de-música, como vieram com todos, parecendo nação de maracatú! Iam para os diamantes, tão longe, eles mesmo dizendo: "...nos rios..." Uns tocavam jumentos de almocreve, outros carregavam suas coisas — sacos de mantimentos, trouxas de roupa, rede de caroá a tiracol. O padre, com chapéu-de-couro prà-trasado. Só era uma procissão sensata enchendo estrada, às poeiras, com o plequêio das alpercatas, as velhas tiravam ladainha, gente cantável. Rezavam, indo da miséria para a riqueza. E, pelo prazer de tomar parte no conforto de religião, acompanhamos esses até à Vila da Pedra-de-Amolar. Lá venta é da banda do poente, no tempo-das-águas; na seca, o vento vem deste rumo daqui. O cortejo dos baianos dava parecença com uma festa. No sertão, até enterro simples é festa.

Às vezes eu penso: seria o caso de pessoas de fé e posição se reunirem, em algum apropriado lugar, no meio dos gerais, para se viver só em altas rezas, fortíssimas, louvando a Deus e pedindo glória do perdão do mundo. Todos vinham comparecendo, lá se levantava enorme igreja, não havia mais crimes, nem ambição, e todo sofrimento se espraiava em Deus, dado logo, até à hora de cada uma morte cantar. Raciocinei isso com compadre meu Quelemém, e ele duvidou com a cabeça: — "Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho..." — ciente me respondeu.

Compadre meu Quelemém é um homem fora de projetos. O senhor vá lá, na Jijujã. Vai agora, mês de junho. A estrela-d'alva sai às três horas, madrugada boa gelada. É tempo da cana. Senhor vê, no escuro, um quebra-peito — e é ele mesmo, já risonho e suado, engenhando o seu moer. O senhor bebe uma cuia de garapa e dá a ele lembranças minhas. Homem de

mansa lei, coração tão branco e grôsso de bom, que mesmo pessoa muito alegre ou muito triste gosta de poder conversar com ele.

Todo assim, o que minha vocação pedia era um fazendão de Deus, colocado no mais tope, se braseando incenso nas cabeceiras das roças, o povo entoando hinos, até os pássaros e bichos vinham bisar. Senhor imagina? Gente sã valente, querendo só o Céu, finalizando. Mas diverso do que se vê, ora cá ora ali lá. Como deu uma moça, no Barreiro-Novo, essa desistiu um dia de comer e só bebendo por dia três gotas de água de pia benta, em redor dela começaram milagres. Mas o delegado-regional chegou, trouxe os praças, determinou o desbando do povo, baldearam a moça para o hospício de dôidos, na capital, diz-se que lá ela foi cativa de comer, por armagem de sonda. Tinham o direito? Estava certo? Meio modo, acho foi bom. Aquilo não era o que em minha crença eu prezava. Porque, num estalo de tempo, já tinham surgido vindo milhares desses, para pedir cura, os doentes condenados: lázaros de lepra, aleijados por horríveis formas, feridentos, os cegos mais sem gestos, loucos acorrentados, idiotas, héticos e hidrópicos, de tudo: criaturas que fediam. Senhor enxergasse aquilo, o senhor desanimava. Se tinha um grande nôjo. Eu sei: nôjo é invenção, do Que-Não-Há, para estorvar que se tenha dó. E aquela gente gritava, exigiam saúde expedita, rezavam alto, discutiam uns com outros, desesperavam de fé sem virtude — requeriam era sarar, não desejavam Céu nenhum. Vendo assaz, se espantava da seriedade do mundo para caber o que não se quer. Será acerto que os aleijões e feiezas estejam bem convenientemente repartidos, nos recantos dos lugares. Se não, se perdia qualquer coragem. O sertão está cheio desses. Só quando se jornadeia de jagunço, no teso das marchas, praxe de ir em movimento, não se nota tanto: o estatuto de misérias e enfermidades. Guerra diverte — o demo acha.

Mire veja: um casal, no Rio do Borá, daqui longe, só porque marido e mulher eram primos carnais, os quatro meninos deles vieram nascendo com a pior transformação que há: sem braços e sem pernas, só os tocos... Arre, nem posso figurar minha ideia nisso! Refiro ao senhor: um outro doutor, doutor rapaz, que explorava as pedras turmalinas no vale do Arassuaí, discorreu me dizendo que a vida da gente encarna e reencarna, por progresso próprio, mas que Deus não há. Estremeço. Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente

perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar — é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dôr. E a vida do homem está presa encantoada — erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. Dôr não dói até em criancinhas e bichos, e nos dôidos — não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento? E as pessoas não nascem sempre? Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério. O senhor não vê? O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver — a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo. Se eu estou falando às flautas, o senhor me corte. Meu modo é este. Nasci para não ter homem igual em meus gostos. O que eu invejo é sua instrução do senhor...

De Arassuaí, eu trouxe uma pedra de topázio.

Isto, sabe o senhor por que eu tinha ido lá daqueles lados? De mim, conto. Como é que se pode gostar do verdadeiro no falso? Amizade com ilusão de desilusão. Vida muito esponjosa. Eu passava fácil, mas tinha sonhos, que me afadigavam. Dos de que a gente acorda devagar. O amor? Pássaro que põe ovos de ferro. Pior foi quando peguei a levar cruas minhas noites, sem poder sono. Diadorim era aquela estreita pessoa — não dava de transparecer o que cismava profundo, nem o que presumia. Acho que eu também era assim. Dele eu queria saber? Só se queria e não queria. Nem para se definir calado, em si, um assunto contrário absurdo não concede seguimento. Voltei para os frios da razão. Agora, destino da gente, o senhor veja: eu trouxe a pedra de topázio para dar a Diadorim; ficou sendo para Otacília, por mimo; e hoje ela se possui é em mão de minha mulher!

Ou conto mal? Reconto.

Ao que nós acampados em pé duns brejos, brejal, cabo de várzea. Até, lá era favorável de defender que os cavalos se espairassem — por ter manga natural, onde se encostar, e currais falsos, de pegar gado *brabeza*. Natureza bonita, o capim macio. Me revejo, de tudo, daquele dia a dia. Diadorim restava um tempo com uma cabaça nas duas mãos, eu olhava para ela. "Seja por ser, Riobaldo, que em breve rompemos adiante. Desta vez, a

gente tange guerra...” — pronunciou, a prazer, como sempre quando assim, em véspera. Mas balançou a cabaça: tinha um trem dentro, um ferro, o que me deu desgosto; taco de ferro, sem serventia, só para produzir gastura na gente. — “Bota isso fora, Diadorim!” — eu disse. Ele não contestou, e me olhou de um hesitado jeito, que se eu tivesse falado causa impossível. Em tal, guardou o pedaço de ferro na algibeira. E ficava toda-a-vida com a cabaça nas mãos, era uma cabaça baiana fabricada, desenhada de capricho, mas que agora sendo para nôjo. E, como me deu sede, eu peguei meu copo de corno lavrado, que não quebra nunca, e fomos apanhar água num poço, que ele me disse. Era por esconso por uma palmeira — duma de nome que não sei, de curta altura, mas regrossa, e com cheias palmas, reviradas para cima e depois para baixo, até pousar no chão com as pontas. Todas as palmas tão lisas, tão juntas, fechavam um coberto, remedando choupã de índio. Assino que foi de avistarem umas assim que os bugres acharam ideia de formar suas tocas. Aí a gente se curvar, suspendia uma folhagem, lá entrava. O poço abria redondo, quase, ou ovalado. Como no recesso do mato, ali intrim, toda luz verdeja. Mas a água, mesma, azul, dum azul que haja — que roxo logo mudava. A vai, coração meu foi forte. Sofismei: se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as todas as palavras? Reajo que repelia. Eu? Asco! Diadorim parava normal, estacado, observando tudo sem importância. Nem provia segredo. E eu tive decepção de logro, por conta desse sensato silêncio? Debrucei, ia catar água. Mas, qual, se viu um bicho — rã brusca, feiosa: botando bolhas, que à lisa cacheavam. Resumo que nós dois, sob num tempo, demos para trás, discordes. Diadorim desconversou, e se sumiu, por lá, por aí, consoante a esquisitice dele, de sempre às vezes desaparecer e tornar a aparecer, sem menos. Ah, quem faz isso não é por ser e se saber pessoa culpada?

No que vim para um grupo de companheiros, esses estavam jogando buzo, enchendo folga. Por simples que a companheirada naqueles derradeiros tempos me caceteava com um enjoo, todos eu achava muito ignorantes, grosseiros cabras. Somente que na hora eu queria a frouxa presença deles — fulão e sicrão e beltrão e romão — pessoal ordinário. A tanto, mesmo sem fome, providenciei para mim uma jacuba, no come-calado. E quis — que até me perguntei — pensar na vida: “Penso?” Mas foi no instante em que todos levantaram as caras: só sendo um rebuliço, acolá, na virada que principiava a vertente — onde é que estavam uns

outros, que chamavam, muito, acenando especial. Pois fomos, ligeiro, ver o que, subindo pelo resfriado.

Passava era uma tropa, os diversos lotes de burros, que vinham de São Romão, levavam sal para Goiás. E o arrieiro-mestre relatando uma infeliz notícia, dessas da vida. — "Ele era alto, feições compridas, dentuço?" — Medeiro Vaz exigiu certeza. — "Olhe, pois era" — o arrieiro respondeu — "e, antes de morrer, deu o nome: que era Santos-Reis... Mais não propôs dizer, porque aí se exalou. Comandante, o senhor creia, nós tivemos grande pena..." A gente, em volta, se consternava. Aqueles tropeiros, no Cururú, tinham achado o Santos-Reis, que morria urgente; tinham acendido vela, e enterrado. Febres? Ao menos, mais, a alma descansasse. A gente tirou chapéus, em voto todos se benzendo. E o Santos-Reis era o homem que vivo fazia mais falta — ele estava viajando para trazer recado e combinação, da parte de Sô Candelário e Titão Passos, chefes em nosso favor na outra grande banda do Rio.

— "Agora alguém carece de ir..." — Medeiro Vaz decidiu, olhando salteado; *amém!* — nós apreciávamos. Eu espiei, caçando Diadorim, que ali bem defronte de mim se portava, mesmo segurava uma vara-de-ferrão, considerei nele certo propósito, de despique gandaiado. Apartei minhas vistas. Requeri, dei passo: — "Se sendo ordens, Chefe, eu gostava era de ir..." Medeiro Vaz limpou a goela. A meio, eu estava me lançando, mas mais negaceando prosápia: duvidoso d'ele consentir; pelo bom atirador que eu era, o melhor e mór, necessitavam de mim, haviam de querer me mandar escoteiro, dizedor de mensagem? E aí se deu o que se deu — o isto é. Medeiro Vaz concordou! — "Mas carece de levar um companheiro..." — ele propôs. Aí em tanto eu não devia de me calar, deixar alheia a escôlha do segundo, que não me competia? Ah, ânsia: que eu não queria o que de certo queria, e que podia se surtir de repente... E a vontade de fim, que me ora vinha ranger na boca, me levou num avanço: — "Sendo suas ordens, Chefe, o Sesfrêdo comigo vai..." — falei. Nem olhei Diadorim. Medeiro Vaz aprouve. Me encarou, demais, e despachou, em duríssimo: — "Vai, então, e no caminho não morre!" A ser que Medeiro Vaz, por esse tempo, já acusava doença a quase acabada — no peso do fôlego e no desmancho dos traços. Estava amarelo almecegado, se curvava sem querer, e diziam que no verter água ele gemia. Ah, mas outro igual eu não conheci. Quero ver o homem deste homem!... Medeiro Vaz — o *Rei dos Gerais*...

Por que era que eu estava procedendo à-tôa assim? Senhor, sei? O senhor vá pondo seu perceber. A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutro galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. Mesmo fui muito tôlo! Hoje em dia, não me queixo de nenhuma coisa. Não tiro sombras dos buracos. Mas, também, não há jeito de me baixar em remorso. Sim, que só duma coisa. E dessa, mesma, o que tenho é medo. Enquanto se tem medo, eu acho até que o bom remorso não se pode criar, não é possível. Minha vida não deixa benfeitorias. Mas me confessei com sete padres, acertei sete absolvições. No meio da noite eu acordo e pelejo para rezar. Posso. Constante eu puder, meu suor não esfria! O senhor me releve tanto dizer.

Mire veja o que a gente é: mal dali a um átimo, eu selando meu cavalo e arrumando meus dôbros, e já me muito entristecia. Diadorim me espreitava de longe, afetando a espécie duma vagueza. No me despedir, tive precisão de dizer a ele baixinho: — "Por teu pai vou, amigo, mano-oh-mano. Vingar Joca Ramiro..." A fraqueza minha, adulatória. Mas ele respondeu: — "Viagem boa, Riobaldo. E boa-sorte..." Despedir dá febre.

Galopando junto com o Sesfrêdo, larguei aquele lugar do Burití das Três Fileiras. Pesares que me desenrolavam. E então eu decifrei meu arranque de ter querido vir com o Sesfrêdo. Que ele, se sabia, tinha deixado, fazia muitos anos, em terras do Jequitinhonha, uma moça que apaixonava, e que era a mocinha de cabelos louros. — "Sesfrêdo, me conta, me fala nesse acontecer..." — nem bem cem braças andadas eu já pedia a ele. Era como se eu tivesse de caçar emprestada uma sombra de um amor. — "E você não volta para lá, Sesfrêdo? Você aguenta o existir?" — perguntei. — "Guardo isso, para às vezes ter saudade. Berimbau! Saudade, só..." — e ele alargou as ventas, de tanto riso. Vi que a estória da moça era falsa. De inventar pouco se ganha. Regra do mundo é muito dividida. O Sesfrêdo comia muito. E sabia assoviar seguido, copiando o de muitos pássaros.

Ao viável, eu tinha de atravessar as tantas terras e municípios, jogamos uma viagem por este Norte, meia geral. Assim conheço as províncias do Estado, não há onde eu não tenha aparecido. A que viemos: por Extrema de Santa Maria — Barreiro Claro — Cabeça de Negro — Córrego Pedra do Gervásio — Acarí — Vieira — e Fundo — buscando jeito de encostar

no de São Francisco. Novidade não houve. Passamos, numa barca. Só sempre bater para o nascente, direitamente em cima de Tremedal, chamada hoje Monte-Azul. Sabíamos: um pessoal nosso perpassava por lá, na Jaíba, até à Serra Branca, brabas terras vazias do Rio Verde-Grande. De madrugada, acordamos em sua janela um velhozinho, dono de um bananal. O velhozinho era amigo, executou o recado. Daí a cinco madrugadas, retornamos. Era para vir alguém, quem veio foi João Goanhá, próprio. E as descrições que deu foram de todas as piores. Sô Candelário? Morto em tiroteio de combate, metralhadoras tinham serrado o corpo dele, de esguêlha, por riba da cintura. O Alípio, preso, levado para a cadeia de algum lugar. Titão Passos? Ah, perseguido por uma soldadesca, tivera de se escapar para a Bahia, pela proteção do Coronel Horácio de Matos. Só mesmo João Goanhá era quem ainda estava. Comandava saldo de uns homens, os poucos. Mas coragem e munição não faltavam. — "E os Judas?" — perguntei, com triste raciocínio: por que era que os soldados não deixavam a gente em paz, mas com aqueles não terçavam? — "Se diz que eles têm uma proteção preta..." — João Goanhá me esclareceu: — "O Hermógenes fez o pauto. É o demônio rabudo quem pune por ele..." Nisso todos acreditavam. Pela fraqueza do meu medo e pela força do meu ódio, acho que eu fui o primeiro que cri.

Ainda disse João Goanhá que estávamos em brevidade. Porque ele sabia que os Judas, reforçados, tinham resolvido passar o Rio em dois lugares, e marcharem em cima de Medeiro Vaz, para acabar com ele de uma vez, no país de lá. Onde era que o perigo, Medeiro Vaz precisava de nós.

Mas não pudemos. Mal a gente se tocou, para a Cachoeira do Salto, e esbarramos com tropa de soldados — tenente Plínio. Foi fogo. Fugimos. Fogo no Jacaré Grande — tenente Rosalvo. Fogo no Jatobá Torto — sargento Leandro. Volteamos. Sobre aí, me senti pior de sorte que uma pulga entre dois dedos. No formato da forma, eu não era o valente nem mencionado medroso. Eu era um homem restante trivial. A verdade que diga, eu achava que não tinha nascido para aquilo, de ser sempre jagunço não gostava. Como é, então, que um se repinta e se sarrafa? Tudo sobrevém. Acho, acho, é do influimento comum, e do tempo de todos. Tanto um prazo de travessia marcada, sazão, como os meses de seca e os de chuva. Será? Medida de muitos outros igualasse com a minha, esses também não sentindo e não pensando. Se não, por que era que eram

aqueles aprontados versos — que a gente cantava, tanto toda-a-vida, indo em bando por estradas jornadas, à alegria fingida no coração?:

Olererê, baiana...
eu ia e não vou mais:
eu faço
que vou
lá dentro, oh baiana!
e volto do meio pra trás... — ?

João Goanhá, por valentão e verdadeiro, nem carecia de estadear orgulho. Pessoa muito leal e briosa. Ele me disse: — "Agora, da gente não sei o que vai ser... Para guerra grande, eu acho que só Joca Ramiro é que era capaz..." Ah, mas João Goanhá também tinha suas cartas altas. Homem de grito grosso. E, mesmo ignorante analfabeto, de repente ele tirava, sei não de onde, terríveis mindinhas ideias, mortes diversas. Assim a gente experimentava, cá e cá, falseando fuga. Os campos-gerais ali também tem. Tombadores. Arre, os *tremedais*; já viu algum? O chão deles consiste duro enxuto, normal que engana; quem não sabe o resto, vem, pisa, vai avançando, tropa com cavalos, cavalama. Seja sem espera, quando já estão meio no meio, aquilo sucrepa: pega a se abalar, ronca, treme escapulindo, feito gema de ovo na frigideira. Ei! Porque, debaixo da crôsta seca, rebole ocultado um semifundo, de brejão engulidor... Pois, em roda dali, João Goanhá dispôs que a gente se amoitasse — três golpes de homens — tocaiando. Ao de manhã, primeiro passaram os do sargento Leandro, esses eram os menos, e um guia pagavam, por conhecer o caminho firme. Mas fomos lá, às pressas espalhamos de lugar os ramos verdes de árvore, que eles tinham botado para a certa informação. No depois, vinham os do tenente. Tenente, tenente, tu quer! Seguidos por ali entraram, ah. Dos nossos, uns, acolá, deram tiros, por disfarçação. Iscas! Cavalaria dos praças se avexou. Ave, e pronto, de repente foi: a casca de terra sacudia, se rachou em cruzes, estalando, em muitos metros — balofou. Os cavalos entornados — era como despejar prateleiras cheias — e os soldados aiando gritos, se abraçavam com os animais caintes, ou com o ar, uns a esmo desfechavam mosquetão. Mas encalcados se afundando, pra não mais. A gente, se queria, mirava, ainda acertava neles. Coisas que vi, vi, vi — ôi... Eu não atirei. Não tive braçagem. Talvez tive pena.

Tanto por tanto, daí se encachorraram mais em nós, por beber vinganças. De campos e matas, vargens e grotas, em cada ponto para trás, dos lados e adiante da gente, ei eram só soldados, montão, se gerando. *Furado-do-Meio. Serra do Deus-Me-Livre. Passagem da Limeira. Chapada do Covão.* Solón Nelson morreu. Arduininho morreu. Morreram o Figueiró, Batata-Roxa, Dávila Manhoso, o Campêlo, o Clange, Deovídio, Pescoço-Preto, Toquim, o Sucivre, Elisiano, Pedro Bernardo — acho que foram esses, todos. *Chapada do Sumidouro. Córrego do Poldro.* Mortos mais uns seis. Corrijo: com outros, que pegos presos — se disse que foram acabados! Doideamos. A Bahia estava cercada nas portas. Achavam de tomar regalia de desforra na gente, até qualquer molambo de sujeito, paisano morador. Ah, às vezes, perdiam ligeiro essa graça... *Gerais da Pedra.* Lá, o Eleutério se apartou da gente, umas cem braças, e foi, a pé, bateu em porta duma cafua, por esclarecer. O capiau surgiu, ensinou alguma coisa, errada. Eleutério agradeceu, deu as costas, veio andando uns passos. O capiau então chamou. Eleutério virou para trás, para ouvir o que havia, e levou na cara e nos peitos o cheio duma carga de chumbo fino. Cegou, rodou, entrupicado, arreganhava os braços, todo se sarapintando das manchas vermelhas, que cresciam. O cabelo dele aumentou em pé. E a soldadesca atirava, de emboscados no mato do córrego, e na beira do cerrado, da outra banda. O capiau se encobriu detrás do fôrno de assar biscoito — de lá fazia pontaria com a espingarda — e balas nossas levantavam terra ao redor dali, feito um ciscado de cachorro grande. Dentro da cafua também restavam outros soldados; que deram contas a Deus. Ataliba, com o facão, pregou o capiau na taipa da cafua, ele morreu mansinho, parecia um santo. Ficou lá, espetado. Nós — eh — bom. Conseguimos aragem. Até em um ponto de a salvo conversarmos.

Serra Escura. Nem munição nem de-comer não sobravam. De forma que a gente carecia de se separar, cada um por seu risco, como pudesse caçar escape. Se esparramavam os goanhás. De si por si, quem vivesse viesse para cá do Rio, para reunião: na juntura da Vereda Saco dos Bois com o Ribeirão Santa Fé. Ou ir de direto para onde estivesse Medeiro Vaz. Ou, caso o inimigo rondasse perto demais, então no Burití-da-Vida, São Simão do Bá, ou mais em riba, ali onde o Ribeirão Gado Bravo é vadeável. Ao que João Goanhá mandou. A pressa era pressa. O ar todo do campo cheirava a pólvora e a soldados. Diante de mim, nunca terminava de atar as correias do gibão um Cunha Branco, sarado, cabra velho guerreiro: ele

boiava língua em boca aberta. E medo, meu, medi muito maior. Se despedimos. Escorregando sem rumo, eu fui, vim, o Sesfrêdo comigo também, viemos. Com a graça de Deus, saímos fora da roda do perigo. Chegamos no Córrego Cansanção, não longe do Arassuaí. Por durante um tempo, carecíamos de ter algum serviço reconhecido, no viver tudo cabe. Nossas armas, com parte das roupas, campeamos um seguro lugar, deixamos escondidas. Aí, a gente se ajustou no meio do pessoal daquele doutor, que estava na mineração, que eu já disse e o senhor sabe.

Por que não ficamos lá? Sei e não sei. Sesfrêdo esperava de mim toda decisão. Algum remorso, de não se cumprir de ir, de desertados? Não vê que não, desafasto. Gente sendo dois, garante mais para se engambelar, etcétera de traição não sopra escrúpulos, como nem de crime nenhum, não agasta: igual lobisomem verte a pele. Só se, companheiros sobrantes, a gente amiúda no ajuizar o desonroso assunto, isto sim, rança o descrédito de se ser tornadiço covarde. Mas eu podia rever proveito, caçar de voltar dali para a casa-grande de Selorico Mendes, exigir meu estado devido, na Fazenda São Gregório. Temeriam! Assim e silva, como em outro tempo, adiante, podia flauteado comparecer no Buritís Altos, por conta de Otacília — continuação de amor. Quis não. Suasse saudade de Diadorim? A ponto no dizer, menos. Ou nem não tinha. Só como o céu e as nuvens lá atrás de uma andorinha que passou. Talvez, eu acho, também, que foi juvenescendo em mim uma inclinação de abelhudice: assaz eu queria me estar misturado lá, com os medeiro-vazes, ver o fim de tudo. Em mês de agosto, burití vinhoso... Arassuaí não eram os meus campos... Viver é um descuido prosseguido. Aí, as noites cambando para o entrar das chuvas, os dias mal. Desenguli. — “Tempo de ir. Vamos?” — eu disse para Sesfrêdo. — “Vamos, demais!” — o Sesfrêdo me respondeu.

Ah, eh e não, alto-lá comigo, que assim falseio, o mesmo é. Pois ia me esquecendo: o Vupes! Não digo o que digo, se o do Vupes não orço — que teve, tãomente. Esse um era estranja, alemão, o senhor sabe: clareado, constituído forte, com os olhos azuis, esporte de alto, leandrado, rosalgar — indivíduo, mesmo. Pessoa boa. Homem sistemático, salutar na alegria séria. Hê, hê, com toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele não somava com nenhuma coisa: viajava sensato, e ia desempenhando seu negócio dele no sertão — que era o de trazer e vender de tudo para os fazendeiros: arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas rógers e roscofes, latas de formicida, arsênico e creolinas; e até papa-

vento, desses moinhos-de-vento de sungar água, com torre, ele tomava empreitada de armar. Conservava em si um estatuto tão diverso de proceder, que todos a ele respeitavam. Diz-se que vive até hoje, mas abastado, na capital — e que é dono de venda grande, loja, conforme prosperou. Ah, o senhor conheceu ele? Ô titiquinha de mundo! E como é mesmo que o senhor frasêia? *Wusp?* É. Seo Emílio Wuspes... *Wúpsis*... Vupses. Pois esse Vupes apareceu lá, logo vai me reconheceu, como me conhecia, do Curralinho. Me reconheceu devagar, exatão. Sujeito escovado! Me olhou, me disse: — "Folgo. Senhor estar bom? Folgo..." E eu gostei daquela saudação. Sempre gosto de tornar a encontrar em paz qualquer velha conhecença — consoante a pessoa se ri, a gente se acha de voltar aos passados, mas parece que escolhidas só as peripécias avaliáveis, as que agradáveis foram. Alemão Vupes ali, e eu recordei lembrança daquelas mocinhas — a Miosótis e a Rosa'uarda — as que, no Curralinho, eu pensava que tinham sido as minhas namoradas. — "Seo Vupes, eu também folgo. Senhor também estar bom? Folgo..." — que eu respondi, civilizadamente. Ele pitava era charutos. Mais me disse: — "Sei senhor homem valente, muito valente... Eu precisar de homem valente assim, viajar meu, quinze dias, sertão agora aqui muito atrapalhado, gente braba, tudo..." Destampei, ri que ri, de ouvir.

Mas o mais garboso fiquei, prezei a minha profissão. Ah, o bom costume de jagunço. Assim que é vida assoprada, vivida por cima. Um jagunceando, nem vê, nem repara na pobreza de todos, cisco. O senhor sabe: tanta pobreza geral, gente no duro ou no desânimo. Pobre tem de ter um triste amor à honestidade. São árvores que pegam poeira. A gente às vezes ia por aí, os cem, duzentos companheiros a cavalo, tinindo e musicando de tão armados — e, vai, um sujeito magro, amarelado, saía de algum canto, e vinha, espremendo seu medo, farraposo: com um vintém azinhavrado no conco da mão, o homem queria comprar um punhado de mantimento; aquele era casado, pai de família faminta. Coisas sem continuação... Tanto pensei, perguntei: — "Para que banda o senhor tora?" E o Vupes respondeu: — "Eu, direto, cidade São Francisco, vou forte." Para falar, nem com uma pontinha de dedo ele não bulia gesticulado. Então, era mesmo meu rumo — aceitei — o destinar! Daí, falei com o Sesfrêdo, que quis também; o Sesfrêdo não presumia nada, ele naquilo não tinha próprio destaque.

Mas os caminhos não acabam. Tal por essas demarcas de Grão-Mogol, Brejo das Almas e Brasília, sem confrontos de perturbação, trouxemos o seo Vupes. Com as graças, dele aprendi, muito. O Vupes vivia o regulado miúdo, e para tudo tinha sangue-frio. O senhor imagine: parecia que não se mealhava nada, mas ele pegava uma coisa aqui, outra coisinha ali, outra acolá — uma moranga, uns ovos, grelos de bambú, umas ervas — e, depois, quando se topava com uma casa mais melhorzinha, ele encomendava pago um jantar ou almoço, pratos diversos, farto real, ele mesmo ensinava o guisar, tudo virava iguarias! Assim no sertão, e ele formava conforto, o que queria. Saiba-se! Deixamos o homem no final, e eu cuidei bem dele, que tinha demonstrado a confiança minha...

Demos no Rio, passamos. E, aí, a saudade de Diadorim voltou em mim, depois de tanto tempo, me custando seiscentos já andava, acoroçoado, de afogo de chegar, chegar, e perto estar. Cavalo que ama o dono, até respira do mesmo jeito. Bela é a lua, lualã, que torna a se sair das nuvens, mais redondada recortada. Viemos pelo Urucúia. Rio meu de amor é o Urucúia. O chapadão — onde tanto boi berra. Daí, os gerais, com o capim verdeado. Ali é que vaqueiro brama, com suas boiadas espatifadas. Ar que dá açôite de movimento, o tempo-das-águas de chegada, trovoada trovoando. Vaqueiros todos vaquejando. O gado esbravaçava. A mal que as notícias referiam demais a cambada dos Judas, aumentável, a corja! — "A tantos quantos?" — eu pondo meu perguntar. — "Os muitos! Uma monarquia deles..." — os vaqueiros respondendo.

Mas Medeiro Vaz não se achava, os nossos, deles ninguém não sabia bem. Tocamos, fim que o mundo tivesse. Só deerrávamos. Assim como o senhor, que quer tirar é instantâneo das coisas, aproximar a natureza. Estou entendido. Esbarramos num varjeado, esconso lugar, por entre o da-Garapa e o da-Jiboia, ali tem três lagoas numa, com quatro cores: se diz que a água é venenosa. E isso de que me serve? Água, águas. O senhor verá um ribeirão, que verte no Canabrava — o que verte no Taboca, que verte no Rio Preto, o primeiro Preto do Rio Paracatú — pois a daquele é sal só, vige salgada grossa, azula muito: quem conhece fala que é a do mar, descritamente; nem boi não gosta, não traga, eh não. E tanta explicação dou, porque muito ribeirão e vereda, nos contornados por aí, redobra nome. Quando um ainda não aprendeu, se atrapalha, faz raiva. Só *Preto*, já molhei mão nuns dez. *Verde*, uns dez. Do *Pacarí*, uns cinco. Da *Ponte*, muitos. Do *Boi*, ou da *Vaca*, também. E uns sete por nome de

Formoso. *São Pedro*, *Tamboril*, *Santa Catarina*, uma porção. O sertão é do tamanho do mundo.

Agora, por aqui, o senhor já viu: *Rio* é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é *vereda*. E algum ribeirão. E agora me lembro: no Ribeirão Entre-Ribeiros, o senhor vá ver a fazenda velha, onde tinha um cômodo quase do tamanho da casa, por debaixo dela, socavado no antro do chão — lá judiaram com escravos e pessoas, até aos pouquinhos matar... Mas, para não mentir, lhe digo: eu nisso não acredito. Reconditório de se ocultar ouro, tesouro e armas, munição, ou dinheiro falso moedado, isto sim. O senhor deve de ficar prevenido: esse povo diverte por demais com a baboseira, dum traque de jumento formam tufão de ventania. Por gosto de rebuliço. Querem-porque-querem inventar maravilhas glorionhas, depois eles mesmos acabam temendo e crendo. Parece que todo o mundo carece disso. Eu acho, que.

Assim, olhe: tem um marimbú — um brejo matador, no Riacho Ciz — lá se afundou uma boiada quase inteira, que apodreceu; em noites, depois, deu para se ver, deitado a fora, se deslambendo em vento, do cafôfo, e perseguindo tudo, um milhão de lavareda azul, de jãdelãfo, fogo-fá. Gente que não sabia, avistaram, e endoideceram de correr fuga. Pois essa estória foi espalhada por toda a parte, viajou mais, se duvidar, do que eu ou o senhor, falavam que era sinal de castigo, que o mundo ia se acabar naquele ponto, causa de, em épocas, terem castrado um padre, ali perto umas vinte léguas, por via do padre não ter consentido de casar um filho com sua própria mãe. A que, até, cantigas rimaram: do Fogo-Azul-do-Fim-do-Mundo. Hê, hê?...

Agora, a forca, eu vi — forca moderna, esquadriada, arvorada bem erguida no elevado, em madeira de boa lei, parda: sucupira. Ela foi num morrote, depois do São Simão do Bá, perto da banda da mão-direita do Pripitinga. A estúrdia forca de enforcar, construída aprovada ali particularmente, porque não tinham recurso de cadeia, e pajear criminoso por viagens era dificultoso, tirava as pessoas de seus serviços. Aí, então, usavam. Às vezes, da redondeza, vinham até trazendo o condenado, a cavalo, para a forca, pública. Só que um pobre veio morar próximo, quase debaixo dela, cobrava sua esmola, em cada útil caso, dando seguida cavava a cova e enterrava o corpo, com cruz. No mais nada.

Semelhante não foi, quando um homem, Rudugério de Freitas, dos Freitas ruivos da Água-Alimpada, mandou obrigado um filho dele ir matar

outro, buscar para matarem, esse outro, que roubou sacrário de ouro da igreja da Abadia. Aí, então, em vez de cumprir o estrito, o irmão combinou com o irmão, os dois vieram e mataram mesmo foi o velho pai deles, distribuído de foiçadas. Mas primeiro enfeitaram as fôices, urdindo com cordões de embira e várias flores. E enqueriram o cadáver paterno em riba da casa — casinha boa, de têlhas, a melhor naquele trecho. Daí, reuniram o gado, que iam levando para distante vender. Mas foram logo pegos. A pegar, a gente ajudou. Assim, prisioneiros nossos. Demos julgamento. Ao que, fosse Medeiro Vaz, enviava imediato os dois para tão razoável forca. Mas porém, o chefe nosso, naquele tempo, já era — o senhor saiba —: Zé Bebelo!

Com Zé Bebelo, ôi, o rumo das coisas nascia inconstante diferente, conforme cada vez. A papo: — “Co-ah! Por que foi que vocês enfeitaram premeditado as fôices?” — ele interrogou. Os dois irmãos responderam que tinham executado aquilo em padroeiragem à Virgem, para a Nossa Senhora em adiantado remitir o pecado que iam obrar, e obraram dito e feito. Tudo que Zé Bebelo se entesou sério, em pufo, empolo, mas sem rugas em testa, eu prestes vi que ele estava se rindo por de dentro. Tal, tal, disse: — “Santíssima Virgem...” E o pessoal todo tirou os chapéus, em alto respeito. — “Pois, se ela perdoa ou não, eu não sei. Mas eu perdoo, em nome dela — a Puríssima, Nossa Mãe!” — Zé Bebelo decretou. — “O pai não queria matar? Pois então, morreu — dá na mesma. Absolvo! Tenho a honra de resumir circunstância desta decisão, sem admitir apelo nem revogo, legal e lealdado, conformemente!...” Aí mais Zé Bebelo disse, como apreciava: — “Perdoar é sempre o justo e certo...” — pirlimpim, pimpão. Mas, como os dois irmãos careciam de algum castigo, ele requisitou para o nosso bando aquela gorda boiada, a qual pronto revendemos, embolsamos. E desse caso derivaram também uma boa cantiga violeira. Mas deponho que Zé Bebelo somente determinou assim naquela ocasião, pelo exemplo pela decência. Normal, quando a gente encontrava alguma boiada tangida, ele cobrava só imposto de uma ou umas duas reses, para o nosso sustento nos dias. Autorizava que era preciso se respeitar o trabalho dos outros, e entusiasmar o afinco e a ordem, no meio do triste sertão.

Zé Bebelo — ah. Se o senhor não conheceu esse homem, deixou de certificar que qualidade de cabeça de gente a natureza dá, raro de vez em quando. Aquele queria saber tudo, dispor de tudo, poder tudo, tudo alterar.

Não esbarrava quieto. Seguro já nasceu assim, zureta, arvoado, criatura de confusão. Trepava de ser o mais honesto de todos, ou o mais danado, no tremeluz, conforme as quantas. Soava no que falava, artes que falava, diferente na autoridade, mas com uma autoridade muito veloz. Desarmado, uma vez, caminhou para o Leôncio Dú, que tinha afastado todo o mundo e meneava um facãozão. Como gritou: — "Você quer vermelho? Te racho, fré!" Ao de que, o Leôncio Dú decidiu deixou o facão cair, e se entregou. Senhor ouve e sabe? Zé Bebelo era inteligente e valente. Um homem consegue intrujar de tudo; só de ser inteligente e valente é que muito não pode. E Zé Bebelo pegava no ar as pessoas. Chegou um brabo, cabra da Zagaia, recomendado. — "Tua sombra me espinha, joazeiro!" — Zé Bebelo a faro saudou. E mandou amarrar o sujeito, sentar nele uma surra de peia. Atual, o cabra confessou: que tinha querido vir drede para trair, em empreita encobertada. Zé Bebelo apontou nos cachos dele a máuser: estampido que espatifa — as miolagens foram se grudar longe e perto. A gente pegou cantando a Moda-do-Boi.

No regular, Zé Bebelo pescava, caçava, dansava as dansas, exortava a gente, indagava de cada coisa, laçava rês ou topava à vara, entendia dos cavalos, tocava violão, assoviava musical; só não praticava de buzo nem baralho — declarando ter receios, por atreito demais a vício e riscos de jogo. Sem menos, se entusiasmava com qual-me-quer, o que houvesse: choveu, louvava a chuva; trapo de minuto depois, prezava o sol. Gostava, com despropósito, de dar conselhos. Considerava o progresso de todos — como se mais esse todo Brasil, territórios — e falava, horas, horas. — "Vim de vez!" — disse, quando retornou de Goiás. O passado, para ele, era mesmo passado, não vogava. E, de si, parte de fraco não dava, nenhão, nunca. Certo dia, se achando trotando por um caminho completo novo, exclamou: — "Ei, que as serras estas às vezes até mudam muito de lugar!..." — sério. E era. E era mas que ele estava perdido, deerrado de rota, hã, hã. Ah, mas, com ele, até o feio da guerra podia alguma alegria, tecia seu divertimento. Acabando um combate, saía esgalopado, revólver ainda em mão, perseguir quem achasse, só aos brados: — "Viva a lei! Viva a lei...!" — e era o pipoco-paco. Ou: — "Paz! Paz!" — gritava também; e bala: se entregaram mais dois. — "Viva a lei! Viva a lei!..." Há-de-o, que quilate, que lei, alguém soubesse? Tanto aquilo, sucinto, a fama correu. Dou-lhe qual: que, uma vez, ele corria a cavalo, por exercício, e um veredeiro que isto viu se assustou, pulou de joelhos na estrada,

requerendo: — “Não faz *vivalei* em mim não, môr-de-Deus, seu Zebebel’, por perdão...” E Zé Bebelo jogou para o pobre uma cédula de dinheiro; gritou: — “Amonta aqui, irmão, na garupa!” — trouxe o outro para com a gente jantar. Esse era ele. Esse era um homem. Para Zé Bebelo, melhor minha recordação está sempre quente pronta. Amigo, foi uma das pessoas nesta vida que eu mais prezei e apreciei.

Pois porém, ao fim retomo, emendo o que vinha contando. A ser que, de campinas a campos, por morros, areiões e varjas, o Sesfrêdo e eu chegamos no Marcavão. Antes de lá, inchou o tempo, para chover. Chuva de desenraizar todo pau, tromba: chuvão que come terra, a gente vendo. Quem mede e pesa esses demais d’água? Rios foram se enchendo. Apeamos no Marcavão, beira do do-Sono. Medeiro Vaz morreu, naquele país fechado. Nós chegamos em tempo.

Ao quando encontramos o bando, foi ali, Medeiro Vaz já estava mal; talvez por isso a alegria comum não pôde se dizer, nem Diadorim me abraçou nem demonstrou um salves por minha volta. Fiquei sincero. A tristeza e a espera má tomavam conta da gente. — “O mais é o pior: é que tem inimigo, próximo, tocaiando...” — Alaripe me disse. Muito chovido de noite — as árvores esponjadas. Mesmo dava um frio vento, com umidades. Para agasalhar Medeiro Vaz, tinham levantado um *boi* — o senhor sabe: um couro só, espetado numa estaca, por resguardar a pessoa do rumo donde vem o vento — o bafe-bafe. Acampávamos debaixo de grandes árvores. O barulhim do rio era de bicho em bicheira. Medeiro Vaz jazente numa manta de pele de bode branco — aberto na roupa, o peito, cheio de cabelos grisalhados. A barriga dele tinha inflamado muito, mas não era de hidropisia. Era de dôres. Quando vislumbrou de mim, aí armou no se aprumar, pelejando para me ver. Os olhos — o alvor, como miôlo de formigueiro. Mas se abriu, arriou os braços, e mediu o chão com suas costas. “Está no bilim-bilim” — eu pensei. Ah, a cara — arre de amarela, o amarelamento: de palha! Assim desse jeito ele levou o dia quase a termo.

A tarde foi escurecendo. Ao menos Diadorim me chamou adeparte; ele tramava as lágrimas. — “Amizade, Riobaldo, que eu imaginei em você esse prazo inteiro...” — e apertou minha mão. Avesso fiquei, meio sem jeito. Aí, chamaram: — “Acode, que o chefe está no fatal!” Medeiro Vaz, arquejando, cumprindo tudo. E o queixo dele não parava de mexer; grandes momentos. Demorava. E deu a panca, troz-troz forte, como de

propósito: uma chuva de arrobas de peso. Era quase sonoite. Reunidos em volta, ajoelhados, a gente segurava uns couros abertos, para proteger a morte dele. Medeiro Vaz — o rei dos gerais —; como era que um daquele podia se acabar?! A água caía, às despejadas, escorria nas caras da gente, em fios pingos. Debruçando por debaixo dos couros, podia-se ver o fim que a alma obtém do corpo. E Medeiro Vaz, se governando mesmo no remar a agonia, travou com esforço o ronco que puxava gosma de sua goela, e gaguejou: — "Quem vai ficar em meu lugar? Quem capitanêia?..." Com a estrampeação da chuva, os poucos ouviram. Ele só falava por pedacinhos de palavras. Mas eu vi que o olhar dele esbarrava em mim, e me escolhia. Ele avermelhava os olhos? Mas com o cirro e o vidrento. Coração me apertou estreito. Eu não queria ser chefe! "Quem capitanêia..." Vi meu nome no lume dele. E ele quis levantar a mão para me apontar. As veias da mão... Com que luz eu via? Mas não pôde. A morte pôde mais. Rolou os olhos; que ralava, no sarrido. Foi dormir em rede branca. Deu a venta.

Era seu dia de alta tarefa. Quando estiou a chuva, procuramos o que acender. Só se trouxe uma vela de carnaúba, o toco, e um brandão de tocha. Eu tinha passado por um susto. Agora, a meio a vertigem me dava, desnorteado na vontade de falar aqueles versos, como quem cantasse um coreto:

Meu boi preto mocangueiro,
árvore para te apresilhar?
Palmeira que não debruça:
burití — sem entortar...

Deviam de tocar os sinos de todas as igrejas!

Cobrimos o corpo com palmas de burití novo, cortadas molhadas. Fizemos quarto, todos, até ao quebrar da barra. Os sapos gritavam latejado. O sapo-cachorro arranhou seu rouco. Alguma anta assoviava, assovio mais fino que o relincho-rincho dum poldrinho. De aurora, cavacamos uma funda cova. A terra dos gerais é boa.

Tomou-se café, e Diadorim me disse, firme:

— "Riobaldo, tu comanda. Medeiro Vaz te sinalou com as derradeiras ordens..."

Todos estavam lá, os brabos, me olhantes — tantas meninas-dos-olhos escuras repulavam: às duras — grão e grão — era como levando eu, de milhares, uma carga de chumbo grosso ou chuvas-de-pedra. Aprovavam. Me queriam governando. Assim estremeci por interno, me gelei de não poder palavra. Eu não queria, não queria. Aquilo revi muito por cima de minhas capacidades. A desgraça, de João Goanhá não ter vindo! Rentemente, que eu não desejava arreglórias, mão de mando. Enguli cuspes. Avante por fim, como que respondi às gagas, isto disse: — "Não posso... Não sirvo..."

— "Mano velho, Riobaldo, tu pode!"

Tive testa. Pensei um nome feio. O que achassem, achassem! — mas ninguém ia manusear meu ser, para brincadeiras...

— "Mano Velho, Riobaldo: tu crê que não merece, mas nós sabemos a tua valia..." — Diadorim retornou. Assim instava, mão erguida. Onde é que os outros, roda-a-roda, denotavam assentimento. — "Tatarana! Tatarana!..." — uns pronunciaram; sendo *Tatarana* um apelido meu, que eu tinha.

Temi. Terçava o grave. Assim, Diadorim dispunha do direito de fazer aquilo comigo. Eu, que sou eu, bati o pé:

— "Não posso, não quero! Digo definitivo! Sou de ser e executar, não me ajusto de produzir ordens..."

Tudo parava, por átimo. Todos esperando com suspensão. Senhor conheceu por de-dentro um bando em-pé de jagunços — quando um perigo poja? — sabe os quantos lobos? Mas, eh, não, o pior é que é a calma, uma sisudez das escuras. Não que matem, uns aos outros, ver; mas, a pique de coisinha, o senhor pode entornar seu respeito, sobrar desmoralizado para sempre, neste vale de lágrimas. Tudo rosna. Entremeio, Diadorim se maisfez, avançando passo. Deixou de me medir, vigiou o ar de todos. Aí ele era mestre nisso, de astuto se certificar só com um rabeio ligeiro de mirada — tinha gateza para contador de gado. E muito disse:

— "A pois, então, eu tomo a chefia. O melhor não sou, oxente, mas porfio no que quero e prezo, conforme vocês todos também. A regra de Medeiro Vaz tem de prosseguir, com tenção! Mas, se algum achar que não acha, o justo, a gente isto decide a ponta d'armas..."

Hê, mandacarú! Ôi, Diadorim belo feroz! Ah, ele conhecia os caminhares. Em jagunço com jagunço, o poder seco da pessoa é que vale... Muitos, ali, haviam de querer morrer por ser chefes — mas não tinham

conseguido nem tempo de se firmar quente nas ideias. E os outros estimaram e louvaram: — "Reinaldo! O Reinaldo!" — foi o aprôvo deles. Ah.

Num nú, nisto, nesse repente, desinterno de mim um nego forte se saltou! Não. Diadorim, não. Nunca que eu podia consentir. Nanje pelo tanto que eu dele era louco amigo, e concebia por ele a vexável afeição que me estragava, feito um máu amor oculto — por mesmo isso, nimpes nada, era que eu não podia aceitar aquela transformação: negócio de para sempre receber mando dele, doendo de Diadorim ser meu chefe, nhem, hem? Nulo que eu ia estuchar. Não, hem, clamei — que como um sino desbadala:

— "Discordo."

Todos me olhassem? Não vi, não tremi. Visivo só vi Diadorim — resumo do aspecto e esboço dele para movimentos: as mãos e os olhos; de reguada. Como em relance corri cálculo, de quantos tiros eu tinha para à queima-bucha dar — e uma balazinha, primeira, botada na agulha da automática — ah, eu estava com milho no surrão! De devagar, os companheiros, os outros, não se buliram, tanto esperavam; decerto que saldavam antipatia de mim, repugnados por eu estar seguidamente atrapalhando as decisões, achassem que eu agora não tinha mais direito de parecer, pois a chefia própria eu enjeitara. Quem sabe, será se praziam no poder ver nós dois, Diadorim comigo — que antes como irmãos, até ali — a gente se estraçalhar nas facas? Torci vontade de matar alguém, para pacificar minha aflição; alguém, algum — Diadorim não — digo. Decerto isso em mim eles perceberam. Os calados. Só o Sesfrêdo, inesperado assim, disse um também: — "Discordo!" Por me estimar, ele me secundava. E o Alaripe, séria pessoa: — "Tem de que. Deixa o Riobaldo razoar..." Endireitei os chifres. Chapei:

— "Vejo, Marcelino Pampa é quem tem de comandar. Mediante que é o mais velho, e, demais de mais velho, valente, e consabido de ajuizado!"

Cara de Marcelino Pampa ficou enorme. Do que constei dos outros, concordantes, estabeleci que eu tinha acertado solerte — dei na barra! Mas, Diadorim? De olhos os olhos agarrados: nós dois. Asneira, eu naquela hora supria suscitar alto meu maior bem-querer por Diadorim; mesmo, mesmo, assim mesmo, eu arcava em crú com o desafio, desde que ele brabasse, desde que ele puxasse. Tempo instante, que empurrou morros

para passar... Afinal, aí, Diadorim abaixou as vistas. Pude mais do que ele! Se riu, depois de mim. Sempre sendo que falou, firme:

— “Com gosto. Melhor do que Marcelino Pampa não tem nenhum. Não ambicionei poderes...”

Falou como corajoso. E:

— “Tresdito que é a vez de se estar contornados, unidos sem porfiar...” — o Alaripe inteirou.

Amém, todos, voz a voz, aprovavam. Marcelino Pampa então principiou, falou assim:

— “Aceito, por precisão nossa, o que obrigação minha é. Até enquanto não vem algum dos certos, de realce maior: João Goanhá, Alípio Mota, Titão Passos... A tanto, careço do bom conselho de todos que tiverem, segura fiança. Assentes que vamos...”

Sobre mais disse, sem importância, sem noção; pois Marcelino Pampa possuía talentos minguados. Somente pensei que ele estava pondo um peso no lombo, por sacrifício. Ao que, em melhores tempos, aprazia bem capitanear; mas, agora aquela ocasião, a gente por baixos, e essas misérias, qualquer um não havia de desgostar de responsabilidade? Ã, aí observei: como Marcelino Pampa desde o instante expunha outro ar de ser, a sisuda extravagância, soberbo satisfeito! Ser chefe — por fora um pouquinho amarga; mas, por dentro, é rosinhas fôres.

Meu era um alívio. Mesmo não duvidei de meu menos valer: alguém lá tem a feição do rosto igualzinha à minha? Eh, de primeiro meu coração sabia bater copiando tudo. Hoje, eu desconheço o arruído rumor das pancadas dele. Diadorim veio para perto de mim, falou coisas de admiração, muito de afeto leal. Ouvi, ouvi, aquilo, copos a fora, mel de melhor. Eu precisava. Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas, e as coisas, não são de verdade! E de que é que, a miúde, a gente adverte incertas saudades? Será que, nós todos, as nossas almas já vendemos? Bobeia, minha. E como é que havia de ser possível? Hem?!

Olhe: conto ao senhor. Se diz que, no bando de Antônio Dó, tinha um grado jagunço, bem remediado de posses — Davidão era o nome dele. Vai, um dia, coisas dessas que às vezes acontecem, esse Davidão pegou a ter medo de morrer. Safado, pensou, propôs este trato a um outro, pobre dos mais pobres, chamado Faustino: o Davidão dava a ele dez contos de réis, mas, em lei de caborje — invisível no sobrenatural — chegasse primeiro o

destino do Davidão morrer em combate, então era o Faustino quem morria, em vez dele. E o Faustino aceitou, recebeu, fechou. Parece que, com efeito, no poder de feitiço do contrato ele muito não acreditava. Então, pelo seguinte, deram um grande fogo, contra os soldados do Major Alcides do Amaral, sitiado forte em São Francisco. Combate quando findou, todos os dois estavam vivos, o Davidão e o Faustino. A de ver? Para nenhum deles não tinha chegado a hora-e-dia. Ah, e assim e assim foram, durante os meses, escapos, alteração nenhuma não havendo; nem feridos eles não saíam... Que tal, o que o senhor acha? Pois, mire e veja: isto mesmo narrei a um rapaz de cidade grande, muito inteligente, vindo com outros num caminhão, para pescarem no Rio. Sabe o que o moço me disse? Que era assunto de valor, para se compor uma estória em livro. Mas que precisava de um final sustante, caprichado. O final que ele daí imaginou, foi um: que, um dia, o Faustino pegava também a ter medo, queria revogar o ajuste! Devolvia o dinheiro. Mas o Davidão não aceitava, não queria, por forma nenhuma. Do discutir, ferveram nisso, ferravam numa luta corporal. A fino, o Faustino se provia na faca, investia, os dois rolavam no chão, embolados. Mas, no confuso, por sua própria mão dele, a faca cravava no coração do Faustino, que falecia...

Apreciei demais essa continuação inventada. A quanta coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! Aí podem encher este mundo de outros movimentos, sem os êrros e volteios da vida em sua lerdeza de sarrafaçar. A vida disfarça? Por exemplo. Disse isso ao rapaz pescador, a quem sincero louvei. E ele me indagou qual tinha sido o fim, na verdade de realidade, de Davidão e Faustino. O fim? Quem sei. Soube somente só que o Davidão resolveu deixar a jagunçagem — deu baixa do bando, e, com certas promessas, de ceder uns alqueires de terra, e outras vantagens de mais pagar, conseguiu do Faustino dar baixa também, e viesse morar perto dele, sempre. Mais deles, ignoro. No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso...

A que, o que logo vi, que Marcelino Pampa, por bem de seu dispor, não dava altura. A tento de se acertar nos primeiros rumos de se mexer, ele me chamou, mais João Concliz. — “Os Judas estão aqui mesmo, de nós a umas quinze léguas, e sabem da gente. Deveras atacar, não atacam, com este tempo de todas chuvas e ribeirões cheios. Mas vão fechando modo de rodear a gente, de menos longe, porque a quantidade deles é à farta...

Recurso, que eu acho, é dois: ou se fugir para o chapadão, enquanto tempo — mas é perder toda esperança e diminuir da vergonha... Ou, então, forçar tudo e experimentar um caminho por entremeio deles: se vai para a outra banda do Rio, caçar João Goanhá e os outros companheiros... Mais ainda não sei, quero toda razoável opinião." Assim ele, Marcelino Pampa, disse. — "Mas, se souberem a notícia que Medeiro Vaz morreu, hoje mesmo é capaz que sejam de vir em riba de nós..." — foi o que João Concliz achou; e estava muito certo. Eu não atinava com o que dizer, as confusões dessas horas me encostavam. O que era, na situação, que Medeiro Vaz havia de fazer? E Joca Ramiro? E Sô Candelário? Ao esmo, esses pensamentos em mim. Ái de, foi que reconheci como súcia de homens carece de uma completa cabeça. Comandante é preciso, para aliviar os aflitos, para salvar a ideia da gente de perturbações desconformes. Não sabia, hoje será que sei, a regra de nenhum meio-termo. Sem ação, eu podia gastar ali minha vida inteira, debulhando. Também, logo depois, depois de muitos silêncios e poucas palavras, Marcelino Pampa resolveu que, de tarde, nossa conversa ia ter repetição. Atontados, três.

Dali, fui para perto de Diadorim. — "Riobaldo," — ele mal disse — "você está vendo que não temos remédio..." Aí, esbarrou, pensou um tempo, com uma mão por cima da outra. — "E vocês, que foi que determinaram de se fazer?" — me perguntou. Respondi: — "Hoje de tarde é que se toma decisão, Diadorim. Você está mal satisfeito?" Ele endireitou o corpo. Foi, falou: — "Sei o meu. Cá por mim, isso tudo pouco adianta. Quente quero poder chegar junto dum dos Judas, para terminar!" Eu sabia que ele falava coisas de pelejar por cumprir. Eu tinha mais cansaço, mais tristeza. — "Quem sabe, se... Para ter jeito de chegar perto deles, até se não era melhor..." — assim ele desabafou, em trago; e recolhido num estado de segredo. Por seus grandes olhos, onde aquilo redondeou, cri que armasse agarrar o comando, por meio de acender o bando todo em revolta. Qualquer loucura, semelhante, era a dele. Mas, não; mais disse: — "Foi você, mesmo, Riobaldo, quem governou tudo, hoje. Você escolheu Marcelino Pampa, você decidiu e fez..." Era. Gostei, em cheio, de escutar isso, soprante. Ah, porém, estaquei na ponta dum pensamento, e agudo temi, temi. Cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo!

Mas, depois de janta, quando estávamos outra vez reunidos — Marcelino Pampa, eu e João Concliz, — não se teve nem o tempo de

principiar. Pelo que ouvimos: um galope, o chegar, o riscar, o desapêio, o xaxaxo de alpercatas. Sendo assim o Feliciano e o Quipes, que traziam um vaqueirinho, escoltado. Que vieram quase correndo. O vaqueirinho não devia de ter mais de uns quinze anos, e as feições dele mudavam — de mestre pavor. — “Arte, que este tal passou, às fugas, meio arupa. Pegamos. Aí ele tem grande coisa pra contar...” — e empurraram um pouco o vaqueirinho. De medo — a gente olhava para ele — e de nossos olhos ele se desencostava. Afe, por fim, bebeu gole de ar, e soluceou:

— “É um homem... Só sei... É um homem...”

— “Te acerta, mocinho. Aqui você está livre e salvo. Aonde é que está indo?” — Marcelino Pampa regrou.

— “É briga enorme... É um homem... Vou indo pra longe, para a casa de meu pai... Ah, é um homem... Ele desceu o Rio Paracatú, numa balsa de burití...”

— “Que foi mais que o homem fez?” — então João Concliz perguntou.

— “Deu fogo... O homem, com mais cinco homens... Avançaram do mato, deram fogo contra os outros. Os outros eram montão, mais duns trinta. Mas fugiram. Largaram três mortos, uns feridos. Escaramuçados. Ei! E estavam a cavalo... O homem e os cinco dele estão a pé. Homem terrível... Falou que vai reformar isto tudo! Vieram pedir sal e farinha, no rancho. Emprestei. Tinham matado um veadinho campeiro, me deram naca de carne...”

— “Qual é que é o nome dele? Fala! Como é que os outros dizem? Aí e que jeito, que semelhança de figura é que ele tem?”

— “Ele? O jeito que é o dele, que ele tem? Em é mais baixo do que alto, não é velho, não é moço... Homem branco... Veio de Goiás... O que os outros falam e tratam: *‘Deputado’*. Desceu o Rio Paracatú numa balsa de burití... — ‘Estávamos em jejum de briga...’ — ele mesmo disse. Ele e seus cinco deram fogo feito feras. Gritavam de onça e de uivado... Disse: vai remexer o mundo! Desceu o Rio Paracatú numa balsa de burití... Desceram... Nem cavalo eles não têm...”

— “É ele! Mas é ele! Só pode ser...” — aí alguém lembrou. — “E é. E, então, está do nosso lado!” — outro completou. — “Temos de mandar por ele...” — foi a palavra de Marcelino Pampa. — “Onde é que estará? Na Pavoã? Alguém tem de ir lá...” “— É ele... É ver a vida: quem pensava? E é homem danado, zuretado...” “— Está a favor da gente... E ele sabe guerrear...” E era. Repegava a chuva, trozante, mas mesmo assim o Quipes

e Cavalcânti montaram e saíram por ele, da Pavoã no rumo. De certo não acharam fácil, pois até à hora de escurecer não tinham aparecido. Mas: aquele homem, para que o senhor saiba, — aquele homem: era Zé Bebelo. E, na noite, ninguém não dormiu direito, em nosso acampo. De manhã, com uma braça de sol, ele chegou. Dia da abelha branca.

De chapéu desabado, avantes passos, veio vindo, acompanhado de seus cinco cabras. Pelos modos, pelas roupas, aqueles eram gente do Alto Urucúia. Catrumanos dos *gerais*. Pobres, mas atravessados de armas, e com cheias cartucheiras. Marcelino Pampa caminhou ao encontro dele; seguinte de nosso comandante, nós formávamos. Valia ver. Essas cerimônias.

— "Paz e saúde, chefe! Como passou?"

— "Como passou, mano?"

Os dois grandes se saudavam. Aí Zé Bebelo reparou em mim: — "*Professor*, ara viva! Sempre a gente tem de se avistar..." De nomes e caras de pessoas ele em tempo nenhum se esquecia. Vi que me prezava cordial, não me dando por traidor nem falso. Riu redobrado. De repente, desriu. Refez pé para trás.

— "Vim de vez!" — ele disse; disse desafiando, quase.

— "Em boa veio, chefe! É o que todos aqui representamos..." — Marcelino Pampa respondeu.

— "A pois. Salve Medeiro Vaz!..."

— "Deus com ele, amigo. Medeiro Vaz ganhou repouso..."

— "Aqui soube. *Lux eterna*..." — e Zé Bebelo tirou o chapéu e se persignou, parando um instante sério, num ar de exemplo, que a gente até se comoveu. Depois, disse:

— "Vim cobrar pela vida de meu amigo Joca Ramiro, que a vida em outro tempo me salvou de morte... E liquidar com esses dois bandidos, que desonram o nome da Pátria e este sertão nacional! Filhos da égua..." — e ele estava com a raiva tanta, que tudo quanto falava ficava sendo verdade.

— "Pois, então, estamos irmãos... E esses homens?"

Os urucuianos não abriram boca. Mas Zé Bebelo rodeou todos, num mando de mão, e declarou forte o seguinte:

— "Vim por ordem e por desordem. Este cá é meus exércitos!..."

Prazer que foi, ouvir o estabelecido. A gente quisesse brigar, aquele homem era em frente, crescia sozinho nas armas.

Vez de Marcelino Pampa dizer:

— “Pois assim, amigo, por que é que não combinamos nosso destino? Juntos estamos, juntos vamos.”

— “Amizade e combinação, aceito, mano velho. Já, ajuntar, não. Só obro o que muito mando; nasci assim. Só sei ser chefe.”

Sobre curto, Marcelino Pampa cobrou de si suas contas. Repuxou testa, demorou dentro dum momento. Circulou os olhos em nós todos, seus companheiros, seus brabos. Nada não se disse. Mas ele entendeu o que cada vontade pedia. Depressa deu, o consumado:

— “E chefe será. Baixamos nossas armas, esperamos vossas ordens...”

Com coragem falou, como olhou para a gente outra vez.

— “Acordo!” — eu disse, Diadorim disse, João Concliz disse; todos falaram: — “Acordo!”

Aí Zé Bebelo não discrepou pim de surpresa, parecia até que esperava mesmo aquele voto. — “De todo poder? Todo o mundo lealda?” — ainda perguntou, ringindo seriedade. Confirmamos. Então ele quase se aprumou nas pontas dos pés, e nos chamou: — “Ao redor de mim, meus filhos. Tomo posse!” Podia-se rir. Ninguém ria. A gente em redor dele, misturando em meio nosso os cinco homens do Urucúia. Adiante: — “Pois estamos. É o duro diverso, meu povo. Mas os assassinos de Joca Ramiro vão pagar, com seiscentos-setecentos!...” — ele definiu, apanhando um por um de nós no olhar. — “Assassinos — eles são os *Judas*. Desse nome, agora, que é o deles...” — explicou João Concliz. — “Arre, vote: dois judas, podemos romper as aleluias! Alelúia! Alelúia! Carne no prato, farinha na cúia!...” — ele aprovou, deu aquilo feito um viva. Nós respondemos. E assim era que Zé Bebelo era. Como quando trovejou: desse trovoo de alto e rasto, dos gerais, entrementes antes dos gotêjos de chuva esquentada: o trovão afunda largo, pé da gente apalpa a terra. Conforme foi: trovejou de cala-a-boca — e Zé Bebelo tocou um gesto de costas da mão, respeitoso disse: — “Isto é comigo...” Do que se tratava, retorno e conto, ele o seguinte revelou: — “Tudo eu não tinha, com os meus, munição para nem meia-hora...” A gente reconheceu mais a coragem dele. Isto é, qualquer um de nós sabia que aquilo podia ser mentira. Mesmo por isso, somenos, por detrás de tanta papagaiagem um homem carecia de ter a valentia muito grande.

A cômodo ele começou, nesse dia, nessa hora; não esbarrou mais. Achou de ir ver o lugar da cova, e as armas e trens que Medeiro Vaz deixava, essas determinou que, o morto não tendo parentes, então para os

melhores mais chegados como lembrança ficassem: as carabinas e revólveres, a automática de rompida e ronco, punhal, facão, o capote, o cantil revestido, as capangas e alforjes, as cartucheiras de trespassar. Alguém disse que o cavalo grande, murzelo-mancho, devia de ficar sendo dele mesmo. Não quis. Chamou Marcelino Pampa, a ele fez donativo grave: — "Este animal é vosso, Marcelino, merecido. Porque eu ainda estou para ver outro com igual siso e caráter!" Apertou a mão dele, num toques. Marcelino Pampa dobrou de ar, perturbado. Desse fato em diante, era capaz de se morrer, por Zé Bebelo. Mas, para si mesmo, Zé Bebelo guardou somente o pelego berbezim, de forrar sela, e um bentinho milagroso, em três baetas confeccionado.

Daí, levou a eito, vendo, examinando, disquirindo. Aprendeu os nomes, de um em um, e em que lugar nascido, resumo da vida, quantos combates, e que gostos tinha, qualquer ofício de habilidade. Olhou e contou as pencas de munição e as armas. Repassou os cavalos, prezando os mais bem ferrados e os de aguentada firmeza. — "Ferraduras, ferraduras! Isto é que é importante..." — vivia dizendo. Repartiu os homens em quatro pelotões — três drongos de quinze, e um de vinte — em cada um ao menos um bom rastreador. — "Carecemos de quatro buzinas de caçador, para os avisos..." — reclamou. Ele mesmo tinha um apito, pendurado do pescoço, que de muito longe se atendia. Para capitanear os drongos, escolheu: Marcelino Pampa, João Concliz, e o Fafafa. Pessoalmente, ficou com o maior, o de vinte — nesse figuravam os cinco urucuianos, e eu, Diadorim, Sesfrêdo, o Quipes, Joaquim Beijú, Coscorão, Dimas Dôido, o Acauã, Mão-de-Lixa, Marruaz, o Crédo, Marimbondo, Rasga-em-Baixo, Jiribibe e Jõe Bexiguento, dito *Alparcatas*. Só que, tidos todos repartidos, ainda sobravam nove — serviram para esquadrão adeparte, tomar conta dos burros cargueiros, com petrechos e mantimentos. O testa deles foi Alaripe, por bom que fosse para tudo ser. Aos esses, mesmo, se comediu obrigação: Quim Queiroz zelava os volumes de balas; o Jacaré exercia de cozinheiro, todo tempo devia de dizer o de comer que precisava ou faltava; Doristino, ferrador dos animais, tratador deles; e os outros ajudavam; mas Raymundo Lé, que entendia de curas e meizinhas, teve cargo de guardar sempre um surrão com remédios. O que, remédio, por ora, não havia nenhum. Mas Zé Bebelo não se atontava: — "Aí em qualquer parte, depois, se compra, se acha, meu filho. Mas, vai apanhando folha e raiz, vai tendo, vai

enchendo... O que eu quero é ver o surrão à mão...” O acampamento da gente parecia uma cidade.

Assuntos principais, Zé Bebelo fazia lição, e deduzia ordens. — “Trabucar duro, para dormir bem!” — publicava. Gostadamente: — “Morrendo eu, depois vocês descansam...” — e ria: — “Mas eu não morro...” Sujeito muito lógico, o senhor sabe: cega qualquer nó. E — engraçado dizer — a gente apreciava aquilo. Dava uma esperança forte. Ao um modo, melhor que tudo é se cuidar miudamente trabalhos de paz em tempo de guerra. O mais eram traquejos, a cavalo, para lá e para cá, ou esbarrados firmes em formatura, então Zé Bebelo perequitava, assoviando, manobrava as patrulhas, vai-te, volta-te. Somente: — “Arre, temos nenhum tempo, gente! Capricha...” Sempre, no fim, por animar, levantava demais o braço: — “Ainda quero passar, a cavalos, levando vocês, em grandes cidades! Aqui o que me faz falta é uma bandeira, e tambor e cornetas, metais mais... Mas hei-de! Ah, que vamos em Carinhanha e Montes Claros, ali, no haja vinho... Arranchar no mercado da Diamantina... Eh, vamos no Paracatú-do-Príncipe!...” Que boca, que o apito: apitava.

A sério, ele me chamava para o lado dele, e ia mandando vir outros — Marcelino Pampa, João Concliz, Diadorim, o urucuiano Pantaleão, e o Fafafa, vice-mandantes. Todos tinham de expor o que sabiam daquele *gerais* território: as distâncias em léguas e braças, os váus, o grau de fundo dos marimbús e dos poços, os mandembes onde se esconder, os mais fartos pastos. Como Zé Bebelo simplificava os olhos, e perguntando e ouvindo avante. Às vezes riscava com ponta duma vara no chão, tudo representado. Ia organizando aquilo na cabeça. Estava aprendido. Com pouco, sabia mais do que nós juntos todos. Bem eu conhecia Zé Bebelo, de outros currais! Bem eu desejasse ter nascido como ele... Aí, saía, por caçar. Sucinto que gostava de caçar; mas estava era sujeitando a exame o morro, discriminando. O mato e o campo — como dois é um par. Veio e foi, figurava, tomava a opinião da gente: — “Com dez homens, naquela altura, e outros dez espalhados na vertente, se podia impedir a passagem de duzentos cavaleiros, pelo *resfriado*... Com outros alguns, dando a retaguarda, então...” Nest’artes, só nisso ele pensava, quase que. Sendo que expedia, sobre hora, alguém adiante, se informar do meximento dos Judas, trazer notícias vivas. E, homem feliz, feito Zé Bebelo naquele tempo, afirmo ao senhor, nunca não vi.

Diadorim também, que dos claros rumos me dividia. Vinha a boa vingança, alegrias dele, se calando. Vingar, digo ao senhor: é lamber, frio, o que outro cozinhou quente demais. O demônio diz mil. Esse! Vige mas não rege... Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem. Os bichos estão só é muito esperando? Mas, quem é que sabe como? Viver... O senhor já sabe: viver é etcétera... Diadorim alegre, e eu não. Transato no meio da lua. Eu peguei aquela escuridão. E, de manhã, os pássaros, que bem-me-viam todo tal tempo. Gostava de Diadorim, dum jeito condenado; nem pensava mais que gostava, mas aí sabia que já gostava em sempre. Ôi, suindara! — linda cor...

Dando o dia, de repente, Zé Bebelo determinou que tudo e tudo fosse pronto, para uma remarcha em exercícios, como geral. Só por festa. Ao que os burrinhos comiam amadrinhados, em bom pasto: — "Menininhos, responsabilidade de cangalhas em vocês, carregando a nossa munição!" — Zé Bebelo mandou. Mas montado, declarou: — "Meu nome d'ora por diante vai ser ah-oh-ah o de *Zé Bebelo Vaz Ramiro*! Como confiança só tenho em vocês, companheiros, meus amigos: *zé-bebelos!* A vez chegou: vamos em guerra. Vamos, vamos, rebentar com aquela cambada de patifes!..." Saímos, solertes entes.

Para isso, a lua não era boa. Quem põe praça de cavalhadas, por desbarranco de estradas lamentas, desmancho empapado de chão, a chuva ainda enxaguando? Convinha esperar regras d'água. — "O Rio Paracatú está cheio..." alguém disse. Mas Zé Bebelo atalhou: — "O São Francisso é maior..." Com ele tudo era assim, extravagável; e não queria conversas de cutilquê. Rompemos. Melava de chover baixo, mimelava. Até o derradeiro do momento, parecia que íamos atravessar o Paracatú. Não atravessamos. Tudo aquele homem retinha estudado. Daí, distribuiu as patrulhas. O drongo dele, viemos, pela beira, sempre o Paracatú à mão esquerda. Trovejou, de perturbar. Ele disse: — "Melhor, dou surpresa... Só uma boa surpresa é que rende. Quero é atacar!" A gente ia para o Burití-Pintado. A lá, consta de dez léguas, doze. — "Na hora, cada um deve de ver só um algum judas de cada vez, mirar bem e atirar. O resto maior é com Deus..." — já vai que falava. — "Para um trabalho que se quer, sempre a ferramenta se tem. Só com estes cavalos, só à ligeireza, de lugar para lugar, para a frente e para trás. Sei, mas o principal dos combates vamos dar é bem a pé..." Na beira do rio Soninho, descansamos. Animais de

carga, a ponta de mulas, ficaram botados escondidos, numa bocâina na balça. Só três homens tomavam conta. — "Eu é que escolho a hora e o lugar de investir..." — Zé Bebelo disse. E, num lugar de remanso, passamos o rio Soninho, no escuro, sem ensolvar, bala em boca.

De manhã, de três lados, demos fogo.

Aí Zé Bebelo tinha meditado tudo como um ato, de desenho. Primeiro, João Concliz avançou, com seus quinze, iam fazendo de conta que desprevenidos. Quando os outros vieram, nós todos já estávamos bem amoitados, em pontos bons. Duma banda, então, o Fafafa recruzou, seus cavaleiros: que estavam muito juntos, embolados, do modo por que um bando de cavaleiros ou cavalos dá ar de ser muito maior do que no real é. Todos cavalos ruços ou baios — cor clara também aumenta muito a visão do tamanho deles. Ah, e gritavam. Assaz os judas atiravam mal, discordados, nadinha nem. Aí, de poleiro pego prévio, abrimos nossa calamidade neles. Pessoal do Hermógenes... Não se disse guavái! Supetume! Só bala de aço. — "Dou duelo!... — Ei, tibes..." Só o quanto de se quebrar galho e rasgar roupagem. Um judas correu errado, do lado onde o Jiribibe estava: triste daquele. — "Ouh!" — foi o que ele fez de contrição perfeita. Outro levantou o corpo um pouco demais. — "Tu! Tu pensa que tem Deus-e-meio?!" — Zé Bebelo disse, depois de derrubar o tal, com um tiro de nhambú, baixo. Outro fugia esperto. — "Tem talento nos pés..." Os que enviei, deixei de numerar, por causa de caridade. Ái deles. Vitória, é isto. Ou o senhor pensa que é em alegre mal, feito numa caçada?

Descansar? Quem disse, não foi ouvido. — "Vou lá deixar essa cambada birbar por aí em sossego?! Bis, minha gente! Vamos neles!" — Zé Bebelo se frigia. Mas o próprio pessoal de João Concliz tinha segurado mão nos cavalos daqueles. — "Toquemos na mão do norte: lá a cara do chão é minha mais..." Não, o caminho era da banda contrária. Tínhamos de cair em riba do grosso da judadas. Por *resfriados* e atalhos, mesmo com aquela cavalhada adestra, tocamos, tocamos. Estrada capaz de quatro, lado a lado. No Ôi-Mãe. Lá tem um lajeiro — largo: onde grandes pedras do fundo do chão vêm à flor. Chegamos de sobremão, vagarosinho. Zé Bebelo recomendava, feito rondando quarto de doente. Ele cheirava até o ar. Sonso parecia um gato. Se vendo que, no inteiro mesmo de sua cabeça, ele antes tudo traçava e guerreava. Seja por um exemplo: havia uma cava grande, o inimigo estava emboscado dos dois lados, nos socavões, nas paredes.

Como era que Zé Bebelo já sabia? Orçando longe volta, João Concliz levou seus homens muito adiante de lá, na borda do campo, de recacha. Dado tempo, então, nosso pelotão rastejou para os altos, até chega estávamos por cima dos beiços da cava. Ah e aí o Fafafa veio vindo, descuidado à mostra, com seus cavaleiros — surgiam inocentemente, feito veados para se matar... Mas — hã! — então por de riba da cava desfechamos demos urros e o rifleio, transcruzando nos inferiores: — "*Lá vai obra!...*" Hê-hê! Deu de abêlhas de pau oco: os das socavas entornaram o sangue-frio, demais se assustaram, correndo em fuga maior debaixo de tiros, xingos, às pragas. João Concliz, pois é, o senhor sabe... Urubús puderam voar cererém — uns urubús declarados.

Mas daí voltamos, desatravessando outra vez o Soninho, até onde estava a nossa mulada, com munição e o mais. Mesmo viemos negaceando de recuar. Assim era pena, mas carecíamos de flautear desse jeito, sustância nossa não dava para se acabar com aqueles judas de uma vez. Sempre, sempre, para enganar no que vissem, Zé Bebelo variava de se viajar uma hora quase todos juntos, outra hora despedidos espalhados. Ainda, por suma vantagem disso, demos um tiroteio ganho, na fazenda São Serafim, dos diabos!

Rumo a rumo de lá, mas muito para baixo, é um lugar. Tem uma encruzilhada. Estradas vão para as *Veredas Tortas* — veredas mortas. Eu disse, o senhor não ouviu. Nem torne a falar nesse nome, não. É o que ao senhor lhe peço. Lugar não onde. Lugares assim são simples — dão nenhum aviso. Agora: quando passei por lá, minha mãe não tinha rezado — por mim naquele momento?

Assim, feito no Paredão. Mas a água só é limpa é nas cabeceiras. O mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão. O senhor ouvindo seguinte, me entende. O Paredão existe lá. Senhor vá, senhor veja. É um arraial. Hoje ninguém mora mais. As casas vazias. Tem até sobrado. Deu capim no telhado da igreja, a gente escuta a qualquer entrar o borbôlo rasgado dos morcegos. Bicho que guarda muitos frios no corpo. Boi vem do campo, se esfrega naquelas paredes. Deitam. Malham. De noitinha, os morcegos pegam a recobrir os bois com lencinhos pretos. Rendas pretas defunteiras. Quando se dá um tiro, os cachorros latem, forte tempo. Em toda a parte é desse jeito. Mas aqueles cachorros hoje são do mato, têm de caçar seu de-comer. Cachorros que já lamberam muito sangue. Mesmo, o espaço é tão calado, que ali passa o sussurro de meia-noite às nove horas.

Escutei um barulho. Tocha de carnaúba estava alumiando. Não tinha ninguém restado. Só vi um papagaio manso falante, que esbagaçava com o bico algum trem. Esse, vez em quando, para dormir ali voltava? E eu não revi Diadorim. Aquele arraial tem um arruado só: é a rua da guerra... *O demônio na rua, no meio do redemunho...* O senhor não me pergunte nada. Coisas dessas não se perguntam bem.

Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo. Não crio receio. O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia. E meus feitos já revogaram, prescrição dita. Tenho meu respeito firmado. Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça. Da vida pouco me resta — só o *deo-gratias*; e o troco. Bobeia. Na feira de São João Branco, um homem andava falando: — "A pátria não pode nada com a velhice..." Discordo. A pátria é dos velhos, mais. Era um homem maluco, os dedos cheios de anéis velhos sem valor, as pedras retiradas — ele dizia: aqueles todos anéis davam até choque elétrico... Não. Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucúia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

Mire veja: aquela moça, meretriz, por lindo nome Nhorinhá, filha de Ana Duzuza: um dia eu recebi dela uma carta: carta simples, pedindo notícias e dando lembranças, escrita, acho que, por outra alheia mão. Essa Nhorinhá tinha lenço curto na cabeça, feito crista de anú-branco. Escreveu, mandou a carta. Mas a carta gastou uns oito anos para me chegar; quando eu recebi, eu já estava casado. Carta que se zanzou, para um lado longe e

para o outro, nesses sertões, nesses gerais, por tantos bons préstimos, em tantas algibeiras e capangas. Ela tinha botado por fora só: *Riobaldo que está com Medeiro Vaz*. E veio trazida por tropeiros e viajores, recruzou tudo. Quase não podia mais se ler, de tão suja dobrada, se rasgando. Mesmo tinham enrolado noutro papel, em canudo, com linha preta de carretel. Uns não sabiam mais de quem tinham recebido aquilo. Último, que me veio com ela, quase por engano de acaso, era um homem que, por medo da doença do *toque*, ia levando seu gado de volta dos gerais para a caatinga, logo que chuva chovida. Eu já estava casado. Gosto de minha mulher, sempre gostei, e hoje mais. Quando conheci de olhos e mãos essa Nhorinhá, gostei dela só o trivial do momento. Quando ela escreveu a carta, ela estava gostando de mim, de certo; e aí já estivesse morando mais longe, magoal, no São Josezinho da Serra — no indo para o Riacho-das-Almas e vindo do Morro dos Ofícios. Quando recebi a carta, vi que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela estive, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor. Nhorinhá, gosto bom ficado em meus olhos e minha boca. De lá para lá, os oitos anos se baldavam. Nem estavam. Senhor subentende o que isso é? A verdade que, em minha memória, mesmo, ela tinha aumentado de ser mais linda. De certo, agora não gostasse mais de mim, quem sabe até tivesse morrido... Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!

Sendo isto. Ao dôido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevindo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção.

Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro. Depois o senhor verá por quê, me devolvendo minha razão.

Se deu há tanto, faz tanto, imagine: eu devia de estar com uns quatorze anos, se. Tínhamos vindo para aqui — circunstância de cinco léguas — minha mãe e eu. No porto do Rio-de-Janeiro nosso, o senhor viu. Hoje, lá é o porto do seo Joãozinho, o negociante. Porto, lá como quem diz, porque outro nome não há. Assim sendo, verdade, que se chama, no sertão: é uma beira de barranco, com uma venda, uma casa, um curral e um paiol de depósito. Cereais. Tinha até um pé de roseira. Rosmes!... Depois o senhor vá, verá. Pois, naquela ocasião, já era quase do jeito. O de-Janeiro, dali abaixo meia-légua, entra no São Francisco, bem reto ele vai, formam uma esquadria. Quem carece, passa o de-Janeiro em canoa — ele é estreito, não estende de largura as trinta braças. Quem quer bandear a cômodo o São Francisco, também principia ali a viagem. O porto tem de ser naquele ponto, mais alto, onde não dá febre de maresia. A descida do barranco é indo por a-pique, melhoramento não se pode pôr, porque a cheia vem e tudo escavaca. O São Francisco represa o de-Janeiro, alto em grosso, às vezes já em suas primeiras águas de novembro. Dezembro dando, é certo. Todo o tempo, as canoas ficam esperando, com as correntes presas na raiz descoberta dum pau-d'óleo, que tem. Tinha também umas duas ou três gameleiras, de outrora, tanto recordo. Dá dó, ver as pessoas descerem na lama aquele barranco, carregando sacos pesados, muita vez. A vida aqui é muito repagada, o senhor concorde. Outro, meu tempo, então, o que é que não havia de ser?

Pois tinha sido que eu acabava de sarar duma doença, e minha mãe feito promessa para eu cumprir quando ficasse bom: eu carecia de tirar esmola, até perfazer um tanto — metade para se pagar uma missa, em alguma igreja, metade para se pôr dentro duma cabaça bem tapada e breada, que se jogava no São Francisco, a fim de ir, Bahia abaixo, até esbarrar no Santuário do Santo Senhor Bom-Jesus da Lapa, que na beira do rio tudo pode. Ora, lugar de tirar esmola era no porto. Mãe me deu uma sacola. Eu ia, todos os dias. E esperava por lá, naquele parado, raro que alguém vinha. Mas eu gostava, queria novidade quieta para meus olhos. De descer o barranco, me dava receio. Mas espiava as cabaças para boia de anzol, sempre dependuradas na parede do rancho.

Terceiro ou quarto dia, que lá fui, apareceu mais gente. Dois ou três homens de fora, comprando alqueires de arroz. Cada saco amarrado com broto de burití, a folha nova — verde e amarela pelo comprido, meio a meio. Arcavam com aqueles sacos, e passavam, nas canoas, para o outro

lado do de-Janeiro. Lá era, como ainda hoje é, mata alta. Mas, por entre as árvores, se podia ver um carro-de-bois parado, os bois que mastigavam com escassa baba, indicando vinda de grandes distâncias. Daí, o senhor veja: tanto trabalho, ainda, por causa de uns metros de água mansinha, só por falta duma ponte. Ao que, mais, no carro-de-bois, levam muitos dias, para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve. Até hoje é assim, por borco.

Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade. Ali estava, com um chapéu-de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim. Não se mexeu. Antes fui eu que vim para perto dele. Então ele foi me dizendo, com voz muito natural, que aquele comprador era o tio dele, e que moravam num lugar chamado Os-Porcos, meio-mundo diverso, onde não tinha nascido. Aquilo ia dizendo, e era um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes. Muito tempo mais tarde foi que eu soube que esse lugarim Os-Porcos existe de se ver, menos longe daqui, nos *gerais* de Lassance.

— "Lá é bom?" — perguntei. — "Demais..." — ele me respondeu; e continuou explicando: — "Meu tio planta de tudo. Mas arroz este ano não plantou, porque enviuvou de morte de minha tia..." Assim parecesse que tinha vergonha, de estarem comprando aquele arroz, o senhor veja.

Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições, a voz mesma, muito leve, muito aprazível. Porque ele falava sem mudança, nem intenção, sem sobêjo de esforço, fazia de conversar uma conversinha adulta e antiga. Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira — só meu companheiro amigo desconhecido. Escondido enrolei minha sacola, aí tanto, mesmo em fé de promessa, tive vergonha de estar esmolando. Mas ele apreciava o trabalho dos homens, chamando para eles meu olhar, com um jeito de siso. Senti, modo meu de menino, que ele também se simpatizava a já comigo.

A ser que tinha dinheiro de seu, comprou um quarto de queijo, e um pedaço de rapadura. Disse que ia passear em canoa. Não pediu licença ao tio dele. Me perguntou se eu vinha. Tudo fazia com um realce de simplicidade, tanto desmentindo pressa, que a gente só podia responder que sim. Ele me deu a mão, para me ajudar a descer o barranco.

As canoas eram algumas, elas todas compridas, como as de hoje, escavacadas cada qual em tronco de pau de árvore. Uma estava ocupada, apipada passando as sacas de arroz, e nós escolhemos a melhor das outras, quase sem água nem lama nenhuma no fundo. Sentei lá dentro, de pinto em ovo. Ele se sentou em minha frente, estávamos virados um para o outro. Notei que a canoa se equilibrava mal, balançando no estado do rio. O menino tinha me dado a mão para descer o barranco. Era uma mão bonita, macia e quente, agora eu estava vergonhoso, perturbado. O vacilo da canoa me dava um aumentante receio. Olhei: aqueles esmerados esmartes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam um efeito de calma, que até me repassasse. Eu não sabia nadar. O remador, um menino também, da laia da gente, foi remando. Bom aquilo não era, tão pouca firmeza. Resolvi ter brio. Só era bom por estar perto do menino. Nem em minha mãe eu não pensava. Eu estava indo a meu esmo.

Saiba o senhor, o de-Janeiro é de águas claras. E é rio cheio de bichos cágados. Se olhava a lado, se via um vivente desses — em cima de pedra, quentando sol, ou nadando descoberto, exato. Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado. — “As flores...” — ele prezou. No alto, eram muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã, que é um feijão bravo; porque se estava no mês de maio, digo — tempo de comprar arroz, quem não pôde plantar. Um pássaro cantou. Nhambú? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós. Não me esqueci de nada, o senhor vê. Aquele menino, como eu ia poder deslembrar? Um papagaio vermelho: — “Arara for?” — ele me disse. E — *quê-quê-quê?* — o araçarí perguntava. Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas asseado e forte — assim se fosse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível — o senhor represente. As roupas mesmas não tinham nódoa nem amarrotado nenhum, não fuxicavam. A bem dizer, ele pouco falasse. Se via que estava apreciando o

ar do tempo, calado e sabido, e tudo nele era segurança em si. Eu queria que ele gostasse de mim.

Mas, com pouco, chegávamos no do-Chico. O senhor surja: é de repentemente, aquela terrível água de largura: imensidade. Medo maior que se tem, é de vir canoando num ribeirãozinho, e dar, sem espera, no corpo dum rio grande. Até pelo mudar. A feiura com que o São Francisco puxa, se moendo todo barrento vermelho, recebe para si o de-Janeiro, quase só um rego verde só. — "Daqui vamos voltar?" — eu pedi, ansiado. O menino não me olhou — porque já tinha estado me olhando, como estava. — "Para que?" — ele simples perguntou, em descanso de paz. O canoeiro, que remava, em pé, foi quem se riu, decerto de mim. Aí o menino mesmo se sorriu, sem malícia e sem bondade. Não piscava os olhos. O canoeiro, sem seguir resolução, varejava ali, na barra, entre duas águas, menos fundas, brincando de rodar mansinho, com a canoa passeada. Depois, foi entrando no do-Chico, na beirada, para o rumo de acima. Eu me apeguei de olhar o mato da margem. Beiras sem praia, tristes, tudo parecendo meio pôdre, a deixa, lameada ainda da cheia derradeira, o senhor sabe: quando o do-Chico sobe os seis ou os onze metros. E se deu que o remador encostou quase a canoa nas canaranas, e se curvou, queria quebrar um galho de maracujá-do-mato. Com o mau jeito, a canoa desconversou, o menino também tinha se levantado. Eu disse um grito. — "Tem nada não..." — ele falou, até meigo muito. — "Mas, então, vocês fiquem sentados..." — eu me queixei. Ele se sentou. Mas, sério naquela sua formosa simpatia, deu ordem ao canoeiro, com uma palavra só, firme mas sem vexame: — "Atravessa!" O canoeiro obedeceu.

Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira — o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. Apertei os dedos no pau da canoa. Não me lembrei do Caboclo-d'Água, não me lembrei do perigo que é a "onça-d'água", se diz — a ariranha — essas desmergulham, em bando, e bécam a gente: rodeando e então fazendo a canoa virar, de estudo. Não pensei nada. Eu tinha o medo imediato. E tanta claridade do dia. O arrojo do rio, e só aquele estrape, e o risco extenso d'água, de parte a parte. Alto rio, fechei os olhos. Mas eu tinha até ali agarrado uma esperança. Tinha ouvido dizer que, quando canoa vira, fica boiando, e é bastante a gente se apoiar nela, encostar um dedo que seja, para se ter tenência, a constância

de não afundar, e aí ir seguindo, até sobre se sair no seco. Eu disse isso. E o canoeiro me contradisse: — “Esta é das que afundam inteiras. É canoa de peroba. Canoa de peroba e de pau-d’óleo não sobrenadam...” Me deu uma tontura. O ódio que eu quis: ah, tantas canoas no porto, boas canoas boiantes, de faveira ou tamboril, de imburana, vinhático ou cedro, e a gente tinha escolhido aquela... Até fosse crime, fabricar dessas, de madeira burra! A mentira fosse — mas eu devo de ter arregalado dôidos olhos. Quieto, composto, confronte, o menino me via. — “Carece de ter coragem...” — ele me disse. Visse que vinham minhas lágrimas? Doí de responder: — “Eu não sei nadar...” O menino sorriu bonito. Afiançou: — “Eu também não sei.” Sereno, sereno. Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz. — “Que é que a gente sente, quando se tem medo?” — ele indagou, mas não estava remoqueando; não pude ter raiva. — “Você nunca teve medo?” — foi o que me veio, de dizer. Ele respondeu: — “Costumo não...” — e, passado o tempo dum meu suspiro: — “Meu pai disse que não se deve de ter...” Ao que meio pasmei. Ainda ele terminou: — “...Meu pai é o homem mais valente deste mundo.” Aí o bambalango das águas, a avançação enorme roda-a-roda — o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio. Aquele, daquele dia. As remadas que se escutavam, do canoeiro, a gente podia contar, por duvidar se não satisfaziam termo. — “Ah, tu: tem medo não nenhum?” — ao canoeiro o menino perguntou, com tom. — “Sou barranqueiro!” — o canoeirinho tresdisse, repontando de seu orgulho. De tal o menino gostou, porque com a cabeça aprovava. Eu também. O chapéu-de-couro que ele tinha era quase novo. Os olhos, eu sabia e hoje ainda mais sei, pegavam um escurecimento duro. Mesmo com a pouca idade que era a minha, percebi que, de me ver tremido todo assim, o menino tirava aumento para sua coragem. Mas eu aguentei o aque do olhar dele. Aqueles olhos então foram ficando bons, retomando brilho. E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, désse a minhas carnes alguma coisa. Era uma mão branca, com os dedos dela delicados. — “Você também é animoso...” — me disse. Amanheci minha aurora. Mas a vergonha que eu sentia agora era de outra qualidade. Arre vai, o canoeiro cantou, feio, moda de copla que gente barranqueira usa: “*...Meu Rio de São Francisco, nessa maior turvação: vim te dar um gole d’água, mas pedir tua benção...*” Aí, o desejado, arribamos na outra beira, a de lá.

Ao ver, o menino mandou encostar; só descemos. — “Você não arreda daqui, fica tomando conta!” — ele falou para o canoeiro, que seguiu de cumprir aquela autoridade, desde que amarrou a corrente num pau-pombo. Aonde o menino queria ir? Sofismei, mas fui andando, fomos, na vargem, no meio-avermelhado do capim-pubo. Sentamos, por fim, num lugar mais salientado, com pedras, rodeado por áspero bamburral. Sendo de permanecer assim, sem prazo, isto é, o quase calados, somente. Sempre os mosquitinhos era que arreliavam, o vulgar. — “Amigo, quer de comer? Está com fome?” — ele me perguntou. E me deu a rapadura e o queijo. Ele mesmo, só tocou em miga. Estava pitando. Acabou de pitar, apanhava talos de capim-capivara, e mastigava; tinha gosto de milho-verde, é dele que a capivara come. Assim quando me veio vontade de urinar, e eu disse, ele determinou: — “Há-de, vai ali atrás, longe de mim, isso faz...” Mais não conversasse; e eu reparei, me acanhava, comparando como eram pobres as minhas roupas, junto das dele.

Antôjo, então, por detrás de nós, sem avisos, apareceu a cara de um homem! As duas mãos dele afastavam os ramos do mato, me deu um susto somente. Por certo algum trilho passava perto por ali, o homem escutara nossa conversa. À fé, era um rapaz, mulato, regular uns dezoito ou vinte anos; mas altado, forte, com as feições muito brutas. Debochado, ele disse isto: — “Vocês dois, uê, hem?! Que é que estão fazendo?...” Aduzido fungou, e, mão no fechado da outra, bateu um figurado indecente. Olhei para o menino. Esse não semelhava ter tomado nenhum espanto, surdo sentado ficou, social com seu prático sorriso. — “Hem, hem? E eu? Também quero!” — o mulato veio insistindo. E, por aí, eu consegui falar alto, contestando, que não estávamos fazendo sujice nenhuma, estávamos era espreitando as distâncias do rio e o parado das coisas. Mas, o que eu menos esperava, ouvi a bonita voz do menino dizer: — “Você, meu nego? Está certo, chega aqui...” A fala, o jeito dele, imitavam de mulher. Então, era aquilo? E o mulato, satisfeito, caminhou para se sentar juntinho dele.

Ah, tem lances, esses — se riscam tão depressa, olhar da gente não acompanha. Urutú dá e já deu o bote? Só foi assim. Mulato pulou para trás, ô de um grito, gemido urro. Varou o mato, em fuga, se ouvia aquela corredoura. O menino abanava a faquinha nua na mão, e nem se ria. Tinha embebido ferro na côxa do mulato, a ponta rasgando fundo. A lâmina estava escorrida de sangue ruim. Mas o menino não se aluía do lugar. E

limpou a faca no capim, com todo capricho. — "Quicé que corta..." — foi só o que disse, a si dizendo. Tornou a pôr na bainha.

Meu receio não passava. O mulato podia voltar, ter ido buscar uma fôice, garrucha, a reunir companheiros; de nós o que seria, daí a mais um pouco? Ao menino ponderei isso, encarecendo que a gente fosse logo embora. — "Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem..." — ele me moderou, tão gentil. Me alembrei do que antes ele tinha falado, de seu pai. Indaguei: — "Mas, então, você mora é com seu tio?" Aí ele se levantou, me chamando para voltarmos. Mas veio demorão, vagarosinho até aonde a canoa. E não olhava para trás. Não, medo do mulato, nem de ninguém, ele não conhecia.

Tem de tudo neste mundo, pessoas engraçadas: o remadorzinho estava dormindo espichado dentro da canoa, com os seus mosquitos por cima e a camisa empapada de suor de sol. Se alegrou com o resto da rapadura e do queijo, nos trouxe remando, no meio do rio até mais cantava. Dessa volta, não lhe dou desenho — tudo igual, igual. Menos que, por vez, me pareceu depressa demais. — "Você é valente, sempre?" — em hora eu perguntei. O menino estava molhando as mãos na água vermelha, esteve tempo pensando. Dando fim, sem me encarar, declarou assim: — "Sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente..." E eu não tinha medo mais. Eu? O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda — por isto foi que a estória eu lhe contei —: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome.

Minha mãe estava lá no porto, por mim. Tive de ir com ela, nem pude me despedir direito do Menino. De longe, virei, ele acenou com a mão, eu respondi. Nem sabia o nome dele. Mas não carecia. Dele nunca me esqueci, depois, tantos anos todos.

Agora, que o senhor ouviu, perguntas faço. Por que foi que eu precisei de encontrar aquele Menino? Toleima, eu sei. Dou, de. O senhor não me responda. Mais, que coragem inteirada em peça era aquela, a dele? De Deus, do demo? Por duas, por uma, isto que eu vivo pergunta de saber, nem o compadre meu Quelemém não me ensina. E o que era que o pai dele tencionava? Na ocasião, idade minha sendo aquela, não dei de mim esse indagado. Mire veja: um rapazinho, no Nazaré, foi desfeiteado, e matou um homem. Matou, correu em casa. Sabe o que o pai dele temperou? —

"Filho, isso é a tua maioridade. Na velhice, já tenho defesa, de quem me vingue..." Bolas, ora. Senhor vê, o senhor sabe. Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada. Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta. Por que foi que eu conheci aquele Menino? O senhor não conheceu, compadre meu Quelemém não conheceu, milhões de milhares de pessoas não conheceram. O senhor pense outra vez, repense o bem pensado: para que foi que eu tive de atravessar o rio, defronte com o Menino? O São Francisco cabe sempre aí, capaz, passa. O Chapadão é em sobre longe, beira até Goiás, extrema. Os gerais desentendem de tempo. Sonhação — acho que eu tinha de aprender a estar alegre e triste juntamente, depois, nas vezes em que no Menino pensava, eu acho que. Mas, para que? por que? Eu estava no porto do de-Janeiro, com minha capanguinha na mão, ajuntando esmolas para o Senhor Bom-Jesus, no dever de pagar promessa feita por minha mãe, para me sarar de uma doença grave. Deveras se vê que o viver da gente não é tão cerzidinho assim? Artes que foi, que fico pensando: por aí, Zé Bebelo um tanto sabia disso, mas sabia sem saber, e saber não queria; como Medeiro Vaz, como Joca Ramiro; como compadre meu Quelemém, que viaja diverso caminhar. Ao que? Não me dê, dês. Mais hoje, mais amanhã, quer ver que o senhor põe uma resposta. Assim, o senhor já me compraz. Agora, pelo jeito de ficar calado alto, eu vejo que o senhor me divulga.

Adiante? Conto. O seguinte é simples. Minha mãe morreu — apenas a *Bigrí*, era como ela se chamava. Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza. Mas uma tristeza que todos sabiam, uma tristeza do meu direito. De desde, até hoje em dia, a lembrança de minha mãe às vezes me exporta. Ela morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte. Amanheci mais. De herdado, fiquei com aquelas miserinhas — miséria quase inocente — que não podia fazer questão: lá larguei a outros o pote, a bacia, as esteiras, panela, chocolateira, uma caçarola bicuda e um alguidar; somente peguei minha rede, uma imagem de santo de pau, um caneco-de-asa pintado de flores, uma fivela grande com ornados, um cobertor de baeta e minha muda de roupa. Puseram para mim tudo em trouxa, como coube na metade dum saco. Até que um vizinho caridoso cumpriu de me levar, por causa das chuvas numa viagem durada de seis dias, para a Fazenda São Gregório, de meu padrinho Selorico Mendes, na beira da estrada boiadeira, entre o rumo do Curralinho e o do

Bagre, onde as serras vão descendo. Tanto que cheguei lá, meu padrinho Selorico Mendes me aceitou com grandes bondades. Ele era rico e somítico, possuía três fazendas-de-gado. Aqui também dele foi, a maior de todas.

— “De não ter conhecido você, estes anos todos, purgo meus arrependimentos...” — foi a sincera primeira palavra que ele me disse, me olhando antes. Levei dias pensando que ele não fosse de juizo regulado. Nunca falou em minha mãe. Nas coisas de negócio e uso, no lidante, também quase não falava. Mas gostava de conversar, contava casos. Altas artes de jagunços — isso ele amava constante — histórias.

— “Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. A pena, que aqui já é terra avinda concorde, roncice de paz, e sou homem particular. Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador — todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macaçá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana. Dona Adelaide no Campo-Redondo, Simão Avelino na Barra-da-Vaca, Mozar Vieira no São João do Canastrão, o Coronel Camucim nos Arcanjos, comarca de Rio Pardo; e tantos, tantos. Nisto que na extrema de cada fazenda some e surge um camarada, de sentinela, que sobraça o pau-de-fogo e vigia feito onça que come carcaça. Ei. Mesma coisa no barranco do rio, e se descer esse São Francisco, que aprova, cada lugar é só de um grande senhor, com sua família geral, seus jagunços mil, ordeiros: ver São Francisco da Arrelia, Januária, Carinhanha, Urubú, Pilão Arcado, Chique-Chique e Sento-Sé.”

Demais falasse, tendo conhecido o Neco, se lembrava de quando Neco forçou Januária e Carinhanha, nas éras do ano de 79: tomou todos os portos — Jatobá, Malhada e Manga — fez como quis; e pôs séde de suas fortes armas no arraial do Jacaré, que era a terra dele. — “Estive lá, com carta firmada pelo Capitão Severiano Francisco de Magalhães, que era companheiro combinado do Neco. O pessoal que eles numeravam em guerra comprazia uma babilônia. Botavam até barcas, cheias de homens com bacamartes, cruzando para baixo e para cima o rio, de parte a parte. Dia e noite, a gente ouvia gritos e tiros. Cavalaria de jagunços galopando, saindo para distâncias marcadas. Abriam festa de bomba-real e foguetório, quando entravam numa cidade. Mandavam tocar o sino da igreja.

Arrombavam a cadeia, soltando os presos, arrancavam o dinheiro em coletoria, e ceiavam em Casa-da-Câmara...”

Meu padrinho Selorico Mendes era muito medroso. Contava que em tempos tinha sido valente, se gabava, goga. Queria que eu aprendesse a atirar bem, e manejar porrête e faca. Me deu logo um punhal, me deu uma garrucha e uma granadeira. Mais tarde, me deu até um facão enterçado, que tinha mandado forjar para próprio, quase do tamanho de espada e em formato de folha de gravatá. — “Sentei em mesa com o Neco, bebi vinho, almocei... Debaixo da chefia dele, paravam uns oitocentos brabos, só obedeciam e rendiam respeito.” Meu padrinho, hóspede do Neco; de recontar isso ele sempre se engrandecia. Naquela dita ocasião, todas as pessoas importantes tinham fugido da Januária, desamparadas de poder-de-lei, foram esperar melhor sorte em Pedras-de-Maria-da-Cruz. — “Neco? Ah! Mandou mais que Renovato, ou o Lióbas, estrepoliu mais do que João Brandão e os Filgueiras...” E meu padrinho me mostrou um papel, com escrita de Neco — era recibo de seis ancorotes com pólvora e uma remessa de iodureto — a assinatura rezava assim: Manoel Tavares de Sá.

Mas eu não sabia ler. Então meu padrinho teve uma decisão: me enviou para o Curralinho, para ter escola e morar em casa de um amigo dele, Nhô Marôto, cujo Gervásio Lé de Ataíde era o verdadeiro nome social. Bom homem. Lá eu não carecia de trabalhar, de forma nenhuma, porque padrinho Selorico Mendes acertava com Nhô Marôto de pagar todo fim de ano o assentamento da tença e impêndio, até de botina e roupa que eu precisasse. Eu comia muito, a despesa não era pequena, e sempre gostei do bom e do melhor. A ser que, alguma vez, Nhô Marôto me pedia um ou outro serviço, usando muito bico de palavreado, me agradando e dizendo que estimava como um favor. Nunca neguei a ele meus pés e mãos, e mesmo não era o nenhum trabalho notável. Vai, acontece, ele me disse: — “Baldo, você carecia mesmo de estudar e tirar carta-de-doutor, porque para cuidar do trivial você jeito não tem. Você não é habilidoso.” Isso que ele me disse me impressionou, que de seguida formei em pergunta, ao Mestre Lucas. Ele me olhou, um tempo — era homem de tão justa regra, e de tão visível correto parecer, que não poupava ninguém: às vezes teve dia de dar em todos os meninos com a palmatória; e mesmo assim nenhum de nós não tinha raiva dele. Assim Mestre Lucas me respondeu: — “É certo. Mas o mais certo de tudo é que um professor de mão-cheia você dava...”

E, desde o começo do segundo ano, ele me determinou de ajudar no corrido da instrução, eu explicava aos meninos menores as letras e a tabuada.

Curralinho era lugar muito bom, de vida contentada. Com os rapazinhos de minha idade, arranjei companheirice. Passei lá esses anos, não separei saudade nenhuma, nem com o passado não somava. Aí, namorei falso, asnaz, ah essas meninas por nomes de flores. A não ser a Rosa'uarda — moça feita, mais velha do que eu, filha de negociante forte, seo Assis Wababa, dono da venda *O Primeiro Barateiro da Primavera de São José* — ela era estranja, turca, eles todos turcos, armazém grande, casa grande, seo Assis Wababa de tudo comerciava. Tanto sendo bizarro atencioso, e muito ladino, ele me agradava, dizia que meu padrinho Selorico Mendes era um freguesão, diversas vezes me convidou para almoçar em mesa. O que apreciei — carne moída com semente de trigo, outros guisados, recheio bom em abobrinha ou em folha de uva, e aquela moda de azedar o quiabo — supimpas iguarias. Os doces, também. Estimei seo Assis Wababa, a mulher dele, dona Abadia, e até os meninos, irmãozinhos de Rosa'uarda, mas com tamanha diferença de idade. Só o que me invocava era a linguagem garganteada que falavam uns com uns, a aravia. Assim mesmo afirmo que a Rosa'uarda gostou de mim, me ensinou as primeiras bandalheiras, e as completas, que juntos fizemos, no fundo do quintal, num esconso, fiz com muito anseio e deleite. Sempre me dizia uns carinhos turcos, e me chamava de: — "Meus olhos." Mas os dela era que brilhavam exaltados, e extraordinários pretos, duma formosura mesmo singular. Toda a vida gostei demais de estrangeiro.

Hoje é que reconheço a forma do que meu padrinho muito fez por mim, ele que criara amparado amor ao seu dinheiro, e que tanto avarava. Pois, várias viagens, ele veio ao Curralinho, me ver — na verdade, também, ele aproveitava para tratar de vender bois e mais outros negócios — e trazia para mim caixetas de doce de burití ou de araticúm, requeijão e marmeladas. Cada mês de novembro, mandava me buscar. Nunca ralhou comigo, e me dava de tudo. Mas eu nunca pedi coisa nenhuma a ele. Dez vezes mais me desse, e não se valia. Eu não gostava dele, nem desgostava. Mais certo era que com ele eu não soubesse me acostumar. Acabei, por razão outra, fugindo do São Gregório, o senhor vai ver. Nunca mais vi meu padrinho. Mas por isso ele não me desejou mal; nem entendo. Decerto, ficou entusiasmado, quando teve notícias de que eu era o jagunço. E me

deixou por herdeiro, em folha de testamento: das três fazendas, duas peguei. Só o São Gregório foi que ele testou para uma mulata, com que no fim de sua velhice se ajuntou. Disso não fiz conta. Mesmo o que recebi eu menos merecia. Agora, derradeiramente, destaco: quando velho, ele penou remorso por mim; eu, velho, a curtir arrependimento por ele. Acho que nós dois éramos mesmo pertencentes.

Depois pouco que voltei do Curralinho, definitivo, grande fato se deu, que ao senhor não escondo. Certa madrugada, os cachorros todos latiram, no São Gregório, alguém estava batendo. Era mês de maio, em má lua, o frio fiava. E, quando tão moço, eu custava muito para me levantar; não por fraca saúde, mas por preguiça mal corrigida. Assim que saí da cama e fui ver se era de se abrir, meu padrinho Selorico Mendes, com a lamparina na mão, já estava pondo para dentro da sala uns homens, que eram seis, todos de chapéu-grande e trajados de capotes e capas, arrastavam esporas. Ali entraram com uma aragem que me deu susto de possível reboldosa. Admirei: tantas armas. Mas eles não eram caçadores. Ao que farejei: pé de guerra.

Meu padrinho mandou eu ir lá dentro, chamar alguma das mulheres, que coasse café quente. Quando voltei, um dos homens — Alarico Totõe — estava expondo, explicando. Todos continuavam sem tomar assentos. Alarico Totõe sendo um azendeiro do Grão-Mogol, conhecido de meu padrinho. Ele, com seu irmão Aluiz Totõe, pessoas finas, gente de bem. Tinham encomendado o auxílio amigo dos jagunços, por uma questão política, logo entendi. Meu padrinho escutava, aprovando com a cabeça. Mas para quem ele sempre estava olhando, com uma admiração toda perturbosa, era para o chefe dos jagunços, o principal. E o senhor sabe quem era esse? Joca Ramiro! Só de ouvir o nome, eu parei, na maior suspensão.

Drede Joca Ramiro estava de braços cruzados, o chapéu dele se desabava muito largo. Dele, até a sombra, que a lamparina arriava na parede, se trespunha diversa, na imponência, pojava volume. E vi que era um homem bonito, caprichado em tudo. Vi que era homem gentil. Dos lados, ombreavam com ele dois jagunções; depois eu soube — que seus segundos. Um, se chamava Ricardão: corpulento e quieto, com um modo simpático de sorriso; compunha o ar de um fazendeiro abastado. O outro — Hermógenes — homem sem anjo-da-guarda. Na hora, não notei de uma vez. Pouco, pouco, fui receando. O Hermógenes: ele estava de costas, mas

umas costas desconformes, a cacunda amontoava, com o chapéu raso em cima, mas chapéu redondo de couro, que se que uma cabaça na cabeça. Aquele homem se arrepanhava de não ter pescoço. As calças dele como que se enrugavam demais da conta, enfolipavam em dobrados. As pernas, muito abertas; mas, quando ele caminhou uns passos, se arrastava — me pareceu — que nem queria levantar os pés do chão. Reproduzo isto, e fico pensando: será que a vida socorre à gente certos avisos? Sempre me lembro dele, me lembro mal, mas atrás de muitas fumaças. Naquela hora, eu estava querendo que ele não virasse a cara. Virou. A sombra do chapéu dava até em quase na boca, enegrecendo.

No terminar, Alarico Totõe pediu que precisavam de um recanto oculto, onde a tropa dos homens passasse o dia que vinha, pois que viajavam de noite, dando surpresa e desmanchando rastro. — "Tem ótimo reconditório..." — meu padrinho consentiu. E mandou que eu fosse guiar aquela gente, até aonde o pôço do Cambaùbal, num fechado, mato caàpuão. Primeiro, tomou-se café. Assim Joca Ramiro corria pronto os olhos, em tudo ali, sorrindo franco, a cara muito galharda, e pôs as mãos nos bolsos. Ricardão ria grosso. E aquele Hermógenes veio para sair comigo, mais o outro homem — um cabeça-chata alvaço, com muita viveza no olhar; desse gostei, Alaripe se chamava, até hoje se chama. Em que, eles dois a cavalo, eu a pé, viemos até onde estavam esperando os outros, dois passos, no baixo da estrada.

Aí mês de maio, falei, com a estrela-d'alva. O orvalho pripingando, baciadas. E os grilos no chirilim. De repente, de certa distância, enchia espaço aquela massa forte, antes de poder ver eu já pressentia. Um estado de cavalos. Os cavaleiros. Nenhum não tinha desapeado. E deviam de ser perto duns cem. Respirei: a gente sorvia o bafejo — o cheiro de crinas e rabos sacudidos, o pelo deles, de suor velho, semeado das poeiras do sertão. Adonde o movimento esbarrado que se sussurra duma tropa assim — feito de uma porção de barulhinhos pequenos, que nem o dum grande rio, do a-flôr. A bem dizer, aquela gente estava toda calada. Mas uma sela range de seu, tine um arreaz, estribo, e estribeira, ou o coscós, quando o animal lambe o freio e mastiga. Couro raspa em couro, os cavalos dão de orêlha ou batem com o pé. Daqui, dali, um sopro, um meio-arquêjo. E um cavaleiro ou outro tocava manso sua montada, avançando naquele bolo, mudando de lugar, bridava. Eu não sentia os homens, sabia só dos cavalos. Mas os cavalos mantidos, montados. É diferente. Grandeúdo. E, aos

poucos, divulgava os vultos muitos, feito árvores crescidas lado a lado. E os chapéus rebuçados, as pontas dos rifles subindo das costas. Porque eles não falavam — e restavam esperando assim — a gente tinha medo. Ali deviam de estar alguns dos homens mais terríveis sertanejos, em cima dos cavalos teúdos, parados contrapassantes. Soubesse sonhasse eu?

Decerto de guarda, apartado dos mais, se via um cavaleiro, inteiro. Veio vindo para cá, o cavalo dele era escuro; era um alazão de bom pisar.

— "Capixúm, é eu, mais o siô Hermógenes..." — o cabeça-chata falou aviso.

— "A bom, Alaripe!" — o de lá respondeu.

A gente se encostava no frio, escutava o orvalho, o mato cheio de cheiroso, estalinho de estrelas, o deduzir dos grilos e a cavalhada a peso. Dava o raiar, entreluz da aurora, quando o céu branquece. Ao o ar indo ficando cinzento, o formar daqueles cavaleiros, escorrido, se divisava. E o senhor me desculpe, de estar retrasando em tantas minudências. Mas até hoje eu represento em meus olhos aquela hora, tudo tão bom; e, o que é, é saudade.

De junto com o Capixúm, se aproximou outro um, também, de soto-chefe, que o Hermógenes tratou de sié-Marques. O Hermógenes tinha voz que não era fanhosa nem rouca, mas assim desgovernada desigual, voz que se safava. Assim — fantasia de dizer — o ser de uma irara, com seu cheiro fedorento. — "Aoh, uê, alguém, irmão?" — aquele sié-Marques perguntou, tratando de minha pessoa. — "De paz, mano velho. Amigo que veio mostrar à gente o arrancho..." — o Hermógenes contestou. Deu ainda um barulho de boca e goela, qual um rosno. Sem mais delongas nenhumas, saí, caminhando ao lado do cavalo do Hermógenes, puxando todos para o Cambaùbal. Atrás de nós, eu ouvia os passos postos da grande cavalaria, o regular, esse empurro continuado. Eu não queria virar e espiar, achassem que eu era abelhudo. Mas, agora, eles conversavam, alguns riam, diziam graças. Presumi que estavam muito contentes de ganhar o repouso de horas, pois tinham navegado na sela a noite toda. Um falou mais alto, aquilo era bonito e sem tino: — "*Siruiz, cadê a moça virgem?*" Largamos a estrada, no capim molhado meus pés se lavavam. Algum, aquele Siruiz, cantou, palavras diversas, para mim a toada toda estranha:

Urubú é vila alta,
mais idosa do sertão:

padroeira, minha vida —
vim de lá, volto mais não...
Vim de lá, volto mais não?...

Corro os dias nesses verdes,
meu boi mocho baetão:
buritī — água azulada,
carnaúba — sal do chão...

Remanso de rio largo,
viola da solidão:
quando vou p'ra dar batalha,
convido meu coração...

Vinham quebrando as barras. Dia de maio, com orvalho, eu disse. Lembrança da gente é assim.

Me emprestaram um cavalo, e eu fui, com o Alaripe, esperar a chegada da tropa de burros, adiante, na boca da ponte. Não tardava já vinham aparecendo. Um lote de dez mulas, com os cargueiros. Mas vinham com os cincerros tapados, tafulhados com rama de algodão: afora o geme-geme das cangalhas, não faziam nenhum rumor. Guiamos os tropeiros também para o Cambaùbal. Mas, aí, meu padrinho chegou, com Joca Ramiro, Ricardão, e os Totões. Meu padrinho insistiu, me trouxe outra vez para casa. O dia já estava clareando completo. Meu coração restava cheio de coisas movimentadas.

Não vi mais o acampo deles, as esporas tilintim. Não pude. Padrinho Selorico Mendes mandou que eu fosse no O-Cocho, buscar um homem chamado Rozendo Pio, esse homem — meu padrinho me disse — rastreava. E era para ele vir, debaixo de todos os segredos, tapejar o bando de Joca Ramiro por bons trilhos e atalhos, na Serra das Trinta Voltas, modo de caber em duas noites, sem perigo maior, o que, se não, durasse seis ou sete. Sendo assim, só eu mesmo merecia confiança de ir. Fui, com desgosto. Três léguas, três léguas e meia longe. Mas eu tinha de levar um cavalo adestro, para o homem. E esse Rozendo Pio era tratantaz e tôlo. Demorou muito, com desculpa de arranjos. No caminho, na vinda, ele nem sabia de nada, de jagunços, quase não conversava, não quis dar demonstração. Nem fazia prazer naquilo. Quando chegamos, era o

anoitecido, o bando estava pronto para sair. Se separavam em pequenos golpes. Meu padrinho tinha mandado amarrar os cachorros todos da fazenda. Se foram. Achei mesmo que tudo tinha perdido a graça, o de se ver.

Semanas seguintes, meu padrinho só falou nos jagunços. Dito que Joca Ramiro era um chefe cursado: muitos iguais não nascem assim — dono de glórias! Aquela turma de cabras, tivesse sorte, podia impor caráter ao Governo. Meu padrinho levara aquele dia todo no meio deles. Contava: o cuidado nos arranjos, as coisas todas regradas, aquele dormir de ordem, aquela autoridade enorme no entremeamento. Nem nada faltava. As sacas de farinha, tantas e tantas arrobas de carne de sol, a munição bem zelada, caixote com pães de sabão para cada um lavar a roupa e o corpo. Até tinham um mestre-ferrador, com sua tendinha e os pertences: uma bigorna e as tenazes, fole de mão, ferramenta exata; e capanga de alveitar, com vários sortidos flames de sangrar cavalos adoecidos. E as mais coisas meu padrinho descrevia com muito agrado, de que tinha ouvido sincera narração. As lutas dos joca-ramiros, os barulhos, as manhas traçadas para se ganhar em combate, maço de estórias de toda raça de artes e estratagemas. De ouvir meu padrinho contar aquilo, se comprazendo sem singeleza, começava a dar em mim um enjoo. Parecia que ele queria se emprestar a si as façanhas dos jagunços, e que Joca Ramiro estava ali junto de nós, obedecendo mandados, e que a total valentia pertencia a ele, Selorico Mendes. Meu padrinho era antipático. Ficava mais sendo. Eu achava. Num lugar parado, assim, na roça, carece de a gente de vez em quando ir alterando os assuntos.

Não estou caçando desculpa para meus errados, não, o senhor reflita. O que me agradava era recordar aquela cantiga, estúrdia, que reinou para mim no meio da madrugada, ah, sim. Simples digo ao senhor: aquilo molhou minha ideia. Aire, me adoçou tanto, que dei para inventar, de espírito, versos naquela qualidade. Fiz muitos, montão. Eu mesmo por mim não cantava, porque nunca tive entoo de voz, e meus beiços não dão para saber assoviar. Mas reproduzia para as pessoas, e todo o mundo admirava, muito recitados repetidos. Agora, tiro sua atenção para um ponto: e ouvindo o senhor concordará com o que, por mesmo eu não saber, não digo. Pois foi — que eu escrevi os outros versos, que eu achava, dos verdadeiros assuntos, meus e meus, todos sentidos por mim, de minha saudade e tristezas. Então? Mas esses, que na ocasião prezei, estão gôros,

remidos, em mim bem morreram, não deram cinza. Não me lembro de nenhum deles, nenhum. O que eu guardo no giro da memória é aquela madrugada dobrada inteira: os cavaleiros no sombrio amontoados, feito bichos e árvores, o refinfim do orvalho, a estrela-d'alva, os grilinhos do campo, o pisar dos cavalos e a canção de Siruiz. Algum significado isso tem?

Meu padrinho Selorico Mendes me deixava viver na lordeza. No São Gregório, do razoável de tudo eu dispunha, querer querendo. E, de trabalhar seguido, eu nem carecia. Fizesse ou não fizesse, meu padrinho me apreciava; mas não me louvava. Uma coisa ele não tolerava, e era só: que alguém indagasse justo quanto era o dinheiro que ele tinha. Com isso eu nunca somei, não sou especúla. Eu vivia com o meu bom corpo. Alguém há de achar algum regime melhor?

Mas, um dia — de tanto querer não pensar no princípio disso, acabei me esquecendo quem — me disseram que não era à-toa que minhas feições copiavam retrato de Selorico Mendes. Que ele tinha sido meu pai! Afianço que, no escutar, em roda de mim o tonto houve — o mundo todo me desproduzia, numa grande desonra. Pareceu até que, de algum encoberto jeito, eu daquilo já sabia. Assim já tinha ouvido de outros, aos pedacinhos, ditos e indiretas, que eu desouvia. Perguntar a ele, fosse? Ah, eu não podia, não. Perguntar a mais pessoa nenhuma; chegava. Não desesquentei a cabeça. Ajuntei meus trens, minhas armas, selei um cavalo, fugi de lá. Fui até na cozinha, conduzi um naco de carne, dois punhados de farinha no bornal. Achasse algum dinheiro à mão, pegava; disso eu não tinha nenhum escrúpulo. Virei bem fugido. Toquei direto para o Curralim.

Razão por que fiz? Sei ou não sei. De *ás*, eu pensava claro, acho que de *bês* não pensei não. Eu queria o ferver. Quase mesmo aquilo me engrossava, desarrazoado, feito o vício dum ruim prazer. Eu fazia minha raiva. Raiva bem não era, isto é: só uma espécie de despique a dentro, o vexame que me inçava não me dava rumo para continuação. Único reger era me empinar e assoprar em esta minha cabeça, aí a confusão e desordem e altos desesperos. Arremessei o cavalo, galopei demais. Não ia para a casa de Nhô Marôto. Ante antes ia para o seo Assis Wababa — aquela hora eu queria só gente estranha, muito estrangeira, estrangeira inteira! Só fosse um pouco para ver a Rosa'uarda, essa assim eu amava? Ah, não. Gostasse da Rosa'uarda, mas aí nas delícias dela minha ideia não podendo se firmar — porque aumentava o desamparo de minha vergonha.

Ia para a escola de Mestre Lucas. A lá, perto da casa de Mestre Lucas, morava um senhor chamado Dodó Meirelles, que tinha uma filha chamada Miosótis. Assim, à parva, às tantices, essa mocinha Miosótis também tinha sido minha namorada, agora por muitos momentos eu achava consolo em que ela me visse — que soubesse: eu, com minhas armas matadeiras, tinha dado revolta contra meu padrinho, saíra de casa, aos gritos, danado no animal, pelo cerrado a fora, capaz de capaz! Daí, a Mestre Lucas eu tinha de dar uma explicação. Eu não gostava daquela Miosótis, ela era uma bobinhã, no São Gregório nunca tinha pensado nela; gostava era de Rosa'uarda. Mas Nhô Marôto havia de logo saber que eu tivesse chegado no Curralim, e meu padrinho ia ter o pronto aviso. Mandava alguém me buscar. Vinha, ele. Não me importava. De repente, eu sabia: o que eu estava querendo era isso mesmo. Ele viesse, me pedisse para voltar, me prometendo tudo, ah, até nos meus pés se ajoelhava. E não viesse? Se demorasse a vir? Aí, o que era que eu ia fazer, caçar meio de vida, aturar remoque sei lá de todos, me repartir no miudinho de cada dia, tão penoso aborrecido. A bis, então, cresceu minha raiva. Tive outras lágrimas nos bobos olhos. Adramado pensei em minha mãe, com todo querer, e afirmei alto que seria só por conta dela que eu estava procedendo pelo avesso, gritei. Mas aquilo se fingia mal, espécie de minha vergonha esteve sendo maior. Como o cavalo, em rogo de misericórdia, escureceu o pelo de todo suor. Sosseguei as esporas. Viemos a passo de marcha. Eu tinha medo por causa de minha vida, quando entramos no Curralinho.

Em casa de seo Assis Wababa, me deram trato regozijante. No que jantei, ri, conversei. Só a praga duma surpresa me declararam: a de que a Rosa'uarda agora estava sendo nôiva, para se casar com um Salino Cúri, outro turco negociante, nos derradeiros meses para lá vindo. Assumí, em trela, tristeza e alívio — aquele amor não seria mesmo para mim, pelos motivos pessoais. Nublo em que me vi, mas me governei: trancei as pernas, comecei cara de falar pouco, senhor-não, senhor-sim, acautelado sisudo, e indagando dos grandes preços; assim fossem cuidar que essa minha viagem era por tramar importante encargo para o meu padrinho Selorico Mendes. Seo Assis Wababa oxente se prazia, aquela noite, com o que o Vupes noticiava: que em breves tempos os trilhos do trem-de-ferro se armavam de chegar até lá, o Curralinho então se destinava ser lugar comercial de todo valor. Seo Assis Wababa se engordava concordando, trouxe canjirão de vinho. Me alembro: eu entrei no que imaginei — na

ilusãozinha de que para mim também estava tudo assim resolvido, o progresso moderno: e que eu me representava ali rico, estabelecido. Mesmo vi como seria bom, se fosse verdade.

Mas estava lá o Vupes, Alemão Vupes, que eu disse — seo Emílio Wusp, que o senhor diz. Das vezes que viera a passar pelo Curralinho, ele já era meu conhecido. Tresdobrado homem. Sendo que entendia tudo de manejar com armas, mas viajava sem cano nenhum; dizia: — "Níquites! Desarmado eu completo, eu assim, eles todos mesmo vão muito mais me respeitar, oh, no sertão." Ele me viu afinar mira, uma vez, e me louvou, por eu, de nascença, saber tão bem, na horinha, segurar de não respirar. Mesmo dizia: — "Senhor atira bem, porque atira com espírito. Sempre o espírito é que acerta..." Soante que dissesse: sempre o espírito é que mata... Mas, a bem, agora aquela hora, estava lá o Vupes, assim foi. Porque, num desastre de instante, eu tinha pegado a pensar — o que resolvia minha situação era trabalhar para ele, se viajar vendendo ferramentas por aí, descaroçador de algodão. Nem ponderei, mas disse: — "Seo Vupes, o senhor não quererá me ajustar, em seu serviço?" Minha bestice. "*Níquites!*" — conforme que o Vupes constante exclamava. Ali nem acabei de falar, e em mim eu já estava arrependido, com toda a velocidade. Ideia nova que imaginei: que, mesmo pessoa amiga e cortês, virando patrão da gente, vira mais rude e reprovante. Mordi boca, já tinha falado. Ainda quis emendar, garantindo que era por gracejo; mas seo Assis Wababa e o Vupes me olhavam a menos, com desconfianças, me senti rebaixado demais. A contra mim tudo contra, o só ensêjo das coisas me sisava. Dali logo saí, me despedindo bem. Aonde? Só se fosse ver o Mestre Lucas. Assim vim andando, mediante desespero. Me alembro, vinha andando e agora era que eu pegava a pensar livre e solto na Rosa'uarda, lindas pernas as lindas grossas, ela no vestido de nanzuque, nunca havia de ser para meu regalo. Dum modo senti, como me recordei, depois, tempos, quando foi arte se cantar uma cantiga:

"*Seu pai fosse rico,*
tivesse negócio,
eu casava contigo
e o prazer era nosso..."

Isso, mas totalmente; às vezes.

Ao que, digo ao senhor, pergunto: em sua vida é assim? Na minha, agora é que vejo, as coisas importantes, todas, em caso curto de acaso foi que se conseguiram — pelo pulo fino de sem ver se dar — a sorte momenteira, por cabelo por um fio, um clim de clina de cavalo. Ah, e se não fosse, cada acaso, não tivesse sido, qual é então que teria sido o meu destino seguinte? Coisa vã, que não conforma respostas. Às vezes essa ideia me põe susto. Mas, o senhor veja: cheguei em casa do Mestre Lucas, ele me saudou, tão natural. Achei também tudo o natural, eu estava era cansado. E, quando Mestre Lucas me perguntou se eu vinha era de passeata, ou de recado da fazenda, expliquei que não: que eu tinha merecido licença de meu padrinho, para começar vida própria em Curralinho ou adiante, a fito de desenvolver mais estudos e apuramento só de cidade. Dizendo o que disse, eu mesmo jurava que Mestre Lucas não ia acreditar. Mas acreditou, até melhor. Sabe o senhor por quê? Porque, naquele dia, justo, ele estava remexido no meio de um assunto, que preparava o desejo dele para aí me acreditar. Digo: ele me ouviu, e disse:

— "Riobaldo, pois você chega em feita ocasião!"

Aí me explicou: um senhor, no Palhão, na fazenda Nhanva, altas beiras do Jequitaí, para o ensino de todas as matérias estava encomendando um professor. Com urgência, era homem de sua situação, garantia boa paga. Assim queria que Mestre Lucas fosse, que deixasse alguém dando escola no lugar dele, no Curralim, por uns tempos; isso, claro, não podia. Eu queria ir?

— "O senhor acha que eu posso?" — perguntei; para principiar qualquer tarefa, quase que eu sozinho nunca tive coragem. — "Ei, pode!" — o Mestre Lucas declarou. Já que estava acondicionando numa bruaca os livros todos — geografia, arimética, cartilha e gramática — e borracha, lápis, régua, tinteiro, tudo o que pudesse ter serventia. Aceitei. Um entusiasmo nosso me botava brioso. Melhor que era para logo, para o seguinte: dois camaradas do dito fazendeiro estavam ali no Curralim, esperando decisão, agora me levavam. Dona Dindinha, mulher de Mestre Lucas, no despedir, me abraçou, me deu umas lágrimas de bondade: — "Tem tanta gente ruim neste mundo, meu filho... E você assim tão moço, tão bonito..." Aí, nem cheguei a ver aquela menina Miosótis. A Rosa'uarda, vi, de longes olhares.

Os dois camaradas, em tanto percebi, eram capangas. Mas sujeitos de seu trato, sem altos-e-baixos nem as maiores asperezas, me deram toda

consideração. Viajamos juntos quatro dias, quase trinta léguas, bom tempo beirando o Riachão e enxergando à mão esquerda os vultos da Serra-do-Cabral. Meus companheiros quase que não me informavam, de nada ou nada. Tinham outras ordens. Mas, mesmo antes da gente entrar em terras do Palhão, fui vendo coisas calculosas, dei meio para duvidar. Patrulhas de cavaleiros em armas; troco de conversa de vigiação; e uma tropa de burros cargueiros, mas no meio dos tocadores vinham três soldados. Mais perto, em maiores me vi. Chegar lá declamava surpresa. A Nhanva enxameava de gente homem — pralaprá de feira em praça. E era vistosa fazenda assobradada, com grandes currais e um terreirão. Vi logo o dono.

Ele era imediatamente estúrdio, vestido de brim azul e calçando botas amareladas. Era nervoso, magro, um pouco mais para baixo do que o tamanho mediano, e com braços que pareciam demais de compridos, de tanto que podiam gesticular. Fui indo, ele veio vindo, o grande revólver na cintura; um lenço no pescoço dele esvoaçava. E aquele cabelo bom, despenteado alto, topete arrepiadinho. Apressei o passo, e ele esbarrou, com as mãos nas cadeiras. Me olhou frenteante, deu risada — de certo nem estava sabendo quem eu era. E gritou, caçoando: — “Me vem com o andar de sapo, me vem...”

Ah-oh-ah, o destempo de estar sendo debochado se irou em mim. Esbarrei, também. Me fiz mouco. Mas ele veio para mim, então, saudou, com um modo sensato de simpatia. Adiado eu disse: — “Sou o moço professor...” A alegria dele, me ouvindo, foi estupefacta. Me ferrou do braço, com porção de falas e agrados, subiu a escada comigo, me levou para um quarto, lá dentro, ligeiro, parecia até que querendo me esconder de todos. Uma doidice, de que? Ah, mas, ah — esse quem era — o homem? Zé Bebelo. A fixe de fato, tudo nele, para mim, tirava mais para fora uma real novidade.

Disse ao senhor? — eu estava pensando que ia dar escola para os filhos dum fazendeiro. Engano. O comum, com Zé Bebelo, virava diferente adiante, aprazava engano. Estudante sendo ele mesmo. Me avisou. Quis antever os cadernos, livros, pegar com as mãos. Assim ler e escrever, e as quatro contas, ele já soubesse, consumia jornais. Remexeu, tarabuz, e tudo foi arrumando na mesa grande do quarto, senhor-jesus-cristo que assoviava, o cantarolado. Mas — e aí comigo falou sério — naquilo se tinha de sungar segredo: eu visse. — “Vamos constar é que estou assentando os planos! Você fica sendo meu secretário.” Nesse mesmo ido

dia, a gente começou. Aquele homem me exercitou tonto, eh, ô, me fino fiz. Ânsia assim e anfa, e poder de entender demais, nunca achei quem outro. O que ele queria era botar na cabeça, duma vez, o que os livros dão e não. Ele era a inteligência! Vorava. Corrido, passava de lição em lição, e perguntava, reperguntava, parecia ter até raiva de eu saber e não ele, despeitos de ainda carecer de aprender, contra-fim. Queimava por noite duas, três velas. Ele mesmo falava: — “Relógio não vou olhar. Aí estudo, estudo, até que estico um cochilão. Cochilão me vem: então espairo o livro, e me deito, que me durmo.” Pela sua vontade dele, simples. De dia, estávamos debulhando páginas, e de repente se levantava ele, chegava na janela, apitava num apito, ministrava aquela brama de ordens: dez, vinte executações duma vez. O pessoal corria, cumpriam; aquilo semelhava um circo, bom teatro. Mas, com menos de mês, Zé Bebelo se tinha senhoreado de reter tudo, sabia muito mais do que eu mesmo soubesse. Aí, a alegria dele ficou demasiadamente. Sobrevinha com o livro, me fazia de queima-cara um punhado de perguntas. Ao tanto eu demorava, treteava no explicar, errando a esmo, caloteava. Ai-ai-ai d’ele atalhar as minhas palavras, mostrar no livro que eu estava falso, corrigir o dito, me dar quináu. Se espocava às gargalhadas, espalmava mão, expendia outras normas, próprias de sua ideia lá dele — e sendo feliz de nessas dificuldades me ver, eu já ignorante, esmorecido e escabreado. Só aí, digo, foi que ele ficou gostando de mim. Certo. Me deu um abraço, me gratificou em dinheiro, me fez firmes elogios — “Siô Baldo, já tomei os altos de tudo! Mas carece de você não ir s’embora, não, mas antes prosseguir sendo o secretário meu... Aponto que vamos por esse Norte, por grandes fatos, que você não se arrependerá...” — me disse — “...Norte, más bandas.” Soprou, só; enche que ventava.

Porque ele tinha me estatutado os todos projetos. Como estava reunindo e pervalendo aquela gente, para sair pelo Estado acima, em comando de grande guerra. O fim de tudo, que seria: romper em peito de bando e bando, acabar com eles, liquidar com os jagunços, até o último, relimpar o mundo da jagunçada braba. — “Somente que eu tiver feito, siô Baldo, estou todo: entro direito na política!” Antes me confessou essa única sina que ambicionava, de muito coração: e era de ser deputado. Pediu segredo, e eu não gostei. Porque eu estava sabendo que todos já aventavam aquela toleima, por detrás dele até antecipavam alcunha: “*o Deputado*”... O mundo é assim. Mas, mesmo desse jeito, o pessoal todo não regateava a

ele a maior dedicação de respeito. Por via de sua macheza. Ah, Zé Bebelo era o do duro — sete punhais de sete aços, trouxados numa bainha só! Atirava e tanto com qualquer quilate de arma, sempre certeira a pontaria, laçava e campeava feito um todo vaqueiro, amansava animal de maior brabeza — burro grande ou cavalo; duelava de faca, nos espíritos solertes de onça acuada, sem parar de pôr; e medo, ou cada parente de medo, ele cuspia em riba e desconhecia. Contavam: ele entrava de cheio, pessoalmente, e botava paz em qualquer rutuba. Ô homem couro-n'água, enfrentador! Dava os urros. E mesmo, para ele, parecia não ter nada impossível. Com tanta bobeia assim, desfrutável e escurril, e ái de quem pensasse em poitar olho de chacotas: morria vertiginoso... — "O único homem-jagunço que eu podia acatar, siô Baldo, já está falecido... Agora, temos de render este serviço à pátria — tudo é nacional!" Esse que já tinha morrido, que ele falava, era Joãozinho Bem-Bem, das Aroeiras, de redondeante fama. Se dizia, tinha estudado a vida dele, nos pormenores, com tanta devoção especial, que até um apelido em si se apôs: *Zé Bebelo*; causa que, de nome, em verdade, era José Rebêlo Adro Antunes.

— "Sei seja de se anuir que sempre haja vergonheira de jagunços, a sobre-corja? Deixa, que, daqui a uns meses, neste nosso Norte não se vai ver mais um qualquer chefe encomendar para as eleições as turmas de sacripantes, desentrando da justiça, só para tudo destruirem, do civilizado e legal!" Assim dizendo, na verdade sentava o dizer, com ira razoável. A gente devia mesmo de reprovar os usos de bando em armas invadir cidades, arrasar o comércio, saquear na sebaça, barrear com estrumes humanos as paredes da casa do juiz-de-direito, escramuçar o promotor amontado à força numa má égua, de cara para trás, com lata amarrada na cauda, e ainda a cambada dando morras e aí soltando os foguetes! Até não arrombavam pipas de cachaça diante de igreja, ou isso de se expor padre sacerdote nú no olho da rua, e ofender as donzelas e as famílias, gozar senhoras casadas, por muitos homens, o marido obrigado a ver? Ao quando falava, com o fogo que puxava de si, Zé Bebelo tinha de se esbarrar, ia até na varanda ou na janela, a apitar o apito, ditar as boas ordens. Daí, mais renovado, voltava para perto de mim, repunha: — "Ah, cujo vou, siô Baldo, vou. Só eu que sou capaz de fazer e acontecer. Sendo porque fui eu só que nasci para tanto!" Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos,

preenchendo a pobreza, estreando mil escolas. Começava por aí, durava um tempo, crescendo voz na fraseação, o muito instruído no jornal. Ia me enjoando. Porque completava sempre a mesma coisa.

Mas, minha vida na fazenda, era ruim ou era boa? Se melhor era. Arre, eu estava feito um inhampas. Aí lordeei. Me acostumei com o fácil movimento, entrei de amizade com os capangas. Sempre chegavam pessoas de fora, que conversavam em sozinhos com Zé Bebelo, gente de cidade. De um, eu soube que era delegado, em missão. E ele me apresentava com a honra de: Professor Riobaldo, secretário sendo. Nas folgas vagas, eu ia com os companheiros, obra de légua dali, no Leva, aonde estavam arranchadas as mulheres, mais de cinquenta. Elas vinham vindo, tantas, que, quase todo dia, mais tinham de baratear. Não faltava esse bom divertir. Zé Bebelo aprovava: — “Onde é que já se viu homem valer, se não tem à mão estadas raparigas? Ond’é?” Mesmo cachaça ele fornecia, com regra. — “Melhor, se não eles por si providenceiam, dão logo em abusos, patuleias...” — isto explicava. Demais, de tudo ali se prazia fartura confortável! Abastada comida, armamento de primeira, monte de munição, roupas e calçados para os melhores. E o cobre para semanal de pagamento, pois nenhum daqueles homens estava ali por amor-de-deus, mas ajeitando seu meio de viver. Diziam que era dinheiro do cofre do Governo. Parecia.

A tal que, enfim, veio o dia de se sair, guerreiramente, por vales e montes, a gente toda. Ôi, o alarido! Aos quantos gritos, um araral, revoo avante de pássaros — o senhor mesmo nunca viu coisa assim, só em romance descrito. De glória e avio de própria soldadesca, e cavalos que davam até medo de não se achar pasto que chegasse, e o pessoal perto por uns mil. Acompanhado dos chefes-de-turma — que ele dava patente de serem seus sotenentes e oficiais de seu terço — Zé Bebelo, montado num formudo ruço-pombo e com um chapéu distintíssimo na cabeça, repassava daqui p’r’ali, eguando bem, vistoriava. Me chamou para junto, eu tinha de ter à mão um caderno grosso, para por ordem dele assentar nomes, números e diversos, amanuense. Com eles eu estava vindo, então, o senhor vê. Vinha, para conhecer esse destino-meu-deus. O que me animou foi ele predizer que, quando eu mais não quisesse, era só opor um aceno, e ele dava baixa e alta de me ir m’embora.

Digo que fui, digo que gostei. À passeata forte, pronta comida, bons repousos, companheiragem. O teor da gente se distraía bem. Eu avistava as

novas estradas, diversidade de terras. Se amanhecia num lugar, se ia à noite noutro, tudo o que podia ser ranço ou discórdia consigo restava para trás. Era o enfim. Era. — “Mais, mais, há-de dará é para diante, quando se formar combate!” — uns proseavam. Zé Bebelo querendo. Sabia o que queria, homem de muita raposice. Já no sair da Nhanva, tinha composto seu povo em avulsos — cada grupo, cada rumo. Um pelo São Lamberto, da mão direita; outro pegou o Riacho Fundo e o Córrego do Sanhar; outro se separou da gente no Só-Aqui, indo o Ribeirão da Barra; outro tomou sempre à mão esquerda, encostando ombro no São Francisco; mas nós, que vínhamos mais Zé Bebelo mesmo em capitania, rompemos, no meio, seguindo o traço do Córrego Felicidade. Passamos perto de Vila Inconfidência, viemos acampar no arraial Pedra-Branca, beira do Água-Branca. E tudo correndo bem. Dum batalhão para outro, se expedia gente com ordens e recados. Arrastávamos uma rede grande, peixe grande por pegar. E foi. Eu não vi essa célebre batalha — eu tinha ficado na Pedra-Branca. Não por medo, não. Mas Zé Bebelo me mandou: — “Tem paciência, você espera, para reunir os municipais do lugar e fazer discurso, logo que um estafeta vier relatar qual foi nossa primeira vitória...”

Se deu, o que se disse. Só que, em vez de estafeta, a galope, veio Zé Bebelo mesmo. Eu tinha ficado com ruma de foguetes, para soltar, e foi festa. Zé Bebelo mandou dispor uma tábua por cima de um canto de cerca, conforme ele ali subiu e muito falou. Referiu. Para lá do Rio Pacú, no município de Brasília, tinham volteado um bando de jagunços — o com o valentão Hermógenes à testa — e derrotado total. Mais de dez mortos, mais de dez cabras agarrados presos; infelizmente só, foi que aquele Hermógenes conseguira de fugir. Mas não podia ir a longe! Ao que Zé Bebelo elogiou a lei, deu viva ao governo, para perto futuro prometeu muita coisa republicana. Depois, enxeriu que eu falasse discurso também. Tive de. — “Você deve de citar mais é em meu nome, o que por meu recato não versei. E falar muito nacional...” — se me se soprou. Cumpri. O que um homem assim devia de ser deputado — eu disse, encalquei. Acabei, ele me abraçou. O povo eu acho que apreciava. Daí, quando se estava no depois do almoço, vieram cavaleiros nossos, tangendo o troço de presos. Senti pena daqueles pobres, cansados, azombados, quase todos sujos de sangues secos — se via que não tinham esperança nenhuma decente. Iam de leva para a cadeia de Extrema, e de lá para outras cadeias, de certo, até para a da Capital. Zé Bebelo, olhando, me olhou, notou

moleza. — “Tem dó não. São os danados de façanhosos...” Ah, era. Disso eu sabia. Mas como ia não ter pena? O que demasia na gente é a força feia do sofrimento, própria, não é a qualidade do sofrente.

Pensei que agora podíamos merecer maior descanso. Ah, sim? — “Montar e galopar. Tem mais. Tem...” — Zé Bebelo chamou. Tocamos. Conversando, no caminho, eu perguntei, não sei: — “E Joca Ramiro?” Zé Bebelo tiscou de ombros, parece que não queria falar naquele. Daí me deu um gosto, de menor maldade, de explicar como era fabuloso o estado de Joca Ramiro, como tudo ele sabia e provia, e até que trazia um homem só para o ofício de ferrador, com a tendinha e as ferramentas, e o tudo mais versante aos animais. O que ouvindo, Zé Bebelo esbarrou. — “Ah, é uma ideia que vale, ora veja! Isso a gente tem de conceber também, é o bom exemplo para se aproveitar...” — ele atinou. E eu, que já ia contar mais, do diverso, das peripécias que meu padrinho dizia que Joca Ramiro inventava no dar batalha, então eu como me concertei em mim, e calei a boca. Mire veja o senhor tudo o que na vida se estorva, razão de pressentimentos. Porque eu estava achando que, se contasse, perfazia ato de traição. Traição, mas por que? Dei um tunco. A gente não sabe, a gente sabe. Calei a boca toda. Desencurtamos os cavalos.

No entre o Condado e a Lontra, se foi a fogo. Aí, vi, aprendi. A metade dos nossos, que se apeavam, no avanço, entremeados disfarçantes, suas armas em arte — escamoteados pelas árvores — e de repente ligeiros se jazendo: para o rastejo; com as cabeças, farejavam; toda a vida! Aqueles sabiam brigar, desde de nascença? Só avistei isso um instante. Sendo que seguindo Zé Bebelo, reviramos volta, para o Gameleiras, onde houve o pior. O que era, era o bando do Ricardão, que quase próximo, que cercamos. Para acuar, só faltando cães! E demos inferno. Se travou. Tiro estronda muito, no meio do cerrado: se diz que é estampido, que é rimbombo. Tive noção de que morreram bastantes. Vencemos. Não desci de meu animal. Nem prestei, nem estive, no fim, como o galope se desabriu: os homens perseguindo uns, que com o mesmo Ricardão se escapavam. Mas mais não se aproveitou, o Ricardão já tinha tido fuga. Então os nossos, de jeriza, com os oito prisioneiros feitos queriam se concluir. — “Eh, de jeito nenhum, êpa! Não consinto covardias de perversidade!” — Zé Bebelo se danou. Apreciei a excelência dele, no sistema de não se matar. Assim eu quis que o ar de paz logo revertesse, o alimpado, o povo gritando menos. Aquele dia tinha sido forte coisa. De

longe e sossego eu careci, demais. Se teve pouco. Arranjado o preciso, só se tomou prazo breve, porque recombinaram por diante os projetos e desarrancamos para a Terra Fofa, quase na demarca com o Grão-Mogol. Mas lá não cheguei. Em certo ponto do caminho, eu resolvi melhor minha vida.

Fugi. De repente, eu vi que não podia mais, me governou um desgosto. Não sei se era porque eu reprovava aquilo: de se ir, com tanta maioria e largueza, matando e prendendo gente, na constante brutalidade. Debelei que descuidassem de mim, restei escondido retardado. Vim-me. Isso que, pelo ajustado, eu não carecia de fazer assim. Podia chegar perto de Zé Bebelo, desdizer: — "Desanimei, declaro de retornar para o Curralim..." Não podia? Mas, na hora mesma em que eu a decisão tomei, logo me deu um enfaro de Zé Bebelo, em trosgas, a conversação. Nem eu não estava para ter confiança nenhuma em ninguém. A bem: me fugi, e mais não pensei exato. Só isso. O senhor sabe, se desprocede: a ação escorregada e aflita, mas sem sustância narrável.

Meu cavalo era bom, eu tinha dinheiro na algibeira, eu estava bem armado. Virei, vagaroso. Meu rumo mesmo era o do mais incerto. Viajei, vim, acho que eu não tinha vontade de chegar em nenhuma parte. Com vinte dias de remanchear, e sem as trapalhadas maiores, foi que me encostei para o Rio das Velhas, à vista da barra do Córrego Batistério. Dormi com uma mulher, que muito me agradou — o marido dela estava fora, na redondeza. Ali não dava maleita. De manhã cedo, a mulher me disse: — "Meu pai existe daqui a quarto-de-légua. Vai, lá tu almoça e janta. De noite, se meu marido não tiver voltado, eu te chamo, dando avisos." Eu falei: — "Você acende uma fogueira naquele alto, eu enxergo, eu cá venho..." Ela falou: — "Ao que não posso, alguém mais avistando havia de poder desconfiar." Eu falei: — "Assim mesmo, eu quero. Fogueira — uma fogueirinha de nada..." Ela falou: — "Quem sabe eu acendo..." A gente sérios, nem se sorrindo. Aí, eu fui.

Mas o pai dessa mulher era um homem finório de esperto, com o jeito de tirar da gente a conversa que ele constituía. A casa dele — espaçosa, casa-de-telha e caiada — era na beira, ali onde o rio tem mais crôas. Se chamava Manoel Inácio, Malinácio dito, e geria uns bons pastos, com cavalhada pastando, e os bois. Me deu almoço, me pôs em fala. Eu estava querendo ser sincero. E notei que ele no falar me encarava e no ouvir piscava os olhos; e, quem encara no falar mas pisca os olhos para ouvir,

não gosta muito de soldados. Aos poucos, então, contei: que dos zé-bebelos não tinha querido fazer parte; o que era a valente verdade. — “E Joca Ramiro?” — ele me perguntou. Eu disse, um pouco por me engrandecer e pôr minha prosa, que já tinha servido Joca Ramiro, e com ele conversado. Que, mesmo por isso, é que eu não podia ficar com Zé Bebelo, porque meu seguimento era por Joca Ramiro, em coração em devoção. E falei no meu padrinho Selorico Mendes, e em Aluiz e Alarico Totõe, e de como foi que Joca Ramiro pernoitou em nossa fazenda do São Gregório. Mais coisas decerto eu disse, e aquele homem Malinácio me ouvia, só se fazendo de sossegado. Mas eu percebi que ele não estava. Deu jeito de aconselhar que eu fosse embora. Que ali miasmava braba maleita. Não aceitei. Eu queria esperar, para ver se a fogueira por minha sorte se acendia, eu tinha gostado muito da filha dele casada. Por um instante, o sabido do homem se tardou no que fazer. Mas, eu, requerendo um lugar para armar minha rede na sombra, e descansar — eu disse que não andava bem de saúde, — isso pareceu ser de seu agrado. Me levou para um quarto, onde tinha um jirau com enxergão, me botou lá à la vontade, fechou a porta. Ferrei; abraçado com minhas armas.

Acordei só no aquele Malinácio me chamando para jantar. Cheguei na sala, e dei com outros três homens. Disseram de si que tropeiros eram, e estavam assim vestidos e parecidos. Mas o Malinácio começou a glosar e reproduzir minha conversa tida com ele — disso desgostei, segredos frescos contados não são para todos. E o arrieiro dono da tropa — que era o de cara redonda e pra clara — me fez muita interrogação. Não estive em boas cócoras. Construí de desconfiar. Não do fato d’ele tal encarecer — pois todo tropeiro sempre muito pergunta —; mas do jeito como os outros dois ajudavam aquele a me ver, de tudo perseverado tomando conta. Ele queria saber para onde eu mesmo me ia além. Queria saber por quê, se eu punia por Joca Ramiro, e estava em armas, por que então eu não tinha caçado jeito de trotar para o Norte, a fito de com o pessoal ramiros me juntar? Quem desconfia, fica sábio: dizendo como pude, muito confirmei; mas confirmei acrescentando que chegara até ali por dar volta cautelosa, e mesmo para sobre ter a calma de resolver os projetos em meu espírito. Ah, mas, ah! — enquanto que me ouviam, mais um homem, tropeiro também, vinha entrando, na soleira da porta. Aguentei aquele nos meus olhos, e recebi um estremecer, em susto desfechado. Mas era um susto de coração alto, parecia a maior alegria.

Soflagrante, conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois sabe o senhor quem, mas quem, mesmo? Era o Menino! O Menino, senhor sim, aquele do porto do de-Janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida. E ele se chegou, eu do banco me levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. Arvoamento desses, a gente estatela e não entende; que dirá o senhor, eu contando só assim? Eu queria ir para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram. Porque ele faltou com o passo, num rejeito, de acanhamento. Mas me reconheceu, visual. Os olhos nossos donos de nós dois. Sei que deve de ter sido um estabelecimento forte, porque as outras pessoas o novo notaram — isso no estado de tudo percebi. O Menino me deu a mão: e o que mão a mão diz é o curto; às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também. E ele como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chamava o Reinaldo.

Para que referir tudo no narrar, por menos e menor? Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê. Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir relembrado e verdadeiramente entendido — porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe diante. — “Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos” — me explicou o compadre meu Quelemém. Que fosse como sendo o trivial do viver feito uma água, dentro dela se esteja, e que tudo ajunta e amortece — só rara vez se consegue subir com a cabeça fora dela, feito um milagre: peixinho pediu. Por que? Diz-que-direi ao senhor o que nem tanto é sabido: sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na ideia, querendo e ajudando; mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço fatal, carecendo de querer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois. Muito falo, sei; caceteio. Mas porém é preciso. Pois então. Então, o senhor me responda: o amor assim pode vir do demo? Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe? Mas o senhor calado convenha. Peço não ter resposta; que, se não, minha confusão aumenta. Sabe, uma vez: no Tamanduá-tão, no barulho da guerra, eu vencendo, aí estremeci num relance claro de medo — medo só de mim, que eu mais não me reconhecia. Eu era alto, maior do

que eu mesmo; e, de mim mesmo eu rindo, gargalhadas dava. Que eu de repente me perguntei, para não me responder: — "Você é o rei-dos-homens?..." Falei e ri. Rinchei, feito um cavalão bravo. Desfechei. Ventava em todas as árvores. Mas meus olhos viam só o alto tremer da poeira. E mais não digo; chus! Nem o senhor, nem eu, ninguém não sabe.

Conto. *Reinaldo* — ele se chamava. Era o Menino do Porto, já expliquei. E desde que ele apareceu, moço e igual, no portal da porta, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma; podia? O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando aquela hora aquele Menino-Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família. Se sem peso e sem paz, sei, sim. Mas, assim como sendo, o amor podia vir mandado do Dê? Desminto. Ah — e Otacília? Otacília, o senhor verá, quando eu lhe contar — ela eu conheci em conjuntos suaves, tudo dado e clareado, suspendendo, se diz: quando os anjos e o voo em volta, quase, quase. A Fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, cabeceira de vereda. Otacília, estilo dela, era toda exata, criatura de belezas. Depois lhe conto; tudo tem o tempo. Mas o mal de mim, doendo e vindo, é que eu tive de compesar, numa mão e noutra, amor com amor. Se pode? Vem horas, digo: se um aquele amor veio de Deus, como veio, então — o outro?... Todo tormento. Comigo, as coisas não têm hoje e ant'ôntem amanhã: é sempre. Tormentos. Sei que tenho culpas em aberto. Mas quando foi que minha culpa começou? O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível. Digo: afora esses dois — e aquela mocinha Nhorinhá, da Aroeirinha, filha de Ana Duzuza — eu nunca supri outro amor, nenhum. E Nhorinhá eu deamei no passado, com um retardo custoso. No passado, eu, digo e sei, sou assim: relembrando minha vida para trás, eu gosto de todos, só curtindo desprezo e desgosto é por minha mesma antiga pessoa. Medeiro Vaz, antes de sair pelos Gerais com mão de justiça, botou fogo em sua casa, nem das cinzas carecia a possessão. Casas, por ordem minha aos bradados, eu incendiei: eu ficava escutando — o barulho de coisas rompendo e caindo, e estralando surdo, desamparadas, lá dentro. Sertão!

Logo que o Reinaldo me conheceu e me saudou, não tive mais dificuldade em dar certeza aos outros de minha situação. Ao quase sem sobejar palavras, ele afiançou o meu valimento, para aquele mestre de cara redonda e bom parecer, que passava por arrieiro da tropa e se chamava

Titão Passos. De fato, tropeiros não eram, eu soube, mas pessoal brigal de Joca Ramiro. E a tropa? Essa, que se estava para seguir porquanto pra o Norte, com os três lotes de bons animais, era para levar munição. Nem tiveram mais prevenimento de esconder isso de mim. Aquele Malinácio era o guardador: com as munições bem encobertadas. Defronte da casa dele, mesmo, e para cima e para baixo, o rio possuía as crôas de areia — cada qual com seu nome, que os remadores do das-Velhas botavam, e que todos tanto conheciam. Três crôas e uma ilha. Mas uma delas três, maior, também sendo meio ilha: isto é, ilha de terra, na parte de baixo, com grandes pedras e árvores, e suja de matinho, capim, o alecrim viçoso remolhando suas folhagens nágua e o bunda-de-negro verde vivente; e crôa, só de areia, na parte de cima. Uma crôa-com-ilha, que é conforme se diz. A Crôa-com-Ilha do Malinácio, dita. A lá, que aonde estava o oculto, a gente ia em canoa, baldear a munição. Os outros companheiros, afetados de tropeiros, sendo o Triol e João Vaqueiro, e mais Acrísio e Assunção, de sentinelas, e Vove, Jenolim e Admeto, que acabavam de enquerir a carga na mulada. A gente, jantou-se, já se estava de saída, para toda viagem. Eu ia com eles. Pois fomos. Nem tive pesar nenhum de não esperar o sinal da fogueira da mulher casada, filha do Malinácio. E ela era bonita, sacudida. Mulher assim de ser: que nem braçada de cana — da bica para os cochos, dos cochos para os tachos. Menos pensei. A andada de noite principiava como sobre algodão — produzida cuidadosa. Aquilo era munição de contos e contos de réis, a gente prezava grandes responsabilidades. Se vinha sem beiradear, mas sabendo o rio. Titão Passos comandava.

De seguir assim, sem a dura decisão, feito cachorro magro que espera viajantes em ponto de rancho, o senhor quem sabe vá achar que eu seja homem sem caráter. Eu mesmo pensei. Conheci que estava chocho, dado no mundo, vazio de um meu dever honesto. Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte. Abalado desse tanto, transtornei um imaginar. Só não quis arrependimento: porque aquilo sempre era começo, e descoroçoamento era modo-de-matéria que eu já tinha aprendido a protelar. Mas o Reinaldo vinha comigo, no mesmo lote, e não caçava minha companhia, não se chegou para perto de mim, nem vez, não dava sinal de prosseguir amizade. A gente descarecia de cuidar dos burros, um por um, enfileirados naquela paciência, na escuridão da noite eles tudo

enxergavam. Se eu não tivesse passado por um lugar, uma mulher, a combinação daquela mulher acender a fogueira, eu nunca mais, nesta vida, tinha topado com o Menino? — era o que eu pensava. Veja o senhor: eu puxava essa ideia; e com ela em vez de me alegre ficar, por ter tido tanta sorte, eu sofria o meu. Sorte? O que Deus sabe, Deus sabe. Eu vi a neblina encher o vulto do rio, e se estralar da outra banda a barra da madrugada. Assaz as seriemas para trás cantaram. Ao que, esbarramos num sitiozinho, se avistou um preto, o preto já levantado para o trabalho, descampando mato. O preto era nosso; fizemos paragem.

Dali, rezei minha ave-mariazinha de de-manhã, enquanto se desalbardava e amilhava. Outros escovavam os burros e mulas, ou a cangalhada iam arrumando, a carga toda se pôde resguardar — quase que ocupou inteira a casinha do preto. O qual era tão pobre desprevenido, tivemos até de dar comida a ele e à mulher, e seus filhinhos deles, quantidade. E notícia nenhuma, de nada, não se achava. A gente ia ao menos dormir o dia; mas três tinham de sobreficar, de vigias. O Reinaldo se dizendo ser um deles, eu tive coragem de oferecer também que ficava; não tinha sono, tudo em mim era nervosia. O rio, objeto assim a gente observou, com uma crôa de areia amarela, e uma praia larga: manhãzando, ali estava re-cheio em instância de pássaros. O Reinaldo mesmo chamou minha atenção. O comum: essas garças, enfileirantes, de toda brancura; o jaburú; o pato-verde, o pato-preto, topetudo; marrequinhos dansantes; martim-pescador; mergulhão; e até uns urubús, com aquele triste preto que mancha. Mas, melhor de todos — conforme o Reinaldo disse — o que é o passarim mais bonito e engraçadinho de rio-abaixo e rio-acima: o que se chama o manuelzinho-da-crôa.

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos voos e pousação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: — “É formoso próprio...” — ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P’ra e p’ra, os bandos de patos se cruzavam. — “Vigia como são esses...” Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. — “É aquele lá: lindo!” Era o manuelzinho-da-crôa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea — às vezes davam beijos de

biquinquim — a galinholagem deles. — “É preciso olhar para esses com um todo carinho...” — o Reinaldo disse. Era. Mas o dito, assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser — e tudo num homem-d’armas, brabo bem jagunço — eu não entendia! Dum outro, que eu ouvisse, eu pensava: frouxo, está aqui um que empulha e não culha. Mas, do Reinaldo, não. O que houve, foi um contente meu maior, de escutar aquelas palavras. Achando que eu podia gostar mais dele. Sempre me lembro. De todos, o pássaro mais bonito gentil que existe é mesmo o manuelzinho-da-crôa.

Depois, conversamos de coisas miúdas sem valor alheio, e eu tive uma influência para contar artes de minha vida, falar a esmo leve, me abrir em amáveis, bom. Tudo me comprazia por diante, eu não necessitava de prolongares. — “*Riobaldo... Reinaldo...*” — de repente ele deixou isto em dizer: — “... Dão par, os nomes de nós dois...” A de dar, palavras essas que se repartiram: para mim, pincho no em que já estava, de alegria; para ele, um vice-versa de tristeza. Que por que? Assim eu ainda não sabia. O Reinaldo pitava muito; não acerto como podia conservar os dentes tão asseados, tão brancos. Ao em tanto que, também, de pitar se carecia: porque volta-e-meia abespinhavam a gente os mosquitinhos chupadores, donos da vazante, uns mosquitinhos dansadinhos, tantos de se desesperar. Eu fui contando minha existência. Não escondi nada não. Relatei como tinha acompanhado Zé Bebelo, o foguetório que soltei e o discurso falado, na Pedra-Branca, o combate dado na beira do Gameleiras, os pobres presos passando, com as camisas e as caras sujadas de secos sangues. — “Riobaldo, você é valente... Você é um homem pelo homem...” — ele no fim falou. Sopesei meu coração, povoado enchido, se diz; me cri capaz de altos, para toda seriedade certa proporcionado. E, aí desde aquela hora, conheci que, o Reinaldo, qualquer coisa que ele falasse, para mim virava sete vezes.

Desculpa me dê o senhor, sei que estou falando demais, dos lados. Resvalo. Assim é que a velhice faz. Também, o que é que vale e o que é que não vale? Tudo. Mire veja: sabe por que é que eu não purgo remorso? Acho que o que não deixa é a minha boa memória. A luzinha dos santos-arrependidos se acende é no escuro. Mas, eu, lembro de tudo. Teve grandes ocasiões em que eu não podia proceder mal, aindas que quisesse. Por que? Deus vem, guia a gente por uma légua, depois larga. Então, tudo resta pior do que era antes. Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir

suas pêrdas e colheitas. Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere.

Aí nesse mesmo meio-dia, rendidos na vigiação, o Reinaldo e eu não estávamos com sono, ele foi buscar uma capanga bonita que tinha, com lavores e três botõezinhos de abotoar. O que nela guardava era tesoura, tesourinha, pente, espelho, sabão verde, pincel e navalha. Dependurou o espelho num galho de marmelo-do-mato, acertou seu cabelo, que já estava cortado baixo. Depois quis cortar o meu. Me emprestou a navalha, mandou eu fazer a barba, que estava bem grandeúda. Acontecendo tudo com risadas e ditos amigos — como quando com seu arreleque por-escuro uma nhaúma devoou, ou quando eu pulei para apanhar um raminho de flores e quase caí comprido no chão, ou quando ouvimos um him de mula, que perto pastava. De estar folgando assim, e com o cabelo de cidadão, e a cara raspada lisa, era uma felicidadezinha que eu principiava. Desde esse dia, por animação, nunca deixei de cuidar de meu estar. O Reinaldo mesmo, no mais tempo, comprou de alguém uma outra navalha e pincel, me deu, naquela dita capanga. Às vezes, eu tinha vergonha de que me vissem com peça bordada e historienta; mas guardei aquilo com muita estima. E o Reinaldo, doutras viagens, me deu outros presentes: camisa de riscado fino, lenço e par de meia, essas coisas todas. Seja, o senhor vê: até hoje sou homem tratado. Pessoa limpa, pensa limpo. Eu acho.

Depois, o Reinaldo disse: eu fosse lavar corpo, no rio. Ele não ia. Só, por acostumação, ele tomava banho era sozinho no escuro, me disse, no sinal da madrugada. Sempre eu sabia tal crendice, como alguns procediam assim esquisito — os caborjudos, sujeitos de corpo-fechado. No que era verdade. Não me espantei. Somente o senhor tenha: tanto sacrifício, desconforto de se esbarrar nos garranchos, às tatas na ceguez da noite, não se diferenciando um ái dum êi, e pelos barrancos, lajes escorregadas e lama atolante, mais o receio de aranhas caranguejeiras e de cobras! Não, eu não. Mas o Reinaldo me instruiu aquilo, e me deixou na beira da praia, alegrias do ar em meu pensamento. Cheguei a encarar a água, o Rio das Velhas passando seu muito, um rio é sempre sem antiguidade. Cheguei a tirar a roupa. Mas então notei que estava contente demais de lavar meu corpo porque o Reinaldo mandasse, e era um prazer fofo e perturbado. “Agançagem!” — eu pensei. Destapei raivas. Tornei a me vestir, e voltei para a casa do preto; devia de ser hora de se comer a janta e arriar a tropa

para as estradas. Agora o que eu queria era ímpeto de se viajar às altas e ir muito longe. A ponto que nem queria avistar o Reinaldo.

Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! — nunca tive inclinação pra aos vícios desencontrados. Repilo o que, o sem preceito. Então — o senhor me perguntará — o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente — tentação dessa eu espairecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. Conforme, por exemplo, quando eu me lembrava daquelas mãos, do jeito como se encostavam em meu rosto, quando ele cortou meu cabelo. Sempre. Do demo: Digo? Com que entendimento eu entendia, com que olhos era que eu olhava? Eu conto. O senhor vá ouvindo. Outras artes vieram depois.

Assim mesmo, naquele estado exaltado em que andei, concebi fundamento para um conselho: na jornada por diante, a gente tinha de deixar duma banda do rio, ir passar a Serra-da-Onça e entestar com a travessia do Jequitaí, por onde podia ter tropa de soldados; mais ajuizado não seria se enviar só um, até lá, espiar o que se desse e colher outras informações?

Titão Passos era homem ponderado em simples, achou boa a minha razão. Todos acharam. Aquela munição era de ida urgente, mas também valia mais que ouro, que sangue, se carecia de todo cuidado. Fui louvado e dito valedor, certo nas ideias. Ao senhor confesso, desmedi satisfação, no ouvir aquilo — que a assoprada na vaidade é a alegria que dá chama mais

depressa e mais a ar. Mas logo me reduzi, atinando que minha opinião era só pelo desejo encoberto de que a gente pudesse ficar mais tempo ali, naquele lugar que me concedia tantos regalos. Assim um roo de remorso: tantos perigos ameaçando, e a vida tão séria em cima, e eu mexendo e virando por via de pequenos prazeres. Sempre fui assim, descabido, desamarrado. Mas meu querer surtiu efeito, novas ordens. Para assuntar e ver com ver, o Jenolim saíu em rumo do Jequitaí, de sua Lagoa-Grande; e, com a mesma tenção, rebuçado viajou o Acrísio, até Porteiras e o Pontal da Barra, com todos os ouvidos bem abertos. E nós ficamos esperando a volta deles, cinco dias lá, com grande regozijo e repouso, na casa do preto Pedro Segundo de Rezende, que era posteiro em terras da Fazenda São Joãozinho, de um coronel Juca Sá. Até hoje, não me arrependo retratando? Os dias que passamos ali foram diferentes do resto de minha vida. Em horas, andávamos pelos matos, vendo o fim do sol nas palmas dos tantos coqueiros macaúbas, e caçando, cortando palmito e tirando mel da abelha-de-poucas-flores, que arma sua cera cor-de-rosa. Tinha a quantidade de pássaros felizes, pousados nas crôas e nas ilhas. E até peixe do rio se pescou. Nunca mais, até o derradeiro final, nunca mais eu vi o Reinaldo tão sereno, tão alegre. E foi ele mesmo, no cabo de três dias, quem me perguntou: — “Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos?” — “Reinaldo, pois eu morro e vivo sendo amigo seu!” — eu respondi. Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei. De manhã, o rio alto branco, de neblim; e o ouricurí retorce as palmas. Só um bom tocado de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo.

Dos outros, companheiros conosco, deixo de dizer. Desmexi deles. Bons homens no trivial, cacundeiros simplórios desse Norte pobre, uns assim. Não por orgulho meu, mas antes por me faltar o raso de paciência, acho que sempre desgostei de criaturas que com pouco e fácil se contentam. Sou deste jeito. Mas Titão Passos, digo, apreciei; porque o que salvava a feição dele era ter o coração nascido grande, cabedor de grandes amizades. Ele achava o Norte natural. Quando que conversamos, perguntei a ele se Joca Ramiro era homem bom. Titão Passos regulou um espanto: uma pergunta dessa decerto que nunca esperou de ninguém. Acho que nem nunca pensou que Joca Ramiro pudesse ser bom ou ruim: ele era o amigo de Joca Ramiro, e isso bastava. Mas o preto de-Rezende, que estava perto,

foi quem disse, risonho bobeento: — “Bom? Um messias!...” O senhor sabe: preto, quando é dos que encaram de frente, é a gente que existe que sabe ser mais agradecida. Ao que, em tanto, no ouvir falar de Joca Ramiro, o Reinaldo se aproximou. Parecia que ele não gostava de me ver em comprida conversa amiga com os outros, ficava quasezinho amuado. Com o tempo dos dias, fui conhecendo também que ele não era sempre tranquilo igual, feito antes eu tinha pensado. Ah, ele gostava de mandar, primeiro mandava suave, depois, visto que não fosse obedecido, com as sete-pedras. Aquela força de opinião dele mais me prazia? Aposto que não. Mas eu concordava, quem sabe por essa moleza, que às vezes a gente tem, sem tal nem razão, moleza no diário, coisa que até me parece ser parente da preguiça. E ele, o Reinaldo, era tão galhardo garboso, tão governador, assim no sistema pelintra, que preenchia em mim uma vaidade, de ter me escolhido para seu amigo todo leal. Talvez também seja. Anta entra n’água, se rupêia. Mas, não. Era não. Era, era que eu gostava dele. Gostava dele quando eu fechava os olhos. Um bem-querer que vinha do ar de meu nariz e do sonho de minhas noites. O senhor entenderá, agora ainda não me entende. E o mais, que eu estava criticando, era me a mim contando logro — jigajogas.

— “Você vai conhecer em breve Joca Ramiro, Riobaldo...” — o Reinaldo veio dizendo. — “Vai ver que ele é o homem que existe mais valente!” Me olhou, com aqueles olhos quando doces. E perfez: — “Não sabe que quem é mesmo inteirado valente, no coração, esse também não pode deixar de ser bom?!” Isto ele falou. Guardei. Pensei. Repensei. Para mim, o indicado dito, não era sempre completa verdade. Minha vida. Não podia ser. Mais eu pensando nisso, uma hora, outra hora. Perguntei ao compadre meu Quelemém. — “Do que o valor dessas palavras tem dentro” — ele me respondeu — “não pode haver verdade maior...” Compadre meu Quelemém está certo sempre. Repenso. E o senhor no fim vai ver que a verdade referida serve para aumentar meu pêjo de tribulação.

Fim do bom logo vem, mas. O Acrísio retornou: pasmaceira na barra do rio, a nenhuma novidade. Retornou o Jenolim: o Jequitaí estava passável. E saímos simples com a tropa, sem menos dessossego nem mais receio, serra para cima, pelos caminhos tencionados. Daí, hora grave me veio, com três léguas de marcha. Mazelas de mais pesares. E donde menos temi, no pior me vi. Titão Passos começou a me perguntar.

Titão Passos era homem liso bom; me fazia as perguntas com natureza tão honrosa, que eu não tinha ânimo de mentir, nem de me caber calado. Nem podia. De lá mais adiante, atravessado o Jequitaí, tudo ia se abrir a ser para nós todos campo de fogo e aos perigos de mortes. As turmas de cavaleiros de Zé Bebelo campeavam naquele país, caçando gente, sopitando, vigiando. Do povo morador, não faltava quem, desconfiando de nós, mandasse a eles envio de denúncia, pois todos queriam aproveitar a ocasião para se acabar com os jagunços, para sempre. — "Morrer, morrer, a gente sem luxo se cede..." — o Reinaldo disse. — "...Mas a munição tem de chegar em poder de Joca Ramiro!" Eu podia pensar tranquilo na minha morte por ali? Podia pensar no Reinaldo morrendo? E o que Titão Passos queria saber era tudo que eu soubesse, a respeito de Zé Bebelo, das malasartes que ele usava em guerra, de seus aprovados costumes, suas forças e armamentos. Tudo o que eu falasse, podia ajudar. O saber de uns, a morte de outros. Para melhor pensar, fui mal-respondendo, me calando, falando o que era vasto. Como eu ia depor? Podia? Tudo o que eu mesmo quisesse. Mas, traição, não.

Não. Nem era por retente de dever, por lei honesta nenhuma, ou floreado de noção. Mas eu não podia. Tudo dentro de mim não podia. Dou vendido em pecas riquezas o que eu cansei naquela hora, minhas caras deviam de estar pegando fogo. Que se eu contasse, não contasse, essas ânsias. Eu não podia, como um bicho não pode deixar de comer a avistada comida, como uma bicha-fêmea não pode fugir deixando suas criazinhas em frente da morte. Eu devia? Não devia? Vi vago o adiante da noite, com sombras mais apresentadas. Eu, quem é que eu era? De que lado eu era? Zé Bebelo ou Joca Ramiro? Titão Passos... o Reinaldo... De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu, Riobaldo. Eu não queria querer contar.

Falei e refalei inútil, consoante; e quer ver que Titão Passos aceitava aquilo assim? Me acreditava. Lembrei que ainda tinha, guardada estreito comigo, aquela lista, de nomes e coisas, de Zé Bebelo, num caderno. Alguma valia aquilo tinha? Não sei, sabia não. Andando, peguei, oculto, rasguei em pedacinhos, taquei tudo no arrojo dum riacho. Aquelas águas me lavavam. E, de tudo que a respeito do resto eu sabia, cacei em mim um esforço de me completo me esquecer. Depois, Titão Passos disse: — "Você pode ser de muita ajuda. Se a gente topar com a zebelância, você entra de bico — fala que é um deles, que esta tropa você está levando..." Com isso, me conformei. Aos poucos, mesmo compunha uma alegria, de ser capaz de

auxiliar e pôr efeito, como o justo companheiro. A que, no bando de Joca Ramiro, eu havia de prestar toda a minha diligência e coragem. E nem fazia mal que eu não relatasse a respeito de Zé Bebelo mais, porquanto o prejuizo que disso se tivesse, por ele eu também padecia e pagava. No caso, em vista de que agora eu estava também sendo um ramiro, fazia parte. De pensar isso, eu desfrutei um orgulho de alegria de glória. Mas ela durou curta. Ôi, barros da água do Jequitaí, que passaram diante de minha fraqueza.

Foi que Titão Passos, pensando mais, me disse: — “Tudo temos de ter cautela... Se eles já souberam notícia de que você fugiu, e te encontram, são sujeitos para quererem logo te matar imediato, por culpas de desertor...” Ouvi retardado, não pude dar resposta. Me amargou no cabo da língua. Medo. Medo que maneia. Em esquina que me veio. Bananeira dá em vento de todo lado. Homem? É coisa que treme. O cavalo ia me levando sem data. Burros e mulas do lote de tropa, eu tinha inveja deles... Tem diversas invenções de medo, eu sei, o senhor sabe. Pior de todas é essa: que tonteia primeiro, depois esvazia. Medo que já principia com um grande cansaço. Em minhas fontes, cocei o aviso de que um suor meu se esfriava. Medo do que pode haver sempre e ainda não há. O senhor me entende: costas do mundo. Em tanto, eu devia de pensar tantas coisas — que de repente podia cursar por ali gente zebebela armada, me pegavam: por al, por mal, eu estava soflagrante encostado, rendido, sem salves, atirado para morrer com o chão na mão. Devia de me lembrar de outros apertos, e dar relembro do que eu sabia, de ódios daqueles homens querentes de ver sangues e carnes, das maldades deles capazes, demorando vingança com toda judiação. Não pude, não pensava demarcado. Medo não deixava. Eu estando com um vapor na cabeça, o miôlo volteado. Mudei meu coração de posto. E a viagem em nossa noite seguia. Purguei a passagem do medo: grande vão eu atravessava.

A tristeza. Aí, o Reinaldo, na paragem, veio para perto de mim. Por causa da minha tristeza, sei que de mim ele mais gostava. Sempre que estou entristecido, é que os outros gostam mais de mim, de minha companhia. Por que? Nunca falo queixa, de nada. Minha tristeza é uma volta em medida; mas minha alegria é forte demais. Eu atravessava no meio da tristeza, o Reinaldo veio. Ele bem-me-quis, aconselhou brincando: — “Riobaldo, puxa as orêlhas do teu jumento...” Mas amuado eu não estava. Respondi somente: — “Amigo...” — e não disse nem mais.

Com toda minha cordura. Mas, de feito, eu carecia de sozinho ficar. Nem a pessoa especial do Reinaldo não me ajudava. Sozinho sou, sendo, de sozinho careço, sempre nas estreitas horas — isso procuro. O Reinaldo comigo par a par, e a tristeza do medo me eivava de a ele não dar valor. Homem como eu, tristeza perto de pessoa amiga afraca. Eu queria mesmo algum desespero.

Desespero quieto às vezes é o melhor remédio que há. Que alarga o mundo e põe a criatura solta. Medo agarra a gente é pelo enraizado. Fui indo. De repente, de repente, tomei em mim o gole de um pensamento — estralo de ouro: pedrinha de ouro. E conheci o que é socôrro.

Com o senhor me ouvindo, eu deponho. Conto. Mas primeiro tenho de relatar um importante ensino que recebi do compadre meu Quelemém. E o senhor depois verá que naquela minha noite eu estava adivinhando coisas, grandes ideias.

Compadre meu Quelemém, muitos anos depois, me ensinou que todo desejo a gente realizar alcança — se tiver ânimo para cumprir, sete dias seguidos, a energia e paciência forte de só fazer o que dá desgosto, nôjo, gastura e cansaço, e de rejeitar toda qualidade de prazer. Diz ele; eu creio. Mas ensinou que, maior e melhor, ainda, é, no fim, se rejeitar até mesmo aquele desejo principal que serviu para animar a gente na penitência de glória. E dar tudo a Deus, que de repente vem, com novas coisas mais altas, e paga e repaga, os juros dele não obedecem medida nenhuma. Isso é do compadre meu Quelemém. Espécie de reza?

Bem, rezar, aquela noite, eu não conseguia. Nisso nem pensei. Até para a gente se lembrar de Deus, carece de se ter algum costume. Mas foi aquele grão de ideia que me acuculou, me argumentou todo. Ideiazinha. Só um começo. Aos pouquinhos, é que a gente abre os olhos; achei, de per mim. E foi: que, no dia que amanhecia, eu não ia pitar, por forte que fosse o vício de minha vontade. E não ia dormir, nem descansar sentado nem deitado. E não ia caçar a companhia do Reinaldo, nem conversa, o que de tudo mais prezava. Resolvi aquilo, e me alegrei. O medo se largava de meus peitos, de minhas pernas. O medo já amolecia as unhas. Íamos chegando numa tapera, nas Lagoas do Córrego Mucambo. Lá nós tínhamos pastos bons. O que resolvi, cumpri. Fiz.

Ah, aquele dia me carregou, abreviei o poder de outras aragens. Cabeça alta — digo. Esta vida está cheia de ocultos caminhos. Se o senhor souber, sabe; não sabendo, não me entenderá. Ao que, por outra, ainda um

exemplo lhe dou. O que há, que se diz e se faz — que qualquer um vira brabo corajoso, se puder comer crú o coração de uma onça pintada. É, mas, a onça, a pessoa mesma é quem carece de matar; mas matar à mão curta, a ponta de faca! Pois, então, por aí se vê, eu já vi: um sujeito medroso, que tem muito medo natural de onça, mas que tanto quer se transformar em jagunço valentão — e esse homem afia sua faca, e vai em soroca, capaz que mate a onça, com muita inimizade; o coração come, se enche das coragens terríveis! O senhor não é bom entendedor? Conto. De não pitar, me vinham uns rangidos repentes, feito eu tivesse ira de todo o mundo. Aguentei. Sobejante saí caminhando, com firmes passos: bis, tris; ia e voltava. Me deu vontade de beber a da garrafa. Rosnei que não. Andei mais. Nem não tinha sono nenhum, desmenti fadiga. Reproduzi de mim outro fôlego. Deus governa grandeza. Medo mais? Nenhum algum! Agora viesse corja de zebebelos ou tropa de meganhas, e me achavam. Me achavam, ah, bastantemente. Eu aceitava qualquer vuvú de guerra, e ia em cima, enorme sangue, ferro por ferro. Até queria que viessem, duma vez, pelo definitivo. Aí, quando os passos escutei, vi: era o Reinaldo, que vindo. Ele queria direto, comigo se conferir.

Eu não podia tão depressa fechar meu coração a ele. Sabia disso. Senti. E ele curtia um engano: pensou que eu estava amofinado, e eu não estava. O que era sisudez de meu fogo de pessoa, ele tomou por mãmolência. Queria me trazer consolo? — "Riobaldo, amigo..." — me disse. Eu estava respirando muito forte, com pouca paciência para o trivial; pelo tanto respondi alguma palavra só. Ele, em hora comum, com muito menos que isso a gente marfava. Na vez, não se ofendeu. — "Riobaldo, não calculei que você era genista..." — ainda gracejou. Dei a nenhuma resposta. Momento calados ficamos, se ouvia o corrute dos animais, que pastavam à bruta no capim alto. O Reinaldo se chegou para perto de mim. Quanto mais eu tinha mostrado a ele a minha dureza, mais amistoso ele parecia; maldando, isso pensei. Acho que olhei para ele com que olhos. Isso ele não via, não notava. Ah, ele me queria-bem, digo ao senhor.

Mas, graças-a-deus, o que ele falou foi com a sucinta voz:

— "Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso... Escuta: eu não me chamo *Reinaldo*, de verdade. Este é nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar por quê. Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas — se diz. A vida nem é da gente..."

Ele falava aquilo sem rompante e sem entonos, mais antes com pressa, quem sabe se com tico de pesar e vergonhosa suspensão.

— “Você era menino, eu era menino... Atravessamos o rio na canoa... Nos topamos naquele porto. Desde aquele dia é que somos amigos.”

Que era, eu confirmei. E ouvi:

— “Pois então: o meu nome, verdadeiro, é *Diadorim*... Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve de me chamar, digo e peço, Riobaldo...”

Assim eu ouvi, era tão singular. Muito fiquei repetindo em minha mente as palavras, modo de me acostumar com aquilo. E ele me deu a mão. Daquela mão, eu recebia certezas. Dos olhos. Os olhos que ele punha em mim, tão externos, quase tristes de grandeza. Deu alma em cara. Adivinhei o que nós dois queríamos — logo eu disse: — “*Diadorim... Diadorim!*” — com uma força de afeição. Ele sério sorriu. E eu gostava dele, gostava, gostava. Aí tive o fervor de que ele carecesse de minha proteção, toda a vida: eu terçando, garantindo, punindo por ele. Ao mais os olhos me perturbavam; mas sendo que não me enfraqueciam. Diadorim. Sol-se-pôr, saímos e tocamos dali, para o Canabrava e o Barra. Aquele dia fora meu, me pertencia. Íamos por um plâino de varjas; lua lá vinha. Alimpo de lua. Vizinhança do sertão — esse Alto-Norte brabo começava. — Estes rios têm de correr bem! eu de mim dei. Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. Dia da lua. O luar que põe a noite inchada.

Reinaldo, Diadorim, me dizendo que este era real o nome dele — foi como dissesse notícia do que em terras longes se passava. Era um nome, ver o que. Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe. Da razão desse encoberto, nem resumi curiosidades. Caso de algum crime arrependido, fosse, fuga de alguma outra parte; ou devoção a um santo-forte. Mas havendo o ele querer que só eu soubesse, e que só eu esse nome verdadeiro pronunciasse. Entendi aquele valor. Amizade nossa ele não queria acontecida simples, no comum, sem encalço. A amizade dele, ele me dava. E amizade dada é amor. Eu vinha pensando, feito toda alegria em brados pede: pensando por prolongar. Como toda alegria, no mesmo do momento, abre saudade. Até aquela — alegria sem licença, nascida esbarrada. Passarinho cai de voar, mas bate suas asinhas no chão.

Hoje em dia, verso isso: emendo e comparo. Todo amor não é uma espécie de comparação? E como é que o amor desponta. Minha Otacília, vou dizer. Bem que eu conheci Otacília foi tempos depois; depois se deu a

selvagem desgraça, conforme o senhor ainda vai ouvir. Depois após. Mas o primeiro encontro meu com ela, desde já conto, ainda que esteja contando antes da ocasião. Agora não é que tudo está me subindo mais forte na lembrança? Pois foi. Assim que desta banda de cá a gente tinha padecido toda resma de reveses; e que soubemos que os judas também tinham atravessado o São Francisco; então nós passamos, viemos procurar o poder de Medeiro Vaz, única esperança que restava. Nos gerais. Ah, burití cresce e merece é nos gerais! Eu vinha com Diadorim, com Alaripe e com João Vaqueiro mais Jesualdo, e o Fafafa. Aos Buritis-Altos, digo ao senhor — vereda acima — até numa Fazenda Santa Catarina se chegar. A gente tinha ciência de que o dono era favorável do nosso lado, lá se devia de esperar por um recado. Fomos chegando de tardinha, noitinha já era, noite, noite fechada. Mas o dono não estava, não, só ia vir no seguinte, e sôr Amadeu a graça dele era. Quem acudiu e falou foi um velhozinho, já santificado de velho, só se apareceu no parapeito da varanda — parece que estava receoso de nossa forma; não solicitou de se subir, nem mandou dar nada de comer, mas disse licença d'a gente dormir na rebaixa do engenho. Avô de Otacília esse velhinho era, se chamava Nhô Vô Anselmo. Mas, em tanto que ele falava, e mesmo com a confusão e os latidos de muitos cachorros, eu divulguei, qual que uma luz de candeia mal deixava, a doçura de uma moça, no enquadro da janela, lá dentro. Moça de carinha redonda, entre compridos cabelos. E, o que mais foi, foi um sorriso. Isso chegasse? Às vezes chega, às vezes. Artes que morte e amor têm paragens demarcadas. No escuro. Mas senti: me senti. Águas para fazerem minha sede. Que jurei em mim: a Nossa Senhora um dia em sonho ou sombra me aparecesse, podia ser assim — aquela cabecinha, figurinha de rosto, em cima de alguma curva no ar, que não se via. Ah, a mocidade da gente reverte em pé o impossível de qualquer coisa! Otacília. O prêmio feito esse eu merecia?

Diadorim — dirá o senhor: então, eu não notei viciice no modo dele me falar, me olhar, me querer-bem? Não, que não — fio e digo. Há-de-o, outras coisas... O senhor duvida? Ara, mitilhas, o senhor é pessoa feliz, vou me rir... Era que ele gostava de mim com a alma; me entende? O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível. Suspa! O senhor viu onça: boca de lado e lado, raivável, pelos filhos? Viu rusgo de touro no alto campo, brabejando; cobra jararacussú emendando sete botes estalados; bando dôido de queixadas se passantes, dando febre no mato? E o senhor não viu o Reinaldo guerrear!... Essas coisas se acreditam. *O*

demônio na rua, no meio do redemunho... Falo! Quem é que me pega de falar, quantas vezes quero?!

Assim ao feito quando logo que desapeamos no acampo do Hermógenes; e quando! Ah, lá era um cafarnaúm. Moxinife de más gentes, tudo na deslei da jagunçagem bargada. Se estavam entre o Furado-de-São-Roque e o Furado-do-Sapo, rebeira do Ribeirão da Macaúba, por fim da Mata da Jaíba. A lá chegamos num de-tardinha. Às primeiras horas, conferi que era o inferno. Aí, com três dias, me acostumei. O que eu estava meio transtornado da viagem.

A ver o que eu contava: quem não conhecia o Reinaldo, ficou pronto conhecendo. Digo, Diadorim. Nós tínhamos em fim chegado, sem soberba nenhuma, contentes por topar com tanto número de companheiros em armas: de todos, todos eram garantia. Entramos no meio deles, misturados, para acocorar e prosear caçamos um pé de fôgo. Novidade nenhuma, o senhor sabe — em roda de fogueira, toda conversa é miudinhos tempos. Algum explicava os combates com Zé Bebelo, nós o nosso: roteiro todo da viagem, aos poucos para se historiar. Mas Diadorim sendo tão galante moço, as feições finas caprichadas. Um ou dois, dos homens, não achavam nele jeito de macheza, ainda mais que pensavam que ele era novato. Assim loguinho, começaram, aí, gandaiados. Desses dois, um se chamava de alcunha o Fancho-Bode, tratantaz. O outro, um tribufú, se dizia Fulorêncio, veja o senhor. Mau par. A fumaça dos tições deu para a cara de Diadorim — "Fumacinha é do lado — do delicado..." — o Fancho-Bode teatrou. Consoante falou soez, com soltura, com propósito na voz. A gente, quietos. Se vai lá aceitar rixa assim de graça? Mas o sujeito não queria pazear. Se levantou, e se mexeu de modo, fazendo xetas, mengando e castanhetando, numa dansa de furta-passo. Diadorim se esteve em pé, se arredou de perto da fogueira; vi e mais vi: ele apropriar espaços. Mas esse Fancho-Bode era abusado, vinha querer dar umbigada. E o outro, muito comparsa, lambuzante preto, estumou, assim como fingiu falsete, cantarolando pelo nariz:

"*Pra gaudêr, Gaudêncio*
E aqui pra o Fulorêncio?..."

Aquilo lufou! De rempe, tudo foi um ão e um cão, mas, o que havia de haver, eu já sabia... Oap!: o assoprado de um refugão, e Diadorim entrava

de encontro no Fancho-Bode, arrumou mão nele, meteu um sopapo: — um safano nas queixadas e uma sobarbada — e calçou com o pé, se fez em fúria. Deu com o Fancho-Bode todo no chão, e já se curvou em cima: e o punhal parou ponta diantinho da goela do dito, bem encostado no gogó, da parte de riba, para se cravar deslizado com bom apôio, e o pico em pele, de belisco, para avisar do gosto de uma boa-morte; era só se soltar, que, pelo peso, um fato se dava. O fechabrir de olhos, e eu também tinha agarrado meu revólver. Arre, eu não queria presumir de prevenir ninguém, mais queria mesmo era matar, se carecesse. Acho que notaram. Ao que, em hora justa e certa, nunca tive medo. Notaram. Farejaram pressentindo: como cachorro sabe. Ninguém não se meteu, pois desapartar assim é perigoso. Aquele Fulorêncio instantâneo esbarrou com os acionados indecentes, me menos olhou uma vez, daí não quis me encarar mais. — “Coca, bronco!” — Diadorim mandou o Fancho se levantasse: que puxasse também da faca, viesse melhor se desempenhar! Mas o Fancho-Bode se riu, amistoso safado, como tudo tivesse constado só duma brincadeira: — “Oxente! Homem tu é, mano-velho, patrício!” Estava escabreado. Dava nôjo, ele, com a cara suja de maus cabelos, que cresciam por todo lado. Guardei meu revólver, respeitavelmente. Aqueles dois homens não eram medrosos; só que não tinham os interesses de morrer tão cedo assim. Homem é rosto a rosto; jagunço também: é no quem-com-quem. E eles dois não estavam ali muito estimados. Comprazendo conosco, outros companheiros deram ar de amizade. E mesmo, por gracejo cordial, o Fulorêncio me perguntou: — “Mano Velho, me compra o que eu sonhei hoje?” Divertindo, também, para o ar dei resposta: — “Só se for com dinheiro da mãe do jacaré...” Todos riram. De mim não riram. O Fulorêncio riu também, mas riso de velho. Cá pensei, silencioso, silenciosinho: “Um dia um de nós dois agora tem de comer o outro... Ou, se não, fica o assunto para os nossos netos, ou para os netos dos nossos filhos...” Tudo em mais paz, me ofereceram: bebi da januária azulosa — um gole me foi: cachaça muito nomeada. Aquela noite, dormi conseguintemente.

Sempre disse ao senhor, eu atiro bem.

E esses dois homens, Fancho-Bode e Fulorêncio, bateram a bota no primeiro fogo que se teve com uma patrulha de Zé Bebelo. Por aquilo e isso, alguém falou que eu mesmo tinha atirado nos dois, no ferver do tiroteio. Assim, por exemplo, no circundar da confusão, o senhor sabe: quando bala raciocina. Adiante falaram que eu aquilo providenciei, motivo

de evitar que mais tarde eles quisessem vir com alguma tranquibérnia ou embusteria, em fito de tirarem desforra. Nego isso, não é verdade. Nem quis, nem fiz, nem praga roguei. Morreram, porque era seu dia, deles, de boa questão. Até, o que morreu foi só um. O outro foi pego preso — eu acho — deve de ter acabado com dez anos em alguma boa cadeia. A cadeia de Montes Claros, quem sabe. Não sou assassino. Inventaram em mim aquele falso, o senhor sabe como é esse povo. Agora, com uma coisa, eu concordo: se eles não tivessem morrido no começo, iam passar o resto do tempo todo me tocaiando, mais Diadorim, para com a gente aprontarem, em ocasião, alguma traição ou maldade. Nas estórias, nos livros, não é desse jeito? A ver, em surpresas constantes, e peripécias, para se contar, é capaz que ficasse muito e mais engraçado. Mas, qual, quando é a gente que está vivendo, no costumeiro real, esses floreados não servem: o melhor mesmo, completo, é o inimigo traiçoeiro terminar logo, bem alvejado, antes que alguma tramoia perfaça! Também, sei o que digo: em toda a parte, por onde andei, e mesmo sendo de ordem e paz, conforme sou, sempre houve muitas pessoas que tinham medo de mim. Achavam que eu era esquisito.

Só o que mesmo devo de dizer, como atiro bem: que vivo ainda por encontrar quem comigo se iguale, em pontaria e gatilho. Por meu bom, de desde mocinho. Alemão Vupes pouco me ensinou. Naquele tempo, já eu era. Dono de qualquer cano de fogo: revólver, clavina, espingarda, fuzil reiuno, trabuco, clavinote ou rifle. Honras não conto alto, porque acho que acerto natural assim é de Deus, dom dado. Pelo que compadre meu Quelemém me explicou: que eu devo de, noutra vida, por certo em encarnação, ter trabalhado muito em mira em arma. Seja? Pontaria, o senhor concorde, é um talento todo, na ideia. O menos é no olho, compasso. Aquele Vupes era profeta? Certa vez, entrei num salão, os companheiros careciam que eu jogasse, mor de inteirar a parceiragem. Bilhar — quero dizer. Eu não sabia, total. Tinha nunca botado a mão naquilo. — “Faz mal nenhum” — o Advindo disse. — “Você forma comigo, que sou tão no taco. João Nonato, com o Escopil, jogam de contra-lado...” Aceitei. Combinado ficou que o Advindo pudesse me superintender e pronunciar cada toque, com palavras e noção de conselhos, mas sem licença de apoiar mão em minha mão ou braço, nem encostar dedo no taco. É de ver que, mesmo do jeito, não bobeei um ceitil: o Advindo me lecionava o rumo medido da vantagem, e eu encurvava o

corpo, amolecia barriga e taqueava o meu chofre, querendo aquilo no verde —: era o justo repique — umas carambolas de todos estalos, retruque e recompletas, com recuanço, ladeio perfeito, efeito produzido e reproduzido; por fim, eu me reprazia mais escutando rebrilhar o concôco daquelas bolas umas nas outras, deslizadas... E pois, conforme dizia, por meu tiro me respeitavam, quiseram pôr apelido em mim: primeiro, *Cerzidor*, depois *Tatarana*, lagarta-de-fogo. Mas firme não pegou. Em mim, apelido quase que não pegava. Será: eu nunca esbarro pelo quieto, num feitío?

No que foi, no que me vi, no acampo do Hermógenes.

Cabralhada. Tiba. De boa entrada, ao que me gasturei, no vendo. Aqueles eram mais de cento e meio, sofreúdos, que todos curtidos no jagunçar, rafameia, mera gente. Azombado, que primeiro até fiquei, mas daí quis assuntação, achei, a meu cômodo. Assim, isto é, me acostumei com meio-só meu coração, naquele arranchamento. Propriamente, pessoal do Hermógenes. Digo: bons e maus, uns pelos outros, como neste mundo se pertence. Por um que ruim seja, logo mais para adiante se encontra outro pior. E a situação nossa era de guerra. Mesmo com isso, a peito pronto, ninguém se perturbou com perigos de tanta gravidade. Se vivia numa jóvia, medindo mãos, em vavavá e conversa de festa, tomando tempo. Aqueles não desamotinavam. A ajunta, ali, assim, de tantos atrás do ar, na vagagem: manga de homens, por zanzar ou estar à-tôa, ou parar formando rodas; ou uns dormindo, como boi malha; ou deitados no chão sem dormir — só aboboravam. Assaz toda espécie de roupa, divulguei: até sujeito com cinta larga de lã vermelha; outro com chapéu de lebre e colete preto de fino pano, cidadão; outros com coroça e bedém, mesmo sem chuva nenhuma; só que de branco vestido não se tinha: que com terno claro não se guerreia. Mas jamais ninguém ficasse nú-de-Deus ou indecente descomposto, no meio dos outros isso não e não. Andando que sentados, jogando jogos, ferrando queda de braço, assoando o nariz, mascando fumo forte e cuspindo longe, e pitando, picando ou dedilhando fumo no covo da mão, com muita demora; o mais, sempre no proseio. Aventes baldrocavam suas pequenas coisas, trem objeto que um tivesse e menos quisesse, que custou barato. E ninguém furtava! Furtasse, era perigar morte. Cantavam cantarol, uns, aboiavam sem bois. Ou cuidavam do espírito da barriga. O serviço que cumpriam era alimpar as armas bem — marcadas as cruzes nas feições das coronhas. E tudo o mais que faziam,

que fosse coisa de sem-o-que-fazer. Por isso — se dizia — que ali corresse muita besouragem, de falação mal, de rapa-tachos. Tinham lá até cachorros, vadiando geral, mas o dono de cada um se sabia; convinha não judiar com cão, por conta do dono.

Ao às-tantas me aceitaram; mas meio atalhados. Se o que fossem mesmo de constância assim, por tempero de propensão; ou, então, por me arrediarem, porquanto me achando deles diverso? Somente isto nos princípios. Sendo que eu soube que eu era mesmo de outras extrações. Semelhante por este exemplo, como logo entendi: eles queriam completo ser jagunços, por alcanço, gala mestra; conforme o que avistei, seguinte. Pois não era que, num canto, estavam uns, permanecidos todos se ocupando num manejo caprichoso, e isto que eles executavam: que estavam desbastando os dentes deles mesmos, aperfeiçoando os dentes em pontas! Se me entende? Senhor ver, essa atarefação, o tratear, dava alojo e apresso, dava até aflição em aflito, abobante. Os que lavravam desse jeito: o Jesualdo — mocinho novo, com sua simpatia —, o Araruta e o Nestor; os que ensinavam a eles eram o Simião e o Acauã. Assim um uso correntio, apontar os dentes de diante, a poder de gume de ferramenta, por amor de remedar o aguçoso de dentes de peixe feroz do rio de São Francisco — piranha redoleira, a cabeça-de-burro. Nem o senhor não pense que para esse gasto tinham instrumentos próprios, alguma liminha, ou ferro lixador. Não: aí era à faca. O Jesualdo mesmo se fazia, fazia aquilo sentado num calcanhar. Aviava de encalcar o corte da faca nas beiras do dente, rela releixo, e batia no cabo da faca, com uma pedra, medidas pancadas. Sem espelho, sem ver; ao tanto, que era uma faca de cabo de niquelado. Ah, no abre-boca, comum que babando, às vezes sangue babava. Ao mais gemesse, repuxando a cara, pelo que verdadeiro muito doía. Aguentava. Assim esquentasse demais; para refrescar, então ele bochechava a breve, com um caneco de água com pinga. Os outros dois, também. O Araruta procedia sozinho, igual, batendo na faca com a prancha de outra. O Nestor, não: para ele, o Simião, com um martelinho para os golpes, era quem raspava; mas decerto o Nestor ao outro para isso algum tanto pagasse. Abrenunciei. — "Arrenego!" — eu disse. — "Deveras? Então, mano-velho, pois tu não quer?" — o Simião, em gracejo, me perguntou. Me fez careta; e — acredite o senhor: ele, que exercia lâmina nos do outro, ele não possuía, próprio, dente mais nenhum nas gengivas — conforme aquela vermelha boca banguela toda abriu e me

mostrou. Repontei: — “Eu acho que, para se ser valente, não carece de figurativos...” O Acauã, que já era bom conhecido meu, assim mesmo achou de se reagir: — “São gostos...” Mas, um outro, que chegando veio, falou o mais seco: — “Tudo na vida são gostos, companheiro. Mas não será o meu!” Olhei para esse, que me deu o apoio. E era um Luís Pajeú — com a faca-punhal do mesmo nome, e ele sendo de sertão do mesmo nome, das comarcas de Pernambuco. Sujeito despachado, moreno bem queimado, mas de anelados cabelos, e com uma coragem terrivelmente. Ah, mas o que faltava, lá nele, que ele mais não tinha, era uma orêlha, — que rente cortada fora, pelo sinal. Onde era que o Luís Pajeú havia de ter deixado aquela orêlha? — “Será gosto meu não, de descascar dentaduras...” — conciso declarou, falava meio cantado, mole, fino. Alto e forte, foi outro falar, de outro, que no instante também ouvi: — “Uê, em minha terra, se afia guampa, é touro, ixí!” E esse um, trolado demais franco, e desempenado cavaleiro, era o Fafafa. Fiz conhecença. Dele tenho, para mais depois.

Ao que lá não faltava a farta comida, pelo que logo vi. Gêneros e bebidas boas. De donde vinha tudo, em redondezas tão pobrezinhas, a gente parando assim quase num deserto? E a munição, tanta, que nem precisaram da que tínhamos trazido, e que foi levada mais adiante, para os escondidos de Joca Ramiro, perto do arraial do Bró? E a jorna, para satisfazer àquela cabroeira vivente, que estavam ali em seu emprego de cargo? Ah, tinham roubado, saqueado muito, grassavam. A sebaça era a lavoura deles, falavam até em atacar grandes cidades. Foi ou não foi?

Mas, mire e veja o senhor: nas éras de 96, quando os serranos cismaram e avançaram, tomaram conta de São Francisco, sem prazo nem pena. Mas, nestes derradeiros anos, quando Andalécio e Antônio Dó forcejaram por entrar lá, quase com homens mil e meio-mil, a cavalo, o povo de São Francisco soube, se reuniram, e deram fogo de defesa: diz-que durou combate por tempo de três horas, tinham armado tranquias, na boca das ruas — com tapigos, montes de areia e pedra, e árvores cortadas, de través — brigaram como boa população! Daí, aqueles retornaram, arremeteram mesmo, senhores da cidade quase toda, conforme guerrearam contra o Major Alcides Amaral e uns soldados, cercados numas duas ou três casas e um quintal, guerrearam noites e dias. A ver, por vingar, porque antes o major Amaral tinha prendido o Andalécio, cortado os bigodes dele. Andalécio — o que, de nome real: Indalécio Gomes Pereira — homem de

grandes bigodes. Sei de quem ouviu, se recordava sempre com tremores: de quando, no tiroteio de inteira noite, Andalécio comandava e esbarrava, para gritar feroz: — "Sai pra fora, cão! Vem ver! Bigode de homem não se corta!..." Tudo gelava, de só se escutar. Aí, quem trouxe socôrro, para salvar o Major, foi o delegado Doutor Cantuária Guimarães, vindo às pressas de Januária, com punhadão de outros jagunços, de fazendeiros da política do Governo. Assim que salvaram, mandaram desenterrar, para contar bem, mais de sessenta mortos, uns quatorze juntos numa cova só! Essas coisas já não aconteceram mais no meu tempo, pois por aí eu já estava retirado para ser criador, e lavrador de algodão e cana. Mas o mais foi ainda atual agora, recentemente, quase, isto é; foi logo de se emendar depois do barulhão em Carinhanha — mortandades: quando se espirrou sangue por toda banda, o senhor sabe: "*Carinhanha é bonitinha...*" — uma verdade que barranqueiro canta, remador. Carinhanha é que sempre foi de um homem de valor e poder: o coronel João Duque — o pai da coragem. Antônio Dó eu conheci, certa vez, na Vargem Bonita, tinha uma feirinha lá, ele se chegou, com uns seus cabras, formaram grupo calados, arredados. Andalécio foi meu bom amigo. Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?

Atinei mal, no começo, com quem era que mandava em nós todos. O Hermógenes. Mas, perto duns cinquenta — nesse meio o Acauã, Simião, Luís Pajeú, Jesualdo e o Fafafa — obedeciam a João Goanhá, eram dele. E tinha um grupo de brabos do Ricardão. Onde era que estava o Ricardão? Reunindo mais braços-de-armas, beira da Bahia. Se esperava também a vinda de Sô Candelário, com os seus. Se esperava o chefe grande, acima de todos — Joca Ramiro — falado aquela hora em Palmas. Mas eu achava aquilo tudo dando confuso. Titão Passos, cabo-de-turma com poucos homens à mão, era nãostante muito respeitado. E o sistema diversiava demais do regime com Zé Bebelo. Olhe: jagunço se rege por um modo encoberto, muito custoso de eu poder explicar ao senhor. Assim — sendo uma sabedoria sutil, mas mesmo sem juízo nenhum falável; o quando no meio deles se trança um ajuste calado e certo, com semêlho, mal comparando, com o governo de bando de bichos — caititú, boi, boiada, exemplo. E, de coisas, faziam todo segredo. Um dia, foi ordem: ajuntar todos os animais, de sela e de carga, iam ser levados para amoitamento e pasto, entre serras, no Ribeirão Poço Triste, num varjal. Para mim, até o endereço que diziam, do lugar, devia de ser mentira. Mas tive de entregar

meu cavalo, completo no contragôsto. Me senti, a pé, como sem segurança nenhuma. E tem as pequenas coisas que aperreiam: enquanto estava com meu animal, eu tinha a capoteira, a bolsa da sela, os alforjes; podia guardar meus trecos. De noite, dependurava a sela num galho de árvore, botava por debaixo dela o dobro com as roupas, dormia ali perto, em paz. Agora, eu ficava num descômodo. Carregar os trens não podia — chegava o peso das armas, e das balas e cartuchame. Perguntei a um, onde era que tudo se depositava. — "Eh, berêu... Bota em algum lugar... Joga fora... Ôxe, tu carrega ouro nesses dôbros?..." Quê que se importavam? Por tudo, eram fogueiras de se cozinhar, fumaça de alecrim, panela em gancho de mariquita, e cheiro bom de carne no espeto, torrada se assando, e batatas e mandiocas, sempre quentes no soborralho. A farinha e rapadura: quantidades. As mantas de carne-ceará. Ao tanto que a carne-de-sol não faltasse, mesmo amiúde ainda saíam alguns e retornavam tocando uma rês, que repartiam. Muitos misturavam a jacuba pingando no coité um dedo de aguardente, eu nunca tinha avistado ninguém provar jacuba assim feita. Os usares! A ver, como o Fafafa abria uma cova quadrada no chão, ajuntava ali brasas grandes, direto no brasal mal-assasse pedação de carne escorrendo sangue, pouco e pouco revirava com a ponta do facão, só pelo chiar. Disso, definitivo não gostei. A saudade minha maior era de uma comidinha guisada: um frango com quiabo e abóbora-d'água e caldo, um refogado de carurú com ofa de angú. Senti padecida falta do São Gregório — bem que a minha vidinha lá era mestra. Diadorim notou meus males. Me disse consolo: — "Riobaldo, tem tempos melhores. Por ora, estamos acuados em buraco..." Assistir com Diadorim, e ouvir uma palavrinha dele, me abastava aninhado.

Mas, mesmo, achei que ali convinhável não era se ficar muito tempo juntos, apartados dos outros. Cismei que maldavam, desconfiassem de ser feio pegadio. Aquele povo estava sempre misturado, todo o mundo. Tudo era falado a todos, do comum: às mostras, às vistas. Diferente melhor, foi quando estivemos com Medeiro Vaz: o maior número lá era de pessoal dos *gerais* — gente mais calada em si e sozinha, moradores das grandes distâncias. Mas, por fim, um se acostuma; isto é, eu me acostumei. Sem receio de ser tirado de meu dinheiro: que eu empacotava ainda boa quantia, que Zé Bebelo sempre me pagou no pontual, e gastar eu não tinha onde. Recontei. Aí, quis que soubessem logo como era que eu atirava. Até gostavam de ver: — "Tatarana, põe o dez no onze..." — me pediam, por

festar. De duzentas braças, bala no olho de um castiçal eu acertava. Num aquele alvo só — as todas, todas! Assim então esbarrei aquilo com que me aperreavam, os coscuvilhos. — “Se alguém falou mal de mim, não me importo. Mas não quero que me venham me contar! Quem vier contar, e der notícias é esse mesmo que não presta: e leva o puto nome-da-mãe, e de que é filho!...” — eu informei. O senhor sabe: nome-da-mãe, e o depois, quer dizer — meu pinguelo. Sobre o fato, para de mim não desaprenderem, não se esquecerem, eu pegava o rifle — tive rifle de winchester, até, de quatorze tiros — e dava gala de entremez. — “Corta aquele risco Tatarana!” — me aprovavam. Se eu cortasse? Nunca errei. Para rebater, reproduzia tudo a revólver. — “Vem um cismo de fio de cabelo no ar, que eu acerto.” Sobrefiz. Social eu andava com minhas cartucheiras triplas, só que atochadas sempre. Ao que, me gabavam e louvavam, então eu esbarrava sossegado. Surgidamente, aí, principiou um desejo que tive — que era o de destruir alguém, a certa pessoa. O senhor pode rir: seu riso tem siso. Eu sei. Eu quero é que o senhor repense as minhas tolas palavras. E, olhe: tudo quanto há, é aviso. Matar a aranha em teia. Se não, por que era que já me vinha a ideia desejável: que joliz havia de ser era se meter um balaço no baixo da testa do Hermógenes?

A bronzes. O ódio pousa na gente, por umas criaturas. Já vai que o Hermógenes era ruim, ruim. Eu não queria ter medo dele. Digo ao senhor que aquele povo era jagunços; eu queria bondade neles? Desminto. Eu não era criança, nunca bobo fui. Entendi o estado de jagunço, mesmo assim sendo eu marinheiro de primeira viagem. Um dia, agarraram um homem, que tinha vindo à traição, espreitar a gente por conta dos bebelos. Assassinaram. Me entristeceu, aquilo, até ao vago do ar. O senhor vigie esses: comem o crú de cobras. Carecem. Só por isso, para o pessoal não se abrandar nem esmorecer, até Sô Candelário, que se prezava de bondoso, mandava mesmo em tempo de paz, que seus homens saíssem fossem, para estropelias, prática da vida. Ser ruim, sempre, às vezes é custoso, carece de perversos exercícios de experiência. Mas, com o tempo, todo o mundo envenenava do juízo. Eu tinha receio de que me achassem de coração mole, soubessem que eu não era feito para aquela influição, que tinha pena de toda cria de Jesus. — “E Deus, Diadorim?” — uma hora eu perguntei. Ele me olhou, com silenciozinho todo natural, daí disse, em resposta: — “Joca Ramiro deu cinco contos de réis para o padre vigário de Espinosa...”

Mas o Hermógenes era fel dormido, flagelo com frieza.

Ele gostava de matar, por seu miúdo regozijo. Nem contava valentias, vivia dizendo que não era mau. Mas outra vez, quando um inimigo foi pego, ele mandou: — "Guardem este." Sei o que foi. Levaram aquele homem, entre as árvores duma capoeirinha, o pobre ficou lá, nhento, amarrado na estaca. O Hermógenes não tinha pressa nenhuma, estava sentado, recostado. A gente podia caçar a alegria pior nos olhos dele. Depois dum tempo, ia lá, sozinho, calmoso? Consumia horas, afiando a faca. Eu ficava vendo o Hermógenes, passado aquilo: ele estava contente de si, com muita saúde. Dizia gracejos. Mas, mesmo para comer, ou falar, ou rir, ele deixava a boca prôpria se abrir alta no meio, qual sem vontade, boca de dôr. Eu não queria olhar para ele, encarar aquele carangonço; me perturbava. Então, olhava o pé dele — um pé enorme, descalço, cheio de coceiras, frieiras de remeiro do rio, pé-pubo. Olhava as mãos. Eu acabava achando que tanta ruindade só conseguia estar naquelas mãos, olhava para elas, mais, com asco. Com aquela mão ele comia, aquela mão ele dava à gente. Entremeando, eu comparava com Zé Bebelo aquele homem. Nessa hora, eu gostava de Zé Bebelo, quase como um filho deve de gostar do pai. As tantas coisas me tonteavam: eu em claro. De repente, eu via que estava desejando que Zé Bebelo vencesse, porque era ele quem estava com a razão. Zé Bebelo devia de vir, forte viesse: liquidar mesmo, a rás, com o inferno da jagunçada! E eu estava ali, cumprindo meu ajuste, por fora, com todo rigor; mas estava tudo traindo, traidor, no cabo do meu coração. Alheio, ao que, encostei minhas costas numa árvore. Aí eu não queria ficar dôido, no nem mesmo. Puxei conversa com Diadorim. Por que era que Joca Ramiro, sendo chefe tão subido, de nobres costumes, consentia em ter como seu alferes um sujeito feito esse Hermógenes, remarcado no mal? Diadorim me escutou depressa, tal duvidou de meu juizo: — "Riobaldo, onde é que você está vivendo com a cabeça? O Hermógenes é duro, mas leal de toda confiança. Você acha que a gente corta carne é com quicé, ou é com colher-de-pau? Você queria homens bem-comportados bonzinhos, para com eles a gente dar combate a Zé Bebelo e aos cachorros do Governo?!" A espichado, nesse dia calei. Assim uma coisa eu estava escondendo, mesmo de Diadorim: que eu já parava fundo no falso, dormia com a traição. Um nublo. Tinha perdido meu bom conselho. E entrei em máquinas de tristeza.

Então, eu era diferente de todos ali? Era. Por meu bom. Aquele povo da malfa, no dia e noite de relaxação, brigar, beber, constante comer. —

"Comeu, lobo?" E vozear tantas asneiras, mesmo de Diadorim e de mim já pensavam. Um dia, um disse: — "Eh, esse Reinaldo gosta de ser bom amigo... Ao quando o Leopoldo morreu ele quase morreu também, dos demorados pesares..." Desentendi, mediante meu querer. Mas não me adiantou. Daí, persistentemente, essa história me remoía, esse nome de um Leopoldo. Tomava por ofensa a mim, que Diadorim tivesse tido, mesmo tão antes, um amigo companheiro. Até que, vai, cresci naquela ideia: que o que estava fazendo falta era uma mulher.

E eu era igual àqueles homens? Era. Com não terem mulher nenhuma lá, eles sacolejavam bestidades. — "Saindo por aí," — dizia um — "qualquer uma que seja, não me escapole!" Ao que contavam casos de mocinhas ensinadas por eles, aproveitavelmente, de seguida, em horas safadas. — "Mulher é gente tão infeliz..." — me disse Diadorim, uma vez, depois que tinha ouvido as estórias. Aqueles homens, quando estavam precisando, eles tinham aca, almiscravam. Achavam, manejavam. Deus me livrou de endurecer nesses costumes perpétuos. A primeira, que foi, bonita moça, eu estava com ela somente. Tanto gritava, que xingava, tanto me mordia, e as unhas tinha. Ao cabo, que pude, a moça — fechados os olhos — não bulia; não fosse o coração dela rebater no meu peito, eu entrevia medo. Mas eu não podia esbarrar. Assim tanto, de repente vindo, ela estremeceuzinha. Daí, abriu os olhos, aceitou minha ação, arfou seus prazeres, constituído milagre. Para mim, era como eu tivesse os mais amores! Pudesse, levava essa moça comigo, fiel. Mas, depois, num sítio perto da Serra Nova, foi uma outra, a moreninha miúda, e essa se sujeitou fria estendida, para mim ficou de pedras e terra. Ah, era que nem eu nos medonhos fosse — e, o senhor crê? — a mocinha me aguentava era num rezar, tempos além. Às almas fugi de lá, larguei com ela o dinheiro meu, eu mesmo roguei pragas. Contanto que nunca mais abusei de mulher. Pelas ocasiões que tive, e de lado deixei, ofereço que Deus me dê alguma minha recompensa. O que eu queria era ver a satisfação — para aquelas, pelo meu ser. Feito com a Rosa'uarda, sempre formosa, a filha de Assis Wababa, sonhos meus, turcamente; e que a qual, não lhe disse: o pai dela, que era forte negociante, em todo tempo nanja que não desconfiou. Feito com aquela moça Nhorinhá, filha de Ana Duzuza. Digo ao senhor. Mas o senhor releve eu estar glosando assim a seco essas coisas de se calar no preceito devido. Agora: o tudo que eu conto, é porque acho que é sério preciso.

Permeio com quantos, removido no estatuto deles, com uns poucos me acompanheirei, daqueles jagunços, conforme que os anjos-da-guarda. Só quase a boa gente. Sendo que são, por todos, estes: *Capixúm* — caboclo sereno, viajado, filho dos gerais de São Felipe; *Fonfrêdo* — que cantava todas as rezas de padre, e comia carne de qualidade nenhuma, e que nunca dizia de onde era e viera; o que rimava verso com ele: *Sesfrêdo*, desse já lhe contei; o *Testa-em-Pé*, baiano ladino, chupava muito; o *Paspe*, vaqueiro jaibano, o homem mais habilidoso e serviçal que já topei nesta minha vida; *Dadá Santa-Cruz*, dito “o Caridoso”, queria sempre que se desse resto de comida à gente pobre com vergonha de vir pedir; o *Carro-de-Boi*, gago, gago. O *Catôcho*, mulato claro — era curado de bala. *Lindorífico*, chapadeiro minas-novense, com mania de aforrar dinheiro. O *Diôlo*, preto de beiço maior. *Juvenato*, *Adalgizo*, o *Sangue-de-Outro*. Ei, tantos; para quê que eu fui querer começar a descrever? *Dagobé*, o *Eleutério*, *Pescoço-Preto*, *José Amigo*...

Amigo? Homem desses, alguém dizendo a um que ele é demônio de ruim, ele ira de não querer ser, capaz até de nessa raiva matar o outro. Afirmo ao senhor, do que vivi: o mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra. *Ezirino* matou um companheiro, que *Batatinha* se chamava, o pobre dum cafuz magrelo, só que tinha o danado defeito de contrariar qualquer coisa que a gente falava. Ezirino caíu no mundo. Daí, começou voz que ele tinha fugido para se bandear com os zé-bebelos, pago por sua traição, e que Batatinha somente morreu porque disso sabia. Todo o mundo andava encrêspo, forjicavam muita cilada e enrêdos de desconfianças. Mudamos para outros lugares, mais a coberto, em distância: obra de sete léguas, para a parte do poente. Muito vi que não estávamos fazendo isso por escapulir; mas que o Hermógenes, Titão Passos e João Goanhá, antes acharam de combinar aquilo, em suas conversas — era o arrumo para melhores combates com Zé Bebelo. Ah, e, aí, lá chegaram, com satisfação de todos, dez homens, a Sô Candelário pertencidos. Traziam cargueiros com mais sal, bom café e uma barrica de bacalhau. Delfim era um daqueles, tocava. E o Luzié, alagoano de Alagôas. Nesse dia, eu saí, com esquadra, fomos rondar os caminhos de porventura dos bebelos, andamos mais de três léguas e tanto, no meio da noite retornamos.

De manhã cedo, eu soube: tinham até dansado, aquela véspera. — "Diadorim, você dansa?" — logo, perguntei. — "Dansa? Aquilo é pé de salão..." — quem respondeu foi o Garanço, o de olhos de porco. Ouvindo o que, me sobrou um enjoo. O Garanço, era um mocorongo mermado, com estúrdias feições, e pessoa muito agradável de seu natural. Ele tinha ideias, às vezes parecia criança pequena. Punha nome em suas armas: o facão era *torturúm*, o revólver *rouxinol*, a clavina era *berra-bode*. Com ele, a gente ria, sempremente. Mais o Garanço dava de procurar a companhia nossa, minha e de Diadorim; aquele tempo ele vinha costumeiro para perto. Às vezes, como naquilo, ele me produzia jeriza, verdadeira. Diadorim não dizia nada, estava deitado de costas, num pelego, com a cabeça num feixe de capim cortado. Ali naquele lugar ele contumaz dormia — Diadorim menos gostava de rede. O Garanço era sanfranciscano, dum lugar chamado Morpará. Hás-de, queria que a gente escutasse ele recontar compridas passagens de sua vida. Aquilo aborrecia. Eu queria estar-estâncias: dos violeiros, que tocavam sentimento geral. Depois, Diadorim se levantou, ia em alguma parte. Guardei os olhos, meio momento, na beleza dele, guapo tão aposto — surgido sempre com o jaleco, que ele tirava nunca, e com as calças de vaqueiro, em couro de veado macho, curtido com aroeira-brava e campestre. De repente, uma coisa eu necessitei de fazer. Fiz: fui e me deitei no mesmo dito pelego, na cama que ele Diadorim marcava no capim, minha cara posta no próprio lugar. Nem me fiz caso do Garanço, só com o violeiro somei. A zangarra daquela viola. Por não querer meu pensamento somente em Diadorim, forcejei. Eu já não presenciava nada, nem escutava possuído — fiquei sonhejando: o ir do ar, meus confins. Aí pensei no São Gregório? A bem, no São Gregório, não; mas peguei saudade dos passarinhos de lá, do pôço no córrego, do batido do monjolo dia e noite, da cozinha grande com fornalha acesa, dos cômodos sombrios da casa, dos currais adiante, da varanda de ver nuvens. O senhor sabe?: não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco carôço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a ideia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil. Fé que não é.

Mire veja: naqueles dias, na ocasião, devem de ter acontecido coisas meio importantes, que eu não notava, não surpreendi em mim. Mesmo hoje não atino com o que foram. Mas, no justo momento, me lembrei em

madrugada daquele nome: de Siruiz. Refiro que perguntei ao Garanço, por aquele rapaz Siruiz, que cantava cousas que a sombra delas em meu coração decerto já estava. O que eu queria saber não era próprio do Siruiz, mas da moça virgem, moça branca, perguntada, e dos pés-de-verso como eu nunca tive poder de formar um igual. Mas o Garanço já tinha respondido: — "Eh, eh, ô... O Siruiz já morreu. Morreu morto no tiroteio, entre o Morcêgo e o Suassùapara, passado para cá o Pacuí..." Do choque com que ouvi essa confirmação de notícia, fui arriando para um desânimo. Como se assim ele tivesse falado: "Siruiz? Mas não foram vocês mesmos que mataram?..." Eu, não. Nessa vez, eu tinha restado longe por fora, na Pedra-Branca, não vi combate. Como era que eu podia? O Garanço tomava rapé. Era um sujeito de intenções muito parvas. Perguntou se o Siruiz não seria meu amigo, meu parente. — "Quem sabe se era..." — eu respondi, de toleima. O Garanço, vi que não gostou. Viver perto das pessoas é sempre dificultoso, na face dos olhos. Nem eu quis indagar o mais, certo estava de que ele Garanço não sabia nada do que tivesse valor. Mas eu guardava triste de cór a canção recantada. E Siruiz tinha morrido. Então me instruiram na outra, que era cantiga de se viajar e cantar, guerrear e cantar, nosso bando, toda a vida:

"*Olerereêe, bai-*
ana...
Eu ia e
não vou mais:
Eu fa-
ço que vou lá dentro, oh baiana,
e volto
do meio
p'ra trás..."

O senhor aprende? Eu entoo mal. Não por boca de ruindade, lá como quem diz. Sou ruim não, sou homem de gostar dos outros, quando não me aperreiam; sou de tolerar. Não tenho a caixeta da raiva aberta. Rixava com nenhum, ali, aceitava o regime, na miudez das normas. Vai, daí, comigo erraram. Um, errou. Um pai-jagunço chamado Antenor, acho que era coração-de-jesusense, começou a temperar conversa, sagaz de fiúza, notei. Ele era homem chegado ao Hermógenes — se sabia dessa parte. De diz em

diz, rodeava a questão. Queria saber que apreço eu tinha por Joca Ramiro, por Titão Passos, os outros todos. Se eu conhecia Sô Candelário, que estava por chegar? O giro dos assuntos — ele me tenteava a fala. Notei. E, devagar, vinha querendo deixar em mim uma má vazante: me largar em dúvida. Não era? Aquilo eu inteligenciava. Esse Antenor, sempre louvando e vivando Joca Ramiro, acabou por me dar a entender, curtamente, o em conseguinte: que Joca Ramiro talvez fazia mal em estar tanto tempo por longe, alguns de bofe ruim já calculavam que ele estivesse abandonando seu pessoal, em horas de tanta guerra; que Joca Ramiro era rico, dono de muitas posses em terras, e se arranchava passando bem em casas de grandes fazendeiros e políticos, deles recebia dinheiro de munição e paga: seô Sul de Oliveira, coronel Caetano Cordeiro, doutor Mirabô de Melo. Que era que eu achava?

Eu escutei. Respondi? Ah, ah. Sou lá para achar nenhuma coisa. Não tinha nascido no ôntem, cedo tomei experiência de homens por homens. Disse só que decerto Joca Ramiro estava formando gente e meios para vir em ajuda de nós, jagunços em lei, e nesse meio-tempo punha toda confiança no Hermógenes, em Titão Passos, João Goanhá — fortes no fato valor e na lealdade. Gabei o Hermógenes, principal; bispei. Com isso, aquele Antenor concordou. A bem dizer, aprovou o quanto eu disse. Mas realçou mais altamente a fama do Hermógenes, e do Ricardão, também — esses dois seriam os chefes de encher a mão, em paz regalada mas por igual nos combates. Esse sujeito Antenor sabia coçar queixo de cobra e semear sal em roças verdes. Vulto perigoso, nas ações — o Garanço me preveniu, com a boa noção vinda de sua redondice de atinar. Ações? O que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo. Aquele Antenor já tinha depositado em mim o anúvio de uma má ideia: disideia, a que por minhas costas logo escorreu, traiçoeirinha como um rabo de gota de orvalho. Que explicação dou ao senhor? Acreditar, no que ele tinha suso dito, não acreditei. Mas em mim, para mim, aquilo tudo era — era assim como um lugar com mau-cheiro, no campo, uma árvore: lugar fedido, onde é que alguma jaratataca acuou, por se defender do latido dos cachorros. E grande aviso, naquele dia, eu tinha recebido; mas menos do que ouvi, real, do que do que eu tinha de certo modo adivinhado. De que valeu? Aviso. Eu acho que, quase toda a vez que ele vem, não é para se

evitar o castigo, mas só para se ter consolo legal, depois que o castigo passou e veio. Aviso? Rompe, ferro!

Cacei Diadorim. Mas eu estreava umas ânsias. Como fosse, falei, do novo e do velho; mal foi que falei: em zanga — desrazoadamente — e de primeira entrada. Acho que, por via disso, Diadorim não deu a devida estimação às minhas palavras. Alheio, eh. Só ojerizado em estilos ele esteve, um raio de momento, foi de ouvir que alguém pudesse duvidar do proceder de Joca Ramiro: Joca Ramiro era um imperador em três alturas! Joca Ramiro sabia o se ser, governava; nem o nome dele não podia atôa se babujar. E aqueles outros: o Hermógenes, Ricardão? Sem Joca Ramiro, eles num átimo se desaprumavam, deste mundo desapareciam — valiam o que pulga pula. O Hermógenes? Certo, um bom jagunço, cabo-de-turma; mas desmerecido de situação política, sem tino nem prosápia. E o Ricardão, rico, dono de fazendas, somente vivia pensando em lucros, querendo dinheiro e ajuntando. Diadorim, do Ricardão era que ele gostava menos: — "Ele é bruto comercial..." — disse, e fechou a boca forte, feito fosse cuspir.

Eu então disse, pelo conseguinte: — "A bom e bem, Diadorim. Mas, se é ou se não é, por que é que não vamos levar informação sutil a Joca Ramiro, para o enfim?" Aí, refalei muito, ao tanto que escondi minha raiva. Quem sabe Joca Ramiro, na lei da caminhação, não estava esquecido de conhecer os homens, deixando de farear o mudar do tempo? Viesse, Joca Ramiro podia detalhar o pôdre do são, recontar seus brabos entre as mãos e os dedos. Podia, devia de mandar embora aquele monstro do Hermógenes. Se sendo etcétera, se carecesse — eh, uái: se matava!... Diadorim pôs muito os olhos em mim, vi que com um espanto reprovador, não me achasse capaz de estipular tanta maldade sem escrúpulo. Mau não sou. *Cobra?* — ele disse? Nem cobra serepente malina não é. Nasci devagar. Sou é muito cauteloso.

Mais em paz, comigo mais, Diadorim foi me desinfluindo. Ao que eu ainda não tinha prazo para entender o uso, que eu desconfiava de minha boca e da água e do copo, e que não sei em que mundo-de-lua eu entrava minhas ideias. O Hermógenes tinha seus defeitos, mas puxava por Joca Ramiro, fiel — punia e terçava. Que, eu mais uns dias esperasse, e ia ver o ganho do sol nascer. Que eu não entendia de amizades, no sistema de jagunços. Amigo era o braço, e o aço!

Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço ao outro, e receber, e saírem por este mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou — amigo — é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é. Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa, o Alaripe, Sesfrêdo. Ele não quis me escutar. Voltei da raiva.

Digo ao senhor: nem em Diadorim mesmo eu não firmava o pensar. Naqueles dias, então, eu não gostava dele? Em pardo. Gostava e não gostava. Sei, sei que, no meu, eu gostava, permanecente. Mas a natureza da gente é muito segundas-e-sábados. Tem dia e tem noite, versáveis, em amizade de amor.

Antes o que me atanazava, a mór — disso crio razoável lembrança — era o significado que eu não achava lá, no meio onde eu estava obrigado, naquele grau de gente. Mesmo repensando as palavras de Diadorim, eu apurava só este resto: que tudo era falso viver, deslealdades. Traição? Traição minha, fosse no que fosse. Quase tudo o que a gente faz ou deixa de fazer, não é, no fim, traição? Há-de-o, a alguém, a alguma coisa. E eu não tardei no meu querer: lá eu não podia mais ficar. Donde eu tinha vindo para ali, e por que causa, e, sem paga de prêço, me sujeitava àquilo? Eu ia-me embora. Tinha de ir embora. Estava arriscando minha vida, estragando minha mocidade. Sem rumo. Só Diadorim. Quem era assim para mim Diadorim? Não era, aquela ocasião, pelo próprio dito de estar perto dele, de conversar e mais ver. Mas era por não aguentar o ser: se de repente tivesse de ficar separado dele, pelo nunca mais. E mesmo forte era a minha gastura, por via do Hermógenes. Malagourado de ódio: que sempre surge mais cedo e às vezes dá certo, igual palpite de amor. Esse Hermógenes — belzebú. Ele estava caranguejando lá. Nos soturnos. Eu sabia. Nunca, mesmo depois, eu nunca soube tanto disso, como naquele tempo. O Hermógenes, homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros. Aí, arre, foi que de verdade eu acreditei que o inferno é mesmo possível. Só é possível o que em homem se vê, o que por homem passa. Longe é, o Sem-olho. E aquele inferno estava próximo de mim, vinha por sobre mim. Em escuro, vi, sonhei coisas muito duras. Nas larguezas do sono da gente.

A já, que ia m'embora, fugia. Onde é que estava Diadorim? Nem eu não imaginava que pudesse largar Diadorim ali. Ele era meu companheiro, comigo tinha de ir. Ah, naquela hora eu gostava dele na alma dos olhos, gostava — da banda de fora de mim. Diadorim não me entendeu. Se engrotou.

Assaz, também, acho que me acuso: que não tive um ânimo de franco falar. Se fosse eu falasse total, Diadorim me esbarrava, no tolher, não me entendia. A vivo, o arisco do ar: o pássaro — aquele poder dele. Decerto vinha com o nome de Joca Ramiro! Joca Ramiro... Esse nem a gente conseguia exato real, era um nome só, aquela graça, sem autoridade nenhuma avistável, andava por longe, se era que andava. Teve um instante, bambeei bem. Foi mesmo aquela vez? Foi outra? Alguma, foi; me alembro. Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou — os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam. Vi — ele mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? Eu estava me sabendo? Meu corpo gostava do corpo dele, na sala do teatro. Maiormente. As tristezas ao redor de nós, como quando carrega para toda chuva. Eu podia pôr os braços na testa, ficar assim, lôrpa, sem encaminhamento nenhum. Que é que queria? Não quis o que estava no ar; para isso, mandei vir uma ideia de mais longe. Falei sonhando: — "Diadorim, você não tem, não terá alguma irmã, Diadorim?" — voz minha; eu perguntei.

Sei lá se ele riu? O que disse, que resposta? Sei quando a amargura finca, o que é o cão e a criatura. De tristeza, tristes águas, coração posto na beira. Irmã nem irmão, ele não tinha: — "Só tenho Deus, Joca Ramiro... e você, Riobaldo..." — ele declarou. Hê, de medo, coração bate solto no peito; mas de alegria ele bate inteiro e duro, que até dói, rompe para diante na parede. — "Diadorim, então quem foi esse moço Leopoldo, que morreu seu amigo?" — eu indaguei, de sem-tempo, nem sei porque; eu não estava pensando naquilo. Antes já eu estava para trás de ter perguntado, palavras fora da boca. — "Leopoldo? Um amigo meu, Riobaldo, de correta amizade..." — e Diadorim desfez assoprado um suspiro, o que muda melhor. — "Até te falaram nele, Riobaldo? Leopoldo era o irmão mais novo de Joca Ramiro..." Aquilo, eu já soubesse demais — que Joca Ramiro se realçasse por riba de tudo, reinante. Mas pude ter a língua sofreada. — "Vamos embora daqui, juntos, Diadorim? Vamos para longe,

para o porto do de-Janeiro, para o sertão do baixío, para o Curralim, São-Gregório, ou para aquele lugar nos gerais, chamado Os-Porcos, onde seu tio morava...” De arrancar, de meu falar, de uma sede. Aos tantos, fui abaixando os olhos — constando que Diadorim me agarrava com o olhar, corre que um silêncio de ferro. Assombrei de mim, de desprezo, desdenhado, de duvidar da minha razão. O que eu tinha falado era umas doideiras. Diadorim esperou. Ele era irrevogável. Então, eu saí dali, querendo esquecer ligeiro o atual. Minha cara estava pegando fogo.

Andei, em dei, até que lembrei: o Garanço. Bom, o Garanço, esse ia comigo, me seguia em tudo, era pobre homem à espera de qualquer ordem cordial. Isto ele mesmo nem sabia, mas era: que carecia era de alguma amizade. Estava lá, curvado, cabeçudo como uma cigarra. Estava cozinhando pequís, numa lata. — “Eh, eh, nós!...” — ele assim dizia. Ladeei conversa. Ele me ouvia, com anuídos, e fazendo uma cara de entender. Não conseguia. Só conseguia demonstrar os tamanhos de sua cabeça. Ao que bastava um meu maior cochicho, e o Garanço vinha, servia de companheiro para fugirmos. O mais que pudesse haver, era ele primeiro perguntar: — “E o Reinaldo?” —; porque já estava acostumado com eu e Diadorim sermos dois, e ele querer ser o três. Então, eu respondi: — “Segredo, eh, Garanço. Segredo, eh, e vamos!” — e que Diadorim era para vir depois. O Garanço tinha alguma diferença, por alguma banda de sua natureza ele se desapartava da jagunçagem.

Mas eu não cheguei a falar, não quis, não expliquei nada. Que era que eu ia fazer, às fugas com aquele prascóvio, pelo sul e pelo norte, nos sertões da Jaíba? Ele só sabia cumprir obediência, no que eu riscasse, governado por meu querer e por minha ideia; um companheiro assim não aumentava segurança minha nenhuma. Quero sombra? Quero éco? Quero cão? Não, com ele eu não me fazia, melhor esperar; eu ia ficando. Desse no que desse; mais um tempo. Algum dia, podia Diadorim mudar de tenção. Em Diadorim era que eu pensava, de fugir junto com ele era que eu carecia; como o rio redobra. O Garanço se regalava com os pequís, relando devagar nos dentes aquela polpa amarela enjoada. Aceitei não, daquilo não provo: por demais distraído que sou, sempre receei dar nos espinhos, craváveis em língua. — “Eh, eh, nós...” — o Garanço reproduzia, tão satisfeito. Minha amizade sobrou um pouco para ele, que era criatura de simples coração. Digo ao senhor: naquele dia eu tardava, no meio de sozinha travessia.

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado. Se eu fosse filho de mais ação, e menos ideia, isso sim, tinha escapulido, calado, no estar da noite, varava dez léguas, madrugava, me escondia do largo do sol, varava mais dez, passava o São Felipe, as serras, as Vinte-e-Uma-Lagoas, encostava no São Francisco bem de frente da Januária, passava, chegava em terra cidadã, estava no pique. Ou me pegassem no caminho, bebelos ou hermógenes, me matassem? Morria com um bé de carneiro ou um áu de cão; mas tinha sido um mais destino e uma mór coragem. Não valia? Não fiz. Quem sabe nem pensei sério em Diadorim, ou, pensei algum, foi em vezo de desculpa. Desculpa para meu preceito, mesmo. Quanto pior mais baixo se caíu, maismente um carece próprio de se respeitar. De mim, toda mentira aceito. O senhor não é igual? Nós todos. Mas eu fui sempre um fugidor. Ao que fugi até da precisão de fuga.

As razões de não ser. O que foi que eu pensei? Nas terríveis dificuldades; certamente, meiamente. Como ia poder me distanciar dali, daquele ermo jaibão, em enormes voltas e caminhadas, aventurando, aventurando? Acho que eu não tinha conciso medo dos perigos: o que eu descosturava era medo de errar — de ir cair na boca dos perigos por minha culpa. Hoje, sei: medo meditado — foi isto. Medo de errar. Sempre tive. Medo de errar é que é a minha paciência. Mal. O senhor fia? Pudesse tirar de si esse medo-de-errar, a gente estava salva. O senhor tece? Entenda meu figurado. Conforme lhe conto: será que eu mesmo já estava pegado do costume conjunto de ajagunçado? Será, sei. Gostar ou não gostar, isso é coisa diferente. O sinal é outro. Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos. Eu nem sabia. Assim que o Paspe tinha agulhas grandes, fio e sovela: consertou minhas alpercatas. Lindorífico me cedeu, por troco de espórtula, um bentinho com virtudes fortes, dito de sãossalavá e cruz-com-sangue. E o Elisiano caprichava de cortar e descascar um ramo reto de goiabeira, ele que assava a carne mais gostosa, as beiras tostadas, a gordura chiando cheio. E o Fonfrêdo cantava lôas de não se entender, o Duvino de tudo armava risada e graça, o Delfim tocando a viola, Leocádio dansava um valsar, com o Diodôlfo; e Geraldo Pedro e o Ventarol que

queriam ficar espichados, dormindo o tempo todo, o Ventarol roncasse — ele possuía uma rede de casamento, de bom algodão, com chuva de rendas rendadas... Aí e o Jenolim e o Acrísio, e João Vaqueiro, que depunham por mim com uma estima diferente, só porque se tinha viajado juntos, vindo do das-Velhas: — "Viva, companheiro tropeiro..." — saudavam. Ao que se jogava truque, e douradinha e douradão, por cima de couros de rês. Aí a troça em beirada de fogueiras, o vuvo de falinhas e falas, no encorpar da noite. Artes que havia uma alegria. Alegria, é o justo. Com os casos, que todos iam contando, de combates e tiroteios, perigos tantos vencidos, escapulas milagrosas, altas coragens... Aquilo, era uma gente. Ali eu estava no entremeio deles, esse negócio. Não carecia de calcular o avante de minha vida, a qual era aquela. Saísse dali, tudo virava obrigação minha trançada estreita, de cór para a morte. Homem foi feito para o sozinho? Foi. Mas eu não sabia. Saísse de lá, eu não tinha contrafim. Com tantos, com eles, gente vivendo sorte, se cumpria o grôsso de uma regra, por termo havia de vir um ganho; como não havia de ter desfêcho geral? Por que era que todos ficavam ali, por paz e por guerra, e não se desmanchava o bando, não queriam ir embora? Reflita o senhor nisso, que foi o que depois entendi vasto.

Desistir de Diadorim, foi o que eu falei? Digo, desdigo. Pode até ser, por meu desmazelo de contar, o senhor esteja crendo que, no arrancho do acampo, eu pouco visse Diadorim, amizade nossa padecesse de descuido ou míngua. O engano. Tudo em contra. Diadorim e eu, a gente parava em som de voz e alcance dos olhos, constante um não muito longe do outro. De manhã à noite, a afeição nossa era duma cor e duma peça. Diadorim, sempre atencioso, esmarte, correto em seu bom proceder. Tão certo de si, ele repousava qualquer mau ânimo. Por que é, então, que eu salto isso, em resumo, como não devia de, nesta conversa minha abreviã? Veja o senhor, o que é muito e mil: estou errando. Estivesse contando ao senhor, por tudo, somente o que Diadorim viveu presente mim, o tempo — em repetido igual, trivial — assim era que eu explicava ao senhor aquela verdadeira situação de minha vida. Por que é, então, que deixo de lado? Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom. Seja? E, aquele Garanço, olhe: o que eu dele disse, de bondade e amizade, não foi estrito. Sei que, naquela vez, não senti. Só senti e achei foi em recordação, que descobri, depois, muitos anos. Coitado do Garanço, ele queria relatar, me falava: — "Fui

almocreve, no Serém. Tive três filhos..." Mas, que sorte de jagunço recluta era ele — assim meninoso, jalôfo e bom. — "Êta, e você já matou seus muitos homens, Garanço?" — pois perguntei. O riso dele ficava querendo ser mais grosso: — "Eh, eh, nós... Sou algum medroso? E mecê encomenda o quê, no rifle que está em minha mão, mano velho! Eh, não desprevino, não lhe envergonho o desse..." O Garanço, mesmo afirmo, acho que nunca duvidou de coisa nenhuma. Toda tardeza dele não deixava. E só. Comum de benquistar e malquistar.

O senhor entenderá? Eu não entendo. Aquele Hermógenes me fazia agradados, demo que ele gostava de mim. Sempre me saudando com estimação, condizia um gracejo amistoso ou umas boas palavras, nem parecia ser o bedegueba. Por cortesia e por estatuto, eu tinha de responder. Mas, em mal. Me irava. Eu criava nôjo dele, já disse ao senhor. Aversão que revém de locas profundas. Nem olhei nunca nos olhos dele. Nôjo, pelos eternos — razão de mais distâncias. Aquele homem, para mim, não estava definitivo. E arre que ele não desconfiava, não percebia! Queria conversa, me chamava; eu tinha de ir — ele era o chefe. Fiquei de ensombro. Diadorim notou; me deu conselho: — "Modera esse gênio que você tem, Riobaldo. As pessoas não são tão ruins agrestes." "— Dele não me temo!" — eu respondi. Eu podia xingar com os olhos. Aí, o Hermógenes me presenteou com um nagã, e caixas de balas. Estive para nem aceitar. Eu já possuía revólver meu, carecia algum daquele, de tanto só cano, tão enorme? Por insistências dele, mesmo, com aquilo fiquei. Cuspi, depois. Dado que eu nunca ia retribuir! Queria eu lá viver perto de chefes? Careço é de pousar longe das pessoas de mando, mesmo de muita gente conhecida. Sou peixe de grotão. Quando gosto, é sem razão descoberta, quando desgosto, também. Ninguém, com dádivas e gabos, não me transforma. Aquele Hermógenes era matador — o de judiar de criaturas filhos-de-deus — felão de mau. Meus ouvidos expulsavam para fora a fala dele. Minha mão não tinha sido feita para encostar na dele. Ah, esse Hermógenes — eu padecia que ele assistisse neste mundo... Quando ele vinha conversar comigo, no silêncio da minha raiva eu pedia até ao demônio para vir ficar de permeio entre nós dois, para dele me apartar. Eu podia rechear de balas aquele nagã próprio, e descarregar nele tiros, entre os todos olhos. O senhor tolere e releve estas palavras minhas de fúria; mas, disto, sei, era assim que eu sentia, sofria. Eu era assim. Hoje em dia, nem sei se sou assim mais.

Do ódio, sendo. Acho que, às vezes, é até com ajuda do ódio que se tem a uma pessoa que o amor tido a outra aumenta mais forte. Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores. Tudo cabe. Conforme contei ao senhor, quando Otacília comecei a conhecer, nas serras dos gerais, Buritís Altos, nascente de vereda, Fazenda Santa Catarina. Que quando só vislumbrei graça de carinha e riso e boca, e os compridos cabelos, num enquadro de janela, por o mal acêso de uma lamparina. Mas logo fomos para acomodar, numa rebaixa de engenho-de-pilões, lá pernoitamos. Eu, com Diadorim, Alaripe, João Vaqueiro e Jesualdo, e o Fafafa. No que repontávamos de dura viagem: tudo o que era corpo era bom cansaço. Mas eu dormi com dois anjos-da-guarda.

O que lembro, tenho. Venho vindo, de velhas alegrias. A Fazenda Santa Catarina era perto do céu — um céu azul no repintado, com as nuvens que não se removem. A gente estava em maio. Quero bem a esses maios, o sol bom, o frio de saúde, as flores no campo, os finos ventos maiozinhos. A frente da fazenda, num tombado, respeitava para o espigão, para o céu. Entre os currais e o céu, tinha só um gramado limpo e uma restinga de cerrado, de donde descem borboletas brancas, que passam entre as réguas da cerca. Ali, a gente não vê o virar das horas. E a fôgo-apagou sempre cantava, sempre. Para mim, até hoje, o canto da fôgo-apagou tem um cheiro de folhas de assa-peixe. Depois de tantas guerras, eu achava um valor viável em tudo que era cordato e correntio, na tiração de leite, num papudo que ia carregando lata de lavagem para o chiqueiro, nas galinhas-d'angola ciscando às carreiras no fedegoso-bravo, com florezinhas amarelas, e no vassoural comido baixo, pelo gado e pelos porcos. Figuro que naquela ocasião tive curta saudade do São Gregório, com uma vontade vã de ser dono de meu chão, meu por posse e continuados trabalhos, trabalho de segurar a alma e endurecer as mãos. Estas coisas eu pensava repassadas. E estava lá, outra vez, nos gerais. O ar dos gerais, o senhor sabe. Tomamos farto leite. Trouxeram café para nós, em xicrinhas. Ao que ficamos por ali, à-tôa, depois de uma conversa com o velhozinho, avô. Otacília eu revi já foi na sobremanhã. Ela apareceu.

Ela era risonha e descritiva de bonita; mas, hoje-em-dia, o senhor bem entenderá, nem ficava bem conveniente, me dava pêjo de muito dizer. Minha Otacília, fina de recanto, em seu realce de mocidade, mimo de alecrim, a firme presença. Fui eu que primeiro encaminhei a ela os olhos.

Molhei mão em mel, regrei minha língua. Aí, falei dos pássaros, que tratavam de seu voar antes do mormaço. Aquela visão dos pássaros, aquele assunto de Deus, Diadorim era quem tinha me ensinado. Mas Diadorim agora estava afastado, amuado, longe num emperrêio. Principal que eu via eram as pombas. No bebedouro, pombas bando. E as verdadeiras, altas, cruzando do mato. — "Ah, já passaram mais de vinte verdadeiras..." — palavras de Otacília, que contava. Essa principiou a nossa conversa. Salvo uns risos e silêncios, a tão. Toda moça é mansa, é branca e delicada. Otacília era a mais.

Mas, na beira da alpendrada, tinha um canteirozinho de jardim, com escolha de poucas flores. Das que sobressaíam, era uma flôr branca — que fosse caeté, pensei, e parecia um lírio — alteada e muito perfumosa. E essa flôr é figurada, o senhor sabe? Morada em que tem moças, plantam dela em porta da casa-de-fazenda. De propósito plantam, para resposta e pergunta. Eu nem sabia. Indaguei o nome da flôr.

— "*Casa-comigo...*" — Otacília baixinho me atendeu. E, no dizer, tirou de mim os olhos; mas o tiritozinho de sua voz eu guardei e recebi, porque era de sentimento. Ou não era? Daquele curto lisim de dúvidas foi que minou meu maisquerer. E o nome da flôr era o dito, tal, se chamava — mas para os namorados respondido somente. Consoante, outras, as mulheres livres, dadas, respondem: — "*Dorme-comigo...*" Assim era que devia de haver de ter de me dizer aquela linda moça Nhorinhá, filha de Ana Duzuza, nos Gerais confins; e que também gostou de mim e eu dela gostei. Ah, a flôr do amor tem muitos nomes. Nhorinhá prostituta, pimenta branca, boca cheirosa, o bafo de menino-pequeno. Confusa é a vida da gente; como esse rio meu Urucúia vai se levar no mar.

Porque, no meio do momento, me virei para onde lá estava Diadorim, e eu urgido quase aflito. Chamei Diadorim — e era um chamado com remorso — e ele veio, se chegou. Aí, por alguma coisa dizer, eu disse: que estávamos falando daquela flôr. Não estávamos? E Diadorim reparou e perguntou também que flôr era essa, qual sendo? — perguntou inocente. — "Ela se chama é *liroliro...*" — Otacília respondeu. O que informou, altaneira disse, vi que ela não gostava de Diadorim. Digo ao senhor que alegria que me deu. Ela não gostava de Diadorim — e ele tão bonito moço, tão esmerado e prezável. Aquilo, para mim, semelhava um milagre. Não gostava? Nos olhos dela o que vi foi asco, antipatias, quando em olhar eles dois não se encontraram. E Diadorim? Me fez medo. Ele estava com meia

raiva. O que é dose de ódio — que vai buscar outros ódios. Diadorim era mais do ódio do que do amor? Me lembro, lembro dele nessa hora, nesse dia, tão remarcado. Como foi que não tive um pressentimento? O senhor mesmo, o senhor pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue, e os lábios da boca descorados no branquiço, os olhos dum terminado estilo, meio abertos meio fechados? E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida?! Ah, Diadorim... E tantos anos já se passaram.

Desde esse primeiro dia, Diadorim guardou raiva de Otacília. E mesmo eu podia ver que era açoite de ciúme. O senhor espere o meu contado. Não convém a gente levantar escândalo de começo, só aos poucos é que o escuro é claro. Que Diadorim tinha ciúme de mim com qualquer mulher, eu já sabia, fazia tempo, até. Quase desde o princípio. E, naqueles meses todos, a gente vivendo em par a par, por altos e baixos, amarguras e perigos, o roer daquilo ele não conseguia esconder, bem que se esforçava. Vai, e vem, me intimou a um trato: que, enquanto a gente estivesse em ofício de bando, que nenhum de nós dois não botasse mão em nenhuma mulher. Afiançado, falou: — "Promete que temos de cumprir isso, Riobaldo, feito jurado nos Santos-Evangelhos! Severgonhice e airado avêjo servem só para tirar da gente o poder da coragem... Você cruza e jura?!" Jurei. Se nem toda a vez cumpri, ressalvo é as poesias do corpo, malandragem. Mas Diadorim dava como exemplo a regra de ferro de Joãozinho Bem-Bem — o sempre sem mulher, mas valente em qualquer praça. Prometi. Por um prazo, jejuei de nem não ver mulher nenhuma. Mesmo. Tive penitência. O senhor sabe o que isso é? Desdeixei duma rôxa, a que me suplicou os carinhos vantajosos. E outra, e tantas. E uma rapariga, das de luxo, que passou de viagem, e serviu aos companheiros quase todos, e era perfumada, proseava gentil sobre as sérias imoralidades, tinha beleza. Não acreditei em juramento, nem naquilo de seo Joãozinho Bem-Bem; mas Diadorim me vigiava. De meus sacrifícios, ele me pagava com seu respeito, e com mais amizade. Um dia, no não poder, ele soube, ele quase viu: eu tinha gozado hora de amores, com uma mocinha formosa e dianteira, morena cor de dôce-de-burití. Diadorim soube o que soube, me disse nada menos nada. Um modo, eu mesmo foi que uns dias calado passei, na asperidão sem tristeza. De déu em demos, falseando; sempre tive fogo bandoleiro. Diadorim não me acusava, mas padecia. Ao que me

acostumei, não me importava. Que direito um amigo tinha, de querer de mim um resguardo de tamanha qualidade? Às vezes, Diadorim me olhasse com um desdém, fosse eu caso perdido de lei, descorrigido em bandalho. Me dava raiva. Desabafei, disse a ele coisas pesadas. — "Não sou o nenhum, não sou frio, não... Tenho minha força de homem!" Gritei, disse, mesmo ofendendo. Ele saíu para longe de mim; desconfio que, com mais, até ele chorasse. E era para eu ter pena? Homem não chora! — eu pensei, para formas. Então, eu ia deixar para a boca dos outros aquela menina que se agradou de mim, e que tinha cor de dôce-de-burití e os seios tão grandes?! Ah, essa agora não estava a meu dispor, tínhamos viajado muito para longe de onde ela morava. Mas entramos num arraial maior, com progresso de bordel, no hospedado daquilo usufruí muito, sou senhor. Diadorim firme triste, apartado da gente, naquele arraial, me lembro. Saí alegre do bordel, acinte. Depois, o Fafafa, numa venda, perguntou se não tinham chá de mate seco, comercial; e um homem tirou instantâneo nosso retrato. Se chamava o lugar: São João das Altas. Mulher esperta, cinturinhazinha, que me fez bem. O senhor releve e não reprove. Demasias de dizer sobem com as lembranças da mocidade. Não estou contando? Pois minha vida em amizade com Diadorim correu por muito tempo desse jeito. Foi melhorando, foi. Ele gostava, destinado, de mim. E eu — como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim.

E ainda falhamos dois dias na Fazenda Santa Catarina. Naquele primeiro dia, eu pude conversar outras vezes com Otacília, que, para mim, hora em mais hora embelezava. Minha alma, que eu tive; e minha ideia esbarrada. Conheci que Otacília era moça direta e opiniosa, sensata mas de muita ação. Ela não tinha irmão nem irmã. Sôr Amadeu chefiava largo: grandes gados em léguas de alqueires. Otacília não estava nôiva de ninguém. E ia gostar de mim? De moça-de-família eu pouco entendesse. A ser, a Rosa'uarda? Assim igual eu Otacília não queria querer; salvante assente que da Rosa'uarda nunca me lembrei com desprezo: não vê, não cuspo no prato em que o bom já comi. Sete voltas, sete, dei; pensamentos eu pensava.

Revirei meu fraseado. Quis falar em coração fiel e sentidas coisas. Poetagem. Mas era o que eu sincero queria — como em fala de livros, o senhor sabe: de bel-ver, bel-fazer e bel-amar. O que uma mocinha assim

governa, sem precisão de armas e galopes, guardada macia e fina em sua casa-grande, sorrindo santinha no alto da alpendrada... E ela queria saber tudo de mim, mais ainda me perguntava. — “Donde é mesmo que o senhor é, donde?” Se sorria. E eu não medi meus alforges: fui contando que era filho de Seô Selorico Mendes, dono de três possosas fazendas, assistindo na São Gregório. E que não tinha em minhas costas crime nenhum, nem estropelias, mas que somente por cálculos de razoável política era que eu vinha conduzindo aqueles jagunços, para Medeiro Vaz, o bom foro e patente fiel de todos estes Gerais. Aqueles? Diadorim e os outros? Eu era diferente deles.

Fiquei esperando o que ela desse em resposta. Nem nada não acreditava? Mas Otacília mudou para séria a feição do rosto, não queria mais de minha vida só assim meiamente indagar. Os de todos lindos olhos dela estavam me assinalando o céu com essas nuvens. Eu tinha renegado Diadorim, travei o que tive vergonha. Já era para entardecendo. Vindo na vertente, tinha o quintal, e o mato, com o garrulho de grandes maracanãs pousadas numa embaúba, enorme, e nas mangueiras, que o sol dourejava. Da banda do serro, se pegava no céu azul, com aquelas peças nuvens sem movimento. Mas, da parte do poente, algum vento suspendia e levava rabos-de-galo, como que com eles fossem fazer um seu branco ninho, muito longe, ermo dos Gerais, nas beiras matas escuras e águas todas do Urucúia, e nesse céu sertanejo azul-verde, que mais daí a pouco principiava a tomar rajas feito de ferro quente e sangues. Digo, porque até hoje tenho isso tudo do momento riscado em mim, como a mente vigia atrás dos olhos. Por que, meu, senhor? Lhe ensino: porque eu tinha negado, renegado Diadorim, e por isso mesmo logo depois era de Diadorim que eu mais gostava. A espécie do que senti. O sol entrado.

Daí, sendo a noite, aos pardos gatos. Outra nossa noite, na rebaixa do engenho, deitados em couros e esteiras — nem se tinha o espaço de lugar onde rede armar. Diadorim perto de mim. Eu não queria conversa, as ideias que já estavam se acontecendo eram maiores. Assim eu ouvindo o cicirí dos grilos. Na beira da rebaixa, a fogueira feita sarrava se acabando, Alaripe ainda esteve lá, mexendo em tição, pitou um cigarro. O Jesualdo, Fafafa e João Vaqueiro não esbarravam de falar, mais o Alaripe também, repesavam as vantagens da Santa Catarina. No que eu pensava? Em Otacília. Eu parava sempre naquela meia-incerteza, sem saber se ela sim-

se. Ao que nós todos pensávamos as mesmas coisas; o que cada um sonhava, quem é que sabia?

— “Aquilo é poço que promete peixe...” — o Jesualdo disse. Dela devia de ser. — “Amigo, não toque no nome dessa moça, amigo!...” — eu falei. Ninguém deu resposta, eles viam que era a sério fatal, deviam de estar agora desqueixelados, no escuro. Por longe, a mãe-da-lua suspirou o grito: — *Floriano, foi, foi, foi*... — que gemia nas almas. Então, era que em alguma parte a lua estava se saindo, a mãe-da-lua pousada num cupim fica mirando, apaixonada abobada. Deitado quase encostado em mim, Diadorim formava um silêncio pesaroso. Daí, escutei um entredizer, percebi que ele ansiava raiva. De repente.

— “Riobaldo, você está gostando dessa moça?”

Aí era Diadorim, meio deitado meio levantado, o assopro do rosto dele me procurando. Deu para eu ver que ele estava branco de transtornado? A voz dele vinha pelos dentes.

— “Não, Diadorim. Estou gostando não...” — eu disse, neguei que reneguei, minha alma obedecia.

— “Você sabe do seu destino, Riobaldo?”

Não respondi. Deu para eu ver o punhal na mão dele, meio ocultado. Não tive medo de morrer. Só não queria que os outros percebessem a má loucura de tudo aquilo. Tremi não.

— “Você sabe do seu destino, Riobaldo?” — ele reperguntou. Aí estava ajoelhado na beira de mim.

— “Se nanja, sei não. O demônio sabe...” — eu respondi. — “Pergunta...”

Me diga o senhor: por que, naquela extrema hora, eu não disse o nome de Deus? Ah, não sei. Não me lembrei do poder da cruz, não fiz esconjuro. Cumpri como se deu. Como o diabo obedece — vivo no momento. Diadorim encolheu o braço, com o punhal, se defastou e deitou de corpo, outra vez. Os olhos dele dansar produziam, de estar brilhando. E ele devia de estar mordendo o correiame de couro.

Assisado, me enrolei bem no cobertor; mas não adormeci. Eu tinha dó de Diadorim, eu ia com meu pensamento para Otacília. Me balanceei assim, adiantado na noite, em tanto gaio, em tanto piongo, com todas as novas dúvidas e ideias, e esperanças, no claro de uma espertina. Com muito, me levantei. Saí. Tomei a altura do sete-estrelo. Mas a lua subia estada, abençoando redondo o friinho de maio. Era da borda-do-campo que

a mãe-da-lua sofria seu cujo de canto, do vulto de árvores da mata cercã. Quando a lua subisse mais, as estrelas se sumiam para dentro, e até as seriemas podiam se atontar de gritar. Ao que fiquei bom tempo encostado no cajueiro da beira do curral. Só olhava para a frente da casa-da-fazenda, imaginando Otacília deitada, rezada, feito uma gatazinha branca, no cavo dos lençois lavados e soltos, ela devia de sonhar assim. E, de repente, pressenti que alguém tinha vindo por detrás de mim, me vigiava. Diadorim, fosse? Não virei a cara para ver. Não tive receio. Nunca posso ter medo das pessoas de quem eu gosto. Digo. Esperei mais, outro tempo. Daí, vim voltando. Mas lá não estava pessoa nenhuma, entre claridade e sombras. Ilusão minha, a fantasiação. Bebi água do rego, com o frio da noite ela corria morna. Tornei a entrar na rebaixa. Diadorim permanecia lá, jogado de dormir. De perto, senti a respiração dele, remissa e delicada. Eu aí gostava dele. Não fosse um, como eu, disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava. E, com o vago, devo de ter adormecido — porque acordei quando Diadorim no mexe leve se levantou, saíu sem rumor, levando a capanga, ia tomar seu banho em poço de córrego, das barras no clarear. Desde o que, depressa eu tornei a me dormir.

Mas, cedo no amanhecer, o sôr Amadeu tinha chegado, e com notícia urgente: que o grosso do bando de Medeiro Vaz recruzava, de lá a quinze léguas, da Vereda-Funda para a Ratragagem, e nós tínhamos de seguir, sem folga, supraditamente. No que Nhô Vô Anselmo me deu um dito afeiçoado e diferente — entendi que o velhozinho sabia de alguma coisa, e que não desgostava que eu viesse a ficar neto dele. Nós almoçamos e montamos. Diadorim, Alaripe, Jesualdo e João Vaqueiro se retiraram em adiantando, e o Fafafa. Mas eu cacei melhor coragem, e pedi meu destino a Otacília. E ela, por alegria minha, disse que havia de gostar era só de mim, e que o tempo que carecesse me esperava, até que, para o trato de nosso casamento, eu pudesse vir com jús. Saí de lá aos grandes cantos, tempo-do-verde no coração. Por breve — pensei — era que eu me despedia daquela abençoada fazenda Santa Catarina, excelentes produções. Não que eu acendesse em mim ambição de têres e havêres; queria era só mesma Otacília, minha vontade de amor. Mas, com um significado de paz, de amizade de todos, de sossegadas boas regras, eu pensava: nas rezas, nas roupagens, na festa, na mesa grande com comedorias e doces; e, no meio do solene, o sôr Amadeu, pai dela, que apartasse — destinado para nós dois — um buritizal em dote, conforme o uso dos antigos.

Vim. Diadorim nada não me disse. A poeira das estradas pegava pesada de orvalho. O birro e o jesus-meu-deus cantavam. O melosal maduro alto, com toda sua roxidão, roxura. Mas, o mais, e do que sei, eram mesmo meus fortes pensamentos. Sentimento preso. Otacília. Por que eu não podia ficar lá, desde vez? Por que era que eu precisava de ir por adiante, com Diadorim e os companheiros, atrás de sorte e morte, nestes Gerais meus? Destino preso. Diadorim e eu viemos, vim; de rota abatida. Mas, desse dia desde, sempre uma parte de mim ficou lá, com Otacília. Destino. Pensava nela. Às vezes menos, às vezes mais, consoante é da vida. Às vezes me esquecia, às vezes me lembrava. Foram esses meses, foram anos. Mas Diadorim, por onde queria, me levava. Tenho que, quando eu pensava em Otacília, Diadorim adivinhava, sabia, sofria.

Essas coisas todas se passaram tempos depois. Talhei de avanço, em minha história. O senhor tolere minhas más devassas no contar. É ignorância. Eu não converso com ninguém de fora, quase. Não sei contar direito. Aprendi um pouco foi com o compadre meu Quelemém; mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa. Agora, neste dia nosso, com o senhor mesmo — me escutando com devoção assim — é que aos poucos vou indo aprendendo a contar corrigido. E para o dito volto. Como eu estava, com o senhor, no meio dos hermógenes.

Destaque feito: Zé Bebelo vinha vindo. Vinham por nós. E tivemos notícia: a légua dali, eles estavam chegando, no meio do dia, patrulhão de cavaleiros. Légua, não era verdade — mas, obra de seis léguas, o sim. E eram só uns sessenta, por aí. Todo o tempo eu vinha sabendo que nosso fim era esse, mas mesmo assim foi feito surpresa. Eu não podia imaginar que ia entrar em fogo contra os bebelos. De certo modo, eu prezava Zé Bebelo como amigo. Respeitava a finura dele — Zé Bebelo: sempre entendidamente. E uma coisa me esmoreceu a tôrto. Medo, não, mas perdi a vontade de ter coragem. Mudamos de acampo, para perto, para perto. — “É agora! É hoje!...” O Hermógenes reunia o pessoal, todos. A gente carecia de levar o préstimo maior de munição, que se pudesse. Aonde? Diadorim, por um gesto, me cortou de fazer mais perguntas. Às armas. Diadorim ia, para aquilo, prezável de passeata. Ah, uma coisa não referi ao senhor. Que era que, aquele tempo, no arranchamento do Hermógenes, minha amizade com Diadorim estava sendo feito água que corre em pedra, sem pêpa de barro nem pó de turvação. Da voz de homens e do tinir de

armas em má véspera, não se podia deixar de receber um lufo de dureza, de mais próprio respeito, e muita coisinha se empequenava. — “Zé Bebelo é arisco de aviso, Diadorim... Ele joga seguro: por aí perto, em esconso, deve de ter outra tropa de guerra, prontos para virem dar retaguarda. Eu sei bem — essa a norma dele... Carece de prevenir o Hermógenes, João Goanhá, Titão Passos...” — eu não retive, e disse. — “Eles sabem, Riobaldo. Toda guerra é essa...” — Diadorim me respondeu. E eu estava sabendo que eu já dizer aquilo era traição. Era? Hoje eu sei que não, que eu tinha de zelar por vida e pela dos companheiros. Mas era, traição, isto também sim: era, porque eu pensava que era. Agora, depois mais do tudo que houve, não foi?

Agarrei minha mochila, comi fria a minha jacuba. Tudo estava sendo determinado decidido, até o que a gente tinha de fazer depois. Aí João Goanhá apartava o pessoal em punhados de quinze ou vinte: cada um desses, acabado o fogo, devia de se reunir em lugar certo comum. Daquela hora em diante, íamos ter de brigar em pequenas quantidades. Pelas caras dos homens, eu via que estavam satisfeitos, parecia muito e pouco. Com regozijo, um golinho se bebeu. — “Toma este breve, Riobaldo. Foi minha mãe-de-criação quem costurou para mim. Mas eu carrego dois...” Era o Feijó, um sacudido oitavão, ele manobrava rifle de três canos. Que simpatia demonstrada era essa, eu nunca tinha dado fé daquele Feijó? — “A vamos. Hoje se faz o que não se faz...” — um se exaltava assim, tive medo de castigo de Deus. Quem quisesse rezar, podia, tinha praça; outros, contritos, acompanhavam. Outros ainda comiam, zampando, limpavam a boca com as duas mãos. — “Não é medo não, amigos, é o trivial do corpo!” — explicavam alguns, que ainda careciam de ir por suas necessidades. Restantes risadas davam. Ao que faltava nem meia-hora para o sol ir entrando. Daquele lugar, vazio de moradas e de terras lavradias, a gente ouvia o gugo da jurití como um chamado acabado, junto com lobo guará já dando gritos de penitência. — “Presta uma demão, aqui...” Ajudei. Era um montesclarense — acho que o cujo nome esqueci — que queria passar tiras de pano, por sola das alpercatas e peito dos pés, reforçando. Terminou, e fez os passos de dansa, maneiro nas juntas, assobiava. Aquele rapaz pensava alguma coisa? — “Riobaldo?” — Diadorim me disse — “arruma jeito de mudar de lugar, na hora, sempre que puder. E põe cautela: homem rasteja por entre as môitas, e vem pular nas costas da gente, relampeando faca.” Diadorim sorria sério. Um outro

me esbarrou, quando passava. Era o Delfim, violeiro. Onde era que a viola ele ia poder guardar? Eu apertei a mão de Diadorim, e queria sair, andar, gastar.

Conto que chegou o Hermógenes. A voz do Hermógenes, dando ordens de guerra — já disse ao senhor? — ficava clara e correta; um podia dizer: que até ficava. Ao menos ele sabia aonde ia levar a gente, e o que queria. Deu resumo do traço. Que todos cumprissem, que todos soubessem! A partida dos zebebelos estava com posição no Alto dos Angicos — tabuleirinho de chã. Podiam ter espalhado sentinelas muito longe, até na beira do córrego Dinho, ou para lá, em volta, nas contravertentes. Mas, disso, logo se ia saber, porqual os espias nossos rondavam. O que se tinha era de chegar, já com o escuro, e engatinhar às ladeiras, no durado da noite, na arte vagarosa. Só íamos abrir fogo, de surpresa, no clarearzinho da madrugada. Cada um de seu ponto melhor, tudo tinha de valer em sonsagato e finice, até se carecia de respirar só por metade. Se algum topasse com inimigos, por má-sorte, antes, ele que escorresse como pudesse, ou dependesse na faca: atirar com arma é que não podendo. Sendo que podendo, mas só depois do Hermógenes — que era quem era o dono: — o primeiro tiro ele dava. Como cada qual tinha de atirar com sangue-frio, de matar exato. Porque nosso prazo seria acabar com todos, com brevidade; mais antes que outros deles pudessem vir, para um reforço. Mesmo assim, Titão Passos ia com uns trinta companheiros reguardar o caminho de vinda, à emboscada, num tombador de pedra. Já vai que o Hermógenes explicava, devagar, e tudo repetia, com paciência: o dever absoluto era que até o mais tonto aprendesse, e estava definido o rumo de tarefa por onde cada um devia de se pôr no chão e começar a engatinhar, virada arriba. Mas, eu, catei o sentido de tudo já na primeira razão, e, de cada vez que ele repetia, eu reproduzia — em minha ideia os acontecimentos se passando, eu já estava lá, e rastejava, me aprontava. Peguei a sentir. Me fiz fácil nas armas.

Por jeito? Com o que se deu, que eu não contava. O Hermógenes me chamou. Aí — as cintas e cartucheiras, mochilão, rede passada e um cobertor por tudo cobrir — ele estava parecendo até um homem gordo. — “Riobaldo, Tatarana, tu vem. Lugar nosso vai ser o mais perigoso. Careço de três homens bons, no próximo de meu cochicho.” Para que vou mentir ao senhor? Com ele me apartar assim, me conferindo valia, um certo aprazimento me deu. Natureza da gente bebe de águas pretas, agarra

gosma. Quem sabe? Eu gostei. Mesmo com a aversão, que digo, que foi, que forte era, como um escrúpulo. A gente — o que vida é —: é para se envergonhar...

Mas, aí, eu fiquei inteiriço. Com a dureza de querer, que espremi de minha sustância vexada, fui sendo outro — eu mesmo senti: eu Riobaldo, jagunço, homem de matar e morrer com a minha valentia. Riobaldo, homem, eu, sem pai, sem mãe, sem apêgo nenhum, sem pertencências. Pesei o pé no chão, acheguei meus dentes. Eu estava fechado, fechado na ideia, fechado no couro. A pessoa daquele monstro Hermógenes não encostava amizade em mim. E nem ele, naquela hora, não era. Era um nome, sem índole nem gana, só uma obrigação de chefia. E, por cima de mim e dele, estava Joca Ramiro. Pensei em Joca Ramiro. Eu era feito um soldado, obedecia a uma regra alta, não obedecia àquele Hermógenes. Dentro de mim falei: — "Eu, Riobaldo, eu!" Joca Ramiro é que era — a obrigação de chefia. Mas Joca Ramiro parava por longe, era feito uma lei, uma lei determinada. Pensei nele só, forte. Pensando: — "Joca Ramiro! Joca Ramiro! Joca Ramiro!..." A arga que em mim roncou era um despropósito, uma pancada de mar. Nem precisava mais de ter ódio nem receio nenhum. E fui desertando da cobiça de mimar o revólver e desfechar em fígados. Refiro ao senhor: mas tudo isso no bater de ser. Só. Dessas boas fúrias da vida.

Aí, ele tinha que eu escolhesse os para vir juntos. Eu? Ele estava me experimentando? E não tardei: — "O Garanço..." — eu disse. — "... e este, aqui!" — completei, para aquele montesclarense apontando. Bem que eu queria também o Feijó; mas deviam de ser só dois, a conta já estava. E Diadorim? — o senhor perguntará. Ah, por Diadorim era que eu não dizia, o pensamento nele me repassava. O tempozinho todo, naquele soflagrante. E estúrdio: eu principalmente não queria Diadorim perto de mim, para as horas. Por quê? Por quê, é o que eu mesmo não sabia. Seria que me desvalesse a presença dele comigo, pelos perigos que eu visse virem a ele, no meio do combate; ou seria que a lembrança de ter Diadorim junto, naquilo, me desgostasse, por me enfraquecer, agora eu assim, duro ferro diante do Hermógenes, leão coração? Se sei, sei. Porque era como eu estava. E assim respondi: que então o Garanço e o Montesclarense iam com a gente.

Como saímos, viemos vindo, desfeitos aos dois, aos três, aos sozinhos. Já a já, era noite. Noite da Jaíba dá de uma asada, uma pancada só. Há-de:

que se acostumar com o escuro nos olhos. Conto tudo ao senhor. O caminhar da gente se media em silêncioso, nem o das alpercatas não se ouvia. De tantos matos baixos, carrascal, o chio dos bichinhos era um milhão só. Por lá a coruja grande avôa, que sabe bem aonde vai, sabe sem barulho. A quando o vulto dela assombrava em frente da gente no ar, eu fechava os olhos três vezes. O Hermógenes rompia adiante, não dizia palavra. Nem o Garanço também, nem o Montesclarense. Isso, em meu sentir, eu a eles agradecia. Quem vai morrer e matar, pode ter conversa? Só esses pássaros de pena mole, gerados da noite — tantos bacuraus insensatos: o sebastião que chamava a fêmea, com grandes risadas, pedindo tabaco-bom. Digo ao senhor o que eu ia pensando: em nada. Só esforçava tenção numa coisa: que era que devia de guardar tenência simples e constância miúda, esperando a novidade de cada momento. Minha pessoa tomava para mim um valor enorme. Aquele pássaro mede-léguas erguia voo de pousado no meio da estrada, toda vez ia se abaixar dez braças mais adiante, do jeito mesmo, conforme de comum esses fazem. Bobice dele — não via que o perigo torna a vir, sempre?

Digo tudo, disse: matar-e-morrer? Toleima. Nisso mesmo era que eu não pensava. Descarecia. Era assim: eu ia indo, cumprindo ordens; tinha de chegar num lugar, aperrar as armas; acontecia o seguinte, o que viesse vinha; tudo não é sina? Nanja não queria me alembrar, de nenhum, nenhuma. Com meia-légua andada, por um trilho. É preciso não roçar forte nas ramagens, não partir galhos. Caminhar de noite, no breu, se jura sabença: o que preza o chão — o pé que adivinha. A gente imagina uns buracões disformes. A gente espera vozes. Eh. Pouquinhas estrelas dando céu; a noite barrava bruta. Digo ao senhor: a noite é da morte? Nada pega significado, em certas horas. Saiba o que eu mais pensei. No seguinte: como é que curiango canta. Que o curiango canta é: *Curí-angú!*

A obra de umas cem braças do riacho, o Hermógenes esbarrou. Conchegamos. E com as mãos apalpávamos uns os outros. Dali em diante, era junto a junto. O Hermógenes, puxando, enxergava por nós. Que olhos, que esse, descascavam de dentro do escuro qualquer coisa, olhar assim, que nem o de suindara. Cada um com punhal a ponto, atravessamos o córrego, pulando pelas alpondras; mais para baixo, sabíamos de uma estiva, mas lá se temia que tivessem botado sentinelas. Ali era o lugar pior: um estremecimento me desceu, senti o espaço da minha nuca. Do escurão, tudo é mesmo possível. No outro lado, o Hermógenes sussurrou

ordens. Deitamos. Eu estava atrás duma árvore, uma almêcega. Mais atrás de mim, o riacho, passante por suas pedras. Naquela espera, carecíamos de persistir horas, dando tempo. Assim, a água perto, os mosquitos vêm, eles acordam com o cheiro da cara da gente, não concedem sossego. Acender cigarro e pitar, não se podia. A noite é uma grande demora. Ah o que os mosquitos infernizavam. Por isso mesmo, direi, era que o Hermógenes tinha escolhido ali: que ninguém pegasse no sono, que a mosquitada não deixava? Mas não seria de mim que pudesse ferrar no sono assim perto daquele homem, príncipe das tantas maldades. O que eu queria era que tudo sucedesse, mal ou bem aquela noite tivesse termo de terminada. — "Tá aqui, toma..." — ouvi. Era o Hermógenes, um taco de fumo me dando, que em forte cachaça ele tinha acabado de empapar. Era para se esfregar na cara e nas mãos. Aceitei. Fosse coisa de comer, não aceitava. Nada não disse, não agradeci. Aquilo era do serviço de armas, fazia parte. E esfreguei, bem. Ao que os mosquitos deixaram de me ferroar. Desde fiquei, pois então, me divertindo de beliscar a casca da almêcega, aquela resina de ici-í. Daí, os pensamentos que tive foram os que nem merecem, e eu não sou capaz de dar narração: retrato de pessoas diversas, ressalte de conversas tolas, coisas em vago das viagens que eu tinha feito. A noite durava.

Haja de contar o que foi — o todo de se escorregar para cima a encosta — até ao ponto, donde a espera de tocaia devia de ser? Aquilo o igual, sempre sendo. Um homem se arraiga em terra, no capim, no chão, e vai, vai — sendo serepente — de gato-em-caça. Carece de repartir frouxo o peso do corpo, semelhante fosse nadando; cotovelo e joelho é que transpõem. Tudo um ái de vagar, que chega aporreia, tem que ser. Não vale arranco de pressa, o senhor tem de ficar o comprido que pode, por mais de. As juntas da gente estalam, o senhor mesmo escuta. Se coça a canela com o calcanhar; — estando com polâina não adianta. De cada vez, o senhor vira o corpo num lado: e olha, escuta. Qualquer barulho sem tento, que se faz, verte perigo. Pássaro pousado em moita, que se assusta forte a voo, dá aviso ao inimigo. Pior são os que têm ninho feito, às vezes esvoaçam aos gritos, no mesmo lugar — dão muito aviso. Aí quando é tempo de vagalume, esses são mil demais, sobre toda a parte: a gente mal chega, eles vão se esparramando de acender, na grama em redor é uma esteira de luz de fogo verde que tudo alastra — é o pior aviso. O que nós estávamos fazendo era uma razão de loucura muita, coisa que só mesmo em guerra é

que se quer. O punhal travessado na boca, sabe?: sem querer, a gente rosna. Às guardas, qualquer mato ameaçava que ia bulir: com o inimigo vindo dele. Árvores branquiçadas, traiçoeiramente. A gente amassa com a barriga espinhos e gravetos, é preciso de saber quando é que é melhor se calcar no estrepe firme com gosto — que é o que mais defende d'ele não se cravar. O inimigo pode estar engatinhando também, versa por detrás, nunca se tem certeza. O cheiro da terra agoura mal. Capim de beira em fio, que corta a cara. E uns gafanhotos pulam, têm um estourinho, tlique, eu figurava que era das estrelas remexidas, titique delas, caindo por minhas costas. Trabalhos de unha. O capim escorria, do sereno da noite, lagrimado. Ah, e cobra? Pensar que, num corisco de momento, se pode premer mão numa rodilha grossa de cascavél, numa certa morte dessas. Pior é a surucucú, que passeia longe, noturnazã, monstro: essa é o que há com mais dôida ligeireza neste mundo. Rezei a jaculatória de São Bento. A água do sereno me molhava, da macega, das folhas, — é o que digo ao senhor; me desgostava. Raio de um repente, afastaram a erva alta, minha cabeça eu encolhi. Era um tatú, que ia entrando no buraco, fungou e escutei o esfrego de suas muxibas. Tatú-peba, e eu no rés dele. Que modo que? Rastejando de minha banda da direita, o Hermógenes rompia, eu sentia o bafo duma boca, e aquele avultar deitado de bicho duro, braço por braço. O Garanço e o Montesclarense espigavam vez mais adiante, vez mais atrás. Quando de sem-menos, o Hermógenes me esbarrou. Ele falou um murmo — me cochichou de mão em concha. — "É aqui mesmo..." — ele redisse. Onde era que estavam as estrelas dianteiras, e os macios pássaros da noite? — pensei. Eu tinha fechado os olhos. O cheiro dum araçá-branco formava bolas. Quietei.

Até que o dia deu, que é que foi do meu tempo, que horas que se passaram? Aí eu podia medir, pelas estrelas que vão em movimento, descendo no rumo de seu poente, elas viravam. Mas, digo ao senhor, eu não olhei para o céu. Não queria. Não podia. Assim espichado, no escabro, um sofre o fresco da noite, o chão esfriava. Pensei: será se eu fosse adoecer?; um longe de dôr-de-dente já me indispondo. Aquilo que cochilei — dormir, eu em firme rejeitava. O Hermógenes, um homem existente encostado no senhor, calado curto, o pensamento dele assanha — feito um berreiro. Aquelas mortes, que eram para daí a pouco, já estavam na cabeça do Hermógenes. Eu não tinha nada com aquilo, próprio, eu não estava só obedecendo? Pois, não era? Ao que, o meu primeiro fogo tocaieiro.

Danado desuso disso é o antes — tanto antes, rôr. O senhor acha que é natural? Osgas, que a gente tem de enxotar da ideia: eu parava ali para matar os outros — e não era pecado? Não era, não era, eu resumi: — Osgas... Cochilei, tenho; por descuido de querer. Dormi, mesmo? Eu não era o chefe. Joca Ramiro queria aquilo? E o Hermógenes, mandante perto, em sua capatazia. Dito por uns: no céu, coisa como uma careta preta? É erro. Não, nada, ôi. Nada. Eu ia matar gente humana. Dali a pouco, o madrugar clareava, eu tinha de ver o dia vindo. Como era o Hermógenes? Como vou dizer ao senhor...? Bem, em bró de fantasia: ele grosso misturado — dum cavalo e duma jiboia... Ou um cachorro grande. Eu tinha de obedecer a ele, fazer o que mandasse. Mandava matar. Meu querer não correspondia ali, por conta nenhuma. Eu nem conhecia aqueles inimigos, tinha raiva nenhuma deles. Pessoal de Zé Bebelo, povo reunido na beira do Jequitaí, por ganhar seu dinheirinho fiel, feito tropa de soldo. Quantos não iam morrer por minha mão? Andante que perpassou um vento, entre ele o crico de grilos e tantos bichinhos divagados. Assaz, a noite, com sombras vermelhas. O exemplar da morte, dessa, é que é num átimo, tão ligeira, tão direitinha. As coisas que eu nem queria pensar, mas pensava mais, elas vinham. Vezo de falar do Geraldo Pedro, que disse: — "Aquele? Hoje ele não existe mais, virou sombração... Matei..." E o Catôcho, contando doutro: — "... Lá tem uns órfãos meus, lá... Tive de matar o pai deles..." Por que era que falavam essas perversidades... Por que é que falavam... Por que era que eu tinha de obedecer ao Hermógenes? Ainda estava em tempo: se eu quisesse, sacanhava meu revólver, gastava nele um breve tiro, bem certo, e corria, ladeira abaixo, às voltas, caçava de me sumir nesse vai-te-mundo. Ah, nada: então, aí mesmo era que o fogo feio começava, por todas as partes, de todo jeito morresse muita gente, primeiro de todos morria eu. Mesmo estava sem remédio. O Hermógenes mandava em mim. Quê que quer, ele era mais forte! Pensei em Diadorim. O que eu tinha de querer era que nós dois saíssemos sobrados com vida, desses todos combates, acabasse a guerra, nós dois largávamos a jagunçada, íamos embora, para os altos Gerais tão ditos, viver em grande persistência. Agora, aqueles outros, os contrários, não estavam também com poder de me matar? À asneira. E eu ia, numa madrugadinha, a cavalo, por uma estrada de areia branca, no Burití-do-Á, beira de vereda, emparelhado com um capiauzinho bondoso, companheiro qualquer, a gente ria, conversava de tantas miúdas coisas, sem maldade, se pitava, eu

ia levando meio saco de milho na garupa, ia para um moinho, para uma fazenda, para berganhar o milho por fubá... — sonhos que pensava. À fé: aqueles zebebelos também não tinham varado o Norte para destruir gente? E pois?! O que tivesse de ser, somente sendo. Não era nem o Hermógenes, era um estado de lei, nem dele não era, eu cumpria, todos cumpriam. "Vou para os Gerais! Vou para os Gerais!" — eu dizia, me dizia. Numa minha perna, então torci o de dar cãibra. Depois, tirei a dureza dos dedos. A ver, Diadorim, a gente ia indo, nós dois, a cavalo, o campo cheirava, dez metros de chão de flôr. Por quê que eu ia ter pena dos outros? Algum tinha pena de mim...? Cabeça de homem é fraca, repensava. O que se carecia justo de fazer era acabar logo com a guerra, acabar com aqueles zebebelos. Pensar em Diadorim, era o que me dava cordura de paz. Ah, digo ao senhor: dessa noite não me esqueço. Posso? Aos poucos, fui ficando soporado, nem bom nem ruim. Matar, matar, quê que me importava? Dessa noite esquecer não posso. Garoou, para a aurora.

Como clareia: é aos golpes, no céu, a escuridão puxada aos movimentos. A gente estava de costas para as barras do dia. Me lembro do que me lembro: o Hermógenes cruzou, adiante, chato no chão, relando barriga em macio. Aquele homem era danado de tigre, estava cochichando na cabeça do Garanço, depois com o Montesclarense — mostrava a eles os lugares em que deviam-de. Arre, voltou para perto de mim, agora veio da outra banda. Disse: — "Tento, Riobaldo..." Eu vi quando o Garanço rojou, indo, indo, pegou postura na proteção dum cupim grande; obra de cinco metros para a minha frente, pouquinho para esta banda da esquerda. No não longe, rumo a rumo, divulguei o Montesclarense. Eu ainda mudei distância de uns passos: aproveitei tapação duma árvore de boa grossura — um araçá-de-pomba, fechado. De sovigia, o Hermógenes não me largava. Doêsse na gente, mesmo aquele principiozinho de madrugada. Apertava a necessidade. Por que não se avançava de uma vez, para tudo, vir às brabas? Ah, não se podia. Só logo no primeiro entremear com os bebelos, nós quatro havíamos de restar mortos, cosidos nas parnaíbas. E, dos companheiros, outros, não se sabia. Sendo somente que o acampamento dos bebelos devia de estar a uma hora dessas cercado exato, em boa distância, à roda toda. Tudo era paciência. Vinha um ventozinho, folheando. Tantos homens amoitados, que só espiavam: na obrigação — refleti. Até achei bonito, agora. Aí passarinhos que já vão voando, com o menorzinho ralo de luz eles se contentam, para seu só isso de caçar o de

comer. Triste, triste, um tirirí cantou. Alegre, para mim, a peitica. Olhei adiante, curto, lá era que eles estavam: por entre umas árvores pequenas, dava réstia de claridade, e um formato de homem, contravisto. Ele ia acender fogo. E apareceram vultos de outros, levantantes. Com pouco, alguns podiam vir descendo, buscar mais água no corguinho, se carecessem. Asneiras que pensei: será que eles gastaram muita água? Será que um esmorece, por medo ter? Eu não campeava a morte. Seguro nasci, sou feito. D'o Hermógenes ali junto estar, naquela hora, digo ao senhor, gostei. — "Riobaldo, Tatarana! É o é..." — ele me governou, de repente. Aceitei. Desamarrei mão, de vez pronta: eu já tinha resumido pontaria: eu tive consolo duma coisa, que era que aquele homem alto não podia ser Zé Bebelo... Não tremi, e escutei meu tiro, e o do Hermógenes; e o homem alto caíu certo morto, rolou na má poeira. Me deu uma raiva, deles, todos. E em toda a parte, a sobre, o tiroteio tinha começado.

Estrondou. Falavam os rifles e outros: manlixa, granadeira e comblém. Festa de guerra.

Mais digo ao senhor? Atirei, minhas vezes. Aí, tomei ar. O senhor já viu guerra? A mesmo sem pensar, a gente esbarra e espera: espera o que vão responder. A gente quer porções. Demais é que se está: muito no meio de nada. A morte? A coisa que o que era xô e bala. Que qual, agora não se podia mais ter outros lados. Agora era só gritar ódio, caso quisesse, e o ar se estragou, trançado de assovios de ferro metal. O senhor ali não tem mãe, não vê que a vida é só brabeza. Revém ramo cortado de árvore, aí e o comum que cavacam poeiras e terras. Digo ao senhor, dou conversa. Aquilo era. Artes que carreguei o rifle, escorei, repetente. Aquele povo inimigo nosso esperdiçava muita munição, atiravam com nervosia. Não queriam morrer por nossa mão, não queriam. Ri me ri, e o Hermógenes me chamou com assombro. Em isso ele me crendo endoidado. Mas eu estava era de repente pensando em meu padrinho Selorico Mendes.

"Agora, tu mesmo vai lá, vai! Tu não quer?!" — foi o que arranjei vontade de gritar com o Hermógenes. Cão, que ele. Ri mais. Homem sozinho, com sua carabina em mãos, o Hermógenes era um como eu, igual, igual, até pior atirava. E aqueles bebelos tinham feito madrugada para levar fogo. Fiquei meu. "...Se todos passam mão em arma e fecham volta de tiroteio, uns contra os outros, então o mundo se acaba..." — acho que pensei. Eram só tolicezinhas, que por minha mente marinhavam. Os tiros peguei a querer contar. Aquilo como durou, demorava um oco. O dia tinha

clareado saído: eu todo podendo descrever o Montesclarense, atrás dum toro de pau e moitas de anduzinho. Para que conto isto ao senhor? Vou longe. Se o senhor já viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer ideia.

Combate quanto, combate grande. Ser menos, que a gente não rastejava alterando de lugar, que não era o caso. Quase que só quando se pega no defendimento é que isso é de se fazer: para pensarem que se vai em número maior que a verdade. Como não, mais valia garantir o bom do posto, sem desguar. Tiro de lá chama tiro de cá, e vira em vira. Disparo que eu dava, era catando mover alheio, cujo descuido, como malandro malandrêia. Nem cento-e-cinquenta braças era o eito, jaculação minha. Aquilo servia até para carga de bocamorte. E mais de um, eu etcétera, aí, pelo que sei, pelo que vejo. Mas só aqueles que para morrer estavam com dia marcado. Minto? O senhor releve ideias. Era assim.

Deu vez de, os muitos tiros se assanhavam, de prão, em riba dum trecho só. Queriam costurar. Aí, e as horas não acabavam. O sol encostava na nuca da gente. Sol, solão, debaixo eu suava, transpirava dos cabelos, e pelo dentro das roupas, de sentir as cócegas grossas no meio do lombo; e essas dormências numas partes do corpo. Então, eu atirava. Não se ia avançar? Não, nem. Os outros picavam forte, o fogo deles não desmerecia. Cachorrada! Xingar, mesmo, ia servir só para mostrar mais alvo. Ao que, eu descansava meus olhos nas costas do Garanço, ali quase em minha frente. O Garanço tinha arrumado no chão o bissaco e o cobertor, estava sem jaleco, só com a camisa de xadrezim. Eu vi o suor minar em mancha, na camisa, no meio das costas dele, Garanço, aquela nódoa escura ia crescendo, arredondada, alargada. O Garanço disparava, sacudia o corpo, ele era amigo meu, com minúcia de valentia. Rapaz de como se querer, homem de leal qualidade. Então, eu atirava, também. "Bala e chumbo..." — eu peguei a dizer. "Bala e chumbo... Bala e chumbo..." O lugar do coração me apertando — eu era carne muita e calor bravo. — "O que foi? Que é?" — o Hermógenes me perguntou. — "Nada não!" — respondi. "Bala e chumbo... Chumbo e bala..." Estrumes! Pelo que foi, de repente: bem apartado, da banda esquerda de nós, uns homens dos nossos deram figura, se pulando para diante, aos gritos, investiram — contra o contra!

Ao que, eram dois... Três... — "Diá!" — o Hermógenes rosnou: — "Deu a fúria nesses, bute!" Raspa que eles por lá entraram, iam de coronhada e faca... Não se atirou, suspendemos fôlego. E, vai, o Hermógenes me segurou tente: que o Montesclarense — coitado! — também tinha crescido para avante, no igual, e, de lá, nele balearam. Caíu, catando cacos. Pobre. Deu doidice? Antes aí, os outros nossos, que se danando no vespeiro dos bebelos, roncavam em poeira deles, decerto se acabavam estraçalhados que nem coelho com a cainça. Tomara tivessem aprontado seus alguns! Assim aquilo sossegou, povo nosso demos raiva de fogo — aí é que foi atirar. O Hermógenes me resignou os ímpetos: — "Tatarana, te trava, não dá de esquentar arma, gasta munição não. Só os tiros bons poucos. Só cobrar o dizmo." Aquele homem fazia frio, feito caramujo de sombra. A ver que tive sede, mas minha cabaça não dava gota mais. Guardei meu cuspe.

Aquilo não ia ter pique de ponto, guerra que não se sabe terminar? Assunto que apostaram os mil tiros para cima de nossa redondez de lugar, esses assoviaços. Triplavam. No ferrenho, tive um tempo de coisa, espécie

de mais medo, o que um não confessa: vara verde, ver. Mas, morresse, eu descansava. Descansava de todo desânimo. Andando que aquele ataque nosso não servia para resultado nenhum, e eu carecia de avistar os outros, saber de qualquer contagem de balanço, de quantos tinham morrido ou estavam mal. Eu queria saber, dos deles e dos nossos. Combate sem cabimento! Só o tiroteio, repetido reproduzido. Meio peguei um pensamento: se o Hermógenes sungasse raiva, se o Ele desse nele, por um vir? Que mandasse avançasse, a fino de faca, nós todos tínhamos de avançar? Então, eu estava ali era feito um escravo de morte, sem querer meu, no puto de homem, no danadório! E eu não podia virar só o corpo um pouco, abocar minha arma nele Hermógenes, desfechar? Podia não, logo senti. Tem um ponto de marca, que dele não se pode mais voltar para trás. Tudo tinha me torcido para um rumo só, minha coragem regulada somente para diante, somente para diante; e o Hermógenes estava deitado ali, em mim encostado — era feito fosse eu mesmo. Ah, e toda hora ele estava, sempre estava. Que me disse: — "Tatarana, toma, come, e agradece ao corpo um poucado..." Há-de que estava me oferecendo a capanga, paçoca de carnes. Tanto que os tiros tinham esbarrado quase em completo, em partes. Eu, tendo comida minha, de matula, no bornal. Aí, e munição minha de balas, no surrão. Eu carecia lá do Hermógenes? Mas, por que foi então que aceitei, que mastiguei daquela carne, nem fome acho que não tinha direito, enguli daquela farinha? E pedi água. — "Mano velho, bebe, que esta é competente..." — ele riu. O que estava me dando, na cabacinha, era água com cachaça. Bebi. Limpei os beiços. Escorei o cano do rifle, num duro de môita. Eu olhava aquele bom suor, nas costas do Garanço. Ele atirava. Eu atirava. A vida era assim mesmo, coração quejando. Até me caceteou uma lombeira.

E, daí, deu-se. Da banda de longe — lá pelo tombador de pedra, onde nossa gente com Titão Passos estavam escondidos para a esparrela — foi um tirotear forte, fogo por salvas. Ah, então era outra partida de zèbebelos que deviam de estar chegando, drongo deles, cavaleiros. O Hermógenes esticou pescoço, rijo ouvindo. Soante que atiravam, sucedidos, o tiroteio foi mudando de feição. — "Tou gostando não..." — o que o Hermógenes disse. Mais disse: — "O diabo deu em erro..." Homem atilado, cachorral. — "Seja que sabidos vieram, eh, pressentiram! Sei se, por ora, o trabalho está desandado..." Aí, eu estava escutando. Eu olhei. Olhava para as costas do Garanço, ela, a mancha, estava ficando de outra

cor... O suor vermelho... Era sangue! Sangue que empapava as costas do Garanço — e eu entendi demais aquilo. O Garanço parado quieto, sempre empinado com a frente do corpo, semelhando que o cupim ele tivesse abraçado. A morte é corisco que sempre já veio. Ânsias, ao em que bola me vinha goela arriba, do arrocho grosso, imposto, que às vezes em lágrimas nos olhos se transforma. A bobagem...

— "Tu, Tatarana, Riobaldo: agora é a má hora!" — era o Hermógenes prevenindo. — "Demo!" — eu repontei. Mas ele não entendeu minha soltura. Soprou: — "A muita cautela. Temos, que se foge em boa ordem: os que estão chegando vêm rodear a gente, vão dar retaguarda." E era. Como que esse maldito tudo sabia, adivinhava o seguinte vivo das coisas, esse Hermógenes, trapaças! Mas ainda me prezei: quem é que me segurava de ir?! — rastejei de esquinado, os metros, em afogo, carecia de ver se o Garanço podia ter ajuda. — "A p'a trás, mano. Te cuida!" — ouvi o rispe do Hermógenes — que eu não me desgraçasse. Mas não se deixa um cristão amigo deitar seu sangue no capim das môitas, feito um traste roto, caititú caçado. Peguei, com meus braços: não adiantava — era corpo. Ele estava defunto de não fechar boca — aí, defunto airado. Todo vejo, o sangue dele a môfos cheirasse. Anda que vinham voo os mosquitos chupadores, e mosca-verde que se ousou, sem o zumbo frisso, perto no ar. Porque os tiros. E nem um momento de vela acesa o Garanço não ia poder ter. — "Vem, tu vem, que estamos no amém estreitos!" — que, enfezado, o Hermógenes chamou. Dei para trás. O perigo saca toda tristeza. E a vez era esta: que o Hermógenes encheu os peitos, e soltou um rinchado zurro, dos de jumento velho em beira de campo. Três tantos. Ele estava dando a retirada. Por outros lados, mais longe, outros o mesmo onco-e-rincho copiavam. — "Arre, fogo, agora, forte fogo!" — o Hermógenes me mandou. Atirei. Atiramos, teúdo. Ao que os companheiros todos atiravam. Assaz à retirada se estava rinchando, mas os inimigos não sabiam: carecia que eles pensassem que a gente ia dar um ataque final. Acharam? E sei. A bala com bala ripostavam. Mas, nós, nesse entrequanto, rompemos o arvoredo, aqui e ali, rojamos para baixo, embora, mesmo. Desunir, assim, verga pior do que avançar. A lanço a lanço, fui, pulei, nos abertos entre árvores, acompanhei o Hermógenes. Aí, eu já estava para lá dele; mas virei e esperei. Porque, na desordem de mente do alvoroço, aquela hora era só no Hermógenes que eu via salvamento, para meu cão de corpo. Quem que diz que na vida tudo se escolhe? O que castiga, cumpre também. Vim.

Ainda divulguei, nas sofraldas descentes, homens que corriam, meus iguais, às vezes se subiam do bamburral baixo, feito acãoada codorniz. Viemos. Repassamos o corguinho do Dinho, beiramos uma ipueira. Entramos no cerrado. — "Tu tem tudo, Tatarana? Munição, as armas?" — o Hermógenes me indagou. — "Tenho, se tenho!" — eu respondi, bem. E ele para mim: — "Então, está certo..." Agora ele falasse grosseado, com modo de chefe e mando, era assim. E fomos para cinco léguas, entre o norte e o poente, no Cansanção, lugar aonde um punhado dos da gente devia de se engrupar. Para lá fomos, de rastros apagados. Caminhamos prazo dentro de riacho, depois escolhemos para pisar pedras, de nosso pisado com ramos as marcas desmanchamos, e o mais do caminho se seguiu por muitos diversos rodeios.

De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! — porque não sou, não quero ser. Deus esteja!

E dizendo vou. No mais, que quando se alcançou o nosso bom esconder, num boqueirãozinho, já achamos companheiros outros, diversos, vindos de armas, e que chegavam separadamente, naquela satisfação de vida salva. Um era o Feijó. Será, se tinha avistado o Reinaldo sem perigo? A meio perguntei. Por causa que só em Diadorim era que eu pensava. O Feijó em tanto tinha notado: Diadorim, na retirada, bem conseguido; depois se retrasou, por uma cacimba de grota. — "...Estava com sangue numa perna de calça. Para mim, foi nada, arranho à-tôa..." O que me ensombreceu — então Diadorim estava ferido. Aí, eu mesmo esbarrei, beirávamos o riachinho do Jio, eu quis lavar os pés, que muito me doíam. Acho que, de cansado, estava também com dôres redondas de cabeça, molhei minhas fontes. Cansaço faz tristeza, em quem dela carece. Diadorim estivesse ali, somentemente, espaço disso me alegrava, eu não havia de querer conversar reportório de tiros e combates, eu queria calado a consequência dele. Ao modo que eu nem conhecia bem o estôrvo que eu sentia. Pena. Dos homens que incerto matei, ou do sujeito altão e madrugador — quem sabe era o pobre do cozinheiro deles — na primeira mão de hora varado retombado? Em tenho que não. Dó que me dava era do Garanço, e o

Montesclarense. Quase com um peso, por minha culpa dos dois — eles eu era quem tinha escolhido, para conduzir, e depois tudo. Logo esses — o senhor sabe, o senhor segue comigo. Remorso? Por mim, digo e nego. Olhe: légua e outra, daqui, vereda abaixo, tigre cangussú estragou e arruinou a perna do Sizino Ló, um que foi desse rio de São Francisco, foguista de vapor; depois cá herdou uns alqueires. Comprou-se para ele, então, uma boa perna-de-pau. Mas, assim, talvez por se ter sacolejado um pouco do juizo, ele nunca mais quer sair de casa, nem se levanta quase do catre, vive repetindo e dizendo: — "Ái, quem tem dois tem um, quem tem um não tem nenhum..." Todo o mundo ri. E isso é remorso? Desgraça a mando era que eu cumpria, azo de que tivesse perdido alguma coisa. Porque dó de amizade é num sofrerzinho simples, e o meu não era. E cheguei no Cansanção-Velho, chamado também o Jio, dito.

Lá, com pouco, a gente era doze. Os alguns faltavam, dos que eram para se reunir ali, mas decerto ainda vinham vir. Num ponto me agradei: então, em guerra, quase não se morre? E, mesmo, nas más horas é que vem bom consolo: para o Jio tinha tocado, de antevéspera, o Braz, nessa antecedência em dois jumentos ele tinha trazido mantimento de feijão e arroz, e toucinho para torresmos, e pratos e panela, se cozinhou um jantar. Tanto que comi, deitei. Dormi impado. Que caso que eu carecia de pensar, que não fosse que na morte do Garanço e do Montesclarense eu não devia nenhum dolo; e que Diadorim ia chegar a vir também, aonde estávamos, mais tardar no romper da aurora? Dormi. Mas daí a logo acordei, mão no rifle, como se vez fosse. E não havia a coisa nenhuma, nem vulto nem barulho. Os outros no estar, pesados no sono, cada um em seu recanto, estufando suas redes penduradas de árvore em árvore.

Só vi um, o Jõe Bexiguento, sobrechamado o *Alpercatas*: esse era homem de estranhez em muitos seus costumes, conforme se dizia e era notado. Jõe Bexiguento parecia não estar querendo ir dormir, tinha ficado na beira do fogo, remexendo as brasas; num fusco em vermelho, dava para a cara dele se divulgar. E ele pitava. Meigo repus o rifle, virei para o outro lado. Adormecer, pude; mas, com outros minutos, tornei naquele mau susto de acordar. Isso aconteceu três vezes, reformadas. Jõe Bexiguento reparou em meu dessossego, veio para o pé de minha rede, sentou no chão. — "Horas destas, tem galo já cantando, noutros lugares..." — ele falou. Não sei se dei alguma resposta. Agora eu estava cismado.

Ou se fosse que algum perigo se produzia por ali, e eu colhia o aviso? Não é que, com muitos, dose disso sucedesse? Eu sabia, tinha ouvido falar: jagunços que pegam esse condão, adivinham o invento de qualquer sobrevir, por isso em boa hora escapam. O Hermógenes. João Goanhá, mais do que todos, era atreito a esses palpites de fino ar, coraçãoados. Atual isso comigo? Que os bebelos rodeavam para ali, quem sabe perto já rastejavam. Zé Bebelo mandava neles. Em todos os momentos, em Zé Bebelo sempre pensei, e em como a vida é cheia de passagens emendadas. Eu, na Nhanva, ensinando lição a ele, ditado e leitura, as contas de juros; depois, de noite, na sala grande, na mesa grande, se comia canjica temperada com leite, queijo, coco-da-bahia, amendoím, açúcar, canela e manteiga-de-vaca. — "Fofo faço, e em prazo, siô Baldo: acabar para uma vez com essa cambada canalha de jagunços!" — ele referia, com rompante e festa no dizer, bebendo seu coité de chá-de-congonha, que de tão quente pelava. Então, agora, era eu também — Zé Bebelo vinha de lá, comandando armas de esquadrões, e o que ele tinha jurado, naquela ocasião, ficava sendo também de acabar comigo, com minha vida. Mas eu prezava Zé Bebelo, minha simpatia é uma só, dada definitiva às altas, sempre fui assim. Sendo que não fosse ele em sua pessoa, se ele no meio não estivesse, tudo tinha outra ordem: eu podia pôr meu afinco o-farto destravado, no querer combater. Mas, brigar, cruzando morte, com Zé Bebelo, eu vi que era isso que me dava uma repugnância, em minha inteligência. Levantei da rede, e convidei Jõe Bexiguento para se botar mais lenha no fogo. Ele disse: — "Convém não. Ocasiões assim, convém acender nem vela de cera preta..." Enrolei um cigarro.

Contei ao Jõe o que eu estava sentindo estúrdio; se não era agouramento? E ele me apaziguou: que anjo aviso não vinha desse jeito, antes era uma certeza que minava fininha, de dentro da ideia da gente, sem razoado nem discussão. O que eu purgava era ranço nervoso, sobra da esquentação curtida nas horas de tiroteio. — "Comigo, assim, depois de cada forte fogo, me dá esse porém. É uma coceira na mente, comparando mal. Faz regular uns seis anos, que estou na jagunçagem, medo de guerra não conheço; mas, na noite, passado cada fogo, não me livro disso, essa desinquietação me vem..."

Pela causa, me disse, era que ele não vencia dormir nem um pisco, naquela comprida noite, e nem experimentava. Jõe Bexiguento achava que não tinha mais sustância para ser jagunço; duns meses, disse, andava

padecendo da saúde, erisipelava e asmava. — “Cedo aprendi a viver sozinho. P’ra o Riachão vou, derrubo lá um bom mato...” Era o projeto em tal, que ele formava vez em quando. — “Trabalhar de amassar as mãos... Que isso é que sertanejo pode, mesmo na barra da velhice...”

— “Você era amigo do Garanço, Jõe?” — em manso perguntei. — “Assim, o dito, pela rama. Que foi com ele? Deu o fim, mesmo, legal? Acho que esse sempre se esteve meio caipora... Ele mesmo sabia que era...” Ainda ouvindo as palavras, conheci que tinha perguntado pelo Garanço só para depois perguntar por Diadorim, digo: o Reinaldo. Mas outra coragem não tive. Faltou razão para mim. Que desconversei: — “Caipora se cura, Jõe? Você sabe rezas fortes?” — por aí devo que indaguei; bobeia minha, assunto. — “A que cujo, se caipora não curasse? Todo o mundo dela tem, nos tempos...” — ele me repositou. — “... Mas desses ensalmos quis aprender não. Memória que Deus me deu não foi para palavrear avesso nele, com feitas ofensas...”

Pecados, vagância de pecados. Mas, a gente estava com Deus? Jagunço podia? Jagunço — criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e roupilhando. Que podia? Esmo disso, disso, queri, por pura toleima; que sensata resposta podia me assentar o Jõe, broeiro peludo do Riachão do Jequitinhonha? Que podia? A gente, nós, assim jagunços, se estava em permissão de fé para esperar de Deus perdão de proteção? Perguntei, quente.

— “Uai?! Nós vive...” — foi o respondido que ele me deu.

Mas eu não quis aquilo. Não aceitei. Questionei com ele, duvidando, rejeitando. Porque eu estava sem sono, sem sede, sem fome, sem querer nenhum, sem paciência de estimar um bom companheiro. Nem o ouro do corpo eu não quisesse, aquela hora não merecia: brancura rosada de uma moça, depois do antes da lua-de-mel. Discuti alto. Um, que estava com sua rede ali a próximo, decerto acordou com meu vozeio, e xingou xíu. Baixei, mas fui ponteando opostos. Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o rúim ruím, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...

Mas Jõe Bexiguento não se importava. Duro homem jagunço, como ele no cerne era, a ideia dele era curta, não variava. — "Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jaguncêio..." — ele falasse. Tudo poitava simples. Então — eu pensei — por que era que eu também não podia ser assim, como o Jõe? Porque, veja o senhor o que eu vi: para o Jõe Bexiguento, no sentir da natureza dele, não reinava mistura nenhuma neste mundo — as coisas eram bem divididas, separadas. — "De Deus? Do demo?" — foi o respondido por ele — "Deus a gente respeita, do demônio se esconjura e aparta... Quem é que pode ir divulgar o corisco de raio do borro da chuva, no grosso das nuvens altas?" E por aí eu mesmo mais acalmado ri, me ri, ele era engraçado. Naquele tempo, também, eu não tinha tanto o estrito e precisão, nestes assuntos. E o Jõe contava casos. Contou. Caso que se passou no sertão jequitinhão, no arraial de São João Leão, perto da terra dele, Jõe. Caso de Maria Mutema e do Padre Ponte.

Naquele lugar existia uma mulher, por nome Maria Mutema, pessoa igual às outras, sem nenhuma diversidade. Uma noite, o marido dela morreu, amanheceu morto de madrugada. Maria Mutema chamou por socôrro, reuniu todos os mais vizinhos. O arraial era pequeno, todos vieram certificar. Sinal nenhum não se viu, e ele tinha estado nos dias antes em saúde apreciável, por isso se disse que só de acesso do coração era que podia ter querido morrer. E naquela tarde mesma do dia dessa manhã, o marido foi bem enterrado.

Maria Mutema era senhora vivida, mulher em preceito sertanejo. Se sentiu, foi em si, se sofreu muito não disse, guardou a dôr sem demonstração. Mas isso lá é regra, entre gente que se diga, pelo visto a ninguém chamou atenção. O que deu em nota foi outra coisa: foi a religião da Mutema, que daí pegou a ir à igreja todo santo dia, afora que de três em três agora se confessava. Dera em carola — se dizia — só constante na salvação de sua alma. Ela sempre de preto, conforme os costumes, mulher que não ria — esse lenho seco. E, estando na igreja, não tirava os olhos do padre.

O padre, Padre Ponte, era um sacerdote bom-homem, de meia idade, meio gordo, muito descansado nos modos e de todos bem estimado. Sem desrespeito, só por verdade no dizer, uma pecha ele tinha: ele relaxava. Gerara três filhos, com uma mulher, simplória e sacudida, que governava a casa e cozinhava para ele, e também acudia pelo nome de Maria, dita por aceita alcunha a *Maria do Padre*. Mas não vá maldar o senhor maior

escândalo nessa situação — com a ignorância dos tempos, antigamente, essas coisas podiam, todo o mundo achava trivial. Os filhos, bem-criados e bonitinhos, eram "os meninos da Maria do Padre". E em tudo mais o Padre Ponte era um vigário de mão cheia, cumpridor e caridoso, pregando com muita virtude seu sermão e atendendo em qualquer hora do dia ou da noite, para levar aos roceiros o conforto da santa hóstia do Senhor ou dos santos-óleos.

Mas o que logo se soube, e disso se falou, era em duas partes: que a Maria Mutema tivesse tantos pecados para de três em três dias necessitar de penitência de coração e boca; e que o Padre Ponte visível tirasse desgosto de prestar a ela pai-ouvido naquele sacramento, que entre dois só dois se passa e tem de ser por ferro de tanto segredo resguardado. Contavam, mesmo, que, das primeiras vezes, povo percebia que o padre ralhava com ela, terrível, no confessionário. Mas a Maria Mutema se desajoelhava de lá, de olhos baixos, com tanta humildade serena, que uma santa padecedora mais parecia. Daí, aos três dias, retornava. E se viu, bem, que Padre Ponte todas as vezes fazia uma cara de verdadeiro sofrimento e temor, no ter de ir, a junjo, escutar a Mutema. Ia, porque confissão clamada não se nega. Mas ia a poder de ser padre, e não de ser só homem, como nós.

E daí mais, que, passando o tempo, como se diz: no decorrido, Padre Ponte foi adoecido ficando, de doença para morrer, se viu logo. De dia em dia, ele emagrecia, amofinava o modo, tinha dôres, e em fim encaveirou, duma cor amarela de palha de milho velho; dava pena. Morreu triste. E desde por diante, mesmo quando veio outro padre para o São João Leão, aquela mulher Maria Mutema nunca mais voltou na igreja, nem por rezar nem por entrar. Coisas que são. E ela, dado que viúva soturna assim, que não se cedia em conversas, ninguém não alcançou de saber por que lei ela procedia e pensava.

Por fim, no porém, passados anos, foi tempo de missão, e chegaram no arraial os missionários. Esses eram dois padres estrangeiros, p'ra fortes e de caras coradas, bradando sermão forte, com forte voz, com fé braba. De manhã à noite, durado de três dias, eles estavam sempre na igreja, pregando, confessando, tirando rezas e aconselhando, com entusiasmados exemplos que enfileiravam o povo no bom rumo. A religião deles era alimpada e enérgica, com tanta saúde como virtude; e com eles não se brincava, pois tinham de Deus algum encoberto poder, conforme o senhor

vai ver, por minha continuação. Só que no arraial foi grassando aquela boa bem-aventurança.

Aconteceu foi no derradeiro dia, isto é, véspera, pois no seguinte, que dava em domingo, ia ser festa de comunhão geral e glória santa. E foi de noite, acabada a benção, quando um dos missionários subiu no púlpito, para a prédica, e tascava de começar de joelhos, rezando a salve-rainha. E foi nessa hora que a Maria Mutema entrou. Fazia tanto tempo que não comparecia em igreja; por que foi, então, que deu de vir?

Mas aquele missionário governava com luzes outras. Maria Mutema veio entrando, e ele esbarrou. Todo o mundo levou um susto: porque a salve-rainha é oração que não se pode partir em meio — em desde que de joelhos começada, tem de ter suas palavras seguidas até ao tresfim. Mas o missionário retomou a fraseação, só que com a voz demudada, isso se viu. E, mal no amém, ele se levantou, cresceu na beira do púlpito, em brasa vermelho, debruçado, deu um soco no pau do peitoril, parecia um touro tigre. E foi de grito:

— "A pessoa que por derradeiro entrou, tem de sair! A p'ra fora, já, já, essa mulher!"

Todos, no estarrecente, caçavam de ver a Maria Mutema.

— "Que saia, com seus maus segredos, em nome de Jesus e da Cruz! Se ainda for capaz de um arrependimento, então pode ir me esperar, agora mesmo, que vou ouvir sua confissão... Mas confissão esta ela tem de fazer é na porta do cemitério! Que vá me esperar lá, na porta do cemitério, onde estão dois defuntos enterrados!..."

Isso o missionário comandou: e os que estavam dentro da igreja sentiram o rojo dos exércitos de Deus, que lavoram em fundura e sumidade. Horror deu. Mulheres soltaram gritos, e meninos, outras despencavam no chão, ninguém ficou sem se ajoelhar. Muitos, muitos, daquela gente, choravam.

E Maria Mutema, sozinha em pé, torta magra de preto, deu um gemido de lágrimas e exclamação, berro de corpo que faca estraçalha. Pediu perdão! Perdão forte, perdão de fogo, que da dura bondade de Deus baixasse nela, em dôres de urgência, antes de qualquer hora de nossa morte. E rompeu fala, por entre prantos, ali mesmo, a fim de perdão de todos também, se confessava. Confissão edital, consoantemente, para tremer exemplo, raio em pesadelo de quem ouvia, público, que rasgava gastura, como porque avessava a ordem das coisas e o quieto comum do

viver transtornava. Ao que ela, onça monstra, tinha matado o marido — e que ela era cobra, bicho imundo, sobrado do pôdre de todos os estercos. Que tinha matado o marido, aquela noite, sem motivo nenhum, sem malfeito dele nenhum, causa nenhuma —; por que, nem sabia. Matou — enquanto ele estava dormindo — assim despejou no buraquinho do ouvido dele, por um funil, um terrível escorrer de chumbo derretido. O marido passou, lá o que diz — do oco para o ocão — do sono para a morte, e lesão no buraco do ouvido dele ninguém não foi ver, não se notou. E, depois, por enjoar do Padre Ponte, também sem ter queixa nem razão, amargável mentiu, no confessionário: disse, afirmou que tinha matado o marido por causa dele, Padre Ponte — porque dele gostava em fogo de amores, e queria ser concubina amásia... Tudo era mentira, ela não queria nem gostava. Mas, com ver o padre em justa zanga, ela disso tomou gosto, e era um prazer de cão, que aumentava de cada vez, pelo que ele não estava em poder de se defender de modo nenhum, era um homem manso, pobre coitado, e padre. Todo o tempo ela vinha em igreja, confirmava o falso, mais declarava — edificar o mal. E daí, até que o Padre Ponte de desgosto adoeceu, e morreu em desespero calado... Tudo crime, e ela tinha feito! E agora implorava o perdão de Deus, aos uivos, se esguedelhando, torcendo as mãos, depois as mãos no alto ela levantava.

Mas o missionário, no púlpito, entoou grande o *Bendito, louvado seja!* — e, enquanto cantando mesmo, fazia os gestos para as mulheres todas saírem da igreja, deixando lá só os homens, porque a derradeira pregação de cada noite era mesmo sempre para os ouvintes senhores homens, como conforme.

E no outro dia, domingo do Senhor, o arraial ilustrado com arcos e cordas de bandeirolas, e espôco de festa, foguetes muitos, missa cantada, procissão — mas todo o mundo só pensava naquilo. Maria Mutema, recolhida provisória presa na casa-de-escola, não comia, não sossegava, sempre de joelhos, clamando seu remorso, pedia perdão e castigo, e que todos viessem para cuspir em sua cara e dar bordoadas. Que ela — exclamava — tudo isso merecia. No meio-tempo, desenterraram da cova os ossos do marido: se conta que a gente sacolejava a caveira, e a bola de chumbo sacudia lá dentro, até tinia! Tanto por obra de Maria Mutema. Mas ela ficou no São João Leão ainda por mais de semana, os missionários tinham ido embora. Veio autoridade, delegado e praças, levaram a Mutema para culpa e júri, na cadeia de Arassuaí. Só que, nos dias em que ainda

esteve, o povo perdoou, vinham dar a ela palavras de consolo, e juntos rezarem. Trouxeram a Maria do Padre, e os meninos da Maria do Padre, para perdoarem também, tantos surtos produziam bem-estar e edificação. Mesmo, pela arrependida humildade que ela principiou, em tão pronunciado sofrer, alguns diziam que Maria Mutema estava ficando santa.

E foi isso que Jõe Bexiguento a mim contou, e que de certo modo me divagasse. Mas, foi ele acabar de contar, e escutamos o assovio combinado dos nossos, e demos resposta: era um que chegava — o Paspe — se aparecendo macio dos escuros, com alpercatas sem barulho e o rifle em bandoleira. Ele tinha formado, para a esparrela, com Titão Passos, agora vinha trazer notícia dos dele, seguidos para se ajuntarem no covo do Capão; e pedir ordens. Rio de homem, esse Paspe: que não temia nem se cansava. Contou: que, aquilo que era para estratagemas, deu foi em por água-abaixo, porque os bebelos tinham botado espiação, ou tomado o faro. Assim, o inimigo contornando, em vez de vir simples: e tochando resposta antes de pergunta, fogo feio — dois mortos, dos titão-passos, companheiros bons; mais três muito feridos. Guerra tinha disso também.

— "Ah, e Zé Bebelo mesmo estava lá, no comando daqueles, em sua dita pessoa?" — perguntei.

— "Decerto que estava. A cujo!" — o Paspe falou; e pediu logo quem tivesse um golinho de cachaça.

Devo, então, que perguntei por Diadorim. Puro por perguntar, sem esperanças de informação. E mesmo, más notícias eu ainda tinha o receio de ouvir. Serviço que me foi, o Paspe me respondeu:

— "Vi, esse por mim passou, até me deu um recado, uai!: e para você mesmo: — *Vai, diz por mim ao Riobaldo Tatarana: que eu tenho um que-fazer,ao que vou, por dias poucos, com breve estou de volta...* — foi o que falou. Assim passou, a cavalo — onde terá sido que arrumou montada? Decerto conseguiu algum animal dos bebelos mesmo, que restou no meio de tirotei'..."

Ouvi e não cri. Ele, Diadorim? Aonde ia, sem mim então, não podia ser ele, foras de norma. E ao Paspe reperguntei, pedindo o exato. Era. Mas não seria, então, que ele estivesse ferido, numa perna?

Ao que nem não nem sim — mais pelo não que pelo sim... — o Paspe completou. Não tinha reparado, no relance de tempo. Só viu que o arreio

era um socadinho, quase novo, e o cavalo alto, desbarrigado, mas pronto de si, riscando com todas as ferraduras, murzêlo-andrino...

Aí, ái, ôi, espécie de dôr em meus cantos, o senhor sabe. Agora eu pateteava. Quê que era ser fiel; donde estava o amigo? Diadorim, na pior hora, tinha desertado de minha companhia. Às certas, fuga fugida, ele tinha ido para perto de Joca Ramiro. Ah, ele, que de tudo sabia em tudo, agora assim de tenção me largava lá sem uma palavra própria da boca, sem um abraço, sabendo que eu tinha vindo para jagunço só mesmo por conta da amizade! Acho que me escabreei. De sorte que tantos pensamentos tive, duma viragem, que senti foi esfriar as pontas do corpo, e me vir o peso de um sono enorme, sono de doença, de malaventurança. Que dormi. Dormi tão morto, sem estatuto, que de manhã cedo, por me acordarem, tiveram de molhar com água meus pés e minha cabeça, pensando que eu tinha pegado febre de estupor. Foi assim.

Vou reduzir o contar: o vão que os outros dias para mim foram, enquanto. Desde que da rede levantei, com aquele peso anoitecido, amanhecido nos olhos. Tempo de minha vazante. A ver como veja: tem sofrimento legal padecido, e mordido e remordido sofrimento; assim do mesmo que ter roubo sucedido e roubo roubado. Me entende? Dias que marquei: foram onze. Certo que a guerra ia indo. Demos um tiroteio mediano, uma escaramucinha e um meio-combate. Que isso merece que se conte? Miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição. Mas não anuncio valor. Vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja. Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima — o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe. Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. Agora, o senhor exigindo querendo, está aqui que eu sirvo forte narração — dou o tampante, e o que for — de trinta combates. Tenho lembrança. Pelo tempo durado de cada fogo, se é capaz até do cálculo da quantidade de balas. Contar? Do que se aguentou, de arvoados tiros, e a gente atirando a truz, no meio de pobre roça alheia, canavial cortante, eito de verde feliz ou palhada de milho morto, que se pisava e quebrava. De vez em que rifle trauteava tanto, e eram os estalos passando, repassando, que, vai, se aconchava mão em orêlha, sem saber por quê, feita uma esperança de se conseguir milagre de algum barulhinho diverso outro, qualquer, que aquele não fosse, na ensurdescência. E quando toró de chuva

deu bomba, desmanchando a função de briga e empapando todos, ensolvando as armas. De se olhar em frente o morro, sem desconfiança, e, de repente, do nú do morro, despejarem descarga. De um entrar em poço, atravessando, e mesmo com água quase até pelos peitos, ter de se virar em direção, e desfechar. De como, no prazo duma hora só, careci de ir me vendo escorando rifle e alvejando, em quentes, em beira de mato e campo, em virada de espigão, descendo e subindo ramal de ladeirinhas pequenas, e atrás de cerca, debaixo de cocho, trepado em jatobá e pequizeiro, deitado no azul duma laje grande, e rolando no bagaço dôce de cana, e rebentando por dentro de uma casa. E de companheiro em sôpas de sangue mais sujeira de suas tripas, lá dele, se abraçando com a gente, de mandado da dôr, para morrer só mesmo, seja que amaldiçoando, em lei, toda mãe e todo pai. E como quando, no refêrvo, combatendo no dano da mormaceira, a raiva de fúria de repente igualava todos, nos mesmos urros e urros, uns e uns, contras e contrários — chega se queria combinar de botar fora as armas-de-fogo, para o aproximaço de se avir em mãos às duras brancas, para se oferecer fim, oferecer faca. Isso é isto. Sobejidão. O senhor mais queria saber? Não. Eu sabia que não. Menos mortandades. Aprecio uns assim feito o senhor — homem sagaz solerte.

Vir voltemos. Aqueles dias eu empurrei, mudando em raiva falsa a falta que Diadorim me fazia. Aí, curti amargos. Por me ver casca em chão, que é o figurado de desprezo, e mais tudo o que em ocasiões dessas se sente, conforme o senhor de certo conhece e sabe. Mas o pior era o que eu mesmo mais sentia: feito se do íntimo meu tivessem tirado o esteio-mor, pé-de-casa. E, conforme sempre se dá, segundo se está assim em calibre de cão, e malquerente, repuxei ideias. Me alembrei do que tinha soprado em intriga o Antenor, e dei razão à cisma dele: quem sabe, mesmo, Joca Ramiro estava no propósito de deixar a gente se acabar ali, na má guerra, em sertão plano? E então Diadorim disso sabia, estava no enredo, agora tinha ido para junto de Joca Ramiro — que era a única pessoa que ele bastantemente prezava? Fiquei em mim desiludido, caí numa lazeira. Mas cuspi três vezes forte no chão, e risquei de mim Diadorim. Homem como eu não é todo capaz de guardar a parte de amor, em desde que recebe muitas ofensas de desdém. Só que, depois, o que há, é a alma assim meio adoecida. Digo, fiquei lazo. Me veio de pensar em falar com o Antenor. Não fiz. Dúvidas dessas, eu não ia repartir com estranhas pessoas. E não gostei nunca de homem intrujão, com esses não começo conversa: não hio

e não chio. Tanto que mesmo foi o Hermógenes que um dia me chamou, veio caçoando: — “Eh, valente tu é, Tatarana! Gosto dessa sua bizarria...”

— “S’as ordens, s’or...” — eu só falei. Porque, ele, pelo jeito, logo entendi que ia me fazer algum espontâneo obséquio, ou me dar alguma boa notícia; todo que um, assim, nessas horinhas, logo muda de modo: antes, aproveita um tico para falar de cima, jeitoso de dono bom ou de pai que cede. E foi que não errei. O que o Hermógenes queria me prometer era que em breve iam estar acabados aqueles riscos de trabalho e combate, com liquidados os bebelos, e então a gente ficava livre para lidar melhormente, atacando bons lugares, em serviço para chefes políticos. E que, nessa ocasião, ele queria me escolher para comandar uma parte dos seus, por ser isso de minha rija competência — cabo-de-turma.

Tanto gabado elogio que não me mudou, não me fez. Descareci. Experimentando o homem, só aproveitei foi para uma deixa: — “Joca Ramiro...” — eu disse, com uma risadazinha minha velhaca, que entre dois podia pegar qualquer incerto significado. E me esperei. Mas o Hermógenes se saíu em só dizer, sério, confioso: que Joca Ramiro era maludo capitão, vero, no real. Sonsice do Hermógenes? Não, senhor. Sei e vi, que o sincero. Por que era que todos davam assim tantas honras a Joca Ramiro, esse louvo sereno, com doado? Isso meio me turvava. Mas, do Hermógenes, então, me atormentou sempre aquele meu receio, que eu carecia de pôr em raiva. Assim, por isso, falei em mim comigo: — “A ele nego água, na boca do pote!” Esconjurar desse jeito leve me trouxe sossego. Ao que eu carecia. Tanto mesmo que eu não queria ter de pensar naquele Hermógenes, e o pensamento nele sempre me vinha, ele figurando, eu cativo. Ser que pensava, amiúde, em ele ser carrasco, como tanto se dizia, senhor de todas as crueldades. No começo, aquilo me corria só os calafrios de horror, a ideia minha refugava. Mas, a pouco, peguei às vezes uma ponta de querer saber como tudo podia ser, eu imaginava. Digo ao senhor: se o demônio existisse, e o senhor visse, ah, o senhor não devia de, não convém espiar para esse, nem mi de minuto! — não pode, não deve-de! São se só as coisas se sendo por pretas — e a gente de olhos fechados.

Ao tanto com o esforço meu, em esquecer Diadorim, digo que me dava entrante uma tristeza no geral, um prazo de cansado. Mas eu não meditava para trás, não esbarrava. Aquilo era a tristonha travessia, pois então era preciso. Água de rio que arrasta. Dias que durasse, durasse; até meses.

Agora, eu não me importava. Hoje, eu penso, o senhor sabe: acho que o sentir da gente volteia, mas em certos modos, rodando em si mas por regras. O prazer muito vira medo, o medo vai vira ódio, o ódio vira esses desesperos? — desespero é bom que vire a maior tristeza, constante então para o um amor — quanta saudade... —; aí, outra esperança já vem... Mas, a brasinha de tudo, é só o mesmo carvão só. Invenção minha, que tiro por tino. Ah, o que eu prezava de ter era essa instrução do senhor, que dá rumo para se estudar dessas matérias...

Daí, eu caçava o jeito de me espairecer, junto com todos. Conversas com o Catôcho, com Jõe Bexiguento, com o Vove, com o Feijó — de mais sisudez — ou com Umbelino — o de cara de gato. Se ria, fora de aperreio de combate muito se vadiava. Assim-assei, naquela influição. Vinha ordem, então a gente se reunia em bando grande, depois tornava a em grupozinhos se apartar. A guerra era a igual. E ali dava de se sentir o faltoso e o imperfeito, como no mais acontece, em quantidade maior. O São Francisco não é turvo sempre? E o que se falava mais era em mulher? Isso fazia muito boa falta. Cada um queria delas, no que só pensava. As mocinhas próprias de se provar, ou rua alegre cheia de alegria — o bom sempre melhor, o bom. Amigo meu, o Umbelino — esse que dizia: que, por não ter mulher ali, se tinha de muito lembrar. Ele era do Rio Sirubim, de um lugar para trás das cachoeiras. Valia como companheiro, capaz d’armas. Que que pequeno, era bom. Relembrava: — “Já tive uma mulher amigável só minha, na Rua-do-Alecrim, em São Romão, e outra, mais, na Rua-do-Fogo...” Essas conversas, com o calor. Calor em que cão pendura a língua, o senhor sabe. Já viu, por aí? Em Januária ou São Francisco, tinha estação de tempo em que não se podia deixar um ovo guardado: com umas duas ou três horas, já se estragava. Todos contavam estórias de raparigas que tinham sido simples somente; essas senvergonhagens. Mas, de noite — é de crer? — a gente sabia dos que queriam qualquer reles suficiente consolo. E eram brabos sarados guerreiros, que nunca noutro ar. Coisas. Canta que cantavam, de dia, nenhum sabia pé-de-verso direito, ou não queriam ensinar, era só aquela invenção, e cantando fanhoso no nariz. Ou ficavam dizendo graças e ditérios. Nem feito meninos não sendo. Por esse sem-que-fazer, a gente ainda mais comia, quase que por divertimento. Os uns iam torar palmito, colher mandioca em mandiocalzinho sem dono, dono tinha fugido longe. Gostei de favas do mato, muito muricí, quixaba e jaca. O Fonfrêdo tinha um blilbloquê, a gente brincava de jogar. Tudo

jogado a dinheiro baixo. Os espertos, teve quem pôs a jogo até bentinho de pescoço, sem dizer desrespeito. E faziam negócio desses breves, contado que alguns arrumavam até escapulários falsos. Deus perdoa? O senhor podia perguntar: Deus, para qualquer um jagunço, sendo um inconstante patrão, que às vezes regia ajuda, mas, outras horas, sem espécie nenhuma, desandava de lá — proteção se acabou, e — pronto: marretava! Que rezavam. Jõe Bexiguento, mesmo, quis que diversos tomassem parte em novena, numa mal rezada novena, a santo de sua redobrada tenção, e a qual ele nem teve persistência para nos dias medidos completar.

E — mas — o Hermógenes? Sobreveja o senhor o meu descrever: ele vinha por ali, à refalsa, socapa de se rir e se divertir no meio dos outros, sem a soberba, sendo em sendo o raposo meco. Naqueles dias ele andava de pé-no-chão, mais com uma calça apertada nas canelas e encurtada, e mesmo muito esmolambado na camisa. Até que de barba grande, parecia um pedidor. E caminhava com os largos passos, mais o muito nas pontas, vinha e ia com um sorrizinho besteante, rodeava por toda a parte. Nem eu no achar mais que ele era o ferrabrás? O que parecia, era que assim estivesse o tempo todo produzindo alguma tramoia.

Estudei uma dúvida. Ao que será que seria o ser daquele homem, tudo? Algum tinha referido que ele era casado, com mulher e filhos. Como podia? Ái-de vai, meu pensamento constante querendo entender a natureza dele, virada diferente de todas, a inocência daquela maldade. A qual me aluava. O Hermógenes, numa casa, em certo lugar, com sua mulher, ele fazia festas em suas crianças pequenas, dava conselho, dava ensino. Daí, saía. Feito lobisomem? Adiante de quem, atrás do que? A cruz o senhor faça, meu senhor! Aí eu acreditei que tivesse de haver mesmo o inferno, um inferno; precisava. E o demônio seria: o inteiro, louco, o dôido completo — assim irremediável.

Ah, me aluei? O Hermógenes, esquipático, diverso. Comigo eu começava numa espécie, o rôr, vontade de ir para perto, reparar em tudo que fazia, dele escutar suas causas. Aos poucos, o incutido do incerto me acostumando, eu não tirava isso da cabeça. O Hermógenes — ele dava a pena, dava medo. Mas, ora vez, eu pressentia: que do demônio não se pode ter pena, nenhuma, e a razão está aí. O demônio esbarra manso mansinho, se fazendo de apeado, tanto tristonho, e, o senhor para próximo — aí então ele desanda em pulos e prezares de dansa, falando grosso, querendo

abraçar e grossas caretas — boca alargada. Porque ele é — é dôido sem cura. Todo perigo. E, naqueles dias, eu estava também muito confuso.

— "Será, o Hermógenes também gosta de mulher's?" — eu careci de saber, perguntei. — "Eh. Aprecêia não. Só se não gosta..." — um disse. — "Quà. Acho que ele gosta demais é só nem dele mesmo, demais, demais..." — algum outro atalhou. Que ele era assim — eu fiquei em pausas —: e os companheiros todos sabiam do ser; e achavam então que ato assim era possível natural?! Como que não achavam? Até, por eu ter o assunto, já um vinha: — "Daqui a seis léguas, é a baixada do Brejinho — lá tem logradouro. Tem fêmeas..." Esse que disse era o Dute, me parece; ou foi outro. Mas o Catôcho desafirmou: que tinha estado lá, não viu ar de mulher-da-vida nenhuma, só uma vendinha de roça e uma velha pitando cachimbo, no batente duma porta, pitando cachimbo e trançando peneiras. Que queriam mulheres principalmente a fim, estava certo; eu também. Eu queria, com as faces do corpo, mas também com entender um carinho e melhor-respeito — sempre a essas do mel eu dei louvor de meu agradecimento. Renego não, o que me é de doces usos: graças a Deus toda a vida tive estima a toda meretriz, mulheres que são as mais nossas irmãs, a gente precisa melhor delas, dessas belas bondades. Mas o Lindorífico lembrava um pagode, em algum ao lugarejo, para baixo de lá: do que batucavam, o propuxado das sanfonas, cachaça muita, as mulheres vinham dar umbigadas, tiravam a roupa, cavalheiros levavam damas nas môitas, no escuro de sêbo; outros desafiavam outros para brigar. Para que? Por que não gozar o geral, mas com educação, sem as desordens? Saber aquilo me entristecia. Tem coisas que não são de ruindade em si, mas danam, porque é ao caso de virarem, feito o que não é feito. Feito a garapa que se azéda. Viver é muito perigoso, já disse ao senhor. No mais, mal me lembro, mas sei que, naqueles dias, eu estive muito maltrapilho. Em que era que eu podia achar graça? De manhã, quando eu acordava, sempre supria raiva. Um me disse que eu estava estando verde, má cara de doença — e que devia de ser de fígado. Pode que seja, tenha sido. O Paspe, que cozinhava, cozinhou para mim os chás: o de macela, o de erva-dôce, o de losna. Ôi. Dôr, mesmo, nenhuma eu não tinha. Somente perrengueava.

Do que de uma feita, por me valer, eu entendi o casco de uma coisa. Que, quando eu estava assim, cada de-manhã, com raiva de uma pessoa, bastava eu mudar querendo pensar em outra, para passar a ter raiva dessa outra, também, igualzinho, soflagrante. E todas as pessoas, seguidas, que

meu pensamento ia pegando, eu ia sentindo ódio delas, uma por uma, do mesmo jeito, ainda que fossem muito mais minhas amigas e eu em outras horas delas nunca tivesse tido quizília nem queixa. Mas o sarro do pensamento alterava as lembranças, e eu ficava achando que, o que um dia tivessem falado, seria por me ofender, e punha significado de culpa em todas as conversas e ações. O senhor me crê? E foi então que eu acertei com a verdade fiel: que aquela raiva estava em mim, produzida, era minha sem outro dono, como coisa solta e cega. As pessoas não tinham culpa de naquela hora eu estar passeando pensar nelas. Hoje, que enfim eu medito mais nessa agenciação encoberta da vida, fico me indagando: será que é a mesma coisa com a bebedice de amor? Toleima. O senhor ainda me releve. Mas, na ocasião, me lembrei dum conselho que Zé Bebelo, na Nhanva, um dia me tinha dado. Que era: que a gente carece de fingir às vezes que raiva tem, mas raiva mesma nunca se deve de tolerar de ter. Porque, quando se curte raiva de alguém, é a mesma coisa que se autorizar que essa própria pessoa passe durante o tempo governando a ideia e o sentir da gente; o que isso era falta de soberania, e farta bobice, e fato é. Zé Bebelo falava sempre com a máquina de acerto — inteligência só. Entendi. Cumpri. Digo: reniti, fazendo finca-pé, em força para não esparramar raivas. Lembro que naquela manhã também o calor era menos, e o ar era bondoso. Aí eu à paz — com vontade de alegria — como se estimasse recebendo um aviso. Demorei bom estado, sozinho, em beira d'água, escutei o fife dum pássaro: sabiá ou sací. De repente, dei fé, e avistei: era Diadorim que chegando, ele já parava perto de mim.

Ele mesmo me disse, com o sorriso sentido:

— "Como passou, Riobaldo? Não está contente por me ver?"

A boa surpresa, Diadorim vindo feito um milagre alvo. Ao que, pela pancada do meu coração. Aí, mas um resto de dúvida: a inteira dúvida, que me embaraçava real, em a minha satisfação. Eu era o que tinha, ele o que devia. Retente, então, permaneci; não fiz mostra nenhuma. Esperei as primeiras palavras dele. Mais falasse; retardei, limpei a goela.

— "A pois. Por onde andou, se mal pergunto?" — aí falei.

Aquela amizade pontual, escolhida para toda a vida, dita a minha nos grandes olhos, ele pronunciando:

— "Você também não está bom de saúde, Riobaldo, estou vendo. Você derradeiramente não tem passado bem?"

— "Vivendo minha sorte, com lutas e guerras!"

Ao que Diadorim me deu a mão, que malamal aceitei. E ele disse de contar. Segundo tinha procurado aqueles dias sozinho, recolhido nas brenhas, para se tratar dum ferimento, tiro que pegara na perna dele, perto do joelho, sido só de raspão. Menos entendi. A real que estando ofendido, por que era que não havia de vir para o meio da gente, para receber ajuda e ter melhor cura? Doente não foge para um recanto, no mato, solitário consigo, feito bicho faz. Aquilo podia não ser verdade? Afiguro, aí bem que criei suspeitas: aonde Diadorim não teria andado ido, e que feia ação para aprontar, com parte na fingida estória? As incertezas que tive, que não tive. Assaz ele falava assim afetuoso, tão sem outras asas; e os olhos, de ver e de mostrar, de querer bem, não consentiam de quadrar nenhum disfarce. Magro ele estava, quasso, empalidecido muito, até ainda um pouco mancava. Que vida penosa não era capaz de ter levado, tantos dias, sem o auxílio de ninguém, tratando o machucado com emplastros de raízes e folhas, comendo o que? Assunto de fome e toda sorte de míngua devia de ter penado. E de repente eu estava gostando dele, num descomum, gostando ainda mais do que antes, com meu coração nos pés, por pisável; e dele o tempo todo eu tinha gostado. Amor que amei — daí então acreditei. A pois, o que sempre não é assim?

Além do que era sazão de sentimento sereno: arte que a vida mais regateia. A vida não dá demora em nada. Nos seguintes, logo tornamos para tornar em guerra, com assanhamentos. De formas que perdi o semelhar de tantos manejos e movimentos e a certa razão das ordens que a gente cumpria. Mas fui me endurecendo às pressas, no fazer meu particípio de jagunço, fiquei caminhadiço. Agora eu tinha Diadorim assim perto de afeto, o que ainda valia mais no meio desses perigos de fato. Sendo que a sorte também prevalecia do nosso lado, aí vi: a morte é para os que morrem. Será?

Ao que, com João Goanhá de testa-chefe, saímos, uns cinquenta, pegar uma tropa de cargueiros dos bebelos, que vinham ao descuidado, de noite, no Bento-Pedro — lugar num braço de brejo, arrozal. Surpreender custou barato, bobearam as sentinelas, sem se haver um grito-de-armas, foi só pôr em fugida. Aquela carga era enorme, maior em dobro, uma riqueza — tinha de tudo, até cachaça de pago imposto: as caixas de quarenta-e-oito garrafas cada. Ao tanto levamos os lotes de burros para esconder no Capão dos Ossos, onde tem carrascais e caminhos de caatinga pobre, com lagoas secando: as ipueiras verdolengas. Daí, tivemos mando, no Poço-Triste, de

tornar a amontar nos animais. Aquilo era uma alegria. Minha alma estava: o troteio, a poeirada que levantavam, os cavalos que rinchavam bem. Acinte bebi água de de-dentro dum gravatá em flôr. Aquelas aranhas grandes armavam de árvore para árvore velhices de teia. Parecia que a guerra já tinha se terminado bem. — "Berimbáu!" — um disse — "Agora é gozar gozo..." Mas. — "Ah, e Zé Bebelo?" — perguntei. Um Federico Xexéu, que vinha de recado, botava o fácil desânimo: — "Ih! Zé Bebél'? Evém ele, com gentes de nuvens gentes..." A desléguas, se guerreava. A gente recebia a notícia. Aí — cavalaria chusma, arruá que chegando, aos estropes, terras arribavam: — "Êta, é?!" Sendo que era não. Só era Sô Candelário, de repente. Apareceu, com aqueles muitos homens.

Sús, esbarrou o cavalo tão de repente, que o corpo dele se encurtou pela metade. Sô Candelário. Esse era alto, trigueiro azul, quase preto, com bigode amarelecido. Homem forçoso, homem de fúria. Mandou que mandava. Em hora de fogo, pulava à frente de todos, bramava o burro. Tomou a chefia geral, debaixo dele o Hermógenes parecia um diabo coitado. Sô Candelário era o para enfrentar Zé Bebelo. Salvante que seria para tudo. Se apeou, ficou um demorado tempo de costas para a gente.

Saudei o Fafafa, que era homem também dele: com os de Sô Candelário, o Alaripe e o Fafafa tinham outra vez aparecido. O Fafafa, o que ele pois então me falou, numa ocasião terrível... Ah, mas o que eu antes não contei: o do preso. Antes, como foi que se passou, como estávamos em bons escondidos, em volta da casa dum sitiante, no Timba-Tuvaca, casa caiada, casa-de-têlhas. Uns em grota, uns em altos de árvores, tinha gente até dentro de chiqueiro, na lama dos porcos. Aí chegaram os bebelos — uns trinta? Tiroteamos na suspensão deles, os quantos que matamos, matamos, os mais fugiram sem após. Um ficou preso. Nem tinha nenhum ferimento. — "Que é que vão fazer com ele?" — eu perguntei. Será que iam matar? — "É verdade, acho que sim. Pois, amigo, a gente tem lá meios para guardar prisioneiro vivo? Se degola é da banda da direita para a esquerda..." — o que o Fafafa me respondendo. No que dizia, ele tinha razão. Mas, quem seria que ia cumprir de dar o fim n'aquele pobre moço? O Hermógenes? Decerto era ele. Cocei os olhos, eu queria saber e não saber. Sabia nem o nome, como se chamava o rapaz, que ia morrer, assim no meio de toda boa ordem, por necessidade nossa — porque, se solto, ele tornava a se juntar com os outros, dar relatórios. Vim para a beira do córrego. Vendo como levavam o rapaz, como ele caminhava normal,

seguindo para aquilo com seus dois pés. Essa injustiça não podia ser! Assim, os que passavam, depois que decerto iam para matar, eram outros, não vi o Hermógenes. Um, um Adílcio, com vaidade de ser capaz da maldade qualquer, pavão de penas. O outro, Luís Pajeú. Imaginado, a que iam matar o homem, lá nas primeiras árvores da capoeira, assim. Ânsia de dó, apalpei o nó na goela, ardi. Aquilo fosse sonho mero, então só sonho; ou, não fosse então eu carecia de uma realidade no real, sem divago! Ajoelhei na beirada, debrucei, bebi água com encostando a boca, com a cara, feito um cachorro, um cavalo. A sede não passava, minha barriga devia de estar inchada, igual a de um sapo, igual um saco de todo tamanho. A umas cem braças para cima, onde o córrego atravessava a capoeira, estavam esfaqueando o rapaz, e eu espiava para a água, esperando ver vir misturado o sangue vermelho dele — e que eu não era capaz de deixar de beber. Acho que eu estava com uma febre.

Aquele grande gritar, de se estremecer. Diadorim me puxou. Sô Candelário subido em sela, aforçurado regendo: a pronto ele queria o punhadão de homens, se ia para o É-Já, p'ra lá do Bró, em todo o seguir. — "Vamos, Riobaldo! É para se esperar Joca Ramiro..." Assim Diadorim me empurrou. Montei. Sem tento, pisei um estribo, o outro o meu pé não achava. — "Tocar ligeiro, Riobaldo!" — Diadorim me atanazando. Aquilo que lavorava em minha cabeça — ah, mas, aí, quem é que eu vi? O rapaz, aquele, o preso, vivo e exato. Também montado num cavalo. Assim o que me contaram: que não ia morrer, não, iam matar não, Sô Candelário tinha favorecido perdão a ele, por causa de sua mocidade. — "Ele é baiano, para a Bahia volta, vamos levar mais adiante, para se soltar, para lá..." Me alegrei de estrelas. Conforme mais me deram explicação, aquele não oferecia perigo mais de tornar a se juntar com os outros bebelos e vir outra vez de armas contra a gente: porque se tinha providenciado de rezar nele uma reza de tirar a coragem de guerra, feito ato, mandraca de se abobar! Tudo tinha graça. Mas, e o Luís Pajeú e o Adílcio, então, do modo que vi? Pois, esses passaram com as facas-de-arrasto, mas porque iam ajudar a retalhar o porco, porção que se levava, dali, em carne e toucinhos. Ah, eu tinha bebido à-tôa gorgol d'água. Se deu galope. Me pareceu que daí adiante, a partir disso, o tudo era para só ser a desatinada doidice. Sô Candelário galopava em frente de todos. Se ia — feito o rei dos ventos.

O lugar onde esbarramos, no É-Já, era logo depois da ponte de pau, que estando esburacada: atravessamos mais em baixo, mau vau, por espirro de

águas e escorrego em lisas pedras soltadas, no ribeirão lajeal. Ter, lá, ainda não tinha ninguém; até me deu desengano. Mas tudo, no redor, era verde capim em beira fresca, aguada e pastos bons. Atrevi que quis: — "E Joca Ramiro?" Mas Diadorim se compôs: — "Agora, aqui, Riobaldo, é o ponto: inimigo vindo, morremos; mas nem um bebelo não tem licença quieta de passar!" Diadorim a tanto impante, eu debiquei: — "Ah, me importa! Não é o que é se ver Joca Ramiro? Pois eu estou vendo." "— Rezinga não, Riobaldo. A horas destas, Joca Ramiro deve de estar investindo aqueles, e tudo destralhado vencendo..." — foi o que ele perfez. Atrás disso, eu em ojeriza: — "Você sabe, hem, sabe. Os grandes segredos..." — fui falei. Mas, em passos desses, Diadorim sempre me apeava. Como o que reprovou: — "Sei de nada. Sei o que você pode saber também, Riobaldo. Mas conheço Joca Ramiro, sozinho que pensa as partes. Conheço Sô Candelário — que só comparece é em fecho de forte decisão..."

Ao que era. Nos dias em que tivemos de montar guarda nos lajeiros e lajeados, aprendi os rasgos daquele homem. Sô Candelário — como vou explicar ao senhor? Ele era um. Acho que nem dormia, comia o nada, nada, às pressas, pitava o tempo todo. E olhava para os horizontes, sem paciência neles, parecia querer mesmo: guerra, a guerra, muita guerra. Donde ele era, donde vindo? Me disseram: desses desertos da Bahia. Passava, não me olhava. Ocasião, então, Diadorim a ele me mostrou: — "Este é o meu amigo Riobaldo, chefe..." Aí, Sô Candelário me divisou, sempre me viu. Rir sorrir ele não sabia — mas sossegava um modo nos olhos, que tomavam um sério bom, por um seu instante, apagando de serem aqueles olhos encarniçados: e isso figurava de ser um riso. Que conhecia Diadorim, e prezando muito, desde vi. — "Riobaldo, *Tatarana*, eu sei..." — ele falou — "Tu atira bem, tem o adestro d'armas..." E foi andando; acho que dele ainda ouvi: ..."amizade nas festas..."? Conseguia nem ficar parado. E, por um ponto ou outro, que eu não divulguei bem, ele tinha algum estilo de ar de parecença com o próprio Zé Bebelo.

Mas o Alaripe foi que me contou, uma coisa que todos sabiam e nela falavam. Que Sô Candelário caçava era a morte. E bebia, quase constantemente, sua forte cachaça. Por que? Digo ao senhor: ele tinha medo de estar com o mal-de-lázaro. Pai dele tinha adoecido disso, e os irmãos dele também, depois e depois, os que eram mais velhos. Lepra — mais não se diz: aí é que o homem lambe a maldição de castigo. Castigo, de que? Disso é que decerto sucedia um ódio em Sô Candelário. Vivia em

fogo de ideia. Lepra demora tempos, retardada no corpo, de repente é que se brota; em qualquer hora, aquilo podia variar de aparecer. Sô Candelário tinha um sestro: não esbarrava de arregaçar a camisa, espiar seus braços, a ponta do cotovelo, coçava a pele, de em sangue se arranhar. E carregava espelhinho na algibeira, nele furtava sempre uma olhada. Danado de tudo. A gente sabia que ele tomava certos remédios — acordava com o propor da aurora, o primeiro, bebia a triaga e saía para lavar o corpo, em poço, para a beira do córrego ia indo, nú, nú, feito perna de jaburú. Aos dava. Hoje, que penso, de todas as pessoas Sô Candelário é o que mais entendo. As favas fora, ele perseguia o morrer, por conta futura da lepra; e, no mesmo do tempo, do mesmo jeito, forcejava por se sarar. Sendo que queria morrer, só dava resultado que mandava mortes, e matava. Dôido, era? Quem não é, mesmo eu ou o senhor? Mas, aquele homem, eu estimava. Porque, ao menos, ele, possuía o sabido motivo.

Tanto que o inimigo não dava de vir, pois bem a gente ficava em nervosias. Alguns, não. Feito aquele Luzié, que cantava sem mágoas, cigarra de entre-chuvas. Às vezes, pedi que ele cantasse para mim os versos, os que eu não esqueci nunca, formal, a canção de Siruiz. Adiantes versos. E, quando ouvindo, eu tinha vontade de brincar com eles. Minha mãe, ela era que podia ter cantado para mim aquilo. A brandura de botar para se esquecer uma porção de coisas — as bestas coisas em que a gente no fazer e no nem pensar vive preso, só por precisão, mas sem fidalguia. Diadorim, quando cuidava que sozinho estivesse, cantarolava, fio que com boa voz. Mas, próximo da gente, nunca que ele queria. A ver que também fiquei sabendo que os outros não consideravam naqueles versos de Siruiz a beleza que eu achava. Nem Diadorim, mesmo. — "Você tem saudade de seu tempo de menino, Riobaldo?" — ele me perguntou, quando eu estava explicando o que era o meu sentir. Nem não. Tinha saudade nenhuma. O que eu queria era ser menino, mas agora, naquela hora, se eu pudesse possível. Por certo que eu já estava crespo da confusão de todos. Em desde aquele tempo, eu já achava que a vida da gente vai em êrros, como um relato sem pés nem cabeça, por falta de sisudez e alegria. Vida devia de ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho. Era o que eu acho, é o que eu achava.

Ao do jeito de Sô Candelário? Esse variava raja. — "Arre, que vê, estamos sem notícias, não sei... A notícia, a gente tem de ir por ela, mesmo entrar no mundo para se buscar!" — isso Sô Candelário quase

exclamava. Mandou três homens que saíssem a cavalo, estrada avante, até a uma légua, colher do que houvesse, espiar os espias. Me mandou, também. Mas, a bem dizer, fui eu quem quis: na hora, à frente dei o passo, olhei muito para ele, encarado. — “Tu Tatarana, vai...” Quando ele falava *Tatarana*, eu assumia que ele estava sério prezando minha valia de atirador. Montei, fui trotando travado. Diadorim e o Caçanje iam já mais longe, regulado umas duzentas braças. Arte que perceberam que eu vinha, se viraram nas selas. Diadorim levantou o braço, bateu mão. Eu ia estugar, esporeei, queria um meio-galope, para logo alcançar os dois. Mas, aí, meu cavalo f’losofou: refugou baixo e refugou alto, se puxando para a beira da mão esquerda da estrada, por pouco não deu comigo no chão. E o que era, que estava assombrando o animal, era uma folha seca esvoaçada, que sobre se viu quase nos olhos e nas orêlhas dele. Do vento. Do vento que vinha, rodopiado. Redemoinho: o senhor sabe — a briga de ventos. O quando um esbarra com outro, e se enrolam, o dôido espetáculo. A poeira subia, a dar que dava escuro, no alto, o ponto às voltas, folharada, e ramarêdo quebrado, no estalar de pios assovios, se torcendo turvo, esgarabulhando. Senti meu cavalo como meu corpo. Aquilo passou, embora, o ró-ró. A gente dava graças a Deus. Mas Diadorim e o Caçanje se estavam lá adiante, por me esperar chegar. — “Redemunho!” — o Caçanje falou, esconjurando. — “Vento que enviesa, que vinga da banda do mar...” — Diadorim disse. Mas o Caçanje não entendia que fosse: *redemunho* era d’Ele — do diabo. O demônio se vertia ali, dentro viajava. Estive dando risada. O demo! Digo ao senhor. Na hora, não ri? Pensei. O que pensei: *o diabo, na rua, no meio do redemunho...* Acho o mais terrível da minha vida, ditado nessas palavras, que o senhor nunca deve de renovar. Mas, me escute. A gente vamos chegar lá. E até o Caçanje e Diadorim se riram também. Aí, tocamos.

Até à barra dos dois riachos, onde tem a cachoeira de escadinhas. Nem pensei mais no redemoinho de vento, nem no dono dele — que se diz — morador dentro, que viaja, o Sujo: o que aceita as más palavras e pensamentos da gente, e que completa tudo em obra; o que a gente pode ver em folha dum espelho preto; o Ocultador. Ao então, chegamos na barra dos riachinhos, na cachoeira; ficamos lá até o sol entrar. Como é que se podia trazer notícias, para Sô Candelário? Notícia é coisa que se tira, a desejo, do fim do sol? Lá tinha um capão-de-mato. Ou era mata, muito velha. Os coatís desciam espirrando, de sua sesta deles, nas árvores, e os

jacús voavam para outras árvores, se empoleirando para o sono da noite, com um escarcéu de galinheiro. Tristeza é notícia? Tanto eu tinha um aperto de desânimo de sina, vontade de morar em cidade grande. Mas que cidade mesma grande nenhuma eu não conhecia, digo. Assim eu aproveitei para olhar para a banda de donde ainda se praz qualquer luz da tarde. Me lembro do espaço, pensamentos em minha cabeça. O riacho cão, lambendo o que viesse. O coqueiro se mesmando. A fantasia, minha agora, nesta conversa — o senhor me atalhe. Se não, o senhor me diga: preto é preto? branco é branco? Ou: quando é que a velhice começa, surgindo de dentro da mocidade. Noitezinha, viemos. Primeira coruja que a ãoar, eu era capaz de acertar nela um tiro.

Mas Sô Candelário não era tôlo nas meças. No outro dia, notícias tivemos. E que! Dalí a lá, as notícias todas andaram de vir, em lote e réstia. Um Sucívre, que fino chegou, esgalopado. Disse: — “Nhô Ricardão deu fogo, no Ribeirão do Veado. Titão Passos pegou trinta e tantos deles, num bom combate, no esporão da serra...” Os bebelos se desabelhavam zuretas, debaixo de fatos machos e zúo de balas. A tanto, a gente em festa se alegrava. Sô Candelário subiu no jirau de varas — que tinha mandado fazer, nele era que dormia sem repousar — e assim espiou esquecido tempo, espiava as paradas distâncias, feito um gavião querendo partir em voo. Agora, era a guerra, mesmo, estariam rompendo as alelúias, lá por lá. Donde, daí, veio o Adalgizo: — “Seô Hermógenes passou, obra de seis léguas, vai dar combate...” Nossa hora de fogo estava perto. Assim os bebelos tinham de passar de fugida por ali no É-Já, rèsvés. Sô Candelário chega exclamava, chorava: dizia que nunca tinha chefiado pessoal tão valente feito nós, com tantas capacidades. E queria, logo, logo, o inimigo vindo. Todas as horas tocaiadas; e de noite com um olho só se ia dormir, que das armas não se largava. A redobrar as sentinelas, em ave-marias e alvorada. Combate vem é feito raio cai. Tudo era alarme dado, cuquiada: um ponta-pé em tição, o punhado de terra jogado para apagar as fogueiras, de repente, e se assobiava cruzado. Vez, deram até tiros: mas nada não era, só um boi loango, com muita fome e pouco sono, que veio sozinho pastando e deu a cara comprida, ali foras d’hora, no capinzal bom. — “Tudo que é estúrdio comparece em tempo de guerra... Vote, vais!” — algum disse. E teve gente que se riu disso, até à beira da madrugada. Daquilo tudo eu gostei, gostava cada dia mais. Fui aprendendo a achar graça no dessossego. Aprendi a medir a noite em meus dedos. Achei que

em qualquer hora eu podia ter coragem. Isso que vem, de mansinho, com uma risada boa, cachaça aos goles, dormida com a gente encostado em coronha de sua arma. O que carece é a companheiragem de todos no simples, assim irmãos. Diadorim e eu, a sombra da gente uma só uma formava. Amizade, na lei dela. Como a gente estava, estava bem. Sô Candelário era o chefe ao meu gosto, como eu imaginava. Ah, e Joca Ramiro?

Antes foi uma coisa acontecida repentina: aquele alvoroço, na cavalhada geral. Aí o mundo de homens anunciando de si e sobre o vasto chegando, da banda do Norte. Joca Ramiro! — "Joca Ramiro!" — se gritava. Sô Candelário pulou em sela, assim como ele sempre era: mola de aço. Deu um galope, em encontro. Nós todos, de começo, ficamos atarantados. Vi um sol de alegria tanta, nos olhos de Diadorim, até me apoquentou. Eu tinha ciúme? — "Riobaldo, tu vai ver como ele é!" — Diadorim exclamou, se abraçou comigo. Parecia uma criança pequena, naquela bela resumida satisfação. Como era que eu ia poder raivar com aquilo? E, no abre-vento, a toda cavaleirama chegando, empiquetados, com ferragem de cascos no pedregulho. Eram de ser uns duzentos, quase tudo manos-velhos baianos, gente nova trazida. Gritavam vivas para a gente, saudavam. E Joca Ramiro. A figura dele. Era ele, num cavalo branco — cavalo que me olha de todos os altos. Numa sela bordada, de Jequié, em lavores de preto-e-branco. As rédeas bonitas, grossas, não sei de que trançado. E ele era um homem de largos ombros, a cara grande, corada muito, aqueles olhos. Como é que vou dizer ao senhor? Os cabelos pretos, anelados? O chapéu bonito? Ele era um homem. Liso bonito. Nem tinha mais outra coisa em que se reparar. A gente olhava, sem pousar os olhos. A gente tinha até medo de que, com tanta aspereza da vida, do sertão, machucasse aquele homem maior, ferisse, cortasse. E, quando ele saía, o que ficava mais, na gente, como agrado em lembrança, era a voz. Uma voz sem pingo de dúvida, nem tristeza. Uma voz que continuava.

Sobre o no meio daquele rebuliço, menos colhi de ver e de escutar. Os chefes tinham apeado dos cavalos, e os homens, todos, em balbúrdia com sensatez. Sô Candelário não arredava pé de Joca Ramiro, e explicava as diversas coisas, com grandes gestos, quase ele não dava conta de se falar. A demora era pouca. Aí o forte bando tinha de se aluir para adiante, em redobro de marcha — iam para ferrar fogo, em lugar e hora determinados — semelhante se soube. Tempo de beberem um café. Mas Joca Ramiro

veio de lá, em alargados vagarosos passos, queria correr o acampamento, saudar um e outro, a palavrinha que fosse, um dito de apreço e apraz. O andar dele — vi certo: alteado e imponente, como o de ninguém. Diadorim olhava; e também tinha lágrimas vindo por caso. Decidido, deu um à-frente, pegou a mão de Joca Ramiro, beijou. Joca Ramiro, que firme contemplando, só um instante, seja, mas o docemente achável, com um calor diferente de amizade. A quantia que ele gostava de Diadorim! — e pousou nas costas dele um abraço. Ao que, se virou para nós, que estávamos. E eu fiz como Diadorim — nem sei porque: peguei a mão daquele homem, beijei também. Todos, os que eram mais moços, beijavam. Os mais velhos tinham vergonha de beijar. — "Este aqui é o Riobaldo, o senhor sabe? Meu amigo. A alcunha que alguns dizem é *Tatarana*..." Isto Diadorim disse. A tento, Joca Ramiro, tornando a me ver, fraseou: "Tatarana, pelos bravos... Meu filho, você tem as marcas de conciso valente. *Riobaldo*... Riobaldo..." Disse mais: — "Espera. Acho que tenho um trem, para você..." Mandou vir o dito, e um cabra chamado João Frio foi lá nos cargueiros, e trouxe. Era um rifle reiuno, peguei: mosquetão de cavalaria. Com aquilo, Joca Ramiro me obsequiava! Digo ao senhor: minha satisfação não teve beiras. Pudessem afiar inveja em mim, pudessem. Diadorim me olhava, com um contentamento. Me chamou de lado. Vi que, mesmo sendo assim querido e escolhido de Joca Ramiro, ele procedia mais de ficar de longe, por ninguém se queixar, não acharem que ali havia afilhadagem. — "Não é que ele é mesmo o chefe de todos? Não é que é mandante?" — Diadorim me perguntava. Era. Mas eu não percebi o vivo do tempo que passava. Eles já estavam indo de saída. Montado no cavalo branco, Joca Ramiro deu uma despedida. Vi que ele com os olhos caçou Diadorim. Sô Candelário gritou: — "Viva Jesus, em rotas e vantagens!" E, num bufúrdio, todos esporaram, andaram, ao assaz. A alta poeira, que demorava. Aquilo parecia uma música tocando.

Desde ver, a figura dele tinha parado no meio da gente, noutra coisa não se falava. Aí em festa feita a gente tramava nas armas: Joca Ramiro entrava direto em combate, então ia ser o fim da guerra! — "Sô Candelário queria ir também, mas teve de aceitar ordem de ficar..." — Diadorim me explicou. Segundo disse — que Sô Candelário, por aquela ânsia e soência, de avançar, a avançar, agora podia desequilibrar a boa regra de tudo. Seria para ficar de espera, tapando o mundo aos que aqui o mundo quisessem. Assim, mais, Joca Ramiro tinha mandado: que nosso

grupo se repartisse, em aos três ou quatro piquetes, para valer de vigiar bem os vaus e suas estradas. Diadorim e eu fizemos parte duma turma dessas, duns quinze homens, chefia de João Curiol — fomos para a baixa dos Umbùzeiros, lugar feio, com os gravatás poeirentos e uns levantados de pedra. Partindo desse vau, a gente pega uma chapadinha — a Chapada-da-Seriema-Correndo. A que parecia mesmo de propósito. Porque foi lá, com todo o efeito, que a cara da caça se apareceu. Aquilo, terrível. Conto já ao senhor, duma vez.

Terrível, tido, por causa da ligeireza com que aquilo veio. Surpresa a gente sempre tem, o senhor sabe, mesmo em espera: dá a vez, e não se vê, à parva. Não se crê que é. Tão de repente. O vento vinha bom, da parte d'eles chegarem, de formas que o galope pronto se ouviu. Escoramos as armas. Assim que eles eram uns vinte. Passaram o ribeirão, com tanta pressa, que a água se esguichou farta, vero bonito aquilo no sol. Demos fogo.

Do que podia suceder. Vi homem despencado demais, os cavalos patatrás! Dada a desordem. Só cavalo sozinho podia fugir, mas os homens no chão, no cata, cata. Ao que, a gente atirava! Se morria, se matava, matava? Os cavalos, não. Mas teve um, veio, à de se doidar, se espinoteava, o cavaleiro não aguentava na rédea, chegaram até perto de nós, aí todos os dois morreram de repente. Meu senhor: tudo numa estraga extraordinária. Mas aqueles eram homens! Trampe logo que puderam, os sobrantes deles se desapearam e rastejaram, respondendo ao fogo. Ah, puderam tomar oculto atrás de outras fragas de pedra, nisso a gente não conseguiu ter mão. Ainda deviam de ser uns dez, ou uns oito. Afa que gritavam, em febre de ódio, xingando todo nome. A gente, também. Anhãnhãe, berrávamos fogo, quando sinal de homem tremeluzia. As balas rachavam as pedras, só partiam escalhas. Um se mostrou, caíu logo. Munição deles era pouca. Fugir, mesmo, não podiam. A gente atirava. Aí deviam de ser uns seis — que é a meia-dúzia. — "Aoê, sabe quem está lá, comandando?" — o rastejador Roque me disse. — "Sabe quem?" Ah, eu sabia. Eu tinha sabido, o em desde o primeiro momento. Era quem eu não queria para ser. Era Zé Bebelo!

Assim eu condenado para matar.

Aqui eu não sei o que o senhor não sabe. — "A fogo! A crêvo!" — isto João Curiol gritava. Antes do depois, neles a gente ia ir a pano de facão. — "Tralha! Lá vai obra, cão, carujo! Roncôlho!" — isto era a voz de Zé

Bebelo, gritava. Eu não gritei. Diadorim também atirava calado. Munição deles — quase nenhuma. Eles deviam de ser uns quatro, ou três. O cano do meu rifle esquentava demais. — “Roncôlho! Toma...” Um Freitas, nosso, gritou, caíu muito ferido. A bala era de Zé Bebelo. Atiramos, grosso. Eles respondendo. Respondiam pouco. Deviam de ser... os quantos? Digo ao senhor: eu gostava de Zé Bebelo. Redigo — que eu menos atirava do que pensava. Como era possível, assim, com minha ajuda, a morte dele? Um homem daquela qualidade, o corpo dele, a ideia dele, tudo que eu sabia e conhecia. Nessas coisas eu pensei. Sempre — Zé Bebelo — a gente tinha que pensar. Um homem, coisa fraca em si, macia mesmo, aos pulos de vida e morte, no meio das duras pedras. Senti, em minha goela. Aquela culpa eu carregava? Arresto gritei: — “Joca Ramiro quer esse homem vivo! Joca Ramiro quer este homem vivo! Joca Ramiro faz questão!...” A que nem não sei como tive o repente de isso dizer — falso, verdadeiro, inventado...

Firme gritei, repeti.

Os outros companheiros aceitavam aquilo, diziam também, até João Curiol: — “Joca Ramiro quer este homem vivo!” “— É ordem de Joca Ramiro!” De lá não atiravam mais. Só bala ou outra, só. — “Arre, à unha, chefe?” — o Sangue-de-Outro perguntou. João Curiol respondeu que não. Eles deviam de estar reservando balas para um final. — “Ordem de Joca Ramiro: é pegar o homem vivo...” — ainda eu disse. Ali Zé Bebelo eu salvasse. Todos aprovaram. Eu sei, eu sei? O senhor agora vai não me entender. O como são as coisas. Todos me aprovaram — e, aí, extraordinariamente, eu dei um salto de espírito. O que? Mas, então, eu não tinha pensado tudo, o real?! O que era que eu estava fazendo, que era que eu estava querendo — que pegassem vivo Zé Bebelo, em carnes e ossos, para depois judiarem com ele, matarem de outro pior jeito, a fácil?! Minha raiva deu em mim. Me mordi, me abri, me-amargo. Tanto tudo ia sendo sempre por minha culpa! E daí pedi tudo ao rifle e às cartucheiras. Eu atirava, atirava: queria, por toda a lei, alcançar um tiro em Zé Bebelo, para acabar com ele de uma vez, sem martírio de sofrimentos. — “Tu está louco, Riobaldo?” — Diadorim gritou, rastejando para perto de mim, travando em meu braço. — “Joca Ramiro quer o homem vivo! Joca Ramiro quer, deu ordem!” — todos agora me gritavam. Assim contra mim, assim todos. O que eu havia de desmentir? E não vi direito, o fato. O que vi foi Zé Bebelo aparecendo, de repente, garnizé. O que ele tinha numa

mão, era o punhal; na outra uma garrucha grande, fogo-central. Mas descarregou a garrucha, atirando no chão, perto dos pés dele, mesmo. Arrancou poeira. Por trás daquela poeira ele reapareceu, dava pensamento assim — aprumado, teso de briga. Lampejou com o punhal, e esperou. Ele mesmo estava querendo morrer à brava, depressamente. Olhei, olhei. De atirar nele, de todo jeito não tive coragem. Ah, não tinha! E um dos nossos, não sei quem, jogou o laço. Zé Bebelo mal ainda bateu com um pé, por se firmar, e caíu, arrastado, voz que gritou: — "Canalha! Canalha!" Mas todos foram nele, desarmaram do punhal. Eu parei quieto, vago, se me estranho. Não queria, ah não queria que ele me reconhecesse.

Sobrevinha o tropel grande de cavaleiros. Aos quais: era Joca Ramiro, com sua gente total. Subiu pó e pó, por ouros, poeira de entupir o nariz e os olhos. Agarrei de mim, sentado lá, no mesmo meu lugar, atrás do pedação de pedra. O que eu estava era envergonhado. O fezuê se fez um enorme. Sendo que chegavam também os outros grupos nossos, escutei os brados de Sô Candelário. A roda de cavaleiros tantos, no raso, sempre maior. Algum soprou o buzo de corno de boi. Tocavam para o acampamento. Mas Diadorim estava me caçando, e mais João Curiol, pelos mortos e feridos que também tínhamos, e também ali ele devia de ter perdido algum trem seu, objeto. — "Homem danado..." — ouvi o que um dizia. Meus olhos firmavam no chão, agora eu via que tremia. — "Ipa! Zé Bebelo, oxém, ganhou patente. É estragador!" Eu falei: — "É?" — e neste entretanto. Ao menos Diadorim raiava, o todo alegre, às quase dansas: — "Vencemos, Riobaldo! Acabou-se a guerra. A mais, Joca Ramiro apreciou bem que a gente tivesse pegado o homem vivo..." Aquilo me rendia pouco sossego. E depois? — "Para que, Diadorim? Agora matam? Vão matar?" Mal perguntei. Mas o João Curiol virou e disse: — "Matar não. Vão dar julgamento..."

— "Julgamento?" — não ri, não entendi.

— "Aposto que sei. Aí foi ele mesmo quem quis. O homem estúrdio! Foi defrontar com Joca Ramiro, e, assim agarrado preso, do jeito como desgraçado estava, brabo gritou: — *Assaca! Ou me matam logo, aqui, ou então eu exijo julgamento correto legal!...* e foi. Aí Joca Ramiro consentiu, o praz-me, prometeu julgamento já..." — isto o que falou João Curiol, para me dar a explicação.

Agradeci mesmo isso, a cisma não era para pôr peso em meus peitos. Saímos ainda com João Concliz, a ir em longe arredor, prevenir os que

faltavam. A vinda geral. A gente de Titão Passos e do Hermógenes mandava aviso de estarem em caminho. Os do Ricardão já aos tantos chegavam. Saí, com esses de João Concliz. Fui. Fiz questão. Eu não queria retornar logo, com os outros, não enxergar Zé Bebelo eu achava melhor. Montamos e sumimos por aqueles campos, essa estrada, esses pequizeiros. — "Homem engraçado, homem dôido!" — Diadorim ainda achava. — "Sabe o que ele falou, como foi?" E me deu notícia.

Tinha sido aquilo: Joca Ramiro chegando, real, em seu alto cavalo branco, e defrontando Zé Bebelo a pé, rasgado e sujo, sem chapéu nenhum, com as mãos amarradas atrás, e seguro por dois homens. Mas, mesmo assim, Zé Bebelo empinou o queixo, inteirou de olhar aquele, cima a baixo. Daí disse:

— "Dê respeito, chefe. O senhor está diante de mim, o grande cavaleiro, mas eu sou seu igual. Dê respeito!"

— "O senhor se acalme. O senhor está preso..." — Joca Ramiro respondeu, sem levantar a voz.

Mas, com surpresa de todos, Zé Bebelo também mudou de toada, para debicar, com um engraçado atrevimento:

— "Preso? Ah, preso... Estou, pois sei que estou. Mas, então, o que o senhor vê não é o que o senhor vê, compadre: é o que o senhor vai ver..."

— "Vejo um homem valente, preso..." — aí o que disse Joca Ramiro, disse com consideração.

— "Isso. Certo. Se estou preso... é outra coisa..."

— "O que, mano velho?"

— "...É, é o mundo à revelia!..." — isso foi o fecho do que Zé Bebelo falou. E todos que ouviram deram risadas.

Assim isso. Tolêimas todas? Não por não. Também o que eu não entendia possível era Zé Bebelo preso. Ele não era criatura que se prende, pessoa coisa de se haver às mãos. Azougue vapor...

E ia ter o julgamento.

Tanto que voltamos, manhã cedinho estávamos lá, no acampo, debaixo de forma. Arte, o julgamento? O que isso tinha de ser, achei logo que ninguém ao certo não sabia. O Hermógenes me ouviu, e gostou: — "É e é. Vamos ver, vamos ver, o que não sendo dos usos..." — foi o que ele citou. — "Ei, agora é julgamento!" — os muitos caçoavam, em festa fona. Cacei de escutar os outros. — "Está certo, está direito. Joca Ramiro sabe o que faz..." — foi o que disse Titão Passos. — "Melhor, mesmo. Carece de se

terminar o mais definitivo com essa cambada!"— falou Ricardão. E Sô Candelário, que agora não se apeava, vinha exclamando: — "Julgamento! É isto! Têm de saber quem é que manda, quem é que pode!" — Ao espraia as margens.

Agora estavam todos mais todos reunidos, estávamos no acampamento do É-Já, onde ali mal tanto povo cabia, e lotes e pontas de burros, a cavalhada pastando, jagunços de toda raça e qualidade, que iam e vinham, comiam, bebiam, bafafavam. Sô Candelário tinha remetido dois homens, longe, no São José Preto, só para comprarem foguetes, que no fim teriam de pipocar. E onde estava Zé Bebelo? Apartado, recolhido de toda vista, numa tenda de lona — essa única que se tinha, porque Joca Ramiro mesmo se desacostumava de dormir em barraca, por o abafo do calor. Não se podia ver o prisioneiro, que ficava lá dentro, feito guardado. Contaram que ele aceitava comida e água, e estivesse deitado num couro de vaca, pitando e pensando. Gostei. O de que eu carecia era de que ele não botasse olhos em mim. Eu apreciava tanto aquele homem, e agora ele não havia de ser meu pesadêlo. — "Aonde é que vamos? Onde é que esse julgamento vai ser?" — perguntei a Diadorim, quando surpreendi os suspensos de se ter saída. — "Homem, não sei..." —; Diadorim disso não sabia. Só depois se espalhou voz. Ao que se ia para a Fazenda Sempre-Verde, depois da Fazendo Brejinho-do-Brejo, aquela a do doutor Mirabô de Melo.

Mas, por que causa iam dar com aquele homem tamanha passeata? Carecia algum? Diadorim não me respondeu. Mas, pelo que não disse e disse, tirei por tino. Assim que Joca Ramiro fazia questã de navegar três léguas a longe com acompanhamento de todos os jagunços e capatazes e chefes, e o prisioneiro levado em riba dum cavalo preto, e todas as tropas, com munição, coisas tomadas, e mantimentos de comida, rumo do Norte — tudo por glória. O julgamento, também. Estava certo? Saímos, de trabuz. No naquele, a gente podia ver resenho de toda geração de montadas. Zé Bebelo lá ia, rodeado por cavaleiros de guarda, pessoal de Titão Passos, logo na cabeça do cortejo. Ia com as mãos amarradas, como de uso? Amarrar as mãos não adiantava. Eu não quis ver. Me dava travo, me ensombrecia. Fui ficando para trás. Zé Bebelo, lá preso demais, em conduzido. Aquilo com aquilo — aí a minha ideia diminuia. Tanto o antes, que fiz a viagem toda na rabeira, ladeando o bando bonzinho de jegues orelhudos, que fechavam a marcha. A pobreza primeira deles me consolava — os jumentinhos, feito meninos. Mas ainda pensei: ele bom ou

ele ruim, podiam acabar com Zé Bebelo? Quem tinha capacidade de pôr Zé Bebelo em julgamento?! Então, ressenti um fundo desânimo. Sem mais Zé Bebelo, então, o restado consolo só mesmo podia ser aqueles jericos baianos, que de nascença sabiam todas as estradas.

Assim passamos pelo Brejinho-do-Brejo, assim chegamos na Sempre-Verde. Aí fomos chegando. Que me deu, de repente? Esporeei e galopei, para dianteira, fomentado, repinchando dessas angústias. Vim. Eu queria sobressalto de estar ali perto, catar tudo nos olhos, o que acontecia maior. Nem não importei mais que Zé Bebelo me visse. Passei quase para a frente de todos. Estavam pensando que eu viesse com um recado. — "Que foi, Riobaldo, que foi?" — gritou para mim Diadorim. Dei nenhuma resposta. Pessoa ali não me entendia. Só mesmo Zé Bebelo era quem pudesse me entender.

A Fazenda Sempre-Verde era a casa enorme, viemos saindo da estrada e entrando nas cheganças, os currais-de-ajuntamento. Aquele mundo de gente, que fazia vulto. Parecia um mortório. Antes passei, afanhou a porteira, aí fomos enchendo os currais, com tantos os nossos cavalos. A casa-de-fazenda estava fechada. — "Não carece de se abrir... Não carece de se abrir..." — era uma ordem que todos repetiam, de voz em voz. Ave, não arrombassem, aquilo era de amigo, o doutor Mirabô de Melo, mesmo ausente. Esbarramos no eirado, liso, grande, de tanto tamanho. Aí tinham apeado Zé Bebelo do cavalo, ele estava com as mãos amarradas, sim, mas adiante do corpo, feito algemas. — "Ata amarra os pés também!" — algum enfezado gritou. Outro se chegou, com uma boa peia, de couro de capivara. Que era que aquela gente pensavam? Que era que queriam? Doideira de todos. Daí, Joca Ramiro, Sô Candelário, o Hermógenes, o Ricardão, Titão Passos, João Goanhá, eles todos reunidos no meio do eirado, numa confa. Mas Zé Bebelo não estava aperreado. Tomou corpo, num alteamento — feito quando o perú estufa e estoura — e caminhou, em direitura. Que que pequeno, era bom: homem às graças. Caminhou, mesmo. — "Oxente!" Para diante de Joca Ramiro, no meio do eirado, tinham trazido um mocho, deixado botado lá; era um tamborete de tripés, o assento de couro. Zé Bebelo, ligeiro, nele se sentou. — "Oxente!" — se dizia. A jagunçama veio avançando, feito um rodear de gado — fecharam tudo, só deixando aquele centro, com Zé Bebelo sentado simples e Joca Ramiro em pé, Ricardão em pé, Sô Candelário em pé, o Hermógenes, João Goanhá, Titão Passos, todos! Aquilo, sim, que sendo um atrevimento; caso

não, o que, maluqueira só. Só ele sentado, no mocho, no meio de tudo. Ao que, cruzou as pernas. E:

— "Se abanquem... Se abanquem, senhores! Não se vexem..." — ainda falou, de papeata, com vênias e acionados, e aqueles gestos de cotovelo, querendo mostrar o chão em roda, o dele.

Arte em esturdice, nunca vista. O que vendo, os outros se franziram, faiscando. Acho que iam matar, não podiam ser assim desfeiteados, não iam aturar aquela zombaria. Foi um silêncio, todo. Mandaram a gente abrir muito mais a roda, para o espaço ficar sendo todo maior. Se fez.

Mas, de repente, Joca Ramiro, astuto natural, aceitou o louco oferecimento de se abancar: risonho ligeiro se sentou, no chão, defronte de Zé Bebelo. Os dois mesmos se olharam. Aquilo tudo tinha sido tão depressa, e correu por todos um arruído entusiasmado, dando aprovação. Ah, Joca Ramiro para tudo tinha resposta: Joca Ramiro era lorde, homem acreditado pelo seu valor.

A modo que — Zé Bebelo — sabe o senhor então o que ele fez? Se levantou, jogou para um lado o tamborete, com pontapé, e a esforço se sentou no chão também, diante de Joca Ramiro. Foi aquele falatório geral, contente. De coisas de tarasco, assim, a gente não gostava? E até os outros chefes, todos, um por um, mudaram de jeito: não se sentaram também, mas foram ficando moleados ou agachados, por nivelar e não diferir. Ao que o povaréu jagunço, com ansiedade de ver e ouvir o que se desse, se espremendo em volta, sem remangar das armas. Aquele povo — rio que se enche com intervalo dos estremecimentos, regular, como o piscar de olho dum papagaio. Vigiei o Hermógenes. Eu sabia: dele havia de vir o pior. Com o que, todo o mundo parado, formaram uns silêncios. Menos no mais, Joca Ramiro ia falar as palavras consagradas?

— "O senhor pediu julgamento..." — ele perguntou, com voz cheia, em beleza de calma.

— "Toda hora eu estou em julgamento."

Assim Zé Bebelo respondeu. Aquilo fazia sentido? Mas ele não estava lôrpa nem desfeliz, bom para a forca. Que até capivara se senta é para pensar — não é para se entristecer. E rodou aprumada a cara, vistoriando as caras de tantos homens. Ar que inchou o peito e o queixo levantou, valendo se valendo. Criatura assim sente tudo adivinhado, de relâmpago, na ponta dos olhos da gente. Eu tinha confiança nele.

— “Lhe aviso: o senhor pode ser fuzilado, duma vez. Perdeu a guerra, está prisioneiro nosso...” — Joca Ramiro fraseou.

— “Com efeito! Se era para isso, então, para que tanto requifife?” — Zé Bebelo repostou, com toda a ligeireza.

De ouvir, dividi o riso do siso. A pois! Ele mesmo tinha inventado exigido esse julgamento, e agora torcia o motivo: como se em fim de um julgamento ninguém competisse de ser fuzilado... Saranga ele não era. Mas estava brincando com a morte, que para cada hora livrava. Ao que bastava Joca Ramiro perder um ponto da paciência, um pouco. Só que, por sorte, paciência Joca Ramiro nunca perdia; motejou, não mais:

— “Adianta querer saber muita coisa? O senhor sabia, lá para cima — me disseram. Mas, de repente, chegou neste sertão, viu tudo diverso diferente, o que nunca tinha visto. Sabença aprendida não adiantou para nada... Serviu algum?”

— “Sempre serve, chefe: perdi — conheço que perdi. Vocês ganharam. Sabem lá? Que foi que tiveram de ganho?”

O puro lorotal. E atrevimento, muito. Os jagunços em roda não entendiam o escutado; e uns indicavam por gestos que Zé Bebelo estava gira da ideia, outros quadrando um calado de mau sinal. Até o que disse: — “De lá não sai barca!” Assim se diz. Joca Ramiro não reveio logo. Mexeu com as sobrancelhas. Só, daí:

— “O senhor veio querendo desnortear, desencaminhar os sertanejos de seu costume velho de lei...”

— “Velho é, o que já está de si desencaminhado. O velho valeu enquanto foi novo...”

— “O senhor não é do sertão. Não é da terra...”

— “Sou do fogo? Sou do ar? Da terra é é a minhoca — que galinha come e cata: esgaravata!”

Que visse o senhor os homens: o prospeito. Aqueles muitos homens, completamente, os de cá e os de lá, cercando o oco em raia da roda, com as coronhas no chão, e as tantas caras, como sacudiam as cabeças, com os chapéus rebuçantes. Joca Ramiro tinha poder sobre eles. Joca Ramiro era quem dispunha. Bastava vozear curto e mandar. Ou fazer aquele bom sorriso, debaixo dos bigodes, e falar, como falava constante, com um modo manso muito proveitoso: — “Meus meninos... Meus filhos...” Agora, advai que aquietavam, no estatuto. Nanja, o senhor, nessa sossegação, que se fie! O que fosse, eles podiam referver em imediatidade,

o banguelê, num zunir: que vespassem. Estavam escutando sem entender, estavam ouvindo missa. Um, por si, de nada não sabia; mas a montoeira deles, exata, soubesse tudo. Estudei foi os chefes.

Naquela hora, o senhor reparasse, que é que notava? Nada, mesmo. O senhor mal conhece esta gente sertaneja. Em tudo, eles gostam de alguma demora. Por mim, vi: assim serenados assim, os cabras estavam desejando querendo o sério divertimento. Mas, os chefes cabecilhas, esses, ao que menos: expunham um certo se aborrecer, segundo seja? Cada um conspirava suas ideias a respeito do prosseguir, e cumpriam seus manejos no geral, esses com suas responsabilidades. Uns descombinavam dos outros, no sutil. Eles pensavam. Conforme vi. Sô Candelário duma banda de Joca Ramiro, com Titão Passos e João Goanhá; o Ricardão da outra, com o Hermógenes. Atual Zé Bebelo foi começando a conversar comprido, na taramelagem como de seu gosto — aí o Ricardão armou um bocêjo; e Titão Passos se desacocorou, com a mão num ombro, que devia de ter algum machucado. O Hermógenes fez beiço. João Goanhá, aquele ar sonsado, quase de tôlo, no grosso do semblante. O Hermógenes botava pontas de olhar, some escuro, nuns visos. Sô Candelário, ficado em pé, sacudia o moroso das pernas.

Joca Ramiro deve de ter percebido aquele repiquete. Porque ele sobre se virou, para Sô Candelário, ao de indagar:

— “Meu compadre, que é que se acha?”

Sô Candelário fungou, e logo abriu naqueles sestros que tinha, movimental. Sendo por ele querer se desengonçar e não podendo: como era alto e magro duro aquele homem! Sarre os onhos olhos amarelos de gavião, dele, hem. Não achou as palavras para dizer, disse:

— “Ao que a ver! Ao que estou, compadre chefe meu...”

A lesto que Joca Ramiro assentiu, com cabeça, conforme se Sô Candelário tivesse afirmado coisas de sincera importância. Zé Bebelo abriu muito a boca, tirando um ronco, como que de propósito. Alguns, mais riram dele. Em menos Joca Ramiro esperou um instante:

— “A gente pode principiar a acusação.”

Aprovaram, os todos, todos. Até Zé Bebelo mesmo. Assim Joca Ramiro refalou, normal, seguro de sua estança, por mais se impor, uma fala que ele drede avagarava. Dito disse que ali, sumetido diante, só estava um inimigo vencido em combates, e que agora ia receber continuação de seu destino. Julgamento, já. Ele mesmo, Joca Ramiro, como de lei, deixava

para dar opinião no fim, baixar sentença. Agora, quem quisesse, podia referir acusação, dos crimes que houvesse, de todas as ações de Zé Bebelo, seus motivos: e propor condena.

Rés o que começasse, quem? O Hermógenes limpou a goela. De primeira entrada eu vinha sabendo — esse Hermógenes precisava de muitas vinganças.

Ele era sujeito vindo saindo de brejos, pedras e cachoeiras, homem todo cruzado. De uns assim, tudo o que escapa vai em retinge de medo ou de ódio. Observei, digo ao senhor. Carece de não se perder sempre o vezo da cara do outro; os olhos. Advertido que pensei: e se eu puxasse meu revólver, berrasse fogo nele? Se acabava um Hermógenes — estava ali, são no vão, e num átimo se via era papas de sangue — ele voltava para o inferno! Que era que me acontecia? Eu tomava castigo mortal, de mão de todos? Deixasse que tomasse. Medo não tive. Só que a ideia boa passou muito fraca por mim, entrada por saída. Fiquei foi querendo ouvir e ver, o que vinha mais. Demarcava que iam acontecendo grandes fatos. Desde, Diadorim, conseguindo caminho por entre o povo, aí chegou, se encostou em mim; tão junto, mesmo sem conversar, mas respirava, como era com a boca tão cheirosa. Há-de haja! — o Hermógenes tinha levantado, para falar:

— “Acusação, que a gente acha, é que se devia de amarrar este cujo, feito porco. O sangrante... Ou então botar atravessado no chão, a gente todos passava a cavalo por riba dele — a ver se vida sobrava, para não sobrar!”

— “Quá?!” — Zé Bebelo debicou, esticando o pescoço e batendo com a cabeça para diante, diversas vezes, feito pica-pau em seu ofício em árvore. Mas o Hermógenes com aquilo não somou; foi pondo:

— “Cachorro que é, bom para a faca. O tanto que ninguém não provocou, não era inimigo nosso, não se buliu com ele. Assaz que veio, por si, para matar, para arrasar, com sobejidão de cacundeiros. Dele é este Norte? Veio a pago do Governo. Mais cachorro que os soldados mesmos... Merece ter vida não. Acuso é isto, acusação de morte. O diacho, cão!”

— “Ih! Arre!” — foi o que Zé Bebelo ponteou. Assim contracenando, todo o tempo — medo do Hermógenes remedou, de feias caretas.

— “É o que eu acho! É o que eu acho!” — o Hermógenes então quase gritou, por terminar — “Sujeito que é um tralha!”

— “Posso dar uma resposta, Chefe?” — Zé Bebelo perguntou, sério, a Joca Ramiro. Joca Ramiro concedeu.

— “Mas, para falar, careço que não me deixem com as mãos amarradas...”

Nisso não havendo razão ou dúvida. E Joca Ramiro deu ordem. João Frio, que de perto dele não se apartava, veio de lá, cortou e desatou a manupeia nas juntas dos pulsos. Que era que Zé Bebelo ia poder fazer? Isto:

— “P’r’ aqui mais p’r’ aqui, por este mais este cotovelo!...” — disse, batendo mão e mão, com o acionado de desplante. E riu chiou feito um sõim, o caretejo. Parecia mesmo querer fazer raiva no outro, em vez de tomar cautela? Vi que tudo era enfinta; mas podia dar em mal. O Hermógenes pulou passo, fez menção de reluzir faca. Se teve mão em si, foi por forte costume. E Joca Ramiro também tinha atalhado, com uma aspação: — “Tento e paz, compadre mano-velho. Não vê que ele ainda está é azuretado...”

— “Ei! Com seu respeito, discordo, Chefe, maximé!” — Zé Bebelo falou. — “Retenho que estou frio em juizo legal, raciocínios. Reajo é com protesto. Rompo embargos! Porque acusação tem de ser em sensatas palavras — não é com afrontas de ofensa de insulto...” — Encarou o Hermógenes: — “Homem: não abusa homem! Não alarga a voz!...”

Mas o Hermógenes, arriçado, crível que estivesse todo no poder bravo de uma coceira, falou para Joca Ramiro — e para todos que estávamos lá — falou, numa voz rachada em duas, voz torta entortada:

— “Tibes trapo, o desgraçado desse canalha, que me agravou! Me agravou, mesmo estando assim vencido nosso e preso... Meu direito é acabar com ele, Chefe!”

Vi a mão do perigo. Muitos homens resmungaram em aprôvo, ali rodeando, os tantos, dez ou vinte círculos, anéis de gente. Rentes os do bando do Hermógenes chegaram a dar altas palavras, de calca pá. Questionou-se a respeito disso? Tinham barulhos na voz. Mesmo os chefes entre si cochicharam. Mas Joca Ramiro sabia represar os excessos, Joca Ramiro era mesmo o tutùmumbuca, grande maioral. Temperou somente:

— “Mas ele não falou o nome-da-mãe, amigo...”

E era verdade. Todo o mundo concordou, pelo que vi de todos. Só para o nome-da-mãe ou de “ladrão” era que não havia remédio, por ser a ofensa grave. Com Joca Ramiro explicar assim, não havia jagunço que não

aceitasse o razoável da ponderação, o relembrado. O Hermógenes mesmo se melou na atrapalhação das ligeirezas, e aí tinha de condizer. Nada ele não disse: mas abriu quadrada a boca, em careta de quem provou pedra de sal. E Zé Bebelo mesmo aproveitou para mudar o aspecto — para uma certa circunspecção. Se via que ele pensava a curto ganho no estreito, por detrás daquele sonsar. Trabalho de ideia em aperto, pelo pão de salvar sua vida da estrosca.

Imediato, Joca Ramiro deu a vez a Sô Candelário, não deixando frouxura de tempo para mais motim: — "Hê, e você, compadre? Qual é a acusação que se tem?"

Sobre o que, sobreveio Sô Candelário, arre avante, aos priscos, a figura muita, o gibão desombrado. Sobrava fala: — "Com efeito! Com efeito!..." — falou. Vai, vai, forteou mais a voz: — "Só quero pergunta: se ele convém em nós dois resolvermos isto à faca! Pergunto para briga de duelo... É o que acho! Carece mais de discussão não... Zé Bebelo e eu — nós dois, na faca!..."

Sô Candelário mais longe não conseguia de dizer, só repetia aquilo, desafio, e no mais se mexer, feito com são-guido ou escaravelho. Sem raiva quase nenhuma — notei; mas também sem nenhuma paciência. Sô Candelário sendo assim. Mas aí Joca Ramiro remediou, dizendo, resistencioso, e escondeu o de que ria:

— "Resultado e condena, a gente deixa para o fim, compadre. Demore, que logo vai ver. Agora é a acusação das culpas. Que crimes o compadre indica neste homem?"

— "Crime?... Crime não vejo. É o que acho, por mim é o que declaro: com a opinião dos outros não me assopro. Que crime? Veio guerrear, como nós também. Perdeu, pronto! A gente não é jagunços? A pois: jagunço com jagunço — aos peitos, papos. Isso é crime? Perdeu, está aí feito umbuzeiro que boi comeu por metade... Mas brigou valente, mereceu... Crime, que sei, é fazer traição, ser ladrão de cavalos ou de gado... não cumprir a palavra..."

— "Sempre eu cumpro a palavra dada!" — gritou de lá Zé Bebelo.

Sô Candelário olhou encarado para ele, rente repente, como se nos instantes antes não soubesse que ele estava ali a três passos. Só assim mesmo prosseguiu:

— "...Pois, sendo assim, o que acho é que se deve de tornar a soltar este homem, com o compromisso de ir ajuntar outra vez seu pessoal dele e

voltar aqui no Norte, para a guerra poder continuar mais, perfeita, diversificada...”

Ressaltados, os homens, ouvindo isso, rosnaram de bem, cá e lá: coragem sempre agradava. Diadorim apertou meu braço, como sussurrou: — “Doideira, dele. Riobaldo, Sô Candelário está dôido varrido...” Aí podia ser. Mas eu tinha relanceado um afio de onde ódio que ele mirou no Hermógenes, enquanto falando; e entendi: Sô Candelário não gostava do Hermógenes! Sendo que ele podia até nem saber disso, não ter noção firme de que não gostava; mas era a maior verdade. Sucinto, só por conta disso, eu apreciei demais aquele rompante.

Sô Candelário esbarrou de falar, secado. Só aos bufos, surdo de se ver que ele tinha feito o grande esforço todo, sopitante. Se afundava para os altos.

— “Apraz ao senhor, compadre Ricardão?” — Joca Ramiro solicitou, passando a vez.

Aquele retardou tanto para começar a dizer, que pensei fosse ficar para sempre calado. Ele era o famoso Ricardão, o homem das beiras do Verde Pequeno. Amigo acorçoado de importantes políticos, e dono de muitas posses. Composto homem volumoso, de meças. Se gordo próprio não era, isso só por no sertão não se ver nenhum homem gordo. Mas um não podia deixar de se admirar do peso de tanta corpulência, a coisa de zebú guzerate. As carnes socadas em si — parecia que ele comesse muito mais do que todo o mundo — mais feijão, fubá de milho, mais arroz e farofa —, tudo imprensado, calcado, sacas e sacas. Afinal, ele falou: fosse o Almirante Balão:

— “Compadre Joca Ramiro, o senhor é o chefe. O que a gente viu, o senhor vê, o que a gente sabe o senhor sabe. Nem carecia que cada um desse opinião, mas o senhor quer ceder alar de prezar a palavra de todos, e a gente recebe essa boa prova... Ao que agradecemos, como devido. Agora, eu sirvo a razão de meu compadre Hermógenes: que este homem Zé Bebelo veio caçar a gente, no Norte sertão, como mandadeiro de políticos e do Governo, se diz até que a soldo... A que perdeu, perdeu, mas deu muita lida, prejuizos. Sérios perigos, em que estivemos; o senhor sabe bem, compadre Chefe. Dou a conta dos companheiros nossos que ele matou, que eles mataram. Isso se pode repor? E os que ficaram inutilizados feridos, tantos e tantos... Sangue e os sofrimentos desses clamam. Agora, que vencemos, chegou a hora dessa vingança de desforra.

A ver, fosse ele que vencesse, e nós não, onde era que uma hora destas a gente estava? Tristes mortos, todos, ou presos, mandados em ferros para o quartel da Diamantina, para muitas cadeias, para a capital do Estado. Nós todos, até o senhor mesmo, sei lá. Encareço, chefe. A gente não tem cadeia, tem outro despacho não, que dar a este; só um: é a misericórdia duma boa bala, de mete-bucha, e a arte está acabada e acertada. Assim que veio, não sabia que o fim mais fácil é esse? Com os outros, não se fez? Lei de jagunço é o momento, o menos luxos. Relembro também que a responsabilidade nossa está valendo: respeitante ao seo Sul de Oliveira, doutor Mirabô de Melo, o velho Nico Estácio, compadre Nhô Lajes e coronel Caetano Cordeiro... Esses estão aguentando acossamento do Governo, tiveram de sair de suas terras e fazendas, no que produziram uma grande quebra, vai tudo na mesma desordem... A pois, em nome deles, mesmo, eu sou deste parecer. A condena seja: sem tardança! Zé Bebelo, mesmo zureta, sem responsabilidade nenhuma, verte pemba, perigoso. A condena que vale, legal, é um tiro de arma. Aqui, chefe — eu voto!...”

A babas do que ele vinha falando, o povaréu jagunço movia que louvava, confirmava. Aí, nhães, pelos que davam mais demonstração, medi quantidade dos que eram do Ricardão próprio. Zé Bebelo estava definito — eu pensei — qualquer rumorzinho de salvação para ele se mermando, se no mel, no p’ra passar. Mire e veja o senhor: e o pior de tudo era que eu mesmo tinha de achar correto o razoado do Ricardão, reconhecer a verdade daquelas palavras relatadas. Isso achei, meio me entristeci. Por que? O justo que era, aquilo estava certo. Mas, de outros modos — que bem não sei — não estava. Assim, por curta ideia que eu queira dividir: certo, no que Zé Bebelo tinha feito; mas errado no que Zé Bebelo era e não era. Quem sabe direito o que uma pessoa é? Antes sendo: julgamento é sempre defeituoso, porque o que a gente julga é o passado. Eh, bê. Mas, para o escriturado da vida, o julgar não se dispensa; carece? Só que uns peixes tem, que nadam rio-arriba, da barra às cabeceiras. Lei é lei? Lôas! Quem julga, já morreu. Viver é muito perigoso, mesmo.

Nisso, Joca Ramiro já tinha transferido a mão de fala a Titão Passos — esse era como um filho de Joca Ramiro, estava com ele nos segredos simples da amizade. Abri ouvidos. Ideia me veio que ia valer vivo o que ele falasse. Aí foi:

— “Ao que aprecio também, Chefe, a distinção minha desta ocasião, de dar meu voto. Não estou contra a razão de companheiro nenhum, nem por

contestar. Mas eu cá sei de toda consciência que tenho, a responsabilidade. Sei que estou como debaixo de juramento: sei porque de jurado já servi, uma vez, no júri da Januária... Sem querer ofender ninguém — vou afiançando. O que eu acho é que é o seguinte: que este homem não tem crime constável. Pode ter crime para o Governo, para delegado e juiz-de-direito, para tenente de soldados. Mas a gente é sertanejos, ou não é sertanejos? Ele quis vir guerrear, veio — achou guerreiros! Nós não somos gente de guerra? Agora, ele escopou e perdeu, está aqui, debaixo de julgamento. A bem, se, na hora, a quente a gente tivesse falado fogo nele, e matado, aí estava certo, estava feito. Mas o refrêgo de tudo já se passou. Então, isto aqui é matadouro ou talho?... Ah, eu, não. Matar, não. Suas licenças..."

Coração meu recomprei, com as palavras de Titão Passos. Homem em regra, capaz de mim. Cacei jeito de sorrir para ele, aprovei com a cabeça; não sei se ele me viu. E mais não houve rebuliço. Só que notei estopim — os homens ficando diferentes. Agora tomavam mais ânsia de saber o que era que iam decidir os manantas. O pessoal próprio de Titão Passos era que formavam o bando menor de todos. Mas gente muito valente. Valentes como aquele bom chefe. "De que bando eu sou?" — comigo pensei. Vi que de nenhum. Mas, dali por diante, eu queria encostar direto com as ordens de Titão Passos. — "Ele é meu amigo..." — Diadorim no meu ouvido falou — "...Ele é bisneto de Pedro Cardoso, trasneto de Maria da Cruz!" Mas eu nem tive surto de perguntar a Diadorim o resumo do que ele pensasse. Joca Ramiro agora queria o voto de João Goanhá — o derradeiro falante, que rente dificultava.

João Goanhá fez que ia levantar, mas permaneceu agachado mesmo. Resto que retardou um pouco no dizer, e o que disse, que digo:

— "Eu cá, ché, eu estou p'lo qu' o ché pro fim expedir..."

— "Mas não é bem o caso, compadre João. Vocês dão o voto, cada um. Carece de dar..." — foi o que Joca Ramiro explicou mais.

A tanto João Goanhá se levantou, espanou com os dedos no nariz. Daí, pegou e repuxou seu canhão de cada manga. Arrumou a cintura, com as armas, num propósito de decisão. Que ouvi um tlim: moveu meus olhos.

— "Antão pois antão..." — ele referiu forte: — "meu voto é com o compadre Sô Candelário, e com meu amigo Titão Passos, cada com cada... Tem crime não. Matar não. Eh, diá!..."

Rezo que ele falou aquilo, aquele capiau peludo, renasceu minha alegria. Rezo que falou, grosso, como se fosse por um destaque de guerra. De ripipe, espiei o Hermógenes: esse preteou de raiva. O Ricardão não acabava de cochilar, cara grande de sapo. O Ricardão, no exatamente, era quem mandava no Hermógenes. Cochilava fingido, eu sabia. E agora? Que é que tinha mais de ter? Não estava tudo por bem em bem terminado?

Ah, não, o senhor mire e veja. Assim Joca Ramiro era homem de nenhuma pressa. Se abanava com o chapéu. Ao em uma soberania sem manha de arrocho, perpasseou os olhos na roda do povo. Ant'ante disse, alto:

— "Que tenha algum dos meus filhos com necessidade de palavra para defesa ou acusação, que pode depor!"

Tinha? Não tinha. Todo o mundo se olhava, num desconcerto, como quem diz lá: cada um com a cara atrás da sela. Para falar, ali não estavam. Por isso nem ninguém tinha esperado. Com tanto, uns fatos extraordinários.

Haja veja, que Joca Ramiro repetiu o perguntar:

— "Que por aí, no meio de meus cabras valentes, se terá algum que queira falar por acusação ou para defesa de Zé Bebelo, dar alguma palavra em favor dele? Que pode abrir a boca sem vexame nenhum..."

Artes o advôgo — aí é que vi. Alguém quisesse? Duvidei, foi o que foi. Digo ao senhor: estando por ali para mais de uns quinhentos homens, se não minto. Surgiu o silêncio deles todos. Aquele silêncio, que pior que uma alarida. Mas, por que não davam brados, não falavam todos total, de torna vez, para Zé Bebelo ser botado solto?... me enfezei. Sus, pensei, com um empurrão de força em mim. Ali naquel'horinha — meu senhor — foi que eu lambi ideia de como às vezes devia de ser bom ter grande poder de mandar em todos, fazer a massa do mundo rodar e cumprir os desejos bons da gente. De sim, sim, pingo. Acho que eu tinha suor nas beiras da testa. Ou então — eu quis — ou, então, que se armasse ali mesmo rixa feia: metade do povo para lá, metade para cá, uns punindo pelo bem da justiça, os outros nas voltas da cauda do demo! Mas que faca e fogo houvesse, e braços de homens, até resultar em montes de mortos e pureza de paz... Sal que eu comi, só.

Abre que, ah, outra vez, Joca Ramiro reproduziu a pergunta:

— "Que se tiver algum..." — e isto e aquilo, tudo o mais.

Me armei dum repente. Me o meu? Eu agora ia falar — por que era que não falava? Aprumei corpo. Ah, mas não acertei em primeiro: um outro começou. Um Gú, certo papa-abóbora, beiradeiro, tarraco mas da cara comprida; esse discorreu:

— "Com vossas licenças, chefe, cedo minha rasa opinião. Que é — se vossas ordens forem de se soltar esse Zé Bebelo, isso produz bem... Oséquio feito, que se faz, vem a servir à gente, mais tarde, em alguma necessidade, que o caso for... Não ajunto por mim, observo é pelos chefes, mesmo, com esta vênia. A gente é braço d'armas, para o risco de todo dia, para tudo o miúdo do que vem no ar. Mas, se alguma outra ocasião, depois, que Deus nem consinta, algum chefe nosso cair preso em mão de tenente de meganhas — então também hão de ser tratados com maior compostura, sem sofrer vergonhas e maldades... A guerra fica sendo de bem-criação, bom estatuto..."

Aquilo era razoável. A ver, tinha saído tão fácil, até Joca Ramiro, em passagens, animou o Gú, com acenos. Tomei coragem mais comum. Abri a minha boca. Aí, mas, um outro campou ligeiro, tomou a mão para falar. Era um denominado Dôsno, ou Dôsmo, groteiro de terras do Cateriangongo — entre o Ribeirão Formoso e a Serra Escura — e ele tinha olhos muito incertos e vesgava. Que era que podia guardar para dizer um homem desses, capiau medido por todos os capiaus do meu Norte? Escutei.

— "Tomém pego licença, sôs chefes. Em que pior não veja, destorcendo meu desatino. É-que, é-que... Que eu acho que seja melhor, em antes de se remitir ou de se cumprir esse homem, pois bem: indagar de fazer ele dizer ond'é que estão a fortuna dele, em cobre... A mò que se diz — que ele possederá o bom dinheiro, em quantia, amoitado por aí... É só, por mim, é só, com vosso perdão... Com vosso perdão..."

Riram, uns; por que é que riram? — rissem. Dei como um passo adiante, levantei mão e estalei dedo, feito menino em escola. Comecei a falar. Diadorim ainda experimentou de me reter, decerto assustado: — "Espera, Riobaldo..." — tive o siso da voz dele no ouvido. Aí eu já tinha principiado. O que eu acho, disse, supri neste mais menos fraseado:

— "Dê licença, grande chefe nosso, Joca Ramiro, que licença eu peço! O que tenho é uma verdade forte para dizer, que calado não posso ficar..."

Digo ao senhor: que eu mesmo notei que estava falando alto demais, mas de me abrandar não tinha prazo nem jeito — eu já tinha começado.

Coração bruto batente, por debaixo de tudo. Senti outro fogo no meu rosto, o salteio de que todos a finque me olhavam. Então, eu não aceitei ninguém, o que eu não queria era ver o Hermógenes. Não pôr as capas dos olhos nem a ideia no Hermógenes — que Hermógenes nenhum neste mundo não tivesse, nenhum para mim, nenhum de si! Por isso, prendi minhas vistas só num homem, um que foi o qualquer, sem nem escôlha minha, e porque estava bem por minha frente, um pardo. Pobre, esse, notando que recebia tanto olhar, abaixou a cara, amassado de não poder outra coisa. No eu falando:

— "...Eu conheço este homem bem, Zé Bebelo. Estive do lado dele, nunca menti que não estive, todos aqui sabem. Saí de lá, meio fugido. Saí, porque quis, e vim guerrear aqui, com as ordens destes famosos chefes, vós... Da banda de cá, foi que briguei, e dei mão leal, com meu cano e meu gatilho... Mas, agora, eu afirmo: Zé Bebelo é homem valente de bem, e inteiro, que honra o raio da palavra que dá! Aí. E é chefe jagunço, de primeira, sem ter ruindades em cabimento, nem matar os inimigos que prende, nem consentir de com eles se judiar... Isto, afirmo! Vi. Testemunhei. Por tanto, que digo, ele merece um absolvido escorreito, mesmo não merece de morrer matado à-tôa... E isto digo, porque de dizer eu tinha, como dever que sei, e cumprindo a licença dada por meu grande chefe nosso, Joca Ramiro, e por meu cabo-chefe Titão Passos!..."

Tirei fôlego de fôlego, latejei. Sei que me desconheci. Suspendi do que estava:

— "...A guerra foi grande, durou tempo que durou, encheu este sertão. Nela todo o mundo vai falar, pelo Norte dos Nortes, em Minas e na Bahia toda, constantes anos, até em outras partes... Vão fazer cantigas, relatando as tantas façanhas... Pois então, xente, hão de se dizer que aqui na Sempre-Verde vieram se reunir os chefes todos de bandos, com seu cabras valentes, montoeira completa, e com o sobregovêrno de Joca Ramiro — só para, no fim, fim, se acabar com um homenzinho sozinho — se condenar de matar Zé Bebelo, o quanto fosse um boi de corte? Um fato assim é honra? Ou é vergonha?..."

— "Para mim, é vergonha..." — o que em brilhos ouvi: e quem falou assim foi Titão Passos.

— "Vergonha! Raios diabos que vergonha é! Estrumes! A vergonha danada, raios danados que seja!..." — assim; e quem gritou, isto a mais, foi Sô Candelário.

Tudo tão aos traques de-repente, não sei, eu nem acabei o relance que me arrepiou minha ideia: que eu tinha feito grande toleima, que decerto ia ser para piorar — o que foi no eu dizer que Zé Bebelo não matava os presos; porque, se do nosso lado se matava, então não iam gostar de escutar aquilo de mim, que podia parecer forte reprovação. Aos brados bramados de Sô Candelário, temi perder a vez de tudo falar. Aí, nem olhei para Joca Ramiro — eu achasse, ligeiro demais, que Joca Ramiro não estava aprovando meu saìmento. Aí, porque nem não tive tempo — porque imediato senti que tinha de completar o meu, assim:

— "...A ver. Mas, se a gente der condena de absolvido: soltar este homem Zé Bebelo, a mãvazias, punido só pela derrota que levou — então, eu acho, é fama grande. Fama de glória: que primeiro vencemos, e depois soltamos..." —; em tanto terminei de pensar: que meu receio era tôlo: que, jagunço, pelo que é, quase que nunca pensa em reto: eles podiam achar normal que da banda de cá os inimigos presos a gente matasse, mas apreciavam também que Zé Bebelo, como contrário, tivesse deixado em vida os companheiros nossos presos. Gente airada...

— "...Seja fama de glória! Só o que sei... Chagas de Cristo!..." — êta Sô Candelário tornou a atalhar. Desadorou-se! Senhor de bofe bruto, sapateou, de arrompe: os de perto se afastando, depressa, por a ele darem espaço. Agora o Hermógenes havia de alguma coisa dizer? O Hermógenes experimentava os dentes nos beiços. Ricardão fazia que cochilava. Sô Candelário era de se temer inteiro.

Somente que, em vez do trestampo, que a gente esperasse, e que ninguém bridava, ele Sô Candelário espiou para cima, às pasmas, consoante sossegado estúrdio recitou, assim em tom — a bonita voz, de espírito:

— "... Seja a fama de glória... Todo o mundo vai falar nisso, por muitos anos, louvando a honra da gente, por muitas partes e lugares. Hão de botar verso em feira, assunto de sair até divulgado em jornal de cidade..." — Ele estava mandarino, mesmo.

Aí eu pensei, eu achei? Não. Eu disse. Disse o verdadeiro, o ligeiro, o de não se esperar para dizer: — "...E, que perigo que tem? Se ele der a palavra de nunca mais tornar a vir guerrear com a gente, decerto cumpre. Ele mesmo não há de querer tornar a vir. É o justo. Melhor é se ele der a palavra de que vais-s'embora do Estado, para bem longe, em desde que

não fique em terras daqui nem da Bahia...” — eu disse; disse mansinho mãe, mansice, caminhos de cobra.

— “Tenho uns parentes meus em Goiás...” — Zé Bebelo falou, avindado de repente. E falou quando não se aguardava, e também assim com tanta vontade de falar, que alguns muito se riram. Eu não ri. Tomei uma respiração, e aí vi que eu tinha terminado. Isto é, que comecei a temer. Num esfrio, num átimo, me vesti de pavor. O que olhei — Joca Ramiro teria estado a gestos? — Joca Ramiro fazendo um gesto, então queria que eu calasse absolutamente a boca; eu não possuía vênia para discorrer no que para mim não era de minha alta conta. Eu quis, de repentemente, tornar a ficar nenhum, ninguém, safado humildezinho...

Mas Titão Passos trucou, senhor-moço. Titão Passos levantava a testa. Ele, que no normal falava tão pouco, pudesse dar capacidade de tantas constâncias?

Titão Passos disse: — “...Então, ele indo para bem longe, está punido, desterrado. É o que eu voto por justo. Crime maior ele teve? Pelos companheiros nossos, que morreram ou estão ofendidos passando mal, tenho muito dó...”

Sô Candelário disse: — “...Mas morrer em combate é coisa trivial nossa; para que é que a gente é jagunço?! Quem vai em caça, perde o que não acha...”

Titão Passos disse: — “...E mortes tantas, isso não é culpa de chefe nenhum. Digo. E mais que esses grandes de nossa amizade: doutor Mirabô de Melo, coronel Caetano, e os outros — hão de concordar com a resolução que a gente tome, em desde que seja boa e de bom proveito geral. É o que eu acho, Chefe. Às ordens...” — Titão Passos terminou.

O silêncio todo era de Joca Ramiro.

Era de Zé Bebelo e de Joca Ramiro.

Ninguém não reparava mais em mim, não apontavam o eu ter falado o forte solene, o terrivelmente; e então, agora, para todos os de lá, eu não existisse mais existido? Só Diadorim, que quase me abraçava: — “Riobaldo, tu disse bem! Tu é homem de todas valentias...” Mas, os outros, perto de mim, por que era que não me davam louvor, com as palavras: — Gostei de ver! Tatarana! Assim é que é assim! —? Só, que eu tinha pronunciado bem, Diadorim mais me disse: e que tinha sido menos por minhas tantas palavras, do que pelo rompante brabo com que falei, acendido, exportando uma espécie de autoridade que em mim veio. E para

Zé Bebelo eu não tinha olhado. Que era que ele de mim devia de estar pensando? E Joca Ramiro? Esses se fronteavam: um ao outro, e o em meio, se mediam.

Rente que nesse resto de tempo decerto cruzaram palavras, que não deram para eu ouvir. Pois porque Zé Bebelo teve ordem de falar, devia de ter tido. A licença. Principiou. Foi discorrendo vagaroso, de entremeado, coisa sem coisa. Vi e vi: ele estava só apalpando o vau. Sujeito finório. Aí o qualquer zunzo que houvesse, ele colhia e entendia no ar — estava com as orêlhas por isso, aquela cabeça sobrenadando. Já um pouco descabelado. Mas serenou sota, para diante.

— "...Altas artes que agradeço, senhor chefe Joca Ramiro, este sincero julgamento, esta bizarria... Agradeço sem tremor de medo nenhum, nem agências de adulação! Eu. José, Zé Bebelo, é meu nome: José Rebêlo Adro Antunes! Tataravô meu Francisco Vizeu Antunes — foi capitão-de-cavalos... Demarco idade de quarenta-e-um anos, sou filho legitimado de José Ribamar Pachêco Antunes e Maria Deolinda Rebêlo; e nasci na bondosa vila mateira do Carmo da Confusão..."

Oragos. Para que a tanta sensaboria toda, essas filosofias? Mas porém ele pronunciava com brio, sem as papeatas de em antes, sem o remonstrar nem os reviretes:

— "...Agradeço os que por mim bem falaram e puniram... Vou depor. Vim para o Norte, pois vim, com guerra e gastos, à frente de meus homens, minha guerra... Sou crescido valente, contra homens valentes quis dar o combate. Não está certo? Meu exemplo, em nomes, foram estes: Joca Ramiro, Joãozinho Bem-Bem, Sô Candelário!... e tantos outros afamados chefes, uns aqui presentes, outros que não estão... Briguei muito mediano, não obrei injustiça nem ruindades nenhumas; nunca disso me reprovam. Desfaço de covardes e de biltragem! Tenho nada ou pouco com o Governo, não nasci gostando de soldados... Coisa que eu queria era proclamar outro governo, mas com a ajuda, depois, de vós, também. Estou vendo que a gente só brigou por um mal-entendido, maximé. Não obedeço ordens de chefes políticos. Se eu alcançasse, entrava para a política, mas pedia ao grande Joca Ramiro que encaminhasse seus brabos cabras para votarem em mim, para deputado... Ah, este Norte em remanência: progresso forte, fartura para todos, a alegria nacional! Mas, no em mesmo, o afã de política, eu tive e não tenho mais... A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro... Agora perdi. Estou preso.

Mudei para adiante! Perdi — isto é — por culpa de má-hora de sorte; o que não creio. Altos descuidos alheios... De ter sido guardado prisioneiro vivo, e estar defronte de julgamento, isto é que eu louvo, e que me praz. Prova de que vós nossos jagunços do Norte são civilizados de calibre: que não matam com o distrair de mão um qualquer inimigo pegado. Isto aqui não são essas estrebarias... Estou a cobro de desordens malinas. Estimei. Dou viva Joca Ramiro, seus outros chefes, comandantes de seus terços. E viva sua valente jagunçada! Mas, homem sou. Sou de altas cortesias. Só que medo não tenho; nunca tive, no travável...”

Anda que fez um gesto bonito. Assaz, aí, se espiritou. Ao que, de vez, foi grandeúdo:

— “...Uê, vim guerrear, de peito aberto, com estrondos. Não vim socolor de disfarces, com escondidos e logro. Perdi, por um desguardo. Não por má chefia minha! Não devia de ter querido contra Joca Ramiro dar combate, não devia-de. Não confesso culpa nem retrauta, porque minha regra é: tudo que fiz, valeu por bem feito. É meu consueto. Mas, hoje, sei: não devia-de. Isto é: depende da sentença que vou ter, neste nobre julgamento. Julgamento, digo, que com arma ainda na mão pedi; e que deste grande Joca Ramiro mereci, de sua alta fidalguia... Julgamento — isto, é o que a gente tem de sempre pedir! Para que? Para não se ter medo! É o que comigo é. Careci deste julgamento, só por verem que não tenho medo... Se a condena for às ásperas, com a minha coragem me amparo. Agora, se eu receber sentença salva, com minha coragem vos agradeço. Perdão, pedir, não peço: que eu acho que quem pede, para escapar com vida, merece é meia-vida e dobro de morte. Mas agradeço, fortemente. Também não posso me oferecer de servir debaixo d’armas de Joca Ramiro — porque tanto era honra, mas não condizia bem. Mas minha palavra dando, minha palavra as mil vezes cumpro! Zé Bebelo nunca roeu nem torceu. E, sem mais por dizer, espero vossa distinta sentença. Chefe. Chefes.”

Digo ao senhor, foi um momento movimentado.

Zé Bebelo, acabando nas palavras, ali sentadinho ficou, repequeno, pequenininho, encolhido ao mais. Já um pouco descabelado. Era uma bolinha de gente. Fechou-se um homem. Olhei, olhei. Só a gente mal ouvisse o sussurro de todos lá; que foi bom: conheci que era. — “O sujeito machacá! Assopres!” “— Arre, maluco é — mas frege... Capaz que castra garrote com as unhas dos dedos...” Não o que Diadorim não disse — mas

ele estava assim por pálido. Vai, vi os chefes. Eles conversaram um circuitozinho, ligeiro. O Hermógenes e o Ricardão — e Joca Ramiro para eles sorriu, seus compadres. O Ricardão e o Hermógenes — eles dois eram chouriço e morcela. Sô Candelário — conforme seus conformes, avançante — Joca Ramiro sorriu para Sô Candelário. O jeito de João Goanhá — richarte. Só Titão Passos espiava desolhadamente, ele tão aposto homem tão bom, tão sério: com as mãos ajuntadas baixo, em frente da barriga — só esperava o nada virar coisas. Acontecesse o que. Joca Ramiro ia decidir! Sobre o simples, o Hermógenes ainda ia se debruçar, para um dizer em orêlha. Mas Joca Ramiro encurtou tudo num gesto. Era a hora. O poder dele veio distribuído endireito em Zé Bebelo. O quando falou:

— "O julgamento é meu, sentença que dou vale em todo este norte. Meu povo me honra. Sou amigo dos meus amigos políticos, mas não sou criado deles, nem cacundeiro. A sentença vale. A decisão. O senhor reconhece?"

— "Reconheço" — Zé Bebelo aprovou, com firmeza de voz, ele já descabelado demais. Se fez que as três vezes, até: — "Reconheço. Reconheço! Reconheço..." — estréques estalos de gatilho e pinguelo — o que se diz: essas detonações.

— "Bem. Se eu consentir o senhor ir-se embora para Goiás, o senhor põe a palavra, e vai?"

Zé Bebelo demorou resposta. Mas foi só minutozinho. E, pois:

— "A palavra e vou, Chefe. Só solicito que o senhor determine minha ida em modo correto, como compertence."

— "A falando?"

— "Que: se ainda tiver homens meus vivos, presos também por aí, que tenham ordem de soltura, ou licença de vir comigo, igualmente..."

Ao que Joca Ramiro disse: — "Topo. Topo."

— "...E que, tendo nenhum, eu viaje daqui sem vigia nenhuma, nem guarda, mas o senhor me fornecendo animal-de-sela arreado, e as minhas armas, ou boas outras, com alguma munição, mais o de-comer para os três dias, legal..."

Ao que aí Joca Ramiro assim três vezes: — "Topo. Topo!"

— "...Então, honrado vou. Mas, agora, com sua licença, a pergunta faço: pelo quanto tempo eu tenho de estipular, sem voltar neste Estado, nem na Bahia? Por uns dois, três anos?"

— "Até enquanto eu vivo for, ou não der contra-ordem..." — Joca Ramiro aí disse, em final. E se levantou, num de repente. Ah, quando ele levantava, puxava as coisas consigo, parecia — as pessoas, o chão, as árvores desencontradas. E todos também, ao em um tempo — feito um boi só, ou um gado em círculos, ou um relincho de cavalo. Levantaram campo. Reinou zoeira de alegria: todo o mundo já estava com cansaço de dar julgamento, e se tinha alguma certa fome.

Diadorim me chamou, fomos caminhando, no meio da queleléia do povo. Mesmo eu vi o Hermógenes: ele se amargou, engulindo de boca fechada. — "Diadorim" — eu disse — "esse Hermógenes está em verde, nas portas da inveja..." — Mas Diadorim por certo não me ouviu bem, pelo que começou dizendo: — "Deus é servido..." Não sosseguei. Aquele pessoal tribuzava. O encarregado da Sempre-Verde abriu cozinha: panelas grandes e caldeirões, cozinhando de tudo o que vale a valer. Tinha sempre algum batendo mão-de-pilão. Digo, não por nada não, mas pelo exato ser: eu tinha estalando nos meus olhos a lembrança do Hermógenes, na hora do julgamento. De como primeiro ele, soturno, não se sobressaía, só escancarava muito as pernas, facãozão na mão; mas depois ficou artimanhado, com uma tristeza fechada aos cantos, como cão que consome raivas. E o Ricardão? Esse: uma pesadureza na cara toda, mas, quando esbarrou de cochilar, aqueles olhos grossos, rebolando que nem apostemados, sem bom preceito. Assente, enfim, tudo estava passado, terminado. Estava? Pois, pedi espera a Diadorim, na beira do rego, eu queria cuidar do meu cavalo, dissesse, desarrear e escovar. Dei com o Hermógenes. Dito, a bem, eu cacei onde estava o Hermógenes, tempo parei perto dele. Virando que eu quis ir lá, e escutar, quase quis. Um dizer ouvi: — ... "Mamãezada..." Ao que seria? O Hermógenes não era nenhum toleimado, para desfazer na decisão de Joca Ramiro. "*Mamãezada*"? Mais não ouvi, relembro que não sei direito. Com pouco, Zé Bebelo estava

dando as despedidas. Se viu, montado num bom cavalo de duas cores, arreado com sela boa de Minas-Velhas. Deram que levasse carabina, suas outras armas, e cruz-cruz cartucheiras. Aí já tinha jantado. E o bornal com matlotagem. Sobre o cavalo se houve, se upou na sela. Se foi. Saíu em marcha de estrada, sem olhar para trás, o sol na beira. Só o Triol devia de prestar acompanhamento a ele, por o uso de resguardado território, de uma légua. Me deu certa tristeza. Mas a minha satisfação ainda era maior.

Daí, estávamos todos pegando o que comer, que eram essas grandes abundâncias. Angú e couve, abóbora moranga cozida, torresmos, e em toda fogueira assavam mantas de carnes. Quem quisesse sôpa, era só ir se aquinhoar na porta-da-cozinha. A quantidade de pratos era que faltava. E assaz muita cachaça se tomou, que Joca Ramiro mandou satisfazer goles a todos — extraordinária de boa. O senhor havia de gostar de ver aquela ajuntação de povo, as coisas que falavam e faziam, o jeito como podiam se rir, na vadiação, todos bem comidos, entalagados. Daí, escureceu. Homens deitados no chão, escornados até quase debaixo do mijo dos cavalos pastantes. Eu estava que impava, queria um bom sono. A ver, fui com Diadorim para o rumo dos pés de fruta, seguindo o rego. Com a entrada da noite, o passar da água canta friinho, permeio, engrossa, e a gente aprecia o cheiro do musgúz das árvores. Zé Bebelo tinha ido embora, para sempre, no cavalo de duas cores, fez pouca poeira. Nós estávamos no jaz ali, repimpados, enfunando as redes. Disso não esqueço? Não esqueço. A gente estava desagasalhados na alegria, feito meninos.

Eu tinha vindo para ali, para o sertão do Norte, como todos uma hora vêm. Eu tinha vindo quase sem mesmo notar que vinha — mas presado, precisão de agenciar um resto melhor para a minha vida. Agora me expulsassem? Do jeito, isto é, tinham repelido para trás Zé Bebelo. Não me esqueci daquelas palavras dele: que agora era “*o mundo à revelia...*” Disse a Diadorim. Mas Diadorim menos me respondeu. Ao dar, que falou: — “Riobaldo, você prezava de ir viver n’Os-Porcos, que lá é bonito sempre — com as estrelas tão reluzidas?...” Dei que sim. Como ia querer dizer diferente: pois lá n’Os Porcos não era a terra de Diadorim própria, lugar dele de crescimento? Mas, mesmo enquanto que essas palavras, eu pensasse que Diadorim podia ter me respondido, assim nestas fações: — “...Mundo à revelia? Mas, Riobaldo, desse jeito mesmo é que o mundo sempre esteve...” Toleima, sei, bobeia disso, a basba do basbaque. Que eu dizia e pensava numa coisa, mas Diadorim recruzava com outras. — “...Zé

Bebelo, Diadorim: que é que você achou daquele homem?" — ainda indaguei. — "Para ele, de agora, não tem dia nem noite: vai seu rumo, fazendo a viagem... Teve sorte! Entestou foi com Joca Ramiro — com sua alta bondade..." — foi o que Diadorim me respondeu. E ficou pensando, ficamos. Aí quando eu acabei até à pontinha meu cigarro, ainda perguntei: — "A ver, quem salvou Zé Bebelo da morte?" Diadorim, o que quis me dizer foi em tanto segredo, que ele puxou a beira da minha rede, para a gente falar quase cara a cara: — "Ah, quem salvou Zé Bebelo de morte? Pois, abaixo de Joca Ramiro, por começar foi ele Zé Bebelo mesmo. Depois, numa ponta do dito de Zé Bebelo, tomou figura Sô Candelário — homem esquipático e enorme de si, mas fiel, e que põe mais de trezentas armas. Cabras que, por um gesto dele, avançam e matam e matam..." Eu queria que ele tivesse explicado o fato de outro jeito. Mas Diadorim estava prosseguindo: — "...A ser que você viu o Hermógenes e o Ricardão, gente estarrecida de iras frias... Agora, esses me dão receio, meu medo... Deus não queira..." Depois, ele terminou assim: — "...Ao enquanto Joca Ramiro pode precisar da gente, você mesmo me prometeu, Riobaldo: a gente persiste por aqui." Prometi outra vez, confirmei. Desde, no sereno da noite, não se conversou mais, não me recordo.

Diadorim estava triste, na voz. Eu também estive. Por que? — há-de o senhor querer saber. Por causa de Zé Bebelo ter ido embora; e aquilo era motivo? Depois de Paracatú, é o mundo... Zé Bebelo ido, sei lá bem porque, tirava meu poder de pensar com a ideia em ordem, e eu sentia minha barriga demais cheia, demais de tantas comidas e bebidas. Só o que me consolava era ter havido aquele julgamento, com a vida e a fama de Zé Bebelo autorizadas. O julgamento? Digo: aquilo para mim foi coisa séria de importante. Por isso mesmo é que fiz questão de relatar tudo ao senhor, com tanta despesa de tempo e miúcias de palavras. — "O que nem foi julgamento legítimo nenhum: só uma extração estúrdia e destrambelhada, doideira acontecida sem senso, neste meio do sertão..." — o senhor dirá. Pois: por isso mesmo. Zé Bebelo não era réu no real! Ah, mas, no centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo! Daquela hora em diante, eu cri em Joca Ramiro. Por causa de Zé Bebelo. Porque, Zé Bebelo, na hora, naquela ocasião, estava sendo maior do que pessoa. Eu gostava dele do jeito que agora gosto de compadre meu Quelemém; gostava por entender no ar. Por isso, o julgamento tinha dado paz à minha ideia — por dizer bem: meu coração. Dormi, adeus disso.

Como é que eu ia poder ter pressentimento das coisas terríveis que vieram depois, conforme o senhor vai ver, que já lhe conto?

Curtamente: dali da Sempre-Verde, com um dia mais, desapartamos. O bando muito grande de jagunços não tem composição de proveito em ocasião normal, só serve para chamar soldados e dar atrasamento e desrazoada despesa. Constava que João Goanhá torasse para a Bahia, e que o Antenor seguindo rumo em beira do Ramalhada, com um punhado dos hermógenes. Novas ordens, muitas ordens. Alaripe ia vir com Titão Passos. Titão Passos chamou a gente: Diadorim e eu. Se tinha um roteiro, sendo para ser: o mais encostado possível no São Francisco, até para lá do Jequitaí, e mais. Aquilo, por que? A gente não ia junto com Joca Ramiro, em caso de lhe a ele podermos valer, em caso, com maior ajuda, mão a mão? Ah, mas nossa tarefa era de muito encoberto empenho e valor: pelo que tínhamos de estanciar em certos lugares, com o fito de receber remessas; e em acontecer de vigiar algum rompimento de soldados, que para o Norte entrassem. Arreamos, montamos, saímos. Naquela mesma da hora, Joca Ramiro dava partida também, de volta para o São João do Paraíso. Lá ia ele, deveras, em seu cavalão branco, ginete — ladeado por Sô Candelário e o Ricardão, igual iguais galopavam. Saíam os chefes todos — assim o desenrolar dos bandos, em caracol, aos gritos de vozear. Ao que reluzia o bem belo. Diadorim olhou, e fez o sinal-da-cruz, cordial. — "Assim, ele me botou a benção..." — foi o que disse. Dá sempre tristezas algumas, um destravo de grande povo se desmanchar. Mas, nesse dia mesmo, em nossos cavalos tão bons, dobramos nove léguas.

As nove. Com mais dez, até à Lagoa do Amargoso. E sete, para chegar numa cachoeira no Gorutuba. E dez, arranchando entre Quem-Quem e Solidão; e muitas idas marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo. Mas saímos, saímos. Subimos. Ao quando um belo dia, a gente parava em macias terras, agradáveis. As muitas águas. Os verdes já estavam se gastando. Eu tornei a me lembrar daqueles pássaros. O marrequim, a garrixa-do-brejo, frangos-d'água, gaivotas. O manuelzinho-da-crôa! Diadorim, comigo. As garças, elas em asas. O rio desmazelado, livre rolador. E aí esbarramos parada, para demora, num campo solteiro, em varjaria descoberta, pasto de muito gado.

Lugar perto da Guararavacã do Guaicuí: Tapera Nhã, nome que chamava-se. Ali era bom? Sossegava. Mas, tem horas em que me

pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão. Ali era bonito, sim senhor. Não se tinha perigos em vista, não se carecia de fazer nada. Nós estávamos em vinte e três homens. Titão Passos determinou uma esquadrazinha deles — com Alaripe em testa: fossem para a outra banda do morro, baixada própria da Guararavacã, esperar o que não acontecesse. Nós ficamos.

O que, por começo, corria destino para a gente, ali, era: bondosos dias. Madrugar vagaroso, vadiado, se escutando o grito a mil do pássaro rexenxão — que vinham voando, aquelas chusmas pretas, até brilhantes, amanheciam duma restinga de mato, e passavam, sem necessidade nenhuma, a sobre. E as malocas de bois e vacas que se levantavam das malhadas, de acabar de dormir, suspendendo corpo sem rumor nenhum, no meio-escuro, como um açúcar se derretendo no campo. Quando não ventava, o sol vinha todo forte. Todo dia se comia bom peixe novo, pescado fácil: curimatã ou dourado; cozinheiro era o Paspe — fazia pirão com fartura, e dividia a cachaça alta. Também razoável se caçava. A vigiação era revezada, de irmãos e irmãos, nunca faltava tempo para à-tôa se permanecer. Dormi, sestas inteiras, por minha vida. Gavião dava gritos, até o dia muito se esquentar. Aí então aquelas fileiras de reses caminhavam para a beira do rio, enchiam a praia, parados, ou refrescavam dentro d’água. Às vezes chegavam a nado até em cima duma ilha comprida, onde o capim era lindo verdêjo. O que é de paz, cresce por si: de ouvir boi berrando à forra, me vinha ideia de tudo só ser o passado no futuro. Imaginei esses sonhos. Me lembrei do não-saber. E eu não tinha notícia de ninguém, de coisa nenhuma deste mundo — o senhor pode raciocinar. Eu queria uma mulher, qualquer. Tem trechos em que a vida amolece a gente, tanto, que até um referver de mau desejo, no meio da quebreira, serve como benefício.

Um dia, sem dizer o que a quem, montei a cavalo e saí, a vão, escapado. Arte que eu caçava outra gente, diferente. E marchei duas léguas. O mundo estava vazio. Boi e boi. Boi e boi e campo. Eu tocava seguindo por trilhos de vacas. Atravessei um ribeirão verde, com os umbuzeiros e ingazeiros debruçados — e ali era vau de gado. “Quanto mais ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago...” — foi o que pensei, na ocasião. De pensar assim me desvalendo. Eu tinha culpa de tudo, na minha vida, e não sabia como não ter. Apertou em mim aquela tristeza, da pior de todas, que é a sem razão de motivo; que, quando notei que estava

com dôr-de-cabeça, e achei que por certo a tristeza vinha era daquilo, isso até me serviu de bom consolo. E eu nem sabia mais o montante que queria, nem aonde eu extenso ia. O tanto assim, que até um corguinho que defrontei — um riachim à-tôa de branquinho — olhou para mim e me disse: — Não... — e eu tive que obedecer a ele. Era para eu não ir mais para diante. O riachinho me tomava a benção. Apeei. O bom da vida é para o cavalo, que vê capim e come. Então, deitei, baixei o chapéu de tapa-cara. Eu vinha tão afogado. Dormi, deitado num pelego. Quando a gente dorme, vira de tudo: vira pedras, vira flôr. O que sinto, e esforço em dizer ao senhor, repondo minhas lembranças, não consigo; por tanto é que refiro tudo nestas fantasias. Mas eu estava dormindo era para reconfirmar minha sorte. Hoje, sei. E sei que em cada virada de campo, e debaixo de sombra de cada árvore, está dia e noite um diabo, que não dá movimento, tomando conta. Um que é o romãozinho, é um diabo menino, que corre adiante da gente, alumiando com lanterninha, em o meio certo do sono. Dormi, nos ventos. Quando acordei, não cri: tudo o que é bonito é absurdo — Deus estável. Ouro e prata que Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim, me vigiava.

Sério, quieto, feito ele mesmo, só igual a ele mesmo nesta vida. Tinha notado minha ideia de fugir, tinha me rastreado, me encontrado. Não sorriu, não falou nada. Eu também não falei. O calor do dia abrandava. Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a ideia da gente não dá para se entender — e acho que é por isso que a gente morre. De Diadorim ter vindo, e ficar esbarrado ali, esperando meu acordar e me vendo meu dormir, era engraçado, era para se dar feliz risada. Não dei. Nem pude nem quis. Apanhei foi o silêncio dum sentimento, feito um decreto: — Que você em sua vida toda toda por diante, tem de ficar para mim, Riobaldo, pegado em mim, sempre!... — que era como se Diadorim estivesse dizendo. Montamos, viemos voltando. E, digo ao senhor como foi que eu gostava de Diadorim: que foi que, em hora nenhuma, vez nenhuma, eu nunca tive vontade de rir dele.

A Guararavacã do Guaicuí: o senhor tome nota deste nome. Mas, não tem mais, não encontra — de derradeiro, ali se chama é Caixeirópolis; e dizem que lá agora dá febres. Naquele tempo, não dava. Não me alembro. Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados.

Será que tem um ponto certo, dele a gente não podendo mais voltar para trás? Travessia de minha vida. Guararavacã — o senhor veja, o senhor escreva. As grandes coisas, antes de acontecerem. Agora, o mundo quer ficar sem sertão. Caixeirópolis, ouvi dizer. Acho que nem coisas assim não acontecem mais. Se um dia acontecer, o mundo se acaba. Guararavacã. O senhor vá escutando.

Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim — de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei — na hora. Melhor alembro. Eu estava sozinho, num repartimento dum rancho, rancho velho de tropeiro, eu estava deitado numa esteira de taquara. Ao perto de mim, minhas armas. Com aquelas, reluzentes nos canos, de cuidadas tão bem, eu mandava a morte em outros, com a distância de tantas braças. Como é que, dum mesmo jeito, se podia mandar o amor? O rancho era na borda-da-mata. De tarde, como estava sendo, esfriava um pouco, por pêjo de vento — o que vem da Serra do Espinhaço — um vento com todas almas. Arrepio que fuchicava as folhagens ali, e ia, lá adiante longe, na baixada do rio, balançar esfiapado o pendão branco das canabravas. Por lá, nas beiras, cantava era o joão-pobre, pardo, banhador. Me deu saudade de algum buritizal, na ida duma vereda em campim tem-te que verde, termo da chapada. Saudades, dessas que respondem ao vento; saudade dos Gerais. O senhor vê: o remoo do vento nas palmas dos buritis todos, quando é ameaço de tempestade. Alguém esquece isso? O vento é verde. Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio põe no colo. Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares. Mas, lá na Guararavacã, eu estava bem. O gado ainda pastava, meu vizinho, cheiro de boi sempre alegria faz. Os quem-quem, aos casais, corriam, catavam, permeio às reses, no liso do campo claro. Mas, nas árvores, pica-pau bate e grita. E escutei o barulho, vindo do dentro do mato, de um macuco — sempre solerte. Era mês de macuco ainda passear solitário — macho e fêmea desemparelhados, cada um por si. E o macuco vinha andando, sarandando, macucando: aquilo ele ciscava no chão, feito galinha de casa. Eu ri — “Vigia este, Diadorim!” — eu disse; pensei que Diadorim estivesse em voz de alcance. Ele não estava. O macuco me olhou, de cabecinha alta. Ele tinha vindo quase endireito em mim, por pouco entrou no rancho. Me olhou, rolou os olhos. Aquele pássaro procurava o que? Vinha me pôr quebrantos. Eu podia dar nele um

tiro certeiro. Mas retardei. Não dei. Peguei só num pé de espora, joguei no lado donde ele. Ele deu um susto, trazendo as asas para diante, feito quisesse esconder a cabeça, cambalhota fosse virar. Daí, caminhou primeiro até de costas, fugiu-se, entrou outra vez no mato, vero, foi caçar poleiro para o bom adormecer.

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente — "Diadorim, meu amor..." Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas — como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim — que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas. Eu devia de ter principiado a pensar nele do jeito de que decerto cobra pensa: quando mais-olha para um passarinho pegar. Mas — de dentro de mim: uma serepente. Aquilo me transformava, me fazia crescer dum modo, que doía e prazia. Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava.

O que sei, tinha sido o que foi: no durar daqueles antes meses, de estropelias e guerras, no meio de tantos jagunços, e quase sem espairecimento nenhum, o sentir tinha estado sempre em mim, mas amortecido, rebuçado. Eu tinha gostado em dormência de Diadorim, sem mais perceber, no fofo dum costume. Mas, agora, manava em hora, o claro que rompia, rebentava. Era e era. Sobrestive um momento, fechados os olhos, sufruía aquilo, com outras minhas forças. Daí, levantei.

Levantei, por uma precisão de certificar, de saber se era firme exato. Só o que a gente pode pensar em pé — isso é que vale. Aí fui até lá, na beira dum fogo, onde Diadorim estava, com o Drumõo, o Paspe e Jesualdo. Olhei bem para ele, de carne e ôsso; eu carecia de olhar, até gastar a imagem falsa do outro Diadorim, que eu tinha inventado. — "Hê, Riobaldo, eh, uê, você carece de alguma coisa?" — ele me perguntou, quem-me-vê, com o certo espanto. Eu pedi um tição, acendi um cigarro. Daí, voltei, para o rancho, devagar, passos que dava. "Se é o que é" — eu pensei — "eu estou meio perdido..." Acertei minha ideia: eu não podia, por lei de rei, admitir o extrato daquilo. Ia, por paz de honra e tenência,

sacar esquecimento daquilo de mim. Se não, pudesse não, ah, mas então eu devia de quebrar o morro: acabar comigo! — com uma bala no lado de minha cabeça, eu num átimo punha barra em tudo. Ou eu fugia — virava longe no mundo, pisava nos espaços, fazia todas as estradas. Rangi nisso — consolo que me determinou. Ah, então eu estava meio salvo! Aperrei o nagã, precisei de dar um tiro — no mato — um tiraço que ribombou. — "Ao que foi?" — me gritaram pergunta, sempre riam do tiro tôlo dado. — "Acho que um macaquinho miúdo, que acho que errei..." — eu expendi. Tanto também, fiz de conta estivesse olhando Diadorim, encarando, para duro, calado comigo, me dizer: "Nego que gosto de você, no mal. Gosto, mas só como amigo!..." Assaz mesmo me disse. De por diante, acostumei a me dizer isso, sempres vezes, quando perto de Diadorim eu estava. E eu mesmo acreditei. Ah, meu senhor! — como se o obedecer do amor não fosse sempre ao contrário... O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme em sobre um rio?

Segundo digo, o tempo que paramos na Guararavacã do Guiacuí regulou em dois meses. Bem ermo. De lá, a gente cruzou as vizinhanças todas, fizemos grande redondeza. Todo dia, trocávamos recado de avisos com o pessoal do Alaripe. Notícia, nenhumas. Nada não chegava em envio, do que fosse para chegar. Da outra banda do rio, se sucedeu a queima dos campos: quando o vento dava para trás, trazia as tristes fumaças. De noite, o morro se esclarecia, vermelho, asgrava em labaredas e brasas. Da banda de cá, num rumo, daí a obra de duas léguas, tinha uma lavourinha, de um sujeito ainda moço, que era amigo nosso. — "Ah, se ele quisesse alugar a mulherzinha dele para a gente, bem caros prêços que eu pagava..." — assim o que dizia o Paspe, suspiroso. Mas quem vinha eram os meninos do lavrador, montados num cavalo magro, traziam feixes de cana, para vender para a gente. Às vezes, vinham em dois cavalos magros, e eram cinco ou seis meninos, amontados, agarrados uns nos outros, uns mesmo não se sabia como podiam, de tão mindinhos. Esses meninozinhos, todos, queriam todo o tempo ver nossas armas, pediam que a gente desse tiros. Diadorim gostava deles, pegava um por cada mão, até carregava os menorzinhos, levava para mostrar a eles os pássaros das ilhas do rio. — "Olha, vigia: o manuelzinho-da-crôa já acabou de fazer a muda..." Um dia, em que tínhamos caçado uma paca bem gorda, o Paspe pitou de sal um quarto dela, enrolou em folhas, e deu ao menino mais velho: — "P'ra tu

leva de presente, dá à tua mãe, fala que quem mandou fui eu...” — ele recomendou. A gente ria. Os meninos receavam o gado: ali no meio tinha reses muito bravas, um dia uma vaca deu corrida em alguém, querendo bater. Mas, depois, com o secar, de magros e fracos os bois se atolavam no embrejado, até morrerem alguns. Os urubús espaceavam, quando o céu empoeirado. Pousavam no pindaibal do brejo. João Vaqueiro chamava a gente, ia desatolar os bois que podia. Uns eram mansos: por um punhado de sal, se chegavam, lambiam o chão nos pés da gente. João Vaqueiro sabia tudo. Chega passava a mão nas tetas de uma vaca — capins tão bons, o senhor crê? — algumas ainda guardavam leite naqueles peitos. — “A gente carecia era de dar um fogo, se sair por aí, por combate...” — sensato se dizia. Que jagunço amolece, quando não padece.

A quase meio-rumo de norte e nascente, a quatro léguas de demorado andamento, tinha uma venda de roça, no começo do cerradão. Vendiam licôr de banana e de pequí, muito forte, geleia de mocotó, fumo bom, marmelada, toucinho. Sempre só um de nós era que ia lá — para não desconfiarem. Ia o Jesualdo. A gente outorgava a ele o dinheiro, cada um encomendava o que queria. Diadorim mandou comprar um quilo grande de sabão de coco de macaúba, para se lavar corpo. O dono da venda tinha duas filhas, o Jesualdo cada vez que voltava carecia de explicar à gente, de dia e de noite, como elas eram, formosuramente. — “Ei, que quando vier o tempo, que de guerra se tiver licença, ah, e se esse vendeiro for contra nós, ah, eu vou lá, pego uma das duas, de mocinha faço ela virar mulher...” — o Vove disse. — “O que tu não faz! Porque o que eu quero é o exato: que eu vou lá, prezado peço em casamento, e nóivo...” — o Triol contestou. E o Liduvino e o Admeto cantavam coisas de sentimento, cantavam pelo nariz. Ao que perguntei: e aquela canção de Siruiz? Mas eles não sabiam. — “Sei não, gosto não. Cantigas muito velhas...” — eles desqueriam.

Daí, deu um sutil trovão. Trovejou-se, outro. As tanajuras revoaram. Bateu o primeiro toró de chuva. Cortamos paus, folhagem de coqueiros, aumentamos o rancho. E vieram uns campeiros, rever o gado da Tapera Nhã, no renovame, levaram as novilhas em quadra de produzir. Esses eram homens tão simples, pensaram que a gente estava garimpando ouro. Os dias de chover cheio foram se emendando. Tudo igual — às vezes é uma sem-gracez. Mas não se deve de tentar o tempo. As garças é que praziam de gritar, o garcêjo delas, e o socó-boi range cincêrros, e o socó latindo sucinto. Aí pelo mato das pindaíbas avante, tudo era um sapal.

Coquexavam. De tão bobas tristezas, a gente se ria, no friinho de entrechuvas. Dada a primeira estiada, voltou aquele vaqueiro Bernabé, em seu cavalinho castanho: e vinha trazer requeijão, que se tinha incumbido a ele, e que por dinheirinho bom se pagou. — "A vida tem de mudar um dia para melhor" — a gente dizia. Requeijão é com café bem quente que é mais gostoso. Aquele vaqueiro Bernabé voltou, outras diversas vezes.

Ah, e, vai, um feio dia, lá ele apontou, na boca da estrada que saía do mato, o cavalinho castanho dava toda pressa de vinda, nem cabeceava. Achamos que fosse mesmo ele. Aí, não era. Era um brabo nosso, um cafuz pardo, de sonome o Gavião-Cujo, que de mais norte chegava. Ele tinha tomado muitas chuvas, que tudo era lamas, dos copos do freio à boca da bota, e pelos vazios do cavalo. Esbarrou e desapeou, num pronto ser, se via que estava ancho com muitas plenipotências. O que era? O Gavião-Cujo abriu os queixos, mas palavra logo não saíu, ele gaguejou ar e demorou — decerto porque a notícia era urgente ou enorme. — "Ar'uê, então?!" — Titão Passos quis. — "Te rogaram alguma praga?" O Gavião-Cujo levantou um braço, pedindo prazo. À fé, quase gritou:

— "Mataram Joca Ramiro!..."

Aí estralasse tudo — no meio ouvi um uivo dôido de Diadorim —: todos os homens se encostavam nas armas. Aí, ei, feras! Que no céu, só vi tudo quieto, só um moído de nuvens. Se gritava — o araral. As vertentes verdes do pindaibal avançassem feito gente pessoas. Titão Passos bramou as ordens. Diadorim tinha caído quase no chão, meio amparado a tempo por João Vaqueiro.

Caíu, tão pálido como cera do reino, feito um morto estava. Ele, todo apertado em seus couros e roupas, eu corri, para ajudar. A vez de ser um desespero. O Paspe pegou uma cuia d'água, que com os dedos espriçou nas faces do meu amigo. Mas eu nem pude dar auxílio: mal ia pondo a mão para desamarrar o colete-jaleco, e Diadorim voltou a seu si, num alerta, e me repeliu, muito feroz. Não quis apôio de ninguém, sozinho se sentou, se levantou. Recobrou as cores, e em mais vermelho o rosto, numa fúria, de pancada. Assaz que os belos olhos dele formavam lágrimas. Titão Passos mandava, o Gavião-Cujo falava. Assim os companheiros num estupor. Ao que não havia mais chão, nem razão, o mundo nas juntas se desgovernava.

— "Repete, Gavião!"

— "Ai, chefe, ai, chefe: que mataram Joca Ramiro..."

— "Quem? Adonde? Conta!"

Arre, eu surpreendi eriço de tremor nos meus braços. Secou todo cuspe dentro do estreito de minha boca. Até atravessado, na barriga, me doeu. Antes mais, o pobre Diadorim. Alheio ele dava um bufo e soluço, orço que outros olhos, se suspendia nas sussurrosas ameaças. Tudo tinha vindo por cima de nós, feito um relâmpago em fato.

— "...Matou foi o Hermógenes..."

— "Arraso, cão! Caracães! O cabrobó de cão! Demônio! Traição! Que me paga!..." — constante não havendo quem não exclamasse. O ódio da gente, ali, em verdade, armava um pojar para estouros. Joca Ramiro podia morrer? Como podiam ter matado? Aquilo era como fosse um touro preto, sozinho surdo nos êrmos da Guararavacã, urrando no meio da tempestade. Assim Joca Ramiro tinha morrido. E a gente raivava alto, para retardar o surgir do medo — e a tristeza em crú — sem se saber por que, mas que era de todos, unidos malaventurados.

— "...O Hermógenes... Os homens do Ricardão... O Antenor... Muitos..."

— "Mas, adonde onde!?"

— "A desgraça foi num lugar, na Jerara, terras do Xanxerê, beira da Jerara — lá onde o córrego da Jerara desce do morro do Voo e cai barra no Riachão... Riachão da Lapa... Diz-se que foi sido de repente, não se esperava. Aquilo foi à traição toda. Morreram os muitos, que estavam persistindo lealmente. Aí, mortos: João Frio, o Bicalho, Leôncio Fino, Luís Pajeú, o Cambó, Leite-de-Sapo, Zé Inocêncio... uns quinze. Até se deu um tiroteio terrível; mas o pessoal do Hermógenes e do Ricardão era demais numeroso... Dos bons, quem pôde, fugiram corretamente. Silvino Silva conseguiu fuga, com vinte e tantos companheiros..."

Mas Titão Passos, de arrompe, atalhou a narração, ele agarrou o Gavião-Cujo pelos braços:

— "Hem, diá! Mas quem é que está pronto em armas, para rachar Ricardão e Hermógenes, e ajudar a gente na vingança agora, nas desafrontas? Se tem, e ond'é então que estão?!"

— "Ah, sim, chefe. Os todos os outros: João Goanhá, Sô Candelário, Clorindo Campêlo... João Goanhá para com porçanheira de homens, na Serra dos Quatís. Aí foi ele quem me mandou trazer este aviso... Sô Candelário ainda está para o Norte, mas o grosso dos bandos dele se acha nos pertos da Lagoa-do-Boi, em Juramento... Já foi portador para lá. Sendo que se despachou um positivo também para dar parte a Medeiro Vaz, nos

Gerais, no de lado de lá do Rio... Sei que o sertão pega em armas, mas Deus é grande!"

— "Louvado. Ah, então: graças a Deus! Ao que, então, está bem..." — Titão Passos se cerrou.

E estava. Era a outra guerra. A gente ficávamos aliviados. Aquilo dava um sutil enorme.

— "Teremos de ir... Teremos de ir..." — falou Titão Passos, e todos responderam reluzentemente. Tínhamos de tocar, sem atraso, para a Serra dos Quatís, a um lugar dito o Amoipira, que é perto de Grão Mogol. Artes que o Gavião-Cujo ainda contava mais, as miúcias — parecia que tinha medo de esbarrar de contar. Que o Hermógenes e o Ricardão de muito haviam ajustado entre si aquele crime, se sabia. O Hermógenes distanciou Joca Ramiro de Sô Candelário, com falsos propósitos, conduziu Joca Ramiro no meio de quase só gente dele, Hermógenes, mais o pessoal do Ricardão. Aí, atiraram em Joca Ramiro, pelas costas, carga de balas de três revólveres... Joca Ramiro morreu sem sofrer. — "E enterraram o corpo?" — Diadorim perguntou, numa voz de mais dôr, como saía ansiada. Que não sabia — o Gavião-Cujo respondeu; mas que decerto teriam enterrado, conforme cristão, lá mesmo, na Jerara, por certo. Diadorim tanto empalidecesse; ele pediu cachaça. Tomou. Todos tomamos. Titão Passos não queria ter as lágrimas nos olhos. — "Um homem de tão alta bondade tinha mesmo de correr perigo de morte, mais cedo mais tarde, vivendo no meio de gente tão ruim..." — ele me disse, dizendo num modo que parecia ele não fosse também jagunço, como era de se ser. Mas, agora, tudo principiava terminado, só restava a guerra. Mão do homem e suas armas. A gente ia com elas buscar doçura de vingança, como o rominhol no panelão de calda. Joca Ramiro morreu como o decreto de uma lei nova.

A daí, carecia fosse alguém do lado de lá do morro, pela gente do Alaripe. — "Pois vamos, Riobaldo!" — Diadorim se pôs. Vi que ele fervia ali assim no pego do parado. Selamos os cavalos. Serra acima, fomos. Ao no galope, cada um engulia suas palavras. A mesmo estava o céu encoberto, e um mormaço. Mas, na descambada, Diadorim me reteve, me entregou a ponta do cabresto para segurar. — "De tudo nesta vida a gente esquece, Riobaldo. Você acha então que vão logo olvidar a honra dele?" — me perguntou. Devo que retardei muito em responder, com cara de não compreensão. Porque Diadorim completou: — "...dele, a glória do finado. Do que se finou..." E dizia aquilo com uma misturação de carinho e raiva,

tanto desespero que nunca vi. Desamontou, foi andando sem governar os passos, tapado pelas môitas e árvores. Eu restei ficando tomando conta do cavalo. Pensei que ele tivesse ido a lá, por necessitar. Mas demorou tanto a volta, que eu resolvi tocar atrás, para o que havia ver, esporei e vim puxando o cavalo dele adestro. E aí o que vi foi Diadorim no chão, deitado debruços. Soluçava e mordia o capim do campo. A doideira. Me amargou, no cabo da língua. — "Diadorim!" — chamei. Ele, sem se aprumar, virou o rosto, apertou os olhos no choro. Falei, falei, meus consolos, e ele atendia, em querelenga, me pedindo que sozinho fosse, deixasse ele ali, até minha volta. — "Joca Ramiro era seu parente, Diadorim?" — eu indaguei, com muita cordura. — "Ah, era, sim..." — ele me respondeu, com uma voz de pouco corpo. — "Seu tio, será?" — Que era... — ele deu, em gesto. Entreguei a ele o cabresto do cavalo, e continuei ida. Em certa distância, para prevenir os alaripes, e evitar atraso, esbarrei e disparei tiros, para o ar, umas vezes. Cheguei lá, estavam todos reunidos, por meu feliz. E estava chovendo, de acordo com o mormaço. — "Trago notícia de grande morte!" — sem desapear eu declarei. Eles todos tiraram os chapéus, para me escutar. Então, eu gritei: — "Viva a fama do nosso Chefe Joca Ramiro..." E, pela tristeza que estabeleceu minha voz, muito me entenderam. Ao que quase todos choraram. — "Mas, agora, temos de vingar a morte do falecido!" — eu ainda pronunciei. Se aprontaram num átimo, para comigo vir. — "Mano velho Tatarana, você sabe. Você tem sustância para ser um chefe, tem a bizarria..." — no caminho o Alaripe me disse. Desmenti. De ser chefe, mesmo, era o que eu tinha menos vontade.

Mas assim se deu que, no seguinte dia, no romper das barras, saímos tocando, Diadorim do meu lado, mudado triste, muito branco, os olhos pisados, a boca vencida. Deixamos para trás aquele lugar, que disse ao senhor, para mim tão célebre — a Guararavacã do Guaicuí, do nunca mais.

Redeando, rumamos, em tralha e tôrto, por aquele a-fora — a gente ia investir o sertão, os mares de calor. Os córregos estavam sujos. Aí, depois, cada rio roncava cheio, as várzeas embrejavam, e tantas cordas de chuva esfriavam a cacunda daquelas serras. A terrível notícia tinha se espalhado assaz, em todas as partes o povo fazia questão de obsequiar à gente, e falavam muito bem do falecido. Mas nós passávamos, feito flecha, feito faca, feito fogo. Varamos todos esses distritos de gado. Assomando de dia por dentro de vilórios e arraiais, e ocupando a cheio todas as estradas, sem nenhum escondimento: a gente queria que todo o mundo visse a vingança!

Alto do Amoipira, quando terminamos lá, os cavalos já afracavam. João Goanhá, em toda economizada estatura, foi ver a gente vindo e abriu seus bons braços. Ele estava com próprios trezentos guerreiros. E sempre outros chegavam. — “Meu irmão Titão Passos... Meu irmão Titão Passos...” — ele falou, crescente. — “E vocês todos, valentes cabras... Agora é que vai ser a grande briga!” Disse que com três dias se saía em armas. João Goanhá ia na vaca e no boi: não estava com por’oras. E Sô Candelário, onde era que estava? Sô Candelário, piorado doente, devia de estar um tempo desses nos Lençóis, para onde portador seguira, com pressa de chamado. Mesmo assim, João Goanhá desnecessitava de esperar por ele, para aos dois Judas traidores dar batalha. No que achamos bom conselho. E outros vinham chegando, oferecendo peito de ajuda, com prestança em ponta. Veio até quem não se imaginou: como aquele Nhão Virassaia, com seus trinta e cinco cacundeiros — o que carregava nome de fama por todo o Rio Verde-Grande. E o velho Ludujo Filgueiras, montesclarense, com vinte e dois atiradores. E o grande fazendeiro coronel Digno de Abreu, que mandou, seus, trinta e tantos capangas, também, por Luís de Abreuzinho comandados, que era dele filho-natural. E o gado em pé que se provia, para se abater e se comer, chegava a ser uma boiada. Com sacas de farinha, surrão de sal, e açúcar preto e café — até em carro-de-bois os mantimentos de fubá e arroz e feijão entregados. Só em quantidades de munição era que a gente não produzia luxo, e Titão Passos se entristeceu de não poder ter trazido a nossa, na Guararavacã tão em vão esperada. Mas a lei de homem não é seus instrumentos. Saímos em guerra. Ãhã, do norte, da Lagoa-do-Boi, com troca de avisos, sobrevinha também o bastante da rapaziada dos baianos, debaixo do comando de Alípio Mota, cunhado de Sô Candelário. A simples íamos cercar bonito os Judas, não tinham escape. Aindas que se escapassem para o poente, atravessassem o rio, ah, encontravam ferro e fogo: lá estava Medeiro Vaz — o rei dos Gerais!

Saímos, sobre, fomos. Mas descemos no canudo das desgraças, ei, saiba o senhor. Desarma do tempo, hora de paga e pêrdas, e o mais, que a gente tinha de purgar, segundo se diz. Tudo o melhor fizemos, e tudo no fim desandava. Deus não devia de ajudar a quem vai por santas vinganças?! Devia. Nós não estávamos forte em frente, com a coragem esporeada? Estávamos. Mas, então? Ah, então: mas tem o Outro — o figura, o morcegão, o tunes, o cramulhão, o dêbo, o carôcho, do pé-de-pato, o mal-

encarado, aquele — o-que-não-existe! Que não existe, que não, que não, é o que minha alma soletra. E da existência desse me defendo, em pedras pontudas ajoelhado, beijando a barra do manto de minha Nossa Senhora da Abadia! Ah, só Ela me vale; mas vale por um mar sem fim... Sertão. Se a Santa puser em mim os olhos, como é que ele pode me ver?! Digo isto ao senhor, e digo: paz. Mas, naquele tempo, eu não sabia. Como é que podia saber? E foram esses monstros, o sobredito. Ele vem no maior e no menor, se diz o grão-tinhoso e o cão-miúdo. Não é, mas finge de ser. E esse trabalha sem escrúpulo nenhum, por causa que só tem um curto prazo. Quando protege, vem, protege com sua pessoa. Montado, mole, nas costas do Hermógenes, indicando todo rumo. Do tamanho dum bago de aí-vim, dentro do ouvido do Hermógenes, por tudo ouvir. Redondinho no lume dos olhos do Hermógenes, para espiar o primeiro das coisas. O Hermógenes, que — por valente e valentão — para demais até ao fim deste mundo e do juizo-final se danara, oco de alma. Contra ele a gente ia. Contra o demo se podia? Quem a quem? Milagres tristes desses também se dão. Como eles conseguiram fugir das unhas da gente, se escaparam — o Ricardão e o Hermógenes — os Judas. Pois eles escapuliram: passaram perto, légua, quarto-de-légua, com toda sua jagunçama, e não vimos, não ouvimos, não soubemos, tivemos jeito nenhum para cercar e impedir. Avançaram, calados, escorregando pelos matos, ganhando o mais poente, para o São Francisco. Atravessaram por nós, sem a gente perceber, como a noite atravessa o dia, da manhã à tarde, seu pretume dela escondido no brancor do dia, se presume. Quando pudemos saber, a distância deles já era impossível. Nós estávamos pegando o ar. Duro de desanimável, hem? E pois demore o senhor para o pior: o que veio em sobre!: os soldados do Governo. Os soldados, soldadesca, tantas tropas. Surgiram de todos os lados, de supetão, e agatanhavam, naquela sanha, é ver cachorrada caçante. Soldados do Tenente Plínio — companhia de guerra. Tenente Reis Leme, outra. E veio depois, com muitos mais outros, um capitão Carvalhais, maior da marca, esse bebia café em cuité e cuspia pimenta com pólvora. Sofremos, rolamos por aí aqui, se rolou. A vida é vez de injustiças assim, quando o demo leva o estandarte. Pois — aquela soldadama viera para o Norte era por vingar Zé Bebelo, e Zé Bebelo já andava por longes desterrado, e nisso eles se viravam contra a gente, que éramos de Joca Ramiro, que tinha livrado a vida de Zé Bebelo das facas do Hermógenes e Ricardão; e agora, por sua ação, o que eles estavam era ajudando indireto

àqueles sebaceiros. Mas, quem era que podia explicar isso tudo a eles, que vinham em máquina enorme de cumprir o grosso e o esmo, tendo as garras para o pescoço nosso mas o pensante da cabeça longe, só geringonciável na capital do Estado?

De contar tudo o que foi, me retiro, o senhor está cansado de ouvir narração, e isso de guerra é mesmice, mesmagem. Combatemos o quanto mais pudemos — está aí. Consoante começou, no Curral de Vacas, perto do Morro do Cocoruto, onde nos pegaram num relaxo. Fugimos, depois de grande fogo. Fogo demos daí no Cutica, na Chapada Simão Guedes: mas rodaram com a gente, de retruz. Serra da Saudade: a gente se desarranjou, fugimos, bem. Ah, e: Córrego Estrelinhas, Córrego da Malhada Grande, Ribeirão Traçadal — tudo foram as feiezas. Recito frente ao senhor: e é rol de nomes? Para mim ficaram em assento de sustos e sofrimento. Nunca me queixei. Sofrimento passado é glória, é sal em cinza. De tanta maneira Diadorim assistia comigo, como um gravatá se fechou. Semeei minha presença dele, o que da vida é bom eu dele entendia. Tomando o tempo da gente, os soldados remexiam este mundo todo. Milho crescia em roças, sabiá deu cria, gameleira pingou frutinhas, o pequí amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e cajú nos campos. Ato que voltaram as tempestades, mas entre aquelas noites de estrelaria se encostando. Daí, depois, o vento principiou a entortar rumo, mais forte — porque o tempo todo das águas estava no se acabar. Tenente Reis Leme nos escaramuçando: queria correr com a gente a pano de sabre. Matou-se montanha de bons soldados. Estávamos em terras que entestam com a Bahia. Em Bahia entramos e saímos, cinco vezes, sem render as armas. Isto que digo, sei de cór: brigar no espinho da caatinga pobre, onde o cãcã canta. Chão que queima, branco! E aqueles cristais, pedra-cristal quase de sangue... Chegamos até no cabo do mundo.

Quadrante o que havia, me esconjuro. Parecia que a gente ia ter de passar o resto da vida guerreando com os praças? Mas nosso constar era outro, com sangue de urgência — aquela luta de morte contra os Judas — e que era briga nossa particular. Não se tendo recurso competente. Ah, Diadorim mascava. Para ódio e amor que dói, amanhã não é consolo. Eu mesmeava. Mas, dando um dia, a gente teve certas notícias: os do Hermógenes estando senhores arranchados, conforme retouçavam, da banda de lá do Rio do Chico: nas vertentes da beira da mão direita do Carinhanha, no Chapadão de Antônio Pereira. Questionou-se nisso. Se

pensou e falou em tudo por fazer e não fazer. Resultado foi este: que o principal era a gente mandar reforço, para Medeiro Vaz, uns cinquenta ou cem homens, repartidos em miúdos grupos, caçando jeito de safança por entre os lugares perigáveis. Enquanto tanto, João Goanhá, Alípio Mota e Titão Passos, cada qual de lado seu, deviam de ir desmanchar os rastos na caatinga, e depois se esconderem, por uns tempos, em fazendas de donos amigos, até que a soldadesca se espairecesse. E era bom e era justo. Era certo. Deus em armas nos guardava.

De mim, vim, com Diadorim, Alaripe, Jesualdo e João Vaqueiro, e o Fafafa. Era para o outro lado, era para os meus Gerais, eu vinha alegre contente. E saímos, com o seguinte risco: o Imbirussú, a Serra do Pau-d'Arco, o Mingú, a Lagoa dos Marruás, o Dôminus-Vobíscum, o Cruzeiro-das-Embaúbas, o Detrás-das-Duas-Serras. O Brejo dos Mártires, a Cachoeirinha Rôxa, o Mocó, a Fazenda Riacho-Abaixo, a Santa Polônia, a Lagoa da Jaboticaba. E daí, por uns atalhos: o Córrego Assombrado, o Sassapo, o Pôço d'Anjo, o Barreiro do Muquém. Nesse meu, caminho fazendo, tirei minha desforra: faceirei. Severgonhei. Estive com o melhor de mulheres. Na Malhada, comprei roupas. O vau do mundo é a alegria! Mas Diadorim não se fornecia com mulher nenhuma, sempre sério, só se em sonhos. Dele eu ainda mais gostava. E então se deu que tínhamos esbarrado em frente da Lagoa Clara. Já era o do Chico — o poder dele — largas águas, seu destino. A ver, o porto-de-balsa, que distava pouco. Travessia, ali, podia ser perigosa, com tantos soldados vizinhantes. A gente se apartar? Ah, mas o que bastava o balseiro se chamar: — "Hô, passador! Hô, passador!..." — ele viesse. Assim, para uma invenção, que se teve. O balseiro só avistando João Vaqueiro e o Fafafa — estes ele então podia passar, com cinco dos cavalos, falavam que era para uns caçadores. Da outra banda, João Vaqueiro e o Fafafa fossem levando os cavalos para um lugar para cima da barra, no Urucúia, chamado o Olho-d'Água-das-Outras. Lá a gente se encontrava.

Somente ficados com um cavalinho só, Alaripe e eu, Diadorim e Jesualdo, andamos beira-rio, no vagarosamente. A gente esperava o que acontecesse. Ali mais adiante, era um porto-de-lenha. — "Você tem receio, Riobaldo?" — Diadorim me perguntou. Eu?! Com ele em qualquer parte eu embarcava, até na prancha de Pirapora! — "Vau do mundo é a coragem..." — eu disse. E, com os rifles escorados, acenamos para uma grande barca — aquela, a cara-de-pau que tinha no bico da frente era uma

cabeça de touro, boa-sorte nos dava. O barqueiro tocou um berro no buzo, encostaram. A gente os quatro, com o cavalo, era nada — as arrobazinhas. E nós entramos, depois que o patrão nos saudou, em nome de Nosso Senhor Cristo-Jesus, e disse: — “Eu cá sou amigo de todos, segundo a minha condição...” E o Alaripe aceitou dele um gole de cachaça, aceitamos. Jesualdo disse, repostando: — “Amigo de todos? Rio-abaixo, na canoa, quem governa é o remador!” Bem que rio-acima é que era, mas com remeiros muito bons esforçados. Aí constante, o velejo, vento em pano — nem remeiro com o varejão não carecia de fazer talento. Pediram notícias do sertão. Essa gente estava tão devolvida de tudo, que eu não pude adivinhar a honestidade deles. O sertão nunca dá notícia. Eles serviram à gente farta jacuba. — “Por onde os senhores vieram?” — o patrão indagou. — “Viemos da Serra Rompe-Dia...” — respondemos. Mentiras d’água. Tanto fazia dizer que tínhamos vindo da de São Felipe. O barqueiro não acreditou, deu o zé de ombros. Mas levou a gente travessia fácil, frenteando a boca do Urucúia. Ah, o meu Urucúia, as águas dele são claras certas. E ainda por ele entramos, subindo légua e meia, por isso pagamos uma gratificação. Rios bonitos são os que correm para o Norte, e os que vêm do poente — em caminho para se encontrar com o sol. E descemos num pojo, num ponto sem praia, onde essas altas árvores — a caraíba-de-flor-rôxa, tão urucuiana. E o folha-larga, o aderno-preto, o pau-de-sangue; o pau-paraíba, sombroso. O Urucúia, suas abas. E vi meus Gerais!

Aquilo nem era só mata, era até florestas! Montamos direito, no Olho-d’Água-das-Outras, andamos, e demos com a primeira vereda — dividindo as chapadas —: o flaflo de vento agarrado nos buritis, franzido no gradeal de suas folhas altas; e, sassafrazal — como o da alfazema, um cheiro que refresca; e aguadas que molham sempre. Vento que vem de toda parte. Dando no meu corpo, aquele ar me falou em gritos de liberdade. Mas liberdade — aposto — ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o bêco para a liberdade se fazer. Sou um homem ignorante. Mas, me diga o senhor: a vida não é cousa terrível? Lengalenga. Fomos, fomos.

Assim pois foi, como conforme, que avançamos rompidas marchas, duramente no varo das chapadas, calcando o sapê brabão ou areias de cor em cimento formadas, e cruzando somente com gado transeúnte ou com

algum boi sozinho caminhador. E como cada vereda, quando beirávamos, por seu resfriado, acenava para a gente um fino sossego sem notícia — todo buritizal e florestal: ramagem e amar em água. E que, com nosso cansaço, em seguir, sem eu nem saber, o roteiro de Deus nas serras dos Gerais, viemos subindo até chegar de repente na Fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, cabeceira de vereda. Que's borboletas! E era em maio, pousamos lá dois dias, flôr de tudo, como sutil suave, no conhecimento meu com Otacília. O senhor me ouviu. Em como Otacília e eu ficamos gostando um do outro, conversamos, combinados no noivável, e na sobremanhã eu me despedi, ela com sua cabecinha de gata, alva no topo da alpendrada, me dando a luz de seus olhos; e de lá me fui, com Diadorim e os outros. E de como viemos, em cata do grosso do bando de Medeiro Vaz, que dali a quinze léguas recruzava, da Ratragagem para a Vereda-Funda, e com eles nos ajuntamos, economizando rumo, num lugar chamado o Bom-Buritì. Me alembro, meu é. Ver belo: o céu poente de sol, de tardinha, a roséia daquela cor. E lá é cimo alto: pintassilgo gosta daquelas friagens. Cantam que sim. Na Santa Catarina. Revejo. Flores pelo vento desfeitas. Quando rezo, penso nisso tudo. Em nome da Santíssima Trindade.

O que o seguinte foi este: o encontro da gente com Medeiro Vaz, no Bom-Buritì, num ressaco, conforme já disse, ele no meio de seus fortes homens, exatos, naquela bocâina de campo. Medeiro Vaz, retratal, barbaça, com grande chapéu rebuçado, aquela pessoa sisuda, circunspecto com todas as velhices, sem nem velho ser. Cujo eu me disse: — "É bom homem..." E ele beijou a testa de Diadorim, e Diadorim beijou aquela mão. A um assim, a gente podia pedir a benção, se prezar. Medeiro Vaz tomava rapé. Medeiro Vaz, mandando passar as ordens. E tinha quartel-mestre. Subindo em esperança, de lá saímos, para chão e sertão. Sertão bravo: as araras. O só que Medeiro Vaz comandou foi isto: — "Alelúia!" Diadorim tinha comprado um grande lenço preto: que era para ter luto manejável, funo guardado em sobre seu coração. Chapadão de duro. Daí, passamos um rio vadoso — rio de beira baixinha, só buritì ali, os buritìs calados. E a flôr de caraíba urucuiã — rôxo astrazado, um rôxo que sobe no céu. Naquele trêcho, também me lembro, Diadorim se virou para mim — com um ar quase de meninozinho, em suas miúdas feições. — "Riobaldo, eu estou feliz!..." — ele me disse. Dei um sim completo. E foi assim que a gente principiou a tristonha história de tantas caminhadas e vagos combates, e sofrimentos, que já relatei ao senhor, se não me engano

até ao ponto em que Zé Bebelo voltou, com cinco homens, descendo o Rio Paracatú numa balsa de talos de burití, e herdou brioso comando; e o que debaixo de Zé Bebelo fomos fazendo, bimbando vitórias, acho que eu disse até um fogo que demos, bem dado e bem ganho, na Fazenda São Serafim. Mas, isso, o senhor então já sabe.

Só sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo — que tudo lhe fiei. Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-tôa: só apontação principal, ao que crer posso. Não esperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo. Vai assim, vem outro café, se pita um bom cigarro. Do jeito é que retôrço meus dias: repensando. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Carinhanha. Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua...

Urubú? Um lugar, um baiano lugar, com as ruas e as igrejas, antiquíssimo — para morarem famílias de gente. Serve meus pensamentos. Serve, para o que digo: eu queria ter remorso; por isso, não tenho. Mas o demônio não existe real. Deus é que deixa se afinar à vontade o instrumento, até que chegue a hora de se dansar. Travessia, Deus no meio. Quando foi que eu tive minha culpa? Aqui é Minas; lá já é a Bahia? Estive nessas vilas, velhas, altas cidades... Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente. O senhor me acusa? Defini o alvará do Hermógenes, referi minha má cedência. Mas minha padroeira é a Virgem, por orvalho. Minha vida teve meio-do-caminho? Os morcegos não escolheram de ser tão feios tão frios — bastou só que tivessem escolhido de esvoaçar na sombra da noite e chupar sangue. Deus nunca desmente. O diabo é sem parar. Saí, vim, destes meus Gerais: voltei com Diadorim. Não voltei? Travessias... Diadorim, os rios verdes. A lua, o luar: vejo esses vaqueiros que viajam a boiada, mediante o madrugar, com lua no céu, dia depois de dia. Pergunto coisas ao burití; e o que ele responde é: a coragem minha. Burití quer todo azul, e não se aparta de sua água — carece de espelho. Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. Por que é que todos não se reúnem, para sofrer e vencer juntos, de uma vez? Eu queria formar uma

cidade da religião. Lá, nos confins do Chapadão, nas pontas do Urucúia. O meu Urucúia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes. A Bigrí, minha mãe, fez uma promessa; meu padrinho Selorico Mendes tivesse de ir comprar arroz, nalgum lugar, por morte de minha mãe? Medeiro Vaz reinou, depois de queimar sua casa-de-fazenda. Medeiro Vaz morreu em pedra, como o touro sozinho berra feio; conforme já comparei, uma vez: touro preto todo urrando no meio da tempestade. Zé Bebelo me alumiou. Zé Bebelo ia e voltava, como um vivo demais de fogo e vento, zás de raio veloz como o pensamento da ideia — mas a água e o chão não queriam saber dele. Compadre meu Quelemém outrotanto é homem sem parentes, provindo de distante terra — da Serra do Urubú do Indaiá. Assim era Joca Ramiro, tão diverso e reinante, que, mesmo em quando ainda parava vivo, era como se já estivesse constando de falecido. Sô Candelário? Sô Candelário se desesperou por forma. Meu coração é que entende, ajuda minha ideia a requerer e traçar. Ao que Joca Ramiro pousou que se desfez, enterrado lá no meio dos carnaùbais, em chão arenoso salgado. Sô Candelário não era, de certo modo, parente do compadre meu Quelemém, o senhor sabe? Diadorim me veio, de meu não-saber e querer. Diadorim — eu adivinhava. Sonhei mal? E em Otacília eu sempre muito pensei: tanto que eu via as baronesas amarasmeando no rio em vidro — jericó, e os lírios todos, os lírios-do-brejo — copos-de-leite, lágrimas-de-moça, são-josés. Mas, Otacília, era como se para mim ela estivesse no camarim do Santíssimo. A Nhorinhá — nas Aroeirinhas — filha de Ana Duzuza. Ah, não era rejeitã... Ela quis me salvar? De dentro das águas mais clareadas, aí tem um sapo roncador. Nonada! A mais, com aquela grandeza, a singeleza: Nhorinhá puta e bela. E ela rebrilhava, para mim, feito itamotinga. Uns talismãs. A mocinha Miosótis? Não. A Rosa'uarda. Me alembrei dela; todas as minhas lembranças eu queria comigo. Os dias que são passados vão indo em fila para o sertão. Voltam, como os cavalos: os cavaleiros na madrugada — como os cavalos se arraçôam. O senhor se alembra da canção de Siruiz? Ao que aquelas crôas de areia e as ilhas do rio, que a gente avista e vai guardando para trás. Diadorim vivia só um sentimento de cada vez. Mistério que a vida me emprestou: tonteei de alturas. Antes, eu percebi a beleza daqueles pássaros, no Rio das Velhas — percebi para sempre. O manuelzinho-da-crôa. Tudo isso posso vender? Se vendo minha alma, estou vendendo também os outros. Os cavalos

relincham sem causa; os homens sabem alguma coisa da guerra? Jagunço é o sertão. O senhor pergunte: quem foi que foi que foi o jagunço Riobaldo? Mas aquele menino, o Valtêi, na hora em que o pai e a mãe judiavam dele por lei, ele pedia socôrro aos estranhos. Até o Jazevedão, estivesse ali, vinha com brutalidade de socôrro, capaz. Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente — o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é que me sabe. O Reinaldo era Diadorim — mas Diadorim era um sentimento meu. Diadorim e Otacília. Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucúia, mas que é rio de braveza. Ele está sempre longe. Sozinho. Ouvindo uma violinha tocar, o senhor se lembra dele. Uma musiquinha até que não podia ser mais dansada — só o debulhadinho de purezas, de virar-virar... Deus está em tudo — conforme a crença? Mas tudo vai vivendo demais, se remexendo. Deus estava mesmo vislumbrante era se tudo esbarrasse, por uma vez. Como é que se pode pensar toda hora nos novíssimos, a gente estando ocupado com estes negócios gerais? Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômpito. Eu penso é assim, na paridade. *O demônio na rua*... Viver é muito perigoso; e não é não. Nem sei explicar estas coisas. Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor. O que eu quero, é na palma da minha mão. Igual aquela pedra que eu trouxe do Jequitinhonha. Ah, pacto não houve. Pacto? Imagine o senhor que eu fosse sacerdote, e um dia tivesse de ouvir os horrores do Hermógenes em confissão. O pacto de um morrer em vez do outro — e o de um viver em vez do outro, então?! Arrenego. E se eu quiser fazer outro pacto, com Deus mesmo — posso? — então não desmancha na rás tudo o que em antes se passou? Digo ao senhor: remorso? Como no homem que a onça comeu, cuja perna. Que culpa tem a onça, e que culpa tem o homem? Às vezes não aceito nem a explicação do Compadre meu Quelemém; que acho que alguma coisa falta. Mas, medo, tenho; mediano. Medo tenho é porém por todos. É preciso de Deus existir a gente, mais; e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência. O que há é uma certa coisa — uma só, diversa para cada um — que Deus está esperando que

esse faça. Neste mundo tem maus e bons — todo grau de pessoa. Mas, então, todos são maus. Mas, mais então, todos não serão bons? Ah, para o prazer e para ser feliz, é que é preciso a gente saber tudo, formar alma, na consciência; para penar, não se carece: bicho tem dor, e sofre sem saber mais porque. Digo ao senhor: tudo é pacto. Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais — a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não. Estou dando batalha. É preciso negar o que o "Que-Diga" existe. Que é que diz o farfal das folhas? Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças. O sertão tem medo de tudo. Mas eu hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem — que Ele é bondade adiante, quero dizer. O senhor escute o buritizal. E meu coração vem comigo. Agora, no que eu tive culpa e errei, o senhor vai me ouvir.

Vemos voltemos. O Buriti-Pintado, o Ôi-Mãe, o rio Soninho, a Fazenda São Serafim; com outros, mal esquecidos, seja. Ao pé das chapadas, no entremeio do se encher de rios tantos, ou aí subindo e descendo solaus, recebendo o empapo de chuva e mais chuva, a gente se fervia — debaixo desses extraordinários de Zé Bebelo — a gente lambia guerra. *Zé Bebelo Vaz Ramiro* — viva o nome! A gente vinha sobre o rastro deles, dos hermógenes — por matar, por acabar com eles, por perseguir. No borrusco, o Hermógenes corria, longes, de nós, sempre. Às artes que fugiam. Mas eu com aquilo já tinha inteirado costume. Era ruim e era bom.

Aí quando muito vento abriu o céu, e o tempo deu melhora, a gente estava na erva alta, no quase liso de altas terras. Se ia, aos vintes e trintas, com Zé Bebelo de bota-fogo. Assim expresso, chapadão voante. O chapadão é sozinho — a largueza. O sol. O céu de não se querer ver. O verde carteado do grameal. As duras areias. As arvorezinhas ruim-inhas de minhas. A diversos que passavam abandoados de araras — araral — conversantes. Aviavam vir os periquitos, com o canto-clim. Ali chovia? Chove — e não encharca poça, não rola enxurrada, não produz lama: a chuva inteira se soverte em minuto terra a fundo, feito um azeitezinho entrador. O chão endurecia cedo, esse rareamento de águas. O fevereiro feito. Chapadão, chapadão, chapadão.

De dia, é um horror de quente, mas para a noitinha refresca, e de madrugada se escorropicha o frio, o senhor isto sabe. Para extraviar as mutucas, a gente queimava folhas de arapavaca. Aquilo bonito, quando tição acêso estala seu fim em faíscas — e labareda dalalala. Alegria minha

era Diadorim. Soprávamos o fogo, juntos, ajoelhados um frenteante o ao outro. A fumaça vinha, engasgava e enlagrimava. A gente ria. Assim que fevereiro é o mês mindinho: mas é quando todos os cocos do buritizal maduram, e no céu, quando estia, a gente acha reunidas as todas estrelas do ano todo. Mesmas vezes eu ria. Homem dorme com a cabeça para trás, dois dedos no queixo. Era o Pitolô. Um Pitolô, sei lá, cabra destemido, com crimes nos maniçobais perto para cima de Januária; mas era nascido no barranco. No Carinhanha, rio quase preto, muito imponente, comprido e povooso. Ademais que ele contava casos de muito amor; Diadorim às vezes gostava. Mas Diadorim sabia era a guerra. Eu, no gozo de minha ideia, era que o amor virava senvergonhagem. Turvei, tanto. — "Andorinha que vem e que vai, quer é ir bem pousar nas duas torres da matriz de Carinhanha..." — o Pitolô falava. Eu tinha súbitas outras minhas vontades, de passar devagar a mão na pele branca do corpo de Diadorim, que era um escondido. E em Otacília, eu não pensava? No escasso, pensei. Nela, para ser minha mulher, aqueles usos-frutos. Um dia, eu voltasse para a Santa Catarina, com ela passeava, no laranjal de lá. Otacília, mel do alecrim. Se ela por mim rezava? Rezava. Hoje sei. E era nessas boas horas que eu virava para a banda da direita, por dormir meu sensato sono por cima de estados escuros.

Mas levei minha sina. Mundo, o em que se estava, não era para gente: era um espaço para os de meia-razão. Para ouvir gavião guinchar ou as tantas seriemas que chungavam, e avistar as grandes emas e os veados correndo, entrando e saindo até dos velhos currais de ajuntar gado, em rancharias sem morador? Isso, quando o ermo melhorava de ser só ermo. A chapada é para aqueles casais de antas, que toram trilhas largas no cerradão por aonde, e sem saber de ninguém assopram sua bruta força. Aqui e aqui, os tucanos senhoreantes, enchendo as árvores, de mim a um tiro de pistola — isto resumo mal. Ou o zabelê choco, chamando seus pintos, para esgaravatar terra e com eles os bichinhos comíveis catar. A fim, o birro e o garrixo sigritando. Ah, e o sabiá-preto canta bem. Veredas. No mais, nem mortalma. Dias inteiros, nada, tudo o nada — nem caça, nem pássaro, nem codorniz. O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juizo de raiz? Não se tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve. Isto é assim. Desde o raiar da aurora, o sertão tonteia. Os tamanhos. A alma deles. Mas Zé Bebelo, andante, estava esperdiçando

o consistir. E que o Hermógenes só fizesse por se fugir toda a vida, isso ele não entendia. — "Vai cavacando buraco, vai, que tu vê!" — oco da paciência, ele resmungou. Ainda que, nesses dias, ele menos falasse; ou, quando falava, eu não queria ouvir. Digo que, no cível trivial, Zé Bebelo me indispunha com algum enjoo. A antes uma conversa com Alaripe, somente simples, ou com o Fafafa, que estimava irmãmente os cavalos, deles tudo entendia, mestre em doma e em criação. Zé Bebelo só tinha graça para mim era na beira dos acontecimentos — em decisões de necessidade forte e vida virada — horas de se fazer. O traquejar. Se não, aquela mente de prosa já me aborrecia.

A monte andante, ao adiável, aí assim e assaz eu airei meu pensamento. Amor eu pensasse. Amormente. Otacília era, a bem-dizer, minha nôiva? Mas eu carecia era de mulher ministrada, da vaca e do leite. De Diadorim eu devia de conservar um nôjo. De mim, ou dele? As prisões que estão refincadas no vago, na gente. Mas eu aos poucos macio pensava, desses acordados em sonho: e via, o reparado — como ele principiava a rir, quente, nos olhos, antes de expor o riso daquela boca; como ele falava meu nome com um agrado sincero; como ele segurava a rédea e o rifle, naquelas mãos tão finas, brancamente. Esses Gerais em serras planas, beleza por ser tudo tão grande, repondo a gente pequenino. Como se eu estivesse calçando par de chinelo muito flote; e eu queria um sinapismo, botim reiuno, duro, redomão.

Agora — e os outros? — o senhor dirá. Ah, meu senhor, homens guerreiros também têm suas francas horas, homem sozinho sem par supre seus recursos também. Surpreendi um, o Conceiço, que jazia vadio deitado, se ocultando atrás de fechadas môitas; momento que raro se vê, feito o cagar dum bicho bravo. — "É essa natureza da gente..." — ele disse; eu não tinha perguntado explicação. O que eu queria era um divertimento de alívio. Ali, com a gente, nenhum cantava, ninguém não tinha viola nem nenhum instrumento. No peso ruim do meu corpo, eu ia aos poucos perdendo o bom tremor daqueles versos de Siruiz? Então eu forcejei por variar de mim, que eu estava no não-acontecido nos passados. O senhor me entende?

De Diadorim não me apartava. Cobiçasse de comer e beber os sobejos dele, queria pôr a mão onde ele tinha pegado. Pois, por que? Eu estava calado, eu estava quieto. Eu estremecia sem tremer. Porque eu desconfiava mesmo de mim, não queria existir em tenção soez. Eu não dizia nada, não

tinha coragem. O que tinha era uma esperança? Mesmo parava tempos no pensar numa mulher achada: Nhorinhá, a minha moça Rosa'uarda, aquela mocinha Miosótis. Mas o mundo falava, e em mim tonto sonho se desmanchando, que se esfiapa com o subir do sol, feito neblina noruega movente no frio de agosto.

A noite que houve, em que eu, deitado, confesso, não dormia; com dura mão sofreei meus ímpetos, minha força esperdiçada; de tudo me prostrei. Ao que me veio uma ânsia. Agora eu queria lavar meu corpo debaixo da cachoeira branca dum riacho, vestir terno novo, sair de tudo o que eu era, para entrar num destino melhor. Anda que levantei, a pé caminhei em redor do arrancho, antes do romper das horas d'alva. Saí no grande orvalho. Só os pássaros, pássaro de se ouvir sem se ver. Ali se madruga com céu esverdeado. Zé Bebelo podia pautear explicação de tudo: de como a gente ia alcançar os hermógenes e dar neles grave derrota; podia referir tudo que fosse de bem se guerrear e reger essa política, com suas futuras benfeitorias. De que é que aquilo me servisse? Me cansava. E vim vindo, para a beira da vereda. Consegui com o frio, esperei a escuridão se afastar. Mas, quando o dia clareou de todo, eu estava diante do buritizal. Um buriti — teteia enorme. Aí sendo que eu completei outros versos, para ajuntar com os antigos, porque num homem que eu nem conheci — aquele Siruiz — eu estava pensando. Versos ditos que foram estes, conforme na memória ainda guardo, descontente de que sejam sem razoável valor:

Trouxe tanto este dinheiro
o quanto, no meu surrão,
p'ra comprar o fim do mundo
no meio do Chapadão.

Urucúia — rio bravo
cantando à minha feição:
é o dizer das claras águas
que turvam na perdição.

Vida é sorte perigosa
passada na obrigação:
toda noite é rio-abaixo,
todo dia é escuridão...

Mas estes versos não cantei para ninguém ouvir, não valesse a pena. Nem eles me deram refrigério. Acho que porque eu mesmo tinha inventado o inteiro deles. A virtude que tivessem de ter, deu de se recolher de novo em mim, a modo que o truso dum gado mal saído, que em sustos se revolta para o curral, e na estreitez da porteira embola e rela. Sentimento que não espairo; pois eu mesmo nem acerto com o mote disso — o que queria e o que não queria, estória sem final. O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito — por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia.

Aí o senhor via os companheiros, um por um, prazidos, em beira do café. Assim, também, por que se aguentava aquilo, era por causa da boa camaradagem, e dessa movimentação sempre. Com todos, quase todos, eu bem combinava, não tive questões. Gente certa. E no entre esses, que eram, o senhor me ouça bem: *Zé Bebelo*, nosso chefe, indo à frente, e que não sediava folga nem cansaço; o *Reinaldo* — que era Diadorim: sabendo deste, o senhor sabe minha vida; o *Alaripe*, que era de ferro e de ouro, e de carne e ôsso, e de minha melhor estimação; *Marcelino Pampa*, segundo em chefe, cumpridor de tudo e senhor de muito respeito; *João Concliz*, que com o *Sesfrêdo* porfiava, assoviando imitado de toda qualidade de pássaros, este nunca se esquecia de nada; o *Quipes*, sujeito ligeiro, capaz de abrir num dia suas quinze léguas, cavalos que haja; *Joaquim Beijú*, rastreador, de todos esses sertões dos Gerais sabente; o *Tipote*, que achava os lugares d'água, feito boi geralista ou buriti em broto de semente; o *Suzarte*, outro rastreador, feito cão cachorro ensinado, boa pessoa; o *Quêque*, que sempre tinha saudade de sua rocinha antiga, desejo dele era tornar a ter um pedacinho de terra plantadeira; o *Marimbondo*, faquista, perigoso nos repentes quando bebia um tanto de mais; o *Acauã*, um roxo esquipático, só de se olhar para ele se via o vulto da guerra; o *Mão-de-Lixa*, porreteiro, nunca largava um bom cacete, que nas mãos dele era a pior arma; *Freitas Macho*, grão-mogolense, contava ao senhor qualquer patranha que prouvesse, e assim descrevia, o senhor acabava acreditando que fosse verdade; o *Conceiço*, guardava numa sacola todo retrato de

mulher que ia achando, até recortado de folhinha ou de jornal; *José Gervásio*, caçador muito bom; *José Jitirana*, filho dum lugar que se chamava a Capelinha-do-Chumbo: esse sempre dizia que eu era muito parecido com um tio dele, Timóteo chamado; o *Preto Mangaba*, da Cachoeira-do-Choro, dizia-se que entendia de toda mandraca; *João Vaqueiro*, amigo em tanto, o senhor já sabe; o *Coscorão*, que tinha sido carreiro de muito ofício, mas constante que era canhoto; o *Jacaré*, cozinheiro nosso; *Cavalcânti*, competente sujeito, só que muito soberbo — se ofendia com qualquer brincadeira ou palavra; o *Feliciano*, caôlho; o *Marruaz*, homem desmarcado de forçoso: capaz de segurar as duas pernas dum poldro; *Guima*, que ganhava em todo jogo de baralho, era do sertão do Abaeté; *Jiribibe*, quase menino, filho de todos no afetual paternal; o *Moçambicão* — um negro enorme, pai e mãe dele tinham sido escravos nas lavras; *Jesualdo*, rapaz cordato — a ele fiquei devendo, sem me lembrar de pagar, quantia de dezoito mil-réis; o *Jequitinhão*, antigo capataz arrieiro, que só se dizia por ditados; o *Nelson*, que me pedia para escrever carta, para ele mandar para a mãe, em não sei onde moradora; *Dimas Dôido*, que dôido mesmo não era, só valente demais e esquentado; o *Sidurino*, tudo o que ele falava divertia a gente; *Pacamã-de-Presas*, que queria qualquer dia ir cumprir promessa, de acender velas e ajoelhar adiante, no São Bom Jesus da Lapa; *Rasga-em-Baixo*, caôlho também, com movimentos desencontrados, dizia que nunca tinha conhecido mãe nem pai; o *Fafafa*, sempre cheirando a suor de cavalo, se deitava no chão e o cavalo vinha cheirar a cara dele; *Jõe Bexiguento*, sobrenomeado "Alparcatas", deste qual o senhor, recital, já sabe; um *José Quitério*: comia de tudo, até calango, gafanhoto, cobra; um infeliz *Treciziano*; o irmão de um, *José Félix*; o *Liberato*; o *Osmundo*. E os urucuianos que Zé Bebelo tinha trazido: aquele *Pantaleão*, um *Salústio João*, os outros. E — que ia me esquecendo — *Raymundo Lé*, puçanguara, entendido de curar qualquer doença, e *Quim Queiroz*, que da munição dava conta, e o *Justino*, ferrador e alveitar. A mais, que nos dedos conto: o *Pitolô*, *José Micuim*, *Zé Onça*, *Zé Paquera*, *Pedro Pintado*, *Pedro Afonso*, *Zé Vital*, *João Bugre*, *Pereirão*, o *Jalapa*, *Zé Beiçudo*, *Nestor*. E *Diodôlfo*, o *Duzentos*, *João Vereda*, *Felisberto*, o *Testa-em-Pé*, *Remigildo*, o *Jósio*, *Domingos Trançado*, *Leocádio*, *Pau-na-Cobra*, *Simião*, *Zé Geralista*, o *Trigoso*, o *Cajueiro*, *Nhô Faísca*, o *Araruta, Durval Foguista*, *Chico Vosso*, *Acrísio* e o *Tuscaninho Caramé*. Amostro, para o senhor ver que eu me alembro.

Afora algum de que eu me esqueci — isto é: mais muitos... Todos juntos, aquilo tranquilizava os ares. A liberdade é assim, movimentação. E bastantes morreram, no final. Esse sertão, esta terra.

A verdade que com Diadorim eu ia, ambos e todos. Além de que Zé Bebelo comandava. — "Ao que vamos, vamos, meu filho, Professor: arrumar esses bodes na barranca do rio, e impor ao Hermógenes o combate..." — Zé Bebelo preluzia, comedindo pompa com sua grande cabeça. Assim de loguinho não aprovei, então ele imaginou que eu estava descrendo. — "Agora coage tua cisma, que eu estou senhor dos meus projetos. Tudo já pensei e repensei, guardo dentro daqui o resumo bem traçado!" — e ele pontoava com dedo na testa. Acreditar eu acreditasse, não duvidei. O que eu podia não saber era se eu mesmo estava em ocasiões de boa-sorte.

A ser, porque, numa volta do Ribeirão-do-Galho-da-Vida, a gente tinha topado com turma de inimigos, retornados para lá por espiação. Aí foi curto fogo, mas eu levei uma bala, de raspaz, na carne do braço, perdi muito sangue. Raymundo Lé banhou com casca de angico, na hora melhorei; Diadorim amarrou bem, com pano duma camisa rasgada. Apreciei a delicadeza dele. Atual, todos prestaram em mim amizade de atenção, aquilo vinha a ser até um consolo. Só que, depois de dois dias, o braço me doía inteiro e inchava, sei que a inchação me cansasse muito, sempre eu queria esbarrar pra água beber. — "Se eu tiver de atirar, então como é que faço? Não posso..." — era outro meu receio. Admirei, porque o José Félix também tinha tido ferimento, na côxa e na perna, mas a natureza dele era limpa, o ofendido secava por si, nem parecendo ser. Assim a primeira vez que me sucedia um a-mal, isso me perturbasse. O que me sofria até nas margens do peito, e nos dedos da mão, não me concedendo movimentos. Muito temi por meu corpo. "Ah, minha Otacília" — eu gemi em mim — "Pode que nunca mais você me veja, e então nem viúva minha você não vai ser..." Uns recomendavam arnica-do-campo, outros aconselhavam emplastro de bálsamo, com isso rente se sarava. Aí Raymundo Lé garantiu cura com erva-boa. Mas onde era que erva-boa se ia achar?

À Fazenda dos Tucanos chegamos, lá esbarramos — é na beira da Lagoa Raposa, passada a Vereda do Enxú. Visitamos o fazendão vazio, não tinha almaviva de se ver. E do Rio-do-Chico longe não se estava. Assim então por que era que não se avançar logo, às duras marchas, para atacar? —

“Sei de mim, sei...” — Zé Bebelo menos disse, sem explicação. Desconheci. Cacei um catre, cama-de-vento, num quarto meio escuro; com coisa nenhuma não me importei. — “Retém as forças, Riobaldo. Vou campear o remédio, nesses matos...” — Diadorim falou. A gente nos Tucanos ia falhar dois dias, ali ficamos comendo palmito e secando em sol a carne de dois bois.

No primeiro dia, de tardinha, apareceu um boiadeiro, que com seus camaradas viajando. Vinham de Campo-Capão-Redondo, em caminhada para Morrinhos. Por que tinham riscado aquela grande volta? — “O senhor dá paz à gente, Chefe?” — o boiadeiro perguntou. — “Dou paz, damos, amigos...” — Zé Bebelo respondeu. A quieto, o boiadeiro então achou que devia de as novidades relatar. Que se estava em meio de perigos. Sim. Os soldados! — “Os que soldados, esses, mano velho?” Soldadesca pronta, do Governo, mais de uns cinquenta. Assim onde era que estavam? — “Ao que estão em São Francisco e em Vila Risonha, e mais outros deles vão vindo chegando, Chefe; é o que eu ouvi dizer...” Zé Bebelo, escutando, redondamente. Só quis mais saber. Se isso, se aquilo. Se o boiadeiro sabia o nome do Promotor de Vila Risonha, e do Juiz de Direito, do Delegado, do Coletor, do Vigário. O do Oficial comandante da tropa, o boiadeiro não acertava dizer. Aquele boiadeiro era homem sério, com palavra merecida e vontade de estar bem com todos. Tinha uma garrafa de vinho depurativo na bagagem, me presenteou com um gole, me fez bem. Pousou lá, no outro dia se foram, muito cedo.

Nesse entremear, eu senti meu braço melhor, e estive mais disposto. Andei andando, vi aquela fazenda. Essa era enorme — o corredor de muitos grandes passos. Tinha as senzalas, na raia do pátio de dentro, e, na do de fora, em redor, o engenho, a casa-dos-arreios, muitas moradas de agregados e os depósitos; esse pátio de fora sendo largo, lajeado, e com um cruzeiro bem no meio. Mas o capim crescia regular, enfeite de abandono. Não de todo. Pois tinham desamparado um gato, ali esquecido, o qual veio para perto do Jacaré cozinheiro, suplicar comida. Até por dentro do eirado, mansejavam uns bois e vacas, gado reboleiro. Aí João Vaqueiro viu um berrante bom, pendurado na parede da sala-grande; pegou nele, chegou na varanda, e tocou: as reses entendiam, uma ou outra respondendo, e entraram no curral, para a beira dos côchos, na esperança de sal. — “Não faz mês que o povo daqui aqui ainda estava...” — João Vaqueiro declarou. E era verdade, com efeito, pois na despensa muita

coisa se encontrando aproveitável. Nos Tucanos, valia a pena. Os dois dias ficaram três, que tão depressa passaram.

Madrugada, no em que se ia partir dalí, eu acordei ainda com o escuro, no amiudar. Só assim acordei, por um rumor, seria o Simião, que estava dormindo no mesmo cômodo e tacteando se levantava. Mas me chamou. — “A gente vai pegar a cavalhada. Vamos?” — ele disse. Não gostei. — “Estou enfermo. Então vou?! Quem é que rala a minha mandioca?” — repontei, áspero. Virei para o canto; assim eu estava apreciando aquele catre de couro. O Simião decerto ia, mais o Fafafa e Doristino, estavam bons para o orvalho dos pastos. Diadorim, que dormia num colchão, encostado na outra banda, já tinha se levantado antes e desaparecido do quarto. Ainda persisti numa madorna. Aquela moradia hospedava tanto — assim sem donos — só para nós. Aquele mundo de fazenda, sumido nos sussurros, os trastes grandes, o conforto das arcas de roupa, a cal nas paredes idosas, o bolor. Aí o que pasmava era a paz. Pensei por que seria tudo alheio demais: um sujo velho respeitável, e a picumã nos altos. Pensei bobagens. Até que escutei assoviação e gritos, tropear de cavalaria. “Ah, os cavalos na madrugada, os cavalos!...” — de repente me lembrei, antiquíssimo, aquilo eu carecia de rever. Afôito, corri, compareci numa janela — era o dia clareando, as barras quebradas. O pessoal chegava com os cavalos. Os cavalos enchiam o curralão, prazentes. Respirar é que era bom, tomar todos os cheiros. Respirar a alma daqueles campos e lugares. E deram um tiro.

Deram um tiro, de rifle, mais longe. O que eu soube. Sempre sei quando um tiro é tiro — isto é — quando outros vão ser. Deram muitos tiros. Apertei minha correia na cintura. Apertei minha correia na cintura, o seguinte emendando: que nem sei como foi. Antes de saber o que foi, me fiz nas minhas armas. O que eu tinha era fome. O que eu tinha era fome, e já estava embalado, aprontado.

Às tantas o senhor assistisse àquilo: uma confusão sem confusão. Saí da janela, um homem esbarrou em mim, em carreira, outros bramaram. Outros? Só Zé Bebelo — as ordens, de sobrevoz. Aonde, o que? Todos eram mais ligeiros do que eu? Mas ouvi: — “...Mataram o Simião...” Simião? Perguntei: — “E o Doristino?” “— Ãã? Homem, não sei...” — alguém me respondendo. — “Mataram o Simião e o Aduvaldo...” E eu ralhei: — “Basta!” Mas, sobre o instante, virei: — “Ah, e o Fafafa?” O que ouvi: — “Fafafa, não. Fafafa está é matando!...” Assim era, real,

verdadeiramente de repente, caído como chuva: o rasgo de guerra, inimigos terríveis investindo. — “São eles, Riobaldo, os hermógenes!” — Diadorim aparecido ali, em minha frente, isto falou. Atiraram um horror, duma vez, tiros e tiros que estavam contra nós desfechando. Atiravam nas construções da casa. Diadorim sacripante se riu, encolheu um ombro só. Para ele olhei, o tanto, o tanto, até ele anoitecer em meus olhos. Eu não era eu. Respirei os pesos. “Agora, agora, estamos perdidos sem socôrro...” — inventei na mente. E raciocinei a velocidade disto: “Ser pego, na tocaia, é diverso de tudo, e é tôlo...” Assim enquanto, eu escutando, na folha da orêlha, as minúcias recontadas: as passadas dos companheiros, no corredor; o assoviar e o dar das balas — que nem um saco de bagos de milho despejado. Feito cuspissem — o pôr e pôr! Senti como que em mim as balas que vinham estragar aquela morada alheia de fazenda. Medo nem tive, não deu para ter — foi outra noção, diferente. Me salvei por um espetar de pensamento: que Diadorim, cenho franzindo, fosse mandar eu ter coragem! Ele nem disse. Mas eu me inteirei, ligeiro demais, num só destorcer. — “Eh, pois vamos! É a hora!” — eu declarei, pus a mão no ombro dele. Respirei depressa demais. Aquele me apatetar — saiba o senhor — não deve de ter durado nem os menos minutos. No átimo, supri a claridade completa de ideia, o sangue-frio maior, essas comuns tranquilidades. E, por aí, eu sabia mesmo exato: a gente já estava debaixo de cerco.

Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda — nessas semelhantes ocasiões — só encostado nas paredes. — “Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você-aí acolá...” — arrumação ele ordenava. — “Riobaldo, Tatarana: tu toma conta desta janela... Daqui não sai, nem relaxa, por via nenhuma...” Arredado, lá embaixo avistei Marcelino Pampa indo para as senzalas, com uns cinco ou seis companheiros. Com outros, Freitas Macho corria para a tulha; e para o engenho uns junto com Jõe Bexiguento dito “Alparcatas”. Meus peitos batendo tresdobro forte, eu dividido naquela alarida. A grave escorei meu rifle, limpo, arma minha, amásia. Ainda reconheci o Dimas Dôido e o Acauã, deitados atrás do cruzeiro do pátio. Um daqueles urucuianos apareceu, mais outro, traziam balaio grande, com algodão em rama. Mais homens, com sacos de sabugos; foram buscar outros sacos, carregavam um caixote também. Tudo eles estavam transportando, por entranqueirar o pátio de fora: tábuas, tamboretes,

cangalhas e arreios, uma mesa de carapina retombada. Arranjos de guerra — esses são engenhados sempre com uma graça variada, diversa dos aspectos de trabalho de paz — isto vi; o senhor vê: homens e homens repulam no afã tão unidamente, sujeitos maneiros, feito o meigo do demo assoprasse neles, ou até mesmo os espíritos! Suspirei, de bestagem. Ao menos alguém fungou e me cotucou, era o Preto Mangaba, mandado guarnecer ali, comigo junto. Preto Mangaba me oferecia dum pão de doce-de-burití, repartia, amistoso. Eu então me alembrei de que estava com fome. Mas Quim Queiroz trazia mais munição, ele ajudado por alguns; arrastavam um couro, o couro esse cheio repleto de munição, arrastavam no assoalho do corredor. Da janela da outra banda, pus o olhar, espiei o desdém do mundo, distâncias. Abalavam fogo contra a gente, outra vez, contra o espaço da casa. Ixe de inimigo que não se avistava. Somente eu queria saber era se aguentava manejar, como era que estava sentindo meu braço. Aí ergui mão para coçar minha testa, aí me cismei: e fiz, com todo o respeito, o pelo-sinal. Sei que o cristão não se concerta pela má vida levável, mas sim porém sucinto pela boa morte — ao que a morte é o sobrevir de Deus, entornadamente.

Atirei. Atiravam.

Isso não é isto?

Nonada.

A aragem. Diadorim onde estivesse? Soube que ele parava em outro ponto, em seu posto em praça. Sustentava, picando alvos a para a frente, junto com o Fafafa, o Marruaz, Guima e Cavalcânti, na barra da varanda. Todo lugar não era lugar? Não se podendo esbarrar, de jeito nenhum, no arrebentar, nas manivelas da guerra. Aprendi os momentos. Assim, assazmente, João Concliz tornava a vir, zelante, com Alaripe, José Quitério e Rasga-em-Baixo. — “Espera!” — ele mandou. Pelo que vinham também o Pitolô e o Moçambicão, puxando uns couros de boi. Esses couros inteiros eram para a gente pregar lá em riba, nas padieiras, ficarem dependurados de cortinado bambo, nos vãos das janelas. Depois, o Pacamã-de-Presas mais o Conceiço, socavando com ferramenta, a fito de abrir torneiras nas paredes — por onde buraco de se atirar. Aquela guerra ia durar a vida inteira? O que eu atirava, ouvia menos. Mas o dos outros: assovios bravos, o achispe, isto de ferro — as balas apedrejadas. Eu e eu. Até meus estalos, que a cada, no próprio do coração. À mira de enviar um

grão de morte acertado naquelas raras fumaças dansáveis. Assim é que é, assim.

Ah! E então, aí, no súbito aparecer, Zé Bebelo chegou, se encostou quase em mim. — “Riobaldo, Tatarana, vem cá...” — ele falou, mais baixo, meio grosso — com o que era uma voz de combinação, não era a voz de autoridade. A de ver, o que ele quisesse de mim? Para eu passar avante na posição, me transpor para um lugar onde se matar e morrer sem beiras, de maior marca? Andei e segui, presente que, com Zé Bebelo, tudo carecia mais era de ser depressa. Mesmo me levou. Mas me levou foi para um outro cômodo. Ali era um quarto, pequeno, sem cama nenhuma, o que se via era uma mesa. Mesa de madeira vermelha, respeitável, cheirosa. Desentendi. Dentro daquele quarto, como que não entrava a guerra. Mas o pensar de Zé Bebelo — ansiado eu sabia — era coisa que estralejava, inventante e forte.

— “Mais antes larga o rifle aí, deposita...” — ele falou. O depor meu rifle? Pois botei, em cima da mesa, esquinado de través, botei com o todo cuidado. Ali se tinha lápis e papel. — “Senta, mano...” — ele, pois ele. Ofereceu a cadeira, cadeira alta, de pau, com recosto. Se era para sentar, assentei, em beira de mesa. Zé Bebelo de revólver pronto na mão, mas que não contra mim — o revólver era o comando, o constante revirar e remexer da guerra. E ele nem me olhou, e me disse:

— “Escreve...”

Caí num pasmo. Escrever, numa hora daquelas? O que ele explicado mandou, eu fui e principiei; que obedecer é mais fácil do que entender. Era? Não sou cão, não sou coisa. Antes isto, que sei, para se ter ódio da vida: que força a gente a ser filho-pequeno de estranhos... “Ah, o que eu não entendo, isso é que é capaz de me matar...” — me lembrei dessas palavras. Mas palavras que, em outra ocasião, quem tinha falado era Zé Bebelo, mesmo.

— “Escreve...”

O zunzum da guerra acontecendo era que me estorvava de direito pensar. E Zé Bebelo não estava ali não era para isso, para pensar por todos? Como que fosse, o papel, para o que carecia, era pouco. Tinham de caçar mais papel, qualquer, por ali devia de ter. Enquanto isso, eu cumprisse de escrever, na seca mão da necessidade.

E ouvimos praga de dôr.

— “Ao que foi?” Uns gemidos, despautados, de sorrôgo. — “Companheiro ofendido. O Leocádio...” — ouvimos. Sem-modos se precipitado, Zé Bebelo avançou para ali, para ver. Sem determinação tomada de ir, eu também já estava lá, atrás dele. O homem, o primeiro ferido, caído sentado, as pernas estendidas para diante, as costas amparadas na parede; com a mão esquerda era que ele suportava sua testa, mas com a direita ainda segurava o rifle, que o asno rifle ele não tinha largado. Conforme Raymundo Lé já tinha exigido, alguns vinham da cozinha, trazendo as latas d’água. Raymundo Lé lavava a cara do homem ensanguentada, do Leocádio. Esse estava atirado pelas queixadas, má bala que lhe partira o ôsso, o vermelho brabotava e pingava. — “Meu filho, tu aguenta ainda brigar?” — Zé Bebelo quis saber. O Leocádio, que fez careta, garantiu que podia: — “O que posso. Em nome de Deus e de meu São Sebastião guerreiro, o que posso!” Sempre sendo a careta sem gracejo; pois falar era o que para ele custava e maltratava. — “E da Lei... E da Lei, também... Ah, então, vamos, faz vingança, menino, faz vingança!” — Zé Bebelo aforçurou. Semelhante só botasse apreço nos fatos por resultar. Zé Bebelo se endemoninhava.

Segurou meu braço, suscitado de se voltar para a mesa, para se escrever, amanuense. Pelo discorrer, revólver na mão, às vezes achei, em minha fantasia, que ele estava me ameaçando. — “Ei, ai, vamos ver. Que tenho esquadrão reiuno: esses é que vão vir me dar retaguarda!” — ele falasse. Eu escrevesse, com mais urgência. Os bilhetes — missiva para o senhor oficial comandante das forças militares, outro para o excelentíssimo juiz da comarca de São Francisco, outro para o presidente-da-câmara de Vila Risonha, outro para o promotor. — “Apresta. A massa do volume deles também dá valor...” — ele regendo. Acertei. Escrevi. O teor era aquilo mesmo, o simples: que, se os soldados no soflagrante viessem, de rota abatida, sem esperdiçar minuto, então aqui na Fazenda dos Tucanos pegavam caça grossa, reunida — de lobo, jaguatirica e onça — de toda a jagunçada maior reinante no vezvez desses gerais sertões. A rasa, à justa, e cerrar com fecho formal: Ordem e Progresso, viva a Paz e a Constituição da Lei! Assinado: *José Rebêlo Adro Antunes, cidadão e candidato.*

No pique dum momento, perdi e achei minha ideia, e esbarrei. A em pé, agora formada, eu conseguia a alumiação daquela desconfiança. Assim. Em que maldei, foi: aquilo não seria traição? Rasteiro, tive que olhei Zé Bebelo, no grude dos olhos. Daí, tão claro e aligeirado pensei — os

prefácios. Aquele tinha sido homem pago estipendiado pelo Governo, agora os soldados do Governo com ele se encontravam. E nós, todos? Diadorim e eu, os tristes e alegres sofrimentos da gente, a célebre morte de Medeiro Vaz, a vingança em nome de Joca Ramiro? Nem eu sabia ao certo, depois, no correr de tantos mêses, o extrato da vida de Zé Bebelo, o que ele tinha realmente feito, somenos se cumprida a viagem de ida até em Goiás. Soubesse, o pior, era que ele, por ofício e por espécie, não podia esbarrar de pensar, não podia esbarrar de pensar inventado para adiante, sem repouso, sempre mais. A gente estava por conta dele — e sem repouso nenhum também, nenhum — o portanto. E ele tinha trazido o bando cá para perto do São Francisco, tinha querido falhar os três dias naquela fazenda atacável. Quem sabe, então, o recado para os soldados virem, ele mesmo já não teria enviado, desde tempos? Ideia, essa. Arre de espanto — ah, como quando onça de-lado pula, quando a canoa revira, quando cobra chicoteia. Désse de ser? Ao caminho dos infernos — para prazo! Aí, careci de querer a calma. O tiroteio já redobrava. Ouvi a guerra.

Decerto eu estava exagerado. Antes Zé Bebelo havenddo de ser mesmo o chefe para a hora, safado capaz. Nem se desprazia. — “Ôi, xô! P’ra esses, munição não falta?...” — ele escarnecendo disse, quando as descargas vieram em salva mais forte — o fiufíu e os papocos. Ah as balas que partiam telhas e que as paredes todas recebiam. Cacos caindo, do alto. — “Te apressa, Tatarana, que nós dois temos também de atirar!” Alegre dito. Na janela, ali, tinham pendurado igualmente um daqueles couros de boi: bala dava, zaque-zaque, empurrando o couro, daí perdia a força e baldava no chão. A cada bala, o couro se fastava, brando, no ter o choque, balangava e voltava no lugar, só com mossa feita, sem se rasgar. Assim ele amortecia as todas, para isso era que o couro servia. “Traição?” — eu não queria pensar. Eu já tinha preenchido três cartas. Não é do tutuco nem do zumbiz das balas, o que daquele dia em minha cabeça não me esqueço; mas do bater do couro preto, adejante, que sempre duro e mole no ar se repetia.

Advindo que algum me trouxe mais papel, achado por ali, nos quartos, em remexidas gavetas. Só coisa escrita já, de tinta firme; mas a gente podendo aproveitar o espaço em baixo, ou a banda de trás, reverso dita. Que era que estava escrito nos papéis tão velhos? Um favor de carta, de tempos idos, num vigente fevereiro, 11, quando ainda se tinha Imperador, no nome dele com respeito se falava. E noticiando chegada em poder, de

remessa de ferramenta, remédios, algodão trançado tinto. A fatura de negócios com escravos, compra, os recibos, por Nicolau Serapião da Rocha. Outras cartas... — “Escreve, filho, escreve, ligeiro...” A traição, então? Altamente eu escutava os gritos dos companheiros, xingatório, no meio da desbraga do quanto combate, na torração. Aqui mesmo, esgueirados para a janela, o Duzentos e o Rasga-em-Baixo agora ombreavam armas, seu vez-em-quando a ponto atiravam. Assim como não pude, eu esbarrei, outra vez — e encarei Zé Bebelo sem final.

— “Que é? Que é lá?!” — ele me perguntou. Devia de ter me deduzido, dos meus olhos, mesmo melhor do que o que eu sabia de mim.

— “A pois... Por que é que o senhor não se assina, ao pé: *Zé Bebelo Vaz Ramiro*... como o senhor outrora mesmo declarou?...” — eu cacei contra, reperguntando.

Ato visível, que ele esteve pego, no usual de seu modo, assim, de se espantar no ar. Conheci. Às vezes, também, um atraiçôa, sem nem saber o que é que está produzindo — às falsas hajas! Mas ele não tinha surpreendido a verdade do meu indagar, a expedição de minha dúvida. Conforme, prazido consigo, recachou, e me disse, me engambelando:

— “Ah, hã-an... Também pensei. Tanto que pensei; mas, não se pode... Muito alta e sincera é a devoção, mas o exato das praxes impõe é outras coisas: impõe é o duro legal...”

Aí, fui escrevendo. Simples, fui, porque fui; ah, porque a vida é miserável. A letra saía tremida, no demoroso. Meu outro braço também recomeçava a doer, quáse’que. “Traição”... — sem querer eu fui lançando no papel a palavra; mas risquei. Uma bala no couro assoviou soco, outra entrou atrás, entrou com o couro levantado, deu na parede, defronte, ricocheteou e veio cair, quente, perto da gente. Ali na parede, tinha um chifre de boi de se dependurar roupa; até armador de rede era de chifre de boi, naquela Casa. Sumamente, eu esperei o pispissíu de alguma outra bala, eu queira. Soubesse por que? O pensar caladíssimo de Zé Bebelo me perturbava.

Mas ele disse: — “Que é que é?” — se debruçando — “Que erro que foi?” Não viu, porque eu já tinha riscado. Mas, então, ele muito falou. Ia explicando. De noite, no escuro feito, ia mandar dois cabras, dos mais espertos viajeiros, para rastejarem por ali, furando o cerco, cada um levava ruma igual daquelas cartas. Assim, Deus azado ajudasse, e eles ou ao menos um deles conseguisse, então era resumo certo que a soldadesca se

movimentava de vir. Apareciam, os trapezavam, apropositavam, arrebentavam com os hermógenes!

— "E a gente?" — eu perguntei.

— "Ãe? A gente? A ver, que você não me entendeu? A gente obra jeito de se escapar, no cererê da confusão..."

Antes, tanto, que era muito difícil — eu repostei.

— "Ah, sim, dificultoso é, meu filho. Mas pego, é o nosso recurso. Se não, se outra, que saldo é que temos?" — e Zé Bebelo, do dito, sagaz se regozijava.

Então, com respeito, eu disse que a gente podia experimentar de fazer isso mesmo agora: furar uma saída, por entre os hermógenes, brigando e matando. Eu disse isso. Mas tinha esquecido que estava era encostado em Zé Bebelo, no questionar. Aí quem era que podia com a ideia daquele homem, quem era que se sustentava? A foro, pois, assim ele me respondeu:

— "Pois era, Tatarana? Olhe: escuta, pensa — esses hermógenes não são mais valentes do que nós, nem estão em quantidade maior; mas fato é que eles chegaram a surdas, e nos cercaram, tomaram tudo quanto há de melhor, nessas posições. Asseados, é que estão. Agora, nesta hora, a gente forçar um escape, pode ser que se tenha sorte — mas mesmo assim sofrendo muitas mortes, e sem meios para descontar essas, sem alcance nenhum para se matar um bom poucado desses inimigos. Tu entende? Mas, se os soldados chegarem, têm de dar o forte fogo primeiro contra os hermógenes, fazendo neles muito estrago. Aí, se foge, com tenção só na escapula. Ao menos, algum lucro se teve... Ah, tu vê o que se quer? Ah, o que tu também quer, pois não quer?!..."

Não nas artes que produzia, mas no armar de falar assim — ele era razoável. Se riu, qual. Riu? Eu sendo água, me bebeu; eu sendo capim, me pisou; e me ressoprou, eu sendo cinza. Ah, não! Então, eu estava ali, em chão, em a-cú acoo de acuado?! Um rôr de meu sangue me esquentou as caras, o redor dos ouvidos, cachoeira, que cantava pancada. Eu apertei o pé na alpercata, espremi as tábuas do assoalho. Desconheci antes e depois — uma decisão firme me transtornava. E eu vi, fiquei sabendo: me queimassem em fogo, eu dava muitas labaredas muito altas! Ah, dava. O senhor acha que menos acho? Mais digo. Mais fiz. Antes veja, o que eu pensei — o que seguinte ia ser, e ficou formado um decreto de pedra pensada: que, na hora de os soldados sobrechegarem, eu parava perto de

Zé Bebelo; e que, ele fizesse feição de trair, eu abocava nele o rifle, efetuava. Matava, só uma vez. E, daí... Daí eu tomava o comandamento, o competentemente — eu mesmo! — e represava a chefia, e forçando os companheiros para a impossível salvação. Aquilo por amor do rijo leal eu fazia, era capaz; pelo certo que a vida deve de ser. Mesmo não gostando de ser chefe, descrendo do enfado de responsabilidades. Mas fazia. "Aí, pego a faca-punhal e o facão grande..." — tornei a pensar. Até chegar a hora, eu não ia falar disso com pessoa nenhuma, nem com Diadorim. Mas fazia, procedia. E eu mesmo senti, a verdade duma coisa, forte, com a alegria que me supriu: — eu era Riobaldo, Riobaldo, Riobaldo! A quase que gritei aquele este nome, meu coração alto gritou. Arre então, quando eu experimentei os gumes dos meus dentes, e terminei de escrever o derradeiro bilhete, eu estive todo tranquilizado e um só, e insensato resolvido tanto, que mesmo acho que aquele, na minha vida, foi o ponto e ponto e ponto. E entreguei o escrito a Zé Bebelo — minha mão não espargiu nenhum tremor. O que regeu em mim foi uma coragem precisada, um desprezo de dizer; o que disse:

— "O senhor, chefe, o senhor é amigo dos soldados do Governo..."

E eu ri, ah, riso de escárneo, direitinho; ri, para me constar, assim, que de homem ou de chefe nenhum eu não tinha medo. E ele se sustou, fez espantos.

Ele disse: — "Tenho amigo nenhum, e soldado não tem amigo..."

Eu disse: — "Estou ouvindo."

Ele disse: — "Eu tenho é a Lei. E soldado tem é a lei..."

Eu disse: — "Então, estão juntos."

Ele disse: — "Mas agora minha lei e a deles são às diversas: uma contra a outra..."

Eu disse: — "Pois nós, a gente, pobres jagunços, não temos nada disso, a coisa nenhuma..."

Ele disse: — "Minha lei, sabe qual é que é, Tatarana? É a sorte dos homens valentes que estou comandando..."

Eu disse: — "É. Mas se o senhor se reengraçar com os soldados, o Governo lhe repraz e lhe premêia. O senhor é da política. Pois não é? Ô gente — deputado..."

Ah, e feio ri; porque estava com vontade. Aí pensei que ele fosse logo querer o a gente se matar. A sorte do dia, eu cotucava. Mas ruim não foi. Zé Bebelo só encurtou o cenho, no carregoso. Fechou a boca, pensou bem.

Ele disse: — "Escuta, Riobaldo, Tatarana: você por amigo eu tenho, e te aprecêio, porque vislumbrei tua boa marca. Agora, se eu achasse o presumido, com certeza, de que você está desconcordando de minha lealdade, por malícias, ou de que você quer me aconselhar canalhagem separada, velhaca, para vantagem minha e sua... Se eu soubesse disso, certo, olhe..."

Eu disse: — "Chefe, morte de homem é uma só..."

Eu tossi.

Ele tossiu.

Diodôlfo, correndo vindo, disse: — "O Jósio está morrendo, com um tiro no pescoço, lá dele..."

Alaripe entrou, disse: — "Eles estão querendo pôr mãos e pés no chiqueiro e na tulha. Se assanham!"

Eu disse: — "Dê as ordens, Chefe!"

Eu disse gerido; eu não disse copiável.

Sei que Zé Bebelo sorriu, aliviado.

Zé Bebelo botou a mão no meu ombro; era o da banda do braço que doía. — "A vamos, a vamos, com macacos e bananas! A cá, na sala-de-janta, meu filho..." — ele instou. À janela. Agachei, e escorei meu rifle, arma capital. Agora, era obrar. E aqueles sujeitos estavam loucos?

Cabeça de um se bolou, redondante, feito um coco, por cima da palha de burití que cobria uma casa de vaqueiro. Adesfechei: e vi arrebentar em pedaços o casco daquilo. Daí, a dôr me doeu no ferimento do braço, mordi meus beiços por essa causa. Mas cacei. Outro afundei logo, cujo varei os peitos, com outra bala certeira, duas balas. Ave, que afoitos! Ao tanto eu gemia, e apontava. Eles, em um e um, caíam, aceitavam o poder da morte que eu mandava. Fiz conta: uns seis, sei, até a hora do almoço — meia-dúzia. Essas coisas, não gosto de relatar, não são para que eu alembre; não se deve, de. Ao senhor, só, agora, sim: é de declaração, é até ao desamargado dos sonhos... Que eu ali, jajão. Conheço quando homem só disfarça, quando se encolhe somente ferido, ou mas quando retomba mesmo por desmanchado. Mortes diferentes, mortes iguais. Pena, se tive? Vá se ter dó de cangussú, dever finezas a escorpião! Pena de errar algum, eu ter podia; ah, mas não errava. Deixa que deixavam só uns dois dedos de corpo em descoberto lateral — e minha bala se comportava. Como aquele meu braço me doendo, ai dôr dôía, de arrancado, parecendo que um fogo desenraizava tudo, dos ocos, respondia até na barriga. A cada que eu dava

um tiro, forcejava minha careta, chorejava. Ria, despois. — “Aperta esta minha parte de natureza, com um cabresto, com um pano, companheiro!” — eu supliquei. Alaripe, servente, rasgou uma colcha de cama, me passou dobras daquelas tiras, arrochadas. Também, doesse que doesse, que me importava? — arrasos em redor de mim. Trastanto, derrubei mais um, mais vizinho. Os outros uns. Esse, urubú já bicou. Esse ia pulando em lanço, para um canto da cerca, esse repulou no ar, esse deu um grito soltado. Menos, veja e mire, eu catasse de querer espécies de homens, para alvejar, feito se por cabeça ganhasse prêmio de conto-de-réis. Mas mais, de muitos, a vida salvei: pelo medo que de mim tomavam, para não avançar nos lugares — pelos tirázios. Ainda demos um tiroteio varredor, ainda batemos. Aí, eles desistiram para trás, desandavam. Assim pararam, o balançar da guerra parou, até para o almoço, em boa hora. E então conto o do que ri, que se riu: uma borboleta vistosa veio voando, antes entrada janelas a dentro, quando junto com as balas, que o couro de boi levantavam; assim repicava o espairar, o voo de reverências, não achasse o que achasse — e era uma borboleta dessas de cor azul-esverdeada, afora as pintas, e de asas de andor. — “Ara, viva, maria boa-sorte!” — o Jiribibe gritou. Alto ela entendesse. Ela era quase a paz.

A comida para mim, ali mesmo me trouxeram, todos em minha pontaria punham prezado valor. O imaginar o senhor não pode, como foi que eu achei gosto naquela comida, às ganas, que era: de feijão, carne-seca, arroz, maria-gomes e angú. Ao que bebi água, muita, bebi restilo. O café que chupo. E Zé Bebelo, revindo, me gabou: — “Tu é tudo, Riobaldo Tatarana! Cobra voadeira...” Antes Zé Bebelo me ofereceu mais restilo, o tanto também bebeu, às saúdes. Seria só por desconto de um começo de remorso, por me temer em consciências? A gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde. — “Ah: o *Urutú Branco*: assim é que você devia de se chamar... E amigos somos. A ver, um dia, a gente vai entrar, juntos, no triunfal, na forte cidade de Januária...” — aprontado ele falou. Ao que resposta não dei. Amigo? Eu, ali, do lado de Zé Bebelo; mas Zé Bebelo não estava do lado de ninguém. Zé Bebelo — cortador de caminhos. Amigo? Eu era, sim senhor. Aquele homem me sabia, entendia meu sentimento. A ser: que entendia meu sentimento, mas só até uma parte — não entendia o depois-do-fim, o confrontante. Assemelhado a ele, pensei. Pensei: eu visse que traindo ele estivesse, ele morria. Morria da mão de um amigo. Jurei, calado. E, desde, naquela hora, a minha ideia se

avançou por lá, na grande cidade de Januária, onde eu queria comparecer, mas sem glórias de guerra nenhuma, nem acompanhamentos. Alembrado de que no hotel e nas casas de família, na Januária, se usa toalha pequena de se enxugar os pés; e se conversa bem. Desejei foi conhecer o pessoal sensato, eu no meio, uns em seus pagáveis trabalhos, outros em descanso comedido, o povo morador. A passeata das bonitas moças morenas, tão socialmente, alguma delas com os cabelos mais pretos rebrilhados, cheirando a óleo de umbuzeiro, uma flôr airada enfeitando o espírito daqueles cabelos certos. À Januária eu ia, mais Diadorim, ver o vapor chegar com apito, a gente esperando toda no porto. Ali, o tempo, a rapaziada suava, cuidando nos alambiques, como perfeito se faz. Assim essas cachaças — a vinte-e-seis cheirosa — tomando gosto e cor queimada, nas grandes dornas de umburana.

Ao menos, daí desajoelhei e vim para a alpendrada, avistar o que se passava com Diadorim; e eu estipulava meu direito de reverter por onde que eu quisesse, porque meu rifle certeiro era que tinha defendido de tomação o chiqueiro e a tulha, nos assaltos, e então até a Casa. Diadorim guerreava, a seu comprazer, sem deszelar, sem querer ser estorvado. Datado que Deus, que me livrou, livrava também meu amigo de todo comezinho perigo. As raivas, naquela varanda, vinham e caíam, demasiadas, vi. Tiros altos, revoantes: eram os bandos de balas. Assunto de um homem que estava deitado mal, atravessado, pensei que assim em pouco descanso. — “Vamos levar para a capela...” — Zé Bebelo mandou. Assunto que era o Acrísio, morto no meio; tôrto. Devia de ter se passado sem tribulação. Agora não caçavam uma vela, para em provisão dele se acender? — “Quem tem um rosário?” Mas, no sobrevento, o Cavalcânti se exclamou:

— “A que estão matando os cavalos!...”

Arre e era. Aí lá cheio o curralão, com a boa animalada nossa, os pobres dos cavalos ali presos, tão sadios todos, que não tinham culpa de nada; e eles, cães aqueles, sem temor de Deus nem justiça de coração, se viravam para judiar e estragar, o rasgável da alma da gente — no vivo dos cavalos, a tôrto e direito, fazendo fogo! Ânsias, ver aquilo. Alt’-e-baixos — entendendo, sem saber, que era o destapar do demônio — os cavalos desesperaram em roda, sacolejados esgalopeando, uns saltavam erguidos em chaça, as mãos cascantes, se deitando uns nos outros, retombados no enrolar dum rolo, que reboldeou, batendo com uma porção de cabeças no

ar, os pescoços, e as crinas sacudidas esticadas, espinhosas: eles eram só umas curvas retorcidas! Consoante o agarre do rincho fino e curtinho, de raiva — rinchado; e o relincho de medo — curto também, o grave e rouco, como urro de onça, soprado das ventas todas abertas. Curro que giraram, trompando nas cercas, escouceantes, no esparrame, no desembêsto — naquilo tudo a gente viu um não haver de dôidas asas. Tiravam poeira de qualquer pedra! Iam caindo, achatavam no chão, abrindo as mãos, só os queixos ou os topetes para cima, numa tremura. Iam caindo, quase todos, e todos; agora, os de tardar no morrer, rinchavam de dôr — o que era um gemido alto, roncado, de uns como se estivessem quase falando, de outros zunido estrito nos dentes, ou saído com custo, aquele rincho não respirava, o bicho largando as forças, vinha de apertos, de sufocados.

— "Os mais malditos! Os desgraçados!"

O Fafafa chorava. João Vaqueiro chorava. Como a gente toda tirava lágrimas. Não se podia ter mão naquela malvadez, não havia remédio. À tala, eles, os hermógenes, matavam conforme queriam, a matança, por arruinar. Atiravam até no gado, alheio, nos bois e vacas, tão mansos, que, desde o começo, tinham querido vir por se proteger mais perto da casa. Onde se via, os animais iam amontoando, mal morridos, os nossos cavalos! Agora começávamos a tremer. Onde olhar e ouvir a coisa inventada mais triste, e terrível — por no escasso do tempo não caber. A cerca era alta, eles não tiveram fuga. Só um, um cavalão claro, que era o de Mão-de-Lixa e se chamava Safirento. Se aprumou, nas alças, ficou suspenso, cochilasse debruçado na régua — que nem que sendo pesado em balança, um ponto — as nádegas ancas mostrava para cá, grossas carnes; depois tombou para fora, se afundou para lá, nem a gente podia ver como terminava. A pura maldade! A gente jurava vinganças. E, aí, não se divulgava mais cavalo correndo, todos tinham sido distribuídos derrubados!

Aquilo pedia que Deus mesmo viesse, carnal, em seus avessos, os olhos formados. Nós rogávamos as pragas. Ah, mas a fé nem vê a desordem ao redor. Acho que Deus não quer consertar nada a não ser pelo completo contrato: Deus é uma plantação. A gente — e as areias. Aturado o que se pegou a ouvir, eram aqueles assombrados rinchos, de corposo sofrimento, aquele rinchado medonho dos cavalos em meia-morte, que era a espada de aflição: e carecia de alguém ir, para, com pontaria caridosa, em um e um, com a dramada deles acabar, apagar o centro daquela dôr. Mas não

podíamos! O senhor escutar e saber — os cavalos em sangue e espuma vermelha, esbarrando uns nos outros, para morrer e não morrer, e o rinchar era um choro alargado, despregado, uma voz deles, que levantava os couros, mesmo uma voz de coisas da gente: os cavalos estavam sofrendo com urgência, eles não entendiam a dôr também. Antes estavam perguntando por piedade.

— “Arre, eu vou lá, eu vou lá, livrar da vida os pobrezinhos!...” — foi o que o Fafafa bramou. Mas não deixamos, porque isso consumava loucura. Não dava dois passos no eirado, e ele morria fuzilamento, em balas se varava, ah. Agarramos segurado o Fafafa. A gente tinha de parar presa dentro de casa, combatendo no possível, enquanto a ruindade enorme acontecia. O senhor não sabe: rincho de cavalo padecente assim, de repente engrossa e acusa buracões profundos, e às vezes dão ronco quase de porco, ou que desafina, esfregante, traz a dana deles no senhor, as dôres, e se pensa que eles viraram outra qualidade de bichos, excomungadamente. O senhor abre a boca, o pelo da gente se arrupêia de total gastura, o sobregêlo. E quando a gente ouve uma porção de animais, se ser, em grande martírio, a menção na ideia é a de que o mundo pode se acabar. Ah, que é que o bicho fez, que é que o bicho paga? Ficamos naquelas solidões. Alembrar que tão bonitos, tão bons, inda ora há pouco esses eram, cavalinhos nossos, sertanejos, e que agora estraçalhados daquela maneira não tinham nosso socôrro. Não podíamos! E que era que queriam esses hermógenes? De certo seria tenção deles deixar aqueles relinchos infelizes em roda da gente, dia-e-noite, noite-e-dia, dia-e-noite, para não se aguentar, no fim de alguma hora, e se entrar no inferno? Senhor então visse Zé Bebelo: ele terrivelmente todo pensava — feito o carro e os bois se desarrancando num atoleiro. Mesmo mestremente ele comandava: — “Apuremos fogo... Abaixado...” —; fogo, daqui, dali, em ira de compaixão. Adiantava nada. Com pranchas de munição que a gente gastasse, não alcançávamos de valer aos animais, com o curral naquela distância. Atirar de salva, no inimigo amoitado, não rendia. No que se estava, se estava: o despoder da gente. O duro do dia. A pois, então, me subi para fora do real; rezei! Sabe o senhor como rezei? Assim foi: que Deus era fortíssimo exato — mas só na segunda parte; e que eu esperava, esperava, esperava, como até as pedras esperam. “A faz mal, não faz mal, não tem cavalo rinchando nenhum, não são os cavalos todos que estão rinchando — quem está rinchando desgraçado é o Hermógenes, nas peles

de dentro, no sombrio do corpo, no arranhar dos órgãos, como um dia vai ser, por meu conforme... Assim, d'hoje-em-diante doravante, sempre temos de ser: ele o Hermógenes, meu de morte — eu militão, ele guerreiro...” Assim o relincho em restos, trescortado. Aqueles cavalos suavam de derradeira dôr.

Agarrávamos o Fafafa, segurado, disse ao senhor. Mas, mais de repente, o Marruaz disse: — “A bom, vigia: olha lá...” O que era. Que eles — quem havia de não crer? — que eles mesmos agora estavam atirando por misericórdia nos cavalos sobreferidos, para a eles dar paz. Ao que estavam. — “As graças a Deus!...” — exclamou Zé Bebelo, alumiado, com um alívio de homem bom. — “Ah, é marmo!” — o Alaripe exclamou também. Mas o Fafafa nem nada não disse, não conseguia: o quanto pôde, se assentou no chão, com as duas mãos apertando os lados da cara, e cheio chorou, feito criança — com todo o nosso respeito, com a valentia ele agora se chorava.

Aí, então, se esperou. Durado de um certo tempo, descansamos os rifles, nem um tirozinho não se deu. O intervalo para deixar a eles folga de matarem em definitivo nossos pobres cavalos. Mesmo quando o arraso do último rincho no ar se desfez de vez, a gente ainda se estarrecia quietos, um tempo grande, mais prazo — até que o som e o silêncio, e a lembrança daquele sofrer, pudessem se enralecer embora, para algum longe. Daí, depois, tudo recomeçou de novo, em mais bravo. E nisto, que conto ao senhor, se vê o sertão do mundo. Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe — mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?

Mas conto menos do que foi: a meio, por em dobro não contar. Assim seja que o senhor uma ideia se faça. Altas misérias nossas. Mesmo eu — que, o senhor já viu, reviro retentiva com espelho cem-dobro de lumes, e tudo, graúdo e miúdo, guardo — mesmo eu não acerto no descrever o que se passou assim, passamos, cercados guerreantes dentro da Casa dos Tucanos, pelas balas dos capangas do Hermógenes, por causa. Vá de retro! — nanje os dias e as noites não recordo. Digo os seis, e acho que minto; se der por os cinco ou quatro, não minto mais? Só foi um tempo. Só que alargou demora de anos — às vezes achei; ou às vezes também, por diverso sentir, acho que se perpassou, no zúo de um minuto mito: briga de beija-flôr. Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo

reside, a lembrança demuda de valor — se transforma, se compõe, em uma espécie de decorrido formoso. Consegui o pensar direito: penso como um rio tanto anda: que as árvores das beiradas mal nem vejo... Quem me entende? O que eu queira. Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual — e é o que é. Isto, já aprendi. A bobeia? Pois, de mim, isto o que é, o senhor saiba — é lavar ouro. Então, onde é que está a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade?

A ser que aqueles dias e noites se entupiram emendados, num ataranto, servindo para a terrível coisa, só. Aí era um tempo no tempo. A gente povoava um alvo encoberto, confinado. O senhor sabe o que é se caber estabelecido dessa constante maneira? Se deram não sei os quantos mil tiros: isso nas minhas orêlhas aumentou — o que azoava sempre e zinia, pipocava, proprial, estralejava. Assentes o reboco e os vêdos, as linhas e têlhas da antiga casarona alheia, era o que para a gente antepunha defesa. Um pudesse narrar — falo para o senhor crer — que a casa-grande toda ressentia, rangendo queixumes, e em seus escuros paços se esquentava. Ao por mim, hora em que pensei, eles iam acabar arriando tudo, aquela fazenda em quadradão. Não foi. Não foi, como logo o senhor vai ver. Porque, o que o senhor vai é — ouvir toda a estória contada.

Morreu mais o Berósio. Morreu o Cajueiro. O Moçambicão e Quim Queiroz, para a gente se sortir, traziam as quantidades de balas. Rente Zé Bebelo andava em toda a parte, mandando se atirar economizado e certeiro. — “Ah, oé, meus filhos: não vão desperdiçar. Matem só gente viva!” — ele trestampava — “...É coragem, e qué’pe-te! que o morto morrido e matado não agride mais...” Aí cada um gritava para os outros valentia de exclamação, para que o medo não houvesse. Aí os judas xingávamos. Para não se ter medo? Ah, para não se ter medo é que se vai à raiva. A sêbo! De dôr do calor de inchação, aquele meu braço sempre piorava. Alaripe me cedeu, de bondoso, uma vasilha com água fria, carreou para mim; em entremeio de atirar, eu molhava bem um pano, torcia por cima do braço, o gotejado frescor de alívio. Um companheiro sempre me ajudando, conforme agradeci. Um urucuiano, daqueles cinco urucuianos de Zé Bebelo. Isso, no instante, estranhei. Notei, de repente: aquele homem, fazia tempo que não se arredava de mim, sempre me seguindo, por perto.

Solevei uma desconfiança. Sempre o vulto presente daquele homem; seria só por acasos? O urucuiano, deles, que o Salústio se chamava. O que tinha os olhos miudinhos em cara redonda, boca mole e sete fios de barba compridos no queixo. Arreliado falei: — “Quê que é? Tu amigou comigo?! Tatú — tua casa...” — para ele. Semi-sério ele se riu. Comparsa urucuiano dos olhos verdes, homem muito feioso. Ainda nada não disse, coçou a barriga com as costas dobradas da mão — gesto de urucuiano. Eu bati com a minha mão direita por cima da canhota, que pegava o rifle, e deixei deixada — gesto de jagunço. Apertei com ele: — “Ao que me quer?” Me deu resposta: — “Ao assistir o senhor, sua bizarrice... O senhor é atirador! É no junto do que sabe bem, que a gente aprende o melhor...” A verdade com que ele me louvava. Se riu, muito sincero. Não desgostei da companhia dele, para os bastantes silêncios. Assim é o que digo: que, quando o tiroteio batia forte, de lá, e daí de repente estiava — aquilo servia um pesado, salteção. Surdo pensei: aqueles hermógenes eram gente em tal como nós, até pouquinho tempo reunidos companheiros, se diz — irmãos; e agora se atravavam, naquela vontade de desigualar. Mas, por que? Então o mundo era muita doideira e pouca razão? De perto, a doideira não se figurava transcrita. Pois o urucuiano Salústio João mais olhei. Ali, ajoelhado, ele mirava e atirava. Atirava e fechava os olhos. Quando abria outra vez, queria ver alguém vivo?

Sosseguei. Aí eu não devia de pensar tantas ideias. O pensar assim produzia mal — já era invocar o receio. Porque, então, eu sobrava fora da roda, havia de ir esfriar sozinho. Agora, por me valer, eu tinha de me ser como os outros, a força unida da gente mamava era no suscenso da ira. O ódio quase sem rumo, sem porteira. Do Hermógenes e do Ricardão? Neles eu nem pensava. Antes pensei outra vez foi no embuste do urucuiano. Atual ele se ajoelhava dobroso, com a perna muito atrás, a outra muito para diante. Aquele homem — achei — estava mandado por Zé Bebelo, para espreitar meus atos.

A prova que era: de que Zé Bebelo despachava traição. As espumas dele me espirravam. Será que fosse para o urucuiano Salústio no primeiro descuido meu me amortizar? Tanto, não; apostei. Zé Bebelo me queria vigiado, para eu não contar aos outros a verdade. Ora bem, que uns companheiros tinham avistado os bilhetes eu escrever — o fato esquisito, assim, em hora de começo de fogo; mas por certo pensavam que era para fazendeiros amigos nossos, chefes de homens, rogando que viessem, com

retaguarda e reforço. Agora Zé Bebelo temia que eu candongasse. Aí mandou o urucuiano fazer a minha sombra. Mas Zé Bebelo carecia de mim, enquanto o cerco de combate desse de durar. Traidor mesmo traidor, e eu também não precisava dele — da cabeça de pensar exato? Ao que, naquele tempo, eu não sabia pensar com poder. Aprendendo eu estava? Não sabia pensar com poder — por isso matava. Eu aqui — os de lá do lado de lá. A anhanga que em riba da gente despejavam, balaços de tantos rifles, balas que quebram tetos e portas. Ah, isso era desgraça sem mão mandante, ofensa sem nenhum fazedor — quase feito uma chuva-de-pedra, acontecer de trovões e raios, tempestade — parecesse? Eu ia ter raiva dos homens que não enxergava? Podia ter? Tinha, toda, era dos que eu matava bem. Mas nem bem não era mesmo raiva; era só confirmação.

Desse jeito foi que entardeceu, o sol piscou; a gente tendo perdido a certeza dos horários do dia. Afã de dessossego, era só. Daí, pegava um cansaço. Fechasse a noite, o perigo podia vir a ser maior. Os hermógenes não iam investir, mediante trevas, para um fim ali dentro, de coronha e faca? Morreu mais o Quiabo. Outros atestavam uns ferimentos. Por se necessitar da capela, os defuntos a gente foi levando para um cômodo pequeno e sem janela, que era pegado na escadinha do corredor. Alaripe apareceu com uma vela, acendeu, enfiada numa garrafa. Vela sozinha, para eles todos. Aí as lamparinas e candeias não bastavam? Debaixo dum alumiar de candeia, Zé Bebelo estava me convidando. Arte que logo entendi. Ele tinha mandado vir Joaquim Beijú e o Quipes, para um segredado.

Agora, aqueles dois, era para surtirem, saindo rastejando, conforme o quiçá; e cada um levava seu punhado de bilhetes, enviados. Por uma banda um, o outro da outra: o que Deus aprovasse, chegava. Assim eles aceitaram de cumprir, e motivos não perguntaram. Tudo em encoberto. Então — se Zé Bebelo guardava uma tenção honesta — por que, dito e feito, era que não punha todo o mundo ciente do tramado? Ainda esperei. Mas — dirá o senhor — por que era que eu também não delatava aquilo, os efeitos e projetos, ao menos a Diadorim e Alaripe eu não contava? Deponho que não sei. Aos perigos, os perigos. Só duma coisa eu forte sabia... Só que eu ia vigiar sempre Zé Bebelo. Ele trair, vivo, eu não deixava. Zé Bebelo tinha sua espécie de natureza — que servia ou atraiçoava? Ah, depois eu ia ver. Ah, eu ia ver se, no engasgo da hora, ele ia querer se estrapafar.

Joaquim Beijú e o Quipes ainda foram na cozinha, cortar um de-comer, arranjar matula. Por essa volta, o Jacaré mesmo combatia também, às vezes em que não estava cozinhando, e vinha atirar, da beira duma janela, com o Mijafôgo. A noite breava própria; o mais escuro ia ser regulando em antes das dez horas, que quando depois podia subir um caco de lua. Aos poucos, foi dando um tão respeitável silêncio, não se atirava de parte nem de outra, a gente mesma ficava na cautela de não se fabricar rumor nenhum, de não se pautear sem necessidade. De noite, o clarão das pólvoras marca denúncia do lugar do atirador. — “Noite é p’ra surpresas de estratagemas, noite é de bicho no usável...” — o Alaripe baixo falou. O cearense bom: esse permanecia em tudo igual, com ele a gente desproduzia qualquer remorso, o brigar parava sendo obrigação de vivente, conciso dever de homem. Por uns assim, eu punia. Por uns, assim, eu devia de ser inteiro leal, eu mesmo. Mas, então, eu carecia de encostar Zé Bebelo, o espremer na franca fala. A que ele soubesse de minha lei: a que ele sem um aviso não se desgraçasse. Mesmo por causa da gente — porque Zé Bebelo era a perdição, mas também só ele podia ser a salvação nossa. Então, com ele eu ia falar, o quieto desafio. Adiantava? Aí não adiantasse. Mas, então, eu carecia de armar um poder, carecia de subir para cima daquele homem. Eu tinha de encher de medo as algibeiras de Zé Bebelo. Só isso era o que valia.

Contra o quanto, ele lavorava em firmes, pelo mais pensável, não descumpria de praxe nenhuma. Determinou o pessoal, para sono e sentinela, revezados. Onde perto de cada um dormindo, um parava acordado. Outros rondavam. Zé Bebelo, mesmo, ele não dormia? Sendo esse o segredo dele. Dava o ar de querer saber o mundo universo, administrava. Ao quase, que. A água para a serventia da casa vinha num rego, que beirava a cozinha, encostado, no lateral, descia e passava ainda por baixo da coberta. A gente podia encher as latas, sem arrisco. — “O que eles hão-de, é de demover o rego, lá em riba, botar fácil a gente a seco...”

Zé Bebelo ponderou. Mandou reservar quantia repleta: as vasilhas achadas e procuradas. Fizemos. Mas, de destorcerem o veio do rego, nunca que sucedeu aquilo. Até o derradeiro final, correu água bastante, todo o tempo, fresca abarulhava. Ao se fossem também empeçonhar o de beber? Toleima. Aonde iam ter sortimento de veneno, para águas correntes corromper?

Deus escritura só os livros-mestres. Na noite Zé Bebelo saíu, engatinhando por mais escuro, e revestido com as roupas bem pretas que arranjou, dum e doutro. Ele devia de ter ido até longe, como rato em beira de paiol — que coruja come. Queria era farejar com os olhos o reprofundo. Voltou, aí deu ordem de outra coisa: que todos aproveitassem o sem-lua para suas necessidades boçais, aquelas tapadas estâncias. A gente ia, num vão de buracos, da banda das senzalas. Assim Zé Bebelo instruiu; e se virou para mim. — "Inimigo que faz igual numeração, ou menor do que a nossa. Por via disso é que não tomam coragem de dar assalto, e é também que eles não conhecem o interior desta boa casa..." Falou o tanto, comigo. Por que era que ele me escolhia, para os sussurros segredar? Me achava comparsa? — "...Os beócios, sem ideias... Não chegam a ser contrários para mim!" — ele muxoxou, até desapontado. A modo que eu, em Zé Bebelo, quase que tinha perdido toda minha fiança. A amizade dele eu para longe de mim já encostava — porquanto que, por mão minha, no incerto, ele podia ainda vir a precisar de ser matado. Eu estava em claro. Eu tinha preenchido aqueles bilhetes e cartas, amanuense, os linguados de papel — eu compartia as culpas. A invencionice de ambicioneiro. — "Riobaldo, Tatarana, tu vem comigo, porque tu é ponteiro bom, fica de estado-maior meu..." — ele avolumou. Me inteirei. Ali, era a vez.

Ali era a alçada para eu fazer e falar o que já disse, que eu estava com essa razão na cabeça. Se tanto, pensei: "É a minha viveza..." Pelo que repontei:

— "É. Eu vou, com o senhor, e o urucuiano Salústio vem comigo. Vou com o senhor, e esse urucuiano Salústio vem comigo, mas é na hora da situação... Aí, na hora horinha, estou junto perto, para ver. A para ver como é, que será vai ser... O que será vai ser ou vai não ser..." — alastrei, no mau falar, no gaguejável. Senhor sabe por que? Só porque ele me mirou, ainda mais mór, arrepentinamente, e eu a meio me estarreci — apeado, goro. Apatetado? Nem não sei. Tive medo não. Só que abaixaram meus excessos de coragem, só como um fogo se sopita. Todo fiquei outra vez normal demais; o que eu não queria. Tive medo não. Tive moleza, melindre. Aguentei não falar adiante.

Zé Bebelo luziu, ele foi de rajada:

— "Ao silêncio, Riobaldo Tatarana! Eh, eu sou o Chefe!?..."

Saiba o senhor — lá como se diz — no vertiginosamente: avistei meus perigos. Avistei, como os olhos fechei, desvislumbrado. Aí como as pernas

queriam estremecer para amolecer. Aí eu não me formava pessoa para enfrentar a chefia de Zé Bebelo?

Agora, pois. Mas agora não tinha outro jeito. Ah? Mas, aí, nem sei, eu não estava mais aceitando os olhos de Zé Bebelo me olhar. “No mundo não tem Zé Bebelo nenhum... Existiu, mas não existe... Nem nunca existiu... Tem esse chefe nenhum... Tem criatura nem visagem nenhuma com essa parecença presente nem com esse nome...” — eu estabeleci, em mansas ideias. Aceitei os olhos dele não, agarrei de olhar só para um lugarzinho, naquele peito, pinta de lugar, titiquinha de lugar — aonde se podia cravar certeira bala de arma, na veia grossa do coração... Imaginar isso, no curto. Nada mais nada. Tive medo não. Só aquele lugarzinho mortal. Teso olhei, tão docemente. Sentei em cima de um morro de grandes calmas? Eu estava estando. Até, quando minha tosse ouvi; depois ouvi minha voz, que falando a dável resposta:

— “Pois é, Chefe. E eu sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou a coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... De nada...”

Ao dito, falei; por que? Mas Zé Bebelo me ouviu, inteiramente. As surpresas. Ele expôs uma desconfiança perturbada. Esticou o beiço. Bateu três vezes com a cabeça. Ele não tinha medo? Tinha as inquietações. Sei disso, soube, logo. Assim eu tinha acertado. Zé Bebelo então se riu, modo generoso. Adiantava? Ainda falou: — “Ah, qual, Tatarana. Tu vale o melhor. Tu é meu homem!...” — para alargamentos. Murmurei o sôsso de coisa, o que nem era palavras. — “A bem, vamos animar esses rapazes...” — amém, ele disse, espetaculava. Daí desapartamos, eu para a cozinha, ele para a varanda. O que eu tinha feito? Não por saber — mas somente pelo querer — eu tinha marcado. Agora, ele ia pensar em mim, mas meditado muito. Achei. Agora, ele ia não poder trair, simples, mas havia de raciocinar as vezes, dar de rédea para trás — do avançado para traição. A certa graça, a situação dele, aparvada. Eu estava com o bom jogo.

Aquela noite, meu quinhão dormi; no amiudar-do-galo o tiroteio já principiava renovado. Mas só os tiros espaços — para não esperdiçar, e render — porque eles estavam procedendo como nós, o igual imediato. A guerra fina caprichada, bordada em bastidor. Fui ver o madrugar a manhã: uma brancura. O senhor sabe: no levante, clareou o céu com o sol das barras. Mas o curralão já estava pendurado de urubús, os usos como eles

viajam de todas as partes, urubú, passarão dos distúrbios. E, quando dava que rondava o vento, o curral fedia. Mas — perdoando Deus — tresandava mais era dentro da casa, mesmo sendo enorme: os companheiros falecidos. Se taramelou o quarto, por tapar a soleira da porta se forrava com algodão em rama e aniagens. O fedor revinha surgindo sempre, traspassava. A tanto, depois, a gente ouviu miados. — "Sape! O gato está lá..." — algum gritou. Ah, era o gato, que sim. Saíu, soltado, surripiadamente, foi tornar a se ocultar debaixo dum catre, noutro cômodo. Carecia de se oferecer a ele de comer, que quem bem-trata gato consegue boa-sorte. No menos, na sala-de-fora, ocupei meu ofício, de mosquetear. A ganho, conforme as vazas, mais de um homem derrubei, que rolou, em réu, sei que defini. Avistante que os urubús já destemiam o se combater dos tiros, assaz eles baixavam, para o chão do curral, rebicavam grosso, depois paravam às filas, na cerca, acomodados acucados. Quando pulavam de asas, abanassem aquele fedor. O dia andando, a catinga no ar aumenta. Aí eu não queria provar de sal, roí farinha seca, com punhado de rapadura. Na casa toda, como que não se achava um litro de cal, um caneco de creolina, por vil remédio. Morreu o Quim Pidão, se botou o corpo por cima dum banco na sala, provisório: ninguém não queria mais coragem de ir abrir com presteza o quarto dos defuntos. O dia envelhecia. A roubo, estive perto de Diadorim, quase só para espiar, quase sem a conversação. De ver Diadorim, com agrado, minha tenência pegava a se enfraquecer. Outros receios eu concebendo. O prazo que ali assim íamos ter de tolerar, no carrego da guerra. A gente até carecesse, no derradeiro durar, de comer somente os couros assados — conforme o caso terrível de Dutra Cunha, de um diabo, que, em sua fazenda do Canindé, resistiu ao cerco de Cosme de Andrade e Olivino Oliviano. Esse Dutra Cunha era o homem de um olho só. Zé Bebelo bem sabia a história dele. Agora, de Zé Bebelo eu risse. Montante de outras coisas ainda podiam suceder, de desde a madrugadinha até à viração da tarde? Mas ninguém falava em Joaquim Beijú e no Quipes. A uma hora dessas, ou eles já estavam arriados pelo inimigo, ou então, traquejando nos caminhos, a rumo de cidades. Assim — entardecer, anoitecer — galopassem em algum cavalo arranjado nos campos, e o tempo da gente eles estendiam. Será que haviam de vir os soldados? Aquele outro dia, morreu mais o Acerêjo. A tudo, o cheiro de morte velha. — "O mau-fétido que vai terminar mazelando a gente..." — sempre um dizer. A dita morrinha, até a água que se bebia pegava na boca da gente, e

rançava. A Casa dos Tucanos aguentava as batalhas, aquela casa tão vasta em grande, com dez janelas por banda, e aprofundada até em pedras de piçarrão a cava dos alicerces. A Casa acho que falava um falar — resposta ao assovioso — a quando um tiro estrala em dois, dois. De embiricica, entrantes as balas vinham, puxavam um fio de ar. Eh, lascassem! Mas os companheiros por conta à-tôa riam, não acrescentavam cangalha aos pesares. Mesmo, quando se sobrecarregava um rir, os que estavam mais longe mandavam saber o porquê, ou gritavam por perguntar, em empenho de combate. A resto, um Zé Vital deu ataque: o qual era um acesso sacramentado de feioso, principiando depois que ele se queixava de sentir o nariz quente, ele mesmo já sabia a data — e daí proclamava um grito de porco com frio, e caía estatelado no chão, duro como um cano de arma; mas atanazava batendo com os braços e pernas, querendo às ânsias coisa ou criatura em que se agarrar, o onde esbugalhava os olhos, a boca aspumada, escumando. Se disse: — "Isto é doença velha pertencida, isto não é fato de guerra..." Acesso que passava a estado meio semi-morto, num vago — pois deitaram o Zé Vital numa canastra de couro. Ao para a tarde, para a noite. Aí tudo navegava. A Casa estava se enchendo de moscas, dessas de enterro, as produzidas. A cada que cada, elas presumiam o sujo, em penca maior, pretejavam. Para as coisas que há de pior, a gente não alcança fechar as portas. Desdenhei Diadorim. De ver Diadorim, que, em febre de acertar e executar, não tomava consigo muita cautela, só forcejava por vingança — punições maravilhosas. Diadorim, mesmo, a cara muito branca, de da alma não se reconhecer, os olhos rajados de vermelho, o encôvo. Aquilo era o crer da guerra. Por que causa? Porque Joca Ramiro constava de assassinado morrido? A razão normal de coisa nenhuma não é verdadeira, não maneja. Arreneguei do que é a força — e que a gente não sabe — assombros da noite. A minha terra era longe dali, no restante do mundo. O sertão é sem lugar. A Bigrí, mulher minha mãe, não tinha me rogado praga. Alta manhã — em tudo repetido o igual: o cantar do rifleio, afora o feder ruim dos mortos e cavalos, e a moscaria, que se esparramava. Mesmo com a minha vontade toda de paz e descanso, eu estava trazido ali, no extrato, no meio daquela diversidade, despropósitos, com a morte da banda da mão esquerda e da banda da mão direita, com a morte nova em minha frente, eu senhor de certeza nenhuma. Sem Otacília, minha nôiva, que era para ser dona de tantos territórios agrícolas e adadas pastagens, com tantas vertentes e veredas, formosura

dos buritizais. O que era isso, que a desordem da vida podia sempre mais do que a gente? Adjaz que me aconformar com aquilo eu não queria, descido na inferneira. Carecia de que tudo esbarrasse, momental meu, para se ter um recomeço. E isso era. Pela última vez, pelas últimas. Eu queria minha vida própria, por meu querer governada. A tristeza, por Diadorim: que o ódio dele, no fatal, por uma desforra, parecia até ódio de gente velha — sem a pele do olho. Diadorim carecia do sangue do Hermógenes e do Ricardão, por via. Dois rios diferentes — era o que nós dois atravessávamos? Do lado de Diadorim restei, um tanto, no afã de escopetear. O inimigo nunca se via, nem bem o malmal, na fumacinha expelida, de cada uma pólvora. Arte, artimanha: que agora eles decerto andavam disfarçados de mbaiá — o senhor sabe — isto é, revestidos com môitas verdes e folhagens. Adequado que, embaiados assim, sempre escapavam muito de nosso ver e mirar. Ah, mas, deles, tiros vinham, bala estripitriz, e o trapuz de nossas têlhas se despencando. A mãe morte. Quem devia mais, esse morria? — "Ô xente! Não é que pegaram em mim, e eu estou passando, estou ficando cegado?..." — exclamou o Evaristo Caitité, quando descuidou a meia-banda e levou em si uma carga total. Ele já estava sem jogo nenhum no corpo, as partes das pernas se esfriavam. Antes quase rindo se acabou; ficou tão de olhos. — "O que é que ele vê? Vê a vitória!..." — Zé Bebelo se cresceu no dizer. A vitória e os urubús, que a farto comiam, e o *Manuelzinho-da-Crôa*, meu cavalinho pedrês, que eu nele não ia poder nunca mais amontar. Assustava era o alopro dos companheiros, que não se sujeitavam mais de dormir, estavam pertencidos perturbados. A caso de se ter mão na nervosia deles, que queriam dar saída e lanços, avançar no ar. Doidagem desses comuns repentes, o desfazer do ajuntado. — "A firmeza, meus filhos. Fôlego e paciência, a gente sempre tem — é só requerer e repuxar, mais um dedo e outro dedo dobrado..." — Zé Bebelo media os modos de valer. Assim sendo, agora, só o remedêio, com as esperanças, extraordinárias. A um jeito de se escapar dali, a gente, a salvos? Zé Bebelo era a única possibilidade para isso, como constante pensava e repensava, obrava. E eu cri. Zé Bebelo, que gostava sempre de deixar primeiro tudo piorar bem, no complicado. Um gole de cachaça me deu bom conselho. Sem a vinda dos soldados — se viessem — a gente não estava perdidos? Zé Bebelo não era quem tinha chamado os soldados? Ah, mas, agora, Zé Bebelo não ia mais trair, não ia — e isso só por minha causa. Zé Bebelo carecia de rédeas de um outro diverso poder e forte

sentir, que tomasse conta, désse rumo a ele. Assim eu estava sendo. Eu sabia. Zé Bebelo, mesmo nos relances de me olhar, fingia não conhecer minha vigiação, afetava. Mas ele se estreitava em meus palpos, conscienciado. Agora, ele tinha de especular, de afinar a cabeça, para o trabalho de imaginar maior, achar alguma outra invenção — para resolver o final com acerto para a vitória de nós todos — sem traição nem airagem. A tanto, cri, acreditado. Sabia que Zé Bebelo era muito capaz. Só não ri. "Ao menos outro deles, dos hermógenes, quero ver se resgato de abater, até vir o sereno do anoitecido..." — eu meditei. Não deu. Não pude. O que houve, o conseguinte, foi que Zé Bebelo pegou em meu ombro. Ele mudou de lugar, e pôs a cara no meio da luz. — "Aí, está ouvindo, Tatarana Riobaldo, está ouvindo?" — ele disse, com um sorriso de tão grandes brilhos, que não era de ruindade e nem de bondade. Aquilo foi num dia, devia de estar sendo por volta de umas três da tarde, pelo rumo do sol. Ouvi!

Mas, então, a soldadesca tinha vindo, alcançada, estavam chegando? Era. Era! Remexendo um rebuliço, de nós todos, mesmo porque os mais não conheciam aquele motivo, de nada não soubessem o tencionado. Os praças? O tiroteio deles, pegando os hermógenes de supetão, surpresa bruta, de retaguarda. Os tiros, que eram: *...a bala, bala, bala... bala, bala, bala... a bala: bá!...* — desfechavam com metralhadora. Aí arrejàrrajava, feito um capitão de vento. Até destroçavam também nas custas da Casa? — "Apre, meninos, faz mal não. A vantagem do valente é o silêncio do rumor..." — Zé Bebelo sentenciava. Zé Bebelo trepava em altas serras. Duvidava de nada. Que vencia! Quem vence, é custoso não ficar com a cara de demônio.

Dele de perto não saí, a atenção e ordem ele recomendava. O cano de meu rifle era tutor dele? Antes de minha hora, no que ele mandasse opor e falasse eu não podia basear dúvidas. Mas, desde vez, aquilo a vir gastava as minhas forças. Ali — sem a vontade, mas por mais do que todos saber — eu estava sendo o segundo. Andando que Zé Bebelo falecesse ou trastejasse, eu tinha de tomar assumida a chefia, e mandar e comandar? Outro fosse — eu não; Jesus e guia! É baixo, os homens não iam me obedecer; nem de me entender eles não eram capazes. Capaz de me entender e de me obedecer, nos casos, só mesmo Zé Bebelo. A jus — pensei — Zé Bebelo, somente, era que podia ser o meu segundo. Estúrdio, isso, nem eu não sabendo bem por quê, mas era preciso. Era; eu o motivo

não sabendo. Se fiz de saber, foi pior. O que é que uma pessoa é, assim por detrás dos buracos dos ouvidos e dos olhos? Mas as pernas não estavam. Ah, fiquei de angústias. O medo resiste por si, em muitas formas. Só o que restava para mim, para me espiritar — era eu ser tudo o que fosse para eu ser, no tempo daquelas horas. Minha mão, meu rifle. As coisas que eu tinha de ensinar à minha inteligência.

Agora, o que era que se esperava? Só Zé Bebelo decerto podia responder, mas ele não dava senha de mudança. Onde o normal. Aí já se via o dia quase em fim, com as cores do sol. Voavam uns guaxes. Dos soldados e dos judas, quase que não se ouvia empipoco de arma, só os tiros salteados, a cá e lá, como se escasso quisessem briga. A gente sobrossosa, nesse ensino de onça, traiçoeiros todos. Astúcias que manobrando em esconso deviam de estar, para trás e para os lados, pelo jeito melhor de pegarem o encoberto dos lugares, querendo enrolar os outros, para o remate de dar bote. — “Soldado pede é cautela, e o dobro-soldo...” — acho que um disse. Aquela era a ocasião mais arriscada. Ao que jagunço é isto — o senhor ponha letreiro. Ao encosto no rifle e apreparo nas patronas — isso era o que bastava. Nenhum dos companheiros estava desinquieto, nem ralava apreensão. Nenhum conversava precisando de saber a maneira de se escapulir vivos dali, da Fazenda dos Tucanos. Com a chegada da soldadesca, o que parecia moagem era para eles era festa. Assim uns gritaram feito araras machas. Gente! Feito meninos. Disso eu fiz um pensamento: que eu era muito diverso deles todos, que sim. Então, eu não era jagunço completo, estava ali no meio executando um erro. Tudo receei. Eles não pensavam. Zé Bebelo, esse raciocinava o tempo inteiro, mas na regra do prático. E eu? Vi a morte com muitas caras. Sozinho estive — o senhor saiba. Mas, nisso, conforme o acontecido exato, uma coisa muito inesperada se deu. Da banda do mato, de repente, por cima das môitas de lobolobo, alguém levantou um pano branco, na ponta de uma vara.

A gente não tinha licença de abrir fogo no alvo daquele trapo. Apraz que a gente ia consentir em negócio com os judas? Aqueles, para mim, guardavam a definitiva marca, e só o que podiam trazer era a maldição. Mas Zé Bebelo, maneiro em presteza, já tinha amarrado um grande lenço branco na ponta de um rifle, e mandou que o Mão-de-Lixa aquilo erguesse e sacudisse no ar. — “A regra que é regra!” — Zé Bebelo disse — “A solenidade de embaixador sempre se tem de consentir; até para herege, até para bugre...” Aprovavam, os outros, deram razão. Achei que estavam com

a vontade de saber que notícias eram, o que vir vinha. Com o que mais admirei: a mensagem daqueles panos brancos, de lá e de cá, durou um certo tempo. Como tudo nesta vida carece de direito se acertar.

Depois, um sujeito apareceu, do capim, e veio, devia de ter passado por um rombo feito na cerca. A certa distância estava, no eirado, e um dos nossos disse, reconhecendo: — "Ah, é o Rodrigues Peludo, homem devoto do Ricardão..." Que era, que era — os outros companheiros concordaram. Atrás desse, meio engatinhando também, surgiu mais um: — "É o Lacrau!" E o Rodrigues Peludo virava para trás, falava qualquer coisa, parecia que estava mandando o Lacrau ir s'embora. Mas o Lacrau teimava, seguia acompanhando o outro. — "Xente, dond' é que está se comparecendo esse Lacrau? Faz tempo que não se tinha ciência nenhuma dele..." O qual era dos Gerais do Bolôr, terra jequitinhonha, e homem de certa valia. Caboclo claro. E que, ele sendo réu, tinha esfaqueado na sala de júri um promotor, em outroras. De ver os dois, perto, assim pessoas, escada acima, e presentes em pé, diante da gente, nas decididas condições, achei muita esquisitice. Rodrigues Peludo levantou os olhos, feito se a gente estivesse no céu, e saudou normal. Daí disse:

— "Seô Chefe..."

— "Homem, te vira de costa!" — Zé Bebelo regrou.

No assim simples eles obedeceram, tanto um, tanto o outro. Mas estavam muito armados. Momentos que foram, eu louvei a coragem calma daqueles dois, que de qualquer longe recanto um soldado talvez estivesse em poder de derrubar por belprazer. Porque os soldados não pertenciam nessa cerimônia. Afiguro o que pensei.

E Zé Bebelo perguntou, impondo ordem de resposta: que mandatela eles traziam? Do lado meu, o Diodôlfo chiava boca num dente, conforme sestro dele, e o José Gervásio sussurrou: — "Tramoia..." Mas Zé Bebelo regia tudo, mão em revólver. Um homem falar seu recado, de costas, no meio dos contrários, na boca de tantas armas — o senhor já presenciou essas circunstâncias? Assim o Rodrigues Peludo deu conta, sem rasgo de tremor na voz:

— "Com sua licença dada, e nos usos, estou trazendo estas palavras, Seô Chefe, que para repetir ao senhor fui mandado: — Que, em vistas desses soldados, e do mais, que é contra todos, se não era mais aproveitável, para uma parte e outra, de se fazer trato de paz, por uns tempos... E por essa oferta é que venho, por ordens. Que — se serve, ou valor tem, o dito —

pergunta faço; e se o senhor há de estar ou não de acordo, me dando a resposta que queira dar, para eu levar para os meus chefes...”

— “Que chefes?” — Zé Bebelo indagou, sem tom de nenhuma malícia.

Rodrigues Peludo demorou um ponto, fazendo menção de virar o rosto, mas o que deixou em tempo de fazer. E contestou:

— “Nhô Ricardão. E seô Hermógenes...”

— “E eles então estão querendo paz?”

— “Estão propondo um acordo correto...”

Em boa distância, do mato do grotal, estralejou um tiro, que era de fuzil. E uns outros, muito estampidos. O que aquilo me constou era que era falta de respeito. Tiros que não beiravam por aqui. Mas, mesmo assim, Zé Bebelo disse:

— “Homem, vocês podem abaixar o corpo.”

Rodrigues Peludo, sempre de costas, se agachou, depositou o rifle no chão; o Lacrau meio ajoelhado ficou. Agora eles estavam entre trincheiras.

Agora a roda nossa, ajuntados os muitos companheiros brabos, com a bafagem da boa cachaça: o Marruaz que representou a dedo o sino-salomão no peito, no rumo do coração; o Preto Mangaba, que, mudando de estar, esbarrou em mim — do que me lembro e sei, porque doeu em meu braço; e Diodôlfo cuspiu forte — soluçou dos estômagos. E o Fafafa, repontante: — “Em paz, quem é que devolve vida em nossos cavalos?!” Aí o Moçambicão, atrás de mim, me ressoprou, como um boi reconhecendo minhas costas. Mas minha mão, por si, pegou a mão de Diadorim, eu nem virei a cara, aquela mão é que merecia todo entendimento. Mão assim apartada de tudo, nela um suave de ser era que me pertencia, um calor, a coisa macia somente. São as palavras? Mas aí espiei para Diadorim, e ele despertou do que tinha se esquecido, deixado, de sua mão, que ele retirou da minha outra vez, quase num repelão de repugno. E ele estava sombrio, os olhos riscados, sombrio em sarro de velhas raivas, descabelado de vento. Demediu minha ideia: o ódio — é a gente se lembrar do que não deve-de; amor é a gente querendo achar o que é da gente. — “O palavreado, destes!” — Diadorim chiou, por detrás dos dentes. Diadorim queria sangues fora de veias. E eu não concordava com nenhuma tristeza. Só remontei um pasmo e um consolo expedito; porque a guerra era o constante mexer do sertão, e como com o vento da seca é que as árvores se entortam mais. Mas, pensar na pessoa que se ama, é como querer ficar à beira d’água, esperando que o riacho, alguma hora, pousoso esbarre de

correr. E Alaripe buliu no bissaco, estava recheando de novo as suas cartucheiras. Mas isto tudo, que conto ao senhor, se compartiu de caber em pouquinhos minutos instantes. E do modo de um prosseguir sem partes. Porque Zé Bebelo, as mãos na cinta, se encurtava frio em siso, feito uma a cobra. O que disse, o quanto:

— “Homem, e o que mais?”

— “Era tudo o que eu já falei, Chefe, seô. Ao que peço vossa resposta, para conduzir. E em caso de algum acordo, que é de bom respeito, as ordens tenho, para com meu juramento fechar trato...” — foi a resposta de Rodrigues Peludo, com a clara voz de quem está mais cumprindo do que querendo. Até inveja eu tive dele: porque, para viver um punhado completo, só mesmo em instâncias assim.

— “Antes bem” — Zé Bebelo glosou, — “quem é que está rodeando e vexando os outros, e atacando?”

— “O em usos... — é a gente... Isto é...” — o Rodrigues Peludo compôs o confessar.

— “Ah. Isto era. Ah, e então?!”

— “Ao que vim ajustar é propostas. Ao para salvo e lucro das nulas partes. As ambas. Caso se Ossa Seoria se concorde...”

Somenos aprumo, nem o tom. Mas, de tudo seja, também, o que gravei, aí, desse Rodrigues Peludo, foi um ter-tem de existidas lealdades. Assim que, inimigo, persistia só inimigo, surunganga; mas enxuto e comparado, contra-homem sem o desleixo de si. E que podia conceber sua outra razão, também. Assim que, então, os de lá — os judas — não deviam de ser somente os cachorros endoidecidos; mas, em tanto, pessoas, feito nós, jagunços em situação. Revés — que, por resgate da morte de Joca Ramiro, a terrível que fosse, agora se ia gastar o tempo inteiro em guerras e guerras, morrendo se matando, aos cinco, aos seis, aos dez, os homens todos mais valentes do sertão? Uma poeira dessa dúvida empoou minha ideia — como a areia que a mais fininha há: que é a que o rio Urucúia rola dentro de suas largas águas, quando as chuvaradas do inverno. Ali, dos meus companheiros, tantos mortos. Acaso, que companheiros eram; e agora o que se depositava deles era o assunto de lembranças, e aquele amassado e envelhecido feder, que às horas repontava. Constado que produziam isso, mesmo estando amontoados no cômodo soturno, entrapadas as frestas da porta, e cá fora se torrando couros com folhas polvreadas. Mediante os estoques desse mau-cheiro, por certo Rodrigues

Peludo e o Lacrau iam orçar a boa conta de nossos mortos, afora os feridos, leves e graves. Mas Zé Bebelo anteteve de mandar chamar Marcelino Pampa, João Concliz e muitos diversos outros, e o apinho e apessoar, nosso, ombros em ombros, aprazava efeito de bando significado, numeroso. Com os vivos é que a gente esconde os mortos. Aqueles mortos — o Jósio, entortado prestes, com pedaços de sangue pendurados do nariz e dos ouvidos; o Acrísio, repousado numa agência quieta, que ele não havia de em vida; o Quim Pidão, no pormiúdo de honesto, que nunca nem tinha enxergado trem-de-ferro, volta-e-outra a perguntar como seria; e Evaristo Caitité, com os altos olhos afirmados, esse sempre sido prazenteiro no meio de todos. Tudo por culpa de quem? Dos malguardos do sertão. Ali ninguém não tinha mãe? Redigo ao senhor: quando o raio, quando arraso, o Gerais responde com esses urros. A culpa daquele Rodrigues Peludo, por um exemplo? Desmenti. O ódio de Diadorim forjava as formas do falso. Ódio a se mexer, em certo e justo, para ser, era o meu; mas, na dita ocasião, eu daquilo sabia só a ignorância. À-tôa, até, que estava relembrando o Hermógenes. Assim, pensando no Hermógenes — só por precisão de com alguém me comparar. E, com Zé Bebelo, eu me comparar, mais eu não podia. Agora, Zé Bebelo, eu — eu, mesmo eu — era quem estava botando debaixo de julgamento. Isso ele soubesse? Ah, naquela cabeça grande, o que Zé Bebelo pensava era o útil, o seco, e a pressa. De curto ponto, ele disse, concedendo um final:

— "Resolvo. Sendo em séria fiança, eu aceito o intervalo de armas, com o prazo demarcado de três dias. De três dias: digo! Agora, homem, tu vai — remete isto ao que estiver o seu chefe, seja lá quem."

— "A vou..." — o Rodrigues Peludo se prometeu.

— "Se sendo em séria fiança, então de lá um dê três tiros, pra o trato fechado. Assim assente para esta noite: no instinto em que a primeirinha estrela se frisar!"

— "A vou."

O Rodrigues Peludo repuxava bandoleira do rifle e salvava saudação. Às vozes do ruído, reponho que nenhum de nós não sabendo se a decisão de Zé Bebelo era justa e convinhável, ninguém disse mote de dúvida nem de aprovo. Nisso, no olho do silêncio, ainda era só o que me prevalecia. Rodrigues Peludo botou o rifle no sovaco, já no jeito de que ia engatinhar descendo a escada. Mandava a vontade de um, sabente de si. Zé Bebelo

mandava, ele tinha os feios olhos de todo pensar. A gente preenchia. Menos eu; isto é — eu resguardava meu talvez.

Mas, aí, de abalo, o Lacrau, que tinha persistido quieto feito ouvindo santa-missa perto do altar, ele surge se vira-virou, pelo repente, a traque disse:

— "Aqui, eu, eu fico no meio de vós, meu Chefe! — a que vim para isto. Sou homem que sempre fui: do estado de Joca Ramiro — ele é o das próprias cores... Agora, meu braço ofereço, Chefe. A por tudo quanto, se sepreponha o senhor de me aceitar..."

A acarra daquilo, tão exclamante, a forte palavra. Assomo assim de frechar surpresa, a gente capistrou, grossamente, e sem fala. Tudo o que ele disse, o Lacrau se empinou em-pé. Onde mais, deixou o silêncio se perfazer da questão anterior — a suplicação, o concitado. O que era fato imponente, digo ao senhor; mire veja, mire veja. Ânimo nos ânimos! A quanto, semelhavelmente, esse Lacrau não se comportava sem consciência sisuda, no amor mais à-mão, para se segurar com trincheiras; mas, assim mesmo, a gente em aperto de cerco, ele tinha querido vir, para sócio. Alguém ficou como pasmado? Zé Bebelo, não.

— "Aqui me praz, que te aceito, rapaz!" — Zé Bebelo deferiu.

A guerra tem destas coisas, contar é que não é plausível. Mas, mente pouco, quem a verdade toda diz. Trás isso, o Rodrigues Peludo esbarrou, o instante, mas endurecendo a cabeça, para não se virar para espiar para o Lacrau. Em tanto que o Lacrau, meio mostrando o rifle, pronunciou: — "Estou na regra, tio mano, que na regra estou, como senhor de minhas ações, contra quem eu seja. E a carabina — porque sempre foi minha de posse, arma que de patrão não ganhei. Estou inteiro..." Ninguém respondeu palavra. Sendo que o Rodrigues Peludo deixou de contravir, e, puxando pelo sair assim, escorregou adiante o corpo, se foi.

Numa roda-morta, se esperou, té que de lá, da dobrada duma ladeirinha, os três tiros eles deram, somando o aprovado. A tanto, trêsmente, também se respondeu desfechando. Aí, para a gente Zé Bebelo disse: — "Sou lá o maluco? Aqueles outros não têm a constância de observar, não merecem a palavra dada. O que fiz, foi encaminhar o que vamos pôr em obra. E aceitei nossa vitória!"

Seja ou não se aquele negócio entendessem, os companheiros aprovavam. Até Diadorim. Seja Zé Bebelo levantava a ideia maior, os prezados ditos, uma ideia tão comprida. O teatral do mundo: um de

estadela, os outros ensinados calados. Sempre sendo, em todo o caso, que Zé Bebelo me semi-olhava espreitado avulso, sob receios e respeito. Só eu, afora ele, ali, misturava as matérias. Só eu era que guardava minha exata esperação, o que me engraçava. O que era que Zé Bebelo ia proceder, nas horas vespertinas, no posto-que? Do que ele tinha pensado e principiado — as tramoias de trair — ia poder largar, e achar feição para outro salvamento, agora, nessa conjunção? Mas, porém, não nego que eu, mesmo por estima, queria que ele bem acertasse na tarefa de meter seu siso, de remerecer. O raciocínio, que dele eu gostava, constante de admiração; e pela necessidade. Medonho e esquisito achei, que fosse para ter de matar completo Zé Bebelo. Como é que? Mas ele abria lugar demais, o perto demais, sobre papel que não era o pra ele, a meu parecer. Pelo que eu tinha precisão de me livrar, daquele movimento sem termo nem nenhumas outras ociosidades. O senhor me organiza? Saiba: essas coisas, eu pouco pensei, no lazer de um momento.

— "Amigos, agora eu louvo e a todos gabo, cada um qual melhor. E então vamos voltados: papocar fogo, pra paga, até a noitinha se ilustrar!" — Zé Bebelo determinou, tão versado. A este ponto, que, por se possuir basta munição, a gente se prezasse de atirar, por sustos e estragos, primeiramente para o aviável do matinho dos pastos e da baixada, e dos morrotes cerradeiros, onde existiam uns valos. Com o que, no ablativo do mandado, Marcelino Pampa ia retornar para as senzalas, o Freitas Macho para a tulha, e para o engenho o Jõe Bexiguento, sobrenomeado "Alparcatas". Mas Zé Bebelo reservou que eu estivesse com ele e mais Alaripe, por se pôr o Lacrau em conversa deposta.

Onde o que o Lacrau teve para relatar era pouco, pouco. Deu razão das coisas perguntadas. Dizendo que o inimigo se formava em tanto de uns cem, mas a quanta parte deles de jagunços mal assentados, sem quilates; ainda aguardavam outra gente por vir, de refrescos, que decerto em pronto não viessem, por estorvo dos soldados. Nisso não sabia contar das pessoas nem dos maiores motivos do Hermógenes e do Ricardão, nem acerca da morte de Joca Ramiro aumentava passagens mais do que as de todos já entendidas. Daí, no que Zé Bebelo e Alaripe se afastaram no corredor, ele Lacrau aliviado se gracejou de rosto, como falou: — "O esmarte homem que é este chefe nosso Zebebéo! Outro não vi, para espiritar na gente o pavor e a ação de acerto..." As agudezas. A vez da má verdade.

Fomos. Fui. Para o recanto duma janela, nesse comenos. A pra efetuar fogo. A ordem não era-de? Desígnios esses, de Zé Bebelo. Sucinto em cada puxada de gatilho, relembrei o dito do Lacrau: que Zé Bebelo o que era. Sendo que uma criatura, só a presença, tira o leite do medo de outra. Aí, Diadorim mesmo, que era o mais corajoso, sabia tanto? O que o medo é: um produzido dentro da gente, um depositado; e que às horas se mexe, sacoleja, a gente pensa que é por causas: por isto ou por aquilo, coisas que só estão é fornecendo espelho. A vida é para esse sarro de medo se destruir; jagunço sabe. Outros contam de outra maneira.

A ordem de se jantar, o Jacaré veio avisando. Comi a pura farinha. Tomei mais. — "Os soldados?" — era o que mais se perguntava. Tinham esbarrado tiroteio, a gente não escutava o costurar. Medido nas suas partes, o dia estava gastado; beirava o prazo da decisão. Escogitei. — "Diadorim, esta noite, no começo da hora, você vem para perto, me assiste, comigo." Mas Diadorim contradisse de querer saber que modos meus que eram, as tantas espécies. Ainda pensei no Alaripe. A ele me fiz. — "A de paga, amigo. Ora veja..." — o Alaripe divertido me achou. De qual deles, agora, eu ia cobrar e arrecadar? Acauã ou o Mão-de-Lixa, ou Diodôlfo? Todos seguiam caminho de seus costumes; no novo não conseguiam de se nortear. Três tristes de mim! Ali eu era o indêz? Noção eu nem acertava, de reger; eu não tinha o tato mestre, nem a confiança dos outros, nem o cabedal de um poder — os poderes normais para mover nos homens a minha vontade. Mesmo meu braço do ferimento, que já estava muito melhorado por si, aí tornou a doer, no injusto, em tanto que isto se passava. Drede, no retorcer do vento, apurei o ruto de nossos cavalos, os ossos de feder, só a lástima. Será que eu tivesse por dever de peitar pessoas? Ah, nos curtos momentos, eu não ia explicar a eles coisas tão divagadas, e que podiam mesmo não vir a ter fundamento nenhum. Porque — eu digo ao senhor — eu mesmo duvidava. Tivesse de vigiar no estreito Zé Bebelo, atravessar o projeto dele se o caso fosse, que modo que eu ia enfrentar um homem assim? Ah, o julgamento no Sempre-Verde tinha sido relaxado em brando — para valer preços. Zé Bebelo, sozinho por si, sem outro sobrecalor de regimento, servisse para governar os arrancos do sertão? "Não me importo... Não me importo..." — eu quis, com outras palavras tais. Ali eu não tinha risco. Ali alguém ia me chamar de Senhor-meu-muito-rei? Ali nada eu não era, só a quietação. Conto os extremos?

Só esperei por Zé Bebelo: — o que ele ia achar de fazer, ufano de si, de suas proezas, malazarte.

Deu comigo. — “Riobaldo, Tatarana...” Anda que me encarava, os sagazes olhos piscados. Aquele, me entendia; me temesse? — “Riobaldo, Tatarana, vem comigo, quero ver a opinião, sem sinal nem prova...” Ali me levou para uma janela da cozinha, de lá a grande espaço se tinha vista para o morro, com seus matos. Zé Bebelo pegou o caneco, que encheu no pote d’água. Também bebi. Assim escutei: ele falava comigo, com o efeito de uma amizade.

— “Rapaz, você é um que aceita o matar ou morrer, simples igualmente, eu sei, você é desabusado na coragem melhor — que é a da valentia produzida...”

Só mostrei meus ombros; seja que eu secundei.

— “A tão bom: que é que eles agora vão fazer, os da banda contrária?” — aí ele indagou de mim.

— “Ora... O que não sei, e saber quero, é — a gente —; o que é que a gente agora vai fazer?” — perguntei para cima. Outro tal, repontei: — “Estou em claro. E estou em dúvida. Todo tempo me gasta...” — isto assim dito.

Só que Zé Bebelo queria não ouvir, a seu seguro:

— “Te põe no lugar. Hem? O que eles fazem é que, a estas horas, estão no desembargar, para aquele morro, que é aonde soldados não apertam cerco. De lá toram por esse sul abaixo, via torta; de madruga já por lá, no Buriti-Alegre, que foram surgir, escrevo. Agora, hem, maximé? — e os soldados? Andam tomando contas daí, que são lugares rededores, salvante a sapata do morro, e dela os pertos — a cava —, porque lá, conforme a boa regra de razão, paravam com os tiros sobre si. Oh, se sabe!”

Noves e nada eu não dissesse.

— “A bem. Ã e nós?” — Zé Bebelo tornou a indagar.

A resposta não dei. Aquilo tudo eu estava pondo de remissa.

— “Ah, tempo de partida! A gente, nós, vamos é rente por essa cava, Riobaldo, meu filho. Sem tardada — porque daqui a pois sai é a lua, declaradamente...”

Ao que, já se estava no ponto. Anoitecido. A uma estrela se repicava, nos pretos altos, o que vi em virtude. A estrelinha, lume, lume. Assim — quem era que tinha podido mais? Zé Bebelo, ou eu? Será, quem era que tinha vencido?

Quite com isso, no cumprir, entreguei os destinos.

O truztruz. Com pouco, nesse passo, os todos homens se apessoando, no corpo daquele corredor — as fileiras em mexe-mexe desde a sala-de-fora até à cozinha, sobre mais entre os conspirados silêncios, os movimentos com energias. Arte e tanto, Zé Bebelo expunha o que recomendava. Sempre uma ou outra lamparina se acendeu, para os companheiros empalidecidos. Agora a gente ia romper a pé, sem os recursos, dava dó era a quantia de munição de se largar ali, no se pôr em salvo. Assaz, então, tudo o que possível se encheu, de balas e caixas — os bornais e capangas, patronas e cartucheiras. Mas não bastava. A ser que, daí, um inventou uma fronha de cama: a que, presada com correia ou corda, para tiracol, concabia tiros em boa dose; e muitos assim aproveitavam, logo não restou fronha a dispor. Mesmo, a alguma matula, também, se devia, por garantir.

Desde aí, no concorrer, se saía por uma porta. O quanto a noite se atravava de bom grosso. Adiante primeiro foram mandados João Concliz, Moçambicão e Suzarte, para reconhecerem se estava limpo o caminho, rumo de fuga, sem o estorvável. Ponto que os poucos feridos, que havendo, se queixavam em condições, mesmo o Nicolau, que se escorava no rifle e às vezes se retardava. Só ficando na Casa os mortos, que não careciam de se rezar a eles adeus, os soldados amanhã que viessem, que enterrassem. Soformamos diversos golpes, acho que cinco. Diadorim e eu entramos no derradeiro, com o comando do próprio Zé Bebelo; e com o Acauã, o Fafafa, Alaripe e Sesfrêdo, que acompanhavam comigo. Saíram os de primeiramente, iam um ante outro — como um rio a buscar baixo; ou um cão, cão. A gente demorava. Aquela cozinha grande, no cabo do negócio, muito aprisionava, de sobreleve; e contei os companheiros, as respirações. Saíram outros e outros. Dos dianteiros, nem se percebia rumor. Toda a hora eu esperava um tiro e um grito de alto-lá-o-rei! Mas era só o tremer daquela paz em proporção. Admirei Zé Bebelo. A vez nossa chegada, ali o acostumar os olhos com o outro mudar. Abaixamos, e saímos também. Semoveu-se.

Livrados! No escuso, o tudo ajudando, fizemos passagem, avante mais. Tempo que andamos, contracalados, soprando o sangue para se esfriar; até que se cobrou veras de perigo não haver, no regozijo de poupados de qualquer espreita ou agredimento. Se esbarrou, para ar, um sueto de uns momentos. — “Não é que o gato ficou lá...” — um, risonho, falou. — “Ah, demais. A lá é a Casa...” — outro se pôs. Aquela à-morte fazenda-grande dos Tucanos. Vai, eu, o cheiro fartado, bom, de folhas folhagens e do capim do campo, enunciou em meu lembrar o mau-cheiro dos defuntos, que agora próprio no meu nariz eu nem não aventava mais. E Zé Bebelo, segredando comigo, espiou para trás, observou assim, pegando na minha mão: — “Riobaldo, escuta, botei fora minha ocasião última de engordar com o Governo e ganhar galardão na política...” Era verdade, e eu limpei o haver: ele estava pegando na mão do meu caráter. Aí, aclarava — era o fornido crescente — o azeite da lua. Andávamos. Saiba o senhor, pois saiba: no meio daquele luar, me lembrei de Nossa Senhora.

A de entre, entramos, pela esquerda e rumo do norte. Desde o depois, o do poente mesmo. Com foras e auroras, estávamos outra vez no público do campo. Antes da manhã, agora se passava a Vereda-Grande, no Vau-dos-Macacos. Ao que, em rompendo a luz toda da manhã, se chegou no sítio

dum Dodó Ferreira, onde a gente bebeu leite e os meus olhos pulavam nas árvores. Aquilo, de verdade, e eu em mim — como um boi que se sai da canga e estrema o corpo por se prazer. Assim foi que, nesse arraiar de instantes, eu tornei a me exaltar de Diadorim, com esta alegria, que de amor achei. Alforria é isso. Sobre mesmo a pé, e com o peso completo, caminhar pelos Gerais parecia que pouquinho me cansava. Diadorim — o nome perpetual. Mas os caminhos é que estão se jazendo em tudo no chão, sempre uns contra os outros; retorce que os falsíssimos do demo se reproduzem. O senhor vá me ouvindo, vá mais me entendendo.

No sítio desse Dodó Ferreira, o Nicolau e o Leocádio iam ficar acoitados lá, até que pudessem sarar de todo somenos. Nós, não. De que desde dali, rifles nas costas, riscamos de rota abatida para o Currais-do-Padre, para renovame; porque lá se tinha resguardada uma boa cavalaria. À força de inchar pé e esmorecer pernas, pelo que aquilo nem foi viagem: era rojão de escabrear, menção de cativeiros. Desgraça de estrada, as pedras do mundo, minhas léguas arrependidas. De que serve eu lhe contar minuciado — o senhor não padeceu feliz comigo —? Saber as revezadas do capim? Ah, então, que foram: mimoso, sempre-verde, marmelada, agrestes e grama-de-burro. A caminhada é assim, é ser: despesa grossa, o abalo. Contra a mera vontade, que meio me lembro, aquelas ladeiras de chapadas. Subindo para terreno concertado, cada tabuleiro que o fim dele é dificultoso, pior do que batoqueira de caatingal. Os muitos campos, com tristeza agora bota valesse menos que alpercata. O vento endureceu. Aí passa gavião, apanha guincho, de todas as estirpes deles — o que gaviãozinho quiriquitou! E lá era que o senhor podia estudar o juízo dos bandos de papagaios. O quanto em toda vereda em que se baixava, a gente saudava o buritizal e se bebia estável. Assim que a matlotagem desmereceu em acabar, mesmo fome não curtimos, por um bem: se caçou boi. A mais, ainda tinha araticúm maduro no cerrado. Mas, para balear uma rês da solta, era o mistér de toda sorte e diligência, por ser um gado estruso, estranhador. O fumo de pitar se acabando repentino na algibeira de uns e outros — bondade dos companheiros era que acudia. E deu daquele vento trazedor: chegou chuva. A gente se escondendo, divididos, em baixo dos pequizeiros, que tempesteava. Dormir remolhado, se dormia, com a lama da friagem. De madrugar, depois, se achava era pé de onça, circulando as marcas. E a gente ia, recomeçado, se andava, no desânimo, nas campinas altas. Tão território que não foi feito para isso, por lá a

esperança não acompanha. Sabia, sei. O pobre sozinho, sem um cavalo, fica no seu, permanece, feito numa crôa ou ilha, em sua beira de vereda. Homem a pé, esses Gerais comem.

Diadorim vinha constante comigo. Que viesse sentido, soturno? Não era, não, isso eu é que estava crendo, e quase dois dias enganoso cri. Depois, somente, entendi que o emburro era mesmo meu. Saudade de amizade. Diadorim caminhava correto, com aquele passo curto, que o dele era, e que a brio pelejava por espertar. Assumi que ele estava cansado, sofrido também. Aí mesmo assim, escasso no sorrir, ele não me negava estima, nem o valor de seus olhos. Por um sentir: às vezes eu tinha a cisma de que, só de calcar o pé em terra, alguma coisa nele doesse. Mas, essa ideia, que me dava, era do carinho meu. Tanto que me vinha a vontade, se pudesse, nessa caminhada, eu carregava Diadorim, livre de tudo, nas minhas costas. Até, o que me alegrava, era uma fantasia, assim como se ele, por não sei que modo, percebesse meus cuidados, e no próprio sentir me agradecendo. O que brotava em mim e rebrotava: essas demasias do coração. Continuando, feito um bem, que sutil, e nem me perturbava, porque a gente guardasse cada um consigo sua tenção de bem-querer, com esquivança de qualquer pensar, do que a consciência escuta e se espanta; e também em razão de que a gente mesmo deixava de escogitar e conhecer o vulto verdadeiro daquele afeto, com seu poder e seus segredos; assim é que hoje eu penso. Mas, então, num determinado, eu disse:

— “Diadorim, um mimo eu tenho, para você destinado, e de que nunca fiz menção...” — o qual era a pedra de safira, que do Arassuaí eu tinha trazido, e que à espera de uma ocasião sensata eu vinha com cautela guardando, enrolada numa pouca de algodão, dentro dum saquitel igual ao de um breve, costurado no forro da bolsa menorzinha da minha mochila.

De desde que falei, Diadorim quis muito saber o presente qual era, assim apertando comigo com perguntas, que sem aperreio deixei de responder, até de tarde, quando fizemos estância. A parança que foi — conforme estou vivo lembrado — numa vereda sem nome nem fama, corguinho deitado demais, de água muito simplificada. Aí, quando ninguém não viu, eu saquei a mochila, desfiz a ponta de faca as costuras, e entreguei a ele o mimo, com estilo de silêncio para palavras.

Diadorim entrefez o pra-trás de uma boa surpresa, e sem querer parou aberto com os lábios da boca, enquanto que os olhos e olhos remiravam a pedra-de-safira no covo de suas mãos. Ao que, se sofreou no bridado, se

transteve sério, apertou os beiços; e, sem razão sensível nem mais, tornou a me dar a pedrinha, só dizendo:

— "Deste coração te agradeço, Riobaldo, mas não acho de aceitar um presente assim, agora. Aí guarda outra vez, por um tempo. Até em quando se tenha terminado de cumprir a vingança por Joca Ramiro. Nesse dia, então, eu recebo..."

Isso, de arrevés, eu li com hagá; e mesmo antes, quando apontou no rosto dele, para o avermelhar de cor, a palidez de espécie. Delongando, ainda restei com a pedra-de-safira na mão, aquilo dado-e-tomado. Donde declarei:

— "Escuta, Diadorim: vamos embora da jagunçagem, que já é o depois-de-véspera, que os vivos também têm de viver por só si, e vingança não é promessa a Deus, nem sermão de sacramento. Não chegam os nossos que morremos, e os judas que matamos, para documento do fim de Joca Ramiro?!"

Ah foi ele me ouvir e se encurtar, em duro que revi, que nem ossos. Ao crespo de um com a afronta a meia-goela — e os olhos davam o que deitavam. O que durou só um átimo, tanto que ele teve mão em seu gênio, conciso com um suspiro; mas mesmo me retrouxe remoque:

— "Riobaldo, você teme?"

Tomei sem ofensa. Mas muita era minha decisão, que eu já tinha aperfeiçoado lá na Fazenda dos Tucanos, e que só vinha esperando para executar com mais regimento de ordem, quando se tivesse chegado no Currais-do-Padre, conforme meu sistema nesses procedimentos.

— "Tem que temerei! Você, aí faz o que em seu querer esteja. Eu viro minha boa volta..."

Dar o mal por mal: assim. Eu tinha a quanta razão. Eu guardei a pedrinha na algibeira, depois melhor botei, no bolso do cinto; contei minhas favas, refavas. Diadorim respirava muito. Dele foi o relance:

— "Riobaldo, você pensa bem: você jurou vinga, você é leal. E eu nunca imaginei um desenlace assim, de nossa amizade..." — ele botou-se adiante. — "Riobaldo, põe tento no que estou pedindo: tu fica! E tem o que eu ainda não te disse, mas que, de uns tempos, é meu pressentir: que você pode — mas encobre; que, quando você mesmo quiser calcar firme as estribeiras, a guerra varia de figura..."

Arredei: — "Tu diz missa, Diadorim. Isso comigo não me toca..."

Da maneira, ele me tentava. Com baboseira, a prosável diguice, queria abrandar minha opinião. Então eu ia crer? Então eu não me conhecia? Um com o meu retraimento, de nascença, deserdado de qualquer lábia ou possança nos outros — eu era o contrário de um mandador. A pra, agora, achar de levantar em sanha todas as armas contra o Hermógenes e o Ricardão, aos instigares? Rebulir com o sertão, como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. Eu sabia, eu via. Eu disse: nãozão! Me desinduzi. Talento meu era só o aviável de uma boa pontaria ótima, em arma qualquer. Ninguém nem mal me ouvia, achavam que eu era zureta ou impostor, ou vago em aluado. Mesmo eu não era capaz de falar a ponto. A conversa dos assuntos para mim mais importantes amolava o juízo dos outros, caceteava. Eu nunca tinha certeza de coisa nenhuma.

Diadorim disse: — "Ei, retentêia! Coragem faz coragem..."

Demais eu disse: — "Sou Capitão-General?!..."

Antes tantas astúcias, em empalhar que eu não fosse embora, que eu ficasse preso naquele urjo de guerra, sem cabo nem ponta, sem costas nem frente, e que maçava. Recachei. A mão dele, doçura de dada, de leve na minha. Temi afracar. E em duro repostei, com outra ombrada:

— "Vou e vou. Só inda acompanho é até o Currais-do-Padre. Lá eu requeiro para mim um cavalo bom. E trovejo no mundo..."

Verdadeiro meu propósito era esse, como está dito. Eu não caturrava. Eu sou assim amor-com-amor, e ingratidão não. E bem por isso Diadorim não persistiu, com palavras cordatas; mas por fim disse, de motêjo, zombariazinha:

— "Então, que quer mesmo ir, vai. Riobaldo, eu sei que você vai para onde: relembrado de rever a moça clara da cara larga, filha do dono daquela grande fazenda, nos gerais da Serra, na Santa Catarina... Com ela, tu casa. Cês dois assentam bem, como se combinam..."

Nonde nada eu não disse. Se menos pensei em Otacília. Nem maldisse Diadorim, de que não se calava. A mais, pirraçou:

— "Vai-te, pega essa prenda joia, leva dá para ela, de presente de noivado..."

Demorei no fazer um cigarro. Nós estávamos na beira do cerrado, cimo donde a ladeirinha do resfriado principia; a gente parava debaixo dum

paratudo — pau como diz o goiano, que é a caraíba mesma — árvore que respondia à saudade de suas irmãs dela, crescidas em lontão, nas boas beiras do Urucúia. Acolá era a vereda. Com o tempo se refrescando, e o desabafo do ar, burití revira altas palmas. A por perto, se ouvia a algazarra dos companheiros. De ver, eu tinha dó, minha pena sincera de Diadorim, nessas jornadas. De verdade, entardecia. Derradeira arara já revoava.

— "...Ou quem sabe você resolve melhor mandar de dádiva para aquela mulherzinha especial, a da Rama-de-Ouro, filha da feiticeira... Arte que essa mais serve, Riobaldo, ela faz o gozo do mundo, dá açúcar e sal a todo passante..."

Não era na Rama-de-Ouro — era na Aroeirinha. Mas, por que era que ele falava no nome de Nhorinhá, com tão cravável lembrança? Ao crer, que soubesse mais do que eu mesmo o que eu produzia no coração, o encoberto e o esquecido. Nhorinhá — flôrzinha amarela do chão, que diz: — *Eu sou bonita!*... E tudo neste mundo podia ser beleza, mas Diadorim escolhia era o ódio. Por isso era que eu gostava dele em paz? No não: gostava por destino, fosse do antigo do ser, donde vem a conta dos prazeres e sofrimentos. Igual gostava de Nhorinhá — a sem mesquinhice, para todos formosa, de saia cor-de-limão, prostitutriz. Só que, de que gostava de Nhorinhá, eu ainda não sabia, filha de Ana Duzuza. O senhor estude: o buriti é das margens, ele cai seus cocos na vereda — as águas levam — em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um lado e do outro se alinhando, acompanhando, que nem que por um cálculo.

— "...Você se casa, Riobaldo, com a moça da Santa Catarina. Vocês vão casar, sei de mim, se sei; ela é bonita, reconheço, gentil moça paçã, peço a Deus que ela te tenha sempre muito amor... Estou vendo vocês dois juntos, tão juntos, prendido nos cabelos dela um botão de bogari. Ah, o que as mulheres tanto se vestem: camisa de cassa branca, com muitas rendas... A noiva, com o alvo véu de filó..."

Diadorim mesmo repassava carinho naquela fala. Melar mel de flôr. E me embebia — o que estava me ensinando a gostar da minha Otacília. Era? Agora falava devagarinho, se sonsom, feito se imaginasse sempre, a si mesmo uma estória recontasse. Altas borboletas num desvoejar. Como se eu nem estivesse ali ao pé. Ele falava de Otacília. Dela vivendo o razoável de cada dia, no estar. Otacília penteando compridos cabelos e perfumando com óleo de sete-amores, para que minhas mãos gostassem

deles mais. E Otacília tomando conta da casa, de nossos filhos, que decerto íamos ter. Otacília no quarto, rezando ajoelhada diante de imagem, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló. Otacília indo por meu braço às festas da cidade, vaidosa de se feliz e de tudo, em seu vestido novo de molmol. Ao tanto, deusdadamente ele discorresse. De meu juízo eu perdi o que tinha sido o começo da nossa discussão, agora só ficava ouvinte, descambava numa sonhice. Com o coração que batia ligeiro como o de um passarinho pombo. Mas me lembro que no desamparo repentino de Diadorim sucedia uma estranhez — alguma causa que ele até de si guardava, e que eu não podia inteligir. Uma tristeza meiga, muito definitiva. No tempo, não apareci no meio daquilo. Assim foi que foi. Até que vieram uns companheiros, com João Concliz, Sidurino e João Vaqueiro, que ajuntaram lenhas e armaram um fogo bem debaixo do paratudo. Ao relançar das labaredas, e o refreixo das cores dando lá acima nos galhos e folhas, essas trocavam tantos brilhos e rebrilhos, de dourado, vermelhos e alaranjado às brasas, essas esplendências, com mais realce que todas as pedras de Arassuaí, do Jequitinhonha e da Diamantina. Era dia-de-anos daquela árvore? Ao quando bem anoiteceu, foi assim. A gente só sabe bem aquilo que não entende.

O senhor veja: eu, de Diadorim, hoje em dia, eu queria recordar muito mais coisas, que valessem, do esquisito e do trivial; mas não posso. Coisas que se deitaram, esqueci fora do rendimento. O que renovar e ter eu não consigo, modo nenhum. Acho que é porque ele estava sempre tão perto demais de mim, e eu gostava demais dele.

Na surgida manhã, saímos, para a parte final da caminhada. Zé Bebelo, certa hora, me chamou. Inda que avante, Zé Bebelo mesmo devia de estar curtindo más e piores: fio que ele amargava a vitória que tinha inventado. Noção dos inimigos nossos, que, seja lá por onde, puxavam posse de sua munição e de suas montadas e cargas, socorridos de tudo quanto careciam. — “Um Hermógenes quer tomar conta do sertão dos Gerais...” — eu tirei liberdade para dizer. Mesmo mais indiretas disse; e isso me realiviou, no dizer, pouco somente, que era só por picardia. Direto, disso, Zé Bebelo não me respondeu; ele pensava as mil coisas. Em tanto, nesses cálculos de meditação, ele ligeiro sobrezumbia com os beiços, e balangava às esquerdas-e-direitas as abas enfunadas do chapéu; e às vezes assoprava sem ser por cansaço de marcha. O que das ideias sobrava, era que ele referia: — “Ainda não entendo... Ainda não entendo... Até agora,

reconheço, ele tem tido uma sorte... Sapo sem-colarinho, rei-gordo... Mas, deixa a gente ir e vir, que os ovos e dúzias ele paga!...” Do Hermógenes discursava — orçamento do Hermógenes. E, de ouvir que a sorte do Hermógenes existia alta, isso me penou, tanto me certificava. Aí fiquei a menos. Nem eu não queria arreliar Zé Bebelo. Mas, para mim, ele estava muito errado: pelos passos e movimentos, porque gostava prático da guerra, do que provava um muito forte prazer; e por isso não tinha boa razão para um resultado final. Assim achei, espiando o alto céu, que é com as nuvens e os urubús repartido. Deponho: de que é que aquilo me adiantava? E chuvas dadas, derramadas. Aí, vai, chegamos no Currais-do-Padre.

O lugar que não tinha curral nenhum, nem padre: só o buritizal, com um morador. Mas o ao em redor, em grandes pastos, era o capim melhor milagroso — que o que deixava de ser provisório rico era o meloso de muito óleo, a não ver uns fios do santa-luzia azul, e do duro-do-brejo, nas baixadas, e, nos altos com pedregal, o jasmim-da-serra. De lá vinham saindo renascidos, engordados, os nossos cavalos, isto é, os que tinham sido de Medeiro Vaz, e que agora herdávamos. Regozijei. Escolhi um, animal vistoso, celheado, acastanhado murzelo, que bem me pareceu; e dei em erro, porque ele era meio sendeiro e historiento. Daqui veio que o nome que teve foi de “Padrim Selorico”. Mas o dono do sítio, que não sabia ler nem escrever, assim mesmo possuía um livro, capeado em couro, que se chamava o “*Senclér das Ilhas*”, e que pedi para deletrear nos meus descansos. Foi o primeiro desses que encontrei, de romance, porque antes eu só tinha conhecido livros de estudo. Nele achei outras verdades, muito extraordinárias.

Além de que, tudo o que eu tivesse de resolver, de minha vida, fui deixando para os seguintes. Dia de ser de chuva, que madrugou tarde: boi nos cinzentos. E os pássaros de passagem precisavam de gritar muito uns para os outros. Diadorim moderava o falar comigo, e me ver, recolhido em certo vexame, receoso; eu achei. Já disse ao senhor? — dia a dia ele raiava, em formosura. E chuva alta, que envinha, estava mandando urubú voar para casa. Os cavalos pastavam com mais pressa. Nunca, em todos meus tempos, eu vi inverno tamanho demorado. Era para espera. Mesmo assim, Zé Bebelo pôs ordem de se ir. Porque estávamos quase todos montados em pelo, carecíamos de tocar para o Curral Caetano, onde se tinha quantidade grande de arreios guardados. Depois, daí, para buscar

munição, na Virgem-Mãe. Prazo não se perdia. Aos caminhos barrancosos, de sopega, feito torrão de açúcar preto se derretendo, empapados. Aos barros fomos, como perdidas criaturas, de se rir, se chorar. E — mas o senhor sabe o que isso é? — aqueles nossos cavalos não tinham ferraduras.

Pra mais onde? Ah, aonde os altos bons: o Chapadão do Urucúia, em que tanto boi berra. Mas nunca chegamos nem na Virgem-Mãe. Afiguro, desde o começo desconfiei de que estávamos em engano. Rumos que eu menos sabia, no viável. Como a serra que vinha vindo, enquanto para ela eu ia indo, em tantos dias: longe lá, de repente os olhos da gente percebem um fio de tremor — se vê é um risquinho preto, que com léguas andadas vira cinzento e vira azul — daí, depois, parede de morro se faz. No arquear dali, foi que se pegou o primeiro caminho achado, para se passar. Bem baixamos. Os rios estavam sujos, em espumas. Não havendo a ajuda de Joaquim Beijú, que estava dando para dela se sentir falta. Zé Bebelo, em assarapanto, até os dedos da mão dele não deixavam de se perpassar, contando rosário nas tiras da rédea. Que andávamos desconhecidos no errado. Disso, tarde se soube — quem que guiava tinha enredado nomes: em vez da Virgem-Mãe, creu de se levar tudo para a Virgem-da-Laje, logo lugar outro, vereda muito longe para o sul, no sítio que tem engenho-de-pilões. Mas já era tarde.

Trovoou truz, dava vento. E chuvas que minha língua lambeu. Nelas mais não falo. Mas, quando estiou o tempo, de vez, não sei se foi melhor: porque bateu de começo a fim dos Gerais um calor terrível. Aí, quem sofreu e não morreu, ainda se lembra dele. Esses meses do ar como que estavam desencontrados. Doenças e doenças! Nosso pessoal, montão deles, pegou a mazelar. Mas isto eu refiro depois. O senhor já que me ouviu até aqui, vá ouvindo. Porque está chegando hora d'eu ter que lhe contar as coisas muito estranhas.

Quadrante que assim viemos, por esses lugares, que o nome não se soubesse. Até, até. A estrada de todos os cotovelos. Sertão, — se diz —, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, o próprio, mesmo. Ia fazendo receios, perfazendo indagação. Descemos por umas grotas, no meio de serras de parte-vento e suas mães árvores. O pongo de um ribeirão, o boqueirão de um rio. O Abaeté não era; se bem fosse que parecia: largo rio Abaeté, no escalavrado, beiras amarelas. Aquele rio fazia uma grande volta, acolá, clareado, com a vista de uns

coqueiros. Ali era um lugar longe e bonito, como que me acenava. Mas não endireitamos para ele, porque o rumo determinado era outro, torando desviado muito, consoante. E mais maninhava. Topar um vivente é que era mesmo grande raridade. Um homenzinho distante, roçando, lenhando, ou uma mulherzinha fiando a estriga na roca ou tecendo em seu tear de pau, na porta de uma choça, de burití toda. Outro homem quis me vender uma arara mansa, que a qual falava toda palavra que tem á. Outra velha, que estava fumando o pito de barro. Mas ela enrolou a cara no chale, não se ajuizaram os olhos dela. E o gado mesmo vasqueava: só por pouco acaso um boi ou vaca, de solidão, bicho passeado sem dono. Veado, sim, vi muitos: tinha vez que pulavam, num sonhoso, correndo, de corta campo, tanto tantos — uns dois, uns três, uns vinte, em grupos — mateiros e campeiros. Faltava era o sossego em todo silêncio, faltava rastro de fala humana. Aquilo perturbava, me sombreava. Já depois, com andada de três dias, não se percebeu mais ninguém. Isso foi até onde o morro quebrou. Nós estávamos em fundos fundos.

Isto é, nos arrampadouros. Tinha uma estrada, aí na subida dela houvesse coisas. Uns galhos de árvores colocados — ramalhos e jaribaras — forma de sinal: para não se passar. Mas esse aviso havia de ser particular, para o uso de outros, não para o nosso destino. Não respeitamos, de jeito nenhum. Fomos indo. No entrar numa guapira, se redobrou o achado daquelas ramas verdes, que não obedecemos. Eu vinha adiante, com o Acauã e o Nelson, instruindo o caminho. Já estávamos pelas rédeas, para outra subida de ladeira: mas aí escutamos o latir de cachorros. E enxergamos um homem — no alto da virada — uns homens. Esses estavam com espingardas.

Os quantos homens, de estranhoso aspecto, que agitavam manejos para voltarmos de donde estávamos. Por certo não sabiam quem a gente era; e pensavam que três cavaleiros menos valessem. Mas, entendendo que do caminho não desgarrávamos, começaram a ficar estramontados. Um eu vi, que dava ordens: um roceiro brabo, arrastando as calças e as esporas. Mas os outros, chusmote deles, eram só molambos de miséria, quase que não possuíam o respeito de roupas de vestir. Um, aos menos trapos: nem bem só o esporte de uma tanga esfarrapada, e, em lugar de camisa, a ver a espécie de colete, de couro de jaguacacaca. Eram uns dez a quinze. Não consegui sentido no que eles ameaçavam, e vi que estavam aperrando as armas. Queriam cobrar portagem? Andavam arrumando alguma

jerimbamba? Não convinha avançar assim por cima deles, logo, mas também dar recuada podia ser uma vergonha. Esbarramos, neles quase encostados. Íamos esperar o resto do pessoal. E eles, ali confrontes, não explicavam razão nenhuma. Só um disse:

— "Pode não... Pode não..."

E renuía com a cabeça, o banglafumém, mesmo quando falava, com uma voz de qualidade diversa, costumada daquela terra de lugar; e os outros renuindo também: — "Ah, pode não... Pode não..." — com o vozeio soturno.

Nos tempos antigos, devia de ter sido assim.

Gente tão em célebres, conforme eu nunca tinha divulgado nem ouvido dizer, na vida. O das esporas foi se amontar num jumento — esse era o único animal-de-sela que ali tinham. Acho que montou para oferecer à gente maior vulto de respeito; tocava batendo palma de mão na anca do jegue, veio vindo, para primeiro se presenciar. Olhei para todos. Um tinha a barba muito preta, e aqueles seus olhos permeando. Um, mesmo em dia de horas tão calorosas, ele estava trajado com uma baeta vermelha, comprida, acho que por falta de outra vestimenta prestável. Ver a ver o sacerdote! — "Ih! Essa gente tem piôlho e muquiranas..." — o Nélson disse, contrabaixo. Todos estavam com alguma garantia: que eram lazarinas, bocudas baludas, garruchas e bacamartes, escopetas e trabucão — peças de armas de outras idades. Quase que cada um era escuro de feições, curtidos muito, mas um escuro com sarro ravo, amarelos de tanto comer só pôlpa de buriti, e fio que estavam bêbados, de beber tanta saêta. Um, zambo, troncudo, segurava somente um calabôca, mas devia de ser de braço terrível, no manobrar aquele cacete. O quanto feioso, de dar pena, constado chato o fôrmo do nariz, estragada a boca grande demais, em três. Outro, que tinha uma fôice encabada muito comprido, e um porongo pendurado a tiracol por uma embira, cochichava com os restantes uma séria falação: a qual uma espécie de pajelança. Artes vezes ele guinchava, feito o demônio gemedeiro. Esse, que por nome de Constantino acudia. Todos eles, com seus saquinhos chumbeiros e surrões, e polvorinhos de corno, e armamento tão desgraçado, mesmo assim não tomavam bastante receio de nossos rifles. Para o nosso juízo, eles eram dôidos. Como é que, desvalimento de gente assim, podiam escolher ofício de salteador? Ah, mas não eram. Que o que acontecia era de serem só esses homens reperdidos sem salvação naquele recanto lontão de mundo, groteiros dum

sertão, os catrumanos daquelas brenhas. O Acauã que explicou, o Acauã sabia deles. Que viviam tapados de Deus, assim nos ocos. Nem não saíam dos solapos, segundo refleti, dando cria feito bichos, em socavas. Mas por ali deviam de ter suas casas e suas mulheres, seus meninos pequenos. Cafuas levantadas nas burguéias, em dobras de serra ou no chão das baixadas, beira de brejo; às vezes formando mesmo arruados. Aí plantavam suas rocinhas, às vezes não tinham gordura nem sal. Tanteei pena deles, grande pena. Como era que podiam parecer homens de exata valentia? Eles mesmos faziam preparo da pólvora de que tinham uso, ralando salitre das lapas, manipulando em panelas. Que era uma pólvora preta, fedorenta, que estrondava com espalhafato, enchendo os lugares de fumaceira. E às vezes essa pólvora bruta fazia as armas rebentarem, queimando e matando o atirador. Como era que eles podiam brigar? Conforme podiam viver?

E enfim os companheiros apontaram em vinda, e subiram a primeira ladeira, aquele tropeado de guerreiros, em tão grande número numeroso. Quase eu queria me rir, do susto então dos catrumanos. Mas foi não, porque eles não se aluíram do ponto onde estavam, só que olhavam para o chão, calados, acho que porque essa é a forma de declararem seus espantos. O do jegue, Teofrásio, que era quem capitaneava, deu alguma intimação para o da fôice, esse que o Dos-Anjos se chamava, era o falador; e que foi quem veio adiante, saudar Zé Bebelo e render explicação:

— "Ossenhor utúrje, mestre, a gente vinhemos, no graminhá... Ossenhor utúrje..."

Ossos e queixos; e aquela voz que o homem guardava nos baixos peitos, era too que nem de se responder em ladainha dos santos, encomendação de mortos, responsório.

— "Ossenhor utúrje, mestre... Não temos costume... Não temos costume... Que estamos resguardando essas estradas... De não vir ninguém daquela banda: povo do Sucruiú, que estão com a doença, que pega em todos... Ossenhor é grande chefe, dando sua placença. Ossenhor é Vossensenhoria? Peste de bexiga preta... Mas povoado da gente é o Pubo — que traslada do brejão, ossenhor com os seus passaram perto de lá, valor distante meia-légua... As mulheres ficaram, cuidando, cuidando... A gente vinhemos, no graminhá. Faz três dias... Cercar os caminhos. O povo do Sucruiú — estão dizendo —: nem não estão enterrando mais os defuntos deles... Pode querer vir algum, com recado, trazendo a doença, e

esta é a razão... Veio um, querendo pedir auxílios, relatar bobagens, essas mogúncias e brogúncias.... Mas teve de voltar, devéras retornou, não demos passagem. Estão com a maldição, a urros. Castigo de Deus Jesus! Povo do Sucruiú, gente dura de rúim... Ossenhor utúrje, mestre: convém desemendar deste lado, não passar no Sucruiú, respraz... Bexiga da preta!...”

E aquele homem o Dos-Anjos tinha largado a fôice no chão, botou o pé em riba; e abria os braços, depois ficou de mãos postas, acho que estava produzindo algum feitiço, com os olhos todos fechados. Ele era magro, magro, da vista da gente não se ter. Os outros deles, devagarosamente tinham vindo se chegando também. Zé Bebelo, seguro que por não se rir sem caridade, armou rosto reverso, aquele semblante serioso; e eles desconfiaram. Porque um, que era velhusco e estava com o chapéu-de-palha corroído nas todas beiras, apareceu com um dinheiro na palma da mão, oferecendo a Zé Bebelo, como em paga por perdoamento. A que era um dobrão de prata, antigo do Imperador, desses de novecentos-e-sessenta réis em cunho, mas que na Januária por ele dão dois mil-réis, ainda com senhoriagem de valer até os dez, na capital. Mas Zé Bebelo, com alta cortesia, rejeitou aquele dado dinheiro, e o catrumano velho não bem entendeu, pelo que permaneceu um tempo, com ele ofertado na mão. Assim os outros não entrediziam palavras, que só arregalados espiavam, para Zé Bebelo e para a moeda, olhavam como se estivessem prestando conta de suas fortes invejas. O jeito de estremecer, deles, às vezes, era todo, era de banda; mas aquilo sendo da natureza constante do corpo, e não temor — pois, quando pegavam receio, iam ficando era mais escuros, e respiravam com roncado rumor, quietos ali. Que aqueles homens, eu pensei: que nem mansas feras; isto é, que no comum tinham medo pessoal de tudo neste mundo.

Como que o senhor visse os catrumanos rir! O da fôice tornou a apanhar a fôice, o no jegue ficou segurando o chapéu em respeito, o velho beobôbo sumiu seu dobrão de prata em alguma algibeira. A mais eles todos riram, as tantas grandes bocas, e não tinham quase nenhum dente. Riam, sem motivo justo, agora mas para nos agradar. Cônscio, o da fôice criou ânimo, mesmo indagou:

— “O que mal não pergunto: mas donde será que ossenhor está servido de estando vindo, chefe cidadão, com tantos agregados e pertences?”

— “Ei, do Brasil, amigo!” — Zé Bebelo cantou resposta, alta graça. — “Vim departir alçada e foro: outra lei — em cada esconso, nas toesas deste sertão...”

O velho agiu o pelo-sinal. Ia remenicar alguma outra coisa. Mas Zé Bebelo, completo de escutar e ver, deu não com a mão, e abriu a marcha. Tocamos. Ora vi as derradeiras caras daqueles catrumanos, que mostravam por nossa causa muitos pasmos de admiração, e a cobiça que tinham de fazer cento-e-dobro de perguntas, que por receio de atrevimento nunca perguntavam. Só dos rifles: — “*Úixe-te, isto é lazarinha moderna?...*” Donde um deles, o montado no jegue, ainda gritou um conselho: que a gente então principiasse volta, no buritizal duma lagoazinha, da banda da mão direita — por via de se evitar de passar por dentro do Sucruiú — e que, retomada a estrada, no quebrar da mão esquerda, num vau perto da mata virgem, era só se andar as sete léguas, num sítio se chegava, de um tal de seôr Abrão, que era hospitaleiro... Isso aquele homem recomendou, não por serviço de préstimo, eu pelo tom e jeito bem entendi: gritou, no fim assim, a fito somente de que os seus outros vissem que ele bem possuía coragem também de dar voz, perante presença nossa, de tantos grandes jagunços donos de arejo d’armas. Mas Zé Bebelo, descrendo de temer o que eles anunciavam, do arraial onde estava alastrando a varíola reinante, deu ordem de seguirmos, em reto em diante em frente.

Rir, o que se ria. De mesmo com as penúrias e descômodos, a gente carecia de achar os ases naquele povo de sujeitos, que viviam só por paciência de remedar coisas que nem conheciam. As criaturas.

Mas eu não ri. Ah, daí, não ri honesto nunca mais, em minha vida. Como que marquei: que a gente ter encontrado aqueles catrumanos, e conversado com eles, desobedecido a eles — isso podia não dar sorte. A hora tinha de ser o começo de muita aflição, eu pressentia. Raça daqueles homens era diverseada distante, cujos modos e usos, mal ensinada. Esses, mesmo no trivial, tinham capacidade para um ódio tão grosso, de muito alcance, que não custava quase que esforço nenhum deles; e isso com os poderes da pobreza inteira e apartada; e de como assim estavam menos arredados dos bichos do que nós mesmos estamos: porque nenhumas más artes do demônio regedor eles nem divulgavam. Só o mau fato de se topar com eles, dava soloturno sombrio. Apunha algum quebranto. Mas mais que, por conosco não avirem medida, haviam de ter rogado praga. De pensar nisso, eu até estremecia; o que estremecia em mim: terreno do

corpo, onde está a raiz da alma. Aqueles homens eram orelhudos, que a regra da lua tomava conta deles, e dormiam farejando. E para obra e malefícios tinham muito governo. Aprendi dos antigos. Capatazia de soprar quente qualquer ódio nas folhas, e secar a árvore; ou de rosnar palavras em buraco pequeno que abriam no chão, tapando depois: para o caminho esperar a passagem de alguém, e a ele fazer mal; ou guardavam um punhado de terra no fechado da mão, no prazo de três noites e três dias, sem abrir, sem largar: e quando jogavam fora aquela terra, em algum lugar, nele com data de três meses ficava sendo uma sepultura... De homem que não possui nenhum poder nenhum, dinheiro nenhum, o senhor tenha todo medo! O que mais digo: convém nunca a gente entrar no meio de pessoas muito diferentes da gente. Mesmo que maldade própria não tenham, eles estão com vida cerrada no costume de si, o senhor é de externos, no sutil o senhor sofre perigos. Tem muitos recantos de muita pele de gente. Aprendi dos antigos. O que assenta justo é cada um fugir do que bem não se pertence. Parar o bom longe do ruim, o são longe do doente, o vivo longe do morto, o frio longe do quente, o rico longe do pobre. O senhor não descuide desse regulamento, e com as suas duas mãos o senhor puxe a rédea. Numa o senhor põe ouro, na outra prata; depois, para ninguém não ver, elas o senhor fecha bem. E foi o que eu pensei. Aqueles catrumanos pedindo por maldição, como era que eu podia deixar de pensar neles? Há-de, que se eles tivessem me pegado sozinho, eu apeado e precisado, decerto me matavam, para roubar minhas armas, as coisas e minhas roupas. Amargo que acabavam comigo, sem escrúpulos, hom’essa, que nem tinham, porquanto eu era desconhecido e forasteiro. De doente, ou ferido perdendo meu sangue, que eu estivesse, algum deles ia ser capaz de me ceder gole duma cuia d’água? Draste eu duvidava deles. Duvidava dos fojos do mundo. E por que era que há de haver no mundo tantas qualidades de pessoas — uns já finos de sentir e proceder, acomodados na vida, tão perto de outros, que nem sabem de seu querer, nem da razão bruta do que por necessidades fazem e desfazem. Por que? Por sustos, para vigiação sem descanso, por castigos? E de repente aqueles homens podiam ser montão, montoeira, aos milhares mís e centos milhentos, vinham se desentocando e formando, do brenhal, enchiam os caminhos todos, tomavam conta das cidades. Como é que iam saber ter poder de serem bons, com regra e conformidade, mesmo que quisessem ser? Nem achavam capacidade disso. Haviam de querer usufruir depressa

de todas as coisas boas que vissem, haviam de uivar e desatinar. Ah, e bebiam, seguro que bebiam as cachaças inteirinhas da Januária. E pegavam as mulheres, e puxavam para as ruas, com pouco nem se tinha mais ruas, nem roupinhas de meninos, nem casas. Era preciso de mandar tocar depressa os sinos das igrejas, urgência implorando de Deus o socorro. E adiantava? Onde é que os moradores iam achar grotas e fundões para se esconderem — Deus me diga? Nem me diga o senhor que não — aí foi que eu pensei o inferno feio deste mundo: que nele não se pode ver a força carregando nas costas a justiça, e o alto poder existindo só para os braços da maior bondade. Isso foi o que eu pensei, muito redoído, no estufo do calor vingante. E foi por durante quase uma hora, montado no meu cavalo ruim chamado Padrim-Selorico, a passo por aqueles ruins campos, até se chegar perto do povoado do Sucruiú, onde que estava arranchada a horrorosa doença, por cima da pior miséria. Bobeia minha? Porque os companheiros, indo cuidando de seu ramerrão comum, nenhum não punha tento em dessas ideias. Então era só eu? Era. Eu, que estava mal-invocado por aqueles catrumanos do sertão. Do fundo do sertão. O sertão: o senhor sabe.

Mas em tanto, então levantei o meu entender para Zé Bebelo — dele emprestei uma esperança, apreciei uma luz. Dei tino. Zé Bebelo, em testa, chefe como chefe, como executava nossa ida. Da marca de um homem solidado assim, que era sempre alvissareiro. Por ele eu crescia admiração, e que era estima e fiança, respeito era. Da pessoa dele, da grande cabeça dele, era só que podia se repor nossa guarda de amparo e completa proteção, eu via. Porque Zé Bebelo previa de vir, cá em baixo, no escuro sertão, e, o que ele pensava, queria, e mandava: tal a guerra, por confrontação; e para o sertão retroceder, feito pusesse o sertão para trás! E era o que íamos realizar de fazer. Para mim, ele estava sendo feito o canoeiro mestre, com o remo na mão, no atravessar o rebelo dum rio cheio. — "*Carece de ter coragem... Carece de ter muita coragem...*" — eu relembrei. Eu tinha. Diadorim vindo do meu lado, rosável mocinho antigo, sofrido de tudo mas firme, duro de temporal, naquelas constâncias. Sei que amava, não amava? Os outros, os companheiros outros, semelhavam no rigor umas pobres infâncias na relega — que deles a gente precisasse de tomar conta. Com Zé Bebelo da minha mão direita, e Diadorim da minha banda esquerda: mas, eu, o que é que eu era? Eu ainda não era ainda. Se ia, se ia. O cavalo pombo de Zé Bebelo era o de mais armada vista, o maior

de todos. Cavalo selado, montado, e muito chão adiante. Viajar! — mas de outras maneiras: transportar o sim desses horizontes!...

Desde, porém, como já entrávamos no perto do Sucruiú, conforme as léguas que os cascos de nossos cavalos contando, era de ver que voz Zé Bebelo dava, se queria em reto ou atalho. Ah, em reto, foi. Mas nenhum de nós teve sobrôsso. O que era, era. Aquele desgraçado lugar devia de estar lá acolá, no plão alto do campo, em seu sempre. Obra de um tiro de carabina. E como deviam de estar cozinhando, com tanto fogão, porque subia para o pedaço de céu um povoo de fumaças, feito andassem por lá renovando pastos desfora de tempo. Fazia fole de calor. Mas, entre as vertentes, no corguinho rabo serelepe que passamos, de beiras de terra preta, só os animais foram que beberam a toda sede: que, nós, mesmo da água corrente a gente se receava. Donde é que decorre a peste? Até o ver o ar. A poeira e miséria. Azul desbotado poído, sem os realces. O sol carregando de envelhecer antesmente as folhagens — o começo do mês de junho já dava parecença de alto fim de agosto. Aquele ano declarava de não se ter nem frio, pelo legal. De que valeram as tantas chuvas? Aí este mundo de sertão tinha se perdido — eu mesmo me disse. Como que íamos atravessar o Sucruiú, lá se chegava. O qual eram as cafuas em suas construções, no entremeio da fumaça. Essas choupanas. Gente? Não se divulgava. E certo que não se tinha medo maior. Antes todos queriam avistar de perto, de passagem, o que aquilo de verdade fosse. Só que se tinha confiança nos bentinhos e verônicas. E de repente correu aviso que Jõe Bexiguento e o Pacamã-de-Presas sabiam reza para São Sebastião e São Camilo de Lélis, que livram de todo mal vago. Como se ter? Como se aprender, também? Tempo não dava. Mas — o que vieram dizendo, de um em um, se virando para trás nos cavalos: que não se carecia. Assim aqueles dois iam praticar resumida a oração, e cada um, da gente, consigo reproduzisse, constantemente, as fortes ave-marias e padre-nossos, que isso bastava. Assim foi que fizemos. Avante eu rezei.

Algum dia, depois de hoje, hei de esquecer aquilo. Arruado que era até bem largo, mas mal se enxergavam aquelas casas. Ao demais rezando, ao real vendo — eu vim. Casas — coisa humana. Em frente delas todas, o que estavam era queimando pilhas de bosta seca de vaca. O que subia, enchia, a fumaça acinzentada e esverdeada, no vagaroso. E a poeira que demos fez corpo com aquele fumegar levantante, tanto tapava, nos soturnos. Aí tossi, cuspi, no entrêcho de minhas rezas. Voz nem choro não se ouviu, nem

outro rumor nenhum, feito fosse decreto de todas as pessoas mortas, e até os cachorros, cada morador. Mas pessoas mor que houvesse: por trás da poeira, para lá da fumaça verdolenga se vislumbravam os vultos, e as tristes caras deles, que branqueavam, tantas máscaras. Aos homens e mulheres, apartados tão estranhos, caladamente, seriam os que estavam jogando todo o tempo mais rodelas de bosta seca nas fogueiras — isso que deviam de ter por todo remédio. Nem davam fé de nossa vinda, de seus lugares não saíam, não saudavam. Do perigo mesmo que estava maldito na grande doença, eles sabiam ter quanta cláusula. Sofriam a esperança de não morrer. Soubesse eu onde era que estavam gemendo os enfermos. Onde os mortos? Os mortos ficavam sendo os maus, que condenavam. A reza reganhei, com um fervor. Aquela travessia durou só um instantezinho enorme. Mesmo que os cavalos nossos indo íam devagar, que é como se vai, quando todos rezando sozinhos em cima deles, devagar duma procissão. Não se perturbou palavra. E foi que dali acabamos de surgir — da arrepoeira e fumaça de estrume, e o corusco de labareda alguma, e a mormaceira. Deus que tornasse a tomar conta deles, do Sucruiú, daquele transformado povo.

Olhei o ilustre do céu. Dado dava de um estar soto-livre, conseguido se soltar das possibilidades horrorosas. Revi todos e Diadorim, que era uma cortesia de bondade. Não espiei para trás, não ver de enxergar o fim daquelas casas, no vaporoso pardo-azulado, no exalante. E o que rogava eram coisas de salvação urgente, tão grande: eu queria poder sair depressa dali, para terras que não sei, aonde não houvesse sufocação em incerteza, terras que não fossem aqueles campos tristonhos. Eu levava Diadorim... Mas, de começo, não vi, não fui sentindo que queria poder levar também Otacília, e aquela moça Nhorinhá, filha de Ana Duzuza, e mesmo a velha Ana Duzuza, e Zé Bebelo, Alaripe, os companheiros todos. Depois, todas as demais pessoas, de meu conhecimento, e as que mal tinha visto, além de que a agradecida formosura da boa moça Rosa'uarda, a mocinha Miosótis, meu mestre Lucas, dona Dindinha, o comerciante Assis Wababa, o Vupes — Vúsps... Todos, e meu padrinho Selorico Mendes. Todos, que em minha lembrança eu carecia de muitas horas para repassar. Igual, levava, ah, o povo do Sucruiú, e, agora, o do Pubo — os catrumanos escuros. E que para o outro lugar levava restantes os cavalos, os bois, os cachorros, os pássaros, os lugares: acabei que levasse até mesmo esses

lugares de campos tão tristes, onde era que então se estava... Todos? Não. Só um era que eu não levava, não podia: e esse um era o Hermógenes!

Aí dele me lembrei, na hora: e esse Hermógenes eu odiasse! Só o denunciar dum rancor — mas como lei minha entranhada, costume quieto definitivo, dos cavos do continuado que tem na gente. Era feito um nôjo, por ser. Nem, no meu juízo, para essa aversão não carecia de compor explicação e causa, mas era assim, eu era assim. Que ódio é aquele que não carece de nenhuma razão? Do que acho, para responder ao senhor: a ofensa passada se perdoa; mas, como é que a gente pode remitir inimizade ou agravo que ainda é já por vir e nem se sabe? Isso eu pressentia. Juro de ser. Ah, eu.

Tivesse medo? O medo da confusão das coisas, no mover desses futuros, que tudo é desordem. E, enquanto houver no mundo um vivente medroso, um menino tremor, todos perigam — o contagioso. Mas ninguém tem a licença de fazer medo nos outros, ninguém tenha. O maior direito que é meu — o que quero e sobrequero —: é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim!

São os momentos, se sei. Senti um cansaço. Adiantamos ligeiro, depois que passado o vau da mata-virgem, e tenteávamos pelo encontrável. O sol ia entrando, vi o céu nos roxos, nos vermelhos. Misturamos numa baixada, no capim cacheado. Umas lavourinhas. Daí, lá se estava, no retiro do Abrão, onde o campo larguêia. Era uma boa casa. Mas, de dentro, saíram, de repente, por suas portas, uns homens, que fugiam corridos, feito ratos se escapulindo do toucinho de um jacá.

Sendo que Zé Bebelo assim na dianteira sempre cavalhava, vente, superintendeu que não perseguíssemos aqueles tais, nem neles se atirasse por comprazimento. O que estavam era em mão de roubando, se soube; como que tinham até sacos, para carregar dentro as coisas. Num átimo, eu reluzi quem que eles podiam ser. Só acertei. Pois não foi que um deles, errando no abrir da fuga, demorou, e perdeu as facilidades; então, veio do nosso lado, embrafustado, quase debaixo dos cavalos. Era um pretinho.

Um rapazola retinto, mal aperfeiçoado; por dizer, um menino. Nú da cintura para os queixos. As calças, rotas em todas as partes, andavam cai’caindo; ele apertou perna em perna. Arfava chiado, como quem, por todo engano de pressa, tivesse chupado na boca um gole quente de café demais. Bezerro doente, de mal-de-ano, às vezes faz assim. Cuido que por não perder de todo as calças como vestimenta, ele se ajoelhou — chato no

chão, mais deitado do que ajoelhado. — “A benção!” — pois disse. E a ideia dele rodou ligeira, pois, quando se notou, tinha tirado do bojo do saco o que estava lá: que era um pé de alpercata de homem, um candieirozinho pequeno, desses que vinham da Bahia, uma escumadeira de cozinha e um arranjado envernizado de couro preto, que nem boldrié — que tudo jogou fora, para uma banda, o longe que pôde. Seguinte o que, mostrou à gente o saco vazio, e com isto dizendo, arquejado:

— “Tirei não, nada não... Tenho nada... Tenho nada...”

Isso tudo se deu curto, que nem o mijar dum sapo; e dum modo tal inocente, de quem visse risse. E em coisa tão tola declarada assim a gente até crê razão, por ser tão afã de absurdo.

— “Donde é que vocês vieram, dond’é?” — Zé Bebelo indarguíu.

— “A gente quer voltar para casa... Semos, sim, é do Sucruiú, nhor sim...”

Arte que a aproveitar, ele tornou a atar melhor o resumo de embira, que cinturava aqueles molambos de calças. E se encolhia, temia; e se ria. Que nome era capaz de ter?

— “Guirigó... Minha graça é essa... Sou filho de Zé Câncio, seu criado, sim senhor...”

Tão magro, trestriste, tão descriado, aquele menino já devia de ter prática de todos os sofrimentos. Olhos dele eram externados, o preto no meio dum enorme branco de mandioca descascada. O couro escuro dele era que tremia, constante, e tremia pelo miúdo, como que receando em si o que não podia ser bom. E quando espiava para a gente, era de beiços, mostrando a língua à grossa, colada no assoalho da boca, mas como se fosse uma língua demasiada demais, que ali dentro não pudesse caber; em bezerro pesteado, às vezes, se vê assim. Menino muito especial. Jagunço distraído, vendo um desses, do jeito, à primeira, era capaz da bondade de desfechar nele um tiro certo, pensando que padecia agonia, e que carecesse dessa ajuda, por livração.

— “Guirigó, qu’é que vieram caçar aqui? Fala!”

— “O quê qu’ a gente veio caçar, sim senhor? Eles vieram, eu também vim... Buscar de comer...”

— “Ih, que’s, menino! Quem te vê comer essa tralha que você amoitou aí no saco...”

O pretinho espichado no chão sacudia a cabeça, que não que não, que parecia ter gosto de poder negar assim. — “Mas o de comer todo se

acabou...” Havia de negar tudo, renegava: até que tivesse tido mãe, nascido dela, até que a doença brava estivesse matando o povo do Sucruiú, os parentes todos dele. A gente queria que aquele traste de menino sentisse em si, e se entristecesse, por tantas suas desditas chorasse uma lágrima, a lagrimazinha só, por um momento que fosse. Ah, ele fizesse logo isso, a gente ficava desconsolado e legítimo no triste, a gente ficava tranquilizados. Qual, o menino preto negava. O que ele afirmava, no descaramento firme de seu gesto, era que nem era ninguém, nem aceitava regra nenhuma devida do mundo, nem estava ali, defronte dos cascos dos cavalos da gente. Ah, queria salvar seu corpo, queria escape. Se abraçava com qualquer poeira. De mais, não queria saber. — Que podia, que fosse logo embora! — Zé Bebelo consentiu ordem. E ainda jogou um pedaço de rapadura, que ele aparou, fácil, como numa abocada. — “Pra tu adoçar essa tua tripinha preta!” — foi o que Zé Bebelo gritou. E aquele menino, sem fungar, sem olhar para trás, pulou em rumo, maneiro e leviano, se sumiu por onde carecia de ir. Não pensei que fosse tão pequeno, conforme mesmo era.

— “Coitadinho, os dentes dele estavam alumiando de brancos...” — Diadorim disse.

— “Hem? Hem?” — Zé Bebelo falou — “O que imponho é se educar e socorrer as infâncias deste sertão!”

Eu ia fazer o sinal-da-cruz, mas com a mão não cheguei a bulir, porque isso me pareceu falta de caridade, pensando no menino pretinho.

E, com o determinado costumeiro, de se espalhar os de vigia, por todas as quatro bandas, mais o movimento de procura dum pasto bem fechado e conveniente, tomamos conta de tudo e entramos naquela casa, para ver o visível e se fazer fogo de aprontar nosso jantar na fornalha de sua grande cozinha. Virgem! — digo ao senhor: o interior dela dava pena, nunca vi nada tão remexido e roubado. Total o que era de jeito de se carregar, o em arcas e em trouxas, e que no comum duma casa remediada se acha, faltava. Não se encontrou uma peça de roupa, uma lamparina de folha, uma folhinha na parede, um gancho de rede, uma raspadeira, um cabresto pendurado, uma esteira, uma vasilha, uma coisa alguma em que se pegar. Eram só as mesas, os catres, os bancos. Tinham limpado a carne daquele costelame. Por onde andaria o dono? Mas se ficou sabendo que o nome dele não era em verdade *Abrão*, mas Habão, que assim se chamava. Consoante o diploma de patente, que no chão, num canto, avistei, lavrado

preenchido cerimonial, de que esse Habão era Capitão da Guarda-Nacional, em válidos títulos. Aquele retiro se chamava o Valado. Com pouco mais uns dias que se passassem, o pessoal do Sucruiú era capaz de desmanchar até o prédio da casa, por seus esteios e caibros. Para não falar que, de gado, galinhas e porcos, e cachorros e o mais, nem sinal se divulgava. Sobravam só os passarinhos, soltos, como de toda parte no igual, que piaram uns momentos, pelo acabar da tardinha, alegres assim no empobrecido.

Vai, dentro de lá, num quarto, muito recanto, sediava, no escuro que já fazia, um oratório em armariozinho, construído pregado na parede; que estava com suas poucas imagens e um toco para se acender, de vela-benta. Nisso não tinham desrespeitado de mexer. E nós, então, cada um depois dum, viemos ao quarto-do-oratório beijar a santa maior, que era no seu manto como uma boneca muito perfeita, que era a Minha Nossa Senhora Mãe-de-Todos. Se comeu, se dormiu.

Se acordou, bem o digo. Cada dia é um dia. E o tempo estava alisado. Triste é a vida do jagunço — dirá o senhor. Ah, fico me rindo. O senhor nem não diga nada. "Vida" é noção que a gente completa seguida assim, mas só por lei duma ideia falsa. Cada dia é um dia. Ora, mais, ordens já para antes do vir da aurora se cumprir, dali Zé Bebelo já tinha dado. E foi se saber: o Suzarte e o Tipote, e outros, com o João Vaqueiro, rastreavam redobrados, onde em redor, remedindo o mundo a olho e faro. Tudo eles achavam, tudo sabiam; em pouquinhas horas, tudo tradiziam. O chão, em lugares, guardava molde marcado dos cascos de muitíssimas reses, calcados para um rumo só — um caminho eito. Aqueles rastros tinham vigorado por cima da derradeira lama da derradeira chuva. E — de quantidade e de quanto tinha chovido — eles liam, no capim e nos regos de enxurradas, e na altura da cheia já rebaixada, a deixa, beiradas do ribeirão. Pelo comido pastado das reses, também, muito se reconhecia. Aos passos dos cavaleiros e cachorros. As pessoas da casa tinham viajado para a banda de oestes. Mas o gado, escolhendo por si e sem tocada, mas depois de solto por boa regra, pegara ida espaçada mais virante acima, aonde devia haver, para se lamber, salinas de barreiro. E bastantes outras coisas eles decifravam assim, vendo espiado o que de graça no geral não se vê. Capaz de divulgarem até os usos e costumes das criaturas ausentes, dizer ao senhor se aquele seô Habão era magro ou gordo, seria forrêta ou mão-aberta, canalha inteirado ou razoável homem-de-bem. Porque, dos

centos milhares de assuntos certos que parecem mágica de rastreador, só com o Tipote e o Suzarte o senhor podia rechear livro. E ainda antes do meio-dia subir, desemalocaram duas gordas novilhas, carneadas fartas para a nossa refeição. Um bom entendedor, num bando, faz muita necessidade.

E aquele lugar, o Valado, eu aceitei — o senhor preste atenção! —; para ficar, uns meus tempos, ali, ainda me valia. Senti assim, meu destino. Dormindo com um pano molhado em cima dos olhos e com a nuca repousada numa folha de faca, de noite o destino da gente às vezes conversa, sussurra, explica, até pede para não se atrapalhar o devido, mas ajudar. Crendice? Mas coração não é meio destino? Permanecer, ao menos ali, eu quis. Mas Zé Bebelo duvidou de ficar. Zé Bebelo suscitado determinou, que a gente fosse mais para adiante. Ele concebia medo. Conheci. Estava.

Zé Bebelo pegou a principiar medo! Por que? Chega um dia, se tem. Medo dele era da bexiga, do risco de doença e morte: achando que o povo do Sucruiú podiam ter trazido o mau-ar, e que mesmo o Sucruiú ainda demeava vizinho justo demais. Tanto ri. Mas ri por de dentro, e procedi sério feito um pau do campo. Assim mesmo, em errei; disso não sabia. Mas o cabedal é um só, do misturado viver de todos, que mal varêia, e as coisas cumprem norma. Alguém estiver com medo, por exemplo, próximo, o medo dele quer logo passar para o senhor; mas, se o senhor firme aguentar de não temer, de jeito nenhum, a coragem sua redobra e tresdobra, que até espanta. Pois Zé Bebelo, que sempre se suprira certo de si, tendo tudo por seguro, agora bambeava. Eu comecei a tremeluzir em mim.

Pelo que umas cinco léguas andamos. De medo, meio, conforme decerto, aquele algum seô Habão também tinha se ido. Carecíamos? Merecer logo ao menos uma semana de quieto, é que era justo; pois nenhum não estava mais em sua saúde. Esses homens do Sucruiú, cercados da banda outra pelos catrumanos, ei que só podiam achar espaço por estes lados, eles sim. Nós, no nosso. Eu sei que um se mexer a esmo é sempre fácil; e que com o cansaço é que se tapa o desânimo. Mas, o que eu queria, real, era estar sarado de alguma demorada doença, comendo aos poucos o meu caldo com angú, e, em invernia de chuva fria esfriada, me esquentando perto do borralho de um fogão, e galo de manhã cantando em algum terreiro. Era para ir? Fôssemos. Disso deslavava. Descemos a

Vereda do Ouriço-Cuim, que não tinha nome verdadeiro anterior, e assim chamamos, porque um bicho daqueles por lá cruzou. Chapadas de ladeira pouca. Depois, uma lomba, com o cerradão. E por fim viemos esbarrar em lugar de algum cômodo, mas feio, como feio não se vê. — Tudo é gerais... — eu pensei, por consolo. Um homem, que com a machadinha na mão e sua cabaça a tiracol tratava de desmelar cortiço num pau do mato, esse indicou tudo necessário e deu a menção de onde é que estávamos. Na Coruja, um retiro taperado.

E ali, redizendo o que foi meu primeiro pressentimento, eu ponho: que era por minha sina o lugar demarcado, começo de um grande penar em grandes pecados terríveis. Ali eu não devia nunca de me ter vindo; lá eu não devia de ter ficado. Foi o que assim de leve eu mesmo me disse, no avistar o redondo daquilo, e a velhice da casa. Que mesmo como coruja era — mas da orelhuda, mais mor, de tristes gargalhadas; porque a suindara é tão linda, nela tudo é cor que nem tem comparação nenhuma, por cima de riscas sedas de brancura. E aquele situado lugar não desmentia nenhuma tristeza. A vereda dele demorava uma aguinha chorada, demais. Até os buritís, mesmo, estavam presos. O que é que burití diz? É: — *Eu sei e não sei*... Que é que o boi diz: — *Me ensina o que eu sabia*... Bobice de todos. Só esta coisa o senhor guarde: meia-légua dali, um outro córgo-vereda, parado, sua água sem-cor por sobre de barro preto. Essas veredas eram duas, uma perto da outra; e logo depois, alargadas, formavam um tristonho brejão, tão fechado de môitas de plantas, tão apodrecido que em escuro: marimbús que não davam salvação. Elas tinham um nome conjunto — que eram as Veredas-Mortas. O senhor guarde bem. No meio do cerrado, ah, no meio do cerrado, para a gente dividir de lá ir, por uma ou por outra, se via uma encruzilhada. Agouro? Eu creio no temor de certos pontos. Tem, onde o senhor encosta a palma-da-mão em terra, e sua mão treme pra trás ou é a terra que treme se abaixando. A gente joga um punhado dela nas costas — e ela esquenta: aquele chão gostaria de comer o senhor; e ele cheira a outroras... Uma encruzilhada, e pois! — o senhor vá guardando... Aí mire e veja: as *Veredas Mortas*... Ali eu tive limite certo.

Os ruins dias, o castigo do tempo todo ficado, em que falhamos na Coruja, conto malmente. A qualquer narração dessas depõe em falso, porque o extenso de todo sofrido se escapole da memória. E o senhor não esteve lá. O senhor não escutou, em cada anoitecer, a lugúgem do canto da

mãe-da-lua. O senhor não pode estabelecer em sua ideia a minha tristeza quinhoã. Até os pássaros, consoante os lugares, vão sendo muito diferentes. Ou são os tempos, travessia da gente?

Daí, despropositou o frio, vezmente. E quase que todos os companheiros já estavam adoecidos.

Refiro ao senhor que, da bexiga-brava, não. Mas de outras enfermidades. Febres. Em algum trêcho, por falta de sinal, a gente devia de ter arranchado no sezonático. Agora, a maior parte dos companheiros tremiam em prazos, com a intermitente. Remédio que valesse, de todo faltava. Aquilo afracava, no diário; os homens perdiam a natureza. E um andaço de defluxo, que também me baqueou. Pior não estive; mas eu, de mim, sei. Todos, de em antes, me davam por normal, conforme eu era, e agora, instantantemente, de dia em dia eu ia ficando demudado. Com uma raiva, espalhada em tudo, frouxa nervosia. — "É do fígado..." — me diziam. Dormia pouco, com esforços. Nessas horas da noite, em que eu restava acordado, minha cabeça estava cheia de ideias. Eu pensava, como pensava, como o quem-quem remexe no esterco das vacas. Tudo o que me vinha, era só entreter um planejado. Feito num traslo copiado de sonho, eu preparava os distritos daquilo, que, no começo achei que era fantasia; mas que, com o seguido dos dias, se encorpava, e ia tomando conta do meu juízo: aquele projeto queria ser e ação! E, o que era, eu ainda não digo, mais retardo de relatar. Coisa cravada. Nela eu pensava, ansiado ou em brando, como a água das beiras do rio finge que volta para trás, como a baba do boi cai em tantos sete fios.

Ah, mas aquilo, por terrível que fosse, eu tinha de levantar, mas tinha! Em tal já sabia do modo completo, o que eu tinha de proceder, sistema que tinha aprendido, as astúcias muito sérias. Como é? Aos poucos, pouquinhos, perguntando em conversa a uns, escutando de outros, me lembrando de estórias antigo contadas. A maneira que quase sem saber o que eu estava fazendo e querendo. De em desde muito tempo. Custoso pior não sendo, no arrevesso. Só o que demandava era uma fúria de quente frieza, dura nos dentes, um rompante de grande coragem. Ao que era por tanto negrume e carregume, a mais medonha responsabilidade possível — ato que só raro mas raro um homem acha o querer para executar, nesses sertões todos.

Vai, um dia, eu quis. Antes, o que eu vinha era adiando aquilo, adiando. Quis, assim, meio às tantas, mesmo desfazendo de esclarecer no exato

meus passos e motivos. Ao que, na moleza, eu tateava. Digo! comecei. Tinha preceito. O que seja — primeiro, não se coma, não se beba, e é; se bebe cachaça... Um gole que era fogo solto na goela e nos internos. Não quebrava o jejum do demo. No que eu confiei que estava pronto para ir avante: no que eram obras de chão e escuridão. Engano meu. A aguardar, até à hora, eu carecia de não deixar que nem um fiozinho de ideia comum em mim esvoaçasse. Deixei. Aí foi um instante: Diadorim estava perto de mim, vivo como pessoa, com aquela forte meiguice que ele denotava. Diadorim conversou, aceitei a companhia dele. Logo larguei meu começo de mão, relaxei aqueles propósitos. Cacei comida. Comi tanto, zampei, e meu corpo agradecia. Diadorim, com as pestanas compridas, os moços olhos. Desde aí, naquelas outras coisas não queria pensar, e ri, pauteei, dormi. A vida era muito normal, mesma, e certa bem que estava.

Tanto o engano. Os três dias passados, eu reproduzi tudo com uma qualidade de remorsos, aquelas decisões. Sonhei coisas muito duras. O porque era pior, agora, que eu tomei sombra vergonhosa, por ter começado e não ter tido firmeza para levar a acabado. E a herança de minhas queixas antigas. Conforme eu pensava: tanta coisa já passada; e, que é que eu era? Um raso jagunço atirador, cachorrando por este sertão. O mais que eu podia ter sido capaz de pelejar certo, de ser e de fazer; e no real eu não conseguia. Só a continuação de airagem, trastêjo, trançar o vazio. Mas, por que? — eu pensava. Ah, então, sempre achei: por causa de minha costumação, e por causa dos outros. Os outros, os companheiros, que viviam à-tôa, desestribados; e viviam perto da gente demais, desgovernavam toda-a-hora a atenção, a certeza de se ser, a segurança destemida, e o alto destino possível da gente. De que é que adiantava, se não, estatuto de jagunço? Ah, era. Por isso, eu tinha grande desprezo de mim, e tinha cisma de todo o mundo. Apartado. De Zé Bebelo, mais do que de todos.

Zé Bebelo doente não estava. Doença, com ele? Sendo o que a um assim não podia permitido; só se perdesse de todo o siso. A não ser por essa malacafa. Ei, pois, ele estava caipora. Logo vi. Daí tinha conta a nossa reles perdição, aquele atrasamento geral. Zé Bebelo para mim, tinha gastado as vantagens. Zé Bebelo murchava muda na cor, não existia mais em viço para desatinos, nada que falava era mais de se reproduzir, aqueles exageros bonitos e tamanhos rasgos. Só dizendo que tínhamos de esperar mesmo ali, até que os adoecidos sarassem. Assim em impossibilidades.

Tudo o que acontecia, era a má-sorte. Não digo por um Zé Vital, que tornava a dar ataque, dos de entortar boca escumante e se esbracejar e espernear com madeira de braços-e-pernas que de quem eram. Mas uma jararaca picou o Gregoriano: era aquela, a rastejo no capim e nas folhas caídas, nem chegava a quatro palmos — e com poder de acabar — e o Gregoriano morreu, em pobres horas. E mais conto o que com um Felisberto se dava. Assaz em aparências de saúde, mas tendo sido baleado na cabeça, fazia já alguns anos; uma bala de garrucha — a bala de cobre, se dizia — que estava encravada na vida de seus encaixes e carnes, em ponto onde ferramenta de doutor nenhum não alcançava de escrafunchar. Aí, com o intervalo dos meses, e de repente, sem razão entendível nenhuma, a cara desse Felisberto se esverdeava, até os dentes, de azinhavres, ficava mal. Ao que os olhos inchavam, tudo fuscado em verde, uma mancha só, o muito grande. O nariz entupia, inchado. Ele tossia. E horror de se ver, o metal do esverdêio. Daí, feito flôr de joaninha-silva em muito sol, do meio-dia para a tarde, virava era azul. Aquilo era para poder sarar? Quando que? A tosse dum garrote entisicado. Dizia naquelas horas que estava sem visiva, nada não enxergava. A maior felicidade era ele não saber quem tinha acertado nele aquela bala, não carecer de imaginar onde era que tal pessoa estava, nem de ódio constante de repensar nela.

Mas que em desregra a gente se comportava, então, de parar ali envelhecendo os dias, na Coruja, como fosse menos-e-mais para aproveitar a carne fresca e de-sol que na campeação se conseguia, as boiadas daqueles sertões. Sempre Zé Bebelo não desistia de palavrear, a raleza de projetos, como faz-de-conta. A mó de moinho, que, nela não caindo o que moer, mói assim mesmo, si mesma, mói, mói. As doenças se curassem? Minhas dúvidas. Aí, quem não pegara a maleita padecia por outros modos — mal-de-inchar, carregação-do-peito, meias-dôres; teve até agravado de estupor. Adiantemente, me desvali. O que me coçava, que nem se eu tivesse provado lombo de capivara no cío. A ser, o fígado, que me doía; mas não me certifiquei: apalpar lugar de meu corpo, por doença, me dava um desalento pior. Raymundo Lé cozinhou para mim um chá de urumbeba.

Era um recurso para aliviar meu achaque, e era dado com bondade. Isso mesmo foi o que eu disse a Raymundo Lé, agradecido: — “É um recurso para aliviar meu achaque, e estou vendo que é dado com bondade...” Alaripe pegou a gabar a virtude mezinheira das mais raízes e folhas. —

“Até estas aqui, duvidar, devem de poder servir, em doses, de remédio para algum carecer, só que não se sabe...” — ele disse, por uma môita rosmunda de frei-jorge, esfiada em tantos espetos, e a povoã por perto crescida. Ali, naquela hora, eu conferi como era usual a gente estimar os companheiros, em ajuntado. Diadorim — que graças-a-Deus estava de todo são — com os cuidados todos depunha assisado por mim. E o Sidurino disse: — “A gente carecia agora era de um vero tiroteio, para exercício de não se minguar... A alguma vila sertaneja dessas, e se pandegar, depois, vadiando...” Ao assaz confirmamos, todos estávamos de acordo com o sistema. Aprovei, também. Mas, mal acabei de pronunciar, eu despertei em mim um estar de susto, entendi uma dúvida, de arpêjo: e o que me picou foi uma cobra bibra. Aqueles, ali, eram com efeito os amigos bondosos, se ajudando uns aos outros com sinceridade nos obséquios e arriscadas garantias, mesmo não refugando a sacrifícios para socorros. Mas, no fato, por alguma ordem política, de se dar fogo contra o desamparo de um arraial, de outra gente, gente como nós, com madrinhas e mães — eles achavam questão natural, que podiam ir salientemente cumprir, por obediência saudável e regra de se espreguiçar bem. O horror que me deu — o senhor me entende? Eu tinha medo de homem humano.

A verdade dessa menção, num instante eu achei e completei: e quantas outras doideiras assim haviam de estar regendo o costume da vida da gente, e eu não era capaz de acertar com elas todas, de uma vez! Aí, para mim — que não tenho rebuço em declarar isto ao senhor — parecia que era só eu quem tinha responsabilidade séria neste mundo; confiança eu mais não depositava, em ninguém. Ah, o que eu agradecia a Deus era ter me emprestado essas vantagens, de ser atirador, por isso me respeitavam. Mas eu ficava imaginando: se fosse eu tivesse tido sina outra, sendo só um coitado morador, em povoado qualquer, sujeito à instância dessa jagunçada? A ver, então, aqueles que agorinha eram meus companheiros, podiam chegar lá, façanhosos, avançar em mim, cometer ruindades. Então? Mas, se isso sendo assim possível, como era pois que agora eles podiam estar meus amigos?! O senhor releve o tanto dizer, mas assim foi que eu pensei, e pensei ligeiro. Ah, eu só queria era ter nascido em cidades, feito o senhor, para poder ser instruído e inteligente! E tudo conto, como está dito. Não gosto de me esquecer de coisa nenhuma. Esquecer, para mim, é quase igual a perder dinheiro.

Ateado no que pensei, eu sem querer disse alto: — "...Só o demo..." E: — "Uém?..." — um deles, espantado, me indagou. Aí, teimei e inteirei: — "Só o Que-Não-Fala, o Que-Não-Ri, o Muito-Sério — o cão extremo!" Eles acharam divertido. Algum fez o pelo-sinal. Eu também. Mas Diadorim, que quando ferrava não largava, falou: — "O inimigo é o Hermógenes."

Disse, me olhou. Seja, fosse, para agradar o meu espírito. Arte de docemente, o que eu não pensei, o que eu reproduzi, firme:

— "Que sim, certo! O inimigo é o Hermógenes..."

Vigiei Diadorim; ele levantou a cara. Vi como é que olhos podem. Diadorim tinha uma luz. Reponho: em tanto já estava noitinha, escurecendo; aquela escuridão queria mandar os outros embora. O que Diadorim reslumbrava, me lembro de hei-de me lembrar, enquanto Deus dura. Mas, entre nós dois, sem ninguém saber, nem nós mesmos no exato, o que a gente acabava de fazer, entestando nos fundos, definitivamente por morte, era o julgamento do Hermógenes.

Hermógenes Saranhó Rodrigue Felipes — como ele se chamava; hoje, neste sertão, todo o mundo sabe, até em escritos no jornal já saíu o nome dele. Mas quem me instruiu disso, na ocasião, foi o Lacrau, aquele que à custa de riscos conseguira nos Tucanos se baldear para o meio de nós, consoante relatei. A ele dei de perguntar, ao mau respeito, muitas coisas. Assaz de contente, ele me respondia. Se era verdade, o que se contava? Pois era — o Lacrau me confirmou — o Hermógenes era positivo pactário. Desde todo o tempo, se tinha sabido daquilo. A terra dele, não se tinha noção qual era; mas redito que possuía gados e fazendas, para lá do Alto Carinhanha, e no Rio do Borá, e no Rio das Fêmeas, nos gerais da Bahia. E, veja, por que sinais se conhecia em favor dele a arte do Coisa-Má, com tamanha proteção? Ah, pois porque ele não sofria nem se cansava, nunca perdia nem adoecia; e, o que queria, arrumava, tudo; sendo que, no fim de qualquer aperto, sempre sobrevinha para corrigimento alguma revirada, no instinto derradeiro. E como era a razão desse segredo? — "Ah, que essas coisas são por um prazo... Assinou a alma em pagamento. Ora, o que é que vale? Que é que a gente faz com alma?..." O Lacrau se ria, só por acento. Ele me dizia que a natureza do Hermógenes demudava, não favorecendo que ele tivesse pena de ninguém, nem respeitasse honestidade neste mundo. — "Pra matar, ele foi sempre muito pontual... Se diz. O que é porque o Cujo rebatizou a cabeça dele com sangue certo: que foi o de um

homem são e justo, sangrado sem razão...” Mas a valência que ele achava era despropositada de enorme, medonha mais forte que a de reza-brava, muito mais própria do que a de fechamento-de-corpo. Pactário ele era, se avezando por cima de todos. — “Você, que não cede nenhum valor à alma, você, Lacrau, era capaz de fechar desse pacto?” — eu indaguei. — “Ah, não, mano, quero lá não navegar por detrás das coisas... Coragem minha é para se remedir contra homem levado feito eu, não é para marcar a meia-noite nessas encruzilhadas, enfrentar a Figura...” Calado, considerei comigo. Esse Lacrau tirava a sensatez da insensatez. Outras informações ele disse. O senhor não é como eu? Sem crer, cri.

Às parlendas, bobeia. O medo, que todos acabavam tendo do Hermógenes, era que gerava essas estórias, o quanto famanava. O fato fazia fato. Mas, no existir dessa gente do sertão então não houvesse, por bem dizer, um homem mais homem? Os outros, o resto, essas criaturas. Só o Hermógenes, arrenegado, senhoraço, destemido. Rúim, mas inteirado, legítimo, para toda certeza, a maldade pura. Ele, de tudo tinha sido capaz, até de acabar com Joca Ramiro, em tantas alturas. Assim eu discerni, sorrateiro, muito estudantemente. Nem birra nem agarre eu não estava acautelando. Em tudo reconhecí: que o Hermógenes era grande destacado daquele porte, igual ao pico do serro do Itambé, quando se vê quando se vem da banda da Mãe-dos-Homens — surgido alto nas nuvens nos horizontes. Até amigo meu pudesse mesmo ser; um homem, que havia. Mas Diadorim era quem estava certo: o acontecimento que se carecia era de terminar com um. Diadorim, o Reinaldo, me lembrei dele como menino, com a roupinha nova e o chapéu novo de couro, guiando meu ânimo para se aventurar a travessia do Rio do Chico, na canoa afundadeira. Esse menino, e eu, é que éramos destinados para dar cabo do Filho do Demo, do Pactário! O que era o direito, que se tinha. O que eu pensei, deu de ser assim.

Mas em tanto, com as mudanças e peripécias, no afinco de tudo lhe referir, ditas conforme digo — não toco no nome de Otacília? Nela eu queria pensar, na ocasião; mas mal que, cada vez, achava mais custoso. A ser que se nublando a sustância da recordação, a esquecida formosura. Assim a nossa conversação de amor, lá na Santa Catarina, não consistisse mais do que em uma história alheia, escutada de outra pessoa contar. Sei que eu queria uma saudade. Para isso rezei, a todas as minhas Nossas Senhoras Sertanejas. Mas rebotei de lado aquelas orações, na água fina e

no ar dos ventos. Elas, era feito eu lavrasse falso, não me davam nenhuma cortesia. Só um vexame, de minha extração e da minha pessoa: a certeza de que o pai dela nunca havia de conceder o casamento, nem tolerar meu remarcado de jagunço, entalado na perdição, sem honradez costumeira. As quantias por paga! O senhor entende, o que conto assim é resumo; pois, no estado do viver, as coisas vão enqueridas com muita astúcia: um dia é todo para a esperança, o seguinte para a desconsolação. Mas eu achei, aí, a possibilidade capaz, a razão. A razão maior, era uma. O senhor não quer, o senhor não está querendo saber?

Aquilo, que eu ainda não tinha sido capaz de executar. Aquilo, para satisfazer honra de minha opinião, somente que fosse. — “Ah, qualquer dia destes, qualquer hora...” — era como eu me aprazava. O dum dia, duma noite. Duma meia-noite. Só para confirmar constância da minha decisão, pois digo, acertar aquela fraqueza. Ao que, alguma espécie aquilo continha? Na verdade real do Arrenegado, a célebre aparição, eu não cria. Nem. E, agora, com isto, que falei, já está ciente o senhor? Aquilo, o resto... Aquilo — era eu ir à meia-noite, na encruzilhada, esperar o Maligno — fechar o trato, fazer o pacto!

Vejo que o senhor não riu, mesmo em tendo vontade. Também tive. Ah, hoje, ah — tomara eu ter! Rir, antes da hora, engasga. E eu me enviava pelo sério. Uma precisão eu encarecia: aí, de sopesar minhas seguidas forças, como quem pula a largura dum barranco, como quem saca sua faca para relumiar.

E veio mesmo outra manhã, sem assunto, eu decidi comigo: — É hoje... Mas dessa vez eu ainda remudei. Sem motivo para sim, sem motivo para não. Delonguei, deveras. Não é que, não foi de medo. Nem eu cria que, no passo daquilo, pudesse se dar alguma visão. O que eu tinha, por mim — só a invenção de coragem. Alguma coisice por principiar. O que algum tivesse feito, por que era que eu não ia poder? E o mais — é peta! — nonada. Do Tristonho vir negociar nas trevas de encruzilhadas, na morte das horas, soforma dalgum bicho de pelo escuro, por entre chorinhos e estados austeros, e daí erguido sujeito diante de homem, e se representando, canhim, beiçudo, manquinho, por cima dos pés de bode, balançando chapéu vermelho emplumado, medonho como exigia documento com sangue vivo assinado, e como se despedia, depois, no estrondo e forte enxofre. Eu não acreditava, mesmo quando estremecia. T’arreneguei.

Com isso, o tempo mais parava. Também, fazia mais de mês que a gente estava naquela tapera de retiro, cujo a Coruja era que era o nome, por um desses impossíveis de Zé Bebelo. Ao que mais foi que aconteceu ali? Bem, passa um bando de papagaios, o senhor pensa que eles levaram de sua pessoa alguma diversão. Mas os papagaios estão voando já longe, e o rumor deles, conforme o vento, faz que nem estivessem retornando. Diadorim, esse, nunca teve instante desiludido. Sempre eu gostava muito dele. Só que não falasse; por aquele tempo eu quase não abria boca para conversação.

E se deu que chegaram lá dois homens, quando não se esperava, um deles se vendo que sendo patrão, e o outro algum vaqueiro de seu serviço. Aí logo se soube: era o dono daqueles lugares, do retiro do Valado, principalmente; e ele, conforme já disse, seô Habão se chamava. Ali, quando dei fé, ele já tinha se apeado; estava curvado para o chão, mas seguro com a mão esquerda na rédea de seu cavalo. Era um homem de boa idade, vestido com brim azul encorpado escuro, e calçando pretas botas joelhudas. Quando levantou o olhar, outra vez, notei que tinha boa catadura. Mas o cavalo — esse me entusiasmou: era um animal gateado, grande, com imponência e todo brio, de rabejo vasto; e mais tarde o senhor verá o que ele era; cavalo de cara alta, de beiço mole, cavalo que debruça bem e que em poço bebia remolhando a testa. Ele sabia olhar redor-mirado a gente, com simpatias ou com desprezos, e respirava para dentro dos peitos a maior quantidade de ar que desejava, por quantas ventas tão largas ele tinha. Bem, dele depois lhe conto.

Seô Habão estava conversando com Zé Bebelo. Admirei a noção dele: que era uma calma muito sensata e firmada, junto com um miúdo comportamento. E vigiava os traços simples do arredor, não perdendo azo de reparar em todas as coisas, como era que estavam em que pé. Olhares de dono — o senhor sabe. E assim foi que ele declarou a Zé Bebelo que, na ocasião, estava desprevenido, não transportava consigo o dinheiro razoável. Mas que, se a gente desse a ele o gosto de seguirmos até à verdadeira sua fazenda-grande que possuía, na vertente do Resplandor, dali a umas vinte léguas de lonjura, ele havia de fornecer ademais um auxílio, em espórtulas. E ele falou aquilo com tantas sinceras medidas — a gente se capacitando do profundo que o dinheiro para ele devia de ter valor. Por aí, vi que ele era adiantado e sagaz. Porque: ema, no chapadão, é

a primeira que ouve e se sacode e corre — e mesmo em quando tenha razão.

Mas, com seus modos guerreiros, Zé Bebelo abriu um gesto, à fidalgamente, nem deixando o outro estipular:

— "Ah, isso não, patrício meu amigo, he, mas absolutamente! A gente não é gente da desordem... E favor, de sobra, nós já devemos ao senhor — pela pousada em suas terras e pelas cabeças de gado de sua posse, que temos carneado, por precisão de sustento..."

O homem depressa pronunciou que tinha prazer naquilo, que sua boiada toda estava às ordens; mas, como por uma regra, perguntou assim mesmo quantas cabeças, mais ou menos, a gente já tinha consumido. Assim ele dava balanço, inquiria, e espiava gerente para tudo, como se até do céu, e do vento suão, homem carecesse de cuidar comercial. Eu pensei: enquanto aquele homem vivesse, a gente sabia que o mundo não se acabava. E ele era sertanejo? Sobre minha surpresa, que era. Serras que se vão saindo, para destapar outras serras. Tem de todas as coisas. Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas.

Fiquei notando. Em como Zé Bebelo aos poucos mais proseava, com ensejos de ir mostrando a valia declarada que tinha, de jagunço chefe famoso; e daí, sutil, se reconhecia da parte dele um certo desejo de agradar ao outro. Por causa que o outro era diferido, composto em outra séria qualidade de preocupações. E seô Habão, que escutava com respeito, devagarzinho pegava a fazer perguntas, com a ideia na lavoura, nos trabalhos perdidos daquele ano, por desando das chuvas temporãs e do sol grave, e das doenças sucedidas. O que me dava a qual inquietação, que era de ver: conheci que fazendeiro-mór é sujeito da terra definitivo, mas que jagunço não passa de ser homem muito provisório.

E Zé Bebelo mesmo se cansava de falar demonstrado. Porque seô Habão, mansoso e manso, sem glória nenhuma, era um toco de pau, que não se destorce, fincado sempre para o seu arrumo. Ele só entendia de assuntos triviais, mas cuidava deles com uma força vagarosa, verdadeira, de boi-de-côice. E, no mais, nem ouvia, apesar de toda a cortesia de respeito, quando se falava em Joca Ramiro, no Hermógenes e no Ricardão, em tiroteios com os praças e na grande tomada, por quinhentos cavaleiros, da formosa cidade de São Francisco — que é a que o Rio olha com melhor amor. Daí, assim ia sendo que, mesmo sem sentir, o próprio Zé Bebelo se via principiando a ter de falar com ele em todas as pestes de gado, e nas

boas leiras de vazante, no feijão-da-seca e nos arrozais cacheando, em que os passarinhos de Deus viram em a má praga. Com efeito, nos intervalos daquela dividida conversa, não sei o que Zé Bebelo sentia nem achava. Eu, digo — me disse: que um homem assim, seô Habão, era para se querer longe da gente; ou, pois, então, que logo se exigisse e deportasse. Do contrário, não tinha sincero jeito possível: porque ele era de raça tão persistente, no diverso da nossa, que somente a estância dele, em frente, já media, conferia e reprovava.

Mas, sei lá, só por um doente desejo de necessidade de ver bem se aquilo era, o certo foi que não sosseguei até poder me presenciar com ele, perto a perto, e inventar conversação. E nem custoso não me foi, porque ele passou ali com a gente muitas horas, quase que o dia todo. Dei um jeito, fazendo como se menos quisesse, e vim em fala. Seô Habão me olhou com tanta norma desusada, que eu senti minhas falsidades. E esqueci as palavras primeiras, que tinha aprontado para declarar.

— "Seô Capitão Habão..." — eu disse; e num relance eu conheci que estava também tendo de falar o p'r'agradar.

Assim, o que dissertei foi que eu sabia do título de capitão que ele usufruía, por ter relido o diploma, na casa do Valado, que de roubos a furtos a gente do Sucruiú tinha devastado. E contei a ele que a referida patente eu tinha por cautela apanhado do chão e guardado dentro do oratório, por detrás das imagens dos santos.

Ele nem deu ar de interesse no fato, não me agradeceu por isso; perguntou nada. Disse:

— "A bexiga do Sucruiú já terminou. Estou ciente dos que morreram: foram só dezoito pessoas..."

E o que indagou foi se eu soubesse se tinham feito muitos estragos nos canaviais. — "...O que eles deixaram em pé, e que lobo ou mão-pelada não roeram, sempre há-de dar uns carros, se move moagem..." Agora ele conservava os olhos sem olhar, num vagar vago, circunspecto, pensava aqueles capítulos. Disse que ia botar os do Sucruiú para o corte da cana e fazeção de rapadura. Ao que a rapadura havia de ser para vender para eles do Sucruiú, mesmo, que depois pagavam com trabalhos redobrados. De ouvir ele acrescentar assim, com a mesma voz, sem calor nenhum, deu em mim, de repente, foram umas nervosias. Ao que, aqueles do Sucruiú, fossem juntas-de-bois em canga, criaturas de toda proteção apartadas. Mas eu não tinha raiva desse seô Habão, juro ao senhor, que ele não era

antipático. Eu tinha era um começo de certo desgosto, que seria meditável. — “Para o ano, se Deus quiser, boto grandes roças no Valado e aqui... O feijão, milho, muito arroz...” Ele repisava, que o que se podia estender em lavoura, lá, era um desadoro. E espiou para mim, com aqueles olhos baçosos — aí eu entendi a gana dele: que nós, Zé Bebelo, eu, Diadorim, e todos os companheiros, que a gente pudesse dar os braços, para capinar e roçar, e colher, feito jornaleiros dele. Até enjoei. Os jagunços destemidos, arriscando a vida, que nós éramos; e aquele seô Habão olhava feito o jacaré no juncal: cobiçava a gente para escravos! Nem sei se ele sabia que queria. Acho que a ideia dele não arrumava o assunto assim à certa. Mas a natureza dele queria, precisava de todos como escravos. Ainda confesso declarado ao senhor: eu não tivesse raiva daquele seô Habão. Porque ele era um homem que estava de mim em tão grandes distâncias. A raiva não se tem duma jiboia, porque jiboia constraga mas não tem veneno. E ele cumpria sua sina, de reduzir tudo a conteúdo. Pudesse, economizava até com o sol, com a chuva. Estava picando fumo no covo da mão, garanto ao senhor que não esperdiçava nem o átomo dumas felpas. A alegria dele era uma recontada repetição, um condescendido: vinte, trinta carros de milho, ah, os mil alqueires de arroz... Zé Bebelo, que esses projetos ouvisse, ligeiro logo era capaz de ficar cheio de influência: exclamar que assim era assim mesmo, para se transformar aquele sertão inteiro do interior, com benfeitorias, para um bom Governo, para esse ô-Brasil! Em peta, que, um seô Habão, esse não se entusiasmava. Era só os carros-de-bois carreando a cana. E ele dava ordens. Ordem que dava, havia de ser costumeira e surda, muito diferente da de jagunço. Cada pessoa, cada bicho, cada coisa obedecia. Nós íamos virando enxadeiros. Nós? Nunca! Mas, então, eu antes queria ver chegar duma vez os do Hermógenes, em galopadas e gritos, berrando rifles em todo fogo, e ái para se ouvir, e sangue para quem ver pudesse. Aí era que iam saber o que sebaceiro é! E, por um despique, foi que acertei meu correão com as armas; e pronunciei:

— “Duvidar, seô Habão, o senhor conhece meu pai, fazendeiro Senhor Coronel Selorico Mendes, do São Gregório?!”

Pensei que ele nem fosse acreditar. Mas, juro ao senhor: ele me olhou com muitos outros olhos. Aquele olhar eu aguentei, facilitado. Seô Habão sacudia em sim a cabeçona, surpreendido mas circunstante. — “Dou notícia... Dou notícia....” — ele quase que se lastimou. Nem sei se ele sabia que meu Padrinho Selorico Mendes fosse, como era, muito mais

fornecido de renome e avultado em posses, conforme até por estes sertões do gerais se contava. Regozijei, devagar; mas não regozijei completo. Do que destapei: que um desses, com a estirpe daquele seô Habão, tirassem dele, tomassem, de repente, tudo aquilo de que era dono — e ele havia de choramingar, que nem criancinha sem mãe, e tatear, toda a vida, feito cèguinho catando no chão o cajado, feito quem esquenta mãos por cima dum fogo fumacento. A misericórdia, também, eu quase tive. Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza. De ver o homem, em pé, diante de mim, recrescer e tornar a minguar — isto tudo no meu juízo — nem sei de que estimas me esquecia e de que outras me lembrava. E, com pouco, no rebaixar do sol, ele tornou a amontar no seu cavalo gateado, belo, e se foi, de rompida, no rumo tôrto do Valado.

Sobre assim, aí corria no meio dos nossos um conchavo de animação, fato que ao senhor retardei: devido que mesmo um contador habilidoso não ajeita de relatar as peripécias todas de uma vez. Pois foi que o vaqueiro tal, que acompanhava o seô Habão, em conversa distraída com algum ou com outro, por acasos mencionou que um bando de uns dez homens, jagunços também, pelo dito e visto, andavam parapassando, como que à espera de destino, em entre o Fazendão Felício — que é na beira da estrada-mór para esse poente todo — e o Porto velho da Remeira, no rio Paracatú — aonde, menos dia, mais dia, todo o mundo acaba vindo chegando. Depressa então falaram o assunto ciente para Zé Bebelo, que reconheceu, pela descrição: — “Chagas de Cristo! É eles, ei, eguei... Só pode que pode ser é mesmo o João Goanhá, com uns outros...” E instantâneo expediu, para lá, dois próprios, que tocassem ligeiro como sem senões e voltassem trazendo os comparsas amigos. Isso com a certa alegria se ouviu, porque eram novidades acontecendo.

Afora eu. Achado eu estava. A resolução final, que tomei em consciência. O aquilo. Ah, que — agora eu ia! Um tinha de estar por mim: o Pai do Mal, o Tendeiro, o Manfarro. Quem que não existe, o Solto-Eu, o Ele... Agora, por que? Tem alguma ocasião diversa das outras? Declaro ao senhor: hora chegada. Eu ia. Porque eu estava sabendo — se não é que fosse naquela noite, nunca mais eu ia receber coragem de decisão. Senti esse intimado. E tanto mesmo nas ideias pequenas que já me aborrecendo, e por causa de tantos fatos que estavam para suceder, dia contra dia. Eu pensava na vinda de João Goanhá, e que a gente carecia de sair de novamente por ali, por terras e guerras. Pensei naquele seô Habão, que

nem num transtorno? Mais não sei. E essas coisas desconvinham em mim, em espécie de necessidade. A não me apartar à-tôa dali — das Veredas-Mortas!

Sombra de sombra, foi entardecendo; fuscava. Ao que eu estivesse destemido, soberbo? Da mão peluda, eu firme estava. Fazia muito tempo que eu não descabia de tão em arrojo. Dou: que nunca, feito naquela hora, e em aquele dia. Somente com a alegria é que a gente realiza bem — mesmo até as tristes ações. Retrocedi de todos. De Zé Bebelo, demais: que ele havia de desconfiar, dizer o que era desordens que cabeça de homem não cogita. De Diadorim refugi. Ah, deixa a aguinha das grotas gruguejar sozinha. E, no singular de meu coração, dou dito: o que eu gostava tanto de Diadorim, tinha um escrúpulo — queria que ele permanecesse longe de toda confusão e perigos. Há-de, essa lembrança branda, de minha ação, minha Nossa Senhora ainda marque em meu favor. Deus me tenha!

Adjaz o campo, então eu subi de lá, noitinha — hora em que capivara acorda, sai de seu escondido e vem pastar. Deus é muito contrariado. Deus deixou que eu fosse, em pé, por meu querer, como fui.

Eu caminhei para as Veredas-Mortas. Varei a quissassa; depois, tinha um lance de capoeira. Um caminho cavado. Depois, era o cerrado mato; fui surgindo. Ali esvoaçavam as estopas eram uns caborés. E eu ia estudando tudo. Lugar meu tinha de ser a concruz dos caminhos. A noite viesse rodeando. Aí, friazinha. E escolher onde ficar. O que tinha de ser melhor debaixo dum pau-cardoso — que na campina é verde e preto fortemente, e de ramos muito voantes, conforme o senhor sabe, como nenhuma outra árvore nomeada. Ainda melhor era a capa-rosa — porque no chão bem debaixo dela é que o Careca dansa, e por isso ali fica um círculo de terra limpa, em que não cresce nem um fio de capim; e que por isso de capa-rosa-do-judeu nome toma. Não havia. A encruzilhada era pobre de qualidades dessas. Cheguei lá, a escuridão deu. Talentos de lua escondida. Medo? Bananeira treme de todo lado. Mas eu tirei de dentro de meu tremor as espantosas palavras. Eu fosse um homem novo em folha. Eu não queria escutar meus dentes. Desengasguei outras perguntas. Minha opinião não era de ferro? Eu podia cortar um cipó e me enforcar pelo pescoço, pendurado morrendo daqueles galhos: quem-é-que quem que me impedia?! Eu não ia temer. O que eu estava tendo era o medo que ele estava tendo de mim! Quem é que era o Demo, o Sempre-Sério, o Pai da Mentira? Ele não tinha carnes de comida da terra, não possuía sangue

derramável. Viesse, viesse, vinha para me obedecer. Trato? Mas trato de iguais com iguais. Primeiro, eu era que dava a ordem. E ele vinha para supilar o ázimo do espírito da gente? Como podia? Eu era eu — mais mil vezes — que estava ali, querendo, próprio para afrontar relance tão desmarcado. Destes meus olhos esbarrarem num rôr de nada.

Esperar, era o poder meu; do que eu vinha em cata. E eu não percebia nada. Isto é, que mesmo com o escuro e as coisas do escuro, tudo devia de parar por lá, com o estado e aspecto. O chirilil dos bichos. Arre, quem copia o riso da coruja, o gritado. Arrepia os cabelos das carnes.

E não conheci arriação, nem cansaço.

Ele tinha que vir, se existisse. Naquela hora, existia. Tinha de vir, demorão ou jàjão. Mas, em que formas? Chão de encruzilhada é posse dele, espojeiro de bestas na poeira rolarem. De repente, com um catrapuz de sinal, ou momenteiro com o silêncio das astúcias, ele podia se surgir para mim. Feito o Bode-Preto? O Morcegão? O Xú? E de um lugar — tão longe e perto de mim, das reformas do Inferno — ele já devia de estar me vigiando, o cão que me fareja. Como é possível se estar, desarmado de si, entregue ao que outro queira fazer, no se desmedir de tapados buracos e tomar pessoa? Tudo era para sobrosso, para mais medo; ah, aí é que bate o ponto. E por isso eu não tinha licença de não me ser, não tinha os descansos do ar. A minha ideia não fraquejasse. Nem eu pensava em outras noções. Nem eu queria me lembrar de pertencências, e mesmo, de quase tudo quanto fosse diverso, eu já estava perdido provisório de lembrança; e da primeira razão, por qual era, que eu tinha comparecido ali. E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era — ficar sendo!

E foi assim que as horas reviraram. — A meia-noite vai correndo... — eu quis falar. O cote que o frio me apertava por baixo. Tossi, até. — “*Estou rouco?*” — “*Pouco...*” — eu mesmo sozinho conversei. Ser forte é parar quieto; permanecer. Decidi o tempo — espiando para cima, para esse céu: nem o setestrêlo, nem as três-marias, — já tinham afundado; mas o cruzeiro ainda rebrilhava a dois palmos, até que descendo. A vulto, quase encostada em mim, uma árvore mal vestida; o surro dos ramos. E qualquer coisa que não vinha. Não vendo estranha coisa de se ver.

Ao que não vinha — a lufa de um vendaval grande, com Ele em trono, contravisto, sentado de estadela bem no centro. O que eu agora queria! Ah,

acho que o que era meu, mas que o desconhecido era, duvidável. Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. "Deus ou o demo?" — sofri um velho pensar. Mas, como era que eu queria, de que jeito, que? Feito o arfo de meu ar, feito tudo: que eu então havia de achar melhor morrer duma vez, caso que aquilo agora para mim não fosse constituído. E em troca eu cedia às arras, tudo meu, tudo o mais — alma e palma, e desalma... Deus e o Demo! — "Acabar com o Hermógenes! Reduzir aquele homem!..." —; e isso figurei mais por precisar de firmar o espírito em formalidade de alguma razão. Do Hermógenes, mesmo, existido, eu mero me lembrava — feito ele fosse para mim uma criancinha moliçosa e mijona, em seus despropósitos, a formiguinha passeando por diante da gente — entre o pé e o pisado. Eu muxoxava. Espremia, p'r' ali, amassava. Mas, Ele — o Dado, o Danado — sim: para se entestar comigo — eu mais forte do que o Ele; do que o pavor d'Ele — e lamber o chão e aceitar minhas ordens. Somei sensatez. Cobra antes de picar tem ódio algum? Não sobra momento. Cobra desfecha desferido, dá bote, se deu. A já que eu estava ali, eu queria, eu podia, eu ali ficava. Feito *Ele*. Nós dois, e tornopío do pé-de-vento — o ró-ró girado mundo a fora, no dobar, funil de final, desses redemoinhos: *...o Diabo, na rua, no meio do redemunho...* Ah, ri; ele não. Ah — eu, eu, eu! "Deus ou o Demo — para o jagunço Riobaldo!" A pé firmado. Eu esperava, eh! De dentro do resumo, e do mundo em maior, aquela crista eu repuxei, toda, aquela firmeza me revestiu: fôlego de fôlego de fôlego — da mais-força, de maior-coragem. A que vem, tirada a mando, de setenta e setentas distâncias do profundo mesmo da gente. Como era que isso se passou? Naquela estação, eu nem sabia maiores havenças; eu, assim, eu espantava qualquer pássaro.

Sapateei, então me assustando de que nem gota de nada sucedia, e a hora em vão passava. Então, ele não queria existir? Existisse. Viesse! Chegasse, para o desenlace desse passo. Digo direi, de verdade: eu estava bêbado de meu. Ah, esta vida, às não-vezes, é terrível bonita, horrorosamente, esta vida é grande. Remordi o ar:

— "Lúcifer! Lúcifer!..." — aí eu bramei, desengulindo.

Não. Nada. O que a noite tem é o vozeio dum ser-só — que principia feito grilos e estalinhos, e o sapo-cachorro, tão arranhão. E que termina num queixume borbulhado tremido, de passarinho ninhante mal-acordado dum totalzinho sono.

— "Lúcifer! Satanaz!..."

Só outro silêncio. O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.

— "Ei, Lúcifer! Satanaz, dos meus Infernos!"

Voz minha se estragasse, em mim tudo era cordas e cobras. E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu — que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu, a conforme a ciência da noite e o envir de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas; fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adêjo, um gozo de agarro, daí umas tranquilidades — de pancada. Lembrei dum rio que viesse adentro a casa de meu pai. Vi as asas, arquei o puxo do poder meu, naquele átimo. Aí podia ser mais? A peta, eu querer saldar: que isso não é falável. As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!

Pois ainda tardei, esbarrado lá, no burro do lugar. Mas como que já estivesse rendido de avesso, de meus íntimos esvaziado. — "E a noite não descamba!..." Assim parava eu, por reles desânimo de me aluir dali, com efeito; nem firmava em nada minha tenção. As quantas horas? E aquele frio, me reduzindo. Porque a noite tinha de fazer para mim um corpo de mãe — que mais não fala, pronto de parir, ou, quando o que fala, a gente não entende? Despresenciei. Aquilo foi um buracão de tempo.

A mór, bem na descida, avante, branquejavam aqueles grossos de ar, que lubrinam, que corrubiam. Dos marimbús, das Veredas Mortas. Garôa da madrugada. E, a bem dizer por um caminho sem expedição, saí, fui vindo m'embora. Eu tinha tanto friúme, assim mesmo me requeimava forte sede. Desci, de retorno, para a beira dos buritís, aonde o pano d'água. A claridadezinha das estrelas indicava a raso a lisura daquilo. Ali era bebedouro de veados e onças. Curvei, bebi, bebi. E a água até nem não estava de frio geral: não apalpei nela a mornidão que devia-de, nos casos de frio real o tempo estar fazendo. Meu corpo era que sentia um frio, de si, friôr de dentro e de fora, no me rigir. Nunca em minha vida eu não tinha sentido a solidão duma friagem assim. E se aquele gelado inteiriço não me largasse mais.

Foi orvalhando. O ermo do lugar ia virando visível, com o esboço no céu, no mermar da d'alva. As barras quebrando. Eu encostei na boca o chão, tinha derreado as forças comuns de meu corpo. Ao perto d'água, piorava aquele desleixo de frio. Abracei com uma árvore, um pé de breu-

branco. Anta por ali tinha rebentado galhos, e estrumado. — “Posso me esconder de mim?...” Soporado, fiquei permanecendo. O não sei quanto tempo foi que estive. Desentendi os cantos com que piam, os passarinhos na madrugança. Eu jazi mole no chato, no folhiço, feito se um morcegão caiana me tivesse chupado. Só levantei de lá foi com fome. Ao alembrável, ainda avistei uma meleira de abelha aratim, no baixo do pau-de-vaca, o mel sumoso se escorria como uma mina d’água, pelo chão, no meio das folhas secas e verdes. Aquilo se arruinava, desperdiçado. Senhor, senhor — o senhor não puxa o céu antes da hora! Ao que digo, não digo?

Cheguei no meio dos outros, quando o Jacaré estava terminando de coar café. — “Tu treme friúra, pegou da maleita?” — algum me perguntou. — “Que os carregue!” — eu arrespondi. E mesmo com o sol saindo bom, cacei um cobertor e uma rede. — Arte — o enfim que nada não tinha me acontecido, e eu queria aliviar da recordação, ligeiro, o desatino daquela noite. Assim eu estava desdormido, cisado. Aí mesmo, no momento, fui escogitando: que a função do jagunço não tem seu que, nem p’ra que. Assaz a gente vive, assaz alguma vez raciocina. Sonhar, só, não. O demônio é o Dos-Fins, o Austero, o Severo-Mór. Apôrro!

Sabendo que, de lá em diante, jamais nunca eu não sonhei mais, nem pudesse; aquele jogo fácil de costume, que de primeiro antecipava meus dias e noites, perdi pago. Isso era um sinal? Porque os prazos principiavam... E, o que eu fazia, era que eu pensava sem querer, o pensar de novidades. Tudo agora reluzia com clareza, ocupando minhas ideias, e de tantas coisas passadas diversas eu inventava lembrança, de fatos esquecidos em muito remoto, neles eu topava outra razão; sem nem que fosse por minha própria vontade. Até eu não puxava por isso, e pensava o qual, assim mesmo, quase sem esbarrar, o todo tempo.

Nos começos, aquilo bem que achei esquipático. Mas, com o seguinte, vim aceitando esse regime, por justo, normal, assim. E fui vendo que aos poucos eu entrava numa alegria estrita, contente com o viver, mas apressadamente. A dizer, eu não me afoitei logo de crer nessa alegria direito, como que o trivial da tristeza pudesse retornar. Ah, voltou não; por oras, não voltava.

— “Uai, tão falante, Tatarana? Quem te veja...” — me perguntaram; o Alaripe perguntou. Será que de mim debicavam.

Eu estava, com efeito, relatando mediante certos floreados umas passagens de meus tempos, e depois descrevendo, por diversão, os

benefícios que os grados do Governo podiam desempenhar, remediando o sertão do desdeixo. E, nesse falar, eu repetia os ditos vezeiros de Zé Bebelo em tantos discursos. Mas, o que eu pelejava era para afetar, por imitação de troça, os sestros de Zé Bebelo. E eles, os companheiros, não me entendiam. Tanto, que, foi só entenderem, e logo pegaram a rir. Aí riam, de miséria melhorada.

— "Os mestres, que está certo, amigo..." — o Alaripe dissesse.

— "Deveras, está certo, mano-velho..." — outro, o Rasga-em-Baixo, inteirou.

Aquilo não tolerei. Esse vesgueiro Rasga-em-Baixo, o qual entornava de lado a cabeça, gastando ar demais, o que respirava três vezes forte, e fuchicando o nariz, numa fungação. Desentendi e impliquei.

— "Certo de que, nesta vida? Pois eu nem costumo nunca xingar ninguém de filho daquela ou dessa, por receio de que seja mesmo verdade..."

Assim a eles eu disse. Tanto enquanto riam, apreciando me ouvir, eu contei a estória de um rapaz enlouquecido devagar, nos Aiáis, não longezinho da Vereda-da-Aldeia: o qual não queria adormecer, por um súbito medo que nele deu, de que de alguma noite pudesse não saber mais como se acordar outra vez, e no inteiro de seu sono restasse preso.

Mais me acudiam dessas fantasias. E eu relanceei, de repente, e falei o que era que a gente precisava:

— "Urgentemente é se mandar portador, a lugar de farmácia, comprar adquirido remédio forte, que há, para se terminar com a maleita, em definitividade!"

Disse, e daí todos aprovaram; mais Zé Bebelo com aquilo concordou, de imediato. Portador foi.

Eu tinha enjoo de toda pasmacez. Com Zé Bebelo, falei:

— "Chefe, o que se tem de obrar: enviar algum comparsa esperto, que cace de entrar para o bando dos Judas, para no meio deles observar o serviço que se passa, e remeter para a gente as notícias e deixar traço nos lugares. Ou que mesmo dê jeito de liquidar mãomente o Hermógenes — proporcionando venenos, por um exemplo..."

— "A maluqueira, Tatarana, isso que Você está definindo..." — Zé Bebelo me contestou.

— "Maluqueiras — é o que não dá certo. Mas só é maluqueira depois que se sabe que não acertou!" — eu atalhei, curto; porque eu naquela hora

achava Zé Bebelo inferior; e porque, que alguém falasse contra, por cima das minhas palavras, me dava raiva.

Zé Bebelo retardou em me rever. Do fim, o dizer:

— "Um homem, para a façanha assim, só mesmo se..."

— "Sol procura é as pontas dos aços..." — eu cortei, sem meio medir o razoado. Ao tanto que Zé Bebelo completava:

— "...Só eu... ou você mesmo, Tatarana. Mas a gente somos garrotes remarcados."

Mas, daí, me entendendo bem, ele fechou assim:

— "Riobaldo, tu é um homem de estúrdia valia..."

A dado sincero; eu senti. Ao perante diante de minhas presenças, todos tinham mesmo de ser sinceros. Só nos olhos das pessoas é que eu procurava o macio interno delas; só nos onde os olhos.

O José Vereda cachimbava, sentado perto de seus pertences. O Balsamão estava ali junto. Esse era maneiras-grossas, homem de muito sobrecenho. Derradeiramente eles estavam muito amigos, mesmo porque os dois eram da mesma terra — geralistas das campinas. Má vontade me veio, de dizer, eu disse: — "Assunto aí não é capaz que haja? Tôrto, tôrto, nasceu morto... Olh' lá, caso se um de vocês tem mulher bonita e nova, quando retornarem para casa..." Isso podia ser razão de desguisado. Eu queria rixar? Figuro de cientificar ao senhor: o costume meu nunca tinha sido esse. Agora, era que eu me espiritava só para arrelias e inconveniências. E, aí, quando uns estavam querendo tirar oração, por ser dia de domingo, não estive que não falasse: — "Reza é começo de quaresma..." Os que riram, riram. Foram deixando de lado aquela mexida igrejeira. Apondo em balança, que é que isso me representava? Tudo eu palpava com os pés, nisso eu respingava um tardar.

Daqui veio que Diadorim mesmo estranhou aqueles meus modos. A entender me deu, e eu reminiquei, com soltura de palavras: como é que ia tolerar conselho ou contradição? Agravei o branco em preto. Mas Diadorim perseverou com os olhos tão abertos sem resguardo, eu mesmo um instante no encantado daquilo — num vem-vem de amor. Amor é assim — o rato que sai dum buraquinho: é um ratazão, é um tigre leão!

Conferindo que nem vergonha eu tive. Não ter vergonha como homem, é fácil; dificultoso e bom era poder não se ter vergonha feito os bichos animais. O que não digo, o senhor verá: como é que Diadorim podia ser

assim em minha vida o maior segredo? De manhã, naquele mesmo dia, ele tinha conversado, de me dizer:

— "Riobaldo, eu gostava que você pudesse ter nascido parente meu..."

Isso dava para alegria, dava para tristeza. O parente dele? Querer o certo, do incerto, coisa que significava. Parente não é o escolhido — é o demarcado. Mas, por cativa em seu destinozinho de chão, é que árvore abre tantos braços. Diadorim pertencia a sina diferente. Eu vim, eu tinha escolhido para o meu amor o amor de Otacília. Otacília — quando eu pensava nela, era mesmo como estivesse escrevendo uma carta. Diadorim, esse, o senhor sabe como um rio é bravo? É, toda a vida, de longe a longe, rolando essas braças águas, de outra parte, de outra parte, de fugida, no sertão. E uma vez ele mesmo tinha falado: — "Nós dois, Riobaldo, a gente, você e eu... Por que é que separação é dever tão forte?..." Aquilo de chumbo era. Mas Diadorim pensava em amor, mas Diadorim sentia ódio. Um nome rodeante: Joca Ramiro — José Otávio Ramiro Bettancourt Marins, o Chefe, o pai dele? Um mandado de ódio. No que eu sabia. Não venci as ácidas picuinhas, no relembrar:

— "Aquele, hora destas, deve de andar lá por entre o Urucúia e o Pardo... O Hermógenes..."

Ele acinzentou a cara. Tremeu, aos pingos, no centrozinho dos olhos. Revi que era o Reinaldo, que guerreava delicado e terrível nas batalhas. Diadorim, semelhasse maninel, mas diabrável sempre assim, como eu agora eu estava contente de ver. Como era que era: o único homem que a coragem dele nunca piscava; e que, por isso, foi o único cuja toda coragem às vezes eu invejei. Aquilo era de chumbo e ferro.

E, em relance em mais, eu já estava carecendo de declarar aos companheiros todos os êrros que vínhamos pagando, por motivo do ultimamente, conforme agora eu ladino deduzia. Disse, com modos, ao próprio Zé Bebelo, que isto de mim escutou:

— "...Sem tenção de descrédito ou ofensa, Chefe, mas duvido de que bem fizemos em restar todos aqui, comprando cura de doenças. Mais ajuizado certo não seria se ter remetido meia-dúzia de cabras, dos sãos, que tivessem ido buscar a munição nesse lugar, a Virgem-Mãe, e trazer? Munição já estava aqui, e a gente estava mais garantidos..."

Zé Bebelo em mal amargo — ele espinoteou com a cabeça, arejou os queixos. Desde, depressinha, me explicou a maior razão, com palavras baixas. Porque ele de tudo já soubesse: foi então que me disse que o

extravio nosso tinha sido mais completo; porque a gente tinha vindo em má rota, em vez da Virgem-Mãe para a Virgem-da-Laje. Eu escutei, tei. Em outras ocasiões, uma notícia dessas era capaz de me perturbar. Mas, dessa viagem, eu achava até divertido. Figuro explicando ao senhor: desde por aí, tudo o que vinha a suceder era engraçado e novo, servia para maiores movimentos. Com essas levezas eu seguia a vida.

Quando, então, trouxeram reunidos todos os animais, estavam ajuntando a cavalhada. Regulava subida manhã, orçado o sol, e eles redondeavam no aprazível — tropilha grande, pondo poeira, dado o alvoroço de muitos cascos. Fiz um rebuliz? Dou confesso o que foi: era de mim que eles estavam espantados. Aí porque a cavalaria me viu chegar, e se estrepoliu. O que é que cavalo sabe? Uns deles rinchavam de medo; cavalo sempre relincha exagerado. Ardido aquele nitrinte riso fininho, e, como não podiam se escapulir para longe, que uns suavam, e já escumavam e retremiam, que com as orêlhas apontavam. Assim ficaram, mas murchando e obedecendo, quando, com uma raiva tão repentina, eu pulei para o meio deles: — "Barzabú! Aquieta, cambada!" — que eu gritei. Me avaliaram. Mesmo pus a mão no lombo dum, que emagreceu à vista, encurtando e baixando a cabeça, arrufava a crina, conforme terminou o bufo de bufôr.

Notei que os companheiros reparavam a estranhez daquilo, dos cavalos e as minhas maneiras. Só que se riam, formados no costume de jagunços, que é de frouxas essas leviandades. — "Barzabú!" — ô gente!, feito fosse minha certeza, o Das-Trevas. E eu parava, rente, no meio de todos, que de volta aceitavam minha presença, esses cavalos.

— "Tu sendo peão amansador domador?!" — que o Ragásio caçoou comigo. Mas eu me virei, e já se ouvia outro tropel: era aquele seô Habão, que chegava. Vinha com três homens, estroteantes — gentinha trabalhosa. E o animal dele, o gateado formoso, deu que veio se esbarrar ante mim. Foi o seô Habão saltando em apeio, e ele se empinou: de dobrar os jarretes e o rabo no chão; o cabresto, solto da mão do dono, chicoteou alto no ar. — "Barzabú!" — xinguei. E o cavalão, lão, lão, pôs pernas para adiante e o corpo para trás, como onça fêmea no cio mor. Me obedecia. Isto, juro ao senhor: é fato de verdade.

O seô Habão estava ali, me desentendeu nos olhos. Ele ficou a vermelho. Mas eu acho que, homem só vendido ao dinheiro e ao ganho, às

vezes são os que percebem primeiro o atiço real das coisas, com a ligeireza mais sutil. Ele não gaguejou. Melhor me disse:

— "Se este praz ao senhor... Se ele praz ao senhor... Lhe dou, amigavelmente, com bom agrado: assim como ele está, moço, ele é seu..."

Não acreditei? Reafirmo ao senhor: meu coração não pulsou dúvidas. Agradeci, como meu brio; peguei a ponta do cabresto. Agora, daquela hora, era meu o cavalo grande, com suas manchas e riscas — ah, como ele pisava peso no chão, e como ocupava tão grande lugar! Até passeei um carinho nas faces dele, e pela tábua-do-pescoço a fora. Meu o bicho era, por posse, e assim revestido, conforme estava — que era com um socadinho bom, com caçambas de pau. Mas sendo que, dividido o instante, eu já ali pensei: por que seria que o seô Habão se engraçava de me presentear de repente com uma prenda dum valor desse, eu que não era amigo nem parente dele, que não me devia obrigação, quase que nem me conhecia? Aos que projetos ele engenhava em sua mente, que possança minha ele adivinhava? A pois, fosse. Aquele homem me temia? Da admiração de meu povo todo, dei fé, borborinho com que me rodeavam. Certo, deviam de estar com invejas. Fosse! E a mãe!... A primeira coisa, que um para ser alto nesta vida tem de aprender, é topar firme as invejas dos outros restantes... Me rêjo, me calêjo! Só por causa daquele cavalo, até, eu fui ficando mais e mais, enfrentava. Não me riram.

— "É deveras... Animal de riqueza: graúdo, farto e manteúdo..."

— "Sorte é isto. Merecer e ter..."

— "Ainda bem que foi bem empregado..."

Só dissessem. Disfarcei meu regozijo. Disse logo foi a tenção de maiores ideias em desejos — segundo a como apeirado aquele eu já queria: que arreado à gaúcha, com peitoral com pratas em meia-lua, e as peças dos arreios chapeadas de belo metal.

— "Ara, que assim ouvi, Tatarana: o nome que ele vai se chamar é mesmo *Barzabú*?" — algum caçoou de me perguntar.

— "A não, meu compadre tôrto! Sossega a velha... Nome que dou a ele, d'ora em diante, conferido, é este — quem que aprender, aprende! — que é: *ocavalo Siruiz...*" — assim foi que eu respondi, sem tempo nenhum para pensamento. Montei.

Ah, as coisas influentes da vida chegam assim sorrateiras, ladroalmente. Pois Zé Bebelo estava aparecendo ali, e eu atinei, ligeiro, com o que não tinha refletido. Ao que: oferecer e receber um presente daquele, naquelas

condições, era a mesma coisa que forte ofender Zé Bebelo. Um dom de tanto quilate tinha de ser para o Chefe. Reconheci, aí. Mas não tirei para trás. Não desapeei. É de ver que, conforme em mim, nesses enquantos, eu já devia de estar fitando Zé Bebelo com um certo desprezo. Ia haver o que ia haver, e eu não me importei. Um qualquer chefe de jagunço havia de ter ímpeto de resolver aquilo fatal. Aí, esperei. Teria sido uma tenção dessas, de arder a desordem no meio nosso, a razão do seô Habão? Pensei o dito, num interim. E pensei pontudo em minhas armas.

Mas Zé Bebelo, acabando de saber o acontecido, mirou em mim, somente, poupado risonho:

— "Tal te fica bem, Professor, amontado nesse estampo, queremos havemos de te ver garboso, guerreando as boas batalhas... Em hora!..." — foi o que ele disse, se me seja que gostou pouco. Choveu para o meu arrozal! Ah, mesmo só inteligência, só, era que que era aquele homem. Desapeei.

Como por um rasgo, para solércias, dei o cabresto ao Fafafa. Disse: — "Tu desarreia, amilha e escova, tu trata dele..." —; e isso fiz, porque o Fafafa, que tanto gostava simples de cavalos, era o prestante para cuidar dum animal, em mesmo que dele não sendo. Mas eu tinha dado uma ordem. Assim me refiz. E o seô Habão tinha trazido também boa quantidade de remédio para se tomar pela maleita, das pastilhas mais amargosas. Todo o mundo recebia.

Saí, uns passos. Eu estava dando as costas a Zé Bebelo. Ele podia, num relance, me agredir de morte, me atirar por detrás... — atentei. Esbarrei em meu caminhar, fiquei assim parado, assim mesmo. O medo nenhum: eu estava forro, glorial, assegurado; quem ia conseguir audácias para atirar em mim? As deles haviam de amolecer e retombar, com emortecidos braços; eu podia dar as costas para todos. O que o Drão — o demonião — me disse, disse: seria só? Olhei para cima: pegaram nas nuvens do céu com mãos de azul. Aquela firme possança; assim permaneci, outro tempo, acendido. Eu leve, leve, feito de poder correr o mundo ao redor. Ao senhor eu conto, direto, isto como foi, num dia tão natural. Será que, de cousas tão forçosas, eu ia poder me esquecer? Aquele dia era uma véspera.

Em tanto o seô Habão jantou com a gente. Raymundo Lé repartiu com os carecidos as pastilhas de remédio. Diadorim meu amigo estava. Zé Bebelo me chamou adeparte, me expondo especializado diversas coisas que pretendia reformar de fazer. Alaripe conversou comigo. E dessa

derradeira conversa quero referir ao senhor. Foi que, eu puxando, eu desejando saber, se falou muito nessas orações de curar a gente contra bala de morte, e em breves que fecham o corpo. Alaripe então contou uma estória, caso sucedido, fazia tempos, no giro do sertão. O qual era o seguinte.

Um José Misuso uma vez estava ensinando a um Etelvininho, a troco de quarenta mil-réis, como é que se faz a arte de um inimigo ter de errar o tiro que é destinado na gente. Do que deu o preceito: — "...Só o sangue-frio de fé é que se carece — pra, na horinha, se encarar o outro, e um grito pensar, somente: *Tu erra esse tiro, tu erra, tu erra, a bala sai vindo de lado, não acerta em mim, tu erra, tu erra, filho de uma cã!...*" Assim ele ensinou ao Etelvininho, o Misuso. Mas, aí, o Etelvininho reclamou: — "Ara, pois, se é só isso, só issozinho, pois então eu já sabia, mesmo por mim, sem ninguém me ensinar — já fiz, executei assim, umas muitas vezes..." "— E fez igualzinho, conforme o que eu defini?" — indagou o José Misuso, duvidando. — "Igualzinho justo. Só que, no fim, eu pensava insultado era: *...seu filho duma cúia!...*" — o Etelvininho respondeu. — "Ah, pois então" — o José Misuso cortou a questão — "...pois então basta que tu me pague só uns vinte milréis..."

A gente muito rimos todos. A hora a ser de satisfa, alegrias sobejavam. Se caçoou, se bebeu, um cantou o sebastião. Mansinho, mãe, chegaram as voltas da noite. Dormi com a cara na lua.

Acordei. A madrugada com luar, me lembro, acordei com o rumor de cavaleiros que vinham chegando, no esquipado, e que travavam repentino com áspero estremecimento os cavalos: *br'r'r'úuu...* Calculei: uns dez. Ao que eram. Levantei, pulando de minha rede, quem podiam esses ser? Todos os companheiros nos rifles, e eu não tinha escutado aviso de sentinelas. Madrugada essa boa claridade. Luar que só o sertão viu. Vim dele.

— "Aí é o nosso João Goanhá, com os cabras..." — disse Diadorim, que tinha a rede dele armada da minha a uns três passos. Assim era. João Goanhá, o Paspe, Drumõo, o compadre Ciril, o Bobadela, o Isidoro... Tornar a encontrar companheiros desses, aí é que se põe significado na vida, se encompridando se encurtando. O João Goanhá, gordo, forte, barbudo. Era a dele uma barba muito fechada, muito preta. Veio do luar, chegou bom. Todo o mundo falava, a gente se abraçavam. Com pouco o fogo se acendia, para o café, para algum almoço. Enquanto isso, Zé

Bebelo, formado em pé, o mais rompante que pudesse, pedia notícias por interrogação.

Antes, as verdades, essas, as coisas comuns, conforme foi que se passaram. Mais não sei? Mesmo não tinha botado ideia na cabeça, acabando de despertar de meu sono. Diadorim era o que estava alegrinho especial: só se ele tinha bebido. Diadorim, de meu amor — põe o pezinho em cera branca, que eu rastreio a flôr de tuas passadas. Me recordo de que as balas em meu revólver verifiquei. Eu queria a muita movimentação, horas novas. Como os rios não dormem. O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo. O Urucúia é um rio, o rio das montanhas. Rebebe o encharcar dos brejos, verde a verde, veredas, marimbús, a sombra separada dos buritizais, ele. Recolhe e semeia areias. Fui cativo, para ser solto? Um buraquinho d'água mata minha sede, uma palmeira só me dá minha casa. Casinha que eu fiz, pequena — ô gente! — para o sereno remolhar. O Urucúia, o chapadão derredor dele. Estas árvores: essas árvores. Conversa, Zé Bebelo: conversa, com as marrecas chocas, no meio das varas do juncal. Mesmo na hora em que eu for morrer, eu sei que o Urucúia está sempre, ele corre. O que eu fui, o que eu fui. E esses velhos chapadões — d'ele, dos Couros, de Antônio Pereira, dos Arrepiados, do Couto, do Arrenegado. Um homem é escuro, no meio do luar da lua — lasca de breu. Dentro de mim eu tenho um sono, e mas fora de mim eu vejo um sonho — um sonho eu tive. O fim de fomes. Ei, boto machado em toda árvore. Eu caminhei para diante. Em, ô gente, eu dei mais um passo à frente: tudo agora era possível.

Não era de propósito, o senhor não julgue. Nem não fizeram espantos. Não exclamei, não pronunciei; só disse.

— "Ah, agora quem aqui é que é o Chefe?"

Só perguntei. Sei por que? Só por saber, e quem-sabe por excessos daquela minha mania derradeira, de me comparecer com as doidivãs bestagens, parlapatal. De forma nenhuma eu não queria afrontar ninguém. Até com preguiça eu estava. A verdade, porém, que um tinha de ser o chefe. Zé Bebelo ou João Goanhá. Um para o outro olharam.

— "Agora quem é que é o Chefe?"

Somente eu estava por cima da surpresa deles? Zé Bebelo — o pensante, soberbo e opinioso. João Goanhá — duro homem tão simples, vindo por meio de dificuldades e distâncias, desde a outra banda do rio, caçar a lei da

companhia da gente, como um costume necessário, que sem isso ele não conseguia direito se pertencer. Com meus olhos, tomei conta.

— "Quem é que é o Chefe?!" — repeti.

Me olharam. Saber, não soubessem, não podiam como responder: porque nenhum deles não era. Zé Bebelo ainda fosse? Esse pardejou. E, o João Goanhá, eu vi aquele mestre quieto se mexer, em quente e frio, diante das minhas vistas — nem não tinha ossos: tudo nele foi encurtando medida — gesto, fala, olhar e estar. Nenhum deles. E eu — ah — eu era quem menos sabia — porque o Chefe já era eu. O Chefe era eu mesmo! Olharam para mim.

— "Quem é qu'..."

E... Ao que o pessoal, os companheiros todos, convocados, fechavam roda. Eu felão. Não me entendessem? Foi que alguns dos homens rosnaram. E foi esse Rasga-em-Baixo, o principal deles, esse, pelo que era, pelo visto, oculto inimigo meu — que buliu em suas armas... Sanha aos crespos, luziu faca, no a-golpe... Meu revólver falou, bala justa, o Rasga-em-Baixo se fartou no chão, semeado, já sem ação e sem alma nenhuma dentro. E aí o irmão dele, José Félix: ele tremeu muito lateral; livrou o ar de sua pessoa; outro tiro eu também tinha dado...

— "...é o Chefe?!..."

Ato de todos quietos permanecidos, esbarrados com tanta singelez de choques. Ah, eu, meu nome era *Tatarana*! E Diadorim, jaguarado, mais em pé que um outro qualquer, se asava e abava, de repôr o medo mór. Ele veio marechal. Se viram, se sentiram, decerto que acertaram: pelos altos de nós dois; e porque logo aí Alaripe, o Acauã, o Fafafa, o Nelson, Sidurino, Compadre Ciril, Pacamã-de-Presas — e outros e outros — já formavam do lado da gente. — Tenho de chefiar! — eu queria, eu pensava. Isso eu exigia. Assim. João Goanhá se riu para mim. Zé Bebelo sacudiu uns ombros.

Ali, era a hora. E eu frentemente endireitei com Zé Bebelo, com ele de barba a barba. Zé Bebelo não conhecia medo. Ao então, era um sangue ou sangues, o etcétera que fosse. Eu não aceitava muita parlagem:

— "Quem é que é o Chefe?" — eu quis.

Se quis, foi com muita serenidade. Zé Bebelo retardou. Eu social, encostado. Conheci que ele tardava e pensava, para ver o que fazer mais vagarosamente.

— "Quem é-que?" — eu brando apertei.

Eu sabia do respirar de todos. Durasse mais, aquilo eu já largava, por me cansar, por estar achando cacete. Minha vontade estrôina de paliar: — *Seu ZéBebelo, velho, tu me desculpe*... — eu calei. Zé Bebelo se encolheu um pouco, só. Aí ele não tremeu, no sucinto dos olhos.

— "A rente, Riobaldo! Tu o chefe, chefe, é: tu o Chefe fica sendo... Ao que vale!..." — ele dissezinho fortemente, mesmo mudado em festivo, gloriando um fervor. Mas eu temi que ele chorasse. Antes, em rosto de homem e de jagunço, eu nunca tinha avistado tantas tristezas.

— "Sendo vós, companheiros..." — eu falei para em volta.

Tantos, tantos homens, os nos rifles, e eles me aceitavam. Assim aprovaram. O Chefe Riobaldo. Aos gritos, todos aprovavam. Rejuravam, a pois. A esses resultados. No que eram com solenidade, sinceridade. Tudo dado em paz. Só aqueles dois amaldiçoados irmãos, baldeados mortos, na ponta de unha. Ali, enterrar aqueles dois seria faltar a meu respeito. Amém. Tudo me dado. O senhor, mire e veja, o senhor: a verdade instantânea dum fato, a gente vai departir, e ninguém crê. Acham que é um falso narrar. Agora, eu, eu sei como tudo é: as coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas, noutro ar, no sabugo da unha; e com efeito tudo é grátis quando sucede, no reles do momento. Assim. Arte que virei chefe. Assim exato é que foi, juro ao senhor. Outros é que contam de outra maneira.

Ao fim, depois que João Goanhá me aprovou, revi os aspectos de Zé Bebelo. Acertar com ele.

— "O senhor, agora..." — eu quis dizer.

— "Não, Riobaldo..." — ele me atalhou. — "Tenho de tanger urubú, no m'embora. Sei não ser terceiro, nem segundo. Minha fama de jagunço deu o final..."

Daí, riu, e disse, mesmo cortês:

— "Mas, você é o outro homem, você revira o sertão... Tu é terrível, que nem um urutú branco..."

O nome que ele me dava, era um nome, rebatismo desse nome, meu. Os todos ouviram, romperam em risos. Contanto que logo gritavam, entusiasmados:

— "O *Urutú-Branco*! Ei, o *Urutú-Branco*!..."

Assim era que, na rudeza deles, eles tinham muita compreensão. Até porque mais não seria que, eu chefe, agora ainda me viessem e dissessem

Riobaldo somente, ou aquele apelido apodo conome, que era de *Tatarana*. Achei, achava.

Vai, e eu, por um raio de momento, eu tinha concebido que carecesse de tirar a vida a Zé Bebelo, por maior sossego de meu reger, no futuramente; e agora eu estava quase triste, com pena de ver que ele ia-s'embora. O divertido havia de ser, sim isso, de levar Zé Bebelo comigo, de sotenente, através desse através. Ah, homem como aquele, não se matava. Homem como aquele, pouco obedecia. A ele mandei fornecer mais um cavalo, e um cargueiro — com mantimento, coisas, munição melhor. Dali a hora, mesmo, ele pegou caminho. Para o sul. Vi quando ele se despediu e tocou — com o bom respeito de todos —; e fiquei me alembrando daquela vez, de quando ele tinha seguido sozinho para Goiás, expulso, por julgamento, deste sertão. Tudo estava sendo repetido. Mas, da vez dessa, o julgamento era ele, ele mesmo, quem tinha dado e baixado. Zé Bebelo ia s'embora, conseguintemente. Agora, o tempo de todas as doideiras estava bicho livre para principiar.

De seguida, parado persisti, para um prazo de fôlego. Aí vendo que o pessoal meu já me obedecia, prático mesmo antes da hora. Como que corriam e mexiam, se aprontando para saída, sacudiam no ar os baixeiros, selavam os cavalos. Tantos e tantos, eu sabia o nome e o defeito maior de cada um daqueles homens, e tantos seus braços e tantos rifles e coragens. Aí eu mandava. Aí eu estava livre, a limpo de meus tristes passados. Aí eu desfechava. Sinal como que me dessem essas terras todas dos Gerais, pertencentes. Por perigos, que por diante estivessem, eu aumentava os quilates de meu regozijo. À fé, quando eu mandasse uma coisa, ah, então tinha de se cumprir, de qualquer jeito. — "Tenho resoluto que!" — e montei, com a vontade muito confiada. Dali a gente tinha logo de sair, segundo a regra exata. Estradeei. Nem olhei para trás. Os outros me viessem? Cantava o trinca-ferro. Uma arara chiou cheio; levou bala, quase. Atrás de mim, os cabras deram vivas. Eles vinham, em vinham. Eu contava, prazido, o too dos cascos.

Dei galope. No Valado chegamos, conforme íamos retornar, por assim. De galope, como está dito. Gente, gentinha, nos rodeou, roceiros em seu serviço. Aquele seô Habão, incluso, muito estarrecido. Esbarramos parada. O que eu carecia era de uns instantes sempre meus, para estribar meu uso. Era primeira viagem saída, de nova jagunçagem; e as extraordinárias cousas, para que todos admirassem e vissem, eu estava em precisão de

fazer. E vi um itambé de pedra muito lisa; subi lá. Mandei os homens ficassem em baixo, eles outros esperavam. Minha influência de afã, alegria em artes, não padecesse de se estorvar em monte de pessoas nenhumas. De despiço, olhei: eles nem careciam de ter nomes — por um querer meu, para viver e para morrer, era que valiam. Tinham me dado em mão o brinquedo do mundo.

Fiquei lá em cima, um tempo. Quando desci, umas coisas eu resolvia. Aonde se ia; em cata do Hermógenes? Ah, não. Antes, primeiro, para o Chapadão do Urucúia, onde tanto boi berra. Ao que me seguissem. Ah, mas, assim, não. O que foi o que eu pensei, mas que não disse: — Assim não...

E veio perante minha presença o seô Habão, mais antecipado que todos; macio, atarefadinho, ele já me sussurrava. Homem, esse! Ele queria me oferecer dinheiro, com seus meios queria me facilitar. Ah, não! de mim ele é que tinha de receber, tinha de tomar. Agarrei o cordão de meu pescoço, rebentei, com todas aquelas verônicas. As medalhas, umas delas que eu tinha de em desde menino. Fiz gesto: entreguei, na mão dele. O senhor havia de gostar de ver o ar daquele seô Habão, forçado de aceitar pagamento do que nem eram correntias moedas de tesouro do rei, mas costumeiras prendas de louvor aos santos. Ele estava em todos tremôres — conforme esses homens que não têm vergonha de mostrar medo, em desde que possam pedir à gente perdão com muita seriedade. Digo ao senhor: ele beijou minha mão! Ele devia de estar imaginando que eu tinha perdido o siso. Assim mesmo, me agradeceu bem, e guardou com muito apreço as medalhas na algibeira; até porque, não podia obrar de outra forma. Matar aquele homem, não adiantava. Para o começo de concerto deste mundo, que é que adiantava? Só se a gente tomasse tudo o que era dele, e fosse largar o cujo bem longe de lá, em estranhas terras, adonde ele fosse preta-e-brancamente desconhecido de todos: então, ele havia de ter de pedir esmolas... Isso, naquela hora, pensei. Ah, não. E nem não adiantava: mendigo mesmo, duro tristonho, ele havia ainda de obedecer de só ajuntar, ajuntar, até à data de morrer, de migas a migalhas...

As verônicas e os breves ele vendesse ou avarasse para os infernos. Comigo só o escapulário ainda ficou. Aquele escapulário, dito, que conservava pétalas de flôr, em pedaço de toalha de altar recosturadas, e que consagrava um pedido de benção à minha Nossa Senhora da Abadia. Que, mesmo, mais tarde, tornei a pendurar, num fio oleado e retrançado.

Esse eu fora não botava, ah, agora podia desdeixar não; inda que ele me reprovasse, em hora e hora, tantos meus malfeitos, indas que assim requeimasse a pele de minhas carnes, que debaixo dele meu peito todo torcesse que nem pedaço quebrado de má cobra.

E, num reverter de mão, eu já estava pensando: o que eu ia fazer com ele, com o seô Habão, por alguma alvíssara de mercê. Porque, em fato, ele merecia, e eu a ele devia. Porque ele tinha vesprado em reconhecer meu poder, antes de outro qualquer; e mesmo um barão de presente dele tinha sido, e era, aquele meu formoso cavalo Siruiz, em qual eu estava amontado.

Aí, me lembrei, de uma coisa, e isso era próprio encargo para ele, cabendo em sua marca de qualidade. Me lembrei da pedra: a pedra de valor, tão bonita, que do Arassuaí eu tinha trazido, fazia tanto tempo. Tirei o embrulhinho, da bolsa do cinto. Apresentei a ele. Eu falei:

— "Seô Habão, o senhor escute, o senhor cumpra: pega este, mimo, zelando com os dedos todos de suas mãos... Já e já, o senhor viaje, num bom animal, siga rumo dos Buritís Altos, cabeceira de vereda, para a Fazenda Santa Catarina..."

E mais disse: que era para entregar, de minha parte, à moça da casa, que Otacília se chamava, a qual era minha sempre nôiva. Mas não dando razão de nomear minha pessoa pelos altos títulos, nem citando chefia de jagunços... Mas somente prezar que eu era Riobaldo, com meus homens, trazendo glória e justiça em território dos Gerais de todos esses grandes rios que do poente para o nascente vão, desde que o mundo mundo é, enquanto Deus dura!

Ah, não: em Deus não falasse. Seô Habão pôs atenção; perturbado mas sisudo, ele cogitava. O que ele dizia, carecia de ser repetido, esfiando o assunto nas pontas dos dedos, tostões. Ser rico é um diverso dissabôr? Que um pudesse se acautelar assim, me atanazava. Quem era? O que por primeira vez reparei: que ele tinha as orêlhas muito grandes, tão grandonas; até, sem querer, eu tive de experimentar com a mão o tamanho medido das minhas. Melhor trazer esse sujeito comigo, perto mais perto, para poder vigiar, por todas as partes? Melhor, não; o melhor seria desmanchar a presença dele em definitivas distâncias. — Não vou comer teus peitos, teu nariz, teus duros olhos moles... — eu pensei. Mas ele também tinha alguma espécie de chefia. Eu virei a cara, andei três passos, dando com Diadorim. — "O que eu tolero e desentendo, esse homem: que

é, porque, dele, não se consegue ter raiva nem ter pena...” — falei. Mas vi um adêjo sombrio no meu amigo, condenado que era de tristeza que não quer ceder suas lágrimas. O quanto, por causa da pedra de topázio? — eu reconheci. Eu não tinha tido dó de Diadorim. “Dei’stá’, tem tempo, Diadorim, tem tempo...” — pensei, a meio. Da amizade de Diadorim eu possuía completa certeza. E mais não me amofinei. De manhã cedo, o senhor esbarra para pensar que a noite já vem vindo? O amor de alguém, à gente, muito forte, espanta e rebate, como coisa sempre inesperada. E eu estava naquelas impaciências. Trasmente que, em Otacília, mesmo, verdadeiro eu quase nem cuidava de sentir, de ter saudade. Otacília estava sendo uma incerteza — assunto longe começado. Visse, o que desse, viesse. O seô Habão ia, levava a pedra de topázio, a vida do mundo ia vivendo, coração dá tantas mudanças; meus dízimos eu pagava. O pássaro que se separa de outro, vai voando adeus o tempo todo. Ah, não, eu não — rio, riachos! — não me amofinava. Aquela tristeza de Diadorim eu não aceitei, nem ceitil não recebi. Ingratidão, para o mais-tarde.

Mas o seô Habão não queria ter terminado: negócio que carecia ainda de algum ponto. Dei licença. Ele perguntou, sonseante: ...se eu não prazia de enviar por ele algum recado também para o senhor meu pai, Selorico Mendes, dono do São Gregório, e de outras boas e ricas fazendas?... Eu achei graça, acenei que sim: disse que fosse, reproduzisse a minha saudação... E então foi que o seô Habão levantou a cara, aquietado — até mediante sorriso. De sorte que, para corrigir em siso a tranquilidade daquilo, eu determinei: — “O senhor vá logo, logo, de rota abatida... E de lá não quero nenhuma resposta...” — enquanto ri, de ver como ele me obedecia expresso, sem necessidade de caráter.

Onde que, mal dele livre me vi, gritei, despachado, pelos demais. Dand’ ordens: — “A rodar por aí, me trazerem os homens!”

Que’s homens? Os todos que fossem e houvesse. — “Quem tiver instrumento — a toque! Quem gostar de dansar, arre melhor! P’r’ apreparo, trazer as mulheres também... Com que as músicas, de lá, lá, lá...” Tudo tinha de semelhar um social. Ao pois, quem era que ordenava, se prazia e mandava? Eu, senhor, eu: por meu renome, o Urutú-Branco... Ah, não. Festa? Eu já estava resolvendo o contrário. Mas reunir aquela porção de homens, e formar todos de guerreiros. A com a gente, a que viessem. Aquilo valia? Os outros não falaram, decerto não acharam ou acharam. Ou quanto mais que, eles, os meus, só mesmo o mover por me agradar, só, era

o que de si desejavam; e aquela minha lei era divertida. Saíram, espalhados sendo, em caçar, em boa alarida.

Mas trouxeram. Me trouxeram, rebanhal, os todos possíveis. Do Sucruiú, uns pouquinhos — alguns com as caras secando os brotes das bexigas, más marcas, feito mijo na areia; outros um ou outro de semblante liso fresco, esses escapos de não terem tido a doença. Os que fingiam não me temer, achavam mais favorável querer ter vindo por próprio conselho; mal-abriam boca em risos. Dei que pronto todos provassem gol d'alguma cachaça. Aquela gente depunha que tão aturada de todas as pobrezas e desgraças. Haviam de vir, junto, à mansa força. Isso era perversidades? Mais longe de mim — que eu pretendia era retirar aqueles, todos, destorcidos de suas misérias. Até que fiz. Ah, mas, mire e veja: a quantidade maior eram aqueles catrumanos — os do Pubo. Eles, em vozes. Ou o senhor não pode refigurar que estúrdia confusão calada eles paravam, acho que, de ser chamados e reunidos, eles estavam alertando em si o sair de um pavôr. Ao depois, quando dei brado, queriam se alinhalinhar, mesmo, solertes, como se por soldados reconhecidos. Seriam eles assim bons no ruim, para guerra serviam, para meter em formatura? Tanto todo o mundo achava graça, meus jagunços queriam pagode. Ah, os catrumanos iam de ser, de refrescos. Iam, que nem onças comedeiras! Não entendiam nada, assim atarantados, com temor ouviam minha decisão. — "Filhos-da-mãe!" — eu declarei. Tive de repente fé naqueles desgraçados, com suas desvalidas armas de toda antiguidade, e cabaças na bandola, e panelas de pólvora escura e fedor de fumaça ceguenta. Adivinhei a valia de maldade deles: soube que eles me respeitavam, entendiam em mim uma visão gloriã. Não queriam ter cobiças? Homens sujos de suas peles e trabalhos. Eles não arcavam, feito criminosos? — "O mundo, meus filhos, é longe daqui!" — eu defini. — Se queriam também vir? — perguntei. Ao vavar: o que era um dizer desseguido, conjunto, em que mal se entendia nada. Ah, esses melhor se sabiam se mudos sendo. Dei brado. Indaguei dum. Tomou um esforço de beira de coragem, para me responder. Esse aquele era o do chapéu encartuchado, rapaz moço. Respondeu que Sinfrônio se chamava: e indicou outro — que era o pai. Aquele outro, o pai, era um homem sem pescoço. Respondeu que se chamava Assunciano. E indicou outro. Mais adiante não deixei. Deixasse, iam de dedo em dedo me passando para o daquelas pernas de fora, que Osirino era, as pernas forradas de lama seca; ou para o que coçava suas costas em pau de árvore, feito um bezerro ou

um porco. Vislí a sorrateira malícia nos jeitos deles. E mais o do jegue — no jegue amontado, permanecendo de perfil, aquele bronzeado jumento — que tinha, o homem por nome Teofrásio; e só não desamontava do jegue por ordem minha, que em antes eu tinha dado. Ele me disse: — "Dou louvor. Em tudo, chefe, vos obedecemos..." — ele disse; e de lá se virou o focinho branco do jumento. O homem Teofrásio limpou a goela; mas com respeito. — "Assim vós prazido, chefe. Pedimos vossa benção..." E eu concedi — que o Teofrásio, meio chefim deles, o do jegue: que o jegue pudesse trazer. Daí houve porém. Que um, o sem pescoço, baixinho descoroçoou, na desengraça, observou: — "...Quem é que vai tomar conta das famílias da gente, nesse mundão de ausências? Quem cuida das rocinhas nossas, em trabalhar pra o sustento das pessoas de obrigação?..." O que falou, tinha falado por todos. — "...Pra os roçados? Pra os plantios..." E mesmo um outro, de mãos postas como que para rezar, choramingou: — "Dou de comer à mea mul'é e trêis fi'o', em debaixo de meu sapé..." — e era um homem alto, espingolado, com todos os remendos em todos os molambos. — "Como é a tua graça, seô?" — indaguei. Se chamava Pedro Comprido. Mas, aí, eu já tinha pensado. — "Pois vamos! As famílias capinam e colhem, completo, enquanto vocês estiverem em glórias, por fora, guerreando para impôr paz inteira neste sertão e para obrar vingança pela morte atraiçoada de Joca Ramiro!..." — eu determinei. — "Ij' Maria, é ver, nós, de Cristo, jagunceando..." — escutei, dum. Daí, declarei mais: — "Vamos sair pelo mundo, tomando dinheiro dos que têm, e objetos e as vantagens, de toda valia. E só vamos sossegar quando cada um já estiver farto, e já tiver recebido umas duas ou três mulheres, moças sacudidas, p'ra o renovame de sua cama ou rede!..." Ah, ô gente, oh e eles: que todos, quase todos, geral, reluzindo aprovação. Mesmo os meus homens. Fiz gesto, com meu contentamento. Queria o que só me faltou — que foi que o jumento do homem zurrasse. Eu ia transformar os regimentos desses foros. Convoquei todos nas armas. — "E o Borromeu? E o Borromeu?" — ainda perguntavam. Quem era que esse Borromeu? Mandei vir. Um cego; ele era muito amarelo, escreiento, transformado. — "Responde, tu velho, Borromeu: que é que tu faz?" "— Estou no meu canto, cá, meu senhor... Estou me acostumando com o momentozinho de minha morte..." Cego, por ser cego, ele tinha direito de não tremer. — "Tu é devoto?" "— Pecador pior. Pecador sem o que fazer, pede preto, pede padre..." Apontou com o dedo. Levei os olhos. Não vi

nada. É assim, a esmo, que os cegos fazem. Aquele era o bom rumo do Norte. — “Ah, meu senhor, eu sei é pedir muitas esmolas...” Pois, então, que viesse também o Borromeu, viesse. Mandei que montassem o dito num cavalo manso, que da banda da minha mão direita devia sempre de se emparelhar. Alguns riram. E, pelo que riram, de certo não sabiam — que um desses, viajando parceiro com a gente, adivinha a vinda das pragas que outros rogam, e vão defastando o mau poder delas; conforme aprendi dos antigos. E, por nada, mais me lembrei, de repentinamente, do menino pretozinho, que na casa do Valado a gente tinha surpreendido, que furtando num saco o que achava fácil de carregar. E tiveram de campear esse menino. Ele estava amoitado, o tempo todo, com a boca no chão, no meio do mandiocal. Quando foi pego, xingava, mordia e perneava. Ele se chamava Guirigó; com olhares demais, muito espertos. — “Guirigó, tu vem vestido, ou nú?” Como que não vinha? Aprontaram um cavalo para ele só, que devia de se emparelhar com o meu, da banda de minha mão esquerda. Há-de há, meu povo! Todos tocamos. Cavalos que chegassem, bastados, tinha não: mas, por diante, animais alheios a gente topasse, para se assenhorear, a laço e mãos. Os muitos vinham a pé, aqueles catrumanos ainda meio vigiados. Ver o seguinte. Eu queria esses campos. Pernoitamos, com marcha de dez léguas, assim mesmo. Terçando um total de projetos, com os entusiasmos, no topo da cabeça minha, poder não pude dormir, mesmo com o cansaço em que estava, na noite não preguei os olhos. Mas conversei surgidamente com os que paravam, espalhados, de sentinelas, e mandei acender foguinhos de assar mandioca e fogueiras de iluminar. Ah, a gente ia encher os espaços deste mundo adiante.

Aonde é que jagunço ia? À vã, à vã. Tinha minha vontade, de estar em toda a parte. Mas, quadrando que primeiro, mais para o norte: para o Chapadão do Urucúia, aonde tanto boi berra. Que eu recordava de ver o rio meu — beber em beira dele uma demão d’água... Ah, e essas estradas de chão branco, que dão mais assunto à luz das estrelas. Eu pensei, eu quis. E o Hermógenes, os Judas? Ara, inimigo, o senhor dê um passo, em que rumo qualquer, lá em sua frente o senhor encontra o mau... Eu não tinha todo tempo? Safra em cima, eu em minha lordeza. Mesmo deitado, eu sentia que estava caminhando, galopando. Quando a madrugada bateu as asas, eu já estava abotoando a espora. Outra vez, eu digo: tem botim novo flote, e chinelo velho redomão. O dia ia ser lindo de leveza! — pelas beiradas do céu. Forramos o estômago; e saímos, deslizando com a manhã,

com o merujo do orvalho. O que eu via: alto de mata e além! As coisas todas eu pensava, e nada nenhuma não me sombreasse. Algum medo não palpitava frio por detrás de meus olhos; e, por via disso, eu de todos era o chefe, mesmo em silêncio singular. Conforme assim, chegamos, no Pé-da-Pedra, fazenda da Barbaranha. Em perto de sete léguas. E o que aí foi, lhe conto.

Ao entrementes, eu achei graça: em que o Alaripe, João Goanhá, Marcelino Pampa, João Concliz, e mesmo Diadorim, e outros mais velhos, não carecessem de formar conselho. As lérias. Meu direito era contrariar as regras todas do chefe que antes fora; para mim, só mesmo o que servia era à solta a lei da acostumação. Aí, não viessem me dizer que a gente estava só com três dias de farinha e carne-seca. Toleima. Todo boi, enquanto vivo, pasta. Razão e feijão, todo dia dão de renovar. A coragem que não faltasse; para engulir, a pôlpa de buriti e carnes de rês brava. Às léguas, eu indo, eles me seguindo. — "Tu está vendo o tamanho do mundo, Guirigó? Que é que tu acha de maior boniteza?" Assim eu perguntei, àquele sacizinho de duas pernas, que preto reluzente afora os graúdos olhos brancos, me remedindo, da banda de minha mão canhota sempre viesse, encarapitado sobre seu alto cavalo. E ele, a cuja senvergonhice: — "De todas as coisas, boniteza melhor é dessa faquinha enterçada, de metal, que o senhor travessa na cintura..." Segundo tinha botado desejo no meu punhal puxável de cabo de prata, o dioguim. — "A pois: no primeiro fogo que se der, se tu não abrir boca e choro bué, por medos, a dita faca tu ganha, presenteada..." — eu prometi. A falta de mantimentos, por isso eu ia encurtar rédeas, travar o passo? A toleima. A outra receita que descumpri, era a de repartir o pessoal em turmas. Cautelas... Que não. Eu fosse ter cautela, pegava medo, mesmo só no começar. Coragem é matéria doutras praxes. Aí o crer nos impossíveis, só. — "Seo Borromeu, está gostando destes Gerais, hem seo Borromeu?" — ao cego, da minha outra banda, perguntei, por desfrute. — "Ah, Chefe: é sempre amanhecendo manhã, e aqui a gente merece tudo — vento que não varêia de ser... Mas vento que vem dos amáveis..." — ele me respondeu. — "...O que não vejo, não devo; não consumo..." — continuou respondendo. Ele gostava de conversar, mas também preparava no silêncio. Ia sacolejando em cima da sela do animal, noutra quietação diversa. Podia dar conselho? — "Arte de jagunço, meu Chefe? Isto é ofício bonito, para o vivo." O ditado desses, só somente para rir eu aceitava. Mas, dividir minha gente, por oras, eu

detestava de obrar. Por causa que o que me prazia mais era contemplar o volume profundo da ida deles, de esquadrão.

De a de lado. Todos eles passarem, tropeando, nós todos, o rumor constante dos cascos. Cavalo, cavalaria! Cortejo que fazia suas voltas, pelos êrmos, pelos ocos, pelos altos, a forma duma mistura de gente amontada, uma continuação grande, solevando para adiante o aprumo de meus homens, os chapéus deles quase todos bem engraxados com sêbo de boi e nata de leite, em ponta os canos dos rifles de guerra, a tiracol. Com qual seguimento? Só, o que esperava a gente, era o pouso para jantar; passeata para a estrela-da-tarde. Mas, do que um falava, outro mal ouvia e ria; do que esses se riam, outros ainda falavam. Prosapeavam. Me prazia. Me prazia o ranger o couro das jerebas, aquele chio de carne em asso. A poeira avermelhava e branqueava: poeiras que punham o vento mais áspero. Uns homens em cavalos e armas. Quem visse, fuga fugia, corria: tinham de temer, vigiando com seus olhos escondidos no mato em beiras de estrada. Até os bichos, do cerradão, que escutam o começo de tudo, de seu longe e de seu perto, e logo sabem esperar, ocultos no rareamento, assim não se viam, nenhuns, não se achavam; os pássaros sempre já tinham revoado. Ah, não, eu bem que tinha nascido para jagunço. Aquilo — para mim — que se passou: e ainda hoje é forte, como por um futuro meu. Eu estou galhardo. Naquilo, eu tinha amanhecido. Comi carne de onça? Esquipando, eu queria que a gente entrasse, daquele jeito, era em alguma grande verdadeira cidade.

Só às vezes, em repente de receio, eu ainda olhei em vão — com as presenças de Zé Bebelo me cismava. Se o que sei. Com um arranco de freio, raciocinado. Mas, dando de rédeas sem descanso, derrubei dos ombros aquele meu costume, Zé Bebelo terminara. Só os meus homens. Escutava, olhava — e eram aqueles: que muitas estrepolias ainda iam decerto agir, e muita má gente matar. Aos dez e dézes, digo, afirmo que me lembro de todos. Esses passam e transpassam na minha recordação, vou destacando a contagem. Nem é por me gabar de retentiva cabedora, nome por nome, mas para alimpar o seguimento de tudo o mais que vou narrar ao senhor, nesta minha conversa nossa de relato. O senhor me entende? A mesmice dos cabras jagunços — no contemplar a cavalhada — no passo, os animais dando dos quartos, comuns assim, que não fazem penachos, que não tiram arredondamentos da magreza. Os filhos nascidos de distritos de lugares diversos, mas agora debaixo da minha estima

completa, dever de coração enérgico. Até os capiaus e os catrumanos copiavam o comportamento, uns amontados, outros restantes apressados mesmo a pé, e iam pegando o exato. Até o catrumano Teofrásio, em seu jegue, que, como prestável jumento, cumpria bem seu ir, desde que tinha companhia de outros animais. E o Guirigó e o Borromeu, eu meando os dois, ao alcance de qualquer minha mão. Sempre, mesmo como sempre. Mas, um, era Diadorim — montado à baiana, gineta, com estribos curtos e rédea muito ponderada, bridando bem, em seu argel travado, às upas: cavalo bulideiro, cavalo de olhos pretos conforme como a noite — Diadorim, que era o Menino, que era o Reinaldo. E eu. Eu? Nos estribos de ferro, freio de ferro, silha forte e silha mestra — e o par de coldres! Assaz, então, cantaram:

Olererê, Baiana,
eu ia e não vou mais...
Eu faço
que vou
lá dentro, oh Baiana,
e volto do meio p'ra trás...

Ao demais eu ouvi, soturno sorridente.

Ora vez, que, desse jeito, fomos entortando, entre as duas chapadas, encalço da estrada do rio; e se chegou na fazenda cercã, que era por lá, a Barbaranha dita, em um lugar redondo e simples, no Pé-da-Pedra. O que eu já disse ao senhor, respeitante. Mas acrescento que o dono, no atual, era um seo Ornelas — Josafá Jumiro Ornelas, por nome todo.

— "De uns três dias foi o São João, então amanhã é o São Pedro..." — alguém disse, de voz.

Soubessem que esse seo Ornelas era homem bom descendente, posseiro de sesmaria. Antes, tinha valido, com muitos passados, por causa de política, e ainda valesse, compadre que era do Coronel Rotílio Manduca em sua Fazenda Baluarte.

— "Ao que ele tem, mas tem, mesmo, muita coragem?!" — eu me fiz.

— "Aí falam em sessenta ou oitenta mortes contáveis..." o Marcelino Pampa afiançou "... e ainda não esmoreceu os ânimos..."

Chegamos, com proceder seguro, e o céu por cima dali estava muito sereno. Na fazenda tinham levantado um mastro, na frente do pátio; vi

movimentos de gente. As mulheres, na boca do forno fumaçando, mexiam com feixes verdes de mariana e vassourinha e carregavam as latas pretas de assar biscoitos. Só aqueles formosos cheiros das quitandas e do forno quente varrido, já confortavam meu estômago. No mastro, que era arvorado para honra de bandeira do santo, eu amarrei o cabresto do meu cavalo.

Mas não desordeei nem coagi, não dei em nenhuma desbraga. Eu não estava com gosto de aperrear ninguém. E o fazendeiro, senhor dali, de dentro saiu, veio saudar, convidar para a hospedagem, me deu grandes recebimentos. Apreciei a soberania dele, os cabelos brancos, os modos calmos. Bom homem, abalável. Para ele, por nobreza, tirei meu chapéu e conversei com pausas.

— "Amigo em paz? Meu chefe, entre, a valer: a casa velha é sua, vossa..." — ele pronunciou.

Eu disse que sim. Mas, para evitar algum acanhamento e desajeito, mais tarde, também falei: — "Dou todo respeito, meu senhor. Mas a gente vamos carecer de uns cavalos..." Assim logo eu disse, em antes de vir a amolecer as situações e estorvar o expediente negócio a boa conversação cordial.

O homem não treteou. Sem se franzir nem sorrir, me respondeu:

— "O senhor, meu chefe, requer e merece, e com gosto eu cedo... Acho que tenho para coisa de uns cinco ou sete, em estado regular."

E eu entrei com ele na casa da fazenda, para ela pedindo em voz alta a proteção de Jesus. Onde tive os usuais agrados, com regalias de comida em mesa. Sendo que galinha e carnes de porco, farofas, bons quitutes ceamos, sentados, lá na sala. Diadorim, eu, João Goanhá, Marcelino Pampa, João Concliz, Alaripe e uns outros, e o menino pretinho Guirigó mais o cego Borromeu — em cujas presenças todos achavam muita graça e recreação.

A dona fazendeira era mulher já em idade fora de galas; mas tinham três ou quatro filhas, e outras parentas, casadas ou moças, bem orvalhosas. Aquietei o susto delas, e nenhuma falta de consideração eu não proporcionei nem consenti, mesmo porque meu prazer era estar vendo senhoras e donzelas navegarem assim no meio nosso, garantidas em suas honras e prendas, e com toda cortesia social. A ceia indo principiando, somente falei também de sérios assuntos, que eram a política e os

negócios da lavoura e cria. Só faltava lá uma boa cerveja e alguém com jornal na mão, para alto se ler e a respeito disso tudo se falar.

Seo Ornelas me intimou a sentar em posição na cabeceira, para principal. — "Aqui é que se abancava Medeiro Vaz, quando passou..." — essas palavras. Medeiro Vaz tinha regido nessas terras. Verdade era? Aquele velho fazendeiro possuía tudo. Conforme jagunço de meio-ofício tinha sido, e amigo hospedador, abastado em suas propriedades. De ser de linhagem de família, ele conseguia as ponderadas maneiras, cidadão, que se representava; que, isso, ainda que eu pelejasse constante, tarde seria para bem aprender. Na verdade. Aquela hora, eu, pelo que disse, assumi incertezas. Espécie de medo? Como que o medo, então, era um sentido sorrateiro fino, que outros e outros caminhos logo tomava. Aos poucos, essas coisas tiravam minha vontade de comer farto.

— "O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado..." — ele seo Ornelas dizia. — "O sertão é confusão em grande demasiado sossego..."

Essa conversa até que me agradou. Mas eu dei de ombros. Para encorpar minha vantagem, às vezes eu fazia de conta que não estava ouvindo. Ou, então, rompia fala de outras diversas coisas. E joguei os ossinhos de galinha para os cachorros, que ali nas margens esperavam, perto da mesa com toda atenção. Cada cachorro sungava a cabeça, que sacudia, chega estalavam as orêlhas, e aparava certeiro seu osso, bem abocava. E todos, com a maior devoção por mim, e simpatias, iam passando os ossos para eu presentear aos cachorros. Assim eu mesmo ria, assim riam todos, consentidos. O menino Guirigó comeu demais, cochilava afundado em seu lugar, despertava com as risadas. Aquele menino já tinha pedido que um dia se mandasse costurar para ele uma roupa, e prover um chapéu-de-couro para o tamanho de sua cabeça dele, que até não era pequena, e umas cartucheiras apropositadas. — "Tu é existível, Guirigó... Vai pelos proveitos e preceitos..." — eu caçoava. Aí caçoei: — "Duvidar, é só dar um saco vastoso na mão dele, e janela para pular, para dentro e para fora: capaz de supilar os recheios e pertences todos duma casa-grande de fazenda, feito esta, salvo que seja..." E eu bem que já estava tomando afeição àquele diabrim. Pois, com o Guirigó, as senhoras e moças conversavam e brejeiravam, como que só com ele, por criança, elas perdessem o acanhamento de falar. Mas o seo Ornelas permanecia sisudo, faço que ele afetava de propósito não reparar no menino. Pelo tudo, era

como se ele reprovasse minha decisão de trazer para a mesa semelhantes companhias. O menino e o cego Borromeu — aqueles olhos perguntados. — "As colheitas..." — seo Ornelas supracitava. Homem sistemático, sestronho. O moderativo de ser, o apertado ensino em doutrinar os cachorros, ele obrava tudo por um estilo velhoso, de outras mais arredadas terras — sei se sei. E quase não comia. Só, vez outra, jogava na boca um punhado seco de farinha.

— "Oxalá, o senhor vai, o senhor venha... O sertão carece... Isto é, um homem forte, ambulante, se carece dele. O senhor retorne, consoante que quiser, a esta casa Deus o traga..."

Solei um vexame, por não saber a resposta concernente, nuns casos como esse — resposta que eu achava que devia de ser uma só, e a justa, como em teatral em circo em pantomima bem levada. O que é igual quase um calar. À puridade, eu sentia assim: feito se estivesse pego numa ignorância — mas que não era de falta de estudo ou inteligência, mais uma minha falta de certos estados. O que são bobeias: limpei goela, mudei de cara. — "...Amigo meu Medeiro Vaz, a outra ocasião, travou combates, no Conta-Boi, daqui a duas léguas... Contra os de um Tolomeu Guilherme. Defunto amigo Medeiro Vaz, que a alma dele Deus haja... Adiante comandava em frente, para o exemplo... Enterramos os melhores mortos..." — o homem descrevia. — "Eu sei!" — eu disse, mesmo nada tencionando dizer. A ver: e que é que achava de mim aquele surdo velho? Ah, ele expunha os cabelos brancos, mas faltava em barba que cofiasse. — "Senhor saiba, ao que Medeiro Vaz mesmo foi que entre todos me escolheu, nos olhos da morte, me determinou para capitanear e dar governo... Tolomeu Guilherme, que conheço, é um que deve de estar presentemente embarcando cargas, no porto em Pirapora... Mas sou, de mim, o Urutú-Branco, Riobaldo que Tatarana já fui; o senhor terá ouvido? Aí o mais esse sertão tem de ver, quem mais abre e mais acha!" — assim eu disse, um pouco enfurecido. — "Pois maior honra é a minha, meu Chefe: que em posto de dono, na pobreza desta mesa, somente homens de alta valentia e valia de caráter se sentaram..." — ele glosou, sem sobrôsso de perturbação. Dobrei, de costas, castanheteei para os cachorros. Assim ele havia de sentir o perigo de meu desprazer; havia de recear, de mim, aquilo — como o outro diz: ...quando o burro dá as ancas!...

Aí, no rever do instante, percebi os olhos de Diadorim, que me juntavam com uma das mocinhas de lá, das que estavam servindo, a mais vistosa de

todas. A mocinha essa de saia preta e blusinha branca, um lenço vermelho na cabeça — que para mim é a forma mais assentante de uma mulher se trajar. Ela estava parada, em pé, no meio das outras, quase encostada na parede. O olhar de Diadorim era que estava me indicando: que para aquela mocinha ia meu admirar. Administrado, chamei: — "A senhora meninazinha, chega aqui mais perto, me faça obséquio da bondade..." E ela avermelhou as faces; mas veio; reparei que tinha as mãos aperfeiçoadas bonitas, mãos para tecer minha rede. A ela perguntei a graça.

— "É minha neta..." — foi seo Ornelas que disse. E mal nem ouvi o nome com que ela me respondeu. Assussurrada, só gostei de ver como ela se mexia por ficar quieta — vergonhosa como uma coalhada no prato.

Mas, nos tons do velho Ornelas, eu tinha divulgado um extravago de susto, recuante, o leve medo de tremor. Isso foi o que me satisfez. Aquele homem, visconde e portoso em tudo, ah, pelo mulheriozinho de sua casa ele não encobria o comprado, eh, sua família dele. A avaliar o de Diadorim, por igual, como mostrava — outros olhos — o arregalo de ciúmes. Aqui digo: que se teme por amor; mas que, por amor, também, é que a coragem se faz.

Deu silêncio. Aquilo tardou assim: feito o tamanduá a língua põe, feito quem quer comungar. A mocinha me tentando, com seu parado de águas; a boniteza dela esteve em minhas carnes. Ela perigou. Não perigou: no instante, achei em minha ideia, adiada, uma razão maior — que é o sutil estatuto do homem valente. Aquela formosura, aquela delicadezazinha, então podiam mesmo ser assim, em toda segurança, feito ela fosse, por um exemplo, filha minha. A mocinha, eu de repente queria, eu gostava de dar a ela muito forte proteção. Diadorim não imaginasse isso. Os olhos de Diadorim não me reprovavam — os olhos de Diadorim me pediam muito socôrro. Seo Ornelas empalidecido. Certo que, num rebimbo de raio, eu — pronto! — o Ornelas estava caído muito a morto, com uma bala entrôlheôlho, antes de notar sequer que eu tinha pensado em arisco de mover nas armas. Diadorim, caso fosse, ele eu desarmava; e meus homens estariam ali, todos de pé, fechando praia de mar. A menina-mocinha, que eu agarrava nos braços, era uma quanta-coisa primorosa que se esperneia... Mas eu não quis! Ah, há-de-o, quanto e qual não quis, digo ao senhor: e Deus mesmo baixa a cabeça que sim: ah, era um homem danado diverso, era, eu — aquele jagunço Riobaldo... Donde o que eu quis foi oferecer

garantia a ela, por sempre. Ao que debati, no ar, os altos da cabeça. Segurei meus cornos. Assim retido, sosseguei — e melhor. Como que, depois do fogo de ferver, no azeite em corpo de meu sangue todo, agora sochupei aquele vapor fresco, fortíssimo, de vantagens de bondades.

"Menina, tu há de ter nôivo correto, bem apessoado e trabalhador, quando for hora, conforme tu merece e eu rendo praça, que votos faço... Não vou estar por aqui, no dia, para festejar. Mas, em todo tempo, vocês, carecendo, podem mandar chamar minha proteção, que está prometida — igual eu fosse padrinho legítimo em bôdas!"

Alto estive, atrás do que falei. Ela se assustou, outra vez, sem capacidade nenhuma, ainda mais ao avermelhar. E eu também mercês colhi — da alegria veraz, nos meus olhos de Diadorim. Será que será, que por contentar profundo Diadorim eu tinha feito aquilo resoluto? Ou por outra, por aquele próprio velho homem, seo Ornelas, que nesse intervalo de instantes dizendo estava:

— "Agradece, minha filha, as todas palavras deste grande Chefe, que é declarado sagrado nosso amigo, perante as voltas todas que o mundo dá e der!"

Realmente, então eu virei para ele. E, daí, deveras foi afoito que eu quis com ele outras conversas, e prezei a amizade daquele homem dos sertões transatos. O quanto fiz perguntas. Aceitei o chá de laranjeira, com que sempre dei bem, numa tigela grande, com capricho desenhada. Minha gente junto comigo escutava.

— "O senhor tem noção de quem Zé Bebelo é?" — eu indaguei, uma hora, por me confirmar.

— "Zé Bebelo? Pode ser, não digo... Mas figuro que, esse nome, nunca ouvi, não, meu senhor..." — foi o que ele respondeu.

Ao que — isso era um fato possível? Ele não sabia. De Zé Bebelo, nem do Ricardão, nem do Hermógenes, ele não sabia nem a preposição. Mas, então, tudo naquela parte dos Gerais era ilusão de haver e não se saber. O mundo ali tinha de ser de se recomeçar... — "Sou de pouca política, me desfiz de ser..." — ele externou. O chefe próprio dele, ele não citou; feito se eu ignorasse o qual era. Célebre, esse, também — e que o senhor pode ter conhecido igualmente, pois era um que viajava amiúde até no Rio de Janeiro, se bem que famanado homem de cabras em armamentos, na política de jugunçagem. Aquele — sequinho, espigadinho, vestido cidadão, com mãozinhas pequenas, pezinhos — e do ar sempre assustado

constantemente. Dele sozinho, o que se diz: umas duzentas mortes! Conheceu, o senhor? No barranco do São Francisco — o Coronel Rotílio Manduca — em sua Fazenda Baluarte! Agora, paz.

Mas aí eu perguntei a respeito daquele seô Habão, só mais para variação de conversa, mudando o propósito. Em resposta assim ouvi:

— "Esse um, vem a ser até parente de minha mulher, e longe meu aparentado... Mas de desde mais de uns dez anos que cortamos conhecimento."

E como eu atalhei o assunto, por convinhável nas boas normas, pois a lembrança dum inimigo deixa qualquer homem agastado, o seo Ornelas relatou à gente diversos casos. E o que em mente guardei, por esquipático mesmo no simples, foi o seguinte, conforme vou reproduzir para o senhor.

O qual se deu da parte da banda de fora da cidade da Januária.

Seo Ornelas, nessa ocasião, tinha amizade com o delegado dr. Hilário, rapaz instruído social, de muita civilidade, mas variado em sabedoria de inventiva, e capaz duma conversação tão singela, que era uma simpatia com ele se tratar. — "Me ensinou um meio-mil de coisas... A coragem dele era muito gentil e preguiçosa... Sempre só depois do final acontecido era que a gente reconhecia como ele tinha sido homem no acontecer..."

Ao que, numa tarde, seo Ornelas — segundo seu contar — proseava nas entradas da cidade, em roda com o dr. Hilário mais outros dois ou três senhores, e o soldado ordenança, que à paisana estava. De repente, veio vindo um homem, viajor. Um capiau a pé, sem assinalamento nenhum, e que tinha um pau comprido num ombro: com um saco quase vazio pendurado da ponta do pau. — "...Semelhasse que esse homem devia de estar chegando da Queimada Grande, ou da Sambaíba. Nele não se via fama de crime nem vontade de proezas. Sendo que mesmo a miseriazinha dele era trivial no bem-composta..." Seo Ornelas departia pouco em descrições: — "...Aí, pois, apareceu aquele homenzém, com o saco mal-cheio estabelecido na ponta do pau, do ombro, e se aproximou para os da roda, suplicou informação: — *O qual é que é, aqui, mò que pergunte, por osséquio, o senhor doutor delegado?* — ele extorquiu. Mas, antes que um outro desse resposta, o dr. Hilário mesmo indicou um Aduarte Antoniano, que estava lá — o sujeito mau, agarrado na ganância e falado de ser muito traiçoeiro. — "*O doutor é este, amigo...*" — o dr. Hilário, para se rir, falsificou. Apre, ei — e nisso já o homem, com insensata rapidez, desempecilhou o pau do saco, e desceu o dito na cabeça do Aduarte

Antoniano — que nem fizesse questão de aleijar ou matar... A trapalhada: o homenzinho logo sojigado preso, e o Aduarte Antoniano socorrido, com o melôr e sangue num quebrado na cabeça, mas sem a gravidade maior. Ante o que, o dr. Hilário, apreciador dos exemplos, só me disse: — *Pouco se vive, e muito se vê*... Reperguntei qual era o mote. — *Um outro pode ser a gente; mas a gente não pode ser um outro, nem convém*... — o dr. Hilário completou. Acho que esta foi uma das passagens mais instrutivas e divertidas que em até hoje eu presenciei..."

Tal, e outras, contou o seo Ornelas, senhor de prosa muito renovada. Pelo que, por todo o seroar, deixei com ele a mão; ainda que às vezes eu ficasse em dúvida: se competia, sendo eu um chefe, aturar que um outro fiasse e tecesse, guiando a fala. E também, com o tardio da noite, veio a hora de se desapear da mesa, e eu teimei em rejeitar oferta de cama em catre em quarto ou sala, mas fui fora, caçar o meio da minha gente; por sinal que armei rede por entre cajueiro e jenipapeiro, perto dos currais, e, para o segundo sono, mudei de rearmar, de faveira para faveira, lá para dentro duma cerca. Mas, na mesa, aquele menino Guirigó, na senvergonhice inocente de sua pouca geração, tinha adormecido completo antecipadamente, e eu consenti que as mulheres carregassem o coitadinho diabinho, pesado como um de maioridade, e levassem para dormir sei lá onde, por entre colchão e lençol. A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação — porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada. Assim eu tinha trazido o pretinho Guirigó, do Sucruiú, e agora ele estava indo para se deitar no limpo e fofo, nos braços das jovens e donzelas carregado. Somente que, inteirado no sono, ele mesmo disso não soubesse, nem aproveitasse, do que em sua existência dele era que estava se sucedendo. — "A pois, boa noite o senhor tenha, Chefe, com um aprazível amanhecer..." — assim seo Ornelas me saudou. Ao que eu, regozijado e bem servido, retribuí a ele, quase com aquelas mesmas palavras.

As partes, que se deram ou não se deram, ali na Barbaranha, eu aplico, não por vezo meu de dar delongas e empalhar o tempo maior do senhor como meu ouvinte. Mas só porque o compadre meu Quelemém deduziu que os fatos daquela éra faziam significado de muita importância em minha vida verdadeira, e entradamente o caso relatado pelo seo Ornelas, que com a lição solerte do dr. Hilário se tinha formado. Aí, narro. O senhor me releve e suponha.

No outro dia, acordei com a boca amarga e doce, e o través de baixar alguma ordem comandando; esse dia com essa noite não se pertencia. Achamos, de recrutagem, os cavalos que pudemos — o que foram os dez, os burros e mulas também contados. O seo Ornelas honrava os atos. Além do que quis que eu falhasse, para a festa, com o meu povo; mas achei mais sobressaído ir mesmo embora, exato. Semeei para trás de mim o bom ensejo, para poder ser de vir a colher, mais para diante, outros assim tão bons e melhores. Sincero o dito, a gente agradeceu, subindo todos em selas, e a limpo seguimos — a manhã ainda com diversas claridades. Seo Ornelas externou as despedidas, com o x'totó de foguetes, conforme se lembrou de mandar começar a soltação, cujos por bem uma meia-dúzia. O pessoal deu vivas, gloriando o mastro com a bandeira do santo. Ao que, pelo mais, puxei em frente, pondo meu cavalo: com espora, rédea e pernas. Deciso.

Rompemos umas duas léguas, em estradas de muita areia. Mas eu já estava agastado. O que nesta vida muda com mais presteza: é lufo de noruega, caminhos de anta em setembro e outubro, e negócios dos sentimentos da gente. Assim, de repente, eu achei: que a conversa com aquele seo Ornelas tinha me rebaixado. Aos poucos eu tivesse perdido a vigiação de minha alçada, no acaso da presença dele, debaixo daqueles telhados. A opinião das outras pessoas vai se escorrendo delas, sorrateira, e se mescla aos tantos, mesmo sem a gente saber, com a maneira da ideia da gente! Se sério, então, um tinha de apertar os dentes, drede em amouco, opor seus olhos. A cuspir para diante. Alguma instância, das outras pessoas, pegava na gente, assim feito doença, com retardo. Apartado de todos — era a norma que me servia — no sutil e no trivial. A culpa minha, maior, era meu costume de curiosidades de coração. Isso de estimar os outros, muito ligeiro, defeito esse que me entorpecia. O tanto que, daí depois, essas pessoas andavam em minha desilusão: de repente todos estavam endoidecendo... Do agravo, como ia em pensar, achei asperezas até na goela; e o cuspe não cabia em minha boca, salgado como um suadouro de cangalha. Aí então, estou lembrado, vendo como vi o Alaripe de mim a curta distância — e que, em tudo comedido, guardava o balanceio brando no coxim da sela, de vaqueiro de gado tangedor. Chamei para ele vir.

— "Ah, o velho entregou os cavalos, hem, Alaripe? Coração dele aguou..." — blasonei. — "...Deu por paz. Alaripe, ei, essa paz não te

enjôa?” — “Ah, é deveras... A uns, é o que sucede...” “— Mas a paz não é boa? Então, como é que ela enjôa, assim mesmo?” “— Natureza da gente, mal completada...” “— Tudo tu vê, Alaripe: eu acho que o enjoo da paz será também algum outro medo da guerra...” “— Pode que seja.” “— E mas só o medo da guerra é que vira valentia...” “— Mal bem não entendo, meu chefe, mas deve de ser...” “— Pois não é? Só quando se tem rio fundo, ou cava de buraco, é que a gente por riba põe ponte...”

Assaz essas coisas, eu inventava em fala, para ter meus eixos, meus aços. A boca do boi quer sal — o sal do barro vermelho. Eu estava chamando umas bizarrias. Força dessa minha maneira: eu estava pelo calor de tudo. E a gente ia indo, aquela comprida cavalhada. Um ribeirão raso e estreito se passou — nem bem seis braças. Riacho desses que os que vão morrer chamam de rio-Jordão. Todo o mundo passou, por tanto, diante de mim, eu esbarrado em pé — isto é, a cavalo.

A virar o ar, viemos; em caminho não se descansou um dia. Agora eram os brejos da beira do Paracatú. Mas eu tinha conseguido encher em mim causas enormes. Dispor do rôr daquilo eu não conciliava, conforme perseguia, custoso, vermelho meu. Somente quis, nem podia dizer aos outros o que queria, somente então uns versos dei, que se puxaram, os meus, seguintes:

Hei-de às armas, fechei trato
nas Veredas com o Cão.
Hei-de amor em seus destinos
conforme o sim pelo não.

Em tempo de vaquejada
todo gado é barbatão:
deu doideira na boiada
soltaram o Rei do Sertão...

Travessia dos Gerais
tudo com armas na mão...
O Sertão é a sombra minha
e o rei dele é Capitão!...

Arte que cantei, e todas as cachaças. Depois os outros à fanfa entoaram — mesmo sem me entender, só por bazófias — mas rogando no estatuto

daquela letra e retornando meu rompante; cantavam melhor cantando. De todos, menos vi Diadorim: ele era o em silêncios. Ao de que triste: e como eu ia poder levar em altos aquela tristeza? Aí — eu quis: feito a correnteza. Daí, não quis, não, de repentemente. Desde que eu era o chefe, assim eu via Diadorim de mim mais apartado. Quieto; muito quieto é que a gente chama o amor: como em quieto as coisas chamam a gente. E já se estava antefrente do Paracatú — que também recovava o pouco e escasso. Esbarrei não, nem examinei o adiante. Demiti meu cavalo n'água. Os outros me acompanharam. Assim atravessamos.

Vai, viemos, viemos. Esses dias em ondas. Sei só as encostas que subi, a festo. O Chapadão: céu de ferro. E era a lua-nova. Aquelas pedras brancas, que de noite tanto esfriam. As caraíbas estavam dando flôr. Por ponto de meu corpo, medi o enrolar dos longes ventos. Aí se viu, em seus couros, um vaqueiro pessoalmente. A esse, perfiz: — "Amigo ô amigo, aqui é aqui?" Ao que ele confirmou: — "Aqui, o senhor, meu senhor, os senhores estão nos andares do rio Urucúia..." Aos campos. Sentei que estava. Estrela gosta de brilhar é por cima do Chapadão. Tanta doideira fiz? A prazo. Como aquela vista reta vai longe, longe, nunca esbarra. Assim eu entrei dentro da minha liberdade. Ôi, grita, arara, araraúna, para a tua voz desenrouquecer! O Chapadão é uma estada, estando. Somente eu sabia respirar. Sumo bebi de mim, e do que eu não me tonteava. Só estive em meus dias. E ainda hoje, o suceder deste meu coração copia é o eco daquele tempo; e qualquer fio de meu cabelo branco que o senhor arranque, declara o real daquilo, daquilo — sem traslado... Ali eu diante de portas abertas, por livre ir, às larguras de claridade... Acho que foi assim.

Assim. Mas alguém me impediu. Ou era que mesmo desse jeito tinha de ser? Urubús perpassaram, extremamente, e para o poente vinham. Diadorim me chamou, pegando em meu braço. Diadorim vigiou aquelas diferenças: ele temeu; temeu por minha salvação, a minha perdição. Ou foi que minha Nossa Senhora da Abadia mandou que assim tivesse de ser? Mas Diadorim tirou o açôite de minha ação, ele me puxou, eu segurado, o propósito para trás. Nas grimpas, naquelas, o significado duma coisa tive, que depois lhe relato. Ah, só no azul do anoitecer é que o Chapadão tem fim.

Foi na descida de algumas ladeiras, no se costear um barrocão. Diadorim disse: — "Estou aqui, te vejo mesmo, Riobaldo!"

Eu disse: "— Ah, não. Ah, paz!"

Ele disse: "— A uma coisa eu te digo, Riobaldo..."

Eu disse: — "Pois fala."

Diadorim disse — a voz dele se paliava: — "Por querer bem é que eu falo, Riobaldo..." — feito o sussurro, nessas veredas, mão mansa, de tardinha, descabelando o buritizal.

Eu disse: — "Vai dizendo!" — ; falei uma segunda palavra.

A testa dele merujava, coisas grossas gotas — mesmo me temesse? — aquele suor devia de se gelar. Aí era um aviso, que ele queria me fornecer?

Aí eu não queria ouvir o que fosse, de repente eu não queria, eu não queria, fiz de ficar indignado. No eu no meu, não tivessem de me dar a toda aprovação? Ao redor de mim, assim obedecessem. A chefia sabe chefiar. Por certo, que, para a jagunçagem, os Gerais mal serviam. A pobreza daquelas terras, só pobreza, a sina tristezinha do pouco povo. Aonde o povo no rareado, pelo que faltava de água naquelas chapadas; e a brabeza do gado, que caminhava em triste achar. Desejar de minha gente, seria que se atravessasse o do-Chico — ir em cata de vilas e grandes arraiais, adonde se ajustar pagas e alugar muitos divertimentos. Conforme no renovável servisse: ir aonde houvesse política e eleição. Sabia disso. Eu não era pascácio. Um chefe carece de saber é aquilo que ele não pergunta. E mesmo eu sempre tive diversas saudades.

Reprazia, para mim, um dia reverter para o rio das Velhas, cujos campais de gado, com coqueiral de macaúbas, meio do mato, sobre morro, e o grande revoo baixo da nhaúma, e o mimoso pássaro que ensina carinhos — o manuelzinho-da-crôa... Diadorim, eu gostava dele? Tem muitas épocas de amor. Amor em perto, às vezes sossega, em muitos adiamentos — ao homem da branca barba. — "Tempo de guerrear!" — eu disse, para Alaripe, o Pacamã-de-Presas, o Acauã e o Fafafa: meus contra-guias. Em qualquer parte eu não podia arvorar bem fincado meu mastro-de-guerra? Primeiro, então, por ali mesmo, na areia rôxa, para tomar o instinto do ar, a gente recruzava. Mas, dirá o senhor: e o Hermógenes? A guerra não era para ser contra o Hermógenes, os Judas? Sim, sei. Mas, eles, no meu ir eles iam vir, haviam-de. Sabia isso era eu no coxim da sela, suor nosso. Seguindo, no raso e no monte, das areias tirando brilhos. A mal o mundo serenava, de tardinha, quando os jaós cantavam. Ou silêncio tão devassado, completo, que nos extremos dele a gente pode esperar o lãolalão de um sino. Diadorim não me entendesse? Ele entendia?

Assim, eu tivesse muito ódio. Diadorim havia de me entender. Mas eu estava acontecido. Por exemplo, vinha uma boiada, que passou, no bom-balanceio. Aqueles vaqueiros, esses com os laços enrodilhados nas garupas, e que, por prazer, aboiavam. Apreciei de ver como todos souberam jeito de esconder o medo que de mim deviam de ter. Boiada com rumo na barrra do Paracatú, salvante que mudassem de roteiro. Mas a gente ia por lados contrários. Deles até carneamos duas rêses. Se assou carne na moda do povo dos Gerais — que era com espeto de vara de folha-miúda, tanto tempo se esbrazeando para estorricar, o naco de carne se torrava como um fumo, e o gosto daquele cheiro se supria forte, só por si punha a boca da gente aguando. Dada a mais cachaça ao menino Guirigó e ao cego Borromeu: para eles falarem coisas diferentes do que certas, por em si desencontradas, diversas de tudo. Conselhos me davam? Mesmo só o igual ao que pudesse dar o cajueiro-anão e o araticúm, que — consoante o senhor escrito apontará — sobejam nesses campos. Mas a minha sina formava o rebrilhar; em tudo, digo ao senhor. Conforme fatos houve.

Da mulher — que me chamaram: ela não estava conseguindo botar seu filho no mundo. E era noite de luar, essa mulher assistindo num pobre rancho. Nem rancho, só um papirí à-tôa. Eu fui. Abri, destapei a porta — que era simples encostada, pois que tinha porta; só não alembro se era um couro de boi ou um tranço de buriti. Entrei no olho da casa, lua me esperou lá fora. Mulher tão precisada: pobre que não teria o com que para uma caixa-de-fósforo. E ali era um povoado só de papudos e pernósticos. A mulher me viu, da esteira em que estava se jazendo, no pouco chão, olhos dela alumiaram de pavôres. Eu tirei da algibeira uma cédula de dinheiro, e falei: — "Toma, filha de Cristo, senhora dona: compra um agasalho para esse que vai nascer defendido e são, e que deve de se chamar Riobaldo..." Digo ao senhor: e foi menino nascendo. Com as lágrimas nos olhos, aquela mulher rebeijou minha mão... Alto eu disse, no me despedir: — "Minha Senhora Dona: um menino nasceu — o mundo tornou a começar!..." — e saí para as luas.

Aquelas obras, então, Diadorim não visse? Ah, conselho de amigo só merece por ser leve, feito aragem de tardinha palmeando em lume-d'água. O amor dá as costas a toda reprovação. E era o que Diadorim agora desfazia em mim, no amargoso.

— "Repuno: que você está diferente de toda pessoa, Riobaldo... Você quer dansação e desordem..."

Mexi meu cuspe dentro da boca.

— "...A bem é que falo, Riobaldo, não se agaste mais... E o que está demudando, em você, é o cômpito da alma — não é razão de autoridade de chefias..."

Diadorim disse, e a voz dele, ecosa, me rodeou; as certas sinceridades. Amizade de amor surpreende uns sinais da alma da gente, a qual é arraial escondido por detrás de sete serras? Aí, demorei. Eu ia aceitar essa repreensão? Ah, nunca. E, desaguardadamente, eu atinei com outro motivo, para opor: a extratada conversa, que Diadorim tinha tido, adeparte, com o arrieiro de uma tropa. Perguntei, contra:

— "O segredo, com o velho arrieiro da tropa, Diadorim, que se falaram — era de minha pessoa?"

Essa tropa, que passara por nós, dias antes, rumava para o Abaeté, com carga de fumo, mantas de borracha, couros de onça e de lontra e cera de palmeiral, pouca coisa. Fossem atravessar o rio, num porto; iam passar por terras minhas conhecidas, nos sertões menores... Agora, eu queria saber.

— "Aquele levou um recado meu. Instruí o homem que levasse um recado..."

— "Um recado, de mim? Aí hei, que?! Malfiz?!..."

— "Um recado. Mais tu não pergunte, Riobaldo: que, o que fiz, foi."

Dizendo, Diadorim se arredou de mim, com uma decisão de silêncio. Não vê, que nem precisava. Eu tinha guardado meus ouvidos. Eu não queria escutar o reto, naquela ocasião, por desânimo de ser. Diadorim tinha citado alma. O que ele soubesse, não soubesse, não tinha ciência de coisa nenhuma, da arte em que eu tinha ido estipular o Oculto, nas Veredas Mortas, no ermo da encruzilhada... Aquilo não formava meu segredo? E, mesmo, na dita madrugada de noite, não tinha sucedido, tão pois. O pacto nenhum — negócio não feito. A prova minha, era que o Demônio mesmo sabe que ele não há, só por só, que carece de existência. E eu estava livre limpo de contrato de culpa, podia carregar nômina; rezo o bendito! Trastempo, mais outras coisas sobrevinham, mas por roda normal do mundo, ninguém podia afiançar o contrário. Apús pedra por sobre pedra, não guardo lembrança. Eu era o chefe. Vez minha de dar comando e estar por mais alto. Zé Bebelo tinha de todo desaparecido. Agora, o que se carecia, era de se pegar mais munição. Todos deviam de me obedecer completamente. Só eu não queria abusar. Por que não queria? Ah, então, eu estava em dúvidas. Até por isso era que eu estremecia, fino, no ouvir

certas menções. A haver a coisa que de longe me ameaçasse, feito o vem-vem das núvens de chuva. O demo, mesmo assim, podia me marcar? Se não fosse, como era que Diadorim viesse vir com aquelas palavras? Acho que eu não era capaz de ser uma coisa só o tempo todo.

Do que Diadorim se estranhava, era do seguinte: tinha sido o que aconteci com um sujeito senhor, um que disse se chamar nhô Constâncio Alves, que topamos no Chapéu-do-Boi. E também do desgraçado do homenzinho-na-égua, com o cachorro dele, que vieram vindo, três léguas depois daquele. As coisas vãs, esparramáveis.

De que tivesse neste mundo um tal nhô Constâncio Alves, o que era que eu ponderava com isso? Mas ele mesmo ali loguinho falou: que era nado no pé da serra de Alegres, e sendo da minha primeira terra, também. Foi bem tratado. Mas disse que podia ser de ter me conhecido, quando eu menino. Isso me disse aquele nhô Constâncio Alves. Queria recompensas? Aos princípios, não desgostei de prosear com um antigo assim, compatrício, asseado em suas roupas e bem-avindo. Aí ele tomou café, com a gente. A dar, que o homem foi se avontadeando, encompridando as respostas; eu mesmo dava jeito para que ele tomasse coragem.

Até que, um certo momento, o pretinho Guirigó se chegou sorrateiro, e emitiu em minha orêlha. — “Iô chefe...” — arenga do menino Guirigó, que às vezes bem não regulava. O capeta — ele falou no capeta? Ou então, só de olhar para ele, e escutar, eu pensei no capeta; mas, que era do capeta, eu entendi. Daí, de repente, quem mandava em mim já eram os meus avessos. Aquele homem tinha quantia consigo: tinha consciência ruim e dinheiro em caixa... — assim eu defini. Aquele homem merecia punições de morte, eu vislumbrei, adivinhado. Com o poder de quê: luz de Lúcifer? E era, somente sei. A porque, sem prazo, se esquentou em mim o dôido afã de matar aquele homem, tresmatado. O desejo em si, que nem era por conta do tal dinheiro: que bastava eu exigir e ele civilmente me entregava. Mas matar, matar assassinado, por má lei. Pois não era? Aí, esfreguei bem minhas mãos, ia apalpar as armas. Aí tive até um pronto de rir: nhô Constâncio Alves não sabia que a vida era do tamanhinho só menos de que um minuto...

Ah, mas, então, do sobredentro de minhas ideias — do que nem certo sei se seja meu uma minha-voz, vozinha forte demais, de tão fraca, suministrou um cochicho. Foi. Em tão curta ocasião que teve, essa vozinha me deu aviso. Ah, um recanto tem, miúdos remansos, aonde o demônio

não consegue espaço de entrar, então, em meus grandes palácios. No coração da gente, é o que estou figurando. Meu sertão, meu regozijo! Que isto era o que a vozinha dizia: — “Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo fincou pé de governar tua decisão!...” A anteguarda que ouvi, e ouvi seteado; e estribei minhas forças energias. Que como? Tem então freio possível? Teve, que teve. Aí resisti o primeiramente. Só orçava. O instante que é, é — o senhor nele se segure. Só eu sei.

Mas, aquilo de ruim-querer carecia de dividimento — e não tinha; o demo então era eu mesmo? Desordenei quase, de minhas ideias. Eu matava um tiquinho, só? Em nome de mim, eu não matava? Só forcejei por sobrenadar alto em mente o mando daquela vozinha. Rú, eh, masquei meus beiços, eu arrebentasse. Vi que acabava tendo de matar, e era o que eu mesmo queria. Como que tivessem espalhado, ombro com ombro, pelos inteiros cabíveis do Chapadão, os diabinhos, mil e mil, tocando lindas violas — para acabar com o que eu mesmo me falasse, e de mim quisesse por valia me entender, contra o que o demônio-mestre tinha determinado... Sendo que mal resisti, nas últimas, saiba o senhor. Ah, mas. E é preciso, por aí, o senhor ver: quem é que era e que foi aquele jagunço Riobaldo! Pois em instantâneo eu achei a doçura de Deus: eu clamei pela Virgem... Agarrei tudo em escuros — mas sabendo de minha Nossa Senhora! O perfume do nome da Virgem perdura muito; às vezes dá saldos para uma vida inteira...

Súbito sendo — pois, pois — que um recurso eu tive, e por uma greta me saí, levando a salvo comigo o desgraçado nhô Constâncio Alves. O conforme foi: que isto eu espiritei: que fazia a ele uma pergunta. Respondesse a mal, morresse; mas, de outro jeito, recebia perdão. Aí a pergunta seguinte:

— “Se sendo que o senhor é de minha terra, a pois: conheceu um homem que se chamava Gramacêdo? Será, o senhor é parente dele?”

Só esperei. Ele dissesse que tinha conhecido o outro, e, aí, morria, por eu não poder não-matar; por quanto a salvação dele mermava, que nem morrão de candeia. E assim, com obrigação minha mesma, eu tinha para sempre combinado.

Mas nhô Constâncio Alves era para ganhar, no azo daquilo, pelo que deu, de resposta:

— “Gramacêdo? Sinto dizer, mas esse eu nunca vi, nem dele ouvi falar. Tenho parentescos com ninguém de tal nome...”

A minha mão já tinha estado para o revólver, brandamente. Nhô Constâncio Alves percebeu o mal-amém. Confuso como se rebaixou um pouquinho no tamanho: ele devia de estar abrindo os joelhos, por tremor de medo nas pernas. Aí ele mesmo então achasse que carecia de muito morrer? — num pingo eu pensei, traiçoeiro. O medo mostrado chama castigo de ira; e só para isso é que serve. Ah, mas — ah, não! —; eu tinha decidido. Tinha ou não tinha. Eu? Assim, noutro repingo: arejei que toda criatura merecia tarefa de viver, que aquele homem merecia viver — por causa de uma grande beleza no mundo, à repentina. Um anjo voou dali? Eu tinha resistido a terceira vez. Agora, nhô Constâncio Alves estava delivrado de perigo. Só que eu gritei:

— "O senhor tem seu dinheiro?"

Ligeiro, novo, o homem caçou com suas mãos o surrãozinho, que abriu: estava cheio de notas, bem enroladas e embrulhadas num pano; e assim me dava, me presenteava. Mirei aquele triste pescoço. O que em seco ele foi engulindo: que podiam ser as contas todas dum terço.

Aproximei o cobre. O ele, nhô Constâncio Alves, deixei que fosse embora. Nem espiei — para dele não ver as costas. Mas, aí, então, para me pacificar e enterter o Outro, eu tive de falar alto:

— "Perdoei este; mas, o primeiro que se surgir, destas estradas, paga!"

Eu disse. Eu ia cumprir?

De seguida, o primeiro veio, logo mais adiante; quase no se inteirarem três léguas. Conforme houve fatos, coisa que se passou. E foi numa várzea, com uns boizinhos ali bem pastando. Demos com um sujeito, aparecido viajor. Ele vinha numa égua. Essa égua era acastanhada, com alguma altura. Aqueles arreios, de velhos, era que desfaziam. Um cabo da rédea estava sendo de couro, mas o outro de sedenho. A égua também cambaiava. O homem tinha cara de focinho, avançando o formato dos ossos da boca: não tinha queixo. Desgraçado desse homem, pelo que em sua vida ia ser, pelo que seus aspectos indicavam. Nem merecia dó, assim achei. Mas, na companhia dele, atrás, vinha também um cachorrinho.

Eles esbarraram. O cachorrinho pegou a latir, nesse ofício que quase todo cão tem, de ser presumido valente. O homem bambeou de si, em cima da égua, ele estava pecando de pavor. Como que, num só relance ele transformou três caras. E para o pretinho Guirigó me virei, por perguntar:

— "Aqui, este, deveras eu mato?"

— “Senhor mata? Senhor vai matar?” — o pretinho só se saíu pelos olhos.

Ao que escutei queixos e dentes do homem bater. Súdito indivíduo assim não tinha ação de voz nem tirava um suplicar. Tudo o que não sabia, ele adivinhava. Previsse que ia morrer só para indenizar do perdão dum outro, só por preencher o lugar que devia de ser o do nhô Constâncio Alves?

Ah, não. Agora, a vontade de matar tinha se acabado! Sei e soube: por certo que o demo, agora, escondia sua intenção, por desconfiar de que eu não fosse querer cumprir. Com ele, meu senhor, assim é: sempre escolhe seus estilos. Ao mais, dessa vez, ele sabia que não carecesse de me azuretar. Sabia que eu estava até com enjoo da situação daquele homem da égua, meu gosto era permitir que ele fosse s’embora, forro de qualquer castigo. Mas sabia igual que eu estava na estrita obrigação de matar — porque eu não podia voltar atrás na promessa da minha palavra declarada, que os meus cabras tinham escutado e glosado. Ah, o demo bem me conhecia! Devia de estar no astuto, ali por perto, feitor, se pagodeando de mim: querendo ver bem boa execução, do meu dever de crime. E o homem da égua o nada de tudo espiava, por mais inteiriço não se ser se forcejava, e um espírito de silêncio ele gemia. Aí onde era que estava o anjo-da-guarda dele? Aí tinha de morrer. Carecia de morrer, porque o diabo, por novas voltas, no nó de compromisso tinha me pegado; e porque outro ao-menos-remédio não havia. O cachorrinho por sua vez entendia isso, e latiu, cainhava, ganiz; mais conseguido do que o dono ele sabia dar de gemer. Mas eu estava pensando redobrado.

Como era que eu ia matar aquele sujeito, anunciado de pobre, e matar em vez de um outro, sadio em bojo, e rico? Aquilo era justiça? Vai ver, ele nem conhecesse o nhô Constâncio Alves, nem soubesse quem fosse. Era justiça? Era possível? Eu pensei. O que era que Zé Bebelo, numa urgência assim, no arco, inventava de fazer? Eu tinha a preguiça de falar perguntas.

Os outros, parados em volta, esperavam, por apreciar. Ninguém não tinha pena do homem da égua, mirei e vi. Consideravam de espreitar meu procedimento. A aflêima de assim loguinho ter de botar e ouvir minhas palavras no ar, me agravou. E foi então, para retardar os momentos, que ao cego Borromeu eu indaguei:

— “Seja o que, companheiro velho? E eh lá isso?...”

Atabafado. Até porque, de pedir avisos a um cego, assim, em públicas varas, eu tivesse de me vexar.

— “Se é se é, Chefe? A-hem? Se é o que mecê sumeteu, enhém? Senhor quer que seja que se mate um tal?” — sem-termo do cego me respondeu, sem-razão. Ao que eu tinha trazido aquele comigo, para a nenhuma utilidade. — “Senhor mesmo é que vai matar?” — o menino Guirigó suputou, o diabo falou com uma flauta. — “Te acanha, dioguim, não-sei-que-diga! Vai sêbo...” — eu ralhei. Onde os outros riram rabo.

Mas, entre isso, o homem condenável, em cima da égua, amontado sempre, chorava por si mesmo, sensato sério; chorava, decerto, o ter crescido de sua longe meninice. Nem perguntei o nome dele, nem donde era que era. Um naqueles casos, de nada carecia nem necessitava. A cara dele, pelo malaventurar, se quebrava das formas e cor, e perpassava — ele era um ser com a cara desmanchada. Aí o Acauã, por um gesto de aviso meu, assestava nele, sobrestante; porque, mesmo no magoar do terror, por vez um se assopra de adôido, dá bote, dá nas armas. Agarrado todo na égua, só encolhido, encarapitado — o pobre.

— “Vai sêbo!” — eu tornei a xingar o menino-de-infância.

Adforma que eu tinha de resolver. Antes ligeiro, para os meus homens não me acharem aparvo. Ou o demo. O demo? Ainda que muito eu sei. Agora esse se prespiritava por lá, sabível mas invisível; e ele estava se rindo de mim, meu próximo.

Ah, não! Somei que tive pena do homem? A cachorrinha se latia. Mas, como era que eu podia atirar numa triste pessoa daquelas, que semelhava com os ombros debaixo de todas ventanias? A cachorrinha perturbava os cavalos. Aperto do dever que eu tinha de cumprir, de editada palavra. Ou eu temi também o Tranjão, o Tibes, o Cujo, que eu mesmo ajustara por meu vigiador? Seja o que; hoje mais rezo. O homem nas costas da égua, desinquieta, que agora dava debate. Decerto porque, animal de montada, no que percebe aquele humano pavor alheio, o todo desprezo ao cavaleiro está obrigado a demonstrar. Conseguinte que, sobre assim, todos riram mais: — “Oé, eh, ele já está se deixando!” — algum reparou. Se via? Se o homem dera de obrar, mesmo permeando para a sela, que se sujava? Às caçoadas, constavam de querer ver aquilo. Daí, o cachorro, por resguardo de seu dono, agrediu os cavaleiros — com o qual a latição dele, e os arreganhos, os cavalos de uns desgostavam e se empinavam, por reboliz. O homem, mesmo, era que se franzia, no não dizer, não desbobeava. Ah, e Zé

Bebelo! — repentino relembrei, as remotas vezes. Os cavalos saltando assim, os cavaleiros bramando: recordação de Zé Bebelo. Só Zé Bebelo servia para apurar um impedimento desses, no deslindar. Onde ele? Ah! Ah e foi aí — então — que estouradamente achei: fortes ideias! Rapatrás, fazendo meu cavalo também se arquear e empinar, às as patas — eu disse. Disse, que bradei — num entusiasmamento daqueles mesmos de Zé Bebelo — a fala igual à de Zé Bebelo, na baralhada em pompa dos animais, arre crinas, na arroubagem de arruaça. Eu pronunciei:

— "*Rai'-a-puta-pô!* Não tenho que matar este desgraçado, porque minha palavra prenhada não foi com ele: quem eu vi, primeiro, e avistei, foi esse cachorrinho!..."

Só um assarapanto de silêncio. Daí, me vivavam. Todos entenderam, me admiraram. A tanto que sei. Agora, eu, digo ao senhor: dele, do Demo — naquele instante — agora era eu quem ria!

— "Ei-ei, gente, segura o cão!" — dei ordem. Num três-tempo a cachorrinha estava pega, se esbrabejava. No que uma peia, um laço, ou um cabresto, eram desconformes para isso, então o Pacamã-de-Presas e o Jiribibe arrumaram uma jarda de fina corda, com ela se amarrou o bichinho num pé de assa-leitão. — "Não deixem ela uivar... Não deixem ela uivar..." — foi o que o cego Borromeu disse, pelo modo ele tinha medo de uivado de cachorro. — "A bom, cachorro a gente enforca..." — o menino Guirigó deu atrevimento de ensinar. Mandei que esse menino fosse para mais longe, perder as influências. Deram uma palmada na anca do cavalo dele, que o João Vaqueiro puxou, para ir exilar os dois em boa conveniente distância.

— "Um cachorro, quando se enforca, chora lágrimas — os olhos dele regulam com os de gente..." — foi o que o Alaripe disse, com simples voz. A tudo, pensei. Agora, matar aquela cachorrinha? O que menos eu pudesse, só mesmo por pragas. Pelo tanto que a cachorrinha se prezava correta, latindo tão relatado. Ah, não! Ah, não, não matava. Mais, por aí, eu também já tinha aprendido — das sutilezas. Tornei a transdizer:

— "Adonde!... E nem não foi essa cadela. A égua, essa é que foi — a que primeiro deu nas minhas vistas!"

Real, mudando o propósito — e para que isto bem se entenda. Fio que me aprovaram. Divertidos, todos; quem é que ia me contrariar? Eu era senhor dali e daqui: eu falando, ficava sendo. Do Demo, mesmo, não tirei noção. Agora eu estava com outra pressa. — "Desapeiem o homem,

mandemos embora, que se vá!” — em ato ordenei. Até porque ele se cessava sem entendimento das coisas, sem ação. Transes que em instante temi: aquele homem morresse, roqueado no medo, rebaixado dessa forma — então, ah, aí, então, o destino de lugar, para mim, estava definitivo: só sendo nas extremas do fim do Inferno... Com jeito, com asco, uns dos meus cumpriram meu mandado, desamontaram o homem, e o homem quase nem se impunha de ficar em pé. — “Tu foge fora daqui, tu te vai embora!” — eu disse, tive de gritar. Aí ele entendeu, e saíu. Por um momento, pensei que fosse correr. Mas esbarrou, sem espiar para trás. Agora era que achava pranto, com bem de choro: estava chorando soluços fortes, igual se fosse criança pequena. Aquilo não tinha nenhuma sensatez e me dava gastura, astúcia que remexia com minhas resistências. Aborrecidos, os do meu pessoal gritaram com ele, que tornou a pegar a correr, ao tom dos brados. Ainda esbarrou, outra vez, devia de estar chorando, conforme os ombros dele se sacudiam. Arrochei. Assim foi em arrebrusco: sobreveio em mim a estúrdia arfagem de chorar também — eu nas margens do mar. Não quis e nem pude. Ânsia que meus olhos, para dentro, davam em escuro. As graças d’arte — sabe o senhor —: na escuridão, não se chora, por não se ver, como não se pita cigarro... Com isso, desgostei de mim. Ah, no final da vez, o que ria o riso principal era ele, o demo. O Tisnado! Assim, por causa da judiação que eu, mesmo por querer salvar a vida dele, eu tinha procedido de demorar assim, com aquele homem. Antes tivesse logo matado. Como é que se podia desrespeitar tudo desse jeito, numa desgraçada pessoa, roupeada? Como é? E o homem não tinha vislumbrado de espiar para trás, para saber de sua cachorrinha. E a cachorrinha estava ali, bem amarrada na dignidade. Tanto ela não latia mais, que todos tinham se esquecido dela. Agora eu colhi em mim um estado de desânimo. A ser, que, por conta daquele homem, por meus desmandos, quem sabe eu ia ter, mais para adiante, de pagar, com graves castigos?

Algum tempo estava se passando, daí já tinham desarreado a égua, e o lombilho e os baixeiros botaram dependurados num galho de árvore de beira estrada. Ali estava aquele magro animal, preso somentemente no cabresto, que o Fafafa segurava; assim esperavam que eu desse cabo dela, eu mesmo, ou que mandasse outro fazer, segundo tinha sido a minha decisão. A cachorrinha, essa, eu pensei: eu dava para Diadorim, que perto todo o tempo tinha ficado, calado durante tudo. E, pois, era a hora de

minha acertação, mesmo com a contrariedade. Ao dito, porque eu tinha começado a desastrada estória, que um final razoável carecia de ter. Suficiente sacar garrucha, e mirar o tiro na testa da égua, que se debruçava de pernas abertas, se acabando. A tanto, pois?

Ao que o Fafafa, que não teve poder em si de se consentir silêncio, virou para mim, e disse: — "Nosso Chefe, com vênia eu peço: o senhor aceite de eu pagar em dinheiro o prêço deste inocente animal, que seja poupado... A eguinha não é de todo ruim..."

Aonde que ele disse, outros secundaram: eu deixasse. Repente meu foi meio irado; porque até o Fafafa me atravessava. Os demais, a ver que reprovavam minha decisão, de que a égua se matasse. A gente revoltosa? Ah, não; que, em seguida, gostei, eu mesmo. Instante em que me prazia ouvir o meu pessoal discordar daquilo, com a égua, a frio e por fria razão. Do demo era que eles discordavam! Rapaziada boa, solerte. Só que, assim, como eles queriam, não estava em meu regulamento resolver. Vender, não vendia a vida da égua ao Fafafa. Ah, não. Resumi um recurso, por aí alerta. O que foi como pronunciei:

— "Delibero o certo: o primeiro que eu vi, foi essa égua. Ela tinha de receber a morte... Ah, mas égua não é gente, não é pessoa que existe. E que? Ah, então, não é cabível que se mate a égua, por tanto que a minha palavra decidida era de se matar um homem! Não executo. A alçada da palavra se perdeu por si e se gastou — pois não está dito? Acho e dou que o negócio veio ao terminado."

Verdadeiramente, com alegria, foi que todos me aprovaram. Ou seja que me admiravam em real, pela esperteza de toda solução que eu achava; e mesmo nem sabiam que essas minhas espertezas eram cobradas da manha do Tentador. Contente, tanto, e descontente, comigo, era que eu estava. Porque essas coisas, de certo modo, me tiravam o poder do chão. Mas, uma na outra, eu limpei o seco de minhas mãos.

— "Aí, correr alguém, em tempo de campear outra vez esse homem..." — eu disse. — "Trazer, a modo de se dar a ele dinheiro, se dar de comer e um café, e tornar a entregar a ele o que é dele..."

Eu falava era por devolver a égua. E o Suzarte, José Gervásio e Jiribibe, torcendo em galope, foram pelo homem. A égua, que se soltou, caçava môitas de capim, para pastar. Com o que, já que se estava por descanso e espera, e se tinha boa aguada na vereda perto, o Jacaré armou a trempe e

coou café. Sentei, na sombra dum pau-dôce, fiquei ouvindo os gabos que os em redor de mim me dessem, como arras de procedimentos maiores.

— "Tal a tal, o Chefe tira mais finíssimas artimanhas do que o Zé Bebelo próprio..." — um disse.

— "À fé, que determina com a mesma justiça que Medeiro Vaz..." — outro falou, mais aduloso.

Isso, bom louvo, sossegava a minha perturbação. Aquela hora, eu estimava meus homens, que vivessem, que falassem. Mas, para afirmar ideia e respeito de que eu estava em minha chefia independente, mandei que aquietassem, pelo que eu ia aproveitar para uma sesta de sonéques. Aprazia escutar o ventinho do chapadão, com o suave rumor que assopra e faz, nas folhas do bate-caixa. A cachorrinha, amarrada mesmo, se sujeitava de não latir: figuro que alguém estava dando a ela pedaços de carne-seca. Alembro que eu ainda podia caber nesse domingozinho de tranquilidade. O melhor — ah, pensei, o melhor de tudo! — era que o Anhangão não aparecesse, não se visse porfiando no meio de todos; e que mesmo o mais certo era d'ele, demo, não competir, por não ter nenhuma existência.

Tirei minha madorna, a pouco. Suzarte, Jiribibe e José Gervásio já retornavam, com o vazio tido, sem o resultado algum. — "... Sujeito se sumiu nesse mundo, carregando com o rastro, medo dele era medonho... Só achamos o nada dele..." — assim rendiam explicação. Que é que se podia remediar? Seguir nossa marcha, sem mais tardanças. A gente largava a égua ali, acaso algum dia o homem voltava, ou dela por boca de outros tinha notícia. Amontamos. E a cachorrinha? — "Reinaldo, essa tu quer?" — perguntei a Diadorim. Meante o que, ele melhor respondeu: — "Só convém se soltar a coitadinha, de seguro ela vai se encontrar com onde estiver o dono..." E ele mesmo desatou. Valia o senhor ver o raio de amor que tangeu a cachorrinhazinha: que latiu suas alegrias e airada correu, sem nenhuma demora, feito fosse para um pronto destino, há-de asas! Foi ela em longe desaparecer, e nós tocamos, no caminho contrário. A égua ficou lá, pastando; e o arreio do homem, como um espantalho, pendurado no ramo de árvore, até as moscas do campo já se ajuntassem nele.

Do que acontecido, me senti muito livre. Trotei, adiante. Eu ia, à meia-rédea, não me instava, não pensava. Será — mal pergunto eu ao senhor — que viajei este sertão com o Outro sendo meu sócio? Vá retro! Mas não

tenho modo de entender como Diadorim estranhou meus semblantes. E por via disso é que tinha sido a nossa conversação — por causa do de que agora lhe dei conta miudamente.

Do que discuti com Diadorim, do que derradeiro ele me disse, me ficou um retardo. Aquele passo me envergonhava. Como ser? Eu queria e não queria ouvir — não queria e queria. Resto de toda resposta, que tivesse, tinha de ser acusação. E eu quis. Deu o que me deu, e eu vim, perguntar forçado; sentido, perguntei:

— "O recado mandado, Diadorim, tu diz. Teu falar no exato, dever de toda lealdade, é que eu a duras exijo — o que me reverte!..."

— "Sou teu amigo. O recado aquele, Riobaldo, pedi ao arrieiro para dar a uma mulher..."

— "Ah, então foi para uma moça, para a filha do fazendeiro da Santa Catarina, que Otacília é, e que é minha nôiva; será?"

— "Riobaldo, pois foi. Em que é que você malda?"

Ao que, por praga, eu relutei no freio. Até o campolino meu cavalo assumiu um espanto. Porque surpreendi o mundo desequilibrado rústico, o que me pertencia e o que não me pertencia. Se a vida coisas assim às horas arranja, então que segurança de si é que a gente tem? Diadorim me olhava. Diadorim esperou, sempre com serenidade. O amor dele por mim era de todo quilate: ele não tartameava mais, de ciúme nem de medo. Disse assim:

— "Pedi a ela que rezasse por você, Riobaldo... Assim pela esperança de saudade que ela tivesse, que não esbarrasse de rezar, o todo tempo, por costume antigo..."

No argame, no esquisito desgosto de meu espírito, vi que, mesmo antes dele falar, eu já sabia que aquilo era — o que ele não evitava de me dizer. Rude que ainda reperguntei, mesmo assim:

— "Ah, não! Ah, você acha que eu careço de suas rezas orações, por minha ajuda, Diadorim?"

— "Acho, de manhã à noite, Riobaldo... Demais. Nem sei mesmo se alguém te botou o malefício... Tua mãe, mesma, que estivesse viva, achava..."

Mor, mor, aí, recebi surto de meu sangue, forte, no corpo da cara e na beira das orêlhas, e logo doeu no meu beiço o que eu estava me mordendo, assim para não insultar Diadorim com nomes que fossem da maior ofensa. Com um tapa na rédea, eu tirei de perto dele a cara de meu cavalo.

— “Acha tua vida, rapaz! Careço é de menos amizades...” — ainda eu maldisse, me apartando. Ao que bem pensei: — Hás-de! Rezas essas, o contra? Atira, tu, em anta, com chumbo fino... — e ri mamente. O que era que me transtornava, do meio para o fim, por essa fraseação?

Sendo que, depois logo, quando esbarramos a caminhada do dia, eu fiz questão de não querer prosa nem presenças de ninguém, para que vissem que eu estava pensativo de projetos, e raivoso. Tristonho. A gente parava no findar do Chapadão, longe do poente, segundo se ia indo, por meu comando. As muitas sérias coisas referi comigo, quando eu estava provando a fresca da tarde.

Por curto: minto, se não conto que estava duvidoso. E o senhor sabe no que era que eu estava imaginando, em quem. Ele é? Ele pode? Ainda hoje eu conheço tormentos por saber isso; trastempo que agora, quando as idades me sossegam. E o demo existe? Só se existe o estilo dele, solto, sem um ente próprio — feito remanchas n’água. A saúde da gente entra no perigo daquilo, feito num calor, num frio. Eu, então? Ao que fui, na encruzilhada, à meia-noite, nas Veredas Mortas. Atravessei meus fantasmas? Assim mais eu pensei, esse sistema, assim eu menos penso. O que era para haver, se houvesse, mas que não houve: esse negócio. Se pois o Cujo nem não me apareceu, quando esperei, chamei por ele? Vendi minha alma algum? Vendi minha alma a quem não existe? Não será o pior?... Ah, não: não declaro. Desgarrei da estrada, mas retomei meus passos. O senhor segurado não acha? Ao que tropecei, e o chão não quis minha queda. De hoje em dia, eu penso, eu purgo. Eu tive pena de minhas velhas roupas. E rezo. Para a minha reza, Deus dá as costas, mas abaixa meio ouvido. Rezo. Queria ver ainda uma igreja grande, brancas torres, reinando de alto sino, no estado do Chapadão. Como que algum santo ainda não há de vir, das beiras deste meu Urucúia? E o diabo não há! Nenhum. É o que tanto digo. Eu não vendi minha alma. Não assinei finco. Diadorim não sabia de nada. Diadorim só desconfiava de meus mesmos ares. Escuto o claro riso dele, que era raramente; quer dizer: me alembro. Compadre meu Quelemém me dá conselhos, de tranquilidade. O que ele renova é: — “...Em presente e futuros...” Eu sei.

Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma só coisa — a inteira — cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver — e essa pauta

cada um tem — mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo-o-mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado. Ah, porque aquela outra é a lei, escondida e vivível mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação, já foi projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representador — sua parte, que antes já foi inventada, num papel...

Ora, veja. Remedêio peco com pecado? Me tôrço! Com essa sonhação minha, compadre meu Quelemém concorda, eu acho. E procurar encontrar aquele caminho certo, eu quis, forcejei; só que fui demais, ou que cacei errado. Miséria em minha mão. Mas minha alma tem de ser de Deus: se não, como é que ela podia ser minha? O senhor reza comigo. A qualquer oração. Olhe: tudo o que não é oração, é maluqueira... Então, não sei se vendi? Digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu é este, meu senhor: então, a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador...

Divulgo o meu. Essas coisas que pensei assim; mas pensei abreviado. O que era como eu tivesse de furtar uma folga nos centros de minha confusão, por amor de ter algum claro juízo — espaço de três credos. E o resto já vinha. O senhor verá, pois.

Porém mais além.

Na serra do Tatú, o frio ali é tal, que, em madrugadas, a gente necessita de uns três cobertores. Na Serra dos Confins, meados de julho, lá já está sovertendo o laçaço dos ventos, desencontrados, de agosto; como que venta: árvores caídas. Aonde eu ia, todos achavam natural. Chefe é chefe. Será que eles não sabiam que eu não sabia aonde ia? Isto é — digo — isto é. Não soubessem os começos e os finais. Dalgum modo, eu estava indo e sabendo. Sobre como é que a coruja conseguiu modo de poder voar sem se escutar o rumor do voo? Ao que eu estava sofismado. Menos que não guardei raiva de Diadorim, nem sentimentos. O desar que ele tinha falado

e feito, aquela ruim conversa nossa, não deixou nem nublo: melhor fugiu, de todo, de minha lembrança.

O palpite meu, primeiro, era de chegar até na Serra do Meio — cruzar na Cachoeira-do-Urucúia. Daí, desisti. De repente, torci direto para o norte; foi no Lagamar, a travessia. Mas, fujo de dizer: que, antes, no Lugar-do-Touro, se arrecadou a exata munição. Ainda antes se dando, dias, que a gente tinha recebido uma boa surpresa. O Quipes!

Assim o Quipes, que retornava, depois de tantos meses. De desde que tinha cumprido a ordem de sair por travesso socôrro, de lá ondonde estávamos cercados em combates, na Fazenda dos Tucanos — o senhor se alembrará. Ele vinha certo e alegre. E, de ver um companheiro assim se aparecer, de ausências, a gente ganhava mais mocidade.

Lampeiro, o Quipes entrado em boas roupas, montado num bom cavalo amarelo, pitando maço de cigarros de fábrica; rico feito um Mascarenhas. Arte que puxava um burro e uma burra, adestros, e tinha comprado coisas: até trempe e caçarolas, e açúcar real e chocolate em pó. Ao fagueiro, pujante, mesmo.

— "Ara, veja como passou? E dond' é que soube de nós?" — eu em atiço perguntei.

— "Ao que pois, Tatarana: em faltas de notícia, formei meu pião por aí... Já estive em Ingàzeiras, na Barra-da-Vaca, no Ôi-Mãe, em Morrinhos... O Urucúia não é o meio do mundo?" — assim ele se temperou.

O que não era toda a verdade. O que ele estava era recém-chegando. E me tratou de *Tatarana*... O seja que tivesse vivido esses tempos tangendo urubú, adformas que vinha agora na ignorância de que eu é que era o Chefe. Indagou por Zé Bebelo; e pois de Zé Bebelo mesmo ele tudo não sabia. Nem o parar do Hermógenes. Nem não tinha nenhum sinal do Joaquim Beijú, assim como aviso de outras novidades do mundo não deu. Só, por terminar, se gabou de ter tido duas ofertas: para servir de jagunço de Dona Adelaide, no Capão Redondo, e do Coronel Rotílio Manduca — em sua Fazenda Baluarte.

— "Ah, entrei, gozando de minha pessoa de paz, até nas cidades de Januária e São-Francisco..." — ainda proseou. Devia de ser verdade. Assim como verdade completa que, a burra e o burro, e a tralha, ou o dinheiro para tudo adquirir, ele devia de ter roubado tomado em terra de

riquezas. Tal que disse: — “Isto eu bem comprei, na venda do José Vassalo...” Desajuizado gastador, esse o Quipes.

Tanto ouvi, muito macambúzio. Onde que então, eu varava mundo, em comando, e ainda não se prezava o meu nome. Eu — o Urutú-Branco! Ser Chefe de jagunço era isso. Ser o que não dava realce — qualquer um podia, fazendeiro com posses, mão em políticas. O sertão tudo não aceita? A minha pessoa era nada, glória de Zé Bebelo era nada. O que dá fama, dá desdém. O menos de me importar. O que eu carecia era de dar primeiras batalhas. Suspender a alta coragem, adiante de meus cabras. Ou será que já estavam mas era se aplicando no vagavagar? — Cigano sou? — eu pensei, enraivecido. Tinha o norte, para a gente. Dei ordem. Aí torcemos caminho, numa poeira danã. A reto, viemos beirando o Ribeirão da Areia, de rota abatida. O que era que eu tencionava fazer? O senhor espere.

Narro que não rendi melindres do feito de Diadorim, digo — o recado enviado. Mas, à vez, balancei uma inquietação, daquilo, que era para eu bem estranhar, a decisão dele de tanto absurdo. Essas desordenadas da vida da gente: tudo o que estoura manso e guampa quieto, e que só tem a razoável explicação para quem está mesmo longe dos motivos. Ao meio do meio duma coisa eu tinha certeza: que Diadorim não ia me mentir. O amor só mente para dizer maior verdade. Diadorim me compassava; por força. Mas, para mandar à minha Otacília assim aquela embaixada, era porque ele soubesse, no zelo de seu coração, que então Otacília me tinha amor. E tanto igual sabia também de mim? Naqueles dias, era. Abrandei minha lembrança em Otacília, que sincera me aguardasse, em sua casa, em seu meigo estar. Agora eu ia indo às avessas de lá, da Santa Catarina, mas, de arribada, minha intenção de saudade vinha voltando. Tudo, nesta vida, é muito cantável.

Até, a seguir, por um afino de momento eu me arrepiei por trás da testa. Ato do que meio confuso imaginei, por um vão imaginar: que, me querendo-bem — a mais de meu merecimento — e crendo que eu enfrentava os duros riscos, ela Otacília pudesse praticar o estouvamento gentil de se fugir de casa e vir aventurada em minha cata, por todos os pousos deste sertão... Ah, ela vinha, montada num bom cavalo corcel, aparecia de repente, por meu nome perguntando. E eu declarava a grandeza real dela, definida bem do meu lado, na frente do grande bando de meus homens... Assim, de jeito tão desigual do comum, minha vida grangeava outros fortes significados. E isso variou em meu pensamento,

inesperado de ligeiro supor, que, a bem notado, nem foi um pensar. Arremedo de sonho, também, não seria de ser. Então, emendando de novo o vero juízo, tive um receio: por causa que aquilo podia ser aviso do que estivesse por vir, rumo de profecias.

Otacília — me alembrei da luzinha de meio mel, no demorar dos olhares dela. Aquelas mãos, que ninguém tinha me contado que assim eram assim, para gozo e sentimento. O corpo — em lei dos seios e da cintura — todo formoso, que era de se ver e logo decorar exato. E a docice da voz: que a gente depois viajasse, viajasse, e não faltava frescura d'água em nenhumas todas as léguas e chapadas... Isso tudo então não era amor? Por força que era. E pelo sim receei: será tivesse Diadorim falseado fala, e o recado na verdade fosse outro — o para ela vir, afoitamente, que eu dela muito carecia? Divulgo o desuso disso, que era extravagâncias. Mas o senhor acreditando que alguma coisa humana é de todo impossível, então é que o senhor não pode mesmo ser chefe de jagunço, nem na menor metade só de um diazinho, nem somente nos vastos imaginados. Ora essas! — digo. Se Otacília viesse, aparecesse lá em no meio de nós — que seguimento de coisas havia de suceder?

A bobeia, toleima. Otacília estava guardada protegida, na casa alta da Fazenda Santa Catarina, junto com o pai e a mãe, com a família, lá naquele lugar para mim melhor, mais longe neste mundo. E eu, sem ser por motivo ou razão, cada dia tocava com a minha gente por contrárias bandas, para mais apartado de donde ela assistia. Ao cada dia mais distante, eu mais Diadorim, mire veja. O senhor saiba — Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão. O senhor vai ver. Eu era dois, diversos? O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia.

Máximo me lembro é de que, na minguante, se estava no veredal das cabeceiras de um córrego, lugar de desmedidas pastagens, adonde os cavalos usufruirem descanso. A lá esbarramos e paramos, por uns dias. Me lembro, eu quis escrever uma carta.

Essa minha carta, eu podia destacar um homem, dos ligeiros, ele ia levava em mão, à Otacília, minha nôiva, trazia a resposta. O que eu cogitei de escrever era muito singelo: as notícias de minha saúde, pergunta de como era que ela e os parentes iam passando, saudações de lembranças.

Admiro que achei natural de não falar coisa de minha glória de chefia, por oras. Por que? Pois. E tive vontade de traçar uns versos também; mas que a aragem não ajudava a deduzir. Era uma sinceridade muito dificultosa. Escrevi metade.

Isto é: como é que podia saber que era metade, se eu não tinha ainda ela toda pronta, para medir? Ah, viu?! Pois isto eu digo por riso, por graça; mas também para lhe indicar importante fato: que a carta, aquela, eu somente terminei de escrever, e remeti, quase em data dum ano muito depois... Digo o porquê? Próprio porque não pude. Guarde o senhor: não pude completo. Mas, guarde, por outra: o dia vindo depois da noite — esse é o motivo dos passarinhos...

Falo por palavras tortas. Conto minha vida, que não entendi. O senhor é homem muito ladino, de instruída sensatez. Mas não se avexe, não queira chuva em mês de agosto. Já conto, já venho — falar no assunto que o senhor está de mim esperando. E escute.

Tinha o Maligno?

Às vezes, penso. Um boneco de capim, vestido com um paletó velho e um chapéu roto, e com os braços de pau abertos em cruz, no arrozal, não é mamolengo? O passopreto vê e não vem, os passarinhos se piam de distância. Homem, é. O senhor nunca pense em cheio no demo. O mato é dos porcos-do-mato... O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga. Quem entende a espécie do demo? Ele não fura: rascrava. Demorar comigo ele podia. E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões. A ele vazio assim, como é que eu ia dizer: — “Te arreda desta minha conversa!”?... Ao que, pois, o que eu ia pondo, na carta, era quase que uma ordenada lembrança, a igualzinha repetição daquilo de Diadorim: — que ela rezasse por mim, Otacília, orações rezasse... Ia. Ah, mas, aí, houve. Amoleci mão antes de coração: não pude. Não pude, diabralmente, desarrazoado — por outras fortes ordens... —; e então de repente tive vergonha, desgostei de estar querendo escrever aquela carta. Desisti, guardei na mochila aquela metade. Um homem é um homem, no que não vê e no que consome. Ah, não. Otacília, eu não merecia. Diadorim era um impossível. Demiti de tudo.

O demo, tive raiva dele? Pensei nele? Em vezes. O que era em mim valentia, não pensava; e o que pensava produzia era dúvidas de me-enleios. Repensava, no esfriar do dia. A quando é o do sol entrar, que então até é o dia mesmo, por seu remorso. Ou então, ainda melhor, no madrugal, logo no instante em que eu acordava e ainda não abria os olhos: eram só os minutos, e, ali durante, em minha rede, eu preluzia tudo claro e explicado. Assim: — *Tu vigia, Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela...* — isto eu divulgava. Aí eu queria fazer um projeto: como havia de escapulir dele, do Temba, que eu tinha mal chamado. Ele rondava por me governar? Mas, então, governar pudesse, eu não era o Urutú-Branco, não vinha a ser chefe de nada, coisa nenhuma! Ah, eu carecia dum jeito, dum esperto socôrro, para tentear com o Sujo em suas próprias portas, e mediante me pôr livre de fim fatal. De que modo?

Mas acontece que o instante entre o sono e o acordado era assaz curto, só perpassava, não dava pé. Eu não podia me firmar em coisa nenhuma, a clareza logo cessava. Daqueles avisos e propósitos, o montante movimento do mundo me delia, igual a um secar. E eu mesmo estava contra mim, o resto do tempo. Não estava? Todo o mundo, cada dia, me obedecia mais, e mais me exaltavam. Com o que peguei, aos poucos, o costume de pular,

num átimo, da rede, feito fosse para evitar aquela inteligencinha benfazeja, que parecia se me dizer era mesmo do meio do meu coração. Num arranco, desfazia aquilo — faísca de folga, presença de beija-flôr, que vai começa e já se apaga — e daí já estava inteirado no comum, nas meias-alegrias: a meia-bondade misturada com maldade a meio. Agora levantava, puxava e arreava meu Siruiz, cavalo para alvoradas. Saía sozinho.

Sair na escuridão, o senhor sabe: aqueles galhos de árvores batendo na cabeça da gente. Sempre eu ia até longe; quando voltava, encontrava o pessoal se aprontando, café já coado, cavalaria em fila para a viagem. Uma vez, inda mais longe fui, do que nas outras. E dei com o lázaro.

Ele se achava como que tocaiando, no alto duma árvore, por se esconder, feito uma cobra araramboia. Quase levei o susto. E era um homem em chagas nojentas, leproso mesmo, um terminado. Para não ver coisas assim, jogo meus olhos fora! Promovi meu revólver. Aquele de repente se encolheu, tremido; e tremeu tanto depressa, que as ramagens da árvore enroscaram um rumor de vento forte. Não gritou, não disse nada. Será que possuía sobra dalguma voz? Eu tinha de esmagalhar aquela coisa desumana.

Dum fato, na hora, me lembrei: do que tinham me contado, da vez em que Medeiro Vaz avistou um enfermo desses num goiabal. O homem tinha vindo lamber de língua as goiabas maduras, por uma e uma, no pé, com o fito de transpassar o mal para outras pessoas, que depois comessem delas. Uns assim fazem. Medeiro Vaz, que era justo e prestimoso, acabou com a vida dele. Isso contavam, já de dentro do meu ouvido. A quizília que em mim, ânsia forte: o lázaro devia de feder; onde estivesse, adonde fosse, lambuzava pior do que lesma grande, e tudo empestava da doença amaldita. Arte de que as goiabas de todo goiabal viravam fruta peçonhenta... — e d'eu dar no gatilho: lei leal essa, de Medeiro Vaz...

— “Ô *guaimoré*!” — xinguei. E gritei pulhas. Acho que insultava era por de certo modo retardar meu dever? Ele não respondeu. Em ante mim, assim, ninguém não respondesse? Mas fincava de me olhar: ah, ele tinha dois olhos, no meio das folhas da folhagem. Muito coitado ele era — o senhor esteja de acordo. Mas, aí, foi que vi e repeli o quê que é ódio de leproso! Na cabeça daqueles olhos, eu armei minha pontaria.

E ouvi o vir dum cavaleiro. Esperei. Não dissessem que eu tinha baleado à traição o maldelazento, com escondidos de não ter testemunhas. Quem

vinha? Em já madruga-manhã, tudo clareado, reconheci: Diadorim! Embolsei a arma, sem razão. Diadorim me perseguia? "Vigia, Diadorim: tu pune por este?!" — eu havia de indagar, apontando o esconso do leproso. "Estou aqui, te vejo é você mesmo, Riobaldo..." — ele ia dizer — "...Riobaldo, tem tento!" ... A imaginação dessa conversa, eu pensei de relance, como uma brasa chia em dentro de vasilha d'água. Assim estremeci, eu ente. Porque, do bafo mesmo de minha ideia vã, eu estava catando tal anúncio de acusação: — *Tu traz o Arrenegado*... Eu e ele — o Dê?! Então, num sutil, podia mesmo ser que ele quisesse estar tomando conta de mim? — Aí, nem nunca, nem! — eu rosnei, riso. Espinoteei na sela, feito acordado dum cochilo de cão. E Diadorim tropeava chegando. Mas eu virei rédea e roseteei, com brado, meu animal cumprindo: rompemos em galope que era um abismo...

— Eh, diôgo! dianho!... Eh diôgo, eh dião...

Retos, fomos, desabalando, que um quarto-de-légua quase, por doidejo. Nós três? Que eu pensei. E esbarrei, por tanto; meu cavalo sacudiu o pescoço todo. Espiei em roda, até com a mão. Não vi o demo... Meu espírito era uma coceira enorme. Como eu ia poder contra esse vapor de mal, que parecia entrado dentro de mim, pesando em meu estômago e apertando minha largura de respirar? Aí eu carecia de negar pouso a ele. A nega. Eu quis! Eu quis?

Como olhei, Diadorim estava acolá, estacado parado no lugar, perto da árvore do homem. Por certo ele tinha enxergado a coisa viva, e estava desentendendo meu espaço, esses desatinos. Contemplei Diadorim, daquela distância. Montado sempre, teso de consciência, ele me parecia mais alto de ser, e não bulia, por mim avistado. E o lázaro? Ah, esse, que se espertasse, que fugisse, para não falecer... Que é que adiantava que, àquela hora, os passarinhos cantassem, acabando de amanhecer o campo sertão? A enquanto sobejasse de viver um lázaro assim, mesmo muito longe, neste mundo, tudo restava em doente e perigoso, conforme homem tem nôjo é do humano.

Condenado de maldito, por toda lei, aquele estrago de homem estava; remarcado: seu corpo, sua culpa! Se não, então por que era que ele não dava cabo do mal, ou não deixava o mal dar logo cabo dele? Homem, ele já estava era morto. Que o que Diadorim dissesse; que dissesse. Que aquele homem leproso era meu irmão, igual, criatura de si? Eu desmentia. Como era que, sabendo de um lázaro assim, eu ia poder prezar meu amor

por Diadorim, por Otacília?! E eu não era o Urutú-Branco? Chefe não era para arrecadar vantagens, mas para emendar o defeituoso. Esporeei, voltando. “Não sou do demo e não sou de Deus!” — pensei bruto, que nem se exclamasse; mas exclamação que havia de ser em duas vozes, uma muito diferente da outra. Vim feito. Tornei a empunhar o revólver. Mas completei, eu mesmo, aquilo que Diadorim decerto ia me responder: “Riobaldo, tu mata o pobre, mas, ao menos, por não desprezar, mata com tua mão cravando faca — tu vê que, por trás do pôdre, o sangue do coração dele é são e quente...” Encostar nele a ponta de minha franqueira de cabo prateante? — Toma! Tu cai no chão... Agalopando assim, joguei fora meu revólver. Joguei — ou foi um ramo de rompe-gibão que rolou arrancando a arma de meu pulso. Cheguei, esbarrei. Meu cavalo, tão airoso, batia mão, rapava; ele deu um bufo de burro. Vi Diadorim. Mas o leprento tinha ganhado para se ir, graças que não assisti à arriação dele: decerto descendo às pressas, se escapando de gatas nas môitas de feijão-bravo. Desse, tive um cansaço enorme; pode que seja por não saber se matava ou não matava, caso ele ainda estivesse lá. Do leproso.

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos — vislumbre meu — que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura. Sobre o que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança.

Mas repeli aquilo. Visão arvoada. Como que eu estava separado dele por um fogueirão, por alta cerca de achas, por profundo valo, por larguez enorme dum rio em enchente. De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa? Eu era o chefe. O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa... Aquilo eu repeli?

Antes que Diadorim mesmo abrisse boca para me sorrir, me falar, eu tive de fazer uma coisa. A meio em ânsia, meio em astúcia; meio em raiva. Como foi que peguei o vivo de tal ideia, em gesto, como se deu de que me alembrei daquilo? Homem, não sei. Mas enfiei mão: por entre

armas e cartucheiras, e correias de mochilas, abri à berra meu jaleco e a minha camisa. Aí peguei o cordão, o fio do escapulário da Virgem — que em tanto cortei, por não poder arrebentar — e joguei para Diadorim, que aparou na mão. Ia me fazer alguma pergunta, que eu não consenti, a voz dele era que mais significava. Isto é, porque eu primeiro falei, como resumo. — "Hei-á, voltar — que o povoão está de minha espera!" — eu enfim disse: eu ainda estava respirando muito ligeiro demais.

Assim eu dava era ordem, como convinha. Eu não estava de francamentes. Para mim, um palmo, àquela hora, podia medir três braças. Apertei. Nem meu cavalo carecia disso: era eu encolher um pé, e ele já via voo. À paz! Mas Diadorim, vez de logo vir, tocou em contrário. Sustentei em esbarro meu Siruiz, a ver, querendo as curiosidades. Diadorim estava indo lá, modo de caçar e recolher o revólver, que de minha mão tinha caído. Num repousozinho de coração, calado eu agradeci à amizade dele essa fineza. Daí, vim. Sempre longe em frente, portanto que meu cavalo soberbo não dava alcance para ele se emparelhar. Daí, cantei. Mesmo mal, me cantei — por causa que via que, medeando tão grandes silêncios, era que Diadorim tomava mais sorrateiro poder em meu afeto, que não era possível concernente. Entre isso, chegamos de volta no arranchamento. Mas cheguei lá foi para ter ocupação de uma estúrdia novidade. Com os urucuianos.

O senhor estando lembrado: aqueles cinco, soturnos homens, catrumanos também, dos Gerais, cabras do Alto-Urucúia. Os primeiros que com Zé Bebelo tinham vindo surgidos, e que com ele desceram o Rio Paracatú, numa balsa de talos de burití. Esses sempre mereceram pouca história da gente, por quietos e certos, bem procedidos, sujeitos de furtadas palavras. Agora eles comigo queriam um entendimento. Um Diodato, esse era o cabo deles. Formou em frente dos outros, puxando a parlagem.

Queriam conversa comigo em só, apartada. Eu apreciasse aqueles homens. A valentia deles estava por dentro de muita seriedade. Urucuiano conversa com o peixe para vir no anzol — o povo diz. As lérias. Como contam também que nos Gerais goianos se salga o de-comer com suor de cavalo... Sei lá, sei? Um lugar conhece outro é por calúnias e falsos levantados; as pessoas também, nesta vida. Mas aqueles cinco me condiziam. Admirei de ver que eles todos ainda estavam a pé, mas com dôbros e bissacos nas costas, feito prontos para pedestre viagem. Sisudez

deles ainda semelhava maior. Então constitui meus ouvidos, para o cabecilho, Diodato.

— "Praz vosso respeito, Chefe, a gente decidiram... A gente vamo-s'embora. Praz vossas ordens..." — o homem me disse, assim mesmo, casmurro com serenidade. Tive de ver bem suas feições, uma cara assim aos poucos se examinava.

Entendi, mas reperguntei. O homem não coçou a cabeça. Olhos de santo de madeira. O nariz dele era bem grande, nariz que não se empinava. Só tinha a barbazinha que tem um queixo de cavalo.

O homem não coçou a cabeça. Firme disse. Queriam ir-s'embora, duma vez; careciam. Ah, eles bem que conheciam a regra: que um jagunço sai do bando quando quer — só tem que definir a ida e devolver o que ao chefe ou ao patrão pertence. As armas, eles não devolviam, porque eram deles; mas, como tinham de primeiro vindo a pé, largavam bem agora os cavalos. Pegavam era um tanto de matula — trivial de farinha e carne-seca, e rapadura, para uns três dias, mal. Mesmo assim, era doideira, achei. Doideira tencionarem vagar reto dali donde estávamos, alto ermo, distantes brenhas. Por que é que iam, nem esperando eu desse minha primeira ganhada?

— "A isso, meio acontecidos, Chefe... A conforme a gente carece, praz vosso respeito, senhor, sim..." — o homem meio respondeu, bastante sincero. Reparei no chapéu na cabeça dele, que era de couro de veado suassú-apara, com macias abas e formato muito composto. A cara dele mesmo dava um ar honrável, circunspecto, por mal que com manchas, sarro de alguma velha moléstia, semelhando nódoas de caldo de cajú. — "Sua graça, toda, é Diodato de que?" — indaguei. — "Diodato Nariz, por alcunha..." — ele disse; disse, de brancura. Conheci como eu nunca tinha dado tento d'atenção naqueles homens, cuja valia. Assim que eles eram, de batismo: e o Pantaleão, Salústio João, João Tatú e O-Bispo. Naquela hora, era que eu punha tino. Nunca mais tive notícia desses. Hoje, repenso. Naquela hora, eu cogitava jeito de conservar todos em companhia. Remei minhas perguntas. Donde que eram?

— "Desses córregos..." Do Burití-Comprido, Tamboril, Cambaúba, Virgens, Mata-Cachorro, das Cobras... Para cima da Barra-da-Vaca, Arinos,... Em sertão são. Isso, que são lugares. E que é que me adiantava saber que tinham suas ocas por lá? O que eu inventei de conhecer era donde tinham estado, quando Zé Bebelo deu com eles, que vinha voltando

de Goiás. — "Ah, senhor sim, nas beiras... Roças do rio São Marcos, senhor sim, no Esparramado... Fazenda duma Dona Mogiana..." Cabras dessa Dona Mogiana? Eram. Tinham sido. Mas com sua labuta de plantações. Que qualidades de crimes eles tinham feito, para principiar, crimes de boa merência? E por que era que tinham querido vir com Zé Bebelo? Isso eu quis perguntar. O que de repente perguntei:

— "Por via de que é que vocês desespiritaram de seguir vinda com a gente?" Falei, e refuguei para não ter falado; que gabo e questão não são regra de se negociar. Mas o homem Diodato, distanciado duma minha pergunta dessas, esbarrou vez, demorão; mesmo num desajeito, ele fungava. E ele comigo não tinha ajuste, mas não queria me ofender sem a razão. Chega olhou para os companheiros, que acenavam devagar com as cabeças, mas numa maneira brandazinha de sonsa, fora de tudo o mais, para não se entender se é sestro ou anuído — que é do jeito comum como essa gente costuma.

— "Ara, senhor, sim..." — por fim ele falou resposta: — "... que a influência esmoreceu... A gente gastou o entendido..." —; e estava quase meio envergonhado.

Eu disse: — "A pois?"

— "Não vê, Chefe, praz vosso respeito: as coisas demudaram... Que viemos com siu Zé Bebel'... Vai, a gente gastou o entendido..." — ele disse.

— "O que Zé Bebelo falou, quando chamou vocês?"

— "A foi. Quando chamou, senhor sim..."

— "Ele prometeu vantagens?"

— "Não se diz... Chamou. Falou misturado... A gente viemos."

— "E o que é que falou?"

— "Agora, a gente não sabe mais. Falou muito razoável... Falou muito razoável... Agora, com perdão vosso, a gente esquecemos, a gente gastou o entendido... Mas muito razoável falou..."

De irritado, de aflêima, dei o discutir:

— "Pois, por que é, então, que não foram logo, com Zé Bebelo, quando Zé Bebelo se foi?"

— "Deixamos o tempo dos outros passar... Não temos questão... Não temos questão..."

Mirei e vi: o que desde de antes me invocava. Aquele homem, por uns astutos indícios, se apartando, ele desconfiasse de mim. Aqueles outros

homens, os do todo sertão, das brenhas, os com as ventas largas para baixo, cada-um um cão — o que era que eles achavam em meu ser? Repensei: ah! Ah, então, para avaliar em prova a dúvida deles, tive um recurso. A manha, como de inesperadamente de repente eu muito disse:

— *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!*

Senhor vendo como foi, o supetão de susto que ele teve, arregalado conforme me olhava e naquilo ouvido não acreditava, o tanto que retardou para responsar, todo baixo, o: ...*Para sempre*...

Ah. Despedidos estavam, podiam ir. Ah.

Ah, não. A bobeia. Se ele em fato estranhou, foi somente por causa do tom de minha voz. Se foi por minha voz, foi porque, no afã de querer pronunciar sincero demais o santíssimo nome, eu mesmo tinha desarranjado fala — essas nervosias...

E eles iam s'embora, conforme desisti de sobreguardar esses homens. Do jeito, de que é que me valiam? O contrato de coragem de guerreiros não se faz com vara de meirinho, não é com dares e tomares. Fino que me abespinhei, por conta. Ao que aqueles homens não eram meus de lei, eram de Zé Bebelo. E Zé Bebelo era assim instruído e inteligente, em salão de fazenda? Desisti, dado. Não baboseio. E o mais? Era como alguém dizendo: — "Vai declarar seca, por esse Norte, e homem e mulher vão vir..." A vida é um vago variado. O senhor escreva no caderno: sete páginas... Aqueles urucuianos não iam em cata de Zé Bebelo, conforme sem nem satisfação fiquei sabendo. Voltavam de volta para os seus recantos. Quartel de mandioca, em qualquer parte se planta; e o senhor derruba um mato, faz um chão bom, roça também se semeia... Eles foram embora, deixei levarem os cavalos. Reparti com eles alguma quantia, e com alegria se arregalaram: dinheiro é sempre amigo-seja... Estúrdio é o que digo, nesta verdade — que, eu livre longe deles, desaluídos é que eles estavam comigo; mas, eu quisesse com gana o préstimo deles, então só me serviam era na falsidade... O senhor me entende? E digo que eles eram homens tão diversos de mim, tão suportados nas coisas deles, que... por contar o que achei: que devia de ter pedido a eles a lembrança de muito rezarem por meu destino... Mas, de desertarem de mim, então, será que era um agouro? Não sei. Que sei? Tive fé em mim sozinho. O que juro, e que sei, é que tucano tem papo!...

Achava. Adiante, dias de caminho, achei de querer e não querer, em contrários instantes: que rezassem por mim, a rogo e paga. Reza boa, de

outros, singela, que mais me valesse — essas avemariazinhas, novenas. Assim conforme Diadorim tinha expedido o recado, para minha Otacília, mediante o arrieiro de uma tropa. Pelejei por afirmar a ideia nisso, que próprio depois eu enxotava. Às vezes as melhores haviam de ser as rezas de mais longe, desconhecidamente. Me lembrei de um homem, de minha meninice. Um do outro lado do rio. O sujeito que escondia uma oração tão entremunhada, desguisada, que duvido mesmo um padre aquilo entendesse, e desse licença. Pois, ora, me servia. Ou a mulher que teve seu meninozinho parido no chão do rancho, no povoado dos papudos; ela me devia mercês, então não podia encaminhar a Deus, por mim, nem um louvamém? — "Só será que o arrieiro passa e vai, na Santa Catarina?..." Isso perguntei a Diadorim. O que perguntei era por uma opinião. Eu queria pensar nisso, de tarde, nos repontos. De assento. Mas logo esse sossego manso me largava — nuvenzinha dele. Vaqueiro pode laçar o lugar do ar? Às voltas e revoltas, eu pelejava contra o meu socôrro. Hoje, eu sei; pois sei, por que. Mas eu não falava sozinho. Figuro que estava em meu são juízo. Só que andava às tortas, num lavarinto. Tarde foi que entendi mais do que meus olhos, depois das horrorosas peripécias, que o senhor vai me ouvir. Só depois, quando tudo encurtou. Dei decreto de fim em essas esquisitices.

No que não perguntei, Diadorim me respondeu? — "*...A muita coragem, Riobaldo... Se carece de ter muita coragem...*" Ah, eu sabia. A coragem, eu? Aí quem era que me vencesse, nesse dever, alirolé, quem podia afrontar minha presença, feito môrro padastro? Tinha mãos e ações, que davam para lavar meus trajes. Mas, o que Diadorim disse, não me fez mossa. Dou exemplo. Do que houve e se passou, uma vez, no Carujo, um arraial triste, em antigos tempos. O povo dali fugiu, por alguma guerra ou pressa, fecharam a igrejinha com um morto lá dentro, entre as velas... Eu gostava de Diadorim corretamente; gostava aumentado, por demais, separado de meus sobejos. Aquilo, davandito, ele tinha falado solto e sem serviço, era só uma recordação, assim um fraseado verdadeiro, ditado da vida. O que não fosse destinado para ele nem para mim, mas que era para todos. Ou, então, sendo para mim, mas em outros passados, de primeiro. Ali naquele lugar, o Carujo, no reabrirem, depois de uns mêses, a igreja, o defunto tinha se secado sozinho... Ao por tanto, que se ia, conjuntamente, Diadorim e eu, nós dois, como já disse. Homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme. Aparecia que nós dois já

estávamos cavalhando lado a lado, par a par, a vai-a-vida inteira. Que: coragem — é o que o coração bate; se não, bate falso. Travessia — do sertão — a toda travessia.

Só aquele sol, a assaz claridade — o mundo limpava que nem um tremer d'água. Sertão foi feito é para ser sempre assim: alegrias! E fomos. Terras muito deserdadas, desdoadas de donos, avermelhadas campinas. Lá tinha um caminho novo. Caminho de gado.

Arte que eu achei o meu projeto.

Só digo como foi: do prazer mesmo sai a estonteação, como que um perde o bom tino. Porque, viver é muito perigoso... Diadorim, o rosto dele era fresco, a boca de amor; mas o orgulho dele condescendia uma tristeza. Matéria daquilo que me desencontrava; motivo esse que me entristeceu? A nenhum. Eu já estava chefe de glórias. Nem Diadorim não duvidava do meu roteiro — que fosse para encontrar o Hermógenes. Desse jeito a gente ia descendo ladeiras. Ladeiras areentas e com pedras, com os abismos dos lados; e tão a pique, que podiam rebentar os rabichos dos arreios, no despenhado; no ali descer os cavalos muito se agachavam de ancas, feito se os pescoços deles se encompridassem; e montões de pedras para baixo rolavam. Até ri. Diadorim ainda cria mais no meu fervor em se ir perseguir o Hermógenes. Essas ladeiras era que me atrasavam. Depois dali, eu ia ter muita pressa demais.

Agora, o senhor saiba qual era esse o meu projeto: eu ia traspassar o Liso do Sussuarão!

Senhor crê, sem estar esperando? Tal que disse. Ainda hoje, eu mesmo, disso, para mim, eu peço espantos. Qu' é que me acuava? Agora, eu velho, vejo: quando cogito, quando relembro, conheço que naquele tempo eu girava leve demais, e assoprado. Deus deixou. Deus é urgente sem pressa. O sertão é dele. Eh! — o que o senhor quer indagar, eu sei. Porque o senhor está pensando alto, em quantidades. Eh. Do demo? Se é como corujão que se vôa, de silêncio em silêncio, pegando rato-mestre, o qual carrega em mão curva... No nada disso não pensei; como é que pudesse? A invenção minha era uma, os minutos todos, tivesse um relógio. A atravessar o Liso do Sussuarão. Ia. Indo, fui ficando airoso.

Por forma como a gente rodeou outra volta, não se passando no Vespê e no Bambual-do-Boi, nenhum de meus homens não tirou palpite desse propósito. Pasmo deles ia ser. Daí, uns desconfiavam, de se estar onde estávamos. Donde a perto dele umas poucas cinco léguas: o desmenso, o

raso enorme — por detrás dos môrros. E a gente dava a banda da mão esquerda ao Vão-do-Ôco e ao Vão-do-Cúio: esses buracões precipícios — grotão onde cabe o mar, e com tantos enormes degraus de florestas, o rio passa lá no mais meio, oculto no fundo do fundo, só sob o bolo de árvores pretas de tão velhas, que formam mato muito matagal. Isto é um *vão*. E num vão desses o senhor fuja de descer e ir ver, aindas que não faltem as boas trilhas de descida, no barranco matoso escalavrado, entre as moitarias de xaxim. Ao certo que lá em baixo dá onças — que elas vão parir e amamentar filhos nas sorocas; e anta velhusca moradora, livre de arma de caçador. Mas o que eu falo é por causa da maleita, da pior: febre, ali no oco, é coisa, é grossa, mesma. Terçã maligna, pega o senhor; a terçã brava, que pode matar perfeito o senhor, antes do prazo de uma semana.

No que eu no meu destino não pensei. Diadorim, em sombra de amor, foi que me perguntou aquilo:

— "Riobaldo, tu achasses que, uma coisa mal principiada, algum dia pode que terá bom fim feliz?"

Ao que eu, abirado, reagi:

— "Mano meu mano, te desconheço?! Me chamo não é Urutú-Branco? Isto, que hei-de já, maximé!"

Diadorim persistiu calado, guardou o fino de sua pessoa. Se escondeu; e eu não soubesse. Não sabia que nós dois estávamos desencontrados, por meu castigo. Hoje, eu sei; isto é: padeci. O que era uma estúrdia queixa, e que fosse sobrôsso eu pensei. Assim ele acudia por me avisar de tudo, e eu, em quentes me regendo, não dei tino. Homem, sei? A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes. Tem as neblinas de Siruiz. Tem as caras todas do Cão, e as vertentes do viver.

O que na hora achei, foi que Diadorim estivesse me relembrando de Medeiro Vaz não ter conseguido cruzar a travessia do *raso*. Mas Diadorim, também, não adivinhou meu espírito. Pois, por aquela conta, mesma, era que eu queria. Sobre o que eu era um homem, em sim, fantasia forra, tendo em nada aqueles perigos, capaz do caso. Para vencer vitória, aonde nenhum outro antes de mim tivesse! Respinguei dessas faíscas constantes. Eu, não: o cujo do orgulho, de mim, do impossível.

Descia e subia a fumaça da noite. Esbarramos. Era numa curta vereda, duns brejos, buritizalzinho. Acendemos fogo. Aí mal dormi, fortíssimo no meu segredo. Um meu primeiro sono, sim. O resto, foi ondas. Reprazer crú

dessa espiritação — eu ardia em mim, e em satisfa contente, feito fosse véspera duma patusqueira.

As forças me amanheceram acordado.

Adiante da gente, o mangabeiral. Depois, o *raso*. Aí o Liso do Sussuarão — em fundo e largo, as cinquenta léguas e as quase trinta léguas, das mais. Ninguém me fazia voltar a seco de lá. Aquela hora, eu só não me desconheci, porque bebi de mim — esses mares. Também eu não ia naquilo sem alguma razão, mas movido merecido. Por conta do Hermógenes? Nossos dois bandos viajavam em guerra e contraguerra, e desenrolando caminhos, por esses Gerais, cães, se caçando. Só que o sertão é grande ocultado demais. Então, eu ia, varava o Liso, ia atacar a Fazenda dele, com família. Ovo é coisa esmigalhável. E a bem. Para vencer justo, o senhor não olhe e nem veja o inimigo, volte para a sua obrigação. Mas eu dava as costas à cobra e achava o ninho dela, para melhor acerto. Ao que, esse não tinha sido o arrojo de Medeiro Vaz?

O dia parava formoso, suando sol, mesmo o vento suspendido. Vi o chão mudar, com a cor de velho, e as lagartixas que percorriam de leve, por debaixo das môitas de caculucage. O pessoal meu não devia de estar com inquietação? Vi uma coruja — mas corujinha entortadeira; e coruja só agoura mesmo é em centro de noite, quando dá para risã. E cuspi no branco leite duma maria-brava, que toda às sãs cheirosa florescia. Era a hora. Repuxei os freios, bem esbarrando. Equei os meus homens.

— “Aqui, gente.”

Guerreiros em minha presença! Com certo reboliço, como todos vieram, para saber daquela novidade. Declarei a eles. Todos me entenderam? Em fila — as caras todas ficando iguais. Me seguissem? Ah, nenhum não tinha ar do que ia ser, e que fazia tantos dias eu tencionava. Nem João Goanhá, Marcelino Pampa, João Concliz, nem o Alaripe. Nem Diadorim. Diadorim me olhou tremeluzentemente: de coragem, de disposto. Ele, sim. Mas, os outros? Seria que medissem meu mor atrevimento? Era feito se eu estivesse aloucado extenso.

Porque, o que eu estava mandando, nem Medeiro Vaz mesmo não teria sido capaz de crer: eu queria tudo, sem nada! Aprofundar naquele *raso* perverso — o chão esturricado, solidão, chão aventêsma — mas sem preparativos nenhuns, nem cargueiros repletos de bom mantimento, nem bois tangidos para carneação, nem bogós de couro-crú derramando de cheios, nem tropa de jegues para carregar água. Para que eu carecia de

tantos embaraços? Pois os próprios antigos não sabiam que um dia virá, quando a gente pode permanecer deitada em rede ou cama, e as enxadas saindo sozinhas para capinar roça, e as fôices, para colherem por si, e o carro indo por sua lei buscar a colheita, e tudo, o que não é o homem, é sua, dele, obediência? Isso, não pensei — mas meu coração pensava. Eu não era o do certo: eu era era o da sina! E nem enviei adiante nenhuma patrulha de farejadores — nem Suzarte, Nelson ou o Quipes, que tapejassem; nem o Tipote para trilhar e entender, ver se divulgava os socorros: alguma grota duvidável d'água.

Se o cada um que se valesse, cada um que me seguisse. — "Agora vamos entrar, para pernoitar lá dentro..." — eu determinei. Só era se aviar. Mas o menino Guirigó, mal me ouvindo, falou:

— "A gente? A gente."

Esse era um menino, eu não devia de mandar alguém conduzir o Guirigó de volta, para que em lugar seguro deixassem? No ar não fiz. Se não, por que era então que ele para tudo tinha vindo? Os outros, não me cumprissem, eu havia de voltar de lá, dar de mão de minha tenção? Nuncas. Só melhor sozinho eu ia. Ia, por meus brancos ossos. Transe, tempo, que esperei a resposta deles. Dei a palavra! Meus homens. Ah, jagunço não despreza quem dá ordens diabradas.

— "Se amanhã meu dia for, em depois-d'amanhã não me vejo."

— "Antes de menino nascer, hora de sua morte está marcada!"

— "Teu destino dando em data, da meia-noite tu vivente não passa..."

Os que diziam assim eram todos eles, secundando os cabecilhas. Valentes que eram, e como foram se animando. Ao que me obedeciam, ao meu melhor em redor. A gente andou no comum, até ao fim do grameal. Aí, se estava, se esbarrava, frente a frente com o Liso. Rédeas às ordens. A gente se moveu.

Sol em glória. Eu pensei em Otacília; pensei, como se um beijo mandasse. Soltando rédeas, entrei nos horizontes. Aonde entrei, na areia cinzenta, todos me acompanhando. E os cavalos, vagarosos; viajavam como dentro dum mar.

O senhor vê e vê? Alguém a alto me levou, alguém, salvo a um seguinte. Águas não desmanchavam meu torrão de sal. Ah, nem eu não tive incerteza em mente. Assim fomos. Aí eu em frente adiante.

A fortes braços de anjos sojigado. O digo? Os outros, a em passo em passo, usufruíam quinhão da minha andraja coragem. Rasgamos sertão. Só

o real. Se passou como se passou, nem refiro que fosse difícil-ah; essa vez não podia ser! Sobrelégios? Tudo ajudou a gente, o caminho mesmo se economizava. As estrelas pareciam muito quentes. Nos nove dias, atravessamos. Todos; bem, todos, tirante um. Que conto.

O que era — que o *raso* não era tão terrível? Ou foi por graças que achamos todo o carecido, nãostante no ir em rumos incertos, sem mesmo se percurar? De melhor em bom, sem os maiores notáveis sofrimentos, sem em-errar ponto. O que era, no cujo interior, o Liso do Sussuarão? — era um feio mundo, por si, exagerado. O chão sem se vestir, que quase sem seus tufos de capim seco em apraz e apraz, e que se ia e ia, até não-onde a vista não se achava e se perdia. Com tudo, que tinha de tudo. Os trechos de plano calçado rijo: casco que fere faíscas — cavalo repisa em pedra azul. Depois, o frouxo, palmo de areia de cinza em-sobre pedras. E até barrancos e morretes. A gente estava encostada no sol. Mas, com a sorte nos mandada, o céu enuveou, o que deu pronto mormaço, e refresco. Tudo de bom socôrro, em az. A uns lugares estranhos. Ali tinha carrapato... Que é que chupavam, por seu miudinho viver? Eh, achamos rêses bravas — gado escorraçado fugido, que se acostumaram por lá, ou que de lá não sabiam sair; um gado que assiste por aqueles fins, e que como veados se matava. Mas também dois veados a gente caçou — e tinham achado jeito de estarem gordos... Ali, então, tinha de tudo? Afiguro que tinha. Sempre ouvi zum de abêlha. O dar de aranhas, formigas, abêlhas do mato que indicavam flores.

Todo o tanto, que de sede não se penou demais. Porque, solerte subitamente, pra um mistério do ar, sobrechegamos assim, em paragens. No que nem o senhor nem ninguém não crê: em paragens, com plantas.

De justiça, digo, também: uma regra se teve, sem se saber de quem foi que veio a ideia dessa combinação. Qual foi que a gente se apartou, em grupos de poucos, jornadeando com a maior distância aberta. Mas que, assim, quando um avistasse qualquer coisa diversa, podia dar sinal, chamando os outros para novidade boa.

Eu que digo. Mesmo, não era só capim áspero, ou planta peluda como um gambá morto, o cabeça-de-frade pintarrôxa, um mandacarú que assustava. Ou o xique-xique espinharol, cobrejando com suas lagartonas, aquilo que, em chuvas, de flôr dói em branco. Ou cacto preto, cacto azul, bicho luiz-cacheiro. Ah, não. Cavalos iam pisando no quipá, que até rebaixado, esgarço no chão, e começavam as folhagens — que eram

urtigão e assa-peixe, e o neves, mas depois a tinta-dos-gentíos de flôr belazul, que é o anil-trepador, e até essas sertaneja-assim e a maria-zipe, amarelas, pespingue de orvalhosas, e a sinhazinha, muito melindrosa flôr, que também guarda muito orvalho, orvalho pesa tanto: parece que as folhas vão murchar. E herva-curraleira... E a quixabeira que dava quixabas.

Digo — se achava água. O que não em-apenas água de touceira de gravatá, conservada. Mas, em lugar onde foi córrego morto, cacimba d'água, viável, para os cavalos. Então, alegria. E tinha até uns embrejados, onde só faltava o buritì: palmeira alalã — pelas veredas. E buraco-pôço, água que dava prazer em se olhar. Devido que, nas beiras — o senhor crê? — se via a coragem de árvores, árvores de mata, indas que pouco altaneiras: simaruba, o aniz, canela-do-brejo, pau-amarante, o pombo; e gameleira. A gameleira branca! Como outro-tempo se cantava:

Sombra, só de gameleira,
na beira do riachão...

Assim achado, tudo, e o mais, sem sobranço nem desgosto, eu apalpei os cheios. O respeito que tinham por mim ia crescendo no bom entendido dos meus homens. Os jagunços meus, os riobaldos, raça de Urutú-Branco. Além! Mas, daí, um pensamento — que raro já era que ainda me vinha, de fugida, esse pensamento — então tive. O senhor sabe. O que me mortifica, de tanto nele falar, o senhor sabe. O demo! Que tanto me ajudasse, que quanto de mim ia tirar cobro? — "Deixa, no fim me ajeito..." — que eu disse comigo. Triste engano. Do que não lembrei ou não conhecesse, que a bula dele é esta: aos poucos o senhor vai, crescendo e se esquecendo...

Daí, mesmo, que, certa hora, Diadorim se chegou, com uma avença. Para meu sofrer, muito me lembro. Diadorim, todo formosura.

— "Riobaldo, escuta: vamos na estreitez deste passo..." — ele disse; e de medo não tremia, que era de amor — hoje sei.

— "...Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você..."

Ele disse, com o amor no fato das palavras. Eu ouvi. Ouvi, mas mentido. Eu estava longe de mim e dele. Do que Diadorim mais me disse, desentendi metade.

Só sei que, no meio reino do sol, era feito parássemos numa noite demais clareada. Assim figuro. Dentro de muito sol, eu estava reparando

uma cena: que era um jumentinho, um jegue já selvagem caatingano, no limpo do campo caçando o que roer, assaz pelos cardos.

Eu não tinha de tomar tento em coisas mais graves? Mire veja o senhor. Picapau vôa é duvidando do ar. Que tal Zé Bebelo — na hora me lembrei — quando mal irado, ou quando conforme querendo impôr medo a todos: — "*Norte de Minas! Norte de Minas...!*" — o que bramava. E ele estava com a razão. Mas Zé Bebelo era projetista. Eu, eu ia por meu constante palpite. Usando de toda ajuda que me vinha, mas prevenido sempre contra o Maligno: que o que rança, o que azéda. As traças dele são novas sempre, e povoadas tantas, são que nem os tins de areia grãoindo em areal. Então eu não sabia?!

Ah, quase que eu estava cogitando nisso, quando o homem rosnou. Quem ele era, digo, em qualidade: um, troncudo, pardaz, genista, filho não sei de que terra. Assim, casta de gente?

Ah, não. Por meu bem, eu estava em todo o meu siso. Até mais. "Não faço caso!" — eu disse, isto é: pensei dizendo. Eu não queria somar com aquilo nenhum; porque cheirava ao Cujo: esses estratagemas. Era do demo... — eu tirei um enredo. "Pois, então, paz..." — eu falei, me falei. "...Não faço conta..." — me prometi. Eu estava em manhas. Estive que estive no embalançar, em equilibrável. Tico tanto pensei. Mas tudo era frisado ligeiro, ligeiro, feito cavalo que pressente fúria de boi.

Aí escutei a voz — a voz dele tremia nervosa, como de cabrito; da maneira que gritou — à briga. Um desfeliz. Levei os olhos.

Ah, quem o homem era, eu já sabia, ele se chamava Treciziano. O bruto; para falar com ele, só a cajado. Eu sabia. Rebém, que desconfiei do demo. Ali esse Treciziano era fraco de paciências; ou será que estivesse curtindo mais sede do que os outros — segundo esse tremor das ventas — e pegou a malucar? Diziam que ele criava dôr-de-cabeça, e padecia de erupções e dartros. Estava falando contra comigo, reclamando, gritou uma ofensa. Homem zuretado, esbrasêia os olhos. Eu, senhor de minhas inteligências, como fica dito. Eu estava podendo refleitir, em passo de jumento. — "Siô, deixa o padre of'recer missa..." — falei para mim mesmo. Eu queria tolerar, primeiro: porque o demo não era homem para mandar em mim e me pôr em raiva. Aí, era só eu forçar calma, tenteador; depois, com palavras de energia boa, eu acautelava evitando a jerimbamba, e daí repreendia esse Treciziano, revoltoso, próprio por autoridade minha, mas sem pau nem pedra. Que dessa — chefe eu — o O não me pilhava...

Mas — ah! — quem diga: um faz, mas não estipula. O que houve, que se deu. Que vi. Com a sede sofrida, um incha, padece nas vistas, chega fica cego. Mas vi. Foi num átimo. Como que por distraído: num dividido de minuto, a gente perde o tino por dez anos. Vi: ele — o chapéu que não quebrava bem, o punhal que sobressaía muito na cintura, o monho, o mudar das caras... Ele era o demo, de mim diante... O Demo!... Fez uma careta, que sei que brilhava. Era o Demo, por escarnir, próprio pessoa!

E ele endireitou pontudo para sobre mim, jogou o cavalo... O demo? Em mim, danou-se! Como vinha, terrível, naquele agredimento de boi bravo. Levantei nos estribos. — "E-hê!..." Esse luzluziu a faca, afiafe, e urrou de ódio de enfiar e cravar, se debruçando, para diante todo. Tirou uma estocada. Cerrei com ele... A ponta daquela pegou, por um mau movimento, nas coisas e trens que eu tinha na cintura e a tiracol: se prendeu ali, um mero. Às asas que eu com a minha quicé, a lambe leal — pajeùzeira — em dura mão, peguei por baixo o outro, encortei-recortei desde o princípio da nuca — ferro ringiu rodeando em ossos, deu o assovião esguichado, no se lesar o cano-do-ar, e mijou alto o sangue dele. Cortei por cima do adão... Ele Outro caíu do cavalo, já veio antes do chão com os olhos duros apagados... Morreu maldito, morreu com a goela roncando na garganta!

E o que olhei? Sangue na minha faca — bonito brilho, feito um verniz veludo... E ele: estava rente aos espinhos dum mandacarú-quadrado. Conforme tinha sido. Ah-oh! Aoh, mas ninguém não vê o demônio morto... O defunto, que estava ali, era mesmo o do Treciziano!

A morte dele deu certo. E era, segundo tinha de ser? E tinha de ser, por tanto que o demo não existe! As tramoias, armadilhas... Nem nunca mais, daí por diante, eu queria pensar nele. Nem no pobre do Treciziano, que estava ali, degolal, que eu tinha... Um frio profundíssimo me tremeu. Sofri os pavôres disso — da mão da gente ser capaz de ato sem o pensamento ter tempo.

Somente todos me gabaram, com elogios e palavras prezáveis, porque a minha chefia era com presteza. Fosse de tiro, tanto não admiravam a tanto, porque a minha fama no gatilho já era a qual; à faca, eh, fiz! E do outro grupo, longe mas que era o mais perto, da banda da mão esquerda, um escutou ou viu, e veio. Era o Jiribibe, mocinho Jiribibe, num cavalo preto galopeiro. Diadorim tinha disparado tiro, só esmo; de nervosia. Dentro de pouco, todos iam ficar cientes da proeza daquele homem tão morto: das

beiras do corte — lá nele — a pele subia repuxada, a outra para baixo tinha descaído tamanhamente, quase nas maminhas até; deixavam formado o buraco medonho horrendo, se aparecendo a toda carnança. Aí Alaripe esclareceu: — "Ao que sei, este era da Serra d'Umã..." O de tão longe, o sapo leiteiro! Uns estavam remexendo nele — não tinha um pelo nos peitos. Assim queriam desaliviar aquele corpo, das coisas de valor principais. Do que alguém disse que ele guardava: um dixe, joiazinha de prata; e as esporas eram as excelentes, de bom metal.

Não turveei. Morte daquele cabra era em ramo de suicídios. — "A modo que morreu? Ele foi para os infernos?" — indagou em verdade o menino Guirigó. Antes o que era que eu tinha com isso, como todos me louvaram? Sendo minha a culpa — a morte, isto sei; mas o senhor me diga, meussenhor: a horinha em que foi, a horinha? Como que o cego Borromeu garrou um fanhoso recitar, pelos terços e responsos. Medo de cego não é o medo real. Diadorim me olhava — eu estivesse para trás da lua. Só aí, revi o sangue. Aquele, em minha roupa, a plasta vermelha fétida. Do sangue alheio que grosso me breava, mal me alimpei o queixo; eu, desgostoso de sangue, mas deixava, de sinal? Ah, não, pois ali me salteou o horror maior. Sangue... Sangue é a coisa para restar sempre em entranhas escondida, a espécie para nunca se ver. Será por isso também que imensa mais é a oculta glória de grandeza da hóstia de Deus no ouro do sacrário — toda alvíssima! — e que mais venero, com meus joelhos no duro chão.

Por mais, o corpo ali ficava, para o ar do *raso*. Sumimos de lá, há-de que tocávamos, adiante. À viajadamente eu ia, desconversei meu espírito. Até às alelúias!

Que, como conto. Aquele Treciziano tinha redobrado destino de triste-fim de louco. Pois nem bem três léguas andadas, daí depois, a gente saía do Liso, como que a ponto: dávamos com uma varzeazinha e um esporão de serra; chapadas, digo. Apeei na terra cristã. Se estava no para ver esses campos crondeubais da Bahia.

Adiante vim para pedir gole d'água, todo pacífico, no rancho de um solteiro; esse deu informação de que, dez léguas em volta, o povoal ia existindo sem questão. Somente seguimos. Dali antes, a gente tinha passado o Alto-Carinhanha — lá é que o Rei-Diabo pinta a cara de preto. Onde chegados na aproximação do lugar que se cobiçava. Dado dia e meio — descrevendo no rumo que certo achamos logo — se havia de ter a casa da raça do Hermógenes! Lei de que íamos dar lá, madrugando madrugada,

pegando todos desprevenidos, em movível supetão. Pois o Hermógenes parava longe, em hora recruzando meus antigos rastros, estes rasgos ele não adivinhava. Aí era o meu contrabalanço. Ah! — choca mal, quem sai do ninho...

Ao que, por isso, não tardamos; não tivessem a primeira notícia da gente. Não se tomou nem um dia de fôlego. A trote e a chouto, vencemos uma grande noite — e demos lá, no luzir d'alva. Abarcamos as condições do lugar, em cerco, entendidos uns com uns, por meio de avisos: que eram canto de acauã e assovio de macaco. Porque sempre eles deviam de ter alguns curimbabas na defesa: capangas e carabinas. Daí, só se esperou o listrar da primeira barra e a ponta da manhã estremecente. Segundo nosso uso. Demos fogo.

Digo franco: feio o acontecido, feio o narrado. Sei. Por via disso mesmo resumo; não gloso. No fim, o senhor me completa. Mas, fazia tempo que não se dava combate, e o propor da gente era tribuzana, essas ferocidades assim.

A casa da fazenda — aquele reto claro caiado; mas era um casarão acabando o tope do morrete; enganando, até parecia torta. Varejamos o total a tiro. Aí, e o que se gritava!: azurradamente...

Aqueles que estavam lá eram homens ordinários — derreteram debaixo do pé de meus exércitos. O que foi um desbarate! Como que já estavam de asas quebradas, nem provaram resistências: deles mal ouvi uns tiros. E a gente, nós, estouramos para o centro, a surto, sugre, destrambelhando na polvorada, feito rodeio de vento. Assaz. Do que fiz, desisto. Todos não fizeram? Volvido, receei que Diadorim não me aprovasse; mas Diadorim concordou com os fatos, em armas, em frente. O que se matou e estragou — de gente humana e bichos, até boi manso que lambia orvalhos, até porco magro em beira de chiqueiro. O mal regeu. Deus que de mim tire, Deus que me negocíe... À vez.

De seguida, tochamos fogo na casa, pelos quinze cantos mortos. Armou incendião: queimou, de uma vez, como um pau de umburana branca... E de lá saímos, quando o fogo rareou, tardezinha. E, na manhã que veio, acampou-se em beira-d'água de sossego. A gente traspassava de cansaços, e sobra de sono. Mas, trazida presa, já em muito nosso poder, estava a merecida, que se queria tanto — a mulher legal do Hermógenes.

Aquela mulher sabia dureza; riscava. Ela discordava de todo destino. Assim estava com um vestido preto, surrado muito desbotado; caíu o pano

preto, que tinha enlaçado na cabeça, e ela não se importou de ficar descabelada. Deixaram: ela sentar, sentou. Nunca encurtou a respiração. Devia de ter sido bonita, nos festejos da mocidade; ainda era. Deram a ela de comer, comeu. De beber, bebeu. A curto, respondeu a algumas duas ou três coisas; e, logo depois de falar, apertava demais a boca fechada, estreitos finos beiços. Mas falava quase assoviado. Figuro que não mascava fumo nem cachimbava, mas mesmo assim cuspia em roda; mas não passava a sola do pé, por cima, para alimpar o chão, como é costume de se fazer, nessas condições. Adverti que estava descalça, e assim devia de ser fora do uso, decerto por causa da hora e confusão em que tinha sido pega. Se arranjou para ela par de alpercatas. Ela soubesse que não se pertencia com a gente. Aceitou meu olhar, seca, seca, com resignação em quieto ódio; pudesse, até com as unhas dos pés me matava. Enrolou a cara num xale verde; verde muito consolado. Mas eu já estava com ela — com os olhos dela, para a minha memória. Magreza, na cara fina de palidez, mas os olhos diferiam de tudo, eram pretos repentinos e duráveis, escuros secados de toda boa água. E a boca marcava velhos sofrimentos? Para mim, ela nunca teve nome. Não me disse palavra nenhuma, e eu não disse a ela. Tive um receio de vir a gostar dela como fêmea. Meio receei ter um escrúpulo de pena; certo não temi abrir razão de praga. Muito melhor que ela não carecesse de vir. Ser chefe, às vezes é isso: que se tem de carregar cobras na sacola, sem concessão de se matar... E ela ficava assim embiocada, sem semblantes, com as mãos abertas, de palmas para cima — como se para sempre demonstrar que não escondia arma de navalha, ou porque pedisse esmola a Deus. Lembro dessa mulher, como me lembro de meus idos sofrimentos. Essa, que fomos buscar na Bahia.

É de ver que não esquentamos lugar na redondez, mas viemos contornando — só extorquindo vantagens de dinheiro, mas sem devastar nem matar — sistema jagunço. E duro capitaneei, animado de espírito. O Jalapão me viu, os todos Gerais me viram demais. Aqueles distritos que em outros tempos foram do valentão Volta-Grande. Depois, mesmo Goiás a baixo, a vago. A esses muito desertos, com gentinha pobrejando. Mas o sertão está movimentante todo-tempo — salvo que o senhor não vê; é que nem braços de balança, para enormes efeitos de leves pesos... Rodeando por terras tão longes; mas eu tinha raiva surda das grandes cidades que há, que eu desconhecia. Raiva — porque eu não era delas, produzido... E naveguei salaz. Tem as têlhas e tem as nuvens... Eu podia lá torcer o azul

do céu por minhas mãos?! Virei os tigres; mas mesmo virei sendo o Urutú-Branco, por demais.

Somente que me valessem, indas que só em breves e poucos, na ideia do sentir, uns lembrares e sustâncias. Os que, por exemplo, os seguintes eram: a cantiga de Siruiz, a Bigrí minha mãe me ralhando; os buritís dos buritís — assim aos cachos; o existir de Diadorim, a bizarrice daquele pássaro galante: o manuelzinho-da-crôa; a imagem de minha Nossa Senhora da Abadia, muito salvadora; os meninos pequenos, nuzinhos como os anjos não são, atrás das mulheres mães deles, que iam apanhar água na praia do Rio de São Francisco, com bilhas na rodilha, na cabeça, sem tempo para grandes tristezas; e a minha Otacília.

No sirgo fio dessas recordações, acho que eu bateava outra espécie de bondade. Devo que devia também de ter querido outra vez os carinhos daquela moça Nhorinhá, nessas ocasiões. Por que será que, aí, eu não formei a clareza disso, de a-propósito? Por lá, adiante, na vastança, era rumo de onde ela agora morava. Isso, sim, andadamente. Mas não conheci; e demos volta. Tempos escurecidos. O que meus olhos não estão vendo hoje, pode ser o que vou ter de sofrer no dia depois-d'amanhã.

Ao que inventei, enquanto assim se vinha, por pobres lugares, aos poucos eu estive amaestrando os catrumanos, o senhor está lembrado deles; ensinando aqueles catrumanos, para as coisas de armas, do que houvesse de pior. Eles já prometiam puxo; eh, burro só não gosta é de principiar viagens. Aprovei, de ver o Teofrásio, principal deles, apontando em homem malandro inocente, com a velha garrucha que era a dele, com os dois canos encavalados. Mas, que atirasse, não consenti. Zé Bebelo havia de admitir assim, de se fazer excessos? Ali, quem se lembrava de Zé Bebelo eram minhas horas de muita inteligência. Assim, ele ainda vivesse, certo havia de ter algum dia notícia do que eu estava executando: que a gente trazia a Mulher; com ela agarrada em mãos, se ia necessitar o Hermógenes a dar combate.

Essa mulher, conforme vinha, num definitivo mau silêncio, a cara desaparecida pelo xale verde, escanchada em seu cavalo. Tinham dado a ela um chapéu-de-palha de ouricurí, por se tapar do forte sol baiano. A mais, dela não se ouviu queixa ou reclamação; nem mesmo palavra. O que eu desentendia nela era aquela suave calma, tão feroz; que seria aferrada em esperar; essa capacidade. Se o ódio, só, era que dava a ela certeza de si,

o ódio então era bom, na razão desse sentido: que às vezes é feito uma esperança já completada. Deus que dele me livrasse!

Mas, o homem em quem o catrumano Teofrásio com sua garrucha antiquíssima apontou, era um velho. Desse, eu digo, salvei a vida. Socorrido assim, pelo fato d'eu não conseguir conhecer a intenção da existência dele, sua razão de sua consciência. Ele morava numa burguéia, em choça muito de solidão, entre as touças da sempreviva-serrã e lustro das folhagens de palmeira-pindoba.

Eu, com outros, tinha subido no tope do môrro, que era de espalha-ventos. De lá do alto, a mente minha era poder verificar muitos horizontes. E, mire veja: em quinze léguas para uma banda, era o São Josezinho da Serra, terra florescida, onde agora estava assistindo Nhorinhá, a filha de Ana Duzuza. Assunto que, na ocasião, meu espírito me negou, digo o dito. Além, além. Dela eu ainda não tinha podido receber a carta enviada. Para mim, era só uma saudade a se guardar. Hoje é que penso. Nhorinhá, namorã, que recebia todos, ficava lá, era bonita, era a que era clara, com os olhos tão dela mesma... E os homens, porfiados, gostavam de gozar com essa melhora de inocência. Então, se ela não tinha valia, como é que era de tantos homens?

Mas, no vir de cimas desse morro, do Tebá — quero dizer: Morro dos Ofícios — redescendo, demos com o velho, na porta da choupã dele mesmo. Homem no sistema de quase-dôido, que falava no tempo do Bom Imperador. Baiano, barba de piassaba; goiano-baiano. O pobre, que não tinha as três espigas de milho em seu paiol. Meio sarará. A barba, de capinzal sujo; e os cabelos dele eram uma ventania. Perguntei uma coisa, que ele não caprichou de entender, e o catrumano Teofrásio, que já queria se mostrar jagunço decisivo, o catrumano Teofrásio bramou — abocou a garruchona em seus peitos dele. Mas, que não deu tujo. Esse era o velho da paciência. Paciência de velho tem muito valor. Comigo conversou. Com tudo que, em tão dilatado viver, ele tinha aprendido. Deus pai, como aquele homem sabia todas as coisas práticas da labuta, da lavoura e do mato, de tanto tudo. Mas, agora, que tanto aforrava de saber, o derrengue da velhice tirava dele toda possança de trabalhar; e mesmo o que tinha aprendido ficava fora dos costumes de usos. Velhinho que apertava muito os olhos.

Seria velhacal? Não fio. E isto, que retrato, é devido à estúrdia opinião que divulgou em mim esse velho homem. Que, por armas de sua

personalidade, só possuía ali era uma faquinha e um facão cego, e um calabôca — porrête esse que em parte ocado e recheio de chumbo, por valer até para mortes. E ele mancava estragado: por tanto que a metade do pé esquerdo faltava, cortado — produção por picada de cobra — urutú geladora, se supõe. Animado comigo, em fim me pediu um punhado de sal grande regular, e aceitou um naco de carne-de-sol. Porque, no comer de comum, ele aproveitava era qualquer calango sinimbú, ou gambás, que, jogando neles certeiramente o calabôca, sempre conseguia de caçar. Me chamou de: — "Chefão cangaceiro..."

Acabando que, para me render benefício de agradecimento, ele me indicou, muito conselhante, que, num certo resto de tapera, de fazenda, sabia seguro de um dinheirão enterrado fundo, quantia despropositai. Eu fosse lá... — ele disse —; eu escavasse tal fortuna, que merecida, para meus companheiros e para mim... — "Aonde, rumo?" — indaguei, por comprazer. Ele piscou para o mato. Por lá, trinta e cinco léguas, num Riacho-das-Almas... Toleima. Eu ia navegar assim para acolá, passar matos, furar a caatinga por batoqueiras, por louvar loucura alheia? Minha guerra nem não me dava tempo. E, mesmo, se ele sabia assim, e verdade fosse, por que era que não ia, muito pessoalmente, cavacar o ouro para si? Derri dele, brando. Por que é que se dá conselho aos outros? Galinhas gostam de poeira de areia — suas asas... E o velho homem — cujo. Ele entendia de meus dissabôres? Eu mesmo era de empréstimo. Demos o demo... E possuía era meu caminho, nos peitos de meu cavalo. Siruiz. Alelúia só.

E o velho, no esquipático de olhar e ser, qualquer coisa em mim ele duvidava dela. Mas — que é que era? que é que era?!... Eu carecia de indagar. E, mesmo — porque a chefe não convém deixar os outros repararem que ele está ansiando preocupação incerta — tive de indagar leixo, remediando com gracejo diversificado: — "Mano velho, tú é nado aqui, ou de donde? Acha mesmo assim que o sertão é bom?..."

Bestiaga que ele me respondeu, e respondeu bem; e digo ao senhor:

— "Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano!: — ...ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo."

Respondeu com uma insensatez, ar de ir me ferir, por tanto; jacaré já! Respondeu, apontando com o dedo para o meu peito. Desgostou de meu debique? Dele o dito, eu não decifrava. Sertanejo sem remanso. Mas desabandonamos aquilo, às pressas, porque o velho assoava o nariz com

todos os dedos de uma mão, em modo que me deu nôjo. Descemos flauteando o resto do môrro. Quando chegamos cá no acampo, as ramas d'árvores já iam pegando o pó da noite. Ermo meu?

Do que hoje sei, tiro passadas valias? Eh — fome de bacurau é noitezinha... Porque: o tesouro do velho era minha razão. Tivesse querido ir lá ver, nesse Riacho-das-Almas, em trinta e cinco léguas — e o caminho passava pelo São Josezinho da Serra, onde assistia Nhorinhá, lugarejo ditoso. Segunda vez com Nhorinhá, sabível sei, então minha vida virava por entre outros morros, seguindo para diverso desemboque. Sinto que sei. Eu havia de me casar feliz com Nhorinhá, como o belo do azul; vir aquém-de. Maiores vezes, ainda fico pensando. Em certo momento, se o caminho demudasse — se o que aconteceu não tivesse acontecido? Como havia de ter sido a ser? Memórias que não me dão fundamento. O passado — é ossos em redor de ninho de coruja... E, do que digo, o senhor não me mal creia: que eu estou bem casado de matrimônio — amizade de afeto por minha bondosa mulher, em mim é ouro toqueado. Mas — se eu tivesse permanecido no São Josezinho, e deixado por feliz a chefia em que eu era o Urutú-Branco, quantas coisas terríveis o vento-das-núvens havia de desmanchar, para não sucederem? Possível o que é — possível o que foi. O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente... E — mesmo — possível o que não foi. O senhor talvez não acha? Mas, e o que eu estava dizendo, mas mesmo pensando em Nhorinhá, por causa. Dói sempre na gente, alguma vez, todo amor achável, que algum dia se desprezou... Mas, como jagunços, que se era, a gente rompeu adiante, com bons cavalos novos para retrôco. Sobre os *gerais* planos de areia, cheios de nada. Sobre o pardo, nas areias que morreram, sem serras de quebra-vento.

Com a campina rôxa brandamente, vagarosa por onde fomos, tocamos, querendo o poente e tateando tudo, chapada sem lugar de fim. Só os punhados daquele capim de lá, com sua magra dureza. O para bem valer era que, agora, quando alguém com o nosso brabo cortejo deparava, seriam gente já distante, desconhecida dela, e que não diziam mais: — "Aquela é a dona de um seô Hermógenes, que estão remetendo para as enxovias..."

Essa mesma não dava trabalhos; a mulher ocultada no xale verde, como dizer. A mulher sem resgate — isto é dizer: que ia para morte de outro homem — à sina sorte. Eu tinha era receio de que ela adoecesse. Dei as todas ordens, de bom tratamento. Tanto a tanto, decidi disposto que não se

entrasse com bruteza nos povoados, nem se amolasse ninguém, sem a razoável necessidade. Também pelo que aquilo não me dava glória, e eu ia para um grande fim. Até estive nervoso.

Desde as crondeúbas, nascidas em extraordinárias quantidades, e os montes de areia quase alvos, com as seriemas por cima perpassando, e o mais, tudo eu tinha avistado. Que vi córrego que corta e salga, e comi coco de ouricurí. Desordens não me tentavam, o assaltar e o rixar. Agora, para essas e outras jagunçagens — assim mesmo como para pautear à-toa, de abocabaque — eu não tinha interesse de tempo. Não por moleza ou falta de hombridade; ah, não: tanto em que durou minha chefia, e acho mesmo que de dantes, eu aguentei tudo o que é cão e leão. Corrijo e digo: só o frio é que mal tolerei. Quando geava, dormi deveras estreito entre diversas fogueiras. O frio desdiz com jagunço. A gente indo, ali mesmo nos altos tabuleiros, enchemos surrões com talos de canela-de-ema, boa acendedora de fogo. A canela-de-ema de qualidade — crescida mais de metro, acertante. Depois da madrugada, de guardado eu bebia um chá de jurema, me restabelecesse todos os ânimos. Daí diante, melhor, foi desamainando a friagem das madrugadas. E já fazia tempo que eu não passava navalha na cara, contrário de Diadorim. Minha barba luzia grande e preta, conferindo conspeito — isto eu mesmo podia fácil ver, mirando na folha da água, quando meu cavalo Siruiz se debruçava para beber em qualquer riachinho da largura de duas braças. Estórias!

Consabido que meus homens, por sincera precisão de mulher, armavam querer de trazer umas delas, pegadas pelas beiras de estradas, me vinham com lelê disso. O que eu, enérgico, debelei e reprovei: não se estava ainda em ponto para esse desmazelo de bem-passar. Pelo mal de que essas mulheres não davam para ser ao menos uma para cada um, e, por via de jús dessas condições, a companhia delas podia estragar a lei do viver da gente, com arrelias de vuvú e rusgas. O que ajuntávamos, trazendo, era cada bom cavalo que se pegasse. E tocamos concosco cinquenta-e-tantas rêses, de gado baiano; à-toa. Por campos gramados, quando havendo, isso ia mais sem estorvo, em conformes. Depois, piorou. Mas outras coisas melhoraram. O senhor tenha na ordem seu quinhão de boa alegria, que até o sertão ermo satisfaz.

Digo mesmo de meu expor, falante de mulheres. Quando se viaja varado avante, sentado no quente, acaba o coxim da sela fala de amores. E eu surgia em sossego assim, passo compasso, o chapadão tão alargante. Lá o

ar é repousos. Os hermógenes andavam por bem longe. E nunca que pelotão de soldados havia de ali vir, por cima de nossas batidas. Sossego traz desejos. Eu não lerdeava; mas queria festa simples, achar um arraial bom, em feira-de-gado. Queria ouvir uma bela viola de Queluz, e o sapateado de pés dansando. Mas, por lei, eu carecia de nudezes de mulher. Nesses dias, moderei minha inclinação. Baixei ordens severianas: que todos pudessem se divertir saudavelmente, com as mulheres bem dispostas, não deixando no vai-vigário; mas não obrassem brutalidades com os pais e irmãos e maridos delas, consoante que eles ficassem cordatos. Estatuto meu era esse. Por que destruir vida, à-toa, àtôa, de homem são trabalhador? Zé Bebelo não teria outro reger... E vejo, pergunto: donde era que estava então o demo, perseguição? Devo redizer, eu queria delícias de mulher, isto para embelezar horas de vida. Mas eu escolhia — luxo de corpo e cara festiva. O que via com um desprezo era moça toda donzela, leiga do são-gonçalo-do-amarante, e mulher feiosa, muito mãe-de-família. Essas, as bisonhas, eu repelia. Mas, daí então, me deram notícia do Verde-Alecrim. Joguei de galope. Torei o cavalo para lá.

Guia era um exato rapaz, vaqueiro goiano do Uruú. Esse me discriminou — o Verde-Alecrim formava somente um povoado: sete casas, por entre os pés de piteiras, beirando um claro riozinho. Meia-dúzia de cafuas coitadas, sapé e taipa-de-sebe. Mas tinha uma casa grande, com alpendre, as vidraças de janelas de malacacheta, casa caiada e de têlhas, de verdade, essa era das mulheres-damas. Que eram duas raparigas bonitas, que mandavam no lugar, aindas que os moradores restantes fossem santas famílias legais, com suas honestidades. Cheguei e logo achei que lugar tal devia era de ter nome de Paraíso.

Antes, primeiro, pensei em todos, para o justo quinhão, porque eu era chefe. Reparti o pessoal em grupos, determinando que saíssem indo adiante, com via por trechos remarcados. Pois, mesmo a poucas léguas de lá aonde eu, eles iam achar, por um exemplo, dois arraiais — o Adroado e o São Pedro — e até o Barro-Branco, que era um vilório. Entanto que, Diadorim, conforme conveniente, enviei também expresso — ele comandasse os guias tenteadores. Tudo pronto, vim, acompanhado só com uma guarda de dez homens. O que eu não disse: que o Verde-Alecrim ficava em aprazível fundo, no centro de uma serra enrodilhada. Dum alto, se via, duma olhada e olhar. Esporeei, desci, de batida.

Aí cheguei bem de mão. Meus homens, deixei que fossem para as casas domésticas, conversar casadas e suas crias. Eu apeei na das duas. Escolhi assim. Bom, quando há leal, é amor de militriz. Essas entendem de tudo, práticas da bela-vida. Que guardam prazer e alegria para o passante; e, gostar exato das pessoas, a gente só gosta, mesmo, puro, é sem se conhecer demais socialmente... Eu chegasse de noite, e elas estavam com casa alumiada, para me admitir. Como que o amor geral conserva a mocidade, digo — de Nhorinhá, casada com muitos, e que sempre amanheceu flôr. E, isto, a tôrto digo, porque as duas não se comparavam com Nhorinhá, não davam nem para lavar os pés dela.

Mas que, porém, beleza a elas também não faltava, isto sim. Uma — Maria-da-Luz — era morena: só uma oitava de canela. Os cabelos enormes, pretos, como por si a grossura dum bicho — quase tapavam o rosto dela mesma, aquela nhàzinha-moura. Mas a boquinha era gomo, ponguda, e tão carnuda vermelha se demonstrava. Ela sorria para cima e tinha o queixo fino e afinado. E os olhos água-mel, com verdolências, que me esqueciam em Goiás... Ela tinha muito traquejo. Logo me envotou. Não era siguilgaita simples.

A outra, Hortência, meã muito dindinha, era a *Ageala*, conome assim, porque o corpo dela era tão branquinho formoso, como frio para de madrugada se abraçar... Ela era ela até no recenso dos sovacos. E o fio-do-lombo: mexidos curvos de riacho serrano, desabusava. Comprimento exato dele, assim, o senhor medir nunca conseguia. No meio delas duas, juntamente, eu descobri que até mesmo meu corpo tinha duros e macios. Aí eu era jacaré, fui, seja o que sei.

No meio daquela noite, andei com fome, não quis cachaça. Me descansei, comi uma coalhada muito fria. Comi bolo com cidrão. Bebi bom café, adoçado com um açúcar de primeira, branco igual. Porque as duas minhas-damas eram ricas; dizer: deviam de ter muito dinheiro de prata aforrado. Por lá, na casa delas, era ponto de pernoite de lavradores de posses, feito estalagem, com altas pagas. Mas as duas, mesmas, provinham de muito boas famílias, a *Ageala* Hortência era filha de grande fazendeiro paranãnista, falecido. Eram donas de terras, possuíam aquelas roças de milho e feijão nas vertentes da serra, nos *dependurados*. Ali mesmo no Verde-Alecrim, delas era toda a terra plantável. Por isso, os moradores e suas famílias serviam a elas, com muita harmonia de ser e todos os

préstimos, obsequiando e respeitando — conforme eu mesmo achei bem: um sistema que em toda a parte devia de sempre se usar.

Como se deu que, enquanto se bebia o café, escutamos uma tosse, da banda de fora. E era do homem que eu tinha deixado de vigia. O qual tinha acontecido de ser o Felisberto — o que, por ter uma bala de cobre introduzida na cabeça, vez em quando todo verdeava verdejante, como já foi dito. E então elas duas pensaram em se mandar o Felisberto entrar para provar do café também, dando que não é justo ficar um desconfortado no sereno, enquanto os outros se acontecem. Sendo as duas, o senhor vê, pessoas muito bondosas.

Assenti, boamente, nisso, em que elas estavam com a razão. Só que, pelo respeito, eu sendo Chefe, não ia poder deixar o Felisberto me avistar assim, perfeito descomposto nú, como eu estava. Maria-da-Luz aí trouxe uma roupagem velha dela, que era para eu amarrar na cintura, tapando as partes. Experimentei. Daí, entendi o desplante, me brabeei, com um repelão arredei a mulher, e desatei aquilo, joguei longe. Tornei a vestir minhas roupas, botei até jaleco. Elas melhor me riam. Eu era algum saranga? Eu podia dar bofetadas — não fosse a só beleza e a denguice delas, e a estrôina alegria mesma, que meio me encantava.

O Felisberto entrou, saudou, comeu e bebeu. Naquela ocasião ele estava passando bem, normal. Só assim, ao silenciosamente. Entendo que mais fosse para o galhardo que para o sem-graça, rapaz desses de que as mulheres se arregalam. Em ver, seria mais moço do que eu, mais calmo. Não quisesse ardôres com damas, quisesse os poucos recantos para devagar se resignar. Não cobiçou a qual, ou agrados. Nem na hora reparei que a Maria-da-Luz com ele se olhasse. Só bem, o que ela refletiu, quando o Felisberto, comido e bebido, tornou a sair, ela me disse: — que, se eu no caso dúvida não pusesse, o Felisberto podia com ela se introduzir, no outro cômodo, por variação dumas duas horas, constante que nesse breve prazo eu ainda restava felizardo com a *Ageala* Hortência. Danado eu disse que não; e ela: — “Tu achou a gente casual aqui, no afrutado. Tu veio e vai, fortunosamente. Tu não repartindo, tu tem?...” — assim ela me modificou. A doidivã, era uma afiançada mulher. No sertão tem de tudo.

E eu tinha falado meu não, era mais somente porque não se pode falhar na regra: de só se pandegar com sentinela posta. Eu era o chefe. O Felisberto era sentinela. Aquela casa de lugar — as delícias que estavam — eu melhores neste mundo não achasse, pensei. Eu quisesse reinar lá,

pelos meus prazeres. O senhor sabe: eu chefe, o outro sentinela. Esse Felisberto, pelo jeito, ia viver tão escasso tempo, podia bem que nem fizesse mais conta do ofício. Sendo o mais que pensei: eu, sentinela! O senhor sabe. Ah — ainda que no nocivo desses andares — eu conseguia meditar minhamente: ah, eu não tive os chifres-chavelhos nem os pés de cabra... Ali, pelos meus prazeres eu quisesse me reinar, descambava para fecho de termo. A morte estava com esse Felisberto, coitado desgraçado. A coisa estranha que uma bala de arma tinha entrado nos centros da cabeça mesma dele, recessos da ideia dele — de lá, de vezes em vezes, perturbava com excessos: daí um dia, em curto, era a morte fatal. Agora, podia bem ser que ele quisesse largar de mão de ser jagunço? Aquele fato daquela bala entrada depositada no dentro de um — e que não se podia tirar de nenhum jeito, nem não matava de uma vez, mas não perdoava na data — me enticava. Aquele homem, mesmo com a valia e bizarria dele, eu pudesse querer mais no meu bando? As duas mulheres, belezas assins, dando delícias, bilistrocas... Outra ideia eu tive. Só eu sei: eu sentinela! Só não posso dar uma descrição ao senhor, do estado que eu pensei, achei; só sei em bases.

Amanheceu claro. Mas Maria-da-Luz não era logrã, isso conheci, no ver como ela olhou para o Felisberto, com modos mimosos. Quem sabe ele havia de gostar de ficar para sempre permanecido ali? Perguntei. O Felisberto se riu, tão incerto feliz, que eu logo vi que tinha justo pensado. E elas, demais. — “Deixa o moço, que nós prometemos. Tomamos bom cuidado nele, e tudo, regalado sustento. Que de nada ele há-de nunca sentir falta!” Tanto elas disseram, que tudo transformavam. Mulheres. E o Felisberto ia permanecer, a siso, arrecadado na sujeição desses deleites; podia ter um remédio de fim de vida melhor? Em tal, abracei o companheiro, e abracei as duas, dando para sempre a minha despedida e fazendo mostra de falar de farto. Mulheres sagazes! Até mesmo que, nas horas vagas, no lambarar, as duas viviam amigadas, uma com a outra — se soube. O que, quando eu já ia saindo, acharam de me dizer? Isto:

— “Mas, você já vai, mesmo, nego? Visita-de-médico?...”

Como não pude sofrear meu rir.

Reuni meus outros meus homens. Abalei de lá. Bem que eu sentia — eu exalava uma certa inveja do Felisberto. Mas, aí, eu estimei o Felisberto, como se ele fosse um meu irmão. Como Céu há, com esplendor, e aqui beleza de mulher — que é sede. Deus que abençôe muito aquelas duas. A

pois, me ia, e elas ficavam as flores naquele povoadozinho, como se para mim ficassem na beira dum mar. Ah: eu sentinela! — o senhor sabe.

Assim eu queria me esquecer de tudo, terminada aquela folga. O dever de minha hombridade. Aí mais, quando tornei a rever Diadorim, constante vi, que andava à minha espera com os companheiros, num papuã, matando perdizes. E encaminhei para Diadorim, com a meia-dúvida. Eu não tinha razão? Porque Diadorim já sabia de tudo. Como sabia? Ah, o que era meu logo perdia o encoberto para ele, real no amor. — "Riobaldo, você vadiou com as do Verde-Alecrim... Você está comprazido?" — ele de franca frente me perguntou. Eu tibes. Corri mão por meu peito. Mas admirei que Diadorim não estivesse jeriza. Mesmo, ele ao leve se riu, e o modo era de malina satisfação.

— "Você já está desistido dela?" — em fim ele indagou.

— "Hem? Hem? Dela quem dela? Tu significa essas velhacas palavras..." — eu só fiz que respondi, redatado.

Mediante porque: aí logo entendi, no instante. E ele cerrou a conversa. Porque eu entendi: que a referida era Otacília. Minha nôiva Otacília, tão distante — o belo branco rosto dela aos poucos formava nata, dos escuros...

Tudo isto, para o senhor, meussenhor, não faz razão, nem adianta. Mas eu estou repetindo muito miudamente, vivendo o que me faltava. Tão mixas coisas, eu sei. Morreu a lua? Mas eu sou do sentido e reperdido. Sou do deslembrado. Como vago vou. E muitos fatos miúdos aconteceram.

Conforme foi. Eu conto; o senhor me ponha ponto.

Pelo que, do trecho, voltamos. Para mais poente do que lá, só urubùretamas. E o caminho nosso era retornar por *essas* gerais de Goiás — como lá alguns falam. O retornar para estes *gerais* de Minas Gerais. Para trás deixamos várzeas, cafundão, deixamos fechadas matas. O joão-congo piava cânticos, triste lá e ali em mim. Isto é, minto: hoje é triste, naquele tempo eram as alegrias. Suassú-apara corria da gente, com a cabeça empinada quase nas costas, protegendo para não prender nas árvores sua galhadura dele. Galheiro suassú-pucú com sua fêmea suassú-apara. Um dia, vez, se matou uma sucurí, de trinta-e-seis palmos, que de ar engravidava. Dava lugares, em que, de noite, se estava de repente no cabo do revólver, ou em carabinas, mesmo; e carecia de se acender maiores fogueiras, porque, do cheio oco do escuro, podia vir cruzar permeio à gente algum bicho estranhão: formas de grandes onças, que rodeando

esturravam, ou a mãe-da-lua, de voo não ouvido, corujante; ou de supetão, às brutas, com forte assovio, vindo do lado do vento, algum macho d'anta, cavalo-rão. E foi aí que o Veraldo, que era do Serro-Frio, reconheceu uma planta, que se chamasse *guia-tôrto*, se certo suponho, mas que se chamava *candêia* na terra dele, a qual se acendia e prendia em forquilha de qualquer árvore, ela aí ia ardendo lumiosa, clara, feito uma tocha.

Atravessamos campos. Dias, tão claros, céu de toda altura. A mais voavam eram os gaviões. Goiás estava pondo fogo nos seus pastos. Arte que fumaçava, fumaceava, o tisne. O sol rôxo requeimão. Tive uma saudade de outras audácias. Morreu o Pitolô, por bala de arma que disparou sem ser por querer de ninguém — caso muito acontecível. Num sítio Padre-Peixoto, morreu o Freitas Macho, também, de uma dôr forte no vão da barriga, banda-da-mão-direita; remédio de chá nele não produziu o vero efeito. Alaripe teve uma carregação-dos-olhos. O Conceiço destroncou o braço, deu trabalho e dôres, para se repor no lugar. Advertido que, antes, dessas passagens assim não lhe vinha minuciando, e que elas corretamente sempre se dão; mas que eram somente as mortes sérias serenas, doutras desgraças diversas, ou doenças para molestar.

E dos fazendeiros remediados e ricos, se cobrava avença, em bom e bom dinheiro: aos cinco, dez, doze contos, todos tinham mesmo pressa de dar. Com o que, enchi a caixa. E abriam para a gente pipotes de cachaça, a qual escanceavam. Se jantava banquete, depois um coreto se cantava. Às vezes, não sei porque, eu pensava em Zé Bebelo, perguntava por ele em outros tempos; e ninguém conhecia aquele homem, lá, ali. O de que alguns tivessem notícia era da fama antiga de Medeiro Vaz. Daí, me dava raiva de ter pensado refletido em Zé Bebelo. Bobeias. E, andantemente, só me engracei foi duma mulher, casada essa, que, com tremor enorme, me desgostou neste responder: — "Ai, querendo Deus, que o meu marido quiser..." Ao que eu atalhei: — "Ah, pois nem eu não quero mais não, minha senhora dona. Não estou de maneira." E, sem ser de propósito, até botei mau-olhado num menino pequeno, que estava perto.

Que assim viemos. Mas, conto ao senhor as coisas, não conto o tempo vazio, que se gastou. E glose: manter firme uma opinião, na vontade do homem, em mundo transviável tão grande, é dificultoso. Vai viagens imensas. O senhor faça o que queira ou o que não queira — o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto.

Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traiçoeiro muito desastroso. O senhor...

Tomei mais certeza da minha chefia. Quer ver que eu tinha deixado de parte todas as minhas dúvidas de viver, e que apreciava o só-estar do corpo, no balanço daqueles dias temperados tão bem, quando o céu varreu. Dias tão claros. Tanto que as cigarras chiavam em grosas; e de que tal-arte valessem por um atraso das chuvas do ano, alguns já queriam desejar. Não foi. Mas eu cria por mim nas melhores profecias. E sempre dei um trato respeitável amistoso aos homens de valia mais idosa, vigentes no sério de uma responsabilidade mais costumeira. Esses eram João Goanhá, Marcelino Pampa, João Concliz, Alaripe e outros uns restantes — que mereciam de si; e não me esqueci das praxes. Tirante que não pedi conselhos. Mal não houvesse: mas, pedir conselho — não ter paciência com a gente mesmo; mal hajante... Nem não contei meus projetados. O Rio Urucúia sai duns matos — e não berra; desliza: o sol, nele, é que se palpita no que apalpa. Minha vida toda... E refiro que fui em altos; minha chefia.

Diadorim mesmo mal me entendeu. Qual que recordo, foi num durante de tarde, a incertas horas, quando se vinha por um selado, estirão escampante. Nós dois em dianteira, par de homens; um diabo de calor; e os cavalos pisavam légua destinada de cristal e malacachetas. Céu e céu em azul, ao deusdar. O senhor vá ver, em Goiás, como no mundo cabe mundo.

E o que Diadorim me disse principiou deste jeito assim: que perguntou, esconso, se eu queria aquela guerra completamente. Tal achei áspero — que ele me condenava o vir dando tantas voltas, em vez de reto para topar o inimigo ir. Remeniquei:

— “Uai, Diadorim, pois você mesmo não é que é o dono da empreita?!” — e, mais, meio debiquei, com estas: — “Que eu, vencendo vou, é menos feito Guy-de-Borgonha...” Acho que, as palavras que eu disse, agora não estou trastejando...

Mas Diadorim repuxou freio, e esbarrou; e, com os olhos limpos, limpos, ele me olhou muito contemplado. Vagaroso, que dizendo:

— “Riobaldo, hoje-em-dia eu nem sei o que sei, e, o que soubesse, deixei de saber o que sabia...”

Demorei que ele mesmo por si pudesse pôr explicação. E foi ele disse: — “Por vingar a morte de Joca Ramiro, vou, e vou e faço, consoante devo.

Só, e Deus que me passe por esta, que indo vou não com meu coração que bate agora presente, mas com o coração de tempo passado... E digo...”

Afirmo que não colhi a grã do que ele disse, porque naquela hora as ideias nossas estavam descompassadas surdas, um do outro a gente desregulava. E o tom mesmo de sério que ele impunha rumou meu pensamento para outros pontos: o Urucúia — lá onde houve matas sem sol nem idade. A Mata-de-São-Miguel é enorme — sombreia o mundo... E Diadorim podia ter medo? — duvidei. Eu sempre sabia: um dia, o medo consegue subir, faz oco no ânimo do mais valente qualquer... Com tanto, eu fui e disse:

— “Tudo na vida cumpre essa regra...”

Duvidei pouco. Diadorim não temia. O que ele não se vexou de me dizer:

— “Menos vou, também, punindo por meu pai Joca Ramiro, que é meu dever, do que por rumo de servir você, Riobaldo, no querer e cumprir...”

Nem considerei. — “É, o Hermógenes tem de acabar!” — eu disse. Diadorim, ia ter certas lágrimas nos olhos, de esperança empobrecida. Me mirava, e não atinei. Será que até eu achasse uma devoção dele merecida trivial? Certo seja. Não dividi as finuras. Mas, também, afiguro que responder mais não pude, por motivos de divertência. Qual que, na hora, deu de dar, diante, um desvoo de tanajuras, que pelas grandes quantidades delas, desabelhadas, foi coisa muito valente, para mim foi o visto nunca visto: em riscos, zunindo como enchiam o ar, caintes então, porque a lei delas é essa, como porque o corpo traseiro pesa tão bojudo, ovado, bichão maduro, elas não aguentam o arco de voar, iam semeando palmos de chão, de preto em acobreadas, e tudo mesmo cheirava à natureza delas, cheiro cujo que de limão ruivo que se assasse na chapa. Bagos dessas, muito mundialmente... Caso que os cavalos se espantavam, uns na só cisma até refugando. E o menino Guirigó, de ver mais que todos, tocou cá para adiante, com gritos e arteirices, tão entusiasmável; como tanto aprovei, porque o menino Guirigó do Sucruiú eu tinha botado viajante comigo era mesmo para ele saber do mundo. Mas o esbagoar estirante das tanajuras vinha para toda parte, mesmo no meio da gente, chume-chume, fantasiado duma chuva de pedras, e elas em tudo caíam, e perturbavam, nos ombros dos homens, e no pelo dos animais. Como digo que eu mesmo a tapas enxotei muitas, e outras que depois tive de sacudir fora da crôa de meu chapéu, por asseio. Içá, savitú: já ouvi dizer que homem faminto come

frita com farinhas essa imundície... E os pássaros, eles sim, gaviãozinho, que no campo esmeirinhavam, havendo com o que encher os papos. Mas bem porém que cada tanajura, mal ia dando com o chão, no desabe, sabia que tinha de furar um buraco ligeirinho e se sumir desaparecida na terra, sem escôlha de sorte, privas de suas asas, que elas mesmas já de si picavam desfolhadas, feito papelzinho. Isso é dos bichos do mundo; uso. Mas, então, quando mirei e não vi, Diadorim se desapartou de meus olhos. Afundou no grosso dos outros. Ai-de! hei: e eu tinha mal entendido.

E o senhor tenha bons estribos: que informo que o que disse se deu bem em antes dele Diadorim ter tido a conversa com a mulher do Hermógenes. Que agora, do que sei, vou tosquejar.

Como de fato, desamarrou o tempo. Formou muita chuva. Com assim, emendados chovidos três dias, então certificamos de permanecer esse tempo em prédio, e enchemos a Fazenda Carimã, que era de um denominado Timóteo Regimildiano da Silva; *do Zabudo*, no vulgar. Esse constituía parentesco proximado com os Silvalves, paracatuanos, cujos tiveram sesmarias, na confrontação das divisas, das duas bandas iguais. Do Zabudo: o senhor preste atenção no homem, para ver o que é um ser esperto.

Primeiro, encontramos de repente com ele, quando se ia por um assente — chapadazinha dessas, de capim fraco. Conciso já principiava a chuviscar, e eu estava pensando: que, por ali, menos longe, algum rancho ou alguma casa de sitiante havia de vagar. Nessa mesma horinha, o tal se apareceu. Conforme vinha, num cavalo baio, com uma daquelas engraçadas selas cutucas, que eles usam, e introduzido em botas-de-montar muito boas, dessas de couro de sucurijú, de que eles faziam antigamente. No natural, que foi ele ver a gente e levou choque.

Instantezinho, porém, se converteu. Isto, que se desapeou, ligeiro, e tirou o chapéu, com cortesia mór, com gesto de braço, e manifestou:

— “Senhores meus cavaleiros, podem passar, sem susto e com gosto, que aqui está é um amigo...”

— “Amigo de quem?” — eu revidei.

— “Vosso, meussenhor cavaleiro... Amigo e criado...”

Esperança dele era ver a gente pelas costas. Com ele apertei: aonde que morasse? — “Lá daquela banda, meussenhor... Sitiozinho raso...” — outrarte ele respondeu, nhento, pasmado. Atalhei: — “A pois, pra lá vamos, adonde menos chôva. O senhor mostre.” Aí ele remudou os modos,

falando em muito aprazimento, em honras de sinceridade. A fazenda era ali, só a uns passos. Assim ele já se astuciava.

Do Zabudo, homem somítico, muito enjoativo e sensato. Requeri dele o prêmio — que marquei em arras de sete contos — e ele se desesperou, conforme caretas, e suas costas das mãos, mesmas, uma e depois a outra, diversas vezes ele beijava. Sempre gemendo que não e que sim, pediu vênia de me noticiar como os negócios da lavoura para ele nos derradeiros três anos andavam desandando, com peste que no gado deu e redeu, e praga no canavial: por via dela, nem fervia mais safra. E, tudo que falava, explicava e redizia, mesmo se fiou de querer me levar, debaixo de temporal, para exemplificar minhas vistas com o pejorativo de suas posses. Por causa da caceteação, concedi rebates, acabei deixando o estipulado em trêis-contos-quinhentos; e também por receio de se pegar em mim a nhaca daquele atraso. Se bem que, no repleto de dinheiro ganho goiano, como já se estando, eu descarecia de sistema de bruteza com ninguém. E mesmo se traçou que o sustento nosso ele por metade fornecia gracioso, sem estipêndio; escatimava, mas dava. Ao tanto que o resto eu pagava caro, e os percebidos: certas dúzias de ferraduras, o milho para os animais, umas mantas de toicinho e dez quartilhos de cachaça — que, em justo dizer, nem prestava. Bom, lá, era o fumo de rolo. E, já dava de ser: como desemboque, eu pagasse a ele só para se comportar calado. Por fim, penso, a falha nossa lá, para aquele do-Zabudo, ficou quase de graça.

E dito e referido, que chovia em Goiás todo, assistimos dentro de casa, só saindo no quintal para chupar jaboticabas. A gente tinha baralhos, se jogou, rouba-monte e escôpa, porque truque eu não consentia, por achar que me faltava floreado rompante para os motes gritos, que nesse endiabrado jogo compertencem; e mesmo por achar vadiado, para a minha chefia. Então bem, enquanto a gente formava essa distração, o do-Zabudo ia e vinha, flauteando, escogitando decerto — para ratinhar e sisar a gente com mangonhas — outras velhaquices choradas. E foi, de repente, ele se chegou com esta, que não se esperava por barato nem caro: — Que a nhã senhora, aquela, suplicava o favor dum particular com o moço chamado Reinaldo...

Essa, nhã, refiro, era a mulher do Hermógenes; que em reserva fechada se tinha, no quarto-do-oratório. E Diadorim, saber o senhor tem, era o conhecido por “Reinaldo”.

Que me invocou — o senhor vai dizer — me causou espantos? Havia-de. Eu estava na sala-de-jantar, jogando, com João Goanhá, João Concliz e Marcelino Pampa. Alaripe, com a baciinha de lixívia em areia e com estopa, na soleira da porta para o quintal, acendrava as armas. Ele falou: — “Deus que, olh’ lá: que se o Reinaldo não dá cabo da criatura...” Descontamos. — “Eh, ela será que faz mandraca?” — João Goanhá alvitrou, com essas risadas. — “Ara, para obrar bom feitiço, que valha, diz-se que só mesmo negra, ou negro...” Isto que Marcelino Pampa deu de opinião, enquanto pegava o sete-belo com o sete-de-paus. Eu joguei, e João Goanhá somou seis e trêis, na mesa, conforme pegou com um valete, e escopou. Diadorim se tinha encaminhado para onde estava a mulher, para ir ouvir o que ela queria que ele ouvisse.

Tocou minha vez de baralhar e repartir cartas. Ou seria algum pedido que ela tivesse de fazer a ele, bem. Daí, João Goanhá esteve dizendo que a mulher rogava era por sua liberdade. E eu desconversei, observando casual, primeiro a respeito do luxo de tantos anéis de João Goanhá gostava de botar em cheios dedos; e depois chamei atenção para as goteiras abertas na têlha-vã daquele grande cômodo, que se carecia de dispor umas latas em diversos pontos e até uma gamela, no meio da mesa, fim de se aparar águas da chuva. Mas, mesmo por mim, eu já tinha perdido a simpatia no divertimento do jogo, e me ergui de lá, fui ver a coisa nenhuma, no alpendre, onde até homens dormiam madraços, aborrecidos com um chover tão constante.

Diadorim não vinha, não dava de sair do quarto-do-oratório. E, quando foi que veio, não me contou nada. O que disse, comum: — “Ah, ela só chorou mágoas...” Não perguntei passo. Devido que não perguntei logo à primeira, depois foi não ficando bem, para o meu brio, o perguntar. Diadorim se atarantava quieto, nem não era correto o que ele estava fazendo — escondendo fatos. Palavras que vieram a gume em minha boca, foram estas: — Que eu não gostava de hipocrisias... Pensei, e não disse. Eu podia duvidar das ações de Diadorim? Lá ele alguma criatura para traição? Rosmes! Ideia essa não aceitei, por plausível nenhum. Mas, de motivo como me desgostei, assim resolvi a saída da gente dali da Carimã, no instante mesmo, e dei ordem. Fossem trazer os cavalos, e arrear, atrás do tempo que fizesse — enxurradas tais, nuvens grossas, céu nubloso e trovão em ronco. Chuvas com que os caminhos se afundavam.

E assim cumpriram. Mas, aí nem bem os cavalos vieram no curral, se deu uma estiada muito repentina — por um montão de vento. O céu firmou, e sol, com todos os bons sinais. Ante o que — por isso e por tanto — a admiração do pessoal foi de grandes mostras. E eu vi que: menos me entendiam, mais me davam os maiores poderes de chefia maior.

Só o do-Zabudo, saiba o senhor, parava fora da roda, sem influência nenhuma, feito um tratante. Saiba o senhor que assim ele ainda me veio, com visagens e embaraços, por amortecer a paga, pedindo ágios de calote e prazos mercantís. Agora — mais que tudo — saiba o senhor uma coisa, a que ele, para os fins, executou na hora da confusão da saída, no zafamar. Pois de repente trouxe e ofertou a Diadorim, de regalo, uma caixeta da boa e melhor marmelada goiana, dada a valores: — "Ademais o senhor prove o de que demais gostará... A de Santa Luzia, perto desta, perde por famosa..." Dando aquilo a Diadorim, ele não queria disfarçado me agradar, por vantagens? Se sei. O que é que estivesse adedentro das ideias daquele homem? O jeito estúrdio e ladino de olhar a gente, outrolhos — e que na hora não me fez explicação. Sendo que, mediado esse obséquio a Diadorim, ele conseguiu mesmo me adular. Saranga fui, contracontas, contra aquele paranãnista lordaço. Ele se saíu quite, por pouco não pegou até dinheiro meu emprestado. Mesmo pelos cavalos e burros que cedeu, recebeu igual quantidade dos nossos, bem melhores, somente que estavam cansados. Teve até permissão de conservar o dele próprio, o baio, que disse ser de venerada estimação, por herdado pessoal do pai. Nele, amontado prazido, naquela dita cutuca, pandegamente, pois ainda veio, por quarto-de-légua, fazendo companhia à gente. Coisa assim, não se vê. Tanto ambicionava, que nem temia. Sempre me olhava, finório, com as curiosidades. E assim. Agora, o senhor prestou toda a atenção nesse homem, do-Zabudo? O diabo dele. O senhor me diga: o senhor desconfiou de alguma arte, concebeu alguma coisa?

Sumimos de lá. Em cinco léguas, vi o barro se secar. O campo reviçava. Mas concedi que a viagem viesse à branda, serenada. Queria, quis. O burrinho de Nosso Senhor Jesus Cristo também não levava freio de metal... Isso, na ocasião, emendo que não refleti. Razão minha era assim de ter prazos, para que meu projeto formasse em todos pormenores. Mas — isto afianço ao senhor — também eu não sentia açoite de malefício herege nenhum, nem tinha asco de ver cruz ou ouvir reza e religião. Mesmo, me sobrasse tempo algum de interesse, para reparar nesses

assuntos? Eu vinha entretido em mim, constante para uma coisa: que ia ser. Queria ver ema correndo num pé só... Acabar com o Hermógenes! Assim eu figurava o Hermógenes: feito um boi que bate. Mas, por estúrdio que resuma, eu, a bem dizer, dele não poitava raiva. Mire veja: ele fosse que nem uma parte de tarefa, para minhas proezas, um destaque entre minha boa frente e o Chapadão. Assim neblim-neblim, mal vislumbrado, que que um fantasma? E ele, ele mesmo, não era que era o realce meu — ? — eu carecendo de derrubar a dobradura dele, para remedir minha grandeza façanha! E perigo não vi, como não estava cismando incerteza. Tempo do verde! Êpa, eu ia erguer mão e gritar um grito mandante — e o Hermógenes retombava. Onde era que estava ele? Sabia não, sem nenhuma razoável notícia; mas, notícia que se vai ter amanhã, hoje mesmo ela já se serve... Sabia; sei. Como cachorro sabe.

Assim, o que nada não me dizia — isto é, me dizia meu coração: que, o Hermógenes e eu, sem dilato, a gente ia se frentear, em algum trecho, nos Gerais de Minas Gerais. Eu conhecia. A pressa para que? Ao ir, ao que ir — aí contra a Serra das Divisões ou sobre o Rio São Marcos. Estrada-real, estrada do mal. Como de fato, aquilo estava impossível, breado de barro alto, num reafundo, num desmancho, que comia com engôlo as ferraduras mesmo cravadas novas, e assujeitava a gente a escorregão e tombos, teve animal que rachou canela, quebrou pescoço. — "Este caminho tem tripas..." — se dizia bem. Às loucuras. E a jorna não rendia, não se podia deszelar o pisar. Retardamos. Retardar, mesmo se me dava de agradável. Eu ia numa caçada, com o grande gosto, ah. Pois não era? Mais tempo se gastou, esbarrados em casas-de-fazendas ou em povoados. Melhor — por lá, também, haviam de aprender a referir meu nome. De em desde, bem que já cumpriam de me recompensar e me favorecer, pela vantagem: porque eu ia livrar o mundo do Hermógenes. O Hermógenes — pelejei para relembrar as feições dele. Achei não. Antes devia de ser como o pior: odiado com mira na gente. — "Diadorim..." — pensei — "...assopra na mão a tua boa vingança..." O Hermógenes: mal sem razão... Para poder matar o Hermógenes era que eu tinha conhecido Diadorim, e gostado dele, e seguido essas malaventuranças, por toda a parte?

Retardamos. Até que, tomando sazão boa no veranico, seguimos em fim, estrotejando. Parávamos léguas perto das divisas, mandei ir vigias e dianteiros. Conferi meu povo nas armas. Tudo prazia. O barranco mineiro ou o barranco goiano. Da beira de Minas Gerais, vinha um mato vagaroso.

E piorou um tico o tempo, em Minas entramos, serra-acima, com os cavalos esticados. Aí o truvisco; e buzegava. O ladeirão, ruim rampa, mas pegamos a ponta da chapada. Foi ver, que com o vento nas orêlhas, o vento que não varêia de músicas. Tudo consabia bem, isto sim, digo; no remedido do trivial, espaço de chuva, a gente em avanço por esses tabuleiros: fazia rio, por debaixo, entre as pernas de meu cavalo. Sertão velho de idades. Porque — serra pede serra — e dessas, altas, é que o senhor vê bem: como é que o sertão vem e volta. Não adianta se dar as costas. Ele beira aqui, e vai beirar outros lugares, tão distantes. Rumor dele se escuta. Sertão sendo do sol e os pássaros: urubú, gavião — que sempre vôam, às imensidões, por sobre... Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e se abaixa. Mas que as curvas dos campos estendem sempre para mais longe. Ali envelhece vento. E os brabos bichos, do fundo dele...

Com trovoo. Trovoadão nos Gerais, a rôr, a rodo... Dali de lá, eu podia voltar, não podia? Ou será que não podia, não? Bambas asas, me não sei. Bambas asas... Sei ou o senhor sabe? Lei é asada é para as estrelas. Quem sabe, tudo o que já está escrito tem constante reforma — mas que a gente não sabe em que rumo está — em bem ou mal, todo-o-tempo reformando?

Meus homens adianteiros retornaram, que vindos com uma notícia: os hermógenes, bando enorme, tocavam meio para cá — decerto também já cientes de meu caminhar! Era o devido. Se estremeceu, de pressas. Vim. Viemos. Trastopamos com uns campeiros e outros, que vaquejavam, ou que levando gado de volta para o caatingal, por não morrerem suas rêses todas, de pastar o capim novo dos Gerais, que cresce cheio de areia. Mas esses não sabiam de nada coisíssima. A gente contornou, por se chegar primeiro no Nestor, na Vereda-Meã, e no Coliorano, depois do Mujo. Vãozinho-do-Mujo, esse acho que era certo também, o nome. Mas o Coliorano morava num buritizal de lagoa, e fazia chapéus-de-palha fabricados; dos melhores. Nele e no Nestor, carecia de se chegar, em antes do Hermógenes — que lá se tinha côito de munição. Contornamos. Muito brejo e sapal já estavam de volta. Os rios andando sujos, e umbuzeiros dando flôr. Mas a cheia de todo rio carregava muito cuspe de espuma por cima — sinal de que ela ia aumentando, com maiores chuvas nas nascentes. Assim mesmo assim, não perdemos de breve chegar e de arrecadar munição que se queria, total toda. Arredondamos. Agora, em

hora. Que era que faltava? Comigo — redor de mim! — quem quisesse guerra...

Todos. E, todos, tinha vez eu achava que queria-bem o meu pessoal, feito fossem irmãos meus, da semente dum pai e na madre de uma mãe gerados num tempo. Meus filhos. Para que relembrar, divulgar dum e dum, dar resenhas? Do Dimas Dôido — que xingava nomes até a galho de árvore que em cara dele espanejasse, ou até algum mosquitinho chupador. Do Diodôlfo — mexendo os beiços num bis-bis: que era que sem preguiça nenhuma rezava baixo, ou repetia coisas de mal, da vida alheia, conversando com si-mesmo. Do Suzarte — tomando olhos de tudo, chão, árvores, poeiras e estilos de vento, para guardar em sua memória aqueles lugares em léu. Do Sicrano João, em ancas de seu burro; e do Araruta — de toda confiança: esse homem já tinha para mais de umas cem mortes. Do Jiribibe, que a recorrer, da guia à culatra, por necessidade de cada coisa ouvir, recontar e saber. Ou do Feliciano — que abria muito o olho são, para melhor entender o que a gente dizia? Tuscaninho Caramé, que cantava, bonita voz, algûa cantiga sentimental. João Concliz, dobrando um assovio comprido sem fim, como esses que são dos tropeiros dos campos goianos? Ou o José do Ponto com o Jacaré — tocando os cargueiros, com sua tralha de cozinhar...

Mas refiro miúdos passos. Coisinhas que a gente vislumbra em ocasião de momento, e que quase não esquecem, com pena. Pois eu pensasse a breve na responsabilidade que a minha era, quando via um homem idosamente respeitável, como Marcelino Pampa — e que já tinha sido chefe — seguindo por seu próprio gosto, no meio do andamento dos outros, ou esbarrar o cavalo nos freios, e, esbarrado assim, mesmo sem virar a cara para mim, mas abaixar um pouco a cabeça, e ficar escutando e meditando o meu conselho. Ou quando um daqueles jagunços mais velhos recomendava a qualquer rapaz como era que deviam de ter cautela, no lidar com as armas de conjunto, e com a munição nas canastras: pois de tudo calados cuidavam; porque então, em sentir, era como se fosse coisa de paz, arranjos miúdos em casa da gente. Ou mesmo quando eu avistava um daqueles catrumanos, gente toda trazida, deportados por mim da terra deles. Esses me davam estima? Ah, acho que me achavam. Antes teriam um admirado receio, o medo maior. E tinha uns — como digo ao senhor que relembro tudo — esse, Assunciano: quando se falava em fogo, ele já ficava com o corpo para diante, meio entortado; e que ele era magro, mas

ovante, barrigudo mediamente; e, de um qualquer um chapéu simples, mas um pouco mais enfeitado ou novo, ele já demonstrava mirar de boba inveja... Meus filhos.

Mas, não durava daí, menosmente, eu esquentava outra vez meus altos planos, mais forte; eu refervesse. Eu era assim. Sou? Não creia o senhor. Fui o chefe Urutú-Branco — depois de ser Tatarana e de ter sido o jagunço Riobaldo. Essas coisas larguei, largaram de mim, na remotidão. Hoje eu quero é a fé, mais a bondade. Só que não entendo quem se praz com nada ou pouco; eu, não me serve cheirar a poeira do cogulo — mais quero mexer com minhas mãos e ir ver recrescer a massa... Outra sazão, outros tempos. Eu ia para sofrer, sem saber. E, veja, se vinha, eu comandei: — "É guerra, mudar guerra, até quando onça e couro... É guerra!..." Todos me aprovavam. Ainda mesmo que com o cantar:

"*Olererê*
Baiana...
Eu ia
e não vou mais...
Eu faço
que vou
lá dentro, ó Baiana:
e volto
do meio
p'ra trás!"

Assim, aquela outra — que o senhor disse: canção de Siruiz — só eu mesmo, meu silêncio, cantava.

Sofreado de minha soberba, e o amor afirmante, eu senti o que queria, conforme declarado: que, no fim, eu casava desposado com Otacília — sol dos rios... Casava, mas que nem um rei. Queria, quis. — E Diadorim? — o senhor cuida. Ingratidão é o defeito que a gente menos reconhece em si? Diadorim — ele ia para uma banda, eu para outra, diferente; que nem, dos brejos dos *Gerais*, sai uma vereda para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apartam de vez, mas correndo, claramente, na sombra de seus buritizais... Outras horas, eu renovava a ideia: que essa lembrança de Otacília era muito legal e intrujã; e que de Diadorim eu gostava com amor, que era impossível. É. Mire e veja: o senhor se entende? Deixe avante;

conto. Mesmo, nos dias, o que era, era ir — vir, corrijo. Até sem ter aviso nenhum, eu me havia do Hermógenes. Pressentidos, todos os ventos eu farejava. O Hermógenes, com seu pessoal dele — que nem em curvas colombinhando, rastejassem, comprido grôsso, mas sem bulha, por debaixo das folhas secas... Mas eu estava fora de minha bainha. Às vezes, eu acordava na metade certa da noite, e estava descansado, como se fosse alto dia. Vão da noite, quando o mato pega a adquirir rumores de sossegação. Ou quando luava, como nos Gerais dá, com estrelas. Luava: para sobressair em azul de luz assim, só mesmo estrela muito forte.

E chegamos! Aonde? A gente chega, é onde o inimigo também quer. O diabo vige, diabo quer é ver... A pois! Sincero, senhor: os campos do Tamanduá-tão; o inimigo vinha, num trote de todos, muito sacudido. Se espandongaram... Campos do Tamanduá-tão — o senhor aí escreva: vinte páginas... Nos campos do Tamanduá-tão. Foi grande batalha.

Não se instruiu que. Nem não houve aviso. Dei guerra. Como se quis: lei a lei, e fogo a fogo. Era na força da lua.

Tamanduá-tão é o varjaz — que dum topo de ladeira se avistava; e para lá descemos por encanado de cava, quase grota, que a vertente entalha. Mas mais de mil bois, ou cavalos e éguas uns oitocentos, se carecesse, cabiam de bom pastar ali naquele baixadão, de raso em raso. Ao muito escuro, duma banda, existia um travessão de mato. Outro braço de mata, da outra banda. Com que, contornada essa mata, a gente estava sempre naquilo que *Tamanduá-tão* é: a enorme vargem. Porque, para tudo quanto havia, o nome era aquele só — que *Mata-Grande* do *Tamanduá-tão*, e *Mata-Pequena* do *Tamanduá-tão*, e tudo. Por mesmo, do *Tamanduá-tão* era a casa-de-fazenda — de muitos antigos tempos, quando tinha tido sanzalas e um engenho-de-pau-em-pé. Mas já estava esquecida, arruinada em esteios, e com restos de parede fechando matagalzinho em cima de montes de terra e pedras, em fim de taperada. Bem sim, que, por perto, assistia alguma pobre gente vinda, cultivando: o quanto se via roça, milharais, feijoal faceiro. Gente, mal se viu. E do *Tamanduá-tão* era a Vereda, com seus buritís altos e a água ida lambida, donzela de branca, sem um celamim de barro. Diz-se que lá se pesca, e gordas piabas. Por cima dela sei é de muito tiro. Tinha um cocho no chão, no campo; o gado ouvia e se fugia, bravo. Às beiras daquela, minha gente galopou — a vereda toda, susã-jusã — feito estivessem sendo surucuiú em fêmea, percorrente

doidada... E o inimigo dava para trás! Não achavam esconso... Assim é que se principiou.

A bem, como é que vou dar, letral, os lados do lugar, definir para o senhor? Só se a uso de papel, com grande debuxo. O senhor forme uma cruz, traceje. Que tenha os quatro braços, e a ponta de cada braço: cada uma é uma... Pois, na de cima, era donde a gente vinha, e a cava. A da banda da mão-direita nossa, isto é, do poente, era a Mata-Grande do Tamanduá-tão. Rumo a rumo, a da banda da mão-esquerda, a Mata-Pequena do Tamanduá-tão. A de baixo, o fim do varjaz — que era, em bruto, de repente, a parede da Serra do Tamanduá-tão, feia, com barrancos escalavrados. Os barrancos cinzentos, divulgando uns rebolos e relombos, barrancos muito esquisitos — como as costas de fila de muitos animais... Mas, agora, o senhor assinale, aqui por entremeio, de onde é a Serra do Tamanduá-tão e a Mata-Grande do Tamanduá-tão, mais ou menos, os troços velhos da casa-de-fazenda, que tanto se desmantelou toda; e, rumo-a-rumo, no caminho da Serra para a Mata-Pequena, essas rocinhas de pobres sitiantes. Aí o senhor tem, temos. A Vereda recruza, reparte o plaino, de esguêlha, da cabeceira-do-mato da Mata-Pequena para a casa-de-fazenda, e é alegrante verde, mas em curtas curvas, como no sucinto caminhar qualquer cobra faz. E tudo. O resto, céu e campo. Tão grandes, como quando vi, quando no fim: que ouvi só, no estradalhal, gritos e os relinchos: a muita poeira, de fugida, e os cavalos se azulando...

Mas, primeiro, antes, teve o começo. E aí teve o antes-do-começo; que o que era — a gente vindo, vindo. E vindo bem. Mal ao justo, que, para tão cedo, assim, aquilo não se esperava. A gente vinha acabando a serra. Serra da Chapada. Somente para dali descer, e traduzir essas campinas, a grandeza de vargem. Deles, inimigos, não se tinha aviso nenhum, nem espiação. Eu podia saber? Eu era uma terrível inocência. E de tudo miúdo eu dava de comer à minha alegria. Assim, o por exemplo, quando eu quis experimentar a valia de meus catrumanos. Um, o Dos-Anjos. Esse degozava de mostrar que tinha tomado entendimentos: presto manejava. Achei graça no tirintim ligeiro, como ele recarregou a comblém. Mas era uma arma sem trócha, e muito envelhecida, abaixo de todas as menos, até com cano já gasto. — “X’eu cá ver o arcabuz, mano-velho...” — eu arrecadei. Ele nem queria entregar; conforme que disse, triste: — “*É a méa combleia...*” — e escogitava na arma. Esse, merecia. Que fossem arranjar para ele uma outra, consentã — rifle chapeado ou winchester mão

27, ou carabina qualquer, bala de chumbo. E aí o Dos-Anjos me desofereceu o trabuco dele velho; mais que avexado, e menino-manso me olhava... Mas Marcelino Pampa — acho que foi, — quando a gente acabou de rir, pagou boa lembrança: disse que, num brugo a meio indo para o pique do morro, Medeiro Vaz tinha deixado guardado, uma vez, um feixe de armamento de soldados. Que eram cinco fuzis máuser, oleados bem, num caixote, escondidos no fundo dum grande solapo, no paredão. Se dizia. Tanto que lá nem bicho mateiro não ia, tirante macaco; e que por tudo, por certo, deviam de estar de uso. — "Por que é que Medeiro Vaz escondeu?" "— Por, no tempo, não ter servível munição..." "— E agora se tem, que dê?" "— A pois."

Eu disse ao senhor: eu não sabia do inimigo, nem o inimigo de mim, e nós vínhamos para se-encontrar. Então? Ah, mas eu parei mais alto — estive muito mais alto, mesmo; e foi assim a sol. Pois logo a gente quebrou caminho, trepando encosta, lá para aquelas burguéias. Os nenhuns fuzís não achamos, adentro do cavernal, que era muito espaçoso, só com uns morcegos, que habitavam. E eu, por um querer, disse que ia subir mais, até no cume. Poucos foram os que comigo vieram. As alturas.

Poucos; me lembro do Alaripe. Posto, pois foi porque foi. Que estávamos já voltando descendo do ponto do alto, o vento bobeando na cara da gente — e bela-vista adiante, muito descrita. Caminhando, mesmo, a gente tinha enrolado cigarros, que não estava sendo azado de acender, por via do encano do ar, que ventainhava. Esbarramos. Alaripe bateu binga. Mas, repronto, ele mesmo encolheu o corpo, e apontou, exclamando surdo: — "Há, lá: no quembembe..." — o que, quembembe, na linguagem da terra dele, vinha a ser: na virada, na tombada... Como com efeito, acolá, na Serra do Tamanduá-tão, vertente abaixo, vinha um cavaleiro. E eram muitos outros.

Esses, eles! Mas nós já tínhamos tomado recato. — "Maximé..." — eu disse. E o que eu senti, ah, não foi receio, nem estupor, nem arrocho. O que eu senti foi nada, coisa nenhuma: coisa-nenhuma em branco, ao redor da minha movimentação...

Quantos com que, assim viessem, se guerreava; mas sempre um chefe é uma decisão. Falei. E, quando mesmo dei tento, já tinha determinado as ordens justas carecidas; tudo atinado, o senhor veja, e tal. Primeiro, que uns três homens fossem levar para aquela dita solapa do morro os que não eram mãos-d'armas: que o menino Guirigó, o cego Borromeu e a mulher

do Hermógenes, que lá esperassem o final de tudo. E para isso escolhi também o catrumano Dos-Anjos, que logo vi que bem escolhi, por tanto que ele, na primeira coisa que pensou, foi na quantia de comida que para eles se deixasse. Daí, o da guerra, exato, muito singelo: repartir a gente em três drongos, que íamos descer a serra em diversas bocâinas diferentes. Eu, com o meu, normal rente. João Goanhá, da banda da mão direita; Marcelino Pampa da banda da mão esquerda: eles fossem para ladear, e revir e cometer, dando todas retaguardas!

Num átimo. Discutido assim, o pessoal se arrumou para ir, já indo; jagunço nunca dilata. Mas os de João Goanhá e os de Marcelino Pampa, primeiramente, que deviam de longe. Eu, com os meus, tinha mais tempo, convinha mesmo retardar. Estive contando os cavalos. — "Te arma bem, Diadorim!" — eu disse. — "Te arma bem, mano meu mano!" Por que foi que eu disse? Então, o senhor me confere: que eu ingrato não era, e que nos cuidados de meu amor Diadorim sempre estava. E amor é isso: o que bem-quer e mal faz? Apalpei meu selim, que minhas pernas esquentavam. Empunhei o parabelo. Alguns dos homens ainda aproveitavam a espera para comer o que tivessem, e um quis me obsequiar com a metade duma broa de brote, de se roer, e outro que trazia um embornal-de-couro cheio com cajús vermelhos e amarelos. Rejeitei. Por mesmo que naquele dia eu estava de jejum quebrado só com uma jacuba. Nem quis pitar. Não por nervoso. Mas eu sabia que era o minuto e não era a hora. E o do embornal com os cajús, sendo um João Nonato, diamantinense, decidido agradável me disse: — "Hoje, Chefe, depois que se ganhar, com o bom gol se festeja?" Ôi, sim. E de repente eu disse dizer: — "Tu, menino, meu filho, tu vem adiante, mano-velho: emparelhado comigo... Tu me dá sorte!" Deixamos de esporas.

Descendo na cava, por feliz a gente vinha em oculto. E, justo, já em baixo, no principiar da várzea, era um capim com mais viço, capinzal do fresco de pé-de-serra. Capim mais alto do que eu — nele a gente se tapava. Coincidido que, permeio o verde dos talos, a gente via algumas borboletas, presas num lavarinto, batendo suas asas, como por ser. Caíu o açúcar no mel! Porque, igual também convim que podíamos ladear um tanto; e, daí, separei, de cabeça, um grupo de homens, que iam ir com o Fafafa: esses avançarem primeiramente — como a certa isca — perturbando o cálculo do inimigo, ao dar o dar. Respiramos tempo, naqueles transitórios. De rechêgo, coçando as caras no capim em pontas, que dava vontade de se

espirrar. Só o rumor que se ouvia era o dos cavalos abocanhando. Eu tinha pressa de um final, mas o que ia mór em mim era um lavorar de paciência: talento com que eu podia ficar retardando lá, a toda a vida. Safas — que eu podia dar também um pulo, enorme, sustirado, repentemente. Vi: o que guerreia é o bicho, não é o homem. O capinzal repartia tudo diverso: o abafo do ar e o fresco de lugar de grota — frio e calor, lado dum doutro, nas finas folhas mesmo da folhagem. Mas o calor vinha subindo era pernas acima, no meu corpo: o que os meus pés, de tão quentes, suavam. E eu não enxergava o chão; mas o cheiro do lugar ali era de barro amarelo massal. Suspensos no parar, mesmo, a gente se embalançava na sela, banda para banda, na suavidade essa — conforme temperação, de que o espírito necessitava. Sendo o muito quieto, para não assustar os pássaros que comem sementes no capim, porque o revoo deles havia de dar ao inimigo alto aviso no ar.

Sobre isto, eu tirei um pé do estribo e ajoelhei no coxim da sela. Porque era a hora de olhar; mirei e vi. Como o inimigo vinha: as listras de homens, récua deles: passante de uns cém. Tive mão em tudo, eles ainda estando longe. Fafafa encostou dois dedos no meu joelho, como se até às mudas quisesse poder receber a ordem. Ele esperava um instante certo de meu respirar. Eu brinquei com a mão no arção. Vez de um, vez: todos e todos. Falo o dito de jagunço: que eles mesmos não conseguiam saber se tinham algum medo; mas, em morte, nenhum deles pensava. O senhor xinga e jura, é por sangue alheio.

Daí, reolhei. Avistei que vinham — e tinham destacado em galope, festinho adiante, uns tais, que se enviassem de vigiar a cava e a passagem de sobe-serra, como cautela. Fechei os olhos, e contei. Até dez, aguentei não, que me deu um deciso já em sete. — “Tu é tu, Fafafa!” — eu disse. E ele gritou: — “Xé, do campo!” —; e correu as esporas. E eu vi o virar dos cavalos — partindo rompendo, amassando cama no capinzal. Seja que, os homens para acompanharem o Fafafa, eu medi em número e soltei, feito em porteira de gado: e pouco passaram de vinte. E eu retinha a duro os outros, que queriam também ir. E Diadorim, desses. — “Eu!” — que Diadorim disse. Eu disse: — “Não!” — como agarrei em baixo a rédea do cavalo dele. Por que foi que fiz? Bastava o meu mando. Aquilo não tinha significado. Só fiz querer Diadorim comigo; e a gente se cabia entre riscos do verde capim, assim eu Diadorim enxergava, feito ele estivesse enfeitado. Se escutando os grandes gritos e tiros: que eram os de Fafafa

destruindo a anteguarda dos contrários. Amontado no instante, mas eu mesmo assim tive prazo para me envergonhar de mim, e para sentir que Diadorim não era mortal. E que a presença dele não me obedecia. Eu sei: quem ama é sempre muito escravo, mas não obedece nunca de verdade...

Aí, me alteei, e tive: que era o começo da grande batalha. Sobre o soprar, o Fafafa indo em frente, mais os dele, gritando alardes!

No que, os outros, os hermógenes, também, que primeiro formavam mó, depressa alargaram espaço, se abrindo uns dos outros — mato de gente. Eles tresfuriavam assim, aos urros zurros, quantidade que eram; eh, sabiam vir, à cossa. E tiros mesmo pouco ouvi; mas, no liso seco estradal, do meio do campo, deu um pano de poeira, empenachada. Eu bebi gotas: digo, isto é, que ainda esperei mais. Como o Fafafa, de propositadal — porque aqueles outros podiam recachar — retardava a ida avante, num meio-galope somente, muito enganador. A avistar melhor, quase trepei de todo na sela, meu animal cumprindo de não bulir, porque era cavalo consciencioso. Mas, enquanto isso, saiba o senhor o que foi que fiz! Que fiz o sinal-da-cruz, em respeito. E isso era de pactário? Era de filho do demo? Tanto que não; renego! E mesmo me alembro do que se deu, por mim: que eu estava crente, forte, que, do demo, do Cão sem açamo, quem era era ele — o Hermógenes! Mas com o arrojo de Deus eu queria estar; eu não estava?!

Foi o instante de tempo que era o momento. Só chamei João Concliz: — "Agora é agora..." E joguei a rumo. — "Lá vai obra!" Meu cavalo saíu às cabeçadas. Todos atrás de mim, no arranque; e era o mundo mesmo. Gritei de sussús: — "*Vale seis! — e toma nove!...*" — nas grimpas da voz... E eles meus, gritando tão feroz, que semelhavam sobre-vindos sobre o ar. Menos vi. Mas todo o todo do Tamanduá-tão se alastrou em fogo de guerra.

Suspenso — ouviu? — escapei, à de banda, com meu bom cavalo, repuxei as rédeas. Só assim permaneci, eu estava debaixo duma árvore muito galhosa; canjoão. Que pensei. E rompeu tiro, romperam, na polvorada. Até o capim dava assovio. E, por tudo se desejar de ver, tantamente demorava e ficava custoso, para em alguma justa coisa se afirmar os olhos. O que era feito grande mesa posta, cujos luxos motivos, por dizer, alguém puxa a toalha e, vai, derruba... Quem era que ia poder botar naquilo uma ordem, para um fim com vitória? E estralou bala... Repisei em minhas estribeiras, apertei as pernas nas espendas. Eu tinha de comandar. Eu estava sozinho! Eu mesmo, mim, não guerreei. Sou Zé

Bebelo?! Permaneci. Eu podia tudo ver, com friezas, escorrido de todo medo. Nem ira eu tinha. A minha raiva já estava abalada. E mesmo, ver, tão em embaralhado, de que é que me servia? Conservei em punho meu revólver, mas cruzei os braços. Fechei os olhos. Só com o constante poder de minhas pernas, eu ensinava a quietidão a Siruiz meu cavalo. E tudo perpassante perpassou. O que eu tinha, que era a minha parte, era isso: eu comandar. Talmente eu podia lá ir, com todos me misturar, enviar por? Não! Só comandei. Comandei o mundo, que desmanchando todo estavam. Que comandar é só assim: ficar quieto e ter mais coragem.

Mais coragem que todos. Alguém foi que me ensinou aquilo, nessa minha hora? Me vissem! Caso que, coragem, um sempre tem poder de mais sorver e arcar um excesso — igual ao jeito do ar: que dele se pode puxar sempre mais, para dentro do peito, por cheio que cheio, emendando respiração... À fé, que fiz. Se não vivei Deus, ah, também com o demo não me peguei — refiro —; mas um nome só eu falava, fortemente falado baixo, e que pensado com mais força ainda. E que era: — Urutú Branco!... Urutú Branco!... Urutú Branco!... Cujo era eu mesmo. Eu sabia, eu queria.

E quando a guerra para o meu lado relambeu, feito repentina labareda dum fogo. Uns vieram. E os tiros, — deles, — bala batia e rebatia. Cortavam capim do chão, que riscavam com punhado de terra. Tch'avam partes de ramos da árvore por cima de mim, e vagens do angico, que então reconheci por isso. Como quieto fiquei. Eu não era o chefe? Mesmo que uma carga de rifle se passou em meu chapéu-de-couro-de-vaca, e que outra, zoante, em meu jaleco raspou. A mil, que não movi mão, mas dei desprezo. Mas, eu tivesse alargado braço e movido mão, para com tiros de meu revólver ripostar, e eu mal morto estava — ponto que enquadrado de passantes balas, que rentes, até quentes. — *Urutú Branco...* — eu só relembrei, sussurrado ditoso, como quando com mocinha meiga se namora. Cachaças que em minha alegria. Em vento. E balas, mais, só; num enorme num minuto. Mas, bem: que, aluir dali, eu não aluía. Morresse — tive preguiça de pensar — mas, morresse, então morria três-em-pé, de valente: como o homem maior valente no mundo todo, e na hora mais alta de sua maior valentia! À fé, que foi. Dei em lagoa, de tão filho tranquilo...

E, de arrepelo, tudo demudou. Aqueles torceram os cavalos, revertendo para se espraiarem por longe. Que era porque os de João Goanhá tinham se avindo de contornar, no cabo do mato, e cometiam urrando o grosso do inimigo, por detrás. — "*Fú! Fiáu!*" — que se diz. Que tínhamos de

percalçar e de vencer. E aqueles dianteiros hermógenes, que tinham vindo, campavam fuga, de batida. E um, do cavalo preto, que bobeou, o Paspe, o Sesfrêdo e o Suzarte foram nele, galopando num embolo! — reformaram feia nuvem. E o corpo dele, no retém, foi jogado morto, se tangeu duro no ar, ressaltou: feito uma tábua... Assim um outro, se desatinando — João Vaqueiro, apeado, acertou nele diversas vezes. Esse recurvou — tatú e tal. Ele veio cair, perto exato de mim, ferido muito grave, conforme gemia. — "Desarma, mas não acaba de matar, mano-velho..." — a João Vaqueiro eu disse. Aquele homem inimigo derrubado jeremiava, cris, querendo enterrar as unhas na casca dum pau. O queixume que ele exprimia: que tinham mesmo de perder, por terem vindo com os cavalos deles tão sovados, e avante em empresa tão contrária... De tudo se espiolhava, suave praguejante, aí com três costelas derrotadas. Mas, água, ele pedia, cristão. Sede é a situação que é uma só, mesmo, humana de todos. Rebaixei o corpo e dei nas mãos dele a minha cabaça, quase cheia, e que era boa como um cantil. Rústico, fechei os olhos, para não me abrandar com pena das desgraças. Nem não escutei; que ouvido também se fecha. No cavalo, eu estava levantado. Campo que me competia comandar, dito. Tudo em mim, minha coragem: minha pessoa, a sombra de meu corpo no chão, meu vulto. O que eu pensei forte, as mil vezes: que eu queria que se vencesse; e queria quieto: feito uma árvore de toda altura!

Tiroteio fechava.

E o pessoal de Marcelino Pampa apareceu também, surgindo, para maior mal dos hermógenes. Matamos neles. Pegamos pelos lados. Confiro o que foi. O senhor — só se ouvia era carabina, repetindo. Fogo do Tamanduá-tão: o senhor saiba. E, pá!, ainda no pior do meio, eu adivinhei sabendo: que meu comando tinha dado certo, e que dali a vau tudo estava já ganho, desfêcho do fim desse final. Somente para colher o maduro, eu podia sobreviver. Sei que risquei — joguei de galope, em cima. Ao que vim, aonde que tudo se estardalhava. Dei gritos. Arte que abria no rifle; e matava. Donde era que estava o Hermógenes? A uivos, atrás duns, rompemos em linha na vereda. Todo buriti levou bala.

A mais, o inimigo não tinha o recurso de se apostar — por tanto que perdiam os cavalos. Advindo que o baixadão dali não dava esconderijos de mato para tocaia à jagunça. E os poucos foram os que pegar as distantes brenhas conseguiam, ou o cheio do capinzal, aonde não íamos desentocar ninguém. Aqueles deviam de estar de faca em fúria na mão, cobrejando;

somente por meio de cachorros-mestres, afirmados em caça de gente, era que podiam ser pegos, o que não se tinha. Os mais, em desrédea, meteram dôida fuga, enquanto mal pudessem, de debaixo de balaços. Menos de poucos passaram. Ao rascampo em viemos, soprando a perseguição. Tinha um valo, varamos um mato de lobeiras. Aí era para a banda das roças novas. Uns morrinhos; demos fogo. Uma tapera, outra tapera. Demos fogo. Poucos dos poucos deles escaparam. Os que desladeavam, caíam, por nossos esteiras. Era um relanço belo fatal...

Mas, um homem grande — que como pulou abaixo do cavalo grande, que baleado fora — alcançou jeito de correr, e encontrou uma cafúa, em frente. Entrou. De lá, decerto, ia mandar bala. E então nós, a gente, todos, desistindo de mais longe perseguir os sobrantes, cercamos por completo aquela choupana, de regular distância, caçando jeito de entrincheiramento. Ia ser o terrível. Que quem era, aquele homem? — “Ah, o Ricardão!” — se gritava. E eu mesmo sabia. Determinei uma descarga. Cafua de burití, que estremeceu, como que se entortando de lugar, arreganhada em partes. A gente atirando, atirando, com pouco ela ia desaparecer, desmanchada. Mas eu dei ordem de paz. — “E adonde estará o Hermógenes, próprio?” — eu indaguei. Alguém soubesse. De se ter ouvido algum deles, ferido ou agarrado preso: que o Hermógenes não fazia parte atual daquele bando — mais acontecia de andar, com outros, muito adiantado dali, vinte léguas, avanço no poente. Mas, então? E quase nossa gente toda já estava vinda, para apreciarem o derradeiro aprumo do Ricardão. Eu dei comando.

— “Seô Ricardão, o senhor saia para fora!” — eu gritei, do protegido donde estava.

Ele não deu resposta. Daí: — “Pau de fogo, minha gente!” — eu procedi. Pipocaram. Durante o que, a cafua começava nas últimas. Mas de dentro ninguém não ripostou; nem um tiro, nem. Ele estivesse morto? Não tinha munição? Esperei o engulir em seco três vezes. Daí, regritei: — “Seô Ricardão, o senhor se saia!...” E ele, no esquisito, respondeu: — “Vou sair!” — com um grito natural. Enérgico, para o meu povo, eu ordenei muita paz. E o todo silêncio. Espiei.

Lá acolá, o homem abriu devagar os cacos de porta. Saíu, deu uns passos. Como vinha, alto, chapéu na cabeça, até meio sorridente. Não se esbugalhava. Assim estivesse pensando que ia ter julgamento? Achei que. E ele não estava ferido. Caminhou mais. Sendo que — e, aí, foi minha ideia? — ah, não; mas vi que Diadorim, de ódio, ia pular nele, puxar faca.

Só fiz fim: num tirte-guarte: atirei, só um tiro. O Ricardão arriou os braços, deu o meio do corpo, em bala varado. Como no cair, jogou uma sua perna para lá e para lá. Como caíu, se deitou. Se deitou, conforme quase não estivesse sabendo que morria; mas nós estávamos vendo que ele já morto já estava.

Acho deveras que todo o mundo respirou com suspiro. Digo que esta minha mão direita, quase por si, era que tinha atirado. Segundo sei, ela devolveu Adão à lama. Só estas minhas artes de dizer — as fantasias...

— "Não enterrem este homem!" — eu disse.

A justiça. Mas, mesmo, como é que se ia poder enterrar a quantidade deles, mortos naquele dia?

Ao quando retornávamos para a Serra, eu ia olhava o céu, vez em quando. Primeiro urubú que passou — foi vindo dos lados do Sungado-do-A — esse se serenou bem, que me parecia uma amizade de aceno. Avoêje...

Mas — o que ia suceder por diante!

Somenos sei, e conto mal certo, o que os três dias foram, no seguinte. Se soalerte o senhor, que estamos descambando: o senhor mesmo se prepare; que para fim terrível, terrivelmente.

Eu podia? Como é que vou saber se é com alegria ou lágrimas que eu lá estou encaixado morando, no futuro? Homem anda como anta: viver vida. Anta é o bicho mais boçal... E eu, soberbo exato, de minha vitória! Conforme prazia o dito do cego Borromeu, que não se entristecia: — "Ah, eu nunca botei em antes o nariz nestes campos..." Soscrêvo. Mas, ele, o que carecia de querer saber, às vezes perguntava. Desses lugares, o divulgado natural, pedia pergunta. Aí, glosava:

Macambira das estrelas,
quem te deu tantos espinhos?

Tibes! Eu, não. Ia demandar de outros o que eu mesmo não soubesse, a ser: nestes meus Gerais, onde eu era o sumo tenente? Não me respondiam. Ninguém mesmo ninguém. A gente vive não é caminhando de costas? Rezo. O que é, o que é: existível como fundo d'água. Agora eu cismo que o cego Borromeu também só do que já sabia era que indagava. Se não, se não, o senhor verse, como bula santa; a cita não é revelável:?

Macambira das estrelas,
xique-xique resolveu:
— Quixabeira, bem me queira,
quem te ama, Bem, sou eu...

Soletrei tudo. Assim ele cantava. Atrás, o menino Guirigó, se envelhecendo, sobre outro cavalo. E a mulher do Hermógenes, montada também, magra malvaz, como podia estar indo em cima duma nuvem. Ela desenrolava a cara, daquele xale verde, sem vexame nenhum, e o que espiava da gente era por riba do queixo. Quem sabe do orgulho, quem sabe da loucura alheia? Ela comia, ela bebia; em um tempo, prazida e moça, tinha se casado. Só com desgosto dos prazos da vida foi que enxerguei aquela mulher... Coisa dita não disse. A pois. O dia estava por dado. Sol rachava os barros. A mulher, o menino e o cego — aqueles saíram, tocaram. Estavam por ordem minha trazidos do brugo do morro, mas sendo levados, sempre de guarda, para o arraial do Paredão: estipados com conduta de dez homens.

Esta é que era a razão: que o Hermógenes, da banda do poente, podia vir. Viesse feito! Como que estavam engrossados com quantidade de bandidos jagunços — se soube — e alguns daqueles, escapes com vida do Tamanduá-tão, já devia de ter ido a ele, levasse aviso. Soltei a faro meus vigiadores — para ter as distâncias vindo medidas. Ah, mas, demeio a parte-do-poente e o Paredão, a passagem certa era um lugar muito plausível, no morro, e que se chamava o Cererê-Velho. Aonde fomos.

Estugados, em boa marcha. Até que o mormaço bateu as asas. Deu trovão, com ventos trapes. Dizendo todos, disso, que ia breve chover — para minha desvantagem. Em beira do mato, no Cererê-Velho, se trabalhou com facão em ramagem e cipó, armando tipoias e latadas. Como que melhorou a experiência do tempo, adiando; esbarrou o vento rufado. Mas aquele trabalho nosso era carecido, folgar não se pôde; nem para palavra minha com Diadorim, que era de todo dia; conforme bem alembro. Noitou. Conforme fui dormir, recansado de falfa. Dormir por pouco. Conforme foi, e que o meu espírito não queria. Que, de repente, acordei.

Madrugada de meia-noite. A lua já estava muito deduzida, o morro e o mato misturados. Relanceei em volta. Todo o mundo dormindo. Só o chochôrro mateiro, que sai de debaixo dos silêncios, e um *ô-ô-ô* de urutau, muito triste e muito alto. Depois, ouvi o uivado inteiro dum cão. Os

companheiros todos dormindo, acordado só eu, alevantado de noite. Pesou por diante de meu coração. Devi àquele cão mal-uivante? Ideia tristezinha, que me veio. Por que era que só eu tinha acordado, desoras, tão antes de todos?

Mas eu mesmo queria prosperar de olhos abertos, carecia. O que produzia, era eu aguentar até passar o arrocho no coração. Deus que me punia — que hora tem — ou o demo pegou a regatear? E entendi que podia escolher de largar ido meu sentimento: no rumo da tristeza ou da alegria — longe, longe, até ao fim, como o sertão é grande...

Arte que espiei arriba, levei os olhos. Aquelas estrelas sem cair. As Três-Marias, o Carretão, o Cruzeiro, o Rabo-de-Tatú, o Carreiro-de-São-Tiago. Aquilo me criou desejos. Eu tinha de ficar acordado firme. Depois, daí, vi o escuro tapar, de nuvens. Eu ia esperar, fazendo uma coisa ou outra, até o definitivo do amanhecer, para o sol de todos. Ao menos achei de tirar, do too da noite, esse de-fim, canto de cantiga:

Remanso de rio largo...
Deus ou o demo, no sertão...

Amanheceu com chuva. Mundo branco, rajava. Deu raio, deu trovão, escorremos água; e tudo que se pensou ou se fez foi em montes de lama. Diz o senhor, sim: assim é dia-de-véspera? Receio meu era só pela fuga de cavalos. Escapulissem — eles sabem como o Gerais é espaçoso; como no Gerais tem disso: que, passando noite tão serena, desse de manhã o desabe de repente daquela chuva... E igual, de feito, que antes do meio-dia estiou, calibre que ventava. Sol saído; e é ligeiro, a gente vendo, que essa areia seca seus estados... Medi horas. Só o cruzo de meus cavaleiros, amontados todos, enchendo e povoando o saco-de-campo, como abelhas na umburana... Surjo que sabiam o que não sabiam: eles estavam desinquietos em modos.

E os vigieiros chegando, conforme voltavam da espiação, mesmo molhados ensopados. Um disse: — “Por longe, não estando viajando para cá... Só se com retardo...” Adonde estava o Hermógenes? O céu botava mais nuvens. Daí, outro: — “Deles, nada...” E eu expedi ainda outros: que saíssem e fossem e vissem, mais mestres, batessem aquelas beiradas de maior mundo. Que modo que senseei, do vazio do tempo em redor — e que eu entredisse: — “O Sertão vem?” Vinha. Trinquei os dentes. Mordi

mão de sina. Porque era dia de antevéspera: mire e veja. Mas isso, tão em-pé, tão perto, ainda nuveava, nos ocultos do futuro. Quem sabe o que essas pedras em redor estão aquecendo, e que em uma hora vão transformar, de dentro da dureza delas, como pássaro nascido? Só vejo segredos. Mas que o inimigo já estava aproximado, eu pressenti: se sabe, pela aperreação do corpo, como que se querendo ter mais olhos; e até no que-é do arraigado do peito, nas cavas, nas tripas. O Hermógenes estava para arremeter, de rancor, se mexendo nos escuros. A guerra estava aprazada em batalha, ali no Cererê-Velho? Mas meus homens, os troados brabos jagunços, por uma palavra minha desatribulados, agora ao ar que esperavam por mim.

E aí foi quando veio o Suzarte, que desde depois do Tamanduá-tão tinha saído enviado até mais longe, para espreitar e espiar, como cachorro correndo os ventos. Chegou, parecia galopando num cavalo já morto. Esbarrou. O cavalo baio, como desmanchado — que arqueava triste as pernas dianteiras — descansou tudo no chão, que da boca e das ventas ajorrava sangue: rebentado dos estômagos e dos peitos. Mas o Suzarte, que antes do ranger-sela já tinha escapado os pés das estribeiras e pulado solerte no chão, tomou um átimo, e relatou: — "Eles estão." E — para o resto — ele apontou com o dedo.

O Hermógenes, mór maldito! Ele vinha errado de mim, os hermógenes, eles. Davam arte de contornar da banda do norte, às tantas. O Suzarte tinha avistado, no dia antes, o movimento dos vigias costaneiros, e definido, de remoto, o corpo do bando: poeira duns oitenta... Era o Hermógenes. Contornava, feito gavião, vônje, como comigo não tinha nenhuma lei de combinação; e esse era o direito dele, de às-avessas de guerra! A um mal, o mal; mas o perigo de astúcia aquela hora mudava maior de lugar. Porque eles podiam vir e sobrevir. Ou menos retos; ou, mesmo — enquanto a gente parava ali, oferecidos, em cama-de-caça — também eles dispunham de revirar, de supêto, no Paredão, por outra banda, e arrebatar a Mulher, contra meus só dez homens, fazer o que quisessem, e para depois emendarem caminho para o Cererê-Velho, em nós, com toda retaguarda... Revesti isso, num relance. Arvorei a minha chefia. Meus jagunços esperavam a certa decisão: aí eles nem me olhavam. — "*Maximé...*" — eu disse. Resumi. Apre, o que eu ia dizendo, no meio do som de minha voz, era o que o umbigo de minha ideia, aos ligeiros pouquinhos, manso me ensinava. E era o traçado.

Tanto que dei ordem. Repartição de gente — se carecia —: determinei assim. Metade — metade. Os com João Goanhá e João Concliz ficavam, altos, no Cererê-Velho, cumprindo espera afôita. E chamei os outros, e Marcelino Pampa de soto-comando: rompemos para o Paredão. Tudo se quatreou num pronto, no volver-voltear dos cavalos. Já um giro dava nos campos, já a gente se esquipava. E, Diadorim, que vinha atrás de mim uns metros, quando virei o rosto vi meu sorriso nos lábios dele. Íamos redeando resolutamente, dando as costas para o sol-entrando. Dividi ideia da guerra que ia ser, no brutalhal. Vindo a cavalo assim, era que eu pensava melhor, nas menos margens.

Do Cererê-Velho até no Paredão, seis léguas; e eu tinha de deixar ao menos um homem em cada meia-légua, em estação, para em caso serem capazes de traspassar recado, de tudo por tudo, com a rapidez da guerra. Eu fiz, só ia sendo. Todo o resto, que viesse, todo o igual. E meus homens cumpriam, capitalmente. Alegria do jagunço é o movimento galopado. Alegria! Eu disse? Ah, não, eu não. O senhor de repente rebata essa palavra, devolvida, de volta para os portos da minha boca...

Que foi, o dito?

Novas novidades.

Conforme vínhamos, a sério tocar, e já a bem uma légua do Paredão se estava, quando apareceu o Trigoso. Esse retornava de traquejar as beiras da banda do sul, e estivesse jejuno vírgem de toda nossa ciência derradeira. Do Hermógenes nem nada sabia — pois, justo. Mas queria por força relatar. Disse coisas sem proveito. Disse. Carecia de impor no meu espírito o rebuliço, de esfriar em mim o sangue nas veias?!

— “...No Saz — uma veredinha, três léguas abaixo — Chefe... Vaqueiro que achei, que me disse, remendando mensagem: que é um homem, chamado Abrão, com uma moça bem arrumada... Que vêm vindo, beiradeando o rio, e a tralha deles trazem em dois burros cargueiros, e condução de dois camaradas...”

Ele falou. E foi a coisa mais de repente, na minha vida. Otacília! Como tudo neste mundo podia ser, e como a minha mente tinha logo puxado de arranco, das palavras do Trigoso, todo verdadeiro significado! Inteirei, comigo: — *Seô Habão? Vigia se ele não traz consigo uma donzela formosíssima, ou se traz em-apenas desilusão*... E o Trigoso disse, estava dizendo completo. Ela era! Otacília. Otacília. Eu tinha de escutar, outra vez, o Trigoso da verdade das coisas menos sabia. Imaginar, eu imaginava.

Otacília — a vinda dela, sertão a dentro, por me encontrar e me rever, por minha causa... Mas achava a guerraria de todos os jagunços deste mundo, raivando nos Campos-Gerais. Terríveis desordens em volta dela, longe saída de casa de seu pai, sem garantias nenhumas... Que proteção ia poder dar a ela esse seô Habão, com dois pobres camaradas perrengues, tudo tão malaventurado, como se estavam? Enguli amargos. Me rodeavam meus homens, o silêncio deles me entendia, como bem cientes. Reperguntei: quem sabe, se assim paravam na beira do rio, se então não deviam de ter retrocedido caminho, se encaminhando também para o Paredão?

— "Ah, que não, Chefe. Vaqueiro me disse: de lá para lá, iam indo... Fugindo do perigo para o perigoso... E, no Paredão, mesmo dito, já não tem mais pessoas de séde. As famílias todas, e os moradores, camparam no pé, desgarrados, assim que o medo chegou lá... O medo é demais de grande..."

Estremeci, mor. Eram as horas. Só de ouvirem falar no vago do Paredão, meu povo afastava os cavalos, já querendo regalopar. Entendi e mais entendi, rodei mão na cara. Incerteza de chefe, não tem poder de ser — eu soubesse bem. Mas, era eu ali, em sobregovêrno, meus homens me esperando, e lá Otacília carecendo do meu amparo. E a guerra que podia dar de recomeçar, na boca dum momento, ou antes. Que de mim? Que diversas honras diferentes homem tem, umas às outras contrárias. Na estreitura, sem tempo meu, eu podia desdeixar meus homens? E tinha de ir. Não por bons-e-belos, ah. Mas minha Otacília vinha, em hora tão despertencida, de todas a vez pior. Eu podia requerer amor: — *Me dê primavera?* Vi tudo indeciso de mim, estarrecido — as pedras pretas no meio do capim, o campo esticado. Só fiz que no forte do sentir eu pudesse era este ameaço de reza: — *Me dê o meu, só, e que é o que quero e quero!...* — ao Demo ou a Deus... A lá eu ia. Otacília não era minha nôiva, que eu tinha de prezar como vinda minha mulher? Meio do mundo.

Vai, e eu disse: lá ia, no vou e volto; e já mesmo. Se diz — era um pulo. Para revir e dar guerra, tempo havia de ter. Os outros fossem, para o Paredão, tocassem. Já estava escurecendo.

Só mais que, nesse propósito, muitos acharam de me acompanhar: alegando que, à tal coisa, como chefe, eu carecia de não querer sozinho ir. Abanei cabeça. Em assim, aceitei dois: Alaripe e o Quipes — companhia que me bastava. Eu não ia desarrumar negócio, afracar o forte de minha

gente, com mais homens arrecadados. E sendo o de ser. Arremessei ordens, joguei meu cavalo.

Porém, porém: e esbarrei, em saída. Esbarrei, para repontar Diadorim, que vinha vindo. — *A lá, que é?!* — eu disse, asp'ro. Diadorim quisesse me acompanhar, eu duvidava, de que motivos. Não me respondeu. Li nele a forma duma ira, como apertou os olhos em direitura do campo. — *Tu não vai para o Paredão, tu teme?* — eu ainda buli. Diadorim me empaliava, a certas. O ódio luzente, nele, era por conta de Otacília... Ele me ouviu e não disse, ladeando o cavalo. Mirou meio o chão; vergonha que envermelhou. Agora ele me servia dáv'diva d'amizade — e eu repelia, repelia. Mas, fora de minha razão, eu precisei com urgência de ser ruim, mais duro ainda, ingrato de dureza. Invocava minha teima, a balda de Diadorim ser assim. — *Tu volta, mano. Eu sou o Chefe!* — pronunciei. E ele, falando de um bem-querer que tinha a inocência enorme, respondeu assaz:

— "Riobaldo, você sempre foi o meu chefe sempre..."

Ainda vi como ele — com a mão, que era tão suave em paz e tão firme em guerra — amimava o arção do selim. Repostei um feio xingo. Bramei isso, porque o azo de Diadorim me transtornava. Dei de rédea. Com um raspo de galope, peguei junto com Alaripe e o Quipes, que mais adiantados me aguardavam. Nem espiei para trás — não ver que Diadorim obedecia, mas como devia de parar estacado lá, té que o meu vulto desaparecesse. Desjustiça. Mas como a obrigação do dia me arrolava. E em tudo não pensei, tocando para ir fazer-e-acontecer, aos baques do coração. O senhor diria, dirá: como naquela hora Diadorim e eu desapartávamos um do outro — feito, numa água só, um torrãozinho de sal e um torrãozinho de açúcar... Fui, com desejos repartidos.

Tropear cavalgada — nós três: o Quipes, Alaripe e eu — meio a esmo, isso é que se tinha. Refiz o frio da ideia. Mas, nos primeiros ares, nem consegui. Eu despropositava. — *Diadorim é dôido...* — eu disse. Todo me surripiei, instanteante: tanto porque "Diadorim" era nome só de segredo, nosso, que nunca nenhum outro tinha ouvido. Alaripe só fez que susteve cara de não entender, e disse somente: — *Hem?* Mas, aí, eu desmanchei o encoberto, dado dando o do passado, me desimportava; consoante expliquei: — "Diadorim" *é o Reinaldo...* Alaripe ficou em silêncio, para melhor me entender. Mas o Quipes se riu: — "*Dindurinh'... Boa apelidação*. Falava feito fosse o nome de um pássaro. Me franzi. — *O*

Reinaldo é valente como mais valente, sertanejo supro. E danado jagunço... Falei mais alto. — *Danado...* — repeti. Alaripe, por respeito, confirmou: — *Ah, danado é...* Por que era que não dava outro jeito, d'ele comigo conversar, que não fosse com essas reverências?

E a noite já tinha completado escuro, sem lua ainda aparecida, eu não podia avistar a cara dele como formava opinião, as palavras que eu falei ficaram sendo sem dono. — *Otacília é minha nôiva, Alaripe. Se alembra dela?* Antes de outros silêncios, ele me respondeu: — *Alembro... Lá é um fazendão bom...* Até me desgostava o modo zeloso do Alaripe sempre guiar o caminho, cuidados com que separava os galhos e ramagens de árvore, para o meu cômodo de seguir. E a gente estava quase a passo em passo. Donde de conversar desisti muito. A que a qual a escuridão tapava toda boca.

Aonde para que eu ia? — e carecia de ir, conforme meu dever. Mas minha Otacília não devia de ter escolhido justa essa ocasião, tão destacada de propósitos, para vir aventurar entre homens de morte essa delicadeza, sem proteção nenhuma, filha-de-família... Alaripe e o Quipes não descuidavam de tomar tento em tudo, nos lados, no arredor — figurável que era tempo de guerra, em brenhas de noite, e algum inimigo menos-se-espera podia surgir para o mal. Aonde se ia? Rumo dado, reto em cima da Vereda do Saz, ou seguir seguido, rio Paracatú arriba? Tudo como que tudo se me dava à raiva — tanto por causa desse vaqueiro, trazedor de relatos. Nem eu soubesse certo se era o seô Habão, se era Otacília...

A quase metade do céu tinha suas estrelas, descobertas entre os enuveados para chuva. O setestrêlo, no poente, a uma braça: devia de regular umas nove horas. Nesse ponto, deu de se ouvir um rumor grande, para dentro do cerrado, removendo nas galharias. Só fizemos que esbarramos, rifles em mãos. — *É anta...* — o Quipes disse, conhecedor alertamente. Alguma onça, à espera de lua. Otacília a tudo estava exposta, por culpa de maus conselhos. — *O seô Habão entregou a ela a pedra de ametista...* — eu falei. Alto falei; e não queria que o Alaripe ressoasse: "...entregou a ela a pedra..." Isto é: a pedra era de topázio! — só no bocal da ideia de contar é que erro e troco — o confuso assim. Diadorim sofria mais de tudo, quem sabe, por conta da dávdiva daquela pedra. Otacília não devia de ter vindo. Eu... Essas andanças! Agora, aonde era que se ia encontrar viajor, ou aquele berda-mãe de vaqueiro, para obrigar a definir notícia? Mas o vaqueiro aquele não teria o certo pouso. Só atrás de seu

gado urucuiano. Todo o mundo se fugia, do Paredão e de toda parte, suas trouxas nas costas. A quando se divisou um foguinho adiante no campo, seja que pensei: gente arranchada no ar, em caminho para lugar nenhum... Não era. Somente foguinhozinho avoável assim azulmente, que em leve vento se espalhava: fogo-fá, jan-dla-foz. O que não se achava, o que eu pensava. Eu era diferente de todos? Era. Susto disso — como me divulguei. Alaripe, o Quipes, mesmo o calado deles, sem visagens, devia de ser diverso do meu, com menos pensamentos. Era? Sei que eles deviam de sentir por outra forma o aperto dos cheiros do cerradão, ouvir desparêlhos comigo o comprido ir de tantos mil grilos campais. Isso me dava ojeriza, mas também com certo consolo — misturado. Como quando viajando assim, no escuro da noite, a ideia da gente cheia de atormentamentos, e de repente o cavalo bufa, batendo o vulto da cabeça branquenta, e chamando atenção para o cheiro do suor dele, que vale por uma persistência, com paciência de responsabilidade... Aquela noite estava podendo mais do que a minha decisão? Soubesse não sei. Noite lembrada em mim, de sereno a orvalho.

Revi madrugar, quando esbarramos, na beira duma vereda pagã, por repouso. Aurora: é o sol assurgente — e os passarinhos arrozeiros. Cá o céu tomou as tintas. Aí retoquei muita lembrança madraça, como se estivesse no antigamente. Fez falta foi um café; mas comemos farofa, bebemos gole d’água. O Quipes apanhou araticúm maduro, ele vivia cuidando de achar as frutas em árvores e môitas. E Alaripe ajuntou gravetos e acendeu um fogo; só por calor e costume, só, que não se tinha o que quentar nem assar. Medito como aos poucos e poucos um passarinho maior ia cantando esperto e chamando outros e outros, para a lida deles, que se semêlha trabalho. Me passavam inveja, de como devia de ser o ninho que fizessem — tão reduzido em artinha, mas modo mandado cabido, com o aos-fins-e-fatos. E o que pensei: que aquela água de vereda sempre tinha permanecido ali, permeio às touças de sassafrás e os buritís dos ventos — e eu, em esse dia, só em esse dia, justo, tinha carecido de vir lá, para avistar com eles; por quê que era? Bobeia... Eu estava cansado, com uma dôr na ilharga.

Por desenfastiar, conversei. — *A veja, Alaripe: que nome será que esta vereda havia de ter, o que merecesse denominado?* Alaripe, agachado ali mesmo, se virou para mim, esbarrando de assoprar o fogo: — *Figuro que ela algum nome já tem, só que não se saiba. A modo que, pegando algum*

morador de por perto, se indaga... — ele melhor me respondeu. Mas eu contradisse que não se precisava. Forrei chão, para um cochilo. De qualquer jeito, a paragem ali tinha de ter demora, carecia de se dar um lombo aos cavalos. Para o que o dia ia ser, eles requeriam um descanso, e pastar; cavalo são desdenha de dormir, o senhor sabe: bicho que só come, come, come. O sono me conseguiu. Ferrei em mais de umas duas horas.

Por que tudo refiro ao senhor, de tantas passagens? Ah, pelo que quando acordei, retenha o seguinte. Acordei sentido e mal à parte. Amargava. Devia de ir ter cólicas. As ânsias essas, mesmo com outro cansaço. Feito sem repouso nenhum, daquelas horas. Assim: eu sem segurança nenhuma, só as dúvidas, e nem soubesse o que tinha de fazer. Acordei foi com o vozeio de Alaripe e o Quipes, que já esperavam por mim, e estavam naquela pauteação trivial deles, coisas sem nenhum fundamento. Depois, Alaripe tirou da capanga um vidro que tinha cachaça dentro, me ofereceu o primeiro gole. Era um vidro meão, claro, feito remédio de frasco. Com alívio, tomei. Mas era um alívio mesmo assim triste, e eu descri; eu quis discorrer qualquer noção. — *O que é que tu acha do que acha, Alaripe?* Ele não me conheceu: principiou a definir do Paredão, do Cererê-Velho, do Hermógenes. Atalhei: — que não isso; que da vida, vagada em si, no resumo? — *A pois, isto... Homem, sei? Como que já vivi tanto, grossamente, que degastei a capacidade de querer me entender em coisa nenhuma*... Ele disse, disse bem. Mas eu entiquei: — *Não podendo entender a razão da vida, é só assim que se pode ser vero bom jagunço*... Alaripe esbarrou, como ia quebrar em duas uma palma seca de buritirana. Me olhou, me falou: — *Se só de entender, cá comigo, eu entendo. Entendo as coisas e as pessoas*... Respondeu, disse bem. De mim, então, entendia? Desjuízo, que me veio. Eu ia formar, em roda, ali mesmo, com o Alaripe e o Quipes, relatar a eles dois todo tintim de minha vida, cada desarte de pensamento e sentimento meu, cada caso mais ignorável: ventos e tardes. Eu narrava tudo, eles tinham de prestar atenção em me ouvir. Daí, ah, de rifle na mão, eu mandava, eu impunha: eles tinham de baixar meu julgamento... Fosse bom, fosse ruim, meu julgamento era. Assim. Desde depois, eu me estava: rogava para a minha vida um remir — da outra banda de um outro sossego...

Pensei; quase disse. Aquilo durou o de um pingo no ar. Eu havia de? Ah, não, meu senhor. Deu um momento, me tirou disso; e tanto bastou. Doidice, tontura de espírito... — eu repensei, reposto em pé. Xô! O

ypsilone dum jegue eu era — zote, do que arrenego, cabeça orelhalmente? Ali eu era era o Chefe, estava para reger e sentenciar: eu era quem passava julgamentos! Então, falei:

— "Vão sozinhos, vocês dois, beira-rio, procurando. Eu não posso ir mais, por meu dever. Retorno, já, para o Paredão..."

Alaripe ainda cruzcruzou: — "A gente — pode ser que lá a gente faz falta..."

Mas eu fechei. Sendo o que eu mesmo não podia, ao menos esses eu mandava. Fossem, já fossem. Eles tinham de encontrar a minha Otacília, a ela render boa proteção. Amontamos, os três. Ainda esperei a saída deles.

Até me lembro de que, escabreado, na hora de saudar e tocar, Alaripe ainda apontou para a linha de mato, vereda-acima, achando: — *Como que avisto, por detrás d'árvores, passar a marcha dum cavaleiro*... Não era. Não era, porque o Quipes não viu, conforme confirmou que não viu; e o Quipes tinha olho de gavião-grande. Aí, pensei: será, o Alaripe estava sendo um homem se envelhecendo? Amigo meu — e meu estranho. Até me lembro, pensei assim.

Retornei, enquanto eles dois iam para a outra banda. Agora eu mudava, para motivos: chega estremeci de influência, aos aos-ares de guerra. Deixei de parte a cisma, do mesmo jeito com que, ainda fazia pouquinho, eu tinha afrouxado ânimo; ah, a gente larga urgente o real desses estados. Agora minha alegria era mais minha, por outro destino. Otacília ia ter boa guarda. E então, por uma vez, eu peguei o pensamento em Diadorim, com certo susto, na liberdade. Constante o que relembrei: Diadorim, no Cererê-Velho, no meio da chuva — ele igual como sempre, como antes, no seco do inverno-de-frio. A chuva água se lambia a brilhos, tão tanto riachos abaixo, escorrendo no gibão de couro. Só esses pressentimentos, sozinho eu senti. O sertão se abalava?

Desfechei. Naquela corrida, meu cavalo teve as dez pernas. E cheguei no Paredão, na derradeira boa-luz da tarde.

Diadorim, me esperava, demais. Ainda vi a alegria no rosto dele.

O Paredão. O senhor ponha. Como esvoaça mosca gorda, de donde se matou boi. Tudo estava perfeito tranquilo. Diadorim — com chapéu xíspeto, alteado. Nele o nenhum negar: no firme do nuto, nas curvas da boca, em o rir dos olhos, na fina cintura; e em peito a torta-cruz das cartucheiras. Os mais, zelando nas armas, corriam os dedos, apalpavam por afago. Conversei com todos. Aqui a guerra — que queriam guerra.

Assim os meus catrumanos: quais as caras deles iam ficando de demônios; mais feio no demônio é o nariz e os beiços...

Conferi as sentinelas. Fui ver onde tinham botado a Mulher — ela fechada num quarto, no sobrado. Ficasse remetida lá, sobpé de guarda. O sobrado marcava o meio quase da rua. Mas, para a gente em armas, de que é que valia aquele arraial inteiro, tão vazio? Determinei: deixar lá mesmo só uns poucos, como vigias. Tanto o resto todo, para um ponto viemos, circunstância de umas duzentas braças, aonde um lugar mais alto desenhado, que seria para porta dos caminhos e apropriado para ali se resistir. Formamos bons preparos. Minha mãe vivesse e viesse, ela mesma por nenhum descuido mero não havia de poder me reprovar.

Assim apreciei a gente — às mansas e às bravas — a minha jagunçada. Agora eles estavam arrumando o mundo de outra maneira. Tudo se media munição, e era fuzil e rifle se experimentando. A guerra era de todos. A juízo, eu não devia de mestrear demais, tudo prescrevendo: porque eles também tinham melindre para se desgostar ou ofender, como jagunço sabe honra de profissão. Dos modos deles, próprios, era que eu podia me saber, certificado, ver a preço se eu estava para ser e sendo exato chefe. Com modos, eu falasse: — "Olh', vigia, fulano: aí está bom; mas lá acolá não é melhor?" — e receava que ele respondesse, me explicando por que não era, não. Eu questionava, comigo, que eles deviam de lavorar maior raiva. Raiva tampa o espaço do medo, assim como do medo a raiva vem. Reparei isto: como nenhum não citava o nome do Hermógenes. Aí estava direito — que no imigo, em véspera, não se prosêia. Mal que um disse: — "*Ele não é laço: — é argola...*" — Ou outro, que: — "*Ele adôida...*" Mas os mais não glosavam. Com o que prazi. Gastura que eu tinha era só de que, a ventos vai, um fosse acrescentar: — *...Ele é pactário...*

Ah. E que fosse? Menção não era de se afirmar, regalia nenhuma. Pois o demo não é de todos?! Alt'arte abri o meu maior sentir: que eu havia de ter a vitória... Dali, o Hermógenes não saía com vida, maneira nenhuma, testamental. Tive ódio dele? Muitos ódios. Só não sabia por quê. Acho que tirava um ódio por causa de outro, cosidamente, assim seguido de diante para trás o revento todo. A modo que o resumo da minha vida, em desde menino, era para dar cabo definitivo do Hermógenes — naquele dia, naquele lugar. Pelejei para recordar as feições dele, e o que figurei como visão foi a de um homem sem cara. Preto, possuindo a cara nenhuma, feito

se eu mesmo antes tivesse esbagaçado aquele oco, a poder de balas... E tudo me deu um enjoo. Tinha medo não. Tinha era cansaço de esperança.

Também eu queria que tudo tivesse logo um razoável fim, em tanto para eu então poder largar a jagunçagem. Minha Otacília, horas dessas, graças a Deus havia de parar longe dali, resguardada protegida. O tudo conseguisse fim, eu batia para lá, topava com ela, conduzia. Aí eu aí desprezava o ofício de jagunço, impostura de chefe. Sei quem é chefe? Só o gatilho de arma-de-fogo e os ponteiros do relógio. Sensato somente eu saísse do meio do sertão, ia morar residido, em fazenda perto de cidade. O que eu pensei: ...rio Urucúia é o meu rio — sempre querendo fugir, às voltas, do sertão, quando e quando; mas ele vira e recai claro no São Francisco... Agora, Alaripe e o Quipes, regulando, deviam de já ter achado a minha Otacília, demais, pelo Paracatú-acima, tão longe; e até semelhasse invenção, isto que, na madrugada, eu mesmo também tinha estado em caminho de lá, em tão precipitados surtos. Artezinha. Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubú, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas...

Nessas e noutras muito extremadas coisas eu tornava a pensar, o espírito em meia-mão, por diante permeio os outros meus entretimentos de-verdade. Agora tudo estava pronto, das obrigações — afora a de esperar, que é a que regasta e se recoze. A noite foi se esquentando assaz. Ali também, por avisante, não se acendia fogueira. Mas o campo esparramava muito vagalume. Os homens formando grupos, acocorados assim, eles conversavam. O quase que o legal, agora, era de se caçoarem uns dos outros, desafiando quem fosse ser medroso ou duvidado na coragem. Razão disso meava uma confiança, a mais, eu escutando satisfeito aquelas bobices com que eles porfiavam: — “*Caranguejinho, sem cachaça tu vai?*” “*— Eh, não: tu! Vai saudar o gado!*” Pelos risos e debiques que divertissem, de todos eu percebia a forte certeza. Cada cada-um, dali pouco, ia ser perigoso, de nele se encostar, feito um sapo que espirra. — “*Que te falo: amarra o burro, que a carga é sua...*” “*— Minha, a carga está salva... Mal a bem, oxente, quero é ver o que vou ver...*” Assim se zé-zombavam. Aos ditos ditados, feito estivessem jogando um truque, sem baralhos nenhuns. Por que é que aquilo me comprazia? E Diadorim parava calado, próximo de mim, e eu concebia o verter da presença dele, quando os nossos dois pensamentos se encontravam. Que nem um amor no ao-

escuro, um carinho que se ameaçava. — “*...Tiroteio fêrvo, se será! Aí é que vou ver um mais menino que o J’bibe...*” “*— Se tu não sabe, você vai saber: que eu já fiz minha fama...*” “*— Jiribibe? Pois, aquele, eh: ele pede esmola ao rei...*” E reproduziam muitas essas gaitagens. Agora estavam acostumados com a hora do lugar, e para qualquer repente refrescados. Igual a um gado — que vem num pasto novo, e anda e fareja, reconhecendo tudo, mas depois tudo aceita e então começa a resfeição. Agora, agora, sim, meus homens estavam em ponto de fogo. Melhor mesmo não irem dormir, antes de forte sono, por se evitar espertina de criatura sozinha, em espera de possível má morte. Tive pena deles? Disser isto, o senhor podia se rir de mim, declarável. Ninguém nunca foi jagunço obrigado. Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme.

Vai, vai, uma hora eu perguntei a Diadorim: — “*A Mulher dissesse alguma coisa?*” Isto eu não sabia por que era que estava indagando. Aí eu não queria ciência de se a Mulher tivesse falado alguma coisa trivial. Eu quisesse achar de saber — era se ela alguma doidice de profecias havia de ter pronunciado? Diadorim disse: — “*Não.*” Mas ele devia de estar curtindo outro instar de outro assunto. Sustido eu sabia: o que era dele sempre pensar — o imaginável de Otacília... Depois de remedir o tamanho de um silêncio, ele mesmo veio: — *E o Alaripe, mais o Quipes; aonde foi que ficaram?* Esse ciúme de Diadorim, não sei porque, daquela vez não me deu prazer de vantagem. E eu desdenhei, na meia-resposta: — *Por aí...* — que eu disse. Aí era o cão da noite, que meu beiço indicava. Vagalumes, mais de milhar. Mas o céu estava encoberto, ensombrado. Sofismei. Meio arrependido do dito, puxei outra conversa com Diadorim; e ele me contrariou com derresposta, com o pique de muita solércia. Me lembro de tudo. O que me deu raiva. Mas, aos poucos, essa raiva minou num gosto concedido. Deixei em mim. Digo ao senhor: se deixei, sem pêjo nenhum, era por causa da hora — a menos sobra de tempo, sem possibilidades, a espera de guerra. Ao que, alforriado me achei. Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da ideia. Diadorim — mesmo o bravo guerreiro — ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza — o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser decreto, é, para destino

destinar... E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ele fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer — pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação — por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um o outro. E tudo impossível. Três-tantos impossível, que eu descuidei, e falei: — *...Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor de seus olhos...* —; o disse, vagável num esquecimento, assim como estivesse pensando somente, modo se diz um verso. Diadorim se pôs pra trás, só assustado. — *O senhor não fala sério!* — ele rompeu e disse, se desprazendo. "O senhor" — que ele disse. Riu mamente. Arrepio como recaí em mim, furioso com meu patetear. — *Não te ofendo, Mano. Sei que tu é corajoso...* — eu disfarcei, afetando que tinha sido brinca de zombarias, recompondo o significado. Aí, e levantei, convidei para se andar. Eu queria airar um tanto. Diadorim me acompanhou.

Era uma noite de toda fundura. Estava dando um vento, esquisito para aquele tempo, por ser um vento em-hora do lado suão, em-hora do norte, conforme se riscando um fósforo, ou jogando punhado de areia fina clara para cima, se conhecia. Andamos. Mas, agora, eu já tinha demudado o meu sentir, que era por Diadorim uma amizade somente, rei-real, exata de forte, mesmo mais do que amizade. Essa simpatia que em mim, me aumentava. De tanto, que eu podia honestamente dizer a ele o meu bem-querer, constância da minha estimação.

Não disse. Por quê que não disse, foi porque o perigo da ocasião me invocou: achei que podia ser agouro, em véspera de guerra, a conversa afeiçoada assim. Diadorim — em que era que ele devia de estar pensando?; é o que eu não soube, não sei, à minha morte esta pergunta faço... Como certo é que só do sem-mais de coisas falamos, sem nenhuma expedição. Até que o vento revirou: mudando inteiro, que vinha era só do norte, conforme neste lado da minha cara ele só se fez quente, refrescando. O sertão ventou rouco. Com formas que logo se ajuizou de poder supravir chuva forte, e carecido foi que determinamos de retornar com tudo, para se ir dormir mesmo nas casas do arraial, só uns poucos homens de vigia se deixando naquele alto, a padastro. E isso era o exato, mas me aborreceu demais e me cansou, mais do que as outras peripécias. Consabido que na noite antes eu tinha viajado em todo regime das estrelas, e mais ainda no

dia, afora as duas ou três horinhas de sono, de madrugada. Foi eu ver um catre, e me trespassei. Ainda disse uma recomendação: que, tirante caso resoluto, em hora qualquer não me chamassem. Dormi mortalmente. Essa, foi noite que eu dormi: sendo o chefe Urutú-Branco, mesmo dizer — o jagunço Riobaldo...

Acordei último. Alteado se podia nadar no sol. Aí, quase que não se passavam mais os bandos de pássaros. Mesmo perfiz: que o dia ia dever ser bonito, firme. O calor fortalecia, e logo ia se secando o chão, umas poças de lama e as árvores com gotêjos — porque de noite tinha caído uma bruega. Bebi café, comi um naco de carne gorda, repassada na farinha, mastiguei um taco de rapadura. Enquanto vi, meu pessoal discorria na mesma disposição, influentes como antes. Tornamos para o ponto demonstrado de espera, cada um caçando seu atrincheirado. Chegou o Cavalcânti, vindo do Cererê-Velho, com recado: nenhumas novidades. Para o Cererê-Velho recambiei aviso: nenhumas novidades, minhas também. O que positivo era, e do que os meus vigiadores do rededor davam confirmação. Antes, mesmo, por mais, que eu quisesse ficar prevenido, o dia era de paz. Todos percebessem. Era uma paz gritável. — *Será que não vão vir?* — algum maldisse, no rifle se escorando. Vez vendo, duvidei. Chegou a me dar desânimo, fato que não viessem — e a gente ter de adiar fim, recomeço, rodando por esse mundo a fora em vã caçada. — *Ah, não!* — retemperei. Homem nenhum podia deixar a mulher sojugada presa em mão de outros, e demorar desistido de ataque. Vinha que vinha, mais hora menos hora. Todos esperassem. E eu mesmo de todas minhas armas não larguei, quando desci para momento de lavar o corpo no rio. Que tão perto era. E, de lá, todo movimento dos meus eu avistava.

Dúv'do? Desavistei foi na mente, não foi dos olhos. Como que o avio de descangar as armas de sobre mim e as cartucheiras, e o vagar de tirar a roupa e remolhar os pulsos, e fazer menção para entrar na água com conforto — essas ações tiravam conta do meu estar, como um alívio de sossego. Eu tinha a certeza de paz, por horas. E o demo me disse? Disse; mas foi assim: tiros!

Choque que levei — foi feito um trovão. Começou a se bradar.

Os gritos, tiros. Que foi, mesmo, que eu primeiro ouvi? Primeiro, dum pulo bruto, eu já estava lá, pegando minhas roupas, armado prestes. E vi o mundo fantasmo. A minha gente — bramando e avisando, e descarregando: e também se desabalando de lá, xamenxame de abêlhas

bravas. Mas, por que? — eu desentendi; e tornei a entender, depressa demais: que o inimigo dera de se estourar, todo de-repentemente, da banda outra, lugar donde não devia de vir, nem ali possível de ser esperado. Eles eram quantidade. Crú e crú que avançavam, avançando, como que já iam tomar o Paredão, as casas na ponta do arraial. Estarreci. Que, na prema da minha ausência, o muito mundo se acabava. Tudo diferente da cartada. E eu sei o que é estupor: que eu tinha pegado calça e camisa em mão, e esbarrei, num demorado sem termo, no meio de me revestir, e eu num latêjo frouxo pensando: — *Não chego em tempo... Não adianta... Não chego em tempo nenhum...*

Sei lá o tanto que isso durou? E eu via o meu pessoal avançar também, com brabura e diligência, na outra ponta, a modo de impedir que o arraial fosse tomado... Porque o Paredão era uma rua só; e aquilo ficou de enfiada — um cano de balas. Mas, no mesmo ar de ar em que eu via aquilo, lavorei pensando: que eu era tonto, e burro, e idiota as mil vezes, porque agora estava perdida irremediavelmente minha ocasião, e a guerra descambava, fora do meu poder... E eu acabei de me enroupar, mal mal, e escutava essas vozes: — *Tu não vai lá, tu é dôido? Não adianta... Não vai, e deixa que eles mesmos uns e outros resolvam, porque agora eles começaram tudo errado e diferente, sem perfeição nenhuma, e tu não tem mais nada com isso, por causa que eles estragaram a guerra...* Assim ouvi, sussurro muito suave, vozinha mentindo de muito amiga minha. O meu medo? Não. Ah, não. Mas meus pelos crescendo em todo o corpo. Mas essa horrorizância. Daquela doçura nojenta de voz. E senti meu corpo muito grande. Me xinguei. Um sujeito vinha correndo, nele eu quase atirei. Desertor? Ah, não, esse o Sidurino era, correndo por um cavalo. Ah — e bem fosse! — ia voltear para o Cererê-Velho, chamar, trazer reforço, para darem retaguarda. E eu casei com meu rifle, vim, vim, vim. Desconheci temor nenhum. Vivo em vida, me ajuntei com os companheiros. Meus homens! — dei ordens. As balas estralejavam.

Foi fogo posto. Arrasar que vem de para onde não se olha: feito forte sol; e vem como sol nascendo! Rachavam lascas, espatifavam. Aí podiam descascar os arvoredos de uma dessas, floresta toda inteira... Apraz que os ares!

Ah esses meus jagunços — apragatados pebas — formavam trincheira em chão e em tudo. Eles sabiam a guerra, por si, feito já tivessem sabido, na mãe e no pai. Só se aos uivos urros, se zurrava. Aí — como tomei

chegada e peguei postura. Valia ver — comandar? Gritei: — “Chagas de Cristo!...” Os meus davam ainda outros gritos. A carabina, em mãos, coisa mexedora. A gente disparava dentro dos quintais, avançávamos. E de detrás das casas. E guardávamos o emboque da rua. Diz que lê?; diz-que escreve! Tiro ali era máquina. Aos tantos, juntos, relando — cinco deles, cinco dedos, cinco mãos. A gente tinha de caber em buracos escavacados. A cabeça da gente é que dá voltas, mesmo no esconderijo, como para se desviar. Mas não se tem medo a gasto. Eu dizia: *fré!* — e botava bililica na agulha. — *Amanso!* Eu queria que Diadorim não se descuidasse. Diadorim disse: — “Toma cautela, Riobaldo...” Diadorim se descabelou, bonitamente, o rosto dele se principiava dos olhos. Eu comandava? Um comanda é com o hoje, não é com o ontem. Aí eu era Urutú-Branco: mas tinha de ser o cerzidor, Tatarana, o que em ponto melhor alvejava. Medo não me conheceu, vaca! Carabina. Quem mirou em mim e eu nele, e escapou: milagre; e eu não ter morrido: milagremente. A morte de cada um já está em edital. Dia de minha sorte. O que digo e desdigo; o senhor escute. Mas o inimigo fuzuava — tiroteio total.

Tudo ali era à maldição, as sementes de matar. De ouvir o renje uim-uim dessas, perto de nossos cabelos — eles sobem, de si —; e chega a doer de nervoso: mas dói real, como se umas daquelas atravessassem até buracal do olho da gente, mas feito dôr que vara do céu-da-boca, por dentro dos ossos, pontudamente, igual quando às vezes se come sorvête de gelo... Era a cara pura da morte. — *Av'ave!* Marcelino Pampa, logo esse. Nem olhou ninguém. Curvou o corpo quase se quebrando em dois, ia encostar testa no chão; e largou tudo, espaireceu as mãos, e bofou da boca diversos dois feixes de sangue. Sangue dele. Semelhava que um boi nele tivesse pisado... E eu desfechei dez, para a frente, vingando fosse. Daí, vigiei. Um homem morre mais que vive, sem susto de instantaneamente, e está ainda com remela nos olhos, ranho môco no nariz, cuspes na boca, e obra e urina e restos de de-comer, nas barrigas... Mas Marcelino Pampa era ouro, merecia lágrimas dalguma mulher perto, mão tremente que lhe fechasse bem os olhos. Porque não se vê outro assim, com tão legítimo valor, capaz de ser e valer, sem querer parecer. E uma vela acêsa, uma que fosse, ali ao pé, a fim de que o fogo alumiar a primeira indicação para a alma dele — que se diz que o fogo somente é que vige das duas bandas da morte: da de lá, e da de cá... E eu peguei puxei o corpo para não ficar em cima dum vestígio de lama — porque ali de noite tinha chovido; e

Diadorim panhou o chapéu-de-couro, com qual tapou o rosto do dono. A paz no Céu ainda hoje-em-dia, para esse companheiro, Marcelino Pampa, que de certo dava para grande homem-de-bem, caso se tivesse nascido em grande cidade. Ah pá-pá! falei fogo. Aquilo em volta se arrebentava, balalhava.

Mas a gente tinha conseguido de firmar possessão — agarramos mais da metade do arraial, do arruado. O sobrado restou nosso. Com ansêio, olhei, para muito ver, o sobrado rico, da banda da mão direita da rua, com suas portas e janelas pintadas de azul, tão bem esquadriadas. Aquela era a residência alta do Paredão, soberana das outras. Dentro dela estava sobreguardada a Mulher, de custódia. E o menino Guirigó e o cego Borromeu, a salvos. Da parte de cima, das janelas, e das portas, no rés, vez a vez meus homens descarregavam. Aquele sobrado, sobradão, parava lá, sobre sereno — me prazia tudo comandando.

Ir lá?

— “Atual, em riba, estão dois: um é o José Gervásio. Em baixo, na venda, uns quatro...” — quem me informou disso foi o Jiribibe, em meu ouvido carecendo de altear voz, tanto que espingardaria estrondava.

— “Pouco é, para ações. Tu vai lá, Riobaldo...” — quem me disse foi Diadorim, em tanto. Surriada zuniu. O tutuco das balas, e as que batiam no chão, as raivosas, tirando terra.

Atirei, seco. Umas três ou quatro vezes. Carreguei em novamente.

— “Aqui é que é meu dever, Diadorim. Por o mais perigoso...” — eu falei, muito alerta. Tudo que Diadorim aconselhasse, eu punha de remissa; a modo de que com pressentimentos.

— “Tu vai, Riobaldo. Acolá no alto, é que o lugar de chefe. Com teu dever, pela pontaria mestra: que lá em riba, de lá tu mais alcança... Constante que, aqui, o negócio está garantido...” — ele disse, mansinho, de me persuadir.

Troquei o rifle-papo pelo máuser, movi mão, fogo. Nesse ato, nem sei se matei. Às artes, lá, o sobrado, que torna mirei e admirei. Meu posto? O quanto também olhei Diadorim: ele, firme se mostrando, feito veada-mãe que vem aparecer e refugir, de propósito, em chamariz de finta, para a gente não dar com o veadinho filhote onde é que está amoitado... Aquele sobrado era a torre. Assumido superior nas alturas dele, é que era para um chefe comandar — reger o todo cantão de guerra!

— “Eu vou...” —; fui.

Deixado João Curiol no meu lugar, e esse tinha muita valia. Rastejei, tomei saída, conforme tinha de ir: pelos quintais das casas. Ainda virei, relanceando. Sempre queria ver Diadorim. O querer-bem da gente se despedindo feito um riso e soluço, nesse meio de vida.

Avancei, furando os terreiros e as hortas das casas, eu debaixo de armas, nos arreios. Toda a parte ali tinha gente nossa, que com brados me saudavam: conforme vale, quando um chefe mostra mor valentia. Gente com o Jõe Bexiguento, sobrechamado o "Alpercatas". E estava lá o João Nonato — que dava boa-sorte, com o bom ar. Avancei, rompi uma cerquinha de taquara, contornei um pano de muro, onde o Paspe tinha furado os adobes, cavando torneiras. E dei fé: que o Jiribibe vinha me acompanhando. O menino bom. Os olhinhos dele a gente só via era porque eram inventados de pretos. — "Será, da banda de lá, estão bem governando, os clavinoteiros?" — ele me disse. Aí, por que me dizia? Soubesse não que o brinquedo agora era mortal? Sobre o que, se riu, me apresentando: o que era, no fofo da terra, debaixo duma roseira, um gatinho preto-e-branco, dormindo seu completo sossego, fosse surdo, refestelado: ele estava até de mãos postas... Mas, perto de mim, veio grão d'aço — que varou cheiamente um pé de mamoeiro. — "Vigia, te abaixa!" — eu ralhei com o Jiribibe. A gente ouvia a urração, ou cita seja, destemperada, dos inimigos, e um desentoar de cantiga, que toda pessoa era filho-da, segundo a qual. Aos canalhas! Mas mais xingava o Jiribibe, ripostando. Daí, depressa, ganhamos trincheiras, atrás dum fôrno de assar biscoitos: e berraram punhadão de disparos, para nosso lado, chega semelhava rajada de chuva-de-pedra. Lugar danoso! Aguardamos, deitados. — "Te foge, Jiribibe, que figuro eles têm gente atirando de cima de árvores..." — eu total aconselhei. Assim rastejávamos. E pouco faltava para o quintal do sobrado: só uma cerca miúda, com um xuxuzeiro dependurado com xuxús grandes; eram uns xuxús enormes. — "Vam' bora, Chefe!" — que o Jiribibe gritou. E caiu morto, para pra cá — acertado na testa. Não gritei, e rastejei. Ao quando dar o derradeiro lance, na porta da cozinha do sobrado, derrubei uma bacia grande, que lá em-pé encostada estava. Aí entrei. Aquela bacia atrás de mim levou uma carga de tirázios, com a qual retiniu toda, lata velha... No eu entrar, os que ali vi me saudaram: — "Epa, Chefe!" Respondi: — "Eh, êpa!" E, naquele instante, pensei: aquela guerra já estava ficando adoidada. E medo não tive. Subi a escada.

O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver — não é? — é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração?

Subi aquela escada-de-redor, escutando a madeira nos meus passos, e avisando: — "Quem evém sou eu, minha gente!" — repetido. Aquilo meio sombrio, o ar que dava era como de ser antigo dia-de-domingo. Aí, notei que eu mesmo arfava um pouco e estava com uma sede. Por lá devia de ter algum pote fresco — imaginei. — "É eu! minha gente..." — eu disse; mesmo assim eles se assustaram primeiro, depois tomaram satisfação por me ver. Os que na sala que dava para a frente da rua estavam, os quais eram: que o Araruta e o José Gervásio, nas armas; e o menino Guirigó e o cego Borromeu, assentados no banco, encostado na parede para o interno. Esses dois, muito juntos, como que tremiam um tanto; deviam de estar rezando.

— "Que e a mulher?" — eu indaguei.

O menino Guirigó queria mostrar: ela estava presa num quarto. Ela também estivesse rezando? Corredor velho, para ele davam tantas portas, por detrás duma delas tinham fechado a mulher, num cômodo. A chave estava na mão do cego Borromeu. Era uma chave de todo-tamanho, ele fez menção de me entregar; rejeitei. — "Tem talha d'água, por aqui?" — eu disse, eu tinha uma pressa desordenada, de certo. — "Diz que lá em baixo tem..." — foi o que o menino Guirigó me deu resposta. Entendi que ele curtia sede, igualmente, e querendo comigo ir — por seguro temia descer sozinho a escada. E o cego Borromeu, também, que não respondeu, mas que mexeu a boca, mole, mole, fazendo desse rumor de quem termina de mastigar rapadura. Me enjoou. Mas ele não tinha comido alguma coisa. Não tive comigo: — "Tu me ouve, xixilado, tu me ouve? Assim tu me dá respeito e agradece interesses de ter tomado conta de você, e trazido em companhia minha, por todas as partes?!" Eu disse. Ele disse: — "*Deus vos proteja, Chefe, dê ademão por nós todos... E de tudo peço perdão...*" Ele se ajoelhou. Ouvir e ver isso me embaraçasse, eu já pegava ponta de remorso. Porque esse homem, sem visão carnal, de valia nenhuma, maldade minha era que tinha sido a trazida dele, de em desde o começo de lugar onde ele cumpria sua vida. E agora ele devia de padecer o redobrado medo, concebendo que vai ou vai a gente fugisse dali, e ele para trás parasse, para

as unhas dos outros. Mas a cena desses todos pensamentos em mim foi ligeira demais, conforme não tinham geração. A meio me lembro, e conto, é só para firmar minha capacidade. Como o reslumbre, que, no tento da hora, eu prezei em Otacília, juízo vago. Como para a janela eu fui, quase que na imaginação de botar meu olhar e haver de ver, no longe tal, o lugar aonde ela andava. Conto, para o senhor conhecer quanta espécie de causa, no mover da mente, no mero da tragagem de guerra. E o José Gervásio e o Araruta, cada um em beira duma janela, agachados, carabinas em mãos, as cheias cartucheiras. Para mim era que olhavam, estudados, querendo algum qualquer sinal. E aí uma bala alta abelhou, se seguindo sozinha, muito rente, com cujo barulho de música que fez eu conheci que era de comblém. Eu tinha de dar mais espertação ainda àqueles dois. Tenência. Para uma janela me cheguei. E endureci no rifle. Em volta relanceei. Eu — o bedegas!

Saiba o senhor: eu estava ali, assim em padastro de todos, de do ar, de rechego, feito que em jirau-de-espera, para castigar onça assassinã. Vi ou não vi? Só espreitei. Dono do que lucrei, de espreitar. Uns deles, num terreiro acolá, manobravam a gosto, nas más armas. Assestei. Um era um sujeitão, muito baiano nos trajes. Do gatilho do rifle, no triz, me mandei nele. Aquele caíu tôrto; o outro completou. Assim eram três: o derradeiro percebeu que tinha céu, e correu, dando gambetas. Zumba! levou não sei quantas esburacadoras, na tampa de suas costas... Ah, ali valia; donde que eu estava. Ao mesmo quando revingaram, com umas descargas, despejadas. Dei atrás, mas sobranceei, de talaia. Fazia bem duas horas que aquela batalha tinha principiado. Se estava no poder do meio-dia.

De graça berra é o boi, tirante a vaca. Dessa daquela vez, tudo não acabava sem um fim — ferrado que o Hermógenes não era cão de desmorder os dentes; e ele vinha de cinquenta léguas! Toada tinha de ter um prazo. E há um vero jeito de tudo se contar — uma vivença dessas! Os tiros, gritos, éco, baque boléu, urros nos tiros e coisas rebentáveis. Dava até silêncio. Pois porque variava, naquele compasso: que bater, papocar, lascar, estralar e trovejar — truxe — cerrando fogo; e daí marasmar, o calado de repente, ou vindo aos tantos se esmorecendo, de devagar. Tempo que me mediu. Tempo? Se as pessoas esbarrassem, para pensar — tem uma coisa! —: eu vejo é o puro tempo vindo de baixo, quieto mole, como a enchente duma água... Tempo é a vida da morte: imperfeição. Bobices minhas — o senhor em mim não medite. Mas, sobre uns assuntos assim,

reponho, era que eu almejava ter perguntado a Diadorim, na véspera, de noite, conforme quando com ele passeei. Naquela hora, eu cismasse de perguntar a Diadorim:

— “Tu não acha que todo o mundo é dôido? Que um só deixa de dôido ser é em horas de sentir a completa coragem ou o amor? Ou em horas em que consegue rezar?”

Não indaguei. Mas eu sabia que Diadorim havia de me dar resposta:

— “Joca Ramiro não era dôido nenhum, Riobaldo; e ele, mataram...”

Então, eu podia, revia:

— “...Mas, porém, quando isto tudo findar, Diá, Di, então, quando eu casar, tu deve de vir viver em companhia com a gente, numa fazenda, em boa beira do Urucúia... O Urucúia, perto da barra, também tem belas crôas de areia, e ilhas que forma, com verdes árvores debruçadas. E a lá se dão os pássaros: de todos os mesmos prazentes pássaros do Rio das Velhas, da saudade — jaburú e galinhol e garça-branca, a garça-rosada que repassa em extensos no ar, feito vestido de mulher... E o manuelzinho-da-crôa, que pisa e se desempenha tão catita — o manuelzinho não é mesmo de todos o passarinho lindo de mais amor?...”

Podia ser? Impossivelmente.

Eu não tinha sido capaz de perguntar aqueles ensalmos a Diadorim, de fato só em coisa à-toa se conversou, trivial a respeito de munição e meus armamentos, e avio de guerra. Véspera. As horas é que formam o longe. Mas, agora, ali, em ocasiões de morte, eu repisei; e, mesmo, amontado no momento, que era que eu ia dizer a Diadorim, se perto de mim ele parasse? Hoje, não sei. Não soubesse, naqueles adiantes. Ali, por onde eu estava, eu marcava muito suave a mão da morte; feito um boiadeiro, que, em janela ou porta, ou tábua de curral ou parede de casa, por todas as partes por onde anda, carimba remarcada a amostra do ferro dele de seu gado, para se conhecer. Assim. Como lembro, que eu tinha uma dôr-de-cabeça; era uma dôr-de-cabeça forte, fincada num ái só, furante de verrumas. Aguentei. Devia de ser da sede.

Dá, deu: bala beija-florou. Zúos — ao que rachavam ombreiras das janelas, estraçalhavam, esfarelavam fasquia. Umas que caíam quase como colhidas, no assoalho do chão — tinham dansado de ricochete — e ficavam para lá, amolgadas, feito pedaço de cano, ou aveladas de maduras. Essas podiam se esfriar, de vagarinho. Perdiam sem valia aquele feio calor, que podia ter sido a vida de uma pessoa. O José Gervásio e o

Araruta recuaram para o meio da sala, me recomendaram me acautelasse. Mas eu permaneci. Disse que não, não, não. Minhas duas mãos tinham tomado um tremer, que não era de medo fatal. Minhas pernas não tremiam. Mas os dedos se estremecitavam esfiapado, sacudindo, curvos, que eu tocasse sanfona. Aí, gritei: — "Estrumes!" Deram fuzilada. Fogo fechado, as cargas de pólvora e o despejar e assoviar — como o vento ronda, no final das águas... Mesmo assim eu queria e visava, dali não saí, do vão aberto, não dando de meu poder. Desfechei bem. Por mim, meu desprezo, como essas assoviantes deles varejavam... Eu não estava caçando a morte — o senhor bem me entenda. Eu queria era a coragem maior. Macho com meu fuzil reiuno, dei salvas. Tive fechado o corpo? Quero que não; não pergunto. Não morri, e matei. E vi. Sem perigo de minha pessoa.

Aí, quando foi, momental, peguei susto: lá em baixo, muito estava demudando. Só se fez que, inesperadamente, parte do povo do Hermógenes, que tantos eram — a rascorja! — tinham alcançado de rodear por trás da minha gente, na ponta da rua, tomando retaguarda. Iam vencer, fosse possível? Temi por todos. Ah, não, que não regiam. D'ind'hoje, o amigo meu João Vaqueiro eu estou vendo: mais homem, mais moreno, arrenegando de todos os macacos, nem suor ele não desperdiçava... o que ele vestiu, vestiu, couro é... e vai embora, dando muito as costas... lá adiante, acometendo, contra outros outros... Morreu, que mataram. Em obra de umas cem braças.

Ah, não! Os nossos aguentavam o relance, arre disparando, a mastro de balas; foi um fogo...

E eu, hesitado nos meus pés, refiz fé: teve o instante, eu sabia meu dever de fazer. Descer para lá, me ajuntar com os meus, para ajudar? Não podia, não devia de; daí, conheci. Ali, um homem, um chefe, carecia de ficar — naquele meu lugar, no sobrado. Mas, resoluto, mandei ao Araruta e ao José Gervásio, que fossem, mas fossem! Eles mesmos queriam ir. Eles desceram a escada. Estado daquele fogo era um pipoco mal-acreditado. Tudo não sendo guerra? — entendi. Um panelão na trempe, o que se cozinhava... Sobrestive. Surgindo o fim, eu restava desandado ao para trás, sozinho só, com os dois. O menino Guirigó — uma mão apertando as costas da outra, seguidos esses estremecimentos, repuxava a cara, mas com os beiços abertos em dôr, tudo uma careta. Ele era um menino. E o cego Borromeu fechava os olhos.

Tive pena. Não ouvi nada; eu disse: — “Deveras?” Eu disse: — “*Vocês têm paciência, meus filhos. O mundo é meu, mas é demorado...*” A arte que prometi: que, mais baque, mais retumbo, a gente ganhava: a gente ganhava... a gente ganhava! Antes bati uma palmada firme, no liso da minha coronha. A vitória! Ah — a vitória — eu no meio dela, que com os ventos arrastado...

E não era? Durou dali a meia-hora, nem bem, e vislumbrei outro alvoroço, mas da ponta da outra banda, e festivo para mim, me dando milagre. — *Eh, do ar! Eh, dunga!* Ao que era que tal era que: repentemente, o pessoal meu do Cererê-Velho, sequazes de João Goanhá suprachegavam também, enfrentando os hermógenes pelas costas — davam a toda retaguarda! De alegre ser, destampei tiro sobre tiro. A guerra, agora, tinha ficado enorme.

O senhor supute: lado a lado, somando, derramavam de ser os trezentos e tantos — reinando ao estral de ser jagunços... Teria restado mais algum trabuco simples, nos Gerais? Não tinha. E ali era para se confirmar coragem contra coragem, à rasga de se destruir a toda munição. Dessa guisa enrolada: como que lavrar uma guerra de dentro e outra de fora, cada um cercado e cercando. Recompor aquilo, no final? Só com a vitória. Duvidei não. Nasci para ser. Esbarrando aquele momento, era eu, sobre vez, por todos, eu enorme, que era, o que mais alto se realçava. E conheci: ofício de destino meu, real, era o de não ter medo. Ter medo nenhum. Não tive! Não tivesse, e tudo se desmanchava delicado para distante de mim, pelo meu vencer: ilha em águas claras... Conheci. Enchi minha história. Até que, nisso, alguém se riu de mim, como que escutei. O que era um riso escondido, tão exato em mim, como o meu mesmo, atabafado. Donde desconfiei. Não pensei no que não queria pensar; e certifiquei que isso era ideia falsa próxima; e, então, eu ia denunciar nome, dar a cita: *...Satanão! Sujo!...* e dele disse somentes — *S...* — *Sertão... Sertão...*

Na meia-detença, ouvi um limpado de garganta. Virei para trás. Só era o cego Borromeu, que moveu os braços e as mãos; feio, feito negro que embala clavinote. Sem nem sei por que, mal que perguntei:

— “Você é o Sertão?!”

— “Ossenhor perfeitamém, ossenhor perfeitamém... Que sou é o cego Borromeu... Ossenhor meussenhor...” — ele retorquiu.

— “Vôxe, uai! Não entendo...” — tartamelei.

Gago, não: gagaz. Conforme que, quando ia principiar a falar, pressenti que a língua estremecia para trás, e igual assim todas as partes de minha cara, que tremiam — dos beiços, nas faces, até na ponta do nariz e do queixo. Mas me fiz. Que o ato do medo não tive. Mandei o cego se sentar, e ele obedeceu, ele estava no aparvoado; mas não se abancando no banco: que melhor se agachou, ficou agachado. Riu, de me dar nôjo. Mas nôjo medo é, é não? Destemor maior Deus não me desse, segundo retornei para a praça da janela, donde eu dava e mandava. Sobreolhava. Ah, máuser e winchester que assoviamzinho sutil. E chio de espingardão velho antigo. Chumbeou. Há-de varavam. Como refiro, que também eu não persistia ali aparte de tudo, desperdício; mais antes: quem se avultasse, baqueava... Carabina.

Sucinto que se passou, horas tantas, estalos e estrondos estouros, sotrançando no chicotear das balas-balas, sempre disso. Sempremente. Ao constante que eu estive, copiando o meu destino. Mas, como vou contar ao senhor? Ao que narro, assim refrio, e esvaziado, luiz-e-silva. O senhor não sabe, o senhor não vê. Conto o que fiz? O que adjaz. Que eu manejava na mira. Dava, dava. E que não pronunciei insultos e gritos, mesmo porque minha boca, a modo que naquele preciso tremor, me mal-obedecia. Sapateei, em vez, bati pé de pilão nas tábuas do assoalho tão surdo — o senhor é capaz que escute, como eu escutei? E que o furor da guerra, lá fora, lá em baixo, tomava certa conta de mim, que a quase eu deixava de dar fé da dôr-de-cabeça, que forte me doía, que doesse vindo do céu-da-boca, conforme desde, aos poucos, que o fogo tinha começado. E que água não provei bebida, nem cigarro pitei. Esperançando meu destino: desgraça de mim! Eu! Eu...

Como vou contar, e o senhor sentir em meu estado? O senhor sobrenasceu lá? O senhor mordeu aquilo? O senhor conheceu Diadorim, meu senhor?!... Ah, o senhor pensa que morte é choro e sofisma — terra funda e ossos quietos... O senhor havia de conceber alguém aurorear de todo amor e morrer como só para um. O senhor devia de ver homens à mão-tente se matando a crer, com babas raivas! Ou a arte de um: tá-tá, tiro — e o outro vir na fumaça, de à-faca, de repelo: quando o que já defunto era quem mais matava... O senhor... Me dê um silêncio. Eu vou contar.

Tudo estava tão pendurado para o fim... Derradeiro ainda foi, que eu virei para trás, para repreender o cego Borromeu; e que eu estava com dormente dôr, nos braços. Sem-ordem daquele cego, estúrdio, agachado lá,

cocoral. Só fez que disse, bronco: — “Quem me dê um de-comer?” Respondi: ralhei. Ah, há-de-o, singular ficasse, mesmo ali, mascando fumo grosso e cuspindo amarelo e preto... Dei num suor. Vozeiro dele, então, de repente: que principiou a cantar, ele estava cantando um louvado...

Como os braços me testemunhavam um peso... Mesmo estranhei, quando fui notando que o tiroteio da rua tinha pousado termo; achei que fazia um certo minuto que o fogo teria sopitado. Cessaram, sim. Mas gritavam, vuvú vavavá de conversa ruim, uns para os outros, de ronda-roda. Haviam de ter desautorizado toda munição? Olhando, desentendi. Atirar eu pudesse? Acho que quis gritar, e esperei para depoismente, mais tarde. Mesmo o que vi: aquele mexinflól. E que quem saía duma porta, para ir se juntar com o bando de todos — armou, segurando frente de si engatilhada uma garrucha de dois canos, pôs a mira — que era o catrumano Teofrásio, como se fosse braço-d’armas! E vi, chefiando os dele, o Hermógenes! Chapéu na cabeça era um bandejão redondo... Homem que se desata...

Entendi. O senhor me socorre.

Conheci o que estava para ser: que os dele e os meus tinham cruzado grande e dôido desafio, conforme para cumprir se arrumavam, uns e outros, nas duas pontas da rua, debaixo de forma; e a frio desembainhavam. O que vendo, vi Diadorim — movimentos dele. Querer mil gritar, e não pude, desmim de mim-mesmo, me tonteava, numas ânsias. E tinha o inferno daquela rua, para encurralar comprido... Tiraram minha voz.

Como vinham de lá e de lá, em contra-ranchos, a tomar armas, as cartucheiras de tiracol. Atirar eu pude? A breca torceu e lesou meus braços, estorvados. Pela espinha abaixo, eu suei em fio vertiginoso. Quem era que me desbraçava e me peava, supilando minhas forças? — “*Tua honra... Minha honra de homem valente!...*” — eu me, em mim, gemi: alma que perdeu o corpo. O fuzil caiu de minhas mãos, que nem pude segurar com o queixo e com os peitos. Eu vi minhas agarras não valerem! Até que trespassei de horror, precipício branco.

Diadorim a vir — do topo da rua, punhal em mão, avançar — correndo amouco...

Ái, eles se vinham, cometer. Os trezentos passos. Como eu estava depravado a vivo, quedando. Eles todos, na fúria, tão animosamente.

Menos eu! Arrepele que não prestava para tramandar uma ordem, gritar um conselho. Nem cochichar comigo pude. Boca se encheu de cuspes. Babei... Mas eles vinham, se avinham, num pé-de-vento, no desadoro, bramavam, se investiram... Ao que — fechou o fim e se fizeram. E eu arrevessei, na ânsia por um livramento... Quando quis rezar — e só um pensamento, como raio e raio, que em mim. Que o senhor sabe? Qual: *...o Diabo na rua, no meio do redemunho...* O senhor soubesse... Diadorim — eu queria ver — segurar com os olhos... Escutei o medo claro nos meus dentes... O Hermógenes: desumano, dronho — nos cabelões da barba... Diadorim foi nele... Negaceou, com uma quebra de corpo, gambetou... E eles sanharam e baralharam, terçaram. De supetão... e só...

E eu estando vendo! Trecheio, aquilo rodou, encarniçados, roldão de tal, dobravam para fora e para dentro, com braços e pernas rodejando, como quem corre, nas entortações. *...O diabo na rua, no meio do redemunho...* Sangue. Cortavam toucinho debaixo de couro humano, esfaqueavam carnes. Vi camisa de baetilha, e vi as costas de homem remando, no caminho para o chão, como corpo de porco sapecado e rapado... Sofri rezar, e não podia, num cambaleio. Ao ferreio, as facas, vermelhas, no embrulhável. A faca a faca, eles se cortaram até os suspensórios. *...O diabo na rua, no meio do redemunho...* Assim, ah — mirei e vi — o claro claramente: aí Diadorim cravar e sangrar o Hermógenes... Ah, cravou — no vão — e ressurtiu o alto esguicho de sangue: porfiou para bem matar! Soluço que não pude, mar que eu queria um socôrro de rezar uma palavra que fosse, bradada ou em muda; e secou: e só orvalhou em mim, por prestígios do arrebatado no momento, foi poder imaginar a minha Nossa-Senhora assentada no meio da igreja... Gole de consolo... Como lá em baixo era fel de morte, sem perdão nenhum. Que enguli vivo. Gemidos de todo ódio. Os urros... Como, de repente, não vi mais Diadorim! No céu, um pano de nuvens... Diadorim! Naquilo, eu então pude, no corte da dôr: me mexi, mordi minha mão, de redoer, com ira de tudo... Subi os abismos... De mais longe, agora davam uns tiros, esses tiros vinham de profundas profundezas. Trespassei.

Eu estou depois das tempestades.

O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucúia é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor

vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei.

Conforme conto. Como retornei, tarde depois, mal sabendo de mim, e querendo emendar nó no tempo, tateando com meus olhos, que ainda restavam fechados. Ouvi os rogos do menino Guirigó e do cego Borromeu, esfregando meu peito e meus braços, reconstituindo, no dizer, que eu tinha estado sem acordo, dado ataque, mas que não tivesse espumado nem babado. Sobrenadei. E, daí, não sei bem, eu estava recebendo socôrro de outros — o Jacaré, Pacamã-de-Presas, João Curiol e o Acauã —: que molhavam minhas faces e minha boca, lambi a água. Eu despertei de todo — como no instante em que o trovão não acabou de rolar até ao fundo, e se sabe que caíu o raio...

Diadorim tinha morrido — mil-vezes-mente — para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejaram.

— “E a guerra?!” — eu disse.

— “Chefe, Chefe, ganhamos, que acabamos com eles!... João Goanhá e o Fafafa, com uns dos nossos, ainda seguiram perseguindo os restos, derradeira demão...” — João Concliz deu resposta. — “O Hermógenes está morto, remorto matado...” — quem falou foi o João Curiol. Morto... Remorto... O do Demo... Havia nenhum Hermógenes mais. Assim de certo resumido — do jeito de quem cravado com um rombo esfaqueante se sangra todo, no vão-do-pescoço: já ficou amarelo completo, oca de terra, semblante puxado escarnecente, como quem da gente se quer rir — cara sepultada... Um Hermógenes.

Nas vozes, nos fatos, que agora todos estavam explicando: por tanto que, assim tristonhamente, a gente vencia. Sobresseguida à doideira de mão-de-guerra na rua, João Goanhá tinha carregado em cima dos bandidos deles que estavam dando retaguarda, e com eles rebentado... Aquilo não fazia razão. Suspendi minhas mãos. Vi que podia. Só o corpo me estivesse meio duro, as pernas teimando em se entesar, num emperro, que às vezes me empalhava. Sendo que me levantei, sustentando, e caminhei os passos; as costas para a janela eu dava.

Nesse ponto, foi que o Alaripe e o Quipes vinham chegando. Notícia de Otacília me dessem; eu custava a me lembrar de tantas coisas. Aqueles dois vinham alheios, do que vinham, desiludidos da viagem deles:

— “Era a vossa nôiva não, Chefe...” — o que Alaripe relatava. — “O homem se chamava só Adão Lemes, indo conduzindo a irmã dele,

fazendeira, cujo nome é Aesmeralda... Iam de volta para suas casas... Os que, então, no Porto-do-Ci deixamos, na barra do Caatinga...”

Tanta gente tinha o mundo... — eu pensei. Tanta vida para a discórdia. Agradeci ao Alaripe, mas virei para os outros nossos; perguntei:

— “Mortos, muitos?”

— “Demais...”

Isto o João Curiol me respondeu, prestativamente, sistema de amigo. Solucei em seco, debaixo de nada. Agora um me dizendo: que, com as ferramentas, uns estavam trabalhando de abrir covas para enterro, revezados. Alaripe fez um cigarro, queria dar para mim; que rejeitei. — “E o Hermógenes?” — aí foi o que o Alaripe perguntou.

Como estavam indo abrir aquele quarto, trazendo do corredor a mulher do Hermógenes. Ela visse. — *A senhora chegue na janela, dona, espia para a rua...* — o que João Concliz falou. Aquela Mulher não era malina. — *A senhora conheça, dona, um homem demõiado, que foi: mas que já começou a feder, retalhado na virtude do ferro...* Aquela Mulher ia sofrer? Mas ela disse que não, sacudindo só de leve a cabeça, com respeito de seriedade. — *Eu tinha ódio dele...* — ela disse; me estremecendo. Ou eu ainda não estava bem de mim, da dôr que me nublou, tive de sentar no banco da parede. Como no perdido mal ouvi partes do vozeio de todos, eu em malmolência. — *Tomaram as roupas da mulher nua?* Era a Mulher, que falava. Ah, e a Mulher rogava: — Que trouxessem o corpo daquele rapaz moço, vistoso, o dos olhos muito verdes... Eu desguisei. Eu deixei minhas lágrimas virem, e ordenando: — “Traz Diadorim!” — conforme era. — “Gente, vamos trazer. Esse é o Reinaldo...” — o que o Alaripe disse. E eu parava ali, permeio o menino Guirigó e o cego Borromeu. — *Ai, Jesus!* — foi o que eu ouvi, dessas vozes deles.

Aquela mulher não era má, de todo. Pelas lágrimas fortes que esquentavam meu rosto e salgavam minha boca, mas que já frias já rolavam. Diadorim, Diadorim, oh, ah, meus buritizais levados de verdes... Buritÿ, do ouro da flôr... E subiram as escadas com ele, em cima de mesa foi posto. Diadorim, Diadorim — será que amereci só por metade? Com meus molhados olhos não olhei bem — como que garças voavam... E que fossem campear velas ou tocha de cera, e acender altas fogueiras de boa lenha, em volta do escuro do arraial...

Sufoquei, numa estrangulação de dó. Constante o que a Mulher disse: carecia de se lavar e vestir o corpo. Piedade, como que ela mesma,

embebendo toalha, limpou as faces de Diadorim, casca de tão grosso sangue, repisado. E a beleza dele permanecia, só permanecia, mais impossivelmente. Mesmo como jazendo assim, nesse pó de palidez, feito a coisa e máscara, sem gota nenhuma. Os olhos dele ficados para a gente ver. A cara economizada, a boca secada. Os cabelos com marca de duráveis... Não escrevo, não falo! — para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo! Diadorim...

Eu dizendo que a Mulher ia lavar o corpo dele. Ela rezava rezas da Bahia. Mandou todo o mundo sair. Eu fiquei. E a Mulher abanou brandamente a cabeça, consoante deu um suspiro simples. Ela me mal-entendia. Não me mostrou de propósito o corpo. E disse...

Diadorim — nú de tudo. E ela disse:

— “A Deus dada. Pobrezinha...”

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor — e mercê peço: — mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dôr não pode mais do que a surpresa. A côice d’arma, de coronha...

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer — mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu solucei meu desespero.

O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real.

Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremeci, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrindo as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:

— “Meu amor!...”

Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo.

A Mulher lavou o corpo, que revestiu com a melhor peça de roupa que ela tirou da trouxa dela mesma. No peito, entre as mãos postas, ainda

depositou o cordão com o escapulário que tinha sido meu, e um rosário, de coquinhos de ouricuri e contas de lágrimas-de-nossa-senhora. Só faltou — ah! — a pedra-de-ametista, tanto trazida... O Quipes veio, com as velas, que acendemos em quadral. Essas coisas se passavam perto de mim. Como tinham ido abrir a cova, cristãmente. Pelo repugnar e revoltar, primeiro eu quis: — "Enterrem separado dos outros, num aliso de vereda, adonde ninguém ache, nunca se saiba..." Tal que disse, doidava. Recaí no marcar do sofrer. Em real me vi, que com a Mulher junto abraçado, nós dois chorávamos extenso. E todos meus jagunços decididos choravam. Daí, fomos, e em sepultura deixamos, no cemitério do Paredão enterrada, em campo do sertão.

Ela tinha amor em mim.

E aquela era a hora do mais tarde. O céu vem abaixando. Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.

Aqui a estória se acabou.

Aqui, a estória acabada.

Aqui a estória acaba.

Resoluto saí de lá, em galope, doidável. Mas, antes, reparti o dinheiro, que tinha, retirei o cinturão-cartucheiras — aí ultimei o jagunço Riobaldo! Disse adeus para todos, sempremente. Ao que eu ia levar comigo era só o menino, o cego, e os dos catrumanos vivos sobrados: esses eu carecia de repor de volta, na terra deles, nos lugares. E, a Mulher, também dela me despedi, há-de ver que esturdiamente, sem continuação de continuação. Ainda encomendei a João Curiol, que era um baiano bom, na palavra e no caráter, que providenciasse o retorno daquela, para onde quisesse ir outra vez.

Desapoderei.

Aonde ia, eu retinha bem, mesmo na doidagem. A um lugar só: *às Veredas-Mortas...* De volta, de volta. Como se, tudo revendo, refazendo, eu pudesse receber outra vez o que não tinha tido, repor Diadorim em vida? O que eu pensei, o pobre de mim. Eu queria me abraçar com uma serrania? Mas, nessa parte, de muito mal me lembro, pelo revés em minha saúde. Ao que eu ia, de repente, me vinha um assombramento de espírito, muita vez tonteei, de ter de me segurar, de cair; e, depois, durante muitos espaços, eu restava esquecido de tudo, de quem eu era, de meu nome. Mas o Alaripe, Pacamã-de-Presas, o Quipes, o Triol, Jesualdo, o Acauã, João Concliz, e o

Paspe, me cuidavam; esses tinham, por toda a lei, forçado de me acompanharem, vinham comigo; e o Fafafa, mais João Nonato e Compadre Ciril, que vieram depois. Amigos meus. Aí eu vinha.

Chapadão. Morreu o mar, que foi.

Eu vim. Pelejei. Ao deusdar. Como é que eu sabia destornar contra minha tristeza? O dito, vim, consoante traçado. Num lugar, o Tuim, me alembro: eu tive de mudar para outro cavalo. E um sitiante, no Lambe-Mel, explicou — que o trecho, dos marimbús, aonde íamos, se chamava mais certo não era *Veredas-Mortas*, mas Veredas-Altas... Coisa que compadre meu Quelemém mais tarde me confirmou. Daí, mais para adiante, dei para tremer com uma febre. Terçã. Mas o sentido do tempo o senhor entende, resenha duma viagem. Cantar que o senhor fosse. De ai, de mim. Namorei uma palmeira, na quadra do entardecer...

Na morna, baqueei, não podendo mais. Me levaram, por primeiro, de revêxo. Depois me botaram para dentro duma casa muito pobre. Desembestei doente. Por último, como perdi meu conhecimento, estavam me deitando num catre.

Que foi febre-tifo, se diz, mas trelada com sezão, mas sezão forte especial — nas altíssimas! Que a febre que eu tinha era tamanha tanta, como nunca se viu — o Alaripe depois me disse —; que no decorrer dos acessos eu tresvariava. Do que, no ouvir contado, recordei a estória dum fazendeiro, o mais maldoso, que o demônio por fim salteou, por suas ruindades: e que, endemoninhado, no quarto de sua casa, uivando lobúm, suplicava alívio do calorão, e carecia mesmo que os escravos despejassem nele latas e baldes d'água, ao constantemente, até para evitar que, de tudo devorante tão quente, não viesse e desse de pegar fogo no cômodo, de incêndios... Doidice. Em dansa de demônios, que nem não existem. Pois, então, só a doença não bastasse? O tempo que fiquei, deslembrado, detido. O quanto foi? Mas, quando dei acordo de mim, sarando e conferindo o juízo, a luz sem sol, mire e veja, meu senhor, que eu não estava mais no asilo daquela casinha pobre, mas em outra, numa grande fazenda, para onde sem eu saber tinham me levado.

Eu estava na Barbaranha, no Pé-da-Pedra, hóspede de seo Josafá Ornelas. Tomei caldo-de-galinha, deitado em lençóis alvos, recostado. E já parava meio longe aquele pesar, que me quebrantava. Lembro de todos, do dia, da hora. A primeira coisa que eu queria ver, e que me deu prazer, foi a marca dos tempos, numa folhinha de parede. Sosseguei de meu ser. Era

feito eu me esperasse debaixo de uma árvore tão fresca. Só que uma coisa, a alguma coisa, faltava em mim. Eu estava um saco cheio de pedras.

Mas aquele seo Ornelas era homem de muita bondade, muita honra. Ele me tratou com categoria, fui príncipe naquela casa. Todos — a senhora dele, as filhas, as parentas — me cuidavam. Mas o que mormente me fortaleceu, foi o repetido saber que eles pelo sincero me prezavam, como talentoso homem-de-bem, e louvavam meus feitos: eu tivesse vindo, corajoso, para derrubar o Hermógenes e limpar estes Gerais da jagunçagem. Fui indo melhor.

Até que, um dia, eu estava repousando, no claro estar, em rede de algodão rendada. Alegria me espertou, um pressentimento. Quando eu olhei, vinha vindo uma moça. Otacília.

Meu coração rebateu, estava dizendo que o velho era sempre novo. Afirmo ao senhor, minha Otacília ainda se orçava mais linda, me saudou com o salvável carinho, adianto de amor. Ela tinha vindo com a mãe. E a mãe dela, os parentes, todos se praziam, me davam Otacília, como minha pretendida.

Mas eu disse tudo. Declarei muito verdadeiro e grande o amor que eu tinha a ela; mas que, por destino anterior, outro amor, necessário também, fazia pouco eu tinha perdido. O que confessei. E eu, para nôjo e emenda, carecia de uns tempos. Otacília me entendeu, aprovou o que eu quisesse. Uns dias ela ainda passou lá, me pagando companhia, formosamente.

Ela tinha certeza de que eu ia retornar à Santa Catarina, renovar; e trajar terno de sarjão, flôr no peito, sendo o da festa de casamento. Eu fui, com o coração feliz, por Otacília eu estava apaixonado. Conforme me casei, não podia ter feito coisa melhor, como até hoje ela é minha muito companheira — o senhor conhece, o senhor sabe. Mas isto foi tantos meses depois, quando deu o verde nos campos.

Eu já estava de todo bom, firme para as arremessadas, quando ali na Barbaranha se surgiu para mim igualmente a visita de seô Habão — ele com o seo Ornelas se tivessem entre tempos pacificado. Homem baseado. Demonstrou que tinha muita satisfação em me ver, assim como para mim vinha trazendo outro cavalo de presente — o qual era ruço-rodado, ordem de valor e estampa. Ali agraciado aceitei, meu sinceramente. Mas ele portava causa maior — a que tinha ido confirmar e saber, e agenciar, por seus bons préstimos. E era que meu padrinho Selorico Mendes acabara falecido, me abençoando e se honrando, orgulhoso de meus atos; e as duas

maiores fazendas ele tinha deixado para mim, em cédula de testamento. Seô Habão queria logo me levar lá, no Curralim, no Corinto, para eu entrar em paz de posses. Rejeitei; adiei, isto é. Porquanto, de fato, fui, e tudo recebi em limpo, sem precisão de tocar demandas, por falta de outros mais legítimos herdeiros, e o que também devido dou ao advogado meu que zelou a sucessão — Dr. Meigo de Lima.

Só que isso foi mais tarde.

Pois, primeiro, eu tinha outra andada que cumprir, conforme a ordem que meu coração mandava. Tudo agradeci, dei a despedida, ao seo Ornelas e os dele — gente-do-evangelho. Saí somente com o Alaripe e o Quipes, os outros deixei à espera de minha volta, que, por muita companhia numerosa, de nós não cobrassem duvidado. Mas, antes de sair, pedi à dona Brazilina uma tira de pano preto, que pus de funo no meu braço.

Aonde fui, a um lugar, nos gerais de Lassance, Os-Porcos. Assim lá estivemos. A todos eu perguntei, em toda porta bati; triste pouco foi o que me resultaram. O que pensei encontrar: alguma velha, ou um velho, que da história soubessem — dela lembrados quando tinha sido menina — e então a razão rastraz de muitas coisas haviam de poder me expor, muito mundo. Isso não achamos. Rumamos daí então para bem longe reato: Juramento, o Peixe-Crú, Terra-Branca e Capela, a Capelinha-do-Chumbo. Só um letreiro achei. Este papel, que eu trouxe — batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da éra de 1800 e tantos... O senhor lê. De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins — que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha?

Mas ninguém não pode me impedir de rezar; pode algum? O existir da alma é a reza... Quando estou rezando, estou fora de sujidade, à parte de toda loucura. Ou o acordar da alma é que é?

E, o pobre de mim, minha tristeza me atrasava, consumido. Eu não tinha competência de querer viver, tão acabadiço, até o cumprimento de respirar me sacava. E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade dele não me desse repouso; nem o nele imaginar. Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amarga falseada; e o amor, e a pessoa dela, mesma, ela tinha me negado. Para quê

eu ia conseguir viver? Mas o amor de minha Otacília também se aumentava, aos bêrços primeiro, esboço de devagar. Era.

Passado esse tempo, conforme foi, pouca tardança.

Mas, então, quando se estava de volta, m’embora vindo, peguei uma inesperada informação, na Barra do Abaeté. De Zé Bebelo! Tinha mesmo de ser. Não sei por que foi, que com aquilo me renasci. Que Zé Bebelo estava demorando léguas para cima, perto do São Gonçalo do Abaeté, no Porto-Passarinho. Me fiz para lá. E como era, que, antes e antes, eu não tivesse pensado em Zé Bebelo? Trote tocamos, viemos, beirando aquele rio. O senhor sabe — o rio Abaeté, que é entristecedor audaz de belo: largo tanto, de môrro a môrro. E em minha vida eu já pensava.

Zé Bebelo gritou: — “Safa! Safas!...” — e me abraçou como amigo cordial, contente de muito me ver, constante se nada tivesse destruído o nosso costume. Conto que estava o mesmo, aposto e condizente.

— “Tudo viva!, Riobaldo, Tatarana, Professor...” — ele concisou. — “Tu quis paz?”

Sagaz assim me olhava, chega me cheirar só faltasse, de tornados a encontrar no curral, como boi a boi. Disse que eu estava feliz, mas emagrecido, e que encovava mais os olhos.

— “Estais p’ra trás... Sabe? Negociei um gado... Mudei meus termos! A ganhar o muito dinheiro — é o que vale... Pó d’ouro em pó...” — o que ele me disse.

E era a pura mentira. Mas podia ser verdade.

Porque ele, para se viver, carecia daquela bazófia, forte mestreava. Como logo me pregou:

— “Há-te! Acabou com o Hermógenes? A bem. Tu foi o meu discípulo... Foi não foi?”

Deixei: ele dizer, como essas glórias não me invocavam. Mas, então, ele não me entendendo, esbarrou e se pôs. Cujo:

— “A bom, eu não te ensinei; mas bem te aprendi a saber certa a vida...”

Eu ri, de nós dois.

Três dias falhei com ele, lá, no Porto-Passarinho.

E Zé Bebelo corrigiu, para eu ouvir, os projetos que ele tinha. Aí, ái, fanfarrices. Não queria saber do sertão, agora ia para a capital, grande cidade. Mover com comércio, estudar para advogado. — “Lá eu quero deduzir meus feitos em jornal, com retratos... A gente descreve as passagens de nossas guerras, fama devida...” “— Da minha, não senhor!”

— eu fechei. Distrair gente com o meu nome... Então ele desconversou. Mas, naqueles três dias, não descansou de querer me aliviar, e de formar outros planejamentos para encaminhar minha vida. Nem indenizar completa a minha dôr maior ele não pudesse. Só que Zé Bebelo não era homem de não prosseguir. Do que a Deus dou graças!

Porque, por fim, ele exigiu minha atenção toda, e disse:

— "Riobaldo, eu sei a amizade de que agora tu precisa. Vai lá. Mas, me promete: não adia, não desdenha! Daqui, e reto, tu sai e vai lá. Diz que é de minha parte... Ele é diverso de todo o mundo."

Mesmo escreveu um bilhete, que eu levasse. Ao quando despedi, e ele me abraçou, senti o afeto em ser de pensar. Será que ainda tinha aquele apito, na algibeira? E gritou: — "Safas!" —; maximé.

Tinha de ser Zé Bebelo, para isso. Só Zé Bebelo, mesmo, para meu destino começar de salvar. Porque o bilhete era para o Compadre meu Quelemém de Góis, na Jijujã — Vereda do Burití Pardo. Mais digo? O senhor vá lá. No tempo de maio, quando o algodão lãla. Tudo o branquinho. Algodão é o que ele mais planta, de todas as modernas qualidades: o rasga-letras, biból, e mussulim. O senhor vai ver pessoa de tal rareza, como perto dele todo-o-mundo para sossegado, e sorridente, bondoso... Até com o Vupes lá topei.

Compadre meu Quelelém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência — calma de que minha dôr passasse; e que podia esperar muito longo tempo. O que vendo, tive vergonha, assaz.

Mas, por fim, eu tomei coragem, e tudo perguntei:

— "O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?!"

Então ele sorriu, o pronto sincero, e me vale me respondeu:

— "Tem cisma não. Pensa para diante. Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais..."

E me cerro, aqui, mire e veja. Isto não é o de um relatar passagens de sua vida, em toda admiração. Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras.

Cerro. O senhor vê. Contei tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. O Rio de São Francisco — que de tão grande se comparece — parece é um pau grosso, em pé, enorme... Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem

soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.

Primeiras estórias

As margens da alegria

I

Esta é a estória. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A Mãe e o Pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A Tia e o Tio tomavam conta dele, justinhamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da Companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O vôo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorçôo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se — certo como o ato de respirar — o de fugir para o espaço em branco. O Menino.

E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades. Davam-lhe balas, chicles, à escolha. Solícito de bem-humorado, o Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento — bastando a gente premer manivela. Seu lugar era o da janelinha, para o móvel mundo. Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O Menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e, além, baixa, a montanha. Se homens, meninos, cavalos e bois — assim insetos? Voavam supremamente. O Menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios. Sentava-se, inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso. Ainda nem notara que, de fato, teria vontade de comer, quando a Tia já lhe oferecia sanduíches. E prometia-lhe o Tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem.

O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem. Chegavam.

II

Enquanto mal vacilava a manhã. A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares. O campo de pouso ficava a curta distância da casa — de madeira, sobre estacões, quase penetrando na mata. O Menino via, vislumbrava. Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido — as novas tantas coisas — o que para os seus olhos se pronunciava. A morada era pequena, passava-se logo à cozinha, e ao que não era bem quintal, antes breve clareira, das árvores que não podem entrar dentro de casa. Altas, cipós e orquideazinhas amarelas delas se suspendiam. Dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores? Só sons. Um — e outros pássaros — com cantos compridos. Isso foi o que abriu seu coração. Aqueles passarinhos bebiam cachaça?

Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão — brusco, rijo, — se proclamara. Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto — o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonitruante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglo. O Menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para passeio.

III

Iam de *jeep*, iam aonde ia ser um sítio do Ipê. O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame-branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos papagaios. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompa arroxeadas da canela-de-ema. O que o Tio falava: que ali havia “imundície de perdizes”. A tropa de seriemas, além, fugindo, em

fila, índio-a-índio. O par de garças. Essa paisagem de muita largura, que o grande sol alagava. O buriti, à beira do corguinho, onde, por um momento, atolaram. Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares.

Pensava no peru, quando voltavam. Só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardado para ele, no terreirinho das árvores bravas. Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso. Haveria um, assim, em cada casa, e de pessoa?

Tinham fome, servido o almoço, tomava-se cerveja. O Tio, a Tia, os engenheiros. Da sala, não se escutava o galhardo ralhar dele, seu grugulejo? Esta grande cidade ia ser a mais levantada no mundo. Ele abria leque, impante, explodido, se enfunava... Mal comeu dos doces, a marmelada, da terra, que se cortava bonita, o perfume em açúcar e carne de flor. Saiu, sôfrego de o rever.

Não viu: imediatamente. A mata é que era tão feia de altura. E — onde? Só umas penas, restos, no chão. — *"Ué, se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?"* Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru — aquele. O peru — seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o Menino recebia em si um miligrama de morte. Já o buscavam: — *"Vamos aonde a grande cidade vai ser, o lago..."*

IV

Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade, para não passear com o pensamento. Ia. Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano. Mas, matarem-no, também, parecia-lhe obscuramente algum erro. Sentia-se sempre mais cansado. Mal podia com o que agora lhe mostravam, na circuntristeza: o um horizonte, homens no trabalho de terraplenagem, os caminhões de cascalho, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua

fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha.

Ali fabricava-se o grande chão do aeroporto — transitavam no extenso as compressoras, caçambas, cilindros, o carneiro socando com seus dentes de pilões, as betumadoras. E como haviam cortado lá o mato? — a Tia perguntou. Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, feito limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: *ruh...* sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acertamento — o inaudito choque — o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu — atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguiez do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos — da parte de nada. Guardou dentro da pedra.

V

De volta, não queria sair mais ao terreirinho, lá era uma saudade abandonada, um incerto remorso. Nem ele sabia bem. Seu pensamentozinho estava ainda na fase hieroglífica. Mas foi, depois do jantar. E — a nem espetaculosa surpresa — viu-o, suave inesperado: o peru, ali estava! Oh, não. Não era o mesmo. Menor, menos muito. Tinha o coral, a arrecauda, a escova, o grugrulhar grufo, mas faltava em sua penosa elegância o recacho, o englôbo, a beleza esticada do primeiro. Sua chegada e presença, em todo o caso, um pouco consolavam.

Tudo se amaciava na tristeza. Até o dia; isto era: já o vir da noite. Porém, o subir da noitinha é sempre e sofrido assim, em toda a parte. O silêncio saía de seus guardados. O Menino, timorato, aquietava-se com o próprio quebranto: alguma força, nele, trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe alma.

Mas o peru se adiantava até à beira da mata. Ali adivinhara — o quê? Mal dava para se ver, no escurecendo. E era a cabeça degolada do outro, atirada ao monturo. O Menino se doía e se entusiasmava.

Mas: não. Não por simpatia companheira e sentida o peru até ali viera, certo, atraído. Movia-o um ódio. Pegava de bicar, feroz, aquela outra cabeça. O Menino não entendia. A mata, as mais negras árvores, eram um montão demais; o mundo.

Trevava.

Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! — tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria.

Famigerado

Foi de incerta feita — o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.

Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo. Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse — o oh-homem-oh — com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida.

Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos — coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam. Dado que a frente da minha casa reentrava, metros, da linha da rua, e dos dois lados avançava a cerca, formava-se ali um encantoável, espécie de resguardo. Valendo-se do que, o homem obrigara os outros ao ponto donde seriam menos vistos, enquanto barrava-lhes qualquer fuga; sem contar que, unidos assim, os cavalos se apertando, não dispunham de rápida mobilidade. Tudo enxergara, tomando ganho da topografia. Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingo no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar.

Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu. Via-se que passara a descansar na sela — decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar. Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são-franciscano. Sei desse tipo

de valentão que nada alardeia, sem farroma. Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és. Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar. Ele falou:

— “Eu vim preguntar a vosmecê uma opinião sua explicada...”

Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal. Desfranziu-se, porém, quase que sorriu. Daí, desceu do cavalo; maneiro, imprevisto. Se por se cumprir do maior valor de melhores modos; por esperteza? Reteve no pulso a ponta do cabresto, o alazão era para paz. O chapéu sempre na cabeça. Um alarve. Mais os ínvios olhos. E ele era para muito. Seria de ver-se: estava em armas — e de armas alimpadas. Dava para se sentir o peso da de fogo, no cinturão, que usado baixo, para ela estar-se já ao nível justo, ademão, tanto que ele se persistia de braço direito pendido, pronto meneável. Sendo a sela, de notar-se, uma jereba papuda urucuiana, pouco de se achar, na região, pelo menos de tão boa feitura. Tudo de gente brava. Aquele propunha sangue, em suas tenções. Pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore. Sua máxima violência podia ser para cada momento. Tivesse aceitado de entrar e um café, calmava-me. Assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza.

— “Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra...”

Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo. Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara — evitava o de evitar. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera? Ali, antenasal, de mim a palmo! Continuava:

— “Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia... Cá eu não quero questão com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado...”

Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. Cabismeditado. Do que, se resolveu. Levantou as feições. Se é que se riu: aquela crueldade de dentes. Encarar, não me encarava, só se fito à meia esguelha. Latejava-lhe um orgulho indeciso. Redigiu seu monologar.

O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São Ão, travados assuntos, insequentes, como dificultação. A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava. E, pá:

— "Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... familhas-gerado...?*"

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

— "Saiba vosmecê que saí ind'hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe preguntar a pregunta, pelo claro..."

Se sério, se era. Transiu-se-me.

— "Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo — o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São Ão, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem. Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe preguntei?"

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

— *Famigerado?*

— "Sim senhor..." — e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo — apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. — *Famigerado?* Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutro ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

— "Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho..."

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.

— *Famigerado* é inóxio, é "célebre", "notório", "notável"...

— "Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?"

— Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

— "Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?"

— *Famigerado?* Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito...

— "Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?"

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

— Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!...

— "Ah, bem!..." — soltou, exultante.

Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desafogaréu. Sorriu-se, outro. Satisfez aqueles três: — "Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição..." — e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d'água. Disse: — "Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!" Seja que de novo, por um mero, se torvava? Disse: — "Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo, era ir-se embora, sei não..." Mas mais sorriu, apagara-se-lhe a inquietação. Disse: — "A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca..." Agradeceu, quis me apertar a mão. Outra vez, aceitaria de entrar em minha casa. Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto.

Sorôco, sua mãe, sua filha

Aquele carro parara na linha de resguardo, desde a véspera, tinha vindo com o expresso do Rio, e estava lá, no desvio de dentro, na esplanada da estação. Não era um vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. A gente reparando, notava as diferenças. Assim repartido em dois, num dos cômodos as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos. A gente sabia que, com pouco, ele ia rodar de volta, atrelado ao expresso daí de baixo, fazendo parte da composição. Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre. O trem do sertão passava às 12h45m.

As muitas pessoas já estavam de ajuntamento, em beira do carro, para esperar. As pessoas não queriam poder ficar se entristecendo, conversavam, cada um porfiando no falar com sensatez, como sabendo mais do que os outros a prática do acontecer das coisas. Sempre chegava mais povo — o movimento. Aquilo quase no fim da esplanada, do lado do curral de embarque de bois, antes da guarita do guarda-chaves, perto dos empilhados de lenha. Sorôco ia trazer as duas, conforme. A mãe de Sorôco era de idade, com para mais de uns setenta. A filha, ele só tinha aquela. Sorôco era viúvo. Afora essas, não se conhecia dele o parente nenhum.

A hora era de muito sol — o povo caçava jeito de ficarem debaixo da sombra das árvores de cedro. O carro lembrava um canoão no seco, navio. A gente olhava: nas reluzências do ar, parecia que ele estava tôrto, que nas pontas se empinava. O borco bojudo do telhadilho dele alumiava em preto. Parecia coisa de invento de muita distância, sem piedade nenhuma, e que a gente não pudesse imaginar direito nem se acostumar de ver, e não sendo de ninguém. Para onde ia, no levar as mulheres, era para um lugar chamado Barbacena, longe. Para o pobre, os lugares são mais longe.

O Agente da estação apareceu, fardado de amarelo, com o livro de capa preta e as bandeirinhas verde e vermelha debaixo do braço. — *"Vai ver se botaram água fresca no carro..."* — ele mandou. Depois, o guarda-freios andou mexendo nas mangueiras de engate. Alguém deu aviso: — *"Eles vêm!..."* Apontavam, da Rua de Baixo, onde morava Sorôco. Ele era um homenzão, brutalhudo de corpo, com a cara grande, uma barba, fiosa,

encardida em amarelo, e uns pés, com alpercatas: as crianças tomavam medo dele; mais, da voz, que era quase pouca, grossa, que em seguida se afinava. Vinham vindo, com o trazer de comitiva.

Aí, paravam. A filha — a moça — tinha pegado a cantar, levantando os braços, a cantiga não vigorava certa, nem no tom nem no se-dizer das palavras — o nenhum. A moça punha os olhos no alto, que nem os santos e os espantados, vinha enfeitada de disparates, num aspecto de admiração. Assim com panos e papéis, de diversas cores, uma carapuça em cima dos espalhados cabelos, e enfunada em tantas roupas ainda de mais misturas, tiras e faixas, dependuradas — virundangas: matéria de maluco. A velha só estava de preto, com um fichu preto, ela batia com a cabeça, nos docementes. Sem tanto que diferentes, elas se assemelhavam.

Sorôco estava dando o braço a elas, uma de cada lado. Em mentira, parecia entrada em igreja, num casório. Era uma tristeza. Parecia enterro. Todos ficavam de parte, a chusma de gente não querendo afirmar as vistas, por causa daqueles trasmodos e despropósitos, de fazer risos, e por conta de Sorôco — para não parecer pouco caso. Ele hoje estava calçado de botinas, e de paletó, com chapéu grande, botara sua roupa melhor, os maltrapos. E estava reportado e atalhado, humildoso. Todos diziam a ele seus respeitos, de dó. Ele respondia: — *"Deus vos pague essa despesa..."*

O que os outros se diziam: que Sorôco tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio. Isso não tinha cura, elas não iam voltar, nunca mais. De antes, Sorôco aguentara de repassar tantas desgraças, de morar com as duas, pelejava. Daí, com os anos, elas pioraram, ele não dava mais conta, teve de chamar ajuda, que foi preciso. Tiveram que olhar em socorro dele, determinar de dar as providências, de mercê. Quem pagava tudo era o Governo, que tinha mandado o carro. Por forma que, por força disso, agora iam remir com as duas, em hospícios. O se seguir.

De repente, a velha se desapareceu do braço de Sorôco, foi se sentar no degrau da escadinha do carro. — *"Ela não faz nada, seo Agente..."* — a voz de Sorôco estava muito branda: — *"Ela não acode, quando a gente chama..."* A moça, aí, tornou a cantar, virada para o povo, o ao ar, a cara dela era um repouso estatelado, não queria dar-se em espetáculo, mas representava de outroras grandezas, impossíveis. Mas a gente viu a velha olhar para ela, com um encanto de pressentimento muito antigo — um amor extremoso. E, principiando baixinho, mas depois puxando pela voz,

ela pegou a cantar, também, tomando o exemplo, a cantiga mesma da outra, que ninguém não entendia. Agora elas cantavam junto, não paravam de cantar.

Aí que já estava chegando a horinha do trem, tinham de dar fim aos aprestes, fazer as duas entrar para o carro de janelas enxequetadas de grades. Assim, num consumiço, sem despedida nenhuma, que elas nem haviam de poder entender. Nessa diligência, os que iam com elas, por bem-fazer, na viagem comprida, eram o Nenêgo, despachado e animoso, e o José Abençoado, pessoa de muita cautela, estes serviam para ter mão nelas, em toda juntura. E subiam também no carro uns rapazinhos, carregando as trouxas e malas, e as coisas de comer, muitas, que não iam fazer míngua, os embrulhos de pão. Por derradeiro, o Nenêgo ainda se apareceu na plataforma, para os gestos de que tudo ia em ordem. Elas não haviam de dar trabalhos.

Agora, mesmo, a gente só escutava era o acorçôo do canto, das duas, aquela chirimia, que avocava: que era um constado de enormes diversidades desta vida, que podiam doer na gente, sem jurisprudência de motivo nem lugar, nenhum, mas pelo antes, pelo depois.

Sorôco.

Tomara aquilo se acabasse. O trem chegando, a máquina manobrando sozinha para vir pegar o carro. O trem apitou, e passou, se foi, o de sempre.

Sorôco não esperou tudo se sumir. Nem olhou. Só ficou de chapéu na mão, mais de barba quadrada, surdo — o que nele mais espantava. O triste do homem, lá, decretado, embargando-se de poder falar algumas suas palavras. Ao sofrer o assim das coisas, ele, no oco sem beiras, debaixo do peso, sem queixa, exemploso. E lhe falaram: — *"O mundo está dessa forma..."* Todos, no arregalado respeito, tinham as vistas neblinadas. De repente, todos gostavam demais de Sorôco.

Ele se sacudiu, de um jeito arrebentado, desacontecido, e virou, pra ir-s'embora. Estava voltando para casa, como se estivesse indo para longe, fora de conta.

Mas, parou. Em tanto que se esquisitou, parecia que ia perder o de si, parar de ser. Assim num excesso de espírito, fora de sentido. E foi o que não se podia prevenir: quem ia fazer siso naquilo? Num rompido — ele começou a cantar, alteado, forte, mas sozinho para si — e era a cantiga,

mesma, de desatino, que as duas tanto tinham cantado. Cantava continuando.

A gente se esfriou, se afundou — um instantâneo. A gente... E foi sem combinação, nem ninguém entendia o que se fizesse: todos, de uma vez, de dó do Sorôco, principiaram também a acompanhar aquele canto sem razão. E com as vozes tão altas! Todos caminhando, com ele, Sorôco, e canta que cantando, atrás dele, os mais de detrás quase que corriam, ninguém deixasse de cantar. Foi o de não sair mais da memória. Foi um caso sem comparação.

A gente estava levando agora o Sorôco para a casa dele, de verdade. A gente, com ele, ia até aonde que ia aquela cantiga.

A menina de lá

Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus. O Pai, pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz; a Mãe, urucuiana, nunca tirava o terço da mão, mesmo quando matando galinhas ou passando descompostura em alguém. E ela, menininha, por nome Maria, Nhinhinha dita, nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes.

Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito. Parava quieta, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia. — “Ninguém entende muita coisa que ela fala...” — dizia o Pai, com certo espanto. Menos pela estranhez das palavras, pois só em raro ela perguntava, por exemplo: — *“Ele xurugou?”* — e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido. Com riso imprevisto: — *“Tatu não vê a lua...”* — ela falasse. Ou referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para uma nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só a pura vida.

Em geral, porém, Nhinhinha, com seus nem quatro anos, não incomodava ninguém, e não se fazia notada, a não ser pela perfeita calma, imobilidade e silêncios. Nem parecia gostar ou desgostar especialmente de coisa ou pessoa nenhuma. Botavam para ela a comida, ela continuava sentada, o prato de folha no colo, comia logo a carne ou o ovo, os torresmos, o do que fosse mais gostoso e atraente, e ia consumindo depois o resto, feijão, angu, ou arroz, abóbora, com artística lentidão. De vê-la tão perpétua e imperturbada, a gente se assustava de repente. — “Nhinhinha, que é que você está fazendo?” — perguntava-se. E ela respondia, alongada, sorrida, moduladamente: — *“Eu... to-u... fa-a-zendo.”* Fazia vácuos. Seria mesmo seu tanto tolinha?

Nada a intimidava. Ouvia o Pai querendo que a Mãe coasse um café forte, e comentava, se sorrindo: — *“Menino pidão... Menino pidão...”* Costumava também dirigir-se à Mãe desse jeito: — *“Menina grande...*

Menina grande...” Com isso Pai e Mãe davam de zangar-se. Em vão. Nhinhinha murmurava só: — *“Deixa... Deixa...”* — suasibilíssima, inábil como uma flor. O mesmo dizia quando vinham chamá-la para qualquer novidade, dessas de entusiasmar adultos e crianças. Não se importava com os acontecimentos. Tranquila, mas viçosa em saúde. Ninguém tinha real poder sobre ela, não se sabiam suas preferências. Como puni-la? E, bater-lhe, não ousassem; nem havia motivo. Mas, o respeito que tinha por Mãe e Pai, parecia mais uma engraçada espécie de tolerância. E Nhinhinha gostava de mim.

Conversávamos, agora. Ela apreciava o casacão da noite. — *“Cheiinhas!”* — olhava as estrelas, deléveis, sobre-humanas. Chamava-as de “*estrelinhas pia-pia*”. Repetia: — *“Tudo nascendo!”* — essa sua exclamação dileta, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso. E o ar. Dizia que o ar estava com cheiro de lembrança. — *“A gente não vê quando o vento se acaba...”* Estava no quintal, vestidinha de amarelo. O que falava, às vezes era comum, a gente é que ouvia exagerado: — *“Alturas de urubuir...”* Não, dissera só: — *“...altura de urubu não ir.”* O dedinho chegava quase no céu. Lembrou-se de: — *“Jabuticaba de vem-me-ver...”* Suspirava, depois: — *“Eu quero ir para lá.”* — Aonde? — *“Não sei.”* Aí, observou: — *“O passarinho desapareceu de cantar...”* De fato, o passarinho tinha estado cantando, e, no escorregar do tempo, eu pensava que não estivesse ouvindo; agora, ele se interrompera. Eu disse: — “A avezinha.” De por diante, Nhinhinha passou a chamar o sabiá de *“Senhora Vizinha...”* E tinha respostas mais longas: — *“E eu? Tou fazendo saudade.”* Outra hora, falava-se de parentes já mortos, ela riu: — *“Vou visitar eles...”* Ralhei, dei conselhos, disse que ela estava com a lua. Olhou-me, zombaz, seus olhos muito perspectivos: — *“Ele te xurugou?”* Nunca mais vi Nhinhinha.

Sei, porém, que foi por aí que ela começou a fazer milagres.

Nem Mãe nem Pai acharam logo a maravilha, repentina. Mas Tiantônia. Parece que foi de manhã. Nhinhinha, só, sentada, olhando o nada diante das pessoas: — *“Eu queria o sapo vir aqui.”* Se bem a ouviram, pensaram fosse um patranhar, o de seus disparates, de sempre. Tiantônia, por vezo, acenou-lhe com o dedo. Mas, aí, reto, aos pulinhos, o ser entrava na sala, para aos pés de Nhinhinha — e não o sapo de papo, mas bela rã brejeira, vinda do verduroso, a rã verdíssima. Visita dessas jamais acontecera. E ela

riu: — *"Está trabalhando um feitiço..."* Os outros se pasmaram; silenciaram demais.

Dias depois, com o mesmo sossego: — *"Eu queria uma pamonhinha de goiabada..."* — sussurrou; e, nem bem meia hora, chegou uma dona, de longe, que trazia os pãezinhos da goiabada enrolada na palha. Aquilo, quem entendia? Nem os outros prodígios, que vieram se seguindo. O que ela queria, que falava, súbito acontecia. Só que queria muito pouco, e sempre as coisas levianas e descuidosas, o que não põe nem quita. Assim, quando a Mãe adoeceu de dôres, que eram de nenhum remédio, não houve fazer com que Nhinhinha lhe falasse a cura. Sorria apenas, segredando seu — *"Deixa... Deixa..."* — não a podiam despersuadir. Mas veio, vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou, quentinha. A Mãe, que a olhava com estarrecida fé, sarou-se então, num minuto. Souberam que ela tinha também outros modos.

Decidiram de guardar segredo. Não viessem ali os curiosos, gente maldosa e interesseira, com escândalos. Ou os padres, o bispo, quisessem tomar conta da menina, levá-la para sério convento. Ninguém, nem os parentes de mais perto, devia saber. Também, o Pai, Tiantônia e a Mãe, nem queriam versar conversas, sentiam um medo extraordinário da coisa. Achavam ilusão.

O que ao Pai, aos poucos, pegava a aborrecer, era que de tudo não se tirasse o sensato proveito. Veio a seca, maior, até o brejo ameaçava de se estorricar. Experimentaram pedir a Nhinhinha: que quisesse a chuva. — *"Mas, não pode, ué..."* — ela sacudiu a cabecinha. Instaram-na: que, se não, se acabava tudo, o leite, o arroz, a carne, os doces, frutas, o melado. — *"Deixa... Deixa..."* — se sorria, repousada, chegou a fechar os olhos, ao insistirem, no súbito adormecer das andorinhas.

Daí a duas manhãs, quis: queria o arco-íris. Choveu. E logo aparecia o arco-da-velha, sobressaído em verde e o vermelho — que era mais um vivo cor-de-rosa. Nhinhinha se alegrou, fora do sério, à tarde do dia, com a refrescação. Fez o que nunca se lhe vira, pular e correr por casa e quintal. — "Adivinhou passarinho verde?" — Pai e Mãe se perguntavam. Esses, os passarinhos, cantavam, deputados de um reino. Mas houve que, a certo momento, Tiantônia repreendesse a menina, muito brava, muito forte, sem usos, até a Mãe e o Pai não entenderam aquilo, não gostaram. E Nhinhinha, branda, tornou a ficar sentadinha, inalterada que nem se sonhasse, ainda mais imóvel, com seu passarinho-verde pensamento. Pai e

Mãe cochichavam, contentes: que, quando ela crescesse e tomasse juízo, ia poder ajudar muito a eles, conforme à Providência decerto prazia que fosse.

E, vai, Nhinhinha adoeceu e morreu. Diz-se que da má água desses ares. Todos os vivos atos se passam longe demais.

Desabado aquele feito, houve muitas diversas dôres, de todos, dos de casa: um de-repente enorme. A Mãe, o Pai e Tiantônia davam conta de que era a mesma coisa que se cada um deles tivesse morrido por metade. E mais para repassar o coração, de se ver quando a Mãe desfiava o terço, mas em vez das ave-marias podendo só gemer aquilo de — *"Menina grande... Menina grande..."* — com toda ferocidade. E o Pai alisava com as mãos o tamboretinho em que Nhinhinha se sentava tanto, e em que ele mesmo se sentar não podia, que com o peso de seu corpo de homem o tamboretinho se quebrava.

Agora, precisavam de mandar recado, ao arraial, para fazerem o caixão e aprontarem o enterro, com acompanhamento de virgens e anjos. Aí, Tiantônia tomou coragem, carecia de contar: que, naquele dia, do arco-íris da chuva, do passarinho, Nhinhinha tinha falado despropositado desatino, por isso com ela ralhara. O que fora: que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes... A agouraria! Agora, era para se encomendar o caixãozinho assim, sua vontade?

O Pai, em bruscas lágrimas, esbravejou: que não! Ah, que, se consentisse nisso, era como tomar culpa, estar ajudando ainda a Nhinhinha a morrer...

A Mãe queria, ela começou a discutir com o Pai. Mas, no mais choro, se serenou — o sorriso tão bom, tão grande — suspensão num pensamento: que não era preciso encomendar, nem explicar, pois havia de sair bem assim, do jeito, cor-de-rosa com verdes funebrilhos, porque era, tinha de ser! — pelo milagre, o de sua filhinha em glória, Santa Nhinhinha.

Os irmãos Dagobé

Enorme desgraça. Estava-se no velório de Damastor Dagobé, o mais velho dos quatro irmãos, absolutamente facínoras. A casa não era pequena; mas nela mal cabiam os que vinham fazer quarto. Todos preferiam ficar perto do defunto, todos temiam mais ou menos os três vivos.

Demos, os Dagobés, gente que não prestava. Viviam em estreita desunião, sem mulher em lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém-finado. Este fora o grande pior, o cabeça, ferrabrás e mestre, que botara na obrigação da ruim fama os mais moços — "os meninos", segundo seu rude dizer.

Agora, porém, durante que morto, em não-tais condições, deixava de oferecer perigo, possuindo — no acêso das velas, no entre algumas flores — só aquela careta sem-querer, o queixo de piranha, o nariz todo torto e seu inventário de maldades. Debaixo das vistas dos três em luto, devia-se-lhe contudo guardar ainda acatamento, convinha.

Serviam-se, vez em quando, café, cachaça-queimada, pipocas, assim aos-usos. Soava um vozeio simples, baixo, dos grupos de pessoas, pelos escuros ou no foco das lamparinas e lampiões. Lá fora, a noite fechada; tinha chovido um pouco. Raro, um falava mais forte, e súbito se moderava, e compungia-se, acordando de seu descuido. Enfim, igual ao igual, a cerimônia, à moda de lá. Mas tudo tinha um ar de espantoso.

Eis que eis: um lagalhé pacífico e honesto, chamado Liojorge, estimado de todos, fora quem enviara Damastor Dagobé, para o sem-fim dos mortos. O Dagobé, sem sabida razão, ameaçara de cortar-lhe as orelhas. Daí, quando o viu, avançara nele, com punhal e ponta; mas o quieto do rapaz, que arranjara uma garrucha, despejou-lhe o tiro no centro dos peitos, por cima do coração. Até aí, viveu o Telles.

Depois do que muito sucedeu, porém, espantavam-se de que os irmãos não tivessem obrado a vingança. Em vez, apressaram-se de armar velório e enterro. E era mesmo estranho.

Tanto mais que aquele pobre Liojorge permanecia ainda no arraial, solitário em casa, resignado já ao péssimo, sem ânimo de nenhum movimento.

Aquilo podia-se entender? Eles, os Dagobés sobrevivos, faziam as devidas honras, serenos, e, até, sem folia mas com a alguma alegria. Derval, o caçula, principalmente, se mexia, social, tão diligente, para os que chegavam ou estavam: — *“Desculpe os maus tratos...”* Doricão, agora o mais-velho, mostrava-se já solene sucessor de Damastor, como ele corpulento, entre leonino e muar, o mesmo maxilar avançado e os olhinhos nos venenos; olhava para o alto, com especial compostura, pronunciava: — *“Deus há-de-o ter!”* E o do meio, Dismundo, formoso homem, punha uma devoção sentimental, sustida, no ver o corpo na mesa: — *“Meu bom irmão...”*

Com efeito, o finado, tão sordidamente avaro, ou mais, quanto mandão e cruel, sabia-se que havia deixado boa quantia de dinheiro, em notas, em caixa.

Se assim, qual nada: a ninguém enganavam. Sabiam o até-que-ponto, o que ainda não estavam fazendo. Aquilo era quando as onças. Mais logo. Só queriam ir por partes, nada de açodados, tal sua não rapidez. Sangue por sangue; mas, por uma noite, umas horas, enquanto honravam o falecido, podiam suspender as armas, no falso fiar. Depois do cemitério, sim, pegavam o Liojorge, com ele terminavam.

Sendo o que se comentava, aos cantos, sem ócio de língua e lábios, num sussurruído, nas tantas perturbações. Pelo que, aqueles Dagobés; brutos só de assomos, mas treitentos, também, de guardar brasas em pote, e os chefes de tudo, não iam deixar uma paga em paz: se via que estavam de tenção feita. Por isso mesmo, era que não conseguiam disfarçar o certo solerte contentamento, perto de rir. Saboreavam já o sangrar. Sempre, a cada podido momento, em sutil tornavam a juntar-se, num vão de janela, no miúdo confabulêjo. Bebiam. Nunca um dos três se distanciava dos outros: o que era, que se acautelavam? E a eles se chegava, vez pós vez, algum comparecente, mais compadre, mais confioso — trazia notícias, segredava.

O assombrável! Iam-se e vinham-se, no estiar da noite, e: o que tratavam no propor, era só a respeito do rapaz Liojorge, criminal de legítima defesa, por mão de quem o Dagobé Damastor fizera passagem daqui. Sabia-se já do quê, entre os velantes; sempre alguém, a pouco e pouco, passava palavra. O Liojorge, sozinho em sua morada, sem companheiros, se doidava? Decerto, não tinha a expediência de se aproveitar para escapar, o que não adiantava — fosse aonde fosse, cedo os

três o agarravam. Inútil resistir, inútil fugir, inútil tudo. Devia de estar em o se agachar, ver-se em amarelas: por lá, borrufado de medo, sem meios, sem valor, sem armas. Já era alma para sufrágios! E, não é que, no entanto...

Só uma primeira ideia. Com que, alguém, que de lá vindo voltando, aos donos do morto ia dar informação, a substância deste recado. Que o rapaz Liojorge, ousado lavrador, afiançava que não tinha querido matar irmão de cidadão cristão nenhum, puxara só o gatilho no derradeiro do instante, por dever de se livrar, por destinos de desastre! Que matara com respeito. E que, por coragem de prova, estava disposto a se apresentar, desarmado, ali perante, dar a fé de vir, pessoalmente, para declarar sua forte falta de culpa, caso tivessem lealdade.

O pálido pasmo. Se caso que já se viu? De medo, esse Liojorge doidara, já estava sentenciado. Tivesse a meia coragem? Viesse: pular da frigideira para as brasas. E em fato até de arrepios — o quanto tanto se sabia — que, presente o matador, torna a botar sangue o matado! Tempos, estes. E era que, no lugar, ali nem havia autoridade.

A gente espiava os Dagobés, aqueles três pestanejares. Só: — *"Dei'stá..."* — o Dismundo dizia. O Derval: — *"Se esteja a gosto!"* — hospedoso, a casa honrava. Severo, em si, enorme o Doricão. Só fez não dizer. Subiu na seriedade. De receio, os circunstantes tomavam mais cachaça-queimada. Tinha caído outra chuva. O prazo de um velório, às vezes, parece muito dilatado.

Mal acabaram de ouvir. Suspendeu-se o indaguejar. Outros embaixadores chegavam. Queriam conciliar as pazes, ou pôr urgência na maldade? A estúrdia proposição! A qual era: que o Liojorge se oferecia, para ajudar a carregar o caixão... Ouviu-se bem? Um doido — e as três feras loucas; o que já havia, não bastava?

O que ninguém acreditava: tomou a ordem de palavra o Doricão, com um gesto destemperado. Falou indiferentemente, dilatavam-se-lhe os frios olhos. Então, que sim, viesse — disse — depois do caixão fechado. A tramada situação. A gente vê o inesperado.

Se e se? A gente ia ver, à espera. Com os soturnos pesos nos corações; um certo espalhado susto, pelo menos. Eram horas precárias. E despontou devagar o dia. Já manhã. O defunto fedia um pouco. Arre.

Sem cena, fechou-se o caixão, sem graças. O caixão, de longa tampa. Olhavam com ódio os Dagobés — fosse ódio do Liojorge. Suposto isto,

cochichava-se. Rumor geral, o lugubrulho: — *“Já que já, ele vem...”* — e outras concisas palavras.

De fato, chegava. Tinha-se de arregalar em par os olhos. Alto, o moço Liojorge, varrido de todo o atinar. Não era animosamente, nem sendo por afrontar. Seria assim de alma entregue, uma humildade mortal. Dirigiu-se aos três: — *“Com Jesus!”* — ele, com firmeza. E? — aí. Derval, Dismundo e Doricão — o qual o demônio em modo humano. Só falou o quase: — *“Hum... Ah!”* Que coisa.

Houve o pegar para carregar: três homens de cada lado. O Liojorge pegasse na alça, à frente, da banda esquerda — indicaram. E o enquadravam os Dagobés, de ódio em torno. Então, foi saindo o cortejo, terminado o interminável. Sortido assim, ramo de gente, uma pequena multidão. Toda a rua enlameada. Os abelhudos mais adiante, os prudentes na retaguarda. Catava-se o chão com o olhar. À frente de tudo, o caixão, com as vacilações naturais. E os perversos Dagobés. E o Liojorge, ladeado. O importante enterro. Caminhava-se.

No pé-tintim, mui de passo. Naquele entremeamento, todos, em cochicho ou silêncio, se entendiam, com fome de perguntidade. O Liojorge, esse, sem escape. Tinha de fazer bem a sua parte: ter as orelhas baixadas. O valente, sem retorno. Feito um criado. O caixão parecia pesado. Os três Dagobés, armados. Capazes de qualquer supetão, já estavam de mira firmada. Sem se ver, se adivinhava. E, nisso, caía uma chuvinha. Caras e roupas se ensopavam. O Liojorge — que estarrecia! — sua tenência no ir, sua tranquilidade de escravo. Rezava? Não soubesse parte de si, só a presença fatal.

E, agora, já se sabia: baixado o caixão na cova, à queima-bucha o matavam; no expirar de um credo. A chuvinha já abrandava. Não se ia passar na igreja? Não, no lugar não havia padre.

Prosseguia-se.

E entravam no cemitério. *“Aqui, todos vêm dormir”* — era, no portão, o letreiro. Fez-se o airado ajuntamento, no barro, em beira do buraco; muitos, porém, mais para trás, preparando o foge-foge. A forte circunspectância. O nenhum despedimento: ao uma-vez Dagobé, Damastor. Depositado fundo, em forma, por meio de rijas cordas. Terra em cima: pá e pá; assustava a gente, aquele som. E agora?

O rapaz Liojorge esperava, ele se escorregou em si. Via só sete palmos de terra, dele diante do nariz? Teve um olhar árduo. À pandilha dos

irmãos. O silêncio se torcia. Os dois, Dismundo e Derval, esperavam o Doricão. Súbito, sim: o homem desenvolveu os ombros; só agora via o outro, em meio àquilo?

Olhou-o curtamente. Levou a mão ao cinturão? Não. A gente, era que assim previa, a falsa noção do gesto. Só disse, subitamente ouviu-se: — *"Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso Irmão é que era um diabo de danado..."*

Disse isso, baixo e mau-som. Mas se virou para os presentes. Seus dois outros manos, também. A todos, agradeciam. Se não é que não sorriam, apressurados. Sacudiam dos pés a lama, limpavam as caras do respingado. Doricão, já fugaz, disse, completou: — *"A gente, vamos'embora, morar em cidade grande..."* O enterro estava acabado. E outra chuva começava.

A terceira margem do rio

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou: — *“Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”* Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — *“Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?”* Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio,

sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depositei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrindo de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos

homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pelos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — *"Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim..."*; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada, mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estiavam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha

tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — *"Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..."* E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

Pirlimpsiquice

Aquilo na noite do nosso teatrinho foi de Oh. O estilo espavorido. Ao que sei, que se saiba, ninguém soube sozinho direito o que houve. Ainda, hoje adiante, anos, a gente se lembra: mas, mais do repente que da desordem, e menos da desordem do que do rumor. Depois, os padres falaram em por fim a festas dessas, no Colégio. Quem nada podia mesmo explicar, o ensaiador, dr. Perdigão, lente de corografia e história-pátria, voltou para seu lugar, sua terra; se vive, estará lá já após de velho. E o em-diabo pretinho Alfeu, corcunda? Astramiro, agora aeroviário, e o Joaquincas — *bookmaker* e adjazidas atividades — com ambos raro em raro me encontro, os fatos recordam-se. A peça ia ser o drama *"Os Filhos do Doutor Famoso"*, só em cinco atos. Tivemos culpa de seu indesfêcho, os escolhidos para o representar? Às vezes penso. Às vezes, não. Desde a hora em que, logo num recreio de depois do almoço, o regente Seu Siqueira, o *Surubim*, sisudo de mistérios, veio chamar-nos para a grande novidade, o pacto de puro entusiasmo nosso avançara, sem sustar-se. Éramos onze, digo, doze.

Atordoados, pois. O padre Prefeito, solene modo, fez-nos a comunicação. Donde, com o dr. Perdigão ali ao lado, rezou-se o padre-nosso e três ave-marias, às luzes do Espírito. Aí, o dr. Perdigão, que empunhava o livro, discursou um resumo, para os corações da gente, à toda. Então, cada um teve de ler do texto alguma passagem, extraindo de si a melhor bonita voz, que pudesse; leu-se desabaladamente. Só o Zé Boné não se acanhou de o pior, e promoveu risos, de preenchido beócio, que era. Quando o dr. Perdigão nos despachou, lembramo-nos de que na turma estavam de mal os dois mais decididos e respeitados — Ataualpa, que ia ser o *Doutor Famoso*, e o Darcy, o *Filho Capitão*. Mas os mesmos conviram logo em precisar pazes, sem o caso de a gente bem-oficiar se oferecendo de permeio. Tocaram de bem, dando ainda o Ataualpa ao Darcy um selo do Transvaal, e o Darcy a Ataualpa um da Tasmânia ou da China. Em seguida, eles, de chefes, nos sobreolharam, e pegaram com ordens: — *"Ninguém conta nada aos outros, do drama!"* Concordados, combinou-se,

juramos. Careciam-se uns momentos, para a grandiosa alegria se ajustar nos cantos das nossas cabeças. A não ser o Zé Boné, decerto.

Zé Boné, com efeito, regulava de papalvo. Sem fazer conta de companhia ou conversas, varava os recreios reproduzindo fitas de cinema: corria e pulava, à celerada, cá e lá, fingia galopes, tiros disparava, assaltava a mala-posta, intimando e pondo mãos ao alto, e beijava afinal — figurado a um tempo de mocinho, moça, bandidos e xerife. Dele, bem, se ria. O basbaque. Mesmo assim, acharam que para o teatro ele me passava; decidindo o padre Prefeito e o dr. Perdigão que, por retraído e mal-à-vontade, em qualquer cena eu não servisse. Não fosse o padre Diretor, de bom acaso vindo entrando, declarar que, aluno aplicado, e com voz variada, certa, de recitador, eu podia no vantajoso ser o "ponto". Sorri de os outros comigo, amigos, mexerem. Joaquincas, o que era para personificar o *Filho Padre*, me deu duas marcas novas de cigarros, e eu a ele uma prata de quinhentos-réis e o meio pão que estava guardando na algibeira. Aí, o Darcy e Ataualpa, arranjada coragem, alegaram não caber Zé Boné com as prestes obrigações. Mas o padre Prefeito repreendeu-nos a soberba, tanto quanto que o papel que a Zé Boné tocava, de *um policial*, se versava dos mais simples, com escasso falar. Adiantou nada o Araujinho, servindo de o *outro policial*, fazer a cara amargosa: acabou-se a opinião da questão. Não que Zé Boné à gente não enchesse — de inquietas cautelas. O segredo ia ele poder guardar?

Aí, mais, teve-se dúvida. Se os outros alunos se embolassem, para à força quererem fazer a gente contar a estória do drama? Dois deles preocupavam-nos, fortes, dos maiores dos internos, não pegados para o teatrinho por mal-comportados incorrigíveis! Tãozão e o Mão-na-Lata, centerfór do nosso time. E um, cá, teve a ideia. Precisávamos de imaginar, depressa, alguma outra estória, mais inventada, que íamos falsamente contar, embaindo os demais no engano. E, de Zé Boné, ficasse sempre perto um, tomando conta.

Sem razão, se vendo, essas cismas. Zé Boné nada de nada contava. Nem na estória do drama botava sentido, a não ser a alguma facécia ou peripécia, logo e mal encartadas em suas fitas de cinema; pois, enquanto recreios houvesse, continuava ele descrevivendo-as, com aquela valentia e o ágil não-se-cansar, espantantes. E o Tãozão e Mão-na-Lata no assunto do teatro nem tocavam, fingindo decerto não dar a tanta importância. Mas, a outra estória, por nós tramada, prosseguia, aumentava, nunca terminava,

com singulares-em-extraordinários episódios, que um ou outro vinha e propunha: o “fuzilado”, o “trem de duelo”, a máscara: “fuça de cachorro”, e, principalmente, o “estouro da bomba”. Ouviam, gostavam, exigiam mais. Até o pretinho Alfeu, filho da cozinheira, e aleijado, voltava se arrastando com rapidez para a escutar, enquanto o *Surubim* não o via e mandava embora. Já, entre nós, era a “nossa estória”, que, às vezes, chegávamos a preferir à outra, a “estória de verdade”, do drama. O qual, porém, por meu orgulho de “ponto”, pusera eu afinco em logo reter, tintim de cor por tintim e salteado. Descontentava-me, só, na noite do dia, dever ficar encoberto do público, debaixo daquela caixa ou cumbuca, que por ora ainda não se tinha, nos ensaios.

— *“Representar é aprender a viver além dos levianos sentimentos, na verdadeira dignidade”* — exortava-nos o dr. Perdigão, sobre suas sérias barbas. Ataualpa — o “Peitudo” — e Darcy — o “Pintado” — determinavam se acabasse, em hora, com essa tolice de apelidos. Umas donas estariam costurando as roupas que íamos revestir, os fraques do *Doutor Famoso* e do *Amigo*, a batina do *Filho Padre*, a farda do *Filho Capitão*, só trajes. Alvitrou-se senha de nos tratarmos só pelos nomes em drama: Mesquita o “Filho Poeta”, Rutz o “Amigo”, Gil o “Homem que sabia o segredo”, Nuno o “Delegado”. O dr. Perdigão dirimia os embaraços: em vez de o “Criado”, o Niboca chamar-se-ia melhor o “Fâmulo”, Astramiro o “Redimido”, e não o “Filho Criminoso”; eu, o “Mestre do Ponto”. — *“Lembrem-se: circunspecção e majestade”...* proferia o dr. avante — ... e: *“Longa é a arte e breve a vida... — um preconício dos gregos!”* Inquietávamo-nos, não fossem destituir-nos daquele sonho. Íamos proceder muito bem, até o dia da festa, não fumar escondido, não conversar nas filas, esquivar o mínimo pito, dar atenção nas aulas. Os que não éramos “Filhos de Maria”, impetrávamos fazer parte. Joaquincas comungava a diário, via-se mesmo só ideal, já padre e santo. Todas as tardes, a partir do recreio de depois do jantar, subia-se para o ensaio, demorado, livrando-nos dos estudos da noite sob o duplo olhar do *Surubim*; essa vantagem, também, os outros nos invejavam. — *“Sus! Brio! Obstinemo-nos. Decoro e firmeza*. Ad astra per aspera! *Sempre dúcteis ao meu ensinamento...”* — o dr. Perdigão observando. Suspirávamos pelo perfeito, o estricto jogo de cena a atormentar-nos. Menos ao Zé Boné, decerto. Esse, entrava marchando, fazia continências, mas não havendo maneira de emendar palavra e meia palavra. E já o dia

vindo próximo, nem mais duas semanas. Por que não o trocar, ao estafermo? Não o dr. Perdigão: — *“Senhores discípulos meus, para persistir no prepará-los, a perseverança não me desfalece!”* Zé Boné, do tom, tirava algum entender, empinava-se inconfuso e contente. Ah, seu “ensino”, à rija, à vera, seria para ele nos pagar. Não por enquanto. Só se ansiava. Sempre juntos, no notável, relegados os planos para as férias, e mesmo só por alto lembrado o afã do futebol.

Se não os tempos e contratempos. Troçavam de nós, os outros? Citando, com ares, o que não entendíamos, nem. Diziam já saber a verdadeira estória do drama, e que não passávamos de impostores. De fato, circulava outra versão, completa, e por sinal bem aprontada, mas de todo mentirosa. Quem a espalhara? O Gamboa, engraçado, de muita inventiva e lábia, que afirmava, pés juntos, estar dono da verdade. O cume de cachorro! Nele, passada a festa, jurou-se também uma sova. Por ora, porém, tínhamos de combater essa estória do Gamboa, que nos deixava humilhados. Repetíamos, então, sem cessar, a *nossa estória*, com forte cunho de sinceridade. Sempre ficavam os partidários de uma e de outra, não raro bandeando campo, vez por vez, por dia. Tãozão e Mão-na-Lata chefiavam o grupo dos Gamboas?

— *“Entreguemo-nos à suma justiça do Onipotente...”* — proferia o Joaquincas. — *“Uma tana! Sento o braço!”* — o Darcy rugia, ou o Ataualpa. Mas: — *“...O réprobo, o ímprobo, que me malsina os dias...”* — já, vai vago, desembestando. O *Surubim* dizia que o nosso teatro roubava ao ensino, e que não era verdade que, nas provas, iríamos ganhar boas notas de qualquer maneira. Possível? Mão-na-Lata estava combinando outro time, porque a gente mal treinava; misérias! Para ver se Zé Boné enfiava juízo, valia não o deixar dar mais seu cinema? E, pronto, certas cenas do drama, legítimas, estavam sendo divulgadas. Haveria entre nós um traidor? Não. Descobriu-se: o Alfeu. O gebo, pernas tresentortadas e moles, quase de não andar direito, mas o capaz de deslizar ligeiro por corredores e escadas, feito uma cobra; e que vinha escutar os ensaios, detrás das portas! Só que, no Alfeu, mesmo pós-festa, não se podia meter o braço: ele furtava, para a gente, pão, doces, chocolate, coisas da cozinha dos padres. Tínhamos de alugar-lhe o silêncio? Tudo, felizmente, por três dias. Já o Dr. Perdigão, desistido de introduzir no Zé Boné sua parte, intimara-o a representar de mudo, apenas, proibido de abrir a boca em palco. Doía-me um dente, podia inchar a cara; ou não, não doía? Tudo por

dois dias, só. Tãozão e Mão-na-Lata, o que ameaçavam? Tudo por dia e meio, pela véspera. Pelo que, fremia-se e ardia-se. Sendo, nessa véspera, o nosso ensaio geral.

— *"Sus e eia! Abroquelemo-nos..."* O dr. Perdigão se passeava levemente. Saía-nos o ensaio geral em brilho e pompa, todos na ponta da língua seus papéis — para meu desgosto. Não iam precisar de ponto? Nisso, porém, sobreveio-nos o trom de Júpiter. O padre Diretor assistira ao quinto ato. Ele era abstrato e sério: não via a quem. Sem realces, disse: que nós estávamos certos, mas acertados demais, sem ataque de vida válida, sem a própria naturalidade pronta... Despejou conosco, tontos de consternados. E já na noite tão tarde. Do nosso dr. Perdigão, empalidecendo até a barba: — *"Senhores meus alunos*... Ad augusta per angusta..." — ele se gemeu. — *"Durmamos..."*

E quem disse que, no outro dia, seguinte, domingo — o dia! — íamos tornar a ensaiar, ensaiar, ensaiar, senhor, mas — com os rebuliços, as horas curtas, poucas: a missa demorada, a gente ganhando pão-de-mel e biscoitos no café, tendo-se de ajudar a arrumar o teatro, a caixa-do-ponto verde, repintada fresca, as muitas moças e senhoras aparecidas, chegadas as roupas nossas teatrais, novinhas nos embrulhos, enquanto se dizia que Tãozão e o Mão-na-Lata estavam reunindo uns, que iam amassar a gente, armar baderna de briga, e chegando visitas, pais, parentes, de fora, para assistir, corriam o Colégio, se dizendo agora que o pessoal de Tãozão e Mão-na-Lata, os Gamboas, iam dar na gente a tremenda vaia! — e o dr. Perdigão de repente doente, de fígado, cólicas, a gente com medo que a festa pudesse não haver, e traziam também os programas prontos do nosso teatro, até o Alfeu vestido de roupa nova, marinheiro, a mãe dele fazia-o hoje andar com as muletas, e o dr. Perdigão já sarado, levantado, suas sumas pretas barbas, de tarde, o jantar cedo, garrafa de soda-limonada, e galinha, pastéis, sobremesa de dois doces, nem pude, pois, que era que vinha vindo, direto para dizer, o *Surubim*, satisfeito, bem eu tinha temido caiporismos de última hora, passado o dia inteiro assim, de orelha com a pulga atrás?

Silêncio. O *Surubim* vinha para o Ataualpa. Estava na portaria o tio do Ataualpa — o pai do Ataualpa era deputado, estava à morte, no Rio de Janeiro. Ataualpa tinha de viajar, de trem, daqui a duas horas. E o teatro, o espetáculo? Ataualpa já ia, com o *Surubim*, mudar de roupa, arrumar a mala. Mas, o teatro era para impossível de não haver, era em benefício.

E... Só quem podia ser, em vez do Ataualpa, quem sabia decorados todos os papéis, o *Doutor Famoso*: eu! Ah, e o "ponto"? Dúvida não dúvida: o ponto seria, ótimo, o Dr. Perdigão, sendo. Se disse, se fez.

O contentamento — o medo. O fraque? O povo. O — ali, quem meio escondido, me cutucando — o Alfeu! — *"Quer um gole?..."* — do que ele tinha furtado: uma garrafa de genebra, da adega dos padres — falava que era para dar mais alma de coragem. Eu não quis. E os outros? Zé Boné? O Alfeu não sorria: sibilava. Eu não queria saber dos outros, já estavam me vestindo, o fraque só ficava um pouquinho largo, de nada. Os outros também não deviam de gostar das senhoras e moças passando carmins na cara da gente, o que não era de homem! — e repintando-nos os olhos. E a hora enorme. O teatro, imensamente, a plateia: — *"Ninguém mais cabe!"* — o povoréu de cabeças, estrondos de gente entrando e se sentando, rumor, rumor, oh as luzes. O Dr. Perdigão, de fraque também: — *"Excélsior!"* — meio desanimado. Não era o monte de momento, sim, não. Era a hora na hora. Parecia que nos empurravam — para o de todo sem propósito. Me punham para a frente. Só ouvi as luzes, risos, avistei demais. O silêncio.

Eu estava ali, parado, em pé, de fraque, a beira-mundo do público, defronte. E, que queriam de mim, que esperavam? Atrás, os companheiros tocando-me; isto era hora para piparotes? E oh! — súbito a súbitas, eu reconhecia na plateia, tão enchida, todos, em cada um seu lugar: Tãozão, o Mão-na-Lata, o Gamboa, o Surubim, o Alfeu, o padre Diretor... oh! — e tinha-me lembrado da terrível coisa, meu-deus, então ninguém não tinha pensado nisso, antes? Porque, aquele arranjo de todos nós no palco, vindos ao proscênio, eu adiante, era conforme o escrito no programa: o Ataualpa, primeiro, devia recitar uns versos, que falavam na Virgem Padroeira e na Pátria. Mas, esses versos, eu não sabia! Só o Ataualpa sabia-os, e Ataualpa estava longe, agora, viajando com o tio, de trem, o pai dele à morte... Eu, não. Eu: teso e bambo, no embondo, mal em suor frio e quente, não tendo dá-me-dá, gago de êêê, no sem-jeito, só espanto.

O minuto parou. Riam, diante de mim, aos milhares. De lá, da fila dos padres, faziam-me gestos: de ordens e de perguntatividades, danados sinais, explicavam-me o que eu já sabia que não sabia, não podia. Sacudi que não, puxei para fora os bolsos, para demonstrar que não tinha os versos. Instavam-me. — *"Abaixem o pano!"* — escutei a voz do padre Prefeito. O Dr. Perdigão, em seu bobo buraco, rapava goela. Tornei a não

olhar; falei alto. Gritei, tremulei, tão então: — *“Viva a Virgem e viva a Pátria!”* — gritei.

Ressoaram enormes aplausos. — *“Abaixem o pano!”* — era ainda o padre Prefeito, no bastidor. Porque, agora, era mesmo a hora, para ficarmos no palco só o *Doutor Famoso* e seus quatro *Filhos*, daí o pano tornava a subir, para abrir a primeira cena do drama. — *“...o pano!”* Mas o pano não desceu, estava decerto enguiçado; não desceu, nunca. Com confusão. Os que tinham de sair de cena, não saíam. Tornamos a avançar, todos, sem pau nem pedra, em fila, feito soldados, apalermados. E, aí, veio a vaia. Estrondou...

A vaia, que ninguém imaginava. O que era um mar — patuleia, todos em mios, zurros, urros, assovios: pateada. A gente, nada. Ali, formados, soldados mesmos, mudando de cor, de amargor. — *“Atenção! Submetam-se!”* — mas nem os padres àquilo não podiam pôr cobro? Por um pouco, o Dr. Perdigão ia se surgir de lá, da caixa, mas não venceu, e se botou abaixo. A gente, firmes, sem mover o passo, enquanto a vaia se surriava. A vaia parou. A vaia recomeçou. Aguentávamos. — *“Zé Boné! Zé Boné!”* — aqueles gritavam também, depois de durante, dessa vaia, ou em intervalos. — *“Zé Boné!...”* Foi a conta.

Zé Boné pulou para diante, Zé Boné pulou de lado. Mas não era de faroéste, nem em estouvamento de estrepolias. Zé Boné começou a representar!

A vaia parou, total.

Zé Boné representava — de rijo e bem, certo, a fio, atilado para toda a admiração. Ele desempenhava um importante papel, o qual a gente não sabia qual. Mas, não se podia romper em riso. Em verdade. Ele recitava com muita existência. De repente, se viu: em parte, o que ele representava, era da *estória do Gamboa!* Ressoaram as muitas palmas.

O pasmatório. Num instante, quente, tomei vergonha; acho que os outros também. Isso não podia, assim! Contracenamos. Começávamos, todos, de uma vez, a representar *a nossa* inventada *estória*. Zé Boné também. A coisa que aconteceu no meio da hora. Foi no ímpeto da glória — foi — sem combinação. Ressoaram outras muitas palmas.

A princípio, um disparate — as desatinadas pataratas, nem que jogo de adivinhas. Dr. Perdigão se soprava alto, em bafo, suas réplicas e deixas, destemperadas. Delas, só a pouca parte se aproveitava. O mais eram ligeirias — e solertes seriedades. Palavras de outro ar. Eu mesmo não

sabia o que ia dizer, dizendo, e dito — tudo tão bem — sem sair do tom. Sei, de, mais tarde, me dizerem: que tudo tinha e tomava o forte, belo sentido, esse drama do agora, desconhecido, estúrdio, de todos o mais bonito, que nunca houve, ninguém escreveu, não se podendo representar outra vez, e nunca mais. Eu via os do público assungados, gostando, só no silêncio completo. Eu via — que a gente era outros — cada um de nós, transformado. O dr. Perdigão devia de estar soterrado, desmaiado em sua correta caixa-do-ponto.

Gritavam bis o *Surubim* e o Alfeu. Até o padre Diretor se riu, como ri Papai Noel. Ah, a gente: protagonistas, outros atores, as figurantes figuras, mas personagens personificantes. Assim perpassando, com a de nunca naturalidade, entrante própria, a valente vida, estrepuxada. Zé Boné, sendo o melhor de todos? Ora, era. Ei. E. Fulge, forte, Zé Boné! — freme a representação. O sucesso, que vindo não se sabe donde e como; alguém me disse, que estava lá; jurou como foi.

Mas — de repente — eu temi? A meio, a medo, acordava, e daquele estro estrambótico. O que: aquilo nunca parava, não tinha começo nem fim? Não havia tempo decorrido. E como ajuizado terminar, então? Precisava. E fiz uma força, comigo, para me soltar do encantamento. Não podia, não me conseguia — para fora do corrido, contínuo, do incessar. Sempre batiam, um ror, novas palmas. Entendi. Cada um de nós se esquecera de seu mesmo, e estávamos transvivendo, sobrecrentes, disto: que era o verdadeiro viver? E era bom demais, bonito — o milmaravilhoso — a gente voava, num amor, nas palavras: no que se ouvia dos outros e no nosso próprio falar. E como terminar?

Então, querendo e não querendo, e não podendo, senti: que — só de um jeito. Só uma maneira de interromper, só a maneira de sair — do fio, do rio, da roda, do representar sem fim. Cheguei para a frente, falando sempre, para a beira da beirada. Ainda olhei, antes. Tremeluzi. Dei a cambalhota. De propósito, me despenquei. E caí.

E, me parece, o mundo se acabou.

Ao menos, o daquela noite. Depois, no outro dia, eu são, e glorioso, no recreio, então o Gamboa veio, falou assim: — *"Eh, eh, hem? Viu como era que a minha estória também era a de verdade?"* Pulou-se, ferramos fera briga.

Nenhum, nenhuma

Dentro da casa-de-fazenda, achada, ao acaso de outras várias e recomeçadas distâncias, passaram-se e passam-se, na retentiva da gente, irreversos grandes fatos — reflexos, relâmpagos, lampejos — pesados em obscuridade. A mansão, estranha, fugindo, atrás de serras e serras, sempre, e à beira da mata de algum rio, que proíbe o imaginar. Ou talvez não tenha sido numa fazenda, nem do indescoberto rumo, nem tão longe? Não é possível saber-se, nunca mais.

Mas um menino penetrara no quarto, no extremo da varanda, onde se achava um homem sem aparência, se bem que, por certo, como curiosamente se diz, já “entrado em anos”; ele devia de ser o dono de lá. E naquele quarto — que, de acordo com o que se verifica, em geral, na região, nos casarões-de-fazenda com alta e comprida varanda, seria o “escritório”, — há era uma data. O menino não sabia ler, mas é como se a estivesse relendo, numa revista, no colorido de suas figuras; no cheiro delas, igualmente. Porque, o mais vivaz, persistente, e que fixa na evocação da gente o restante, é o da mesa, da escrivaninha, vermelha, da gaveta, sua madeira, matéria rica de qualidade: o cheiro, do qual *nunca mais houve*. O homem sem aspecto tenta agora parecer-se com outro — um desses velhos tios ou conhecidos nossos, deles o mais silencioso. Mas, segundo se apurou, não era. Alguém, apenas, chamara-o, na ocasião, de nome com aproximada assonância; e os dois, o ignorado e o sabido, se perturbam. Alguém mais, pois, ali entrara? A Moça, imagem. A Moça é então que reaparece, linda e recôndita. A lembrança em torno dessa Moça raia uma tão extraordinária, maravilhosa luz, *que, se algum dia eu encontrar, aqui, o que está por trás da palavra “paz”, ter-me-á sido dado também através dela*. Na verdade, a data não poderia ser aquela. Se diversa, entretanto, impôs-se, por trocamento, no jogo da memória, por maior causa. Foi a Moça quem enunciou, com a voz que assim nascia sem pretexto, que a data era a de 1914? E para sempre a voz da Moça retificava-a.

Tudo não demorou calado, tão fundamente, não existindo, enquanto viviam as pessoas capazes, quem sabe, de esclarecer onde estava e por

onde andou o Menino, naqueles remotos, já peremptos anos? Só agora é que assoma, muito lento, o difícil clarão reminiscente, ao termo talvez de longuíssima viagem, vindo ferir-lhe a consciência. Só não chegam até nós, de outro modo, as estrelas.

Ultramuito, porém, houve o que há, por aquela parte, até aonde o luar do meu mais-longe, o que certifico e sei. A casa — rústica ou solarenga — sem história visível, só por sombras, tintas surdas: a janela parapeitada, o patamar da escadaria, as vazias tarimbas dos escravos, o tumulto do gado? *Se eu conseguir recordar, ganharei calma, se conseguisse religar-me: adivinhar o verdadeiro e real, já havido.* Infância é coisa, coisa?

A Moça e o Moço, quando entre si, passavam-se um embebido olhar, diferente do dos outros; e radiava em ambos um modo igual, parecido. Eles olhavam um para o outro como os passarinhos ouvidos de repente a cantar, as árvores pé-ante-pé, as nuvens desconcertadas: como do assoprado das cinzas a esplendição das brasas. Eles se olhavam para não-distância, estiadamente, sem sabêres, sem caso. Mas a Moça estava devagar. Mas o Moço estava ansioso. O Menino, sempre lá perto, tinha de procurar-lhes os olhos. *Na própria precisão com que outras passagens lembradas se oferecem, de entre impressões confusas, talvez se agite a maligna astúcia da porção escura de nós mesmos, que tenta incompreensivelmente enganar-nos, ou, pelo menos, retardar que perscrutemos qualquer verdade.* Mas o menino queria que os dois nunca deixassem de assim se olhar. Nenhuns olhos têm fundo; a vida, também, não.

Àquela casa, como e por que viera ter o Menino? Talvez, em desviada viagem, sem pessoas da família. Sua estada esperara-se para mais curta, do que foi? Porque, primeiro, todos pensavam esconder-lhe o que havia num determinado quarto, e mesmo o passo do corredor para onde dava aquele quarto. *A dúvida que isso marcou, no Menino, ajuda-o agora a muito se lembrar.* A Moça, porém, era a mais formosa criatura que jamais foi vista, e não há fim de sua beleza. Ela poderia ser a princesa no castelo, na torre. Em redor da altura da torre do castelo, não deviam de revoar as negras águias? O Homem, velho, quieto e sem falar, seria, na realidade, o pai da Moça. O Homem concordava com todos, sem tristezas se calava? *As nuvens são para não serem vistas. Mesmo um menino sabe, às vezes, desconfiar do estreito caminhozinho por onde a gente tem de ir — beirando entre a paz e a angústia.*

Depois, porém, porque mudassem de ideia, ou porque o Menino tivesse de sojornar lá por mais tempo, deixaram-no saber o que dentro daquele dito quarto se guardava. Deixaram-no ver. E, o que havia ali, era uma mulher. Era uma velha, uma velhinha — de história, de estória — velhíssima, a inacreditável. Tanto, tanto, que ela se encolhera, encurtara-se, pequenina como uma criança, toda enrugadinha, desbotada: não caminharia, nem ficava em pé, e quase não dava acordo de coisa nenhuma, perdida a claridade do juízo. Não sabiam mais quem ela era, tresbisavó de quem, nem de que idade, incomputada, incalculável, vinda através de gerações, sem ninguém, só ainda da mesma nossa espécie e figura. Caso imemorial, apenas com a incerta noção de que fosse parenta deles. Ela não poderia mais ser comparada. A Moça, com amor, tratava dela.

Tênue, tênue, tem de insistir-se o esforço para algo remembrar, da chuva que caía, da planta que crescia, *retrocedidamente, por espaço,* os castiçais, os baús, arcas, canastras, *na tenebrosidade, a gris pantalha,* o oratório, registros de santos, *como se um pedaço de renda antiga, que se desfaz ao se desdobrar,* os cheiros *nunca mais respirados, suspensas florestas,* o porta-retratos de cristal, *floresta e olhos, ilhas que se brancas,* as vozes das pessoas, *extrair e reter, revolver em mim, trazer a foco* as altas camas de torneado, um catre com cabeceira dourada; *talvez as coisas mais ajudando, as coisas, que mais perduram:* o comprido espeto de ferro, na mão da preta, o batedor de chocolate, de jacarandá, na prateleira com alguidares, pichorras, canecos de estanho. O Menino, assustando-se, correra a refugiar-se na cozinha, escura e imensa, onde mulheres de grossos pés e pernas riam e falavam.

A Moça e o Moço vieram buscá-lo? O Moço causava-lhe antipatia e rancor, dele já tinha ciúmes. A Moça, de formosura tão extremada, vestida de preto, e ela era alta, alva, alva; parecia estar de madrinha num casamento, ou num teatro? Ela carregou o Menino, cheirava a vem de verde e a rosa, mais meigo que as rosas cheiram, mais grave. O Moço ria, exato. Tranquilizavam-no, diziam: que a velhinha não era a Morte, não. Nem estava morta. *Antes, era a vida. Ali, num só ser, a vida vibrava em silêncio, dentro de si, intrínseca, só o coração, o espírito da vida, que esperava. Aquela mulher ainda existir, parecia um desatino de que ela mesma nem tivesse culpa.* Mas o Moço não ria mais. Lá estava também o Homem calado, de costas, mesmo de pé ele rezava o terço, num rosário de pretas camáldulas.

Diziam ao Menino, demonstravam-lhe: que a Velhinha não era sombração, mas sim pessoa. Sem que lhe soubessem o verdadeiro nome, chamavam-na a "Nenha". Ela ficava tão quieta, no meio da alta cama de torneados, o catre com cabeceira dourada, que ali quase se sumia, nos panos, algo inviolável em sua exiguidade, e respirava. Era cor de cidra, em todas as rugazinhas — e os olhos abertos, garços. O que ela não tinha era pálpebras? Todavia, um trêmito, uma babinha, no murcho, a boca, e era o docemente incompreensível. O Menino sorriu. Perguntou: — *"Ela beladormeceu?"* A Moça beijou-o. A vida era o vento querendo apagar uma lamparina. O caminhar das sombras de uma pessoa imóvel.

A Moça não queria que coisa alguma acontecesse. A Moça tinha um leque? O Moço conjurava-a, suspensos olhos. A Moça disse ao Moço: — *"Você ainda não sabe sofrer..."* — e ela tremia como os ares azuis. *Tenho de me lembrar. O passado é que veio a mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido: apenas, não estou sabendo decifrá-lo.* Estava-se no grande jardim. Para lá, tinham trazido também a Nenha, velhinha.

Traziam-na, para tomar sol, acomodadinha num cesto, que parecia um berço. Tão galante, tudo, que o Menino de repente se esqueceu e precipitou-se: queria brincar com ela! A Moça impediu-o apenas com brandura, sem o repreender, ela lá se sentava, entre madressilvas e rosmaninhos, insubstituível. Olhava para a Nenha, extremosamente, de delonga, pelo curso dos anos, pelos diferentes tempos, ela também menina ancianíssima. Recobrira-a com um xale antigo, da Velhinha não se viam as mãos. Só o engraçadinho, pueril acondicionamento, o sôrno impalpar-se, amável ridicularia. Davam-lhe à boca comidinha mole. Tornavam-lhe às vezes uns sorrisinhos, um tanger de tosse, chegava a falar — e escassamente podia ser entendida — no semi-sussurro mais discreto que o bater da borboletinha branca. A Moça adivinhava-a? Pedia água. A Moça trazia a água, vinha com nas duas mãos o copo cheio às beiras, sorrindo igual, sem deixar cair fora uma única gota — a gente pensava que ela devia de ter nascido assim, com aquele copo de água pela borda, e conservá-lo até à hora de desnacer: dele nada se derramasse.

Não, a Nenha não reconhecia ninguém, alheada de fim, só um pensar sem inteligência, imensa omissão, e já condenados segredos — coração imperceptível. *No que vagueia os olhos, contudo, surpreende-se-lhe o imanecer da bem-aventura, transordinária benignidade, o bom fantástico.* O Menino perguntou: — *"Ela agora está cheia de juízo?"* A Moça firmou

o olhar, como o luar desassombra. O rumor da tesoura grande podava as roseiras. Era o Homem velho, de pé, de contraluz, homem muito alto. O Moço pegou na mão da Moça, ele estava apaixonado. O Menino se recolheu, olhando para o chão, numa tristeza de amuo.

O Homem velho só queria ver as flores, ficar entre elas, cuidá-las. O Homem velho brincava com as flores. *Cerra-se a névoa, o escurecido, há uma muralha de fadiga. Orientar-me! — como um riachinho, às voltas, que tentasse subir a montanha.* Havia um fio de barbante, que a gente enrolava num pauzinho. A Moça repetia coisas tantas, muito mansas, ao Moço. *Tenho de me recuperar, desdeslembrar-me, excogitar — que sei? — das camadas angustiosas do olvido. Como vivi e mudei, o passado mudou também. Se eu conseguir retomá-lo.* Do que falavam o Moço e a Moça. Do velho Homem, pai dela, desenganadamente doente, para qualquer momento, mortal.

— "E ele já sabe?" — o Moço perguntou. A Moça, com um lenço branco, muito fino, limpava a sumida boca da Nenha, velhinha. — *"Ele sabe. Mas não sabe por que!"* — ela falou, tinha fechado os olhos, tesa, parada. O Moço se mordeu, um curto. — *"E quem é que sabe? E para que saber porque temos de morrer?* — disse, disse. A Moça, agora, era que pegava na mão dele.

Venho a me lembrar. Quando amadorno. De como fora possível que tão de todo se perdesse a tradição do nome e pessoa daquela Nenha, velhíssima, antepassada, conservada contudo ali, por seu povo de parentes. Alguém, antes de morrer, ainda se lembrava de que não se lembrava: ela seria apenas a mãe de uma outra, de uma outra, de uma outra, para trás. Antes de vir para a fazenda, ela ter-se-ia residido em cidade ou vila, numa certa casa, num Largo, cuidada por umas irmãs solteironas. Mesmo essas, mal contavam. Dera-se que, em tempos, quase todas as antecedentes mulheres da família, de roca e fuso, sucessivamente teriam morrido, quase de uma vez, do mal-de-semana, febre de parto; daí, rompido o conhecimento, os homens se mudando, andara confiada a estranhos a Nenha, velhinha, que durava, visual, além de todas as raias do viver comum e da velhez, mas na perpetuidade. *Então, o fato se dissolve. As lembranças são outras distâncias. Eram coisas que paravam já à beira de um grande sono.* A gente cresce sempre, sem saber para onde.

Trasvisto, sem se sofrear, fechando os dentes, o Moço arguia com a Moça, ela firme e doçura. Ela tinha dito: — *"...esperar, até à hora da*

morte...” Soturno, nervoso, o Moço não podia entender, considerar no impeditivo. Porque a Moça explicava: que não a morte do pai, nem da velhinha Nenha, de quem era a tratadeira. Falou: — *“Mas a nossa morte...”* Sobre este ponto, ela sorria — muito — flor, limite de transformação. Obrigara-se por um voto? Não. Mais disse: — *“Se eu, se você gostar de mim... E como saber se é o amor certo, o único? Tanto é o poder errar, nos enganos da vida... Será que você seria capaz de se esquecer de mim, e, assim mesmo, depois e depois, sem saber, sem querer, continuar gostando? Como é que a gente sabe?”* Ouvida a resposta da Moça, o Menino estremeceu, queria que ela não tivesse falado. *Reperdida a remembrança, a representação de tudo se desordena: é uma ponte, ponte, — mas que, a certa hora, se acabou, parece'que. Luta-se com a memória.* Atordoado, o Menino, tornado quase incônscio, como se não fosse ninguém, ou se todos uma pessoa só, uma só vida fossem: ele, a Moça, o Moço, o Homem velho e a Nenha, velhinha — em quem trouxe os olhos.

Vê-se — fechando um pouco os olhos, como a memória pede: o reconhecimento, a lembrança do quadro, se esclarece, se desembaça. Desesperado, o Moço, lívido, ríspido, falava com a Moça, agarrava-se aos varões da grade do jardim. Dissesse: que era um simples homem, são em juízo, para não tentar a Deus, mas para seguir o viver comum, por seus meios, pelos planos caminhos! *Que será, agora, se a Moça não o quiser reter, se ela não concordar?* A Moça, lágrimas em olhos, mas mediante o sorriso, linda já de outra espécie. Ela não concordou. Ela só olhava com enorme amor para o Moço. Então, ele deu-lhe as costas. E a Moça se ajoelhou, curvada para o berço da Nenha, velhinha, e chorava, abraçando-a — ela se abraçava com o incomutável, o imutável. Tanto, de uma vez, ela se separava da gente, que mesmo o Menino não podia querer ficar com ela, consolá-la. O Menino, contra tudo o que sentisse, acompanhou o Moço. O Moço o aceitou, pegou-lhe da mão, juntos caminharam.

O Moço viera com tropeço, apalpando as paredes, como os cegos. E entraram no quarto, ao extremo da varanda, no escritório. Aquela mesa escrivaninha cheirava tão bom, a madeira vermelha, a gaveta, o Menino gostaria de guardar para si a revista, com as figuras coloridas; mas não teve ânimo de pedir. O Moço escreveu o bilhete, era para a Moça, ali o depositou. O que estava nele, não se sabe, nunca mais. Não se viu mais a Moça. O Moço partia, para sempre, torna-viajor, com ele ia também o

Menino, de volta a casa. O Moço, com a capa de baeta azul, trazia-o, à frente da sela. Voltaram os olhos, já a distância: do limiar, à porta, só o Homem alto, sem se poder ver-lhe o rosto, desconhecidamente, fazia-lhes ainda sinais de adeus.

A viagem devia de ser longa, com aquele Moço, que falava com o Menino, com ele tratava mão por mão, carecia de selar palavras. Ele, o Moço, disse: — *"Será que posso viver sem dela me esquecer, até à grande hora? Será que em meu coração ela tenha razão?..."* O Menino não respondeu, só pensou, forte: — *"Eu, também!"* Ah, ele tinha ira desse moço, ira de rivalidades. Do Moço, que outras coisas repetia, que ele não queria perceber. Pediu: se podia vir à garupa, em vez de no arção? Ele queria não ficar perto da voz e do coração desse Moço, que ele detestava. *Tem horas em que, de repente, o mundo vira pequenininho, mas noutro de-repente ele já torna a ser demais de grande, outra vez. A gente deve de esperar o terceiro pensamento.* O Moço não falava, agora. Falido, ido, noutro confusamento, ele rompeu a chorar. Pouco a pouco, o Menino, devagarinho, chorava, também, o cavalo soprava. O Menino sentia: que, se, de um jeito, fosse ele poder gostar, por querer, desse moço, então, de algum modo, era como se ele ficasse mais perto da Moça, tão linda, tão longe, para sempre, na soledade. Daí, viu-se em casa. Chegara.

Nunca mais soube nada do Moço, nem quem era, vindo junto comigo. Reparei em meu pai, que tinha bigodes. Meu pai, estava dando ordens a dois homens, que era para levantarem o muro novo, no quintal. Minha Mãe me beijou, queria saber notícias de muita gente, olhava se eu não rasgara minha roupa, se tinha ainda no pescoço, sem perder nenhum, os santos de todas as medalhinhas.

E eu precisei de fazer alguma coisa, de mim, chorei e gritei, a eles dois: — *"Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram?! Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!..."*

E eles abaixaram as cabeças, figuro que estremeceram.

Porque eu desconheci meus Pais — eram-me tão estranhos; jamais poderia verdadeiramente conhecê-los, eu; eu?

Fatalidade

Foi o caso que um homenzinho, recém-aparecido na cidade, veio à casa do Meu Amigo, por questão de vida e morte, pedir providências. Meu Amigo sendo de vasto saber e pensar, poeta, professor, ex-sargento de cavalaria e delegado de polícia. Por tudo, talvez, costumava afirmar: — *"A vida de um ser humano, entre outros seres humanos, é impossível. O que vemos, é apenas milagre; salvo melhor raciocínio."* Meu Amigo sendo fatalista.

Na data e hora, estava-se em seu fundo de quintal, exercitando ao alvo, com carabinas e revólveres, revezadamente. Meu Amigo, a bom seguro que, no mundo, ninguém, jamais, atirou quanto ele tão bem — no agudo da pontaria e rapidez em sacar arma; gastava nisso, por dia, caixas de balas. Estava justamente especulando: — *"Só quem entendia de tudo eram os gregos. A vida tem poucas possibilidades."* Fatalista como uma louça, o Meu Amigo. Sucedeu nesse comenos que o vieram chamar, que o homenzinho o procurava.

O qual, vendo-se que caipira, ar e traje. Dava-se de entre vinte-e-muitos e trinta anos; devia de ter bem menos, portanto. Miúdo, moído. Mas concreto como uma anta, e carregado o rosto, gravado, tão submetido, o coitado; as mãos calosas, de enxadachim. Meu Amigo, mandando-lhe sentar e esperar, continuou, baixo, a conversa; fio que, apenas, para poder melhor observar o outro, vez a vez, com o rabo-do-olho, aprontando-lhe a avaliação. Do que disse: — *"Se o destino são componentes consecutivas — além das circunstâncias gerais de pessoa, tempo e lugar... e o karma..."* Ponto é que o Meu Amigo existia, muito; não se fornecia somente figura fabulável, entenda-se. O homenzinho se sentara na ponta da cadeira, os pés e joelhos juntos, segurando com as duas mãos o chapéu; tudo limpinho pobre.

Convidado a dizer-se, declinou que de nome José de Tal, mas, com perdão, por apelido Zé Centeralfe. Sentia-se que ele era um sujeito já arrumado em si; nem estava muito nervoso. Embrulhava-se a falar, por gravidade: — *"Sou homem de muita lei... Tenho um primo oficial-de-justiça... Mas não me abrange socôrro... Sou muito amante da ordem..."* Meu Amigo murmurou mais ou menos: — *"Não estamos debaixo da lei,*

mas da graça..." — cuido que citasse epístola de São Paulo; e receei que ele não simpatizasse com Zé Centeralfe. Mas, o homenzinho, posto em cruz comprida, e porque se achasse rebaixado, quase desonrado — e ameaçado — viera dar parte. Apanhou o chapéu, que caíra ao chão, com a mão o espanava.

Representou: que era casado, em face do civil e da igreja, sem filhos, morador no arraial do Pai-do-Padre. Vivia tão bem, com a mulher, que tirava divertimento do comum e no trabalho não compunha desgosto. Mas, de mandado do mal, se deu que foi infernar lá um desordeiro, vindiço, se engraçou desbrioso com a mulher, olhou para ela com olho quente... — *"Qual é o nome?"* — Meu Amigo o interrompeu; ele seguia biograficamente os valentões do Sul do Estado. — *"É um Herculinão, cujo sobrenome Socó..."* — explicou o homenzinho. Meu Amigo voltou-se, rosnou: — *"Horripilante badameco..."* Por certo esse Herculinão Socó desmerecesse a mínima simpatia humana, ao contrário, por exemplo, do jovem Joãozinho do Cabo-Verde, que se famigerara das duas bandas da divisa, mas, ao conhecer pessoalmente Meu Amigo — ... *"um homem de lealdade tão ilustre"*... — resolveu passar-se definitivo para o lado paulista, a fim de com ele jamais ter de ver-se em confusão. Sem saber o quê, o homenzinho Zé Centeralfe aprovava com a cabeça. Relatava.

Só para atalhar discórdias, prudenciara; sempre seria melhor levar à paciência. E se humilhara, a menos não poder. Mas, o outro, rufião biltre, não tinha emenda, se desbragava, não cedia desse atrevimento. — *"Ele não tem estatutos. Quem vai arrazoar com homem de má cabeça? Para isso não tenho cara..."* Só se para o vir-às-mãos, para alguma injusta desgraça. Nem podia dar querela: a marca de autoridade, no Pai-do-Padre, se estava em falta. A mulher não tinha mais como botar os pés fora da porta, que o homem surgia para desusar os olhos nela, para a desaforar, com essas propostas. — *"Somente a situação empiorava, por culpa de hirsúcia daquele homem alheio..."* Curvara-se, sempre de meia-esguelha, a ponto que parecia cair da cadeira. Meu Amigo animou-o: — *"Quanta crista!"* — e aí ele depositou no colo o chapéu, e direito se sentou.

Sucedendo-se os sustos e vexames, não acharam outro meio. Ele e a mulher decidiram se mudar. — *"Sendo para a pobreza da gente um cortado e penoso. Afora as saudades de se sair do Pai-do-Padre; a gente era de muita estimação lá."* Mas, para considerar Deus, e não traspassar a lei, o jeito era. — *"Larguei para o arraial do Amparo..."* Arranjaram no

Amparo uma casinha, uma roça, uma horta. Mas, o homem, o nominoso, não tardou em aparecer, sempre no malfazer, naquela sécia. Se arranchou. Sua embirração transfazia um danado de poder, todos dele tomavam medo. E foi a custo ainda maior, e quase à escondida, que José Centeralfe e a esposa conseguiram fugir de lá também, tendo pesar.

Por conta daquele. — *"Cujalma!"* — proferiu Meu Amigo, meticuloso indo ajeitar uma carabina, que se exibia, oblíqua, na parede. Pois a sala — de tão repleta de: rifles, pistolas, espingardas — semelhava o que nunca se vê. — *"Esta leva longe..."* — disse, e riu, um tanto malignamente. Tornou a sentar-se, porém, sorrindo agradado para o José Centeralfe.

Mas mais o homenzinho se ensombrara.

Fosse chorar?

Falou: — *"Viajamos para cá, e ele, nos rastros, lastimando a gente. É peta. Não me perdeu de vistas. Adonde vou, o homem me atravessa... Tenho de tomar sentido, para não entestar com ele."* Durou numa pausa. Daí, pela primeira vez, alçou a voz: — *"Terá o jus disso, o que passa das marcas? É réu? É para se citar? É um homem de trapaças, eu sei. Aqui é cidade, diz-se que um pode puxar pelos seus direitos. Sou pobre, no particular. Mas eu quero é a lei..."* Tanto dito, calou-se, em silêncio médio; pedia, com olhos de cachorro.

Meu Amigo fez uma coisa. Virou, por metade, o rosto, para encarar aquela carabina. Sério, carregando o minuto. Só. Sem voz. Mais nela afirmando a vista, enquanto umas quantas vezes rabeava com os olhos, na direção do homenzinho; em ato, chamando-o a que também a olhasse, como que a o puxar à lição. Mas o outro ainda não entendia que ele acenasse em alguma coisa. Sem tanto, que deu: — *"E eu o que faço?"* — na direta perguntação.

Surdeava o Meu Amigo, pato-mudo. Soprou nos dedos. Sempre em fito, na arma, na parede, e remirando o outro — ao tempo que — tanto quanto tanto. De feito. O homenzinho se arregalou — de desperto. Desde que desde, ele entendesse, a ver o que para valer: a chave do jogo. Entendeu. Disse: — *"Ah."* E se riu: às razões e consequências. Donde bem, se levantou; podia portar por fé.

Sem mais perplexidades, se ia. Agradecia, reespiritado, com sua força de seu santo. Ia a sair. Meu Amigo só ainda perguntou: — *"Quer café... ou uma cachacinha?"* E o outro, de sisório: — *"Seja, que aceito... despois."*

Outras palavras não trocaram. Meu Amigo apertou-lhe a mão. Sim, se foi, o José Centeralfe.

Meu amigo, tão valedor, causavelmente, de vá-à-garra o deixava? Comentou: — *"Coronha ou cano..."* O homenzinho, tão perecível, um fagamicho, o mofino — era para esforço tutânico? Meu Amigo sendo o dono do caos. Porém, revistando sua arma, se o tambor se achava cheio. Disse: — *"Sigamos o nosso carecido Aquiles..."* Pois se pois.

Seguimo-lo.

Ele ia, e muito.

Tinha-se de dobrar o passo.

E — de repente e súbito — precipitou-se a ocasião: lá vinha, fatalmente, o outro, o Herculinão, descompassante. Meu Amigo soprou um semi-espirro, canino, conforme seu vezo e uso, em essas, em cheirando a pólvoras.

E... foi: fogo, com rapidez angélica: e o falecido Herculinão, trapuz, já arriado lá, já com algo entre os próprios e infra-humanos olhos, lá nele — tapando o olho-da-rua. Não há como o curso de uma bala; e — como és bela e fugaz, vida!

Três, porém, haviam tirado arma, e dois tiros tinham-se ouvido? Só o Herculinão não teve tempo. Com outra bala, no coração. Homem lento.

O Centeralfe se explicou: — *"Este iscariotes..."*

Meu Amigo, não. Disse um *"Oh"* polissilábico, sem despesas de emoção. Disse: — *"Tudo não é escrito e previsto? Hoje, o deste homem. Os gregos..."* Disse: — *"Mas... a necessidade tem mãos de bronze..."* Disse: — *"Resistência à prisão, constatada..."* Dissera um "não", metafisicado.

Sem repiques nem rebates, providenciava a remoção do Herculinão, com presteza, para sua competente cova.

E convidava-nos a almoçar, ao Zé Centeralfe, principalmente.

Meditava, o Meu Amigo. Disse: — *"Esta nossa Terra é inabitada. Prova-se, isto..."* — pontuante.

Sequência

Na estrada das Tabocas, uma vaca viajava. Vinha pelo meio do caminho, como uma criatura cristã. A vaquinha vermelha, a cor grossa e afundada — o tom intenso de azamar. Ela solevava as ancas, no trote balançado e manso, seus cascos no chão batiam poeira. Nem hesitava nas encruzilhadas. Sacudia os chifres, recurvos em coroa, e baixava testa, ao rumo, que reto a trazia, para o rio, e — para lá do rio — a terras de um Major Quitério, nos confins do dia, à fazenda do Pãodolhão.

No Arcanjo, onde a estrada borda o povoado, foi notada, e, vendo que era uma rês fujã, tentaram rebatê-la; se esvencilhou, feroz, e foi-se, porém. De beira dos pastos, os anús, que voavam cruzando-a, desvinham de pousar-lhe às costas. No riachinho do Gonçalves, quase findo à míngua d’água, se deteve para beber. Deram tiros, no campo, caçando às codornas. Latidos, noutra parte, faziam-na entrar oculta no cerrado. Ora corriam dela umas mulheres, que andavam buscando lenha. Se encontrava cavaleiros, sabia deles se alonjar, colada ao tapume, com disfarces: sonsa curvada a pastar, no sofrido simulamento. Légua adiante, entanto, nos Antônios, desabalava em galope, espandongada, ao passar por currais, donde ouvia gente e não era ainda o seu termo. Tio Terêncio, o velho, à porta de casa, conversou com o outro: — *“Meo fi’o, q’vaca qu’é essa?”* — *“Nho pai, e’a n’é nossa, não.”* Seguia, certa; por amor, não por acaso.

Só, assim, a vaquinha se fugira, da Pedra, madrugadamente — entre o primeiro canto dos melros e o terceiro dos galos — o sol saindo à sua frente, num céu quase da sua cor. Fazia parte de um gado, transportado, de boiadeiros, gado de coração ativo. Viera do Pãodolhão — sua querência. Apressava-se nela o empôlgo de saudade que adoece o boi sertanejo em terra estranha, cada outubro, no prever os trovões. Apanhara a boca-da-estrada — para os onde caminhos — fronteando o nascente.

Soada a notícia, seo Rigério, o dono da Pedra, disse: — *“Diaba”*. Ele era alto, o homem, para tão pequenina coisa. Seus sabedores informavam: que a marca sendo a de grande fazendeiro, da outra banda, distante. Seus vaqueiros, postos, prontos. Esse seo Rigério tinha os filhos diversos, que

por em volta se achavam. Nem deles, para o quê, havia a necessidade. E vede de que maneira tudo então se passou.

Só um dos filhos, rapaz, senhor-moço, quis-se, de repente, para aquilo: levar em brio e tomar em conta. Atou o laço na garupa. Disse: — *"É uma vaquinha pitanga?"* Pôs-se a cavalo. Soubesse o que por lá o botava, se capaz. Saiu à estrada-geral. Ia indo, à espora leve. Ia desconhecidamente. Indo de oeste para leste.

Já a vaca. O avanço, que levava, não se lhe dava de o bastante. Ante o morro, a passo, breve, nem parava para os capins dos barrancos: arrancava-os, mesmo em marcha, no mesmo surdo insossego. Se subia — cabeceava, num desconjuntado trabalho de si. Se descia — era beira-abismos, patas abertas, se borneando. Após, no plano, trotava. Agora, lá num campal, outras vacas se avistavam. Olhava-as: alteou-se e berrou — o berro encheu a região tristonha. O dia era grande, azul e branco, por cima de matos e poeiras. O sol inteiro.

Já o rapaz se anorteava. Só via o horizonte e sim. Sabia o de uma vaquinha fugida: que, de alma, marca o rumo e faz atalhos — querençosa. Entrequanto, ele perguntava. Davam-lhe novas da arribada. Seu cavalo murça se aplicava, indo noutra forma, ligeiro. Sabia que coisa era o tempo, a involuntária aventura. E esquipava. Ia o longo, longo, longo. Deu patas à fantasia. Ali, escampava. Tempo sem chuvas, terrentas campinas, os tabuleiros tão sujos, campos sem fisionomia. O rapaz ora se cansava. Desde aí, o muito descansou. Do que, após, se atormentava. Apertou.

Com horas de diferença, a vaquinha providenciava. Aqui alta cerca a parou, foi seguindo-a, beira, beira. Dava num córrego. No córrego a vaquinha entrou, veio vindo, dentro d'água. Três vezes esperta. Até que outra cerca travou-a, ia deixando-a desairada. Volveu — irrompida ida: de um ímpeto então a saltou: num salto que queria ser voo. Vencia. E além se sumia a vaca vermelha, suspensa em bailado, a cauda oscilando. O inimigo já vinha perto.

O rapaz, no vão do mundo, assim vocado e ordenado. Ele agora se irritava. Pensou de arrepender caminho, suspender aquilo para mais tarde. Pensou palavra. O estúpido em que se julgava. Desanimadamente, ele, malandante, podia tirar atrás. Aonde um animal o levava? O incomeçado, o empatoso, o desnorte, o necessário. Voltasse sem ela, passava vergonha. Por que tinha assim tentado? Triste em torno. Só as encostas guardando o florir de árvores esfolhadas: seu roxo-escuro de julho as carobinhas, ipês

seu amarelo de agosto. Só via os longes de um quadro. O absurdo ar. Chatos mapas. O céu de se abismar. E indagava o chão, rastreava. Agora, manchava o campo a sombra grande de uma nuvem. O rapaz lançou longe um olhar. De repente, ajustou a mão à testa, e exclamou. Do ponto, descortinou que: aquela. A vaquinha, respoeirando. Aí e lá, tomou-a em vista. O vulto, pé de pessoa, que a cumeada do morro escalava. Ver o que diabo. Reduzida, ocupou, um instante, a lomba linha do espigão. Aí, se afundou para o de lá, e se escondeu de seus olhos. Transcendia ao que se destinava.

O rapaz, durante e tanto, montado no bom cavalo, à espora avante, galgando. Sempre e agudamente olhava. Podia seguir com os olhos como o rastro se formava. Só perseguia a paisagem. Preparava-se uma vastidão: de manchas cinzas e amarelas. O céu também em amarelo. Pitavam extensões de campo, no virar do sol, das queimadas; altas, mais altas, azuis, as fumaças desmanchavam-se. O rapaz — desdobrada vida — se pensou: — *"Seja o que seja."*

Aí, subia também ao morro, de onde muito se enxergava: antes das portas do longe, as colinas convalares — e um rio, em suas baixadas, em sua várzea empalmeirada. O rio, liso e brilhante, de movimentos invisíveis. Como cortando o mundo em dois, no caminho se atravessava — sem som. Seriam buracos negros, as sombras perto das margens.

Depois dos destornamentos, a vaquinha chegava à beira, às derradeiras canas-bravas. Com roubada rapidez, ia a levantar o desterro. Foi uma mexidinha figura — quase que mal os dois chifres nadando — a vaca vermelha o transpondo, a esse rio, de tardinha; que em setembro. Sob o céu que recebia a noite, e que as fumaças chamava.

Outrarte o ouro esboço do crepúsculo. O rapaz, o cavalo bom, como vinham, contornando. Antes do rio não viam: as aves, que já ninhavam. À beira, na tardação, não queria desastrar-se, de nada; pensava. Às pausas, parte por parte. Não ouviu sino de vésperas. Tinha de perder de ganhar? Já que sim e já que não, pensou assim: jamais, jamenos... — o filho de seo Rigério. A fatal perseguição, podia quebrar e quitar-se. Hesitou, se. Por certo não passaria, sem o que ele mesmo não sabia — a oculta, súbita saudade. Passo extremo! Pegou a descalçar as botas. E entrou — de peito feito. Àquelas qüilas águas trans — às braças. Era um rio e seu além. Estava, já, do outro lado.

— *“A vaca?”* — e apertava o encalço — à boa espora, à rédea larga. Mas a vaca era uma malícia, precipitava-se o logro. Nisso, anoiteceu. E não é que, seu cavalo, o murça, se sentia — da viagem de pelo a pelo: os joelhos bambeava, descaía, quase caía para a frente o cavaleiro.

Iam-se, na ceguez da noite — à casa da mãe do breu: a vaca, o homem, a vaca — transeuntes, galopando. — *“Onde então o Pãodolhão? Cujo dono? Vinha-se a qual destinatário?”* Pelas vertentes, distante, e até ao cimo do monte, um campo se incendiava: faíscas — as primeiras estrelas. O andamento. O rapaz: obcego. Sofria como podia, nem podia mais desespero. O arrepio negro das árvores. O mundo entre as estrelas e os grilos. Semiluz: sós estrelas. Onde e aonde? A vaca, essa, sabia: por amor desses lugares.

Chegava, chegavam. Os pastos da vasta fazenda. A vaca surgia-se na treva. Mugiu, arrancadamente. Remugiu em fim. A um bago de luz, lá, lá. Às luzes que pontilhavam, acolá, as janelas da casa, grande. Só era uma luz de entrequanto? A casa de um Major Quitério.

O rapaz e a vaca se entravam pela porteira-mestra dos currais. O rapaz desapeava. Sob o estúrdio atontamento, começou a subir a escada. Tanto tinha de explicar.

Tanto ele era o bem-chegado!

A uma roda de pessoas. Às quatro moças da casa. A uma delas, a segunda. Era alta, alva, amável. Ela se desescondia dele. Inesperavam-se? O moço compreendeu-se. Aquilo mudava o acontecido. Da vaca, ele a ela diria: — *“É sua.”* Suas duas almas se transformavam? E tudo à sazão do ser. No mundo nem há parvoíces: o mel do maravilhoso, vindo a tais horas de estórias, o anel dos maravilhados. Amavam-se.

E a vaca — vitória, em seus ondes, por seus passos.

O espelho

— Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha ideia do que seja na verdade — um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.

Fixemo-nos no concreto. O espelho, são muitos, captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com o aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas — que espelho? Há-os "bons" e "maus", os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não. E onde situar o nível e ponto dessa honestidade ou fidedignidade? Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível? O senhor dirá: as fotografias o comprovam. Respondo: que, além de prevalecerem para as lentes das máquinas objeções análogas, seus resultados apóiam antes que desmentem a minha tese, tanto revelam superporem-se aos dados iconográficos os índices do misterioso. Ainda que tirados de imediato um após outro, os retratos sempre serão entre si *muito* diferentes. Se nunca atentou nisso, é porque vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes. E as máscaras, moldadas nos rostos? Valem, grosso modo, para o falquejo das formas, não para o explodir da expressão, o dinamismo fisionômico. Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando.

Resta-lhe argumento: qualquer pessoa pode, a um tempo, ver o rosto de outra e sua reflexão no espelho. Sem sofisma, refuto-o. O experimento, por sinal ainda não realizado *com rigor*, careceria de valor científico, em vista das irredutíveis deformações, de ordem psicológica. Tente, aliás, fazê-lo, e terá notáveis surpresas. Além de que a simultaneidade torna-se impossível, no fluir de valores instantâneos. Ah, o tempo é o mágico de

todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais. Por começo, a criancinha vê os objetos invertidos, daí seu desajeitado tactear; só a pouco e pouco é que consegue retificar, sobre a postura dos volumes externos, uma precária visão. Subsistem, porém, outras pechas, e mais graves. Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim. Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... E então?

Note que meus reparos limitam-se ao capítulo dos espelhos planos, de uso comum. E os demais — côncavos, convexos, parabólicos — além da possibilidade de outros, não descobertos, apenas, ainda? Um espelho, por exemplo, tetra ou quadridimensional? Parece-me não absurda, a hipótese. Matemáticos especializados, depois de mental adestramento, vieram a construir objetos a quatro dimensões, para isso utilizando pequenos cubos, de várias cores, como esses com que os meninos brincam. Duvida?

Vejo que começa a descontar um pouco de sua inicial desconfiança, quanto ao meu são juízo. Fiquemos, porém, no terra-a-terra. Rimo-nos, nas barracas de diversões, daqueles caricatos espelhos, que nos reduzem a mostrengos, esticados ou globosos. Mas, se só usamos os planos — e nas curvas de um bule tem-se sofrível espelho convexo, e numa colher brunida um côncavo razoável — deve-se a que primeiro a humanidade mirou-se nas superfícies de água quieta, lagoas, lameiros, fontes, delas aprendendo a fazer tais utensílios de metal ou cristal. Tirésias, contudo, já havia predito ao belo Narciso que ele viveria apenas enquanto a si mesmo não se visse... Sim, são para se ter medo, os espelhos.

Temi-os, desde menino, por instintiva suspeita. Também os animais negam-se a encará-los, salvo as críveis excepções. Sou do interior, o senhor também; na nossa terra, diz-se que nunca se deve olhar em espelho às horas mortas da noite, estando-se sozinho. Porque, neles, às vezes, em lugar de nossa imagem, assombra-nos alguma outra e medonha visão. Sou, porém, positivo, um racional, piso o chão a pés e patas. Satisfazer-me com fantásticas não-explicações? — jamais. Que amedrontadora visão seria então aquela? Quem o Monstro?

Sendo talvez meu medo a revivescência de impressões atávicas? O espelho inspirava receio supersticioso aos primitivos, aqueles povos com a ideia de que o reflexo de uma pessoa fosse a alma. Via de regra, sabe-o o

senhor, é a superstição fecundo ponto de partida para a pesquisa. A alma do espelho — anote-a — esplêndida metáfora. Outros, aliás, identificavam a alma com a sombra do corpo; e não lhe terá escapado a polarização: luz — treva. Não se costumava tapar os espelhos, ou voltá-los contra a parede, quando morria alguém da casa? Se, além de os utilizarem nos manejos da magia, imitativa ou simpática, videntes serviam-se deles, como da bola de cristal, vislumbrando em seu campo esboços de futuros fatos, não será porque, através dos espelhos, parece que o tempo muda de direção e de velocidade? Alongo-me, porém. Contava-lhe...

Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos — um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício — faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era — logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação?

Desde aí, comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de um mais ou menos falaz pressuposto: ninguém se acha na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito. Sou claro? O que se busca, então, é verificar, acertar, trabalhar um *modelo* subjetivo, preexistente; enfim, ampliar o ilusório, mediante sucessivas novas capas de ilusão. Eu, porém, era um perquiridor imparcial, neutro absolutamente. O caçador de meu próprio aspecto formal, movido por curiosidade, quando não impessoal, desinteressada; para não dizer o urgir científico. Levei meses.

Sim, instrutivos. Operava com toda a sorte de astúcias: o rapidíssimo relance, os golpes de esguelha, a longa obliquidade apurada, as contra-surpresas, a finta de pálpebras, a tocaia com a luz de-repente acesa, os ângulos variados incessantemente. Sobretudo, uma inembotável paciência. Mirava-me, também, em marcados momentos — de ira, medo, orgulho abatido ou dilatado, extrema alegria ou tristeza. Sobreabriram-se-me enigmas. Se, por exemplo, em estado de ódio, o senhor enfrenta objetivamente a sua imagem, o ódio reflui e recrudesce, em tremendas

multiplicações: e o senhor vê, então, que, de fato, só se odeia é a si mesmo. Olhos contra os olhos. Soube-o: os olhos da gente não têm fim. Só eles paravam imutáveis, no centro do segredo. Se é que de mim não zombassem, para lá de uma máscara. Porque, o resto, o rosto, mudava permanentemente. O senhor, como os demais, não vê que seu rosto é apenas um movimento deceptivo, constante. Não vê, porque mal advertido, avezado; diria eu: ainda adormecido, sem desenvolver sequer as mais necessárias novas percepções. Não vê, como também não se veem, no comum, os movimentos translativo e rotatório deste planeta Terra, sobre que os seus e os meus pés assentam. Se quiser, não me desculpe; mas o senhor me compreende.

Sendo assim, necessitava eu de transverberar o embuço, a travisagem daquela *máscara*, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa — a minha vera forma. Tinha de haver um jeito. Meditei-o. Assistiram-me seguras inspirações.

Concluí que, interpenetrando-se no disfarce do *rosto externo* diversas componentes, meu problema seria o de submetê-las a um bloqueio "visual" ou anulamento perceptivo, a suspensão de uma por uma, desde as mais rudimentares, grosseiras, ou de inferior significado. Tomei o elemento animal, para começo.

Parecer-se cada um de nós com determinado bicho, relembrar seu *facies*, é fato. Constato-o, apenas; longe de mim puxar à bimbalha temas de metempsicose ou teorias biogenéticas. De um mestre, aliás, na ciência de Lavater, eu me inteirara no assunto. Que acha? Com caras e cabeças ovinas ou equinas, por exemplo, basta-lhe relancear a multidão ou atentar nos conhecidos, para reconhecer que os há, muitos. Meu sósia inferior na escala era, porém — a onça. Confirmei-me disso. E, então, eu teria que, após dissociá-los meticulosamente, aprender a *não ver*, no espelho, os traços que em mim recordavam o grande felino. Atirei-me a tanto.

Releve-me não detalhar o método ou métodos de que me vali, e que revezavam a mais buscante análise e o estrênuo vigor de abstração. Mesmo as etapas preparatórias dariam para aterrar a quem menos pronto ao árduo. Como todo homem culto, o senhor não desconhece a Ioga, e já a terá praticado, quando não seja, em suas mais elementares técnicas. E, os "exercícios espirituais" dos jesuítas, sei de filósofos e pensadores incréus que os cultivam, para aprofundarem-se na capacidade de concentração, de par com a imaginação criadora... Enfim, não lhe oculto haver recorrido a

meios um tanto empíricos: gradações de luzes, lâmpadas coloridas, pomadas fosforescentes na obscuridade. Só a uma expediência me recusei, por medíocre senão falseadora, a de empregar outras substâncias no aço e estanhagem dos espelhos. Mas, era principalmente no *modus* de focar, na visão parcialmente alheada, que eu tinha de agilitar-me: olhar não-vendo. Sem ver o que, em "meu" rosto, não passava de *reliquat* bestial. Ia-o conseguindo?

Saiba que eu perseguia uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária. E digo-lhe que nessa operação fazia reais progressos. Pouco a pouco, no campo-de-vista do espelho, minha figura reproduzia-se-me lacunar, com atenuadas, quase apagadas de todo, aquelas partes excrescentes. Prossegui. Já aí, porém, decidindo-me a tratar simultaneamente as outras componentes, contingentes e ilusivas. Assim, o elemento hereditário — as parecenças com os pais e avós — que são também, nos nossos rostos, um lastro evolutivo residual. Ah, meu amigo, nem no ovo o pinto está intacto. E, em seguida, o que se deveria ao contágio das paixões, manifestadas ou latentes, o que ressaltava das desordenadas pressões psicológicas transitórias. E, ainda, o que, em nossas caras, materializa ideias e sugestões de outrem; e os efêmeros interesses, sem sequência nem antecedência, sem conexões nem fundura. Careceríamos de dias, para explicar-lhe. Prefiro que tome minhas afirmações por seu valor nominal.

À medida que trabalhava com maior mestria, no excluir, abstrair e abstrar, meu esquema perspectivo clivava-se, em forma meândrica, a modos de couve-flor ou bucho de boi, e em mosaicos, e francamente cavernoso, com uma esponja. E escurecia-se. Por aí, não obstante os cuidados com a saúde, comecei a sofrer dôres de cabeça. Será que me acovardei, sem menos? Perdôe-me, o senhor, o constrangimento, ao ter de mudar de tom para confidência tão humana, em nota de fraqueza inesperada e indigna. Lembre-se, porém, de Terêncio. Sim, os antigos; acudiu-me que representavam justamente com um espelho, rodeado de uma serpente, a Prudência, como divindade alegórica. De golpe, abandonei a investigação. Deixei, mesmo, por meses, de me olhar em qualquer espelho.

Mas, com o comum correr quotidiano, a gente se aquieta, esquece-se de muito. O tempo, em longo trecho, é sempre tranquilo. E pode ser, não menos, que encoberta curiosidade me picasse. Um dia... Desculpe-me, não

viso a efeitos de ficcionista, inflectindo de propósito, em agudo, as situações. Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era — o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona.

Com que, então, durante aqueles meses de repouso, a faculdade, antes buscada, por si em mim se exercitara! Para sempre? Voltei a querer encarar-me. Nada. E, o que tomadamente me estarreceu: eu não via os meus olhos. No brilhante e polido nada, não se me espelhavam nem eles!

Tanto dito que, partindo para uma figura gradualmente simplificada, despojara-me, ao termo, até à total desfigura. E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado? Então, o que se me fingia de um suposto *eu*, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine? Diziam-me isso os raios luminosos e a face vazia do espelho — com rigorosa infidelidade. E, seria assim, com todos? Seríamos não muito mais que as crianças — o espírito do viver não passando de ímpetos espasmódicos, relampejados entre miragens: a esperança e a memória.

Mas, o senhor estará achando que desvario e desoriento-me, confundindo o físico, o hiperfísico e o transfísico, fora do menor equilíbrio de raciocínio ou alinhamento lógico — na conta agora caio. Estará pensando que, do que eu disse, nada se acerta, nada prova nada. Mesmo que tudo fosse verdade, não seria mais que reles obsessão auto-sugestiva, e o despropósito de pretender que psiquismo ou alma se retratassem em espelho...

Dou-lhe razão. Há, porém, que sou um mau contador, precipitando-me às ilações antes dos fatos, e, pois: pondo os bois atrás do carro e os chifres depois dos bois. Releve-me. E deixe que o final de meu capítulo traga luzes ao até agora aventado, canhestra e antecipadamente.

São sucessos muito de ordem íntima, de caráter assaz esquisito. Narro-os, sob palavra, sob segredo. Pejo-me. Tenho de demais resumi-los.

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei — não rosto a rosto. O espelho mostrou-

me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo.

São coisas que se não devem entrever; pelo menos, além de um tanto. São outras coisas, conforme pude distinguir, muito mais tarde — por último — num espelho. Por aí, perdôe-me o detalhe, eu já amava — já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto — quase delineado, apenas — mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá?

Devia ou não devia contar-lhe, por motivos de talvez. Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? Apalpo o evidente? Tresbusco. Será este nosso desengonço e mundo o plano — intersecção de planos — onde se completam de fazer as almas?

Se sim, a "vida" consiste em experiência extrema e séria; sua técnica — ou pelo menos parte — exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois, o *"salto mortale"*... — digo-o, do jeito, não porque os acrobatas italianos o aviventaram, mas por precisarem de toque e timbre novos as comuns expressões, amortecidas... E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: — *"Você chegou a existir?"*

Sim? Mas, então, está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens? Disse. Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. Sim?

Nada e a nossa condição

Na minha família, em minha terra, ninguém conheceu uma vez um homem, de mais excelência que presença, que podia ter sido o velho rei ou o príncipe mais moço, nas futuras estórias de fadas. Era fazendeiro e chamava-se Tio Man'Antônio.

Sua fazenda, cuja sede distava de qualquer outra talvez mesmo dez léguas, dobrava-se na montanha, em muito erguido ponto e de onde o ar num máximo raio se afinava translúcido: ali as manhãs dando de plano e, de tarde, os tintos roxo e rosa no poente não dizendo de bom nem mau tempo. Essa fazenda, Tio Man'Antônio tivera-a menos por herança que por compra; e tão apartado em si se conduzia ele, individido e esquivo na conversa, que jamais quase a referisse pelo nome, mas, raro e apenas, sobmaneira: — *"... Lá em casa... Vou para casa..."*

À que — assobradada, alicerçada fundo, de tetos altos, longa, e com quantos sem uso corredores e quartos, cheirando a fruta, flor, couro, madeiras, fubá fresco e excremento de vaca — fazia face para o norte, entre o quintal de limoeiros e os currais, que eram um ornato; e, à frente, escada de pau de quarenta degraus em dois lanços levava ao espaço da varanda, onde, de um caibro, a um canto, pendia ainda a corda do sino de outrora comandar os escravos assenzalados.

Tio Man'Antônio, esperava-o lá a mulher, Tia Liduína, de árdua e imemorial cordura, certa para o nunca e sempre. E rodeavam-no as filhas, singelas, sérias, cuidosas, como supridamente sentiam que o amavam. Salvavam-no, com invariável *sus*'Jesus, desde bem antes da primeira cancela, diversidade de servos, gente indígena, que por alhures e além estanciavam. Mas, ele, de cada vez, se curvava, de um jeito, para entrar, como se a elevada porta fosse acanhada e alheia, convidadamente, aos bons abrigos. Vivia, feito tenção. Assim, a respeito dele, muita real coisa ninguém sabia.

Só se de longe. Senão quando vinha, constante, serra acima, a retornar viagem, galgando caminhos fragosos, à beira de despenhadeiros e crevassas — grotas em tremenda altura. Da varanda, dado o dia diáfano, já ainda a distância de tanto e légua avistavam-no, pontuando o claro do ar,

em certas voltas de estrada, a aproximar-se e desaproximar-se, sequer sequente. Insistindo, à cavalga no burro forçoso e manso, aos poucos avançava, Tio Man'Antônio, em rigoroso traje, ainda que a ordinária roupa de brim cor de barro, pois que sempre em grau de reles libré; e sem polainas nem botas, quiçá nem esporas. A tento, amiúde, distinguir-se-iam mesmo seus omissos gestos principais: o de, vez em vez, fazer que afastava, devagar, de si, quaisquer coisas; o de alisar com os dedos a testa, enquanto pensava o que não pensava, propenso a tudo, afetando um cochilo. Nem olhasse mais a paisagem?

Sim, se os cimos — onde a montanha abre asas — e as infernas grotas, abismáticas, profundíssimas. Tanto contemplava-as, feito se, a elas, algo, algum modo, de si, votivo, o melhor, ofertasse: esperança e expiação, sacrifícios, esforços — à flor. Seria, por isso, um dia topasse, ao favorável, pelo tributo gratos, o Rei-dos-Montes ou o Rei-das-Grotas — que de tudo há e tudo a gente encontra? De si para si, quem sabe, só o que inútil, novo e necessário, segredasse; ele consigo mesmo muito se calava. Pois era assim que era, se; só estamos vivendo os futuros antanhos. Demais não se ressentisse, também, de sequidão, solidão, calor ou frio, nem do quotidiano desconforto tirava queixa. Mas debruçado, leve a cabecear, e com cerrada boca, expirando ligeiro ofego. Debilitada a vista, nos tempos agora. Por essa época, porém, sim; por uso. Olhava, com a seu nem ciente amor, distantemente, fundos e cumes. Seduzível conheceu-se, ele, de encarar sempre o tudo? Chegava, após íngremes horas e encostas.

Sua mulher, Tia Liduína, então morreu, quase de repente, no entrecorte de um suspiro sem ai e uma ave-maria interrupta. Tio Man'Antônio, com nenhum titubeio, mandou abrir, par em par, portas e janelas, a longa, longa casa. Entre que as filhas, orfanadas, se abraçavam, e revestia-se a amada morta, incôngruo visitou ele, além ali, um pós um, quarto e quarto, cômodo e cômodo.

Pelas janelas, olhou; urgia a divagação. Passou a paisagem pela vista, só a segmentos, serial, como dantes e ainda antes. De roda, na vislumbrança, o que dos vales e serros vem é o que o horizonte é — tudo em tudo. Pois, noutro lanço de vista, ele pegava a paisagem pelas costas: as sombras das grotas e a montanha prodigiosa, a vanecer-se, sobre asas. Ajudavam-no, de volta, agora que delas precisava? Definia-se, ele, ali, sem contradição nem resistência, a inquebrantar-se, desde quando de futuro e passado mais não

carecia. Talvez, murmurasse, de tão dentro em si, coisas graves, grandes, sem som nem sentido.

Enfim, tornou para junto delas, de sua Liduína — imovelmente — ao século, como a quisessem: num amontoo de flores. Suspensas, as filhas, de todo a o não entender, mas adivinhar, dele a crédito vago esperassem, para o comum da dor, qualquer socôrro. Ele, por detrás de si mesmo, pondo-se de parte, em ambíguos âmbitos e momentos, como se a vida fosse ocultável; não o conheceriam através de figuras. Sendo que refez sua maciez; e era uma outra espécie, decorosa, de pessoa, de olhos empalidecidamente azuis. Mas fino, inenganador, o rosto, cinzento moreno.

Transluz-se que, fitando-o, agora, era como se súbito as filhas ganhassem ainda, do secesso de seus olhos, o insabível curativo de uma graça, por quais longínquos, indizíveis reflexos ou vestígios. Felícia, apenas, a mais jovem, clamou, falando ao pai: — *"Pai, a vida é feita só de traiçoeiros altos-e-baixos? Não haverá, para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?"* E ele, com muito caso, no devagar da resposta, suave a voz: — *"Faz de conta, minha filha... Faz de conta..."* Entreentendidos, mais não esperaram. Cabisbaixara-se, Tio Man'Antônio, no dizer essas palavras, que daí seriam as suas dele, sempre. Sobre o que, leve, beijou a mulher. Então, as filhas e ele choraram; mas com o poder de uma liberdade, que fosse qual mais forte e destemida esperança.

Tia Liduína, que durante anos de amor tinham-na visto todavia sorrir sobre sofrer — só de ser, vexar-se e viver, como, ora, dá-se — formava dolorida falta ao uso de afeto de todos. Tia Liduína, que já fina música e imagem.

Com ver, porém, que Tio Man'Antônio a andar de dó se recusasse, sensato sem cuidados, intrágico, sem acentos viuvosos. Inaugurava-se grisalho, sim, um tanto mais encolhidos os ombros. Ele — o transitório — só se diga, por esse enquanto. Nada dizia, quando falava, às vezes a gente mal pensava que ele não se achasse lá, de novo assim, sem som, sem pessoa. Ao revés, porém, Tio Man'Antônio concebia. — *"Faça-se de conta!"* — ordenou, em hora, mansozinho. Um projeto, de se crer e obrar, ele levantava. Um, que começaram.

Seus pés-no-chão muitos camaradas, luzindo a solsim foices, enxadas, facões, obedeciam-lhe, sequacíssimos, no que com talento de braços executavam, leigos, ledos, lépidos. Mas ele guiava-os, muito cometido,

pelos sabidos melhores meios e fins, engenheiro e fazedor, varão de tantas partes; associava com eles, dava coragem. — *"Faz de conta, minha gente... Faz de conta..."* — em seu bom sussurro, lábios de entre-sorriso, mas severo, de si inflexível, que certo. Matinava, dia por dia, impelindo-os, arrastando-os, de industriação, à dobrada dobadoura, a derrubarem mato e cortar árvores, no que era uma reformação — a boa data de trabalhos. Seja que esses homens, esforçados e avindos, lerdos e mandriões, nem percebessem ali sujeição e senhoria, senão que, de siso, estimavam-no, decerto, queriam-lhe como quem. E em afã atacavam o inteiro rededor, que nem que medido em sequentes metros, acima e abaixo, com fórmulas e curvas.

À lereia, aquilo, que não se entendendo por carecido ou útil, antes talvez achassem em tudo ação de desconcernência, ar na cachimônia, tolice quase, a impura perfunctura. Mas, Tio Man'Antônio, no se é o que é que é, as abas de palha do chapelão abaixava, semicerrava olhos ao sol, suava, tem vez que tossia, a que quando. Ele era um que sabia abanar a cabeça, que não, que sim. Isto, porém, que o encoberto dele a todos se impunha, separativo. Acordado, querente, via-se. Senão que, homem, e, como todo homem, de fracos ossos? Outra, contudo, parecendo ser a razão por que não se cansava nunca, naquela manência, indiferentes horas. Porque fazia ou sofria as coisas, sem parar, mas não estava, dentro em sua mente, em tudo e nada ocupado.

De arte que inventava outro sorrir, refeito ingênuo; esquecera-se de todos os bens passados. E seu surdo plano, enfim, no dia, se fechou. De sorte que as filhas viram que já tudo estava pronto; e se contristaram.

Com que — e por que ideia ingrata e estranhável — pretendera ele de desmanchar o aspecto do lugar, que de desde a antiguidade, a fisionomia daquelas rampas de serras, que a Mãe vira e quisera? No desbaste, rente em redor, com efeito, nada se poupara — nem o mato lajeiro, tufos ticos de moitas, e arbustos — onde ali tudo se escampava. A ponto isto foi, de interpelá-lo a filha dileta, Francisquinha, aflita meigamente. Se não seria aquilo arrefecido sentimento, pecar contra a saudade?

Assim ele muito a ouviu, e, com quieto estar mirando-a, respondeu-lhe, se bem que outro tanto alheio, alhures. — *"Nem tanto, filha... Nem tanto..."* Donde que, ao passo que o dizia, quem sabe, em segundo soslaio, sorria, sem passar de palavra a outra palavra. Mostrou-lhes: lá os campos em desdobra — o que limpo, livre, se estendia, em quadro largo, sem

sombrios, aberta a paisagem — o descampado airoso e verde, ao mais verde grau, os capins naquela vivacidade.

Ah! — ora, que e quem, pois — e era uma enorme, feita fantasia. Porque, aquém e além, como árvores deixadas para darem sombra aos bois no ruminar do calor, só e muito se divisavam, consagradas, a vistosa sapucaia formidável, a sambaíba sertaneja à borda da sorocaba, e, para fevereiro-março e junho-julho, sem folhas, sendo-se só de flores, a barriguda rósea e a paineira purpúrea-quase-rubra, magnificentes, respectivas. Outras, outras. Mas, não mais, no qual lugar, que aquelas que Tia Liduína em vida preferira amar — seus bens de alegria!

Surpreenderam-se, as filhas, ampliaram assaz os olhos. Falava-se muito em pouco; só se lágrimas. Realmente, reto Tio Man'Antônio se semelhasse, agora, de ter sido e vir a ser. E de existir — principalmente — vestido de funesto e intimado de venturoso.

Que, não é que, em seu dito cuidar e encaprichar-se, sem querer também profetizara, nos negócios, e fora adivinho. Porque subiu, na ocasião, considerável, de repente, o prêço do gado, os fazendeiros todos querendo adquirir mais bois e arrumar e aumentar seus pastos. Tio Man'Antônio, então, daquele solerte jeito, acertara tão em pleno, passando-lhes à frente e sem nenhum alarde. Do que, manso tanto, ele se desdenhava? Passara a atentar também nas verdes próximas vertentes em campina, de olhos postos; que não apenas na montanha: alta — como consequências de nenhum ato.

Nada leva a não crer, por aí, que ele não se movesse, prático, como os mais; mas, conforme a si mesmo: de transparência em transparência. Avançava, assim, com honesta astúcia, se viu, no que quis e fez? No outro ano e depois, quando, à arte de contristes celebrarem, como se fosse ela viva e presente, o dia de Tia Liduína, propôs uma festa, e para enganar os fados.

Que deu, as filhas concordando. Elas estavam crescidas e esclarecidas. Vieram moços, primos, esses tinham belas imaginações. Tio Man'Antônio recebendo-os e vendo-os, a beneplácito. E as filhas, formosas, três, cada uma incomparável, noivaram e se casaram, em breve os desposórios. Vai, foram-se, de lá, para longes diversos, com os genros de Tio Man'Antônio. Ele, permaneceu, de outrora a hoje-em-diante, ficou, que. Ali, em sua velha e erma casa, sob azuis, picos píncaros e desmedidas escarpas, sobre

precipícios de paredões, grotões e alcantis abismosos — feita uma mansão suspensa — no pérvio.

Três, as filhas, que por amor de anos ele tinha visto renovarem a descoberta de alegria e alma — só de ser, viver e crescer, como, ora, se dá — formavam sentida falta ao seu querer de ternura experiente? Suas filhas, que já indivisas partes de uma canção.

Sozinho, sim, não triste. Tio Man'Antônio respeitava, no tangimento, a movida e muda matéria; mesmo em seu mais costumeiro gesto — que era o de como se largasse tudo de suas mãos, qualquer objeto. Distraído, porém, acarinhando-as, redimia-as, de outro modo, às coisas comezinhas? Vez, vez, entanto, e quando mais em forças de contente bem-estar se sentindo, então, dispostamente, ele se levantava, submetia-se, sem sabida precisão, a algum rude, duro trabalho — chuva, sol, ação. Parecia-lhe como se o mundo-no-mundo lhe estivesse ordenando ou implorando, necessitado, um pouco dele mesmo, a seminar-se? Ou — a si — ia buscar-se, no futuro, nas asas da montanha. Fazia de conta; e confiava, nas calmas e nos ventos.

Tanto tempo que isto, mostrava-se ele ainda não achacoso, em seu infatigado viver e inquebrantável moleza; nem ainda encanecido, como o florir do ingazeiro, conforme viria a ficar, pelo depois.

Tão próspero em seus dias, podia larguear, tinha o campo coberto de bois. Tudo se inestimava, porém, para Tio Man'Antônio, ali, onde, tudo o que não era demais, eram humanas fragilidades. Apreendesse o poder de conversar, em surdo e agudo, as relações dos acontecimentos, dos fatos; e dissuadia-se de tudo — das coisas, em multidão, misérias. Ele — o transitoriante. Realmente, seu pensamento não voltava atrás? Mas, mais causas, no mundo e em si, ele, à esperança, em sua circunvisão, condenado, descobria.

Em termos muito gerais, haveria uma mor justiça; mister seria. Se o paiol limpo se deve de, para as grandes colheitas: como a metade pede o todo e o vazio chama o cheio. E foi o que Tio Man'Antônio algum dia resolveu, conseguintemente assim, se se crê. Deveras, aquilo se deu. O que foi uma muito remexida história. E eis. E pois.

Aos poucos, a diverso tempo, às partes, entre seus muitos, descalços servos, pretos, brancos, mulatos, pardos, leguelhés prequetés, enxadeiros, vaqueiros e camaradas — os próximos — nunca sediciosos, então Tio Man'Antônio doou e distribuiu suas terras. Sim, tudo procedido à quieta,

sob espécie, com o industrio de silêncios, a fim de logo não se espevitar todo-o-mundo em cobiça, ao espalhar-se o saber do que agora se liberalizava ali, em tanta e tão espantosa maneira.

E ele mesmo, de seu dinheiro ganho, fingia estar vendendo as terras, cabidamente; dinheiro que mandava, pontual, às filhas e genros, sendo-lhes levado recado, para fazer crer. Ainda bem que genros e filhas nada querendo mais ter com aquela a-pique difícil fazenda, do Tôrto-Alto, senão que mesmo pronto retalhada e vendida, de uma ou vezes. A que, contudo, era a terra das terras, dele — e fria e clara.

Aí, Tio Man'Antônio não pensava o que pensava. Amerceamento justo — ou era a locura e tanta? O grande movimento é a volta. Agora, pelos anos adiante, ele não seria dono mais de nada, com que estender cuidados. A quem e de quem os fundos perigosos do mundo e os às-nuvens pináculos dos montes? — *"Faz de conta, gente minha... Faz de conta..."* — era o que dava, e quando, embora, no que em dizer essas palavras; não sorria, sengo.

Seus tantos servos, os benevolenciados, irreconheciam-no. Vai, ao ver, porém, que valia, a dádiva, rejubilavam-se de rir, mesmo assustados, lentos puladores, se abençoando.

Seus muitos, sequazes homens, que, durante o ignorar de anos, não os tinha de verdade visto consistir — só de ser, servir e viver, como ora e sempre se dá — faziam agora falta à sua necessidade de desígnio? Seus homens, já exigidas partes de um texto, sem decifração.

E tudo Tio Man'Antônio deixando por escrito, da própria e ainda firme mão exarado, feito se em termos de ajuste, conforme quis e pôs; e, quanto a razões e congruências, tendo em vista o parecer do vulgo e as contradições gerais, para matar a dúvida. Em engenhada vigilância, parecia adivinhar o de que seus ex-servidores e ora companheiros pudessem ver-se acusados, pelo que, mais tarde, em rubro serão, viria grandemente a suceder, que se verá. Cuidou disso resguardá-los, mediante declaração a tinta, por trás da data, tempos antes do depois.

De seu, nada conservara, a não ser a antiga, forme e enorme casa, naquela eminência arejada, edifício de prospecto decoroso e espaçoso: e de onde o tamanho do mundo se fazia maior, transclaro, sempre com um fundo de engano, em seus ocultos fundamentos. Nada. Talvez não. Fazia de conta nada ter; fazia-se, a si mesmo, de conta. Aos outros — amasse-os — não os compreendesse.

Faziam de conta que eram donos, esses outros, se acostumavam. Não o compreendiam. Não o amavam, seguramente, já que sempre teriam de temer sua oculta pessoa e respeitar seu valimento, ele em paço acastelado, sempre majestade. Por que, então não se ia embora então, de toda vez, o caduco maluco estafêrmo, espantalho? Sábio, sedentariado, queria que progredissem e não se perdessem, vigiava-os, de graça ainda administrava-os, deles gestor, capataz, rendeiro. Serviam-no, ainda e mesmo assim. Mas, decerto, milenar e animalmente, o odiavam.

Tio Man'Antônio, rumo a tudo, à senha do secreto, se afastava — dele a ele e nele. Nada interrogava mais — horizonte e enfim — de cume a cume. Pelo que vivia, tempo aguentado, ele fazia, alta e serena, fortemente, o não-fazer-nada, acertando-se ao vazio, à redesimportância; e pensava o que pensava. Se de nunca, se de quando.

Em meio ao que, àquilo, deu-se. Deu — o indeciso passo, o que não se pode seguir em ideia. Morreu, como se por um furo de agulha um fio. Morreu; fez de conta. Neste ponto, acharam-no, na rede, no quarto menor, sozinho de amigo ou amor — transitoriador — príncipe e só, criatura do mundo.

Ai-de, ao horror de tanto, atontavam-se e calaram-se, todos, no amedronto de que um homem desses, serafim, no leixamento pudesse finar-se; e temessem, com sagrado espanto e quase de não de seu ciente ódio, que, por via de tal falecer, enormidade de males e absurdos castigos vingassem a se desencadear, recairiam desabados sobre eles e seus filhos.

Desde, porém, porque morreu, deviam reverenciá-lo, honrando-o no usual — corpo, humano e hereditário, menos que trôpego. Acenderam-se em quadro as grandes velas, ele num duro terno de sarja cor de ameixa e em pretas botas achadas, colocado longo na mesa, na maior sala da Casa, já requiescante. E tinham ainda de expedir positivos e recados, para que mais gente viesse, toda, parentes e ausentes, os possíveis, avizinhados e distantes. Chorou-se, também, na varanda. Tocou-se o sino.

A obrigação cumprida à justa, à noitinha incendiou-se de repente a Casa, que desaparecia. Outros, também, à hora, por certo que lá dentro deveriam de ter estado; mas porém ninguém.

Assim, a vermelha fogueira, tresenorme, que dias iria durar, mor subia e rodava, no que estalava, septo a septo, coisa a coisa, alentada, de plena evidência. Suas labaredas a cada usto agitando um vento, alto sacudindo no ar as poeiras de estrume dos currais, que também se queimavam, e

assim a quadraginta escada, o quente jardim dos limoeiros. Derramados, em raio de légua, pelo ar, fogo, faúlhas e restos, por pirambeiras, gargantas e cavernas, como se, esplendidissimamente, tão vã e vagalhã, sobre asas, a montanha inteira ardesse. O que era luzência, a clara, incôngrua claridade, seu tétrico radiar, o qual traspassava a noite.

Ante e perante, à distância, em roda, mulheres se ajoelhavam, e homens que pulando gritavam, sebestos, diabruros, aos miasmas, indivíduos. De cara no chão se prostravam, pedindo algo e nada, precisados de paz.

Até que, ele, defunto, consumiu-se a cinzas — e, por elas, após, ainda encaminhou-se, senhor, para a terra, gleba tumular, só; como as consequências de mil atos, continuadamente.

Ele — que como que no Destinado se convertera — Man'Antônio, meu Tio.

O cavalo que bebia cerveja

Essa chácara do homem ficava meio ocultada, escurecida pelas árvores, que nunca se viu plantar tamanhas tantas em roda de uma casa. Era homem estrangeiro. De minha mãe ouvi como, no ano da espanhola, ele chegou, acautelado e espantado, para adquirir aquele lugar de todo defendimento, e a morada, donde de qualquer janela alcançasse de vigiar a distância, mãos na espingarda; nesse tempo, não sendo ainda tão gordo, de fazer nojo. Falavam que comia a quanta imundície: caramujo, até rã, com as braçadas de alfaces, embebidas num balde de água. Ver, que almoçava e jantava, da parte de fora, sentado na soleira da porta, o balde entre suas grossas pernas, no chão, mais as alfaces; tirante que, a carne, essa, legítima de vaca, cozinhada. Demais gastasse era com cerveja, que não bebia à vista da gente. Eu passava por lá, ele me pedia: — *"Irivalíni, bisonha outra garrafa, é para o cavalo..."* Não gosto de perguntar, não achava graça. Às vezes eu não trazia, às vezes trazia, e ele me indenizava o dinheiro, me gratificando. Tudo nele me dava raiva. Não aprendia a referir meu nome direito. Desfeita ou ofensa, não sou o de perdoar — a nenhum de nenhuma.

Minha mãe e eu sendo das poucas pessoas que atravessávamos por diante da porteira, para pegar a pinguela do riacho. — *"Dei'stá, coitado, penou na guerra..."* — minha mãe explicando. Ele se rodeava de diversos cachorros, graúdos, para vigiarem a chácara. De um, mesmo não gostasse, a gente via, o bicho em sustos, antipático — o menos bem tratado; e que fazia, ainda assim, por não se arredar de ao pé dele, que estava, a toda a hora, de desprezo, chamando o endiabrado do cão: por nome *"Mussulino"*. Eu remoía o rancor: de que, um homem desses, cogotudo, panturro, rouco de catarros, estrangeiro às náuseas — se era justo que possuísse o dinheiro e estado, vindo comprar terra cristã, sem honrar a pobreza dos outros, e encomendando dúzias de cerveja, para pronunciar a feia fala. Cerveja? Pelo fato, tivesse seus cavalos, os quatro ou três, sempre descansados, neles não amontava, nem aguentasse montar. Nem caminhar, quase, não conseguia. Cabrão! Parava pitando, uns charutos pequenos, catinguentos,

muito mascados e babados. Merecia um bom corrigimento. Sujeito sistemático, com sua casa fechada, pensasse que todo o mundo era ladrão.

Isto é, minha mãe ele estimava, tratava com as benevolências. Comigo, não adiantava — não dispunha de minha ira. Nem quando minha mãe grave adoeceu, e ele ofertou dinheiro, para os remédios. Aceitei; quem é que vive de não? Mas não agradeci. Decerto ele tinha remorso, de ser estrangeiro e rico. E, mesmo, não adiantou, a santa de minha mãe se foi para as escuridões, o danado do homem se dando de pagar o enterro. Depois, indagou se eu queria vir trabalhar para ele. Sofismei, o quê. Sabia que sou sem temor, em meus altos, e que enfrento uns e outros, no lugar a gente pouco me encarava. Só se fosse para ter a minha proteção, dia e noite, contra os issos e vindiços. Tanto, que não me deu nem meio serviço por cumprir, senão que eu era para burliquear por lá, contanto que com as armas. Mas, as compras para ele, eu fazia. — *"Cerveja, Irivalíni. É para o cavalo..."* — o que dizia, a sério, naquela língua de bater ovos. Tomara ele me xingasse! Aquele homem ainda havia de me ver.

Do que mais estranhei, foram esses encobrimentos. Na casa, grande, antiga, trancada de noite e de dia, não se entrava; nem para comer, nem para cozinhar. Tudo se passava da banda de cá das portas. Ele mesmo, figuro que raras vezes por lá se introduzia, a não ser para dormir, ou para guardar a cerveja — *ah, ah, ah* — a que era para o cavalo. E eu, comigo: — *"Tu espera, porco, para se, mais dia menos dia, eu não estou bem aí, no haja o que há!"* Seja que, por essa altura, eu devia ter procurado as corretas pessoas, narrar os absurdos, pedindo providências, soprar minhas dúvidas. O que fácil não fiz. Sou de nem palavras. Mas, por aí, também, apareceram aqueles — os de fora.

Sonsos os dois homens, vindos da capital. Quem para eles me chamou, foi o seo Priscílio, subdelegado. Me disse: — *"Reivalino Belarmino, estes aqui são de autoridade, por ponto de confiança."* E os de fora, me pegando à parte, puxaram por mim, às muitas perguntas. Tudo, para tirar tradição do homem, queriam saber, em pautas ninharias. Tolerei que sim; mas nada não fornecendo. Quem sou eu, quati, para cachorro me latir? Só cismei escrúpulos, pelas más caras desses, sujeitos embuçados, salafrados também. Mas, me pagaram, o bom quanto. O principal deles dois, o de mão no queixo, me encarregou: que, meu patrão, sendo homem muito perigoso, se ele vivia mesmo sozinho? E que eu reparasse, na primeira

ocasião, se ele não tinha numa perna, em baixo, sinal velho de coleira, argolão de ferro, de criminoso fugido de prisão. Pois sim, piei prometi.

Perigoso, para mim? — *ah, ah*. Pelo que, vá, em sua mocidade, podendo ter sido homem. Mas, agora, em pança, regalão, remanchão, somente quisesse a cerveja — para o cavalo. Desgraçado, dele. Não que eu me queixasse, por mim, que nunca apreciei cerveja; gostasse, comprava, bebia, ou pedia, ele mesmo me dava. Ele falava que também não gostava, não. De verdade. Consumia só a quantidade de alfaces, com carne, boquicheio, enjooso, mediante muito azeite, lambia que espumava. Por derradeiro, estava meio estramontado, soubesse da vinda dos de fora? Marca de escravo em perna dele, não observei, nem fiz por isso. Sou lá serviçal de meirinho-mor, desses, escogitados, de tantos visares? Mas eu queria jeito de entender, nem que por uma fresta, aquela casa, debaixo de chaves, espreitada. Os cachorros já estando mansos amigáveis. Mas, parece que seo Giovânio desconfiou. Pois, por minha hora de surpresa, me chamou, abriu a porta. Lá dentro, até fedia a coisa sempre em tampa, não dava bom ar. A sala, grande, vazia de qualquer amobiliado, só para espaços. Ele, nem que de propósito, me deixou olhar à minha conta, andou comigo, por diversos cômodos, me satisfiz. Ah, mas, depois, cá comigo, ganhei conselho, ao fim da ideia: e os quartos? Havia muitos desses, eu não tinha entrado em todos, resguardados. Por detrás de alguma daquelas portas, pressenti bafo de presença — só mais tarde? Ah, o carcamano queria se birbar de esperto; e eu não era mais?

Demais que, uns dias depois, se soube de ouvidos, tarde da noite, diferentes vezes, galopes no ermo da várzea, de cavaleiro saído da porteira da chácara. Pudesse ser? Então, o homem tanto me enganava, de formar uma fantasmagoria, de lobisomem. Só aquela divagação, que eu não acabava de entender, para dar razão de alguma coisa: se ele tivesse, mesmo, um estranho cavalo, sempre escondido ali dentro, no escuro da casa?

Seo Priscílio me chamou, justo, outra vez, naquela semana. Os de fora estavam lá, de colondria, só entrei a meio na conversa; um deles dois, escutei que trabalhava para o “Consulado”. Mas contei tudo, ou tanto, por vingança, com muito caso. Os de fora, então, instaram com seo Priscílio. Eles queriam permanecer no oculto, seo Priscílio devia de ir sozinho. Mais me pagaram.

Eu estava por ali, fingindo não ser nem saber, de mão-posta. Seo Priscílio apareceu, falou com seo Giovânio: se que estórias seriam aquelas, de um cavalo beber cerveja? Apurava com ele, apertava. Seo Giovânio permanecia muito cansado, sacudia devagar a cabeça, fungando o escorrido do nariz, até o toco do charuto; mas não fez mau rosto ao outro. Passou muito a mão na testa: — *"Lei, quer ver?"* Saiu, para surgir com um cesto com as garrafas cheias, e uma gamela, nela despejou tudo, às espumas. Me mandou buscar o cavalo: o alazão canela-clara, bela-face. O qual — era de se dar a fé? — já avançou, avispado, de atreitas orelhas, arredondando as ventas, se lambendo: e grosso bebeu o rumor daquilo, gostado, até o fundo; a gente vendo que ele já era manhudo, cevado naquilo! Quando era que tinha sido ensinado, possível? Pois, o cavalo ainda queria mais e mais cerveja. Seo Priscílio se vexava, no que agradeceu e se foi. Meu patrão assoviou de esguicho, olhou para mim: — *"Irivalíni, que estes tempos vão cambiando mal. Não laxa as armas!"* Aprovei. Sorri de que ele tivesse as todas manhas e patranhas. Mesmo assim, meio me desgostava.

Sobre o tanto, quando os de fora tornaram a vir, eu falei, o que eu especulava: que alguma outra razão devia de haver, nos quartos da casa. Seo Priscílio, dessa vez, veio com um soldado. Só pronunciou: que queria revistar os cômodos, pela justiça! Seo Giovânio, em pé de paz, acendeu outro charuto, ele estava sempre cordo. Abriu a casa, para seo Priscílio entrar, o soldado; eu, também. Os quartos? Foi direto a um, que estava duro de trancado. O do pasmoso: que, ali dentro, enorme, só tinha o singular — isto é, a coisa a não existir! — um cavalão branco, empalhado. Tão perfeito, a cara quadrada, que nem um de brinquedo, de menino; reclaro, branquinho, limpo, crinado e ancudo, alto feito um de igreja — cavalo de São Jorge. Como podiam ter trazido aquilo, ou mandado vir, e entrado ali acondicionado? Seo Priscílio se desenxaviu, sobre toda a admiração. Apalpou ainda o cavalo, muito, não achando nele oco nem contento. Seo Giovânio, no que ficou sozinho comigo, mascou o charuto: — *"Irivalíni, pecado que nós dois não gostemos de cerveja, hem?"* Eu aprovei. Tive a vontade de contar a ele o que por detrás estava se passando.

Seo Priscílio, e os de fora, estivessem agora purgados de curiosidades. Mas eu não tirava o sentido disto: e os outros quartos, da casa, o atrás de portas? Deviam ter dado a busca por inteiro, nela, de uma vez. Seja que eu

não ia lembrar esse rumo a eles, não sou mestre de quinaus. Seo Giovânio conversava mais comigo, banzativo: — *"Irivalíni, eco, a vida é bruta, os homens são cativos..."* Eu não queria perguntar a respeito do cavalo branco, frioleiras, devia de ter sido o dele, na guerra, de suma estimação. — *"Mas, Irivalíni, nós gostamos demais da vida..."* Queria que eu comesse com ele, mas o nariz dele pingava, o ranho daquele monco, fungando, em mal assoo, e ele fedia a charuto, por todo lado. Coisa terrível, assistir aquele homem, no não dizer suas lástimas. Saí, então, fui no seo Priscílio, falei: que eu não queria saber de nada, daqueles, os de fora, de coscuvilho, nem jogar com o pau de dois bicos! Se tornassem a vir, eu corria com eles, despauterava, escaramuçava — alto aí! — isto aqui é Brasil, eles também eram estrangeiros. Sou para sacar faca e arma. Seo Priscílio sabia. Só não soubesse das surpresas.

Sendo que foi de repente. Seo Giovânio abriu de em par a casa. Me chamou: na sala, no meio do chão, jazia um corpo de homem, debaixo de lençol. — *"Josepe, meu irmão"...* — ele me disse, embargado. Quis o padre, quis o sino da igreja para badalar as vezes dos três dobres, para o tristemente. Ninguém tinha sabido nunca o qual irmão, o que se fechava escondido, em fuga da comunicação das pessoas. Aquele enterro foi muito conceituado. Seo Giovânio pudesse se gabar, ante todos. Só que, antes, seo Priscílio chegou, figuro que os de fora a ele tinham prometido dinheiro; exigiu que se levantasse o lençol, para examinar. Mas, aí, se viu só o horror, de nós todos, com caridade de olhos: o morto não tinha cara, a bem dizer — só um buracão, enorme, cicatrizado antigo, medonho, sem nariz, sem faces — a gente devassava alvos ossos, o começo da goela, gargomilhos, golas. — *"Que esta é a guerra..."* — seu Giovânio explicou — boca de bobo, que se esqueceu de fechar, toda doçuras.

Agora, eu queria tomar rumo, ir puxando, ali não me servia mais, na chácara estúrdia e desditosa, com o escuro das árvores, tão em volta. Seo Giovânio estava da banda de fora, conforme seu costume de tantos anos. Mais achacoso, envelhecido, subitamente, no trespassamento da manifesta dor. Mas comia, sua carne, as cabeças de alfaces, no balde, fungava. — *"Irivalíni... que esta vida... bisonha. Caspité?"* — perguntava, em todo tom de canto. Ele avermelhadamente me olhava. — *"Cá eu pisco..."* — respondi. Não por nojo, não dei um abraço nele, por vergonha, para não ter também as vistas lagrimadas. E, então, ele fez a mais extravagada coisa: abriu cerveja, a que quanta se espumejasse. — *"Andamos, Irivalíni,*

contadino, bambino?” — propôs. Eu quis. Aos copos, aos vintes e trintas, eu ia por aquela cerveja, toda. Sereno, ele me pediu para levar comigo, no ir-m’embora, o cavalo — alazão bebedor — e aquele tristoso cachorro magro, *Mussulino*.

Não avistei mais o meu Patrão. Soube que ele morreu, quando em testamento deixou a chácara para mim. Mandei erguer sepulturas, dizer as missas, por ele, pelo irmão, por minha mãe. Mandei vender o lugar, mas, primeiro, cortarem abaixo as árvores, e enterrar no campo o trem, que se achava, naquele referido quarto. Lá nunca voltei. Não, que não me esqueço daquele dado dia — o que foi uma compaixão. Nós dois, e as muitas, muitas garrafas, na hora cismei que um outro ainda vinha sobrevir, por detrás da gente, também, por sua parte: o alazão façalvo; ou o branco enorme, de São Jorge; ou o irmão, infeliz medonhamente. Ilusão, que foi, nenhum ali não estava. Eu, Reivalino Belarmino, capisquei. Vim bebendo as garrafas todas, que restavam, faço que fui eu que tomei consumida a cerveja toda daquela casa, para fecho de engano.

Um moço muito branco

Na noite de 11 de novembro de 1872, na comarca do Serro Frio, em Minas Gerais, deram-se fatos de pavoroso suceder, referidos nas folhas da época e exarados nas Efemérides. Dito que um fenômeno luminoso se projetou no espaço, seguido de estrondos, e a terra se abalou, num terremoto que sacudiu os altos, quebrou e entulhou casas, remexeu vales, matou gente sem conta; caiu outrossim medonho temporal, com assombrosa e jamais vista inundação, subindo as águas de rio e córregos a sessenta palmos da plana. Após os cataclismos, confirmou-se que o terreno, em raio de légua, mudara de feições: só escombros de morros, grotas escancaradas, riachos longe transportados, matos revirados pelas raízes, solevados novos montes e rochedos, fazendas sovertidas sem resto — rolamentos de pedra e lama tapando o estado do chão. Mesmo a distância do astroso arredor, a muita criatura e criação pereceu, soterradas ou afogadas. Outros vagavam ao deus-dar, nem sabendo mais, no avesso, os caminhos de outrora.

Donde, no termo de semana, dia de São Félix, confessor, o caso de vir ao pátio da Fazenda do Casco, de Hilário Cordeiro, com sede quase dentro da rua do Arraial do Oratório, um coitado fugitivo desses, decerto persuadido da fome: o moço, pasmo. O que foi quando subitamente, e era moço de distintas formas, mas em lástima de condições, sem o restante de trapos com que se compor, pelo que enrolado em pano, espécie de manta de cobrir cavalos, achada não se supõe onde; e, assim em acanho, foi ele avistado, de muito manhã, aparecendo e se escondendo por detrás do cercado das vacas. Tão branco; mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade. Sobremodo se assemelhava a esses estrangeiros que a gente não depara nem nunca viu; fazia para si outra raça. Seja que da maneira ainda hoje se conta, mas transtornado incerto, pelo decorrer do tempo, porquanto narrado por filhos ou netos dos que eram rapazes, quer ver que meninos, quando em boa hora o conheceram.

Hilário Cordeiro, sendo homem cordial para os pobres, temente e bom, e mais ainda nesse pós-tempo de calamidade, em que parentes dele mesmo tinham sofrido morte e arrasos totais, não duvidou em lhe deferir

hospedamento, cuidando de adequar-lhe roupa e botinas, desde lhe dar o de comer. E o que era mister de benemerência, porquanto o moço, com os sustos e baques, passara por desgraça extraordinária: perdida a completa memória de si, sua pessoa, além do uso da fala. Esse moço, pois, para ele sendo igual matéria o futuro que o passado? Nada ouvindo, não respondia, nem que não, nem que sim; o que era coisa de compaixão e lamentosa. Nem fizesse por entender, isto é, entendia, às vezes ao contrário, os gestos. Dado que uma graça já devia de ter, não se lhe podia pôr outro nome, não adivinhado; nem se soubesse de que geração fosse — o filho de nenhum homem.

De tanto que chegou lá, e nos dias, compareceram os vários moradores, por sua causa, de há-de o que achassem. Tonto, não era. Só aquela intenção sonhosa, o certo cansaço do ar. Surpreendente, contudo, o que assaz observava, resguardado, até espreitasse por miúdo os vezos de coisas e pessoas; o que, porém, melhor se viu pelo depois. Gostou-se dele. Quiçá mais o preto José Kakende, escravo meio alforriado de um músico sem juízo, e ele próprio de ideia conturbada; por último, então, delirado varrido, pelo fato de padecidos os grandes pavores, no lugar do Condado: girava agora por aqui e ali, a pronunciar advertências e desorbitadas sandices — querendo pôr em pé de verdade portentosa aparição que teria enxergado, nas margens do Rio do Peixe, na véspera das catástrofes. Do moço, pois, só não se engraçou, antes já de abinício o malquerendo — e o reputando por vago e malfeitor a rebuço, digno, noutros tempos, de degredo em África e nos ferros de el-rei — um chamado Duarte Dias, pai da mais bela moça, por nome Viviana; e do qual se sabia ser homem de gênio forte, além de maligno e injusto, sobre prepotências: naquele coração não caía nunca uma chuvinha. Não se lhe deu exata atenção.

Mas levaram o moço à missa, e ele portou-se, não fez modos de crer nem increr. Cantoria e músicas do coro, escutasse, no sério sentimental. Triste, dito, não; mas: como se conseguisse, em si, mais saudade que as demais pessoas, saudade inteirada, a salvo do entendimento, e que por tanto se apurava numa maior alegria — coração de cão com dono. Seu sorriso às vezes parava, referido a outro lugar, outro tempo. Sorrindo mais com o rosto, senão com os olhos; suposto que nunca se lhe viram os dentes. Padre Bayão, antes de com ele bondosamente conferir, de improviso lhe representou diante o signo-da-cruz: e ele não mostrou o desagrado da matéria. Estava nas altas atmosferas, aumentava a sua

presença. *“Comparados com ele, nós todos, comuns, temos os semblantes duros e o aspecto de má fadiga constante.”* Traços estes consignados pelo mesmo padre, em carta de punho e firma, para testemunho do esquisito, ao cônego Lessa Cadaval, da Sé de Mariana. Na qual igualmente dá menção do preto José Kakende, que na mesma ocasião se lhe acercou, com altas e despauteradas falas, por impor sua visão da beira do rio: ...*“o rojo de vento e grandeza de nuvem, em resplandor, e nela, entre fogo, se movendo uma artimanha amarelo-escura, avoante trem, chato e redondo, com redoma de vidro sobreposta, azulosa, e que, pousando, de dentro, desceram os Arcanjos, mediante rodas, labaredas e rumores*.” E, com o mesmo risonho José Kakende, veio Hilário Cordeiro trazendo de volta para casa o moço, num extrato de desvelo, como se o vero pai dele fosse.

Mas à porta da igreja se achava um cego, Nicolau, pedidor, o qual, o moço em o vendo, olhou-o sem medida e entregadamente — contam que seus olhos eram cor-de-rosa! — e foi em direitura a ele, dando-lhe rápida partícula, tirada da algibeira. Ora, estando o cego debaixo do sol, e corrido de suor, a almas cristãs devia de causar meditação o contraste de tanto padecer o calor do astro-rei aquele que nem as belezas da luz podia gozar. O cego, apalpando a dádiva na mão, em guisa de cogitar em que estúrdia casta de moeda ela consistisse, e se dissertando logo que nenhuma, a levou prestes à boca; ao que, seu menino guia o advertiu: que não seria artigo de se comer, mas espécie de caroço de árvore. Então o cego guardou, com irados ciúmes e por diversos meses, aquela semente, que só foi plantada após o remate dos fatos aqui ainda por narrar: e deu um azulado pé de flor, da mais rara e inesperada: com entreaspecto de serem várias flores numa única, entremeadas de maneira impossível, num primor confuso, e, as cores, ninguém a respeito delas concordou, por desconhecidas no século; definhada, com pouco, e secada, sem produzir outras sementes nem mudas, e nem os insetos a sabiam procurar.

No que, porém, acabada de se passar aquela cena, surgia no adro Duarte Dias, mais uns companheiros e serviçais, para opor a surpresa de uma exigência e fazer problema: queria carregar consigo o moço, sobre fundamento de que, pela brancura da tez e delicadezas mais, devia de ser um dos Rezendes, seus parentes, desaparecidos no Condado, no terremoto; e que, pois, até o reconhecimento de alguma notícia, competia-lhe o ter em custódia, pelo costume. Sendo que Hilário Cordeiro pronto contestou o postulado, e o argumento por um nada terminava em desavença séria,

Duarte Dias porfiando e se excedendo, do que só tornou em si ante o parecer de Quincas Mendanha, do Serro, notável na política e provedor da Irmandade.

E, todavia, de seu zelo, mais para diante, Hilário Cordeiro iria ter melhor razão, eis que tudo lhe passou a dar sorte, quer na saúde e paz, em sua casa, seja no assaz prosperar dos negócios, cabedais e haveres. E não que o moço lhe facultasse ajuda, na sujeição de serviço ou no vagar a algum ofício, em que, de feito, nem pudesse dar descargo de si — com as mãos não calejadas, alvas e finas, de homem-de-palácio. Ele andava muito na lua, passeava por todo o lugar e alhonde, praticando aquela liberdade vaporosa e o espírito de solidão; parecesse alquebrado de um feitiço, segundo os dizeres do povo. Não embargando que grandes partes tivesse, para o que fosse de funções de engenhos, ferramentas e máquinas, ao que se prestava, fazendo muitas invenções e desembaraçando as ocasiões, ladino, cuidoso e acordado. De estranha memória, só, pois, a de olhar ele sempre para cima, o mesmo para o dia que para a noite — espiador de estrelas. Que vezes, porém, mais lhe prouvesse o divertimento de acender fogos, sendo de reparo o quanto se influiu, pelo São João, nas tantas e tamanhas fogueiras de festa.

Do que adveio, justo, o caso da moça Viviana, sempre mal contado. O que foi quando ele lá apareceu, acompanhado do preto José Kakende, e deu com a moça, mui bonita, mas que não se divertia ao igual das outras: e ele se chegou muito a ela, gentil e espantoso, lhe pôs a palma da mão no seio, delicadamente. Ora, sendo assim a moça Viviana a mais formosa, tinha-se para admirar que a beleza do feitio lhe não servisse para transformar, no interior, a própria e vagarosa tristeza. Mas, Duarte Dias, o pai, e que a isso assistia, prorrompeu em pleiteantes brados de: — “Tem que casar! Agora, tem de casar!” — com instância. Afirmava que o moço era homem, e um, e ainda mancebo, e lhe infamara a filha, devendo-lhe de a tomar por consorte e arcar com o estado de casado. O moço ouvia, de boa concórdia, e nem por isso. Mas a grita de Duarte Dias só teve termo, quando o padre Bayão, e outros dos mais velhos, lhe rejeitaram tão descabidas fúrias e insensatez. Também a moça Viviana, com radiosos sorrisos, o serenava. Ela, que, a partir dessa hora, despertou em si um enfim de alegria, para todo o restante de sua vida, donde um dom. Apenas que, Duarte Dias — o que não se entende — ia produzir ainda outros lances de estupefacção, eis-aqui.

De tal guisa que, para o alvoroço de todos, no dia da missa da Dedicação de Nossa Senhora das Neves e vigília da Transfiguração, 5 de agosto, ele veio à Fazenda do Casco, requerendo falar com Hilário Cordeiro. Também o moço lá estava. Outrovisto, e nunca desairoso — a gente espiava, e pensava num logo luar. Então, Duarte Dias declarou: suplicava deixassem-no levar o moço, para sua casa. Que queria assim, e necessitava, muito, não por ambicioneiro ou impostor, nem por interesses somenos, mas por a ele ter cobrado, com contrições de escrúpulo, a fortíssima estima de afeição! Dizia, e desgovernava as palavras, alterado, enquanto que dos olhos lhe corriam bastas lágrimas. Ora, não se compreendendo o descabelo de passo tão contrariado: o de um homem que, para manifestar o amor, ainda não dispunha mais que dos arrebatados meios e modos da violência. Mas, o moço, claro como o olho do sol, o pegou da mão, e, com o preto José Kakende, o foi conduzindo pelos campos — depois se soube que a terras dele mesmo, Duarte, aonde à tapera de uma olaria. E lá indicou que mandasse cavar: com o que se achou, ali, uma grupiara de diamantes; ou um panelão de dinheiro, segundo diversa tradição. Por arte de qual prodígio, Duarte Dias pensou que ia virar riquíssimo, e mudado de fato esteve, da data por diante, em homem sucinto, virtuoso e bondoso, suspendentemente, consoante o asseverar sobremaravilhado dos coevos.

Mas, por contra, no dia da venerada Santa Brígida, de voz comum de novo dele se soube: o moço, plácido. Disse-se, que saíra, na véspera, de paragem, pelos altos, num de seus desapareceres; era um tempo de trovoadas secas. José Kakende contava somente que o ajudara a acender, de secreto, com formato, nove fogueiras; e, mais, o Kakende soubesse apenas repetir aquelas suas velhas e divagadas visões — de nuvem, chamas, ruídos, redondos, rodas, geringonça e entes. Com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas.

Todos singularmente se deploraram, para nunca, mal em pensado. Duvidavam dos ares e montes; da solidez da terra. Duarte Dias, de dó, veio a falecer; mas a filha, a moça Viviana, conservou sua alegria. José Kakende conversou muito com o cego. Hilário Cordeiro, e outros, diziam experimentar uma saudade e meia-morte, só de imaginarem nele. Ele cintilava ausente, aconteceu. Pois. E mais nada.

Luas-de-mel

No mais, mesmo, da mesmice, sempre vem a novidade. Naquela véspera, eu andava meio relaxo, fraco; eu já declinava para nãoezas? Nos primeiros de novembro. Sou quase de paz, o quanto posso. Desconto, para trás, o em que me tive, da mocidade: desmandos, desordens e despraças. Daí, depois, da vida a sério, que, cá, de brava, danava-se. Sou remediado lavrador, isto é — de pobre não me sujo, de rico não me esporcalho. Defesa e acautelamento é que não falecem, nesta fazenda Santa-Cruz-da-Onça, de hospitalidades; minha. Aqui é um recanto. Por moleza do calor era que eu ficava a observar. Nesse dia, nada vezes nada. De enfastiado e sem-graça, é que eu comia demais. Do almoço, empós, me remitia, em rede, em quarto. Questão de idade, digestões e saúde: fígado. Sa-Maria Andreza, minha santa e meio passada mulher, ia ferver um chá, já, para o meu empacho. Bom. Seo Fifino, meu filho, banda de fora da porta, noticiou: que tendo chegado certo sujeito, um positivo, com carta. Tomei pausa. Prestezas e pressas não me agravavam.

Seo Fifino, filho meu, lôrpa nem sonsado não sendo, me explicando ele estava: que esse-um aportara tão em socapa, que só se notou quando já estacado, a cavalo, atrás do engenho, nem os cachorros tendo latido, nem feito ele ranger porteira; e que com armas, todo provido, repetição a tiracolo. E, aí, meu capataz, José Satisfeito, soprado informava o nome dele, o qual — o “Baldualdo”. Sou mosquitinho em queixo de onça: não fiz celhas, não dei pasmo. Sabia da fama desse Baldualdo — que valendo um batalhão, com grande e morta freguesia. Por ora, que bem me importava? Donde digo: o meu José Satisfeito, próprio, sido já também um “Zé Sipío”, mão no amarelo; para que se me entenda. Nas eras dos tiroteios contra o Major Lidelfonso e seus soldados. Comigo. Eu com ele, e outros. Só a vida é que tem dessas rústicas variedades. Eu ponho a mesa e pago a despesa. Me mexi da rede, vim ver quem. Aquele homem, que chegado. Me olhou, prestes, medido o respeito, reperguntou meu nome por inteiro. A carta, que ele trazia, para me em mãos, era de vera e alta mensagem. Reli, as três e três vezes, o nome que essa assinava: Seo Seotaziano.

E — quero-me com esta! É o que soletreio: *“Estimado meu amigo e compadre...”* Seo Seotaziano, de sua sede distante, os fatos de marca manobrando, com estopim curto e o comprido braço. O chefe demais, homem de grande esfera, tigroso leão feito o canguçu, mas justo e pão de bom, em nobrezas e formato. Meu compadre-mor, mandador, dês que quando. E há que tempos isso fora. Mas, agora, se lembrava deste, aqui, neste ponto, confioso de lealdade. E com caso. Para despautas: o que decerto havia de haver — cachorro, gato e espalhafato. Mas, tenho de segundar, e quero. Se ele riscou, eu talho. Só os resumos, declarados: *“Para um moço e uma moça, lhe peço forte resguardo. O mais se verá, mais tarde.”* Essas doidices de amor! — sorri. Saí dos suspensos para os preparos.

No quieto, do que se precisava. Temperar o vir de outras coisas, acomodar os hóspedes, que esperados. Pondo ordens, consoante. Prevenido para valer por quatro. Aquele dia era de sábado. Sobreentendi, com o José Satisfeito, e com o Seo Fifino, meu filho: vai, que, do retiro do Meio, me trouxessem: certos homens; e, dois tantos desses, do Munho, das roças; sempre ainda restassem outros, no hoje por hoje, para o trabalho. Aqueles, porém, aqui à mão; pois, que: a horas competentes, homens de possibilidades. Tendo-se arroz e feijão à-bastança, e cargas de pólvora, chumbo e bala. Sensato, se me se diz. Só em paz, com Deus, sossegado. Sensato, sincero e honrado.

Sa-Maria Andreza, minha mulher, me mirava.

Aquele Baldualdo, decente: — *“Se lhe respraz, meu senhor, por uns dias, aqui, paro...”* — só me disse, baixo, sabendo de cor seu mister. Ele já meu companheiro sendo — por artes dos anjos-da-guarda. Na varanda, caminhei, uns passos, exercitados. Os que por vir, moço e moça? Sa-Maria Andreza, minha correta mulher, os um ou dois quartos arrumasse — toalhas, bem-estar, flores em vasos. Seguro que de noite chegavam, sagazes. — *“Ah, minha velha, vamos tocar rabecas...”* — gracejei, limpando a parabélum. Sa-Maria Andreza, boa companheira, só disse, abanando os topes: — *“Aroeira de mato virgem não alisa...”* Peguei na mão dela, meio afetuoso. Repensei em todas as minhas armas. Ai, ai, a longe mocidade.

Sem ninguém de nós desprevenidos, de fato em meia-noite chegaram. Noivos, amor muito. Ela, era das lindas, suspendendo as atenções; nem eu soube filha de que pai. Só meio assombradazinha, sorrisos desabafados. O

moço — rapaz! — dos bons. Vi, com olho imediato. Tinha um rifle longo. Tinha o garbo guapo. Não, inda não eram casal. Cearam. Nada falaram. A moça se recolheu em camarinha, no intemerato da casa; de donzela, com recato. O moço, esse, valeroso, quis se arranchar na casa-do-engenho. Moço esporte de forte. Apreciei. Pude me dar foros de seu pai. Ah, eles tinham viajado vindo sozinhos, como se deve-de, em fugas particulares. Gostei, mais. Após, hora menos hora, foi que outro cabra chegou, que, a eles dois, em boa distância, afiançara proteção, sem eles saberem — a mando também de Seo Seotaziano.

As coisas bem feitas, medidas, como só um grão-capitão concebe. Esse outro se chamava o Bibião, era um brabo de cronha e cano: me tomou a benção. Bom. Tudo em tudo, em ordem, adormeci, consoante, proprietário de meu sono. Como não? Gente minha já galopava, nessa noite e madrugada. Um próprio à Fazenda Congonha, do meu compadre Veríssimo, por três rifles, três homens, emprestados. Pelo seguro. Povo de lá é de brasas. E um à Lagoa-dos-Cavalos, por outros três — para o meu compadre Serejério não se dar de melindrado. Bom. Eu tiro os outros por mim. Com tino e consideração, é que o respeito é granjeado: com honra, sossego e proveito. De encaminhar, me adormeci bem. Só vivo no supracitado.

Amanheci antes do sol, tudo em paz, posses e orvalhos. Admiro essas certezas, do campo, em cheiros, enfeitado; enquanto nada. Sa-Maria Andreza, minha mulher, me cuidava. A ela eu disse: — *“Não me conste quem é esta moça, nem o que tenha revelado.”* Não no por ora. Eu não queria saber, que senão pelo precatar: podendo ser filha de conhecido, parente meu ou amigo. Nem adiantava. Nessa hora, sendo fiel, eu era Seo Seotaziano. Nem pelo menos. Herói é no que dói! — bom ditado. Aquele dia, de domingo. Almoçou-se, com-fome-mente, apesardes. A Moça e o Moço, mesmo ante mim, ditosos se contemplavam. Tanta coisa neste mundo, bem feita. Sa-Maria Andreza, minha conservada mulher, em cozinhar se esmerava. Se me se diz, nem pensei: os namoros dessas gentes, são minhas outras mocidades.

A gente se mexendo, tranquilos, o tempo crescendo, parado. Do jeito, passou-se esse dia, em ouros e copas; enquanto nada. A linda Moça, lá dentro, no oratório rezava. Sa-Maria Andreza, mulher, sinceros carinhos lhe dava. Nós, cá fora. Seo Fifino meu filho desta banda, o Bibião na parte do morro, na ponte do córrego o Baldualdo; com outros e outros homens;

mas, de esconso, tão em sutilmentes, que não se avistavam nem notavam. Comigo, juntos, o José Satisfeito, e o Moço noivo, de poucas palavras: andávamos da cava para o valo. Sa-Maria Andreza, minha, por mim também rezasse? Eu — exagerado. Provia, não meditava. Dia e tanto. Deus louvado. Então, veio o anoitecer, as estrelas, às esperadas. Aí, uns pós outros, chegavam, de surtos, os da Fazenda Congonha, e os da Lagoa-dos-Cavalos. Esses, não riam, em armas. Ah, as boas amizades.

Assim mais gente, outra vez, acordou-se antes dos galos. Ali, para a incerta segunda-feira — meio redonda. Dia dos fortes chegares. Primeiro, mais uns dois homens, que Seo Seotaziano enviava. Chefe bravo. Daí, conforme dado aviso, ainda outros, um par de cavaleiros: o sacristão atrás do padre. Ave. O padre, moço, espingarda às costas? Armado de ponto em branco; rifle curto. Se apeou, tudo abençoou, aprestado para o casamentício, que se ia ter: bôdas em casa. Tive de fazer ação de me aprontar, botei minha roupa melhor — pelos momentos. Sa-Maria Andreza, minha mulher, com gosto dispôs o altar. Moço e Moça impavam. Amor é só amor. Airosos. Iam os dois, braço pelo braço. Vejam como são as paixões! Tudo bom, bem bom. Minha Sa-Maria Andreza bem vestida, figuro também que até corada. Sou homem para bandas-de-músicas. O padre disse belas palavras. A essa altura eu já soubesse: a noiva, de que família. Filha do Major João Dioclécio, duro e rico, forte em fato. Essas coisas são friezas... Bom. Dei de ombros. Fecho um campo, e nele eu sopro: destorcidas claridades. Terminada a casação, se saiu do altar para a mesa, passou-se de sala para sala.

Aí, foi o simples banquete, que com tudo e leitão e peru, farofas, pelo costume geral; vinhos. Comeu-se, nós todos e o padre; eu sem fastio nem empachado. Os doces. Cantou-se um coreto. O noivo, de armas na cinta. A noiva uma formosura, conforme com véu e grinalda. A velhice da lã é a sujeira... — eu pensei, consoante, me vendo. Essas delícias de amor! — suspirei, mal em pensando. Eu descia dos vales para os montes. E, inda havendo a cerimônia, meu irmão João Norberto chegando, de longe, de sua fazenda As-Arapongas. Sabida lá a notícia, para me ajudar ele chegava. Trazia maior novidade: — *“Se o Major atacasse com jagunços, Seo Seotaziano vinha descer em cena — à frente de cem de seus homens: dar a retaguarda!”* De glórias, assoviei, sentado. Aquele Moço noivo, gentil, era parente de Seo Seotaziano. Uns de meus cabras tocavam violas. Se dançava?

Olhei minha sadia Sa-Maria Andreza — contemplada.

E essa noite, das maiores! Vieram meus compadres Serejério e Veríssimo, em pessoas. Troço de gente, para levar ao cabo empresas dificultosas. Até o padre disse que ficava: para confessar a quem ou quem, na hora. Só que, na mesa, o livro de rezas, mas, a pistola, do lado. Bom padre, muito virtuoso, amigo de Seo Seotaziano. Agora, a gente esperava o Major Dioclécio e sua jagunçada. — *"Ora, tão certo!"* — se dizia. — *"Essas coisas, quero ver é de noite!"* — outro. Outro: — *"E quem é que apaga a vela?"* Aí, por toda a parte, se me se diz, patrulhas, trincheiras, sentinelas. Passos calados, suaves, tinidos de carabinas. Ah, esta velha fazenda Santa-Cruz-da-Onça, com espinhos para qualquer beiço e goela. Ponto é que, eu, era o chefe. Eu já estava meio sanguinolento: meio arvoado. Eu, com nudezas. Eu — em nome meu e de Seo Seotaziano.

A gente tendo de saroar. Na sala. Nestes bancos e cadeiras. Aqueles lampiões e lamparinas. Todos, os de mando. Que eu, meu irmão João Norberto, compadres Veríssimo e Serejério, e o Nôivo, mais Seo Fifino. Também a Nôiva, em seu vestido branco, e Sa-Maria Andreza, mulher minha. Todos e todas. A furupa de homens bons. Que, perto de mim, meu Zé Sipío. E a ceia — o enterro-dos-ossos — com alegria. Homem comendo em pé, o prato na mão; alerta o ouvido. A gente, risonhos de guerra, a qualquer conta. Aqui, o inimigo que viesse! — esses Dioclécios, dianhos. A hora — de fechar os fôlegos. Aqui, a gente esperava — com luz para mil mariposas. E: *manda o tri-o-li-olá...* — se me se diz — *pique-será*! Ninguém viesse? Ao ao-que-é-que-é, estávamos.

A gente, a um passo da morte, valentes, juntos, tantos, bastantes. Ninguém vinha. A Nôiva sorria para o Nôivo, em fôfos; essas núpcias. E eu com a mente erradamente, de quem se acha em estado de armado. Com o que outro míngua, eu me sobejo. Minha Sa-Maria Andreza, mulher, me sorria. O que os velhos não podem mais ter: segredinhos, segredados. Ninguém vinha. Madrugar, e galos cantavam. O padre rezou, guerreiro, em destemido prazer das armas. Senti o remerecer, como era de primeiro, nesse venturoso dia. Recebi mais natureza — fonte seca brota de novo — o rebrôto, rebrotado. Sa-Maria minha Andreza me mirou com um amor, ela estava bela, remoçada. Nessa noite ninguém vinha? Enquanto nada! Madrugada. O Nôivo se retirou, com a Nôiva; e mais uns, que com mais sono, já estando soprando nas palhas. Resolvemos revezar vigias. Eu, feliz, olhei minha Sa-Maria Andreza; fogo de amor, verbigrácia. Mão na mão,

eu lhe dizendo — na outra o rifle empunhado —: — *“Vamos dormir abraçados...”* As coisas que estão para a aurora, são antes à noite confiadas. Bom. Adormecemos.

Amanheci fora de horas, me nascendo dos conchegos. A postos, todos. Aquele dia, a terça-feira. Era o dia? A gente esperava. Meio cuidosos, meio alegres; sérios, sem algazarra. Com que então? Nessas calmas esticadas. E, pois.

E, vai, senão, que, surgiu a nova: um recado. O camarada, vindo com ele, era um serviçal dos Dioclécios: que, hoje, sozinho, nesta data, um patrão vinha me visitar, de passagem. Amistoso. E, vira-me esta?! E — com quê? Me reuni, mais os chefes companheiros, para comparar as ideias, consoante. A gente chegou à razão: que eles, mais o grosso dos homens e rifles, deviam sair, por um espaço — esperar as coisas no retiro do Meio, daí a meia-légua e nada. Meu irmão João, meus dois compadres, mais o sacristão atrás do padre. Deixar, provisório, sem povo em armas, a minha casa-de-fazenda. Assim, assim, então. Bom. Para não fazer acintes, do que muito me refreio. Pois o homem não vinha sozinho, embaixador, só para a mim me dizer hem-hem? Ameaçar, se queixar, assustar, declarar guerras? Vá o que pois for. Minha porta é para o nascente. Não vejo outra banda. Sou um homem muito leal. Sou o que sou — eu — Joaquim Norberto. Sou o amigo de Seo Seotaziano.

Aqui recebi o homem, nesta porta do que é meu. E ele era um irmão da Nôiva. Conhecido meu, cordial, com o bom aperto-de-mão. Entrou-se. Sentou-se. Severo, sereno, eu estava; sensato, ele, com desempeno. Não vinha embater escândalos, nem produzir inglesias; parecia portar-se em termos. Se à boa mente se conduzisse o negócio? Meu dever e gosto sendo reconciliar, recatar e recompor, como homem-de-bem e chefe-em-armas. Agora, era a desenrolação, do de cá e de lá, de ambas as partes. Me clareei. Convidei o homem para almoçar. E, aí, defini: com meios-modos e trastejos, não se bota e nem se saca. Chamei os Nôivos, para a mesa!

Gente tesa — um par de toda a coragem. Vieram. O homem sorriu, meu visitante. Deu a mão a ela e a ele, disse: — *“Com’passou? Com’passou?”* — em leal estima e franquia. Bom. Comeu-se e conversou-se em diversas matérias. Bom. Aquilo, ao correr do cabelo. Suavemente, com incompletas, ele convidou os dois, para irem com ele: para a benção dos pais e uma festa, que se dava, de tornaboda. Tudo não estava certo e aprovado? Sabendo ele do casamento. Me convidou também, eu mais Sa-

Maria querida Andreza. Bom, consoante. Eu, convenientemente, não podendo, pelos fatos. Mas mandei meu filho Seo Fifino, representante; e ele quis, por amor da festa, decidido.

Porque os Nôivos aceitaram de ir, satisfatórios, me agradecendo se despediram. E eu, respondendo pelo direito: — *"Só emendo: abaixo de Deus, só o Seo Seotaziano!"* — disse. O homem, ficado em pé, para sair. E, a ele, direto, pelo seguro, na regra do bem-viver: — *"Sou o padrinho deles dois, no casório, e vou ser o padrinho do primeiro filho deles, se lhes respraz!"* — trovejei que disse, fingindo franco riso. Sempre era bom. E ele não ia me entender? Pouquinha dúvida. Esta vida tem de ser declarada e assinada. O mais, no mais, senão as carabinas!

Da varanda, Sa-Maria Andreza, e eu, nós, a gente contemplava: os cavaleiros, na congracez, em boa ida. Tudo tão terminado, de repente, se me se diz, tudo quitado. Nem guerra, nem mais lua-de-méis, regalo não regalado!

Olhei minha Sa-Maria Andreza, que me olhava. Ai-de. Enquanto nada.

Lá se foram o Baldualdo e o Bibião, também, consoantes. Seo Seotaziano estando servido, e meus deveres concordados. Meu capataz, o José Satisfeito, meio mole fechava a porteira. Aquelas luas-de-mel, tão poucas, assim em assopro de gaita. As passageiras consolações: fazer-de-conta-de-amor, o que era o meu cestinho de carregar água. A gente, agora: sair das desilusões, o entrar em idade. Mas, Seo Fifino, meu filho, um dia devia de roubar uma moça assim — em armas! Sorri, eu, Joaquim Norberto, respeitante. Abracei minha Sa-Maria Andreza, a gente com os olhos desnublados. Se me se diz? E então. Aqui nesta fazenda Santa-Cruz-da-Onça; aqui é um recato. Ah, bom; e semelhante fato foi.

Partida do audaz navegante

Na manhã de um dia em que brumava e chuviscava, parecia não acontecer coisa nenhuma. Estava-se perto do fogo familiar, na cozinha, aberta, de alpendre, atrás da pequena casa. No campo, é bom; é assim. Mamãe, ainda de roupão, mandava Maria Eva estrelar ovos com torresmos e descascar os mamões maduros. Mamãe, a mais bela, a melhor. Seus pés podiam calçar as chinelas de Pele. Seus cabelos davam o louro silencioso. Suas meninas-dos-olhos brincavam com bonecas. Ciganinha, Pele e Brejeirinha — elas brotavam num galho. Só o Zito, este, era de fora; só primo. Meia-manhã chuvosa entre verdes: o fúfio fino borrifo, e a gente fica quase presos, alojados, na cozinha ou na casa, no centro de muitas lamas. Sempre se enxergam o barranco, o galinheiro, o cajueiro grande de variados entortamentos, um pedaço de um morro — e o longe. Nurka, negra, dormia. Mamãe cuida com orgulhos e olhares as três meninas e o menino. Da Brejeirinha, menor, muito mais. Porque Brejeirinha, às vezes, formava muitas artes.

Nesta hora, não. Brejeirinha se instituíra, um azougue de quieta, sentada no caixote de batatas. Toda cruzadinha, traçadas as pernocas, ocupava-se com a caixa de fósforos. A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não-comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia. Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora — o xixixi e o empapar-se da paisagem — as pestanas til-til. Porém, disse-se-dizia ela, pouco se vê, pelos entrefios: — *"Tanto chove, que me gela!"* Aí, esticou-se para cima, dando com os pés em diversos objetos. — *"Ui, ui-te!"* — rolara nos cachos de bananas, seu umbigo sempre aparecendo. Pele ajudava-a a se endireitar. — *"...E o cajueiro ainda faz flores..."* — acrescentou, observava da árvore não se interromper mesmo assim, com essas aguaceirices, de durante dias, a chuvinha no bruaar e a pálida manhã do céu. Mamãe dosava açúcares e farinhas, para um bolo. Pele tentava ajudar, diligentil. Ciganinha lia um livro; para ler ela não precisava virar página.

Ciganinha e Zito nem muito um do outro se aproximavam, antes paravam meio brigados, de da véspera, de uma briguinha grande e feia.

Pele é que era a morena, com notáveis olhos. Ciganinha, a menina linda no mundo: retrato miúdo da Mamãe. Zito perpensava assuntos de não ousar dizer, coisas de ciumoso, ele abrira-se à espécie de ciúmes sem motivo de quê ou quem. Brejeirinha pulou, por pirueta. — "*Eu sei porque é que o ovo se parece com um espeto!*" —; ela vivia em álgebra. Mas não ia contar a ninguém. Brejeirinha é assim, não de siso débil; seus segredos são sem acabar. Tem porém infimículas inquietações: — *"Eu hoje estou com a cabeça muito quente..."* — isto, por não querer estudar. Então, ajunta: — *"Eu vou saber geografia."* Ou: — *"Eu queria saber o amor..."* Pele foi quem deu risada. Ciganinha e Zito erguem olhos, só quase assustados. Quase, quase, se entrefitaram, num não encontrar-se. Mas, Ciganinha, que se crê com a razão, muxoxa. Zito, também, não quer durar mais brigado, viera ao ponto de não aguentar. Se, à socapa, mirava Ciganinha, ela de repente mais linda se envoava.

— *"Sem saber o amor, a gente pode ler os romances grandes?"* — Brejeirinha especulava. — *"É, hem? Você não sabe ler nem o catecismo..."* Pele lambava-lhe um tico de desdém; mas Pele não perdia de boazinha e beliscava em doce, sorria sempre na voz. Brejeirinha rebica, picuíca: — *"Engraçada!... Pois eu li as 35 palavras no rótulo da caixa de fósforos..."* Por isso, queria avançar afirmações, com superior modo e calor de expressão, deduzidos de babinhas. — *"Zito, tubarão é* desvairado, *ou é* explícito *ou* demagogo*?"* Porque gostava, poetista, de importar desses sérios nomes, que lampejam longo clarão no escuro de nossa ignorância. Zito não respondia, desesperado de repente, controversioso-culposo, sonhava ir-se embora, teatral, debaixo de chuva que chuva, ele estalava numa raiva. Mas Brejeirinha tinha o dom de apreender as tenuidades: delas apropriava-se e refletia-as em si — a coisa das coisas e a pessoa das pessoas. — *"Zito, você podia ser o pirata inglório marujo, num navio muito intacto, para longe, lo-õ-onge no mar, navegante que o nunca-mais, de todos?"* Zito sorri, feito um ar forte. Ciganinha estremecera, e segurou com mais dedos o livro, hesitada. Mamãe dera a Pele a terrina, para ela bater os ovos.

Mas Brejeirinha punha mão em rosto, agora ela mesma empolgada, não detendo em si o jacto de contar: — *"O Aldaz Navegante, que foi descobrir os outros lugares valetudinário. Ele foi num navio, também, falcatruas. Foi de sozinho. Os lugares eram longe, e o mar. O Aldaz Navegante estava com saudade, antes, da mãe dele, dos irmãos, do pai. Ele não chorava. Ele*

precisava respectivo de ir. Disse: — “Vocês vão se esquecer muito de mim?” *O navio dele, chegou o dia de ir. O Aldaz Navegante ficou batendo o lenço branco, extrínseco, dentro do indo-se embora do navio. O navio foi saindo do perto para o longe, mas o Aldaz Navegante não dava as costas para a gente, para trás. A gente também inclusive batia os lenços brancos. Por fim, não tinha mais navio para se ver, só tinha o resto de mar. Então, um pensou e disse:* — “Ele vai descobrir os lugares, que nós não vamos nunca descobrir...” *Então e então, outro disse:* — “Ele vai descobrir os lugares, depois ele nunca vai voltar...” *Então, mais, outro pensou, pensou, esférico, e disse:* — “Ele deve de ter, então, a alguma raiva de nós, dentro dele, sem saber...” *Então, todos choraram, muitíssimos, e voltaram tristes para casa, para jantar...”*

Pele levantou a colher: — *“Você é uma analfabetinha ‘aldaz’.”* — *“Falsa a beatinha é tu!”* — Brejeirinha se malcriou. — *“Por que você inventa essa história de de tolice, boba, boba?”* — e Ciganinha se feria em zanga. — *“Porque depois pode ficar bonito, uê!”* Nurka latira. Mamãe também estava brava? Porque Brejeirinha topara o pé em cafeteiras, e outras. Disse ainda, reflexiva: — *“Antes falar bobagens, que calar besteiras...”* Agora, fechou os olhos que verdes, solene arrependida de seu desalinho de conduta. Só ouvirá o rumorejo da chuvinha, que estarão fritando.

A manhã é uma esponja. Decerto, porém, Pele rezara os dez responsos a Santo Antônio, tãoquanto batia os ovos. Porque estourou manso o milagre. O tempo temperou. Só era março — compondo suas chuvas ordinárias. Ciganinha e Zito se suspiravam. Soltavam-se as galinhas do galinheiro, e o peru. Saía-se, ao largo, Nurka. O céu tornava a azul?

Mamãe ia visitar a doente, a mulher do colono Zé Pavio. — *“Ah, e você vai conosco ou sem-nosco?”* — Brejeirinha perguntava. Mamãe, por não rir nem se dar de alheada, desferia chufas meigas: — *“Que nossa vergonha!...”* — e a dela era uma voz de vogais doçuras. A manhã se faz de flores. Então, pediu-se licença de ir espiar o riachinho cheio. Mamãe deixava, elas não eram mais meninas de agarra-a-saia. De impulso, se alegraram. Só que alguém teria de junto ir, para não se esquecerem de não chegar perto das águas perigosas. O rio, ali, é assaz. Se o Zito não seria, próprio, essa pessoa de acompanhar, um meiozinho-homem, leal de responsabilidades? Cessou-se a cerração do ar. Mas tinham de vestir outras roupas quentes. — *“Oh, as grogrolas!”* Brejeirinha de alegria ante todas,

feliz como se, se, se: menina só ave. — *“Vão com Deus!”* — Mamãe disse, profetisa, com aquela voz voável. Ela falava, e choviam era bátegas de bênçãos. A gentezinha separou-se.

A ir lá, o caminho primeiro subia, subvexo, a ladeirinha do combro, colinola. Tão mesmo assim, os dois guarda-chuvas. Num — avante — Brejeirinha e Pele. Debaixo do outro, Zito e Ciganinha. Só os restos da chuva, chuvinha se segredando. Nurka corria, negramente, e enfim voltava, cachorra destapada ditosa. Se a gente se virava, via-se a casa, branquinha com a lista verde-azul, a mais pequenina e linda, de todas, todas. Zito dando o braço a Ciganinha, por vezes, muito, as mãos se encontravam. Pele se crescia, elegante. E ágil ia Brejeirinha, com seu casaquinho coleóptero. Ela andava pés-para-dentro, feito um periquitinho, impávido.

No transcenso da colineta, Zito e Ciganinha calavam-se, muito às tortas, nos comovidos não-falares. Sim, já se estavam em pé de paz, fazendo sua experiência de felicidade; para eles, o passeio era um fato sentimental. Descia-se agora a outra ladeira, pegando cuidado, pelo enlameável e escorregoso, poças, mas também para não pisar no que Brejeirinha chamava de *“o bovino”* — altas rodelas de esterco cogumeleiro. Ali, com efeito, andavam bois: *“o boi, beiçudo”*; aí, Brejeirinha levou tombo. Ela disse que Mamãe tinha dito que eles precisavam de ter: coragem com juízo. Mas, isso, era mentirinhas. E, o que pois: — *“Agora, já me sujei, então agora posso não ter cuidado...”* Correu, com Nurka, pela encosta inferior, no verdinho pasto. Pele ainda ralhou: — *“Você vai buscar um audaz navegante?”* Mas, mais. Entanto, à úmida, à luz, o plano capim — e floriu-se: estendem-se, entremunhadas, as margaridinhas, todas se rodeiam de pálpebras.

O que se queria, aqui, era a pequena angra, onde o riachinho faz foz. Abaixo, aos bons bambus, e às pedreiras de beira-rio, ouvindo o ronco, o bufo d’água. Porque, o rio, grossoso, se descomporta, e o riachinho porém também, seu estuário já feio cheio, refuso, represado, encapelado — pororoqueja. — *“Bochechudo!”* — grita-lhe Brejeirinha. Sumiu-se a última areiinha dele, sob baile de um atoalhado de espumas, no belo despropositar-se, o bulir de bolhas. Brejeirinha já olhou tudo de cor. Cravou varetas de bambu, marcando pontos, para medir a água em se crescer, mudando de lugar. Porém, o fervor daquilo impunha-lhe recordações, Brejeirinha não gostando de mar: — *“O mar não tem*

desenho. O vento não deixa. O tamanho...” Lamentava-se de não ter trazido pão para os peixes. — *“Peixe, assim, a esta hora?”* — Pele duvidava. Divagava Brejeirinha: — *“A cachoeirinha é uma parede de água...”* Falou que aquela, ali, no rio, em frente, era a Ilhazinha dos Jacarés. — *“Você já viu jacaré lá?”* — caçoava Pele. — *“Não. Mas você também nunca viu o jacaré-não-estar-lá. Você vê é a ilha, só. Então, o jacaré pode estar ou não estar...”* Mas, Brejeirinha, Nurka ao lado, já vira tudo, em pé em volta, seu par de olhos passarinhos. Demorava-se, aliás, o subir e alargar-se da água, com os mil-e-um movimentos supérfluos.

A gente se sentava, perto, não no chão nem em tronco caído, por causa do chovido do molhado. Ciganinha e Zito, numa pedra, que dava só para dois, podiam horas infinitas; apenas, conversando ainda feito gente trivial. Pele saíra a colher um feixe de flores. Mais não chuviscava. Brejeirinha já pulando de novo. Disse: que o dia estava muito recitado. Voltava-se para a contramargem, das mais verdes, e jogava pedras, o longe possível, para Nurka correndo ir buscar. Depois, se acocora, de entreter-se, parece que já está até calçada com um sapatinho só. Mas, sem se desagachar, logo gira nos pezinhos, quer Ciganinha e Zito para ouvirem. Olha-os.

— *“O Aldaz Navegante não gostava de mar! Ele tinha assim mesmo de partir? Ele amava uma moça, magra. Mas o mar veio, em vento, e levou o navio dele, com ele dentro, escrutínio. O Aldaz Navegante não podia nada, só o mar, danado de ao redor, preliminar. O Aldaz Navegante se lembrava muito da moça. O amor é original...”*

Ciganinha e Zito sorriram. Riram juntos. — *“Nossa! O assunto ainda não parou?”* — era Pele voltada, numa porção de flores se escudando. Brejeirinha careteou um *“ah!”* e quis que continuou: — *“...Envém a tripulação... Então, não. Depois, choveu, choveu. O mar se encheu, o esquema, amestrador... O Aldaz Navegante não tinha caminho para correr e fugir, perante, e o navio espedaçado. O navio parambolava... Ele, com o medo, intacto, quase nem tinha tempo de tornar a pensar demais na moça que amava, circunspectos. Ele só a prevaricar... O amor é singular...”*

— *“E daí?”*

— *“A moça estava paralela, lá, longe, sozinha, ficada, inclusive, eles dois estavam nas duas pontinhas da saudade... O amor, isto é... O Aldaz Navegante, o perigo era total, titular... não tinha salvação... O Aldaz... O Aldaz...”*

— *“Sim. E agora? E daí?”* — Pele intimava-a.

— *"Aí? Então... então... Vou fazer explicação! Pronto. Então, ele acendeu a luz do mar. E pronto. Ele estava combinado com o homem do farol... Pronto. E..."*

— *"Na-ão. Não vale! Não pode inventar personagem novo, no fim da estória, fu! E — olha o seu 'aldaz navegante', ali. É aquele..."*

Olhou-se. Era: aquele — a coisa vacum, atamanhada, embatumada, semi-ressequida, obra pastoril no chão de limugem, e às pontas dos capins — chato, deixado. Sobre sua eminência, crescera um cogumelo de haste fina e flexuosa, muito longa: o chapeuzinho branco, lá em cima, petulante se bamboleava. O embate e orla da água, enchente, já o atingiam, quase.

Brejeirinha fez careta. Mas, nisso, o ramilhete de Pele se desmanchou, caindo no chão umas flores. — *"Ah! Pois é, é mesmo!"* — e Brejeirinha saltava e agia, rápida no valer-se das ocasiões. Apanhara aquelas florinhas amarelas — josés-moleques, douradinhas e margaridinhas — e veio espetá-las no concrôo do objeto. — *"Hoje não tem nenhuma flor azul?"* — ainda indagou. A risada foi de todos, Ciganinha e Zito bateram palmas. — *"Pronto. É o Aldaz Navegante..."* — e Brejeirinha crivava-o de mais coisas — folhas de bambu, raminhos, gravetos. Já aquela matéria, o "bovino", se transformava.

Deu-se, aí, porém, longe rumor: um trovão arrasta seus trastes. Brejeirinha teme demais os trovões. Vem para perto de Zito e Ciganinha. E de Pele. Pele, a meiga. Que: — *"Então? A estória não vai mais? Mixou?"*

— *"Então, pronto. Vou tornar a começar. O Aldaz Navegante, ele amava a moça, recomeçado. Pronto. Ele, de repente, se envergonhou de ter medo, deu um valor, desassustado. Deu um pulo onipotente... Agarrou, de longe, a moça, em seus abraços... Então, pronto. O mar foi que se aparvolhou-se. Arres! O Aldaz Navegante, pronto. Agora, acabou-se, mesmo: eu escrevi — 'Fim'!"*

De fato, a água já se acerca do "Aldaz Navegante", seu primeiro chofre golpeava-o. *"Ele vai para o mar?"* — perguntava, ansiosa, Brejeirinha. Ficara muito de pé. Um ventinho faz nela bilo-bilo — acarinha-lhe o rosto, os lábios, sim, e os ouvidos, os cabelos. A chuva, longe, adiada.

Segredando-se, Ciganinha e Zito se consideram, nas pontinhas da realidade. — *"Hoje está tão bonito, não é? Tudo, todos, tão bem, a gente alegre... Eu gosto deste tempo..."* E: — *"Eu também, Zito. Você vai voltar sempre aqui, muitas vezes?"* E: — *"Se Deus quiser, eu venho..."* E: — *"Zito, você era capaz de fazer como o Audaz Navegante? Ir descobrir os*

outros lugares?" E: — *"Ele foi, porque os outros lugares ainda são mais bonitos, quem sabe?..."* Eles se disseram, assim eles dois, coisas grandes em palavras pequenas, ti a mim, me a ti, e tanto. Contudo, e felizes, alguma outra coisa se agitava neles, confusa — assim rosa-amor-espinhos-saudade.

Mas, o "Aldaz Navegante", agora a água se apressa, no vir e ir, seu espumitar chega-lhe já re-em-redor, começando a ensopação. Ei-lo circunavegável, conquanto em firme terrestreidade: o chão ainda o amarrava de romper e partir. Brejeirinha aumenta-lhe os adornos. Até Ciganinha e Zito pegam a ajudar. E Pele. Ele é outro, colorido, estrambótico, folhas, flores. — *"Ele vai descobrir os outros lugares..."* *"— Não, Brejeirinha. Não brinca com coisas sérias!"* *"— Uê? O quê?"* Então, Ciganinha, cismosa, propõe: — *"Vamos mandar, por ele, um recado?"* Enviar, por ora, uma coisa, para o mar. Isso, todos querem. Zito põe uma moeda. Ciganinha, um grampo. Pele, um chicle. Brejeirinha — um cuspinho; é o "seu estilo". E a estória? Haverá, ainda, tempo para recontar a verdadeira estória? Pois:

— *"Agora, eu sei. O Aldaz Navegante não foi sozinho; pronto! Mas ele embarcou com a moça que ele amavam-se, entraram no navio, estricto. E pronto. O mar foi indo com eles, estético. Eles iam sem sozinhos, no navio, que ficando cada vez mais bonito, mais bonito, o navio... pronto: e virou vagalumes..."*

Pronto. O trovão, terrível, este em céus e terra, invencível. Carregou. Brejeirinha e o trovão se engasgam. Ela iria cair num abismo "intacto" — o vão do trovão? Nurka latiu, em seu socôrro. Ciganinha, e Pele e Zito, também, vêm para a amparar. Antes, porém, outra, fada, inesperada, surgia, ali, de contraflor.

— *"Mamãe!"*

Deitou-se-lhe ao pescoço. Mamãe aparava-lhe a cabecinha, como um esquilo pega uma noz. Brejeirinha ri sem til. E, Pele:

— *"Olha! Agora! Lá se vai o 'Aldaz Navegante'!"*

— *"Ei!"*

— *"Ah!"*

O Aldaz! Ele partia. Oscilado, só se dançandoando, espumas e águas o levavam, ao Aldaz Navegante, para sempre, viabundo, abaixo, abaixo. Suas folhagens, suas flores e o airoso cogumelo, comprido, que uma gota

orvalha, uma gotinha, que perluz — no pináculo de uma trampa seca de vaca.

Brejeirinha se comove também. No descomover-se, porém, é que diz: — *“Mamãe, agora eu sei, mais: que o ovo só se parece, mesmo, é com um espeto!”*

De novo, a chuva dá.

De modo que se abriram, asados, os guarda-chuvas.

A benfazeja

Sei que não atentaram na mulher; nem fosse possível. Vive-se perto demais, num lugarejo, às sombras frouxas, a gente se afaz ao devagar das pessoas. A gente não revê os que não valem a pena. Acham ainda que não valia a pena? Se, pois, se. No que nem pensaram; e não se indagou, a muita coisa. Para quê? A mulher — malandraja, a malacafar, suja de si, misericordiada, tão em velha e feia, feita tonta, no crime não arrependida — e guia de um cego. Vocês todos nunca suspeitaram que ela pudesse arcar-se no mais fechado extremo, nos domínios do demasiado?

Soubessem-lhe ao menos o nome. Não; pergunto, e ninguém o intéira. Chamavam-na de a *"Mula-Marmela"*, somente, a abominada. A que tinha dôres nas cadeiras: andava meio se agachando; com os joelhos para diante. Vivesse embrenhada, mesmo quando ao claro, na rua. Qualquer ponto em que passasse, parecia apertado. Viam-lhe vocês a mesmez — furibunda de magra, de esticado esqueleto, e o se sumir de sanguexuga, fugidos os olhos, lobunos cabelos, a cara —; as sombras carecem de qualquer conta ou relevo. Sabe-se se assustava-os seu ser: as fauces de jejuadora, os modos, contidos, de ensalmeira? Às vezes, tinha o queixo trêmulo. Apanhem-lhe o andar em ponta, em sestro de égua solitária; e a selvagem compostura. Seja-se exato.

E nem desconfiaram, hem, de que poderiam estar em tudo e por tudo enganados? Não diziam, também, que ela ocultava dinheiro, rapinicado às tantas esmolas que o cego costumava arrecadar? Rica, outromodo, sim, pelo que do destino, o terrível. Nem fosse reles feiosa, isto vocês poderiam notar, se capazes de desencobrir-lhe as feições, de sob o sórdido desarrumo, do sarro e crasso; e desfixar-lhe os rugamentos, que não de idade, senão de crispa expressão. Lembrem-se bem, façam um esforço. Compesem-lhe as palavras parcas, os gestos, uns atos, e tereis que ela se desvendava antes ladina, atilada em exacêrbo. Seu antigo crime? Mas sempre escutei que o assassinado por ela era um hediondo, o cão de homem, calamidade horribilíssima, perigo e castigo para os habitantes deste lugar. Do que ouvi, a vocês mesmos, entendo que, por aquilo, todos lhe estariam em grande dívida, se bem que de tanto não tomando tento,

nem essa gratidão externassem. Tudo se compensa. Por que, então, invocar, contra as mãos de alguém, as sombras de outroras coisas?

O cego pedia suas esmolas rudemente. Xingava, arrogava, desensofrido, dando com o bordão nas portas das casas, no balcão das vendas. Respeitavam-no, mesmo por isso, jamais se viu que o desatendessem, ou censurassem ou ralhassem, repondo-o em seu nada. Piedade? Escrúpulo? Mais seria como se percebessem nele, de obscuro, um mando de alma, qualidade de poder. Chamava-se *"o Retrupé"*, sem adiante. Como a Mula-Marmela, os dois, ambos: uns pobres, de apelido. E vocês não veem que, negando-lhes o de cristão, comunicavam, à rebelde indigência de um e outra, estranha eficácia de ser, à parte, já causada?

Ao Retrupé, com seu encanzinar-se, blasfemífero, e prepotente esmolar, ninguém demorava para dar dinheiro, comida, o que ele quisesse, o pão-por-deus. — *"Ele é um* tranca!" — o cínico e canalha, vilão. Mas só, às vezes, alguém, depois e longe, se desabafava. O homem maligno, com cara de matador de gente. Sobre os trapos, trazia um facão, pendente. Estendia, imperioso, sua mão de tamanho. E gritava, com uma voz de cão, superlativa. Se alguém falasse, ou risse, ele parava, esperava o silêncio. Escutava muito, ao redor de si. Mas nunca ouvia tudo; não sabia nem podia.

Tinha medo, também; disso, vocês nunca desconfiaram. Temia-a, a ela, à mulher que o guiava. A Mula-Marmela chamava-o, com simples sílaba, entre dentes, quase esguichado um *"ei"* ou *"hã"* — e o Retrupé se movia de lá, agora apalpante, pisando com ajuda; balançava o facão, a bainha presa a um barbante, na cintura. Sei que ele, leve, breve, se sacudira. Desciam a rua, dobraram o beco, acompanharam-se por lá, os dois, em sobrossoso séquito. Rezam-se ódio. Lé e cré, pelas ora voltas, que qual, que tal, loba e cão. Como era que ficavam nesse acordo de incomunhão, malquerentes, parando entre eles um frio figadal? O cego Retrupé era filho do finado marido dela, o *"Mumbungo"*, que a Mula-Marmela assassinara.

Vocês sabem, o que foi há tantos anos. Esse Mumbungo era célebre-cruel e iníquo, muito criminoso, homem de gostar do sabor de sangue, monstro de perversias. Esse nunca perdoou, emprestava ao diabo a alma dos outros. Matava, afligia, matava. Dizem que esfaqueava rasgado, só pelo ancho de ver a vítima caretear. Será a sua verdade? Nos tempos, e por causa dele, todos estremeciam, sem pausa de remédio. Diziam-no maltratado do miolo. Era o punir de Deus, o avultado demo — o "cão". E,

no entanto, com a mulher, davam-se bem, amavam-se. Como? O amor é a vaga, indecisa palavra. Mas, eu, indaguei. Sou de fora. O Mumbungo queria à sua mulher, a Mula-Marmela, e, contudo, incertamente, ela o amedrontava. Do temor que não se sabe. Talvez pressentisse que só ela seria capaz de destruí-lo, de cortar, com um ato de "não", sua existência doidamente celerada. Talvez adivinhasse que em suas mãos, dela, estivesse já decretado e pronto o seu fim. Queria-lhe, e temia-a — de um temor igual ao que agora incessante sente o cego Retrupé. Soubessem, porém, nem de nada. A gente é portador.

O cego Retrupé é grande, forte. Surge, de lá, trazido pela Mula-Marmela; agora se conduz firme, não vacila. Dizem que bebe? Vejam vocês mesmos, porém, como essas petas escondem a coisa singular. Todos sabem que ele não bebia, nunca, porque a Mula-Marmela não deixava. Nem carecia de falar-lhe a paz da probição: dava-lhe, apenas, um silêncio, terrível. E ele cumpria, tinha a marca da coleira. Curtia afogados desejos, indecifrava-os. Aspirava, à porta dos botequins, febril, o espírito das cachaças. Seguia, enfim, perfidiado e remisso, mal-agradecido, raivoso, os dentes do rato rangiam-no. Porque, ele mesmo, não sabendo que não havia de beber, o que não fosse — ah, se! — o sangue das pessoas. Porque sua sede e embriaguez eram fatais, medonhas outras, para lá do ponto. Seria ele, realmente, uma alma de Deus, hão certeza? Ah, nem sabem. Podia também ser de outra essência — a mandada, manchada, malfadada. Dizem-se, estórias. Assim mesmo, no tredo estado em que tacteia, privo, mal-existente, o que é, cabidamente, é o filho tal-pai-tal; o "cão", também, na prática verdade.

O pai, o Mumbungo, se vivia bem com a mulher, a Mula-Marmela, e se ela precisava dele, como os pobres precisam uns dos outros, por que, então, o matou? Vocês nunca pensaram nisso, e culparam-na. Por que hão de ser tão infundados e poltrões, sem espécie de perceber e reconhecer? Mas, quando ela matou o marido, sem que se saiba a clara e externa razão, todos aqui respiraram, e bendisseram a Deus. Agora, a gente podia viver o sossego, o mal se vazara, tão felizmente de repente. O Mumbungo; esse, foi o que tivera de se revoltar a um outro lugar, foi como alma que caiu no inferno. Mas não a recompensaram, a ela, a Mula-Marmela; ao contrário: deixaram-na no escárnio de apontada à amargura, e na muda miséria, pois que eis. Matou o marido, e, depois, própria temeu, forte demais, o pavor que se lhe refluía, caída, dado ataque, quase fria de assombro de

estupefazimento, com o cachorro uivar. E ela, então, não riu. Vocês, os que não a ouviram não rir, nem suportam se lembrar direito do delirido daquela risada.

Se eu disser o que sei e pensam, vocês inquietos se desgostarão. Nem consintam, talvez, que eu explique, acabe. A mulher tinha de matar, tinha de cumprir por suas mãos o necessário bem de todos, só ela mesma poderia ser a executora — da obra altíssima, que todos nem ousavam conceber, mas que, em seus escondidos corações, imploravam. Só ela mesma, a Marmela, que viera ao mundo com a sina presa de amar aquele homem, e de ser amada dele; e, juntos, enviados. Por quê? Em volta de nós, o que há, é a sombra mais fechada — coisas gerais. A Mula-Marmela e o Mumbungo, no fio a fio de sua afeição, suspeitassem antecipadamente da sanção, e sentença? Temia-a, ele, sim, e o amor que tinha a ela colocava-o à mercê de sua justiça. A Marmela, pobre mulher, que sentia mais que todos, talvez, e, sem o saber, sentia por todos, pelos ameaçados e vexados, pelos que choravam os seus entes parentes, que o Mumbungo, mandatário de não sei que poderes, atroz sacrificara. Se só ela poderia matar o homem que era o seu, ela teria de matá-lo. Se não cumprisse assim — se se recusasse a satisfazer o que todos, a sós, a todos os instantes, suplicavam enormemente — ela enlouqueceria? A cor do carvão é um mistério; a gente pensa que ele é preto, ou branco.

E outra vez vejo que vêm, pela indiferente rua, e passam, em esmolambos, os dois, tão fora da vida exemplar de todos, dos que são os moradores deste sereno nosso lugar. O cego Retrupé avança, fingindo-se de seguro, não dá à Mula-Marmela a ponta do bordão para segurar, ela o guia apenas com sua dianteira presença, ele segue-a pelo jeito, pelo se deslocar do ar — como em trasvoo se vão os pássaros; ou o que ele percebe à sua frente é a essência vivaz da mulher, sua sombra-da-alma, fareja-lhe o odor, o lobum? Notem que o cego Retrupé mantém sempre muito levantada a cabeça, por inexplicado orgulho: que ele provém de um reino de orgulho, sua maligna índole, o poder de mandar, que estarrece. E ele traz um chapéu chato, nem branco nem preto. Viram como esse chapéu lhe cai muitas vezes da cabeça, principalmente quando ele mais se exalta, gestilongado abarbarado e maldoso, reclamando com urgência suas esmolas do povo. Mas, notaram como é que a Mula-Marmela lhe apanha do chão o chapéu, e procura limpá-lo com seus dedos, antes de lho entregar, o chapéu que ele mesmo nunca tira, por não respeitar a ninguém?

Sei que vocês não se interessam nulo por ela, não reparam como essa mulher anda, e sente, e vive e faz. Repararam como olha para as casas com olhos simples, livres do amaldiçoamento de pedidor? E não põe, no olhar as crianças, o soturno de cativeiro que destinaria aos adultos. Ela olha para tudo com singeleza de admiração. Mas vocês não podem gostar dela, nem sequer sua proximidade tolerem, porque não sabem que uma sina forçosa demais apartou-a de todos, soltou-a. Apara, em seu de-cor de dever, o ódio que deveria ir só para os dois homens. Dizem-na maldita: será; e? Porém, isto, nunca mais repitam, não me digam: *do lobo, a pele; e olhe lá!* Há sobrepesos, que se levam, outros, e são a vida.

Mas, com tanto, está que ninguém sabe o que entre os dois verdadeiramente se compassa — do desconchavo e desacerto de assim perambularem, torvos, no monótono, em farrapos, semoventes: do que vocês apenas se divertem, tiram graças e chocarra. Se o que os há é apenas embruxar e odiar, loba contra cão, ojeriza e osga; convocam demônios? Ou algum encoberto ultrapassar, — posto o que também há: uma irmandade das almas más, alcateia e matilha? Não, não há ódio; engano. Ela, não. Ela cuida dele, guia-o, trata-o — como a um mais infeliz, mais feroz, mais fraco. Desde que *morreu* o homem-marido, o Mumbungo, ela tomou conta deste. Passou a cuidá-lo, na reobriga, sem buscar sossego. Ela não tinha filhos. — *"Ela nunca pariu..."* — vocês culpam-na. Vocês, creio, gostariam de que ela também se fosse, desaparecesse no não, depois de ter assassinado o marido. Vocês odeiam-na, destarte.

Mas, se ela também se tivesse matado, que seria de vocês, de nós, às muitas mãos do Retrupé, que ainda não estava cegado, nos tempos; e que seria tão pronto para ser sanguinaz e cruel-perverso quanto o pai — e o que renega de Deus — da pele de Judas, de tão desumana e tremenda estirpe, de apavôr?

Seus os-olhos, do Retrupé, ainda eram sãos: para espelhar inevitável ódio, para cumprir o dardejar, e para o prazer de escolher as vítimas mais fáceis, mais frescas. Só aí, se deu que, em algum comum dia, o Retrupé cegou, de ambos aqueles olhos. Souberam vocês como foi? Procuraram achar? Sabem, contudo, que há leites e pós, de plantas, venenos que ocultamente retiram, retomam a visão, de olhos que não devem ver. Só com isso, sem precisão de mais, e já o Retrupé parava, um ser quase inócuo, um renunciado. E vocês, bons moradores do lugar, ficavam defendidos, a cobro de suas infrenes celeradezas. Talvez, ele não

precisasse de danado morrer como o Mumbungo, seu pai. Talvez, me pergunto, o próprio Mumbungo descarecesse de ser morto, se acaso, por ponto, alguém pensasse *antes* nessas ervas cegadoras, ou soubesse já então de sua aplicação e efeito. Se assim, pois, haver-se-ia agora a Mula-Marmela guiando a dois, pelas ruas, e deles com terrível dever-de-amor cuidando, como se fossem os filhos que ela queria, os que ela não pariu nem parirá, nunca — o dócil morto e o impedido cego. A pacto de tolher-lhes as ainda possíveis malícias, e dar-lhes, como em sua antiquíssima linguagem ela diz: *gasalhado* e *emparo*. Vocês, porém, fio que nem nunca lhe escutaram a voz — à surda.

Também o cego Retrupé se intimida dessa voz, rara tanto. Sabem o que é tão estúrdio? — que, mesmo um que não vê, sabe que precisa de apartar a cabeça: ele faz isso, para não encarar com a mulher odiosa. O cego Retrupé volta-se de frente para o ponto onde estão as sensatas, quietas pessoas, que ele odeia em si, pelo desprezamento de todos, na pacatez e concórdia. Ele precisava de matar, para a fundo se cumprir, desafogado e bem. Mas, não pode. Porque é cego, apenas. O cego Retrupé, sedicioso, então, insulta, brada espumas, ruge — nas gargantas do cão. Sabe que é de outra raça, que vem do ainda horroroso, informe; que ainda não entendeu a mansidão, pelo temor? Então, o cego Retrupé esbarra com o impoder da cegueira; agora, ele não pode alcançar ninguém, se a raiva mais o cega; pode? O cego Retrupé cochicha consigo — ele ofende o invisível. Para ele, graças à cegueira, este nosso mundo já é algum além. E se assim não fosse? Alguém seria capaz de querer ir pôr o açamo no cão em dana? E vocês ainda podem culpar esta mulher, a Marmela, julgá-la, achá-la vituperável? Deixem-na, se não a entendem, nem a ele. Cada qual com sua baixeza; cada um com sua altura.

Saibam ver como ela sabe dar descargo a si. Sim, ela é inobservável; vocês não poderiam. Mas, reparando com mais tento, veriam, pelo menos, como ela não é capaz de pegar estouvadamente em alguma coisa; nem deixa de curvar-se para apanhar um caco de vidro no chão da rua, e pô-lo de lado, por perigoso. Ela abaixa assaz os olhos. Pelo marido, seu morto; pode, porque o matou sem inúteis sofrimentos. Se não o matasse, ele se teria condenado ainda mais? Ela afasta do botequim o cego Retrupé, turbador, remisso e bulhento. Só este é o seu, deles, diálogo: um pigarro e um impropério. Ele a segue, caninamente. Vão-se; nunca nenhum de vocês os observou, a gente não consegue nem persegue os fios feixes dos fatos.

Vivem em aterrador, em coisa de silêncio, tão juntos, de morar em esconderijos. A luz é para todos; as escuridões é que são apartadas e diversas.

Diziam que, em outro tempo, ao menos, entre eles teria havido alguma concubinagem. Cambonda? Vocês sabem que isso é falso; e como a gente gosta de aceitar essas simples, apaziguadoras suposições. Sabem que o cego Retrupé, canhim e discordioso, ela mesma o conduz, paciente, às mulheres, e espera-o cá fora, zela para que não o maltratem. Isto, porém, faz tempo. Hoje ele está envelhecido, virou em macilento, grisalho, as cãs assentam-lhe bem, quando o chapéu cai. Estes tempos, durante que deixamos de conhecê-los e averiguá-los. O cego Retrupé anda meio caído, amorviado, em escanifro e escanzelo. Parece que, ao mesmo passo, seu modo de medo da Mula-Marmela muda e aumenta. Fraqueia-lhe também a fúria alastradora e áspera de viver: não exerce com o mesmo entono puxar pelo seu direito — o feroz direito de pedir.

Parece que seu temor fazia-o murmurar queixumes, súplicas, à Mula-Marmela. E, no entanto, ela cada dia para com ele mais se abranda, apiedada de seu desvalor. Mas ele não crê, não pode saber, não confia dela, nem da gente. O entressentir-se, entre as pessoas, vem de regra com exageros, erro, e retardo. Ele sussurra disfarçada e impessoalmente seus pedidos de perdão; vocês notaram? A Mula-Marmela ouvia-o, sem parecer que. Fugia de olhá-lo. Sei, vocês não notaram, nada. E, mesmo, agora, vocês se sentem um pouco mais garantidos, tranquilos estamos. É de crer que, breve, estaremos livres do que não amamos, do que danadamente nos enoja, pasma.

Conta-se-me que ele quis matá-la. Em hora em que seu medo se derramou maior, saber-se-á lá por quê? Tido que já se estava maltreito, quando adoeceu, mal, de febre acesa. Sentara-se à beira da rua, para arquejar. De repente, levantou-se, sem bordão, estorvinhado, gritou, bramou: exaltado como um cão que é acordado de repente. Sacou o facão, tacava-o, avançava às doidas, às mesmo cegas, tentando golpeá-la, em seu desatinado furor. E ela, erguida onde estava, permaneceu, não se moveu, não se intimidava? Olhava na direção do não. Se ele acertasse, poderia em carnes trucidá-la. Mas, aos poucos, acreditou que o facão não a encontraria nunca, sentiu-se desamparado demais e sozinho. Temeu, de todo em pé. O facão lhe caiu da mão. Seu medo não tinha olhos para encher.

Parece que gemeu e chorou: — *"Mãe... Mamãe... Minha mãe!"...* — esganiçado implorava, quando retombou sentado no chão, cessada a furibundância; e tremia estremecidamente, feito os capins dos pastos. Estava já no fino do funil, é de crer que. A Mula-Marmela, ela veio, se chegou, sem dizer nem o sussurrar. Apanhou-lhe o chapéu, limpou-o, tornou-o a pôr na cabeça dele, e trouxe também o facão, recolocou-o em sua cintura, na velha bainha. Ele, com o se apequenar de sofrer e tremer, semelhava um bicho do fundo da floresta. Diz-se que ela teria lágrimas nos olhos; que falou, soturna de ternuras terríveis: — *"Meu filho..."* E olhou para uma banda, disse a alguma coisa mais, como se falando ao outro; soluçava, também, pelo Mumbungo, seu reconduzido marido, por sua parte, de seu ato. Disso, vocês não quererão saber, são em-diabas confusões, disso vocês não sabem. E, se, para quê? Se ninguém entende ninguém; e ninguém entenderá nada, jamais; esta é a prática verdade.

Sim, os dois, ficaram, até ao anoitecer, e pela noite entrada, naquela solidão próxima, numa beira de cerca. Alguém os acudiu? Diz-se que ele padecia uma dor terrivelmente, de demasiado castigo, e uma sufocação medonha de ar, conforme nem por uma esperança ainda nem não agoniava. Só estrebuchava. Não viram, na madrugada, quando ele lançou o último mau suspiro. Sim, mas o que vocês creem saber, isto, seriamente afirmam: que ela, a Mula-Marmela, no decorrer das trevas, foi quem esganou estranguladamente o pobre-diabo, que parou de se sofrer, pelos pescoços; no cujo, no corpo defunto, após, se viram marcas de suas unhas e dedos, craváveis. Só não a acusaram e prenderam, porque maior era o alívio de a ver partir, para nunca, daí que, silenciosa toda, como era sempre, no cemitério, acompanhou o cego Retrupé às consolações. Vocês, distantemente, ainda a odiavam?

E ela ia se indo, amargã, sem ter de se despedir de ninguém, tropeçante e cansada. Sem lhe oferecer ao menos qualquer espontânea esmola, vocês a viram partir: o que figurava a expedição do bode — seu expiar. Feia, furtiva, lupina, tão magra. Vocês, de seus decretantes corações, a expulsavam. Agora, não vão sair a procurar-lhe o corpo morto, para, contritos, enterrá-lo, em festa e pranto, em preito? Não será custoso achá-lo, por aí, caído, nem légua adiante. Ela ia para qualquer longe, ia longamente, ardente, a só e só, tinha finas pernas de andar, andar. É caso, o que agora direi. E, nunca se esqueçam, tomem na lembrança, narrem aos seus filhos, havidos ou vindouros, o que vocês viram com esses seus olhos

terrivorosos, e não souberam impedir, nem compreender, nem agraciar. De como, quando ia a partir, ela avistou aquele um cachorro morto, abandonado e meio já podre, na ponta-da-rua, e pegou-o às costas, o foi levando —: se para livrar o logradouro e lugar de sua pestilência perigosa, se para piedade de dar-lhe cova em terra, se para com ele ter com quem ou quê se abraçar, na hora de sua grande morte solitária? Pensem, meditem nela, entanto.

Darandina

De manhã, todos os gatos nítidos nas pelagens, e eu em serviço formal, mas, contra o devido, cá fora do portão, à espera do menino com os jornais, e eis que, saindo, passa, por mim e duas ou três pessoas que perto e ali mais ou menos ocasionais se achavam, aquele senhor, exato, rápido, podendo-se dizer que provisoriamente impoluto. E, pronto, refez-se no mundo o mito, dito que desataram a dar-se, para nós, urbanos, os portentosos fatos, enchendo explodidamente o dia: de chinfrim, afã e lufa-lufa.

— *“Ô, seô!...”* — foi o grito; senão se, de guerra: — *“Ugh, sioux!...”* — também cabendo ser, por meu testemunho, já que com concentrada ou distraída mente me encontrava, a repassar os próprios, íntimos quiproquós, que a matéria da vida são. Mas: — *“Oooh...”* — e o senhor tão bem passante algum quieto transeunte apunhalara?! Isso em relance e instante visvi — vislumbrou-se-me. Não. Que só o que tinha sido — vice-vi mais —: pouco certeiro e indiscreto no golpe, um afanador de carteiras. Desde o qual, porém, irremediável, ia-se o vagar interior da gente, roto, de imediato, para durante contínuos episódios.

— *“Sujeito de trato, tão trajado...”* — estranhava, surgindo do carro, dentr’onde até então cochilara, o chofer do dr. Bilôlo. — “*A caneta-tinteiro foi que ele abafou, do outro, da lapela...”* — depunha o menino dos jornais, só no vivo da ocasião aparecendo. Perseguido, entretanto, o homem corria que luzia, no diante do pé, varava pela praça, dava que dava. — *“Pega!”* Ora, quase no meio da praça, instalava-se uma das palmeiras-reais, talvez a maior, mesmo majestosa. Ora, ora, o homem, vestido correto como estava, nela não esbarrou, mas, sem nem se livrar dos sapatos, atirou-se-lhe abraçado, e grimpava-a, voraz, expedito arriba, ao incrível, ascensionalíssimo. — *Uma palmeira é uma palmeira ou uma palmeira ou uma palmeira?* — inquiriria um filósofo. Nosso homem, ignaro, escalara dela já o fim, e fino. Susteve-se.

— *Esta!* — me mexi, repiscados os olhos, em tento por me readquirir. Pois o nosso homem se fora, a prumo, a pino, com donaires de pica-pau e nenhum deslize, e ao topo se encarapitava, safado, sabiá, no páramo

empíreo. Paravam os de seu perséquito, não menos que eu surpresos, detidos, aqui em nível térreo, ante a infinita palmeira — muralhavaz. O céu só safira. No chão, já nem se contando o crescer do ajuntamento, dado que, de toda a circunferência, acudiam pessoas e povo, que na praça se emagotava. Tanto nunca pensei que uma multidão se gerasse, de graça, assim e instantânea.

Nosso homem, diga-se que ostentoso, em sua altura inopinada, floria e frutificava: nosso não era o nosso homem. — *"Tem arte..."* — e quem o julgava já não sendo o jornaleiro, mas o capelão da Casa, quase com regozijo. Os outros, acolá, de infra a supra, empinavam insultos, clamando do demo e aqui-da-polícia, até se perguntava por arma de fogo. Além, porém, muito a seu grado, ele imitativamente aleluiasse, garrida a voz, tonifluente; porque mirável era que tanto se fizesse ouvir, tudo apesar-de. Discursava sobre canetas-tinteiro? Um camelô, portanto, atrevido na propaganda das ditas e estilógrafos. Em local de má escôlha, contudo, pensei; se é que, por descaridosa, não me escandalizasse ainda a idéia de vir alguém produzir acrobacias e dislativas peloticas, dessas, justo em frente de nosso Instituto. Extremamente de arrojo era o sucesso, em todo o caso, e eu humano; andei ver o reclamista.

Chamavam-me, porém, nesse entremenos, e apenas o Adalgiso, sisudo ele, o de sempre, só que me pegando pelo braço. Puxado e puxando, corre que apressei-me, mesmo assim, pela praça, para o foco do sumo, central transtornamento. Com estarmos ambos de avental, davam-nos alguma irregular passagem. — *"Como foi que fugiu?"* — todo o mundo perguntando, do populacho, que nunca é muito tolo por muito tempo. Tive então enfim de entender, ai-me, mísero. — *"Como o recapturar?"* Pois éramos, o Adalgiso e eu, os internos de plantão, no dia infausto' fantástico.

Vindo o que o Adalgiso, com de-curtas, não urgira em cochichar-me: nosso homem não era nosso hóspede. Instantes antes, espontâneo, só, dera ali o ar de sua desgraça. — *"Aspecto e* facies *nada anormais, mesmo a forma e conteúdo da elocução a princípio denotando fundo mental razoável..."* Grave, grave, o caso. Premia-nos a multidão, e estava-se na área de baixa pressão do ciclone. — *"Disse que era são, mas que, vendo a humanidade já enlouquecida, e em véspera de mais tresloucar-se, inventara a decisão de se internar, voluntário: assim, quando a coisa se varresse de infernal a pior, estaria já garantido ali, com lugar, tratamento*

e defesa, que, à maioria, cá fora, viriam a fazer falta...” — e o Adalgiso, a seguir, nem se culpava de venial descuido, quando no ir querer preencher-lhe a ficha.

— *“Você se espanta?”* — esquivei-me. De fato, o homem exagerara somente uma teoria antiga: a do professor Dartanhã, que, mesmo a nós, seus alunos, declarava-nos em quarenta-por-cento casos típicos, larvados; e, ainda, dos restantes, outra boa parte, apenas de mais puxado diagnóstico... Mas o Adalgiso, mas ao meu estarrecido ouvido: — *“Sabe quem é? Deu nome e cargo. Sandoval o reconheceu. É o Secretário das Finanças Públicas...”* — assim baixinho, e choco, o Adalgiso.

Ao que, quase de propósito, a turba calou-se e enervou-nos, à estupefatura. Desolávamo-nos de mais acima olhar, aonde evidentemente o céu era um desprezo de alto, o azul antepassado. De qualquer modo, porém, o homem, aquém, em torre de marfim, entre as verdes, hirtas palmas, e ao cabo de sua diligência de veloz como um foguete, realizava-se, comensurado com o absurdo. Sei-me atreito a vertigens. E quem não, então, sob e perante aquilo, para nós um deu-nos-sacuda, de arrepiar perucas, semelhante e rigorosa coisa? Mas um super-humano ato pessoal, transe hiperbólico, incidente hercúleo. — *“Sandoval vai chamar o dr. Diretor, a Polícia, o Palácio de Governo...”* — assegurou o Adalgiso.

Uma palmeira não é uma mangueira, em sua frondosura, sequer uma aroeira, quanto a condições de fixibilidade e conforto, acontéce-que. Que modo e como, então, aguentava de reter-se tanto ali, estadista ou não, são ou doente? Ele lá não estava desequilibrado; ao contrário. O repimpado, no apogeu, e rematado velhaco, além de dar em doido, sem fazer por quando. A única coisa que fazia era sombra. Pois, no justo momento, gritou, introduziu-se a delirar, ele mais em si, satisfatível: — *“Eu nunca me entendi por gente!...”* — de nós desdenhava. Pausou e repetiu. Daí e mais: — *“Vocês me sabem é de mentira!”* Respondendo-me? Riu, ri, riu-se, rimo-nos. O povo ria.

Adalgiso, não: — *“Ia adivinhar? Não entendo de política.”* — inconcluía. — *“Excitação maníaca, estado demencial... Mania aguda, delirante... E o contraste não é tudo, para se acertarem os sintomas?”* — ele, contra si consigo, opunha. Psiu, porém, quem, assado e assim, a mundos e resmungos, sua total presença anunciava? Vê-se que o dr. Diretor: que, chegando, sobrechegado. Para arredar caminho, por império, os da Polícia — tiras, beleguins, guardas, delegado, comissário — para

prevenir desordem. Também, cândidos, com o dr. Diretor, os enfermeiros, padioleiros, Sandoval, o Capelão, o dr. Eneias e o dr. Bilôlo. Traziam a camisa-de-força. Fitava-se o nosso homem empalmeirado. E o dr. Diretor, dono: — *"Há de ser nada!"*

Contestando-o, diametral, o professor Dartanhã, de contrária banda aportado: — *"Psicose paranoide hebefrênica,* dementia praecox*, se vejo claro!"* —; e não só especulativo-teorético, mas por picuinha, tanto o outro e ele se ojerizavam; além de que rivais, coincidentemente, se bem que calvo e não calvo. Toante que o dr. Diretor ripostou, incientífico, em atitude de autoridade: — *"Sabe quem aquele cavalheiro é?"* — e o título declinou, voz vedada; ouvindo-o, do povo, mesmo assim, alguns, os adjacentes sagazes. Emendou o mote o professor Dartanhã: — *"... mas transitória perturbação, a qual, a capacidade civil, em nada lhe deixará afetada..."* — versando o de intoxicação-ou-infecção, a ponto falara. Mesmo um sábio se engana quanto ao em que crê —; cremos, nós outros, que nossos límpidos óculos limpávamos. Assim cada qual um asno prepalatino, ou, melhor, *apud* o vulgo: pessoa bestificada. E, pois que há razões e rasões, os padioleiros não depunham no chão a padiola.

Porque, o nosso, o excelso homem, regritou: — *"Viver é impossível!..."* — um *slogan*; e, sempre que ele se prometia para falar, conseguia-se, cá, o multitudinal silêncio — das pessoas de milhares. Nem esquecera-lhe o elemento mímico: fez gesto — de que empunhasse um guarda-chuva. Ameaçava o quê a quem, com seu estro catastrófico? — *"Viver é impossível!"* — o dito declarado assim, tão empírico e anermenêutico, só através do egoísmo da lógica. Mas, menos como um galhofeiro estapafúrdio, ou alucinado burlão, pendo a ouvir, antes em leal tom e generoso. E era um revelar em favor de todos, instruía-nos de verdadeira verdade. A nós — substantes seres sub-aéreos — de cujo meio ele a si mesmo se raptara. Fato, fato, a vida se dizia, em si, impossível. Já assim me pareceu. Então, ingente, universalmente, era preciso, sem cessar, um milagre; que é o que sempre há, a fundo, de fato. De mim, não pude negar-lhe, incerta, a simpatia intelectual, a ele, abstrato — vitorioso ao anular-se — chegado ao píncaro de um axioma.

Sete peritos, oficiais pares de olhos, do espaço inferior o estudavam. — *"Que ver: que fazer?"* — agora. Pois o dr. Diretor comandava-nos em conselho, aqui, onde, prestimosa para nós, dilatava a Polícia, a proêmios de *casse-têtes* e blasfemos rogos, uma clareira precária. Para embaraços

nossos, entretanto, portava-se árduo o ilustre homem, que ora encarnava a alma de tudo: inacessível. E — portanto — imedicável. Havia e haja que reduzi-lo a baixar, valha que por condigno meio desguindá-lo. Apenas, não estando à mão de colher, nem sendo de se atrair com afagos e morangos. — *"Fazer o quê?"* — unânimes, ora tardávamos em atinar. Com o que o dr. Diretor, como quem saca e desfecha, prometeu: — *"Vêm aí os bombeiros!"* Ponto. Depunham os padioleiros no chão a padiola.

O que vinha, era a vaia. Que não em nós, bem felizmente, mas no nosso guardião do erário. Ele estava na ponta. Conforme quanto, rápida, no chacoalhar da massa, difundira-se a identificação do herói. Donde, de início, de bufos avulsos gritos, daqui, aqui, um que outro, cômicamente, a atoarda pronta borbotava. E bradou aos céus, formidável, una, a versão voxpopular: — *"Demagogo! Demagogo!..."* — avessa ressonância. — *"Demagôoogo!..."* — a belo e bom, safa, santos meus, que corrimaça. O ultravociferado halali, a extrair-se de imensidão: apinhada, em pé, impiedosa — aferventada ao calor do dia de março. Tenho que mesmo uns de nós, e eu, no conjunto conclamávamos. Sandoval, certo, sim; ele, na vida, pela primeira vez, ainda que em esboço, a revoltar-se. Reprovando-nos o professor Dartanhã: — *"Não tem um político direito às suas moléstias mentais?"* — magistralmente enfadado. Tão certo que até o dr. Diretor em seus créditos e respeitos vacilasse — psiquiatrista. Vendo-se, via-se que o nosso pobre homem perdia a partida, agora, desde que não conseguindo juntar o prestígio ao fastígio. Demagogo...

Conseguiu-o — de truz, tredo. Em suave e súbito, deu-se que deu que se mexera, a marombar, e por causas. Daí, deixando cair... um sapato! Perfeito, um pé de sapato — não mais — e tão condescendentemente. Mas o que era o teatral golpe, menos amedrontador que de efeito burlesco vasto. Claro que no vivo popular houve refluxos e fluxos, quando a mera peça demitiu-se de lá, vindo ao chão, e gravitacional se exibiu no ar. Aquele homem: — *"É um gênio!"* — positivou o dr. Bilôlo. Porque o povo o sentia e aplaudia, danado de redobrado: — *"Viva! Viva!..."* — vibraram, reviraram. — *"Um gênio!"* — notando-se, elegiam-no, ofertavam-lhe oceânicas palmas. Por São Simeão! E sem dúvida o era, personagente, em sua sicofância, conforme confere e confirmava: com extraordinária acuidade de percepção e alto senso de oportunidade. Porque houve também o outro pé, que não menos se desabou, após pausa. Só que, para variar, este, reto, presto, se riscou — não parabolava. Eram uns sapatos

amarelados. O nosso homem, em festival — autor, alcandorado, alvo: desta e elétrica aclamação, adequada.

Estragou-a a sirene dos bombeiros: que eis que vencendo a custo o acesso e despontando, com esses tintinábulos sons e estardalho. E ancoravam, isto é — rubro de lagosta ou arrebol — cujo carro. Para eles se ampliava lugar, estricto espaço de manobra; com sua forte nota belígera, colheram sobeja sobra dos aplausos. Aí já seu Comandante se entendendo com a Polícia e pois conosco, ora. Tinham seu segundo, comprido caminhão, que se fazia base da escada: andante apetrêcho, para o empreendimento, desdobrável altaneiramente, essencial, muito máquina. Ia-se já agir. Manejando-se marciais tempos e movimentos, à corneta e apito dados. Começou-se. Ante tanto, que diria o nosso paciente — exposto cínico insigne?

Disse. — *"O feio está ficando coisa..."* — entendendo de nossos planos, vivaldamente constatava; e nisso indocilizava-se, com mímica defensiva, arguto além de alienado. A solução parecendo inconvir-lhe. — *"Nada de cavalo-de-pau!"* — vendo-se que de fresco humor e troiano, suspeitoso de Palas Ateneia. E: — *"Querem comer-me ainda verde?!"* — o que, por mero mimético e sintomático, apenas, não destoava nem jubilava. À arte que, mesmo escada à parte, os bons bombeiros, muito homens seriam para de assalto tomar a palmeira-real e superá-la: o uso avulso de um deles, tão bém em técnicas, sabe-se lá, quanto um antilhano ou canaca. A poder de cordas, ganchos, espeques, pedais postiços e poiais fincáveis. Houve nem mais, das grandes expectações, a conversa entrecortada. O silêncio timbrava-se.

Isto é, o homem, o prócer, protestou. — *"Pára!..."* Gesticulou que ia protestar mais. — *"Só morto me arriam, me apeiam!"* — e não à-toa, augural, tinha ele o verbo bem adestrado. Hesitou-se, de cá para cá, hesitávamos. — *"Se vierem, me vou, eu... Eu me vomito daqui!..."* — pronunciou. Declamara em demorado, quase quite eufórico, enquanto que nas viçosas palmas se retouçando, desvárias vezes a menear-se, oscilante por um fio. À coaxa acrescentou: — *"Cão que ladra, não é mudo..."* — e já que só faltava mesmo o triz, para passar-se do aviso à lástima. Parecia prender-se apenas pelos joelhos, a qualquer simples e insuportável finura: sua palma, sua alma. Ah... e quase, quasinho... quasezinho, quase... Era de horrir-me o pelo. Nanja. — *"É de circo..."* — alguém sus sussurrou-me, o dr. Eneias ou Sandoval. O homem tudo podia, a gente sem certeza disso.

Seja se com simulagens e fictâncias? Seja se capaz de elidir-se, largar-se e se levar do diabo. No finório, descabelado propósito, perpendurou-se um pouco mais, resoluto rematado. A morte tocando, paralela conosco — seu tênue tambor taquigráfico. Deu-nos a tensão pânica: gelou-se-me. Já aí, ferozes, em favor do homem: — *"Não! Não!"* — a gritamulta — *"Não! Não! Não!"* — tumultroada. A praça reclamava, clamava. Tinha-se de protelar. Ou produzir um suicídio reflexivo — e o desmoronamento do problema? O dr. Diretor citava Empedocles. Foi o em que os chefes terrestres concordaram: apertava a urgência de não se fazer nada. Das operações de salvamento, interrompeu-se o primeiro ensaio. O homem parara de balançar-se — irrealmente na ponta da situação. Ele dependia dele, ele, dele, ele, sujeito. Ou de outro qualquer evento, o qual, imediatamente, e muito aliás, seguiu-se.

De um — dois. Despontando, com o Chefe-de-Polícia, o Chefe-de-Gabinete do Secretário. Passou-se-lhe um binóculo e ele enfiava olho, palmeira-real avante-acima, detendo-se, no titular. Para com respeito humano renegá-lo: — *"Não o estou bem reconhecendo..."* Entre, porém, o que com mais decoro lhe conviesse, optava pela solicitude, pálido. Tomava o ar um ar de antecâmara, tudo ali aumentava de grave. A família já fora avisada? Não, e melhor, nada: família vexa e vencilha. Querendo-se conquanto as verticais providências, o que ficava por nossa má-arte. Tinha-se de parlamentar com o demente, em não havendo outro meio nem termo. Falar para fazer momento; era o caso. E, em menos desniveladas relações, como entrosar-se, físico, o diálogo?

Se era preciso um palanque? — disse-se. Com que, então sem mais, já aparecia — o cônico cartucho ou cumbuca — um alto-falante dos bombeiros. O dr. Diretor ia razoar a causa: penetrar em o labirinto de um espírito, e — a marretadas do intelecto — baqueá-lo, com doutoridade. Toques, crebros, curtos, de sirene, o incerto silêncio geraram. O dr. Diretor, mestre do urso e da dança, empunhava o preto cornetão, embocava-o. Visava-o para o alto, circense, e nele trombeteiro soprava. — *"Excelência!..."* — começou, sutil, persuasivo; mal. — *"Excelência..."* — e tenha-se, mesmo, que com tresincondigna mesura. Sua calva foi que se luziu, de metaloide ou metal; o dr. Diretor gordo e baixo. Infundado, o povo o apupou: — *"Vergonha, velho!"* — e — *"larga, larga!..."* Deste modo, só estorva, a leiga opinião, quaisquer clérigas ardilidades.

Todo abdicativo, o dr. Diretor, perdido o comando do tom, cuspiu e se enxaguava de suor, soltado da boca o instrumento. Mas não passou o megafone ao professor Dartanhã, o que claro. Nem a Sandoval, prestante, nem ao Adalgiso, a cujos lábios. Nem ao dr. Bilôlo, que o querendo, nem ao dr. Eneias, sem voz usual. A quem, então pois? A mim, mi, me, se vos parece; mas só enfim. Temi quando obedeci, e muito siso havia mister. Já o dr. Diretor me ditava:

— *"Amigo, vamos fazer-lhe um favor, queremos cordialmente ajudá-lo..."* — produzi, pelo conduto; e houve eco. — *"Favor? De baixo para cima?..."* — veio a resposta, assaz sonora. Estava ele em fase de aguda agulha. Havia que o questionar. E, a novo mando do dr. Diretor, chamei-o, minha boca, com intimativa: — *"Psiu! Ei! Escute! Olhe!..."* — altiloquei. — *"Vou falir de bens?"* — ele altitonava. Deixava que eu prosseguisse; a sua devendo de ser uma compreensão entediada. Se lhe de deveres e afetos falei! — *"O amor é uma estupefação..."* — respondeu-me. (*Aplausos.*) Para tanto tinha poder: de fazer, vezes, um *oah-oa-oah!* — mão na boca — cavernoso. Intimou ainda: — *"Tenha-se paciência!..."* E: — *"Hem? Quem? Hem?"* — fez, pessoalmente, o dr. Diretor, que o aparêlho, sôfrego, me arrebatara. — *"Você, eu, e os neutros..."* — retrucou o homem; naquele elevado incongruir, sua imaginação não se entorpecia. De nada, esse ineficaz paralàparacàparlar, razões de quiquiriqui, a boa nossa verbosia; a não ser a atiçar-lhe mais a mioleira, para uma verve endiabrada. Desistiu-se, vem que bem ou mal, do que era querer-se amimar a murros um porco-espinho. Do qual, de tão de cima, ainda se ouviu, a final, pérfida pergunta: — *"Foram às últimas hipóteses?"*

Não. Restava o que se inesperava, dando-se como sucesso de ipso-facto. Chegava... O quê? O que crer? O próprio! O vero e são, existente, Secretário das Finanças Públicas — ipso. Posto que bem de terra surgia, e desembarafustadamente. Opresso. Opaco. Abraçava-nos, a cada um de nós se dava, e aliás o adulávamos, reconhecentemente, como ao Pródigo o pai ou o cão a Ulisses. Quis falar, voz inarmônica; apontou causas; temia um sósia? Subiam-no ao carro dos bombeiros, e, aprumado, primeiro perfez um giro sobre si, em tablado, completo, adequando-se à expositura. O público lhe devia. — *"Concidadãos!"* — ponta dos pés. — *"Eu estou aqui, vós me vedes. Eu não sou aquele! Suspeito exploração, calúnia, embuste, de inimigos e adversários..."* De rouco, à força, calou-se, não se sabe se mais com bens ou que males. O outro, já agora ex-pseudo,

destituído, escutou-o com ociosidade. De seu conquistado poleiro, não parava de dizer que “sim”, acenado.

Era meio-dia em mármore. Em que curiosamente não se tinha fome nem sede, de demais coisas qual que me lembrava. Súbita voz: — *“Vi a Quimera!”* — bradou o homem, importuno, impolido; irara-se. E quem e que era? Por ora, agora, ninguém, nulo, joão, nada, sacripante, quídam. Desconsiderando a moral elementar, como a conceito relativo: o que provou, por sinais muito claros. Desadorava. Todavia, ao jeito jocoso, fazia-se de castelo-no-ar. Ou era pelo épico epidérmico? Mostrou — o que havia entre a pele e a camisa.

Pois, de repente, sem espera, enquanto o outro perorava, ele se despia. Deu-se à luz, o fato sendo, pingo por pingo. Sobre nós, sucessivos, esvoaçantes — paletó, cueca, calças — tudo a bandeiras despregadas. Retombando-lhe a camisa, por fim, panda, aérea, aeriforme, alva. E feito o forró! — foi — balbúrdias. Na multidão havia mulheres, velhas, moças, gritos, mouxe-trouxe, e trouxe-mouxe, desmaios. Era, no levantar os olhos, e o desrespeitável público assistia — a ele *in puris naturalibus*. De quase alvura enxuta de aipim, na verde coma e fronde da palmeira, um lídimo desenroupado. Sabia que estava a transparecer, apalpava seus membros corporais. — *“O síndrome...”* — o Adalgiso observou; de novo nos confusionávamos. — *“Síndrome exofrênico de Bleuler...”* — pausado, exarou o Adalgiso. Simplificava-se o homem em escândalo e emblema, e franciscano magnifício, à força de sumo contraste. Mas se repousava, já de humor benigno, em condições de primitividade.

Com o que — e tanta folia — em meio ao acrisolado calor, suavam e zangavam-se as autoridades. Não se podendo com o desordeiro, tão subversor e anônimo? Que havia que iterar, decidiram, confabulados: arcar com os cornos do caso. Tudo se pôs em movimento, troada a ordem outra vez, breve e bélica, à fanfarra — para o cometimento dos bombeiros. Nosso rancho e adro, agora de uma largura, rodeado de cordas e polícias; já ali se mexendo os jornalistas, repórteres e fotógrafos, um punhado; e filmavam.

O homem, porém, atento, além de persistir em seus altos intentos, guisava-se também em trabalho muito ativo. Contara, decerto, com isso, de maquinar-se-lhe outra esparrela. Tomou cautela. Contra-atacava. Atirou-se acima, mal e mais arriba, desde que tendo início o salvatério: contra a vontade, não o salvavam! Até; se até. A erguer-se das palmas

movediças, até ao sumo vértice; ia já atingir o espique, ver e ver que com grande risco de precipitar-se. O exato era ter de falhar — com uma evidência de cachoeira. — *“É hora!”* — foi nossa interjeição golpeada; que, agora, o que se sentia é que era o contrário do sono. Irrespirava-se. Naquela porção de silêncios, avançavam os bombeiros, bravos? Solerte, o homem, ao último ponto, sacudiu-se, se balançava, eis: misantropoide gracioso, em artificioso equilíbrio, mas em seu eixo extraordinário. Disparatou mais: — *“Minha natureza não pode dar saltos?...”* — e, à pompa, ele primava.

Tanto é certo que também divertia-nos. Como se ainda carecendo de patentear otimismo, mostrava-nos insuspeitado estilo. Dandinava. Recomplicou-se, piorou, a pausa. Sua queda e morte, incertas, sobre nós pairando, altanadas. Mas, nem caindo e morrendo, dele ninguém nada entenderia. Estacavam, os bombeiros. Os bombeiros recuavam. E a alta escada desandou, desarquitetou-se, encaixava-se. Derrotadas as autoridades, de novo, diligentes, a repartir-se entre cuidados. Descobri, o que nos faltava. Ali, uma forte banda-de-música, briosa, à dobrada. Do alto daquela palmeira, um ser, só, nos contemplava.

Dizendo sorrindo o Capelão: — *“Endemoninhado...”*

Endemoninhados, sim, os estudantes, legião, que do sul da praça arrancavam? — de onde se haviam concentrado. Dado que roda-viveu um rebuliço, de estrépito, de assaltada. Em torrente, agora, empurravam passagem. Ideavam ser o homem um dos seus, errado ou certo, pelo que juravam resgatá-lo. Era um custo, a duro, contê-los, à estudantada. Traziam invisa bandeira, além de fervor hereditário. Embestavam. Entrariam em ato os cavalarianos, esquadrões rompentes, para a luta com o nobre e jovem povo. Carregavam? Pois, depois. Maior a atrapalhação. Tudo tentava evoluir, em tempo mais vertiginoso e revelado. Virou a ser que se pediam reforços, com vistas a pôr-se a praça esvaziada; o que vinha a ponto. Porém, também entoavam-se inacionais hinos, contagiando a multaturba. E paz?

De ás e roque e rei, atendeu a isso, trepado no carro dos bombeiros, o Secretário da Segurança e Justiça. Canoro, grosso, não gracejou: —*“Rapazes! Sei que gostam de me ouvir. Prometo, tudo...”* — e verdade. Do que, aplaudiram-no, em sarabando, de seus antecedentes se fiavam. Deu-se logo uma remissão, e alguma calma. Na confusão, pelo sim pelo

não, escapou-se, aí, o das-Finanças-Públicas Secretário. Em fato, meio quebrado de emoções, ia-se para a vida privada.

Outra coisa nenhuma aconteceu. O homem, entre o que, entreaparecendo, se ajeitara, em bêrço, em seus palmares. Dormindo ou afrouxando de se segurar, se ele desse de torpefazer-se, e enfim, à espatifação, malhar abaixo? De como podendo manter-se rijo incontável tempo assim, aos circunstantes o professor Dartanhã explicava. Abusava de nossa paciência — um catatônico-hebefrênico — em estereotipia de atitude. — *"A frechadas logo o depunham, entre os parecis e nhambiquaras..."* — inteirou o dr. Bilôlo; contente de que a civilização prospere a solidariedade humana. Porque, sinceros, sensatos, por essa altura, também o dr. Diretor e o professor Dartanhã congraçavam-se.

Sugeriu-se nova expediência, da velha necessidade. Se, por treslouco, não condescendesse, a apelo de algum argumento próximo e discreto? Ele não ia ressabiar; conforme concordou, consultado. E a ação armou-se e alou-se: a escada exploradora — que nem que canguru, um, ou louva-a-deus enorme vermelho — se desdobrou, em engenhingonça, até a mais de meio caminho no vácuo. Subia-a o dr. Diretor, impertérrito ousadamente, ele que naturalizava-se heroico. Após, subia eu descendo, feito Dante atrás de Virgílio. Ajudavam-nos os bombeiros. Ao outro, lá, no galarim, dirigíamo-nos, sem a própria orientação no espaço. A de nós ainda muitos metros, atendia-nos, e ao nosso latim perdido. Por que, brusco, então, bradou por: —*"Socôrro!..."* —?

Tão então outro tresbulício — e o mundo inferior estalava. Em fúria, arruaça e frenesis, ali a população, que a insanar-se e insanir-se, comandando-a seus mil motivos, numa alucinação de manicomiáveis. Depreque-se! — não fossem derrubar caminhão e escada. E tudo por causa do sobredito-cujo: como se tivesse ele instilado veneno nos reservatórios da cidade.

Reaparecendo o humano e estranho. O homem. Vejo que ele se vê, tive de notá-lo. E algo de terrível de repente se passava. Ele queria falar, mas a voz esmorecida; e embrulhou-se-lhe a fala. Estava em equilíbrio de razão: isto é, lúcido, nu, pendurado. Pior que lúcido, relucidado; com a cabeça comportada. Acordava! Seu acesso, pois, tivera termo, e, da ideia delirante, via-se dessonambulizado. Desintuído, desinfluído — se não se quando — soprado. Em doente consciência, apenas, detumescera-se, recuando ao real e autônomo, a seu mau pedaço de espaço e tempo, ao

sem-fim do comedido. Aquele pobre homem descoroçoava. E tinha medo e tinha horror — de tão novamente humano. Teria o susto reminiscente — do que, recém, até ali, pudera fazer, com perigo e prêço, em descompasso, sua inteligência em calmaria. Sendo agora para desempenhar-se, de um momento para nenhum outro. Tremi, eu, comiserável. Vertia-se, caía? Tiritávamos. E era o impasse da mágica. É que ele estava em si; e pensava. Penava — de vexame e acrofobia. Lá, ínfima, louca, em mar, a multidão: infernal, ululava.

Daí, como sair-se, do lance, desmanchado o firme burgo? Entendi-o. Não tinha rosto com que aparecer, nem roupas — bufão, truão, tranca — para enfrentar as razões finais. Ele hesitava, electrochocado. Preferiria, então, não salvar-se? Ao drama no catafalco, emborcava-se a taça da altura. Um homem é, antes de tudo, irreversível. Todo pontilhado na esfera de dúvida, propunha-se em outra e imensurável distância, de milhões e trilhões de palmeiras. Desprojetava-se, coitado, e tentava agarrar-se, inapto, à Razão Absoluta? Adivinhava isso o desvairar da multidão espaventosa — enlouquecida. Contra ele, que, de algum modo, de alguma maravilhosa continuação, de repente nos frustrava. Portanto, em baixo, alto bramiam. Feros, ferozes. Ele estava são. Vesânicos, queriam linchá-lo.

Aquele homem apiedava diferentemente — de fora da província humana. A precisão de viver vencia-o. Agora, de gambá num atordoamento, requeria nossa ajuda. Em fácil pressa atuavam os bombeiros, atirando-se a reaparecê-lo e retrazê-lo — prestidigitavam-no. Rebaixavam-no, com tábuas, cordas e peças, e, com seus outros meios apocatastáticos. Mas estava salvo. Já, pois. Isto e assim. Iria o povo destruí-lo?

Ainda não concluindo. Antes, ainda na escada, no descendimento, ele mirou, melhor, a multidão, deogenésica, diogenista. Vindo o quê, de qual cabeça, o caso que já não se esperava. Deu-nos outra cor. Pois, tornavam a endoidá-lo? Apenas proclamou: — *"Viva a luta! Viva a Liberdade!"* — nu, adão, nado, psiquiartista. Frenéticos, o ovacionaram, às dezenas de milhares se abalavam. Acenou, e chegou em baixo, incólume. Apanhou então a alma de entre os pés, botou-se outro. Aprumou o corpo, desnudo, definitivo.

Fez-se o monumental desfêcho. Pegaram-no, a ombros, em esplêndido, levaram-no carregado. Sorria, e, decerto, alguma coisa ou nenhuma proferia. Ninguém poderia deter ninguém, naquela desordem do povo pelo

povo. Tudo se desmanchou em andamento, espraiando-se para trivialidades. Vivera-se o dia. Só restava imudada, irreal, a palmeira.

Concluindo. Dando-se que, em pós, desafogueados, trocavam-se pelos paletós os aventais. Modulavam drásticas futuras providências, com o professor Dartanhã, ex-professo, o dr. Diretor e o dr. Eneias — alienistas. — *“Vejo que ainda não vi bem o que vi...”* — referia Sandoval, cheio de cepticismo histórico. — *“A vida é constante, progressivo desconhecimento...”* — definiu o dr. Bilôlo, sério, entendo que, pela primeira vez. Pondo o chapéu, elegantemente, já que de nada se sentia seguro. A vida era à hora.

Apenas nada disse o Adalgiso, que, sem aparente algum motivo, agora e sempre súbito assustava-nos. Ajuizado, correto, circunspecto demais: e terrível, ele, não em si, insatisfatório. Visto que, no sonho geral, permanecera insolúvel. Dava-me um frio animal, retrospectado. Disse nada. Ou talvez disse, na pauta, e eis tudo. E foi para a cidade, comer camarões.

Substância

Sim, na roça o polvilho se faz a coisa alva: mais que o algodão, a garça, a roupa na corda. Do ralo às gamelas, da masseira às bacias, uma polpa se repassa, para assentar, no fundo da água e leite, azulosa — o amido — puro, limpo, feito surpresa. Chamava-se Maria Exita. Datava de maio, ou de quando? Pensava ele em maio, talvez, porque o mês mor — de orvalho, da Virgem, de claridades no campo. Pares se casavam, arrumavam-se festas; numa, ali, a notara: ela, flor. Não lembrava a menina, feiosinha, magra, historiada de desgraças, trazida, havia muito, para servir na Fazenda. Sem se dar ideia, a surpresa se via formada. Se, às vezes, por assombro, uma moça assim se embelezava, também podia ter sido no tanto-e-tanto. Só que a ele, Sionésio, faltavam folga e espírito para primeiro reparar em tansformações.

Saíra da festa em começo, dada mal sua presença; pois a vida não lhe deixava cortar pelo sono: era um espreguiçar-se ao adormecer, para poupar tempo no despertar. Para a azáfama — de farinha e polvilho. Célebres, de data, na região e longe, os da Samburá; herdando-a, de repente, Seo Nésio, até então rapaz de madraças visagens, avançara-se com decisão de açoite a desmedir-lhes o fabrico. Plantava à vasta os alqueires de mandioca, que, ali, aliás, outro cultivo não vingava; chamava e pagava braços; espantava, no dia a dia, o povo. Nem por nada teria adiantado atenção a uma criaturinha, a qual.

Maria Exita. Trouxera-a, por piedade, pela ponta da mão, receosa de que o patrão nem os outros a aceitassem, a velha Nhatiaga, peneireira. Porque, contra a menos feliz, a sorte sarapintara de preto portais e portas: a mãe, leviana, desaparecida de casa; um irmão, perverso, na cadeia, por atos de morte; o outro, igual feroz, foragido, ao acaso de nenhuma parte; o pai, razoável bom-homem, delatado com a lepra, e prosseguido, decerto para sempre, para um lazareto. Restassem-lhe nem afastados parentes; seja, recebera madrinha, de luxo e rica, mas que pelo lugar apenas passara, agora ninguém sabendo se e onde vivia. Acolheram-na, em todo o caso. Menos por direta pena; antes, da compaixão da Nhatiaga. Deram-lhe,

porém, ingrato serviço, de todos o pior: o de quebrar, à mão, o polvilho, nas lajes.

Sionésio, de tarde, de volta, cavalgava através das plantações. Se a meio-galope, se a passo, mas sôfrego descabido, olhando quase todos os lados. Ainda num domingo, não parava, pois. Apenas, por prazo, em incertas casas, onde lhe dessem, ao corpo, consolo: atendimento de repouso. Lá mesmo, por último, demorava um menos. Prazer era ver, aberto, sob o fim do sol, o mandiocal de verdes mãos. Amava o que era seu — o que seus fortes olhos aprisionavam. Agora, porém, uma fadiga. O ensimesmo. Sua sela se coçava de uso, aqui a borraina aparecendo; tantas coisas a renovar, e ele sem sequer o tempo. Nem para ir de visita, no Morro-do-Boi, à quase noiva, comum no sossego e paciências, da terra, em que tudo se relevava pela medida das distâncias. Chegava à Fazenda. Todavia, esporeava.

O quieto completo, na Samburá, no domingo, o eirado e o engenho desertos, sem eixo de murmúrio. Perguntara à Nhatiaga, pela sua protegida. — *"Ela parte o polvilho nas lajes..."* — a velha resumira. Mas, e até hoje, num serviço desses? Ao menos, agora, a mudassem! — *"Ela é que quer, diz que gosta. E é mesmo, com efeito..."* — a Nhatiaga sussurrava. Sionésio, saber que ela, de qualquer modo, pertencia e lidava ali, influía-lhe um contentamento; ele era a pessoa manipulante. Não podia queixar-se. Se o avio da farinha se pelejava ainda rústico, em breve o poderia melhorar, meante muito, pôr máquinas, dobrar quantidades.

Demorara para ir vê-la. Só no pino do meio-dia — de um sol do qual o passarinho fugiu. Ela estava em frente da mesa de pedra; àquela hora, sentada no banquinho rasteiro, esperava que trouxessem outros pesados, duros blocos de polvilho. Alvíssimo, era horrível, aquilo. Atormentava, torturava: os olhos da pessoa tendo de ficar miudinho fechados, feito os de um tatu, ante a implacável alvura, o sol em cima. O dia inteiro, o ar parava levantado, aos tremeluzes, a gente se perdendo por um negrume do horizonte, para temperar a intensidade brilhante, branca; e tudo cerradamente igual. Teve dó dela — pobrinha flor. Indagou: — *"Que serviço você dá?"* — e era a tola questão. Ela não se vexou. Só o mal-e-mal, o boquinãoabrir, o sorriso devagar. Não se perturbava. Também, para um pasmar-nos, com ela acontecesse diferente: nem enrugava o rosto, nem espremia ou negava os olhos, mas oferecidos bem abertos — olhos desses, de outra luminosidade. Não parecia padecer, antes tirar segurança e

folguedo, do triste, sinistro polvilho, portentoso, mais a maldade do sol. E a beleza. Tão linda, clara, certa — de avivada carnação e airosa — uma iàzinha, moça feita em cachoeira. Viu que, sem querer, lhe fazia cortesia. Falou-lhe, o assunto fora de propósito: que o polvilho, ali, na Samburá, era muito caprichado, justo, um dom de branco, por isso para a Fábrica valia mais caro, que os outros, por aí, feiosos, meio tostados...

Depois, foi que lhe contaram. Tornava ainda, a cavalo, seu coração não enganado, como sendo sempre desiguais os domingos; de tarde, aí que as rolinhas e os canários cantavam. Se bem — ele ali o dono — sem abusar da vantagem. *"De suas maneiras, menina, me senti muito agradado..."* — repetia um futuro talvez dizer. A Maria Exita. Sabia, hoje: a alma do jeito e ser, dela, diversa dos outros. Assim, que chegara lá, com os vários sem-remédios de amargura, do oposto mundo e maldições, sozinha de se sufocar. Aí, então, por si sem conversas, sem distraídas beiras, nenhumas, aportara àquele serviço — de toda a despreferência, o trabalho pedregoso, no quente feito boca-de-forno, em que a gente sente engrossar os dedos, os olhos inflamados de ver, no deslumbrável. Assoporava-se sob refúgio, ausenciada? Destemia o grado, cruel polvilho, de abater a vista, intacto branco. Antes, como a um alcanforar o fitava, de tanto gosto. Feito a uma espécie de alívio, capaz de a desafligir; de muito lhe dar: uma esperança mais espaçosa. Todo esse tempo. Sua beleza, donde vinha? Sua própria, tão firme pessoa? A imensidão do olhar — doçuras. Se um sorriso; artes como de um descer de anjos. Sionésio nem entendia. Somente era bom, a saber feliz, apesar dos ásperos. Ela — que dependendo só de um aceno. Se é que ele não se portava alorpado, nos rodeios de um caramujo; estava amando mais ou menos.

"Se outros a quisessem, se ela já gostasse de alguém?" — as asas dessa cisma o saltearam. Tantos, na faina, na Samburá, namoristas; e às festas — a ideia lhe doía. Mesmo de a figurar proseando com os próximos, no facilitar. Porém, o que ouviu, aquietava-o. Ainda que em graça para amores, tão formosa, ela parava a cobro de qualquer deles, de más ou melhores tenções. Resguardavam a seus graves de sangue. Temiam a herança da lepra, do pai, ou da falta de juízo da mãe, de levados fogos. Temiam a algum dos assassinos, os irmãos, que inesperado de a toda hora sobrevir, vigiando por sua virtude. Acautelavam. Assim, ela estava salva. Mas a gente nunca se provê segundo garantias perpétuas. Sionésio passara a frequentar nas festas, princípios a fins. Não que dançasse; desgostava-o

aquilo, a folgazarra. Ficava de lá, de olhos postos em, feito o urubu tomador de conta. Não a teria acreditado tão exata em todas essas instâncias — o quieto pisar, um muxôxozinho úmido prolongado, o jeito de pôr sua cinturinha nas mãos, feliz pelas pétalas, juriti nunca aflita. A mesma que no amanhã estaria defronte da mesa de laje, partindo o sol nas pedras do terrível polvilho, os calhaus, bitelões. Se dançava, era bem; mas as muito poucas vezes. Tinham-lhe medo, à doença incerta, sob a formosura. Ah, era bom, uma providência, esse pêjo de escrúpulo. Porque ela se via conduzida para não se casar nunca, nem podendo ser doidivã. Mas precisada de restar na pureza. Sim, do receio não se carecia. Maria Exita era a para se separar limpa e sem jaças, por cima da vida; e de ninguém. Nela homem nenhum tocava.

Sem embargo de que, ele, a queria, para si, sempre por sempre.

E, ela, havia de gostar dele, também, tão certamente.

Mas, no embaraço de inconstantes horas — às esperanças velhas e desanimações novas — de entre-momentos. Passava por lá, sem paz de vê-la, tinha um modo mordido de a admirar, mais ou menos de longe. Ela, no seu assento raso, quando não de pé, trabalhando a mãos ambas. Servia o polvilho — a ardente espécie singular, secura límpida, material arenoso — a massa daquele objeto. Ou, o que vinha ainda molhado, friável, macio, grudando-se em seus belos braços, branqueando-os até para cima dos cotovelos. Mas que, toda-a-vida, de solsim brilhava: os raios reflexos, que os olhos de Sionésio não podiam suportar, machucados, tanto valesse olhar para o céu e encarar o próprio sol.

As muitas semanas castigavam-no, amiúde nem conseguia dormir, o que era ele mesmo contra ele mesmo, consumição de paixão, romance feito. De repente, na madrugada, animava-se a vigiar os ameaços de chuva, erguia-se aos brados, acordando a todos: — *“Apanhar polvilho! Apanhar polvilho!...”* Corriam, em confusão de alarme, reunindo sacos, gamelas, bacias, para receber o polvilho posto ao ar, nas lajes, onde, no escuro da noite, era a única coisa a afirmar-se, como um claro de lagoa d’água, rodeado de criaturas estremunhadas e aflitas. Mal podia divisá-la, no polvoroso, mas contentava-o sua proximidade viva, quente presença, aliviando-o. Escutou que dela falassem: — *“Se não é que, no que não espera, a mãe ainda amanhece por ela... Ou a senhora madrinha...”* Salteou-se. Sem ela, de que valia a atirada trabalheira, o sobreesforço, crescer os produtos, aumentar as terras? Vê-la, quando em quando. A ela

— a única Maria no mundo. Nenhumas outras mulheres, mais, no repousado; nenhuma outra noiva, na distância. Devia, então, pegar a prova ou o desengano, fazer a ação de a ter, na sisuda coragem, botar beiras em seu sonho. Se conversasse primeiro com a Nhatiaga? — achava, estapeou aquele pensamento contra a testa. Não receava a recusação. Consigo forcejava. Queria e não podia, dar volta a uma coisa. Os dias iam. Passavam as coisas, pretextadas. Que temia, pois, que não sabia que temesse? Por vez, pensou: era, ele mesmo, são? Tinha por onde a merecer? Olhava seus próprios dedos, seus pulsos, passava muito as mãos no rosto. A diverso tempo, dava o bravo: tinha raiva a ela. Tomara a ele que tudo ficasse falso, fim. Poder se desentregar da ilusão, mudar de parecer, pagar sossego, cuidar só dos estritos de sua obrigação, desatinada. Mas, no disputar do dia, criava as agonias da noite. Achou-se em lágrimas, fiel. Por que, então, não dizia hás nem eis, andava de mente tropeçada, pubo, assuntando o conselho, em deliberação tão grave — assim de cão para luar? Mas não podia. Mas veio.

A hora era de nada e tanto; e ela era sempre a espera. Afoito, ele lhe perguntou: — *"Você tem vontade de confirmar o rumo de sua vida?"* — falando-lhe de muito coração. — *"Só se for já..."* — e, com a resposta, ela riu clara e quentemente, decerto que sem a propositada malícia, sem menospreço. Devia de ter outros significados o rir, em seus olhos sacis.

Mas, de repente, ele se estremeceu daquelas ouvidas palavras. De um susto vindo de fundo: e a dúvida. *Seria ela igual à mãe?* — surpreendeu-se mais. *Se a beleza dela — a frutice, da pele, tão fresca, viçosa — só fosse por um tempo, mas depois condenada a engrossar e se escamar, aos tortos e roxos, da estragada doença?* — o horror daquilo o sacudia. Nem aguentou de mirar, no momento, sua preciosa formosura, traiçoeira. Mesmo, sem querer, entregou os olhos ao polvilho, que ofuscava, na laje, na vez do sol. Ainda que por instante, achava ali um poder, contemplado, de grandeza, dilatado repouso, que desmanchava em branco os rebuliços do pensamento da gente, atormentantes.

A alumiada surpresa.

Alvava.

Assim; mas era também o exato, grande, o repentino amor — o acima. Sionésio olhou mais, sem fechar o rosto, aplicou o coração, abriu bem os olhos. Sorriu para trás. Maria Exita. Socorria-a a linda claridade. Ela — ela! Ele veio para junto. Estendeu também as mãos para o polvilho —

solar e estranho: o ato de quebrá-lo era gostoso, parecia um brinquedo de menino. Todos o vissem, nisso, ninguém na dúvida. E seu coração se levantou. — *“Você, Maria, quererá, a gente, nós dois, nunca precisar de se separar? Você, comigo, vem e vai?”* Disse, e viu. O polvilho, coisa sem fim. Ela tinha respondido: — *“Vou, demais.”* Desatou um sorriso. Ele nem viu. Estavam lado a lado, olhavam para a frente. Nem viam a sombra da Nhatiaga, que quieta e calada, lá, no espaço do dia.

Sionésio e Maria Exita — a meios-olhos, perante o refulgir, o todo branco. Acontecia o não-fato, o não-tempo, silêncio em sua imaginação. Só o um-e-outra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coraçãomente: pensamento, pensamôr. Alvor. Avançavam, parados, dentro da luz, como se fosse no dia de Todos os Pássaros.

— Tarantão, meu patrão...

Suspa! — que me não dão nem tempo para repuxar o cinto nas calças e me pôr debaixo de chapéu, sem vez de findar de beber um café nos sossegos da cozinha. Aí — ...*"ai-te..."* — a voz da mulher do caseiro declarou, quando o caso começou. Vi o que era. E, pois. Lá se ia, se fugia, o meu esmarte Patrão, solerte se levantando da cama, fazendo das dele, velozmente, o artimanhoso. Nem parecesse senhor de tanta idade, já sem o escasso juízo na cabeça, e aprazado de moribundo para daí a dia desses, ou horas ou semanas. *Ôi*, tenho de sair também por ele, já se vê, lhe corro todo atrás. Ao que, trancei tudo, assungo as tripas do ventre, viro que me viro, que a mesmo esmo, se me esmolambo, se me despenco, se me esbandalho: obrigações de meu ofício. — *"Ligeiro, Vagalume, não larga o velho!*" — acha ainda de me informar o caseiro Sô Vincêncio, presumo que se rindo, e: — *"Valha-me eu!"* — rogo, *ih*, danando-o, *êpa!* e desço em pulos passos esta velha escada de pau, duma droga, desta antiquíssima fazenda, *ah...*

E o homem — no curral, trangalhadançando, zureta, de afobafo — se propondo de arrear cavalo! Me encostei nele, eu às ordens. Me olhou mal, conforme pior que sempre. — *"Tou meio precisado de nada..."* — me repeliu, e formou para si uma cara, das de desmamar crianças. Concordei. Desabanou com a cabeça. Concordei com o não. Aí ele sorriu, consigo meio mesmo. Mas mais me olhou, me desprezando, refrando: — *"Que, o que é, menino, é que é sério demais, para você, hoje!"* Me estorvo e estranhei, pelo peso das palavras. Vi que a gente estávamos era em tempo-de-guerra, mas com espadas entortadas; e que ele não ia apelar para manias antigas. E a gente, mesmo, vesprando de se mandar buscar, por conta dele, o doutor médico, da cidade, com sábias urgências! Jeito que, agora, o velho me mandava pôr as selas. Bom desatino! Nem queria os nossos, mansos, mas o baio-queimado, cavalão alto, e em perigos apresentado, que se notava. E o pedresão, nem mor nem menor. Os amaldiçoados, estes não eram de lá, da fazenda, senão que animais esconhecidos, pegados só para se saber depois de quem fosse que sejam. Obedeci, sem outro nenhum remédio de recurso; para maluco, maluco-e-

meio, sei. O velho me pespunha o azul daqueles seus grandes olhos, ainda de muito mando delirados. Já estava com a barba no ar — aquela barba de se recruzar e baralhar, de nenhum branco fio certo. Fez fabulosos gestos. Ele estava melhor do que na amostra.

Mal pus pé em estrivos, já ele se saía pela porteira, no que esporeava. E eu — arre a Virgem — em seguimentos. Alto, o velho, inteiro na sela, inabalável, proposto de fazer e acontecer. O que era se ser um descendente de sumas grandezas e riquezas — um *Iô João-de-Barros-Diniz-Robertes!* — encostado, em maluca velhice, para ali, pelos muitos parentes, que não queriam seus incômodos e desmandos na cidade. E eu, por precisado e pobre, tendo de aguentar o restante, já se vê, nesta desentendida caceteação, que me coisa e assusta, passo vergonhas. O cavalo baio-queimado se avantajava, andadeiro de só espaços. Cavalo rinchão, capaz de algum derribamento. Será que o velho seria de se lhe impor? Suave, a gente se indo, pelo cerrado, a bom ligeiro, de lados e lados. O chapéu dele, abado pomposo, por debaixo porém surgindo os compridos alvos cabelos, que ainda tinha, não poucos. — *"Ei, vamos, direto, pegar o Magrinho, com ele hoje eu acabo!"* — bramou, que queria se vingar. O Magrinho sendo o doutor, o sobrinho-neto dele, que lhe dera injeções e a lavagem intestinal. — *"Mato! Mato, tudo!"* — esporeou, e mais bravo. Se virou para mim, aí deu o grito, revelando a causa e verdade: — *"Eu 'tou solto, então sou o demônio!"* A cara se balançava, vermelha, ele era claro demais, e os olhos, de que falei. Estava crente, pensava que tinha feito o trato com o Diabo!

P'r' onde vou? — a trote, a gente, pelas esquerdas e pelas direitas, pisando o cascalharal, os cavalos no bracear. O velho tendo boa mão na rédea. De mim, não há de ouvir, censuras minhas. Eu, meus mal-estares. O encargo que tenho, e mister, é só o de me poitar perto, e não consentir maiores desordens. Pajeando um traste ancião — o caduco que não caía! De qualquer repente, se ele, tão doente, por si se falecesse, que trabalhos medonhos que então não ia haver de me dar? Minha mexida, no comum, era pouca e vasta, o velho homem meu Patrão me danava-se. Me motejou: — *"Vagalume, você então pensa que vamos sair por aí é p'ra fazer crianças?"* A voz toda, sem sobrossos nem encalques. E ia ter a coragem de viagem, assim, a logradouros — tão sambanga se trajando? Sem paletó, só o todo abotoado colete, sujas calças de brim sem cor, calçando um pé de botina amarela, no outro pé a preta bota; e mais um colete, enfiado no braço, falando que aquele era a sua toalha de se enxugar. Um de espantos!

E, ao menos, desarmado, senão que só com uma faca de mesa, gastada a fino e enferrujada — pensava que era capaz, contra o sobrinho, o doutor médico: ia pôr-lhe nos peitos o punhal! — feio, fulo. Mas, me disse, com o pausar: — *"Vagalume, menino, volta, daqui, não quero lhe fazer enfrentar, comigo, riscos terríveis."* Esta, então! Achava que tinha feito o trato com o Diabo, se dando agora de o mor valentão, com todas as sertanejices e braburas. Ah, mas, ainda era um homem — da raça que tivera — e o meu Patrão! Nisto, apontava dedo, para lá ou cá, e dava tiros mudos. Se avançou, à frente, só avançávamos, a fora, por aí, campampantes.

Por entre arvoredos grandes, ora demos, porém, com um incerto homem, desconfioso e quase fugidiço, em incerta montada. Podia-se-o ver ou não ver, com um tal sujeito não se tinha nada. Mas o velho adivinhou nele algum desar, se empertigando na sela, logo às barbas pragas: — *"Mal lhe irá!"* — gritou altamente. Aproximou seu cavalão, volumou suas presenças. Parecia que lhe ia vir às mãos. Não é que o outro, no tir-te, se encolheu, borrafôfo, todo num empate? Nem pude regularizar o de meu olhar, tudo expresso e distenso demais se passava. O velho achando que esse era um criminoso! — e, depois, no Breberê, se sabendo: que ele o era, de fato, em meios termos. Isto que é, que somente um Sem-Medo, ajudante de criminoso, mero. Nem pelejou para se fugir, dali donde moroso se achava; estava como o gato com chocalho. — *"Ai-te!"* — o velho, sacudindo sua cabeça grande, sem com que desenfezar-se: — *"Pague o barulho que você comprou!"* — o intimava. O ajudante-de-criminoso ouviu, fazendo uns respeitos, não sabendo o que não adiar. Aí, o velho deu ordem: — *"Venha comigo, vosmicê! Lhe proponho justo e bom foro, se com o sinal de meu servidor..."* E... É de se crer? Deveras. Juntou o homem seu cavalinho, bem por bem vindo em conosco. Meio coagido, já se vê; mas, mais meio esperançado.

Sem nem mais eu me sonhar, nem a quantas, frigido de calor e fartado. Aquilo tudo, já se vê, expunha a desarrazoada loucura. O velho, pronto em arrepragas e fioscas, no esbrabejo, estrepa-e-pega. No gritar: — *"Mato pobres e coitados!"* Se figurava, nos trajos, de já ser ele mesmo o demo, no triste vir, na capetagem?

Só de déu e em léu tocávamos, num avante fantasmado. O ajudante-de-criminoso não se rindo, e eu ainda mais esquivançando. Nisto, o visto: a que ia com feixinho de lenha, e com a escarrapachada criança, de lado, a mulher, pobrepérrima. O velho, para vir a ela, apressou macio o cavalo.

Receei, pasmado para tudo. O velho se safou abaixo o chapéu, fazia dessas piruetas, e outras gesticulações. Me achei: — *"Meu, meu, mau! Esta é aquela flor, de com que não se bater nem em mulher!"* Se bem que as coisas todas foram outras. O velho, pasmosamente, do doidar se arrefecia. Não é que, àquela mulher, ofereceu tamanhas cortesias? Tanto mais quanto ele só insistindo, acabou ela afinal aceitando: que o meu Patrão se apeou, e a fez montar em seu cavalo. Cuja rédea ele veio, galante, a pé, puxando. Assim, o nosso ajudante-de-criminoso teve de pegar com o feixe de lenha, e eu mesmo encarregado, com a criança a tiracolo. Se bem que nós dois montados; já se vê? — nessas peripécias de pato.

Só, feliz, que curta foi a farsalhança, até ali a pouco, num povoado. Onde o destino dessa pobre e festejada mulher, que se apeou, menos agradecida que envergonhada. Mas, veja um, e reveja, em o que às vezes dá uma boa patacoada. Por fato que, lá, havia, rústico, um "Felpudo", rapaz filho dessa mulher. O qual, num reviramento, se ateou de gratidões, por ver a mãe tão rainha tratada. Mas o velho determinou, sem lhe dar atualmentes nem ensejos: — *"Arranja cavalo e vem, sob minhas ordens, para grande vingança, e com o demônio!"* Advirto, desse Felpudo: tão bom como tão não, da mioleira. No que — não foi, quê? — saiu, para se prover do dito cavalo; e vir, a muito adiante. Para vexar o pejo da gente, nessa toda trapalhada. Das pessoas moradoras, e de nós, os terceiros personagens. Mas, que ser, que haver? Os olhos do velho se sucediam. Que estragos?

Se o que seja. Se boto o reto no correto: comecei a me duvidar. Tirar tempo ao tempo. Mas, já a gente já passávamos pelo povoadinho do M'engano, onde meu primo Curucutu reside. Cujo o nome vero não é, mas sendo João Tomé Pestana; assim como o meu, no certo, não seria *Vagalume*, só, só, conforme com agrado me tratam, mas João Dosmeuspés Felizardo. Meu primo vi, e a ele fiz sinal. Lhe pude dar, dito: — *"Arreia alguma égua, e alcança a gente, sem falta, que nem sei adonde ora andamos, a não ser que é do Dom Demo esta empreitada!"* Meu primo prestes me entendeu, acenou. E já a gente — haja o galopar — no encalço do velho, estramontado. Que, nisto de ainda mais se sair de si, desadoroso, num outro assomo ao avante se lançava: — *"Eu acabo com este mundo!"*

Aí, o mais: poeiras! Ao pino. E, depois de uma virada, o arraial do Breberê, a gente ia dar de lá chegar, de entrada. O vento tangendo, para nós, pedaços de toque de sinos. Do dia me lembrei: que sendo uma Festa

de Santo. E uns foguetes pipoquearam, nesse interintintim, com no ar azuis e fumaças. O Patrão parou a nós todos, a gesto, levantado envaidecido: — *“’Tão me saudando!”* — ele se comprouve, do *a-tchim-pum-pum* dos foguetes, que até tiros. Não se podia dele discordar. Nós: o ajudante-de-criminoso, o Felpudo filho da pobre mulher, meu primo Curucutu; e eu, por ofício. Que, de galope, no arraial então entrou-se, nós dele assim, atrasmente, acertados. No Breberê.

Foi danado. Lá o povo, se apinhando, no largo enorme da igreja, procissão que se aguardava. Ô velho! — ele veio, rente, perante, ponto em tudo, *pá! p’r’ achato*, seu cavalão a se espinotear, *z’t-zás...*; e nós. Aí, o povaréu fez vêvêvê: pé, p’rá lá, se esparziam. O velho desapeou, pernas compridas, engraçadas; e nós. Meio o que pensei, pus a rédea no braço: que íamos ter de pegar nos bentos tirantes do andor. Mas, o velho, mais, me pondo em espantos. Vem chegando, discordando, bradou vindas ao pessoal: — *“Vosmicês!...”* — e sacou o que teria em algibeiras. E tinha. Vazou pelo fundo. Era dinheiro, muitíssimas moedas, o que no chão ele jogava. *Suspa e ai-te!* — à choldraboldra, desataram que se embolaram, e a se curvar, o povo, em gatinhas, para poderem catar prodigiosamente aquela porqueira imortal. Tribuzamos. Safanamos. Empurrou-se para longe a confusão. No clareado, se tomou fôlego. Porém, durante esse que-o-quê, o padre, à porta da igreja, sobrevestido se surgia. O velho caminhou para o padre. Caminhou, chegou, dobrou joelho, para ser bem abençoado; mas, mesmo antes, enquanto que em caminhando, fez ainda várias outras ajoelhadas: — *“Ele está com um vapor na cabeça...”* — ouvi mote que glosavam. O velho, circunspecto, alto, se prazia, se abanava, em sua barba branca, sujada. — *“Só saiu de riba da cama, para vir morrer no sagrado?”* — outro senhor perguntava. O que qual era um “Cheira-Céu”, vizinho e compadre do padre. Mais dizia: — *“A ele não abandono, que devo passados favores à sua estimável família.”* Ouviu-o o velho: — *“Vosmicê, venha!”* E o outro, baixo me dizendo: — *“Vou, para o fim, a segurar na vela...”* — assentindo. Também quis vir um rapaz Jiló; por ganâncias de dinheiro? O velho, em fogo: — *“Cavalos e armas!”* — queria. O padre o tranquilizou, com outra bênção e mão beijável. Já menos me achei: — *“Lá se avenha Deus com o seu mundo...”* Montou-se, expediu-se, esporeou-se, deixando-se o Breberê para trás. Os sinos em toada tocavam.

Seja — galopes. Depois de nenhum almoço, meio caminho desandado; isto é, caminho-e-meio. Ao que, o velho: *pá!* impava. Aí, em beira da estrada-real, parava o acampo dos ciganos. — *"Tira lá!"* — se teve: aos com cachorros e meninos, e os tachos, que consertavam. No burloló, esses ciganos, em tretas, tramoias, zarandalhas; cigano é sempre descarado. No entendimento do vulgo: pois, esses, propunham cangancha, de barganhar todos os cavalos. — *"À p'r'-a-parte! Cruz, diabo!"* Mas o velho convocou; e um se quis, bandeou com a gente. O cigano Pé-de-Moleque; para possíveis patifarias? Me tive em admirações. Tantos vindo, se em seguida. Assim, mais um Gouveia "Barriga-Cheia", que já em outros tempos, piores, tinha sido ruim soldado. Já me vejo em adoidadas vantagens?

Assim a gente, o velho à frente — *tiplóco... t'plóco... t'plóco...* — já era cavalaria. Mais um, ainda, sem cujo nem quem: o vagabundo "Corta-Pau"; o sem-que-fazer, por influências. A gente, com Deus: onze! Ao adiante — tira-que-tira — num sossego revoltoso. Eu via o velho, meu Patrão: de louvada memória maluca, torre alta. Num córrego, ele estipulou: — *"Os cavalos bebem. A gente, não. A gente não tenha sede!"* Por áspera moderação, penitência de ferozes. O Patrão, pescoço comprido, o grande gogó, respeitável. O rei! guerreiro. Posso fartar de suar; mas aquilo tinha para grandezas.

— *"Mato sujos e safados!"* — o velho. Os cavalos, cavaleiros. Galopada. A gente: treze... e quatorze. A mais um outro moço, o "Bobo", e a menos um "João-Paulino". Aí, o chamado "Rapa-pé", e um amigo nosso por nome anônimo; e, por gostar muito de folguedos, o preto de Gorro-Pintado. Todos vindos, entes, contentes, por algum calor de amor a esse velho. A gente retumbava, avantes, a gente queria façanhas, na espraiança, nós assoprados. A gente queria seguir o velho, por cima de quaisquer ideias. Era um desembaraçamento — o de se prezar, haja sol ou chuva. E gritos de chegar ao ponto: — *"Mato mortos e enterrados!"* — o velho se pronunciava.

Ao que o velho sendo o que era por-todos, o que era no fechar o teatro. — *"Vou ao demo!"* — bramava. — *"Mato o Magrinho, é hoje, mato e mato, mato, mato!"* — de seu sobrinho doutor, iroso não se olvidava. Súspe-te! que eu não era um porqueira; e quem não entende dessas seriedades? Aí o trupitar — cavalos bons! — que quem visse se perturbasse: não era para entender nem fazer parar. Fechamos nos ferros.

— *"Vigie-se, quem vive!"* — espandongue-se. Não era. Num galopar, ventos, flores. Me passei para o lado do velho, junto — *... tapatrão, tapatrão... tarantão... tarantão...* — e ele me disse: nada. Seus olhos, o outro grosso azul, certeiros, esses muito se mexiam. Me viu mil. — *"Vagalume!"* — só, só, cá me entendo, só de se relancear o olhar. — *"João é João, meu Patrão..." Aí: e — patrapão, tampantrão, tarantão...* — cá me entendo. Tarantão, então... — em nome em honra, que se assumiu, já se vê. Bravos! Que na cidade já se ia chegar, maiormente, à estrupida dos nossos cavalos, desbestada.

Agora, o que é que ia haver? — nem pensei; e o velho: — *"Eu mato! Eu mato!"* Ia já alta a altura. — *"Às portas e janelas, todos!"* — trintintim, no desbaralhado. E eu ali no meio. O um Vagalume, Dosmeuspes, o Sem-Medo, Curucutu, Felpudo, Cheira-Céu, Jiló, Pé-de-Moleque, Barriga-Cheia, Corta-Pau, Rapa-pé, o Bobo, o Gorro-Pintado; e o sem-nome nosso amigo. O Velho, servo do demo — só bandeiras despregadas. O espírito de pernas-para-o-ar, pelos cornos da diabrura. E estávamos afinal-de-contas, para cima de outros degraus, os palhaços destemidos. Estávamos, sem até que a final. Ah, já era a rua.

A cidade — catastrapes! Que acolhenças? A cidade, estupefacta, com automóveis e soldados. Aquelas ruas, aldemenos, consideraram nosso maltrupício. A gente nem um tico tendo medo, com o existido não se importava. Ah, e o Velho, estardalhão? — que jurava que matava. Pois, o demo! vamos... O Velho sabia bem, aonde era o lugar daquela casa.

Lá fomos, chegamos. A grande, bela casa. O meu em glórias Patrão, que saudoso. Ao chegar a este momento, tenho os olhos embaciados. Como foi, crente, como foi, que ele tinha adivinhado? Pois, no dia, na hora justa, ali uma festa se dava. A casa, cheia de gente, chiquetichique, para um batizado: o de filha do Magrinho, doutor! Sem temer leis, nem flauteio, por ali entramos, de rajada. Nem ninguém para impedimento — criados, pessoas, mordomado. Com honra. Se festava!

Com surpresas! A família, à reunida, se assombrava gravemente, de ver o Velho rompendo — em formas de mal-ressuscitado; e nós, atrás, nesse estado. Aquela gente, da assemblança, no estatêlo, no estremunho. Demais. O que haviam: de agora, certos sustos em remorsos. E nós, empregando os olhos, por eles. O instante, em tento. A outra instantaneação. Mas, então, foi que de repente, no fechar do aberto,

descomunal. O Velho nosso, sozinho, alto, nos silêncios, bramou — *dlão!* — ergueu os grandes braços:

— *"Eu pido a palavra..."*

E vai. Que o de bem se crer? Deveras, que era um pasmar. Todos, em roda de em grande roda, aparvoados mais, consentiram, já se vê. Ah, e o Velho, meu Patrão para sempre, primeiro tossiu: *bruba!* — e se saiu, foi por aí embora a fora, sincero de nada se entender, mas a voz portentosamente, sem paradas nem definhezas, no ror e rolar das pedras. Era de se suspender a cabeça. Me dava os fortes vigores, de chorar. Tive mais lágrimas. Todos, também; eu acho. Mais sentidos, mais calados. O Velho, fogoso, falava e falava. Diz-se que, o que falou, eram baboseiras, nada, ideias já dissolvidas. O Velho só se crescia. Supremo sendo, as barbas secas, os históricos dessa voz: e a cara daquele homem, que eu conhecia, que desconhecia.

Até que parou, porque quis. Os parentes se abraçavam. Festejavam o recorte do Velho, às quantas, já se vê. E nós, que atrás, que servidos, de abre-tragos, desempoeirados. Porque o Velho fez questão: só comia com todos os dele em volta, numa mesa, que esses seus cavaleiros éramos, de doida escolta, já se vê, de garfo e faca. Mampamos. E se bebeu, já se vê. Também o Velho de tudo provou, tomou, manjou, manducou — de seus próprios queixos. Sorria definido para a gente, aprontando longes. Com alegrias. Não houve demo. Não houve mortes.

Depois, ele parou em suspensão, sozinho em si, apartado mesmo de nós, parece'que. Assaz assim encolhido, em pequenino e tão em claro: quieto como um copo vazio. O caseiro Sô Vincêncio não o ia ver, nunca mais, à doidiva, nos escuros da fazenda. Aquele meu esmarte Patrão, com seu trato excelentriste — *Iô João-de-Barros-Diniz-Robertes.* Agora, podendo daqui para sempre se ir, com direito a seu inteiro sossego. Dei um soluço, cortado. Tarantão — então... Tarantão... Aquilo é que era!

Os cimos

O INVERSO AFASTAMENTO

Outra era a vez. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade. Vinha, porém, só com o Tio, e era uma íngreme partida. Entrara aturdido no avião, a esmo tropeçante, enrolava-o de por dentro um estufo como cansaço; fingia apenas que sorria, quando lhe falavam. Sabia que a Mãe estava doente. Por isso o mandavam para fora, decerto por demorados dias, decerto porque era preciso. Por isso tinham querido que trouxesse os brinquedos, a Tia entregando-lhe ainda em mão o preferido, que era o de dar sorte: um bonequinho macaquinho, de calças pardas e chapéu vermelho, alta pluma. O qual, o prévio lugar dele sendo na mesinha, em seu quarto. Pudesse se mexer e viver de gente, e havia de ser o mais impagável e arteiro deste mundo. O Menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se o Tio, gracejando, animava-o a espiar na janelinha ou escolher as revistas, sabia que o Tio não estava de todo sincero. Outros sustos levava. Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar. A Mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso — do horrível do impossível. Nem ele isso entendia, tudo se transtornando então em sua cabecinha. Era assim: alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer?

Nem valia espiar, correndo em direções contrárias, as nuvens superpostas, de longe ir. Também, todos, até o piloto, não eram tristes, em seus modos, só de mentira no normal alegrados? O Tio, com uma gravata verde, nela estava limpando os óculos, decerto não havia de ter posto a gravata tão bonita, se à Mãe o perigo ameaçasse. Mas o Menino concebia um remorso, de ter no bolso o bonequinho macaquinho, engraçado e sem mudar, só de brinquedo, e com a alta pluma no chapeuzinho encarnado. Devia jogar fora? Não, o macaquinho de calças pardas se dava de também miúdo companheiro, de não merecer maltratos. Desprendeu somente o chapeuzinho com a pluma, este, sim, jogou, agora não havia mais. E o Menino estava muito dentro dele mesmo, em algum cantinho de si. Estava muito para trás. Ele, o pobrezinho sentado.

O quanto queria dormir. A gente devia poder parar de estar tão acordado, quando precisasse, e adormecer seguro, salvo. Mas não dava conta. Tinha de tornar a abrir demais os olhos, às nuvens que ensaiam esculturas efêmeras. O Tio olhava no relógio. Então, quando chegavam? Tudo era, todo-o-tempo, mais ou menos igual, as coisas ou outras. A gente, não. A vida não parava nunca, para a gente poder viver direito, concertado? Até o macaquinho sem chapéu iria conhecer do mesmo jeito o tamanho daquelas árvores, da mata, pegadas ao terreiro da casa. O pobre do macaquinho, tão pequeno, sozinho, tão sem mãe; pegava nele, no bolso, parecia que o macaquinho agradecia, e, lá dentro, no escuro, chorava.

Mas, a Mãe, sendo só a alegria de momentos. Soubesse que um dia a Mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela, espiando para ela, com força, sabendo muito que estava e que espiava com tanta força, ah. Nem teria brincado, nunca, nem outra coisa nenhuma, senão ficar perto, de não se separar nem para um fôlego, sem carecer de que acontecesse o nada. Do jeito feito agora, no coração do pensamento. Como sentia: com ela, mais do que se estivessem juntos, mesmo, de verdade.

O avião não cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o voo — que parecia estar parado. Mas no ar passavam peixes negros, decerto para lá daquelas nuvens: lombos e garras. O Menino sofria sofreado. O avião então estivesse parado voando — e voltando para trás, mais, e ele junto com a Mãe, do modo que nem soubera, antes, que o assim era possível.

Aparecimento do pássaro

Na casa, que não mudara, entre e adiante das árvores, todos começaram a tratá-lo com qualidade de cuidado. Diziam que era pena não haver ali outros meninos. Sim, daria a eles os brinquedos; não queria brincar, mais nunca. Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a assanhação de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas.

Também não dava vontade sair de *jeep*, com o Tio, se para a poeira, gente e terra. Segurava-se forte, fechados os olhos; o Tio disse que ele não devia se agarrar com tão tesa força, mas deixar o corpo no ir e vir dos solavancos do carro. Se adoecesse, grave, também, que fosse — como ia ficar, mais longe da Mãe, ou mais perto? Ele mordeu seu coração. Nem

quis falar com o macaquinho bonequinho. O dia, inteiro, servia era para se fazer o espalhamento no cansaço.

Mesmo assim, à noite, não começava a dormir. O ar daquele lugar era friinho, mais fino. Deitado, o Menino se sentia sustoso, o coração dando muita pancada. A Mãe, isto é... E não podia logo dormir, e pela dita causa. O calado, o escuro, a casa, a noite — tudo caminhava devagar, para o outro dia. Ainda que a gente quisesse, nada podia parar, nem voltar para trás, para o que a gente já sabia, e de que gostava. Ele estava sozinho no quarto. Mas o bonequinho macaquinho não era mais o para a mesa de cabeceira: era o camarada, no travesseiro, de barriguinha para cima, pernas estendidas. O quarto do Tio ficava ao lado, a parede estreita, de madeira. O Tio ressonava. O macaquinho, quase também, feito um muito velho menino. Alguma coisa da noite a gente estivesse furtando?

E, vindo o outro dia, no não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda-acordado, o Menino recebia uma claridade de juízo — feito um assopro — doce, solta. Quase como assistir às certezas lembradas por um outro; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos; feito ele estivesse podendo copiar no espírito ideias de gente muito grande. Tanto, que, por aí, desapareciam, esfiapadas.

Mas, naquele raiar, ele sabia e achava: que a gente nunca podia apreciar, direito, mesmo, as coisas bonitas ou boas, que aconteciam. Às vezes, porque sobrevinham depressa e inesperadamente, a gente nem estando arrumado. Ou esperadas, e então não tinham gosto de tão boas, eram só um arremedado grosseiro. Ou porque as outras coisas, as ruins, prosseguiam também, de lado e do outro, não deixando limpo lugar. Ou porque faltavam ainda outras coisas, acontecidas em diferentes ocasiões, mas que careciam de formar junto com aquelas, para o completo. Ou porque, mesmo enquanto estavam acontecendo, a gente sabia que elas já estavam caminhando; para se acabar, roídas pelas horas, desmanchadas... O Menino não podia ficar mais na cama. Estava já levantado e vestido, pegava o macaquinho e o enfiava no bolso, estava com fome.

O alpendre era um passadiço, entre o terreirinho mais a mata e o extenso outro-lado — aquele escuro campo, sob rasgos, neblinas, feito um gelo, e os perolins do orvalho: a ir até a fim de vista, à linha do céu de este, na extrema do horizonte. O sol ainda não viera. Mas a claridade. Os cimos das árvores se douravam. As altas árvores depois do terreiro, ainda

mais verdes, do que o orvalho lavara. Entremanhã — e de tudo um perfume, e passarinhos piando. Da cozinha, traziam café.

E: — *"Pst!"* — apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro — depois de seu voo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhando flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendentemente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embrevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No ninguém falar. Até o Tio. O Tio, também, estava de fazer gosto por aquilo: limpava os óculos. O tucano parava, ouvindo outros pássaros — quem sabe, seus filhotes — da banda da mata. O grande bico para cima, desferia, por sua vez, às uma ou duas, aquele grito meio ferrugento dos tucanos: — *"Crrée!"*... O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas.

E o tucano, o voo, reto, lento — como se voou embora, *xô, xô!* — mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho. Mas a gente nem podendo esfriar de ver. Já para o outro imenso lado apontavam. De lá, o sol queria sair, na região da estrela-d'alva. A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, a luz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio. O Tio olhava no relógio. Tanto tempo que isso, o Menino nem exclamava. Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte.

Mas não pudera combinar com o vertiginoso instante a presença de lembrança da Mãe — sã, ah, sem nenhuma doença, conforme só em alegria ela ali teria de estar. E nem a ligeireza de ideia de tirar do bolso o companheiro bonequinho macaquinho, para que ele visse também: o tucano — o senhorzinho vermelho, batendo mãos, à frente o bico empinado. Mas feito se, a cada parte e pedacinho de seu voo, ele ficasse parado, no trecho e impossivelzinho do ponto, nem no ar — por agora, sem fim e sempre.

Assim, o Menino, entre dia, no acabrunho, pelejava com o que não queria querer em si. Não suportava atentar, a cru, nas coisas, como são, e como sempre vão ficando: mais pesadas, mais-coisas — quando olhadas sem precauções. Temia pedir notícias; temia a Mãe na má miragem da doença? Ainda que relutasse, não podia pensar para trás. Se queria atinar com a Mãe doente, mal, não conseguia ligar o pensamento, tudo na cabeça da gente dava num borrão. A Mãe da gente era a Mãe da gente, só; mais nada.

Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano — sem jaça — em voo e pouso e voo. De novo, de manhã, se endereçando só àquela árvore de copa alta, de espécie chamada mesmo tucaneira. E dando-se o raiar do dia, seu fôlego dourado. Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil, rumoroso: *...chégochégochégo...* — em voo direto, jazido, rente, traçado macio no ar, que nem um naviozinho vermelho sacudindo devagar as velas, puxado; tão certo na plana como se fosse um marrequinho deslizando para a frente, por sobre a luz de dourada água.

Depois do encanto, a gente entrava no vulgar inteiro do dia. O dos outros, não da gente. As sacudidelas do *jeep* formavam o acontecer mais seguido. A Mãe sempre recomendara zelo com as roupinhas; mas a terra aqui era à desafiada. Ah, o bonequinho macaquinho, mesmo sempre no bolso, se sujava mais de suor e poeira. Os mil e mil homens muitamente trabalhavam fazendo a grande cidade.

Mas o tucano, sem falta, tinha sua soência de sobrevir, todos ali o conheciam, no pintar da aurora. Fazia mais de mês que isso principiara. Primeiro, aparecera por lá uma bandada de uns trinta deles, vozeantes, mas sendo de-dia, entre dez e onze horas. Só aquele ficara, porém, para cada amanhecer. Com os olhos tardos tontos de sono, o bonequinho macaquinho em bolso, o Menino apressuradamente se levantava e descia ao alpendre, animoso de amar.

O Tio lhe falava, com excessivos de agrado, sem o jeito nenhum. Saíam — sobre o se-fazer das coisas. Tudo a poeira tapava. O bonequinho macaquinho, um dia, devia de poder ganhar algum outro chapeuzinho, de alta pluma; mas verde, da cor da gravata, tão sobressaída, com que o Tio, de camisa, agora não estava. O Menino, em cada instante, era como se fosse só uma certa parte dele mesmo, empurrado para diante, sem querer. O *jeep* corria por estradas de não parar, sempre novas. Mas o Menino, em

seu mais forte coração, declarava, só: que a Mãe tinha de ficar boa, tinha de ficar salva!

Esperava o tucano, que chegava, a-justo, a-tempo, a-ponto, às seis-e-vinte da manhã; ficava, de arvoragem, na copa da tucaneira, futricando as frutas, só os dez minutos, comidos e estrepulados. Daí, partia, sempre naquele outro-rumo, no antes do pingado meio-instante em que o sol arrebolava redondo do chão; porque o sol era às seis-e-meia. O Tio media tudo no relógio.

De dia, não voltava lá. Se donde vinha e morava — das sombras do mato, os impenetráveis? Ninguém soubesse seus usos verdadeiros, nem os certos horários: os demais lugares, aonde iria achar comer e beber, sobre os pontos isolados. Mas o Menino pensava que devia acontecer mesmo assim — que ninguém soubesse. Ele vinha do diferente, só donde. O dia: o pássaro.

Entremeio, o Tio, recebido um telegrama, não podia deixar de mostrar a cara apreensiva — o envelhecimento da esperança. Mas, então, fosse o que fosse, o Menino, calado consigo, teimoso de só amor, precisava de se repetir: que a Mãe estava sã e boa, a Mãe estava salva!

De repente, ouviu que, para consolá-lo, combinavam maneira de pegar o tucano: com alçapão, pedrada no bico, tiro de espingardinha na asa. Não e não! — zangou-se, aflito. O que cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o voo exato.

O hiato — o que ele já era capaz de entender com o coração. Ao outro dia seguinte. Aí, quando o pássaro, seu raiar, cada vez, era um brinquedo de graça. Assim como o sol: daquela partezinha escura no horizonte, logo fraturada em fulgor e feito a casca de um ovo — ao termo da achãada e obscura imensidão do campo, por onde o olhar da gente avançava como no estender um braço.

O Tio, entanto, diante dele, parou sem a qualquer palavra. O Menino não quis entender nenhum perigo. Dentro do que era, disse, redisse: que a Mãe nem nunca tinha estado doente, nascera sempre sã e salva! O voo do pássaro habitava-o mais. O bonequinho macaquinho quase caíra e se perdera: já estando com a carinha bicuda e meio corpo saídos do bolso, bisbilhotados! O Menino não lhe passara pito. A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível, um transbordamento do coração. O Menino o guardava, no fugidir, de memória, em feliz voo, no ar sonoro,

até à tarde. O de que podia se servir para consolar-se com, e desdolorir-se, por escapar do aperto de rigor — daqueles dias quadriculados.

Ao quarto dia, chegou um telegrama. O Tio sorriu, fortíssimo. A Mãe estava bem, sarada! No seguinte — depois do derradeiro sol do tucano — voltariam para casa.

O desmedido momento

E, com pouco, o Menino espiava, da janelinha, as nuvens de branco esgarçamento, o veloz nada. Entretempo, se atrasava numa saudade, fiel às coisas de lá. Do tucano e do amanhecer, mas também de tudo, naqueles dias tão piores: a casa, a gente, a mata, o *jeep*, a poeira, as ofegantes noites — o que se afinava, agora, no quase-azul de seu imaginar. A vida, mesmo, nunca parava. O Tio, com outra gravata, que não era a tão bonita, com pressa de chegar olhava no relógio. Entrepensava o Menino, já quase na fronteira soporosa. Súbita seriedade fazia-lhe a carinha mais comprida.

E, quase num pulo, agoniou-se: o bonequinho macaquinho não estava mais em seu bolso! Não é que perdera o macaquinho companheiro!... Como fora aquilo possível? Logo as lágrimas lhe saltavam.

Mas, então, o moço ajudante do piloto veio trazer-lhe, de consolo, uma coisa: — "*Espia, o que foi que eu achei, para Você.*" — e era, desamarrotado, o chapeuzinho vermelho, de alta pluma, que ele, outro dia, tanto tinha jogado fora!

O Menino não pôde mais atormentar-se de chorar. Só o rumor e o estar no avião o atontavam. Segurou o chapeuzinho sozinho, alisou-o, o pôs no bolso. Não, o companheirinho Macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro no mundo, nem nunca. Decerto, ele só passeava lá, porventuro e porvindouro, na outra-parte, aonde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa.

E era o inesquecível de-repente, de que podia traspassar-se, e a calma, inclusa. Durou um nem-nada, como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das molduras. Como se ele estivesse com a Mãe, sã, salva, sorridente, e todos, e o Macaquinho com uma bonita gravata verde — no alpendre do terreirinho das altas árvores... e no *jeep* aos bons solavancos... e em toda-a-parte... no mesmo instante só... o primeiro ponto do dia... donde assistiam, em tempo-sobre-tempo, ao

sol no renascer e ao voo, ainda muito mais vivo, entoante e existente — parado que não se acabava — do tucano, que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa. Só aquilo. Só tudo.

— *“Chegamos, afinal!”* — o Tio falou.

— *“Ah, não. Ainda não...”* — respondeu o Menino.

Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida.

Primeiras estórias

As margens da alegria

Famigerado

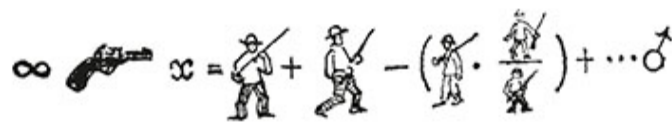
Sorôco, sua mãe, sua filha

A menina de lá

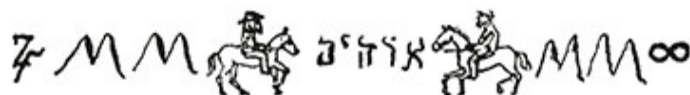
Os irmãos Dagobé

A terceira margem do rio

Pirlimpsiquice

Nenhum, nenhuma

Fatalidade

Sequência

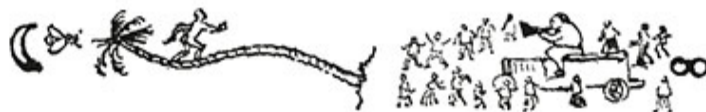
O espelho

Nada e a nossa condição

O cavalo que bebia cerveja

Um moço muito branco

Luas-de-mel

Partida do audaz navegante

A benfazeja

Darandina

Substância

— Tarantão, meu patrão...

Os cimos

Tutameia

(Terceiras estórias)

Tutameia
(Terceiras estórias)

"Daí, pois, como já se disse, exigir a
primeira leitura paciência, fundada em
certeza de que, na segunda, muita coisa,
ou tudo, se estenderá sob luz inteira
mente outra."

SCHOPENHAUER.

Prefácio

Aletria e hermenêutica

A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota.

A anedota, pela etimologia e para a finalidade, requer fechado ineditismo. Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência. Nem será sem razão que a palavra "graça" guarde os sentidos de gracejo*, de* dom sobrenatural*, e de* atrativo*. No terreno do* humour*, imenso em confins vários, pressentem-se mui hábeis pontos e caminhos. E que, na prática de arte, comicidade e humorismo atuem como catalisadores ou sensibilizantes ao alegórico espiritual e ao não-prosáico, é verdade que se confere de modo grande. Risada e meia? Acerte-se nisso em Chaplin e em Cervantes. Não é o chiste rasa coisa ordinária; tanto seja porque escancha os planos da lógica, propondo-nos realidade superior e dimensões para mágicos novos sistemas de pensamento.*

Não que dê toda anedota evidência de fácil prestar-se àquela ordem de desempenhos; donde, e como naturalmente elas se arranjam em categorias ou tipos certos, quem sabe conviria primeiro que a respeito se tentasse qualquer razoável classificação. E há que, numa separação mal debuxada, caberia desde logo série assaz sugestiva — demais que já de si o drolático responde ao mental e ao abstrato — a qual, a grosso, de cômodo e até que lhe venha nome apropriado, perdoe talvez chamar-se de: anedotas de abstração.

Serão essas — as com alguma coisa excepta — as de pronta valia no que aqui se quer tirar: seja, o leite que a vaca não prometeu. Talvez porque mais direto colindem com o não-senso, a ele afins; e o não-senso, crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria. A vida também é para ser lida*. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas. Está-se a achar que se ri. Veja-se Platão, que nos dá o "Mito da Caverna".*

Siga-se, para ver, o conhecidíssimo figurante, que anda pela rua, empurrando sua carrocinha de pão, quando alguém lhe grita: — "Manuel, corre a Niterói, tua mulher está feito louca, tua casa está pegando fogo!..." *Larga o herói a carrocinha, corre, voa, vai, toma a barca, atravessa a*

*Baía quase... e exclama: — “*Que diabo! eu não me chamo Manuel, não moro em Niterói, não sou casado e não tenho casa...”

Agora, ponha-se em frio exame a estorieta, sangrada de todo burlesco, e tem-se uma fórmula à Kafka, o esqueleto algébrico ou tema nuclear de um romance kafkaesco por ora não ainda escrito.

De análogo pathos*, balizando posição-limite da irrealidade existencial ou de estática angústia — e denunciando ao mesmo tempo a goma-arábica da língua quotidiana ou círculo-de-gis-de-prender-peru — será aquela do cidadão que viajava de bonde, passageiro único, em dia de chuva, e, como estivesse justo sentado debaixo de goteira, perguntou-lhe o condutor por que não trocava de lugar. Ao que, inerme, humano, inerte, ele respondeu:* — “Trocar... com quem?”

Menos ou mais o mesmo, em ethos *negativo, verseja-se na copla:*

> “Esta sí que es calle, calle;
> calle de valor y miedo.
> Quiero entrar y no me dejan,
> quiero salir y no puedo.”

Movente importante símbolo, porém, exprimindo possivelmente — e de modo novo original — a busca de Deus (ou de algum Éden pré-prisco, ou da restituição de qualquer de nós à invulnerabilidade e plenitude primordiais) é o caso do garotinho, que, perdido na multidão, na praça, em festa de quermesse, se aproxima de um polícia e, choramingando, indaga: — “Seo guarda, o sr. não viu um homem e uma mulher sem um meninozinho assim como eu?!”

Entretanto — e isso concerne com a concepção hegeliana do erro absoluto? — aguda solução foi a de que se valeu o inglês, desesperado já com as sucessivas falsas ligações, que o telefone lhe perpetrava: — “Telefonista, dê-me, por favor, um ‘número errado’ errado...”

Sintetiza em si, porém, próprio geral, o mecanismo dos mitos — sua formulação sensificadora e concretizante, de malhas para captar o incognoscível — a maneira de um sujeito procurar explicar o que é o telégrafo-sem-fio:

— “Imagine um cachorro *basset*, tão comprido, que a cabeça está no Rio e a ponta do rabo em Minas. Se se belisca a ponta do rabo, em Minas, a cabeça, no Rio, pega a latir...”

— “E é isso o telégrafo-sem-fio?”
— “Não. Isso é o telégrafo com fio. O sem-fio é a mesma coisa... mas sem o corpo do cachorro.”

> *Já de menos invenção — valendo por* “fallacia non causae pro causa” *e a ilustrar o:* “ab absurdo sequitur quodlibet”*, em aras da Escolástica — é a facécia do diálogo:*
> — “Em escavações, no meu país, encontraram-se fios de cobre: prova de que os primitivos habitantes conheciam já o telégrafo...”
> — “Pois, no meu, em escavações, não se encontrou fio nenhum. Prova de que, lá, pré-historicamente, já se usava o telégrafo-sem-fio.”
> *E destoa o tópico, para o elementar, transposto em escala de ingênua hilaridade, chocarrice, neste:*
> — “Joãozinho, dê um exemplo de substantivo concreto.”
> — “Minhas calças, Professora.”
> — “E de abstrato?”
> — “As suas, Professora.”

Por aqui, porém, vai-se chegar perto do nada *residual, por sequência de operações subtrativas, nesta outra, que é uma definição “por extração” —* “O nada é uma faca sem lâmina, da qual se tirou o cabo...” *(Só que, o que assim se põe, é o argumento de Bergson contra a ideia do “nada absoluto”:* “... porque a ideia do objeto ‘não existindo’ é necessariamente a ideia do objeto ‘existindo’, acrescida da representação de uma exclusão desse objeto pela realidade atual tomada em bloco.” *Trocado em miúdo: esse “nada” seria apenas um ex-nada, produzido por uma ex-faca.)*
Ou — agora o motivo lúdico — fornece-nos outro menino, com sua também desitiva definição do “nada”: — “É um balão, sem pele...”
E com isso está-se de volta à poesia, colhendo imagens de eliminação parcial, como, exemplo à mão, as estrelas, que no “Soir Religieux” *de Verhaeren:*

> “Semblent les feux de grands cierges, tenus en main,
> Dont on n’aperçoit pas monter la tige immense.”

Ou total, como nesta "adivinha", que propunha uma menina do sertão. — "O que é, o que é: que é melhor do que Deus, pior do que o diabo, que a gente morta come, e se a gente viva comer morre?" Resposta: — "É nada."

Ou seriada, como na universal estória dos "Dez pretinhos" ("Seven little Indians" *ou* "Ten little Nigger boys"*;* "Dix petits négrillons"*;* "Zwölf kleine Neger"*)* [17] *ou na quadra de Apporelly, citada de memória:*

> "As minhas ceroulas novas,
> ceroulas das mais modernas,
> não têm cós, não têm cadarços,
> não têm botões e não têm pernas."

E é provocativo movimento parafrasear tais versos:

> Comprei uns óculos novos,
> óculos dos mais excelentes:
> não têm aros, não têm asas,
> não têm grau e não têm lentes...

Dissuada-se-nos porém de aplicar — por exame de sentir, balanço ou divertimento — a paráfrase a mais íntimos assuntos:

> Meu amor é bem sincero,
> amor dos mais convincentes:
> .... (etc.).

Com o que, pode o pilheriático efeito passar a drástico desilusionante.

> *Como no fato do espartano — nos* Apophthégmata lakoniká *de Plutarco — que depenou um rouxinol e, achando-lhe pouca carne, xingou:* — "Você é uma voz, e mais nada!"

> *Assim atribui-se a Voltaire — que, outra hora, diz ser a mesma amiúde "o romance do espírito" — a estrafalária seguinte definição de "metafísica":* "É um cego, com olhos vendados, num quarto escuro, procurando um gato preto... que não está lá."

> *Seja quem seja, apenas o autor da blague não imaginou é que o cego em tão pretas condições pode não achar o gato, que pensa que busca, mas topar resultado mais importante — para lá da tacteada concentração. E vê-se que nessa risca é que devem adiantar os* koan *do Zen.*

> *E houve mesmo a áquica e eficaz receita que o médico deu a cliente neurótico: "*R. / *Uso int.º* / Aqua fontis*, 30 c.c.* / Illa repetita*, 20 c.c.* / Eadem stillata*, 100 c.c.* / Nihil aliunde*,* q. s.*" (E eliminou-se de propósito, nesta versão, o* "Hidrogeni protoxidis"*, que figura noutras variantes.)*

Tudo portanto, o que em compensação vale[18] *é que as coisas não são em si tão simples, se bem que ilusórias*. "O erro não existe: pois que enganar-se seria pensar ou dizer o que não é, isto é: não pensar nada, não dizer nada" *— proclama genial Protágoras; nisto, Platão é do contra, querendo que o erro seja coisa positiva; aqui, porém, sejamos amigos de Platão, mas ainda mais amigos da verdade; pela qual, aliás, diga-se, luta-se ainda e muito, no pensamento grego.*

Pois, o próprio Apporelly, em vésperas da nacional e política desordem, costumava hastear o refrão:

> "Há qualquer coisa no ar
> além dos aviões da Panair..."

Ainda, por azo da triunfal chegada ao Rio do aviador Sarmento de Beires em raid *transatlântico, estampou ele no* "A Manha"*... uma foto normal da Guanabara, Pão de Açúcar, sob legenda:* "O Argos, à entrada da barra, quando ainda não se o via..." *Mas um capítulo sobre o entusiasmo, a fé, a expectação criadora, podia epigrafar-se com a braba piada.*

> *Deixemos vir os pequenos em geral notáveis intérpretes, convocando-os do livro* "Criança diz cada uma!"*, de Pedro Bloch:*

O TÚNEL. *O menino cisma e pergunta:* — "Por que será que sempre constroem um morro em cima dos túneis?"

O TERRENO. *Diante de uma casa em demolição, o menino observa:* — "Olha, pai! Estão fazendo um terreno!"

O VIADUTO. *A guriazinha de quatro anos olhou, do alto do Viaduto do Chá, o Vale, e exclamou empolgada:* — "Mamãe! Olha! Que buraco lindo!"

A RISADA. *A menina — estavam de visita a um protético — repentinamente entrou na sala, com uma dentadura articulada, que descobrira em alguma prateleira:* — "Titia! Titia! Encontrei uma risada!"

O VERDADEIRO GATO. *O menino explicava ao pai a morte do bichinho:* — "O gato saiu do gato, pai, e só ficou o corpo do gato."

Recresce que o processo às vezes se aplica, prática e rapidamente, a bem da simplificação. Entra uma dama em loja de fazendas e pede:

— "Tem o Sr. pano para remendos?"

— "E de que cor são os buracos, minha senhora?"

Ao passo que a nada, ao "nada privativo", teve aquele outro, anti-poeta, de reduzir a girafa, que passava da marca: — "Você está vendo esse bicho aí? Pois ele não existe!..." — *como recurso para sutilizar o excesso de existência dela, sobre o comum, desimaginável. Dissesse tal: — Isto é o-que-é que mais e demais há, do que nem não há...*

Ora, porém, a idêntica niilificação enfática recorre Rilke, trazendo, de forte maneira, do imaginário ao real, um ser fabuloso, que preexcede — o Licorne:

"Oh, este é o animal que não existe..."

Todavia desdeixante rasgo dialético foi o do que, ao reencontrar velho amigo, que pedia-lhe o segredo da aparente e invariada mocidade, respondeu: — "Mulheres..." — *e, após suspensão e pausa:* — "Evito-as...!"

Tudo tal a "hipótese de trabalho" na estória dos soldados famintos que ensinaram à velha avarenta fazer a "Sopa de Pedra". *Mistura também a gente interina clara de ovo ao açúcar a limpar-se no tacho; e junta folhas de mamoeiro e bosta de vaca à roupa alva sendo lavada.*

Remite-se a mulher. Omita-se igual o homem. Ora. Que o homem é a sombra de um sonho, referia Píndaro, skías ónar ánthropos*; e — vinda de outras eras... — Augusto dos Anjos.* [19]

Dando, porém, passo atrás: nesta representação de "cano": — "É um buraco, com um pouquinho de chumbo em volta..." — *espritada de verve em impressionismo, marque-se rasa forra do lógico sobre o cediço convencional.*

Mas, na mesma botada, puja a definição de "rede": — "Uma porção de buracos, amarrados com barbante..." — *cujo paradoxo traz-nos o ponto-de-vista do peixe.*

Já esperto arabesco espirala-se na "explicação": — "O açúcar é um pozinho branco, que dá muito mau gosto ao café, quando não se lho põe..." — *apta à engendra poética ou para artifício-de-cálculo em especulação filosófica; e dando, nem mais nem menos, o ar de exegese de versos de Paul Valéry... os quais, mal* à la manière de*, com perdão, poderiam, quem sabe, ser:*

> Blanche semence, poussière,
> l'ombre du noir est amère
> trempée de ton absence...

E realista verista estoutra "definição", abordando o grosseiro formal, externo à coisa, e dele, por necessidade pragmática, saltando a seu apologal efeito fulminante: — "Eletricidade é um fio, desencapado na ponta: quem botar a mão... h'm... finou-se!"

Mas reza pela erística o capiau que, tentando dar a outro ideia de uma electrola, em fim de esforço se desatolou com esta intocável equação: — "Você sabe o que é uma máquina de costura? Pois a victrola é muito diferente..." [20]

Acima agora do vão risilóquio, toam otimismo e amor fati *na conversa fiada:*

— "Vou-me encontrar, às 6, com uma pequena, na esquina de Berribeiro e Santaclara..."

— “Quem?”
— “Sei lá quem vai estar nessa esquina a essa hora?!”

Enquanto, com desconto, minimiza nota opressiva o exemplo de não-senso dado por Vinicius de Moraes, que o traduziu do inglês:

“Sobre uma escada um dia eu vi
Um homem que não estava ali;
Hoje não estava à mesma hora.
Tomara que ele vá embora.”

Nem é nada excepcionalmente maluco o gaio descobrimento do paciente que, com ternura, Manuel Bandeira nos diz em seu livro “Andorinha, Andorinha”:

“Quando o visitante do Hospício de Alienados atravessava uma sala, viu um louquinho de ouvido colado à parede, muito atento. Uma hora depois, passando na mesma sala, lá estava o homem na mesma posição. Acercou-se dele e perguntou: ‘Que é que você está ouvindo?’ *O louquinho virou-se e disse:* ‘Encoste a cabeça e escute.’ *O outro colou o ouvido à parede, não ouviu nada:* ‘Não estou ouvindo nada.’ *Então o louquinho explicou intrigado:* ‘Está assim há cinco horas.’”

Afinal de contas, a parede são vertiginosos átomos, soem ser. Houve já até, não sei onde ou nos Estados-Unidos, uma certa parede que irradiava*, ou emitia por si ondas de sons, perturbando os rádios-ouvintes etc. O universo é cheio de silêncios bulhentos. O maluquinho podia tanto ser um cientista amador quanto um profeta aguardando se completasse séria revelação. Apenas, nós é que estamos acostumados com que as paredes é que tenham ouvidos, e não os maluquinhos.*

Por onde, pelo comum, poder-se corrigir o ridículo ou o grotesco, até levá-los ao sublime; seja daí que seu entre-limite é tão tênue. E não será esse um caminho por onde o perfeitíssimo se alcança? Sempre que algo de importante e grande se faz, houve um silogismo inconcluso, ou, digamos, um pulo do cômico ao excelso.

Conflui, portanto, que:

Os dedos são anéis ausentes?
Há palavras assim: desintegração...
O ar é o que não se vê, fora e dentro das pessoas.

O mundo é Deus estando em toda a parte.

O mundo, para um ateu, é Deus não estando nunca em nenhuma parte.

Copo não basta: é preciso um cálice ou dedal com água, para as grandes tempestades.

O O *é um buraco não esburacado.*

O que é — automaticamente?

O avestruz é uma girafa; só o que tem é que é um passarinho.

Haja a barriga sem o rei. (Isto é: o homem sem algum rei na barriga.)

Entre Abel e Caim, pulou-se um irmão começado por B.

Se o tolo admite, seja nem que um instante, que é nele mesmo que está o que não o deixa entender, já começou a melhorar em argúcia.

A peninha no rabo do gato não *é apenas "para atrapalhar".*

Há uma rubra ou azul impossibilidade no roxo (e no não roxo).

O copo com água pela metade: está meio cheio, ou meio vazio?

Saudade é o predomínio do que não está presente, diga-se, ausente.

Diz-se de um infinito — rendez-vous *das paralelas todas.*

O silêncio propositado dá a maior possibilidade de música.

Se viemos do nada, é claro que vamos para o tudo.

Veja-se, vezes, prefácio como todos gratuito.

Ergo:

O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber.

Quod erat demonstrandum.

Antiperipleia

— E o senhor quer me levar, distante, às cidades? Delongo. Tudo, para mim, é viagem de volta. Em qualquer ofício, não; o que eu até hoje tive, de que meio entendo e gosto, é ser guia de cego: esforço destino que me praz.

E vão me deixar ir? Em dês que o meu cego seô Tomé se passou, me vexam, por mim puxam, desconfiam discorrendo. Terra de injustiças.

Aqui paramos, os meses, por causa da mulher, por conta do falecido. Então, prendam a mulher, apertem com ela, o marido rufião, aí esses expliquem decerto o que nem se deu. A mulher, terrível. Delegado segure a alma do meu seô Tomé cego, se for capaz! Ele amasiava oculto com a mulher, Sa Justa, disso alguém teve ar? Eu provia e governava.

Mas não cismo como foi que ele no barranco se derrubou, que rendeu a alma. Decido? Divulgo: que as coisas começam deveras é por detrás, do que há, recurso; quando no remate acontecem, estão já desaparecidas. Suspiros. Declaro, agora, defino. O senhor não me perguntou nada. Só dou resposta é ao que ninguém me perguntou.

Mulheres dôidas por ele, feito Jesus, por ter barba. Mas ele me perguntava, antes. — *"É bonita?"* Eu informava que sendo. Para mim, cada mulher vive formosa: as roxas, pardas e brancas, nas estradas. Dele gostavam — de um cego completo — por delas nem não poder devassar as formas nem feições? Seô Tomé se soberbava, lavava com sabão o corpo, pedia roupas de esmola. Eu, bebia.

Deandávamos, lugar a lugar, sem prevenir que já se estava no vir para aqui. Tenho culpas retapadas. A gente na rua, puxando cego, concerne que nem se avançar navegando — ao contrário de todos.

Patrão meu, não. Eu regia — ele acompanhava: pegando cada um em ponta do bordão, ocado com recheios de chumbo. Bebo, para impor em mim amores dos outros? Ralhavam, que, passado já de idade de guiar cego, à mão cuspida, mesmo eu assim, calungado, corcundado, cabeçudão. Povo sabe as ignorâncias. Então, eu, para também não ver, hei-de recordar o alheio? Bebo. Tomo, até me apagar, vejo outras coisas. Ele carecia de

esperar, quando eu me perfazia bêbedo deitado. Me dava conselhos. Cego suplica de ver mais do que quem vê.

Tinha inveja de mim: não via que eu era defeituoso feioso. Tinha ódio, porque só eu podia ver essas inteiras mulheres, que dele gostavam! Puxar cego é feito tirar um condenado, o de nenhum poder, mas que adivinha mais do que a gente? Amigos. O roto só pode mesmo rir é do esfarrapado. Me dava vontade de leve nele montar, sem freio, sem espora...

A gente cá chegou, pois é. A mulher viu o cego, com modos de não-digas, com toda a força guardada. Essa era a diversa, muito fulana: feia, feia apesar dos poderes de Deus. Mas queria, fatal. Ajoelhou para me pedir, para eu ao meu Seô Cego mentir. Procedi. — "*Esta é bonita, a mais!*" — a ele afirmei, meus créditos. O cego amaciou a barba. Ele passeou mão nos braços dela, arrojo de usos. Soprou, quente como o olho da brasa. Tive nenhum remorso. Mas os dois respiravam, choraram, méis, airosos.

Se encontravam, cada noite, eu arrumando para eles antes o redor, o amodo e o acômodo, e estava de longe, tomando conta. O marido desgostava dela, druxo homem, de estrambolias, nem vinha em casa. Alguém maldou? Cego esconde mais que qualquer um, qualquer logro. E quem vigia como eu? Ela me dava cachaças, comida. Ele me fiava a féria. Me tratavam. O que podia durar, assim, às estimas fartas?

A vida não fica quieta. Até ele se despenhar no escuro, do barranco, mortal. Vinha de em-delícias. A mulher aqui persiste — para miar aos cães e latir aos gatos. Que é que eu tenho com o caso... Todos fazem questão de me chamar de ladrão. Cego não é quem morre?

Todos tendo precisão de mim, nos intervalos. A mulher, maluca, instando que eu a ele reproduzisse suas porvindas belezas. Seô Tomé dessas sozinhas nossas não contrárias conversas tirando ciúme, com porfias e más zangas. Mas eu reportava falseado leal: que os olhos dela permitiam brilhos, um quilate dos dentes, aquelas chispas, a suma cor das faces. Seô Tomé, às barbas de truz, sorvia também o deleite de me descrever o que o amor, ele não desapaixonava. Só sendo cego quem não deve ver? Mas o marido, imoral, esse comigo bebia, queria mediante meus conluios pegar o dinheiro da sacola... Eu, bêbedo e franzino, ananho, tenho de emendar a doideira e cegueira de todos?

Deixassem — e eu deduzia e concertava. Mas ninguém espera a esperança. Vão ao estopim no fim, às tantas e loucas. Por mais, urjo; me

entenda. Aqui, que ele se desastrou, os outros agravam de especular e me afrontar, que me deparo, de fecho para princípio, sem rio nem ponte.

Dia que deu má noite. Ele se errou, beira o precipício, caindo e breu que falecendo. Não pode ter sido só azares, cafifa? De ir solitário bravear, ciumado, boi em bufo, resvalou... e, daí, quebrado ensanguentado, terrível, da terra.

Ou o marido, ardido por matar e roubar — empuxou o outro abaixo no buracão — seu propósito? Cego corre perigo maior é em noites de luares...

E seô Tomé, no derradeiro, variava: falando que começava a tornar a enxergar! Delírios, de paixão, cobiçação, por querer, demais, avistar a mulher — os traços — aquela formosura que, nós três, no desafeio, a gente tinha tanto inventado. Entrevendo que ela era real de má-figura, ele não pode, desiludido em dor, ter mesmo suicidado, em despenho? O pior cego é o que quer ver... Deu a ossada.

Ou, ela, visse que ele ia ver, havia de mais primeiro querer destruir o assombroso, empurrar o qual, de pirambeira — o visionável! Caráter de mulher é caroços e cascas. Ela, no ultimamente, já se estremecia, de pavores de amor, às vezes em que ele, apalpador, com fortes ânsias, manuseava a cara dela, oitivo, dedudo. Ar que acontece...

Se na hora eu estava embriagado, bêbedo, quando ele se despencou, que é que sei? Não me entendam! Deus vê. Deus atonta e mata. A gente espera é o resto da vida.

A mulher diz que me acusa do crime, sem avermelhação, se com ela eu não for ousado... O marido, terrível, supliquento, diz que eu é que fui o barregão... Terríveis, os outros, me ameaçam, às injúrias... O senhor não diz nada. Tenho e não tenho cão, sabe? Me prendam! Me larguem! A mulher esteja quase grávida. Me chamo Prudencinhano. Agora o cego não enxerga mais... A culpa cai sempre é no guiador?

Só se inda hei outras coisas, por ter, continuadas de recomeçar; então Deus não é mundial? Temo que eu é que seja terrível.

E o senhor ainda quer me levar, às suas cidades, amistoso?

Decido. Pergunto por onde ando. Aceito, bem-procedidamente, no devagar de ir longe. Voltar, para fim de ida. Repenso, não penso. Dou de xingar o meu falecido, quando as saudades me dão. Cidade grande, o povo lá é infinito.

Vou, para guia de cegos, servo de dono cego, vagavaz, habitual no diferente, com o senhor, Seô Desconhecido.

Arroio-das-Antas

E eu via o gado todo branco
minha alma era de donzelas.

PORANDIBA.

Aonde — o despovoado, o povoadozinho palustre, em feio o mau sertão — onde podia haver assombros? Trouxe-se lá Drizilda, de nem quinze anos, que mais não chorava: firme delindo-se, terminavelmente, sozinha viúva. Descontado que a esquecessem. Ela era quase bela; e alongavam-se-lhe os cabelos. A flor é só flor. A alegria de Deus anda vestida de amarguras.

De déu em doendo, à desvalença, para no retiramento ficar sempre vivendo, desde desengano. O irmão matara-lhe o marido, irregrado, revelde, que a desdenhava. De não ter filhos? Estranhos culpando-a, soante o costume, e o povo de parentes: fadada ao mal, nefandada. Tanto vai a nada a flor, que um dia se despetala.

Mandaram-na e quis, furtadamente, para não encarar com ninguém, forrar-se a reprovas, dizques, piedade. Toda grande distância pode ser celeste. Trás a dobrada serrania, ao último lugar do mundo, fim de som, do ido outro-lado. Arroio-das-Antas — onde só restavam velhos, mais as sobejas secas velhinhas, tristilendas. Pois era assim que era, havendo muita realidade. Que faziam essas almas?

Rodearam-na — solertes, duvidando, diversas — até ao coaxar da primeira rã. Nem achavam o acervo de perguntas, entre outroras. Seus olhos punham palavras e frases. Viera-lhes a moça, primor, mais vaga e clara que um pensamento; tinham, à fria percepção, de tê-la em mal ou em bem.

Dali — recanto agarrado e custoso, sem aconteceres — homens e mulheres cedo saíam, para tamanho longe; e, aquela, chegava? Tão não sabida nem possível, o comum não a minguando: como todo ser, coagido a calar-se, comove.

Sós, após, disputavam ainda, a bisbilhar, em roda, as candeias acesas. Nenhuma delas ganhara da vida jamais o muito — que ignoravam que queriam — feito romance, outra maneira de alma. O que a gente esperava

era a noite. Mas a velhice era-lhes portentosa lanterna, arrulhavam ao Espírito-Santo.

Senão que, uma, avó Edmunda, sob mínima voz, abençoou-a: — *"Meu cravinho branco..."* Outra por ela puniu, afetando-se áspera: —*"Gente invencioneira!"* Suspiraram mor, em giro doce, enfim entreentendidas, aguadas as vistas, com uma ternura que era quase uma saudade.

Drizilda depôs-se, sacudidos os cabelos, quisesse um parar — devagarzinho quietante — no limbo, no olvido, no não abolido. Fez tenção: de trabalhar, sobre só, ativa inertemente; sarado o dó de lembranças, afundando-se os dias, fora já de sobressaltos.

Sofria, sofria, enquanto a noite. Culpa capital — em escrúpulo e recato, o delicado sofrimento, breve como uma pena de morte, peso de ninguém levantar. O marido, na cova; o irmão, preso condenado; rivais, os dois, por uma outra mulher, incerta ditosa, formosa... Deus é quem sabe o por não vir. A gente se esquece — e as coisas lembram-se da gente.

Por maiormente, o lugar — soledade, o ar, longas aves em curto céu — em que, múrmuras, nos fichus, sábias velhinhas se aconselhavam. Aqui, não deviam de estender notícias, o muito vulgado. Calava-se a ternura — infinito monossílabo. O que não pudera, nem soubera; não havendo um recomeçar. Pagava o mourejo, fado, sumida em si, vendo o chão, mentindo para a alma. Sem senhor, sem sombras, tão lesada; como as mais do campo, amarelas ou roxas, florzinha de má sorte? Um cachorro passava por ali, de volta para alguma infância. Desse tempo para a frente. Vigiavam-na as velhas, sem palavras.

Tramavam já com Deus, em bico de silêncio, as quantas criaturas comedidas. De vê-la a borralheirar, doíam-se, passarinho na muda, flor, que ao fim se fana; nem podendo diverti-la, dentro em si, desse desistir. Mas, pretendiam mais. Tomavam, todas juntas, a fé de mortificadas orações, novenas, nôminas, setêmplices. — *"Deus e glória!"* — adivinhavam, sérias de amor, se entusiasmavam. Elas, para o queimar e ferver de Deus, decerto prestassem — feixe de lenhazinha enxuta. Para o forçoso milagre!

Falava-se de uma ternura perfeita, ainda nem existente; o bem-querer sem descrença. Enquanto isso, o tempo, como sempre, fingia que passava. As velhinhas pactuavam a alegria de penar e mesmo abreviadas irem-se — a fito de que neste sertão vingassem ao menos uma vez a graça e o encanto.

Drizilda estremunhava-se, na disquietação, ainda com medrosas pálpebras primitivas. Aqui ninguém viesse — o mundo todo invisível — só a virtude demorã, senhas de Maria e de Cristo, os cães com ternura nas narinas, borboletas terra-a-terra. Ela queria a saudade. Ora chovia ou sol, nhoso lazer, enfadonhação, lutas luas de luar, nuvens nadas. Sua saudade — tendência secreta — sem memória. Ela, maternal com suas velhinhas, custódias, menina amante: a vovozinha... Moviam-na adiante, sob irresistíveis eflúvios, aspergiam-na, persignavam-lhe o travesseiro e os cabelos. Comutava-se. Olhos de receber, a cabeça de lado feito a aceitar carinho — sorria, de dom.

Sua saudade cantava na gaiolazinha; não esperar inclui misteriosas certezas. Vinham as velhas, circulavam-na. Alguma proferia: — *"Todo dia é véspera..."* — e muito quando. Viam-na em rebroto — o ardente da vida — que, a tanto, um dia, ao fim, da haste se quebra. Rezavam, jejuavam, exigiam, trêmulas, poderosas, conspiravam.

A avó Edmunda, de repente, então. — *"Morreu, morreu de penitências!"* — a triunfar, em ordem, tão anciãs, as outras jubilavam.

Saía o enterro — Drizilda adiante, com a engrinaldada cruz — murchas, finais, as velhinhas, à manhã, mais almas.

E vinha de lá um cavalo grande, na ponta de uma flecha — entrante à estrada. Em galope curto, o Moço, que colheu rédea, recaracolando, desmontou-se, descobriu-se. Senhorizou-se: olhos de dar, de lado a mão feito a fazer carícia — sorria, dono. Nada; senão que a queria e amava, trespassava-se de sua vista e presença.

Ela percebeu-o puramente; levantou a beleza do rosto, reflor. Ia. E disse altinho um segredo: — *"Sim"*. Só o almejo débil, entrepalpitado, que em volta as velhinhas agradeciam.

Assim são lembrados em par os dois — entreamor — Drizilda e o Moço, paixão para toda a vida. Aqui, na forte Fazenda, feliz que se ergueu e inda hoje há, onde o Arroio.

A vela ao diabo

E se as unhas roessem os meninos?

Estória imemorada.

Esse problema era possível. Teresinho inquietou-se, trás orelha saltando-lhe pulga irritante. Via espaçarem-se, e menos meigas, as cartas da nôiva, Zidica, ameninhamente ficada em São Luís. As mulheres, sóis de enganos... Teresinho clamou, queixou-se — já as coisas rabiscavam-se. Ele queria a profusão. Desamor, enfado, inconstância, de tudo culpava a ela, que não estava mais em seu conhecer. Tremefez-se de perdê-la.

Embora, em lógico rigor, motivo para tanto não houvesse ou houvesse, andara da incerteza à ânsia, num dolorir-se, voluntário da insônia. Até bebeu; só não sendo a situaçãozinha solúvel no álcool. Amava-a com toda a fraqueza de seu coração. Saiu-se para providência.

A de que se lembrou: novena, heroica. Devia, cada manhã, em igreja, acender vela e de joelhos ardê-la, a algum, o mesmo, santo — que não podia saber nem ver qual, para o bom efeito. O método moveria Deus, ao som de sua paixão, por mirificácia — dedo no botão, mão na manivela — segurando-lhe com Zidica o futuro.

Sem pejo ou vacilar, começou, rezando errado o padre-nosso, porém afirmadamente, pio, tiriteso. Entrava nessa fé, como o grande arcanjo Miguel revoa três vezes na Bíblia. Havia-de.

Ia conseguindo, e reanimava-se; nada pula mais que a esperança. Difícil — pueris humanos somos — era não olhar nem conhecer o seu Santo. Na hora, sim, pensava em Zidica; vezes, outrossim, pensasse um risquinho em Dlena.

No terceiro dia, retombou, entretanto, coração em farpa de seta, odiando janelas e paredes. São Luís não lhe mandara carta. Quem sabe, cismou, vela e ajoelhar-se, só, não dessem — razoável sendo também uma demão, ajudar com o agir, aliar recursos? Deus é curvo e lento. E ocorreu-lhe Dlena.

Tão recente e inteligente, de olhos de gata, amiga, toda convidatividade, a moça esvoaçadora. Ela mesma, lindo modo, de início picara-lhe em Z a

dúvida, mas pondo-se para conselhos — disso Teresinho quase se recordava. Realegrou-se, em imo, coração de fibra longa. Veio vê-la.

Dlena o acolheu, com tacto fino de aranha em jejum. Seu sorriso era um prólogo. E a estória pegou psicologia.

Teresinho — todos gostariam de narrar sua vida a um anjo — seus embaraços mentais. Dlena ouviu-o. Instruiu-o. — *"Mulheres? Desprezo..."* — muxoxo; ela isso dizia tão enxuto. Ela e cujo encanto.

Ele, dócil à sua graça, em plástico estado de suspenso, como um bicho inclina o ouvido. Apaziguavam-no seus olhos-paisagem. Sim, o que devia, e ora: não censuras e mágoas perturbadas, nenhum afligir-se, de gato sob pata, mas aguentar tempo, pagar na moeda! Descarregado das más suspeitas, já cienciado: dos poros da pele às cavidades do coração. Foi saindo do doendo.

Prosseguia na novena — ao infalir de Deus, por Santo incógnito; seguido, porém, o de Dlena, de cor — o que recordava, fonográfico. A Zidica, enviou curta carta, sem parte emotiva, traída a brasa do amor, entrouxada em muita palha. Voltava a Dlena, tanto quanto e tanto, caminhando sutilmente. Reenchia-se a lua, por aqueles dias.

Mostrou-lhe as de Zidica, após e pois. Simplórias simples cartinhas, reles ternas. Dlena, aliás, nelas leve notava as gentis faltas de gramática. Tinha ela olhos que nem seriam mesmo verdes, caso houvesse nome para outra igual e mais bela cor. Seu parecer provava-se sagaz tática, não há como Deus, d'ora-em-ora. Seu picadinho de conversa, razões para depois-de-amanhã.

Sentados os dois, ombro com ombro, a fim de arredondados suspiros ou vontade de suspirar. Ternura sem tentativa — fraternura. Teresinho se embriagando miudinho, feliz feito caranguejo na umidade, aos eflúvios dessa emoção. Seu coração e cabeça pensavam coisas diversas.

Valia divertir-se, furtar o tempo ao tormento — *apud* Dlena. Foram, a abrandar o caso, a festa e cinema. Num muito mais; prorrogavam-se. Teresinho, repartido, fino modo, que mais um escorpião em pica em sua consciência. Zidica bordando o enxoval... Zidica, a doçura insípida da boa água, produtora de esperanças... Tão quieto, São Luís, tão certo... Seu coração batia como uma doença, ele tinha medo.

Não iam desnamorar-se! A vida, vem se encaminhava. A novena completara-se, a derradeira vela, ele genuflexo. Fez o que pôde com aquele pensamento.

Ou começava a interrogar-se, desestruturando-se sua defesa. Frescura, quase felicidade; e espinhos perseverantes. Ideia tonta pousou nele. Tornou à igreja, espiou enfim o Santo, data vênia. Mal e nada no escuro viu, santo muda muito de figura.

Veio a Dlena — a seu suavizamento — com o coração na mão, algemada; caiu-lhe a alma aos pés dela. Apalpou os bolsos, contradesfeito. De Zidica, a última carta, esquecera-se de trazê-la. Ocorreu-lhe espirrar. Do nada, nada obteve.

Tudo, quanto há, é saudade, alternando-se com novidades: diagrama matemático, em calor de laboratório. O diabo não é inteiro nem invento. Teresinho desconjurava-se, imaginava-se chorando morno, por fechado desespero. Zidica — desconversas escrevera, volúvel, vaga?

Correu ele a Dlena, ao súbito último ato, açorado, asas nos sapatos. De fato. O Santo não lhe valera.

Dlena, ei-la — jeitinho, sorrisinho, dolo — estampada no vestido, amarelo com malhas castanho-vermelhas. Foi ela quem abriu o envelope; o iá-iá-iá de rir — riu de modo desusado. Mas franziu-se, então que então.

Ela era: seus olhos sem cinzas, rancordiosa. A carta rasgou, desfaçava-se. — *"Viva, esta!"* — voz de festa; o que maldisse. Soou, e fez-se silepse.

Teresinho recuou, de surpresa, susto, queimados os dedos. Seu coração se empacotou. Decidiu-se, de vez, de ombros, não preso. Ali algo se apagava. Dlena, ente. Nada disse, e disse mal. Só o que doeu: sorriso do amarelo mais belo. Teresinho arredou olhos.

Saiu-se — e tardara — de lá, dela, de vê-la. Voou para Zidica, a São Luís, em mês se casaram.

Foram infelizes e felizes, misturadamente.

Azo de Almirante

Longe, atrás uma de outra, passaram as mais que meia dúzia de canoas, enchusmadas e em celeuma, ao empuxo de remos, a toda a voga. O sol a tombar, o rio brilhando que qual enxada nova, destacavam-se as cabeças no resplandecer. Iam rumo ao Calcanhar, aonde se preparava alguma desordem. De um Hetério eram as canoas, que ele regia. Despropósito? O caso tem mais dúvida.

Eventos vários. Em fatal ano da graça, Hetério sobressaíra, a grande enchente de arrasar no começo de seus caminhos. Fora homem de família, merecedor de silêncio, só no fastio de viver, sem hálito nem bafo. O gênio é punhal de que não se vê o cabo. Não o suspeitavam inclinado ou apontado ao êxito no século.

Na cheia, por chuvas e trombas, desesperara-se o povo, à estraga, em meio ao de repente mar — as águas antepassadas — por cima o Espírito Solto. Hetério teve então a suscitada.

Ajuntou canoas e acudiu, valedor, dado tudo, sabendo lidar com o fato, o jeito de chefe. Ímpetos maiores nunca houve, coisa que parecia glória. Salvou, quantidade. Voltado porém da socorreria, não achou casa nem corpos das filhas e mulher, jamais, que o rio levara.

Não exclamou. Não se pareceu mais com ninguém, ou ébrio por dentro, aquela novidade de caráter. Sacudia, com a cabeça, o perplexo existir, de dó sem parar, em tanta maneira. E nem a bola de bilhar tem caprichos cinemáticos. De modo ou outro, já estava ele adquirindo as boas canoas, de que precisava.

Para o que de efeito. Destruíra-se a ponte da Fôa, cortando a estrada, ali de movimento. Hetério despachou-se para lá, tripulantes ele e os filhos, e outros moços, e arranjaram-se ao travessio. Durado mais de ano, versaram aquilo, transpondo gente e carga, de banda para banda. Até cortejos de nôivos passaram, sob baldaquim, até enterros, o bispo em pastoral, troços de soldados. Foi tudo justo. Obedeciam os outros a Hetério — o em posição personificada — o na maior, canoa barcaçosa, a caravela com caveiras.

Ao certo, nada explicava, ainda que de humor benigno, homem de cabeça perpétua; cerrando bem a boca é que a gente se convence a si mesmo. Morriam-lhe os inimigos, e ele nem por isso se alegrava, ao menos. Segue-se ver o que quisesse.

A ponte nova repronta, o bom ofício tocava a termo. Hetério, entretanto, se reaviara. Descobrira-se, rio acima, uma mulher milagreira jejuadora, a quem os crentes acorriam. Vieram também, para passadores, ele e os seus; todo o mundo é, de algum modo, inteligente. Travessavam, com acuração, os peregrinos da santa, aleijados, cegos, doentes de toda loucura e lepra, o rico triste e o próximo precisado.

Semi-ator, Hetério, em mãos o rosário e o remo amarelo-venado de taipoca, tivesse mudado talvez a lembrança da enchente e de sua ocasião de herói, que já era apenas virtude sem fama, um fragmento de lenda. Ao adiante, assim às águas — outras e outras. No rio nada durava.

Agora, ao pôr-do-sol, desciam as canoas — de enfia-a-fino, serenas, horizonteantes, cheias de rude gente à grita, impelidas no reluzente — de longe, soslonge.

Ainda não.

Seguindo-se antes outros atos. Desaparecida de lá a mulher beata, Hetério com os dele saíram-se imediatamente a mascatear, revendendo aos ribeirinhos mercadorias e miudezas, em faina de ciganos regatões. Sobe e descendo, nessa cabotagem trafegaram até a águas sãofranciscas, ou abocando a outros rios, as canoas mercantes separadas ou juntas, como de estanceio chegaram ao porto de Santo Hipólito e ao Porto-das-Galinhas, abaixo de Traíras, lugares de negócio, no das Velhas, de praias amarelas. Trazia ele então lápis e uma grande caderneta, em que assentava e repassava difíceis contas. Os que o seguiam, pensavam na riqueza.

Daí, vai, começou a construir-se barragem para enorme usina, a do Governo, em tumulto de trabalhadores, mil, totalmente, de dezenas de engenheiros. Rearvorado, logo Hetério largou-se para lá, com seu loide de canoas. Vales, a bacia, convertiam-se em remanso de imenso lago, em que podiam navegar com favor e proveito. Empreitaram-se, por fim, a contrato daqueles. Máquinas e casas, nas margens, barracões de madeira — e foi que um dos filhos de Hetério o deixou, para namorar e se casar. Hetério, ora, em oferecido tempo, encontrou um Normão, homem apaixonado, na

maior imaginação. A paisagem ali tomava mais luz: fazia-se mais espelho — a represa, lisa — que não retinha, contudo, corpos de afogadas.

E esse Normão, propício, queria reaver sua mulher, que o pai guardava, prudente, de refém, na Fazenda-do-Calcanhar, beiradeã. Enquanto anos; e a usina deu-se por pronta. O rio não deixa paz ao canoeiro.

Assim ao de longe, contra raso sol, viu-se a fila de canoas, reta rápida, remadas no brilhar, com homens com armas, de Normão, que rumavam a rixa e fogo. Hetério comandava-as, definitivo severamente decerto, sua figura apropriada, vogavante.

Certo, soube-se.

Aproaram aos fundos da do-Calcanhar, numa gamboa, e atacaram, de faca em polpa. Troou, curto, o tiroteio. Normão, vencedor, raptada em paz a mulher, no ribanceiro acendeu fogueira de festa. As canoas todas entanto se perderam. Só na sua, Hetério continuou, a esporte de ir, rio abaixo, popeiro proezista, de levada, estava ferido, não a conduzia de por si, vogavagante; e seu outro filho na briga terminara, baleado.

Adiante, no travessão do Fervor, itaipava perigosa, a canoa fez rombo. Ainda ele mesmo virou-a então, de boca para baixo, num completamento. Safo, escafedeu-se de espumas, braceante, alcançou o brejo da beira, onde atolado se aquietou. Acharam-no — risonho morto, muito velho, velhaco — a qualidade de sua pessoa.

Barra da Vaca

Quando eu morrer, que me enterrem
na beira do chapadão
— contente com minha terra,
cansado de tanta guerra,
crescido de coração.

Too.

Sucedeu então vir o grande sujeito entrando no lugar, capiau de muito longínquo: tirado à arreata o cavalo raposo, que mancara, apontava de noroeste, pisando o arenoso. Seus bigodes ou a rustiquez — roupa parda, botinões de couro de anta, chapéu toda a aba — causavam riso e susto. Tomou fôlego, feito burro entesa orelhas, no avistar um fiapo de povo mas a rua, imponente invenção humana. Tinha vergonha de frente e de perfil, todo o mundo viu, devia também de alentar internas desordens no espírito.

Sem jeito para acabar de chegar, se escorou a uma porta, desusado forasteiro. Requeria, pagados, comida e pouso, com frases pálidas, se discerniu por nome Jeremoavo. Mesmo lá era a Domenha, da pensão, o velho deu à aldrava. Desalongou-se, porém, e — de tal sorte que dos lados dobrava em losango as côxas e pernas de gafanhoto — se amoleceu, sem serenar os olhos.

Lhe acudiram, que alquebreirado tonteava, decerto pela cólica dos viajantes. Isso lhes dava longa matéria. Senoitava. Era ali ribanceiro arraial de nem quinhentas almas, suas pequenas casas com os quintais de fundo e onde o rio é incontestável: um porto de canoas, Barra da Vaca, sobre o Urucúia.

Jeremoavo, pois quem. Em aflito caminho para nenhuma parte, aquele logradouro dregava-se-lhe mal e tarde, as pernas lhe doendo nervosas, a cabeça em vendaval, as ideias sacudindo-o como vômitos. Ia fazer ali pouca parada.

Largara para sempre os dele, parentes, traiçoeira família, em sua fazenda, a Dã, na Chapada de Trás, com fel e veemências. Mulher e filhos, tal ditos, contra ele achados em birba de malícias, e querendo-o morto, que o odiavam. Sumiu-se de lá, então, em fúria, pensado. Deixara-lhes tudo, a

desdém, aos da medonha ingratidão. Só pegara o que vale, saco e dobros do diário, as armas. Saía ao desafio com o mundo, carecia mais do afeto de ninguém. Invés. Preferia ser o desconhecido somenos. Quanta tristeza, quanta velhacaria...

Ah, prestes vozes. — *"O Sr. se agrada?"* — era a Domenha, dando-lhe num caneco tisanas de chá, ele estirado em catre. Também o lugar podia ser o para a cama, mesa e cova — repouso — doce como o apodrecer da madeira. Doeu e dormiu.

Doente e por seguintes dias, rogava pragas das brenhas, numa candura de delírio de com ele apiedarem-se, seria febre malignada. Tratavam-no, e por caridade pura, a que satisfaz e ocupa. Não que desvalido: com rolo de dinheiro e o revólver de cano de palmo. Representado homem de bem e posses, quando por mais não fora, e a ele razão era devida. Se'o Vanvães disse, determinou. Visitavam-no.

Melhorou, perguntando pelo cavalo. Se perturbava, pelo já ou pelo depois, nos mal-ficares. Suspirava, por forma breve. Domenha segurava a lamparina — para ver-lhe os olhos raiados de vermelho — a cara na dele quase encostada.

O tempo era todo igual, como a carne do boi que a gente come. Sem donde se saber, teve-se aí sobre ele a notícia. Era brabo jagunço! um famoso, perigoso. Alguém disse.

Se estarreceu a Barra da Vaca, fria, ficada sem conselho. Somente alto e forte, seria um Jerê, par de Antônio Dó, homem de peleja. Encolhido modorroso, agora, mas desfadigado podendo se desmarcar, em qualquer repelo, tufava. Se'o Vanvães disse a Seo Astórgio, que a Seô Abril, que a Siô Cordeiro, que a Seu Cipuca: — *"Que fazer?!"* — nessas novas ocasiões. Se assentou que, por ora, mais o honrassem.

Jeremoavo sarara, fraco, pesava os pecados males, restado o ganho de nada querer, um viver fora de engano. Não podia abreviar com a saída, tinha de ir ficando naquele lugar, até às segundas ou terceiras nuvens. Domenha olhando-o: — *"Felicidade se acha é só em horinhas de descuido..."* — disse, o trestanto.

Se'o Vanvães, dada a mão, levou-o a conhecer a Barra da Vaca — o rio era largo, defronte — povoação desguardada, no desbravio. Seo Astórgio convidava-o. Estimou a boa respondência, por agrado e por respeito. Estava ali em mansão, não desfaçado ou rebaixado. Seus filhos e a mulher, sim, isso haviam de saber, se viessem renegri-lo.

Reportou-lhe mais a gente velha da terra, seus bons diabos, vendo como as coisas se davam. Era o danado jagunço: por sua fortíssima opinião e recatado rancor, ensimesmudo, sobrolhoso, sozinho sem horas a remedir o arraial, caminhando com grandes passos. Não aluía dali, porque patrulho espião, que esperava bando de outros, para estrepolirem. Parecia até às vezes homem bom, sério por simpatia com integridades. Mas de não se fiar. Em-adido que no repente podia correr às armas, doidarro.

Jeremoavo em fato rondava o povoado, por esse enquanto. Adiante ou para trás — o rio lá faz muitos luares — sentia o bafo da solidão. Não se animava a traçar do bordão e a reto ir embora, mas esbarrava, como se para melhorar fortuna ou querer os achegos do mundo, e quebrava a ordem das desordens. Ora se descarnava, se afrontava disso, por decisão de homem, resolvido às redobradas. Vir a vez, ia, seguiço; não se deve parar em meio de tristeza. Na família não pensava, nem para condená-los de mal. — *"Aqui é quase alegre..."* — no portal Domenha dizia.

Torceu mais o espírito. Viu. Ali era o tempo, em trechos, entre a cruz e a cantação, e contemplar vivas águas, vagaroso o rio corre com gosto de terra. Não o podia atravessar? — no amarasmeio, encabruado, fazendo o já feito.

Permanecia e ameaçava. Mais o obsequiavam, os do lugar, o tom geral, em sua espaçada precisão. Se admiravam: eles e ele — na calada da consciência. Sendo que já para uns era por igual o velho da galhofa. Andava pé diante de pé, como as antas andam. Os meninos tinham medo e vontade de bulir com ele.

E aquela aldeiazinha produziu uma ideia.

De pescaria, à rede, furupa, a festa, assaz cachaças, com honra o chamaram, enganaram-lhe o juízo. Jeremoavo, vai, foi. O rio era um sol de paraíso. Tão certo. Tão bêbado, depois, logo do outro lado o deixaram, debaixo de sombra. Tinham passado também, quietíssimo, o cavalo raposo.

Só de tardinha Jeremoavo espertou, com cansaços de espírito. Viu o animal, que arreado, amarrado, seus dele dobros e saco, até garrafa de cerveja. Entendeu, pelo que antes; palpou a barba, de incontido brio. Não podia torcer o passo. Topava com o vento, às urtigas aonde se mandava, cavaleiro distraído, sem noção de seu cavalo, em direitura. Desterrado, desfamilhado — só com a alta tristeza, nos confins da ideia — lenta como um fim de fogueira. Saudade maior eram: a Barra, o rio, o lugar, a gente.

Lá, os homens todos, até ao de dentro armados, três dias vigiaram, em cerca e trincheira. Voltasse, e não seria ele mais o confuso hóspede, mas um diabo esperado, o matavam. Veio não. Dispersou-se o povo, pacífico. Se riam, uns dos outros, do medo geral do graúdo estúrdio Jeremoavo. Do qual ou da Domenha sincera caçoavam. Tinham graça e saudades dele.

Deu seca na minha vida
e os amores me deixaram
tão solto no cativeiro.

Das Cantigas de Serão de
João Barandão.

Como ataca a sucuri

O homem queria ir pescar? Pajão então levava-o ao certo lugar, poço bom, fundo, pesqueiro. O resto, virava com Deus... Inda que penoso o caminhar, dava gosto guiar um excomungado, assim, hum, a mais distante, no fechado da brenha.

E aquele nem estranhava o sujo brejão, marimbu de obrar medo. Sozinho chegara, na véspera, a cavalo, puxado à-destra o burro cargueiro; tinha ror de canastras e caixas, disparate de trens, quilos de dinheiro, quem sabe, até ouro. Falava que seus camaradas também ainda vinham vir? Quê! Sem companheiro nenhum, parava era todo perdido, cá, nas santas lonjuras, fora de termo.

Aqui, Pajão agora o largava, ao pé do poço oculto, quieto, conforme ele mesmo influído pedira. Ife! pescasse. Entendia o mundo de mato, usos, estes ribeirões de águas cinzentas?

Drepes entendia, porém. Deixou passar tempo, não à beira, mas cauto encostado em árvore. Deu tiro, para o alto, ao acaso. E escutou resposta: o ronco, quase gemer, que nem surdo berro de gado. Ah, seu aleijado hospedeiro tivera manha e motivo, para o sorrisão com caretas! Sim — serpente gigante ali se estava, saída de sob a água, sob folhas. Drepes ia esperar, trepado à árvore, havia a ver.

À noitinha, um dos filhos de Pajão o veio buscar; taciturno, bronco, só matéria e eventual maldade. — *"De que jeito é que sucuri pega capivara?"* — Drepes indagou, curioso, irônico. O moço nem sacudiu cabeça, dado um hã, mastigado o nome do pai.

Na casa, que fedia a couros podres, à boca da floresta, Pajão caranguejava. — *"Sucruiú? Aqui nunca divulguei..."* — e em roda tornava a coxear, torto, estragando muito espaço. Armou o candeeiro, sem fitar Drepes; seu ódio se derramava pelos cantos.

— *"Ela morde a presa, mas fica com o rabo enganchado num pau? Se aquela corre, larga-lhe trela, estirada, afinada, depois repuxa e mata, tomando-lhe o fôlego das ventas?"* — Drepes insistia.

Pajão, de boca retorcida: — *"O senhor está dizendo."*

O candeeiro era para Drepes, no apertado quarto, sua fortaleza. — *“Você já viu sucuri?!”* Acolá, no escuro, os do Pajão, a família não se movesse.

O terrível homem cidadão, azougado da cabeça, xê, pensando ferros e vermelhos. Não deixava mão da carabina e revólver, por entre o engenho de suas trenheiras malditas. A ele a gente tinha de responder, ver ensinar o que vige no desmando, nhão, as outras coisas da natureza. E não é que um repisa, e crê, é o que ouve contar, em vez do verdadeiro avistado?

— *“De jeito nenhum. Não pode se esticar afinada, ela tem espinha, também... Adonde! Quebra osso nenhum, do bicho que come. Pega boi não, só pato, veado, paca...”* — a gente emendava.

— *“Pega homem?!”* Desaforo. E o cujo, eh, botava para rodar os carretéis daquele cego relógio.

Saía, aventado, no outro dia, para o dormido poço do marimbu, hum, com receio nenhum, seguro de tudo. Sozinho, xê. Delatava a ele o caminho uma caixeta redonda, que tinha, boceta de herege. Zanzava, mexia, vai ver não voltava! *“Sucruiú come homem?”* Deus querendo, come. Mas o danado levara também o Pacamã, cachorro sério, decerto por trapaça cedia a ele parte da matula, farinha e carne...

Voltaram, cão e homem. Drepes pisava forte. No prato de comer, esparziu pitada de um pó branco: — *“Instrui de qualquer veneno: formicida, feitiço, vidro moído. Tendo, o remédio fica azul...”* — falou, aquilo ainda oferecendo.

Pajão recuou cara, a ira enchia-o de linhas retas. Os filhos meio que comiam, os olhos tão duros quanto os narizes e queixos. Drepes se palpava os joelhos, não ia relaxar sua cautela. A velha, de pé, quase de costas, suspirou alto.

Drepes disse: — *“Deus dê a todos boa noite!”* — tinha pinchado também do pó na cuia de água.

Aquele homem zureta, atentado! Agora dava corda no relógio sem números nem ponteiros, a gente escutava: a voz guardada, dele mesmo, Pajão, depondo relato:

— *“Sucruiú agride de açoite, feito o relâmpago, pula inteira no outro bicho... Aquilo é um abalo! Um vê: ela já ferrou dente e enrolou no outro o laço de suas voltas, as duas ou três roscas, zasco-tasco, no soforçoso... O bicho nem grita, mal careteia, debate as pernas de trás, o aperto tirou dele o ar dos bofes. Sucruiú sabe o prazo, que é só para sufocar, tifetrije... Aí,*

solta as laçadas de em redor do bicho morto, que ela tateia todo, com a linguazinha. Começa a engolir...”

Drepes sabia, aprovava a desfábula. O ogro conhecia bem a cobra-grande! Aquele rude ente, incompleto, que sapejava, se arrimando às paredes do casebre, no andar defeituoso, de tamanduá, já pronto para pesadelo. Se de repente se apagasse o candeeiro, Drepes cerrava com todos, disparava a pistola — em rumo, ruído e bafejo.

De manhã, quis partir dali, mesmo só. Deram porém o cavalo e o burro como fugidos, disseram-lhe. O empulho. Pajão cravando-lhe os olhos como dentes, e os três filhos, à malfa, com as foices, zarrões homens, capazes de saltarem com ele, ruindadeiros, de dar de garrucha ou faca.

Drepes, descorado, sentou-se contudo a cômodo no jirau, pernas abertas. A carabina e, na outra mão, o barômetro, dele saindo fio, que se sumia numa caixa. Com força de tom, começou a falar — como se a um pé-de-exército — a inventados camaradas seus... — *“...Aqui, no que é de um Pajão, brejos da Sumiquara!”*

Pajão rodava com o pescoço, jurava que os animais iam já aparecer. Os filhos, simplesmente, saíam para cortar mato.

Eh, fosse embora! Pajão mesmo, ao entardecer, vinha ao poço, com o aviso, que cavalo e burro estavam já achados. Ouviu os tiros! Viu o demo do homem, revólver na mão, a cara de fera... O cachorro, salvo, tremia demais, deitado, babado, arrepiado. A sucuriju, cabeça espatifada, movia corpo, à beira do aguaçal.

Pajão fez pé atrás. — *“Acho razão no senhor...”* — soava a oco. Ladino, avançou, quase quadrumanamente, desembainhado o facão, feio, tão antigo, que parecia uma arma de bronze. Ele queria o couro, do bicho dragonho. — *“P’ra a sucruiú, a gente não tem piedade!”* — ringiu. A cobra, esfolada, ainda se mexia.

Drepes saiu-se indo, dali a hora, pagara-lhes bem a hospedagem. Acenavam-lhe vivo adeus.

Curtamão

Convosco, componho.

Revenho ver: a casa, esta, em fama e ideia. Só por fora, com efeito; prédio que o Governo comprou, para escola de meninos, quefazer vitalício. Dizendo, formo é a estória dela, que fechei redonda e quadrada. Mas o mundo não é remexer de Deus? — com perdão, que comparo. Minha será, no que não se tasca nem aufere, sempre, em fachada e oitão, de cerces à cimalha. Olhem. O que conto, enquanto; ponto. Olhos põem as coisas no cabimento.

Oficial pedreiro, forro, eu era, nem ordinário nem superior; de chegar a mais, me impedia esse contra mim de todos, descrer, desprezo. Minha mulher mesma me não concedia razão, questionava o eu querer: o faltado, corçoos do vir a ser, o possível. Todos toleram na gente só os dissabores do diário e pouco sal no feijão. Armininho possuía o terreno — alto — espaço de capim, sol e arredor... Em três, reparto quina pontuda, no errado narrar, no engraçar trapos e ornatos? Sem custoso, um explica é as lérias ocas e comuns, e que não são nunca. Assim, tudo num dia, nada, não começa. Faço quando foi que fez que começou.

Saí, andei, não sei, fio que numa propositada, sem saber. Dei com o Armininho; eu estava muito repelido. Ele, desapossado, pior, por desdita. Voltado da cidade, a nôiva mais não achou em pé de flor: aquém a tinham casado, com um Requincão. Agora, de tão firme ele cambaleava, pelos ses e quases, tirado de qualquer resolver. Tratavam de o escorraçar do arraial, os do Requincão, o marido desnaturado. Armininho só ansiava. Igualei com ele — para restadas as confidências.

Me disse: tinha bastante dinheiro. E que lhe ganhava? Seria para fazerem antes casa, a que sonhava a nôiva. — *"A mais moderna..."* — ela queria constante, ah: escutei, de um pulo.

— *"Pois então"* — o que estudei e rebatidamente. — *"Vamos propor, à revelia desses, dita casa..."* — disse e olhei, de um trago.

— *"O sr.? amigo..."* — ele, vem, me espreitou nos centros, ele suspirava pelos olhos.

Suspirei junto: — *“Estou para nascer, se isso não faço!”* — rouqueei — desfechada decisão.

Mas ele recedia, ao triste gosto, como um homem vê de frente e anda de costas. Teso em mente forcejei — por de mim arredar desânimo pegador. Enquanto o que, eu percebia: a sina e azo e hora, de cem uma vez: da vida com capacidade. — *“A casa levada da breca, confrontando com o Brasil”* — e parti copo, também o dele, me pondo em pé, o pé em chão, o chão de cristão. Armininho, só então. Só riu ou entendeu, comigo se adotou. De lá a gente saiu, arrastando eu aquele peso alheio, paixão, de um coração desrespeitado.

Deserto do mais, tranquei minha presença, com lápis, régua e papel, rodei a cabeça. Minha mulher a me supor; desrespondi a quem me ilude. Tantas quantas vezes hei-de, tracei planta — só um solfejo, um modulejo — a minha construção, desconforme a reles usos. Assim amanheci.

De alvenel a mestre-de-obras, apareci frente ao Armininho. Tresnoitado, espinhoso, eu, ardente; ele, sonhado com felizes idos. Porque, quem sabe. Confirmou, o caso era fato. Tudo a favor e seguro: escritura, carta-branca, tempo bom, nem chuvas. Dinheiro — o que serve principalmente, mesmo ao sofrido amargurado.

Encomendei: pedra e cal. A moça, daquela futura casa padroeira, tanto fazendo solteira que casada! Tirada a licença completa; e o que não digo. Tijolaria areias cimento, logo. Eu tinha o Dés, ajudante correto, e servente o Nhãpá, cordato; mas ainda outros reuni, por motivos. O lugar e o povo temíveis em paz. De carpinteiro tão bem entendo: para o travejável, de lei, esteios de madeira serrada. O Requincão em praça se certificou, tarde.

Não há como um tarde demais — eu dizendo — porque aí é que as coisas de verdade principiam. Amor? Dele e fé, o Armininho consumia, pesaroso; contanto cobrava era aqui, esperança organizada. E o que não digo, meço palavra.

Vinham avispar, os do Requincão; logo aborrecidos do que olhado. A cova — sete palmos — que antes de tudo ali cavei, a de qualquer afoito defunto, estreamento, para enxotar iras e orgulho. Primeiro o sotaque, depois a signifa — eu redizendo; com meu Tio o Borba, ajudador, e nosso um Lamenha dando serventia. Nhãpá e o Dés cavavam os profundamentos; o risco mudamente eu caprichava. Um alvo ali em árvore preguei, e tiros de aviso-de-amigo atirávamos. Eu, que a mais valentes não temo, não haviam de me pôr grosa.

— *“Dôido diacho monstro!”* — minha mulher e praga. Desentendia minha fundura. Empiquei: a fio-a-prumo. Ela indo-se embora para sempre — e botados o assento e o soco em o baldrame. A obra abria.

Suave o Armininho: — *“Vai, vou...”* — referia o montante de suspiros, durante cada fiada de tijolos. Enviava o amor a vales e campos, isto é, a certa rua e morada. Saiba eu o que não digo, eu, alarife, trolha na mão, espingarda à bandoleira. A nôiva em lua-de-mel cativa — ninguém via — vigiada. Tomara, o extrato desse amor, para ingerir no projeto exato. Perfiz a primeira quadrela.

Rondeavam os do Requincão, muito mais retrocediam: de ante meu Tio o Borba, dunga jagunço, e o Lamenha nosso, quera curimbaba. O mau resolve — estando-se em empresas. Mas, escarniam nossos andaimes era o povo, inglório. De invejas ainda não bastante — esta minha terra é igual a todas. Despique e birra contra desfeita: — *“Boto edifício ao contrário!”* — então, mandei; e o Armininho concorde. Votei, se fechou, refiz traço. Descrevo o erguido: a casa de costas para o rual, respeitando frente a horizonte e várzeas.

Armininho, mas, conjunto, chorava já por um olho só, o homem. Me prezou, pelo meu engenho, o quanto alguém me creditava. Mirava o quê: sem açamouco, diferençado, vistoso, o pé-direito de moda. Ah, e a moça? Mulher, o que quer, ouve, tão mal, tão bem; todo-o-mundo neste mundo é mensageiro.

Em que, até, para igreja, o lugar o padre cobiçou. Minhas mãos de fazer a ele mostrei — mandato — por invenção de sentimento. — *“Deus do belo sofrido é servido...”* — conveio. Mas não assim as pessoas, umas e outras, atiçadas.

Tive começo de ameaço de medo. Então eu disse: — *“Redobrar tudo, mais alto! sobrado!”* — tive’de. A madre, meu construído, casa-grande de quantos andares aguentando, no se subir, lanço a lanço, à risca feita. Mas: a casa sem janelas nem portas — era o que eu ambicionava.

Sem no tempo terminar? Vindo o osso, o caroço, as rijezas amargosas. O dinheiro: água, que faltando. Armininho, rapaz, pois sim. Vi. Sua parte ele ainda fiado me cedendo, firmei clareza; desmanchada nossa sociedade. Tão de lado, comum, sofri nos dentes, nos dedos, mesmo nem comigo eu pudesse, sentado chorava. Mas para adiante. Tal o que meu, sangue ali amassei, o empenho e dívidas. Se avessavam os companheiros, desistidos

entes, sem artes. — “*Morro, na soleira e no reboco!*” — anunciei. — “*Eu, não morro...*” — ou nem nada.

Me culpavam desta à-sozinha casa, infinito movimento, sem a festa da cumeeira. Seja agora a simplicidade, pintada de amarelo-flor em branco, o alinhamento, desconstrução de sofrimento, singela fortificada. Sem parar — e todo ovo é uma caixinha? Segui o desamparo, conforme. Só me valendo o extraordinário.

Surpresa azul: à-del-rei, a matinas, se soube, o confusório. As coisas só me espantam de véspera. Se foram, no caminhão das telhas, em horas da noite, de amor, bem idos! Assim fugido o par — Armininho e ela — mulher do Requincão, mas nôiva dele. Sem nem haver perseguição. Solertes em breve longe estavam, alegres na nuca e na barriga, entre os tebas parentes dele surungangas.

Sozinho fiquei, aqui esperei, os requincães. Vieram, as pessoas, umas atrás das outras, certa multidão. Revólver meu no bolso, aqueles recebi, disse: — *“É para não entrarem! A casa é vossa...”* — por não romper a cortesia.

Ventanias em fubás: assaz destorciam os rostos, vi como é que o povo muda. Agora, comigo e por pró estavam, vivavam: — *“A casa é progresso do arraial!”* — instantes arras. Outras aí alturas me a rodear, desfechos de um calor me percorriam.

A mim, por fim, de repletos ganhos, essas frias sopas e glória. A casa, porém de Deus, que tenho, esta, venturosa, que em mim copiei — de mestre arquiteto — e o que não dito.

Desenredo

Do narrador a seus ouvintes:

— Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que — deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que de leve a ferira, leviano modo.

Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abusufrutos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude.

Ela — longe — sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

Soube-o logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou — ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que forma fosse.

Mas.

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou fugida a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

Mais.

No decorrer e comenos, Jó Joaquim entrou sensível a aplicar-se, a progressivo, jeitoso afã. A bonança nada tem a ver com a tempestade. Crível? Sábio sempre foi Ulisses, que começou por se fazer de louco. Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade — ideia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. Incrível? É de notar que o ar vem do ar. De sofrer e amar, a gente não se desafaz. Ele queria apenas os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma.

Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumpria-lhe descaluniá-la, obrigava-se por tudo. Trouxe à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. O que não era tão fácil como refritar almôndegas. Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente.

O ponto está em que o soube, de tal arte: por antipesquisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas, remendados testemunhos. Jó Joaquim, genial, operava o passado — plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar — e qualquer causa se irrefuta.

Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

Droenha

Amanhecendo o sol dava em desverde de rochedos e pedregulho, fazia soledade, de repente, silêncio. Ventava, porém. Era ali lugar para pasmos; estava-se também perto das nuvens. Ele é que não podia retroceder. Voavam gaviões. Jenzirico nunca imaginara ter de matar um homem e vir se esconder na Serra.

De noite Izidro ao topo escalvado o guiara, dizendo que lá em seguro viviam certos fugidos criminosos; surpreendia-o agora ser um deles. Muito fino respirava. Tinha de resguardar mochila e saco, para descanso, dormir mesmo pudesse; numa reentrância, quase gruta, se agasalhara do ar. Diante avistava penhasqueira, a pique, prateleiras de pedra. Só perigos o esperassem, repelia pensamentos, ninguém está a cobro da doideira de si e dos outros. Ali era um alpendre.

Das fendas do paredão, a intervalos, apareciam pequenos entes, à espreita, os mocós. Jenzirico preservava chapéu na cabeça. Dispunha apenas de espingarda e faca, o revólver botara fora, após o susto do ato. Izidro voltaria, certo, com mais coisas, conselhos, comida, pelo tempo que lhe cabia parar aqui. Mesmo a Serra estava nos arrabaldes do mundo. Seu ânimo se sombreou. Zèvasco, tranca-ruas, ele tivera de a tiro acabar, por própria justa defesa, é quando a gente se estraga. Viu que temia menos a lei que caso de desforra dos parentes; aprumou-se e andou. Os mocós assoviavam sumindo-se nas luras.

Precisava de conhecer o situado: o chão, em que permeio os burgaus rareava grama, o facheiro, cardos; tufos de barbacena e arnica cerrando o adro pedrento. De lá devia um pouco descer. Sobrestado, tardador, quis escolher qual rumo, mão em arma. *Jenzirico...* — ele súbito se advertiu, vez primeira atentava em seu nome, vasqueiro, demais despropositado. Se benzeu, sacou de ombros, tudo sucedia por modo de mentira.

Depassou volumes de rochas erguidas e lajes em empilho, pisava alecrins, o sassafrás-serrano, abeirava despenhadeiros. Ia topar de perto os outros definidos foragidos, se dizia que plantavam mandiocal, milhos, deparando com esses não havia de estranhar o acaso. De pau em-pé, só se notando ainda candeias, bolsas-de-pastor, alguma que uma tipuana.

Pássaros cantavam feito sabiás, vai ver sabiás mesmos. Em mente de olhos ele aprendia o caminho, ali era já chão mole, catou para provar mangabas caidiças. Entanto estranhava o que avistava — não o feitio dos espaços, mas o jeito dele mesmo enxergar — afiado desenrolado. Até assim ramas e refolhagem verdeando com luz de astúcias. Agora, altas árvores.

Sustou-se por rumor, mas só de espavento: as brujajaras. Teve de querer rir simples. Desaprazível a Serra não era, piava o lindo-azul, jeojeou o bico-miúdo; embora convindo voltar: caçadores e seus cachorros frequentavam os campestres das vertentes. Entortado espiava. De temer a gente tinha de fazer costume.

Inda então andou mais. Deu com miriquilho de vala, ajoelhou-se, bebia água e sol. Mas — no relancear — viu! Desregulado enxergara, a sombra, assomo de espectro? Por trás de buranhém e banana-brava, um homem, nu, em pelo.

Ninguém, nem. O ruído nenhum, rastro não se dando de achar. Correu, de través levantada a espingarda, rolou quase por pirambeira, chegou à meia-gruta frente ao mocozal. Caindo se sentou, com restos de tremer, sentia no oco da boca o tefe do coração. Só apalpou a cabeça: o chapéu, de toda aba, ele perdera.

Jenzirico mais nem pôde que assar em brasas carne-seca; faltava café, tomou cachaça. Virava falseio, divago, a visão de antes: senão as brujajaras, as aves pintadas e listradas de amarelo ou branco, fracas no esvoaçar, rabos trescompridos. Apurado caçou e não achou o chapéu, pouca sorte. Devia já arrancar feixes de capim, para cama, enrolado em cobertor, noite por noite. Precavia-se ficando no limpo do pedregal, mesmo lá divisara cobra, por essas é que revinham a acauã e o enorme gavião-roxo: um perto dele pousou em penha, escuro, escancaradas as asas.

Dormitou. Desagrado eram os guinchos dos mocós, por igual agadanhados, no bico das águias aves. Tudo se despercebia. O mocó, bicho esquisito, que sai a meio de entre pedras: — *Có, có, có...* — sem defesa. Tonteava a velocidade das nuvens para oeste ou este. De fatos mal acontecidos, de jeito nenhum queria lembrar, com farinha também comeu dentada de rapadura. Trepou em árvore, deixando em baixo o paletó; desceu — ele ali mais não estava.

Houvesse aí reinadios macacos, esses qualquer trem surripiam! De tantas tramoias Izidro nem lhe dera esboço, a Serra avultava, esconderija,

negando firmeza. As estrelas mesmas se aproximavam. De dia o calor, na regência do sol, as fragas amareladas alumiavam, montanhitância, só em madrugadas e tardes se sofria o enfrio e vento. Os homiziados outros prosperavam quilombo, em confim de macegal e matos, velhacoutos; tivesse um o ousio de aqueles ir procurar, por companhia? A gente tem de temer a gente. Jenzirico sempre receava acender o fogo, alguém se instruísse do lumaréu. Mas rebém as lavaredas de canela-de-ema e candeia o aquentavam, permanecido no esconso. Despertou — ouvindo espirro humano.

Salteado avançou derredor os vultos pedrouços, seguia o que não via, por trás de qualquer instante, inimigo o observava. O chão nenhuma calcadura marcava, aquele nem era chão, pedroenga, ondeonde os chatos cactos, dependuradas as vagens secas da tipuã, o jacarandá-de-espinho balançando douradas grandes flores. De novo o mocoal, pedreira cinzenta. — *Cooó! cóoo...* — escutando. Teria disposição de repetir morte? Matar era a burra ação, tão repentina e incerta, que fixe quase não se crê nem se vê, semelha confuso ato de espetáculo, procedido longe, por postiças mãos. Bateu-lhe o arrepio, doentemente, a sede, o sol; acabara a cachaça. Então, ele mesmo era quem tinha espirrado?

Veio, penoso se despiu, entrado na lagoazinha, água-de-grota. Em febre se esqueceu, desconheceu as horas, até outra calafriagem. Concebia um pressentir. Deu fé: roupa, espingarda, alpercatas — tudo desaparecido.

Jenzirico molhado se arrastou, doía de amedrontado, até a suas pedras moradias. Nu chorando ele fechava os olhos, com vergonha da solidão. Medo. Esperou o de vir, pavor, era como os transes. Ele remexia no podre dos pensamentos.

Tão então. — *Matei, sim...* — gritou, padecidamente, confessava: ter atirado no perverso Zèvasco, que na rua escura o agredira, sem eis nem pois; e fugido, imediato, mais de nada se certificando... Escutasse-o o ermo, ninguém? Clamou, assim mesmo alto e claro falou, repetia, o quanto de si mesmo o livrasse, provia algum perdão.

Porém, para repuxo e sobressalto. Viu, enfim, no sacudimento: aquele, o qual! Semelhante homem — trajado sabido, enchapelado — de suspapés, olhava-o, bugiava? O indivíduo — solerte vivo de curiosidades. Ia investir. Mas inesperado se afastou, com passos, expedido, campou no mundo. Virou o já acontecido.

Tornado a si, após, Jenzirico tiritou, variava de querer qualquer calhau pontudo ou um pau: pelos mocós, que à noitinha descem das frinchas pedredas para caminhar, os coelhos-ratos. Vai, o frio de grimpa fazia o tamanho do medo. Ventava por um canudo.

Até que, a retorno do tempo, chamavam-lhe o nome. Izidro e Pedroandré, eram os dois, mesmo montando mulas: — *Que há?* Introduzido nos capins o achavam. E diziam o desassombro: Zèvasco não morrera, na ocasião. — *Agora, sim...* — morto estava. Sujeito sandeu aparecera, direto para o exterminar, a toda a lei. Semelhante antigo homem, um Jinjibirro, em engraçadas encurtadas roupas, chapelão; o que, de havia muitos anos, levara sumiço, desertor serrão, revel por intimado de crime, ainda que se sabendo, depois, que nem não era o exato assassino.

— *Tòvasco vingou o irmão, à faca ainda pegou o estúrdio reaparecido, o derribou, porém se foi também, com muito barulho...* De vez e revez, os terríveis estavam terminados.

Jenzirico pedia o de que se revestir, e voltar para o mundo sueto, ciente só de mais fortes fazeres, trouxesse um mocó, por estripar, trem único que aqueles dias caçara, num dali e dalém, coitado, alto, no meio da Serra, em pedra e brenha.

Esses Lopes

Má gente, de má paz; deles, quero distantes léguas. Mesmo de meus filhos, os três. Livre, por velha nem revogada não me dou, idade é a qualidade. Amo um homem, ele vive de admirar meus bons préstimos, boca cheia d'água. Meu gosto agora é ser feliz, em uso, no sofrer e no regalo. Quero falar alto. Lopes nenhum me venha, que às dentadas escorraço. Para trás, o que passei, foi arremedando e esquecendo. Ainda achei o fundo do meu coração. A maior prenda, que há, é ser virgem.

Mas, primeiro, os outros obram a história da gente.

Eu era menina, me via vestida de flores. Só que o que mais cedo reponta é a pobreza. Me valia ter pai e mãe, sendo órfã de dinheiro? Mocinha fiquei, sem da inocência me destruir, tirava junto cantigas de roda e modinhas de sentimento. Eu queria me chamar Maria Miss, reprovo meu nome, de Flausina.

Deus me deu esta pintinha preta na alvura do queixo — linda eu era até a remirar minha cara na gamela dos porcos, na lavagem. E veio aquele, Lopes, chapéu grandão, aba desabada. Nenhum presta; mas esse, Zé, o pior, rompente sedutor. Me olhava: aí eu espiada e enxergada, no ter de me estremecer.

A cavalo ele passava, por frente de casa, meu pai e minha mãe saudavam, soturnos de outro jeito. Esses Lopes, raça, vieram de outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos. A gente tem é de ser miúda, mansa, feito botão de flor. Mãe e pai não deram para punir por mim.

Aos pedacinhos, me alembro.

Mal com dilato para chorar, eu queria enxoval, ao menos, feito as outras, ilusão de noivado. Tive algum? Cortesias nem igreja. O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele. Mais aprendi lição de ter juízo. Calei muitos prantos. Aguentei aquele caso corporal.

Fiz que quis: saquei malinas lábias. Por sopro do demo, se vê, uns homens caçam é mesmo isso, que inventam. Esses Lopes! — com eles, nenhum capim, nenhum leite. Falei, quando dinheiro me deu, afetando ser

bondoso: — *“Eu tinha três vinténs, agora tenho quatro...”* Contentado ele ficou, não sabia que eu estava abrindo e medindo.

Para me vigiar, botou uma preta magra em casa, Si-Ana. Entendi: a que eu tinha de engambelar, por arte de contas; e à qual chamei de madrinha e comadre. Regi de alisar por fora a vida. Deitada é que eu achava o somenos do mundo, camisolas do demônio.

Ninguém põe ideia nesses casos: de se estar noite inteira em canto de catre, com o volume do outro cercando a gente, rombudo, o cheiro, o ressonar, qualquer um é alheios abusos. A gente, eu, delicada moça, cativa assim, com o abafo daquele, sempre rente, no escuro. Daninhagem, o homem parindo os ocultos pensamentos, como um dia come o outro, sei as perversidades que roncava? Aquilo tange as canduras de nôiva, pega feito doença, para a gente em espírito se traspassa. Tão certo como eu hoje estou o que nunca fui. Eu ficava espremida mais pequena, na parede minha unha riscava rezas, o querer outras larguras.

Tracei as letras. Carecia de ter o bem ler e escrever, conforme escondida. Isso principiei — minha ajuda em jornais de embrulhar e mais com as crianças de escola.

E dê-cá dinheiro.

O que podendo, dele tudo eu para mim regrava. Mealhava. Fazia portar escrituras. Sem acautelar, ele me enriquecia. Mais, enfim que o filho dele nasceu, agora já tinha em mim a confiança toda, quase. Mandou embora a preta Si-Ana, quando levantei o falso alegado: que ela alcovitava eu cedesse vezes carnais a outro, Lopes igual — que da vida logo desapareceu, em sistema de não-se-sabe.

Dito: meio se escuta, dobro se entende. Virei cria de cobra. Na cachaça, botava sementes da cabaceira-preta, dosezinhas; no café, cipó timbó e saia-branca. Só para arrefecer aquela desatada vontade, nem confirmo que seja crime. Com o tingui-capeta, um homem se esmera, abranda. Estava já amarelinho, feito ovo que ema acabou de pôr. Sem muito custo, morreu. Minha vida foi muito fatal. Varri casa, joguei o cisco para a rua, depois do enterro.

E os Lopes me davam sossego?

Dois deles, tesos, me requerendo, o primo e o irmão do falecido. Mexi em vão por me soltar, dessas minhas pintadas feras. Nicão, um, mau me emprazou: — “*Despois da missa de mês, me espera...*” Mas o Sertório, senhor, o outro, ouro e punhal em mão, inda antes do sétimo dia já entrava

por mim a dentro em casa. Padeci com jeito. E o governo da vida? Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça, picar fininho a couve.

Tanto na bramosia os dois tendo ciúme. Tinham de ter, autorizei. Nicão a casa rodeava. Ao Sertório dei mesmo dois filhos? Total, o quanto que era dele, cobrei, passando ligeiro já para minhas posses; até honra. Experimentei finuras novas — somente em jardim de mim, sozinha. Tomei ar de mais donzela.

Sorria debruçada em janela, no bico do beiço, negociável; justiçosa. Até que aquela ideia endurecesse. Eu já sabia que ele era Lopes, desatinado, fogoso, água de ferver fora de panela. Vi foi ele sair, fulo de fulo, revestido de raiva, com os bolsos cheios de calúnias. Ao outro eu tinha enviado os recados, embebidos em doçuras. Ri muito útil ultimamente. Se enfrentaram, bom contra bom, meus relâmpagos, a tiros e ferros. Nicão morreu sem demora. O Sertório durou, uns dias. Inconsolável chorei, conforme os costumes certos, por a piedade de todos: pobre, duas e meio três vezes viúva. Na beira do meu terreiro.

Mas um, mais, porém, ainda me sobrou. Sorocabano Lopes, velhoco, o das fortes propriedades. Me viu e me botou na cabeça. Aceitei, de boa graça, ele era o aflitinho dos consolos. Eu impondo: — *"De hoje por diante, só muito casada!"* Ele, por fervor, concordou — com o que, para homem nessa idade inferior, é abotoar botão na casa errada. E, este, bem demais e melhor tratei, seu desejo efetuado.

Por isso, andei quebrando metade da cabeça: dava a ele gordas, temperadas comidas, e sem descanso agradadas horas — o sujeito chupado de amores, de chuchurro. Tudo o que é bom faz mal e bem. Quem morreu mais foi ele. Daí, tudo tanto herdei, até que com nenhum enjoo.

Entanto que enfim, agora, desforrada. O povo ruim terminou, aqueles. Meus filhos, Lopes, também, provi de dinheiro, para longe daqui viajarem gado. Deixo de porfias, com o amor que achei. Duvido, discordo de quem não goste. Amo, mesmo. Que podia ser mãe dele, menos me falem, sou de me constar em folhinhas e datas?

Que em meu corpo ele não mexa fácil. Mas que, por bem de mim, me venham filhos, outros, modernos e acomodados. Quero o bom-bocado que não fiz, quero gente sensível. De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta de questão das saudades? Eu, um dia, fui já

muito menininha... Todo o mundo vive para ter alguma serventia. Lopes, não! — desses me arrenego.

Estória nº 3

Conta-se, comprova-se e confere que, na hora, Joãoquerque assistia à Mira frigir bolinhos para o jantar, conversando os dois pequenidades, amenidades, certezas. Sim, senhor, senhora, o amor. Cercavam-nos anjos-da-guarda, aos infinilhões.

E estrondeou aí foi então do pacato do ar o: — *Ô de casa!* — varando-a até à cozinha onde sobreditamente se fitavam Joãoquerque e Mira, que tremeram tomando rebate.

Ô! Renovou-se abrupto o brado, esmurrada a porta, ouvida também correria na rua, após estampido de arma, provável à boca do beco. Mira deixando cair a escumadeira trouxe ante rosto as mãos, por ímpeto de ato, pois já as retorcia e apertava-as contra os seios; sozinha ela residia ali, viúva recém, sem penhor de estado nem valedio pronto. Joãoquerque encostou o peito à barriga, no brusco do fato, mesmo seu nariz se crispou meticuloso.

Porque a voz era a do vilão Ipanemão, cruel como brasa mandada, matador de homens, violador de mulheres, incontido e impune como o rol dos flagelos. De que assim lhes sobreviesse, mediante o medonho, era para não se aceitar, na ilusão, nesses brios. Mas o destino pulava para outra estrada. Mira e Joãoquerque e Ipanemão cada qual em seu eixo giravam, que nem como movidos por tiras de alguma roda-mestra.

Deus meu, maior mal à maior detença ou a subiteza, *a, a, a,* o Ipanemão! dele era o que se passava, dono das variedades da vida, mandava no arraial inteiro. Mira via o instante e adiante, desenhos do horror: até hoje por isso não pode deixar de querer ainda mais, com históricos carinhos, o seu hoje mais que ex-amante, Joãoquerque, avergado homenzarrinho, que ora se gelava em azul angústia, retornados os beiços, mas branco de laranja descascada, pálido de a ela lembrar os mortos.

Ele — o nada a se fazer — pegado pelos entremeios, seus órgãos se movendo dentro do corpo, amarga grossa em fel e losna a língua, o coração a se estourar feito uma muita boiada ou cachoeira. — *Pai do Céu!* — e o Ipanemão era do tamanho do mundo — repetia, falto de mais alma, no descer do suor. Ia-se o dia em última luz. Onde estava sua cabeça?

Agora, porém, portintim, ele a quem queira ouvir inesquecivelmente narra, retintim, igual ao do que os livros falam, e três tantos. Joãoquerque diz tudo.

De que primeiro nada pensou, nulo, sem ensejo de ser e de tempo, nem vergonha, nem ciúme, condenado, mocho, empurrado, pois. Mira mesma mandou-o ir-se, com fechado cochicho, salvava-o; em finto tinha-se apagado o fogo, reinava só no borralho o ronrom do gato. Ela se ajoelhara, rezava, com numa mão a faca, pontuda, amolada, na outra o espeto, de comprimento de metro.

Teria ele de ganhar o nenhum rumo, para vastidão — *Pai-do-Céu!* — não se lhe dando de largada cá a Mira, sem porto e paz, podia nem com o vozeiro do Ipanemão, rompedor da harmonia, demoniático. E se debatia já à porta dos fundos, custou-lhe rodar a tramela, no triz de escape. Pôs-se para fora.

Pelo escuro quintal corre Joãoquerque, com árvores diversamente e moitas em incuido, nelas topava ou relava, às tortas de labirinto, traspassoso o quintal que nunca se terminava, se é que só lá em baixo, tão além, na cerca, onde houvesse depois o valezinho de um riacho, Joãoquerque corria e, quase no fim — já desabalado milagre era ele vencer o terreno, não conhecido — derrubou-se: no tentar estacar, entrevendo acolá injustos vultos, decerto de uns dos duros do Ipanemão, mas explicados mais tarde como sendo apenas o touro e vacas, atrasados noturnos ainda pastando, de Nhô Bertoldo.

Joãoquerque, caído, um pouco se ajuntou, devia de ter quebrado osso, não aventurando apalpar-se, teimava em se esconder mais que as minhocas, deu-lhe voltas a cabeça, os dentes como rato em trapos ou um tremer maleitas, pelo frio, pelo quente, ofegava num esbafo de vertido esforço sob os desapiedados pensamentos. Pior, errava o pensar, que nem uma colher de pau erra o tacho; diz que se esquecera de tudo nesta vida.

Isto é, isso foi depois.

Por ora, seca a goela e amargume, o doer de respirar, como um bicho frechado. A vão querer escapulir, seguir derrota, imundo de vexame. O Ipanemão não consentia, parecia ter-lhe já pulado por cima, às distâncias — aonde que viesse, esse havia de o escafuar — nem lhe valesse o fraquejo. *Valia era sossegado morrer...* — foi o alívio que propôs-se, suando produzidamente. Ipanemão, cão, seguro em enredo de maldade da cobra grande, dele ninguém se livrava, nem por forte caso. O mais era com

a noite — isto é, os abismos, os astros. Joãoquerque prostrou-se, como um pavio comprido.

Estava deitado de costas, conforme num buraco, analfabeto para as estrelinhas. Foi nesta altura que ele não caiu em si. Tenho tempo, se disse. Teve o esquecimento, máquinas nos ouvidos.

Veio-lhe a Mira à mente; embuçou a ideia. Via: quem vivia era o Ipanemão, perseguindo-o a ele mesmo, Joãoquerque, valentemente. Até os grilos silenciavam. O silêncio pipocava. As corujas incham os olhos. *Diabo do inferno!* — se representou, sem ser do jeito de vítima. Remedava de ele próprio se ser então o Ipanemão, profundo. Tudo era leviano, satisfeito desimportante. O medo depressa se gastava? — caíra nas garras do incompreensível. Então, se levantou, e virou volta.

Do mais, enquanto, muito não se sabe.

Joãoquerque remontava o quintal, desatento a tudo, mas de cauteloso modo: o sapo deu mais sete pulos: se arrastava com fiel desonra. Não à porta da cozinha, à casa, senão que à longa mão direita, renteava o outro quintal, para o beco. Frouxos latiam uns cachorros.

Diante, o galinheiro velho; e ele, ali, de palpa treva. Tirou risco o fino de alguma luz: em machado, encabado, encostado, talvez até enferrujado terrível. Ele não podia pegar em nada, pois com cerrados os punhos, *diabo-do-inferno!* E o pé que continuou no ar. O machado, tal, para tangimento, relatado em sua razão.

E, *então, que então*, o que nenhuma voz disse, o que lhe raiou pronto no ânimo. Mais já não parava assim, em al, alhures, alheio, absorto, entrado no raro estado pendente, exilando-se de si. Por modo de não hábito, pegou o machado. *Diabo do Céu!...* — queria dar um assovio. A noite repassava escuro sobre escuros. Caminhou, catou adiante.

Com firme indireção, para maior coragem, pés de lobo. Como se fosse, *diabo-do-céu!*, brincar de matar, de verdade, o chão na base do passo. Passou-lhe o nada pela cabeça. Na rua, à vista de Deus e de todo-o-mundo — cometeu-se. O resto, em parte, é contado pelos outros.

De que o Ipanemão lá dentro não se achava, mas, com mais dois, defronte da casa, acocorado, à beira de foguinho, bebia e assava carne, sanguinaz, talvez sem nem real ideia de bulir com a Mira. Ou se distraía como o gato do rato, d’ora-a-agora.

Desreconheceram o vindo Joãoquerque, por contra que tanto sabido e visto. Mais o viam desvirado convertido.

Foi aliás de modo imoderado, que ele se chegou, rodeando um perigo, com cara de cão que não rosna, em sua covarde coerência: no não querer contenda. Saudou, parou, pasmoso, como um gesto detém a orquestra inteira.

Diz-se que era o dia do valente não ser; ou que o poder, aos tombos dos dados, emana do inesperado; ou que, vezes, a gente em si faz feitiços fortes, sem nem saber, por dentro da mente.

Ipanemão pendeu o rosto, desditado, os instantes hesitosos; aí foi revirando, rodou-se, mesmo agachado, de moventes cócoras — pondo-se inteiro de costas para o outro, do qual a esquivar olhar e presença.

Joãoquerque, porém, o rodeou, também, lhe pediu — *Olhe!* — baixo, e, erguendo com as duas mãos o machado, braz!, rachou-lhe em duas boas partes os miolos da cabeça. Ipanemão, enfim, em paz. Até aquele dia ele tinha sido imortal; perdeu as cascas. Os outros, viu-se, nem de leve fugiram, gritaram somente por misericórdias, consoante não deviam proceder.

Joãoquerque se sentou, fez porção de caretas. Nunca aprendera a não cuspir, não podia mais com tantas causas. Quer que dizer: os pés no chão, a mão na massa, a cabeça em seu lugar, os olhos desempoeirados, o nariz no que era de sua conta.

O padre e Mira, dali a dois meses, o casaram. Conte-se que uma vez.

Estoriinha

Senão quando o vapor apitou e se avistou subindo o rio, aportava da Bahia cheio de pessoas.

Mearim viu-a e viu que de bem desde a adivinhara, estava para cada hora, por fatalidade de certeza. Sempre de qualquer escuro ou confuso ela se aproximava, apontada. Ele não estremeceu, provado para o silêncio e engasgo. Se entregava a afinal — ao de Deus a acontecer.

Dez passos, de lado, vigiava o Rijino também o vapor chegar, como os bichos olham o fogo. Rijino inteirado se quadrava, escondendo essas mãos de costas peludas. Mearim abaixou o rosto, com as ideias e culpas. Se dava de cansado, no impossível de se ser ciente das próprias ações.

Mesma, passageira, ela, alta, saia pintada, irrevogável, bonita como uma jiboia, os cabelos cor de égua preta.

Foi ver, foi visto. Não adiantava ter-se soltado, deciso deixando-a, não podia fugir para os fins da terra. Lá fez ela aceno, linda a mão de paixão ou ameaça, porquanto o vapor zoava, as fumaças se desenfeixando. Mearim não a abarcava — da memória, que é o que sem arrumo há, das muitas partes da alma — a cada sete batidas um coração discorda. Saudosa, por cheiro, tato, sabor, a voz às vezes branda, cochicho que na orelha dele virava cócegas, no fúrio aconchego. De repente, à má bruxa, a risada. O remorso tira essas roupagens. A gente tem de existir — por corpo, real, continuado — condenado. Ela chupava-lhe a respiração das ventas.

Ao Rijino, ele bem que citara avisos, quando retornando: — "*Aqui, convém eu não ficar, o Sãofrancisco todo é alertamente...*" — temia ela viesse, pleiteava vasto socorro. Rijino duro remordia, os dentes apertava, para nem no instante se envergonhar, o queixo afirmado; nem a gente tem poder de se afinar nas feições. — "*Não pense na fulana...*" só para a obediência. Rijino não dava conselhos, situado positivo.

Atual ali entanto ela estava, o vapor a entrar, recebido, por meio de zoeira, novidade, grita, deduzido dos extremos do Juazeiro. Seguro o Rijino pontual soubesse que um dia ela aparecia, havia de vir, com isso ele contava, que a desunião faz as enormes forças. Ela era a de não se

desvanecer. Tudo — total, o balanço dos anos — tem horas se percebe, ligeiro demais, lumiado se concebe. Que era que o Rijino propositava? Ela se pertencia.

Mearim direto a ele, mano mais velho, viera, devido o que havido, depois, cheio de duvidar, doente de despojo. Mas no espaço das Três-Marias o Rijino mais contudo não laborava — de uns e outros ouviu; e, a ele mesmo, o reprovaram, lá, informadamente. Se mudara, o enganado Rijino, sempre por aí — em rumo que Mearim tomou — o rio, escorreito.

Topou-o no porto. Subido da surpresa, frente a ele se propôs, faltoso e irmão, cara à cara: — *"Me mate. Errei, enxerguei, me puni. Seja pelo leal, que não fui..."* — e esperou o novo. Sem em-de sentenciar, o Rijino fechou as mãos, em par, socava o ar, feito o boneco tãomente. Declarou, custoso: — *"Nossa mãe essas mais lágrimas não houvera de carpir..."* Se encostou, sinaladamente envelhecera, o mais velho. Mas não estava amotinado. Antes, tivera sabendas de que Mearim contrito a largara. Definiu: — *"Tu tivesses flagelos..."*

Sincero com afeto, quis que Mearim ali em Maria-da-Cruz parasse, onde em fatos ganhava, com caber para companheiro. Deu a ele cama e lugar em mesa, na casa. Lhe cedia revólver ou rifle: conforme que ninguém prospera sem inimigos achados. Mearim entendia. Mas, o que reteve, sentiu, ainda não pedindo perdão. Rijino imaginava em alguém ausente — escarrava. Outramaneira por dentro devia de curtir resumos, de tanta espécie. Dela, de Elpídia, mais nunca nada referia, tirante o de abafo. Ia, a cada vez, exato, ficava vendo vapores. Todo o mundo — rio-abaixo, rio-acima — acaba algum dia passando por estes cais.

Mearim ia, tal, também, com pena, espiava o ar aberto, ora com nojos de tão fácil se arrepender, desmentia os pensamentos.

O vapor manobrava em o se encostar, ela outro instante desaparecia. Mulher de atentada vontade. Rijino a trouxera e esposara, brejeira do Verde-Grande, quebradora de empecilhos. Do Rijino não gostou — nem os anjos-da-guarda.

Dele, Mearim, sim, querido, marcado, convivido. Entre o que, moço, ele sentia, sem saber olhar: só menção de responder, amor a futura vista. Ela fez que feliz oprimido a levasse; saídos escondidos, levara-o, para parar em Paulo-Afonso. Meses que passar, o quanto, despropósitos de vida. Essa ação de estar, ele acaba calcado não aguentara: o susto, uns medos, em madrugada, desgostosura, à voz de reprova, neste mundo tão sujeito.

Sem hoje nem onde, então ele se escapara, para qualquer comarca. Antes carecesse de concórdia, outras pausas, a natureza dele sendo mais quieta. Do que agora mudava. Dela tendo saudades, certas. Somente assim — sozinha e triste imaginada, sempre não enxergada, sua formosura em vai-vem, a jovem dormida nas florestas.

Ela, vem, que decidida, desastrada. E era o que o Rijino pelo jeito aprovava. Movendo drede para isso que ele Mearim ali em Maria-da-Cruz ficasse, para chamar atraído aquele açoite de amor. Rijino o ponto arrumara, não temendo o que fero se gera — na separação das pessoas. Mearim desentendia, returbado. Estimava, por dó ou grato expor, Rijino, que dele com agarrada e estúrdia afeição cuidava, como um pai, aborrecido, odioso. Mesmo a ela Rijino decerto notícias enviara, a fim de que viesse, e dinheiro! Há o fechado e o aberto. Havia.

A hora era cedo. O povo, influído, mais se ajuntava. Esses vapores aqui chegavam corretos no horário. Aí estavam desembarcando.

Ela, direita — uns meninos carregando o baú e trouxas. Só via a ele, Mearim, receava nada, os brincos balançando, tocando-lhe as faces, vinha com a felicidade. Ele no tolhimento; acolá o Rijino; o silêncio triplicado. Aquele perfume chegava ao sangue da gente. O Rijino deu passo.

Rijino em chofre segurara-a por um braço. — "*Tu!*" — demo, doloroso. — "*Tu, não!*" — ela renitiu, os dois em enrolamento, curto esforço. Ela puxara por um punhal, no mesmo lance, revirava-o, isso, o chiar de água em brasas. Rijino, pafo, caído, uma toda vez, findado. Só ela e o irremediado intervalo. Seja como se outra, destorcido o rosto, claro, à lástima arregalada, espiava para o alto e para o chão, por tudo o completo cansaço.

Ela estava ajoelhada.

Mearim, seus olhos se abriram muito, então, brilhados, tanto destapavam. Com que aí chegava povo, o excesso, as justiças e os soldados.

Mearim se levantou, de ajoelhado também, o sangue respingara-o. Seu coração entendeu. Iria, desde que enterrado o morto, à Lapa do Santuário do Santo-Senhor-Bom-Jesus, por um perdão, pela dor de todos. Depois, a vida dele era só aquela mulher, e mais, sofrida tida e achada, livre ou entre grades, mas que lhe pertencia, em reprofundo, mediante amor.

Faraó e a água do rio

Vieram ciganos consertar as tachas de açúcar da Fazenda Crispins, sobre cachoeira do Riachão e onde há capela de uma Santa rezada no mês de setembro. Dois, só, estipulara o dono, que apartava do laço o assoviar e a chuva da enxurrada, fazendeiro Senhozório; nem tendo os mais ordem de abarracar ali em terras.

Eram os sobreditos Güitchil e Rulú, com arteirice e utensílios — o cobre, de estranja direto trazido, a pé, por cima de montanhas. Senhozório tratara-os à empreita, podiam mesmo dormir no engenho; e pôs para vigiá-los o filho, Siozorinho.

Sua mulher, fazendeira Siantônia, receava-os menos pela rapina que por estranhezas; ela, em razão de enfermidade, não saía da cama ou rede. Sinhalice e Sinhiza, filhas, ainda que do varandão, de alto, apreciaram espiar, imaginando-lhes que cor os olhos: o moço, sem par no sacudir o andar; o mais velho se abanando vezes com ramo de flor. À noite, em círculo de foguinho, perto do chiqueiro, um deles tocava violão.

Já ao fim de dia, Siozorinho relatou que forjavam com diligência. Senhozório, visse desplante em ciganos e sua conversa, se bem crendo poupar dinheiro no remendo das tachas, só recomendou aperto. Sinhiza porém e Sinhalice ouviram que aqueles enfiavam em cada dedo anéis, e não criavam apego aos lugares, de tanto que conhecessem a ligeireza do mundo; as cantigas que sabiam, eram para aumentar a quantidade de amor.

O moço recitava, o mais velho cabeceando qual a completar os dizeres, em romeia, algaravia de engano senão de se sentir primeiro que entender. O mais velho tinha cicatrizes, contava de rusga sem mortes em que um bando inteiramente tomara parte, até os cavalos se mordiam no meio do raivejar.

Siantônia, que sofria de hidropisias e dessuava retendo em pesadelo criaturas com dobro de pernas e braços, reprovou se acomodasse o filho a feitorar hereges. Senhozório de todos discordava, a taque de sílabas, só o teimosiar e raros cabelos a idade lhe reservara, mais o repetir que o lavrador era escravo sem senhor.

Não era verdade que, de terem negado arrimo a José, Maria e Jesus, pagassem os gitanos maldição! — Siozorinho no domingo definiu, voltado de onde fora-de-raia esses acampavam, com as velhas e moças em amarelos por vermelhos. Mas, para arranjar o alambique, de mais um companheiro precisavam, perito em serpentinas. Senhozório àquilo resistiu, dois dias. Veio ao terceiro o rapaz Florflor: davam-lhe os cachos pelo meio lado da cara, e abria as mãos, de dedos que eram só finura de ferramentas. Dessa hora mais no engenho operaram, à racha, o dia em bulha. Sinhalice e Sinhiza pois souberam que Florflor ao entardecer no Riachão se banhava. Outra feita, ria-se, riam, de estrépitas respostas: — *Cigano non lava non, ganjón*, *para non perder o cheiro...* — certo o que as mulheres deles estimavam, de entre os bichos da natureza.

Ousaram pedir: para, trajados cujos casacões, visitarem a Virgem. Siantônia cedeu, ela mesma em espreguiçadeira recostada, pé do altar, ao aceso de velas. Os três se ajoelharam, aqueles aspectos. Outro tanto veneravam a fazendeira: — *Sina nossa, dona, é o descanso nenhum, em nenhuma parte* — arcavam nucas de cativos. — *O rei faraó mandou...* — decisão que não se terminava. Siantônia, era ela a derivada de alto nome, posses; não Senhozório, só de míngua aprendedor, de aflições. Avós e terras, gado, as senzalas; agora, sombria, ali, tempo abaixo, a curso, sob manta de vexame, para o fôlego cada dia menos ar, em amplo a barriga de sapa. As filhas contudo admiraram-lhe o levantado gesto, mão osculosa, admitindo que todos se afastassem.

— *Tristes, aá, então estamos!* — a seguir os três na tarefa martelavam, tanto quanto adjurando a doença da senhora. E alfim: se buscassem as parentas, lembraram, as das drogas? A cigana Constantina, a cigana Demétria; ainda que a quieto, dessas provinha pressa sem causa. A outra — moça — pêssega, uma pássara. Dela vangloriavam-se: — *Aníssia...* — pendiam-lhe as tranças de solteira e refolhos cobrissem furtos e filtros, dos alindes do corpete à saia rodada, a roçagar os sapatos de salto.

Siantônia em prêmito de ofego a quis perto. Era também palmista, leu para Sinhiza e Sinhalice a boa-ventura. Siozorinho nela dera com olhos que fácil não se retiravam. Senhozório contra quentes e brilhos forçava-se a boca. Ceca e meca e cá giravam os ciganos; mas quem-sabe o real possuir só deles fosse? — e de nenhum alqueire.

Senhozório, Siantônia o espiava — no mundo tudo se consumia em erro, tirante ver o marido envelhecido igual — vizinhalma. Esquecera ela as

pálpebras, deixava que as gringas benzeduras lhe fizessem; fortunosas aquelas, viventes quase à boca dos ventos.

— *Aqui todos juntos estamos...* — Siantônia extremosa ansiosa se segurava aos seus, outra vez dera de mais arfar, piorara. As paredes era que ameaçavam. A gente devia estar sempre se indo feito a Sagrada Família fugida.

Com tal que o conserto rematavam os ciganos, *eeé, bré!* Senhozório agora via: o belo metal, o belo trabalho. A esquisita cor do cobre. — *Vosmicê, gajão patrão, doradiante aumente vossos canaviais!* — os cujos botavam alarde. Crer que, aqueles, lavravam para o rei, a gente não os podendo ali ter sempre à mão, para quanto encanto. As tachas pertenciam à Fazenda Crispins, de cem anos de eternidade.

E houve a rebordosa. Concorridos de repente, a cavalo todos, enchiam a beira do engenho, eram o bando, zingaralhada. — *Mercês!* — perseguidos, clamavam ajuda; e pela ganjã castelã prometiam rezar em matrizes e ermidas. — *Ah, manucho!* — vocavam Siozorinho.

À frente, montadas de banda, as ciganas Demétria e Constantina. Rulú, barba em duas pontas. Güitchil o com topete. Aníssia, de escanchadas pernas, descalça, como um deleite e alvor. Recordavam motes: — *Vós e as flores...* — em impo, finaldo entoou Florflor, o Sonhado Moço. Vinha de um romance, qual que se suicidado por paixão, pulando no rio, correntezas o rodavam à cachoeira... — Sinhalice caraminholava.

Já armada vinha a gente da terra, contra eles, denunciados: porquanto os ladinos, tramposos, quetrefes, tudo na fingitura tinham perfeito, o que urdem em grupo, a fito de pilharem o redor, as fazendas. Diziam assim. Sanhavam por puni-los, pegados.

— *Vós...* — os quicos apelavam para o Senhor. Senhozório ficou do tamanho do socorro.

— *Aqui, não buliram em nada...* — em fim ele resolveu, prestava-lhes proteção, já se viu, erguido o pulso. Mais não precisava. Tiravam atrás os da acossa, desfazendo-se, por maior respeito. Senhozório mandava. Os ciganos eram um colorido. Louvavam-no, tão, à rapa de guais, xingos, cantos, incutiam festa da alegre tristeza.

Saíam embora agora, adeus, adeus, à farrapompa, se estugando, aquela consequência, por toda a estrada. Siantônia queria: se um dia eles voltavam à Terra-Santa... Sinhiza sozinha podia descer, aonde em fogo de sociedade à noite antes tangiam violão, ao olor odor de laranjeiras e

pocilgas, já de longe mesclados. Indo tanto a certo esmo, se salvos, viver por dourados tempos, os ciganos, era fim de agosto, num fechar desapareciam.

A Fazenda Crispins parava deixada no centro de tantas léguas, matas, campos e várzeas, no meio do mundo, debaixo de nuvens.

Senhozório, sem se arreminar, não chamou o filho, da melancolia: houvesse este ainda de invejar bravatas. Ia porém preto lidar, às roças, às cercas, nas mãos a dureza do calejo. Cabisbaixado, entrequanto. Perturbava-o o eco de horas, fantasia, caprichice. Dali via o rumo do Riachão, vão, veio à beira, onde as árvores se usurpam. A água — nela cuspiu — passante, sem cessação. — *Quando um dia um for para morrer, há-de ter saudade de tanta coisa...* — ele só se disse, pegou o mugido de um boi, botou no bolso. Andando à-toa, pisava o cheiro de capins e rotas ervas.

Hiato

Redeando rápido, com o jovem vaqueiro Põe-Põe e o vaqueiro velho Nhácio, chegava-se à Cambaúba, que é um córrego, pastos, onde se vê voam o saí-xê, o xexéu, setembro a maio a maria-branca, melhor de chamar-se maria-poesia, e canta o ano todo a patativa, feliz fadazinha de chumbo, amiga das sementes.

Após vargedos, bosques da caparrosa comum surpreendem, em meio à mistura de espécies do cerrado. Rompia-se por dentro de ervas erguidas um raso de vale — ao ruído e refecho, cru, de desregra de folhagens — vindo-nos os esfregados cheiros vegetais ao cuspe da boca. Iam os cavalos a mais — o céu sol, massas de luz, nuvens drapuxadas, orvalho perla a pérola. Refartávamos de alegria e farnel. A manhã era indiscutível. Tantas vias e retas.— "*Iii, xem, o bem-bom, ver a vez de galopear...*" — gabava-se Nhácio, marrom no justo gibão, que pontas dos grandes galhos em ato de mãos e dedos ranhavam. — "*Ih, é, ah! Ô vida para se viver!*" — impava imitador Põe-Põe, instigando seu azulego.

Dali, escolhidos, eram os dois. Põe-Põe, bugresco, menino quase, ágil o jeito na sela-de-campo. Nhácio, ombroso, roxo, perguntador de rastros, negroide herói. Valiam sobre quaisquer, por gaia companhia e escolta.

Vinha-se levíssimo, nos animais, subindo ainda às nuvens de onde havia-se de cair. Abeirou-se a mata em clausura — e um brejo, que se estendia e espelhava, lagoa, de regalarem-se os olhos. Os buritis orlavam-no. Toda água é antediluviana. O ar estava não estava. Ou nem há-de detalhar-se o imprevisível. A manhã, por si, respirava. Macegão: lá o angola cresce, excele, tida só a trilha de passarem bois. Ia tudo pelo claro. A água dormia de mulher. Do capim, alto, aquele surgiu.

Foi e — preto como grosso esticado pano preto, crepe, que e quê espantoso! — subiram orelhas os cavalos. Touro mor que nenhuns outros, e impossível, nuca e tronco, chifres feito foices, o bojo, arcabouço, desmesura de esqueleto, total desforma. Seu focinho estremeceu em nós, hausto mineral, um seco bulir de ventas — sentíamos sob as coxas o sólido susto dos cavalos. Olhos — sombrio e brilho — os ocos da máscara. Velho como o ser, odiador de almas. Deteúdo tangível, rente, o peito,

corpo, tirava-nos qualquer espaço, atônitos em fulminada inércia, no mesmo ar e respirar. De temor, o cavalo ressona, ronca, uma bulha nas narinas, como homem que dorme. Aquilo rodou os cornos. Voltava-se e andou, com estreitos movimentos, patas cavando fundo o tijuco: peso, coisa, o que a estarrecer. Sozinhão ia beber, no brejo inferior, minuciosamente. Era enorme e nada. Reembrenhou-se.

Já arrufados quebravam os cavalos à mão direita, a torto avançava-se, tenteando grotas, descruzando ramos, nossas costas esfriadas.

Vaqueiro Nhácio, molhado suado no baixo do pescoço, tremiam-lhe os músculos da mandíbula. Vaqueirinho Põe-Põe tapava de lado o rosto, decerto comendo açúcar e farinha. Algum turbar entrecontagiava-nos, sem reflexão útil.

Põe-Põe hesitava no por primeiro passar, à beira de pirambeira, e zangava-se Nhácio, empertigado na sela. — *"Ixe, coragem também carece de ter prática!"* Gaguejava desnecessariamente, com grande razão. Sol e cenho. O redor o olhava.

Remoto, o touro, de imaginação medonha — a quadratura da besta — ingenerado, preto empedernido. Ordem de mistérios sem contorno em mistérios sem conteúdo. O que o azul nem é do céu: é de além dele. Tudo era possível e não acontecido.

Mas montávamos à área das colinas, dali longe enxergadas as matas onde o rio se relega. Tinha-se, sem querer, dado rodeio, tirando do caminho afastamento de grande arco — torcida a paisagem: um vago em-torno, estateladas árvores, falsa a modorra das plantas, o dissabor pastoso.

Errático, a retrotempo, recordava-se sobre nós o touro, escuro como o futuro, mau objeto para a memória. Põe-Põe fingia o pio de pássaros em gaiola, fino assobio. Nhácio ora desabria sacudidos dizeres, enrolava mais silêncio, ressofrido. O touro, havendo, demais, exorbitante, suas transitações, e no temeroso ponto, praça ao acaso.

Adiante o capim muda de figura, rumo do rio, que a horas envia um relento, senão um sussurro, e do qual recebem os bois o aviso do cheiro d'água, que logo põem em mugidos, quando é de oeste que o vento vem.

Empatara-nos, aquele, em indisfarce, advindamente; perseguia-nos ainda, imóvel, por pavores, no desamparadeiro.

O touro?

Pasmou-se o velho Nhácio, pendente seu beiço iorubano. — *"Mas, é um marruás manso, mole, de vintém! Vê que viu a gente, encostados nele, e*

esbarrou, só assustado, bobo, bobo?" — falara com grossos estacatos, deu-lhe o sacolejado riso.

Mesmo nem nos maleficiara — com nenhum agouro, sorvo de sinistro — o estúrdio bronco monstro. De onde vem então o medo? Ou este terráqueo mundo é de trevas, o que resta do sol tentando iludir-nos do contrário. Fazia cansaço, no furto frio de nossas sombras. Tirávamos passo.

Era, sim, casado, o vaqueiro Nhácio, carafuz. Nascera no Verde-Grande e tanto. Tinha filhos, sobrinhos, netos, neste mundo e tanto; o rapaz Põe-Põe mesmo era um dos seus.

— *"Tio Nhácio, o senhor nunca mais ouviu falar do homem que matou o meu Pai?"* — Põe-Põe indagou, talvez choroso.

O outro apertava a cilha do alazão. — *"Fim que hoje, nunca. Ideio que acabaram também com ele, até pedras do chão obram as justiças..."*

Aí em voo os bandos de marrecas, atrás papagaios.

Vaqueiro o Nhácio, tossidiço, estacou. — *"Sirvo mais não, para a campeação, ach'-que. Tenho mais nenhuma cadência..."* — fungado; tristeza mão-a-mão com a velhice.

— *"Ô-xem..."* — e o vaqueiro Põe-Põe abalava fiel a cabeça.

Ainda, pois, chegava-se — ao rincão, pouso, tetos — rancharia de todos. Topávamos rede, foguinho, prosa, paz de botequim, à qualquer conta. A bem-aventurança do bocejo. Desta maneira.

Prefácio

Hipotrélico

Hei que ele é.

Do IRREPLEGÍVEL.

Há o hipotrélico. O termo é novo, de impesquisada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se hipotrélico *querendo dizer: antipodático, sengraçante imprizido; ou, talvez, vice-dito: indivíduo pedante, importuno agudo, falto de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrélico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.*

Somos todos, neste ponto, um tento ou cento hipotrélicos? Salvo o excepto, um neologismo contunde, confunde, quase ofende. Perspica-nos a inércia que soneja em cada canto do espírito, e que se refestela com os bons hábitos estadados. Se é que um não se assuste: saia todo-o-mundo a empinar vocábulos seus, e aonde é que se vai dar com a língua tida e herdada? Assenta-nos bem à modéstia achar que o novo não valerá o velho; ajusta-se à melhor prudência relegar o progresso no passado.

Sobre o que, aliás, previu-se um bem decretado conceito: o de que só o povo tem o direito de se manifestar, neste público particular. Isto nos aquieta. A gente pensa em democráticas assembleias, comitês, comícios, para a vivíssima ação de desenvolver o idioma; senão que o inconsciente coletivo ou o Espírito Santo se exerçam a ditar a vários populares, a um tempo, as sábias, válidas inspirações. Haja para. Diz-se-nos também, é certo, que tudo não passa de um engano de arte, leigo e tredo: que quem inventa palavras é sempre um indivíduo, elas, como as criaturas, costumando ter um pai só; e que a comunidade contribui apenas dando-lhes ou fechando-lhes a circulação. Não importa. Na fecundidade do araque apura-se vantajosa singeleza, e a sensatez da inocência supera as excelências do estudo. Pelo que, terá de ser agreste ou inculto o neologista, e ainda melhor se analfabeto for.

Seja que, no sem-tempo quotidiano, não nos lembremos das e muitíssimas que foram fabricadas com intenção — ao modo como Cícero fez qualidade *("qualitas"), Comte* altruísmo*, Stendhal* egotismo*, Guyau* amoral*, Bentham* internacional*, Turguêniev* niilista*, Fracástor* sífilis*,*

Paracelso gnomo*, Voltaire* embaixatriz *("ambassadrice"), Van Helmont* gás*, Coelho Neto* paredro*, Ruy Barbosa* egolatria*, Alfredo Taunay* necrotério*; e mais e mais e mais, sem desdobrar memória. Palavras em serviço efetivo, já hoje viradas naturais, com o fácil e jeito e unto de espontâneas, conforme o longo uso as sovou.*

De acordo, concedemos. Mas, sob cláusula: a de que o termo engenhado venha tapar um vazio. Nem foi menos assim que o dr. Castro Lopes, a fim de banir galicismos, e embora se saindo com processo direto e didático, deixadas fora de conta quaisquer sutilezas psicológicas ou estéticas, conseguiu pôr em praça pelo menos estes, como ele mesmo dizia, "produtos da indústria nacional filológica": cardápio*,* convescote*,* preconício*,* necrópole*,* ancenúbio*,* nasóculos*,* lucivéu *e* lucivelo*,* fádico*,* protofonia*,* vesperal*,* posturar*,* postrídio*,* postar (*no correio*) *e* mamila*. E, donde: palavra nova, só se satisfizer uma precisão, constatada, incontestada.*

Verdade é que outros também nos objetam que esta maneira de ver reafirma apenas o estado larval em que ainda nos rojamos, neste pragmático mundo da necessidade, em que o objetivo prevale o subjetivo, tudo obedece ao terra-a-terra das relações positivas, e, pois, as coisas pesam mais do que as pessoas. Por especiosa, porém, rejeitamos a argumentação. Viver é encargo de pouco proveito e muito desempenho, não nos dando por ora lazer para nos ocuparmos em aumentar a riqueza, a beleza, a expressividade da língua. Nem nos faz falta capturar verbalmente a cinematografia divididíssima dos fatos ou traduzir aos milésimos os movimentos da alma e do espírito. A coisa pode ir indo assim mesmo à grossa.

E fique à conta dos tunantes da gíria e dos rústicos da roça — que palavrizam autônomos, seja por rigor de mostrar a vivo a vida, inobstante o escasso pecúlio lexical de que dispõem, seja por gosto ou capricho de transmitirem com obscuridade coerente suas próprias e obscuras intuições. São seres sem congruência, pedestres ainda na lógica e nus de normas. Veja-se o que diz Gustavo Barroso, no "Terra de Sol"*: "'Subdorada' era o adjetivo que lhes exprimia a admiração. Não sei onde o foram encontrar. No sertão há dessas expressões; nascem ninguém sabe como; vivem eternamente ou desaparecem um dia sem também se saber como." Confere. Pode-se lá, porém, permitir que a palavra nasça do amor*

da gente, assim, de broto e jorro: aí a fonte, o miriquilho, o olho-d'água; ou como uma borboleta sai do bolso da paisagem?

Do que tal se infere serem os neologismos de um sertanejo desses, do Ceará ou de Minas Gerais, coisas de desadoro, imanejáveis, senão perigosas para as santas convenções. Se nem ao menos tão longe, mas por aqui, no Estado do Rio, nosso amigo Edmundo se surpreendeu com a resposta, desbarbadamente hermética, de um de seus meeiros, a quem perguntara como ia o milho: — "Vai de minerol infante*." — "Como é?"* — "Está cobrindo os tocos..." *O que já pode parecer excessiva força de ideias.*

Dito seja, a demais, que o vezo de criar novas palavras invade muitas vezes o criador, como imperial mania. Um desses poetas, por exemplo, de inabafável vocação para contraventor do vernáculo, foi o fazendeiro Chico de Matos, de Dourados; coitado, morreu de epitelioma. Duas das suas se fizeram, na região: intujuspéctico*, que quase por si se define — com o sentido de pretensioso impostor e enjoado soturno; e* incorubirúbil*, que onomatopeicamente pode parecer o gruziar de um peru ou o propagar-se de golpes com que se sacoleja a face límpida de uma água, mas que designa apenas quem é "cheio de dedos", "cheio de maçada", "cheio de voltas", "cheio de nós pelas costas", muito susceptível e pontilhoso. Não são de não se catalogar?*

Já outro, contudo, respeitável, é o caso — enfim — de "hipotrélico", motivo e base desta fábula diversa, e que vem do bom português. O bom português, homem-de-bem e muitíssimo inteligente, mas que, quando ou quando, neologizava, segundo suas necessidades íntimas.

Ora, pois, numa roda, dizia ele, de algum sicrano, terceiro, ausente:

— E ele é muito hiputrélico...

Ao que, o indesejável maçante, não se contendo, emitiu o veto:

— Olhe, meu amigo, essa palavra não existe.

Parou o bom português, a olhá-lo, seu tanto perplexo:

— Como?!... Ora... Pois se eu a estou a dizer?

— É. Mas não existe.

Aí, o bom português, ainda meio enfigadado, mas no tom já feliz de descoberta, e apontando para o outro, peremptório:

— O senhor também é hiputrélico...

E ficou havendo.

□

Glosação em apostilas
ao
hipotrélico

Epígrafe

"Irreplegível — Este vocábulo se encontra em Bernardes, Nova Floresta*, IV, 348, como tradução dum lat.* irreplegibile*, usado por Tomás Morus numa contenda com um pretensioso na corte de Carlos V, conforme conta o padre Jeremias Drexelio no seu* Faetonte*. Parece tratar-se de uma palavra hipotética, adrede inventada por Morus para pôr em apuros o contendor. Maximiano Lemos,* Enciclopédia Portuguesa, Ilustrada*, e Cândido de Figueiredo filiam ao lat.* in *e* replere*, encher, e dão ao vocábulo o sentido de* insaciável*, cuja impossibilidade Horácio Scrosoppi provou em suas* Cartas Anepígrafas*, págs. 73-80."*

Antenor Nascentes. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.

§ *1*

Evidentemente os glossemas imprizido*,* sengraçante *e* antipodático *não têm nem merecem ter sentido; são vacas mansas, aqui vindo só de propósito para não valer.*

§ *2*

À neologia, emprego de palavras novas, chamava Cícero "verborum insolentia". *Originariamente,* insolentia *designaria apenas: singularidade, coisa ou atitude desacostumada, insólita; mas, como a novidade sempre agride, daí sua evolução semântica, para: arrogância, atrevimento, atitude desaforada, petulância grosseira*.

§ *3*

Também ocorre a neologia nos psicopatas, nos delirantes crônicos principalmente. Dois exemplos recordo, de meus tempos médicos:

— *"Estou* estramonizada*!" — queixava-se uma doente, de lhe aplicarem medicação excessiva.*

— “Enxergo umas pirilâmpsias*...” — dizia outro, de suas alucinações visuais.*

§ 4

“A maior glória desse (Félicien de) Champsaur, ficcionista que se extinguiu com pouco barulho, consiste, se não nos enganamos, em haver criado o vocábulo ‘arriviste’, que nós outros transportamos ao português ‘arrivista’, não sem escândalo das vestais do idioma.”

Agrippino Grieco. Amigos e Inimigos do Brasil.

§ 5

Houve também um tempo do galicismo. Dele é que nos vêm os termos “galicista”, “galicíparla”, “galiparla” e “galiparlista”... Nessa era, jacto (jato) significava apenas “arremesso, impulso, saída impetuosa de um líquido”. Alguém fez “ludopédio” contra o anglicismo futebol *e o Dr. Estácio de Lima propôs um “anhydropodotheca” para substituir* galocha.

§ 7

Por falar: duas esplêndidas criações da gíria popular merecem, s.m.j., imediata dicionarização e incorporação à linguagem culta: gamado (gamar, gamação *etc.*) *e* aloprado.

§ 8

Edmundo Barbosa da Silva. Embaixador, sertanejo, oxoniano e curvelano, da beira do Bicudo; e gentleman farmer, gentilhomme campagnard, *gentil-homem principalmente. Dono da Fazenda-da-Pedra, entre São Fidélis e Campos*.

§ 9

Informação do Dr. Camilo Ermelindo da Silva, que, aliás, quando passávamos por Dourados, vindo da fronteira com o Paraguai, deu-nos um dos almoços mais lautos e lúcidos de nossa lembrança.

Pós-escrito:

Confira-se o de Quintiliano, sobre as palavras:

“Usitatis tutius utimur, nova non sine quodam periculo fingimus. Nam si recepta sunt, modicum laudem adferunt orationi, repudiata etiam in iocos exeunt. Audendum tamen; namque, ut Cicero ait, etiam quae primo dura visa sunt, usu molliuntur.”

(“O mais seguro é usar as usadas, não sem um certo perigo cunham-se novas. Porque, aceitas, pouco louvor ao estilo acrescentam, e, rejeitadas, dão em farsa. Ousemos, contudo; pois, como Cícero diz, mesmo aquelas que a princípio parecem duras, vão com o uso amolecendo.”)

Intruge-se

Ladislau trazia dos gerais do Saririnhém a boiada, vindo por uma região de gente escura e muitos brejos, por enquanto. Em ponto pararam, tarde segunda, solitários no Provedio, onde havia pasto fechado. Eram duas e meia centenas de bois, no meio os burros e mulas — montaria para quando subissem às serras.

Onze homens tangiam-nos, entre esses o vaqueiro Rigriz, célebre, e o Piôrra, filho de longe, do Norte, cegado de um olho. Dormiram derrubadamente, ao relento das estrelas. Ladislau tinha cachorro grande, amarelo, o Eu-Meu, que acordava-o a horas certas, sem latir nem rosnar, só com a presença. O orvalho de junho molhava miúdo, às friagens. Levantavam-se, todos tantos, com lepidão. E: um dos da comitiva fora morto, a metros do arrancho, no passo da madrugada!

Se achou: o Quio, endurecido o corpo, de borco — sangue no capim em roda — esfaqueado pelas costas. Ladislau quis não ver, tinha quizília àquilo. Rezou-lhe por alma, mesmo a cavalo, antes de contar o gado.

Era o assassinado irmão de Tiotinho e primo do Queleno, ásperos os dois lá, olhares avermelhados. Liocádio, o Piôrra, Joãozão e Amazono, revezados, abriam cova, com demora, por falta de boa ferramenta. Zèquiabo cozinheiro coou mais café; e tomava-se uca. Eu-Meu latia para o pessoal e para a estrada. Antônio Bá fincou a cruz, de dois paus de sipipira. O quanto, o silêncio.

Sol alto, se saiu, banda do Rio Março, aos campos do Sabugo. Não olhavam para trás os da culatra, Rigriz, Zègeraldo e Seiscêncio, porque isso gera desgraça. Ladislau tirava um pensar — por modo de obrigação. Se alguém o certo soubesse, não dizia; ou o muito que diziam não se provava.

Daqueles, qual, então, tinha matado o falecido? Só podia perguntar ao Sabiá-preto, seu cavalo.

Já em quase anoitecer ao Outro-Buritizinho se chegou — o rio avistado. Sitiaram o gado entre duas voltas dele, por encerro, tinham de vigiar. Ladislau quisesse prosa com o vaqueiro Rigriz: sentado esperou, beira de fogo, o Eu-Meu ao pé. Rigriz em breve veio, como é dos velhos. Sopuxou:

— *“Nem o cão latiu, na ocasião...”* — e verdade. Do Rigriz ao são respeito se podia duvidar, homem de perita sensatez, campeiro tão forçoso? Este, de lado ficava. Ladislau desviado versou: — *“Será, o Seo Drães adquire a Gralha?”* — meio meditado.

Daí viu sozinho o Amazono, por exemplo, que raça de outro que fosse. Ladislau a ele propôs: — “*Será, a Fazenda da Gralha, o Seo Drães vai mesmo comprar?*” — e tocara-lhe antes com um dedo a mão, feito por descuido. Amazono nem somou: — “É ricaço!” — ele ripostava. Seu perfil cheio de recortes, quebrado bem o chapéu adiante, se perfazia Ladislau, descomum e cismoso. Foi a noite fria demais, estralavam as brasas.

Manhã seguinte. A vida se ata com barbante? Ladislau indo sorumbava. Matar não virava traquinagem. Apanhou oito vagens pequenas de jubaí, pôs na algibeira. Referir caso ao Patrão — raciocinado? Isso era de sua pertença. Tomava o trato.

Mas, de Tiotinho e do Queleno, tinha o que achar não: eles, do morto parentes, em nojo. Na poeirama, jogou fora duas das favas.

Trotinhava o Eu-Meu, arredio dos bois. Tocava o berrante Antônio Bá, capiau. Vaqueiro Rigriz, torna, nada falava. O dia era inteiro demasiado. Deram no Sassafrás, vereda, pouso.

Indagou então do guia Bá, no enfarinhar o feijão: — *“Se a Gralha...”* O outro redondeou: — *“É negócio vantajado.”* Ladislau drede distraído cutucou-lhe a mão. Ele espalmou-a: — *“Eczemas.”* Ladislau persistiu: — *“Seo Drães...”* — fez de bobo. E — como se saber — o que não se arrazoa nem se intruge? Eu-Meu esperava a comida, com seriedades.

Prosseguia-se, dia nublado, sexta-feira, às pequenas léguas. Ladislau emendado pensava: não ia maldar do Piôrra, correto, caolho, corrigido. Outra fava jogou, de rejeito; quatro ainda restavam. Os bois em furupa berravam por passatempo — a boiada que vai para os horizontes. Dar conta daquilo! Voou, passou, o pica-pau-verde-e-vermelho. Voou um bendito — preto-amarelo-branco — para árvores altas. — *“Seo Drães...”* e o trufe-e-trufe do gado. Joãozão nem sentiu, quando ele lhe apontou à mão. — *“Diz-se que pois...”* — tinha respondido.

Eu-Meu emagrecia, cada dia: em casa, depois, pegava a engordar. Voou um gavião-puva. Esbarraram, para pôr acampamento: no Buriti-da-Velha — vereda — o capim roxo em flor.

Ao dia sussequente, se via chupado de morcegos o Sabiá-preto, forte animal. Vagarosos — cruzando campos, neblinas na baixa — avançavam. Ladislau ia não ter de relatar o dó à viúva, nem a pai e mãe: só o Tiotinho. Ele bocejou; fez sobrolho.

Nesse Seiscêncio — botou outra vagem fora, de repente — não se podia pôr suspeita, o simplório, bom, beócio. E conversou com Liocádio, em beira de lagoa, na paragem do meio-dia. — *"Seo Drães..."* Aquele riu, no lhe bulir na mão: — *"Munheca para vara e laço!"* Nenhum tinha o atiço, o arroto de gente maligna. Da Gralha o geral achavam. E Zègeraldo respondeu: que nas mãos tivesse ainda calejo, das capinas de janeiro e de dezembro — sem embatuque.

Alcançaram a Ribeira-das-Gamelas — cabeceira do rio — de tarde, no amolecer do ar. Tinha na algibeira vagem mais nenhuma. Dormiram cansadamente. Mais cedo acordaram. Se moviam de arrebol.

Ele, capataz, ia mesquinhar-se, vinha de tio. Esquecera alguma manha? O Zèquiabo, cozinheiro! Mas que sem desconversa respondeu: — *"A Gralha é uma fartura..."* — e que: em fato, já carecia de cortar as unhas. Ranchearam no Arredado, rumo-a-rumo com o São Firmino, lá às serras. Ladislau mudou para a besta Bolacha, o Sabiá-preto deixado. Pousou-se na Fazenda Santa Arcanja.

Ia-se pelos altos: ao impossível. Tudo com o cansaço maior parece torto, sem jeito de remate. — *"Seo Drães..."* — só falava, sem precisar, sem sandice ou sestro. Até aqui, no Muricizal, quando a tarde se pardeava; no ponto onde existiu o sítio de um Jerônimo Manêta.

Ladislau tateava as patas do Eu-Meu, com ver que se muito gastadas.

Um vaqueiro passou, Liocádio, agradou o cão — que latiu ou não latiu, não se ouviu. Ladislau falou, bateu na mão do outro — era por repetida vez! — de uso, de esquecido? Aquele, atentado, em trisco se rebelou, drempente, sacando faca à fura-bucho...

Mas Ladislau num revira-vaca, no meio do movimento, em fígado lhe desfechou encostadamente a *parabellum* de doze balas, boa arma! Espichado o ferrabruto amassou moita de mentrasto, caiu como vítima. Rigriz disse, que viu, que piscou: — *"Remexam nos dobros deles, que o assassino ele era, por algum trato ou furto!"*

Tal assim.

Todos se benzeram.

Saíam, ao outro dia seguinte, manhã. — *“Seo Drães!...”* — de tão acostumado a repetir o nome, aquele, do Patrão, da Fazenda-do-Vau — e da Gralha, talvez. Ia a boiada, deixalenta. Ladislau, cheio de vida e viagem, como quando um touro ergue a cabeça ante o estremecer dos prados, perfeitamente assaz. Só aboiava. Sabia que nada sabia de si.

João Porém, o criador de perus

Se procuro, estou achando.
Se acho, ainda estou procurando?

Do QUATRÊVO.

Agora o caso não cabendo em nossa cabeça. O pai teimava que ele não fosse João, nem não. A mãe, sim. Daí o engano e nome, no assento de batismo. Indistinguível disso, ele viçara, sensato, vesgo, não feio, algo gago, saudoso, semi-surdo; moço. Pai e mãe passaram, pondo-o sozinho. A aventura é obrigatória. Deixavam ao Porém o terreno e, ainda mais, um peru pastor e três ou duas suas peruas.

E tanto; aquilo tudo e egiptos. Desprendado quanto ao resto, João Porém votou-se às aves — vocação e meio de ganho. De dele rir-se? A de criar perus, os peruzinhos mofinos, foi sempre matéria atribulativa, que malpaga, às poucas estimas.

Não para o João. Qual o homem e tal a tarefa: congruíam-se, como um tom de vida, com riqueza de fundo e deveres muito recortados. Avante, até, próspero. Tomara a gosto. O pão é que faz o cada dia.

Já o invejavam os do lugar — o céu aberto ao público — aldeiazinha indiscreta, mal saída da paisagem. Ali qualquer certeza seria imprudência. Vexavam-no a vender o pequeno terreiro, próprio aos perus vingados gordos. Porém tardava-os, com a indecisão falsa do zarolho e o pigarro inconcusso da prudência. Tornaram; e Porém punha convicção no tossir, prático de economias quiméricas, tomadas as coisas em seu meio.

Desistiram então de insistir, ou de esperar que, mais-menos dia, surgida alguma peste, ele desse para trás. Mas lesavam-no, medianeiros, no negócio dos perus, produzidos já aos bandos; abusavam de seu horror a qualquer espécie de surpresas. Porém perseverava, considerando o tempo e a arte, tão clara e constantemente o sol não cai do céu. No fundo, coqueirais. Mas inventaram, a despautação, de espevitar o espírito.

Incutiram-lhe, notícia oral: que, de além-cercanias, em desfechada distância, uma ignorada moça gostava dele. A qual sacudida e vistosa — olhos azuis, liso o cabelo — Lindalice, no fino chamar-se. João Porém

ouviu, de sus brusco, firmes vezes; miúdo meditou. Precisava daquilo, para sua saudade sem saber de quê, causa para ternura intacta. Amara-a por fé — diziam, lá eles. Ou o que mais, porque amar não é verbo; é luz lembrada. Se assim com aquela como o tivessem cerrado noutro ar, espaço, ponto. Sonha-se é rabiscos. Segredou seu nome à memória, acima de mil perus, extremadamente.

Embora de lá não quisesse sair, em busca, deixando o que de lei, o remédio de vida. — *Não ia ver o amor?* — instavam-no, de graça e com cobiça. Arrendar-lhe-iam o sítio, arranjavam-lhe cavalo e viático... Se bem pensou, melhor adiou: aficado, com recopiada paciência, de entre os perus, como um tutor de órfãos. Sustentava-se nisso, sem mecanismos no conformar-se, feito uma porção de não-relógios. A moça, o amor? A esperança, talvez, sempre cabedora. A vida é nunca e onde.

E vem que o tiveram de louvar — sob pressão de desenvolvimento histórico: um, dos de caminhão, da cidade, fechara com o Porém dos perus tráfico ajuste perfeito; e a bela vez é quando a fortuna ajuda os fracos.

Nem se dava disso, inepto exato, cuidando e ganhando, só em acrescentamentos, homem efetivo, já admirado, tido na conta de ouro. Pasmavam, os outros. Pudera crer na inventada moça, tendo-a a peito? Ágil, atentivo, sempre queria antigas novidades dela.

De dó ou cansaço, ou por medo de absurdos, acharam já de retroceder, desdizendo-a. Porém prestou-lhe a metade surda de seus ouvidos. Sabia ter conta e juízo, no furtivar-se; e, o que não quer ver, é o melhor lince. Aceitara-a, indestruía-a. Requieto, contudo, na quietude, na inquietude. O contrário da ideia-fixa não é a ideia solta.

— *"Aconteceu que a moça morreu..."* — arrependidos tiveram então de propor-lhe, ajuntados para o dissuadir, quase com provas. Porém gaguejou bem — o pensamento para ele mesmo de difícil tradução: — *Esta não é a minha vez de viver...* — quem sabe. Maior entortou o olhar, sinceramente evasivo, enquanto coléricos perus sacudiam grugulejos. Tanto acreditara? Segurava-se à falecida — pré-anteperdida. E fechou-se-lhe a estrada em círculo.

Porém, sem se impedir com isso, fiel à forte estreiteza, não desandava. Infelicidade é questão de prefixo. Manejava a tristeza animal, provisória e perturbável. Se falava, era com seus perus, e que viver é um rasgar-se e remendar-se. Era só um homem debaixo de um coqueiro.

Vem que viam que ele não a esquecia, viúvo como o vento. Andava o rumo da vida e suas aumentadas substituições. Ela não estava para trás de suas costas. Porém, Lindalice, ele a persentia. Tratava centena de peruzinhos em gaiolas, e outros tantos soltos, já com os pescoços vermelhos.

Bem que bem — e porque houvesse justo o coincidir fortuito — moveram de o fazer avistar-se com uma mocinha, de lá, também olhos azuis, lisos cabelos, bonita e esperta, igual à outra, a urdida e consumida. Talvez desse certo. Pois, por sombras! Porém aqui suspendeu suma a cabeça, só zarolhaz, guapamente — vez tudo, vez nada — a mais não ver.

Deixaram-no, portanto, dado às aranhas dos dias, anos, mundo passável, tempo sem assunto. E Porém morreu; nem estudou a quem largar o terreno e a criação. Assustou-os.

Tinham de o rever inteiro, do curso ordinário da vida, em todas as partes da figura — do dobrado ao singelo. João Porém, ramerrameiro, dia-a-diário — seu nariz sem ponta, o necessário siso, a força dos olhos caolhos — imóvel apaixonado: como a água, incolormente obediente.

Ele fora ali a mente mestra. Mas, com ele não aprendiam, nada. Ainda repetiam só: — *"Porém! Porém..."* Os perus, também.

Grande Gedeão

Gouvêia. Houve algum gigante desse nome? Mostrado outro mourejador — no em que ainda não vige a estória — físico, muscular; incogitante. Os Gouvêias em geral por lá são assim. Louvavam-no homem mui reformado e exemplar, prontificado de caráter, na pobreza sem projeto.

Tinha: dois alqueires, o que era nem *sítio*, só uma “situação”; e que sem matatempo ele a eito lavrava, os todos sóis, ano a ano, pelo sustento seu, da mulher, dos filhos. Excepto que em domingos e festas improcedia, esbarrava, submisso à rústica pasmaceira. Idiotava. Imitava. Ia à missa.

Entrequanto hospedou o lugar a santa-missão — três padres rubros robustos, goelas traquejadas e escolhidas, entrementes; capaz cada um de atroado pregar o dia inteiro.

A igreja cheia, o povo, via-se ali outrossim Gedeão, no acotovelo e abafo, se lhe dava.

Se disse, depois, que então já andava ele desengrivado. Diz-se que de manhas meras, quão e tão. Se diz aliás que a gente troca de sombra, por volta dos quarenta, quando alma e corpo revezam o jeito de se compenetrar. E quem vai saber e dizer? Em Gedeão desprestava-se atenção.

Mas o redentorista bradava a fé, despejada, glosava os fortíssimos do Evangelho. Informou: — *“Os passarinhos! — não colhem, nem empaiolam, nem plantam, pois é... Deus cuida deles.”* Em fato, estrangeiro, marretou: — *“Vocês sendo não sendo mais valentes que os pássaros?!”*

Deu em Gedeão — o que ouviu em cochilo — por isso mesmo repalavras, com ponta, o para se fechar na ideia; falado estava.

Solerte semelhante, o estilo dos pássaros... sem semeio, ceifa, atulho? Isso incumbiu-o. Ipsisverbal, a indicatura. Sacudiu-se; qualquer luz é sempre nova. Se benzeu e saiu, já de espírito pleno: reunida a família, endireitou-a para casa. Sabiá, o joão-tolo, alma-de-gato, gavião... em todo o volume de sua cabeça. Desagachou-se.

Sentou-se com totalidade. Fez declarado o voto, como quem faz bodoque ou um dique: — *“Vou trabalhar mais não.”* Sério como um

cavalo de circo, cruzou pernas e braços. Escutavam-no consternados.

O que, raro, foi. Gedeão, em encasqueto, alforriara-se do braçal. Impostoria. Ou o empaque: por rijas fadigas, duro jugo. Era loucura e tanta! Invalidava-se — o que importava miséria. Falaram do caso; havendo o de que se falar. Já vinham lá os amigos-de-jó.

E escabrearam-se: vosso Gedeão, no não é que não, sem correr-se nem recear, moucou-se. Mas a prumo, recorreto, cordial, para demonstrar a quase nenhuma maluquez. Somava mor com só o fino e o todo. Deixou os sapos na lagoa.

Tinha de usar-se: o à-toa tornava mister a domingueira roupa, calçado, e intatas maneiras — sem propósito nem alvo, como um bom espirro — na utilidade definitiva da semana. Domingo de não se estragar. Diverso de antes, em acômodo, temia menos fuxicar-se, sujar-se, discordar das horas.

Irosa, chorosa, punha-lhe a mulher o de-comer, lavava-lhe as camisas; brava para os filhos, que o olhavam duplicado, quiçá com inveja. Fé é o que abre no habitual da gente uma invenção, Gedeão, entre outros alívios, o que abala a base. Teimava aceso, em si, tralalarava. O à-toa havia de desempenhar-se. Ele bebendo? Não. Se todos fizessem assim, eh? — *“Não fazem.”*

Queriam-lhe os motivos, aventavam. Increpou-o mesmo o padre, iterativo, de contra o jus e o fas: — *“Quem põe e não tira, faz monte. Quem tira e não põe, faz buraco...”* Gedeão fingia coçar a cabeça, como quando o pato anda de lado. Mal imaginava sem muitas vírgulas e pontos, no argumento com fundamento: o céu, superedificante, de Deus, que amarela o milho maduro. Ele e as aves.

Desfez no padre depois, de confuto, pensou um sussurro: — *“Missionário é mestre deles...”* — e aquele já longe andava. Era homem entendido de si, sua noção abecedada, a ver verdades.

Nem ia mofar, sem achar quê, no Afundado, em seu dois-alqueires, só a rodar a visão fortuna. Visitava este universo e o arraial, onde comprava fiado; viam-no feliz como o se alastrar da abobrinha nova, forte como testa de touro preto.

Deu-lhes de supor: que ali o plus e extra houvesse, seus silêncios parecendo cheios de proveito. Descobrira acaso enterrada panela de dinheiro, somente e provavelmente, pelo que, certífico, estudava o mandriar, guardada ainda sua munificácia, jubiloso do achado. O segredo circula, quando mais secreto? O grão respeito começava.

Vagava-lhe tempo e o repouso mandava-o meditar — renovado o carretel de ideias — de preguiçoso infatigável. Vigiava. Atento, a-certas, ao em volta: ao que não se passava. Nisso o admiravam.

De pura verdade, recuidasse em que os pássaros não voam de-todo no faz-nada-não, indústria nenhuma, praxe que se remexem, pelos ninhos, de alt'arte; pela moradia — o joão-de-barro? Decidiu uns outros movimentos.

Vender quis o Afundado. Tolheu-o a mulher e o inquinou: de malandrado dôido e impróvido acordadamente, sonhando à fiúza de nem-nada. Tocou-o embora.

Gedeão dispôs-se: — *"Isso eu não embargo..."* Emprestaram-lhe cavalo magro, patas e cabeça, alazãozérrimo. Saía — concreto como o chão de lá, sucinto em gume — a ter-se e dar-se.

Não houve-que.

Logo o cercaram. Propunham-lhe, de urgente repente, ágios, ócios, negócios, questavam-no. O por exemplo. Aceitasse gerir, de riba, o rumo de fazenda, das Jiboias, onde a casa-grande se retelhava?

Isso o Gedeão meneava e mais — com fagulhas financeiras — ao curto crédito e trato de seu gesto. Entrava a remudado, lúcido luzente, visante. Tirou o chapéu de debaixo do braço.

E — tome realidade! Vindo-lhe, com pouco, cifrão e caduceu, quantias que tantas: seu dinheiro estava já em aritméticas. Reavultava, prezado ante filhos e mulher — avoado — apotestado, sócio da sábia vida. O tempo ajuntara mais gente em redor dele.

Agora acabou-se o caso. De Gedeão, grande, conforme os produzidos fatos. No estranhado louvor de desconhecidos, vizinhos e parentes, festejando-se. Sendo que pasma-os ainda hoje — e fez-lhes crer que a Terra é redonda. Aleluia.

Reminisção

Vai-se falar da vida de um homem; de cuja morte, portanto. Romão — esposo de Nhemaria, mais propriamente a Drá, dita também a Pintaxa — ímpar o par, uma e outro de extraordem. Escolheram-se, no Cunhãberá, destinado lugar, onde o mal universal cochila e dá o céu um azul do qual emergir a Virgem. Sua história recordada foi longa: de tigela e meia, a peso de horror. O fundo, todavia, de consolo. Esse é um amor que tem assunto. Mas o assunto enriquecido — como do amarelo extraem-se ideias sem matéria. São casos de caipira.

Foi desde. Parece até que iam odiar-se, moço e moça, no então. Divulgue-se a Drá: cor de folha seca escura, estafermiça, abexigada, feia feito fritura queimada, ximbé-ximbeva; primeiro sinisga de magra, depois gorda de odre, sempre própria a figura do feio fora-da-lei. Medonha e má; não enganava pela cara. Olhar muito para uma ponta de faca, faz mal. Dizia-se: — *“Indicada.”*

Romão, hem, gostou dela, audaz descobridor. Pois — por querer também os avessos, conforme quem aceita e não confere? Inexplica-o a natureza, em seus efeitos e visíveis objetos; ou como o principal de qualquer pergunta nela quase nunca se contém. Romão, meão, condiçoado, normalote, pudesse achar negócio melhor. Mas ele tinha em si uma certa matemática. E há os súbitos, encobertos acontecimentos, dentro da gente.

De namoro e noivado, soube-se pouco. Também da sem-graça cerimônia ou maneira, de que se casaram, padrinhos Iô Evo e Iá Ó e quiçá os de Romão e Drá anjos entes. Àquilo o povo assistiu com condolência? Tais vezes, a gente ao alheio se acomoda — preto no branco, café na xícara. Cunhãberá via-os não via, sem pensar em poder entender: anotava-os.

Mas o casal morou na Rua-dos-Altos, onde o Romão estava bom sapateiro. Para fora, deviam de ser moderados habitantes. Era um silêncio quase calado. Comparem-se: o vagalume, sua luzinha química; fatos misteriosos — a garça e o ninho por ela feito. Iam, consortes, para os anos que tendo de passar.

Se como o nem faro e cão — mas num estado de não e sim, rodavam tantas voltas — juntos, pois. A Drá contra a ocasião de querer-bem se

tapava, cobreando pelos cabelos, nas mãos um pedaço de pedra. Ela não perdoava a Deus. — *"Padece o que é..."* — deduzia Iá Ó. Da dor de feiura, de partir espelho. Iô Evo disse: que tomava culpa, de ter testemunhado.

Romão, hem, se botava de nada? Não o deixava ela, enxerente, trabalhar nem lazer; ralhava a brados surdos; afugentou os de sua amizade. Romão amava. Decerto ela também, se sabe hoje, segundo a luz de todos e as sombras individuais. O estudo do mundo.

Todo o tempo o atanazava, demais de cenhosa, caveirosa, dele, aquela mulher mandibular. Vês tu, ou vê você? Romão punha-lhe devoção, com pelejos de poeta, ou coisa ou outra, um gostar sentido e aprendido, preciso, sincero como o alecrim.

Tinhava-se, a Drá. Seus filhos não quiseram nascer. Romão imutava-se coitado. Disso ninguém dava razão: o atamento, o fusco de sua tanta cegueira? Sapateiro sempre sabe. Ou num fundo guardasse memória pré-antiquíssima. Tudo vem a outro tempo.

Então, quando deles no diário ninguém mais se espantava, de vez, houve. Sortiu-se a Drá, o diabo às artes, égua aluada, e com formigas no umbigo. Em malefaturas, se perdeu, por outro, homem vindiço, mais moço. O povo, vendo, condenava-a; de pena do Romão — a tragar borras. Ele, não, a quem o caso de mais perto tocava. E a Iô Evo disse: que bom era ela crer, que valia, que dela gostavam... Romão olhava em ponto, pisava curto, tinham receio de sua responsabilidade.

Nem o moço de fora a quis mais. Desrazoável, mesmo assim, a Drá de casa se sumiu, com seus dentes de morder. Romão esperou, sem prazo. Se esforçava, nesse eixar-se, trincafiava, batia sola. Seguro que, por meio de Iá Ó, pediu que ela tornasse.

Drá voltou, empeçonhada, trombuda, feia como os trovões da montanha. Romão respeitava-a, sem ralar-se nem mazelar-se, trocando pesares por prazeres, fazendo-lhe muita fidelidade. Fez-lhe muita festa. De por aí, embora, seresma ela se aquietou, em desleixo e relaxo. Nem fazia nada, de cabeça que dói. Só empestava. Vivia e gemia — paralelamente. Chamou-a então Pintaxa o bufo do povo.

Foi, e teve ela uma grande doença, real, de que escapou pelo Romão, com seus carinhos e tratos. Sarou e engordou, desestragadamente, saco de carnes e banhas, caindo-lhe os cabelos da cabeça, nos beiços criado grosso buço, de quase barba. Era bem a Pintaxa, a esta só consideração. Cunhãberá jurou-a por castigada. Romão queria vê-la chupar laranjas,

trivial, e se enfeitar sem ira nem desgosto. Ele envelhecia também. Os dois, à tarde, passeavam. Quem espera, está vivendo.

Depois, ele se enfermou, à-toa, de mal de não matar. A Drá alvoroçou o lugar. Ela chorava, adolorada: teve, de de em si, notícia, das que não se dão. Pedia socorro.

O povo e o padre no quarto, o Romão onde se prostrava, decente, chocho, em afogo, na cama. Ele estava tão cansado; buscava a Drá com os olhos. Que quis falar, quis, pôde é que foi não. Iá Ó passava um lenço, limpava-lhe a cara, a boca. Iô Evo mandou-o ter coragem, somente.

Dando-se, no Cunhãberá, o fato, de inaudimento.

Romão por derradeiro se soergueu, olhou e viu e sorriu, o sorriso mais verossímil. Os outros, otusos, imaginânimes, com olhos emprestados viam também, pedacinho de instante: o esboçoso, vislumbrança ou transparecência, o aflato! Da Drá, num estalar de claridade, nela se assumia toda a luminosidade, alva, belíssima, futuramente... o rosto de Nhemaria.

Romão dormido caiu, digo, hem, inteiro como um triângulo, rompido das amarras. Ele era a morte rodeada de ilhas por todos os lados. Mentiu que morreu. Deu tudo por tudo.

A Drá esperançada se abraçou com o quente cadáver, se afinava, chorando pela vida inteira. Todo fim é exato. Só ficaram as flores.

Lá, nas campinas

... nessas tão minhas lembranças
eu mesmo desapareci.

DIURNO.

Está-se ouvindo. Escura a voz, imesclada, amolecida; modula-se, porém, vibrando com insólitos harmônicos, no ele falar naquilo. Todo o mundo tem a incerteza do que afirma. Drijimiro, não; o pouco que pude entender-lhe, dos retalhos do verbo. Nada diria, hermético feito um coco, se o fundo da vida não o surpreendesse, a só saudade atacando-o, não perdido o siso.

Teve recurso a mim. Contou, que me emocionou. — *"Lá, nas campinas..."* — cada palavra tatala como uma bandeira branca — comunicado o tom — o narrador imaginário. Drijimiro tudo ignorava de sua infância; mas recordava-a, demais. Ele era um caso achado.

Vinha-lhe a lembrança — do último íntimo, o mim de fundo — desmisturado milagre. Só lugares. Largo rasgado um quintal, o chão amarelo de oca, olhos-d'água jorrando de barrancos. A casa, depois de descida, em fojo de árvores. Tudo o orvalho: faísca-se, campo a fora, nos pendões dos capins passarinhos penduricam e se embalançam... De pessoas, mãe ou pai, não tirava memória. Deles teria havido o amor, capaz de consumir vozes e rostos — como a felicidade. Drijimiro voltava-se — para o rio de ouvidos tapados. Nenhum dia vale, se seguinte. Que jeito recobrar aquilo, o que ele pretendia mais que tudo? Num ninho, nunca faz frio.

Frase única ficara-lhe, de no nenhum lugar antigamente: — *"Lá, nas campinas..."* — desinformada, inconsoante, adsurda. Esqueceu-a, por fim. Calava reino perturbador; viver é obrigação sempre imediata.

Estava agora bem de vida — como o voo da mosca que caminhou até à beira da mesa. Iô Nhô, o rico e chefe, estimava-o. Seguia-o o Rixío, entendido e provador de cachaças. Dona Divída debruçava-se à janela, redondos os peitos, os perfumes instintivos. Drijimiro passava, debaixo de chapéu, gementes as botinas. Aparecia, na clara ponta da rua, Dona Tavica, jasmim em ramalhete, tantas crianças a rodeavam.

Antes ele buscara, orfandante, por todo canto e parte. — *“Lá, nas campinas?...”* — o que soubesse acaso.

Tinha ninguém para lhe responder. De menino, passara por incertas famílias e mãos; o que era comum, como quando vêm esses pobres, migrantes: davam às vezes os filhos, vendiam filhas pequenas.

Drijimiro andara — de tangerino, positivo, ajudador de arrieiro — às vastas terras e lugares. Nada encontrava, a não ser o real: coisas que vacilam, por utopiedade. E esta vida, nunca conseguida. Ia ficando esperto e prático.

Uma campina — plano, nu campo, espaço — podendo ser no distante Rio Verde Pequeno, ou todo o contrário, abaixo do Abaeté, e estando nem onde nem longe, na infinição, a serra de atrás da serra. Via as moças enfeitantes — olhos e rir, Divída, matéria bonita — e precisava, tornava a partir, apertando-o o nó de recordações. Só achar o sítio, além, durado na imaginação.

No sertão, entanto, *campinas* eram os “alegres”: as assentadas nos morros, esses altos claros, limpos, ondeados em encostas. Viu — pelos olhos perdido por mil — Tavica, alva tão diferente, para simplificação do coração. Gostou dela, como de madrugada gêia.

Tácito, mais, entrecuidando. Disse-se-lhe: que, se num lugar tal alguém aquilo falara, então não seriam lá as campinas, mas em ponto afastado diverso.

Já afadigado Drijimiro lutava, constando que velhaco. Vendia, recriava, comprava bezerros. Iô Nhô fizera-o seu sócio. Vezava-se, afortunado falsamente, inconsiderava, entre a necessidade e a ilusão, inadiavelmente afetuoso.

Dizendo-lhe o Rixío: que com esse nome de *Campinas* houvesse, em São Paulo e Goiás, arraial antigo e célebre cidade. Ele não procurava mais; guardava paz, sossego insano, com caráter de cordialidade.

Mas achava, já sem sair do lugar, pois onde, pois como, do de nas viagens aprendido, ou o que tinha em si, dia com sobras de aurora. Notava: cada pedrinha de areia um redarguir reluzente, até os voos dos passarinhos eram atos. O ipê, meigo. O sol-poente cor de cobre — no tempo das queimadas — a lua verde e esverdeadas as estrelas. Ou como se combinam inesquecivelmente os cheiros de goiaba madura e suor fresco de cavalo.

Dom, porém, que foi perdendo. Diziam-no silencioso mentiroso. Ou que lesava os outros — voto de mentes vulgares.

Soltavam-se foguetes: Iô Nhô fazia anos e bodas-de-ouro. Drijimiro dele adquiriu também o alambique, barris, queria respeito e dinheiro, destilar aguardente; servia-o o Rixío, deixado de serenatas. Diante dali passava Dona Tavica: entre a horda de filhos, ela ralhava, amava e parcelava-se.

Seguidamente via-a, sentindo-se influído por aquela alvura. Calava, andava, mais bezerros negociava. E em dia o Rixío, ardido, deu a cor do calcanhar, saíu-se redondo pelo mundo. Tempo de fatos. Iô Nhô se entrevara, por ataques de estupor.

Vinham todos agora à tenda de aguardenteiro, queriam-se perto de Drijimiro, pelo tonto conselho e quase consolo, imaginavam suas trapaças. Tudo temessem perder, achavam-lhe graça. — *"É burro..."* — entendiam, se quietavam. Dona Divída, sacudida de bela, chamava-o, temia o envelhecer, queria que o marido não bebesse, homem de bigode.

Iô Nhô morreu. Outro dezembro e o Rixío tornou, quebrado e rendido, neste mundo volteador. Vinha, para passar. Só rever Drijimiro, pedir-lhe perguntado o segredo: — *"Lá nas campinas..."* — mas que Drijimiro não sabia mais de cor. O Rixío morreu — ficou fiel, frio, fácil. O mundo se repete mal é porque há um imperceptível avanço.

E ia Drijimiro, rugoso, sob chapéu, sem regalo nenhum, a ceder-se ao fado. Dona Divída aparecia, sua pessoa de filha de Deus, tão vistosa. E viu Dona Tavica, a quem calado entregou seu coração, formosa desbotada. Doravante... Ousava estar inteiramente triste.

Surgindo-lhe, ei, vem, de repente, a figura da Sobrinha do Padre: parda magra, releixa para segar, feia de sorte. Sós frios olhos, árdua agravada, negra máscara de ossos, gritou, apontou-o, pôde com ele.

Sem crer, Drijimiro se estouvou, perdido o tino, na praça destontando-se, corria, trancou-se em casa.

Aí veio o Padre. Atravessava a rua, ao sol, a batina ainda mais preta, se aproximava. Drijimiro pelos fundos do quintal refugiu, tremendo soube de sua respiração, oculto em esconso.

Mas logo não sorriu, transparentemente, por firmitude e inquebranto. Falou, o que guardado sempre sem saber lhe ocupara o peito, rebentado: luz, o campo, pássaros, a casa entre bastas folhagens, amarelo o quintal da voçoroca, com miriquilhos borbulhando nos barrancos... Tudo e mais, trabalhado completado, agora, tanto — revalor — como o que raia pela

indescrição: a água azul das lavadeiras, lagoas que refletem os picos dos montes, as árvores e os pedidores de esmola.

Tudo era esquecimento, menos o coração. — *"Lá, nas campinas!..."* — um morro de todo limite. O sol da manhã sendo o mesmo da tarde.

Então, ao narrador foge o fio. Toda estória pode resumir-se nisto: — Era uma vez uma vez, e nessa vez um homem. Súbito, sem sofrer, diz, afirma: — *"Lá..."* Mas não acho as palavras.

Mechéu

Esses tontos companheiros que me
fazem companhia...

Meio de moda.
— Isto não é vida!...
— É fase de metamorfose.

Do ENTREESPELHO.

Muito chovendo e querendo os moços de fora qualquer espécie nova de recreio, puseram-lhe atenção: feito sob lente e luz espiassem o jogo de escamas de uma cobra, o arruivar das folhas da urtiga, o fim de asas de uma vespa. De engano em distância, aparecia-lhes exótico, excluso. Era o sujeito.

Tinha-se no caso de notar e troçar. Reapareceu, passou, pelo terreiro de frente da fazenda, atolava-se pelejando na lama lhôfa do curral. Mechéu, por nome Hermenegildo; explicou-o o fazendeiro Sãsfortes.

Semi-imbecil trabalhava, vivia, moscamurro, raivancudo, senão de si não gostando de ninguém. Ante tudo enfuriava-se pronto às mínimas e niglingas — rasgadela na roupa, esbarro involuntário ou nele fixarem olhar, pisar-lhe um porco o pé na hora da ração. Dava-se de não responsável de todo malfeito seu, desordem, descuido. Exigia para si o bom respeito das coisas.

Topou em toco, por exemplo, certa danada vez, quando levava aos camaradas na roça o almoço, desceu então o caixote da cabeça, feroz, de fera: para castigar o toco, voltou pela espingarda; já a comida é que mais não achou, que por bichos devorada! — e culpou de tudo a cozinheira. Sempre via o mal em carne e osso. Se quebrava xícara, atribuía-o à guilha da que coara o café; se do prato lavado em água fria não saía a gordura, incriminava o sangrador do suíno ou o salgador do toucinho; se o leite talhava, era por conta de quem buscara as vacas.

Melhor consigo mesmo se entendia, a meio de rangidos e resmungos. — *Xiapo montão!* — xingava, por *diabo grand*e, gago, descompletado; proseava de ter uma só palavra. Entufava o aspecto, para tantas

importâncias; feiancho, mais feio ficava. Opunha ao mundo as orelhas caramujas, comuns, olhos fundos — o esquerdo divergente. Com que, não era um ordinário rosto, fisionomia normal de homem, caricatura? De braços e peito peludos, fechada a barba: o que é ter a natureza na cara. Só se tardada errada em escopo. Seja que imperfeito alorpado.

Ainda abaixo dele, bobo, bem, meio idiota papudo era outro, o que de alcunha o Gango; tolo tanto, que cheirava as coisas, mas nem sabia temer as cobras e os lagartos. Simiava-o esse, obediente mirava por modelo ao Mechéu, maramau, que o tratava de menor, sem estimação, exigia do Gango uma ideal excelência, forçando-o à lida, quisesse-o sacado pronto do ovo da estupidez.

Descalço — não suportava as botinas — punha Mechéu nos dias de serviço chapéu de palha; e de lebre, igual ao do Patrão, aos domingos, quando vestia roupa limpa, fazia a barba e saía apassear, a pé, ou, mau cavaleiro, a cavalo. Tinha o seu próprio, *Supra-Vento*, e arreios, jamais emprestados. Não ia à missa, não, nem bebia cachaça, jurava pelos venenos nas flores, repelia a longe os animais. Sentava-se, se o não viam, comendo às tripas insensatas. Superstição sua única era a de que não varressem ou lhe jogassem água nos pés, o que o impediria de casar. Irava-se, então entonces. Somente aceitava roupa feita para ele especial; modo algum, mesmo nova, a cosida para outro: referia os pelos do peito a ter usado camisa do Neca Velho, vizinho fazendeiro e também hirsuto, nunca porém vestira camisa do Neca. Mechéu, o firme. — *Ele faz demais questão de continuar sendo sempre ele mesmo...* — um dos moços observou.

Também de fora viera a menina, nenem, *ooó*, menininha de inéditos gestos, olhava para ela o Gango só a apreciar e bater cabeça. Mechéu pois disse: — *Ele é meu parente não!* — e a Menininha disse: — *Você é bobo não, você é bom...* — e mais a Meninazinha formosa então cantou: — *Michéu, bambéu... Michéu... bambéu...* — pouquinho só, coisa de muita monta, ele se regalou, arredando dali o Gango, impante, fez fiau nele.

Sumo prazia-lhe ouvir debicarem alguém: que fulano fora à casa de baiano e a moça de lá não lhe abrira a porta; beltrano não ia à Vila à noite, por medo dos lobos; sicrano surrara peixano que sapecara terciano que sovara marrano, sucessos eis faziam-no rir a pagar, não risada gargalhal, somenos chiada entre quentes dentes, vai vezes engasgava-se até, da ocasiãozada. Malvadezas contra outros o confortavam. A seguir, vigiava,

suspeitoso de que sobre ele mesmo também viessem. Mais o exasperava chamarem-lhe *Tatú*, apodo herdado do pai.

Tomava-se por infalível nôivo de toda e qualquer derradeira sacudida moça vista, marcava coió o casamento, que em domingo fatal sem falta: — *Bimingo um... bimingo dois... bimingo três!* — dedo e dedo contava. Assaz queria viver mais, e depois dos outros, fora de morte, ficar para semente. Apareciam-lhe os cabelos brancos, e renegava seus fossem, sim de um cavalo ruço do Patrão, por nome *Vapor*. De si mesmo, de nada nanja duvidava.

Lento o tempo, Mechéu descascava e debulhava milhos no paiol, fazia o Gango fazer. Ele agora estava irado com a chuva, e com o Patrão, que nela não dava jeito. Mas acatava ordens: quando lhe mandaram que viesse, veio. — *Louvem-no — e reprovem alguém, outro — que ele de gozo empofa...* — ensinou Sãsfortes, fazendeiro.

Mechéu marchava com desajeito, bamba bailava-lhe a perna direita, puxada pela esquerda. Soturno sáfio ante aqueles parou, turvava-se seu ar de desconfiança, inveja, queixa. — *Será já em si o* "eu" *uma contradição?* — sob susto e espanto um dos de fora proferiu. Mas, pensavam consigo mesmos, não para o Mechéu — ilota e especulário. Deixaram-no de lado.

Tardiamente apenas se soube o que a seu respeito valesse; depois, anos.

— *Mechéu assim, a vida vira assim...* — conta a fazendeira, Dona Joaquina, inesquecível, branquinhos os cabelos, azúis olhos bondosos.

Tudo o comum, copiado; do borrão do viver.

No que houve que o Gango morreu, chifrado de vaca.

Enquanto entanto o corpo estando presente, Mechéu nem fez caso, ele não tinha pelo Gango nenhum encarecimento, nunca o deixava botar mão no que de seu, nem entrar no cômodo em que assistia, debaixo da casa. Vez ou vez, mandasse o Gango cantarolar, para as escutar, simplórias parlendas, o canto sendo dele o nome Mechéu mesmo, em falsete, o Gango tal afinado papagaio.

Mas, enterrado aquele, Mechéu aos tentos se estramontou, se cuspindo, se sumia, o boi em transtorno, desacertado do trabalho. — *Está andando meio exercitado por aí, não se vê o que ele quer...* — vinham dizer, pareceu que descabisbaixo indo obrar o demo em dobro.

Só da patroa Dona Joaquina se aproximou, de vira vez, perguntou ou afirmou: — *A menininha não morre, não, nunca!* De dó, a Senhora confirmou: — *Nunca!* — não sabia que menina. De saudade ou falta do

Gango, ele houve pingos nos olhos, inquiriu: — *Nem eu!?* Rezingava, pois assim, gueta, pataratices, mais frases: sobre os passarinhos, bem apresentados, o sol nas roças, o *Supra-Vento*, cavalo, ao qual por prima vez agradecesse.

Mas mesmo enfermou, daí, pessoalmente, de novembro para diante, repuxado e esmorecido, se esforçava com um tremor, sua pesadume remédios não paliavam. Ora fim que enfim se fechou no escuro cômodo, por mais de um dia, surgindo no seguinte aceitou o caneco com chá amargo, restava guedelhudado, rebarbado, os olhos mais cavos, demudado das feições.

Decerto não aguentava o que lhe vinha para pensar, nem vencia achar o de que precisava, só sacudia as pálpebras, com tantas rotações no pescoço: gesticulava para nenhum interlocutor; rodou, rodou, no mesmo lugar, passava as mãos nas árvores.

Muito devagar, sempre com cheio o caneco seguro direitinho, veio para junto do paredão do bicame, lá sozinho ficou parado um tempo, até ao entardecer. Estava bem diferente, etc., esperando um tudo diferente.

Não falemos mais dele.

Melim-Meloso (sua apresentação)

Nos tempos que não sei, pode ser até que ele venha ainda a existir. Das Cantigas de Serão, de João Barandão, tão apócrifas, surge, com efeito, uma vez:

Encontrei Melim-Meloso
fazendo ideia dos bois:
o que ele imagina em antes
vira a certeza depois.

Conto-me, muito, quando não seja, a simpática história de Melim-Meloso, filho das serras, intransitivo, deslizado, evadido do azar. Daria diversidade de estória a primeira-mão de suas governanças; e aventura. Eis, assim:

Melim-Meloso
amontado no seu baio:
foi comprar um chapéu novo,
só não gosta de trabalho.

Sombra de verdade, apenas. Ele trabalhava, em termos. E, o que sobre isso afirma, tira-se no bíblico e raia no evangélico: — *Trabalho não é vergonha, é só uma maldição...* Bismarques, o vendeirão, quis impingir-lhe chapéu antiquíssimo, fora-de-moda, que ninguém comprava. Melim-Meloso renegou dele, só sorrindo; se o regateou, foi com supras de amabilidades. Bismarques veio baixando o preço, até a um quase-nada. Melim-Meloso fechou a compra, botou na cabeça o chapéu — dando-lhe um arranjo — e o objeto se transformou, uma beleza, no se ver. Despeitificado, o Bismarques então abusou de tornar a agravar o preço. Melim-Meloso o refutou, delicado. Por fim, para não desgostar o outro, falou: concorde. Pagou, com uma nota nova, se disse ainda agradecido. Mas, em célere seguida, riu, às claras risadas. O Bismarques, enfiado, remirou a nota: meditou que ela podia ser falsa. Mas já tinha assumido. Com o que, Melim-Meloso logo propôs a humildade de aceitar de volta a nota, desde que com um rebate: que orçava, por acaso, justo no tanto aumentado depois no preço do chapéu. Bismarques se coçou e aprovou.

Mas, como o ar de lá se tinha amornado, meio sem-ensejo, Melim-Meloso fez que lembrou, só suave, o talvez: que um copázio de vinho, pelo seguro, era o que tudo bem espairecia. O Bismarques serviu o vinho. Somente no encerrar, foi que viu que o convidador se dava de ser ele mesmo, para a salda das custas. Restou desenxavido; não mal-alegrado de todo. Melim-Meloso ganhara, às vazas, aquele chapéu de príncipe.

Ou, pois:

Melim-Meloso
amontado no pedrês:
foi à missa, chegou tarde,
só desfez o que não fez.

Melim-Meloso
amontado no murzelo:
uma nôiva em Santa-Rita,
outra nôiva no Curvelo.

Melim-Meloso
amontado no alazão:
— Veio ver minha senhora,
disto é que eu não gosto, não.

Duvide-se, divirja-se, objete-se. Padre Lausdéo, da Conceição-de-Cima, louvou e premiou Melim-Meloso, naquela domingação. A nôiva de Santa-Rita, Quirulina, era só por uma amizade emprestada. Maria Roméia, a nôiva no Curvelo, a ele ensinava apenas certas formas de ingratidão. E a mulher do Nhô Tampado notava-se como a feia das feias. São estas, aliás, para mais tarde, estórias de encompridar. Melim-Meloso, ipso, de si pouco fornecia:

Diz assim: Melim-Meloso,
não repete o seu dizer.
Perguntei: — coisa com coisa,
não quis nada responder.

Reportava-se: — *Sou homem de todas as palavras!* Mas gostava de guardar segredos; e aproveitava qualquer silêncio. Do mal que dele se dizia, tenha-se por exagerada, senão de todo inautêntica, à propala, a parla dessa afamação. O herói nunca foi conquistador, vagabundo, impostor, nem cigano exibidor de animais. Corra tanta incertidão por conta dos que

tentaram ser inimigos dele: o Cantanha, Reumundo Bode, o Sem-Caráter, Pedro Pubo, o Alcatruz; o Cagamal e José Me-Seja. Melim-Meloso, mesmo, é que nunca foi inimigo de ninguém. Escutem-se, pois, à outra face da lenda, os seus amigos principais: Cristomiro, o Dandrá, José Infância, João Vero, Padrinho Salomão, Seo Tau, o Santelmo, Montalvões e Sosiano:

Melim-Meloso
amontado no quartau:
viaja para as cabeceiras,
procura o rio no vau.

Melim-Meloso
amontado no corcel:
porque é Melim-Meloso,
bebe fel e sente o mel.

Melim-Meloso
amontado no castanho:
— O que ganho, nunca perco,
o que perco sempre é ganho...

Diz assim: Melim-Meloso
só quer amar sem sofrer.
Errando sempre, para diante,
um acerta, sem saber.

Diz assim: Melim-Meloso
ouve "não", sabe que é "sim":
o sofrer vigia o gozo,
mas o gozo não tem fim.

Resumo. Serra do Sõe, verde em sua neblina, nesse frio fiel, que inclina os pássaros. Serra do Sõe e Serra da Maria-Pinta, que a redobra; serras e pessoas. O fazendeiro Pedro Matias, rico. Tio Lirino, com as sensatas barbas. Elesbão — o estrito boiadeiro. Lá, ressoam distâncias; e a alegria é pouca: é devagarinho, feito um gole. A serra faz saudade de outros lugares. Melim-Meloso possuía somente seus sete cavalos, comprados, um a um, com seus economizados. Seria para ir-se embora, com luxo, com eles. Melim-Meloso tinha pena de não ser órfão também do padrasto, com quem descombinava; porque o padrasto era prático de bronco, na desalegria, não avistava o sutil de viver, principalmente. Vai, um dia,

Melim-Meloso não aguentou mais: — *Faço de conta que este padrasto não existe, de jeito nenhum...* — ele entendeu de obrar, com doçuras. Isto é: não via mais, nem em frente nem em mente, a pessoa existente do padrasto, para bem ou para mal. Procedeu. Aí, o padrasto teve a graça de morrer, subitamente, em paz; mas, deixando dívidas. Melim-Meloso se disse: — *A vida são dívidas. A vida são coisas muito compridas.* Para pagar esses deveres, teve de negociar seus cavalos, foi dispondo de um por um. Vendia um — chorava (o que seja: no figuradamente), mas com mágoas medidas. Queria mais ir-se embora, lá ele corria o risco de ficar mofino; salvava-o sua incompetência de tristeza. Mas o Elesbão desceu, para o Quipú, com boiada completada. Pedro Matias desceu, num lençol, na vara, carregado, para o cemitério-mor, no Adiante. Tio Lirino desceu com a tropa, tantos lotes de burros: rumo de sertões e ranchos. Melim-Meloso sentiu-se pronto: — *Quando vi — adeus! — minha gente, vou de arrieiro — no formal...*

EPISÓDIOS. Mas Melim-Meloso fazia-se muito causador de invejas. Sofrer, até, ele sofria tão garboso, que lho invejavam. Sofria só sorrisos. Vai, pois, por qual-o-quê, quiseram vingar-se dele, disso. Os sujeitos que lhe tinham comprado os cavalos, compareceram na saída, para o afligir, cada qual montado no agora seu. Mas Melim-Meloso se riu, de pôr a cabeça para trás. Conforme pensou, tãoforme lhes falou: — *O que vejo, na verdade, é que estes cavalos formosos continuam sendo meus. Por prova, é que vocês tiveram de trazer todos eles, para os meus olhos!*

No que se diga, os invejantes não podiam naquilo achar razoável espécie. Mas, orabolas deles. Melim-Meloso pediu: — *Me esperem amigos, só um pouquinho...* Foi, veio, trouxe uma égua, luzente, quente. Os sete cavalos sendo todos pastores. Relinchou-se! Aí — que Melim-Meloso soltou de embora a égua: aqueles pulavam e escoiceavam, rasgalhando rinchos, mordendo o ar, e assim desembestaram os cavalos equivocados. Jogaram seus cavaleiros no chão. Só ficou em sela o João Vero, no preto. Os outros se estragaram um bocado, até um, o pior, o Cantanha, se machucou o bastante. Melim-Meloso somente sorriu, atencioso. Virou-se para o João Vero, lhe disse: — *Você, se vê: que parece mestre cavaleiro!* Prazido, com essas, o Vero conseguiu então admirar Melim-Meloso; perguntou: Se ele se ia era por querer uma nôiva, coberta de ouro-e-prata, feito Dona Sancha? Melim-Meloso respondeu: — *Não. É para, algum dia, tornar a adquirir, um a um estes cavalos...* Com essas, o Vero começou a

respeitar a decisão do outro. De repente, se determinou: ofereceu que cedia desde já o preto a Melim-Meloso, para ele pagar indenizado, quando possível... Melim-Meloso, aceitando, gentil, disse: — *Você, se vê: que sabe dar, direito, sem prazo de cobrar. Deus dá é assim...* Com essas, o Vero também se riu, por fora e por dentro. E Melim-Meloso disse um mais: — *Para, em futura ocasião, eu pagar a você a quantia redonda, você me empresta agora o quebrado que falta, para poder logo arredondar...* O Vero concedeu.

Melim-Meloso muito se despediu, da terra da Serra, à sua satisfação. Soltou as rédeas para a Vila, ia levar o caminho até lá. Saiu com os pés na aurora, à fanfa, seu nariz bem alumiado. Era sujeito a morrer; por isso, queria antes dar uma vista no mundo, achar a fôrma do seu pé. Sobre o que, o Vero ainda veio com ele, e com a tropa, por um trecho, conversavam prezadamente — o Vero conseguira começar a querer-bem a ele.

E chegou-se, de caminho, na fazenda Atravessada, antes de chegar-se ao próprio fim, que era na Conceição-de-Baixo. Nessa fazenda, reinava, na noite, a furupa de uma grande festa — de casamento ou batizado. Melim-Meloso apeou lá sem espera de agrados, não conhecendo ninguém. Ora vez, ali se deram várias coisas, ele com elas. Porém, são para outra narração; convém que sejam. A vida de Melim-Meloso nunca se acaba. Ao que, na voz das violas, segundo o seguinte:

Conte-se a estória de Melim-Meloso
sempre sem sossego, sempre com repouso,
vivo por inteiro, possuindo amor:
Melim-Meloso, ao vosso dispor...

No Prosseguir

À tarde do dia, ali o grau de tudo se exagerava. A choça. O pátio, varrido. O dono, cicatriz na testa, sentado num toro, espiando seus onceiros: cachorro de latido fino, cachorra com eventração. Era um velho de rosto já imposto; já branqueava a barba.

Era caçador de onças, para o Coronel Donato, de Tremedal. Tinha para isso grandes partes. Matava-as, com espingardinha, o tiro na boca, para não estragar o couro.

Os cães avisavam.

Outro homem bulira-se de entre árvores, oscilado saía da mata. Vai que uma bala podia varar-lhe goela e nuca, sem partir dente, derribando-o dessa banda. Nem, não imaginar desrazão. Mesmo havia de querer muitas coisas, o pobre. Rapaz, guapo, a onça quase o acabara, comera-lhe carnes. A onça, pagara. Juntos, nenhuma vencia-os, companheiros.

Coxeava, o tanto, pela clareira, no devagar de ligeireza, macio. Também tendo cicatriz, feiosa, olho esvaziado. Não olhava para a casa. Moço quieto, áspero, que devia de ser leal, que lhe era semelhável. Precisava mais de viver; para a responsabilidade.

Saudaram-se, baixo. O velho não se levantara. — *"Queria saber de mim?"* — um arrepio vital, a seca pergunta. O outro curvou-se, não ousava indagar por saúde. No que pensava, calava. E rodeavam-se com os olhos, deviam ser acertadamente amigos. Moravam em ermos, distantes.

Viúvo, o velho tornara a casar-se, com mulher prazível. O moço, sozinho, mudava-se sempre mais afastado. Vinha, raro, ao necessário. Dar uma conversa, incansável escutador. Quanto mais que tinham ali de atacar em comum a onça — braçal, miã, com poder de espaço — o que nenhum dos jagunços do Coronel rompia; o ofício para que davam era aquele.

O moço ia pôr-se de cócoras, o velho apontou-lhe firme o cepo, foi quem ficou agachado. Mas, de chapéu. O moço, o seu nos joelhos, sentava-se meio torcido, de lado.

Mudo modo, como quando a onça pirraça. Os cães, próximos. — *"Aí... s'tro dia..."* — ou — *"... esse rastro é velho..."* — inteiravam-se, passado conveniente tempo. Viravam novo silêncio.

Fazia ideia, o velho, pesado de coisas na cabeça, ocultas figuras. Mal mirava o outro: aqueles grandes cabelos ruivo-amarelos, orelhas miúdas, o nariz curto, redonda ossuda a cara. Seco de pertinácias, de sem-medo; desde menino pequeno. Tinha as vantagens da mocidade, as necessidades...

Enquanto que, ele, esmorecia, com o render-se aos anos, o alquebro. O que era o que é a vida. A mais, a doença. Tormentos. Porque tinha aceitado de um qualquer dia morrer, deixando a mulher debaixo de amparo? Ia não largar no mundo viúva para mãos de estranhos!

Daí, com o outro, o conversado, à mútua vontade, para providência. A esse, seguro por sangue e palavra, protetor, entregava então herdada a companheira, para quando a ocasião; tratou-se. Para ele poder morrer sem abalo... A mulher, entendendo, crer que anuía, tranquila calada. Disso ele tinha sabedoria. Em tanto que, às vezes, achava raiva. Agoniava-o o razoável. Direiteza, ou erro? Isso ficava em questão.

Dera um gemido cavo. De rebate: se esticara para diante, o intento dos olhos se alargando, o corpo dançado. — *"A que há, uma onça..."* — começara. Repôs-se em equilíbrio nos calcanhares. Recuava de pensar, em posição de ação.

O moço: — "Ah!" — no falso fio; vigiava por tudo, em seu entendimento.

Vagaravam.

Sem mal-entenderem-se.

Tardinho, na mata, o ar se some em preto, já da noite por vir.

Agitavam-se súbito os cães, até à choupana, à porta: abrira-a a mulher, com a comida. Mulher pequenina, sisuda. Não voltava o rosto. E pela dita causa.

O moço ia-se, fez menção. Conteve-o o velho: — "*Mais logo...*" — entre dentes dito.

Tornou a mulher a abrir a porta. Não olhava, não chamou. Mas tinha um prato do jantar em cada mão. O velho ergueu-se, foi buscar.

O moço comia, a gosto. O coitado, com afeto nenhum, ninguém cuidando dele. Conhecera já a careta, o escarrar, os bigodes — a massa da onça, a pancada! O que arde.

Por que não o castrara a fera monstra, em vez de escavacar-lhe as costas e rasgar banda da face, consumir barriga-da-perna, o acima-da-coxa, esses desperdícios? Se fosse, mais merecia, para aquilo — por resguardo e defendimento, respeitante, postiço, sem abusos...

E velhamente. Falava, lembranças, da meninice ainda do outro, falando com a boca amargosa. Nem tinha fome. Os fatos não se emendavam.

Dava ânsia pensar — a coisa, encorpada. A mulher, mulherzinha nas noites. Aquele, rente, o outro, pescoço grosso, macho gatarro, de onça, se em cio. Tinha vexame do que sendo para ser, do inventado.

Encarou-o: — *“Vai.”* Falou; foi a rouco. Em dó de sentir o que olhos não vão ver, preenchidos pela terra.

O moço tristemente, também, se entortando, aleijado. Voltava só a seu rancho. Cruzava caminho da outra, onça jagunça — a abertura em-pé do meio-do-olho, que no escuro vê — o pulo, as presas, a tigresia.

Mas, tinha no ombro o rifle! E o saber — pelo desassombrar, abarbar, com ela igualar-se à mão-tente — fugir o perigo. Ensinara-lhe, tudo, prevenira... o velho se levantava.

De supetão: — *“Quer ficar?”* Assim dizendo. — *“Madrugada, a gente vai... mata...”* — bufo por bufo.

De não, o outro respondeu, vago.

— *“...andadora... onça grossa...”*

Não; o moço sacudiu-se.

O velho tocou-lhe no braço — *“Te protege!”* — disse, risse.

Depois, de novo, mestre, ia sentar-se na tora, num derrêio, por enfim; esfregava-se as pálpebras com as unhas dos dedos. As coisas, mesmas, por si, escolhem de suceder ou não, no prosseguir.

O moço se despedia, sem brusqueza. Só a saudação reverencial: — *“Meu pai, a sua benção...”*

Tinham contas sem fim. Latiam os cães. Ia dar luar, o para caminhada, do homem e da onça, erradios, na mata do Gorutuba.

Prefácio

Nós, os temulentos

Entendem os filósofos que nosso conflito essencial e drama talvez único seja mesmo o estar-no-mundo. Chico, o herói, não perquiria tanto. Deixava de interpretar as séries de símbolos que são esta nossa outra vida de aquém-túmulo, tãopouco pretendendo ele próprio representar de símbolo; menos, ainda, se exibir sob farsa. De sobra afligia-o a corriqueira problemática quotidiana, a qual tentava, sempre que possível, converter em irrealidade. Isto, a pifar, virar e andar, de bar a bar.

Exercera-se num, até às primeiras duvidações diplópicas: — "Quando... — *levantava doutor o indicador* — ... quando eu achar que estes dois dedos aqui são quatro"... *Estava sozinho, detestava a sozinhidão. E arejava-o, com a animação aquecente, o chamamento de aventuras. Saiu de lá já meio proparoxítono.*

E, vindo, noé, pombinho assim, montado-na-ema, nem a calçada nem a rua olhosa lhe ofereciam latitude suficiente. Com o que, casual, por ele perpassou um padre conhecido, que retirou do breviário os óculos, para a ele dizer: — Bêbado, outra vez... — *em pito de pastor a ovelha.* — É? Eu também... — *o Chico respondeu, com, báquicos, o melhor soluço e sorriso.*

E, como a vida é também alguma repetição, dali a pouco de novo o apostrofaram: — Bêbado, outra vez? *E:* — Não senhor... — *o Chico retrucou* — ... ainda é a mesma.

E, mais três passos, pernibambo, tapava o caminho a uma senhora, de paupérrimas feições, que em ira o mirou, com trinta espetos. — Feia! — *o Chico disse; fora-se-lhe a galanteria.* — E você, seu bêbado!? — *megerizou a cuja. E, aí, o Chico:* — Ah, mas... Eu? ... Eu, amanhã, estou bom...

E, continuando, com segura incerteza, deu consigo noutro local, onde se achavam os copoanheiros, com método iam combeber. Já o José, no ultimado, errava mão, despejando-se o preciosíssimo líquido orelha adentro. — Formidável! Educaste-a? — *perguntou o João, de apurado falar.* — Não. Eu bebo para me desapaixonar... *Mas o Chico possuía outros iguais motivos:* — E eu para esquecer... — Esquecer o que? — Esqueci.

E, ao cabo de até que fora-de-horas, saíram, Chico e João empunhando José, que tinha o carro. No que, no ato, deliberaram, e adiaram, e entraram, ora em outra porta, para a despedidosa dose. João e Chico já arrastando o José, que nem que a um morto proverbial. — Dois uísques,

para nós... — *Chico e João pediram* — e uma coca-cola aqui para o amigo, porque ele é quem vai dirigir...

E — quem sabe como e a que poder de meios — entraram no auto, pondo-o em movimento. Por poucos metros: porque havia um poste. Com mais o milagre de serem extraídos dos escombros, salvos e sãos, os bafos inclusive. — Qual dos senhores estava na direção? — *foi-lhes perguntado. Mas:* — Ninguém nenhum. Nós todos estávamos no banco de trás...

E, deixado o José, que para mais não se prezava, Chico e João precisavam vagamente de voltar a casas. O Chico, sinuoso, trambecando; de que valia, em teoria, entreafastar tanto as pernas? Já o João, pelo sim, pelo não, sua marcha ainda mais muito incoordenada. — Olhe lá: eu não vou contar a ninguém onde foi que estivemos até agora... — *o João predisse; epilogava. E ao João disse o Chico:* — Mas, a mim, que sou amigo, você não podia contar?

E, de repente, Chico perguntou a João: — Se é capaz, dê-me uma razão para você se achar neste estado?! *Ao que o João obtemperou:* — Se eu achasse a menorzinha razão, já tinha entrado em lar — para minha mulher ma contestar...

E, desgostados com isso, João deixou Chico e Chico deixou João. Com o que, este penúltimo, alegre embora física e metafisicamente só, sentia o universo: chovia-se-lhe. — Sou como Diógenes e as Danáides... — *definiu-se, para novo prefácio. Mas, com alusão a João:* — É isto... Bêbados fazem muitos desmanchos... — *se consolou, num tambaleio. Dera de rodear caminhos, semi-audaz em qualquer rumo. E avistou um avistado senhor e com ele se abraçou:* — Pode me dizer onde é que estou? — Na esquina de 12 de Setembro com 7 de Outubro. — Deixe de datas e detalhes! Quero saber é o nome da cidade...

E atravessou a rua, zupicando, foi indagar de alguém: — Faz favor, onde é que é o outro lado? — Lá... — *apontou o sujeito.* — Ora! Lá eu perguntei, e me disseram que era cá...

E retornou, mistilíneo, porém, porém. Tá que caiu debruçado em beira de um tanque, em público jardim, quase com o nariz na água — ali a lua, grande, refletida: — Virgem, em que altura eu já estou!... *E torna que, se-soerguido, mais se ia e mais capengava, adernado: pois a caminhar com um pé no meio-fio e o outro embaixo, na sarjeta. Alguém, o bom transeunte, lhe estendeu mão, acertando-lhe a posição.* — Graças a Deus! — *deu.* — Não é que eu pensei que estava coxo?

E, vai, uma árvore e ele esbarraram, ele pediu muitas desculpas. Sentou-se a um portal, e disse-se, ajuizado: — É melhor esperar que o cortejo todo acabe de passar...

E, adiante mais, outra esbarrada. Caiu: chão e chumbo. Outro próximo prestimou-se a tentar içá-lo. — Salve primeiro as mulheres e as crianças! — *protestou o Chico.* — Eu sei nadar...

E conseguiu quadrupedar-se, depois verticou-se, disposto a prosseguir pelo espaço o seu peso corporal. Daí, deu contra um poste. Pediu-lhe: — Pode largar meu braço, Guarda, que eu fico em pé sozinho... *Com susto, recuou, avançou de novo, e idem, ibidem, itidem, chocou-se; e ibibibidem. Foi às lágrimas:* — Meu Deus, estou perdido numa floresta impenetrável!

E, chorado, deu-lhe a amável nostalgia. Olhou com ternura o chapéu, restado no chão: — Se não me abaixo, não te levanto. Se me abaixo, não me levanto. Temos de nos separar, aqui...

E, quando foi capaz de mais, e aí que o interpelaram: — Estou esperando o bonde... — *explicou.* — Não tem mais bonde, a esta hora. *E:* — É? Então, por que é que os trilhos estão aí no chão?

E deteve mais um passante e perguntou-lhe a hora. Daí: — Não entendo... — *ingrato resmungou.* — Recebo respostas diferentes, o dia inteiro.

E não menos deteve-o um polícia: — Você está bebaço borracho! — Estou não estou... — Então, ande reto nesta linha do chão. — Em qual das duas?

E foi de ziguezague, veio de zaguezigue. Viram-no, à entrada de um edifício, todo curvabundo, tentabundo. — Como é que o senhor quer abrir a porta com um charuto? — É... Então, acho que fumei a chave...

E, hora depois, peru-de-fim-de-ano, pairava ali, chave no ar, na mão, constando-se de tranquilo terremoto. — Eu? Estou esperando a vez da minha casa passar, para poder abrir... *Meteram-no a dentro.*

E, forçando a porta do velho elevador, sem notar que a cabine se achava parada lá por cima, caiu no poço. Nada quebrou. Porém: — Raio de ascensorista! Tenho a certeza que disse: — Segundo andar!

E, desistindo do elevador, embriagatinhava escada acima. Pôde entrar no apartamento. A mulher esperava-o de rolo na mão. — Ah, querida! Fazendo uns pasteizinhos para mim? — *o Chico se comoveu.*

E, caindo em si e vendo mulher nenhuma, lembrou-se que era solteiro, e de que aquilo seriam apenas reminiscências de uma antiquíssima anedota.

Chegou ao quarto. Quis despir-se, diante do espelho do armário: — Que?! Um homem aqui, nu pela metade? Sai, ou eu te massacro!

E, avançando contra o armário, e vendo o outro arremeter também ao seu encontro, assestou-lhe uma sapatada, que rebentou com o espelho nos mil pedaços de praxe. — Desculpe, meu velho. Também, quem mandou você não tirar os óculos? — *o Chico se arrependeu.*

E, com isso, lançou; tumbou-se pronto na cama; e desapareceu de si mesmo.

O outro ou o outro

Alvas ou sujas arrumavam-se ainda na várzea as barracas, campadas na relva; diante de onde ia e vinha a curtos passos o cigano Prebixim, mão na ilharga. Devia de afinar-se por algum dom, adivinhador. Viu-nos, olhos embaraçados, um átimo. Sorria já, unindo as botas; sorriso de muita iluminação.

Seu cumprimento aveludou-se: — *“Saúdes, paz, meu gajão delegado...”* E pôs os olhos à escuta. Tio Dô retribuiu, sem ares de autoridade. Moço não feioso, ao grau do gasto, dava-se esse Prebixim de imediata simpatia. Além de calças azuis de gorgorão, imensa a cabeleira, colete verde — o verde do pimentão, o verde do papagaio.

Não impingia trocas de animais, que nem o cigano Lhafôfo e o cigano Busquê: os que sempre expondo a basbaques a cavalhada, acolá, entre o poço do corguinho e o campo de futebol. Tampouco forjicava chaleiras e tachos, qual o cigano Rulú, que em canto abrigado martelava no metalurgir. E era o que me atraía em Prebixim, sem modelo nem cópia, entre indolências e contudo com manhas sinceras, arranjadinho de vantagens.

Dissera-me: — *“Faço nada, não, gajão meu amigo. Tenho que tenho só o outro ofício...”* — berliquesloques. E que outro ofício seria então esse? — *“É o que não se vê, bah, o de que a gente nem sabe.”* Prebixim falara completo e vago. Estúrdio. O obscuro das ideias, atrás da ingenuidade dos fatos. — *“Nem a pessoa pega aviso ou sinal, de como e quando o está cumprindo...”* O contrário do contrário, apenas.

Tio Dô vinha a sabendas, porém, sob dever de lei, não a especular ofícios desossados. Dizia-os: — *“Mariolas. Mais inventam que entendem.”* Instruía-me do malconceito deles, povo à toa e matroca, sem acato a quaisquer meus, seus e nossos, impuros de mãos.

Do Ão, por exemplo, chegara mensageiro secreto, recém-quando. Caso de furto. E tendo eles arranchado lá — por malino acréscimo de informação. Estes mesmos, no visível espaço: as calins que cozinhavam ou ralhavam na gíria gritada, o cigano Roupalimpa passando montado

numa mula rosilha, as em álacre vermelho raparigas buena-dicheiras. Loucos, a ponto de quererem juntas a liberdade e a felicidade.

Tio Dô ia agir, com prazo e improrrôgo. Ele pesava tristonho, na ocasião; não pela diligência de rotina, mas por fundos motivos pessoais. Eu também. Fitávamos as barracas, sua frouxa e postiça arquitetura. A gente oscila, sempre, só ao sabor de oscilar. Ainda mal que, no lugar, a melancolia grassava.

Tio Dô disse-lhe: — *"Amigo, vamos abrir o A?"*

Prebixim elevou e baixou os braços — o colete de pessoa rica. — *"Meu gajão delegado... Sou não o capitão-chefe. Coisa de borra que sou... Que é que eu tenho comigo?"* — questão contristada, estampido de borboleta em hora de trovão.

— *"Você é o calão nosso amigo."*

Prebixim contramoveu-se, relançou-me um olhar. Aprumara seu eixo vertebral, sorria por todos os distritos do açúcar.

— *"Você hoje está honesto?"* — Tio Dô aumentou.

— *"Hi, gajão meu delegado... Mesmo ontem, se Deus quiser... Deus e o meu São Sebastião!..."* Assentia fácil e automático, como os ursos; dele emanava porém uma boa-vontade muito sutil, serenizante.

— *"Pois, olhe, estão faltando coisas..."*

Nenhum oh, nem um ah. — *"Quand'onde?"* — fez. Sério. Dera um espirro para trás? As barracas eram quase todas cônicas, como *wigwams*, uma apenas trapezoidal, maior, em feitio de barracão, e outra pavilhãozinho redondo, miniatura de circo. — *"Lilalilá!"* — um chamado alto de mulher, com três sílabas de oboé e uma de rouxinol.

— *"No Ão"* — Tio Dô quebrou a pausa, homem de bom entendimento.

— *"Esta, agora!"* — e o outro balançou, sabiamente sucumbido; já era a virtude em ato, virtude caída do cavalo. Mas simples sem cessar, na calma e paz, que irradiava, felicidade na voz.

— *"Essas ideias enchendo as cabeças..."* — falou, a si, sem sentir-se da sobrevença no que lhe dizia desrespeito. Tio Dô o encarava, compacto complacente. Prebixim desenhou no ar um gesto de príncipe. — *"Ô tamanho de diabo!"* — falara a ponto, de suspiro a solução. Pedia espera, meio momento. Fazia vista.

E já lá: — *"Ú, ú, ú!"* — convocava os outros, cataduras, o cigano Beijú, capitão, o cigano Chalaque, de bigodes à turca ou búlgara. Debatiam, em

romenho, dando-se que ásperos, de se temer um destranque. Calavam ora em acordo, entravam a uma das barracas.

Tio Dô olhara aquilo e contemplara. — *"Podia ser tocador de sanfona..."* — comentou, piscou amistoso.

— *"Tenho em mercê..."* — Prebixim, bizarro, cavalheiro, entregava a Tio Dô o relógio de prata, como se fosse um presente. — *"É fifrilim, coisa de nada..."* — calava o que dava, com modéstia e rubor. Outros objetos ainda restituía; oferecia-os, novo e honesto feito alface fresca.

Entressorriram-se ele e Tio Dô, um a par do outro, ou o que um sábio entendendo de outro. — *"Eta! eta! eta!"* — coro: as mulheres aplaudiam a desfatura, com mais frases em patoá. Ele era delas o predileto. Meninos pulavam por todos os lados. Passou-me um elefante pelo pensamento. Tio Dô tossiu, para abreviar o instante.

— *"Saúdes, estar..."* — e Prebixim curvava-se, cruzadas rápidas as pernas, no se despedir, demais, por ter cabeça leve, a fina arte da liberdade.

Mais paz, mais alma, de longe ainda olhávamos, aquelas barracas no capim da vargem. — *"O ofício, então, era esse?"* — falei, tendo-me por tolo.

Ave, que não. Devia de haver mesmo um outro, o oculto, para o não-simples fato, no mundo serpenteante. Tinha-o, bom, o cigano Prebixim, ocupação peralta. Ele, lá, em pé, captando e emitindo, fagulhoso, o quê — da providência ou da natureza — e com o colete verde de inseto e folha.

Dizia nada, o meu tio Diógenes, de rir mais rir. Somente: — *"O que este mundo é, é um rosário de bolas..."* Fechando a sentença.

Orientação

— Uê, ocê é o chim?
— Sou, sim, o chim sou.

O CULE CÃO.

Em puridade de verdade; e quem viu nunca tal coisa? No meio de Minas Gerais, um joãovagante, no pé-rapar, fulano-da-china — vindo, vivido, ido — automaticamente lembrado. Tudo cabe no globo. Cozinhava, e mais, na casa do Dr. Dayrell, engenheiro da Central.

Sem cabaia, sem rabicho, seco de corpo, combinava virtudes com mínima mímica; cabeça rapada, bochêchas, o rosto plenilunar. Trastejava, de sol-nascente a vice-versa, sério sorrisoteiro, contra rumor ou confusão, por excelência de técnica. Para si exigia apenas, após o almoço, uma hora de repouso, no quarto. — *"Joaquim vai fumar..."* — cigarros, não ópio; o que pouco explicava.

Nome e homem. Nome muito embaraçado: Yao Tsing-Lao — facilitado para Joaquim. Quim, pois. Sábio como o sal no saleiro, bem inclinado. Polvilhava de mais alma as maneiras, sem pressa, com velocidade. Sabia pensar de-banda? Dele a gente gostava. O chinês tem outro modo de ter cara.

Dr. Dayrell partiu e deixou-o a zelar o sítio da Estrada. Trenhoso, formigo, Tsing-Lao prosperou, teve e fez sua chácara pessoal: o chalé, abado circunflexo, entre leste-oeste-este bambus, árvores, cores, vergel de abóboras, a curva ideia de um riacho. Morava, porém, era onde em si, no cujo caber de caramujo, ensinado a ser, sua pólvora bem inventada.

Virara o Seô Quim, no redor rural. A mourejar ou a bizarrir, indevassava-se, sem apoquenturas: solúveis as dificuldades em sua ponderação e aprazer-se. Sentava-se, para decorar o chinfrim de pássaros ou entender o povo passar. Traçava as pernas. Esperar é um à-toa muito ativo.

E — vai-se não ver, e vê-se! Yao o china surgiu sentimental. Xacoca, mascava lavadeira respondedora, a amada, por apelido Rita Rola — Lola ou Lita, conforme ele silabava, só num cacarejo de fé, luzentes os olhos de

ponto-e-vírgula. Feia, de se ter pena de seu espelho. Tão feia, com fossas nasais. Mas, havido o de haver. Cheiraram-se e gostaram-se.

De que com um chinês, a Rola não teve escrúpulo, fora ele de laia e igualha — pela pingue cordura e façatez, a parecença com ninguém. Quim olhava os pés dela, não humilde mas melódico. Mas o amor assim pertencia a outra espécie de fenômenos? Seu amor e as matérias intermediárias. O mundo do rio não é o mundo da ponte.

Yao amante, o primeiro efeito foi Rita Rola semelhar mesmo Lola-a-Lita — desenhada por seus olhares. A gente achava-a de melhor parecer, senão formosura. Tomava porcelana; terracota, ao menos; ou recortada em fosco marfim, mudada de cúpula a fundo. No que o chino imprimira mágica — vital, à viva vista: ela, um angu grosso em fôrma de pudim. Serviam os dois ao mistério?

Ora, casaram-se. Com festa, a comedida comédia: nôivo e nôiva e bolo. O par — o compimpo — til no i, pingo no a, o que de ambos, parecidos como uma rapadura e uma escada. Ele, gravata no pescoço, aos pimpolins de gato, feliz como um assovio. Ela, pomposa, ovante feito galinha que pôs. Só não se davam o braço. No que não, o mundo não movendo-se, em sua válida intraduzibilidade.

Nem se soube o que se passaram, depois, nesse rio-acima. Lolalita dona-de-casa, de panelas, leque e badulaques, num oco. Quim, o novo-casado, de mesuras sem cura, com esquisitâncias e coisinhiquezas, lunático-de-mel, ainda mais felizquim. Deu a ela um quimão de baeta, lenço bordado, peça de seda, os chinelinhos de pano.

Tudo em pó de açúcar, ou mel-e-açúcar, mimo macio — o de valor lírico e prático. Ensinava-lhe liqueliques, refinices — que piqueniques e jardins são das mais necessárias invenções? Nada de novo. Mas Rola-a-Rita achava que o que há de mais humano é a gente se sentar numa cadeira. O amor é breve ou longo, como a arte e a vida.

De vez, desderam-se, o caso não sucedeu bem. O silêncio pôde mais que eles. Ou a sovinice da vida, as inexatidões do concreto imediato, o mau-hálito da realidade.

Rita a Rola se assustou, revirando atrás. Tirou-se de Quim, pazpalhaço, o dragão desengendrado. Desertou dele. Discutiam, antes — ambos de cócoras; aquela conversação tão fabulosa. E nunca há fim, de patacoada e hipótese.

Rola, como Rita, malsinava-o, dos chumbos de seu pensamento, de coisa qual coisa. Chamou-o de pagão. Dizia: — *“Não sou escrava!”* Disse: — *“Não sou nenhuma mulher-da-vida...”* Dizendo: — *“Não sou santa de se pôr em altar.”* De sínteses não cuidava.

Vai e vem que, Quim, mandarim, menos útil pronunciou-se: — *“Sim, sim, sei...”* — um obtempero. Mais o: — *“T’s, t’s, t’s...”* — pataratesco; parecia brincar de piscar, para uma boa compreensão de nada. Falar, qualquer palavra que seja, é uma brutalidade? Tudo tomara já consigo; e não era acabrunhável. Sínico, sutilzinho, deixou-lhe a chácara, por polidez, com zumbaia. Desapareceu suficientemente — aonde vão as moscas enxotadas e as músicas ouvidas. Tivessem-no como degolado.

Rita-a-Rola, em tanto em quanto, apesar de si, mudara, mudava-se. Nele não falava; muito demais. — *“De que banda é que aquela terra será?”* Apontou-se-lhe, em esmo algébrico, o rumo do Quim chim, Yao o ausente, da Extrema-Ásia, de onde oriundo: ali vivem de arroz e sabem salamaleques.

Aprendia ela a parar calada levemente, no sóbrio e ciente, e só rir. Ora quitava-se com peneiradinhas lágrimas, num manso não se queixar sem fim. Sua pele, até, com reflexos de açafrão. — *“Tivesse tido um filho...”* — ao peito as palmas das mãos.

Outr’algo recebera, porém, tico e nico: como gorgulho no grão, grão de fermento, fino de bússola, um mecanismo de consciência ou cócega. Andava agora a Lola Lita com passo enfeitadinho, emendado, reto, proprinhos pé e pé.

Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi

Ponha-se que estivessem, à barra do campo, de tarde, para descanso. E eram o Jerevo, Nhoé e Jelázio, vaqueiros dos mais lustrosos. Sentados vis-a-visantes acocorados, dois; o tércio, Nhoé, ocultado por moita de rasga-gibão ou casca-branca. Só apreciavam os se-espiritar da aragem vinda de em árvores repassar-se, sábios com essa tranquilidade.

Então que, um quebrou o ovo do silêncio: — *"Boi..."* — certo por ordem da hora citava caso de sua infância, do mundo das inventações; mas o mote se encorpou, raro pela subiteza.

— *"Sumido..."* — outro disse, de rês semi-existida diferente. — *"O maior"* — segundo o primeiro. — *"... erado de sete anos..."* — o segundo recomeçou; ainda falavam separadamente. Porém: — *"Como que?"* — de detrás do ramame de sacutiaba Nhoé precisou de saber.

— *"Um pardo!"* — definiu Jelázio. — *"... porcelano"* — o Jerevo ripostou. Variava cores. Entanto, por arte de logo, concordaram em verdade: seria quase esverdeado com curvas escuras rajas, *araçá* conforme Jelázio, *corujo* para o Jerevo, pernambucano. Dispararam a rir, depois se ouvia o ruidozinho da pressa dos lagartos.

— *"Que mais?"* — distraía-os o fingir, de graça, no seguir da ideia, nhenganhenga. De toque em toque, as partes se emendavam: era peludo, de desferidos olhos, chifres descidos; o berro vasto, quando arruava — mongoava; e que nem cabendo nestes pastos...

Assim o boi se compôs, ant'olhava-os. Nhoé quis que se fossem dali — por susto do real, ciente de que com a mulher do Jerevo Jelázio vadiava — ele houve um pensamento mau, do burro da noite.

De em diante, no campeio, entre os muitos demais, nem deviam de lembrar a fiada conversa. Senão que, reunidos, arrumavam prosa de gabanças e proezas, em folga de rodeio vaquejado; então por vantagem o Jerevo e Jelázio afirmaram: de vero boi, recente, singular, descrito e desafiado só pelos três.

Se alguém ouviu o visto, ninguém viu o ouvido — tinham de desacreditar o que peta, patranha, para se rir e rir mais — o reconto não fez rumor. Mas o Nhoé se presenciava, certificativo homem, de

severossimilhanças; até tristonho; porque também tencionava se recasar, e agora duvidava, em vista do que com casados às vezes se dá, dissabôres.

Ante ele, mudaram de dispor, algum introduzindo que quiçás se aviesse de coisa esperta, bicho duende, sombração; nisso podiam crer, o vento no ermo a todos concerne. O Boi tomava vulto de fato, vice-avesso. Nhoé porém mexeu ombros, repelia o dito. Não achava cautela em dar fiança àquela pública notícia, lá, na que de riquíssimo fazendeiro Queiroz — fazenda Pintassilga — no Urucuia Superior.

De feito, se aviavam mais em crédito e fé os três, amigos. De bandeados lidar ou pousar buscavam toda maneira, nesse meio-mundo, por secas e tempos-das-águas. O Jerevo tinha casa, a mulher dele cozia arroz-com-pequi, ela era de simpatia e singeleza sem beleza, rematava pelo meio dos cabelos o vermelho do lenço, instruía-os de estroinas novidades: que, por aí, reinava uma guerra, drede iam remeter para lá a mocidade, o mar, em navio. De tudo Nhoé delongava opinião, pontual no receio; ainda bem que o escrúpulo da gente regra as quentes falsidades.

— *"Sai, boi!"* — ela troçava mistério deles, do que fino se bosquejava. *O Boi bobo* — de estatura. Vai, caprichou Jelázio de arrenegar essa lembrança, joça. Sisudos, os outros dois se olhavam, comunheiros, por censuração. Mas depois o Jerevo e Jelázio falavam de suas mães e meninices e terras, daquilo Nhoé ouvindo mais o modo que a parla. No de-dentro, as criaturas todas eram igualadas; no de-fora, só por não perceberem uns dos outros o escondido é que venciam conviver com afetos de concórdia.

Por maneira que de febres a mulher do Jerevo faleceu, eles retornavam do enterro, em conta a tarde chovida de feia, em caminho bastante se enlameavam, esmoreceram, para beber e esperar. Então, podiam só indagar o que do Boi, repassado com a memória. Não daquele, bem. Mas, da outrora ocasião, sem destaque de acontecer, senão que aprazível tão quieta, reperfeita, em beira de um campo, quando a informação do Boi tinha sobrevindo, de nada, na mais rasa conversa, de felicidade. Daí, mencionavam mais nunca o referido urdido — como não se remexe em restos.

De certo modo. Mais para diante, o Jelázio morreu, com efeito, inchado dos rins, o espírito vertido. — "*Só a palma do casco...*" — e riu, sem as recorridas palavras. Nhoé e o Jerevo se riam também, desses altos rastros

do Boi, em ponto de pesares. Outras coisas eram boas; outras, de nem não nem sim, mas sendo.

Demais, quando foi da peste no gado de todas as partes, o Jerevo avisou decisão: que se removia, para afastado canto, onde homem cobrava melhores pagas. Nhoé rejeitou ir junto, nem pertencia a outros lados diversos — saudoso somente daquele dia de enterro, dela, os três, a chuva, a lama, à congraça, em entremeio de sofrimento.

Tão cedo aqui as coisas arrancavam as barbas. O fazendeiro ensandecendo, diligenciou em vão de matar filhos e mulher, cachorros, gatos. Nem era rico, nenhum, se soube. O povo depôs que a extravagância dele procedia do sol, do solcris eclipse, que se deu, mediante que vindo até desconhecidos estrangeiros, para ver, da banda de Bocaiúva. Somenos as mulheres, de luto, agora ali regiam, prosseguidamente, na fazenda Pintassilga.

Nhoé demudava a cabeça, sem desmazelar, por bambeio, desagradado. Recurvado. Perfazia tenção em gestos. Tanto não sendo. Sem poder — nas mãos e calos do laço. Que é que faz da velhice um vaqueiro? Tirava os olhos das muitas fumaças. Todo o mundo tem onde cair morto. Achou de bom ir embora.

Voltava para conturva distância, pedindo perdão aos lugares. Será que lá ainda com parentes, ele se penava de pobre de esmolas. Chegou a uma estranhada fazenda, era ao enoitecer, vaqueiros repartidos entre folhagens de árvores. — *"O senhor que mal pergunte..."* — queriam que ao rol deles entrasse. — *"A verdade que diga..."* — vozes pretas, vozes verdes, animados de tudo contavam. Dava nova saudade. Ali, às horas, ao bom pé do fogo, escutava... Estava já nas cantiguinhas do cochilo.

Refalavam de um boi, instantâneo. Listrado riscado, babante, façanhiceiro! — que em várzeas e glória se alçara, mal tantas malasartimanhas — havia tempos fora. Nhoé disse nada. O que nascido de chifres dourados ou transparentes, redondo o berro, a cor de cavalo. Ninguém podia com ele — o Boi Mongoavo. Só três propostos vaqueiros o tinham em fim sumetido...

Tossiu firme o velho Nhoé, suspirou se esvaziando, repuxou sujigola e cintura. Se prazia — o mundo era enorme. Inda que para o mister mais rasteiro, ali ficava, com socorro, parava naquele certo lugar em ermo notável.

Palhaço da boca verde

Só o amor em linhas gerais infunde simpatia e sentido à história, sobre cujo fim vogam inexatidões, convindo se componham; o amor e seu milhão de significados. Assim, quando primeiro do mesmo se tem direta notícia, viajava o protagonista, de trem, para Sete-Lagoas. Ele queria conversar com uma mulher.

Ano ou meses antes, lembre-se, desfizera-se na região, por óbito de T. N. Ruysconcellos, empresário e dono, o Circo Carré, absorvidos reportavelmente por outro, o Grande Circo Hânsio-Europeu, dos Mazzagrani, o material e mor parte dos artistas. X. Ruysconcellos, que naquele se afamara como o *clown* Ritripas ou “Dá-o-Galo”, parecia deixado então do mister circense. Distinguia-se ainda moço, tão bem vestido quanto comedido, nem alegre nem triste, apenas o oposto; bebia, devagar, sem se inebriar.

Vir a falar com aquela mulher oferecia-se seu problema; viver sem precisar de milagres seria lúgubre maldição. Ela na ocasião sendo mulher pública aliás, mas singular do comum, mesmo no nome de guerra não usar, senão o próprio, civil, mais ou menos espanhol, de Mema Verguedo; e, talvez com receio ou por ira no peito, negava-se à conversação: a respeito de outra — Ona Pomona.

Ruysconcellos não ia durar. — *Toda hora há moribundos nascendo...* — quase se desculpava, inculcava-se firmeza. — *Se bons e maus acabam do coração ou de câncer, concluo em mim as duas causas...* — e coçava-se a raiz do nariz, isto é, o hilo dos óculos. Mesmo nesses assuntos, pedia a máxima seriedade. Método, queria. Macilento, tez palhiça, cortada a fala de ofegos, mostrava indiferença ao escárnio, a dos condenados.

Mas buscava toda cópia de informação, sobre Ona Pomona, casada e remota no mundo, no México, na Itália. Mema apenas o inteiraria disso, de Ona Pomona tinha sido a amiga. Uma se fora com o Circo Europeu, a outra se refugiara em prostíbulo. Ele esperava, insistia, não podia sair da cidade.

Mema desatendia recados. — *Tranquilo esteja!* — re-vezes caminhava no quarto, rapariga alongada e mate, com artes elásticas, de contornos

secos recortados. — *Se quiser, venha — como os outros!...* pelo passatempo, não para indagação em particular. — *Se bem, bem, logo, logo...* Estava ali com extraordinária certeza; dela de alguma maneira contudo se intimidavam os homens, era o seu o ar dos sombrios entre as dobras de uma rosa.

Mentido o modo, proferia: — *Cuquito*! — por carinho ou desdém. Nada os aproximara, aventura nem namoro. — *Sei, nunca me viu...* palhaços só notassem a multidão, não dividiam picadeiro, camarim, plateia. Sorria contrária — toda em ângulos a superfície do rosto — o nariz afirmativo, o queixo interrogador. O que não dizia era ter, escondida, a mala, que lhe não pertencia; e cujo conteúdo não descobrira a ninguém.

Entrado ao trem da paciência, Ruysconcellos lia, relia à-toa jornais, sem saltar palavra ou página. — *Já vi um homem se afundar e desaparecer dentro de par de sapatos...* — tirou os óculos e se acariciava os olhos com as pontas dos dedos. Tinha de Ona Pomona um retrato, queria entender o avesso do passado entre ambos, estudadamente, metia-se nessa música, imagem rendada; o que a música diz é a impossibilidade de haver mundo, coisas. — *Inútil...* a lucidez — está-se sempre no caso da tartaruga e Aquiles.

Dobrou com distraído cuidado a foto — onde Mema via-se também — partiu-a, ainda mais minucioso, destruindo daí essa outra e errada metade. Maldade nele no momento acaso surgisse, em seu siso, uma ameaça a Mema. De vez em nada, tragava gole. Do alvaiadado Ritripas nem lhe restassem mínimos gestos.

Mema, a ela não deixava de voltar quem vez a pressentisse, como num caroço de pêssego há sobrados venenos, como a um vinagre perfumoso. — *Ele nunca teve graça, o que divertia era seu excesso de lógica...* — tossiu, por nojo. O que ele imaginava, de amor a Ona Pomona, seria no mero engano, influição, veneta. Sob outra forma: não amava. — *Ele não quer ser ele mesmo...* — Mema entredisse, em enfogo, frementes ventas — como se da vida alguma verdade só se pudesse apreender através de representada personagem.

Simples escorrida se estreitava no rosa-chá vestido, o amarelo é difícil e agudo. Sem vagar, fumava, devia de não comer e ter febre. Sua maior escuridão estava nas mãos. Abriu aquela mala — em que retinha o que de “Dá-o-Galo” do Circo Carré: narizes de papelão postiços ou reviradas

pontas de cera, tintas para a cara, sapatanchas, careca-acrescente, amplas bufonas coloridas.

Vindo de São Paulo o secretário do Circo Américas, papéis na pasta, gravata borboleta, trazia a Ruysconcellos empenhada oferta, em vão. Soubesse de Ona Pomona similar à água e à seda? Do azul em que as coisas se perdem e perduram? Intercedendo, procurou então Mema, propôs também engajá-la, com o jeito de tísica. — *Ele não vai!* — ela tresconversou, em rebelia, quisesse com as levantadas mãos tapar quaisquer alheios olhos.

Ruysconcellos dissera somente a necessária recusa. — *Cuspes de dromedário!* — até nisso: praguejava com gentileza. Deu-lhe o pó de palidez, esverdeando-se por volta dos lábios.

— *Vê?* — o retrato, — a parte que guardara. Era o de Mema... E, então, fora o de Ona o rasgado, aconteceu'que, erro, como pudera?! Fez a careta involuntária: a mais densa blasfêmia. Estava sem óculos; não refabulava. Era o homem — o ser ridente e ridículo — sendo o absurdo o espelho em que a imagem da gente se destrói. Disse: — *Só o moribundo é onipotente* —; a disfarça. Xênio Ruysconcellos, o álcool não lhe tirava o senso de seriedade e urgência. De pé, implorava, falando em aparte.

Tartamudo: — *... nona... nopoma... nema...* — e rir é sempre uma humildade. Mema desatinada escrevera-lhe, insultos. Em fúria, não ouviria ela seu primeiro rogo?

Mema mordida escutou o enviado apelo, apagada a acentuação do rosto. — *Ele precisa de dinheiro, de ajuda?!* — e seu pensamento virava e mexia, feito uma carne que se assa. — *Que venha...* — de repente chorou, fundo, como se feliz — *... para o que quiser.* Ela estava ali com muita verdade, cheirava a naftalina ou alfazema. O vento acaba sempre depois de alguma coisa que não se sabe.

De dia, de fato, tiveram de romper a porta, havido alvoroço. Na cama jazendo imorais os corpos, os dois, à luz fechada naquele quarto. A morte é uma louca? — ou o fim de uma fórmula. Mas todos morrem audazmente — e é então que começa a não-história.

Falso e exagerado quase tudo o que a respeito se propalou; atesta-se porém que ele satisfeito sucumbiu, natural, de doença de Deus. Mema após, decerto, por própria vontade. Nem foi ele o encontrado em festa de vestes, melhor dizendo estivesse sem roupa qualquer; tãopouco travestida ou empoada Mema, à truã, pintada, ultrajada. Infundado, pois, que saídos

de arena ou palco na morte se odiassem. Enfim, podiam, achavam, se abraçavam.

Presepe

Todos foram à vila, para missa-do-galo e Natal, deixando na fazenda Tio Bola, por achaques de velhice, com o terreireiro Anjão, imbecil, e a cardíaca cozinheira Nhota. Tio Bola aceitara ficar, de boa graça, dando visíveis sinais de paciência. Tão magro, tão fraco: nem piolhos tinha mais. Tudo cabendo no possível, teve uma ideia.

Não de primeira e súbita invenção.

Apreciara antes a ausência de meninos e adultos, que o atormentavam, tratando-o de menos; dos outros convém é a gente se livrar. Logo, porém, casa vazia, os parentes figuravam ainda mais hostis e próximos. A gente precisa também da importunação dos outros. Tio Bola, desestimado, cumpria mazelas diversas, seus oitenta anos; mas afobado e azafamoso. Quis ver visões.

Seu espírito pulou tãoquanto à vila, a Natal e missa, aquela merafusa. Topava era tristeza — isto é, falta de continuação. Por que é que a gente necessita, de todo jeito, dos outros? Velho sacode facilmente a cabeça. A ideia lhe chegou então, fantasia, passo de extravagância.

— *"Mecê não mije na cama!"* — intimara a Nhota, quando, comido o leite com farinha, ele fingia recolher-se. Não cabia no quarto. Natal era noite nova de antiguidade. Tomou aviso e voltou-se: estafermado, no corredor, o Anjão fazia-lhe pelas costas gesto obsceno. Ordenou-lhe então — trouxesse ao curral um boi, qualquer!

Saiu o Anjão a obedecer, gostava do que parecesse feitiço ou maldade. E no pequeno cercado estava já o burro chumbo, de que os outros não tinham carecido. Sem excogitamento, o burrinho dera a Tio Bola o remate da ideia.

Lá fora o escuro fechava. O Anjão no pátio acendera fogo, acocorava-se ante chama e brasa. Esse se ria do sossego. Também botara milho e sal no cocho, mandado. Natal era animação para surpresas, tintins tilintos, laldas e loas! O burro e o boi — à manjedoura — como quando os bichos falavam e os homens se calavam.

Nhota, em seus cantos, rezava para tomar ar, não baixando minuto, e tudo condenava. Tio Bola esperava que o Anjão se fosse, que Nhota não

tossisse mas adormecesse. Estava de alpercatas, de camisolão e sem carapuça, esticando à janela pescoço e nariz, muito compridos. Os currais todos ermos, menos aquele... Tremia de verdade.

Veio, enfim, à sorrelfa; a horas. Pelas dez horas. Queria ver. Devagar descera, com Deus, a escada. Burro e boi diferençavam-se, puxados da sombra, quase claros. Paz. Sem brusquidão nem bulir: de longe o reconheciam.

Os olhos oferecidos lustravam. *Guarani*, boi de carro, severo brando. *Jacatirão*, prezado burrinho de sela. Tio Bola tateou o cocho: limpo, úmido de línguas. Empinou olhar: a umas estrelas miudinhas. Espiou o redor — caruca — que nem o esquecido, em vivido. Tio Bola devia de distrair saudades, a velhice entristecia-o só um pouco. Riu do que não sentiu; riu e não cuspiu. Estava ali a não imaginar o mundo.

Por um tempo, acostumava a vista.

Nhota dormia, agora, decerto; até o Anjão. Os outros, no Natal, na vila, semelhavam sempre fugidos... Quem vinha rebater-lhe o ato, fazer-lhe irrisão? De anos, só isto, hoje somente, tinha ele resolvido e em seu poder: a Noite, o curralete, cheiro de estercos, céu aberto, os dois dredemente — gado e cavalgadura. Boi grosso, baixo, tostado, quase rapé. Burro cor de rato. Tão com ele, no meio espaço, de-junto. Caduco de maluco não estava. Não embargando que em espírito da gente ninguém intruge. Apoiou-se no topo do cocho. Bicho não é limpo nem sujo. Ia demorar lá um tanto. Só o viço da noite — o som confuso?

O Anjão, rondava. Nhota, também, com luz em castiçal, corria a casa; não chamava alto, porque lá a doença não lhe dava fôlego. Turro, o boi ainda não se deitara, como eles fazem — havia de sentir falta do *Guaraná*, par seu de junta. Burro não deita: come sempre, ou para em pé, as horas todas. A gente podia esperar, assim como eles, ocultado num ponto do curral. Tudo era prazo.

Deitava-se no cocho? Não como o Menino, na pura nueza... O voo de serafins, a sumidez daquilo. Mas, pecador, numa solidão sem sala. E um tiquinho de claro-escuro. Teve para si que podia — não era indino — até o vir da aurora. Que o achassem sem tino perfeito, com algum desarranjo do juízo!

Tão gordo fora; e, assim, como era, tinha só de deixar de fora seus rústicos cotovelos. Agora, o comichar, uma coceira seca. Viu o boi deitar-se também — riscando primeiro com a pata uma cruz no chão, e

ajoelhando-se — como eles procedem. O mundo perdeu seu tique-taque. Tombou no quiquiri de um cochilo. Relentava. Ouviu. O Anjão estava ali, no segundo curral, havia coisa de um instante.

Que se aquietasse, pelo prazo de três credos.

Manteve-se. A hora dobrou de escura. Meia-noite já bateu? Abriu olhos de caçador. Dessurdo, escutou, já atilando. Um abecê, o reportório. Essas estrelas prosseguiam o caminhar, levantadas de um peso. Fazia futuro. *O contrário do aqui não é ali...* — achou. O boi — testo lento, olhos redondos. O burrinho, orelhas, fofas ventas. Da noite era um brotar, de plantação, do fundo. A noite era o dia ainda não gastado. Vez de espertar-se, viver esta vida aos átimos... Soporava. Dormiu reto. Dormindo de pés postos.

Acordou, no tremeclarear. Orvalhava. A Nhota dormia também, ali, sentada no chão, sem um rezungo. O Anjão, agachado, acendera um foguinho. Conchegados, com o boi amarelão e o burro rato, permaneciam; tão tanto ouvindo-se passarinhos em incerta entonação.

A estrela-d'alva se tirou. Já mais clareava. As pretas árvores nos azulados... O Anjão se riu para o sol. Nhota entoava o *Bendito*, não tinha morrido. Cantando o galo, em arrebato: a última estrelinha se pingou para dentro.

Tio Bola levantou-se — o corpo todo tinha dor-de-cabeça. Deu ordens, de manhã, dia: o Anjão soltasse burro e boi aos campos, a Nhota indo coar café. Os outros vinham voltar, da vila, de Natal e missa-do-galo. Tio Bola subiu a escada, de camisolão e alpercatas, sarabambo, repetia: — *"Amém, Jesus!"*

Quadrinho de estória

A qualquer mulher que agora vem e está passando é uma do vestido azul, por exemplo, nova, no meio do meio-dia, no foco da praça. Todo-o-mundo aqui a pode ver — para que? — cada um de seu modo e a seu grau. Mais, vê-a o homem, mãos vazias e pássaros voando, cara colada às grades.

Só em falsificado alcance a apreende, demarcada por imaginário compartimento, como o existir da gente, pessoa sozinha numa página. Ela não se volta, ondulável de fato se apresse, para distância. Vexa-a e oprime-a a fachada defronte, que dita tristeza, uma cadeia é o contrário de um pombal; recorde, aos despreocupados, em rigor, a verdade.

Construção alguma vige porém por si triste, nem a do túmulo, nem a da choupana, nem a do cárcere. Importe lá que a mulher divise-se parada ou caminhando. De seu caixilho de pedra e ferro o olhar do homem a detém, para equilíbrio e repouso, encentrada, em moldura. Seja tudo pelo amor de viver.

A vida, como não a temos.

Aqui insere o sujeito em retângulo cabeça humana com olhos com pupilas com algo; por necessitar, não por curiosidade. Via, antemão, a grande teia, na lâmpada do poste, era de uma aranha verde, muito móvel, ávida. De redor, o pouco que repetidamente esperdiça-lhe a atenção: nuvens ultravagadas, o raio de sol na areia, andorinhas asas compridas, o telhado do urubu pousado; dor de paisagem. O céu, arquiteto. Surgindo e sumindo-se rua andantes vultos, reiterantes. A vida, sem escapatória, de parte contra parte.

Ele espia, moço que se notando bem, muito prisioneiro, convidado ao desengano. Espreita as fora imagens criaturas: menino, valete, rei; pernas, pés, braços balançantes, roupas; um que a nenhum fulanamente por acaso se parece; o que recorda não se sabe quando onde; o homem com o pacote de papel cor-de-rosa. Ora — ainda — uma mulher. A figura no tetrágono.

A do vestido azul, esta, objeto, no perímetro de sua visão, no tempo, no espaço. Desfaz o vazio, conforma o momentâneo, ocupa o arbitrário segmento, possível. Opõe-se, isolante, ao que nele não acontece, em seu foro interno; e reflexos nexos. Apenas útil. Não ter mais curiosidade é já

alguma coisa. O preso a vê. Mas, transvista, por meio dela, uma outra — a que foi a — que nunca mais. Seu coração não bate agradecimentos.

Da que não existe mais, descontornada, nem pode sozinho lembrar-se, sufoca-o refusa imensidão, o assombro abominável. Ele é réu, as mãos, o hálito, os olhos, seus humanos limites; só a prisão o salve do demasiado. Sempre outra vez tem de apoiar, nas tão vivas, que passam, a vontade de lembrança dela, e contemplo: o mundo visto em ação. Assim a do vestido azul, em relevo, fina, e aí eis, salteada de perfil, como um retrato em branco, alheante, fixa no perpasso. Viver seja talvez somente guardar o lugar de outrem, ainda diferente, ausente. O sol da manhã é enganoso meio mágico, gaio inventa-se, invade a quadrada abertura por onde ele é avistado e vê, fenestreca. Era bom não chover.

Desde que diluz, tem ele de se prender ali mais, ante onde as repassantes outras mulheres, precisas: seus olhos respiram de as achar de vista. O sol se risca, gradeado, nasce, já nos desígnios do despenhadeiro. O absurdo. Pensa, às vezes, por descuido e espinho. A amava... — e aquilo hediondo sob instante sucedera! — então não há liberdade, por força menor das coisas, informe, não havia. A liberdade só pode ser de mentira.

A pequena fenda na parede sequestra uma extensão, afunda-a, como por um óculo: alvéolo. A do vestido azul nele entrepaira; espessa presença, portanto apenas visível. Assusta, a intransparência equívoca das pessoas, enviadas. Elas não são. A alma, os olhos — o amor da gente — apenas começam. O homem espia, dôidas as tardes.

Espera a brandura do cansaço. O sol morre para todos, o rubro. Entra o carcereiro, para correr os ferros. Diz: — *“Tomara que...”* — por costume. Deu-se o dia, no oblíquo anoitecer, fatos não interrompidos; as coisas é que estão condenadas. Tem-se o preso estendido, definido seu grabato, em contraquadro, dorme a sono solto.

Dês madrugar, forçoso pelo reabrir as pálpebras, ele se repete, para os quatro cantos da cela. Demais não se desprende de seu talhado posto, de enxergar, de nada. Vivem as mulheres, que passam, encerram o momento; delas nem adiantaria ter mais, descortinado, o que de antes e de depois, nem o tempo inteiro. Agora, a do vestido azul, esta. Ele não a matou, por ciúme...

À outra — que não existe mais — soltou-a: como a um brusco pássaro; não no claro mundo, confinada, sem certeza. Então, não existe prisão. O a que se condenou — de, juntos, não poder mais vir a acontecer — é como

se todavia alhures estivesse acontecendo, sempre. Os dois. Ele, porém, aqui, desconhecidamente; esta a vermelha masmorra.

A de azul, aqui, avistada de lado, o ar dela em torno para roxo, entre muralhas não imagináveis. As pessoas não se libertam. O carcereiro é velho, com rumor, nada aprendeu a despertado dizer: — *"Tenho a chave..."* Se a visão cresce, o obstáculo é mutável. Ninguém quer nascer, ninguém quer morrer. Sejam quais o sol e céu, a palavra horizonte é escura.

Ou então.

Que ver — como bicho saído dos tampos da tristeza — ele quer; seus olhos perseguem. As quantas mulheres, outroutra vez, contra acolá o muro, vivas e quentes, o todo teatro. A de azul, agora, cabe para surpreendida através de intervalo, de encerro: seu corpo, seguridade imóvel — não desfeita — detardada.

Mas ele não pode querer; e só memória. O vão, por onde vê, recorta pedaço de céu, pelo meio a copa da árvore, o plano de onde as pessoas desaparecem, imediatas. Escuta os passos do soldado sentinela, são passadas mandadamente, sob a janela mesma, embora não se veja, não.

Se bem.

Ele não pode arrepender-se. Tanto nem saiba de um seu transformar-se, exato, lento, escuso. Essas mulheres, a de azul, que revêm, desmentem-se, para muito longas viagens. Daquela. A que a gente ama: viva vivente, que modo reavê-la? Ela, transeunte, não o amara, conseguidamente; ele não atenta arrepender-se, chorar seria como presenciar-se morrer.

Teme, sob tudo, improvisa, a descentrada extensão, extravagância. Amar é querer se unir a uma pessoa futura, única, a mesma do passado? Diz o carcereiro: — *"Há-de-o..."* Nada lhe vale. Só o cansaço — feito sobre si mesmo estivesse ele abrindo desmedidas asas — e os relógios todos rompendo por aí a fora.

Seu cluso é uma caixa, com ângulos e faces, sem tortuoso, não imóvel. Dorme, julgável, persuadido, o pseudopreso: o rosto fechado mal traduz o não-intento das sombras. Diz-se-lhe, porém, de fundo, o que ninguém sabe, sussurro, algo; a sorte, a morte, o amor — inerem-nos.

Sob sorrisos, sucessivos, entredemonstrados. Percebe, reconhece, para lá daqui, aquela, a jamais extinta, transiente, em dado lugar, nas vezes desse tempo? Ternura entreaberta, distinguível, indesconhecível: ela, em formato, em não azul, em oval.

Ele, seus traços ora porém se atormentam; no sonho, mesmo, vigia que vai despertar, lobriga. E teme, contrito, conduzido. À cara, ocorrem-lhe maquinais lágrimas, os olhos hodiernos. Entanto de novo se apazigua, um tanto, porventurosamente: para o amanhecer, apesar de tudo. A liberdade só pode ser um estado diferente, e acima. A noite, o tempo, o mundo, rodam com precisão legítima de aparelho.

Rebimba, o bom

Recerto. Quem foi? Do qual só o todo pouco sei, porém, desfio e amostro, e digo. O que realça; reclara. Ou para rir, da graça que não se ache, do modo do que cabe no oco da mão, pingos primeiros em guarda-chuva. E eu mesmo me refiro: a ele. Reconheço, agradeço, desconheço. Em nome dele seja — sim e sim.

Porque, eu era moço, restei sem pai e mãe, só entre os poucos mal perdoados estranhos, quando varejou minha terra a bexiga-preta, acabando com as pessoas e as palavras. De de-pressas lágrimas, me entendo. Desde aí tive duas memórias.

Distribuíram então de eu vir, aonde se constava residido um tio meu, Joaquim José, incerto, mas capaz de me amparar, nestas montanhas chuvosas. Foi conforme viam que era preciso, eu estando premido de tosse, demais da febre permanecente, meio tísico. Minha mente se passava ainda perto dos mortos, medonhos de lembrar, o mundo não dá a ninguém inocência nem garantia.

Saúde de lugar aqui tão em ordem me molestou, eu gostava de ficar com a boca aberta. Entendi por que é que as pessoas nascem em datas separadas. Tirante a moça, que avistei, ao pé do chafariz, no vão de luz da tarde. Em bruscos de vergonha, duvidei. Mesmo para um desconhecido, eu desvalesse, sujo nos cansaços, soez, sem muda de camisa e calça. Do jeito, a mocinha trigueira contemplei: não a formosura, nem caridade, mas um agrado singular, o de que ela não causava prejudicar a ninguém. Depois figurei que era bonita, mais tarde.

Não havendo cá nenhum Joaquim José, com desconfianças me trataram, eu sem nem moeda em mão, para gastos. Detido no chão, em metade de choupana que o tempo abria, resolvi, ia me ficar jazido ali, eu não era para como viver, não sabia.

Mas, não se pode, porém, a fome começa, necessidades, profundo o corpo mesmo é incômodo, o viver vem é assim. Me levaram, aí, por regra, para a casa-dos-pobres, quem de mim veio cuidar foi o pai dela, caroável, o Daça; os olhos daquela moça tinham adivinhado de me acompanhar no particular de minhas aflições. Se chamava Cilda.

Ele falou, eu em febre, certas surdinas. Sem remédio nada estava, porque um homem havia, que ajudava geral. Só isso ele vem me disse, no desimpedido do ouvido, o Daça: que se podia ter amparo e concerto, por um Rebimba, o bom, parado em seu lugar, a-pique alto, no termo de estiradas léguas.

E não iam todos então a ele, rendedouro a agradecidos e ingratos, rico de beneficiar os desvalidos, da bondade que não piscava? — porém revolvi.

— "*Uns...*" — o Daça me enfronhou, assim logo ouvi com o coração, em face os rubores dela, a filha, cri. A alegria me conciliou, dito que os olhos ora me brilhavam. Tudo eu quisesse, o fervor, fato de vida. Rebimba, o bom, forte provedoria desse, e a mim, o mais precisado.

Saí, do frio para o quente, levantado sarado. Agora me viam correto, prestes iam arranjar para mim serviços leves, já no trato cordial. Devido ao Daça. Só que, de supetão, então, meu tio apareceu, me abraçou, nesses lumes de acaso. Negociante ele era, porém no outro, próximo arraial, porém por nome Aquino Jaques. Se não me achasse, não me via, se não me visse não me achava.

Trouxe do meu lado tanta mudança, no jogo da balança quinhoã, o tido consoante o querido.

Feliz perturbado virei, pude amornar lugar, viver a sabor. Tio Quim leal para mim, e a tia, quieta, maninha. E rareei. Esqueci, de tudo, muito; conforme o encargo da natureza.

Nos anos, me denuncio, cá mal vim, e Cilda quase nem vi, a que, em passado justo instante, me tinha notado rapaz de repente diverso, desfeito de maldades. Razoo o que põe o amor, que eu escuto. Ela persistida se crescia — como é como uma fruta azul a água fechada na cisterna.

Não valia pôr lembrança, porém, no Daça, que esmolara minha desgraça e baboseara inventado aquilo do Rebimba, o bom, me enganando, nas muitas imaginações. Ojeriza dele me desgostava, instinto de ingratidão, a foro e medida que eu melhorava e aumentava, mais ganhando, e não deixava de exceder o modo. Doer, qualquer cabeça pode. Daqui a futuro, eu indo, como quem viaja sem ver os lados.

Tio Quinjoca de fato morreu, conforme o destino produz, em paz, me deixou sócio, já encaminhado, medrado de fortuna. O que foi só ligeiro, porém, como sonho não se agarra, como perfumes passantes. Tudo o que era, eram dívidas e perdas, por trás, pagamentos obrigados em prazo, a

gente ia quebrar falência, tive de ver o avesso. A verdade me adoeceu. A tia rezava à parte, não me aborrecia. Mas a hora da forca. Me lembrei da miséria, prostrado.

Mas, o bom, Rebimba! Maiormente, o melhor, em caso qualquer ele havia de me valer, eu soubesse, demorando o pensamento. Já valente me levantei, desassustado, achei a tramontana.

Aqui a Cilda, amorável, sempre de mim gostava, calada, à beira do chafariz, toda outrora. A gente se casou, pelo pai dela abençoados, de tão velhinho já caduco, o Daça, não contava mais nada de Rebimba, o bom, nem o nome do lugar onde esse parava, de tudo se esquecera. De fato, também logo ia morrer, com seus queridos cabelos brancos. A gente quer mas não consegue furtar no peso da vida.

Aquietado feliz, dobrei meus tempos, o comum, conforme nem se dá fé, no apropositar as coisas. De Rebimba, o bom, com ninguém mais conversei, o escondido.

Só às curtas vezes, sem detenças, fazia tenção de um dia ir lá, a ele, retamente, quando dúvida ou desar me apoquentavam; me animava de coragem esse recurso, adiante mas remoto, certo e velho como as ideias, alcançadiço.

Nem isso prossegui, por fim, eu, remisso; porque estando real fartado, prosperidoso. Cilda, minha mulher, arredava de mim o que de nosso canto não fizesse parte, os pontos da inquietação. Com doçuras.

Em tanto, pois, que, vinda a hora, por primeira vez ela me iludiu, fiquei viúvo. Esse, foi o sofrimento. Para o que assim, nem Rebimba, o bom, tinha socorro: o querido consoante o perdido. Eu acabei, de certo modo.

Não era só saudades. Nem o vezo descoroçoado das horas de antigamente, por baque de achaques e ilusão de terrores. Só se a gente tem dentro de si uma cobra grossa, serpente, que acorda, aperta e estragulha. Mais me perseguia o desconhecer do espírito.

Meus filhos e filhas não me traziam consolo. Nem a recordação de Cilda, tão honrosa, o Daça, tio Quim Joca, a Tia: para eles, todos, eu não tinha sido eu, devidamente, não pagara o bem com o bem, bastante. O mundo era para os outros, e nem sei se mesmo isto, de feder eu imaginava os existentes e os falecidos. Da bexiga-preta, tantos tão de repente amontoadamente mortos, as caras com apostemas e buracos. Disso, temi ficar louco. Dito que temia já o fétido de meu bafo.

No entanto, viajei, duro o caminho que era obrigação.

Daqui longemente, de volta passei por arraial chamado o Rio-do-Peixe, onde forte grave música se ouvindo, e procissão de gente caminhando, naquele alto lugar. Me cheguei, indaguei, escutei: se enterrava Rebimba, o bom, pessoa qualificada!

Ele estava público, guardado no caixão. Descobri a cabeça, acompanhei, também, por tudo solucei, eu, endoençamingas. Mas o povo ria, porém, ao tempo que choravam, por imponentes entusiasmos, por aquele homem ter havido e existido. Refalo. Só ele era bom, protetor de quem e quantos, da melhor sagacidade.

Sorri, ri, por o contrário de chorar, também. O que dura. Ora eu não tenha medo de morrer, os castigos, os hábitos. Salvadamente — em ovo. Porque envelheci, a vida não me puxa mais a orelha. Com certeza, o mundo hoje está em paz. Repenso em Rebimba, o bom, valedor. O mal não tem miolo. — *“Louvado seja o que há!”* — escrevi, altíssimo, para renovas memórias.

Retrato de cavalo

O que um dia vou saber,
não sabendo eu já sabia.

Da ESPEREZA.

Sete-e-setenta vezes milmente tinha ele de roer nisso, às macambúzias. De tirar a chapa, sem aviso nem permisso, o Iô Wi abusara, por arrogo e nenhum direito, agravando-o, pregara-lhe logro. Igual a um furto! — ao dono da faca é que pertence a bainha... — cogitava, com a cabeça suando vinagres. Seu, cujudo, legítimo, era o ginete, de toda a estima; mas que, reproduzido destarte, fornecia visão vã, virava o trem alheio, difugido. Descocava-o estampada junto, abraçando-lhe o crinudo pescoço, a moça, desinquieta, que namorava o Iô Wi, tratava-o de Williãozinho.

Encismava-se: feito alguma coisa houvessem tomado ao animal, subtraindo-lhe uma virtude; o que trazia dano, pior que mau-olhado. O retrato. Ele não podia impedir que aquilo já tivesse acontecido. Saía agora à porteira, a vigiar o extraordinário formoso — alvo no meio dos verdes que pastando — mesmo quando assim, declinado entortado. Vistoso mais que no retrato, ou menos, ou tanto? Era muito um cavalo.

Dele. O que lhe influía a única vaidade. Deu pontapé num esteio, depois meditou sobre seus sapatos velhos. Ele, o Bio. Ia outra vez ver Iô Williãozinho — e o quadro.

Ia a pé; para giro vulgar ou de mister, não o selava: o seu corcel, sem haver nome. Referiam-no todos ao nulo e transato, o primeiro dono consistindo de ser um falecido Nhô da Moura, instruidor. — *“O cavalo branco do Nhô da Moura...”* — por lerdo, injusto costume, ainda pronunciavam.

Nhô da Moura certo inventara e executara de o fazer à mão, refinado e afalado, governava-o com estalos do olhar, quem-sabe só por afetos do pensamento. Outro o montasse, e era o Nhô da Moura assoviar dum jeito sortilégio — e truque que ele a dar às upas e popas, depondo o cavaleiro postiço. Entanto, trampa, a qual, que não procedia mais: Nhô da Moura

morto em-de levara consigo a gerência. Bio rezava por essa distante alma. Seu era agora o cavalo, sem artifícios, para sempre.

Não o retrato. O que: moderno, aumentado, nas veras cores, mandado rematar no estrangeiro por alto preço, guarnecido de moldura. Iô Wi pendurara-o na abastada sala de casa — que perdia só para a de Seo Drães, vivenda em apalaço. Isso pecava. Seria todo retrato uma outra sombra, em falsas claridades?

Bio olhava-o com instância, num sussurro soletrante, a Iô Wi quase suplicava-o. Seu cavalo avultava, espelhado, bem descrito, no destaque dessa regrada representação, realçado de luz: grosso liso, alvinitoso, vagaroso belo explicando as formas, branco feito leite no copo, sem perder espaço. E que com coragem fitava alguma autoridade maior de respeito — era um cavalo do universo! — cavalo de terrível alma.

Iô Wi, então, não dadivava, de o entregar ou retornar, a quem, que? Bio, sem acenar naquilo, fechava os olhos. Doía-lhe de não. Iô Wi do dito não se desfazia, jamais, tanto nele contemplava a metade — a moça, de fora, de cidade, com ela ia se casar — cheio de amorosidades. Por causa, o queria, como um possuído. Mais disse: que não se podia fazer partição, rateio dos feitios do cavalo e da moça, cortar em claro. O Bio voltasse, para o ver e rever, vezes quantas quisesse, entrar só assim em quinhão — de regalia de usuflor.

Iô Williãozinho, por palavras travessas, caçoadamente, dava a entender que o cavalo, de verdade, não era portentoso desse jeito, mas mixe, somente favorecido de indústrias do retratista e do aspecto e existir da Moça — risonha, sonsa, a cara lambível. Descobria o Iô Wi as tençoadas estranhezas! Todos querem acabar com o amor da gente.

De lá o Bio saiu, de ódio.

Indo que entendendo: e achava. Tinha era de nele montar, pelo comum preceito, uso, sem escrúpulo nem o remorso. Montava-o — e dele só assim se posseava. Ia então exercer o que até aqui delongara, por temor e afeição rodeadora — só a o tratar, raspar, lavar, lhe adoçar ração, fazer-lhe a crina — xerimbabado. Tá, o dia chegou. Terno botou-lhe o selim, rogava indultos.

Tanto cavalgou, rumo a enfim nenhum, nem era passeio, mas um ato, sem esporte nem espairecer. Senseava-o, corpo em corpo, macio e puro assim nem o aipim mais enxuto, trotandante ou à bralha. Seguia o sol, no chão as sobreluzidinhas flores, do amarelo que cria caminhos novos. A

estrada nua limpa com águas lisices — tudo o que nele alegre, arrebatado de gosto — e o azul que continua tudo. Eles subiam.

Somente com o em-paz Nhô da Moura, aqui estivesse, poderia conversar, carecia, sobre este: airoso, de manejo, de talento. Se vivo o Nhô da Moura, ah, mas — então dele Bio o soreiro ainda não seria... Deu galope. Um requerer o mandou para trás, de qualquer jeito, havido-que, se reenviava ao Iô Wi. Desdenhava falsejos e retratos. Agouros! devia abolir aquele, destruído em os setecentos pedaços. Só depois sossegasse. Era um demais de cavalo.

Desafioso, chegou. Viu o Iô Wi — jururu-roxo — e logo soube. O retrato já não pendia da parede, senão que removido em recato. Iô Wi suspirou-se: o Bio fosse, ao qual canto, e à vontade o espiasse. A moça não viria mais. Ingrata, ausenciada, desdeixara o Iô Wi, ainda de coração sangroso, com hábitos de desiludido.

Bio se coçava os dedos das mãos. A moça não podia assim de todo fugir. No viso daquela enfeitada arte, também alguma parte dela parava presa, semblante da alma, por sobejos e vivente parecença. Mesmo longe, certas horas ela havia de sentir, sem saber, repuxão da tristeza do Iô Wi, compondo silêncio.

E o Iô Wi, agora, não ia apossá-lo no quadro? Não, o Iô Williãozinho sendo dos que persistem, ele carecia daquilo, para conferir saudades. Só o vilão sonha sem o seu coração. Bio concordou, tossia. Outros possíveis retratos rejeitou, que o Iô Wi prometia mandar bater. Maior queria pensar o que percebia, de volta. Meteu-se por dentro.

Mais nem praguejava que em rasgados aquele figurado se acabasse. Só, numa madrugada, sonhou esse aspecto, coisas ofendidas. Foi levantar e ir ver: seu cavalo!

O cavalo, prostrado, a cara arreganhada, ralada, às muitas moscas, os dentes de fora, estava morrendo. Bio também gemeu, lavando com morna água salgada aqueles beiços, desfez o arreganhamento, provou-lhe as juntas, pôs o cabresto, ele fazia um esforço para obedecer. Bebia, sem bastar, baldes de água com fubá e punhadinho de sal. Mas mirava-o, agradecido, nos olhos as amizades da noite. Sofrimento e sede... Isto se grava em retratos? Nhô da Moura não tivera ocasião daquilo.

Essas horas. Ele pôs a cabeça em pé, parecia que ia mandar uma relinchada bonita. Depois foi arriando a esfolada cabeça, que ficou nos

joelhos do Bio. Cavalo infrene, que corria, como uma cachoeira. Não estava ali mais.

Ali estava chegado o Iô Williãozinho.

— *"Você, Bio, enterrou o seu Lirialvo? Você envelheceu, sobrejeito..."* — disse, deveras. Vem comigo, associoso falou. Bio veio, divulgava ao outro como aquele se quebrara por dentro, de rolar de um barranco à-toa. Calado, agora, recuidasse, que a ingrata moça constava também, nesta vida, teria seu direito papel, formosa à vista.

— *"Bio, você quer o retrato?"*

Não, Bio queria não, feliz anteriormente, queria mesmo silêncio. Apesar bem de belo, perfeito em forma de semelhanças, cavalo tão cidadão, aquilo não podia satisfazer o espírito, como a riqueza esfria amores, permanecido em estado de bicho. Nem era o que mudado, depois, com ronquidos de padecer, tremente o inteiro pelo, dele junto, como o dia de ontem que não passou, sem socorro possível.

— *"Bio, a gente nunca se esquece..."* — bem dito, com uma dor muito cheia de franqueza. De jeito nenhum, consequência da vida.

Mais foram, conformes no ouvir e falar, mero conversando assim aos infinitos, seduzidos de piedade, pelas alturas da noite. Resolvidos, acharam: que iam levar o quadro, efígies de imagens, ao Seo Drães, para o salão de fidalga casa, onde reportar honra e glória. Separaram-se, após, olhos em lacrimejo, um do outro meio envergonhados.

Era verdade de-noite,
era verdade de-dia.
Mentira, porque eu sofria.

Recapítulo.

Ripuária

Seja por que, o rio ali se opõe largo e feio, ninguém o passava. Davam-lhe as costas os de cá, do Marrequeiro, ignorando as paragens dele além, até à dissipação de vista, enfumaçadas. Desta banda se fazia toda comunicação, relações, comércio: ia-se à vila, ao arraial, aos povoados perto. João da Areia, o pai, conhecia muita gente, no meio redor, selava a mula e saía, frequente. O filho, Lioliandro, de fato se aliviava com essas ausências. Ele não gostava de se arredar da beira, atava-se ao trabalho. Era o único a olhar por cima do rio como para um segredado.

Lioliandro tinha irmãs, careciam de quem em futuro as zelasse. — *"Morro, das preocupações!"* — invocava João da Areia, apontando para os olhos do filho o queimar do cigarro. Morreu. A mãe, acinzentada, disse então àquele, apontando-lhe aos olhos com o dedo: — *"Tu, toma conta!"* — pelo tom, parecia vingar-se das variadas ofensas da vida.

Lioliandro cismou: a gente podia vender o chão e ir... E virava-se para a extensão do rio, longeante, a não adivinhar a outra margem. Mas constavam-lhe do espírito ainda os propósitos do pai: — *"Em parte nenhuma feito aqui dá tanto arroz e tão bom..."* Teve de reconhecer a exatidão da tristeza.

Suas irmãs despontavam sacudidas bonitas, umas já com conversado casamento. Delas se afastava Lioliandro, não por falta de afeto, mas por não entender em amor as pessoas. Fazia era nadar no rio, adiantemente, o quanto pudesse, até de noite, nas névoas do madrugar.

— *"Diabo o daí venha!"* — vetava a mãe, que se mexia como uma enorme formiga. Lioliandro, no fundo, não discordava. Disse: não se casaria, até que a sorte das irmãs estivesse encaminhada. — *"Sua obrigação..."* — a mãe apôs. Lioliandro disso se doeu, mas considerando tudo certo fatal.

E veio, nesse tempo, foi uma canoa, sem dono, varada na praia. A fim, estragada assim, rodara, de alto rio. Ele ocultou-a, levava muito, sozinho, para a consertar, com mãos de lavrador. Em mente, achava-lhe um nome: *Álvara*. Depois, não quis, quando ansioso.

Queria era, um dia, que fosse, atravessar o rio, como quem abre enfim os olhos. Tinha notícia — que do lado de lá houvesse lugares: uns Azéns, o Desatoleiro, a grande Fazenda Permutada. Fez os remos.

Por esses espaços ninguém metia lanço, devido a que o rio em seio de sua largura se atalhava de corredeiras — paraíba — repuxando sobre pedregulho labaredas d'água; só léguas abaixo se transpunha, à boca de estrada, no Passo-do-Contrato. De lá surgia pessoa alguma. — *"Lá não é mais Minas Gerais..."* — o pai, João da Areia, quando vivo, compunha o jurar.

No em que se casaram, junto, as duas primeiras irmãs, se deu festa, mas Lioliandro não sabia dançar. Irrequieta mocinha, também vinda, dançava sorridente, de entre as mais nem se destacava. Lioliandro uma hora desertado se sumiu de todos, buscou a beirada do rio, que no escuro levava água bastante, calado e curto, como o jaguar. Álvara, aquela recuidada moça, no saudar lhe dera a mão. Disse-se lhe dissera: — *"Você tem o barquinho, pega a gente para passear?"*

Ele a desentendera. Espiava agora o acolá da outra aba, aonde se acendia uma só firme luz, falavam-na o que não se tinha por aqui, que era de eletricidade. Disso tomavam todos inveja. Desconfiou mais, para se arrimar, desse tempo por diante.

Até o choco das garças, nos ninhos nas árvores. Montou então uma vez a canoa e experimentou, no remar largo, era domingo, dia de em serviço não se furtar a Deus. Talvez ele não sendo o de se ver capaz — conforme sentenciara-o o velho, João da Areia. Decerto, desta banda de cá, dos conhecidos, o desestimavam, dele faziam pouco.

Do outro lado, porém, lá, haveria de achar uma moça, e que amistosa o esperava como o mel que as abelhas criam no mato... O rio era que indicava o erro da gente, importantes defeitos, a sina. Dentro quase no meio, se avistava, na seca, ilha-de-capim, antes da maior, inteira, crôa com mouchão, florestosa.

Depois foi a Lica, irmã caçula, que ficou nôiva. A não esquecida moça, Álvara, veio passar mês em casa, para auxiliar nos preparos. Ela cantava coplas, movendo no puro ar os braços. Mesmo não se curava Lioliandro de frouxo desassossego.

Entretanto provara, para sustos e escândalo, a façanha. De aposta, temeram por sua vida! Desapareceu, detrás das ilhas, e da pararaca, em as

rápidas águas atrapalhadas. Só voltou ao outro dia, forçoso, a todo o alento.

— *"Havia lá o que?"* — perguntaram-lhe. Nenhum nada. Mais a dentro deviam de viver as povoações, não margeantes, ver que por receio do ribeiradio, de enfermidades. E fora então buscar a febre-de-maresia? Tanto que não. Dobrava de melancolia. Trouxera a lembrança de meia lua e muitas estrelas: várzeas largas... A praia semeada de vidro moído.

Muito o coração lhe dava novos recados. Lioliandro estudava a solidão. Dela lhe veio alguma coisa.

Álvara, a moça, na festa, para ele atentara, as dadas vezes, com olhos que aumentavam, mioludos, maciamente; ele desencerrava-se. Da feita, também ela ficou de parte. — *"Não danço..."* — a todos respondia.

Mas agora os mesmos olhos o estranhassem, a voz, que não ouvindo. Dele não era que gostava, não podia; decerto, de algum outro, dos que a enxergavam, diversamente, no giro de alegria. A travessia nem lhe valera, devia mais ter-se perdido, em fim, aos claros nadas, nunca, não voltando.

Na manhã, ele olhou menos as mãos, abertas rudemente: o rio, rebojado, mudava de pele. Nem atendeu aos que lhe falavam, aflitos, à mãe, que desobedecida o amaldiçoava. Entrou, enfiava o rio de frecha, cortada a correnteza, de adeus e adiante, nadava, conteúdo, renadava.

Revia as ilhas, donde o encachoeirado estrondeante, daí o remate e praia — de a-porto. Seu amor, lá, pois. Mediante o que precisava, que de impor-se afã, nem folga, o dever de esforço. — *"Não posso é com o tal deste rio!"* — tanto tinha dito o pai, João da Areia. Sacudiu dos dois lados os cabelos e somente riu, escorrido cuspindo.

Súbito então se voltou, à voz a chamar seu nome: por entre o torto ondear, que ruge-ruge mau moinhava enrolando-o, virou e veio.

A mãe bem que chorava, desdizendo as próprias antigas pragas. Detrás dela, aparecia aquela escolhida, Álvara, moça, que por ele gritara, corada ou pálida. — "*Que é que lá tu queria?!*" — as mãos da mãe tacteavam-lhe o corpo.

Mais a moça o encarou. — *"Tudo é o mesmo como aqui..."* Lioliandro quis ouvir, se bem que leve, nem crendo.

— *"De lá vim, lá nasci"* — sem pejo, corajosa, a curso. Sim, a gente a podia fácil entender, tão querida, completadamente: — *"Sou também da outra banda..."*

Se eu seria personagem

Note-se e medite-se. Para mim mesmo, sou anônimo; o mais fundo de meus pensamentos não entende minhas palavras; só sabemos de nós mesmos com muita confusão.

Titolívio Sérvulo, esse, devia ser meu amigo. Ativo, atilado em ações, néscio nos atos; réu de grandes dotes faladores. Cego como duas portas. Me mostrou Orlanda — reto trouxe-ma à atual atenção. Algo a isso o obrigasse, acho. Só a fé me vive. Sou da soldadesca de algum general. Todo soldado tem um pouquinho de chumbo.

Depois de drinque inconsiderado, em amena tarde, que muito me esquece. — *"Feia, frívola, antipática..."* — T. impôs. Aceitei, sem aceno. Nela eu não reparara, olhava-a indiferente como gato ante estátua, como o belo é oblíquo.

Não dessa feita. Porque ela não surgira apenas: desenhou-se e terna para mim. Além de linda — incomparável — a raridade da ave. Se cada uma pessoa é para outra-uma pessoa? Só ela me saltava aos olhos.

Fixe-se porém que ninha ou baga eu não disse, guardei-me de apreciação. Sou tímido. Vejo, sinto, penso, não minto. Me fecho. Eu, que não vou nem venho. Tenho a ilusão na mão. Nasci para cristão ou sábio, quisera ser.

E vai, senão, que T., colado a mim, em ímpeto não inédito se desdisse: — *"Boa, fina, elegante!"* — de feliz grito, precipitando-se na matéria do quadro. Dava-lhe o quê? Indaguei-me como.

Nada eu lhe falara, afirmo, nem dele teria audiência. Só mesmo a mim: fortíssimo aquele sobredito meu conceito, e que era uma ocasião interna.

Mas, feito um achado oracular, ele contracunhando-o, agora, pois. Já a tinha em valia; estava-se no coincidir. Onde há uma borboleta, está pronta a paisagem? Tácito, de lado não me entortei, como o monge se encapuza. Rebebi, tinidamente. Tomei posição.

Daí, dados os dias, eu amava-a — sem temor ao termo. À boa fé: mais vale quem a amar madruga, do que quem outro verbo conjuga... Do que de novo fiz meu silêncio.

E vem T. — contudo, como se me segundando, em sua irreticência, comentando meu coração. Já T. também gostava dela, e sob que forma? Por isto assim que: para namorico, o ilícito, picirico, queria-a que queria.

Mais me emudeci. Abri-me a mim. De Orlanda eu, certo antes, me enamorara, secreto efervescente. Tímido, tímidulo. Sou antigo. Onde estão os cocheiros e os arcediagos? T. era que me copiasse, não a seu ciente. Em segredo pondo eu minha toda concentrada energia passional tão pulsante; de bom guerreiro.

É de adivinhar que T. mudou, no meu ar. Súbito o incêndio, ele se apaixonara, após, por Orlanda, andorinha do abstrato. Transmentiu-me: o embeiço — reflexo, eco, decalque. Já éramos ambos e três.

Escureço que demais não me surpreendi, bofé, acima de espanto. E põe-se o problema. Todo subsentir dá contágio, cada presença é um perigo? Aceitam-se teorias.

T. tocava a trombeta — miolado, atravessado, mosqueteiro — imitador de amor. Ou eu, falso e apenas, arremedando-o por antecipação. O futuro são respostas. Da vida, sabe-se: o que a ostra percebe do mar e do rochedo. Inimaginemo-nos.

Foi havendo amor. Entre mim tenho que aqui rir-me-ão, de no jogo omisso, constante timidejante, calando-me de demonstrações. Meu amor, luar da outra face, de Orlanda não ver. *Do que o da gente, vale a semente* — o que, acho, ainda não foi dito. T. sim saía-se, entreator.

Adão. Eu, não. Vou ao que me há de vir, só, só, próprio. Espero — depois, antes e durante — destinatário de algum amor. O tempo é que é a matéria do entendimento. Quem pôs libreto e solfa? O amor não pode ser construidamente. Ninguém tem o direito de cuidar de si.

Pois, que, quanto eu não dava, alferes, para ter Orlanda?

E então T. avisou-se-me, vice-louco, com avento de casamento. Ia do mito ao fato; o que a veneta tenta. Tudo já estava. A notícia pegou-me em seu primeiro remoinho.

E tugi-nem-mugi, nisso eu não tendo voto; só emoção, calada como uma baioneta. Tive-me. O general dispõe. Me amolgam, desamolgo-me. Valha o amuo filosófico. T. sentimentiroso, regozijado com o relógio... Às vezes a gente é mesmo de ferro. Recentrei-me, como peculiar aos tímidos e aos sensatos. Isto é, fui-me a dormir, a ducentésima vez, nesse ano.

Tido de conformar-me. Aí a minha memória desfalece. Viver é plural — muito do que não vejo nem invejo. E atravessei, não intimidado, aquele

certo se não errado acontecimento.

Nôiva e de outro, Orlanda? Então ela não era a minha, era a de T. então. Folguei por ambos, a isso obriguei-me. Coadunei nula raiva com esperança incógnita, nesse meu momento. A hora se fazia pelo deve & haver dos astros, não a aliás e talvez. Tanto sabe é quem manda; e fino o mandante. A gente tem de viver, e o verão é longo. Retombei, pesado, dúctil, no molde. Salvem-se cócega e mágica, para se poder reler a vida.

Sim sofri: como o músico atrás dos surdos ou o surdo atrás dos dançantes; mas, com cadência. Orlanda e uma data — o tempo, *t?* Vinha eu de fazer de a esquecer, ordem que traduzi e me dei. Em esquecimento que, oculto, vazava. A quanto parece.

T. seguia-me, brusco também padecia, inexplicada mas explicavelmente, bom condutor. Do modo, doeu-se, descreu-se, quando um grande acontecimento veio a não suceder. Plorava, que quase; só piscou depois.

Nem exultei — não querendo emprestar-lhe bafo. Na circunstância, a outronada o induzisse, sou de conselho escasso. Eu, no caso dele... refeito de manter-me de parte.

Pois foi o que ele fez, mudou de amar e de amor, ora agora mandar-se-á ao lado de uma outra mulher, certa a de Titolívio Sérvulo, a ele de antemão destinada, da grei do exato sentir. Tive-lhe, tenho-lhe mais amizade, não dó. Sei o que hei. Timidez paga devagar, mas paga.

E nem sabe o tímido quanto bem calcula. À melhor fé! Como o amor se faz é graças a dois.

Segue-se, enfim assim, nomeadamente Orlanda — de a um tempo rimar com rosa, astro e alabastro — aqui. Sua minha alma; seu umbigo de odalisca, sorriso de sou-boneca, a pele toda um cheiro murmurante, olheiras mais gratas azuis. Mesma e minha.

De dom, viera, vinha, veio-me, até mim. Da vida sem ideia nem começo, esmaltes de um mosaico, do mundo — obra anônima? Fique o escrito por não dito. Sós, estampilhamo-nos. Tem-se de a algum general render continência. Ei-la, alisa a tira da sandália, olha-se terna ao espelho, eis-nos. Conclua-se. Somos. Sou — ou transpareço-me?

Sinhá Secada

Vieram tomar o menino da Senhora. Séria, mãe, moça dos olhos grandes, nem sequer era formosa; o filho, abaixo de ano, requeria seus afagos. Não deviam cumprir essa ação, para o marido, homem forçoso. Ela procedera mal, ele estava do lado da honra. Chegavam pelo mandado inconcebíveis pessoas diversas, pegaram em braços o inocente, a Senhora inda fez menção de entregar algum ter, mas a mulher da cara corpulenta não consentiu; depois andaram a fora, na satisfação da presteza, dita nenhuma desculpa ou palavra.

Muitos entravam na casa então, devastada de dono. Cuidavam escutar soluço, do qual mesmo não se percebendo noção. Sentada ela se sucedia, nas veras da alma, enfim enquanto repicada de tremor. Iam lhe dar água e conselhos; ela nem ouvia, inteiramente, por não se descravar de assustada dor. — "*Com que?*" — clamou alguém, contra as escritas injustiças sem medida nem remédio. Achavam que ela devia renitir, igual onça invencível; queriam não aprovar o desamparo comum, nem ponderar o medo do mundo, da rua constante e triste. Ela continha na mão a lembrança de criança, a chupeta seca. — "*Uf!*" — e a gente se fazendo mal, com dó, com dúvida de Deus em escuros. Do jeito, o fato se endereçou, começador, no certo dia.

No lugar, por conta de tudo, mães contemplavam as filhas, expostas ao adiante viver, como o fogo apura e amedronta, o que não se resume. Decidia o que, aquela? Tanto lhe fosse renegar e debater, ou se derrubar na vala da amargura. De lá, de manhã, ela desaparecera. Recitavam vozes: que numa prancha do trem-de-lastro tinham-lhe cedido viagem, para por aí ir vadiar, mediante algum mau amor. Sem trouxa de roupa, contavam que com até um pé descalço. Desde o que, puniam já agora as mães suas arregaladas filhas, por possíveis airadas leviandades mais tarde. Dela não se informavam; dera-lhes esquecimento.

Entanto errados. Ela apenas instricta obediente se movera, a variável rumo, ao que não se entende. Deixara de pensar, o que mesmo nem suportasse — hoje se sabe — ao toque de cada ideia em imagem seu

coração era mais pequeno. O menino sempre ausente rodeava-a de infinidade e falta.

Tomara, em dois, três dias, o aspeto pobre demais, somente sem erguer nem arriar rosto: era a sã clara coisa extraordinária — o contrário da loucura; encostava no ventre o frio das palmas das mãos. Por isso com respeito a viu e ofereceu-lhe meio copo de cerveja e um pastel de tabuleiro a Quibia, do Curvelo, às vezes adivinhadora. — "*Sinhá...*" — sentiu que assim cabia chamar-lhe, ajeitando-lhe o vestido e os cabelos, ali no rumor da estação. Tinha uma filha, a quem estava indo ver, opostamente, a boa preta Quibia. Convidou consigo a Sinhá, comprando-lhe passagem para aquele intato lugar, empregou-a também na fábrica de Marzagão. Sobre os anos, foi pois quem dela pôde testemunhar o verossímil.

Moraram numa daquelas miúdas casas pintadas, pegada uma a outra, que nem degraus da rua em ladeira, que a Sinhá descia e subia, às horas certas, devidamente, sendo a operária exemplar que houve, comparável às máquinas, polias e teares, ou com o enxuto tecido que ali se produz. Não falava, a não ser o preciso diário. Deixavam-na em paz, por nela não reparar, até os homens. Só a Quibia vigiava-lhe a sombra e o sono. Donde o coligido — de relato — o que de suas escassas frases razoáveis se deduz.

Sinhá prosseguia, servia, fechada a gestos, ladeando o tempo, como o que semelhava causada morte. Tomava-lhe a filha casada da Quibia, por empréstimos, quase todo o ordenado, já que a ninguém ela nada recusava, queria nada: não esperar; adiar de ser. A bem dizer, quase nem comia, rejeitava o gosto das coisas; dormia como as aves desempoleiradas. Nem um ingrato minuto da arrancada separação poderiam restituir-lhe! Que é que o tempo tacteia? Os dias, os meses, por dentro, em seu limpo espírito, se afastavam iguais.

Decerto não a prezavam, em geral, portanto; junto dela pareciam urgidos de cuspir e se gabar. Ora a suspeitassem mulher inteligente endurecida, socapa de perfeita humildade. De propósito não os buscando nem evitando, acatava contudo de um mesmo modo os trelosos meninos, os mais velhos comuns, os moços e moças, príncipes, princesas. Quibia, sim, não duvidou, ainda que ouvida a pergunta que a Sinhá se propunha: quando, em que apontada ocasião, cometera culpa? E a resposta — de que, então, só se tivesse procedido mal, a cada instante, a vida inteira... Daí, quedava, estalável, serena, no circuito do silêncio, como por vezo não se escavam buracos na barragem de um açude.

No filho, no havido menino, vez nenhuma falou — nem a Quibia de nada soube, a não ser ao pôr-lhe a vela na mão, mais tarde; — feito guardado em cofre. Seus olhos iam-se empanando encardidos, ralos os cabelos. Durante um tal tempo, nunca mais se olhara em espelho.

Derradeiramente, porém, tiveram de notar. Ela se esparzia, deveras dona, os olhos em espécie: de perto ou de longe, instruía-os, de um arejo, do que nem se sabe. Por sua arte, desconfiassem de que nos quartos dos doentes há momentos de importante paz; e que é num cantinho que se prova melhor o vivo de qualquer festa, entre o leal cão e o gato no borralho.

— *"Se ela viesse mais à igreja, havia de ser uma Santa..."* — censuravam. Passava espaços era acarinhando pedaço de pedra, sem graça, áspera, que trouxera para casa; e que a Quibia precioso conservou, desde a última data. Sinhá, no mais, se esquecia ali, apartada, entrava no mundo pelo fundo, sem notícias nem lembranças. Sim, estas, depois.

Primeiro, um moço, estrito e bem trajado, chegou, subiu a ladeira, a quentes passos. Queria, caçava, sem sossego, o paradeiro de sua mãe, da qual também malvadamente separado desde meninozinho: e conseguira indicação, contadas conversas; também o coração para cá intimado o puxando... Seria ela?!

Não — era não — se conferiu, por nomes e fatos. O moreno moço sendo de outro lugar, outra sumida mãe, outra idade. Só o amor dando-se o mesmo, vem a ser, que o atraíra de vir, não por esmo.

Mas, ela, que sentada tudo recebera, calada, leve se levantou, caminhou para aquele, abençoando-o, pegou a mão do tristonho moço, real, agora assim mesmo um tanto conformado. Sorria, a Sinhá, como nunca a tinham avistado até ali, semelhava a boneca de brincar de algum menino enorme. Seu esqueleto era quase belo, delicado.

Nesse favor de alegria persistiu, todos exaltando o forte caso. Seja que por encurtado prazo. Até ao amanhecer sem dia. À Quibia ela muito contou; e fechou, final, os novos olhos. O caixão saiu, devagar desceu a ladeira, beirou o ribeirão rude de espumas em lajedos, e em prestes cova se depositou, com flores, com terra que a chuvinha de abril amaciava.

Quibia, entretanto, enfim ciente, meditou, nos intervalos de prantos, e resolveu, com sacrifícios. Retornou ao Curvelo, indagou, veio enfim àquele arraial, onde tudo, tão remoto, principiara.

Mas — o menino? Morreu, lhe responderam. Anjinho, nem chegara a andar nem falar, adoecido logo no depois do desalmoso dia, dos esforços arrebatados.

Quibia relanceou — o passado, de repente movente, sem desperdícios. Se curvou, beijando ali mesmo o chão, e reconhecendo: — *"Sinhá Sarada..."*

Prefácio

Sobre a escova e a dúvida

I

Atenção: Plínio o Velho morreu de ver de perto a erupção do Vesúvio.

1*a* Tabuleta.

Nome nem condição valem. Os caetés comeram o bispo Sardinha, peixe, mas o navegador Cook, cozinheiro, também foi comido pelos polinésios. Ninguém está a salvo.

Das Efemérides Orais.

“Necessariamente, pois, as diferenças entre os homens são ainda outra razão para que se aplique a suspensão de julgamento.”

Sextus Empiricus.

Vindo à viagem, em resto de verão ou entrar de outono, meu amigo Roasao, o Rão por antonomásia e Radamante de pseudônimo, tive de Apajeá-lo. Traziam-no dólares do Governo e perturbada vontade de gozo, disposto ao excelso em encurtado tempo, isto é, como lá fora também às vezes se diz, chegou feito coati, de rabo no ar. — Mulheres?! *e: como cambiar dinheiro à ótima taxa — problemas que pronto se propôs, nada teorético. Guiou-se-o a Montmartre. De tudo se apossava, olhos recebedores, que não que em flama conferindo o tanto que da Cidade reconhecesse, topógrafo de tradicionais leituras, colecionador de estribilhos. Saudava urbana a paisagem, nugava, tirava-se à praça — do Tertre — onde de escarrancho nos sentamos para jantar, sob para-sol, ao grande ar galicista. Desembarcado de horas, tinha já pelo viso o crepúsculo, e no bolso o cartão indicador, no decênio, das primas vindimas. De mim nada indagou nem aventou, o que apreciei, sempre se deve não saber o que de nós se fala. Rão opiparava-se de menus abstratos. Denunciou-me romances que intentava escrever e que lhe ganhariam glória, retumbejante, arriba e ante todas, ele havia de realizar-se! Lia no momento autores modernos, vorazes substâncias. Explicou-me Klaufner e Yayarts. Deu redondo ombro à velhinha em cãs*, por amor de *esmola vinda*

cantarolas fanhosear à beira da mesa. Desprezava estilos. Visava não à satisfação pessoal, mas à rude redenção do povo. Aliás o romance gênero estava morto. Tudo valia em prol de tropel de ideal. Tudo tinha de destruir-se, para dar espaço ao mundo novo aclássico, por perfeito. Depois do filet de sôle *sob castelão* bordeaux *seco, branco, luziu-se a* poularde à l'estragon*, à rega de grosso rubro borguinhão e moída por dentaduras de degustex. Nada de torres de marfim. Droga era agora a literatura; a nossa, concalhorda. Beletristas... Mirou em volta. Paris, e senão nada! As francesas, o chique e charme, tufões de perfume. Desse-se inda hoje uma, e podia levá-la a hotel? — estava-se já na curva do conhaque.* — Você é o da forma, desartifícios... — *debitou-me.* — Mas, vivamos e venhamos… — *me esquivei, de nhaniônias. Viemos ao* Lapin Agile, *aconchego de destilada boêmia inatual e canções transatas. Encerebrava-se ainda o Radamante, sem quanto que improvando-me? —* Você, em vez de livros verdadeiros, impinge-nos... *Não o entendi de menos: no mal falar e curto calar, prisioneiro de intuitos, confundindo sorvete com nirvana. Ouvíamos a* Vinha do vinho*, depois a* Canção dos oitenta caçadores. *Tinha-se de um tanto simpatizar, de sosiedade, teria eu pena de mim ou dele?* — Não bebo mais, convém-me estar lúcido... — *um de nós disse.* — Eu também — *pois. Rão ora gratuitamente embevecia-se — em sua fisionomia quadragésima-quinta — inclinada pessoa, mais fraca que o verbo concupiscir. Tinha a cara de quem não suspirou. Peguei-lhe aos poucos o fio dos gestos, tudo o que ao exame submisso. Temia ele o novo e o antigo, carecia constante sustentar com as mãos o chão, as paredes, o teto, o mundo era ampla estreiteza. Queria, não queria, queria ter saudade. Não ri. Ele era — um meu personagem: conseguira-se presente o Rão no orbe transcendente. Àqueles vindos alienos cantares —* La ballade des trente brigands *ou* La femme du roulier — *em fortes névoas* — Le temps des cerises — *todos não sabemos que estamos com saudades uns dos outros.* — Você evita o espirrar e mexer da realidade, então foge-não-foge... — *ele disse, um pouquinho piscava, me escrutava, seu dedo de leve a rabiscar na mesa, linhas de bel-escrita alguma coisa, necessária, enquanto. Eu era personagem dele! Vai, finiu,* mezza voce*, singelo como um fundo de copo ou coração:* — Agora, juntos, vamos fazer um certo livro? *Tudo nem estava concluído, nunca, erro, recomeço, reerro, concordei, o centro do problema, até que a morte da gente venha à tona. Justo, cantava-se, coro, um* couplet:

“Moi, je ferai faire
un p’tit moulin sur la rivière.
Pan, pan, pan, tirelirelan,
pan-pan-pan...”

II

A matemática não pôde progredir, até que os hindus inventassem o zero.

O DOMADOR DE BALEIAS.

Meu duvidar é da realidade sensível aparente — talvez só um escamoteio das percepções. Porém, procuro cumprir. Deveres de fundamento a vida, empírico modo, ensina: disciplina e paciência. Acredito ainda em outras coisas, no boi, por exemplo, mamífero voador, não terrestre. Meu mestre foi, em certo sentido, o Tio Cândido.

Era ele pequeno fazendeiro, suave trabalhador, capiau comum, aninhado em meios-termos, acocorado. Mas também parente meu em espírito e misteriousanças. De fato, aceitava Deus — como ideal, efetividade e protoprincípio — pio, inabalável. E a Providência: as forças que regem o mundo, fechando-o em seus limites, segundo Anaximandro. Tinha fé — e uma mangueira. Árvore particular, sua, da gente.

Tio Cândido aprisionara-a, num cercado de varas, de meio acre, sozinha ela lá, vistosa, bem cuidada: qual bela mulher que passa, no desejo de perfumada perpetuidade. Contemplava-lhe, nas horas de desânimo ou aperto, o tronco duradouramente duro, o verde-escuro quase assustador da frondosa copa, construída. Por entre o lustro agudo das folhas, desde novembro a janeiro pojavam as mangas coração-de-boi, livremente no ar balançando-se. Devoravam-nas os sabiás e os morcegos, por astutas crendices temendo as pessoas colhê-las. Tio Cândido era curtido homem, trans-urucuiano, de palavras descontadas.

Dizia o que dizia, apontava à árvore: — Quantas mangas perfaz uma mangueira, enquanto vive? — *isto, apenas. Mais, qualquer manga em si traz, em caroço, o maquinismo de outra, mangueira igualzinha, do obrigado tamanho e formato. Milhões, bis, tris, lá sei, haja números para o Infinito. E cada mangueira dessas, e por diante, para diante, as corações-de-boi, sempre total ovo e cálculo, semente, polpas, sua carne de*

prosseguir, terebentinas. Tio Cândido olhava-a valentemente, visse Deus a nu, vulto. A mangueira, e nós, circunsequentes. Via os peitos da Esfinge.

Daí, um dia, deu-me incumbência:

— Tem-se de redigir um abreviado de tudo.

Ando a ver. O caracol sai ao arrebol. A cobra se concebe curva. O mar barulha de ira e de noite. Temo igualmente angústias e delícias. Nunca entendi o bocejo e o pôr-do-sol. Por absurdo que pareça, a gente nasce, vive, morre. Tudo se finge, primeiro; germina autêntico é depois. Um escrito, será que basta? Meu duvidar é uma petição de mais certeza.

III

> "Conheci alguém que, um dia, ao ir adormecendo, ouviu bater quatro horas, e fez assim a conta: *uma*, *uma*, *uma*, *uma*; e ante a absurdez de sua concepção,[21] pegou a gritar: — *O relógio está maluco, deu uma hora quatro vezes!"*

P. Bourdin, *apud* Brunschvicg, citados na *Lógica* de Paul Mouy.

— Deus meu, descarrilhonou? — *entrepensava na ocasião Lucêncio, consoante conta; e que não chegou a abrir os olhos. Em fato, nem quis, previa perder estado valioso, se definitivo escorregasse do sono para a vigília. Escutava enluvadas as pancadas, de extramurada sineta, sem choque ou música. O relógio — seus ocloques: repetiam insistida a mesma hora, que ele descarecia precisar que fosse. Aceito, compreendo, quase, a desenvolvida condição, traz-me lembrar do que comigo se deu, faz tempo.*

Como são curtos os séculos, menos este! Eu morava numa cidade estrangeira, na guerra, atribulando-me o existir, sobressaltado e monótono. Dormia de regra um só estiro, se não cantassem as sereias para alarma aéreo e ataque. Vem, porém, a vez, rara e acima de acepção, em que acordei, mesmo por nenhum motivo. Era noite mais noite e mais meia-noite; não consultei quadrante e ponteiros. Os relógios todos, de madrugada, são galos mudos.

— Até hoje, para não se entender a vida, o que de melhor se achou foram os relógios. É contra eles, também, que teremos de lutar...

Senti-me diferente imediatamente: em lepidez de voo e dança, mas também calma capaz de parar-me em qualquer ponto. Se explico? Era gostoso e não estranho, era o de a ninguém se transmitir. Tinham aliviado

o mundo. Da kitchenette*, via palmos de pátio de cimento, de garage, molhado e que reflexos alumiavam fraquíssimo. Mexi meu chocolate. E —*

— É o que mais se parece com a "felicidade": um modo sem sequência, desprendido dos acontecimentos — camada do nosso ser, por ora oculta — fora dos duros limites do desejo e de razões horológicas. Não se imagina o perigo que ainda seria, algum dia, em alguma parte, aparecer uma coisa deveras adequada e perfeita.

Em verdade conta Lucêncio que, entre não-dormir e não-acordar, independia feliz, de não se fazer ideia nem plausibilidade de palavras. Não queria, por tudo, que a inconcebida boa-hora passasse; sem imaginação ou contradição ele nada mais despercebendo. Só para desusar-se era que o relógio batia, aqui e outrures: Auckland, Quicheu, Mogúncia, Avinhão, Nijni-Novgorod, Lucerna, Melbourne.

Deixei a pequena janela da cozinheta, arquifeliz, confirmo. Por três noites o prodígio tornou a colher-me, o involuntário jogo. Que maneira? Tudo é incauto e pseudo, as flores sou eu não meditando, mesmo o de hoje é um dia que comprei fiado.

— A felicidade não se caça. Pares amorosos voltam às vezes a dado lugar, querendo reproduzir êxtases ou enlevos; encontram é o desrequentado, discórdia e arrufo, aquele caminho não ia dar a Roma nenhuma. Outros recebem o dom em momentos neutros, até no meio dos sofrimentos, há as doces pausas da angústia.

Lucêncio porém discerne, e para surpresa: de seguida seu rapto se desdobrou, em maisqueperfeitos movimentos. De uma companheira — era mocinha, conhecida, a que talvez ele menos escolhesse para conviver sonhos desses, nunca a tendo olhado em erótico ou flirte, antes nem depois. Mesmo não se diria sonho; mas o transunto, extremo, itens lúcidos, de séssil, dócil livro. — Os sonhos são ainda rabiscos de crianças desatordoadas.

— Não era mais o puro arroubo — refere Weridião — decerto ele já decaíra, nessa parte segunda.

Assim despertou de todo, a peso infeliz, conta. Se todos tivéssemos nascido já com uma permanente dor — como poder saber que continuadamente a temos? Curioso, procurou aquela moça. Sentiu que nada viu, da visionada, consonhada, tão imprevista e exata. — Você acaso pensou em mim? — *ousou.* — Oh, não por enquanto... — *ela riu, real, apagado retrato. Termina aqui o episódio de Lucêncio.*

Desde o tríduo de noites, no caso meu, e até hoje, nunca mais veio-me a empolgo, fatalmente de fé, a dita experiência. Isto faz parte da tristeza atmosférica? Tento por vãos meios, ainda que cópia, recaptá-la. Aquilo, como um texto alvo novamente, sem trechos, livrado de enredo, ao fim de ásperos rascunhos. Mas tenho de relê-los. O tempo não é um relógio — é uma escolopendra. (A violeta é humildezinha, apesar de zigomorfa; não se temam as difíceis palavras.)

IV

> "Um doente do asilo Santa-Ana veio de Metz a Paris sem motivo: no mesmo dia, foi saudar na Faculdade de Medicina o busto de Hipócrates, assistiu a uma aula de geometria na Sorbonne, puxou a barba de um passante, tirou o lenço do bolso de outro, e foi preso finalmente quando quebrava louças na vitrina de um bazar."
>
> Dr. Lévy-Valensi, *Compêndio de Psiquiatria*.

Indo andando, dei contra acelerado homem — tão convincentemente corpulento, em diametral aparição, que tudo me tapou, até a pública luz da manhã — próprio para abalroo e espanto. Tomei-o não por cidadão, antes de alguma espécie adversa. Aliás direito ora ao ajuizado, assíduo, regular quotídio eu me encaminhava. O mundo se assustou em mim: primeiro que qualquer ver e conjeturar enfiei desculpas, que é o cogente em desaguisos tais. Perfizera-se-me aquele o Mau-Gigante, que do mundo também advém. E como é que às criaturas confere-se possibilidade de existirem soltas, assim, separadas umas das outras, como bolas ou caixas, com cada qual um mistério particular, por aí? A gente aceita Adão e seu infinito quociente de almas; não o tremendo esperdiçar de forças que há em todo desastre; com o que, cite-se neste ponto-e-vírgula o risco da mesma fórmula em situação, conforme em R. se traçou, onde o povo circula de comum armado. A esbarrou em B e emitiu: — Me desculpe... — *voz forte e urso tom, pois vindo no instante remoído de um dali ausente C, com quem mental a rediscutir remenicado. B ouviu e entendeu* "Fedaputa!"*, por quanto irado por dentro, sua vez, em lembrança de D ou E. Expôs-se garrucha, perpetrou-se quase morte.*

Prosseguindo porém que o sobredito descomenso ente pediu-me por igual escusas, talvez melhormente civis & eficazes; decerto a pressa e grandeza inclinavam-no a curvar-se. Partimo-nos. Mais não nos vimos. Fui andando, fui pensando, já com outros intestinos. Eu, sobrevivente. Tudo com tudo, lucrara satisfação. Seguro seria aquele o Bom-Gigante, que não menos ocorre. Desse jeito, quando eu menino, em S., e vários outros a pedradas me acossavam: súbito surgindo colossal contra eles debandou-os o Roupalouca, sujo habitante da rua, que a bradar: — Safa, cambada, não sabem que hoje é dia de bosta e respeito!? *São esdrúxulos frequentemente os que resguardam a paz e a liberdade.*

Já eu advertia entanto que a irrupção do sujeito tolhera-me de atentar numa mulher que volaz passara. Seria bela? — a andorinha e o verão por ela feito. Seu hasteável vestido verde alegre e a dividida inteira elegância na ondulação das ancas — vulgariter *rebolado — para não perder-se o nu debaixo das roupagens. Deteve-se por momento, de costas e vertical, feito um livro na estante. Depois, eterna, sumiram-na o chão, a obrigação, a multidão. Enviei-lhe um pensamento, teoricamente de amor, como milhões de anos-luz no bolso do astrônomo.*

Mas por que cargas em mim deflagrara tãotanto susto o encontrão com o quidam? — cismei — desde que não é simples ficar sem pensar, como no bom circo cabe preencher-se todo pedacinho de intervalo. Só o meu guru Weridião o alcance. E achei: achava-me, nos dias aborígines. Dado tal — se sabe — no Carnaval, quando inopino o céu atroa e relampêia, os rueiros foliões travestidos de índio, ou de primitivo algo que o valha, abrem compassos de pânico. Vai ver, no dia, eu andava por menos, em estado-de-jó, estava panema, o que é uma baixa na corrente da sorte; quando um se descobre sob assim, nada deve tanger, nem descuidar, tendo de retrair-se à rotina defensiva. No que dura a panemice, melhor é a gente não sair de casa, da cama, ainda que de barriga vazia, como o silvícola espera em rede. Supõe-se, um, às vezes panema por lentas fases, se é que quase todos mais ou menos não o sendo, vida inteira. Do que Weridião desde moço todavia se forrou, a preço das ciências incomuns, abscônditas. Vence, queira ou não, em tudo, virou marupiara. Donde — ô — outro baque: demoningenhado veículo por fino não me colhe na sarjeta. Perco-o. Era o meu ônibus, aqui no ponto. Troquei-o por ameaça e me distraí de sua serventia. Rogo praga, que é desengraçado chavão, de utilização.

Desafiado, recorrerei a táxi, vale a pena expelir dinheiro, a modo de chamariz para mais. Disponho, portanto, de tempo. Evoco a em verde esbelta mulher, formada de nuca, dorso, donaire, quadris, pernas. Digo: bem mal desaparecida de meus olhos, recém-remota, veloz, Aretusa. Entro a sorver suma coca-cola. Compro jornal e um livro, que levam-me vagar a escolher. Provável é que mais não veja aquela mulher; e, não a sabendas, o rosto. Suspeito nem sequer minhas vontades profundas. Sob palavra de Weridião, somos os humanos seres incompletos, por não dominados ainda à vontade os sentimentos e pensamentos. E precisaria cada um, para simultaneidades no sentir e pensar, de vários cérebros e corações. Quem sabe, temos? Sem amor, eu é que sou um Sísifo sem gravidade.

De acordo com o que comum tradiz-se, rodará o chauffeur *dando comigo velhacas voltas? Digo-me incorreta toda desconfiança. Ao quanto que, pelo do painel, inquieta-me agora o atraso.* — Seu relógio não está certo? — *profiro.* — Por que, amigo? — *ele opõe, demonstrativo comedindo-se. Cuidou que eu aludisse ao taxímetro, combinamos agora de rir, nota e nota. Sinalo-o contudo capaz de assassinato abstrato. Abelabel, meu amigo, passou o dia uma vez acabrunhado, por conta de xingo de auto a auto, reles evento que de graças se dá e não mossa. Weridião ensinou-lhe conjurar a impressão, recitando pai-nossos sobre copo d'água a ingerir-se gole a gole. Abelabel intuíra a disposta bossa do xingador, atualmente apto a matar quem ou quem. O dínamo da vida, causas, funciona em outra parte? Há que ver nessas oficinas.*

Vejo porém é mesmo meio em mim. Zangadiço, de piorados bofes, estou é porque não despachei do espírito o logro de perder o ônibus. Em tanto que este servo chauffeur *pode ser ou não ser monstro. De não-sei-quê engendra e arrasta, jaganata, contra a quietude, seu carro, a pez de lume e súlfur e nafta. Maior em possança, oxalá, seja contudo o outro, o da encontroada, de antes, civilizado homem, para meu socorro. Tenho-o que sobrevindo e pegando a este, senão o trucidando. Defiro-lhe desmesurada gorjeta, em todo o caso, qual que o exorte:* — Sabe não que é hoje dia de bosta e respeito? *Somenos panema agora ele se mostrasse ficado.*

Soleva-me ao entrar em paz é o desar de chegar de feito com retardo. Tentam afinal os astros o que, contra mim, que só peço nenhum erro e enarmonia e suasão? Ou admodo atingir alguém e clamar: — "Senhor, fiz tudo — as batatas estando plantadas, os macacos penteados, já fui saindo, vi que o Sr. não está na esquina, banhei-me na caixa de fósforos, o boi se

amolou, o outro também, os porcos idem, foi lambido o sabão; e a Lherda e Nherda fui, cá estou. Senhor?...” *E porém de lá, não grave mas espesso, o Custódio, vem mais alto e forte do que eu e que ante mim espadaudava-se. Sem o que pensei, lhe pespeguei:* — Fedaputa! — *as sílabas destapadas. Desentendeu ele e certo mal-ouviu, pois soltada sorrida resposta:* — Não tem por que...

Desabei de ânimo. De hábitos. Tudo é então só para se narrar em letra de fôrma?

Mas é Apolo quem guia as musas. Dizer e dizer — Walfrida. Imperava ela de costas, embrulhei olhos em seu vestido, outroverde, do que as alfaces mais ofertam. Em tir-te também as pernas com sardas, ancas, cintura, o bamboleio. Tudo de cor se seguiu. Isto é: o rato, rápido; o gato mágico. Oh que para desejável amorável pervê-la eu precisara de estar recuado a raso grau. Mas todos somos bobos ou anões em volta do rei. Do que nem ela não se admirava, de eu antes desazado correr tão tortas linhas; pois noivamos, no dia mesmo, lindo como um hino ou um ovo. Tudo está escrito; leia-se, pois, principal, e reescreva-se. Tal, por má cópia, o de D. Diniz:

“Ela tragia na mão
hum papagay muy fremoso
cantando mui saboroso
ca entrava o verão,
e diss’: Amigo loução
Que faria por amores
poys me errastes tã em vão
e ca eu antr’unhas flores.”

V

— *“Quem não tem cão, caça com gato...”* — reclama o camundongo.

Quiabos.

“A fim, porém, de poder-se ter mais exata compreensão de tais antíteses, darei os Modos de conseguir-se a suspensão de julgamento.”

Sextus Empiricus.

Menino, mandavam-me escovar em jejum os dentes, mal saído da cama. Eu fazia e obedecia. Sabe-se — aqui no planeta por ora tudo se processa com escassa autonomia de raciocínio. Mas, naquela ingrata época, disso eu ainda nem desconfiava. Faltavam-me o que contra ou pró a geral, obrigada escovação.

Ao menos as duas vezes por dia? À noite, a fim de retirar as partículas de comida, que enquanto o dormir não azedassem. De manhã...

Até que a luz nasceu do absurdo.

De manhã, razoável não seria primeiro bochechar com água ou algo, para abolir o amargo da boca, o mingau-das-almas? E escovar, então, só depois do café com pão, renovador de detritos?

Desde aí, passei a efetuar assim o asseio. Durante anos, porém, em vários lugares, venho amiúde perguntando a outros; e sempre com já embotada surpresa. Respondem-me — mulheres, homens, crianças, médicos, dentistas – que usam o velho, consagrado, comum modo, o que cedo me impunham. Cumprem o inexplicável.

Donde, enfim, simplesmente referir-se o motivo da escova.

VI

> "Problemas há, Liberális excelente, cuja pesquisa vale só pelo intelectual exercício, e que ficam sempre fora da vida; outros investigam-se com prazer e com proveito se resolvem. De todos te ofereço, cabendo-te à vontade decidir se a indagação deve perseguir-se até ao fim, ou simplesmente limitar-se a uma encenação para ilustrar o rol dos divertimentos."

Sêneca.

Tenho de segredar que — embora por formação ou índole oponha escrúpulo crítico a fenômenos paranormais e em princípio rechace a experimentação metapsíquica — minha vida sempre e cedo se teceu de sutil gênero de fatos. Sonhos premonitórios, telepatia, intuições, séries encadeadas fortuitas, toda a sorte de avisos e pressentimentos. Dadas

vezes, a chance de topar, sem busca, pessoas, coisas e informações urgentemente necessárias. [22]

No plano da arte e criação — já de si em boa parte subliminar ou supraconsciente, entremeando-se nos bojos do mistério e equivalente às vezes quase à reza — decerto se propõem mais essas manifestações. Talvez seja correto eu confessar como tem sido que as estórias que apanho diferem entre si no modo de surgir. À Buriti *(Noites do sertão), por exemplo, quase inteira, "assisti", em 1948, num sonho duas noites repetido.* Conversa de Bois *(Sagarana), recebi-a, em amanhecer de sábado, substituindo-se a penosa versão diversa, apenas também sobre viagem de carro-de-bois e que eu considerara como definitiva ao ir dormir na sexta.* A Terceira Margem do Rio *(Primeiras estórias) veio-me, na rua, em inspiração pronta e brusca, tão "de fora", que instintivamente levantei as mãos para "pegá-la", como se fosse uma bola vindo ao gol e eu o goleiro.* Campo Geral *(Manuelzão e Miguilim) foi caindo já feita no papel, quando eu brincava com a máquina, por preguiça e receio de começar de fato um conto, para o qual só soubesse um menino morador à borda da mata e duas ou três caçadas de tamanduás e tatus; entretanto, logo me moveu e apertou, e, chegada ao fim, espantou-me a simetria e ligação de suas partes. O tema de* O Recado do Morro *(No Urubuquaquá, no Pinhém) se formou aos poucos, em 1950, no estrangeiro, avançando somente quando a saudade me obrigava, e talvez também sob razoável ação do vinho ou do conhaque. Quanto ao Grande Sertão: Veredas, forte coisa e comprida demais seria tentar fazer crer como foi ditado, sustentado e protegido — por forças ou correntes muito estranhas*.

Aqui, porém, o caso é um romance, que faz anos comecei e interrompi. (*Seu título*: A Fazedora de Velas). *Decorreria, em fins do século passado, em antiga cidade de Minas Gerais, e para ele fora já ajuntada e meditada a massa de elementos, o teor curtido na ideia, riscado o enredo em gráfico. Ia ter, principalmente, cenário interno, num sobrado, do qual — inventado fazendo realidade — cheguei a conhecer todo canto e palmo. Contava-se na primeira pessoa, por um solitário, sofrido, vivido, ensinado.*

Mas foi acontecendo que a exposição se aprofundasse, triste, contra meu entusiasmo. A personagem, ainda enferma, falava de uma sua doença grave. Inconjurável, quase cósmica, ia-se essa tristeza passando para mim, me permeava. Tirei-me, de sério medo. Larguei essa ficção de lado.

O que do livro havia, e o que a ele se referia, trouxou-se em gaveta. Mas as coisas impalpáveis andavam já em movimento.

Daí a meses, ano, ano-e-meio — adoeci; e a doença imitava, ponto por ponto, a do Narrador! Então? Más coincidências destas calam-se com cuidado, em claro não se comentam.

Outro tempo após, tive de ir, por acaso, a uma casa — onde a sala seria, sem toque ou retoque, a do romanceado sobrado, que da imaginação eu tirara, e decorara, visualizado frequentando-o por ofício. Sei quais foram, céus, meu choque e susto. Tudo isto é verdade. Dobremos de silêncio.

E saiu, por fim, de Gilberto Freyre, "Dona sinhá e o filho padre", livro original, inovador, importante. Inaugura literariamente gênero a que chama de seminovela. Diria eu: por outro lado, uma binovela. Direi — sesquinovela, no que propõe o que vou sussurrar.

Começa com o autor contando que ia contar uma estória — já se vê, inventada — em que figuraria uma Dona Sinhá; *e que foi convidado à casa de certa Dona Sinhá, verdadeira, existente, a qual, lendo em jornal notícia do apenas ainda planejado romance, acusa-o de abusar-lhe o nome. Diz-se, pasmoso caso:*

> "Pois o que vinha acontecendo comigo era uma aventura inesperada e única. Onde e com quem já acontecera coisa igual ou semelhante? Nos meus livros ingleses sobre fatos chamados pelos pesquisadores modernos de fenômenos psíquicos, de supranormais, eu não deparara com a relação de um fenômeno que se parecesse com aquele: com aquela Dona Sinhá real a me dar provas de que era a mesma figura de minha concepção romanesca."

Tudo isto, bem, podia não mais ser que ladino artifício, manha de escritor para entabular já empolgantemente o jogo; além de logo abrir símbolo temático: a personagem duplicada de imaginária e exata, por superposição, meio a meio — tal qual a própria "seminovela", em si. Assim foi que pensei. Já, hoje, muito duvido. Sei que o autor, ademais de cauto, tem, para o mais-que-natural, finas úteis antenas. E, a meu ver, ou o quiasma, ainda que talvez não completamente, se passou mesmo com Gilberto Freyre, ou ele o intuiu, hipótese plena, de outro plano, havido ou por haver. Alguma coisa se deu.

Prossigo; porque — e para mim é o que entranhadamente importa — houve o "francês". Concite-se:

> "Não pude deixar de levantar-me, espantado, assombrado. Até o 'francês'! Isto é, um terceiro personagem que eu pretendia inventar e que era um brasileiro afrancesado conhecido, entre seus antigos colegas de escola, no Recife, por 'o francês'.
>
> ....
>
> "Mais: havia o 'francês'. O 'francês' eu acreditava ser uma pura invenção minha, baseada, é certo, no fato de alguns rapazes da época da mocidade de Dona Sinhá, terem feito, como um irmão, que eu ainda conhecera, do Cardeal Joaquim Arcoverde, os estudos na Bélgica ou na França."

Aqui então revelo, afianço, declaro: tais o sobressalto e abalo, não fui adiante; fechei o livro, que só mais tarde conquisto ler, com admiração e gosto. Porque, no meu supradito projeto de romance, A Fazedora de Velas*, devia aparecer também um personagem, que, brasileiro, vivera anos em França e para lá retornara, apelidado "o Francês". Que crer? Vê-se, isto sim, em* "Dona Sinhá e o Filho Padre":

> "Haveria uma verdade aparentemente inventada — a da ficção — parecendo independente da histórica, mas, de fato, verdade histórica, a qual, solta no ar — no ar psíquico — a sensibilidade ou a imaginação de algum novelista, mais concentrado na sua procura de assunto e de personagens, a apreendesse por um processo metapsíquico ainda desconhecido?"

O meu "francês" seria, no romance, meio torvo, esfumado, esquivo, quase sinistro. O de Gilberto Freyre realizou-se simpático, sensual, sensível; plausivelmente algo bio-e autobiográfico?

E como foram possíveis coincidências de ordem tão estapafa? Eu não sabia coisa nem alguma do livro de Gilberto Freyre, e ele migalhufa coisinha não poderia saber do meu "Francês", jamais confidenciado a ninguém, nem murmurado, ficado no limbo, antes e depois do inverno de 1957 (ou 1958? — agora estou em dúvida), quando ele quis comparecer ao ecrã do meu perimaginar.

Só sei que há mistérios demais, em torno dos livros e de quem os lê e de quem os escreve; mas convindo principalmente a uns e outros a humildade. A Fazedora de Velas*, queira Deus o acabe algum dia, quando conseguir vencer um pouco mais em mim o medo miúdo da morte, etc. Às vezes, quase sempre, um livro é maior que a gente.*

VII

> "Se descreves o mundo tal qual é, não haverá em tuas palavras senão muitas mentiras e nenhuma verdade."
>
> Tolstói.

> "Agora, que já mostramos seguir-se a tranquilidade à suspensão de julgamento, seja nossa próxima tarefa dizer como essa suspensão se obtém."
>
> Sextus Empiricus.

A gente de levante, a boiada a querer pó e estrada, melindraram-se esticando orelhas os burros de carguejar, ajoujados já com tralha e caixotes. Alguém disse: — Dr. João, na hora em que essa armadilha rolar toda no chão, que escrita bonita que o sr. vai fazer, hein? *Os vaqueiros dos Gerais riem sem dificuldade. Zito só observou:* — O sr. está assinando aí a qualquer bobajada? *Antes apreciara minha caderneta atada a botão da camisa por cordel que prendia igual o lápis de duas pontas:* — Acho bom vosso sistema... *Mas montava agora muar de feia cor e embocava o berrante, vindo assumir sua vanguarda. Saía-se, na alva manhã, subia-se a Serra.*

Zito podia bem dar opinião, de escrevedor, forte modo nascido, marcado. Lá, em ermo, rancharia longe entre capins e buritizais, agrestidão, soubera mesmo prover-se do pobrezinho material usável. Mostrou-me, tirado da bolsa do arreio de campeio, um caderno em que alistava escolhidos nomes de vacas.[23] *Vi depois: que sendo entre os dali a um tempo* o *cozinheiro melhor mais o maior guieiro — e dado em poeta. Não a aviar desafios, festejos, mas para por enquanto quieto esconder seus versos. Isto — e escuro franzino, arqueadas pernas, pequeninotezinho debaixo do de extensas abas chapéu couruno — de ordinário levaria a nele fazerem pouco. O que porém não, na prática. Rapaz, que vem que*

espalhando senso-de-humor e vera benevolência, e homem esperto, oficioso, portava-se quera resolvido também: à cinta o carga-dupla 38, niquelado, cano longo. De maneira que da que fosse poesia não se falava, feito um segredo ajudado a guardar; a sua parava uma fama áptera. Todos respeitantemente gostando de Zito.

Durante os rodeios, da ajunta do gado bravo, ele não me animara a acompanhar a boiada — conforme firme tenção para pagar meus votos. Seja que predisse: — Aquilo é um navio de trabalhos! *De fato, aqui, em lentíssima marcha turbulenta, por altiplanícies, definito o mormaço meridiano, a gente penava e perigava. Zito contudo entendia então agora para mim os remédios da beleza: apontava o avulto do mundo de bois ondulando no crepitar de colmeião, um touro que feroz e outro marmoreado adiante, o buriti fremente, o tecnicolorido das veredas — os pássaros! — aquele horizonte amarrotado. —* Tudo o que é ruim é fora de propósitos... — *poetava?*

Só não recitava trovas. Aquiles, Bindoia, o próprio Manoelzão, outros, faziam isso, nômades da monotonia. Iam, enquanto não lidavam ou aboiavam, citando alto cada avistada coisa, pormenor — ave e voo, nuvem, morro, riacho, poeira, vespa, pedregulho, pau de flor, ou nada — toadamente. Tudo enumeravam com vagar, comentavam, como o quirguiz, o tropeiro, o barqueiro sãofrancisco; preenchiam, repetido em redondilha. De raro, quadra aceitável formava-se, aprendiam-na os companheiros, achava fortuna; todas consoante módulo convencional, que nem o dos cancioneiros e segréis. Logrei eu mesmo uma ou duas, já ora viradas talvez folclore, e conforme sertanejo direito, graças aos dezesseis meus quatravós. Zito não procedia assim, apenas se dava que pensava, à sua parte, sustido tangido o berrante com surdos diversos sons. Ele vai guiava.

Também em todo o caso uma hora tendo de deixar a guiação a outro, e adiantar-se à boiada, puxado adestro o burro dos trens, rumo ao ponto-de-pouso, aonde cozinhar o jantar. Vezes, preferi ir junto, fora da fadigosa lentidão, do rebanho, poeiranhama, rude sensível o movimento lado a lado do traseiro na sela, a qual se bota quente pelo demais. Mole se conversava então, equiandantes, ele gostava de ouvir arte. Influindo-o qualquer porção de proseio ou poema, a quanto aquilo queria acatrimar-se, ainda ao que não entendendo. Aprovava maneira maior: arrancos, triquestroques, teúdas imagens, o chio de imitar as coisas, arrimada

matéria, machas palavras. Do jeito, seu ver, devia de ser um livro — para se reler, voz aberta, mesmo no meio de barafa, galopes, contra o estrépito e eco dos passos dos bois nos anfractos da serrania.

Acampar outrossim pedia respeito à topografia: — Aqui não senhor, só da banda de lá do riacho... — *por regra enxuta. Pois, no tempo-das-águas, qualquer enchente podia num átimo de noite se engrossar; e porque:* — Mesmo um corguinhozinho estrito não estorva mas amiúde distrai o boi de arribar, põe a rês em dúvida se dá ou não dá para trás... — *Ia-se apanhar logo água?* — Não vê, é a derradeira providência, senão bicho, porco, pode o diabo jurar, derruba chaleiras, latas... *E buscar lenha, não?* — Só que a catada, goiabeira, araçá, ardentes de queimar, extratas. Do barbatimão, por um exemplo, o sr. nem queira, faça jeito... *Assaz esperava-se enfim também chegar ao lugar a boiada, o ar no clássico balanço zefirino, piando as saracuras, invisibilíssimas, quando o sol reentra. Zito esquivava de assim agora a poesia, desde que a servir feijão e carne-seca.*

Depois é que de lavar e arrumar trenhama, o que seja, acendia lamparina. Os outros jogavam truque ou pauteavam; ele também. Mas, estendido de bruços num couro vacum, rabiscava com toco de lápis num Caderno Escolar — dezoito folhas, na capa azul dois passarinhos e o Pertence a "João Henriques da Silva Ribeiro / Selga 19-5-52"*, em retro o Hino Nacional Brasileiro e o Hino à Bandeira — tenho-o comigo. Mas, o que Zito, xará, nele lançava, não eram contas de despensa ou intendência:*

"No dia 19
saimo do sertão
o zio no consolo
Joaquim no lampião

Manoelzão do Pedez
Joazito na Balaica
De hoje a 3 dia
Nos chegamo no reachau das Vacas

Quando sai de minha terra
Todo mundo ficou chorando
Sebastião no Barao
O preto no Cabano.

A Deus todos meios amingo
a te para o ano nesta vila
O retrato com cangaia
O colchete com a muchila"
....

Destarte entrante a obra, diário de nossa vem-vinda. Havendo que — Retrato*,* Pedrês*,* Colchete*,* Balalaica*,* Cabano*,* Barão*,* Lampião*,* Consolo *etc. — os nomes das montadas, equinos adestrados de campear ou mulos que aguêntam a montanha. Tais no sertão os* epos *das boiadas, relato ou canto, se iniciam com o elenco amável dos cavalos espiantes e dos vaqueiros sobressentados.*

Sob rotina de aberto céu e vocação, Zito tarde ainda versejava, miudeadamente, também, proporções líricas, outras faces. De jeito mesmo desatentava nos astros — Vésper a Iaci-tatá-uaçú, *Sírius a pino, Aldebarã grã brasa — de com que se conviver. Deixava-lhes, de rir para dormir, as palavras. Dormíamos com a Lua. Extorquidos se espichavam e encolhiam-se os vaqueiros, ao friofrio, relento, paralelos como paus de jangada; até às sarjas da aurora. Zito, já à mão o caldeirão, surpreendia-o a estrela boieira. Comia-se com escuro. Entornava-se de árvores o orvalho, jarras, cantaradas. Continuávamos em cavalgar.*

Um a par do outro, quiproquamos, foi entre a Vereda-do-Catatau e o Riacho das Vacas. Dava eu de prenarrar-lhe romance a escrever — estória com grátis gente e malapropósitos vícios, fatos. Ele, de embléia, arriou o berrante: — O sr. tem de reger essas noções... *Pelo que pensava, um livro, a ser certo, devia de se confeiçoar da parte de Deus, depor paz para todos, virtude de enganar com um clareado a fantasia da gente, empuxar a coragens. Cabia de ir descascando o feio mundo morrinhento; não se há de juntos iguais festejar Judas e João Gomes.*

— E a verdade? — *fiz.*

Zito olhou morro acima, a sacudir os ombros e depois a cabeça. — O sr. ponha perdão para o meu pouco-ensino... — *olhava como uma lagartixa.* — A coisada que a gente vê, é errada... — *queria visões fortificantes* — Acho que... O borrado sujo, o sr. larga na estrada, em indústrias escritas isso não se lavora. As atrapalhadas, o sr. exara dado desconto, só para

preceito, conserto e castigo, essas revolias, frenesias... O que Deus não vê, o sr. dê ao diabo.

Ora, pois, o que no sertão só se pergunta: — Que é o que faz efeito e tem valença? Zito contou-me estórias, das Três Moças de Trás-as-Serras, o Cavalo-que-não-foi-achado, da Do-Carmo. Deu de adir: — A gente não quer mudança, e protela, depois se acha a bica do resguardado, menino afina para crescer, titiago-te, a bicheira cai de entre a creolina e a carne sã... *O que, com o dito ademais, vertido compreender-se-ia mais ou menos:* O mal está apenas guardando lugar para o bem. O mundo supura é só a olhos impuros. Deus está fazendo coisas fabulosas. *Para onde nos atrai o azul? — calei-me. Estava-se na teoria da alma.*

— Zito, me empresta o revólver, para eu te dar um tiro! — *eu disse, propondo gracejo, um que ele apreciava; que até hoje andante o esteja a repetir, humoroso.*

Glossário

afgã: do Afganistã; natural ou habitante do Afganistã.
afgânico: referente ao Afganistã.
afta: ulceraçãozinha na boca.
alquímia (quí): ciência-arte iniciática das transmutações.
antinômia (nô): oposição recíproca; coisa contrária; oposição de uma regra ou lei a outra; contradição entre duas leis ou princípios.
artelho (ê): dedo do pé. (Cf. *toe, Zehe, orteil*.)
boemia (í): vida farrista, vida airada; estúrdia.
calcáreo: que contém carbonato de cálcio; etc.
crâneo: caixa da cabeça e miolos.
croar: gritar (o pavão).
discreção: qualidade de discreto.
discrição: liberdade ampla de uso; talante.
dobro: saco em que o vaqueiro leva suas roupas e objetos de uso pessoal.
ensosso: com pouco ou nenhum sal; enjoado, insípido, insulso, sem tempero.
especiária: droga aromática do Oriente, principalmente das que servem de tempero.
eça: catafalco, porta-ataúde, estrado mortuório.

gavioa: fêmea do gavião, o mesmo que gaviã.
gru: ave pernalta, também chamada *grou*.
impúdico (ú): sem pudor; libertino; lascivo.
jaboti: quelônio terrestre; espécie de kágado.
jaboticaba: fruta da jaboticabeira; *fruta, fruita*.
lampeão: utensílio alumiador.
logística: lógica baseada nos símbolos matemáticos; a lógica formal.
lojística: especialidade militar dos suprimentos, transporte e alojamento das tropas.
magérrimo: superlativo absoluto sintético de *magro*, o mesmo que *macérrimo*.
maquinária (ná): conjunto de máquinas.
maquinaria (rí): arte de maquinista.
maquinário (ná): relativo a *máquina*.
misântropo (ân): inimigo da humanidade; o que detesta a convivência com os semelhantes; homem arredio e solitário; que sofre de misantropia, macambúzio.
Oceania (í): a quinta parte do mundo.
omoplata (s.m.): osso da parte de trás do ombro.
pavã: fêmea do pavão, o mesmo que *pavoa*; relativa ao pavão.
púdico (ú): com pudor; casto.
pupilar: ostentar os ocelos da cauda (o pavão).
rúbrica (ú): anotação a um texto; subtítulo de verba orçamentária; nota, comentário; sinal indicativo, indicação de matéria a ser tratada; firma; sinal.
seródio (ó): tardio, que vem tarde.
sossobrar: afundar; afundar-se, naufragar.
tutameia: nonada, baga, ninha, inânias, ossos-de-borboleta, quiquiriqui, tuta-e-meia, mexinflório, chorumela, nica, quase-nada; *mea omnia*.
Yayarts: autor inidentificado, talvez corruptela de oitiva. Não é anagrama. (Pron. *iáiarts*.) Decerto não existe.

Sota e barla

Sei onde, em maio, em Minas, o céu se vê azul. Feio é, todo modo, passar-se do sertão uma boiada, estorvos e perigos dos dois lados, por espaço de setenta léguas. Doriano, de gibão e jaleco, havendo de repartido olhar, comandava dependuradamente aquilo. Destino às porteiras do patrão e dono, Seo Siqueira-assú, Fazenda Capiabas, movia para o sul o trem de vaqueiros lorpas patifes e semi-selvagens bois.

Marinheiro de primeira nem de última viagem, moço maltratado e honrado pela vida, não confiava nas passadas experiências. Só esmava três-metades os azares, em mente a noção geralista: *Tudo, o que acontece, é contra a gente*. Mas não queria errar de próprio querer.

E estava-se na marcha do quinto dia, tomado o vento da banda da mão esquerda. Tem o gado de ir demais moroso, respeitado, por não achacar, não afracar, não sentir. Vêm de propósito pelos espigões as estradas boiadeiras.

Doriano exigia de si, de redobramento, rédeas endurecidas. Fiava nem-menos no comum dos vaqueiros, rabujos; só, o tanto, no amistoso cozinheiro, Duque, e no esteira Seistavado, dos tristonhos. Desordeiro sarnava por exemplo um Rulimão, de pôr-lhe abrolhos; tão-tudo, diligente destro. Esses, quais, descareciam de apurar ramos de cruz, nem preferir real ou ceitil. Dá é na cabeça, a dor das coisas.

E havida segunda boiada, que também de Seo Siqueira-assú, à vara dum Drujo, porfiador, três vezes rival, desamigo; não se tendo ora estima de por onde andasse, de rebuço, senão que vinda navegando igual passo — atrás, adiante, a par — resvés.

Doriano pegara defluxo. O vento rebulia, frio, apesar do destempo de calor. O gado estranhava. Dali ainda a longe, etapas, rumo-a-rumo, ao vice e versa da estrada, viviam aquelas em que Doriano cuidava, as duas, amores contrários, que a esperarem seu resolver. A Aquina e a Bici.

Antes, aqui os tropeços se antojavam, um a um, o mau diário bastante. Forçoso sendo guiar-se frentemente a boiada, o possível, inteira e sã, até às Capiabas, currais de bem, casa edifícia. Doriano protelava o pensar, não

devendo encurtar ânimo nem abusar com a sorte. Tudo consigo não falava. Sofria só a dificuldade: a de escolher.

Foi no noveno dia, faltava água. Em o Laranjado, o Buriti-de-Dentro, o Se-Mexido, as esperadas grotas se acharam secadas. Rixavam os vaqueiros, queixosos, grossa parda de poeira cada cara, só fora os vermelhos beiços. O gado berrava. Doriano, chefe, perrengue trotava, a de-cá a de-lá e da guia à culatra, nessa confusão e labirinto, sem certeza do melhor e pior.

Entupia-o o constipado, apertada a testa, de nulo espírito do que fazer. Se em esvio do direito roteiro se botava, desladeado, desta ou da outra parte — água aí sobejasse, avonde, no campo baixo. Mas, por porém: iria tortear caminhos, sem a certa conhecença, mais uma boiada pesada de vagarosa, desdobradamente, ao retraso transtornoso. À Capiabas com ela chegar, não depois da do Drujo, competente, virava o que valia, nem um boi perdido, adoecido ou estramalhado. O nenhum encalacro.

Trepou a um outeiro alto, constante a cavalo. Espiou o poente: nem nada. Erguido firmado nos estrivos, espiou o nascente. Por cima de cerradão, se enxergava bolo de poeira, suspendida, que o vento rebate e desairada se esfaz. Delatava boiada costumada, que orçasse, já a-de-longe. Fosse o Drujo, estando de fortuna? Doriano disse: — *"Deus te e me leve!"* Por enfrouxecido.

Temeu que também os vaqueiros vissem a poeireira, nem nuvem conforme abelhas enxames, lhe dando dúvida. Tão então, se isso dos outros receava, não era sinal de que devia somente continuar a seguir, por diante, aquela própria serra diretiva, como pelas apagadas linhas de um documento? Obedecendo a segredas coisas assim o espiritado da boiada — o balanceio.

Seus vaqueiros lhe vinham às costas, de enrufo, a xingos, reardendo. Malsinavam-se. Reinava o Rulimão, ladino no provocar o Seistavado, costaneiro-espontador. A quanto e quando moderar esses rebelamentos?

Mas, só até — de estupefa! — já à dôida melhoria. As grotas se topavam com água, no Buriti-Formoso, no Buriti-da-Cacimba. Os vaqueiros abriam a natureza, cantavam letrilhas. Doriano quis esquecer o Drujo, e se lembrar daquelas, demais, a Bici, a Aquina; no mastigar da carne-seca, que o Duque assava gordurenta.

Tinha de travar plano; e o coração não concordava. Aquina, ociosa meretriz, na Caçapa, banda da mão direita. A Bici, moça para ser nôiva, à

beira da lagoa Itãs, do lado do outro lado. Ele espontâneo se gemeu, mediante pragalhão, que meio puxava pelo nariz. Decidir logo formava danada ação; as verdades da vida são sem prazos. E o Drujo, invejador, que essas, uma e outra, por garapa e mel, também cobiçava!

Doriano caçasse do fino do ar a resolução; na sela, no calor do dia. Só o vento zazaz e as tripas lhe doendo na barriga. A iazinha Bici, flor de rososo jardim, de brancura, palhacinho de lindeza, água em moringa. A feitiçosa Aquina, no sombreado, relembrada, xodó e chamego, uso vezo. E a gente sem folga sujeito ao que puxa, ombro e ombro, homem nunca tem a mente vazia.

Devia tomar sentido no do Drujo, tramoias. Ter mão no Rulimão. Buscar os duvidados pastos, para se estanciar, o pernoite. Estimava os bois, juntos, o mexente formato, que ajuda a não razoar. A boiada cruzava um aniquilo de paragens, sem o que quase comer, em nhenhenhenha cafundura.

Pois vieram, ao Buritis-Cortados, senão onde, de um fazendeiro Pantoja.

Aquele estava à porteira, muito alto magro, de colete sem paletó e chapéu aboso. Se tinha um pasto, não alugava: por promisso com outro, de pronto chegar. Dava de ser o Drujo! Doriano não se coçou. Tomou bom fôlego. Lhe disse: — *"O sr. no seu se praz..."* — e tem-te se arredou, para se ver acontecer. Fez o gesto de cansado; pensaram que era o de forte decisão. Saía, espirrando e cuspindo, como todo boiadeiro tem medo de gostar dos bois.

Porém o fazendeiro Pantoja se adiantou, segredado compondo: que possuía outro pasto, o reservo melhor, a quarto-de-légua, seja se a três tiros de espingarda. Falou: — *"Se vê, o sr. não precisa de ninguém. Por isso, merece e convém ter ajuda!"* — assim ele desempatava.

Toque.

Vezes outras jornadas, o rumo no chão, gado e gente, nem tanto à várzea nem tanto à serra. Doriano o mole pensava. Aí embora até ao não delongável; da véspera para o dia. Iam pousar onde, de onde, as duas diversas moravam, banda a banda. Socapo, leleixento, não havia o Drujo de, de tresnoitação, tretear e caçar de se tremeter com a alguma delas, a qual? — em brio ele temeu. E viu, tangendo o cargueiro, o Duque, amigo. Disse-se: — *"Tudo tem capacidade..."*

Tranqueou o cavalo. Mandou. Ir o Rulimão fosse, mão direita, à Aquina, à Caçapa, com dinheiro, o alforrio; quisesse, lá ficasse, os três tempos, por

espalhar o bofe, dias e mais — e desmoderado brabo renhir qualquer vindiço... Sorriu, com boa maldade.

Mas, empunhando arma contra quem intruso ali aparecesse, ir o Seistavado à Itãs, mão canhota, com a sua palavra de homem: de que, breve, ele Doriano, nas praxes, visitava a Bici moça e a Mãe e Pai, pelo pedido, finitivo. Tudo desvirava do incerto, remoído bem, depois das núncias e arras.

Tão o primeiro, quite, trouxe a boiada conduzida, ao Seo Siqueira-assú, afinal, em Capiabas, sem arribada, sem dano. Tossisse, a barba grada, no empoeiramento, condenado nisso, mais uns vaqueiros esfalfados. E já de noite: enchida a lua. Então, apalpou de repente no coração a Bici, que notou que amava; que o amor menos é um gosto para se morder que um perfume, de respirar. Tinha o nome dela, levantado sozinho, feito prendida no tope do chapéu branquinha flor.

Desapeava e olhando para trás em frente olhava, Doriano e tal, somenos espantado — do vão do sertão donde viera, a rota nada ou pouco entendida — nem sabendo o que a acontecer. Tendo a perfeita certeza.

Tapiiraiauara

Dera-se que Iô Isnar trouxera-me a caçar a anta, na rampa da serra. Sobre sua trilha postávamo-nos em ponto, à espera, por onde havia de descer, batida pelos cães. Sabia-se, a anta com o filhote. Acima, a essa hora, ela pastava, na chapada.

Vistosa, seca manhã, entre lamas, a fim de assassinato; Iô Isnar se regozijava, duro e mau como uma quina de mesa. Eu olhava os topos das árvores. Fizera-me vir. Era o velho desgraçado.

— *"A carne é igual à da vaca: lombo, o coração, fígado..."* Matava-a, por distração, suponha-se; para esquecer-se do espírito. Iô Isnar tinha problema. — *"Ecô"!* — deu a soltada dos cachorros, aplicados rumo arriba.

— *"Mora no beira-córrego, em capão de mato. Faz um fuxico, ali, uns ramos; nesse enredado, elas dormem."* A anta, que ensina o filhote a nadar: coça-o leve com os dentes, alongando o trombigo.

— *"Sai dos brejos, antes do sol. Sobe, para vir arrancar folhas novas de palmeiras, catar frutinhas caídas, roer cascas do ipê, angico, peroba..."*

O problema de Iô Isnar era noutro nível, de dó e circunstância, viril compungência. Seu filho achava-se em cidade, no serviço militar. — *"Haverá mais guerra? O Brasil vai?"...* perguntara, muito, expondo a balda.

A anta, e o filhote — zebrado riscado branco como em novos eles são — tão gentil.

— *"Ah, o couro é cabedal bom, rijo, grosso. Dá para rédeas, chicotes, coisas de arreios..."*

Sobre lá, a mil passos, a boa alimária fuçava araticuns e mangabas do chão, muricis, a vagem da faveira. Ao meio-dia buscava outros pântanos, lagoas, donde comia os brotos de taquaril e rilhava o coco do buriti, deixada nua a semente. Com pouco ia desastrar-se com os cães, feia a sungar a afilada cabeça, sua cara aguda, aventando-lhes o assomar.

Eram horas episódicas.

De tocaia, aqui, no rechego, a peitavento, Iô Isnar comodamente guardava-a, rês, para tiro por detrás da orelha, o melhor, de morte. Dava osga, a desalma. Moeu-me. Merecia maldição mansamente lançada. Iô Isnar, apurado, ladino no passatempo.

Havendo que o obstar?

Levantavam-na quiçá já os cães anteiros afirmados, cruza de perdigueiros e cabeçudos. Acossada, prende às vezes o cachorro com o pé, e morde-o; despistava-os?

— *"É peta, qualquer cachorrinho prático segura uma anta!"*

Valesse-lhe, nem, andar escondida nos matos, ressabiando os descampados. Sem longe, sem triz, ao grado de um Iô Isnar, em sórdido folguedo: condenada viva.

Mas, que, então, algum azar o impedisse — Anhangá o transtornasse!

Só árvores através de árvores. Doer-se de um bicho, é graça. De ainda aurora, a anta passara fácil por aqui, subindo do rio, de seu brejo-de-buritis, dita vereda. Marcava-se o bruto rastro: aos quatro e três dedos, dos cascos, calcados no sulco fundo do carreiro, largo, no barro bem amarelo, cor que abençoa.

Havia urgência.

Podia-se uma ideia.

À mão de linguagem. A de meneá-lo, agi-lo, nesse propósito, em farsamento, súbito estudo, por equivalência de afetos, no dói-lhe-dói, no tintim da moeda! Iô Isnar, carrasco, jeito abjeto, temente ao diabo. A pingo de palavras, com inculcações, em ordem a atordoá-lo, emprestar-lhe minha comichão. Correr aposta.

Ponteiro menor, a anta; ponteiro grande, os cães.

E dependi daquilo.

— *"Sim, o Brasil mandará tropas..."* — deixei-lhe; conforme à teoria. Sem o fitar: mas ao raro azul entre folhagens de árvores.

— *"Cruz!?"* — ele fez, encolhera elétrico os ombros.

Eu, mais, numa ciciota: — *"É grave..."* Luta distante, contra malinos pagãos, cochinchins, indochins: que martirizavam os prisioneiros, miudamente matavam. Guerra de durar anos...

Iô Isnar, voz ingrata, já ele em outras oscilações: — *"Deveras?"* — coçou a nuca, conquanto. Acelerava seu sentir; pôs-se cinco rugas na testa, como uma pauta de música. Vi o capinzal, baixas ervas, o meigo amarelo do lameiro, uma lama aprofundada. Ele era um retrato.

Tomei uns momentos.

Devagar, a ministrar, com opinião de martelo e prego: — *“Seu filho único...”* Disse. Do ominoso e torvo, de desgraçados sucessos, o parar em morte, os suplícios mais asiáticos. — *“Se a sorte sair em preto...”* — o tema fundamental.

Iô Isnar — a boca aberta ainda maior, porque levantara a cabeça — e um olhar homicida. Malhava-me fogo?

Só futuras sombras não logravam porém o desandamento de um cru caçador, seu coração a desarrazoar-se. Talvez a menção prática de providências vingasse sacudi-lo: — *“Ajudo-o... Mas tem de vir comigo à cidade...”* — propinei.

Iô Isnar sumiu a cor do rosto, perdera o conselho; o queixo trêmulo. Valha-o a breca! Operava, o método. Vinha-lhe ao extremo dos dedos o pânico, das epidermes psíquicas. Ele estava de um metal. Ele era maquinalmente meu. Obra de uns dez minutos.

No súbito.

A alarida, a pouco e pouco, o re-eco — trupou um galope, em direitura, à abalada, dava vento.

E foi que: mal coube em olhos: vulto, bruno-pardo, patas, pelo estreito passadouro — tapiruçu, grã-besta, tapiira... — o coto de cauda. Com os cães lhe atrás.

Iô Isnar falhara, a cilada, o tiro; desexercera-se de mãos, não afirmara a vista.

Travavam-se, em estafa, os cães, com latidos soluçados.

Embaixo, lá a anta soltara o estridente longo grito — de ao se atirarem à água, o filhote e ela — de em salvo.

Refez-se a tranquilidade.

Iô Isnar rezava, feito se moribundo, se derrubado, tripudiado pelo tapir, que defeca mesmo quando veloz no desembesto: seu esterco no chão parecia o de um cavalo.

Tresaventura

...no não perdido,
no além-passado...

Mnemônicum.

Terra de arroz. Tendo ali vestígios de pré-idade? A menina, mão na boca, manhosos olhos de tinta clara, as pupilas bem pingadas. Só a tratavam de Dja ou Iaí, menininha, de babar em travesseiro. Sua presença não dominava 1/1.000 do ambiente. De ser, se inventava: — *"Maria Euzinha..."* — voz menor que uma trova, os cabelos cacho, cacho.

Ficava no intato mundo das ideiazinhas ainda. Esquivava o movimento em torno, gente e perturbação, o bramido do lar. — *"Eu não sei o quê."* Suspirinhos. Sabia rezar entusiasmada e recordar o que valia. A abelha é que é filha do mel; os segredos a guardavam.

Via-se e vivia de desusado modo, inquieta como um nariz de coelhinho, feliz feito narina que hábil dedo esgravata. — *"Dó de mim, meu sono?"* — gostava, destriste, de recuar do acordado.

Antes e antes, queria o arrozal, o grande verde com luz, depois amarelo ondeante, o ar que lá. Um arrozal é sempre belo. Sonhava-o lembrado, de trazer admiração, de admirar amor.

Lá não a levavam: longe de casa, terra baixa e molhada, do mato onde árvores se assombram — ralhavam-lhe; e perigos, o brejo em brenha — vento e nada, no ir a ver...

Não dava fé; não o coração. Segredava-se, da caixeta de uma sabedoria: o arrozal lindo, por cima do mundo, no miolo da luz — o relembramento.

Tapava os olhos com três dedos — unhas pintadas de mentirinhas brancas — as faces de furta-flor. Precisava de ir, sem limites. Não cedia desse desejo, de quem me dera. Opunha o de-cor de si, fervor sem miudeio, contra tintim de tintim.

— *"O ror..."* — falava o irmão, da parte do mundo trabalhoso. Tinha de ali agitar os pássaros, mixordiosos, que tudo espevitam, a tremeter-se, faziam o demônio. Pior, o vira-bosta. Nem se davam do espantalho...

Dja fechava-se sob o instante: careta por laranja azeda. Negava ver. Todo negava o espantalho — de amordaçar os passarinhos, que eram só do céu, seus alicercinhos. Rezava aquilo. O passarinho que vem, que vem, para se pousar no ninho, parece que abrevia até o tamanho das asas... Devia fazer o ninho no bolso velho do espantalho!

— *"A água é feia, quente, choca, dá febre, com lodo de meio palmo..."*

Mas: — *"Não-me, não!"* — ela repetia, no descer dos cílios, ao narizinho de rebeldias. Renegava. Reza-e-rezava. A água fria, clara, dada da luz, viva igual à sede da gente... Até o sol nela se refrescava.

— *"Tem o jararacuçu, a urutu-boi..."* — que picavam. O sapo, mansinho de morte, a cobra chupava-o com os olhos, enfeitiço: e bote e nhaque...

Iaí psiquepiscava. Arrenegava. Apagava aquilo: avesso, antojo. Sapos, cobras, rãs, eram para ser de enfeite, de paz, sem amalucamentos, do modo são, figuradio. E ria que rezava.

Sempre a ver, rever em ideia o arrozal, inquietinha, dada à doença de crescer. — *"Hei-de, hei-de, que vou!"* — agora mesmo e logo, enquanto o gato se lambia. Saíra o dia, a lápis vermelho — pipocas de liberdade. Soltou-se Iaí, Dja, de rompida, à manhã belfazeja, quando o gato se englobava.

Sus, passou a grande abóbora amarela, os sisudos porcos, os cajus, nus, o pato do bico chato, o pato com a peninha no bico, a flor que parecia flor, outras flores que para cima pulavam, as plantas idiotas, o cão, seus dislates. Virou para um lado, para o outro, para o outro — lépida, indecisa, decisa. Tomou direitidão. Vinha um vento vividinho, ela era mimo adejo de ir com intento.

Os pássaros? Na fina pressa, não os via, o passarinho cala-se por astúcia e arte. Trabalhavam catando o de comer, não tinham folga para festejo. Fingiam que não a abençoavam?

E eis que a água! A poça de água cor de doce-de-leite, grossa, suja, mas nela seu rosto limpo límpido se formava. A água era a mãe-d'água.

Aqui o caminho revira — no chão florinhas em frol — dali a estrada vê a montanha. Iaí pegou do ar um chamado: de ninguém, mais veloz que uma voz, ziguezagues de pensamento. Olhou para trás, não-sei-por-quê, à indominada surpresa, de pôr prontos olhos.

O mal-assombro! Uma cobra, grande, com um sapo na boca, estrebuchado... os dois, marrons, da cor da terra. O sapo quase já todo

engolido, aos porpuxos: só se via dele a traseirinha com uma perna espichada para trás...

Dja tornou sobre si, de trabuz, por pau ou pedra, cuspiu na cobra. Atirou-lhe uma pedrada paleolítica, veloz como o amor. Aquilo desconcebeu-se. O círculo ab-rupto, o deslance: a cobra largara o sapo, e fugia-se assaz, às moitas folhuscas, lefe-lefe-lhepte, como mais as boas cobras fazem. De outro lado, o sapo, na relvagem, a rojo se safando, só até com pouquinho pontinho de sangue, sobrevivo. O sapo tinha pedido socorro? Sapos rezam também — por força, hão-de! O sapo rezara.

Djaiaí, sustou-se e palpou-se — só a violência do coração bater. A mãe, de lá gritando, brava ralhava. Volveu. Travestia o garbo tímido, já de perninhas para casa.

E o arrozal não chegara a ver, lugar tão vistoso: neblinuvens. — *"A bela coisa!"* — mais e mais, se disse, de devoção, maiormente instruída.

Disse ao irmão, que só zombava: — *"Você não é você, e eu queria falar com você..."* — Maria Euzinha.

Ia dali a pouco adormecer — *"Devagar, meu sono..."* — dona em mãozinha de chave dourada, entre os gradis de ouro da alegria.

— Uai, eu?

Se o assunto é meu e seu, lhe digo, lhe conto; que vale enterrar minhocas? De como aqui me vi, sutil assim, por tantas cargas d'água. No engano sem desengano: o de aprender prático o desfeitio da vida.

Sorte? A gente vai — nos passos da história que vem. Quem quer viver faz mágica. Ainda mais eu, que sempre fui arrimo de pai bêbedo. Só que isso se deu, o que quando, deveras comigo, feliz e prosperado. Ah, que saudades que eu não tenha... Ah, meus bons maus-tempos! Eu trabalhava para um senhor Doutor Mimoso.

Sururjão, não; é solorgião. Inteiro na fama — olh'alegre, justo, inteligentudo — de calibre de quilate de caráter. Bom até-onde-que, bom como cobertor, lençol e colcha, bom mesmo quando com dor-de-cabeça: bom, feito mingau adoçado. Versando chefe os solertes preceitos. Ordem, por fora; paciência por dentro. Muito mediante fortes cálculos, imaginado de ladino, só se diga. A fim de comigo ligeiro poder ir ver seus chamados de seus doentes, tinha fechado um piquete no quintal: lá pernoitavam, de diário, à mão, dois animais de sela — prontos para qualquer aurora.

Vindo a gente a par, nas ocasiões, ou eu atrás, com a maleta dos remédios e petrechos, renquetrenque, estudante andante. Pois ele comigo proseava, me alentando, cabidamente, por norteação — a conversa manuscrita. Aquela conversa me dava muitos arredores. Ô homem! Inteligente como agulha e linha, feito pulga no escuro, como dinheiro não gastado. Atilado todo em sagacidades e finuras — é de *fímplus!* de *tintínibus*... — latim, o senhor sabe, aperfeiçoa... Isso, para ele, era fritada de meio ovo. O que porém bem.

Não adulo; me reponho. Me apreciava, cordial. Me saudava segurando minha mão — mão de pegar o pão. Homem justo — de medidinhos de termômetro, feito sal e alho no de comer, feito perdão depois de repreensão. Mesmo ele me dizendo, de aliás: — *"Jimirulino, a gente deve ser: bom, inteligente e justo... para não fincar o pé em lamas moles..."* Isso! Aprender com ele eu querendo ardentemente: compaixões, razões partes, raposartes... Ele, a cachola; eu a cachimônia.

Assim a gente vinha e ia, a essas fazendas, por doentes e adoecidos. Me pagava mais, gratificado, por légua daquelas, às-usadas. Ele, desarmado, a não ser as antes ideias. Eu — a prumo. Mais meu revólver e o fino punhal. De cotovelo e antebraço, um homem pode dispor. Sou da laia leal. Então, homem que vale por dois não precisa de estar prevenido?

Pois, por exemplo: o dia deu-se. Foi sendo que.

Meu patrão se sombreava? — o que nem dava a perceber. Mas, eu, sabendo. As coisas em meus ombros empoleiradas. Dos inimigos dele: os que a gente não quer, mas faz. Havia súcia. Os miasmas, os três: Chico Rebuque, por muito mingrim, tão botocudo; um Chochó, que por dinheiro dava a vida alheia; e o que mandava, seo Sá Andrades Paiva, espírito sem bicarbonato.

Doutor Mimoso abria os olhos para os óculos, não querendo ver o mal nem o perigo. Inteligente, justo e bom! — muito leve no caso. Eu, já cortado com aquilo. A gente na vem-vinda — de casos de partos. A gente conversava constituidamente, para recuidar, razões brancas. Eu escutava e espiava só as sutilezas, nos estilos da conversação. Aquelas montanhas de ideias e o capim debaixo das vacas.

— *"Jimirulino, o que esses são: são é os meliantes..."* muito me dizendo, ele, de uso de suspiro — *"... pobres ignorantes... Quem menos sabe do sapato, é a sola..."* Alheava os olhos, cheio de bondades. Assim não gastava a calma, regente de tudo — do freio à espora. Eu: duro, firme, de lei — pau de ipê, canela-do-brejo. Eu estava à obediência, com a cabeça destampada.

Moderado então ele me instruiu: — *"A gente preza e espera a lei, Jimirulino... Deus executa!"* — e não era suspiro, não, eram arejos de peito, do brio fidalgo. Homem justo! Mais fornecido falou, palavras reportadas, nesse debate.

Eu, olhando para o silêncio, já com as beiradas duvidadas. Fui-me enchendo de vagarosamentes — o que estava me tremeluzindo. Meu destino ia fortíssimo; eu, anônimo de família. Daí, já em desdiferenças, ele veio: — *"Deixa, Jimirulino..."* — se a melhor luz faz o norte. — *"Deixa. Um dia eles pela frente topam algum fiel homem valente... e, com recibos, pagam..."* — afirmador, feito no florear com a lanceta. Disse, mas de enfim; tendo meigos cuidados com o cavalo. Que inteligência!

E peguei a ideia de que. Respirei respiração, entanto que para ásperas coisas, entre o pinote e o pensamento, enfim clareado. O mais era fé e

brinquedo. Eu estava na água da hora beber onça... Me espremi para limonadas.

Saí, a reto, à rédea larga. A abreviar com aqueles três juntos — de oh-glórias! numa égua baia clara. E cheguei. Me perfiz, eu urgenciava. Atirei num: rente alvejável. Sem mais nem vens, desfechei noutro. Acertei o terceiro, sem más nem boas. Quem entra no pilão, vira paçoca! Nulho nenhum viveu, dos coitados.

Me prenderam — ainda com fôlegos restantes — quando acabou o acontecido. Desarranjação, a má-representação, o senhor sabe. O senhor, advogado.

Se o assunto é seu e nosso, lhe repito lhe digo: minha encaminhação, veja só, conforme comi, banana e casca. Fui a júri e condenado. Me ajudou o patrão a baixar a pena; ainda tenho uns três anos invisíveis. Aqui, com remorsos e recreios, riscado de grades. Mas o espírito do nariz em jardins, a gente se valendo de tempos vazios. Duro é só o começo da lei. Arrumaram para mim folga, de pensar, estes lazeres, o gosto de segunda metade.

Acho que achei o erro, que tive: de querer aprender demais depressa, no sofreguido. Inda hei porém de ser inteligente, bom e justo: meu patrão por cópia de imagem. Hei de trabalhar para o Doutor Mimoso!

Umas formas

Tarde, para o lugar: fechada quieta a igreja, sua frontaria de cem palmos; o adro mesmo ermo — com o cruzeiro e coqueiros — o céu desestrelado.

Era a matriz antiga, nela jazendo mortos, sob lajes, gastos os tituleiros: "Comendador Urbano Affonso de Rojões Parente... benfeitor... venerado..." — mementos sem recordação. "Monsenhor Euzébio da Matta... *praeclarus vir inclytus praelatus*..." Outro tempo o levara. "Dídia Doralena Almada Salgoso... na mocidade... dorme..."

Dez da noite e lua nova. O padre, rápido, magro como se a se emboscar, metera-se lá dentro.

Viram-no só os dois homens, o maçom e o sacristão, escondidos em cima, no coro. Os habitantes evitavam a desoras a rua. De meses, o absurdo frequentava a cidade. Um fantasma, primeiro; depois, o monstro.

O padre, nervoso moço, ficava pequenino no meio da nave — e se sentia ainda mais assim, canônica e teologicamente. O mundo, vão de descomedir-se, mofoso confuso removendo-se. Vinha ele, sacerdote, porém, de derrotar o demônio, fervorava-se tal de fiúza e virtude, repleto. Entretanto, a não ser a frouxa lâmpada vermelha do Sacramento, em escuro a igreja repassava-se.

Ora, nada. Sacristão e maçom, trafeitos surpresos, do alto espiavam.

O fantasma tinha sido de mulher. Dessueta nos trajes, sem gestos — os tardos passantes assombrando-se — aparecera em toda a parte. Não a pudera o padre vislumbrar. *Temem-na, mais, por mirável, formosa?* — cogitara, em espécie instintiva de tristeza. Sempre visões deviam referir o horrendo — do lado dos mortos, que, com permissão, retornam.

Entanto em encanto ninguém falasse, surdo só ele imaginando-a: outro lume, morosa, obstinado seu aspecto de criatura. *Desde que origem?* O padre tapava-se o espírito, de mais.

Mas fitava qualquer papel: e tremeante nele projetava-se um que-retrato, quase, obediente impressão, imagem feitiça. Moça — mulher — já qual na mente se lhe representara, enlevo incaptável, nem consolação; antes; e de distraído alvitre: *Doralena... Dídia*... — relido lido em lápide.

Todos vinham queixar-se do extra-humano. Nunca houvera ali tais fenômenos, no século!

Virava-se o padre, a bracejar, rezar. Voltava-se porém para a parede: e em tela se dava, formando-se fugindo-se, o simulacro. De que prévios traços, parcelas, recolhidas aqui, onde e lá, que datas? Não carregava a excessiva realidade de pessoa — a beleza desordenada.

Visagem. Apavoravam-se os créus. — "*Nem há! e tem de acabar!*" — queria o maçom, amigo. Tomava água benta — "*Cruz'-que!*" — o sacristão. Não sabia o padre que fortíssimo tremia, dos punhos da sotaina ao cadarço das ceroulas.

Ele se resguardava casto sob o tiro de tentações, orçava-lhes os embates. O diabo pintava dentro dele? Teve de espertado temer então os próprios pensamentos, e palavras.

Não se reviu a moça, espectro, desaparecidamente de esquecer-se; enquanto diligia o padre, que nem que em cerdoso burel, óculos pretos, penitente inteiriço — a expelir oxalá de si o mal, inaprofundável. Ele atravessava o mundo — calcadas as cabeças de Leviatã. Capacitava-se; e, contudo.

Sendo outro o turno, o obnóxio repetia-se. Torpitude sacrílega: de duas vezes, na lua nova, afrontosamente a toalha do altar amanhecera rasgada. Dada meia-noite, os cães uivassem. E alguém avistara, entre adro, e presbitério, ignóbil animal vulto.

Tramados para ver, maçom mais sacristão se cachavam ora na igreja — fechada concisa, na noite comum, o céu despoento — de novo no novilúnio. Cuidavam em malfeitor maluco, ímpio fulano, cujo desmando e ultraje de destruírem-se as alfaias, conspurcadas. Achavam de proteger o padre — o sandeu sacristão e o maçom paroquiano.

Deserto de fiéis — e paço de resignada angústia ou ardida esperança — o sagrado botava-se enorme, sussurro nenhum ou tosse partindo de recanto, aos cheiros de cera e incenso. Os dois consultavam as horas. Viram o padre entrar; ele e eles ali ignoravam-se.

Ateou no altar o padre as sete velas, viera por ato imperado. Teso, salmeou — contra os poderes do abismo, subidores: potências-do-ar, o maligno e o medonho. Maçom e sacristão não tinham parecer; de que valiam lanterna e revólver? Só inaudíveis morcegos, asas calafrias; súbitos os estalos de madeirame, a se encolher ou espichar; e o silêncio, em seus alvéolos.

O padre inaplacado orante — tempo sequente. Ele se ajoelhara, em cruz os braços, lá onde estariam enterrados os corpos — *hic situs est... exstinctus...* — sem figuras, só pó, no dormir infrene, sob pedras que muito se pisavam. Todas as noites não rojam uma igual profundeza. Cá o sacristão também se prosternou, junto ao harmônio. Recuara o maçom, até à parede, ao grande olho gradeado.

Sendo meia-noite. Sopitados, os três. Tanto o padre torporava?

No repente!

O padre — caído — dele se afastava, gerara-se, quadrúpede, formidando, um ente... O maçom e o sacristão, em esgazeio de estupor, viam o que tresviam. Sombração.

A porca preta! — desdominada, massiva, peluda — pulava o gradil, para a abside, galgava os degraus do altar, vindo estraçalhar a toalha, mantel puríssimo de linho... Mas, empinada, relanceou para cima — fogo, em pez e fauces. Vai e virou foi que desceu, em tropelão, a nenhum urro, ao longo da nave desembestada, pegou enfim para subir a escada do coro.

Sacristão e maçom ouviam-lhe o peso e trepar, fusca massa, nos escalões de madeira velha... Até que soltaram-se a gritar: chega um deles pendurado puxava pelo sino, à desbadala. Acordavam de todo sono a cidade.

A porca porém saltara janela, avejão, no abstruso espaço — declarou o maçom. Ou tornou a baixar, rente ao padre entranhando-se — só disse o sacristão — no cavo chão da tara e da larva.

Madrugada, o povo invadia a matriz de Nossa-Senhora-do-Parto, dando com os três, que patetas corriam lá dentro, beira paredes, em direções diversas, num incessar. Só a custo assoporaram-se.

Maçom e sacristão duvidavam, como ainda hoje, cada vez, daquilo, de que sempre um pouco mais se esquecem: imaginação, aparição, visão. Nada o padre explicasse, do estranhifício.

Todavia, desde a data, ele se transformara — afinado, novo diáfano, reclaro, aí se sorrindo — parecia deixado de toda matéria. Também, e tão velhinho moço, depois logo morreu, suave, leve, justo, na sacristia ou no jardim, de costas para tudo.

Vida ensinada

> *Aí, quando se pegou a supradita estrada, da serra, nos neblinões, que era a desses esforçados trabalhos, o gado jurou descrido mais sabiado, a gente teve de aboiar de antigamente; para a ideia não se tendo prazo, em tanto caminho das terríveis possíveis sortes. A memória da gente teve medo. Mas o nosso bom São Marcos Vaqueiro, viageiro, ajudou: primeiro mandou forte desalento; depois, então, a coragem. Deu um justo lugar de paragens, refresquinhas novas águas de brota, roteiro mais acomodado, capim pelo farto, mais o gado tendo juízo. Assim, de manhã cedo à tarde, tudo se inteirou num arredondamento. Tão certo como eu ser o vaqueiro Martim, o de muitos pecados, mas com eles descontentado. Sem embargos se adormecemos. Na descambada da serra, ainda ventava, a gente cuidando em nós e neste mundo de agora — o que são matérias de tempo adiante.*
>
> *Da* Outra boiada urucuiana,
> Jornada penúltima.

Aqui no por aqui.

Um reboo, poeira, o surgibufe: de frente, desenvoltada de curva, a boiada, geral, aquele chifralhado no ar. Avante à cavalga o ponteiro-guieiro soa trombeta de guampo; dos lados os cabeceiras — depois os costaneiras e os esteiras — altos se avistam, sentados quer que deslizados sobre rio cheio; mas, atrás, os culatras, entre esses timbutiando um vaqueiro da cara barbada, Sarafim, em seu cavalo cabeçudo.

Ele desdiz do rumor feroz, despertence ao arrojo do cortejo. Se há-de saudar, tira o chapéu roído de solão e chuvas; queria ter um relógio e arranja jeito de se coçar o fio das costas, estava sempre meio com fome. Sozinho às vezes se diverte no cantarolativo, chão adiante.

Sarafim vira nesse dia dez gaviões.

Escasso falava, pela língua começa a confusão; mesmo pensar, só quase repensa o conhecido, resumido por todos ou acontecido. Muitas coisas deixava para o ar — a gente tem de surto viver aos trechos — a alegria não

é sem seus próprios perigos, a tristeza produz à-toas cansaços. Tomara ele que o escolhessem para ponteiro, tocar o berrante, So Lau mandasse.

Mas isso nem devendo dar a saber, de desejo, por não parecer ralasso madraço ou frouxo, a culatra impõe as responsabilidades.

So Lalau aparecia ali. Vaqueiro bom, ou o quê, Sarafim; costumeiramente bobo. Que modo podia ter matado outro e ainda com a viúva se ajuntado? So Lalau não olhava, mas pensava.

E, nessa, Inácia, sua esposa adotiva, também Sarafim aqui lembrava constante — passada a Fazenda Sidreira, região do Urubu-do-Gado, baixão — sem certeza na matéria. Estava vivendo mais quente, gostava dela todas as vezes. Ela, pondo o tempo, havia de igual querer a ele — saliente guieiro algum dia à testa de boiadas de Seo Drães, seu favorecedor. Devagar e manso se desata qualquer enliço, esperar vale mais que entender, janeiro afofa o que dezembro endurece, as pessoas se encaixam nos veros lugares.

Aquilo? feio começo, se dera por si, ainda às tortas.

Só foi que desesperado o Roxão lhe entregando garrucha: — *Juntos, vamos resistir, aos que vêm!* — e ele Sarafim a par de nenhum rixar, nem de armas, a garrucha soltada caiu e disparou, aí o Roxão morto, quente, largava filhos e mulher, por eterno.

Vindo mesmo prestes os que com os soldados: — *Você ajudou? merece paga...* Mas, outro, sem louvor: — *Se atirou sem querer, então é panigudo, comparsa!* Roxão tinha sido perseguido criminoso. Inda um disse: que por meros motivos ele Sarafim decerto aproveitara para obrar assassinato.

Sarafim, de seu nariz ignorante, olhando porção de movimentos, em pão de nada. Vá alguém somar o que está doendo na cabeça de todos. *Ver a ver...* — até hoje, o qual cabimento do caso não achava.

Senão que o Seo Drães o livrara de prisão. *Pois, olhe...* O cachorro, cão gadeiro, ia no trotejo, sabia que So Lau assoviava era por espairecer, não para o chamar.

Sarafim quase sem erro procede; as faces do que há é que reviram sempre para espanto.

Todos na cruz da ocasião o instavam: — *Tem de costear os meninos e a viúva!* Ele começou a nada dizer. Não queria nem cobiçava; o apertaram mais. E a mulher havia de se conceder?

Ela segurava com duas mãos a peneira de arroz: — *Seo meu vaqueiro... O senhor era estimado do falecido...* Amigo? Campeiro companheiro, se

tanto, feito os dedos das mãos, desirmãos. Em tal reparou que era bonita; toda a vida não sabendo que a notara assim?

Curto para não complicar, contratou-se com ela, a tinha em maior valia. Agouraram então: — *Pode ser para vinganças...* — ora. Mal por mal, se casou. *Por isso e que...*

So Lau na sela se soleva, vê o que adiante, se escuta o too do ponteiro. Sarafim produz: — *Outro tempo o berrante se tangia mais perfeitamente...* — repetindo coração, culatreiro capaz, sobre seu cavalo-de-campo.

Só que secas regalias Inácia lhe regateara, as três, duas vezes, no princípio, de amostra. Desde o que, ficado de remissa, ele olhava o pote e as alpercatas. Logradeira não era, mas por refrieza, amuada, mesmo mulher de ninguém.

Sarafim escorava o descaso, sem queixa nem partes, sem puxar a mecha — quem calca, não conserva — até que quietassem as ideias das coisas. Dia viria. Melhor a tratava, conforme facho de flores. Ia e retornava, para essas retardadas boiadas, consertando o caráter, como um boi não se senta. Em mãos dela deixava inteira a jorna, até o com que se pita e bebe. Suspirava arreando e desarreando o cavalo.

Desentendia remoques — quando o quanto aqui se estava, beira riacho, parados para repouso e dando um capim ao gado — palavras mangativas, conversas de café quente. Mais prezasse o guiador, confronte quem se acocorava. Redizia: — *Correta obrigação...* — a barba não o obstando de inchar bochechas.

Mesmo somente o voltar indenizava-o, ainda que por dia ou dois, ela o recebendo quase com enfeite. Deixava: ele gostar dela. Fosse por um costume — o passado faz artes — o próprio para render confiança. Mas, no restante, outra vez embezerrava, negada, irosa. E então ele no postiço, em torcido estado, se chuchava, só com o cochilar bem-merecido. Um boi boiadeiro remói andando, aquele se babar que se mexe qual que sem dentes.

— *S'Lalau, se'o' vem, vê...* — mas Sarafim, emperro, se detém de mostrar: por culpa que de descuido do ponteiro, erravam com a boiada pela estrada enganada piorada, das que vêm-se retorcendo entre enfadonhos morros, o figuradio. Tirou um lembrar — que o Roxão, também, marcado o marido, navegara com boiadas: no coice, não, mas tocador da buzina, guia-guieiro.

Seja que os primeiros dias, das tornadas, davam para ela Inácia gastar o pouquinho de saudade que o voo do tempo juntara. Tanto o valor de canseiras e lenteza, fazendo marcha, desestimado, atrasado em amor. Mas, ah, então: e se as viagens pudessem ser persistidas ainda mais longe, do durado de muitos meses — às boiadas de além-gerais — remotamente?

— *Sarafim, eh* — ouviu e se esteve pronto. — *Eh, Sarafim...* sustendo ele rente a So Lau o cavalo quebralhão. — *Você vai de ponteiro* — dá-que.

So Lalau determinava — o de quem me dera! De repente, só o faz-se-que, vem, um dia, tudo do ar, não seja a dúvida, debaixo do pé da palavra, nesse menos, mais, ninguém fazia questão... Agora — e ele, até aí sem saber que era, que podia ser assim — a fácil surpresa das coisas. Tempo para se pasmar não lhe sobrasse, com o quê e quanto. Traçou a correia do instrumento.

Tomou o ponto, refinito montado, à frente daquela exata boiada, de So Lau, sendo que do Seo Drães. Sarafim via a estrada vasta miudamente.

Mas era de tarde, ao puro da aragem, do sol já só o rabo, por essa altura de horas. Inda não ia tocar imponente o berrante, pois que vindo o gado vagarado, sem porquanto dar nem percisão nem azo, e impedido ele de bobeação, qualquer brinquedo. Do que não haviam de rir, nesse debalde, nem o reprovar. — *Boi adiante...*

Ao Te-Quentes, velho lugar de pastura e aguada, onde deviam sentar bivaque e o cozinheiro já estaria cozinhando o feijão e torresmos.

Ali lá chegavam — davam com cavalos e barracas, de uns ciganos — de encontroo.

“Se caminhando uma rês
vinte passos por segundo,
me diga, sendo profundo:
quanto ela anda em um mês?”

COPLA VIAJADORA.

Resposta:
O que ela anda, pouco faz,
seja para trás ou para diante:
a rês caminha o bastante
indo para diante ou para trás.

(SIMPLES HIPÓGRAFE.)

Zingarêsca

Sobrando por enquanto sossego no sítio do dono novo Zepaz, rumo a rumo com o Re-curral e a Água-boa, semelhantes diversas sortes de pessoas, de contrários lados, iam acudir àquela parte.

A boiada, do norte.

Antes, porém, os ciganos de roupagem e de linguagem, tribo de gente e a tropa cavalar. Zepaz se irou, ranhou pigarro. Mas esses citavam licença, o ciganão Vai-e-Volta, primaz, sacou um escrito, do antigo sitiante. Tinham alugado ali uma árvore! — o que confirmou o preto Mozart, servo morador: dês que sepultado debaixo do oiti um deles, só para sinalarem onde, ou com figuração pagã, por crerem em espíritos e nas fadas; e pago o preto Mozart para, durado de semana, verter goles de vinho na cova.

E agora desaforados mandavam vir o Padre? Já armavam barracas, em beira da lagoa, por três dias com suas noites. Então, pagassem, justo uso, o capim para os animais e o desar e desordens. Até o cozinheiro-boiadeiro, que acendia fogo, além, cerca do riacho, apontou neles garrucha. Se sabia, também, no meio de tais, um peão amansador, cigano nenhum, grinfo e mudo surdo.

A boiada apareceu e encheu as vistas. Era de tardinha. A ciganada se inçando, os vaqueiros repeliam esses malandantes, sofreavam as bridas, sem vez de negócio nem conversação. O Padre deu viva, arrecadou o rosário em algibeira. Zepaz mandou a mulher se recatar, ela saiu da porta, dada formosa risada.

So-Lau, o capataz, se propôs, rente o cachorro cor de sebo, e mais outro, vaqueiro com a buzina de corno, Serafim, visonho ainda tristão, jocoso de humildades. Seo Lau, Ladislau, impunha pasto plantado, por afreguesada regalia, não tolerava o gado em rapador. Serafim, aquele, só certo figurava, em par com as chefias e os destinos.

Zepaz estava com o juízo quente. E que quais vinham lá aqueles dois: o cego, pernas estreitas de andar, com uma cruz grande às costas; o guia — rebuço de menino corcunda, feio como um caju e sua castanha. — *Menino é a mãe!* — ele contestou, era muito representado. Era o anão Dinhinhão. Retornava para sertões, comum que o dinheiro corre é nas cidades?

Dizendo que por vontade própria o cego carregava a cruz: — *Penitências nossas...* — se assoviava. — *Pois dizem que matei um homem, precipitado...* — ora, ô. *Ele? porque cego nasceu, com culpas encarnadas.*

O Padre não desdisse: tinha cedido de vir — pela espórtula dos ciganos, os que com fortes quantias, decerto salteado por aí algum fazendeiro. Dinhinhão leve encaminhava o cego atrás deles, para festivo esmolar, já acham que ele é profeta, espia com sem-vergonhez as ciganas. A mulher de Zepaz piscava outra vez, na janela, primorosa sem rubôres. O cego, sentado, não se desabraçava da cruz.

O chefe cigano vem a So Lalau, pé à frente, mãos para trás, subindo fingidas ladeiras, faz uns respeitos: — *Meu dono...* — se chamava era o cigano Zé Voivoda, tinha os bigodes do rei de copas. Mais o cigano velho Cheirôlo, beijaram a mão do Padre, religião deles é remedada. Convidavam todos para ceia. So Lau e os vaqueiros rejeitam, cobram seu feijão atoucinhado. O Padre aceitou; antes, prova cachaça, de Zepaz, cá fora.

O Padre bebe ou reza, por este mundo torto, diz-se que ele bebe particular. Dinhinhão não deixa o cego adormecer de barriga vazia, vai enxerir no ouvido do vaqueiro Serafim igualamento: — *Só o pobre é que tem direito de rir, mas para isso lhe faltam os fins ou motivos...*; o enxotaram. O preto Mozart se praz do variar de tanta gente ajuntada. De dentro, a mulher de Zepaz canta que o amor é estrelas. Zepaz tranca portas. Do lugar, o Te-Quentes, ele trocara nome para Rancho-Novo. Inda bem que ia ser lua cheia.

A lua subida sobresselente. Vozeiam os ciganos, os sapos, percebem para si a noite toda. Dão festa. Aí o peão surdo-mudo: guinchos entre rincho e re-rincho — de trastalastrás! Fazem isto sem horas, doma de cavalos e burros, entanto dançam, furupa, tocam instrumentos; mesmo alegres já tristes, logo de tristes mais alegres. Tudo vêm ver, às máscaras pacíficas, caminhando muito sutilmente, um solta grito de gralha; senão o rãzoar, socó, coruja, entes do brejo, de ocos, o ror do orvalho da aurora. — *Sei lá de ontem?* — a parlapa, cigano Manjericão, cigano Gustuxo. Andante a lua. — *O amanhã não é meu...* — o cigano Florflor. O Padre, folgaz, benzeu já o oiti, pau do mato? Se diz — não seja — que as moças ficam nuas, ante o cego, se banham na lagoa. Por frestas espiará a mulher de Zepaz o mundo prateado. Dinhinhão, o anão, é quem vigia o que não há e imoralmente aprende. Zepaz tem o sono grosso. Dormem todos — cá os

vaqueiros bambos de em meio de viagem — dão mão à natureza. Até o luar alumiava era por acaso.

Até que o sol fez brecha, o alvorecer já pendurado. A manhãzinha passarava.

É já que: nem um cigano!

Idos, a toque, para o norte, sem a barulhada que sempre fazem, antes de descamparem. Só refere o preto Mozart: em testa, em fé, em corcel, o Padre sopesava a cruz...

— *Ah!* — impagável, vociferoz, Zepaz, com feio gesticulejo. Dinhinhão destorce a cabeça enorme, como quando o gato acorda e finge que não; o cego sobraçado a uma de suas pernas. *Aah...* — brabo Zepaz, já griséu. Vote o de arrendar bentas árvores! — caçava machado. A boiada reaparecia, buscada de rocios e verdes. De risos, os vaqueiros sacodem os redondos chapéus-de-couro. O cachorro mija gentil no oitizeiro. — *Ai, a minha cruz!?* — o cego alastra braços, à tactura. Dinhinhão de olhos meio em ponto: — *Tem-te, irmão, a cruz emprestei...* Ora, ô. Urra o cego, enfeixa capins em cada mão, cava o chão. A cruz continha um vazio, nem seu guia soubesse disso, ali ele ocultava o lucro das esmolas. Dinhinhão rejeita o desabuso, declara, de pé, capaz de cair de qualquer lado: — *O rico é um buraco, o pobre é um pedregulho!* — ele furtou um flautim dos ciganos, capaz de qualquer arlequinada. — *Sou um pecador de Deus...* — se volta para todos, para louvor. O que não produz nem granjeia. Reprovado, aqui então pula no centro, expõe boas coisas: que o Padre rezou a inteira noite, missionário ajoelhado num jornal; mulher de Zepaz, com o cigano Vai-e-Volta, se estiveram, os dois debaixo de um mantão... Zepaz, sim? ouviu, de vermelho preteou, emboca em casa, surrando já a mulher, no pé da afronta, até o diabo levantar o braço. So-Lau entanto só quer: urgente, cá, Zepaz, imediato, para receber a paga do gado pernoitado. Dinhinhão toca o flautim, regira, xis, recruza tortas pernas — diante dele o cego credos desentoa. Zás, em fogos, Zepaz, deixou trancada a mulher, pelo dinheiro vem, depois vai terminar de bater. Não. Zepaz torna a entrar, e gritos, mas, então: sovava-o agora a cacete era a mulher, fiel por sua parte, invesmente. Segundo o preto Mozart: — *Só assim o povo tem divertimento*. Se disse: sem beber, o Padre aguentasse remir mundo tão em desordenância? Inda se ouvindo um galo que cantava sem onde. A boiada se abanava. So-Lau decide: — *São coisas de outras coisas...* Dá o sair. Se

perfaz outra espécie de alegria dos destrambelhos do Rancho-Novo. Serafim sopra no chifre — os sons berrantes encheram o adiante.

Terceiras estórias
(Tutameia)

"Já a construção, orgânica e não emendada, do conjunto, terá feito necessário por vezes ler-se duas vezes a mesma passagem."

SCHOPENHAUER.

Estas estórias

Nota introdutória

Paulo Rónai

No artigo intitulado “Rogo e aceno”, com que, em 29 de julho de 1967, “semidespedia-se” de seus leitores de *Pulso*, João Guimarães Rosa anunciava a próxima publicação, no volume intitulado *Tutameia*, de seus contos saídos naquele periódico, assim como a suspensão provisória de sua colaboração. “Gravam-me compromissos excessivos — escrevia — e o tempo que me resta preciso de empregá-lo, sem mais adiamento possível, na terminação de um livro. Outro. Mas, este, de novelas ou contos longos. Do jeito, não conseguiria num saco fazer caber todos os proveitos.”

Nos papéis do escritor foram encontrados vários esboços dos índices deste volume, *Estas estórias*, que infelizmente hoje sai como livro póstumo. Ele devia abranger oito novelas longas e a entrevista-retrato “Com o vaqueiro Mariano”. Foram também encontradas as oito novelas constantes de um desses índices: quatro já publicadas em vida do autor e quatro inéditas.

Das publicadas, três o foram na revista *Senhor*, a saber:

“A simples e exata estória do burrinho do Comandante”, no nº 14, de abril de 1960;

“Meu tio o Iauaretê”,[24] no nº 25, de março de 1961, e “A estória do Homem do Pinguelo”, no nº 37, de março de 1962.

A quarta novela, “Os chapéus transeuntes”, saiu como uma das sete narrativas, cada uma de autor diferente, que compõem o volume *Os sete pecados capitais* (Editora Civilização Brasileira S.A., 1964), e correspondia ao pecado da soberba.

“Com o vaqueiro Mariano” foi publicado pela primeira vez no nº de 25 de novembro de 1947 do *Correio da Manhã*, e pela segunda como volume das Edições Hipocampo, Niterói, 1952, ilustrado por Darel Valença Lins, numa edição fora do comércio, para assinantes, em 110 exemplares numerados e assinados pelo autor.

Os cinco escritos que acabamos de enumerar figuram em todos os índices esboçados.

As demais novelas que deviam completar o volume — “Páramo”, “Bicho mau”, “Retábulo de São Nunca” e “O dar das pedras brilhantes” — chegaram a ser datilografadas por ordem do autor; de uma só, a última, saiu um fragmento numa entrevista feita por Pedro Bloch para a revista *Manchete*.

Em vez de uma ou outra dessas quatro narrativas, aparecem títulos diferentes num ou outro dos índices mencionados; mas, das obras a que esses títulos se referem, só de uma, “Remimento”, foi encontrado um fragmento, de umas seis páginas, reproduzido logo após a morte do escritor, parcialmente e em fac-símile, no *Correio da Manhã* de 25 de novembro de 1967.

Resolvemos incluir no presente volume as quatro obras que dela deviam fazer parte e às quais só faltou uma última revisão do autor. Pareceu-nos que, omitindo-as, privaríamos os fiéis de João Guimarães Rosa não só do conhecimento de muitas de suas páginas mais poderosas, mas também da visão panorâmica de um livro cuja estrutura com tanto carinho preparara. De mais a mais, temos realmente a impressão de que muito pouco faltava, ou quase nada, para arrematar a construção. Esperamos que a crítica e o público ratifiquem a solução adotada.

Fica, pois, lembrado que os textos que não receberam a última demão se acham reunidos na segunda parte do volume, depois da novela “Meu tio o Iauaretê”.

Assinale-se ainda que o autor, sobretudo nas estórias já publicadas, e retrabalhadas, deixou anotada a lápis, acima de algumas palavras ou expressões constantes desses textos, uma que outra variante. Segundo informação de sua secretária e colaboradora, D. Maria Augusta de Camargos Rocha — a quem sinceramente agradecemos a sua preciosa ajuda no preparo desta edição[25] —, tais variantes seriam, numa revisão definitiva, ou apagadas ou então confirmadas a tinta.

Por outro lado, à margem do original datilografado, aparecem, a intervalos, pontos de interrogação que, ainda segundo informação de D. Maria Augusta, assinalam palavras ou trechos suscetíveis de modificação.

Pareceu-nos conveniente consignar, ao pé das respectivas páginas, tanto as variantes como a ocorrência desses pontos de interrogação.

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1968

ESTAS ESTÓRIAS

- - - - - - — 30
BICHO MAU — 30
(cits.) — 25
[illegible] — 60
VAQUEIRO MARIANO — 25

A estória do Homem do Pinguelo — 25
(Vaqueiro [illegible]) — 30
Meu Tio o Iauaretê — 25
O [illegible] do Comandante — 20

270

300 páginas

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

ESTAS ESTÓRIAS

1.- O Burrinho do Comandante
2.- Retábulo de São Nunca
3.- ~~Sopros e rostos~~ . RESTINGA
4.- Os chapéus transeuntes

COM O VAQUEIRO MARIANO

6.- O dar das pedras brilhantes
7.- Meu tio o iauaretê
8.- Bicho Mau
9.- A estória do homem do pinguelo

PÁRAMO
CONFLUÊNCIA.
(Vaqueiro [illegible])

Fac-símiles de dois sumários para *Estas estórias*, manuscritos pelo próprio Guimarães Rosa, que foram encontrados em seus papéis.

A simples e exata estória do burrinho do Comandante

I

Foi o que, faz tempo, em sua casa, uma vez, em hora de conversa e lembrança, o Comandante me comunicou:

— Também já tive um animalzinho amigo, saído do mar. Um presente do mar, quem sabe.

Ele abrira gaveta a procurar alguma coisa, com ostensiva demora, entremeando o remexer nos papéis de curtas hesitações, que primeiro podiam parecer indício de pudor, ou traíssem, quando não, o disfarce de ingênua encenação premeditada. Afinal, achou. Antes de mostrar-me, examinava-o, ele mesmo, com intento de sorriso, feito para me contagiar; era um cartão, um retrato.

Não o de sereia, nereida, úmida ainda, moema, com pérolas, ramo de coral ou o tridente. Apenas a imagem de um burro. Um burrinho *mignon*, a quem o pelo crespo, as breves patas delgadas e as orêlhas de enfeite, faziam pessoa de terreiro e brinquedo, indígena na poesia; próprio um asneiro, sem o encôrpo rústico dos eguariços. Aparentava ironia ou amuo, no meio revirar dos beiços, e transcendia, fresco, ousado, quase uma criança, não obstante o imperfeito da fotografia. Forma e sombra guardavam, além do mais, a paradoxal aura de inteligência, peculiar aos burrinhos.

Suspensivamente, brindamo-nos, celebrando o xerimbabo. O Comandante, porém, surpreendera-me. Dele com menor espanto receberia eu a revelação de estima a outro sêr qualquer, aéreo ou equóreo — cetáceo bufador, espadarte, arenque, gaivota deposta em tombadilho pelo peso e pulso das tempestades espumantes, senão um dos “feios focas” do pélago camoniano, ou mesmo o albatroz, a grande bela e branca ave oceânica, vinda do nevoeiro para pairar aos círculos em torno às alturas da nave, alma-de-mestre, conforme o saudavam humanamente os antigos marinheiros, como a entidade de bom agouro, pousada em verga ou enxárcia.

Sábio, hábil nos silêncios, o Comandante se preparava, ia contar, seus olhos de brilho e azúis piscando com simpatia profunda. — *Chin-chin!...*

Sós os dois, seroávamos sem prazo, e o tempo era de sólido calor: ali, no ápice da curva de Copacabana, àquela hora o ar não se levantava um ínfimo, não passava brisa. E, contudo, percebia-se, de através da janela contra a noite, o ritmo regular da arrebentação, rumor que fazia fundo para os leves sons próximos — um pigarro discreto, o bloblo dos cubos de gelo nos copos — e a voz educada do meu amigo, em singradura sereníssima. Eu estava a escutar e ouvia; ao relento de maresia e salsugem, a estória principiara.

II

— ... Ah, não, mascote, e embora para isso denotasse condão, não é dizer que tenha sido. A não ser, talvez, por uns momentos, e de maneira muito particular. Demais, na época, as determinações de cima não aprovavam a prática de mascotes. Isto é, sempre havia deles, para quebrar regra, alguns ficaram célebres. O *Alagoas* tinha um cachorro — o "Torpedo" — que até enjoava em viagem. O "Torpedo" gostava de automóveis: quando desembarcava com os oficiais, e via um, pulava dentro. No cruzador *Barroso*, reinava um carneiro. Nós mesmos, lá no Norte, adotamos um macaquinho capijuba, falecido, ao cabo de dois meses, por espontânea molecagem. Mas, naquele tempo, como eu ia dizendo, de ordinário não era tolerado ter-se animal a bordo. Desde o escândalo do caso de um oficial, que, por pilhéria, vendo que quase todos os de seu navio embarcavam papagaios, passarinhos, etc., comprou um muar — logo um, também — na Ilha de São Sebastião. O oficial vinha trazendo o bicho, numa embarcação a remos. E — ala-e-larga! — o sinaleiro, o contramestre e os vigias, simultâneos, por toques de corneta, manejo de bandeiras, semáforo, solenemente anunciaram: — *"Catraia com burro!..."*

Digo que o meu foi diferente. Um mensageiro, personificação do deus do minuto oportuno, que os gregos prezavam —; li os meus clássicos... O burrinho, que, como dito é, para mim veio do mar, segundo o sentido sutil da vida, a coisa caligráfica. Ou talvez, mais sobre o certo, um meu comparsa. Ainda hoje, quando penso nele, me animo das aragens do largo. Apareceu-me num dia vivido demais, quase imaginado.

III

... Em 1926, no fim do ano, até começos de 1927, estive em São Luís do Maranhão, porque a Coluna Prestes andava operando seus rebuliços por dentro do Piauí, apalpando a arpéu os governos dos dois Estados. A ameaça era estudável. Tinham mandado a guarnição federal para o interior, para cobrir as divisas, e a Polícia estadual, perto de trezentas praças, inspirava menos confiança, por um motivo ou por outro, que não interessa mais a ninguém, vice-versas da política. No Norte, política foi sempre mar perigoso; política e tudo o mais, há quem o diga. O Governador se viu pouco seguro, e pediu reforço daqui, deve ter sido. Pediu ou solicitou, ou não pediu mas quiseram dar, isso também não muda tom nem teor ao caso.

Mas resolveram que fosse até lá uma unidade de guerra, e em mim caiu a escôlha do Ministro, que me apreciava. Fui. Só voltei meses depois. Quatro meses, como os de Rodjiestvênski na costa do Anão, no ancoradouro de Nossi-Bé, à espera... Mas daí não tire antecipadas conclusões; já zarpo.

IV

Eu comandava o *Amazonas*. Sabe o que é um contratorpedeiro, um destróier? Era — uma lata. Pequenino, bandoleiro e raso, sem peso o casco, feito de reduzida matéria e em mínima espessura — só alma, — seu signo tem de ser todo o da debilidade em si e da velocidade agressiva. O destróier: feito papel. E é também a sede das maiores incomodidades. Já para se estar ali dentro; quanto mais para os trabalhos de bordo. De apertadinho espaço, nem tem convés de madeira. Por ser uma caixa de ferro é quentíssimo; e frio, à noite. Frio duro, no inverno, se ensopando de umidades: mina água nas chapas, folhas de aço, sem proteção alguma. No verão, calor feroz, suam até os canhões. A disciplina exige mais aborrecida vigilância, a etiqueta tem de ser relaxada; digo, nenhuma etiqueta é possível. Não se janta de uniforme branco, como nas demais belonaves; em viagem, usa-se só a roupa mescla em cima do corpo, sem camisa; boné, só a capa e pala. Sopra uma moinha de carvão, por toda a parte, invade o navio, como numa locomotiva, titica palpável e impalpável. Sendo que, em marcha, dá um trotar e sacudir-se, infinito. Para qualquer refeição, é preciso colocar na borda da mesa o rabecão —

que é um aparêlho, um ressalto. Ah, por Netuno e Júpiter! A popa do destróier, principalmente quando a velocidade aumenta, vibra como uma lâmina de faca... Esse o animalzinho agilíssimo, destinado para serviços perigosos, olhos e garras das esquadras. Assim, é de se ver que sua função consiste em tirar a segurança da mesma insegurança; seu lema a "prudência da serpente", sua filosofia. Dei-me bem, nele.

Dito, pois, que eu, capitão-de-corveta, comandava o *Amazonas*, e que esse era o meu primeiro comando. O *Amazonas* foi praticamente o meu navio. Modéstia adiada, eu o manejava como se fosse uma lancha, um escaler. De boa construção inglesa, fora um dos da flotilha de dez, vindos em 1909, em longa travessia do Atlântico, do Clyde às nossas águas; e era o melhor. Isto é, lutava com o *Alagoas*, para não faltar à verdade, sendo na Divisão de Contratorpedeiros as unidades mais rápidas. Sua velocidade, com as duas caldeiras: 27 nós; com uma só: 20 milhas horárias; no comum, velocidade de cruzeiro: 13 milhas. Seu número era o 24. Dava por pouco mais que um bauzinho de flandres, mas apto a todos os riscos do mar, e um brinco. Os amarelos sempre bem limpos — conforme se esmerava, depois de Tsushima... — os "amarelos", digo, as curvas de metal, etc. Cor? A de destróier. Já, naquele tempo, o "cinzento tático", meio azulado ou esverdeado — que substituíra o "verde-torpedeiro". O *Amazonas*, saiba que com ele a qualidade da minha gente dera de se mostrar, o "E" na chaminé, nas manobras da Esquadra de Destróieres, em sua base de exercícios, na Ilha Grande...

V

Releve-me bordejar com o assunto, mas entende o que é "formatura de linha"? Veja cada navio do lado do seguinte, par a par em par. E "formatura em coluna" é uma nau filando atrás de outra, popa com proa. Quando evoluíam cinco — era o "grupo de 5". Dois grupos de cinco: "2 comandos de destróieres". Saímos barra a fora, passou-se de coluna a linha, pelo *battenberg*, e inverso, com reserva de velocidade para a manobra. Já se tinha a gente distinguido antes nos treinos de tiro e simulacro de combate, pela rapidez na execução e prontidão no cumprimento de ordens, reconhecimento dos sinais, apresentação e limpeza; e também nas fainas de emergência: "salvamento" e "abandono"

— digo, de se fingir nau destruída ou incendiada, quando fica imprestável, só se tendo de cuidar é da saída ordeira do pessoal.

Mas, veja, o *Amazonas* formava à frente, D 1, navio testa, emblema no tope do mastro, e a flotilha fez-se ao mar, intervalos perfeitos, se enrolando e desenrolando. Vinha-se em ziguezague, depois em reta, pontaria para a Capitânia, que, por me lembrar, era o dredenote *Minas Gerais* — se não um tênder, dos antigos, da firma Lage & Irmãos: o *Carlos Gomes* — que arvorava o distintivo. Viemos sobre e contra ela, a toda! — nas 12 milhas, isto é — e — ala-e-larga! — ferra, que só no fino ponto e momento viramos, noventa graus, justo juntos, ameaçando abalroo — foi num abrir e fechar de ostra... —, a maruja a dar hurras. Ah, a guinada, é um instante que emociona. E, logo, sem reduzir marcha, mudou-se de formatura para recompor a linha, com economia de espaço, no vivo estilo. Assestei óculo, para avistar cara de Almirante. Arriavam galhardete... Movemos bandeirola de recebimento. Cheguei a recear que fôssemos tomar um tesa, por motivo daquela arriscada patêsca para cima da nau. Mas, e então com orgulho nos enfunamos, quando traduziram a mensagem: para a flotilha "passar à fala" do Capitânia, a fim de escutar, por empunhado porta-voz, cumprimento e elogio, antes do rancho, guarnições em cada convés alinhadas em postos de continência...

Recordo, o mar, no grátis dia de sol, estava de só sua vez, extra azul, do ferrete, como só no alto; e plano, tranquilinho um lago. Os fios de uma brisa razoável afagavam os ouvidos da gente, o ar quase de montanha. Deadejavam drapes pares de gaivotas, um pássaro rajado de preto e branco voou muito tempo à nossa proa. Em cada popa, aquele embrulhar-se amotinado de espumas, com demãos rosadas às vezes, semelhando cachoeira. Atrás mais, cada nave ia deixando longa a esteira, sinuosa e nivelada, lisa estrada, de um verde tão claro, o sr. sabe, volta por volta. Em certas horas de incertos dias, todo o mundo é romântico. Eu, também. A beleza e disciplina, o que serve para ensinar a não se temer a morte. Para não temer a vida, não tanto; porque, isto, é aqui a outra coisa.

VI

Sim, novo não era. Podia-se considerá-lo mesmo como incapaz e obsoleto, segundo o estabelecido em Washington pelas Cinco Potências navais. Mas dava alegria, com seu jeito de pôr proa em vaga e trepidar

sincero, no obrigarem-se as máquinas, coisa que também não tem importância: navio que não trepida não é como homem que não treme.

Como toda embarcação de pequeno calado, ele jogava o seu tanto, e mais de uma vez eu mesmo enjoei, com mar cavado. Saiba, aliás, e sem ofensa à simplicidade: Nelson enjoava... o Almirante Saldanha enjoava não menos... Ala-e-larga! — isto não são ônus vitais. E, para comandar, ainda que com o rol de martírios e amargos, não há como um destróier. Ouça, esta é do inglês, mestre no mar: *"Ou peixe miúdo em frigideira grande, ou peixe grande em frigideira pequena."* O comandante e o barco plásticos um ao outro, conforme se confazem — isto é da essência do milenar navegar... E o *Amazonas* foi o meu barco, todos confirmam. Seja que não me esqueço também dos comandados e de minha guarnição, que eram 9 oficiais, incluindo o Imediato e o Intendente, e 80 homens: marinheiros, foguistas, taifeiros; equipe, uma família, etc.

Sempre, se fazia luar, a maruja ajuntava uma serenata, no convés da ré, com violões, tínhamos até um bom flautista... No que, no ouvir as canções de carnaval e amor, cantigas, modinhas de antiga praxe, nas sedas desse estilo a gente entendia melhor — que eram para pôr em cofre — os raios da lua-cheia no mar, ondas e ondas e reflexos: faiscaria, luminária, artifício de fogos, pirilampos pulando, o noivado deles, de joão-vagalume...

Mesmo com o mar levantado, nele valia suspender e estar-se aguentando. Assim recordo as vezes de quando íamos forçar o tempo, e no receber "a capear": pegando pela bochecha o vagalhão, que vem, passa, lava de lado a lado a proa e a vante, salta água aos morros montes... Ou a "correr com o tempo", raro em raro, pois que manobra perigosa, faz-se quando o navio não está mais resistindo ao temporal: vêm três, quatro ondas, muito fortes, e, depois, ao vir uma fraca, o jazigo-da-vaga, se mete o leme todo e dá-se a popa ao mar, para fugir ao violento choque... Sabe? Hoje, penso que a arte de viver deve ser apenas tática; toda estratégia, nessa matéria particular, é culposa.

VII

Ainda pois, que falamos do burrinho — é a estória dele e minha. À qual tornando: eu estava outra vez em manobras, na Ilha Grande, fazendo exercícios com torpedos. Naqueles dias, nem tinha lido os jornais. De

sobre-repente, a ordem chegou, por mãos de alguém: — *"Despacho, para o sr. Comandante..."* Vá, que vou: largamos da flotilha, entramos a barra, para o aprestamento, tudo muito urgente e sumário. A receber mais homens, munição de artilharia, cabeças de combate para os torpedos, regulados previamente, e mais petrechos; fazer a mostra geral, pear tudo o que estava solto. Venha e veja: prontos a suspender, fumo na chaminé, chiando as máquinas. Depois, logo, saímos em fora, acenando para o Pão de Açúcar, a proa na Rasa, com a alegria do mar, rumo aberto — à driça o sinal de "Adeus!"— o de quem vai safo de tudo.

Só: sul-norte. Porquanto levávamos carta-de-prego, como em tempo de guerra, é de ver. Sobrecarta para se abrir, e ler as ordens e destino, somente em latitude e longitude tais. Onde, aí, porém, pouco se soube: a ainda mais norte, para obter as verdadeiras instruções na Bahia, ou em Pernambuco.

Dos males e bens, na ida, a gente tem bens e males, na volta. Ou, seja, que cada um se resguarde, mediante rotina e disciplina. O sr. sabe, o mar, em geral, ensina pouca lógica. Às vezes, tudo se resume nos registros do livro-de-quarto. Em todo o caso, imagine uma luta de cachalote com tubarão, frequente, perto da Bahia. Ou os grandes peixes que correm na frente, à proa, cardumes de toninhas; doze milhas, para as toninhas, são sem esforço... Desse jeito se ia, normalmente, com fogos espertos, com 20 milhas, sob a "poeira da estrada" — como dito é — os salpicos de água, que nos recobriam, quando o destróier puxava.

Todavia, não se andou tão depressa como o carteado, porque tivemos demora na Bahia, por causa de avaria ligeira, no servo-motor. O que foi devido a um mar grosso, pegado cá pouco adiante dos Abrolhos, onde o *Amazonas* galeou e cabeceou à vontade: arfava feito um golfinho, onda acima, e se lambuzando de leite nos cabelos da vaga caturrava, onda abaixo, de trampolim.

Até os Abrolhos, há mar bravo, pode-se ser apanhado pelo rebojo do sudoeste. Um começo de tempestade: com o céu limpo, o tempo está "pintando" — a gente descobre um olho-de-boi, ponto negro, nuvem redonda, preta, no horizonte. Hora depois, é o céu coberto, a procela. Veja, em Camões, as descrições. Veja em Homero. Sim, senhor, tive as minhas humanidades, os clássicos, Platão; li meu Maquiavel... Sabe-se que esta vida é só a séria obrigação de cada um, enquanto flutue. Suponha o tempo toldado, salto de vento, mar de vagalhões, temporal desfeito, as más caras de Mestre Oceano, e lembre o vate:

“No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida...”

Só que nada disso me tirava do ordinário, porque eu me achava à altura, com o que me estava atrás da consciência: os anos de aspiração, estudo e prática — note bem, nossas superestructuras. Eu ficava na minha função e profissão, em meu lugar de hábitos, guardado pela noção do dever e pelos capitulozinhos da técnica. E a regra cerrada simplifica. É como com o oficial rancheiro, que, no refeitório da coberta, comanda, revezando diariamente a sobremesa do pessoal: — *“Pessegada a boreste, goiabada a bombordo!...”*

Seja, enfim, para lhe dizer, que passei quatro dias sem dormir; que levei noite inteira no passadiço, sentado numa caixa de sinais; que, na segunda noite, ali tive de me amarrar às grades, na balaustrada... Ah, também o homem do leme-de-mão tivera de ser atado à sua roda. Era um preto. Ele estava rezando...

O fato era um “aguaceiro”, isto é, um temporal simples, mas virado logo em “aguaceiro sujo”, digo, temporal-com-chuva. Mas um desses, de aspirante se agarrar com unhas e dentes ao beliche, pois o barco se inclinava por vezes de 50 a 60 graus, de cada lado, atravessava e jogava, desde que caíra o tempo, golpes novos no frágil, balançando de quebrar coisas e louças. As ondas rompiam na coberta, com horror de rumor, arrombaram a faxinaria, das trincheiras abertas saíam as vassouras, rodavam os tambores de óleo... Pedia-se mais às máquinas, e — ferra! — que o *Amazonas* se comportava, que o coração dele batia...

Daí — é a eterna lei — o aguaceiro “furou”: desaparece. Dá o vento-bonança. Ah, temporal nos Abrolhos... Mas, de lá para cima, é mar manso, a “costa da banana”. Tínhamos mesmo de escalar na Bahia, para carvoagem — um cardife de primeira — e receber dinheiro e as instruções. Escala retardada, como dito é, pelo reparar a avaria do servo-motor. Em o Recife, ordens novas e completar o carvão — o pior do mundo.

A vida era aquela, capitão-tenente Armestrongue, o Imediato, contava anedotas, com o tenente Pautílio, oficial chefe de máquinas, eu jogava xadrez, dominó e gamão, e também com o tenente Radalvino, da artilharia. Em geral, eu ganhava. Isto é, perdia, mais ou menos, para o tenente

Bruges, o oficial de torpedos — este era um dos tristonhos, reticente e inarticulado, homem só de nem monossílabos. Ah, a gente navega na vida servido por faróis estrábicos.

Ao que mais, havia os serviços e exercícios. Em assuntos de ordem, jamais relaxei. Sob meu comando, o destróier carvoava com a guarnição toda permanecendo a bordo, por exemplo. Determinava uma instrução tesa, com os sinais de alarme imprevisto, preparar-para-combate, o toque "a postos": todos correndo, na safa-safa geral — o maca-abaixo. Sempre o sr. havia também de ver a taifa "virando redondo", isto é, numa dobadoura tal, à brambambla...

Seja, porém, que tudo se seguiu, e o saldo foi de passeio, bom como às vezes não acontece. Afora a falta de notícias e talhos no se fazer a barba, de toda enfermidade nos livramos, e não houve acidentes, nem ameaço de dôr-de-cabeça nem tristezas de amor em terra. Mesmo uma feliz concentração em livros e estudos retinha no camarote o Varelo Magro, nosso oficial de navegação, telegrafia, sinais e embarcações miúdas, que era co-provinciano meu e direito, mas muito para dificuldades. E até o nosso cozinheiro nós louvamos, achando-o o melhor da Armada.

VIII

Um dia, por fim, o *Amazonas* abriu a onda azul do mar do Maranhão, que estalava, banzeiro, nos dando contrabalanço.

Era a chegada a bom porto — com virtude e com fortuna —; pensei. Assim, ao refletir de um belo céu, como se singrássemos, entrando: azul-verde-azul, do campo do largo ao rolo costeiro... Eu aportava, em séria missão, em tempo de guerra — não pude deixar de me capacitar. E, mais, recordei que, mesmo ali, naquelas baía e barra, aparecera um dia, a bordo da nave *Pedro I*, também sozinha, o almirante Cochrane, a fim de libertar a província do Maranhão, a 26 de julho de 1823 foi a efeméride...

Ah, pela barba decente de Tamandaré, os símbolos estavam para o meu *Amazonas* — herdeiro das glórias de outro: da nau almiranta, capitânia, driçado o pavilhão do comandante, quanta a insígnia do chefe Barroso, em Riachuelo — *... "Resume o prélio a impávida Amazonas"...* — canta um poeta; a arcáica fragata epônima, construída de teca e movida a rodas, virando águas acima e volvendo águas abaixo, no rio, desfechando bandas inteiras com dupla carga de bala e metralha, e repetindo, durante toda a

luta, o sinal e comando à Esquadra: — *"Atacar e destruir o inimigo o mais perto que puder!..."*

E os meus pensamentos eram esses, quando chegávamos, quando, anoitecendo, alumiou-se, a su-sueste, o clarão do farol de São Marcos, com seus eclipses e lampejos.

IX

E só então, falando com o prático do porto, que subira a bordo para pilotar-nos na entrada da baía, comecei a pressentir as insídias com que me esperava o mundo concreto de terra.

O prático não respondia, e olhava o nosso eficaz armamento: um canhão 101 à proa, outro à ré; nos bordos, dois de 47, de cada lado; e ainda os dois tubos lança-torpedos; repletos, os paióis de munição, à ré e a vante. Recordei o pensador: *"Os homens em geral são mais inclinados a respeitar aquele que se faz temer, do que ao que se faz amar"*... Ora, bem, concluí, com o citado: que não gostassem de mim, mas que um pouco me temessem; também, não me odiassem, principalmente. Eu deveria mostrar grandeza, coragem, gravidade e força, em minhas funções...

Mais a sagacidade, por minha conta acrescentei, o leão vai bem com a raposa. Lord Cochrane, surgindo ante o Maranhão, arvorara, por estratagema, a bandeira portuguesa no penol de seu navio. Com isso, conseguiu enganar aos de lá, que o supuseram trazendo-lhes socôrro; o capitão-tenente Garção, saído ao seu encontro no brigue *Dom Miguel*, tarde deu com o fato real, vencido pelo ardil... E, ora, para não ir mais longe: uma simples grande astúcia de Temístocles não foi Salamina?...

O prático trastalhava, torto dragomão. Ele era um homem sujeito qualquer, na Capitania do Porto do Maranhão a praticagem era livre. Quis crer olhasse além do cais, e da cidade, olhava ilusoriamente um mais longe plano de cena — talvez para os lados da raia do Piauí. Pensei, crédulo a vindouras desgraças: que era que eu teria de dar, além do devido a César?

Deitamos âncora, mandando arriar mais amarra — dar três vezes o fundo; e o *Amazonas* recuou, para verificar: boa tença, lama dura — o ferro unhou bem. Com sério respeito, a seguir, foi arriado da carangueja o pavilhão, e atopetado à ré — içado a beijo.

Dali, do meu navio, eu contemplava, acolá da muralha, casas e coqueiros, a cidade em dois níveis, parte baixa e parte alta. Em algum trecho do porto, na baía, em outros coloniais tempos, o cais, aqui, da San' Luiz[26] do Maranhão, se chamava "O Cais do Desterro".

Fundeei, e, depois de bordejado pela imprensa, recebi as visitas das autoridades e os cumprimentos de estilo.

X

Desci, sob os dourados da farda, para a minha canoa a remos, de popa e proa afiladas, condução privativa do Comandante. Atraquei em terra, para retribuir, como na embaixada que fez ao Samorim o nobre e ilustre Gama. Mas, em matéria de política, eu vinha muito à-toa.

Encontrei um Governador homem diretamente inteligente, versado em bem esconder as próprias e muitas tribulações. Ali em sua sala, paisano, ele não desdizia do cargo, ladeado pela Marinha e Exército — falo do General-de-Brigada, comandante de um Destacamento recente chegado para combater os revoltosos que no Norte da República.

Conversou-se, todos viam com contentamento a vinda do *Amazonas*, mui dentro de propósito para fazer pessimismo em quem estivesse conspirando. E fiquei sabendo que não iria ser breve a nossa demoração lá.

Conhece São Luís? É antiga, tresanda a decorosas famagorias, e grava com um relento de torpor o passado, não obstante a certa e simpática veemência de seus habitantes. Achei-lhe encantos. A cidade estimável, com ruas desenvolvidas de distortas, de várias ladeiras, as ricas igrejas de repente vetustas, diz-se que são entre si ligadas por subterrâneos cheios de morcegos... Os sobrados centenários, imensas quadras desses, sobradões de dois ou três andares, mansões de beirais salientes, balcões com grades de ferro bem trabalhadas, mirantes. E azulejos, azulejos, por vezes se estendendo até às cimalhas; depoentes aspectos.

Temporada de anfíbio, não era de toda má. Eu residia no destróier, fundeado no "pocinho" do porto, em frente da cidade, mas baixava todos os dias à terra, para conferenciar em Palácio, ou aceitar almoços e jantares, em que aprendi louvadas iguarias: o gostoso arroz, com camarão e molho de gengibre e rosélia; tortas de caranguejo; guisados de pequenas tartarugas. Mas, depois de marambaiar, voltava satisfeito para a minha

fleet in being, miúda e cinzenta, deitada na correnteza, oscilando lambida, feito uma foca.

Também precisava de receber a bordo, particulares e políticos, pessoas de consideração. O oficial de Marinha tem de ter muito de um diplomata, sabe-se. Demos recepção e visitação pública; aos domingos, apareciam moços, alegravam a guarnição inteira. Nosso estado, contudo, variava entre a prontidão rigorosa e a semi-prontidão. E nunca falta trabalho num navio, o estudo prático, entupir tempo com programas da tabela: serviços de postos de combate, rever as máquinas, cuidar o armamento. Zelando pelo meu barco, eu queria me instruir também daquela parte do litoral — do mar, não entendido dos homens.

O que valia bem. Recorde a sua geografia. Veja, a costa do Maranhão é o desenho, a linha frontal duma gaivota em voo, o desdobrar-se d'asas: ela encentra um V, um golfo aberto em ângulo. O lado esquerdo desse gólfão é a baía de São Marcos, baía do Tubarão, há quem o diga. Na verdade, por ali dá muito esqualo, às vezes enxameiam, e o tempo, à noite, cheira a melancia. No foco, a ilha, onde se situa a capital, numa esplanada sobre outro golfete — este braço da baía, em que saem os estuários de dois rios. São Luís tem água por três lados. Os rios são o Bacanga e o Anil. Para resumir, chame tudo isso de "a baía".

Olhe o sombreado, entre mar e terra firme. São bancos de areia, que a preamar recobre. Já ali, antes da Ponta de Areia, fica o Banco da Cerca, este grande parcel, de atalaia. A Ilha do Medo está no meio de um baixio, mais de dois tantos o tamanho dela. Não, o porto de São Luís talvez não tenha sido bem escolhido. De lado a lado o baixio prolonga a terra, de onde as dunas não param de avançar, e as marés são notáveis, muito altas, chegam a 7 e 8 metros de diferença, regularmente, às vezes mais.

XI

Agora, imagine e pasme: no mais baixo da maré, a baía inteira fica a seco! A baía enorme, toda enxuta. Ela se esgota por completo, descobrindo a extensa vazante — as coroas aparecem, os *secos* de areia vermelha, e quantidade de pedras, alguma vasa, aqui e acolá um burgalhão ou albufeira, com o mexoalho de miúdos caranguejos, siris-mirins e ostrinhas, que os pássaros atacam. É espetáculo. Do porto, não sobra então mais que um conduto apertado, um canal fluvial dragado, de 4,5 metros de

profundidade, no meio dos bancos, por onde passa para o mar o leito do Anil. Ali, ou, senão, ao largo, fundeiam os navios. O canal dá um ponto mais dilatado, o “pocinho”, como dito é, com lazeira de espaço para deitarem ferro até mais de duas embarcações médias. Lá estávamos nós, o *Amazonas*.

E o notável era que, para aquele fenômeno, já haviam achado serventia. A qualquer barco, precisado de reparo nas obras-vivas, bastava entrar no porto, escolher sítio para ancorar, e ficar à espera. No refluir da maré, a água se chupava embora, e o navio vinha baixando, com delicadeza, até assentar no fundo. O porto se esvaziou, transformado em varador, e o barco já pousou em chão, casco nu, exposto inteiro, tudo. Às vezes, para melhor estabilidade no querenar, armavam antes uns paus de escora, com varloas. Nas horas depois, ao retornar novo período da maré, a água chega e se levanta, aos poucos e poucos, a embarcação vai flutuando arriba, até ao deslocamento normal, e é só zarpar, se está terminado o serviço. A baía é, pois, um verdadeiro dique-seco, simples e prestadio, fornecido pela natureza. Também há lá, em São Luís, um velho dique-seco construído, mas já se arruinou, por falta de uso, porque os navios pequenos que ali frequentam, em cabotagem numerosa, preferem aproveitar o livre do porto, para se deixarem encalhar por horas, de propósito, e reparar ali mesmo suas avarias. E ainda chamam a isso “meter o navio em obras”...

Eu apreciava a transformação. Cedo, com o empurro do terral — lá o vento sopra acompanhando a maré, para dentro, para fora, — já o mar abdicava, fugia o oceano. Dava ideia do que pura poderia ter sido a separação das águas do Mar Vermelho, para a passagem dos Judeus, a pé escapo. As ondas diminuíam, paravam, surgiam os médãos de areia, se alargavam. Nascia o mundo — alguém pode dizer. Um mundo amarelo ou vermelho, meio sujo, todo de dunazinhas ou coroas, com tereterês, as pedras e algumas alagoas, onde vinham as gaivotas e por entre lamarão e lagamar uns meninos descalços, caçando os bichinhos afluídos. Diante de nós, o paredão do porto ia ficando alto, mais alto, em sua base se revelavam degraus, o enrocamento, e depois a aba de uma ladeira, até marcar-se o plano do zero hidrográfico. São Luís estava para lá da muralha, a de nós um tiro de mosquete, como escreviam os antigos.

São Luís e as minhas aflições.

XII

Por quê? Porque, tudo o que vem, vem a invisível relógio, como os alísios e as trombas, como as calmarias. Mar crespo, pós mar de leite, há quem o diga. Eu estava ali por um encargo oficial, com as vinte vantagens, viera tendo em mira o meu dever, e em mente o valor de meus galões, pelo sim. Fora bem recebido da gente maranhãense — (porque é assim, e não "maranhense", que digo, conforme melhor me parece e soa)... E, eis-que, sem face de motivo, dava de estragar-se-me o tempo, salteavam-me as contra-razões.

Agora, à certeza dos fatos a incerteza se ajuntava, para maior pressão de confusão na casamata da política. Corria que os revolucionários de Luís Carlos Prestes já tivessem entrado no Maranhão, onde contavam com muito amigo oculto. A oposição maquinava, o Governo se escaldando.

Ao mesmo passo, amiudavam-se as entrevistas, em que eu tinha de tomar presença e, a cada instante, a palavra, e, pelo seguir dos contactos, me peguei preso de suspeitas. Soube que desconfiavam de mim, surpreendia-me esse abuso. O mal — como é dos males o pior — emergia devagar, para de repente se reconhecer. Estranhei cochichos, sobre olhares, sobre silêncios.

Entendi que me sondavam, estar-me-iam tendo por irresoluto; ou, mesmo, por possível opositor. Eu tinha que rebater o insólito. Desconfiavam de mim? Aqueles, naturalmente, ainda não eram filósofos. E eu ainda não estava encanecido.

Ah, a gente tem de mover-se entre homens — os reais fantasmas, e de partilhar das dúvidas e desordens, que, sem cessar, eles produzem:

"Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!"

XIII

A bordo, seja o que seja, a disciplina se aguentava, no traquejo, sem resumir o rigor, e o conviver da oficialidade andava seu certo, só que com pouco aperfeiçoamento e os humôres melancólicos. Tudo, quanto ao de blusa, era bom.

Mas, tendo—[27] que alguma ronhura se alterava, no meio dessa quietação. Tediava-se, no *Amazonas*. Fazia calor, em quadra chuvosa; e

não faltavam aperreações. Em fim de contas, ninguém é o inglês, que só tem os nervos necessários, criatura capaz de tolerar sua própria presença e as dos outros, sempre igual, seja por meses, enlatado em qualquer canhoneira, em país quente ou país frio.

Ora, mas, isso, constado em miúdo e a grosso, nem chegava a formar fatos. Era imersão leve, a má-vontade do jogo. O grave, grave real, é que eu passara a achar mudados os meus oficiais. Outro modo de ver e dizer: também eu duvidava deles. O sr. perceba isso a sério. A dúvida, figuro mal? — vem feito enorme lagosta subindo uma escadinha de ferro de quebra-peito.

Aquilo me tomava mais seguidamente à hora de voltar para bordo, já quando o contramestre de serviço me saudava com os três apitos, mal eu punha o pé no portaló. Chegava, os oficiais pareciam-me conluiados contra o meu proceder. Se é que não me traziam sugestões difíceis e reticências de pouco por onde se pegar. Eu via cada um com muita camuflagem e couraçamento — o Armestrongue reprovador, Radalvino um sarcasta, o Varelo agoureiro. E, contudo, vez nenhuma rompiam o acatamento à hierarquia ou me faltavam com a deferência e cortesia do coleguismo naval. Ou estaria eu, então, apenas a armar sobre falso, e a minha própria malícia eu neles refletisse? Estava adoecendo, entrava por um esgotamento nervoso?

Me refiro, em particular, àquela noite em que, aparentemente sem razão, só para acertar a voga, convoquei uma reunião extra da oficialidade. A ideia, àquela hora, devia de ter contrariado a todos, até mesmo a mim. E, para dizer a verdade, foi mais uma conversa frouxa, no convés, sentado um em aduchas de cabos, outro em braçola ou quartel de escotilha, de pé ou acocorados os mais.

E eu não indaguei. Expus. Falei da situação nacional, e da local, maranhãense — como digo. Andei pelos prólogos. Fio ter discorrido bem: mas, falei foi para perder palavras. Apanhei logo, no ar deles, um completo desgosto do tema, o teimoso desconversar, que enrasca.

Aí, o Armestrongue, sem dar-me comentários, meteu-se a propor qualquer providência, invocada pelo Bruges, a respeito das cabeças de torpedos. E o Varelo se valeu da vez para dar vista de um plano, com cálculos de distância e mira, por hectômetros, que ele havia composto, para eventual bombardeio da cidade, caso o inimigo a ocupasse. Ri-me, e raiva. O Varelo, sempre bragalhão, pau com formiga. Aliás, de balística,

devo dizer, ele entendia. Acabei com a reunião, qual que secreta sessão do Almirantado.

Subi um tempo ao passadiço, para me reconciliar com os espíritos da brisa, abandonar-me aos meus próprios meios. Daí, desci ao camarim de navegação, remexi em minha mesa, nas tabelas e cartas; com uma garrafa de mineral, tomei duas aspirinas. Sentado e vestido, após, a cara à banda, cochilei escassamente. Posso dizer que passei a noite a pé de galo.

XIV

E já na manhã, madrugadíssima, era chamado a Palácio. Tão cedo, que minha canoa foi arriada bem antes de sair o escaler das compras. A pontualidade é a obrigação dos réus.

A baía semelhava descida da atmosfera luminosa, e, no entanto, eu ouvia desagradado o rumor em compasso dos remos, sentia o tangar do ar, e dava as costas ao extenso, digo, ao Boqueirão — a entrada da barra — onde o mar bate feito um feixe de pilões, em grandes ondas trazidas pelo nordeste, reforçadas pelas correntes das Guianas, e tudo é de alta violência, sob o sol e ventos.

E, então, levando os olhos, eu assistia a uma cena, muito comum de se ver nas costas do Norte: o guarapirá a piratear e saquear o pobre do mombêbo.

O mombêbo é uma espécie de pato branco, cormorão, pesadão, bronco, de bico grande, e que sempre tosse, com a língua à mostra. O guarapirá, todo preto, só de pés e a garganta vermelhos — a fêmea com o peito branco — é um gavião do mar.

O mombêbo, como pescador que é, trabalha, se esforça: mergulha, apanha o seu peixe. Enquanto isso, o guarapirá fica vigiando no alto, todo atenção, via de regra pousado num tope de mastro. Quando vê que o truão mombêbo revoou com algum pescado no bico, o grapirá se desprega de lá, de alcarrada, avança no outro, dá-lhe surra rápida, em voo, arranca-lhe o bocado — aparando-o às vezes no ar — pega, come. Para o pobre do mombêbo, o pescado peixe tomava hipótese.

Eu observava ainda uma vez aquilo, sobre o que se pensar:

“Onde pode acolher-se hum fraco humano?”

XV

No que entrei, dei de mim ante o Governador, com seus próceres, e mais o General, nesse já lhe falei. Juntos valentemente, eles procuravam as providências à mão e ao pé, mal não digo. O que não se facilitava, aí, era acertarem seus entrefechos; circunstando que, nessa assentada, não conseguiam evitar o contradizer de temas. Eu estava à capa.

Tudo o que me esperava era um apogeu de crise. E foi que: num dado momento, dirigiu-se direto a mim o General, grande soldado e homem, e perfeitamente. Louvando meu patriotismo e tino, quis-se informar sobre se eu estaria disposto a levar o meu destróier à foz do Parnaíba, e acima, até a um lugar *x* ou *y*, aonde ajudar na barragem[28] à invasão dos da Coluna. O que, na caixa-das-ideias, era o justo e exato. Mas, também, um plano intrabalhável — disso eu estava quase certíssimo. Item, o General não poderia, é claro, dar-me ordem terminante. Deixava ao meu critério.

Mas o que só quero dizer é que o Governador, sob espécie, não concordava com aquilo; se eu suspendesse da capital, seria contra o seu parecer, e para maior responsabilidade minha, sem embargo de outras cólicas. Ah, o *Amazonas*, com seus torpedozinhos e canhões, estava sendo peça mandante, pino do equilíbrio, na mísera miséria. Vi-me. E agora os políticos me açodavam, querendo me converter. Em o Largo do Palácio, o Palácio. Me vexei.

Tinha que ombrear. Entenda-se, naquele torneio, não deixaram de ser cordáveis, com todos os respeitos. Eram, porém, diversos, e maranhãenses, isto é: inteligentíssimos. E veja que, com isso, a lábia não pegava, não me botaram mudo. Tenho minhas humanidades, assisti a muita coisa, naveguei cinco mares, fui Adido Naval. Nem sou de todo ignorante em política; apenas para dela me arrepiar, bem entendido.

Fiz conceito que o erro fosse meu. O erro era que, solicitado pela novidade da gestão, entusiasmado com aquele outro jogo, eu tinha-me aventurado nessa área, sota-patrão, em águas tão perigosas, sem farolagem nem balizagem, e onde de nada podiam valer-me as estrelas dos nautas. À culpa de ter querido demais abarcar, por todos os rumos da agulha, era que agora corria o perigo de dar em abrolhos de estrepes.

Eu estava em loxodrômicas! Ah, num ponto, sustento: como homem e homem-do-mar, e como *gentleman*, vissem minha conduta. Fosse para decidir combate e combater, eu estaria em pé em calma e enfarpelado de firmeza, no estrugir da ação, puxando fogos, arriada a balaustrada e

armado o cabo de vai-vem... Mas, a coisa comia outra. Temia-se e tramava-se. O sr. pode às vezes distinguir galhos de negalhos, e tassalhos de borralhos, e vergalhos de chanfalhos, e mangalhos e frangalhos... Mas, e o vice-versa quando?

Ah, não que estivessem a me tratar de alto. Ao contrário. Aquilo passou-se em doce. Mas tive de ser ligeiro no rechaçar a abordagem, quando alguém, pulando as pautas, sugeriu que à noite o destróier assestasse os holofotes sobre a cidade, como demonstração.

Ultra que, por fim, um outro deles, vindo vogando a remo surdo, insinuou que eu desconvidasse, de para almoço a bordo, dali a dias, um cidadão tachado de herético, a quem eu devia retorno de três ou quatro gentilezas cordatas. Ouvi de lado. Desentendi a indireta; mas que tomei em mente e me encalhou no fígado. De lá me andei, desgostoso.

XVI

Voltei para o *Amazonas*, acima e em volta do qual voavam gaivotas, aos grupos, quase sem repouso, deixando cair sobre as gaiutas e o toldo de brim-lona da coberta seu cocô alvinitente. Revi a cena: o joãogrande mombêbo, embaixo, solancava; já do alto dos ares, do alcandorado, se frechava num surto — e espancava o outro, roubando-lhe o entretinho e levando-o de empolga — o guarapirá xepeiro.

E subi o portaló, para saber, sobre o instante, que o marinheiro Solano, um homem da minha estima, havia sacado faca, em briga na tolda. Tinham-no metido a ferros. Esse Solano, um jovenzarrão, cearense, quando caprichava um dançar, olhe: vinha pelo convés, firmando eixo nos tornozelos, o resto se desgonçava, malmole, era um descorpo... Meu afilhado, de crisma. Estava bem, ficasse a ferros, curtindo sua moafa. Bêbado, agressor, a isso fazia jus — era do Código Disciplinar. Com mil trovões! — e o mais de raios.

Naquele ímpio dia, eu estava precisando de banho frio e sesta, rondar um brando. Com gosto, ver-me-ia igualmente pondo de castigo o próprio Varelo, de impedimento a bordo. Era para me infernar. Era um dia de amostra de calor, e o barômetro baixava. Nornoroava. O ar estava duro. Fui ao passadiço, falar com o oficial-de-estado, o Bruges, como dito é, um rapaz muito calado. Pelas rigorosíssimas coisas, a vista da baía era a minha prisão.

XVII

Agarrei a paisagem.

À direita, o bloco da Ponta de São Francisco, com o grande prédio do Asilo de Mendicidade, e casas, entre coqueiros, juçareiras, mangueiras e cajueiros, em penduramento no barranco; mais abaixo, mangues densos, e, enfim, no sopé das falésias, as pedras arroxeadas, musguentas, onde o mar dá. A Ponta de São Francisco termina numa escarpa alta, ribanceira escavada. Segue-se-lhe, após a foz do Igarapé da Jansen, a Ponta de Areia — da dita muito amarela, — depois do Forte, acinzentado, depois de casinhas; e o farol e a semafórica, com o mastro e as bandeirinhas de cores, para os práticos.

À esquerda, a Ponta da Guia, e sua praia, indistintamente, ao longe. A Ponta do Bonfim, essa, vê-se bem: é arriba. Muitas árvores de frutas, araticúns, se diz. Nos dias claros, se avista, com certa nitidez, a massa do Continente, fronteiro. Com binóculo, até casas.

Do nosso lado, no "pocinho", deitou amarra um barco estrangeiro — tinta preta e ferrugem, raso e esvazado como um escarpim. Um rebocador se desatoou dele, e se afastou, com a extraordinária pressa dos rebocadores findo seu serviço. A maré estava riscando, ao recuar da ressaca, vinda da muralha. Casas, assombrado de palmeiras, água, água, céu — uma maçada.

E, por bombordo, no largo do porto, estava saindo uma embarcação, um cargueiro pequeno, que aproveitava ainda o começo da baixa-mar. "Estes não consultam o aneroide", pensei. Um cargueiro fino, de pouca boca e pouca borda. Era nacional, de uma linha que fazia navegação para Belém e outros portos.

Mas, o que tinha de singular, era a carga.

Carga exposta, à vista, enchendo a coberta. Burros! Ia apinhado de burros, que mal cabiam no pavimento. Perguntei, e o Imediato me esclareceu que suspendiam de breve escala, porquanto o navio já viera com a burrada, do Sul, não se sabia de onde; e que iam para o Pará.

O cargueiro manobrou exato, pegando a saída do canal em São Francisco o governando rente de Santo Antônio. E guinou por oeste, rumo da Ponta das Areias. — *"Deus te toque!"* — desejei.

XVIII

Disse, e desci. O oficial rancheiro mandou me servissem um mate fresco. Não jantei. Recolhi-me à câmara, e quis descansar. No abafadiço, não podia. De tardinha, na hora de soprar aragem do mar, era só o terral, quente, que se afirmava. Terral à tarde — anúncio de mau tempo. Eu quis explicar a mim que o que estava me perturbando era a muita meteorologia. Mas foi difícil. A gente sempre aproveita seu próprio conselho; mas leva tempo, às vezes muitos anos, de draiva a bujarrona, para que isso se consiga.

Não me despi. O hábito não faz o monge, há quem o diga. Mas, o marujo, ele faz. Sem uniforme, eu podia ver-me dando ordens, numa ponte de comando? Maldisse da política, comigo mesmo; de tudo o que eu tinha de desmentir por *a* menos *b*. Veja, o inglês: em seu posto, no mar, meio à pasmaceira ou à guerra, o oficial cuida o barco, a artilharia, os torpedos, pensa no esporte, joga cartas, fuma o cachimbo; o fim e o começo, são com o Governo de Sua Majestade. A política devia ser função para anjos, ou para escravos. Agora eu me soçobrava ali torvado e atônito, em maus espaços, um contra-almirante Nebogatoff, muito desbaratado de tudo. Eu — urgido de vagos e terríveis temores — sob o invisível fogo de canhões pesados. Até que o dia se digeriu. Não alcançava adormecer, estranhava os clapes das ondas, o clapejo brando; e pensava e nem pensava.

Que passo que havia de temer? Mal à verdade, me emendava num pressentimento, como se tivessem dado corda, dentro mesmo de mim, para algumas desgraças. Aquilo estava às portas. Sempre para a hora seguinte — vindo-me pelo través. Ai, lobo do mar... A advertência apontava de tudo, do rumor da fola, das vigias, do escuro além, do constante virar do mar, do sangue no meu corpo, dos grandes fundos, do ar da baía, pejado de todos os sais. Já pouco me sabia, em imersão máxima, naufragava no bêco do desespero, com mil bombas! estrondadas.

Ora, dias de hoje, reformado e em digno ócio, e vendo o temporal em que vai o mundo, reconheço que tudo aquilo se formava muito de nada, reflexo do sub-imaginado. Era só a angústia, essa maligna transparência, às isostáticas. Repesava-me.

E, para cúmulos acumulados, como por via geral sucede, em caíque os pensamentos me levavam a uma barra só, que era o recomeço da dúvida. Da angústia, como dito é — um caranguejo em âncora, o caranguejo com

ponteiros. Medo de vergonha, de difamarem da minha reputação, esfarraparem língua à minha custa. Aquela tarda hora, enfim no vale dos lençóis, eu ali invejava um grumete jovem no beliche de prateleira, mesmo qualquer marinheiro ressonando em sua maca no convés ou o foguista de serviço. É, a regra cerrada simplifica-nos.

Fez vento de cão, aumentou o rumor da marulhada, devia estar urrando a tempestade em mar alto, vagalhava, lá fora, na tenebrosidade. Ah, o erro é o elemento nosso, da vida, ele está nas velas e está no vento. Depois, vá-se querer saber quem teve razão, se Beatty, se Jellicoe.

O sr. dirá, como eu mesmo me disse, que aquela seria a hora aconselhável para se rezar, me amparar da fé dos santos. Desfraldar uma jaculatória ou uma prece — coisas insubmersíveis. Tentei. Mas não consegui. Não podia chegar à minha simplificação. Também para isso, há uma rotina, ou uma técnica; uma e outra me faltavam. Ainda por cima, faleciam-me até mesmo umas gotas de qualquer soporífico. Já de madrugada, foi que dormi, duas horas.

XIX

Acordei, clara manhã, com o guincho e voo de gaivotas brigando no ar, na altura do olho-de-boi; e mesmo ainda deitado tive notícia de que serenara o tempo, pois só se ouvia de novo a marejada suave. Levantei-me, de alma mal no corpo, com mar e melancolia. Sem fantasia nenhuma, a não ser para as conjeituras calamitosas.[29]

Mas me barbeei, banhei, e entrei no uniforme por valor e ânimo. Sob meu mando, àquela hora matinal, na construção franzina do *Amazonas*, os apitos de ordem se cruzavam. Ah hasteava-se a bandeira.

Estive no passadiço, estive no castelo, provei do rancho dos homens, troquei curtas com o Imediato, que ia dar início à inspecção geral. E encontrei-me com o Varelo, na descida para a casa-das-máquinas.

— Comandante, há muitos boatos em terra... — ele instantaneamente me comunicou.

Ingeria que eu comparecesse logo em Palácio, para melhor de tudo me inteirar. Fitei-o, frio. Tínhamos sobre isso vistas diferentes. Fugi para a lua.

E mais lhe respondi que Adão era neto de Absalão, isto é, me descochei dele. ... “O papel de um destróier é o de saber manter-se fora do tiro dos

navios grandes...” — penso que pensei, por detrás daquilo. Então, aferrei-o pelo braço, convidando-o a andar três passos comigo, que para mais quase não havia lugar, dentro do *Amazonas*.

Nem bem tínhamos dado dois, para a ré, e o homem não se teve, rugiu-lhe um demônio intestinal:

— Quer a canoa, Comandante?

Agradeci, e disse outra coisa, bem diversa do Maranhão e de quem foi que o descobriu. Sentei-me numa lona, na plataforma do canhão 101, na escadinha. Só por embirração e blefe, bocejei e apontei para qualquer longe. Disse:

— Espie para ali, que o sr. já verá...

O Varelo olhou. Pois, olhou tanto, que, no que ainda olhava, e no imediato momento, isto é, daí a uns certos minutos, lá aparecia o vulto de uma embarcação entrando. Era um cargueiro. Era o cargueiro, que arribava. O tal, o dos burros!

XX

Dessa feita ele não governava bem, logo se viu, andava aos bordos. Avaria. Entraram, às guinadas, aportaram, o cargueiro pondo proa para terra, em posição de encalhe. Já arriavam uma baleeira, estavam apressados, trocavam sinais com o pessoal do porto. O mar se embalava, embelezado, o sol tirando das ondazinhas fiapos de roxo.

Agora, como vou-lhe explicar? A cena, remexida ao pequenino, e viva, assim na inteireza da luz, botava um certo atrativo, assunto gracioso gratuito. Aliviou-me a alma, um tanto, a opressão melhorando, as palpitações; respirei melhor. E, de pronto, nem sei, entrou-me a ideia: o dia, para mim, ia ser de feriado, que bem se armava. Com mil mortes! — com perdões... Sem desertar do decorável, e sem descuidar do *Amazonas*. Só que não haveria palácio, nem política, nem piauí nem maranhão, não havia. Seja daí o que for e for! — e, sem pensar mais pensamento, levantei-me do soco do 101, andei de camarim a passadiço, do passadiço à câmara — meus atributos espaciais. Apanhei a longamira, acertei a visada.

Dali, pela vigia, avistava-se a maior parte do porto. O cargueiro molhara, onde já havia um movimento em volta dele. Estavam trabalhando de mergulhar, com o escafandro da Capitania? Bem, o escafandrista ia sendo içado, após o prazo de sua inspecção, lá em fundo. Quem sabe o que

não estariam versando e sofrendo, àquela hora, de muito diferentes e fartas ansiedades, o Governador e seus homens? E a avaria era no leme, disso eu mesmo já sabia. Com qualquer desfêrro no leme, o navio esgarra, desmareia, nem sei como o temporal aberto não espatifara em algum parcel aquele cargueiro raso, embarcação de pouca quilha.

Imagine-o: sobressaindo à meia-nau, uma escalavrada superestructura, uma barraca — o *spardeck* ou casa-das-máquinas — de onde sobe a chaminé; outra, fazendo corpo com a proa, o castelo; e mais outra, à popa, o tombadilho. Aí já pode ter como seria o seu perfil. E a quantidade de burros, sobreexcesso deles, lá, acotovelados, enchendo tudo, mui tranquilos. Com a luneta, alcançava-se perceber como alguns levantavam cabeça, abrindo as ventas, para tomar o sempre desacostumado forte cheiro de sal, que subia na brisa, digo, vento 3, na tabela de Beaufort. Muito notável.

Acharam que a avaria não era grande, decerto uma porca que afrouxara, e que podia ser reparada ali mesmo, no “dique-seco” público de todos. A rigor, já se tinham botado em lugar próprio, onde o declive na fundura era suave. Armavam escoras, prendendo por fora quatro ferros compridos, feito pés de aranha, de cada lado, dois adiante, dois atrás. Vazava a maré, abrindo seus maceiós. A ressaca escorria. O cargueiro já se jazia, descansando.

A gente disposta! Desceram alguns homens, com as ferramentas, quando ainda tomavam água por acima da cintura. Para reparar, descalaram o leme. E pensavam que o conserto fosse rápido e fácil. Mas tinham também que bater malho. E aconteceu que estavam se esquecendo dos passageiros. Que transtorno...

XXI

As pancadas do malho assarapantavam os burrinhos. Eles não estavam entendendo, e punham orêlhas, trépidos, ameaçando motim. Aí — para, não para, alguém dando alarme — a oficina tinha de se interromper. Já havia gente discutindo, gesticulando. A burrama vinha solta no convés, amarrados somente aos bordos, aquilo era perigoso. Um fala, outro fala, chegaram à melhor decisão: descer os burros.

Como? Com os paus-de-carga — guindaste de pobre, há quem o diga. Uns paus presos nos mastros, reforçados por cabos de laborar, com

roldanas; na ponta, uma eslinga, acabando num gancho. Punham uma cinta em cada burro, prendiam-na ao gancho, o pau se suspendia. O burro, no ar, despauterava, esbracejava, se despedindo; depois, porém, murchava fonte e foz, e basculava quieto, reunido. Cá em baixo, outras pessoas tomavam conta, iam recebendo e ligando bicho a bicho, passando cordas pelos cabrestos. Os paus-de-carga se mexiam aos lentos lances, como as pernas de um besouro descambado. Mas não lhe conto o segue-se de desatinos que se passava a bordo do cargueiro.

Assim não estavam preparados para transportar animais, não tinham boxes, nem ripas no assoalho, ao comprido, para eles se estribarem, evitando de escorregar. Malho golpeando, o pavor dos burros aumentando, — foi o que ninguém queria! Enquanto retiravam os primeiros, com a sobrelotação, o negócio deu certo mais ou menos, pois se achavam apertados. Por diante, porém, o caso se complicou, não provando bem, quando tiveram mais espaço. Aquela massa burral se sacudiu, e o diabo dela tomou conta. Correram todos para um lado, e, roto o equilíbrio, o cargueiro se pendurou, descaindo por boreste, a dar borda.

— Pega! Puxa! Eh! eh! Olha!...

O barco adernou mais, inclinando-se muito, com risco e perigo. Os burros que estavam já cá em baixo se espantavam também. O nervoso deles deu nos homens, que perderam a calma, gritavam como piratas. — *“Burros n’água! Burros n’água!”* — daqui se ouvia. Jogar os burros n’água, devia de ter sido uma ordem do capitão. — *“Burros para dentro! Voltem com eles para dentro!”* — clamavam outros, em vista da iminência de o barco virar; e nanja de se consultar quem com quem.

E, ôi — bruba! — que então foi o bota-abaixo de lastro, desabalado, como em rebate de incêndio. Gente subia, corria, aflitos para atirar com todos de uma vez dentro d’água, de qualquer desdita maneira. Outros queriam tocar uma parte deles para a outra banda do convés, a fim de restabelecer o nivelamento. Mas, com o plano-inclinado, deslizavam, rolavam por cima dos burros irmãos, de meia-ladeira, e a confusão era de guerra. Ah — *ei! ei!* Por rebuliço muito menor, o velho Alexandrino movimentava barra fora a Esquadra... Um mirabolar, do qual não se podia mais tirar a vista, aquilo como se a mim me trouxesse para o macio do espírito o foco da atenção.

Ademais, os que haviam sido apeados, tungavam também, por pés e por patas, a romper cabrestos. Alta cena! O malho batia, burro saltava, gente

gritava, burro pulava, gente corria... Aí, xingavam, escorregavam no lamarar do lodo, pegavam burro pelo rabo, coice dali, negaças daqui, faltando só fanfarra e salvas, meia dúzia de disparos de tiros...

Deferlei. Saí da câmara, corri para a tolda, alarguei peito à maresia. A minha gente subira, estava toda ali, no bordo, se debruçando na balaustrada de grades, ajudando com o rir. Determinei que uns seis homens fossem até lá, de auxílio. Na muralha, na orla da terra, de cada parte se ajuntava povo para ver, até de em as ribas e barrancos. Abrandando aquilo um pouco, não lhe posso dar ideia: o mar evacuara a largura do porto, deixando a baía manifesta, destapada, chã, vazia. E o naviozinho, semi-marinho, ladeiro, ficado em seco, ajustado ali no ponto, exibindo todo o seu baixo, rodeado de sujeitos humanos e bichos muares, silhuetados, como a Arca em fim ou começo de cruzeiro.

XXII

A-tchim! — o que conto. O tempo dá saltos, trai a todos. E aqueles não tinham contado bem com o muda-mar. Em pois, muito não tardou, e a maré já recomeçava a voltar, a reponta, enchentemente, o que contradizia com tudo. O reparo não estava terminado! Tudo com rapidez, quando essa maré muda. Não teve espera. Principiara a repontar, e já a fazer cabeça, no prenúncio de ser muito forte, uma rafa. Subindo, elástico e verde-pardo, o macaréu, e descendo em esto largo, de cascata lisa. Ah, não iam ter folga.

— *Burros para dentro! Burros para dentro!...* — foi a nova grita, unanimitosa. Se apressavam a querer resguardar outra vez os burros lá para cima, afadigados em faina, e se esgoelando, num outro alvoroço sem amém.

Foi nem um segundo: aqui-del-rei que lá eles se tresvolteavam, se desmanchando na hora, sem mais motivo, asno a asno. Paravam ensaio de retreta, tudo igual ao de antes, senão pior, e se azoinavam perto do cargueiro, feito formigas enxotadas no desencherem um caranguejo morto.

Aí, um burro pôde se arredar para cá, largou pulo para diante. Um burrinho luzidio. Alguém, um seu perseguidor, caiu sentado, as pernas compridas no ar — gestiloquaz. O malho batia, o navio tossia.

XXIII

Aquele burro continuou vindo, três sujeitos correndo-lhe no encalço, para encorrilhá-lo, agarrá-lo ou dar-lhe encontrada, por ante a vante. Deles escapou, por três trizes. Airoso, o burrinho! Ainda estacou, egrégio, e, por momentos, examinou-se os traseiros. Assim mais se espertou, levantando testa e cauda, deu volta a umas coroas, atalhou por altibaixos, trotou por cima de um cabedelo, e chegou à beira do canal, de tenção.

Já era só a ele, ao errante, que se prestava alma. Uma porção de gente o acossava, com o perséquito de meus marujos à vanguarda — eles, em matinada, sem fazerem por o cercar a sério, penso que, por troça, querendo esportivamente dar-lhe fuga. E o meu burrinho preto sabia das águas arábias: foi só uma volta de olhos, e ajuntou seu corpo e mandou-se com ele no salso, ao léu.

O canal do rio corria correnteza forte, que puxava para a barra. Mas a lancha do Capitão do Porto, que traquitava Anil acima, veio se apressando, e, com o barulho do motor, o burrinho desnadou meia-volta, chato n'água, feito um cágado. Espiou rumo para um leixão, mas desgarrou de lado, marcando o leixão a estibordo. Ínclito. Tranava como que rebocando a lancha, que tinha de diminuir movimento.

Do navio preto, aplaudiam, num meio-inglês diferente; de detrás dele, contornou a popa uma alvarenga, das que estavam estivando cocos. O sol feria tudo, com reflexos de facas, um–[30] homem a bordo do buque arrevesava um instrumento, parecia apontar para a gente com dez–[31] diamantes. Descia também uma catraia, e o remador, apalermado, hesitou. A lancha, por pândega, desfechou um apito.[32] O meu burrinho estugou o nado, forçando a voga;[33] apertava. E em atlética reta para o *Amazonas*. Astuta, a alvarenga manobrou para cortar-lhe o caminho. Dentro dela um sujeito, de pé, armava laço com uma corda[34].

O burrinho picou ainda mais o nado. Mas não aguentava. — *"Está perdido!"* Se via que ele água-suava suas forças, abatido, tomou um mergulho, decerto involuntário. Ia morrer, mas abriu à tona, escouceando o rio. — *"Salvem o coitado!"* — gritavam; gritei. Céus, que, ali em volta, se fizera um mar-manho de embarcações — se diz: batel, chalupa e escafa... Inaudia-se. E, que ordens que eu bradara? Também das nossas, tinham-se arriado todas, tripuladas por excessiva gente: minha canoa de Comandante, a remos; a lancha pequena dos oficiais; o escalerzinho de compras; o escaler grande da guarnição; e mesmo a chalana, a velha

chalana, sempre suja, que servia no comum para se retocar a pintura de fora do destróier, andando à volta dele. — *“Salvem este burrinho!”* — continuavam a gritar. E outros, no estribilho: — *“Salve, salve!...”* O homem da alvarenga atirou o laço, e errou: a alçada caiu n’água, por perto da cabeça. A catraia deslizou-lhe defronte, de ronda-roda. Era um cerco. Era isto:

“Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?...”

XXIV

— “É nosso!” — queriam os marinheiros, e os oficiais, e todos.

Confirmei: — *“Nosso é, se vier por si ao portaló...”* —; ressalvado o bom decoro, como é de ver. O trato fechado.

Nem sei se pensei que fosse possível. Mas o burrinho era marítimo: optou rumo, escolhendo o nosso lado, perdera o medo aos vultos, e fez-se, se fez, remanisco, numa só braçada que o esticou até ao *Amazonas*. Arrimou-se contra o costado, e parou quieto, paralelo conosco, ele e o navio, bordo a bordo, longo a longo. Atino que nem um embate e beijo o molestaria, caso o destróier rabeasse no ferro. Devia de estar com sono, se amparava à firmeza do barco, qual numa cama. Só as orêlhas tinham entristecido. Debruçávamo-nos para ver, e alguns o animavam: — *“Um pouco mais, amigo! Puxa tudo!...”* — *“Vamos, Cachalote!”* Davam-lhe ainda outros nomes, num desacordo: “Maciste”, “Gergelim”, “Amor”...

Ele parecia ter-se colado para sempre ao *Amazonas*. Assim se rebaixava na transparência, espalmado, e sobressaía no mesmo movimento, à-toa, ao respiro manso da água, vivendo com economia.

— Olha, se vem tubarão!

Desses, bem que podia haver, no acesso da maré-montar os selácios davam de buscar aquela rua de rio. *“Tubarão come...”* — eu repeti; risquei o fósforo de um pensamento. Só em certas horas é que a gente tem tino para tirar do que é corriqueiro juízo novíssimo. Mas — veja o sr. — alguém pode ser Ruyter, Cristóvão Colombo ou Morgan o flibusteiro, pode ser um santo, moça bonitíssima, homem de bem, poeta: na vida, igual como quando se indo num navio, só uns palmos, quase imaginários,

separam a criatura, a cada instante, do mundo de lá de baixo, que é de desordenada e diabólica jurisdição. Se o tabique se abrir, se a pessoa se descuidar se deixando cair, oh, tubarão devora qualquer carne — aqueles monstros peixes, feito pecados, lixentos, frios, de bocarras para cima...

A mãe-ideia disso, achei que podia explicar muita coisa. Até anotei em meu canhenho:... *se demorar n'água, tubarão come*... Vigiar, marujo, para não descer. Mas tomei nota, para a minha vida, e upa, upa, até o rir do fim.

XXV

De novo me debrucei. O burrinho mudava de lugar. Deslizou para diante, em rumo rente por ant'a ré, ganhando os metros. Os marinheiros instigavam-no a que viesse, viesse, quase requeriam quejanda rapidez de espírito. Ah, e vinha, aos poucos, feito menino medroso que beira parede, sempre mantendo o abordo. Só se afundou, um tanto, e daí se espertou, para se esquivar do gorgôlo de um embornal — um desses buracos abertos no trincaniz, por onde se escoam águas perdidas, os sobejos do convés.

E já estava no prumo do portaló.

Não me tive, continuei em comandar:

— Ala! É nosso. Aqui o burrico!

Do mais nem vi os traços, tal numa lufa de combate; pelo que os marinheiros não queriam nem esperavam outra voz. Assim pulavam, despencadamente, a granel, mesmo vestidos, a exclamar e rir, cada qual por si para ajudar. Sendo deles a festa, não houve mais comando regrado. E, ao que, no átimo, até o Solano, o detido, de repente lampeiro compareceu, da coberta do foguista, onde estivera a ferros, ressuscitava agora de lá, surgindo à escotilha, a fim de drástico indulto.

À distância, fechavam meio círculo umas duas dúzias de pequenas embarcações. Nessa delimitada piscina, ali a minha marinhagem lá em baixo, sitiando o burrinho escuro, batendo palmadas na água, partilhando o[35] banho do animal.

— *"Leva o rumor!"* — bradava o Imediato, por entre pausas de seu agudo apito, do jeito de quem reprime balbúrdia no dormitório dos calouros.

— *"Nosso!"* — reafirmei. Tratava-se de um salvado, tínhamos o direito de salvagem.

Ah, e, enfim, com alguma talinga encabrestaram a mal o bichinho, amarrando-o a uma andorinha do pau de surriola. Agora, estava.

XXVI

Espiei para o cargueiro, a ver se vinham-nos contestar posse. Antes, porém, tinham de cuidar de sofrer suas outras urgências, assim atracados com o azar, no afluxo da maré plena.

Nosso, pois, safado. Podíamos alá-lo à sirga, puxar, pôr no colo. Contudo, dado seu formato, e o pouco cômodo no *Amazonas*, o caso se fazia quase tão arrevesso quanto o de se introduzir um hipopótamo para dentro de casa. E — como? Não pelo portaló, impossível; e um destróier não dispõe de risbordos ou falcas, digo, isto é, de outras avulsas entradas.

O que nos valeu, aí, foi esta espécie de ideia: era içá-lo, pelo turco do tubo de torpedo de boreste. Pusemos-lhe uma cinta. Ele veio vindo no ar, para o alto; agia-se em manivela e cremalheira. E o burrinho descia, afinal, docemente deposto, arriado no convés, à meia-nau.

Então, a nosso bordo, e dos de em torno, longe, perto, foram palmas e clama, o mundo em emoção. No navio preto estrangeiro, soaram as sirenes, saudando. Bem que podíamos empavesar o *Amazonas* em arco e ao compasso do apito do Contramestre ovacionar com os sete vivas de lei. A alegria se espraiara por todo o nobre barco — de jó a jó: popa a proa.

Assim foi que ingressou a naval.

Achar-lhe alojamento é que era o assunto. Pensar-se em ver se cabia de se introduzir pelo que nem existe, para praça-d'armas? Melhor, porém, pôde ficar por antavante da cozinha, num convés que há lá; mal acomodado, mas temporário. Ele concordava com tudo, confiado, os modos amigos, manso, o ar de coelhinho ensaboado, depuxadas orelhas, e proclamei que passava a chamar-se ipso-facto "Amazonas"; aliás com aplausos. Distribuiu-se alfim um trago à guarnição, a título extra, de salvádegos. E, de paz em paz, retirei-me para o camarim-de-cartas, me estendi no divã, que era de bombordo a boreste, o despenseiro me trouxe um suco bem gelado. De justo modo, eu convalescia. Desde horas, vi, eu de rabona nem pensara em mim, antes do circunspecto comum me livrara. Do chocho problemático. Dei um charuto ao Oficial de serviço, isto é, não, ao Varelo, mesmo, e ao Bruges. A faxina, então, fora saudável.

E, naquelas contempladas peripécias, eu arqueara alguma outra coisa: da ordem de música, qual tal lufada de criancice — uma virtude. Atual, assim como no instante em que da “etérea gávea” um gageiro, só, avista o que avista. Os fatos foram para remitir-me? Que eu não o digo. Mas, note. Enquanto me distraía com concentrada mente, apreciando as solércias que referi, de toda maneira eu me desferrava do disparado curso de pensamentos de todo-o-mundo, das praxes tortas do viver, da necessidade. Não era quase como se eu tivesse rezado?

O cargueiro, nele labutaram ainda pelo correr de tardinha e noite e só o desvararam na outra manhã, contratando um rebocador do porto para o acompanhar em viagem, por não ficar de todo a avaria sanada. Veja que eu não quis aceitar que me deixassem o burrinho de obséquio, conforme insistiam; mais tive empenho em indenizá-los. De qualquer jeito, como um salvado de destróier, pertenceria à União, teria que ir a leiloado, portanto. E destróier, como dito é, não tem paiol para muares. Ele veio num Ita, com os cuidados todos, mesmo antes de nosso regresso, aqui aportou beníssimo.

Sempre lembrando: *... se tardar n’água, etc*. Não que queira que pense que fui ao Norte para de lá trazer um bicho e uma meia-frase. Sim, o burrinho, faz tempo que morreu — digo, que se passou desta para melhor, — lá onde o hospedava, no sítio de um amigo. O sr. compreende, porém, que, por ele, graças, eu pudera, dobrada a ponta, achar a risca de demandar barra aberta, por cabo-lamar.

XXVII

Tocante ao resto, à política?

Digo que, a bom seguro, o qualquer engano se resolveu, e corrigido e correto, por toda a minha missão e estadia, como se pelas cartas do Almirantado inglês.

Retomei o pouco falar, despachado só o que de em cálculo exato dever meu, de quem teme e não deve. Assim pude ir barlaventeando de tudo, drástico, seja, saí-me. À dita ideia, por exemplo, de entrar com o *Amazonas* ao delta do Parnaíba, redargui que para o meu destróier o rio no determinado ponto não daria calado — dragassem-no as fadas?! — o que era a verdade única. Ah, e bruba! — era a minha vez ao leme... A eles mostrei a diferença que vem-vai do cabível ao possível. Após, então,

efetivo prometi noção de que em todo o caso se pudesse comparecer lá, equipando uns dois batelões com gente nossa armada, o que ora fim se fez, e demos combate, havido o melhor sucesso, mínimas baixas.

Seguindo assim, e por diante, e o que valha, caldeiras acesas, pressão boa, de meus pés não arredei, logo o digo, até à última cláusula do tema. Despedida e abraços. Apreciei bem aquela cidade de São Luís do Maranhão, de sobrados de azulejos e singulares ruas, de muita poesia. Tocava uma banda-de-música — as retumbantes marchas — e já para trás.

Os chapéus transeuntes

De antemão: — Não. De nenhuma ambicionice ou mesquinhez se nos acuse, a nós, gente de casta, neste mundo bom que Deus governa; nós outros, os Dandrades Pereiras Serapiães, anchos em feliz fortuna e prosápia, como as uvas que num cacho se repimpam. Sem vil impaciência nem afoiteza por testamento & herança, antes a contragosto, era que nos apressávamos de vir, de trem uns, de automóvel outros, à velha cidade na montanha, onde por seu tácito turno se preparava para falecer, na metade de cá do casarão e solar, da linhagem, na Praça da Igreja, nosso teso, obfirmado e assombroso Vovô Barão, o muito chefe da família. O que contradizia com tudo. Vínhamos, pois, não *pro nobis*, mas por respeitos temporais. Vão ver. Aquilo, aliás, preenchia uma lacuna.

Tampouco do narrado se apure, sob ampliamento, o algum inolvidável burlesco, a que em tais ocasiões comunidade nenhuma se forra, fatos cômicos. A família é uma transação de olhos e retratos, frise-se; nem de leve se dê que, eu, da minha eu zombe. Se é, não será; como não digo. Supro-me em simpatia e responsável solidário com todos e seus jeitos; até mesmo, e de mui modo particular — dado certo vultoso acontecimento do meu coração, de que pronto falarei e já por isso ardo — com o tio Nestòrionestor, herói meu de ingrata causa, postiça, cediça. Se possível, então, fixe-se, daqui, o sério, de preferência — no querer crer. Que o mais, normal também, decorre tão só do espírito-falso da gente, por mais e menos: reside na mentira essencial dos sêres personagens. A gente não vê quando vai à lua. Quem sabe a letra da música do galo? Oh espantosa vida. Coisa vulgar é a morte.

Pois sempre se tivera ausente o Vovô Barão, qual solitário intacto e irremissivo, ainda que de si dando que falar: como é destino das torres sobressair, e dos arrotos. Supremo no arrogar-se suma primazia, ferrenho em base e hastes, só aceitava, mesmo a nossa presença — de nós, os parentes, os descendentes, digo — quando com solenidade ou chalaça. Aproximar-se dele era a calamidade sem causa. Apenas, tinha uma netinha, linda como os meus amores; mas não se via inscrito, em sua grimaça ou carranca, esse dislate melodioso da hereditariedade. Seguro,

absoluto, de si, esquecido demais do caos original e fechado aos evidentes exemplos do invisível, não sabia o que, no fundo, temia tanto; de modo que, por isso, se estuporava todo em intragado e graúdo. A poesia caíra dele, para sempre, como o coto de seu umbigo dessecado. Era um homem pronominal. Fazia questão de história e espaço.

Não de copiosidade biográfica. Pois, a mor substância de seus anos, passara-os, sedentariado, ali, na Praça, da igreja em frente, como vos digo. Primeiro, no total âmbito de cômodos da sede-mansão, senhorial, podendo gabar-se: por nado e no teúdo. Depois, traste de rijo, todo senhor, o barba seca, apenas na parte de cá da mesma — e logo se explicará por que. Lá dentro, com umas suas três ou seis empregadas, valha que desnominadas mais um incaricaturável criado Bugubú — quarteiro, fâmulo, lavador de urinóis, chamado também, comumente, o Ratapulgo, e neste prestem bem atenção! — ele vivia, no tempo das pirâmides. Isto é, de tão egocêntrico, ele se colecionava. Se bem que presente, real, atual e muito, já que ainda renitia, de molho nas águas que moviam seus passados moinhos. Ou, o tempo em pinotes monótonos, em que kalendas, tornando-o trunfo. A ele, e não menos ao porteiro-peniqueiro Ratapulgo ou Bugubú. Vigore também dizer-se: que como o rei e o valete — atente-se — baralhadas, dadas e jogadas as cartas de algum naipe.

— *"De alguma farsa!..."* — desdenharia, em seu para mim antroso ou quiçá amargo coração, o meu tio Nestornestório. E o Ratapulgo, em todo o entanto, saudara o meu tio Nestòrionestor com reverência afundada. Ratapulgo, não pantomimeiro, não sorria nem fazia sinais. Ele sabia inverter as alturas e as distâncias. Propriamente falando, o contrário do Vovô Barão, conforme quimeras. Mas o Vovô Barão tinha crônica em desregra e pecha para narração. De certo modo, voluntário e prévio, como que se enviuvara — sub ou pseudo, ou o que — bastante antes de ficar de fato viúvo; caso bizarro, conforme vai-se ver, posto que verdadeiro. E será que — grave como os mascarados, difícil como cofre de molas, duro como pedra de cristal — representava o Vovô Barão apenas o pronto e em terceira deformação Dandrade Pereira Serapiães, elevado ao erro máximo?

Nem era barão, nunca tendo tido pleno direito ao título. Conquanto o que, abarcava-o. Parava o melhor das horas na sala-de-entrada, na sólida, dura cadeira, um de cujos braços podia-se arriar, para se escrever, por exemplo, ou nele colocarem-se coisas; assim como, da parte de baixo, puxava-se o engate de uma espécie de escabelo, da mesma madeira

escurecida. Assaz permanecia ali — com copo d'água e a colherinha de prata mais a caixa de bicarbonato, de um lado, do outro a pasta em que guardava os talões de seus pagos impostos, além de, em toda a volta, no chão a pilha relida dos jornais — e piscando como um dragão ou camaleão de lanterna-mágica; homem de ação, mas com enxaqueca. Assim como o bisavô Dandradão Serapiães permanecera, rapé nos dedos, lenço na outra mão, consoante espirros explodidíssimos, compautado em achaques e almanaques, no inverno embrulhadas as pernas numa manta inglesa. Assim como também, no tempo do la-ra-la-rá, o trisavô Serapião Pereira de Andrade, o genearca, que foi Ministro do Imperador, tendo, no banquinho, a seu curto alcance, qualquer objeto que não se saberá mais qual; nem o que, consigo, no íntimo, além da implacabilidade do bocejo. Todos eles, porém, pensavam praguejado, é de supor-se, e com rouquidão nos olhos. Aquela era uma senhora cadeira-de-braços, grande, cadeira de presença; ficava perto da escrivaninha, ao pé de uma janela, de onde, sem muito se expor, você avistava todo o movimento da Igreja e da Praça: de costas para a qual, Praça, porém, o Vovô Barão mais vezes se sentava.

De lá, saía, por dias e semanas, para ir à sua Fazenda da Riqueza — a que vãmente tentara trocar o nome para o de São Miguel Arcanjo, Bela-Aurora, ou Fazenda da Liberdade — montado numa besta ruana, altaneira, alta, ajaezada no pomposo e detonadora de gases, dois camaradas seguindo-o, a pé em geral, de pernas compridas, para carregar malas e abrir porteiras; desses, armados a valer, dizendo-se também que eram capangas seus. Outrossim, ia à igreja, à missa, mas não raro de roupão, de rodaque, e chinelos, ele que dentro de casa calçava quase sempre botas altas, ou escarpins de saraus, quando não fortes grossas botinas ringidoras, conforme o capricho do humor, assim como entrado em estreito colete, verde ou vermelho ou azul, e de chapéu de forma à cabeça. Todavia, respeitavam-no, até o padre cedia-lhe o passo, dele aceitavam toda essa destemperatura. Não dava a mão a quase pessoa alguma, dos de lá, na rua não dirigindo palavra a ninguém. Se sua vasta metade de morada tivera as janelas a breu de preto repintadas, fora por ordem dele, mediante o perene e sucinto: — *"Qu'eu quero..."*; e cêdo se dirá de tudo a razão. Do que tanto, por enquanto, propalando-se que seria exata falta de sujeição a Deus; mas que o abastado amor-de-si-mesmo fincava para um lado só o eixo do pêndulo. Vovô Barão, tínhamos a tradição de temê-lo. Agora, porém, era o porém. Chegava ele próprio já a ter noção desse termo?

Estava nas grimpas para morrer, ora, dá-se. Estava nas penúltimas. A isso, por isso, acorríamos, a desgosto, os seus.

Sim, os filhos todos tidos e havidos de Vovó Olegária e do Vovô Barão, e exceptuado portanto apenas meu tio Osório Nelsonino Herval, poeta, prestamista dito de novas e encíclicas melancolias, porém já probo falecido. Mas o capitalista em ócios Bayard Metternich Aristóteles, meu pai; e o tio Pelópidas Epaminondas, da indústria; tio Nestornestório, juiz; tio Noé Arquimedes Enéias, Nearquenéias ou Nó, no encurtado trivial, deputado. Além das tias: Amélia Isabel Carlota, solteirona insensata; Clotilde de Vaux Penthesiléia, viúva do almirante Contrapaz; Cornélia Vitória Hermengarda, com seu esposo, João Gastão, sem profissão; e Teresa Leopoldina Cristina, fugida e casada com Cícero M. Mamões, dito o “Regabofe”.

Chegavam separadamente, sem desentortar as sobrancelhas. Concerimoniantes. O tio Nestòrionestor — e destas linhas enfim o tanto e quanto se depreenderá — mais que todos. Digo e corrijo-me: mais e muito de modo primacial, isto sim, a filha dele, Alexandrina — Drina por apelido e para a minha alma — em primeiríssimo plano. Porque havia também nós, os das jovens gerações. Deixem-me falar, primeiro, de mim.

Então acontecendo que a priminha Drina eu amava, segundo o pendor comum aos Pereiras e Serapiães e Dandrades, como as crônicas o comprovam, de namorarem e noivarem e se casarem entre si. Dizendo-se que, a princípio, fora esse um costume inculcado pelos mais velhos, a fito de não deixarem passar a estranhos o cabedal e o estilo da tribo. Após, contudo, com o tempo, já os próprios primos corações puxavam sentimentalmente para a praxe, nos invisíveis idens. Se não fosse a borboleta, a lagarta teria razão? Assim, Drininha e eu amar-nos-íamos, perante nós mesmos senão que ante todos, assim o queria eu. Ou — o que o amor quer: conquanto que conquanto, claro que claro. Fechado calado, por enquanto, isto é: sou brioso. Instava em quê, nesse mesmo maravilhoso sentido. E, ela, era dócil de ver-se, e cândida beatamente, Murillo a pintaria. Ou o puro engano? Suspeitasse eu, em sua íntegra ingenuidade, algum elemento de fereza arisca e quente potência de contenção, herdada dos Pereiras de Andrade sertanejos, dos quais sua mãe, tia Denisária, era uma. Mas tinha *a priori* de gostar de mim, predestinadamente! Se ainda o dissimulava, seria por conta da altivez, vê-se por aqui. E nisso era que me conturbava um desagradecido pormenor:

mais grave que neta de Vovô Barão, não acontecia de ser ela a filha do tio Nestòrionestor, ela, Drininha, que transformava a minha imaginação?

Agora, porém, viríamos talvez a estar mais e muito juntos, em condições tão enfáticas de extraordinárias, e que haviam de ser-me propícias: ao pé da Parca. De fato, mal chegava eu, do Rio, e sabia-a vindo, também, com o tio Nestornestório, de São Paulo, onde tivera de auspiciosamente ficar a tia Denisária. Viços da idade em garoa traziam-na de olhos arcoverdes ainda ao mais, e a tez amaciada, maviosa carnação, do rosa com que florescem os pessegueiros e as inglesinhas. Releve-me o Vovô Barão, de sobranceiros necrológio e pranteio, mas, eu, eu, eu, gostava dela, até na costela mindinha; e a hora era a nossa. Nus e em paz é que navegamos no destino. Daí, para mim, a utilidade imediata dessa morte.

Aí é que estava o sal da circunstância. O pobre de um Vovô Barão, suspenso entre o chão e o não, exercendo-se em arrogante protagonia — expondo ainda o toro e volume vivo do esqueleto, mas a alma já a desaparafusar-se-lhe do corpo — e eu, neto, com príncipes ares e alvará de privilégio, sorrelfatário, pouco menos que tramoiísta, quase à sombra providencial desse óbito, por arte de contas, nele a achar alça para melhores amenos amores, a calcular-lhe atrás. O que, dito só assim, desprimora e revolta. Nem cínico, atroz, nem insensível, porém; emendo-me. Se, à parte exagero, aqui rebaixado me revelo, será em função de penitente modéstia, num terceiro-ato de humildade. Filosofar, quase sempre, é mister fácil de parecer desumano.

Pensava eu em Vovó Olegária — alva de antanhas neves, memórias. Pois, na ocasião daqueles dias, a recordação de Vovó Olegária se me ressuscitava, desdesenganava-se, retornava remoçada, devia de dar um pouco parecença com sua inassemelhável netinha Drina. Soberbissimice e sobrecenho não impediriam que de Vovô Barão os últimos momentos servissem ao singelo bem-querer de dois moços. E mesmo quem filosofa pode tomar às vezes partido. A morte é que é o por conseguinte. A gente morre é para provar que não teve razão. Vovó Olegária estava vingada.

Ratapulgo, o criado, estava firme à porta; da parte de dentro, mas, de qualquer maneira, à porta. Hão de ver que ignorou-me. Muito menos poderia ignorá-lo eu, a ele, tão bem. Que sei, que creio? Assim o forte sujeito se descreva: sapatos de tênis, dos chamados pés-de-anjo; as pernas convexas, arqueadas tortas para fora, desiguais; por libré, estrictas calças e

dólmã branco, puído, qual que uma espécie de gadola de servente de hospital, abotoada no queixo; o cabelo, uma que nem cardada carapinha, grisalhante, fungiforme, crespo musgo; e mulato médio. No mais, nenhum essencial assinalar-se, a não ser os vesgos olhos na cara glabra azulada — sem postiço narigão, sem rubor, nem alvaiade ou farinha. Apenas, aqueles olhos jamais submissos se abaixavam, e a cara, empinada oblíqua, imperturbava-se de nunca querer se mover para expressão, nem pelo que olimpicamente mais de ordem dos assanhados deuses. Tudo o que vemos é por uma básica ilusão de óptica, ora, dá-se. Mas, um hirto Ratapulgo-Bugubú, na soleira da porta, já com vespertina ou ainda matutina imponência, semelhava o empalhado antetipo, neres e necas pseudo-símbolo, ou formato cheio de esvaziado, um duro pedaço d’asno no zero espacial, o avesso de nenhum direito. Tinha de sentinela e mestre-sala, mal pedestre, desequestre; e homem que nunca vira uma estátua! Ele tomava muita conta de si, sem nulamente se conhecer, vos digo: impava de parvo. Sombrio condizia com a meia-fachada da casa apalaçada — a metade desta casa, por irrisório feito dividida da outra metade — e de janelas betumadas tão espaventosamente. Saberia e guardava consigo os somenos segredos do fecundo mas baldado casal — Vovô Barão, morimbundo, e Vovó Olegária, falecida. Que creio, que sei? Séries de civilizados séculos, humanos milênios, o retinir da história, logaritmos e astros, sabiás, as auroras, as conchas do mar, Drina, minha, a linda, e o mundo compunha-se também de mistério encasulado num Ratapulgo ou Bugubú, de estanho ou de chumbo. Deixava-me entrar. Não podia cumprimentar com palavras, nem referir a prosopopeia de quantos urinóis naquela manhã despejara e lavara. Ele, o Ratapulgo, era mudo.

Não que não ri, não insisti. Chegava também o tio Nestòrionestor, ouvi-lhe o pigarro e os passos, bem por detrás de mim; e tive de reimaginar a Praça da Igreja vazia fria de qualquer pessoa, em imediatamente. Só seu a furto vulto, tresdireito, de chapéu rígido em copa, com a cabeça lá bem por cima do colarinho duro alto, segurando pertencida a bengala — o tio Nestornestório — personagem empunhada. Detive-me ou hesitei ou recuei ou encolhi-me, curvei-me — a consciência pensando se me acusava ou não, pois eu vinha do hotel, aonde fora esperar me achar com priminha Drininha sozinha. Ele passou, raspou-me, bufarfava. Relanceara-me. Deu-me atritadamente três palavras. Tornava de árdua diligência, que, tendo-se

em conta seus hábitos pundonorosos, pareceria inacreditável: acabava de ir, em pessoa, perquerir e perlustrar os dois cemitérios ativos da cidade.

Vinha-lhe após, um pouco, e algo desconsolado, um outro, muito outro. — *"É o que é. É o que há. A vida tem seu lado de triste. Você quer um cigarro? A vida..."* — assim se dirigindo a mim, enquanto que em óleos ofegante, Cícero M. Mamões, o "Regabofe", também tio meu, por cortesia. A vida — o que há entre os dois dúbios, curvos desencontrões: o de nascer e o de morrer? Tio Regabofe, ele próprio, assombrava-se do que tinha feito. Precisara de acompanhar, como esculca e escudeiro, o tio Nestòrionestor, dado que este de sua plana não desceria a efetuar sozinho essa inspecção dos tão heterogêneos campos-santos, e a abalançar-se ao dos pobres, pretos e desvalidos, no fim da várzea — o cemitério do Quimbondo — principalmente.

Já penetrados os umbrais, porém, tio Nestornestório se voltava, e veio, sendo que três passos. Seu nariz tinha aspectos. Decerto se esquecera de alguma coisa. Mas, o que era, é que eis fulminou o Ratapulgo com o nojo de um meio-olhar, brandia-se-lhe em mão a bengala. Sem se lhe desestringir o pescoço, seu queixo subira meio palmo. Ele era homem que deveria ter até bigodes! O Ratapulgo postado parado ali, sem nenhuma prática razão nem decente necessidade,[36] formara para ele visão de vexame. Tio Regabofe, a esse todo mau tempo, colocara-se-me, não sabendo onde deitar fora seu cigarro. E eu, então, por Drina, vos digo, obediente ao amor radiante, comandei ao Bugubú: que da porta e de nossa presença ligeiro se pirasse! O Ratapulgo ouviu — era mudo, não surdo — ainda mais inteiriço. Fez questão de não piscar. Seu não olhar valeria por querer dizer um rejeitar-nos: — *"Patrões, patifes vosmicês..."* — mas esfriou na forma. Só obtemperou girando sobre si, soldático, enquanto que enquanto, e a aí alhures se embarafustou, mosca'muscando-se, para dentro, para fora de nosso tempo. Tio Nestòrionestor esperou — o tim de um nada, um espirro, um escrúpulo — ainda por dignidade. Com o que, pois, precedidos por ele, definitiva e circunstantemente entramos, o tio Regabofe e eu, à majestosa, familial mansão — à mera metade da mesma, não se olvide — cujo limiar desaforos ou não repelidas ofensas jamais tinham a permissão de transpor.

A sala-de-fora ou sala-de-entrada dava portas à sala-de-jantar e ao salão-de-visitas, e, ainda mais, em vista do que então aprontando-se para acontecer, abria-se nela o corredor, de cuja boca de sombra vinham-nos

imaginadamente o hálito e o conceito do quarto do dono, onde agora um leão não rugia. Como ele era célebre para si, o Vovô Barão! Nossa gente, reunida ali, aguardava os fatos. Conformemente sentados nas marquesas e nas cadeiras de espaldar alto, escuras, encostadas à parede, em dois grupos; apartavam-se, por sexos, segundo o sábio costume provinciano, a que pareciam volver, por intimação do ambiente.

Aquela era espécie coletiva de pausa, entre os compartilhantes. Atualmente não haveria o que falar, como em sessão ainda não aberta. Todos os assuntos dependiam de um futuro próximo? De certos, deviam de lá estar meu pai, tio Nó, tio Pelópidas, os primos Junhoberto, Jaques e Juca, além de outros de feliz anonimato; e tia Amélia, tia Clotilde, tia Teresa, tia Maricocas, mulher de tio Nearquinéias, tia Sinhazinha de França, parenta inautêntica, tia Marmarina, mulher de tio Pelópidas, tia-avó Panegírica, primas Reneném, Veratriz, Rita Rute, Marielsa e Etcétera, e minha mãe, que outros chamavam de tia Constança Gonçala. Achei quase um pouquinho bom que Drina ainda não estivesse lá, como festiva prova de que no porvir estava? Antemortalmente, assim, chatificava-se nossa progênie — o elenco — apenas em ensaio de velório. Haveria gente de fora, também, sei não se não houvesse. A hora conformava todo o mundo em Pereiras e Dandrades e Serapiães.

Nem se podia fazer muita plausível coisa, por espacear o tempo. Só ver e olhar os dez dedos das mãos e as pontas dos sapatos, rezar, algumas das mulheres, um indiscreto terço, e inventariar o ar. A sala: sobre o longo, com pesadas à ufa sanefas nas portas e janelas várias, sem cortinas; e arandelas na parede, de distância em distância, feitas especialmente, como os lustres, em forma de esgalhos de cafeeiro, de bronze; e donzelas de afinado cristal, dentro de cada uma um castiçal de prata com sua vela; e escarradeiras portentosas, de porcelana, com flores, como louça de Paris antigo, de que o Ratapulgo devia também de cuidar, mas que nelas nenhum de nós cuspiria mais, servos de outros e modernos hábitos; e as almofadas de ponto-de-cruz, cada uma com bordado, um quadro — representava cena madrigalesca, arte de galantaria: uma jovem dedilhando bandolim e enamorado moço debruçado ouvindo, ou vice ou trice-versa — desse piegas, enfim, que depois faz saudades na gente. Drina, por que vinha e não vinha?

Mas, mais, os olhares convergiam para as duas mesinhas de mármore, ovais, cá e lá, que nem ilhas, na extensão da peça: sobre elas, como que

colocadas mas esquecidas, umas caixinhas de prata, e achados minerais de enfeite, quartzos com amendoadas partes excrescentes, de veios violeta de ametistas ou verdes turmalinas, em recheio hermético. Tia-avó Policena surgia do corredor, tia Clotilde de imediato se levantava, encaminhando-se para lá. Só uma ou duas pessoas, de cada vez, revezavam-se junto do morituro. Era como uma rendição de moderada guarda. Os outros tornavam a olhar para as mesinhas de mármore, meia-hora por meia-hora, momento por momento. Sem dúvida, estavam meio tristes. Se não cochilassem, poderiam quase esbarrar em suas próprias e respectivas profundezas. O relógio-de-armário, comutativo, oscilava à mostra suas nítidas vísceras de ente feito perfeito, distribuidor de um som em suspensão, definidor da simetria, não do tempo. E: — *"Ainda está em coma..."* — ouvi tia Teresa, em tom de ordem abstrata, declarar ao tio Regabofe, que dela lento se acercara, submetido e incerto como o negror da ovelha. Aprovado por uma junta médica seu epílogo, alforriado desde então de drogas, sangrias, clisteres, semicúpios e pedilúvios, e drede aparelhado com a extrema-unção — apenas faltado tempo para confessar-se e tomar o viático — ia-se de uma exata vez o Vovô Barão, rendido ao sopor final, talvez um pouco menos ausente agora de nós, e a salvo de tudo que não de si, pois que já nos domínios da alma imóvel. Aquela nossa era uma desproporcionada reunião, urgentemente provisória.

Ao entrar, tio Nestornestório passeara-se no recinto, num não se dignar de nada, como se a desmanchar detalhes, sem abater os olhos. Saudara-os. Mas a ser de ver-se que tomava por ponto pairar por igual afastado dos dois sexos e grupos, imesclável. Até que viu, vazia, a cadeira grande do Vovô Barão, a qual; e para ela se encaminhou, ainda mais endireitado, em nada esbarrando. Apenas, antes de a ocupar, inspeccionou-lhe ainda o assento, correto cauteloso; para ele devendo parecer irremediável de empoeirado, impuro, todo o mundo exterior, mesmo aquela nossa estreita sala-de-entrada — onde não seria lícito confundirem-se roxos e mofos, cisco e cinza. Tio Nestòrionestor, que o mundo repolira, homem de classe, embora, mantinha-se de bengala em mão e chapéu à cabeça; quem, porém, estranharia isso e o desaprovaria, ali, onde o Vovô Barão sempre assim se dera a ver, devidamente, com coifa e ceptro? Nada indagou, cerrou os dentes para não falar, e, sentando-se, quadrangulava-se, qual modo quando cruzava as pernas.

Fingiam os demais nele não reparar, sequer se entreolhavam, posto que tinham de temperar uns com os outros e já e bem entenderem-se, do jeito de que entre eles, federados, se movesse uma qualquerzinha conspiração. Sendo que veio o café, xícaras e bandeja.[37] E só foi então que o tio Nestòrionestor se descobriu, nem sem nica e aprumo, depondo bengala e chapéu na escrivaninha, traçadamente como numa vinheta — à qual apenas faltasse a displicência de um par de luvas. Só há explicações simples para o manejo das coisas, as pessoas fogem sempre de si. Meu tio Nestornestório enfrentava os outros, sabia eu por que. Nem por diferente causa fora ele examinar, levando adiante de si o Regabofe, tio meu também, feito espoleta e esbarra-barbas, as duas urbanas necrópoles — a social, da gente jazida bem, normalmente, de Nossa Senhora do Réquiem, e a dos paupérrimos pobres, o cemitério do Quimbondo! Travou-se um acalorado silêncio.

Ia-me sentando eu na cadeira-de-balanço, escura — já se sabe, mas insista-se nisto, todos os móveis ali sendo confortavelmente escuros — de palhinha no assento e no encosto, era talvez de madeira avermelhada; e não me sentei. Súbito lembrara-me o que mais de uma vez ouvido, de que, lá, no mesmo lugar, quase num extremo da sala, outrora tinham sido duas, iguais, dialogavelmente emparelhadas, as cadeiras-de-balanço: a do Vovô Barão e a de Vovó Olegária, nhor e nhora. Desde tantos anos, porém, depois de que houve o que houve, uma delas desaparecera. Estaria na outra metade da casa?

Aqui, esta sala-de-fora, mesma, por longa que se fingisse ainda de ser — e guardava, de modo estranho, uma sugestão do tamanho primitivo, de seus quinze ou dezesseis metros — fora um dia cortada ao meio. A gente corria com os olhos a parede, forrada de papel com riscas verticais alternadas, em grade sutil, estriaturas de azul e branco, vez em vez um dourado friso mais fino: mas, no lado oposto ao da cadeira-de-balanço, fechava-se, em pé, só a superfície crua, de cal, irremeável. Ali, era uma separação imposta, adventícia, o vedamento ininterrupto, a todo o longo, e que partia em duas a habitação — desde o jardim fronteiro e até ao remoto fundo dos quintais. Da parte de cá, restara o rico dormitório em jacarandá maciço, da banda de lá ficara a copa-cozinha em azulejos. De repente, Drina, sua ausência, correspondia agora a algum obscuro meu confuso desejo de afastá-la, de outro modo, conforme quimeras. Da nossa família e

minha gente. De mim mesmo, até, já vos digo, retroconsciente. Atravessei aquela parede?

Vovô Barão, expandido jovem, casara-se com uma graciosa Vovó Olegarinha. E houve as dessemelhanças do tempo. Vovô Barão, encegueirado, untado demais de si, o homem sem remissão — em estado de excelência. Senão se o salteara diversa corrente de força, rastejante, discordiosa, e a ele externa — outra que o mundo e a carne? Vovô Barão queria Vovó Olegária, a seu alto jeito: mandou-a admirá-lo, adorá-lo, amá-lo. Até que, um dia, o Vovô Barão, fidalgarrão agravado, viera a exigir por fim aquele recíproco exílio e ruptura, que foi um para-sempre. Separaram-se, sem singular motivo nenhum, e mesmo nem caso venial, antes parece que por nufulhas e parapalhas. Muraram-se. Inexoraram-se. Daí, depois, não passara a com eles haver tristeza nenhuma especial, falta ou tragédia? A vida mente, mesmo quando desmente. Um e outra, sem se ouvirem, sem se verem, e envelhecendo, no razoável, no tempo. O tempo, irretornável como um rio; frio. Mesmo agora, pois, aquela nossa casa, e o universo, conosco não brincavam de cabra-cega? Com seus espelhos, baços, foscos de muito antigos. Só valiam as molduras. Todos os espelhos têm cadeados. Nem sendo nossos rostos, de uns e outros, decifráveis de fitarem-se. Continuei, cônscio, de pé, coçava-me numa prisca casca. Drina — o meu, o nosso amor! — por ele eu me afinava: podia, queria, devia passar a um estado limpamente novo de ser. E não é para isto que é o amor? Pensei uma porção de losangos. Mas meu tio o Regabofe sentara-se, enfim, na solitária cadeira-de-balanço. Súbito, revelava-se-me, imperiosa, arguta, a necessidade de humildade.

O silêncio de tio Nestòrionestor interrompeu o dos outros. Mas foi tio Nestornestório, o próprio, quem falou. — *“Providenciei a vinda do Dr. Gouvella, ele pode chegar a qualquer momento...”* — disse, *dixit*, dito. Árduo. E surpreendia-nos, aquilo; por já fora de sua ocasião, retrogradava ao absurdo. Protomédico de região vasta, e de toda a fama, residia o supra doutor em distante cidade, sumamente. — *“Telegrafei ao Monsenhor Xises, que virá, também...”* — ele continuou, posta pausa, mas com melhor cabimento. Que o monsenhor, preclaro ornamento do clero, orador sacro exímio, modelo de ricas e acrisoladas virtudes, calharia bem para as solenes exéquias, ele, o vigário-geral do Bispado, nem menos.

Mas não era tudo. Tio Nestòrionestor, até aqui, vinha apenas tentando tacteando, passando o dedo no auditório. Só para tanto era que tarrabufava.

Porque, o tópico necessário, o em-si do assunto, deixara ele agora para o fim, rodamontante: — *"Saibam que fui, eu mesmo, lá a esse infame e medonho sítio, onde descarregam os defuntos da ralé, os de choupanas e sarjetas... Têm ideia do que aquilo seja? Monturo — um interditável campo de más ervas, capim, detritos e pôdres ossos... Os dos nossos escravos!..."* Apontava-nos, um a um. — *"Viram, alguma vez, o que se vê escrito, em especiosas, ignóbeis letras, no cimo do portão?..."* Parou — com a lucidez de um relógio que se prepara para bater. Daí: — "*Isto!:* VOLTA PARA O PÓ, MÍSERO, AO BARRO DE QUE DEUS TE FEZ..." Desafiante, gastou um gesto. E erguera-se. Esticado nos pés, parecia querer tentar repor o clã numa ainda até então nem nunca atingida compostura. Ao que, do grupo das mulheres, principalmente, ouviram-se vozeios resmelengos, e protestos, atribulados, trépidos, se bem que pouco inteligíveis, por simultâneos. De tia, tia e tia:

— *"... ... ... então ..."*

— *" ... ... não ..."*

— *" ... ... razão! ..."*

O debate não teria fim, discussão de nascer trevas. E só o tio Regabofe tonto se pôs, obrigado decerto a testemunhar com o tio Nestòrionestor, em companhia do qual tanto cemiteriara, ainda havia pouco. Apenas, ao tio Regabofe, ninguém se rebaixava a refutá-lo ou repreendê-lo, ninguém lhe replicava. Viu-se somente que ele, sem mais, serviu-se de uma pulcra escarradeira, para se desfazer de um cigarro mal acêso.

Porém, meu pai, dos dali o mais velho, conteve os outros, com um mover de braço. Pois chegara a hora de declarar a resposta, finitiva, que haviam combinado, antes; e de voltar contra o tio Nestornestório, mesmo, o fraco de seu forte: o zelo formalista de mui magistrado, venerador do legal, fino nas normas, prenhe de rezar sentenças. Menos irritado ou enfadado, antes com sua bonomia quase num surto de menino velhaco, pedante meu pai empertigou-se, contudo, por sua vez: — *"A vontade dele já decidiu, dele é o corpo, e, além de assim mandar em testamento, essa vontade ele antes exarara, expressamente, quando em estado lúcido e pleno gozo das faculdades, em papel à parte, preenchidas as formalidades todas. Nosso provecto genitor, o* de cujus*, repousará, na ampla quadra de coval que ele mesmo providenciou, no cemitério modesto... Não falemos mais nisto!"* — proferiu, parodiado, jurisperfeito. Aí, ferira. Acertara.

Tio Nestòrionestor, que se sentara outra vez, se encolheu e a pino se pôs, pingado de limão ou vinagre em alguma sua intimíssima substância

de ostra. Entreabriu os dedos, queria lavar as mãos? E, a que deu, nem era resposta, mas um retorquimento. Pegou bengala e chapéu, cobriu-se e brandiu. — *“Entretanto!...”* — bradou, golpeara com seu bordão o assoalho: teve dito. Ele reabria-se à teórica da desconsideração. Trancou a cara a sete rugas.

O que o assunto tinha era pés na cabeça. Sabido que o Vovô Barão, o inabalável, rancorajoso,[38] levara a inveterada sobreteima ao ponto de pretender ficar separado de Vovó Olegária mesmo no póstumo, drece-que-apodrece, epitafinalmente. Isto é: no cemitério — unidade de lugar. Por nada que aceitaria a abominação de ser levado para o normal, honorífico, de Nossa Senhora do Réquiem, com a legenda à porta dizendo-se em latim: *“Beati mortui quia in Domino moriuntur...”*; mas onde Vovó Olegária tivera gentil sepultura, declaradas na lápide nossas filiais saudades, cujamente. Vovô Barão, então, por todas as vias, e para o que viria a ser grande assombro publicado, fazia de destinarem-se seus próximos mortais restos ao do Quimbondo, do comum da canalha, de relegado baldio e covas rasas, a não ser uns poucos e feios túmulos, logo perto do portão — dos mais tristes desses, com que, quantos podem, em pedra semi-se-endeusam, em trêfega imobilidade, e o mais por cima da terra, comedora de olhos e intestinos humanos. Era um formidável despique!

Ele mesmo, o Vovô Barão, jamais botara os pés no de Nossa Senhora do Réquiem, após o sepultamento da Vovó — durante cuja doença, agonia, passamento, inumação e mês de missa, correra ele a resguardar um obstinado impedimento em sua Fazenda da Riqueza. Tempos depois, fora ele próprio escolher e adquirir, demarcado, nos mais confins devolutos do do-Quimbondo, um grande espaço de chão. Para lá haveriam de transportá-lo, forte como ferro jogado fora; e erigir-lhe específica tumba suntuosa, imoralmente, mas e porém, a mau sozinho léu. Contra essa autodeterminação, acatada pelos outros, o tio Nestòrionestor sozinho se insurgia, pontoso, opunha resistência, levantava aquilo a peso, com ela não havendo de conformar-se. Ele abria a boca feito se quisesse fingir que não podia falar. Ou, dado seu posto, via primeiro o que havia, que acontecia, subitamente depois. Açodados passos, tia uma qualquer surgindo do corredor. — *“Ele voltou a si!...”* — ela comunicava-nos. A notícia enrolou-nos, fariseus, elétrica, perplexos. Vinha-nos, grossa, mais em massa, a realidade objetiva, isto é, o cosmicômico. Voltava ele, agora, a si,

por picardia? Ao primeiro ouvir, acudimos, enquanto se buscavam os médicos e mandava-se outra vez pelo padre.

Conforme quimeras, o do Vovô Barão, era um aposento e tanto. À cuja porta, contudo, a gente teve de deter-se — vão ver — por muito natural motivo e tempo quiçá de segundos. De estorvo, de lá saía, exato, o Ratapulgo. Com modos, pegando-o pela asa mas a outra mão ajudando, carregava ele um urinol cheio. Deixamo-lo seguir, azambrado e ambivesgo, valendo a pena o sério luzimento e torto aprumo com que conduzia a avantajada prenda, de quilate: quase a abraçava, como a troféu e glória. O urinol, de passagem, cintilou-se em aspectos, colorido e fantástico, de Limoges ou de Delft, da lua para cima, matéria de confusão maior. Ratapulgo — que, meio marchando, tomou para os fundos do corredor, onde seus sons não sumiam-se — que jeito entendê-lo, que não como a uma trégua da natureza, e inevitável ovante paradoxo? Durante o que, nós, bastante gente, entramos, enfim, e coubemos no antro. Enorme espaço e enormes móveis.

Vovô Barão estava, de fato, de volta, por caso quase de prodígio, tão bem ele se rangia, ali, acordado e franzibundo. Assomava dum claro-escuro a cara e cabeça, com muitos ossos — muito queixo, muito de crânio, muito de testa e arcadas sobre os olhos, muitos zigomas — muita caveira. Mas, a barba, que já não tinha, ainda sobrenadava. Repoltreando-se, inquietarrão, nos abundantes travesseiros, estirava aqueles seus membros em decrépita dureza, mas debatia-se era por talante e arbítrio, entanto que, extravagantemente mais se avolumando, afirmava-se como que com maior e todo térreo peso, corpaço. A cama, nem se sabe como, era ainda o largo leito, de casal, não conjugal e casto. Nele, qual vos digo, o Vovô Barão parecia-me onipoético — o animal exorbitante — ora, dá-se. Revia com patente, prepotente satisfação, ante a árvore de sua presença, a família — famulária. Saudara-nos, entre ironizante e majéstico, sempre haveria de estar com chicote atrás das costas: — *"Sim, os senhores como vão? As senhoras? Bem?"* — com voz desdentadurada, mas, mesmo assim, vozeirão; a fala apta a resumir ordens enérgicas, práticas, de terrível bom-senso, como as que longe enviavam a seus filhos, generais e administradores, aqueles reis assírios, por textos gravados e cozidos em tijolos.

De mais próximo, quis meu pai dizer-lhe um quê, certo significar-lhe boas-vindas, votos. Vovô Barão, porém, despediu raios, sua cabeça tendo

veias por fora, por todos os lados. Aqueles olhos davam até fumaça. — *“Copule-se!”* — invectivou; menos notório modo, e mais maligno espírito, passavam o palavrão a aristocrático. Mas o Vovô Barão sentia-se e sabia-se indo ao improvável zero e aonde o círculo se quadra. Somente, dessa inominável certeza tirava direito a fazer o vilão e vilezas, dava-nos sua vulgaridade de embucho, de entulho. — *“Ah, diabo de mim! Oh, meus diabos!”* — e sentou-se, empinava o ventralhão, regiportante. Agora queria que lhe trouxessem o chapéu, e que lhe arrumassem perto a roupa de vestir, ao alcance da mão em garra. — *“Aconselham-me a morrer? Pois não morro!...”* — e, já de chapéu posto, tudo o mais podia ser o estrambótico razoável. — *“Venham, já, os médicos! Mais!... Saber se há ou não outros remédios, modernos, injeção... Quero um escalda-pés!... Deve haver...”* Sendo forçoso, ao mesmo tempo, que quaisquer das tias obedecessem de meter-lhe, quando nada, o colete encarnado e o casacão, espantoso: redingote devia de ser isso. Riu, gostoso, grosso, gabava-se: — *“Nesta hora, seiscentas pessoas, pelo menos, estarão falando mal de mim!...”*

Nem queria que ninguém lhe pegasse na mão, cioso todo do corpo, à deterioridade, leso, em ferrugem. Se estava delirando ou não, era a pergunta que se lhe podia ter feito, a vida inteira; inconsertável, tal a sua torcedura. Mas isto estava apagado de escrito, na muralha de uma fisionomia. Devorava-lhe ainda o pouco espírito o incurável orgulhoma? O galo, ele próprio, de nada sabe de seus mistérios de sua arte; por isso mesmo, canta, e vai para ser digerido. A que fugia ele?

Viu-se de novo então o Ratapulgo ali, zarolhando para tudo aquilo. Viera repor o urinol: o “doutor”; e, trepeteque, avançava. Acotovelou-se com o padre, que se esgueirava, vindo também. Vovô Barão, porém, detinha-os: — *“Esperem! Talvez eu não morra... Deixem Deus resolver!...”* — e qualquer prazo lhe bastava. Mas o Ratapulgo, sem se impedir com isso, seguro de seus provimentos, sem negleixo, se acercava, depositou o vaso no criado-mudo. A um mando, ele antepunha um rito, o tempo presente não o dominava. Penso que, com alguma inveja, todos olhávamos o Ratapulgo-Bugubú e seu penico: para ele, sim, com efeito, o Vovô Barão não passaria de um pigmeu. Aquela nossa família! Buscando o tio Nestòrionestor, voltei-me: e, junto dele, pegando-lhe meninamente no braço, vi — Drininha.

Não me via. Não me veria. Negava-se-me. Aos poucos, escoei-me, vim de recuo até à porta. Nem me olharia com mimo de diretos olhos, assim no meio dos outros. Era bem uma Pereirinha, alva-flor agreste, desses Pereiras de Andrade do sertão, bisonhos parentes nossos, a que, não raro, por debique, chamávamos de Subpereiras; mas que valiam sempre para fornecer-nos votos, empréstimos, amigos decididos, e gentis noivinhas fazendeiras, de olhos verdes, longos corpos muito erectos e nucas tão inconfundivelmente bonitas. Devagarinho, fitando-a, dei de sair de lá. Eu queria que ela quisesse, que aquiescesse, que viesse, longe dos outros, só para me comigo, igual à minha ternura, só para mim. Eu pensava outroramente. Se pudesse atraí-la ao salão — com todo o fervor de ardor de anelo de anseio de minha alma?

Andei-me à quente quietude. Achava-me a léguas do resto da casa, do quarto do Vovô Barão, tresandante, de confusão em torno. Aqui, o piano de cauda, por que o haviam calado conservado? As alfaias, os quadros, de flores feitas de penas coloridas — ramos, grinaldas — artefactos do passado. Aquilo falava-me em amavios de Vovó Olegária, assim como os consolos e dunquerques, com as caixinhas antigas e estatuazinhas de prata, e as jarras de opalina; mesmo os dois sofás e grupos de palhinha, tão reles amenamente para um salão que se queria palacial. Se Drina chegasse, agora, se sendo agora, se eu fosse capaz de de-mim, se ela, se nós dois. Sobre modo, conversaríamos de Vovó Olegária, sua lembrança induzindo-nos a condição tão outra, a horas de lira e cítara; e uma avó pode ser muito cantada, através do hóspito tempo.

Mas, o retrato grande do Vovô Barão, na parede, de seu alto posto, deu-se de ver-me, impôs-me um olhar. Seus olhos duros como ovos. Sim, um desencadear-se de olhar, do diabo guardado, de trasgo, transmitindo-se, fidalgudo, vão ver que tossiturno. Assustei-me, fora dos pergaminhos da estirpe, e, levando-me por pressupostos, quase ia a gritar, estrondando-lhe o nome. E então, para mim mesmo um tanto falsamente, eu ri. Sorri. Aquele retrato a óleo, sozinho ali, avulso, eu o sabia desirmanado. Porque, de primeiro, muito antes, tinha havido também o outro, de par, ao lado deste, o de Vovó Olegária.

Antes da separação definitiva, quando o Vovô Barão e Vovó Olegária toleravam-se ainda, pelo menos, aqui nesta mesma e individida casa, eles passaram muitos anos de mal, conforme quis o Vovô Barão, mortificado incessantemente por qualquer nada-vale, questões de quisquilhas. Nunca

dirigia a Vovó Olegária a palavra, não se dava dela, viviam em tácita, mansa contenda. Quando necessário, porém, por assunto importante ou para providência urgente, ele executava manejo grave, mesurado, pondo em prática o mais imaginado, talvez, de seus volteios solipsistas. Vinha para o salão e se postava, à distância, bem diante do retrato da Vovó — em hora em que ela por ali andasse, ou fazendo-a chamar pelas criadas — e, voz alta, impessoal, pronunciava pausado o que fosse: — *"O papel do arrendamento deve assinar-se na linha marcada com cruz, e deixado na gaveta da escrivaninha..."* Ou: — *"A senhora Telles-e-Telles não convém como visita..."* Só. Mister seria, porém, em certos casos, que Vovó Olegária lhe desse resposta; e a ela cumpria então ter de proceder do mesmo jeito. Colocando-se paralelamente ao grande esposo, e defronte, respectiva e respeitosamente, do seu, dele, retrato, discursava-lhe a réplica.

Representavam, assim, no indireto reciprocar-se, mediante triangulação de diálogo ou quadratura e personifício. Acostumaram-se a tanto. Mas com isto está que, decerto, Vovó Olegária o fazia quase brejeira, muito faceta e trejeitosa, falsificava-se em ironia. Curvava-se numa reverência, e acrescentava o vocativo: — *"... Senhor Barão..."* — enquanto para ele, retrato, apontava, com dedo e diamante, e contradizendo-o com olho esquerdo. Diziam-na leve de graça, tendo um senso de equilibrista; e as mulheres são feitas para isso, vencedoras sempre nas situações — por sorriso, estilo, pique e alfinete. Havia de ser que o Vovô, por tudo, mais se zangasse; para não se sanhar, fechava encalcadamente a boca, e de olhos lobislumeantes. A raiva, qual, não atingia de modo nenhum a Vovó, indignação em ricochete; e eram, sem qualquer vendaval, o carvalho, inflexível, o caniço plástico. Diz-se mesmo que, uma ocasião, ela estando com laringite, e depois de dar-se ao elegante desplante de ao retrato retrucar só por gestos, de suas finas mãos escreveu, trocista, em folha de róseo e perfumado papel de carta, que foi pendurar na moldura: — *"Senhor Barão, sinto muito, estou sem voz, rouca. Mas a roupa de cama da Fazenda levará o monograma correto, fique tranquilo..."*

Que, demais disso, tinha Vovó Olegária olhos azuis de bem quando, a cinturinha explícita, e era linda de longas pernas, estreitíssimos tornozelos, boca além de toda metáfora, mais um geral genial modo de muito ser, propondo-se a outras sensibilidades. Decerto, sim, o Vovô Barão deveria também de ter padecido seu entanto de querer e nem poder

entender, atado com vários nós, cego para boa parte das coisas, até hoje, na amarela idade. Deus o deixe. Seu retrato, solitário, agora perturba-me aqui, de mundo em torno, exato como esquina de lampião. Tomo-lhe a bênção.

Sim, a humildade — como a suprema forma de eficácia. Só o humilde safa-se de ser maluco? Vagueei dali a ali, entre salão, corredor e quarto; e meu coração: nenhum gato e um ronrom. Drina, havia de ser que num doce não-acaso a mim ela viesse, Drininha, infanta, fonte de diversos pensamentos, um pouquinho falsa como qualquer esperança. Mas, a humildade: qual um despojamento e aligeirar-se, um outro achar de alma, fininho banho que nos alivie de encardidos depósitos e detritos, a cada vivo momento. Tio Nestornestório, composto — às duas por três a lembrança de sua presença não podia deixar de molestar-me. Ele era o diretor de fuligens, algum tanto. Drina, eu queria desprendê-la do traslado de uma árvore genealógica.

Querendo eu crer um dos secretos objetivos, da ideia da vida, nosso sangue e espírito corrigirem os dos antepassados; entretanto que, estes mesmos, a haviam engendrado e produzido, à minha ora ainda inatingível Drina, flor de história. Então? Onde ficávamos? — retamente filosofado. Nem cabe, nem vigora, nem vale, nenhuma conclusão do intelecto.

E o tempo, comum como o engano, sendo — movendo, removendo. Drina não vinha, não viria aqui, embora tola e vãmente eu a esperasse, sem ter gosto em coisa nenhuma, numa secura de farinha ou fome. Nem sei se ela gostaria um pouco de mim, se em ponto de madureza. Mas, as uvas verdes, são os bens da raposa.

— *“Drina!...”* — e eu vi, me ouvi: abaladamente me dirigindo, com entonação fácil, a um seu retrato, que nem havia, no espaço da intempestiva parede.

— *“A morte é para qualquer momento, não se pode estar de pijama...”* — era o que eu tinha de me ponderar, noutro entrequanto. Vigiávamos, de prontidão. A morte do Vovô Barão, ora, dá-se. Dando a janela do meu quarto para a nossa metade de quintal, em feio abandono. Tanto como em abandono devia também de estar, para lá do muro, muito mais que alto, de um outro lado, o jardim de Vovó Olegária, sem acesso, fechado horto, deixando-se de suas rosas desrosadas em roseiras desfloridas, depois que ela se fora. Aqui, agora, porém, havia uma ou outra que árvore, entre que no ar primadrinal revoavam pássaros, para as moitas com flores, à

intrujice de insetos, borboletas estampilhando-as. Aquém disso, a ativa humildade da grama a alastrar-se, e apreensivas galinhas picavam o chão adâmico. Vá, que, pois, e vos digo, por ali, por baixo, reto ao rés de tudo, relanceei o Ratapulgo passar.

Era só vê-lo, e a gente o julgava; e errado. Espécie de estúpido sem sorte, mero menos que ínfimo criado, mudo como uma ponte e mais alvenaria, cumprindo o destino de oco ovo, de nada, nada e nada, e no brejo enfiado até ao prêço do pescoço — seria ele o para a quem-quer-que invejar, e para até ao fundo redeplorar sua penúria essencial, e querer logo desaparecer de ser, de uma maldita vez! Senão que vivendo, mas a si mesmo desprezando-se, sempre e a todo instante. E não. Ele, em si mesmo, não fazia pouco.

Ao tomar a cargo as tantas escarradeiras e os penicos, mesmo disso parecia tirar motivo para elevada opinião de si, e dessa função patusca. Como podia conciliar o despejo e a lavação dos impuros bacios com o próprio e exaltado estro de seu avaliar-se? Constando que praticara aquilo no fio a fio de anos, vida inteira. Nem era pouco o trabalho, em mansão numerosa, numa cidade montanhesa, de noites frias, os banheiros colocados tão ao fim de compridos corredores, a gente tendo de dormir com mais preguiça. Assim, a quarto algum faltavam, ocultos nas mesinhas-de-cabeceira ou apenas resguardados sob catres e camas, um ou mais desses vasos noturnos — com sua farta generosidade, que não dá, mas apenas recebe. E havendo-os, segundo a importância dos aposentos, simples, de ágate, ou grossos, de pesada louça branca estrangeira, cerâmica duríssima, faianças, o fosco e liso quase mármore dos *biscuits*. Ou, nas alcovas de mais luxo, iguais aos aparelhos de porcelana ou opalina, coloridos, estupendos, que se ostentavam nos lavatórios: bacia, jarro, saboneteira, porta-escova, pote de creme, boião de pó-de-arroz, gomil e copo. Penicos não são, teoricamente, de propriedade particular. Apenas a humilhante necessidade humana requeria-os, dóceis receptáculos, a suas horas, várias e cômodas vezes enchendo-se, a flux.

Cedo, porém, lá vinha o Ratapulgo-Bugubú, expedito, de bela aurora, penetrava nas recâmaras, para arrecadá-los. Levava-os, a um de cada vez, com ostensão, como se transportasse coisa de sério valor, copiosa estima. Ia lavá-los, ao tanque, no quintal. Ratapulgo, Bugubú, era mudo convictamente, não careteava nem fazia por responder, rejeitava a mímica comum. Mesmo por isso, havia quem o tivesse como perfeito e são, e

apenas um simulador, dá-se o caso, por sonsice ou por astúcia. Também podia ser outra a dúvida, mais funda doença, vão ver, que modo que — depois se soube — no teor de seu curto espírito algum peso freando-o, nas infinitas engrenagens. Ratapulgo, o Bugubú, prezava-se. Inventara para si uma altura, apoiava-se numa presunção de arrogância. E desdenhava dos demais, todos, cristãos. Ia, rumo ao tanque, onde penicos por enxaguar o esperassem. Mesmo o meu, o pispote deste meu nobre quarto: bom urinol cor-de-rosa, pintado com gracioso grupo de anjinhos, com ramos de flores em rosa mais vivo, em relevo, delicadas nervuras, e a alça trabalhada da pesada tampa — volumoso como uma sopeira. Ratapulgo, desta vez, e nem forte era o sol da cidade frio em junho, trazia chapéu — isto é, um desgastado gorro ou carapuço — o chapéu, que compõe o homem. Eu estava menos ansioso. Engraçado ir vê-lo, e aos urinóis, por nossa curiosidade. Descer ao quintal.

Tive tento nem tempo. Com o repentino de que, ao quarto do Vovô Barão, chamavam-nos, como se tivesse chegado para ele sua primeira hora de falecido. — *"Está lá muita gente para a agonia... Um cigarro?"* — informava-me o tio Regabofe, por alguma canhestra simpatia a procurar-me. E a coisa era outra, porém; ao tio Regabofe quase nunca acontecendo acertar com os fatos imediatos. Convocava-nos, subditos, o Vovô Barão, para lhe prestarmos ainda vassalagem. Confessado, desonerado, achava já de dar-nos — ele, o muito faraó — mantendo-nos sob olho, uma possivelmente derradeira despedida. Mas estava seguro de si, de sua rochura e eminência, e veemente e artista, de morimbundo notando-se-lhe só um aumento das cinzentas olheiras, de instante a instante, e o afilar-se, com a mesma urgência progressiva e infanda, do nariz, pronto pálido, de ultra-cera, quase resplandecente. A hora era de honra, circunstando o certo aparato. Discreto, para trás, mas mesmo assim adiante dos médicos, via-se vigiante o padre, e teriam providenciado — agora ainda, por decência, oculta — a vela benta que é a para os trespassantes. Aproximei-me de Drina, sobre-reptício — cheirava a pipocas de milho e a limões num bosque sua nuca de penugem de frango, loura, fresca, formosíssima. Inevitavelmente perto, não menos, não mutável, o tio Nestornestório. Meu pai e minha mãe em primeira fila, também, isto é, da outra, vasta, banda do esdrúxulo leito. Acontecia, agora, ali, a história universal — e, meus parentes, quem poderia disso convencê-los? Só Sócrates. Inspeccionava-nos o Vovô Barão: com olhos de muito azeite e pouco pavio.

Adivinhei o que ele não ia dizer, quando franziu a fronte: e uma mosca veio àquela lustrosa testa, mas revoou reta embora. Foi forte, curto, apesar da tossiquice, com firme inflexão: — *“Se eu morrer... Declaro! Têm de enterrar-me conforme resolvi, e já sabem...”* — terminantemente. Se riu, foi apertando os dentes que não tivesse. Seu rosto conservava restos de infantis caretas. Sempre parecia visto de muito longe, e, somente, mesmo assim, através de através de uma enfiada de óculos. Só se decidira a aceitar oficialmente a última situação, pelo contentamento maligno de pregar à Vovó Olegária e a nós essa humorêsca.

Assim os outros o entendessem? Não o entendeu o tio Nestòrionestor, endurecendo o pescoço, e erguia ainda mais o queixo quando o colarinho lhe apertava. — *“Esse referido cemitério, senhor meu Pai, tem...”* — disse, quis dizer, antes de terminar. Vovô Barão encolheu eletricamente os ombros. — *“Copule-se!”* — bramiu, relampejara; dito do jeito, o impossível imperativo cabia de proferido sem desdouro, mesmo presentes as senhoras. Tio Nestòrionestor, crocitoso: — *“H’h... H’hm...”* — não era resmungo, era o pigarro; respondera. Teve logo de passar a olhar para os espaços imaginários. Vovô Barão desfervia-se, dando nata. Sorriu, ele ia morrer, outros iam viver, noutro entremeio, conforme quimeras, não deixava desaforo por repelir, afronta ou ofensa. Só que seu pigarro, o dele, agora, por sua vez, virava, para dentro, um grunhidozinho contumaz. Podia dar início à propriamente dita despedida.

Para isso, também, conservara-se de chapéu à cabeça. Para na aba tocar, com dois dedos, respeito aos homens, e tirá-lo, para as senhoras, por completo, num gesto de muito âmbito. Burlante e afastadamente, por que se dirigia assim a cada um? Onde e por não onde. — *Uma nuvem, mesmo, e sem cobrir nenhum sol?* — pensei, quero dizer, dava-se-me de não poder deixar de lembrar-me.

De como e por qual último, imperdoável motivo — conforme me haviam contado — consumara o Vovô Barão o total rompimento, passando Vovó Olegária e ele a viverem, em meias-casas, longinquamente de um e do outro lado, tão convizinhos para sempre. Antes — por frioleiras, bagatelas — eles já não se falavam, a não ser, às vezes, da dita e simulada maneira, oblíqua e cruzadamente, por meio da cena perante os retratos. Um dia, porém, em que para isso o Vovô Barão a mandara chamar ao salão, Vovó Olegária não pôde vir imediatamente, deixando-o esperar mais minutos, e tanto bastara para agredi-lo de morte, em seu desinsofrido

orgulhamento. E Vovó Olegária não pudera logo vir, por que? Não por pirraça, nem por desdém, mas somente porque, justo naquele momento, estava tendo de atender a inadiável precisão do corpo.

Vovô Barão não reconhecia isenções nem aceitava dirimentes, antes recalcara o assunto. Não era de passar culpas, não deixaria à Vovó Olegária como satisfazer a injúria. E espetou-se em si. A parede-muro se levantara. Vovô Barão, ainda agora, assim escarnecedor, ele se despachava de nós, rebaixando-nos. Só porque, porém, o sabíamos mortal e tão em pé em palpos da morte, o suportávamos — esta era também a verdade. Só à morte corresponde o assinado perdão, isto para mim estava claro como fogo. Chegada a minha vez, curvei-me, respondendo ao toque de chapéu de Vovô Barão, e olhei-o só de futuro modo, eu não o queria julgar. Mas, não pelo que fazia, mas pelo que era, ele dificultava-me de ter minha humildade.

Ah, humilde, eu sempre queria, mas nunca podia ser, algo mais superfino que o ar que se respira impedia-mo; algo profundo em mim, não menos. O algum fluido, que todos secretamos, difundindo-o e aumentando-o no rolo sutil do mundo, envolvente. Vovô Barão por pouco gemeu, fez ricto, só é que, enfim, alguma dor ou aflição fisgava-o. Houve mais gemidos, que conteve. Ser humilde — para do entreestranho demônio sem-olhos da vida poder des-hipnotizar-me. Mas — e até o Ratapulgo, aparecido à porta, recebendo seu dois-dedos de aceno de saudar — Vovô Barão levou ao final aquela despedida em arremedo, em estilo subido, longa como um texto sem tema.

Assaz assustava-me o que ele parecia ser — a montanha indeclinável. Peguei a mão de Drina. Obstúpidos, a esse tempo, aplicávamo-nos todos a não ver e não ouvir como a morte — não a hora da morte — é sempre original. Eu apertava a mão de Drina, fio que ela disso nem tinha certeza. Vovô Barão afirmou: — *"Eu... Eu... Eu..."* — e o mais nada. Devia de ter todos os diabos debaixo da cama. Do que — de que ônus e ranços — não podia ele livrar-se? Se não conseguisse, até ao último dado momento, falhava, talvez definitivamente, estragava-se: seja como se não tivesse sido capaz de repor-se em órbita. E como não o embaraçar? Como ajudá-lo? Senão se o crocodilo pudesse de per si descrocodilar-se... Somenos, pôde. Por um instante verdadeiro, ele sorriu, em menor. Desencurtou o rosto. Para um prodígio de para cima olhar, senhor sim: um olhar — sereno sobre certo sobre justo — que radiasse. De efeito tranquilo,

concertado. E não podia ver, e não podia saber, e não podia explicar. Mas só foi o verdadeiro instante. Ocorrera-lhe a grande coisa. Já estava no arroxear-se. Como se fosse dez, derreou-se.

— *"Ele já disse o basta..."* — murmurou-me o tio Regabofe, sem me oferecer cigarro; e desta vez ele estava certo. Vovô Barão não se achava mais ali — anote-se, para posterior menção. Reentrara, como de manhã as estrelas diz-se que poeticamente se apagam — um fato-fátuo — e não como num quadro-negro sob mão e esponja. Apenas, todavia, com o concurso da natureza, computadora; isto é, nesta terra, nossa, passageira, um outro ainda engano se desfez. Mas, a esse tempo, ele já não estava com Plutão. Foi homem duro. O primeiro suspiro que deu, foi o para morrer. Morreu calçado de botinas. E refez-se poeira.

Deu-se ali então o esvoriço de alvoroço, nossos movimentos, rezas, exclamações, acendia-se a vela. Bisbilhava-se. Em cada um de nós, surgiria, pequenino, um qualquer subgosto de vingança — de tanto nem se nos argua. Envergonhados disso, sem o saber, chorava-se. O chapéu da despedida rolara para o chão, eu ia inadvertidamente pisando nele. Vovô Barão... o bom... já o nosso grande homem!

Tudo como vos digo, vi-me, com Drininha, no quintal, o ar e céu de prima Drina, havendo flores, por um transporte natural fugíamos desses aspectos da morte em sua superfície — mortuália e lugúbria — agora dentro de casa. Seguira-a ou arrastara-a eu até lá — cheio demais de intenções — pelo ar, pelo perfumar, pelas próprias borboletas? Eu queria mais que sua leve mãozinha na minha mão; queria-a, pelo menos, trêmula. Puro pouco engano. Aí, ela parava. E a luta, a mover-se entre nós dois, independia de nossas frases:

— "... ... ..." — golpeou o ar com o queixo e encolheu ombros por ênfase, sua cabecinha pendulou um pouco.

— "... ... ..." — e pôs as mãos na cintura, contranitente, amei-lhe o ativo cerrar-se da boca. Demais, empurrei os ombros para a frente, tido que eu outrossim precisava de expandir os diâmetros do corpo. Perto de nós, ali, pio, pio, pio, também com volumoso coração, um passarinho por si cantava.

— "... ... ..." — avançou o lábio inferior, e recusava-se a encarar-me; trazendo-se a seu rosto um rubor grosso, vindo com vigor de sobrancelhas e de olhos. O pássaro bateu as asinhas, flipe e flope. Sério, como na elevação da hóstia, eu queria só desfingir-me.

Não nos olhamos, de parte a parte. Drina se desprendeu do meu querer, simples se escapou, de uma fina vez, se fora. Sendo que fiquei quase contente, porque ela pouco prometia. Do que um dia, mesmo, ela quisesse, de que não seria então capaz? Eu esperaria o dia depois do outro, ora, dá-se. Mas, em matéria de providências, a cidade não se retardava: os sinos do Carmo e do Sagrado Coração–[39] tinham começado a dobrar, em anúncio profundo. Até o chão era, para mim, de Drina. Vamos indo retratando este mundo como deveria ser, antes que ele se acabe.

Mas, é que, sob o preparo de planger desses sinos, digo que aparecera também o Ratapulgo e Bugubú, trazendo adiante de si um urinol, último. Era o do Vovô Barão. Atentei nele: utensílio aparatoso e estranho. O Ratapulgo parara, ensombrou-se, desensombrou-se; azedava a cara, como se tivesse de se coçar e a isso não condescendesse. Ia subtrair-me à vista aquele sensacional recipiente? Quis ver, com questão, ordenei-lhe, a ele, o servo altivo de si, soturno, fabrício, porta-ordens. Então, desabrido, crespo de despeito, desaforou-se, quase mexeu com as orelhas. A mudez valia-lhe como uma couraça. E o penico, que ele levantara, nímio, perto até ao nível do meu nariz, assombrou-me!

Era enorme, azul, por fora, azul claro, mas desenhado de flores — rosas, tulipas, florinhas amarelas e vermelhas — tudo bem *Vieux Paris*, e na borda o arremate de um friso, uma barrinha dourada. Dentro, no fundo, havia também uma grinalda de flores. Mas, no meio, oh, pintado, no meio do fundo... um olho! Um olho humano, olho azul, assim no logro, arregalado com expressão de espanto... Ratapulgo, o Bugubú, ele agora esperava que minha repugnada estupefacção não se acabasse. Olho que parecia vivo, mais vivo, de pessoa, sofria cínico, ali, impotente, prisioneiro.

Que o Vovô Barão, à oculta, durante anos, algozosamente se tivesse servido daquilo! A coisa vinda do estrangeiro, de Europa, mas de arte de hediondo gosto, de se entender somente como jocosa peça para farsistas. Do centro de seu côncavo bojo, extrair-se-iam mil e mil gargalhadas! O pispote ornamental e irônico balançava-se ante mim, infrene, calidoscopiado. Repeli-o.

Mas, sempre o Ratapulgo o segurando; e sendo sua muda cara, do Ratapulgo, toda uma maldosa sobrançaria. (Um mau rumor de andante, conhecido meu, informava-me, por aí, de que mais alguém preferira afastar-se do momentâneo luto da família, vindo saber também deste

quieto ermo de quintal. O tio Nestornestório.) Afastava-se, o Ratapulgo. Contra a borda de cimento do tanque, minha vontade era dar com aquele objeto, partir em cacos o monstruoso urinolão, ciclópico. Mas o Ratapulgo, zeloso, defendia-o. Fazendo obediência, decerto, cumpria ele apenas ordens muito anteriores. Desforçoso, mal machucado em seu descomedido senso de importância, nada pudera, por fim e então, o Vovô Barão, contra a humanidade vivente, que ele opunha a si ou detestava? — prepotentíssimo, o Vovô Barão, um zerodes, homem de frio mijo. (Tio Nestòrionestor urgia-se, queria a útil meditação, e caminhava, anguloso de nervoso, de banda para banda, ele assistira à cena. De traje de tapado preto, a grande gravata preta anulava-se-lhe. Compulsava a bengala tonificante. E de chapéu à cabeça, o que faz ao propósito lembrar.) Agora eu entendia um pouco o Vovô Barão, homem muito particular, como todos. Ele respirara, crescera, nascera. Tinha infinitos avessos.

Tio Nestòrionestor observava o Ratapulgo.

Drina, de longe, observava-nos.

No que, notei como depressa envelhecem os muros, por umidade e musgos, por saudade. Um muro que não nos separava do invisível jardim de Vovó Olegarinha, de onde parecia-me escutar os pios de outros passarinhos de Drina. Tão longo—[40] ouvia, tanto mais eu me descompenetrava. O que produzia, próprio em mim, íntimo, um silêncio, uma diminuição de peso. O micróbio é humilde, o vírus que se infiltra, o pó, o pão, o glóbulo de sangue, o esperma, o interminável futuro na sementinha, o vingativo chão, a água ínfima: o átomo é humilde; humilde é Deus. Jamais, aqui, hão de me ensinar o nunca. E eu queria voltar a um terno recanto perdido, universo: amorável. Se sorri, era o mundo todo coincidindo com a minha atualidade.

Porém, o que me vinha à lembrança e dava-me enlevo lembrar, era um fato — tão sumário e vivo que poderia converter-se em anedota — mas acontecido não esquecidamente. E que à gente da minha família não agradava referir; ainda que repetido, à muita, como memorável chiste, por todos os da cidade.

Pois foi que o Vovô Barão, muitíssimos anos depois de separado, de morada, de Vovó Olegária, e por todo esse tempo nunca mais tendo tido ocasião de a ver, certa vez avistou, estando ele à janela com alguma outra qualquer pessoa, passar na Praça uma dama, de crinolina e casabeque e de penteado alto — tafulona, sacudida, airosa — um formosurão. Demorando

nela os olhos, louvou-lhe o Vovô Barão o porte e a graça. Ao que, a outra pessoa, surpreendida, lhe observou: — *"Mas, senhor Barão... é a senhora, mesma, sua esposa..."* E ele, imperturbando-se, sem alterar-se de descuidado nem desistir de rosto, sério, simples, honestamente, comentou: — *"Está muito bem conservada, a senhora Baronesa..."*

Se, porém, fosse isso apenas uma ficção de indiferença, e ele mesmo, Vovô Barão, se escondendo de qualquer um seu persistido debater-se de sentimento? Sempre pode haver alguma coisa sob cinzas — brasas ou batata assada. E a vida é um ensaio particular. Tive dó de Vovó Olegária e do Vovô Barão, de quando o dar do amor movimentava-os, desconjuntamente, e soçobrados ainda na quimera quotidiana. Mas devíamos todos agradecer a Vovó Olegária o dom de envelhecer sem perder o donaire. Seu modo, a seu jeito, o Vovô Barão amara-a, até o fim? — pensei, frigiam-me dúvidas. O intento, o que é o desígnio, inevitável, da vida, vai e volta, vem em círculos, envolvendo-nos. A vida — que goteja sempre em pedra dura. Sem propósito, cuspi em todas as escarradeiras, ali, na sala onde eu estava. Só então, por uso e repouso, acudiu-me grande à mente a figura do Ratapulgo-Bugubú, o nosso estúrdio fripulha.

Fungaram. Era o tio Nestòrionestor, querendo confirmar aviso a São Paulo, à tia Denisária, por positivo telegrama, e, a desgosto, vendo-me, a mim, ali, importuno. Se não poderia ajudá-lo contudo em alguma coisa? — perguntei, eu beijava a pedra pelo santo. Drástico, pois, não corporificava ele o acendrado pai de Drina? Um pouco, essa irremediável noção tinha de enternecer-me. Tio Nestornestório muito me respondeu que não, semifechado. Desdenhando não de mim, mas do gênero humano e do mal a ele inerente, ergueu mais o queixo, a sobrelevar-me. Enquanto que com os olhos, categórico, tio Nestòrionestor estava sempre com nenhum grande espelho diante — ou por detrás. Nele, o casaco, o colarinho, as pálpebras, o sobrecenho, imbricados, reencaixavam-se, como se realmente vestígios de extinta armadura. Da crosta não se renovando, não podia germinar-se no recheio, no miolo, na alma. Se fosse árvore, teria espinhos até nas raízes. Era. Isto é, ele consistia, apenas, numa falha tentativa de monumento a si mesmo.

Fiz que me afastando, mas, de fato, sem o descuidar de vista nem mero meio instante, propunha-me segui-lo. Drina gratificava-me com quase cúmplice olhar, ao ver-me prestativo para com o pai, à flor de respeito; e a

que não condescenderia eu, para com ela vangraciar-me? Tio Nestornestório, porém, por aí, ele mesmo, despertava ora em mim uma sóbria simpatia de comiseração: impunha-se-me, válida, sua tristeza de figura. Porque eu pressentira que, no normal, ele não se mostrengaria assim, quase. Mas que se achava agora em momento ao vento, desafinado com a vida. E que, sobre o portão do cemitério do Quimbondo, o retintim de uma frase comia-lhe os séculos dos olhos, derruindo-o, revertendo ao pulverulento e lutulento sua prevalecida jactância — com as galas da nossa discutível origem. "VOLTA PARA O PÓ, MÍSERO, AO BARRO DE QUE DEUS TE FEZ!..." Comezinho e crucial, cruel — *Volta para cá, maroto!...* — podia-se também tresler, mote e malefício, a lástima desse significado.

Pelo que, o tio Nestòrionestor percorria, a um tempo só formalizado e absorto, os aflitos espaços da casa. Aceitava pêsames e respeitos, mas vendo-se que seu espírito trabalhava em mó urgente, sem a si achar-se onde se achava. — *"Volta para o pó..."* — mísero, era contra o que lutava ele, com seu modo de pensar, ventriloquamente, com deslumbrante desespero. Impedir a abjeta decisão! Era só o que ele cria que lhe cumpria, nisso fazia timbre, considerava como pleito de honor.

Tangiam os sinos em dobre, muito periodicamente.

— *"Ninguém atende ao Papai... Os outros não o compreendem..."* — um mínimo me dizia Drina, decorosa. Que sei, que creio? Suas palavras entravam-me à alma, sua voz para mim doce e certa. Drininha sentara-se, melhor que ninguém, na cadeira grande do Vovô Barão, sentava-se sem abaixar-lhe o braço. Seus pezinhos chiques pousavam no banquinho, tendo a mim de cada lado. — *"Você..."* — e de mim esperava alguma ajuda, não sorria, duvidava. — *"Não há um meio?"* — recuidava. Sutilíssima dessa vez, quaisquer os absurdos que ratificando, desmentindo-se do errado. Arandelas, elétricas, de bronze, acesas, e as velas nas donzelas apagadas. Que creio, que sei? Drininha, de costas para a janela e para a Praça. — *"Há de haver um jeito!..."* — disse, mais entre dentes. Soava a muito de antemão, e a reconselho.

A casa com as paredes tornadas pretas, agora, pelos pretos panos-de-armar. Acolhia, em sua parte ostensiva, as pessoas da cidade, gradas, vindas para as horas velórias. Andavam por salão e sala-de-entrada, enchiam o jardim da frente, tudo a tomar a noite toda. A gente, da miúda, até nos bancos da Praça, até de madrugada, ao relento, ora, dá-se. Havia, aqui, um defunto próspero, o enterro prometia-se com festosidade e

escândalo. Chegavam mais parentes, contraparentes, aderentes, e afins, e os mais ou menos serviçais, distantes. Comunicava-se telegrafado o infausto, até aos mais remotos Dandrades Subpereiras, de Drina, no mais infinitamente sertão.

Drina viera comigo quase até à porta do meu quarto. — *"Há-de haver um jeito!..."* — e sacudia, desigualado, o liso, louro, duro cabelo. Tio Nestornestório, seguros seu chapéu e bengala, encerrara-se no escritório do Vovô Barão. Talvez, em enfurecimento de causa, preparava algum discurso. Se falasse, quem sabe, à beira do sepultamento, o brado de suas irretorquíveis razões transverteria então os fatos: retumbaria mais forte e alto que a cominadora parlenda, para sempre inscrita na portada daquele cemitério do Quimbondo. — *"Ninguém o compreende..."*

E, de fato. Ao tio Nestòrionestor, já de longe, opunham intensa inércia de rostos, cataduras cansativas. Aquele ar geral, de cada um, era, inabalável, o absoluto rejeito da família. — *"Última vontade é lei..."* — representantes,—[41] nem responder-lhe-iam. E ele concordava, insofismável, vão ver, não podia confutar-se. O que trazia para dizer, questionadamente, era o que não se podia pôr em questão. Que o Vovô Barão não tivesse sido são de espírito, isso nem ele admitia. Tio Nestornestório, em risco e tormento curtindo-se, de acordo com o relógio-de-armário. Tinha de superar a todos, ora, dá-se. Sobreexaltava-se? — *"Volta para o pó..."* — a todo instante, lido, com renovada demão, nas paredes do velório, nos quadros de flores de penas, nos cristais com coloridos, nas ovais mesinhas de mármore. Sua pessoa, gloriavã, defendia-se, no inteiriçar-se, de embeleco, contra a morte em multiformato? Vos digo. Negava-se ao desconcerto, e a transparecer, da grei não se rebaixaria. — *"Última vontade é lei..."* — borra, trica, ninharia, nuga.

Amanhecia — cantando o galo, em pleno desfraldamento — no redor redondo. Não há poeira arcaica. Mas o meu tio Nestòrionestor disso não soubesse, limitado curtamente o seu raio de pensar. — *"Volta para o pó!"* — lhe reviravam. Destacado, ia em seu través, reteso, como recém-saíra do escritório, contra Aníbal ou contra Xerxes, e às desconsolações gerais. Drina seguia-o, inquietada. Iria ele desertar da casa? Ali, porém, à porta, estava o Ratapulgo — ostentava-se — em compenetrado, peremptório, feio feito uma apoftegma.

Achara meio de também revestir-se de preto, a todo o pano. Quebravam-lhe só o luto os sapatos de tênis, tamanhamente compridos.

Inculcava-se-nos, mais, em sua inflada coerência como se figurasse em função. Tomava notícia de tudo, o cambaio caôlho, sobressequente ao diabo.

A circunstância foi súbita. Drina falava com o Ratapulgo? Ele arrepiara o couro da testa, mas admiracundo, o que deveria de ter sido à boa menção — de lisonja, tarabiscoito, propina. Drina falava-lhe. Ratapulgo alargava as ventas, bufara para dentro, fechou um pouco os olhos, entortando a cara de lado. Drina falava. Ratapulgo — sorria? Chega que só então ele se coçou a carapinha: um bolor. Drina falando. Agora o Ratapulgo perseverava ante a porta, mão na aldrava. Ninguém o proibiria disso, de tanto que necessário parecia — mal nas pernas assimétrico-parentéticas — a pior parte da arquitetura.

Drina segredava-me, junto ao fechado calado piano. — *"Obedecer a um velho caduco, maníaco? Que Deus o guarde no Céu e a mim me perdôe..."* — seus olhos, pontualmente, perpetravam-se-me.

Despropério. Drina, com um às-vezes, prendia-me e libertava-me. E por que não se mandar abrir, já e definitivamente, infinda, a meia-casa, a outra, de Vovó Olegária? Permanecera fechada por completo, desde que ela morrera, mas eu me lembrava de seus detalhes todos, com uma semelhança de refrigério, de saudade.

— *"Com quem você está? De que lado?!"*

Duvide-se com certeza. Conforme quimeras. De Vovó Olegária e Vovô Barão, bom contra bom, conforme os dois ora e outrora se defrontavam.

— *"Estou com você, Drininha..."*

— *"Com o Papai?"*

Achava-me. Assim, curioso como Vovó Olegária, sozinha, por sua vez, se apressara em modernizar, por inteiro, o mobiliário e a casa. Ao passo que, ela mesma, conservara-se sempre uma espécie de menina garrida e antiga, acinte, inteligentemente. Senhora principalíssima, fora de querer saber as mudanças que indo por este mundo, vivia aprazível a atualidade no passado. Nem o torto em ego e excesso Vovô Barão, nenhum modo, nunca influíra nela, jamais atingindo-lhe — em sim e jardim o coração — a deslizante louçania.

— *"Com o seu pai, Drininha..."*

Seguro, embora, de que me abria, ao poder de quantos desmandos e destempéries. Drina sorria-me. Ante horas. Após, agora. O sol brilhava onde queria. Maior manhã.

Tio Nestòrionestor, mesmo, a desabafar-se, esfregava-se de leve as mãos, chapéu na bengala entre os joelhos, possivelmente menos aborrecido. Ele não deixaria ruir por chão o arrogante brio, o extremado pináculo, a tensão impertérrita, compertencentes com o nosso nome: tudo o que exigia pendurado brasão e ferrava troviscado cunho em nosso seio de discórdias. Ele era o vero, genuíno, o produtivo sucessor do Vovô Barão, todo a encarnar aquela magna presunção soturna. Mais que o meu honrado pai, que o bonacho tio Pelópidas, que o ineloquente tio Noé; ou que tia Carla, a fina, tia Cló, a obesa, tia Lu, a sempre grávida, tia Té, a bonita. Mais, muitíssimo, do que eu, por exemplo, Leôncio Nestorzinho Aquidabã Pereira Serapiães Dandrade, apenas, e já meio velho, digo, sem deter-me.

— *"Vamos ficar sempre juntos do Papai!"*

— *"Sim, sim, sim, Drina..."*

A hora era a do enterro, com o aplauso do dia. Vistoso, bem vindo, o senhor Bispo recitava as orações de corpo presente, no vetusto salão-de-visitas. Com aquilo, à exata, a meia-casa se movimentava; suas janelas bem que já tão pretas, por espúrio luto e prévia ironia. Dobres dos grandes sinos, solertes plangentemente. Eu perto de Drina. E assim, tudo de fazer vista, com pluripompas, na Praça, a banda-de-música tocava fúnebres. Mesmo o tio Nestòrionestor pegava em alça do féretro, em seu porta-a-fora. Drina e eu unidos aliviados, num unissentir respirávamos. Um enterro é a procissão algébrica das dúvidas. Ia ir à mão. A solidariedade geral era inevitável.

— *"Você é bom, é nosso amigo..."* — Drina indenizava-me. Enquanto o tio Nestòrionestor ajudando a carregar o caixão, eu me oferecera, feliz pelo obséquio, a levar-lhe os atributos. Segurava aquele chapéu como a um capacete de outras eras e esferas; já, a bengala, agradava-me ter em mão. Em saindo, compungíamo-nos. Era nossa aquela multidão, um jacto de humanidade. Toda a gente, já de costas, moveram-se lentamente os pios calcanhares.

— *"Ele se conformou? Você acha?"* — queria de mim Drina, digna, perfumada, alva. Mais formosa de preto, mais de seda. — *"Decerto, certo!"* — eu mentia ou não mentia. Ia eu mui pedestre. Descia-se o infindável, a rua Direita sendo de ladeira. Porfiavam por pranto os sinos, sonho, e a banda-de-música, inenarrando. Tio Nestornestório sofreria um

seu pior critério. Não mais a conduzir o caixão, retomara ele de mim os pertences. Inglório.

— *"Você é meu amigo. Você é bom!"* — baixinho, Drininha, nítida, gorjeio. Tomava-se para o lado da várzea, com quase paradas e trevoltas. Havia dia. O sol, impessoal. Rosário, Trindade e Santo Antônio passávamos sob sons de outros sinos. Tudo tão lento, que Drina parecia-me fosse minha, que do Vovô Barão eu tinha pena. Tudo tão música. Saudade de Vovó Olegária, de quem mais e mais nos afastando, de cuja campa. Solenes, em cortejo, caminhava-se para o opróbrio — ao ver do tio Nestornestório. Seríamos uma dandradalha, pereiria, serapiãesada?

E já se guiava para lá, avistava-se o do Quimbondo. O portão, em escalavrado muro. O letreiro. À última vista, hesitávamos. Por lá entravam, entrequequantos, ataúde e multidão, farricocos, gatos-pingados. Meu pai e minha mãe tão justos, e tios e tias, consecutivos. Mesmo o ociado, vogal e esperto Regabofe, que bem já conhecia aquilo. Consumava-se a aberração? Então, que não. Tio Nestòrionestor parara. Tirava à sua consequência, cara com mais cara. Via-se-lhe o porte da cabeça, o nariz, tão aquilino. Tremia como um tremendamento. Tentava petrificar-se. Ele cintilava espetos demiurgentes, prevalecido, promontório.

— *"Fiquemos, também!"* — comandou-me Drina, tinia, com voz em que um certo tom subpereira. Tanto ficamos. Era meio-dia e sempre. Solsombreávamo-nos sob uma árvore. Vaca e burros e cavalos, bois, cá e acolá, no plano da várzea, pastavam. Excepto um que outro pobre curioso, ninguém mais aqui se achava. Sozinhos estávamos, os três, ali do portão a uns poucos passos. Tio Nestòrionestor reflexionava: — *"Volta para o pó..."* — legulegal, a entredizer. Deixava que Drina lhe pegasse no braço, por amparo. Drina, porém, esperava alguma coisa, alguém ou algo? — grande trêta, intrico, caso de invento. Drina estava firme e calma.

Senão quando!

Sus, correndo desatinadamente, quem, de preto, de amarelo colete, de pés brancos, uma vasilha sobraçando, tãoquanto empunhando uma broxa? Ratapulgo o Bugubú, só veloz, com suas pernas de alicate. Tinha um urinol na cabeça? Não. Era o chapéu do Vovô Barão — mal assentado. Sob vez que por mandado de outrem — o Ratapulgo — um debuxo, que vem, se entrevê, se vê, passa. Drina sorriu, eu nervosamente. O urinol era a vasilha! O urinolão, enorme, claro-azul, mas desenhado delicioso de

flores... e o aberto olho-do-entendimento — no fundo! Penico tão pleno de sangue — isto é — cheio só de tinta vermelha, de lata...

Chegado junto ao portão, o Ratapulgo se atarefava: começou a borrar a inscrição, a desdourosa legenda. A grandes pinceladas, des e trespintava. Sangue de boa tinta espadanando, respingando-se, borrifando — terminou. Apagara-a. Abolida! E ele espigava-se. Cresceu seus palmos. Torvo triunfal, enchia mais de ar o peito, com asas por sua façanha. Cumprira. Queria falar, rebentava. Falava! Uma dicção de bêbado enérgico, dando na dureza dos dentes, uma voz de pedra na alma. Falou: — *"Eu... Eu... Eu..."* — como um latido. Estuperfeito, quite com sua gorja, ele patroneava e mestreava, o enorme urinol ainda em punhos.

Tio Nestornestório, circunspecto, assentiu. Desprendeu-se logo de Drina. Vão ver. A passo firme, afastando muito os membros, caminhou para o ilegível portão, levavam-no a bengala e o chapéu, caminhava augusto desembaraçado.

Drina deu-me a mão, fiel como uma fada. Salvava-nos. Olhou-me e espantamo-nos. Que creio, que sei? Que sei, que creio? Vos digo. Tinha-se de amar e amar e amar: e humildes. De ser. Aqui ainda onde não estávamos.

De modo que, acolá, vertical, ora, dá-se, erecto — como quem enfim e fundo cai — avançava o tio Nestòrionestor por entre os túmulos hipotéticos, sumindo-se entrara ao do Quimbondo, vos disse, desaparecia.

Entremeio

Com o vaqueiro Mariano

"... exire in pascua..."

— Aiuntese todo o vacum
Aqui neste verde prado,
E o mesmo ouelhum,
E contese cadahum,
E vejase se falta gado?

— Todo ia temos contado,
Do vacum açhamos menos
Hum Touro esmadrigado,
Hum Touro fusco rosado.
Do ouelhum nan sabemos.

Bandarra

I

> *"I have known a West country sailor,*
> *boatswain of a fine ship, who looked*
> *more Spanish than any Spaniard afloat*
> *I've ever met. He looked like a Spaniard*
> *in a picture."*
>
> CONRAD, "The Black Mate"

Em julho, na Nhecolândia, *Pantanal* de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e cor, quase tudo o que a literatura empresta esparso aos vaqueiros principais. Típico, e não um herói, nenhum. Era tão de carne-e-osso, que nele não poderia empessoar-se o cediço e fácil da pequena lenda. Apenas um profissional esportista: um técnico, amoroso de sua oficina. Mas denso, presente, almado, bom-condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo; e inteligente. Essa pessoa, este homem, é o vaqueiro José Mariano da Silva, meu amigo.

Começamos por uma conversa de três horas, à luz de um lampião, na copa da Fazenda Firme. Eu tinha precisão de aprender mais, sobre a alma dos bois, e instigava-o a fornecer-me factos, casos, cenas. Enrolado no poncho, as mãos plantadas definitivamente na toalha da mesa, como as de um bicho em vigia, ele procurava atender-me. Seu rosto, de feitura franca, muito moreno, fino, tomava o ar de seriedade, meio em excesso, de um homem-de-ação posto em tarefa meditativa. Mas os grandes olhos bons corriam cada gesto meu ou movimento, seguintemente, mostrando prestança em proteger, pouquinha curiosidade, e um mínimo de automática desconfiança. Porque dele se propagava, com ação direta, sobretudo, um sentido de segurança, uma espécie tranquila de força. Contou-me muita coisa.

Falou do boi Carocongo. Do garrote *Guabirú* que, quando chegava em casa, de tardinha, berrava nove vezes, e só por isso não o matavam, e porque tinha o berro mais saudoso. Da vaquinha *Burivi*, que acompanhava ao campo sua dona moça, a colher as guaviras, ou para postar-se à margem

do poço, guardando o banho dela, sem deixar vir perto nenhuma criatura. De raro, aludia, voz mais baixa, a misteriosos assuntos:

— Tem boi que pode tomar ódio a uma pessoa...

— Dizem que um boi preto, em noite muito preta, entende o cochicho da gente...

Falou do alvoroço geral do gado, quando o tempo muda; do desfile deles, para o sal das salinas, nas sizígias; dos que malham junto de casa e despertam dando sinal de temporal noturno, correndo berrando medo, para o largo, para o centro das campinas; da paz que os leva, quando saem da malhada, no clarear do dia, e se espalham pobres no capim escuro; da alegria de todos, sob a chuva quente. Seu poder de rastreador dava-lhe à fala um orgulho, e acendia um cigarro, para contar melhor:

— ... Como era um lugar *visonho*, assim meio sertão, sem gado, eu achei que por lá devia de ter passado uma rês e parado, por umas duas ou três horas. Senti, pelo cheiro. A gente sabe. O touro tem uma catinga quase como a do ramo de guiné; vaca e boi-de-carro têm catinga igual, só a do touro é mais forte...

Descreveu os *rodeios*: os animais — touros, bois, bezerros, vacas, — trazidos grupo a grupo e ajuntados num só rebanho, redondo, no meio do campo plano, oscilando e girando com ondas de fora a dentro e do centro à periferia, e os vaqueiros estacionados à distância ou cavalgando em círculos, ou cruzando galopes, como oficiais de uma batalha antiga, procurando, separando, conduzindo; mas sempre a vigiarem a imensa bomba viva, que ameaça estilhar-se e explodir a hora qualquer, e que persevera na estringência de mugidos: fino, grosso, longe, perto, forte, fraco, fino, grosso...

E as *vaquejadas*: vai-se escondido, pelos matos, e sai-se em cima do gado, de repente...

Pior, porém, era caçar a rês feroz, em ermas regiões, perante a lua:

— A pega do gado bagual, de noite, é trabalho terrível...

Disse da onça-parda, que come bezerros no campo, e do choro de urros, quando a onça-pintada estoura o gado nos malhadores. Dos bois bravios da Serra da Bodoquena, que descem à noite, para beber, uns touros pastores, matados a carabina. Dos rebanhos insulados, apertados, muito a muito, nos *firmes* do Pantanal, pelas inundações maiores, os bois se aglomerando, pânicos, centenas sobre centenas, subindo-se, matando e esmagando, para

deixar restar, na seca, um monte de esqueletos. De rês que se acaba de raiva, de brabeza, por ter sido amarrada em pau, pelos chifres:

— Foi um touro jaguanê, que morreu de tristeza. Era um touro de ideia, muito manheiro: saía sozinho, de qualquer boiada, corria, entrava no mato, varava o taquaral, sumia na saroba... Um dia, a gente acertou de entrar também atrás, com os cachorros. Puseram o laço na cabeça dele. Não mexeu, não fez nada. Derrubaram, quebraram a cola, batiam com chapéu no focinho dele, judiando. Puseram palha, por debaixo, e prenderam fogo, p'ra ver se levantava. Tremia, mas ficava quieto. Quando viu o laço na cabeça, se deu de vencido... Morreu lá, de raiva, de vergonha. Faleceu, mesmo...

Discorreu muito. Quando estacava, para tomar fôlego ou recordação, fechava os olhos. Prazia ver esse modo, em que eu o imaginava tornado a sentir-se cavaleiro sozinho, reposto no livre da pradaria e suflado de seu rude bafo pastoril. Ponderava, para me responder, truz e cruz, no coloquial, misto de guasca e de mineiro.

E vergava a cabeça, pondo aprovação, ou encarava-me, o olhar bem aberto, com uma vagarosa mansidão aprendida.

Seu dedo traçava na toalha a ida das boiadas sinuosas, pelas estradas boiadeiras. Tardo tropel, de tardada, rangendo couros, os vaqueiros montando burros. *"... Daqui por aqui, passante de umas quinze léguas do ponto de invernada..."* Umas palavras intensas, diferentes, abrem de espaços a vastidão onde o real furta à fábula. Os rebanhos transitam, passam, infindáveis, por entre nossas duas sombras, de Mariano e minha, na parede — mudamente amigas, grandes — com a verdade intensa das coisas supostas, ao oco som da buzina e ao ressom de um abôio. *"... Boiada pesteou na Serra Negra..."* E houve longa parada, de trinta e dois dias. Logo que o gado pega a estrada, pesteia de aftosa, travando a marcha da comitiva. *"... Morreu um peão cozinheiro..."* E, no ponto de almoço chamado Xaíca, estão cercando uma aguada, para se fazer cobrança de água que boi bebe... Por um instante, Mariano se revém *"... É profissão, ser morador em beira de estrada de boiadeiro?!..."*

Mas, daí, ria depois, fazendo humor, ao mencionar os reprodutores velhos, castrados para evitar-se a consanguinidade, ou por terem tomado manias perigosas ou peso excessivo:

— O touruno guarda aquele *modão* de touro. O touruno é um touro que passou por desgosto muito grande... Por menos dessa falta-de-saúde é que

um, numa boiada, puxa desordem...

Tinha para crescer respeito, aquela lida jogada em sestro e avesso. Mas a paciência, que é do boi, é do vaqueiro. E Mariano reagia, ao meu pasmo por trabalho tanto, com a divisa otimista do Pantanal:

— Aqui, o gado é que cria a gente...

E aguardava perguntas, pronto a levar-me à garupa, por campo e curral. Em tempo nenhum se gabava, nem punha acento de engrandecer-se. Eu quis saber suas horas sofridas em afã maior, e ele foi narrando, compassado, umas sobressequentes histórias.

— Foi há uns três anos, na seca. No levantar o gado do curral, sobe um poeirão, e tapa tudo. O gado faz redemoinho. Eu vim abrir a porteira, e era só a barulheira deles, e aquela nuvem vermelha, de pó de terra. A gente apurado, até com receio, não se previne. Quando meio-enxerguei um vulto, ouvi o rosnado, em vez de empurrar p'ra diante a porteira segurei foi um touro enorme, que vinha saindo... Me abracei com ele, u'a mão no pescoço, a outra num chifre. Mesmo no esbarro, um arrompo duro, fiquei dependurado, agarrado em tudo. A mal eu engoli gosto de sangue... Aí, num modo que eu vi que *a morte às vezes tem é ódio da gente*... A força *daquilo*, relando o corpo de um, era coisa monstra demais — no peso, no ronco, na mexida, até no cheiro... Balançou comigo, e me tampou longe, uns dez metros, no meio do poeirão...

— ... nem fazer ideia. Conto, agora, mas no de leve, sem pôr sentido. Se for firmar o sério nisso, ringe aflição, coração embrulha...

Mariano sacode volumosamente a cabeça, enxotando mosquitos, que com tanto frio não existem. Rola os dentes, em didução, num pequeno vezo; grave, cogitando fundo, remastiga alguma lembrança do momento em que aquele touro foi seu inimigo. Talvez quisesse dar-me o de-fim de outras coisas, que sente e suspeita, sem saber; e ora se esforça. Sigo seu espírito: simples límpido sossôlto de bebedouro à sombra, mas que súbito se arrija, todo uma cicatriz. Tinha-o ante mim, sob vulto de requieto e quase clássico boieiro — *bukólos* ou *bubulcus* — o mais adulto e comandante dos pastores; porém, por vez, se individuou: trivial na destreza e no tino, convivente honesto com o perigo, homem entre o boi xucro e permanentes verdes: um "peão", o vaqueiro sem vara do Pantanal.

— Trás outra, foi no tempo da cheia, quando vim num cavalo em pelo, perseguindo dois bois e cinco vacas de uma boiada, que tinham escapado, no Rio Negro. Era um aguadão pior do que esse por onde o senhor veio, da

Manga ao Firme. Nós entramos numa *baía* larga, meu cavalo nadando atrás daquele gado que já tinha aceitado de virar de volta... De repente, eu reparei que o cavalo não estava mais aguentando. O cavalo é patife, logo afoga: aquilo, ele cede e some; bate com os cascos no fundo e torna a subir n'água, com as patas p'ra cima, dando coices, que até é perigoso p'r'o cavaleiro... Saí dele, ligeiro, e nadei minhas custas... Pois foi aí, num rasgado, que eu espiei um boi ficar louco, perto de mim, de jeito medonho. Piranha tinha dado nele!

— Medo? se tive. A gente tem dó do corpo. Dei ânsia por me levantar daquela traição d'água, morrendo p'ra me avoar, que como pássaro... Estragou p'ra mim, que fiquei esperando em todas minhas partes a dôr delas me comendo... O senhor já viu piranha? Não viu, no rio, onde escorre o sangue da canaleta do saladeiro? Ali, tem hora que elas *cozinham* na água subindo feito labaredas... É só largar um pedaço de fressura, rio-abaixo, que, quando as piranhas chegam, ele parece que vai p'ra o ar. De feio que as peixas ferram pulo, rebatendo a fressura p'ra cima, feito marrada. A gente chega a ver palmo do corpo delas... É dente pior que releixo de faca: piranha corta, tira uma tampinha...

— ... Não. O outro boi e as vacas, que iam nadando perto, não se importaram, navegando num sossego, sem notícia nenhuma do que estava doendo com o desgraçado. Decerto ele tinha algum lugarinho no corpo minando sangue, algum talho em cerca, no curral... Chamaram nele!... Estava enrolado de piranhas...

— ... Quand'isso, me esfriei de todo, e fiz contrição urgente, me resolvendo p'ra Deus: na frechada dôida que elas davam, vindo de todo lado p'ra dente no boi, as piranhas esbarravam em mim, sentavam soco em minha barriga, raspavam entre minhas pernas, nos meus sovacos. Tonteei n'água. Mas não podia apartar vista do triste do bicho. Era tanta quantidanha de piranha, que, no borbulho bravo, parecia u'a máquina grande, trabalhando, rodando... Elas comem por debaixo. O esqueleto foi p'ra o fundo...

— Eu? Então eu vi que o cavalo tinha escapado sem-vergonha. P'ra ele, arreconheceu só um susto, porque achou auxílio de se encostar num pé de pimenteira, e descansou o pescoço na forquilha da árvore. Não se via nem sinal mais de piranhas. O cavalo estava bonzinho. Fui *nadando* ele p'r'o raso...

Te aprendo ao fácil, Zé Mariano, maior vaqueiro, sob vez de contador. A verdadeira parte, por quanto tenhas, das tuas passagens, por nenhum modo poderás transmitir-me. O que a laranjeira não ensina ao limoeiro e que um boi não consegue dizer a outro boi. Ipso o que acende melhor teus olhos, que dá trunfo à tua voz e tento às tuas mãos. Também as estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir.

— Nós estávamos trazendo, por mês e tanto, uma boiada, no alto Pantanal. Tropa de trezentas rêses. Nenhum de nós não conhecia caminho por lá, só o "prático" que vinha conosco, um velho de Minas, alugado. O capim estava tão crescido, que batia no peito do meu cavalo. Com dias de marcha, a mão do cavalo vai pelando, pelando, até cortar: fica ferido. Um capim seco e macegoso, às vezes chegando por uns três metros...

— ... Eu era o mais primeiro da *esteira* do lado direito, perto dos *cabeceiras*. Foi por antes das duas horas, com um calor de falar dor-de-cabeça. A gente suava p'la língua, feito cachorro. Afora os bois, eu só via o céu, o sol e o capinzal. Era um dia tão forte, que a luz no ar parecia uma chuva fina, dançava assim como cristal e umas teias de aranha, ou uma fumacinha, que não era. Mas, de pancada, tudo parou: gritaram, adiante, e eu vi o fogaréu. Aí era fumaça, mesmo, e as lavaredas correndo, feio, em nossa frente, numa largura enorme, vindo p'ra cima de nós. Era uma queimada...

— ... Meu coração minguou, no pensar que acontecesse d'o gado estourar p'r'a minha banda, podendo até derrubar meu cavalo e matar nós dois. Feliz foi que o *guia*, mais o *prático* e os *cabeceiras*, acertaram em virar a boiada, p'ra o outro rumo, e mudar a marcha dela, com ligeireza, p'ra despontar o fogo. Corremos, corremos. Até os bois ajudavam, num modo de estarem entendendo. Agora o fogo estava p'r'o meu ombro. Nós íamos beiradeando aquele paredão desumano, vermelho e amarelo, e enfumaçado, que corria também, querendo vir mais do que a gente: como que nem com uma porção de pernas, esticando uma porção de braços. O bafejo do calor era tão danisco, que eu às vezes passava mão p'lo meu corpo, pensando que já estava também pegando fogo. Suor pingava de mim, feito gordura de churrasco. O capim, a macega velha, fica tão duro e rediço, que é um bambu fino, a gente se estorvando nele. E aquilo vinha que vinha, estraçalhando e estalando: *pé-pé-pé-pé-pé!...*

— ... Sem querer, me deu um nervoso, achei que o gado estava me empurrando de maldade, p'ra o fogo. Me veio a ideia: se eu caísse, se o

cavalo frouxasse... Larguei meu lugar e galopei p'ra junto com os *cabeceiras*, e lá eu fiquei desarrependido, porque vi outros, que deviam de estar por atrás de mim, e já tinham vindo antes cá p'r'a frente. Ninguém não tinha tempo de pensar em prêço nem condenar alguém. E, aí...

— ... Foi um choque de pôr juízo em dôido: a gente se fechou com outro fogo aflito, dobrado e emendado, cravando o caminho todo, sem perdoar nem um buraquinho *solito*, por onde se ir deixando boiada p'ra trás e fugir... Eu desacorçoei. Mas o *guia* gritou: "Agora é farofa ou fava. Vira, gente!" Os bois já estavam torcendo nos cascos, desenveredando por onde podiam. P'ra cada um se cuidar, todos tinham de andar juntos. A boiada deu um giro grande...

— ... E, ia esquecendo de contar, a nossa situação ainda era pior do que o senhor está pensando: da banda de baixo, do terceiro lado, também vinha outra queimada, mais devagar, mas já perto. Era porque o pessoal nosso que trotava na culatra, no começo da estória, tinham vindo prendendo fogo no capim, por descuido ou brincadeira de gente sem responsabilidade, e agora estava queimando tudo a rodo, fim-de-mundo... Só mesmo voltando de direto, e pedindo à Virgem o obséquio de um milagre...

— ... Tocamos, todos p'r'a dianteira. Um pássaro qualquer, voando sem regra, deu em mim e caiu, ranhando minha cara de tirar sangue. O ar estava cheio deles, transtornados. A cinza vinha nos olhos dos vaqueiros. A gente tinha de se tapar com o lenço e entortar p'ra o outro lado, se desviar do vento...

— ... Um estava no inferno, nas profundas, por relancear que se tinha de fazer outra vez a travessia daquela campina inteira, vendo o fogo pular corda. E nem *varador*, nem brecha... Mexi vergonha de querer fechar os ouvidos e os olhos, p'ra não receber aviso dos outros, de que não adiantava mais, que estava tudo cercado... O fogo balançava; ô fogo! Tinha trovão e relâmpago... O gado berrava desafinando, quase todos, o berro tinido de quando se fecha um rodeio. Era a viagem mais desatinada que eu já vi boiada dar. Enxerguei boi frouxar paleta, desmanchar o quarto dianteiro, o osso despregar da carcaça e subir levantando o couro, e o boi, em vez de parar e deitar, seguia correndo, gemendo, três trechos, em galope mancado, feito sombração...

— ... Nós íamos fugindo num corredor estreito... cada vez mais estrito... Nesse trastempo, a sorte paliou um pouco, e a gente se espraiou num adro com mais folga. Mas a queimada não tinha sopitado. Era só um prazo que

o demônio dava, p'ra se morrer mais demorado. Porque, mesmo mais longe, fogo zunia, fechando roda, e uma porção de bichos, porco-do-mato e todos, corriam para o meio daquele pração ainda *seco*, pedindo socorro à gente...

— ... Os bois bambearam um pouco, e nós aproveitamos p'ra ver se cada cabeça nossa tinha ficado em seu lugar. Se via só um lugarzinho, quero dizer, só dois só, por onde se podia ainda afinar um jeito de escape: um p'ra riba, o outro p'ra baixo, este de cá muito mais longe de nós. Era escolher um e avançar logo, enquanto se havia. O *guia* ia p'ra o de cima, mas o *prático* não deu tempo, foi rosetando o cavalo e dando ordem: "Atalhar por ali não serve. P'ra cá comigo, minha gente, que tem um corixo e uma *baía*, onde o vivo se esconder..." Hor'essa eu vi um boi se apartar dos outros, deitar no capim e se amoitar. Era um boi preto, coitado, que tinha perdido sua fiança no duro da precisão. Ficou. Nós fomos...

— ... Foi outra corrida *friçosa*, o caminho era um beco apertado, fogo de cá, fogo de lá. Um fogo onça, alto e barbado, que até se via o capim ainda são dobrar o corpo p'ra fugir dele... Senti o cheiro de carne queimada. Minha cara não aguentava mais aquele calor, que agravava. Fumaça entrando, a gente chorando. Não tinha mais cuspe no engolir, minha boca ascava virada do avesso. Voava pedaço de fogo, caindo em boi, e fazendo eles berrarem pior, sofrente. Voava cinza até levantada pelo pé do boi, mesmo. O trupo da boiada batia no meu ouvido: *tou morto, tou morto...* E o barulho bronco que o fogo fervia é que era o mais maligno, p'ra dar ideia dele, das pressas...

— ... Enfim, aí, Deus desceu do Céu e me sentou na sela: o fogo tinha dormido, p'ra trás, por causa de um bento chão de brejos, e entramos em outro largo sossegado, a queimada lavorando por longe. O ar choveu fresco. Tirei meu chapéu. Foi um descanso. Não, que nós, os bois todos até, a gente tinha nascido...

— ... O corixo era escasso, não dava nado: só molhava a cola da rês; mesmo assim, a boiada cismou de não varar aquele braço de água morta. Mas nós fomos derrubando todos, *a peito de cavalo...* Isso? Os cavalos metem o peito em anca de boi, e vão empurrando; de tão acunhados, espremidos, o gado não tem escolha de se virar, iam caindo, atravessando. Entraram na *baía*, e tomaram conta. Era quase que uma lama só, uma *baía* já secando...

— ... Eu tinha quebrado minhas forças. Me deu uma lazeira. Podia dormir ali, a cavalo. Podia desapear e deitar, no molhado. Mas, o pessoal, ajuntamos, e a gente olhou o perigo: o fogo vinha minando, ainda afastado, mas entreverado de toda banda, e era menos de uma meia hora, p'ra ele dar de chegar na beira da *baía*. Tinha um remédio, com muita urgência: ordem de acender um contrafogo...

— ... E ficamos esperando, ali com os bois, tudo irmãos. Eles davam pena, com o quebranto de judiados, encostados uns nos outros, fechando os olhos, guardando certeza em nós. Meu cavalo, que era brioso, não arriava as orêlhas, sem calma nenhuma. Eu também. Porque, aquele gado estouvado, na ânsia de andar torrando, podiam perder o tino e dançar dôido, ali no dentro, pisando todos. Gado só? O senhor acredite, lá na *baía* já tinham amanhecido outros bichos, de muitas qualidades, e estavam confiados com os bois. Anta até, eu acho. Me lembro de um veado galheiro, um cervo, que ficou o tempo todo no meio, passou o fogo ali junto...

— ... Foi o pior do pior, quando o fogo engoliu o fim do contrafogo. O vento atiçou mais, tudo ia se derreter como cera... O ar engrossou, num peso. Preteou noite, com a corrumaça de cinza e fumaça, tampando o mundo. A gente purgou mais pecados, eu tive uma febre. Vivemos dois dias naquele lugar, mas ninguém não perdeu a firmeza. Até os bois procederam certo...

— ... Mas uma coisa eu guardei, por última, porque a gente gosta. Se alembra do boi que eu disse, do boi preto, coitado, que deitou-na-cama no charravasco, sem querer vir, e nós largamos?

— ... Pois eu não tinha podido me esquecer, e estava pensando nele, quando chegamos no salvo. Se tivesse achado fé p'ra um arranco mais, estava vivo agora, escapava do fim pior que há, de fogo nos ossos. E, então, a gente estava acendendo o contrafogo em volta da *baía*, quando: que é que evém lá? Era ele, chê! Decerto, na horinha em que o fogo fomentou, fez ele pensar mais e se aprumar pulando, às carreiras, e veio na batida dos outros. Chegou num galopinho, trotando ligeiro, feito um cachorro. Mancava dum quarto de trás, e tinha sapecado o rabo. Por um pouquinho só, e ele não ganhava mais passagem. A gente deu viva! Chegou e se aninhou com os outros, na fome de bezerro que vem na teta...

O sono diminuía os olhos do meu amigo; era tarde, para quem precisava de levantar-se com trevas ainda na terra, com os chopins cantantes. Nos

despedimos. O céu estava extenso. Longe, os carandás eram blocos mais pretos, de um só contorno. As estrelas rodeavam: estrelas grandes, próximas, desengastadas. Um cavalo relinchou, rasgado à distância, repetindo. Os grilos, mil, mil, se telegrafavam: que o Pantanal não dorme, que o Pantanal é enorme, que as estrelas vão chover... José Mariano caminhava embora, no andar bamboleado, cabeça baixa, ruminando seu cansaço. Se abria e unia, com ele, — vaca negra — a noite, vaca.

II

"As vacas, vindo o dia, derramadas,
De mim desamparadas vêm bramando."

Camões

A noite, para lá da minha janela, tinha hasteado estrelas: papel e pano; mas, durante, esfolhando as horas dela, soprou todo o sueste, que arrasta *icebergs* de ar. Sofri-o de repente, quando me levantei, às quatro, para ver o Pantanal em madrugada e manhã.

Mal me guiei fora da casa, fazendo por deslindar-me de um confuso de pátios, muros, arbustos, montes de madeira, jardim e casinholos, tudo fechado. Estava escuro. O povo dormia ainda. E ventava sempre.

Com a lanterna-elétrica, eu derramava na grama um caminhozinho, precavendo-me da jararaca-do-rabo-branco, que aqui só tratam de boca-de-sapo. O frio fazia a gente dançar.

Então, chamou-me o curral, de onde falavam com fome os bezerros presos. Ficava distante da morada, à moda mato-grossense, e para lá tinha eu de transpor uma *baía*, por longa ponte baixa, feita de ripas de palmeira. Das membranas caídas, da noite, sem movimentos, se estirava uma água manchada, onde os carandás em preto se repetiam. A lua boiava oblíqua, nas grotas de entre nuvens. No trânsito de uma fantasmagoria de penitente, a ponte ia côncava, como um bico de babucha, ou convexa, qual dorso de foice, e não se acabava, que nem a escada matemática, horizontal, que sai de um mesmo lugar e a ele retorna, passando pelo infinito. E no infinito se acenderam, súbitos, uns pontos globosos, roxo-amarelos, furta-luz, fogo inchando do fundo, subindo bolhas soltas, espantosos. Parei, pensando na onça parda, no puma cor de veado, na suassurana concolor, que nunca mia. Mas os olhos de fósforo, dois a dois, cresciam em número. E distingui: os bezerros.

Eu tinha chegado até ao curralete coberto, onde os punham; agrupados, pelo frio e pelo susto, voltavam-se para mim, me espiavam. Ao foco da lanterna, no pouco lusco e muito fusco, a uma distância medida, suas

retinas alumiavam, como as dos gatos. Era lindo a constelação, de joias, amaranto e ardósia, incandescente.

Abriguei-me a um ângulo de cerca, e os bezerros estreitam seu clamor. São sons que abrangem tudo: ronflos, grunhos, arruos, balidos, gatimios, fungos de cuíca, semi-ornejos, uivos doentes, cavos soluços pneumáticos. Dói na gente o desamparo deles, meninos grandalhões, profissionalmente expulsos do leite e calor que lhes pertence. Suplicam ou insistem, exigem, dizem coisas. Uns despregam um muo tremido, berberram como cabras. Outros gaguejam agudo, outros mugemem. Bradam mais que as vacas. Essas estão bem longe, acolá dos grandes currais. Só a espaços respondem. Donde a onde, muge uma.

Afiou o vento; eu tiritava. Só tinha a ver nuvens na noite, levantadas, e a lua, sonhosa, ilusiva. Sob o telheiro, ao tepor deles, podia aquecer-me: escalei a cerca, e rodou adiante a bezerrada, fácil de se comprimir. Se espavoriam. Seu odor se produzia do chão, do ar, de milhões de bois: era como se fossem nascendo. Recuei e me arrimei, debruçado, num torpor de inverno; me gelava, pelos pés, e o ar entre minhas roupas era um líquido.

E então escuto um ruflo; cruza-se um vulto, pousa. Supus fosse o corujão, a grande coruja quadrada das fazendas velhas, ave muito perspicaz, de olhos fixantes. Não; era um urubu. Mudo, esdrúxulo, estatuado, não parecia esperar nem espreitar coisa nenhuma. Ficava. Ninguém sabe o governo de bichos desses. Transitando a desoras, talvez o sueste o apanhou de contravoo. Desceu do céu, e aqui está, no mourão, curvo, dentro dos ombros, sem ignorar que sou pessoa viva. Chega a roçar-me, inodoro, e sinto macio como o de um pombo o contacto de seu corpo penudo. Tampouco me movo, para não espantá-lo. E descubro: como estou a barlavento, tomou-me também por trincheira contra o frio. Mas, engaravitado, não podendo mais, me sacudi, e ele saiu aos pulos, seguindo a cerca, sobre, e se abriu no ar. Foi, foi, foi, o corvabutre.

Clareou um pouco, os meus olhos melhoravam para o escuro: dois terços do céu era cinzento, cor de pedra e água, cor de mar fino. Vinha a anteaurora. Com assim, durava o tempo cru, dobrado o vento. Os bezerros, porém, berravam adiante, um por um ou muitos juntos, em coro e choro, incessantes.

Agora as vacas tornam de lá, alternas.

Estão despertando.

Será inda cedo, por toda a parte o gado dorme, montoado em suas malhadas, fechadas contra o sul. Mas, nelas, o sofrer de mães lhes rouba o sono, transgridem o estricto horário bovino. É crença que pernoitem sempre recostadas da mesma banda. Rês mais gorda, um tanto, de um flanco, os homens dizem:

— *Desse lado é que ela deita...*

Os bezerros pausam, e o grande mugir de uma vaca treme-os todos. Os apelos consoam. Meu companheiro Mariano sabe reconhecê-los, cada mungo de mãe, cada fonfo de filho:

— É a *Sempreviva* zangada, mais a *Varredeira* branca, consolando a bezerrinha...

Mariano entra num gado, escolhe, aparta. Num rebanho estranho, nem sei que olhos o ajudam, com isso sempre custoso, e mais para as crias zebus, tão parecidas.

Beira cerca, mão ante mão, segui o caminho sonoro, até ao termo do último curral, onde o pasto do gado-da-porta se acaba num beco. Lá estavam as vacas, entrevia suas silhuetas, e um rumor de roer, um ratisgo. Quando a preta rumina, adeja na treva a boca branca — *rêc, renc...* — persistente. A casa de Mariano fica ali perto; pouco a pouco, a vejo mais, tirando para suas paredes o material noturno. Porque a noite se esvai, por escoo.

Obluz.

Quase todo o céu passou a esverdeado, e sobe. Depois de um arco de nuvens, no fim do oriente, um pouco de azul pegava pele. Naquelas nuvens, começava o rosa. E dourava-se o azul. Sobre ninho de cores, Vésper era a D'alva.

Aqui, o chamado dos bezerros chega e fere.

Badalava.

De vez, desciam de grau, num mugitar confuso; pronto, porém, frecham de lá os fanhosos sobressons, o berberro caprino. Então, há vacas mais ansiosas. Com pouco, crescerão a rebelar-se, rompendo cercas, espedaçando caminho. Contornam-se, ilham-se, seus corpos, na claridade que pulsa. Da que alonga o pescoço e arranca de si um clangor teúdo; da que abaixa e eleva o tom, num ritmo soluçado; da que tomba a cabeça, atenta à resposta, após seu berro; que a que moa, a que mua. E, oco, rouco, ameaçador, o arroto das zebus. Todas. Enerva, o bradar delas, se exaspera. Com seu leite, outra coisa se acumula, fluida, expansiva, como o corpo de

uma água pesando enorme na represa. O tormento da separação trabalha-lhes um querer quase sabido: algo que, da terra à alma, precisa do caminho da carne.

— *“Quero casar, p’lo Natal...!”* — cantam as aranquãs.

Apontou uma luz, na casinha de Mariano. Tresnoitado do serão da véspera, ele se atrasou no despertar, só acordou com os mugidos. Assim a instante está a meu lado, se desculpa. Olha o oriente, onde há fogo e ouro, e um lago cor-de-rosa, em boa parte do céu beira-terra, para sueste. Pergunto. Certo o Pantanal todo lhe vem à mente, e os rebanhos soltos, também a ele confiados: o gado agora a levantar-se, lá onde.

— ... Devem de estar saindo das malhadas... Esses começam a pastar quando o dia clareia...

Mas, no crespúsculo da manhã, os mugidos vão pungentes; tremulam. O que é sopro e músculos, e golpe no ar, se hospeda música nos ouvidos.

— É essa aflição sangrada... Todo dia elas fazem reclamação... Ser mãe é negócio duro...

As vacas mugem. Vibra no espaço, tonto, terno, quase humano, o sentimento dos brutos. Libera-se, doendo, o antigo amor, plantado na matéria.

. . .

Segui Mariano, que ia tocá-las, e elas sabiam, se movendo, que íamos abrir a porteira. Eram muitas, silenciosas; com a presença do vaqueiro, cessava, sem espera, a grande angústia mugibunda. A paz volvia a elas, como uma inércia doce. Vinham vindo, pisando sombras. Meu amigo falava os nomes: *Piôrra*, *Abelha*, *Chumbada*, *Ciranda*, *Silina*, *De-Casa*, *Cebola*, cor de raposa. — Passa, *Pombinha! Garrucha... Me-Ama*, *Biela*, *Já-foi-minha... Paraguanha*, *Bem-feitinha... Saudade*, *Estrela*, *Moderna*. De chifres de torquês, *Capivara...* — *Careta*, frouxa! *Lorota*. *Rabeca*, *Sota*, *Sarada... Rapadura* se antepassa. *Dá-duas*, *Côca*, *Senhora*, *Cantiga*, *Europa*, *Jeitosa*, *Cozinheira... Catarina...*

De impronto aglomeradas no passo da porta, pasmavam. — Ei, vacas! — e então se espancaram, em repentina rodada, num tôo-bôo de assustar.

— É tudo mansas, gado muito costeado... — assegura Mariano. — Espalhafo bobo... Está vendo?

Nem posso. Mal se aquietam as vacas amotinadas — e a preta de chifres brancos, que chegava com as derradeiras, parou, estacionada, a metros de mim. Olhou. Qualquer coisa tremeu nela, houve um bufo, um rasga-rasga, e recuei querendo fugir.

Foi sem antemão. Mas já Mariano pulara à minha frente, socorrendo-me. Gritou, e fez que apanhava um calhau do chão, sem deixar de a encarar. Via-a ver.

— *Estrangeira!*

Não respirei — e a vaca estava suspensa no ar.

— *Estrangeira*, meu bem?! Teu bezerrinho ’tá te chamando...

Estrangeira guardou os olhos, e desviou a cabeça, de biface. Se assoava. Mariano sacudiu o chapéu e disse uma ordem.

— Nem sei qu’isso... Eh, é mansinha, vaquinha tambeira, muito puxada... Até tive medo d’ela ter a peste-da-raiva... Gado manso, quando dá p’ra bravo, é pior que o bravo, porque conhece todo o movimento. Seô! Mas, logo essa, vaca pajeada, costumada desde pequena na corda...

Real aí o embaraço, Mariano explicava:

— E vinha em nós... O senhor viu como ela queria se partir em pedaços no chão, estava toda mole, mole? Vaca que avança, parece que tem até bigode... Pois, quando estão mesmo nessa flagrância,[42] não atendem nada. Ela, porque me conheceu... Cumpre comigo. Só vaca judiada é que não amansa...

... *Cabrita*, *Olho-Preto*, *Madrasta*, *Moeda*, *Primavera*, *Geada*, *Curicaca*, *Saracura*... E, atrás do lote das últimas, caminhamos para o curral. Ali as encerramos todas, no lanço grande de leitear. Já estão lá outros braços de ordenha, se apresta o vasilhame; aparecem, com suas latas, mulheres de vaqueiros e as crianças. E surge, à beira da cerca, um velho matinal, com saco e bordão, que deve de andar de viagem, e se posta, tranquilo, para ganhar um copo de leite e ser espectador. Até agora, quase dia claro, a lua está no céu, e porém sem brilho, e hóstia, sempre alta. Mais manhã e se irá o frio. Com outro, ajudante, vem o segundo vaqueiro, que, se bem seja homem de ombros, Mariano só trata por “o Menino”.

— Trabalho duro, todo na peia...

Zaranzam os bezerros em seu cercado, em alvoroço. Quando o berrear amaina, se escutam os passarinhos. Uma bezerrinha baia transclinou a cabeça entre os tabuões, querendo a teta materna, e parou enganchada; têm

de desprendê-la. Algumas vacas vêm e vêm, porfiantes, outras quedam afastadas, num ar de espessa idealidade, como certas do que se vai passar.

— O senhor não acredita: como é que tem umas que sabem mais...

A bezerrinha baia, agora cautelosa, dialoga com a mãe.

É tudo *Rabeca*... Só as vacas é que têm nome. Os bezerros, não...

E Mariano se move por tudo, alto e comprido, na estreita roupa escura, quebrando linhas nas pernas e braços, com rápido passo largo, seus pés descalços, a cada toque, tomando toda conta do chão. Vê — vigia coisas. Vão começar pela *Pombinha* e pela *Biela*, porque o bezerro de uma está entanguido de frio, encarangado, e o da outra parece o mais emagrecido.

— Com este tempo, o pelo deles fica arrepiadinho, coitados... No calor, eles são mais bonitos: o gado está de pelinho assentado...

Se abre, céu de assalto, uma gritaria, e cortam, céleres, cinco, as araras azúis. E logo vem outra vociferação: na tarumã seca, que há pegada ao curral, se assentam dois papagaios, tão verdes quanto só eles, e falam e falam, ajeitando posição.

— Esses estão aí, começando cada santo dia. Eles vêm de fora, são bravos... Acho que carecem de ver se lidar com as vacas...

Trazem *Pombinha* e *Biela* para perto da cerca, e peiam-nas pelas patas de trás. Lá chegam aos pulos suas crias. Atam-nas. O leiteador põe-se de cócoras. O bezerrinho preso para atravessado, sob o pescoço da mãe, e, faminto, lambe-lhe a boca. O homem colhe o peito da vaca; manipula, dedos hábeis. Freme um fio branco, batendo o balde, com escorrijo. Abre-se o cheiro de leite, como um enjoo. O bezerro se debate, embarafusta a cabeça, procurando. E a vaca, merencória, volta-se só um pouco e se estabelece, ruminando enquanto mungida, crendo tudo por normal.

Da grande árvore, os papagaios rolam língua, como se fossem louros mansos, só que mais sonoros, melodiosos quase. Cá fora do curral, se acerca uma bezerrinha, tristinha, magra, suja de placas de eczema. Vem do capim solto, não a prenderam com os outros, se bem seja como eles muito infantil. Chega-se às mulheres; tem um modo caseiro, de menino pobre, de cachorrinho batido; não berra, não chama; seu jeito de esperar é de outros baixos olhos, diferente. Dão-lhe leite, numa bacia.

— Coitada, tão *movidinha*...

— É uma guaxa, sem mãe. A vaca morreu, ou enjeitou esta... Sei nem como caracará não comeu, no campo...

— Criada na mamadeira... — relembra Mariano.

Daí entra a dizer das vacas fazendeiras, os modos, sestros. De *Curicaca*, que é a preguiçosa, sempre se atrasando. De *Pombinha*, que finge de brava. De *Boliviana*, que escouceia ao ser peada. De *Moeda*, que tem um berrinho baixo. De *Careta*, que é chifradeira. De *Paraguanha* e *Piôrra*, que aprenderam a abrir cancelas. Aponta para a *De-Casa*, com carinho, e conta: quando novilha de sobreano, fora cedida a outro fazendeiro, e para longe levada. Tempo depois, escapuliu, entanto, e voltou, transtrilhando o Pantanal numa linha certeira, em dias de caminhada, para retornar. Atravessando fazendas, varando cercas: — Levou p'ra mais de uns dez *arames*...

Rompe uma renha: a *Olho-Preto* se enfureceu, têm de enxotá-la. Laçam o bezerro; deitou-se. "O Menino" bate-lhe palmada, e ele se levanta, com um grunhido. *Olho-Preto* acode ainda, esgazeada, mas repelida retrocede, ao jeito seu, opondo sempre a testa, fungando.

— Essa é danada p'ra gostar dos filhos. O senhor vê: ela dá de cada vez uns cinco, seis berros. Outras seguram mais, dão um berro só... E olha que o bezerro dela já está grandão, taludo, não tem tanta precisão de amor...

Me espanto; escuto: são os papagaios, quem está repondendo. O casal vige na árvore, verdejando-a, e gritam vozes de bois e de gente. Sabem já repetir tudo dos bichos agrestes e aves, e agora vêm ouvir mais, no seu posto, que domina os currais.

— Estão espiritados...

E espiritadas conhecem-se também as vacas diuturnas, que fazem a tranquilidade, que existem cerradamente. *Já-foi-minha*, pequenina; *Dois-Bicos*, com duas tetas só, no úbere; *Saudade*, em mancha, cor de fígado; *Silina* esguia; *Biela*, a branca; *Côca*, a zebu fumacenta. E mais todas, individuadas, meio perdido o instinto grande de rebanho. Para Mariano, entendo, elas são outras que o gado da "solta", são quase pessoas, meio criaturas, meio-cientes. Só elas têm nomes e recebem regras. Só elas, como os velhos bois-de-carro, costumam parar nos sítios de morte, para dar o urro que lúgubre difere: o *berro do sangue*, repetido, curto, aturdido, ansiante.

— Só essas é que pegam dessas manias...

Bem por bem, com os homens se permeiam. Marcaram-nas a ferro, tatuam-lhes[43] as bochechas, talharam-lhes na orêlha um sinal. Mas seus olhos, de tempo facto e invário, refletem, sem recusa, imensos esboços,

movimentos. Dádiva e dependência. E as grandes vacas opacas respiram, confiadas, dentro da febril humanosfera, onde subjugaram-nas a viver.

. . .

Se o guiné-do-brejo pastado dá gosto ruim ao leite e à carne, a polpa do uacuri rende a ambos o bom perfume e sabor. Se de *Catarina* transborda um suco espesso de amêndoas, *Moeda* jorra e goteja gorda neve e espumada. Se *Jeitosa* é moça e fresca, seu bocejo fragra a feno, *Cantiga* é leve serena, de leite cuspe e creme de luar. Se bem as mamas de *Sota* serão os dedos da aurora, as de *Sarada* granulam que nem amoras de-vez. Então Mariano diz que eu beba de *Europa* — preta de testa branca e barbela — mestiçada de revez. Mas, não, prefiro *Me-Ama*, e escolho-a *Só-sozinha*, dom de alvuras, diferentes, e a quem vai o meu amor.

Nenhuma se lhe assemelha.

Ordenho suas tetas pomosas, entre meus dedos uvas longas. No ar frio, manhanil, ela cheira forte, a fêmea sadia, a aconchêgo. Volve-se, e pequenos sons lhe estalam do focinho, úmido, puro, de limpeza animal. Baba largo. As pálpebras pestanudas concluem-se, cobrindo espelhos escuros. Mas seu absorto ser devassa-me; sua presença pousa. E, sob o voo inerte das orêlhas, a cabeça dá ar de um subido coração.

Solto, o bezerrinho se estira e suga sôfrego; por vez, afia língua, afaga; e mais se reprende ao seio, com ricto risonho, continuando com rumor. A vaca se confaz. Também o babuja, relambe-o; exata reminiscente ao léu de pastagens, envolta em espaços, leva-o por eles. É toda maternal, macia, coelhuda, aquecida. Mesmo no crôo da testa, e na barriga de rede extensa, de odre cheio, amealhador. Pelas linhas de seu corpo regem-se as curvas do bezerro, nhenho, elástico; e tudo se estiliza, dormido e fixo em alegria.

— Uns cinco litros... Deu pouco...

Raia o dia em toda a luz, gastou-se a delgada lua. Os papagaios partiram em paz, deixando na árvore um silêncio ainda quente. Tão tanto as mulheres, com as latas, se dispersaram. A bezerrinha órfã brinca por ali, entre os cabritos. E longe andará, obedecendo viagem, o velho do bordão.

Também às outras, já tiradas, reemprestaram seus filhos.

— ‘Tão prontas, ‘tão bentas... — ri Mariano.

Aquelas se inteiram, deixam-se, e demoram no mundo. O quê de humano e bruto se ausenta delas, capazes do Éden, que talvez ainda o

estejam a esperar. Seus olhos não apreendem o significado das nuvens; neles se retrai obscuro o poder de eternidade.

III

"Desapeio, rezo o terço,
Almoço, tomo café.
O meu boi dança comigo,
Meu cavalo dorme em pé."

(Das *Cantigas de Serão*
de João Barandão)

Só às nove da manhã pudemos sair para o campo, onde Mariano ia mostrar-me, de verdade, como é que se tratam, sob o céu, bois e vaqueiros. Para nós servia qualquer direção, porque o Pantanal é um mundo e cada fazenda um centro. Tudo era a terra sem altos, dada às cheias, e o redondo do capinzal, que os rebanhos povoam. Mugiam à nossa porta, ladeavam nosso caminho, pintavam o nosso horizonte. Cavalgávamos para dentro do País do Boi.

Nosso *Rapirrã* e *Bariguí*, cavalos para vaquejadas, tinham mais de sabedoria que de conforto; experimentei cada um e me decidi pelo segundo, mais meu amigo, apesar de sua teimosia em sacudir muito o trote, em não tolerar paradas a esmo, e em querer tomar sempre a dianteira. Montando *Rapirrã*, Mariano ia-me guiando. De roupa preta, muito apertada, pernas longas, descalço, com um chapéu de pano preto, de sobarba, com os "bolivianos" pretos por tapa-orêlhas, ele era um tantinho para a gente se rir, vendo-o de costas, e um pouco sério demais, visto de frente. Também não faltavam elegância e arte rústica, na sua equitação: tinha assento e equilíbrio fácil, sem jogar mas meneado, e "entrava" no movimento do cavalo. Atado atrás, o laço — trinta metros de couro crú, trançado de quatro tentos — dobrado em grandes círculos, pendentes.

Fomos por este, norte e este, no meio do verde. O céu caía de cor, e fugiam as nuvens, com o vento frio. Voavam também, ou pousavam, que aqui e lá e ali, multidões de aves — sós, em bando, aos pares — tantas e todas: mais floria, movente, o puro algodão das garças; anhumas abriam-se no ar, como perús pomposos; quero-queros gritavam, rasantes, ou se elevavam parabólicos, as manchas das asas lembrando o gobelim das

falenas. O gado, aos grupos, parava de pastar, à nossa passagem, e ficava-nos observando; às vezes, a bezerrada tropeava um giro, vindo para perto de nós, cabeças alteadas, estúpidos. Contornamos um carandazal e uma *cordilheira* de cambarás e piúvas, depois uma *baiazinha* azul de tinta, à esquerda. Para trás, não se avistava mais a casa do Firme. Desisti de saber de rumo ou orientação. Cheirava a goma, a cal, a uma melissa vaga. Os animais pisavam fofo, no capim tio-pedro.

Daí, *Bariguí* dera para pancar de testa, de nuca tesa; eu quis nele agir,[44] com mão e espora; mas Mariano, voltando-se, recomendou:

— Melhor o senhor não arrastar a rédea, por caso nenhum, que ele pode entender coisa que o senhor não está dizendo...

Deixando Rapirrã ir a passo, ele ficara sempre meio voltado, a mão direita na cintura, e vigiava meu jeito de melhorar com a montada. Por fim, concertou o corpo e acelerou o andar, depois de bulir na sela e guardar coisa na baldrana.

Entramos através de terreno mais subido — um campo de cria — fora do primeiro alcance das enchentes. Ali, onde os bezerrinhos iriam ter melhor proteção, era o lugar dos touros e das vacas, que nessa época do ano, entanto, se separavam: entre maio e setembro, os reprodutores evitavam a companhia das fêmeas, procurando, reunidos em estranhos magotes, os pontos extremos do pasto.

Mariano dirigiu Rapirrã para um lote daqueles. Davam por duas dezenas, e, deixando de pastar, se fecharam mais, com pesados movimentos. Já nos aproximáramos tanto, que uma catástrofe parecia inevitável. Aprumavam-se amplos, lustrosos, luminosos quase, mas tudo neles era desmedida anatomia e aparêlho de brutalidade, sugeriam avalanches, colisões e desmoronamentos; estavam confusamente ajuntados, do modo em que quem vê caras não vê corações.

— Aquele lá é o chefe, o baio maior, testa de morro... Vou encostar mão na sombra da orêlha dele...

A sombra da orêlha dava na própria espádua do touro. Os outros eram tão enormes. Mariano tocou a passo, descreveu uma roda vagarosa, envolvendo-os. Aboiava em surdina. Ia-se mais e mais encostando; tirou nova volta. E, renteando, levou o braço e brincou no corpo do zebu cor de manteiga. O bruto posara imóvel, mas outros se agitaram, e o grupo se deslocou, estouvados, a empurros, fugindo em fila mais adiante. Mesmo

Rapirrã tinha navegado sem sustos, e, num deboche, sua grande boca mole armava ainda os beiços.

— Não convém facilitar, por pouca conta. Faço só por eles tomarem costume... Mas tinha um no meio, com olho estragado. Na vez dessa, quase não se tem nenhuma valença: qualquer um, descombinado, vem no cavalo e esfaqueia...

Prosseguimos. Limitado, além e além, por um palmar de carandás ou por um *monchão* de escuras árvores, o campo curvo se ia, deslavado, ou recortando alfaces, pupilando revêrdes. Adejavam sempre uns grandes lírios: jamais trivial, o nevar das garças, descainte. Um bando de emas guardou-se entre os tufos do carona. O vento lambia o capim, como se alisa um gato. Às vezes tumbava o berro de uma vaca, chamando bezerro extraviado. E por nós passou, às tontas, uma novilha erada, uma vacariga branca, espinoteada, despedindo os quartos, os úberes róseos pulando-lhe entre as coxas, como uma enorme flor.

— Boi sente outro correr, longe, e corre também, de besteira...

E, porém, brusca, quase dando em nós, revoluteou a rainha do Pantanal — uma anhuma. Outra voou grande, rêmiges abertos, como dedos; para pousar, as patas se desdobravam, desciam prévias — mecânicas, paralelas; e seu grito de alarma pareceu-me: *Vai com isso! vai com isso!*

— Danisca! Sabem da gente, de uma distância, e dão esse grito: *Evém aí! evém aí!* Os bichos todos aprendem, e fogem logo, por compreender. Boi manheiro, já fica esperando aviso. É praga p'ra gente vaqueiro... (Meio ocultas no subarbusto, as anhumas já usavam canto de paz: *Prraa-áu! prraa-áu!*) Vendo só? Agora que a vacada virou, elas voltam p'r'a festa delas, com esse *nhâun, nhâun*... Tem vez, em campo sujo, que essas estragam um dia da gente, quando é com gado arisco, que espirra só no ouvir conversa... Eia, chê!

Travessando, tocaram-se muitas rêses, balançadas, de carreira. A boa distância, se detiveram, porém, no estreito amontoamento bovino, espera de susto e prontidão para desabalar. Mariano volveu mão à garupa, apalpou o laço.

— Tem um que está sem o "sinal". Vou ver se apronto...

Pensei impossível, para olhar humano, ter reparado qualquer coisa, mesmo o número de cabeças, na corrida e confusão. Mas Mariano lera os *sinais* — os sutis entalhes a faca, diferentes, conjugados, nas orêlhas murchas, direita com esquerda: *coice-de-porta* e *aparado*, *forquilha*,

figueira, *bico de candeeiro*, *bico de pato* e *bodoque*, *serrote*, *pique* e *flor*... E afirmou:

— Todos são daqui, só dois do Paraíso, e um da Alegria... Afora o garrote malhado, que não está *divisado* de ninguém...

Apeamos, e Mariano apertou as cinchas dos arreios. Passaram uns baguaris, baixos, piando tristezas; passaram jaburus paposos, em jeitosa formatura, perfulgentes de fuselagem; passou a grande gaivota, enseando cinco curvaturas, ponta de asa a ponta de asa; passaram tritiricando, as catorras, periquitos pantaneiros; passou um gavião-perdiz, em caçada; passou, velejante, um fruxu. Tornamos a montar.

— O senhor pode avançar comigo junto, que é melhor. Esse cavalo seu é bom, só que é nervoso: vê o boi correr, coração dele fica batendo...

Mariano desenrodilhou o laço e rasgou a armada, travando três roletas, para o arremesso longo. Rapirrã cabeceou, excitado, as argolinhas tinindo no espêlho do freio. Bariguí, na aparência, guardava ainda ânimo frio. Sem querer, eu apertei os joelhos no cabeçote do arreio.

— Podemos?

— Vamos.

De arranco, estalamos na galopada, com um sacudir de coisas e entranhas, no romper de ar vivo. Era um tropel geral ou um rumor de água quebrada, meu cavalo por se descolar de mim, se escoando, escabelado, e o latejo do vento nos meus ouvidos. Gado girava, jogados aos punhados. Mariano e Rapirrã avultavam, relampejantes, sempre à minha frente. Bariguí ia dôido, por si, sem eu saber aonde. — *Boi êê, d'lá, dià...* — ouvi Mariano. (*"Cavalo pisa um furo de tatú, um pau, roda e caiu morto... Às vez', o vaqueiro morre também..."* — lembrei-me de uma conversa sua.) Foi sob duro torto esforço que Bariguí estacou. A terra esteve deitada no céu, o capim oscilando, concêntrico, em círculos enormes. Mas, deslizando no verniz do verde, as garças eram mais brancas, e riscavam tudo horizontal. Eu sentia o coração de Bariguí bater violento, debaixo da minha perna.

Mariano tinha frechado firme no garrote, sem perder seu encalço, e se despejava pelo campo, em reto e redondo. Foi e vinha, e eu o via, vez e vez, distendido, levitado, estreito na perseguição. As rêses do rebanho refluíam, arredadas, embora o tourilhão forcejasse por se juntar com os outros. Tentava volver, mas Mariano contrava-o, compassando Rapirrã com ele e tangendo-o para outra banda. Acabou de o isolar, com um golpe

de galope. E, por um momento, ele estacionou, feroz, entre um raso aguavêrde e um bamburro de anil-do-campo.

Foi o final. Mariano rompeu para ele, obrigando-o ao largo. O garrote olhou em volta, e veio, buscando o resto da manada, rabo levantado, numa pressa de desespero. Mariano esguiou a corrida, agora pronto de si, suxo na sela.

Ergueu braço e baraço; abanou sobre sua cabeça o brinquedo brutal aberto da laçada; girou, fez um galeio. O garrote virou a cara. E assoviou um siflo: a corda foi no ar e cingiu o alvo: o tourete sentou, se debatia. Já Mariano regalopava, rodeando-o e redando o laço, para prendê-lo mais. Três voltas. O boieco caíra, *enleado*, paralisou-se. E Rapirrã tomava modo de aguentar, como bom cavalo virtuoso, mestre no vaquejo. Quando me cheguei, Mariano já desmontara, e apalpava o prisioneiro.

— Se o senhor quiser ajudar a apertar o moço no chão, eu corto o "sinal"... Sai sangue, ele berra, mas fica por isso... Curar? A gente trata com remédio nenhum... Este hoje já confirmou o que comeu, já bebeu água... Agora, p'ra soltar, eu vou botar a *ligeira*... O senhor monta e fica mais longe. Toda rês, no sair do laço, dá p'ra brava...

Mariano montou também; o garrote, como morto, ficava; a mais de cinquenta metros, eu pensava ter posto entre nós dois uma distância.

— Ei, vai! — e colheu a *ligeira*.

O touro pulou, patas quatro. De guampa aberta, catou o cavalo. E viu-se um passe presto: Rapirrã se empinava e volvia nas pernas de trás, acompanhando a testada, saindo sem raspão. Mas o garrote pisou de minha banda.

— Grita com ele! — comandou Mariano.

Gritei e agitei mão, fiante no recurso. A fera passou, para re-longe.

Lá vinha Mariano — galope, trote, passo. Sob suas escusas, adivinhei uma humana vontade de rir. Mas, de tudo, o que ele rememorava[45] era o momento de laçar: orgulho de ter acertado sem tentativa falha e da firmeza em sopear, no pulso, o arranco do boi.

— Que garrote sentador! — falou. — Quando uma vaca é sentadeira, 'tá com bezerro macho na barriga...

E fomos. Abriu-se um "largo", um baixadão alagável, com o capim mimoso, raso, e gado à gandaia. Só bois castrados, postos na engorda, espacejados como acampamentos de barracas, como roupa na corda a

quarar. Às vezes, uma mancha ilhã de capim-vermelho — mais alto, por pouco comido — tremulante. E o tio-pedro, todo pintura:

— É a nossa riqueza nossa do Firme... No tempo da chuvarada, ele dói na vista da gente. É só pôr boiada por cima, na quantia que se quer...

Sempre, enfeitando céu e várzea, o belo excesso de aves, como em nenhuma outra parte: se alinhavam as garças, em alvura consistindo; quero-queros subiam e desciam doce rampa curva; das moitas, socós levantavam as cabeças; anhumas avoavam, enfunadas, despetaladas; hieráticos tuiuiús pousavam sobre as pernas pretas; cruzavam-se anhingas, colheireiros, galinholas, biguás e baguaris, garças-morenas; e passavam casais da arara azul — quase encostadas, cracassando — ou da arara-brava, verde, de voo muito dobrado. Mas Mariano preferia olhar os trechos mais fundos da invernada, falando de cenas da derradeira inundação:

— Por aqui, alastra um aguão *dismenso*. A gente vê boi pastando só com a cabeça de fora... Já andei a cavalo, por aí tudo, o tempo todo eu espiando em espelho... Está vendo a porção de ossada, na beira do corixo? Ali, o gado triste, pesteado, se ajuntou p'ra morrer, na minguante de janeiro...

(Um bicho estranho surgiu acolá, dando ar de doméstico.) — Eh, olha o cachorro preto do Marinho Carreteiro... Ele deve de andar por aí...

Sofreamos, perto de um carandá posteado n'água, com reflexo fundo. Carandás outros se degolavam, na distância, perdiam-se como balões verdes, se alargando no céu. Uma garça próxima, de asas abertas, semelhava um anjo de pintura. Piava, com intermitência, o passarinho pioró.

E um cavaleiro, longe, vadeava a lhana vazante. Vinha vagarosíssimo. As patas do seu cavalo moviam uma massa de prata. Depois, lá iam a campina, por onde.

Toramos para cá, atalhamos por lá, e passamos outra vazantinha; se espantaram biguás e curicacas, mas ficaram, barulhando e se amando, coloridos, os lindos pássaros “cafezinhos”. Na lama, havia o rastro trilobado de uma anta, e buracos onde tinha atolado para se refrescar. As divisões de pastagens, mais altas ou mais chãs, se alternavam: um campo-de-cria, uma invernada, outra invernada, outro campo-de-cria. Por muitas partes, aguavam lagôas: umas, polidas, muito azúis — as *baías*, — outras, as *salinas*, crespas, esverdeadas ou cinzentas. Por um momento, paramos diante de uma *salina* mais vasta, de um bizarro verde garapento, orlada de praia regular e batida de ondas, com grande espuma branca nas bordas.

— Isto é água purgativa, salobra... O senhor imagina, na seca elas viram uma cancha de areião, empedrada. Vira um beijuzinho de cheiro forte, de enxofre... Boi lambe. É uma fartura...

Soltos, uns cavalos relinchavam. O céu no oriente foi ficando chovedor. Quis agredir-nos um boi vermelho, da boca preta. Costeamos outros dos poços verdes, onde os bois salgam sua salada. Aves de perna-de-pau fugiam correndo. Trotamos, longo tempo, sobre a superfície de uma esponja. Vogava um cheiro de água velha. O homem de puitã caminhava pelo capinzal: vestia uma dalmática, ou era um coágulo de fogo. De barriga igual vermelha, tiniu o passarinho currupira. Levantou-se, de onde lá, uma ponta grande de novilhos, que avançaram para nós, "p'ra reconhecer". Acompanharam-nos, por um trecho, e daí se desviaram, processionais, e obliquaram bandada, por mais longe, como crianças, sempre correndo. Seguimos um caminho arenoso, através do charravasco; depois, havia um monchão, e, ao pé, um corixo; e, tirando longo arco, surgiu outro bando de bezerros, vindiço: — "Não, estes são aqueles mesmos. Deram essa volta toda, p'ra tornar a espiar a gente..."

Furamos uma "cordilheira" escura, beira de brejo, com pimenteiras e acuris, de cachos de cocos encostados no chão. Tucanos corrocavam nas grimpas, e no subosque estalaram fugas miúdas.

— É capaz d'a gente topar alguma onça. Tem muita soroca delas, por aqui...

Mas, ao desembarcarmos de em meio às árvores, Mariano conteve Rapirrã, e olhou, por um instante, o extenso campo estepário, alisado diante de nós; seus olhos iam longíssimo, corriam tudo:

— Lá, naquela beirada de mato, tem assuntos...

Tomamos um galope e, chegando lá, assustamos os urubus, que se puseram nas árvores próximas; dois caracarás figuravam com eles, frequentantes sócios. Ali, para onde convergiam todos os trilheiros, era uma malhada — dormitório bovino — lugar pelado, perdendo o capim, semeado de estrumes e rastros. Debruçado, jazia um bezerro morto. Ainda estava composto, mas não tinha mais olhos: só, negros, os dois buracos. Mal haviam começado a bicá-lo, pelas bocas do corpo.

— Coitado, morreu de frio. Neste tempo, eles encostam no mato, do lado de onde vem o vento; mas a noite é muito comprida... De manhã, esses mais magrinhos não guentam aluir do lugar. É um desamparo...

Mariano examinou o defunto, tacteando-o; procurava vestígio de doenças perigosas para os rebanhos. Depois retombou-o, mudando-lhe a posição.

— Assim dá mais azo p'ra o côrvo comer. É sustento deles...

Nem bem tínhamos montado, e já pungavam para o chão, com grandes asas, os vulturos capadócios. Mariano mirou ainda.

— Quem sabe, um dia vão fazer isso até comigo...

Deixando a bovilga, acompanhamos a beira do mato, ouvindo o constante corrouco dos tucanos e o jão-pinto a afinar: *"João Pinto, aqui! João Pinto, aqui!..."* Mariano acendera seu cigaro, e pitava, sacudindo o queixo para cima, a cada vez de soltar fumaça. Parelhei meu cavalo com o dele, Bariguí vindo mais ajeitado, tranquilo. E indaguei por que a vaca distante acabava de repetir o berro do medo, feio, na garganta.

— Qualquer coisa que está assombrando. Tudo que parece com onça põe a rês dôida. Ou um tamanduá que abriu os braços. Tamanduá eles pensam que é onça... Têm de guardar respeito. Catinga de onça... À vez, também, uma novilha ficou perdida da companheira, sai desesperada sozinha, p'lo meio do campo, berrando e balangando os chifres. Tem novilhas que ficam tão amigas, tão de não querer ninguém mais, amadrinhadas, que nunca uma aparta da outra por gosto; que se, na confusão dum rodeio, elas sobram solitas, ficam meio loucas, procurando... A gente vê mais dessas coisas é em lugar sem gente, ponto agreste, terra de matos, pé de serra... Na Bodoquena, ou p'ra muito p'ra riba daqui, onde tem o bugre... Rês, por lá, chama "brabeza", tudo bagual, gado perdido. Lá é tão ermo, que a gente encontra marruás murcho, sem dentes e cego, se amoitando pelas brenhas, p'ra morrer de velhice... Tem também cada touro terrível, que põe até a língua p'ra fora... E muita vez a gente acha uma bezerra de dois anos, uma vacona, mamando na mãe. Ninguém desterneira elas... P'ra lidar lá, só homem corajado, quem tem calo na barriga e com coração que bate nas costas... Vaqueiro de lá, é capaz de homem cidadão como o senhor nem entender a fala deles. Uma vez, um sujeito chamado Pé-de-Porco, viajando com a gente, no Taquari... O rio Taquari corre muito...

Mas Mariano interrompe seu raconto e apontou para uma mancha de terra nua, no meio da grama. Tocamos para ali, transpassando. Tudo era lama e massagada, marcas de pés de urubus e de lobinhos-do-campo. No

meio, um montão de ossos, coberto, que nem de propósito, por um couro de boi, intacto e imundo.

— Chê, raparam tudo. Isto é a carcaça de um touro, não tem nem uma semana que cobra picou. Boca-de-sapo. Tem delas por aqui... A rês vai pastando e caminhando, a cobra está lá, no lugar dela.[46] Se o vento vem vindo de lá,[47] a rês pega o cheiro no focinho, desgosta da catinga e esvia p'ra longe. Mas, se o arejo do vento está indo p'ra serpente, não tem nenhuma salvação...

Adiantamos o esquipado. Isolados, num montículo a salvo dos anuais dilúvios, uma grande árvore, toda amarela, dois murundus de cupim, e um carandá de casca em baixo rugosa, imbricada como a de um pangolim.

— Aqui, a gente achou um cavalo morrendo, todo chifrado, em muito sangue. Só vi isso uma vez, boi guampar cavalo solto!... O infeliz, eu acho que queria se esconder atrás destes paus...

De longe, fronteamos bosque belo — um paratudal. Corria um vento sucinto, os capins pendiam para o mato. Garças-brancas chiavam — *crr'áaa... crr'aáu...* — mas era gentil o assovio da garça-morena.[48] De mais, no ancho plano, só algum inseto sussurro, quando o vento silenciava.

— Ei, ei!

Olhei. Vinha uma nuvem, engrossado vulto, rodando no ar. Seu revoluteio era muito lento; parecia abnorme enxame de abêlhas. Zumbia, zunia. Ora turbilhonava, sempre à mesma altura. Oscilou, foi, veio.

— É um bandão de caturritas... O senhor repare naquele redondo de espinheiro, mais alto, mais verde do que o capim: ali é uma *baía* seca, que não recebeu água este ano... As caturritas comem as frutinhas do espinheiro, elas vão p'ra lá...

O bolo negro balançou-se mais, subiu como um deslastrado balão, pairando, alto, bem por cima do círculo de arbustos. Partiam clingos, pios, do primitivo ronco de rio cheio. Algumas caturritas se desprenderam e entrevoaram em volta, expeditas, mas tornavam logo ao bando. A massa boiava no ar e bojava. Por que não desciam?

— É a hora!

Do fundo da bola, aves se despegaram, umas. Baixavam, colorindo-se de verde: quando iam tocar nos ramos, já estavam do tom do espinheiro. E gritavam, de alegria. Derramaram-se outras, uma porção, todas desciam. Era uma chuva, era esplêndido: as caturritas se despenhavam, escorriam, caíam em catarata.

Quando o devoo se dissipou, Mariano desmanchou a minha surpresa.

— Vou mostrar ao senhor um ninho de tabuiaiá... — disse.

E, como quem corrige:

— Aquelas voando ali são curicacas... Tem a curicaca-do-brejo e a curicaca-do-seco...

Retomamos a andada, repetiam-se as paisagens. Os mesmos baixadões, entre compridos matos ou grupos de palmeiras, os sempre campos seguidos — pontilhados de barreiros e areiões, salinas e baías, riscados de corixos e vazantes — o pasto franco, em que o gado folga em famílias promíscuas, ou onde os bois palustres perinvernam. O latido dos socós; os tuiuiús de plastrons vermelhos; o frango-d'água, voando de bico em riste; revoos os dos colheireiros, como pálios cor-de-rosa. Os touros enlotados espontaneamente. As vacas perpassivas, remugindo, desdeixadas Pasifaes. O pior branco da piririta. Ossadas tristes, roladas no verde. Os bois, formando constelações ou longos rebanhos caminhando para a aguada, um pós um, trás atrás. Capim-branco, capim-vermelho. Baldio, o céu solúvel. E as garças, virgíneas, reginais, ou procissões de almas em sudários.

— *Txíu, txíu* — cantava o cancão, preto e branco, de costas azúis. O joão-cabral, pequeno, cinzento, gorjeava e bochechava: — *Tchô-tchá, tchô-tchá, tchô-tcháu!* E, oculto, o carão: — *cá-rão! cá-rão!* — que costuma cantar a noite inteira, na beira do corixo onde mora.

Decorreu que só um dos tabuiaiás estava assobradado no ninho, o outro tendo ido gapuiar peixinhos ou rãs, para os filhotes. E, bem ali perto, parava outro grupo de touros. Mas, dessa vez, foi o próprio Mariano quem recomendou cautela:

— Aquele desmanado, com inveja dos outros, é o marruco mais maligno que tem por aqui por casa...[49]

Apontou um tourão de cor estranha — que nem que acabado de sair de debaixo de cinzas. Era desabrido e portentoso: a caixa enorme. Encarrancava máscara, e algo nele rangia de maldade inorgânica. Os chifres tinham sido serrados, privados das pontas.

— É escorneador, é onço, muito perigoso... Podendo matar, mata. Já chifrou até bezerro pequeno... Vai ser vendido p'ra o saladeiro...

O touro moveu-se, dando-nos as costas, sem se afastar demais e sem se unir com os outros, puxava de uma das pernas.

— Está cismoso... Se ele der de vir do lado do senhor, o senhor não fuja: xinga e cospe nele, e mia de gato, que ele espaça... Se "o Menino" tivesse

vindo, a gente derrubava este aqui mesmo, e castrava...

Rabo ao diabo, o touro me pareceu que nos espiasse. Mariano botou fora um cigarro mal começado.

— O senhor presta atenção, por uma coisa...

Gritou, convidando Rapirrã, e correram em cima. O touro torreou, fungou e saiu rapapeando, numa galopeira coxeada. Mariano, desta vez, não se emparelhava com o fugidor: tocava solente atrás, aplicando a cabeça para um e outro lado. E, inesperado, o touro repontou e deu de armas, jogando os quartos traseiros para uma banda e escorando-se nas patas de diante. Mas Rapirrã se desviara, ainda mais justo, num remanejo. Tudo foi em relance. Mariano fazendo logo uma volta e se trazendo com o cavalo para perto de mim.

— Sansão!... O senhor viu a astúcia dele? Meu cavalinho sabe essa agência, sabe isso de cor... Agora eu vou laçar esse carrasco...

Sopulsar o monstro me soou, por nós, pensamento temerário; dissuadi-o, pretextando fome e a hora tão tarde. Mariano hesitava, pesaroso de perder a presa. E, como eu insistisse em voltarmos para casa, foi com santa malícia que ele pôde desabafar:

— Mas a gente já está chegando de volta. O Firme é ali... De em desde aquele terreiro do bezerro morto, que nós viemos vindo recolhendo...

Riu e deu uma palmada em Rapirrã, emendando para a frente. Os cavalos crioulos queriam mais pressa, quase com ânsia. A casa da Fazenda ver-se-ia depois do oásis de carandás, que se esteavam semelhando moinhos-de-vento. Sobre nós, o céu estava azul inteiro. O capim tinha um cheiro comestível. A roupa de Mariano era traje de luto, coisa de guerra. O vento rasgava por todo o campo a sua grande seda.

E por susto se desferiram diante de nós, do solo, para todas as direções, os quero-queros de um ajuntamento. A ocela em cada asa seria alvo para um atirador. Foram-se, como bruxas. Dois deles, porém, mantiveram-se no lugar, tesos, juntinhos, e gritavam, com empinada resistência. Paravam bem no nosso caminho, os cavalos iriam pisá-los. Não se arredaram, entanto; giravam e ralhavam com mais força, numa valentia, num desespero.

— Eles têm ninho com ovos, por aqui... — me ensinou Mariano.

Vi que eram belos, pela primeira vez, com cores acesas. Longe de recuar, ousadíssimos, arremeteram. E, para seu tamanho, cavalos e cavaleiros seriam sêres desconformes, medonhas aparições.

— A casinha deles é no chão. Tem uns, que, p'r'a gente bulir no ninho, só lutando. Vamos procurar...

A fúria do par era soberba. Andaram à roda, eriçados, e, de repente, um abriu contra Rapirrã um voo direto, de batalha; eram bem dois pequeninos punhais, enristados nas asas, os esporões vermelhos. O outro, decerto a fêmeazinha, apoiava o ataque, vindo oblíqua, de revoo. Comovia a decisão deles, minúsculos, reis de sua coragem, donos do campo todo.

— Melhor a gente dar volta e deixar passarinho em paz. Não têm medo de nada! Às vezes, com esse rompante dôido, eles costumam fazer uma boiada destorcer p'ra um lado e quebrar rumo...

— Melhor, sim, Mariano.

— É, sim senhor. O amor é assim.

A estória do Homem do Pinguelo

Nada em rigor tem começo e coisa alguma tem fim, já que tudo se passa em ponto numa bola; e o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas. Esfera com mares, em azul, que confecham terras de outras cores. Montanhas se figuram por fieirinhas de riscos. Os rios representam-se a traços, sinuosos mais ou menos. [50] *Aí e cada cidade é um centro, pingo ou não em pequenino círculo. Mas, o povoado...*

— Arraial. O arraial que, já nos dantes tempos, se datava do Sr. Sagrado Coração de Jesus e de um Seo Coronel Regismundo dos Reis Fonsêca. Afianço que aquém ou além, por estes fundos nossos. As casas meio em beira do rio, sobre o em onde a barra do ribeirão; e é ver que inda tem uma lagoa, no que era para comum ser somente o Largo da Igreja. Lugarzinho amansado de quieto, conformemente, pelo mor moroso. Lá, o existir é muito escasso. Em tanto que, com o pessoal todo conhecidos uns dos outros, as coisas nem acontecem com regra de separação, mas quase só como se inventando de ser — no crescer do plantado e no virar do ar. Assisti ali, dos três aos trinta, naquele princípio-de-mundo. Lugarejo...

Valha dizer-se também do redor — os cerrados de tabuleiros, uns campos, com amagrados capins e árvores de maus ossos, mas no entremontar de serras, onde se acham e se perdem as estradas. Andando ao acaso, às costas delas, um se pasma e interrompe, ao às-vezes abrir-se de vista alegre, longe, clara, nas paisagens inopinadas, páginas e páginas. Aqui e ora aí, por abaixo, orlam-se caapões e pega-se chão bom, em vale oasioso: belvale, valverde, valparaíso. Adiante, quando as léguas cessam, surge em saco-de-morro uma casa-de-fazenda, toda dentro dos currais, entre-e-entre mangueiras — e o laranjal, com um coeso fresco de pequena floresta, indo até junto do paredão, em que o mato mexe-se sobre o calcáreo azul das pedreiras. O ar é ágil, a gente habita-o levemente. Casinhas brancas, cafuas morenas. E há o riacho ávido, corguinhos vários, grégio o gado pastando. Após o escurecer, vão-se assim vagalumes ou o assombrável luar ou o céu se impõe de estrelas. Às duas margens da noite, totais grilos e a simultaneidade dos sapos, depois e antes do em-si-

estremecer das cigarras. Tudo, pelo dito, quer que ali deva reger não o devido, mas o dado...

— É. O lugar não é de todos o pior. Com sua terra-de-cultura, afora o que se reparte para a engorda de rêses, e cria e recria. Por ano, em maio, junho, lavora um forte movimento, que arremeda o de cidade. Só carros-de-bois cantando, trazendo o milho das roças, o povo feito na colheita... E algum negócio regular. Teve quem se diz que enriqueceu. Eu é que estou no que era, fiquei sendo. Dono de chácara, dono de sítio, de diversos — construção, carroças — perdi tudo, o mais reperdi, parei no à-toa. Vivendo como não posso. Isso não tira de minhas alegrias. Hoje, já me revejo quase meio remediado, enquanto que é a outra vez. Saí de lá, andei morando em distantes comércios, guardei o de Deus, gastei o do diabo... Mas, o que no fim de cada mês me falta, a minha Nossa Senhora intéira. Com a ajuda superior, eu vivo é do que é o do bico dos pássaros...

Cujo nome é legião. Sábio seria poder seguir-se, de cor, o que eles tradizem, levíssimos na matéria. E todos inventam vogais novas. Porque os passarinhos, ali, ainda piam em tupi.

> *(O epigorjeio, mil, do páss'o-preto, que marca a alvorada. O em fundo e eco sabiá, cantábil. O contrapio segredoso do azulão. O esquerzo mero, ininfeliz, dos gaturamos. Os canarinhos repetitivos. O tine-trêmito silencional da araponga metalúrgica. Os eólios nhambus que de tardinha madrugam. O simplezinho sim do tico-tico. O sofredor também corrupião — sua longa, mélroa intenção pípil. O tintimportintinhar sem teor da garrichinha estricta. O pintassilgo, flebílimo na alegria. O sanhaço: desmancha-pesares. O eclodir-melodir do coleiro, artefacto. O cochicho quase — imitante, irônico — da alma-de-gato, solíloqua. Os duos joãos-de-barro, de doméstico entusiasmo. O, que enfraquece o coração, fagote e picirico dos pombos. O operário pica-pau, duro estridente ou o mais mudo. O doidivescer honesto do patativo (seus pulmõezinhos, sua traqueiazinha muito forte). O trêmulo pispito, a interrogar, sem mais, das tortas andorinhas, fugas. O canto do galo, que é um meteoro. O horrir da coruja clarividente?)*

Dó é, porém, que tão desencontradas, contramente, suas revelações se confundam. E que, no impropício, rude ou frouxo dia-a-dia, ninguém tenha inda tempo capaz de entendê-los.

— Credo que não. É mal ver que, às ora vezes, a gente mal vive, por tudo. Mas, também, cá não me queixo, nem da roda nem do eixo. Jamais, nuncas, eu invejei ninguém: porque inveja é erro de galho, jogar jogo sem baralho. A sina ou os acasos, de outros, meus não são — e nem por sobra nem copiado, porventuras, parentescos. Pouquinha dúvida. Invejar é querer o peso de bagagens alheias, vazio. Pelo que tolero o justo mal ou bem de todos. O que há, é que eu uso de jogar de fora. Eu aprendi assim. Eu vivi mais pouco, pelo aprender mais antes coisas. Quem não é, não pode ser. Assim como: não haverá dois cipós que não acabem se emendando. Se para escutar não lhe cansa — sempre me alembro de um forte caso, conteúdo, que nem dos de livro, conformemente. É estória achada. E o senhor depois vai não contrariar comigo que, do que se vive e que se vê, a gente toma a proveitosa lição não é do corrido, mas do salteado.

Súbito acúmulo de adágios — recurso comum ao homem do campo, quando tenta passar-se da rasa realidade, para principiar em fórmulas suas abstrações. Quanto à frase in fine*, quererá dizer que: o que merece especulada atenção do observador, da vida de cada um, não é o seguimento encadeado de seu fio e fluxo, em que apenas muito de raro se entremostra algum aparente nexo lógico ou qualquer desperfeita coerência; mas sim as bruscas alterações ou mutações — estas, pelo menos, ao que têm de parecer, amarradinhas sempre ao invisível, ao mistério.*

— A verdade letrada! Aí é que está o polvilho... Antes, pois. Seo Cesarino estava sendo dono de uma venda, mesmo na saída do arraial. Seo Cesarino era moço apessoado, de bom siso, magro, alto, forçoso. Vermelho, dos de mais nariz, vestido com um paletó de alpaca, que nem seu defunto Pai, parecia até que pertencido do Pai, por tanto quanto. O Pai era homem situado, seguro, companheiro de caçadas de Seo Coronel Regismundo e compadre de Seô Caetano Mascarenhas, da Ponte-Nova. Com ele, não se brincava de aliás. Mas já tinha morrido.

Senão se só em dois pontos, denuncia-se o narrador, quanto a secretas opiniões ou involuntárias razões, que estariam a conduzi-lo no contar; o que pode propor algo à luz o sentido oculto da estória. Primeiro, diz "na saída" do arraial, quando também, e melhor, poderia ser "na entrada". Depois, reafirma, com instantes ênfases, a personalidade do Pai, como se de incerto modo este se fizesse notado ainda, mas preponderante, por alguma outra espécie de presença. (Interpelado, sobre item e outro, ele nada tem para explicar.)

— Seo Cesarino herdou a venda, não tinha mãe nem irmãos. Estava sempre calçado de botinas, o chapéu em cheio, com colete e paletó, mesmo dentro de casa. Ele usava ficar passeando, perpassante, por frente da venda, e bom é dizer que nunca se viu outro para andar com vontade de passo tão largo e estudado ligeiro, feito ele, me figuro e alembro. Seo Cesarino ria disparado de fácil, a cara comprida — o que queixo. Somenos que, às vezes, puxava de bravo, mas a raiva, com ele, se ia se indo, não tinha para onde espirrar. Segurava a gente pelo braço, para andar o lá-pra-cá, juntos conformemente. Achava o jeito de contar graças, motes de pândega, a cabeça cheia de coisas que vazias. Seo Cesarino apreciava a minha companhia, muito.

Nenhum presunçoso gabar-se, nesta derradeira, quase impessoal observação.

— Alguns achavam que ele era mais de vir do que de se chamar. Por via de acontecidos desses como este: de quando um pé-d'água derribou pano de muro do cemitério. O padre pronunciou que se havia de providenciar, passou introitos em sermão, mandando ao povo que o dinheiro encaixassem. Só que ninguém estava tendo o vagar nem pressa nenhuma de dar, aí a coisa parava para mais logo. Vai, do que, Seo Cesarino, no de um dia, no repente, saiu casa por casa, rogando intimado, recolheu quantia, formou os pedreiros, pegou a bênção do padre, e ainda foi feitorar enfim a tarefada. Homem ardente. — "Não ia consentir vossas vacas vindo comer capim lá de dentro, e quanto cabrito sujos deslimpando por riba de cova de minha mãe, meu Pai!" — me disse, me redisse.

Convém, quando possível, reparar-se que o contador alterna, afetivamente, pelo menos dois tons, positivos. Aqui, em exemplo, o acento

surdo recaindo sobre o "Pai", daí por isto gravado maior.

— Em outra ocasião, um moço de fora, que ganhava a vida medindo terras, requereu ao seo Cesarino favor de embaixada, de ir para ele pedir a filha de um sitiante, seo Agostinhinho, o manco. Seo Cesarino, é de ver que depressa foi que foi, lá almoçou, caçoou, e declarou o pedido, sério somente, costumeiro. Seo Agostinhinho meditou que primeiro carecia de uns dias, para bem poder resolver, mas com detença. Pouquinha dúvida. Seo Cesarino concordou que sim, porém que ficava feioso, para ele, não voltar já com a resposta satisdada. E que, por via disso, ia ter de esperar os três dias mesmo ali, no sítio, se caso seo Agostinhinho estivesse pelo dito, pelo hóspede. Pouquinha dúvida. E só aluiu de lá com o praz-me do pai, noivado ajustado, por alegria de todos, conformemente.

No narrado, não há inexatidão. Aquele agrimensor deu-se bem com a sua consorte. Seo Agostinhinho, mal historiado homem, não seria menos pífio nem mais fero que os demais habitantes.

— Aqui, tomo água benta. Pelo que também, afora o que retro falei, seo Cesarino sendo de todos estimado, e muito. Porque mal cobrava o que deviam a ele, e favorecia dinheiro, em préstimo, a quem pedisse por precisar. Mesmo pensava junto, com qualquer um, para ajudar a resolver os casos desse outro, assuntos. Homem do pé quente. Discorria que o arraial carecesse de melhorar prumo, porvir adiante: se abastar de tamanho e progressos, capaz de ainda ser o principal, de todos por perto, para principiar. Bom é dizer que seo Cesarino não errava ocasião de festas, nem o de divertir que se desse de ter e haver, no derredor. Caçava. Possuía sempre um ou mais animais, regulares, de sela. E se prezava de botar gravatas, mesmo não sendo em dia-de-domingo. É mal ver que gastava meio para lá do convinhável — mas não que fosse rapaz estragado, demais não se pense. O que era: que a venda dele estava era dando para trás, não fazia muito negócio. Quem estavam se arredondeando eram as outras vendas. A de seo Genuíno. As dos turcos.

Seo Genuíno, cunhado de Seo Coronel Regismundo, se via assim uma espécie de gentil-homem no sertão, já se esfarelando de rico, e nada de atraso poderia pegar-lhe, dado que como as águas vão é de rio a navio. A mais, ali, apenas bitáculas sem menção, a não ser o "São Jorge

Barateiro" e o "Oriente Primavera". E é que Abdallah Ibrahim e Jorge Felício Mansur, os sírios, ainda haviam desembarcado no país vestidos de rouponas e cobertos com turbantes, o povo dizendo deles que comiam crianças. Carregaram baús de mascatear, tocaram matracas, mas prosperaram, arabizavam, só em inteligente progredir. Salim Badi, de costas das mãos e antebraços tatuados de azuis, vencia: derramava sobre si, dia sim, dia não, um frasco barato de perfume. Mas, tendo por detrás, e no sangue, o antepassado fenício, ninguém podia com ele.

— Vida sem vigiada. O fiado mal cobrado, e não pago, é que avoa com o negócio. E o miúdo. Ora, que passava alguém, seo Cesarino conversava, ouvia e contava os casos, propunha arrojo no glosar os meios de grandeza, e em o mais. O sujeito apreciava, dizia o riso e o gosto, e depois ia mais adiante, comprar de seos Salim ou Ibrahim, que nunca sacavam tempo sem forro de dinheiro. Às lástimas, que a venda de seo Cesarino não chegava mais nem aos pés do que tinha sido, conformemente, quando o Pai dele inteiro vivia. O fundo-de-negócio de encalhe, quase tudo alcaide. Maus maços...

Sim e não. A venda não era propriamente pequena. Dominava a ponta do arraial, no baixo da rua, no para quem vem do rio e vai ao matadouro. Casa boa, de quatro portas, quintal vasto. Seo Cesarino tinha nascido ali, tão bem quanto o Pai e talvez o avô de seo Cesarino.

— Teúdo e transato tropicavam, e é mal ver que nem seo Cesarino conseguia jeito de saber melhorar o sortimento, que restava encravado ali, as coisas morrinhando. Para o prato de viver de um rapaz solteiro, quase que ainda dava, se junto com o pouquinho mais, que tivesse herdado. Mas não podia ficar facilitando nas sobrecontas, nem emprestando dinheiro a cachorros e gatos, naquele já-chega. Isto é o que foi. Pouquinha dúvida. Por fim, ele se afundou pior, contra embaraços e outros, na cor do caldo. Bom é dizer que, naquele ano, tinham sucedido as invernadas muito brabas. O mundo virava chuva, chuva. Com enchente. Aí quando o rio, o ribeirão e a lagoa subiram, a água tapou uma sua parte do arraial, conformemente. Mas é ver que a única venda que sofreu, de má verdade, foi mesmo a de seo Cesarino.

Resuma-se: que foi hora — em paupéries e intempéries. A cheia ficou notável. As chuvas ditas de calcarem no mundo mais marcas, Deus estando se apressando. A casa da venda de seo Cesarino tomou água por fora e por dentro, medidos na parede nove palmos.

— Aí, se esperdiçou fatal a quanta mercadoria. Botou-se para secar, mas tudo em barro grosso, empesgado, fartas coisas se apodrecendo. Estive lá, ajudando ao seo Cesarino. Em certa má-sorte, ele se arreliou, disse, nos sem-fundos da razão: — “Estou para saber se algum dia se deu uma desgraçação igual a esta, nos outros saudosos tempos do meu Pai!...” Daí mal em diante, foi que não vendia mesmo nada nem quase. O caipora, até na pedra atola. Tanto mais o quanto mais. Os cometas já não estavam querendo vir a ele com encomenda de se oferecer. Ah, o rapaz, em linhas frias. E tudo ia indo.

Fecha os olhos, ao se referir às nefas causas.

— Deus foi servido, por calcular, que o ano ficasse um dos muito lembrados. Ora, pois, o quê. A gente pensa que vive por gosto, mas vive é por obrigação. Pouquinha dúvida. Deu seguida que o tempo negou o certo. Passou outubro, passado novembro, mais dezembro, então. E credo nisto: que não e não chovia. Agora, era o estado da seca. E mal é ver que ninguém resolvia plantar, para não perder sem roça seu sementio. Sem mais os pastos, boi se via vendido às pressas, no esparramar. Todo o mundo, cada um, foi se cabendo dentro de si, ganhando conselhos retardados e produzindo medo de pobreza...

Sobre os campos enfraquecidos, os ventos não vinham vindo das serras. Saudavam-se ausentes chuvisco e orvalho. Sobrava o céu, feio, vazio — de onde só o azul se dependura. Depois, chovia era terra, e pesava a poeira em qualquer folha. Mesmo nem mais quase folhas. A qual aridez. Os córregos cortavam. Enxuto e verde, negro, o fundo estorricado das lagoas. A seca: um saara. Sempre, o sobrejante calor, que chega a cantar uma cantiguinha fina, quando o sol está tenebroso. O sol de rodela de ananás, ardendo numa boca-de-forno, no céu insensibilíssimo, que se branco.

— O povo, em pragas, rezava. Naquela época atual, o que é mais que haviam de fazer? Pelejavam com seus usos, não podendo e não regateando,

precisados de uma folga de Deus. Estipulavam novenas, no rogar forte, senão que faziam altas promessas. Saíam com o terço...

Sucedia haver desfiles penitenciais — as pessoas arcando com pedras nas cabeças. O terço, porém, era só procissão simples, no arrocho do queimar do dia, o padre tirando o canto e mulheres e homens respondendo.

— "Glória seja ao Padre,
glória seja ao Filho,
ao Espírito-Santo
e seu amor também.

"Ele é um só Deus,
em pessoas três..."
Conformemente.
E: "Ave Maria,
cheia sois de graça
o Senhor é convosco,
bendita sois vós..."
....
Exato.

— Seo Cesarino somenos disse que no poder de virtude daquilo quase que mais não queria crer nem acreditava. Mas, o que, bom é dizer, vinha a ser bazófias dele, irritado nos cabelos. Mentira central. No que, no devocioneiro de acompanhar o terço, ele também acompanhava. Ninguém deixou de ir, comum, para o transmudamento.

Segurava a grande cruz, revestido vermelho, o de opa, o Seo Coronel Regismundo, que ora não mandava e menos ainda abdicava.

— Daí, se em uns poucos e tristes dias, ele, seo Cesarino, entregou seu cavalão de sela, a ato de indenizar metade do que devido não protelado. — "Vergonha, a gente passa, a vergonha a gente perde..." — ele me destornou, no riso de incerteza de encobrir tristeza. O que foi a ser de noite, a horas de se fechar a venda. Parte em que ainda me quis lá dentro um tempo, para o espairo de se tomar o uns-dois-dedos de um de-beber, na

companhia dele e minha, ali, nós dois sentados. De bocejos em bocejos, ficou tarde. Tanto menos o tanto mais: as coisas em roda da gente, mas sem o valor nem o poder nem o possuir.

Seja se refira aos estoques de uma loja da roça, onde de tudo há — armarinho, fazendas, calçados, ferragens, armas, secos e molhados gêneros, toucinho, artigos fúnebres, tinta, cadernos, panelas e velas.

— Seo Cesarino estava completando de ficar desesperado. Me mostrou as prateleiras: — "Vejo o cheio, pego no vazio. Agora é que sei como o de-nada é grosseiro, grosso. Olho o tibi-tifufes! Só sujo, seco, e mofo. Tem barro, guardado aqui, que dava para um sagrado entupir de cova. E meu Pai, que queria que eu tomasse boa condição da venda, a modo de ainda deixar tudo melhorado, para os saudosos netos dele e os meus!" E assim. Isto é conversa registra.

Se via que o seo Cesarino se fazia desprezos de com aquela herança errada estragada: parecia nos remorsos do que nem tinha feito nem desfeito sem perfazer. Dava o perdido por remido, o despertencido. Desde que, já no canto, sozinho ele estava. Pouquinha dúvida. Mal é de ver que, mesmo falso fiado, grátis, somente vinha ainda, para adquirir dele, quem fosse tão precisado e sem crédito de não se prover em outronde próprio lugar. Mesmo eu, conjunto com ele, amigo em fito fiel, agora só é que me espanto que me alembro: de que, lá, quase que nunca eu comprei, nada, conformemente. A gente só segue.

Se a seca se prolongava, morriam as criações. O povo voltava a sofrimentos muito antigos. Só os urubus sinuosos se trançavam no céu.

— Sendo que, com mais ou menos prazo, sobrevindo um ventozinho do ar, ou migalhinhas nuvens, ou dando umas trovoadas cegas, o povo, por regra, adiantava esperanças de consolo. Seo Cesarino, não. Só nervoso, cismoso, dava para se ocupar em si, por esmorecido, esbarrado. Ovo em meio do choco, goro ovo. Ele era o pobre de um moço que ia se ajudando a ficar velho, sofria o sem-conformidade. Ele já estava imediatamente nunca?

Seo Cesarino devia de contar uns 25 anos, se. Demais, o narrador, interrogado, desdiz-lhe qualquer real sinal de velhice temporã, e nem sabe explicar porque a isso se referiu. Dito foi, mais, que seo Cesarino deixara

de correr às suas habituais caçadas. Decerto, porém, por conta do geral desânimo e em-vão, dado o calamitar supra-reinante.

— Suceda. Do que meu, que sei, na véspera do que vem, como ao adiante vou tratar, ainda proseei com o seo Cesarino. De vez que um carro-de-bois se esteve entrastalhado, ao perto, e seo Cesarino, ouvindo os praguejos rebuliços daquilo, às artes, pulou para fora o balcão. Aí, tirou o paletó, prestes, arregaçou as mangas, nos compridos braços, pois. Acabou pelejando antes que todos os mais, não parou enquanto tudo não se botou remediado, por suas ordens de mandar e afinar providências. Num trabalho que para ele não suou vintém meio-réis de ganho.

Do que, depois, para sem hora nem demora, retomamos mais, juntos, um pingo e gole, e ele se respeitou meio alegre, tirando algum peso soltado, do demais do coração. Ponto em que dissesse: — "Agora, ôi. Ao que não tem mais arrumo. Se me, se mim, que me importa? Para não nascer, já é tarde; para morrer, inda é cedo. Pior do que as coisas já se dizem que estão, ao menos não têm mais ameaça de outro piorar..."

Contra o que o fato daria a supor, seo Cesarino jamais se embriagava, nem mesmo recorria com frequência à bebida. E é notoriamente sóbrio o narrador. Serviam-se, um e outro, de copos, dos menores. A monotonia, ali, é que era aumentante. Só o tempo, temporoso. De fora a fim, no arraial, quando não gemiam os carros-de-bois, os galos, de dia, cantavam, a todo pesado momento.

— Cá, eu ainda mais calado, encoberto, se rente. Desgosto de oferecer minha opinião, conformemente: fico resistido, de meio no talvez.

Deciso, então, seo Cesarino desfechou num rompante, desses, de nada antes de nada. É bem de ver que, tras hora, um rechupa alívios novos — de de-dentro mesmo da cuia da aflição. — "Justo, um dente de menino, que cai, é outro que vem já apontando..." — resumo que ele mais disse, sem dar a razão de seu dizer.

Gostei, daquilo, demais. O Homem do Pinguelo eu acho que estava lá, remirando a gente. Ele, às vezes, fio que costuma aparecer assim, em portas de vendas...

— Oh. E estava-lhes ali, aos lados?

— Resta pouquinha dúvida, que vem no poder dele. O que ele consegue. Porque: quem é, tem que ser! A gente a si mesmo se ajuda, é quase sem se estar sabendo o que se faz. Assopro de fôlego, o silingornir, conversinha com a vida, essas brandas maneiras, de de-dentro...

Aqui, um floreio deceptivo.

— Das coisas que a gente vê, a gente nunca percebe explicação. Cada caso, tudo, tem mais *antes* do que *em ponto*.

— *O Homem do Pinguelo?*

— Dessa forma dito é, quem não sabe saberá. Modo de referir, conversa dos antigos. Quem é que ajunta, no escuro, o que no claro vai aparecer? Nem não há nenhum lugar de nenhum momento.

Porém, é peta, o jogo de adivinhas. A estória camba para uma segunda parte.

— Saí eu cedo do arraial, no outro dia, por não ter obrigação minha à mão, queria render visita a um parente meu, morador meio longe. Passei a cavalo, por diante, mas bem que a venda de seo Cesarino se estava ainda fechada. Subi o beco, atravessei a ponte, peguei a boca da estrada. O viajar, naquela nossa ocasião, perfazia poucas alegrias. Aí e ali, nem um verde, quase, as roças nenhumas, não revivia nada. Eu ia pitando, imaginando ou não o que é bom ou não, a fito de desimaginar os seguros males. Departi do caminho, pela mão canhota, para ir poder saudar os vários conhecidos, de por lá, obra de meia légua, e vim revirar na outra estrada, aonde o ribeirão dá volta. Na Passagem do Ingá — que já de si é de vau — de água se via quase que só um fiapinho.

E há que ali é tão recatado bonito, porém, que dá para sonho de banho de moça; e que devia compor-se uma canção:

Na passagem do Ingá o rio é raso,
na Passagem do Ingá o rio é bom...

— Sei se serve. Mas eu estava deixando ao menos meu cavalo sorver o beber, por esse enquanto. Ao fim — quê — quando escutei toques de berrante: o *hu... huhuuhuu... hu...* e mesmo, logo em pós, a tropeada e o aboio de vaqueiros. Ah, uma boiada, por lá? O fato, que havia de ser sombração. Mas, não é que não, não; e que era de verdade?

Decerto, vira-se o condutor dos bois forçado a deixar a grande rota cumeeira, sem pastos, falha de águas. Optara, daí, por um itinerário de fortuna, a seguir, o mais possível, o ribeirão, onde resta sempre, aqui ou ali, alguma vegetação marginal, embora escassa. Seja, de qualquer modo, que estaria o boiadeiro ante todos os problemas — almirante em mar secado, com suas favas mal contadas, aprendiz do que não quis...

— Aqueles bois se sumiam e surgiam de magros, suas ossadas espinhando. Tanta miséria em mal-amparo, em maus cavacos, no cabo de se olhar dava gastura. Os vaqueiros, mascarados, que de só poeira, e desgosto. Atrás da comitiva, a gente esperasse de ver aparecer a Morte sensata, amontada em seu cavalo, dela, alvo, em preparo, gadanhando. Não, não, ainda não era. O não.

Era mas um dono homem, quem vinha na culatra, sujeito de cara de lua das luas, desabado posto o chapelão. É ver que pitava, cigarro de palha, o cigarro comprido fora do costume. Vinha sobre um burro dourado, mulo grande, gordo feito o cavaleiro. O pró de parecer, deles dois, se sobressaía ainda mais estúrdio, no frisfruz de movimentos daquela mazela de mau gado — que se ia para o não adiar, por não-onde.

Dito que, logo, no redemoinhar de parar, umas das rêses se desceram, de joelhos e deitadas, para não prosseguirem dali. Assaz os outros entravam no cano do ribeirão, pelo fresco, por água, e catando folhagens, abaixo e arriba. Nem podiam brigar por algum ramo pendente, e outros penavam, é ver assim, por cavacar o chão ao modo de tatu, em instâncias de nem achar o que comer, raízes. Ou os que se atascavam, frouxos, no lurdo da lama. O triste rodeador! Os quartos de um boi daqueles, que se carneasse, davam mal para iludir a boa fome de uma pessoa. Aí berravam, pedintes, por algum capim não avistado.

Simples, que o senhor gordo, que era o boiadeiro próprio, se apeou do burro, e foi se sentou direto na beira do barranco, debaixo de um pau-

d’óleo de outroras sombras ramalhudas. Assim, todo capitão, chupando seu cigarro, dele, de palha, seja-me Deus válido. Semelhava o Pitôrro...

O Pitôrro é uma aparição grotesco-fantástica, do repertório dos tropeiros. A parada da boiada explicava-se pela hora do dia, ainda mais em suas pobres condições, carecendo de frequentes repoucos. Também a Passagem-do-Ingá não fora ponto mal escolhido.

— E ele se nomeou: que se achamava Mourão. Me disse. — “Onde é que o senhor existe?” — foi me perguntando. Falei que morava dali aqui a légua e quanto, e declarei a situação do arraial. Conforme a verdade, de que, pasto, por cá, não se achava, de nenhum jeito, nem um capim seco, quase, para se pegar fogo riscando fósforos, e o que era muita pena. O homem ficou quieto como quem quieto, com o pito. Devia de estar num cansaço de segundas semanas, os olhos com certas olheiras, fundos, conformemente, mas no centro daquela gordura, pura, que puxava para inchação. Depois, sacou da algibeira uma tesoura pequena e começou a acertar as unhas dos dedos, em vagarinho, vai. Como se tudo com os bois e com ele sucedesse pelo perfeito trivial. Capaz de ficar quieto no inferno. Ele estava gostando imediatamente da minha companhia.

Nenhuma pausa.

— Dei tento nisso. Fiquei sentindo falta de falar alguma firme coisa. Indiquei o céu, e defini que a má-sorte era de todos. — “O mais penoso é para quem viaja...” — ele rescruzou. — “Boiadeiro, quando morre, até o demo a ele socorre...” — disse. Correu dedos pelo queixo. Do homem, aquele, Mourão, ainda até hoje melhor me alembro. O rechoncho, reboludo, no esperativo, mal e grave. Mas enxuto de ideias, com a cabeça comportada — subindo para as glórias da forca — em clara situação. Rente, assim, a cara de lua, no ruim reslumbre dos bois magros, era ver esses coqueiros que restam em pé no campo morto da queima e seca, viçoso ele só, quatreado de cocos. Haja-me.

Ele principiou a fazer outro cigarro, conforme calado. Picou o fumo, palmeou, vagaroso. Por umas duas fipas, que caíram, ele procurou com os olhos, e apanhou, que nem que pulgas catasse; é triste ver o gordo se abaixar. — “O que eu estou caçando é sossego...” — ele disse. Era homem sem flagrante. E o sossego dele, mesmo, por demais, pasmava a gente,

mentindo ali o remexer das lástimas, com os vaqueiros todos no alheio tristemente e qualquer berro de boi que era um arquejo feio.

Em meio ao que, davam de chegar outros golpes de gado, a boiada era até bem grande. Então eu falei: — "Uns já estão se desistindo..." E ele respondeu: — "É. Eles, aos punhados, já vêm vindo se indo. Estão rasgando meu dinheiro. Onde que, neles, está o cobre todo meu, tudo o que eu pensei que meu era..."

Dos fatos que falava, assim, mas sem o estado de se queixar, conformemente, enquanto que puxava aproveitada a fumaça toda do cigarro, tirei por mim: que o prejuízo dele estava para ser tão grande, que o homem já devia de meio se aquietar, que resignado, para cá do para lá do morro da derradeira desgraça, e as outras desditas de acompanhamento, de perdido por mil, com tantos atravéses; pois — mil é metade de nada.

Mourão teria ido adquirir muito longe aquele gado. Fazia isso todos os anos, mas começara com cabedal pouco, talvez como capataz de ricos patrões. De miga a migalha, reaplicara depois de cada vez a quantia ganhada, trazendo rebanhos sempre maiormente. Viajando, sem parar, em sonho de descanso, a vida toda e mocidade; e, agora, que conseguira um boiadão de aguar inveja no espírito dos outros, com ela naufragava no sair do sertão, no vago da grande terrível seca territória.

— Vieram dizer a ele mais um pouco do que não é de se gostar de escutar. O Mourão ouviu e reouviu, perseveroso. De em de, que balançou o estar do corpo, um leve, da cintura para cima, a barriga sem abreviação. Mas o redondo da cara de lua se permaneceu liso, sem carrego, sem se franzir nem cenhar. Daí, sacou de algibeira lápis e caderneta. Como que foi tomando nota. De quantos bois se estavam findando ou por findar, ele regesse as contas. Conciso, e forro de pressa nenhuma, fresqueteco. Do que, perfazendo mais contas, com todo o bendito cuidado, ele relambia o lápis, em ponta. Ele reduzia como fechados os olhos, para o sozinho poder mais pensar, de mim se esquecido, de quem era eu que ali estava. Eu, esperando. Por tudo ser de bem se ver e aprender. Isto vinha por depois.

De seguida, chamou seus vaqueiros, expediu que uns deles saíssem, fossem, por rumos e bandas, avantes. Ao acaso que topassem com a qualquer veia de cacimbas, fundo de várzea, rego ou restar de córrego, e sabichar ainda aonde algum verde, de boi se avir. Admiro que ele falava manso, explicado, no propor ordem das providências, conformemente, e a

um e um de sua cada vez. Demais que eles escutavam com a aberta atenção, que com respeito.

Deixei o homem sentado ali, vim me desanimar com os bois, prosear com os vigias vaqueiros, dar o ar. De daí, retornei para perto. O Mourão se permanecia do dito jeito, conformemente, ao pé de uma grande árvore. Ele não arredava passo de lá, daquela sombra, curtindo a calma. Mas, foi, ele mostrou um papel, com lista que tinha assentado. O que eram: dúzia de velas, rapaduras pretas e claras, sal, vidro de remédio, e mais o mais. Me perguntou os preços que no arraial haviam de pedir, por cada espécie. O que eu respondi, ele lançando tudo, decorrendo que somou, as quantias com as quantidades. Tirou o dinheiro, escolhido justo, tostão por tostão, o que carecia. Foi me entregando, e falando que eu lhe prestava a ajuda importante, caso que se eu fosse quisesse ir dar um pulo de volta lá, no arraial, para aquilo comprar e trazer. Já que ele não podendo enviar outro, ninguém, os vaqueiros se necessitando solertes pelo sobrestar e pajear o gado.

Me pegou pelo lado aberto. Porque, do incumbido que me dava, digo, ele expôs o mando tão natural, que eu achei certo que devia de cumprir, render ao próximo aquela demão, seu recado de encomendas. Só perguntei, achei exato, se ele não havia de gostar de comigo vir junto, aproveitar a folgância, ainda conhecer mais um lugar. — “Confere comigo não”, — ele abreviou no que respondeu — “com minhas horas...” Mas foi convite dele mesmo, logo assim, que eu já não saísse, mais ficasse para poder esperar o café. Com o que, cruzou mão com outra, esperto quieto, parecia padre.

Seja que o cozinheiro trouxe o café, tomou-se. O Mourão pegou para si dois canecos, e cheios, que primeiro deixou de banda, esperou o café todo se esfriar. Depois, bebeu, devagar, regalão, poupado, suspirado; bebia segurando o caneco com as duas mãos, grandes, feito se quisesse tapar-se a cara, ao que nunca se viu alguém fazer o sistema assim. Me deu fumo e palha; falou: — “O senhor pita e vai.” O modo de voz se completando tão positivo e bem-criado, que eu, que não sendo serviçal dele nenhum, mesmo achei, pelo fato, que não me rebaixava com intimativas. É bem de ver que ele não se levantou, nem para beber água. Mandou o cozinheiro ir buscar, num chifre. A miséria daquele homem se pertencia com farturas. Ainda me pediu para amilhar o burro dourado. O esquipático! — por força que eu tivesse de começar a achar. Mas fiz, para não ser bruto fora de

ocasião. Peguei a pensar que ele fosse mesmo doente, com algum resguardo, resumo de paralisias.

Se com esse nome — de Mourão — se encontram no sertão alguns, de mais de uma estirpe, inclusive aquele, incognoscível, patrono da muda de dentes das crianças, difícil é ouvir-se e crer-se, contudo, de um assim, tão obstinado no estranho.

— Chegando vinha era o mestre-vaqueiro. Deu-se que ouro ele tinha achado: um *refrigério*, bom sobejo. O lugar, por milagre desses que em alguma parte e em todo tempo há, ribeirão abaixo, por entre barrancos e brejos, onde teimava um minadouro e viçava o capinzal guardado. Mas o dono daquilo estava com sua ipueira cercada de arames, e ficava coimeiro tomando conta, com mão em espingarda e trela de cachorros bravos. O capim, ali, valia mortes.

Mourão escutou, a porção de vezes. A fato, indagava: — "Em quanto a boiada podia rapar, naquele destino de pasto? Se em dia e meio ou dia?" A bom, o vaqueiro-mestre lá voltasse, falasse, fizesse, o dinheiro bem mostrasse. E a voz dele ficava meditando: — "Dinheiro vem, dinheiro vai. Pior é praga de mãe ou de pai..."

Só, por lá, além dos bois, as árvores da beira e o rojo ruído do ribeirão, ter-se-ia, o quanto plus, o pio embusteiro de algum bem-te-vi bem alto, e o calor mortal, sitiando a minimidade das sombras. O vaqueiro-mestre, testemunha humana, chamava-se aliás Agapito.

— Sucinto que, a partir desse rumo, em tempo de três partes, conformemente, o negócio feito se acertava. Só para não se acabar logo, com a boiada enganada, por enquanto. Mourão estava abrindo de si seu dinheiro derradeiro — a senhas e portas. Me fiz triste. Montei, para vir executar para ele a diligência das compras. De dó, só. De minha pena.

Momento que foi outro meu espanto. Mourão então pediu perto o burro. Se se levantou do antigo lugar! Era ele — tão nhanhão não, nem com o tolher de achaque, nenhuma doença. Pouquinha dúvida. Tanto que ficou em pé, garboso, forçoso, a barriga imponente, me olhou me olhado, demais. O que perguntando, dizendo: — "Será que, por alguma vez que seja, a gente pode estar mesmo certo do que faz?"

Tomei sentido. Dizer o quê, eu não. Não imponho de graças, nem vendo conselho. Mas o homem se sacou para outros ânimos. Vascolejou de si um influído jaculado, proezas de satisfação: — "Tropeçar também ajuda a caminhar!..." Disse, assim. Muito. Gostei daquilo, demais, achei toda a clareza. Quem é, tem de ser. Na boa hora, o Homem do Pinguelo devia de estar com a gente, remiroso, por ali, eu acho. Se diz que ele é velho para surgir, nesse vezo, do jeito, em parada em paragem de beira d'água. Vem só para fazer mercê de presença, conformemente.

— O Homem-do-Pinguelo, o próprio?

— Cujo, para atalhar os motivos das todas dúvidas. E mais não sei, nem saberei, no meu fraco não dizer. Tudo, quanto há, é crendo e querendo: É calando e sabendo...

Seja que possivelmente se desgoste com a interrupção, tendo-a por impertinente, absurda, ou tomando-a talvez também como crítica à veracidade da estória e narrativa.

— Do que, entrementes, o Mourão se mexeu, postou a mão em meu ombro. Mesmeamos. E ele foi andando, cabeça ante cabeça, cauteloso. Subindo no animal, aconselhou ainda, tim por tim, aos vaqueiros, o uso de todo proceder. Em tanto, que me disse: — "Eu vou, também. Dia e meio de folga, quero aproveitar para passar dentro de casa, dormir regular em catre, ver a vida de um lado só..." Falou. E viemos para o arraial.

Se em longa pausa elide o tempo da viagem, é que parece também sozinho rememorar a extrema ligeireza dos fatos, há tanto passados, ou, mesmo, talvez, só em mente, na devida escala fazê-los caber.

— Desde a rua na entrada, a gente topou perto com o seo Cesarino, o qual dava suas quatro pernadas por ali, conformemente, abotoado de nervoso. Sempre diante da venda dele, que era uma das primeiras casas, conformemente, nessa beira de ar. Seo Cesarino viu a gente, e fixe, fixe, veio. — "Desapeia, José Reles!" — ele me convidou.

Respondi que, no hesitante, eu estava com aquele senhor. — "Desamontem os todos os dois, duma vez, pois então!" — seo Cesarino

me rebateu. Aí, pelo que pois, foi o Mourão que falou: que agradecido, do bom obséquio, mas porém estava caçando era pouso.

— "Pois arranche aqui, o amigo de fora, exato, que tem cômodo..." — seo Cesarino fechou, pela franqueza do agrado. Sumo, vai, foi ele mesmo querendo ajudar o outro a descer do animal. Dizer: que quase forçando o homem burro abaixo. E botou o Mourão em pé, no chão, e empurrou o Mourão venda a dentro. — "E por aí, como é que as coisas vão, seo Cesarino?" — dito que perguntei, a pergunta para os ares, porque ainda na véspera eu tinha bem ali estado com ele. — "Vão como que não: eu com a água, outros com o sabão..." — ele quis, que me chumbeou, dês que certo.

O Mourão, num enfim, já se tinha todo sentado em cadeira, fofo descansando braço no balcão. Sem chapéu, ele parecesse outra pessoa. Dito que lá não tinha mais ninguém, só vistos os nós três. O puro de tudo se dando fresco, bem haja que sossegado. Só o sol, nas portas. Mourão quis um gole d'água, bom é dizer que ele bebidas não bebia. Eu trouxe. Eles dois já estavam conversando.

(*Regulem-se as revezadas modulações, mas que ressoam contínuas, quase superpostas, no avivo do diálogo*:)

....

— "Isto, que está vendo? É peta. Isto não são mais mercadorias. Sim o cisco, lixos. Tivesse por aí menos lugar, em prateleiras e caixas, um podia era botar fora — tudo de tudo. Acho que ainda era o prol de proveito de lucros que se tinha: o modo melhor..." — assim o seo Cesarino, sem paz, se ouvia falando, de si e do seu desfazendo.

— "Quando foi o derradeiro balanço, que o sr. deu?" — o Mourão primeiro perguntou.

— "Meus, meus! Balanço?! Ora, que em barros velhos e cacalhada sem o mero valor? Seja. O meu bom Pai que muito me perdôe..."

— "O senhor seu pai é quem é o dono da venda?"

— "Ah, foi. Meu Pai é falecido, eterno em retrato..."

— "Ah. Não arrepare. Ideias minhas ainda estão fora de ordem..."

— "Não por isso, meu senhor. Eu mesmo é que tenho de ser o dono legitimário, legal, deste estrago, por mau amor deste lugar..." — a modo de remoque.

O Mourão parou de fazer um cigarro, desencarando o seo Cesarino. Para si, falou, pelo sozinho, revelamentação: — "Ah, nem pai, nem mãe. Essas

minhas pessoas minhas, que eu nunca tive...” — e engoliu, engolinhado. Seo Cesarino, de estouvo, pulou o balcão, para dentro, pegou a espingarda, de donde era que estava dependurada. Repulou para fora, chegou na porta. — “Arre, lá, outra vez, o alma penada!” — resmungo que disse. Aí o que era: um gaviãozinho carijó, pousado no tenteiro.

O Mourão, sem acender, inda lambia o cigarro. Os olhos dele piscavam pelo querer poder pegar de ver os antes começos das coisas. — “Saiba que estou e não estou com uma boiada, na beira do ribeirão...” — depois ele principiou a contar.

— “Hum? Hem!?” — e foi o seo Cesarino desmanchar o que apontava, desistido de dar tiro no gavião, e virou a comprida cara para cá. — “Boiada, por esta má altura do ano? Com a seca brava? Que é que o senhor vai fazer com esse trem? Onde é que ela ficou?”

— “Para baixo do Ingá, na grota do André...” — eu expliquei o restante.

— “Então, pelo que não...”

Seo Cesarino pegou a sacudir, sisfraz, a cabeça. O Mourão, sentado todo certo, pesado em si, olhando, altos olhos nesse ensimesmo, ele nem mudava o parecer da cara. Eu, é porque eu em fatos nunca que fico nervoso. Avistei o mundo em geral.

Pausa.

Abaixando a entonação:

— Entendo que foi principiando a se ficar nos ares que seo Cesarino indagou: — “As quantas cabeças?”

O Mourão, supro, sossegadão. — “O que devem de ainda regular por umas seiscentas, no contando por fora as que eu descontei para acabarem de morrer amanhã, ou hoje. Os todos — uns tantos esqueletos — veja o senhor.” — foi o que o Mourão disse; que não se alterou, não soletrou.

— “Uma boiada... Virgem... enorme dessas... Nossa! E passados tantos dias de caminho...”

Seo Cesarino parou de balançar a cabeça. — “Há-de. Haja! Há-de que tem de ter um jeito!” — ele bramou, ele bem que pôs. Seo Cesarino tornou a abrir no ir e vir, largo nos espaços da venda. De si só, para si, ardentemente, ele pegou a falar. — ... “Sobras nenhumas de pastos, por aqui, rapador nenhum, não tem socorro. Seiscentas... Seô Caetano... Até distância de cinco léguas... para lá do rio, rancho do Coqueiral... para acomodar os gados... no Cachorro-Manso... duas léguas e três-quartos... na

tapera do Cocho... no Duvijílio, tem um brejal, no ermo... Será, que? Se há?" Apontou, encostando o dedo no peito do Mourão: — "O senhor possui bons vaqueiros?"

— "Digo: a laia de primeira. O que é, é que eles não navegam neste mundo de por aqui. Os campeiros, que vêm, vieram, de longe..."

Seo Cesarino esbarrou de caminhar, mas ficado em pé, conformemente, espingarda na mão; com a outra batendo no balcão, com os duros dedos. O Mourão, desprincipiado do cigarro, fez os gestos para cuspir; mas viu a venda em limpo chão, conservou na boca. Deu mais tempo. Daí, de frente, perguntou:

— "O sr. tem interesse por boiada?"

Fiquei muito acordado.

Pausa — de circunstância.

— Presumo que o seo Cesarino nem ouviu o que eu ouvi. Ele trespulava o balcão, vez para dentro, tornou a pendurar a espingarda.

E nessa hora foi que o Mourão se levantou: coçou os olhos.

E o vedes-vós. Esse homem — cara-de-lua, com tantas pachorras de nascido, como seja que era — cada vez que ele isso fazia, a gente se admirava. Daí, mais, porém, fez o que não se achava possível sem o pasmo: pulou também, para a banda de dentro, xispeteótico. E deu de caminhar, em vem-vai, outro também, próprio, somente vagaroso. Dito que andava e olhava, num lince de olhos. Dito que a gente vendo. A gente notando o bem bom se prezar que se dava de repente na redonda cara dele, seu virar de espírito, que exato. Onde que andava e olhava, e pegava a examinar. Pois, examinando, e querendo pôr mãos a tudo, mesmo nas prateleiras remexendo. Onde, no que bulia, só dizia: — "Fazenda boa. Chita? E isto aqui... caixa de suspensórios... botina de homem... enxadas... botões de calça..." De se ver, do desusado operativo expedito naquela movimentação, o Mourão, dado a desejoso, aí guiando suas vistas a todas as partes. Declarando querer a descrição de tudo, certo a certo, por gravidade: — "Bom. Ótimo. Bom!" — só dizia; só raspava as mãos na porcaria.

Estupendante que, em feito fato, tinha muito trem, lá, que seo Cesarino mesmo nem soubesse mais o que era o quê, os esquecidos. Pelo quanto o

seo Cesarino, tem-te tempo, já estava de acompanhar rente o outro, respondendo o que explicando.

As coisas de nenhuma valia mais, só prestando para o dado de nada, mercancias no consumiço. Mas: — "Bom. Bom. Bom..." — o Mourão achava. Com a mente com que tudo gabava, falava a sério, resolvido, por puxar fatos, sem caçoar conversa, fornecido de coragem. O que avistava, parecia, para ele, o manjar dos olhos. E pegou em caixa de charutos, abriu. — "Ah, isto, sim. Há que tempos..." — disse, ele todo se suspirou no oh. Admiramos de ver, ouvindo aquelas tantas admirações. E porque ele estava feito menino pequeno — que só atende ao vislumbrado.

— "É tudo refugo — de rebotalhos — restos..." — seo Cesarino falou, abaixou os braços: lambia o vinagre.

O Mourão tirou um charuto, que logo todo se esfarelou. E pegou outro: que, também, nem. E outro mais outro, que esteve ainda pior, nos dedos dele, esfiapável. Mas foi escolhendo, apalpados, achou um são. Mamou, aí, mastigou o bico, acendeu, bafou, prezou a fumaça. — "Especial. Supimpa. Superior..." — veio dizendo. De repente e num túfe-te, ele desceu em cena — e fechou, franco, forte, soflagrado:

O narrador se levanta:

— "O senhor quer barganhar carne podre por fumo podre?"

Pequena pausa, de fôlego.

— Isto, eu ouvi. O que foi o desabe de pergunta que ele perguntou, de mão na ilharga. Decorreu o bruscamente, as quatro mudanças da lua. O se ser de labareda — num pulo e estalo.

Bom desatino! Quá... Nós todos três, de rir, desafinou-se. Mas não era, se sei, um riso verdadeiro. Sei que risada fosse, para armar na gente outros jeitos de seriedades. O tamanho tanto, no relance da forte notícia. Igual a essa, só esta! Igual a esta só essa: o Mourão, querendo trocar a boiada pela venda!

É ver que é ver, bom é dizer: que vi. E ninguém era dono desse silêncio. Seo Cesarino empinou a cabeça. Seo Cesarino tossiu fora de propósitos. E o Mourão vindo de lá, de roda volta, charuto na mão, mastigando os beiços. Ombro por ombro um com o outro. De um lado, o homem; de outro lado, o homem. Eles estavam lá, os abismados.

Onde pois foi então, naquela juntura. O em que eu dei fé, de uma aragem em fino, do vero que se dava para estar para acontecendo. Tudo subido sensato, no ensejo pontudo, positivo mesmo. E onde cantaria o galo? Chega que eu entendi. Sei o porquê, sem saber. Hoje, acho que sei. Que, naquela paz de hora, devia de se ter surgido para estar ali, com a gente, o... O desencontradiço... O bem-encontrado... O...

Hesitação, de constrangimento.

— É. É o que pode dar razão, nos fatos mais acontecidos. Eu acho que acho. Tiro por mim que devia de ser.

O narrador torna a sentar-se.

— Pelo dito. Pelo depois. Mas, o que ouvi, que foi o seo Cesarino depor, conformemente: — "Tem a casa da venda, e tem o fundo-de-negócio..." E o Mourão: — "Tudo se acerta. Tudo se acerta." Disse, consoante aquela côrda voz. — "Tem as contas, por pagar ainda aos cometas..." — "Tudo se acerta. Oferta leal é porta aberta..." —; sem um acabar de falar, para o outro começar.

O mais é só para resumos — o que houve, até à avença; e o que eles se estipularam, cujo e a quem. O que foi nuns momentos poucos, depois do fim. Concordou tudo, no entrementes, enquanto calei minha boca, nem pensando. O Mourão me olhou, prosseguindo seu charuto. Seo Cesarino, gesticulado, me olhava. Eles dois, quites, tinham fechado o trato. Deram mão de amigo um ao outro. Feito, e feito ligeiro, a ambas vontades. Admirei muito, com meus maiores espantos.

Selaram pelo arremate, saído se-dado seguido, sem a regra das todas as praxes. Só assentaram em papel, rabiscado leve, quase que tudo na honra das palavras, para dar o cabo. O Mourão se chamava Pedro Mourão, da Pirapora. Seo Cesarino vinha a ser longe parente meu, pelo ramo dos Ribeiros e dos Correias Prestes.

Jantou-se, não se ceou. Tinha ido quem, por trazer o mestre-vaqueiro, às ordens do patrão novo, da boiada. Seo Cesarino arrumava a trouxa, pouca, seus trens dele. Com efeito, o Mourão tomava entrega do negócio, estudando o livro borrador e as gavetas, metade do charuto em brancas cinzas. Vai, foi, quando reparou na espingarda, pendurada pensativa que

estava. Então, disse: — “Convém levar, irmão. Eu, cá, não caço. Eu, só, às vezes, pesco...” — e ele era um homem atencioso, no estimável.

Mas, também, se via, na parede, no branco, o retrato, grande, do Pai de seo Cesarino. E seo Cesarino mal sorriu, abanou a cabeça. Pelo firme, pelo triste, aí falou, reto, para o Mourão: — “Este, não levo, não careço. Só lhe peço, se lhe mereço, o poder ele ficar aí, um sempre...” O Mourão bem sorriu, disse: — “Mal não me faz. Me honrarei. Me praz...” — o Mourão estava bem de acordo. Então, eles se despediram, assaz.

Seo Cesarino me chamou, no passo da porta:

— “Você comigo vem, Zé?”

Saiu estrada a dentro.

Eu vim.

Viramos no pé.

Pausa, de fadiga.

— ... De por diante e por depois, nós, aí e então — entões, nos dias gastados. Para a parte do rio. Definitos nesse rumo, légua mais légua, no cascar do calor — essas brasas celestes — chão esquentado. Perante que, em pegado e suado pó, nas grossuras da poeira, poeira pele a dentro — a gente se empalidecia — de poeiras baças. Seo Cesarino, em mão de rédea, conformemente, com esta determinação; e eu na sela, de boa assentada. Para dar comboio àquele gado terrivoroso — em mugidume e embatume — e que não tinham integridade. De um lanço a outro lanço, a gente se encontrando com o desencontro: eh. Marmilhapes! Aonde, por um pasto, dentro de mão, a gente pagando ouros e almas. São coisas não cridas, acontecidas: são alturas de lua. A gente no préstimo de perseveranças — ao que, beira-rio, tras-rio — caçando o caminho passável. Ao que: tem-te aqui, tem-te ali, tem-te aí, lá e cá, tem-te acolá! Ao que: a grande paciência. Era de ver que — o caminho conseguido, ave.

Sob as principais estrelas. Segundo o grande sol das estradas. Sus urubus detidamente voavam.

— Tempo e tempo. E mal é dizer que: que o danifício — dar em perdição — o ir com aquele negócio até ao cabo. E porque. O ar não cheirava. O gado, miqueado assim, à melindreza, e que não se toca, não tem toada. Antes, mal caminhando, devagar, no meio de cada momento, no

susto e pulo, no se escorar. Andava-se agora era de noite, e se via o rio — arriba águas. Seo Cesarino cavalgante em frente, forçoso de brio, chefitivo, com o engenho em fé e as mãos na matéria. O boi se acabando de mansinho, dando a ossada. Seo Cesarino, a fino fuso, com espíritos de quem ia fundar curral. Sem a pressa possível — por eles, por conta. Só o ir, que não podia ser de desabe desabalado. Inda's que com o pai da gente, no fim da distância, no pau da forca se balançando. Seja, ou, que — o sangue saía, mas sem se desatar a sangria. Tinha de ser o que não e o quê: desatino vagaroso. E, ei, eis: — "Inda tem vivos?" — "Todos, afora os mortos, eh." — "Inda, então, vamos..." os resfolegados.

Mas, melhorava.

Sensatamente? As montanhas amoleciam. Afiançava-se um em breve vir de chuva. Surtos, se bem que — seu incessar, — os abutres feretétricos.

— Tempo depois de tempo. E o dia que havia de ser. Até que chegamos. Aonde que era guarida, o pique da esperança da gente, final próprio, terra de consideração. Isto que vi e admirei. E com os bois restantes refrescados.

Seo Cesarino, todo paulista, em chegando a gente — o estrondo — e em rompendo a manhã, dos galos. De toda a aurora. Sei que ainda estimo, quanto nos ouvidos, a voz de firmeza, dele, já mal no desapear, de rebate, aquelas primeiras palavras:

— "Seô Caetano!..."

A verdade — do que do homem — de ousado e obrado.

Tomei um alento.

Aqueles, em festas, currais, de toda a capacidade.

O curral abarcava.

Seô Caetano Mascarenhas sendo homem sábio, grosso, marechalengo, senhor de família e fazenda, todo dono da Ponte-Nova. Seo Cesarino parava, porém, ainda com todos os problemas — de quem ganhou uma batalha.

— Seô Caetano se avultou de vir ver. Isto, que ele estava de boa veneta — e em obrigação de proteção — por paz e amizades. Mas, que não podia, ele repetia; que para o fato nenhum jeito dava, achava.

Seo Cesarino, só portanto, dizia, com as muito entreabertas pernas:

— “Seô Caetano, quero não contrariar com o senhor, mas estou em meio da minha meada...”

— “Diacho, menino, a seca não é minha também? Eu, que com o gado meu na falecência, sobejos, em rama e caroço, que mal tenho, e nem restados. E já estou quase no abrindo as porteiras...”

Seo Cesarino botou o I no pingo:

— “Seô Caetano, pois, o que eu trouxe, hoje, e aqui, é: imagina. O que é tudo o que inda hei — de meus possuídos...”

Seô Caetano, de grado, de grande, severamente se consternava:

— “Menino! Seu diabo, que triste loucura? Botou fora o que o seu pai para você ajuntou e herdou — botou? E ao que veio se meter, em feixe de estreitas talas...”

Seo Cesarino, fio que não escutava. Ele tinha mandado desaparecer a boiada — adentro dos curralões do Seô Caetano — em aperto de bem encurralada. Deu o declarado final:

— “Seô Caetano, o senhor me resolva. Sendo que me vou, vou, e senão onde. Só o senhor: faça e saiba.”

Seô Caetano, irrazoado, sanhou-se que inda gritou: — “Menos essa! Seu diabo, seu! diacho, espera. Dito, e para onde é que vai, menino, seu diacho, diabo?”

Seo Cesarino, mesmo, nem soubesse, à dôida. Isto vinha por depois. E tinha, decerto, para si, que não queria cair na razão. Disse que ia pelo virar as dobradiças do mundo. Largou pé de lá. Só tornou a montar, se sumiu.

Sumiu até de mim, se sei.

O resto...

— *O resto, cumpria, ainda, ao Homem do Pinguelo?*

— Houve o que houve e há e haverá. O que, de diverso, podia haver ou não haver, alguém por sorte saberá?

Pausa; franzida.

— Aos anos, que isto foi. Ainda que, por muitos, muitos, ninguém teve conhecimento, do seo Cesarino, de por onde andava — o que era que não fazia? E que boas-artes, dele, de si, aprontava. A boiada, aquela, sim, se valera: achou-se assim enfim de poder rever os cinzentos verdejando, à sustença, nos pastos da Ponta-Nova. Salva, a meio, ou senão acima, do fim

de estado em que se estava. Seô Caetano revendeu os bois bem gordos. Ao seo Cesarino certo enviou os importes da quantia. Pois.

Mas, por fato e final, quando dele se empunhando notícias — foram da grandeza dos evangelhos! Seo Cesarino, de rico, inteirado. Se diz que ele viveu e mexeu, em cidades. Diz-se que, sem desesquentar os pés, ele deu fogo de todo lado. Se não pediu, só não pediu esmolas, há-de. Sendo, será que, com aquele primeiro dinheiro, viajou e virou, conformemente, no vender bois e passar outras boiadas? Só se soube: que também, logo, com um tempo, pegou a compor o estável. Simplesmente que fez negócios grandes, dobrou, dezenou, engrossou fortuna. O que, porém — foi um caber de anel em dedo — e mais no enxerir no castiçal a vela. À conta inteira, com a dinheirama, que gira e despeja, conformemente, capitalista, agora vive em palacete, dono. O quanto é mais que ele tem? Alguém sabe. Ao que: reside com a vida.

Pausa, nostálgica.

— E o Mourão. O Mourão — então — que se saiba. Primeiro, o fundo-de-negócio da venda, arrumou, conformemente, as prateleiras e armários. De que não era maldita, aquela, sendo, discorreu, bem discursado. Mimou com os vinte: deu o dedo.

De onde ordem a tudo. De fato. E os cometas logo vieram, com créditos e arras. Pois. Veio o povo, mediante muito, para a muita freguesia. Para o muito comprar, e pagar, é de ver que. É de ver que ele, disso, como se já dantes definido soubesse, bem assistido e prosperado. Pois, bom é dizer que: nada, com ele saía para fora de nada. Devagar também é pressa. Seja, o que se diz: a carta errada, do ano passado, desta vez era trunfo! Donde bem, e sei; ah.

Mas, o Mourão, por si, pôs: lavorou, ganhou, parou empapado de rico, sumo dono do arraial, quase. De hotel, os botequins, a aumentada venda, de chácara afazendada, da bomba de gasolina e graúdo salão de bilhares. Da fazenda que comprou, o despropósito de terra, de alqueires, do Seo Coronel Regismundo dos Reis Fonsêca — tão olvidado. Além de que com limpezas de vida, o Mourão. Depois, morreu, lá, ainda em firme véspera de velhice, dando-se a extraordinária extrema-unção, festivos enterro e velório. Muito, às muitas vezes, mais rico, do que o seo Genuíno, do que

os turcos, todos. Formou impossível exemplo. (*Inquieto*:) Mas — e o senhor aprecia deveras, de esvaziar, a sustância desta vera estória?

Sobre o ser e aparecer, porém, do Homem do Pinguelo, furta-se de ainda falar. Peremptório, recusa-se, chega a agastar-se. Saberá, decerto, que, a respeito, deva guardar o vivo silêncio, sob pena de alguma sorte de punição não-natural?

— Ora, vista. A gente fabulando — o vivendo. Será que alguém, em estudo, já escarafunchou o roda-rodar de toda a gente, neste meu mundo? Assim — serra acima ou rio abaixo — os porquês. Atrás de tôrto, o desentortado. Adiante. Todo lugar é igual a outro lugar; todo tempo é o tempo. Aí: as coisas acontecidas, não começam, não acabam. Nem. Senhores! Assim, num povoado...

— *Arraial. O arraial, que...*

— É. Eu é que estive lá, junto, nas horas, em estâncias tão desiguais. Ali, primeiro, com um, depois com o outro, depois com os todos dois, para todos o sol nascendo. Eu vi e ouvi, tudo o que conformemente era para se notar, que se deu: fui flagrante de testemunha... Agora, não sei...

E haverá, então pois, outra hipótese, nova suposição, e ignorada do próprio narrador, e teoria mais subtil? Bom é dizer que ousada demais, todavia, quase inaceitável...

— A gente vive sem querer entender o viver? A gente vive em viagem. (*O narrador bebe cuia d'água*.) Eu — eu não fui eu quem me comecei. Eu é que não sei dos meus possíveis!

Pouquinha dúvida.

É mal ver que o centro do assunto seja ainda de indiscussão, conformemente?
Dito o que ninguém diz, bom é dizer, nem — na paisagem — o nenhum passarinho, tristriz.
Isto viria por depois? (O narrador só escuta.) E mais não nos será perguntado.

Meu tio o Iauaretê

— Hum? Eh-eh... É. Nhor sim. Ã-hã, quer entrar, pode entrar... Hum, hum. Mecê sabia que eu moro aqui? Como é que sabia? Hum-hum... Eh. Nhor não, *n't, n't*... Cavalo seu é esse só? Ixe! Cavalo tá manco, aguado. Presta mais não. Axi... Pois sim. Hum, hum. Mecê enxergou este foguinho meu, de longe? É. A' pois. Mecê entra, cê pode ficar aqui.

Hã-hã. Isto não é casa... É. Havéra. Acho. Sou fazendeiro não, sou morador... Eh, também sou morador não. Eu — toda a parte. Tou aqui, quando eu quero eu mudo. É. Aqui eu durmo. Hum. Nhem? Mecê é que tá falando. Nhor não... Cê vai indo ou vem vindo?

Hã, pode trazer tudo pra dentro. Erê! Mecê desarreia cavalo, eu ajudo. Mecê peia cavalo, eu ajudo... Traz alforje pra dentro, traz saco, seus dobros. Hum, hum! Pode. Mecê cipriuara, homem que veio pra mim, visita minha; iá-nhã? Bom. Bonito. Cê pode sentar, pode deitar no jirau. Jirau é meu não. Eu — rede. Durmo em rede. Jirau é do preto. Agora eu vou ficar agachado. Também é bom. Assopro o fogo. Nhem? Se essa é minha, nhem? Minha é a rede. Hum. Hum-hum. É. Nhor não. Hum, hum... Então, por que é que cê não quer abrir saco, mexer no que tá dentro dele? Atié! Mecê é lobo gordo... Atié...[51] É meu, algum? Que é que eu tenho com isso? Eu tomo suas coisas não, furto não. A-hé, a-hé, nhor sim, eu quero. Eu gosto. Pode botar no coité. Eu gosto, demais...

Bom. Bonito. A-hã! Essa sua cachaça de mecê é muito boa. Queria uma medida-de-litro dela... Ah, munhãmunhã: bobagem. Tou falando bobagem, munhamunhando. Tou às boas. Apê! Mecê é homem bonito, tão rico. Nhem? Nhor não. Às vez. Aperceio. Quage nunca. Sei fazer, eu faço: faço de cajú, de fruta do mato, do milho. Mas não é bom, não. Tem esse fogo bom-bonito não. Dá muito trabalho. Tenho dela hoje não. Tenho nenhum. Mecê não gosta. É cachaça suja, de pobre...

Ã-hã, preto vem mais não. Preto morreu. Eu cá sei? Morreu, por aí, morreu de doença. Macio de doença. É de verdade. Tou falando verdade... Hum... Camarada seu demora, chega só 'manhã de tarde. Mais? Nhor sim, eu bebo. Apê! Cachaça boa. Mecê só trouxe esse garrafão? Eh, eh. Camarada de mecê tá aqui 'manhã, com a condução? Será? Cê tá com

febre? Camarada decerto traz remédio... Hum-hum. Nhor não. Bebo chá do mato. Raiz de planta. Sei achar, minha mãe me ensinou, eu mesmo conheço. Nunca tou doente. Só pereba, ferida-brava em perna, essas ziquiziras, curuba. Trem ruim, eu sou bicho do mato.

Hum, não adianta mais percurar... Os animais foram por longe. Camarada não devia ter deixado. Camarada ruim, *n't, n't!* Nhor não. Fugiram depressa, a' pois. Mundo muito grande: isso por aí é gerais, tudo sertão bruto, tapuitama... 'Manhã, camarada volta, traz outros. Hum, hum, cavalo p'los matos. Eu sei achar, escuto o caminhado deles. Escuto, com a orêlha no chão. Cavalo correndo, popóre... Sei acompanhar rastro. Ti... agora posso não, adianta não, aqui é muito lugaroso. Foram por longe. Onça tá comendo aqueles... Cê fica triste? É minha culpa não; é culpa minha algum? Fica triste não. Cê é rico, tem muito cavalo. Mas, esses, onça já comeu, atiúca! Cavalo chegou perto do mato, tá comido... Os macacos gritaram — então onça tá pegando...

Eh, mais, nhor sim. Eu gosto. Cachaça de primeira. Mecê tem fumo também? É, fumo pra mascar, pra pitar. Mecê tem mais, tem muito? Ha-hã. É bom. Fumo muito bonito, fumo forte. Nhor sim, a' pois. Mecê quer me dar, eu quero. Apreceio. Pitume muito bom. Esse fumo é chico-silva? Hoje tá tudo muito bom, cê não acha?

Mecê quer de-comer? Tem carne, tem mandioca. Eh, oh, paçoca. Muita pimenta. Sal, tenho não. Tem mais não. Que cheira bom, bonito, é carne. Tamanduá que eu cacei. Mecê não come? Tamanduá é bom. Tem farinha, rapadura. Cê pode comer tudo, 'manhã eu caço mais, mato veado. 'Manhã mato veado não: carece não. Onça já pegou cavalo de mecê, pulou nele, sangrou na veia-alteia... Bicho grande já morreu mesmo, e ela inda não larga, tá em riba dele... Quebrou cabeça do cavalo, rasgou pescoço... Quebrou? Quebroou!... Chupou o sangue todo, comeu um pedação de carne. Despois, carregou cavalo morto, puxou pra a beira do mato, puxou na boca. Tapou com folhas. Agora ela tá dormindo, no mato fechado... Pintada começa comendo a bunda, a anca. Suaçurana começa p'la pá, p'los peitos. Anta, elas duas principeiam p'la barriga: couro é grosso... Mecê 'creditou? Mas suaçurana mata anta não, não é capaz. Pinima mata; pinima é meu parente!...

Nhem? 'Manhã cedo ela volta lá, come mais um pouco. Aí, vai beber água. Chego lá, junto com os urubús... Porqueira desses, uns urubús, eles moram na Lapa do Baú... Chego lá, corto pedaço de carne pra mim. Agora,

eu já sei: onça é que caça pra mim, quando ela pode. Onça é meu parente. Meus parentes, meus parentes, ai, ai, ai... Tou rindo de mecê não. Tou munhamunhando sozinho pra mim, anhum. Carne do cavalo 'manhã tá pôdre não. Carne de cavalo, muito boa, de primeira. Eu como carne pôdre não, axe! Onça também come não. Quando é suaçurana que matou, gosto menos: ela tapa tudo com areia, também suja de terra...

Café, tem não. Hum, preto bebia café, gostava. Não quero morar mais com preto nenhum, nunca mais... Macacão. Preto tem catinga... Mas preto dizia que eu também tenho: catinga diferente, catinga aspra. Nhem? Rancho não é meu, não; rancho não tem dono. Não era do preto também, não. Buriti do rancho tá pôdre de velho, mas não entra chuva, só pipica um pouquim. Ixe, quando eu mudar embora daqui, toco fogo em rancho: pra ninguém mais poder não morar. Ninguém mora em riba do meu cheiro...

Mecê pode comer, paçoca é de tamanduá não. Paçoca de carne boa, tatú-hú. Tatú que eu matei. Tomei de onça não. Bicho pequeno elas não guardam: comem inteirinho, ele todo. Muita pimenta, hã... Nhem? Ã-hã, é, tá escuro. Lua ainda não veio. Lua tá vesprando, mais logo sobe. Hum, não tem. Tem candieiro não, luz nenhuma. Sopro o fogo. Faz mal não, rancho não pega fogo, tou olhando, olhôlho. Foguinho debaixo da rede é bom-bonito, alumêia, esquenta. Aqui tem graveto, araçá, lenha boa. Pra mim só, não carece, eu sei entender no escuro. Enxergo dentro dos matos. Ei, no meio do mato tá lumiando: vai ver, não é olho nenhum, não — é tiquira, gota d'água, resina de árvore, bicho-de-pau, aranha grande... Cê tem medo? Mecê, então, não pode ser onça... Cê não pode entender onça. Cê pode? Fala! Eu aguento calor, guento frio. Preto gemia com frio. Preto trabalhador, muito, gostava. Buscava lenha, cozinhava. Plantou mandioca. Quando mandioca acabar, eu mudo daqui. Eh, essa cachaça é boa!

Nhenhem? Eu cacei onça, demais. Sou muito caçador de onça. Vim pra aqui pra caçar onça, só pra mor de caçar onça. Nhô Nhuão Guede me trouxe pra cá. Me pagava. Eu ganhava o couro, ganhava dinheiro por onça que eu matava. Dinheiro bom: glim-glim... Só eu é que sabia caçar onça. Por isso Nhô Nhuão Guede me mandou ficar aqui, mor de desonçar este mundo todo. Anhum, sozinho, mesmo... Araã... Vendia couro, ganhava mais dinheiro. Comprava chumbo, pólvora. Comprava sal, comprava espoleta. Eh, ia longe daqui, pra comprar tudo. Rapadura também. Eu — longe. Sei andar muito, demais, andar ligeiro, sei pisar do jeito que a gente não cansa, pé direitinho pra diante, eu caminho noite inteira. Teve vez que

fui até no Boi do Urucúia... É. A pé. Quero cavalo não, gosto não. Eu tinha cavalo, morreu, que foi, tem mais não, cuéra. Morreu de doença. De verdade. Tou falando verdade... Também não quero cachorro. Cachorro faz barulho, onça mata. Onça gosta de matar tudo...

Hui! Atiê! Atimbora! Mecê não pode falar que eu matei onça, pode não. Eu, posso. Não fala, não. Eu não mato mais onça, mato não. É feio — que eu matei. Onça meu parente. Matei, montão. Cê sabe contar? Conta quatro, dez vezes, tá í: esse monte mecê bota quatro vezes. Tanto? Cada que matei, ponhei uma pedrinha na cabaça. Cabaça não cabe nem outra pedrinha. Agora vou jogar cabaça cheia de pedrinhas dentro do rio. Quero ter matado onça não. Se mecê falar que eu matei onça, fico brabo. Fala que eu não matei, não, tá-há? Falou? A-é, ã-ã. Bom, bonito, de verdade. Mecê meu amigo!

Nhor sim, cá por mim vou bebendo. Cachaça boa, especial. Mecê bebe, também: cachaça é sua de mecê; cachacinha é remédio... Cê tá espiando. Cê quer dar pra mim esse relógio? Ah, não pode, não quer, tá bom... Tá bom, dei'stá! Quero relógio nenhum não. Dei'stá. Pensei que mecê queria ser meu amigo... Hum. Hum-hum. É. Hum. Iá axi. Quero canivete não. Quero dinheiro não. Hum. Eu vou lá fora. Cê pensa que onça não vem em beira do rancho, não come esse outro seu cavalo manco? Ih, ela vem. Ela põe a mão pra a frente, enorme. Capim mexeu redondo, balançadinho, devagarim, mansim: é ela. Vem por de dentro. Onça mão — onça pé — onça rabo... Vem calada, quer comer. Mecê carece de ter medo! Tem? Se ela urrar, eh, mocanhemo, cê tem medo. Esturra — urra de engrossar a goela e afundar os vazios... *Urrurrú-rrrurrú...* Troveja, até. Tudo treme. Bocão que cabe muita coisa, bocão duas-bocas! Apê! Cê tem medo? Bom, eu sei, cê tem medo não. Cê é querembáua, bom-bonito, corajoso. Mas então agora pode me dar canivete e dinheiro, dinheirim. Relógio quero não, tá bom, tava era brincando. Pra quê que eu quero relógio? Não careço...

Ei, eu também não sou ridico. Mecê quer couro de onça? Hã-hã, mecê tá vendo, ã-hã. Courame bonito? Tudo que eu mesmo cacei, faz muito tempo. Esses eu não vendi mais não. Não quis. Esses aí? Cangussú macho, matei na beira do rio Sorongo. Matei com uma chuçada só, mor de não estragar couro. Eh, pajé! Macharrão machôrro. Ele mordeu o cabo da zagaia, taca que ferrou marca de dente. Aquilo, ele onção virou mexer de bola, revirando, mole-mole, de relâmpago, feio feito sucurí, desmanchando o

corpo de raiva, debaixo de meu ferro. Torcia, danado, braceiro, e miava, rôsno bruto inda queria me puxar pra o matinho fechado, todo de espinho... Quage pôde comigo!

Essa outra, pintada também, mas malha-larga, jaguara-pinima,[52] onção que mia grosso. Matei a tiro, tava trepada em árvore. Sentada num galho da árvore. Ela tava lá, sem pescoço. Parecia que tava dormindo. Tava mas era me olhando... Me olhava até com desprezo. Nem deixei ela arrebitar as orêlhas: por isso, por isso, pum! — pôrro de fogo... Tiro na boca, mor de não estragar[53] o couro. Ã-hã, inda quis agarrar de unha no ramo de baixo — cadê fôlego pra isso mais? Ficou pendurada comprida, despois caiu mesmo lá de riba, despencou, quebrou dois galhos... Bateu no chão, ih, eh!

Nhem? Onça preta? Aqui tem muita, pixuna, muita. Eu matava, a mesma coisa. Hum, hum, onça preta cruza com onça-pintada. Elas vinham nadando, uma por trás da outra, as cabeças de fora, fio-das-costas de fora. Trepei num pau, na beirada do rio, matei a tiro. Mais primeiro a macha, onça jaguaretê-pinima, que vinha primeira. Onça nada? Eh, bicho nadador! Travessa rio grande, numa direitura de rumo, sai adonde é que quer... Suaçurana nada também, mas essa gosta de travessar rio não. Aquelas duas de casal, que tou contando,[54] foi na banda de baixo, noutro rio, sem nome nenhum, um rio sujo... A fêmea era pixuna, mas não era preta feito carvão preto: era preta cor de café. Cerquei os defuntos no raso: perdi[55] os couros não... Bom, mas mecê não fala que eu matei onça, hem? Mecê escuta e não fala. Não pode. Hã? Será? Hué! Ói, que eu gosto de vermelho! Mecê já sabe...

Bom, vou tomar um golinho. Uai, eu bebo até suar, até dar cinza na língua... Cãuinhuara! Careço de beber, pra ficar alegre. Careço, pra poder prosear. Se eu não beber muito, então não falo, não sei, tou só cansado... Dei'stá, 'manhã mecê vai embora. Eu fico sozinho, anhum. Que me importa? Eh, esse é couro bom, da pequena, onça cabeçuda. Cê quer esse? Leva. Mecê deixa o resto da cachaça pra mim? Mecê tá com febre. Devia deitar no jirau, rebuçar com a capa, cobrir com couro, dormir. Quer? Cê tira a roupa, bota relógio dentro do casco de tatú, bota o revólver também, ninguém bole. Eu vou bulir em seus trens não. Eu acendo fogo maior, fico de olho, tomo conta do fogo, mecê dorme. Casco de tatú tem só esse pedaço de sabão dentro. É meu não, era do preto. Gosto de sabão não. Mecê não quer dormir? Tá bom, tá bom, não falei nada, não falei...

Cê quer saber de onça? Eh, eh, elas morrem com uma raiva, tão falando o que a gente não fala... Num dia só, eu cacei três. Eh, essa era uma suaçurana, onça vermelho-raposa, gatão de uma cor só, toda. Tava dormindo de dia, escondida no capim alto. Eh, suaçurana é custoso a gente caçar: corre muito, trepa em árvore. Vaga muito, mas ela vive no cerradão, na chapada. Pinima não deixa suaçurana viver em beira de brejo, pinima toca suaçurana embora... Carne dela eu comi. Boa, mais gostosa, mais macia. Cozinhei com jembê de carurú bravo. Muito sal, pimenta forte. Da pinima eu comia só o coração delas, mixiri, comi sapecado, moqueado, de todo o jeito. E esfregava meu corpo todo com a banha. Pra eu nunca eu não ter medo!

Nhor? Nhor sim. Muitos, muitos anos. Acabei com as onças em três lugares. Da banda dali é o rio Sucuriú, vai entrar no rio Sorongo. Lá é sertão de mata-virgem. Mas, da banda de cá é o rio Ururáu, depois de vinte léguas é a Barra do Frade, já pode ter fazenda lá, pode ter gado. Matei as onças todas... Eh, aqui ninguém não pode morar, gente que não é eu. Eh, nhem? Ahã-hã... Casa tem nenhuma. Casa tem atrás dos buritis, seis léguas, no meio do brejo. Morava veredeiro, seu Rauremiro. Veredeiro morreu, mulher dele, as filhas, menino pequeno. Morreu tudo de doença. De verdade. Tou falando verdade!... Aqui não vem ninguém, é muito custoso. Muito dilatado, pra vir gente. Só por muito longe, uma semana de viagem, é que vão lá, caçador rico, jaguariara, vêm todo ano, mês de agosto, pra caçar onça também.

Eles trazem cachorros grandes, cachorro onceiro. Cada um tem carabina boa, espingarda, eu queria ter uma... Hum, hum, onça não é bobo, elas fogem dos cachorros, trepam em árvore. Cachorro dobra de latir, barrôa... Se a onça arranja jeito, pega o mato sujo, fechadão, eh, lá é custoso homem poder enxergar que tem onça. Acoo, acuação — com os cachorros: ela então esbraveja, mopoama, mopoca, peteca, mata cachorro de todo lado, eh, ela pode mexer de cada maneira. Ã-hã... Esperando deitada, então, é o jeito mais perigoso: quer matar ou morrer de todo... Eh, ronca feito porco, cachorro chega nela não. Não vem nada. Um tapa, chega! Tapão, tapeja... Ela vira e pula de lado, mecê não vê de donde ela vem... Zuzune. Mesmo morrendo, ela ainda mata cachorrão. É cada urro, cada rosnado. Arranca a cabeça do cachorro. Mecê tem medo? Vou ensinar, hem; mecê vê do lado de donde não tá vindo o vento — aí mecê vigia, porque daí é que onça de repente pode aparecer, pular em mecê... Pula de

lado, muda o repulo no ar. Pula em-cruz. É bom mecê aprender. É um pulo e um despulo. Orêlha dela repinica, cataca, um estalinho, feito chuva de pedra. Ela vem fazendo atalhos. Cê já viu cobra? Pois é, Apê! Poranga suú, suú, jucá-iucá... Às vez faz um barulhinho, piriri nas folhas secas, pisando nos gravetos, eh, eh — passarinho foge. Capivara dá um grito, de longe cê ouve: *au!* — e pula n'água, onça já tá aqui perto. Quando pinima vai saltar pra comer mecê, o rabo dela encurvêia com a ponta pra riba, despois concerta firme. Esticadinha: a cabeça dá de maior, pra riba, quando ela escancara a boca, as pintas ficam mais compridas, os olhos vão pra os lados, reprega a cara. Ói: a boca — ói: a bigodeira salta... Língua lá redobrada de lado... Abre os braços, já tá mexendo pra pular: demora nas pernas — ei, ei — nas pernas de trás... Onça acuada, vira demônio, senta no chão, quebra pau, espedaça. Ela levanta, fica em pé. Quem chegou, tá rebentado. Eh, tapa de mão de onça é pior que porrete... Mecê viu a sombra? Então mecê tá morto... Ah, ah, ah... Ã ã-ã-ã... Tem medo não, eu tou aqui.

A' pois, eu vou bebendo, mecê não importa. Agora é que tou alegre! Eu cá também não sou sovina, de-comer e cachaça é pra se gastar logo, enquanto que a gente tem vontade... É bom é encher barriga. Cachaça muito boa, tava me fazendo falta. Eh, lenha ruim, mecê tá chorando dos olhos, com essa fumaceira... Nhem? É, mecê é quem tá falando. Eu acho triste não. Acho bonito não. É, é como é, mesmo, que nem todo lugar. Tem caça boa, poço bom pra a gente nadar. Lugar nenhum não é bonito nem feio, não é pra ser. Lugar é pra a gente morar, vim pra aqui pago pra matar onça. Agora mato mais não, nunca mais. Mato capivara, lontra, vendo o couro. Nhor sim, eu gosto de gente, gosto. Caminho, ando longe, pra encontrar gente, à vez. Eu sou corredor, feito veado do campo...

Tinha uma mulher casada, na beira do chapadão, barra do córrego da Veredinha do Xunxúm. Lá passa caminho, caminho de fazenda. Mulher muito boa, chamava Maria Quirinéia. Marido dela era dôido, seo Siruvéio, vivia seguro com corrente pesada. Marido falava bobagem, em noite de lua incerta ele gritava bobagem, gritava, nheengava... Eles morreram não. Morreram todos dois de doença não. Eh, gente...

Cachacinha gostosa! Gosto de bochechar com ela, beber despois. Hum-hum. Ããã... Aqui, roda a roda, só tem eu e onça. O resto é comida pra nós. Onça, elas também sabem de muita coisa. Tem coisas que ela vê, e a gente vê não, não pode. Ih! tanta coisa... Gosto de saber muita coisa não, cabeça

minha pega a doer. Sei só o que onça sabe. Mas, isso, eu sei, tudo. Aprendi. Quando vim pra aqui, vim ficar sozinho. Sozinho é ruim, a gente fica muito judiado. Nhô Nhuão Guede homem tão ruim, trouxe a gente pra ficar sozinho. Atié! Saudade de minha mãe, que morreu, çacyara. Araã... Eu nhum — sozinho... Não tinha emparamento nenhum...

Aí, eu aprendi. Eu sei fazer igual onça. Poder de onça é que não tem pressa: aquilo deita no chão, aproveita o fundo bom de qualquer buraco, aproveita o capim, percura o escondido de detrás de toda árvore, escorrega no chão, mundéu-mundéu, vai entrando e saindo, maciinho, pô-pu, pô-pu, até pertinho da caça que quer pegar. Chega, olha, olha, não tem licença de cansar de olhar, eh, tá medindo o pulo. Hã, hã... Dá um bote, às vez dá dois. Se errar, passa fome, o pior e que ela quage morre de vergonha... Aí, vai pular: olha demais de forte, olha pra fazer medo, tem pena de ninguém... Estremece de diante pra trás, arruma as pernas, toma o açôite, e pula pulão! — é bonito...

Ei, quando tá em riba do pobre do veado, no tanto de matar, cada bola que estremece no corpo dela a fora, até ela, as pintas, brilham mesmo mais, as pernas ajudam, eh, perna dobrada gorda que nem de sapo, o rabo enrosca; coisa que ela aqui e ali parece chega vai arrebentar, o pescoço acompridado... Apê! Vai matando, vai comendo, vai... Carne de veado estrala. Onça urra alto, de tarará, o rabo ruim em pé, aí ela unha forte, ôi, unhas de fora, urra outra vez, chega. Festa de comer e beber. Se é coelho, bichinho pequeno, ela comeu até às juntas: engolindo tudo, mucunando, que mal deixou os ossos. Barrigada e miúdos, ela gosta não...

Onça é bonito! Mecê já viu? Bamburral destremece um pouco, estremeceuzinho à-toinha: é uma, é uma, eh, pode ser... Cê viu despois — ela evém caminhando, de barriga cheia? Ã-hã! Que vem de cabeça abaixada, evém andando devagar: apruma as costas, cocurute, levanta um ombro, levanta o outro, cada apá, cada anca redondosa... Onça fêmea mais bonita é Maria-Maria... Eh, mecê quer saber? Não, isso eu não conto. Conto não, de jeito nenhum... Mecê quer saber muita coisa!

Me deixaram aqui sozinho, eu nhum. Me deixaram pra trabalhar de matar, de tigreiro. Não deviam. Nhô Nhuão Guede não devia. Não sabiam que eu era parente delas? Oh ho! Oh ho! Tou amaldiçoando, tou desgraçando, porque matei tanta onça, por que é que eu fiz isso?! Sei xingar, sei. Eu xingo! *Tiss, n't, n't!...* Quando tou de barriga cheia não gosto de ver gente, não, gosto de lembrar de ninguém: fico com raiva.

Parece que eu tenho de falar com a lembrança deles. Quero não. Tou bom, tou calado. Antes, de primeiro, eu gostava de gente. Agora eu gosto é só de onça. Eu aprecêio o bafo delas... Maria-Maria — onça bonita, cangussú, boa-bonita.

Ela é nova. Cê olha, olha — ela acaba de comer, tosse, mexe com os bigodes, eh, bigode duro, branco, bigode pra baixo, faz cócega em minha cara, ela muquirica tão gostoso. Vai beber água. O mais bonito que tem é onça Maria-Maria esparramada no chão, bebendo água. Quando eu chamo, ela acode. Cê quer ver? Mecê tá tremendo, eu sei. Tem medo não, ela não vem não, vem só se eu chamar. Se eu não chamar, ela não vem. Ela tem medo de mim também, feito mecê...

Eh, este mundo de gerais é terra minha, eh, isto aqui — tudo meu. Minha mãe havêra de gostar... Quero todo o mundo com medo de mim. Mecê não, mecê é meu amigo... Tenho outro amigo nenhum. Tenho algum? Hum. Hum, hum... Nhem? Aqui mais perto tinha só três homens, geralistas, uma vez, beira da chapada. Aqueles eram criminosos fugidos, jababora, vieram viver escondidos aqui. Nhem? Como é que chamavam? Pra quê é que mecê carece de saber? Eles eram seus parentes? Axi! Geralista, um chamava Gugué, era meio gordo; outro chamava Antunias — aquele tinha dinheiro guardado! O outro era seo Riopôro, homem zangado, homem bruto: eu gostava dele não...

O quê que eles faziam? Ã-hã... Jababora pesca, caça, plantam mandioca; vão vender couro, compram pólvora, chumbo, espoleta, trem bom... Eh, ficam na chapada, na campina. Terra lá presta não. Mais longe daqui, no Cachorro Preto, tem muito jababora — mecê pode ir lá, espiar. Esses tiram leite de mangabeira. Gente pobre! Nem não têm roupa mais pra vestir, não... Eh, uns ficam nú de todo. Ixe... Eu tenho roupa, meus panos, calumbé.

Nhem? Os três geralistas? Sabiam caçar onça não, tinham medo, muito. Capaz de caçar onça com zagaia não, feito eu caço. A gente berganhava fumo por sal, conversava,[56] emprestava pedaço de rapadura. Morreram, eles três, morreu tudo, tudo — cuéra. Morreram de doença, eh, eh. De verdade. Tou falando verdade, tou brabo!

Com minha zagaia? Mato mais onça não. Não falei? Ah, mas eu sei. Se quiser, mato mesmo! Como é que é? Eu espero. Onça vem. Heeé! Vem anda andando, ligeiro, cê não vê o vulto com esses olhos de mecê. Eh, rosna, pula não. Vem só bracejando, gatinhando rente. Pula nunca, não. Eh

— ela chega nos meus pés, eu encosto a zagaia. Erê! Encosto a folha da zagaia, ponta no peito, no lugar que é. A gente encostando qualquer coisa, ela vai deita, no chão. Fica querendo estapear ou pegar as coisas, quer se abraçar com tudo. Fica empezinha, às vez. Onça mesma puxa a zagaia pra ponta vir nela. Eh, eu enfio... Ela boqueia logo. Sangue sai vermelho, outro sai quage preto... Curuz, pobre da onça, coitada, sacapira da zagaia entrando lá nela... Teité... Morrer picado de faca? Hum-hum, Deus me livre... Palpar o ferro chegar entrando no vivo da gente... Atiúca! Cê tem medo? Eu tenho não. Eu sinto dor não...

Hã, hã, cê não pensa que é assim vagaroso, manso, não. Eh, heé... Onça sufoca de raiva. Debaixo da zagaia, ela escorrega, ciririca, forceja. Onça é onça — feito cobra... Revira pra todo o lado, mecê pensa que ela é muitas, tá virando outras. Eh, até o rabo dá pancada. Ela enrosca, enrola, cambalhota, eh, dobra toda, destorce, encolhe... Mecê não tá costumado, nem não vê, não é capaz, resvala... A força dela, mecê não sabe! Escancara boca, escarra medonho, tá rouca, tá rouca. Ligeireza dela é dôida. Puxa mecê pra baixo. Ai, ai, ai... Às vez inda foge, escapa, some no bamburral, danada. Já tá na derradeira, e inda mata, vai matando... Mata mais ligeiro que tudo. Cachorro descuidou, mão de onça pegou ele por detrás, rasgou a roupa dele toda... Apê! Bom, bonito. Eu sou onça... Eu — onça!

Mecê acha que eu pareço onça? Mas tem horas em que eu pareço mais. Mecê não viu. Mecê tem aquilo — espelhim, será? Eu queria ver minha cara... *Tiss, n't, n't*... Eu tenho olho forte. Eh, carece de saber olhar a onça, encarado, olhar com coragem: hã, ela respeita. Se mecê olhar com medo, ela sabe, mecê então tá mesmo morto. Pode ter medo nenhum. Onça sabe quem mecê é, sabe o que tá sentindo. Isso eu ensino, mecê aprende. Hum. Ela ouve tudo, enxerga todo movimento. Rastrear, onça não rastreia. Ela não tem faro bom, não é cachorro. Ela caça é com os ouvidos. Boi soprou no sono, quebrou um capinzinho: daí a meia légua onça sabe... Nhor não. Onça não tocaia de riba de árvore não. Só suaçurana é que vai de árvore em árvore, pegando macaco. Suaçurana pula pra riba de árvore; pintada não pula, não: pintada sobe direito, que nem gato. Mecê já viu? Eh, eh, eu trepo em árvore, tocaio. Eu, sim. Espiar de lá de riba é melhor. Ninguém não vê que eu tou vendo... Escorregar no chão, pra vir perto da caça, eu aprendi melhor foi com onça. Tão devagarim, que a gente mesmo não abala que tá avançando do lugar... Todo movimento da caça a gente tem que aprender. Eu sei como é que mecê mexe mão, que cê olha pra baixo ou

pra riba, já sei quanto tempo mecê leva pra pular, se carecer. Sei em que perna primeiro é que mecê levanta...

Mecê quer sair lá fora? Pode ir. Vigia a lua como subiu: com esse luar grande, elas tão caçando, noite clara. Noite preta, elas caçam não; só de tardinha no escurecer, e quando é em volta de madrugada... De dia, todas ficam dormindo, no tabocal, beira de brejo, ou no escuro do mato, em touceiras de gravatá, no meio da capoeira... Nhor não, neste tempo quage que onça não mia. Vão caçar caladas. Pode passar uma porção de dias, que mecê não escuta nem um miado só... Agora, fez barulho foi sariema culata... Hum-hum. Mecê entra. Senta no jirau. Quer deitar na rede? Rede é minha, mas eu deixo. Eu asso mandioca, pra mecê. A'bom. Então vou tomar mais um golinho. Se deixar, eu bebo, até no escorropicho. *N't, m'p,* aah...

Donde foi que aprendi? Aprendi longe destas terras, por lá tem outros homens sem medo, quage feito eu. Me ensinaram, com zagaia. Uarentin Maria e Gugué Maria — dois irmãos. Zagaia que nem esta, cabo de metro e meio, travessa boa, bom alvado. Tinha Nhô Inácio também, velho Nhuão Inácio: preto esse, mas preto homem muito bom, abaeté abaúna. Nhô Inácio, zagaieiro mestre, homem desarmado, só com azagaia, zagaia muito velha, ele brinca com onça. Irmão dele, Rei Inácio, tinha trabuco...

Nha-hem? Hã-hã. É porque onça não contava uma pra outra, não sabem que eu vim pra mor de acabar com todas. Tinham dúvida em mim não, farejam que eu sou parente delas... Eh, onça é meu tio, o jaguaretê, todas. Fugiam de mim não, então eu matava... Despois, só na hora é que ficavam sabendo, com muita raiva... Eh, juro pra mecê: matei mais não! Não mato. Posso não, não devia. Castigo veio: fiquei panema, caipora...[57] Gosto de pensar que matei, não. Meu parente, como é que posso?! Ai, ai, ai, meus parentes... Careço de chorar, senão elas ficam com raiva.

Nhor sim, umas já me pegaram. Comeram pedaço de mim, olha. Foi aqui no gerais não. Foi no rio de lá, outra parte. Os outros companheiros erraram o tiro, ficaram com medo. Eh, pinima malha-larga veio no meio do pessoal, rolou com a gente, todos. Ela ficou dôida. Arrebentou a tampa dos peitos de um, arrancou o bofe, a gente via o coração dele lá dentro, lá nele, batendo, no meio de montão de sangue. Arriou o couro da cara de um outro homem — Antonho Fonseca. Riscou esta cruz em minha testa, rasgou minha perna, unha veio funda, esbandalha, muçuruca, dá ferida-brava. Unha venenosa, não é afiada fina não, por isso é que estraga,

azanga. Dente também. Pa! Iá, iá, eh, tapa de onça pode tirar a zagaia da mão do zagaieiro... Deram nela mais de trinta pra quarenta facadas! Hum, cê tivesse lá, cê agora tava morto... Ela matou quage cinco homens. Tirou a carne toda do braço do zagaieiro, ficou o ôsso, com o nervo grande e a veia esticada... Eu tava escondido atrás da palmeira, com a faca na mão. Pinima me viu, abraçou comigo, eu fiquei por baixo dela, misturados. Hum, o couro dela é custoso pra se firmar, escorrega, que nem sabão, pepêgo de quiabo, destremece a tôrto e a direito, feito cobra mesmo, eh, cobra... Ela queria me estraçalhar, mas já tava cansada, tinha gastado muito sangue. Segurei a boca da bicha, ela podia mais morder não. Unhou meu peito, desta banda de cá tenho mais maminha não. Foi com três mãos! Rachou meu braço, minhas costas, morreu agarrada comigo, das facadas que já tinham dado, derramou o sangue todo... Manhuaçá de onça! Tinha babado em minha cabeça, cabelo meu ficou fedendo aquela catinga, muitos dias, muitos dias...

Hum, hum. Nhor sim. Elas sabem que eu sou do povo delas. Primeira que eu vi e não matei, foi Maria-Maria. Dormi no mato, aqui mesmo perto, na beira de um foguinho que eu fiz. De madrugada, eu tava dormindo. Ela veio. Ela me acordou, tava me cheirando. Vi aqueles olhos bonitos, olho amarelo, com as pintinhas pretas bubuiando bom, adonde aquela luz... Aí eu fingi que tava morto, podia fazer nada não. Ela me cheirou, cheira-cheirando, pata suspendida, pensei que tava percurando meu pescoço. Urucuera piou, sapo tava, tava, bichos do mato, aí eu escutando, toda a vida... Mexi não. Era um lugar fofo prazível, eu deitado no alecrinzinho. Fogo tinha apagado, mas ainda quentava calor de borralho. Ela chega esfregou em mim, tava me olhando. Olhos dela encostavam um no outro, os olhos lumiavam — pingo, pingo: olho brabo, pontudo, fincado, bota na gente, quer munguitar: tira mais não. Muito tempo ela não fazia nada também. Despois botou mãozona em riba de meu peito, com muita fineza. Pensei — agora eu tava morto: porque ela viu que meu coração tava ali. Mas ela só calcava de leve, com uma mão, afofado com a outra, de sossoca, queria me acordar. Eh, eh, eu fiquei sabendo... Onça que era onça — que ela gostava de mim, fiquei sabendo... Abri os olhos, encarei. Falei baixinho: — “Ei, Maria-Maria... Carece de caçar juízo, Maria-Maria...” Eh, ela rosneou e gostou, tornou a se esfregar em mim, mião-miã. Eh, ela falava comigo, jaguanhenhém, jaguanhém... Já tava de rabo duro, sacudindo, sacê-sacemo, rabo de onça sossega quage

nunca: ã, ã. Vai, ela saiu, foi pra me espiar, meio de mais longe, ficou agachada. Eu não mexi de como era que tava, deitado de costas, fui falando com ela, e encarando, sempre, dei só bons conselhos. Quando eu parava de falar, ela miava piado — jaguanhenhém... Tava de barriga cheia, lambia as patas, lambia o pescoço. Testa pintadinha, tiquira de aruvalhinho em redor das ventas... Então deitou encostada em mim, o rabo batia bonzinho na minha cara... Dormiu perto. Ela repuxa o olho, dormindo. Dormindo e redormindo, com a cara na mão, com o nariz do focinho encostado numa mão... Vi que ela tava secando leite, vi o cinhim dos peitinhos. Filhotes dela tinham morrido, sei lá de que. Mas, agora, ela vai ter filhote nunca mais, não, ara! — vai não...

Nhem? Despois? Despois ela dormiu, uê. Roncou com a cara virada pra uma banda, amostrava a dentaria braba, encostando as orêlhas pra trás. Era por causa que uma suaçurana, que vinha vindo. Suaçurana clara, maçaroca. Suaçurana esbarrou. Ela é a pior, bicho maldoso, sangradeira. Vi aquele olhão verde, olhos dela, de luz também redondados, parece que vão cair. Hum-hum, Maria-Maria roncou, suaçurana foi saindo, saindo.

Eh, catú, bom, bonito, porã-poranga! — melhor de tudo. Maria-Maria solevantou logo, botava as orêlhas espetadas pra diante. Eh, foi indo devagar, no diário dela, andar que mecê pensa que é pesado, mas se ela quiser vira pra ligeiro, leviano, é só carecer. Ela balança bonito, jerejereba, fremosa, porção de pelo, mão macia... Chegou no pau de peroba, empinada, fincou as unhas, riscou de riba pra baixo, tava amolando fino, unhando o perobão. Despois foi no ipê-branco. Deixou marcado, mecê pode ir ver adonde é que ela faz.

Aí, eu quisesse, podia matar. Quis não. Como é que ia querer matar Maria-Maria? Também, eu nesse tempo eu já tava triste, triste, eu aqui sozinho, eu nhum, e mais triste e caipora de ter matado onças, eu tava até amorviado. Dês que esse dia, matei mais nenhuma não, só que a derradeira que matei foi aquela suaçurana, fui atrás dela. Mas suaçurana não é meu parente, parente meu é a onça preta e a pintada... Matei a tal, em quando que o sol ’manheceu. Suaçurana tinha comido um veadinho catingueiro. Acabei com ela mais foi de raiva, por causa que ali donde eu tava dormindo era adonde lugar que ela vinha lá fazer sujeira, achei, no bamburral, tudo estrume. Eh, elas tapam, com terra, mas o macho tapa menos, macho é mais porco...

Ã-hã. Maria-Maria é bonita, mecê devia de ver! Bonita mais do que alguma mulher. Ela cheira à flor de pau-d'alho na chuva. Ela não é grande demais não. É cangussú, cabeçudinha, afora as pintas ela é amarela, clara, clara. Tempo da seca, elas inda tão mais claras. Pele que brilha, macia, macia. Pintas, que nenhuma não é preta mesmo preta, não: vermelho escuronas, assim ruivo roxeado. Tem não? Tem de tudo. Mecê já comparou as pintas e argolas delas? Cê conta, pra ver: varêia tanto, que duas mesmo iguais cê não acha, não... Maria-Maria tem montão de pinta miúda. Cara mascarada, pequetita, bonita, toda sarapintada, assim, assim. Uma pintinha em cada canto da boca, outras atrás das orelhinhas... Dentro das orêlhas, é branquinho, algodão espuxado. Barriga também. Barriga e por debaixo do pescoço, e no por de dentro das pernas. Eu posso fazer festa, tempão, ela aprecêia... Ela lambe minha mão, lambe mimoso, do jeito que elas sabem pra alimpar o sujo de seus filhotes delas; se não, ninguém não aguentava o rapo daquela língua grossa, aspra, tem lixa pior que a de folha de sambaíba; mas, senão, como é que ela lambe, lambe, e não rasga com a língua o filhotinho dela?

Nhem? Ela ter macho, Maria-Maria?! Ela tem macho não. Xô! Pa! Atimbora! Se algum macho vier, eu mato, mato, mato, pode ser meu parente o que for!

A' bom, mas agora mecê carece de dormir. Eu também. Ói: muito tarde. Sejuçú já tá alto, olha as estrelinhas dele... Eu vou dormir não, tá quage em hora d'eu sair por aí, todo dia eu levanto cedo, muito em antes do romper da aurora. Mecê dorme. Por que é que não deita? — fica só acordado me preguntando coisas, despois eu respondo, despois cê pregunta outra vez outras coisas? Pra que? Daí, eh, eu bebo sua cachaça toda. Hum, hum, fico bêbado não. Fico bêbado só quando eu bebo muito, muito sangue... Cê pode dormir sossegado, eu tomo conta, sei ter olho em tudo. Tou vendo, cê tá com sono. Ói, se eu quero eu risco dois redondos no chão — pra ser seus olhos de mecê — despois piso em riba, cê dorme de repente... Ei, mas mecê também é corajoso capaz de encarar homem. Mecê tem olho forte. Podia até caçar onça... Fica quieto. Mecê é meu amigo.

Nhem? Nhor não, disso não sei não. Sei só de onça. Boi, sei não. Boi pra comer. Boi fêmea, boi macho, marruá. Meu pai sabia. Meu pai era bugre índio não, meu pai era homem branco, branco feito mecê, meu pai Chico Pedro, mimbauamanhanaçara, vaqueiro desses, homem muito bruto.

Morreu no Tungo-Tungo, nos gerais de Goiás, fazenda da Cachoeira Brava. Mataram. Sei dele não. Pai de todo o mundo. Homem burro.

Nhor? Hã, hã, nhor sim. Ela pode vir aqui perto, pode vir rodear o rancho. Tão por aí, cada onça vive sozinha por seu lado, quage o ano todo. Tem casal morando sempre junto não, só um mês, algum tempo. Só jaguatirica, gato-do-mato grande, é que vive par junto. Ih, tem muitas, montão. Eh, isto aqui, agora eu não mato mais: é jaguaretama, terra de onças, por demais... Eu conheço, sei delas todas. Pode vir nenhuma pra cá mais não — as que moram por aqui não deixam, senão acabam com a caça que há. Agora eu não mato mais não, agora elas todas têm nome. Que eu botei? Axi! Que eu botei, só não, eu sei que era mesmo o nome delas. Atié... Então, se não é, como é que mecê quer saber? Pra quê mecê tá preguntando? Mecê vai comprar onça? Vai prosear com onça, algum? Teité... Axe... Eu sei, mecê quer saber, só se é pra ainda ter mais medo delas, tá-há?

Hã, a'bom. Ói: em uma covoca da banda dali, aqui mesmo pertinho, tem a onça Mopoca, cangussú fêmeo. Pariu tarde, tá com filhote novo, jaguaraím. Mopoca, onça boa mãe, tava sempre mudando com os filhos, carregando oncinha na boca. Agora sossegou lá, lugar bom. Nem sai de perto, nem come direito. Quage não sai. Sai pra beber água. Pariu, tá magra, magra, tá sempre com sede, toda a vida. Filhote, jaguaraím, cachorrinho-onço, oncinho, é dois, tão aquelas bolotas, parece bicho-de-pau-pôdre, nem sabem mexer direito. A Mopoca tem leite muito, oncim mama o tempo todo...

Nhá-em? Eh, mais outras? Ói: mais adiante, no rumo mesmo, obra de cinco léguas, tá a onça pior de todas, a Maramonhangara, ela manda, briga com as outras, entesta. Da outra banda, na beirada do brejo, tem a Porreteira, malha-larga, enorme, só mecê vendo o mãozo dela, as unhas, mão chata... Mais adiante, tem a Tatacica, preta, preta, jaguaretê-pixuna; é de perna comprida, é muito braba. Essa pega muito peixe... Hem, outra preta? A Uinhúa, que mora numa soroca boa, buraco de cova no barranco, debaixo de raizão de gameleira... Tem a Rapa-Rapa, pinima velha, malha-larga, ladina: ela sai daqui, vai caçar até a umas vinte léguas, tá em toda a parte. Rapa-Rapa tá morando numa lapinha — onça gosta muito de lapa, aprecêia... A Mpú, mais a Nhã-ã, é que foram tocadas pra longe daqui, as outras tocaram, por o de-comer não chegar... Eh, elas mudam muito, de lugar de viver, por via disso... Sei mais delas não, tão aqui mais não.

Cangussú braba é a Tibitaba — onça com sobrancelhas: mecê vê, ela fica de lá, deitada em riba de barranco, bem na beirada, as mãos meio penduradas, mesmo... Tinha outras, tem mais não: a Coema-Piranga, vermelhona, morreu engasgada com ôsso, danada... A onça Putuca, velha, velha, com costela alta, vivia passando fome, judiação de fome, nos matos... Nhem? Hum, hum, Maria-Maria eu falo adonde ela mora não. Sei lá se mecê quer matar?! Sei lá de nada...

Hã-hã. E os machos? Muito, ih, montão. Se mecê vê o Papa-Gente: macharrão malha-larga, assustando de grande... Cada presa de riba que nem quicé carniceira, suja de amarelado, eh, tabaquista! Tem um, Puxuêra, também tá velho; dentão de detrás, de cortar carnaça, já tá gastado, roído. Suú-Suú é jaguaretê-pixuna, preto demais, tem um esturro danado de medonho, cê escuta, cê treme, treme, treme... Ele gosta da onça Mopoca. Apiponga é pixuna não, é o macho pintado mais bonito, mecê não vê outro, o narizão dele. Mais é o que tá sempre gordo, sabe caçar melhor de todos. Tem um macho cangussú, Petecaçara, que tá meio maluco, ruim do miôlo, ele é que anda só de dia, vaguêia, eu acho que esse é o que parece com o boca-torta... Uitauêra é um, Uatauêra é outro, eles são irmãos, eh, mas eu é que sei, eles nem não sabem...

A’ bom, agora chega. Prosêio não. Senão, ’manhece o dia, mecê não dormiu, camarada vem com os cavalos, mecê não pode viajar, tá doente, tá cansado. Mecê agora dorme. Dorme? Quer que eu vou embora, pra mecê dormir aqui sozinho? Eu vou. Quer não? Então eu converso mais não. Fico calado, calado. O rancho é meu. Hum. Hum-hum. Pra quê mecê pregunta, pregunta, e não dorme? Sei não. Suaçurana tem nome não. Suaçurana parente meu não, onça medrosa. Só a lombo-preto é que é braba. Suaçurana ri com os filhotes. Eh, ela é vermelha, mas os filhotes são pintados... Hum, agora eu vou conversar mais não, prosêio não, não atiço o fogo. Dei’stá! Mecê dorme, será? Hum. É. Hum-hum. Nhor não. Hum... Hum-hum... Hum...

Nhem? Camarada traz outro garrafão? Mecê me dá? Hã-hã... Ããã... Apê! Mecê quer saber? Eu falo. Mecê bom-bonito, meu amigo meu. Quando é que elas casam? Ixe, casar é isso? Porqueira... Mecê vem cá no fim do frio, quando ipê tá de flor, mecê vê. Elas ficam aluadas. Assanham, urram, urram, miando e roncando o tempo todo, quage nem caçam pra mor de comer, ficam magras, saem p’los matos, fora do sentido, mijam por toda a parte, caruca que fede feio, forte... Onça fêmea saída mia mais, miado

diferente, miado bobo. Ela vem com o pelo do lombo rupeiado, se esfregando em árvores, deita no chão, vira a barriga pra riba, aruê! É só *arrú-arrú... arrarrúuuu*... Mecê foge, logo: se não, nesse tempo, mecê tá comido, mesmo...

Macho vem atrás, caminha légua e mais légua. Vem dois? Vem três? Eh, mecê não queira ver a briga deles, não... Pelo deles voa longe. Ai, despois, um sozinho fica com a fêmea. Então é que é. Eles espirram. Ficam chorando, ’garram de chorar e remiar, noite inteira, rolam no chão, sai briga. Capim acaba amassado, bamburral baixo, moita de mato achatada no chão, eles arrancam touceiras, quebram galhos. Macho fica zurêta, encoscora o corpo, abre a goela, hi, amostra as presas. Ói: rabo duro, batendo com força. Cê corre, foge. Tá escutando? Eu — eu vou no rastro. É cada pezão grande, rastro sem unhas... Eu vou. Um dia eu não volto.

Eh, não, o macho e a fêmea vão caçar juntos não. Cada um pra si. Mas eles ficam companheiros o dia todo, deitados, dormindo. Cabeça encostada um no outro. Um virado pra uma banda, a outra pra a outra... Ói: onça Maria-Maria eu vou trazer pra cá, deixo macho nenhum com ela não. Se eu chamar, ela vem. Mecê quer ver? Cê não atira nela com esse revólver seu, não? Ei, quem sabe revólver seu tá panema, hã? Deixa eu ver. Se ’tiver panema, eu dou jeito... Ah, cê não quer não? Cê deixa eu pegar em revólver seu não? Mecê já fechou os olhos três vezes, já abriu a boca, abriu a boca. Se eu contar mais, cê dorme, será?

Eh, quando elas criam, eu acho o ninho. Soroca muito escondida, no mato pior, buracão em grota. No entrançado. Onça mãe vira demônio. De primeiro, quando eu matava onça, esperava seis meses, mode não deixar os filhotes à míngua. Matava a mãe, deixava filhote crescer. Nhem? Tinha dó não, era só pra não perder paga, e o dinheiro do couro... Eh, sei miar que nem filhote, onça vem desesperada. Tinha onça com ninhada dela, jaguaretê-pixuna, muito grande, muito bonita, muito feia. Miei, miei, jaguarainhém, jaguaranhinhenhém... Ela veio maluca, com um ralhado cochichado, não sabia pra adonde ir. Eu miei aqui de dentro do rancho, pixuna mãe chegou até aqui perto, me pedindo pra voltar pra o ninho. Ela abriu a mão ali... Quis matar não, por não perder os filhotes, esperdiçar. Esbarrei de miar, dei um tiro à-toa. Pixuna correu de volta, ligeiro, se mudou, levou suas crias dela pra daí a meia légua, arranjou outro ninho, no mato do brejo. Filhotes dela eram pixunas não, eram oncinhas pintadas, pinima... Ela ferra cada cria p’lo couro da nuca, vai carregando, pula

barranco, pula moita... Eh, bicho burro! Mas mecê pode falar que ela é burra não, eh. Eu posso.

Nhor sim. Tou bebendo sua cachaça de mecê toda. É, foguinho bom, ela esquenta corpo também. Tou alegre, tou alegre... Nhem? Sei não, gosto de ficar nú, só de calça velha, faixa na cintura. Eu cá tenho couro duro. Ã-hã, mas tenho roupa guardada, roupa boa, camisa, chapéu bonito. Boto, um dia, quero ir em festa, muita. Calçar botina quero não: não gosto! Nada no pé, gosto não, mundéu, ixe! Iá. Aqui tem festa não. Nhem? Missa, não, de jeito nenhum! Ir pra o céu eu quero. Padre, não, missionário, não, gosto disso não, não quero conversa. Tenho medalhinha de pendurar em mim, gosto de santo. Tem? São Bento livra a gente de cobra... Mas veneno de cobra pode comigo não — tenho chifre de veado, boto, sara. Alma de defunto tem não, tagoaíba, sombração, aqui no gerais tem não, nunca vi. Tem o capeta, nunca vi também não. Hum-hum...

Nhenhém? Eu cá? Mecê é que tá preguntando. Mas eu sei porque é que tá preguntando. Hum. Ã-hã, por causa que eu tenho cabelo assim, olho miudinho... É. Pai meu, não. Ele era branco, homem índio não. A’ pois, minha mãe era, ela muito boa. Caraó, não. Péua, minha mãe, gentio Tacunapéua, muito longe daqui. Caraó, não: caraó muito medroso, quage todos tinham medo de onça. Mãe minha chamava Mar’Iara Maria, bugra. Despois foi que morei com caraó, morei com eles. Mãe boa, bonita, me dava comida, me dava de-comer muito bom, muito, montão... Eu já andei muito, fiz viagem. Caraó tem chuço, só um caraó sabia matar onça com chuço. Auá? Nhoaquim Pereira Xapudo, nome dele também era Quim Crênhe, esse tinha medo de nada, não. Amigo meu! Arco, frecha, frecha longe. Nhem? Ah, eu tenho todo nome. Nome meu minha mãe pôs: Bacuriquirepa. Breó, Beró, também. Pai meu me levou pra o missionário. Batizou, batizou. Nome de Tonico; bonito, será? Antonho de Eiesús... Despois me chamavam de Macuncôzo, nome era de um sítio que era de outro dono, é — um sítio que chamam de Macuncôzo... Agora, tenho nome nenhum, não careço. Nhô Nhuão Guede me chamava de Tonho Tigreiro. Nhô Nhuão Guede me trouxe pr’aqui, eu nhum, sozim. Não devia! Agora tenho nome mais não...

Nhã-hem, é barulho de onça não. Barulho de anta, ensinando filhote a nadar. Muita anta, por aqui. Carne muito boa. Dia quente, anta fica pensando tudo, sabendo tudo dentro d’água. Nhem? Eh, não, onça pinima come anta, come todas. Anta briga não, anta corre, foge. Quando onça

pulou nela, ela pode correr carregando a onça não, jeito nenhum que não pode, não é capaz. Quando pinima pula em anta, mata logo, já matou. Jaguaretê sangra a anta. Ôi noite clara, boa pra onça caçar!

Nhor não. Isso é zoeira de outros bichos, curiango, mãe-da-lua, corujão do mato piando. Quem gritou foi lontra com fome. Gritou: — *Irra!* Lontra vai nadando vereda-acima. Eh, ela sai de qualquer água com o pelo seco... Capivara? De longe mecê escuta a barulhada delas, pastando, meio dentro, meio fora d'água... Se onça urrar, eu falo qual é. Eh, nem carece, não. Se ela esturrar ou miar, mecê logo sabe... Mia sufocado, do fundo da goela, eh, goela é enorme... Heeé... Apê! Mecê tem medo? Tem medo não? Pois vai ter. O mato todo tem medo. Onça é carrasca. 'Manhã cê vai ver, eu mostro rastro dela, pipura... Um dia, lua-nova, mecê vem cá, vem ver meu rastro, feito rastro de onça, eh, sou onça! Hum, mecê não acredita não?

Ô homem dôido... Ô homem dôido... Eu — onça! Nhum? Sou o diabo não. Mecê é que é diabo, o boca-torta. Mecê é ruim, ruim, feio. Diabo? Capaz que eu seja... Eu moro em rancho sem paredes... Nado, muito, muito. Já tive bexiga da preta. Nhoaquim Caraó tinha uma carapuça de pena de gavião. Pena de arara, de guará também. Rodinha de pena de ema, no joelho, nas pernas, na cintura. Mas eu sou onça. Jaguaretê tio meu, irmão de minha mãe, tutira... Meus parentes! Meus parentes! ... Ói, me dá sua mão aqui... Dá sua mão, deixa eu pegar... Só um tiquinho...

Eh, cê tá segurando revólver? Hum-hum. Carece de ficar pegando no revólver não... Mecê tá com medo de onça chegar aqui no rancho? Hã-hã, onça Uinhúa travessou a vereda, eu sei, veio caçar paca, tá indo escorregada, no capim grosso. Ela vai, anda deitada, de escarrapacho, com as orêlhas pra diante — dá estalinho assim com as orêlhas, quaquave... Onça Uinhúa é preta, capeta de preta, que rebrilha com a lua. Fica peba no chão. Capim de ponta cutuca dentro do nariz dela, ela não gosta: assopra. Come peixe, pássaro d'água, socó, saracura. Mecê escuta o uêuê de narcejão voando embora, o narcejão vai voando de a tôrto e a direito... Passarinho com frio foge, fica calado. Uinhúa fez pouca conta dele. Mas paca assustou, pulou. Cê ouviu o roró d'água? Onça Uinhúa deve de tá danada. Toda molhada de mururú do aruvalho, muquiada de barro branco de beira de rio. Evém ela... Ela já sabe que mecê tá aqui, esse seu cavalo. Evém ela... tuxa morubixa. Evém... Iquente! Ói cavalo seu barulhando com medo. Eh, carece de nada não, a Uinhúa esbarrou. Evém? Vem não, foi tataca de alg~ua rã... Tem medo não, se ela vier eu enxoto, escramuço, eu

mando embora. Eu fico quieto, quieto; ela não me vê. Deixa o cavalo rinchar, ele deve de tá tremendo, tá com as orêlhas esticadas. Peia é boa? Peiado forte? Foge não. Também, esse cavalo seu de mecê presta mais pra nada. Espera... Mecê vira seu revólver pra outra banda, ih!

Vem mais não. Hoje a Uinhúa não teve coragem. Dei'stá, 'xa pra lá: de fome ela não morre — pega qualquer acutia por aí, rato, bichinho. Isso come até porco-espim... 'Manhã cedo, cê vê o rastro. Onça larga catinga, a gente acha, se a gente passar de fresco. 'Manhã cedo, a gente vai lavar corpo. Mecê quer? Nhem? Catinga delas mais forte é no lugar donde elas pariram e moraram com cria, fede muito. Eu gosto... Agora, mecê pode ficar sossegado quieto, torna a guardar revólver no bolso. Onça Uinhúa vem mais não. Ela nem não é desta banda de cá. Travessou a vereda, só se a Maramonhangara foi lá, adonde que é o terreiro dela, aí a Uinhúa ficou enjerizada, se mudou... Tudo tem lugar certo: lugar de beber água — a Tibitaba vai no pocinho adonde tem o buriti dobrado; Papa-Gente bebe no mesmo lugar junto com o Suú-Suú, na barra da Veredinha... No meio da vereda larga tem uma pedra-morta: Papa-Gente nada pra lá, pisa na pedra-morta, parece que tá em-pé dentro d'água, é danado de feio. Sacode uma perna, sacode outra, sacode o corpo pra secar. Espia tudo, espia a lua... Papa-Gente gosta de morar em ilha, capoama de ilha, a-hé. Nhem? Papa não? Axi! Onça enfiou mão por um buraco da cafua, pegou menino pequeno no jirau, abriu barriguinha dele...

Foi aqui não, foi nos roçados da Chapada Nova, eh. Onça velha, tigra de uma onça conhecida, jaguarapinima muito grande demais, o povo tinha chamado de Pé-de-Panela. Pai do menino pequeno era sitiante, pegou espingarda, foi atrás de onça, sacaquera, sacaquera. Onça Pé-de-Panela tinha matado o menino pequeno, tinha matado uma mula. Onça que vem perto de casa, tem medo de ser enxotada não, onça velha, onça chefa, come gente, bicho perigoso, que nem até quage que feito homem ruim. Sitiante foi indo no rastro, sacaquera, sacaquera. Pinima caminha muito, caminha longe a noite toda. Mas a Pé-de-Panela tinha comido, comido, comido, bebeu sangue da mula, bebeu água, deixou rastro, foi dormir no fêcho do mato, num furado, toda desenroscada. Eu achei o rastro, não falei, contei a ninguém não. Sitiante não disse que a onça era dele? Sitiante foi buscar os cachorros, cachorro deu barroado, acharam a onça. Acuaram. Sitiante chegou, gritou de raiva, espingarda negou fogo. Pé-de-Panela rebentou o sitiante, rebentou cabeça dele, enfiou cabelo dentro de miôlo. Enterraram

o sitiante junto com o menino pequeno filho dele, o que sobrava, eu fui lá, fui espiar. Me deram comida, cachaça, comida boa; eu também chorei junto.

Eh, aí davam dinheiro pra quem matar Pé-de-Panela. Eu quis. Falaram em rastrear. Hum-hum... Como é que podiam rastrear, de achar rastreando? Ela tava longe... Como é que pode? Hum, não. Mas eu sei. Eu não percurei. Deitei no lugar, cheirei o cheiro dela. Eu viro onça. Então eu viro onça mesmo, hã. Eu mio... Aí, eu fiquei sabendo. Dobrei pra o Monjolinho, na croa da vereda. E era mesmo lá: madrugada aquela, Pé-de-Panela já tinha vindo, comeu uma porca, dono da porca era um Rima Toruquato, no Saó, fazendeiro. Fazendeiro também prometeu dar mais dinheiro, pra eu matar Pé-de-Panela. Eu quis. Eu pedi outra porca, só emprestada, ’marrei no pé de almecegueira. Noite escurecendo, Pé-de-Panela sabia nada de mim não, então ela veio buscar a outra porca. Mas nem não veio, não. Chegou só de manhã cedinho, dia já tava clareando. Ela rosnou, abriu a boca perto de mim, eu porrei fogo dentro da goela dela, e gritei: — “Come isto, meu tio!...” Aí eu peguei o dinheiro de todos, ganhei muito de-comer, muitos dias. Me emprestaram um cavalo arreado. Então Nhô Nhuão Guede me mandou vir pra cá, pra desonçar. Porqueira dele! Homem ruim! Mas eu vim.

Eu não devia? Ãã, eu sei, no começo eu não devia. Onça é povo meu, meus parentes. Elas não sabiam. Eh, eu sou ladino, ladino. Tenho medo não. Não sabiam que eu era parente brabo, traiçoeiro. Tinha medo só de um dia topar com uma onça grande que anda com os pés pra trás, vindo do mato virgem... Será que tem, será? Hum-hum. Apareceu nunca não, tenho medo mais nenhum. Tem não. Teve a onça Maneta, que também enfiou a mão dentro de casa, igual feito a Pé-de-Panela. Povo de dentro de casa ficaram com medo. Ela ficou com a mão enganchada, eles podiam sair, pra matar, cá da banda de fora. Ficaram com medo, cortaram só a mão, com foice. Onça urrava, eles toravam a munheca dela. Era onça preta. Conheci não. Toraram a mão, ela pôde ir s’embora. Mas pegou a assustar o povo, comia gente, comia criação, deixava pipura de três pés, andava manquitola. E ninguém não atinava com ela, pra mor de caçar. Prometiam dinheiro bom; nada. Conheci não. Era a Onça Maneta. Despois, sumiu por este mundo. Assombra.

Ói, mecê ouviu? Essa, é miado. Pode escutar. Miou longe. É macho Apiponga, que caçou bicho grande, porco-do-mato. Tá enchendo barriga.

Matou em beira do capão, no desbarrancado, fez carniça lá. 'Manhã, vou lá. Eh. Mecê conhece Apiponga não: é o que urra mais danado, mais forte. Eh — pula um pulo... Toda noite ele caça, mata. Mata um, mata bonito! Come, sai; despois, logo, volta. De dia ele dorme, quentando sol, dorme espichado. Mosquito chega, eh, ele dana. Vai lá, pra mecê ver... Apiponga, lugar dele dormir de dia é em cabeceira do mato, montão de mato, pedreira grande. Lá, mesmo, ele comeu um homem... Ih, ixe! Um dia, uma vez, ele comeu um homem...

Nhem? Cê quer saber donde é que Maria-Maria dorme de dia, hã? Pra quê que quer saber? Pra quê? Lugar dela é no alecrim-da-crôa, no furado do matinho, aqui mesmo perto, pronto! Quê que adiantou? Cê não sabe adonde que é, eh-eh-eh... Se mecê topar com Maria-Maria, não vale nada ela ser a onça mais bonita — mecê morre de medo dela. Ói: abre os olhos: ela vem, vem, vem, com a boca meio aberta, língua lá dentro mexendo... É um arquejo miúdo, quando tá fazendo calor, a língua pra diante e pra trás, mas não sai do céu-da-boca. Bate o pé no chão, macião, espreguiça despois, toda, fecha os olhos. Eh, bota as mãos pra a frente, abre os dedos — põe pra fora cada unha maior que seu dedo mindinho de mecê. Aí, me olha, me olha... Ela gosta de mim. Se eu der mecê pra ela comer, ela come...

Mecê espia cá fora. Lua tá redonda. Tou falando nada. Lua meu compadre não. Bobagem. Mecê não bebe, eu me avexo, bebendo sozinho, tou acabando sua cachaça toda. Lua compadre de caraó? Caraó falava só bobagem. Auá? Caraó chamado Curiuã, queria casar com mulher branca. Trouxe coisas, deu pra ela: esteira bonita, cacho de banana, tucano manso de bico amarelo, casco de jaboti, pedra branca com pedra azul dentro. Mulher tinha marido. Ã-hã, foi isto: mulher branca gostou das coisas que caraó Curiuã trazia. Mas não queria casar com ele não, que era pecado. Caraó Curiuã ficou rindo, falou que tava doente, só mulher branca querendo deitar com ele na rede era que ele sarava. Carecia de casar de verdade não, deitar uma vez só chegava. Armou rede ali perto de lá, ficou deitado, não comia nada. Marido da mulher chegou, mulher contou pra ele. Homem branco ficou danado de brabo. Encostou carabina nos peitos dele, caraó Curiuã ficou chorando, homem branco matou caraó Curiuã, tava com muita raiva...

Hum, hum. Ói: eu tava lá, matei nunca ninguém. No Socó-Boi também, matei ninguém, não. Matei nunca, podia não, minha mãe falou pra eu não

matar. Tinha medo de soldado. Eu não posso ser preso: minha mãe contou que eu posso ser preso não, se ficar preso eu morro — por causa que eu nasci em tempo de frio, em hora em que o sejuçú tava certinho no meio do alto do céu. Mecê olha, o sejuçú tem quatro estrelinhas, mais duas. A' bom: cê enxerga a outra que falta? Enxerga não? A outra — é eu... Mãe minha me disse. Mãe minha bugra, boa, boa pra mim, mesmo que onça com os filhotes delas, jaguaraím. Mecê já viu onça com as oncinhas? Viu não? Mãe lambe, lambe, fala com eles, jaguanhenhém, alisa, toma conta. Mãe onça morre por conta deles, deixa ninguém chegar perto, não... Só suaçurana é que é pixote, foge, larga os filhotes pra quem quiser...

Eh, parente meu é a onça, jaguaretê, meu povo. Mãe minha dizia, mãe minha sabia, uê-uê... Jaguaretê é meu tio, tio meu. Ã-hã. Nhem? Mas eu matei onça? Matei, pois matei. Mas não mato mais, não! No Socó-Boi, aquele Pedro Pampolino queria, encomendou: pra eu matar o outro homem, por ajuste. Quis não. Eu, não. Pra soldado me pegar? Tinha o Tiaguim, esse quis: ganhou o dinheiro que era pra ser para mim, foi esperar o outro homem na beira da estrada... Nhem, como é que foi? Sei, não, me alembro não. Eu nem não ajudei, ajudei algum? Quis saber de nada... Tiaguim mais Missiano mataram muitos. Despois foi pra um homem velho. Homem velho raivado, jurando que bebia o sangue de outro, do homem moço, eu escutei. Tiaguim mais Missiano amarraram o homem moço, o homem velho cortou o pescoço dele, com facão, aparava o sangue numa bacia... Aí eu larguei o serviço que tinha, fui m'embora, fui esbarrar na Chapada Nova...

Aquele Nhô Nhuão Guede, pai da moça gorda, pior homem que tem: me botou aqui. Falou: — "Mata as onças todas!" Me deixou aqui sozinho, eu nhum, sozinho de não poder falar sem escutar... Sozinho, o tempo todo, periquito passa gritando, grilo assovia, assovia, a noite inteira, não é capaz de parar de assoviar. Vem chuva, chove, chove. Tenho pai nem mãe. Só matava onça. Não devia. Onça tão bonita, parente meu. Aquele Pedro Pampolino disse que eu não prestava. Tiaguim falou que eu era mole, mole, membeca. Matei montão de onça. Nhô Nhuão Guede trouxe eu pr'aqui, ninguém não queria me deixar trabalhar junto com outros... Por causa que eu não prestava. Só ficar aqui sozinho, o tempo todo. Prestava mesmo não, sabia trabalhar direito não, não gostava. Sabia só matar onça. Ah, não devia! Ninguém não queria me ver, gostavam de mim não, todo o mundo me xingando. Maria-Maria veio, veio. Então eu ia matar Maria-

Maria? Como é que eu podia? Podia matar onça nenhuma não, onça parente meu, tava triste de ter matado... Tava com medo, por ter matado. Nhum nenhum? Ai, ai, gente...

De noite eu fiquei mexendo, sei nada não, mexendo por mexer, dormir não podia, não; que começa, que não acaba, sabia não, como é que é, não. Fiquei com a vontade... Vontade dôida de virar onça, eu, eu, onça grande. Sair de onça, no escurinho da madrugada... Tava urrando calado dentro de em mim... Eu tava com as unhas... Tinha soroca sem dono, de jaguaretê-pinima que eu matei; saí pra lá. Cheiro dela inda tava forte. Deitei no chão... Eh, fico frio, frio. Frio vai saindo de todo mato em roda, saindo da parte do rancho... Eu arrupêio. Frio que não tem outro, frio nenhum tanto assim. Que eu podia tremer, de despedaçar... Aí eu tinha uma câimbra no corpo todo, sacudindo; dei acesso.

Quando melhorei, tava de pé e mão no chão, danado pra querer caminhar. Ô sossego bom! Eu tava ali, dono de tudo, sozinho alegre, bom mesmo, todo o mundo carecia de mim... Eu tinha medo de nada! Nessa hora eu sabia o que cada um tava pensando. Se mecê vinha aqui, eu sabia tudo o que mecê tava pensando...

Sabia o que onça tava pensando, também. Mecê sabe o que é que onça pensa? Sabe não? Eh, então mecê aprende: onça pensa só uma coisa — é que tá tudo bonito, bom, bonito, bom, sem esbarrar. Pensa só isso, o tempo todo, comprido, sempre a mesma coisa só, e vai pensando assim, enquanto que tá andando, tá comendo, tá dormindo, tá fazendo o que fizer... Quando alg~ua coisa ruim acontece, então de repente ela ringe, urra, fica com raiva, mas nem que não pensa nada: nessa horinha mesma ela esbarra de pensar. Daí, só quando tudo tornou a ficar quieto outra vez é que ela torna a pensar igual, feito em antes...

Eh, agora cê sabe; será? Hã-hã. Nhem? Aã, pois eu saí caminhando de mão no chão, fui indo. Deu em mim uma raiva grande, vontade de matar tudo, cortar na unha, no dente... Urrei. Eh, eu — esturrei! No outro dia, cavalo branco meu, que eu trouxe, me deram, cavalo tava estraçalhado meio comido, morto, eu ’manheci todo breado de sangue seco... Nhem? Fez mal não, gosto de cavalo não... Cavalo tava machucado na perna, prestava mais não...

Aí eu queria ir ver Maria-Maria. Nhem? Gosto de mulher não... Às vez, gosto... Vou indo como elas onças fazem, por meio de espinheiro, vagarinho, devagarinho, faço barulho não. Mas não espinha não, quage que

não. Quando espinha pé, estraga, a gente passa dias doente, pode caçar não, fica curtindo fome... É, mas, Maria-Maria, se ficar assim, eu levo de-comer pra ela, hã, hã-ã...

Hum, hum. Esse é barulho de onça não. Urucuéra piou, e um bichinho correu, destabocado. Eh, como é que eu sei?! Pode ser veado, caititú, capivara. Como é? Aqui tem é tudo — tem capão, capoeira, pertinho do campo... O resto é sapo, é grilo do mato. Passarinho também, que pia no meio de dormindo... Ói: se eu dormir mais primeiro, mecê também dorme? Cê pode encostar a cabeça no surrão, surrão é de ninguém não, surrão era do preto. Dentro tem coisa boa não, tem roupa velha, vale nada. Tinha retrato da mulher do preto, preto era casado. Preto morreu, eu peguei em retrato, virei pra não poder ver, levei pra longe, escondi em oco de pau. Longe, longe; gosto de retrato aqui comigo não...

Eh, urrou e mecê não ouviu, não. Urrou cochichado... Mecê tem medo? Tem medo não? Mecê tem medo não, é mesmo, tou vendo. Hum-hum. Eh, cê tando perto, cê sabe o que é que é medo! Quando onça urra, homem estremece todo... Zagaieiro tem medo não, hora nenhuma. Eh, homem zagaieiro é custoso achar, tem muito poucos. Zagaieiro — gente sem soluço... Os outros todos têm medo. Preto é que tem mais...

Eh, onça gosta de carne de preto. Quando tem um preto numa comitiva, onça vem acompanhando, seguindo escondida, por escondidos, atrás, atrás, atrás, ropitando, tendo olho nele. Preto rezava, ficava seguro na gente, tremia todo. Foi esse não, que morou no rancho, não; esse que morou aqui: preto Tiodoro. Foi outro preto, preto Bijibo, a gente vinha beiradeando o rio Urucúia, despois o Riacho Morto, despois... O velho barbado, barba branca, tinha botas, botas de couro de sucurijú. Velho das botas tinha trabuco. Ele mais os filhos e o carapina bêbado iam pra outra banda, pra a Serra Bonita, varavam dessa mão de lá, mode ir... Preto Bijibo tinha coragem não: carecia de viajar sozinho, tava voltando pra algum lugar — sei lá — longe... Preto tinha medo, sabia que onça tava de tocaia: onça vinha, sacaquera, toda noite eu sabia que ela tava rodeando, de uauaca, perto do foguinho do arranchamento...

Aí eu falei com o preto, falei que também ia com ele, até no Formoso. Carecia de arma nenhuma não, eu tinha garrucha, espingarda, tinha faca, facão, zagaia minha. Mentira que eu falei: eu tava era voltando pr'aqui, tinha ido falar brabo com Nhô Nhuão Guede, que eu não ia matar onça nenhuma mais não, que eu tinha falado. Eu tava voltando pr'aqui, dei volta

tão longe, por conta do preto só. Mas preto Bijibo sabia não, ele foi viajar comigo...

Ói: eu tava achando nada de ruim não, tava jeriza não, eu gostei do preto Bijibo, tava com dó dele, em mesmo, queria era ajudar, por causa que ele tinha muita comida boa, mantimento, por pena assim que ele carecia de viajar sozim... Preto Bijibo era bom, com aquele medo dôido, ele não me largava em hora nenhuma... A gente caminhamos três dias. Preto conversava, conversava. Eu gostava dele. Preto Bijibo tinha farinha, queijo, sal, rapadura, feijão, carne seca, tinha anzol pra pegar peixe, toicinho salgado... Ave-Maria! — preto carregava aquilo tudo nas costas, eu ajudava não, gosto não, sei lá como é que ele podia... Eu caçava: matei veado, jacú, codorna... Preto comia. Atié! Atié, que ele comia, comia, só queria era comer, até nunca vi assim, não... Preto Bijibo cozinhava. Me dava do de-comer dele, eu comia de encher barriga. Mas preto Bijibo não esbarrava de comer, não. Comia, falava em comida, eu então ficava vendo ele comer e eu inda comia mais, ficava empazinado, chega arrotava.

A gente tava arranchados debaixo de pau de árvore, acendemos fogo. Olhei preto Bijigo comendo, ele lá com aquela alegria dôida de comer, todo dia, todo dia, enchendo boca, enchendo barriga. Fiquei com raiva daquilo, raiva, raiva danada... Axe, axi! Preto Bijibo gostando tanto de comer, comendo de tudo bom, arado, e pobre da onça vinha vindo com fome, querendo comer preto Bijibo... Fui ficando com mais raiva. Cê não fica com raiva? Falei nada não. Ã-hã. A'pois, falei só com preto Bijibo que ali era o lugar perigoso pior, de toda banda tinha soroca de onça-pintada. Ih, preto esbarrou logo de comer, preto custou pra dormir.

Eh, aí eu não tinha mais raiva não, queria era brincar com o preto. Saí, calado, calado, devagar, que nem nenhum ninguém. Tirei o de-comer, todo, todo, levei, escondi em galho de árvore, muito longe. Eh, voltei, desmanchei meu rastro, eh, que eu queria rir alegre... Dei muita andada, por uma banda e por outra, e voltei pra trás, trepei em pau alto, fiquei escondido... Diaba, diaba, onça nem não vinha! De manhã cedo, dava gosto ver, quando preto Bijibo acordou e não me achou, não...

O dia todo, ele chorava, percurava, percurava, não tava acreditando. Eh, arregalava os olhos. Chega que andava em roda, zuretado. Me percurou até em buraco de formigueiro... Mas ele tava com medo de gritar e espiritar a onça, então falava baixinho meu nome... Preto Bijibo tremia, que eu escutava dente estalando, que escutava. Tremia: feito piririca de carne que

a gente assa em espeto... Despois, ele ficava estuporado, deitava no chão, debruço, tapava os ouvidos. Tapava a cara... Esperei o dia inteiro, trepado no pau, eu também já tava com fome e sede, mas agora eu queria, nem sei, queria ver jaguaretê comendo o preto...

Nhem? Preto tinha me ofendido não. Preto Bijibo muito bom, homem acomodado. Eu tinha mais raiva dele não. Nhem? Não tava certo? Como é que mecê sabe? Cê não tava lá. Ã-hã, preto não era parente meu, não devia de ter querido vir comigo. Levei o preto pra a onça. Preto porque quis me acompanhar, uê. Eu tava no meu costume... Hum, por que é que mecê tá percurando mão no revólver? Hum-hum... Aã, arma boa, será? Hã-hã, revólver bom. Erê! Cê deixa eu pegar com minha mão, mor de ver direito... A-nhã, não deixa, não deixa? Gosta não que eu pego? Tem medo não. Mão minha bota arma caipora não. Também não deixo pegar em arma, mas é mulher, mulher eu não deixo; deixo nem ver, não deve-de. Bota panema, caipora...[58] Hum, hum. Nhor não. É. É. Hum, hum. Mecê é que sabe...

Hum. Hum. É. É não. Eh, *n't, n't*... Axi... É. Nhor não, sei não. Hum-hum. Nhor não, tou agravado não, revólver é seu, mecê é que é dono dele. Eu tava pedindo só por querer ver, arma boa, bonita, revólver... Mas mão minha bota caipora não, pa! — sou mulher não. Eu panema não, eu — marupiara. Mecê não quer deixar, mecê não acredita. Eu falo mentira não... Tá bom, eu bebo mais um gole. Cê bebe também! Tou vexado não. Apê, cachaça bom de boa...

Ói: mecê gosta de ouvir contar, a'pois, eu conto. Despois que teve o preto Bijibo? Eu voltei, uai. Cheguei aqui, achei outro preto, já morando mesmo dentro de rancho. Primeiro eu pulei pra pensar: este é irmão dele outro, veio tirar vingança, ôi, ôi... Era não. Preto chamado Tiodoro: Nhô Nhuão Guede justou, pra ficar no despois, pra matar as onças todas, mor d'eu não querer matar onça nenhuma mais não. Falou que o rancho era dele, que Nhô Nhuão Guede tinha falado, tinha dado rancho pra preto Tiodoro, pra toda a vida. Mas que eu podia morar junto, eu tinha de buscar lenha, buscar água. Eu? Hum, eu — não mesmo, não.

Fiz tipoia pra mim, com folhagem de buriti, perto da soroca de Maria-Maria. Ahã, preto Tiodoro havéra de vir caçar por ali... A' bom, a' bom. Preto Tiodoro caçava onça não — ele tinha mentido pra Nhô Nhuão Guede. Preto Tiodoro boa pessoa, tinha medo, mas medo, montão. Tinha quatro cachorros grandes — cachorro latidor. Apiponga matou dois, um

sumiu no mato, Maramonhangara comeu o outro. Eh-eh-he... Cachorro... Caçou onça nenhuma não. Também, preto Tiodoro ficou morando em rancho só uma lua-nova: aí ele morreu, pronto.

Preto Tiodoro queria ver outra gente, passear. Me dava de comer, me chamava pra ir passear mais ele, junto. Eh, sei: ele tava com medo de andar sozinho por aí. Chegava em beira de vereda, pegava a ter medo de sucruiú. Eu, eh, eu tenho meu porrete bom, amarrado com tira forte de embira: passava a tira no pescoço, ia com o porrete pendurado; tinha medo de nada. Aí, preto...[59] A gente fomos lá muitas léguas, no meio do brejo, terra boa pra plantar. Veredeiro seo Rauremiro, bom homem, mas chamava a gente por assovio, feito cachorro. Sou cachorro, sou? Seo Rauremiro falava: — “Entra em quarto da gente não, fica pra lá, tu é bugre...” Seo Rauremiro conversava com preto Tiodoro, proseava. Me dava comida, mas não conversava comigo não. Saí de lá com uma raiva, mas raiva, de todos: de seo Rauremiro, mulher dele, as filhas, menino pequeno...

Chamei o preto Tiodoro: despois da gente comer, a gente vinha s’embora. Preto Tiodoro queria só passar na barra da Veredinha — deitar na esteira com a mulher do homem dôido, mulher muito boa: Maria Quirinéia. A gente passou lá. Então, uê, pediram pra eu sair da casa, um tempão, ficar espiando o mato, espiando no caminho, aruê, pra ver se vinha alguém. Muito homem que tava acostumado, iam lá. Muito homem: jababora, geralista, aqueles três, que já morreram. Lá por perto, vi rastro. Rastro redondo, pipura da onça Porreteira, dela ir caçar. Tava chovendo fino, só cruviando quage. Eu escondi em baixo de árvore. Preto Tiodoro não saía de lá de dentro não, com aquela mulher, Maria Quirinéia. O dôido, marido dela, nem não tava gritando, devia de tá dormindo encorrentado...

Uai, então eu enxerguei que vinha vindo geralista, aquele seo Riopôro, homem ruim feito ele só, tava toda hora furiado. Seo Riopôro vinha vestido com coroça grande de palha de buriti, mor de não molhar a roupa, vinha respingado, fincava pé na lama. Saí de debaixo de árvore, fui lá, encontrar com ele, mor de cercar, mor d’ele não vir, que preto Tiodoro tinha mandado.

— “Que é que tu tá fazendo por aqui, onceiro senvergonha?!” — foi que ele falou, me gritou, gritou, valente, mesmo.

— “Tou espiando o rabo da chuva...” — que eu falei.

— “Pois, por que tu não vai espiar tua mãe, desgraçado!?” — que ele tornou a gritar, inda gritou, mais, muito. Ô homem aquele, pra ter raiva.

Ah, gritou, pois gritou? Pa! Mãe minha, foi? Ah, pois foi. Pa! A’ bom. A’ bom. Aí eu falei com ele que a onça Porreteira tava escondida lá no fundão da pirambeira do desbarrancado.

— “X’eu ver, x’eu ver já...” — que ele falou. E — “Txi, é mentira tua não? Tu diabo mente, por senvergonheira!”

Mas ele veio, chegou na beira da pirambeira, na beiradinha, debruçou, espiando pra baixo. Empurrei! Empurrei, foi só um tiquinho, nem não foi com força: geralista seo Riopôro despencou no ar... Apê! Nhem-nhem o que? Matei, eu matei? A’ pois, matei não. Ele inda tava vivo, quando caiu lá em baixo, quando onça Porreteira começou a comer... Bom, bonito! Eh, *p’s*, eh porã! Erê! Come esse, meu tio...

Falei nada com o preto: ói... Mulher Maria Quirinéia me deu café, falou que eu era índio bonito. A gente veio s’embora. Preto Tiodoro ficava danado comigo, calado. Porque eu sabia caçar onça, ele sabia não. Eu tapijara, sapijara, achava os bichos, as árvores, planta do mato, todas, ele nem não. Eu tinha esses couros todos, nem não queria vender mais, não. Ele olhava com olho de cachorro, acho que queria couros todos pra ele, pra vender, muito dinheiro... Ah, preto Tiodoro contou mentira de mim pra os outros geralistas.

Aquele jababora Gugué, homem bom, mas mesmo bom, nunca me xingou, não. Eu queria passear, ele gostava de caminhar não: só ficava deitado, em rede, no capim, dia inteiro, dia inteiro. Pedia até pra eu trazer água na cabaça, mor de ele beber. Fazia nada. Dormia, pitava, espichava deitado, proseava. Eu também. Aquele Gugué puxava prosa danada de boa! Eh, fazia nada, caçava nada, não cavacava chão pra tirar mandioca, queria passear não. Então peguei a não querer espiar pra ele. Eh, raiva não, só um enfaro. Cê sabe? Cê já viu? Aquele homem mole, mole, perrengando por querer, panema, ixe! Até me esfriava... Eu queria ter raiva dele não, queria fazer nada não, não queria, não queria. Homem bom. Falei que ia m’embora.

— “Vai embora não...” — que ele falou. — “Vamos conversar...” Mas ele era que dormia, dormia, o dia todo. De repente, eh, eu oncei... Iá. Eu aguentei não. Arrumei cipó, arranjei embira, boa, forte. Amarrei aquele Gugué na rede. Amarrei ligeiro, amarrei perna, amarrei braço. Quando ele queria gritar, hum, xô! Axi, aí deixei não: atochei folha, folha, lá nele,

boca a dentro. Tinha ninguém lá. Carreguei aquele Gugué, com rede enrolada. Pesadão, pesado, eh. Levei pra o Papa-Gente. Papa-Gente, onça chefe, onço, comeu jababora Gugué... Papa-Gente, onção enorme, come rosnando, rosnando, até parece oncinho novo... Despois, eu inté fiquei triste, com pena daquele Gugué, tão bonzinho, teitê...

Aí, era de noite, fui conversar com o outro geralista que inda tinha, chamado Antunias, jababora, uê. Ô homem amarelo de ridico! Não dava nada, não, guardava tudo pra ele, emprestava um bago de chumbo só se a gente depois pagava dois. Ixe! Ueh... Cheguei lá, ele tava comendo, escondeu o de-comer, debaixo do cesto de cipó, assim mesmo eu vi. Então eu pedi pra poder dormir dentro do rancho. — "Dormir, pode. Mas vai buscar graveto pra o fogo..." — isto que arrenegou. — "Eh, tá de noite, tá escuro, 'manhã cedo eu carrego lenha boa..." — que eu falei. Mas então ele me mandou consertar uma alprecata velha. Falou que manhã cedo ele ia na Maria Quirinéia, que eu não podia ficar sozinho no rancho, mor de não bulir nos trens dele, não. A' pois, eu falei: — "Acho que onça pegou Gugué..."

Ei, Tunia! — que era assim que Gugué falava. Arregalou olho. Preguntou — como era que eu achava. Falei que tinha escutado grito do Gugué e urro de onça comedeira. Cê já viu? Sabe o quê que ele falou? Axi! Que onça tinha pegado Gugué, então tudo o que era do Gugué ficava sendo dele. Que despois ele ia s'embora, pra outra serra, que se eu queria ir junto, mor de ajudar a carregar os trens todos dele, tralha. — "Que eu vou, mesmo..." — que eu falei.

Ah, mas isto eu não conto, que não conto, que não conto, de jeito nenhum! Por quê mecê quer saber? Quer saber tudo? Cê é soldado?... A' bom, a' bom, eu conto, mecê é meu amigo. Eu encostei ponta da zagaia nele... X'eu mostrar, como é que foi? Ah, quer não, não pode? Cê tem medo d'eu encostar ponta da zagaia em seus peitos, eh, será, nhem? Mas, então, pra quê que quer saber?! Axe, mecê homem frouxo... Cê tem medo o tempo todo... A' bom, ele careceu de ir andando, chorando, sacêmo, no escuro, caía, levantava... — "Não pode gritar, não pode gritar..." — que eu falava, ralhava, cutucava, empurrei com a ponta da zagaia. Levei pra Maria-Maria...

Manhã cedo, eu queria beber café. Pensei: eu ia pedir café de visita, pedir àquela mulher Maria Quirinéia. Fui indo pra lá, fui vendo: curuz! De toda banda, ladeza da chapada, tinha rastro de onça... Ei, minhas onças...

Mas todas têm de saber de mim, eh, sou parente — eh, se não, eu taco fogo no campo, no mato, lapa de mato, soroca delas, taco fogo em tudo, no fim da seca...

Aquela mulher Maria Quirinéia, muito boa. Deu café, deu de comer. Marido dela dôido tava quieto, seo Suruvéio, era lua dele não, só ria, ria, não gritava. Eh, mas Maria Quirinéia principiou a olhar pra mim de jeito estúrdio, diferente, mesmo: cada olho se brilhando, ela ria, abria as ventas, pegou em minha mão, alisou meu cabelo. Falou que eu era bonito, mais bonito. Eu — gostei. Mas aí ela queria me puxar pra a esteira, com ela, eh, uê, uê... Me deu uma raiva grande, tão grande, montão de raiva, eu queria matar Maria Quirinéia, dava pra a onça Tatacica, dava pra as onças todas!

Eh, aí eu levantei, ia agarrar Maria Quirinéia na goela. Mas foi ela que falou: — "Ói: sua mãe deve de ter sido muito bonita, boazinha muito boa, será?" Aquela mulher Maria Quirinéia muito boa, bonita, gosto dela muito, me alembro. Falei que todo o mundo tinha morrido comido de onça, que ela carecia de ir s'embora de mudada, naquela mesma da hora, ir já, ir já, logo, mesmo... Pra qualquer outro lugar, carecia de ir. Maria Quirinéia pegou medo enorme, montão, disse que não podia ir, por conta do marido dôido. Eu falei: eu ajudava, levava. Levar até na Vereda da Conceição, lá ela tinha pessoas conhecidas. Eh, fui junto. Marido dela dôido nem deu trabalho, quage. Eu falava: — "Vamos passear, seo Nhô Suruvéio, mais adiante?" Ele arrespondia: — "A' pois, vamos, vamos, vamos..." Vereda cheia, tempo de chuva, isso que deu mais trabalho. Mas a gente chegou lá, Maria Quirinéia falou despedida: — "Mecê homem bom, homem corajoso, homem bonito. Mas mecê gosta de mulher não..." Aí, que eu falei: — "Gosto mesmo não. Eu — eu tenho unha grande..." Ela riu, riu, riu, eu voltei sozinho, beiradeando essas veredas todas.

Uê, uê, rodeei volta, despois, cacei jeito, por detrás dos brejos: queria ver veredeiro seo Rauremiro não. Eu tava com fome, mas queria de-comer dele não — homem muito soberbo. Comi araticúm e fava dôce, em beira de um cerrado eu descansei. Uma hora, deu aquele frio, frio, aquele, torceu minha perna... Eh, despois, não sei, não: acordei — eu tava na casa do veredeiro, era de manhã cedinho. Eu tava em barro de sangue, unhas todas vermelhas de sangue. Veredeiro tava mordido morto, mulher do veredeiro, as filhas, menino pequeno... Eh, juca-jucá, atiê, atiuca! Aí eu fiquei com dó, fiquei com raiva. Hum, nhem? Cê fala que eu matei? Mordi mas matei não... Não quero ser preso... Tinha sangue deles em minha boca, cara

minha. Hum, saí, andei sozim p'los matos, fora de sentido, influição de subir em árvore, eh, mato é muito grande... Que eu andei, que eu andei, sei quanto tempo foi não. Mas quando que eu fiquei bom de mim, outra vez, tava nú de todo, morrendo de fome. Sujo de tudo, de terra, com a boca amargosa, atiê, amargoso feito casca de peroba... Eu tava deitado no alecrinzinho, no lugar. Maria-Maria chegou lá perto de mim...

Mecê tá ouvindo, nhem? Tá aperceiando... Eu sou onça, não falei?! Axi. Não falei — eu viro onça? Onça grande, tubixaba. Ói unha minha: mecê olha — unhão preto, unha dura... Cê vem, me cheira: tenho catinga de onça? Preto Tiodoro falou eu tenho, ei, ei... Todo dia eu lavo corpo no poço... Mas mecê pode dormir, hum, hum, vai ficar esperando camarada não. Mecê tá doente, carece de deitar no jirau. Onça vem cá não, cê pode guardar revólver...

Aaã! Mecê já matou gente com ele? Matou, a' pois, matou? Por quê que não falou logo? Ã-hã, matou, mesmo. Matou quantos? Matou muito? Hã-hã, mecê homem valente, meu amigo... Eh, vamos beber cachaça, até a língua da gente picar de areia... Tou imaginando coisa, boa, bonita: a gente vamos matar camarada, 'manhã? A gente mata camarada, camarada ruim, presta não, deixou cavalo fugir p'los matos... Vamos matar?! Uh, uh, atimbora, fica quieto no lugar! Mecê tá muito sopitado... Ói: mecê não viu Maria-Maria, ah, pois não viu. Carece de ver. Daqui a pouco ela vem, se eu quero ela vem, vem munguitar mecê...

Nhem? A' bom, a' pois... Trastanto que eu tava lá no alecrinzinho com ela, cê devia de ver. Maria-Maria é careteira, raspa o chão com a mão, pula de lado, pulo frouxo de onça, bonito, bonito. Ela ouriça o fio da espinha, incha o rabo, abre a boca e fecha, ligeiro, feito gente com sono... Feito mecê, eh, eh... Que anda, que anda, balançando, vagarosa, tem medo de nada, cada anca levantando, aquele pelo lustroso, ela vem sisuda, mais bonita de todas, cheia de cerimônia... Ela rosnava baixinho pra mim, queria vir comigo pegar o preto Tiodoro. Aí, me deu aquele frio, aquele friiíio, a câimbra toda... Eh, eu sou magro, travesso em qualquer parte, o preto era meio gordo... Eu vim andando, mão no chão... Preto Tiodoro com os olhos dôidos de medo, ih, olho enorme de ver... Ô urro!...

Mecê gostou, ã? Preto prestava não, ô, ô, ô... Ói: mecê presta, cê é meu amigo... Ói: deixa eu ver mecê direito, deix'eu pegar um tiquinho em mecê, tiquinho só, encostar minha mão...

Ei, ei, que é que mecê tá fazendo?

Desvira esse revólver! Mecê brinca não, vira o revólver pra outra banda... Mexo não, tou quieto, quieto... Ói: cê quer me matar, ui? Tira, tira revólver pra lá! Mecê tá doente, mecê tá variando... Veio me prender? Ói: tou pondo mão no chão é por nada, não, é à-toa... Ói o frio... Mecê tá dôido?! Atiê! Sai pra fora, rancho é meu, xô! Atimbora! Mecê me mata, camarada vem, manda prender mecê... Onça vem, Maria-Maria, come mecê... Onça meu parente... Ei, por causa do preto? Matei preto não, tava contando bobagem... Ói a onça! Ui, ui, mecê é bom, faz isso comigo não, me mata não... Eu — Macuncôzo... Faz isso não, faz não... Nhenhenhém... Heeé!...

Hé... Aar-rrã... Aaãh... Cê me arrhoôu... Remuaci... Rêiucàanacê... Araaã... Uhm... Ui... Ui... Uh... uh... êeêê... êê... ê... ê...

Como ficou explicado na "Nota introdutória", as estórias que se seguem não receberam, da parte do autor, a última demão. Dentro da sua sistemática de criação literária, elas situam-se num estágio intermediário de trabalho entre a estruturação inicial e a forma definitiva.

Bicho mau

Era só um ser linear, elementarmente reduzido, colado mole ao chão, tortuoso e intenso; enorme, com metro e sessenta do extremo das narinas à última das peças farfalhantes do chocalho. Era uma boicininga — a serpente.

Fazia sol e ela, começada a aquecer-se, desenrodilhando-se, deixava o buraco abandonado de tatu onde passara inerte os meses frios e largara aos pedaços a velha casca, já fouveira, com impreciso o padrão e desbotadas as cores. De pele mudada, agora, não reluzia, entretanto, senão se resguardava em fosca aspereza, quase crespa, pardo-preto-verde com losangos amarelados nos flancos, enrossando muito logo após o pescoço; e tanto, que assustava: espesso desmedido o meio do corpo — um duro brusco troço de matéria. Mas que vivia, afundadamente, separadamente, necessitada apenas a querer viver, à custa do que fosse, de qualquer outra vida fora da sua.

Deslizou, ainda hesitante, surgia aos poucos, como se de si se desembainhasse. Provava a própria elasticidade, fluindo e refluindo, em contrações uniformes, titilando cada ponto de sua massa com a fina forquilha preta da língua: achava-se. Serpeara poucos palmos, contudo, e, encolhendo-se, num incompleto volteio, se deteve. Decerto se antecipara, vindo de longo jejum e obedecendo à primavera, a uma bronca obrigação de amor. Perto, de todos os lados, com efeito, pairavam cheiros bons de alimento, onde antes haviam estalado na relva correrias de preás e de ratos silvestres; de dia, porém, ela não conseguia ver o suficiente; só à noite, quando, no escuro, seus olhinhos de pupila a-pique acertassem de enxergar, é que iria tentar a caça.

Satisfazia estímulo mais premente, todavia, movendo-se àquela hora, recobrava-se em todas as suas partes, se descongelava. Reptou por entre os assa-peixes, fugiu dos tufos do capim-melôso, que a nauseavam, chegou a mais metros; fatigara-se. Mas precisava era de um pasto sujo, ou do cerrado, beira de roça ou boca de capoeira — no mato não entrava nunca —; melhor ainda um campo ralo e ensolado, pedregoso. De novo se mexeu, ora coleando com amplas sinuosidades oscilantes, ora

escorregando reta sobre o ventre, quando o terreno o facilitava. Contornou as moitas de sangue-de-cristo e mijo-de-grilo, e parou na palhada, a igual distância de um montículo de cupins e de uma trilha de gado. Reconhecia, porém, o lugar, de antiga ocasião, em que mal escapara de morrer, numa queimada: recordava a súbita balbúrdia estralejante, com gafanhotos pulando, grasnidos e vultos de gaviões-caçadores voando baixo, pios de aves reclamando socôrro, e o calorão crescente, os ardidos e abafantes rebojos da fumaça, que tornavam em castigo e perigo as mais amenas essências, mesmo o frescor de exalação das almêcegas resinosas ou o aroma caricioso do tingui torrado.

Sabia também obscuramente, que, para diante, iria descer num noruegal, tão sombrio no esconso, que ali teria pestes de aletargar-se em irresistível modorra, conforme anteriores experiências pouco agradáveis. Torceu rumo, desenvolvendo-se num rojar apenas um tanto menos tardo. Levava horas, sabia avançar sempre se escondendo, tudo nela era pavorosa cautela, jamais se apressava. Buscava espaço mais alto. Seguidamente assim rastejou, até que veio dar em sítio propício.

Soerguida então um mínimo a frente, sem supérfluos movimentos, a cobra sentia o derredor: debaixo do ipê-branco, junto de uma touça de mastruço, com a proximidade de pedras, esconderijos ao alcance, rastros frescos de roedores, som agudo nenhum — justo quase o que ela desejara, nas intermináveis vigílias de sua hibernação. Só a sombra da árvore mudava sucessivamente de área, revelando a presença de objetos estranhos: uma lata com água e um coitezinho flutuando, e, ao pé, com a folha-de-flandres faiscante, um canecão.

Sempre a tactear, vibrando a língua bífida, Boicininga se recolheu, com um frêmito de retornos flácidos, em recorrência retorcida, no escorrer de corpo sobre corpo; enrolava-se em roscas, já era um novelo: a cabeça furtada, reentrada até ao centro dos grossos nós escuros, apoiada numa falda do tronco; trazida a ponta do rabo com os cascavéis a cruzarem sobre a nuca. Em alguma parte, naquilo, notava-se um ritmado palpitar, o tênue elevar-se e abater-se da respiração de criatura adormecida — o aspecto mais inocente e apiedador que pode oferecer um ser vivo. Tinha-se de atribuir candura ou infância àquele amontoado repelente.

Porém, do ipê-branco, pendia, como comprida sacola de aniagem, um ninho de guaxes; e, em volta, o casal de pássaros operava com capricho, rematando-lhe a construção. Enquanto a fêmeazinha, pousada no rebordo,

se sumia lá por dentro, deixada de fora só a tesoura de penas amarelas, o macho saltitava pelos ramos, aos risos, voltando-se para os lados e espiando as coisas do mundo por cima dos ombros.

E tanto pulou, que fez cair um estilhaço de galho. Um graveto, cavaco ínfimo, e até florido, mas que rodopiou no ar e veio bater rente a Boicininga. Súbita: como se distendeu e levantou-se, já em guarda, na postura defensiva de emergência, armado o arremesso. Suspenso o terço dianteiro, numa flexuosa arqueadura, e contudo hirta, em riste a cabeça, um az-de-espadas. Sua fúria e ira derramaram-se tão prontas, que as escamas do corpo, que nem arroz em casca, ramalharam e craquejaram, num estremeção escorrido até aos ocos apêndices córneos da cauda, erguida a prumo, que tocaram sinistramente. Foi um tatalar — o badalar de um copo de dados — um crepitar, longo tempo — depois esmaecendo, surdo, qual o sacolejar de feijões numa vagem seca.

Silenciou. Rebulindo, a serpe se recompunha, para quedar aparentemente prostrada, calculada imóvel. Desentorpecera-se de todo, porém, e jazia em secreta excitação. Provocada, Boicininga se fizera a tensão de um ódio único, expectante, que deveria durar muito. Poderia esperar, semanas, tocaiando no mesmo lugar. Tudo existia agora demais, em torno dela, tudo a ameaçava. Ai de quem por ali viesse a passar, quem perto dela se aventurasse. Porque nela a vontade de ódio se prendera, ininterrupta: sob uma falsa paciência, maldita, uma espécie desesperada de pudor.

E, a partir desse momento, vista de frente, ela seria ainda mais hórrida. No rosto de megera — escabroso de granulações saliente, com dois orifícios laterais, com as escamas carenadas e a pala de boné cobrindo a testa, como um beiral — os olhos, que a princípio lembravam os de uma boneca: soltos, sem vida, sujos, empoeirados, secos; mas que, com o escuro risco vertical e a ausência de pálpebras, logo amedrontavam, pela fria fixidez hipnótica de olhos de um faquir. Tanto, que está quieta. Mas, se olhada muito, parece retroceder, vai recuando, fugindo, em duração e extensão, se a gente não resistir adianta-se para o trágico fácies. Onde, por enquanto, a boca era punctiforme, ridiculamente pequena, só um furo, mínimo, para dar saída à língua, onde parecia ter-se refugiado toda pulsação vital; em seguida tomava o jeito da miniatura de uma boca de peixe; e, no entanto, no relâmpago de picar, essa boca iria escancarar-se, num esgar, desmandibulada imensa, plana de ponta a ponta.

Tudo a desmarcava. Mesmo a cor — um verde murcho, verde lívido, sobre negro, hachureado, musgoso, remoto, primevo, prisco; esse verdor desmaiado, antigo, que se juntava ao cheiro, bafiento, de rato, de ópio bruto, para mais angustiantemente darem ideia de velhice sem tempo, fora da sucessão das eras.[60]

Porque tudo fazia que ela semelhasse, primeiro, um ser vivo, muito vivo, muito perdido e humano; muito estranho: um louco, em concentração involuntária, uma estrige, uma velhinha velhíssima. Depois, um morto vivo, ou muito morto, um feto macerado, uma múmia, uma caveira — que emitisse frialdade. Era um problema terrífico. Era a morte. Boicininga estava eterna. Talvez, necessária.

. . .

Uns homens, que trabalhavam mais abaixo, não tinham escutado o crotalar da tétrica fanfarra, não podiam saber da presença de Boicininga, latente na erva, junto da lata d’água. Eram, por enquanto, cinco. Eles roçavam na aba da encosta, preparando chão para o plantio.

Iam com muita regra, tão a rijo como podia ser. As folhas das enxadas subiam e desciam, a cortar o matinho, aguentando o rojão em boa cadência. O calor ainda era forte, o dia violento. Descalços, alguns deles nus das cinturas para cima, curvados, despejavam suor, com saúde de fôlegos. Não falavam entre si, capinador quase não conversa. Só, de raro, ouvia-se alguma voz de trabalho, em meio ao batidão ritmante:

— Ehém?

— Hem!

Puxariam até à tarde.

Entretempo, chegara também o seo Quinquim, filho do dono da fazenda. Viera para ver, não precisava de pegar no pesado. Mas o seo Quinquim se sentia cheio de ardor, e queria acoroçoar os outros. Pelo que era ali o chefe de lavoura, era quem iria botar roça, por própria conta. Seo Quinquim tomou lugar entre Manuel da Serra e o Jimino, e foi rompendo, com muita vontade. Redobrou-se o vigor da labutação, as enxadas timbravam. Só era um dia muito claro, ainda não muito triste. E sendo pois assim, seis homens, e uma cobra; e o daqueles que tivesse sede primeiro, provavelmente teria de morrer.

E eles estavam no ignorar. Sujeitos a seus corpos, seus músculos, pouco e mal ali tentavam algum pensamento. Davam o de seu, viviam o esforço do instante, com nenhumas margens. Nem sabiam de nada, a vida tomava conta deles. Ganhavam seu pão. Aquelas caras suavam.

De repente, o Egídio parou e levou mão à testa, se enxugando. Olhou para lá. O sol tirava um reflexo na lata, que reluzia. Aquela lata carecia de ser mudada de lugar, a água se esquentava. Mas o Egídio havia encostado ainda havia pouco a ferramenta, para enrolar um cigarro, seo Quinquim podia pensar que fosse mandriagem. O Egídio tinha nove filhos pequenos para sustentar, além da mulher e sogra, todos com sadia fome e fraca saúde. Por isso, mais triste, mais tímido, sentia a goela apertada e a boca áspera. O Egídio não cogitava em que, se agorinha morresse, ganharia o prêmio de uma libertação; tão-pouco cuidasse que a sua morte poderia deixar no duro desamparo os que dependiam de seu amor e de seu dever. O Egídio achava um sossego para a ideia, quando brandia a enxada. Preto Gregoriano, era quem se achava mais perto da lata d'água, e talvez, portanto, em perigo mais fácil. E ele era o mais velho de todos, de cabelos embranquecidos, tinha vivido muito, demais, já pisava na tristeza da idade. Se bem dividisse com Manuel da Serra a fama de melhor trabalhador, seu lidar não produzia mais tanto, ele se fatigava sempre, volta e meia tinha de estacar, num esbafo, doía-lhe o peito, doíam as cadeiras, ficava com os bofes secos. Precisava de um repouso, de um longo repouso, de arriar o fardo. Só que o trabalho distraía-o também das melancólicas lembranças, fuligem de recordações. Às vezes, gostaria de dar uma conversa, da qual esperasse não sabia que desconhecido consolo, que conselhos de animação. Tinha medo de pensar no adiante, medo do que ia querendo imaginar. O preto Gregoriano rezava, apenas, e se pacientava.

Manuel da Serra, preto também, graúdo, espadaúdo, era ali o mais competente braço, cabo mestre no trabalho, o homem de muita razão. — "Eu, cá, pra comer e no trabucar, não sou mesquinho..." — ele mesmo de si dizia. Viúvo, pai e avô, assim contudo ainda vivia muito por si, capaz de astutas alegrias. Esperava a hora da janta: — "Hora de Deus, a hora abençoada!..." E esperava uma festa, que ia haver, no sábado, no Joaquim Sabino, aonde ia ir uma mulher chamada a Macambira. Tudo o entusiasmava, ele se gabava de guiar valentemente o pessoal, e se influíra ainda mais com a chegada do seo Quinquim. Manuel da Serra, sem que

bem o soubesse, se achava apropriado e pronto para qualquer comprida viagem.

João Ruivo, cachaceiro, treteiro, ruim, lerdeia o quanto pode, a toda hora está encabando a enxada, se negando seja que fugindo, quebrando a canga. Vadiava sem preceito nem respeito, prezava-se de muito esperto. Vem-lhe forte a coisa. João Ruivo deixa em pé a enxada, e vai. A passo firme. A meio do que caminha, porém, para. Retrocede. — “Só cascar um ananás, ali?” — roga permissão. Por ora, dessa não-feita, está salvo. Toma em direção às touceiras das bromélias, que crescem e amadurecem na meia-encosta. Manuel da Serra ainda comenta, despectivo: — “Isto não é de meus consumos...” E o Jimino assiste muito àquilo, talvez com inveja. Porque o Jimino, quase um menino, estranhado, abobado e humilde, jamais acharia em si coragem para proceder assim.

O Jimino não aprendeu ainda a aguentar uma ideia firme mais ou menos na cabeça, sua sina não está ainda em nenhum poder dele. É um ser enfezado, mal desenvolvido, num corpo sem esperanças; fosse ele o que morresse, que era que assim o mundo perdia? E já descambava o sol. Com pouco mais, vão largar o trabalho. Se até lá, no findar do prazo, nenhum outro se oferecer ao bote da cascavel, o infeliz será mesmo o Jimino, a quem compete carregar, de volta, lata, caneco e cuia.

Seo Quinquim olhou, também. Teria por gosto aproveitar uma curta folga. Colher um ananás? Não, dava muito trabalho. E estão azedos, decerto, apertam na língua, piores do que os gravatás. Seo Quinquim se mostra alegre, às vezes banzativo, ora a dar um ar de riso, ele está nos dias de ser pai. Não tardava mais uma semana, a parteira já viera para a fazenda... Ah, fazia votos por que fosse um menino. Um menino, para crescer forte, trabalhador, para continuar o continuado... Aquele lugar, ali, iria dar uma boa roça, um feijoal e tanto, o chão era fresco, quase noruego, terra descansada... Sim, muito alegre, por porfia, por cima da caixinha fechada da tristeza. Nisso que não queria pensar, em que já se acostumara a não pensar.

Na mulher, que não gostava dele; na verdade, não gostava? Parecia que não tinha gostado, nunca, só mesmo por conta da aferrada teima dele é que ela um dia, por fim, concordara de casar; mas não mudara em nada, com o vir do tempo, não se acostumara em nenhum carinho, não aprendera os possíveis de amor. Natureza das pessoas é caminho ocultado, no estudo de se desentender. A mulher, Virgínia... essas coisas desencontradas da vida.

Mas, com a vinda do filho, agora, aparecia também nova esperança, quem sabe... Ah, com o filho, a vida para o seo Quinquim subia por outra vertente, finda uma etapa. O feijão, aqui, vai dar, sobêrbo, o chão é o que vale, o refrigério do lugar... O feijão carece de três chuvas: uma semeado, outra,[61] a terceira na flôr... Isto a gente podia fiar do tempo, do bom ano... E — quem sabe da vida, é a vida... O dia é que vai acabar, o sol já caído. Havia sede.

Em súbito, seo Quinquim cessa o serviço, anda. João Ruivo pega do exemplo, também vem. Preto Gregoriano acompanha-os, ele sorriu-se menos tristonho, se persignou. E Manuel da Serra, a seguir, com suas tão extensas passadas, não há ladeira que o acanhe. E o Egídio, fazendo o cortêjo. Por final, o Jimino, que fechava a rabeira. Caminham para a água. São já poucos metros, só, entre o cá e o lá.

João Ruivo, que vinha em segundo, retarda-se, parece que deixou cair alguma coisa. Preto Gregoriano se detém também, espera. Mas Manuel da Serra passa adiante, com a continuação do andar. Emparelha-se quase com o seo Quinquim, vão a modo que proseando. A bem pouquinhos palmos da lata de querosene, da serpente de guizos, no ter de passar por. Em fato, da morte. Manuel da Serra ri grosso, gostado. O Egídio tossiu, mais atrás. Seo Quinquim fez alto, e se abaixa para ajeitar uma perna da calça, que tinha descido. Saiu um pouco do trilho. Mas Manuel da Serra por sua vez estaca, respeitoso, sem querer tomar-lhe a dianteira, pelo espaço mínimo, que medeava. Seo Quinquim acertou a barra da calça, arregaçou-a até quase ao joelho. Também está descalço. O lugar é limpo, nem é preciso a gente olhar para o chão; algo está-lhe diante do pé...

Só foi um grito, todo, sustoso, desde entranhas: — “Minha Nossa Senhora!...” A cobra picara. A coisa golpeara, se desfechara — feito um disparo de labareda. Picara duas vezes. E o chocalho matraqueou de novo, soturno, seco. Tudo durara um passo do homem. Tão ligeiro, que seo Quinquim sentira os dois ímpetos numa açoitada só.

— Valei-me...

Derreou o busto e desceu mão, à tonta e à pronta, por um pau, uma arma, um trem qualquer. E viu, aquilo: a rodilha monstruosa, que se enroscava e vibrava, enormonho bolo, num roçagar rude, um frio ferver. O asco, pavor e gastura, imobilizaram-no, num ricto de estupor. Seo Quinquim, altos os cabelos, arregalava os olhos para a visão constringente, odiosa, e ele malrosnava sons na garganta.

Uns dos companheiros gritaram, se atarantavam: — “São Bento! São Bento!...” Mas João Ruivo acudira, brutesco, resolvido, brandia o facão, dava cabo da cobra. Manuel da Serra amparara seo Quinquim, cambaleante, só a se lastimar: — “Estou morto, minha gente... estou morto...”

Caíra sobre os joelhos, caía sentado no capim, caiu e estendeu-se ao comprido. Pintara-se muito branco, mastigava sem nada e engolia em seco. Depois, ficou de boca aberta, soprando cansaço.

João Ruivo, afadigado, retalhara o corpo da cascavel, que ainda se retorcia, longo ao léu, flagelando a esmo. Trouxe qualquer coisa sangrenta, que disse ser o fígado, e que foi esfregando no ponto da picada. Manuel da Serra garrotava a perna de Seo Quinquim, com uma correia. João Ruivo agora mascava fumo, para pôr na mordida. Seo Quinquim gemeu:

— “Não adianta... Já estou padecendo uma tontura... São Bento e a minha Nossa Senhora!...”

Soluçava manso, lágrimas vieram-lhe aos olhos, as mãos trêmulas apalpavam as medalhas de santos do pescoço, seu rosto parecia o de um menino aflito. Transpirava copiosamente. Gemeu, e levaram-no, carregado.

O sol entrou. E a lata d’água ficou para ali, esquecida, inútil, como tudo o mais estava agora realizado e inútil, inclusive o corpo atassalhado e malaxado de Boicininga.

. . .

Não levaram o doente para a casa-grande da fazenda, mas sim trataram de o conduzir até a uma moradia de camaradas, que ficava cá embaixo, de um dos lados do eirado, entre o paiol e o engenho. E para tanto teriam suas certas razões. Adiantando-se dos demais, foi João Ruivo quem veio e subiu, para informar:

— A gente trouxemos o seo Quinquim... Um *bicho mau* ofendeu a ele...

Nhô de Barros, o pai, não baqueou. Somente desceu muito os braços, como que esticados, sob simples estremecer, e, levantados os ombros, se endireitava, entretanto enquanto. Deu uma ordem:

— Seo Dinho, corre ligeiro, no Jerônimo, e fala que um *bicho mau* ofendeu o seu irmão. Chega dizer isso, que ele lá sabe...

Mas as mulheres, e os meninos, acorreram; pareciam ter adivinhado, no lúcido, tonteante atinar, com que as desditas vêm de dentro. Olhavam-se, feito se pedissem uns aos outros um tico de salvação, e contudo de brusco alheados de entre si, isolados mais, sequestrados pelo sobressalto. Todos, sem ajuntar ideias, tinham, primeiro, contundente, a crença no pior.

— "Essas coisas, esta vida..." — começou Nhô de Barros, lamuriado; mas logo reforçou a voz, em tom geral: — "Há de ser nada, o Quincas vai ficar bom!..." Já indo para sair, fez gesto de não querer que ninguém o seguisse. Nem Dona Calú, que ainda silenciava, nessa hesitação em principiar a sofrer, dos velhos, que antes param em si, e demoram um instante, como se buscassem previamente em seu íntimo algum apôio, quaisquer antigos e provados recursos de consolo. Seu olhar e o de Nhô de Barros, juntos, foram para Virgínia, a esposa, que lívida, pasma, não dava acordo de coisa nenhuma. Olhavam para o seu rosto, e para o seu ventre crescido.

— "Ele está vivo, Deus é grande!" — e Dona Calú deixou correr as primeiras lágrimas; mas o seu era um choro sóbrio, manso, sem esgar nem rumor.

Então, Virgínia, como se recuperasse um perdido fôlego, gritou, se desabafou: — "Coitado do meu filhinho, que vai nascer sem pai..." E era estranho ver como, de súbito, sem que tivesse feito qualquer brusquidão de movimento, ela se desgrenhara.

— "Não agoura, menina... Não agoura!" — ralhou, baixo, Dona Calú, se benzendo.

— "Meu marido..." — gemeu apenas Virgínia, toda sacudida de soluços, ela parecia uma pessoa ansiando por sair deste mundo.

Mas Dona Calú, que se aproximara, nela quase encostada, sussurrou, inesperadamente ríspida, como se com ódio e náusea: — "Agora é que você fala assim, deste jeito?! Agora?!..."

Virgínia parecia não entender. As duas estavam de fato a sós, na sala-de-fora, todos os outros tinham ido para a varanda, para ver Nhô de Barros, que a passos compridos lá transpunha o eirado. Dona Calú continuou:

— "Agora, então, você já gosta dele?!" — sibilara.

Virgínia baixou os olhos, ainda não entendia, o olhar de Dona Calú subjugava-a. Mas, pronto, ergueu de novo a cabeça, numa audácia de angústia:

— "É meu marido, eu quero ir para perto dele!"

— “Ir, você não vai, de jeito nenhum. Você sabe que mulher prenhe não pode entrar em casa em que esteja pessoa ofendida de *bicho mau*? Por amor dele, mesmo, então, você devia deixar dessa doideira!...”

E Dona Calú quis segurá-la, nem de leve, porém, chegou a tocar-lhe. Virgínia, mesma, se abraçara com a outra, começando outro pranto. Juntas, choravam mais amplo, e de outra maneira.

Tudo o que houve, não foi longo. Interromperam-nas os outros, assustados de fora daquela estreita lamentação. E chegara o Odórico, vindo de lá, da moradia dos camaradas, ele se esforçava por mostrar um sorriso, saído de pesada seriedade.

— O Quincas está sossegado, Mãe...

Aí, resposta sobre resposta, falaram as duas, de novo apartadas, falavam um rude desentendimento, uma aversão crescente, era como se, materialmente, mesmo, as duas vozes se defrontassem, se empurrassem, no ar, igualmente implacáveis, se bem que uma soasse quase indecisa, branda, e a outra vibrasse num ímpeto de frenesi:

— Ele melhorou? Disse que quer me ver?... E o médico? Já foram chamar o doutor?... — e Virgínia avançara para o cunhado, segurava-lhe os braços, agarrava-o, seus olhos eram para doer nele.

— Já foi recado p’ra o Jerônimo Benzedor, que cura... — Dona Calú quis explicar, sua mansidão era extrema, aguda.

— Mas, e o médico, também?... É preciso ir chamar, ligeiro, buscar recurso de farmácia, remédios! Anda, Odórico, o que é que você está esperando?!...

— O Jerônimo cura, mas a gente não pode dar remédio de farmácia, minha filha... — Dona Calú cruzara as mãos, ao peito.

— Não! Pelo amor de Deus!... Curandeiro não sabe de nada, é homem ignorante. É preciso é de ir, já, chamar o doutor...

— Pois seja, menina. Você manda e desmanda, o que bem entender... Eu vou até lá, vou falar com o Inácio...

Dona Calú saiu, sua lentidão era astuta e digna, toda um pouquinho de terríveis forças, uma vontade que se economizava.

Mas Virgínia recrudesceu de seu desvario, dirigindo-se ao rapaz:

— Então, Odórico? De galope, vai! Traz o doutor, de qualquer jeito. Assim você ainda pode salvar meu marido, pode salvar o seu irmão...

— Está bem. Lá vou... — o outro obedeceu, consternado, tartamudeara. Foi pegar o chapéu, e se foi.

Solta, só, Virgínia ofegava, parecia vencida por fadiga imensa, não chorava mais. Veio para a varanda, debruçou-se no parapeito. De repente, foi noite, anoitecera assim, era o corpo da noite, apenas, e, lá embaixo, a casa de moradia dos camaradas, onde havia uma luzinha. Era uma mulher com os cabelos arapuados, desfeitos, o corpo disforme, as pernas inchadas, os inflamados olhos vermelhos, descalça, como perdera os chinelos, até as feições do rosto estavam mudadas. Era uma mulher, ao relento, parada, estreitada, ante o corpo da noite, podia voar dali, coração e carne. Seu clarear de dor era uma descoberta, que acaso ela mesma ignorava.

. . .

E, cá embaixo, estirado no catre, prostrado, com suor copioso no peito e tremor por todo o corpo, seo Quinquim gemia, fazendo força para não invocar, nem em pensamento, a lembrança e o nome da mulher.

Sentado aos pés do catre, Nhô de Barros descobria a perna maltratada, para a examinar. Não inflamara, quase. Só, ao redor do sinal das presas da cobra, formara-se uma zona escura.

— Doi, Quincas?

— ... Nos braços, na barriga da perna, no corpo quase todo... A nuca está dura, estou ficando todo duro, o corpo todo dormente... este lado de cá está esquecido. E a goela está começando a doer também... Acende a luz, Pai!

A resposta saíra a custo, com grande esforço de lábios e língua. Seo Quinquim mal podia movimentar a cabeça. E suas pálpebras estavam muito caídas.

— A luz está acêsa, Quincas. Olha o lampião, aqui...

— Ahn... Então vosmecê chegue mais para perto, Pai... Não estou enxergando. Ai, meu Deus, será que eu já estou ficando cego para morrer?... Virgínia...

Os outros, que se achavam no quarto, entreolharam-se, sob susto supersticioso. Nhô de Barros teve mão no filho:

— Não fala! Não fala o nome, pelo amor de Deus! Nela, por ora, é que você nem botar a ideia, um tiquinho, você não deve... Você não sabe que faz mal? — e esfregava-lhe a perna de leve, maquinal e insistentemente, perdia-se naquilo; amaciando muitíssimo a voz, continuava: — "Isto de não enxergar, depois passa. Você não vai ter nada, não... Pensa na tua vida com saúde... É só um por enquanto... Amanhã, depois-d'amanhã, você está

sarado, bom. O Jerônimo, a esta hora, já deve de estar te benzendo, de lá... Bebe mais um gole...”

João Ruivo trazia a cachaça. Submisso, seo Quinquim se alongou de todo no enxergão.

— “Mais, mais, meu filho... Espera... Deixa passar essa ânsia de vômitos... Agora, bebe, tudo. É restilo do bom.”

E amparava-lhe a cabeça, chegando-lhe à boca o copo, que se esvaziava lentamente, com os dentes se chocando contra o vidro. Seo Quinquim gemeu mais, não conseguia cuspir o amargo do final, enfim virou-se um pouco para o canto, e amainou, derreado.

De repente, escutou-se, ao fundo, um cochicho, balbucio de reza. Dona Calú entrara, sem rumor, no escondido, ali permanecia.

Nhô de Barros veio para junto dela: — “Não lançou mais, está vendo? Cachaça é bom, para isso... não atrapalha...” — Ele queria mostrar firmeza, mas a máscara da mulher, dura, hirta, o desconcertou. E ele fugiu com os olhos, e mexeu nos bolsos, procurando qualquer coisa.

— “Ele perguntou por mim?” — a velha indagou.

— “Ã, não... Só perguntou foi pela...”

— “Você está dôido?!” — e Dona Calú, rude, rápida, cortou-o, com um indicador nos lábios e a outra mão fazendo menção de lhe tapar a boca.

— “Não sou criança... Não ia falar... E, você, mesma? O que é que tem de vir ver, aqui? Não deve!”

— “Eu não estou grávida, não estou dando de mamar...”

— “Mas é mulher. Sempre não é bom, mulher...”

Voltaram-se. O Ricardinho vinha entrando:

— “Seu Jerônimo Cob— ... Seu Jerônimo me deu um copo d’água para beber, de simpatia... E falou: — “Quando você chegar em casa de volta, já vai achar seu irmão mais melhorado...” Mas falou que é para não se dar a ele remédio nenhum, nem solimão, nem purgante, nem leite... E nem reza nenhuma, nem deixar outra pessoa benzer! Só assim desse jeito é que ele agarante.”

Daí, os velhos quase se sorriram. Daí, estavam sérios, mas em seu cochicho corria uma alegriazinha de desafogo:

— “Está vendo? Pegou no sono... Já melhorou...”

— “Está bem. Todos pagam pelo que um padece. Inácio, eu agora vou-me embora...”

Saiu, no sereno, no escuro, na friagem. Subiu à casa, ia se recolher ao quarto, mas não rezaria ajoelhada diante do oratório, qualquer reza podia prejudicar a simpatia. Deus perdoava, os Santos não se zangavam.

Nhô de Barros dispensou também os camaradas. Ficado só com o filho, abaixou a luz do lampião, e foi para a janela, pitar. Mais de um cigarro. Seo Quinquim, agora, apenas cumpria a respiração de longo ritmo, extenuado no sopor do álcool e da peçonha.

Quando deu fé, a porteira bateu, e um cavaleiro entrou no pátio. Era o Odórico, com os remédios. O médico, ele não encontrara, no arraial, estava fora. Mas o farmacêutico mandara o soro, para injeção. Eram quatro ampôlas. E o estojo, com a seringa, algodão, iodo, tudo. Tinha falado que nem precisava dele mesmo vir: era aplicarem; só com duas, e o doente já estaria a salvo de perigo.

— “Está direito. Me dá, e vai dormir.”

— “Mas, sou eu que tenho de dar a injeção nele, Pai... Sei tudo, explicado direitinho...”

— “Pois eu também sei. Se carecer, te chamo. Vai dormir.”

Do meio do eirado, o rapaz ainda volveu nos passos, para avisar: — “Disse que a gente tem de lavar bem, depois de cada, que senão pega e gruda um vidro no outro, atoa, atoa...”

Agora seo Quinquim revirava no catre, tremia, recomeçando a gemer, os gemidos iam crescendo, gemia dormindo, ele mais se agitou. O velho chamou-o. Ele acordou; gaguejou próprio:

— “Doi... muito... tudo!”

O que parecia de outra voz, já de outra pessoa. Ele quis mostrar a perna, com a mão, ou está se mexendo a-toa, variando?

Nhô de Barros espera, espera. Abre mais a janela, para entrar mais ar. A noite está muito quieta, lá fora.

Nhô de Barros desfaz o embrulho da farmácia. Pega a caixinha, com as ampôlas. O remédio, ali, acondicionado, tudo tão correto, limpo, rico, tão de se impor. Remédio, às vezes cura, às vezes não... O Jerônimo declarou, ele sabe! O Quincas está melhor, agora só falta a dor ir a se calmar...

O alazão soprou e bateu com uma pata, na coberta do curral. Ainda não quer dormir, cavalo são quase que nunca dorme... Boa vida, a dele. Boa vida, a de toda criação... Se chamasse o Odórico? O Odórico, a esta hora, já estará deitado? O Quincas parou outra vez de gemer. Mas, é bom esperar ainda um pouco... Parece que ele está melhorando... Há de melhorar!

Friagem. Fecha a janela.

Foi gemido? Será que ele inda vai tornar a gemer? Mas, assim, também, parece que ele está quieto demais. Agora, é um raio de bicho, zunindo, lá no alto, perto dos caibros. Besouro? Não, deve de ser um marimbondo-caboclo, ruivo, ou um dos pretos, marimbondo-tatú... Marimbondo não traz mau agouro... Mas é feio, esse zunido dele... Gemeu! A gente, por bem dizer, não está no poder de fazer nada. E a injeção, o remédio? Estúrdio — que, em certas horas, a gente mal que consegue enrolar a palha de um cigarro; velhice, isto dos dedos, que tremem, desencontrados... E o bichinho, esta zoeira... Besouro mangangá? Não... Marimbondo... marimbondo... marimbondo... O marimbondo-tatú se acostuma com as pessoas... E se o Quincas morr— ... Não! Ele vai ficar bom!... O marimbondo mosquito é rajadinho e pequeno, faz a caixa nos buracos do chão... Que noite, meu Deus!

A gente não aguenta, não aguenta, estas coisas, não se aguenta mais... O remédio, a injeção, a gente dá, de uma vez, deve de, a gente esquece o resto restante, que há, vem uma hora em que tudo passa, no mais ou menos, se acaba...

Aqui é a porta. Três passos. Esta janela, a gente deixa aberta, ou fechada. As pernas da gente envelhecem mais primeiro que o corpo... A gente bebe um golinho de cachaça. Agora, só chegando mais perto, se chegando, para se conhecer o estado da cara do doente:

— “Quincas... Quincas, escuta. Você quer tomar o remédio de farmácia, a injeção?”

Não dá resposta. Nem não gaguejou. A força, aferrada, que ele está fazendo, o coitado do corpo dele, para o viver de tomar ar... Mas, gemer, pode, às vezes, até, meio que grita, de dôres...

Carece de se andar depressa... Dar a injeção? E o que o Jerônimo falou? “Não dar nada...” Só assim é que ele agarante. O Jerônimo é negro velho, sabe. Quantas pessoas, mesmo, o Jerônimo já curou? Amanhã, o Quincas está bom. Agora, é preciso a gente também tomar outro gole, isto, sim, é que é paga promessa, o cheiro forçoso da cachaça, o amor-de-cana... Que inferno, a gente não saber, certo, sempre, a coisa que a gente tem mesmo de fazer: e que devia de ser uma só, mandada alto, escrita em tudo, estreita, a ordem...

Mas, o que a vida é, é que a gente tem de aguentar estas horas, em todas essas instâncias... De tudo, a gente tem de fazer consciência, e curtir curto,

sem poder tomar conselho, sem ganhar sentido... A mocidade da gente já vai longe, um dia nunca é igual a outro dia... Tudo desarranjado, neste mundo. Calú era quem devia também de estar aqui, se não fosse caso de *bicho mau*, as mulheres é que têm mais jeito para as coisas assim de repente diferentes, mulher é que sabe mais, sabem que sabem.

O bichinho caiu perto do lampião... Não é marimbondo-tatú. É um cassununga, ele tira estes brilhos rebrilhos, verde, em azulados. Eles têm uma casa, comprida, na parede de fora da tulha, ela parece uma combuca... Não, não; o Jerônimo sabe! É preciso só a gente ter fé, para ajudar...

São só estes vidrinhos, garrafinhas, do farmacêutico. Ôi! quebrou sem custo, na mão da gente, os caquinhos de vidro cortam, está dando sangue... Faz mal não. Ainda tem mais três, iguais. A gente joga na parede. Era só uma aguinha, só, espirrou longe... Agora, não tem mais esse martírio, e até o doente se aquietou, vai melhorar... Ah...

Vai melhorar. A gente passa os dedos na testa dele, está fresca, fria, as mãos — ele está em paz — ah, a um filho a gente quer tanto bem, um filho é um filho; paz no coração.

E já é de madrugada, está sendo. O Quincas não se mexe mais com a dôr, não se torce. A gente está cansado, este sono, carcaça do corpo pouco aguenta, Deus nos valha, aah... Oah... O Quincas não está mais naquele afã, aquilo, vagaroso, lá nele, a pena pelo respirar... A gente cabeceia, a gente não pode fechar os olhos, a gente fecha os olhos assim mesmo, a noite é grande demais, não se entende, a gente não deve de pensar em morte... A morte, que quando chega é traiçoeira, mas Deus que nos proteja!... Aah... Amém...

. . .

Um dia, justo, justo, em sol e hora, depois do enterro de seo Quinquim, outro acontecimento calamitara a casa e a gente da fazenda. Virgínia, com o sofrer de muitas dôres, tinha tido uma criança morta. Ela mesma permanecia igual a uma morta, em funda sonolência, na cama, no quarto, no escuro. Tão longe afundada, tão longemente, que os outros sentiam sua presença pela casa inteira, de um modo que os inquietava, pareciam mais humildes. Aquilo não era uma doença corporal, que desse apenas os graves cuidados. Era um quieto viajar, fazia outras distâncias, temia-se-lhe a

estranhadez da loucura — era alguma coisa que ela aceitava. Trouxeram o médico, um moço de fora.

Nhô de Barros teve que conversar muito com ele. Ele quisera saber mais, sobre seo Quinquim e a cobra, a picada. Dizia que o soro não podia deixar de salvar o rapaz; a não ser se tivesse sido atingido numa veia; mas, se fosse numa veia, teria sido fulminante. Ora, seo Quinquim durara ainda muitas horas... Não teriam, acaso, dado ao doente algum remédio de curandeiro? Garrafadas, calomelano com caldo de limão? Sabia-se que era mantido, ali, na fazenda, como agregado, um desses, charlatão... — "É um velho, um coitado. Dá-se casa p'ra ele morar, e três alqueires, p'ra plantar, à terça... Ou teria sido outra qualidade de cobra? Teriam reconhecido bem a cascavel?"

— "Sim senhor, seu doutor. Isto sim, algum engano era capaz que tivesse havido. Mas era cascavel mesmo, mesma, ela tinha mudado de novo, estava bem repintada, tinha chocalho, um cornimboque de quatorze campainhazinhas, só..."

Páramo

"Não me surpreenderia, com efeito, fosse verdade o que disse Eurípedes: Quem sabe a vida é uma morte, e a morte uma vida?"

Platão, *Górgias*

Sei, irmãos, que todos já existimos, antes, neste ou em diferentes lugares, e que o que cumprimos agora, entre o primeiro choro e o último suspiro, não seria mais que o equivalente de um dia comum, senão que ainda menos, ponto e instante efêmeros na cadeia movente: todo homem ressuscita ao primeiro dia.

Contudo, às vezes sucede que morramos, de algum modo, espécie diversa de morte, imperfeita e temporária, no próprio decurso desta vida. Morremos, morre-se, outra palavra não haverá que defina tal estado, essa estação crucial. É um obscuro finar-se, continuando, um trespassamento que não põe termo natural à existência, mas em que a gente se sente o campo de operação profunda e desmanchadora, de íntima transmutação precedida de certa parada; sempre com uma destruição prévia, um dolorido esvaziamento; nós mesmos, então, nos estranhamos. Cada criatura é um rascunho, a ser retocado sem cessar, até à hora da liberação pelo arcano, a além do Lethes, o rio sem memória. Porém, todo verdadeiro grande passo adiante, no crescimento do espírito, exige o baque inteiro do ser, o apalpar imenso de perigos, um falecer no meio de trevas; a passagem. Mas, o que vem depois, é o renascido, um homem mais real e novo, segundo referem os antigos grimórios. Irmãos, acreditem-me.

Não a todos, talvez, assim aconteça. E, mesmo, somente a poucos; ou, quem sabe, só tenham noção disso os já mais velhos, os mais acordados. O que lhes vem é de repente, quase sem aviso. Para alguns, entretanto, a crise se repete, conscientemente, mais de uma vez, ao longo do estágio terreno, exata regularidade, e como se obedecesse a um ciclo, no ritmo de prazos predeterminados — de sete em sete, de dez em dez anos. No demais, é aparentemente provocado, ou ao menos assinalado, por um fato externo qualquer: uma grave doença, uma dura perda, o deslocamento para

lugar remoto, alguma inapelável condenação ao isolamento. Quebrantado e sozinho, tornado todo vulnerável, sem poder recorrer a apôio algum visível, um se vê compelido a esse caminho rápido demais, que é o sofrimento. Tenhamo-nos pena, irmãos, uns dos outros, reze-se o salmo *Miserere*. Todavia, ao remate da prova, segue-se a maior alegria. Como no de que, ao diante, vos darei notícia.

Aconteceu que um homem, ainda moço, ao cabo de uma viagem a ele imposta, vai em muitos anos, se viu chegado ao degredo em cidade estrangeira. Era uma cidade velha, colonial, de vetusta época, e triste, talvez a mais triste de todas, sempre chuvosa e adversa, em hirtas alturas, numa altiplanície na cordilheira, próxima às nuvens, castigada pelo inverno, uma das capitais mais elevadas do mundo. Lá, no hostil espaço, o ar era extenuado e raro, os sinos marcavam as horas no abismático, como falsas paradas do tempo, para abrir lástimas, e os discordiosos rumores humanos apenas realçavam o grande silêncio, um silêncio também morto, como se mesmo feito da matéria desmedida das montanhas. Por lá, rodeados de difusa névoa sombria, altas cinzas, andava um povo de cimérios. Iam, por calhes e vielas, de casas baixas, de um só pavimento, de telhados desiguais, com beirais sombrios, casas em negro e ocre, ou grandes solares, edifícios claustreados (claustrados), vivendas com varandal à frente, com adufas nas janelas, rexas, gradis de ferro, rótulas mouriscas, mirantes, balcões, e altos muros com portinholas, além dos quais se vislumbravam os pátios empedrados, ou, por lúgubres postigos, ou por alguma porta deixada aberta, entreviam-se corredores estreitos e escuros, crucifixos, móveis arcaicos. Toda uma pátina sombria. Passavam homens abaçanados e agudos, em roupas escuras, soturnas fisionomias, e velhas de mantilhas negras, ou mulheres índias, descalças, com sombreiros, embiocadas em xales escuros (pañolones), caindo em franjas. E os arredores se povoavam, à guisa de ciprestes, de filas negras de eucaliptos, absurdos, com sua graveolência, com cheiro de sarcófago.

Ah, entre tudo, porém, e inobstante o hálito glacial com que ali me recebi, de começo não pude atinar a ver o transiente rigor do que me aguardava, por meu clã-destino, na mal-entendida viagem, *in via*, e que era a absoluta cruz, a vida concluída, para além de toda conversação humana, o regresso ao amargo. É que o meu íntimo ainda viera pujante, quente, rico de esperanças e alegrias.

Tanto cheguei...

Mas, o frio, que era insofrível. Aqui longínquo, tão só, tão alto, e me é dado sentir os pés frios do mundo. Não sou daqui, meu nome não é o meu, não tenho um amor, não tenho casa. Tenho um corpo?

Assustou-me, um tanto, sim, a cidade, antibórea, cuja pobreza do ar exigiria, para respirar-se, uma acostumação hereditária. Nem sei dizer de sua vagueza, sua devoluta indescriptibilidade. Esta cidade é uma hipótese imaginária... Nela estarei prisioneiro, longamente, sob as pedras quase irreais e as nuvens que ensaiam esculturas efêmeras. *"En la cárcel de los Andes..."* — dizem-se os desalentados viajantes que aqui vêm ter, e os velhos diplomatas, aqui esquecidos. Os Andes são cinéreos, irradiam a mortal tristeza. Daqui, quando o céu está limpo e há visibilidade, nos dias de tempo mais claro, distinguem-se dois cimos vulcânicos, de uma alvura de catacumba, esses quase alcançam o limite da região das neves perpétuas. E há, sobranceiros e invisíveis, os páramos — que são elevados pontos, os nevados e ventisqueiros da cordilheira, por onde têem de passar os caminhos de transmonte, que para aqui trazem, gelinvérnicos! Os páramos, de onde os ventos atravessam. Lá é um canil de ventos, nos zunimensos e lugubrúivos. De lá o frio desce, umidíssimo, para esta gente, estas ruas, estas casas. De lá, da desolação paramuna, vir-me-ia a morte. Não a morte final — equestre, ceifeira, ossosa, tão atardalhadora. Mas a outra, *aquela*.

Há sonhos premonitórios. Esta cidade eu já a avistara, já a tinha conhecido, de antigo, distante pesadêlo.

E, contudo, tinha de acontecer assim; agora, ouso que sei. Houve, antes, simples sinais, eu poderia tê-los decifrado: eram para me anunciar tudo, ou quase tudo; até, quem sabe, o prazo em algarismos. Não me achasse eu tão ofuscado pelas bulhas da vida, de engano a engano, entre passado e futuro — trevas e névoas — e o mundo, maquinal.

Mas eu vinha bem-andante, e ávido, aberto a todas as alegrias, querendo agarrar mais prazeres, horas de inteira terra. Por que vim? Foi-me dado, ainda no último momento, dizer que não, recusar-me a este posto. Perguntaram-me se eu queria. Ante a liberdade de escôlha, hesitei. Deixei que o rumo se consumasse, temi o desvio de linhas irremissíveis e secretas, sempre foi minha ânsia querer acumpliciar-me com o destino. E, hoje em dia, tenho a certeza: toda liberdade é fictícia, nenhuma escôlha é permitida; já então, a mão secreta, a coisa interior que nos movimenta

pelos caminhos árduos e certos, foi ela que me obrigou a aceitar. O mais-fundo de mim mesmo não tem pena de mim; e o mais-fundo de meus pensamentos nem entende as minhas palavras.

Vim, viajei de avião, durante dias, com tantas e forçadas interrupções, passando por seis países. Por sobre a Cordilheira: muralhão de cinzas em eterno, terrível deserto soerguido. De lá, de tão em baixo, daquela lisa cacunda soturna, eu sentia subir no espaço um apelo de negação, maldição telúrica, uma irradiação de mal e despondência; que começava a destruir a minha alegria. Ali, em antros absconsos, na dureza da pedra, no peso de orgulho da terra, estarão situados os infernos — no "sono rancoroso dos minérios"?

Na penúltima parada, em outra capital, onde passei uma noite, eu tinha um conhecido, ele veio receber-me, convidou-me para jantar, acompanhou-me ao hotel. À hora de nos despedirmos, já estava ele à porta, e mudou súbito de ideia, voltou, desistiu de ir-se, subiu comigo ao quarto, quis fazer-me companhia. Que teria ele visto, em meu ar, meu rosto, meus olhos? — "Você não deve dormir, não precisa. Conversemos, até à hora de sair o avião, até à madrugada..." — assim ele me disse. Não quis beber, ele que apreciava tanto a bebida, e tinha fama nisso. Falava de coisas jocosas, como quem, por hábito e herança, tenta constantemente recalcar a possibilidade de dolorir íntimo, que sempre espreita a gente. Teria em si alarmes graves. — "Vamos fazer subir pão, manteiga e mel: cada colherinha de mel, diz-se, dá a substância de uma xávena de sangue"... — ele falou. Passamos aquelas tolas horas a tomar café com leite, e a conversar lembranças sem cor, parvoíces, anedotas. Tudo aquilo não seria igual a uma despedida vazia, a um velório?

O meu. Ali, à hora, eu não sabia, mas já beirava a impermanência. Como dum sonho — indemarcáveis bordas. Aquele companheiro ficou para trás. Eu viajei mais.

E me é singular lembrar como, já na última escala, já na véspera de chegar ao ponto de meu destino indefinitivo, ali em uma cidade toda desconhecida, já ante o fim — travei ainda conversa cordial com um homem, também esse desconfiou em meu aspecto algo de marcado por não olhar, não mãos. Esse homem veio ver-me ao hotel, estávamos no bar, aceitou uma bebida. O que falava, soava-me como para algum outro, que não para mim. — *"¿Y qué?..."* Assustara-se. — *"Lo que sea, señor..."* O homem notara o que para mim ficaria despercebido. O que deve de ter

durado fração de segundo. A terra tremera. Vi-lhe, no olhar, o espanto. Um mínimo terremoto. Mas um quadro ainda oscilava, pouquíssimo, na parede. — *“Lo ha sentido, Don...?”* A terra, sepultadora. O homem se despedia. — “*Me alegro, mucho.*” Esse homem era alto empregado nas Aduanas, as menções em meu passaporte haviam-no impressionado. Agora, sei, penso. Recordo-me do trecho de um clássico, em que se refere a um derradeiro ponto de passagem — pela que é a “alfândega das almas”...

Com que assim, agora aqui estou. Aqui, foi como se todo o meu passado, num instante, relance, me aguardasse; para deixar-me, de dolorosa vez. O que eram gravíssimas saudades. Recordo-me. A cidade era fria. Aqui, tão alto e tão em abismo, fez-se-me noite. Cheguei. Era a velha cidade, para meu espírito atravessar, portas (partes) estranhas. Transido, despotenciado, prostrado por tudo, caí num estado tão deserto, como os corpos descem para o fundo chão. E tive de ficar conhecendo — oh, demais de perto! — o “homem com a semelhança de cadáver”. Esse, por certo eu estava obrigado a defrontar, por mal de pecados meus antigos, a tanto o destino inflexível me obrigava.

Três dias passei, porém, sem que o mal maior me vencesse. Apenas vivia. Foi na quarta manhã que Deus me aplicou o golpe-de-Job. Nessa manhã, acordei — asfixiava-me. Foi-me horror. Faltava-me o simples ar, um peso imenso oprimia-me o peito. Eu estava sozinho, a morte me atraíra até aqui — sem amor, sem amigos, sem o poder de um pensamento de fé que me amparasse. O ar me faltava, debatia-me em arquejos, queria ser eu, mal me conseguia perguntar, à amarga borda: há um centro de mim mesmo? Tudo era um pavor imenso de dissolver-me. Aquilo durou horas?

Quando alcancei o botão da campainha, a camareira me acudiu. Ela era velha e bondosa. Sorriu, tranquilizou-me, já assistira à mesma cena, com outros hóspedes, viajantes estrangeiros, não havia que temer, não havia perigo. Era o *soroche*, apenas, o mal-das-alturas. Chamaria o médico. E eu, reduzido a um desamparo de menino indefeso — meu quarto era no quinto andar — perguntei: — “Será, se eu me mudar para o andar térreo, que melhoro?” Ela riu, comigo, tomou-me a mão. Essa mulher sabia rir com outrem, ela podia ajudar-me a morrer.

Chamou o médico, um doutor que ela dizia ser o melhor — clandestino e estrangeiro. Moço ainda, e triste, ele carregava longos sofrimentos. Era um médico judeu, muito louro, tivera de deixar sua terra, tinha mulher e

filhos pequenos, mal viviam, quase na ínfima miséria. — "Aqui, pelo menos, a gente come, a gente espera, em todo o caso. Não é como nos Llanos..." Nos primeiros tempos, fora tentar a vida num lugarejo perdido nas tórridas planuras, em penível desconforto, quase que só de mandioca e bananas se alimentavam. Lá, choravam. Longe, em sua pátria, era a guerra. Homens louros como ele, se destruíam, de grande, frio modo, se matavam. Ali, nos Llanos, índios de escuros olhos olhavam-no, tão longamente, tão afundadamente, tão misteriosamente — era como se o próprio sofrimento pudesse olhar-nos. Ao sair, apertamo-nos as mãos. Era uma maneira viril e digna de chorarmos, um e outro.

Não, eu não tinha nada grave, apenas o meu organismo necessitava de um período, mais ou menos longo, de adaptação à grande altitude. Nenhuma outra coisa estava em meu poder fazer. E esse ia ser um tempo de deperecimento e consumpção, de marasmo. Teria de viver em termos monótonos, totalidade de desgraça. Meus maiores inimigos, então, iriam ser a dispneia e a insônia. Sob a melancolia — uma águia negra, enorme pássaro. Digo, sua sombra; de que? Como se a minha alma devesse mudar de faces, como se meu espírito fosse um pobre ser crustáceo. Os remédios que me deram eram apenas para o corpo. E, mais, eu deveria obrigar-me, cada manhã, a caminhar a pé, pelo menos uma hora, esse era o exercício de que carecia, o prêço para poder respirar um pouco melhor. Disseram-me, ainda, e logo o comprovei, que, nessas caminhadas, por vezes sobrevir-me-ia automático choro, ao qual não devia resistir, mas antes ativar-me a satisfazê-lo: era uma solução compensadora, mecanismo de escape. Um pranto imposto.

Sempre se deve entender que, com tanto, os dias se passaram. E nunca mais iria eu poder sair dali? Dessentia-me. Sentia-me incorpóreo, sem peso nem sexo; ultraexistia. Sentia o absoluto da soledade. Todos os que eram meus, que tinham sido em outro tempo, tão recente, algum tanto meus — parentes, amigos, companheiros, conhecidos — haviam ficado alhures, imensamente em não, em nada, imensamente longes, eu os tinha perdidos. E tudo parecia para sempre, trans muito, atrás através. Sei que era a morte — a morte incoativa — um gênio imóvel e triste, com a tocha apagada voltada para baixo; e, na ampulheta, o vagaroso virar do tempo; e, eu, um menino triste, que a noite acariciava.

Soledade. E de que poderiam aliviar-me, momento que fosse, qualquer um de entre os milhares de pessoas desta cidade, e, delas, as pouquíssimas

com quem frequentarei, se não os sinto iguais a mim, pelas vidraças das horas? Passo por eles, falo-lhes, ouço-os, e nem uma fímbria de nossas almas se roça; tenta-me crer que nem tenham alma; ou a não terei eu? Ou será de outra espécie. Estarão ainda mais mortos que eu mesmo, ou é a minha morte que é mais profunda? Ah, são seres concretos demais, carnais demais, mas quase pétreos, entes silicosos. Sobremodo, assusta-me, porque é da minha raça, o *Homem com o aspecto de cadáver*. Ele, é o mais morto. Sua presença, obrigatória, repugna-me, com o horror dos horrores infaustos, como uma gelidez contagiante, como uma ameaça deletéria, espantosa. Tenho de sofrê-la, ai de mim, e é uma eternidade de torturas.

Por certo tempo, cumpro, todas as manhãs saio para caminhar. Procuro as ruas mais antigas, mais pobres, mais solitárias — onde, se acaso as lágrimas me acometerem, minha pessoa seja menos notada. A esta hora, os velhos sinos solenizam. Por vez, há procissões, desfilam confrarias, homens todo ocultos, embiocados em suas opas e capuzes, cuculados, seguindo enormes santos em andores absurdos. Gostaria de segui-los, no rumo que levam luz-me, para um fim de redempção, uma esperança de Purgatório. Porém, o choro me vem, tenho de ocultar-me numa betesga, entre portas. Ora, ante uma casa, levei a mão para tocar a aldrava, uma aldrava em forma de grifo. Quem podia morar ali? Eu estava implorando socôrro. Toquei, toquei. Ali, descobri a unidade de lugar: aquela casa estava há milhões de anos desabitada, de antanho e ogano. Então, mais adiante, penetrei numa igreja, San Francisco ou San Diego, todas têm a mesma cor de pedra parda, só uma torre, assim o grande terremoto de há quase dois séculos as poupou. Entrei, na nave ampla. Dentro de uma igreja é que o silêncio é coisa quebrável; e se sacodem, como cordas, largas tosses longínquas. Saí, a pressa com que saí, eu me lembrava, na penumbra, do perfil sinistro dos campanários. Um morto teme as pessoas, as coisas. Lembro-me de que, faz poucos dias, um pobre moço estudante foi morto, quando passava despreocupadamente diante da catedral, por uma grande laje que se desprendeu e caíu, justo nos milímetros daquele instante, da cimeira da torre-mór, lá de cima; como nos versos de Bartrina — por que foi? Agora, eu ofegava mais, faltavam-me os pulmões, na fome espacial dos sufocados. A cidade era fria. Por onde me metera, que agora me acho perdido, sem saber de meus passos? Indaguei, de um passante. — *“Alli, no más...”* — me respondeu. — *“Allisito, no más, paisano...”* — quis acrescentar um outro. Eles se equivocaram, tinham entendido que eu

quisesse saber onde ficava a *Plaza de Toros*. Eu caminhava, e me admirando de, a cada momento, ser mesmo eu, sempre eu, nesta vida tribulosa. O odor dos eucaliptos trouxe-me à lembrança o *Homem com o ar de cadáver* — ai de mim! — com ele tenho de encontrar-me, ainda hoje, e daqui a pouco, e nada poderei fazer para o evitar, meu fado é suportá-lo. A cidade, fria, fria, em úmidos ventos, dizem que esses ares são puríssimos, os ventos que vêm dos páramos. Toda esta cidade é um páramo. No portão grande de um convento, entrei, achei-me num pátio claustrado, uma freira de ar campesino, ainda moça, estava lá, com duas órfãs. Ela perguntou, chamou-me de *Su Señoría Ilustrísima*, se eu viera pelos doces, assim vendiam doces, caseiros, fabricados ali *manibus angelorum*. Embrulhou os doces, em folha de jornal. Estendi a mão, pareceu-me que num daqueles jornais eu devesse ler algo, descobrir algo para mim importante. — *"Ah, no, que eso no!"* — atalhou-me ela; a boa monja escondia de mim aquela parte do jornal, onde havia anúncios com figuras de mulheres, seduções da carne e do diabo. Eu não queria os doces, queria que ela me abençoasse, como se fosse minha irmã ou mãe, ensinasse-me por que estreitos umbrais poder sair do solar do inferno, e de onde vem a serenidade? — uma fábula que sobrevive. Riu, tão pura, tão ingênua, quase tola: — *"Qué chirriados son los estrangeros!..."* Daquele pátio, eu trouxe novo desalento, uma noção de imobilidade. E o *Homem com fluidos de cadáver* espera-me, sempre; nunca deixará de haver? E o negrêgo dos eucaliptos, seu evocar de embalsamamentos, as partículas desse cheiro perseguem-me, como que formam pouco a pouco diante de meus olhos o quadro de Boecklin, "A Ilha dos Mortos": o fantasmagórico e estranhamente doloroso maciço de ciprestes, entre falésias tumulares, verticais calcareamente, blocos quebrados, de fechantes rochedos, em sombra — para lá vai, lá aporta a canoa, com o obscuro remador assentado: mas, de costas, de pé, todo só o vulto, alto, envolto na túnica ou sudário branco — o que morreu, o que vai habitar a abstrusa mansão, para o nunca mais, neste mundo. Ah, penso que os mortos, todos eles, morrem porque quiseram morrer; ainda que sem razão mental, sem que o saibam. Mas, o *Homem com a presença de cadáver* ignora isso: — "Eu não compreendo a vida do espírito. Sem corpo... Tudo filosofia mera..." — ainda ontem ele me disse. Ele é internamente horrendo, terrível como um canto de galo no oco da insônia; gelam-me os hálitos de sua alma. Algo nele quer passar-se para mim; como poderei defender-me? Ele é o mais morto, sei; o mais, de todos. É o

meu companheiro, aqui, por decreto do destino. Sei: ele, em alguma vida anterior, foi o meu assassino, assim ligou-se a mim. E, porcerto, aspira, para nós ambos, a uma outra morte, que sempre há mais outra: mais funda, mais espessa, mais calcada, mais embebida de espaço e tempo. Para me esquecer, por um momento, daquele *Homem*, entrei numa casa, comprei um livro, um passar de matérias. Um livro, um só. Suponho seja de poesias. Será o *Livro*. Não posso ainda lê-lo. Se o lesse, seria uma traição, seria para mim como se aderisse mais a tudo o que há aqui, como se me esquecesse ainda mais de tudo o que houve, antes, quando eu pensava que fosse livre e feliz, em minha vida. Mas devo guardá-lo, bem, o Livro é um penhor, um refém. Nele estou prisioneiro. E se, para me libertar, livrar-me do estado de Job, eu o desse ao *Homem frio como um cadáver*? Ah, não. Tudo o que fosse, dar-lhe qualquer coisa, seria o perigo de contrair com ele novo laço; mesmo o Livro *que por enquanto ainda não deve ser lido*. O Livro que não posso ler, em puridade de verdade. E, de onde vem, que eu tenho de padecer, tão próximo, este *Homem*? Por pecados meus, meus. Tudo o que não é graça, é culpa. Sei — há grandes crimes esquecidos, em cada um de nós, mais que milenarmente, em nosso, de cada um, passado sem tempo. Maior é o meu cansaço. Caminho para o lugar a que tenho de chamar, tristemente, de “minha casa”. Lá, uma carta me espera, há uma carta para mim. Vi, pela letra, no pequeno envelope: essa carta era da mulher que me amava, tão longe deixada, tão fortemente. Temi abri-la, meu coração se balançava, pequenino, se dependurava. Que o espírito não me abandone! Pensei em guardá-la, fechada também, por infinitos dias, metida dentro do *Livro*. Temia-a, temia aquele amor agônico, soubesse que ela poderia malfadar-me. A carta dizia o que era para maior sofrer de todos, desespero prolongado. Depois, havia nela o *trêcho*: “... tem horas, penso em você, como em alguém, muito querido, mas que já morreu...” Devo ter sorrido toda a dor. E não duvidei, senão que aceitava. Naquelas linhas, estava toda a verdade. Está. Aquilo eu pinto em vazio. Em que mundos me escondo, agora neste instante? Prendem-me ainda, e tão somente, as resistências da insônia. Ah, não ter um sentir de amor, que vá conosco, na hora da passagem! De novo, é um quadro de Boecklin que meus olhos relembram, sua maestra melancolia — o *“Vita somnium breve”* —: duas crianças nuas que brincam, assentadas na relva, à beira de uma sepultura.

. . .

Há as horas medonhas da noite. Já disse que a insônia me persegue. Isto é, às vezes durmo. O mais, é um desaver, pausa pós pausa. A confirmação do meu traspasso, num gelo ermo, no pesadêlo despovoado. Nele, em cuja insubstância, sinto e apalpo apenas os meus ossos, que me hão de devorar. As noites são cruelmente frias, mas o peso dos cobertores me oprime e sufoca. Só o mais profundo sopor é um bem, consegue defender-me de mim, de tudo. Mas ocorre-me, mais que mais, aquele outro estado, que não é de viva vigília, nem de dormir, nem mesmo o de transição comum — mas é como se o meu espírito se soubesse a um tempo em diversos mundos, perpassando-se igualmente em planos entre si apartadíssimos. É então que o querer se apaga, fico sendo somente pantalha branca sob lívida luz mortiça, em que o ódio e o mal vêm suscitar suas visões infra-reais. Exposto a remotos sortilégios, já aguardo o surgir, ante mim, de outras figuras, algumas delas entrevistas em meus passeios de durante o dia, pelas ruas velhas da cidade. São fantasmas, soturnos transeuntes, vultos enxergados através de robustas rexas de ferro das ventanas, moradores dessas casas de balcões salientes sobre as calhes, desbotados e carcomidos. Como sempre, por extranatural mudança, eles se corporizam agora transportados a outra era, recuados tanto, antiquíssimos, na passadidade, formas relíquias. Assim é que os percebe o meu entendimento deformado, julga-os presentes; ou serei eu a perfazer de novo, por prodígio de impressão sensível ou estranhifício de ilusionário, as mesmas ruas, na capital do Novo Reino, dos Ouvidores, dos Vice-Reis.

Assombram-me. Trazem-me o ódio. Baixei a um mundo de ódio. Quem me fez atentar nisso foi uma mulher, já velha, uma índia. Ela viajava, num banco adiante do meu, num desses grandes bondes daqui, que são belos e confortáveis, de um vermelho sem tisne, e com telhadilho prateado. Esse tranvia ia muito longe, até aos confins da cidade — aonde ainda não sei se é o Norte ou se o Sul. Sei que, de repente, ela se ofendeu, com qualquer observação do condutor, fosse a respeito de troco, fosse acerca de algo em suas maneiras, simples coisa em que só ela podia ver um agravo. A mulher ripostou, primeiro, rixatriz, imediatamente. Daí, encolheu-se, toda tremia. Ela cheirava os volumes da afronta, mastigava-a. Vi-a vibrar os olhos, teve um rir hienino. Era uma criatura abaçanada, rugosa, megeresca, uma índia de olhos fundos. Daí, começou a bramar suas maldições e invectivas.

Estava lívida de lógica, tinha em si a energia dos seres perversos, irremissiva. Clamava, vociferoz, com sua voz fora de foco, vilezas e imprecações, e fórmulas execratórias, jamais cessaria. Durou quase hora, tanto tempo que a viagem, tão longa. Ninguém ousava olhá-la, ela era a boca de um canal por onde mais ódio se introduzia no mundo. Doem-se os loucos, apavoram-se. Até que ela desceu, desapareceu, ia já com longa sombra. Aquela mulher estará eternamente bramindo. Doo-me.

Aqui, faz muitos anos, sabe-se que uma outra mulher, por misteriosa maldade, conservou uma mocinha emparedada, na escuridão, em um cubículo de sua casa, depois de mutilá-la de muitas maneiras, vagarosa e atrozmente. Dava-lhe, por um postigo, migalhas de comida, que previamente emporcalhava, e, para beber, um mínimo de água, poluída. Não tivera motivo algum para isso. E, contudo, quando, ao cabo de mêses, descobriram aquilo, por acaso, e libertaram a vítima — restos, apenas, do que fora uma criatura humana, retirados da treva, de um monturo de vermes e excrementos próprios —, o ódio da outra aumentara, ainda.

Ouço-os — crás! crás! — os indistinguíveis corvos. A gorda sombra imaginária, — transpõe uma esquina, em sotâina, sob a chuvinha, sob imenso guarda-chuva. Era um padre. Era pequeno, baixote, e, em sua loucura, dera para usar apenas objetos de tamanho enorme. Em sua cama caberiam bem dez pessoas. Seus sapatões. Seus copos. Por certo, ele praticaria a goécia, comunicava-se com o antro dos que não puderam ser homens. Esse padre gritava: — *Y olé y olé!* Fantasmagourava. Seus passos não faziam rumor. O que em minha ideia se fingia: os que lhe vinham em seguida — o confessor, de lábios finos; a viúva dos malefícios; o cavaleiro, equiparado; o frade, moço, que não pôde se esquecer da mulher amada, e por isso condenaram-no, perpétuo, à treva do *in-pace*, num aljube; os homens que recolhem os corpos mortos das rainhas e princesas, no *podridero* do Escorial; o farricôco de capuz. Pinto aquele da 12ª lâmina do Taro: o homem enforcado — o sacrifício, voluntário, gerador de forças. Esse, é o que me representa.

E, mesmo, nessas horas, o "Homem com alguma coisa de cadáver", dele não consigo libertar-me, nunca, de sua livúsia, quando que. Com grave respeito, vestido à antiga. Confundo-o com o vulto daquele duro hidalgo, que era todo *hombria mala* e orgulho. Esse, que, uma vez, porque a jovem esposa tardou alguns minutos para atender a seu chamado, tomou por vilta, nunca mais, nunca mais dirigiu a ela uma só palavra, nesta vida. Ela era

uma bela mulher, e boa, e amável. Decerto, muitas horas, ele gostaria de poder não ter havido tudo aquilo, e poder voltar ao menos a fitá-la; mas não podia, não podia mais, não podia.

Com outra espécie de ódio, que não o do orgulho, mas o da inveja, contam que, em outro país, mas também nas alturas cinéreas da Cordilheira, viveu, longos anos, um mendigo estranho, o qual nunca deixava de carregar consigo um bastão e uma caveira. Tomavam-no por um penitente. Porém, quando morreu, encontraram dentro da caveira um papel, com sua confissão: ele matara outro homem, cuja era a dita caveira, matara-o a pauladas, com o bastão; e carregava os dois objetos, a fim de manter sempre vivo aquele ódio — que era o que lhe dava forças, para viver.

O do ódio — um mundo desconhecido. O mundo que você não pode conceber. Todos se castigam. É terrível estar morto, como às vezes sei que estou — de outra maneira. Com essa falta de alma. Respiro mal; o frio me desfaz. É como na prisão de um espêlho. Num espêlho em que meus olhos soçobraram. O espêlho, tão cislúcido, somente. Um espêlho abaixo de zero.

. . .

Descontando-os, dia de dia, eu levava adiante, só em sofrimento, minha história interna, a experiência misteriosa, o passivo abstrair-me, no ritmo de ser e re-ser. Não tive nenhum auxílio, nada podia. Um morto não pode nada, para o se-mesmo-ser. Em desconto de meus pecados. Nem uma imploração.

Gélido tiritando-me, e com o fôlego a falhar-me, e tão pequeno e alienado e morto, sem integridade nenhuma, eu temia ainda mais o meu destino cósmico, o peso de tudo o que nesta vida ainda está por vir, outras adversidades. Um morto teme sempre. Teme o morrer mais, no infinito Nada. Que podia eu?

Pouco a pouco, um dia, pude. Apliquei meu coração a isso, vislumbrei entre névoas, em altura longínqua profunda, a minha estrela-da-guarda. Ah, revê-la. Lembrou-me algo de maior, imensamente mor — o que podia valer-me. Como surge a esperança? Um ponto, um átimo, um momento. Face a mim, eu. Àquele ponto, agarrei-me, era um mínimo glóbulo de vida, uma promessa imensa. Agarrei-me a ele, que me permitia algum

trabalho da consciência. Sofria, de contrair os músculos. Esta esperança me retorna, agora, mais vezes, em certos momentos. É quando me esforço por reunir as células enigmáticas, confiar de que possa, algum dia, conseguir-me a desassombração, levantar o meu desterro. Sofro, mas espero. Antes de experiência, profundamente anímica. Tenho de tresmudar-me. Sofro as asas.

Sem embargo, já sei que tudo é exigido de mim, se bem que nada de mim dependa. A penitência, o jejum, a entrega ao não-pensar — são o único caminho. As necessidades do retorno a zero. Quando eu recomeçar, a partir de lá, esperar-me-á o milagre? Pois “o dom dos milagres segue de perto a prática das austeridades”.

Sentado, eu, a despeito de tudo, ou de pé, imóvel, durante longos momentos, os braços erguidos em cruz, eu me impunha desesperadamente aquilo. A mim mesmo, e ao que não sei, eu pedia socôrro. Eu esperava, eu confiava. Eu precisava, primeiro que tudo, de exilar para um total esquecimento aquele que um destino anterior convertera em meu lúgubre e inseparável irmão, em castigo talvez de algum infame crime nosso, mancomum: eu tinha de esquecer-me do “Homem com o todo de cadáver”. Então, ele desapareceria, para sempre, da minha existência. Eu lutava.

Ah, com a minha melhora, leve, descubro, também, que os outros mortos não perdoam ao morto que recomeça a voltar à vida.

Eu saíra de casa, do meu tugúrio. E ia, pela rua, menos opresso, menos triste, algum calor em mim se manifestava. E eis que, quebradamente, um homem, que ia à minha frente, voltou-se, encarou-me, fitou-me de frecha, malquerente, com olhos que me perspicavam. O ódio, contra mim, inchou nele; amaldiçoou-me, por exercício de lábios e emissão pupilar. Súbito, esse ódio fuzilou, enorme, enorme. Poderia matar-me. Queria, isto é, reter-me, indefeso, nas profundezas da morte, recalcar-me mais e mais, na morte. Algo em mim resistiu, porém, sem afã, sem esforço, resisti, e eu mesmo senti que era o muito mais forte, no cruzar de olhares. O homem abaixou o seu, submetido, e foi-se, era um sandeu, sem existir, sem nome.

. . .

Não mais longe daqui que três horas de automóvel, há lugares aprazíveis e quentes, *tierra templada*, onde é limpa a luz, um sol, os verdes, e a gente pode ter outra ilusão de vida. Desce-se a montanha por coleantes estradas,

numa paisagem de estranhas belezas; o país é áspero e belo, em sua natureza, contam-no como no mundo o que possua mais maravilhosos colibris, orquídeas e esmeraldas. E há minas de sal, salinas como absurdos alvos hipogeus. Não posso ir até lá, naqueles lugares em vales amenos, onde há hotéis modernos, com piscinas, e recantos onde zunem as libélulas. O médico me desaconselha: com as idas e vindas, eu só poderia piorar. E o "Homem que é um cadáver" convidou-me, correto e amigo. Não. Essa paisagem, esses atrativos e chamativos recantos, não são para mim, seriam a minha perda; para meu bem, defendem-me deles muralhas de espinhos. Mal me consentem chegar até à célebre cachoeira, tão alta, o salto: com névoas sutis, azuis e brancas, e um íris; ali, muitas pessoas vão dispor bruscamente de seu desespero, pelo suicídio.

Aqui, à margem da estrada, um boi de carga está amarrado a árvore, modorra, sob as moscas, aguenta no lombo sacos empilhados. Olho, a Oeste, a savana, a lhanura, extensa, fugindo da Cordilheira; seu céu coberto, sua estendida tristeza. Tenho o temor de ver montanhas, o dever de escalá-las me atormenta. Alguma coisa estará por lá, a além de. Aqui, uma saudade sem memória, o carácter-mor de meus sonhos. A saudade que a gente nem sabe que tem. Sei, mesmo em mim, que houve uma anterioridade, e que a há, porvindoura. Sei que haverá o amor. Que já houve. A alegria proibida, a melodia expulsa. Só este é o grande suplício: ainda não ser. E sofro, aqui, morto entre os mortos, neste frio, neste não respirar, nesta cidade, em mim, ai, em mim; faz meses.

Melhoro, se me imponho sacrifícios, sofrimentos voluntários, e medito. Acendo uma vela. Que a esperança não me abandone, com um mínimo de alegria interior. Que a morte não me enlouqueça mais; ah, ninguém sabe quão terrível é a loucura dos mortos. Mortos — isto é — os que ainda dormem.

Tudo são perigos, mesmo o que semelha necessário consolo. Mesmo o viso de amor que fácil nos procura e rodeia, seus enfeitiçamentos, os amores falsos, tentando levar-nos por seus caminhos perdidos. Houve uma mulher, a francesa, ela se apiedou de mim, era viúva, amara imensamente seu marido, em anos de viuvez jamais o esquecera, fora-lhe entusiasmadamente fiel. E, agora, queria dar-se a mim, sacrificar-me toda a sua fidelidade, de tantos anos. Tremi, por nós ambos. Insensatos pares, que se possuem, nas alcovas destas casas... Quem me defenderia de tudo, quem para deter-nos? E, também, a russa, tão bonita, de lisos cabelos

pretos, de rosto e fino queixo, ela tinha a cabeça triangular de uma serpente, levantou os olhos do livro que estava lendo, uns olhos enormes, parecia-me que girassem, chamando-me, exigindo-me. Por longos caminhos, que não eram o meu, eu teria de ir, levado por alguma daquelas duas mulheres. Salvou-me a lembrança, horrível, dele — do "Homem com o frio de cadáver", para isso serviu-me. Eu *não poderia* entregar-me a nenhuma presença de amor, enquanto persistisse unido a mim aquele ser, em meu fadário. Humildemente rogo e peço, que, por alguma operação encoberta, dessas que se dão sem cessar no interior da gente, esse Homem se desligue de meu destino!

Depois, fazia luar, fazia uma canção na noite, aventurei-me a sair aquela hora, pela primeira vez, ignorei o temor de que bandidos me assaltassem, esquecia-me o frio. Andei. Tudo era um labirinto, na velha parte da cidade, nuvens tapavam a cimeira da torre, a grande igreja fechada, sonhava eu em meio à insônia? Ia, por plazas e plazuelas, as nuvens escuras consumiram o luar, a cidade se fazia mais estreita e antiga. Aqui, outrora, recolhiam-se as damas, à luz de lanternas conduzidas por criadas. Quem riu, riso tão belo, e de quem essa voz, bela e rouca voz de mulher, antes, muito tempo, como posso lembrar-me, como posso salvar a minha alma?! Numa era extinta, nos ciclos do tempo, ela dormirá, talvez, a essa hora, em seu solar, dos Leguía, dos Condemar ou mansão dos Izázaga, não descerrará a janela para escutar-me, não mais, por detrás das gelosias, das reixas de ferro do ventanal, como as de Córdoba ou Sevilha. E, todavia, não estivesse eu adormecido e morto, e poderia lembrar-me, no infinito, no passado, no futuro... Assim estremeço, no fundo da alma, recordando apenas uma canção, que algum dia ouvi:

"... Hear how
a Lady of Spain
did love
an Englishman..."

Ainda não despertei para achar a verdadeira lembrança. Por isso erro? Por isso morro? Sua visão me foge, nem há mais luar, apenas sonho; este é o meu aviso.

Pois quem?

Pois quando?

Ela, seu porte, indesconhecivelmente, seu tamanho real, todo donaire, toda marmôr e ivôr, a plenitude de seus cabelos. Sei que, a implacável sorte, separou-nos, uma vez, dobrei o cunhal daquela Casa, ela estava ao portão grande. Enrolo-me na capa. Minha alma soluçava, esperava-me o inferno; e eu disse:

— Oh, Doña Clara, dádme vuestro adiós...

Continuava uma música. Ela, vestida de preto, ao lado de outro, perto do altar, ornada de açucenas brancas, como uma santa de retábulo, bela, sussurradora. Eu olhava-a, minha alma, como se olhasse a verdadeira vida. Aquilo ia suceder mais tarde — no tempo *t*. Por que a perdi? Eu pedira:

— Oh, Doña Clara, dádme vuestro adiós...

Ah, ai, mil vezes, de mim, ela se fora com outro, eu nem sabia que a amava, tanto, tanto, parecia-me antes odiá-la. Iria casar-se com o outro, tranquila, com o véu de rendas, entre flores de laranjeira, cravinas e papoulas, oh, entre zlavellinas, amapolas e azahares. Tudo é erro? Eu pedira:

— Oh, Doña Clara, dádme vuestro adiós...

O mistério separou-nos. Por quanto tempo? E — existe mesmo o tempo? Desvairados, hirtos, pesados no erro: ela, orgulho e ambição, eu, orgulho e luxúria. Esperava-me ao portal.

— Adeus... — ela me disse.

— A Deus!... — a ela respondi.

De nada me lembro, no profundo passado, estou morto, morto, morto. Durmo. Se algum dia eu ressuscitar, será outra vez por seu amor, para reparar a oportunidade perdida. Se não, será na eternidade: todas as vidas. Mas, do fundo do abismo, poderei ao menos soluçar, gemer uma prece, uma que diga todas as forças do meu ser, desde sempre, desde menino, em saudação e apelo: *Evanira!...*

. . .

E era um dia a mais, outro dia, vago e vago, como os dias são necessários. Vinha-me — e eu tinha de ser seu escravo. Qual o número dessa manhã, na sequência milenar?

Em saindo, enganou-me tonto devaneio: o de que eu pudesse andar assim adiante, sempre, sem rumo nem termo, e nunca precisasse de voltar àquela casa, àquele quarto, a esta tristeza e meu frio, ah, nunca mais voltar

a nenhuma parte. Trazia um livro, era o Livro de poemas, ainda não aberto, e que ainda não ia ler, tomara-o comigo apenas para que outros não o achassem, ninguém o percorresse, antes de mim, na minha ausência. Sobretudo, que “alguém” não viesse a avistá-lo sequer, o em quem não devo pensar, jamais. Animou-me a ideia, fugaz, de que esquecer-me desse alguém já me estava sendo, aos poucos, possível: com isso, começo a criar entre nós dois a eterna distância, a que aspiro.

Porém, nesse dia, muito mais custoso era o meu trabalho de respirar, pesava-me a sufocação, e para minorá-la eu teria de caminhar mais depressa, e levar mais longe o forçoso passeio. Vazio de qualquer pensamento, pois assim me recusava à percepção do que se refrata em mim, cerrava-me um tanto à consciência de viver e não viver; que é a dos mortos. Havia o frio matinal, sob um pouco de sol. Havia vultos. Indo andando meu caminho, eu mais e mais ansiava, na asmância, a contados tresfôlegos.

E deu um momento em que pensei que não pudesse aguentar mais, estreitava-me em madeira e metal a dispneia, chegava a asfixia, tudo era a necessidade de um fim e o medo e a mágoa, eu ia findar ali, no afastamento de todo amor, eu era um resto de coisa palpitante e errada, um alento de vontade de vida encerrado num animal pendurado da atmosfera, obrigado a absorver e expelir o ar, a cada instante, e efemeramente, o ar que era dôr. O pior, o pior, era que o pior nunca chegava. Contraíam-me o coração, num ponto negro. Nenhum sonho! Sim, para o que servem os sonhos, sei. Alguém se lembraria ainda de mim, neste mundo? E os que conheci e quis bem, meus amigos? Alguém iria saber que eu terminava assim, desamparado, misérrimo?

Foram minutos que duraram, se sei; muitos, possivelmente, na terrível turpitude. Eu, já empurrado, compelido, ia ao mais fundo, ao mais negro, ao mais não haver. De repente. De repente, chorei. Comecei a chorar.

Logo sendo, conforme o médico me avisara, e eu mesmo sabia, a isso já estava acostumado. O que era um choro automático, involuntário,[62] qual mecanismo compensador, a fim de restabelecer a capacidade respiratória, o equilíbrio da função. Assim terminavam as crises de ânsia, era como se o organismo por si se rebelasse, para um pouco de paz, do modo que lhe seria permitido; eu via, eu mesmo, para o que é que as lágrimas servem. Fosse qual fosse o sentir, ou mesmo sob nenhum sentimento, salteava-me,

livre, independente, aquele pranto, falso, como imitado, de um títere. Contentei-me chorando. Deixava-me consolabundo, desopresso.

Dessa vez, porém, ele sobreviera demasiado cedo, antes que eu o previsse ou esperasse, expunha-me assim ao desar, em via pública central, todos iam-me estranhar, eu assim num procedimento desatinado, a fazer irrisão. O escândalo, aquele pranto era movimentoso, entrecortado de soluços e ruidosos haustos, corrido a bagas, como punhos, num movimento e som, sem intermissão. Eu mesmo não conseguia (não estaria em mim) contê-lo. Tampouco de onde me encontrava, não poderia voltar o passo. Atormentei-me.

E então, sem detença, fazendo o que só estava ao meu alcance, apressei-me de lá, em busca de lugar desfrequentado. Naquela cidade, as ruas se chamavam *carreras* ou *calles*: desci pela Calle 14, cosia-me muito às paredes das casas ou aos muros. Arfava, gemia, sem moto próprio, molhavam-se-me as faces, arquejava, pragas acudiam-me à boca, também, por minha ineptitude, quase corria. Pessoas, por ali, surpresas me olhassem. Só nesse de-repente notei: tinham-me virado fantasma.

E eu tinha de chorar, sempre. Agora, achava-me em rua mais tranquila, inalcançado, talvez o mundo me desse tréguas. Entretanto, não. Alguns passantes surgiam, detinham-se para olhar-me, apontavam-me a outros. — “Uxte!”... — “Conque estás allá?”... — “Quien es? Quien es?” — pareceu-me ouvir.

Entreparei.

Vinha, de lá, um bando de gente, pelo meio da rua, gente do povo. Sucedeu neste comenos.

Era um enterro.

Valessem-me no meu desazo. Os quatro homens, à frente, carregavam o ataúde. Homens, mulheres e meninos, seguiam-nos, de perto. E não seriam mais que umas vinte pessoas. Gente pobre e simples, os homens com os sombreros de jipijapa, os escuros ponches ou ruanas protegiam-lhes à frente e às costas os bustos. As mulheres vestidas com trajes de lanilha preta ou cor-de-café, carmelita, ou curtas saias de indiana, com chapéus de palha também, ou de feltro preto, chapéus de homens. Vinham de algum bairro pobre.

Sim, meu coração saudou-os. Passavam. Eram como num capricho de Goya. E nem soube bem como atinei com o bem-a-propósito: ato-contínuo, avancei, bandeei-me a eles.

Isto é, entrei a fazer parte do cortejo, vim também, bem pelo meio da rua, se bem que um pouquinho mais distanciado.

Onde estaria melhor, mais adequado, que ali, pudesse pois chorar largamente, crise inconclusa, incorporado ao trânsito triste?

E vim, o mais atrás, após todos. Como um cachorro.

. . .

O trecho todo, vou.

Os legítimos acompanhantes não parecem ter-me notado, nem sabem de mim, vão com as frontes abaixadas. Compreenderiam meu embuste? Choro. Sigo.

Sei-me agora sob resguardo, permitir-me-ão chorar, no trajeto funebreiro, eu inclusivamente, pelo menos olhar-me-ão com caridade de olhos. Vamos pela Carrera 13, vamos para o cemitério. Livre para chorar, ilimitadamente, soluços e lágrimas que nem sei por que e para quem são. Caminho com sonambúlica sequência, assim vou, inte, iente e eúnte. Quem será o morto, que ajudo a levar?

O morto, ou a morta. O caixão é pequeno, vi bem, deve ser de adolescente, pobre ou feliz criatura, que tão pouco ficou por aqui. Donzela ou mancebo. É um caixão claro. Os outros seguem-no em silêncio, não há rezas nem lamentações. Devo guardar certa distância, não posso misturar-me a eles, pode ser que me interroguem. Que direito tenho de me unir aos donos do luto? E, se o corpo for o de uma mocinha, uma donzela — de belos cabelos em que breve dará umidade e musgo? Como explicar minha presença aqui, com sentido pranto, que não o de um cristão ou um demente?

Pasmem-se outros, que me veem passar. Minhas roupas são diferentes; meu modo, meu aspecto, saberão que sou estrangeiro, de classe diversa, de outra situação social. Vou sem chapéu, e trago comigo um livro.

Deu-me de vir, e claro, é apenas o que sei. E que, agora, choro por mim, por mim que estou morto, por todos os mortos e insepultos. Mas, pouco a pouco, choro também por este ou esta, desconhecido, por certo tão jovem, e *in termino*, e que a tão longo longe conduzimos.

É imensa, a marcha.

Temo a chegada.

. . .

Subitamente, porém, desperto, ou é como se despertasse: chegamos ao cemitério. Jamais viera eu até aqui. Estamos ante o Cemitério Central, seu portão calmo. Aqui se processa grave capítulo da experiência misteriosa.

À entrada, vi que quase não chorava mais. Pensei: agora, lúcido, o que eu precisava era de separar-me daquela gente, ligeiro, safar-me, *insalutato hospite*, esconder-me deles.

Felizmente, aquela cidade de tumbas e estátuas, as filas de catacumbas e quadras de jazigos, era um labirinto, mais mar largo. Com voltas e dobras, tortuosamente, consigo entranhar-me, pelo meio dele, esquivei-me, esgueirei-me, escusamente, rápido, quase aflito. Vim longe.

Subtrair-me a de que me vejam, comigo não queiram falar. Feição tão confusa. Feitios complicados. Ali não poderiam acertar com alguém.

Agora, sim, sinto-me tranquilo, aqui, sozinho, onde os outros, os acompanhantes daquele enterro, nunca me encontrarão, retirado. Eles hão de estar bem distante deste recanto, no outro extremo do campo-santo, todos ocupados em lágrimas, neste momento confiam à funda cova da terra o caixãozinho singelo — com aquela ou aquele que permanecera tão pouco tempo no mundo em que padecemos.

O lugar aonde eu viera esconder-me, meu transfúgio, era um ponto fechado entre lápides e ciprestes, quase um ninho, só o exigido espaço, folhagem e pedra mausoléia, em luz oblíqua, em suma paz. Tudo ali perdera o sentido externo e humano, nem mesmo podia eu ler os nomes nos tituleiros,[63] com as letras meio gastadas do uso do tempo. Nenhuma voz, nenhum som. Sim eu me recolhera a um asilo em sagrado, passava-se em mim um alívio, de nirvana, um gosto de fim.

Eu podia ficar, entreconsciente, milhões de épocas, séculos, no relento claustral daquele secesso, aí mais me sentisse, existisse e almejasse. Um sossego infinito, retrazido pela memória. Ah, escapar ao dia de amanhã, que já vem chegando por detrás de mim! — e amenamente voltar para o inexistente... Parei. Por um tempo, tempo, esperei. Quanto?

Eu pensava. Ali, naquele lugar, apenas ali, eu poderia ler, imperturbado dos homens, dos mortos todos, o Livro: O que eu, talvez por um sério pressentimento, tão fielmente e bem trouxera comigo. Abri-lo, enfim, lê-lo, e render-me, e requiescer. Lembrei-me, e ri: aquele livro, uma moça me

vendera, custara-me setenta centavos. Tão longe agora de mim, a cidade hostil e soturna, ao curso dos dias, aos bronzes de altos sinos.

Mas, não. O repentino medo me tolheu, em sinistra agouraria. Eu não ia ler, não poderia ler o Livro. Morresse eu ali, na paz traiçoeira, e tudo ficaria incompleto, sem sentido. Não tinha direito a ler aquele Livro; ainda não tinha. Amedrontavam-me, na morte, não o ter de perder o que eu possuía e era, ou fora, essas esfumaduras. Não pelo presente, ou o passado. O que eu temia, era perder o meu futuro: o possível de coisas ainda por vir, no avante viver, o que talvez longe adiante me aguardava. A vida está toda no futuro.

E pensei: eu ia sair, logo, fugir também dali; mas, lá, deixaria o Livro. Abandoná-lo-ia, sacrificando-o, a não sei que Poderes, — a algum juiz irrecursivo, e era então como se deixasse algo de mim, que deveria ser entregue, pago, restituído. Naquele livro, haveria algo de resgatável. Pensei, e fiz. A um canto discreto, à sombra de um cipreste, e de uma lousa, larguei-o, sotoposto. O silêncio era meu, e lúcido. Aguardei ainda uns minutos, trastempo que tentava ouvir e ver o que não havia. Parecia-me estar sozinho e antigo ali, na grande necrópole.

Afinal, de lá me vim.

. . .

Caminhei, cauteloso, e contudo apressado; quase ao acaso; não sei como acertei com o portão; ia sair.

Nisso, porém, dei com um homem, que vinha em direitura a mim. E assustei-me: aquele era um dos que ajudavam a trazer o enterro de havia pouco. Era um homem alto, magro, moço, tinha o ar lhano e decidido. Sua ruana, velha, era de um baetão azul muito escuro, e conservava-se descoberto, tendo na mão o velho sombreiro de jipa. Que explicação iria ele exigir de mim, no indagar ou dizer?

Parou, à minha frente. Decerto, agora, hesitava, preso de súbito acanhamento. Eu não me atrevia a encará-lo. Por fim:

— “Señor, a usted se le ha perdido esto...”

Disse. Sorria-me, um sorriso ingenuamente amistoso. E, o que ele me estendia, era um livro, o Livro.

Estarreci-me. Como fora esse pobre homem encontrar o Livro, e porque me encontrava agora, para restituí-lo? Ter-me-ia seguido, desde o começo,

até ao meu esconderijo, tão longe, num recanto sombrio entre as tumbas? De que poderes ou providências estava ele sendo o instrumento? Qual o sentido de todos esses acontecimentos, assim encadeados?

Fitávamo-nos.

E, então, como se só a custo pudesse proferir a pergunta, com que tentava aproximar-nos, e ao mesmo tempo procurava o inteligível daquela situação, ele, mansa e nostalgicamente, proferiu, baixara os olhos:

— "Entonces... perdimos nuestro Pancho..."

E tornava a mirar-me. Esperaria uma resposta que viesse do coração. Seu tremer de voz era [64] demasiado sincero. Mas, eu, não pude. Aprovei com um sim simples.

O homem não se movera. E, agora, eu sabia que o nosso morto era um rapazinho, e que se chamara Pancho. Que sabia eu? Porém, tinha de falar alguma coisa.

— "Andará ya en el cielo..." — eu disse.

O homem me olhava, eternamente. Olhou-me com mais escura substância. Respondeu-me:

— "Quien sabe?..."

Estávamos tão perto e tão longe um do outro, e eu não podia mais suportá-lo. Estouvada e ansiadamente, despedi-me.

Voltava, a tardos passos. Agora, a despeito de tudo, eu tinha o livro. Abri-o, li, ao acaso:

" [65]

Eu voltava, para tudo. A cidade hostil, em sua pauta glacial. O mundo. Voltava, para o que nem sabia se era a vida ou se era a morte. Ao sofrimento, sempre. Até ao momento derradeiro, que não além dele, quem sabe?

Retábulo de São Nunca

(Políptico, excentrado em transparência,
do estado de instante de um assombrado
amor.)

Painel primeiro:
À fonte

Só o absurdo do possível era que uma moça ia casar-se. Ela sendo bela aos olhos que ao sair de um dia a admiravam. Modulados, quentes no repetir-se, do enquadrado alto da torre tinham tocado a primeira chamada os sinos. O povo, as boas almas, contudo, mal queriam ainda despertar-se: o silêncio, macio, resistia. Apenas algum cachorrinho, de pobre, andante viesse em seu sinuoso passear, farejando, ponto e ponto, as margens da larga rua solitária. A moça, todavia não presente, se escondia, de fato, de todos. Seu amor, o de seu fechado coração, se encontrava também muito afastado dali, dela cada vez mais próximo e distante.

Segura de si, de livre vontade, concorde a família, mediante do sacramento a bênção e mistério de magnitude, sem ofender por fora os usos, ia-se casar, no sério comum, unir-se desentregadamente. Tanto seria, qual, o outro sentido disso, de logo não se abranger. Trasquanto, entre o prólogo e o coro, por um nímio de obscuridades da narrativa, haveria que se estudar para trás, descobrir em os episódios o não-portentoso, ir ver o fundo humano, reler nas estrelas. Em clara fé? Ricarda Rolandina tomava para sua mão, linda, suave, dura, o anel de ouro que, todas de inato sorrindo, as noivas recebem nos esponsais. Aquele era um pequeno povoado grande — povoação — que os mineradores fundaram. Ali, tudo o que de humano se herdava, havia.

Tinha direito, pois, podia dela própria dispor, ao som da vontade, e falsar assim de cometer, para sempre, um ato, sem conta nem medida, seja que copiando o mover-se de sombras da fantasia ou conforme o sangue em nossas veias; outras faziam, quando nada, outroquanto. Sempre fora, em rigor, dona de seu recortado querer, dormia em quarto de altas janelas dadas para o campo de a-longe longínquo, palpitavam-lhe em sisudez as

finas pretas pestanas, pessoas e coisas não a contrariavam. Todos, porém, iam então ver e viver que ela do modo procedesse — como três-e-dois não são dois-e-três, quiçá nem cinco, ou o voo de borboletas sugere cachoeira, se perpassado plano e a aberto vão, por entre os pilares de uma ponte? Mente é o que vem encadear ao histórico o existir. Quem verá — quem dirá. Quem não o entende, o narra.

Se bem que aos óbvios bons zunzuns, mas cada um segundo consigo, em verdade calados, as simples criaturas da terra não chegavam a atinar a pensar, ao redor de tudo — os Safortes, Sosleães, Rochas Ferreiras, o jovem Revigildo, a jovem Rudimira, Luis da Ponte, Teódulo o hoteleiro, Dona Dodona, o mendigo Cristieléison — talvez afora um, talvez ninguém tirado. Via-se agora que, lá, no mal adequado espaço, de amor entendiam quase nulo, muito pouco. Era uma moça como não se encontraria igual, de pé, vestida de preto, suas mãos justapostas. Dela a mãe e o pai, fatigado par, em sóbrio bem unidos, não valeriam de a conter? Sua amiga, então, Rudimira, a outra moça, ainda que menos para confidências que para silêncios? Ela ia, vivia: iria correr para mais longe mesma de si, havia de se casar — contra o que se desconhecia mas sentia. Atrás do dia de hoje, aguardam, vigiantes, juntos, o ontem e o amanhã, mutáveis minuciosamente.

E assim era ou foi, presuma-se. Ia ser. Estava-se em notáveis vésperas. Terminada a missa, vinham todos retardados saindo da igreja. Não se veria o amado. Não viam o nôivo. Nem a moça também se achava agora lá. Só sua lembrança, ativa, outra deplorada presença, mais forçosa, deles adiante.

Pronto porquanto ali — sobre o chão do logradouro e aldeia de lugar, com as três ruas de casas, em sob morro, marcando a meio o caminho, curto, justo, entre os pântanos e trementes matas do Sombrejão, ao norte, e ao sul as baixadas do rio, no Ver-a-Barra, brilhantes de demasiado claras, — na mente de todos o nem-imaginado por vir formava poder de vulto.

Antes, porém, da real estória, feita e dita, sua simples fórmula já não preexistiria, no plano exato das causas, infindamente mais sutil que este nosso mundo apenas dos efeitos, consoante os sábios creem: que *“casamento e mortalha, no Céu se talham”*?

Era o caso grande. E a ver. Sabida mal e bem essa notícia, por suma voz do Padre pronunciada, da moça que inexoravelmente ia casar-se, o povo, os habitantes, nela ainda nem queriam poder ter de acreditar, por quantos

pasmos. Eles estavam preparados ao contrário. Aqui aquém da surpresa, um não-sei, no a haver ou havido, turbava-os. Aos mesquinhitotes, gente rente, filhos-de-deus, desrefletidos, à laia de areia ou espuma, felizes da vida alheia. E tanto. A dúvida de que, nisso, alguma ideia não se estivesse cá embaixo concertada cumprindo, mas transtornada de prumo ou rumo, como, ai de nós, muito acontece? Os que se amam além de um grau, deviam esconder-se de seus próprios pensamentos.

Pelo que foi sendo a curiosidade maior, com seu quanto de respeito. Dava para um modo de medo; ou, quem sabe, pressentissem algo do que, por último, rebentaria de suceder, perante o tôrto pequeno arraial, no frio do ano enevoado, lugar sem desigualdades — o fato para memória perpétua.

Com que então ia-se casar, no mês, a mais feliz, forte adulada e esquisita moça, de lá e perto de lá, Ricarda Rolandina, iaiá, filha dos ricos Sosleães, esses neste mundo tão célebres, e sinhazinha única da Fazenda vasta Cobrença, — já em terras onde se achou a antigualha de capelinha, de rijos remotos tempos, a rearruinada ermida, não se podendo mais saber como fora dedicada, a que santo, — desde que dada a outra-e-outra volta do rio, no Ver-a-Barra.

Se no normal notório, a qualquer conta, a novidade de bôdas dessas influiria júbilo, regozijos de animada espera — para as tão vestidas cerimônias, bebes-com-comes, danças, os públicos dias de só festa. Nas circunstâncias, porém, reveja-se e refira-se, cismando em como as coisas se negavam. O íntimo de tudo gravava de si um estragado e roente princípio, feito gorgulho no grão. Sabe Deus, se. O implausível ponto.

Pois, para cuja glosa, ninguém teria noção. Nem, com suas profundas arcas de livros, o Padre Peralto — que pela graça já sua súbita conhecença nos sirva. Ele que tão cerrado em silêncios pensante, quando ia de visita ao surdo e ancião Padre Roque — que parreiras de muito ralo vinho numa chácara cultivava, sob guarda da irmã, Dona Dodona, a viúva inconsolável. Ou quando passeava, de tardinha, por roda do cemitério ou até ao cruzeiro-calvário, andando curvado como que ocultado, de quase sempre para nada direto olhar, mesmo com ser homem não saído ainda da juventude de idade, e costumeiro em declarar sentenças desentranhadas novas — de dele dizer-se às vezes que era por outras teologias.

Pelo dito-que-dito que Ricarda Rolandina, essa observada e desconhecida moça, tivera um namorado, só, o rapaz de dele se falar, por

seus garbo e realces, herdeiro, herdador, dos firmes Safortes, do Sombrejão, no Atrás-do-Alto. O de largos passos e abarco de ombros, um moço Reisaugusto, formado como que para avante adrede se deparar com as mais ardentes sortes desta vida, sem esquiva mas sem procura. — *"Ele quer o que se esqueceu de ver, e se esquece de ver o que quer..."* — a afetuoso respeito de Reisaugusto gracejando Revigildo, companheiro e amigo, comprador de bois para os lados do Piancó, e também por sua vez moço em toda a fogosa extensão e galhardias de figura — para ele há-de se chamar atenção. Se a gente vive, porém, é só de esquecimento, Reisaugusto mais nos sovertentes centros da vida enovelado se achando.

Durante tempo, até fazia pouco, se não se até hoje ou anteontem ou ontem, isto sim, durara de diversos modos o namoro dos dois, em aberta cena e causa. Só de começo a gente surpreendendo-se do quanto tanto eles se amavam: escolhido e escolhida. Aí, falava-se de uma ternura perfeita — talvez ainda nem existente. Antes, aquele amor infinitado; antigo amor pontiagudo. Porque demonstravam desgovernada precisão, demais, um do outro: mandada, aprazada, decididamente? Ah, e um amor assim, sofra-se e sofra-se. A gente não temia; e louvava-os, deles desdizendo. Reisaugusto e Ricarda Rolandina galopavam, par a par, pelas estradas que têm palmeiras e o seguido céu azul e fininhas areias quentes de preclaras, pela beira do rio, em seus assemelhados cavalos, brancos de toda a alvura.

Diziam-nos feitos um para o outro — porque gerados das duas valentes famílias, no cerne das cercanias as primeiras, de desde sempre próximas em não arredável amizade, e porque vindos num mesmo dado tempo, possíveis de querer-se e encontrarem-se, no meio de um mundo fosco de segredos e distâncias; tudo o que significaria não pouco, em infinitos cálculos, ensaios e misteriosos manejos milenares, da parte da providente agência do destino, se é útil que se saiba. Nisso, então, porém, por que mais certo não se descobrir que um e outra feitos também para instruir a geral contemplação, muitos corações movidos — e, a tanto intuito, elevadamente expostos, em fins de visão e espanto, pena, reflexão e exemplo? Aquela gente, daquele lugar, era como boa. Abriam-se até ao medo de um cão qualquer, que uivasse.

Ricarda Rolandina, a quem mesmo o civilizado moço de fora, Dr. Soande, achara de extasiado admirar, e que até Revigildo, o amigo, diria que Reisaugusto nela soubera encontrar a sem-igual; e de quem ainda o próprio Padre Peralto, santo prudentemente, apartasse mais os olhos, tanta

era nela a encantada prenda da formosura. Reisaugusto, o vistoso, ditoso mancebo, que capaz de trazer aos sonhos de qualquer exaltada moça a carne e pessoa da felicidade. A sós eles dois, porém, cada um devendo de ter nascido já com o retrato do outro dentro do coração.

— *Se um exceder-se, assim, de paixão, se o que não seria?...* — ora era a pergunta. Ouvindo-a, entretanto, o Padre Peralto levantava a cabeça, fechado às vezes nas sobrancelhas, às vezes resumindo, o que fosse, num coincidir de sorriso. Seu espírito girava mais ligeiro que o vulgar, e ele pensava que: enquanto humano, o ser não pode cessar de julgar e de ser julgado? — *Os pombos arrulham é amargamente...* — respondesse. Ou: — *O que impede a flor de voar é a vida...* Sentenças, porém, que menos de sacerdote em eterno que de sustido poeta, ou de quem resguardasse em si o trato de alguma ainda afundada mágoa — estranhava-se.

Não que por igual ao comum o tivessem, ao Padre Peralto. Mais, nele, por aí, achassem graça. Notavam que estava sempre em si e no ar, imperturbavelmente aflito, espantado de viver? Porque montava a cavalo, bem. E, quando em ocasiões, dava seu dinheiro, senão o da fábrica da igreja, aos pobres, num jeito de despropositado desfazer-se. E, ao chibante moço de fora, Dr. Soande, aparecido no arraial pela primeira vez, trajado tão de luxo e com maneiras finíssimas de orgulho, discreto exortou: que as singelas mocinhas do lugar mereciam sina sincera e o doce perigo que pode não haver no ato de respirar. E escutando-se que, sem razão, ao cabo de longos jejuns, que enfim se soube, um dia, que praticava, soltasse vários foguetes, no fundo de seu quintal. — *Deus está fazendo coisas fabulosas...* parece que repetia.

Sucedendo — vez — e nem por quadra nenhuma de luar, que Reisaugusto veio, de grande apaixonado repente, galopando, e chegou, tão tarde, ante a Fazenda Cobrença, já adormecida, tardio de adiantado e apressado então ele chegara, somente para ficar, a cavalo, persistido, teso, quieto, sobre o fronteiro morro, todas as seguidas escuras horas dessa madrugada, durante, varada completa: a fim de, parado, montado, à decente distância, poder de lá contemplar, paciente fremente, acostumando os olhos, o quase caber na noite da casa-grande, com as altas, fechadas janelas — ele assim esperando, orvalhado, inteirado, sem se sacudir de cansaços, o raiar do dia, Ricarda Rolandina, o que parecia uma glória.

Disso, e de ainda juras e rejuras, sensível se lembrava Rudimira, a amiga melhor de Ricarda Rolandina, contava, a filha de Luis da Ponte. Se

simples proezas de enlevos ou arrebatos: vez sim, vez não, vez tudo, vez nada. O amor; e outras coisas da natureza.

De quando, mais, conversavam na varanda, os três, e Reisaugusto, galante, ativo em ternuras inquietas, se entretivera em serrar certa pelo meio uma moeda. Da qual, jovial, quis oferecer a Ricarda Rolandina — à hora num enfado de arrufo, crispados com beicinho os lábios, refranzida a fronte, alta, alva, se bem que o seio palpitando arfando, igual que nas nobres cenas dos romances — a metade. Mas, o que, pelos símbolos da terra, valia como prometer de repartir com a amada suas sorte e fortuna.

Ainda, ainda, e de quando, por um fim, brigaram de derradeira vez, com a soberbia de lágrimas por entre palavras, feriam-se, e sem palavras resolvidos se despediram, para sempre, para não se quererem ver, mais nunca, mais fortes que suas próprias vontades, mais fracos; as almas também dão fuligem. Tudo o que se passara, sem sinal, num cair de mau tempo, na velhíssima e arruinada capela, de antigalha, seus restos, dentro onde, no estreito, semidestelhado espaço, corriam goteiras. — *Pode-se fugir do que mais se ama?* Nunca poderia a moça amiga Rudimira se esquecer, com estremecida admiração, de como Reisaugusto, aprumado por tristonho, feito um vencido príncipe, sob os já jorros da chuva, partira, cavalgava, no não voltar, não volvendo rosto, não se o viu mais.

Foi-se súbito viajar.

Ricarda Rolandina e Rudimira permanecendo ainda um silêncio do tempo, ali, onde não havia mais bancos, nem altar, nem cruz, destruídos já um a um ou retirados desde muito todos os aproveitáveis ornatos. Daí levado, porquanto, para na matriz do arraial depositar-se, um quadro, em madeira, de quatro panos, dobráveis, representando-se, num destes, o único que não de todo escalavrado no apagamento, alguma ação da vida do que ninguém sabia qual fosse — que Santo figurava. Padre Roque, porém, reputara-o por mártir e confessor, decidindo-se então que, à mostra, junto e ao pé do altar-mor, devesse ficar, por todo o enquanto, e decerto possível de milagroso.

Dito-que-diziam incertas pessoas, as em tudo atrevidas e sem o reger de reverência, que ele ora furtasse parecença com Teódulo o hoteleiro ou com o mendigo Cristieléison. Mas, Dona Dodona, conquanto, às horas em que a igreja se calmava desertada, se ajoelhava diante dele, do ignoto, assaz rezava; propunha-lhe promessas? Para honrá-lo, por pois, mesmo irreconhecido assim, anônimo, outra solitária capela deveria erigir-se.

A qual, os pais de Ricarda Rolandina, os Sosleães, que ao andar de vagarento amor o tempo em quietos afetos acostumara, e donos devotos da região, queriam sem falta consagrar, porém maior e em elevado sítio, mais próprio, com feições de frequentada igreja, com patrimônio, nisso concordantes o Padre Peralto e o Padre Roque, este parado, ao ar, em sua fofa cadeira-de-lona, sob as parreiras do vinhal que só fraco vinho de missa produzia, ele constantemente grave, em toda a sua cerrada surdez, que o sobrepunha a discussões ou opiniões, quaisquer que assuntos.

Padre Roque, talvez não fora de cômodo propósito, se recusando também a tomar ciência de recados por escrito, alegava que os óculos dessem-lhe à cabeça dor ou transtornos. Sábio como o sal no saleiro — o que era voz comum — ficava no mau falar e curto calar, sem precisar de ouvir. À Dona Dodona, sua suspirosa irmã, asperamente consolava: afirmando-lhe que, descambados os serros da morte, e enfrentado o tribunal das almas, com a do defunto esposo sem nenhuma dúvida poderia ela reunir-se, mas no seio de Deus, que nem como dois riachinhos no mar — mais que numa vargem qualquer — ainda por mais completo se ajuntam. Dona Dodona, porém, sob cuja resignada perseverança agitava-se a estranha humana pressa, urgia-o, de olhos. Por que tão depois, por que só nos tamanhos de Deus, como numa nave de igreja? Se não se dizia, até, então, que Teódulo o hoteleiro, acordado ou em sonhos, avistava às vezes o espírito carnal de sua falecida mulher? Isso — e apesar do que era de divulgo: que a mulher de Teódulo o hoteleiro morrera por dele não poder suportar mais os maltratos. O ódio, então, também no além, engendrava mais que o amor?

Padre Roque, imutável, mouco, fazia de imperturbar-se quanto a esse contra-senso de versões. Apenas, tinha ainda os fortes gestos: abençoava-a, tal como ao mendigo Cristieléison, seu afilhado, vindo tomar-lhe a bênção; e que era o único a quem ele consentia colher e comer das uvas do parreiral. O mendigo Cristieléison vinha aos pulinhos. Se ébrio, cantava, discursava ou praguejava; caceteava a todos, por sua sordidez sem tristeza, se em estado sóbrio. Se bem fosse um mendigo voluntário: fizera-se de meio doente, queria-se livre de qualquer obrigação, solto andava por toda a parte, indo até ao Sombrejão, dos moços Reisaugusto e Revigildo ganhando em geral as velhas roupas que usava. Dona Dodona calada temia o mendigo Cristieléison, por seu total descaber, a ver que fúfio às suaves coisas da religião, parlapatoso; queria que ele a Deus pedisse contínuo

perdão, vezes setenta-vezes-sete. Padre Roque férrea e gostosamente zombava deles, quando não ameaçava-os com o exorcismo. Ele nem se importava de ser crido; mas muito se impacientava, por de tudo ter certeza. — *O sacerdote não é o intermediário entre Deus e os homens?!* — proferia, se se zangava.

Tentava o mendigo Cristieléison contar-lhe a partida, para longe, de Reisaugusto, apontava na direção do Atrás-do-Alto, do Sombrejão, e adiante, mimava um cavaleiro sempre mais se afastando — e havia tempos que Reisaugusto assim se fora. Padre Roque marcava com uma folha de videira seu breviário e — *Por que não se casam?!* — brandia-o. Se gostavam um do outro, se bem e se tanto, e nada impedindo-os de dar atamento àquele amor a céu aberto, nem diferenças de ilustrice e posses, nem consanguinidade de parentesco, nem quizílias de famílias. Tivessem os muitos filhos. O mundo não precisava de mais infelicidades!

Por que, então, não? Talvez nem eles mesmos, ou talvez um tanto Rudimira e Revigildo, os aproximados, soubessem entender, sem feitio de explicar. A vida fornece primeiro o avesso. Porque os dois eram como dia depois de dia; e os dias não são iguais. Ansiavam-se, desconhecendo o desamparo de ai-de de estar-se dentro do amor mas ainda em estados de discórdia, movidos dessa guerra: como as boas cordas, se para sonoras, bem a apertarem-se; como os fundentes metais, na arte da afinagem. Tornarem a ver-se? Casarem-se? Jamais, jamais, já mais...

Se nem tinham ainda conseguida fé um no outro, de pique e despique debatiam-se, em baldados, remeáveis esforços, trazendo-se, a um tempo, coisas de berço, de brenha e de nudez, e o ardor de confligir, como se excruciavam, transportados de iras vãs, que o tempo leva: em amor revestido de ira. Conforme o não-poder da vida. Vida — coisa que o tempo remenda, depois rasga. O infinito amor tem cláusulas. O mendigo Cristieléison saía, para a rua ou para a estrada, fazia afagos a um cachorrinho que sem dono se encontrava, carregava o chapéu cheio de claros cachos de uvas.

Sendo então que em verdade se soube que Reisaugusto viajara para avante distante. Faltavam outras notícias dele, nos meses depressa passados. Corria a ideia de que, por onde, por lá, se remordia e se consolava, em perdição, mediante mulheres, porque ele era dessas coisas: ao que, dizia-se, aliás, sem segredos, mesmo demasiado inclinado. Revigildo, seu melhor amigo, pronto iria ter vez de vê-lo, da próxima ida

em que andasse, em seu ofício, para os lados do Piancó — a comprar boizinhos, pretos e brancos, vermelhos, amarelos, rajados e pintados.

Mas, o amigo Revigildo, por ora, muitas diversas vezes fazendo questão de visitar Ricarda Rolandina, falar-lhe às sós, e para lembranças confidentes, entre tranquilos momentos e verdades não pronunciadas. Pouco se via Ricarda Rolandina, durante um tal tempo. Ela passara a vestir-se de preto, inteiramente, inviolável como o diamante, um vestido afogado, preto que a envelhecia.

Mas: — *... que a embelezava...* — dizendo somente o Dr. Soande, parente dos Rochas Ferreiras, e que ao arraial voltara, de hóspede em casa de Teódulo o hoteleiro, sempre perfumoso e brilhante em suas elegâncias e roupas, cidadão espigado, muito moreno, quase azul. Sabia-se que tinha vindo em seu automóvel, até à cidade de perto, as pessoas cronicavam. Faziam conceito que fosse homem importante. Nem era vilão — esclarecia o mendigo Cristieléison, a quem ele dera os sapatos quase novos, essas calças esportivas, mais o chapéu de fina marca. Revigildo, o amigo de Reisaugusto, era que não queria saudá-lo, olhava-o com antipatia ou escárnio? Assim a moça Rudimira, amiga de Ricarda Rolandina, como havia de isso não notar, quando queria, agora, repetidas vezes, conversar com Revigildo, pedir notícias de Reisaugusto, tão ausente, sempre. — *Ah, estes dois, também davam um acertado par...* — dizia-se, então, no arraial, comentava-se, casamenteiramente entre sorrisos.

Só que Rudimira voltava para outra banda os olhos. Sentia, achava, que ninguém de bom valor quereria com ela casar, por motivos. Porque, sua mãe, bondosa e suave senhora, tinha sido, contudo, mulher de avoada fama, com quem o pai, Luis da Ponte, vivia, só por muito bem-querer a retirara da vida em outros lugares. Encolhia-se, por isso, tímida sem cura, Rudimira. Duvidava de que todos, por detrás, se não a desprezassem. Entanto que, porém, apesar da surda pecha, Ricarda Rolandina — e havia de ser ela, a primeira, a mais rica, a orgulhosa — preferira-a e a buscara, para amizade. Ricarda Rolandina, orgulhosa, não fosse: mas gostava de orgulho. — *Era infeliz porque não tinha medo...* — sobre ela Rudimira referia. Ricarda Rolandina, avistada junto de Reisaugusto, a formosura dela se avivava, completa em todo pormenor. Reisaugusto, diante de Ricarda Rolandina, compunha até ao tope seu garbo de presenciado. Conquanto, frente a frente, em hálitos requeimantes, eles violentamente

não se encaravam. O amor não pode ser construidamente. Separava-os e unia-os, agora, a indefinida distância.

Foi nesta altura que o moço Revigildo retornou de sua ida por boiadas, para os lados do Piancó e até mais aonde se acharia Reisaugusto. De volta chegado, não tardou que procurou Ricarda Rolandina, toda sempre vestida de fechado preto, com ela assaz conversou, amistosamente, pelas claras estradas de beira do rio passearam, Ricarda Rolandina já sorrindo e rindo, quando galopava de cobrir-se de espumas seu cavalo.

Revigildo falava-lhe de Reisaugusto. Conforme tantas vezes, depois, esclareceria: que a ela contara estar Reisaugusto contudo firme fiel aos, de ambos, melhores tempos, continuando a amar. Revigildo prestes regressava de lá, do Ver-a-Barra, com olhos de afetuosa alegria, não fosse a vida da gente tão entrançada em simples mistérios, e ele cavalgava ao lado de Iô Sosleães, pai de Ricarda Rolandina, tratavam de sérios, variados assuntos. O pai de Ricarda Rolandina iria viajar até à cidade de perto, ia com o Dr. Soande.

Revigildo, o moço, sem paz em seu novo acorçoar de a vivos rumos, podia se encontrar com o Padre Peralto, que perpassava, mãos às costas, ao longo do velho muro do quintal, dando para outro campo. Ele parecia triste, o Padre Peralto, que falava às vezes tão imaginário, alheado, nem se sabendo com quem, ou se para mesmo consigo. Segundo dissesse, somente: — *Aqueles que Deus uniu, nem eles mesmos conseguem se separar...* O gesto que fazia era o de levantar, altas, as ambas mãos, tão magras, tão brancas, tão lavadas.

Fazia muito, em todo o caso, que Reisaugusto sozinho se fora, e que Ricarda Rolandina de preto em afogado vestido se conservava. Nem se iriam rever, mais nunca? Sim... — num dia que não há de vir: podia dizer-se.

Antes da tempestade tinha vindo a bonança; tanto o tramar do suceder se escondera, em botijas de silêncio. Corria um tempo calmo e belo. As pessoas voltavam o pensamento para muitas partes, as pessoas da terra.

Só foi numa manhã de domingo, de missa, o sobrevir. Dito que, daqui e dali, espertadas mais pelo tinir de campainhas, e entremeante o sol em feixes e réstias, que por lá se cruzavam penetrando, as andorinhas, profanas em seu jeito de temperar a humana, numerosa quietação, aos chilros e revoos varavam de canto a canto, alvas-escuras, os aéreos

espaços da igreja, nos gradis de ouro da alegria. Padre Peralto ia pelo Evangelho.

Devia ele falar a prédica e ler os editais, voltava-se para o povo, vindo para a esquerda do altar, onde o painel de madeira à parede se apoiava, pintura estragada, sobrante, o Santo. Aquela composição, que se fizera estúrdia e algo alegórica, em alternados amarelos com roxos e feioso marrom, tirante o vermelho das roupas das figuras. Dos dois velhos homens, de pé, de costas um para o outro — *mas vendo-se que seriam um mesmo e único homem* — desdobrado, contemplando, fixo indo a absorto, apenas o escorrer da luz, que vibrava da parte de cima e dividida descia para os lados; um parado entre esdrúxulo e simplório, absurdoso, a luz de tom frio.

O Padre pronunciava, como se apenas ele se quisesse não neutro ou alheio, neste mundo onde o mal ainda está guardando lugar para o bem. Tudo, então, por esse enquanto, sustendo-se ali em adormecido modo de assistir ao Cristo do crucifixo grande — sinal de quimeras aquietadas. Mas o sol dominava apalpadamente o âmbito fresco, o povo de fiéis em bom sossego ouvindo, as andorinhas não se interrompiam. Suscitou-se a coisa, o que foi, que não se poderia esperar supor, e já acontecido falado:

— *Com o favor de Deus, querem se casar...*

O Padre lia os primeiros proclamas, não discreposo, num a ninguém mirar, em justa balança; não se dirigia às pessoas? Decerto, sem acinte, nem na representação da comédia, senão servindo às terrestres verdades da guerra. Apressando-se, prosseguiu, avigorada a voz, para que todos tivessem imaginação? Se era como um desmentir de não havido engano — negado o pretérito, dias, meses, instantes — ou abrir janela ao vento:

— *... Soande Bruno Avantim... e Ricarda Rolandina Mafra Sosleães... Quem souber de algum impedimento, está obrigado a o declarar, sob culpa de pecado grave...*

Escutado, até ao fim, com ouvidos sutis. Esses! — os que iam nupciar-se? O povo, entreolhantes, tantas suas cabeças, eram os olhos, que em estupor. Olhos pobres, ousassem quase exigir uma confirmação. Do que parecia desafio maligno, à adversação, posta a oscilar outra balança; à ponta de espada, o mundo tinha de o aceitar, maiormente aquilo. Só essa própria mesma notícia, como vergonha sobressaltosa, oriunda de ninguém, toando torta, e que desceu sobre aqueles, num silêncio sem exame. Só a

noção mais escura, disso, que vinha à boca-de-cena do mundo; o que não saía das sombras — e de nenhum destino, de amor mortal.

Ora bem que, Padre Peralto descruzara as mãos, os braços, na pura sobrepeliz, com inimitável paciência; ele era de um lugar no Oeste, filho de pais paupérrimos. Nem se entendendo bem o que, pós pausa, segundo costume, sussurrasse — às andorinhas? — *"Servi inutiles sumus: quod debuimus fecere, fecimus."* Ele estava cansado.

O quanto, porém, cá fora, de rir-se à toda voz, com escândalo e irrespeito, o mendigo Cristieléison, este, desabusava-se, como que apedrejando-os, lançado ao ar seu brusco comentário: — *Vai haver umas dúvidas!...* — ele bêbado, que queria o tumulto geral. Corriam com ele. Concordavam. Criam-no. Com o que, apenas algum cachorrinho vagante dali fugia, escorraçado, ganindo, latindo. Eram uma confusa gente alvoroçada, não mais.

Porquanto a missa acabara, o povo saindo, fechava-se a igreja, o mundo sendo minúsculo e fortíssimo, incompleto, os sinos não tocam a amor recomeçado.

O dar das pedras brilhantes

Já se dizendo que o cidadão trazia de criados de uso, cozinheiro, tropeiro, guia, e seus soldados de escolta, montados todos em mulas ou burros, qual quanta caravana para o tamanho de viagem. Depois de Poxocotó, deixada muito a oeste, se sendo, ou desde São João de Atrás-e-Adiante no sul, teriam não passado decerto por nenhuma mais outra localidade. Aquém entravam a ocas terras em brenha em ermo, quase de índios assassinadores, drede diretos ao Urumicanga, onde, de havia talvez uns três anos, encontravam-se diamantes. De lá ora porém contando-se que tudo se virava e mudava.

Pinho Pimentel se viu com aqueles, quando pousaram na fazenda, em ponto de perdida remota, de um tio seu Antoninhonho, não distante embora do garimpo senão dias ou semana, se tanto, de jornadas moderadas. O referido cidadão, que se mostrava sob peso de mal adiados diversos cansaços, restado ainda assim meio gordo, não fechava reserva de sua missão: vinha para pacificar o Urumicanga, em nome do Governo do Estado; isto é, a tentar impedir a guerra, que por lá constava de atear-se. Chamava-se o Sr. Tassara, dando-lhe todavia os de seu séquito o título de Senador. Pinho Pimentel quis logo não acreditar nele, no dia de poeira e menos pensado.

Pinho Pimentel estivera atendo-se a reler, de fim para meio, um livro, deitado em rede, teso contudo à probabilidade de novas coisas, que não o absolutamente sobrevir do Cidadão, tão fora de espaço e tempo preparados. Só o tio Antoninhonho, no rumor e ato de chegar a comitiva, forçoso se adiantou — por praxe com involuntária mesura, diminuído de rosto e de corpo, redizendo um conjuro — como se o viessem matar ou prestar-lhe dádiva. Saudou-os, de ver que do jeito de maçom, o Cidadão, cabendo trouxo ampliado dentro das botas altas. Mais e mal, poupados gestos, proferiu o entrementes escolhido absurdo. — *“Quem for, que aqui se veja, deve de pretender-se, modo próprio, do lado da ordem e da lei...”* — enquanto, acolá, quer que embaraçando-se nos traspassados fuzis, os soldados esperavam entre árvores. Pinho Pimentel a baque pejou-se de apanhado rente defronte, em surdo respeito de escutar. Antes,

imediatamente, não atinara o que esboçado responder, ao indagar dele o outro se seria negociante de pedras, garimpeiro ou agricultor. Sua vez, o tio Antoninhonho, de orelhas grandes com cautela, animava os soldados a colherem no pomar mais laranjas. Em si, em não gerido íntimo, acaso Pinho Pimentel pronto mesmo estivesse — a que esse qualquer um engraçado outro se lhe apresentasse diante, no predisposto ensejo impressentido, assestando-lhe o grave ar e aspecto grado. Mas a realidade era muito veloz. César Pinho Pimentel, já na seguinte manhã, achou e propôs-se de com ele enfim ir até ao Urumicanga.

Entanto que Pinho Pimentel nem era dali, de havia apenas bem pouco conhecendo o tio Antoninhonho. Certo somente de velho parente seu, permanecido não longe do descoberto dos diamantes, atirara-se em fuga a viajar e vir, por não desistir de capaz quinhão do que espantoso o mundo a todos regalava. À hora, ao tio escasseassem mantimentos para o passadio de hóspedes, na fazenda nos derradeiros tempos desertada de braços.

Porém, o cidadão Senador, de admirar-se como de tudo provido — quantidade até de espigas de milho para os animais, e, para paz, os cunhetes de munição — nos cargueiros atestados. Quisesse, podia aguardar aqui — como Pinho Pimentel a fio desleixo se acomodara de proceder, numa pausa, tão demorosa e indecisa, que seus tratados camaradas tinham-se dele descartado; — a tento de no Urumicanga os ambos inimigos bandos entenderem-se ou destruírem-se. Senão, então, prestes reto partir, por descargo de surpresa.

Mas o Cidadão mandava os serviçais ajuntarem lenha, precisava de água morna para o banho de bacia. Assombroso, após, era que se trajava aposto — gravata, colarinho, colete — repassada a fita com medalhão, venera de Comendador. Afilado, claro nas honrosas feições, pintava-se de só em começo encanecido. De todo não o afligiam preguiça nem pressa. Devia de ter importantes recordações.

Sentado no mesmo tripé, mês antes, vira-se também lá, de passar e parar, um grande comprador, o dobadouro tipo: por esparrame de pernas e braços, voz partida e espicaçante, os adiantados olhos muito tudo perquirindo, entre que raspara a navalha perante todos a barba, cheia feia preta, ficado no queixo o estricto cavanhaque ribaldo, e entrequanto se entretivera a mostrar-lhes seu sortido, que andava de aviar para o Rio de Janeiro.

Diferente modo, porém, sorvendo repetidas cuias de água em que espremera os limões verdes, o cidadão Comendador perguntava ao tio Antoninhonho tão-só por seus bisavós, avós e transatos. Nem requeria notícia da região diamantina — aonde sempre centenas de indivíduos vinham, conquanto muitos no extenso morressem ainda de fome, havida futura e aliás a fortuna no bronco do cascalho, e um célebre engenheiro Marangüepa, com homens que de mira e dedo lhe obedeciam, opunha-se à não menos súcia força de Hermínio Seis Taborda.

— *"São meus amigos"* — asseverara o Senador, sem curvar a voz.

— *"Sim?! O Sr. conhece-os?"* — Pinho Pimentel assaz pasmava-se.

— *"Ainda não..."* — e o dislate da resposta toara não a insensatez nem motejo; se certo, no resvés e afã de ouvir, tomara-a Pinho Pimentel só num falso segundo eco. Deveras o Cidadão não fazia caso de encobrir-se, como o Grande Comprador, que entendia de nem falar nos chefes adversários. Traria consigo, quando nada, uma arma?

— *"Deduz-se que o diamante perfaz a esquisita invenção: o esmerado sucinto. Dele a gente não vê é a nenhuma necessidade!"* — alegava o tio Antoninhonho, a tez mais a ensombrar-se-lhe, rebentados do espesso os rombos olhos branquiços, do jeito de que fazem os pouco menos que cegos. Ora já no Urumicanga podendo que as desavindas facções a tiros se medissem, que ver que dava o outro Estado a Hermínio Taborda ajuda, tramado a longo assim o usurpo da área garimpeira.

— *"Pois o diamante é o mesmo carvão, carbono. Seja talvez o senhor verdadeiro deste mundo. Tudo o que existe — matéria de natureza dos animais e plantas — exige de conter carbono. Compõe até o ar que obrigados respiramos..."* — o Cidadão ponderava. Moura Tassara.

Ao passo que explicara o Grande Comprador conferir o diamante favor contra desgraças e doenças, pois que arrimando o firme pensar, debelava a tristeza e aflição de ideias. — *"Leva mil anos, para se consistir. Achado pronto, porém, revela urgência, quer a vida da gente dada se decidindo, por instintos ímpetos de ligeireza..."* — e com súbito efeito rodava nele a mó de inquieto, seus muitos mudamentos num desfechar-se e engonço. Dizia-se matriculado em coletorias federais.

Depunha novidade de que no Urumicanga se apreciava recém a sede de um cabaré, o "Fecha-Nunca" — com jogo, bebida, as prostituídas — e do qual dona uma senhora, de luxo, se bem que disposta, os improvisos de brio e coragem não lhe quitando a moderna formosura.

Tido, por igual, que mulheres povoavam pertencentemente o garimpo, faz-que mariposas. Aonde em quando os homens arcavam no cavar ou apurar nas catas, constantes vinham elas em todo repente se mostrar — nuas — de consumo, à mão, para as instantâneas tentações: caminhavam descendo, por dentro de rio e córregos.

Contra o que, o tio Antoninhonho, apropósito sem filhos, duro viúvo, apressava-se em narrar que sua obrada posse de fazenda se devesse, em outros, audazes e alvoroçosos tempos, a bandeirantes em gana por riquezas. Sobrada porém só a ofensa de que, cá, nas águas e margens, mais nem pingo lampejo de pepita, nem maldita abençoada pedrinha dessas, por merecida e impossível, não reluzisse. Discorria entrequeagitando mãos, os dedos entortados de nós, às vãs unhas insistidamente, encardidas de areia e terra. Pinho Pimentel, por último revoltado à região, seria seu herdeiro, com quase asco. Descidas pálpebras, não sofria nem dizia, o Cidadão. Sumia-o a atividade de ficar parado.

Só por aí notou-se ter ele no bolso da lapela um estojo, tapado a meio pelo lenço. E logo espalmando outrossim o tio mão ao peito, onde pendurava, entre pele e camisa, em saquinho de baêta, um diamante ínfimo, olho-de-mosquito, com que o obsequiara o Grande Comprador, tão a ver que por dó ou por astúcia. Defendendo de loucura, inimigos e venenos, cabia de conservar-se sobre o coração. — *"Dão má-sorte só os de ilegítima pertença..."* — e pessoas exaltadas convindo também não os trouxessem, porquanto o diamante desmede e esperta as paixões em ardência.

Da feita, quisera então o Grande Comprador expor-lhes seu estoque. Sacava das algibeiras ou da capanga de couro uns canudos de bambu: dentro, embrulhadas em algodão, toscas, guardavam-se elas, as pedras. Colocava-as na mesa, arrumadas em alinhamento, com fé, que nem um procurar de desenho, que se as provasse semear. De cor nenhuma, apagadas, as mais. Outras, porém, quais esverdeadas, seja amareladas, ora ralo azuladas, quer pálido róseas. Cega, de maior valor, desmerecia-se fingidamente uma, no torvo amarelo-escuro. — *"Lapidado, vai rebrilhar, no estrangeiro... em Londres ou em Amsterdam..."* — tremia-o um frouxo de tosse. Redobrava esperdiçados olhares, espiava atrás, tateara o revólver, feito um silêncio semelhante a um não suspirar. — *"Mulheres, por eles, negam, renegam..."* — e olhava-o nos olhos dos outros, com enfio de azêvre, de febre.

Dado que Pinho Pimentel precisava agora de várias vezes calar-se — o que é real demais é que parece burla e mágica, engendradas. Passava o Cidadão pontas dos dedos em seu pequeno estojo no bolso, não distraído, de leve.

Valesse nada a manha de sobre ele experimentar ouvir os que o acompanhavam. Tinham-no por completo, correto, sem escusos nem ocultos, resguardado mesmo assim, como casa rica par em par aberta e acêsas luzes. Obedientes ao que se imprevia, que resolveu: quase todos iam ficar. Demandara ao tio relegar na fazenda parte dos criados, tropeiro, cozinheiro, pagem, e os soldados, afora um, o Ordenança. Antes do raiar, preparavam-se, no escuro mexente.

Seu vezo, Pinho Pimentel selava primeiro o cavalo, depois reentrava em casa, para, com afogadilha hesitação, enrolar os trens, trouxa de roupa. De lá não teria de levar quereres nem lembranças. Dali nem de nenhuma parte. Vultos entrequecruzavam o pátio — figuras que sobre outras tantas superfícies. Os soldados engrossavam num bloco. Concluindo-se, aos círculos e rabiscos, um vento — o tênue apalpo, às vezes em aguço — que nem espirro e cheiros. *Se, com essa epidemia de dar diamantes, também aqui as terras, por próximas, não iam dobrar de valor?* — feria de ouvir-se o tio Antoninhonho, restassem-lhe visões em lágrimas e olhos, queria não perder o poder de querer. Simples mixe o sopro de junho, mas qualqual cingir de vento fala de necessárias imensas íntimas simultaneidades. Temerário o decidir do Cidadão, de desfalcar-se de sua guarda, quando a do Urumicanga a dentro, ao rojo das coisas naturais.[66] Montado já, ia no relance cair, de trambolhão, em despenho? De altura enorme não: da besta branca, que a bufos mascava pedação de treva. Pinho Pimentel piscara — rápido no desfitar o céu, seus miúdos increpantes pontos — considerara, consternava-se. Lugar algum tem a nossa crescível medida. Permanecia, porém, o Cidadão, grosso a prumo a amarrotar-se; ainda que como se aos poucos ofuscasse-o, desigual, o denso de ainda noite, cortiça,[67] o azul e açúcar. Via-se-lhe contudo clara a mão, côncava, ao peito, por forma que contivesse algo. Pinho Pimentel puxou o cavalo para perto. Tôrto e a direito, competia-lhe ir junto — como todos os momentos sem que se continuem se perseguem, como de manhã a gente acorda, sem saber se quis. Não se apoiasse agora no incompassado, singular propósito do outro, e mais já não teria aqui espera nem prometimento. Ninguém merece menos que a riqueza. Tomava-se por

último o café. Sozinhos com o velho dono, na fazenda, coagindo-o não iam os soldados, por demasiado ante[68] o demo, desbragar-se? Arrieiro e Guia e Ordenança formavam, de em diante, a equipagem. Sustendo a cancela, o tio Antoninhonho abençoara-o, mas, por incerto, por sua partida, aliviado: conchegava a si o saquinho sujo de suor, o amuleto mínimo diamante, com virtude. Temia o horror e o espírito.[69] Pinho Pimentel riscou de esporas, de vexame. Saíam, em hora, com impulso, à definida viagem. Nada devora mais que o horizonte.

Sumiam. Sumia-se, isto é, atrás, a achatada casa da fazenda, sob o sol que amanhecia e queimava, torna que em quando: no tanto em que um índio de mau-humor abate com meia flechada outro pássaro, Pinho Pimentel tirava-a já da mente. Tangia a récua de mulas e burros o Arrieiro, o soldado Ordenança não o ajudando, mosquetão a tiracolo. Só avante, às voltas — no percurso de rumos, que não de estradas ou caminhos, às vezes rastros — o Guia limpava da poeira a barba. Como que em cera, cavalgava o cidadão Senador, o nariz curvo, no que para além de se perceber. Seja que em camisa, mas não lhe assentavam entretanto as elásticas solidões, o torrar-se de paisagens. Léu ao longe, paravam, por alto,[70] assim, transitórias, a ordem e a lei do Governo, de a-de-lá de São João de Atrás-e-Adiante, ao sul, se sendo, ou de Poxocotó, a oeste, não a portas de voz. De que valia, sozinho, um braço levantado? Abrira o Cidadão o guarda-sol com orlas com franjas vermelhas, debaixo vindo se conduzindo, desexplicadamente, pedindo desculpas às peripécias e pondo prólogo a cada pormenor. De nada coisa estaria a par, do Urumicanga. De Hermínio Taborda, maquinado Intendente da Vila de Santa-Ana, no outro Estado. Do engenheiro Marangüepa, que rejeitava a riqueza, ambicionando somente veras de poder e estorno de justiças. De um padre, que porfiava lá em levantar igreja, e, a quem nisso o auxiliasse, absolvia ligeiro, por cima de pecados. A vida, no garimpo, se desentendia, prenhe em redor de um redor, de arte do diamante e usos fenômenos. Vindo havendo ainda os que, à míngua, faleciam, agarrado às vezes o defunto à cabaça em que lambera o resto de farinha acrescentada de farelo de folhas secas. Onde, mal, alguns, haja que acertavam. De repente, qualquer um tinha seu bambúrrio. Descontido, já diverso, pegava revólver, disparava, de aviso a Deus, à voa nova, que podia chamar do ar a sua perdição. Acorriam, os outros, por inveja de esperança, se abraçavam todos, custava preços a cerveja. Regendo também retardias doenças — disenteria, escorbuto, bouba,

maleita das chuvas, paralisias de beribéri. Sorte era se vir a ir para o estrangeiro, com partida de gemas da terra, de primeira água e grandeza, entre que uma de cento-e-oitenta duzentos trezentos quatrocentos quilates, que a que o Grande Comprador premeditava. Suspendia aí Pinho Pimentel o pensar, afrontado do encalmamento, tressuado, sofrido de sede, resplandorido. O que foi quando o Cidadão estendeu-lhe o cantil. Pontudo detestou-o, no meio do momento, tribulava-o aquele aparelhar-se de parecer, o não descompenetrar-se. Tacha havia, de um não conseguir ser, no si, em íntimo, sempre a mesma pessoa? À vã fé, que, a ele, Pinho Pimentel, nada lhe ficava nem de relembrar. O mundo não muda, nunca, só de hora em hora piora. Tanto o incessar de culpa e ânsia proviesse de barafundamente mudarmos — mas não como uma criança cresce? Civilizado, apeara-se à beira de um riacho o Cidadão. Desvestidas as calças, acocorava-se na correnteza, a refrescar suas maltratadas partes. Durante mesmo o que, pausante, glosava: — *"A ordem por princípio... O progresso por base... O amor por fim..."* — ao marulho. Pinho Pimentel então ousou, perguntou: se, no estojo, já não acondicionava ele a primeira dúzia de diamantes? Se ria, fosse formando outro sentido da situação, com riso que já era, próprio, um lucro. Só se fez mais sério, com tique-taques na cabeça, o Cidadão, divagado respondendo: — *"Saiba... que de outra espécie de valor são para ser as nossas pedrinhas..."* — sem mofa. Pinho Pimentel mirava o riachinho, acima e abaixo. Não chegava a dizer-se o que em espírito não cabia calado. As mulheres — as que, nuas, alhuresmente, andavam por dentro de rio e córregos, descendo, se oferecendo — uma o homem viu e quis: ela se inteirava de grávida, ali mesmo deu à luz. Outra, fizera promessa de assim se sujeitar, patife, dias, meses, anos, para se apagar de algum interno orgulho? Também havia o caso de um garimpeiro aleijado, de muletas... De tudo se contava. Atropelados, agitavam-se, à tardinha, os animais, pelo atormentar das nuvens de muriçocas. Descaía Pinho Pimentel palmo o rosto, o corpo era-lhe um anjo-da-guarda. Para trás, queria não se rever, no deforme e rascunho, enredo[71] como um recado de criminoso. Arrimava-se agora a seus próprios ombros, como a uma ilha, a uma pedra. Para diante, faltava-lhe qualquer exato irrefletir. Mesmo carecia da ferramenta, furtada por seus camaradas fugidos, capazes, sim, esses, com já professado fervor de lavras em Minas e na Bahia. Mas trazia no bolso o papel de autorização, clausulado, dobrado cuidadoso, não conferido. Por que devessem vir a

viajar juntos, ele e o Cidadão, sobre tanto não se haviam estipulado. Parecia o futuro poder ser anterior ao passado, no Urumicanga? Nada valia nada. Isto é, anoitecia.

— *"Se vê: que um que apostado com a obrigação com a doença..."* — e — *"... é fácil que seja do coração..."* — dizia o Guia, aspirando asmático o relento, rude homem, enquanto o Arrieiro peava perto as mulas e o soldado Ordenança preparava o jantar. Dizia do Senador, que fizera armassem ali a pequena tenda, nela se recolhera. Também portava sem dúvida sua automática, uma *browning*; só a Pinho Pimentel ocorrera viesse essa pistola permanentemente vazia de balas. Aquele, a ver-se que porém submetido a porventuras, ou ao fumar de crenças: qual o tio Antoninhonho, indiático, fiado solerte em seu diamantezinho talismã. Mas, mais hábil arejando-se: — *"... no viver explicado com força... com essas instruções da morte..."* — terminava o Guia, a noite entrando por suas barbas. Falava ainda do Cidadão, contava: que, na principiada parte da viagem, os tantos criados e soldados tinham sido somente para atraso e apoquentações, adoecidos quase todos das noturnas umidades e friagem, com inchaço de juntas, febrentos e entanguidos, deles por suas mãos se vendo o Senador carecido de tratar. — *"Que o carbônio... carbono puro, cristalizado, cristalino..."* — assim, por remate, o Cidadão definira. Sagaz, no obstante, norteava-se por outro espírito de fatos o Grande Comprador, que enaltecia às pautas o Urumicanga, tal modo chiava fingindo cuspir, sentado, ajuntados muito para cima os joelhos, no tripé de couro, tossia que miava. Divulgara o Fecha-Nunca: de-todo-o-tamanho um barracão, recoberto de zincos, alumiado por esteios com lampiões — e que bancavam ali pavuna e roleta, truz que dançavam, a toques de sanfona, e desesperados sujeitos entre si desfechavam tiros, outros se suicidavam. A mulher, de exorbitante beleza, acendia, à distância, os gozos olhos de todos. Devia de, excomungada ou devota, pagar dízimos ao Padre? Sobretudo, a seu lado advertia-se Hermínio Seis Taborda, de revólver e rebenque, famoso autor de mortes, conchavando com os seus um partido político, traçavam de tomar um dia até a Capital do Estado. Dorido o corpo, estirado nos feixes de capim e em couro de boi, alargava-se o tempo, não vinha um momento. — *"... por fim? O amor..."* — pergunta melhorada na resposta. Pinho Pimentel pensava: que a Mulher, em que pensava, ele nem conhecia, jamais vira. Isto é, não pensava, não se ajudando de ideias, saturado de sobressaltos. Não-queria. Fadigava-o,

como doi e soi sempre, ter de espremer seu nada. Tremeluzindo-lhe em torno mil rumos impossíveis. O presente — a imperfeita simultaneidade. O diamante, que não encontrado ainda, pertencia a todos. A custo, o inevitável avançava. Assim, quando moço, homem em força, o tio Antoninhonho matara quantidade de índios, entrava a sertão para esse fervor de prazer. Agora, no hoje-em-dia do garimpo, buscavam-se diamantes até nos papos e moelas das aves do mato — do grande mutúm preto, pássaro engolidor de cacos e coisinhas brilhantes, que sabia achar. Ao passo que, os homens, na procura precisavam de aprender o teor do chão, farejando-o, de se provar e cuspir, amargado. *"... o mesmo carvão..."* As nuas mulheres... No recesso da barraca de campanha, deitava-se o Cidadão, com repouso. Teria o pequeno estojo à mão, e, na tralha, os trajes, a medalha de Comendador, em fundo de canastra. Só vale o passado? Ao inverso, paginoso, a esmo, o vazio, vivendo se fazendo. As pedras embaçadas. Assustava-o a memória, e Pinho Pimentel em luta adormecia. Só assim, e mais ou menos assim as outras, a primeira noite num pouso.

Senão se depois — seguiam-se dias, diziam-se indo — e de pavio a fio, iguais, os campos desertos, às oscilações na sela, os vagares. Orçava-se em redondo o Urumicanga, por sessenta léguas de diâmetro, seu centro no rumo e baixo curso do rio, de rosadas areias, ao longo. Aonde avistarem-se os aventurados traquitantes, que curvos, seminus, ativos sonhando, com alvião e bateia, a lavar ou revolver o cascalho — quer que suas ramadas, choupanas, calujes, tipoias, latadas, ranchos — além da transparência e sosseguidão silvestres. Sempre mais forte fatigado o Cidadão, sob o guarda-sol. Se elucidado certo para morrer, menos cuidava então do poder de fim da morte. Suspendia-se e atravessava-se, meio modo, com o mundo — e seu peso, base de mal, matéria de necessidade: o carvão, o *"carbono, a coisa do existir..."* — enrustido e escuro, fatal queimável. Ou o desfechar-se do diamante. Aquele, enviava-o o Governo, o Comendador, aparição pateta. Adoecia e adiantava-se. De feita, pareceu que ia agoniado traspassar-se, da dor que lhe apertava como entre tábuas o peito, transpirava por gelados poros, atochado ao nariz o lenço, formada a palidez nas faces. E já ele transluzia, assumia outro, levianíssimo prestígio. De o ter agora assim exatamente perto, Pinho Pimentel chamou: — *"Senhor Tassara!..."* — repetido, sem consentir de não continuar a encará-lo. Nem por isso sustaram a ida, enquanto outra tarde difundia-se.

Trazia o Senador numa pasta papéis do Governo, para expressas ocasiões, com timbre e lacres. Pinho Pimentel sofria — por não saudoso desânimo — trêfego em medo meandroso. Sua mão com a rédea era escura, a mais que tostada de sol, tinha ele também sangue índio. Agora, quisesse ou não, como um já vir de hábito, voltava-lhe a quase lembrança da ainda demasiado desconhecida mulher dona do Fecha-Nunca, ela se chamava violentamente Leopolda. Adiante, entre trechos, um bando de homens mudavam desviado o correr do rio, remexiam-no. Prometia-se o garimpo um apartado lugar, onde cada um fosse, a um tempo, rico e pobre? As mulheres — as que, nuas, dizia-se caminhavam por dentro d’água, descendo se oferecendo — numa daquelas um garimpeiro reconheceu, depois, parenta sua. Contava-se — o de se crer e o de que se duvidar. Andava por umas mil léguas quadradas, no Estado, a área dos diamantes? Além de que projetavam esmerar a mineração, com avanço e engenho de recursos, máquinas e dragas. Antes disso, o Cidadão ia, podia morrer, legalmente, num completar-se, de sobreato. No que dizendo “de outra espécie de valor” as pedrinhas que a serem da gente, apontara ao coração — onde a memória verdadeira se desesquece? Seu grande ganho, pois, cifrava-se só de coragem, de cor, de algum modo em oculto, quando enquanto. Tudo o que lhe faltava, a ele, Pinho Pimentel; nem mais se perguntava, contraindo-se-lhe como uma maxila de animal a consciência intranquilizada. Só o passado há — remoldável, gerador, coisa e causa? Súbito, achava. O garimpo — como se sabia ser e ouvia-se contar — não existia, no pego do real. Mas, chegavam. À brusca, rodeando-os um número de gente, o vozeamento, surgiam do meio de árvores. Ante a plana, grande casa, de madeira e palhiça, com varanda, o Cidadão mal podia apear, doente outra vez, não desamarrotado, frouxo nas altas botas. Amparou-o e empurrava-o Pinho Pimentel, rudemente, ainda que sem querer, um quanto malignante, à entrada. Trôpego, aquele avançou, aos bamboléus, nem fechava a boca, sobraçando a pasta dos papéis, achegava ao nariz o lenço, deixou-se estirado cair em rede qualquer, qual trapo. E. — *“Aqui — o Senhor Doutor Moura Tassara, Cidadão, Senador, Comendador — de mando do Governo — a Autoridade!...”* — Pinho Pimentel assomara-se a romper de o apresentar, aos que em redor, num arrogar de voz, tom extremo. Nem bem tendo de vexar-se do proclamado assim. O instante não era fugidio. O que pois.

Inesperada em tudo, a Mulher soltava-se-lhes ao encontro — rebolidos ríspidos os pequenos pés, o lisíssimo das botas, rijo o que do largo culote a estalar, os quadris, a blusa que os peitos enchiam — morena nem loura. Desprendia-se-lhe um sorriso, de veementes dentes. Vultos tantos em torno, os homens, prevenidos de rifles, o ar se turvando deles. Da rede, o Cidadão — seu rosto se cavou de retas — acenava a saudá-los, recusou água, desculpara-se do desusado prostrar-se e mal-estar; e de través pegando-se Pinho Pimentel aos reduplicados olhos da Mulher, em cujo acervo revezavam-se o fosco de fuligens e um a surtos brilho de chama curta. Hermínio Taborda estendia mão, de ver-se que regozijado do grau dos visitantes. Ali era quente a casa de Hermínio Taborda. Mas a Mulher tomava o pulso ao Cidadão, urgia lhe desapertassem a roupa, aplicar-lhe talvez sangria. Dela agradado, cativo a isso, não largava contudo o Senador a pasta e o pequeno estojo, para o qual tendiam punhados de olhares. Com crer viesse também a querer, roupagem e comenda, sua pompa de pertences? Desempenhava em todo meio-tempo o recorte de não recopiados movimentos, mas numa ideia geral de nada; do que de dúbio, pelo trivial, nem ele mesmo soubesse o transunto. Ajudado, abria a pasta. A bem custo assinava um papel. Perguntava pelos seus, os outros. De banda de fora, parara permanecido à porta o Ordenança, praça de pré. Acudia o Guia, amestradas barbas, a ter ordens. De que, depois de comer e descansar, partiria de volta, estafêta, sem extravio de momento, por Poxocotó, se sendo de ser, ou São João de Atrás-e-Adiante, a oeste e no sul, levava o papel com firma e carimbo antepostos, que em sigilo se selava. Pinho Pimentel consentia de sentar-se, em tamborete ou banco, por descorçoo, ente nulo, dali não podendo esmirrar-se aonde a que onde. Dos que em roda — as diversas pessoas dignas de apreço e crédito, segundo o razoar do Cidadão, — fazia-se o geral demasiado entendimento: seus jeitos espinhosos, seus zumbidos adequados. Impediam, indivíduos, se tomasse intacto um tempo tido presente. Só o crescer de momento contra momento — mas, como a se a crepitar, dali impossível, qualquer retroceder ou continuar. Repuxava-se propalado o Urumicanga, a fiapos do comum, depreendidos do proseado, no férvito da conversação. Rude por risonho, com careta e bafo, impunha-lhes Hermínio Taborda imediata hospedagem. Adiante, a aparecer, a extraordinária Mulher, de desenfrear desejos, ela que incutia lembranças não havidas. Senão que ali surgindo, desconjuntamente, em vulto, o Grande Comprador, o que se chamava o Sr.

Norberto, notório assaz, castigadamente magro. E viera, de repente, devagar, o Padre, carregava consigo grandes ensimesmos, pensava aqui o invisível de Deus em templo em imagem. De lá a apenas três e meia léguas, na barra de dois córregos, fundava o engenheiro Marangüepa sua fortaleza. Seria por explosões de pólvora ou dinamite, no cavarem as catas, o trom de estampidos, que a espaços se escutava. Citava-se, com chufas, o embuste de traficantes, decerto estrangeiros, que no garimpo pirateavam. Corpudo, pendurando par de revólveres, aproximava-se de quem quer um sujeito, dizia-se o Delegado de polícia de Santa Rita do Arapama, no outro Estado, dando por a abarcar sua alçada o Urumicanga improperava contra os crimes e fatos. Retrucando-lhe a Mulher, com palavras ressacadas. — *"Tem cada um o direito de viver e morrer do jeito que quiser!"* — esvelta furiosa, avantajava-a o ódio ou desprezo. — *"Se o Sr. quer logo ver, depõem a nosso favor o legal e a razão..."* — atalhara-a Hermínio Taborda, que reportava, advertidor, ainda que brando nas falas, artimanhoso. Abanava em mão um telegrama, do Rio, o aviso de que o nomeavam em breve Diretor dos Serviços Diamantinos. Receberiam todos então permissão de lavrar — com carta para tirar e pagar impostos. A democracia era para reger, tinha de ter pró, também na zona da garimpagem!... De mais dizer deteve-o o Cidadão, por dedo e gesto. Não falando, com acento bondoso, ele desempatava. Ficado em pé, na reconfôrça, no soforçoso, parecia fatal como o sol. Avocava a seu lado Pinho Pimentel, empurrado para saber, punha-lhe em trépida mão a outra via do expedido documento, como a contrafé de uma intimação. Sendo as suas palavras formais: que de plano exarara, conforme assim a exarar tinha jus, a provisão de Pinho Pimentel — para, com qualidade e em impedidos fortes casos ou o que seja, fazer-lhe as vezes.

Teme-que-temeria — que com dissipada sensação, de um evaporar-se e falso desmancho — entrefeito Pinho Pimentel não percebia aquilo como real, faltava a metade do pensamento. E decidia já o Cidadão que depressa dali saíssem, com escusas por mercês. Careciam de próprio acampamento, neutro, com trempe e fogo e leal candeia de azeite. Afiançava-lhes ainda Hermínio Taborda seus desmedidos préstimos — o Grande Comprador, finamente. As vozes se trancaram. Abriam-lhes caminho os homens em armas. Só retrocedida a Mulher, como os cavalos sabem olhar: com oitiva esguêlha. Assim agora — relancearam-se — no mesmo ar e respirar. Dali saía Pinho Pimentel com prolongamentos. Arrieiro e Ordenança tocavam

de novo o lote de burros e mulas, abalançando cangalhas. Imenso feio ora via-se o Fecha-Nunca, no centro do povoado — que nem um destraço de arraial, de nem ruas. Adiante de lá, por perto, teriam onde fixar-se, prontificava o Padre, colhentemente abençoara-os. No em que empilhavam-se os começos da igreja — o excesso de pedras e nenhum cimento. Num meio-alto, em rancho por dois lados aberto. Amontoavam-se albardas e fardos, e armou-se o barraquim do Senador, no lugar, de impossível amenidade, ao desabrigo de senha e sólito, fora de honestas consolações. Seu corpo se reduzia de toda gorda matéria, o cansaço do Cidadão era uma forma de exercício. Não o consultara, a ele, Pinho Pimentel, certo de que nada recusaria da vida. Não lhe obrigara a palavra. Nem tinha o ar de protegê-lo. Talvez sendo veneno o que preservava no estojo, nas finas ampôlas. Tencionava a todos ouvir, do Urumicanga, em separado e juntos, em assembleia! — *“Tenha-se, pelo Governo, a paz, debaixo da lei e da ordem!”* — trazia-lhes palavras. Entanto que Pinho Pimentel conseguia não recordar seus camaradas fugidos, escapuliam-lhe do espírito — e assim a fama dos avoengos índios e bandeirantes, o tio assassinador, a passageira fazenda, o laranjal dos soldados. Sumiam-se para trás, numa poeira profunda de escuro. De onde, alva, fácil reaparecia, leopolda, a Mulher. Também a Mulher tinha revólver à cintura, igual a todos ali, prontos a qualquer simplificado ato. Sozinho, entre eles, via-se Pinho Pimentel, via. Menos que a figura de um garimpeiro, nu, lavando ele mesmo os farrapos de roupa, à beira do rio, sofrido, esquálido, estafermo, mas só o membro viril acima apontando, o pênis, arreitado, enorme. Sozinho, entre o antes e o depois, como o sol se punha: amarelo em amarelos. Como o Cidadão conservava, em deformada visão, ainda a cara muito redonda. Sabe-se o que, demais do tempo, entre si traçam os dois ponteiros de um relógio? Nenhum fazer é nosso, realmente. Todo movimento alonga um erro, quando o intento do destino não decide. Nem o Cidadão acertava, quando refletia. O garimpo era o reino da impura sorte.

Nem menos lhano os recebeu o engenheiro Marangüepa, desde as aparências, por detrás de teodolito e do que semelhava uma bússola prismática, no quadrado de sua choupana de sapé e palha. Suposto espiasse, por em paz espécie de vigilância, o trânsito de figuras no ar e infinitas numerações. Tirara o chapéu de largos bordos, mas não discutia o cabimento de suas ideias. Tratável, benévolo, reclamava repartir entre

todos o Urumicanga, firmar novo regimento, uma cooperativa de garimpeiros, possear no vale de rio e córregos, léguas em longo, as omissas terras. Seguiam-no muitos, com crença, não cedia dessa pleita. Aprumara picota de pelourinho, à antiga, e fuzilava ou comandava enforcar criminosos; a uns, porém, réus limpos, a seu ver, protegia e livrava. O que queria — era emendar o mundo, decisão de trovoadas. Predizia-o, d'ora-a-fim, destorcendo a grande cabeça, sua fala entre grades da fria fantasia arrastada, premida pelos dentes. Romper havia, de guerrilhear, por fogo e morte. Considerava-o a fito o Cidadão, a olhar através do outro, mirava imagens da lei e da ordem. — *"Vou, irei, meu Senhor. Eu. Irei. Vou..."* — Marangüepa respondera. Entre os dois se passasse algum agrado de companhia e esconso acordo: ainda como desencontradas metades de uma ponte, que no meio do rio mais se desapartavam. Nem isso tendo de importar. Ninguém, em verdade, se entende. Todos, mais ou menos, se adiavam.

Não no não-adiar do Fecha-Nunca — no todo orbe da noite — fôro de trementes danças e arrumadas luzes. Imaginada nele imperadora a Mulher; a estragar-se esbraseadamente, com rigor de audácia. Calado demasiado, alongado, gritando quase seu pensamento, vinha ali buscar esmolas o Padre, por um girar de virtude, casto como a cor da chuva. Não Hermínio Taborda, que de lá não se aproximava. Também, que a trezentos metros, em plana distância, operava o Grande Comprador, na área de oportunidade. Sob frouxa cobertura de palmas, tinha de ter seu posto, com perigo e prêço, em quadrilongo buraco no chão, que nem uma sepultura: do jeito, somente, podia estar a salvo de qualquer bala perdida ou tiro cego, dos que no Fecha-Nunca não cessavam de confligir. Deitado, profundo, tendo ao lado o vidro de bocal e a balança granatária, encaixada a lente-monóculo, empunhando o revólver, assombrava, de requieto, jazido, o animal inteligente, já no subsolo, febril no fato. Esperava em ordem a atender os que urgidos viessem, vender-lhe os diamantes de boa qualidade e forma — traziam de oferecer. Desferia arriba o facho da lanterna, seu olhar vinha à tona. Tossia de gato, tinham-se-lhe crescido os olhos, por magreza. — *"... pagam, repagam..."* — e levava um dia a concebível pedra, para Antuérpia, para Nova York. — *"... negam, renegam..."* Nada queria com a política. — *"A vida é curta..."* — disse blasfêmia com que caluniava o mundo. Mas respondera. — *"Irei. Vou.*

Não há mal...” — mentisse: — *“Falando é que as pessoas se entendem...”* Apagava de repente a lanterna.

Tanto então a outra noite, Hermínio Taborda a sair com seu intento, com cor de amigo, convidara-os, ao Cidadão, a Pinho Pimentel, servia-lhes vinho em cálices, descia a rebuço de franqueza, chegava a lastimar-se de pequenos males. Estando lá a Mulher — Leopolda, o nome, subitamente — de preto, os olhos mais denegrindo-se, a reflexos, no contrastar de facetas, em bruto e a talho de luzes e lumes. Ela era a de Hermínio Taborda. Pretendiam ambos, a pó de chicana, ter de sua mão o Senador, afetavam própria calma. Tinham também chamado o Padre, sábia soturna a batina, de muitos vazios bolsos e em remendos, dava coonesto viso à casa. E que aguardava, agudo, do demorar dos outros, o Grande Comprador? — na pressa, não de acertar sempre, mas de nem deixar durar qualquer erro. Semostrada, às molas, às sequências, a Mulher, pojava-se numa cerrada fatura de si, faltava-lhe por certo algum qualquer temor, indomável devia de zombar do que falava, de seus próprios pensamentos, ria a risada mais cantada. Pinho Pimentel rápido desfitara-a, queria-a antiga no seu conhecer, no mero possivelmente. Nela gostaria de buscar o contrário de quase tudo. — *“... Título definitivo, pago, conforme o Regulamento de Terras...”* — e Taborda desdobrava os dez dedos, como pernas ou palpos. — *“... Inventor de impossível erronia, e a toda autoridade negando respeito...”* — falava do engenheiro Marangüepa, inesquecível, mordia-lhe roxo o fígado, o macio do ventre. O Cidadão assentia ao que ouvia? Marangüepa, o louco, de dever ser destruído, competia isso ao Governo. — “*Ajudaremos...*” — assim arredondava Taborda o envolver de gesto. Debruava-se o Grande Comprador, múltiplo, em foco de malícias. Redizia: — *“Lapida-se o diamante com o próprio pó...”* — atento a cada sutil oscilar de efeito. Taborda acariciava as mãos da Mulher. Traidor era o Delegado de Santa Rita do Arapama, que para o engenheiro Marangüepa se passara! Versassem-se céleres os assuntos, muito junto a Mulher, impalpável, respirável. Defendia-se Pinho Pimentel, de árduo, de sua natureza, sentia-se capaz de gozo e escândalo. Taborda tirou da algibeira um baralho. De entretruque, súbito, misturava as cartas. Que parava o Senador? Ele, Taborda, aceitava de apostar, à cega, contra aquele esquipático estojo, ninguém prevendo o que continha. Trapaça. Todos, procuravam-se as pupilas. Da Mulher, nada, além do muxoxo. Mas o sorrir, o pez dos olhos, roçaram em Pinho Pimentel, agora puxavam pelo

Cidadão, consabido homem de grande ser, entorpecido. E o momento era muito singular. Taborda golpeou com punho fechado, sua outra mão alisava a mesa. Estaria ele envidando os proveitosos encantos da Mulher, que vinda de entre sonho e cinema, despontada menos de carne. Contudo, assentia o Cidadão, não desmerecia de nobreza, nada se encurtara em suas prezáveis feições. Valesse ela mais que os urumicangas diamantes e brilhantes, que todas as reais pedras coradas. Deixava de retirar-se o Padre, para limpar-se das circunstâncias, temia ele toda alheia falta de paciência. Agora que crer que o Grande Comprador tossisse contra o silêncio — como jogar é aferir o que em profundo alhures já se fez, no alto escondido. Cheirava, de repente, etéreo esquisito o ar, a fruta madura. Aquele silêncio não descobria o Urumicanga, não era sem possíveis milhares de palavras. E ganhava o Cidadão, levava por encargo. Taborda perdia, de entortado propósito? Mas o Cidadão mostrava aberto o estojo, mas que não iria mais servir — o remédio, que, sob prêmito, tinha sempre de se propinar, no agarro da morte, à ânsia da dor, de salvadoramente aspirar! Por querer, partira ele as derradeiras finas ampôlas amarelas, condenara-se a isso, escapava ao caso. Devia de recordar-se de certezas importantes. — *"Tudo é fato natural..."* — disse, desculposo, e Pinho Pimentel precisava de o ouvir mais. Só, segunda vez, o duende de tipo, o Grande Comprador, apanhava o estojo, com manigância, para se certificar. A Mulher, a diverso tempo, a boca, de arqueados cantos, suas lúcidas faces... A Mulher, então. — *"... ou essas raparigas, que descem rio e córregos, às três três trinta, nuas maltrapilhas..."* — com estreita voz Pinho Pimentel tinha falado, como se de havia anos e séculos, quase cuspido, seu desdém se desfechara, rasgava o imaginar-se. — *"... aquela fácil matéria fatal..."* O que fora — antes, ou depois? Revel, numa suscitada, pegara ela os espinhos disso, rodava a cabeça — enxergava-a Pinho Pimentel, no aturdimento, conforme seu sangue e veias, balbúrdio o coração — serpentes os cabelos, as pupilas gradeadas. Ferida, prorrompida, dita uma hedionda praga, ela despia-se?! Tirara a blusa. Desnuda, a partir da cintura, afirmadamente — o primor: axilas ruivas, o colo, busto, os acintes seios sem arrefecimento, como se debaixo de todo carvão vertigens brancas regirassem. Toda — como se toda nua — nua como uma navalha? Andava pela sala. Só com palavras de ponta, de em ouvidos arder, dizia era o que ultrajes. Hermínio Taborda estrincava os dedos, num não ver-se amarelar, no ver verdoengo, cravado nos beiços o

praguêjo — ela mandava nos demônios dele. Desentendidiços, fechavam-se, quer que distantes, os outros, de entre em torno, à chaça. Rearrumava o baralho de cartas, apenas com a mão esquerda, o Grande Comprador, de pedra a ponta de cada dedo. Ao Padre, a boiar-lhe abaixo o queixo, secas as mãos — não seria testemunha, enquanto dela só a ver o lustro das botas, dos canos das botas, pretas, cabedal de fino acabamento. Reconcentrado e idiota o Cidadão, cor-de-rosa sem ser calvo. Doestando-os, em desafio, estacara a Mulher, chamejou pelos olhos — e era esse o seu condão: desde o vértice da cabeça toda pundonor! — de mão à ilharga. Que modo seguir-lhe, a léu de labirinto, o desmandamento, o perpetro disso mesmo, um ato e alma? Tinha de inviolável. Soluçara curto. Desatreveu-se. Seu em-riste ódio deu em Pinho Pimentel: no em que o fitou, quiçá triste, como se não pensando. Voltava-se para o Senador: — *"Sou a mulher de nenhum próximo!"* — a chispas sílabas. Estendia-lhe porém Hermínio Taborda o trapo negro de blusa. O Cidadão: — *"Verdade e meia... A vida... minha filha..."* — opinou meramente. Mas foi Pinho Pimentel quem se levantou primeiro, o Cidadão imitou-o, para saírem, ainda que a um e outro envolvendo-os o crasso pegar do ar, a fumo de enleios. Encarou Pinho Pimentel a Mulher, última vez, difícil retendo-a. Tudo era cedo ou nunca ou tarde. — *"Pois, decerto que vou, com prazer. Irei. Poderemos combinar..."* — agora Taborda saudava o Senador, confirmava calmo seu anterior assenso. A Pinho Pimentel, mais disse: — *"O Sr. também é pedrista, e requereu lote para minerar, tem a autorização de lavra na carteira..."* — à brusca, indigitando-o, sem retardo nem disfarce. — *"Rasguei-a, faz tempo, sim, senhor..."* — Pinho Pimentel retrucou, sincero a ponto de engasgar-se. Menos ainda soubesse o que o fechava em comum — com o Cidadão, com todos, com a Mulher — no seguimento das palavras, da vida.

A morte do Cidadão foi no súbito dia seguinte. Concluído, achou-se, complexos em capas concêntricas os olhos inúteis, o rosto branco de queijo fresco, de alvo a que a flecha chega. Seu estar parado era o contrário do repouso. Seguramente se movera, antes de um pontuado final, fora do encaracolamento, mas com um quase afirmar. Depois de fazer passado. Trajadiço — a gravata larga, colarinho engomado, colete de seda — e agraciado vivaz de Comendador, mas magro enfiado de todo nas botas ora mais longas, enterrou-se, em velha cata mui vazia. O passado — patrimônio — do qual outro futuro se faz? Da ordem de trovões, canhões,

os estrondos de dinamite ou pólvora trabalhavam a toda distância, por volta desse intervalo. Qualquer teria sido o seu minuto, o de ante a morte. Do que dele, Pinho Pimentel guardou para si apenas a pistola, sem pente de balas. Nada daquilo parecia suficiente previamente preparado. O que era a realidade ao nascer do sol. Urgia-se.

No em haver o que, a certeza confusa, de dizer-se, de esperar-se. De que, sem cessar, se recomeçava. Nenhum podendo interromper seu ser e viver, o suscitado agitar-se. Taborda, e os seus. Ou o Delegado do Arapama, que traria bando, já contra todos voltado. Mesmo novos grupos formando-se, do desarrazôo do garimpo, com carabinas como com o almocafre e a broca, a todo repentino tempo e de cada qual parte. Apaniguados do engenheiro Marangüepa desatariam o ataque, por detrás daquele acontecer. Pinho Pimentel hesitava diligentemente. Precisava de pausa. Tendo de, em posvinda manhã, avir-se com aquadrilhados e chefes, em aberta reunião, da qual provável de renhir-se o trava-contas, dadas largas. Quisera-a o falecido Senador, e cabia de cumprir-se, segundo seu extravagante parecer, nulo como o legado de coisa de outrem? Movido de nenhum modo, havia que coobrigado decidir-se — a duros ombros, no pêndulo de alheias pendências, feito o indêz, ôsso entre cachorro e cão? Acerto ou erro seu, por igual, apressariam na necessária desordem o Urumicanga, lugar incomum, de onde ainda ninguém tinha saudades. A Mulher — a Afastada. Por ira, a Mulher instava o Fecha-Nunca a ainda maior ímpeto de músicas e danças, que todavia o vento como doçuras propalava. Amiudava o atormentar dos mosquitos extraordinariamente. Impedir a guerra? Trazia água o Arrieiro. O soldado Ordenança preparava o jantar. Valendo melhor escapos andassem, quanto antes, drede direitos, a longe e mais longe, trás ocas terras em brenha em ermo, por Poxocotó ou São João de Atrás-e-Adiante, ao sul, a oeste, se sendo, aonde atual chegava o Guia, a contemplar o Governo — a necessária e intacta Autoridade. Sem fazer delongas, livre partir, também, trocando fim por princípio, ganhar aragem. Reler o papel — que o nomeava o que não era. Pinho Pimentel, descidas pálpebras, não sorria, não dizia. Sumia-se em si, parado. Estirou uma perna.

Moura Tassara, o Cidadão, morrera muito meticuloso.

Sob cautela, vindo o Grande Comprador... *Sair dali, agora, era a morte, sem falta...* Nada. Em cada canto, armar-lhe-iam exatas tocaias. O garimpo não perdoava os não julgados. Segredador, os olhos viam demais, os

braços remexentes faziam-se um comprido excesso, sua voz eram coisas diferentes dele mesmo. — *"O Sr. se afirme, represente... O Sr. é o Governo... O Sr. é o Urumicanga..."* Mas tateava o revólver. Suspirava. — *"Comunique-se com Cuiabá. Têm de remeter reforços. O Sr. faça tempo... Safo, mandar vir, já, da fazenda, o pelotão de soldados..."* Negocioso, tossia, nervoso, pendurado de cordões, o duende de tipo, a todo tempo a descrucificar-se. — *"Comunique para Cuiabá: que o Senador foi assassinado, envenenado..."* Sempre concebia renovadamente o mundo dos diamantes: — *"... Pôr em arranjo de lucro o Urumicanga... Comunique para Cuiabá. Abrir uma coletoria... Polícia... O progresso..."* — a impura mentira. Podia-se apoiar no atilado, esperto propósito daquele, com prometimento, com espera de esperança. De cavanhaque, mesmo a barba toda já recrescida, feia cheia preta. Súbito, mudava, temeroso: voltava a ser uma infinidade. Se arredava.

Pinho Pimentel erguia-se, em nome do Governo.

E revestia-se abotoado o paletó, aposto, acertava com a mão o cabelo, tomava o ar, entufado o peito, retesava-se. As estradas para ele era que para trás se negavam, impedidoras. Talvez mesmo o Guia, barbudo caído com as febres ou assassinado pelos índios, nem tivesse tido caminho, oxalá achasse. Sorte era ir-se voltar para o estrangeiro, não em vinda e fuga. Mas o extenso do garimpo, amanhã e mais, era o fato, espantoso, sendo a claridade do ar sempre na verdade escura. O excesso de justiça, sem simultaneidades. Todos ali nem se sabiam ser de repente extraordinários, com guardado explosivo valor, para proezas? Ia falar-lhes — a eles, os disparatados. Imitar o ilustre. Suprir o discurso, expulso de toda fraqueza. Podia golpear a martelo todos os diamantes do Urumicanga! Mulas e burros pastavam. Mal e mais, já uns homens se mostravam, por certo receosos da fome, prontos para a fortuna, espiavam de longe. Deixavam passar o Padre, que lhe oferecia sua proteção, de Deus, até que o Governo aqui se apossasse real do povo e chão, construíssem templo: no Urumicanga, uma igreja era a Arca. A Mulher — belíssima de antolhar-se... Nem mais lhe tirava a respiração, não lhe obrigava o pensamento. Regalava. Jamais poderiam juntar-se, seus passados? Mas a Mulher fora de campar, mais forte que todos, na enormidade de gesto, perante. Mandava o recado, que não viria, senão nos sons do Fecha-Nunca, e não pousando. O quinhão de que capaz. Todos — não sabiam que eram heróis. O Ordenança e o Arrieiro, que se pertenciam,

que calados e armados. Ordenava se fossem: de vez, embora viajassem, profissionais. Iam-se, no dia de poeira, suas cabeças muito balançantes, levavam o que não se sabia, apagavam um pensamento. O lugar agora era sozinho. Trouxera-o adormecido o Cidadão, ali dormindo o colocara? Mas o problema era de outro tempo e lugar, o Cidadão morrera e errara. Ou que problemas não se resolvem — de algum fácil modo desfazem-se, senão mudam de enunciado. Duvidava de leve. Tardava o qualquer momento. Havia um antemão, o forte futuro imediato! A gente podia acocorar-se, ao crepúsculo, adquirindo paixão. Vão céu, véu, estrelas irreparáveis. Anoitece, sem começar; como é que a noite não é sempre uma surpresa?

Aproximava-se um homem, no escuro, segurava uma lanterninha. Trescalava como um velho bicho, a azedos. Vinha já como se para matá-lo, ou ofertar-lhe algo? Não, o homenzinho pobre pedia-lhe uma aspirina. Desaparecia, com pouco, no mundo de carvão, sua pequena lanterna diminuía, como um pirilampo. Com fé: que os diamantes. O Urumicanga, enfim, onde os sêres se encontravam, nenhuma ordem a aí introduzir-se. Por que não ficar, apenas, permanecer, simples como uma criatura de si, um sujeito garimpeiro? Muito sabendo e tudo sentindo, isto é, jamais em salvo. Vindos os chefes, o estardalhar de armados, à discussão, homens obstáculos. Intimados à trégua, que ver que a recusavam. Temiam o exato e o imutável. Qual a força, para concertar as de tantos — desmedidas ardentes paixões, atos desmembrados — como um rio se desvia de seu curso? A existência da Mulher era uma não esboçada resposta. Só ele mesmo, porém, era a proposta questão. Em si, em gerido íntimo, queria o minuto, cada um, vivido certo pontualmente, o minuto legítimo. Ninguém podia ter menos que a riqueza. E — que lhe deixara o Cidadão, criador de antepassados, seu perfil de paz, nas longas botas o putrefato? Imagem, a imagem, breve retrato, que podia erguer um sentido, o revirar de verdade, à porta. A morte — escurecer-se de contornos — mas, em algum outro adiante dos horizontes meros, referiam-se, como em côncavo de mão, o esmerado sucinto, de esquisita invenção, sangue de lembranças — dádiva e dom —: as pedrinhas sementinhas estrelas. Tudo é particular. Desprendia-se de qualquer pensar ou entender, como de um livro, a qualquer página, relido, lido. Reverenciava-o, no tontear de ar, num dobramento. Toda lição, primeiro, se faz uma espécie de cilada. As derradeiras ampôlas do estojo. Sendo que bastava um conjuro. Sob o quente ímpeto, moto próprio, pronto, sem nenhuma cautela, como quem

retifica o foco de um binóculo. Tinha de poder ser, apenas, um pouquinho mais que o nada, que o obscuro da coisa viva. Temia resolvido. Feito o índio, adornado, nu, prisioneiro a uma árvore, a afirmar-se até ao momento, úmido não de orvalho sim de suor. Arrancou-se a aurora.

Fechara-se para aquilo o Fecha-Nunca. Seriam seus amigos os do Urumicanga, ainda de brinquedo — em transformação de personagens Pinho Pimentel entrevendo-os — coincididos com o seu absolutamente sobrevir. Saudava-os, por praxe, gente em soltura, figuras simplificadas, para um vômito ou para um enigma, no centro dessa incoerência. Iriam agora escutar, a baque, ferozes boquiabertos, sua palavra, que nem ele soubesse qual, de norteio? Descarecia de relancear à volta a vista, para deles saber. Adivinhava-os. À Mulher, rente defronte, em súbito respeito de ouvi-lo, com uma mantilha sobre a blusa, e nele postos os olhos, matéria de fogo, jogos, as ilapidáveis pupilas; percebia-a puramente. Às reles, pobrezinhas meninas longínquas ninfas, as que por dentro de rio e córregos desciam e se ofereciam, o diabo delas. Valesse-lhe, o quê? Nem que, de pronto, aportoso, ressurgisse, do ponto de perdido remoto, da inesquecível casa da fazenda, mais todos os soldados, batalhões, o tio Antoninhonho, farrusco, mascarro aumentado de corpo e de rosto suas graúdas orelhas, o medo ao próprio sangue índio, o diamantezinho de dar sorte, e num rasgar de voz, os núveos olhos quase de cegueira, pronunciasse vitória, com o fôlego mais forçoso. Sabia que iam disparar-lhe, tinha a certeza, tiros, bravios gritos, estampidos, crivando-o de balas. Só esperavam que começasse, abrindo parvo a boca: nenhuma verdade ou fórmula ou norma falasse. Sua consciência entradamente se apalpava, pormenor e peripécias, vontade, peso e acaso. Sem asco. Precipitavam-se o antes e o depois. Fechou-se o círculo. Nada devora menos que o horizonte.

Por maneira que nem se sentia. Muito. Não teso. Um último gesto — e transmitiria o choque de um sentido, para trás, veloz, até ao mais distante, refazendo o rascunho todo do passado. De dizer-se, por exemplo: — "*O amor... ao fim...*" — e já relembrante. Tudo decorre alheiamente. Tomava alguma coisa para si, um grão, quase quarto de quilate. Nem trouxe a mão aberta em concha ao peito, não precisava. Apontavam-lhe, de uma vez? Um transprazo. Comichando-lhe, no momento, a cara e uma perna, e, entretempo, faltava-lhe tempo para atender a isso, César Pimentel deixava de coçar-se. Desempenado, alto, sutil e estouvadamente pronunciou, a

qualquer frase que bastasse: — “*Em nome da ordem e da...*” — para lá do ponto.

Ave, palavra

Nota da primeira edição

Paulo Rónai

Após *Estas estórias*, eis outra obra póstuma de João Guimarães Rosa.

O original, deixado por Guimarães Rosa sob o título *Ave, palavra* – título este escolhido por ele e destacado de uma relação ("Tabuleta") de treze outros [72] incluída no volume — reúne trinta e sete textos retrabalhados pelo autor e considerados definitivos.

Guimarães Rosa definiu o *Ave, palavra* como uma "miscelânea", querendo caracterizar com isto a despretensão com que apresentava estas notas de viagem, diários, poesias, contos, flagrantes, reportagens poéticas e meditações, tudo o que, aliado à variedade temática de alguns poemas dramáticos e textos filosóficos, constituíra sua colaboração de vinte anos, descontínua e esporádica, em jornais e revistas brasileiros, durante o período de 1947 a 1967.

Ao volume preparado pelo Autor, achamos devessem ser anexados ainda outros textos que Guimarães Rosa selecionara e começara a retrabalhar e refundir para *Ave, palavra*: nove deles também publicados em periódicos [73] e quatro inéditos [74].

Na ordenação das peças — guardadas na pasta dos originais em ordem casual, na medida em que iam sendo datilografadas — procurou o organizador aplicar o critério que seria o usado por Guimarães Rosa na composição dos seus demais livros. Segundo a informação de D. Maria Augusta de Camargos Rocha — secretária e amiga do escritor, a cuja preciosa ajuda se devem os dados indispensáveis à organização do presente volume — ele alternaria temas e gêneros variados, textos mais curtos ou mais longos, poesia e prosa, narrativas e cenas dramáticas, procurando realizar assim um conjunto harmonioso para, fugindo ao monótono, manter alerta e prisioneiro o leitor.

O livro deveria terminar por uma explicação: "Porteira de fim de estrada", que não chegou a ser escrita.

Em adendo, cinco crônicas, das quais quatro já publicadas em jornais, [75] foram acrescentadas a este volume, embora não tivessem sido

a ele destinadas pelo autor. Faziam parte, ou melhor, eram o *indez*, segundo expressão mesma de Guimarães Rosa, de um “livrinho” que se chamaria “Jardins e riachinhos”.

O lugar e a data da publicação estão assinalados no fim de cada texto.

Algumas notas manuscritas do autor, que representam opções, estão reproduzidas em pé de página como “variantes”.

Com esses esclarecimentos indispensáveis encaminhamos mais esta mensagem de Guimarães Rosa a seus fiéis leitores. Ave, palavra.

Rio de Janeiro, 27 de junho de 1970.

Advertência da segunda edição

Paulo Rónai

Esta segunda edição permitiu-nos escoimar o texto de certo número de erros tipográficos que lamentavelmente se infiltraram na primeira. Aproveitou-se a oportunidade para o cotejo com uma segunda cópia, também revista pelo autor. Daí algumas variantes assinaladas ao pé da página. Por outro lado deu-se a certos escritos, de caráter nitidamente poético, disposição tipográfica exatamente igual à pretendida pelo autor.

Houve uma ou duas alterações na ordem das peças, sempre com intuito de maior fidelidade. Suprimiram-se, afinal, as datas das primeiras publicações no fim de cada texto, para retirar ao volume uma aparência excessivamente filológica e torná-lo semelhante às demais obras do autor.

Ainda que não seja esta a edição definitiva — falta, para tanto, o cotejo com outro original, por enquanto não localizável — decerto merece os qualificativos de “revista e melhorada”, graças à preciosa colaboração de D. Maria Augusta de Camargos Rocha, a quem mais uma vez agradecemos.

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1976.

O mau humor de Wotan

Hans-Helmut Heubel relia a Cabala ou a Bíblia e cria num destino plástico e minucioso, retocável pelo homem. Por saudade, com isso me ponho em remontar à causa ou série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E retorno a Márion.

Márion Madsen, gentil afino de origens — alemã, dinamarquesa e belga — foi rapidamente quase minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, em 1938. Maduros os morangos, tendo flor os castanheiros, já se falava com ira na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mas os jovens casais remavam seus barcos para debaixo dos salgueiros-chorões, paravam por lá escondido tempo, só saíam para se encostar no cais da Uhlenhorster-Faerhaus, onde garçons de blusa branca serviam-lhes sucos de maçãs e sorvetes, enquanto a orquestra, ao livre, solvia Wagner e Strauss. Mesmo assim, Márion, loura entre canário e giesta e mais num *tailleur* de azul só visto em asas de borboletas, hesitava em ceder primaverazmente às gratidões do amor.

— "Vou-me casar e ter filhos..." — prometia.

— Para obedecer ao *Fuehrer*, Márionchen?

Tão graciosa que fosse, os olhos pegavam seriedade gris demais. Levou minuto para responder, e dava:

— "O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política..."

Não se podia insistir. Márion furtava a mirada, e tornou a mencionar casamento. Casou-se, dali a mais de ano, quinze dias talvez antes do ataque à Polônia. Passou a ser *Frau* Heubel, mulher de Hans-Helmut. Do modo, por falho namoro e pela forte camaradagem seguinte, vim a conhecer um meu amigo, que a Europa me descobriu.

Conseguiram eles do *Finanzamt* algumas divisas, e foram para lua-de-mel em Bruxelas. Estavam em paz por lá, durante Mlawa, durante Kutno e a destruição de Varsóvia. E nisso houve qualquer lógica recerta, porquanto Hans-Helmut formara-se o menos belicoso dos homens, nada marcial, bem mesmo nem germânico, a não ser pelo estimar a ordem em trabalho

contínuo, mais uma profundidade nebulosa no indagar a vida e o pausado método de existir.

Nos gostos, porém, tocavam-no subtilidades de latino: de preferência ao sólido, escolhia o leve e lépido, o bonito; aconselhava Márion a maquilar-se; e, sempre que vez, como tradição, baixava à Itália amada de Goethe, de Teutos e Cimbros, para comer melhor e tentar esportes de inverno, entre as mais formosas mulheres do mundo, em Cortina d'Ampezzo.

Ao voltarem a Hamburgo, a Polônia estava finda. Falava-se na paz, o povo sonhava paz, e Hitler, pairando em Berchtesgaden, intuicionava sua paz forçosa.

Hans-Helmut apresentou-se, mas não o recrutaram: aguardasse convocação. Em feito, a sorte com ele trabalhava; e que a merecia, a mais de entreter a certeza íntima e preconcebido otimismo — meios que põem em favor da gente o exato destino correto.

Por todo o outono andávamos, e velhas eram nossas conversas. Meu amigo tinha sensato interesse por tudo o que do Brasil, e eu votava-o a um dia para cá migrar, dono de qualquer fábrica, de bebidas, por exemplo. Então ia-se a outra cerveja e entrando pelos grandes universais assuntos. Fora uma judia a derradeira amiguinha de Heubel, que, e pelo dito, não simpatizaria com o Partido. Mas Márion, romântica, tonta e femininamente prenhe de prudência, experimentava aos poucos trazê-lo à linha de *heil Hitler* mais enfático. Minha aliada era a mãe, *Frau* Madsen, que me fazia repetir, seguidos, cada discurso de Churchill. Lutava-se, em sinuoso, pelo direito de uma alma, nos amáveis serões em que brincavam-se adivinhações inocentes ou se jogava o *skat*.

Por contra, Hans-Helmut depressa converteu Márion à sua essencial filosofia. De maneira, ela menos se acabrunhou, quando o chamaram enfim à farda, em dezembro.

— "Nada lhe acontecerá..." — recitava, sacudindo a amarela cabecinha, sorrindo assim e parda-azulmente nos olhos. E foi despreocupado que Hans-Helmut partiu, envergava o *feldgrau*, plantado nas grandes botas de campanha; só com sombra de prévia saudade, decerto.

O inverno de 1939-1940 foi muito. Passeando em cima do Alster gelado, Márion contava-nos do marido. Não era a vida cômoda, no acampamento de Münster, onde metade da tropa adoecia de pneumonia ou gripe, enquanto o resto se adestrava sem cessa, suando a se arrastar na neve, horas, a 30º sob zero, naquela charneca de Lueneburg.

Mas Hans-Helmut se colocara, por poder de sua estrela: distribuído ao Estado-Maior da Divisão, dobrava funções de chofer e dactilógrafo. Escapara então ao rigor do *drill* prussiano, e ganhava número de probabilidades para sair vivo do comprido da guerra, chanças e estrapaças.

Isso, aliviava-nos, porquanto Heubel míope e de medíocre físico, com lentes grossas. No escritório, sim, agradava imaginá-lo, sua prezada silhueta mercantil-metafísica, acudindo à palavra "burguês", mais vivo sublimada, no que seu sentido tenha de menos obtuso.

Mas, passaram o frio, o inverno, pela Lombardsbruecke trens com soldados, os dias de Oslo, Narvik e Lillehammer. Vezes, mesmo Márion sabia de nada. Só que Hans-Helmut vivo, com saudade e saúde. Não esteve na Noruega. Esteve na França. Depois de *blitz* e armistício, dele tivemos carta.

Achava-se aboletado, cerca de Chantilly, em castelo, onde havia um parque ameno e infindáveis vinhos, adega soberana. Eram cartas vagarosas, graças, inclusive, a crescente amor pela França. Recomecei a aceitar sua tese: Hans-Helmut não dava, no coração, mínimo pouso à guerra, e pois o destino fora da guerra o suspendia.

Quem irá, porém, esmiuçar o grão primigerador, no âmago de montanha, ou o nó causal num recruzar-se de fios, dos milhões desses que fiam as Nornas?

Porque todo minuto poderia ser uma origem.

Por caso, talvez, aquele em que Márion conheceu Annelise. Difícil, mais, todavia entender: por que teve Márion de vir a conhecer Annelise? E entanto tudo se veja começado descuidada ou deixadamente, em Heubel mesmo — para aceitarmos sua crença pia.

Annelise, tão amena quanto Márion, era mulher do Capitão K., também hamburguês, também na França, em Chantilly. As duas se fizeram amigas; cartas vindo e indo, Hans-Helmut e o Capitão inteiraram-se amigos, talmente. Eram, bem, da mesma idade, as esposas tinham achado a fraternização, e mesmo não seria isso incomum, nos exércitos do II e ½ Reich. Mas, pois, decorreu que a 117ª Divisão retornou a Hamburgo, para casernar, enquanto nós, nós outros, chorávamos ainda a França, e a Luftwaffe quebrava o seu martelo na bigorna inglesa.

Hans-Helmut voltou corado, mais gordo. Sentava-lhe razoável o uniforme, realçando o ar de bonomia clara, que fazia a gente gostar mais dele. Trouxera, além dos presentes de Márion, um corte de pano para

smoking e dúzia de garrafas do bom borgonha. Trazia também a França. Sim, requintara-se, em várias coisas.

— "*Les Français, vous savez... Tja, die Franzosen...* Sabem beber, inventaram essa arte... Um cálice, antes do jantar, *l'apéro, un verre...* O conhaque, à noite: *Encore une fine! Prosit, ma p'tite!* " — tocava copo com Márion. — *"Tu es pas mal... Je t'aime..."*

Contava que, em Paris, duas mulheres, sorte de elegantes, o tinham convidado, juntas, para hora íntima.

— "*Doch!...* Acendi um cigarro, *nongschalaantmantt...* E respondi: — *Oon leh vverrá... Oh, douce France!* "

Márion sorria, segura de sua estricta lealdade nórdica. Os dois se namoravam, quais e quando. Aí alguém perguntou: — *"E a guerra?"*

Heubel endireitou o busto, alisou devagar a túnica, sério desesperadamente.

— "*Gut...* nossa Divisão vinha na retaguarda... no caminho quase não houvera combates... *So war's...*"

De fim, pimpou na ponta do nariz um dedo, por engraçado trejeito remexendo os lábios.

— "Da guerra, vi apenas cavalos e cachorros mortos, felizmente..."

Nunca o notara mais honesto, desvincado. Resumindo em nada sua experiência guerreira, negava a realidade da guerra, fiel ao sentir certo e à disciplina do pensamento. Tornou ao copo, beijou a mão de Márion, e repetiu aquilo de corpos animais, num tom medido, do modo com que falam os lentos hanseatas.

— "Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente..."

Era um nenhum relato, dito de acurtar conversa. Contudo, tomara força e forma: solta, concisa, fácil para guardada; e ficara assim coisa: que nem uma moedinha de dez *pfennig*, um palito, um baraço. Nenhum de nós porém pensava nisso. Recordo, o borgonha cheirava a cravo, tinha gosto de avelãs, de saliva de mulher amada. E a rádio de Breslau enviava-nos cançãozinha:

..."Ach Elslein, liebes Elselein,
wie gern wär ich bei dir!"

Hans-Helmut trabalhava com o pai, proprietário em Halstembeck de um viveiro de plantas, e, como interessava aos alemães o reflorestamento, não lhe foi de muito obter um *u.k.* — licença de desmobilização temporária. Passamos a nos encontrar com mais frequência. Amistosos, discutimos. Ele abria argumentação justa e desconsolada, lógica tranquila:

— "Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?"

Eu buscava contra Hitler um *mane-téquel-fares*, a catástrofe final dos raivados devastadores. Mas, a seguir, calava-me, com o meu amigo a citar Goebbels, o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática, solta, inumana, com que Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen.

Também findara o borgonha, bebia-se do mosela. Zuniam nas noites os aviões da RAF, entre sustos e estampidos. Desfolhavam-se as tílias da Glockengiesserwall, os olmos da rua Heimhuder. E vinha-se para fim do outono, com tristeza e o escuro, como se descendo por subterrâneo.

E ora porém, pois, conforme, os maiores dias vão assim no comum, sem avisações; a não ser quando tudo pode ser conferido, depois. Márion disse:

— "Jantamos amanhã com Annelise e o marido."

— "*Ach so*," — entredisse Heubel — "vamos à casa do Capitão K., meu amigo."

Soube, mais, que com o casal K. morava o Dr. Schw., sogro, médico retirado, que gostava de cursar conferências sobre quaisquer temas. Daí, aí, gravei ainda que Márion e a capitãzinha continuavam a avistar-se, nessa pausa da guerra. E, outrotudo que a tanto se prendesse, foi falado longe dos meus ouvidos, ocupados, ali e aqui, a apanhar outras conversas.

— "Ah, se ao menos até o Natal acabasse esta guerra!" — clamava-se, longe das presenças da Gestapo. — "Ah" — rogava Márion — "esta guerra acabasse!"

Mas dizia e esplendia, ostensiva, preparando as roupinhas do bebê.

Notem: antes do Natal, a mão do *fatum* volveu a Heubel, num meio gesto: foi ele chamado de novo às filas, para o acampamento de Münster, onde veteranos infantes voltavam a aprender, de *a* a *z*, dia sobre dia, as partes de todo combater.

— “Nosso Hans-Helmut continua guiando automóveis e dactilografando?”

— “Oh, sim, sim, sim...” — Márion se bendizia, olhos de ver anjos no ar, o ventre manso e tanto se arredondando.

Pelo inverno, fora o regelo e frimas, tudo era o ruim vento de leste e aquela rotina da guerra. Vi Márion menos vezes. Aconteceu, raro também, que Hans-Helmut viesse a Hamburgo, por breves licenças. Delas, uma para conhecer o filho — Détty, preclaro, ridor, tão gorduchinho — chegado, como via geral os meninos, guardando ainda o exser de algum país de ideidade.

Seguindo assim, seja, semanas, roncavam mais estragadores os bombardeios do ar. Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, maior era a muda procissão dos soldados que dese-embarcavam. Inge, moça vizinha, encomendou ao namorado dúzia de prendas búlgaras. Olhávamos para os Balcãs. Mas, entre o jornal e o rádio, crescendo os dias, todos penávamos de pensar em abril, como se suas primeiras flores já vindo envenenadas.

Por azo, em noite menos fria, foi que me encontrei com Márion e a mãe, no teatro. Estava fina e radiante. — “Viajo amanhã. Vou vê-lo...” — pois. — “Vai despedir-se. A Divisão de Hans-Helmut move-se para outra parte...” — informou *Frau* Madsen, quase ao meu ouvido, tal a poupar o supérfluo sofrer arranhado pelas palavras.

Apressei num cartão duas linhas para meu amigo, e entrei a revocar assunto, dando ainda como firme infalível a suposta invulnerabilidade de Heubel. Depois, como a peça era viva e diferente do tempo, um pouco nos alegramos.

No outro intervalo não me admirei de ver, distante, Annelise. Estava com um senhor de idade, e expediu a Márion aceno e sorriso. —“É o pai?” — conferi. — “Sim, o Dr. Schw. Seco, *unsimpathisch*?” — concedeu Márion, para sua groselha. Nem isso, nem melhor — achei, com meu sanduíche de enguia defumada. Observando-o, que para nosso lado não olhava: externo, espesso, sem feitio nem aura.

Márion falava do marido, dela, do filho. *Frau* Madsen implorava-me, recados de Londres. Despedi-me e caminhei, aproveitando a lua. Na estação de Dammtor, um trem sem fim atravessava a noite, comboio militar, canhões e tropa, rodando para o Sul, vindo da Dinamarca.

Enquanto a aguardar o alarma aéreo, eu costumava ouvir as corujas — huhuhuuuu — um ululo; não instavam agouro, imitavam apenas o vento nos arames da rua. Com a neve e o luar, podiam-se distinguir, empoleiradas nas árvores. E, aurantemente, tristonhamente, tinha-se de pensar nas antigas baladas, em que sempre vem um cavaleiro, solitário através de florestas, ou um conde palatino ou margrave transpondo o Reno e tocando tom de luto na trompa de caça. Depois, adormeci, sonhando a dor das separações e os rouxinóis dos *lieder*. E as horas, abrolhosas, que a guerra diante de nós suspendia.

Porém, nos dias, que propor ou adivinhar, se Márion mesma não disse tudo? Tão ainda dissesse, onde ao menos ajudá-los? O destino flui, o homem flutua. Nem mais irrogável e pesado há, que uma sombra.

— "Sabe, foi bom... Passamos a noite numa casa de camponeses, tudo tão certo, tão pobre... Levei vinho, farnel, jantamos. De manhã, oh, decerto nem achei triste a nossa despedida. Choramos..."

— Para onde o mandaram, Marionzinha? Pode você confiar isso a um "estrangeiro inamistoso"?

— "Que sei, que sei? — esta guerra não acaba!"

— Ele voltará bravo e bom, Márion.

— "Mas, voltar, demora... Sinto que vou sofrer muitos dias, depois muitos dias, depois muitos dias... Sofrer no sangue, sofrer no sonho... Tenho de tremer de sofrimento..."

De remate, turvaram-se seus olhos.

— "Nisso, não quero pensar, não devia dizer a ninguém... Mas, você crê, de verdade, em sorte e estrela?"

— Hans-Helmut, Márion, acredita.

— "Ah, pergunto: você — acredita?"

— Por que não? A fé e as montanhas...

— "Nem sei se está sendo sincero. Mas disse: Hans-Helmut e..."

— Seu crer o salva Márion...

— "Meu amigo — sem querer, você aflige-me..."

— Mas, hem...

— "Eu não devia falar, pensar... Desta vez, ele partiu acabrunhado, profundo, sei que sem segurança. E sim... Temo que tenha *medo*..."

— Momentos de depressão contam pouco, ele permanece...

— "Não digo. Seu rosto era outro, você visse. Meu amigo, tem de ajudar-me, mandar-lhe cartas animadoras, muitas... Minha mãe e eu

vamos rezar, de joelhos, noites inteiras, tudo vale! Não choro. Ah, marque o endereço: Feldpostnummer 16962 D, apenas.”

Vale, você intrépida pequena Márion, em seu apartamento da Hahnemannstrasse e entre berço e retrato, vocês três. Ora estronda a guerra, para lá do Danúbio: bombas massacram Belgrado. *“... Prinz Eugen, der edle Ritter...”* — clangoram históricas fanfarras, alto-falando os sucessos especiais. Tratemos de Heráclito, de Sófocles — arre ondeia a suástica sobre Himeto, Olimpo e Parnasso — detém ninguém o correr dos carros couraçados. Vem os soldados cruzam-se com o regresso de andorinhas e cegonhas. Já se combatia em Creta. Mas, sob canhões e aviões, o incerto velho oceano, roxo mar dos deuses, talassava, talassava... E, do fundo de longes batalhas, tinia o telefone, trazendo-me voz aquecida:

— “Sou eu, Márion, recebi carta, leio! Você pensa... Teve também um cartão? Mas, diz quase nada! Fala numa cidade mediamente grande, pastores com a gugla, camponesas de largos aventais floridos... Dá o movimento do porto, as plantações de cucuruza... Sim, tenta dizer-nos que está na Romênia... Em Constanza, você acha? Ah, tudo continuará bem, *oh ja, ho ja*, Deus a o proteger... Deixe, não, de responder logo, obrigada. Precisamos de ajuda...”

Sim, todos nós. *Los! Vorwaerts!* Milhões, de vez, penetram no Leste — rasgam a Rússia — máquinas de combate rolam através da estepe, como formigas selvagens. Porém diante, um duro defensor morria matando, ou se abriam só ruínas e o caos da destruição, como no segundo versículo: a terra mal criada — despejada e monstruosa — *tôhu-vabôhu*.

E correm conquistas, entrou outubro, multidões vão caindo. Márion, tenho novidade... De setembro, 18. Outro cartão, a lápis:

“...E o pior é ter de avançar, dias inteiros, pela planície que nunca termina. Meus olhos já estão cansados. Raramente enxergo um trigal, choupanas. Chove, e a lama é aferrada, árdua. O russo se retrai com tal rapidez, que nunca os vemos. Quando você estiver com Márion, diga-lhe que nela penso todo o tempo, e no menino...”

Longo o rumo dos horizontes, o barro negro da Ucraína, pássaros de bandos revoando o incêndio de searas, e um coração de amante a contrair-se, grande como a paisagem sármata e a desolação sagrada da ausência.

“Meu caro Hans-Helmut, — veio, faz três dias, teu cartão. Márion pediu-me, quer cada linha de ti...” Difícil é ter e inculcar uma confiança,

quando em volta só se pensam imagens de temor e sofrimento... *Márion e eu esperamos conserves tua consciente crença. Márion...”*

— “Alô? Sim, é Márion... Pode vir ver-me? Minha mãe está no Harz, meu sogro em Halstembeck... Venha, é terrível...”

Decerto. Só um lance poderia recortar-se assim, e esperadas palavras expliquem tal palidez, os olhos aumentados.

— “Você veio. Obrigada...”

— Que é, Márion, carta?

— “As que o correio devolveu: o ‘*empfaenger unerreichbar*’...”

— ‘Destinatário inalcançável’... Decerto não localizadas as unidades, no tumulto da ofensiva...”

— Não, a organização é implacável perfeita. Tenho só esperança: Hans-Helmut prisioneiro... Se não, se... Mas, então tudo está perdido?

— Mas, mal, Márion...

— “Estou comportada. Chorei, toda a manhã.”

— Você não chorou bastante...

— “Não, é que agora tudo se quietou. Posso pousar no sofrimento. Ah: o ódio de Kriemhilde a Hagen... neste mundo de altos monstros!”

— Quem, bem, Márion?

— “Tem você lembrança de quando Hans-Helmut e eu estivemos com os K!? Deus devia antes ter-me partido três ossos!... Você sabe, o Dr. Schw., pai de Annelise? Veja um homem crasso, persuadido, sem grão de alma. Vivendo de cor os conceitos: glória, o que mal sei, mais-pátria e raça... os desses. Discursam, pisando na mão de uma criança...”

— E o outro, o capitão?

— “Perdoe-me, conto. Propriamente, tudo e nada. Descrevia aquele as tantas façanhas da Wehrmacht, na França, na Bélgica. Annelise e o pai escutavam, em momentos o Dr. Schw., às doutrinadas, com intercalações. Meu Hans-Helmut!... Tendo-me ao lado, se mostrava feliz, ingênuo. Ao café, o doutor quis, não menos, suas narrações de campanha. Ah, e não lhe fiz sinal, não lhe tapei a boca!...”

— Hans-Helmut?

— “Sorria, para mim, fumava seu charuto... *‘Ora, eu, da guerra, só vi uns cachorros e cavalos, mortos, felizmente...’* — foi disse. Vendo você o rolado olhar do Dr. Schwartz; daí, cerrou-se em emburro e carranca. Seu desdém era rancor, demonstrativo. Turvou-se e gelou-se, lá, de nada a boa-vontade de Annelise. A seguir, quase, saímos...”

— E, desde...

— Dali a meia semana, Hans-Helmut reconvocado. Causal? Ao apresentar-se, avisaram-no: não continuava em Estado-Maior, sim na tropa. Teria urdido o quê, o capitão K.? Pois transferia-se Hans-Helmut à companhia sob comando dele, assim. Pensamos ainda isso a seu favor... Sabe como o capitão o viu? — “Aqui não haverá espécie de intimidade, tibieza, epicurismos!” — repelente, vexante.

— Sem treinamento, desjeitado para o exército, aguerridíssima! E no momento de ofensiva, à vanguarda... Por que você não tentou, Márion, não foi a Annelise?

— “Se fiz! Tive de com ela romper, quando também desprezou-me... Andamos depois a outros, nulos recursos. E era o que oprimia Hans-Helmut: não o medo, o risco, ânsia de livrar-se. Só horror enorme à maldade... Assim puderam matá-lo — primeiro, nele, alguma coisa... Mas, não! diga, diga, então...”

Ele, Márion. Não voltará; não o veremos. Veio a exata fórmula, papel tarjado. Hans-Helmut Heubel passou, durante um assalto, e deram-lhe ao corpo a cruz-de-ferro. Seus traços ficarão em chão, ali onde teve de caber no grande fenômeno, para lá do Dniéper, nas estepes de Nogai. Ninguém fale, porém, que ele mais não existe, nem que seja inútil hipótese sua concepção do destino e da vida. Ou que um dia não venham a ser *“bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”*.

Histórias de fadas

Foi história que, em fins de outubro do ano passado, achava-se em Recife, a serviço de sua firma, o meu amigo Kai Jensen. E por Recife passou, então, em voo experimental para estabelecer a linha da América do Sul, o primeiro avião da S.A.S. O *purser* de bordo, dinamarquês, danês vivo, chamado Paul Ludvigsen, encontrou-se com Jensen, seu velho camarada lá da terra, e falaram, de negócios e da natureza, como costumam fazer os nórdicos. A natureza do Brasil, é certo. Colibris? Colibris. E Ludvigsen, depois de pedir a Jensen que lhe arranjasse alguns, para o Jardim Zoológico de Copenhague, rumou até Buenos Aires, onde o avião se demorou dez dias. Enquanto isso, Jensen falava com um comerciante vendedor de criaturas silvestres e esse teriopola "hagenbeck" providenciou com pontualidade e eficácia. Telegrafou a seus agentes no interior. E beija-flores vieram. Quando a aeronave da S.A.S. retornou de Buenos Aires — era um DC-4, por nome *Passaten* (o que quer dizer "vento alísio") tendo pintado a cada lado da carlinga um escudo alado, com as três bandeiras — os colibris estavam e fulguravam, à espera de Ludvigsen.

Eram quinze, num só gaiolão misturados, como florida penca, do melhor sertão. Meu amigo Jensen só sabe informar que eram de qualidades diversas, alguns grandes, da variedade rabo-de-andorinha (*sic*), outros minúsculos, do tamanho de besouros, mais ou menos. — E as cores? — "Variavam, verde e azul predominando. Também, umas mais alegres... Mas, principalmente, cores de metal..." Sabia que não é fácil, eles têm de tudo: limão, romã, berinjela; bordô, absinto e groselha; malaquita, atacamita, azurita; e mais todo o colorido universo, em tal. Depois, mudam com a luz, bruxos pretos, uns sacis de perespertos, voltiginosos, elétricos, com valores instantâneos. Chegam de repente, não se sabe de onde se enflecham para uma flor, que corolas, e pulsam no ar, esfuziantes, que não há olhos que os firam. Riscam retas quebradas, bruscas, e são capazes mesmo de voar para trás. Na minha terra, vinham do mato, e eram realeza: mosca azul, arco-íris, papel de bombom, confete, bolha de sabão ao sol ou bola de Árvore-de-Natal. Mas só entravam pelas janelas, em casa, de manhã, uns pequeninos, verdes, que davam sorte. Em

Itaguara, vi maiores, inclusive um flor-de-maracujá, roxo e verde, que se apagava em corrupio, num frufru imenso de ventilador. Mas os da Colômbia são tão sortidos, e tão diversos, tantos, que acho que ali os inventaram e terão por lá a fábrica deles.

Mas, como se luziam, eram quinze, de espécies variadas, brigavam muito, e dois morreram logo das brigas. Foi preciso apartá-los em três ou quatro gaiolas pequenas. E — antes que esquecido — comiam? Nada. Tomavam. Ou bebiam água com açúcar, posta em tubo de vidro com a extremidade inferior dobrada e recurva: uma proveta fina, em forma de J, presa à gradilha ou pendurada do teto da gaiola. Porque eles não pousam, para as refeições: ficam-se librando, às ruflazinhas, no ar, e agulhando no tubo, com seus biquinhos compridões. Pousam, isto sim, para repousar, em pequenos poleiros macios. São divinos.

Ora, mais, também fugiu um, mais ousado comodista ou localista, que preferiu, isto é, se recifez em Pernambuco. Os outros doze se portavam bem. Remataram-se preparos. Foram tiradas as necessárias bulas, documentos e licenças. Inclusive — não estamos com graças, a verdade é vera estranha — inclusive os atestados de saúde... Guindaram as gaiolas para o avião, entre o lugar do piloto e o do radiotelegrafista. Jensen despediu-se de Ludvigsen. E o tetramotor como de uso decolou, subiu, trafegou um instante no céu recifense, e foi-se entre as nuvens sobre o mar pendentes, que são polares campos ou montanhas brancas. Rumo Dacar-Lisboa-Paris-Copenhague-Estocolmo. Cheio, diga-se, de colibris.

Cruzando a máquina a parte gorda e equatorial deste planeta, nada houve de extraordinário. Mas, em Lisboa, já fazia frio. Com isso, deram de sofrer sério os meninos do sol, e começaram a cair dos poleiros. Felizmente, ali era pouso demorado, ponto de pernoite. Ludvigsen correu ao Chiado, a comprar uma chapa aquecedora elétrica. Levou para o seu quarto de hotel, instalou em cima dela as gaiolinhas. Não dormiu, passando em vigilância sua noite de Lisboa. Mas os doze guainumbis se reanimavam, refloriam: chuparam água com açúcar, brincaram de piorra no ar, e zuniram, cintilaram e fremiram, como jamais os viu melhor a Borborema. E de manhã lá se foram, quando o avião os levou.

De Lisboa, entretanto, telegrafou-se a *Herr Diréktor Áxel Revéntlow*, do de Copenhague zoo — instituição oficial, que, guerra abaixo, guerra acima, guardou ótima situação financeira, sem dívidas, tendo tido, no ano passado, mais de milhão de visitantes paga-entrada, isso em cidade de

750.000 habitantes; tanto ama aquela gente a natureza. Algo, porém, lhe faltava, e importantíssimo: os "diamantes do ar", *luftensdiamanter*, os nossos beija-flores. Pior, ainda, saudade havia: já tinham tido deles, noutro tempo. O último exemplar morrera em 1945, de velhice, pois a experiência mostra que eles não vivem além de sete anos, pelo menos quando presos. Presos e bem tratados: apesar de os viveiros vazios, lá continuara funcionando sempre a criação de mosquitos, de uns mosquitinhos especialmente mirins e apetitosinhíssimos, que, com o néctar e o hidromel, compõem a dieta dos colibris príncipes. O Jardim Zoológico esperava-os, mais cedo ou mais tarde, com mesa posta e cama feita; Copenhague os esperava. Assim, natural temos que o diretor, homem feliz, homem ativo, de telegrama em punho, radiou qual sol de agosto sobre o Sund; correu para a rua, girou, beijaflorou, pelas redações, pelas estações de rádio, por casas de amigos. E um suave alarme correu, na terra de Hamlet, coisa pura. Os principais jornais se ativaram, o *Politiken* e o *Berlingske Tidende* abrindo, em suas principais páginas, colunas dedicadas aos doze brasileirinhos. E a Staatsradiofonien coriscou no ar, transmitindo a boa nova, o grande acontecimento, para a inteira Escandinávia.

Ora, enquanto isso, de lá do sul vinha vindo o avião colibrífero, do ponto em que deixado. Passam céus e passam nuvens, passa nuvens, passa nuvens, passa Espanha e Pirineus. Pra Paris! Mas, por aí, deu-se o drama. Com a altura fria, a chapa elétrica já não bastava. Os colibris tremeluziam, prontinhos para morrer.

Grande consternação entre os aeronautas. O piloto inclinou a cabeça; o sota-piloto arregalou lentos olhos azuis; o radioperador preparou os dedos para uma comunicação fúnebre; e Ludvigsen extraiu o lenço de bolso, prevendo-se apto a lágrimas. E eis que, nisso, todos quase a um tempo, teve-se a ideia salvadora. É que os aeroplanos desses são providos de fortíssima aparelhagem de superaquecimento, usada no sobrevoo de glaciais lapônias, para além do Círculo Polar. A emergência autorizava o seu emprego. Sem discussão, num átimo, puseram-na a funcionar. Um calor foi nascendo, se encostando. Os colibris espiaram para trás, da beiradinha da morte. O calorão ficou de África; a cabine-de-comando sufocava os homens — coitados homens alvos, gente de bruma e demorados gelos —, que se molhavam e tiveram de ir tirando paletós e camisas. Mais foi nova primavera para os beija-flores, que retiniram de

verdes, à glória do trópico. Afora um, que talvez estimasse mesmo falecer, com saudades de Pernambuco.

Suecos, noruegos e dânios não fossem sujeitos profundos, amigos de jogar só no certo, e contentar-se-iam com esse sacrifício. Mas, creia-se e veja-se, continuaram a tirar roupas, e a deliberar. O avião trazia tripulação dupla, com turno de revezamento, e eram assim não sei quantos, com navegadores e engenheiros de bordo; mas pelo menos uns dez. Dez moços, no momento em cuecas, fatigados de altitudes e motores, semi-assados, suados, e... voando para Paris. Pois bem, com tudo isso, deliberaram mais, e chegaram a unânime conclusão: suprimir a escala tão desejada, e atalhar caminho, guinando retamente para Copenhague, por amor de onze e meio beija-flores (pois o tristonho de que falamos continuava moribundo). Tratando-se de um voo de experiência, o piloto-chefe tinha autoridade para alterar a rota. A derradeira etapa ficava mais longa que a de Natal–Dacar. Mas, tudo pelos colibris!

E assim, sobre a tarde, baixaram em Copenhague, no aeródromo de Kastrupp, que uma multidão enchia. A radioemissora fizera instalar alto-falantes no aeroporto, e já consagrara aos hóspedes sul-americanos os quinze minutos diariamente dedicados às “atualidades”. Soaram palmas, ao surgirem as gaiolas. Herr Direktor Reventlow adiantou-se. Viu o colibrizinho já morto, precipitou-se, pegou-o e o pôs no bolso, a ver se o calor do corpo ainda podia salvá-lo. Aí, então, proferiu suas palavras, agradecendo a Ludvigsen, a Jensen, à Companhia, ao Brasil, a Deus, aos próprios colibris, a dádiva feérica. Ludvigsen também falou. Discursos curtos, sem tenórios tons, nem fermatas, nem tremulantes vogais. A rádio é que bradava, repetidas vezes, ondas curtas e longas: *“Koebenhavn taler! Her kommer kolibrier fra Brasilien!”*

No dia seguinte, novos grandes artigos nos jornais, primeiras páginas, fotografias. Apesar do outono avançado, foi enorme a afluência ao Jardim Zoológico.

Ainda agora, em abril, tivemos notícias dos onze: o time está lá, vivos e sãos, almas alegres, nas estufas do zoo de Frederiksberg Bakke, que se gaba[76] de ser o único no mundo a possuir tais joias. E, com isto, se encerra a Saga dos Beija-flores. Porque agora o Direktor Reventlow escreve pedindo araras, tucanos e gaturamos.

. . .

Facto outro, contudo, e vero e enorme e bizarro, se tanto não de si mal encontrado, vo-lo relatarei.

O qual foi que, ao tempo em que ainda se pelejava a desconforme guerra, em que aprouve a Nosso Senhor que aos malignos poderes do Eixo sobrepujássemos, expediu-se, na chancelaria do Itamaraty, a uma das nossas brasileiras embaixadas, o despacho telegráfico seguinte:

> *No dia 15 do corrente, a bordo do hidroavião JX494, procedente de Freetown, foi capturado um gâmbia vivo. Para conveniente ação junto à referida base, o doutor Fábio Carneiro de Mendonça pede avisar no War Department ao coronel Phellip Knef. Rogo providenciar.* a) Exteriores.

Céus! — bradou-se. Céus e mares! Que rico tipo, esse mosquito, de Áfricas vindo, capturado ao fim do caminho, sem ter um prazo para zunir seu banzo...

Tarde chegava. Muito.

Da Guiné Alta, da Serra Leoa, negro voluntário, tarde chegava.

Mas, assim viera, obra de dez horas, obra de mil e muitas milhas, por cima longe do triste itinerário: lentas paragens de verde escorrer, calmarias da Costa, ou de azul a azul rotas, com o rolão e a espuma, cantantes à luz da estrela-d'alva, ou de sóis de fogo espinhoso ou de muito resplandecente e formosa lua, indo o negreiro a menear-se, negro, entre os gaivotões e os alcatrazes, enquanto os ares mudam muitas vezes, o vento a correr todos os rumos — um sul tão rijo, fresco nordeste forte, o noroeste galerno — todos gementes, como o gemer do madeirame, banda a banda, ou o gemidão carnoso de três toneladas de pessoas-de-escravos, morrendo no sal da brisa o profundo odor humano, até que arrebentem trovões, umas grandes trovoadas cegas, ou espirale uma tromba, ou caia a chuva, e a rota se arroste com vento travessão e temporal desfeito, ao largo do picar de bravas ondas, a nau a montar e baixar de grandes serras d'água, sob desarrazoados sopros e estrondosos mares, tão grossos empolados e cruzados...

Acontece, porém, que o gambiazinho tinha de ser unhado e trancafiado, pois trazia coisa mui diferente das boas mercadorias que de África já nos vieram — o dendê, o samba, o Santo, o caruru-rosela —; era a malária.

Uma malária extensa, assim de epidemia, como pode atestar essa excelente repartição, que é o Serviço Nacional da dita. Porque aquele mosquitico congo também é mais "domiciliar" que os nossos mosquitos indígenas, e, da doença, quando alguém melhora, é para adoecer mais vezes. Já em 30, nos aviões postais, os gâmbias passaram o Atlântico, armados e organizados, pondo lança em América e invadindo o Nordeste, que ocuparam até 41. Para exterminá-los, foi renha e campanha. E esse dom Mosquitão, indesejado, de torna-viagem maus ventos o afriquem.

Sanga Puytã

De Aquidauana, sul avante, senso inverso, entramos a rodar as etapas da Retirada da Laguna.

Esplanada. Macaubeiras. Até pretas, ou amarelas, tostadas pela geada, as bananeiras se retardam. Vai o verde veloz pelos cerrados, alto, baixo, sujo, limpo. Dá-se uma estrada arenosa, ver vermelha. No monótono, subimos as últimas horas da manhã e descambamos o meio-dia, ora mais que um *divortium umbrarum*, que mero divisor-de-sombras. O sol iça a paisagem, e os campos bailam, rugosos, na luz. Vamos na serra do Amambaí, vertente do poente. E, contra o planalto recurvo, o céu tombado, súbito estacamos.

Nioaque é aqui.

Dentro do céu, casas velhas, espaçadas, encerram um território remoto, entre rua, praça, campo ou clareira; mais árvores, e caía-lhe a palavra "horto", que o ar sugere, ou "largo", "estância", "paragem", "logradouro". Sem o repicado gloriolar matinal, sobem uns cantos de galos, se desenrolam, como penachos de sono. Diáfano dia montês, em que tudo se alisou de repente, mais mansa a transição entre verdura e brancura. Talvez a menos sul-grossense, das povoações de Mato Grosso, Nioaque se vê madura e estática, qual um burgo goiano. Há de limitar-se com qualquer país de névoa acima, da ordem também dos mais claros.

Envelhecem, neste redor, as ferrenhas furiadas — pilhagem, massacre, incêndios. A História se rarefaz. O que ficou plantado foi um marco votivo: entre mangueiras e palmeiras, cercaram um gramado retangular, em que pedras amarelas inscrevem um losango. O "jardim". Semelha singela bandeira nacional, horizontalmente estendida: a terra, como símbolo da bandeira. Toda Nioaque o prolonga. E, bem-aventurança afetuosa da cidade, levamos Camisão, Pisaflores, José Thomaz, o chefe tereno Francisco das Chagas, a negra Ana, preta de bondosa, e os doentes, fiados a Deus num espaço da mata — o mundo.

Dever seu, a seu modo, os lanceiros de Urbieta também pagavam multa mortal ao *hombre malo* de Assunção. Seus descendentes, os netos de suas mulheres, formam grande gente, presença e vizinhança. Já em Campo

Grande aportam risos do Paraguai em pares de olhos escuros, mal avistados, e no ritmo das polcas e guaranias. *"Paraguayita linda"* ! — toa uma harpa, entre guitarras. Compra-se o *nhanduti* — fios de amido e amor, rijo aranhol constelado, espuma em estrias. As *fajas* coloridas prendem as armas, como enfeites. E espalham-se os *puytãs* — os ponchos de sarja escarlate — que transitam, contra horizontes e céus, como fúcsias enormes, amadurecendo um vaqueiro num cardeal, pingando de sangue o planalto, nas léguas instantâneas da paisagem, ou acendendo no verde do Pantanal tochas vagantes.

Distamos ainda, verdade, da zona de osmose, onde nos falará uma língua bizarra, com vogais tecladas; dos exércitos de ervateiros forasteiros, que povoam redutos de trabalho; das terras de tangência amorosa, em que os sangues diversos se influem; desse povo fronteiro, misto, que, cá e lá, valha chamarmos *brasilguaios*, num aceno de poesias.

Sempre a vista é a mesma: os estirões do caminho rubro, araxá pós araxá, léguas à régua, simples raspagem no terreno, que pouco ondula. Os coqueiros sobem de algum mar, os chapadões dão sono. Paramos, por causa de um tamanduá-bandeira, pardo, à borda da estrada, às 14h, 30. A pouco trecho, pulou uma veada, marrom, longa, fêmea de mateiro. De gente, raros; poucos trafegam nesta rodovia. Mal a espaços no ermo, um rancho de madeireiro, que o mato ameaça: de pau-a-pique as paredes, teto de uacuri; homens e mulheres que o dia santo reúne, à beira de foguinhos; exibem-se as redes de dormir; devem ser albergues de estoicos estas choupanas, ao gelo das madrugadas, na florada do frio. Macaúbas ciliciadas — folhagem em desleixo, rascunho de fronde — agarram seus cachos de cocos. Uma fumaça. Cerca de esteios cruzados, mandiocal, roça miúda. Outras cabanas que o capim coifa — sapé velho, prata; sapé novo, ouro. Um mastro, que tem de ser mais alto que as árvores, com a bandeira: *"Viva São João Batista!"*— Inevitável, o pau-a-pique, incapaz de chegar a reles taipa-de-sebe. — Por que não barreiam? — "Água por aqui, só a légua e meia..." Com a sobrelégua, o que há é uma paineira morta, em que três bandos de periquitos se dão encontro, remexendo suas sombras no capim de outra choça, mais primitiva que um tejupar. E o não feio rio Miranda, se unindo com o Santo Antônio: o pontal dos dois, redondo de copas, afina uma quilha, querendo insinuar-se debaixo da ponte. Depois, barrancos, pastos, gados. Aí-pererê forte: um gavião, que vai, que volta. Surgem casas, com soldados. Baixamos na Fazenda Jardim — a "estância

do Jardim"— para jantar e pernoite, com a noite nos laranjais. Comissão de estradas de Rodagem nº 3 — *"Neste mundão, os hóspedes distraem a gente..."* — recebe-nos o Capitão Ivan Wolf.

Julho, 16, conforme nos diários dos viajantes. O frio à frente, reenfiamos a rota, depois de um desvio de sessenta e quatro quilômetros, para ir ver o "Buracão do Perdido". Consta que em Ponta Porã tem feito cinco sob zero, mas a massa-polar passou também por aqui. Muita flora, crestada, entrou em outono. O sol anda como uma aranha. No Patrimônio Boqueirão, vai haver festa. Na frente das casas, armaram "ramadas" cobertas ou alpendres à moda dos "cines" ou "corredores" paraguaios, para as danças. Nossas plagas, agora economicamente melhores, atraem os paraguaios, que trazem sua *cultura*, inteiriça.

Para a banda de lá, onde há escolas e colégios, passam os meninos brasileiros. O Paraguai, individualizado, talvez já pronto, é extravazante; o Brasil, absorvente, digeridor, vai assimilando todos os elementos, para se plasmar definitivamente. Às vezes, aqui ou ali, há refluxos. O Território, por exemplo, rebrasileirou, de repente, muita coisa. Onde antes só se bebia mate e se bailava ao som da polca e do santa-fé, passaram a tomar café e dançar samba. *"O Paraguai está recuando..."* — dizia alguém, jovialmente, como se comentasse uma partida de esporte. Mas tudo se passa num estilo harmonioso, convivente. Em Dourados, uma mulher mostra seu filho, menino teso como um guaicuru: — *"Paraguayo, no, Brasilerito!..."*

Nos acenam. Mas já estamos na mata virgem. — *"Tem muita onça, nesta serra de Maracaju..."* — informa um conserveiro. Paus de abraço, ou finos troncos ósseos, entre o verde de cima e o verde de baixo, da copagem coesa. Vai rendada a cumeeira, quase nuvens, e às vezes o bafo de sêmen nos engloba, com a sua úmida murmuração. Passamos e admiramos, perlongando-a. E, quando a mata cessa, destravada, tombamos num campo cheio de surpresa. As emas, muitas, arquitetônicas, incrivelmente aves, cinzentos dromedários encolhidos. Trotam elas, batendo cascos. Uma ergue élitros indébitos para o voo, outras agitam as caudas-cabeleiras azulantes. Rebanhos de emas, misturando-se com o gado nas pastagens, caravanas de emas, cada uma com sua ema-chefe, guarda-bando. Fogem, pelos campos altos, que adornam, esveltas, as palmeiras bocaiuvas. Por cima delas, passa um urubu-caçador, turco de tarbuche, deitado no vento sudoeste, nadador. E esta savana, que cortamos a modo

diametral, parece um parque onde as emas, domésticas, se multiplicam. Dali se sai por uma avenida de taquaras, de arcos enfolhados. Cintila o rio Machorra, com sua mata em galeria. E — km 296 — quando a paz é mais própria, nos choframos com um posto-de-vigilância, brasileiro.

Um bambu seco, atravessado no mata-burro; quatro barracas, alinhadas; três soldados e um cabo, cavalarianos. Um deles se adianta. Da revolução, acha apenas que "é uma lástima"... No seu modo, com ar de cumpridor, soa sincero. A guerra civil, em casa alheia, sempre tem qualquer coisa de anacrônico; em nossa casa, de prematuro.

Aparece o primeiro cinamomo às portas de *Bela Vista*. Da brasileira, porque do outro lado do rio está a outra, a paraguaia, a *Bella Vista*, rebelde e de armas empunhadas, armas aliás bem sucintas: cerca de 300 homens, cujo maior material of-e-defensivo são algumas metralhadoras de mão, onomatopaicas *peripipis*. Vinte e mais léguas a leste, beiradeando a divisória, fica Pedro Juan Caballero, metade meridional de uma cidade — cuja outra meia é a nossa Ponta Porã —, e nódulo legalista. Lá, os soldados do Governo seriam por uns 200, mas dispondo de alguns morteiros de campanha, fogo de pobre. Guerra linear, sobre essa linha, marcada pelas patrulhas voltantes, prontas a se espingardearem à caçadora.

Estão contando que um moço militar, de Nhu Verá ou de Horqueta, começou a achar enfado na luta do Ipanê, e preferiu indulgir em peripécias próprias: desertou barulhentamente, chocou-se com as rondas, atravessou depois o território inimigo, sempre riscando de onça, requisitou comeres e bebederes, promoveu-se e condecorou-se a si próprio, e, chegando até a beirada do Brasil, cumprimentou e deu as costas, sem gosto para embrasileirar-se, e pois retornando à confusão. Trazia também um violão a tiracolo — acrescentam. E explicam que o violão, para o paraguaio, é arma de combate e ferramenta de lavoura. Se verdadeira, bela é a história, se imaginada, ainda mais.

E em Bela Vista só estão internados três ou quatro legalistas, que, por se afoitarem mais em terreno "blanco". Alguém discorda, reticente: — *"Paraguaio, amigo, é bicho letrado. Não tem nenhum paraguaio sonso, não..."*

Da Vila Militar, contemplamos as duas Belas Vistas — como livro pelo meio aberto — lisas, onduladas de-ligeiro. Oblíqua, corre para dentro do Paraguai uma crista azulada, no fundo.

Por aqui passou, no cavalo baio, José Francisco Lopes, o Guia, mineiro de Pium-i, de sertões exatos e da tenência e transatos, da lealdade e da força. Por ele conduzidos e nutridos do seu gado, vieram os homens da expedição, para vinda e volta — sob bandeiras, serra acima, boi berrante. Té hoje, aqui, manda a pecuária. — *"Em Bela Vista, tudo é gado..."* — um sulano instrui-nos. — *"O quilo é treis mil-réis do lado de cá, do lado de lá é dois..."* — já em solilóquio acrescenta.

A cidade se atravessa nos três minutos, com um olhar para a casa que foi do matador de gente Silvino Jacques, por causa de quem ainda há mulheres de luto, das duas bandas.

Na barranca do Passo da Alfândega acampa um destacamento: as barracas de lona verdiamarela; os cavalos por perto, comendo de bornais; um sargento e quinze praças — um grupo-de-combate, reforçado, do Regimento Antonio João. O Apa, cor de folha, mostra seus seixos rolados no fundo. Verdadeiro e formoso, como Taunay o tratou.

Duas ou três canoas se aprestam. Em tempo de paz, aqui funcionava uma balsa; mais abaixo, no Passo do Macaco, os caminhões cruzam sem dano, em quadra de vazante. Tem um cinturão grande, com o escudo estelar na fivela, o moço Martin Yara, nome mesmo para canoeiro.

— *Vostê* é revolucionário?

Martin Yara se entesa e endeda o *V* da vitória, sério, como se pusesse alguma pajelança nessa arma simbólica, importada para nossos arsenais pastoris. De pé, à proa, firma a zinga e impele a canoa, que se esgueira, ele gondolente. Como paraguarani de bom tronco, despreza pavonadas de boca e garganta, deixando para mais horas a valentia.

Aos ouvidos desse povo, mesmo às boas frases respeitáveis suscitam-se desproporções. Por ver, uma professora ensinava o *"Independência ou Morte!"* com a necessária ênfase, quando um garoto arregalou sinceramente os olhos e pulou no banco, exclamando: — *"A la putcha, Señorita!"*

Mais sua mulherzinha, um joão-de-barro se avança, sobrevoa o rio. De Minas para aqui, crismaram-no de "massa-barro"; mas, vez na outra margem, ele se re-poetiza: *alonso, alonsito, alonso ponchito;* mais adentro, voltará a profissional: *el hornero.*

Passa a canoa, para meia dúzia de casas avistadas, e dois soldados sem armas, sentinelas amistosas. Esdrúxulo, um sobrado de meia-água. Aportamos. Os cinamomos estão iguais, mas são *mbocayás* as bocaiuvas.

Subimos vinte passos, e entra-se por larga rua relvada — *a Calle Mariscal Estigarribia*. Transitam vacas, com universal bondade, nos cangotes longas forquilhas. Uma, salina-cirigada, retrocede, por espanto. Crescem cores no céu. O mesmo berro das vacas. Um sino toca, no colégio dos padres norte-americanos. Tranquilidade, remansidão. Muitas casas estão fechadas — os legalistas donos longe, no Brasil pertinho. Um grupo de oficiais vem ao nosso encontro. Estamos ingressando no Paraguai pela porta-da-cozinha.

O capitão Eliseu Duarte Britos — *Jefe de la Plaza* — é moreno e encorpado, estampa autóctone, deve provir do sêmel de caciques.

O major Rufino Pampliega — Comandante Geral do Setor — claro, corpudo, mas velazquiano. Seus modos revelam um esgrimista; olhar e fronte os de estrategista. Casquete com o *V blanco*, blusa de couro, pistola à cinta, bombachas com frisos casa-de-abelha, botas de fole, e aprumo palaciego.

Fala da tropa — *simples organizaciones de montonera* — aguerridíssima.

O capitão Duarte Britos termina, socialíssimo: *“Nos imporemos pelas armas.”*

Enquanto a noite subiu, com estrelas subitâneas. Temos de voltar à Bela Vista nossa. Trevas, na rua. Um lampião foca círculo diurno, em que sorriem várias jovens, abraçadas, nenhuma sem encantos. Acorrem os homens atraídos. Oficiais, soldados, paisanos. Um sobraça o *mbaracá*, de seis cordas. Ladeiam-no dois outros, com cavaquinhos. Surge, do escuro, uma cadeira, para o solista apoiar o pé. Alguém segura a luzinha de querosene. O violão se desfere, e uma polca irrompe alegre, laçadora. Clamam-se aplausos, bilíngues, trilíngues. E uma moça alva feliz, Chiquita ou Amparo, canta a canção do coração louco — *“Corazó taroba”*...

No outro dia, toda a viagem, essa música pousará como um pássaro roxo em nosso ombro; nela persiste o marulho composto do Apa, saltado à primeira hora, e o trinar da *calândria* amorosa, que desordena perspectivas na manhã. Ponta Porã, até lá, delongam-se os campos; rei deles, o barba-de-bode, curvado como se ventos o acamassem, cada tufo um porco-espinho. O percurso é agreste, uniforme. Os bichos restarão dentro dos matos. Apenas, a complexa máquina cochilante de uma carreta, com os bois bojadores, o carreteiro a cavalo, sustendo a picana. Na Colônia Penzo,

um destacamento afugenta os quatreiros, deixando que os desbravadores labutem em paz, por um favor da guerra. Sobe-se, com a mata repentina, uma vertente serrana. As nuvens gostam de pousar no canto sueste do céu, os gaviões preferem as árvores secas. De novo, o descampado. Arvoretas inéditas querem agrupar-se em bosques: é a erva-mate, que começa. Tocamos a “linha seca” da fronteira. A estrada coleia por entre os postes de demarcação, que intervisíveis vão mundo adiante, plantados em montículos. De repente, os cavaleiros. Dois. Depois, três. Muitos. Vêm mudos, sopesando as hastas, com lenços vermelhos. São lanceiros colorados, cavalaria legalista; patrulha, ou flanqueadores de uma coluna maior, que se movimenta para oeste. Alto de Maracaju. Na mesa de uma planada, vestida de frio novo, Ponta Porã, a bonita.

A cidade. As cidades — dimidianas, germinadas, beira-fronteira —: ora deserta cerrada a *Pedro Juan Caballero*, num relento de eremitério e guerra. Vacas e cavalos pastam o capim da Avenida Internacional, o *boulevard* limitante. Ponta Porã freme, de expectação, mais vida, solidária assistência.

Só partíamos, mas um menino engraxate sorrindo-nos cantava, de inesquecer-se:

Allá en la orilla del rio
una doncella
bordando pañuelo de oro
para la Reina
para la Reina...

Deixava-se o Paraguai — país tão simpático, que até parece uma pessoa.

Volvendo norte, passa por nosso derradeiro olhar a cidadezinha ainda de Sanga Puytã, à borda de um campo com cupins e queimadas, arranchada entre árvores que o vento desfolha. Diz-se que sua área é menos que a do cemitério. Apenas a gente pensa que a viagem foi toda para recolher esse nome encarnado molhado, coisa de nem vista flor.

O grande samba disperso

João Policarpo *fala, longos ais. Se can*
ta: mau pranto. Perfunctório. Agarrado
de angústias. Cuida de: mentiras, sauda
des, traição, lembrança.

— A situação parou, meu coração se afundou. Ora, a vida. Entestei com grande espanto, artifícios de ilusão. Não desminto desta fé — o que em mim era verdade. Amar, mais, era proibido. Maria das Mercês... Mas ela era mulher, mulher, simpatia mal mostrada. Ela estava junto a mim, não em minha companhia; em suas faces era de noite, em seus olhos era de dia... Promessa feita — amor desfeito. Se abraçou com minhas pernas ao pé-da-cruz. Só as lagriminhas, quase — dessas águas crocodilas. Só a que seu tanto não sofreu, é que ama com falsidades. O que foi, já manhã clara. De um juramento que dei: que o meu perdão eu não dava. Maria's Mercês da maldade. Não perdi nenhum valor, amor sofrido dobrado. Cumpro minha obrigação de dor, meu senhor. Estou alegre de trono, só choro estas poucas lágrimas. Amanhã vou esquecer, depois então vou saber: saudade é chateação, pensamento com cansaço. Saí de lá com o coração muito bandido. Saí, senhor. Ninguém dê notícias minhas. Eu não posso chegar à razão, de umas tantas criaturas Maria passou pela tarde. Só — o que sei — é cidade e amor; para que fazer caso? Urubu que praguejou, há-de a ver que não me mate. Desculpe franquezas minhas, mas eu estou na liberdade. Guardei paixão? Agora eu estou em outrora, veja, vou compor aquela tristeza. O tremido do meu ser, que é o viver desnorteado. Agora, se vou lá ver. Sozinho é que sei sofrer. Mas, antes, penar constante, que se usar o mal-comprado. Crescer, mercês de saudade. Aqui estou João Policarpo, um servo do senhor, meu senhor. O senhor quem será, sua graça?

— Amorearte de Almeida *(doutor, não-compositor)*. — Vejo as muralhas da cidade. Reflito-as: vastas, várias, as ondas indivíduas, miríades demais. Tenho nos meus ouvidos este sinapismo de sons. O povo popular, a rua estrábica, a pânica floresta, um frondoso gemer, um tudo chão, denso como um bambual, as enfeitiçagens, a preparação do prazer, o paraforamento; luzes, numa remotidão de estrelas; e sempre a noite,

antiquíssima — nigrícia. Desesperem-se-me os fatos. O círculo do amor, tão repetido: esta é a água de fontes amargas. O silêncio é moralmente incompleto. Enquanto o tempo não parar de cair, não teremos equilíbrio. Vou ao vento, para meu assento. Vou? Eu ouço. Ou não ou? Mas sou teu irmão. Muito prazer.

Policarpo (*sério*). — Agradecido.

João do Colégio (*vem, recitando sozinho*). — Desde que choveu, minha Mãe, doeu muito esta cidade...

Amorearte. — E você quem é, trôpego efebo?

Do Colégio. — Sou só o irmão da Mercês, ela me mandou com um recado. Saber se já pode voltar...

Policarpo. — Nunca nunca!

Amorearte. — Num canunca está você — canunca infausto.

Policarpo. — Sou homem. Sei o que não quero...

Amorearte. — Sabe-se a quantas? Sabe quem você-mesmo é, você se entende, o que quer? Você quererá é: medula, banzo, descordo para desenfastiar, zabumba, gemidão de urso, palavras de doce escárnio, horas de inteira terra; meia-noite sem relógio, dispersão de outras mágoas, ver a vida em grandes grãos, morder o dia, encher a noite; ser o alegre alguém, nas operações de mudar de amor, fauno feito; chorar barrigudamente, um grito próprio para a alma ouvir, entremeio aos romances; dar suas proclamações de dor, de dor de amor de mentira; chorar, de qualquer maneira: eis o problema; tal bruaá... Você diz: o triste de mim... Você, navegador de limo e lodo, por derrota repetida. Você se esbalhou e esbandalhou-se, nos quantos caminhos da cidade, então seu espírito parou as máquinas. Você é um corpo de ressonância. Você está é sufocado de amor, cuja uma paixão ingovernada. Ou você beija, ou mata.

Policarpo. — Eu penso que...

Amorearte. — Cale-se. O pensamento é um fútil pássaro. Toda razão é medíocre. Viver é respirar; pensar já é morrer. Só Deus é dono de todas as simultaneidades. Só há um diálogo verdadeiro: o do silêncio e da voz. Se quer dizer alguma coisa, diga, por exemplo:... Em minha alma se abriu, esta hora, um golfo de Guiné...

Policarpo. — Mas, a ingratidão...

Amorearte. — Isto é o contramotivo. O mugido do vento é um mugido de cobra. Coragem, mais!

O Morenão (*não entra, cantando*). — Se eu fiz chorar, foi legal...

Amorearte. — E você, quem é, vil hermeneuta? Que é isso?

O Morenão. — O breque. Sou um que foi o homem da Maria das Mercês. Sou mais não. Tudo se acabou tanto, que nem houve. Só foi um engano.

Amorearte (*a Policarpo*). — Está vendo? Perceba-se, Policarpo!

Policarpo. — Seja o que for, meu senhor. Ela...

Amorearte. — Sempre tem *ela*. Bela, flor para impurezas, a rara natureza — para você. Mais rara que ela, só a malva amarela, eu sei, eu sei... Seus beiços bugres... Pavã, pavoa. Você queria era ser pedrinha no sapato dela. Mas você gosta dela?

Policarpo. — Não amuo de outra tristeza...

Joaquim Imaculado (*passa, cantando*). — Mas, afinal, que tenho eu, com peru que outrem comeu?...

Amorearte. — E quem é você, tão recém-chegado? Você vem lá: vejo a tristeza... Agacha-te, escriba!

Joaquim Imaculado. — Serviços, meu senhor. Sou um que ia ser, daqui a muitos anos, o homem da Maria das Mercês. Vou ser mais não. Ia ser só um engano.

Amorearte (*a Policarpo*). — Está vendo? Concerte-se, Policarpo!

Policarpo. — O bom, para mim, se acabou. Tudo é passado... Me indiguina.

Amorearte. — Mulheres passadas é que movem amores. Tira o sentido disso, Policarpo. Refresca teu coração. Sofre, sofre, depressa, que é para as alegrias novas poderem vir...

Maria das Mercês (c*hega, chorosa e esplendente*). — Triste foi aquele dia, de saudades replantado... Não fui eu que estive em teus braços? No mundo quem te viu, ainda não existiu o outro homem... Sinto no peito, por fora, é o suor? E por dentro, meu amor? De te perder devagar, não sou de me conformar. Debaixo dessa promessa, ai, ai, ai, sem um tiquinho de gratidão, sem uma compreensão, sinto esta separação, que ela só me perambula... Eu quero querer tudo com você, um carinho, um amor, e você está só é aprendendo a amar... Meu amor de enlouquecer, esperar é esta minha agonia... Terá sido um amor que eu perdi?

Policarpo. — Ingrata! Perdemos...

Amorearte. — Alto lá! Basta. Um momento. Seja não, não, sim, sim; mas, vejam bem, se perderam, mesmo. Amor perdido é amor que não foi achado: não-amor. Não o amor-mor, o mor amor. Mas falso amor, algum engano. O falso-amor é um biombo, o mor-amor é um ribombo. Então, se

não é, resolvam: e... pirai-vos! — oh grandes entes imorais... Perdido por um, perdido por mil... — como dizem as cachoeiras...

Policarpo. — Ela...

Mercês. — Ele...

Amorearte. — Um momento! Com a natureza humana decaída, eu me entendo. Vocês dois estão quais quiabos no oásis. Se querem dizer alguma coisa, digam, por exemplo: ... Laço foi o que me trouxe. Minha carne viu por meus olhos. Mundo isolado de mim. Bom-grado vou. Amanhã e estrelas. Sinto-me. Quando sinto, minto? Meu teu meu-amor...

Mercês. — ... ai, ai, ai.

Policarpo. — ... ê ê ê, ô ô ô.

Amorearte. — Unissoou. Amor renhido, amor crescido. Cousa grande! Vocês dois são o que-não-sei: o tudo, a... persistência da lua, apesar das cidades. Umbigo — centro, centro, centro. Umbigo — medida ideal. Havei forte amor! O amor não precisa de memória, não arredonda, não floreia: faz forte estilo. *E fim.*

Aquário
(Berlim)

Vertical, resvés, a água se enjaula.

Vítreo, aquoso, cristalino, cada compartimento abre olho: azul de filmagem ou verde-fluoresceína: os das luzes em anúncio e das pequenas ondas findantes.

. . .

Do calmo caos, como de cluso fundo-do-mar, entes nos espreitam, compactos, opacos, refratados. Insolúveis, grávidos, todos exuberam. Eles se conformam diante da gente?

. . .

Os peixes à baila, bocejam e se abanam, sem direito à imobilidade.

. . .

Há os brasileiros, rebatizados com trens de nomes:

O *bagre-blindado-azul* vai ocultar sob pedras seus chamejos furta-cores.

O *bagre-couraçado-leopardo*, arisco, dá um adeus, de lado.

O *bagre-anão*, do Guaporé, defende-se: faz-se de chumbo e cai a prumo ao fundo.

A *salmocarpa-de-manchas-estreladas*, toda hidrófana exceto o estômago, foge com flufluxos frêmitos e carreirinhas treme-rabo.

. . .

...de sangue de peixe com sangue na guelra.

. . .

Podia ser um caranguejo ou um coração.

. . .

São peixes até debaixo d’água...

. . .

Já na espuma há tentativa de conchas. Mas o caracol contínuo se refaz é com carbonato de cálcio.

. . .

Tartaruga — seu esforçado adejo.

. . .

Os caranguejos atenazam-se.
O caranguejo: seu corpo mascarado.
Em casa de caranguejo, pele fina é maldição.

. . .

A carpa, gaga.
O bagre tem sempre as barbas de molho.

. . .

O polvo se embrenha em seu despenteado: desmedusa-se.

. . .

Namoro de tartarugas: é um golpear de cabeças. Morde uma a outra e empuxa-a, puxa-a, arrasta-a, dá com a amada por tudo quanto é canto. Todas a frio se inflamam, acabam, formando uma porção de pares — amor de carga, caixas, caixotes, barricas — arquimontando-se.

. . .

O marisco em ostracismo.

. . .

Em, alguma treva — como os mariscos no rochedo — almas estarão secretando seus possíveis futuros corpos?

. . .

Tântalo é o peixe: que não pode cuspir nem ter a boca seca.

Para eles a água é gasosa, fluido vital, terra-firme.

. . .

O caranguejo a encalacrar-se, tão intelectualmente construído.

O caranguejo carrascasco: comexe-se nele uma ideia, curva, doida e não cega.

. . .

Outros brasileiros:

Acaráuaçu, apaiari, amazônico, faz careta, a florfeerir: verde-folha-de-café, manchado de vermelho, riscado de preto, com pavonino espelho na cauda.

O *bagre-do-arnês-estriado*, do Brasil Central, é o que mais se embebe: todavia vem do fundo, onde há rocalha e sargaços em infusão.

A *saumocarpa beckfordiana*, marajoara, se enfronha, sóbria de barbatanas, hábil traçadora de retas.

Abre largas velas o *acará-bandeira*, bicudo papilião e pomposo, tricintado de preto, suave deslizador; os olhos têm setores vermelho, amarelo e azul, de incompleto disco-de-Newton.

Acaraí — o peixinho que nada com melhor sintaxe.

. . .

O peixe sem rastro: isto é, a água sem nenhuma memória.

. . .

Até que enfim, uma gentil elegante: a truta.

Agora, bocarrante, a carpa, simplíssimos bigodes, globosos olhões rasos de água.

. . .

(Trichego, cavalinho-do-mar.) O excessivo jaez dos hipocampos.

. . .

Eu e o peixe no aquário temos nenhuma naturalidade.

. . .

A tartaruga, toda cautela e convexidade.

. . .

Não é só o sal que diferencia rio e mar: mas o irremediável.

. . .

Em poço, debaixo de grandes algas, o polvo, tintureiro atro, enchendo-se e esvaziando-se. O polvo sob o mata-borrão.

. . .

A tartaruguinha, desconchavada, não quer saber de nada.
Ainda há outra tartaruga — inventando a hélice.
O mais engraçado é que a tartaruga tenha aprendido a nadar.

. . .

A água, que não teme os abismos: a grande incólume.

. . .

Ei-lo passa e repassa, absoluto em deserto segredo, essencialmente absorto. Só parece que ri e grita, suspenso, obrigatório cada movimento,

incessante brusco mudando daqui para ali a inércia, em pedacinhos de velocidade.
Aquelas arquejantes bocas, como se pedissem um recomeçar.

. . .

A enguia em goma-arábica.
A lampreia embuda — lambe mesmo a pedra.

. . .

A *perca-furta-cor-de-riscas-e-com-manchas-cor-de-vinho*, de Honduras, cava buraco na areia e põe dentro os filhotes, cobrindo-os com o corpo.

. . .

Esses nomes quelônios; Seychelles, Galápagos — de onde, então por isso, vêm as tartarugas gigantes.

. . .

A *perca-multicor-sarapintada-de-ocelos*, brasileirinha, toma conta dos filhos e leva-os a passear.

. . .

O polvo aos pulos: negregado, o oitopatas, seus olhinhos imensamente defensivos, sua barriga muito movente: polvo da cabeça aos pés.

. . .

À tona, em rosário ou colar, a ciriringa, espumosura de opulência de opala de saliva.
A água, falsamente acomodatícia.

Evanira!

CAP. I — *Dois seres, trazidos todo o modo a um bosque, descobrem que, imemorialmente, se amam. Mas o irromper do amor coincide com a necessária separação. Sozinho o Narrador, sua alegria é mesmo assim imensa: vê-se transmudado; a esperança se convida com o sentido senso da eternidade* (O Narrador tenta, em repetidos ímpetos, narrar o inarrável).

E o ar. Eu estava ainda só, tudo estava só, ai-de-quem, ali, naquele incongruir, na interseção de estradas, multiversante eu — soez, Joãpáulino, tediota — nos brejos do Styx. Apenas o que se imiscui em infusos antros e inigmais idades. (*Mas, eu, vinham-me.*). Minha vida: margens. (*Deus não estuda história. Deus expede seus anjos por todas as partes.*) Vínhamos, nós dois, SEM SABER QUE vivíamos, VÍNHAMOS — do jamais para os sempre.

ENTREM-SE PORTAS
ABSOLUTAS.

— ÀS ASAS! ÀS ASAS! — sussurra-se, no tumulto cessante. Éramos o dia era lindo, fazia muita manhã — inadvertida cascata — e a súbita flor sete-pétalas: ALEGRIA. (Suas joias lágrimas, TEMPO NENHUM, uma ordem rejuvenescida, O TRANQUILO USO DO AMOR.) Destino? —

...PILOTADO NESSE RIO
POR ANJOS E LEIS E ALEGRIAS

(Soubesse-o? *Ou* eu *não* cantasse:)

Lá do céu caiu um cravo
cai uma rosa também:
quem não ama e tem saudades
está à espera de alguém, como

o não nascido quer o ar, ainda não respirado. Como a pedra, de asas inutilmente ansiosa. Como os cães elevam os ouvidos. Como o temer, sozinho, ver. Como o não saber.

Abro a paisagem.

ENTRA AGOSTO EM REPOUSO, MESMO OS VENTOS. Em nosso jardim há florestas e pausas. Só pulava o sabiá: só solilóquios. Às antes árvores, as plantas a abrolhar, OS MOVIMENTOS DA ALEGRIA EM HASTES, os comedidos pássaros. QUANDO TUDO ERA FALANTE...

(*O tema do anjo:*
... o Anjo (chegou e falou) nem fechou as
asas. Olhei: o Anjo não punha os pés no chão.
Um anjo vem sempre é do fundo da cena.)

À Amada: (—*"Para que encurtar conversa?"*). Foi um minuto: os relógios todos do mundo trabalhavam. Vejo-te, meu íntimo é solúvel em ti. ANDAM ALVURAS. (*Ah, ela era bela, e minhalma se lembrou de Deus.*) AMO-TE (—*"Meu amor..."*) DE REPENTE, E ME SEPARO DE UM MILHÃO DE COISAS. Uno-me. Eu, enfim, era eu, indispersado. A AMADA. O mundo o mundo o mundo.

O MAR, QUE SOB OS VENTOS, VAGA A VAGA,

VEM DE THULE, DE YS, DO BOJADOR..

Anjo novo. Nós —

E UM SOM CHEIO DE AVENCAS PENDURADAS,

restituindo-me: *menino.*

NA CASA DO AMOR TUDO ERA FRAQUEZA.

Minha mãe brincando com bonecas me teve.
Olhos de me marejar.

SÓ A FIXAÇÃO DE REPENTINA MÚSICA.

Anjo novo.

(NÃO SÓ OUVIR E VER, SENÃO AUDIR E CONTEMPLAR.

Te!)

E, pois, librando-se arcangelicamente, a *alma almíssima*, quando

A ÁGUA
DE MIL CÔNCAVOS, MIL SEIOS,
TE ENVOLVE,
FELIZ, E CONTUDO TODA PENETRANTE

— *não mais ausente.*

Todavia:

... e a vida são sempre outros rumos / que não os nossos. E o último abraço. (*Um anjo só sente o amor como as árvores o orvalho?*) O guarda, anticarcereiro, e sua invista — ficta — espada, não flamante. Vais-te. *Todavia.* TENHO SEDE, TENHO FOME: ISTO É, TENHO O MEU SER. *Todavida.* Tudo tive, tenho! Ao milagre. O dom. O píncaro nevado: o — para sempre — CINTILANTE: o cimo. Eis-me amor. Há tanto, há quando? anos? — DOZE mil, milhões, imensidões

e mais... (*E és*: Vega — soberba estrela azul, A ALVÍSSIMA)... FIOS MANSOS DE MAR... (De outra substância, outra alma e carne, de que nenhuma.) *Anjo novo*. Amor é ALGO, MAIS-PERSPICAZ-QUE-O-MUNDO-E-INTEIRO — súbito decorridamente — *através* de quem nós:

o sempre: o CIMO!

...*"no meio do caminho"* desta *vida.*

CAP. II — *Sobrada solidão do Narrador, sua alegria, aos poucos, substituindo-se, em sutil, pela saudade. Ele volta ao lugar em que aquele amor marcara de revelar-se. A saudade consome sua esperança, e invade por inteiro o Narrador* — que experimenta, inutilmente, discuti-la.

..., SILÊNCIO À TARDE. SÓ
o que só e
antes; ANTIGO
Teus olhos, as mãos
e *inimitáveis céus*, de amando em quando, no meu *nem* lembrar.

No meu quartel espaçoso. (*Às vezes, a saudade dá labaredas.*) A FONTE SE EMITE. A que não-és-mais, onde? meu amor. A FONTE HUMÍLIMA, O PURO TEMPO, AH-ÂNSIA, FORÇADO SONHO, FADA SEM PAÍS. S a u d a d e. Ai-de-me! quem poderia restituir-me o que, DEPOIS nunca houve, só ausente, nem há-de, PELAS RIBEIRAS DO RIO, no nevoeiro do agora?

AONDE as testes árvores, re-arrumadas em o não sempre, EVA NASCENTE, PRIMEVA. Recorro — *em rudes portas*. (HOUVE UM AZUL UMA TARDE, EMBORA, uma e longa manhã; e fogem esquilos. AZUL QUE HABITOU MEUS OLHOS, angelia, eva, *"that joy, once lost, is pain"*, o roissinol de Bernardim.) Aí, eu, trás os montes indo, não achei horizonte mais. E AINDA AMOR, SOZINHO AMOR. Esperança insistente. *E a saudade, a fogo lento.* Ela:

A saudade é um sonho insone.
A saudade é o coração dando sombra.

Saudade — ninho de ausências.
Saudade — um fogo enorme, num monte de gelo.
Saudade — cofrezinho sem chave.

Por que, se nem sou, e o tempo me leva também? *A saudade, cor de rato ou elefante...* (Saudade salafrária, SUA-DADE, ausenciamento...) Um pedaço de

caminho, TÃO PARADO, nas falsas paradas do tempo. O não-vazio — que me sojiga o coração? (Ela, *com seus mil morcegos;* azuis? Sei:)

ESTOU TRISTE, QUANDO EM VÃO,
QUANDO ÀS VEZES ME INCOMPLETO.
...de amando em quando.

E — a saudade — entrequanto:
FONTE FECHADA
CAMPO INFRENE
AVE DO OCEANO
(— *Vem, amada, vem!*)
anjos como medusas
a mais lírica entidade
A EM MIM
(— *Amor...*)
(ou ATRAVESSO-A, como a um não-mar, a um não-lugar
— EU, SAARONAUTA...)
HISTÓRIA DE LONGOS VENTOS
RETALHOS DE ANTIGO LUAR...
— *Não, não!*

... não-te, nem teu não, nem teu rosto! Nem mais o que houve, preso ausente, nem mesmo o que não haverá... *sim, saudade.*

CAP. III — *A saudade esvai-se, e o Narrador teme que, sem ela, a vida o induza, retrocedido, a charcos e cavernas, onde a alegria-verdade daquele Amor para sempre se perca: no mundo das larvas.*

DESENTENDER-SE O MAR? Só, e agora mais só — no abismo-eu, que é o chão dos sonhos. NINGUÉM TEM CONSTÂNCIA NA SAUDADE? (O amor moroso. A impermanência. A subvivência. A insubstância.) Chamei, mas só tua sombra foi chamada, quando
NÃO-MEMÓRIA
NÃO-LEMBRANÇA:
Branca, sal de estátua,
nem eras

A AUSÊNCIA DOS PÁSSAROS QUE ANTES VISITAVAM NOSSAS MASMORRAS EMPARECIDAS DE SILÊNCIO.

A saudade — lenta e prata
IMENSAMENTE SE AFASTA
sobre sim de nada e azul...
(*De seu não dizer*
as lâminas sucessivas:
e uma tristeza de volta

nos esforços de ida.)

SAUDADE da saudade, / a que se apaga / no oco de um calabouço. Morre-se, de não se lembrar. Retrazido / como se o céu não fosse curvo. O nada é muito vivente: os animais, que somos. (*O medo de esquecer — é o chamado do possível ainda? O instinto da saudade* — é o que revolve em mim não sei que indigitadas profundezas?) *E se eu nem estou onde-não-estás?* E

ACASO O VENTO, A NEVE SOSSEGADA
em queda; a
Casa do obstáculo:
(E não poder não ver
O QUERIDO E O PERDIDO
MAIS O QUE É UM SEGREDO
por não ser um sorriso...)

— O NADA. Liso, calmo, quieto, fresco, frio, morto, imperturbado — é o NADA.
— *Minha mãe! Minha mãe! minha*
saudade...

CAP. IV — *O Narrador vai morrer. Mas a saudade retorna, e luta — defendendo-o do medo e contra a sorte.* (Ele sente que a saudade está sempre a seu lado, ainda que muda.)

EU ESTAVA ALI, CHEIO DE MENTE,
NAS MARGENS DO MEU MAR DE MORTE,
morada de ninguém; *apenas minha?*
em meio de muito pranto.
Sei: AGUDOS OS OSSOS DA ALMA
E TODA BELEZA É DISTANTE.
SÓ O TÚMULO OBEDECE.
Todo ídolo é tentativa de deter o tempo.

(Nem o ar é meu, nem

O QUE É MEU. E O RELATO
QUE É MEU, DO CHÃO
DO MAR.)

....
..

Eu morro de terrível autenticidade!

....
Não! que
eu ainda não sou! QUE
EU AINDA NÃO SOU s a u d a d e...
....
Senhora, sinto-vos: *o*
choque angélico.
Saudade — as modulações do escuro;

AS

FALENAS DE ALÉM-FOGO, e

UMA NUDEZ DE ESPADA:
A ARDENTE NEUTRALIDADE DE UM ANJO.

CAP. V — *O Narrador sabe-se transformado novamente e que passou por uma espécie de morte, propiciatória e necessária.* (Descobre que, já antes de encontrar a Amada, tinham saudade, sem o saber — e que a própria, e ignota, fora que os trouxera ao lugar consagrado.)

Sim — nostalgir-me, voltar para o coração. Sob refúgio. A SAUDADE PLORANTE, SUBTRAINDO SEGREDOS. Um anjo pode forçar demais as pessoas à transparência. *Lembro-me de minha sombra.* PREDESTINO!

Sábias lágrimas.
DEVO ADQUIRIR MAIS SILÊNCIO,

MAIS ESPERA,

MAIS BRANCURA.

— *Amor: também sabias?* Trazia-nos. É preciso uma força de montanha de onda, para se fazer, ao alto (OH, EFÊMERA?) um cachozinho de espumas. (*Não a familiaridade com os fantasmas!*) Mas, ao jardim e bosque,
A ETERNA AVENTURA
Profundamente anímica;
motivo circular
SONHO FORÇADO
— *Anjo novo*! —
trazia-nos.

CAP. VI — *O Narrador se reconhece em novas alturas de amor e adivinha o trabalho da saudade. A Amada e ele voltam a encontrar-se.*

Entra agosto em repouso, mesmo os ventos. — Meu amor, nunca não-estávamos... *Alegria*! SOFRO AS ASAS. *Coisas longas nos chamam*

como o mar chama os regatos
desde a fonte.
SAUDADE: A DONA DE PONTES,
CIDADES E PAISAGENS.
(O anjo vem para dizer,
não para discutir ao argumentar;
nunca para pedir.)
— *Meu amor*! OS VERDES...

CAP. VII — *Narrador e Amada imploram que a saudade nunca os abandone, livrando-os dos gelos que entorporam, da opacidade que retarda, do sangue que corrompe e das trevas que separam.* (Não há fim.)

(*Entra agosto em repouso, mesmo os ventos*
que outrora, assaz, em brandos refalsados,
ousavam-se.
Eleleus!
OUIVO ESPLIM / O
CÃO-LAMENTO
NUNCA ENFIM —
EUÓI!
e o ar
Seus moVIVEntos — a saudade
CESSAÇÃO: É A CESSAÇÃO
de um ritmo *Proteu:*
ainda imperfeito. O fim *suas focas.*
mesmo da mais mansa brisa,
dos movimentos da alegria em hastes...)

— A SAUDADE é necessária. A SAUDADE, o delicado sofrimento. A angústia / que varre / das folhas secas / a árvore. A SAUDADE que sorrir? A SAUDADE que avança. SAUDADE — é quando os semicegos tentam fazer-se olhos? É quando começamos a desconfiar do tempo? A
DANÇA LUCIFORME
DEUSA.
Saudade
antimundana

análise de pureza
o infinir
a substancíssima
campo de força-maior
Esperança insistente

MUNDO-NOVO

GRANJA da margem
a longa LAJE, proa.
A PRANCHA sobre as baías
do mar
grande e pequena FÉERIE
no meio do caminho

GRUPIARA.

— Não a inane rastreadora, pobrezinha, cainte, mas
a que nenhum momento quer perdido,
A QUE, PARA OS CELEIROS
RESPIGA
(*Sim, há outras espécies de saudade.*)

A meiga plataforma
em negro nada e espaço.
A que mistura os dias e os
renova.

A:

FONTE QUE DÁ ÁGUA A DORMIR

E OCULTA SEU RUMOR

Angústia e pupila. A
longa consciência e
nova tentativa.
(*Quem sabe suas verdadeiras paisagens?*)

SANTA SAUDADE...

Anjo novo!

— Que ela não nos abandone... DESDE QUE É EM ALGUMA OUTRA PARTE QUE VIVEMOS, E AQUI É SÓ UMA NOSSA EXPERIÊNCIA DE SONHO... Nós, tempícolas... SEJAMOS O SILÊNCIO

COMPOSTO À MÃO DE SEGREDOS.

Brincar de sempre.

— É preciso ter saudade de ti, *mesmo perto de ti.* PARA MAIS PERTO!

— Só a saudade é *sempre* necessária.

— É preciso recriá-la sempre, tê-la conosco (*e às árvores deste jardim, primevo, o único*)...

— É preciso cumprir e ser, em seus domínios; recompor sua coisa de sonho, ACHAR-LHE AS PORTAS.

— A ESTREITA PORTA.

— *Meu amor, cheio de estrelas.* Além! Além!

... PENSAMENTO DE AMOR,

DE AMADA;

AMÉM

Uns inhos engenheiros

Onde eu estava ali era um quieto. O ameno âmbito, lugar entre-as-guerras e invasto territorinho, fundo de chácara. Várias árvores. A manhã se-a-si bela: alvoradas aves. O ar andava, terso, fresco. O céu — uma blusa. Uma árvore disse quantas flores, outra respondeu dois pássaros. Esses, limpos. Tão lindos, meigos, quê? Sozinhos adeuses. E eram o amor em sua forma aérea. Juntos voaram, às alamedas frutíferas, voam com uniões e discrepâncias. Indo que mais iam, voltavam. O mundo é todo encantado. Instante estive lá, por um evo, atento apenas ao auspício.

Perto, pelo pomar, tem-se o plenário deles, que pilucam as frutas: *gaturamossabiassanhaços*. De seus pios e cantos respinga um pouco até aqui. Vez ou vez, qual que qual, vem um, pessoativo, se avizinha. Aonde já se despojaram as laranjeiras, do redondo de laranjas só resta uma que outra, se sim podre ou muruchuca, para se picorar. Mas há uma figueira, parrada, a grande opípara. Os figos atraem. O sabiá pulador. O sabiazinho imperturbado. Sabiá dos pés de chumbo. Os sanhaços lampejam um entrepossível azul, sacam-se oblíquos do espaço, sempre novos, sempre laivos. O gaturamo é o antes, é seu reflexo sem espelhos, minúscula imensidão, é: minuciosamente indescritível. O sabiá, só. Ou algum guaxe, brusco, que de mais fora se trouxe. Diz-se tlique — e dá-se um se dissipar de voos. Tão enfins, punhado. E mesmo os que vêm a outro esmo, que não o de frugivorar. O tico-tico, no saltitanteio, a safar-se de surpresa em surpresa, tico-te-tico no levitar preciso. Ou uma garricha, a corruir, a chilra silvestriz das hortas, de traseirinho arrebitado, que se espevita sobre a cerca, e camba — apontada, iminentíssima. De âmago: as rolas. No entre mil, porém, este par valeria diferente, vê-se de outra espécie — de rara oscilabilidade e silfidez. Quê? Qual? Sei, num certo sonho, um deles já acudiu por *“o apavoradinho”*, ave Maria! e há quem lhes dê o apodo de *Mariquinha Tece-Seda*. São os que sim sós. Podem se imiscuir com o silêncio. O ao alto. A alma arbórea. A graça sem pausas. Amavio. São mais que existe o sol, mais a mim, de outrures. Aqui entramos dentro da amizade.

Pois, plumas.

Estes têm linguagem entre si, sua aviação singulariza-se. Segue-se-lhes no meneio um intentar, e gerir, o muito modo, a atenção concêntrica — e um jeito propositiuído, negocioso, de como demoram o lugar e rabiscam os momentos, mas virando sempre a um ponto, escaninho, no engalhe da árvore, sob sombra. Súbitos, sus, aos lanços, como que operam e traçam. Terão seus porfins: o porfim. Nidificam! Aqui, no avisado, preferiram, para sua ninhança, no desfrequentado. A manhã se trança de perfumes e o orvalho é um pintalgamento lúcido. O ramo a enfolhar não se conclui, nem tem a quem acariciar. O tempo não voa. Todo galhozinho é uma ponte. Ao que eles dois se aplicam, em suave açodo. Tudo é sério demais, como num brinquedo. Sem suor, às ruflas, mourejam, cumprem rotina obstinaz. Um passarinho, que faz seu ninho, tem mãos a medir?

Ambos e a alvo ao em ar, afã, e o leviano com que pousam, a amimar o chão — o chãozinho. Como corrivoam, às múltiplas mímicas cabecinhas, a acatitar-se, asas de vestir, revestir. Têm o ninho em início. Aonde vão, acham ainda o orvalho. Arre que catam a palha mínima, fio, cerda ou cílio, xepam. O mundo é cheio do que se precisa, em migalhificências: felpas, filamentos, flóculos. À vez de esmiuçar-se, nada seja nhufa ou nica: por uma ninharia, os pássaros passam, em desazo. Nem nem comem? O tempo parco, o mundo movediço e mágico. Seu dever é ver, extrair, extricar, içar, levar a lar. Sim, aqui os dois, nidulantes, não cessam, os filhos da delicadeza. Outros só estão a picoritar na figueira, meliantes, conforme ferem os figos, de vizbico. Conquanto, do ao-fundo, os mais outros, segundo as matérias: o incoativo, o repetitivo, o pio puro; tié, tietê, teiteí. O pomar é uma pequena área florestária. Bem-te-vi — monotonia aguda — seu grito de artifício. O sabiá reza: — *Senhora... Senhora...* — a penas um rebate de saudade. Sempre mais longe, mais fundo, mais grave. Aonde os anjos, que ainda à terra vêm, agora. Vigem disfarçados?

O ninho — que erguem — é néxil, pléxil, difícil. Já de segredo o começaram: com um bicadinho de barro, a lama mais doce, a mais terna. De barro, dos lados, à vária vez, ajuntam outros arrebiques. À muita fábrica, que se forma de ticos, estilhas, gravetos, em curtas proporções; e argueiros, crinas, cabelos, fibrilas de musgos, e hábeis ciscos, discernidas lãs, painas — por estofo. Com o travar, urdir, feltrar, enlaçar, entear, empastar, de sua simples saliva canora, e unir, com argúcia e gume, com — um atilho de amor, suas todas artes. Após, ao fim, na afofagem, forrá-lo com a própria única e algodoída penugem — do peito, a que é mais quente

do coração. O ninho — que querem — é entre asas e altura. Como o pássaro voa trans abismos. A mais, num esperanceio: o grácil, o sutil, o pênsil.

Se pois, que, na estreitez do que armam, vê-se, o trabalho se parte. Ele provê os materiais; ela afadigada avia-os, a construtora dita, aos capítulos. Ele traz, ela faz; ela o manda. Ele, cabecinha principal? A irrequietá-la, certo já não avoaça, assíduo. Às vezes, porém, para, num fino de ramo se suspende, volatim prebixim — com lequebros e cochilos eventuais: belpraz-se. A mirá-la de reolho, com um trejeitar, ou repausado — tiroliro — biquiabertinho. Ela o insta, o afervoriza, increpa-o. Aí ele vivo se eclipsa. E volta à lida, subsequente ativo, ágil djim, finge-se deparador, vira, vira, bicoca e corre de lado: — *Aqui... aqui... aqui...* Só que o a seguir-se é que de novo se esquece, empinado se ergue, preparadinho para cantar; que todo tentar de melodia já é um ensaio do indefinido. O que sai é um tritil, pipilo pífio: um piapo — e a alegria a mais, que ele assim se adjudica.

Ela é intrínseca. Ela é muito amanhã, seu em breve ser, mãe até na raiz das penas. Toda mãe se desorbita. O que urge, urge-a, cativa de fadária servidão — um dom. O que teme é ovo anteposto. E ainda não está pronto o ninho, amorável. Donde o diligir, de afinco, de rápido coração, no mais dar. Sumiu-se a gentil trapeirinha em gandaia. Re-pousa-e-voa, sofridulante, o físico aflito, vã, vã. Já ali a erguitar um til de capim, que é um quindim, que é um avo. Recuida-o agora, em enlevo de cobiça, com sem biquinho tecelão. E engendra. Com pouco, estará na poesia: um pós um — o-o-o — no fofo côncavo, para o choco — com o carinho de um colecionador; prolonga um problema.

Está perfeito o nidifício, no feliz findar. Os dois vão avir-se. Ele se sobe a andares altos, plenivoa, desce em festa. Ela se faz a femeazinha, instantânea tanagrinha. São casal. Sem tris, se achegam. Simetrizam. Os outros, os trêfegos aos figos, se avistam acolá, na figogueio, de figuifo. Sem reticenciar, entoa ele então um tema, em sua flauta silbisbil. Deram-lhe outro canto? Sai do mais límpido laringe, eóa siringe, e é um alarir, um eloquir, um ironir, um alegrir-se — um cachinar com toda a razão.

Se sim, quando. Se às vezes, simplesmente. Onde um lugar — os quietos curtos horizontes, o tempo um augúrio ininterrupto — que merece demorada. A inteira alma. As várias árvores. O céu — ficção concreta. Um

par de pequeninos, edificantes. O tremer de galho que um mínimo corpo deixa. E o nomezinho de Deus, no bico dos pássaros.

Às coisas de poesia

> *De* Soares Guiamar — *despercebido, impresso, inédito, fora-de-moda — que queria livro, o* “Anagramas”*, e disse palpites:* Ser poeta é já estar em experimentada sorte de velhice. Toda poesia é também uma espécie de pedido de perdão.

Ou... Ou

A moça atrás da vidraça
espia o moço passar.
O moço nem viu a moça,
ele é de outro lugar.
O que a moça quer ouvir
o moço sabe contar:
ah, se ele a visse agora,
bem que havia de parar.

Atrás da vidraça, a moça
deixa o peito suspirar.
O moço passou depressa,
ou a vida vai devagar?

Pescaria
A Mário Matos

O peixe no anzol
é kierkegaardiano.
(O pescador não sabe,
só está ufano.)

O caniço é a tese,
a linha é pesquisa:
o pescador pesca

em mangas de camisa.

O rio passa,
por isso é impassível:
o que a água faz
é querer seu nível.

O pescador ao sol,
o peixe no rio:
dos dois, ele só
guarda o sangue frio.

O caniço, então,
se sente infeliz:
é o traço de união
entre dois imbecis...

Teorema

Malmequer falhado,
cão madrugador,
pôde simples fado:
tem amado.

Malmequer maior,
deus decapitado;
se cumprido for,
viverá de amor.

Malmequer e bem,
com porquê e a quem:
severo exercício,
amar é transgredir-se.

Parlenda

Papagaio foi à caça

voltou para Portugal
ausência de verdes matas
extinta raça real.

Deu voz de um príncipe louro
viagem por bem e mal.

Deixou-me suas palavras
apenas, no vegetal
caladas; ouro e segredo
um castelo e um coqueiral.

Mas a vida que me herdaram
viver, é bem desigual
— velas no mar, um degredo
e a saudade: azuis e sal.

Que eu sofra noites florestas
e minha culpa, por al.

Alongo-me

O rio nasce
toda a vida.
Dá-se
ao mar a alma vivida.
A água amadurecida,
a face
ida.
O rio sempre renasce
A morte é vida.

O aloprado

O aloprado
sai devagar

entra no mundo
fundo do mar.
Olha por tantas janelas
só em espelho está a olhar.
Mais vê, aí, seu coração:
que o mar é lágrimas e luar.

E desde então
e desde amar
pode ir mais fundo;
nunca, voltar.

Os três burricos

Por estradas de montanha
vou: os três burricos que sou.
Será que alguém me acompanha?

Também não sei se é uma ida
ao inverso: se regresso.
Muito é o nada nesta vida.

E, dos três, que eram eu mesmo
ora pois, morreram dois;
fiquei só, andando a esmo.

Mortos, mas, vindo comigo
a pesar. E carregar
a ambos é o meu castigo?

Pois a estrada por onde eu ia
findou. Agora, onde estou?
Já cheguei, e não sabia?

Três vezes terei chegado
eu — o só, que não morreu
e um morto eu de cada lado.

Sendo bem isso, ou então
será: morto o que vivo está.
E os vivos, que longe vão?

Motivo

O menino foi andando
entrou num elevador
a casa virou montanha
o luar partiu-a em três
o menino saiu de selvas
montado no gurupés
adormeceu sobre neve
despertou noutro cantar
mas deu-se que envelhecera
bem antes de despertar
então ele veio andando
só podia regressar
ao porquê, ao onde, ao quando
— a causa, tempo e lugar.

Adamubies?

Corpo triste
alva memória
tenho fadiga
não tenho história.

Triste sono:
sonhar quero.
Pelo que espero
tudo abandono.

Corpo triste, triste sono,
faz frio à beira da cova.

Onde espero a lua nova
como um cão espera o dono.

Os abismos e os astros

A harmonia oculta vale mais que a
harmonia visível.

Heráclito

No Itamaraty, em dependência do Serviço de Informações, opera autônoma e praticamente sem cessar o *telex*, espécie de bem-mandada máquina, que tiquetaqueia recebendo notícias diretas radiotelegráficas. Naquela tarde de 22 de novembro de 1963, passando por ali meu amigo o Ministro Portella, perguntou-lhe um subalterno de olhos espantados: que queria dizer "*shot*" em inglês? A tremenda coisa, no instante, anunciava-se já completa, ainda quente, frases e palavras golpeadas na longa tira de papel que ia adiante desenrolando-se. *"Presidente Kennedy..."* Susto e consternação confundiam depressa a cidade, os países, todo-o-mundo lívido. Antes que tudo, o assombro. Era uma das vezes em que, enorme, o que devia não ser possível sucede, o desproporcionado. Lembro-me que me volveram à mente outras sortes e mortes.

E — por que então — a de Gandhi. Tende-se a supor que esses seres extraordinários, em fino evoluídos, almas altas, estariam além do alcanço de grosseiros desfechos. Quando, ao que parece, são, virtualmente, os que de preferência os chamam; talvez por fato de polarização, o positivo provocando sempre o negativo. De exformes zonas inferiores, onde se atrasa o Mal, medonhantes braços estariam armando a atingir o luminoso. Apenas os detêm permanentes defesas de ordem sutil; mas que, se só um momento cessam de prevalecer, permitem o inominável. Para nós a Providência é incompreendida computadora.

Podem-se prever suas voltas? Os adivinhos, metapsíquicos, astrólogos, por vezes tem-se de aceitar que algum viso de verdade resida em seus dons e arte.

Digredindo, recordarei Demétrio de Toledo, Cônsul-Geral e horoscopista amador, que ainda me foi dado conhecer. Publicava ele num jornal do Rio, em 1937 ou 1936, seus vaticínios siderais, com avance de mais de semana, e foi assim que, para determinado dia, profetizou "a

morte de um ditador". Interessou-me afirmação tão estricta e a ponto; se bem que a ela quase ninguém dando atenção. Chegou a data e Hitler, Mussolini, quejandos, continuaram viventes... mas, nos Estados Unidos, tombou, a tiros, Huey Long, denominado "o ditador da Louisiana"!

No caso de Kennedy, sabe-se que uma vidente norte-americana predisse-lhe a funesta ameaça e fez por impedir sua viagem ao Texas. Mas, também, leram o jornal *Última Hora* de 21 de novembro, véspera do magnicídio? Lá saiu, na "reportagem Horoscópica" do Prof. Prahdi, como presciência ou "agenda" para o dia seguinte:

> NO MUNDO. *De Gaulle nas manchetes. Fracassado golpe de Estado na América Central. Graves dificuldades para Kennedy. Ameaça de atentado contra Fidel Castro.*

Não creio que honestamente se possa deixar de achá-la notável, coincidência que seja ou "aproximação" de acerto.

Motivos muitos fazem incicatrizável o assunto do assassinato de John Fitzgerald Kennedy. Suspeitas e incertezas levam a novas propalas, investigações, inquéritos. Publicam-se livros, como esse de William Manchester, obra-prima de moderna insensibilidade e mesquinhez, se não de malina coscuvilhice. Com razão, a gente reluta em atribuir apenas às oscilações da Nêmesis — potência-princípio que atua no Universo restabelecendo o equilíbrio da condição humana, mediante aplicação automática da lei-das-compensações, e uma das mais sérias fórmulas achadas pelo pensamento religioso grego — o fim trágico do jovem, afortunado, grande e triunfador Presidente.

Mas fato admirável tem sido esquecido, e é o que nos faz perguntar se, das fundas camadas da mente, Kennedy não haveria captado, de certo modo, aviso de sua situação gravíssima. Foi que, baleado e morto, trazia ele no bolso o discurso que ia dizer, aquele dia mesmo, naquela cidade de Dallas. E que termina com a monitória e dramática afirmação do Salmo:

> *Se o Senhor não guarda a cidadela, em vão vigia a sentinela.*

Zoo
(*Whipsnade Park*, Londres)

Um leão ruge a plenos trovões.

. . .

O lince zarolho.

. . .

O elefante desceu, entre as pontas das presas, desenrodilhada e sobrolhosa, a tromba: que é a testa que vem ao chão.

. . .

O porco-espinho: espalitou-se!

. . .

E o coelhinho em pé, perplexo. Isto é, sentado. O coelho, sempre aprendiz de não-aventura e susto.

. . .

As focas beijam-se inundadamente.

. . .

No *paddock* das girafas:

A girafa — sem intervenção na paisagem: ímpar, ali no meio, feito uma gravata.

Girafa — a indecapitável a olho nu.

A girafa de Pisa.

. . .

O leão, espalhafatal.
As panteras: contristes, contramalhadas, contrafeietas.
O belo-horrir dos tigres rugindo.

. . .

Um coelho pulou no ar — como a gente espirra.
E os olhinhos do esquilo pulam também.

. . .

A zebra se coça contra uma árvore, tão de leve, que nem uma listra se apaga.
Os antílopes escondem desprezo desvoltando o rosto.

. . .

Elefante: há pouco, a ponta da tromba era um polegar; agora virou dedo mindinho.
O elefante caminha sobre dúzias de ovos?
E l e f a n t á s t i c o !

. . .

A serpente é solipsista, escorreita perfeita, no sem murmúrio movimento, desendireitada, pronta: como a linha enfiada na agulha.

. . .

Na *rookery*:
A águia — desembainhada.
O urubu: urubudista.
As corujas de cabeças redondas: cor de piano, cor de jornal.

. . .

A coruja — confusa e convexa — belisco que se interroga: cujo, o bico, central.

. . .

A espinha da raposa é uma espécie de serpente.

. . .

Coruja

O conciso embuço,
o inuso, o uso
mais ominal.
Hílare cassandra
sapiencial.

. . .

O macaco é um meninão — com algum senão.

Um orangotango de rugas na testa; que, sem desrespeito, tem vezes lembra Schopenhauer.

O orangotango, capaz facundo de mutismo. Para dar risada, põe as mãos na cabeça. Ele é mais triste que um homem.

Monos me cocem, se os entendo.

. . .

Os cangurus — nesse escada-a-baixo.

. . .

Todo cavalo, de perfil, é egípcio. (Aquela cara que se projeta.)

. . .

A massa principal: elefante.

Um volume fechado: rinoceronte.

O amorfo arremedado: hipopótamo.

. . .

O ganso é uma tendência: seu andar endomingado, pé-não-ante-pé, bi-oblíquo, quase de chapéu — reto avante a esmo.

. . .

A doninha flui — ela é só sua sombra.

A cavalez da zebra: arriscada, indigitada, impressa, polpuda; equinecessária.

. . .

Os pinguins de costas — sua *ku-klux-klan*.

. . .

A leoa antolha-se-nos: único verbo possível (quando ela se faz estrábica, com o ultrabocejo armado).

. . .

A pantera negra; e as estrelas?

. . .

Seu leque gagueja: o pavão arremia, às vezes, como gato no amor.

O homem de Santa Helena

Não Napoleão, mas um senhor, claro e bem vestido, com quem conversei, uma tarde, entre 1934 e 1935, no Itamaraty, no Serviço de Passaportes.

Lembro-me apagadamente das feições, os olhos; deslembro o nome, de que não tomei nota. Ele se portava muito despreconcebidamente.

Era brasileiro, paulista, conforme a caderneta verde, que trazia para ser posta em ordem. E morava em Santa Helena.

— Cidade no interior de São Paulo?

— Não. Santa Helena, a ilha...

— !...A de Bonaparte?!

— *Yes,* sim.

Selos e carimbos o comprovavam. Mas perdi um momento me acostumando ao fato de haver alguém, assim ao meu alcance, morador em Santa Helena. E, por pim e pam, um brasileiro.

Mas mesmo, mesmo brasileiro, com a nossa fala desembrulhada, nosso meio-tempo cordial, nosso jeito raso, sem contragarra estranha.

Aceitou meu pasmo e disse-me a história de como tinha ido parar na longínqua grimpa terráquea — metade emergente de uma cratera, roída de vento e vaga, poleiro de basalto para pouso dos albatrozes — sozinha no íntimo do Atlântico solitário. Enfim, também, quem descobriu primeiro, há muito tempo, aquela paragem, foi um brasileiro antecipado, um d' *"os fortes Portugueses, que navegam"*...

Contou-me: havia alguns anos, passara por São Paulo um americano, astrônomo e geólogo, que precisou de alguém que o acompanhasse em suas excursões; com ele se empregara, e percorreram boa parte do Brasil, levando cálculos, telescópio portátil, amostras de rochas, instrumentos. Depois de meses, o americano convidou-o a darem uma chegada até à África.

— Eu era solteiro, com saúde...

Começaram por Santa Helena. Mas, logo lá, o paulista namorou uma moça, santa-helenesa, descendida de ingleses. Casaram-se.

(O americano prosseguira só, para a Costa do Marfim ou Costa do Ouro.)

— Tive licença de ficar morando... Destino...

Meu auge, porém, foi ele jurar que era o único forasteiro então habitante da ilha. E com frêmito cívico ouvi que estava rico, isto é, que fundara para si uma fortuna muito acima da média, entre os insulares. Era um exemplo simples — explicou, textual:

— Nós, aqui, somos moles, engordamos os estrangeiros. Lá na Ilha, eu é que era o estrangeiro...

Segundo acrescentou, o comércio santa-helenino se fazia sob praxe de monopólios: um negociante dono exclusivo de vender objetos de vestuário, outro com privilégio para os gêneros e bebidas, e assim vindo o resto. Pois o nosso patrício pronto se arranjara com uma das concessões mais vantajosas, e não tomou tempo para amealhar suas cifras esterlinas. Era o Brasil, éramos todos nós, ganhando. Pequeno e gostoso imperialismo!

Mas, construtivo. Porque também já aconteceu, no outro século, que uma horda brasileira de cupins brancos, viajando vingativamente num navio negreiro, desembarcou e enxameou lá, devorando a biblioteca pública e a maior parte do madeiramento das casas e edifícios da capital, de modo que quase toda Jamestown teve de ser recomeçada — a pau-teque e cipreste, essências que a térmita respeita...

Em seguida, o herói, que agora voltara a São Paulo e ao Rio, a passeio e saudade, comunicou-me que também entrara numa empresa, exportadora de lagostas.

— O que tem mais, na Ilha, são os faisões e as lagostas, que dão o mantimento dos pobres...

Os faisões, virados selvagens, eram praga. E as lagostas, grandiosíssimas, pululavam no mar de ao redor. Ainda mal, para pena dele e minha, que elas seriam quase todas mandadas para a Argentina, e nenhuma para o Brasil, que não era mercado compensador. E a empresa andava adaptando embarcações especiais, com grandes tanques de água salgada, para levarem vivos até Buenos Aires os reais crustáceos. Precisavam de ser barcos a vela, porque as lagostas não suportariam cruzeiro rápido...

Coisas mais me disse, pois conversamos bastante, e eu achei que devia repartir com o público minha informação. Tirado de alguma dúvida, ele concordou em dar entrevista. Estava hospedado num hotel do Largo de São Francisco, ou adjacências. Assim, mal se despediu, telefonei para a

redação de um jornal, e resumi o caso, encarecendo que o procurassem. Agradeceram-me, muito. Por dias, esperei ler a reportagem. Como, porém, nada saísse, perdi o meu porfio — isto é, nunca mais nada se soube a respeito do brasileiro de Santa Helena.

De stella et adventu magorum

No presépio onde tudo se perfazia estático — simultâneo repetir-se de matérias belas, retidas em arte de pequena eternidade — os Três Reis introduziam o tempo. O mais parava ali, desde a véspera da Noite, sob o fino brilho suspenso das bolas de cores e ao vivo cheiro de ananás, musgo, cera nobre e serragens: o Menino na manjedoura, José e a Virgem, o burrinho e o boi, os pastores com seus surrões, dentro da gruta; e avessa gente e objetos, confusas faunas, floras, provendo a muitíssima paisagem, geografia miudamente construída, que deslumbrava, à alma, os olhos do menino míope.

Em coisa alguma podia tocar-se, que Vovó Chiquinha, de coração exato e austera, e Chiquitinha, mamãe, proibiam. Eles, porém, regulavam-se à parte, com a duração de personagens: o idoso e em barbas Melchior, Gaspar menos avelhado e ruivo, Baltasar o preto — diversos mesmo naquele extraordinário orbe, com túnicas e turbantes e sobraçando as dádivas — um atrás do outro. Dia em dia, deviam avançar um tanto, em sua estrada, branca na montanha. Cada um de nós, pequenos, queria o direito de pegar neles e mudá-los dos quotidianos centímetros; a tarefa tinha de ser repartida. Então, à uma, preferíamos todos o Negro, ou o ancião Brechó, ou el-rei Galgalaad; preferíamos era a briga. Mas Vovó Chiquinha ralhava que não nós, por nossas mãos, os mexíamos, senão a luz da estrela, o cometa ignoto ou milagroso meteoro, rastro sideral dos movimentos de Deus. E Chiquitinha, para restituir-nos à paz dos homens concordiosos, mostrava a fita com a frase em douradas letras — *Gloria in excelsis...* — clara de campainhas no latim assurdado e umbroso.

No prazo de seu dia, à Lapinha iam chegar, o que nos alvoroçava, como todas as chegadas — escalas para o último enfim, a que se aspira. Mas, de repente, muito antes, apareciam e eram outros, com acompanhamento de vozes em falsete:

Boa noite, oh de casa,
a quem nesta casa mora...

A Folia de Reis — bando exótico de homens, que sempre se apresentavam engraçadamente sérios e excessivamente magros, tinham o imprevisto decoro dos pedintes das estradas, a impressiva hombridade esmoler. Alguns traziam instrumentos: rabecas, sanfonas, caixa-de-bater, violas. Entravam, mantinham-se de pé, em roda, unidos, mais altos, não atentavam para as pessoas, mas apenas à sua função, de venerar em festa o Menino-Deus. Pareciam-me todos cegos. Será, só eles veriam ainda a Estrela? Porém, no centro, para nossa raptada admiração, dançavam os dois Máscaras, vestidos de alegria e pompa, ao enquanto das vozes dos companheiros vindos só para cantar:

Eis chegados a esta casa
os Três Reis do Oriente...

De onde — oásis de Arábia, Pérsia de Zaratustra, Caldeia astrológica — da parte do Oriente ficava sua pátria incerta, além Jordão, descambado o morro do Bento Velho, por cujo caminho, banda de cá, costumavam descer os viajantes do Araçá e da Lagoa, e, sobre, na vista-alegre a gente se divertia com inteiros arco-íris, no espaço das chuvas, seduzidamente, conforme vinham, balançando-se em seus camelos, para adorar o Rei dos Judeus, fantasiados assim, e Herodes a Belém os enviava: o *Guarda-Mor* e o *Bastião.*

Dois, só? Respondiam: que por estilos de virtude, porque, os Magos, mesmo, não remedavam de ser. E por que os chamavam, com respeito embora, de “os palhaços”? Bastião, o acólito, de feriada roupa vermelha, gorro, espelho na testa, e que bazofiava, curvando-se para os lados, fazendo sempre símias e facécias, representasse de sandeu. Mas o “mascarado velho”, o Guarda-Mor, esse trajava de truz, seu capacete na cabeça era de papelão preto, imponente, e sérios o enorme nariz e o bigode de pelos de cauda de boi. Dele, a gente, a gente teria até medo. Pulavam, batendo no chão os bastões enfeitados de fitas e com rodelas de lata, de grave chocalhar. Um dos outros homens alteava o pau com a bandeira, estampa em pano. Entoavam: ...*“A lapinha era pequena, não cabiam todos três... Cada um por sua vez, adoraram todos três...”* Prestigiava-se ao irreal o presépio, à grossa e humana homenagem, velas acesas; a dança e música e canto rezando mesmo por nós, forçoso demais, em fé acima da nossa vontade; pasmavam-nos.

Depois, recebiam uma espórtula, fino recantando agradeciam: *"Deus lhe pague a bela esmola..."* — e saíam, saudando sem prosa, só o sagrado visitavam. Mas a gente queria acompanhá-los era para poder ver o que se contava tanto — que, onde não lhes dessem entrada, então, de fora, bradavam cantoria torta, a de amaldiçoar: *"Esta casa fede a breu..."* — e, que dentro dela morava incréu, a zangação continuava. Em vão, porém, esperava-se turra de violências. Avisados por um anjo, voltavam por outro caminho, seguiam se alontanando.

Se às vezes chegavam outras, folias de maiores distâncias, sucedia-se o em tudo por tudo. Só que, os homens, mais desconhecidos, sempre, diferentes mesmo dos iguais. Nem paravam — no vindo, ido e referido. Duas folias se encontrassem, deviam disputar o uso desafio: a vencedora, de mais arte em luzimento, ganhando em paz, da outra, a sacola com o dinheiro. Os estúrdios, que agora no sertão navegavam! A gente repetia de os esquecer.

Celebrava-se o dia 6, Vovó Chiquinha desmanchava o presépio, estiava o tempo em veranico entes do São Sebastião frechado. Por quanto, tornavam a falar nos foliões, deles não sendo boas, nem de casta lembrança, as notícias aportadas. Sabia-se que, por adiante, facilitavam aos poucos de receber no grupo aparasitados e vadios, pegavam desrumo, o Canto sacro dava mais praça a poracé e lundu, perdiam o conselho. Já mal podiam trocar as fardas, vez em quando, desfeitos do suor e das poeiras e chuvaradas. Passavam fome, quando não entravam em pantagruomérico comer, dormiam irrepousadamente, bebiam do tonel das danadas; pintavam o caneco. Nem honravam mais as praxes de preceito. Uma folia topava outra, e, sem nem um mal-entendimento, em vez de avença desapoderavam-se logo, à acossa, enfrentemente: batiam à força aberta, a bastão, a pau de bandeira, a cacete, espatifavam-se nas cabeças os tampos de rabecas e violas.

Só que não podiam tão cedo parar, no ímpeto de zelo, e iam, iam, à conta inteira, de lugar em lugar, fazenda em fazenda, ultrapassavam seu prazo de cessação, a Epifania, queriam os tantos quantos são nos presépios e os meninos-de-jesus do mundo. Mas, era como se, ao passo com que se distanciavam do Natal, no tempo, fossem perdendo sua mágica realidade e a eficácia devota, o furor de fervor não dava para tanta lonjura, e de tão esticado se estragava. Assim naufragavam por aí, espandongados, adoentados, exaustos, caindo abaixo de sono, em pé mesmo se dormiam.

Derrotados, recuavam então, retornando, debandando — se coitados, se danados — não raro sob ameaça e apupos, num remate da santa desordem, na matéria merencória.

A gente se entristecia, de saber, receávamos não voltassem, mais nunca, não houvesse a valente Festa de Reis, beleza de piedade, com o *Bastião* truão e o *Guarda-Mor* destronado.

— "Mas, sim, eles voltam. Para o ano, se Deus quiser, todos voltam. Sempre, mesmo. Hão de recomeçar..." Os meninos se sorriam. — "... Eles são homens de boa-vontade..." — repetia Chiquitinha.

O porco e seu espírito

“Sem-vergonha... *Mato!* ” — rugia o Migudonho, em ira com mais de três letras, devida a alambiques. Ele acordava cedo mais não entendia de orvalho; soprava para ajudar o vento; nem se entendia bem com a realidade pensante. E a invectiva ia ao Teixeirete — vizinho seu na limitada superfície terrestre — enquanto vinha a ameaça a um capado de ceva, que gordo abusava a matéria e negava-se a qualquer graça. Teixeirete aconselhara vender-se vivo o bicho? Visse, para aprender! Matava. Hoje. O dia lá era de se fazer Roma.

— *“Sujo Se ingerir, atiro...”* — e dava passo de recuo. Agora, ao contrário: ao vizinho, o desafiar; e o insulto ao porco, não menos roncante, total devorador, desenxurdando-se, a eliminar de si horrível fluido quase visível. Migudonho sobraçava tocha de palha para o chamusco, após sangração, a ponta de faca. — *“Monstro!”* — o que timbrava elogio; engordá-lo fora proeza. Teixeirete achava não valer aquilo o milho e a pena? — *“Saf...”* — aos gritos do apunhalado, que parecia ainda comer para lá da morte. Migudonho — o ato invadia-lhe o íntimo: suã, fressuras, focinheira, pernil, lombo. — *“Quero ninguém!”* Mas, não o Teixeirete: vinha era a filha dele, aparar o sangue, trazia já farinha e sal e temperos, na cuia. Xepeiros! Também em casa dele, Migudonho, não se comia morcela, chouriço-de-sangue, não somavam. Outros sobejos o Teixeirete não ia aproveitar, nem o que urubu há de ter! Do Migudonho — para o Migudonho. Porco morto de bom.

Crestava-o, raspando-o a sabugo. A machado, rachava-o. Despojara-o da barrigada. Cortava pedaço — xingando a mulher: que o picasse e fritasse! Ele respingava pressa. Tomava trago. Destrinchava. Aquela carne rosada, mesmo crua, abria gostoso exalar, dava alma. — *“Cachorro!”* Teixeirete se oferecera de levar a manta de toicinho à venda? Queria era se chegar, para manjar do alheio, de bambocheio. Tomava mais gole. Mastigava, boca de não caber, entendia era o porco, suas todas febras. — *“Cambada...”* — os que olhavam, de longe, não deixando paz a um no seu. Retalhava. Não arrotava. Grunhia à mulher: para cozinhar mais, assar do lombinho, naco, frigir com fubá um pezunho. Teixeirete que espiasse de lá,

chuchando e aguando, orelhas para baixo. Migudonho era um Hércules. Arrotava. Para ele, o triunfal trabalho se acabasse jamais.

Ais. A barriga beliscou-o. O danado do porco — sua noção. A cobra de uma cólica. Suinão do cerdo. Vingança? Vê se porco sabe o que porca não sabe... — *“Doi, dor!”* — ele cuinchava, cuinhava. Queria comer, desatou a gemer. Ah, o tratante do Teixeirete: só eram só seus maus olhos... Migudonho cochinava. Já suava. Ele estava em consequência de flecha.

Fazendo o que, dentro do chiqueiro, atolado? Beber não adiantava. Migudonho, mover e puxar vômitos, pneumático opado o ventre, gases, feito se com o porco íntegro conteúdo. O borboroto, sem debelo. O porco fazia-se o sujeito, não o objeto da atual representação. A hora virou momento. Arre, ai, era um inocente pagando.

Acudiam-lhe, nesse entrecontratempo. Até o Teixeirete, aos saltos-furtados, o diabo dono de todas as folgas? — *“Canastrão!”* Teixeirete, não! Pregavam-lhe uma descompostura.

Mas Migudonho não era mais só Migudonho. Doíam, ele e o porco, tão unidos, inseparáveis, intratáveis. Não lhes valessem losna, repurga, emplastro quente no fígado. De melhorar nem de traspassar-se, a sedeca, aquela espatifação. Gemia, insultava-se por sílabas. Estava como noz na tenaz. Já pequenino atrás de sua opinião, manso como marido de madrasta.

Teixeirete, a filharada, a mulher, solertes samaritanos, em ágil, vizinha, alta caridade. Porca, gorda vida. Migudonho, com na barriga o outro, lobisomem, na cama chafurdado. — *“Satanasado!”*

Teixeirete, bel-prazeroso, livre de qualquer maçada. — *“Coisa de extravagâncias...”* — disse. Abancou-se. À cidade iria, por remédio, e levar o toucinho. — *“Ora, tão certo...”* — falava. Nada lhe oferecessem, do porco, comida nenhuma, os cheiros inteiros, as linguiças aprontadas! O canalha.

Melhor, sim, dessem-lhe. Para ele botassem prato cheio, de comer e repetir, o trestanto, dar ao dente... Ia ver, depois de atochado! Pegava também a indigestão. Saber o que é que o porco do Migudonho pode...

Ria o Migudonho, apalpando-se a eólia pança, com cuidado. Mais quitutes dessem ao Teixeirete, já, reenchessem-lhe o prato. Homem de bons engolimentos. — *“Com torresmos...”* Teixeirete — nhaco-te, nhaco-te, m’nhão... — não se recusava. E não adoecia e rebentava, o desgraçado?!

“Arre, ai...” — a dor tornava. Esfaqueava-o o morto porco, com a faca mais navalha. Comido, não destruído, o porco interno sapecava-o. Deu tonítruo arroto. Pediu o vaso. Do porco não se desembaraçava. Volvo? — e podia morrer daquilo. Queria elixir paregórico, injeção, algum récipe de farmácia. Pois, que fosse, logo, o Teixeirete. Que era que ainda esperava? Deixasse de comer o dos outros, glutoar e refocilar-se. — *“Descarado!...”*

Ver o Teixeirete saindo, no bom cavalo, emprestado. Tomava também dinheiro! Sorrindo, lépido, sem poeira nem pena — um desgraçado! Migudonho virava-se para o canto, não merecia tanta infelicidade. — *“Porqueira...”* — somente disse. Foi seu exato desabafo.

Fita verde no cabelo
(Nova velha estória)

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então, ela, mesma, era quem se dizia: — *"Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou."* A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.

E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós. Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeiínhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

— *"Quem é?"*

— *"Sou eu..."* — e Fita-Verde descansou a voz. — "*Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou."*

Vai, a avó, difícil disse: — *"Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe."*

Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: — *"Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo."*

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

— *"Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!"*

— *"É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta..."* — a avó murmurou.

— *"Vovozinha, mas que lábios, ai, tão arroxeados!"*

— *"É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta..."* — a avó suspirou.

— *"Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?"*

— *"É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha..."* — a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez.

Gritou: — *"Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!"*

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

Do diário em Paris

Todo o mundo se evade. Lucy partiu de avião para o Brasil, levando na lapela um *cyclamen des bois*. Michel Tapié disse-me há dias que ia a Tréport, assistir às tempestades, que vão ser extraordinárias, pois desde não sei que anos o equinócio não coincidia com a lua nova. E, perto de Wepler, encontro-me com o velho Flairbaud, um volume de crítica sob o braço. Perguntei aonde se andava.

— Aos probos e esponjosos domínios da cerveja...

. . .

Em compensação, hoje às 8 e 45, na Gare de l'Est, onde fui esperar amigos vindos no Expresso-do-Oriente, vi chegar uma mulher, bonita como ninguém nunca viu. Roubei do ruivo perfume de seus cabelos, e passaram por mim, por relâmpago, eis olhos, de um grande verde instantâneo, como quando se sonha caindo no vácuo nenhum. Saía de um *lied* de Schubert, isto é, na via 25, descia de um trem incomparavelmente chegado de: Bucareste — Belgrado — Budapeste — Varsóvia — Praga — Viena — Estrasburgo — Francforte — Spira, segundo se podia estudar na tabuleta do carro.

. . .

S.D. explica-me suas cores, as que devem esperar na paleta: preto (*noir d'ivoire*), branco (*blanc d'argent*), vermelho de Veneza ou ocre rubro; ocre-amarelo ou amarelo-de-cádmio, médio. Para a paisagem as mesmas, mais: azul de cobalto e terra de Siena.

Novas, sim, são as que a moda acende e que se impõem nos figurinos: azul-vitral, azul-andorinha, verde-cacto, azul *François Ier., rouge vin d'Arbois, gris nuage, violet Monsignor, miel blond.*

Para o escritor, também, de primeiro podia haver disso, nos pincéis: preto como o azeviche ou a noite ou fuligem, branco como o alabastro ou a neve, vermelho como o fogo, rubis, amarelo açafrão, azul-céu. Hoje,

porém, é azul ou verde ou vermelho, só, sem mais. Ou então a menção deve gastar-se, uma única vez, clarão de lâmpada a magnésio.

. . .

Maria, vestida de maio:
zulmarim e branca-flor...

. . .

Eu estou só. O gato está só. As árvores estão sós. Mas não o só da solidão: o só da solistência.

. . .

— No metrô, em vermelho, este anúncio, que é Paris e é um poema:

le
rouge baiser
permet
le baiser...

. . .

Que nunca sejam triviais para mim os castanheiros.

. . .

Apresentaram-me a uma moça grega, que veio a Paris estudar cinema. Moça, digo, pela idade aparente. Porque é casada. Senhora Kórax, ou Hiérax, ou Skolópax; só sei que um nome de ave. Porém seu prenome é Ieoana. De começo, brincou de não dizê-lo:

— ... Ainda se fosse Fríni, ou Khlói, autênticos nomes helênicos...

— Cloé... Frineia... Beijocleia...

— Que diz? É em sua língua? É belo. Soa-me ainda mais grego...

. . .

30-IX. — Rio-me, com o Ferdinand, *barman* e um dos irmãos co-proprietários do “Le Montaigne”. Está sempre de smoking e é em excesso

sensato, um tanto tímido. Joga aos dados conosco, e perde, todas as vezes. Inocentemente, ele nos chama, a nós brasileiros e aos sul-americanos em geral, de: *"les Sud-Argentins"*...

. . .

Redigir honesto um diário seria como deixar de chupar no quente cigarro, a fim de poder recolher-lhe inteira a cinza.

. . .

O diário tem dois títulos: às vezes é "Nautikon", às vezes "Sozinho a bordo". Sozinho de verdade, não. Apenas, cada um de nós traz sua parte chão e uma parte oceano?

. . .

2-X — As sete sereias do longe: si-mesmo, o céu, a felicidade, a aventura, o longo atalho chamado poesia, a esperança vendada e a saudade sem objeto.

. . .

Mas a vida, salvo seja, surpreende-nos. Ieoana, a amiga grega, de quem há dias não sei, tem a ideia de chamar-me. Cilada: mal dou minha voz, ela se põe de lá a falar, coisas impalpáveis, em seu fino idioma. Desentendo; espero. E ela parola, parla, lala, gregueja, greciza, verso ou prosa, sem pausa. De repente, pós um dual e um aoristo, desliga. E, quando chamo, minha vez, não atende seu telefone.

. . .

A glória, o peso e o opróbrio de uma feijoada.

. . .

Miligrama — palavra fria.

. . .

Almoço com Ieoana, no “La Rotonde”, onde há comida basca e orquestra magiar. O vinho é um Sancerre *fruité* — saibo de pêssego e cheiro branco de rosas. A *garçonnette* é uma “stéphanoise”, porque nasceu em St. Etienne. Rabisco “Nautikon” na toalha da mesa, e pergunto a Ieoana se aquela palavra existe.

— Náftikon? É a marinha.

— Sou eu mesmo.

— Um enigma?

— O “Náutikon” resolve tudo...

— O que tudo resolve é o teatro. Amo o teatro. É um antigo amor que é o de todos os gregos que eu conheço. Não é o teatro uma verdadeira teofania?

. . .

O que é da lua são os gobelins, as borboletas bruxas, os rostos depois do amor, a tua pele...

. . .

Amar é a gente querer se abraçar com um pássaro que voa.

. . .

Ieoana recita-me estrofes em grego moderno — *demótike* — língua que bem se aproxima do ronrom de um gato; daí, rir, chamarem-lhe também *romaico*. Perguntei o que aquilo. Anacreonte?

— Nem não. São de amigo meu, cipriota, alfaiate em Istambul. Gosta de Anacreonte?

— Ele está sempre a chamar a amada, ou o escravo, querendo vinho...

— Ele, Anacreonte, mesmo, é quem nos serve o vinho. Se Você fosse Anacreonte, pediria que eu caminhasse descalça sobre pétalas de rosas, e depois me beijaria os pés...

— E se...

— Não, não; desculpe. Falo de versos, Você é Anacreonte?

. . .

— *Paris m'absorbe et m'affole...* — dizia-me Ieoana. — Sou muito grega...
— Toda grega, puro tipo.
— Verdade. Em minha aldeia os turcos não pisaram.
— Que sua aldeia?
— Nenhuma. Disse apenas um velho provérbio. Sou de Esparta. Meu marido é de Atenas.
— Pior seria o contrário. Ele é ciumento?
— Nunca foi. Nós gregos não somos ciumentos. Não podemos, porque o nosso orgulho não permite. Somos alegremente orgulhosos.

. . .

Ki an einai ná pethánome iá tin Helladha
Thía einai he daphni miá phorá kanis pethêni.

. . .

Dois homens numa canoa,
um à popa, o outro à proa,
não sou pessoa nenhuma

Faço parte da paisagem?

Se tantas vezes me viste,
saberás se hoje estou triste,
se vou ou volto de viagem?

. . .

— De um modo — Ieoana suspira — estou esperdiçando Paris.
— Blasfêmia?
— Não. Mas é que fiz voto de ser Penélope...

. . .

Amanhã vou à Itália, amanhã vou à Itália, amanhã vou à Itália!...

Amiga e amigo. Ieoana me diz que, se gostasse de mim um pouco mais, ou um pouco menos, me amaldiçoaria.

. . .

Poema de circunstância

Je m'en vais de Hellas
mon bonheur aussi.

Nous nous en allons d'emblée
nous quittons l'Olympe aux nuages
de marécage et d'étain.
Mon bonheur, eh bien
on s'en va d'ici.

Dans mon sang une poussière de pièrres
dans mon coeur une griffe de lierre
des baisers bleus dans mon verre:
ah, parmi ces durs rêves
j'aimerais aimer.

Les cyprès sans ombres
les cyprès s'imposent
les lauriers moroses
les lauriers s'en vont.
Plus loin encore que moi
mon bonheur, eh bien.

. . .

Ieoana: — Ah, mon ami, vous êtes platonicien!

. . .

Sim, é na Pont Neuf que o Sena é mais belo. Mas onde gosto mais dele é na Pont-au-Change.

Novas coisas de poesia

Perguntam-me por mais versos de Soares Guiamar. Não são possíveis. Ele agora para longe, certo à beira do Riachinho Sirimim, lugar de se querer bem. Tenho, porém, outro poeta de bolso: MEURISS ARAGÃO. *Jovem, sem jeito, em sua primeira fase, provavelmente extinta. Vejam, se serve.*

Mulher
Mar
Morte

Devoro-me de a mais a
imagem indesmanchável
desfazendo-me — eis e
voos entes e sei — vagas
em mim despedaçadamente
vasto a
som sal soledade
aos
céu e céu
olhos leste-oeste olhos
onde entre onde
me movo
morro-me e
me arranco de ti
a ti: a
amarga.

Saudade, sempre

Sem mim
me agarro a um tanto de mim
não aqui

já existente
sobre tudo e abismo.
Horas são outrora
além-de. O
muito em mim me faz:
som de solidão.

Saudade, sempre
(*Versão aflita*)

Alma é dor escondida.
O coração existe
animal a um canto
— o triste.
Posso pecar contra ti
ingenuamente:
há fogo, o fundo
o instante; não,
o esquecimento
é voluntária covardia.

A ausente perfeita

Mal refletida em multidão de espelhos,
traída pela carne de meus olhos,
pressentida
uma ou outra vez, quando
consigo gastar um quanto da minha
pesada consolação transitória —
poderás ser:
a ave
a água
a alma?

A espantada estória

O relógio o
crustáceo
de dentro de polo-norte
e escudos de vidro
em dar remedido
desfechos indivisos
cirúrgicas mandíbulas
desoras antenas;
ele entranha e em torno e erra
o milagre monótono

intacto em colmeias;
nem e sempre outro adeus
me não-usa, gasta o
fim não fim:
repete antecipadamente
meu único momento?

... nele
eternizo
agonizo
metalicamente
maquinalmente
sobressaltada
mente
ciente.

Uns índios (sua fala)

Refiro-me, em Mato Grosso, aos Terenos, povo meridional dos Aruaques. Logo desde Campo Grande eles aparecem. Porém, se mal não me informo, suas principais reservas ou aglomerações situam-se em Bananal, em Miranda, em Lalima e em Ipegue, e perto de Nioaque. Urbanizados, vestidos como nós, calçando meias e sapatos, saem de uma tribo secularmente ganha para o civil. Na Guerra do Paraguai, aliás, serviram, se afirmaram; deles e de seu comandante, Chico das Chagas, conta *A Retirada da Laguna.*

Conversei primeiro com dois, moços e binominados: um se chamava U-la-lá, e também Pedrinho; o outro era Hó-ye-nó, isto é, Cecílio. Conversa pouca.

A surpresa que me deram foi ao escutá-los coloquiar entre si, em seu rápido, ríspido idioma. Uma língua não propriamente gutural, não guarani, não nasal, não cantada; mas firme, contida, oclusiva e sem molezas — língua para gente enérgica e terra fria. Entrava-me e saía-me pelos ouvidos aquela individida extensão de som, fio crespo, em articulação soprada; e espantava-me sua gama de fricativas palatais e velares, e as vogais surdas. Respeitei-a, pronto respeitei seus falantes, como se representassem alguma cultura velhíssima.

Deram-me o sentido de um punhado de palavras, que perguntei. Soltas, essas abriam sua escandida silabação, que antes desaparecia, no natural da entrefala. Eis, pois:

frio — kás-sa-tí
onça — sí-i-ní
peixe — khró-é[77]
rio — khú-uê-ó
Deus — íkhái-van’n-u-kê
cobra — kóe-ch’oé
passarinho — hê-o-pen’n-o (*h* aspirado).

A notação, árdua, resultou arbitrária. Só para uma ideia. E, óbvio, as palavras trazidas assim são remortas, sem velocidade, sem queimo. Mas,

ainda quando, fere seu forte arrevesso.

Depois, no arraial do Limão-Verde, 18 km de Aquidauana, pé da serra de Amambai, visitei-os: um arranchamento de "dissidentes" — 60 famílias, 300 e tantas almas índias, sob o cacicado do *naa-ti* Tani, ou Daniel, capitão.

O lugar, o Limão-Verde, era mágico e a-parte, quase de mentira, com excessivo espesso e esmalte na verdura, como a do Oxfordshire em julho; capim intacto e montanhas mangueiras, e o poente de Itália, aberto, infim, pura cor.

Quase conosco, adiante, chegava também uma terena, a cavalo. Com sapatos anabela e com seu indiozinho ao colo. Quisemos conversar, mas ela nem deixou. Convenceu o cavalo a volver garupa, dando-nos as costas, e assim giraram, e desgiraram, quanto foi preciso.

Mas, ao avistar-nos, o capitão Daniel rompeu de lá, com todos os seus súbditos. E ele era positivo um chefe, por cara e coroa. Sua personalidade bradava baixinho. Em qualquer parte, sem impo, só de chegar, seria respeitado. O descalabro, a indigência, o aciganamento sonso de seu pessoal, não lhe tolhiam o ar espaçoso, de patriarca e pompa. Ele representava; e, com ritual vazio e simples palavras, deu-nos, num momento, o esquema de uma grande hospitalidade.

Enquanto podia, entretive-me também com um grupo: Re-pi-pí ("o cipó"), I-li-hú, Mó-o-tchó, Pi-têu, E-me-a-ka-uê e Bertulino Divino Quaauagas. Eu fazia perguntas a um — como é isso, em língua terena? como é aquilo? — e ele se esforçava em ensinar-me; mas os outros o caçoavam: — Na-kó-i-kó? Na-kó-i-kó? (— "Como é que vamos? Como é que vamos?" — *K'mok'wam'mo?* — quer dizer: — Como que Você se sai desta?...)

Apenas tive tempo de ir anotando meu pequeno vocabulário, por lembrança. Mais tarde, de volta a Aquidauana, relendo-o, dei conta de uma coisa, que era uma descoberta. As cores. Eram:

vermelho — a-ra-ra-i'ti
verde — ho-no-no-i'ti
amarelo — he-ya-i'ti
branco — ho-po-i'ti
preto — ha-ha-i'ti

Sim, sim, claro: o elemento *i'ti* devia significar "cor" — um substantivo que se sufixara; daí, *a-ra-ra-i'ti* seria "cor de arara"; e por diante. Então gastei horas, na cidade, querendo averiguar. Valia. Toda língua são rastros de velho mistério. Fui buscando os terenos moradores em Aquidauana: uma cozinheira, um vagabundo, um pedreiro, outra cozinheira — que me sussurraram longas coisas, em sua fala abafada, de tanto finco. Mas *i'ti* não era aquilo.

Isto é, era não era. *I'ti* queria dizer apenas "sangue". Ainda mais vero e belo. Porque, logo fui imaginando, *vermelho* seria "sangue de arara"; *verde*, "sangue de folha", por exemplo; *azul*, "sangue do céu"; *amarelo*, "sangue do sol"; etc. Daí, meu afã de poder saber exato o sentido de *hó-no-nó, hó-pô*, *h-há* e *hê-yá.*

Porém não achei. Nenhum — diziam-me — significava mais coisa nenhuma, fugida pelos fundos da lógica. Zero nada, zero. E eu não podia deixar lá minha cabeça, sozinha especulando. *Na-kó i-kó?* Uma tristeza.

Zoo
(Rio, Quinta da Boa Vista)

Avista-se o grito das araras.

. . .

Zangosa, arrepiada, a arara é tarde de-manhã — vermelho sobre ouro-sobre-azul — velhice colorida: duros o bis-bico e o caráter de uma arara.

. . .

Canta um sabiá sem açúcar.

. . .

Será o tamanduá-bandeira a verdadeira mula-sem-cabeça?

. . .

Prova-se que a ideia da galinha nasceu muito antes do primeiro ovo.

. . .

A cigarra cheia de ci.

. . .

O que como espelho reluziu foi a nuca, sol'oleosa, de uma ariranha, dado o bufo rápido — suflo e espirro — a bafo, com que toda bem escorrida, ela aponta à tona. São duas, em sua piscina: a outra, com fome, só zangadíssima, já escorrega, de brinquedo, e geme curto, chorejo pueril, antes de pular também na água, depondo-se.

Nadando lado a lado, arrulham, esticadas, vezes cambalhotam. Três braçadas, depois as mãozinhas para trás e a cauda — leme pronto próprio — rabo de remo.

Sobe cada uma de fora a cabeça, sopra e reafunda, basculando. As duas passam e repassam, como sombras.

Saem enfim a seco, esfregam-se na areia as costas, e se acariciam, tacto a tacto, como se indireta, involuntariamente. Suas patinhas, breves, quase não atuam, os movimentos são de cobra, só insinuação. Amiúde bebem, fazem bulha. Ficam de pé — rasga-se seu *ah! - ah! - ahrr!* Carnívoras sempre em quaresma: atiram-se aos peixes, devoram levemente.

. . .

O coati saiu-se aos pulinhos: deu seu cheiro.

. . .

O urubu é que faz castelos no ar.

. . .

Onça — tanta coisa dura, entre boca e olhos.

. . .

A cobra movimenta-se: destra, sinistra, destra, sinistra...

A jiboia, macia, métrica, meandrosa.

A sucuri — sobre tronco morto ou grosso galho baixo de árvore — tenta emagrecer, não cabendo em sua impura grossura

. . .

Ilha dos Macacos: estes, não-simples — como não houve ainda outro jeito nem remédio. Incessam de bulir, pinguelear, rufionar, madraçar, imitaricar, catar-se e coçar-se. Também fazem quironomia e pantomímica, figurarias — monomanias, macaquimanhas. Um macaco pênsil! Volantins, aos doces assovios, inventam o esporte arbóreo. Macaquinho em mão-e-pé, ou mediante cauda. Simão, o epicurista, macaquicão velho, chefe, afivelada a cara preta: sentado largo, fumante sem cachimbo, repreende seus curumins — espinafráveis simíolos. Por que é que um pirralho de macaco é muito mais pirralho que macaco?

Simão II, ruivo, ajunta bugigangas, quinquilha pedrinhas, ira-se com o que consegue descobrir. Seria exímio palitador de dentes. É o cafuné um ato culinário?

Não sonham — os macacos mais singulares. Há um instinto de tristeza? A careta do macaco é feita por obrigação.

. . .

A girafa: — *Ei-la e não ei-la!*

Elefante: ele sabe onde tem o nariz.

. . .

Emboladinho o *gaturamo* — feito gema e escura — ameixa-recheada. O *trinca-ferro*, mentiroso. Não se solta, a cabecinha sangrenta do *galo-da-campina*. Em luto, estribilhiz de truz, a *graúna*, corvozinho catita. *Araponga* encolhida triste — enferrujada. *Sanhaços* — todos, os mais belos! — sem nuvens. A *jacutinga*, flente piadora, imperturba a pasmaceira.

O passarinho na gaiola pensa que uma árvore e o céu o prendem.

. . .

O QUE SE PASSOU NO CERCADO GRANDE: Juntos, o gamo e a ema rimam. Ovinos pastam, os carneiros valentins. Impõe-se oficialmente aberto o pavão — cauda erguida verde. O jaburu anda, meticuloso passo angular, desmeias pernas tão suas. Os carneiros são da Barbaria! A ema persegue os carneiros — a ema que come cobra. Pulam da grama os gamos deitados, branquipretos, rabicurtos: feito passarinhos. O jaburu, bico fendidamente, também corrivoa, com algo de bruxo e de aranha. Só o pavão, melindroso humilde, fica: coifado com seu buquezinho de violetas.

Subles

Foi que, uma noite, sozinho em casa e avançando as horas, tomado de sono, deu-me entretanto de telefonar a um ou outro conhecido, ainda que sem assunto e contra meu costume.

Como em duas, três tentativas, a linha estivesse sempre ocupada, comecei, nem sei, a discar a esmo, do modo por que a mão da gente num vazio desses se distrai, tamborilando dedos, por exemplo, ou rabiscando letras e garatujas. Suponho ter formado, de curto, um número impossível e imprevisto, principiado por 7, 9 ou 8. E somenos cochilava, se por metade não dormia.

Despertou-me um apelo-[78] brusco:

— Quer falar com Subles?

Que sim, respondi, com presteza que ainda hoje não me explico. Verdade que eu conhecia o Subles, um único Subles, sujeito de raras palavras e riso nenhum ao guichê, funcionário bancário. Aquela hora, se bem o disse, eu não esquivaria interlocutor, aceitava qualquer conversa. Também o torpor que me nublava tirou-me de estranhar o acaso. Guardei o fone ao ouvido.

Sobre pausa normal — convém minuciar — soaram, fim de fio, confusas campainhas, e percebi vozes, como as que no comum se entremetem para as ligações interurbanas. Por uma vez admiti que a chamada partira do próprio Subles, surpreendendo-me por coincidência enquanto eu usava o aparelho; e quis imaginar de que lugar, e que motivo ou erro o trazia a mim. Em tão contadas ocasiões o vira e por último fazia tanto tempo, que nem poderia em rigor evocar-lhe a fala e as feições.

Momento e outro, alteou-se, não entendido, o retalho de colóquio das telefonistas; depois borbulhou no receptor apenas um gorgolejo morto, como o de dentro de um búzio. Demoravam, quase entrei em dúvida. Só silêncio. Enfim, porém, acertaram conexão linha adiante, onde regia voz oficial — crassa, espessa:

— Aão?

— Alô, alô... — me apressei.

Do outro extremo, insistiu, autônomo, o interrogador:

— Quer falar com Subles?

Concordei, sem fazer espantos, posto sabendo que telefonava de moto alheio. Digo que por então eu me lestara, livre da sonolência. Subles — sua memória — vinha palpando. O contínuo quotidiar é que relega as impressões, desmembra-as. Portanto, eu o tinha na lembrança, um pouco mais do que antes achava: a cabeça grande, grisalha, um desmedir-se de orelhas, as mãos, que muito se viam, hábeis no manipular recibos e maços de dinheiro, e o vezo grave, polido, de cumprimentar perguntando-nos: se toda a família passava bem?...

O fone captava simples estalidos, em meio de sussurros, voo menos que o de morcegos, outramente seguidos de rumores de arrasto, como se mudassem um cenário. Tinia com intervalos, mais remoto, o toque de campainhas. E bem o diálogo de telefonistas reescutava-se indistinto, ora uma frase se acentuando, em idioma extraordinariamente estrangeiro. Dei que, pelo melhor, arrumavam uma ligação mais que longínqua. Então, onde estaria Subles? Telefonar-me, ele a mim, dividia-se em ridículo e absurdo. De agora creio que me vi na maior suspensão. Continuei esperando.

Tornaram a chamar, e um ruído regular se estabeleceu, transferindo-nos de circuito. Mas a voz que saltou se distendia de ninguém, falseando timbre, tanto podia ser de homem ou mulher, de um velho, de uma menina.

— Que quer? Que quer? — pareceu-me perguntavam.

— Subles?! — exigi.

— Pode esperar Subles.

Por primeiro suspeitei estar sendo usado num gracejo. Mas a mesma dicção incarnal se seguia acolá, peremptória, por certo reclamando urgência. Teriam posto Subles numa prisão, num manicômio? Dava-me pena imaginar: ele trajado de preto, estragado, distante de todo o mundo. Devia ter naquele instante uma inadiável comunicação a fazer-me, talvez um pedido. Impacientei-me, bradei no bocal: — Alô! Alô!...

— Pode esperar Subles...

Pelo modo, através de engrenagem, trocavam de sistema, aprofundando-me para outro âmbito: pensei na possibilidade de uma rede clandestina. Tudo é tão clandestino, tanta coisa é possível, que a vida é o não-resumo de um milagre. Subles me chamava, de algum ponto perdido naquela trama.

— Alô?

Seria ele? Não o conhecia mais que acauteladamente. Nunca me ocorrera dar-lhe uma palavra desnecessária. Nunca o olhara de verdade.

Já aqui eu estava demasiadamente acordado, atento, lúcido. Ápices de vozes se erguiam, trazidas e levadas, feixe de murmúrios. A espaços, uma entressistia mais forte, renovava o nome de Subles. E alguém chorava, seguro estou, a um canto: emitia insuportável soluço, manso, em decrescendo; podia ser também um mecanismo.

Precisei de fechar os olhos e haver apenas o telefone; perto mesmo de mim, eu temia de repente qualquer coisa. Para acalmar-me, seria bem-vinda a própria fala inumana, já sabida, de séculos há pouco.

E, Subles, eu carecia de ouvi-lo. Compreendi que lhe queria bem, que seria meu amigo. Seus olhos podiam oferecer um raro entendimento profundo, principalmente só seu. Subia-me, de muito, uma tensa calma, algo para além do medo, inconcebível serenidade. Tentei entendê-la, substância evasiva, notar seu espaço de sonho. Foi porém imensamente breve, sem definição.

— Subles... — pedi, talvez só com arrancado pensamento.

— Sabemos. Subles.

— Sim!

— Subles ainda não chegou.

— Aguardo?

— Subles chegará dentro em pouco...

Não sei dizer se círculos de silêncio lançavam-me em seu centro, ou se um mar de música corroía em mim o que não fosse apenas alma — isto é, o intimamente estranho.[79] Esperei Subles, cujo recado urgia decifrar, de quem eu tinha de ouvir uma revelação. Se não, se não a recebesse, talvez o simples sentido da vida ficaria para mim para sempre incompreendido. Um fio devia unir-nos, e não funcionara. Ou sim? Mas aquela ausência humana tendia a desordenar-se, minha lembrança não a deteve. Sucedeu outra vez a voz, tênue, silabuciada, movitiva:

— Subles acaba de chegar.

— Subles! Pode falar?

— *Falar?!* Mas ele já chegou!

Era outra coisa que uma voz, só, sem respondibilidade, infixa. A orla do fone comprimia-me as cartilagens, impunha-se sobre meu sangue —

máquina, em tumulto. Senti que meus cabelos eternamente subiam, num arrepio.

— Alô! Alô! Subles?! — supliquei.

— Como poder ele falar, se já chegou?! Como quer que ele fale?!

Não mais.

— Subles... — gemi.

— *Ele já chegou.*

Tremi de morte, glacial, eu suava. Sem senso, surdo, meu corpo se contraía, e pulsou, num repugno à vertigem, como um cavalo espavorido se rebela refugando. Que me importava o bancário Subles?

Larguei o fone — eu me devolvia a mim, ao quotidiano, ao normal, que nem uma pedra a um poço: descendo, caindo, voltando. Durante um tempo, o telefone não tocava outra vez, não chamou.

Teatrinho

Temos de começar pela bibliografia: *Journal* (1943-1945), de Julien Green; e *A Volta do Gato Preto*, de Érico Veríssimo.

É que os dois contam, cruzadamente, uma passagem, um caso que se deu, a 4 de agosto de 1944, no Mills College, Oakland, Califórnia, Estados Unidos. Emparelhá-los seria já de si curioso, texto e texto. Mas o próprio caso, em si, paga; veja-se que vale a pena.

Veríssimo é imparcial, jovial, sem rugosidades, entre distâncias. Aliteradamente, é um riacho: lúcido, lépido, límpido. E bom contrarregra. Tenham como traz os personagens. Diz:

De Julien Green: "... é um homem de estatura meã, construção sólida, tez dum moreno claro, cabelos e olhos escuros e um nariz gaulês, longo e fino. É retraído e tímido, dessa timidez que à primeira vista pode parecer empáfia. Só depois duma apresentação formal, durante a qual ele tirou da cabeça o panamá creme, é que passou a me cumprimentar, mas sempre cerimoniosamente."

E de Carrera-Andrade: "Alto, corpulento, monumental, com seu bigode aparado, seus olhos de índio... Temos feito longos passeios pelo parque, a conversar sobre homens e livros, viagens e ideias. Ao cabo de dois dias começamos a divergir em quase todos os assuntos que atacamos."

Mas, do que Veríssimo desdobra, entende-se também um Carrera-Andrade rei no intolerar, exorbitante:

"... Um dia, ao cabo de uma dissertação que lhe fiz relativamente à minha atitude diante do mundo, concluiu:

"— Mas você não é um escritor latino.

"— Por quê?

"— É um homem frio, metódico, insensível.

"— Insensível? Frio? Essa é boa...

"— Eu o tenho observado todos estes dias, tenho acompanhado as suas reações às coisas que lhe dizem, às pessoas que o cercam."

Veríssimo sorri e desvê de mais explicar-se.

Mas Carrera-Andrade — que usa palmadas na coxa e outros jactos de impaciência — declara amor ao "povo", tem pendores para isso. Sua má-

vontade para com os norte-americanos se acende sempre. Assim:

"— Que se pode dizer dum país onde nem criados existem!

"— Mas, meu caro poeta — observo —, você não me disse que era socialista?

"— Pues si, amigo... Pero eso es diferente. Siempre habrá señores y esclavos."

Dando a um o dado ao outro, compara-se agora. Green, no 3-V-43 de seu diário:

"Há os que deixam de repente de crer em Deus. Quanto a mim, noto que deixo, pouco a pouco, de crer na humanidade. Por muito tempo, ela se me impôs, com seus discursos, suas leis, seus livros, mas começo a vê-la sob o verdadeiro aspecto, que é triste, porque é uma velha louca, cujas crises de ferocidade alternam com sorrisos."

Carrera-Andrade faz belos versos, será "um dos mais interessantes poetas modernos da América espanhola". A pessoa de um homem é uma catarata de surpresas.

E Green, que convive com a Bíblia e compulsa o dicionário hebraico, ignora a existência de Carrera-Andrade, mas sabe que o Demônio existe. Green é um místico irresoluto. Passeia por si mesmo, como em claustro circular, plataforma para o invisível. Glosa a danação e a graça, o problema do mal, o destino, o pecado, o jogo entre Deus e o homem.

Mas, volta a falar Veríssimo, e a cena principia:

"... Acha Carrera-Andrade que Julien Green habita numa torre de marfim, alheio aos conflitos e inquietações sociais do momento.

"— E se promovêssemos um encontro..., por exemplo, um almoço com Green, para submetê-lo a uma sabatina? — pergunta-me ele."

Arma-se o almoço. Julien Green vem sentar-se à mesa dos sul-americanos, sem suspeitar da cilada que lhe puseram. Veríssimo vai contando:

"... Finalmente Carrera-Andrade aproveita uma deixa e entra no assunto:

"— Mr. Green, não encontramos nos seus romances nenhuma inquietação relativa aos fenômenos sociais do nosso tempo. Não há neles nem mesmo menção desses problemas...

"Green fita no interlocutor seus olhos sombrios. O poeta continua:

"— Talvez tenha sido para evitar essa dificuldade que o senhor situou a ação de *Adrienne Mesurat* antes das duas Guerras...

“Todos nós esperamos a resposta com interesse. Uma expressão quase de agonia passa pela fisionomia de Julien Green. Ele olha para os lados, como a pedir socorro. Finalmente tartamudeia:

“— Problemas sociais? Como poderei escrever a respeito deles... se não os conheço? Só posso escrever sobre minha experiência humana... Essas questões sociais estão fora da minha experiência... Não é que eu não me interesse... Acontece que me sinto verdadeiramente perdido neste mundo.

“Carrera vai insistir. Isso me parece crueldade, crueldade de toureiro que, depois de farpear um touro, de vê-lo sangrando, exausto, quer ainda ir até o golpe final de espada.”

(Veríssimo é amigo de Thornton Wilder; leu o de Michael Gould, sabe que as paixões vivem de equívocos; opina:)

“Penso que um escritor da importância de Green merece não apenas admiração, mas também respeito. É, sem a menor dúvida, um romancista sério. Não falará a nossa língua, o que não quer absolutamente dizer que seja mudo. Não pertence ao nosso mundo, o que não quer dizer que deva ser votado ao inferno. Por outro lado parece-me que seus livros serão lembrados muitos anos depois que a obra de alguns dos escritores modernos de propaganda tenha sido completamente esquecida.

“Carrera-Andrade continua a atirar suas farpas. Acho melhor desviar a conversa do assunto. Vê-se claramente que Julien Green está infeliz.”

Mas — atenção — agora, à versão de Green no *Journal*:

“Ontem, na Casa Pan-americana, almocei em companhia de vários sul-americanos, um dos quais muito inteligente e os outros menos. Veríssimo, homem de grande modéstia apesar de seu sucesso, falou-me de meus livros. Ele é moço, com uma fisionomia agradável. À minha direita, uma espécie de bebê de bigodes pergunta-me, com voz em que já vibra a cólera, por que não escrevo romances ‘sociológicos’. Esse senhor sustenta, com efeito, que os romances devem servir para alguma coisa, que não são mais admissíveis as obras de arte que não sirvam para nada, e que seria ‘um real perigo haver escritores demais como Julien Green’. Digo-lhe então que esse perigo não é real, não é grande, e os outros todos começam a rir.”

E, pois, públicos aplausos: Não se diga que nosso patrício não se saiu excelentemente.

Cipango

No trem da Noroeste, passada Araçatuba, a presença deles começou a aumentar. Era uma silenciosa invasão. Principalmente nos carros de segunda, abundavam seus tipos, indescoráveis amarelos, cabelos ouriçados, caras zigomáticas, virgulados olhos obvexos. Muitos, em geral as mulheres, se sentavam no chão, cruzando as pernas, aos cantos ou pelo corredor, gente que não se acostumava ainda a permanecer em cadeira ou banco. Vinham para Mato Grosso, ou voltavam. Ah, os japões! Parece que se agrupam segundo a procedência: em Araçatuba, são quase todos de Kiu-Shiu, de Kagoshima; de Okinawa, aqui em Campo Grande.

Atraía-nos, de simpatia, visitá-los. Não longe da cidade, por um fundo de vale, seus *karichi* — terrenos arrendados — se sucediam.

O preto que nos servia de guia até aos Hachimitsu propalava:

— Eles guardam numas barricas a comida dos porcos de ceva. É uma mistura de tudo que a gente não sabe, prasapa de boa, cheiro ardido... Porco, fica cada monarca desta altura! Quase do tamanho de burro. E comem deitados...

Mas, chegando lá, não fomos amolar os porcos. Fomos ver as mocinhas, quatro ou cinco, que, numa mesa ao ar livre, a um lado da casa, moíam na máquina arroz cozido, uma massa nevada para fazer bolos. Um de nós se dispôs a fotografá-las, e elas, entre si risonhas, consentiram. Só que apareceu um senhor, *seô* Hachimitsu que as repreendeu, entremeando a zanga com vênias polidas em nossa intenção. As musmés fugiram para dentro. Ir embora achamos também de tom. Mas, bem nem dadas as costas, e o velho Hachimitsu *san* vinha chamar-nos, deferentemente. E, sim por mágica, já reapareciam as jovenzinhas niseis, transfloridas: o pai tinha apenas mandado que mudassem de roupas e se enfeitassem, a fim de sair em digno o retrato.

Queria que entrássemos, mas agradecemos, pois lá se achavam trabalhando sisudamente outros japoneses, acabando de construir a casa, no sistema de mutirão.

Mas, antes de partir, espiei pela janela. O que me prendeu os olhos, foi, emoldurado, um desenho de espada — uma dessas velhas espadas

japônicas, de ancha lâmina, que um ditado deles diz ser a “alma do samurai” — entre negros ideogramas, tão traçados a pincel. Atrevi-me a perguntar o escrito. E Hachimitsu, curvando-se para o quadro, verteu:

— “O homem que morre pela pátria, vive dez milhões de anos!”

De lá andamos para uma chácara, a “çák’kara”, onde já os espessos grupos de bambus revelavam um intento de afeiçoar o arredor. O mais, era o canavial, labirinto verde. Porém, ao nos aproximarmos da residência, assaltou-nos um cheiro orgânico, ranço inusitado, colorido de componentes. Cheiro de humana fartura.

E eis, ante nós, o chefe da casa, Takeshi Kumoitsuru — rugoso de cara, estanhada, flexo no certo número de mesuras. Cabeça rapada, com topete: cismo-o um sacerdote do xintô ou budista, amigo da raposa branca. Seu sorriso não dissimula um fundo de aspecto apreensivo. Nossas roupas cáqui de excursionistas devem-lhe parecer militares. E ele é esguioso, pescoceia; não gostará que venhamos tirá-lo de qualquer minuto de trabalho seu. Com o *ko-tchú* — largo cutelo curto — cortava cana para a vaca. E até a vaca vermelha, rosneadora, detida num cercado de bambus, vigiando sua envasada manjedoura, se animalava estranha, diversa, grossa demais, uma búfala.

— Planta só cana?

— Tudo puranta, esse bom... Tudo puranta, esse bom... Passarinho come...

— Muito lucro?

— Camíjia comporou, dinhêrio num tem... Camíjia comporou, dinhêrio num tem...

Nem há de estar pobre assim, comerá ao dia seus três arrozes. Temia uma extorsão? Súbito voltou-se em direção à casa, e chamou, com frase comprida, que correu, zarizarizã, como uma palavra só. Surgiram mulher e filha, moça de sorriso fixo, vindo saudar-nos, com aquele xemexe de plenas curvaturas, as mãos nos joelhos.

— Entará, senhô, entará... Casa japonês munto suja... — e a mulher ria, um riso desproporcionado.

Entramos para um variado cômodo, que meio a meio seria cozinha e salão. Tudo ali dentro era inesperado e simples, mas de um simples diferente do nosso, desenrolado de velha sabedoria de olhos. As arcas, os armários, as mesas, as esteiras de palha, os utensílios. A mulher empilhava doces alourados, que fabricava para vender. Deles nos ofereceu, dentro de

seus risos. O homem piscava atento apenas a todo pio ou esvoaço, lá fora, os pássaros seus adversários. Mas repetia:

— Tudo paranta, esse bom... Tudo paranta, esse bom...

Pendente, viu-se uma pele seca de cobra. E o homem figurava mesmo um buda-bonzo, ou xamã monge, ou dês-cá o que seja. Contam que, entre eles, sapos e cobras se dizem de boa sorte. Era?

— Eu-pequeno môrde côbura Araçatuba mureu...

Apontou, na parede, o retrato — de um menino japonesinho, o filho, o que a cobra matara — seja a tradução. Ele, a mulher e a filha rapariga calavam-se para o quadro. Sorriam, os três, sorriam-nos, com vinco e afinco. Mas eram também atos tão disciplinadamente de luto, *utsu-utsu*, que, sem mais, nos fomos.

Num raso pedaço de terreno, verde-verde de todo plantado, luminoso de canaizinhos de irrigação, víamos três pessoas, uma família. Paravam numa paisagem em seda. Até no caminhar dos sulcos d'água no entremeio das miúdas culturas, na separação das poucas árvores mantidas, puderam os Sakamota impor a este chão um torcido toque de arte nipônica — com sua assimetria intencional, recesso de calados espaços inventados e riscos que imóveis guardam qualquer coisa do relâmpago. Mesmo arranjaram um grande arbusto branco, que todo flores. Ao fundo, tlatlavam os quero-queros, sobe-desce-sobe, gritantes. Ou os uns gaviões.

Lá, acolá, de cócoras, o homem trabalha. É moço, bem-parecido; calça curta, sem camisa, chapéu amplo, de palha. Capina em volta das alfaces, isto é, usa seus dedos, para depilar a terra, como se a espiolhasse. Atento, intenso, leva uns segundos: e avança com a mão, pinça um capinzinho, o extrai. Repensa e laboreja, tal um artista de remate, desenhista, bordador. Para mudar de lugar, nem perde tempo em desacocorar-se: só se apruma um meio tanto, e se desloca, andando para trás, para um lado. Pés descalços, pés preênseis, que se seguram no úmido chão. Não nos ouve, não nos vê, nanjo.

A mulher, nada feia, está à beira do rego, com o menino. Lavam e luzem os pimentões, que levarão amanhã à feira, lustram os nabos e abóboras, um por um, esfregando-os com escovas.

Ela se chama — Fumiko, Mitiko, Yukiko, Kimiko, Kazúmi, Natsuko ou Hatsuko? — e com belos dentes. Como foi que se casou com Setsuo Sakamota? Namoraram?

— Não, namoro não. Ele quis eu, falou com p'pai. Deu "garantia"...

— Garantia em dinheiro? Pagou?

— Pâgou, pâgou. Japonês usa...

— E gosta dele?

— Bom. Munto târâbârâdor. Trâbâra todo dia. Trâbâra noite...

— Mas, e o amor?

— Amor, sim, munto. Primeiro casa, depois amor vem. Amor, devagarazinho, todo dia amor mais um pouco... Bom...

Simples, bom, viemos, ricos regressamos. Tanto que: — *Banzai, banzai, Nippon!*

Sempre coisas de poesia

> Sá Araújo Ségrim *— poeta comprido — é outro dos anagramáticos, de que hoje disponho. Se bem talvez um tanto discípulo de* Soares Guiamar*, sob leves aspectos, sofre só e sozinho verseja. Sei que pensa em breve publicar livro: o "*Segredeiro*", e do supracitado é, às vezes, o que prefiro. Será que conosco concordam?*

Distância

Um cavaleiro e um cachorro
viajam para a paisagem.
Conseguiram que esse morro
não lhes barrasse a passagem.
Conseguiram um riacho
com seus goles, com sua margem.
Conseguiram boa sede.
Constataram:
cai a tarde.

Sobre a tarde, cai a noite,
sobre a noite a madrugada.
Imagino o cavaleiro
esta orvalhada e estrelada.
O pensar do cavaleiro
talvez o amar, ou nem nada.
Imagino o cachorrinho
imaginário na estrada.
Caía a tarde.

Para a tarde o cavaleiro
ia, conforme avistado.
Após, também o cachorro.
Todos — iam, de bom grado,
à tarde do cavaleiro

do cachorro, do outro lado
— que na tarde se perderam,
no morro, no ar, no contado.
Caiu a tarde.

Recapítulo

Neste dia
quieto e repartido em tédio e falta de coragem,
não mereci a música que sofro na memória,:
não me doeram a fuga, o espesso, o pesado,[80] o opaco;
não respondi.
Apenas fui feliz?

Contratema

A lua luz em veludo
barba longa
respingada de violetas.

Perdidos todos os verdes
— cor que dorme —
desconforme
se escoa o mundo no abandono.

Eis que belos animais,
quente resplandor nos olhos,
quente a vida com maldade,
vêm das sombras.

Assim o sol
seu rio alto,
novos ouros, novas horas,
revolve agudas lembranças.

Fria, a noite fecha as asas
— mundo erguido, céu profundo —
sol a sol
ou sono a sono?

Rota

Antes que me vissem triste
ou que outras voltas me dessem
entendi contrário rumo
desci esta rua até o fim
concedi-me aos prólogos:

a nuvem válida
a estátua de alma
a véspera de véspera
o cenho da calma
o fogo, imágico
o doer intacto
a santa no armário
o cume calabouço
a lembrança do peixe
o celeumatário
o outro anão
a mulher de pés no chão
as senhas vagas
o homem enrodilhado
a ânfora e a âncora
o jacto de madrugada
a folga
a força.

A velha

Sua primeira menção, um tanto confusa, foi em qualquer manhã, pelo telefone. Uma senhora, muito velha e doente, pedia que o Cônsul lhe fosse à casa, para assunto de testamento. *Frau* Wetterhuse.

O recado se perdia, obrigação abstrata, no tumulto diário de casos, o Consulado invadindo-se de judeus, sob mó de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso. Contra esses, desde novembro, se implacara mais desbordada e atroz a perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los?

O nome Wetterhuse extinguia-se num zumbido, com o que o Norte tem de mais brumoso. Mas, seguinte, na semana, voltava, a súplica, embaixada-de-jó, apelo insistido. Prometi-me de ir lá. Fazia todo o frio.

Sumia-se no dia noturno a bela, grande cidade hanseática, nem se avistavam seu céu de ferro molhado e as silhuetas das cinco igrejas, suas torres de cobre em azinhavre. Dava-se, que nem caudas de cobras, delgados glaciais chicotes — nevando, fortes flocos — o vento mordaz. Saindo para o Glockengiesserwall, se bem que abafado em roupas, eu tivera que me enregemer, ao resfrio cravador e à umidade, que transia. Via-se, a cada canto, o emblema: pousada num círculo, onde cabia oblíqua a suástica, a águia de abertas asas. A fora, as sombras dos troncos de árvores, na neve, e as curvas dos corvos, o corvo da desdita. Dizia-se que, este, muitos anos faz, seria o mais duro inverno, de concumulados gelos: morriam muitos pássaros. O coração daquela natureza era manso, era mau? Sentia-se um, ao meio de tal ponte, à face do caos e espírito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante o critério último — o pecado de nascer — na tese anaximândrica. Todos pertencíamos, assim, mesmo, à vida.

A casa era no Harvesterhude, umbrosa, meio a um jardim que no verão teria sido amável, com seus olmos e os maciços de tuias e rododendros. Toquei e levaram-me ao salão — como se subterrâneo. Havia lá uma invernia de austeridade, o cheiro de irrenovável mofo e de humanidade

macerada. Tapeçarias, reposteiros de falbalás, muito antigos móveis, tudo se unia num esfumado: as cinzas da neve. Assustava a esdruxularia daquele ambiente solífugo e antimundano, de sopor e semiviver, o sentido de solidão; circunstando um ar frio. Tinham acendido lareira. Dos lustres descia uma luz, de velas, era luz em cemitério. Esperava-se encontrar, em torno, duendes e lêmures. Encontravam-se criaturas — ao todo cinco mulheres, todas velhas, que se retraíam, estafermáticas, estornicadas nas vestes de veludo ou gorgorão de lã, de golas altas, longas mangas, terrível decoro.

Ao centro, numa poltrona em estrado — deveria ficar mais alta que nós, segundo um rito — a mais anciã. Era extraordinária de velha, exaustamente o rosto, todo angulado, cavado de sulcos, e em cujo esqualor olhos havia, ex-azuis, sem íris, de despupilada estátua. Passaria dos noventa, parecia centenária. Desde as aparências, porém, sabia-se que a gentil-dama, feita às sociais sobrancerias e ao comando íntimo, e a quem o recato levara a levantar-se do leito de semiparalítica, e ser vestida e colocada ali, em elevado assento, de mágoa hirta, de sua lívida vontade. E precisava de ser ouvida. Beijei-lhe a mão, os trêmulos dedos definhados.

Era a *Dame* Verônika. *Dame* Angélika, sua filha, e três parentas, as outras, ressemblantes, com, que nem que perucas, os tão brancos cabelos, que teriam sido amarelo-palha. Ordenadamente se sentavam, cada qual com mal pegado sorriso, prontas a conservar-se de parte, sentindo-se demasiado presentes ao versar do assunto conspirável. O qual, a justo ver, elas desconheciam.

Desfez-se um silêncio. *Dame* Verônika tomou a voz. Dissesse tão-só frases de polidez; repetia-as, balbuz, sob algum afrontamento, com um arrulha de asma. Ora fechava os olhos, sacudia, levíssima, a cabeça em frinas, reprincipiava. Devia de estar repassando-se de algo, muito passado, trazido de um túnel, relutante na resistência à evocação, fato de estrangulada memória. Confundia-se; eu tinha de prestar ouvidos. De repente, encarou-me mais, dava-me o todo gris dos olhos. E começara a falar em português.

Falava-o, tão perfeitamente, e não mais naquela dicção fosca, mas ressurgida, anos d’ora-atrás. E vi — que a voz pertence às estâncias da idade: que, bem assim, nesse teor de tom, que eu jamais ouvira, conversar-se-ia, outro tempo, em solar e saraus, em tertúlias, merendas e cavacos. Era como se falasse figura, de um álbum desbotado.

— “Vivi em vosso país, vossa pequena formosa cidade de Petropolyís... Conheci vosso bom Imperador — ele estudava o hebraico. Vosso Imperador estimava meu marido, Káspar... Dr. Káspar Eswepp, sabeis? Vosso Imperador nos convidava ao paço...”

Relembrava — revocava — sorriu-se a um persistir de imagens? E estremeceu. Voltava às brumas do presente, à sua gélida pátria. Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus trateados. Olhávamos, ali, na parede, de corpo inteiro, o marido. — “Ele era judeu, sabeis?”

E — o retamente, o raso: a filha, também tão idosa *Dame* Angélika, seria teuto-hebreia uma mischling, “mestiça do primeiro grau”, segundo o código hediondo. Dona Verônica o disse, de soçobro. A filha, por sua eiva aboriginal, corria grave perigo. Ela, a Mãe, tinha de solicitar-se daquilo.

Sofria, seca. Preparava-se? Para desvendar-me seu motivo: o drama, sobreestranho, o coração da coisa, vagarosíssima verdade:

— “Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ele jamais o souberam... Foi em vosso país... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos frequentava... O pai de minha filha não era de sangue judeu...”

Teve um sorrisinho titânico. Endireitou o busto, alisava-se o rosto, num ademã de extrema dignidade, fizera-se altiva. Num momento, ela precisara de profundar um poço, arrancar em si o que tanto sepultara à força do tempo, desistir do longo benefício do olvido. E já era a dor de dar, à fé, uma sua turpitude secreta, exsuscitar um negrego, a fementira. Seu coração não pesava um miligrama?

Ali, as outras quatro mulheres permaneciam, salvaguardadas, em circunstância de surda sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meditavam o que não podiam entender — *Dame* Angélika, damas Filippa, Osna e Alwyna.

Dona Verônica não se voltara para a filha; só a mim encarava, ávida. Não sem intuito descobrira-me o inarrável. Tinha de satisfazer o problema, intentar o sarcimento. Sanar o obviável. — “Não? Sim?” E queria reforçar-se com minha opinião, tomar conselho. A filha não tinha sangue da outra raça. —“Por que, pois?” Pertencia-lhe, fidedigna, declarar aquilo, fatal como o sol, verifazer o real, renegar o inautêntico. Tomaria o grave passo. A tanto preço — o de se inquinar e malsinar-se, para o pouco restante da vida. Em dizer, porém, que não lhe era possível prestar fatos, produzir testemunhas, recorrer no caso à prova de sangue, nem ao menos

apelar para a razão pública. Tão longe, tantos anos... Mas, quem sabe, poderia ter o apoio de um grande, forte país, de gente tão fidalga, de tanta ponderância! — "Sim. E?" Pegou o lenço, tivera um jacto de tosse. Ansiosa, querulante: — "Foi em vossa formosa, pequena cidade de Petropolyís..."

Não, em fato. Não. Tive de sacudir a cabeça. *Dame* Angélika nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem fundamento certo, apenas o citar de um romance perdido no antigo, tão esfiapável, pátina, voz para memória. Quem iria querer crer? Ela mesma, Dona Verônica, não se lograva de ilusões. Ah, vivera demasiado tempo, distanciara-se das possibilidades manejáveis das coisas. Teve o chluque de um soluço. Ofegou. Ia abater-se. Súbito, porém, rompendo-se do desalento, algo flamejou nela, que nem um rebrilho de alma — uma glória — e exclamou:

— "*Ele foi um vosso compatriota, um homem nobre... O amor de minha vida!...*"

Sopitou-se, desopressa. Como poder pagar sua dívida dourada? Levantei-me; eu nem era um cooperador passivo do destino. Também aquelas senhoras presentes se levantaram, em sincera, distinta cortesia. Ali, borbulhavam pensamentos. Desfalecidos espíritos. Só silêncio. Dona Verônica mostrava-nos seu comprido rosto, escalavrado, blafardo, diáfano pergaminho. Dona Angélica passava-lhe meiga a mão por trás da cabeça. Todos nós jazíamos de pé, em volta dela. A longa mulher. O sistema do mundo. A velha vida.

Zoo
(*Hagenbecks Tierpark*, Hamburgo – Stellingen)

Pórtico: Amar os animais é aprendizado de humanidade.

. . .

Girafa, ah! Seu pescoço mastro totêmico. Seu focinho de borracha chata. Sua cabeça — conquanta concha marinha.

. . .

O ouriço-cacheiro sabe que é arcaico cachar-se. Espinhos ele ainda tem: como roseiras, os gatos, as alegrias.

. . .

Nossos pequenos hipopótamos brasileiros: as capivaras.

. . .

O cômico no avestruz: tão cavalar e incozinhável, tenta assim mesmo levitar-se. O nobre no avestruz: seu cômico (o perseverar no dito — indício de teimosa inocência, isto é, de caráter).

. . .

A lhama: sobre uma cordilheira de esplim, dessalonga-se, a cuspidora andina.

. . .

O diverso, no riscado da zebra: quanto ao corpo, é uniforme: mas, na cara, é tatuagem?

. . .

Duas zebras brigam: se atiram contra e contra, empinadas — e tudo, zás, zás, são relâmpagos.

. . .

Ainda a respeito do avestruz: só a inocência dança.

. . .

A raposa, hereditária anciã: vid. Seu andar, sua astúcia-audácia. Avança, mas nuns passos de quem se retira.

. . .

Mais do avestruz: valha tão bem chamá-lo de só e s t r u z, somente.

. . .

— *"Antes um pássaro na mão, que dois voando..."*
— *Na mão de quem? — pergunta a raposa.*

. . .

A *toupeira*, encapuzada: que é uma foca só subterrânea.

. . .

O arrebol de um pavão.

. . .

Ao macaco, diga-se: — *Nossos rabos...*
A *gorila-fêmeo.* A *chimpanza* ou *chimpanzefa*. A *orangovalsa.*
(Não menos acertará quem disser a *chimpanzoa*.)

. . .

Leões fauciabertos; suas jubas como chegam ao chão.

O leão, ao menos risonho.
A pantera: suma enorme orquídea.

. . .

O jovem *leopardo* coreano — cabeçudo e gatorro — sofre de seriedade.

. . .

Se todo animal inspira sempre ternura, que houve, então com o homem?

. . .

Enfim, a gazela: de mentira, de verdade, cabritinha, mulatinha.

. . .

A camurça estatuesca: sobre nobre esquema de salto.
E o canguru, às culapadas. Mas k a n g u r ú é que ele é!
O rato, o esquilo, o coelho:
— Haja o que se roa, desta rara vida...

. . .

Tigres, recrespos, dentro de constantes andantes círculos.
A pantera, semeada, dada, engradada.
Um despulo de urso.

. . .

Leõezinhos e tigrezinhos comem: nos pedaços de carne, bofe e fígado, ganham também gotas de vitaminas.

Os grandes carnívoros jejuam aos sábados. Sua saúde precisa de lembrar-se das agruras da liberdade.

. . .

O dromedário apesar-de. O *camelo*, além-de. A *girafa*, sobretudo.

. . .

Mesmo na descida, o salto do cavalo é ascendente.
Cavalo preto que foge: cabelos que não se retêm.

. . .

Os veados — desfolhados: sejam em inverno sempre; percorrem idas verdes florestas.

. . .

As galinholas, três, desfilam empinadinhas, fugindo atrás de atrás de atrás. Vem uma quarta — que as escolopassa.
Pelicano: velho bicudo. Seu bico pensa. Sua presença semi-ébria, equibêbada.
A garça espreita os pássaros: o bico é capaz de decepar no espaço uma melodia.
Belo verbo teórico: o arensar do cisne.
Talvez à garra de pesadelo, o pinguim quase se cai para trás. Seu inimigo é o leopardo-marinho.
E há o beijo das garças — qual que terna espécie de esgrima.
O pato, treme-bico. Mas come é com o pescoço.
Garças amorosas: penas arrepiadas, facas para o alto, esboçam baile, num estalar de mandíbulas.

. . .

Uma panóplia de gaviões.
Uma constelação de colibris.
Um ancoradouro de caimões.

. . .

As babirussas são muito gentis.
Nepáli consente que eu lhe coce a testa. É o rinoceronte hindustânico monócero, bem emplacado, verrucoso.
Gláucia me olha, duasmente; toda coruja é bem-assombrada.

Com alguns, porém, não tenho sorte: a hiena rajada, por exemplo, é uma que comiga dificilmente.

. . .

O macaco: homem desregulado. O homem: vice-versa; ou idem.

. . .

A casinha aquecida dos cangurus. Mesmo lá dentro, eles têm frio.

. . .

O lince: de olhos fechados.

. . .

O esquilozinho, isto é, seu posterior penacho.

. . .

Os castores — num jeito de quem conta dinheiro, murmuram segredos aos troncos das árvores.

. . .

O rápido derreio, fingido, do lobo.

. . .

Dez animais para a ilha deserta: o gato, o cão, o boi, o papagaio, o peru, o sabiá, o burrinho, o vaga-lume, o esquilo e a borboleta.

. . .

Monólogo do mono Simão, que se vende por meia casca da fruta:
— *Aos homens, falta sinceridade...*
Dito o que, vai bugiar, espontâneo.

. . .

Cervo asiático: por igual, céu estrelado.

. . .

O macaco está para o homem assim como o *homem* está para *x*.

Sem tangência

A morte é lúgubre lorde: a ambígua. De repente, como sempre, um homem faleceu. Diziam-no mau. Entre tudo, porém, o cemitério prosseguia de decisivo quietar quem sabe o sítio mais amigo da cidade. O enterro do homem, não conhecido, ensinou-o ao forasteiro. Podia-se procurar passeio, o desexílio, em seu reduzido espaço, dos que perderam para sempre o endereço. Na dita cidade, muito longe, árdua do todo-o-dia, fatal, fabricada, enfadonha. Ali, o mar era o cemitério.

A gente perdia a abusão de estar-se em lugar danoso, de quebrantos ou assombro e apegava-se à paz, no descritivo, a paisagem especializada. A erva, consequente, permeio às tumbas, a grama urbana; um estapaflorir; zumbidos; às vezes borboletas. Sob luz reta, no ponto do meio-dia, a lousa quente. Tarde ainda mais limpa; a que não traz sombras. As casuarinas e seus instantes de vento. Queixava-se o coveiro de dores nas costas, do custo da vida; seu ajudante, descalço, fumava cigarros caros. De primeiro, temia-se a terra, aquela, havida por maléfica: limpavam-se do pó os sapatos. Mas, melhor pudesse qualquer um — no chamado campo-santo — defender sua loucura das dos outros. Dos mais outros, também, talvez. Quem morre, morreu mesmo? A morte é maior que a lógica. E, quando menos quando, vinha a moça. Viera, vários dias, trazia longas flores. Nem parecia ver ninguém ou ouvir, encerrada em costumeiro pesar. Deixava-a o vestido preto mais esvelta que as outras, da cidade; mais rara. Devia ser filha do homem falecido.

Nunca o avistara o forasteiro. Achava porém de apreender-lhe os traços nas feições da moça, a rude maldade de que o reputavam, desabrangendo sua matéria. Dele, contava-se: que mais perversos tendo sido o pai e o avô — do sujo e errado outrora. Nenhuma vida tem resumo: a tarda crosta da vida, com seu trecheio de ilusões. A gente vê só o cinzento, mas têm-se de adivinhar o branco e o preto.

O homem falecido, seu recente sepulcro, seria num dos extremos, aonde parava a moça, dali o recinto prolongando-se em emaranhado de bosque. Até onde não se devia ir, enquanto, seguida apenas a distância, por lá ela

permanecesse, decerto atinadamente, lúcida lagrimada. Além, teria sido o cemitério primeiro, sua outra grande porta oculta. A antiga.

Às vezes, ela tardava em vir. Andava-se, a léu de labirinto, no quiescer de ante vazias permanências — dos de ide-vós-sós; faz-se que contra querubins em cavernas gritantes. As vozes humanas é que inventaram o silêncio. É possível um não-mais-futuro? Vive-se, e ri-se. O gênio ainda não germinou bem em nós, distraídos e fracos. Mas, na necrópole, uma mudez se move, algo que ultrapassava a mudez; pesam-se as espécies imperceptíveis, visões intermutáveis. Por maneira que as aceitávamos. Mais perto do mundo. Algo havia; pairava. — *"Refuja o denso viver, pela levez da morte..."* — disseram-me: voz indefinida, a minha talvez. Sim, a moça era quase prevista surpresa. Um dia, haverá sábios. E, que nos vem da vida, enfim? — com o continuitar do ar, do chão e do relógio. A morte: o inenarrável rapto.

E ela. Demorou o rosto, deu seu ser a perceber. Perto que perto. Era boa. Era bela. *Amor...* — palavra que sobrou de frases. Amor, o que lhe radiava da figura, na fala das fadas. Demasiado grande, que amedrontava.

Sua lembrança, ideia clara. A marca da imagem. Inafastável, como persistia, de negro vestida, a obstinada presença, nessa entreparagem, na vagação, nas horas temporárias. Adiara o forasteiro de ir à sepultura do homem falecido. Da moça, não se viam ali sinais, nenhumas flores. Murchas, em volta, apenas coroas. A arruda-dos-muros. A lápide — cais tão calmo. Só uns passarinhos em piqueniques. Mortas, só as folhas; e o sol enviava mais calor. Sim, com esquisitinho sem-sossego, os pássaros algo explicam. E o coveiro, espião. — *"Ele é seu parente?"* Os olhos das pessoas já são coisas de fantasmas. A meu não, ele riu. Tinha pensado; porque com o defunto em mim notara parecença. Estaria tonto, o coveiro, toupeireiro operador. — *"Era homem mau?"* — indaguei. — *"Era homem justo. Bom, mas vagaroso."* E avancei: — *"E a moça?"* Teve ele forte espanto. — *"Pois, não é sua conhecida? Não vem com o senhor?"* — a desajuizar-me. Neutra, a relva, esparramaz, alegre no entreabrirfechar florinhas, se não há nenhum nunca. O vento, devolvedor de palavras. O homem, que falecera, não podia. *Depois da vida, o que há, é mais vida...* — disse-me: o que minha mais funda memória me telegrafou. Retomava o trabalho o coveiro, dolorento, sabedor de ofício. Já como fósseis os ossos que ele transplantava, naquele bom lugar universo.

Ela não voltaria mais... — pensei, subciente. O rapaz ajudante passava, ao ombro suas ferramentas. — *“Acho que é uma mesma que vinha, noutra ocasião...”* — e ele tinha as petulâncias da vida. — *“Vinha escolher a própria cova...”* — ignorava a especulação poética, o mistério esperançoso. Se o falecido se parecia comigo? — *“Todos parecem com todos.”* Inegadamente. — *“Homem bom, no geral...”* — ele queria gratificação. Nunca mais? Um enterro chegava, entrava. Será... — doía, o despropositivo, a hipótese mais eficaz. Não. Só era o de um morto. Nunca mais.

Se a gente podia dali sair, a atento horizonte, pela porta primitiva, olvidado vislumbráculo? Não, o coveiro intransigiu, ria-se do desmotivo daquilo. Enferrujara, montões de terra entupindo o trato, o mato rijo, espessos de urtigas, roseiras bravas. Mas, informou: que não havia segredo, a moça era filha de um Seo Visneto, tinha vindo, nove dias, cumprir promessa de rezar e pôr flores, no cruzeirinho das Almas... — “Pois, senhor...” Não mais. Ainda não. Devia em seguida partir, o forasteiro, deixar a fácil, fatigadora, fingida cidade. Apanhou uma pedrinha, colocou-a no túmulo do homem falecido. A liberdade é absurda. A gente sempre sabe que podia ter sabido.

Pé-duro, chapéu-de-couro

— Qué buscades, los vaqueros.
— Una, ay, novilleja, una...

GÓNGORA

Reunindo redondo mais de meio milhar de vaqueiros, na cidade baiana de Cipó, no São João deste ano, para desfile, guarda-de-honra, jogos de vaquejada e homenagem recíproca entre o Chefe da Nação e os simples cavaleiros do Sertão Ulterior, o que Assis Chateaubriand moveu — além de colocar sob tantos olhos os homens de um ofício grave e arcaico, precisado de amparo, e de desferir admodo um *comando* de poesia — foi algo de coração e garra, intento amplo, temero, indiminuível: a inauguração dinâmica de um símbolo.

I

Antigo veio o tema: o de estrênuos pegureiros, que lutavam com anjos, levantavam suas tendas e vadeavam os desertos — Caldeia a Canaã um rastro de rebanhos, e o itinerário do espírito.

E velho o idílio — *"... eleláthei boúkos..."* — retente, trescantado: o ruro, o zagal, as faias, um vão amor e a queixa, de "quanto gado vacum pastava e tinha..."

Sem embargo, o *epos*, e por bem que cedo, aqui, em ciclo e gestas se fizesse no folclore, emergiu só mais tarde na literatura.

De começo, nossa volumosa lida pastoril, subalterna e bronca, desacertava das medidas clássicas, segundo se sente do árcade:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro...

II

Mas o boi e o povo do boi, enquanto tudo, iam em avanço, horizontal e vertical, riscando roteiros e pondo arraiais no país novo.

No Centro, no Sul, ao Norte, a Oeste, por mão de trechos do interior fechado e aberto, e na beira das fronteiras, na paz e na guerra, se aviava o gado, com sua preia, sua cria, sua riqueza, seu negócio — léu de bando, contrabando, abactores e abigeatos — e as peripécias de um trato animado e primitivo, obrigador de gente apta e fundador de longa tradição rusticana.

Gaúchos meridionais, peões mato-grossenses, pastoreadores marajoaras, e outros de muita parte para dentro desses extremos geográficos; mais obtidos, porém, e contados como vaqueiros propriamente, os do rugoso sertão que ajunta o Norte de Minas, porção da Bahia, de Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás.

Através dessa quantidade de cerrados, gerais, carrascos campos, caatingas, serras sempre ou avaras várzeas, planaltos, chapadas e agrestes, regiões pouco fáceis, espalharam-se, na translação das boiadas, os gadeiros são-franciscanos com querência de espaço, sertanistas subidores, barões do couro, e seus servos campeiros, mais ou menos curibocas, herdeiros idealmente do índio no sentido de acomodação ao ruim da terra e da invenção de técnicas para paliá-lo. Nossos, os vaqueiros.

III

Assim a apanhou Alencar — a figura afirmativa do boieiro sertanejo — passando-a na arte como avatar romântico, daí tomado, bem ou mal, por outros, à maneira regional ou realista, mais indesviado da sugestão sã de epopeia, porquanto sua presença — esportiva, equestre, viril, virtualmente marcial — influi esse tom maior romanceável, aqui como nos países de perto, de vulto pecuário análogo, valendo ver em exemplos, tais o *“rodeo”* e a *“vaqueria general”* no Doña Bárbara, como respondem, em si e no *modus* novelístico de seu emprego, aos mesmos episódios postos pelos nossos autores: sentido de refletir, no herói que a supera, a violência da natureza circundante.

. . .

Todavia, foi Euclides quem tirou à luz o vaqueiro, em primeiro plano e como o essencial do quadro — não mais mero paisagístico, mas ecológico

— onde ele exerce a sua existência e pelas próprias dimensões funcionais sobressai. Em *Os sertões*, o mestiço limpo adestrado na guarda dos bovinos assomou, inteiro, e ocupou em relevo o centro do livro, como se de sua superfície, já estatuado, dissesse de se desprender. E as páginas, essas, rodaram voz, ensinando-nos o vaqueiro, sua estampa intensa, seu código e currículo, sua humanidade, sua história rude.

. . .

Daí, porém, se encerrava o círculo.

De então tinha de ser como se os últimos vaqueiros reais houvessem morrido no assalto final a Canudos. Sabiam-se, mas distanciados, no espaço menos que no tempo, que nem mitificados, diluídos.

O que ressurtira, floo de repuxo, propondo-se voto pragmático, revirou no liso de lago literário.

Densas, contudo, respiravam no sertão as suas pessoas dramáticas, dominando e sofrendo as paragens em que sua estirpe se diferenciou.

E tinha encerro e rumo o que Euclides comunicava em seus superlativos sinceros, na qualidade que melhor lhe cabia dar, nesta nossa descentrada largueza, de extremas misturas humanas, numa incomedida terra de sol e cipós.

IV

> E vem, agora, imposto de alma, atávico entusiasmo, que não por capricho lúdico ou vanglor ostentatório, Assis Chateaubriand procura os vaqueiros, desembrenha-os, mobiliza-os no águio alevanto de uma adunada, *jamboree* justo, *pow wow* de numeração estendida, e faz que representem ante nós sua realidade própria, decorosamente.[81]
>
> E com escopo.
>
> E como símbolo.
>
> Sobre a ambição generosa de prestigiar-lhes a fórmula etológica, o desenho biográfico, o capital magnífico de suas vivências — definindo em plano ideal a exemplar categoria humana do vaqueiro, em fim de fundá-la no corpo de nossos valores culturais.

Apresentação dos homens

Mas deveras estive lá, em Caldas do Cipó, quando a alerta cidadezinha rodava sob seu céu, tida e vivida por uma cavalaria de seis centenas de cavaleiros toscos, rijos de velha simpleza e arrumados de garbo, célebres semostrados no enorme fouvo nativo de seus trajes: cor de chão ou de terra ou de poeira, ou de caatinga seca de meio-do-ano; cor de suassurana; digamos: cor de leão.

O aboio

Escutei-os quando saltavam à uma o cantochão do aboio, obsessivo — boo e reboo — um *taurophthongo*; vibrado, ondeado, lenga-longo bubúlcito, entremeando-se de repentinos chamados de garganta, que falam ao bovino como interjeição direta, ou espiralando em falsete, com plangência mourisca, melismas recurrentes e sentido totêmico de invocação. Vi o aboiador, mão à boca, em concha, sustenir um toado troco, quase de *jodel* montano; ou tapando um ouvido, para que a própria voz se faça coisa íntima e estremecente, e o aboiado seu, as notas do aboio, triado, estiradamente artístico, tal que veio do tom da buzina, do *berrante* de corno, sua vez criado copiando o mugido boium.

O elenco dos vaqueiros

— Eeeê-hêeê! boi...
— Eeeê-hêeê! Vaqueiros...
Toda nação deles: de Sergipe, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí, Paraíba; da Bahia toda — baianas universas legiões. Vaqueiros de Cumbe, Uauá, Potamuté, Bodocó, Pombal, Inhambupe, Garanhuns, Pedra Azul, Tabaiana, Queimadas, Jeremoabo, Jequié, Tucano, Piancó, Nova Soure, Canudos, Euclides da Cunha, Conquista, Chorrochó, Arcoverde, Nova Olinda, Feira de Santana, Caculé, Ipirá, Cícero Dantas, Alagoinhas, Conceição do Coité... Que deem os nomes, um a um, sim o que nomes não dizem. Como, no Canto Segundo, à orla do sonoro mar cinzento — da boa água salgada em que se balançavam os bonsnavios de proa azul que

trouxeram o exército de bronze — catalogavam-se os guerreiros clã pós clã.

Saídos das distâncias

Porque, por outra, quem-sabe nunca ninguém antes viu tantos vaqueiros juntos, vindos, léguas e arreléguas, dos quatro quadrantes, e afluindo a um ponto só.

Extraídos de solidões

O vaqueiro é um homem apartado. “Perdido nos *arrastadores* e mocambos”, sua faina, em última redução, é um exercício de poucos. É o homem a cavalo, duzindo a multiplicar presença, pois de raros braços e torto espaço se faz sua ágil liberdade.

Dois vaqueiros que se encontram, falam em nome de regiões.

Mesmo quando se convidam, no mutirão bulhento, na solidariedade dos rodeios, vaquejadas, fechações ou ajuntas, “congregando-se a vaqueirama das vizinhanças”, ou se reúnem nas alegres assembleias das festas e rezas, ou se encontram à beira dos curralões das feiras, ou quando transportam consideráveis boiadas, andarem por vinte, trinta, já dará fato incomum.

O ajuntamento

> Descomum, então, um espetáculo maior, este. Pode que ainda mesmo nas partidas repletas dos *“cow-boys”* texanos, em pradaria ou rancho. Ou na transumância estival da Camargue, plã, brejã, campo aquátil com salinas, grão-céu, aves longas, vegetais molhados — retrato de atenuado pantanal de Mato Grosso. Ou nas espessas migrações forçadas dos rebanhos, na Austrália, na última guerra. Ou, passada a guerra, quando do retorno dos milhares de cabeças de gado russo, hospedados na Tartária e Turquestão.

Identidade

Embora quem avante os visse, na movimentação harmoniosa do cortejo, ou viesse vendo como chegavam, desde a antevéspera, de tantas estradas,

pingando por piquetes, grupos sótnias ou esquadrões resumidos, aboiando de bom oh-de-casa ao fim do alegre viajorno, a olho fácil os suporia afeitos ao rigor de comportamento coletivo, e iguais irmãos por tudo, nos uniformes vermelho-pardos, pardo-amarelados, diversos somente no grau de mais, menos velhos, em pátina ou desgaste.

Os de couro

Iguais também as montadas, os cavalos conclins: rabilongos cavalos de campo, miúdos mas educados — “fábricas”, “campeões”, *cow-horses*, *chevaux de taureau*, *chevaux de bouvine* — bem repartidos, animais de alma nobre e corpo robusto, como os que cavalgam os cossacos e os que escolhia Xenofonte.

Tudo couro.

Em arnês e jaez, arreio e aprestos, bailada a peiteira amplial, no fixo os tapa-joelhos, cara abaixo o tira-testa, sobrantes as gualdrapas e o traseiro *xaréu* de sobreanca, resto de caparazão — os cavalos anacrônicos se emplacam, remedando rinocerontes.

E, nos cavaleiros, o imbricado, impressionante repetir-se dos “couros”, laudel completo: guarda-pés, como escarpes; grevas estrictas, encanando coxa e perna; joelheiras de enforço; coletes assentados; guarda-peitos; peitos-de-armas; os gibões; os chapelões; e manoplas que são menos luvas que toscos escudos para as mãos. Tudo encardido, concolor, monocrômico, em curtido de mateiro, guatapará, suassuapara, bode, sola ou vaqueta, cabedais silvestres.

De um só couro são as rédeas, os homens, as bardas, as roupas e os animais — como num epigrama.

Que os tapuios, dito por Fernão Cardim, eram “senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos têm os couros muito rijos, e para este efeito açoutam os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos”.

Do mesmo jeito estes vieram da caatinga tórrida, hórrida, que é pedra e cacto e agressivo garrancho, e o retombado escorrer do espinhal, o desgrém de um espinheiro só, tranço de cabelos da terra morta ou reptar de monstro hirsuto, feito em pique, farpa, flecha, unha e faca.

E são de couro.

Surgiram da “idade do couro”.
Os “encourados”.
Homo coriaceus: uma variedade humana.

Diversidade

Dê-se um, entanto, vente e ouvinte, a comparar seus pormelhores, para que as diferenças saltem.

Que nem como os de Pernambuco, por dizer, comentam o excesso de peças da indumentária dos baianos, que usam o colete-jaleco, além do guarda-peito e da véstia, e cujos mesmos cavalos moldam mais couro na cara.

E assim Pedro Raimundo, espécime de maioral moral de seu grupo, que os outros respeitam e apontam como “negro gadeiro, *a febre do gado*, homem feito em vaquejada”: — “Que coletama!... estes aqui usam até ceroula de couro...”

De si, porém, os baianos censuravam nos paraibanos, a deixação da velha roupagem, e nos pernambucanos o menos de elegância, o desmazelo no corte: — “Sem capricho nenhum... Parece coisa comprada...” E admiravam um ou outro do Piauí, de gibão bordado e longo, indo para sobrecasaca.

Mas Pedro Raimundo seguia, pelos seus aplaudido:

— “Nós lá temos também toda raça de ramo que fura e cipó de espinho: jurema, quixabeira, rasga-beiço, caruá, bom-nome, alastrado, quipá, mandacaru, macambira, moleque-duro, pau-de-leite, jurema preta e calumbó, que é o pior pau...”

Seus chapéus

Daí, havia que olhar-se os chapéus, vero atributo.

Os dos pernambucanos, de barbicacho, francalete fendido em botoeira, para apresilhar a ponta do mento.

Os dos baianos, dos lados pendendo as barbelas jugulares, atadas de contraqueixo.

Os piauienses, mais largos, ampla a meia-lua coronal, extenso arrebate, adornos concêntricos se ostentando.

Uns, meridionais, capitados de guapo, coifos com beira de marroquim, antigas rodelas.

Até o chapéu abão desabado por fronte, de apara-castigo; sombreiros de cangaceiro, de cascapanho, amarrados na nuca.

Mas em maioria os arrevirados supra, na frente, copa calota, grossos, uma ou várias folhas de couro macio, e bordaduras.

Selaria

Menos sortidas são as selas, os arreios de vaqueiragem: afora um ou outro selagote albardado, e as selas curtas, selins, do pessoal de Pernambuco, mais as mexicanas, meio pomposas, vindas da Paraíba, quase geral era a "sela campeira", lombilhada — excelentes as de Nova Olinda, em seu sistema "inhamum", de "coxinho" postiço, e as dos baianos comumente — a que em Minas chamam de sela papuda, jereba urucuiana, de arção abolado e capa solta.

Os vultos

Dentro do couro, os homens.

Regra os faz bons tipos; muitos, ótimos, sem encarecimento.

Montados, bem estribados, como vistos, quase não se via o "homem permanentemente fatigado", o "desgracioso, desengonçado, torto" euclidiano.

Tudo o que variava eram os pigmentos e traços, o fragmentado racial nas feições.

Tinham-se em desempeno acomodado, sucinta compostura.

Mó de claros, caboclos sãos, mestiços de todo ponto-de-calda; bem realizados, pelo mais.

Tendendo talvez para um tipo conformal, de cara concisa, com pouca passibilidade, aquele reinar de gentes em que o moreno tine tons: mouro marimbondo, caco de cuia, grã de cabiúna, araticum, canela clara, brônzeo-amarelado tupi, ocre de adobe. Brancos senhor brancos, bons, tanados apenas de sol, curadamente. Resto de gentio, sobrolhos severos, rugas tapuias, bochechas leãs, zigomas se impondo. Ou o cabeludo, testa baixa, beiços para tembetás, olhos tapados, barba picada, bigodim em fios. Visos de cara larga, numerosos; narizes obtusos. O cafuso, cafusardo, espesso, rosto de óleo escuro, roxo-escuro, cabelos escorrendo. Urubugres; quase congos; um ou outro preto perfeito. Mas mulatos, sua nobre parte, deixando adivinhar, sob o chapéu, o cabelo cucuruco, o cabelo crispim. E

um ruivim, albino. E sêmel do massacará fluvial, caçador de antas, do áfrico munhambana herculesco, derrubador de matas, ao lado do pataxó porreteiro corredor, do mongoió pescador, do catoxó, catató; ombreando também com o louro olhiazul, pássaro de outras ninhagens, tributo neerlandês, pago ao Nordeste; ou vizinho com o descendente dos fulas do Tchad, negros brancaranos, em cobre leve fuliginado, aquilinos, descrespos, crânio comprido e lábios — atavicamente boólatras e grandes pastores.

Ausébio

Cada um que vem, desliza com a montada, como se se impelisse num barco. Confreia, estacam; o cavalo pisca os olhos. Conversamos, mão na mão, num ritual efusivo. Chama-se Ausébio, vaqueiro baiano, de Inhambupe. Vaqueiro à certa, à antiga, trabalhando "a cabelo".

— A cabelo?

— "Quatro: um..."— responde.

Em cada quatrinca de bezerros, um é a sua paga, no *sistema de sorte.*

Ausébio trouxe tudo o de que um vaqueiro pode precisar, seus avios: o laço longo, a vara-de-topar, sedém, peias, e, debaixo da capa da sela, a "careta" — a máscara de couro para vendar, "encaretar" o boi bravo.

Cheira a boi, sem nenhum invento; guarda curral e pasto. E seu cavalo isabel cheira cheiroso, cheiro de gosto, como é de quando passam tempo pastando no capim melado.

O estouro

Falando cerce, sem mímica, num próprio econômico, diz que apenas assistiu até hoje a dois estouros de boiada legítimos, com desabalo, e não os sabe descrever, porque na hora esteve só ocupado em tentar deter as ondas de bois, que pulavam esticados, no rasgo da poeira, e precisado também, no sobretempo, de fugir com o corpo.

Aristério

Mas, como quem sabe mais, decano dos homens de Inhambupe e seguramente de todos, está ali menos atrás, Ausébio convoca-o. É bem um

ancião aqueloutro, pousado no cavalo cuçurro. Conqueixou que sim, e avança, rente à frente.

Aristério — José Aristides do Nascimento, mas o velho Aristério. Setenta anos de vaqueiro, de campeio efetivo, toda essa era transcorrida num lugar, na Fazenda do Pandeiro — "no Pandeiro".

Porém velho ainda desdobrável, servível, coração de fibras rijas. Trabalha até hoje em dia. Tem filhos, netos, bisnetos, também na vaqueiragem, vaqueiros seus sufragâneos. Deve, ele mesmo, rondar idade de pouco abaixo de noventa:

— "Eu acho que não tem nem palmo de osso neste corpanço que não tenha quebrado no menos uma vez..."

Ou

Minervino e Edmundo, que morreram em março. Eram vaqueiros do Joaquim Leal. Foram buscar uma vaquinha queimada, que estava comendo nas roças. O Minervino veio pegar duas varas, para tirarem a vaca de dentro d'água. A vaca tinha saído da roça, entrou num poço do ribeirão. Minervino ainda conversou com a mãe deles. Bebeu uma tigelinha de café quente. Só depois muito foi que foram encontrar: eles dois mortos. Edmundo chifrado, estava com uns pontos roxos nas costelas. Minervino morrera afogado. O cavalo de Edmundo morto chifrado, com rasgão de uns vinte centímetros. O outro animal teve fuga. A vaca ainda estava dentro de lá, com eles todos. Minervino e Edmundo eram os filhos de João Fão.

. . .

O aboio pega bem, na boca de João Fão. Ele é sempre crepuscular, a qualquer sol do dia, o aboio ecfônico. Dá pelos ombros dos vaqueiros, e se esvai para trás, voo como poeira ou fumaça, um lenço preto. Um lenço branco. Todos começam a aboiar, e o som se alastra. Clopeiam os cavalos. Vai começar o desfile.

V

À cavalga

Eis senão vamos. Por lá e lá e lá, passantes de uns seis centos. Corre, de ponta a ponta, um silenciado, fio dentro do rumor em que as bulhas se dobraram. Apaga-se o apinho do povo, as zabumbas dos zabumbeiros. Sinuosa, funda, recua alalém, por rua e praça, a perspectiva povoada de um estradão campeiro, cheio de manhã, caminho do vaquejo. Somam-se, simultâneos, os perfis de homem, homem e homem, inscritos em esquema, pululantes na linha repetida dos chapéus de couro, sobrelevando o cabecear dos cavalos, o travado raplaplo, cruzo último de ritmos, série de desmoverem-se, sus e jus, compasso de não bulir, e o esbregue rijo de arreatas, brida a brida, arção a arção, espenda a espenda. O chão se dá. Os cavalos contritos. Filas e fileiras se armaram: sem ababelo, sem emboléus, tal, e al, contêm-se os vaqueiros, de aguarda. O formo deles se preencheu, térreo, barroso, lei dum rio de dezembro. Esses contingentes, hoje e ontem de pequeno chegados — remessas do escol da vaqueirama geral, da grei comarcã dos tabuleiros escabrosos — agora coeridos, concorpados num regimento. E eis, no homogêneo, os boágides. A em passo pronta cavalaria. Prorrompem.

A formatura

Não cumprem mando ostensivo, nem se destaca nenhum cabo cavaleiro, cabeça-de-campo, vaqueiro alferes; não volvem sob voz. Fazem uma disciplina conseguida, simples solução quase espontânea, como a de águas que se avêm, no estagnar e no correr. E joga, eficaz, a regra não escrita, o estatuto do campeio, vivo em suas poucas cláusulas em todo o território pastoril, acertando o convívio dos chapéus-de-couro, para toureio e djiguitovkas, cavalhadas e expedições.

. . .

Menos que um pendão sem caldeira, também não erguem estandarte; nem nenhum clango feeril de instrumento, que não o tornacanto do aboio, do aboiado que é a música da caatinga, bruxo ensom, *bovatim*, vagaroso coerir-se da saudade. Mais alegre, porém, nesta Cipó — alva cidade: cidadezinha doadamente nova, um aduar de branca, por milagre em meio aqui, ilha sertã entre os poídos plainos que a adstringem, sobre seu rio — poços de água estanhalva, brilhando de solsim — sob um céu consolador e fresco de vivianita, com o coo, no ar seco e são, de um bom calor macio, e,

nos longes do quadro, a luz sendo e caindo, um beira-mar de campos e chãos, a se perderem *per herbas*.

De sua procedência: e modos de arte

Tanto enquanto cavalgavam, na formação sem maior falha, era para crer fossem filhos do mesmo arraial, de um único acampamento. Mas só no assemelho. Vieram trazidos de pontos tão diversos, lugares contralugares, que dão diferenças na aparente unidade, acima da monotonia. No trivial dos métodos, ao menos. Pelo estilo usual de vaqueirar, cânone de táticas, poder-se-iam compendiar uma forma baiano-mineira, uma paraibano-pernambucana, quem-sabe outras, uma forma cearense. Foi o que foi visto, no ato de organizar-se a grande vaquejada competitiva inter-regional e de decidir-se a alegre porfia discutida entre os homens de José Duré e os de Axônio.

Daí de que, por causa, cursam os nordestinos a vaquejada em raso largo, nos máximos campos, onde o vaqueiro vê no imenso e se desembainha, e vai voa como ave de rapina. São as caças ao gado que nem as da Tessália, iguais, com a derruba caudal, a derrubada "pela seda", dos barbatões caatingueiros, ou dos curvicórneos téssalo-macedônios, para encostar o focinho dos marruás no chão, quando não colhê-lo pelo chifre e num abraço, a galope, *equo juxta quadrupedante*, subjugando-o.

Já mineiros e baianos põem de preferir, com o laço a vara-de-ferrão, ou "guiada" de hampa longa, rojão seguro, tirador das feras do matagal, de grotões e covocas, de brongos e movongos, dos enormes ninhos, hostis, no chavascal. Certo, não desdenham também de derrubar pela cauda, fazem piauí, dão muçuca e saca — que é como chamam à mucica nortista — e mancornam, socornam, assim quanto. Mas sua façanha é a "topada", e sua arma, cuja verdadeira, a vara-de-topar — simplíssimo parente do *ficheiroun* camarguenho, do tridente provençal em haste de castanheiro, do aguilhão semilunar dos de Creta, da Creta egeia, taurina e taurólatra, domadores dos bois primigênios, gigantes, esmochados, às manadas.

. . .

Porém, vaqueiros, o que redirmana-os, soforma de soldados certos ou de *scouts* sertanejos, na universalidade histórica, ou na pura expressão

humana, é um espírito glório e contreito, uma séria hombridade maior, um *tonus* conquistado de existência.

VI

O homem vaqueiro

> E esse sobressentido — formado aqui em extraordinárias condições, em espaços muito mais soltos e mais árduos que os em que opera o *guardian*, o *vaquié* provençal que Mistral canta, o *vaquero* andaluz tauromáquico, o *bouvier* das landes gascãs, o *campino* ribatejo, o *senne* alpino, o *skotnik* da estepe, o *gulyás* da Puszta — é o que Assis Chateaubriand quer valorizar.
> “Onde estão as melhores raízes da nossa alma, senão nesta ordem sertaneja que agora nos chama?” — ele pergunta. Exalta o vaqueiro: — “Quanto mais coabitamos com ele, com a sua selvagem grandeza, com a sua virginal inocência, mais sentimos a flor ainda em botão do gênio que se destina a dar fortes coisas a este Brasil.” Veio “encontrar o pé enxuto do sertanista” e propala a “nova marcha” cultural do homem para o interior, reluzindo a prédica de Euclides da Cunha que baixou o sertanejo à beira de nós, pedindo-nos para o dentro do país, com seus aspectos pátrios santos de melancólicos e seu veemente sopor.
> Suscita a invenção do *epos* e a difusão do *ethos*. Ideia trazer à capital, numa demonstração ainda mais pan-brasileira e numerosa, vaqueiros de todas as nossas procedências, para imensa parada típica. Propõe se forme em nosso Exército, pelo menos um corpo de cavalaria vaqueira, de dragões “encourados”, ainda segundo o alvitre de Euclides. Pede ajuda justa para os campeadores sertanejos, a de que carecem e merecem. Sugerindo delimitação de um Parque Nacional dos Vaqueiros, intenta se salvem, enquanto tempo, cor e teor de suas tradições, já degressivos.
> Mas, sobre tudo, move-o o intuito de raptar a fórmula do vaqueiro real e ideal, em sua transcendência válida, e dar curso e corações à sua filosofia-de-vida.

Quem vaqueiro?

O vaqueiro nômade fixo, bestiário generoso, singelo herói, atleta ascético. O vaqueiro prudente e ousado, fatalista dinâmico, corajoso tranquilo. O bandeirante permanente. Um servo solitário, que se obedece.

. . .

O vaqueiro é o pastor do boi, do boi bravio.

Boi, que, sendo um dos primeiros animais que o homem soube prender, a si e que pelo planeta o acompanharam, deles é o único que fortuitamente pode encontrar-se restituído, perto do homem, à sua vida primitiva e natural, no regime pastoral do *despotismo* na *larga*, na *solta*; e de tanto — e já que, o puro ofício de viver, nos bichos se cumpre melhor — o justo que haveria em estudar-se, nas condições, seu esboçar-se de alma, seu ser, seus costumes obscuros.

Pé-duro

Enquanto noutras áreas mais amenas, em clima e pastos, se agasalham raças cuidadas, hindus ou europeias, em toda a rugugem maninha do desertão se afez, quase como seu único possível habitador cornifronte, o *curraleiro* — gado antigo, penitente e pugnaz, a que também chamam de *pé-duro.*

A alcunha parece ter sido dada primeiro aos negros, ou aos índios, de calosas plantas, pés de sola grossa, trituradora de torrões e esmagadora de espinhos. Daí, aos bois da raça conformada à selvagem semiaridez, o curraleiro beluíno e brasílico.

E esse é o elemento de arte do vaqueiro, a maneável matéria com que ele pensa e pratica o seu estilo:

Levanta-te, Boi Bonito,
oh meu mano,
com os chifres que Deus te deu...

. . .

Mas o nome se estendeu a outros seres, os “da terra”, sem exigências, sem luxo mínimo nenhum, quase que nem o de comer e beber — cavalote

pé-duro, o bode, o jegue: jumento pé-duro. E é, assim se ouve, o vaqueiro mesmo da caatinga — o homem pé-duro.

Pé-duro, bem; ou o homem duro, o *duro*, cascudo em seu individualismo ordenado, soberbo e humilde.

Austero é que tem mesmo de ser, apertado de estoico. É o posteiro menor, o vavassor da brenha, homem a quem os morcegos chupam o sangue.

Quer bem ao seu redor, onde os rios são voláteis, os dias são o sol, as noites brusca escuridão, a água obtida obnãotida, pasmosa a solidão, as tempestades pesadas, soltas as ventanias sem cara certa, o trabalho campanha, o passeio malandança, o repouso mortescência.

. . .

Sua silhueta e a caatinga lívida compertencem — o ananás bravo ou o mandacaru vertical, em meio às folhas de fogo, espetos cruzados, árvores de força, mostrengos ramos dolorosos, tortura, e a catanduva crispa, onde, subida a seca, só pervive o que tem pedra na seiva, o que é em-si e híspido, armado, fechado.

Tempo o tempo, desterra-se ainda, mais, desavança, num congrego, contra o poente, busca de boiadas, muito para lá dos carnaubais do Rio, a outroutro sertão que sempre há depois, poeiras novas, chão perdido.

. . .

Súa seu são pão de vida; e é feliz quando consegue morrer simplesmente, morrer mais velho, em sua casinha à beira da ipueira, com prazo para gemer entre seus parentes, cantante o campo, pedindo ainda um pouco de paz, um pouco de chuva.

Mexe o perigo quotidiano. Mais que para o jangadeiro, sua função é o grande risco, sua rotina astrosa. Dança de vigilância, cedo tem de aprendê-la, feito à rapidez com que o bovino abre suas hostilidades. Nas vaquejadas, ou na brutalidade das apartações — pesadelos nos currais grandes, por entre a poeira parda-verde do estrume e estrondos e mugidos de feras violentadas — a vida do homem é água em cabaça. São Campeiro o sabe, e Bubona e Apollo Kereatas; e a Senhora do Socorro. E ele:

Meu cavalo é minhas pernas,

meu arreio é meu assento,
meu capote é minha cama,
meu perigo é meu sustento.

. . .

Mas seu mesmo companheiro e aliado, o cavalo de campeio, dá-se como assento trapaz, refalso, obrigando-o sem pausa a nenhum descuido; de tão ensinado em máquina de perceber o mínimo bole-boi — e reagir com sacalões ou o lombear-se ou volver e correr — que fácil derruba o cavaleiro melhor, ou quebra-o contra barranco ou árvore, se não atento no estribo, pronto para dono das rédeas e para o hábil jajogo dos revezes-de-sela.

O solo firme, até, é-lhe um poder de inimigo.

Pelo quando vim, dias, sertão abaixo, nas abas de um boiadão sanfranciscano, com respeito aprendi como os vaqueiros nunca deixavam de ler o chão pedrento, de o decifrar, com receio inocente e no automático assesto de mineralogistas.

Porque — vez vezes em que o cavalo disparado falseia a mão, num toco, oco de tatu, num fofo, e tropeça e se afunda avante, rolando cambalhotas com o cavaleiro — não é igual se o que há em baixo é o tauá roxo ou raso calcário piçarro ou gorgulhos de pedra-preta, ou uma itabira de hematita, um desforme de granito bloco ou bolos de seixão de pontas, mais assassinos.

O homem entre os bois

O convívio que lhe vem, entre solidão, e que nada acaba, é uma grande vida poderosa — tudo calma ou querela — arraia graúda de surdos-cegos, infância oceânica. Acompanha-o o lendário, margeia-o o noturno. O estouvado amor e as querências guardadas. O manso migrar sem razão, trans redondeza. A sábia alternância dos malhadores. Os vultos abalroantes, remoendo as horas, ao prazo de um calor em que o solo pede mais sombras. Os bois escoltando a escuridão até à porta de casa. O círculo de mugidos, lastimais, falando ao sangue ou à lua. O medo grande que de dia e de noite esvoaça, e que pousa na testa da rês como uma dor. Os touros que o demônio monta. O ódio como sobe da terra e o bailar de grotescas raivas. A queixa do bicho doente, de balançantes chifres,

súplicas que não se dirigem a Deus nem ao homem. Os rastros que levam o chão para longínquas águas. As negras refeições remendadas dos corvos. Os rebanhos estrãos, removendo a paisagem. As sentinelas que eles traspassam, e que olham e admugem o horizonte. A poeira arribavã, sobre os matos, na fuga das manadas. A simetria obscurada das coisas, as folhas que crescem com virtudes. Os verdes que se vão e vêm, como relâmpagos tontos. A dança mágica do capim que a vaca vai comendo.

De tudo, ele ser, regra própria, crescido em si e taciturno, fazejo na precisão de haver sua ciência e de imitar instintos.

. . .

Mais o amor.

Com Chico Pedro, pompeano, carreiro de desde menino, conversei um dia, na Sirga:

— Boi toma amor à gente?

— Não.

— Por quê?

— Bicho é ignorante... Bicho dorme no sereno...

. . .

Mas era que o Chico Pedro não era vaqueiro, e sim um pobre carreiro compago, dono da escravidão dos bois, impossível ele mesmo ciente de amá-los, bebedor do trabalho deles. Sem esforço de exemplo, todos e qualquer um — João Zem, ou Sebastião de Moraes, ou o José Arioplero, ou Uapa, grande cavaleiro do Urucuia, ou o preto Duvirjo, tirador de leite — cada um pode logo desmenti-lo.

Sim, boi pega estima, amizade. Nem todos, não sempre. Mas há, não raro, os que conseguem o assomo de um contágio de alma, o senso contínuo de um sentimento. Os que, no centro de sua fúria, no fervo da luta, se acalmam e acodem à voz do amigo que os trata. Os que seguem pronto de perto o guieiro, no romper das boiadas; e os que contramugem à leal tristeza do aboio, nele se dando a enlear e trazer, como por um laço. Talvez mesmo, talvez, os bons triões de Chico Pedro.

. . .

E os homens. Esses que, a tão e tal, se vêm a enfrentar no ferrão a vaca louca ou o marruá soproso, chispando preto nos olhos e tremulando de ira muscular, esses, que esses, sofridos calejados, estão sempre tirando do pau do peito um desvelo, que nem que feminino, chegado a maternal, em todo passo de bom cuidado, ou lance de socorro. Como quando Bindoia, o mais desabrido da companhia, sem pragas se apeava do cavalo e vinha se meter até a cintura na correnteza de água do Ribeirão-do-Boi, para abraçar e ajudar um bezerro novo que não acertava como se desescorregar nas lajes molhadas e se debatia nas pernas, de resval, tiritando do frio do medo.

. . .

Ou, vindo nós com a boiada por longo de altíssimos espigões no Curral de Pedras, sobre a montanha — *greges multos in cunctis montibus* — por onde venta um vento tão pontudo e espalhado e frio, frio, que a boiada berra, cabisbaixa, berros de velho uso, e o pobre pelo do gado *rupeia* todo, todos os homens nas capas, as súbitas vozes gerais de aboio maior, amigo, querendo confortar, dando carinho, pedindo quase perdão.

. . .

Ou, céus e serra, meus vaqueiros, rompidos contudo da poeira, do sol, do pasmaço da viagem, engolindo fome sempre, e sede, e xingando de vontade depressa de chegar, mas que bambeavam de si e travavam, trancando a marcha, com pena do fôlego miúdo dos bezerrinhos, que já começavam a inchar das juntas das pernas e a trotar nas pontinhas dos cascos.

. . .

Calam, o quanto tanto, esse amor, como a seus demais amores, plantados fundo: pois severas são as vistas de seu meio, onde o bel-prazer e o bem-bom logo se reprovam e qualquer maior abrir de alma se expõe a castigo; como na trova habitual de Manuelzão:

Querer bem é muito bom,
mas é muito perigoso:
se eu morrer, eu perco a vida

se matar, sou criminoso...

E apenas a saudade ou a pura desgraça legal e cristã se ostentam, em pública querimônia:

Vaqueiro quando viaja,
viaja é só pra o sertão;
mulher dele fica em casa,
não tira o lenço da mão...

Dizem, referindo-se à boiada ou a seu gado de casa — “Esse *trem*... Aquele *trem*...” Mas é um desdém simulado, que seu olhar contradiz, um olhar placidamente, de quem tem boa guarda de si e dos irmãos de alma pobre. E o canto é um gabo:

Agora é que eu vou contar
o luxo da minha terra:
a vaca mansa dá leite,
cavalo rincha, boi berra...

. . .

Luxo de lei; luxo louco.

Sair de casa, mão que sim, pé na noite, fim de estrelas, rio de orvalho, pão do verde, galope e sol, deus no céu, mundo rei, tudo caminho. Escolher de si, partir o campo, falar o boi, romper à fula e à frouxa, dar uma corra, bater um gado; arrastar às costas o couro do dia.

Rer, adviver, entender, aguisar, vigiar, corçoar, conter, envir, sistir, miscuir, separar, remover, defender, guaritar, conduzir.

. . .

Assim o vaqueiro lá a cavalo, no meio do mapa.

VII

Termo

Não sabemos, num nosso país que ainda constrói sua gente de tantos diversos sangues, se ele será, o sertanejo, a “rocha viva de uma raça”, o “cerne de uma nacionalidade”.

Mas sua presença é longa lição, sua persistência um julgamento e um recado. Atuais como aquelas palavras do mestre de Leyde:

> “Nossos avós ainda não dispunham senão de recursos muito parcos, para mitigar as dores, curar as fraturas e os ferimentos, defender-se do frio, expulsar a escuridão, comunicar-se pessoalmente ou à distância com seus semelhantes, evitar a podridão e o mau-cheiro. Por toda a parte e continuamente o homem tinha de sentir as limitações naturais do bem-estar terrestre. A técnica, a higiene, os aperfeiçoamentos sanitários do ambiente em que vive, tanto lhe facilitando, acostumaram-no mal. Aquela conformada serenidade no desconforto quotidiano, própria das outras gerações, e que os ascetas buscavam como meio de santificação, perdeu-se para o homem moderno. Porém, ao mesmo tempo, correu ele o risco de perder também a simples aceitação da felicidade da vida, onde ela se oferece.”

. . .

Certo, nem é o progresso material obrigatória despaga, nem a sabedoria prega ponto de qualquer retrocesso.

Mas talvez não estejamos desnecessitados de retornar à luz daquilo que, ainda segundo Huizinga, é a condição primordial da cultura, e que verdadeiramente a caracteriza: a dominação da natureza, mas da *natureza humana.*

. . .

E esta bem pode vir a ser a moção maior da “Ordem do Vaqueiro”.

Em-cidade

O Gramado é um oasisinho meio parque, em forma de coração. Por causa dele, as casas recuam em enseada, que os bondes recortam rangendo três curvas. E, para lá dos bondes, os meninos brincam. Ora, meninos se suprem sempre de uma vida sem grades, e o brinquedo traduz tudo em termos de não-tempo. Mirim, o inédito se oferece, cada manhã ou tarde, entre as canchas de gude e os velocípedes; mãozinhas imaginam castelos-na-areia, ou arranha-céus na poeira, para dizer maior. Frequentes são três pretinhos irmãos, decerto com um só anjo-da-guarda, muito amigos entre si, bem tratadinhos, que detêm e multam em ternura os olhos de qualquer transeunte. Eles passeiam como gente grande, e conversam, justo se instruindo em lendas que serão de sua muita invenção. Há, porém, outro grupete — dois joãozinhos e uma mariazinha — que fixaram próprio território no espaço entre árvores, segunda e terceira, vindo de acolá, ou vigésima primeira e segunda, se se vem dali.

Estes fazem geografia; experimentam cidades, copiam Lilliput. A terra é seu material utilizável — com um punhado, uma duna, duma duna uma colina, numa colina um edifício. Se a chuva deixou poços, sobre lama para construções menos efêmeras, e se espelham n'água castelotes ribeirinhos. Cravam cacos de garrafa, verdilhantes, e enfilam pedrinhas, como dólmens ou meros dentes em gengivas. As árvores estão altas demais, para uso deles, e então querem uma floresta: fabricam-na, arraigando retalhos de folhas. Gostam da limpeza, e não saem da simetria. Um sulco de fundo aplanado é uma estrada, por onde transitam caixinhas-de-fósforos, carregadas com um tostão, uma birosca e um papel de bombom. Também introduzem em seu mundo recente os brinquedos oficiais, trazidos de casa: um cavalo cinzento, um automovelzinho, um pincel de barba, e outros entes parentes. E tudo preveem para conforto desses complexos personagens, que, no entanto, começam por desmanchar proporção e perspectiva.

Sucede, porém, que, enquanto isso, de há séculos, o homem encantou suas coisas, nasceu e se desmamou a máquina: da unha do gato, o gancho; do bico das cegonhas, o engenho de poço; da ave, o avião; do peixe, o

navio e o submarino; do velho coche de cavalos, o automóvel — que, segundo os puros, deveria residir em uma "autococheira". E os meninos brincam na palma-da-mão de nossa velha civilização.

E, pois, a senhora que esperava o bonde, no dia vinte e oito de outubro, aportou com o guarda-chuva e se engraçou de perguntar.

— Que buraco é este aí, meus filhos?

— É o Túnel do Mocinho, é sim.

— E aqui, este cercadinho lindo?

— É a garage. O automóvel está dentro dela...

— E isto, anjinho?

— É a garage do cavalo, ué! Não está vendo, não?

. . .

A dar pelo tamanho, teria dois meses de idade, o gatinho. Amanheceu na calçada, malhado de preto e branco, encostado ao muro. Dali não se mexia, neste mundo feio e mutável, cheio de sustos e brutos. Que catastrofal espetáculo não será um caminhão ou um bonde, para um filhote felino anônimo? E mesmo os pés dos passantes, poderá haver mais coisa?

Era mofino, magriço, com um remelar nos amarelos olhos, a carinha bonita, e visível despreocupação dos bens terrenos. Nem bocejava nem miava, só se defendia, feril, das diversas moscas solícitas. No mais, estava um gatinho entanto, sem curiosidades, previamente arrependido de tudo. Mas, anomalia incômoda, para a gente inóspita, seria o seu miúdo-glorioso impudor de enjeitadinho. Ainda se permitia lá, à hora do almoço.

Deus-do-céu, não haveria quem solvesse o fato daquele gato? E as autoridades? Na roça pelo menos tê-lo-iam prendido a uma pedra maior que ele, para o afundar no córrego. Aqui, seu livre gozo da renúncia perturbava. Não era, porém, bem reparando, assim tão desprovido. Quedava agora sentado, e punha os olhos no muro, com um precariozinho ar de semi-independência. Coçava o pescoço, bulia as barbas e ensalivava bem a patota, para lavar o rosto. Pobrinho assim, tão sem direitos, aplicava-se em ficar asseado, em dar toda a comodidade ao seu reduzido corpo, em tudo o que fazem, no geral, as mais criaturas. Empenhava-se, principalmente, em evitar que sofresse dor a sua carne pequenina. Quem passasse, havia de ter pena. Por mim, não poderia adotá-lo, pois Mítsi é

farrusca e hostil a estranhos, leopardíssima. E, à tarde, o bichano permanecia.

Mas: se transformara; a fome é fera. Olhou-me e me miou o miau brioso, direto, de fauce e presas, com que eles pedem carne. Estava sendo um certo resto de pesadelo. Por que os outros gatos vagavindos não se uniam e não vinham até ele, para aconselhar e dar ajuda?

Às seis, revi-o. Oh, almas piedosas tinham deixado perto uns montículos de arroz, um grude branco, tantíssimo arroz para Fang Si-Fu. Ele, o gatuz, fitava a rua, onde o rumor rodava, atordoador.

Só arroz, sem carne, sem um gole d'água, e eles, assim no fogo do verão, precisam tanto de regar a sede... Tenho de descer de novo à rua, levando algum bife em um caco com leite, para o Romãozinho... Mas... Não, não? Sumira-se, o forte. Foi a sede, certo, só a precisão de beber poderia levá-lo à inábil aventura. A essa hora, seria talvez massa de sangue e ossos, no trilho de veículos...

— Moço!...

Era o menino ruivo, empunhando um pau com tampas de garrafa de cerveja pregadas, como um cetro; o garoto do meio do meu segundo vizinho.

— Moço, eu levei "ele" pra um portão, na outra rua... Pra ver se o povo de lá toma mais conta...

. . .

Primeiro, em meados da guerra, houve a ação fulminante contra o "Yoshiwara" local, contra os "Bateaux-de-Fleurs" ancorados no Canal, epopeia de imortalizar qualquer conselho. Dissolveu-se, a pulso e prazo, outro quilombo, este venústico, dos Palmares. Nem brotou uma canção: *Vão acabar com o nosso Mangue...* Dizem que entre as hieródulas correu suor, sangue e lágrimas. Dizem que foi brasão mirífico para esta metrópole, onde se pôde extirpar, em três compassos, o que o resto do mundo, há quantos mil anos, não segue resolver. Outros, talvez os onçófilos, dizem que o método não foi completamente ótimo, por se parecer com o de abrir um tumor, espalhando-lhe a sânie no são da carne, etc., ou o de limpar uma casa, jogando à sala e quartos os ciscos da faxina. Enfim, isso passou, se acabou, mataram Gandhi, e pelo mundo já trotaram excelentes energúmenos. Outra é a toada.

Depois, raiou o queremismo. “Querer” é um verbo belo e forte, e a de querer deveria ser até uma das liberdades democráticas. Queremos este, queremos aquele, deixe-se a política em paz, só estamos situando o caso numa época. E na Glória. Ali, sentado sozinho num banco, dia-de-domingo, um mulato meditava. Era um mulato não-pernóstico, de ar não-safado, não-cafajeste, não mulatizava; só mulato apenas. Mulato e ensimesmado, cuido lhe faltassem o desempeno, a destreza, o dom de dançar com a vida, tão próprio seja dos mulatos bons. E devia estar preocupado com problema profundo, ou era mesmo um permanente pensador. Tristonho, a certa altura começou a riscar letras no chão, com uma varinha. Por fim, levantou-se e foi-se, via-se que a esmo, num passo de cabotagem, até no andar sorumbático. Vim espiar que frases seriíssimas não teria ele escrito. Isto:

Nós queremos a zona!

[82]

A vida é de metal. Às vezes, morrendo as horas, um sentir vem solto, leve como a paina pousa. Mas o silêncio é aberto, lábil, mal construído; e até o relógio, na mesa, triplica seus estalidos, na pressa laboriosa de um coraçãozinho de ferro. Minúscula sentinela, borboleta de asas de lâminas, ele tosa em tleque-tleque, como máquina de cortar cabelo. Rilhando e arranhando, passa um bonde, sobre cicatrizes de aço, com o gelo quebrar de blocos e arrastar de grilhões, até perder-se. Outros rumoram, mais longe. O bonde é um exercício sempiterno, cheio de lições.

Um. Que ele é sólido, simplório, honesto e populoso. Plateia processional, movente edifício público, não tem a fechada intimidade dos autolotações, nem o indispensável egoísmo dos carros particulares. Onde o automóvel é o cavalo, ele é o boi; melhor, um camelo, pelas estradas mais desabreviadas, sem comer nem beber. Vai catando e recolhendo a espécie humana, em seu salão de veículo o mais humanizado de todos. E viajar nele é acostumar-se à humildade grande.

Dois. E roda sobre trilhos, em trajetória certa, com sabedoria estatuída e centimétrica, como o roteiro que nesta dura vida jamais deveria ser deixado pelo justo.

Três. Não tem a ansiedade espetacular dos ônibus (“A quietude é de Deus, a pressa é do diabo”). Animalão pacífico e urbano, se recusa ele à

insidiosa perfídia das rodas de borracha. Barulha, atroa, tine, se proclama — é a máquina acorrentada, respeitando mediamente a vida dos pedestres.

Quatro. Certo, fica inferior ao trem, quanto à gozosa trepidação, que estimula o intelecto; mas é menos rígido, menos de-si, mais relaxado. Nele não há o irremediável se um menino quer, ele quase para. Seu trote permite ler, lembrar, cochilar. O bonde é um abrigo.

Cinco. O brado de *"Olha à direita"*, do condutor, soe-nos como apelo humano, resumo de fraternidade.

Seis. O homem vem, estica a mão, colhe o dinheiro, dá ou não dá troco, tilinta, e vai. Não o cumprimentei, não se pagou conversa, sua pessoa não pediu atenções. Tudo ignora de mim, e eu dele, não nos furtamos tempo. No entanto, acabamos de realizar ato necessário, no plano da quotidiana convivência. Profético ensaio da existência em futuro mundo feliz, onde toda vida de relação — salvo o amor — se arranjará de modo mudo e vegetal, como hoje com a máquina oculta da digestão, da circulação? *Amém*.

Sete. Por um fio, corre uma força. Que não tem forma, nem vulto, nem cor, nem rumor. Que ninguém sabe o que é. Mas que carrega todo o mundo, mesmo os que nela não pensam. Às vezes, também, pode destruir, muito rápido, os que põem a mão, por descuido ou por falta de informação. Reverencia, pois, e rejubila-te: o mais sutil domina sempre o mais denso.

E reflitamos — o bonde...

. . .

Num apartamento, no verão, as noites se estiram, rasgando em retalhos o sono da gente. Há a bebida na geladeira, a série de cigarros, a contemplação das luzes da rua, e a caça às baratas.

Oh grandes, tontas, ousadas baratas, janeiras e fevereiras, na pele nova consolidadas, vítimas das nossas insônias! Cacralaca, cucaracha, carocha, só ou de súcia, costas sujas de cal ou descascando um marrom sintético, vinda de antros, dos ralos, de frequentações várias, discutindo aos minutos sua imprópria existência, mas mesmo nas desaventuras mostrando a maior flipância; voluntário animal doméstico irrealizado, sobrevivendo à fúria de um pogrom sem fim. Deu volta ao planeta, nos navios, buscando nas

casas humanas a melhor solução econômica, e não pôde chegar a mais que um *out-law*, que uma peça franca. E repugna. Milhões delas, não, sim.

Quando a luz deflagra, vertiginosa, no banheiro, temo que elas sintam o que um amigo meu espírita diz das almas que de repente desencarnam e se veem nuas no espaço, na astral luminosidade de Deus, que é um mar de remorsos.

Piram, porém, centrífugas, pedindo paredes. Um chinelo, bem atirado, é o fim do prazer terreno, ou, pelo menos, disparo de canhão à queima-roupa. Mas estão ensinadas a não aceitar nenhum susto: barata que hesita, não deixa descendência. Ao lançar-se, já previu o abrigo ou trincheira. Às vezes, então, joga na imobilidade. Mas é a mais arisca das esperas: tensa, lisa, suspensa, desdobrada nas pernas ganchosas, oscilando, semafórica, os fios das antenas. Usa unto e para-quedas, saltatriz no sério: sem aviso, cai a perpendículo, lufa, se eslinha de frincha em frincha, em finta esquiva se roçaga, corre-corre e morre.

Barata, definitivamente citadina.

Grande louvação pastoril
com entremeio de respeitos variados
e repasso de mores figurantes.

À linda Lygia Maria.[83]

(Violeiros do baixo Rio das Velhas, violeiros das duas beiras do São Francisco; pessoal sanfoneiro da Folia de Reis, das Traíras; tambores do Congado, de Jequitibá; conjunto de "berrantes" dos vaqueiros de escolta; zabumbeiros; inúmeros cantadores.)

O Solista:

É o sol de-noite
e estrelas de dia,
é peixinho risonho
dentro d'água fria,
com a bênção de Deus
e da Virgem Maria!

Esta louvação
à linda Lygia Maria.

Coro das Fadas:

Tola felicidade, constante alegria
à Lygia Maria, à Lygia Maria!

O Solista *(com acompanhamento de cento e setenta violas)*:

Em Lygia Maria
tudo é de louvar:
seu rostinhozinho
de rosa, mar, luar,
as duas mãozinhas

que é honra beijar,
esses dois bracinhos

dos anjos abraçar,
o mimo da boquinha
pra rir, pra cantar,
estes dois pezinhos
que brincam no ar,
o coraçãozinho
aprendendo a amar!

Coro das Fadas:

Crescerá sadia,
viverá contente,
não será vadia,
será inteligente!

Todos os Coros Trançados:

Em casa e na rua,
em terra e no mar,
na cidade e campo,
em todo lugar,
Linda Lygia Maria
veio pra reinar!

Coro dos Vaqueiros:

Tem de reinar!
Tem de reinar!
Eêêêêêêê... (aboio).

Só os Vaqueiros do Urucuia:

Ei-ôi-ôi.... lindeza...
Ei, beleza, ôi-ôi-ôi......

O Solista (*depois de mandar parar as violas*):

Louvarei a Mãe
de Lygia Maria:
sua formosura,
sua simpatia;
tão prendada assim
pensei não havia.

A louvação é:
tal a mãe, tal filha!
(*Entram 170 moças, morenas e louras, vêm pôr laços de fita nas violas.*)

O Vaqueiro-Mestre:

Sou o Uapa, sou vaqueiro,
cavaleiro do Sertão.

P'r'o Pai de Lygia Maria
também quero louvação!

Todos *(menos o Marujo da "Chegança")*:

Eh, Maranhão!...

A Boiada Zebu:

Mrrão... Mrrão...

A Boiada Curraleira:

Mããão... Mããão...

O Mordomo dos Currais:

Você aí, Marujo,
sem educação,
por que é que não louva
diga: sim, ou não!?

O Marujo (*se ajoelhando*):

Peço vosso perdão,
peço o vosso perdão.
Estou esperando ordens
do meu bom Patrão...

O Vaqueiro Cearense, Siriri-Caxangá:

— Mentira dele. O negro tá é com a boca
cheia de rapadura. Por mode isso não vivou.

O Vaqueiro Terto (*compadre de todos)*:

Quem ‘e, de se saber,
o seu real Patrão?

O Marujo (*se levantando e fazendo continência*):
É o Doutor João Rosa!

Dr. João Rosa (*chegando amontado no seu cavalo baio cumprimentador*):
À Lygia Maria
na minha presença,
louva quem mais louva
sem pedir licença!

Coro dos Caboclos:
Eh, Maranhão!
Salve nossa querência!

Dueto (O Solista, *de uma banda; da outra,* Uapa *e* Dr. João Rosa):
Vou louvar, pois não,
o Pai de Lygia Maria:
...grande cidadão!
— E na poesia?
— Ele é capitão.
— E a mitologia?
— É de sua invenção.
— Muita fidalguia?
— Ele tem, pois então!
— É, no coice ou na guia,
vaqueiro de mão.
— Livro com lição?
— É de sua autoria.
— Seu maior condão?
— É a Lygia Maria!
— É a Lygia Maria!

Os Sanfoneiros:
Toquemos? (*Tocam*)

Coro Geral:

E louvada a Avó!
E louvado o Avô!
Que Família correta!
Viva o Professor!
Viva Dona Julieta!

OS ZABUMBEIROS:

Toquemos? (*Tocam*)

CONJUNTO DE "BERRANTES":

Huuu... Huuu... Huuuu...
Meu boi do Paracatu
que bebe no poço
que berra com gosto
que anda na rua
que dorme na lua
que dança lundu.
Huuu... Huuu...
Meu boi de criar
meu boi de brinquedo
que sabe segredo
que não sabe nada
mas sabe uma estrada
de nunca acabar...
Huuu... Huuuu...

TAMBORES:

Toquemos? (*Tocam*)

CORO DOS CANTADORES:

Os bois de Lygia Maria
vão louvar com bizarria.

O MORDOMO DOS CURRAIS:

Toquem, toquem, violeiros,
toquem sertão e luar!

O SOLISTA:

Salve, Lyginha Maria,
vaqueirinha singular!

Os Zabumbeiros:

Então: bumba, bumba,
êi, bumba, zabumba...
É pra o bumba-meu-boi?

O Fazendeiro-Mor:

Não é, nunca foi!

Os Caboclos:

Eh, Maranhão!
Maluco, não:
quem toca zabumba
não dá opinião.

O Boizinho Araçá:

Mããão... Mããão...
Podemos louvar?
Humilde vos rogo.

O Vaqueiro Moço Coité-de-Flor:

Berre um, cada um,
mas dizendo até-logo.
Boi não sabe louvar,
é só bufando e mugindo...

O Vaqueiro Velho Sabiazão:

Deixa o boi louvar
meu boizinho lindo
pois Lyginha Maria
lá está sorrindo.

O Boizinho Araçá:

Sou boi, sou bicho,
não tenho fineza,
mas Lygia Maria

é a minha Princesa!

A Vaquinha Branca:

Vim de longe, do Sertão,
para ver Lygia Maria
e as boas fadas bordando
seu destino de harmonia.

O Bezerro da Vaquinha Branca:

Vim de longe, dos *gerais*,
para ver Lygia Maria:
a nata de uma lindeza
no leite de uma alegria!

O Boizinho Malhado:

No meloso em vinho de flor
o orvalho brilha mais;
mais brilha Lygia Maria
adoração de seus Pais!

O Boizinho Raposo:

Das flores todas do campo
rainha é a do pacari:
parece Lygia Maria
que vimos louvar aqui!

O Touro Baetão:

Estourei na estrada
corri noite e dia,
gastei vinte cascos,
por campo e carrasco,
espalhei meu rasto,
vi Lygia Maria:
tudo é madrugada!

O Touro Cinzento:

Com chifres tão brutos
e couro tão grosso,

com este cupim feio
no fim do pescoço,
não vou chegar perto
que isso nem mereço:
louvo Lygia Maria
louvando seu berço!

CORO DAS FADAS:

Será bela e sã,
rica e benfazeja,
amada de todos
sem causar inveja!

O MARUJO DA "CHEGANÇA":

Dona Lyginha Maria
eu também quero louvar:
bandeira em todos os mastros
por essas terras do mar!...

CORO DAS FADAS:

Com suas muitas prendas
terá longa vida,
sempre satisfeita,
sempre defendida!

O VAQUEIRO SURDO PIMPÃO-PATURI:

Mando os bois embora
pelo pasto afora?

O VAQUEIRO-MESTRE UAPA (URUCUIANO):

Vão ter sombra e sal
no cocho do curral.
Louvaram muito bem.

AS VIOLAS:

Terém-tém-tém... Terém-tém-tém...
Tererém-tererém... Tém-rentém-tém...

O Solista:

Mão na regra, violeiros,
não toquem sem ordens minhas!

Os Violeiros:

As violas tocam soltas
querendo louvar sozinhas...

O Grupo Maranhense dos Perus-Dançantes:

Este pé, outro pé, é no mesmo lugar,
as violas mandando, peru tem de dançar...
este pé, outro pé, não se pode parar,
olha o forno que queima, eu só quero é louvar!

Coro dos Chapéus-de-Couro:

Roda, roda, roda... pé, pé, pé!
Olhem só peru-de-forno, caranguejo peixe é...

O Dr. João Rosa:

Caranguejinho veio?
Ele tem de louvar.

O Dr. Édy:

Aqui não tem mar!?
Caranguejim no seco
pode se afogar...

Coro Geral:

De noite e de dia,
viva Lygia Maria!

Uapa (*de vara na mão*):

Vamos continuar.
Alguém tem de louvar!

O Solista:

Pra louvar Lygia Maria
peço nova inspiração,

só alcanço esta homenagem
com muita comparação:
Da prata, do ouro,
o maior tesouro.
Do ouro e da prata,
a valia exata.
Da fruta e da flor,
é o cheiro e o sabor.
Da flor e da fruta,
a essência enxuta.
Do céu e do mar,
o imenso reinar.
Do mar e do céu,
as estrelas sem véu.

OS VAQUEIROS CHAPÉU-DE-COURO:

Tiramos o chapéu!
Tiramos o chapéu!

O PAPAGAIO DO FAZENDEIRO:

Bis! Bis! Chafariz!...

(*É bisado o número, os vaqueiros todos de chapéu na mão.*)

OS CABOCLOS:

Ainda não! Ainda não!
Falta mais inspiração.

O SOLISTA:

Ai, meus belos pensamentos...
Toquem todos instrumentos!

(*Grande movimentação. Tudo toca. Os bois berram macio. O povo dança. Os perus não.*)

O SOLISTA:

No mundo uma casa,
nessa casa um berço,

no berço a menina,
no meio do Universo.

CORO DAS FADAS:

No meio da alegria!
Da satisfação!

O SOLISTA:

Louvo Lygia Maria:
louvo menos com meu verso
do que com meu coração!

(*Tocam todas as violas*.)

(A LOUVAÇÃO NÃO TEM FIM)

Quemadmodum

E é um gato. (Pela janela as grandes gaivotas do mar nunca entram, não está em nosso poder.) Saltara do chão à mesa, sem esforço o erguer-se, nada o sustentando ou suspendendo, tal nas experiências mágicas. São mestres de alta insinuação, silêncio. Dele, claro, tem-se só um avesso. Tudo é recado. Coisas comuns comunicam, ao entendedor, revelam, dão aviso. Raras, as outras, diz-se respondem apenas a alguma fórmula em nossa mente — penso, tranquiliza às vezes achar com rapidez. Mais há, vaga, na gente, a vontade de não saber, de furtarmo-nos ao malesquecido; o inferno é uma escondida recordação. O gato, gris. Não mero ectoplasma, mas corpóreo, real como o proto-eu profundíssimo de Fichte ou bagaço de cana chupada pelo menino corcunda. O gato de capuz. Se em estórias, ele logo falava: — *"Meu senhor, dono da casa..."* A lâmpada não o tira de penumbra. Seus olhos me iluminam mui fracamente.

Apareceu, ao querer começar a noite, feito sorriso e raio, e conquanto como entende de cavernas e corujas. A aventura é intrometida. Antes de cochilar, eu a ele me acostumara; decerto estranho-o, agora, quando o rapto de mim mesmo me faz falta. Que mundo é este, em que até insônia a gente tem! Desenrola volutas, ilude e imita o desenho de alma do amoroso. Circunscreve-se. Vá fosse um vulgar, sem ornato, gato de sarjeta. Porém, não: todo de lenda, de origem — corpo leonino, a barba cerimonial, rosto quase humano — formulador de pergunta. Senta-se nas patas de trás, por uma operação de inteligência. Convidado para sonhar eu morava perto de alguma mulher desconhecida... A beleza insiste — ao som de tornozelos e opalas, as danaides do mundo seco. A vida, essa função inevitável. Suas pupilas endireitam-se em quarto minguante. Só é preciso perder-se, a todo instante, o equilíbrio?

— "*Bast...*" Ouvisse-me. Sem fu nem fufo, nenhum bufido. Temo enxotá-lo, de quantas sombras. Quieto, quedo — "*Sape-te!*" Não é um sonho. Resiste, imoto. Imóvel pedra a cara, barbas até à testa, pintadas, crivadas as bochechas, donde os bigodes. Desfecha ideias. Amor mínimo qualquer preenche abismos formidáveis (não de sonho; no sonho só há 1/2 dimensão, nenhuma desordem)... E está aqui, idosamente, quer-se que em

si imerso. Descobriu o fulgor da monotonia. O tempo é o absurdo de sua presença. (A que alvo buquê de dedos longos... mentiu que sorriu... Ininteligimo-nos. O adeus estreita-nos...) O tempo, fazedor, separador, escolhedor. Talvez eu tenha sido sozinho. Ainda vou viver anos, meses, minutos. Saio. Ora, deixemo-nos do que somos.

Sua dela lembrança, incristalizável — resumo de vertigens, indefinível como qualquer dor. Longe de nós, há alegria. Os ônibus tinham festa dentro. — "*Fale e vou...*" — digo, entre mim. É profundo o futuro: é. O passado é urgente... Marraxo! Morrongo. Trouxe-lhe leite, e não vai aceitar, quando que calado, em bruma, entrado a grutas ou nos lugares sombrios das matas, preparado para a inação. Existe. Temo mais luz. Os que, ao fim, o álcool finge e cria, não são assim, mas ferozes ou imundos animais, atacam-nos. Por que permanece, se acomodando com suas preguiças sucessivas, se o imoderado amor é que os faz sair e percorrerem os quarteirões? Só o angustiado é que espreita o espaço. Me olha, enrevesadamente, o máximo de pupilas, onde a aflorar sua forma informante. — "*Ajuda-te um pouco menos, para Deus poder te ajudar!*" — há-de dizer-me, com fala de xamã em transe.

Disse? Não, nenhum miauitar. O prato lambido, o leite que bebeu, seu queixo peludo sujo de gotas, infantil, do mudo muito menino. Cerra e cerro os olhos. O horizonte é o fechado de uma pálpebra. Todos somos amnésicos! O passado é uma coleção de milagres. O nunca é o sempre, escondido às nossas costas? Embruxei-me. E ei-lo, confabulatório, felisomem. Tenta viver uma história, e já não mais consegue: ignora o tempo — evadiu-se de personagem. Transcende qualquer trama ou enredo, transpôs essa corriqueira precisão. O que ele faz — é propor o enigma.

Comina-me. Capta o menor movimento, esperdiçando perspicácia, decifrador de mímicas. Por um evo. Tem-me no centro de sua visão. O gato, inominado. Despiu-se de qualquer fácil realidade. (Ela — padeço-a, entre o eu inexistente e o movediço mim. Se para sempre? — por minha culpa, ignorância privativa...) Sentado, arrumadas retamente à frente as patas dianteiras, fita-me com fantasia luminosa, assesta-me os poderes mais sutis. — "*Quem é você?*" — a interminável questão.

Agora engatinho, ando, apoio-me: contra o nada, só minha memória trabalha, quase vencida. Juro por Tutmés, deus! E o mundo come-nos. Creio, que digo: — *"Eu sou a minha própria lacuna, e todas..."* — resposta de abismo a abismo.

Então, sim, sou. Ele apagou os olhos. Tem de ir-se, quando eu readormecer, como brinca o menino cego, no inesperado sossego. Salta, quadrilongo e real, sem pena o alar-se, precipita-se, feito impelido por meiga mão. Some-se, em esfumo — e contudo belo diverso, como uma análise de poema. A janela exata, a imensa curva da noite, o fundo, não são o contrário de mim; talvez seja-se o mesmo. Só podemos alcançar sábios extratos de delírios.

E ei-la (sua lembrança apaziguada) forma subsistente. Tanto o telefone é um frêmito, calado, na madrugada, na vida. Mas, a voz. A que o menino surdo sabe de cor. (Quem sabe a palavra mais doce: *b u l b u l* — como os árabes chamam o rouxinol.)

Aquário
(Nápoles)

Estrelas-do-mar com suas cores — vermelhas, roxoverdes, azuladas. As amarelas se dão como flores. Raiam, se entrançam ou empraçam; aderem, ecpétalas, à parede, ao chão, à folhagem. Uma pode ser perladas espigas, mão aberta, fronde. A cinzenta produz gestos. Remove-se: sinuosa, altera bebedamente as pontas — roda viva de pernas.

. . .

O ursinho, *ouriço-marinho*, pasta algas e espinha até as pedras.

. . .

Peixes de olhos de boi e estrias de ouro espairecem por entre as alfaces-do-mar. Ulvas. A corvina negra: o *peixe-corvo*.

. . .

As conchas são os ossos do oceano, disperso esqueleto, desvago: cones, cócleas, volutas, vértices, lamelas, escudelas.

A *madrepérola* pavã, colibril, faiança de aurora.

A concha e o ouvido — mugem.

Onde está uma concha, está o fundo do mar.

. . .

A *enguia* traga água como se vomitasse. Seu grito mudo, de engasga-bolha. A *moreia*, tigrina, desenhada, canibal de demônios dentes. Sanguessugão despedaçador: a cruel palidez plúmbea do *congro*. A *arraia*: um pano cinzento que tenta esconder longo fino serrote. *Coral amarelo* — de âmbar? de árvore? de ouro?

. . .

As *lulas*, a serviço de seus olhos. O *calamar*, longos narizes, três vezes compenetrado. Mariscos inerentes, mitilos presos: *mexilhões* que sedentarizam. Um bicho bivalve, conquilho entre tâmara e barata, escava para si leito rochoso, estricto estojo. Límneas, lesmões e caracóis, de cocleias várias.

. . .

O caracol — babou-se!: sai de sua escada residencial.

. . .

Tartarugão, *tartaruga*: semelhando-se ensopada, cozida. Bicuda. Circula, com borbol d'água, rema. Braceja: anjo gordo. E quase une as palmas das mãos atrás, às costas, de tanto que aplaude. Aporta contra o vidro sua basculante rotundidade, volve-se e exibe o abaulado quelão, de gomos sextavados. Sobe e desce — é um esvoo chato — completamente desterrestre.

. . .

As *sépias*, embriagadas coloristas. O *peixe-andorinha*, às ruflas. O *peixe-catapulta*. O *cão-do-mar*. O *peixe-capão*, que tem dedos e anda no chão. Todos são bocas que se continuam. Surgem.

. . .

Só não existe remédio é para a sede do peixe.

. . .

O *ovo-do-mar*, episcopal vibra suas lâminas: e transfigura-se em arco-íris. Desata-se, translúcido, o ctenóforo *cinto-de-vênus*. As *salpas* são mínimos potes nadantes. *Anêmona-marinha*, em descabelamento choroso: crisântemos dobrados, repinicadinhos, indo-se de um boião. As *holotúrias*, como pepinos. Umas bolotas cor-de-rosa: as *algas* calcárias.

. . .

O claial de ostras comestíveis. Um camarãozinho diáfano se acerca, com garupa. A ostra clapa as valvas. Ela é um mingauzinho musculado, zangado, capaz de impaciência e vigilância.

. . .

O dormir do peixe é a água que se descuida.

. . .

Lauta *lagosta* maneja um compasso. *Caranguejo* oscilabundo, suas cravas se exageram. Tem alma centrípeta, num corpo ainda centrífugo; resultante: latera, recua. A lagosta *palinuro*, esgrimista, os pés movendo-se sucessivos, cada qual. O *homardo* — *homar, astaco, astaz* — se esquece de desinchar e fechar as disformes pinças. Cavático, corre a esconder num buraco a comida, feito um cachorro.

. . .

O caramujo no seu ujo, e o caranguejo, ejo.

. . .

De canudos e vasos, despontam os *tubícolas*, delgos feixes de animais-plantas. Um, capim verde-claro, viça bichíssimo. Outro, guelras escarlates, se enflora de penugentas riscas. O guarda do recinto introduz na vasca uma vara, e toca-os, tão se apagasse velas de altar: um por um, todos, num átimo se recolhem, reentram tubo e tubo.

. . .

Chata, coágulo de barro, bordada de algas, semi-oculta, só dentes e boca e fixos olhos autônomos, fera colocou-se a *rã-pescadora* — que o *diabo-marinho* — o peixe mais horrendo, imagem da espreita assassina. Simulando talos vegetais, sobem de sua cabeça hastes membranosas, que ela desfralda para atrair os peixinhos passarinhos.

. . .

Mar: o ilimite de liberdade cria em cada canto um carrasco.

. . .

Empina-se o *hipocampo*, delgado cavalinho enxadrístico — cavalo do rei cinzento. Perfila-se, sem patas, brinquedo de papelão, nadando vertical. Sob certo sol, visluz em verdiço ou azul. Quatro anéis na cauda, de dedo mindinho. Segura-se nos ramos de coral e nas algas, com seu rabico rijo, extremidade em espiral.

. . .

Madréporas jazem, sésseis margaridas ouro-alaranjadas, outras alvas, jogadas no fundo. A *penas-do-mar* iguala a uma estrilha, a uma escova. Se a irritam, no escuro, fosforeja: sua raiva é uma luzinha verde.

. . .

O poço nunca é do peixe: é de outro peixe mais forte.

. . .

O *salmonete* quase fura a tona; mas prefere pôr apenas as barbas de fora, para saber o que no ar.

A *solha*, focaz, sempre perplexa. O *peixe-aranha*, semidragão, soterra-se tal, na areia, de onde só seus olhos sobram, fins de dois buracos. O *peixe-pavão*. O *peixe-anjo*. O *peixe-navalha*. O *peixe-donzela*. E um pirá leproso, barbado e esbugalhado, sujo de vermelho, chamado *escorpião-porco*, e que é a mesma perfeita rascassa das *bouillabaisses*.

. . .

O peixe vive pela boca.

. . .

Só se o sol avança — das doze às duas — é que se enxerga algo no claro compartimento onde as *medusas* filmam-se. Pseudas, vanvistas, elas se desenraízam, deslastram-se, pairam água acima, sedas; há-as

entrevioletas, *sicut* vermelhas, fantomáticas, translunares. Armam-se de transparência.

. . .

Caído mestre no fundo, o *polvo* faz que dorme. Colou-se ao corpo de uma pedra, seus tentáculos cingindo-a. Como uma nuvem coifa um monte. Mas é uma bola ou bexiga, gris, com dois olhinhos. Longe dele e alinhavando-se, perpassam pequeninos peixes na água, ociosa.

O guarda vem com a ponta da vara, cutuca-o. Mexida, a mucosa massa se aquece, frege, num plexo, simultâneas cobras revoltas. Desmede-se por membranas, fingindo estranhamente molhado morcego. Com ar medonho irritado, o monstro olha. Quase se pode ouvi-lo: chiando de ódio pobre.

O guarda insiste, espicaça-o. O polvo põe mãos à cabeça e muda de cor. Solta-se embora: em jogo de jactos, muscular, avança recuando, simples série de saltos; e derramou seu tinteiro.

Mesmo veio encostar-se à parede de vidro. Confia de querer espiar os visitantes. Bilram seus braços, cobertos de botões nacarados ou cruas rodelas; endobram-se as pontas, caracolam. Pregas se repuxam, desvendando fendas. Sombras. Saindo de um saco, que pulsa igual, abre-se e reclui-se, esfincteriana, a boca: tubo amputado, coto de traqueia de um degolado.

O guarda lhe traz comida: abaixa no compartimento um caranguejinho, suspenso num cordel. O polvo percebeu-o e se precipita, com eslance de cobra, no se-rasgar de guarda-chuva a fechar-se. E já envolveu o caranguejim, gulo, em horrível desaparecimento.

Porém outro vulto, subindo-se de algum antro ou anfracto entre as pedras, guerreou de lá, bruto, rápido, flecho no disputar a presa. Os dois se opõem. Esbarram-se. Cada um adianta um braço, prendem-se, que nem dedos que se engancham. Podia ser uma conversa. Desdemente, se entendem, separam-se. Um, ou uma, se afasta — nadando: cometa sem brilho — descai, laxo, lapso, escorreu-se em esconderijo.

O outro se exercita, arrepanha suas partes, sacode aquele desgrém serpentiforme, o papudo perfil de pelicano. Dado à água, nada, fofoca, vem lulando. Cerra-se. Vai unir-se aos blocos de pedra da parede, cuja cor adota.

Mal um pouco, porém, de novo se alerta, estreblótico, esclérico. Reenreda-se. Seus apêndices lutam entre si, dançam verrugas e ventosas. Palhaço, vai tocar guizos. Despego. Oscila, como se vento o estirasse. E, para que tudo recomece, retorna à face do vidro. Um olhar seu me queimou.

A água, verdemente.

O polvo tem vários corações.

Ao Pantanal

Ou — de como se devassa um éden. Igual a todo éden, aliás, além e cluso. Mesmo em Corumbá, primeiro ouvimos quem nos dissuadisse: — “À Nhecolândia? Aquilo não existe. É o dilúvio...” Mas existia, e se. Seu povo sendo rápido, exato, enfrenteiro. Um estava na cidade; pensada nossa viagem para a outra manhã, o nhecolandês tomou, de momento, um aviãozinho, e foi sobrevoar o Porto da Manga, onde, sob sinais, deixou cair, preso a uma pedra, um bilhete, com o “plano” do itinerário. Desde aí, linha e linha, tudo se obedeceu.

A 11 de junho, dita manhã, entramos na chalana *Segunda*, que nos encostou no vaporzinho *Ipiranga*, *Ypiranga i.e.* Zarpa-se às 7h, 50, contra um cromo verde e céu, sensíveis.

Rio-abaixo o Paraguai, suas ondas fingem o recém-lavrado: revirado campo — *upturno*? Leiras dunas de íris no dorso sempre se estendem, sinuosas, seguindo-nos. Também, e a reboque, trazia-se uma chalana mor, repleta de tábuas. No mais, a água se espessa de argila, e dança, nos rebojos de grande turbulência. Pelo plano das margens, grupam-se cambarás ou enlongam-se bosques de bocaiuvas. Depois, vê-se um curral “nadando”, quase fim de submergido. Ranchos, assim, seus restos. E uma olaria, que mesmamente se afunda. O arame das cercas “apodrece”, segundo um poeta aborígene. Sozinha, a choça de um caçador de capivaras. Às 12h, 30 arrivamos à Manga.

Que é o porto da Nhecolândia, seu ponto de acesso, mantido pelo Centro de Criadores. Um *tablado*, para carga e descarga. Caracarás, quedos gaviões, se empoleiram perto dos fardos. Numa figueira, donde se pendura um ninho-de-espinho, se entretinham tordos. — “Aqui tem tanto passarinho, que a gente nem não precisa de saber o nome deles...” — informa a garota de cabelos compridos, que depena uma rolinha, para o almoço, limpando-a no rio.

Confirmam a situação: como a cheia geral insiste, léguas de água bloqueiam o Pantanal. Entanto que, no tempo da seca, de Corumbá ao Firme são 4 horas de automóvel, agora de terrestre nem um caminhinho, nem um istmo. Mas aguarda-nos a lancha *Mercedes*, sobrelesta, da

Distribuidora Nhecolandense, na qual saímos, às 13h, 05. Atravessa-se enviesadamente o pardo Paraguai, buscando a foz de um afluente — o Taquari, oliva. Cortamos densos camalotes de guapés, pequeno mar-de-sargaços. Um biguatinga longo-voa, seu pai, seu irmão, sempre um. Anhumas se despencam e ressobem, bradam, suspendem-se em espiral, donas do que querem. Martins-pescadores, súbito azul, em grupos, mais verdes que azuis, gritando de matraca e aparando com tesoura cada aquática ruga. Biguás regem pela do rio a horizontal de seu voo, e brusco pousam numa onda, sentam-se na correnteza, mergulham, sabem longe ressurdir. Canta, preto puro, sílaba sem fim, o bico-de-prata. Todos os não simples pássaros, cores soltas, se desmancham de um desenho.

13h, 22. Deixamos o Taquari, desladeamos por um corixo. Cada coqueiro carandá é escudo e lança. Garças apontam, quase reptilíneas, por entre o capim-de-praia. Varam o ar caturritas: explosão de verde e gritos, periquitos. Um jacaré se ronha gordo ao sol, bocarra franca. Um redondo de pimenteiral mal emerge. Mato de beira, onde as lontras brincam de ficar em-pé e se revezam, mio e assovio. Um socozinho vem-voa, pousa e pia. Se amoita, mixe, na lancha, perto do lampião. É um filhote, fino, todo pescoço, coisinha que o mundo morde.

13h, 40. O corixo se estreita — entramos numa ruazinha líquil, uma viela d'água, rego, entre margens que são sem trânsito para o pedestre, pois por debaixo há um lago. O socó voa feito uma gaivota, a garça que nem cegonha de frente retraída. Saímos do corixo e dobramos por um canalete, que aberto artificial no plão campo: queimaram linearmente o capim, durante a seca, e agora as embarcações conservam o caminho, navegável superfície. Outro jacaré, às ombradas, grande, se golpeando e espirrando, entre guapés que luzem como gigantes espinafres, e vassouras-bravas — suas trêmulas facezinhas amarelas — na ilha pantanosa. Biguás, bando, se juntam, para repouso, na copa de uma árvore, escondem-lhe todo o verde. Urubus apalpam o céu, limpas mãos pretas.

14h, 10. Subnível, suportando o fundo, presas no mergo lúcido, toda uma flora alagã de irmãs ninfas: a *lagartija*, trama de coral, sangues hastes que se inclinam, expondo à tona em estendal curto um milflorir vivo jalde; a *batatinha-da-praia,* salvando acima as estrelas de leite das campânulas; a *erva-de-bicho*, velvo zinhavre, às vezes rosada, afogada linda; outra, esfio de geleias, folhas em bolas de esponja, mole meio erguer de floretas minúsculas, instantaneamente brancas; outra, latejante, pulul, espalhado

trevo pálido; a *orelha-de-onça*, poo de ervilha, nata, colado véu de musgo claro, que oscila; e o eslaço de umas folhas largas, suplantadas, que se dobram e fecham mão, quando passamos. Só as corolas sobressobram, sobrenadam. É um jardim merso, mágico, submerso. Ilhas de flores, que bebem a lisa luminosidade do estagno. E cores: bluo, belazul, amarelim, carne-carne, roxonho, sobre-rubro, rei-verde, penetrados violáceos, rosa-roxo, um riso de róseo, seco branco, o alvor cruel do polvilho, aceso alaranjo, enverdes, ávidos perverdes, o amarelo mais agudo, felflavo, felflóreo, felflo, o esplâncnico azul das uvas, manchas quentes de vísceras. Cores que granam, que geram coisas — goma, germes, palavras, tacto, tlitlo de pálpebras, permovimentos.

Tomamos por outro corixo. A lancha trepida. O socozinho se repõe em asas, abandona-nos. Sobreleva-se o *capim-arroz*, à direita, farto, cacheado. Montoa-se, à esquerda, o *capim-felpudo*, anão, bases vermelhas. Lambaris se entreflecham entre flores, dentro de nossos olhos. Planam, pairam garças, fofas. A água se estira mais azul, sã face, soa sua arrastada música. Carandás — oestes palmeiras — que saem do mar. Caetés, coesos, se sacodem — o talo esvelto, punhado alvo de flores, e as três folhas lanceoladas. Refundo, o *capim-vermelho*, rufo, ticiano. Nem há mais fundo. Turva-se a água, se enloda. A lancha para, se subindo docemente no capinzal. 14h, 45.

Meio quilômetro adiante, entre árvores — carandás de sidéreos reflexos — a Casa do Rodeio, no ponto onde o canal aparentemente se acaba, em fundo-de-saco. Lá avistamos os bois, com o carro, carreta de rodas altas e tolda de lona verde. Mas aqui já está um batelão, prancha à zinga, esperando-nos. É um cetáceo, escuro, propulso. Mudamos para seu bordo. E estamos barquejando na estrada de rodagem, onde no normal os autos trafegam. Os zingadores, um de cada lado, fincam os varejões, para trás, oblíquos, e repetem marche-marche, pelas beiradas coxias da prancha, descalços, com socos surdos na madeira.

15h, 05. Nem a prancha pode vir mais. Passamos para as carretas, agora veículos aquáticos. Os bois empurram a água com os joelhos, e como correm, cabeceando. — “Mimoso! Areião! Varjão!” — Suas caudas se espiralam. Suas vassourinhas, negras, borrifam-nos o rosto. O carreiro muxoxa, estala rudes beijos. Nem brande o chicote, esguio de cobra, látego longo. O outro carreiro vem a cavalo. Não há guia.

— “Hip... Hão... Varjão!”

Um cervo transpõe o mundo, aos saltos, à nossa frente, águas o respingam no ar, o apanham. Ficou parado um instante, e o carreiro lhe acena.

— "Hup... Varjão!... esses bichos entram até em curral, com o gado, até com a gente..."

16h, 08. Atravessamos o Corixinho, o carreiro tem de subir no carro. Os coqueiros sucedem-se, falam seu verde. O azul grumo do céu digere o último fio de nuvem. As surpresas de aves são incontáveis. As águas nunca envelhecem de verdade.

16h, 30. Descemos da carreta para um caminhão, justo, que nos espera. O caminhão roda sobre uma planície que ainda é lama e relva de charco, terra coagulada, chão em começo, mal restituído. As aves sobem sempre.

16h, 40. O caminhão não pode prosseguir, empantanou-se, no gluo do meio de um corixo. Expirou, proibido, desaqueceu-se. Desinventou-se. Lama e limo, palpantes, começam a mover-se para revesti-lo. A água olha-nos, com suas bolhas frias. Mas já estão, a postos, três juntas de bois, antiquíssimos, existentes. Atrelam-se ao caminhão e arrastam-no.

17h, 00. Tordos, em bando, enfins, se espritam nos carandás. Ora avista-se a Casa do Firme.

17h, 10. Chegamos. De que abismos nascemos, viemos? Mas no princípio era o querer de beleza. No princípio era sem cor.

Quando coisas de poesia

Se lhe não firo a modéstia, direi, aqui, depressa, que SÁ ARAÚJO SÉGRIM*, em geral, agradou. Por isso mesmo, volta, hoje, com novos poemas, que só não sei se escolhemos bem. Sendo coisas mui sentidas. Sendo o que ele não sabe da vida. Digam-me, o mais, amanhã. Leiam-no, porém.*

Ária

Em meio ao som da cachoeira
hei-de ouvir-me, a vida inteira
dar teu nome.
Tudo o mais levam as águas,
mágoas vagas-[84]
para a foz.
Vida que o viver consome.
Um rio, e, do rio à beira,
tua imagem. Minha voz.
A cachoeira
diz teu nome.

Querência

Um vaga-lume
muge
na noite e distância
de uma chuva que estiou, chuvinha,
de uma porteira que bate, que range e que bate,
de um cheiro de únicos úmidos verdes inventos
de amigas árvores, agradadas,
de um marulho de riacho,
de muitos e matinais pássaros,
de uma

esperança-e-vida-e-velhice e morte
que faz em mim.

Escólio

O que sei, não me serve.
Decoro o que não sei.
Relembro-me:
deslumbro-me, desprezo-me.
O querubim é um dragão
suas asas não se acabam.
Sempre ele me acha em falta
ou no remorso de tanta lucidez.
Somos, anciãos, amargos.
Tão amargos, juntos,
que temos de construir
do nada —
que é humano e nos envolve.
A gente tem de tirar dele
algo, pedaço de alto:
alma, amor, praga [85] ou poema.

Tornamento

I

A viagem dos teus cabelos —
estes cabelos povoariam legião de poemas
e as borboletas circulam indagando tua cintura,
incertamente. Teu corpo em movimento
detém uma significação de perfume.
O som de um violino conseguiria dissolver
um copo de ouro?

II

Houve reis que construíram seus nomes milenários
e poetas que governam palácios em caminhos.

Povos. Proêmios. Penas.
Mas toda você, um gosto só, matar-me-ia a sede
e teus pés e rosas.

III

Às vezes — o destino não se esquece —
as grades estão abertas,
as almas estão despertas:
às vezes,
quando quanda,
quando à hora,
quando os deuses,
de repente
— antes —
a gente
se encontra.

A caça à lua

— "Viva a lua" ... — vi uma vez uma menina gritando. Só o instante. *Fazia mesmo luar, eu já tinha notado. Mas olhei foi a menina.* Ela correra, a gritar, na rua, uns poucos metros, como se pulasse corda; e estava sozinha. Não me vira. Gritava de alegria, de brinquedo, de súbita liberdade, a M e n i n a z i n h a?

E olhamos para a lua.

Nós dois. Foi o mínimo momento. (Mas: às raras vezes, tudo se passa em mútua participação, assim extraordinária, agudas vezes; em h o r a v i v a.) Aquela era a lua comum — A lua que é a cheia — no ponto de beleza, de todo o recorte:

A

LUA

TRANSLATIVA

AVE

intacta COROLA

ESPUMA

TETA *que paira*

ESPADA

quase redonda.

MOLEIRA LUA

ave

QUE FRIORA.

ASAS ALMA

ALMALMA *órfica*

MARMARA

que ressalta

APSARA

A

MAIS MAR QUE O MAR.

SUSPENSA CAUSA

arco

NUA COMO O VENTO

WALDA

LONGA, PURA, LONTANA, OPALA; FINA COMO A PELE DE UMA AVE; PÊNSIL COMO O CÉU, *não azul.*

LUA, SE LUA

calma

MOÇA GRINALDA
A LUA CECÍLIA, MARINA, CORÁLIA, MAFALDA...

VIOLANTE. MYRTILA. URRACA. GISELA. JOANA. FRANCISCA. BERENGÁRIA. LIANOR...

... LÚCIDA FLOR (A Menina)

À BAILA *nave*

TANTA LUA.

Somente, como tudo se passou por entre segundos, na confusa e incúmplice *realidade*, nem pude saber quem era a menina. *Todavia.* Sabe-o, ela? Sua mãe, seu pai, seu *futuro* Amado? (Que todos, a todo instante, nos separamos OU ajuntamos um pouco mais; talvez.) E ela foi apenas aquele instante, *logo* longe no p a s s a d o. De um modo, aquela Menina tinha DESAPARECIDO. Cada vez mais. CADA VEZ, PORÉM: mais achada no presente no passado — mais alta, mais mágica, MAIS LUA (Naquele momento em que a vi, eu soubesse e não soubesse que era a Menina-que-corria-e-gritava (*uma vez, apenas*): — “VIVA A LUA!...” Eu, também, era menino.) A lua, *sempre estranhamente virtuosa*. Sempre, lá, lembro-me. A lua faz o favor perfeito. Imediatamente a Menina:

POR MIM,

POR LONGÍNQUA.

Seus claros cabelos aerostáticos. Porque: ela correra e gritara — menina saída no espaço, uma vez, (gazela) em içado avanço, flor, fada. Ela levantava os pezinhos, como os se fosse também lavar, como às mãozinhas. A meninazinha — sua t r a n s f i g u r a. Se pertencesse à categoria dos SERES LIBELULARES? (Naquele viés.) *A menina*, então, soltara-se de florestas páginas de toda a urgência sob letreiro: AS COISAS SÃO MAIS BELAS. Talvez, e muito antigamente, de um LIVRO DE ENCANTOS, almado grimório? A Menina — A LÉU DE LUA. Nunca mais poderemos encontrá-la? — e à

LUA
LAVA LÍVIDA

virgem

LOBA GRÁVIDA
LÁGRIMA QUASE PEDRA
délfica, solitária
ilhígela
óscila

olhos antigos
orbe ignoto
sonho ilúcido
camela
ofega
janízara
samsara.

A lua com cara de caveira

Délia
naia
lena
b a n q u i s a.

A Menina está perdida, no tempo. *Para mim.* Por longínqua. (Tanto os anos são uma montanha.) Nunca mais poderei vê-la? Não poderei esquecê-la, portanto. A ela e — À LUA, A GLABRA, o jamais. A grande lua, que vazava. *A lua, toda medula e mágoas.* A — um gelo eterno, esculpido e iluminado. O castelo balançante. Uma sereia pastando algas. A eunte e iente, *belagnólia, lindagnólia, magnòliave,* gema e clara. A rociosa. A melancolia branca, *floriswalda, silvoswalda,* IÁIDA, IOEMA, IARODARA, neomênia, mestra de sonhos. Perturbatriz. A a l t a l u a idoura e vindoura, enviada de longe, enviadora — noiva no vácuo — somenos luz. A do lago. (... "Iram" ... "nove" ... por exemplo, *estas ou outras quaisquer* — infiéis palavras — *sem sentido.*) O ARQUIVO DE ESPELHOS. Muralha.

DÁ UM POEMA:
DÓI, A LUA...

Teria de recuperá-la, *no décimo céu daquela noite.* Tendo-o, trans luas, lares a fio; a frio. Pedia-a mais que tudo — a Menina. A meninazinha não pode morrer em mim. Procuro-a. A LUA É TODO O AZUL QUE É REFULGENTE; E OS CAMPOS MAIS LONGE. A lua no véu: os campos prateados. Torres ocas. Seu decote, a lua mocha: sua navegabilidade. Na bamba rua, no âmago do copo, no: ÁRVORE TRÁS ÁRVORE, CASA TRÁS CASA, TETO TRÁS TETO; *trans* altas serras, a urgente lua — divididas léguas; *e o gentio — os moradores.* O mar, céu, praia — unidos, únicos, uníssonos. *A lua, tão ali e ausentada.* Perdida, para mim, terrivelmente, como — se eu fosse sua Mãe, seu Irmão, seu Pai; seu AMADO. A lua tragada. As possantes nuvens pretas. A lua: decepou-se, soçobra em sombras, se fechou, além, vai ao horizonte (A Menina). Nos palpos da noite. A menina tinha sapatinhos,

vestido, pente, risada, palavras. Ela cresce — nem é mais a menina. (Não: ela não pode ter sido, *já naquele tempo,* uma mulher, uma lembrança, *uma sombra.*) A Menina tem de ser reencontrada; para que eu me salve. A Menina tinha de ser salva. *Trans*. Hei-de:

LUA,

VIRA TUA OUTRA CARA!

QUERO

TUAS PÉTALAS OCULTAS...

Tua lisa estranhez. Lá poderia haver dragões e dilúvios. Mas, os candores de outras neves, um germe de dança, uma negação súbita da morte. As mulheres de meigas mãos, A GENTE VOLÁTIL DOS SONHOS — e o alecrim das trovas, espaço e orvalhos. TRANS SAUDADES DIÁFANAS — recapturada — a Menina. Ou — o N a d a? Nada, nada, a lua:

L u a p a r a d a

p e g a d a p o r m i m !

A lua — sua luz negada, suspensas eras, aves — suave, TODA A LUA. Devora-me a brancura. As pessoas e coisas têm de ser relembradas sempre; sob pena de MAIS um pouco de morte. O algo da lua; artes-más. A cimitarra? E A MENINA? (Que é a lua, senão um sempre não-se-lembrar de tudo, o não-esquecido? Ei-la. Mãe dos magos.) A menina se abraçava com ela — ESFERA. Ela é leve demais, ninguém pode aguentá-la; maior que a Menina. Recortada em novo gelo, contra a treva feita em funda gruta. E a Menina? CONCLUSA (a lua, ou a noite?) e começada. E a m e n i n i n h a ? Profundas alturas. (*Sua distância de mim.*) LUA, A SEM LÁBIOS. A l o n g e; *finíssimo epíteto.* Longe? Sozinha lua. O

LONGE É O QUE FUGIU DE MIM.

TUDO O QUE FUGIU DE MIM.

LUCÍVORO ABISMO.

Ah, voar é a solidão. Mas — o Jardim! A lua nunca naufraga. Lá há um cavalo, o santo, um cavaleiro, desterrado. E vi — a Menina — c i g a n i n h a (a escolhida), que CORRIA E GRITAVA: — "V i v a a l u a !..." A lua, máxima, que afaga. O Jardim. A sandália cor de ouro. A lua inteira, transplendente, jamais esperdiçada. A sandália cor de areia, as alvuras; cicatrizes. A lua capaz de pular. Ei-la: é — *como a cobra tem tatuagens* — é — a cor branca dos cernes. Os graves dons do leite. Oase: é a lua. Nada pode ser esquecido. O consagrado, o refulgor, possessão perfeita, O PATRIMÔNIO. O

Plenimundo. A LUA, GUIEIRA. A Menina — tão escolhida — em hora viva. A M e n i n a —

DIVIANA

OH LUNAR MISTÉRIO!

OH DIAMANTE!

OH FLUIDA FACE...

theia Musa!

S O R O R...

EVANIRAS

Janela de príncipe — a L u a

Zoo
(*Hagenbecks Tierpark*, Hamburgo – Stellingen)

A cegonha glotera seus títulos de fábula: *“Mestre Ermenrico”, “Adebar”, “Dom Pelargos”...*

. . .

As gazelas assustadas alinham-se flèxilfàcilmente.

. . .

A girafa da Nigéria no andar mete os pés pelas mãos.
A girafa Massai: para tão miúda cabeça, tanto andaime.
A girafa do Cabo — monumento às máculas.
A girafa simplesmente: — *Excélsior*!
A girafa, admirei-a alpinisticamente.

. . .

Uma borboleta tirita.

. . .

Aqui o primeiro hóspede, Nepáli, rinoceronte hindu, mora num terreiro com lagoinha redonda. Vezes ele se encasqueta de correr — concho, cornibaixo, em trote bipartido — descrevendo repetido o circuito da lagoa. Começa a curto, cambaio, mas vai pronto se acelerando. Sacode sacolas e toca certo barulho tamboreiro, não para, nem para assoprar-se, roda a roda, tudo é concernência ou couraça no belo bruto dos montes. Cá dentre os que o chamam, porém, sabe destacar quem sincero afetuoso. Nepáli, a apêlo, trava as tortas pernonas, susta-se e comparece à beira da cerca. Também aprendeu já a esmolar. Ora ergue a côncava cara, focinho rugoso. Espera-se então um grunho, urro, zurro? Não. O rino tem surpresas. Sunga o trombico, embrulha narinas, bole orelhas, dá à frente mais meio passo,

aumenta boca: e pinga simples pio, débil, flébil, indefeso, piinho — de passarinho muito filhote.

. . .

Pavões, gaviões e raposas — gritam com idêntica tristeza.

. . .

O cachorro vive as sobras da vida humana. O macaco, suas sombras.

. . .

O canguru, pés clownescos, não é que se ajoelhe às avessas. *Kangaroo!* — quando põe as mãos no chão, sua construção torna se desexplica.

. . .

O esquilo, quase bípede.

. . .

Zombeteiro, baba nos beiços, um camelo sem prolegômenos.

. . .

Retifique-se: o esquilo, bípede.

. . .

Tenho inimiga: hiena escura — *hiena bruna, hiena-de-gualdrapa, lobo-da-praia* — crinal, de dura jubadura, do beira-mar sul-africano, devorador de marinhos detritos. Chegada de pouco, acha-se no longo pavilhão de aclimação, enjaulada e pestilencial. Mal lá entro — e há muita gente no galpão — ela me percebe ou pressente, aventa-se a qualquer distância, e ronca, com ira tão direta e particular, que todos disso dão fé. Saio e volto, e de cada vez ela me recebe com rosno raivabundo uivo-ladrido e arrepelo, dentes a fio, cãozarra. O guarda, que nunca a vira reagir dessa maneira,

acha que alguma coisa em mim lembra-lhe o caçador que a capturou em terras de Tanganhica.

. . .

Prepara-se para pular n'água o urso-branco: pendura-se, alonga-se, pende, se engrossa, enche-se: cai.

. . .

No Grande Cercado e Lago das Pernaltas há pernas mesmo em excesso: muita gente só usa uma.

O *marganso* é um pato marinho. O *cormorão* é o corvo-marinho. O *canardo* é o pato próprio, para variar nome, *Fulca, folga ou fuliz* é o frango-d'água. *O colverde* é um marreco, com fulgores mineralógicos.

O *capororoca* — patão austral brasileiro, clorino, falso cisne; seu imponente binário em ciência é: *C o s c o r o b a c o s c o r o b a*.

Sempre a desengraça desse vozear — ouçam-se: queco, quaco, cãcã e quinco.

A água é o aninho de todos.

. . .

A coruja não agoura: o que ela faz é saber os segredos da noite.

. . .

À gazela que fino pisa: — *Oh florzinha de quatro hastes!*

. . .

Os corvos, tantamente cabeçudos, xingam o crasso amanhã com arregritos.

. . .

Só o cintilante instante sem futuro nem passado: o beija-flor.

O lago do Itamaraty

No velho Itamaraty — cuja construção principiou há um século — a chácara começava num jardim português, folhudo e rústico, mas com estátuas, vasos de pedra maciços de arbustos e grande bacia ao centro, provida de repuxo. Sob luzes de festa, muito o admiraram no baile de 70, oferecido ao Conde d'Eu pela oficialidade da Guarda Nacional da Corte, para celebrar o termo da Guerra do Paraguai. De nosso tempo, entretanto, 1928 a 1930, remodelou-se o parque. Tiradas as árvores e os montes de verdura, desfez-se o jardim, abrindo-se no lugar um espelho-d'água, a piscina retangular, orlada de relva e ladeada de filas imperiais de palmeiras, que ficaram da disposição primitiva.

Foi um ganho, em arrumação de beleza, o "lago", a clareira extensa e alisada, a partir da qual tudo se ordena. Seu tom é o baio verde fluvial, mais um soverde, das águas de leito firme. Daí muda pouco, segundo o sujo e o céu. Abriga peixes, de espécies, prosaicas, não espontâneos, sim trazidos para destruírem larvas mosquitas; e reúne pequena fauna: bem-te-vis, pardais, umas rolinhas que calçam vermelho. Além dos cisnes, deondeantes soberbamente. Brancos e pretos. Os brancos, hieráticos, ele jovial, leda ela, já deram prole, mais de uma postura. Os pretos, mais recentes, também um casal, foram dádiva amistosa do Governo australiano, vindos de avião e de navio.

Em noites de gala, ao estagnar dos focos elétricos, o lago serve aluada sugestão, quase de fantástico, raiado de reflexos — fustes de palmeiras e troncos de colunas — e entregue aos cisnes, presentes e remotos, no fácil pairar e perpassar, sobre sombras. No dia a dia, porém, sem aparato, rende quadro certo e apropriado à Casa diplomática. Porque de sua face, como aos lagos é eternamente comum, vem indeteriorável placidez, que é reprovação a todo movimento desmesurado ou supérfluo.

Também, uma vez, em 1935, e acaso associado à lembrança de outro lago, forneceu imagem imediata a um dos mais desvencilhados espíritos que jamais nos visitaram: Salvador de Madariaga. Que concluindo, ali, no auditório da Biblioteca, memorável conferência sobre "Genebra" *id est* a Sociedade das Nações ou qualquer organização que se proponha realizar

alguma harmonia entre os povos — comparou que a mesma seria, na vida internacional, *o que a água é na paisagem: mais luz, por reflexão, e o calmo equilíbrio da horizontalidade.*

O burro e o boi no presépio
(Catálogo esparso)

I

Correggio:
Nascimento de Cristo.
Dresde, Gemaeldegalerie.

O milagre é um ponto
que combure
num centro na Noite,
uma luzinha, um riso.

De perfil, gris,
adiante (para que o Menino o veja),
o Burrinho.

O Boi ainda não se destacou
da mansa treva.

II

Martin Schongauer:
A Natividade — Museu de Colmar.

Longos seres
ainda com o campo e o encanto e o
irracional mecanismo, meigo,
de uso de repouso.

Vê-se que arrecadados,
trazidos
ao temor magno e
— *gaudium magnum* —

LAUDANTIUM DEUM.

III

FRA FILIPPO LIPPI:
Natividade — Catedral de Spoleto.

Obscientes sorrisos
— orelhas, chifres, focinhos,
claros —
fortes como estrelas.

Inermes, grandes.

Sós com a Família (a ela se incorporam),
são os que a hospedam.
Alguma coisa cedem
à imensa história.

IV

ROGIER VAN DER WEYDEN:
Adoração dos Reis — (Columba-Altar).
Munique, Pinacoteca.

Se espiam,
entre ruínas e pompas,
sempre próximos,

em doce cumplicidade;
que segredo
da Divindade
representam?

Além da ausência de monstros,
que atestam,
assim de acordo com o silêncio,
o bom Boi,

o bom Asno?

V

DOMENICO GHIRLANDAIO:
Adoração dos Três Reis.
Florença, Spedale degli Innocenti.

Serão os pajens da virgem,
ladeiam-na
como círios de paz,
colunas
sem esforço.

Taciturnos
eremitas do obscuro,
se absorvem.

Sua franqueza comum equilibra frêmitos e gestos
circunstantes.

Os animais de boa-vontade.

VI

ZURBARÁN:
Adoração dos Pastores.
Museu de Grenoble.

O Boi é um
rosto a menos
entre os humanos.

VII

SCHONGAUER:
Adoração dos Pastores.
Berlim, Deutsches Museum.

Em suas caras,
em seus olhos,
desmede-se a ênfase
de uma resposta
sem pergunta.
Valem entre as pessoas.
Velam o Menino.

São irreais como
não anjos
como
simples notações do amor
— maior que o tempo.

VIII

GENTILE DA FABRIANO:
Adoração dos Magos.
Florença, Uffizi.

A fábula de ouro, o viso, o
Céu que se abre,
chamaram-nos
de seu sono ou senso sem maldade.
Tão ricos de nada ser,
tão seus, somente.

Capazes de guardar
no exigido espaço
a para sempre grandeza
de um momento.

Com sua quieta ternura,
ambos, que contemplam?

Sabem.
Nada aprendem.

IX

Meister Francke:
Adoração do Menino.
Hamburgo, Kunsthalle.

Surgem, assomam da
terra — comem e amam
mandados de Deus.

Mandado de Deus
do Céu desceu o Menino
na lucididade.

Aqui se encontram.

X

Botticelli:
Natividade.
Londres, National Gallery.

“Gaudet asinus et bos…”
Boi que atende e começa a esperar,
de sua sombra,
do espesso que terá
de ser iluminado.

Ao plano e inefável
o Burrinho se curva,
numa inocência de forma.

Multitudo militiae coelestis.
Revoavam através do nada invulneráveis anjos.

XI

Schongauer:
A Natividade.

Munique, Pinacoteca.

Porque também meninos
eles lá estiveram
em vigília
no telheiro
da claridade de Deus.

O Burro, o Boizinho,
insemoventes.
Olham: quase choram.

O mundo é mendigo.

XII

Piero della Francesca:
A Natividade.
Londres, National Gallery.

Por que zurra para o alto o Burro:
num pedido doloroso?
Por que se abaixa o Boi, opaco,
tão humilde, tão grande?

Nus fantasmas que a luz abduz.

Nus como Jesus
posto entre húmus e plantas,
num canteiro.

XIII

Lucas van Leyden:
Adoração dos Três Reis.
Chicago, The Art Institute.

Boizinho triste,
presente e ausente.

Que o amor existe
decerto entendes.

XIV

Benozzo Gózzoli:
Madona della Cintola.
Roma, Pinacoteca Vaticana.

Quase sempre o milagre é transparente.

E os dois animaizinhos
que Deus benze,
dignos de
um urgir de auge;
detidos
no limiar de
luz
esvaziadora.

XV

Hans Baldung:
Natal.
Munique, Pinacoteca.

Querúbicos.
Irônicas imagens.

Vibrar de fulgor floresce-lhes de esfinge os vultos
— à hora atônitos. Como
ante uma infração da ordem que aceitaram.

Acordam, meio a um momento.
Eles têm o segredo?

XVI

Sano di Pietro:

O Presépio.
Roma, Pinacoteca Vaticana.

Quase esquivas testemunhas,
ante a manjedoura
— sepulcro, sarcófago —
jazem
em canto, oculto, calmo.

Sob os circunsequentes anjos e astros.
e o drama e o vácuo.
Como o Menino.

XVII

Hugo van der Goes:
Adoração dos Pastores.
(Painel central do Altar Portinari.)
Florença, Uffizi.

Onde se aviva a doçura
de um pouco de úmido e relva;
de alma?

Mas a própria luz
que os circunfulge
recebe
das broncas frontes
intactas de afeto, tontas,
algo que faltava
zà sua excessivamente concreta
pureza.

Quentes limites de Deus,
rudes, ternos anteparos.

Apenas as grandes cabeças:
mas tão de joelhos

quanto os pastores
os anjos
as estrelas
a Virgem.

XVIII

ILUMINURA DO FIM DO SÉCULO XVI:
Chantilly, Museu Condé.

Sem halos, grotescos, carantonhos gênios,
perquirem, imiscuídos;
farejam
a deposta coisinha ilógica
divinumana:
o tão náufrago,
tão alto,
delével
inocultável
— como um favo de ouro.

O cincerro do Boi é o primeiro sino.

XIX

O PINTURICCHIO:
A Sagrada Família.
Siena, R. Accademia.

De longe,
o que é menos primitivo animal
e nobre e tristonho:
os rostos,
os cenhos.

Buscam
o
bebê

nenê
o
em nós
mais menininho.

XX

HIERONYMUS BOSCH:
Adoração dos Magos.
Museu de Bruxelas.

Cabem
definitivos.
Só eles podem
de ronda e todo aproximar-se.

São os intérpretes dos humanos em volta.

Jesus ainda lhes pertence.

XXI

HANS MULTSCHER:
Natal.
Munique, Pinacoteca.

Inclinam-se para
o jesusinho;
de seus hálitos e bafos
incubam-no.

Mais perto que São José,
que a própria Mãe Virgem.

XXII

SANO DI PIETRO:
O Nascimento de Jesus.
Roma, Pinacoteca Vaticana.

Parelhos
bichos de trabalho,
onde tudo é estarrecida oração
e alarmado prestígio:
morte e aurora.

Não vigiam o Céu.
Aguardam
um futuro sem passado.

Sua sólita presença
talvez fosse necessária.

XXIII

ALBRECHT DUERER:
Adoração dos Reis.
Florença, Uffizi.

Os que por oculta ciência
de tudo souberam.
Seus mágicos presentes,
o Menino recebe-os.

O colo.
A mãe.
O Universo.

Atrás, porém, os dois
— um Burro, um Boi —
grimaçante e aturdido,
mugínquo e mudo.

Inevitáveis.
Íntimos das sombras.
Insubstituíveis.

XXIV

Bernardino Luíni:
Natal.
Paris, Museu do Louvre.

Atentos, por sobre o Anjo,
que ampara a Criança;
como sorriem.

O Boi se embevece
com o tique-taque da Infância.

XXV

Fra Beato Angelico:
Natividade.
Florença, Museu de São Marcos.

Ao fundo, fito a fito,
o ruivo roxo boi, o roxo rufo burro,
entreconscientes
soslaiam
— no âmago do mundo,
desnudo,
descido ao chão,
sobre uma réstia,
à angústia:
Ele
— o que é a única fala,
a última resposta.

XXVI

Martin Schongauer:
Nascimento de Cristo.
Munique, Pinacoteca.

O rubro Boi —
roupa e sangue; e terra.

O Burro, atrás, através,
enigma de cerne e de betume.

Domésticos, não extáticos
protagonistas,
duendes da solidão.

Burro e Boi em sono e sonho
— *glorificantes, et laudantes*

Deum...

Reboldra

Dos lados do riacho, terra sua, Iô Bom da Ponte plantava o melancial. Eram melancias de cada ano não se ver como essas, para negócio e maispreço.

Iô Bom, porfiante esforços, viera a obtê-las sós a primor, nem lembrado mais de que jeito. Na estação do tempo, porém, inquietava-se de que as furtassem. Em fato, furtadas.

De defendê-las no diário das noites, três deles sucessivos não dando conta, Iô Bom trejurou que cachorros ao angu por mão de moça solteira relaxavam o vigiar.

Porquanto, calejado viúvo, tinha filha, que pelas costas o odiava: — *Cujo quem, para espreitar alguém*! — a Doló ambicionava vida maior que dez alqueires.

Dureza de ouvido pejando-o, pensava o pai que ela o quisesse auxiliar com conselho. Ele para si não ousava abrir nem uma daquelas sem iguais melancias — o que seria esperdício da fartura de Deus, que em puro dinheiro se solve.

Concebeu remédio: declarado inventar que, numas ou noutras, botara veneno para ladrões. Disse-o, no arraial, afetando-se legítimo capaz de suas posses.

Doló, de banda, entanto a todos delatava a mentira daquilo, embustes de pirrônico. Iô Bom, no engano, sorridículo aprovava-a com a cabeça e cãs. Ele a queria pesada, à brutalha, ombreando-o no rijo da semana; mas prazia-lhe aos domingos ficasse faceira, vistosa. Ela ficava.

O escarmento da estricnina não surtindo feito, Iô Bom teve-se a recurso. Trouxe para a chácara o diabo paupérrimo Quequéo, fiou-lhe em mão, sem carga, a espingarda. Esse já então era um estropiado, manquejando endurecido, devido a ataque de congestão. Mas fora circunspecto jagunço, por nome trovão Estrulino, havia de os vadios repelir. Além de que nada quase custava, só por misericórdia o de comer e fumo para pitar.

Iô Bom desobrigado esperou: a vida recobrava ordem, ele no trabalho e repousos; a Doló breve se casava, moraria lá, mais netinhos; as melancias

formosas se repetiam entre os milhos e os feijões. Tanto para o pobre, também, cada dissabor prefaz o medido consolo.

— *Pobre por avarezas?* — Doló tomava-o de ponta, segura de sua semi-surdez.

Iô Bom arranjava de achar: que a mocidade está criando o carecido juízo. Ia ver as melancias, como o verde é cor de coisas: sobrepintadas de escuro, semelhando couro de cobra. Dentro, refrescas vermelhas doçuras; mas apreciava-as assim era o comprador.

Iô Bom, após chuva, curava-as do respingado barro e ciscos, pudesse escorá-las, não pesassem a toque nu com o chão, e revirá-las para pegarem redondo o sol de dezembro. Dia viria, tudo melhor se rematava, em retidão de razão.

Voltavam eram os gatunos, por agravo à regra de Deus. Para que é que aí, então, esse o Quequéo, à pança bem servida, nem prestando para bom espantante? — *Doló dema*... Ela socorria o indiaço.

Mas não devendo ser de pique, senão por movido coração. E fato se mostrou: agora as frutas faltadas consistindo nas de menos valor?

Iô Bom decidia passar noites, socapo, à esparrela. Isso ele calou. Inda que estranhando-o o olhassem — o Quequéo, afeiurado, inteiriço, e a Doló, cara ingrata, mocetona.

Saiu, ao se esconder da lua, não causando rumor; nada de insensato notou, na madrugada seca. Ele e o Quequéo, sofismudo do outro lado do riacho, davam-se as costas ou a frente.

Até que um assovio se desferiu. Só o estarrecimento. Era, de boné à cabeça e arma ao ombro, o moço Valvinos: noticiou-se esse que por uma paca, se tanto que sem cachorro. Mau-grado cujo, não podia ter advindo anonimamente; rico, filho de pai acreditado. Iô Bom, bulindo-se, àquela hora achou de lhe oferecer café. O Quequéo estragado tossia, para se ter raiva ou pena. Deveras a Doló acordara, mas a janela não abriu. A lua esteve incerta reaparecida.

Disso Iô Bom tirava a lembrança, só aperfeiçoando seu desgosto; tristeza avisava-o de coisas, neste mundo de por-de-trás. Rogava paz, preceitos, para todos; sozinho, consigo passava vergonha. Supriu a espingarda do Quequéo com cartuchos de chumbo mortal. Diligenciava ou dormia; nunca bocejara.

Foi uma manhã. Foi forte o que viu. Quequéo a se arrastar, em desamparo de agonias, cólicas, deitado de bruços, de chegar com a boca à

água do riacho não alcançava. A logro: o que cuspia não era sangue, baba rosada, mas mascas de melancias.

— *Bem querido, mal fazido...* — Iô Bom sumido disse, lambia-se o gume dos dentes, como que por pedaços de gelos engolidos. Ele quisesse um pouco mais ensurdecer, a Doló culpando-o de maldades.

Jurou — nem envenenara plantação nenhuma.

Tinha de gerir o enterro, puxar as remendadas calças do outro, emprestar-lhe seu terno bom de roupa — a Doló impunha. Malentendia acerca do defunto. Apanhou a espingarda, deu tiro para cima: os pássaros das árvores exatos revoaram.

Desde a morte não teve sono.

Fez fora uma coberta de palmas, deitado lá pendurado se encolhia, como cachorro em canoa.

Imaginasse aumentado o melancial, tresdobro tamanho — porém louco o alheio sem-lei o saqueando. Norma de bem-procedido sossego, pautas para sempre, a vida não dava? Nem aquele Quequéo fora nunca um jagunço cristão Estrulino, só falso.

Iô Bom sentia-se descompor. Da Doló, de algum tempo, precatava as vistas, nela não queria doer o pensamento.

A noite era invencioneira, às vezes. Despregou olho: havia era o latejo escuro, ninguém no redor ocupava lugar. Chegou a estimar que viessem os ladrões, caso comum, costumadamente. Temia o dia, que amanhecesse. Do furtivo aparecer mesmo do moço caçador sedutor Valvinos sentiu falta.

Doló, da porta, insultava-o, na manhã demais clara. Vestida de domingo, ela chamava desgraças.

Iô Bom levantou pé, coiceando o ar, ia cair da rede, se agarrou com as duas mãos. Sem querer, então, viu-lhe: a barriga, redondeada, desforme crescida, de cobra que comeu sapo. Isto entendeu — purgatórias horas.

Doló, doidivinda, arrancava agora melancias, rachava, mastigava-as, a grandes dentes, pelo queixo e sujando a boa roupa corria o caldo. O mundo se acabou. Careteava ela caretejos. Fez-lhe ouvir: — *Desejos meus!* — e aquilo ria, mostrava, gozosa, grossa se apalpava. — *Quem havera de direito casar com filha de doito pai?!* — ainda escarrou dos lados. Entrava em casa, a enrolar trouxa, ia-se embora, para vida.

Iô Bom andou, sem sustância para soluço, urinara na calça, aí panhou do chão e provou das despedaçadas frutas, não achou gosto.

Mas o mundo se acabava e ele persistia cuidando, melancia por melancia, nem lhe restasse amor outro, ouro do ouro, perfeitamente. Da Doló os gritos, pios dos passarinhos, o marulho, vez nenhuma ouvia, indesditoso surdo de todo, desperto.

Parava, pernas muito abertas, velho e só como Adão quando era completo, pisava bem o fundo pedregulhento do riacho.

Zoo
(*Jardin des Plantes*)

No “Vivarium”: o fundido esparrame de um *lagarto*, crucificado na pedra, deslocando-se a cabeça para desoras de atenção.

. . .

O *caracol* se assoa, nariz adentro.

Tartarugas, nas lajes: estouvam-se remexendo-se, que nem ratos debaixo de cartolas.

. . .

A *rã* e o (impossível) *rão* — por hipótese? — se amam, também.

. . .

Uma *cascavel*, nas encolhas. Sua massa infame.

Crime: prenderam, na gaiola da cascavel, um ratinho branco. O pobrinho se comprime num dos cantos do alto da parede de tela, no lugar mais longe que pôde. Olha para fora, transido, arrepiado, não ousando choramingar. Periodicamente, treme. A cobra ainda dorme.

. . .

Camaleão, em trivial de cor: o couro de enormes pálpebras, e as pupilas. Seu ver é prestidigitação e ação, sustentadas copiosamente. Os olhos giram, cada um opera de seu lado — de lados muitíssimos. Não contemplam: apropriam-se de. Mas, nele, a volúvel pele tintorial e que é o espelho da alma.

. . .

O *arganaz*: um joão ratão, cor de urucum, que fica em pé, retaco e irritado, eriça os bigodes, gesticula. Aberta, de raiva, sua boquinha preta se

arredonda, frige, atira perdigotos. É o rato-de-honras. Tem ombros, tem boa barba. Seria capaz de brigar com o resto do mundo.

. . .

Um pombo no ninho — como navio no mar.

. . .

A *toupeira*: Dona Talpa, bela talpa. Seu casarão bonitudo, peça peliça, veludagem. Cavadora, de enormes unhas, revira de lado as mãozinhas largas. Mal olhinhos. A treva terrânea conformou-a. Só entende do subsolo.

. . .

Perdoar a uma cascavel: exercício de santidade.

. . .

A *jaratataca* sulfídrica é um animalzinho seguro, digno de si, pundonoroso: fede quando quer, em legítima defesa.

. . .

(*Saudades do sabiá: de seu canto furafruta, que espirra para todo lado.*)

. . .

O *texugo* — mascarado telúrico, mete a cara em tudo. Brilha de gordo. Uma sua mãozinha se adianta, explora lugar para o focinho. Mas ele não a vê, ou dela desconfia. Não enxerga um palmo adiante do nariz: fareja-o.

. . .

A *raposa* regougã, bicho de sábia fome e sentidos.

. . .

Sem terra nem haste, como as borboletas.

. . .

Sapo de nádegas, sapo sem gestos.
Sapo, tua desboca. Tuas mãos de tocar tambor...

. . .

O *harfangue-das-neves* — invenção de coruja das regiões árcticas. Auroral, rirá nas madrugadas. É pedrês, mas em fundo de alvura: apenas se encostou na tinta recém-impressa.

. . .

A *irara*: bichinho para dormir no canto da nossa cama.

. . .

Silêncio tenso — como pausa de araponga.

. . .

Pela cascavel, por transparência, vê-se o pecado mortal.

. . .

O *muscardim* é o mesmo arganaz-ruivo-dos-pomares: ratinho *mignon*, cor de tangerina, que faz de um seixo o seu travesseiro.

. . .

A *cornélia* ou *gralha-corva*: curvada e lisamente eclesiástica. Quer gritar, crocaz. O preto de sua roupeta ora se irisa de roxo, cambia de catassol. Resbica-se.

. . .

O *saju* ou *sapaju*, um macaquinho, apenas: quiromantes podem ler-lhe a sorte, nas muitas linhas da mão.

. . .

O *Mangusto*, só a diminutivos. Eis: um coisinho, bibichinho ruivo, ratote, minusculim, que assoma por entre as finas grades a cabecinha triangularzinha. Mimo de azougue, todo pessoa e curiosidade, forte pingo de vida. Segura as grades, empunha-as, com os bracinhos para trás e o peito ostentado, num desabuso de prisioneiro veterano. Mas enfeitaram-lhe o pescoço com uma fitinha azul, que parece agradar-lhe mais que muitíssimo.

. . .

As grandes serpentes.

O *píton reticulado* — cobra-grade, cobra-rede — dos arrozais da Indochina: enrola-se na copa de uma árvore, deixando pender pesados segmentos; sacular, plena, saciforme.

O *píton de Sabá*: seu corpo — que abraça e obstringe, e é, em cada palmo, um instrumento de matar — guardou-o, novelo e nó, em redor da cabeça, a qual descansa, suavemente empinada, no ponto mais propício.

A *víbora-rinoceronte* do Gabão: todo esse seguir-se de colorido e enfeites termina em dois hediondos chifres sobre o focinho, que ela procura esconder, por entre pedaços de madeira podre.

. . .

Meu Deus, que pelo menos a morte do ratinho branco seja instantânea!

. . .

O voo dos pardais escreve palavras e risos.

. . .

O *toirão* — bichinho jaguanês, subintrante, compridinho, sinuoso, imitador da cobra, prestes a todo ágil movimento. Ainda que um mustelo

— parente da zibelina, do arminho, do visom, da harda, do furão, da irara, da lontra, da fuinha, da doninha e da marta — chamam-lhe também, por seus maus costumes, *papalva fétida.*

. . .

Magno, murcho vespertilhão, quadrado na capa, capeta, com todo o tisne dos vampiros: é o *morcegão* de Madagáscar.

. . .

Os *jerbos*, casal — ratinhos mínimos cangurus — dormem abraçadinhos.

. . .

O *aligátor*, de gordos braçotes, dilata-se debaixo d'água, todo inchado, esponjoso, embebido, amolecido, incrustado de castanhas.
O *crocodilo* nilótico, também subaquático. Meninos atiram-lhe moedinhas. Leviatã raro cede mover-se. Seu destino era ser um deus. Seu rabo tem de ser enérgico.

. . .

Tenho de subornar um guarda, para que liberte o ratinho branco da jaula da cascavel. Talvez ainda não seja tarde.

. . .

O *feneque* é a raposinha do Saara, que come ameixas e pão molhado no leite, e pula por brinquedo; quase menor que seu par de orelhas; mas dando-se com amorosos olhos, meio menina e graciosíssima.

. . .

Há também o riso do crocodilo.

. . .

O sapo não fecha os olhos: guarda-os, reentrando-os na caixa da cabeça.

(*Exercício, fora de ata... croto, frineu, frouxo, bufo, todo crapudo, o sapo Jaba.*)

. . .

O *coelho*, só de estar quieto, ou inquieto, inspira longa misericórdia: a lã tremente de um coelho.

. . .

Mas, ainda que eu salve o ratinho branco, outro terá de morrer em seu lugar. E, deste outro, terei sido eu o culpado.

. . .

O *esquilo-voador*: o que há, é que ele apenas dorme, no oco de um pau.

. . .

Dona Doninha: “Dame Belette” dorme sozinha.

Além da amendoeira

Vai, vez, um fim de tarde, saía eu com o Sung, para nosso passeio, que era o de não querer ir longe nem perto, mas buscar o certo no incerto, a tão bom esmo. Só me esquece a data. Cumprindo-nos, também, conferir as amendoeiras.

Seria em março — as frutinhas do verde já boladas? Pode que em abril: as folhas birutas, com lustro sem murcho, dando ponto às sanguíneas e às amarelinhas de esmalte. Se em maio, aí que, por entre, frequentam e se beliscam um isto de borboletas, quase límpidas, e amadurecem as frutas, cheirando a pêssego e de que os morcegos são ávidos? Talvez em junho, que as drupas caídas machucam-se de ilegíveis roxos. Também julho, quando se colorem ainda mais as folhas, caducas, no enrolar-se, vistosas que nem as dos plátanos de Neuilly-sur-Seine ou de San Miniato al Monte, e as amêndoas no chão são tantas? Seja em agosto — despojadas. Ou em setembro, a desfolha espalhando nas calçadas amena sarapueira, em que feerem ainda árduos rubros. Sei não, sempre é tempo de amendoeira.

Mas, pois, descíamos rua nossa vizinha e simpática, eu a considerar na mudável imutabilidade das coisas, o Sung a puxar-me pela trela, quando, eis senão, passávamos rente a uma casa, inusual, tão colocada, suposta para recordar as da outra idade da gente, no Belorizonte. Dita que era uma aparição, conforme se ocultava, às escuras, o que dela se abrindo sendo só uma varanda de arco, perfeita para o escuro, e que se trazia de estórias — a casa na floresta, da feiticeira. Sob cujo efeito, sorte de adivinhamento, refiz-me fiel ao que, por onde ando, muito me aconselho: com um olho na via, o outro na poesia.

De de-dentro, porém, e reta para a varanda, pressentia-se tensa presença. Súbito, com elástico pé-ante-pé, alguém avançara de lá, a furto. Já de noite, às pardas, à primeira não se distinguia: sombra ou resumo de vulto. Se bem que entre luz e fusco o vulto avultasse, permanecendo, para espreita; apenas lobrigável, não visório. Até que por viva alma decifrei-o — ao bruxo de outras artes. Drummond. E só então deve de ter-me reconhecido. Ele morava, ali, à beira da amendoeira.

Sabia-o adicto e professo nessa espécie de árvores, seu mestre de fala. Mas, a que se via que havia, entre calçada e varanda e o fementido asfalto, e que era o objeto que ele cocava, não passasse de uma varinha recém-fincada, simples débil caule, e por isso amparada, necessitando uma estaca de tutela. Drummond de tudo me instruiu, e de como não fora de mero recreio, agora, aquela sua tocaia. E, como eu não pudesse aceitar de entrar, que o Sung discordava, confabulamos mesmo assim, ele no âmbito de seu rincão, semilunar, eu à sombra futura da menos que amendoeira.

Era: que, no lugar, falhara uma, sucumbida ao azar ou aos anos, e ele arranjara que plantassem outro pé, no desfalcado. Mais de uma vez. Porque vinham os vadios e malinos, a criançada ingrata, e destruíam demais, sendo indispensável acautelá-la contra essa gente de ralo juízo ou de iníqua índole. Para o mister, Drummond já requerera a prestança de um guarda. Por enquanto, porém, velava-a ele mesmo, às horas, dali de seu promontório de Sagres.

Sendo que falávamos, um pouco sempiternamente, unidos pelo apropósito de tão estimável circunstância, isto é, da amendoeira-da-índia ou molucana, transplantada da Malásia ou de Sequimeca, quer dizer, árvore aventurada, e, pois, de praia e areia, de marinha e restinga, do Posto 6.

Elas pintam bem, têm outono. Dão-se com frente e perfil. Abrem-se a estórias e hamadríadas. Convêm, sem sombra de dúvida, com as beira-atlânticas cigarras. Despeito das folhas graúdas, compõem-se copas amabilíssimas, de donaire. Prezam-se de folhagem sempre a eldorar-se, em alegria e aquarela. E também ensinam acenos. São de sólita serventia.

Ultra que a amendoeira é a que melhor resiste aos ventos, mesmo os de mais rojo, sob o tiro de qualquer tufão ela sustenta o pairo. Nem se dizendo que seja uma árvore castigada. Sua forma se afez a isso, desde a fibra, e no engalhamento, forçoso flexível, e nos ramos que se entregam com eficaz contravontade. Se ao vendaval, as grandes amendoeiras se entornam, desgrenham, deploradoras, ele roda-as, rodopia-se, contra o céu, baço, baço. Mas há uma técnica nesse renhimento, decerto de aquisição milenar: no que temperam o quanto de sustentação de choque com a cessão esquiva ou o dobrar-se submisso, o volver os eixos para furtar-se ao abalo. E fingem a mímica convulsiva, como quando cada uma se estira, vai, volta, voa; isto, sim: a amendoeira procelária.

Bem, a nossa conversa não se copiando talvez precisamente esta, pode mesmo ser que falássemos de outras coisas; mas o substrato de silêncio, que insiste por detrás de todo palavreado. Só a fim de recordar. Eu com o Sung à tira, conforme ele já se estendera chato no chão, desistente. E Drummond de constantes olhos em seu fiozinho de amendoeira-infante. O amor é passo de contemplação; e é sempre causa.

Afinal, a vigilância da amendoeira se exerce indefinida, e volve-se sem intervalos sua desconfiança. Veja-se como responde, pendulativa, à aragem mais fina, só zéfiro. Toque o primeiro leve e ligeiro sopro, e já as folhas estremecem, apalpando o que haja, o tronco ensaia um balanço preventivo, os ramos a sacudir-se, diversamente, para o equilíbrio: e fazendo face. Nada apanha-as de surpresa. Fio, e me argumentei, que devem de trocar sinais entre si, e manter uma sempre de sentinela, contra o ar e o mar. Drummond concordaria comigo. Ou vice-versa, pois. Era uma célebre noite. E, se esmorecíamos, era pelos inadiáveis deveres do introvertimento.

Mas, de longe, ainda as amendoeiras, que mútuas são, e pertinentes. Isto é, Drummond não ficara sabendo que moro também entre elas, íntimas, de janela; no verão suas sombras comovem-se nas venezianas do quarto, conforme jogam, de manhã. Vejo uma, principalmente, a um tempo muda e loquaz. Ela faz oito anos. Digo: que ele morreu, uma noite fria, de um julho, ali debaixo dela o enterramos, muito, muito. Um gato. Apenas. Chamava-se *Tout-Petit*, e era só um gato, só um gato, um gato... Além. Ah, as amendoeiras. A de Drummond, amendoeirinha de mama, ainda sem nem sussurros. A minha, a quem, então, às vezes peço: — Cala, amendoeira...

A senhora dos segredos

Não sei se creio em quiro e cartomantes; em astrólogos, sim, quase acredito. Pelo menos, duas vezes tive fé em *Frau* Heelst, dada e gabada então como horoscopista de Hitler.

Foi em Volksdorf, perto de Hamburgo. De auto, por entre muros, casas e árvores, chegava-se lá num pulo. E, como a consultas dessas em grupo vai-se melhor, éramos Ulrike Wah, Grétel Amklee, Lene Speierova, Ara e eu.

Custoso agora traduzi-las — Lena, Guida e Ulrica — as três teutas moças, tão longe deixadas, mas que, com a gente, aquela tarde, à gaia se atiravam a poder querer espiar tico de seus destinos. Ulrike, a bávara, solta, sem pausas; trigueira dinárica, se bem que de corpo subido e pernas longas, como os de uma nórdica. Grétel, sua prima, da Turíngia, simples loura, que vinha de achar o mar do amor, e redizia, em jeito de susto: — *Die Liebe ist das Element des Lebens!* E Lene, sudeta, estonta ruiva, de esquinados perverdes olhos, eslavos ossos do rosto, bonita, mas influindo logo azo inquietante e impreciso. Tais assim, ao menos, no tempo, na memória, em comitiva.

Frau Heelst recebeu-nos não profissional, com lisa benevolência. Era uma ampla senhora, lavada e enxugada, livre nas roupas, segura. Admirei-lhe as maneiras e sua ciência dos astros, que devia ser plena, a ponto de dar-lhe tanto desdém do ritual cabalístico. Tinha apenas perto de si um gato, amarelo, sentado, que trazia tudo para dentro de seus olhos e gerava no ambiente eletricidade e amoníaco.

Principiando por Grétel, *Frau* Heelst curvou-se no trabalho. Folheou tabelas, empregou lápis e compasso, traçou um círculo. Em concentração de matemático e não de vidente, foi formando números, trigonometria, signos. Ao cabo dos cálculos, voltou-se. E anunciou — tendências inatas, passado principal, futuro próximo — o que a Grétel tocava, segundo o céu antigo.

Grétel escutou-a, sem reagir, sem um pestanejo. Falou, enfim:

— Sinto, cara senhora, mas o explicado, até onde sei, a mim não pode aplicar-se, absolutamente não.

Frau Heelst não hesitou um til. Só:

— Assim, minha filha, as indicações que me deu devem ter sido de algum modo inexatas. Nasceu mesmo às 6 da manhã, e em 1915?

Rápida, foi Ulrike Wah quem apontou o erro: Grétel não era de Erfurt, como desatentamente dissera, mas nascida em Dar-as-Salaam, na África Oriental, de onde teria vindo menina. E latitude e longitude muito contam, nos assinalamentos siderais.

Frau Heelst amimou o gato. Com o mesmo composto afinco, retomou a tarefa, que não durou menos nem mais que da primeira mão. Muita coisa há, de se crer para ver: os novos resultados se disseram certos. Ouvindo que ia depressa casar-se, e ter quatro filhos, a confirmação de Grétel correu larga, agradecida:

— *Die Liebe ist das Element des Lebens!*

E veio então a vez de Lene Speierova, de Marienbad, na festa flor dos anos, vestida de escuro verde. Esperávamos.

Súbito, sim, mal começara a recolher-se, consultando as efemérides, *Frau* Heelst se desassestou. Apanhou-nos os olhos, com uma mirada em arco, e informou, um tanto desviadamente, que o estudo astral da moça punha-se mais difícil, se fechava confuso, destarte cansada, que preferia não prosseguir. Dava por atenuar-se nas palavras, traindo-a porém o sobrecenho, todo o tom.

Lene insistiu, um centímetro. *Frau* Heelst demorou, dona de si. Naturalmente, nós, em falsa meia-algazarra, tínhamos de dar-lhe apoio: que, sem dúvida, convinha adiar, em melhor hora voltávamos. Mas Lene teimou, por sete varas:

— Pelo amor do quê, *Frau* Heelst! Devo saber a minha sorte...

De mim a mim, tive que algum lance a picara, talvez o modo impetuoso de Ulrike, qualquer finta em seu olhar, ou a involuntária praga meridional: — *Himmelherrgottsakra!* — em que pensasse perceber um subtom de ironia. Porque as duas já vinham cruzando antipatia limpa, quase de tribo a tribo, inevitável, e que agora parecia afiar-se em pequenino ódio, dos mais hostis.

Daí, já *Frau* Heelst, cirúrgica, se decidira:

— *Ja, richtig...* — era a sina da outra, a seu querer; pegasse, pois, fel e mel, a obrigação do enfrento.

Mas, profunda é a malícia de uma maga, ou sua sabedoria: acrescentou que o estudo teria de ser adentro de portas, somente para Lene, e uma

mais, testemunha; e, para nosso pasmo, escolheu Ulrike. Concordaram as duas, de brusco estreitas, uma e outra, na firmeza germânica.

Saímos, os outros, para a sala onde se fez por abrir honesta conversação sem cor, sobre o trem do tempo. Mas, de malguarda, nossa fala era apenas rumor, humano demais como o de pão mastigado, e cada um bebia sua sombria curiosidade, como um vinho frio.

Revieram: viu-se Lene em choro, trazia-a Ulrike, abraçadas, choravam juntas.

— Terrível!... Terrível... — foi a revelação única que Ulrike nos passou, num sussurro.

E, no entanto, no rosto de *Frau* Heelst, à porta, só líamos brandura e seriedade, e nada a não ser pura bondade em seus olhos azuis.

. . .

Mas minha segunda ida a Volksdorf se deu só em meados de junho, e portanto depois quase de ano, quando o Dr. Goebbels andava visitando Dantzig, e eu tinha para *Frau* Heelst uma pergunta pronta:

— Haverá guerra?

— *Ach, nee...* De modo nenhum. Sossegado esteja.

A resposta era a resposta. Mas não a previra eu em jeito tão claro.

O gato estava lá, dentro do círculo de sua cauda. Os olhos mencionavam os de Lene, outro vestido de Lene, de quem me faltavam notícias, a não ser que estava noiva de um sujeito de má fama, e por isso em luta com a mãe, que ela queria dar como louca e interdita. Eu ali, afinal, não passava de um estrangeiro, e os tempos eram perigosos. *Frau* Heelst serviu-me chá.

Triviando conversa, pedi para saber como seria investigável astrologicamente aquele assunto, de paz ou guerra neste mundo sublunar; e ela grau em grau se descerrou, visto que o terreno da ciência é o da sã comunicação lata.

Sim, podia-se tirar o gráfico do destino de um país, dum regime, desde que conhecida a data de seu começo. Para o III Reich, por dizer...

— E por que não recorrer aos horóscopos dos rapazes em idade militar?

— Oh, não, não, não... — e *Frau* Heelst riu arredondado. — Esses não vêm aqui...

Isso por isso, não a não, sim a sim, fomos falando, entreponto, das coisas guardadas, sobreestranhas, servas do fausto e do funesto. Quem

sabe, valeria preparar, *in abstracto*, horoscópios virtuais, boa cópia deles... Com as estatísticas, globalmente, dos nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já pairasse, sobre centenas de milhares de vidas, o influxo ominoso de Marte.

Mas, para o fim, *Frau* Heelst dissuadiu-me de especular naquilo, pois guerra não iria haver, pelo menos a guerra em grandes dimensões. Declarava-o com afã prudente, e mesmo demonstrativa, patriótica. Foi quase afetuosa a nossa despedida.

Tanto, que passei a lembrá-la — grande loura, à banca de seu ofício, na trípode, dobrada sobre os altos arcanos. Assim como recordei Ulrike Wah, alegre elástica, seus movimentos de onça abstinente. Ou Grétel Amklee, a densa inocência; e Lene Speierova, brasas na cabeça, revirante cabelo. Relembrei-a, vez menos, vez mais, por todo o junho, julho, agosto.

Teria para a rememorar, para diante.

Mas, justo no dia, estava eu pensando outras coisas, aquela manhã precisamente, quando de Volksdorf me chamaram ao telefone. *Frau* Heelst, travada, aflita. Falou, falou, frases, urgente, desajuntava-as:

...Se lhe seria consentido emigrar, para o Brasil, para a América, qualquer canto de cidade nossa, onde ganhar seu sustento...

Se podia vir ver-me, combinar o quê, pronto receber os papéis, partir...

Não, não era mais possível. Nada deixavam os astros. Doze dias depois, começava a guerra.

Homem, intentada viagem

Por exemplo: José Osvaldo.

O qual foi um brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-a-guerra, híspida de espaventos. Veio a Hamburgo. Trazia-o uma comunicação do nosso Cônsul em Viena: *"Não tem passaporte nem título de identidade e diz já ter sido repatriado duas vezes por esse Consulado-Geral. Deve haver aí algum papel, que o refira."*

E como de feito: achado que, pela terceira vez, no pouco de três anos, revia-se aqui, na estrangeiria e na máxima lástima, contando com que de novo o mandássemos para casa. Veterano, de disparatada veterância, coisa tão dessemelhada. Ele era corado, baixo, iria nos trinta anos. O bem-encarado, bem-avindo, sem semblante de bobático, sem sentir-se de sua situação, antes todo feito para imperturbar-se. Cumpria-se em serenidade fresca, expedindo uma paz, muito coada, propríssima. A uns, pareceu-nos algo nortista, a outros um tanto mineiro; bem alguma espécie. Nisso, e mais, por enquanto, não falava. Fora-se-lhe o último *pfennig*, do que Moreira da Silva em Viena lhe ministrara, no bolso nem tusta. Levava porém roupa asseada e não amarrotada inexplicadamente, e até com no peito uma flor, dessas de si semi-secas, sempre-viva. Assim bem-trapilho, um rico diabo. Mas, lil, lilil, pelo Evangelho, quase lilial que nem os lírios do campo, jovializava.

Tinha-se, em autoridade consular, de chefiar-lhe a ida, na sexta-feira, pelo navio da linha regular da Hamburg-Süd, que partia para o Brasil, gozando da "regalia de paquete" e, então, com a regra de conduzir repatriados. Era só requisitar-se a passagem. Estávamos, porém, em começo de semana, tendo o José Osvaldo de esperar os quatro dias. Com quantia mínima que recebeu, para comida e cama em albergue, deu-se por socorrido magnificamente. Ele em enleio de problemas não se retardava.

Nesse tempo, não deixou de vir passá-lo, o inteiro possível, no Consulado — de abertura a fechamento — bem se dava a ver um viajante desprovido de curiosidade. Comparecia, sentado no banco, no compartimento do público, junto ao balcão que separava a sala-grande,

onde os Auxiliares trabalhavam. Olhava-os, quieto, brejeiro às vezes, com sorrisos seriosos. Falava língua nenhuma, jejuava em tudo. Seu fluido, neutro, não incomodava. Frequentava ali, como se, em lugar do interior, em porta de farmácia: o aspecto e atitude desmentindo as linhas tortas de seu procedimento. Não seria louco, a não ser da básica e normal doideira humana, a metafisicamente dita. Valeria, sim, saber-se o grau virtual de sua aloprabilidade. A gente nem tem ideia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja é somente e sempre buscando conseguir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto; e, se acaso, por breve trecho e a-de-leve, se entremostra, então aturde, por parecer gratuito absurdo e sem-razão. Convém ver. Só raros casos puros, aliás, abrem-nos aqui um pouco os olhos.

Notavelmente, o de Zé Osvaldo. Não é dizer fosse um raso vezeiro vagamundo, por ânimo de vadiação e hábito de irrealidade, atreito às formas da aventura. Outra a sua famigeração e círculo de motivos: sujeito a um rumo incondicional, à aproximação de outro tempo, projeto de vastidão, e mais que se pense; propósito de natureza — a crer-se em sua palavra. E o saberia? Sem efeito, que é que a gente conhece, de si mesmo, em verdade? Nem pretendia explicar-se, certo a certo, em quando respondia a umas perguntas, ali, observado entre lente e lâmina, sentado no banco, no faz-nada. Comum como uma terça-feira, otimista como um pau de cerca, risonho como um boi no Egito, indefeso como um pingo d'água sozinho, desmemoriado como um espelho. Dava trabalho, retrilhar-lhe as pegadas.

Sua cidade, o Rio. Não tinha ninguém. Tinha aquilo, que lhe vinha repetidamente sempre, tântalas vezes: a necessidade de partir e longinquir, se exportar, exairar-se, sem escopo, à lontania, às penúltimas plagas. Apenas não a simples veleidade de fugir ao normal, à lengalenga lógica, para espraiar cuidados, uma maneira prática de quimerizar. Mas, o que se mostrava a princípio exigência pacífica, ia-se tornando energia enorme de direção, futurativa, distanciânsia — a fome espacial dos sufocados. Então, se metia num navio, fizera já assim em quantas ocasiões. Voltara toda-a-vida à Europa: fora repatriado em Hamburgo, Trieste, Helsinque, Bordéus e Antuérpia. Ia-se, ao grande léu, como os tantos outros de sua abstrata raça, em íntimo intimados a seguir derrota, ignorantes de seu clandestino.

Por começo, engajara-se sem formalidades em vapores gregos ou panamenhos, como trabalhador de bordo, viajava de forasta. Mas era um

ser pegado com a terra, no enxuto, não-marinheiro, nem tinha tatuagem. Pojavam em longe porto, ele se escapava. Agora, por último, nem mais se alistava: subintrava-se a bordo, sorrelfo às ocultas, com justeza matemática, sem isso nem isso, quer-se o que se quer, penetrava. O mar era-lhe apenas o meio de trajeção, seu instrumento incerto, distância que palpita. O mar, que faz lonjura. Ele era sempre da outra margem.

De suas artes em terra, não se tirariam marábulas, matéria de contos arábicos. Só — a licença aberta, a abstância e percorrência, o girogirar, o vagar a ver. Sempre a outros ultras, perléguas: itivo e latitudinário, paraginoso, na mal-entendida viagem, todo através-de. Até o desvaler-se de vez e miserar-se, e pôr ponto. Aí, caía num Consulado, socorria-se de seguridade, davam-lhe a repatriação.

Vago, vivo Zé Osvaldo, entre que confusas, em-sombras forças mediava, severas causas? Contou-nos os sucessivos episódios do que se lhe dera, de ingentes turlupinadas e estradas, desta vinda e feita.

Descido em Gênova, fora-se adentro, como sempre, trotamundo e alheio. Apanhou-o a polícia italiana. Mas não sabiam com ele o que resolver, a falta de documentos empalhando qualquer processo de expulsão. Deram-no à guarda da fronteira, que o levou, de noite, à beirada da Iugoslávia, e traspassaram-no para lá, de sorrate — subterfugido. Parece que o costume era obrarem às vezes desse jeito, naquelas partes. Porque, depois, os da polícia iugoslava fizeram-no para o lado-de-lá húngaro, também de noite e escondidamente, sob carabinas. Pego pelos húngaros, contrabandearam-no de novo para a Iugoslávia. Idem, os iugoslavos abalançando-o outra vez para a Hungria. E os húngaros, afinal, para a Áustria. Mas, por aí, já ele se aborrecera de tanto ser revirado transfronteiras. Antes que outros saíssem-lhe por diante para apajeá-lo, tratou de enviar-se a Viena, como pôde.

Simples gracejo, perguntamo-lhe: por que não tentava pôr por obra, aqui, sua arte de astuto, introduzindo-se à socapa num dos navios surtos no porto, a zarpar para o Rio? Seja por brio de esportividade, ou fosse por concordância ingênua, isso o botou influído. Por todo o dia, desapareceu. Mas, quando voltou, no seguinte, foi para confessar seu malogro, com igual sossego. Estivera no porto, no ver a ver. Achara navio a valer, mais de um. Mas o esforço não provou bem, a vigilância ali era um a-fio.

Segue-se que enfim partiu, na sexta. Sumária foi sua expedição. Não tinha bagagem, nem mesmo pacotilha. Sumiu-se, liso e recontente, o

sorriso sem defeito, na lapela a sempre-viva. Ninguém se lembrou de dar-lhe algum dinheiro, só se pensou nisso tarde, já despachado o navio; com o atropelo de divertimentos e trabalhos, a gente não só negligencia, mas mesmo negligeia e neglige. Agora, já se estaria longe, navegantibundo, a descer o Elba, a entrar do Mar do Norte.

Mas, na outra manhã, cobrava-nos a Hamburg-Süd a importância de dez marcos, a ele favorecidos contra recibo tosco a lápis, e em termos de "esta requisição". O desenvolvido Zeosvaldo, capaz e calmo, sabendo fazer de si, servidamente! E não ia voltar — como o entanto, o vento, a ave?

Sim que, anos depois, realmente retornou à Europa, não lhe puderam tolher a empresa. De novo, também, foi repatriado, para a epilogação. O nada acontece muitas vezes. Assim — na entrada da Guanabara — sabe-se que ele se atirou de bordo; perturbado? Acabou por começar. Isto é, rematou em nem-que-quando, zeosvaldo, mar abaixo, na caudalosa morte. Só morreu, com as coisas todas que não soubesse.

Inconseguiu-se?

Ainda coisas da poesia

Outro anagramático é Romaguari Sães*, o "embevecido", escondedor de poemas. No grupo, é considerado como um tanto diferente. Tem outra música. Tem um amor mais leve, originário, avançado. Disse, uma vez, em entrevista, que a poesia devia ser um meio de "*restituir o mundo ao seu estado de fluidez, anterior, exempta*". Aprovam-no?*

Marjolininha
(*Bailía*)

Ai de mim —
te vejo...
esmolinha que me dás:
uma aurora
e um
seixo;[86]
e quanto digas
quanto faças
quanto és
— Princesa! —
como ruidoso[87] é o mundo
e redondo[88] o mar.

As estrelas são[89] boizinhos
que de dia vão[90] pastar.

Carinhos me deste;
de ti vou dizer:
maria me maria
quero teu pensar
quero teu celeste
quero teu terrestre

quero teu viver.

Onde, onde, onde
estás?

Vou medir teus gestos
vou saber teus passos
maria do centro
maria do sempre
maria do amar:

em ti quero estar.

Cândida
(*Marjolininha*)

Candinha sonha comigo
no sonho sou seu amigo.

Eu que nunca vi Candinha
Reconheço-a na poesia.

Sonho que Candinha dorme
sonho que Candinha sonha

neste mundo certo e enorme
nesta vida não tristonha.

Candinha sonha um abrigo
no futuro — no conforme.

Que da simples alegria
o seu sonho se componha.

Candinha? Um sonho se sonha.

Presença e perfil da moça de chapeuzinho cônico

Em primeiro lugar
ela não está presente;
vizinha de mim
indefinidamente.

Tudo o mais, isto sim,
ela representa:
representa o fim
de qualquer começo.

(Do chapéu, não me esqueço.)

Seu perfil repensa
um outro pensamento.

(A moça pousada
no meu pensamento.)

Repetindo o inédito
ela se representa.

Marjolininha (9ª)

Correi, meninas, que o prado
pede vosso bailado.

Bailai, meninas,
eis, sim, que o prado
sempre é um chamado
por vós outras — flores,
pés multicores:
— o amor desejado
o alado.
Ide.
Voai, meninas,
o amor vos pede.

Sabei que os verdes do prado
só estão fugindo.
Sabei, oh flores, meninas.
Correi.

Se as flores do prado só estão fingindo,
é o amor esperado que já vem vindo.

Bailai, meninas.

Fantasmas dos vivos

O que trato, fora o título, não tem relação com o estudo de Gurney, Myers & Podmore. Ocorreu apenas que, ontem, eu não obtendo dormir e estando em passo de menos saúde, e uivando-me às paredes um vento abissal, que restituía meu espírito ancestralmente ao oceano, entrei a pensar, do modo mais ininquieto que podia, na vulta pessoa do meu amigo Marduque, com quem estes dias tenho conversado, sempre que evitá-lo não consigo.

Sei ao que me exponho, se assim começo, dando-me por desleal ou deslavado. O caso é que sou amigo de Marduque. Julgar, seja a quem for, é sempre péssimo; pepérrimo, então, julgar um amigo. Mas mesmo por isso é que preciso de de sua figura esquivar-me. Pronto me explico; isto é, sigam-me. O assunto não é de prólogo, mas de epílogo.

Antes de antes, direi que já me tinham vindo análogas experiências.

Respeito a Nulano, por exemplo, perto de quem tive de viver, há algum tempo. Pois Nulano, que merecia assaz, homem exemplarmente às perfeitas, nele havia, por detrás de tudo, sei lá onde, alguma coisa que irradiava, hostil e repulsiva. Não atino como a captei, mas senti-a logo. Uma *coisa* negra. Não o negror celerado, mas o negrume sinistro. Sua honesta presença me assustava. *Sobretudo era preciso não pensar nele*. Outromodo, porém, me acusava eu de injusto e fantasioso. E só pude tornar a bom sossego com os meus anjos no dia em que se deu a triangulação comprovadora. Isto quando Quetrano, conhecendo Nulano apenas de meia-hora, sem mais, disse-me: — "Nesse homem há qualquer coisa que cheira a casa com cadáver... Ele espalha um frio..."

Valha que para com o meu amigo Marduque o travo é outro, jamais se viu atra tarja em seu espectro anímico. Bem moço e aposto, ninguém o desfaz de pessoa cabibilíssima. Nem ser seu amigo pesa em demasia.

Mas, já uma vez, de início, faz épocas, quando ele me falava excelente de coisas excelentes, conforme praticam as criaturas, eis comecei a só perceber, sob forma de impacto, um seu intimíssimo tumulto, muito incômodo. Assim não ignoro que, modo mais leve, o fenômeno seja quase geral. "Ninguém engana ninguém" — admito. E penso que Emerson foi quem observou: "O que Você é grita tanto, que não me deixa escutar o que

Você diz...” Mas certo vem que dali saí com Marduque um tanto transversalmente.

Ponderei-me tudo não passasse de impressão equivocada, maus olhos meus ou desfígado, volúveis vagas circunstâncias. Surge, porém, que, sem ceitil de desestimá-lo, comecei a sentir a *urgente e defensiva precisão de não pensar nele*. Quando digo pensar, digo o pensamento por imagem, visualização, essa espécie nossa de cinematográfica lembrança, já perceberam. Pois — ora círculos! — tratando-se de um amigo, seria operação decente desligar assim o seu retrato, bani-lo em efígie tão sumariamente? Não, decerto não — disse-me, disse. E, solução intermédia, acudiu-me então: poder *pensar* Marduque, mas... Marduque com um turbante na cabeça...

Falta-me saber donde me veio tal ideia, já que é de fora que as ideias nos vêm. Mas o turbante, ora amarelo, ora branco, e de muito pano, logo se completou: com uma roupagem bíblica, a revestir Marduque. Juro que nunca o vira em traje mais assentado; era a sua adequada indumentária. Perdera a absconsa temibilidade, e estava em meu poder mantê-lo prisioneiro, o tempo que necessário fosse, assim mascarado, ou melhor, desmascarado, como personagem de sinédrio ou coruscante fariseu. Ri-me, mil. E disso, por diante, tirei remédio. A cada vez que pressentia, em presença ou à distância, aquele seu oculto sacolejar sulfúrico, bastava-me impor-lhe o turbante. Ele de nada desconfiava, e desse modo pude sustentar ilesa a nossa amizade, por tantos anos. Mas ajeitei-lhe coifa, muitíssimas, muitas vezes, toucando-o, e chegando a desenvolver razoável a técnica de turbantizar.

Mas irrompeu que, há cerca de semana, meu amigo Magnomuscário foi apresentado a meu amigo Marduque. Meu amigo Magnomuscário para bem compreendido, saiba-se que ele é uma espécie de iogue swedenborguiano, gente que tudo muito vê, transvê, não se deixando ilusionar pela grossa aparência do nosso mundo objetivado.

Cruz, bem, Magnomuscário, que, até ao momento, de Marduque tudo ignorava, revelou-me, logo seja, que vezes raras, haveria encontrado caso tão instrutivo. Mais não querendo explicar-me, porquanto os de sua filosofia ou seita costumam viver *“sub rosa”* — como diziam os romanos, a rosa símbolo da secretividade absoluta. Apenas, e como eu muito insistisse, acrescentou, com gesto de apalpar melão ou abóbora:

— “...como Caifaz... Podia usar um turbante...”

Vai, calculem meu choque, o soturno estarrecimento em que me debato té hoje. Três vezes, depois, estive com Marduque, e agora, o que é descrível, noto que desconfia de mim, de maneira recrescente. Qualquer olho, dele, do fundo, me espreita. E alcança ler um tanto dos meus defesos pensamentos. Tive luz disso, por último, ao tentar repor-lhe a cobertura: subitamente inquieto, ficou a passar mão pela cabeça. É uma agonia. Preciso de me distanciar de Marduque, fugir dele. Ou escrever, pedindo urgente conselho, a Magnomuscário, que mora longe, no interior do exterior, com seu expeditório de profundaltíssimas ciências.

Nascimento

"*Demora tanto*, *de Natal a Natal*"... — queixava-se uma velhinha, das do Asilo, durante a festividade. Ainda pior, nesse prazo entremeavam-se os meses do tempo-de-frio, que amedrontam, assim como o vir de calores em excesso. Muitos dos recolhidos não podiam esperar dezembro, partiam para além, davam a alma. Todos lá não passavam de tênues sobreviventes, penduradinhos por um nada, apagáveis a qualquer sopro. — *"A Sra. então não podia fazer por ano dois Natais?"* — pois, queria aquela, conversadamente. Tinha de perguntar, já já, agora, que senão logo lhe esquecesse propor a ingente providência.

Simples se repetia a festa, voto de caridade, para dar maior realce a Deus; e uma demão de sonho. Aos resguardados hóspedes, reanimava com a expectação, o Natal sendo o que tocava a junto tempo a todos, o Natal era o que mais acontecia.

Tinham galinha ao almoço, divertido e aumentado; lembrava-lhes comer carne de porco, mas que fora em definitivo revogada, pois devido a que as enfermarias se enchiam, enquanto diversos iam para a extrema-unção e o enterro. Provavam sobremesas gostosas, abriam-se para eles garrafas de refrescos. Alguns permaneciam meio encolhidos, no receio de molharem as roupas. Ou calavam quantas habituais dores, nos quadris e entrecostelas, nas pernas: quando alto respondiam, ásperos, seria aproveitando correto modo de desabafo, substituição do gemer. Vários se tapavam também de surdez, em vários graus.

Por esses motivos, e mais os demais, adivinháveis, pronto se agastavam, contestando e implicando, não era próprio da idade fornecê-los de simpatia humana, antes uma reima de desgosto essencial, em função de acrimônia. Desconfiavam-se reciprocamente. Também ideado não honrassem o fato da Natividade, culminador, aqui e, trans os séculos, em longes país e tempo. Apenas abençoavam, como a um risonho brinquedo, o Menino Jesus. Mesmo das antigas pessoas conhecidas e amadas, por certo só lhes restassem, infusas na memória, as silhuetas mais longas.

Mas aguardavam as dádivas. Tudo então parecia invento.

Armava-se no meio do salão-grande um estrado, onde ficava a Diretora, mais outras pessoas de fora, mocinhas e moças que operavam a distribuição; as que vinham lá com gentil benevolência e coração de esquentar invernos. Nas cadeiras, por filas, os velhos e velhas jubilados sentavam-se, em volta. Tão passados, alguns, que com infinito cuidado tinham de ser colocados nos respectivos assentos.

Até macróbios casais, pares para bodas de brilhantes. — *"Minha boa Irmã..."* — um velhote pedia, mansamente irado — *"...mande minha mulher me dar atenção, ela está só conversando com esse aí outro sujeito..."* — e ainda proferia que nem por muito parava caduco, e que era o marido dela, por ordem de Deus. Mas sua velhota sorrindo justificou-se, não o desamparava, apenas a cadeira é que ficara meio entortada para lá, ela não podia dar jeito. A irmã corrigiu-lhe a posição, voltou-a mesmo um pouco para o lado conjugal, a velhinha era anacrônica boneca, móvel assim, obedientemente.

Era decerto uma feita misturada assembleia, onde brancos e escuros, o de dizível família e o rústico ou gentuço, o antes remediado e o que pobrezinho sempre, da miséria cristã. Igualavam-se, porém, em gelhas, cãs, murchidão, agruras, como se a velhice tivesse sua própria descor, um odor, uma semelhança: sagradas as feições pela fadiga e gasto, vida cumprida.

Enfim palpitavam de insofrimento, querendo: as trêmulas mãos paralelas — no apanhar seu regalo — cada um com esperançazinha de que diferente e melhor que os outros, festejavam-se-lhes os olhos. Os presentes de pequena valia, sabonetes, espelhos miúdos, qualquer tutameia ou til, embrulhados em lenços grandes, dos que são uso de velhos, de que as velhinhas gostam.

— *"O meu, o meu?!"* — indagava a já ceguinha nublada, do lenço-grande que Papai Noel e o Menino Jesus lhe estavam dando. Seu gosto era por um amarelo, com pintinhas vermelhas — atendia a que recordações?

Exultando outra: — *"E é uma menina, meu Deus! é uma menininha loura, que vem me entregar o mimo!..."* — frequentava com fadas.

Soavam antiquados risos, todos reenriquecidos, então, e assim, passeava-se o adejo do Natal, entre bandeirinhas jucundas, idosas, em avenidas de flinflas flores.

A cerimônia terminada, se deu fé de uma coisa, sua notícia perpassou pelas sutis vividas criaturas, algo a chamejar-lhes a atenção. Era a respeito

de uma, tão desditosinha anciã, que, pouco antes — logo na santificada data de regozijos, naquela hora, esperada o ano inteiro — não escolhera para grave adoecer.

Soube-se, ela estava em sua cama, reperdida dos sentidos, extremamente só. Talvez com apenas uns minutos creditados, podia retombar toda para o lado de lá, a qualquer momento. Tinham deixado seu presente, seu lenço, ali à beira, a ver se ela voltaria a si, nem que por intervalo, para o ver, apalpar e apreciar.

Oh, isso logo passava a fazer parte do Natal, isso era o que era preciso! Aquela pousava como num berço, quietalma, era mesmo, estava pronta para o milagre, um milagrinho, prodígios.

Alvoroçavam-se, queriam ir todas e todos para lá, andando por si ou carregados, cá fora se ajuntavam, cochichavam, comentavam, simulânimes, com tenaz graça; se os deixassem entupiam o pequeno quarto. Se bem que sem nenhum descuido se agarrassem com seus enrolados presentes, só por ora se distraíam deles.

Era um equilíbrio, se abriam ao que pintado maior em todas as estampas, tlintassem sinos, noel, natal, o presépio se alumiasse, tinidamente.

Sim — que a velhinha, dormedormindo, fugazmente despertasse, o necessário instante, lúcida entre duas mortes, isto é, que pudesse receber seu regalo e dom, antes de continuar.

Cartas na mesa

Toda vida humana é destino em estado impuro. A mulher de novo baralhou e foi compondo na toalha, lâmina a lâmina, os 22 arcanos do Taro — dito o livro revelador, de páginas soltas, que os ciganos trouxeram do Egito. A estrela, o imperador, a roda-da-fortuna, o diabo, por exemplo. — *"Não entendo, não percebo"* — tugiu, e juntou as mãos, grossas curtas, bem brancas: o consultante observando-a com as de aluno. — *"Salve-me, mas depressa. Acho que vou crer na senhora."* Ele respirou, boca aberta, espírito aspérrimo. Endireitou-se a cartomante; um pouco impressionava, quando cerrados os olhos de ave noturna, o epsilone do nariz e sobrancelhas. — *"Ao senhor, não engano..."* Mais amadora que charlatã. — *"A predição é dom, não ciência ou arte. Vem quando vem. A hora não é boa..."*

— *"Sei. Segue-me um homem armado, doido de ciúme e ódio. Decerto me viu entrar e espera lá fora."* — *"Um marido?"* Madame de Syaïs outra vez misturava as cartas, mais digna, menos ágil. — *"Verei. Distraia-se do assunto. Concentremo-nos."* Ele quis, agora era quem guardava os olhos; soletrava-lhe confiança a voz, impessoal humaníssima. — *"Deus nos dê luz..."* Virou o bobo, o mago, o enforcado, a lua, a torre e a temperança. — *"As figuras desdizem-se! nada acusam..."* — ela mesma se agastava. — *"Tudo, mal para saber o futuro imediato... maluco ou sinistro"* — ele se forçava a rir, não trazendo à testa os punhos, um instante sucumbido. A morte, o sol, o dia-de-juízo. A mulher também mordeu beiço, de pena e brio. — *"Com o baralho comum, não as do tarô, quem sabe... Vale é o intuir, as cartas são só para deter a atenção."* O moço aprontou-se a ver. Tão logo a tentativa desnorteava-se. Espiavam nos naipes sutil indecifrar-se: de como por detrás do dia de hoje estão juntos o ontem e o amanhã. A adivinhã cruzou os braços.

Descruzando as pernas: — *"A gente vive é escrevendo alguma bobagem em morse?"* — Ladal levantou-se. — *"Vou procurá-lo! Talvez eu nem me defenda..."* — toou o que disse, com imperfeita altivez. Mirou-o a mulher desfechadamente: — *"O senhor pede presságio ou conselho? E acerta. Sempre o que importa é viver o minuto legítimo."* Tornava a mexer as

cartas coloridas. — *"Nem tanto, Madame, nem tanto..."* — escarniu-se. Mas esperou. Seu rosto parecia mais uma fotografia. — *"Detesta esse homem?"* — *"Não."* — *"Não o enfrente"* — com vigor e veludo. A magia — o carro, a justiça, a grã-sacerdotisa. — *"Teme?"* A tentação — sendo o amor; o mundo, a força, o hierofante. — *"Sua mente abrange previsões e lembranças, que roçam a consciência. Prefere não agir: evita novos efeitos, pior carma."* Ele nem teve de sorrir, depois de meneios com a cabeça. — *"Seu destino já se separa do outro. A isso, sem saber, ele reage, estouvado, irrompente aproximando-se."* A sabedoria — o eremita. A imperatriz, que pinta a natureza. — *"Algo pode ainda obvir, o mau saldo..."* Ostentadas as íris claras. — *"Fique. O tempo vale, ganhe-o. O tempo faz. O tempo é um dogma..."* Ladal curvou-se. — *"Tomo seu moscatel, não sua filosofia. Sou um néscio."* Meio mais tranquilo.

Ele falava (*ela respondendo*): Aconteço-e-faço? (*Reze.*) Que jeito? (*Pare de pensar em seu problema — e pense em Deus, invés.*) E lá creio? (*Não é preciso.*) Sem treino nem técnica? (*Deus é que age. Dê a ele lugar, apenas. Saia do caminho.*) Como? (*Não forme nenhuma imagem. Tome-se numa paz, por exemplo, alegria, amor — um mar — etcétera. Deus é indelineável.*) Teoria? Court de Gébelin? Etteilla? Em que grimório ou alfarrábio? (*Emmet Fox. Experimente. Um livrinho de seis páginas.*) Renega a cabala então, o ofício de profetisa? (*A qualquer giro, a sina é mutável. Deus: a grande abertura, causa instantânea. Desvenda-se nas cartas a probabilidade mais próxima, somente. Respira-se é milagre.*) E ele, o outro? É justo? Deus deve ser neutro... (*A ativa neutralidade. Reze, ajudando o outro, não menos. O efeito é indivisível. Tem cada um sua raia própria de responsabilidade. Também o outro é indelineável.*) Os termos contrastantes... (*Deus — repito, repito, repito! Não pense em nada.*) Deram uma única interjeição — trementemente:

Tinia a campainha, da entrada. — *"Quem for, esperará, na ante-sala..."* Não entreolhavam-se os dois, em titubeio, não unânimes, nos rostos o enxame de expressões. Caluda, já Madame de Syaïs ia colher, à porta do corredor, o cochicho de aviso da criada. Desapontadamente — devia, sim, de ser o outro, de atabalhoo, dando naquele contra-espaço.

— *"Nada tem a fadar-me. Não há mais o tempo. Há é o fato!"* — e Ladal elevava o copo, feito brinde. Ela ergueu mão: seu cheio feixe de dedos. — *"Não. O tempo é o triz, a curva do acrobata, futuro aberto, o símbolo máximo: o ponto. No invisível do céu é que o mar corre para os*

rios... Nunca há fatos.” Saída alguma, de escape. Não onde esconder-se. Nem chamar polícia. Tortamente oposto, a três passos, preso, passearia o outro sua carga de amargo. — *“Talvez pense que a mulher se encontre aqui...”* — *“Ou vem à consulta, simplesmente...”* — *“O nome é Mallam, Dr. Mallam...”* — *“Vale que seu seja, de Syaïs, Râ-na-Maga ou Ranamaga?”*

Era nem equilíbrio, pingo por pingo, d’ora-agora, o escoar-se. O transprazo. Subiam em si, não ouviam, não viam. Da parede o relógio debruçava-se para bater.

E: oh. O estampido, tiro, na saleta, de evidência dramática. Cá, os dois paravam, sem respiro, não unidos personagens sem cena. Ladal fez maquinal recuo. Madame de Syaïs emaçou ainda as cartas espalhadas. Um deles então abriu a porta.

Ali dera-se o dar-se-á — remorsivo — visão de tempos não passados. Tombado no chão, mais o revólver, amarrotava-se morto o outro, o peito em rubro e chamusco — que nem o mago, o diabo, o bobo — ele mesmo por si rejeitara-se, irresolvidamente, sem fim, de história e trapalhada. Quase o choravam, em atitude insuficiente.

Zoo
(*Parc Zoologique du Bois de Vincennes*)

Tabuletas Reflexivas:
"Não dar pão aos leões!"
"Não dar nada aos chimpanzés e às girafas!"
"Não dar espelhos aos macacos!"

. . .

O iaque é um boi raso, com cortinados.
Camelo: cuja cara é de esnobe.
Com uma zebra de verdade, é possível discutir-se.
Ver a nímia maciez com que um *cabrito* bebe.

. . .

O que há, é que as *focas* são carecas.

As focas nadam — subnadam, sob andar d'água — retas, às vezes ressupinas, vão rolando corpo, rotam-se, lateralmente, em torno de longo eixo, e translam: golpeiam se apressando. Sarapintam-se de vitiligo ou de sinais de queimaduras.

As otárias sotonadam, também, deitadas de lado. São ainda mais céleres. Se saem da piscina, é para comer peixes, que o homem lhes traz, de balde cheio. Aparam, abocam, e se saracoteiam, pedindo mais. Saltam, depois, para se festejar na água, lustrosas, brônzeas. Se o sol se hospeda nelas: mãos de sol, medindo-lhes os corpos.

. . .

Dromedário: ser piramidal.
Elefante: a tromba é capaz de tudo, até do torcer de mãos do desespero.
O macaco é social demais, para poder valer.
E diz-me a girafa: — Este sujeito, aí, não existe...

. . .

Na *fauverie*, as feras enjauladas se ofendem, com seus odores inconciliáveis.

O acocorar-se dos leões. Seus ílions, como asas. Leão e leoa. Sempre se aconchegam, no triclínio.

Pantera negra: na luz esverdeada de seus olhos, lê-se que a crueldade é uma loucura tão fria, que precisa do calor de sangue alheio.

A massa dura de um tigre. Sua máscara de pajé tatuado.

O tigre quase relinchou.

. . .

Cabras anãs do Senegal: ipsisverbíssimas.

O gnu, também: feito sob medida do seu nome.

Mal o tempo esquenta, o camelo por si se tosquia?

O elefante é mesmo probo; só suas costas são de palhaço, suas pernas, seu detrás.

. . .

Vê-se: o *rinoceronte* inteiro maciço, recheado de chumbo verde.

. . .

A longuidão de um veado, europeu, de França, cervo elafo surgido de floresta, e cujas costas retremem. A meninazinha loura lê sua procedência, e com entusiasmo exclama: — *"C'est de chez nous, celui-ci! C'est beau... C'est pas du tout méchant, ça..."*

. . .

O *faisão* fulge-se de sacratíssimos retalhos, recolorindo-se: da cauda ao boné, tudo madeixas de seda. Olhá-lo, olhá-lo, e pensar depressa no Paraíso. Mas a *faisoa*, feiota ao pé do fausto do macho, ainda assim chega a parecer-me, nostalgicamente, mais bonita.

Juro, aliás, que nunca mais escreverei "faisoa", e sim *faisã*.

O *Macaco*: — Não precisa de calças quem tem bons suspensórios.

. . .

Búfalo da Romênia — seu focinho cheira a mel de cana.

O bisão emite língua azul. O focinho é bom, largo, mucoso, cru. Na cabeça, a lã se lhe encrespa, carapinha. Às costas, nos flancos, nas ancas, placas de pelo feltroso, bolor de adega; se despegando, como se roídas — se esmolambando — musgosas pelancas. Seus olhões de lousa desferem lampejos ruivos: ele é cólera virtual, ira não-acesa, matéria-prima de raiva.

. . .

NA URSARIA. Jogai pão aos ursos, e vereis:

O *urso-de-colar*, himalaíno — um senhor pândita, gordo, juboso, grande e de grande gala, preto luzente, rodado de excessivas roupas — desce a rampa, traz seu pedaço para o molhar e amolecer na água antes de comer.

O *urso-branco* — que se faz dentro d'água, metido até o peito, as patas submersas se averdoengando, fluorescentes: o que lhe atiram, apara-o entre mãos, resguardando-o ao alto, a salvo e seco, e trinca-o aos pedacinhos, feito gente; come muito mais educado e discreto do que os outros.

O *urso grizzly*, americano, é assuinado, qualquer coisa um porco. Aperta o pedaço de pão contra o chão acimentado, arrasta-o sob pata, esfrega-o, esquenta-o, até o ter bom de comer. E devora, bulhento. Mais: fica em pé e acena, repetido, exigindo nova ração. Não é à toa que o chamam de *ursus horribilis*.

O *urso bruno* japonês: deitado graúdo de costa, refestelando-se — só lhe falta cruzar mãos à nuca — empurra para longe o pão, com as enormes plantas dos pés, lisas, escuras. Comer, não quer, não.

. . .

Ficar a ouvir pavões:

É falso que eles gritem *"Gaston! Gaston!"*.

O *pavão branco*: uma artista, em fada. Noiva? Sua cauda desce, grave, esteira sem peso. Ergue-a, a metade, e alto diz: — *R'rau-rrau-rrau-rrau...*

O *pavão real*, azul-verde, joias: é uma espanhola. Clama: — *Nhau! Nhau!* A cauda é que pupilando: cada olhiz de pavão, olha o céu e não o chão.

. . .

O *cisne*, cisna. A *cisne* sem ledices.
Passarinhos piam, disto e daquilo: crise, mil virgens, vida difícil...
O *cisne* ouvindo a alegria dos melros: — Cantarei, mais tarde.
O *marrequinho* vira-se de costas, para poder descer o barranco.
Um pinguim: em pé, em paz, em pose.

. . .

Leões à fresca: fácil força. Espera-se sempre seu rugido, como o de nuvens tempestuosas.

. . .

Trafega, lotado, um dromedário: atados, em cima dele, um feixe de cinco garotos, que vão pendendo, para um, para o outro lado, risonhos, restituidamente. Outros meninos esperam sua vez, no “montador”, escadinha que leva a uma espécie de tribuna — porto, cais de embarque do dromedário. Este — beiços! — ri também, rei de extravagar-se.

. . .

À saída — pura tarde — a gente se deita na relva, sob altos pinheiros. Longínquo, entre frondes, nosso, o céu é um precipício.

Dois soldadinhos mineiros

Sob céu diferente, para mim, acha-se neste mundo a das Três Barras, fazenda que foi dos meus. Só está depois de distâncias, para o poente, num empino de morros — que na infância eu tomava por himalaias fora do tempo e do real. Tem seus pastos limpos, um açude, os abismos de grotas, o pôr-do-sol mago e meigo com cores, o ar à aberta luminosidade. Tem sebes de “saborosa”, um quintal cercado de limoeiros, uma manhã de longe pescaria a que todos fomos em fila, uma farofa que alegremente se comeu. Debaixo de um jatobá esgalhado na velhice, o estaleiro para serrar madeiras. No moinho, duas cobras escuras, mansas, que pegavam ratos. Ah, e há, em noites de verão, um mar de vaga-lumes amarelos. A casa, andante e vasta, é entre transmontana e minhota, dizem; casa de muita fábrica. Para o convés — que é a varanda — sobem-se os degraus de pau de alta escada. De lá, muito se vê: a visão filtrada. Ainda pende o sino, que tocavam para chamar escravos. De antes, tempos. Aliás, parece que o último enforcamento em patíbulo público, em Minas, se deu foi, no Curvelo, com um preto que matara seu senhor, meu trisavô materno. Quando fui menino, nem em escravos se falava mais. Só havia os camaradas, que à noitinha se sentavam quietos, na varanda, nos longos bancos, esperando o chá de folhas de laranjeira. Certa hora traziam de dentro uma grande bacia; nela todos tinham de lavar os pés? Minha tia Carlota hoje me corrige: a bacia era cheia de brasas, de rescaldeiro para, nas noites frias, os homens se aquecerem. Tanto confundo; lavar os pés, numa bacia, quem tinha de obedecer a isso era eu, antes de ir dormir. Atrás do tempo. Mas é mais próximo, o que vou contar.

. . .

Em 1945. Nas Três Barras, nos primeiros de dezembro, uma manhã chovia. Chovia; e tirava-se leite. Se sabe: as tantas tetas, a muda bucolia das zebus, nos currais cobertos para o costeio. A gente vinha, com um golpe de conhaque no copo, aparar o leite de jorro. Tudo lidavam os vaqueiros, atentos ao peso de impaciência das vacas e seus bezerros correspectivos. E vai, daí, alguém apontou: — “Aquele voltou da guerra.”

Era com efeito um “pracinha”, que figurara em Monte Castelo e Porreta Terme, e aqui recomeçava a arreação das vacas. Deixava de ter qualquer coisa especial ou remarcada. Os ombros estreitos, a morenidão, o chapéu chato? Estava “dando uma lição” numa rês, que agredia as outras com artimanhas, carecia-se de agir como quando se ordenha uma recém-parida: laçar e pôr no esteio. O ex-soldado não esquecera os atos bem que perito e ágil; ele era muito entendido.

Se sério, aquilo seria de se olhar. Voltara, fazia pouco, do a-de-lá, parciário de enormes sucessos, entre os horrores e grandezas, da Europa, da Itália — onde, semelhante ao que nas *Décadas*, diz Diogo do Couto, se armara “muita, e mui formosa artilheria”. Falei-lhe; aprovou, com um sim simples, vindo só às respostas, atencioso mas na singela opacidade, de quem vive e despercebe, ou tudo deu por perdido e esquecido, longe, remoto, no já dito. — A guerra? — perguntei.

— “É um abalo...”

Do vivido ou visto, que é que mais o impressionara?

— “O frio.”

E o mar?

— “É muito enfaroso...”

Pela mesma maneira, ele se desengraçava. Um outro falou: — “Ele teve medo um dia...” Nosso soldadinho não riu. Nem se fez grave. Retrucou, pelos ombros. O mover das vacas, das que pediam seus bezerros, era que ele não se tirava de rodear com a vista. Sendo que o gado manso pode dar surpresas. Mesmo ali, num quarto, no catre, estava outro vaqueiro, ferido havia dias, com uma chifrada na nádega, funda de centímetros, curada com pomada preta.

Por último, teimei:

— Mas, o alemão é duro, bravo?

— “É cabeçudo...”

Não era capaz de dizer mais. E a vaca mugia, bezerros corriam, a chuva chovia. Assim.

. . .

Depois, foi em 1950, eu vinha de cruzar os Apeninos Septentrionais, cheguei em Pistoia.

No quase tramonto, quando os morros são névoa de ouro, poal de sol, hora em que os ciprestes dentro do azul trocam de personalidade. Só a seguir é que é o crepúsculo leve rosa; mas o rosa se reembebe como num mata-borrão, não volta à tona, dá outro tingir. (Poeticamente: o céu em mel de glicínias ou da cor do ciclâmen selvagem.) Sempre a limpidez; e a luz toscana, já se disse, é substância, coisa — não apenas claridade. O lugar, entre montanhas imbricadas, esfumadas em bruma. O Cemitério Militar Brasileiro — limpo, novo, cuidado — como uma plantação, como uma coleção. Aquilo em paz.

As carreiras de cruzes brancas, cada uma tendo em frente o potezinho com um cacto, 400 e tantos (e mais alguns, alemães). Ali ausentes, arregimentados, subentendidos. As flores trazidas podiam ser dadas a um, qualquer, a uma cova, igual às outras, ao acaso. Adiantei-me, sem escolha, olhei, e li, na pequena placa:

SOLDADO ALCIDES M. ROSA
Morto em 12 de dezembro de 1944.
11º R.I.

Será que estremeci e então ali estive, sem amargamento, mas no todo-sentir. Aquele, podia ser um meu parente, assim com o meu nome, e vindo de Minas Gerais. Foi demais meu parente; para mim, sob céu diferente, neste mundo, diminuído de belo. Feito se nas Três Barras.

Terrae vis

Amigo meu, homem viajado e sensível, assegura-me que — se o levassem, de tapados ouvidos e olhos, a uma das muitas cidades deste mundo dele conhecidas — ainda assim a identificaria, e imediatamente. Acho bem possível. Digo mesmo que também me sinto capaz de às vezes não errar, em o caso. Não que prometa reconhecer todos os lugares onde já tenha estado; mas, pelo menos quanto a uns oito ou sete, posso quase garantir.

Aliás, já devem ter escrito sobre o assunto. Tudo está nos livros. Cícero, por exemplo, no *De Divinatione*, refere que era "uma força emanada da terra" o que animava a Pitonisa, e acresce: "Não vemos que são várias as espécies de terras? Delas há que são mortíferas, como Ampsanctus, no país dos Hirpinos, e Plutônia, na Ásia, as quais eu mesmo vi. Há terrenos pestilentos, e há os salubres; alguns engendram homens de espírito agudo, outros produzem seres estúpidos. Esse é o efeito dos diferentes climas, *mas também da disparidade dos eflúvios terrestres*."

É isto: irradiações telúricas — *aspirationes terrarum*. Sei que eu e o supradito amigo, para a enunciada façanha, dispensaremos outras sensações: as dadas do ar, do tempo, do magnetismo planetário, do espectro solar, ou — *ódicas*, fisioelétricas e prânicas — das propagações dos objetos e dos humanos entes: enfim, do mais que, mana à parte, ajuda a compor esse buquê difuso, aura, "atmosfera". Bastam-nos as invisíveis forças que sobem do chão, que estão sempre vindo de baixo.

E essas talvez expliquem muita coisa. Em duas ocasiões, voando sobre os Andes, a uma altura entre 4 e 5 mil metros, não deixei de interceptar a torva soturna emissão daquelas lombadas cinéreas, desertas e imponentes. Juro que não se tratava de sugestão visual, mas de uma energia invariável, penetrante e direta, paralisadora de qualquer alegria. Por isso, não me espantou ouvir, tempos depois, este *slogan* repetidíssimo: *"En la cárcel de los Andes..."* E, do que sabia, mais me certifiquei, quando vim a ler nas *Meditações Sul-Americanas* de Keyserling: "Nas alturas das cordilheiras, cujas jazidas minerais exalam ainda hoje emanações como as que antigamente metamorfosearam faunas e floras, tive consciência da minha própria mineralidade."

Demais, foi Keyserling mesmo quem escreveu, da Cidade Maravilhosa: "O ambiente do Rio de Janeiro é um puro afrodisíaco..." Creio verdade. Menos afrodisíaco, contudo, que, digamos, que o da terráquea Poços de Caldas — seguramente um dos lugares brasileiros mais abençoados pela risonha filha de Júpiter. E note-se que, contra quaisquer aparências, todo o chão da América, de Norte a Sul, funciona, a rigor, como anafrodisíaco, segundo os entendidos e as observações menos superficiais, atuais e históricas.

Mas, por falar em matéria de solo base própria para o amor, consta que nenhum melhor, e mais notório, que o de Paris, o de toda a Ile-de-France. — *"Ici chez nous, vous le savez, l'amour c'est endémique..."* — declarava-me uma estudante de medicina, funcionária do Musée de l'Homme. Todo o mundo sabe disso. Ali o amor dá, mesmo não se plantando. E, que é do chão, é. Se algum dia, o que Deus não deixa, destruíssem a cidade, até à qualquer pedra, depressa os amorgostosos de toda a parte viriam reconstruí-la, por mundial erótica necessidade.

Outras cidades há com menos grato fundamento. Diz-se, e diz-se muito, que três delas, na Europa, são essencialmente, terrestremente, deprimentes, tristes, tristifadonhas: Lião, Liverpool e Magdeburgo. Liverpool não conheço, mas toda a gente confirma que ela é aquilo mesmo: chega dá *spleen* até em seus filhos. Lião — se bem seja terra de mulheres bonitas e comidas gostosas — é, e os próprios lioneses não o negam, tristonha realmente, sem cura. Em Magdeburgo passei uma noite, e noite pesadíssima, mas era Sexta-Feira da Paixão, e aquela em que a Albânia foi invadida por Mussolini; seu *tom* lembrou-me o de Belo Horizonte — a qual, não obstante o clima ótimo, há de ser sempre propensa à melancolia e ao tédio, como em geral os lugares férreos, assim como são simpáticos e alegres os calcários: Corumbá, Paris mesma, Cordisburgo.

Niterói, alguém já me observou que sua superfície incita aos crimes. Discordo. Niterói é boa. De Chicago, ouvi outro tanto, e afirmam que sua gente se mostra a mais rude e egoísta dos Estados Unidos. Pode ser, ignoro mas, no caso, não se saberá se a celerada influência é bem terrânea, ou se se origina dos mil miasmas astrais, *elementais* ou *larvas*, que se evolam do sangue de tantos matadouros.

Em favor da tese, citem-se também Siena e Florença, ambas toscanas, ex-etruscas, e tão vizinhas, mas discrepadas, dissimilíssimas — uma

realista, positiva, e a outra mística — conforme em tudo se ostentam, a principiar pelas artes respectivas.

Caso indubitável é o de Weimar: de seu subsolo, sente-se logo, vêm ondas de harmonia e de inspiração espiritual. Goethe o sabia, sabia-o Schiller. E também os que a escolheram para sítio de elaboração da Constituição do IIº Reich. Weimar é a Barbacena alemã, se não europeia. Intelectualizante e amena. Apenas — isto sim — que Barbacena, a Weimar nossa, talvez outrora excitasse um pouquinho mais, no que toque à política.

Outros e vivos exemplos haveria a citar, muitíssimos a estudar, pois a ciência é nova, anda ainda empírica. Mas séria. Sua importância é fundamental, obviamente. Não é à toa que os hindus de alta casta, quando de sua Índia se ausentavam, deviam mandar preparar calçados especiais, com um pouco da poeira do país entre duas solas.

Até, na minha Minas, quando o capiau faz para si a casinha, terra-a-terra, elege como sítio o batido limpo dos malhadores, ali onde — ele diz — “nada de ruim nem maldito governa de se aparecer”. De gente do Rio Grande do Sul, pastoril também, já ouvi assim isto. E que é que de *ruim* ou *maldito* gaúcho e mineiro receiam irrompa, que não nos pontos que o gado sábia-instintivamente escolhe para sua ruminada e dormida?

Afinal, hoje em dia está mais ou menos provado que tudo irradia. Como não irradiará então o chão, com sua imensa massa, misturada de elementos? Irradia, pois, conforme o que conforme. Tenhamo-lo.

Circo do miudinho

> *Sai-se para o voo o pesouro, como um botão de uma casa. E ab abrupto: abre-se de asas sob estojos, não cabe nas bainhas. Primeiro, porém ex-surge — irrompe de algum buraco do fundo. Onde aonde que anda, curvo sempre a carregar-se, e a bulir; telúrico. Sendo um dos que rolam bola, dos chamados bosteiros. E vai às flores! Sabe-as só dos colibris e borboletas? Quando nas pétalas, choca seu vulto labrusco, cujo modo bomboso, essa cúbica figura, a presença abalroante, de cônego intruso. Seja que às vezes uma corola o expulsa: dá para trás, num jacto de glóbulos e grudes; com sua culpa, de furto, feiura, luto, lambuzabilidade e estupro. Contudo, cura de repetir: e começa sempre obscenamente a voar. Também muito já se disse que, pela compleição do corpo, cunho, peso, proporções e forma, faltam-lhe condições de ser aéreo; e em cômputos rigorosos a ciência já demonstrou que ele não pode absolutamente voar. Só mesmo por incompetência e ignorância.*
>
> *Isto é, às vezes acontece que um deles descubra tal matemática impossibilidade, e, cônscio então da própria inaptidão, não consegue se subir nem reles palmo: ao alto e ar não se atraverá mais, jamais.*

Digo de um, que caiu do castanheiro, na *rue des Graviers*, a 27 de abril de 1949, quando o chão se apanhava de flores rosa e neve. Debatia-se. De suas costas deiscentes — qual pinha cozida ou casco de boi — em vão descerrava os élitros cor de avelã, a cabecinha oscilante dentro dos duros ombros, e mexia as patas meticulosamente peludas, rogando com as antenas de plumosos extremos. Ora descambou, dando a ver o preto tórax, a barriga em hirsuto. Nada podia.

Não que se visse mutilado, nem contuso. Nada falou, nenhum resmungo; a não ser o que por desventura se zumbiu, de si consigo. Súbito ele havia-se despertado, sentira-se nu, a curto, suspeitara-se em erro de origem. Decerto, não pelo raciocínio; que são cálculos e números, para um bagalhão de besouro? Mas, assim qualquer coisa como que revelada e

intuída, almamente, simples pingo de consciência, o ferir de um ponto de espírito. Soube-se ou notou que não passava de um grutesco corcunda, cascudo casca-grossa, rude muito mecânico, no denso e obtuso calibanato — para quem voar seria um descomedimento e florejar um usurpo.

Compôs-se, a custo, penitente, recusando-se às prematuras tenras asas baixo à bem fechada cobertura. E andou, bom pedaço, se deixando das flores, conforme conduz seu bauzinho preto, sob tanta escaravelhice, que impressiona. Caminhava se abraçando com a terra — pisada, cuspida e venerável.

. . .

> *Se o louva-a-deus se finge de bendito, ninguém se fie de sua tranquilação. Só às ocultas vezes, aliás, propõe-se como de fato é: maxiloso, carnivoroso, muito quadrúpede a seis, todo cibernético: é um dragão que vai ou não voar, vai matar e comer, é a fera em suave, o cabeça de guerreiro, blitzíssimo. De andas, sobre palanque, estendeu muito suas pernas no chão, erguidas as mãos, boxeador, apunhalante. Mas o louva-a-deus espia para trás. Quer é mesa posta. O louva-a-deus e a folhagem: indiscerníveis.*
>
> *Já quem vem lá, é o gafanhoto. O gafanhoto é também um robô, embora pareça um diabo; e otário. Suas coxas montanhosas, musculosas, longicônicas, clava gorda o fêmur, suas patas saltadoras — denunciam o elemento acrobático, não o suculento. Juram-no porém gostoso, culinário, um senhor petisco. Sem motivo também* (vid. vaidade) *não o chamariam de salta-marquês. Dom Gafanhoto vem vindo. Ouviu-se, então, vozinha verde, tênue, pia, lisonjosa:*

— Compadre? Compadre... Faz favor, Compadre, pode se chegar. Compadre amigo... Grande Compadre! Grandíssimo Compadre Dom Gafanhoto, rei dos nobres... Distintíssimo! Ah, Compadre, o senhor é o maior... O senhor é o senhor... Tão rico, tão sabido, tão bom... Ah! Ah... Tão bom... tão bom... Compadre... Ah, ah!... Só esta vossa cabeça é que está meia dura para se roer, mas, a barriga, ei, ela estava gostosa como outra nunca se viu...

. . .

Ih, grilos. Os grilos, lícitos. Os grilos charivários. O grilo hortelão. O grilo agrícola. Os grilos — sempre por um triz! Os grilos tinem isqueiros. Os grilos, aí. O chirpio dos grilos. O trilo intranquilo. O milgrilejo, o miligril, a griloíce, o visgrilo (bisgrilo é a cantoria das cigarras). O impertinir. O esmeril do grilo. O outro e outro grilo. (Os grilos do mato são mais langorosos, têm habitat úmido. Esses, tocam viola.) O grilo, trogloditazinho trovador, rabeca às costas, sai de seu hipogeu, para vir comer as folhas da framboeseira. Aí, o grilo:

Isto é, ele se sai, muito vestido, de pé, de botas, é o grilo-de-botas, de mosqueteiro, fininhas plumas no chapéu, fininhos bigodes, e de espada à cinta, flanflim, só que inda traz, saindo-lhe dos cantos da boca, um pedacinho verde de folha — para de inofensivo se fingir, ou por descuido, ou vício, ou garbo de grilo. Fazia lua cheia, um luar desses, de todo o ar, o luar estava com tudo. A lua: Ó. O grilo olha para ela. Diz, mão à ilharga, cofiando antenas, o grilinho:

— A lua, hem... Saudade de quem?

. . .

Assanhamento de cigarras, próprio à minha janela, no dia 17 de janeiro, de um ano que mais não sei. À tarde, às 6 e 30, de repente, todas comparecem a se assar. As cigarras se descascam, novinhas. E como que cantam, em hirta mentira, estridem. Longo tempo azucrinam, maquinazinhas; penteiam algo. Eu tinha de ouvi-las, no consciencio.

Em crescendo. Em vários níveis. Tantos ésses, no febril! Cada uma é um ponto de laminação carretel, vapor, fervor, orifício. Muitas se acertam, se acirram, insistidíssimas. Umas são mais secas. Calam-se a um tempo, repentinas. Cada uma despejou seu chio, parou, pôs-se a rolha. Outras, longas, retomam-se. Aquele concerto se aproxima. Elas são os galos da tardinha. São ondas. (As de longe: remoinho; teimosia. As perto: é mesmo zizio.) Não cantam, nem gritam entre-dentes, nervosinhas. Sabe-se só os

machos é que fretinem — o zinir, o frinir, o confricar dos abdomes membranosos: o cio, cio, cio.

Depois, não sei porque, ficou uma, apenas, cega-rega, a bolha de seu canto rebentava. Ela, atrás de mim, dispara: é uma cigarra suíça, e nova. Para zoar seu sobre si, precisa de se dar muito motor. Desmancha a barriga, de barulhar. É uma cigarra trissílaba. É uma cigarra frigideira. Mas paroxística. Uma cigarra que até cacareja. Quando ela para, dói na gente. Vai-se até ao coraçãozinho dela, dentro de um susto.

Deve ser uma conhecida, que há dias salvei das patas da gata. Antes dizer: Xizinha já a dentara, abocanhada. E como ela grinchava, de horror, doida fortemente, estridulantérrima. Era um alarme terrível. Nenhum bicho se defende mais braviamente a brados, nem pede tão endiabrado socorro, quando nessas inóspitas e urgentes condições. Vem de sua notória longevidade esse medo frenético de morrer?

Livrando-a dos leves dentes de Xizinha, tive-a um instante, fremente, na mão. Essa era como as outras: a grossa cigarra de asas escritas, asas nervosas, as de cima mais compridas, manchas pretas nas costas, a cabeça larga, curta, vertical — feia, bela, horrenda. Cigarra de ferro, renha cigarra: como a beleza de teus sons te envolve!

Nem me agradeceu. Perguntei, repreendendo-a:

— Por que você grita tão exagerada?

E:

— O Senhor não Acha que a Vida Mesma é que é um Exagero? — foi sua terminante resposta.

Do diário em Paris — III

28-VIII-49 — Vim até ao fim da Linha 9 do metrô, à Mairie de Montreuil. *Montreuil, Montrerel* ou *Monsterol, Monasteriolum.* Na igreja, onde foi batizado Carlos V; também se batiza no momento uma criança. O nome é *Christian*; e todo menino tem um destino real. O padre, paternal sobre hierático, em sobrepeliz e estola roxa, observa que os dentinhos dele estão apontando. O sacristão serve simples, ainda que ostente a simbólica corrente de prata. — É *f-fe-ta... fidelibus tuis... Ego te exorcizo...* — rezam trechos da cerimônia. O garoto chora. Tocam os sinos. Fora, porém, sob o relógio-de-sol, no alto de um contraforte da nave, lado sul, guarda-se esta inscrição, de há 326 anos:

VIVECELONLHEVREDELAMORT.

E o dia se estende repensadamente.

. . .

Também os defeitos dos outros são horríveis espelhos.

. . .

A queda do Homem persiste, como a das cachoeiras.

. . .

Nós todos viemos do Inferno; alguns ainda estão quentes de lá.

. . .

A alma insuflada no barro não cessa de trabalhar seu invólucro, numa tremenda operação química.

. . .

Os santos foram homens que alguma vez acordaram e andaram os desertos de gelo.

. . .

O Inferno é o Céu mesmo, para os que para o Céu não estão preparados?

. . .

Somos cegos transparentes.

. . .

As velhas pedras influem, como os astros; mas só as árvores convivem com a terra impunemente.

. . .

A memória nem mesmo sabe bem andar de costas: o que ela quer é passar a olhar apenas para diante.

. . .

O azul sugere e recorda. Mas só do nenhum verde é que saem as vivas aparições.

. . .

Saudade é ser, depois de ter.

. . .

Tudo é sentinela.

. . .

Preso na praça de Deus, como peixe em nenhuma rede.

. . .

É a do escopro, e não a do martelo, a mão que dirige o mármore.

. . .

Mas ir buscar o mármore na montanha.

. . .

Ou a loucura legal do entusiasmo.

. . .

Também os dias vão como escada, para não se descer nem subir.

. . .

Não ter medo: o mar não se destrói com nenhuma tempestade.

. . .

O quanto da matéria embaça e encapota: as almas se adormecem no monturo ou sobre o ouro.

. . .

Aviso: as sombras todas se equivalem.

. . .

O bom da água encontrada e do pão por esforço.

. . .

Precaução contra Júpiter: — Primeiramente, não enlouqueças!

. . .

Sendo que aproximar-se é se afastar.

. . .

Eu quero a paz, e pago-a, com um fervor de guerra.

. . .

O mundo aumenta sempre, mas só com o fictício de muros de espelhos.

. . .

Levantar os braços para Deus pode ser tocar as mãos na tristeza.

. . .

Mas a Deus só se pode dar uma coisa: alegria.

. . .

Rebela-se o pouco de lua.

. . .

Só as pessoas não morrem: tornam a ficar encantadas.

. . .

O fundo de todas as coisas é além e aquém do azul.

. . .

A duna, a lama e o mar são fins igualmente improváveis.

. . .

A coerência da pedra, na consistência da forma!

. . .

Que vamos, que vamos, até os ponteiros estão afirmando.

. . .

Pode a própria semente ser sua necessária terra?

. . .

Forte é a onda — que se deixa a empuxo e vento.

. . .

Se a semente tivesse “personalidade”, nem a árvore nasceria.

. . .

Só na foz do rio é que se ouvem os murmúrios de todas as fontes.

. . .

A noite não é o fim do dia: é o começo do dia que vem.

. . .

O que seria um epitáfio: Neste tempo e lugar, repousa o amigo da harmonia.

Minas Gerais

Minas é uma montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região — que se escala. Atrás de muralhas, através de desfiladeiros — *passa um, passa dois, passa quatro, passa três...* — por caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade. Aguarda-nos amparada, dada em neblinas, coroada de frimas, aspada de epítetos: *Alterosas, Estado montanhês, Estado mediterrâneo, Centro, Chave da Abóbada, Suíça brasileira, Coração do Brasil, Capitania do Ouro, a Heroica Província, Formosa Província.* O quanto que envaidece e intranquiliza, entidade tão vasta, feita de celebridade e lucidez, de cordilheira e História. De que jeito dizê-la? MINAS: patriazinha. Minas — a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas — a gente não sabe.

Sei, um pouco, seu *facies*, a natureza física — muros montes e ultramontes, vales escorregados, os andantes belos rios, as linhas de cumeeiras, a aeroplanície ou cimos profundamente altos, azuis que já estão nos sonhos — a teoria dessa paisagem. Saberia aquelas cidades de esplêndidos nomes, que de algumas já roubaram: Maria da Fé, Serro Frio, Brejo das Almas, Dores do Indaiá, Três Corações do Rio Verde, São João del-Rei, Mar de Espanha, Tremedal, Coromandel, Grão Mogol, Juiz de Fora, Borda da Mata, Abre Campo, Passa Tempo, Buriti da Estrada, Tiros, Pequi, Pomba, Formiga, São Manuel do Mutum, Caracol, Varginha, Sete Lagoas, Soledade, Pouso Alegre, Dores da Boa Esperança... Saberei que é muito Brasil, em ponto de dentro, Brasil conteúdo, a raiz do assunto. Soubesse-a, mais.

Sendo, se diz, que minha terra representa o elevado reservatório, a caixa-d'água, o coração branco, difluente, multivertente, que desprende e deixa, para tantas direções, formadas em caudais, as enormes vias — o São Francisco, o Paranaíba e o Grande que fazem o Paraná, o Jequitinhonha, o Doce, os afluentes para o Paraíba, e ainda, — e que, desde a meninice de seus olhos-d'água, da discrição de brejos e minadouros, e desses monteses riachinhos com subterfúgios, Minas é a doadora plácida.

Sobre o que, em seu território, ela ajunta de tudo, os extremos, delimita, aproxima, propõe transição, une ou mistura: no clima, na flora, na fauna, nos costumes, na geografia, lá se dão encontro, concordemente, as diferentes partes do Brasil. Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.

A que via geral se divulga e mais se refere, é a Minas antiga, colonial, das comarcas mineradoras, toda na extensão da chamada Zona Mineralógica, a de montes de ferro, chão de ferro, água que mancha de ferrugem e rubro a lama e as pedras de córregos que dão ainda lembrança da formosa mulher subterrânea que era a Mãe do Ouro, deparada nas grupiaras, datas, cavas, lavras, bocas da serra, à porta dessas velhas cidades feitas para e pelo ouro, por entre o trabeculado de morros, sob picos e atalaias, aos dias longos em nevoeiro e friagem, ao sopro de tramontanas hostis ou ante a fantasmagoria alva da corrubiana nas faces de soalheiro ou noruega, num âmbito que bem congrui com o peso de um legado severo, de lástimas avaliadas, grandes sinos, agonias, procissões, oratórios, pelourinhos, ladeiras, jacarandás, chafarizes realengos, irmandades, opas, letras e latim, retórica satírica, musas entrevistas, estagnadas ausências, músicas de flautas, poesias do reesvaziado — donde de tudo surde um hábito de irrealidade, hálito do passado, do mais longe, quase um espírito de ruínas, de paradas aventuras e problemas de conduta, um intimativo nostalgir-se, a melancolia que coerce, que vem de níveis profundos.

Essa — tradicional, pessimista ainda talvez, às vezes casmurra, ascética, reconcentrada, professa em sedições — a Minas geratriz, a do ouro, que evoca e informa, e que lhe tinge o nome; a primeira a povoar-se e a ter nacional e universal presença, surgida dos arraiais de acampar dos bandeirantes e dos arruados de fixação do reinol, em capitania e província que, de golpe, no Setecentos, se proveu de gente vinda em multidão de todas as regiões vivas do país, mas que, por conta do ouro e dos diamantes, por prolongado tempo se ligou diretamente à Metrópole de além-mar, como que através de especial tubulatura, fluindo apartada do Brasil restante. Aí, plasmado dos paulistas pioneiros, de lusos aferrados, de baianos trazedores de bois, de numerosíssimos judeus manipuladores de ouro, de africanos das estirpes mais finas, negros reais, aproveitados na rica indústria, se fez a criatura que é o mineiro inveterado, o mineiro mineirão, mineiro da gema, com seus males e bens. Sua feição pensativa e

parca, a seriedade e interiorização que a montanha induz — compartimentadora, distanciadora, isolante, dificultosa. Seu gosto do dinheiro em abstrato. Sua desconfiança e cautela — de vez que de Portugal vinham para ali chusmas de policiais, agentes secretos, burocratas, tributeiros, tropas e escoltas, beleguins, fiscais e espiões, para esmerilhar, devassar, arrecadar, intrigar, punir, taxar, achar sonegações, desleixos, contrabandos ou extravios do ouro e diamantes, e que intimavam sombriamente o poder do Estado, o permanente perigo, àquela gente vigiadíssima, que cedo teve de aprender a esconder-se. Sua honesta astúcia meandrosa, de regato serrano, de mestres na resistência passiva. Seu vezo inibido, de homens aprisionados nas manhãs nebulosas e noites nevoentas de cidades tristes, entre a religião e a regra coletiva, austeras, homens de alma encapotada, posto que urbanos e polidos. Sua carta de menos. Seu fio de barba. Sua arte de firmeza.

Mas esse mineiro se estendeu de lá, no alargado, porque o chão de Minas é mais, expõe maior salto de contrastes.

É a *Mata*, cismontana, molhada ainda de marinhos ventos, agrícola ou madeireira, espessamente fértil. É o *Sul*, cafeeiro, assentado na terra-roxa de declives ou em colinas que europeias se arrumam, quem sabe uma das mais tranquilas jurisdições da felicidade neste mundo. É o *Triângulo*, saliente avançado, reforte, franco. É o *Oeste*, calado e curto nos modos, mas fazendeiro e político, abastado de habilidades. É o *Norte*, sertanejo, quente, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. É o *Centro* corográfico, do vale do rio das Velhas, calcário, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o *Noroeste*, dos chapadões, dos campos-gerais que se emendam com os de Goiás e da Bahia esquerda, e vão até ao Piauí e ao Maranhão ondeantes.

Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo o mineiro o homem em estado minasgerais? Nós, os indígenas, nem sempre o percebemos. Acostumaram-nos, entretanto, a um vivo rol de atributos, de qualidades, mais ou menos específicas, sejam as de: *acanhado, afável, amante da liberdade, idem da ordem, anti-romântico, benevolente, bondoso, comedido, canhestro, cumpridor, cordato, desconfiado, disciplinado, discreto, escrupuloso, econômico, engraçado, equilibrado, fiel, fleumático, grato, hospitaleiro, harmonioso, honrado, inteligente, irônico, justo, leal,*

lento, morigerado, meditativo, modesto, moroso, obstinado, oportunidade (dotado do senso da), otário, prudente, paciente, plástico, pachorrento, probo, precavido, pão-duro, perseverante, perspicaz, quieto, recatado, respeitador, rotineiro, roceiro, secretivo, simplório, sisudo, sensato, sem nenhuma pressa, sagaz, sonso, sóbrio, trabalhador, tribal, taciturno, tímido, utilitário, virtuoso.

Sendo assim o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia. Se o confirmo, é sem quebra de pejo, pois de mim, sei, compareço, ante quase tudo, como espécime negativo.

Reconheço, porém, a aura da montanha, e os patamares da montanha, de onde o mineiro enxerga. Porque, antes de mais, o mineiro é muito espectador. O mineiro é velhíssimo, é um ser reflexivo, com segundos propósitos e enrolada natureza. É uma gente imaginosa, pois que muito resistente à monotonia. E boa — porque considera este mundo como uma faisqueira, onde todos têm lugar para garimpar. Mas nunca é inocente. O mineiro traz mais individualidade que personalidade. Acha que o importante é ser, e não parecer, não aceitando cavaleiro por argueiro nem cobrindo os fatos com aparatos. Sabe que “agitar-se não é agir”. Sente que a vida é feita de encoberto e imprevisto, por isso aceita o paradoxo; é um idealista prático, otimista através do pessimismo; tem, em alta dose, o *amor fati*. Bem comido, secularmente, não entra caninamente em disputas. Melhor, mesmo — não disputa. Atencioso, sua filosofia é a da cordialidade universal, sincera; mas, em termos. Gregário, mas necessitando de seu tanto de solidão, e de uma área de surdina, nos contactos verdadeiramente importantes. Desconhece castas. Não tolera tiranias, sabe deslizar para fora delas. Se precisar, briga. Mas, como ouviu e não entendeu a pitonisa, teme as vitórias de Pirro. Não tem audácias visíveis. Tem a memória longa. Ele escorrega para cima. Só quer o essencial, não as cascas. Sempre frequentado pelo enigma, retalha o enigma em pedacinhos, como quando pica seu fumo de rolo, e faz contabilidade da metafísica; gente muito apta ao reino-do-céu. Não acredita que coisa alguma se resolva por um gesto ou um ato, mas aprendeu que as coisas voltam, que a vida dá muitas voltas, que tudo pode tornar a voltar. Principalmente, isto: o mineiro não usurpa. Até sem saber que o faz, o mineiro está sempre pegando com Deus.

Aí está Minas: a mineiridade.

Mas, entretanto, cuidado. Falei em paradoxo. De Minas, tudo é possível. Viram como é de lá que mais se noticiam as coisas sensacionais ou esdrúxulas, os fenômenos? O diabo aparece, regularmente, homens ou mulheres mudam anatomicamente de sexo, ocorrem terremotos, trombas-d'água, enchentes monstras, corridas-de-terreno, enormes ravinamentos que desabam serras, aparições meteóricas, tudo o que aberra e espanta. Revejam, bem. Chamam a seu povo de "carneirada", porque respeita por modo quase automático seus Governos, impessoalmente, e os acata; mas, por tradição, conspira com rendimento, e entra com decisivo gosto nas maiores rebeliões. Dados por rotineiros e apáticos, foram de repente à Índia, buscar o zebu, que transformaram, dele fazendo uma riqueza, e o exportam até para o estrangeiro. Tidos como retrógrados, cedo se voltaram para a instrução escolar, reformando-a da noite para o dia, revolucionariamente, e ainda agora dividindo com São Paulo o primeiro lugar nesse campo. Sedentários famosos, mas que se derramaram sempre fora de suas divisas estaduais, iniciando, muito antes do avanço atual, o povoamento do Norte do Paraná, e enchendo com suas colônias o Rio, São Paulo, Goiás e até Mato Grosso. Pacíficos por definição, tiveram em sua Força Pública militar, prussianamente instruída e disciplinada, uma formidável tropa de choque, tropa de guerra, que deu o que respeitar-se, e com larga razão. E, de seus homens políticos, por exemplo, veem-se atitudes por vezes menos previsíveis e desconcertantes; que não serão anômalas, senão antes marcas de sua coerência profunda — a única verdadeiramente com valibilidade e eficácia.

Disse que o mineiro não crê demasiado na ação objetiva; mas, com isso, não se anula. Só que mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Ele espia, escuta, indaga, protela ou palia, se sopita, tolera, remancheia, perrengueia, sorri, escapole, se retarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, destorce, engambela, pauteia, se prepara. Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz.

Sempre assim foi. Ares e modos. Assim seja.

Só e no mais: sem ti, jamais nunca! — Minas, Minas Gerais, inconfidente, brasileira, paulista, emboaba, lírica e sábia, lendária, épica, mágica, diamantina, aurífera, ferrífera, ferrosa, férrica, balneária, hidromineral, jê, puri, acroá, goitacá, goianá, cafeeira, agrária, barroca, luzia, árcade, alpestre, rupestre, campestre, de el-rei, das minas, do ouro

das minas, das pretas minas, negreira, mandingueira, moçambiqueira, conga, dos templos, santeira, quaresmeira, processional, granítica de ouro em ferro, siderúrgica, calcária, das pirambeiras, serrana bela, idílica, ilógica, translógica, supralógica, intemporal, interna, leiteira, do leite e da vaca, das artes de Deus, do caos claro, malasarte, conjuradora, adversa ao fácil, tijucana, januária, peluda, baeteira, tapiocana, catrumana, fabril, industriosa, industrial, fria, arcaica, mítica, enigmática, asiática, assombrada, salubre e salutar, assobradada, municipal, municipalíssima, paroquial, marília e heliodora, de pedra-sabão, de hematita compacta, da sabedoria, de Borba Gato, Minas Joãopinheira, Minas plural, dos horizontes, de terra antiga, das lapas e cavernas, da Gruta de Maquiné, do Homem de Lagoa Santa, de Vila Rica, franciscana, barranqueira, bandoleira, pecuária, retraída, canônica, sertaneja, jagunça, clássica, mariana, claustral, humanista, política, sigilosa, estudiosa, comum, formiga e cigarra, labiríntica, pública e fechada, no alto afundada, toucinheira, metalúrgica, de liteira, mateira, missionária, benta e circuncisa, tropeira, borracheira, mangabeira, comboieira, rural, ladina, citadina, devota, cigana, amealhadora, mineral e intelectual, espiritual, arrieira, boiadeira, urucuiana, cordisburguesa, paraopebana, fluminense-das-velhas, barbacenense, leopoldinense, além-paraibana, itaguarense, curvelana, belorizontina, do ar, do lar, da saudade, doceira, do queijo, do tutu, do milho e do porco, do angu, do frango com quiabo, Minas magra, capioa, enxuta, groteira, garimpeira, sussurrada, sibilada, Minas plenária, imo e âmago, chapadeira, veredeira, zebuzeira, burreira, bovina, vacum, forjadora, nativa, simplíssima, sabida, sem desordem, sem inveja, sem realce, tempestiva, legalista, legal, governista, revoltosa, vaqueira, geralista, generalista, de não navios, de não ver navios, longe do mar, Minas sem mar, Minas em mim: Minas comigo. Minas.

Jardins e riachinhos

Jardim fechado

Atrás de grade — os varões sumidos pela roseira-branca da qual os galhos, de lenho, em jeito espesso se torciam e trançavam — começava outro espaço. Dele, a primeira presença dando-se no cheiro, mistura de muitos. De maior lembrança, quando se juntavam: o das rosas-chá; o da flor-do-imperador, de todos o mais grato; o do manacá, que fragra vago a limão; o dos guaimbés, apenas de tardinha saído a evolar-se; e, maravilha, delas só, o das dracenas. Era um grande jardim abandonado. Seu fundo vinha com as árvores. Seu fim, o muro, musgoengo.

Sem gente, virara-se em matagalzinho, sílvula, pequena brenha. À expansa, nos canteiros, surgiam bruscas espécies, viajadas no ar: a daninha formosa, a meiga praga, a rastejante viçosíssima, os capins que entrementes pululam. As próprias nobres plantas, de antes, desdormiam e deslavavam-se, ameaçadas em sua fresca debilidade. Afolham, regredidas, desmedidas, fecham-se em tufos. Do verde-mais-verde ou do verde-negro, adivinham-se obscuras clareiras, recessos onde as borboletas vão-se. Murcha-se muito, lá. Mesmo as rosas demoradas, que em seus ramos mofam ou enferrujam, enroladas às vezes em teias de aranhas. No liso, nas alamedas, empilham-se as folhas ressecas. Há flores prósperas, as que ensaiam voo: o ouro faisão, traje o roxo e azul, a amiga alvura, o vermelho de doer na cor; lambe-as a desenhadora lesma. Há-as poentas de açúcar. Ou as amarelinhas que abrolham à tona do chão, florinhas questiúnculas. Sempre passeiam, ao rés-da-terra ou em relva, uns pequeninos entes: o tatuzinho que se embola, a escolopendra, os mínimos caramujos de casca tão frágil — o caracolzinho quadricórnio. A abelha faz e passa. E — o besouro — pronto. Ver a vespa, aventureira. Sobe, dos entreverdes, uma lenda sem lábios. Tudo fogoso e ruiniforme: do que nas ruínas é repouso, mas sem seu selo de alguma morte. Antes a vida, ávida. A vida — o verde. Verdeja e vive até o ar, que o colibri chamusca. O mais é a mágica tranquilação, mansão de mistério. Estância de doçura e de desordem.

O menino se escondia lá, fugido da escola. Subia a uma árvore: no alto, os pensamentos passavam como o vento. Aprendia a durar quieto, ia ficando sonâmbulo. O jardim — quase um oceano. A verdidão arregalava

olhos e aves. As outras árvores no enorme crescer: o inconscienciocioso. Aí, um passarinho principiava. Cantava a cigarra Zizi. As cigarras do meio-dia. A borboleta ia passando manteiga no ar. A borboleta — de upa, upa, flor. E... tililique... um pássaro, vindo dos voos. O passarinho, que perto pousava, levava no bico um fio de cabelo, o de uma menininha, muito loura.

Surpreendeu-se, com um de repente companheiro. O gato. Chegara-se, em sua grossa maciez. Pulara de galho a galho, com o desvencilho de todo peso. O gato, rajado, grande: o mesmo, da casa do Avô. Seguira-o, ou costumava vir, por si? O gato era à parte, legítimo da casa, pegador de ratos, talvez; em horas quietas, subia à pia da cozinha, e sabia abrir ele mesmo a torneira, para beber sua sede de água. Respeitavam-no. Mas ninguém atentava nele, não se importavam com sua grave existência. Agora, parava ali: com o ato de correr os olhos sobre outros olhos. A gente tinha de sabê-lo. Era preciso pôr-lhe um nome qualquer? Chamasse-o de: *Rigoletto*. Mas o gato resistiu, o nome caiu no chão, não pegado, como um papel.

Com o que, ouviu uma voz, a vozinha de detrás da orelha: — *"Psiu! Não lhe dê nome. Sem nome, você poderá sentir, sempre mais, quem ele é..."* E o menino se assombrou, aquela só voz rompera a película de sossego. Olhou: viu nada. Tanto o gato, lhe em frente, a cofiar-se, calmo, sem fazer fu, sem espirrar contra o demônio. A voz — vozinha firme e velha — ninguém a tinha falado? O menino desquis de pensar. Aquele jardim tinha recatos. Sim, não ia botar nome, nenhum. Gostava do gato, que, sussurronando — suas pupilas em quarto minguante — olhava-o, exato. Lembrou-se, só então — como podia ter esquecido o ponto? — de que fora ele, o gato, próprio, quem lhe ensinara por primeira vez o caminho e a entrada do jardim. Seguindo o seguir do gato, fora que ele dera com o estado do lugar. O gato era forte amigo. Mas, quisesse, não quisesse, o menino se estava debaixo do pensamento: ali, no jardim, faziam-se espantos. O mexer de um misterioso. Ali, havia alguém! E o menino tinha de se propor agora as lembranças todas juntas, de coisas, de em diversos dias, sem explicação de acontecer.

Primeiro, ele tinha perdido o argolão pequeno, dourado, de que gostava tanto, o que dava para chorar; procurava, não achava, perder o argolão era a desgraça. Mas, aí, quando já estava considerado desistido, avistara: na alameda, um comprido rastro marcado, todo de sementes de magnólia, e ia

dando voltas, do jeito de alguém estar querendo ensinar um caminho — feito o pingado de pedrinhas na estória de Joãozinho e Maria. Veio acompanhando aquilo e, no fim, deu com o argolão, ao pé das bocas-de-lobo. Depois, a vez em que ia pondo mão em galho, quando, em cima de lá, se pulou um clarãozinho, alumiado com estalo, de aviso, feito o se acender de um isqueiro. Foi, cauteloso, então, espiou: justo ali rojava uma tatarana, a ruiva lagarta, horripilífera, que sapeca feito fogo, só de nela ao de leve se tocar. Depois, dia outro, se admirara, de ver: os bichinhos todos para um canto revoarem — borboletas, besouros, marimbondos, moscardões, libélulas — que em roda se ajuntavam, em ar, em folhagens ou no chão: pareciam obedecendo, reunidos, ao ensino de algum chamamento. Agora, a voz, que aconselhava.

O menino espaireceu o medo. Saía para tirar o segredo. Ia remexer o jardim todo. Veio-se andando, revistando. O grande gato o acompanhava. Sete vezes. Nada achado! Nem em tronco e nem em fronde, nem na sombra sibilando, em moita nem desmoitado. Mesmo nem em cova de grilo, buraco de escaravelho. Não havia o quem que fosse, mas havia o por se achar. O jardim se encapuzava. Os bichinhos distraídos e as flores em o pendurar-se. A rosa intrêmula, doidivana a dália, em má-arte a aranha, o quente cravo; borboletas muito a amarem-se; bobazinhas violetas, os lírios desnatados. Ninguém soubesse de nada. Só a soledade. O menino se deitou com a cabeça. Quieto, também, o gato. Um para o outro olhavam. Oscilavam os amores-perfeitos, com seus bonequinhos pintados. O menino, já de novo, se ensimesmitava. O gato, às suas barbas. E, nisso, o menino, pasmo: via o quê, no olho do gato. Um homem! — seu retrato, pupilado. O menino se voltou: nada de nada. Então, porém, um bem-te-vi cantou, ípsis-vérbis. E havia o homem, num ramo de jasmim-do-cabo... Do tamanhinho de um dedo, o homenzinho de nada. O assombro. O menino se arregalava. Era um Pequeno-Mindinho? Tinha barba. Tinha roupa? Vestido à mágica. No meio do estupefazer, todinho ele se alumiava.

— *“Tulipas! Este pássaro delator...”* — curvando-se, petulou, saudava. O gato, nem passo. O menino disse: — *“Como você chama?”* — gago. — *“Te disse: não me dê nome...”* — retrucou o fantasmago. — *“Ou, então, dê-me os muitos nomes: Mirlygus, Mestrim, Mistryl, Mirilygus. Sou o teu amigo.”* O menino estendeu a mão. — *“Não me toque, cidadão, que há que eu sou do outro lado...”* — avisou o ente duende. E: — *“Tulipas!”* — de novo exclamou. — *“O senhor é daqui?”* — o menino fez pergunta. —

“Não há lugares: há um só, eu venho de toda a parte. Venho das ab-origens. Você também...” — e parecia com um alto-falante, pois tão claro vozeava. O gato agora com todo o rosto mirava, se acentuando seu leonino.

O menino sacudiu a cabeça, em alguma muita coisa ele nem acreditava. — *“Que é que o senhor faz?”* — Ele mesmo assim quis saber. Mirilygus, fulgifronte, sorriu em centro de sua luz: — *“Eu vivo de poesia.”* O menino também sorriu. — *Isto é: “de sabedoria...”* — o tico de homem completou; só siso. — *“O senhor é velho?”* — quis mais saber o menino. — *“Sou. Também você. Agora, você já é, o que vai ser no número de anos. Não há tempo, nenhum: só o futuro, perfeitíssimo...”* ele disse, Mestrim, tão enxuto. Então o menino se encorajou: — *“Meu senhor homúnculo...* — falou (claro que com outras palavras) — *...este jardim é o meu?”* E o figurim respondeu: — *“Não. O seu virá, quando amar.”* E o menino: — *“Hem? Eu?”* E o outro: — *“Há flor sem amor?”*

Daí, longo, disse e falou:

— *“São muitos e milhões de jardins, e todos os jardins se falam. Os pássaros dos ventos do céu — constantes trazem recados. Você ainda não sabe. Sempre à beira do mais belo. Este é o Jardim de Evanira. Pode haver, no mesmo agora, outro, um grande jardim com meninas. Onde uma Meninazinha, banguelinha, brinca de se fazer de Fada... Um dia, você terá saudades, dos dentinhos, que nunca viu, que ela jogou no telhado. Vocês, então, saberão... Agora, me desapareço. Tanto já fui avistado! Nenhuma mal-me-querença? Mas, de outra vez, parlamenta-se. O resto, em dia mais bonito, contarei, depois e depois...”*

Já aí se evanescia, aéreo como o roxo das glicínias, o mindinho Mirilygus.

O menino suspirou, viu-se triste, no após-paz. O gato deu um miado ao nada. Juntos, voltavam para casa.

O riachinho Sirimim

Só a vocês eu vou contar o riachinho Sirimim.

Ele é só ali, não é de mais ninguém. Em uma porção de grotinhas, ele vai nascendo. São muitos olhos-d'água, de toda espécie, um brota naquela pedreira, que tem atrás da casa do Pedro. Na grota onde tem uma pedra grande, cortada pelo meio, e aí as abelhas aproveitaram uma fresta e fizeram casa dentro. Ali é a nascente mais alta, e uma das grandes. Ele nasce junto com o mel das abelhas.

A pedra é de blocos quadrados, bonitos, ela é toda dura, toda reta, entre árvores — um pouquinho da mata, que ficou. Pedra mais alta que esta casa. Em cima, cheia de cactos; debaixo, forma-se uma lapinha, em que entrou o tatu que o Pedro caçou; no meio, a fenda horizontal, dentro dela se instalou o enxame de abelhas oropa, que fugiu da casa de alguém. Uma abelha picou o Maninho, que então meteu a foice ali, colheu. Inácia coou o mel. Ali não dá formiga. Ali é uma noruega: todo este grotão — a matinha, a pedra; até a casa do Pedro. As abelhas estão lá. O mel também mereja, daquela pedra, junto do lugar que nasce a água. A água vem descendo da pedra, pela face da pedra. Ele nasce ali, é mais um molhado na pedra. Só uns fiapos d'água, que correm pela pedra.

Simples, sem-par, águas fadadas — e inavegável a um meio-amendoim. De amor um mississipinho, tão sem fim. Ele já é o Sirimim.

E faz um pocinho e uma biquinha, ali onde o Pedro pegou o tatu. E o Pedro teve a especialidade de plantar inhames perto, para as folhas servirem de copos. Ali ainda é noruega, a água em inverno e verão está sempre fresquinha. O Pedro bebe nas folhas de taioba, mas diz: "É pena eu não ter um copo de vidro, pra se poder ver embaciar..."

Outro poço, entre as goiabeiras, o da Eva lavar as panelas. E, depois da biquinha de bambu, em que bebe gente, tem o pocinho para os bichos: as galinhas, as cabritinhas; lá bebia a Bolinha, de quem o Pedro gostava tanto, que caçava tanto, e que "era tão amiga, que, quando zangou, foi zangar pra longe..."

Daí, a primeira disciplinada que dão nele: a virada de um reguinho, que fizeram, desviando-o de não ir no pé da mangueira grande, que não gosta

de água. Sonso, o leito dele, todo, é um berço — é sempre assim — o Sirimim.

Solto, dali passa no arrozal do Pedro, que é uma várzea pequenininha, fresca, entre a mangueira grande e o escarpado do morro; de arroz mais bruto, que se facilita, por não precisar de tanto trato. Porque o Pedro é ainda meio tolhido, da que teve, como lá ele mesmo diz: uma "doença de brejo". Sirimim se faz uns quatro regos, e nele nadam já os peixes barrigudinhos. Sirimim vai se engrossando. Terreno todo ali mina água. Sirimim, água-das-águas, é menos de meio quilômetro, ele inteiro. Só isto, e a fada-flor — uma saudade caudalosa: Sirimim-acima Sirimim-abaixo — alma para qualquer secura.

Sobrevindo outro riachinho, de lá de um pé de embaúba, nova, já no caminho da casa do Joaquim, onde rebenta seu olhinho-d'água: no lugar, quando o Joaquim planta o milho, deixa uma moita de capim, para "favorecer" o miriquilho. Essezinho também nasce alto, ele vem descendo assim. A confluência dos dois é bem debaixo da pinguela, que mais bem é uma estiva, a ponte de paus.

Sirimim, mais, se revira, e entra na várzea grande, mais baixa, que o terreno vem sempre descambando. Aí a várzea cortada de canais, abertos para os muitos minadouros e que querem-se todos ao Sirimim: um que vem do curral velho, uns que nascem debaixo das tajubas — árvores boas para fazer mourão. São esses os de volume maior, os que tantos se surgem do fundo da várzea grande; mas o mais cheio e alto é mesmo o da casa do Pedro, por isso deu-se tradição de ser nascente principal: o próprio, primitivo Sirimim, batizado num jardim.

Só daí ele vem ao arrozal do Joaquim. Sarapintam-no, onde, as traíras, tigrinas, hieninas. Sereno nosso riacho e seu caminho manso, por entre o chão chato, terras-águas de arroz — as lezírias de verdes reflexos.

Seja que, desde depois, se vê, em uma sua margem, a única arte que ele faz, só esta maldade do Sirimim: o "chupão", lugar em que a terra é encharcada e as pessoas podem se afundar. O genro do Joaquim uma vez afundou, tiveram de estender a ele um pau, e se ajuntaram, todos, para o tirar. Joaquim tenteou o chupão com um bambu, o bambu se some lá para dentro. Joaquim fincou uns bambus em volta, para avisar de que ali é lugar que podia dar desgraça. Sob mato: verde: uma moita que fica mais verde.

Súbito, então, os bambus. Sirimim passa-os, por baixo. Sirimim penetra um grande lugar, a horta, a partezinha de horta dele nilegíptico — com

alfaces, libélulas, rãs e náiades. Serve-a em três canais principais, que Joaquim fez, às tortas, aproveitando os tortos troncos velhos de ipê, madeira dura, que estavam caídos ou enterrados, quando ele limpou o brejo. Num deles, surte-se a biquinha da Irene lavar roupa. Tem um pé de rosa: rosinha cor-de-rosa, que se desfolha à toa; mas, de longe, você já sente o cheiro. Tudo que é casa tem essa roseira — de rosinhas pequenas, em cachos — roseira própria para chamar abelhas. Joaquim tirou também um retalhado de reguinhos, e tapagem de pequenas represas, para proibir as formigas e reservar água de rega para a tarde da seca. Mas as solertes enguias pretas, que são os muçuns, socavam o fundo dos açudinhos, furando túneis que dão fuga à água; e uma praguinha verde prospera recobrindo tudo, plantinhas ervas que parecem repolhinhos — as formigas aproveitam para passar por cima. Joaquim xinga: — "Não é que dá praga até na água?!" Joaquim também plantou umas laranjeiras, condenadas à umidade — elas estão sentidas, umas já morreram — mas ali é o único recanto em que formiga não ataca. Joaquim só diz: — "Antes delas morrerem, sempre dão alguma alegria à gente..."

Sirimim, sua margem sul: uma carreira de bananeiras. Sirimim segrega sob a ponte — por onde passa a estradinha da casa. Sirimim — e há agora o bambu, que tem o ninho do sabiá; o que foi cortado, mas brotou — só aquele breve tufo, com uns poucos penachos, bonitos: num deles, vê-se, o ninho do sabiá; Sirimim o deixa para trás. Seguinte — só os cinco metros — é a biquinha antiga, abandonadinha, aquela coisinha de bambu, que colhe água. Sirimim veio até aqui quieto, que dele não se ouve; mas, a biquinha antiga, saturada, aí a água cai tanta, que já faz som, aí ele começa a falar: ...se bem, bem, bem bom... — e lá se vai, marulho abaixo.

Sirimim traspassa agosto, setembro a abril, chovido fevereiro, dezembro e tudo, flui, flui.

Sirimim e a estrada se separam, ele vem um trecho quase reto, se sorrateia lá no fundozinho de seu vale, em meio a um espaço verde, sem lavoura, porque ali ficava para pastar a bezerrinha do pé quebrado.

Sirimim atravessa uma noite e um luar, muito claros, os vaga-lumes vindos, os curiangos cantando, perto e longe, por cima do mundo inteiro.

Sirimim se curva — aonde vai ser o açude — à carícia destes lugares. Ali, bulha entre outros bambus, grandes; após, o lugar onde se planta o amendoim — que vem quase à margem, fim. Separa-se para outra horta, a da dona do encanto. Sirimim...

Ah, e no bambual de bambus muito grandes, ele sai-se, deixa-se — para entrar sumido no rio. A enseada do Sirimim, coisa tão gostosa, você sabe. Assim toda de branca areia no fundo, aonde o Sirimim solve-se em sucinto, tranquilo. Aí, quando é época de pouco, ele nem chega a ajuntar-se com o rio: só se espalha na areia, e embebe-se, liquidado.

Se o rio toma de se enchendo, porém, ele represa o Sirimim, que se larga, que invade e ocupa a várzea toda, coberto de espumas e folhas de bambu. Siriminzinho, então, possui-se, cheio de peixes grandes. Sirimim ronca e barulha: em vez de correr para baixo, sobe ao arrepio, faz ondas, empurra-se para trás com a tanta água do rio, supera o chão e o tempo e confirma: toda a vida, todas as vidas, sim.

Recados do Sirimim

Nosso riachinho vai, vai. Dou a vocês notícias dele, nesses tempos de amores. De lá, o mundo é lúcil, transparente. É julho.

Neblina fria, por tudo, se você se levantar às seis da manhã: é toda na terra. Antes do sol, cedinho, ela está no chão, por toda a parte. Menos no leito do Sirimim, no caminhar da correnteza. Com o sol, ela já dá de se esfiapando e subindo — os penachos de neblina. Já está nos cajueiros e nos bambus, por cima. A beleza da manhã é esta: você não vê o sol, mas a claridade.

Depois, aquelas névoas vão sempre caminhando, encostadas nas pedreiras, nas grotas. Cheiro de de-manhã é tão gostoso! Amanhece tudo molhado, muito orvalho. Todos os pezinhos de mamão, você olhava, ficavam cintilando. Talvez porque as folhinhas são recortadas, nos biquinhos delas param as gotinhas, penduradas.

De madrugadinha, o sol ainda não estava forte. Do Sirimim, voaram dois patos-do-mato, quando eu ia pela estrada. Dois patos-bravos: eles levantaram voo, dos canais da horta, onde tem os muçuns. Estavam atrás do muçum, escorando o muçum? Porque é a hora do muçum tomar sol. Ele sai, das fundas locas, que escava, deixa um trilhozinho. Fica na água ralinha da beira. Ele vem à tona, para tomar sol. Seus sulcos, na lama, dão aquele desenho, sob um, dois dedos de água.

E o barulho do Sirimim ainda se ouve forte, desde a pontezinha, cicioso. Este ano, choveu passado da conta, a várzea ficou debaixo d'água, o verão inteiro. Foi uma cheia! Não se podia ir à horta, porque ela se encharcou demais. Morreram dois ou três mamoeiros. Morreram os pés de pimenta. As laranjeiras estão lá, padecendo, mas dando fruta. Viveram muitos olhos-d'água. Alguns, antigos, secos, voltaram a jorrar. Mas, diz o Pedro que os outros são miriquilhos novos, que ele nem conhecia. Brotou, um, mesmo no terreiro do Joaquim. O Pedro diz: — *"Se eu não tomo cautela, e não soco o chão de terra, dá água até dentro de casa. Daqui a pouco, os pés das camas estão amolecendo..."* Marejou água, de fato, em todas as moradas. Mas, por contra, saiu também um formigueiro de de-dentro do chão da casa do Antônio.

Vamos vir ao começo: àquela grande pedra, manânime, ninfal, donde o Sirimim primeiro nasce. As abelhas prosseguem lá, escutei o barulhinho delas, zumbindo, e vêm se apinhar nas flores vermelhas da cana-de-macaco. Parece que quando dão enxames, estes não viajam, mas vão-se arrastando ali por dentro, na mesma pedra, em rachas e lugares. Está-se na altura de tirar mel, de novo, diz o Pedro. Mas o Maninho não tem tempo, anda atrapalhado, com o casamento da irmã dele. Maninho é filho do Dudu. E os chuchuzeiros prosperam. Aqueles chuchus, que o Pedro plantou para mim, perto da pedra, das bananeiras e do mato. Teve de plantar dois, porque, se não, não nasce, não vinga a muda, se uma só: é preciso sempre o par.

O Pedro é que raiava feliz, porque estão fazendo para ele outra casinha, e de tijolo, telha francesa, emboçada por fora e por dentro. Também, a dele já está tão impossível — apodrecidamente, velha de se desmantelar. Assim mesmo, ele e Eva, sua filha mocinha, se acomodavam, com Deus, sozinhos ali dentro, quem sabe fazendo esperanças de coisa melhor. O Pedro, ainda que aleijadinho, trabalha o que pode, não pouco, quase o tanto que o velho Joaquim, seu irmão, vizinho; seu taciturno padrinho. O Pedro, a gente o avista, desde o princípio da manhã, atolado entre os verdes, do milho, do arroz. Assim meio entortado, meio agachado, apoiado à enxada ou à foice; ou só um seu mover-se, nesga de roupa, de camisa. O calor estando pesando forte, mais para a tarde, ele permanece então, um bocado, a dentro de portas, rezando sentado no jirau, feita a sua parte. Se a gente perguntar, ele declara: — *“Agora eu estou esperando a chuva...”* Ele nunca pensou em morar em *“casa de luxo”*, com janelas de venezianas. Diz: — *“Chegou o dia das pessoas terem inveja do Pedro...”*

A casinha, que se faz, será mesmo ali, pegada à velha, no mesmo recanto noruego — de pedra, da grota, das bananeiras, do mato. O Pedro, porém, gostaria de arredá-la um pouco da outra, cisma, tem dessas superstições: teme o novo superposto ao velho ou a ele contíguo, não dá sorte. E, com lábia e conversas, consegue mudar um tanto o lugar onde a casa vai ser, afasta-a: — *“Chega um pouco mais para lá, compadre... Depois, eu desaterro aqui...”* Os homens vão cedendo.

A biquinha se põe grossa, a primeira, dali donde o Pedro pegou o tatu. A água está tombando muita da pedra — porquanto as ditas chuvas — chuva que foi muita. Os mais pocinhos e biquinhas, sucessivos, estão e são os mesmos, só os bichinhos variam, por ali. O Pedro agora tem outra

cachorra, a filha da Bolinha, quase da mesma bondade. Sem um cachorrinho, ao menos, a gente pobre não se pode.

Também a mangueira grande persiste: a maior de todas, caindo os galhos para todos os lados, e da qual desviaram o Siriminzinho, à força, para ele não atrapalhar as raízes da árvore. Debaixo dela, o Pedro depositou um urinol velho, plantado de avencas; é muda de avenca, para florescer, no lugar sombroso. Mas, a bacia de folha, que se vê, não está jogada fora. Isto é, alguém, há muito, muito tempo, jogou-a fora; e, o Pedro, que carece de utensílios, recolheu-a do monturo, pregou-lhe um fundo outro, de madeira, em pontos, se perfura, estragada, então o Pedro tem de aplicar-lhe remendos, de lata, aqui e ali. E havia, outrossim, ao pé da mangueira, um passarinho: o passarinho verdinho, se balançando no arroz. Nunca vi passarinho tão de costas, na beira d'água. Ele já teria bebido?

O arrozal do Pedro, aliás, está com o "arroz de passarinho": o segundo arroz, do rebroto das touceiras após a colheita, mais baixinho, mais ralo, e que não se colhe mais, e fica para eles; já todo chocho, porque os passarinhos o comem ainda verde. São passarinhos de toda qualidade, que, decerto, vêm de longe, nuvenzinhas deles, quanto e quantos. As espécies não se misturam? Enquanto uns catam e comem, outros bandos esperam sua vez, férvidos nas árvores e nos arbustos. O arrozal do Pedro, de tudo em tudo, ainda se faz muito alagado.

A pinguela — bem. Com água lhe passando pelos lados, quase por cima, enfeitada e cheia de florzinhas amarelas, de plantas aquáticas, de suas duas bandas e no meio dos paus. O primeiro afluente do Sirimim — o vindo daquela embaúba nova, no caminho da casa do Joaquim — e que todos os anos seca, como que este ano não secou; e canta, sim, sim.

A várzea grande deu muito peixe: os camboatás, com dois bigodinhos de cada lado: cascudos e traíras, poucas: e, principalmente, os barrigudinhos. E, depois que a Irene foi-se embora, deu uma fartura de rãs. Irene caçava-as e pegava-as, para comer. O Pedro e a Eva sempre escutam as rãs. As com espécie de assovio, de taquara, de grilo grande, ou a meio desafinada, rouca: — *...corrém, corrém, corréim!* A mais, os sapos — de: *tiplão! tiplão! pão!...* e de: *tum, tum, tum...* — sapos de vários feitios e diversas sonoras batidas.

O arrozal do Joaquim, também, revive-se assim cheio de pássaros, em seu arroz-de-ninguém. De revoada em revoada, deles tem centenas. O

Joaquim nem olha para eles.

O chupão é que ficou mais atoladiço, mais perigoso, se bem que deve de medir só metro-e-meio por dois metros, talvez nem tanto. Mas, estão lá, marcando-o, os bambus fincados em volta.

A biquinha do Joaquim ainda faz muito barulho, engrossada, no meio da palhada de milho. É um barulho de nino de água, rolando todo o tempo. Mas a Irene não está mais aqui, lavando roupa. Irene foi-se embora, para o Rio de Janeiro, veio se empregar lá, de todo serviço, como ela mesma diz: pau-para-toda-obra. Foi porque o namoro dela com o Maninho não deu certo. Ela namorava o Maninho, e o Maninho tirava o corpo fora. Foi no baile do Cristóvão. O Maninho dançou uma vez com ela, só, depois dançou com as outras todas. Ele acha a Irene muito boa moça, mas não queria pensar por ora em casamento, enquanto não acabar de casar todas as irmãs. Depois é que ficou sabendo que ela é muito geniosa. Ela saiu ao pai, o Joaquim. Mas, agora, na biquinha, quem lava a roupa é a mãe da Irene, mulher do Joaquim, por nome Maria: a Maria do Aarão.

Na horta, o Joaquim fez umas pontezinhas de bambu, nos canais. Daquele bambu bonito, imperial, amarelo-e-verde. Uns quatro, em cada ponte. Mas, calculadas pelo peso dele, pouco, de um tão velhinho; e, se passar por ali pessoa gorda, ou mais pesada, e não tomar cuidado, distribuindo o peso, pisando muito espalhado, molha os pés, entre os bambus, o bambu verga.

A horta está com muitas plantinhas d’água, gentis. As santas-luzias, que se alastram, com florinhas amarelinhas, elas dão remédio para a vista. O caldo-santo, de folha verde-muito-escuro, bonitinho, também se espalhando. Outras, outras. São cheiros do mato. Muitas variadas praguinhas, na água, puro em verdes. O Sirimim ainda anda cheio demais de moles folhagens, que quase o submergem, por todos os trechos. As mais, nos canais, são sorte de mínimas algas. Por ali perpassa a aranha aquática, pernuda. E os muçuns. O muçum boia, mais ou menos. É um peixe enguia — roliço, preto, liso e gosmento; tem os de mais de dois palmos. O Joaquim mata-os, de enxada, no limpar os regos. A gente põe na brasa, para se tirar a casca. Quando ficam vermelhinhos, arranca-se a pele, e então esvaziam-se, por um corte na cauda. E se frita. Mas o Joaquim não gosta, porque gasta muita banha.

Os bambus, perto da ponte, cresceram muito, o bambu está sempre renovando, aumentando; só que os outros bambuais são tão grandes, que a

gente nem nota seu crescer. Com a chuva, desmanchou-se o ninho velho do sabiá, mas ele já tinha tirado os filhotes. O bambu, lá, eram só uns tufos, porque, quando se fez a estradinha para a casa, tiveram de cortar. Agora, já estão enchendo. O bambu parece que entendeu: porque vai brotando para baixo. Ainda não é tempo do sabiá voltar.

Pela estradinha, aí, passo adiante, você acha a casinha nossa — que já ficou muito mais pronta: três amores! — lindazinha. A gente vai almoçar angu, feijão, torresmos, suã de porco; e doce de limãozinho verde em calda.

E agora tem é uma cabritinha pastando, na várzea pequena que era a da bezerrinha de pé quebrado. Cabritinha do Antônio, o colono novo, que pediu para se deixar. A bezerrinha ficou sarada, só que para sempre manca, com o pezinho virado para trás. Mas já acompanha as outras, no pasto. A cabritinha fica amarrada em uma corda, bebendo água do Sirimim e comendo o capim da beira dele. É branquinha, só com duas bolinhas pretas nas costas, uma de cada lado.

A foz, quando acabam as enchentes, resta mais arrumadinha toda, com a areia limpa, renovada.

Por lá, na enseadinha e no rio, debaixo dos bambus, nadava uma marreca, selvagem, com os seus marrequinhos. Outro dia, um deles veio subindo o Sirimim, se aventurou. Foi de manhã, e ele era pequenino, cor de ouro: o marreco, antes de ser branco — quando pequenininho — é dourado. Douradinho, já voava.

Parece que queria pegar uma libélula. O patinho veio nadando, subindo o Sirimim, por todas as retas e curvas, contra a correnteza, tão pequenino e douradinho, entrequequanto. Veio parar antes da ponte, no bambuzinho adonde o ninho do sabiá. Ali, estreita. Ali, ele gostou, nadava em volta de si, e parafusava com a cabeça, dentro d'água. No que estava, porém, entre capins, se assustou e voou. Se assustou, sem duas vezes, com algo no mato. Voou para baixo e por cima dos bambus. Voou para o rio, certeiro, voltou voando para perto da pata, sua mãe, na foz: e a marreca, com seus sete marrequinhos, mergulharam então para fugir, para o rio, além.

Enquanto o Sirimim por ali se vai sempre a sair — no oceano sonho. Nunca mais, mesmo que se acabe o mundo, deixará de haver, para vocês e em mim, o riachinho Sirimim.

Mais meu Sirimim

Habito a paisagem sólida, querida. Venham ver vocês. Ainda é inverno: alegrias direitinhas.

Amanhece de neblina, todos os dias, frio com frio. Ainda escuro, de sazão, agora, a madrugada vem muito curta, chega logo a manhã. O clarear é que é curto, para se assistir ao madrugar. Depois da coruja piando: o *hu-lhu-h'hú*. Da coruja, o pio é sempre. Mas, às vezes, vira o gargalhar, seco, um estalado, coisa seca, parece gargalhadinha de velho. Outra, a outra, seus estalidos, meio estridentes: *cla-kle-cle-klá*. Seriam duas corujas, no cajueiro, atrás do meu quarto; ninho delas. Dado o dia, bem guardam-se.

Os galos — e pintinhos e galinhas se agitando. A galinha com treze pintinhos, ela dorme debaixo do balaio. Entremente, melros, dos melhores. Ou os outros. A cambaxilra, aqui tem muita, dá um trinadozinho tristris. Aparecem os sanhaços. Vige aqui uma ordem: deixar-se, em cada mamoeiro, um mamão maduro, para eles, os pássaros de uso, que rebuscam o fácil das frutas. Àquela árvore de flor amarela, enchida de lagartas, vão os anus-pretos, mais tarde, quando se bem diz que o sol já está quente. Vi, porém, o martim-pescador, pousado no fim da luz, lindo. Escuro-e-verde e bronze, que, quando bate o sol, vira verde-azulado. Esperando a companheira?

Sigo, ao arreia-pelo da correnteza, pela margem do mimo riachinho, soliloquaz: todo o tempo nos cruzamos. Sirimim estava de água clarinha, desta vez, ainda meio cheio, pelo que se sabe do que foi o verão: de chuvas e enxurros a granel. Mesmo agora, se costuma de vir alguma.

Tão cheiroso, na horta, aquele lugar da roseira! A gente se lembra de que foi a Irene que a plantou. A Irene se foi, faz seis meses, mas dá notícias. Diz que não conseguiu até hoje ajuntar dinheiro, só deu para comprar um vestido. Mas a Irene vai vir, estes dias, para o casamento da Maria do Dudu. Agora escuto o ruído de um muçum, pelo sol: a bulha da água remexida. E já se plantaram novas pimenteiras.

Ali, cheirando a roseira, e um perfume que vem, sai do chão. Cheira a mel. Vem de baixo. Você não vê nada. Deve de ser uma ervinha, um

capinzinho. É o melhor cheiro e sobe da terra. Está por volta da horta, onde tem mato, nos lugares não capinados.

Vou visitar o Pedro, bebemos da biquinha, que recita. Mais que todas, a água do Sirimim, quando se apanha e põe na folha de taioba, ela fica de prata — a película prateada, a tremer. É a água mais pura que há.

O Pedro, mesmo tendo agora outra cachorrinha, não se esquece da que foi tão boa, a Bolinha, extinta. Conta de quando ela desapareceu, fugida, com a doença. — "*...Zé Rufino tinha visto: ela passar, zangada, lá. Longe... Arruinada, uai. De zanga. Porque, naquela certa época do ano, zangam.*" O Pedro é grato à Bolinha, porque ela não incomodou ninguém aqui, e porque poupou-lhe o assistir ao seu fim.

Sentamo-nos no antigo banco, pegado ao corte do barranco, ali tem uma laranjeira bem em cima do barranco, metade das raízes ficaram para fora. Mas, a casinha, a casa, atrás da qual estamos, já é a nova! O Pedro exulta — de não cessar de a contemplar.

E considera, com domingueiros olhos de repouso, o "seu" arrozal, lá embaixo, lugar fresco — à passarada. Está contente com o movimento, com o que se faz: na pinguela, para transpor o carro-de-bois, taparam os vãos com tabatinga e palha de arroz; taparam também todo o caminho que vem da pinguela até aqui, à casa; assim, há sempre palha de arroz espalhada — para refrescar a terra, agasalhá-la da umidade, e produzir adubo, depois.

Derrubou-se a casa velha, que era só um ranchinho de capim. O Pedro botou fogo em tudo, sapé e madeira podre, com ideia de que ali desse escorpiões. Mas, antes, a mudança levou dias, porque havia muito mantimento. O Pedro e a Eva são muito acomodados. A casa nova é grandinhazinha, com os dois quartos, e a cozinha e o quarto-dos-guardados — despensa para o milho e o arroz. Sem se esquecer a sala — só com um banco e o oratório: parece que os santos é que estão de visita ao Pedro.

No dia em que na casa nova definitivamente se alojaram, à noitinha, o Pedro, entrando no quarto-dos-guardados, escutou um barulho se mexendo. Com susto, invocou São Bento, pensou que fosse cobra atrás de camundongos, que estão dando no milho. Mas era uma gambá, com sete filhotes, já instalada perto do cacho de bananas — também de mudada! Foi só o Pedro fechar a porta, e mandar à Eva: — *"Minha filha, premeia eles, com o cacete!"* Medita: — *"O vivente tem pouca pena do vivente..."*

E come a gambá, refogada simples, com farinha pura; mas não chupa os ossos, porque “dá caxumba”.

Na maior alegria, o Pedro inaugurou a casa nova, com uma ladainha. Armou a ladainha de ação-de-graças. Fez roupas novas, de papel crepom, para os santos todos do oratório. Varreu o terreno. Adornou o terreiro e casa com bandeirolas de papel. Arquinhos de bambus, com flores de papel, toscas, espetadas. Não tinha padre. Então, chamou um vizinho. Antoniartur de Almeida — ladrão, mau caráter, dizem, mas com grande prática de ladainhas. Quando estavam todos juntos, o homem dirigiu umas palavras ao povo. Depois, tirou umas rezas e preces. Ao meio-dia, em ponto. Rezaram um terço e a Ladainha de Todos-os-Santos. E o Padre reflete: — *“Não é segredo o que estou lhe contando: mas, neste mundo, há gente de todo jeito. E é o de que se carece...”*

Depois, dias, é que foi a festa — a dos quinze anos da Eva.

Da venda de ovos e galinhas, o Pedro conseguira um dinheirinho, bem escondido, que seria para se a Eva viesse a precisar, por doenças, em o caso. Graças a Deus, porém, a Eva sempre teve saúde, assim se criou. Vai daí, o Pedro, com a influência da casa nova, resolveu gastar esse cobre na alegria. Ficou muito boa, a festa dele. Teve danças. Serviram café, rosquinha redondinha, broa e pé-de-moleque. Bancou-se o manuel-manta: que é jogo de dados, num caixote com um papel com seis quadradinhos, em que as apostas se casam. — “O Pedro não tem muita valença...” — diz o Joaquim. Mesmo tão casmurro, achou que devia dar-lhe proteção, ao irmão mais novo e afilhado; por isso, ficou lá até a festa dar em fim.

Contudo, às vezes, o Joaquim parece ter inveja do Pedro, dos agrados que lhe fazem. Não pode compreender que se preze um pobre aleijadinho, assim. Tudo ele pega, pesa, mede e apreça — o Joaquim.

O Joaquim vai se mudar daqui. Ele tem setenta-e-dois-anos, e é duro, carrancudo, prepotente. O Joaquim bebe.

A Irene foi-se empregar no Rio, e ele ficou sentido com todos, e não dizia por que, agastado. Não podia brigar com o Maninho, sem razão, nem obrigar o Maninho, a se casar com a Irene. A Maria, mulher dele, então, ainda ficou mais desgostosa. Ambos, remoeram, muito, aquilo, mais e mais a se ressentir. Daí, chegaram à decisão. Ir-se embora, mesmo largando suas benfeitorias de colono — a farturinha formada naqueles anos: bananeiras, canavial, mandioca.

Donde que, vão para perto da outra filha, a Maria Doca, mulher do Manuel Doca, deles muito querida, lá têm netinhas, no Cici.

O Joaquim é homem sério, estricto e correcto demais, não gosta de natureza para os olhos. A coisa melhor, para ele, é a fartura. A coisa pior — a que ameaça a fartura — é a vadiação. Só pensa em termos de proveito. Andar bem com os outros — isto é: os outros andando bem com ele. Acha que a gente está aqui para cumprir obrigação, fazer fartura; e, depois, no Céu, apresentar contas a Deus. Contas certas, certa a vida.

Rejeita toda mercê de beleza, desocupada e que não produz. Mesmo a roseirinha que a Irene plantou, ele diz que a tolera somente porque ela serve às plantinhas, de sombra. Mas nunca reparou em que, nas rosinhas-de-cachos, as pétalas de de-dentro é que são cor-de-rosa claro, e as de fora, mais brancas, ou parecem brancas, pelo menos, se não são. Nem jamais sentiu, rosas asas, seu perfume.

O riachinho sair por aí, correndo e cantando, aborrece a ele.

Aceita-o, servo, na horta: aprisionadas, obrigadas, as aguinhas diligentes. Mas não as que se seguem, para lá, lá, em todo o depois — as das sombras matosas, e as que, soltas, na cheia, vão de afogadilho. Da ponta para baixo, o Sirimim *"está com vadiação"*, vale de nada, de nenhum préstimo. Presume-se que, no fundo, detestava-o o Joaquim: como à flor que flor, a borboleta andante, o passarinho e ninho, o grilo na alface, e, à noite, no negro ermo, no ar, o pirilampadário. O meu Sirimim no descuidoso imprestar-se: a lânguida água à lengalenga e a ternura em aventura.

A ida embora do Joaquim é uma luta, que o Sirimim venceu.

A casa, que foi dele, está vaga. Quem a virá ocupar? Talvez, o velho avô da Idalina.

As garças

Já eram conhecidas nossas. Juntas, apareciam, ano por ano, frequentes, mais ou menos no inverno. Um par. Vinham pelo rio, de jusante, septentrionais, em longo voo — paravam no Sirimim, seu vale. Apenas passavam um tempo na pequenina região. Vivida a temporada, semanas, voltavam embora, também pelo rio, para o norte, horizonte acima, à extensão de suas asas. Deviam de estar em amores, quadra em que as penas se apuram e imaculam; e, às quantas, se avisavam disso, meiga meiamente, com o tão feio gazear. Eram da garça-branca-grande, a exagerada cândida, noiva. Apresentavam-se quando nem não se pensava nelas, não esperadas. Por súbito: somente é assim que as garças se suscitam. Depois, então, cada vez, a gente gostava delas. Só sua presença — a alvura insidiosa — e os verdes viam-se reverdes, o céu-azul mais, sem empano, nenhuma jaça. Visitavam-nos porque queriam, mas ficavam sendo da gente. Teriam outra espécie de recado.

Naquele ano, também, foi assim. Há muito tempo, mesmo; deve de ter sido aí por junho, por julho. De manhã, bem você acordou, já elas se achavam no meio da várzea-grande, vestidas e plantadas. Não lhes minguavam ali peixes: os barrigudinhos em pingues bandos; e ainda rãs, jias, pererecas, outros bichinhos se-mexentes. Seus bicos, pontuais, revolviam brejos. Andavam na várzea, desciam o Sirimim todo, ficavam seguindo o Sirimim, pescando no Sirimim. Até a passear pelos regos e pocinhos da horta, para birra do Joaquim, suspeitoso das verduras, de estragos. — *"Sai! Sai!"* — enxotava-as, ameaçava-as, atrás. E elas, sempre ambas: *jét! jét!* — já no ar. Davam voadas baixas, por curto, ou suspendiam-se longe, leves, em arredondo, em órbitas, de suso vigiando a qualquer vida do arrozal. Passavam, planadas, pelo Pedro. — *"Ôi! Ô bicho esquisito, gáiça..."* tinha ele modos de apreciar. O revoo oblíquo, quase brusco, justo virara-se para cá, vinham batendo trape as asas, preparando-se para baixar, cruzavam rente à cozinha, resvés, amarrotavam um vento. — *"Cruz! Nunca vi tão perto de mim esse trem..."* — exclamava Maria Eva, em suma se sorrindo. Deixavam o brinquedo Lourinha e Lúcia — a

que, ao contrário, era muito pretinha. — *"E elas vão ficando mansas, querem morar mais com a gente?"* — Lourinha, a sério, achou.

Nigra, latindo, perseguia-lhes as sombras no chão, súbito longo perpassantes. Após, olhava-as, lá acima, céleres: asinha, azadas, entre si alvas. Nigra, tão negra; elas — as brancas. Ainda mais, quando nos lindes da várzea, compartilhadas entre ervas, boscarejas, num pensativo povoar. Ali, o junco ou o arroz, acortinava-as. Sumiam-se e surgiam, nódoas, vivas, do compacto — o branco individuado. Sonhasse a gente naquilo repousar rosto, para um outro sono. Obrigavam-nos os olhos, se pegavam neles, seu grosso leite, a guiratingi-los. Aprumavam-se esquecidas, aprontadas, num pé só, na tortidão das pretas pernas, arremedando um infindar. Assim miravam-se nos espelhinhos d'água, preliminarmente, em pausas. Sós, horas. Zape! — o zás — porém, no jogar o bico, de quando em momento, pinçando e pingando: o chofre, e peixinho nenhum escapava-lhes, no discardume. Pois, bis. Daí, de repente, subiam do verdejo, esvoaçadas, quais sopradas, meias-altas, altas, não trêmulas, entravam naquele circunvagar de carrossel, sem sair das fronhas. Gostoso, acompanhá-las: voando, a garça golpeia devagar. Nigra, latia, aborrecida.

— *"E elas são o contrário da jabuticaba?"*... — Lourinha achava de defini-las. Sabia-se que a Irene, que queria uma daquelas penas, tentara capturá-las, em grandes, infundadas urupucas. Do Dengo, empinado o queixo, parando de capinar o jardim: — *"Se diz que essa carne não presta, é seca, seca, com ranço de peixe..."* Assim passavam pelo bambu do sabiá, preferiam aterrissar na horta, luminosa de águas. Para pousar, vinha uma em-pé-zinha, do alto, meio curvas asas, a prumo e pino, com a agora verticalidade de um helicóptero. Já a outra porém se adiantara, tomando o chão: mas não firme, direto, não, senão que feito o urubu, aos três pulinhos — *puf! puf! puf!* — às vezes a gente se assustava. O Joaquim resmungou, confessou: que não desestimava delas, que deviam de ser o sinal certo de bom chover. Aproximavam-se ou afastavam-se, sem pressa, no meio dos canteirinhos das hortaliças, iam-se naquelas mesmas escuras e finas pernas, levantavam uma, o pé assim muito altinho erguido, encolhendo e enrugando as unhas para dentro: *póf!* — do jeito Lourinha descrevia-as.

Nigra esperava-as, latindo e se precipitando, de orelhas em-pé, com incerta celeradeza. Porém, foi atravessar a pontezinha, de quatro bambus, resvaladiços, e escorregou, de afoita, afundando-se de pernas entre eles, no saque da sofreguidão. Até poder safar-se, ficou ali, enganchado o grande

corpo e remando no vácuo com as patas, que não dava para tocarem em fundo ou chão. Já por aí, às súbitas, aquelas se tinham alado, fazendo um repique ao acertarem o voo, e haviam-se longe, lá: elas voavam atrás da chuva. Sobrepassavam o quintal do Joaquim Sereno, retornavam para cá, no que é do Antônio, chegavam a um areal no rio, descendo — descaíam, colhidas. Justo faziam maio, júbilo, virgens, jasmins, verdade, o branco indubitável; lá longo tempo ficavam. E por toda a parte. Só quase nunca atravessavam a varzeazinha dos bois, para baixo da ponte, onde o Sirimim, subidinho, acrescentado de chuvas, se puxa com correnteza mais forte, e seus peixinhos rareiam ou se demoram menos, de ariscos.

Dormiam na várzea, ou nas pedras de beira ou meio do rio, as ilhas grandes. Também naquela árvore atrás da casa do Joaquim, o cajueiro, hoje cortado, só toco. Estavam por lá, nivais, próprias, já havia sete dias. Às vezes, ausentavam-se, mais, por suas horas; mas, de tardinha, voltavam.

Depois, porém, não foi assim.

Quando chegou uma tarde, levaram mais, muito, para voltar, e voltou só uma. Era a mulherzinha, fêmea — o Pedro explicou, entendedor. Ter-se-ia onde, a outra? Ao menos, não apareceu, a extraviada. A outra — o outro — fora morta. Ao Pedro, então, o Cristóvão simplesmente contou: que, lá para fora, um homem disse — que andou comendo "um bicho branco".

A que sozinha retornou, voou primeiro, em círculos, por cima dos lugares todos. Decerto fatigada, pousou; e, ao pousar-se, tombava panda, à forte-e-meiga, por guarida. Altanada, imota, como de seu uso, a alvinevar, uma galanteza, no centro da várzea. Tanto parecia um grande botão de lírio, e a haste — fincado, invertido posto. Ouviu-se, à vez, que inutilmente chamasse o companheiro: como gloela, rouca, o gragraiado gazinar. Sim, se. Fazia frio, o ventinho, ao entardecer. Daí, logo, levantava voo outramente, desencontrado e quebrado, de busca — triste e triste. O voo da garça sozinha não era a metade do das duas garças juntas: mas só o pairar de ausência, a espiral de uma alta saudade — com fundo no céu.

Mas, foi daí a três dias.

Lourinha e Lúcia, de manhã, vinham à casa do Pedro, buscar uma galinha e dúzia de ovos. No que passavam perto da goiabeira de beira do Sirimim, depois da ponte, escutaram talvez débeis pios, baixinho: *quic, quic*. Na volta, porém, com os ovos e a galinha, no mesmo lugar, aquilo era berrando zangado: *qué! qué!* — o quaquá num apogeu.

Custaram para achar. Embrulhada no cipó, no meio do capinzal, caída, jogada, emaranhada presa toda, debaixo da goiabeira da grota — a garça, só. Sangue, no capim. Ela estava numa lástima. Tinha uma asa quebrada muito, dependurada. Arriçada, os atitos, queria assim mesmo defender-se, dava bicadas bem ferozes.

Sendo preciso livrá-la. Tomaram ânimo, as meninas. Lúcia agarrou-a pelo engrossar-se e arrijar-se renitente do pescoço, a desencurvar-se; enquanto Lourinha segurava nas asas — sã e quebrada. Pesava, um tanto. Jeito que a garça, meio resignada, meio selvagem, queria virar-se sempre, para rebicar. Só a pausas, seu guincho, que nem de pato; jeremiava.

Trazida para o terreirinho da casa, todos a rodearam, indecisos. Sem equilíbrio, pendente morta aquela asa, ela não podia suster-se. Jacente, mole, nem se movia. Mas não piava. Olhava-nos, a vago, de soslento, com aqueles amarelos-esverdolengados olhos, na cabecinha achatada, de quase cobra. A asa, esfrangalhada, faltando-lhe uns quatro dedos de osso, prendia-se ao corpo só por um restinho de pele. Que colmilhos de fera, de algum horrível e voraz bicho garceiro, assim teriam querido estraçalhá-la? Todavia, comeu seus uns dois ou três peixes, que Lourinha e Lúcia foram buscar, do Sirimim, pegos de peneira. Que se tinha de fazer?

O Cici e o Maninho achavam: só se torando o trambolho de asas, que senão ela não viveria. Mamãe e Lourinha e Lúcia não queriam, não. Não se chegando a concerto, assim rebatidas as razões, tirou-se à sorte. Então, o Cici, cortou, de um tico, com a tesoura, a pelanquinha, e a asa estragada se abateu no chão. Nossa garça, descativa, deu um sacolejão, depois se sacudiu toda, e saiu andando — fagueira, feia, feliz. Caminhou um pouco. Nigra, ressabiada, a boa distância, com desgosto, rabujava tácita, só olhares lançados.

Teve-se de levá-la a um dos canais da horta, lá ela podia gapuiar e esperar, dando suas quatro pernadas por ali, embaraçosa, assaz mais tímida e suspicaz. A várzea-grande, agora, era para ela um longe inacessível. Andava, porém, por aqueles pocinhos e regos todos do Joaquim, mal-encarado mas concorde. Apeada, metida em sua corcunda branca, permanecia, outro tanto, sem se encardir, só e esguia. Mas metia o bico dentro d'água, fisgava, arpoava, engolia. Tinha o bico forte, rosinha-alaranjado. — Jamais chamou pelo companheiro.

Toda tarde, a gente ia-a buscar. Fez-se-lhe um ninho de palha, no barracão da porta-da-cozinha. — *"E agora, ela não vai mais embora, ficou*

da gente, de casa...” — jurava Lourinha, a se consolar.

Durou dois dias.

Morreu, no terceiro.

Ora, dá-se que estava coagulada, dura, durante a tarde, à boa beira d’água, caída, congelada, assaz. Morreu muito branca. Murchou.

Lourinha e Lúcia trouxeram-na, por uma última vez. Lúcia carregando-a, fingia que ela estivesse ainda viva, e que ameaçava dar súbitas bicadas nas pessoas, de jocoso. De um branco, do mesmo branco em cheio, pronto, por puro. O Dengo foi enterrá-la debaixo dos bambus grandes, de beira do Sirimim, onde sempre se sepultam pássaros, cães e gatos, sem jazigo.

Daí, o entendido disse: que fora pelo frio, pneumonia, pela falta da asa, que não a protegia mais, qual uma jaqueta. O entendido viera para examinar a Nigra, com um olho doente, vermelho, inchado, ela já estava quase cega; e Nigra era uma bondosa cachorra. Disse que algo pontudo furara-lhe aquele olho: ponta de faca, por exemplo, ápice de bico de ave.

A gente pensava nelas duas. De que lugar, pelo rio, do norte, elas costumavam todo ano vir? A garça, as garças, nossas, faziam falta, tristes manchas de demasiado branco, faziam muito escuro.

Bibliografia de João Guimarães Rosa

1928

Tradução do artigo “A organização científica em Minas Gerais”, do professor alemão O. Quelle. *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 5 out. 1928.

1929

“O mistério de Highmore Hall.” *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 7 dez. 1929. Ilustrações de C. Chambelland.

1930

“Caçadores de caramuça.” *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1930.

“Chronos kai anagke” (Tempo e destino). *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 jun. 1930. Ilustrações de C. Chambelland.

Discurso como orador da turma de médicos de 1930, da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 22/23 dez. 1930.

“Makiné.” *O Jornal*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1930 (Suplemento Dominical).

1937

Discurso de agradecimento na Academia Brasileira de Letras, quando da distribuição dos Prêmios Literários de 1936, pelo livro *Magma*. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Anais de 1937. Rio de Janeiro, 29 (53): 261-263.

1946

Carta a João Condé (como e por que foi escrito *Sagarana*). *A Manhã*. Rio de Janeiro, 21/28 jul. 1946 (Suplemento Letras e Artes).

Discurso de posse na Sociedade Brasileira de Geografia. *Revista da Sociedade Brasileira de Geografia.* Rio de Janeiro, nº 53, 1946.

Sagarana. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Universal, 1946, 344 p. Capa de Geraldo de Castro (Prêmio da Sociedade Felippe d'Oliveira, 1946). 2. ed. Rio de Janeiro: Universal, 1946, 336 p. Capa de Geraldo de Castro.

1947

"Com o Vaqueiro Mariano." *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 out. 1947 (Incluído em *Estas estórias*).

1948

Carta a Cyro dos Anjos. *Letras e Artes.* Rio de Janeiro, nº 96, 22 ago. 1948.

1950

Carta à redação de *Letras e Artes.* Rio de Janeiro, nº 156, 5 mar. 1950.

1951

"O lago do Itamaraty." *Seleções do Reader's Digest.* Rio de Janeiro, ago. 1951 (Incluído em *Ave, palavra*).

Sagarana. 3. ed. revista. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. 346 p. Capa de Santa Rosa (A partir dessa edição não mais aparecem as ressalvas que o autor incluiu no final das duas primeiras).

1952

Com o Vaqueiro Mariano. Niterói: Edições Hipocampo, 1952. 52 p. Ilustração de Darel Valença Lins. Tiragem de 110 exemplares (Incluído

em *Estas estórias*).

"Pé duro — chapéu de couro." *O Jornal*, 28 dez. 1952.

1953

De 12 abr. a 7 jun., publicou no "Suplemento Letras e Artes" do jornal *A Manhã* sete textos.

1954

De 6 abr. a 1 jun., publicou no "Suplemento Letras e Artes" do jornal *A Manhã* seis textos.

1956

Corpo de baile. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 2 vols. 824 p. Capa de Poty.

Grande Sertão: Veredas. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 596 p. Capa e ilustrações de Poty. Prêmios: Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro; Carmen Dolores Barbosa, de São Paulo; e Paula Brito, do município do Rio de Janeiro.

1957

"Aí está Minas: a mineiridade." *Manchete*. Rio de Janeiro, 24 ago. 1957, p. 26-31.

Prefácio "Pequena Palavra" à *Antologia do conto húngaro.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. Seleção, tradução e notas de Paulo Rónai.

1958

"Ao Pantanal." *Jornal de Letras.* Rio de Janeiro, jan. 1958 (Incluído depois em

Ave, palavra).

Grande Sertão: Veredas. 2. ed. Texto definitivo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. 574 p. Capa e ilustrações de Poty.

"O ciclo do carro de boi no Brasil." *Boletim bibliográfico brasileiro.* Rio de Janeiro, mai. 1958 (Depoimento sobre o livro de Bernardino José de Souza).

Sagarana. 5. ed. retocada, forma definitiva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. 390 p. Capa e ilustrações de Poty.

Tradução de *O último dos maçaricos*, de Fred Bodsworth. Rio de Janeiro, *Seleções do Reader's Digest*, 1958, vol. 6.

1960

"A simples e exata estória do burrinho do comandante." *Senhor.* Rio de Janeiro, nº 14, p. 48-57, abr. 1960 (Incluído em *Estas estórias*).

Corpo de baile. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. 516 p. Capa de Poty.

Prefácio "Simples Passaporte" à obra de Vasconcellos Costa: *De 7 Lagoas aos 7 mares.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

1961

"Alguns bichos" (exemplo de prosoema). *Brasil.* Edição do Sepro da Embaixada do Brasil em Lisboa, nº 19, dez. 1961 a jan. 1962.

De 7 jan. a 26 ago., publicou 34 textos no jornal *O Globo* que, revistos, constituíram, na sua quase totalidade, o livro *Primeiras estórias.*

De 25 fev. a 22 jul., publicou em *O Globo* dezoito poemas usando os anagramas Soares Guiamar, Meuriss Aragão e Sá Araújo Segrim, conforme revela Plínio Doyle.

Discurso de agradecimento na Academia Brasileira de Letras, em sessão de 29 jun., pelo Prêmio Machado de Assis, para conjunto da obra, publicado na *Revista da Sociedade de Amigos de Machado de Assis.* Rio de Janeiro, nº 7, 29 set. 1961.

"Meu tio o Iauaretê." *Senhor.* Rio de Janeiro, nº 25, mar. 1961 (Incluído em *Estas estórias*).

"O burro e o boi no presépio." *Senhor*. Rio de Janeiro, ano 3, nº 12, p. 16-23, dez. 1961.

O Mistério dos M.M.M., romance em colaboração. Coordenação de João Conde, publicado em *O Cruzeiro*, de out. a dez. 1961, com ilustrações de Percy Deane. J. G. Rosa escreveu no número de 16 dez. 1961.

1962

"A estória do Homem do Pinguelo." *Senhor*. Rio de Janeiro, nº 37, mar. 1962 (Incluído em *Estas estórias*).

"Nenhum, nenhuma." *Senhor.* Rio de Janeiro, nº 42, ago. 1962 (Incluído em *Primeiras estórias*).

"Partida do audaz navegante." *Senhor.* Rio de Janeiro, nº 39, mai. 1962 (Incluído em *Primeiras estórias*).

"Pirlimpsiquice." *Comentário*. Rio de Janeiro, nº 11, 1962 (Incluído em *Primeiras estórias*).

Primeiras estórias. 1. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. 180 p. Capa e desenho do índice por Luís Jardim.

"Sequência." *Anuário da Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro, 1962/1963 (Incluído em *Primeiras estórias*).

"Substâncias." *Senhor*. Rio de Janeiro, nº 38, abr. 1962 (Incluído em *Primeiras estórias*).

1963

Carta a Ángel Crespo e Pilar Gómez Bedate. *Revista de Cultura Brasileña.* Madri, nº 7, dez. 1963.

Grande Sertão: Veredas. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. 574 p. Capa e ilustrações de Poty.

"Maior meu sirimim." *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 21 jul. 1963 (Incluído em *Ave, palavra* com o título "Mais meu Sirimim").

"Um moço muito branco." *Brasil*. Edição do Sepro da Embaixada do Brasil em Lisboa, nº 22, 1963.

1964

“As garças.” *Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22 fev. 1964 (Suplemento Literário). (Incluído em *Ave, palavra*.)

Campo Geral. Rio de Janeiro: Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1964. Desenhos a cores de Djanira, gravados por Darel em cobre e linóleo. Tiragem de 120 exemplares.

Corpo de baile. 3. ed. A partir desta edição desdobra-se o livro em três volumes autônomos, configurando “Corpo de baile” como subtítulo.

1º vol.: *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. 204 p.

Capa de Poty. Com “Campo Geral” e “Uma estória de amor.”

“Fita verde no cabelo.” *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 8 fev. 1964 (Suplemento Literário. Incluído em *Ave, palavra*).

Os sete pecados capitais. Livro escrito em colaboração. J.G. Rosa escreveu o capítulo I – A Soberba, intitulado “Os chapéus transeuntes.” Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. (Republicado em *Estas estórias*).

Primeiras estórias. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. 180 p.

Sagarana. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. 366 p. Capa e ilustrações de Poty.

1965

Carta a Bernardo Élis. *Goiás agora*. Goiânia, jun. 1965.

Corpo de baile, 3. ed.:

2º vol.: *No Urubuquaquá, no Pinhém*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. 248 p. Capa de Poty. Com “O recado do morro”, “Cara de Bronze” e “A estória de Lélio e Lina.”

3º vol.: *Noites do sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. 254 p. Capa de Poty. Com “Lão-Dalalão” e “Buriti.”

De 15 mai. a 25 dez., publicou, no jornal *Pulso*, do Rio de Janeiro, dezessete textos que, revistos, constituíram parte do livro *Tutameia (Terceiras estórias)*.

Grande Sertão: Veredas. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. 462 p. Capa e ilustrações de Poty.

Sagarana. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. 366 p. Capa e ilustrações de Poty.

Apreciação sobre o livro *Serras Azuis*, de Geraldo França de Lima. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.

1966

De 8 jan. a 24 dez., publicou, no jornal *Pulso*, do Rio de Janeiro, vinte e seis textos que, revistos, constituíram parte do livro *Tutameia (Terceiras estórias)*.

1967

Carta ao Embaixador Antônio C. Câmara Canto. *Revista de Cultura Brasileña.* Madri, nº 21, jun. 1967.

Carta a Waldemar Reis. *Correio do Sul*. Bagé, 23 nov. 1967.

Carta ao Cônsul Cabral (a carta em "C"). *Jornal da Tarde.* São Paulo, 25 nov. 1967.

Carta a Paulo Dantas. *O Estado de S. Paulo.* São Paulo, 25 nov. 1967 (Suplemento Literário).

De 7 jan. a 29 jul., publicou, no jornal *Pulso*, do Rio de Janeiro, treze textos que, revistos, constituíram parte do livro *Tutameia (Terceiras estórias)*.

Discurso como vice-presidente do II Congresso Latino-Americano de Escritores, no México, publicado com o título de "Emoción del Brasil", no *El Despertador Americano*, Boletim Informativo do Congresso. Cidade do México, vol. I, nº 2, mai. 1967.

"Duas palavras de João Guimarães Rosa" (sobre direitos autorais). *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 set. 1967.

"Esses Lopes." *Manchete.* Rio de Janeiro, nº 788, p. 36-39, 5 ago. 1967 (Incluído em *Tutameia (Terceiras estórias)*).

Grande Sertão: Veredas. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. 462 p. Capa e ilustrações de Poty.

"Nota", no livro *Nordeste*, de Gilberto Freyre, 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

"Oração aos novos." *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 nov. 1967 (Página Literária).

Parecer sobre a “Unificação da ortografia portuguesa.” *Revista Cultura.* Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura/MEC, 1 (3): 9-11, set. 1967.

Prefácio, intitulado “Dezesseis vezes Minas Gerais”, do livro *O segredo de Sinhá Ernestina*, de Eduardo Canabrava Barreiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

Primeiras estórias. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. 180 p. Capa e desenho do índice por Luís Jardim. Introdução de Paulo Rónai.

“Quatro poemas sobre o burro e o boi no presépio.” *Realidade*. São Paulo, 2 (22): 181-188, dez. 1967.

“Remimento.” *Correio da Manhã.* Rio de Janeiro, 25 nov. 1967.

Sagarana. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. 366 p. Capa e ilustrações de Poty. Prefácio de Óscar Lopes. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, 366 p. Capa e ilustrações de Poty. Prefácio de Óscar Lopes. Poema de Carlos Drummond de Andrade (Em dezembro, sai a primeira edição póstuma. A partir desta edição, as subsequentes reproduzem esta).

“Três cartas.” *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 25 nov. 1967 (Suplemento Literário).

1968

Carta a Paulo Hecker Filho. *Cultura Contemporânea.* Porto Alegre, nº 1, 1968.

Em memória de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. 254 p.

Carta a Vilma. In *Em memória de João Guimarães Rosa*, p. 204. Reprodução fac-similar. (Lida por Geraldo França de Lima, em 13 nov. 1967, por ocasião do lançamento de *Acontecências*, livro de estreia de Vilma Guimarães Rosa).

Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em sessão de 16 nov. 1967, intitulado “O verbo & o logos”, publicado no livro *Em memória de João Guimarães Rosa*, p. 55-87.

Primeiras estórias. 4. ed. ilustrada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. 180 p. Capa e desenho do índice por Luís Jardim. Introdução de Paulo Rónai. Poema de Carlos Drummond de Andrade. Nota bibliográfica de Renard Pérez.

Crônica de Graciliano Ramos (1. ed. póstuma. As subsequentes reproduzem esta edição).
"Saudade." *Jornal do Commercio.* Rio de Janeiro, 1 dez. 1968, p. 11.

1969

Estas estórias. 1. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. 236 p. Capa de Poty. Nota introdutória de Paulo Rónai. Página de saudade de Vilma Guimarães Rosa. Nota crítica de Leo Gilson Ribeiro (Obra póstuma. As edições subsequentes reproduzem esta).

1970

Ave, palavra. 1. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970. 276 p. Capa de Gian. Nota introdutória de Paulo Rónai (Obra póstuma. As edições subsequentes reproduzem esta).
"Diálogo con Guimarães Rosa." Entrevista concedida a Günter Lorenz e publicada em *Mundo Nuevo*. Buenos Aires, nº 45, p. 27-47, mar. 1970 (Esta entrevista aconteceu em Gênova, Itália, durante o Congresso Internacional de Escritores Latino-Americanos, realizado em 1965).

1972

João Guimarães Rosa — Correspondência com o tradutor italiano. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1972. 160 p. (Contém trinta e quatro cartas de J.G. Rosa e trinta e sete de Edoardo Bizzarri, datadas de 1959 a 1967. Edição de mil exemplares.)

1973

"Guimarães Rosa." Versão em português da entrevista "Diálogo con Guimarães Rosa", incluída no volume LORENZ, Günter. *Diálogo com a América Latina*: panorama de uma Literatura do futuro. Trad. de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1973, p. 315-356.

Seleta de João Guimarães Rosa. Organizada por Paulo Rónai. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

1975

Cartas a Paulo Dantas. *Sagarana emotiva.* São Paulo: Duas Cidades, 1975.

1977

"Catálogo Paisagem Mineira." *Palácio das Artes.* Belo Horizonte, 29 nov./20 dez. 1977.

1992

Fita verde no cabelo: nova velha estória. Ilustrações Roger Mello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

1997

Magma. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997. 148 p. Capa e ilustrações de Poty (A edição inclui o Discurso de Agradecimento de Guimarães Rosa ao prêmio concedido ao livro pela Academia Brasileira de Letras em 1936).

2003

João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Nova Fronteira/Editora da UFMG, 2003, 208p.

João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Nova Fronteira/Editora da UFMG, 2003, 448p.

2006

Sagarana. Ed. comemorativa dos 60 anos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, 416p. (capa dura.)

Corpo de baile. Ed. comemorativa dos 50 anos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (A edição retoma a divisão em dois volumes da primeira edição e ainda traz um livreto com textos críticos e cartas do autor explicando a decisão em particionar a obra em três volumes.)

Grande Sertão: Veredas. Ed. comemorativa dos 50 anos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, 496 p. (box contendo o livro com capa em tecido bordado, catálogo da exposição de Bia Lessa no Museu da Língua Portuguesa e CD com depoimentos de grandes críticos literários, escritores e outros intelectuais.)

Novas seletas João Guimarães Rosa. Coordenação Laura Sandroni. Organização, apresentação e notas Flávio Aguiar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, 176 p.

A hora e vez de Augusto Matraga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 56p.

O burrinho pedrês. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 80p.

Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, 608 p. (Coleção Biblioteca do Estudante.)

2007

O recado do morro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 128p. (Biblioteca do Estudante. Edição especial com roteiro de leitura.)

2008

Zoo. Seleção e organização Luiz Raul Machado. Ilustrações Roger Mello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

2010

Corpo de baile. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 1. (Coleção Fronteira.)

Corpo de baile. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 2. (Coleção Fronteira.)

As margens da alegria. Ilustrações de Nelson Cruz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

2011

A hora e vez de Augusto Matraga. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 64p. (Coleção Saraiva de Bolso.)

Antes das Primeiras estórias. Prefácio de Mia Couto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 96p.

Os caminhos do sertão de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Uma das "cadernetas do sertão" de Rosa é publicada em fac-símile em volume intitulado *A boiada*, dentro de um estojo de luxo com textos de estudos e desenhos inéditos de Paulo Mendes da Rocha. Acompanhada de livro de depoimentos e do romance *Grande Sertão: Veredas*.)

2012

Sagarana. Ed. de bolso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, 376p. (Coleção Saraiva de Bolso.)

A terceira margem do rio em graphic novel. Roteiro Maria Helena Rouanet. Ilustrações Thaís dos Anjos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, 64p.

2015

Grande Sertão: Veredas. 21 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, 496p. (capa dura.)

Estas estórias. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, 272p. (capa dura.)

Sagarana. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, 328p. (Coleção 50 anos.)

2016

Primeiras estórias. 16 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, 200p. (capa dura.)
Corpo de baile. Edição especial de 60 anos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, 728p. (box em capa dura, com três volumes.)
Sagarana. Ed. de bolso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, 376p. (Coleção Clássicos para Todos.)

2017

Sagarana. 72 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, 336 p. (capa dura.)
Tutameia (Terceiras estórias). 10 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, 240p. (capa dura.)

[1] Este texto foi originalmente publicado na *Ficção completa* de João Guimarães Rosa, organizada e prefaciada por Eduardo F. Coutinho em 1994 para a Editora Nova Aguilar.

[2] Lorenz, Günter. *Guimarães Rosa. Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro.* Trad. Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: EPU, 1973, p. 315-355. Repr., com o título "Diálogo com Guimarães Rosa", em Coutinho, Eduardo F., org. *Guimarães Rosa: coletânea.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 62-97. Coleção "Fortuna Crítica", vol. 6. Todas as citações desta entrevista, concedida por G. Rosa a G. Lorenz, serão feitas por esta última edição.

[3] Rosa, João Guimarães. *Sagarana*. 72.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 223.

[4] Rosa, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas.* 21.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 154.

[5] Rosa, João Guimarães. *Primeiras estórias.* 16.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 67.

[6] Fuentes, Carlos. *La nueva narrativa hispanoamericana.* México: Cuadernos de Joaquín Mortiz, 1969.

[7] — "É de ver!" "— Ô, jipilado, ô, ô..." "— Cruz que uns seis..." "— Coró!" "— O boi amarel', o boi amarél..." "— Ôxe, nossenhora! Cada marretada!" "— Te acude, Sãos..." "— Essa vara no chão, vocês embaraçam nela... Esse pau comprido te embaralha..." "— O garrote também é de ir?" "— É grande, mas não tem éra." "— Esse boi sapecado não tem éra?" "— O boizinho, não. Ele é miudinho, mas é velhado..." "— Põe a lei no lugar!" "— Assim, não! Você é mão de desajuda..." "— Sou três de ofício..." — "*Teu o tu*... hum... Saudade da senzal'? Negro gosta de dormir de dia..." — "Dei o baixo da minha voz." "— Pra cangalha, suor de burro..." "— Ri sem fechar os olhos, Zazo! A gente aqui olha, e outro é que vê..." "— Oi o boi mocho; vai irá?" "— Só serve p'ra não ser..." "— U'! Quero te ver na magrém entrante!" "— Denoto que esse boi tem o 2, mas tem o contraferro do Crioulo, adiante... Repara: um rôr de ferros. Pode ser do Carolino. Ele tem carimbo de LL na cara..." "— Hhê, ê' lá!" "— Ué, quer me espremer aqui, uai!" "— Hoje, eu não tou me podendo. Tou é p'ra namoro com mulher..." "— A lama aqui escorrega a gente para trás, que não tem engambelo..."
— Eh boi! Ê boi!
— Eh, boi-vaca!...

[8] — Raymundo Pio saiu arquejando: levou um côice de boi no peito!

— Uai, foi?

— Dar a ele um purgantão, agora...

— Foi à cozinha, beber vinagre com gordura.

. . .

Uma vaca pegou o Doím, de esbarroada, no grosso do alto do antebraço. O ferrão da vara do Doím estava rombudo, escorregou na cara da vaca, saíu por uma banda. Outros dizem que isso é desculpa do Doím, mesmo.

. . .

— ...Despois, apre! — ela trepou no Cicica, aí, que viu o caso feio...

— Gafanhoto tine é no pular...

. . .

Cicica (mostrando, verde, na sua calça): — Olha o rastro do pé do trem!...

Fidélis: — O gado está todo no quente. No separar, esquenta a ideia...

Tadeu: — E é como lá diz o outro: gado que não perdeu as memórias de donde veio...

. . .

Sacramento: — Na embolação...

Cicica: — Aquilo está estivado de bosta e lama.

Abel: — Doím, diz-se que tu temeu?

Doím: — Losna! Lélis de arenga... Nasci em redes!

. . .

Raymundo Pio retorna da cozinha:

Raymundo Pio: — Traste de boi aluado! E ainda foi bom ter sido de perto. De longe, o côice da perna dele tem muito açôite...

Tadeu: — Melhor que carecia, agora, era socar folha de maracujá, e tomar...

Raymundo Pio: — Compadre Tadeu, eu acho que, com a idade, como nós, a gente não deve de trabalhar mais de vaqueiro, não...

[9] — E que árvores, afora muitas, o Grivo pôde ver? Com que pessôas de árvores ele topou?

A ana-sorte. O joão-curto. O joão-corrêia. A três-marias. O sebastião-de-arruda. O são-fidélis. O angelim-macho. O angelim-amargo. O joão-leite. O guzabú-preto. O capitão-do-campo. A bela-corísia. O barabú. A gorazema. A árvore-da-vaca. A ciriiba. A nhaíva. O oití-bêbado. O carvão-branco. O pau-de-pente. O sete-casacas. A carrancuda. O triste-flor. O cabelo-de-negro. O catinga-de-porco. A carne-de-anta. O bate-caixa. A bolsa-de-pastor. A chupa-ferro. O gonçalo-alves. A casca-do-brasil. O calcanhar-de-cutia. O jacarandá-mimosim. A canela-atôa. A carne-de-vaca. A rama-de-bezerro. A capa-rosa-de-judeu. A maria-pobre. A colher-de-vaqueiro. O jacarandá-muxiba. O grôsso-aí. A combuca-de-macaco. O pente-de-macaco. O macaqueiro. A árvore-de-folha-parida. O castiçal. O malmal. O frei-jorge. A cachapôrra-de-gentio. O açôita-cavalos. O amansa-bestas. O rosa-do-norte. O bordão-velho. O cega-machado. A uva-pura-do-campo. O tira-teima. O bálsamo-de-cheiro-eterno. O araticúm-do-sertão. O cajá-do-sertão. A embira-barriguda-do-sertão. A timborna-sertã. O muito-sertão. A perova-baiã. A fava-do-sertão-da-bahia. O bucho-de-boi. A costela-de-vaca. A arara-uva. O testa-de-boi. O grão-de-cavalo. A rajadeira. O moreira-amarél. A árvore-que-muito-fede. O angico-surucucú. O araçá-pomba. A amendoeirana. O cedro-fêmea. A murta-de-parida. O tinguí-capeta. O araçá-das-almas. O banda-de-sargento. O baba-de-boi. A birbissona. O palmeirim. O zé-que-canta. O pirí-joão. O coquim-de-amar. O coco-de-vaqueiro. O rompe-gibão. A sombra-de-touro. O sassafrás-da-serra. O criulí. O cotí-caém. O cedro-í. O cedro-nã. O potumujú. O guapuruvú. A pereira-oá. A urú-joana. A tararanga-branca. O torém. O xixá. O uapiúm-uassú. O mata-caçador. O tora-tora. O ainda-vais. O bóba-bicho. O capitão-cascudo. O ajunta-chuva. A fêmea-de-todos. A alta-sáia. O pau-que-pensa. O sossegador. O nunca-morre. O esconde-amores. O tonta-amalandro. O pau-mijado. O pau-morcêgo. O uaiandí. A jana-una. A urunduva. O guajabara. O ibiracema. O guabipocaíba. A uuúcuúba. O araticúm-da-beira-do-rio. O pau-paraíba. O BURITI — palmeira grossa. O BURITI, sempre... Carnaúbas. Pindovas. O uauassú...

— *E os carrapichos, os carrapichinhos que querem vir na roupa da gente?*

— Amorico. Mineirinha. Isabel. Amor-do-campo. Sensitiva-mansa. Amor-de-vaqueiro. Amor-de-tropeiro. Amor-de-negro. Amor-do-campo-sujo. Amores-do-campo-seco. Amor-seco. Amorzinho-seco...

— *Só? E os outros, que vêm logo depois?*

— ...O juiz-de-paz. O santa-helena. O mãe-isabel. O pega-maço. O barbadim. O barbadão. O cabeça-chata. O carrasquinho. O ouriço-ouriço. O péga-péga. O beiço-de-boi. O barba-de-burro. O barba-de-boi. O nariz-de-boi. O bunda-de-mãe-isabel. O marmelada-de-cachorro. O a-tí-de-espinho. O arre-diabo. E o picão de florinhas rôxas, que dá cachos em novembro...

— *E os arbustos, as plantinhas, os cipós, as ervas?*

— A damiana, a angélica-do-sertão, a douradinha-do-campo. O joão-venâncio, o chapéu-de-couro, o bom-homem. O bôa-tarde. O cabelo-de-anjo, o balança-cachos, o bilo-bilo. O alfinete-de-nôiva. O peito-de-moça. O braço-de-preguiça. O aperta-joão. O são-gonçalino. A ata-brava, a brada-mundo, a gritadeira-do-campo...

...A canela-de-ema. O tange-tange. O azulão. O coração-magoado. O espinho-de-deus. O farinha-seca. A ramela-de-cachorro. A raís-de-côrvo. A baba-de-viúva. O totó-mole. O tí. A canela-de-velha. O cansa-cavalo. O sapato-do-diabo. O pai-antônio. O negro-nú. O dom-bernardo. A comadre-de-azeite. A borla-do-bispo. A alelúia. A cleta. O moisés. A galinha-choca. O sessenta-e-dois. O empata-carreira. A barouga. A asa-de-arara. O chocalho-de-cascavél. O amarelinho-da-serra. O cabelinho-de-jesús. O coração-de-jesús. A balambáia. O cabeça-de-

cabrito. A congonha-de-goiás. O alecrim-tristão, onho. O boi-gordo. O reza-pra-nós. O mata-pastão. O vaza-matéria. O balãozinho. O mantimento-do-pobre. O manoel-comprido. O amarelim-de-todos-os-campos. A lumã. A gritadeira-do-mato. A gritadeira-do-tabuleiro. A sempreviva-serrã. O amarelinho-da-serra...

...Bôa-noite, chapéu-de-frade, carrasco-do-campo, joão-páis, cigana-do-mato, barrigudinho, amarra-pinto, amansa-senhor, viuvinha, arranha-gato, quebra-pedra, arrebenta-boi, tapa-buraco, tô-é, bariri-só, padre-nosso, benção-de-deus, cinco-chagas... Caá-có, caá-vú, caá-éo, josé-moleque, erva-nôiva, moura-do-sertão, erva-luiza, marquês-das-belas, flor-do-páu, mata-cobras, mata-fome, capa-homens, bela-flor, fel-da-terra, estutuque, perna-de-saracura, seriguela, salsa-vã, rosa-do-campo, cabeça-branca, papai-nicolau, curraleira-baiana, borragem-brava, azedinha-alelúia, erva-mijona, sassóia, trombetão, azougue-dos-pobres, baba-de-burro, escada-de-macaco, são-francisco, são-joão, trindade, corda-de-cobra, o sapo, o cruz, chumbo-de-flor-miudinha, bredo-major-gomes, cravo-de-urubú, cana-de-macaco, lengue-lengue, jovena, guar, barba-de-são-pedro, arjemônia, suassú-ajá, mela-mela, maria-culatra, lençol-de-casados, mãe-de-momo, língua-de-vaca-da-flor-amarela, sajagão, orêlha-de-onça-da-miúda, joão-congo, páu-de-chupar, páu-pingado, joão-de-melo, erva-do-diabo, vassoura-de-relógio, barba-de-barata, alpercata-de-são-joão, páu-de-espirrar, dom-bernardes, santos-filho, samambáia-das-tapéras, sempreviva-dos-Gerais... Pé-de-perdiz, pé-de-lagartixa, mil-homens, unha-de-gato, sete-sangrias, assapeixe-branco, erva-santíssima, copo-d'água, boca-de-sapo, olho-de-porco, marianinha, didí-da-porteira, amor-crescido, miserinha, vassoura-de-ferro, língua-de-tucano, birbiriz, dorme-maria, morre-joão — que, bulido, murcha as folhas de-mentira, e se chama também malícia-de-mulher...

— *E os capins, os capins bonitos, que os boizinhos e os cavalos pastam?*

— Sempre-verde, aristides, luziola, maquiné, zabelê, cobre-choupana, dandá, cortesia, mimoso-de-cacho, frei-luiz, major-zé-inácio, pernambuco, cocorobó, são-carlos, marianinho, ciríí, a-tã, espinha-de-peixe, bosta-de-rola, a grama-de-jacobina, o burrão, o cidade, o pé-de-periquito, milhã-do-brejo, rabo-de-raposa, mimoso-do-ceará, mimoso-do-piauí, fino-da-folha-comprida, o camelão, bambú, lixa, capim-santo, de-égua, pelo-de-urso, navalha-de-macaco, rabo-de-boi, rabo-de-rato, rabo-de-burro, rabo-de-mucura, arroz-de-cachorro, arroz-de-cutia, pé-de-galinha, de-mula, redondo, pintado, cheiroso, cabeludo, capim-rei, gigante-das-baixas, mate-me-embora...

— *Dito completo?*

— Falta muito. Falta quase tudo.

(Do que certo viu. Os gravatás, tantos. O angelim — a altíssima! O angico-vero, sempreflóreo. O mamoeiro-bravo, obtruso. A barriguda em vernação: a barriguda, sementes leves. O belo jenipapeiro versiforme. A lobeira, cimátil, que se inventou um verde. E a caraíba — gnomônica.)

— *Dos verdes viventes, cada um, por chuva e sol, pelejando no seu lugarim?*

Tanto também não falou de outras árvores: desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo, que nasce nos paredões...

[10] Voaria de gavião, aguiar.

Todo gavião. Os urubús — os, os, os.

Papagaio doente de asa grande. Periquitos e maitacas. O maitacão. A maritaca-de-fita-vermelha-atrás-do-bico. Papagaios de asas amarelas. O azul. O papagaio-trombeteiro. O papagaio-chorão. As araras.

Seriemas gritando e correndo, ou silenciosas. Emas correndo às tortas. Seriema voando. Os anús, pretos e brancos. A alma-de-gato. A maria-com-a-vovó, marceneira. A codorninha-buraqueira. Os joãos-de-barro, os joães-de-barro. A maria-mole (— Quando o senhor está acordado, em beira de vereda, a noite inteira o socó canta...). O joão-do-mato. O voo de inauditas

corujas. A *strix hugula*. As pombas. A pomba-do-ar. A juriti-do-peito-amarelo. O rulêngo. O tempo-quente. O papa-banana. A doidinha. A maria-dôida — que parece vestida alheia, com penas de algum outro pássaro. O cãcã, ave austera. A nhambuzinha. O joão-velho dando machadadas. O joão-pobre em beiradas de córrego. O joão-barbudo, num gonfo de pedreira. A maria-faceira, em beira de lagôa. O sangue-de-boi, geralista. O coquí. O sofrê, veredas do Gerais avante. O benteví, por toda a parte. Os urubús, avaros.

Uma acauã rebicando uma cobra.

O zabelê conchamando seus pintinhos, feito fosse uma galinha criadeira.

Outras qualidades de aves do céu e de passarinhim que pia e canta.

Um casal de antas, comendo seu capim, no liso de uma várzea.

Os veados, avermelhados, fugintes — de capão para capão.

Uns ossos de veado.

. . .

O jacaré tenterê.

O sapo mira-lua. O sapo-bigorna.

Sucurí de barriga dourada e da barriga amarela.

. . .

A abelha manoel-de-abreu.

Mosquitos, moscas. As borboletas avivãs.

A vespa joão-caçador mais a vespa maria-rita.

As abelhas no bom-belo.

. . .

Uma onça (num grotão de areia).

. . .

Toda qualidade de répteis de alma-vivente, bichos de entre-mato-e-campo, bichinhos de terra e do ar.

. . .

Sob o excesso amarelo do sol, um jumentinho escouceando um cacto.

. . .

As nuvens podem jazer em estranhas perspectivas.

[11] Cf. nas *Cantigas de Serão, de João Barandão:*

Meu boi azulêgo-mancha*,*
meu boi raposo silveiro:
deu dezembro, deu trovão,
deu tristeza e deu janeiro...

Soares Guiamar apresenta variantes, que introduzem um *Meu boi baetão carêta* ou *Meu boi preto mascarado*, e às vezes deturpam o final do pé-de-verso, para: *...ái, o Rio de Janeiro...*

[12] Cf. Dante, *Inf.* XIII, 64-65:

"La meretrice che mai dall' ospizio
di Cesare non torse li occhi putti,"

e:

“Sicura, quasi rocca in alto monte,
seder sovr’esso una puttana sciolta
m’apparve con le ciglia intorno pronte;”
(Dante, *Purg*. XXXII, 148-150).

Mesmo modo, nas *Cantigas de Serão, de João Barandão:*
Vi a mulher núa
no meio da mata
como sol e lua
como ouro e prata.

Ouvi estas águas
De repente sempre
etc.

Segundo Oslino Mar, é descabida uma aproximação desses versos aos do texto: *“Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis ut castrorum acies ordinata?”* (Canticum Canticorum Salomonis, 6, IX.)

[13] “*Tà sesêmasména kaì tà asémanta*”, Plat.

[14] *“Hai prókheiroi hêdonái”*, Plat.

[15] Gritos: eleléia dos vaqueiros, terminando a apartação. No eirado, são vistos: o vaqueiro Cicica, o vaqueiro Tadeu, o vaqueiro Doím, o vaqueiro Pedro Franciano, o vaqueiro Sãos, o vaqueiro Noró, o vaqueiro Abel, o vaqueiro Mainarte. Os vaqueiros Calixto, José Uéua, Raymundo Pio, Zèguilherme, João Jipijo, José Proeza, Zazo, Sacramento, Parão, Antônio Tôco, Adino e Fidélis. O vaqueiro Muçapira. Os rapazinhos Pindoba, Aleixo e Santelmo. O cozinheiro-de-boiadas Massacongo, por nome Antonho. O Marechal, capataz-feitor. Iinhô Ti, Moimeichêgo e iô Jesuino Filósio — pessoal de fora. Faz tempo que não chove mais, o tempo ficou firmado.

[16] Cf. Goethe, Faust II (dr. A.):

“Seinen Befehl vollziehn sie treu,
Jeder sich selbst zu eignem Nutz
....

Dies Land, allein zu dir gekehret,
Entbietet seinen hoechsten Flor;
....

Verteilt, vorsichtig, abgemessen schreitet
gehoerntes Rind hinan zum jaehen Rand;
....

So ist es mir, so ist es dir gelungen;

Vergangenheit sei hinter uns getan!”

. . .

Cf. o *Chandogya-Upanixad:*

“A palavra dá-lhe seu leite — o que é o leite da palavra —, e ele tem alimento, ele se nutre amplamente, o que conhece esta doutrina dos *sâman* — esta doutrina.”
(Iª Preleção, XIIIª *khândah*, esloca 5.)

. . .

“Um touro falou-lhe assim:

— Satyakâma!

— Senhor?

— Já somos mil. Reconduz-nos à casa do Mestre.”
(4ª Pr., Vª *kh.*, esloca 1.)

. . .

“Então a Palavra se afastou. Depois de ausência de um ano, ela voltou e disse: — Como pudestes viver sem mim?”

(Esloca 8, 1ª *kh.*, Vª *prapáthakah.*)

[17] *Tentativamente adaptando:*

Eram dez negrinhos
dos que brincam quando chove.
Um se derreteu na chuva,
ficaram só nove.

Eram nove negrinhos,
comeram muito biscoito.
Um tomou indigestão,
ficaram só oito.

(E, assim, para trás.)

[18] *Ainda uma adivinha “abstrata”, de Minas*: “O trem chega às 6 da manhã, e anda sem parar, para sair às 6 da tarde. Por que é que não tem foguista?” *(Porque é o sol.) Anedótica meramente*.
Outra, porém, fornece vários dados sobre o trem: velocidade horária, pontos de partida e de chegada, distância a ser percorrida; e termina: — *“*Qual é o nome do maquinista?” *Sem resposta, só ardilosa, lembra célebre* koan: “Atravessa uma moça a rua; ela é a irmã mais velha, ou a caçula?” *Apondo a mente a problemas sem saída, desses, o que o zenista pretende é atingir o* satori*, iluminação, estado aberto às intuições e reais percepções.*

[19] *Pelo menos, no Tártaro, umbrário de sub-abstratos, de chalaça:*
“J’ai vu l’ombre d’un cocher
Qui, avec l’ombre d’une brosse,
Frottait l’ombre d’une carrosse”

(Versos dos irmãos Perrault, paródia ao VIº livro da Eneida*, que Dostoiévski dá em francês, no meio do original russo de* Os Irmãos Karamázov.*)*

[20] *Corolário, em não-senso: O que respondeu o anspeçada, em exame para sua promoção a cabo-de-esquadra:* — "Parábola? É precisamente a trajetória do vácuo no espaço."

[21] "À meia-noite, nos descampados,

Sobes às negras torres sonoras,

Onde os relógios desarranjados

Dão treze horas!"

Eugênio de Castro.
Interlúnio.

[22] Meu colega amigo Dayrell, do Serro-Frio, faz tempo contaram-me que isso, transposto do inglês, chamar-se-ia "soroptimícia". Num hotel, fio que no Baglioni de Florença, li numa porta "Soroptimist Club" e vi-me em reunião de sociedade internacional, espécie de Rotary feminino. Só mais tarde, no "*Brewer's Dictionary of Phrase & Fable*", encontrei o nome: Serendipity."Feliz neologismo cunhado por Horace Walpole para designar a faculdade de fazer por acaso afortunadas e inesperadas "descobertas". Numa carta a Mann (28 de janeiro de 1754) ele diz tê-lo tirado do título de um conto de fadas, "*Os Três Príncipes de Serendip*" que — "estavam sempre obrando achados, por acidente ou sagacidade, de coisas que não procuravam".

[23] Eis alguns: *"Farofa, Despedida, Carvoeira, Barqueira, Cerveja, Brasileira, Susana, Rosada, Boneca, Cordeira, Esposinha, Carta Branca, Meia-Lua, Bizarria, Cabaceira, Fantasia, Cristalina, Limeira, Consulta, Invejosa, Vila Rica, Nevoeira, Duquesa, Balança, Giboia, Casinha, Paquinha, Violeta, França, Revista, Palmeira, Roseta, Conquista." Ainda, lindo grafados, menos comuns: "Luminada, Luarina, Noroama, Caxiada, Searença, Pranici, Deploma, Orora, Goveia, Barona, Charóa* (Charrua?), *Orvalada, Metrage, Mazuca, Ganabara, Sembléia, Mageira, Roxona, Mascarina, Barbilona, Suberana."*

[24] Segundo anotação manuscrita do autor, constante do original datilografado, esta novela é anterior a *Grande Sertão: Veredas*.

[25] A primeira edição deste livro, de 1969. (N.E.)

[26] Com ponto de interrogação, para eventual modernização.

[27] Variante: *tenho*.

[28] O trecho que vai de "do Parnaíba..." até "na barragem" está seguido de ponto de interrogação, para eventual modificação.

[29] Variante: *calamitosas conjeituras*.

[30] Variante: *qualquer*.

[31] Variante: *uns*.

[32] Variante: *desfechou apito*.

[33] Variante: *forçando voga*.

[34] Variante: *com corda*.

[35] Variante: *do*.

[36] Variante: *necessidade decente*.

[37] Variante: *bandeja e xícaras*.

[38] Variante: *rancordioso*.

[39] Variante: *Santa Engrácia*.

[40] Com ponto de interrogação à margem e sublinhado, para eventual substituição.

[41] Variante: *repreendentes*.

[42] Com ponto de interrogação à margem, e sublinhado, para eventual substituição.

[43] Com ponto de interrogação à margem, para eventual substituição.

[44] Variante: *agir nele*.

[45] Variante: *remorava*.

[46] Variante: *no lugar*.

[47] Variante: *vem vindo*.

[48] Variante: *garça-cinzenta*.

[49] Variante: *por aqui*.

[50] Variante: *menos ou mais*.

[51] Variante: *Axi*.

[52] Variante: *jaguarapinima*.

[53] Variantes: *perder, furar*.

[54] Variante: *falando*.

[55] Com ponto de interrogação à margem, e sublinhado para eventual substituição.

[56] Variante: *proseava*.

[57] Seguido de ponto de interrogação, para eventual substituição.

[58] Com ponto de interrogação, para eventual substituição.

[59] Com ponto de interrogação, para eventual substituição.

[60] Variante: *do fundo das eras*.

[61] Esta palavra é seguida, no original, de um espaço em branco.

[62] À margem do original datilografado está a palavra *espontâneo*, para substituir um desses adjetivos ou para completá-los.

[63] À margem do original datilografado está a palavra *lousas*, para possível substituição.

[64] Variante: *fora*.

[65] Há no original um espaço, para citação, que o autor não chegou a preencher.

[66] Variante: *destornadas*.

[67] Sublinhado, para eventual substituição.

[68] Sublinhado, para eventual substituição.

[69] *horror e o espírito*. Palavras sublinhadas, para eventual substituição.

[70] Variante: *baixo*.

[71] Mal datilografada na sílaba final, a palavra não está bem legível no original. Seria: *enreûdo*, *enredado* ou *enredo*?

[72] “Azulejos amarelos”, “Conversas com tempo”, “Sortidos e retalhos”, “Reportagens”, “Desconexões”, “Via e viagens”, “Contravazios”, “Moxinifada”, “Almanaque”, “Poemas do esporádico”, “Exercícios de saudade”, “Meias-estórias”, “Oficina aberta”.

[73] “Histórias de fadas”, “O porco e seu espírito”, “Sem tangência”, “*Quemadmodum*”, “Cartas na mesa”, “Novas coisas de poesia”, “Sempre coisas de poesia”, “Zoo (*Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen*)” e “Zoo (*Parc Zoologique du Bois de Vincennes*)”.

[74] “Do diário em Paris, II”, “Grande louvação pastoril à linda Lygia Maria”, “Quando coisas de poesia” e “Coisas de poesia”.

[75] “Jardim fechado”; “O riachuelo Sirimim”; “Recados do Sirimim”; “Mais meu Sirimim” (inédito) e “As garças”.

[76] O artigo foi escrito em 1947. (N. A.)

[77] O *kh* = *ch* alemão, ou *khi* grego.

[78] Variante: *brusco apelo*.

[79] Variante: *intimamente alheio*.

[80] Variante: *torto*, *tardo*.

[81] Se exagero, jus para o exagero. Também, tão sonsos e cépticos andamos, estorvardos nisso que menos semelha contenção adulta que descor de decrépitos, que vamos, por susto do ridículo grupal ou de vaga vulnerabilidade imaginária, perdendo de nós a boa soberania de admirar e louvar, ou mesmo o módico dever de reconhecer.

[82] No original, consta a seguinte nota manuscrita do autor: “Aqui, deixar dez espaços, para uma citação que vou pôr depois.”

[83] O poema foi oferecido a Lygia Maria, filha do escritor Franklin de Oliveira, em 21 de março de 1953, saudando seu nascimento no dia 6 do mesmo mês e ano.

[84] Variante: *sagas*.

[85] Variante: *lágrima*.

[86] Variantes: *aceno*; *signo*.

[87] Variante: *idoso*.

[88] Variante: *irredondo*.

[89] Variante: *vão*.

[90] Variante: *são*.